PORTUGAL

ANTIGO E MODERNO

DECIMO SEGUNDO VOLUME

PORTUGAL
ANTIGO E MODERNO

DICCIONARIO

Geographico, Estatistico, chorographico, Heraldico, Archeologico, Historico, Biographico e Etymologico

DE TODAS AS CIDADES, VILLAS E FREGUEZIAS DE PORTUGAL

E DE GRANDE NUMERO DE ALDEIAS

Se estas são notaveis, por serem patria de homens celebres, por batalhas ou outros factos importantes que n'ellas tiveram logar, por serem solares de familias nobres, ou por monumentos de qualquer natureza, alli existentes

NOTICIA DE MUITAS CIDADES E OUTRAS POVOAÇÕES DA LUSITANIA

DE QUE APENAS RESTAM VESTIGIOS OU SÓMENTE A TRADIÇÃO

POR

Augusto Soares de Azevedo Barbosa de Pinho Leal

E CONTINUADO POR

Pedro Augusto Ferreira

Bacharel formado em Theologia pela Universidade de Coimbra, cavalleiro da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa,
socio effectivo da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes,
socio fundador da Sociedade de Instrucção do Porto e *abbade de Miragaya* na mesma cidade.

LISBOA

LIVRARIA EDITORA DE TAVARES CARDOSO & IRMÃO

5 — Largo do Camões — 6

1890

PORTUGAL ANTIGO E MODERNO

V

VIMARANES e **VIMARÃES**.—Assim se denominaram outr'ora a cidade de Guimarães e a quinta onde a infanta D. Sancha fundou em 1210 o extincto convento de *Cellas*, junto de Coimbra.

V. *Guimarães*, tomo 3.º, pag. 350, col. 2.ª, e *Cellas* n'este diccionario e no supplemento.

Vimarano foi nome proprio d'homem e talvez possa dizer-se que *Vimaranes*, *Vimarães* e *Guimarães* são patronimicos de *Vimarano.*

Um dos filhos d'el-rei D. Affonso I, o *catholico*, de Leão (739–753), chamava-se *Vimarano* e teve uma filha D. *Eneca*, a qual casou com D. Sancho de Estrada, duque de Santilhana.

VIMEIRO (não *Vimieiro*) — freguezia do concelho e comarca de Alcobaça, districto de Leiria, diocese de Lisboa, provincia da Estremadura.

Orago S. Sebastião; — fogos 233, — habitantes 1:010.

Ignoramos o titulo que hoje tem o seu parocho, mas até 1834 foi vigairaria da apresentação do D. Abbade geral d'Alcobaça, por ser uma das muitas freguezias comprehendidas nos *coutos* d'aquelle famoso convento.

A *Chorographia Portugueza* nem sequer a mencionou;—o *Port. S. e Profano*, bem como o *Flaviense*, o *Diccionario Abreviado* de José Avelino d'Almeida e o sr. João Maria Baptista na sua *Chorographia Moderna*, con-

fundiram esta parochia de S. Sebastião do Vimeiro, concelho d'Alcobaça, com a de S. Miguel do Vimeiro, concelho da Lourinhã, pois o *Port. S. e Profano* apenas mencionou a de S. Miguel do Vimeiro, dizendo que era da apresentação do D. Abbade geral de Alcobaça, em vez de dizer que os D. abbades d'Alcobaça apresentavam a de S. Sebastião de Vimeiro, que não mencionou. Por seu turno os outros auctores citados dizem que a batalha de que logo fallaremos, ferida em 1808 entre o exercito anglo-luso, commandado por Lord Welington, e o exercito francez de Junot, teve logar n'esta freguezia de S. Sebastião do Vimeiro, concelho d'Alcobaça, quando é certo que a dicta batalha se feriu no *Vimeiro* da Lourinhã.

V. o *Vimeiro* seguinte.

Custa realmente a crer que o sr. João Maria Baptista (desculpe-nos s. ex.ª por quem é) sendo um militar d'alta patente,—coronel d'artilheria,—quasi contemporaneo da dicta batalha e tão consciencioso e meticuloso na sua *Chorographia*, aliás tão laconica, apesar dos seus 7 grossos volumes, acceitasse sem escrupulo tão flagrante erro historico,—erro que s. ex.ª no 7.º volume confessou e reparou.

Passemos adiante.

—

O *Flaviense* em 1852 (não podemos ir mais longe) deu a esta parochia 143 fogos; — o censo de 1864 deu-lhe 203 fogos e 917 habitantes,— e o de 1878 deu-lhe 210 fogos e 997 habitantes.

Comprehende as aldeias seguintes:—*Vimeiro*, séde da parochia,—Gaiteiros, Pedras-Gaio, Ribeira do Marete, Sortão, Canos, Arrotéa Nova e as quintas e casaes do Vimeiro, da Matta, d'Alem, do Marquez, do Outeiro, do Vigia, dos Serafins, da Raposeira, de Baixo e Ruiva.

Demora a povoação do *Vimeiro* na quebrada de um monte e na orla de uma veiga esplendida ou grande bacia circumdada por altos montes, em grande parte arborisados, avistando-se d'elles o mar,—e dista 5 kilometros da estrada real a macadam n.º 63 de Alcobaça a Leiria, para S.;—11 do oceano para E. S. E.;—os mesmos 11 d'Alcobaça para S. S. O.—e 82 de Lisboa.

—

Ignora-se a data da instituição d'esta parochia. O livro mais antigo que actualmente se encontra no seu archivo parochial diz respeito ao anno de 1695, mas Fr. Fortunato de S. Boaventura, monge cisterciense, falla da *Granja do Vimeiro*, como existente já em 1296, data em que, segundo se suppõe, foi feita uma delimitação das freguezias dos *Coutos*, em virtude da qual ficou a *Granja do Vimeiro* comprehendida no termo da parochia da *Alvorninha*.

Diz a tradição que a primeira matriz d'esta parochia do *Vimeiro* foi uma capella do Espirito Santo, fundada por alguns devotos antes da erecção da freguezia—e que esta foi criada por el-rei D. Sebastião.

Estava a dicta capella a pequena distancia do adro da actual egreja, precisamente no local que hoje occupa o cemiterio. Por se achar em ruinas foi demolida em 1850 a 1860 e o painel do seu retabulo foi transferido para a egreja parochial, onde se conserva ainda hoje 1886[1].

—

Templos:—a egreja matriz é uma bonita capella particular na *Quinta do Vimeiro* que foi do commendador Pedro José d'Oliveira,

---

[1] Em 1712 esta freguezia de *S. Sebastião do Vimeiro* era um dos *coutos* do convento d'Alcobaça, termo e concelho d'este nome, comarca (provedoria e corregedoria) de Leiria, no patriarchado.

digno chefe da 1.ª repartição do governo civil de Lisboa, cavalheiro estimabilissimo, de quem havemos de fallar muitas vezes, por ter sido o primeiro proprietario e o cidadão mais benemerito d'esta freguezia.

Foi a dicta capella reedificada em 1745 e está muito limpa e muito bem reparada.

A matriz é um templo modesto, com altar-mór e dois lateraes. Suppõe-se que foi feita pelos frades d'Alcobaça, por ser esta freguezia *couto* d'elles, e está tambem hoje muito limpa e bem tractada, — graças ao muito benemerito commendador Pedro José de Oliveira, ha poucos annos fallecido, pois por iniciativa sua e em grande parte á sua custa foi feito o côro, soalhada a egreja, restaurado o retabulo do altar-mór e construida a casa da residencia parochial, bem como o cemiterio.

Tambem s. ex.ª muito generosamente fundou e dotou a esplendida casa de escola que esta freguezia possue para os dois sexos.

É um edificio elegante, espaçoso, bem acabado e mobilado com todos os accessorios que demanda uma casa escolar, incluindo a habitação do professor.

Allem d'isso está muito vantajosamente situado e tem abundancia d'ar e luz que entram a jorros pelas suas *vinte e seis amplissimas janellas?!...*

Satisfaz perfeitamente a todas as condições da sciencia, da hygiene e da arte; — é um dos melhores edificios do districto de Leiria no seu genero — e um padrão venerando que perpetuará a memoria do seu benemerito fundador.

Deus lhe pague em benções tantos e tão relevantes serviços prestados á sua terra natal.

—

Falleceu em Lisboa, no dia 9 d'abril de 1885, legando á junta de parochia d'esta freguezia tres contos de réis em inscripções da Junta do Credito Publico, para com o seu rendimento augmentar a congrua do parocho, impondo-lhe a obrigação de coadjuvar e substituir o professor nos seus impedimentos e faltas, e já em dezembro de 1882, depois de concluir e mobilar o grande edificio da escola, tinha dado á camara municipal de Alçobaça *cinco contos de réis* em metal, para com o juro d'esta quantia pagar ao professor e á professora da dicta escola.

Outros muitos beneficios prestou a esta freguezia o *dr. Pedro*. Assim era vulgarmente denominado aquelle santo homem,— e foi elle coadjuvado em algumas das suas obras por outro cidadão benemerito, filho d'esta freguezia,— o sr. João Fernandes, muito digno de louvor tambem.

—

Em outro tempo fizeram-se n'esta parochia, com grande pompa, touradas, romaria e bôdo, as festas do Espirito Santo,—e tambem foram muito lusidas as festas da semana santa, mas de todas essas festividades apenas resta a memoria!...

Banham esta freguezia dois regatos, que se juntam na formosa quinta do *Vimeiro* e desaguam no rio *Alfeizerão*, depois de regarem as fertilissimas varzeas da *Ribeira do Marete*.

A N. da povoação do Vimeiro tambem passa outro regato, que fertilisa differentes campos e as varzeas da quinta da *Matta*, pertencente ao sr. Pedro da Silva da Motta Cerveira Montenegro de Bourbon, F. C. R., etc.

Este ultimo ribeiro desagua no rio *Baça*, que banha a villa d'Alcobaça e desagua no oceano, um pouco ao sul da villa da Pederneira.

O *Alfeizerão* morre tambem no Oceano, no porto de S. Martinho.

—

Ha n'esta freguezia uma extensa matta real—a *Matta do Gaio*, ou *Matta Coutada*—

que foi do convento d'Alcobaça, bem como a quinta do *Vimeiro*, da qual era dependencia.

A dicta matta é quasi toda de carvalhos, mas nos ultimos annos n'ella se tem feito grande plantação de eucalyptos e sementeira de penisco e de castanhas.

Dentro d'ella, no sitio da *Pena Gouvinha*, ha um manancial d'excellente agua potavel de que em tempo se proviam alguns frades d'Alcobaça

Producções dominantes,—vinho, cereaes e fructa.

Palito metrico

Cerca de 1 kilometro ao sul da povoação do *Vimeiro* demora, no termo d'esta freguezia, a pequena aldeia do *Sortão* em uma estreita garganta formada por ingremes encostas e altos montes.

Foi ali, n'aquella pequena aldeia, que nasceu *João Rebello da Silva*, afamado auctor do *Palito Metrico* ou da *Macarronea Portugueza*, obra interessantissima e *unica* entre nós até hoje no seu genero.

Segundo se lê no *Diccionario Bibliographico*, João Rebello da Silva cursava a Universidade de Coimbra pelos annos de 1746 e chegou a tomar os graus na faculdade de theologia ou na de canones.

Em abril de 1774 entrou no serviço da real casa e egreja de Nossa Senhora da Nazareth, como coadjuctor do reitor d'aquelle sanctuario, dr. Manuel d'Andrade Torres. Nomeado depois reitor effectivo da mesma egreja, exerceu aquelle cargo até agosto de 1780, data em que se retirou para a sua casa do *Sortão*, onde viveu ainda alguns annos, fallecendo approximadamente em 1790, já decrepito e contando mais de 80 annos de idade.

As suas obras foram primeiro publicadas avulsamente e quasi todas sob o pseudonimo de Antonio Duarte Ferrão; mais tarde porem foram colligidas com outras de diversos auctores e repetidas vezes impressas no bem conhecido volume, intitulado *Macarronea Portugueza.*

Innocencio tambem diz que o padre João da Silva Rebello publicou em 1775 uma *Elegia* à estatua equestre d'el-rei D. José.

A 1.ª edição do *Palito Metrico*, hoje muito rara, foi feita pelo seu auctor, o padre João da Silva, em 1746, quando frequentava ainda a Universidade.

Não ha muito que se via junto da dicta aldeia do *Sortão*, debaixo do arvoredo que orla o regato que ali pássa, uma casinha, especie de eremiterio, onde o auctor da *Macarronea* escreveu algumas das suas obras, —segundo diz a tradição local.

A propriedade onde esteve a tal casinha ainda é hoje de um seu parente—o sr. Joaquim Fernandes, das Eiras.

Que saudades eu tenho do tempo em que me entretinha a ler o *Palito Metrico!* Ainda sei de côr alguns trechos. Ahi vae um:

Forte ad Coimbram venit de monte Novatus,
Ut matriculetur. Nomen, si rite recordor,
Jan Fernandes erat. Patres misere, suorum
Ut formatus Doctor foret honra parentum.

É isto o que propriamente se chama *latim macarronico*. Todos o entendem, embora nunca soubessem declinar *musa, musae*, comtudo ahi vae a traducção dos 4 versos:

«Um bello dia marchou para Coimbra um caloiro, com o fim de se matricular. Se bem me recordo, chamava-se João Fernandes [1]. Os paes o mandaram para Coimbra, para que, depois de formado, fosse *o senhor doutor*—a honra da familia.»

—

Prosegue o auctor com a jornada do pobre caloiro, descrevendo episodios que fazem rir um santo.

---

[1] D'aqui veiu pelo contraste a locução portugueza:—*Ou Cesar, ou João Fernandes.*

Ia elle em um macho d'aluguel e, apenas deixou o horisonte da sua aldeia, principiou a mirar tudo com pasmo, fazendo perguntas ao arrieiro, que vae rindo do pobre moço e

Contat inauditas, illum empulhando, patranhas.

Pela volta do meio dia tractaram de comer alguma coisa.

Nam barriga sibi jantandi jam dabat horas.

Pegaram nos alforges em que levavam de merenda uma grande posta de toucinho e sete brôas com a competente borracha:—dirigiram-se para a sombra d'uma arvore e

Totum toucinhum et totas mamavere borôas,

sempre bebendo

Donec borracha escorropichata ficavit!

Aliviados os alforges, o caloiro montou o machinho, mas oppoz-se o arrieiro, dizendo-lhe muito inchado:

Nos quoque gens summus et cavalgare sabemus.
Irra! super machum totum vult ire caminhum?
Desçat et in macho permittat me ire pedaçum!...

E sem ceremonia deitou as mãos ao caloiro e pregou com elle no chão. O caloiro deu-lhe um sopapo; logo se engalfinharam os dois;

Fervebant coques bofetataeque sonabant:
Murri et mosquetes plusquam bagaçus haviat;

mas por fortuna o caloiro

Omnibus in lutis semper de cima ficavit!...

Ficaremos tambem nós por aqui, para não abusarmos da paciencia dos leitores e dos editores.

Bastam os leves trechos citados para se formar ideia do talento e humorismo do auctor e do merecimento do seu *Palito Metrico.*

—

Ao sr. José Diogo Ribeiro, illustrado professor da esplendida escola d'esta freguezia, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me,—apontamentos que bem precisos me foram, porque, alem da completa mudez das nossas chorographias, esta parochia não se encontra nos mappas, e de todas as povoações dos *coutos d'Alcobaça* foi a que menos referencias mereceu aos chronistas da ordem.

V. *O Mosteiro d'Alcobaça* pelo sr. M. Vieira Natividade (Coimbra 1885) pag. 40.

Terminaremos dizendo que os frades tiveram aqui, na sua grande quinta do *Vimeiro,* uma importante *escola agricola,*—outra na freguezia do Vallado,—outra na de Cella—e outra na de Evora (d'este concelho)—todas nos seus *coutos.*

Vê-se pois que os frades se anteciparam muitos seculos aos nossos governos na creação de *escolas agricolas* ou de *quintas regionaes.*

Devem-lhes muito não só a agricultura, mas todas as artes, sciencias e lettras?!...

As primeiras aulas publicas que teve o nosso paiz foram as do convento d'Alcobaça,—ali se montou a nossa primeira pharmacia tambem;—a um abbade d'aquelle convento, a um prior de Santa Cruz de Coimbra e a outro de S. Vicente de Fóra se deve em grande parte a creação da nossa Univer-

sidade[1],—e foi um jesuita,—o *Padre José Monteiro da Rocha,*—quem, a pedido do proprio marquez de Pombal, organisou a faculdade de mathematica da nossa Universidade na grande reforma de 1772;—foi o mesmo jesuita o primeiro lente portuguez da dicta faculdade,—o primeiro director do observatorio astronomico de Coimbra—e o primeiro mathematico de Portugal no seu tempo, etc., etc.

V. *Canavezes* n'este diccionario e no supplemento, onde esboçaremos a biographia do grande mathematico; entretanto diremos:

1.º—Que nasceu de paes obscuros na villa de Canavezes, onde não tem parentes alguns;

2.º—Que teve dois irmãos, um dos quaes foi para Braga;—ali se demorou muitos annos — e ali fez grande parte das figuras de barro que ornam as capellas do santuario do Bom Jesus.

3.º—Que o outro irmão casou na villa de *Vallongo*, concelho do Porto, onde deixou descendentes, muitos dos quaes ainda vivem n'esta data,—1886.

Ainda se orgulha de ser parente de José Monteiro da Rocha, embora por affinidade, o sr. Antonio José da Silva e Sousa, cavalheiro respeitabilissimo e septuagenario, official da *Legião d'Honra*, vice-consul da França em Vallongo e hoje um dos primeiros proprietarios d'aquelle concelho.

Desculpem-nos a digressão, pois póde ser *muito util* a quem se propozer escrever a biographia de José Monteiro da Rocha,—biographia já hoje *difficil de organisar.*

Como rectificação ao citado artigo *Canavezes*, vol. 2.º pag. 82, col. 2.ª leia-se *marquez de Pombal* em vez de *marquez de Penalva* — e *José Anastacio da Cunha* em vez de *José Antonio da Cunha.*

VIMEIRO, (não *Vimieiro*) — freguezia do concelho da Lourinhã, comarca de Torres Vedras, districto e diocese de Lisboa, provincia da Extremadura.

[1] Veja-se a obra citada supra, pag. 134.

Orago. *S. Miguel*[1];—fogos 134,—habitantes 560.

Em 1712 era um dos 2 curatos comprehendidos no termo e concelho da villa da Lourinhã. O outro era S. Lourenço (*dos Francos*)—ambos com egrejas parochiaes da apresentação dos seus freguezes, os quaes ao tempo excediam o numero de 400 fogos—nas duas freguezias,—segundo se lê na *Chorographia Portugueza,* tomo 3.º, pag. 37, *in principio.*

Diz ella: «O seu termo (da villa da Lourinhã) tem duas *Igrejas parochiaes*, S. Lourenço e *S. Miguel...*»

Estranhamos, pois, que o sr. João Maria Baptista, citando a *Chorogr. Port.* diga na sua *Chorogr. Mod.* que esta parochia de *S. Miguel* ainda não existia no tempo do padre Carvalho.

Existia, sim, senhor,—e já então era do mesmo concelho da Lourinhã, da mesma comarca de Torres Vedras e da mesma diocese de Lisboa.

—

O *Port. S. e Prof.* diz que esta freguezia de *S. Miguel de Vimeiro* em 1768 era da diocese de Lisboa, mas que o seu parocho era vigario da apresentação do D. abbade geral do convento d'Alcobaça.

Confundiu esta freguezia de *S. Miguel do Vimeiro*, que em 1712 era curato da apresentação dos seus freguezes e que depois foi apresentada pelo reitor da villa da Lourinhã,— com a freguezia de *S. Sebastião do Vimeiro, couto* dos frades d'Alcobaça e da apresentação d'elles, como já dissemos,— freguezia que o *Port. S. e Prof.* nem sequer mencionou!

O censo de 1864 deu-lhe 118 fogos e 504 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 133 fogos e 551 habitantes.

Quasi todas as nossas chorographias, in-

[1] Os apontamentos que se dignou enviar-me o administrador d'este concelho não dizem qual é hoje o titulo d'esta parochia.

cluindo a *Chorographia Moderna*, dão a esta freguezia o nome de *Vimieiro* erradamente, pois deve denominar-se *Vimeiro*, como todos a denominam na localidade e como a denominou o administrador d'este concelho nos apontamentos que se dignou enviar-me.

—

Comprehende as aldeias seguintes: *Vimeiro*, séde da parochia, e Toledo.

Vimeiro está precisamente na margem direita do rio *Alcabrichel*, que desagua no occeano a 4 kilometros de distancia. Esta parochia dista pois 4 kilometros do occeano para E.;—11 da Lourinhã para S.;—20 de Torres Vedras para N. O.;—30 de Peniche para S. S. E.—e 75 de Lisboa pela estrada real a macadam n.º 61 de Lisboa a Peniche —e pela estrada municipal a macadam que liga as povoações do *Vimeiro* e Toledo com a dicta estrada real n.º 61, na qual entronca a distancia de 5 kilometros da Lourinhã; mas estas distancias devem modificar-se um pouco logo que se abra á circulação a linha ferrea de Lisboa á Figueira, Torres Vedras, Leiria e Alfarellos,—linha em construcção e que nos principios do anno proximo futuro (1888) deve abrir-se á circulação.

V. *Vias ferreas*, vol. X, pag. 477, col. 2.ª —e *Villa Verde* do concelho da Figueira, vol. XI, pag. 1:094, col. 1.ª

Ha n'esta parochia, na aldeia de *Toledo*, uma quinta brasonada que foi vinculo do morgado Barbosa Vianna, desembargador da casa da Supplicação, e é hoje propriedade de um seu filho e herdeiro, que ainda vive.

Parochias limitrophes:—Nossa Senhora da Annunciação e S. Lourenço dos Francos no concelho da Lourinhã,—e Nossa Senhora da Luz de A dos Cunhados, no concelho de Torres Vedras.

—

Templos:—a egreja parochial em *Vimeiro* —e uma capella do Espirito Santo em Toledo. São templos muito humildes e a egreja está muito arruinada.

Festas religiosas: — S. Miguel, Espirito Santo, Nossa Senhora da Conceição, S. Sebastião e endoenças na semana santa.

Banham esta freguezia o rio Alcabichel a O., que n'este ponto divide o concelho da Lourinhã do de Torres Vedras e que desagua no occeano, no sitio do *Porto Novo*, termo do dicto concelho de Torres Vedras, —e um regato sem nome que circuita a povoação do Vimeiro a N. E.—e morre no Alcabichel.

Tem o dicto regato duas pontes na estrada municipal a macadam junto da povoação do Vimeiro: uma moderna, outra muito antiga.

Ha n'esta parochia 2 moinhos de vento, —uma fabrica de cortumes e outra de queimar vinho.

—

Producções dominantes: — vinho, trigo, milho, cevada, magnificos melões e melancias.

O vinho é hoje a producção principal d'esta freguezia, d'este concelho, d'esta comarca, d'este districto e d'esta provincia da Estremadura, — provincia hoje *riquissima*, porque toda está povoada de luxuosos vinhedos e vende todo o seu vinho facilmente e por bom preço (20 a 30$000 rs. a pipa) para França, para Lisboa e mesmo *para o Porto (?!...)*—pois com o auxilio dos vinhos da Estremadura, da Beira e da Bairrada os negociantes do Porto (salvas rarissimas excepções) fazem o milagre de pintar e exportar com o nome de *Vinho do Douro* muito mais vinho do que produz o *Douro todo*, depois que a maldicta phylloxera aniquilou a maior parte dos seus vinhedos.

Para evitarmos repetições, vejam-se os artigos *Villarinho de Cottas, Villarinho do Bairro, Villarinho dos Freires, Villarinho de S. Romão* e *Villa Real de Traz-os-Montes*, vol. XI, pag. 1012 e segg.

—

O vinho do concelho de Torres Vedras, bem conhecido em Lisboa como *vinho de Torres*, é do melhor da Estremadura, muito superior ao d'este concelho da *Lourinhã*, mas em compensação os vinhedos d'este concelho são muito mais productivos. É trivial aqui um milheiro de vides baixas[1] dar 2 a

[1] Na Estremadura as vides são todas bai-

3 pipas de 520 litros cada uma,—mas predomina o vinho branco, hoje menos estimado e que costuma vender-se por preço inferior 25 % com relação ao tinto de Torres Vedras.

O melhor de todo o concelho da Lourinhã é o d'esta freguezia do Vimeiro.

Para se formar idéa da riqueza d'esta provincia *hoje*, note-se que está toda coberta de luxuosos vinhedos, custando a plantação do milheiro de vides apenas 1 a 3 libras,—preço maximo,—emquanto que no *Alto Douro*, na região do *Port Wine*, a plantação do milheiro de vides regula por 100 a 300$000 réis—*e mais*?!...

V. *Vicente* (S.)—vol. X, pag. 519, col. 1.ª

Alem d'isso no *Alto-Douro*, na região do vinho fino, a producção maxima do milheiro de vides, mesmo em tempo normal, regulava por uma pipa de 550 litros e por vezes nas quintas *mais afamados* eram necessarios 2 a 4 milheiros de vides para produzirem uma pipa.

Mais: Em todo o Douro nunca houve um proprietario que colhesse 2:000 pipas por anno,—nem mesmo a grande casa *Ferreirinha*, da Regoa, avaliada em *seis mil contos*, e que até hoje tem sido absolutamente a mais rica do Douro[1],—emquanto que hoje n'esta provincia da Estremadura ha muitos proprietarios que colhem 2:000 pipas—e um d'elles, o sr. *Fonseca do Sanguinhal*, tem colhido 8 a 10 mil pipas por anno e comprado ainda alguns annos outras 8 a 10 mil pipas para negocio?!...

È hoje *absolutamente* o primeiro proprietario e o primeiro negociante de vinhos da Estremadura—e talvez de *Portugal e da Hespanha*?!...

—

O sr. Francisco Romeiro da Fonseca, vulgarmente conhecido por *Fonseca do Sanguinhal*, nasceu em 29 de dezembro de 1820 na povoação do *Sanguinhal*, freguezia do Senhor Jesus do Carvalhal, concelho d'Obidos, onde tem vivido e vive na actualidade, ainda solteiro,—sendo filho legitimo de Francisco Antonio da Fonseca e de D. Maria Isabel Romeiro, já fallecidos.

Seu pae tambem foi negociante de vinhos e de aguardente na mesma povoação do *Sanguinhal*.

O sr. Francisco Romeiro só nas suas quatro quintas do *Sanguinhal, Paul da Amoreira, Perdigão* e *Bom Successo*[1] colheu no anno de 1886 approximadamente *oito mil pipas* de vinho—e alguns annos tem queimado mais de *vinte mil pipas de vinho* seu e comprado a differentes lavradores n'este concelho da *Lourinhã* e nos de Peniche, Obidos e Cadaval.

Os seus maiores armazens são os das quintas do *Sanguinhal* e *Perdigão*,—armazens vastissimos com vazilhame de bella madeira para mais de *cinco mil pipas!...*

É um cavalheiro a toda a prova, honrado e muito generoso, grande negociante e grande proprietario e capitalista, podendo hoje avaliar-se a sua fortuna em *mil e quinhentos contos de réis!...*

Não ha muito (ainda no anno de 1886) comprou elle por vinte e tantos contos os *Salgados* de Peniche,—extensa propriedade que muito generosamente deu a seu sobrinho José Maria Gomes Pinheiro.

As suas vinhas são talvez as primeiras do nosso paiz pela sua vastidão e pelo seu esmerado grangeio. Só em um anno já empregou em adubos cerca de *oito mil carros de estrume*?!...

Por vezes traz ao seu serviço *600 jornaleiros* diariamente e não só lhes paga com a maior pontualidade, mas sempre por preço superior ao corrente, pelo que todos se empenham em o servir e o servem *com o maior zelo e fidelidade!...*

Ninguem paga melhor tanto aos seus jornaleiros como aos seus feitores, caseiros, caixeiros e numerosos empregados, mas em

---

xas. Não tem vinhedos em arvores, como se vêem no Minho,—nem ramadas de esteira, como no *baixo Douro*, nomeadamente nas freguezias de Cambres, Samodães e Penajoia, todas do concelho de Lamego.

[1] V. *Villa Real de Traz-os-Montes*, vol. XI, pag. 1013, col. 1.ª

[1] Estas ultimas 2 quintas demoram no concelho da *Lourinhã*;—as outras 2 no concelho de *Obidos*.

compensação ninguem na Estremadura é *mais bem servido.*

Amor amore conpensatur.

—

A casa *Ferreirinha*, da Regoa, hoje muito dignamente representada pela sr.ª D. Antonia Adelaide Ferreira, viuva em primeiras nupcias do seu primo Antonio Bernardo Ferreira, e em segundas nupcias do par do reino Francisco José da Silva Torres,[1] é muito mais rica e só nos seus vastos armazens de Villa Nova de Gaya já tem tido em deposito quinze mil pipas de vinho do Alto Douro, de 100 a 500$000 réis e mais, cada pipa, o que representa *milhares* de contos de réis, mas nunca em um anno comprou dez mil pipas, nem colheu em todas as suas quintas, incluindo a das *Figueiras* ou do *Vesuvio*, que é o assombro do Douro, tanto vinho como hoje colhe o sr. Fonseca do Sanguinhal.

Note-se, porem, a grande differença no preço do vinho do Alto Douro e do vinho da Estremadura.

O vinho velho do Alto Douro, por exemplo o da instituição da companhia fundada pelo marquez de Pombal, se hoje se encontrasse *authentico*, vender-se-hia por *dez* contos de réis a pipa talvez,—e ainda no anno de 1886 ali se vendeu *vinho mosto* a 90$000 réis a pipa,—emquanto que o vinho da Estremadura é *vinho de mesa*;—não póde conservar-se *durante seculos* como o vinho do Douro—e *em mosto* nunca se vendeu a 70$000 réis a pipa.

Raro é o que attinge o preço de 50$000 réis.

Mais: O vinho da Estremadura, bem como o da Bairrada e da Beira, mal póde aguardentar-se, porque não tem força para consumir a aguardente,—emquanto que o do Alto Douro recebe e consome *quanta aguardente lhe deitem,*—tornando-se cada vez *melhor*?!...

Estatistica curiosa

A região vinicola do Douro, costumando produzir 100:000 pipas de vinho, não produz actualmente 25:000, por causa da phylloxera, mas em compensação nunca produziram tanto as outras nossas regiões vinicolas,—Beira, Bairrada, Minho e Estremadura, —embora tambem já todas manchadas e seriamente ameaçadas.

Tambem a França nunca importou do nosso paiz tanto vinho como na actualidade. Este anno essa importação afrouxou, mas, para fazer-se uma idéa da nossa riqueza vinicola e da nossa exportação para a França e para outros paizes, veja-se a estatistica publicada na *Gazeta das Alfandegas* de 17 do mez de dezembro de 1886 e que se refere aos primeiros 9 mezes d'esse anno,—janeiro a setembro.

A exportação foi de 16.171.589 decalitros, sendo vinho do Porto 3.049.823 decalitros, vinho da Madeira 169.210 decalitros, vinho commum 12.952.826 decalitros.

As principaes exportações do *vinho do Porto* foram 1.221.393 decalitros para Inglaterra e 1.005.412 decalitros para o Brazil. *Vinho da Madeira* 73.628 decalitros para Inglaterra 25.571 para França e 20.576 para a Russia.

Do nosso vinho commum a exportação foi de 10.923.976 decalitros para a França, 1.382.785 para o Brazil e 645.525 para diversos destinos.

Continua portanto este anno a exportação em larga escala e apura-se que nos mezes de janeiro a setembro do presente anno o valor d'este riquissimo producto ascende á importante verba de 13:566 contos de réis, devendo attingir no fim do anno 18 a 19 mil contos. Note-se porém que esta quantia, apesar da sua importancia, é de certo muito inferior ao preço real do vinho exportado, porque a base para os calculos estatisticos é a tabella official dos valores médios que designa apenas por 600 réis o valor de cada decalitro de vinho commum e de 1$800 o vinho licoroso do Porto ou Madeira.

Prosigamos.

—

Ha n'esta parochia uma aula official de instrucção primaria mixta, para os dois se-

[1] Era natural da freguezia dos *Dois Portos*, concelho de Torres Vedras.

xos,—e os *Banhos do Vimeiro* d'agua thermal, tambem denominados *Aguas Santas*, por serem muito efficazes para o tratamento de molestias cutaneas. Demoram a 1 kilometro da povoação do *Vimeiro*, na qual por preço modico muitos habitantes costumam dar hospedagem particular aos banhistas.

São 4 as nascentes e as aguas limpidas, sem sabor nem cheiro,—segundo se lê no *Mappa* de Castro, ultima edição, vol. 4.º, pag. 310.

A sua temperatura é de 24° c., sendo a do ar livre 22°.

Um kilog. d'esta agua, evaporado em secco, dá 0 gr. 826 de residuo fixo.

A batalha

N'esta freguezia do *Vimeiro*, concelho da Lourinhã (não na do *Vimeiro*, concelho de Alcobaça, como disseram o *Flaviense*, J. A. d'Almeida e o sr. J. M. Baptista) se feriu em 21 d'agosto de 1808 a batalha entre o exercito anglo-luso de lord Wellington—e o exercito francez de Junot.

A Inglaterra, vexada e opprimida pelo bloqueio continental que nem lhe permittia abeirar-se de uma caixa de correio em toda a Europa, resolveu abrir campanha no continente contra Napoleão e escolheu Portugal para inicio da campanha — por muitas e bem pensadas rasões.

Occorrem-nos as seguintes:

1.ª—Porque em Portugal tinha muitos interesses compromettidos d'envolta com o brio da Inglaterra, pois nós nos haviamos exposto á ira de Napoleão, por não querermos adherir ao bloqueio continental.

2.ª—Porque em Lisboa tinha a Inglaterra um dos melhores portos do mundo para abrigo e abastecimento da sua esquadra e para embarque do seu exercito, no caso de revez.

3.ª—Porque Portugal era na Europa um dos pontos mais afastados da França e que mais difficilmente podia ser soccorrido por Napoleão.

4.ª—Por ver que Junot, tendo entrado em Portugal *como amigo*, havia praticado os maiores excessos e magoado vivamente a nação toda.

5.ª—Por saber que o pequeno exercito de Junot se achava disperso por todo o nosso paiz sem poder abafar a conflagração que, partindo de Traz-os-Montes, rapidamente se alastrou pelo Minho, Estremadura, Alemtejo e Algarve, tendo o Porto como centro.

6.ª—Por contar com a valentia e animosidade dos portuguezes,—com o auxilio da Hespanha, igualmente ludibriada e esmagada por Napoleão,—e com a barreira dos Pyreneus, que são uma grande muralha erguida entre a França e a Hespanha,—muralha mais valente do que a erguida pelos chins para se defenderem dos tartaros [1].

—

Por estas e outras considerações a Inglaterra mandou embarcar uma divisão de 9:000 homens sob o commando do general Arthur Wellesley, a quem deu instrucções para se dirigir a Portugal;—a esta divisão mandou unir outra de 5:000 homens, tirados da guarnição de Gibraltar—e ficou preparando reforços que deviam elevar-se a 18:000 homens.

Wellesley desembarcou na foz do Mondego, no dia 6 d'agosto de 1808, com os seus 9.000 homens;—dois dias depois se lhe uniram os 5:000 de Gibraltar, sob o commando do general Spenser, formando um total de 14:000 homens de infanteria e 200 de cavallaria—e a 10 marchou com esta força sobre Lisboa.

Em Leiria encontrou uma divisão portugueza de 6:000 homens, enviados pela junta do Porto, mas não quizeram passar d'ali sem que lhes dessem rações diarias, ao que Wellesley não pôde satisfazer, e por isso marchou avante apenas com as forças inglezas e pouco mais de 1:600 soldados portuguezes [2].

---

[1] Se os Pyreneus se erguessem entre a França e a Allemanha, aquellas duas nações escusavam de gastar *tanto dinheiro* em armamento, em praças de guerra e em outras obras de defesa—e podiam dormir a somno solto; mas infelizmente a Hespanha nunca soube tirar partido dos recursos que Deus lhe deu!...

[2] *Histoire de la guerre d'Espagne et de Portugal* nos annos de 1807 a 1813, pelo co-

—

Na *Roliça* (V.) poz em fuga no dia 17 um corpo de 3:000 francezes, commandados por Laborde, que um pouco adiante tomou posições em um alto, mas rapidamente foi batido e obrigado a fugir sobre Torres Vedras, perdendo a sua artilheria e cerca de 400 homens[1].

Wellesley não o seguiu, para não se afastar da sua esquadra e poder cobrir o desembarque dos reforços que esperava de um momento para o outro.

No dia 20 chegou á povoação do *Vimeiro*, onde pernoitou, e n'esse mesmo dia recebeu da Inglaterra 4:000 homens, que muito tranquillamente desembarcaram na praia proxima e se lhe uniram, com os quaes o exercito de Wellesley completou o effectivo de 19:000 soldados inglezes e 1:500 a 2:000 portuguezes; — total 19:500 a 20:000 homens.

—

A povoação do *Vimeiro* está em um valle fundo, erguendo-se a O. até o mar, uma grande elevação de terreno,—e a leste outros montes, por onde seguia a estrada da Lourinhã. Na frente (lado sul) da povoação ergue-se uma pequena *eminencia*, um pouco mais alta do que o terreno circumjacente, mas completamente dominada pelos montes da direita e da esquerda.

Wellesley, não esperando ali o ataque, tinha disposto o seu exercito do modo mais commodo aos soldados. Ficaram seis brigadas nas alturas a oeste da aldeia;—um batalhão com algumas tropas ligeiras no mencionado *plató*;—a cavallaria e artilheria de reserva no valle—e sobre as collinas de leste apenas alguns piquetes em observação.

—

No dia seguinte, 21, ás 8 horas da manhã, appareceram numerosas forças francezas marchando pelo caminho da Lourinhã, mostrando-se dispostas a atacar a esquerda do exercito inglez, pelo que Wellesley rapidamente fez passar das collinas a O. do *Vimeiro* para as collinas de leste 4 brigadas; reforçou as tropas do *plató*—e collocou as reservas convenientemente.

Eis a ordem da batalha:—a direita apoiava-se no mar e nas collinas proximas;—o centro no monticulo em frente da povoação do Vimeiro—e a esquerda nas collinas de leste.

Os francezes começaram por atacar em grande força e columna cerrada o centro, mas foram repellidos pela fuzilaria e por uma carga de baioneta;—a brigada do general Acland, marchando rapidamente da direita sobre a esquerda, bateu-os de flanco, pondo-os em desordem,—e a cavallaria ingleza acabou de os derrotar, tomando-lhes sete peças d'artilheria.

Foi quasi simultaneo o ataque sobre o caminho da Lourinhã.

Os francezes avançaram com intrepidez, mas a brigada do general Fergusson os deteve até que chegaram outras brigadas que os repelliram, depois de uma lucta porfiada, tomando-lhes seis peças d'artilheria e fazendo-lhes muitas baixas.

O exercito inglez perdeu apenas 700 homens entre mortos e feridos;—foram mais consideraveis as perdas do exercito francez, que ficou completamente derrotado e, sendo cinco vezes mais numeroso em cavallaria, deixou no campo ao todo *vinte e uma* peças d'artilheria!

—

O exercito francez era commandado por Junot, que empenhou na acção quasi todas as forças de que podia dispor,—cerca de 12:000 homens de infanteria e 1:200 cavallos.

Retirou para os desfiladeiros de Torres Vedras, fingindo-se muito animado e annunciando aos quatro ventos que tinha alcançado uma grande victoria. Isto para conter a insurreição na capital e no resto do paiz, pois tractou immediatamente de negociar uma capitulação; — tal foi a *sova* que levou!

No mesmo dia da batalha e durante ella recebeu o exercito inglez novos reforços que

ronel inglez John Jones, com annotações e commentarios de Beauchamp, tomo I, pag. 37.

[1] V. *Ventosa* (a 1.ª) vol. X, pag. 283, columna 2.ª

não entraram em acção, e com elles o general Hew Dalrymple, enviado pela Inglaterra para commandar em chefe todo o exercito, pelo que sir Arthur Wellesley lhe entregou immediatamente o commando.

A ortuna aqui mesmo lhe sorriu, livrando-o de *grande responsabilidade.*

Tão gloriosas foram para Wellesley a campanha de 1808 e as posteriores até o fim da guerra da peninsula, como foi vergonhosa para Dalrymple a capitulação por elle concedida a Junot, denominada *convenção de Cintra*, pois lhe permittiu o retirar-se para França com todo o seu exercito, levando armas e bagagens—e *tudo quanto havia roubado em Portugal*,—estando Junot completamente perdido,—Portugal todo insurreccionado—e o exercito inglez com os ultimos reforços elevado a 32:000 homens?!...

—

Gregos e troianos,—portuguezes e inglezes censuraram abertamente o tal sr. Dalrymple por assignar e ractificar a convenção, negociada pelo seu logar-tenente Kellerman, taxando-os de se terem vendido a Junot?!...

Foi tal o escandalo—*mesmo na Inglaterra*—que o governo inglez, para dar uma satistação ao publico, submetteu a questão a um conselho de generaes, que tudo julgaram correcto—*para salvarem a honra do convento.*

—

Em uma nota ao historiador inglez já citado, diz Beauchamp, *historiador francez* e por consequencia insuspeito:

«Foi o general Kellerman quem negociou a *convenção de Cintra*, tão asperamente censurada, e *com rasão*, na Inglaterra e em Portugal, e elogiada com tanta emphase pelos jornaes francezes, posto que teve por consequencia immediata a evacuação de Portugal. A dicta convenção foi honrosa para o exercito francez, tanto mais que, estando já envolvido pela insurreição ao norte e sul de Lisboa,—*ou tinha de ser aniquilado com as armas na mão, ou de depor as armas, como succedeu ao exercito francez da Andaluzia, se tivesse de bater-se com um inimigo menos generoso.*»

Tal era o desanimo de Junot que logo no dia immediato á batalha mandou um parlamentario ao exercito inglez para negociar a convenção e suspensão de hostilidades; mas passemos adiante.

Ainda hoje no sitio da batalha se encontram em escavações moedas francezas, muitas balas, restos de fardas, ossadas, etc..

Com a dicta convenção ficámos em 1808 livres dos francezes, mas tornaram a perseguir-nos em 1809, commandados por Soult, e em 1810, commandados por Massena.

Para evitarmos repetições vejam-se os artigos—*Almeida, Bussaco, Gojim, Louzã, Murcella, Obidos, Passos da Serra, Pombal, Redinha, Roliça, Seteaes, Torres Vedras*, vol. IX, pag. 634, 643, 650, 668, 669 e 670,—*Villa Jusã* e *Villar Formoso.*

—

O tal sr. Dalrymple, apesar da absolvição dos collegas, foi exonerado do commando do exercito inglez em operações no nosso paiz e reintegrado no dicto commando sir Arthur Wellesley, que se portou valentemente e com o maior criterio até derrotar o proprio Napoleão em *Waterloo*, depois de ter derrotado os seus melhores generaes muitas vezes, pelo que se cobriu de gloria, de honras e de riquezas.

O nosso governo o fez conde do *Vimeiro*, marquez de Torres Vedras, duque de Victoria e gran cruz da Torre e Espada;—deu-lhe uma pensão de 20:000 crusados em duas vidas—e uma baixella de prata no valor de 117:115$522 réis;—o seu governo o elevou á cathegoria de Lord—e o fez duque de *Welington*, etc., etc.,—o governo da Hespanha o fez duque de Cidade Rodrigo e marquez do Douro, etc.,—e foi tambem principe de *Waterloo.*

Falleceu em 14 de setembro de 1852, contando 82 annos de idade—e em Brigton falleceu no mez d'agosto de 1884 o seu filho e successor Arthur Ricardo Wellesley, 2.º conde do Vimeiro, 2.º marquez de Torres Vedras e do Douro, 2.º duque de Victoria e de Wellington, principe de Waterloo, par do reino, conselheiro particular e estribeiro-mór da rainha Victoria, etc.

Contava 77 annos de idade.

A carta

Fecharemos este topico, transcrevendo uma carta curiosissima que tem sido publicada em differentes jornaes e que um ratão de bom gosto dirigiu a Lord Wellington em nome dos habitantes d'esta freguezia do *Vimeiro.*

Dizem que Lord Wellington a lêra e applaudira pela sua originalidade e impossibilidade de ser traduzida em outra qualquer lingua.

Eil-a.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

«Depois que V. Ex.ª *fez ir d'escantilhão* para França o *fanfarrão* Junot, tendo-o posto em *papos d'aranha* nos campos do Vimeiro; depois que V. Ex.ª fez *sair com vento de baixo o ladino* Soult, da cidade do Porto, *obrigando-o a fazer vispere* e *ir com as calças na mão* para Castella; depois, que V. Ex.ª disse ao *zanaga* Masséna: *alto lá sr. Macario! e jogando o jogo dos sisudos* lhe mostrou *as linhas com que se cosia*, fazendo-o *dar ás trancas, e apanhar pés de burro*, por ter dado com as *ventas n'um sedeiro;* depois que V. Ex.ª *fez ir de catrambias* a Berrier, da cidade de Rodrigo, e ao *caxóla* Philippon *limpar as mãos á parede* em Badajoz, como quem diz *faça que não me viu*, e tendo-o *tem-te Maria não caias;* depois que V. Ex.ª finalmente nos campos d'Arapiles *zás, traz nó cégo, desazou o macambuzio* Marmont, e o obrigou a contar a sua derrota *p a pá Santa Justa, tim, tim, por tim tim;* foi então, Ex.^{mo} Sr., que nós os *pés de boi, portuguezes velhos*, dissémos: este não é general de *cá, câ rá cá;* tem amoras; não faz *cancaburradas*, nem deixa fazer o *ninho atraz da orelha;* e, como prudente, umas vezes accommette, e outras *põe-se de conserva.* Agora podemos *dormir a somno solto;* o nosso mêdo *está nas malvas;* a vinda do inimigo será *no dia de S. Nunca á tarde.* Por tanto só resta agradecer a V. Ex.ª a *visita* que nos fez, que desejamos não seja de medico, *nem com o pé no estribo*, devendo saber V. Ex.ª que estes desejos não são bazofias, nem parôlas que leve o vento, mas sim ingenuos votos de corações agradecidos e leaes, em os quaes tem V. Ex.ª erguido com tanta justiça um throno de amor e respeito

De V. Ex.ª etc.

Os habitantes do Vimeiro.»

—

Terminaremos dizendo que a occupação d'esta freguezia data de tempos prehistoricos, como revela uma gruta que existe na sua extremidade O., junto do logar de Maceira.

Ali se teem encontrado differentes objectos de silex,—raspadores, estiletes, facas, etc.,—muitos dos quaes guardou e conserva o sr. dr. Xavier da Silva Freire, morador na dicta povoação.

VIMENARIA, quinta ou herdade antiquissima nas margens do rio Anços, concelho de Soure.

Fr. Manuel da Rocha, no seu *Portugal Renascido*, parte 1.ª n.º 30, copía uma escriptura do mosteiro de Lorvão, feita no anno de 933,—escriptura de venda da herdade de *Vimenaria, quod est juxta ribulo Anzo*, e suppõe que ali D. Affonso II, o *Casto*, de Leão, derrotou os mouros em uma batalha [1]. A esta opinião se inclina tambem José Barbosa Canaes de Figueiredo e a sustenta com muita erudição nos seus *Apontamentos ácerca da villa de Soure*, publicados nas *Memorias da Academia Real das Sciencias*, tomo 3.º da 2.ª serie, parte 1.ª pag. 46 *in-fine* e segg.

Não temos outra noticia da tal quinta de *Vimenaria*, que talvez tomasse o nome de *Vimeira* ou *Vimieira*,—nem nos consta que fosse povoação. Pelo menos hoje em todo o nosso paiz apenas ha uma povoação denominada *Vimeira* na freguezia de *Salir dos Mattos*, concelho das Caldas da Rainha,—e com o nome de *Vimieira* apenas conhecemos a povoação seguinte:

VIMIEIRA,—aldeia unica d'este nome em todo o nosso paiz.

Pertence á freguezia de *Casal Comba*, concelho da Mealhada. Produz vinho de mesa,

---

[1] V. *Portugal Renascido*, parte 1.ª n.^{os} 29, 30 e 31.

—é povoação muito antiga—e já foi muito privilegiada, pois D. Manuel a menciona expressamente no foral que em 12 de setembro de 1514 deu a esta freguezia.

V. *Casal Comba*.

VIMIEIRO, — aldeia da freguezia de *S. Martinho de Sande*, concelho do Marco de Canaveses, na margem direita do Douro.

V. *Sande*, vol. 8.° pag. 88, col. 1.ª, *in fine*.

Comprehende mais esta freguezia as aldeias seguintes:—Loureiro, Reguengo, Veiga, Villas, Villa Nova, Fundo de Villa, Casal Bom, Carvalho, Malagarta, Sant'Iago, Sameiro, Gandra, Gontige, Arrifana, Lourentim, Souto, Covilhã, Feijoal, Pinheiral, Terra Secca, Bouça, Quintã, Ribeiro, Zenha ou Azenha, Corredoura, Fonte da Estrada, Codexido, Rua Nova, Fastella, Chrystovam e Olival;—os casaes da Boa Vista, Lamas, Lameiros, Lameirão, Barregal, Espinheiro, Trigaes, Torre, Fontella, Serrado, Outeiro Longo, Lage, Agrella, Sandeiro, Villas, Valles, Devesa, Levada—e as quintas de Gaiosa, Toqueirão, Ladueiro, Fivida, Portella, Capa	ricas, Olheirão e Outeiro de Lourido.

—

Desde que se abriu ao transito a linha ferrea do Douro tem abatido consideravelmente o trafego da navegação d'este rio, mas anteriormente a maior parte dos habitantes d'esta povoação de *Vimieiro* era formada por marinheiros *rabellos* e arraes, alguns d'elles donos de muitos barcos desde os maiores de 70 a 80 pipas até os de 5 a 7, para passagem, pesca e recreio, — arraes que foram bons proprietarios,—ordenaram e formaram filhos—e fizeram a maior parte das casas da dicta povoação.

O mesmo succedeu nas povoações de Castello de Paiva, Porto Manso, Porto Antigo, Caldas d'Aregos, Mirão, Resende, Porto de Rei, Frende, Barqueiros, Bernardo, Molledo, Curvaceira, Carvalho e outras das duas margens do Douro, principalmente a juzante da Regoa.

Conhecemos um distincto lente da nossa Universidade e par do reino, filho de um dos dictos arraes.

Foram muito notaveis os *Lodos de Porto Manso* e os *Corteses* de Barqueiros, famigerados valentões,—e o sr. José Ignacio, do Carvalho, que teve uma das primeiras collecções de barcos *rabellos* e foi um dos primeiros proprietarios da freguezia de Fontellas.

Em annos de fortuna só um dos grandes barcos de 70 a 80 pipas costumava dar de lucro 600 a 800$000 réis; mas tambem custavam bom dinheiro [1] e por vezes ficavam feitos em estilhas logo na primeira viagem.

Nunca barco algum foi do Porto á Hespanha ou da Hespanha ao Porto sem deixar a bombordo ou a estibordo outros barcos despedaçados,—tão perigosa foi sempre a navegação do Douro! E por vezes no mesmo *ponto* e no mesmo dia se despedaçaram 4, 5 e 6 barcos!

V. *Pontos do Douro*—e *Douro* n'este diccionario e no supplemento.

—

Voltando á dicta povoação do *Vimieiro* de Sande, diremos que alem das casas dos arraes e marinheiros, tambem conta uma casa antiga e nobre, denominada *casa amarella*, que foi do tenente general Alexandre Alberto de Serpa Pinto. É hoje de seu filho Antonio de Serpa Pinto, irmão do general de divisão reformado José Maria de Serpa Pinto, morador na sua casa do *Reguengo*, outra casa nobre d'esta mesma freguezia de Sande.

Uma filha do dicto tenente general casou com o dr. José da Rocha Miranda de Figueiredo e teve o nosso distincto explorador africano Alexandre Alberto da Rocha Serpa Pinto.

V. *Sinfães*, vol. 9.° pag. 403.

---

[1] Não custa menos de 600 a 650$000 réis um barco *rabello* de 70 a 80 pipas. Elles são de madeira tosca, mas madeira muito valente, quasi toda castanho.

Só o casco regula por 300$000 réis,—a vela por 150 — e os aprestes restantes por outros 150.

Note-se que as velas dos grandes barcos rabellos são todas de *linho*. E de *bom linho* são todas as cordas dos barcos grandes e pequenos.

A tripulação dos barcos grandes é de 16 a 18 homens, comprehendendo 1 *feitor*, que representa o arraes, ou dono do barco;—e uma viagem redonda do Porto á Hespanha até volverem ao Porto demanda 20 a 30 dias e por vezes o dobro e mais!...

Tambem ha na dicta povoação de *Vimieiro* um grande armazem, mandado fazer no principio d'este seculo pela *Companhia dos Vinhos*, fundada pelo marquez de Pombal.

V. *Porto*, vol. VII, pag. 416, col. 1.ª — *Victoria*, vol. X, pag. 397 e segg.—e *Villa Jusã*.

—

A dicta povoação de *Vimieiro* é muito pittoresca e saudavel;—tem bons campos, bons vinhedos e bons pomares de fructa, comprehendendo muitas laranjeiras.

Só o dono da casa *amarella* de *Vimieiro de Cima*, o sr. Antonio de Serpa Pinto, casado e sem successão e que reside no Porto a maior parte do anno, costuma arrendar por 500 a 600 mil réis a laranja dos seus pomares. São os maiores do Douro, mas não teem comparação alguma com os de Setubal. Nós já visitamos ali um de 8:000 laranjeiras compactas e que tem sido arrendado alguns annos por *oito contos de réis!*...

Tambem já vimos grandes pomares de laranjeiras no Mondego e na villa de Monchique, no Algarve, mas aquelle de Setubal é com certesa hoje o maior de todo o nosso paiz.

A povoação de *Vimieiro* está defronte de *Tarouquella*, freguezia do concelho de Sinfães, na outra margem (esquerda) do Douro, e dista cerca de 10 kilometros da foz do Tamega ou de *Entre Ambos os Rios*, para montante,—e 7 a 8 da estação do *Juncal*, a mais proxima, na linha ferrea do Douro, para jusante; ou para O. S. O.

VIMIEIRO,—couto e villa extinctos, hoje simples freguezia do concelho, comarca, districto e diocese de Braga, provincia do Minho.

Reitoria. Orago *Sant'Anna*—fogos 91,—habitantes 388.

Em 1706 era vigairaria da apresentação do collegio de S. Paulo dos jesuitas de Braga, depois collegio de religiosas ursulinas e hoje seminario archiepiscopal;—rendia réis 40$000 para o vigario e 200$000 réis para os jesuitas,—e contava 60 fogos.

Em 1768, depois da extincção da Companhia de Jesus, era vigairaria da apresentação do padroado real ou da corôa;—rendia para o vigario 80$000 réis—e contava 94 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 92 fogos e 410 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 89 fogos e 332 habitantes.

Em ambos os censos não ha proporção entre os fogos e almas.

Comprehende as aldeias seguintes:—*Mosteiro*[1], assim denominada, porque esteve aqui o celebre mosteiro de que logo fallaremos,—*Picôto*, assim denominada porque occupa o ponto mais alto da freguezia,—*Souto*, assim denominada por ser outr'ora um grande souto de carvalhos,—*Santa Cruz*, assim denominada por ter um antiquissimo cruzeiro, hoje substituido por duas cruzes de pedra, aonde iam differentes *clamores* ou procissões que hoje se fazem ao redor da egreja,—*Maçada*, cujo nome tomou das voltas que a estrada publica aqui descreve,—voltas que n'estes sitios denominam tambem *maçadas*,[2]—*Monte*, por estar em uma elevação,—*Estrada*, por passar a meio d'ella a via publica,—*Agra*, por ter em volta campos magnificos,—*Barreiro*, *Devesa*, *Bouça*, *Corujeira*, *Gaião*, *Palharinha*, *Portôa*, *Cachada*, *Pinheiro*, *Granja* e varias quintas, todas habitadas. Mencionaremos apenas as seguintes:

1.ª—*Do Mosteiro*, na aldeia d'este nome.

Comprehende grande parte dos bens que foram do extincto convento de *Sant'Anna do Vimieiro*, entre elles a *Horta dos defuntos*, assim denominada por estar contigua á egre-

---

[1] Suppomos ser a séde da parochia, posto que nem a *Chor. Moderna*, nem os meus apontamentos o dizem,—nem esta parochia se encontra nos mappas, nem nós a visitamos nunca, pelo que estamos escrevendo a medo e desde já pedimos desculpa d'alguma inexactidão, que de bom grado repararemos no supplemento, logo que alguem mais conhecedor da localidade se digne apontar-nos os lapsos.

[2] Julgo muito proprio e bem merecido o nome de *maçada* ou *Maçada*, mas algures leio *Macada*!

Dicant paduani.

ja matriz, lado posterior, e ter sido outr'ora cemiterio.

Pertence ao sr. Estevam da Costa Ribeiro da Cruz, que é hoje absolutamente o homem mais rico d'esta freguezia e um dos *quarenta maiores contribuintes* d'este importante concelho.

Alem da mencionada quinta, possue outras muitas propriedades e boas sommas em dinheiro.

N'esta quinta nasceu o dr. Estevam Ribeiro, que foi desembargador da relação do Porto.

2.ª—De Antonio Joaquim Marques, na aldeia de *Maçada.*

3.ª—De Francisco Ferreira Lobo, na aldeia do *Pinheiro.*

4.ª—De João Baptista Gomes, na aldeia da *Granja.*

5.ª—De Ignacio Gonçalves Villaça, na aldeia do *Monte.*

6.ª—De José Antonio da Costa e Silva, na aldeia de Portôa.

As mencionadas quintas são antes casaes ou vivendas, pois comprehendem muitas propriedades.

—

Demora esta freguezia na estrada real a macadam, n.º 3, do Porto aos Arcos, por Villa Nova de Famalicão, Braga, Villa Verde, Pico de Regalados, etc.,—e dista 2 kilometros da estação de *Tadim* (a mais proxima) na linha ferrea do Minho;—5 de Braga para S. O.;—50 do Porto—e 387 de Lisboa.

Freguezias limitrophes:—Celeirós e Avelléda a N.;—Fradellos e Priscos a S. e O.,—e Celeirós tambem a E.

Producções dominantes:—milho grosso, vinho verde ou de *enforcado*, centeio, fructa e hervagens, pelo que tambem engorda muitos bois para a Inglaterra, posto que esta industria hoje se acha decadente.

V. *Villar d'Andorinho.*

—

Banha esta parochia pelo sul o rio *Este* ou *D'este*, que toca em Braga e no sitio da *Retorta* desagua no Ave, um pouco a montante de Villa do Conde. Vide *Este, Aleste* e *Aliste.*

Tem n'esta parochia um *pontim* ou pontelhão na aldeia de *Maçada*, para passagem da estrada real a macadam n.º 3.

Na dicta aldeia e na de *Picôto* ha uma industria antiga de certa importancia:—o fabrico de cadeiras de pau.

Montes:—Avelléda a N.;—Denimo ou Denèmo (?) a E.;—a O. S. Bento;—a S. o mesmo de S. Bento e Macada,—e ao sul o de Trezeste, talvez modificação de Trans Este, alem do rio Este (?).

Nada offerecem digno de especial menção.

Apenas o de *Macada* tem um penedo denominado *Penedo do Ouro*, cercado de lendas de thesouros encantados,—e outro penedo com o nome de... *Mija Vaccas*,—assim denominado, porque fórma um *plató*, onde no verão costumam reunir-se, descançar e... as vaccas que andam pastando no dicto monte.

Ha tambem n'esta freguezia uma aula official de instrucção primaria para o sexo masculino, na aldeia do *Souto*—aula commum as freguezias de Vimieiro, Celleirós e Avelléda, por estarem todas tres muito proximas.

N'este concelho de Braga, n'este districto e na maior parte d'esta provincia não succede como no Alemtejo, onde muitas freguezias distam legoas umas das outras.

—

Templos:—a egreja matriz e a capella publica de S. *Bento*, a O. do monte que tomou d'ella o nome.

A egreja é pequena, mas decente e bem conservada;—tem 12 metros de comprimento e 6 de largura;—altar-mór e 4 latteraes com boa obra de talha,—e em um d'elles a imagem de *Santo Amaro*, muito querida d'estes povos e todos os annos festejada com pompa e grande romaria, concorrendo a ella muitos habitantes dos povos circumvisiinhos, incluzivamente de Braga.

A egreja foi construida no local onde esteve a do extincto convento. D'ella hoje apenas resta a capella-mór, transformada em sacristia da egreja actual.

O convento

Não se sabe quando nem por quem foi fundado o convento de *Santa Maria do Vimieiro*[1], n'esta freguezia de *Sant'Anna de Vimieiro*, —nem a que ordem primitivamente pertenceu.

O chronista dos religiosos agostinhos calçados diz que foi fundação d'elles, mas Fr. Leão de S. Thomaz aponta-o como benedictino e benedictino foi com certeza desde os principios do seculo XII, contando já então mais de 600 annos d'existencia!

Foi feito approximadamente na era de 670 (anno 632) pois Fr. Leão de S. Thomaz cita uma escriptura d'aquelle anno, na qual se doavam certas terras para se acabar e aperfeiçoar o dicto mosteiro: *Damus nostram haereditatem... ut domus Dei crescat, et in finem aedificetis eam. Facta charta Era DCLXX.*

Em vulgar: «Damos a nossa herdade... para que a casa de Deus cresça, e para que acabeis de a edificar. Era de 670 (anno 632)».

Largo tempo durou este convento, até que vindo á Hespanha D. Mauricio, 8.º geral da congregação benedictina de Cluni, visitou a rainha D. Theresa, mãe de D. Affonso Henriques, e ella lhe doou o dicto convento no dia 23 de maio de 1127, 2 annos antes de fallecer,—segundo se lia em uma escriptura da sé de Braga.

—

Em virtude d'aquella doação ficou o dicto mosteiro pertencendo á congregação de Cluni, segundo consta d'outra escriptura encontrada no *Livro dos Testamentos* da mesma sé, a qual dizia que em agosto de 1154 Sigisberto, prior do convento de Vimieiro, com os seus monges, trocou a egreja de S. Martinho da Gandra por um casal em Celeirós, com o arcebispo bracarense D. João Peculiar, 1.º do nome e 3.º depois de S. Geraldo.

Os geraes de Cluni mandavam de França para o convento de Vimieiro prelados ou priores.

Passados muitos annos D. Gonçallo, ultimo abbade perpetuo do convento benedictino de Tibães, annexou-lhe ou uniu-lhe o de Vimieiro e assim se conservou approximadamente cincoenta annos, até que por morte de Ruy de Pina, 3.º abbade commendatario de Tibães, ficou o dicto convento de Vimieiro devoluto ao ordinario—e o santo arcebispo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, introduzindo os jesuitas na cidade de Braga, uniu o dicto convento ao collegio de S. *Paulo* (hoje seminario) que os jesuitas fundaram na dicta cidade.

Extinctos os jesuitas, passaram para a corôa todos os bens d'elles,—incluindo os que foram do convento de Vimieiro, do qual hoje nada, absolutamente nada resta, alem das paredes da capella-mór, transformada em sacristia da egreja actual d'esta parochia!...

Nem o titulo conservou, pois sendo *Santa Maria* o seu orago e muito provavelmente o orago d'esta parochia tambem, porque a egreja do convento era, segundo suppomos, a matriz,—hoje—e desde seculos—o orago d'esta parochia é *Sant'Anna*.

—

Dos jesuitas passaram para a Universidade de Coimbra varios collegios, incluindo o de S. Paulo, de Braga, com todas as suas rendas, das quaes fazia parte, como já dissemos, o extincto convento de *Santa Maria do Vimieiro*, e por isso no archivo da Universidade, que representa muitos archivos de differentes collegios que foram dos jesuitas, se encontram varios documentos e pergaminhos muito curiosos, relativos ao convento de que estamos tratando, taes são os seguintes:

1.º—Do anno 1469.

É uma apresentação e confirmação, estando o mosteiro vago e já sem frades.

2.º—Do anno 1510.

São umas lettras executorias com relação á commenda de Tibães e suas annexas, comprehendendo a egreja de *Vimieiro*, cujo convento tambem n'aquella data não tinha frades.

3.º—Do anno 1530.

---

[1] *Benedictina Lusitana*, tomo 1.º, pag. 502.

É uma apresentação e confirmação do abbade e reitor de *Santa Maria do Vimieiro*.

4.º—Do mesmo anno 1530.

Executorias de bullas d'expectativa.

5.º—Do mesmo anno tambem.

Refere-se a um casal de *Treseste*, na freguezia de Celeirós.

6.º—Do anno 1539.

É a união ao *collegio de S. Paulo* das egrejas de *Santa Maria de Negrellos,—S. Julião de Val Paços*—e *Santa Maria de Vimieiro,*—união feita pelo infante D. Henrique, arcebispo de Braga, que augmentou o collegio com grandes edificios, para n'elle haver aulas gratuitas.

É isto o que se lê no *Catalogo dos Pergaminhos da Universidade* pelo sr. Gabriel Pereira, Coimbra, 1880, pag. 82; mas a *Benedictina Luzitana*, logar citado, diz que a união foi feita pelo santo arcebispo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres!...

6.º—Do anno 1391.

Lettras executorias de uma bulla de provimento do priorado de *Santa Maria do Vimieiro*. Pergaminho bem conservado com o sello igualmente bem conservado de *Petrus episcopus pacensis*. João Bolanderi, monge do mosteiro de Cluni... por morte de Henrique Forneri...—diz o citado documento, o que prova claramente que o mosteiro em questão se costumava governar pelos monges de Cluni.

7.º—Do anno 1488.

É a apresentação do arcebispo D. Jorge na abbadia de Tibães, comprehendendo o convento de *Santa Maria de Vimieiro*, e o auto da posse em 22 de junho de 1489.

Sello nitido de *Affonsus episcopus pampilon*.

V. *Catalogo* citado supra, pag. 63, 80, 81, 82, 103 e 104.

Couto de Vimieiro

Esta freguezia outr'ora foi *couto* da grande comarca (provedoria) de Guimarães, mas sujeito á cidade de Braga, cujo ouvidor ia a Vimieiro fazer uma audiencia cada mez, pelo que lhe davam um carro de pão. Era da corôa e em 1706 tinha juiz ordinario e simultaneamente dos orphãos, 2 vereadores, servindo de almotacé um d'elles, procurador de eleição triennal do povo, e sob a presidencia do corregedor do Porto (?!...),—2 tabelliães do judicial e notas que alternativamente escreviam na camara e almotaçaria,—um escrivão das sisas e um meirinho,—todos da nomeação d'el-rei.

O dicto *couto* comprehendia esta parochia, a de S. Lourenço de Celeirós e a de Santa Maria de Avelêda; a séde estava n'esta de Vimieiro, mas a cadeia estava na de Celeirós, em uma casa, hoje reedificada e denominada *Casa das Choças*.

Da antiga cadeia ainda hoje se vêem algumas pedras das janellas na povoação da *Misericordia*, freguezia de Ferreiros, d'este concelho, no muro de uma bouça pertencente ao sr. Francisco Antonio da Silva Ferreira de Araujo, morador na aldeia da *Estrada* da mesma freguezia de Ferreiros, rico proprietario e um dos *quarenta maiores contribuintes* d'este grande concelho.

Tambem foi villa e teve foral proprio, dado em Lisboa por D. Manuel a 4 de setembro de 1517.

Livro de Foraes Novos do Minho, fl. 144, v. col. 1.ª

Não nos consta que tivesse foral *velho;* pelo menos Franklin não o menciona.

VIMIEIRO,—freguezia extincta, hoje simples aldeia da freguezia de *Romeu*, concelho e comarca de Macedo de Cavalleiros, districto de Bragança, provincia de Traz-os-Montes.

Em 1706 contava 25 fogos e pertencia ao termo da villa e do extincto concelho de *Cortiços*, comarca de Moncorvo, e á commenda de Nossa Senhora da Assumpção de Mascarenhas.

Tambem á mesma freguezia de *Romeu* foi annexa a freguezia de *Val de Couço*, hoje simples aldeia, que em 1706 contava 12 fogos e pertencia ao termo da villa de Mirandella, comarca de Moncorvo, e á dicta commenda de Mascarenhas.

Representa hoje, pois, a freguezia de *Romeu* nada menos de 3 freguezias—e pelo ultimo recenseamento de 1878 contava apenas 76 fogos?!...

Bellesas do malfadado districto de Bragança.

V. *Villa Verde* de Mirandella, tomo XI, pag. 1094, col. 2.ª—e *Villa Verde* de Vinhaes, no mesmo volume pag. 1099, col. 2.ª tambem

Veja-se tambem *Romeu*, tomo VIII, pag. 246, col. 2.ª O meu benemerito antecessor deu-lhe 110 fogos. Foi lapso.

—

Tambem por lapso o sr. João Maria Baptista, na sua *Chorog. Moderna*, tomo 1.º pag. 373, diz que o padre Carvalho menciona a povoação de *Vimieiro* como pertencente á freguezia de *Cabanellas!*...

O Padre Carvalho diz textualmente:

«Este lugar (*Vimieiro*) he freguezia do lugar de *Romeo*, termo da villa de *Cortiços*...» —*Chorog. Portugueza* tomo 1.º pag. 453 *mihi*,—e a pag. 441, fallando da villa de *Cortiços*, menciona a freguezia de *Romeu* como pertencente ao termo d'aquella villa e á dicta commenda de Mascarenhas.

Aproveitando o ensejo diremos que na freguezia de *Romeu* ha uma mina d'ouro, prata e cobre, descoberta e manifestada pelo sr. José Pegado, que já mandou vir da Allemanha um distincto engenheiro para dirigir as pesquisas, a que anda procedendo, e tracta de formar uma companhia para a exploração.

VIMIEIRO,—freguezia do concelho e comarca de Santa Comba Dão, districto e diocese de Viseu, provincia da Beira Alta.

Curato. Orago Santa Cruz;—fogos 132,—habitantes 580.

Em 1708 era curato annexo ao priorado de Santa Comba do Couto do Mosteiro, cujo prior apresentava o cura, a quem dava o pé d'altar e uma pequena congrua, e recebia os dizimos;—pertencia ao termo do extincto *Couto do Mosteiro*, hoje simples freguezia d'este concelho e comarca de Santa Comba Dão, sendo n'aquelle tempo o dicto couto dependencia da comarca da Guarda,—e contava esta freguezia de *Vimieiro* 70 fogos.

Em 1768 era curato da mesma apresentação;—rendia para o cura apenas 30$000 réis—e contava 83 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 98 fogos e 453 habitantes—e o de 1878 deu-lhe 106 fogos e 471 habitantes.

—

Comprehende as aldeias seguintes:—*Vimieiro*, titulo, mas não séde da matriz, que está um pouco isolada,—Rojão Grande, Val da Porca, Lameirinhas, Casal Novo, A de Martinho, Casal das Castinceiras, Coval, Cerradinho, Quinta e *Bairro Novo* ou da *Estação*, onde se fez a estação de *Santa Comba*, na linha da Beira Alta.

Clima temperado e muito saudavel.

Producções dominantes:—bom vinho de mesa, cereaes, azeite e fructa.

Até 1882, data da ultima circumscripção diocesana, pertencia ao bispado de Coimbra.

Parochias limitrophes: — Santa Comba-Dão, Ovoa, Pinheiro d'Azere e S. João d'Areias.

Demora em terreno accidentado, mas mimoso e fertil, na margem esquerda do rio Dão, confluente do Mondego, e dista 3 kilometros de Santa Comba-Dão para E.;—9 do Mondego (margem direita) para N.;—45 da estação (entroncamento) da Pampilhosa;—57 de Coimbra pelas linhas ferreas da Beira Alta e do Norte;—151 do Porto—e 276 de Lisboa.

Viação

Poucas freguezias do nosso paiz estarão tão bem servidas de communicações de toda a ordem, pois é cortada por duas linhas ferreas e por 3 estradas a macadam;—tem á sua disposição duas linhas telegraphicas —e a via fluvial do Mondego, que é navegavel desde o caes da Foz-Dão até á Figueira.

Linhas ferreas

1.ª—A da Beira Alta, que atravessa esta freguezia e tem dentro d'ella a estação de *Santa Comba*.

2.ª—O ramal que deve partir da estação de *Santa Comba* e seguir atravez d'esta freguezia e d'outras para *Vizeu*.

Estradas a macadam

1.ª—Estrada real n.º 48, de Mangualde ao

porto da Foz-Dão, passando por esta freguezia.

2.ª—Ramal que, partindo da aldeia do *Rojão Grande*, entronca em Santa Comba-Dão na estrada real n.º 8, da Mealhada a Viseu.

3.ª—Ramal que, partindo d'aquelle, vae até á estação de Santa Comba.

Linhas telegraphicas

A da linha ferrea da Beira Alta;—a do ramal de Viseu, em via de construcção,—e a de Santa Comba, que põe aquella e esta freguezia, sua limitrophe, em contacto com toda a rede telegraphica do nosso paiz, da Hespanha e da Europa.

Rios e ribeiros

1.º—Rio *Dão*, que banha esta freguezia a N. O. e desagua no Mondego a 9 kilometros de distancia, no caes da *Foz-Dão*, que foi um caes muito importante e de muito movimento, antes da construcção da linha da Beira Alta.

Rega e moe, e tem n'esta freguezia uma boa ponte de pedra na estrada que vae para Santa Comba-Dão. A dicta ponte foi cortada em 1810 pelo exercito francez de Massena e reedificada em 1825 por el-rei D. João VI, despendendo-se com a reedificação 3:898$055 réis,—segundo se lê em uma inscripção gravada na avenida esquerda da dicta ponte, do lado d'esta freguezia.

2.º—*Ribeiro do Vimieiro*, que banha esta parochia e desagua no *Dão*.

3.º—*Ribeiro do Campo*.

Banha esta freguezia e a de *Pinheiro d'Azere*—e desagua no Mondego a 8 kilometros de distancia.

Templos

1.º—*Egreja matriz*, muito antiga, bem conservada e com portico d'arco de volta inteira.

Está em sitio pittoresco e agradavel, mas solitario, isolado e hoje completamente ermo; suppomos, porém, que outr'ora foi povoado, pois ali se encontram ainda hoje sepulturas abertas na rocha e que datam pelo menos do tempo da occupação arabe.

É um dos templos mais antigos do fertil valle do Dão e suppõe-se fundado pelos templarios, bem como o de *Santa Comba do Couto do Mosteiro*, que foi *couto* d'elles,—couto que comprehendia esta parochia, pelo que até 1834 os priores de *Santa Comba do Couto* apresentavam os curas d'esta freguezia do Vimieiro.

2.º—*Capella do Santissimo Sacramento*.

Demora na povoação do Vimieiro e n'ella está o sacrario com Santissimo permanente —não na egreja matriz, pelo facto de se achar isolada e exposta a profanações e roubos.

Foi este o motivo porque se fez na povoação a dicta capella e se collocou n'ella o Santissimo; é porem um templo tambem muito antigo e com porta d'arco de volta inteira.

Pertence á irmandade do Santissimo e é publica.

3.ª—*Capella da Senhora da Agonia*, na mesma povoação do Vimieiro.

É tambem publica e tem uma linda imagem da padroeira.

4.ª—*Capella de S. Simão*, na aldeia do Rojão Grande.

É tambem publica;—todas estão bem conservadas;—foram ainda ha pouco tempo, bem como a egreja, reparadas,—e todas são muito antigas e teem porticos de arco de volta inteira.

5.ª—*Capella de.....* na povoação do Vimieiro.

É particular, mas muito linda, e pertence ao sr. dr. Antonio Xavier Perestrello.

Festividades

1.ª—*De Santa Cruz*, na matriz.

Logo a descreveremos.

2.ª—*Santissimo Sacramento*.

É feita com grande pompa, á custa da irmandade no 3.º domingo d'agosto e tem por complemento um *anniversario* no dia 29 do dicto mez, celebrando-se tambem n'esse mesmo dia, de manhã cedo, a festa de

3.ª—*S. João da Degolação*.

4.ª—*S. João Baptista*.

5.ª—*Santo Antonio.*

Estas ultimas 4 festividades são feitas pela irmandade do Santissimo.

6.ª—*S. Sebastião.*

É feita por mordomos particulares, mas muito pomposa.

7.ª—*Senhora do Rosario.*

É tambem feita com grande pompa pelos seus mordomos.

8.ª—*S. Simão*, a 28 de outubro, na sua capella do Bojão Grande.

9.ª—*Coração de Jesus*, na matriz.

10.ª—*Santa Luzia*, em Vimieiro, na capella do Santissimo.

—

A mais pomposa e apparatosa e de todas a mais concorrida é a de *Santa Cruz*, feita pela irmandade propria no 1.º domingo depois do dia 3 de maio, quando o dia 3 não é domingo.

Logo de manhã, antes de principiar a festividade, veem as cruzes das freguezias limitrophes—Ovoa, Pinheiro d'Azere, S. João d'Areias e Couto do Mosteiro,—todas em procissão e muito bem ornadas e enfeitadas.

A que chega em ultimo logar e que se apresenta sempre com mais pompa e riquesa é a da freguezia do *Couto do Mosteiro*, da qual esta freguezia do Vimieiro até 1834 foi annexa.

Passa por Santa Comba-Dão processionalmente, sem o parocho de Santa Comba do Couto do Mosteiro, tirar a estola e, quando se aproxima da matriz do Vimieiro, vae o parocho d'esta freguezia ao encontro d'ella, tambem processionalmente com a irmandade e a cruz do Vimieiro, muito povo, foguetes e musica,—e em determinado sitio fazem a cerimonia do encontro. O mordomo que leva a cruz do Vimieiro ajoelha perante a do Couto em signal de submissão e respeito;—depois tocam as duas cruzes, como que dando um osculo—e continua a procissão, indo na frente a cruz do Couto, até á matriz, onde dão tres voltas, como todas as outras cruzes, ao som da musica.

O parocho do Vimieiro vae tambem receber as outras cruzes e os parochos que as acompanham [1], mas vae só. A unica recepção apparatosa é a da cruz do Couto.

Não se imagina o enthusiasmo do povo do Vimieiro para assistir á ceremonia do encontro. Corre em montão e occupa litteralmente o sitio e arredores, subindo aos montes e pejando inclusivamente as arvores. Todos querem ver a *filha beijar a mãe*;—dizem elles,—referindo-se ao tempo em que esta parochia do Vimieiro era filial da do Couto.

Muitos por essa occasião não podem conter as lagrimas?!...

É uma ceremonia eloquente, edificante e que revela a boa indole d'este povo. Contrasta com as touradas, delirio e vergonha da Hespanha.

Segue-se a festividade na egreja, sempre pomposissima,—grande arraial e feira de cebôlo, rédes para peixe, sardinhas, bôlos, artigos de tenda, optimas laranjas do fertilissimo valle de Besteiros, bom vinho do valle do Dão, etc.

—

Ha n'esta parochia, no *Bairro da Estação* ou *Bairro Novo*, duas hospedarias:—uma de Antonio de Oliveira,—outra de Maria Ambrosia.

Chamou-se *Vimieiro*, por cultivar nos seus ribeiros e regatos muitos vimes.

Tem cemiterio parochial e duas aulas de instrucção primaria elementar para os dois sexos.

Nasceu n'esta freguezia o dr. Antonio Xavier Perestrello, que foi redactor do *Viriato*, jornal de Viseu, e governador civil de Portalegre.

Abunda esta parochia em agua potavel magnifica;—tem ares purissimos;—é mimosa de peixe fresco dos seus rios e do mar, depois que se fez a linha da Beira, que lhe deu estação propria;—abrigam-na ao sul a serra da Estrella e ao norte a do Caramullo—e não ha aqui doenças predominantes nem memoria de epidemia alguma.

---

[1] Não vae a cruz de Santa Comba-Dão, freguezia limitrophe, por ser muito mais moderna, embora seja hoje séde do concelho e da comarca.

Em outubro de 1886, falleceu repentinamente na estação da Pampilhosa, vindo em viagem do Porto, o subdito francez Eugenio Hertz, natural de Paris, mas domiciliado n'esta freguezia de *Vimieiro*, onde casou no tempo em que se andava construindo a linha da Beira Alta.

Terminaremos dizendo que no dia 7 de julho de 1882 foi esta parochia visitada pelo ex.^{mo} sr. bispo-conde de Coimbra, que por essa occasião ministrou o santo sacramento do Chrisma a um grande numero de pessoas.

—

Ao muito rev. sr. Antonio Nunes de Sousa, parocho actual d'esta freguezia, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me e que *muito estimei*, pois tal freguezia não se encontra nos mappas, e todas as nossas chorographias, incluindo a *Chorographia Moderna*,—simplesmente a indicaram.

Bom serviço me prestou e a todos os chorographos presentes e *futuros!...*

VIMIEIRO,—villa e freguezia do concelho de Arrayollos, comarca d'Estremoz, districto e diocese d Evora, provincia do Alemtejo.

Priorado e vigairaria!...—Fogos 450,—habitantes 2:030.

Orago Nossa Senhora da Encarnação do *Sobral.*

Em 1708 era prior da egreja d'esta freguezia o deão d'Evora, que n'ella apresentava 2 curas com o titulo de *reitores;*—contava a freguezia 300 fogos;—era séde do concelho formado por ella e pela de *Santa Justa;*—pertencia o concelho á comarca d'Evora e tinha 2 juizes ordinarios, vereadores, procurador do concelho, escrivão da camara, juiz dos orphãos com seu escrivão, 2 tabelliães do judicial e notas, 2 companhias de ordenanças e 1 capitão-mór, todos nomeados pelos condes e senhores de Vimieiro, dos quaes adiante fallaremos, sem confirmação regia,—e não entrava n'este concelho o corregedor, mas sómente o provedor d'Evora, por graça especial concedida aos nobres condes.

Em 1768 era priorado da mesma apresentação do deão d'Evora;—rendia para o seu prior ou cura 120 alqueires de trigo e em dinheiro 10$000 réis—e contava 293 fogos.

O censo de 1864 deu lhe 406 fogos e 1:608 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 448 fogos e 2:027 habitantes.

Freguezias limitrophes: — S. Gregorio, Santa Justa, Vidigão, Casa Branca e Pavia. As 3 primeiras pertencem ao concelho de Arrayollos, a 4.ª ao de Souzel e a 5.ª ao de Mora.

—

Producções dominantes:—azeite, cereaes, boleta, bolota, carne de porco, lã e cortiça, pois tem grandes montados de azinho e de sobro e cria muito gado suino e lanigero.

Tambem é mimosa de caça miuda:—lebres, coelhos e perdizes—e colhe algum vinho, podendo e devendo colher muito mais porque tem vastos chãos muito ferteis que se adaptam perfeitamente á cultura das vides, sendo a sua producção espantosa!

Já em 1708 o padre Carvalho disse que, n'esta parochia, vinhas que demandavam apenas 6 homens de cava, produziam *duzentos almudes* de vinho; mas que este era molle e *durava só até á paschoa.*

Hoje succede o mesmo e isto explica o facto de se cultivar aqui tão pouco vinho, mas a causa principal de ser tão molle é o atraso que (salvas rarissimas excepções) se nota na cultura d'esta provincia, nomeadamente no processo da vinificação.

N'esta freguezia e na maior parte do Alemtejo nunca se pisaram nem pisam as uvas. Espremem-se á mão sobre uma grade de madeira e recolhe-se immediatamente o mosto com o cango, *sem fervura nem trabalho algum*, em grandes talhas de barro de 100 a 200 almudes,—depois deitam-lhe por cima um pouco d'azeite—e, passado algum tempo, cobrem as talhas, grudando com barro as tampas.

Não admira, pois, que o vinho seja molle e dure pouco tempo.

Pelo contrario os donos das grandes herdades que despresam a rotina e seguem os melhores processos de cultura e vinificação, taes como o sr. José Maria dos Santos, de Lisboa, par do reino e grande capitalista, hoje o *primeiro proprietario d'esta provin-*

cia, os herdeiros de José Maria Eugenio, a viuva do grande proprietario e capitalista José Maria Ramalho Diniz Perdigão, d'Evora, e outros já colhem no Alemtejo muito vinho que dura annos.

—

Demora esta freguezia na estrada real n.º 70 d'Elvas a Montemor o Novo, em alegre e vistosa planicie, na margem esquerda da ribeira de Tér ou Tera, uma das nascentes do rio Sado, da qual dista 5 kilometros para S.;—6 da estação d'Evora Monte (a mais proxima) na linha ferrea d'Estremoz á Casa Branca, entroncamento na linha do sul;—18 de Arrayollos para N. E.;—24 d'Estremoz para O.;—30 d'Evora para N.;—56 da estação da Casa Branca;—120 de Beja;—151 de Lisboa;—488 do Porto—e 618 de Valença do Minho.

Tem boa estrada real a macadam, ha muito construida em substituição da velha estrada real d'Elvas a Lisboa por Arrayollos, Montemor o Novo, e Vendas Novas,—e outra estrada a macadam prestes a concluir-se, para a estação da *Venda do Duque* na linha de Extremoz a Evora e Casa Branca.

Banham esta freguezia a ribeira de *Têra* e os ribeiros do *Freixo* e das *Covas* que desaguam na dicta ribeira e teem no termo d'esta freguezia 3 pontes:—a do *Freixo*,—a da *Brôa*—e a da *Farragella*,—movem 5 moinhos de cereaes—e ha tambem n'esta parochia 3 moinhos de vento.

—

Alem da villa do Vimieiro, comprehende 2 quintas:—a de *S. José*, pertencente aos herdeiros da condessa do Lumiar, D. Luisa,—e a *Quinta Nova*, pertencente a José Maria Queiroga.

Comprehende tambem muitas herdades com os seus respectivos *montes*, ou pequenos povoados. As principaes são as seguintes:

1.ª—Claros Montes.

2.ª—Brôa.

3.ª—Misticas e

4.ª—Farinha Velha,—todas 3 pertencentes a Miguel Piteira Fernandes.

5.ª—Fonte Santa, de José Maria Coelho.

6.ª—Tourega e

7.ª—Preta.

8.ª—Monte Soeiro, pertencentes estas ultimas 3 a José Lopes Aleixo.

9.ª—Monte Branco, de Gabriel Antonio da Silva Leite.

10.ª—Ilha Fria, de Antonio Lopes Ferreira dos Anjos.

11.ª—Frausta, de João Vieira.

12.ª—Pratas, de Marcos Gonçalves d'Azevedo Caruço.

13.ª—Val da Pinta, de Manuel Maria Varella Lopes.

14.ª—Caeira, dos herdeiros da condessa do Lumiar, D. Luisa.

15.ª—Teja.

16.ª—Penedas e

17.ª—Viuvas, pertencentes todas 3 a Manuel Eduardo d'Oliveira Soares.

A *Chorographia Moderna* menciona ainda as seguintes herdades ou hortas:—Monte Novo, S. Gens, Salvada, Lameira, Courella da Anta, Cabeça do Freixo, Baldios, Brunheira, Carreteira, Coxada, Canada, Oliveiras, Paço, Choupana, Trombeira, Moinho Novo, Alvaro Annes, Monte da Estrada, Venda da Moita, Val de Mouro, Caraxa, Camaroeira, Carrascal, Moinho do Cuerra, Santo Espirito, Gorda, Tourega, Azinheira, Monte dos Barrancões, Monte da Rosalina, Olival, Caeirinha, Horta do Poço do Chão, Horta de S. Pedro e Horta Velha.

Todas estas hortas, herdades e quintas davam um bom patrimonio para um padre.

—

A villa é uma grande povoação. Ainda conserva a sua antiga casa da camara e cadeia em bom estado; o pelourinho já não existe;—tem 2 largos:—o da *Praça* e o da *Egreja*,—e varias ruas, sendo principaes as seguintes:—rua da *Misericordia*, rua *Direita*, rua da *Egreja*, rua do *Matto* e rua de *Aviz*.

Tem um edificio particular, digno de menção, denominado *Palacio do Conde*, que foi dos condes e senhores de Vimieiro, dos quaes passou para a condessa do Lumiar, D. Luisa, e d'esta para os seus herdeiros.

Templos

A egreja matriz,—a egreja da Misericordia—a egreja do Espirito Santo, todas em bom estado,—e 6 capellas, todas publicas: —Santo Antonio, S. Braz, S. Sebastião, S. Pedro, S. Gens e S. João,—esta ultima em ruinas.

A *Chorographia Portugueza* menciona mais no termo d'esta villa as capellas seguintes: — Sant'Anna, Santa Luzia, Santa Comba, Santo Estevam martyr e Santo *Alcastor!...*

A matriz é um bom templo, de uma só nave.

A Misericordia tem um pequeno hospital que de pouco serve, porque são mui diminutas as suas rendas.

Em 1872, segundo se lê nos *Estudos... sobre o Municipio de Montemor o Novo* (Coimbra, 1873) o seu rendimento total foi de 43$876 rèis.

No mesmo anno rendeu a confraria de Nossa Senhora da Encarnação do Sobral (a padroeira) 77$147 réis.

A confraria do Santissimo, 94$664 réis.

A confraria das Almas 9$100 réis.

São estas as 3 confrarias erectas na matriz.

As festas principaes que hoje aqui se celebram são a de Passos, a do Santissimo, a da padroeira, a de Santo Antonio e as da semana santa.

Dão vulgarmente à padroeira o titulo de Nossa Senhora da Encarnação do *Sobral* ou *Soveral*, porque diz a tradição que a imagem da Senhora appareceu outr'ora escondida no tronco de um sovereiro em uma matta de sòbro, no sitio onde hoje se vê a matriz, que foi feita para n'ella se venerar a dicta imagem e, por ser a egreja muito concorrida pelos fièis das circumvisinhanças, em volta d'ella com o decorrer do tempo se formou a villa actual, contribuindo tambem muito para o augmento d'esta villa o foral que lhe deu el-rei D. Manuel em Lisboa no dia 1 de junho de 1512.

Livro de Foraes Novos do Alemtejo, fl. 73, col. 2.ª

Veja-se tambem o *Processo* e a *Minuta* para este foral na *Gaveta* 20, *Maço* 12, n.º 45.

Teve tambem esta villa um convento de frades terceiros de S. Francisco (*bôrras*) com a invocação de *S. Francisco*, fundado em 1554, mas desappareceu com a extincção das ordens religiosas e nada resta d'elle hoje.

Foi demolido e o seu chão é propriedade de Francisco José Romero.

—

Tem esta villa duas feiras annuaes:—uma no 1.º dia d'agosto, — outra no dia 15 de maio.

O concelho de *Vimieiro* foi extincto pelo decreto de 24 d'outubro de 1855, pelo qual passou para o de Arrayollos;—depois passou para o concelho d'Extremoz e para a comarca de Montemor o Novo,—e por ultimo passou para o concelho d'Arrayollos[1] e para a comarca d'Estremoz.

Ha n'esta villa uma *assembleia* ou casa de recreio;—2 aulas officiaes d'instrucção primaria para os dois sexos;—um collegio particular de instrucção primaria e secundaria —e duas hospedarias na rua da Misericordia.

Ha tambem n'esta parochia, na herdade do *Monte Branco*, uma mina de cobre e d'outros metaes, mas parou ha annos a exploração.

Esta villa nunca foi murada nem acastellada pelo facto de estar em planicie e por essa mesma rasão não é muito saudavel o seu clima.

Ainda em julho de 1856 aqui fez muitas victimas o *cholera-morbus*.

Esta villa, pelo facto de ser cortada por uma estrada militar importante, soffreu sempre muito com os aboletamentos por occasião das guerras que assolaram o nosso paiz, nomeadamente esta provincia do Alemtejo que, por ser muito plana e fronteiriça, foi

---

[1] Por decreto d'este mez de dezembro de 1886 o concelho d'Arrayollos foi elevado á cathegoria de *julgado municipal*,—cathegoria nova, creada est'anno de 1886.

sempre o theatro da guerra nas luctas com a Hespanha desde os principios da nossa monarchia. N'ella se feriram, alem d'outras, as grandes batalhas do *Campo d'Ourique*, *Ameixial*, *Montes Claros* e *Linhas d'Elvas*, padrões de gloria para as nossas armas que ainda hoje infundem respeito aos nossos *bons* visinhos.

—

Houve e não sabemos se ha ainda hoje n'esta parochia um grande tracto de terreno denominado *Bardeira*, que em 1708 tinha *legoa e meia de comprimento* e *uma legua de largura*, comprehendendo uma extensa matta, boas pastagens e muitas terras de semeadura que se davam aos habitantes da villa para as cultivarem, pagando *apenas o dizimo*, que era aliás uma contribuição bem mais fórte do que todas as contribuições d'hoje, mas menos violenta, porque se pagava em generos e na proporção da colheita, em quanto que hoje os proprietarios, embora não colham a semente, teem de pagar a mesmo quota, pois a lei da anullação por sinistros é *uma burla*.

Ao longo da *Bardeira* corria por entre penedos a ribeira do *Freixo* que fertilisava muitas terras e criava muitos bordalos saborosissimos.

Era a dicta matta da *Bardeira* por assim dizer *logradouro commum* da villa e orgulho e riqueza d'ella, como os grandes campos de Trancoso eram logradouro commum da villa d'este nome, a *Devesa* logradouro commum de castello Rodrigo, o *Monte Meão* logradouro commum de Villa Nova de Foscôa, o *Monte Aljão* logradouro commum da villa de Gouveia, etc.

V. *Trancoso*, *Castello Rodrigo*, *Villa Nova de Foscôa* e *Gouveia* n'este diccionario e no supplemento.

—

Diz a *Chorographia Portugueza* que esta villa se denominou *Vimieiro por causa dos muitos vimes que n'ella havia*. Pode ser, mas duvidamos, porque os vimes no nosso paiz eram quasi exclusivamente applicados para a empa das videiras e para os arcos do vasilhame; não deviam pois ter grande consumo no Alemtejo por ter poucos vinhedos esta provincia e não usar de pipas nem de toneis, mas de *talhas de barro*.

No Douro sim. Antes da maldicta phylloxera destroçar os seus vinhedos, gastavam-se *contos de réis* em vimes na empa e no vazilhame,—pipas e toneis,—cuja arcaria era toda de pau, ligada por vimes. Hoje é quasi toda de ferro, mas ainda em 1850 toda a arcaria das pipas era de pau e de pau era tambem a arcaria dos toneis grandes e pequenos ainda nos principios d'este seculo.

Note-se tambem que os vimes demandam terrenos humidos, pantanosos, abundantes d'agua, emquanto que o terreno d'esta villa é bastante secco.

Isto mesmo reconheceu e confessou o padre Carvalho na sua *Chorographia Portugueza*, pois diz textualmente o seguinte:

«He terra muito secca, e carece de fontes, mas tem dous poços, que em annos de muita esterillidade se não secão, nem diminuem, e são as agoas delles muy salobras, e grosseiras, porem muito proveitosas para os que padecem *estillicidio*, [1] achaque que não ha em esta villa.»

Sendo pois a terra tão secca e falta d'agua, mal pode crer-se que abundasse tanto em vimes e que d'elles tomasse o nome de *Vimieiro*.

No que ella abundou foi em nobresa. Ainda em 1708 contava muitas familias nobres com os appellidos de Araujo, Correia, Castilho, Gameiro, Caeiro, Paiva, Telles, Calado, etc., avultando entre todas a do *Palacio do Conde* ou dos

Senhores de Vimieiro

Em 1708 era senhor d'esta villa D. Sancho de Faro e Sousa, cuja varonia é a seguinte:

O 2.° duque de Bragança D. Fernando, 1.° do nome, casou com D. Joanna de Castro, filha de D. João de Castro, senhor de Cadaval, e teve

—D. Affonso, conde e senhor de Faro.

Casou com D. Maria de Noronha, filha e

---

[1] Humor que desce da cabeça; — especie de defluxo.

herdeira de D. Sancho de Noronha, 1.º conde de Odemira, senhor de Vimieiro, etc., e teve

—D. Fernando de Faro, mordomo-mór da rainha D. Catharina e senhor de Vimieiro.

Casou com D. Isabel de Mello e teve

—D. Francisco de Faro, senhor da grande casa de seu pae e 1.º conde de Vimieiro, por mercê de Philippe II, de 1614.

Casou com D. Maria da Guerra, filha de Pedro Lopes de Sousa, embaixador d'el-rei D. Sebastião a Castella, e teve

—D. Sancho de Faro, 8.º senhor de Vimieiro, etc.

Casou em Flandres com D. Isabel de Luna e Carcomo, filha de D. Affonso de Luna, mestre de campo em Flandres, e teve

—D. Diogo de Faro e Sousa, 9.º senhor de Vimieiro, veador das rainhas D. Maria Francisca e de D. Maria Sophia, mestre de campo do Alemtejo, etc.

Casou com D. Francisca de Noronha, filha de Gaspar de Faria Severim, secretario das mercês, etc., e teve entre outros muitos filhos naturaes e legitimos

—D. Sancho de Faro, que segue, e D. Fernando de Faro, clerigo, deputado da mesa da consciencia e ordens, sumiler da cortina de el-rei D. Pedro II e de D. João V, e bispo d'Elvas, sagrado em julho de 1714, mas falleceu em outubro do mesmo anno, n'esta villa do Vimieiro, no seu *Palacio do Conde*, em viagem para Elvas, onde entrou já cadaver.

D. Sancho de Faro foi 10.º senhor e 2.º conde de Vimieiro, titulo que renovou na sua pessoa el-rei D. João V em 1709.

Foi tambem governador de Mazagão, mestre de campo general com o governo das armas nas provincias do Minho e Beira, governador e capitão general da Bahia, etc.

Casou com D. Theresa de Mendonça,[1] filha de D. Luiz Manuel de Tavora, conde de Atalaia, e teve entre outros filhos

—D. Diogo de Faro e Sousa, 11.º senhor e 3.º conde de Vimieiro, coronel de infanteria, etc.

Falleceu em Estremoz no dia 16 de fevereiro de 1741, tendo casado em 1729 com D. Maria Josepha de Menezes,[1] dama da rainha D. Marianna d'Austria, e teve entre outros filhos

—D. Sancho de Faro, 12.º senhor e 4.º conde de Vimieiro, etc.

Casou e teve

—D. João de Faro, 13.º senhor, 5.º conde de e ultimo de Vimieiro, etc.

Falleceu sem successão em abril de 1801, pelo que lhe succedeu sua prima co-irmã

—D. Maria do Resgate Portugal Carneiro da Gama Sousa e Faro, 3.ª condessa de Lumiares, 14.ª senhora do Vimieiro, etc.

Nasceu a 25 de março de 1771;—falleceu a 26 de março de 1823 e casou duas vezes: —a 1.ª com Manuel da Cunha e Menezes, que pelo seu casamento foi 3.º conde de Lumiares, etc.,—a 2.ª com Luiz da Cunha Pacheco e Menezes, viador da princeza viuva D. Maria Benedicta.

Do seu primeiro matrimonio teve

—José Manuel da Cunha Faro Menezes Portugal da Gama Carneiro e Sousa, 4.º conde de Lumiares, 15.º senhor de Vimieiro, 12.º d'Alcoentre, 15.º do morgado de Paio Pires, par do reino, ministro d'estado, marechal de campo, etc.

Casou em 15 d'agosto de 1807 com D. Luiza de Menezes, dama de S. M. a rainha D. Maria I e 2.ª filha do 1.º marquez de Vallada.

Tiveram entre outros filhos

—José Felix da Cunha e Menezes, 5.º conde de Lumiares, 16.º senhor de Vimieiro, etc.

Nasceu a 2 de julho de 1808 e casou a 8 de junho de 1835 com D. Constança de Saldanha e Castro, 2.ª filha de João Maria Raphael de Saldanha e de D. Maria Theresa Braamcamp, e tiveram um filho unico e successor

—José Manuel do Santissimo Sacramento

---

[1] Depois de viuva professou no convento da Luz, em Lisboa, no dia 30 de maio de 1730 e falleceu no dia 5 de maio de 1740.

[1] Esta senhora falleceu de bexigas em 1739.

da Cunha Faro Menezes Portugal da Gama Carneiro e Sousa.

Nasceu em 13 de maio de 1836 e é o 6.º conde de Lumiares, etc.

Casou em 13 de maio de 1858 com D. Anna Amelia Pinto de Sousa Coutinho Brandão Perestrello, filha do 4.º visconde de Balsemão Vasco Pinto de Sousa Coutinho e de D. Maria da Penha Perestrello da Costa Sousa de Macedo, que ainda hoje (dezembro de 1886) vive.

Os actuaes condes de Lumiares teem cinco ou seis filhos.

Do exposto se vê que a representação dos *condes de Vimieiro* passou para os *condes de Lumiares.*

Á memoria do meu antecessor

Nasceu n'esta villa e freguezia do *Vimieiro* em 1782 e falleceu em 1834 na freguezia de Santa Maria do *Valle*, concelho de villa da Feira, *José Mathias Barbosa Leal*, tenente quartel-mestre do batalhão de caçadores n.º 3, casado com D. Rita de Cacia Soares de Azevedo, da qual teve dois filhos,—José, que falleceu de menor idade,—e *Augusto* que foi o meu bom amigo e antecessor *Augusto Soares d'Azevedo Barbosa de Pinho Leal*, benemerito iniciador e principal auctor d'este diccionario, cuja continuação nos foi tão indevidamente confiada.

Ao filho já rendemos preito no artigo *Vianna do Castello*, vol. X, pag. 461, col. 1.ª e segg. [1]—agora fallemos do pae, aproveitando os apontamentos biographicos que *elle proprio* escreveu em uma carteira que temos sobre a nossa banca de estudo e que são realmente curiosos.

—

«Nasci na villa do *Vimieiro*, comarca d'Evora (diz elle) a 25 d'outubro de 1782; —foram meus paes Mathias Martins e Anna Maria Barregosa, naturaes da mesma villa do *Vimieiro*, e meus padrinhos do baptismo Antonio Coelho e Marcelina Angelica Furtado.

«Em 1797 fui para Estremoz aprender a cerieiro e ali passei tres annos.

«Em 25 de setembro de 1800 assentei praça no regimento de artilheria d'Extremoz, que estava em Elvas.

«Em 1801 foi aquella praça atacada pelos hespanhoes e não a poderam ganhar por ser a praça mais forte do reino e ter de guarnição 3 regimentos de infanteria, 3 d'artilheria, 1 de cavalleria e os regimentos de milicias d'Evora, Beja, Villa Viçosa, Portalegre, Estremoz e Campo d'Ourique, além do muito povo da cidade.

«Em 1 d'outubro do mesmo anno saiu o meu regimento e principiou o meu fadario das marchas e contramarchas. D'esta vez o itinerario foi o seguinte:—Villa Viçosa, Redondo, Evora, Montemór-o-Novo, Abrantes, Gollegã, Santarem, Cartaxo, onde estivemos 15 dias, e Almoster, onde nos demoramos 5 dias, voltando para Santarem, onde estivemos 20 e nos passou revista S. A. R. o principe depois rei D. João VI. D'ali marchámos para Almeirim, Erra, Mora, Pavia, Extremoz, Borba e Elvas.

«Marcha e contra-marcha legoas.... 80

—

«Em 1802 fui destacado para Estremoz, onde estive 7 mezes e depois mais 6 com licença.

«Em 28 de setembro de 1804 fui para o *cordão da peste*, seguindo por Juromenha, Terena, Monsaraz, Mourão, Moura e Serpa, onde estivemos 5 dias, marchando d'ali para Aldeia Nova e Aldeia do Sobral, onde estivemos 4 mezes, no fim dos quaes regressamos a Elvas.

«Marcha e contra-marcha legoas.... 42

«Em 1808 fui a Lisboa acompanhar um regimento d'artilheria franceza; seguindo por Estremoz, *Vimieiro*, Arrayollos, Montemor o Novo, Aldeia Gallegã e Lisboa, d'onde regressámos a Elvas.

«Marcha e contra-marcha legoas.... 60

«Em 26 de junho de 1808 emigrei para a

[1] Vejam-se tambem os artigos—*Carvalhal*, tomo II pag. 133,—*Paradella*, tomo VI pag. 469, col. 1.ª,—*Penamacor*, no mesmo volume pag. 593, col. 2.ª,—*Porto*, vol. VII, pag. 118, col. 1.ª—pag. 327, col. 2.ª (nota) —e pag. 352, col. 2.ª tambem,—e *Valle*, tomo X, pag. 172, col. 2.ª—175, col. 2.ª tambem,—e 176, tambem 2.ª col.

Hespanha com a maior parte do meu regimento, por detestarmos os francezes que então dominavam o nosso paiz. Apresentamo-nos em Badajoz e d'ali fomos para Cidade Rodrigo.

«Legoas de marcha............... 42

«Estivemos 8 dias em Cidade Rodrigo, donde fugi para Portugal, que já se havia sublevado contra os francezes, pois eu não podia servir a Hespanha, quando o meu paiz tanto necessitava d'auxilio. Marchei por Guinaldo para Ladueiro e Idanha Nova, onde me deram passaporte para Viseu, em cumprimento das ordens do bispo d'aquella cidade que, como presidente da junta de defesa, mandara reunir ali toda a tropa dispersa. Segui pois para Viseu pela Covilhã e Mangualde, havendo percorrido em toda esta marcha legoas.................... 56

—

«Assentei praça no batalhão dos *Voluntarios de Vizeu* a 29 de julho de 1808. Deram-me o posto de furriel e ali estivemos 3 mezes, no fim dos quaes marchámos para a Guarda, onde recebemos armamento;—seguimos pela Covilhã para Penamacôr, onde estivemos 8 dias;—d'ali para Castello Branco—e por ordem do general Silveira fomos para Segura, onde estivemos 3 mezes.

«No dia 26 de fevereiro de 1809 passei a 2.° sargento e no dia 1 de março do mesmo anno fui nomeado 1.° sargento.

«No dia 27 de março fomos para Cebolaes, onde recebemos fardamento e seguimos por Abrantes, Thomar, Condeixa, Coimbra, Mortagua, Tondella, Viseu, Castro d'Ayre, Lamego, Regoa, *Majam Frio* (sic) até Amarante. Como os francezes já tivessem retirado do Porto, seguimos por Mondim de Basto, Arco e Montalegre para a raia; havendo os francezes entrado na Gallisa, marchámos para Viseu por Chaves, Peso da Regoa e Lamego.

«Total das minhas marchas e contra-marchas até aqui, leguas............... 280

—

«De Viseu fomos para Azere, Pinheiro de Azere, Thomar, Villa de Rei, Castello Branco, Guarda, Alverca e Pinhel, onde estivemos dois mezes;—d'ali passamos para a Hespanha e fomos até ás alturas de Salamanca, donde voltámos pela serra da Gata, *Ventas de Cavallo*, *Sarça* e *Segura* para Castello Branco; demorámo-nos ali 15 dias e depois fomos tomar quarteis de inverno em Punhete, hoje Villa Nova de Constança, onde entrámos a 6 de setembro de 1809.

«Total d'esta jornada, legoas....... 117

1810

«Saimos de Punhete para Coimbra, onde estivemos 3 mezes; no dia 10 de março recebemos armamento, correame e capotes novos;—fomos para Figueiró da Granja e Trancoso;—d'ali passámos para o *Campo da Jizua*, onde estacionámos 3 mezes, voltando em seguida para Trancoso, quando os francezes, commandados por Massena, já estavam sitiando a praça d'Almeida. Depois da explosão do castello e da rendição d'aquella praça, marchámos de Trancoso por Andorinha e Santa Comba-Dão para o Bussaco, onde se feriu a grande batalha d'este nome.

«Rompeu o fogo no dia 25 de setembro; batemo-nos com os francezes toda a tarde e elles não poderam ganhar nada. N'essa noite dormimos com as armas na mão ao longo da serra;—no dia 26 fui para a frente com a minha companhia e fiz fogo a maior parte do dia, sendo grande a mortandade em um e outro campo—e no dia 27 desde a madrugada até á noute, foi o combate geral em toda a linha.

«Do meu batalhão morreram 1 alferes e 17 soldados e ficaram feridos 52.

«No dia 28 não houve fogo; tivemos descanço, mas retirámos á noite, porque os francezes, não podendo ganhar a serra, tomaram outro caminho. Fomos para Coimbra e, seguindo a estrada de Lisboa, fizemos alto nas *Linhas de Torres Vedras*.

—

«Ali nos conservámos até que os francezes, não podendo romper as linhas, retiraram para Santarem. Fomos em seguimento d'elles. O meu batalhão ficou em Almoster; depois passou para Calhariz, onde tivemos muito fogo e ficaram feridos o meu capitão e 3 soldados. D'ahi fomos para a quinta da

Lapa, onde estivemos um mez; e d'ali para S. João da Ribeira, onde eu dei baixa como doente, sendo obrigado a recolher-me ao hospital de S. Vicente de Fóra, em 23 de fevereiro de 1811.

«Com esta marcha ultima percorri approximadamente leguas.................. 123

«Sahindo do hospital em 22 de março de 1811, marchei de novo para o exercito. Fui encontrar o meu batalhão na aldeia das *Cinco Villas*, no cerco da praça d'Almeida, e ali estivemos até que os sitiados francezes largaram fogo ás muralhas e fugiram para a Hespanha. Foi uma *venda bem conhecida*, pois no sitio por onde cortaram a linha estavam os nossos soldados todos avisados *para não fazerem fogo, porque ali havião de passar dois Regimentos inglezes.* Assim passaram os *francezes*, e de tal fórma que os nossos soldados se envolveram com elles, porque iam muito callados e foram rompendo até que as sentinellas começaram a fazer fogo.

«Mais ainda: A minha brigada, tendo ido para *Malpartida*, n'essa mesma noite tornou para as *Cinco Villas*, para os francezes passarem, como passaram, por *Mal Partida!*... Fomos no seu seguimento, mas só ao outro dia, levando-nos os francezes de dianteira 9 horas!... [1]

«Voltámos, tendo percorrido desde Lisboa leguas.......................... 60

—

«Marchámos pelo Sabugal, Castello Branco, Villa Velha de Rodam, Nisa e Portalegre para o Campo do Reguengo, junto de Campo Maior, d'onde fui com uma diligencia a Lisboa receber barretinas para o batalhão, e de Lisboa marchámos por Abrantes, Gavião, Nisa, Villa Velha de Rodam, Castello Branco, Atalaia, Capinha, Almeida e Val de La Mula até *Villar de Cervos* em Hespanha, onde encontrei o meu batalhão,—e logo marchei com outra diligencia para Abrantes, regressando outra vez a *Villar de Cervos*, na Hespanha, tendo percorrido com estas marchas e contra-marchas approximadamente —leguas........................ 195

—

«De *Villar de Cervos* marchámos por Guinaldo para Alfaiates, onde tivemos uma escaramuça com os francezes, retirando para Freixo; d'ali tornamos a avançar por Espega e Carpio para o cerco de Cidade Rodrigo, e, logo que se ganhou a praça, marchámos por Pinhel, Lamego, Vizeu, Coimbra, Thomar, Abrantes, Gavião, Crato, Villa Viçosa e Elvas, para o cerco de Badajoz. Tomada tambem esta praça, seguimos logo por Elvas, Portalegre, Castello Branco, Lagiosa e Pinhel até Salamanca. Tomámos ali o forte e marchámos para Valhadolid, mas não passámos de Rueda, volvendo a Salamanca, onde demos e vencemos a grande batalha dos Arapiles a 22 de junho de 1812.

«Derrotados os francezes, perseguimol-os até Valhadolid, d'onde marchámos para Madrid. Tomámos esta cidade e volvemos a Valhadolid, d'onde fomos para Burgos e d'ali marchei com uma diligencia a Santander, no dia 1 d'outubro, para conduzir duzentos mil cartuxos enviados da Inglaterra.

«Volvemos a Burgos no dia 16 do dicto mez, tendo percorrido com estas marchas e contra-marchas cerca de legoas...... 335

—

«A 21 d'outubro do dicto anno, surprehendidos por tres grandes exercitos francezes, deixamos o cerco de Burgos e retiramos sobre Portugal, perdendo apenas 3 a 4 mil homens em toda a jornada.

«Os francezes, apesar da sua grande superioridade numerica, não transposeram a fronteira, lembrando-se dos desastres que haviam soffrido no Bussaco, em Fuentes de Onor, Cidade Rodrigo, Badajoz, Arapiles e Madrid, e da vergonha porque passaram em frente das *linhas de Torres Vedras*, que os estavam esperando.

«Como elles *muito prudentemente* fizessem alto na fronteira, nós fômos tomar quarteis de inverno para Penafiel, seguindo por Almeida, Lamego, *Majamfrio* e Amarante, tendo percorrido cerca de 104 leguas.

---

[1] V. *Villar Formoso*, vol. XI, pag. 1217, col. 1.ª, onde já fizemos menção d'este *facto*, chamando para elle, como hoje chamamos, a attenção dos nossos historiadores.

«Demorámo-nos em Penafiel desde 12 de dezembro de 1812 até 14 de maio de 1813» data em que marchou a minha brigada para a ultima campanha, e eu fui mandado com um deposito para a Regoa, onde me conservei até 13 de fevereiro de 1814, marchando d'ahi com o trem de 3 corpos para o Porto, onde embarquei no dia 7 de março para Lisboa. Entreguei tudo no Arsenal e fui para o deposito de S. Bento, d'onde no dia 1.° d'agosto marchei para Penamacor, a unir-me ao meu batalhão, ali estacionado, tendo percorrido cerca de 128 legoas.

1815

«Em 7 de março fui a Lisboa receber fardamento para o meu batalhão e voltei a 18 de maio.

«Legoas........................ 90

«Depois fui a Vizeu receber um mez de soldo.

«Legoas........................ 36

«Em novembro tornei a Vizeu para receber dois mezes de soldo.

«Legoas........................ 36

1817

«Fui com uma diligencia a Abrantes.

«Legoas........................ 44

«Mais 2 diligencias a Abrantes.

«Legoas........................ 88

1818

«A 30 d'abril passei a sargento quartel mestre e por isso n'esse anno fui com outras 3 diligencias a Abrantes.

«Legoas........................ 132

1819

«No dia 23 de junho foi o meu batalhão destacado para Elvas, d'onde passou a aquartelar-se em Castro Marim, pelo que eu tive de ir d'Elvas buscar a bagagem a Penamacôr, d'onde segui para Castro Marim por Castello Branco, Villa Velha de Rodam, Nisa, Fronteira, Estremoz, Evora, Beja e Mertola, onde embarquei.

«Legoas........................ 122

1822

«No dia 22 de julho marchei com o meu batalhão para Lisboa.

«Legoas........................ 48

«De Lisboa partimos no dia 15 de fevereiro com a expedição para a Bahia, aonde chegámos a 2 d'abril, contando 61 graus de 18 leguas cada um, o que prefaz

Legoas........................ 1:098

«No dia 3 de maio tivemos um grande combate com os americanos e outro no dia 3 de junho. Elles ficaram desenganados de que não podiam entrar, mas no dia 2 de julho fizemo-nos de vela para Portugal, por falta de mantimentos, pois já estavamos a ração de farinha de pau e carne do sertão. Custava 1 arratel de vacca 800 réis,—de toucinho 480 réis,—de arroz 400 réis,—de farinha de pau 400 réis,—uma gallinha réis 5$000,—um ovo 100 réis—e um pão d'arratel 600 réis?!...

«Chegámos a Lisboa no dia 2 de setembro.

«Legoas........................ 1:098

«De Lisboa marchámos logo para Villa Franca, aonde chegámos no dia 3, e d'ali fomos para Abrantes, onde nos demorámos até 23 d'outubro.

«Quando chegámos a Lisboa traziamos 62 soldados *cegos com a debilidade*, sendo preciso que outros os acompanhassem e levassem pela mão; mas deu-se-lhes a comer *figado de vacca, quasi crú*, e todos recuperaram a vista promptamente.

«De Abrantes seguimos para Estremoz, onde estivemos até 14 de maio de 1824—e d'ali fomos para o nosso quartel de Castro Marim, por Tavira.

«Legoas, desde Lisboa 87

«Desde que assentei praça, não contando muitas marchas e contra-marchas menos importantes, legoas,.............. 4:221

Novos trabalhos

1826

«Agora contarei o que soffri por causa da *Carta Constitucional*.

«No dia 8 de novembro de 1826, das 11 para a meia noite, retumbavam as cornetas pelas muralhas de Castro Marim, tocando a assembléa. Formou o meu batalhão com o seu novo fardamento e marchámos para Tavira, onde encontrámos o regimento de infanteria n.º 14 formado na praça e parte do regimento de milicias. Proclamámos rei o sr. D. Miguel I, ao som do hymno da patria, com muitos vivas e applauso da cidade,—e no dia 9 marchámos para Faro. Ali fizemos o mesmo, posto que o povo tentou defender a cidade com o regimento de artilheria n.º 2, mas o commandante fugiu com o regimento.

«No dia 11 marchámos para Albufeira, a fim de nos unirmos ao regimento de infanteria n.º 2, ali estacionado, mas o commandante fugiu tambem com o dicto regimento, pelo que os nossos commandantes volveram para Castro Marim; — embarcámos tudo, e fomos para Ayamonte, d'ali marchámos para Ecija.

«Legoas........................ 41

—

«No dia 11 de novembro proseguimos com a nossa marcha e, depois de varios rodeios, chegámos no dia 28 a Aracena, onde recebemos de novo as armas.

«No dia 1.º de dezembro marchámos para *Barrancos*, povoação portugueza, aonde chegámos no dia 4;—d'ali fomos para Arronches, aonde chegámos no dia 9. No dia 10 fomos atacados com forças muito superiores pelo conde de Villa Flor.

«Marchámos para Mourão, onde nos reunimos com infanteria n.º 17, cavallaria n.º 2 e 90 homens de cavallaria 7, que o brigadeiro Magece tinha aprisionado em Villa Viçosa.

«Retirámos por Alegrete;—entrámos de novo em Hespanha—e fomos até Sarça.

> «Ali ficou minha mulher com o meu filho José, para irem, como foram, para Penamacor. O *Augusto* [1] seguiu.

«No dia 16 marchámos para o Sabugal, aonde chegámos no dia 18, pisando neve de grande altura.

«D'ali fomos a Malhada Sorda, Almeida, Pinhel e Coriscada, onde se nos uniu o regimento de infanteria 6. Volvemos a Pinhel e seguimos para Almeida;—tornámos a Pinhel;—d'ali marchámos por Celorico para Nespereira, junto da villa de Gouveia,—e d'ali para a povoação de *Curral*, (?) (distante 2 legoas de Nespereira) aonde chegámos no dia 29.

> «N'este povo ficou o *Augusto*, por ser muito aspero o frio e elle não poder acompanhar-nos [1].

«Legoas........................ 207

—

«No dia 31 de dezembro fomos por S. Paio para a ponte da cabra [2]—e no dia 1 de janeiro de 1827 para Villa Mendo, ficando um pi-

---

[1] O nosso benemerito antecessor,—*Augusto Soares d'Azevedo Barboza de Pinho Leal*,—que então contava apenas 10 annos e já tinha acompanhado seus paes na expedição á Bahia e nas marchas e contra marchas pela Estremadura, Beira Baixa, Alemtejo e Algarve.

Bem cedo começou o seu fadario, pois tendo nascido na freguezia da Ajuda, concelho de Belem, no dia 21 de novembro de 1816, foi baptisado em Penamacor no dia 30 do dicto mez e anno, tendo percorrido *no berço* quarenta e tantas leguas!...

V. *Vianna do Castello* vol. X, pag. 461, col. 2.ª

Aos 10 annos de idade já elle tinha percorrido mais de 2:400 leguas!

[1] O pobre *Augusto* meu antecessor, contando apenas 10 annos, ia gelado em uma carga de bagagem, mettido entre dois bahús, como elle proprio nos contou,—e sendo já decrepito, ainda se recordava de ver de Nespereira a villa de Gouveia, alcandorada na pendente norte da serra da Estrella, e conservava outras muitas reminiscencias das terras que percorreu, mettido entre os bahús.

Tinha uma memoria felicissima e conservou as faculdades intellectuaes sempre lucidas até os ultimos momentos da vida.

[2] Villa extincta, hoje simples freguezia, na margem esquerda do Mondego, junto da actual estação de *Gouveia*, na linha da Beira Alta. V. *Cabra*.

quete na ponte de Cabra, sobre o Mondego, onde houve fogo com a divisão do Claudino.

«No dia 5 marchamos para Coruche, onde se deu o combate e se reconheceu que levavamos comnosco *muitos constitucionaes!*...

«Retirámos para Trancoso e seguimos por Pinhel para Almeida.

«Legoas........................ 19

«No dia 14 tornámos a entrar em Hespanha e fomos ter a Freixo de Espada á Cinta, d'onde seguimos por Moncorvo, Villa Flor, Mirandella, Murça, Campos, Granja e Tazem, volvendo a Mirandella.

«No dia 3 de fevereiro marchámos outra vez para a frente e fomos a Murça, Villa Real, Moimenta, Villa Pouca d'Aguiar, Abreiro, Alfandega da Fé, Mogadouro, Sendim e S. Joannico.

«Legoas........................ 110

«No dia 7 de março tornámos a entrar na Hespanha e seguimos até Placencia, onde nos tiraram os officiaes portuguezes e nos dividiram por differentes terras em partidos de 150 homens.

«Legoas........................ 35

«Fomos a Burgos, Logronho, Arnedo, etc.

1828

«No dia 6 de janeiro estavamos em Calahorra, d'onde fomos para Castello Frio, etc. volvendo no dia 9 de fevereiro ao Arnedo.

«Em 27 de março fomos a Calahorra assistir a uma festa que o nosso regimento n.º 24 fez em acção de graças pela boa vinda do sr. D. Miguel.

«No dia 15 d'abril me roubaram 13 duros em casa do patrão.

«Legoas........................ 87

«No dia 1 d'agosto marchámos para Portugal, seguindo por Logronho, Burgos, Saldonde,[1] Villa Garcia, Penella e Bragança, aonde chegamos no dia 12.

«Legoas........................ 80

[1] Aqui o regimento hespanhol de cavallaria n.º 2, tirou-nos as correias.

(*Nota do biographado*).

«D'ali fomos por Mirandella, Villa Real, Lamego, Castro d'Ayre, Vizeu e Manteigas para Penamacor, aonde chegámos a 28 do dicto mez d'agosto.

«Legoas desde Bragança........... 50

» » o Arnedo........... 130

em 28 dias!...

—

«Estive com minha familia até 2 de setembro em Penamacor, d'onde no dia 3 marchámos todos para Castro Marim, por Castello Branco, Villa Velha de Rodam, Crato, Evora, Beja, Mertola e Guadiana, chegando a Castro Marim no dia 18 do dicto mez.

«Legoas........................ 64

«De Castromarim fui em serviço a Faro 7 vezes.

«Legoas........................ 26

«No dia 14 de setembro de 1829 marchei de Castromarim com o meu batalhão para Lisboa por Mertola, Beja, Alcacer, Setubal e Moita, chegando a Lisboa no dia 27 do dicto mez.

«Legoas........................ 46

«Total até aqui:

«Por agua, legoas............ 2::566

«Por terra, legoas............ 2::787

Somma...... 5::353»

E note-se que elle contava as leguas pela medonha craveira d'aquelle tempo. Hoje, pela craveira actual de 5 kilometros cada uma, as taes 5:353 legoas dariam com certeza mais de 7:000.

Vejam o fadario que passou o pobre *José Mathias Barbosa Leal!*... E ainda depois accresceram as marchas e contra marchas até á convenção d'Evora Monte e que se reduzem ao seguinte:

—

Em novembro de 1830 marchou de Lisboa para o Porto, com passagem para o corpo da policia d'esta ultima cidade.

Legoas........................ 52

No dia 9 de julho, quando D. Pedro entrou no Porto, retirou o nosso biographado com o seu corpo da policia para Oliveira d'Azemeis, d'onde passou por Carvoeiro e Paço de Sousa para Ponte Ferreira.

Legoas.......................... 15

Dada a acção de Ponte Ferreira, retirou para Penafiel;—d'ali passou para S. Mamede de Infesta.

Legoas.............................. 8

Depois passou para Villa Nova de Gaya;—regressou a S. Mamede,—tornou a passar o Douro para Santo Ovidio, em 9 d'agosto de 1833;—d'ali foi a Ovar, Aveiro, Coimbra, Thomar, Santarem, Rio Maior e Alcoentre;—volveu a Santarem,—foi a Abrantes;—volveu a Coimbra;—depois a Thomar—e a 16 de maio de 1834 assistiu com o filho *Augusto* (meu antecessor) á batalha da Asseiceira, na qual o pobre Augusto ficou ferido e prisioneiro e, depois da convenção d'Evora-Monte, regressaram á sua pequena casa de Santa Maria do Valle, concelho da Feira, vendo-se de repente pobres como Job, quando a fortuna lhes sorria, pois o nosso biographado já era tenente quartel-mestre e o filho Augusto alferes, não tendo completado ainda 18 annos.

E para cumulo da desgraça, *post tot tantosque labores* o nosso biographado, sendo um bom homem, sempre generoso e propenso á valer aos seus inimigos politicos, nas represalias que se seguiram á convenção d'Evora-Monte foi barbaramente assassinado no dia 17 de junho de 1834, deixando a viuva e o filho expostos a duras contingencias.

Foi sepultado na matriz de Santa Maria do Valle, contando 52 annos incompletos e tendo percorrido até o dia 27 de setembro de 1829

Legoas	5:353
Mais até á convenção.........	180
Total............	5:533

—só em serviço e pela contagem d'aquelle tempo.

Deus o tenha em bom logar.

—

Fecharemos este topico dando na sua integra dois documentos muito importantes para a biographia do meu antecessor, pois que é este o ultimo ensejo que se nos offerece para fallarmos d'elle e não sabemos se Deus nos conservará a vida até chegarmos com o supplemento ao artigo *Valle*, nem se ainda por essa occasião teremos a nosso cargo este diccionario, pois estamos fatigadissimos e anciosos por nos vermos livres d'elle.

Desde fevereiro de 1884 até hoje 31 de dezembro de 1886 não temos posto o pé fóra do Porto,—nós que tanto gostavamos de passeiar e viajar,—e estamos fazendo serão até ás duas horas depois da meia noite, dando cabo da vista e da existencia.

Os dois documentos são as certidões do *baptismo* e do *obito* do meu antecessor.

1.ª

«Eu abaixo assignado certifico que a fl. 96 de um *livro findo* de Baptismos da freguezia de Penamacor d'este bispado da Guarda, achei o assento do theor seguinte:

«AUGUSTO, filho legitimo do primeiro matrimonio de ambas as partes de José Mathias, sargento de Caçadores numero quatro, natural do *Vimieiro*, bispado d'Evora, e de Rita de Cacia Soares d'Azevedo, natural de Fermedo, bispado do Porto; neto paterno de Matheus Martins e de Anna Maria Barregosa, naturaes do *Vimieiro*, bispado d'Evora, e materno de Francisco Antonio Soares de Azevedo, natural de Fermedo, e de Anna Maria de Pinho, da dicta freguezia de Fermedo, nasceu aos *vinte e um de novembro de mil oitocentos e dezaseis* [1] e foi baptisado solemnemente por mim, coadjuctor abaixo assignado, aos trinta dias do dicto mez e anno. Foram padrinhos Christovão Palha d'Almeida e Anna Bernarda, e foram testemunhas o padre Luiz Antonio Toscano e Vicente Lourenço, do que fiz este termo que assigno, dia, mez e era ut supra. O coadjuctor Alexandre da Silva Robalo Freire,—o

[1] Não disse onde,—talvez de proposito, para não se expor a censuras do prelado, pois o pobre *Augusto*, meu antecessor, como elle proprio me disse, nasceu na freguezia da *Ajuda*, concelho de Belem; e foi levado para Penamacor, onde os paes n'aquelle tempo tinham o seu domicilio, e ali o baptisaram.

padre Luiz Antonio Toscano,—de Vicente Lourenço uma cruz. E nada mais continha o dicto assento que fielmente copiei do original, a que me reporto. Guarda 26 de janeiro de 1884. O cartorario João Antonio Martins Manso.»

2.ª

«José Pereira Baptista Neves, abbade da freguezia de Lordello do Ouro, concelho e diocese do Porto, etc. Certifico que do registro parochial d'esta freguezia consta o termo do theor seguinte:

«Aos dois dias do mez de janeiro do anno de mil oitocentos oitenta e quatro, ás quatro horas da manhã, na casa numero trezentos noventa e tres da rua de Serralves, d'esta freguezia de Lordello do Ouro, concelho e diocese do Porto, falleceu, tendo recebido os sacramentos da Santa Madre Egreja, um individuo do sexo masculino, por nome Augusto Soares d'Azevedo Barbosa de Pinho Leal, de idade de sessenta e oito annos[1], viuvo de D. Maria Rosa d'Almeida e Castro, escriptor publico, natural da freguezia da *Ajuda*, concelho de Belem, diocese de Lisboa, e morador na dicta rua de Serralves, filho legitimo (ignora-se) o qual não fez testamento, deixou filhos e foi sepultado no cemiterio d'esta freguezia. E para constar lavrei em duplicado este assento que assigno. Era ut supra. O coadjutor Ignacio Gomes da Motta.»

«Está conforme ao original.

«Lordello do Ouro, 10 de maio de 1884.

«O abbade José Pereira Baptista Neves.»

—

Ambos estes documentos foram sollicitados e obtidos por mim e bastante trabalho me deu o primeiro!...

V. *Vianna do Castello*, vol. X, pag. 461, col. 2.ª

Terminaremos dizendo que junto da povoação de *Claro Monte* ha n'esta freguezia, a uma legoa de *Vimieiro*, uma fonte denominada por Fonseca no seu *Aquilegio Medicinal*,—*Fonte de mata peixes*, porque morrem (diz elle) todos os peixes que se lançam n'ella.

[1] *Incompletos*, pois nascêra em 21 de novembro de 1816.

VIMIOSO—villa, freguezia e séde do concelho do seu nome, comarca de Miranda do Douro, districto e diocese de Bragança, provincia de Traz-os-Montes.

Priorado.

Orago S. Vicente Ferrer, martyr.—Fogos 380,—habitantes 1:628.

Em 1706 era villa e concelho, commenda da ordem de Christo e titulo de condado;—pertencia á comarca (corregedoria e provedoria) de Miranda;—o seu parocho era reitor da apresentação da corôa,—e contava 300 fogos na villa e seu termo, que comprehendia Valle de Frades, Campo de Viboras, hoje parochias d'este concelho,—e as povoações de Serapicos e S. Joannico, parochias extinctas, hoje annexas á de Val de Frades.

É isto o que se deduz da *Chor. Port.*

Em 1768 era reitoria do bispado de Miranda e da apresentação da casa do infantado;—rendia para o seu parocho 50$000 réis—e contava (só a villa) 241 fogos.

Em 1791 contava apenas 200 fogos,—segundo se lê na petição que o parocho Antonio Fernandes de Araujo n'aquella data dirigiu á rainha D. Maria I, como administradora do mestrado e chancellaria da ordem de Christo, pedindo augmento de congrua.

Archivo parochial de Vimioso.

—

Em 1796, segundo se lê na *Descripção da provincia de Traz-os-Montes* pelo dr. Columbano Pinto Ribeiro de Castro, corregedor de Moncorvo e *juiz demarcante* da dicta provincia[1], esta villa e este concelho pertenciam á comarca (ouvidoria) de Villa Real, por serem do infantado n'aquelle tempo, e contavam 446 fogos com 1:919 habitantes, sendo 925 do sexo masculino e 994 do sexo feminino,—ecclesiasticos seculares 9,—pessoas litterarias 1, sem occupação 31, negociantes 5, barbeiros 3, lavradores 173, jornaleiros 22, fabricantes de lã 3, alfaiates 16, sapateiros 25, carpinteiros 6, pedreiros 3,

[1] *Codice* n.º 486 da Bibliotheca Municipal do Porto.

ferreiros 10, ferradores 1, moleiros 6, criadas 20,—criados 22—e cardadores 126!...

Note-se que *toda a ouvidoria* contava 130 cardadores e por consequencia mais 4 sómente.

Era pois *Vimioso* n'aquelle tempo a *terra dos cardadores*. Toda a comarca de Miranda não tinha um cardador, alem dos de Vimioso[1];—toda a comarca de Bragança tinha apenas 13;—toda a de Moncorvo 134 e toda esta provincia 277.

Pertenciam pois a *Vimioso* cerca de *metade* dos cardadores da *toda a provincia*!

Não tinha porem *um unico* pastor, nem um soqueiro, nem um mineiro, nem um almocreve, nem um latoeiro, nem um fabricante de courama, nem um surrador, nem um boticario, nem um fabricante de seda, nem um serralheiro?!...

O censo de 1864 deu a esta villa 331 fogos e 1:285 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 355 fogos e 1:548 habitantes.

—

Demora em alta, alegre, saudavel e vistosa planicie na estrada de Miranda para Carção, Bragança, entre as ribeiras de *Maçans*, a O., e *Angueira*, a E., confluentes do rio Sabor, distando de qualquer das duas 3 kilometros; —30 de Miranda para O. N. O.;—40 de Bragança para S. E.,—60 da linha de *Zamora*, em Hespanha;—80 da estação do Pocinho, hoje a mais proxima em Portugal, na linha ferrea do Douro;—254 do Porto pela estação do Pocinho na linha ferrea do Douro[2],—260 do Porto por Macedo de Cavalleiros, Mirandella, linha ferrea de Mirandella, tambem prestes a abrir-se á circulação, e linha ferrea do Douro, na qual entronca a de Mirandella, na estação do *Tua*;—591 de Lisboa pela estação do Pocinho—e 597 pela do Tua, linha de Mirandella e Macedo de Cavalleiros.

Este ultimo trajecto é mais longo, mas preferivel por ser todo em linha ferrea desde Lisboa atè Mirandella e por haver diligencias d'ali até Macedo de Cavalleiros, restando apenas 45 kilometros para viagem em sella, emquanto que o primeiro obriga a transpor em sella 80 kilometros de barrancos do Pocinho até Vimioso e a passar em barca o Douro, que no inverno faz tremer os mais valentes; será porem este trajecto o preferido, logo que se construa a linha ferrea, hoje em estudos do Pocinho a Miranda do Douro e que deve passar a pequena distancia de Vimioso.

Tambem trazemos em estudos a continuação da linha ferrea do Tua, de Mirandella á fronteira por Bragança, e outras muitas, de que fallaremos no supplemento. Entretanto vejam-se os artigos *Vias Ferreas*, vol. X, pag. 475 e 478— e *Villarinho das Paranheiras*.

—

Freguezias limitrophes: — Caçarelhos, Campo de Viboras, Carção, Pinello e Valle de Frades, todas d'este concelho, que comprehende mais as seguintes:—Algoso, Angueira, Argosello, Avellanoso, Matella, Santulhão, Uva, Villa Secca e *Vimioso*.

Total:

Freguezias	14
Fogos pelo recenseamento de 1878	2:556
Habitantes	10:445
Predios inscriptos na matriz	23:655
Superficie em hectares	55:669

Concelhos limitrophes:—Miranda do Douro, séde da comarca, — Mogadouro, Macedo de Cavalleiros e Bragança,—*em Portugal*, pois a N. confina com a Hespanha, distando Vimioso apenas 10 kilometros da raia—e 15 da villa de *Alcaniças*, povoação hespanhola importante, formada quasi exclusivamente por contrabandistas.

Producções dominantes d'esta freguezia e

[1] Esta villa era do infantado, mas entrava n'ella o provedor de Miranda.

[2] Foi aberta á circulação até o *Pocinho* no dia 10 do corrente mez de janeiro de 1887.

d'este concelho:—cereaes, vinho, azeite, castanhas, batatas e lã, pois criam bastante gado lanigero, muar e vaccum da celebre raça *mirandesa* [1].

A producção do vinho era importante e uma das mais rendosas, mas tende a desapparecer em toda esta provincia, porque a maldita phylloxera invadiu e já anniquilou a maior parte dos seus vinhedos.

V. *Villa Real de Traz-os-Montes*, vol. XI, pag. 1012 a 1016,—*Villarinho de Cottas* e *Villarinho de S. Romão*.

—

Esta freguezia não comprehende aldeia. Toda a sua população está concentrada na villa do seu nome. Apenas tem 2 quintas habitadas:—a de *S. Thomé*, de João Ferreira Sarmento, de Bragança, coronel de cavallaria n.º 7,—e a de *Santo Amaro*, ou *Picadeiros* de José Ignacio Luiz Affonso e Manuel José Alves, ambos de *Vimioso*, e de Joaquim Bartholomeu, de Caçarelhos.

Todas as estradas d'esta freguezia e d'este concelho são com pequena differença os mesmos barrancos dos principios da nossa monarchia e talvez do tempo dos mouros e dos godos. Apenas tem já estudada e em principios de construcção uma estrada municipal a macadam em direcção á fronteira.

V. *Villa Real de Traz-os-Montes*, vol. XI, pag. 1016 a 1018, onde se encontra uma ligeira nota de viação d'esta provincia,—e *Villarinho dos Gallegos*.

Templos

1.º—*A egreja matriz*, ampla, elegante, de uma só nave, com tecto de abobada, duas torres na fronteria, boas decorações e bem conservada. [2] Apenas tem uma fenda na abobada do tecto desde o terramoto de 1 de novembro de 1755.

É um dos melhores templos d'esta provincia, depois da sé de Miranda e da matriz de Moncorvo.

[1] V. *Villarinho da Castanheira* e *Villarinho dos Gallegos*.

[2] É toda de bella cantaria de granito e de architectura toscana.

A velha matriz de Vimioso estava fóra da villa, cerca de 600 metros ao norte, no sitio do *Calvario*, assim denominado porque para memoria ali pozeram e se conservam ainda 3 cruzes de granito.

Por ser pequena e se achar em ruinas, foi no tempo de Filippe I feita de novo e trasladada para a villa. Deu o chão para ella o morgado João Mendes Antas, mesmo em frente da porta principal da sua casa, pelo que, sem pôr pé na rua, podia assistir á missa.

E não só deu o chão para a nova egreja, mas uma junta de bois com carro e criados durante os 25 annos que durou a construcção d'ella—e n'ella construiu a cappella do seu morgado, dando-lhe a invocação de *Nossa Senhara da Conceição* (até ali era da *Magdalena*) — capella que ainda hoje lá se vê com o brasão do fundador, ou dos *Mendes Antas*, dos quaes logo fallaremos.

Data pois a egreja actual dos fins do seculo XVI. Não se sabe quando foi feita a antiga, mas consta que esta parochia foi erecta no tempo de D. Ramiro I, de Leão, pelos annos de 824 a 850, e que este rei lhe deu como orago *S. Vicente*, segundo se lia em varias inscripções encontradas quando se demoliu a egreja velha, e em outras que posteriormente appareceram, nenhuma das quaes hoje existe.

—

2.º—*Egreja da Misericordia*, pertencente á irmandade d'este titulo, que é pobre e não tem hospital.

Foi esta egreja fundada em 1555 por D. Catharina de Quinhones, aya de D. Catharina, mulher de D. João III.

3.º—*Capella de S. Sebastião*.

É publica, espaçosa e muito elegante;—está fóra da villa em um grande largo, mas infelizmente em completo abandono e muito mal tractada!...

4.º—*Capella do Santo Christo*, tambem publica e muito elegante.

Está hoje dentro do cemiterio parochial, mas era muito mais antiga.

5.º—*Capella de Nossa Senhora dos Remedios*, no largo d'este nome, na extremidade da villa, do lado de Bragança.

É tambem publica, muito querida do povo e está muito bem tractada.

6.º—*Capella de Nossa Senhora dos Anjos e S. Jeronymo*, tambem denominada *Senhora da Pereira*, no monte d'este nome, em sitio alto e com vastissimo horisonte.

Era tambem publica, mas cahiu em ruinas e d'ella hoje apenas restam as paredes.

7.º—*Capella de S. Miguel*, no valle d'este nome.

Era tambem publica e está igualmente em ruinas.

Ha n'esta parochia muitos valles amenos e ferteis, mas este de *S. Miguel* é o mais mimoso e mais fertil de todos, abundantissimo d'agua excellente de veia nativa, tanto potavel como de rega, e todo povoado de campos, hortas, flores e de arvoredo fructifero.

É o *jardim de Vimioso* e muito bem agricultado por estar dividido em pequenas courellas por quasi todos os habitantes d'esta parochia:

Capellas particulares

1.ª—*Nossa Senhora da Conceição*, na matriz.

É brasonada e foi vinculada, como já dissemos.

Pertence á nobre familia *Mendes Antas*.

2.ª—*Nossa Senhora da Conceição* (outra) na rua da *Rapadoura*.

Era tambem vinculáda, pertencente aos Moraes Farias Sarmentos, e estava unida ás casas d'elles. Foram seus ultimos representantes Pedro José Faria de Sá Sarmento e seu filho Carlos José Faria, o qual obteve uma provisão regia para desfazer o morgado e depois empenhou e vendeu tudo?!...

A dicta capella está bem conservada e pertence hoje, bem como o palacete contiguo, ao sr. Alfredo Augusto de Moraes Carvalho, de quem logo fallaremos.

3.ª—*S. João Baptista*.

Pertenceu[1] á nobre familia *Ferreiras* e está incorporada na frente das casas que habitavam na rua da do *Castello*.

4.ª—*Nossa Senhora do Bom Despacho*, no monte das Pereiras, pertencente á nobre casa dos *Lousadas*.

Está em ruinas.

Na dicta casa viveu ultimamente D. Bibiana Osorio d'Albuquerque, viuva de Ayres Ferreira de Sá Sarmento, pae de Francisco José Sarmento de Lousada, que foi coronel dos *Dragões de Chaves*.

Os representantes d'esta familia acham-se hoje disseminados por Bragança, Chaves e Tinhella, onde possuem boas casas.

A dicta sr.ª D. Bibiana casou em segundas nupcias com João Mendes Antas, morgado de Paradella.

5.ª—*S. Thomé*, na grande quinta d'este nome.

Está em ruinas.

6.ª—*Santo Amaro*, ainda bem conservada e distante de Vimioso 5 kilometros.

Foi vinculada e pertencente á nobre familia *Vasconcellos*—demora na grande quinta dos *Picadeiros* e n'ella jaz o ultimo administrador d'este vinculo, Quirino José de Sampaio e Mello, fidalgo respeitabilissimo, que falleceu em 9 d'agosto de 1860, sendo por sua morte retalhado o vinculo.

Logo fallaremos d'estas duas grandes quintas em topico especial.

7.ª—*Nossa Senhora dos Remedios*, na casa dos *Sousas Roboredos*.

Familias nobres

Até á extincção dos vinculos foi esta villa de *Vimioso* um viveiro de nobresa, como a de Villa Flor.

Teve 12 casas nobres:—Vasconcellos, Antas, Moraes Antas, Gamas, Sampaios, Farias Sarmentos, Lacerdas, Pimenteis, Ferreiras, Madureiras, Eças e Sousas,—não contando as suas numerosas ramificações.

Das mais antigas eram os Vasconcellos e Sampaios, ramo dos Vasconcellos por D. Vasco Pires da Torre. Actualmente representa estas duas nobres casas o sr. João An-

[1] Esta capella de *S. João Baptista*, hoje profanada, ainda tem na frente o brasão dos *Ferreiras*, mas hoje pertence a estranhos, bem como a casa que foi dos *Ferreiras*.

tonio de Moraes Antas, d'esta villa, neto mais velho do ultimo representante Quirino José de Sampaio e Mello.

O mesmo J. A. de Moraes Antas representa tambem a familia do seu appellido como unica vergontea d'esta linhagem e ultimo neto do ultimo representante d'ella—Manuel Ignacio de Moraes Antas,—penultimo capitão-mor de Vimioso.

Representa a 1.ª e 2.ª familia, por se achar extincto e retalhado o vinculo, que por morte do seu ultimo administrador foi repartido pelos seus herdeiros, dos quaes alguns já morreram esmolando e outros seguem o mesmo rumo,—*graças á extincção dos vinculos* [1].

Assim acabou uma das mais ricas e mais nobres casas do Vimioso!...

—

A familia *Mendes Antas*, igualmente nobre e saida do mesmo tronco, ainda se conserva florescente.

Foi seu ultimo representante o ultimo capitão-mór de Vimioso,—Luiz José de Figueiredo Mendes Antas, fallecido em 1845,—e é seu digno representante actual José Maria de Figueiredo Mendes Antas, filho do mencionado capitão-mór e que tem sido administrador d'este concelho. Vive na casa paterna. Da mesma familia ha um ramo em Villa do Conde, representado por Luiz Antonio de Figueiredo Antas, e outro em *Valle de Pradinho*, concelho de Macedo de Cavalleiros, representado por D. Maria Augusta de Figueiredo Antas, ali casada com Agostinho Antonio Pires de Queiroz,—esta filha legitima e aquelle filho natural do dicto capitão-mór.

A casa solar dos *Antas*, é o *Paço das Antas*, no concelho de Coura, da qual é hoje senhor e muito digno representante Joaquim José d'Antas Bacellar e Barbosa.

—

Da familia *Gamas*, restam só a tradição e memorias de varios casamentos com differentes individuos d'esta villa a principiar pelo casamento de D. Juliana Dias da Gama, filha do conde e vice-rei D. Vasco da Gama, com Belchior Vaz Borralho, de Vimioso, de quem procederam D. Francisco Vaz Borralho Mendes Vasconcellos Figueirôa, etc.

Da nobre casa dos *Farias* foi penultimo representante o morgado Pedro José de Faria Sá Sarmento, cujo filho aniquilou toda a casa, como ja dissemos, e morreu solteiro e sem successão.

Da nobre familia *Lacerdas*, que vivia na rua da Oliveira, quasi defronte da cadeia antiga, tambem apenas resta a memoria, porque o seu ultimo representante, Manuel Caetano de Lacerda, já depois do meiado d'este seculo, sendo um grande proprietario e fallecendo solteiro, deixou todos os seus bens a uma criada!...

A familia *Pimenteis*, uma das mais nobres e mais antigas de Vimioso, acabou ha muito.

A nobre familia *Madureiras* transferiu-se para Miranda do Douro e foi seu ultimo representante um coronel de milicias d'aquella cidade.

Da nobre familia *Eças* de Vimioso já não se sabe quem foi o seu ultimo representante.

Suppõe-se que procedia d'algum dos 42 filhos de D. Fernando d'Eça, o 1.º d'este appellido, filho do infante D. João e da desditosa D. Maria Telles de Menezes, irmã da rainha D. Leonor Telles de Menezes, e que viesse para Vimioso no tempo de D. Mendo Affonso Mendes de Vasconcellos, seu parente, senhor d'esta villa.

Da nobre familia *Sousas* foi ultimo representante no 2.º quartel d'este seculo José de Sousa Roboredo Quina, grande proprietario, casado com D. Francisca, moradores na rua da *Malhada*, mas um bello dia, enfastiados com o monotono viver de Vimioso, venderam todos os bens que ali tinham e foram para Lisboa, d'onde não mais voltaram.

Os Sampaios eram um ramo dos senhores de *Villa Flor de Traz-os Montes*.

A villa

Apesar da decadencia d'esta provincia, nomeadamente d'este malfadado districto de Bragança, hoje o mais pobre de todo o nosso

[1] V. *Villa Real de Traz-os-Montes*, vol. XI, pag. 1021, col. 1.ª

paiz e o mais desprovido de melhoramentos publicos, *Vimioso* é uma villa muito habitavel e apresenta-se galhardamente.

Tem uma boa feira mensal no dia 10 de cada mez, sendo muito importante a de 10 d'agosto, [1]—casas commerciaes bem montadas,—um bom cemiterio,—estação telegraphica desde fevereiro de 1875,—ricos proprietarios e bons edificios publicos e particulares, avultando entre elles a egreja matriz a leste da Praça, e os novos paços do concelho, construidos em 1863 a 1866, muito solidos e muito amplos, onde se accommodam perfeitamente a camara da villa, o tribunal judicial, a cadeia, a administração do concelho, a direcção da alfandega, e a repartição da fazenda, etc., a O. da dicta praça, no fundo da qual se ergue um lindo chafariz.

Tem 3 bons largos: — *da Praça, da Senhora dos Remedios e do Castello*,—e 7 ruas: —*De Traz, da Calçada, da Cadeia, da Malhada, da Portella, da Carreira dos Cavallos* e *dos Barreiros.*

—

Tem duas aulas officiaes de instrucção primaria elementar para os dois sexos e um bom edificio escolar denominado do *Conde de Ferreira*, porque foi feito com o subsidio deixado por aquelle benemerito capitalista portuense.

Ergue-se no local onde pompeou desde seculos remotissimos o castello de Vimioso, que teve uma longa serie d'alcaides-móres e que foi terraplanado para a construcção da dicta escola, tendo servido os seus fossos de cemiterio da villa, desde 1834 até 1861, data da construcção do novo cemiterio.

Desappareceu completamente, mas quem quizer saber o que foi o *Castello de Vimioso*, no seculo XVI, encontra na Torre do Tombo a planta fiel d'elle e d'outros muitos dos nossos castellos e praças d'aquelle tempo, mandada tirar por el-rei D. Manuel.

Este de Vimioso tinha uma torre e 3 bastiões com suas casas-mattas, fossos, etc., o que tudo foi arrasado em 1762 pelo conde de Sarria, general hespanhol, na invasão que teve logar n'aquella epoca.

De passagem diremos que ha n'este concelho um castello tambem muito antigo, ainda ameiado e bem conservado, muito vistoso e lindissimo. É o *Castello de Algoso.*

Tambem teve esta villa uma *atalaia* no sitio assim denominado a leste do Vimioso, da qual ainda resta uma torre muito solida com alguns metros d'altura.

Esta *atalaia* è anterior á nossa monarchia e talvez á occupação arabe e goda—e em volta d'ella se vê ainda restos d'um grande fosso, o que tudo leva a crer que houve ali um *castro romano.*

Tambem se encontram ainda no termo de *Vimioso* vestigios de mais *tres castros*, que o vulgo denomina *castros dos mouros*:—um está no fundo do *Valle de S. Miguel*, ainda com paredes bem conservadas;—outro na margem esquerda do rio *Angueira*, junto do moinho de José Marcos e da grande quinta dos *Picadeiros*, no sitio da *Terronha*;—outro na *Batoqueira*, margem esquerda do rio *Maçans.* Ali se vê tambem duas grandes rochas, que são dois monumentos archeologicos, muito dignos de especial menção. Denomina-se uma d'ellas *Fraga do Muro* e tem dentro abertas a pico tres grandes salas, para as quaes se entra a custo por um buraco, tambem aberto a pico, no bojo do dicto penedo, a bastante altura do solo;—a outra denomina-se *Forno da Batoqueira* e tem dentro uma grande sala, para a qual se entra por um grande orificio ao rez do chão, tudo aberto egualmente a pico!

Suppõe-se que foram esconderijos feitos pelos christãos no tempo da occupação arabe.

Como velharia historica mencionaremos tambem o *Prado de Cabanas*, cerca de 4 kilometros a leste de Vimioso, pois ali, no reinado de D. Manuel, estanciaram os judeus que de Castella Velha foram expulsos pelos reis catholicos e que fugiram para Portugal, entrando na villa de Alcaniças. No dicto prado viveram aquelles infelizes tres annos; depois a custo se foram estabelecendo nas povoações de Vimioso, Argozello, Carrão, Bragança e outras d'este districto, mal ima-

[1] Logo fallaremos da grande feira do *S. Miguel* que perdeu em 1762.

ginando os trabalhos e perseguições que em Portugal os esperavam tambem.

Ha finalmente em Vimioso duas hospedarias;—agua potavel excellente em abundancia,—uma nascente d'aguas ferreas e outra de aguas sulphureas no sitio da *Terronha*, embora mal exploradas e mal aproveitadas ainda.

Ha tambem n'este concelho varias minas de cobre, chumbo, galena de prata, antimonio e outros metaes, simplesmente registradas,—e grandes jazigos de marmore e alabastro, dos quaes logo fallaremos.

Vicissitudes

Desde tempos muito remotos se fazia em Vimioso,—no *prado de S. Miguel*—uma feira franca annual importantissima, denominada de *S. Miguel*, que principiava no dia 29 de setembro e durava um mez.

Era muito concorrida por gente de Portugal e da Hespanha e muito abundante de gados e fazendas de toda a ordem, mas acabou no anno de 1762, por occasião da guerra com a Hespanha, e passou a fazer-se no Minho, no concelho de Refoios (hoje Cabeceiras de Basto) na freguezia do *Arco de Baulhe*, no mesmo dia 29 de setembro,—e parte d'ella passou para *Zamora*, na Hespanha, ainda hoje denominada *Feira dos Botigeiros*.

Vimioso soffreu muito com a extincção e remoção da dicta feira e mais ainda com os excessos de toda a ordem praticados pelo conde de Sarria, general hespanhol que n'aquella data (1762) invadiu, saqueou e incendiou Vimioso, então villa muito prospera e florescente, e levou a flor dos seus habitantes para Pamplona, onde todos morreram prisioneiros, sem voltarem á patria. Os restantes membros das suas familias nobres foram viver em outras povoações:—os *Ferreiras* em Bragança;—os Moreiras e Samêdos em Lisboa;—os Madureiras em Chaves;—os *Lousadas* em Vinhaes,—e outros acabaram de todo.

Apenas ficaram na villa os *Mendes Antas*, os *Moraes Farias* e os *Seixas Pegados*.

Contingencias da guerra!...

—

O antigo concelho de *Vimioso* comprehendia apenas a parochia da villa, a de Valle de Frades, a de Campo de Viboras—e as povoações de Sarapicos e S. Joannico, formando uma commenda que foi de D. Antão, conde d'Almada. Em 1835 foi Vimioso elevado a cabeça de uma grande comarca, comprehendendo todos os povos dos antigos concelhos d'Algoso, Miranda do Douro, Outeiro e Vimioso; mas durou esta comarca apenas até 1839, ficando então a villa de Vimioso reduzida a séde de um pequeno concelho (o actual) comprehendendo apenas 14 freguezias, já mencionadas, mas é um dos mais ricos do districto de Bragança, porque produz muitos cereaes (trigo, centeio, milho e cevada) vinho, azeite, castanhas, batatas, linho, legumes, hortaliça e fructa. Tambem cria muito gado cavallar, muar, ovino, caprino e suino;—tece muita lã e linho;—tem fabricas de cortumes e ricas pedreiras de marmore e de alabastro, em exploração, alem de varias minas de differentes metaes, simplesmente registradas,—e deve prosperar muito com a linha ferrea do Pocinho a Miranda do Douro.

Rios

Banham esta parochia os rios:—*Angueira* ao nascente e *Maçans* ao poente, que unidos morrem no Sabor a 30 kilometros de distancia. Nos limites d'esta parochia tem cada um sua ponte de pedra e movem nove moinhos.

O *Angueira* nasce em Hespanha junto de Alcaniças; entra em Portugal na freguezia de S. Martinho, concelho de Miranda;—passa na freguezia d'Angueira, d'este concelho de Vimioso, a qual tomou d'elle o nome;—corta a meio a povoação e extincta parochia de *S. Joannico*, onde tem uma ponte;—continua a correr de N. E. a S. O. até á freguezia de *Uva*, que deixa á esquerda;—recebe d'este lado, um pouco a jusante, uma ribeira que vem de *Genisio*, concelho de Miranda do Douro;—descreve depois uma curva e corre de E. S. E. a O. N. O. por baixo (a S.) da villa d'Algoso até formar juncção

com o rio *Maçans*, tendo de curso total até aqui mais de 40 kilometros, attendendo ás muitas voltas que dá.

O rio *Maçans* nasce na Hespanha em *Santa Cruz de los Conejos*, forma a raia desde a povoação da *Petisqueira* até á freguezia de *Paradinha*, concelho de Bragança, na extensão de 20 kilometros;—depois entra todo em Portugal e, correndo sempre de N. N. E. a S. S. O., passa entre Vimioso e Carção;—no termo d'Algoso recebe o Angueira e, caminhando para S. O., desagua no Sabor, tendo de curso total 60 kilometros approximadamente.

Ambos regam e moem criando muito peixe miudo.

O rio *Maçans*, tomou o nome da aldeia de *Maçans*, freguezia de *Paramio*, concelho de Bragança;—o *Angueira*, na opinião do meu benemerito antecessor, denominou-se primitivamente *Auguieira* e *Enguieira*, por criar muitas enguias, e significa *rio das Enguias*, mas na minha humilde opinião tomou o nome de *anguis*, a cobra, por ser muito tortuoso e imitar no seu curso o movimento das cobras, o que evidentemente revela a simples inspecção do mappa.

Em vez de o denominarem *Rio Torto*, como denominaram outros semelhantes, deram-lhe o nome de *Anguieira*, hoje *Angueira*,—*Rio da Cobra*.

Tambem pelo mesmo motivo alguem diz que o rio *Coura* tomou o nome de *coluber*, a cobra.

V. *Angueira*, *Maçans* e *Coura*.

—

Esta parochia já foi abbadia e reitoria. Hoje é priorado.

Administrativamente foi sempre a séde do concelho do seu nome;—judicialmente pertenceu á comarca (provedoria e corregedoria) de Miranda e á ouvidoria de Villa Real, depois que passou para a casa do infantado.

Tambem pertenceu á comarca do Mogadouro, da qual por ultimo volveu á comarca de Miranda, tendo sido tambem algum tempo comarca propria com juiz de fóra e capitão-mór, como já dissemos.

Ecclesiasticamente pertenceu ao arcebispado de Braga até 1545, data em que D. João III creou o bispado de Miranda e ficou Vimioso pertencendo a este bispado, que tomou o nome de bispado *de Bragança* depois que o bispo D. Aleixo transferiu a séde episcopal para Bragança, em 1764.

V. *Miranda*, vol. V, pag. 333, col. 2.ª *in fine*.

D. Manuel deu-lhe foral em 5 de março de 1516.

Livro de Foraes Novos de Traz-os-Montes, fl. 72, v. col. 1.ª

Veja-se a *Inquirição* para este foral no *Corpo Chronologico*, parte II, maço 11, *Documento* 154, — e os apontamentos para o mesmo foral no *Maço 9 de foraes antigos*, n.º 14, onde sob o n.º 15 se encontra um dos originaes do dicto foral de 1516.

Estranhamos que não tivesse foral *velho*, mas nem Franklin, nem o *Portugaliae Monumenta*, nem João Pedro Ribeiro d'elle fazem menção.

Quintas

Como já dissemos, ha n'esta parochia duas grandes quintas:

1.ª—*Santo Amaro* ou *Picadeiros*, outr'ora vincular, hoje de differentes possuidores, por morte do seu ultimo dono, administrador d'este vinculo e senhor d'outras muitas propriedades—Quirino José de Sampaio e Mello, como tambem já dissemos, ramo dos Sampaios de Villa Flor e dos Mendes, Antas e Vasconcellos, distinctissimos fidalgos de Vimioso.

É muito interessante, muito longa e ao mesmo tempo triste e lugubre a historia d'esta quinta.

Em resumo diremos que nos principios da nossa monarchia esta quinta dos *Picadeiros* era uma parochia, senhorio dos ascendentes dos Mendes Vasconcellos; revoltando-se porem os seus habitantes contra o senhor d'ella, homem muito poderoso, taes luctas e desordens se seguiram, tantas mortes e tantas desgraças, que toda a parochia ficou reduzida a *dois moradores*, caseiros do tal senhorio?!...

Era a quinta dos *Picadeiros* uma das mais vastas da provincia, porque ficou comprehendendo todo o chão da extincta parochia.

Antes de ser dividida e retalhada, tinha de circumferencia cerca de 10 kilometros;—estava na margem esquerda do *Angueira*, que regava e fertilisava extensos campos d'ella;—distava de Vimioso 4 a 5 kilometros e 15 a 20 de Miranda,—e confinava a O. com o rio *Angueira*;—a N. com o grande *Cabeço de Montouto*;—a E. com o monte *Pedriço* e termo de Caçarelhos,—e a S. com o termo de *Villa Chã da Ribeira* (Vide) parochia hoje tambem extincta e annexa á de *Uva*.

Como prova do cataclismo por que passou a desgraçada freguezia dos *Picadeiros*, ainda hoje se vê no chão da quinta d'este nome ruinas de casas, montões de pedras soltas, alicerces de edificações e outros muitos vestigios do seu antigo povoado.

É tão momentoso o facto alludido que não podemos resistir á tentação de dar-lhe mais algum desenvolvimento, aproveitando o que se lê na propria genealogia dos *Mendes Vasconcellos* [1], n'aquelle tempo senhores d'esta villa de Vimioso e de grande parte da tal freguezia, depois simples *quinta* dos *Picadeiros*.

Genealogia dos Mendes Vasconcellos

D. João, filho d'el-rei D. Pedro I, o *cru*, e de D. Ignez de Castro, casou tres vezes:—a 1.ª com D. Maria Telles de Menezes, que depois assassinou;—a 2.ª com D. Constança, filha bastarda de D. Henrique de Castella; a 3.ª com D. Maria Mendes de Vasconcellos, filha e herdeira de Juanis Mendes de Vasconcellos, senhor de Bragança, da qual teve entre outros filhos o seguinte:

1.º—*D. Fernando Mendes de Vasconcellos.*

Casou com D. Anna de Menezes, filha de D. Pedro de Menezes, 1.º capitão de Ceuta, 1.º conde de Villa Real e 2.º conde de Vianna, [2] e teve

2.º—*D. Mendo Affonso Mendes de Vasconcellos.*

Foi senhor de Vimioso e casou com D. Luiza Vaz Borralho, filha de D. Francisco Vaz Borralho, senhor de Urros, e d'este matrimonio tiveram D. Mendo Mendes Vaz Borralho, balio de Leça, commendador d'Algoso, etc,—e

3.º—*D. João Vaz Borralho*, tambem senhor de Vimioso.

Casou e teve

4.º—*D. Francisco Mendes de Vasconcellos*, o heroe da pendencia.

Foi tambem senhor da villa de Vimioso, na qual instituiu o *morgado da Torre* no sitio da *Carreira dos Cavallos*, onde vivia, em uma casa que n'aquelle tempo tinha uma torre, e ao dicto morgado vinculou terras, fóros e rendas que havia herdado dos seus maiores na tal freguezia dos *Picadeiros*, onde possuia tambem casas nobres com uma torre.

Casou com D. Ignez Taveira de Figueirôa, da cidade de Salamanca, filha de D. João d'Alva Figueirôa, regedor perpetuo d'aquella cidade, senhor de Villa Maior, Almenares e Tordilho e senhor de *soga e cuchilo*! ..

Casou em 1480 e, como a esposa tivesse a familia em Salamanca, ali fixou elle tambem a sua residencia durante 13 annos, ou até 1493, data em que regressou a Vimioso, onde, como senhor da villa, foi muito bem recebido por todos, exceptuando os habitantes da freguezia dos *Picadeiros* que, na ausencia d'elle, se haviam recusado a pagar aos seus criados e procuradores as rendas e foros e já deviam avultadas sommas de muitos annos.

Tentou D. Francisco trazel-os a melhor accordo, mas elles persistiram no proposito de não pagarem, pelo que D. Francisco Mendes, com o pretexto de fazer uma caçada, foi um dia com os seus criados á povoação dos *Picadeiros*, para ver se os resolvia a pagarem-lhe os foros e rendas; mas, apenas ali chegou, levantaram-se em massa os moradores da freguezia e correram armados contra elle com paus, pedras, espingardas, fouces e forcados, pelo que D. Francisco teve de acolher-se á sua torre com os seus

---

[1] Vejam-se os n.ºs 268 e seguintes do 6.º anno do *Pombalense*, onde o sr. Luiz Antonio de Figueiredo Antas, residente em Villa do Conde e actual representante de um dos ramos dos *Mendes Vasconcellos*, publicou a genealogia d'elles.

[2] V. *Villa Real de Traz-os-Montes*, vol. XI, pag. 953 e seg.

criados, perecendo logo no primeiro recontro um dos que elle mais estimava.

Cercaram e assaltaram a torre durante dois dias, perecendo n'este assedio outro criado de D. Francisco, varado por duas balas que lhe atravessaram o peito, e ficaram outros feridos, mas por seu turno foram tambem feridos muitos dos assaltantes e mortos *cinco*!...

—

Eram vesperas de Natal ou de *festa* (!) e, como ao soar da meia noite do dia 24 de dezembro de 1493, os sitiantes corressem todos para a egreja a ouvir a *missa do galo*, D. Francisco, aproveitando o ensejo, fugiu com os seus criados para Vimioso. Passados dias, foi procurar el-rei D. João II, que então estava na villa d'Alvôr;—expoz-lhe a triste occorrencia, pedindo-lhe perdão das mortes feitas em defesa propria, e, como estivesse a partir uma armada para Ceuta, offereceu-se para ir n'ella.

El-rei o ouviu com attenção;—acceitou o seu offerecimento;—nomeou-o logo capitão de mar e guerra—e com este posto partiu D. Francisco Mendes a 2 de março de 1494 para a Africa, a bordo da nau Senhora da Guia.

—

Mandou tambem logo el-rei ordem ao dr. João Bernardes da Silveira, chanceller da relação do Porto, para que fosse devassar do caso succedido, com amplos poderes para a execução de tudo o que fosse direito e justiça.

Partiu o chanceller immediatamente para Bragança, aonde chegou no dia 22 de março do dicto anno e d'ali partiu para Vimioso, aonde chegou no dia 24, acompanhado por duas companhias de cavallaria e outras duas de infanteria. Tratou logo de informarse e no dia 28 pelas duas horas da noite mandou cercar toda a povoação dos *Picadeiros* e pôr sentinellas dobradas em volta das habitações dos cabeças do motim, que eram o capitão Antonio Duarte,—seu irmão Francisco Duarte,—João da Costa, criado do dicto capitão, e auctor da 1.ª morte,—Pedro Nunes Furão, Antonio Rilhado, Domingos Annes, João Fernandes Picalho, Antonio Esteves e Francisco d'Almeida Bailão, que foi quem matou o segundo criado.

No dia seguinte foram estes todos presos, algemados e remettidos uns para o forte de Bragança, outros para as cadeias de Algoso, e Mogadouro, logrando evadir-se outros muitos tambem comprehendidos na mesma ordem de prisão.

—

O chanceller poisou em Vimioso no palacio de D. Francisco Mendes de Vasconcellos e ali deu andamento á devassa, no fim da qual mandou ir do Porto para Vimioso um carrasco e de Bragança os 7 presos seguintes:—Antonio Duarte, João da Costa, Francisco d'Almeida Bailão, Pedro Nunes Furão, Antonio Rilhado, Domingos Annes e João Fernandes Picalho.

Apenas chegaram a Vimioso os sete infelizes, mandou-os metter em um quarto seguro e forte, com guardas dobradas, até o dia 16 d'abril de 1495, dia em que appareceram levantadas tres forcas no monte do Sardual ou *Carvoal*, em frente da extincta parochia, hoje simples quinta dos *Picadeiros*.

Foram os presos postos em esteiras atadas a cavallos e assim deram tres voltas em redor da praça e do pelourinho;—depois foram conduzidos em prestito até á capella de Nossa Senhora dos Remedios, sendo exhortados em todo este tranzito por dois padres;—na dicta capella se disse missa e fez uma tocante pratica o padre Antonio Pimentel;—depois foram levados para o patibulo, confessados e por ultimo enforcados.

Terminada a execução, foram-lhes cortadas as cabeças. A do capitão, a do criado d'este, a de Francisco d'Almeida Bailão e a de Pedro Nunes Furão foram levadas para a povoação dos *Picadeiros* e ali estiveram no local do crime collocadas em altos postes até que os bichos e o tempo as consumiram;—as dos outros 3 ficaram espetadas nas forcas onde foram justiçados.

Os outros habitantes da pobre freguezia dos *Picadeiros* fugiram aterrados para Castella, onde se estabeleceram junto da villa de Alcaniças, no local ainda hoje denominado *Bimbineira*, sendo-lhes confiscado tudo quanto possuiam na freguezia dos *Picadei-*

ros, pelo que ficou totalmente deserta e reduzida a uma simples quinta?¡!...[1]

Os presos que haviam ido para as cadeias de Algoso e Mogadouro foram degradados.

D. Francisco Mendes de Vasconcellos regressou com a armada a Lisboa no dia 18 de novembro do mesmo anno de 1495 e, passados poucos annos, falleceu deixando entre outros filhos

—

5.º—*D. Estevam Vaz Borralho Mendes de Vasconcellos Figueirôa*, que foi tambem senhor de Vimioso e administrador do *morgado da Torre* e da quinta dos *Picadeiros*.

6.º—*D. Belchior Vaz Borralho*, que foi tambem senhor de Vimioso e da quinta dos *Picadeiros*, etc.

Casou com D. Juliana Dias da Gama, filha do conde D. Vasco da Gama, descobridor e vice-rei da India e tiveram

D. Francisca Mendes da Gama e

7.º—*D. Francisco Vaz Borralho*, tambem senhor de Vimioso e da quinta dos *Picadeiros*, etc.

Não sabemos se casou. Succedeu-lhe sua irmã.

8.º—*D. Francisca Mendes da Gama*, que foi tambem senhora de Vimioso e da quinta dos *Picadeiros*, etc

9.º—*D. Sebastião Vaz Borralho Mendes de Figueiredo Vasconcellos*, tambem senhor de Vimioso e da quinta dos *Picadeiros*, etc.

Casou e teve

10.º—*D. Pedro Mendes d'Almeida Figueiredo*, que foi tambem senhor de Vimioso e da quinta dos *Picadeiros*, etc.

Casou com D. Leonor da Gama Seixas Pegado e tiveram, entre outros filhos,

11.º—*D. Fernão Mendes d'Almeida Seixas Pegado*, que foi tambem senhor de Vimioso e da celebre quinta dos *Picadeiros*, etc.

[1] É isto o que consta da genealogia dos Mendes Vasconcellos, mas a tradição local diz que os fugitivos foram estabelecer-se em um sitio escarpado e quasi inaccessivel na margem esquerda do Douro, junto da raia e da povoação de *Paradella de Mirandella*, mas em territorio hespanhol, onde formaram a povoação ainda hoje denominada *Castro Ladron*.

Casou com sua prima D. Maria Dias d'Antas e tiveram

12.º—*D. Matheus d'Almeida Seixas Pegado*, que foi tambem senhor de Vimioso e da quinta dos *Picadeiros*, etc.

Foi d'esta familia o ultimo senhor de Vimioso, posto que el-rei D. Sebastião em 1556 havia confirmado a D. Francisco Vaz Borralho Mendes de Vasconcellos o decreto de 6 de novembro de 1494 d'el-rei D. João II, reconhecendo-lhe o senhorio de Vimioso para elle e seus descendentes.[1]

Casou com sua prima D. Antonia Dias d'Antas e tiveram

13.º—*Gaspar Mendes de Seixas Pegado*, successor de toda a casa de seus paes, desembargador, etc.

14.º—*Francisco Mendes de Seixas Pegado*, successor e administrador do *morgado da Torre* e da quinta dos *Picadeiros*, etc.

Casou e teve

15.º—*Gaspar de Seixas Pegado*, successor na quinta dos *Picadeiros*, etc.

Casou e teve

16.º—*Joaquim de Seixas Pegado*, successor, capitão-mór de Vimioso, administrador do morgado da Torre e quinta dos *Picadeiros*, etc.

Casou com D. Anna Garcia da Gama, da qual teve duas filhas e um filho, sendo este excluido da successão por haver nascido antes do casamento.

Succedeu-lhe a filha

17.º—*D. Marianna de Seixas Pegado*, que foi administradora do vinculo da Torre e quinta dos *Picadeiros*, etc.

Casou e teve

18.º—*Bernardo José de Sampaio e Mello*, que succedeu no morgado da Torre e quinta dos *Picadeiros*, etc.

Casou e teve

19.º—*João Boptista Monteiro de Seixas*, successor e administrador do morgado da Torre e quinta dos *Picadeiros*, capitão-mór de Vimioso, etc.

Casou duas vezes, mas de nenhuma d'el-

[1] Quando fallarmos dos *Mendes Antas* mostraremos as alternativas porque passou o senhorio de Vimioso.

las teve successão, pelo que lhe succedeu seu tio

20.º—*João Manuel de Sampaio Cabral de Vasconcellos*, filho 2.º de D. Marianna de Seixas Pegado.

Era homem de gentil aspecto, muito tractavel e muito illustrado, formado em direito pela universidade de Salamanca, F. C. R., como os seus maiores, com 20$000 réis por mez de moradia e um alqueire de cevada por dia; era porem muito altivo de genio e tanto que, tendo certa pendencia com o reitor de Vimioso, um bello dia, na praça publica, á porta da egreja, em um domingo e quando o reitor acabava de dizer a missa conventual, chicoteou-o desapiadadamente na presença de immenso povo, não se atrevendo ninguem a prendel-o, mas *ad cautellam* fugiu para Lisboa, onde viveu muitos annos e ali estava ainda por occasião do grande terramoto de 1755 e do attentado contra el-rei D. José,—factos que registrou, bem como outros muitos, em um livro ricamente encadernado, que elle denominava o seu *Livro d'Ouro*.

Passados annos vendeu todos os bens que havia adquirido em Lisboa e regressou a Vimioso, onde com o producto da venda dos bens de Lisboa comprou varias propriedades e uma casa dentro da villa, na rua da *Rapadoura*, onde viveu e morreu,—casa tão privilegiada que nenhum criminoso podia ser preso logo que lançasse a mão a uma argola de ferro, muito bem cinzelada, que tinha no portão e que ainda hoje lá se vê toda carcomida.

Bom tempo era esse?!...

Casou em Lisboa duas vezes:—a 1.ª com uma senhora já viuva, de quem não teve filhos;—a 2.ª com D. Helena Rita da Cruz da Silva Breyner, e teve entre outros filhos—D. Raimunda Libania de Sampaio e Mello, (de quem procede o sr. Luiz Antonio de Figueiredo Antas, de Villa do Conde,) e

21.º—*Quirino José de Sampaio e Mello*, successor e administrador do morgado da Torre e quinta dos *Picadeiros*, etc., disputou-lhe porem a successão seu primo José Caetano de Faria Macedo Madureira, da villa d'Algoso, e, depois de rija demanda, vieram a um accordo, ficando Quirino José com o morgado da Torre e quinta dos *Picadeiros*, sendo divididos pelos dois os bens livres.

Casou com D. Maria Lopes Garcia, de quem teve numerosa successão e falleceu em 1860, contando 88 annos de idade, sendo sepultado, como já dissemos algures, na sua capella de Santo Amaro, da quinta dos *Picadeiros*, que por sua morte foi retalhada e dividida por differentes, graças á extincção dos vinculos. Foi Quirino José o ultimo administrador do morgado da Torre de Vimioso e da celebre quinta dos *Picadeiros*,—vasta propriedade que se conservou na mesma familia durante o longo periodo de *quatrocentos a quinhentos annos*?!...

Só de centeio produzia 5 a 6 mil alqueires por anno,—alem de muita cevada e trigo serodio—e de grande creação de gado lanigero, muar e vaccum.

Não produzia vinho nem fructa.

Quinta de S. Thomé

Já fizemos menção d'esta quinta, que é a 2.ª d'esta freguezia.

Foi dos *Pessanhas* das Arcas, e é hoje de João Ferreira Sarmento, de Bragança.

Demora tambem na margem esquerda do rio *Angueira*, ao norte e pouco distante da quinta dos *Picadeiros*, em local muito aprazivel e bastante fertil, sendo para lamentar que os seus actuaes donos, aliás nobres e ricos, não lhe prestem mais attenção por viverem distantes (em Bragança)—e não tirem d'ella o partido que podiam e deviam tirar.

Portugaes
Condes de Vimioso
marquezes de Valença

Esta villa de Vimioso foi titulo de condado por mercê que el-rei D. Manuel fez em 1515 ou 1516 a D. Francisco de Portugal, filho de D. Affonso de Portugal, bispo d'Evora, neto de D. Affonso, 1.º marquez de Valença, e bisneto de D. Affonso, 1.º duque de Bragança, filho natural d'el-rei D. João I, de quem procede a nossa casa real.

Procedem pois da mesma casa real os

condes de Vimioso, depois marquezes de Valença, porque por morte do 1.º marquez d'este titulo (1460) o titulo não continuou nos seus successores durante mais de 250 annos, até que foi renovado em 10 de março de 1716, por el-rei D. João V, nomeando 2.º marquez de Valença o 8.º conde de Vimioso D. Francisco de Portugal, 6.º neto do 1.º marquez de Valença, como se vê do quadro seguinte:

—*D. Affonso*, 1.º duque de Bragança, casou e teve

—*D. Affonso*, filho primogenito,[1] 1.º marquez de Valença, que teve

—*D. Affonso de Portugal*, bispo d'Evora.

V. *Ourem*, vol. 6.º pag. 334, col. 2.ª *e notas*.

Teve

—*D. Francisco de Portugal*, 1.º conde de Vimioso e 1.º neto do 1.º marquez de Valença[2].

Teve

—*D. Affonso de Portugal*, 2.º conde Vimioso.

Teve

—*D. Francisco de Portugal*, 3.º conde de Vimioso, que falleceu sem filhos,[3] pelo que lhe succedeu seu irmão

—*D. Luiz de Portugal*, 4.º conde de Vimioso.

Teve

—*D. Affonso de Portugal*, 5.º conde de Vimioso e marquez d'Aguiar (da Beira) por mercê d'el-rei D. João IV, de 1643 ou 1644, como diz D. Luiz Caetano de Lima.

Teve

—*D. Luiz de Portugal*, 6.º conde de Vimioso, marquez d'Aguiar, mestre de campo, gentil homem dà camara do principe D. Theodosio, almirante de Portugal, etc.

Falleceu desastradamente em uma pendencia no anno de 1655 e, tendo casado duas vezes, não deixou filhos legitimos, pelo que lhe succedeu seu irmão

—*D. Miguel de Portugal*, 7.º conde de Vimioso, que teve

—*D. Francisco de Portugal*, 8.º conde de Vimioso e 2.º marquez de Valença pela renovação d'este titulo, continuando nos filhos primogenitos da mesma casa o titulo de *condes de Vimioso*, da qual saiu e para a qual voltou.

V. *Valença do Minho*, vol. X, pag. 126, col. 2.ª e segg. [1].

Mosaico

Os edificios principaes d'esta villa hoje são:—a matriz, os paços do concelho, a casa de José Maria de Figueiredo Antas, a da *Rapadoura*, hoje de Alfredo Moraes Faria de Carvalho, a de Antonio Claudino Fernandes Pereira e a de Domingos José Dias, sendo as duas primeiras muito amplas e brazonadas.

A da *Rapadoura* ainda conserva a tal argola de ferro e tem cavallariças para 50 cavallos!...

---

[1] Teve tambem *D. Fernando*, filho segundo 1.º do nome e 2.º duque de Bragança, o qual continuou a successão d'esta serenissima casa.

[2] O 1.º conde de Vimioso foi um dos homens de mais merecimento que tem tido Portugal,—e a condessa sua esposa, foi o modelo das espôsas.

V. *Anno Historico*, tomo 2.º pag. 401,—e tomo 3.º, pag. 458.

[3] Foi victima do seu patriotismo e da sua dedicação ao infeliz D. Antonio, prior do Crato.

Estando D. Antonio senhor das ilhas dos Açores, foram ellas bloqueadas em 1582 por uma armada hespanhola de 28 galeões, commandada por D. Alvaro de Bazan, marquez de Santa Cruz.

Em soccorro das mencionadas ilhas foi enviada por Catharina de Medicis, rainha de França, outra armada sob o commando do almirante Filipe Stroci, na qual iam o prior do Crato e o 3.º conde de Vimioso D. Francisco de Portugal, que o seguiu sempre até morrer.

No dia 26 de julho do dicto anno bateram-se furiosamente as duas esquadras, sendo derrotada a franceza, que perdeu 8 naus, comprehendendo a capitania e almirante, perecendo mais de dois mil homens, incluindo o general Stroci e o conde de Vimioso.

D. Antonio salvou-se em terra.

V. *Crato*.

[1] *N. B.*

O meu benemerito antecessor, *log. cit.*,

O cemiterio foi construido em 1861;—em 1866 foi accrescentado, abrangendo com o seu recinto a capella do *Santo Christo*, de que ja fizemos menção,—e em 1885 foi novamente accrescentado.

O clima de Vimioso é saudavel, mas frio. As doenças predominantes são:—pneumonias e rheumatismo.

Ha na villa e no concelho apenas uma pharmacia.

Os 3 maiores proprietarios da villa hoje são:—D. Fabia Libania Lopes, viuva de Carlos de Moraes Azevedo, José Maria de Figueiredo Antas e José Manuel Alves.

Os 3 maiores proprietarios d'este concelho são hoje os seguintes:—Adrião Affonso Freire, da freguezia de Santulhão,—Manuel Rodrigues Cepêda, da freguezia de Argozello,—e D. Fabia Libania Lopes, de Vimioso.

Tanto esta villa como este concelho não contam hoje entre os seus filhos bacharel algum formado?!...

Emquanto a presbyteros ha 3 na villa, sendo só um filho d'ella,—e na parte restante do concelho 25, naturaes d'elle, mas d'esses 25 residem 6 em concelhos estranhos.

Movimento parochial

1885

Baptisados	59
Obitos	27
Casamentos	12

1886

Baptisados	59
Obitos	36
Casamentos	14

Movimento da sua estação telegrapho-postal

1885

Cartas	6:000
Bilhetes postaes	140
Amostras	80
Avisos de recepção	2
Vales telegraphicos	8
Correspondencia registrada	100
Vales nominaes	400
Impressos	480
Maços cintados (official)	170
Cartas de officio (official)	1:800
Jornaes	5:900
Telegrammas officiaes	300
» particulares	800
» de serviço	24
» recebidos	1:200
Receita de vales	12:000$000

Contribuições do concelho no mesmo anno

Predial	5:659$110
Industrial	924$511
Decima de juros	203$000
Sello de verba	139$860
Sumptuaria e renda de casas	294$564
Real d'agua	1:129$158
Total	8:350:203

N'esta villa e n'este concelho não ha hoje outra industria alem da dos alfaiates, sapateiros, padeiros, carpinteiros, *cardadores* [1] e creadores de gado lanigero, muar e vaccum; a mais importante, porem, é a agricultura, da qual vivem quasi exclusivamente esta villa e este concelho.

Nada, absolutamente nada hoje resta da industria da creação do sirgo e fiação da seda, industria importante outr'ora aqui, mesmo ainda no meiado d'este seculo.

---

disse que el-rei D. Manuel fez 1.º conde de Vimioso D. Francisco Portugal em 1516. O mesmo se lê na *Resenha das Familias Titulares*, publicada em 1838 (por João Carlos Feo e Manuel de Castro Pereira de Mesquita);—mas D. Antonio Caetano de Sousa nas *Memorias dos Grandes de Portugal* (pag. 210) —e D. Luiz Caetano de Lima na sua *Geographia Historica* (tomo 2.º pag. 411) dizem que D. Francisco de Portugal foi feito 1.º conde de Vimioso em 1515!...

[1] Em 1796 este concelho, sendo então muito mais pequeno, contava 126 cardadores, como ja dissemos no principio d'este artigo.

Tambem foi outr'ora importante nas freguezias de Carção e Argozello a industria dos cortumes de couros e fabrico de sola e de colla, mas d'essa industria hoje apenas ali resta uma tenue sombra.

Nas freguezias a leste d'este concelho e mais proximas do de Miranda do Douro quasi todos os homens usam as celebres capas, bem conhecidas como *honras de Miranda.*

São feitas de magnifico burel e custam as mais baratas 3 a 4$000 réis;—as melhores 9 a 10$000 réis—e as *de luxo* 20 a 40$000 réis—e mais?!...[1]

V. *Miranda do Douro*, vol. V, pag. 331.

Viação

Deve passar n'este concelho e n'esta villa a estrada real a macadam n.º 37, de Chaves a Miranda do Douro, por Vinhaes e Bragança, já concluida e servida por diligencias entre estas duas ultimas povoações, mas ainda simplesmente estudada entre Bragança e Miranda e sem um kilometro construido!...

Tambem d'esta villa deve partir por *Iseda* a entroncar na estrada real n.º 6, de Villa Real a Bragança, na freguezia de *Podence*, distante de Macedo de Cavalleiros cerca de 7 kilometros para N., a estrada districtal n.º 22, mas infelizmente até hoje apenas tem o leito aberto e não empedrado na extensão de 3 kilometros, a partir de Vimioso, devendo comprehender o seu todo cerca de 40 kilometros.

Tambem deve partir d'esta villa para a fronteira, na direcção de *Alcaniças*, uma estrada municipal a macadam, mas n'esta data,—janeiro de 1887,—apenas tem *um kilometro* construido, á saida de Vimioso e atravez da villa, formando uma estrada-rua desde a capella dos Remedios até á do Santo Christo.

Total da moderna viação a macadam *em todo este concelho* n'esta data,—*um kilometro*?!...

E não é melhor a sorte dos concelhos visinhos, pois o de Miranda tem apenas 2 kilometros construidos na estrada real a macadam n.º 9, de Miranda a Celorico da Beira,—estrada que só até o Pocinho, limite d'este malfadado districto, mede 112 kilometros;—e os concelhos do Mogadouro e Freixo de Espada á Cinta não teem um só kilometro construido.

Total—3 kilometros em 2 comarcas e 4 concelhos!...

Que miseria, que vergonha, que desgraça e que tristissimo contraste com outros concelhos nossos, nomeadamente com o de Paredes, no districto do Porto!

Só o concelho de *Paredes* tem construidos mais de 150 kilometros de estradas a macadam reaes, districtaes e municipaes, não contando a linha ferrea do Douro, que o atravessa de O. a E. e lhe deu uma estação propria, mesmo encostada á villa, séde do concelho; mas nunca o malfadado districto de Bragança teve um homem tão dedicado pela sua terra natal como o sr. dr. José Guilherme Pacheco, a quem a villa e o concelho de Paredes devem quasi todos os seus melhoramentos e embellesamentos.[1]

V. *Paredes*, villa e séde de concelho e de comarca, n'este diccionario, vol. VI pag. 479 e no supplemento;—*Villa Real de Traz-os-Montes*, vol. XI, pag. 1016 a 1019,—e *Villa Viçosa* no mesmo volume, pag. 1144, col. 2.ª

Parochos de Vimioso

É hoje absolutamente impossivel organisar uma lista completa dos parochos d'esta freguezia, pois data do tempo de D. Ramiro I de Leão, ou da 1.ª metade do seculo XI,

---

[1] Custou 50$000 réis uma das taes capas de burel, offerecida a S. M. el-rei o sr. D. Fernando em 1860 pelo dr. José de Moraes Faria de Carvalho, de quem logo fallaremos, deputado ás cortes e dono da casa da *Rapadoura.* Foi feita a capricho por um alfaiate abalisado e gastou com o feitio d'ella *sessenta dias?!...*

[1] De passagem diremos que o sr. dr. José Guilherme Pacheco nasceu no Brazil, quando aquelle imperio ainda era colonia nossa, mas fixou ha muitos annos a sua residencia em Paredes. É pois esta villa não a sua terra natal, mas a sua patria adoptiva.

como já dissemos. Occorrem-nos apenas os seguintes:

1.º—*Nuno Gonçalves.*

2.º—*Martim Affonso*, a quem succedeu

3.º—*Gonçalo Mendes Antas*, apresentado por Francisco Mendes Antas, senhor de Vimioso, com *mero e mixto imperio.*

Collou-se em Braga a 13 de janeiro de 1480.

4.º—*Francisco Mendes Antas.*

Tomou posse em 1528 e falleceu em 1542.

Por fallecimento d'este abbade os dizimos d'esta parochia e das suas annexas (logo diremos quaes eram) foram addidos á ordem de Christo, a qual formou com elles duas commendas, uma de dois terços, que foi dada aos condes de Vimioso,—outra de um terço que andou na posse de diversos commendadores.

Tambem por morte d'este ultimo parocho esta abbadia passou a ter o titulo de *reitoria*, percebendo os parochos a congrua de 42$000 réis em dinheiro e 48 alqueires de trigo, dada pelos commendadores, mais 600 réis para assistirem ás festas da semana santa. Os mesmos commendadores davam a um cura ou coadjutor 6$000 réis.

Em 1792 foi a congrua dos reitores elevada a 84$000 réis por provisão da rainha D. Maria I.

—

5.º—*Dr. Luiz Navarro*, d'esta villa.

Collou-se em Braga em 1544.

6.º—*Dr. Luiz de Moraes*, tambem d'esta villa.

Collou-se em Miranda do Douro em 1569.

Foi este reitor quem celebrou a primeira missa na egreja matriz actual.

7.º—*Gaspar Mendes Antas*, tambem de Vimioso.

Collou-se em 1600.

8.º—*Christovam Peres Soares.*

Collou-se em 1608.

9.º—*Thomé Ferreira*, de Vimioso.

Collou-se em 1633.

10.º—*Gonçalo Mendes.*

Collou-se em 1638.

11.º—*Manuel Rodrigues Calado*, natural de Oliveira do Conde.

Collou-se em 1653.

12.º—*Manuel da Cunha Camello*, do Mogadouro.

Collou-se em 1688.

13.º—*Dr. Lasaro de Seixas Pegado*, de Vimioso.

Collou-se em 1698.

14.º—*Manuel d'Escobar Cabral*, de Miranda do Douro.

Collou-se em 1708.

15.º—*Antonio da Silva Sarmento*, de Vinhaes.

Foi apresentado pelo infante D. Francisco, mas não chegou a collar-se, porque falleceu vindo de Lisboa.

16.º—*Manuel de Figueiredo e Mattos*, de Bragança.

Collou-se em 1709.

17.º—*Paschoal de Faria Moraes*, de Vimioso.

Collou-se em 1726.

18.º—*Theotonio Pinto da Fonseca*, da villa de Amarante.

Collou-se em 1766.

19.º—*Antonio Fernandes de Araujo*, natural de Iseda.

Collou-se em 1784.

20.º—*Manuel Antonio Lopes*, tambem de Vimioso.

Collou-se em 1804.

21.º—*Francisco Manuel da Rosa*, tambem de Vimioso.

Collou-se em 1847.

22.º—*João José de Moraes Antas*, tambem de Vimioso.

Collou-se em 1852.

23.º—*Mathias dos Santos Giraldes de Sousa*, natural do Peso da Regoa e que tinha sido abbade em Sanhoane.

Collou-se em 1868 e falleceu em 1883.

—

24.º—*José Fernandes Barreira*, o parocho actual e parocho muito digno.

Nasceu na freguezia de Deilão, concelho de Bragança, em 12 d'agosto de 1841, sendo seus paes Manuel Fernandes Barreira e Maria Joaquina Fernandes; frequentou o lyceu de Braga de 1856 a 1860 e em outubro d'este ultimo anno matriculou-se no curso do seminario d'aquella cidade, concluindo-o em

1863;—tomou a ordem de presbytero em Lamego no dia 24 de setembro de 1864;—foi professor regio de instrucção primaria em S. Julião, concelho de Bragança, de 1864 a 1866,—perfeito no seminario de Bragança desde 31 d'agosto de 1866 até 8 de maio de 1869—e vice-reitor do mesmo seminario em 1870.

Foi parocho encommendado de Deilão desde junho de 1872 até junho de 1874,—depois encommendado de Meixedo até agosto de 1875—e encommendado de Salsas desde junho de 1876 até 28 de dezembro do mesmo anno, data em que se collou na freguezia de Miranda do Douro, tendo sido apresentado por decreto de 13 de julho de 1876, depois de fazer concurso por provas publicas,—e ali se conservou como parocho até 5 de dezembro de 1883, exercendo tambem nos ultimos 3 annos as funcções de arcypreste.

Foi apresentado em concurso documental n'esta egreja de Vimioso por decreto de 23 d'agosto de 1883 e n'ella se collou em 22 de novembro do mesmo anno com o titulo de prior, sendo-lhe concedidas as honras de conego da sé de Bragança por decreto de 26 de junho de 1884.

Annexas

Até 1799 os reitores de Vimioso apresentavam curas nas freguezias de Valle de Frades, Serapicos e Campo de Viboras.

O cura de S. Joannico era apresentado pelo prior de Vimioso e pelo abbade de Caçarelhos em annos alternados.

O cura de Val de Frades tinha de congrua 8$000 réis em dinheiro, 24 alqueires de trigo e 12 almudes de vinho mosto.

O de Campo de Viboras 8$500 réis em dinheiro, alem do pé d'altar,—e o de Serapicos 8$000 réis em dinheiro e 24 alqueires de trigo, mas por provisão do principe regente a congrua d'este ultimo cura foi elevada a 28$000 réis em 1799.

Todas estas congruas eram pagas pelos commendadores, que recebiam os dizimos da parochia d'esta villa e das suas quatro annexas.

Senhorio de Vimioso

Foram senhores d'esta villa os *Mendes Antas*, com mero e mixto imperio, jurisdicção e vassalagem, por mercê de D. Sancho II, feita approximadamente em 1242 a D. João Vasques Antas, cognominado *Beirão*, por viver na provincia da Beira, no castello de Longroiva, seu solar, feito por D. Fernão Mendes de Bragança, seu 3.º avô, filho de D. Mendo Alão ou D. Mendo de Bragança, 1.º senhor de Bragança, por mercê d'el-rei D. Affonso Henriques.

V. *Bragança* e *Longroiva* n'este diccionario e no supplemento.

O senhorio de Vimioso foi hereditario na familia *Mendes Antas* e n'ella se conservou durante seculos, até que D. Affonso V o tirou a D. Estevam Mendes Antas e o deu a D. Francisco de Portugal, depois conde de Vimioso, pelo que D. Estevam o demandou perante o corregedor de Vizeu, commissionado *ad hoc*. Durou a demanda até á morte de D. Estevam, e os successores a abandonaram por verem o grande valimento que tinham na corte os condes de Vimioso.

É isto o que se lê na genealogia dos *Mendes Antas*; mal pode porem harmonisar-se com o que se lê na genealogia dos *Mendes Vasconcellos* supra, pois n'ella se diz que o senhorio de Vimioso foi tambem hereditario na familia d'elles durante muitas gerações;—que lhes fôra concedido (talvez confirmado) por D. João II em 1494 [1]—e confirmado por el-rei D. Sebastião em 1556.

D. Affonso V reinou de 1438 a 1481 e, se este rei deu o senhorio de Vimioso a D. Francisco de Portugal, como podia elle ser dado aos *Mendes Vasconcellos*, em 1494 e confirmado em 1556? E se o senhorio de

[1] Em 1494 era representante dos *Mendes Vasconcellos* e já casado o tal heroe da pendencia,—D. Francisco Mendes de Vasconcellos, *neto* de D. Mendo Affonso Mendes de Vasconcellos, o 1.º que d'esta familia foi senhor de Vimioso,—muito antes de 1494 e do reinado de D. João II?!...

Vejam-se os n.ºˢ 2 e 12 da genealogia dos *Mendes de Vasconcellos*.

Vimioso passou directamente dos *Mendes Antas* no reinado de D. Affonso V (antes de 1482) para D. Francisco de Portugal ou para os condes de Vimioso—e mais tarde d'estes para a casa do infantado,—não sabemos onde metter as gerações dos *Mendes Vasconcellos* que tiveram o mesmo senhorio.

Valha-nos a senhora do Monte do Carmo!...

É certo que o senhorio de Vimioso foi dos condes d'este titulo, dos quaes passou para a casa do infantado. Anteriormente foi dos *Mendes Antas*, e dos *Mendes Vasconcellos*, segundo se lê nas suas genealogias, mas não podemos harmonisal-as nem acceital-as na sua integra.

Pessoas notaveis

Com rasão se orgulha Vimioso de haver produzido muitas pessoas notaveis e benemeritas desde os tempos mais remotos, mas, para não abusarmos da paciencia dos leitores, mencionaremos apenas as seguintes:

1.ª—O morgado *João Mendes Antas*, que tanto contribuiu para a construcção da egreja matriz actual.

2.ª—*D. Francisco Mendes de Vasconcellos*, o heroe da pendencia da quinta dos *Picadeiros*, posto que lhe não invejamos o renome.

3.ª—*Antonio José Joaquim de Miranda.* Segundo se lê nos apontamentos que em 1884 recebi do administrador d'este concelho,—foi (*credite posteri*) formado em *cinco faculdades* pela Universidade de Coimbra?!!!......

Formando-se em *todas as faculdades* da nossa Universidade, o que muito nos custa a crer, nem sequer encontramos o seu nome no *Diccionario Bibliographico* de Innocencio!...

Segundo informações ulteriores e fidedignas, *Antonio José Joaquim de Miranda* falleceu n'esta villa de Vimioso, onde era proprietario, mas nasceu na aldeia de *Paradinha*, freguezia do *Outeiro*, concelho de Bragança, cerca de 10 kilometros a N. N. O. de Vimioso [1].

Formou-se em mathematica (*só em mathematica*) na Universidade de Coimbra e, seguindo a carreira das armas, assentou praça de cadete em infanteria n.º 24;—em 1808 foi para França com a *Legião Portugueza*;—fez a campanha da Allemanha em 1809 e a da Russia em 1812, sendo official muito valente e chegando ao posto de coronel de Couraças. Foi o primeiro que passou a ponte de Austerlitz e ficou prisioneiro em Moscow; mas, feita a paz geral em 1814, voltou ao seu paiz. Era muito illustrado, mas a campanha e o captiveiro da Russia tornaram-no quasi louco; ainda assim em 1832 foi commandante do *Batalhão Sagrado*, na Ilha Terceira, e em 1834 sub-perfeito de Setubal, Tambem foi coronel das milicias de Miranda e governador civil nos Açores.

Era filho de Martinho Carlos de Miranda e de D. Perpetua Maria Geraldes—e irmão do notavel estadista—*Manuel Gonçalves de Miranda*, que nasceu na mesma povoação de Paradinha do Outeiro no dia 30 de novembro de 1781.

Formou-se tambem na faculdade de mathematica em Coimbra e foi um mathematico distinctissimo. Fez a campanha da guerra peninsular até á batalha dos *Arapiles*, onde ficou prisioneiro servindo de major de brigada do general *d'Urban*, tendo sido feito tenente por distincção no combate de *Puebla de Senabria* em 1809. Em 1813 demittiu-se do serviço militar, sendo capitão de cavallaria n.º 12, e recolheu-se á sua casa de Castellãos.

—

O dicto *Manuel Gonçalves de Miranda* foi deputado ás côrtes de 1820 e nomeado ministro da guerra em 1822; mas, sendo muito liberal, apenas viu hasteado o pendão do absolutismo, emigrou para o estrangeiro.

Durante o cerco do Porto (1832 a 1833) conservou-se alternadamente em Londres e Paris, onde prestou relevantes serviços á causa de D. Pedro, como presidente da commissão encarregada de agenciar navios, dinheiro e munições de guerra e de bocca pa-

[1] V. *Outeiro*, tomo 6.º pag. 358, col. 1.ª— e *Paradinha do Outeiro* no mesmo volume, pag. 470, col. 2.ª

ra o exercito liberal, e só voltou ao seu paiz no fim do cerco do Porto, depois de ser nomeado prefeito da provincia do Douro por carta regia de 19 de setembro de 1833.

Foi ministro da guerra por decreto de 20 de novembro de 1822;—ministro da marinha por decreto de 20 d'abril de 1836;—ministro da fazenda por decreto de 28 de junho de 1840—e finalmente segunda vez ministro da marinha por decreto de 12 de março de 1841. [1]

Era um caracter tão nobre e de tanta exempção que, tendo exercido tão importantes cargos, o espolio que deixou era inferior ao de um estudante quando deixa os bancos da Universidade!...

Casou com D. Joanna Pereira de Sousa, unica herdeira de seu pae Antonio Caetano Pereira de Sousa, C. O. C. e F. C. R., que lhe legou uma importante casa na freguezia de *Castellãos*, concelho de Macedo de Cavalleiros e suas immediações. D'este consorcio teve seis filhos, sendo primogenito o seguinte:

—

Antonio José de Miranda, visconde de Paradinha do Outeiro em sua vida, por decreto de 3 de maio de 1848.

Nasceu em Castellãos, concelho de Macedo de Cavalleiros, [2] a 21 de março de 1812;—militou como voluntario liberal na guerra civil entre D. Miguel e D. Pedro, até á batalha da Asseiceira, onde o seu esquadrão, 2.° do regimento de cavallaria n.° 6, aprisionou o regimento d'infanteria n.° 16 e um batalhão de infanteria 12, com 3 bandeiras, pelo que foi condecorado com a medalha da Torre e Espada, bem como outras muitas praças do referido esquadrão. Terminada a guerra, deixou o serviço militar;—formou-se tambem, como seu pae e seu tio, em mathematica na Universidade de Coimbra, sendo premiado no 3.° anno;—em 1843 tomou assento na camara dos pares, como successor de seu pae,—e em 1846, apenas se manifestou a revolução da *Patuleia*, organisando-se em Bragança uma junta governativa em favor do partido dos *Cabraes*, ou da rainha D. Maria II, foi presidente da dicta junta e com grandes sacrificios conservou o districto de Bragança em obediencia ao governo de Lisboa, prestando relevantes serviços á rainha, pelo que esta o agraciou com o titulo de visconde.

Em 1847 foi governador civil do districto de Bragança—e em 1851, vendo o seu partido cartista, ou antes *cabralista*, sem representação nas camaras nem na imprensa, e por assim dizer *morto*, abandonou a politica e não voltou á camara, recolheu-se á sua casa de Castellãos, onde tem vivido até hoje,—solteiro e sem descendencia. [1]

Foi tambem tio paterno do sr. visconde de Paradinha do Outeiro, o dr. *José Antonio de Miranda*, bacharel formado em direito e que seguiu a magistratura judicial. Falleceu em Lisboa, sendo presidente da relação, approximadamente em 1854.

—

Martinho Carlos de Miranda, mencionado supra, avô paterno do sr. visconde de Paradinha do Outeiro, era sobrinho do dr. *Manuel Gonçalves de Miranda*, magistrado que figurou *muito* no reinado de D. José I, pois foi *amigo* e *valido* do grande marquez de Pombal, que o encarregou de variadas commissões, algumas de muita responsabilidade, principalmente por occasião do attentado contra a vida d'el-rei D. José.

V. *Chão Salgado*.

Foi muitos annos intendente geral da policia da corte e do reino,—cargo importantissimo n'aquelle tempo,—e terminou a sua carreira na magistratura, sendo desembargador da casa da supplicação e do paço.

Casou com sua prima D. Catharina de Miranda e, como não tivessem filhos, nomeou successor e administrador dos vincu-

---

[1] Foi tambem par do reino e conselheiro de estado vitalicio, etc.

Falleceu no dia 5 d'abril de 1841.

[2] V. *Castellões* ou *Castellãos*, tomo 2.°, pag. 199, col. 1.ª

[1] Tem o sr. visconde ainda vivos uma irmã e um irmão, ambos com filhos.

O irmão,—dr. José Antonio de Miranda,—seguiu a magistratura e aposentou-se sendo juiz de direito de Villa Real.

los que havia instituido em *Paradinha do Outeiro* e *Rio Torto* o mencionado seu sobrinho *Martinho Carlos de Miranda*, avô do sr. visconde de Paradinha, actual administrador e possuidor d'aquelles vinculos e por consequencia representante do celebre desembargador, *amigo e valido* do marquez de Pombal ? ! . . .

—

Desculpem-nos a digressão, pois quizemos aproveitar o ensejo para consignarmos tão interessantes noticias no texto d'este diccionario.

Agora prosigamos com a lista das *Pessoas notaveis*, filhas de Vimioso.

—

4.º—*José Maria de Figueiredo Antas*,—cavalheiro respeitabilissimo e a maior influencia eleitoral d'este concelho.

É o representante actual da nobilissima casa dos *Mendes Antas*;—casou com D. Lucia de Jesus Oliveira, da freguezia de Carção, e tem os filhos seguintes:

—*José Maria*, que nasceu em 20 d'outubro de 1859, e

—*Abel Augusto*, que nasceu em 18 de janeiro de 1864.

5.º—*Joaquim José de Campos*.

Falleceu no Porto em 14 de janeiro de 1861, deixando entre outros legados 5:000 libras em fundos inglezes á Misericordia d'aquella cidade para ella administrar os seus rendimentos e entregar annualmente ao parocho de Vimioso 300$000 réis destinados á sustentação do *Laus Perenne*, que o mesmo capitalista e bemfeitor havia instituido na egreja de Vimioso em agosto de 1860.

6.º—O dr. *José de Moraes Faria de Carvalho*, senhor da nobre casa da *Rapadoura*, deputado ás cortes em varias legislaturas e magistrado honestissimo.

Nasceu em Vimioso em 1815;—foi na revolução da *Patuleia* ajudante de campo do general Jorge de Avilez,—casou em Bragança;—foi o ultimo bacharel formado filho de Vimioso—e falleceu em 1866, sendo juiz de Direito em Braga e deixando os filhos seguintes:

1.º—*Alberto Moraes Faria de Carvalho*, hoje (1887) governador de Damão.

Nasceu em Bragança em 1846;—casou com D. Maria José Manoel de Vilhena, neta paterna do marquez de Pombal e materna do marquez de Pancas, da qual tem dois filhos.

É o primogenito e como tal representante da nobre casa da *Rapadoura*.

2.º—*Dr. Adriano Acacio de Moraes Carvalho*.

Nasceu em Bragança em 1848;—casou em Braga com D. Maria Zulmira d'Araujo, da qual tem dois filhos,—e é hoje (1887) commissario geral da policia civil do Porto e funccionario muito digno.

3.º—*Alfredo de Moraes Carvalho*, engenheiro de minas muito modesto, muito illustrado, muito trabalhador, ainda solteiro, e dono da celebre casa da *Rapadoura*.

Foi um dos membros da *Expedição Scientifica*, enviada pela Sociedado de Geographia de Lisboa em 1881 á serra da Estrella, onde tivemos a honra de o conhecer e tractar.

Excessos tristes

Esta villa tambem teve o seu quinhão nos excessos de que foi theatro o nosso paiz, durante a porfiada lucta entre liberaes e realistas.

Em 1823, por exemplo, quando o general Silveira, depois de acclamar absoluto D. João VI em Villa Real de Traz-os-Montes, insurreccionou esta provincia e marcharam contra elle as tropas liberaes, obrigando-o a internar-se na Hespanha, esteve em Vimioso o brigadeiro Claudino e incendiou a casa do reitor d'esta villa.

Tambem por essa occasião o mesmo brigadeiro foi á villa da Bemposta, concelho do Mogadouro, e incendiou as casas do capitão-mór e do escrivão Calado. Na villa de Lagoaça tentou incendiar tambem as casas do reitor, por haver hospedado dias antes o abbade de Quinchães (concelho de Fafe) depois governador do bispado de Pinhel, Antonio dos Santos Leal, de Moncorvo, realista secretario particular e confidente do general Silveira, etc., mas o Claudino, a pedido

de um seu companheiro, parte do enreitor, poupou-lhe as casas, limitando-se a reprehendel-o, ordenando-lhe que *desinfectasse o quarto onde pernoitou Santos Leal?!...*

V. *Moncorvo*, no supplemento, onde daremos a biographia de *Antonio dos Santos Leal* e extractaremos uma interessante *Memoria* que possuimos em *ms.* deixada por elle, historiando a mencionada revolução do general Silveira.

Marmore e alabastro e grutas prehistoricas

Na parte oriental d'esta freguezia e d'este concelho de Vimioso, nomeadamente na *Quinta dos Picadeiros*, e na occidental do concelho de Miranda do Douro, nomeadamente na freguezia de S. Pedro da Silva, ha grandes jazigos de marmore e alabastro preciosos, nas margens do rio *Angueira*, cujo leito é de marmore tambem.

Comprehendem estes jazigos cerca de 15 kilometros quadrados e n'elles se teem encontrado cavernas e grutas lindissimas com stalactites e stalagmites admiraveis, ossadas humanas e outros vestigios de occupação prehistorica.

Em 1852 o distincto archeologo e engenheiro de minas Carlos Ribeiro, indo por ordem do governo inspeccionar a mina de estanho de S. Martinho d'Angueira, concelho de Miranda do Douro, esteve em Vimioso e ali se demorou oito dias, visitando os terrenos calcareos que abundam no termo da villa, e disse aos donos de umas calforneiras, ali em exploração, que elles calcinavam marmore sacaroide.

Ficaram os homens absortos e d'ahi em diante varios individuos trataram de fazer conhecidas aquellas pedreiras de marmore, enviando amostras para diversas exposições internacionaes, onde foram muito apreciadas, particularmente na de Dublin e na do Palacio de Cristal do Porto, em 1865.

—

Em 1884 foi dirigir a delegação da alfandega de Bragança em Vimioso o sr. Luiz Cardoso Pinto e, tendo noticia das taes pedreiras, tratou logo de as pesquizar e mandou algumas amostras para o Porto, d'onde lhe disseram que o marmore era excellente e convinha adquirir o chão das pedreiras.

Continuando o sr. Cardoso com as pesquizas, indicaram-lhe uma gruta no termo da *Granja* de S. Pedro da Silva, gruta denominada *Buraco dos Ferreiros*, cuja pedra de cal ou marmore era alvissima. Foi vel-a e ficou surprehendido com a estructura d'ella, toda cheia de stalactites e stalagmites, e com as sinuosidades da *Ribeira dos Ferreiros*, onde está a dicta gruta, da qual tirou algumas amostras de pedra, que mandou para o Porto, consultando os seus amigos. Disseram-lhe estes que o marmore era tão fino como o de *Carrara*—e que as pedras transparentes eram *alabastro!...*

Resolveu então o sr. Cardoso fazer pesquizas em fórma e chamou de Villa Real de Traz-os-Montes os seus irmãos José e Francisco, para o coadjuvarem na empreza.

Foram elles e sem demora tractaram de obter por compra e arrendamento a longo praso o chão dos jasigos;—extrahiram amostras dos melhores marmores e alabastros;—foram com ellas ao Porto—e, tal era a belleza e variedade dos especimens, que ali sem grande difficuldade se formou uma companhia para a exploração, da qual ficaram fazendo parte os srs. Cardosos, devendo receber como descobridores *vinte e cinco contos de réis.*

—

Em 1886, constituida a empresa, deram principio á exploração dos marmores e alabastros, chamando do Porto diversos operarios entendidos no desmonte das pedras e na sua regularisação e polimento, sob a direcção do sr. Francisco Cardoso, agente delegado da companhia, o qual se installou na quinta de Santo Adrião, junto da capella de *Nossa Senhora do Rosario do Monte*, limite da povoação da Granja, freguezia de S. Pedro da Silva, concelho de Miranda.

Tem corrido com regularidade a exploração e feito remessas de marmore e alabastro polidos e trabalhados para o Porto e Lisboa e para os paizes estrangeiros.

O maior obstaculo ao desenvolvimento e lucros d'esta empreza até hoje tem sido a

difficuldade do transporte até a linha ferrea do Douro, mas esta difficuldade tende a minorar e desapparecer, logo que se construa a linha ferrea em estudos da estação do Pocinho até Miranda, pois deve passar muito perto dos grandes jazigos.

—

São 11 as variedades d'estes calcareos:—6 de marmore—e 5 de alabastro.

O marmore branco é finissímo, alvo de neve, muito espelhante e sustenta o confronto com o melhor de Carrara, prestando-se admiravelmente para todo o genero de esculptura. Os marmores de cores são raiados de filetes azues, cinzentos e amarellados, todos de lindissimo aspecto, e, se não apresentam uma estructura tão superior, sobrelevam os melhores de Extremoz.

Dos alabastros um é de bella côr branca;—os outros são acinzentados e amarellados, de apparencia lindissima pela variedade dos tons e pelas estrias que apresentam na superficie polida e brilhante, e prestam-se igualmente aos cortes mais delicados, como já vimos no Porto em amostras de folhas, flores e fructos; é porem de suppor que appareçam novos typos de mais merecimento ainda, quando a exploração attinja maior desenvolvimento.

Nova gruta

Em principios de agosto de 1886 o sr. Francisco Cardoso encontrou a pequena distancia da *Gruta dos Ferreiros* uma fenda em uns penedos. Tratou logo de a sondar e, entrando pela dita fenda, ajudado e acompanhado d'alguns operarios seus, foi avançando e por fim deparou com a gruta que um jornal de Zamora, *Seña Vermeja*, no seu numero de 18 d'agosto do dicto anno descreveu nos termos seguintes :

«Depois de visitármos todas as pedreiras, e admirarmos a grandeza, valor e importancia d'este achado, que ha-de enriquecer aquella região, dirigimo-nos á gruta, poucos dias antes encontrada pelo sr. Cardoso. Descemos flanqueando aquella immensa montanha até chegarmos proximamente á parte aonde fica a sua meia altura, e ahi tivemos de fixar a nossa attenção n'um pequeno buraco, quasi occulto pela saliencia de um penedo, o qual constitue a entrada para a caverna, aonde penetramos, providos de luzes, por aquelle pequeno buraco, indo um a um, como de gatas, por uma especie de corredor, que mede approximadamente quatorze metros de comprido, entrando d'elle para um espaço estreito entre duas rochas, que dava ingresso immediato para uma larga cova illuminada artificialmente, e que constitue o fundo principal d'esta gruta. São suas paredes interiores abobadadas, e medirá uma extensão de cento e oitenta metros quadrados, apresentando n'algumas partes signaes evidentes da acção corrosiva da agua, assim como nos seus maiores troços e porções, primorosos e magnificos trabalhos, que adornam fantasticamente as paredes d'este antro tenebroso, e as entradas para differentes compartimentos ou salas, que parecem constituir uma brilhante e vasta decoração.

—

«O silencio profundo, que reina n'aquella vasta e lugubre solidão, illuminada por meio de archotes collocados no seu interior, sua estranha architectura, suas paredes festonadas com milhares de desenhos caprichosos e muitos d'elles de alabastrina alvura, as infinitas estalactites e estalagmites de diversos tamanhos que, suspensas do seu tecto, brilham á luz incerta dos ditos archotes, os differentes pilares e columnas formados com o mais raro primor, arremedando estranhas e gigantescas figuras, que apparecem de espaço a espaço, contribuem no seu conjuncto para despertar no animo mais sereno um terror phantastico, e para que a imaginação se perca contemplando e buscando a origem d'esta maravilha, que, se foi conhecida em épocas anteriores, perde-se na obscura noite dos tempos.

Não é possivel fazer uma descripção detalhada das muitas curiosidades naturaes, que encontramos na nossa visita, durante a hora e meia que empregamos em percorrer o interior da gruta, nem me julgo competente para isso; todavia darei d'ella um ligeiro detalhe.

Depois de baixarmos oitenta e quatro de-

graus de uma escada de madeira provisoriamente collocada, com sua varanda de corda resistente, a qual se apoia em barrotes de ferro, collocados de espaço em espaço, chegamos ao fundo da gruta, apreciando mais perfeitamente, á medida que desciamos, os bellos e immensos depositos calcareos, as enormes estalactites, que destacam suas alvas e caprichosas figuras, e porções da immensa rocha cobertas como de neve petrificada, e de musgo no mesmo estado.

Esta parte mais profunda é formada por uma galeria bastante alta, de quatro a cinco metros de largura, d'onde partem saidas ou entradas para outros pequenos compartimentos, que ostentam caprichosissimas pregas e arrendados feitos na rocha, de transparencia e alvura extraordinarias. O interior d'alguns, ou de quasi todos, está construido pelas mais raras fórmas de concreções calcareas, que dão logar á mais caprichosa architectura. Até agora o que mais chama a attenção n'estes compartimentos e que terá por certo de se conhecer pelo nome de *sala das ossadas*, é aquelle em que se encontraram varios restos humanos, varios craneos de epocas distinctas, remontando alguns a milhares d'annos, d'onde tambem se extrahiu um instrumento de guerra, de bronze primitivo, e outros objectos prehistoricos de grande valor, que serão dados preciosos para os amadores de geologia e da antropologia. Ainda se conserva ali no solo, e n'uma parte mais proeminente da rocha, um craneo perfeitamente incrustado n'ella.»

As dictas grutas são interessantissimas! N'ellas se tem encontrado (diz o meu informador) ossadas humanas e de animaes anti-diluvianos, taes como o *mamuth* (urso das cavernas) *rangifer* e *mastodonto*,—craneos humanos que teem na abobada occipital e paredes temporaes nove millimetros d'espessura. Um d'estes conserva no maxillar superior todos os dentes, mas de uma forma exquisita,—curvos para fóra.

Um craneo mio-cephalo, femures, tibias, lacertes, cubetos, etc.,—tudo encrustado em stalagmites e stalactites,—e despojos e instrumentos da epoca terciaria miocena e quaternaria, de pedra e bronze.

Tambem nos consta que na freguezia de Izeda, povoação de Serapicos e n'outros pontos, já posteriormente se encontraram novas grutas semelhantes áquellas.

—

Preço actual dos generos em Vimioso

Trigo, 20 litros	800
Centeio, 20 litros	600
Cevada, » »	500
Castanhas, 20 litros	200
Sal, 20 litros	550
Batatas, 15 kilos	160
Lã preta, 15 kilos	2$250
» » » »	2$250
Arroz, 15 kilos	140
Bacalhau, 15 kilos	2$000
Vinho, 25 litros	1$150
Azeite, » »	3$250
Gallinhas, uma	260
Frangos, 1	140
Cabritos, 1 de tres mezes	500
Cordeiros, 1 de tres mezes	500
Coelhos, 1	140
Perdizes, uma	120
Lebres, uma	240
Ovos, um cento	670

Conducção de mercadorias

Para Bragança—1 arroba	80
Para a estação do Pinhão—por Mendo de Cavalleiros, Mirandella, Murça, Alijó e Favaios—1 arroba	240

É este o caminho que seguem.

Actualmente o concelho de Vimioso não manda genero algum para o Porto, por causa do preço das conducções. Apenas alguns annos tem mandado cereaes.

Este beneficio de Vimioso deve render hoje ao todo cerca de 300$000 réis, comprehendendo 200$000 réis de derrama ou congrua em dinheiro.

—

Aos ex.mos srs. Antonio Claudino Fernandes Pereira, de Bragança,—Luiz Antonio de Figueiredo Antas, de Villa do Conde,—e José Fernandes Barreira, digno prior actual de Vimioso, agradeço os apontamentos que se dignaram enviar-me.

—

VINCOS,—portuguez antigo, —hoje *brincos*, ornato mulheril.

Se alguma mulher levar vincos nas orelhas, mando que lhos não tome nenhum, nem lhos embargue."

Cod. Alf. liv. V, tit. 47, § 5.

VINDA DO MEZ—ou *vida do mez.*

Era um direito real e consistia em se dar de comer pelos colonos ou caseiros ao mordomo menor d'el-rei, um dia em cada mez, ou *doze comidas no anno*—em propria especie ou em dinheiro.

Documento de Grijó do tempo d'el-rei D. Diniz.

VINDIÇO, — que vinha de fóra da terra.

Nem vogado d'alhures, ou vindiço nom será ousado de usar do officio da vogaria contra os davanditos poderosos.

Cod. Alf., liv. II, tit. 1.°, art. 23.

VINER,—vir, tornar. Do latim *venire*, vir.

«E as partes sobreditas nunca seerem theudas de viner a outra demanda, per neuma destas razoens.»

Doc. d'Aguiar da Beira, de 1289.

VINGAR QUINHENTOS SOLDOS, — locução usada entre nós no seculo XIII.

Dizem uns que só os *fidalgos de linhagem* podiam requerer a satisfação d'alguma injuria, sendo condemnado o aggressor em 500 soldos, não podendo os outros fidalgos requerer mais do que 300 soldos em pena e satisfação da injuria;—outros dizem que esta locução principiou a usar-se depois que os fidalgos, vassallos d'el-rei D. Bermudo, se libertaram do tributo que pagavam aos mouros por conta das cincoenta *donzellas nobres*, —tributo imposto pelos mouros aos christãos em seguida á derrota d'estes na batalha de Clavijó, o que hoje não passa de uma lenda pueril.

A opinião mais corrente é que a dicta locução—*fidalgo que vingue 500 soldos*—proveiu do *acostamento* que os taes fidalgos recebiam annualmente do rei; mas não nos satisfaz esta opinião, porque no *Fuero Juzgo*, liv. VIII, tit. 4. l. 16, fallando-se da composição que deve dar o dono do animal que por incuria sua matou algum homem, se diz: *Si matar ome ondrado, peche el Señor por omecio quinientos soldos, e por ome libre peche 300 soldos.*

E no *Cod. Wisig.* l. VI, tit. 5.° l. 14, se diz que, morrendo o auctor de uma causa crime, a quem o juiz não desse audiencia, pague o mesmo juiz á parte metade do homicidio, ou 250 soldos.

Isto nos leva a crer que o *fidalgo que vingava 500 soldos* era aquelle, cuja morte se pagava com 500 soldos,—não menos.

Em Portugal tivemos tambem outr'ora *cavalleiros* que vingavam 1:000 soldos, mas estes eram os da primeira nobreza.

VINHA,—terreno plantado de vides.

Tambem outr'ora se denominou *vina* e *via.*

E vos emplazamos a dita terra, para que nella ponhaes via.

Em alguns documentos antigos toma-se a vinha pelas videiras que a constituem. N'elles se diz, por exemplo:—«*dous, ou tres, ou mais milheiros de vinha*»—i. é—de cepas.

Que tinha IV milheiros de vinha em uma parte, e M e D (1500) *cepas em outra.*

No Alto-Douro ainda hoje se avalia a importancia e extensão das quintas pelos milheiros das vídes que teem plantados. Assim costuma ali dizer-se:—*é uma quinta de tantos milheiros;—ainda tem terreno para tantos milheiros;—plantei tantos milheiros;—a plantação custou tanto por milheiro, etc.*

Note-se tambem que no Alto-Douro, na zona do vinho fino, em tempo normal e nas quintas mais bem grangeadas, o milheiro de vides costumava produzir uma pipa de vinho, mas por vezes nas quintas de vides velhas, mal grangeadas e de terreno magro e ardente, que eram as que produziam o vinho *mais generoso*, eram necessarios 3 a 6 e mais milheiros de cepas para darem uma pipa de vinho. Em compensação o vinho era um nectar! Ganhava em qualidade o que perdia em quantidade.

Ha tambem *por excepção* no Douro terreno, onde um milheiro de vides produz 3 a 5

pipas de vinho, mas esse vinho é sempre inferior.

Perde em qualidade o que ganha em quantidade.

O mesmo succede no Minho, Beira, Anadia e Estremadura, nomeadamente no concelho da *Lourinhã*, onde a producção é espantosa, mas o vinho muito ordinario e sempre muito mais barato do que na parte restante d'aquella provincia.

V. *Villariça*, *Villarinho de Cottas*, *Villarinho dos Freires*, *Villarinho de S. Romão*, e *Vimieiro* da Lourinhã.

VINHA DA RAINHA,—freguezia do concelho e comarca de Soure, districto e diocese de Coimbra, na provincia do Douro!...

Priorado. Fogos 430, — habitantes 1:850.

Orago. Nossa Senhora da Graça.

Em 1708 era priorado da provincia da Beira, provedoria e bispado de Coimbra, comarca (corregedoria) e concelho de Montemor-o-Velho;—e contava apenas 60 fogos.

Nada, absolutamente nada mais diz d'esta parochia a *Chrographia Portugueza*.

Em 1768 era priorado da apresentação da mitra;—rendia 315$000 réis,—mais 420$000 réis em fructos certos e 80$000 réis em fructos incertos,—total 815$000 réis?!...—e contava 271 fogos.

Até á extincção dos dizimos, ou até 1834, foi um dos melhores beneficios do bispado de Coimbra; não se espantem porem os leitores, porque antes da extincção dos dizimos tivemos abbadias de 10 a 20 contos de renda por anno, tal era a de S. João de Lobrigos, no concelho de Santa Martha de Penaguião, districto de Villa Real. E como se fossem pouco os 10 a 20 contos *por anno*, ainda aquelles felizes abbades receberam tambem algum tempo uma peça de 8$000 réis *por dia* a titulo de inspectores das estradas do Douro?!...

Só do dizimo do vinho receberam alguns annos 800 pipas, sem outra despeza, alem da conducção para os seus vastos armazens.

V. *Lobrigos*, n'este diccionario e no supplemento.

O censo de 1864 deu a esta parochia de *Vinha da Rainha* 388 fogos e 1:696 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 410 fogos e 1:708 habitantes.

—

A povoação de *Vinha da Rainha*, séde d'esta parochia, está situada a meia encosta do monte denominado *Barril*, na margem direita do rio *do Pranto*, do qual dista 2 kilometros para E.;—12 da estação de *Soure*, hoje a mais proxima, na linha ferrea do Norte, para O.;—15 da beira-mar para E.,—18 da cidade da Figueira para S. E.;—44 de Coimbra pela linha ferrea do norte;—163 do Porto—e 198 de Lisboa.

Este itinerario deve soffrer grande modificação logo que se abra ao transito a linha ferrea em construcção de Lisboa á Figueira por Leiria e Torres Vedras, pois deve passar a pequena distancia d'esta freguezia.

V. *Villa Verde*, vol. XI, pag. 1:093, col. 2.ª *in fine*.

Alem da povoação de *Vinha da Rainha*, comprehende esta parochia as seguintes:—Barrôco, Barreiras, Casal dos Bacellos, Casal d'Almeida, Porto Godinho, Carrascal, Formigal, Ervilhas, Feixe, Mira-Olho, Cabeça Carvalha, Pedrogam, Salgueirinhas, Saca-Bolos, Val de Pedras e Queitide.

Algumas d'estas povoações são casaes com poucos fogos;—as mais importantes são Pedrogam e Quietide.

Freguezias limitrophes:—Samuel e Gesteira a N. E., concelho de Soure;—Paião a O., concelho da Figueira;—Louriçal e Almagreira a S., concelho de Pombal.

Producções dominantes: —vinho, milho, trigo, azeite, favas, arroz, batatas e fructa.

Tambem é mimosa de caça miuda, de peixe do rio e do mar—e de *sezões*, nas margens do rio do *Pranto*.

Templos

1.º—A egreja matriz, na aldeia da *Vinha da Rainha*.

É elegante e vistosa, mas de uma só nave e de moderna construcção, com altar-mór, dois lateraes e decorações muito singelas.

2.º—*Capella da Senhora do Pranto*, na aldeia de Pedrogam.

Tem grande romaria na 1.ª oitava do Espirito Santo.

3.ª—*Capella da Senhora da Graça*, na aldeia de Queitide, ambas em bom estado.

Esta capella de *Nossa Senhora da Graça* outr'ora foi matriz. É publica e demora em sitio alto, a N. e junto da estrada districtal, n.º 58.

4.º—*Capella de S. João Baptista*, na aldeia do Formigal.

5.ª—*S. Gonçalo*, no palacete de Gonçalo Tello.

6.ª—*Nossa Senhora do Carmo*, na grande quinta de Queitide.

Estas duas ultimas capellas são particulares.

A de Nossa Senhora do Pranto é antiquissima. Já em 1712 o auctor do *Sanctuario Marianno* (tomo 4.º, pag. 654 e segg.) não pôde averiguar a data da sua fundação, mas conta maravilhas pasmosas, operadas pela imagem da Virgem.

Teve tambem festa e romagem a 18 de dezembro, dia da *Expectação*.

A capella actual foi construida ha poucos annos.

—

Banham esta freguezia o rio do *Pranto* (o nome é sympathico, mas lugubre)—e varios ribeiros e regatos anonymos, confluentes do rio do *Pranto*, que nasce em um monte, cerca de 4 kilometros a O. de Vermoil, concelho de Pombal;—caminha de S. S. E. a N. N. O. em direcção ao Mondego, no qual morre, depois de descrever uma grande curva para S. ao abeirar-se d'elle.

Tem de curso total cerca de 48 kilometros, pouco declive e margens muito planas, pelo que no inverno e mesmo na primavera alaga e arrasa grande extensão da campina, formando muitos pantanos, causando grandes prejuisos e tornando as suas margens muito insalubres, principalmente depois que a *sacra fames auri* as converteu em arrosaes, verdadeiros focos de peste!...[1]

V. *Vil de Mattos*.

—

Por serem muito doentias as suas margens no verão e por causar tantas doenças, tantas febres e tantas mortes lhe deram o bem merecido nome de rio do *Pranto*.

Note-se que em algumas das povoações marginaes todos os seus habitantes—homens, mulheres e creanças—tremem sezões de mau caracter no verão—e o mesmo succede em outras muitas povoações do *campo de Coimbra*, nas visinhanças do Mondego e dos seus numerosos affluentes,—e nos campos de Leiria, nas visinhanças do Liz, por serem muito pantanosos e ardentissimos no verão

As margens do Liz, a jusante de Leiria, e as do Mondego, a juzante de Coimbra, são muito ferteis, mas *muito insalubres*! Deviam estar todas povoadas de eucalyptos, attenta a miraculosa propriedade d'estas lindissimas arvores para afugentarem as sezões e outras febres; mas *até hoje* infelizmente mal se lobriga n'aquelles vastos pantanos um eucalypto. O que se vê é um enorme estendal d'arrosaes,—*um fóco de peste unido a outro fóco?!...*

Chamamos a attenção do governo para tão momentoso assumpto.

Salus populi suprema lex est.

Terminaremos dizendo que o rio do *Pranto* se denomina tambem *Louriçal*, porque banha a freguezia d'este nome, cerca de 8 kilometros ao sul ou a montante de *Vinha da Rainha*, e no inverno é navegavel desde a Figueira até o Louriçal.

Tambem se denomina rio de *Carnide*, porque nasce junto da aldeia d'este nome, na freguezia de Vermoil, concelho de Pombal.

—

Esta parochia de *Vinha da Rainha*, pertenceu, como já dissemos, ao concelho e comarca de *Montemor-o-Velho*; depois passou para o concelho de *Abrunheira*, comarca de Soure, desde 1836 até 1844, data em que o concelho de *Abrunheira* mudou a séde da

[1] Este rio abunda em taínhas, barbos e enguias—e tem 3 pontes:—duas de madeira e uma de pedra, denominada ponte do *Sobral*, entre esta freguezia e a do Paião. É antiquissima e por ella segue a estrada districtal n.º 58 A.

povoação d'este nome para a de Verride e se ficou denominando concelho de *Verride;*—finalmente, extincto o concelho de Verride, por decreto de 31 de dezembro de 1853, passou esta freguezia para o concelho e comarca de Soure.

V. *Abrunheira* e *Verride.*

A povoação de *Abrunheira*, que foi muitos annos séde de concelho, era e é hoje ainda uma simples aldeia da freguezia de *Revélles,* concelho de Montemor-o-Velho.

Passa n'esta parochia de *Vinha da Rainha* a estrada districtal a macadam n.º 58—de Condeixa pela villa de Soure ao Louriçal—e d'esta parochia de *Vinha da Rainha* segue um ramal, n.º 58—A—a entroncar junto de *Paião* na estrada real a macadam n.º 58, da Figueira a Leiria.

Tem uma escola official d'instrucção primaria para o sexo feminino.

Aguas sulphureas

Ha no termo d'esta parochia dois pequenos montes, denominados *Monte Barril,* e *Monte Bicanho,* em cujas faldas brotam aguas thermaes, de que alguns doentes fazem uso com proveito. Já tiveram casa de banhos, mas hoje estão em completo abandono.

Nos principios do ultimo seculo rebentavam a N. do monte *Bicanho,* no sitio denominado *Banhos Velhos,* mas, pelos annos de 1711 a 1716 rebentaram no sitio onde hoje brotam, no monte *Barril,* a pequena distancia da capella da *Senhora do Pranto,* da qual tomaram o nome.

Em 1764 se construiram ali algumas casas de banhos, mas, passados annos, cahiram em ruinas.

Ainda brotam nas faldas do monte *Bicanho* e ali alguns doentes vão banhar-se dentro de barracas feitas de ramos d'arvores, mas são muito mais copiosas e egualmente medicinaes as do monte *Barril* ou da *Senhora do Pranto.* Só uma das nascentes *excede a quantidade de duas telhas,*—diz José Avelino d'Almeida.

O calor de todas as nascentes, mesmo ao ar livre, é de [illegible] F.—ou 25 a 27 R.

A agua é transparente e clara com pouco cheiro sulphureo, sabor desagradavel e algum tanto enjoativo. Colhida em um frasco forma bolhas aereas, o que prova ser levemente mineralisada pelo gaz hydrogenio—sulphurado e carbonato calcareo, ou de soda.

Isto mesmo accusam os reagentes,—diz Almeida.

—

As aguas thermaes que brotam no termo e ao norte d'esta freguezia são denominadas *Banhos do Pranto;*—distam cerca de um kilometro da povoação de *Vinha da Rainha;*—são sulphureas—quentes e muito concorridas, pelas suas propriedades medicinaes, mas estão ainda em grande abandono e mal aproveitadas.

Brotam nas faldas do monte *Barril,* junto da povoação da *Azenha,* da freguezia de Samuel, e pertencem ao sr. José de Ornellas da Fonseca e Napoles, da cidade da Figueira;—mas a pequena distancia, nas faldas do monte *Bicanho* e no sitio do *Olho de Sampaio* ou da *Amieira,* já no termo da freguezia de Samuel, d'este mesmo concelho de Soure, rebentam aguas congeneres, tambem muito medicinaes, hoje pertencentes a uma companhia que tem a séde em Lisboa e que ali ha poucos annos montou um esplendido estabelecimento thermal, hoje bem conhecido pelo nome de *Caldas da Amieira,* com todos os commodos para os banhistas.

Tem um luxuoso hotel, gabinete de leitura, salão de baile, jardins, bilhar, jogos de sala, banheiras de marmore, etc.,—e durante o tempo de banhos carreiras diarias de *char-à-bancs* para a estação de *Soure,* na linha ferrea do norte, alem da via fluvial do rio do Pranto, que mesmo na estiagem é navegavel desde Queitide até á Figueira e aproveitado por muitos banhistas d'aquella cidade e das suas immediações.

São portanto já hoje muito accessiveis as *Caldas da Amieira* e mais accessiveis ficarão logo que se abram ao trânzito a linha ferrea de Lisboa á Figueira por Torres Vedras e Leiria—e o ramal que deve prender a mencionada linha com a do norte em *Al-*

farellos, passando a muito pequena distancia das dictas Caldas.

Quinta de Queitide

Ha n'esta parochia uma quinta muito importante, denominada quinta do *Carregal* ou de *Queitide*, porque demora junto da povoação d'este nome.

Pertence ao acreditado negociante, proprietario e capitalista da cidade da Figueira, —*Joaquim Antonio Simões*, hoje um dos homens mais ricos do districto de Coimbra,[1] que a herdou de seu irmão João Antonio Simões, e foi comprada por este em hasta publica ao governo, tendo sido do seminario episcopal de Coimbra—e anteriormente da *Compaahia de Jesus*.

Só de arroz tem produzido alguns annos a bagatella de 250 moios ou 15:000 alqueires!...

O arroz é a sua producção principal, mas tambem produz algum milho e azeite e bastante vinho,—cerca de 150 pipas por anno.

Tem, como já dissemos, uma linda capella,—boas casas d'habitação, armazens, celeiros e outras officinas,—e póde computar-se o seu valor total em 50 a 60 contos de réis.

É uma das melhores propriedades do districto de Coimbra.

—

Ha tambem n'esta parochia outra quinta, denominada de *S. Domingos*, pertencente a Gonçalo Tello de Magalhães Collaço, cavalheiro respeitabilissimo, dono da nobre *Casa de S. Gonçalo*, a unica brasonada que hoje se vê n'esta parochia. É fidalgo d'antiga linhagem e representante de muitas familias da nossa primeira nobreza.

Esta freguezia tem estação telegrapho-postal e confina ao poente com o concelho da Figueira, servindo de linha divisoria o celebre rio do *Pranto*.

VINHAES,—aldeia da freguezia de *Adaufe*, concelho, comarca districto e diocese de Braga.

Temos no nosso paiz mais 5 aldeias, 2 casaes e 1 quinta com o mesmo nome de *Vinhaes*. Não as mencionamos para não abusarmos da paciencia dos leitores.

VINHAES,—villa, freguezia e séde de concelho e de comarca, districto e diocese de Bragança, provincia de Traz-os-Montes.

Abbadia. Orago Nossa Senhora da Assumpção;—fogos 430,—habitantes 1:900.

Em 1706 esta villa era abbadia da corôa e sède do concelho do seu nome na comarca (provedoria e corregedoria) de Miranda; —rendia para o abbade 500$000 réis;—contava 150 fogos *intra muros*, ou na villa e no seu curato annexo *extra-muros*, ou no arrabalde, com o titulo de *S. Fagundo*, que era da apresentação do abbade da villa e hoje se acha incorporado n'ella.

Em 1768 comprehendia as mesmas duas parochias:—Nossa Senhora da Assumpção *intra-muros*, abbadia do padroado real com os mesmos 150 fogos e 500$000 réis de rendimento,—e *S. Fagundo extra-muros*, curato da apresentação do abbade, com 36 fogos e 50$000 réis de rendimento; mas o *Port. S. e Profano* diz que S. Facundo era abbadia do padroado real com 150 fogos e 500$000 réis de rendimento,—e Nossa Senhora da Assumpção, curato da apresentação do abbade de S. Facundo, com 36 fogos e 50$000 réis de rendimento?!...

Na minha opinião foi lapso.

O *Flaviense* em 1852 deu a esta villa 284 fogos;—o censo de 1864 deu-lhe 405 fogos e 1:972 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 426 fogos e 1:960 habitantes—ou mais 21 fogos e menos 12 habitantes do que o censo de 1864.

Estão assim as nossas estatisticas! Veremos se o censo decretado para 31 de dezembro do corrente anno de 1887 fica um pouco melhor.

—

Esta villa demora em sitio plano, muito saudavel, mas pouco vistoso, entre outeiros, a S. do alto cabeço de *Ciradella* ou *Cidadella*, *Ciradelha* ou *Cidadelhe*, na margem esquerda do ribeiro das *Trutas*, confluente do rio *Tuella*, e na margem direita do rio d'este

[1] V. *Figueira*, cidade, no supplemento a este diccionario.

nome, do qual dista 3 kilometros em linha recta—e 10 pela estrada real n.º 37, para O. N. O.;—20 da freguezia de Moimenta, na raia, para S.;—32 de Bragança para O.; 98 de Mirandella por Bragança, trajecto hoje o mais seguido por ser todo feito em diligencias;—153 da estação do *Tua* na linha ferrea do Douro, pela linha de Mirandella, prestes a abrir-se á circulação;—292 do Porto pela estação do Tua—e 630 de Lisboa.

Atravessa a villa de Vinhaes a estrada real a macadam n.º 37 de Chaves a Bragança, já concluida e servida por diligencias entre Vinhaes e Bragança, achando-se porem ainda muito atrasada a sua construcção entre Chaves e Vinhaes.

Parte tambem d'esta villa para a fronteira uma estrada municipal em construcção.

Freguezias limitrophes:—Travanca a N.; Villa Verde a E.;—Sobreiró e Alvaredo a O.;—o Tuella a S. O.;—Nunes e Villar de Peregrinos a S., além do Tuella.

—

Producções dominantes d'esta villa e d'este concelho:—vinho, trigo, centeio, azeite, batatas, castanhas, hervagens e fructa variadissima de optima qualidade, exceptuando laranjas e amendoas.

Tambem criam muito gado lanigero, muar e vaccum da raça mirandesa;—teem muita caça grossa e miuda nos seus montes e muito peixe nos seus rios, nomeadamente trutas, algumas de 12 arrateis, no rio Tuella e no *Ribeiro das Trutas*, pois banham esta freguezia e outras d'este concelho o rio *Tuella* que vem da Hespanha[1] e fórma a nascente principal do Tua, confluente do Douro; — o ribeiro de *Riaçós*,—e o das *Trutas* confluente do rio Rabaçal que desagua no *Tuella*, e os dois, depois de unidos, formam o Tua.

Desde tempos muito remotos a producção principal d'esta freguezia e d'este concelho era o vinho, como está dizendo o seu nome *Vinhaes*,—terra de vinhas ou de vinhedos. Pela mesma rasão outras terras se denominaram e conservam ainda os nomes de *Vinha, Vinhas*,—*Vinhal* e *Vinhaes, Vidago* e *Avidagos*, etc.

O vinho d'este concelho era de pasto ou de mesa, mas de boa qualidade, pelo que tinha venda remuneradora, o que tornava este concelho um dos mais ricos d'este districto; mas infelizmente a maldicta phylloxera destroçou nos ultimos annos a maior parte dos seus *vinhaes* e o reduziu á penuria, como a todos os d'esta provincia, cuja producção principal era o vinho.

V. *Villa Real de Traz-os-Montes*, vol. XI, pag. 1:012 a 1:016,—*Villarinho de Cottas*, —*Villarinho dos Freires*—e *Villarinho de S. Romão.*

—

«Só a freguezia de Vinhaes (diz o meu illustrado informador, *filho d'ella*) perdeu mais de *sessenta contos de reis* por anno com a extincção dos seus vinhedos. A exportação de vinho para a Gallisa era consideravel—e a distillação para a Regoa e Porto era considerabilissima, pois só na freguezia de Vinhaes havia quatro machinas em serviço permanente

«N'este concelho não havia pobres. Todos tinham jornal certo no fabrico das vinhas e do vinho;—homens, mulheres e creanças—todos ganhavam dinheiro e viviam,—emquanto que hoje todos luctam com serias difficuldades. Os que eram ricos são apenas remediados;—os que eram remediados são pobres—e os que eram proletarios são mendigos!...»

Este concelho ainda produz muitas castanhas e tem alguns castanheiros com troncos admiraveis, que chegam a medir 12 metros de circumferencia, mas já não colhe talvez metade das castanhas que outr'ora colheu, —1.º porque foram arrancados muitos soutos para a plantação dos vinhedos;—2.º porque ha muito se não fazem novas plantações de castanheiros, tanto n'esta como nas outras nossas provincias;—3.º porque em todo o nosso paiz os castanheiros e *todas as outras arvores*—pereiras, figueiras, cerdeiras, larangeiras, etc.,—se acham muido doentes.

---

[1] Nasce junto do logar dos *Chãos*, na serra de Senabria.
V. *Tuella.*

O concelho

Comprehende este concelho as freguezias seguintes:—Agrochão, Alvaredos, Cabeça da Igreja, Candedo, Cellas, Curopos, Edral, Edrosa, Ervedosa, Fresulfe, Gestosa[1], Mofreita, Moimenta, Montouto, Nunes, Ousilhão, Paco, Penhas Juntas, Pinheiro Novo, Quiraz, Rebordello, Santa Cruz[2] Santalha, S. Jomil, Sobreiró de Baixo, Soeira, Travanca, Tuizello, Val das Fontes, Valle de Janeiro, Villa Boa d'Ousilhão[3] Villa Verde, Villar da Lomba, Villar d'Ossos, Villar de Peregrinos, Villar Secco da Lomba e *Vinhaes*.

Total:

Freguezias	37
Fogos, pelo ultimo recenseamento.	4:543
Habitantes, pelo ultimo recenseamento	20:724
Predios inscriptos na matriz	41:820
Superficie em hectares	72:307

Em 1706 comprehendia as parochias seguintes:—*Vinhaes* (Nossa Senhora da Assumpção, matriz) *Vinhaes* (S. Facundo, annexa á matriz)—Moás (Santo Ildefonso) hoje tambem simples aldeia annexa á matriz,—Sobreiró de Baixo, Alvaredos, Candedo, Espinhoso, (Santo Estevam) hoje simples aldeia annexa á de Candedo,—Val Paço (S. Pedro)—Curopos, Val de Janeiro, Rebordello, Val das Fontes, Nozêdo sob Castello ou Nozêdo de Baixo (Nossa Senhora da Espectação) hoje simples aldeia da freguezia de Val das Fontes[4]—Rio de Fornos (Nossa Senhora da Espectação) hoje simples aldeia da matriz de Vinhaes,[5]—Lagarelhos, hoje simples aldeia da freguezia de Villar d'Ossos,—Travanca, Villar d'Ossos, Tuizêllo, Cabeça da Igreja, Nozêdo Trespassante ou Nozêdo de Cima, orago Nossa Senhora da Esperança,[1]—Santalha, Pinheiro Novo, Pinheiro Velho (S. Thiago) hoje simples aldeia da freguezia antecedente,—S. Pedro de Quadra, hoje simples aldeia da freguezia de Tuizêllo,[2]—e Casares, hoje simples aldeia da freguezia de Montouto. V. *Casares*.

—

Em 1706 comprehendia, pois, este concelho 25 freguezias, que hoje se acham reduzidas a 14, mas em compensação recebeu outras já indicadas.

Em 1796 comprehendia as mesmas 25 freguezias, com 1:422 fogos, 2:787 homens e 3:086 mulheres,—total 5:873 habitantes, 23 frades, 69 presbyteros seculares, 31 freiras, 9 senhoras recolhidas, 5 pessoas litterarias (?) 184 sem occupação, 12 negociantes, 3 boticarios, 3 barbeiros, 5 cirurgiões, 394 lavradores, 373 jornaleiros, 4 fabricantes de lã, 34 fabricantes de seda,[3] 38 alfaiates, 29 sapateiros, 33 carpinteiros, 14 pedreiros, 13 ferreiros, 6 ferradores, 2 moleiros, 60 pastores, 85 criados e 116 criadas.

Não tinha um unico almocreve, nem um louceiro, nem um fabricante de courama, nem um cardador, segundo se lê na *Descripção da Provincia de Traz-os-Montes* pelo dr. Columbano Pinto Ribeiro de Castro, corregedor de Moncorvo e *juiz demarcante* da dicta provincia[4].

Do exposto se vê que a industria da seda foi muito importante em Vinhaes e Chacim e muito mais em Bragança, emquanto que hoje se acha completamente morta em toda a provincia de Traz-os-Montes, exceptuando

---

[1] Annexada civilmente á de Villar Secco da Lomba.

[2] Annexada civilmente á de Paçó.

[3] Annexada civilmente á de Ousilhão.

[4] Assim se lê na *Chor. Moderna*, mas o meu antecessor disse que está annexa á de *Rebordello*. Julgo ser lapso.

[5] O meu benemerito antecessor disse que estava annexa á de *Valle de Janeiro*. Foi lapso.

[1] Foi reitoria da mitra e commenda da Ordem de Christo, mas hoje é uma simples aldeia da freguezia de *Tuizêllo*.

V. *Nozedo* (o 1.º) tomo 6.º pag. 177, columna 2.ª

[2] V. *Quadra* e *Tuizêllo*.

[3] Em Murça n'aquelle tempo havia tambem 8,—em Chacim 54—e em Bragança 407 ?!..—Total dos *fabricantes de seda* em toda esta provincia—503.

[4] Codice n.º 486 da *Bibliot. Municip. Port.*

Freixo de Espada á Cinta, onde ha boas fabricas de séda ainda hoje,—1887.

N'aquelle tempo (1796) não havia ali uma unica.

No 2.º quartel d'este seculo ainda n'esta provincia se apurou muito dinheiro na creação do sirgo para França. O mesmo succedeu na provincia da Beira, mas poucos annos durou essa industria.

Ainda o concelho

No anno de 1885 pagou as contribuições seguintes:

Predial	10:661$399
Industrial	1:020$016
Renda de casas	380$000
Decima de juros	387$900
Sello de verba	247$694

Movimento da sua estação telegrapho-postal no mesmo anno

Objectos de correspondencia recebida	35:000
Sellos vendidos	17:700
na importancia de réis	429$000
Encommendas expedidas	77
» recebidas	111
Correspondencia em refugo—objectos	56
Vales telegraphicos	47
na importancia de réis	211$000
Vales nominaes	712
na importancia de réis	7:220$000
Cobrança de recibos, lettras e obrigações nacionaes	76
na importancia de réis	126$000
Taxas cobradas, réis	.800
» não cobradas	156
na importancia de reis	211$000
Telegrammas transmittidos...	
nacionaes officiaes	129
Particulares	987
Internacionaes particulares	22
De serviço	18
Recebidos officiaes	528
Particulares	892
De serviço	100

—

Os 3 maiores proprietarios *d'este concelho* hoje são os seguintes:

1.º—*Manuel de Mello Vaz de Sampaio*, da freguezia da Espinhosa, concelho de S. João da Pesqueira, hoje residente em *Villar d'Ossos*, (Vide) representante dos viscondes de Montalegre.

2.º—*José Manuel Ferreira*,—da povoação de Salgueiros, freguezia de Tuizêllo.

3.º—*A viuva Campilho e filhos*,—D. Maria da Gloria de Figueiredo Sarmento Campilho, de Vinhaes, viuva de Antonio Annibal de Moraes Campilho.

Os 3 maiores proprietarios *da villa* são:

1.º—*Manuel da Costa Pessoa*, representante dos nobres condes de Vinhaes, de quem logo fallaremos.

2.º—A mencionada sr.ª *viuva Campilho e filhos*.

3.º—*Leandro Albino Doutel.*

Convento de Santa Clara

Teve esta villa dois conventos:—um de freiras Claras,—outro de frades de S. Francisco, missionarios varatojanos, ambos extinctos.

O primeiro foi fundado pelo dr Antonio Alvares Ferreira, juiz de fóra na cidade da Guarda [1], e por sua mulher D. Elena da Novoa, natural de Vinhaes (ella), nas proprias casas em que viviam, pelos annos de 1580 a 1587, como prova uma escriptura de doação feita por elles em 24 de junho de 1587, na qual se diz—que faziam doação do uso fructo dos bens que elles doantes herdaram de Pedro Ougueia Dalvão e Guiomar de Castro

---

[1] Assim se lê nos apontamentos do meu illustrado informador, mas a *Historia Seraphica* diz que era corregedor de Miranda. Talvez que de um dos cargos fosse promovido ao outro.

Veja-se a *Historia Seraphica* de Fr. Fernando da Soledade, tomo V pag. 739 a 756, onde se encontra com relação a este convento um bello artigo, mas tão longo, que apenas faremos d'elle um leve extracto para podermos levar as noticias d'este convento até á sua extincção.

A chronica tem a data de 1721.

—e da casa e egreja que fizeram no dicto mosteiro, á abbadessa e madres do convento de Santa Clara que se fundou n'esta villa, etc.

—

Do exposto se vê que este convento já estava fundado em 1587—e sabe-se tambem que no dia 30 d'agosto d'aquelle anno o bispo de Miranda, D. Jeronymo de Meneses, apresentou n'elle as primeiras 3 freiras, sendo uma *Maria de S. Boaventura*, a quem deu o cargo de abbadessa—e os de vigaria e tangedeira ás outras duas, cujos nomes se ignoram, mas a chronica citada diz que as primeiras fundadoras foram as madres soror *Anna de Belem*, do convento de Villa do Conde, reformadora do convento de Santa Clara do Porto, e do de Santa Iria, de Thomar,—e duas companheiras, uma do convento de Santarem,—outra do de Figueiró.

Formada a communidade com as 3 freiras nomeadas pelo bispo de Miranda (diz o meu illustrado informador) e com outras que professaram depois, pouco prosperou este convento durante largos annos. Em 1648 achava-se elle em ruinas e habitado apenas por duas freiras decrepitas e pobres:—Catharina da Trindade e D. Francisca, das quaes uma viveu 105 annos e a outra pouco menos.

Valeram-lhe 3 cavalheiros d'esta villa:—Jeronymo de Moraes Valcacer, abbade de Cellas, freguezia d'este concelho,—Francisco Dourado e Antonio Colmieiro, os quaes o restauraram e ampliaram, indo depois para elle de Bragança 3 novas restauradoras:—*Maria da Encarnação*, abbadessa, *Maria dos Serafins*, vigaria, e *Maria de S. Miguel*, porteira, e com tanto zelo se houveram que em pouco tempo a communidade attingiu o numero de 30 freiras.

Por fallecimento d'aquellas 3 religiosas [1], o provincial mandou para abbadessa Catharina da Cruz, freira do convento de Amarante e freira virtuosissima, a qual no seu triennio (1664 a 1667) elevou ao maximo esplendor o convento, augmentando muito a communidade, dando-lhe estatutos que vigoraram até á extincção e mantendo em todo o seu rigor a disciplina monastica.

Chegou a ver no côro reunidas 112 freiras professas e o convento floresceu como os primeiros do seu tempo até o principio do seculo actual, começando então a decahir pela falta de concorrencia de noviças e pela má administração das suas rendas.

Teve muita prata para serviço da egreja e da communidade:—lampadas, candelabros, grandes castiçaes para todos os altares, thuribulos, navetas, calices, vasos, pixides, caldeirinhas, gomis, cruzes, grandes salvas, etc. etc.,—o que tudo se vendeu a pretexto de reedificarem dois quarteirões do convento—um que desabou em parte no anno de 1836,—outro que ardeu completamente em 1838; mas com certesa não gastaram nas obras o producto da venda de tanta prata!...

Tambem teve consideravel rendimento proveniente de foros e juros de dinheiro mutuado,—rendimento que foi diminuindo com a falta de dotes das noviças, principalmente depois que acabaram as profissões, e mais ainda depois que foram escandalosamente levantando os capitaes e remindo os foros, até reduzirem as rendas á expressão mais simples—e de todo as extinguiu a ultima freira D. Maria da Encarnação, fazendo-as reverter em proveito proprio e da sua familia, votando ao mais lastimavel abandono o convento, pelo que o prelado da diocese, d'accordo com o governo, a expulsou e mandou para sua casa e fechou o convento, em 30 de janeiro de 1879, sendo entregue ao parocho da villa tudo o que pertencia ao culto—e o edificio e cerca, etc., á fazenda nacional.

—

Assim terminou este convento que já contava cerca de tres seculos d'existencia e que chegou a ser um dos mais ricos, mais populosos e mais considerados.

Produziu muitas religiosas de preclara virtude, como póde ver-se na chronica, entre ellas uma por nome Anna Maria Garcia,

[1] A abbadessa e a porteira falleceram em 1659;—a vigaria falleceu alguns annos antes.

cuja virtude se tornou lendaria no convento até á sua extincção

Sendo celeireira e tendo certa porção de feijões para consumo, durante muito tempo gastou o necessario á communidade sem se notar diminuição no deposito, pelo que até se fechar o mosteiro, fallando-se de qualquer coisa de rendimento, costumavam dizer:—*isto rende como o feijão da madre Garcia*,—e ainda hoje em Vinhaes voga a mesma locução.

—

A communidade teve sempre em muita veneração um crucifixo que data da fundação do convento, pelo que lhe deram a invocação de *Senhor Fundador*. Tinha altar privativo no côro debaixo e é tradição firme que, sendo esta villa cercada pelo exercito castelhano, commandado por Pantoja e tentando os invasores profanar este convento, Catharina da Cruz, então abbadessa, (1664 a 1667) reuniu a communidade em tão negra conjunctura, lançou mão d'aquelle crucifixo e, oppondo-o como escudo a todas as portas por onde os soldados pretendiam entrar, não lhes foi possivel arrombal-as e ficou illeso o convento.

Este facto prende com uma inscripção que logo citaremos e ajuda a interpretal-a.

—

Este convento foi extincto, como já dissemos, em 30 de janeiro de 1879;—em julho de 1882 o governo deu á camara municipal o edificio e cerca para ali fundar os paços do concelho, tribunal, etc.,—e deu á irmandade da Misericordia a egreja, córos e capellas do extincto convento para ali celebrar os officios divinos.

A Misericordia tomou posse da egreja, mas, como esta se achasse em ruinas com o peso dos seculos e com o lastimavel abandono a que a votou a ultima freira, foi profanada, removendo-se para o cemiterio municipal os restos mortaes das pessoas que ali jaziam.

A camara, aproveitando a doação do governo, demoliu o quarteirão N. do convento e no seu chão levantou um soberbo e vistoso edificio, hoje prestes a concluir-se e que deve custar vinte e tantos contos de réis, destinado para paços do concelho, tribunal, administração, conservatoria, recebedoria, repartição de fazenda, estação telegrapho-postal, etc.

O convento dos frades franciscanos

Teve tambem esta villa um convento de frades franciscanos, missionarios do Varatojo, fundado em 1751 por José de Moraes Sarmento, benemerito e piedoso filho de Vinhaes, como prova a inscripção que ainda hoje se vê gravada junto da portaria, á entrada da egreja, do lado direito.

É a seguinte:

FUNDOU ESTE SEMINARIO IOSÉ
DE MORAES SARMENTO, FIDALGO
DA CASA REAL, MESTRE DE CAM-
PO DE AUXILIARES, E NATURAL
DESTA VILLA DE VINHAES, NO
ANNO DE 1751. CEDEO O PADRO-
ADO DELLE NAS MÃOS DE SUA
MAGESTADE, E FALLECEU NO ANNO
DE 1762.

No lado opposto da mesma portaria se lê est'outra inscripção:

SUA MAGESTADE FIDELISSIMA
ACCEITOU O PADROADO D'ESTE SE-
MINARIO, E O TOMOU PARA
SEMPRE NO SEU REAL NOME,
E DE SEUS SUCCESSORES, DEBAIXO
DA SUA REGIA E IMMEDIATA
PROTECÇÃO, NO ANNO DE
1777.

Floreceu este Seminario e produziu como os do Varatojo e de Mezãofrio numerosos e benemeritos evangelisadores até á sua extincção em 1834, seguindo então a sorte de todos os outros conventos do nosso paiz; mas a d'estes religiosos foi mais dura e cruel ainda, porque os outros foram simplesmente espoliados e expulsos, emquanto que estes foram presos como facinoras e conduzidos para as cadeias da Relação do Porto com a maior crueldade, sem lhes permittirem ao menos que levassem mantimento para o pri-

meiro dia, pelo que tiveram de fazer tão longa e penosa marcha soffrendo as mais duras privações e sempre cobertos de vaias e apupos dos guerrilhas, seus conductores, sem haverem commettido outro crime além de predica do Evangelho e de se opporem com a palavra e com o exemplo aos malvados intuitos dos *communistas* e *nihilistas* d'aquelle tempo ou dos taes guerrilhas que pretendiam apropriar-se do pruducto das esmolas que guardavam no seu celleiro para sustento da communidade e dos pobres que diaria e constantemente soccorriam.

—

O convento era solidamente construido;—tinha accommodações para numerosa communidade—e uma excellente egreja, ainda denominada a *Egreja grande* por ser a maior da villa,—templo vasto e sumptuoso de uma só nave com cinco altares, ricas decorações de talha dourada, imagens de primorosa esculptura, telas de muito valor, comprehendendo uma copia da Virgem de Murillo, e um côro riquissimo, admiração dos entendedores, no qual avulta um grande crucifixo de madeira muito bem esculpturado e tido em grande veneração. Foi feito, bem como o do *Senhor dos Perdidos*, por Fr. Domingos, leigo deste mesmo convento.

Na capella mór existem as sepulturas do fundador e de um seu irmão, cujas tampas são de marmore branco, pedra rarissima e carissima, jamais n'aquelle tempo, ao norte do nosso paiz e em tão remoto cantão. [1]

Nas dictas lapides se lêem as inscripções seguintes:

Na do fundador

AQUI JAZ JOSE DE MORAES
SARMENTO, FIDALGO DA CASA
DE SUA MAGESTADE, MESTRE
DE CAMPO DE AUXILIARES, CA-
VALLEIRO PROFESSO NA ORDEM DE
CHRISTO, FUNDADOR DESTE SE-
MINARIO, E DA ORDEM TER-
CEIRA DESTA VILLA DE VINHAES.
ANNO DE 1762.

Na do irmão:

AQUI JAZ PEDRO DE MARIZ
SARMENTO, IRMÃO
DO FUNDADOR.
1766.

Tem á entrada da portaria, do lado esquerdo, uma linda capella, dedicada ao *Senhor dos Perdidos* e a Nossa Senhora das Dores, cujas imagens são em ponto grande e de optima esculptura. Tanto a capella como a egreja ainda existem abertas ao culto e se conservam em bom estado, entregues á junta de parochia, achando-se actualmente erecta no vasto templo a confraria de *Nossa Senhora da Boa Morte*, por bulla do Santo Padre Pio IX, pelo que o dicto templo, denominado *Egreja grande*, tambem se denomina *Egreja da Boa Morte*.

A mencionada capella do *Senhor dos Perdidos* tem sobre a porta da entrada esta inscripção:

ILLE EGO QUI VENIAM, SUPLEX SI,
PERDITE, QUAERIS;
NAMQUE BENIGNUS EGO, VIRGO QUE
MOESTA PARENS.

Copiámos *fielmente* o que nos mandou o nosso illustrado e muito consciencioso informador, mas—ou elle a copiou mal—ou o gravador a deturpou.

No cimo do altar, sobre a imagem do Senhor, lê-se o seguinte:

EU SOU O BOM JESUS DOS
PERDIDOS. VINDE A MIM.

—

Tem um bom claustro quadrado, com arcaria de granito, suspendendo os corredores dos quatro quarteirões do convento. Servia tambem o dito claustro de cemiterio,

[1] Aquelle marmore ou foi de Lisboa ou da Italia. Hoje podia ir das soberbas pedreiras de Vimioso, mas a sua conducção ainda assim era muito dispendiosa, porque as dictas pedreiras distam de Vinhaes cerca de 80 kilometros de pessimo caminho, exceptuando os 32 kilometros de Vinhaes a Bragança.

V. *Vimioso*.

hoje profanado e exposto a toda a casta de indecencias, achando-se ali muitas ossadas de pessoas venerandas, sendo para lamentar que a nobre familia, a quem hoje pertence o extincto convento, ainda se não lembrasse de remover aquellas ossadas para o cemiterio publico.

É no dicto claustro que folgam e passeiam livremente, licenciosamente, os soldados dos dois destacamentos da villa que, ha muito, costumam aquartellar-se no edificio do convento, arvorando em cosinha do rancho a lindissima capella do capitulo—e em dispensa ou deposito dos generos do rancho a capella de Nossa Senhora do Carmo—para honra e gloria do *seculo das luzes?...*

Valha-nos Deus!

A meio do claustro ainda existe um chafariz octogono de granito, encimado pela estatua da fama com a trombeta e um escudo, no qual se lê a inscripção seguinte:

VOX MEA, QUAE TOTUM PER NOMEN
DETULIT AURAS,
DEFERT, QUI ACCLIVES CURRERE
FECIT AQUAS.

«Assim como outr'ora espalhei aos quatro ventos muitos nomes,

Hoje espalho o do benemerito que fez jorrar aqui estas aguas.»

—

Na parte superior do edificio estão actualmente (emquanto se não ultima a nova casa da camara)—os paços e a administração do concelho, o tribunal judicial, a repartição da fazenda, etc., por arrendamento que a camara paga ao sr. Manuel da Costa Pessoa, dono do extincto convento,—e junto d'este se conservam ainda a casa e o templo da *Ordem Terceira da Penitencia,*—ordem muito florescente e muito bem administrada. A sua egreja é muito mais pequena do que a dos frades, mas lindissima,—uma das mais formosas do bispado de Bragança.

A villa

Vinhaes tem hoje uma só freguezia que representa quatro:—a antiga e actual de Nossa Senhora da Assumpção, e as extinctas de *S. Facundo dos Bairros* [1], *Nossa Senhora da Expectação de Rio de Fornos* e a da *Santo Ildefonso de Moaz,* hoje simples aldeias da villa, que comprehende os *bairros* do Carvalhal, Campo, Couce, Eiró, Bairro d'Alem e Bairro da Boa Vista;—os casaes do dr. João Ferreira, do Doutel, do Campilho e outros menos importantes,—e as quintas da Ribeirinha, Armoniz e Ermida.

A povoação de *Moaz* demora em um monte que tem de altitude 937 metros; pelo contrario a quinta da *Ribeirinha*, que pertenceu á extincta parochia de *Moaz,* demora em sitio fundo, abrigado, quente e mimoso, na margem do rio das *Trutas,* e tem apenas dois fogos.

Armoniz é tambem hoje uma simples quinta e pertenceu á mesma freguezia de *Moaz*, cujo parocho era da apresentação do abbade de Vinhaes, que recebia os dizimos.

A quinta da *Ermida* tem uma capella de Santa Engracia e foi até 1834 prebenda do cabido de Bragança, que recebia os dizimos d'ella.

A povoação de *Rio de Fornos* dista de Vinhaes cerca de dois kilometros e foi freguezia independente, cujo parocho era da apresentação do reitor de Paçó; mas tanto a freguezia de *Rio de Fornos* como a de *S. Facundo* e a de *Moaz* foram ha muito extinctas e unidas á de Vinhaes—e *assim se conservam.*

Fica assim rectificado o que disse o meu benemerito antecessor nos artigos *Ermida* (a 1.ª) vol. III, pag. 48;—*Ribeirinha*, vol. 8.º pag. 187, col. 1.ª;—*Rio de Fornos,* no mesmo volume pag. 193, col. 2.ª—e *Val de Janeiro*, vol. X, pag. 53, col. 1.ª [2].

---

[1] *Facundo* é modificação de *Sahagum.*

[2] Note-se tambem que a matriz de *Val de Janeiro*, templo muito singelo e *sem coisa alguma notavel*, demora no centro da povoação e não *no outeiro, a um kilometro de distancia*, como disse o meu antecessor. Suppõe-se que esteve no tal outeiro, antigo cas-

Templos

1.º—*A egreja grande* ou da *Boa Morte*, já descripta e que pertenceu ao extincto Seminario varatojano.

2.º—A egreja de *Nossa Senhora da Assumpção*,—matriz.

Demora no bairro do Castello.

3.º—Egreja da *Misericordia*.

4.º—Egreja de *S. Facundo dos Bairros*.

D'ella fallaremos adiante.

5.º—Egreja de *Nossa Senhora da Espectação de Rio de Fornos*, na povoação d'este nome e que foi tambem matriz d'aquella parochia.

6.º—Egreja de *Santo Ildefonso de Moaz*, na povoação d'este nome e que foi tambem matriz d'aquella parochia, hoje extincta.

7.º—Egreja do extincto convento das freiras, hoje profanada.

8.º—Egreja da *Ordem terceira* da *Penitencia*, já descripta.

Só estes 8 templos não se faziam hoje com *duzentos contos de réis!...*

9.º—Capella do *Senhor dos Perdidos*, já descripta.

10.º—Capella de *S. Caetano*, na rua Nova da Villa, junto ao palacete dos condes de Vinhaes e com ligação do palacete para ella, por auctorisação da junta de parochia, pois a dicta capella é publica.

11.º—Capella de *S. Martinho*, no Bairro do Carvalhal.

12.º—Capella de *Santo Antonio* no Bairro do Campo.

13.º—Capella de *Santo Agostinho*, na quinta de Armoniz.

14.º—Capella de *S. Jorge*, na quinta da Ribeirinha.

---

tello, mas foi transferida ha seculos para o local que hoje occupa.

No sitio do antigo castello está uma ermida dedicada a Nossa Senhora da Assumpção. Foi feita pelo padre Cypriano Ferro, de Val de Janeiro, e approximadamente em 1850;—uma faisca electrica devorou-a em 1883,—mas foi logo reedificada pelos habitantes d'aquella freguezia.

15.º—Capella de *Santa Engracia*, na quinta da Ermida.

16.º—Capella do *Senhor do Horto*. Pertence á junta de parochia.

17.º—Capella do *Senhor Morto*. É particular e demora na cerca dos varatojanos.

18.º—Capella de *S. Lourenço*, no Bairro do Campo. Suppomos ser a de *Santo Antonio*, supra.

19.º—Capella de *S. Vicente*, no Bairro *d'Alem*, ambas mencionadas por Carvalho.

20.º—Capella de *Nossa Senhora da Oliveira*.

Demora no palacete brasonado (*Casa da Corugeira*) pertencente á nobre familia *Campilho*.

21.º—Capella de *Nossa Senhora da Natividade*.

Demora na rua de Baixo, na casa pertencente a José Antonio Machado, de Villar d'Ossos, e a suas cunhadas—D. Maria Illuminata e D. Leopoldina Campilho.

22.º—Capella de *Santa Catharina*, no bairro do *Eirô*,—no palacete brasonado de que logo faremos menção.

23.º—Capella de *Nossa Senhora da Luz*, na *Praça do Arrabalde*.

Pertencia ao palacete brasonado que foi de Estevam de Mariz, e de que logo faremos menção, mas foi profanada e hoje serve de cosinha a uma hospedaria montada em uma parte do dicto palacete. A outra parte está arrendada a um negociante.

Estas ultimas 5 capellas são particulares e todas se acham abertas ao culto, exceptuando a ultima, que foi profanada,—e a de *S. Vicente*, que foi demolida e era da nobre familia *Colmieiros*.

Egreja de S. Facundo

É um templo venerando pela sua architectura, tradições e antiguidade.

Foi a primeira matriz d'esta parochia e das parochias circumvisinhas até muitas legoas de distancia, pois é considerada como a egreja *mais antiga d'este bispado!...*

A tradição diz que foi fundada pelos godos e dedicada primitivamente á *Santissima Trindade*, como attestam ainda hoje varios

grupos de figuras esculpidas em granito aos lados da sua porta principal.

Um d'esses grupos tem 3 bustos que representam as 3 divinas pessoas da Santissima Trindade—*Padre, Filho* e *Espirito Santo.*

Outro grupo tem 3 bustos tambem, sendo maior o do centro e parece representar as 3 *pessoas distinctas* da mesma *Trindade Santissima.*

Do lado opposto tem um só busto, mas em ponto maior, e julga-se que representa—*Um só Deus Verdadeiro.*

Diz mais a tradição—que os Santos Facundo e Primitivo, cavalleiros gallegos, sendo perseguidos pelos mouros depois de um combate, se acolheram á dicta egreja e n'ella permaneceram algum tempo—e que, em memoria d'este facto, sendo depois martyrisados e canonisados, se deu á dicta egreja o titulo de S. *Facundo.*

Em volta d'ella se fez o cemiterio da villa, que é um cemiterio esplendido, muito amplo e muito bem situado, com solidos muros e um grande portão de ferro, tendo por capella a veneranda egreja de S. Facundo, que o domina todo e lhe dá muito realce.

Demora este cemiterio em sitio alto, arejado, alegre e vistoso e é sem contestação o primeiro do districto de Bragança.

Pessoas notaveis

Teve esta villa muitas familias illustres, sendo as principaes — Colmieiros, Moraes Sarmentos, Ferreiras, Marizes, Dourados, Silvas, Barretos e Pessoas, Serrões e Pimenteis, das quaes estão hoje aqui representados os *Silvas Barretos* e *Moraes Sarmentos* pela familia *Campilhos,*—e os *Pessoas* por Manuel da Costa Pessoa, filho do ultimo conde de Vinhaes.—Dos *Ferreiras Sarmentos Pimenteis,* foi ultimo representante o conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça—Antonio Ferreira Sarmento, já fallecido

Antiguidades

O chão d'esta villa e d'esta parochia foi occupado desde tempos remotissimos, como se infere da lenda ou historia da egreja de S. *Facundo,* que a tradição diz ser fundada no tempo dos godos.

Tambem por aqui se demoraram os romanos, pois ao norte da villa, no monte da *Vidueira,* se encontraram em 1872 muitas moedas romanas bem conservadas, que os habitantes de Rio de Fornos malbarataram e venderam a differentes especuladores.

Tambem revela muita antiguidade o nome do monte que se ergue a N da villa denominado *Ciradella* ou *Ciradala.* A *Chorogr. Port.* o denominou *Ciradelha* e outros o denominam *Cidadella, Cidadelha* e *Cidadelhe.* Estes ultimos nomes diminutivos de *cidade,* indicam a existencia de uma povoação importante n'este sitio em tempos muito remotos.

Vide *Villa Pouca d'Aguiar,* tomo XI, pag. 902, col. 2.ª e segg.

Por seu turno *Ciradella* ou *Ciradelha* pode ser modificação de *Cidadella* ou *Cidadelha*—ou proveniente de *cira,* que outr'ora significava *silvedo, brenha, matta, bosque.*

V. *Villa Franca de Xira,* vol. XI, pag. 750, col. 2.ª

—

No dicto monte se encontram ainda hoje restos de edificações antiquissimas, geralmente attribuidas aos mouros, mas que talvez fossem dos godos ou romanos—e é muito provavel que estes aqui tivessem algum castro ou acampamento fortificado; porque passava aqui uma das cinco estradas romanas que de Braga se dirigiam a Astorga.

Esta seguia por Chaves para leste, approximadamente pelo traçado da nova estrada real a macadam n.º 37, de Chaves a Bragança, atravez da villa de Vinhaes, segundo se lê nas *Memorias* de Argote, tomo 1.º pag. 359 e 398,—e tomo 2.º gag. 576, 590 e 713.

Grutero aponta um marco milliar ou *padrão* encontrado em Vinhaes ou junto de Vinhaes,—e Viterbo, lettra E, cita uma lapide encontrada tambem junto de Vinhaes com a inscripção seguinte:

Jovi
O m.
Loviis

IAIIX
VOTO
L A P.

«*Lovesia dedicou por voto e com generoso animo ao grande Jupiter.*»

Esta mesma inscripção se encontra incorrectamente copiada no *Portugaliae Inscriptiones romanae* de Levi Maria Jordão, pag. 15, n.º 46.

—

Esta villa outr'ora tambem se denominou *Povoa Rica* e estava mais proxima do Tuella,—segundo diz a tradição.

D. Affonso III lhe deu foral em Santo Estevam de Chaves, a 20 de maio da era de 1291,—anno 1253 e não 1262, como diz o Padre Carvalho. V. *Livro II de Doações do Sr. Rei D. Affonso III, fl. 16, in principio,*—e *Livro de Foraes Antigos de Leitura Nova,* fl. 104, col. 1.ª

D. Manuel em 4 de maio de 1512 lhe deu tambem *foral novo.*

Livro de Foraes Novos de Traz-os-Montes, fl. 8, v. col. 2.ª

No *Portugaliae Monumenta*, vol. 1.º pag. 639, col. 2.ª, se encontra na sua integra o foral de D. Affonso III. N'elle diz que Vinhaes e os seus termos lhe dariam 600 morabitinos da moeda corrente na localidade, por todos os direitos e fóros que o rei deveria haver na dita povoação de *Vinaes*, sendo 500 morabitinos pela renda da terra e 100 pela tenencia do seu castello,—e que os 600 morabitinos seriam pagos nas 3 terças do anno:—200 no 1.º dia de março,—200 no 1.º de julho—e 200 no 1.º de novembro;—que a justiça lhes seria administrada por juizes da mesma villa—e, «*quando elles lh'a não façam, appellem para mim, que eu lh'a farei por mim ou por delegado meu*».

A isto se reduz o dicto foral, que é muito laconico e em latim.

—

Esta villa outr'ora foi murada, mas hoje dos seus muros apenas restam pequenos lanços, alguns ainda com ameias.

Tambem teve um castello com duas torres, mandado fazer por D. Diniz,—segundo se lê na *Chorographia Portugueza* e nos *Dialogos de Maríz*, pag. 134,—isto porém não é a expressão da verdade, porque, segundo se lê no foral de D. Affonso III, este castello já existia em 1253 e D. Diniz reinou de 1279 a 1325.

É possivel que D. Diniz n'elle fizesse obras importantes, mas com certeza não o fundou de novo, como se lê em Mariz. Talvez o restaurasse,—e D. Manuel o aperfeiçoou e mandou levantar a planta d'elle e d'outros muitos, — plantas e desenhos que podem ver-se em um grande livro na Torre do Tombo.

Noticias de Portugal por Severim de Faria, pag. 61.

Quando D. João I de Castella invadiu Portugal em 1384, por morte d'el-rei D. Fernando e a convite da rainha viuva D. Leonor Telles de Meneses, foi o castello de Vinhaes um dos muitos que hastearam a bandeira hespanhola e recusaram obediencia ao Mestre d'Aviz, depois rei D. João I de Portugal.

Europa Portugueza, tomo 2.º pag. 247 e 311.

—

Durante as profiadas luctas entre Portugal e Hespanha, soffreram muito esta villa e todas as nossas povoações da raia. Citaremos apenas um trecho da guerra dos *vinte e sete annos* ou da *Restauração.*

Em 1666, achando-se em Lisbôa o conde de S. João, governador das armas d'esta provincia, e sendo ella na sua auzencia governada pelo mestre de campo general Diogo de Brito Coutinho, foi este auxiliar o conde do Prado, governador de entre-Douro e Minho, na lucta com os gallegos. Entretanto D. Balthazar Pantoja, general da Gallisa, poz a ferro e fogo a provincia de Traz-os-Montes.

Em 11 de julho do dicto anno de 1666 entrou por Montalegre e saqueou e incendiou todas as povoações d'aquelle districto. No dia 13 caiu sobre Chaves, mas foi repellido pela guarnição; no dia 14 assaltou os logares de Faiões e Santo Estevam, defendidos pelo sargento-mór d'auxiliares Antonio de Azevedo da Rocha com duas companhias de

ordenanças de Villa Real e, tomando as dictas povoações depois de algumas horas de lucta, degolou a guarnição, sem poupar os capitães prizioneiros. O sargento-mór acolheu-se com alguns soldados ao pequeno castello de Santo Estevam, mas teve de render-se, capitulando com a condição de serem poupadas as vidas aos defensores; não respeitou porém tal condição o general gallego, pois matou alguns dos nossos soldados e feriu outros, entre elles o sargento-mór.

—

Proseguindo com a sua marcha, destruiu Pantoja ainda varias povoações portuguezas das margens do Tamega e recolheu-se a Monte Rei, praça gallega a cavalleiro de Verim. Passados poucos dias volveu sobre Portugal, entrando por Monforte e mandou como diversão para Barroso 40 cavallos. Foi logo sobre elles com 6 companhias Francisco de Tavora, tenente general de cavallaria;—bateu-os,—tomou-lhes alguns cavallos—e recolheu-se a Chaves;—entretanto Pantoja foi saqueando e incendiando varías povoações e poz cerco a Vinhaes.

Por seu turno o mestre de campo Diogo de Brito, que estava em Chaves, entrou no valle de Monte-Rei com 6 companhias de cavallos e saqueou e incendiou 13 povoações, entre ellas *Villaça*, villa grande. Sairam de Monte-Rei 250 cavallos contra os nossos, mas foram batidos, perdendo 40, e em seguida retirou-se Diogo de Brito para Chaves.

Pantoja com o seu exercito cercou o castello de Vinhaes, defendido apenas pelo governador Estevam de Mariz, de quem logo fallaremos, com os habitantes da villa e 50 auxiliares.

Os gallegos deram o assalto de noite; pelejaram até á madrugada; forçaram uma das portas, mas foi tão valentemente defendida, que não poderam entrar, posto que durou o combate todo o dia, pelo que retiraram para a povoação hespanhola de *Mesquita*, queimando os arredores de Vinhaes e differentes aldeias portuguezas, mas por bom preço pagaram os hespanhoes estes excessos!...

—

Apenas o conde de S. João recebeu em Lisboa taes noticias, partiu para Traz-os-Montes;—reuniu todas as forças disponiveis—e foi procurar o Pantoja. Fez-se este immediatamente ao largo, retirando para Tuy, mas o conde de S. João tantas entradas fez na Galliza pondo tudo a ferro e fogo até muitas leguas de distancia, e tão duramente castigou os gallegos, que estes para intimidarem os filhos os ameaçavam com o nome do conde;—e tantas contribuições de guerra impoz a differentes povos gallegos da raia, que sustentava com ellas a nossa cavallaria.

Mandaram os hespanhoes contra elle o general D. Diogo Gasconha, que se havia coberto de gloria em Flandres, mas não se intimidou o conde de S. João. Pelo contrario só com 1:000 infantes e 800 cavallos metteu-se de noite no valle de Laça. No dia seguinte D. Diogo, estando na praça de Monte-Rei passando revista a 19 companhias de cavallos e constando-lhe que as forças portuguezas se achavam no dicto valle, marchou immediatamente contra ellas com toda a força do seu commando, mas o conde de S. João, depois de uma habil manobra o envolveu e derrotou completamente, tomando-lhe 327 cavallos?!...

Salvou-se D. Diogo com as forças restantes em debandada, aproveitando a escuridão da noite e não mais se abeirou do conde de S. João.

Foi esta a ultima acção memoravel na lucta dos 27 annos, pois deu-se em 1667 e poucos mezes depois,—em 13 de fevereiro de 1668,—se fez a paz entre as duas nações.

—

Estevam de Mariz era filho de Rodrigo de Moraes, da freguezia de Tuizello d'este concelho de Vinhaes e na parede da casa que fez n'esta villa se vê ainda hoje uma grande inscripção allusiva ao facto mencionado supra. Está ella muito mal gravada em lettras inclusas bastante corroidas pelo tempo e só em gravura póde bem reproduzir-se; entretanto ahi vae a copia que o nosso illustrado informador nos mandou:

ESTEVÃO DE MARIS GOVERNADOR DES
TA VILLA, F.° DE R.° DE MORAIS DE TIO-
ZELO MANDOV FAZER ESTAS CASAS

NA E. DE MDCLXVI[1] QUANDO PANTOXA
GL. DO EXERCITO DE GALIZA COM O
MAIOR Q. SE VIO NESTA PROVINCIA[2]
E LHE DEFENDEO A MVRALHA CO
A GENTE NOBRE DA VILA E POV
QVA MAIS DE GRÃ (?) E CÕ PERDER MVTÃ
LEVANTOV O SITIO E QVEIMOV AS
CASAS Q. FICAVÃO FORA DA MVRALHA

N'este venerando edificio, hoje em abandono, está uma hospedaria e uma loja de commercio—e a sua capella, outr'ora dedicada a *Nossa Senhora da Luz,* está profanada e servindo de cosinha da hospedaria!...

João Serrão

Nas ruinas da capella da nobre familia *Colmieiros* d'esta villa, no *Bairro d'Alem,* appareceu ha annos a tampa de uma sepultura com a inscripção seguinte :[3]

AQUI ESTÁ SEPULTADO
JOÃO SERRÃO DE MORAES
E SUA MOLHER GUIO-
MAR FREIRE.

Este João Serrão de Moraes foi um dos fidalgos que acompanharam el-rei D. Sebastião na batalha d'Alcacer Kibir,—a batalha mais desastrosa que até hoje experimentaram as armas portuguezas.

Ficando captivo, passados annos evadiu-se;—atravessou a Hespanha com trajos de mendigo e, chegando a Vinhaes, tratou logo de informar-se com relação á sua casa e á sua familia. Ficando muito satisfeito com as informações obtidas, apresentou-se á esposa, que sem difficuldade o reconheceu pelo annel do casamento que tinha podido conservar e trazia ainda no dedo.

D'este João Serrão foi penultimo representante o 2.º barão de *Paúlos,* aldeia da freguezia de Constantim, concelho de Villa Real, que teve um filho e duas filhas. O filho morreu solteiro;—as filhas ainda vivem, sendo uma d'ellas surda e muda;—a outra, a ex.ma sr.ª D. Maria do Carmo Osorio Colmieiro da Veiga Cabral Caldeirão, casou com o sr. Manuel da Silveira Pinto da Fonseca, de Canellas, concelho da Regoa, neto materno e actual representante do 1.º marquez de Chaves e 2.º conde de Amarante, bisneto do 1.º conde d'este titulo e neto paterno do 1.º visconde de Varzea.

Manuel da Silveira herdou dos seus maiores e do seu sogro uma grande casa, mas pela sua *pessima administração* comprometteu-a e perdeu-a *toda,* vendendo inclusivamente os bens que a esposa e a infeliz cunhada tinham n'esta villa de Vinhaes, achando-se no momento a braços com duras provações toda aquella nobilissima e riquissima familia, que tão importante papel representou no tempo do marquez de Chaves?!...

V. *Villa Real de Traz-os-Montes,* vol. XI, pag. 1:020.

—

Tem esta villa duas aulas officiaes de instrucção primaria para os dois sexos,—funccionando a do sexo masculino em casa propria, feita com o subsidio do benemerito portuense conde de Ferreira, pelo que se denomina *Escola do Conde de Ferreira.*

Tambem, desde tempos muito remotos, teve esta villa uma aula regia de latim, mas foi supprimida approximadamente em 1850,—em pleno seculo XIX, o *seculo das luzes!...*

Tambem esta villa tem uma irmandade da *Mizericordia,* bastante antiga, mas prestes a extinguir-se pela sua má administração, que offerece o mais lugubre contraste com a da *Ordem Terceira da Penitencia,* já mencionada.

Horror!

No dia 15 de março de 1885 pernoitou na estalagem de Val Paço, freguezia de Caropos, d'este concelho, a 13 kilometros de Vinhaes, um velho octogenario que da villa de Chaves se dirigia para Bragança, com o fim de visitar um filho, sargento de um dos corpos da guarnição d'aquella cidade. No dia

---

[1] A era está illegivel, mas deve ser esta, porque o facto deu se em 1666, como se lê no *Portugal Restaurado.*

[2] Aqui faltam algumas palavras, talvez:—*cercou esta villa.*

[3] A capella já não existe. Era dedicada a *S. Vicente.*

seguinte de madrugada, proseguindo com a sua viagem, foi assaltado, roubado e barbaramente assassinado no *Valle da Azinheira*, freguezia de Candedo, e os ladrões e assassinos, para desviarem suspeitas do crime, arrastaram o cadaver para uma matta distante cerca de 5 kilometros, onde foi casualmente encontrado. O regedor d'aquella freguezia participou immediatamente tão triste occorrencia ao poder judicial. Fez-se a autopsia e, graças á energia das auctoridades, em breve foram presos e mettidos na cadeia os reus de tão nefando e estranho crime; foram porem no julgamento absolvidos por *falta de provas*.

A autopsia foi feita pelo facultativo da camara Alvaro Solari Alegro, e declarou entre outras coisas, o seguinte:

Que o cadaver se achava no méio de umas urzes em decubito dorsal e completamente nú;—que lhe faltava o dedo pollegar da mão direita, por lhe haver sido cortado;—que tinha na parte posterior da cabeça uma ferida transversal com seis centimetros de comprimento e um de largura e fractura dos ossos do craneo;—que este ferimento foi feito com instrumento cortante e perfurante bem aguçado,—e que d'elle resultou a morte por haver destruido orgãos essenciaes á vida.

Ha muito que n'este concelho se não registrava um facto tão revoltante.

Edificios

Tem Vinhaes bons edificios publicos e particulares, avultando entre os primeiros—a *egreja grande*, que foi dos frades,—a egreja matriz—e os novos paços do concelho. Entre os edificios particulares merecem especial menção os seguintes :

1.º—O *convento dos frades*, hoje extincto e propriedade particular de Manuel da Costa Pessoa, filho do 2.º conde de Vinhaes.

N'este edificio se vê ainda o escudo das armas reaes portuguezas.

2.º—As *Casas Novas*, na rua Nova, palacete brasonado que foi dos condes de Vinhaes e é hoje do mesmo sr. Manuel da Costa Pessoa.

3.º—O antigo palacete, tambem brazonado, feito na *Praça do arrabalde* por Estevam de Mariz.

É hoje do morgado Manuel José Ferreira Sarmento, das Aguieiras

4.º—O palacete tambem brasonado, denominado a *Quinta*, que foi da familia *Sarmentos Pimenteis*, ultimamente representada pelo conselheiro do supremo tribunal de Justiça Antonio Ferreira Sarmento Pimentel, fallecido em Lisboa em 1885, e hoje pela viuva e filhos, herdeiros do finado.

O filho mais velho,—Antonio Ferreira Sarmento,—reside na villa de S. João da Pesqueira.

5.º—O palacete da *Crujeira*, tambem brasonado, pertencente á nobre familia *Moraes Campilhos* e por ella habitado.

6.º—O palacete, tambem brasonado, que foi dos antigos *Ferreiras Sarmentos Lousadas* e que hoje pertence tambem a Manuel José Ferreira Sarmento, morgado das Aguieiras.

Este ultimo palacete demora no *Bairro do Eirô*;—os outros demoram na villa.

A egreja parochial

É um bom templo de uma só nave e architectura simples e demora *intra muros*, no ponto mais alto da villa, precisamente no local onde esteve um antiquissimo castello, que foi substituido pela egreja matriz, como succedeu em Mirandella e Villa Flor, n'esta provincia, e em Ceia, na provincia da Beira Baixa, sendo para lamentar que a esplendida e magestosa matriz de Moncorvo não fosse tambem feita no local do antigo castello d'aquella villa, hoje occupado pelos novos paços do concelho, pois brilharia muito mais.

V. *Moncorvo* n'este diccionario e no supplemento.

A matriz de Vinhaes tem ricos paramentos e alfaias e está muito limpa e muito bem tractada, o que em grande parte se deve ao zelo do seu dignissimo abbade, o rev. Abilio Augusto da Silva Buiça.

Tem altar-mór e 3 lateraes,—um da pa-

droeira, representada por uma linda e grande imagem, ricamente vestida com as côres do tempo;—outro do *Senhor Jesus Crucificado*,—e outro de *Nossa Senhora do Rosario*,—todos de bella talha antiga dourada.

No altar-mór está o Santissimo e no mesmo retabulo em duas peanhas lateraes se vêem as imagens do *Coração de Jesus* e de *Coração de Maria*.

Não tem torre, mas campanario triangular com dois grandes sinos e um d'elles com o relogio municipal, feito por Joaquim José Marques, da freguezia de Moreira, concelho da Maia.

O sino maior ouve-se a 10 kilometros de distancia!...

Os habitantes de *Moaz* e dos *Bairros*, que fazem parte da freguezia, ha muito que pedem a transferencia da matriz para a *Egreja Grande*, templo mais vasto e magestoso, mas nada conseguiram ainda, porque a *Egreja Grande* está em sitio fundo, insalubre e exposto a inundações que por vezes teem chegado até á capella-mór!... Alem d'isso ficaria exposta a ser roubada, o que não succede á matriz actual.

—

Esta villa teve durante muito tempo uma delegação da alfandega de Chaves, mas em janeiro de 1884 foi transferida para Bragança.

Dentro da parte murada e a pequena distancia da matriz está a cadeia e esteve o pelourinho. N'este se viam as armas reaes portuguezas e tinha por emblema da villa um homem pisando vinho, alludindo aos vinhedos que outr'ora, antes da invasão phylloxerica, abundavam n'este concelho e constituiam, como já dissemos, a sua principal riqueza, hoje completamente annullada.

Tem a villa duas pracas—a do *Arrabalde* e a da *Calçada*. Na 1.ª se vê um grande chafariz, denominado *Fonte do Cano*,—e a egreja da *Misericordia*,—duas obras importantes, mandadas fazer no seculo XVII pelo benemerito Estevam de Mariz Sarmento, já mencionado repetidas vezes.

Alem da *Fonte do Cano*, tem esta villa outras, todas de bica, pois é muito abundante d'optima agua, tanto potavel, como de rega.

Baroneza de contrabando

Em março de 1885 apresentou-se no Porto, em casa de certa familia rezidente no monte das Antas, uma rapariga decentemente trajada, lastimando-se e dizendo ser filha da baroneza de Bragança e que tinha abandonado a sua casa, por não poder aturar o tutor. Esta lenga-lenga, acompanhada de lagrimas, commoveu a dona da casa, que muito amoravelmente a recebeu; chegando porém o marido e dirigindo-se á desditosa fidalguinha, notou que o palavriado d'esta não revelava a cultura propria de tão alta estirpe e foi participar o caso á policia. Não se fez esta esperar, mas a intrujona safou-se a tempo, o que de nada lhe valeu, porque pouco depois foi presa na praça de D. Pedro pela policia e, levada ao commissariado, ali foi reconhecida como uma refinada ladra, já presa tantas vezes que o seu retrato se via enfileirado nas galerias da policia.

A supposta baronesinha era uma desgraçada, por nome Maria José d'Almendra, filha de Vinhaes.

Mosaico

Os antigos paços do concelho eram muito humildes. Demoravam no bairro do castello e são hoje habitação do carcereiro, pois está no mesmo edificio a velha e actual cadeia, muito pequena e muito immunda.

Do pelourinho, que esteve junto da velha casa da camara e da cadeia, nada existe. Foi demolido ha annos, quando se calcetou aquella estreita rua, porque impedia o tranzito, e, em vez de o removerem para outro local e de o conservarem como um dos monumentos mais importantes da villa, empregaram a sua pedra em differentes obras do municipio, despedaçando inclusivamente o *fuste* da columna, as *armas reaes* e o *busto*, emblema da villa?!...

Das duas portas dos velhos muros ainda existem os arcos bem conservados, bem como um postigo, cerca de 30 metros distante da porta do norte, sobre a qual se venera em um nicho a imagem de *Santo Antonio*.

Tambem houve sobre a *porta do sul* outro

nicho com a imagem de *Nossa Senhora das Portas*, que foi d'ali removida ha annos, não sabemos para onde.

Ainda se conservam as duas torres que defendiam as duas portas, mas uma das dictas torres está meio demolida.

A antiga estrada militar de Chaves a Bragança atravessava esta villa, de N. a S., mas não entrava no bairro murado. Passava ao norte d'elle, como passa a nova estrada real a macadam; mas esta, desde Vinhaes até o rio *Tuella*, desviou-se muito do leito da antiga estrada, para o sul, ficando muito mais extensa, mas muito mais suave e atravessando o rio *Tuella* em uma ponte nova, muito elegante, de cantaria, com um grande arco e um *registro*, ou outro arco mais pequeno, tendo junto d'ella uma casa para os cantoneiros e serviço das obras publicas, tambem solida e bem acabada.

Ainda existe sobre o *Tuella* a ponte da antiga estrada militar. Dista alguns kilometros da nova ponte; é de alvenaria, mas muito solida;—tem cinco arcos—e denomina-se *Ponte da Ranca*.

—

Um pouco a jusante d'esta ultima ponte, no sitio denominado *Rugidouro*, desagua o ribeiro de *Riaçós*, que nasce na serra de *Ciradelha*, junto da villa de Vinhaes;—tem cerca de 3 kilometros de curso—e rega muitos campos.

O rio de *Trutas* nasce na falda da serra da *Corôa*, junto da povoação de Travanca;—tem de curso approximadamente 15 kilometros; — desagua no mesmo rio Tuella, junto da quinta da Ribeirinha;—move grande numero de moinhos—e tem um pontão de madeira junto da aldeia de Travanca;—uma linda ponte de cantaria de granito junto da aldeia de *Rio de Fornos*, na estrada municipal em construcção de Vinhaes á fronteira;—outro pontão de pau entre Vinhaes e a quinta de *Soutello*, freguezia de Sobreiró,—e finalmente outro pontão de madeira entre a povoação de *Alvaredos* e a quinta da *Ribeirinha*, n'esta parochia de Vinhaes.

O *Riaçós* tem uma bella ponte de cantaria de um só arco, mandada fazer pela camara, um pouco a jusante do *Bairro do Eiró*,—e junto do mesmo bairro move um moinho, denominado do *Amador*.

Cerca de 7 kilometros a N. N. O. de Vinhaes passa n'este concelho, mas não toca n'esta freguezia, um outro grande ribeiro que tem diversos nomes e approximadamente 24 kilometros de curso;—caminha de N. E. a S. O.—e desagua na margem esquerda do rio *Rabaçal*, uma das nascentes do Tua.

Nasce o dicto ribeiro ao norte da serra da *Corôa*;—passa entre as povoações de *Quadra* e *Salgueiros* com o nome de *Ribeira de Val de Remizio*;—no termo de *Villar d'Ossos* chama-se *Ribeira de Pias*;—mais abaixo, no termo da povoação de *Teléas*, freguezia de *Tuizello*, chama-se *Ribeiro da Lentilha*,—e não sabemos que nome ou nomes lhe dão d'ali até o Rabaçal. [1]

—

O novo cemiterio foi construido em 1874 a 1875.

Nem os alcaides-mores, nem os condes de Atouguia, que foram muitos annos senhores de Vinhaes, tiveram aqui palacete algum ou residencia propria.

A construcção dos novos paços do concelho principiou em 1884.

Esta villa pouco soffreu com a guerra peninsular, porque os francezes não passaram de Chaves para leste,—e tambem pouco soffreu durante as guerras civis posteriores, alem do incommodo proveniente do aboletamento das tropas.

Teem hoje esta villa e este concelho apenas dois bachareis formados:—João Francisco Ferreira, da quinta de Salgueiros, juiz de direito em Serpa,—e Antonio Augusto Gomes d'Almendra, d'esta villa, delegado do procurador regio em Satam.

Hoje as ruas principaes d'esta villa são:—*Rua Nova*, *Rua de Cima*, *Rua de Baixo*, *Rua da Crujéira*, *Rua das Freiras*, *Rua de S. Francisco* e *Arrabalde*.

Tem este concelho 3 pharmacias:—duas na villa—e uma em *Rebordello*.

---

[1] Fica assim rectificado o que algures dissemos do ribeiro das *Trutas* e do de *Riaçós*.

Tem a villa 3 estalagens e uma hospedaria na rua de S. Francisco,—outra estalagem no Arrabalde—e os largos seguintes:

1.º—*Arrabalde.* É o mais espaçoso; tem bons edificios na sua circumferencia—e o bello chafariz denominado *Fonte do Cano*, brasonado com as armas reaes portuguezas.

2.º—*Largo da Calçada*, junto dos novos paços do concelho.

3.º—*O adro da matriz*, tambem espaçoso e muito vistoso, pois domina toda a villa e seus arrabaldes.

Tem finalmente a villa 2 feiras mensaes, nos dias 9 e 23.

—

Hoje as principaes festas religiosas d'esta villa e d'este concelho são as seguintes:

1.ª—A de *Nossa Senhora da Assumpção*, (padroeira) a 15 d'agosto.

2.ª—A festa e romagem de *Nossa Senhora dos Remedios* em Tuizello, no dia 8 de setembro.

3.ª—A festa e romagem de *Nossa Senhora dos Remedios* tambem, na freguezia de Nunes, no 1.º domingo de agosto.

4.ª—A festa *dos Reis* no templo dos irmãos *terceiros* da villa, a 6 de janeiro.

5.ª—A festa da *Immaculada Conceição*, pela mesma *ordem terceira.*

6.ª—Finalmente nos ultimos annos a festa do Santissimo Coração de Jesus, pela mesma ordem terceira.

Pessoas notaveis

Com rasão se orgulha esta villa de haver produzido desde os tempos mais remotos muitas pessoas notaveis nas armas, lettras e virtudes; mas, para não abusarmos da paciencia dos leitores, mencionaremos apenas as seguintes:

Simão da Costa Pessoa.

Foi 1.º barão, 1.º visconde e 1.º conde de Vinhaes, tenente general e governador das armas d'esta provincia de Traz-os-Montes e da do Minho, onde falleceu, na cidade de Braga, em 30 de setembro de 1848, tendo nascido em Vinhaes em 15 de setembro de 1789.

Fez a guerra da peninsula; foi um dos 7:500 bravos do Mindello; commandou as forças do Algarve contra o celebre *Remechido*, que aprizionou,—e em 1847 commandou a divisão cartista, que venceu em Setubal o Sá da Bandeira, etc.

Casou com sua prima D. Maria Felicissima de Moraes Sarmento, e era filho de José da Costa Pessoa e de D. Josepha de Moraes Sarmento.

Como fallecesse sem geração, succedeu no morgado da esposa o sobrinho d'ella—Antonio Annibal de Moraes Campilho, hoje tambem finado e representado por seus filhos—Augusto, Pedro, D. Felicissima, D. Alcina, D. Clotilde, D. Olinda e D. Ignez.

Simão da Costa Pessoa foi feito barão de Vinhaes em 17 de junho de 1840,—visconde do mesmo titulo em 2 de janeiro de 1847—e conde a 27 de junho de 1862.

Manuel da Costa Pessoa, 2.º barão, 2.º visconde e conde de Vinhaes, irmão do antecedente.

Nasceu em 12 d'abril de 1795; foi tambem tenente general, commandante e governador das armas d'esta provincia de Traz-os-Montes e, sendo transferido para o commando das armas do Alemtejo, pediu a sua reforma;—foi effectivamente reformado com o posto de marechal do exercito—e falleceu na sua casa de Vinhaes em 19 de dezembro de 1873.

Casou em 1840 com D. Maria Rosa Pinto Cardoso, senhora do morgado dos *Pintos Cardosos*, de Mirandella, viuva de Francisco de Sousa Vahia, visconde da Pesqueira, e teve os 2 filhos seguintes:

—*Simão da Costa Pessoa*, 3.º conde de Vinhaes.

Reside na sua casa de Mirandella.

—*Manuel da Costa Pessoa Pinto Cardoso*, irmão do antecedente e filho do 2.º conde de Vinhaes.

Casou em *Villarelhos*, freguezia do concelho d'Alfandega da Fé, e reside alternadamente ali e em *Villas Bôas*, freguezia do concelho de Villa Flor.

V. *Villarelhos* e *Villas Boas*.

—*João Ferreira Sarmento*, 1.º barão, 1.º visconde e 1.º conde de Sarmento.

Nasceu n'esta villa em 24 de junho de 1792 e viveu em Lisboa, onde casou duas vezes,—a 1.ª com D. Carlota Nogueira,—a 2.ª com uma dama da rainha D. Maria II,—por nome D. Maria da Conceição Valle, hoje condessa de Sarmento, que ainda vive em Lisboa no seu palacio da rua Nova da Palma, viuva e sem successão.

O fallecido conde de Sarmento ainda tem irmãos em Vinhaes—e foi ajudante de campo d'el-rei D. Fernando, tenente general e chefe de estado maior do commando em chefe do exercito, etc.

—*O barão de Paúlos*, José Osorio Colmieiro da Veiga Cabral Caldeirão, natural d'esta villa, onde viveu até que herdou a grande casa de Villa Real e Paúlos, para onde transferiu a sua residencia, approximadamente em 1821.

—*Antonio Colmieiro de Moraes*, 2.º barão de Paúlos e filho do antecedente.

Foi general do exercito de D. Miguel e teve um filho e duas filhas, aos quaes deixou uma grande casa, hoje completamente compromettida pela má administração do seu genro Manuel da Silveira Pinto da Fonseca, neto e actual representante do general Manuel da Silveira Pinto da Fonseca, 1.º marquez de Chaves e 2.º conde d'Amarante,—e bisneto do general Francisco da Silveira Pinto da Fonseca, 1.º conde d'Amarante.

V. *Villa Real de Traz-os-Montes*, vol. XI, pag. 1020.

—*Pedro Ferreira de Campos Sarmento*, ascendente da nobre familia *Ferreiras Sarmentos* d'esta villa.

Foi-lhe concedido brazão d'armas em 11 de março de 1754, sendo tenente de granadeiros em Bragança.

—*Pedro Ferreira de Campos Sarmento*, avô do antecedente.

Foi mestre de campo na guerra da restauração, etc.

Archivo Heraldico e Genealogico, pag. 545.

—*Antonio Caetano de Moraes Campilho*, ascendente da nobre familia *Campilhos* d'esta villa e bacharel formado em direito, natural da freguezia de Sobreiró, d'este concelho de Vinhaes, onde foi juiz de fóra, etc.

Em 16 de maio de 1777 lhe foi concedido o brasão d'armas seguinte:—escudo esquartelado;—no 1.º quartel as armas dos Moraes;—no 2.º as dos Soutellos;—no 3.º as dos Madureiras—e no 4.º as dos Sás.

No citado *Archivo Heraldico e Genealogico*, pag. 33, se encontra a sua genealogia até os quartos avós maternos e paternos.

—*Antonio de Moraes e Silva*[1], presbytero secular do habito de S. Pedro, natural d'esta villa e n'ella professor regio de grammatica latina, filho de Luiz de Moraes, official de infanteria, e de sua mulher Maria da Silva.

Em 15 de fevereiro de 1796 lhe foi concedido o brasão d'armas seguinte:—escudo ovado e esquartelado;—no 1.º quartel as armas dos Sousas;—no 2.º as dos Moraes;—no 3.º as dos Silvas—e no 4.º as dos Regos.

Archivo Heraldico e Genealogico, pag. 76.

—*Dr. João Francisco Ferreira* e o

—*Dr. Antonio Augusto Gomes d'Almendra*, — magistrados contemporaneos, dos quaes já fizemos menção.

—*Emiliano Antonio de Sousa*, venerando ancião e nosso bom amigo, que nos tem aturado com resignação evangelica e subministrado muitos apontamentos para este e outros artigos, pelo que mais uma vez lhe significamos a nossa gratidão.

Nasceu n'esta villa em 4 de maio de 1807 e já completou 80 annos, pois estamos em agosto de 1887.

Foram seus paes José Manuel de Sousa e D. Joanna Magdalena da Veiga que, não sendo muito ricos, viveram e crearam seus filhos com decencia e destinavam este para o estado ecclesiastico, pelo que, tendo apenas 10 annos, obtiveram do ordinario licença para elle andar tonsurado e com vestes clericaes, quando ainda frequentava instrucção primaria e se dispunha a estudar latim, como estudou, na antiquissima aula regia d'esta villa, fazendo exame em 1822—data

[1] Não se confunda com o seu homonymo e contemporaneo, o dr. e desembargador Antonio de Moraes Silva, natural do Rio de Janeiro e auctor do celebre *Diccionario da Lingua Portugueza*, bem conhecido por *Diccionario de Moraes*.

em que se matriculou na aula de logica em Bragança.

No mesmo anno recebeu ordens menores na povoação de *Cernadilha*, bispado d'Astorga, em Hespanha, ministradas pelo bispo d'aquella diocese D. Guilherme Martins.

Em agosto de 1824, por occasião da festividade de Nossa Senhora da Assumpção, padroeira d'esta villa, teve uma altercação com o seu parocho na sacristia da egreja, pelo que o joven minorista abandonou a carreira ecclesiastica e no dia 1.º de setembro do mesmo anno assentou praça voluntariamente no regimento de infanteria n.º 12, em Chaves, passando em dezembro seguinte para o antigo batalhão de caçadores n.º 9, aquartelado em Santo Ovidio, no Porto;—n'aquelle batalhão serviu até 1827,—e, porque o dicto batalhão seguiu o partido liberal, opposto aos sentimentos politicos do nosso biographado, desertou para o partido miguelista, de que era chefe o marquez de Chaves, com o qual emigrou para a Hespanha, onde esteve até 1828.

Regressando á patria e reunindo-se em Lamego 204 praças do seu batalhão, que tinham seguido o partido realista, foram estas divididas pelos batalhões de caçadores 7 e 8, indo o nosso biographado para caçadores 7, batalhão que depois formou o regimento de *Caçadores do Minho*, no qual militou até que, sendo brigadas, foi gravemente ferido na acção do Campo Grande, junto de Lisboa, em 10 d'outubro de 1833, e no anno seguinte foi julgado incapaz do serviço activo e despachado alferes dos veteranos de Miranda, onde nunca se apresentou, porque desde aquella data até á convenção d'Evoramonte se conservou em Santarem;—d'ali regressou á sua casa de Vinhaes, onde viveu até 1886, data em que passou para a freguezia de Mofreita, onde vive actualmente, na companhia do rev. capellão do *Recolhimento das Oblatas do Menino Jesus*, que muito o estimam e consideram por ser uma excellente pessoa e um dos mais insignes bemfeitores d'aquelle santo instituto.

V. *Villa Verde*, de Mirandella, vol. XI, pag. 1097,—e *Mofreita* n'este diccionario e no supplemento.

Fr. Antonio de Jesus, missionario apostolico, fundador do convento ou seminario da Falperra.

Este inclito varão nasceu na aldeia da *Lama*, freguezia de Parada, concelho de Coura, em 1774, sendo filho legitimo de Francisco Fernandes e de sua mulher Maria Josepha d'Araujo, pessoas honestas, mas pouco remediadas.

Desde a mais tenra infancia mostrou pronunciada vocação para o sacerdocio, mas seus paes, por falta de meios para o ordenarem, não queriam que elle estudasse. A custo consentiram que o pobre moço estudasse grammatica latina com o professor regio Antonio Pereira, da freguezia de Formariz, n'aquelle concelho.

Vindo á sua parochia em missão os religiosos franciscanos de *Vinhaes*, elle lhes pediu para o acceitarem n'aquella ordem e, acompanhando-os, recebeu o habito e professou no seminario franciscano d'esta villa de *Vinhaes* em 1789.

—

Foi um religioso perfeito, exemplar no cumprimento dos seus deveres e guardião zelosissimo na educação dos noviços.

Depois de professar, só uma vez entrou na casa paterna, a pedido de sua mãe.

Foi um estudante distincto, muito versado em diversas linguas,—portuguez, francez, inglez, hebraico, italiano e hespanhol,—e nas lettras divinas e humanas, sobre tudo na verdadeira sabedoria que é o santo temor de Deus, pelo que os homens piedosos muito o estimavam e respeitavam—e os impios e jansenistas o calumniaram e perseguiram cruelmente.

Deu começo ao convento de missionarios apostolicos no monte da Falperra, em 1826, mediante um breve do Papa Leão XII e luctando com grandes difficuldades, que venceu.

—

Em abril de 1833 recolheu-se Fr. Antonio de Jesus ao seu convento da Falperra, d'onde foi expulso em 1834, padecendo desde então grandes trabalhos e perseguições.

Depois de 1834 foi constituido por Gregorio XVI vigario apostolico em todo o reino de Portugal e administrador provisorio do arcebispado de Braga no calamitoso tempo do *scisma*, contra o qual escreveu muito, defendendo a unidade da Egreja e indicando aos catholicos portuguezes o caminho que deviam seguir, pelo que se expoz á maior perseguição.

A sua vida foi a de um santo, sempre austero e penitente para comsigo,—affavel e benigno para com os outros,—e expirou santamente em *Mofreita*, n'este concelho de Vinhaes, a 20 d'outubro de 1841.

—

Publicou grande numero d'obras com relação ás questões religiosas de Portugal, deixando ineditas outras, algumas das quaes teem sido dadas ao prelo em nossos dias. Mencionaremos apenas duas das mais notaveis:—*Exposição da fè que professam os parochos e presbyteros ortodoxos de Portugal*,—impressa em 1841,—e a *Historia abreviada da decadencia e queda da Egreja Lusitana*...—publicada em 1863.

A 1.ª foi dedicada pelo auctor *á memoria e ortodoxia do Ex.mo e Rev.mo Sr. D. Antonio da Veiga, Bispo de Bragança*, pois convem notar-se que o santo e martyr bispo de Bragança, D. Antonio Luiz da Veiga Cabral e Camara,[1] foi o mestre de Fr. Antonio de Jesus e que este em 1818, vendo-o a braços com as maiores tribulações, foi a Roma informar o Pontifice Pio VII e felizmente conseguiu que o prelado fosse restituido á sua diocese.

D. Antonio Luiz da Veiga foi um santo e martyr e Fr. Antonio de Jesus um seu digno discipulo.

Veja-se no *Progresso Catholico* de 15 de fevereiro do corrente anno de 1887 o interessante artigo que ao nosso biographado dedicou o sr. Padre João Vieira Neves Castro e Cruz, nosso bom amigo e muito illustrado collega.

—

Muito mais podiamos dizer de Fr. Antonio de Jesus, porque temos sobre a nossa banca de estudo *largo extracto* de uma das suas obras ineditas mais interessantes e que se já estivesse publicada, *com certesa* abrandaria o animo dos *liberaes* e *ultra-liberaes*, que tanto o teem hostilisado.

Intitula se ella: — «*Narração abreviada dos padecimentos que viu e como pôde alliviou Fr. Antonio de Jesus, Missionario Apostolico do Seminario do Monte, nas prisões da Torre de S. Julião da Barra, em dezembro de 1832, janeiro, fevereiro e março de 1833,... ...e outros acontecimentos posteriores, escripta por elle mesmo.*»

A dicta obra é guardada como reliquia pelo muito virtuoso e venerando ancião Fr. José da Santissima Trindade, natural de Villa Flor de Traz-os-Montes e ali residente, que foi religioso professo no *convento da Falperra* e que é hoje talvez a unica vergontea que ainda resta d'aquelle seminario[1].

—

Bem quizeramos transcrever alguns trechos da dicta obra, mesmo por estar inedita e exposta a desapparecer de um momento para o outro, mas, alem de ser este artigo menos proprio para a transcripção, vae muito longo já. Reservamol-a pois para o supplemento ao artigo *Falperra* ou *Parada* de Coura; entretanto diligenciaremos dar conhecimento d'ella ao publico em algum jornal catholico.

N'ella conta Fr. Antonio em resumo e com a auctoridade que lhe é propria, os relevantes serviços que prestou com a maior dedicação e abnegação e com risco da propria vida aos presos politicos *liberaes* que pejavam a *Torre de S. Julião*, indo espontaneamente viver com elles, suavisando-lhes o rigor do captiveiro, transferindo a muitos das prisões mais lobregas para outras com luz e ar, confortando-os a todos, repartindo com todos os seus parcos recursos e *esmolando*

[1] V. *Villa Verde* de Mirandella, vol. XI, pag. 1097,—e *Bragança, Fornos de Ledra* e *Mofreita* no supplemento a este diccionario.

[1] V. *Villa Flor* de Traz-os-Montes, vol. XI, pag. 735, col. 1.ª e 2.ª

pelas ruas de Lisboa e pelas casas das suas relações para valer-lhes em tão negra conjunctura.

Com magua tambem conta por ultimo as perseguições que soffreram elle, o seu convento e os seus seminaristas, depois da extincção das ordens religiosas, sem que lhes valessem, como bem podiam e *por gratidão deviam*, muitos dos *liberaes* que elle tanto beneficiou no carcere?!...

—

No mesmo convento franciscano d'esta villa foi tambem religioso professo *Fr. Sebastião de Santa Clara*, escriptor publico.

É auctor da *Voz da verdade aos portuguezes, seduzidos pela mentira,*—opusculo impresso em 1836 e que provocou em resposta o *Exame critico,*—segundo se lê no *Diccionario Bibliographico* de Innocencio.

VINHAES O VELHO, — aliás — *Unhaes o Velho*, freguezia do concelho da Pampilhosa, districto e diocese de Coimbra.

Em 10 de junho de 1797 foi concedido brasão d'armas a Antonio Fernandes Alvares de Carvalho, natural de *Vinhaes* (*Unhaes*) *o Velho*, termo da Covilhã,—segundo se lê no *Archivo Heraldico Genealogico* do nosso bom amigo, o sr. visconde de Sanches de Baêna, pag. 44, n.º 164.

O dicto Antonio Fernandes era capitão de uma companhia da legião auxiliar da ilha Grande de Joannes, no Grão Pará, filho de Manuel Fernandes, irmão de Antonio Fernandes de Carvalho, capitão de uma das companhias do Terço auxiliar da dicta cidade,—bisneto de Miguel Alvares, primo de Domingos Alvares Pereira, que militou nos reinados de D. João IV, D. Affonso VI e D. Pedro II, em cujo tempo foi nomeado sargento-mór para os estados da India.

Aquelle brasão d'armas foi o seguinte:—escudo esquartelado; no 1.º quartel as armas dos Fernandes; no 2.º as dos Alvares; no 3.º as dos Carvalhos—e no 4.º as dos Pereiras.

Da mesma casa era natural *D. Josepha Maria Joaquina Alvares Pereira de Carvalho*, filha de Manuel Fernandes e irmã de Antonio Fernandes de Carvalho, mencionados supra. Á dicta senhora em 29 de junho de 1799 foi tambem concedido o brazão d'armas seguinte:—Uma lisonja partida em pala; a 1.ª de prata lisa e a 2.ª esquartelada; —no 1.º quartel as armas dos Fernandes; no 2.º as dos Alvares; no 3.º as dos Carvalhos—e no 4.º as dos Pereiras,—como se lê no *Archivo Heraldico*, pag. 430, n.º 1699.

O mencionado *Archivo Heraldico e Genealogico* diz claramente *Vinhaes-o-Velho* nos dois logares citados, e não tem *erratas*, mas, salvo o respeito devido ao seu illustrado auctor, leia-se *Unhaes-o-Velho*, hoje freguezia do concelho da *Pampilhosa*, districto e diocese de Coimbra, na provincia do Douro.

Solatium est miseris!...

—

Veja-se o artigo *Unhaes o Velho*, tomo X, pag. 11, col. 2.ª—e, aproveitando o ensejo, accrescentaremos o seguinte:

A povoação de *Unhaes o Velho* demora em sitio fundo entre escarpada penedia, na falda da *Serra de Unhaes*, parte integrante da *Serra da Estrella*, precisamente na margem direita e quasi na nascente do rio de *Unhaes*, que tem cerca de 40 kilometros de curso e morre na direita do Zezere.

Dista da Pampilhosa, villa e séde do concelho, cerca de 20 kilometros para N. E.—e 40 da villa da Covilhã para S. O., mettendo-se de permeio muitos rios, ribeiros, serras e alcantilados barrancos, pelo que, tendo pertencido ao concelho da *Covilhã*, passou para o da villa de *Fajão*, distante apenas 15 kilometros, e, sendo extincto este concelho por decreto de 24 d'outubro de 1855, passou para o da *Pampilhosa*.

Freguezias limitrophes:—Fajão a N. O.; —Vidual de Cima a S. O.;—Dornellas a S. E.,—todas d'este concelho da Pampilhosa,—e Bodelhão, concelho do Fundão, districto de Castello Branco, diocese da Guarda, a E.

—

Comprehende as povoações ou aldeias seguintes:—*Unhaes o Velho*, séde da parochia, —Means, Malhada do Rei, Seladinhas, Erve-

dal, Povoa da Raposeira—e os casaes de Azival e Aradas.

Clima saudavel, mas aspero, variando com a enorme differença das estações e da altitude:—muito calido em junho, julho e agosto na margem do rio e temperado nas encostas e serras;—nos outros mezes apenas póde viver-se na parte baixa, porque as encostas e serras estão quasi sempre cobertas de neve.

Producções dominantes: — milho, trigo, batatas, castanhas, hervagens, fructa e algum vinho nas quebradas fundas e na margem do rio;—nas encostas e serras apenas centeio, ordinariamente *semeado* e *colhido* em agosto!...

Tambem cria bastante gado lanigero e é mimosa do afamado queijo da *Serra da Estrella* e de caça grossa e miuda:—lebres, coelhos, perdizes, lobos e rapozas.

Tambem colhe muito peixe e muito saboroso no seu rio, nomeadamente trutas.

—

Esta parochia pelo ultimo recenseamento contava 123 fogos e 552 habitantes.

Denominou-se *Unhaes o Velho* para melhor se distinguir de *Unhaes da Serra*, distante cerca de 20 kilometros para N. E., no concelho da Covilhã.

A *Unhaes da Serra*, não a este *Unhaes o Velho*, pertencem as afamadas thermas de *Unhaes*.

As suas aguas teem a mesma mineralisação das de Manteigas, que brotam cerca de 20 kilometros a N. E., mas na sua applicação—estas são admiraveis para tratamento do rheumatismo—e aquellas para tractamento de molestias cutaneas, porque as de Manteigas brotam em terreno extremamente fundo, abafado e ardentissimo de verão, no leito do rio Zezere, [1] emquanto que as de Unhaes brotam em sitio muito mais alto, mais arejado e mais fresco.

Em 1708 a freguezia de *Unhaes o Velho* contava apenas 90 fogos—e o seu parocho era cura da apresentação do vigario de *Santa Maria* da Covilhã.

VINHAL,—terra de vinhedos.

É o singular de *Vinhaes* e tomou o nome de *vinha*, como outras muitas nossas povoações, casaes, terras, herdades e quintas, v. g. —*Vinha, Vinhas, Vinhaes, Vinhaça, Vinhão, Vinheira, Vinheirão, Vinheiro, Vinheiros, Vinhó, Vinhós*, etc.—e de *vide* e *videira* tomaram o nome as povoações, casaes, quintas e herdades seguintes:—*Vidal, Vidaes, Vide, Vides, Vidago, Avidagos, Vidigão, Videira, Videiras, Vidigal, Vidigão, Vidigueira, Vidigueiras*, etc.

Etymologia similhante á de *Vinhal* teem os nomes de linhal, azinhal, pinhal, olival, zambujal, meloal, morangal, cannavial, sumagral, etc.

Com o nome de *Vinhal*, de que no momento nos occupamos, ha no nosso paiz 12 aldeias, 1 herdade, 1 casal e 3 quintas—e, para não fatigarmos os leitores, fallaremos apenas da nobre e antiga casa e quinta do *Vinhal*, em Villa Nova de Famalicão.

—

Foi vinculada e constituida em morgado por Francisco de Barros e Azevedo, familiar do *santo officio*, filho de Manuel do Couto de Azevedo e de sua mulher D. Isabel de Barros e Faria, da illustre casa de *Val Melhorado*, junto de Pombeiro, em Riba-Vizella.

O instituidor foi tambem cavalleiro professo da O. de S. Thiago e militou na guerra

[1] Em 1881, quando iamos com a *Expedição Scientifica* para a Serra da Estrella, chegâmos no dia 4 d'agosto a Manteigas, onde almoçamos esplendidamente e nos demorámos, desde as 9 horas da manhã até ás 6 da tarde. Quizemos entretanto visitar as suas thermas, distantes apenas 2 kilometros, e ainda fomos com o nosso bom amigo Lopes Mendes, illustrado auctor da *India Pittoresca*, até o fundo da villa, mas o sol era tão aspero que o valle do Zezere parecia uma fornalha candente!

Não tivemos coragem para avançar, posto que estavamos vendo no fundo da estreita e abafada ravina as humildes casas dos banhos que ao tempo constituiam aquella estancia thermal.

A biographia do sr. *Antonio Lopes Mendes* póde ver-se no artigo *Villa Real de Traz-os-Montes*, tomo XI, pag. 1:391 *in-fine* e segg.

da acclamação com armas, cavallos e creados *á sua custa.*

Outro fidalgo d'esta casa cuja familia é um ramo dos *Azevedos*, foi Francisco do Couto Azevedo, cav. prof. na mesma O. de S. Thiago, que serviu 12 annos na India, achando-se na conquista de Ceilão, Ormuz, e Candia e casou em Villa do Conde com D. Angela Alvares da Costa, filha de Antonio Alvares da Costa, armado cavalleiro em uma acção militar na India por D. Manuel Pereira, a 27 de dezembro de 1609.

O dr. Antonio Ribeiro de Queiroz Moreira, senhor d'esta casa pelo seu casamento com a herdeira d'ella—D. Thomazia Clara d'Azevedo,—foi em 1835 o 1.º presidente da camara de *Villa Nova de Famalicão.*

V. tomo XI, pag. 820, col. 2.ª

—

Esta casa e quinta do *Vinhal* demoram em terreno mimoso e fertil e em sitio muito vistoso e pittoresco, cerca de 1 kilometro a O. de Villa Nova de Famalicão e no termo da parochia d'esta villa. Foram modernamente restauradas e muito alindadas pelo seu actual possuidor e representante, o sr. José de Azevedo Menezes Cardoso Barreto, e nunca ostentaram tanta louçania nem tiveram tanto relevo, porque a linha ferrea do Minho e a nova estrada a macadam da villa para a sua estação na linha ferrea cortaram esta formosa vivenda de N. a S., expropriando-lhe 9:363 metros quadrados, no valor de 4:450$000 réis e dando-lhe mais merecimento do que tinha anteriormente, pois ficou muito mais accessivel para trens de toda a ordem. — O palacete domina um extenso lanço da via ferrea, que passa em plano um pouco inferior a 50 metros de distancia, mettendo-se de permeio os jardins;—tem á sua direita, distante cerca de 200 metros para o sul, a estação da villa,—e amplas vistas sobre a villa e seus formosos arrabaldes, o que tudo torna hoje esta vivenda uma das primeiras do Minho.

Foi tambem cortada pela via ferrea do Porto á Povoa e Famalicão em linha obliqua a O. do palacete, que ficou entre as duas linhas, em contacto com as duas estações, cercado de luxuosos vinhedos, bons campos, jardins e pomares, tudo vedado por muros e com solidas passagens sobre as mencionadas linhas.

—

Tem o palacete uma linda capella brasonada, com a invocação de Nossa Senhora do Carmo. Foi tambem modernamente restaurada e feita de novo, mas é muito antiga. N'ella celebrou o arcebispo de Braga D. Rodrigo de Menezes, em 9 e 10 de dezembro de 1704, quando ia tomar posse da sua diocese e se hospedou n'esta casa.

Tambem na mesma capella ouviu missa o infante arcebispo D. José, quando na sua ida para Braga se hospedou tambem n'esta casa.

Tinha a capella n'aquelle tempo a invocação de *S. Francisco*;—depois, com a restauração, tomou a de *Nossa Senhora do Carmo.*

A quinta é espaçosa e muito abundante d'agua. Atravessa-a um ribeiro que nasce no sitio da *Forcada*, freguezia de Bruffe;—junta-se em Villa Nova ao ribeiro de S. Thiago d'Antas—e morre no Ave.

Succedeu a sua mãe D. Thereza Maria d'Azevedo—n'esta casa e é actual possuidor d'ella o sr. José d'Azevedo Menezes Cardoso Barreto, moço F. C. R. com exercicio no paço e cavalheiro de muito merecimento, casado com sua prima D. Maria Julia Falcão Pinheiro d'Azevedo Bourbon e Meneses, senhora da casa solar dos *Pinheiros* de Barcellos, por doação testamentaria de seu tio materno conde d'Azevedo.

—

O actual senhor e representante d'esta casa do *Vinhal* é descendente por varonia e tambem representante da nobre casa da *Portella*, freguezia de S. Jorge de *Cima Celhe*, junto de Guimarães,[1]—e a sua esposa é a *senhora* e *representante* da casa solar dos *Pinheiros* de Barcellos,—não o sr. visconde de Pindella, como disse por lapso o meu benemerito antecessor no artigo *Guimarães*, vol. III, pag. 363, col. 1.ª *in-fine.*

A nobre casa da *Portella* de Cima Celhe é um ramo segundo da do *Paço de Nespereira.*

---

[1] V. *Celho* (o 3.º) vol. 2.º pag. 229, col. 1.ª

Vol. VI, v. pag. 35.

Está pois actualmente na casa do *Vinhal* a representação das casas da *Portella* e dos *Pinheiros* e deve representar as tres o filho primogenito dos actuaes senhores da casa do *Vinhal*,—Francisco Manuel de Menezes Pinheiro d'Azevedo.

—

A casa solar dos *Pinheiros* de Barcellos foi fundada pelo dr. Pedro Esteves e sua mulher D. Isabel Pinheiro, filha de Martim Lopes Lobo, da familia do marquez d'Alvito, e de D. Mor Esteves Pinheiro, da quinta e torre *d'Outiz*, freguezia d'este nome, concelho de Villa Nova de Famalicão.

O dr. Pedro Esteves foi ouvidor das terras do 1.º duque de Bragança e era filho de Estevam Annes de Penella, parente e companheiro do santo condestavel.—Teve um primo tambem de nome Pedro Esteves, que serviu nas guerras contra Castella no tempo d'El-rei D. Fernando,—casou com D. Maria Annes, filha de João Annes Maceiro e de Constança Garcez,—e, *segundo dizem alguns escriptores*, foram os paes de Gil Pires e de *D. Ignez Pires*, mãe do 1.º duque de Bragança.

Sustenta largamente esta opinião o douto genealogico José da Costa Felgueiras Gajo, no seu volumoso nobiliario em 32 grandes folios, que deixou á Misericordia de Barcellos, em cujo archivo se guarda e póde ler-se.

A mesma opinião segue tambem o abbade de Esmoriz no seu *Apparato Genealogico*, tomo I, tit. *Braganças*, [1] mas a questão não é liquida nem nós queremos envolver-nos n'ella, mesmo porque o meu antecessor já disse o bastante nos artigos *Castanheira*, vol. II, pag. 160,—*Guarda*, vol. III, pag. 338, —e *Veiros*, tomo X, pag. 260.

—

Na torre e casa solar dos *Pinheiros* de Barcellos, visinha dos antigos paços dos duques de Bragança, e na face que olha para elles, se vê junto da cornija uma cara com grandes barbas e uma mão puxando por ellas,—figura que (*dizem*) allude á lenda do *Barbadão* e está indicando que elle descendia do fundador da dicta casa.

Deixo aos curiosos o trabalho de averiguarem a paternidade da *commendadeira de Santos*.

Para as armas da nobre familia do *Vinhal* e suas allianças, vejam-se os citados artigos *Castanheira* e *Nespereira*.

—

Vinhal tambem já foi appellido nobre.

Em uma composição que na era de 1306 (anno 1268) fez el-rei D. Affonso III com Mendo Rodrigo de Briteiros e sua mulher Maria Joanna, relativamente a certas terras, assignam com o rei varios *ricos homens* e outros do seu conselho, entre elles *Martino Johanis de Vinal*,—Martinho Joannes do *Vinhal*.

Dissert. Chronol. e Crit. de João Pedro Ribeiro, tomo 1.º pag. 270, n.º LVII.

Terminaremos dizendo que esta quinta do *Vinhal* e a freguezia de Villa Nova de Famalicão soffreram muito com os temporaes de 1876.

Ás 4 horas da manhã do dia 1 de dezembro do dicto anno rebentou sobre a villa um grande tufão, acompanhado de trovoada medonha e de chuva diluviana, que inundou muitas casas da villa e causou enormes prejuisos.

Na praça da *Motta* foi preciso salvar os moradores pelas janellas. Cairam varias pontes da linha ferrea;—desappareceram 20 metros da mencionada linha e da estrada a macadám junto da ponte do *Vinhal*,—e na estrada de Villa Nova de Famalicão para Guimarães desappareceu a solida ponte de *Villar*, que foi levada na torrente pelos moinhos que estavam a montante, na aldeia do Molledo.

Houve tambem por essa occasião grandes inundações na Povoa de Varzim, Darque, Vianna do Castello, Braga, Porto, etc.

VINHÃO, *Sousão* e *Tinta*.

Assim se denomina uma das muitas variedades de cepas no Minho e no Douro.

---

[1] Esta obra ainda *ms.* comprehende 5 volumes;—foi do conde d'Azevedo, que a enriqueceu com muitas notas—e é hoje do seu sobrinho e herdeiro, dono da quinta do Vinhal.

É uma das castas que rebenta mais tarde, mas vinga bem, e dá muitos cachos; por isso que vindo o fructo mais serodio escapa melhor aos frios e a sua producção torna-se mais regular do que n'outras castas mais temporãs que se queimam com as ultimas geadas. O *sousão* sendo uma das castas mais tardias a produzir, é ao mesmo tempo uma das mais precoces. Pinta e amadurece primeiro que as outras variedades.

O *sousão* é tambem chamado *vinhão* por produzir muito vinho; e *tinta* por excellencia, por ser a casta mais abundante em côr (*œnocianina*) que se cultiva no Minho.

Na verdade o seu mosto é excessivamente carregado de côr, fazendo uma differença muito grande de todas as outras castas n'esta particularidade. É por assim dizer esta casta que dá a côr aos vinhos.

Esta casta é a mais recommendada no districto do Porto. Produz bem de embarrado, em ramadas ou parreiras, em latadas ou bardos e em vinha baixa igualmente, segundo experiencias feitas por alguns lavradores do districto e no Douro, onde tambem se encontra.

A cepa é grossa, forte, de pelle lisa, e veste bem a arvore.

Varas ou sarmentos grossos, mas não muito compridos, elasticos, com os merithallos, olhos, peciolos das folhas, pedunculos dos cachos, e as gavinhas ou élos regulares, e estas duplas ou bifurcadas.

Folha lisa e aberta, de fórma arredondada, pubescente na pagina inferior, pouco espessa e de côr escura, parecendo trilobada em virtude de ter dois seios profundos, com recortes grandes e direitos. Sua folha é uma das primeiras a avermelhar e a cahir no outono. Cacho grande, conico, pouco alado e um pouco fechado; bago redondo, grande, de pelle fina e muito rica em *œnocianina*, de sabor doce e de côr preta, parecendo azulada pelo pó ou cera que cobre os bagos. Encontram-se dois e tres cachos por sarmento.

VINHAS,—freguezia do concelho e comarca de Macedo de Cavalleiros, districto e diocese de Bragança, provincia de Traz-os-Montes.

Abbadia. Orago S. Vicente,—fogos 115 (!) —segundo se lê nos apontamentos que se dignou enviar-me o administrador d'este concelho, mas julgo que se refere unicamente á povoação de *Vinhas* e não comprehende talvez n'aquella cifra a povoação de *Castro Roupal*, parochia extincta e annexa a esta de *Vinhas* ha muito tempo, tendo estado a parochia de Vinhas annexa anteriormente á dicta de *Castro Roupal*, que no principio d'este seculo foi supprimida e dividida por differentes, cabendo a esta de *Vinhas* só a povoação de *Castro Roupal*, matriz da extincta parochia.

> Mais um meandro no labyrintho que formam as freguezias d'este malfadado districto.
>
> V. *Castro Roupal*, — *Villa Verde* de Mirandella, vol. XI, pag. 1094,—e *Villa Verde* de Vinhaes no mesmo vol. pag. 1099.

—

Em 1706 esta parochia de *Vinhas* era abbadia da apresentação do marquez de Tavora na comarca e ouvidoria de Bragança, bispado de Miranda;—rendia *um conto de réis*;—contava 90 fogos—e tinha como annexas as 5 parochias seguintes:

1.ª—*S. Sebastião de Limãos* ou *Limões* (V. *Limãos*) com 70 fogos, hoje simples aldeia da freguezia de *Salsellas*, d'este concelho.

2.ª—*S. Vicente de Bagueixe*, ainda hoje contada entre as freguezias d'este concelho, mas prestes a extinguir-se, pois conta apenas 70 fogos, como em 1706, e está civilmente annexa á de *Santa Martha de Bornes*.

3.ª—*Nossa Senhora da Assumpção de Vastro Roupal*, que tinha então apenas 40 fogos.

4.ª—*Santa Cruz de Gralhós* (V. *Gralhós*), que então contava 58 fogos e hoje é uma simples aldeia da freguezia de Nossa Senhora da Assumpção de *Talhinhas*.

5.ª—*S. Giraldo de Banreses* ou *Baureses* (V. *Banrezes*) que então contava apenas 20

fogos e hoje é uma simples aldeia da freguezia de *Val da Porca.*

Vejam que *salsada!...*

Em 1768 esta parochia de *Vinhas* era um simples curato da apresentação do abbade de *Castro Roupal*:—o cura tinha apenas réis 6$000 de congrua, alem do pé d'altar,—e contava 88 fogos.

O censo de 1864 [1] deu-lhe 206 fogos (?!...) e 567 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 157 fogos e 659 habitantes.

—

Esta parochia comprehende apenas a povoação de *Vinhas*, séde da matriz,—e a de *Castro Roupal*, antiga séde da parochia d'este nome.

Fez parte do concelho de *Iseda*, extincto pelo decreto de 24 d'outubro de 1855, pelo qual passaram para o de Macedo de Cavalleiros, comarca de Mirandella, e desde 1863, data em que a villa de Macedo de Cavalleiros foi elevada á cathegoria de séde de comarca tambem, ficou pertencendo ao concelho e comarca de Macedo de Cavalleiros.

A povoação de Vinhas demora na antiga estrada de Macedo de Cavalleiros para Iseda, Carção e Vimioso, na margem direita e a O. da ribeira de *Gralhós*, confluente do Sabor.

Dista da mencionada Ribeira 1 kilometro para O.;—13 de Macedo de Cavalleiros para E. N. E.;—35 de Bragança para S.;—40 de Mirandella para E. N. E.;—95 da estação do Tua na linha ferrea do Douro pela linha de Mirandella ou do Tua, ha pouco aberta á circulação; [2]—234 do Porto—e 571 de Lisboa.

Freguezias limitrophes: — Salsellas, Moraes, Bagueixe e Talhinhas.

Producções dominantes:—cereaes, castanhas, *muita cortiça*, batatas, azeite, vinho, hervagens e fructa.

Foi muito consideravel a sua producção em vinho, mas hoje produz pouco, depois que a phylloxera aniquilou a maior parte dos seus vinhedos e quasi todos os d'esta provincia.

O seu vinho era muito bom, como vinho de *pasto* ou de *mesa*, mas o melhor d'este concelho era o da freguezia das *Arcas.*

Tambem produz muita lã, pois cria muito gado de todas as especies: lanar, muar, vaccum e suino,—e é mimosa de peixe das suas ribeiras e de caça dos seus montes, tanto grossa como miuda:—lebres, coelhos, perdizes, lobos e raposas.

N'esta data (9 de março de 1887) já trabalha uma machina desde Mirandella até á estação de *Frechas*, para serviço da empresa constructora, e temos quasi a certesa de que esta linha se abrirá ao transito em agosto proximo futuro, antes da grande romagem de *Nossa Senhora da Assumpção.*

V. *Villas Boas*, freguezia do concelho de *Villa Flor.*

Banham esta freguezia a ribeira de *Gralhós* e varios ribeiros confluentes da dicta ribeira, que vae para o Sabor, assim como este rio para o Douro.

Ha n'esta parochia, junto da povoação de *Vinhas*, uma pyramide geodesica na altitude de 624 metros sobre o nivel do mar.

Templos

1.°—A matriz de *Vinhas.*

É elegante, de custosa e não vulgar architectura—e está bem tractada e bem conservada.

A capella mór é em forma de rotunda e o corpo da egreja em estylo gothico, reconstrução dos fins do ultimo seculo.

Tem altar mór e 4 lateraes, todos com ricas decorações de talha dourada,—1 campanario com 2 sinos,—boas alfaias, etc.

2.°—Egreja (antiga matriz) de *Castro Roupal*, pouco espaçosa e bastante singella.

3.°—*Capella de S. Sebastião*, no fundo da povoação de Vinhas.

4.°—*Capella das Almas*, no fim da rua do Cabo, na mesma povoação.

5.°—*Capella de S. Gregorio*, no alto da Malhada.

Todas 3 são publicas—e a de S. Sebastião,

[1] Lisboa, typographia da *Gazeta de Portugal*, 1866.

[2] V. *Vias Ferreas* e *Villarinho das Azenhas.*

que é a maior de todas, tem festa annual no ultimo domingo d'agosto.

6.º—*Capella de....*

É particular, posto que tem porta franca ao publico, e está ainda nas casas da familia *Valentes.*

Hoje a festa principal é a de S Sebastião.

—

Como reminiscencia do tempo em que esta abbadia representava as 6 parochias mencionadas supra e foi uma das mais ricas d'este bispado, ainda conserva uma casa de residencia, que é um palacete,—a melhor casa da povoação. Tem uma linda cerca muito mimosa, com muita fructa, e teve um bom jardim, etc.

Depois da residencia parochial, as melhores casas d'esta freguezia são—a dos *Ajudantes,* a dos *Paradinhas* e a dos *Valentes,* que representam as tres familias principaes d'esta parochia.

Aqui não ha estrada alguma a macadam. A mais proxima é a real n.º 6, de Villa Real a Bragança, que passa em *Quintella,* cerca de 10 kilometros a N. d'esta freguezia.

Em Castro Roupal houve um castello antiquissimo, que data do tempo dos romanos (!) segundo diz a tradição; mas d'elle apenas resta hoje uma torre, que é a torre da egreja, onde estão os sinos.

—

Ha n'esta parochia os dois mais soberbos prados do districto. Foram ambos logradouro commum, mas hoje estão divididos em courellas por todos os parochianos.

Eram foreiros á serenissima casa de Bragança e formam um lindo e amplo valle, contiguo á povoação de Vinhas, que se ergue no cimo d'elle, dominando-o todo.

Por falta de boas vias de communicação, costuma vender-se aqui *no novo* a rasa de castanhas ou de batatas acogulada, que corresponde a mais de 15 kilos, por 60 a 80 réis,—o litro do azeite por 140 a 160 réis—e todos os outros productos agricolas seguem a mesma proporção?!...

Ha finalmente n'esta parochia uma aula official de instrucção primaria para o sexo masculino.

Costumes curiosos

N'esta freguezia todos os annos o regedor em dia determinado manda *tocar a concelho,* fazendo rufar um bombo por toda a povoação. Reunem-se immediatamente os parochianos em um grande numero,—pelo menos uma pessoa de cada casa,—e logo o regedor expõe o motivo da reunião:—tapar os dois grandes prados do concelho, que são cultivados *á folha,* em annos alternados, ficando um d'elles sempre inculto para pastagem,—concertar os regos publicos,—levantar as paredes caidas e nomear guardadores para os gados, vinhas, campos, etc.

O regedor dá as suas ordens—e cumprem-se!

São logo eleitos 2 guardadores (guardas ruraes) para os campos, vinhas e terrenos cultivados;—multam e levam para a *barreira* os gados que encontram fazendo damno,—mas por seu turno são multados os guardas, quando exhorbitam ou se descuidam no desempenho das suas attribuições.

Nomeiam tambem guardadores para os gados, que são divididos em differentes lotes:—eguas, porcos, vaccas e bois.

O guardador das eguas recebe por cada cabeça 2 alqueires de castanhas no inverno—e 1 alqueire de centeio no verão.

O guardador dos porcos (são ordinariamente mais de 100) recebe por cada um 2 arrateis de pão cosido, por semana;—e 1 quarto de centeio por mez.

Os guardadores das vaccas e bois nada ganham, mas revesam-se alternadamente um dia cada um, entre os donos do gado.

Outras muitas freguezias do nosso paiz teem *costumes* semelhantes, que constituem *legislação local* desde os tempos mais remotos, mas de todas as nossas freguezias a que mais se distingue n'este ponto é a de *Villar da Veiga* no concelho de Terras de Bouro.

V. *Villar da Veiga.*

—

Terminaremos dizendo que ha no nosso paiz mais 16 aldeias, 7 casas, 3 quintas, 3 sitios, 1 herdade e 1 moinho com o nome de *Vinhas,* alem de varias aldeias, casas e quin-

tas com os nomes de *Vinhas da Vela, Vinhas de Deus, Vinhas do Forno, Vinhas dos Padres, Vinhas Velhas, Vinhas Mortas*, etc. que não descrevemos, por não offerecerem coisa alguma notavel.

VINHÓ ou *Avinhó*,—aldeia ou quinta da freguezia de *Redondello*, concelho e comarca de Chaves, districto de Villa Real.

Na dicta aldeia ou quinta encontrou Thomé de Tavora em uma loja das casas que foram de Francisco Lousão, proprietario d'aquella freguezia, uma lapide que appareceu em uma veiga, entre a povoação de *Pastoria* e *Casas Novas*, com a inscripção seguinte:

CAMALUS
BURNI. F.
HIC. SITUS
EST. ANNOR
. . . .[1]
FRATER FACIE
NIV CURAVIT

Em vulgar: — *Aqui jaz Camalo, filho de Burno, que morreu de 33 annos, e seu irmão lhe mandou fazer esta sepultura.*

—

A dicta parochia de *Redondello* contava pelo ultimo recenseamento 193 fogos e 846 habitantes,—e comprehende as aldeias de *Pastoria* e *Casas Novas*—e as quintas de Santa Cruz, Relva, Rio, Fenteira, Sebastião de Miranda, Vidueiro e Vinhó ou Avinhó.

V. *Redondêllo.*

VINHÓ ou *Avinhó*, — freguezia extincta, hoje simples aldeia da freguezia de *Matella*, concelho de Vimioso, comarca de Miranda do Douro.

A freguezia de *Matella*, alem da povoação d'este nome, séde da matriz, comprehende tambem a povoação de *Junqueira*, igualmente parochia extincta.

Em 1706 a villa de *Algôso*, alem da freguezia d'este nome, comprehendia as seguintes:—*Vinhó* ou *Avinhó*—Matella, *Junqueira*, Val certo, Mora, Urca, e Val de Algôso, todas da apresentação do reitor de Algôso,—Urrós, então annexa á abbadia de Sendim, termo de Miranda do Douro,—Travanca, Tenor, Teixeira, Gregos e Granja de Gregos, Saldanha e Figueira, todas 5 annexas á abbadia de Travanca, — S. Pedro da Silva, Granja de S. Pedro, Villa Chã da Ribeira e Fonte do Ladrão, sendo estas ultimas tres annexas á de S. Pedro da Silva.

V. *Algôso, Avinhó* e *Matella.*

—

Na mencionada parochia de S. Pedro da Silva, junto da capella de Nossa Senhora do Rosario do Monte, está hoje a séde da exploração das grandes minas de marmore e alabastro, descriptas largamente no artigo *Vimioso.*

Vide.

VINHÓ,—freguezia do concelho e comarca de Gouveia, districto e diocese da Guarda, provincia da Beira Baixa.

Priorado.—Fogos 206,—habitantes 850.

Orago—Nossa Senhora da Assumpção.

Em 1708 era priorado da corôa e rendia 280$000 réis.

Em 1768 era do mesmo padroado;—rendia 200$000 réis—e contava 112 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 183 fogos e 749 almas,—e o de 1878 deu-lhe 204 fogos e 826 almas.

Pertenceu ao bispado de Coimbra até 1882, data da ultima circumscripção diocesana.

Demora em terreno fertil e suavemente ondulado ao sopé e na pendente N. O. da Serra da Estrella, na margem esquerda do Mondego e precisamente na antiga estrada real de Celorico da Beira a Coimbra pela ponte da Murcella.

Dista 2 kilometros para S. E. da nova estrada real a macadam n.º 12, de Celorico da Beira a Coimbra pela dicta ponte da *Murcella*;—os mesmos 2 kilometros para O. da estrada real a macadam n.º 13, de Gouveia a Mangualde, cortando em angulo recto a dicta estrada real n.º 12;—os mesmos 2 kilometros para N. da estrada municipal a macadam de Gouveia a Moimenta da Serra, Mangualde da Serra e Ceia;—3 kilometros

[1] Esta linha só por meio de gravura póde reproduzir-se, mas encontra-se, bem como toda a inscripção nas *Memorias* de Argote, tomo 1.º pag. 294.

da villa de Gouveia, séde do concelho, para N. O.;—12 da margem esquerda do Mondego para S.;—27 da estação de Mangualde, a mais proxima, na linha da *Beira Alta*, [1]—53 kilometros da Guarda, séde do bispado e do districto, pela estrada a macadam,—e 108 kilometros pela linha ferrea da Beira e pelas estações de Mangualde e da Guarda;—105 da estação da Pampilhosa, entroncamento da linha da Beira Alta na do Norte;—210 do Porto e 336 de Lisboa.

—

Do exposto se vê que esta parochia está muito bem servida de vias de communicação, pois approximadamente a 2 kilometros de distancia é cortada ao nascente por uma estrada a macadam que corre de N. a S. e a liga com a séde do concelho e com a linha ferrea da Beira;—a igual distancia é cortada a N. e S. O. por outras duas estradas a macadam—e está em projecto e estudos um ramal da povoação de *Vinhó*, até á estrada real a macadam n.º 13, de Gouveia a Mangualde.

Tambem no tempo da antiga viação já era muito accessivel, pois passava pelo meio da povoação de *Vinhó* a velha estrada real de Celorico da Beira a Coimbra, pela ponte da *Murcella*, como já dissemos. Atravessava este concelho de nascente a poente por Figueiró da Serra, villa de Mello, Nabaes, Nabainhos, Sampaio, ponte do *Chorido*, na ribeira de Gouveia, a jusante da villa d'este nome e a montante da povoação de Nespereira;—ia depois a *Vinhó*, Lagarinhos, Pinhanços, etc.

—

Quando, approximadamente em 1853, os nossos engenheiros fizeram os estudos para a construcção da *Estrada da Beira*, a estrada real n.º 12, em substituição da velha estrada de Celorico a Coimbra, quizeram leval-a com pequenas variantes pelo leito da antiga, atravessando as povoações já mencionadas e as villas de Gouveia e Ceia, com o que muito lucravam aquelles dois concelhos, pois a estrada cortaria as sédes d'elles e muitas das suas parochias:—Ceia, Santa Marinha, Mangualde da Serra, Moimenta da Serra, Gouveia, Sampaio, Nabacinhos, Nabaes, Mello e Figueiró,—povoações *muito industriaes*, e que hoje valeriam o dobro do que valem; mas (*credite posteri!*) opposeram-se os habitantes das dictas povoações, principalmente os da villa de Gouveia, — a mais rica, mais importante e mais industrial de todas [1].

Não comprehenderam o alcance da moderna viação que ao tempo iniciavamos e lembravam-se do muito que os povos d'este concelho haviam pouco antes soffrido com a guerra peninsular e com as guerras civis posteriores:—aboletamentos, incendios, saques, mortes, violações e roubos.

Em verdade no tempo de guerra soffrem muito as povoações por onde passam as vias militares, mas felizmente desde 1846 gosamos uma paz octaviana, que ao tempo mal podia prever-se e por isso se opposeram, mas bem se arrependeram e tanto que, mais tarde, quando se tractava dos estudos para a linha ferrea da Beira, os mesmos que mais pugnaram para que a estrada se afastasse *quanto possivel*, foram os primeiros a pedir que a linha ferrea seguisse pela margem esquerda do Mondego e se approximasse quanto possivel de Gouveia.

O grande industrial e grande proprietario d'esta villa—Joaquim d'Almeida Rainha—chegou a offerecer *gratis* não só todo o terreno que a linha houvesse de cortar nas suas quintas (note-se que era o maior proprieta-

---

[1] Gouveia tem na mencionada linha estação propria, mas dista da de Mangualde 16 kilometros para E. Servirá pois só a parte oriental do concelho. As freguezias restantes demandam e demandarão sempre a estação de Mangualde por ser mais proxima e por terem para ella boas estradas a macadam, emquanto que para a estação de Gouveia já em agosto de 1881 deram principio á estrada que a deve ligar directamente com a villa, mas ainda está longe da sua conclusão n'esta data,—abril de 1887.

[1] Só a villa de Gouveia tem hoje 13 fabricas de lanificios e o seu concelho 27 fabricas,—e só uma das casas industriaes da villa de Gouveia vale hoje 500 a 600 contos de réis?!...

V. *Villa Nova de Tazem*.

rio do concelho)—mas offereceu tambem *gratis* todas as travessas ou *chulipas* que fossem necessarias para a mesma linha no termo do concelho de Gouveia, ou na extensão de 30 kilometros approximadamente!...

—

Os engenheiros que estudavam a nova estrada da Beira, vendo a opposição das proprias povoações que pretendiam beneficiar, fugiram com o traçado mais para o norte, o que tanto prejudicou as dictas povoações como facilitou os estudos e a construcção da estrada, pois corre atravez da planicie deserta! No concelho de Gouveia apenas toca na pequena povoação de Villa Cortez, emquanto que para entrar na serie de povoações mencionadas e que demoram todas em nivel superior na raiz da grande serra, em terreno bastante accidentado e declivoso, a construcção demandaria muitos muros de supporte e as expropriações seriam muito mais caras.

Os mesmos que se opposeram, empenharam-se depois na construcção de um ramal de 4:336 metros para ligação da dicta estrada com a villa de Gouveia, pois ficou isolada e alcandorada na encosta, e, construido o ramal, estabeleceram-se logo carreiras de diligencias e de *galeras* (carros de mercadorias) entre Gouveia e Coimbra,—carros e diligencias que fizeram muito bom serviço até que se inaugurou a linha da Beira Alta.

Prosigamos.

—

Esta parochia não comprehende aldeias. É formada pela unica povoação de *Vinhó;* apenas tem algumas quintas habitadas, taes são as seguintes:

1.ª—*Quinta de S. João*, que foi do visconde de Gouveia, pae do conde actual d'este titulo, e é hoje da opulenta familia *Rainhas*, de Gouveia, por compra que ao mencionado visconde fez Joaquim de Almeida Rainha.

V. *Villa Nova de Tazem* e *Gouveia* n'este diccionario e no supplemento.

2.ª—*Quinta do Paul*, que foi de José Maria Quirino e é hoje do dr. Antonio Maria d'Almeida Serra, ambos da villa de Gouveia.

3.ª—A quinta que foi de Jorge Botto Machado e é hoje do seu filho natural e herdeiro Antonio Botto Machado, dos quaes logo fallaremos,

4.ª—A quinta que foi de José Hygino Freire Cabral, da villa de Gouveia, e é hoje dos seus herdeiros.

5.ª—O extincto convento e cerca das freiras de *Vinhó*, hoje tudo tambem pertencente á opulenta familia *Rainhas*, de Gouveia.

Adiante desenvolveremos este topico.

Freguezias limitrophes:—Nespereira, Rio Torto, Moimenta da Serra e as duas freguezias da villa de Gouveia:—*S. Julião* e *S. Pedro.*

—

De passagem diremos que a villa de Gouveia tem duas freguezias que dividem entre si a parte urbana e rural de um modo singular e *unico*!

Todas as propriedades que possuir qualquer dos habitantes da freguezia de S. Pedro,—casas, campos, vinhas, montes, etc.—embora estejam na freguezia de S. Julião, pertencem á de S. Pedro. Por seu turno todas as propriedades que possuir qualquer dos habitantes da freguezia de S. Julião, embora estejam na freguezia de S. Pedro, pertencem á de S. Julião, e, logo que o proprietario mude a sua residencia de uma freguezia para a outra, a essa fi a pertencendo tudo o que possuia na que deixou, pelo que toda a villa de Gouveia e o seu termo pertencem promiscuamente aos dois parochos—e, tanto para a administração dos sacramentos, como para darem as boas festas aos seus parochianos, cada um dos dictos parochos atravessa constantemente a freguezia do outro?!...

Em todo o nosso paiz não conhecemos uma salgalhada assim!...

Templos

1.º—A egreja matriz actual, que era a do extincto convento das freiras, do qual adiante fallaremos.

2.º—A velha matriz.

Demora, como a do convento, na mesma povoação de *Vinhó*;—está bastante arruinada, mas ainda aberta ao culto;—tem altar-

mór e 4 lateraes com boas decorações de talha antiga dourada,—e torre com 2 sinos.

3.º—*Capella de S. João* em sitio muito pittoresco, á entrada de *Vinhó*, indo de Gouveia pela antiga estrada real.

Junto da dicta capella se vê uma carvalha enorme, que a ensombra,—e uma grande presa d'agua, que no verão se divide por differentes consortes.

4.º—*Capella de S. Lourenço* na extremidade opposta da povoação, pelo que o povo canta:

Lindo logar é Vinhò;
De longe parece villa;
Tem S. João á entrada,
S. Lourenço á saida.

Ambas são publicas.

Teve tambem uma capella particular, dedicada a *S. João*, na quinta d'este nome, mas já não existe.

O Convento

Houve n'esta freguezia um convento de religiosas franciscanas com a invocação da *Madre de Deus*, na extremidade S. O. de *Vinhó*.

Foi extincto no meado d'este seculo por fallecimento da ultima freira e d'elle pouco mais resta hoje do que a egreja, ainda intacta e sem reconstrucções, soffrivelmente conservada e de bastante merecimento.

Tem altar-mór e tres lateraes,—um do lado do evangelho, e dois do lado da epistola, alem de uma capella d'este mesmo lado, dedicada ao *Menino Jesus da Tia Baptista*,—mesmo em frente da porta da entrada, que se abre na parede do lado do evangelho, sobre o terreiro do convento.

Á esquerda da dicta porta, entrando, fica o altar-mór—e á direita estavam os còros, hoje desmantelados e em ruinas, onde ainda se vê uma tela de bastante merecimento, representando a Virgem, padroeira.

Na mencionada capella do *Menino Jesus*, obra dos fins do ultimo seculo, alem da imagem do *Menino*, está o Santissimo Sacramento, pois, como já dissemos, este templo é hoje a matriz da parochia.

A *Tia Baptista do Ceo* foi uma religiosa d'este convento que se tornou muito notavel pela sua piedade e virtudes e pela sua particular devoção para com o *Menino Jesus*. Nas grandes afflicções os povos da localidade e circumvisinhanças corriam a sollicitar a intercessão da *Tia Baptista* para com o seu *Menino*, sendo quasi sempre certo o deferimento, pelo que lhe erigiram uma linda capella dentro da propria egreja do convento e lhe fizeram e fazem ainda hoje grande festa com feira annual na segunda feira da 1.ª oitava do Espirito Santo.

—

O tecto da egreja é apainelado; tem 45 quadros de madeira pintados a oleo com diversas imagens no corpo do templo,—e 18 na capella-mór, encaixilhados em boa talha dourada, sendo tambem de talha dourada antiga e de merecimento as decorações de todos os altares

No vão da tribuna do altar-mór, do lado do evangelho, se vê interiormente, mettida na parede, uma caixa de pedra com as ossadas dos fundadores, encimada por um brasão d'armas em escudo esquartelado, tendo no 1.º e 4.º espaços 1 leão—e no 2.º e 3.º as quinas. O mesmo brasão se vê sobre a porta da egreja,—no portão de entrada para o terreiro—e sobre uma porta do convento.

Na frente da dicta caixa ossaria se lê em orthographia obsoleta a inscripção seguinte:

Esta sepultura he de
Francisco de Sousa e de
sua mulher D. Antonia
de Teyve, Fundadores
desta Santa Casa. Elle
falleceo a 2 de Mayo
de 1578, é élla a
17 d'abril de 1597.

Foi isto o que nós copiámos da propria caixa ossuaria[1] em agosto de 1881, quando regressavamos da *Serra da Estrella* com a

---

[1] Tem um orificio aberto, por onde mettemos, como todos mettem, o braço e ainda ao tempo ali se achavam duas caveiras e differentes ossos humanos.

Expedição Scientifica e visitámos este convento com o nosso bom amigo Joaquim de Vasconcellos, muito illustrado e digno vogal da *Expedição*.

V. *Serra da Estrella* no supplemento.

A mesma inscripção se encontra na *Historia Serafica* (tomo V pag. 55) por Fr. Fernando da Soledade, que dedicou a este venerando convento um largo topico, desde pag. 53 a 83,—topico muito digno de ler-se e que nós mal podemos aqui extractar.

—

Do exposto se vê que este convento foi fundado por Francisco de Sousa e sua mulher *D. Antonia de Teyve*, não *D. Francisca de Teyve*, como disse Jorge Cardoso no *Agiologio Lusitano*, tomo 1.º pag. 515,—lapso que se encontra tambem na *Chorographia Portugueza*, por haver copiado o *Agiologio*,—e no *Diccionario Chorographico* de Almeida, por haver copiado a *Chorographia Portugueza*.—E foi fundado em 1573, como diz a chronica, não em 1568, como diz João Baptista de Castro.

—

Francisco de Sousa, cognominado *o bom*, por ser uma excellente pessoa e muito religioso, era F. C. R. e militou na India.[1] Sendo já decrepito e não tendo filhos, resolveu, d'accordo com a esposa, fundar este convento na sua quinta de *Vinhó*, quinta muito antiga e que foi do dr. Gil d'Ocem, ou Docem, ou do Sem, como diz a chronica, seu ascendente e chanceller-mór d'el-rei D. João I, a quem este monarcha a doou, depois de a confiscar ao traidor Affonso Gomes da Silva que, sendo alcaide-mór na Covilhã, se bandeou por Castella[1].

O nosso rei lh'a doou, estando no arraial de Chaves em 30 de janeiro de 1386. Em 1566, sendo já de Francisco de Sousa, este a deu ao seu cunhado Antonio de Teive, para a unir a certo morgado que então instituia, mas pouco depois, em março de 1567, a desannexou do dicto morgado, vinculando em vez d'ella 100$000 réis de juro, por ser a dicta quinta muito propria para a fundação do convento que projectava fazer, como fez, dando-lhe a invocação de *Madre de Deus*, por ser a que já tinha a capella da mesma quinta,—capella que foi substituida pela egreja do convento.

—

Em 1573, estando já concluidas todas as obras, o entregou por escriptura de 20 de junho do mesmo anno a Fr. Nicolau de Jesus, custodio da *custodia observante* do Porto, com certas condições:—que seria 1.ª abbadessa Antonia da Assumpção, sobrinha do fundador e religiosa no convento franciscano da Guarda, d'onde já tinha vindo para o novo convento;—que este, durante a vida dos fundadores, não receberia freira alguma sem licença d'elles, como seus padroeiros;—que o numero das religiosas não passaria de 33;—que a abbadessa seria sempre eleita entre ellas e nunca tirada d'outro convento, etc.

Os fundadores deram logo para patrimonio do convento *oito mil cruzados* (3:200$000 réis)—somma importante n'aquelle tempo,—e por sua morte o beneficiaram muito, legando-lhe inclusivamente o titulo de pa-

---

[1] Descendia de Gonçalo Annes de Sousa, senhor de Mortagua, neto de Tristão de Sousa, tambem senhor de Vinhó, etc.

O dicto Francisco de Sousa, por não ter successão, fundou e dotou o convento de Vinhó e instituiu herdeiro da parte restante da sua casa seu sobrinho Francisco de Sousa e Almeida, filho de sua irmã D. Brites de Sousa, o qual casou no Porto com D. Anna Carneiro, filha unica de Luiz de Valladares e de D. Victoria Carneiro.

D'estes *Sousas e Almeidas* descendem os senhores da nobre casa da *Cavallaria* e da *Torre e Paço de Villarigues*, em Vouzella, hoje muito dignamente representados pelo sr. marquez de Penalva.

V. *Vouzella*.

[1] Gil d'Ocem foi pae do dr. Martim d'Ocem do conselho do mesmo rei D. João I, seu embaixador ás côrtes da Inglaterra e da Hespanha repetidas vezes, etc.—e suppomos que d'elle descendia o lendario *Pedro Cem*,—Pedro Pedrossem da Silva,—como elle assignava.

V. *Nicolau* (S.) do Porto, vol. VI, pag. 46, col. 2.ª e segg.—e *Santarem*, vol. VIII, pag. 588, col. 2.ª e segg.

droeiros, para que nenhum seu parente de futuro allegasse direito sobre elle.

Com as rendas que lhe deixaram os fundadores e com os dotes das noviças chegou a ser um dos conventos mais ricos da ordem e a ter 50 religiosas professas. Alem d'isso foi sempre um modelo de virtudes e disciplina. Nunca demandou reforma durante a sua larga existencia;—pelo contrario muitas religiosas d'elle foram em diversas datas reformar a disciplina d'outros conventos, sendo um d'estes o de *S. Luiz*, de Pinhel,—e produziu muitas religiosas dignas de especial menção pela sua acrisolada virtude, taes foram as seguintes:

—Antonia da Assumpção, 1.ª abbadessa.

—Eugenia da Natividade, 2.ª abbadessa.

—Brites da Nazareth, 3.ª abbadessa, natural da villa de Midões.

—Antonia de Jesus, tambem abbadessa, natural de Penedono.

—Francisca da Ressurreição, tambem abbadessa, natural da ilha da Madeira.

—Margarida das Chagas, natural da freguezia de Casal Vasco [1].

—Maria de Jesus, natural da villa de Ceia, filha do dr. Gaspar Rebello e de sua mulher Maria Borges.

Teve uma mocidade bastante livre, mas depois, qual outra Magdalena, regenerou-se;—viveu santamente e santamente acabou os seus dias em 1628, contando 73 annos de idade.

Tão virtuosa e penitente se tornou, que d'ella faz menção o *Agiologio Lusitano*, a 24 de fevereiro.

—Maria do Lado, d'esta mesma freguezia de Vinhó.

—Maria do Rosario, no seculo D. Maria de Mello, natural de Casal Vasco.

Falleceu em 1686.

—Ambrosia da Conceição, natural da villa da Covilhã.

Foi desde menina um perfeito exemplar de virtudes, abbadessa e reformadora do convento de S. Luiz, de Pinhel.

—

Se lermos a chronica ficamos assombrados com a vida penitente, austera e virtuosissima d'estas santas religiosas, cuja vida é um contraste com a indole d'este seculo; a chronica porem não passa do anno 1721 e por isso não menciona outras muitas religiosas de grande virtude que este convento produziu desde aquella data até à sua extincção, avultando entre ellas:

—A *Tia Baptista do Ceu*, parente de José Higino Pereira Cabral, da villa de Gouveia, cavalheiro respeitabilissimo e que falleceu ha poucos annos.

Todos na localidade *ainda hoje* veneram a memoria d'ella como a de uma santa; festejam pomposamente o seu *Menino Jesus*, com festa e feira annual, como ella festejou sempre,—e por essa occasião o povo nos seus descantes, como prova de que não esquece a *Tia Baptista* e o seu tão caro *Menino*, costuma cantar, entre outras, as coplas seguintes, ao som do classico *adufe*,—especie de pandeiro quadrado, que se toca com ambas as mãos e que é o instrumento favorito e *unico* do povo da Beira Baixa, herdado dos *erminios*, talvez:

Quando fordes a *Vinhó*,
Tirae o chapeu á cruz,
Que o *Menino* é mordomo
Da bandeira de Jesus.

Ó minha *Tia Baptista*,
A quem deixastes o ramo?
Ás cachopas de Gouveia,
Ás de *Vinhó* para o anno. [1]

Vamos á *Tia Baptista*,
Cachopas andae, andae,
Que está lá uma fontinha,
Bebe d'ella quem lá vae.

Ó minha *Tia Baptista*,
Tia Baptista do Ceu,
Só vos invejo uma coisa,
—Do vosso *Menino* o chapeu.

---

[1] V. *Casal de Vasco* e *Ramirão*, tomo 2.º pag. 143.

[1] A *Tia Baptista* era sempre a juisa da festa do seu *Menino Jesus* e costumava con-

Costumava ella vestir o seu *Menino* como se fosse um general.

Ainda em 1881 nós o vímos com fárda, calção e chapeu de dois bicos com plumas!...

Talvez que os devotos folgasões se referissem ao espaventoso chapeu.

—

O edificio do convento era bastante espaçoso, mas pouco imponente e muito irregular, bem como o terreiro *intra muros*, onde se fazia e faz ainda hoje a feira.

Quando foi extincto, estava arruinado com o peso dos seculos e mais se arruinou com o abandono. Desabou parte, antes de ser arrematado,—e o povo exerceu tambem sobre elle grande vandalismo, roubando madeira e pedra. Apenas se conservou intacto um lanço, onde esteve a escola de instrucção primaria d'esta freguezia,—lanço hoje restaurado e transformado em habitação particular, pertencente ao rev. José Alves Dias.

Tudo o mais,—edificio e cercas,—é da opulenta familia *Rainhas*, de Gouveia, que demoliu quasi toda a parte restante do convento para fazer, como fez, casas d'aluguel.

Tinha um bom claustro com columnas de granito, algumas das quaes foram removidas pelos compradores para fazerem uma ramada no quintal das casas que possuiam em Gouveia, — casas que, por doação de Francisco d'Almeida Rainha, filho do grande industrial e capitalista Joaquim d'Almeida Rainha, são hoje do seu guarda-livros Antonio de Gouveia Amarante, sitas no bairro da *Biqueira* ou *Regueira*.

—

N'este convento de *Vinhó* acabaram os seus dias as freiras dos extinctos conventos franciscanos *d'Almeida* e de *Nossa Senhora do Couto*.

Nos principios da metade do ultimo seculo os jesuitas fizeram um collegio esplendido na villa de Gouveia, sobre o palacete do mestre de campo Antonio de Figueiredo Ferreira e que este lhes doou com todos os seus bens, comprehendendo magnificas propriedades.

A fachada nobre do dicto collegio, ainda hoje muito solido e com uma bella cerca, tem amplas e formosas vistas para N. E. e O. sobre a bacia hydrographica do Mondego, dominando um vastissimo horisonte muito regular e em forma de semi-circulo, limitado a N. pela serra do Marão, a O. pela do Bussaco e a N. O. pelas do Caramulo, Gralheira e Mezio. D'ella se vê Mangualde a 30 kilometros de distancia e Vizeu a 50, alem d'outras muitas povoações;—tem a dicta fachada a perspectiva d'um palacio e era decorada pela fronteria da magestosa egreja que teve no centro, ladeada por duas torres, —egreja e torres que foram demolidas approximadamente em 1837 por Bernardo Antonio de Figueiredo Homem *para fazer uma fabrica de saragoças* (?!...) quando comprou o dicto collegio e cerca, hoje propriedade e habitação do conde de Caria, seu herdeiro e sobrinho.

—

Sendo extinctos pelo marquez de Pombal em 1759 os jesuitas, pouco depois de acabarem o collegio, para elle se transferiram as freiras franciscanas do convento d'Almeida, mas tambem pouco tempo ali viveram, porque, sobrevindo a guerra da peninsula, foi o dicto collegio em 1811 arvorado em hospital mililar,—depois quartel de caçadores n.º 7,—sendo as freiras removidas para o convento de *Vinhó*.

Por seu turno as do convento de *Nossa Senhora do Couto*, na extincta parochia de *Nabainhos*, hoje annexa á de *Nabaes*, concelho de Gouveia, achando-se a braços com a maior pobresa e reduzidas a uma unica, esta, approximadamente em 1840, para não morrer de fome, passou para o convento de Vinhó, distante cerca de 7 kilometros ao poente,—indo a pobre senhora, já velhinha, *a pé, descalça, envolvida em andrajos e banhada em lagrimas*, chorando a sua sorte e a do seu tão querido convento, que hoje se

---

vidar para mordomas, em annos alternados, as raparigas solteiras dos povos circumvisinhos, dando-lhes *um ramo*, como signal da eleição,—ramo de flores naturaes, muito cuidadosamente cultivadas por ella em um pequeno recinto vedado, que tinha na cerca, ainda hoje denominado—*a cerca do Menino.*

acha tambem quasi demolido. Apenas restam a egreja, que foi sempre pequena e pobre, —e a humilde casa do capellão e confessor, ao sul da egreja e do convento, mettendo-se de permeio a antiga estrada militar de Celorico a Coimbra.

Assim terminou o venerando convento de *Vinhó*, que já contava 3 seculos d'existencia.

—

Tambem foi extincto em 1834 o convento do *Espirito Santo*, de Gouveia.

Era de frades franciscanos; demorava a 2 kilometros do de *Vinhó*, para S.; foi comprado tambem por Bernardo Antonio Homem de Figueiredo, que o demoliu tambem logo *para fazer a sua fabrica de saragoças?!...* Apenas hoje restam d'elle os escombros.

O convento era humilde e pequeno e ainda existe, mas muito mal tractado e habitado pelo caseiro do mencionado conde de Caria, seu actual possuidor.

V. *Gouveia*, villa da Beira Baixa, *Mello*, *Nabaes* e *Nabainhos*, n'este diccionario e no supplemento.

—

As producções principaes d'esta freguezia de *Vinhó* são *vinho*, azeite, cereaes e fructa de caroço.

Tambem tem algumas larangeiras, mas soffrem muito com o ar da grande serra proxima e produzem pouco fructo e ruim.

Tambem abunda em pinheiros e carvalhos, gado lanigero e caça.

O seu clima é temperado, porque demora na planicie, a 2 kilometros da raiz da grande serra.

Não é muito saudavel, porque os seus habitantes, como a grande maioria dos d'esta provincia da Beira Baixa e das da Beira Alta e Traz-os-Montes, não sabem o que é limpesa nem hygiene.

Fazem das ruas montureiras;—não caiam nem lavam as casas;—vestem saragoça e burel, que *nunca* lavam tambem,—não lavam tambem o corpo—e vivem na maior immundicie, em contacto com as gallinhas, porcos, bois e gado lanigero.

No momento está pesando cruelmente sobre esta parochia a variola, sem poupar adultos nem creanças, tendo feito muitas victimas.

Tem apenas uma escola official de instrucção primaria para o sexo masculino.

Pessoas notaveis

—*Francisco de Sousa*, já mencionado supra, ascendente dos actuaes marquezes de Penalva, senhor de Vinhó e fundador do convento, ao qual deixou as casas em que viveu e falleceu junto d'elle.

—*O dr... Botto Machado*, juiz da casa da supplicação, F. C. R., etc.

Casou com D. Rosa Amalia de Figueiredo e tiveram entre outros filhos o seguinte:

—*Jorge Botto Machado*, F. C. R. e senhor da nobre e antiga casa dos *Bottos Machados* d'esta freguezia de Vinhó, alliados com muitas familias da principal nobresa d'esta provincia e da da Beira Alta.

O dicto *Jorge Botto* foi o ultimo capitão-mór de Gouveia, rival do *Pitta Bezerra*, vergonha da familia e da humanidade e o terror e açoute d'este concelho!

Desde 1828 até 1834, ou durante o ephemero reinado do sr. D. Miguel, praticou toda a casta de prepotencias:—prisões, sequestros, espancamentos, ferimentos e mortes, mas *talis vita, finis ita!...*

Apenas em 1834 assumiram os liberaes o poder, Jorge Botto foi preso e mettido no Limoeiro, onde falleceu,—e seria trucidado pelo povo, como foi o *Pitta Bezerra*, se o não encarcerassem tão depressa.

Falleceu solteiro, mas deixou um filho natural, que legitimou e lhe succedeu,—nos bens, não na ferocidade, pois é uma excellente pessoa,—o sr. Antonio Botto Machado, residente em Pinhel, onde casou.

A um seu homonymo e ascendente—tambem *Antonio Botto Machado*,—de Villa Cova a Coelheira, freguezia do concelho de Ceia, foi concedido em 13 de janeiro de 1780 o brasão d'armas seguinte: — escudo partido em pala; na 1.ª as armas dos *Bottos*, na 2.ª a dos *Machados*, por ser filho de Jorge Botto Machado, neto do capitão Antonio Botto Machado, bisneto d'outro Jorge Botto

Machado, 3.º neto de Antonio Botto Machado, 4.º neto de Jorge Botto e 5.º neto de Diniz Botto, commendador da Ordem de Ch. na villa de Manteigas, todos descendentes de Martim Esteves Botto, a quem D. Affonso V fez fidalgo e deu brasão d'armas em 1 de abril de 1462, pelos seus relevantes serviços na Africa.

Archivo Heraldico-genealogico do meu bom amigo, o sr. visconde de Sanches de Baêna, pag. 33, n.º 121.

—

—*Fr. Martinho dos Martyres*, religioso *agostinho descalço* de muita illustração e virtudes.

Nasceu n'esta freguezia de Vinhó e professou no seu convento d'Estremoz a 4 de março de 1694.

—*O dr. Antonio da Fonseca Mimoso Guerra*, do conselho de S. M. etc.

Nasceu tambem n'esta parochia e teve de emigrar para França nos principios d'este seculo, por ser apodado de *jacobino*, ou partidario dos francezes.

Era homem de grande illustração,—foi deputado ás côrtes de 1826,—seguiu a magistratura—e morreu em Lisboa, sendo juiz da relação.

—

As casas principaes d'esta parochia são as seguintes:

1.ª—A que foi do tristemente celebre Jorge Botto Machado, ultimo capitão-mór de Gouveia, hoje do seu filho.

É brasonada.

2.ª—A de *Bazilio Leitão*, que veiu dos lados de Coimbra e casou aqui com uma senhora filha unica e herdeira da familia *Corte Real*, parenta dos *Cortes Reaes* de Fornos d'Algodres.

É um edificio elegante e novo, feito pelo mencionado Bazilio Leitão.

3.ª—A que foi de Ignacio de Aragão e Pina, hoje de seus filhos e herdeiros.

Todas teem mimosos quintaes regadios.

4.ª—A do rev. José Alves Dias.

É uma parte do extincto convento, restaurada e habitada por elle.

—

Em um dos altares da egreja do extincto convento se venera uma imagem de *Nossa Senhora do Rosario*, que o fundador trouxe da India,—e tomou a invocação de *Nossa Senhora das Neves*, porque na 1.ª festividade que se lhe fez no convento a 5 d'agosto, e por consequencia em *pleno verão*, toda a Serra da Estrella e a freguezia de Vinhó se cobriram de neve,—diz o *Sant. Marianno*, tomo 4.º pag. 536.

Teve pomposa festa annual e era muito querida dos habitantes d'esta parochia. Costumavam recorrer a ella nas grandes calamidades publicas e leval-a em procissão pelos campos em tempo de esterilidade.

VINHÓS,—freguezia do concelho e comarca de Fafe, districto e diocese de Braga, provincia do Minho.

Vigairaria. Orago *Santo Estevam*;—fogos 92,—habitantes 380.

Em 1706 era vigairaria da commenda de S. Thomé de Travaçôs no concelho de *Monte Longo*, comarca de Guimarães;—rendia para o vigario 40$000 réis e 100 para o commendador;—contava 36 fogos—e era da apresentação do reitor de Travaçôs.

Em 1768 era da mesma apresentação;—rendia para o vigario 50$000 réis—e contava 58 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 85 fogos e 304 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 81 fogos e 316 habitantes,—menos fogos e mais habitantes!...

Nenhum d'elles nos satisfaz, nem os apontamentos que recebemos da localidade, pois uns dão-lhe 89 fogos—e os outros 96.

Valha-nos a Senhora do Monte do Carmo!...

—

Dista de Fafe 5 kilometros para N. O.;—22 da estação de *Villa Flor* ou de Guimarães para N. E.;—40 de Braga;—78 do Porto—e 415 de Lisboa.

Comprehende as aldeias seguintes:—*Assento*, séde da parochia,[1]—Godim, Sernadello, Carvalho, Casa Nova, Outeiro, Outeiro da Linha, Outeiro da Vinha, Cachada,

[1] Ha no Minho muitas aldeias denominadas *Assento* e quasi todas são sédes de parochia.

Campo, S. Mamede, Lagar, Adegas e Devesa,—segundo se lê na *Chor. Moderna*, mas parecem-nos aldeias de mais para tão poucos fogos.

Freguezias limitrophes:—Revelhe a E.;—Travassós a N.;—S. Vicente a O.—e Santa Comba a S.

Producções dominantes:—milho, centeio e vinho verde *de enforcado*.

Tambem é mimosa de caça dos seus montes e de peixe, nomeadamente trutas muito saborosas, de um ribeiro que passa ao poente e junto da matriz—e desagua no rio de Pombeiro, depois de regar e fertilisar campos soberbos. Tambem move 2 moinhos de cereaes e um lagar d'azeite e tem 2 pontes n'esta freguezia, por uma das quaes, que é a principal, corre a estrada districtal a macadam de Fafe á Povoa de Lanhoso, mas ainda não passou da aldeia de *Regueixo*, freguezia de Travassós.

Clima temperado e saudavel.

Templos:—unicamente a egreja matriz, que é pequena e pobre, mas decente.

Já teve 2 capellas,—uma de *Nossa Senhora da Conceição* no monte da *Minhoteira*, junto da matriz; mas d'ella hoje apenas restam alguns vestigios;—a outra era dedicada a *S. Mamede* e estava na aldeia d'este nome, mas já nem vestigios d'ella restam.

VINTE E QUATRO (*Casa dos*)—Era uma junta de 24 homens, dois de cada officio, destinada para o bom governo das cidades de Lisboa, Porto e outras, e representou em Portugal um papel muito importante.

Data a sua creação do reinado de D. João I.

Nenhum individuo podia fazer parte d'esta junta sem ter 40 annos, nem entrava nos officios d'ella sem obter duas partes dos votos.

O alvará de 7 de outubro de 1781 determinou o modo como havia de fazer-se a eleição do juiz do povo.

O alvará de 3 de dezembro de 1781 estabeleceu o regulamento das officinas da *Casa dos Vinte e Quatro* e a classificação dos diversos gremios embandeirados dos officios,—e determinou quaes d'elles annualmente deviam dar homens para a dicta junta.

A *Casa dos Vinte e Quatro* da cidade do Porto foi extincta em 1661, como culpada no motim que na mesma cidade occorrêra.

Em 1822 decretaram as côrtes que os procuradores dos mesteres, e mais membros da *Casa dos Vinte e Quatro* em Lisboa e em outras terras do reino, continuassem a ser providos na forma das leis e estylo, subsistindo as suas attribuições em tudo o que não fosse contrario ao systema constitucional.

(Carta de lei de 31 de outubro de 1822.)

—

Em 1834 foi extincta a *Casa dos Vinte e Quatro*, juntamente com os logares de juiz e procuradores do povo, mesteres e gremios dos differentes officios, ficando encarregadas as camaras municipaes de darem as providencias que a tal respeito julgassem mais acertadas e de consultarem ácerca das que excedessem as suas attribuições.

O decreto de 7 de maio de 1834 dava esta razão:

«Não se coadunando com os principios da carta constitucional da monarchia, base em que devem assentar todas as disposições legislativas, a instituição do juiz e procuradores do povo, mesteres, *Casa dos Vinte e Quatro* e classificação dos differentes gremios—outros tantos estorvos á industria nacional, que para medrar muito carece da liberdade, que a desenvolva e da protecção que a defenda: hei por bem... decretar o seguinte:

«Ficam extinctos os logares de juiz, e procuradores do povo, mesteres, *Casa dos Vinte e Quatro* e os gremios dos differentes officios.»

VISEU ou *Vizeu*,[1]—cidade antiquissima e muito importante ainda, séde do concelho, da comarca, do districto e da diocese do seu nome na provincia da Beira Alta, da qual é tambem a capital.

---

[1] Alexandre Herculano e outros muitos auctores escrevem *Viseu* com *s*, mas o sr. Camillo Castello Branco (hoje visconde de Correia Botelho) e outros escrevem *Vizeu* com *z*. É licito pois adoptar qualquer das duas fórmas.

Demora em sitio relativamente alto e vistoso com formosos e ferteis arrabaldes, a 40° 38′ 9″ de latitude e 1° 8′, 7″—E—de longitude pelo meridiano de Lisboa;—1° 44′, 57″ —O—pelo meridiano do observatorio de S. Fernando em Cadis;—7° 57″,—O—pelo meridiano de Greenwich;—9° 42′, 58″—E—pelo da Ilha do Ferro; - 10° 17′, 2″—O—pelo meridiano de Paris,—e a 540 metros d'altitude, contados do novo *Hospital da Misericordia*, ponto mais alto de Viseu, *extra muros*.

Está entre os rios *Dão* e *Vouga*, na margem esquerda do *Pavia*, confluente do rio Dão, que desagua no Mondego.

É banhada a O. pelo Pavia, mas a Sé dista d'elle cerca de 500 metros para E.;—11 kilometros do rio Dão para O. N. O.;—15 do Vouga para S.;—25 do Mondego para N. N. O.; 20 da estação de Nellas, a mais proxima na linha da Beira Alta, para N. N. O.;—87 da estação (entroncamento) da Pampilhosa na linha ferrea do Norte, para N. E.;—71 da cidade da Figueira, tambem para N. E.;—192 do Porto para S. E.[1]—e 317 de Lisboa para N. N. E.

—

A cidade reveste uma pequena collina, ainda hoje toda povoada e encimada pela Sé, que occupa precisamente o chão do antigo castello romano, depois palacio real, mas a povoação já desce até ás faldas da collina e se espraia pelos campos adjacentes.

Divide-se em duas parochias denominadas *Sé Oriental* e *Occidental*, que comprehendem a cidade propriamente dicta e as povoações do *aro* até á distancia de 4 a 6 kilometros em volta de Viseu, achando-se as dictas povoações actualmente divididas em 5 parochias, denominadas *annexas*:—*Rio de Loba*, *Ranhados* e *S. Salvador* pertencentes á freguezia *Occidental* da Sé;—*Orgens* e *Abraveses* á freguezia *Oriental*!!!

Ponho aqui tres pontos de admiração e mal caracteriso o dispauterio de semelhante divisão ecclesiastica. É um cumulo no seu genero e um facto incrivel para quem fôr estranho a Viseu, pois uniram á freguezia *Occidental* as 2 freguezias *orientaes*:—*Rio de Loba* a E. N. E.—*Ranhados* a E. S. E.—e *S. Salvador* demora a S. S. O.

Por seu turno pertencem á freguezia *Oriental* as 2 *occidentaes*:—*Abraveses* a N. O.—e *Orgens* a S. O. E para cumulo da tolice á freguezia *Oriental* pertencem alguns povos das *annexas* da freguezia *Occidental*—e v. v.[1]

—

A confusão é de tal ordem que muitas vezes os proprios parochos e parochianos se enganam com a destrinça, pelo que não raro se encontram nos livros da freguezia *Oriental* assentos de Baptismos pertencentes á freguezia *Occidental*, e v. v.

Antes de se crearem as 5 *annexas*, todo o seu vasto chão pertencia, como pertence ás duas antigas parochias *Oriental* e *Occidental* da Sé, cuja linha divisoria tinha por base a rua *Direita*, que se prolonga de sul a norte. Já n'esse tempo era grande a confusão, porque a Sé, matriz commum das 2 freguezias, demora ao poente da dicta rua e a distancia d'ella, mettendo-se de permeio um labyrintho de ruas, viellas e bitesgas,

---

[1] Pelas linhas da *Beira Alta* e do *Norte*, itinerario que hoje segue e que soffrerá grande alteração e reducção logo que se construa a linha ferrea em estudos de Viseu a Chaves pelos valles do Paiva e do Tamega, pois deve cortar a linha ferrea do Douro, e ter n'ella entroncamento junto da estação de *Canaveses*.

V. *Villarinho das Paranheiras*.

[1] Actualmente a nossa ortographia é um cahos! Tende a operar-se n'ella uma grande transformação, entretanto cada escriptor e cada typographia adopta a que bem lhe apraz. Dão-se mesmo grandes differenças n'este ponto entre o norte e o sul do nosso paiz. Vamos pois na corrente emquanto a nossa *Academia Real das Sciencias* não legislar sobre o assumpto.

Vem isto a proposito para dizermos que em Lisboa e na typographia d'este diccionario costumam escrever *freguezia* com –z– e nós escrevemos *freguesia* com –s,– mas, para não fatigarmos os typographos da casa editora, que são aliás artistas consummados, na revisão das provas deixamos de apontar aquella e outras divergencias de ortographia.

todas mais tortas do que a mencionada rua *Direita*, que é, como todas as ruas *Direitas*, sufficientemente torta.

Já n'esse tempo pertenciam á freguezia *Oriental* muitas ruas, viellas, casas e aldeias da cidade e do *aro* de Viseu que estavam ao poente da Sé,—e por seu turno pertenciam á freguezia *Occidental* muitas ruas, viellas, casas e aldeias que demoravam ao nascente.

A confusão era grande, mas depois da creação das *annexas* augmentou escandalosamente, estupidamente, *propositadamente*, pois só assim se explica o facto estranho e *unico* de mudarem o nome aos quadrantes.

Quem pelos mappas tiver de procurar as 5 annexas fique sabendo que as *orientaes* são as *occidentaes*, e v. v.

Isto só em Viseu!

Prosigamos.

—

As 5 mencionadas *annexas* são freguezias autonomas e independentes na parte civil, judicial e administrativa, mas ecclesiasticamente são ainda hoje simples *curatos* das duas freguezias da Sé.

Todas 5 teem *parochos proprios e permanentes*, mas *nominaes* e por assim dizer *coadjuctores* dos 2 parochos da Sé, pois tendo todas sacrario e Santissimo para mais facil administração dos sacramentos, nenhuma d'ellas tem pia baptismal!! Os baptismos de todas as 5 *annexas* e das 2 freguezias *Oriental* e *Occidental* são todos feitos em uma pia *unica* na Sé de Viseu?!...

Tambem só os dois parochos da Sé podem assistir e assistem aos casamentos das 5 *annexas* e teem para elles livros de registro parochial, bem como para os Baptismos.

Nas *annexas* apenas ha livros d'obitos desde 1857.

—

Em todo o nosso paiz não ha dispauterio semelhante e ha muito devia ter acabado tão anomalo estado de cousas.

Fique a cidade de Viseu constituindo as 2 parochias *Oriental* e *Occidental*, mas decrete-se a independencia e autonomia completas, tanto na parte civil, como judicial, administrativa e *ecclesiastica*, para as mencionadas 5 *annexas*, mesmo porque só assim poderão viver com decencia os pobres curas, que hoje apenas teem de congrua e vencimento total 100$000 réis, deduzindo ainda 4$000 réis para o cobrador!—Vencem menos do que um mestre-escola, pois *nada* recebem do pé d'altar, o que é duro, durissimo, revoltante, insupportavel!

Todos clamam, e gritam *una voce* e com rasão!...

As dictas *annexas* foram criadas em 1808 pelo santo prelado D. Francisco Monteiro Pereira d'Azevedo, porque até então o sagrado Viatico lhes era levado da Sé ou das capellas de S. Miguel do Fetal e de S. Martinho,[1] o que em rasão da distancia—4 a 6 kilometros para os pontos extremos,—tinha graves inconvenientes. Foi muito louvavel a resolução d'aquelle bispo, dando-lhes curas proprios, que elle subsidiava, como diremos quando fallarmos d'aquelle santo prelado, mas desde então até hoje augmentou consideravelmente o preço das subsistencias, —a população da cidade—e a das dictas *annexas*. Augmentem-se pois tambem os vencimentos dos pobres curas—ou dê-se áquelles povos a desejada autonomia, mesmo porque, tendo elles na localidade egrejas e parochos proprios, como teem ha muito, é uma barbaridade obrigal-os a irem a Viseu e a transporem por vezes 4 a 6 kilometos para se receberem e para baptisarem os seus filhos, perdendo tempo precioso e expondo-se aos raios do sol no verão, e aos vendavaes no inverno—*sem necessidade alguma*!

Chamamos para este ponto a attenção do governo e dos prelados visienses.

Note-se tambem que os parochos das 5 *annexas* e os dois parochos da Sé são todos *curas amoviveis*. Nenhum d'elles é nem nunca foi *collado*?!...

Em todos os nossos cabidos ha como em Viseu *conegos* e *meios-conegos*, mas só no

[1] Estas 2 capellas *extra-muros* eram consideradas matrizes dos povos que depois constituiram as 5 *annexas*

aro, e na cidade de Viseu ha *curas* e *meios-curas*!

Ainda as annexas

Não se imagine que as 5 parochias denominadas *annexas* e que formam o *aro* e parte integrante da cidade de Viseu, são povoações pequenas, insignificantes, pobres e sem recursos para sustentarem a sua autonomia. Pelo contrario são mais populosas, mais ricas e mais importantes do que a maior parte das freguezias ruraes do nosso paiz, como vamos provar, ampliando um pouco o que já se disse de cada uma d'ellas nos artigos proprios.

Freguezia Occidental (!) *da Sé de Viseu*

1.ª annexa

Rio de Loba [1]

Nem a *Chorographia Portugueza* nem o *Portugal S. e Profano* mencionam esta freguezia, porque foi, como já dissemos, criada em 1808, emquanto que o padre Carvalho escreveu a sua chorographia em 1706 a 1712 e Paulo Dias de Nisa escreveu o *Port. S. e Prof.* em 1757 a 1768.

O mesmo succede e fica dito desde já com relação ás outras 4 *annexas*.

É um dos 3 curatos da freguezia *Occidental da Sé de Viseu*, da qual a matriz de *Rio de Loba* dista 2 e meio kilometros para N. E., mas tem pontos distantes de Viseu 5 a 6 kilometros e talvez mais!

Em 1834, segundo se lê na *Memoria* offerecida á camara de Viseu em 1838 por Berardo, então ainda leigo e administrador d'este concelho, esta parochia de *Rio de Loba* contava 237 fogos e 1:293 habitantes (?!...) sendo 609 do sexo masculino—e 684 do sexo feminino,—celibatarios 746,—casados 454,—viuvos 93. No mesmo anno de 1834 nasceram n'esta freguezia 15 creanças do sexo masculino e 16 do sexo feminino—e morreram 9 homens, 9 mulheres e 13 creanças.

[1] V. tomo VIII pag. 194, col. 1.ª

Em 1838, segundo se lê na dicta *Memoria*, contava esta freguezia 318 fogos!...

O *Flaviense* em 1852 deu-lhe 375 fogos;—o censo de 1864 deu-lhe 423 fogos e 1:814 habitantes;—o de 1878 deu-lhe 460 fogos e 1:963 habitantes—e hoje (1887) segundo as informações do seu rev. cura proprio, conta 492 fogos e 2:150 habitantes.

Orago—S. Simão.

—

Comprehende as aldeias seguintes:—*Rio de Loba*, séde da parochia.—Barbeita, Povoa de Sobrinhos, Gumirães, Travassós de Cima, Travassós de Baixo, [1]—3 quintas em S. João da Carreira e 4 no Viso.

Parochias limitrophes:—Mondão a N.;—Fragosella a E.;—Banhados a S.;—Abraveses e a *Oriental da Sé* de Viseu a O.

Passam ao poente d'esta freguezia, caminhando de sul a norte, a estrada districtal a macadam, n.º 40, de Viseu a Aguiar da Beira,—e ao sul a estrada real n.º 43, de Viseu a Mangualde e Celorico.

Templos

1.º—*A egreja matriz*, muito acanhada.

2.º—Capella de *Nossa Senhora da Esperança*, na Povoa de Sobrinhos.

3.º—Capella de *Santo Antonio*, em Barbeita.

4.º—Capella de *S. Martinho*, em Travassós de Cima.

5.º—Capella de *S. João* e

6.º—Capella do *Senhor dos Afflictos*,—em Gumirães.

As 3 primeiras capellas são publicas;—as ultimas 2 são particulares, pertencentes aos herdeiros de Miguel Pinto, de Lourosa—e todas estão bem tractadas.

Todos os annos vae de *Vil de Moinhos*, aldeia da freguezia de S. Salvador, á dicta capella de S. João, no dia do seu orago, uma

[1] Note-se que estas duas ultimas aldeias e as 3 quintas de S. João pertencem a esta parochia na parte civil, judicial e administrativa, mas ecclesiasticamente pertencem, como devêra pertencer esta freguezia *toda*, á freguezia *Oriental* da Sé de Viseu.

interessantissima *cavalhada*, de que faremos menção no topico relativo á freguezia de *S. Salvador*.

Producções dominantes: — vinho verde, milho, centeio, trigo, batatas, feijões, cevada e azeite.

Tem uma escola official *mixta*, de instrucção primaria para os dois sexos—e 2 cemiterios parochiaes:—um em Barbeita,—outro junto da matriz.

Clima saudavel e temperado.

É seu cura actual o rev. sr. Joaquim Homem de Paiva Cardoso, a quem agradeço estes apontamentos, bem como ao sr. dr. Nicolau Pereira de Mendonça, que se dignou sollicital-os e enviar-m'os.

Freguezia Occidental (!) da Sé de Viseu

2.ª annexa

Ranhados [1]

A matriz d'esta parochia dista de Viseu 2 e meio kilometros para E. S. E. Está pois do lado *oriental*, mas pertence á freguezia *Occidental* e ao concelho, comarca, districto e diocese de Viseu.

Esta povoação de *Ranhados* foi muito privilegiada, pois era villa e séde de concelho, pertencentes á ordem de Malta, mas suppomos que nunca foi freguezia.

> Não se estranhe a supposição, porque este ponto é obscuro e porque tivemos muitas villas e sédes de concelhos sem serem parochias, mas *simples aldeias*.
>
> V. *Vicente de Pereira* (S.) tomo X, pag. 562, col. 1.ª e segg.

Em 1708, segundo se lê na *Chorographia Portugueza*, era matriz d'esta villa de *Ranhados* a egreja de Nossa Senhora da Graça de *Fragosellas*, o que nos custa a crer, porque Fragosellas não pertencia ao concelho de Ranhados e dista de Ranhados cerca de 10 kilometros para N. E. Mais natural era pois que pertencesse a uma das freguezias de Viseu, estando em contacto com ellas e pertencendo a ellas todos os povos circumvisinhos de Ranhados, que constituiam e constituem o *aro* de Viseu.

—

Desde 1808 é Ranhados uma das 3 *annexas* da freguezia *Occidental* de Viseu—e anteriormente foi uma das muitas povoações do *aro*, que tiveram por matrizes, como já dissemos, as capellas de *S. Martinho* e *S. Miguel do Fetal*, *extra-muros* de Viseu, pelo que, mesmo depois da criação das annexas, os nubentes de Ranhados eram obrigados a ler banhos nas mencionadas capellas e ali se proclamaram até 1857, approximadamente.

Foi o bispo D. José Joaquim d'Azevedo e Moura quem poz termo a tal usança.

Esta parochia tem hoje como orago *Nossa Senhora da Ouvida*, e o seu parocho a si proprio se denomina *meio cura*, por ser *cura* do *cura* da freguezia *Occidental* de Viseu e ter a seu cargo a cura d'almas, desobriga, missa conventual e registro dos obitos, pertencendo ao cura da Sé a celebração e registro dos casamentos e Baptismos e todos os proventos do pé d'altar, como succede nas outras annexas.

O Padre Carvalho em 1708 mencionou o concelho, mas não a freguezia de Ranhados, porque ao tempo ainda não existia. Tambem por igual motivo não a mencionou o *Portugal S. e Profano*.

Em 1834, segundo se lê na *Memoria* que Berardo offereceu á camara, esta freguezia contava 71 (!) fogos e 441 habitantes [1].

Em 1838, segundo se lê na citada *Memoria*, contava 215 fogos.

O Flaviense em 1852 deu-lhe 231 fogos; —o censo de 1864 deu-lhe 265 fogos e 1:064 habitantes;—o de 1878 deu-lhe 290 fogos e 1:192 habitantes—e hoje conta 310 fogos e 1:286 habitantes.

—

Comprehende as aldeias seguintes:—*Ra-*

---

[1] V. tomo VIII pag. 46, col. 2.ª e segg.

[1] Aqui ha talvez erro de copia. Suppomos que Berardo diria 171 fogos.

nhados, séde da parochia,—Lagea, Alagôa, Carvalhal, Cabanões de Cima, Repeses e muitas quintas, sendo as principaes:—Jugueiros, Pedras Alçadas, S. Caetano, Santa Eugenia, Santa Eufemia, Santa Lusia, Lava-Mãos, Ariais e *Viso*.

Parochias limitrophes:—S. João de Lourosa, Villa Chã de Sá, Fragosellas, *Rio de Loba* e *S. Salvador*.

Templos

A egreja parochial da *Senhora da Ouvida* e as capellas seguintes:

1.ª—*Santa Eulalia*.

2.ª—*Santa Eufemia*, ambas publicas.

3.ª—*Santa Luzia*.

4.ª—*Senhora a Prenhe*.

O nome que o povo dá de tempos immemoriaes á Senhora, invocação d'esta capella, é *Senhora a Prenhe*, cuja imagem está hoje na matriz e representa a Senhora no *estado de gravidez*! Creio já estar profanada esta capella, que pertence com a quinta junta aos morgados de Santa Christina de Viseu, de quem se falla adiante.

Não mencionamos mais duas, porque já estão profanadas.

Na capella de *Santa Eufemia* ha todos os annos festa e grande romagem, que dura dois dias.

Na de *Santa Eulalia* o povo festeja não só a padroeira, mas tambem *S. Domingos* e *Santo Antonio*.

Na matriz, alem da padroeira, costumam festejar *S. João*, *S. Sebastião*, *Santo Antonio*, *Santa Barbara* e *Santa Eufemia*, sendo esta ultima festividade a mais pomposa, por ser feita *á compita* com os devotos que festejam a mesma santa na sua capellinha, mencionada supra.

No artigo *Ranhados* (Vide) contou o meu benemerito antecessor a historia da dicta capella e das taes rivalidades, extractando o que se lê no *Santuario Marianno*, tomo 5.º pag. 528 a 532, pelo que nós apenas accrescentaremos o seguinte:

—

A 1.ª invocação da dicta capella foi *Nossa Senhora da Orada*, porque a sua padroeira era a Virgem sob este titulo; depois tomou successivamente os de *Senhora do Rosario*, —*Senhora das Neves*—e por ultimo o de *Senhora da Ouvida*, sob o qual é venerada na egreja que lhe erigiram em Ranhados e que é hoje a matriz.

Feito o novo templo em 1656, para elle no mesmo anno transferiram da dicta capella a imagem da Virgem e todas as outras que ali se veneravam e eram—as de S. Francisco, Santo Antonio, S. Sebastião e *Santa Eufemia*, ficando a dicta capella fechada e devoluta.

Vendo isto os conegos de Viseu e tendo no claustro da Sé duas imagens de Santa Eufemia, levaram a occultas e de noite (dizem) uma d'aquellas imagens para a dicta capella e foram no dia seguinte conduzil-a em procissão para a Sé. O mesmo repetiram varias vezes, pelo que o povo se convenceu de que Santa Eufemia fugia para a capella, porque queria ser n'ella venerada.

Explosiu a devoção; não mais consentiram que a imagem volvesse para a Sé—e todos os annos lhe fazem festa pomposa com romagem de dois dias e extraordinaria concorrencia.

Por seu turno o parocho e os habitantes de Ranhados capricham em festejar pomposamente tambem a imagem da mesma santa que foi da capella para a matriz; mas até hoje tem sido e continua a ser muito maior a concorrencia dos devotos á festividade e romagem da capella.

O extincto concelho

Em 1708 o concelho de Ranhados contava 176 fogos e 530 habitantes,—1 juiz ordinario, vereadores, 1 procurador do concelho, 1 escrivão da camara e mais alguns outros officiaes com jurisdicção no civel, porque o pelouro criminal pertencia ao juiz de fóra de Viseu.

Em 1836, data da sua extincção,[1] com-

[1] O decreto de 6 de novembro de 1836 remodelou o concelho de Viseu e extinguiu este de *Ranhados* e o do *Barreiro*, de que logo fallaremos.

prehendia 277 fogos e 1:018 habitantes, divididos pelas povoações seguintes:

—*Ranhados*, villa e séde do extincto concelho, com 118 fogos e 419 habitantes.

Já então pertencia ecclesiasticamente á freguezia *Occidental* de Viseu.

—*Paradinha* com 59 fogos e 135 habitantes, hoje da freguezia ecclesiastica de S. Salvador.

Tambem pertencia ecclesiasticamente á freguezia *Occidental* de Viseu.

—*Lourosa de Baixo* com 42 fogos e 177 habitantes.

Pertencia ecclesiasticamente á freguezia de *Lourosa*, concelho de Viseu.

—*Villar d'Orgem* com 48 fogos e 225 habitantes.

Pertencia ecclesiasticamente á freguezia de *Povolide*, então concelho proprio e hoje simples freguezia do concelho de Viseu tambem.

—*Remende* com 6 fogos e 42 (!) habitantes.

Pertencia ecclesiasticamente á freguezia de *Santos Evos*, concelho de Viseu.

—Finalmente 4 casaes em *Paço de Silgueiros*, com 4 fogos e 20 habitantes, pertencentes ecclesiasticamente á freguezia de Silgueiros, concelho de Viseu tambem.

Nada tinha em Fragosellas.

É isto o que se lê na *Memoria* que Berardo offereceu á camara municipal de Viseu em 1838 com outras muitas noticias da cidade, do concelho e do bispado de Viseu, quasi todas extrahidas, como elle proprio indica, das suas *Noticias historicas de Viseu*, que deixou *mss.* e que posteriormente foram publicadas no *Liberal*, jornal de Viseu, desde o n.º 1 de 6 de maio de 1857, 1.º anno da publicação do dicto jornal, até o n.º 15 de 24 de junho do mesmo anno,—collecção hoje rarissima e que havemos de citar muitas vezes, porque a temos sobre a nossa banca de estudo,—graças ao ex.^mo^ sr. D. Ruy Lopes, digno representante da nobilissima casa de *Santar*, concelho de Nellas.

V. *Santar*.

—

As producções dominantes d'esta freguezia de *Ranhados* são:—vinho, milho, trigo, centeio, cevada, hervagens, hortaliça e fructa.

Não tem fabricas, mas abundam n'ella carpinteiros, fogueteiros e mulheres que fiam e vendem linhas.

É banhada por um ribeiro denominado de *S. Domingos*—e é servida por duas bellas estradas a macadam:—a real, n.º 43, de Viseu a Mangualde e Celorico,—e a districtal, n.º 44, de Viseu a Nellas.

Ha tambem n'esta freguezia um cemiterio parochial, junto da matriz,—duas escolas officiaes d'instrucção primaria para os dois sexos—e uma particular para meninas.

É seu *cura-parocho* desde 1855 (ha 32 annos!...) o rev. sr. Bernardino Pais do Amaral, a quem agradeço a maior parte d'estes apontamentos, bem como ao sr. dr. Nicolau Pereira de Mendonça, que se dignou sollicital-os e enviar-m'os.

Terminaremos dizendo que do extincto concelho e villa de *Ranhados* ainda hoje se vê na povoação d'este nome—o *pelourinho* e a *casa da camara*, servindo esta hoje de casa da fabrica da matriz.

Já não existe a cadeia.

Freguezia Occidental da Sé de Viseu

3.ª annexa

S. Salvador [1]

Demora esta freguezia a S. O. da cidade de Viseu, da qual dista 2 e meio kilometros a sua egreja matriz;—é parte integrante ou uma das *annexas* da freguezia *Occidental* desde 1808—e anteriormente foi como todas as outras *annexas* uma simples capellania adjunta á curia da Sé.

Pertence ao concelho de Viseu desde 6 de novembro de 1836, data em que foi remodelado este concelho e extincto o do *Barreiro*, ao qual pertencia e que tinha por séde a povoação de *Vil de Moinhos*, aldeia d'esta parochia,—segundo diz Berardo na *Memo-*

---

[1] V. *Salvador*, tomo VIII, pag. 359, col. 2.ª—e o *Santuario Marianno*, tomo 5.º, pagina 317.

ria que offereceu á camara em 1838. Elle não é bem explicito n'este ponto, pois no mappa do concelho do *Barreiro*, mencionando todas as povoações que o constituiam apenas mencionou 3 d'esta parochia e foram as seguintes:

—*Povoa da Medronhosa*, com 21 fogos e 83 habitantes;

—*S. Salvador*, com 59 fogos e 209 habitantes, e

—*Vil de Moinhos*, com 291 habitantes em 90 fogos.

Total—170 fogos e 583 habitantes, mas no mappa da população do bispado de Viseu dá na mesma *Memoria* a esta freguezia de *S. Salvador* 238 fogos! D'aqui se infere que o extincto concelho do Barreiro não a comprehendia toda; mas em compensação n'aquella data (1836) —alem das 3 povoações mencionadas comprehendia as seguintes:

—

—*Paradella da Ponte*, povoação da freguezia e concelho de S. Miguel do *Outeiro*.

Fogos 91,—habitantes 411.

—*Silvares*, povoação da freguezia de *Silgueiros*, concelho de Viseu.

Fogos 28,—habitantes 120.

—*Aguadette*, povoação da freguezia da *Torre Deita*, concelho de Viseu tambem.

Fogos 16,—habitantes 58.

—*Villa Nova*, freguezia do *Couto de Baixo*, então concelho do mesmo nome e hoje concelho de Viseu.

Fogos 24,—habitantes 107.

—*Portella*, povoação da mesma freguezia do *Couto de Baixo*.

Fogos 24,—habitantes 63.

—*S. Cosmado*, povoação da freguezia do *Couto de Cima*, então concelho do mesmo nome e hoje tambem concelho de Viseu.

Fogos 41,—habitantes 105.

—*Masgallos*, povoação da mesma freguezia do *Couto de Cima*.

Fogos 54,—habitantes 141.

—*Guduxo*, povoação da mesma freguezia.

Fogos 3,—habitantes 11.

—*Perodiz*, povoação da freguezia de *S. Cypriano*, concelho de Viseu.

Fogos 10,—habitantes 41.

—*Chãos*, aldeia da mesma freguezia de *S. Cypriano*.

Fogos 26,—habitantes 110.

—*Tondella*, povoação da freguezia d'*Orgens, annexa* da *Oriental* de Viseu. [1]

Fogos 35,—habitantes 105.

Total do extincto concelho do *Barreiro*:

Povoações [2]	14
Fogos	490
Habitantes	1:755

—

Este concelho do *Barreiro* e o de *Ranhados* seu visinho e tambem já extincto, como dissemos quando fallámos d'aquella freguezia, eram dois concelhos muito exoticos!

Tendo as sédes encostadas aos muros de Viseu, comprehendiam povoações dispersas e algumas distantes umas das outras 12 kilometros,—todas *simples aldeias*, pertencentes a diversas freguezias e diversos concelhos e *coutos!* Nenhuma das dictas povoações era *parochia*, nem mesmo as proprias sédes dos dois concelhos, sendo aliás *villas*, ambas por seu turno encravadas no concelho de Viseu?!...

Não sabemos explicar tão monstruosa organisação—e nem Berardo nas suas *Memo-*

[1] A freguezia d'*Orgens* é, como logo diremos, uma das *annexas* da freguezia *Oriental*, mas tem 3 povoações annexas á freguezia *Occidental*. São *Casal do Chapeu*, *Tondelinha* e a mencionada *Tondella*.

[2] O concelho de Barreiro devia contar 15 povoações, pois falta na *Memoria* de Berardo uma povoação importante, *Oliveira de Barreiro*, que terá talvez hoje 100 fogos ou mais e fica a 7 kilometros de Viseu, sendo atravessada pela estrada districtal que liga Viseu a Nellas e Ceia, a qual é da freguezia de S João de Lourosa (ou Lourosa da Telha) e de que se não fez menção n'este diccionario em *Oliveira*, *Lourosa*, ou *Barreiro*, cujo concelho escapou tambem ao meu antecessor. A freguezia *Barreiro*, mencionada no tomo I, pag. 340, ainda que tem o mesmo orago, Nossa Senhora da Natividade, que lhe deu a *Chor. Port.* tomo 2.º pag. 187, não parece ser a cabeça d'este concelho, que estava a uma legua de Viseu, e a outra está a 5 ou 6, no alto da serra de Besteiros.

rias, nem Botelho nos seus *Dialogos* a poderam explicar tambem. [1]

O padre Carvalho, em 1708, fallando do concelho do *Barreiro*, apenas diz o seguinte:

«...dista hua legoa de Vizeu para a parte do sul, tem 200 visinhos, pessoas maiores 600, menores 100, cõ huã Igreja Parochial dedicada a *Nossa Senhora da Natividade*, curado que apresenta o vigario de *S. Salvador de Castellãos*,—e 4 ermidas... Tem juiz que tãbem o he dos Orfãos, Vereadores, Procurador do Concelho, Escrivão da Camara, hum Tabellião, hum Alcayde, e huã companhia da Ordenança. Foy senhor d'este concelho D. Lopo da Cunha, senhor da casa de Santar, e se administra pela Junta dos tres Estados.»

Não se estranhe o fallarmos do concelho de *Barreiro*, porque tinha a sua séde n'esta freguezia de *S. Salvador*.

Prosigamos.

—

Em 1852, segundo se lê no *Flaviense*, contava esta freguezia 284 fogos;—o censo de 1864 deu-lhe 338 fogos e 1:403 habitantes;—o de 1878 deu-lhe 334 fogos e 1:448 habitantes,—e hoje conta 370 fogos e 1:600 habitantes.

O seu parocho é cura ou *meio-cura* amovivel, como todos os das outras *annexas* do aro de Viseu—e tem de vencimento total apenas 100$000 réis de congrua, porque os baptisados e casamentos são feitos na matriz (Sé) da freguezia *Occidental* de Viseu.

Para evitarmos repetições veja-se o que dissemos das freguezias de *Ranhados* e *Rio de Loba*, congeneres d'esta de *S. Salvador*.

Orago Nossa Senhora das Neves.

Comprehende as aldeias seguintes:

—*S. Salvador*, ao pé da qual, na distancia de 200 metros, se vê isolada a egreja matriz, estando aliás no centro da parochia.

—*Vil de Moinhos*. É assim geralmente denominada esta aldeia, mas Berardo deu-lhe o nome de *Villa de Moinhos*, dando a entender que foi *villa* como nós suppomos.

É a povoação mais populosa d'esta freguezia e dista da egreja parochial cerca de 1 kilometro para N. E.

Foi, como já dissemos, a séde do antiquissimo concelho do *Barreiro*.

—*Marzovellos*, ao nascente da egreja parochial.

—*Paradinha*, a N.

—*Povoa da Medronhosa*, ao poente.

—*Santarinho*, a N. O.

Quintas

São 6 as mais notaveis:

1.ª—*S. Salvador*.

Demora entre a egreja matriz e a povoação de *Vil de Moinhos*—e pertence ao nosso bom amigo e cyreneu, o sr. dr. Nicolau Pe-

---

[1] Era vulgar antigamente as villas dos donatarios da corôa, que nomeavam ouvidores para fazerem a correição d'ellas, estarem encravadas em comarcas da corôa, do que havia muitos exemplos nas casas das Rainhas, de Bragança, do Infantado e d'outros donatarios. Por egual motivo muitos donatarios, senhores de terras até insignificantes e que nem freguezias eram, pediram aos reis e conseguiram que essas terras, apesar de encravadas em outros concelhos e differentes freguezias, ficassem sujeitas para a governança d'ellas a um concelho proximo, que já possuiam por doação regia. Assim os Cunhas, antigos senhores de Santar e dos concelhos de Senhorim, Barreiro, Ovoa e Canas de Sabugosa, sujeitaram ao seu concelho do Barreiro povoações encravadas n'outras freguezias e concelhos. E como os bens d'esta casa foram confiscados pela fugida de D. Lopo da Cunha, senhor de Santar, para a Hespanha, no tempo da acclamação, é por isso que o padre Carvalho na *Chor. Port.* tomo 2.º pag. 187 e *alibi* diz que estes bens estavam na represalia e eram administrados pela Junta dos tres Estados, assim como os da Casa de Villa Real (Vide vol. II. pag. 996) que tambem estavam confiscados, foram applicados para com outros formarem a Casa do Infantado, mas os bens patrimoniaes e morgados da Casa de Santar em 1669, quando se fez a paz com Hespanha, foram restituidos aos descendentes de D. Lopo da Cunha, que ficaram em Hespanha e os possuiram até voltarem para os seus parentes de Portugal por falta de successão, já n'este seculo, indo para a casa do Infantado só os bens da corôa e ordens, senhorios de terras e padroados de egrejas, excepto o concelho de Canas de Sabugosa, que foi para a mitra de Viseu, á qual em antigos tempos pertencera.

reira de Mendonça Falcão, hoje n'ella residente, tendo residido muitos annos na sua casa de *Fareginhas*, em Castro d'Ayre.

V. *Paredes da Beira*, *Pinhanços* e *Villa Nova d'Ourem* n'este diccionario—e os topicos *Quintas notaveis* e *Familias nobres* n'este artigo Viseu.

2.ª—*Marzovellos*, na povoação d'este nome.

Pertence aos condes de *Prime*, que ali costumam passar algum tempo no verão.

3.ª—*Paradinha*, junto da povoação d'este nome.

Pertenceu á nobilissima e riquissima familia *Albuquerques* da casa do *Arco*, de Viseu, mas foi vendida e hoje pertence a estranhos, como toda aquella grande casa!...

Veja-se o topico—*Familias nobres*.

4.ª—*Medronhosa* junto da aldeia da *Povoa de Medronhosa*.

Pertence ao muito digno sub-chefe e tenente coronel do estado maior d'esta divisão—Miguel de Sousa de Figueiredo, irmão do coronel d'engenheiros, actual director das obras publicas d'este districto,—Antonio Cazimiro de Figueiredo, cuja biographia daremos adiante. [1]

5.ª — *Vildemoinhos*, junto da povoação d'este nome.

Pertence aos herdeiros do conde de Santa Eulalia, ha pouco fallecido,—e está em grande abandono. Tem a casa d'habitação arruinada e uma capella antiquissima profanada ha muitos annos.

6.ª—*Quinta do Moura*, entre Marzovellos e a matriz.

Pertence aos herdeiros de José Barroco, negociante da praça do Porto, onde rezidia, e falleceu ha annos.

---

[1] Esta quinta da *Medronhosa* pertenceu a Duarte de Lemos de Carvalho e Sousa, moço fidalgo e ramo legitimo por varonia da *Casa da Trofa*, filho 2.º da casa dos *Lemos*, da *Quinta do Ribeiro*, concelho de Caria. Não tendo successão vendeu-a a um lavrador d'esta freguezia e, para pagamento de dividas d'este, foi posta em praça e arrematada em 1886 pelo dicto sr. Miguel de Sousa de Figueiredo, que n'ella tem feito e continua a fazer muitas obras.

—

Freguezias limitrophes:—a E. e N. E. as 2—*Oriental* e *Occidental* de Viseu—e a de *Ranhados*;—a O. a de *S. Cypriano*—e a N. O. a de *Orgens*.

Producções dominantes:—milho e vinho, muita fructa, muita herva e muita hortaliça, que vendem na praça de Viseu.

O clima é bastante quente no verão, mas saudavel.

Teve esta parochia uma fabrica de cortumes, mas já não existe.

Hoje a sua industria reduz se á lavoura dos seus campos,—moagem de pão—e fabrico de cestos, nomeadamente cestos de *côrra*. [1]

Tem lameiras e campos magnificos, pois é abundantissima d'agua potavel e de rega. Banham-na differentes arroios e o *Pavia*, que só na quinta de *S. Salvador*, atravessada por elle, tem 4 grandes açudes e em toda a freguezia move muitas rodas de moinhos, principalmente na grande povoação de *Villa* ou *Vil de Moinhos*, quasi toda habitada por moleiros. Em 1838 contava esta freguezia 23 moinhos de pão com a bagatella de 41 rodas, segundo diz Berardo, e hoje não conta menos. É pois n'esta freguezia muito importante a industria da moagem.

Tambem é importante e notavel a industria do fabrico de *cestos de côrra*, principalmente na aldeia de *Vil de Moinhos*, onde se exerce em maior escala e *com grande perfeição!*

Aquelles artistas, no seu genero, são talvez os primeiros de Portugal!...

Os taes cestos são feitos de verga de castanheiro rachada, fendida e tão esmeradamente polida que chega a imitar fitas de seda branca. É isto o que se denomina *côrra*.

Os cestos feitos com ella ficam lindissimos e por vezes tão compactos que podem encher-se d'agua, como se fossem de louça ou de uma só peça de madeira. São muito estimados em Viseu e fóra de Viseu, mesmo no Porto e em Lisboa, para onde os enviam em quantidade.

---

[1] O nome podia ser mais decente, mas não tem outro a tal industria.

Tambem fazem cestos e canastras mais singellos, de côrrà mais grossa ou vergas de castanho, salgueiro, ou mesmo carvalho, simplesmente fendidas a meio, mas estes são denominados *cestos de verga*. Só os que são feitos com as taes fitas muito delgadas se denominam *obra de côrra* ou *cestos de côrra* e constituem uma especialidade distincta.

Templos

1.ª—A egreja matriz de *Nossa Senhora das Neves*,—templo regular, decente, vistoso e com um bonito adro. Principiou por uma simples capella de S. Salvador, cuja historia é interessante e póde vêr-se no *Santuario Marianno*, tomo 5.º pag. 317, e n'este diccionario, artigo *Salvador*.

2.º—Capella de *S. João Baptista*, na grande povoação de Vil de Moinhos.

É publica e tem um adro espaçoso, pomposa festa, grande romagem e apparatosa cavalhada desde tempo muito remoto.

Adiante daremos uma succinta descripção das taes festas, que teem um timbre particular.

3.º—Capella de *Nossa Senhora da Conceição de Lourdes*, na grande quinta de S. Salvador e junto das casas nobres d'ella, pertencente, como já dissemos, ao sr. dr. Nicolau Pereira de Mendonça Falcão.

A dicta capella é particular e brasonada e hoje está lindissima, porque o sr. dr. Nicolau e sua ex.ma esposa são muito religiosos e a decoraram e restauraram a capricho.

N'ella teem Santissimo permanente e S. Santidade Leão XIII, por breve de 17 de agosto de 1886, lhe concedeu a prerogativa de 4 jubileus annuaes nos dias de S. José, Assumpção, Natividade e Conceição de Nossa Senhora,—todos com muitas indulgencias; e por outro breve do mesmo dia privilegiou *in perpetuum* o altar de Nossa Senhora da Conceição de Lourdes, com muitas indulgencias.

—

O rio Pavia atravessa esta quinta e a fertiliza por 4 levadas, levando-lhes os enchurros das ruas de Viseu, pelo que é nos seus lameiros extraordinaria a producção da erva joia desde o primeiro d'outubro ao fim de maio, chegando ali algumas sortes a produzirem 7 camas d'erva, porem hoje, depois que a camara de Vizeu faz varrer regularmente as ruas, tem diminuido muito a producção da erva. O rio Pavia tem 3 pontes dentro d'esta quinta, 2 de pedra e uma de pau.

4.º—Capella de *Nossa Senhora da Saud* , junto á casa da quinta de *Paradinha*.

É tambem particular; tem todos os annos festa e romaria—e está bem conservada.

5.º—Capella de *Nossa Senhora dos Milagres*, na quinta da *Medronhosa*.

Está em via de restauração.

6.º—Capella de *Santo Antonio*, na quinta de *Marzovellos*.

7.º—Capella de *Nossa Senhora da Conceição*, entre Marzovellos e a egreja parochial na quinta do *Moura*.

Todas são particulares e estão bem tractadas.

8.º—Capella de *S. João Baptista*, na quinta de *Vil de Moinhos*, que foi do conde de Santa Eulalia.

Era tambem particular,—uma das mais interessantes d'esta parochia,—vinculada, antiquissima e com portas d'arco em ogiva, mas infelizmente está profanada e em completo abandono ha mais de um seculo, e a imagem do padroeiro foi para a capella publica de Vil de Moinhos, onde tem o nome de *S. João Velho*.

Festividades religiosas

Celebram-se muitas n'esta freguezia, taes são as de *Nossa Senhora dàs Neves* (padroeira)—SS.mo Sacramento, Santo Antonio, Santa Barbara, S. Sebastião, Santa Rita e outras, na egreja parochial; a de Nossa Senhora da Saude em Paradinha e a de *S. João Baptista* na sua capella de Vil de Moinhos, sendo esta ultima a mais pomposa e mais notavel de todas pela extraordinaria concorrencia de romeiros e devotos e pela exquisitice da imponente *cavalhada*.

Logo na tarde do dia 23 de junho concorre muito povo de Viseu e pontos mais distantes, que enche litteralmente o grande ter-

reiro da capellinha, onde se queima bastante fogo preso e solto e se forma um grande arraial com muitos descantes e danças caracteristicas, tocando tambem varias philarmonicas, etc.

Todo aquelle immenso povo ali passa a noite em folguedo e no dia seguinte, ao nascer do sol, rompe e se organisa a *historica e legendaria cavalhada.*

Na frente vae o mordomo da funcção, que é quasi sempre um moleiro, montado em um soberbo cavallo e vestido de casaca preta e chapeu armado com plumas, levando de um lado o seu *Alferes da Bandeira* com o pendão do Baptista—e do outro dois membros da mesa da irmandade de S. João, todos 4 com os rostos descobertos e montados em bons ginetes. Segue-se depois a cavalhada, por vezes em numero de 100 cavalleiros, todos mascarados e vestidos do modo mais caprichoso e exotico, parodiando os trages de todas as epochas?!...

Depois de formada e reunida a grande cavalhada, segue para Viseu, onde entra pelo terreiro de Santo Antonio, hoje *Passeio de D. Fernando;*—d'ali vão pela rua Formosa, rua da Regueira, Arco das Freiras, Porta dos Cavalleiros e rua da Ribeira até á capellinha de *S. João da Carreira*, a 300 metros de Viseu approximadamente. Sem se apearem dão 3 voltas á dicta capella e contramarcham, seguindo outra vez pela rua da Ribeira, Porta dos Cavalleiros e rua Direita;—sobem depois pela rua da Cadeia até á *Praça Velha*, hoje *Praça de Camões;*—d'ali vão á *Praça da herva* e pelo *Arco do Suar* descem outra vez ao *Rocio* ou *Campo de Santo Antonio* (*Passeio de D. Fernando*) e—sempre cobertos d'applausos por immenso povo que de todos os lados corre em montão para os ver,—regressam a *Vil de Moinhos*, onde são recebidos em triumpho pela multidão que forma o grande arraial.

Chega a cavalhada a Vil de Moinhos pelas 8 horas da manhã; —em seguida vae á matriz d'esta freguezia, e depois de dar uma volta á egreja, vae á povoação de S. Salvador correr as ruas da terra, recolhendo outra vez a Vil de Moinhos; dão tres voltas á capella de S. João Baptista e por fim todos os cavalleiros sem se apearem são brindados com muito doce e vinho á custa dos mordomos.

Segue-se depois a parte religiosa da festa, —missa cantada a grande instrumental, sermão, etc.,—continuando as danças e folguedos até que ao declinar do dia aquella immensa mole de povo debanda com saudades, protestando todos não faltarem no anno seguinte.

A dicta cavalhada hoje é *unica* em toda esta provincia e em todo o nosso paiz talvez. Deixa a perder de vista qualquer das scenas mais espectaculosas das festas de S. João em Braga—e a velha e luzida cavalgata da camara de *Villa Real de Traz-os-Montes* na manhã de S. João tambem.

V. tomo XI, pag. 1:007, col. 2.ª

Edificios mais notaveis

1.º—A casa nobre da quinta de *Marzovellos*, dos condes de Prime.

É brazonada.

2.º—A casa nobre da quinta de *S. Salvador*.

Tem brasão d'armas sobre o portão de ferro da entrada da quinta.

3.º—A casa nobre da quinta da *Medronhosa*.

4.º—A casa que foi do capitão Luiz Monteiro, na povoação de S. Salvador.

Pertence hoje a um brazileiro, que a comprou em hasta publica.

5.º—A casa da quinta do *Moura*.

—

Servem esta freguezia duas estradas a macadam:—a n.º 8, real, de Viseu á Mealhada e que limita esta freguezia pelo sul, —e a municipal de 1.ª classe, de Viseu a Torre Deita. Corta esta freguezia de S. Salvador de nascente a poente.

O rio *Pavia* vem da serra da Mina, onde nasce em Nespereira, na freguezia de Mondão, a 2 leguas de Vizeu, separando a cidade do grande *Campo da feira* e da celebre *Cava de Viriato;*—caminha de nascente a poente e morre no Dão, tendo de curso approximadamente 35 kilometros, havendo atravessado, alem d'outras, esta freguezia de

S. Salvador, na qual tem uma ponte de pedra em Vil de Moinhos e 2 de pedra e 1 de pau dentro da Quinta de S. Salvador.

Tem mais Viseu 3 pontes—uma de pau e 2 de pedra, e finalmente 1 de pedra na quinta da Azenha, freguezia d'Orgens.

Ha n'esta parochia 3 cemiterios:—um pertencente á irmandade de Nossa Senhora das Neves, junto da egreja parochial,—outro na povoação de Vil de Moinhos, pertencente á irmandade de S. João Baptista, e outro junto á estrada nova, que vae de Viseu para a Mealhada.

É *cura-parocho* (meio-cura) d'esta freguezia desde 1885 o rev. Manuel Rodrigues da Costa, a quem agradeço a maior parte d'estes apontamentos, bem como ao sr. dr. Nicolau de Mendonça, que se dignou sollicital-os.

Freguezia Oriental (!) *da Sé de Viseu*

1.ª annexa

Abraveses [1]

Demora esta freguezia na margem direita do *Pavia*, a N. O. da cidade de Viseu, da qual dista 2 kilometros e é curato amovivel com os mesmos vencimentos e nas mesmas condições das outras annexas.

Orago *Nossa Senhora dos Prazeres.*

Em 1834 a sua população era a seguinte: —fogos 233,—habitantes 1:431, sendo 662 do sexo masculino e 769 do sexo feminino, —segundo se lê na *Memoria* de Berardo.

Em 1852 contava 335 fogos segundo se lê no Flaviense.

O censo de 1864 deu lhe 363 fogos e 1676 habitantes;—o de 1878 deu-lhe 399 fogos e 1:790 habitantes—e hoje conta cerca de 440 fogos e de 1880 habitantes!...

É mais populosa do que muitas das nossas villas e, como todas as outras *annexas*, tem elementos de sobra para sustentar a sua autonomia.

—

Pertence *toda* á freguezia *Oriental* e comprehende as aldeias seguintes:—*Abraveses*, Paschoal, Moure[1], *Moinhos do Pintor*[2], S Thiago, Esculca, Povoa, Santo Estevam Aguieira, Carvalhal, e differentes quintas, taes são as de Santo Estevão, de Bernardo de Andrade, a de Santa Amelia, do commendador Bernardino de Mattos, a de Francisco Pereira d'Almeida, a de Eduardo Pessanha e outras menos importantes.

Abraveses demora em sitio alto, alegre, vistoso e muito saudavel;—é a séde da parochia e a povoação mais populosa e mais importante d'ella. Conta cerca de 200 fogos e de 850 habitantes,—ruas bem calcetadas e alguns edificios regulares, avultando entre elles a egreja matriz, muito vantajosa e alegremente situada em um espaçoso terreiro arborisado no ponto culminante da mesma povoação, dominando-a toda, bem como a cidade de Viseu, grande numero d'aldeias e um vastissimo horisonte limitado pelas serras do Caramullo e da Estrella.

É um dos mais interessantes miradouros dos arrabaldes de Viseu—é povoação antiquissima, bem como as de *Aguieira* e *Esculca.* Na opinião de Botelho e de outros antiquarios aquellas 3 povoações foram no tempo dos romanos fortificadas e eram parte integrante das obras de defesa da cidade de Viseu e da celebre *Cava de Viriato*, de que fallaremos adiante e que demora quasi toda no chão d'esta freguezia—na parte mais baixa,—sobre a direita do Pavia,—entre

---

[1] V. *Abravezes*, tomo I, pag. 20.

[1] N'esta pequena povoação fundou o conselheiro Henrique de Lemos no seculo XVI o antigo morgado de Moure da casa dos Napoles da Prebenda, cuja cabeça é a capella antiga fundada pelo mesmo conego na Sé, á direita da porta principal, como diz a inscripção que tem no alto. Infelizmente este vinculo está extincto, e estão em hasta publica as fazendas d'elle para pagamento de dividas d'esta familia, pobre hoje!... Veja-se n'este artigo o topico *Familias nobres de Viseu.*

[2] Estas casas pertencem á povoação de *Moure;*—estão entre ella e a de *S. Thiago*—e denominam-se ainda hoje *Moinhos do Pintor*, porque, segundo diz a tradição, ali nasceu o celebre pintor *Grão Vasco.*

Veja-se o topico *Visienses illustres.*

Abraveses e a cidade actual de Viseu, que se ergue na margem esquerda do mesmo rio e domina a *Cava* toda.

—

Freguezias limitrophes:—Orgens a O.;—Campo a N.;—Rio de Loba a E.;—S. Salvador e a *Oriental* (!) de Viseu a S., pertencendo a esta ultima uma parte da celebre *Cava.*

Templos

1.°—A egreja matriz.

É a antiga capella de *Nossa Senhora dos Prazeres*, recentemente accrescentada com uma capella-mòr, primeira parte do vasto templo em projecto.

Tem uma irmandade do Santissimo, erecta ha poucos annos.

2.°—Capella de *Nossa Senhora dos Remedios*, na povoação do *Carvalhal.*

É a mais moderna de todas, elegante e regular, mas singella.

3.°—Capella de *S. Pedro*, na Esculca.

É espaçosa e antiquissima;—tem um adro tambem espaçoso e arborisado—e uma irmandade de S. Pedro, muito antiga tambem.

4.°—Capella de *Nossa Senhora dos Prazeres*, na aldeia de *Paschoal.*

Teve outr'ora a invocação de *Nossa Senhora da Esperança*; foi restaurada e accrescentada nos principios d'este seculo—e por essa occasião n'ella se instituiu tambem uma irmandade de *Nossa Senhora dos Prazeres.*

5.°—Capella de S. *Thiago*, na povoação d'este nome.

É pequena, muito singella e antiga.

6.°—Capella de *Santo Estevam*, na aldeia do mesmo nome.[1]

É pequena e particular, mas tem porta franca ao publico.

Pertence a Bernardino d'Andrade.

7.°—Capella de *Santa Luzia*, no monte d'este nome.

Muito singella e pequena.

8.°—Capella de *Santo Antonio*, na povoação de Aguieira.

Pequenissima.

Todas são publicas, exceptuando a mencionada sob o n.° 6.

Festas e romarias

O povo de Viseu é muito religioso, como prova o grande numero de festividades, de que já fizemos menção nas outras *annexas*, e n'este ponto os habitantes de *Abraveses* supplantam os seus visinhos. Fazem muitas romagens todos os annos, taes são, pela ordem da sua importancia, as seguintes:

1.ª—*Santa Lusia*, em Abraveses, na 1.ª oitava do Espirito Santo.

2.ª—*S. Pedro*, em Esculca, a 29 de junho.

3.ª—*S. Thiago*, na capella e na povoação d'este nome, no dia do seu orago.

4.ª—*Senhora das Candeias*, na povoação do Carvalhal, a 2 de fevereiro.

5.ª—*Santa Barbara*, em Paschoal, no domingo do *Bom Pastor.*

6.ª—*Santa Lusia*, no outeiro do mesmo nome, no domingo antecedente ao de Pentecostes.

Todas estas festividades teem romagem e são extraordinariamente concorridas as duas primeiras desde tempos muito remotos pela grande devoção do povo com as imagens de *Santa Luzia* e de *S. Pedro*,—pela bellesa local das dictás capellas—e por serem muito accessiveis, pois são servidas por duas bellas estradas a macadam que atravessam esta freguezia:—a estrada real n.° 7, de Viseu a S. Pedro do Sul, Estarreja e Lamego,—e a municipal que, entroncando n'aquella em

---

[1] Não é verdadeiramente aldeia, mas a celebre, antiga e grande *quinta de Santo Estevam*, que pertenceu aos Abreus e Mellos, senhores da casa historica da Torre na Rua da Cadeia em Viseu; extinguindo-se porem aquella familia em nossos dias, por falta de successão, succederam n'ella as duas sr.as D. Maria Candida de Lemos, de Varzeas, e sua irmã D. Maria Ludovina de Lemos, mãe do desembargador Bernardino de Lemos de Aguilar, do Porto, os quaes venderam esta quinta ao pae e tios do actual possuidor Bernardino de Andrade. As casas que rodeiam esta quinta são feitas em terreno d'ella e habitadas pelos seus caseiros.

Abraveses, segue pelo Almargem para Castro d'Ayre.

Tudo isto contribue para a grande concorrencia dos romeiros, nomeadamente da cidade de Viseu, que se despovôa n'aquelles dias, por estarem a pequena distancia e poderem ir muito commodamente a pé ou em carros.

O que mais anima estas romagens—diz o meu informador—são os *estrondos*,—concerto desafinado de rebecas, pifanos, viola ou banza, ferrinhos, bombo e *uma folha de serra.* [1]

Á frente do *estrondo* [2] e em volta d'elle dança ou salta furiosamente um bando de rapazes e raparigas, ordinariamente do mesmo povo, cantando a *Cana Verde* [3] e outras canções populares, por vezes *ao desafio.*

Alem dos *estrondos*, tambem apparecem *guitarradas* e o insupportavel *zabumba.*

Muitos romeiros levam merenda e uma borracha com vinho; [4]—outros nada levam, mas lá encontram sempre á venda pão, fructa, doce, peixe, vinho, etc.

[1] Temos crusado em todas as direcções o nosso paiz e conhecemos os seus descantes populares.
No artigo *S. Martinho de Mouros*, tomo 5.º pag. 112, já nós descrevemos um dos mais imponentes descantes d'esta provincia e de todo o nosso paiz!... Na Beira Baixa e no Alto-Alemtejo vimos com surpresa os *adufes*, herdados talvez dos herminios, mas só aqui encontrámos as *folhas de serra* nos descantes populares.

[2] O nome é apropriado, mas só aqui se dá tambem aos descantes do povo.

[3] Esta canção popular é nova n'esta provincia.
A *Cana Verde*, o *Serra*, o *Vira*, o *Regadinho*, etc., são danças e canções proprias da beira-mar e da provincia do Minho. Na Beira-Alta, nomeadamente ao norte, nos concelhos de Sinfães, Rezende, Lamego, Armamar, Taboaço e Pesqueira, os grandes descantes populares reduzem-se á classica *chula*, no Porto denominada *chula rabella.* O mesmo succede na outra margem (direita) do Douro, nos concelhos de Canaveses, Baião, Mesãofrio e Regoa.
V. *Douro* n'este diccionario e no supplemento.

[4] Os *pandegos* do Porto costumam levar o vinho não só em borrachas, mas em pequenas ancoretas e em enormes pontas de boi.

Tambem animam e abrilhantam estas romagens o estrondear dos foguetes, o som das phylarmonicas e o repique dos sinos, até que ao pôr do sol todos debandam com saudade, satisfeitos e *tranquillos*, pois n'estas romagens de Viseu não costuma haver desordens e pancadaria como em outras muitas romagens, nomeadamente no Minho.

A parte religiosa d'estas festividades e d'outras que por brevidade omittimos é sempre feita com muita decencia:—missa solemne com musica vocal e instrumental, sermão, exposição do Santissimo e procissão pelas ruas com muitos andores e anjos, cruzes, pendões, etc.

—

Ha n'esta parochia apenas um edificio brasonado, em Abraveses. Foi do visconde de Loureiro e actualmente é do commendador Bernardino de Mattos, que n'elle vae montar uma fabrica de serralheria e moagem a vapor.

Tambem teve brasão outr'ora a casa que é hoje de Bernardino d'Andrade, em *Santo Estevam.*

Banha esta freguezia a pequena ribeira de *Mido.* Passa entre as aldeias d'Abraveses e Paschoal;—desagua no Pavia—e move no inverno alguns moinhos de pão.

Producções dominantes:—milho, centeio, trigo, linho, vinho verde criado em parreiras e estacadas, legumes, fructa, azeite e castanhas.

Tambem abunda em madeira de pinho e em pedra de granito para toda a sorte de construcções.

Tem um outeiro ou monte bastante elevado:—o de *Santa Lusia*,—e 3 cabeços:—*Aguieira*, *Esculca* e *Abraveses.*

Ha no monte de *Santa Lusia* jazigos de manganez, simplesmente registados, e pedreiras inexgotaveis de magnifico seixo já britado para macdam.

Tem 3 cemiterios:—um em Abraveses,—outro no Carvalhal—e outro na Esculca.

Não tem escola alguma, nem sequer de instrucção primaria elementar!

Com vista ao senado visiense.

Em compensação tem muitas tecedeiras de linho e lã, pedreiros, carpinteiros, trolhas, ferreiros, sapateiros, taverneiros, alfaiates e um *santeiro* muito soffrivel, em S. Thiago.

Irmandades:—a do Santissimo, na matriz, —a de S. Pedro, na Esculca—e a de Nossa Senhora dos Prazeres, em Paschoal.

Confrarias:—Senhora dos Prazeres, Santo Antonio, Santa Lusia e S. Sebastião, em Abraveses;—Senhora dos Remedios e S. João, no Carvalhal.

—

Ao rev. sr. Joaquim Rodrigues Barroco, digno parocho actual d'esta freguezia, bem como ao ex.mo sr. dr. Nicolau Pereira de Mendonça Falcão, agradeço os apontamentos que se dignaram enviar-me.

Freguezia Oriental (!) *da Sé de Viseu*

2.ª annexa

Orgens

O meu benemerito antecessor não descreveu esta freguezia. Apenas fallou da *aldeia de Orgens* e do seu convento sob o titulo *Monte de Viseu*, tomo 5.º, pag. 533, col. 1.ª —*Vide*. Cumpre nos pois descrevel-a.

Note-se desde já que esta freguezia tomou o nome de *orjaes* ou *orjães*,—*cevadaes* no portuguez antigo.

V. *Orjais*, freguezia do concelho da Covilhã,—tomo 6.º pag. 294, col. 2.ª

—

A freguezia de *Orgens*, de que nos occupamos no momento, dista apenas 2 kilometros para O. da cidade de Viseu, a cujo concelho pertence, como todas as outras *annexas*, de que vamos tratando, e é ecclesiasticamente um simples *curato* nas mesmas condições e com os mesmos vencimentos das outras *annexas* da cidade de Viseu.

Pertence a freguezia *Oriental*, mas não toda. Tem algumas povoações e quintas que pertencem á freguezia *Occidental*. Adiante as apontaremos.

Esta parochia de *Orgens* data de 1808, como todas as outras *annexas*. [1]

[1] Para evitarmos repetições, veja-se o que dissemos no principio d'este topico.

Em 1834 a sua população era a seguinte: —fogos 213,—habitantes 1:069, [1] sendo 494 do sexo masculino e 575 do sexo feminino, —segundo se lê na *Memoria* de Berardo.

Em 1852 o Flaviense deu-lhe 240 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 239 fogos e 1:061 habitantes;—o de 1878 deu lhe 247 fogos e 1:152 habitantes—e hoje conta approximadamente 248 fogos e 1:151 habitantes,—segundo diz o seu rev. parocho.

—

Tem como orago *Sant'Anna* e comprehende as aldeias seguintes:—*Orgens*, séde da parochia,—Quintella, Travassós, S. Martinho e as quintas da *Azenha*, do *Themudo*, do *Perseguido*, do *Corgo*, do *Cubo* e a do extincto convento de *S. Francisco d'Orgens*, pertencentes á freguezia *Oriental* da Sé de Viseu;—a povoação de *Tondella* e as quintas de *Tondellinha* e *Casal do Chapeu*, pertencentes á freguezia *Occidental*.

A quinta da *Azenha* era do conde de Santa Eulalia, de quem fallaremos no topico das *Familias illustres*;—a de *Tondellinha* pertence aos herdeiros de Bento de Queiroz Pinto, de Viseu e Favaios;—a do *Themudo* pertence a José Maria de Oliveira Janeto, de Viseu;—a do *Perseguido* pertence a D. Ruy Lopes de Sousa Alvim e Lemos, de *Santar*, concelho de Nellas.

V. *Santar*.

As outras quintas d'esta parochia são pouco importantes.

A do *Convento* era a cerca do extincto convento de *S. Francisco do Monte*, ou de *Orgens*. Foi vendida pelo nosso governo e comprou-a em 1834 Antonio Rodrigues de Loureiro, chamado pelo povo—Antonio Jeronymo, o *Pepino*,—que se tornou celebre pelas questões que teve com os habitantes d'esta freguezia por causa do convento. Por vezes tentaram assassinal-o, pois tendo o governo dado para matriz da parochia a bella egreja do convento, elle tractou logo de o demolir quasi todo;—estragou a communicação interior do convento para a egre-

[1] Aqui ha exageração, pois 213 fogos não podiam dar tantas almas!...

ja e sacristia — e tentou abrir nova communicação da parte restante do convento para a egreja, o que o povo não consentiu por ser o dicto homem uma creatura antipathica e por estar destruindo barbaramente o convento, que o povo tanto estimava, como diremos adiante.

O tal comprador destruiu inclusivamente as sepulturas do claustro e a formosa capella do *Capitulo*, etc.

Para escapar á morte fez uma escriptura de composição com o povo, mas, não obstante isso, foi assassinado á traição por mandado de um seu inimigo, com quem andava em demanda,—segundo consta.

—

Do venerando convento, fundado em 1408 e que, por consequencia, já contava 426 annos, apenas restam algumas cellas e parte da cosinha para uso do proprietario e dos seus caseiros. A egreja e a sacristia pertencem á parochia e estão bem conservadas.

Como se pode ver da chronica e dos *Dialogos* do dr. Botelho, desde a sua fundação este convento foi um modelo de observancia, muito estimado e favorecido pelo povo, pelos prelados visienses e por muitas pessoas nobres, que lhe fizeram grandes doações e mesmo de distancia ali foram enterrar se, como os senhores de Molellos, que ali tinham capella sua, e os *Albuquerques* da nobilissima *Casa dos Coutos*, padroeiros da capella do *Capitulo*, onde alguns d'elles jazem.

Tudo profanou o comprador, lançando ao monturo as ossadas de tantas familias nobres!

Não ha muito que ali andava em baldão a lapide da sepultura de Jorge do Amaral e Vasconcellos, desembargador da mesa da consciencia e ordens, etc., ascendente dos mencionados Albuquerques e dos *Mendonças Falcões*, de Girabolhos, muito dignamente representados hoje em Viseu pelo sr. dr. Nicolau Pereira de Mendonça Falcão, nosso bom amigo, que chegou a v r a dicta lapide com a inscripção propria, mas quando, passado algum tempo, ali voltou para a fazer conduzir, já tinha desapparecido!...

—

Ali jazem tambem entre outras muitas pessoas nobres as seguintes:

—*D. Leonor de Castro*, filha de D. Pedro de Castro, mulher que foi de João Rodrigues Pereira, de Riba-Vizella.

—*D. Henrique de Castro*, irmão da dicta senhora.

—*Ruy Gomes da Silva* e sua mulher, paes de D. João da Silva, da Chamusca.

—*Rui Freire d'Andrade*.

—*D. Joanna de Cristello*, filha do antecedente.

—*D. Beatriz Nunes da Costa*, mulher de Leonel de Queiroz Castello Branco.

—*D. Izabel do Amaral e Vasconcellos*, ascendente da *Casa dos Coutos*. Fez de novo o *Capitulo* e d'elle ficou sendo padroeira por auctorisação pontificia.

Certo prelado de Viseu muito amigo d'estes religiosos, tentou transferil-os para a cidade, mas o povo d'Orgens, tristissimo com tal noticia, tanto rogou e pediu, que o prelado reconsiderou—e os frades permaneceram em Orgens até 1834, data da extincção dos conventos no nosso paiz.

Toda a cidade de Viseu adorava os humildes franciscanos, pelo que d'ali eram constantemente chamados para assistirem aos moribundos.

Tambem eram preferidos para assistirem no oratorio aos justiçados e para os acompanharem até o patibulo, como fizeram sempre com a maior dedicação e mais extrema caridade até 1832 e 1833, data das ultimas execuções que ensanguentaram Viseu.

Na mata se vêem ainda varias capellas, hoje todas arruinadas, e um lindo arvoredo *novo*, porque o antigo foi todo derrotado! É um sitio tão ameno e tão abundante de excellente agua que ainda hoje no verão muitas pessoas e familias de Viseu ali vão passar o dia e jantar á sombra do arvoredo, que parece uma miniatura do Bussaco.

—

Freguezias limitrophes:—S. Salvador, S. Cypriano, Abraveses, Vil de Souto e as 2—*Oriental* e *Occidental* de Viseu.

Atravessa parte d'esta freguezia a nova

estrada municipal a macadam, de Viseu á Torre Deita e Besteiros.

Producções dominantes:—vinho verde, milho, trigo, centeio, *cevada*, azeite, hervagens, hortaliça, fructa e castanhas.

Tambem n'esta parochia cultivam muitos alfobres de couves e cebolo para plantar e que *todo o anno* levam em canastras e cargas não só a Viseu, mas a todas as feiras circumvisinhas até á distancia de 3 a 5 legoas.

Templos

1.°—A sumptuosa egreja que foi do convento.

É a matriz e está muito bem conservada.

2.°—Capella de *Sant'Anna*, a meio da povoação de Orgens.

Foi a matriz d'esta parochia até 1834;—está bem conservada ainda—e tem uma irmandade antiga de *Sant'Anna*, a padroeira, com festa annual e grande romaria a 26 de julho, sendo domingo, e, não o sendo, no immediato.

3.°—Capella de *S. Macario*, em Tondella, com festa annual, feita por mordomos, no domingo anterior á festa e romagem de Santa Anna.

Ameaça ruinas.

4.°—Capella de *S. Romão*, em Travassós, com festa annual no dia do seu orago, sendo domingo, aliás transfere-se para o domingo mais proximo.

Bem conservada.

5.°—Capella de *Nossa Senhora dos Milagres*, na povoação de Quintella, com festa annual por mordomos a 15 d'agosto.

É particular e pertence ao sr. Camillo de Andrade, de Viseu, bem como o terreno contiguo que, segundo se suppõe, pertenceu todo á nobre familia da quinta de Santo Estevam (na freguezia de Abraveses) hoje extincta, a qual possuia tambem n'esta parochia muitos bens, etc., que foram comprados pelo pae e tios do sr. Camillo d'Andrade.

Bem conservada.

As outras todas são publicas.

—

Ha n'esta parochia 3 largos:—o adro da capella de Sant'Anna,—o da egreja do convento—e a formosa avenida para o dicto convento, entre 2 muros ainda caiados e com um bello arco na entrada da mesma avenida, tirada a cordão.

Banha esta parochia o *Pavia*, que a divide da de S. Salvador, onde tem na quinta da *Azenha* um lagar d'azeite e alguns moinhos de pão.

Banha esta freguezia tambem um ribeiro que passa pelo centro d'ella e desagua no *Pavia*, junto da povoação de Tondella.

Nasce o dicto ribeiro na povoação de *Paschoal*, freguezia de Abravezes;—tem 4 kilometros de curso e 2 pontes;—uma em S. Martinho—e outra junto da quinta de Tondellinha, denominada ponte *Mourisca*, por onde passa a estrada a macadam para Besteiros. Move 3 moinhos no inverno.

Berardo na sua *Memoria* diz que este regato se denomina *Caseiro* e que em 1838 tinha 2 moinhos d'azeite e 9 de pão com 11 rodas; tem hoje só 1 de azeite, e 5 de pão.

Ha n'esta freguezia 2 aulas officiaes de instrucção primaria:—uma para o sexo masculino, em Travassós,—outra mixta, em Orgens.

Clima temperado e saudavel.

Ha tambem n'esta freguezia um bom cemiterio parochial, feito em 1875 e demora junto da estrada publica, entre Orgens e o extincto convento, distando approximadamente 400 metros d'aquella povoação e 100 do convento.

—

Industrias:—a da cultura do cebolo e hortaliças para plantar—e o fabrico de cestos e canastras de *côrra*, mas esta ultima industria é mais importante na povoação de *Vil de Moinhos*, freguezia de S. Salvador, onde a descrevemos já.

Vide.

Tambem é muito importante n'esta freguezia de *Orgens* a industria dos *montantes* que se occupam em quebrar e extrahir pedra no monte de *Nossa Senhora do Crasto* (Castro)—e a dos pedreiros que se occupam em fazer edificios e toda a sorte de construcções com a dicta pedra, pois é *gra-*

nito alvissimo e finissimo, do melhor de Portugal. [1]

D'ali foi sempre e vae hoje ainda a pedra para as construcções mais luxuosas dos povos circumvisinhos, nomeadamente para Viseu, distante 6 kilometros.

O dicto monte do Crasto é lindissimo, de forma conica e um dos pontos mais altos e mais vistosos dos arrabaldes de Viseu. Foi outr'ora fortificado e tem no seu curuto uma antiquissima capella de *Nossa Senhora do Crasto*, que tomou o nome do velho *castro romano* que ali pompeou, como dizem a tradição, a onomastica e os muitos vestigios de fortificações e outras construcções que ali se teem encontrado. [2] Por seu turno áquelle monte dá hoje o nome a dicta capella de *Nossa Senhora do Crasto*, muito querida e festejada pelos povos circumvisinhos. É publica, mas outr'ora foi particular e pertenceu aos *Loureiros*, senhores da nobilissima e antiquissima casa e quinta de *Ferronhe*, aldeia da mesma freguezia de *Vil de Souto*, da qual eram padroeiros,—padroado que no ultimo seculo passou por herança com a dicta casa e quinta para os senhores de *Moçamedes*, hoje condes da Lapa.

V. *Val de Souto*, tomo X, pag. 87, col. 1.ª, —*Vil de Souto*, no mesmo vol. pag. 663, col. 2.ª—e *Villa de Souto*, tomo XI, pag. 1070, col. 2.ª tambem, onde já se fallou da dicta parochia, da dicta capella e do dicto monte, —e, aproveitando o ensejo, diremos que o nome vulgar d'aquella freguezia é *Vil de Souto*.

Moçamedes

Com relação a esta antiquissima *villa*, mencionada supra, que tanto trabalho deu ao nosso benemerito antecessor e a nós algum tambem (V. *Muçamedes*, tomo V, pag. 583) aproveitando este ensejo, accrescentaremos o seguinte:

[1] V. *Villar d'Andorinho*, tomo XI, pag. 1190, col. 2.ª, onde mencionámos outras pedreiras de *bello granito* tambem.

[2] O dicto monte e a dicta capella pertencem á freguezia de *Vil de Souto*, que prende com esta d'*Orgens*.

Foi doada effectivamente por D. Affonso Henriques, *sendo ainda infante*, no anno de 1133, [1] a Fernando ou Fernão Pires, e é hoje uma simples aldeia,—*unica* do nome em todo o nosso paiz,—pertencente á freguezia de *S. Miguel do Matto*, concelho de Vouzella desde 24 d'outubro de 1852, data do decreto que a uniu áquelle concelho e a desannexou do de S. Pedro do Sul, ao qual anteriormente pertencia.

V. *Matto* ou *S. Miguel do Matto*, tomo V, pag. 133, col. 2.ª

A dicta parochia não se encontra na maior parte dos nossos mappas e por isso mesmo nada disse da sua posição a *Chorographia Moderna*, sendo aliás escripta em Lisboa e com todos os elementos que ao seu illustrado e consciencioso auctor offereciam a capital *e as secretarias do estado*, pois a dicta publicação foi *subsidiada pelo governo*. Podemos porem dizer que a mencionada freguezia demora nas duas margens do rio *Trosse*, [2] confluente do Vouga, a S. S. O. da estrada real a macadam n.º 7, de Viseu a S. Pedro do Sul, da qual dista pouco mais de 1 kilometro;—4 da margem esquerda do Vouga para S.;—8 de S. Pedro do Sul para S. E.;—8 de Vouzella para E., contando em linha recta, e 18 pela nova estrada real de S. Pedro do Sul;—14 de Viseu para N. O.; —78 da estação de Estarreja (a mais proxima) na linha ferrea do Norte;—127 do Porto—e 366 de Lisboa.

—

Freguezias limitrophes da de S. Miguel do Matto:—Bodiosa (a mais proxima) a S. S. E., —Fataunços a O.;—Figueiredo das Donas a O. N. O.—e Riba Feita a N. N. E.

Comprehende as aldeias seguintes:—S.

[1] Referimo-nos á copia da escriptura, publicada no artigo *Muçamedes*. Se a copia é exacta, o infante contava então 24 annos, pois nasceu em 1109;—principiou a governar em 1129;—foi acclamado no campo da batalha d'Ourique em 1139—e falleceu em 1185.

[2] Assim o achamos escripto no mappa da direcção das obras publicas de Viseu, mas Berardo deu-lhe o nome de *Trousse* e alguem o denomina *Trouce*.

Miguel do Matto, séde da parochia,—*Moçamedes*, Roda, *Burgueta*, Adeujo ou *A de Ujo*, Casal de Lourosa,[1] Arrabalde, Villar, Caria, Villa Pouca, o casal de Malcata, as quintas do Paço e da Roda, e uma habitação isolada em Malurdo.

Em 1708 contava 163 fogos,—segundo se lê na *Chorographia Portugueza*, em 1768, segundo se lê no *Port. S. e Prof.*, contava apenas 115 fogos; — em 1852 o Flaviense deu-lhe 247 fogos;—o censo de 1864 deu-lhe 279 fogos e 1:131 habitantes—e o de 1878 deu-lhe 285 fogos e 1:116 habitantes, no que não ha proporção, pois 285 fogos deviam dar 1:200 habitantes, approximadamente.

—

Da antiquissima aldeia e da nobilissima casa de *Mossamèdes* apenas diremos o seguinte:

Posto que D. Affonso Henriques na sua doação lhe deu em 1133 o nome de *villa*, com certesa não era *villa* na accepção vulgar de hoje, mas na d'aquelle tempo, em que villa ordinariamente significava *quinta*, *casal* ou *casa de campo*. Tambem não sabemos se posteriormente foi villa, na accepção hodierna; o que sabemos é que hoje e *ha muito tempo* é uma simples *quinta*, na qual provavelmente viveu no meiado do seculo XII o celebre Fernão Pires, seu primeiro senhor.

—

Consultando o sr. Luiz Ribeiro Sotto-maior, hoje residente em Pombal, 6.º neto de D. Margarida d'Almeida, que foi senhora d'esta casa e quinta de *Mossamedes*, aquelle tão illustrado como delicado cavalheiro dignou-se enviar me os apontamentos seguintes:

«Tambem me parece que esta quinta de *Mossamedes*, *Moçamedes* ou *Muçamedes*, nunca foi *villa* na accepção hodierna, mesmo porque ali não ha memoria de paços de concelho, de cadeia nem de pelourinho.

«No alto de uma collina ensombrada d'arvores, ergue-se um muro meio arruinado, feito de pedra e cal, tendo a O. uma pequena capella;—a distancia de 30 a 40 metros abre-se um bom portão, que deve contar mais de 2 seculos, e, entrando-se pelo dicto portão, vê-se um terceiro de fórma quadrangular, ensombrado por grandes castanheiros, medindo cada uma das faces talvez mais de 100 metros. Ergue-se ao fundo uma larga escadaria, que dá ingresso para a casa, hoje em ruinas, mas espaçosa e feita com dispendio, onde nem habitualmente moravam seus donos outr'ora, posto que era grande a quinta, ainda hoje bastante extensa, mas muito mais em outro tempo e recebia muitos fóros, pensões, direitos e tributos que se perderam com o andar dos seculos e com a ausencia dos donos, que só de longe em longe iam ali passar alguns dias, entretendo-se com o divertimento da caça, muito abundante n'aquelles montes.

«Esta quinta foi effectivamente doada pelo infante D. Affonso Henriques no anno de 1133 a Fernando ou Fernão Pires, Peres ou *Paes*. Era facil aos copistas e paleograpgos o engano—e D. Luiz Salazar no *Indice das Glorias da casa Farnese*, fallando das familias *Girão*, *Silva* e *Cunha*, aponta a fls. 592 e 593 um D. Fernando *Paes*, tronco dos *Cunhas*, cujo ramo primogenito no tempo do nosso rei D. João I passou para Castella e ali formou as grandes casas de *Ossuna*, *Escalona*, etc.

---

[1] Este casal de Lourosa foi povoado pelos cazeiros da grande quinta contigua de *Louroza da Commenda*, que foi de Jacintho Lopes Tavares, de *Carnicães*, junto a Trancoso, e hoje dos seus netos, os *Malafaias* de Serrazes, em Lafões. Esta commenda que era a de *Ansemil*, da ordem de Malta, quasi parte com a quinta de Lourosa, e consta de casas de habitação e capella pegada, que ainda tem por fora a elegante cruz da ordem. N'esta casa, sendo administrador do concelho um celebre Moura Coutinho, de S. Pedro do Sul, foram em 1834 *os patriotas* d'esta villa matar o inoffensivo monge e velho cisterciense Fr. Ignacio Ferreira Ferrão de Castello Branco, irmão do ultimo commendador de Malta, Fr. Gonçalo Ferrão, por não encontrarem este, os quaes eram da nobre casa de S. Thiago a par de Ceia.

Esta grande e bella quinta *da Commenda* foi vendida pelo governo, depois da morte do dicto commendador, a José Isidoro Guedes, de Lamego, par do reino e 1.º visconde de Valmor. É hoje dos seus herdeiros.

—

«Aquelle *Fernão Paes* foi herdado na Beira e julgo ser o mesmo de quem resa a mencionada doação, pois Martim Vasques da Cunha, 6.º neto d'elle por varonia, doou a sua *terra e selleiro de Mossamedes* a Gonçalo Pires d'Almeida, para casar, como casou, com Ignez Martins da Cunha, filha B. do doador, como consta de uma carta de confirmação com data de 1434, referindo-se a outra confirmação anterior. Da 2.ª confirmação tenho eu uma copia em lettra de mais de dois seculos.

«Passou pois a dicta quinta para Martim Vasques da Cunha e d'este para Gonçalo Pires d'Almeida, de quem descendem os condes da Lapa, ramo dos Almeidas, hoje representado pelo 3.º conde da Lapa, 16.º senhor da casa e quinta de Mossamedes, 13.º neto de Martim Vasques da Cunha e 19.º neto do tal Fernão Pires ou *Paes*.»

Sendo assim, esta quinta de *Mossamedes*, embora muito cerceada e deteriorada, conserva-se na mesma familia desde 1133,—ha 754 annos; mas P. J. Carlos Feo e Manuel de Castro Pereira na *Resenha das Familias titulares* dizem que o senhorio de Mossamedes foi dado aos *Almeidas*, hoje condes da Lapa, em 30 de janeiro de 1410. [1] Talvez se refiram á doação feita por Martim Vasques da Cunha a Gonçalo Pires d'Almeida, como já dissemos, o que muito bem se harmonisa com as duas confirmações supra citadas.

Aos Almeidas, senhores de Mossamedes, pertencem o jesuita Bernardo Pereira e Fr. Rodrigo de Jesus, carmelita, que pereceram na India pela fé. Logo fallaremos d'elles no topico dos *Visienses illustres*, porque nasceram em Viseu.

[1] O actual conde da Lapa tem o mesmo nome de seu pae e de seu avô—*Manoel d'Almeida Vasconcellos do Soveral de Carvalho da Maia Soares d'Albergaria*—e é 3.º conde e 5.º visconde e senhor da Lapa, 5.º barão e 16.º senhor *de Mossamedes*, 17.º senhor do solar e honra de Lamaçaes, 17.º senhor d'Albergaria e morgado de S. Paulo da Ponte do Criz, 11.º da Lagôa de Viseu, no Algarve (?) e do couto do Vieiro, etc, etc.

A CIDADE

Viseu tem, como já dissemos, 2 freguezias—*Oriental* e *Occidental*—que, alem da parte urbana ou da cidade propriamente dicta, comprehendem no aro as 5 *annexas* ruraes, que são, como tambem já dissemos,—parte integrante das duas freguezias da cidade. Até aqui tractámos das *annexas* ou da *parte rural*;—agora tractemos da *parte urbana*, ou da cidade propriamente dicta.

Ella divide-se ecclesiastica e civilmente em 2 freguezias—*Oriental* e *Occidental* da Sé, matriz commum; não se imagine porem que a freguezia *Oriental* comprehende a população e ruas que demoram a leste da Sé —e que a *Occidental* comprehende a população e ruas que demoram ao poente.

Ambas, como tambem já dissemos, comprehendem ruas, travessas e largos que demoram ao nascente e poente, sul e norte da Sé, porque a Sé não está isolada nem a cidade dividida em 2 grupos, ou bairros distantes,—um a leste, outro a oeste.

A cidade forma um labyrintho ou agrupamento compacto de ruas, viellas, travessas e largos, revestindo por todos os quadrantes uma especie d'outeiro, monte ou *viso*, coroado pela Sé, matriz commum, descendo a população até á baixa da encosta, e espraiando-se pelos campos circumjacentes até á fronteira das *annexas* já descriptas, que circumdam como *aro* ou *arco* a parte urbana de Viseu.

—

Não ha pois linha divisoria natural entre as 2 freguezias da cidade.

O cura da freguezia *Oriental* para visitar os seus freguezes e administrar-lhes os sacramentos, atravessa constantemente ruas e chãos da freguezia *Occidental*—e v. v.—e na Sé, *matriz commum*, se reunem os parochos e parochianos das 2 freguezias;—d'ali vae o sagrado Viatico para ambas—e ali se celebram os casamentos e baptismos das 2 freguezias da cidade e das 5 freguezias *annexas*!

Isto seria toleravel outr'ora, quando rareavam os templos, a população e o clero,

mas hoje é insupportavel e cumpre ao governo e aos prelados visienses pôr termo a semelhante amalgama — *unica em todo o nosso paiz!*

Dé-se completa autonomia—*ecclesiastica* e *civil*—ás 5 freguezias annexas e ás 2 da cidade.

Fique embora uma tendo por matriz a Sé, mas dê-se por matriz á outra qualquer dos templos da parte baixa,—hoje a mais formosa e mais interessante de Viseu.

Arvore-se em matriz, por exemplo, a egreja de *Nossa Senhora do Carmo*, tão linda, tão vistosa, e tão vantajosamente situada sobre o vasto *Campo de Alves Martins*, outr'ora *Largo de Santa Christina*,—depois *Largo dos Nerys* ou dos *Congregados*—e por ultimo *Terreiro* ou *Largo do Seminario*. Estamos certos de que a irmandade de *Nossa Senhora do Carmo* não se opporia a um accordo, pois ficariam a cargo da parochia a fabrica e a conservação do templo, pelo que a irmandade poderia applicar aos suffragios pelos irmãos e ás suas festividades o que necessita de despender com a fabrica e conservação do templo. Assim se arvorou em matriz no Porto, não ha muito (em 1842) a egreja da Irmandade do Senhor do *Bom Fim*, egreja, que a parochia está transformando em um templo magestoso,—amplissimo!... E haverá 10 annos se arvorou em matriz da freguezia de Massarellos, tambem no Porto, a egreja da irmandade do *Corpo Santo*.

Chamamos para este ponto a attenção do governo e dos prelados visienses.

—

Prosigamos.

Em 1708 toda a cidade de Viseu e as 5 *annexas* constituiam 3 freguezias (curatos) cujas matrizes eram a Sé, *intra-muros*,—e as egrejas de *S. Martinho* e *S. Miguel do Fetal, extra-muros*,—e contavam os 3 curatos apenas 900 fogos e cerca de 4:000 habitantes,—em quanto que hoje a cidade e *annexas* contam 3:652 fogos e 16:859 habitantes. Subiu pois ao *quadrupulo* a sua população no periodo de 179 annos.

Em 1768 as duas freguezias da cidade e *annexas*, então ainda não divididas, comprehendiam 928 fogos e eram parochiadas por 4 curas, denominados *capellães da cura da cidade e suburbios;* tinha cada um d'elles 50$000 réis de rendimento—e eram todos 4 da apresentação da mitra.

Em 1834 a freguezia *Oriental* contava 750 fogos e 1:615 habitantes—segundo se lê na *Memoria* de Berardo, mas aqui ha grande inexactidão, pois 750 fogos deviam dar pelo menos 3:000 habitantes.

No mesmo anno a freguezia *Occidental*, segundo se lê na dicta Memoria, contava...[1] fogos—e 2:463 habitantes.

Em 1852 a freguezia *Oriental*, segundo diz o Flaviense, contava 448 fogos—e a *Occidental* 704 fogos.

O censo de 1864 deu á freguezia *Oriental* 630 fogos e 2:489 habitantes—e á *Occidental* 950 fogos e 4:326 habitantes.

O censo de 1878 deu á *Oriental* 707 fogos e 2:925 habitantes,—e á *Occidental* 983 fogos e 4:317 habitantes.

Finalmente o *Diccionario de Portugal e Possessões*, escripto e publicado em Viseu em 1884, deu á freguezia *Oriental* 749 fogos e 3:429 habitantes,—e á *Occidental* 1:043 fogos e 5:200 habitantes.

A cidade de Viseu deve contar pois n'esta data (1887) cerca de 1:792 fogos e 8:629 habitantes.

Quantos chorographos repetirão estas cifras até a consumação dos seculos?

—

Em 1885 a *parte urbana* da freguezia *Oriental* deu 90 baptisados, 14 casamentos e 53 obitos;—a *parte urbana* da *Occidental* deu 150 baptisados, 20 casamentos e 86 obitos.

Ambas teem como orago o mesmo orago da Sé,—*Nossa Senhora da Assumpção*, mas o padroeiro da cidade é *S. Theotonio*, de quem fallaremos adiante no topico da cathedral e no dos bispos.

Fallemos agora da cidade ou da parte urbana d'aquellas 2 freguezias *promiscuamente*:

---

[1] Esta cifra está apagada na copia que temos presente.

Ruas

Tem hoje Viseu 55 ruas de 1.ª 2.ª e 3.ª classe. As mais importantes são as 4 seguintes:

1.ª—*Rua Direita.*

2.ª—*Rua de D. Luiz I,*—antigamente e ainda hoje tambem denominada *Rua da Regueira.*

3.ª—*Rua de D. Maria Pia,*—anteriormente e ainda hoje tambem denominada *Rua Formosa.*

4.ª—*Rua do Principe Real,* outr'ora *Rua do Soar de Baixo.*

Estas e outras ruas largos e praças receberam novos nomes por occasião das festas do centenario de Camões e da vinda de SS. MM. a Viseu, quando se inaugurou solemnemente o caminho de ferro da Beira Alta, mas o povo continua a dar-lhes os nomes antigos.

A *Rua Direita* ainda não mudou de nome, sendo aliás uma perfeita antiphrase d'ella, pois denominando-se *direita,* é uma das mais *tortas,* como succede com as ruas de igual nome em todas as outras nossas cidades.

É muito *torta,* muito antiga e uma das mais estreitas e mais immundas, mas muito central, muito extensa, a mais comprida de todas e toda revestida de casas, avultando entre ellas algumas das melhores de Viseu, outras antiquissimas e notaveis pela sua exotica architectura, digna da attenção dos archeologos,—um convento de freiras, ainda hoje habitado e muito antigo tambem [1],—3 grandes palacetes:—o dos condes de Prime,—o dos *Albuquerques do Arco* e o que foi de Bento de Queiroz.

A rua Direita corta Viseu em sentido longitudinal, ou de nascente a poente, pelo que muito impropriamente tambem outr'ora serviu de divisão ás 2 freguezias *Oriental* e *Occidental da Sé,* a qual demora ao poente da dicta rua e distante d'ella.

Esta rua é uma *enfiada* de tres antigas ruas:—rua de *S. Martinho* [1] na sua parte leste;—rua dos *Cavalleiros* na sua extremidade O., desde o arco do palacete dos Albuquerques até o arco do convento;—e rua *Direita,* propriamente dicta, a parte central.

Tem esta rua grandes *aleijões,* avultando entre elles dois *cotovellos* intoleraveis:—um em Cimo de Villa, a montante do palacete do conde de Prime, onde terminava a rua de *S. Martinho;*—outro na ligação da rua *Direita,* propriamente dicta, com a rua dos *Cavalleiros,* a pequena distancia do arco do convento.

Á ex.ma camara de Viseu recommendamos a eliminação d'aquelles dois cotovellos, que são os maiores *aleijões* da rua *Direita.*

Hoteis e hospedarias

1.º—*Hotel Mabilia,* de Mabilia Adelaide das Neves, na rua *D. Duarte,* ou da *Cadeia.*

2.º—*Hotel Cadete,* na rua da Prebenda.

3.º—*Hospedaria das Loiras,* no largo da *Senhora dos Remedios.*

Cafés

1.º—*Café Barros,* na rua Nova.

2.º—*Café Central,* tambem na rua Nova

Theatros

1.º—*Boa União,* na rua dos Cavalleiros.

2.º—*Da rua Escura,* na rua d'este nome.

Edificios publicos

Os dez melhores edificios publicos de Viseu na actualidade são os seguintes:

1.º—A Sé cathedral.

2.º—*A egreja de Nossa Senhora do Carmo.*

---

[1] Veja-se o topico relativo aos conventos.

[1] Tomou o nome da antiga e extincta egreja de *S. Martinho,* da qual adiante falaremos.

3.º—*A egreja da Misericordia* e suas dependencias.

4.º—*O Hospital da Misericordia*, denominado *Hospital Novo*.

5.º—Os *Paços do concelho*.

6.º—O antigo *Paço Episcopal da Sé*, denominado *Paço dos tres escalões*, hoje occupado pelo governo civil, pelo lyceu e por outras repartições publicas. Tambem se denomina *Collegio*.

7.º—O *Paço Episcopal de Fontello*, residencia actual dos prelados visienses.

8.º—O extincto convento dos frades capuchos de Santo Antonio, hoje quartel militar.

9.º—O *Azylo d'infancia desvalida*.

10.º—O *novo mercado coberto*.

Vejam-se os topicos correspondentes a estes 10 titulos.

Edificios particulares

Os 7 melhores edificios particulares de Viseu na actualidade são os seguintes:

1.º—O palacete ou *Casa do Arco*, que foi da nobre familia *Albuquerques*, ainda hoje aqui representada por Antonio d'Albuquerque do Amaral Cardoso.

O mencionado palacete está unido a uma das antigas portas da cidade,—a *Porta dos Cavalleiros*,—e tem sobre o arco d'ella um lindo terraço com mirante e vistas para ambos os lados.

Tem este palacete tambem uma espaçosa e linda cerca.

Foi tudo vendido a um brazileiro (capitalista) de S. Pedro do Sul, ha pouco tempo; depois o governo adquiriu o palacete para n'elle installar differentes repartições publicas—e por seu turno a camara de Viseu tenta comprar a cerca para a transformar em jardim publico, do que bem carece Viseu.

2.º—O palacete ou *Casa da Prebenda*, um dos mais bellos de Viseu no exterior.

Pertencia a Luiz Pereira de Mello e Napoles, senhor d'esta casa e seu morgado, representante da nobre casa e senhorio de *Barbeita*, junto de Caminha, e da alcaidaria-mór d'aquella villa, o que tudo ainda possuiu seu pae Luiz Pereira de Mello Soutomaior, mas tudo foi vendido para pagamento de dividas!...

3.º—O palacete de Fernando d'Almeida Cardoso de Cerqueira.

Demora na rua Direita e passou por herança para a viuva e filhos de Bento de Queiroz Pinto d'Athaide Serpe e Mello, senhor da nobre casa e chefe da familia d'estes appellidos em Favaios, concelho d'Alijó, provincia de Traz-os-Montes. São os seus actuaes possuidores.

4.º—O palacete do *Conde de Prime*, por elle habitado.

Demora na mencionada rua Direita, na extremidade sul, denominada *Cimo de Villa*.

5.º—O palacete de Francisco Antonio da Silva Mendes, no largo do Rocio, onde principia a rua do *Soar de Baixo*.

6.º—O palacete do *Serrado*,—fóra de Viseu, mas á vista da cidade e distante d'ella apenas 300 metros.

Pertence ao visconde do Serrado, Francisco de Mello Lemos e Alvellos, bem como a quinta contigua;—tem uma elegante entrada por um espaçoso terreiro, fechado por um portão de ferro com brasão d'armas—e a quinta bons campos, jardins e frondoso arvoredo, muita agua, etc.

É uma das melhores vivendas de Viseu.

7.º—O palacete que foi do *morgado de Santa Christina*, Manuel Nicolau Cardoso d'Abreu Magalhães, hoje da sua neta D. Ignez d'Abreu Castello Branco, que vive na *Povoa da Arenosa*, concelho do Carregal, com o seu marido Gelasio da Cunha Magalhães.

Demora este palacete no antigo *Terreiro de Santa Christina*, depois *Largo dos Nerys* e do *Seminario*, hoje *Largo de Alves Martins*, o campo maior de Viseu depois do *Campo da Feira*.

Está muito vantajosamente situado o dicto palacete e, logo que a camara mande, como já devia ter mandado, demolir uns tristes casebres que estão entre a rua da Regueira e a estrada nova de Mangualde, fica o mencionado palacete com duas bellas fachadas sobre o dicto campo.

Edificios publicos brasonados

1.°—*A cathedral.*

Tem na sua riquissima abobada as armas do bispo que a mandou fazer na sua maior parte—D. Diogo Ortiz de Vilhegas,—e as armas d'el-rei D. Manuel,—de seu filho o cardeal D. Affonso, bispo de Viseu,—de D. Jorge da Costa, cardeal d'Alpedrinha,—e as de el-rei D. Affonso V e de D. João II.

Nos claustros tem nas abobadas as armas do seu fundador—o bispo e cardeal D. Miguel da Silva.

Na capella da Cruz e nos mesmos claustros tem as armas do bispo D. Gonçalo Pinheiro—e n'outras capellas e em differentes sitios tem outros muitos brasões d'armas,—nenhum porem na sua pobre fronteria depois da estupida restauração feita pelo cabido em 1640 a 1671.

Veja-se o topico relativo á cathedral.

2.°—*A egreja de Misericordia.*

Tem na frente as armas reaes portuguezas.

3.°—*A egreja da Ordem 3.ª de Nossa Senhora do Carmo.*

Tem as armas da ordem.

4.°—*A egreja da Ordem 3.ª de S. Francisco.*

Tem na frente as armas da ordem e na escadaria as do bispo D. Julio Francisco de Oliveira, que mandou fazer as dictas escadas.

5.°—*A egreja do Seminario.*

Tem na frente as armas da Congregação do Oratorio, á qual pertenceu até 1824, como diremos adiante.

6.°—*A capella de Nossa Senhora da Victoria,* mandada fazer pelo conego Antonio de Almeida d'Abreu em 1605.

Tem sobre o seu bello portico dois brasões d'armas,—um de cada lado: o da direita d'Abreus e Almeidas, o da esquerda de Cardosos e...

De passagem diremos que esta linda capella ha muito está profanada e servindo de arrecadação dos andores e moveis da ordem 3.ª de S Francisco, que está na posse d'ella.

Demora a dicta capella a pequena distancia da egreja dos irmãos terceiros de S. Francisco, com frente para o Rocio.

7.°—*Capella de S. Domingos,* na rua ou viella de S. Domingos. Não é edificio *publico*, mas *particular*, e tem o brazão dos antigos senhores da quinta de Santo Estevão, que a fizeram, assim como a frente nova da sua casa, cuja fachada principal deita para a rua da Cadeia (hoje de D. Duarte) e fica separada da capella por esta viella, com a qual casa pega a celebre casa da *Torre*, d'esta rua, que ainda existe com a torre.

Tem debaixo do formoso janellão gothico as armas do conselheiro Pedro Gomes d'Abreu, que a comprou em praça. Era a casa do Almoxarifado, onde a tradição diz nascera el-rei D. Duarte, tanto que *em memoria d'este facto* se concedeu ao dicto conselheiro e seus descendentes, senhores da quinta de Santo Estevão, o privilegio de *azylo*, e ainda nos principios d'este seculo existia chumbada na parede por baixo do janellão gothico, uma *cadeia* a que os criminosos se agarravam. Esta capella, a casa nova e a da *Torre* pegada, foram em nossos dias vendidas, quando se extinguiu aquella familia de Santo Estevão.

Vide infra, o n.° 11, e o topico *Templos extinctos*, n.° 5.

8.°—*Capella de Nossa Senhora da Conceição,* junto do Campo da Feira.

Tem na frente um escudo com o emblema do mysterio da Conceição.

9.°—*Paço Episcopal de Fontello.*

Tem no fim da grande avenida, á entrada do terreiro, 2 brasões d'armas de 2 bispos visienses.

10.°—*Paço episcopal dos tres escalões,* tambem denominado *Collegio,* contiguo á cathedral.

Tem sobre a porta principal um nicho com a imagem de *Nossa Senhora da Esperança* e aos lados 2 brasões d'armas:—um do bispo D. Nuno de Noronha, que ali fundou o velho Seminario em 1593;—outro do bispo D. Fr. Antonio de Sousa, successor do antecedente e que continuou a dicta obra, não chegando a vel-a ultimada porque falleceu em 1597, havendo tomado posse em 1595.

11.º—*Cruzeiro do adro da Sé.*

Tem as armas do bispo D. Julio Francisco d'Oliveira, e a data em que o mandou fazer—1760—em substituição d'outro mais antigo e muito modesto.

12.º—O antigo *Hospital das Chagas*, que pertenceu á Misericordia.

Tem na frente o emblema da sua instituição e aos lados as armas do mesmo bispo D. Julio, com a data 1759, por haver n'aquelle anno mandado fazer n'este hospital grandes obras.

Tem mais 2 brasões do mesmo bispo em dependencias annexas, feitas por elle tambem.

13.º—*Hospital Novo* da Misericordia.

Tem no frontão as armas reaes;—na extremidade E. da fronteria as armas antigas da cidade de Viseu;—na extremidade opposta as armas da Santa Casa—e ao alto do frontão 3 grandes e formosas estatuas de granito, representando a *Fé*, a *Esperança* e a *Caridade*.

Occupa o centro e a parte culminante a *Caridade*; á sua direita tem a *Fé*; á esquerda a *Esperança*.

14.º—*A casa municipal da Ribeira.*

Tem a camara no *Bairro da Ribeira* e junto do *Campo da Feira* uma casa para onde costuma transferir a sua secretaria e celebrar as suas sessões por occasião da grande feira, de que logo fallaremos. Na parte restante do anno ficava devoluta a dicta casa e, depois que se creou em Viseu o corpo da policia civil, tem esta ali a 2.ª esquadra.

No cunhal do lado direito se vêem as armas reaes, e uma inscripção com o nome de quem mandou fazer a dicta obra no anno de 1738:—Alvaro José Saraiva Beltrão, então juiz de fóra de Viseu, (senhor da Quinta do Ribeiro no concelho de Caria), presidente da camara, e os vereadores João d'Almeida de Mello e Vasconcellos (senhor da casa de Santo Estevam e da casa da Torre, na rua da Cadeia) e Henrique de Lemos Castellobranco, senhor da casa dos Lemos de Arganil e Viseu.

15.º—*Fonte de Santa Christina*, no antigo largo do seu nome, hoje *Largo d'Alves Martins.*

Tem as armas do cardeal D. Affonso e a esphera armilar d'el-rei D. Manuel, pae do dicto infante.

16.º—*Chafariz do Arco*, junto da *Porta dos Cavalleiros* e defronte do palacete que foi dos *Albuquerques.*

Tem 2 bicas; no alto um nicho com a imagem de S. Francisco d'Assis—e um escudo com as armas reaes por baixo.

Não tem actualmente Viseu mais edificios publicos brasonados, porque os novos paços do concelho ainda não estão concluidos, posto que n'elles já funccionam diversas repartições publicas.

Edificios brasonados particulares

1.º—*Casa e quinta do Serrado*, do visconde d'este titulo.

2.º—*Casa e quinta do Cruseiro*, dos Serpes Mellos.

3.º—*Casa e quinta de S. Miguel*, dos Cardosos, senhores d'esta quinta.

4.º—*Casa e quinta de Maçorim*, dos Machados e Silveiras.

5.º—*Casa da Prebenda*, dos Napoles e Bourbons.

6.º—*Casa dos Sousas Valentes*, no Largo de S. Sebastião.

7.º—*Casa de Francisco Antonio da Silva Mendes*, no Rocio de Santo Antonio, hoje *Passeio de D. Fernando.*

8.º—*Casa dos Pinhos e Azevedos*, no mesmo Passeio de D. Fernando.

9.º—*Casa dos Abreus Magalhães*, no *Largo d'Alves Martins.*

10.º—*Casa dos Bandeiras da Gama*, de Torre Deita, no *Largo de Traz do Collegio*.

11.º—A *Casa da Rua da Cadeia*, na rua d'este nome. Casa onde, segundo diz a tradição, nasceu el-rei D. Duarte e que foi do conego Pedro Gomes d'Abreu, e depois dos descendentes d'este, senhores da quinta de Santo Estevão (hoje vendida e pertencente a estranhos) pelo que na dicta casa poz o brasão que lá se vê, que é dos *Abreus e Soares d'Albergaria*, de que uzava o dito conego e que estava tambem no seu tumulo na capella do Calvario no claustro da Sé, por detraz do grande quadro do Grão Vasco.

Vide o topico anterior n.º 7, das *Familias nobres de Viseu* e o dos *Templos extinctos*.

12.º—Casa que foi dos *Ernestos Teixeiras de Carvalho*, hoje do conde de Prime, na rua de Cimo de Villa, ou rua Direita.

13.º—Casa que foi dos *Cardosos Cerqueiras*, extinctos, hoje possuida e habitada pela familia *Queiroz Pinto d'Athayde*, de Louroza, ou Favaios. V. o topico *Casas particulares*, n.º 3.

14.º—A casa que foi da familia *Chaves* e que hoje pertence a Joaquim d'Almeida Campos, com a capella de Santa Catharina, hoje profanada, ao *Miradouro*.

15.º—A casa que foi dos *Silveiras* de Lamego e que ha muitos annos é do estado. N'ella se acham as secretarias da 2.ª divisão e o calabouço.

Estas casas n.º 13 e 15, demoram na celebre *Rua Direita*.

16.º—A *Casa do Arco*, que foi da nobilissima, antiquissima e riquissima familia *Albuquerques*.

Tem 2 brasões d'armas:—um na fronteria;—outro na porta do quintal sobre a rua da Regueira, hoje de *D. Luiz I*.

Demora na rua dos Cavalleiros, parte integrante tambem da celebre *rua Direita*, como já dissemos.

17.º—A casa do sr. dr. Nicolau Pereira de Mendonça Falcão, residente na sua bella quinta de *S. Salvador*, como já dissemos.

18.º—A casa dos *Tovares Noronhas*, de Mões, de quem logo fallaremos.

Estas ultimas duas casas demoram na *rua da Calçada*.

19.º—Casa dos *Lemos de Sousa*, de Villa de Chã de Sá, na rua de D. Luiz I.

Ficou só em paredes e estas em pouco mais de metade, mas tem brasão e é o edificio particular com mais *pé direito* que ha em Viseu.

20.º—Casa que foi dos *Almeidas Vasconcellos*, na mesma rua de D. Luiz I, ou Rigueira.

Pertenceu aos antigos barões de Mossamedes, depois condes da Lapa, que a venderam com outros bens á familia *Mendes*, sua possuidora actual, e tem uma bella cerca.

21.º—A casa que foi dos *Loureiros Cardosos*, depois barões de Prime, na rua de S. Miguel.

Pertenceu ao visconde de Loureiro, filho e successor do barão de Prime, e foi ha poucos annos arrematada por Antonio de Padua Ponce de Carvalho, seu actual possuidor.

22.º—A casa dos *Chaves Araujos*, na rua de S. Miguel, só com brazões antigos nos tectos das salas.

23.º—A casa dos *Figueiredos* da Povoa, fronteira á antecedente.

Estas ultimas duas casas demoram tambem na rua de S. Miguel e ambas são brasonadas, mas não teem os brasões na fronteria.

24.º—A casa dos *Mellos e Castros d'Abreu*, na rua do Chão do Mestre.

Foi ultimo senhor d'esta casa e de outros muitos bens o conde de Santa Eulalia—Antonio Augusto de Mello e Castro d'Abreu, ha pouco fallecido, não deixando successão nem testamento. E, tendo muitos parentes remotos, tractam de habilitar-se 4, em 7.º grau civil, que dividirão entre si esta grande casa.

25.º—A casa que foi dos *Abreus Magalhães*, morgados de Santa Christina, na rua do Chão do Mestre, e que é hoje do negociante *Perdigão*, que tem feito n'ella muitas obras, pois estava em grande abandono e quasi em ruinas.

N'ella se acham montadas as typographias do *Jornal de Viseu*, *Districto de Viseu* e *Liberdade*.

Esta casa, bem digna de melhor sorte, tem um portico lindissimo,—*o primeiro de Viseu*,—luxuosamente ornamentado e encimado por *armas de ecclesiastico*. Não sabemos quem a fundou, mas devia ser pessoa respeitabilissima, de alta posição ecclesiastica, porque o brasão parece *pontificio!...*

Pertenceu muitos annos aos morgados de Santa Christina, o ultimo dos quaes a emprasou ao mencionado negociante, que ainda hoje d'ella paga fôro á ex.ma sr.ª D. Ignez d'Abreu, herdeira do vinculo e do palacio de Santa Christina, no largo d'este nome.

Tem pois Viseu actualmente 41 edificios brasonados e alguns antiquissimos, o que prova que Viseu é desde tempos muito re-

motos um viveiro de nobresa e uma cidade importante,—*e nunca teve tanta vida como hoje!...*

Prosigamos.

Commercio e industria

Tem Viseu muitos estabelecimentos commerciaes, alguns bem montados e um banco proprio, intitulado

Banco Agricola e Industrial

Este banco, destinado a beneficiar a agricultura e a industria, foi creado em 1868, principiando a funccionar em 13 de abril do mesmo anno.

Foram seus primeiros gerentes Francisco de Mello Lemos e Alvellos (hoje visconde do Serrado), o dr. Bernardo Antonio da Silva e Andrade e José Luiz do Amaral Guimarães.

Os seus fundos, que ainda hoje se conservam, foram 60 contos, dos quaes pertencem 40 á Misericordia e 20 aos accionistas. As acções são 3:000, cada uma do valor de réis 20$000.

As suas operações são emprestimos sobre letras com hypothecas,—sobre penhores e em conta corrente. O seu juro tem sido sempre de 7 p. c.

Seus directores actuaes são o dr. Manuel Antonio Barroso e o commendador Duarte d'Almeida Loureiro e Vasconcellos;—substituto Camillo Augusto da Silva e Andrade.

Tem Viseu agencias d'outros bancos e companhias;—6 pharmacias;—8 estabelecimentos d'alfaiate,—8 de barbeiros e 15 de sapateiros,—differentes alquilarias e estabelecimentos de diligencias,—ferradores, corrieiros, serralheiros, ferreiros, pedreiros, carpinteiros, marceneiros, livreiros e encadernadores, cerieiros e muitos latoeiros de folha branca e de amarello, surradores, 2 fabricas de sola, etc.

Feiras e mercados

Tem Viseu mercados todas as terças feiras de cada semana e uma feira annual importantissima e antiquissima denominada *Feira de S. Matheus.*

Começa no dia 20 e acaba no dia 30 de setembro e foi, como a de Trancoso, uma das mais privilegiadas do reino, pelo que se denominou e ainda hoje se denomina tambem *Feira Franca.*

Desde tempo immemorial se fazia esta feira no vasto chão ou campo da *Cava de Viriato*[1], de que logo fallaremos, mas el-rei D. Duarte a mudou da *Cava* para a *Ribeira*—e do dia de *S. Jorge*, 23 d'abril, para o de *S. Matheus*, 21 de setembro, declarando-a *franca*, ou isenta dos tributos e direitos de portagem 3 dias, pelo que rapidamente se tornou importantissima! A ella concorriam industriaes e negociantes de todo o nosso paiz e até mouros de Granada! Decahiu bastante com a perseguição e expulsão dos mouros e judeus;—depois com a extincção

---

[1] Francisco Manuel Correia, na sua interessante *Memoria* ms. diz que esta feira principiou em 1188 por alvará d'el-rei D. Sancho I, mas Berardo (*Liberal* de 24 de junho de 1857) diz que se ignora *completamente* a data da origem d'esta feira e presume que deve o seu principio á festa e romagem que no dia 23 d'abril costumava fazer-se a S. Jorge, na sua capella dentro da *Cava de Viriato*, porque (diz elle)—«O tracto e commercio dos nossos passados era muito escaço, e as romarias forão occasião do estabelecimento de muitas feiras, onde os concorrentes, de passagem, trocavão e vendião os seus haveres.»

Inclinamo-nos á opinião do sabio conego, mesmo porque a dicta feira até o tempo de D. Duarte se fez sempre a 23 d'abril, dentro da *Cava*, no dia da festa e da romagem de *S. Jorge*, orago da dicta capella, pelo que tambem se denominava *Feira de S. Jorge*, e só depois que a feira se mudou para o campo onde hoje se faz e para o dia S. *Matheus*, é que tomou o nome de *Feira de S. Matheus*, collocando-se por essa occasião a imagem d'este apostolo na capella de *S. Luiz*, que estava no chão, para onde foi mudada a feira,—imagem que ainda hoje se vê na capella de *Nossa Senhora da Conceição* no mesmo Campo, feita junto da de *S. Luiz* e em substituição d'ella.

Veja se o n.º 10 no topico dos *Templos extinctos*—e o n.º 11 no topico do *Templos actuaes*.

das suas enormes franquias—e ultimamente com o progresso da viação e facilidade das communicações entre nós, o que tem annullado a importancia de todas as nossas feiras. Soffreu esta tambem muito, mas ainda assim é hoje sem contestação a primeira d'esta provincia e talvez a *primeira* de Portugal!...

Não exageramos, como prova o documento seguinte:

Mappa estatistico official dos objectos expostos á venda na FEIRA FRANCA de Viseu em setembro de 1886, e valor das vendas n'ella realisadas

N.º dos estabelecimentos	Objectos expostos á venda	Importancia dos objectos expostos	Cifra das vendas realisadas
3	Colchoeiros	1:500$000	200$000
3	Caldeireiros	2:000$000	350$000
4	Corrieiros	3:500$000	800$000
5	Funileiros	2:000$000	400$000
7	Latoeiros d'amarello	7:500$000	2:300$000
14	Sapateiros	14:000$000	3:500$000
13	Tamanqueiros	5:000$000	4:000$000
10	Chapeleiros	12:000$000	2:500$000
2	Livreiros	2:000$000	600$000
5	Retrozeiros	35:000$000	9:800$000
19	Capellistas	85:000$000	17:000$000
27	Quinquilherias	52:000$000	4:500$000
23	Bufarinheiros	16:000$000	3:800$000
16	Lojas de pannos a retalho	100:000$000	14:000$000
4	Estabelecimentos de pelucias	5:000$000	4:500$000
6	Toalheiros	5:000$000	2:000$000
12	Ferrageiros	9:000$000	3:000$000
8	Mercieiros	11:000$000	4:800$000
7	Louceiros nacionaes e estrangeiros	12:000$000	5:000$000
3	Vidraceiros	800$000	150$000
10	Vendedores de ouro e prata	120:000$000	3:000$000
4	Relojoeiros	6:000$000	300$000
23	Vendedores de linho em rama	8:000$000	6:000$000
	Pannos da Covilhã	400:000$000	220:000$000
	Ditos de Arrentella, Alemquer, Lisboa e Padernello	200:000$000	100:000$000
	Cobertores	60:000$000	28:000$000
	Carneiras e pellicas	2:000$000	2:000$000
	Saragoça em fardos	30:000$000	28:000$000
2	Depositos de machinas de costura	10:000$000	800$000
	Somma	1.216:300$000	471:300$000

N.º dos estabelecimentos	Objectos expostos á venda	Importancia dos objectos expostos	Cifra das vendas realisadas
	Transporte	1.216:300$000	471:300$000
	Sola	105:000$000	95:000$000
	Beserro cortido	35:000$000	28:000$000
3	Alfaiates com roupas feitas	4:500$000	2:000$000
	Teias de linho	1:000$000	600$000
	Estopa	100$000	100$000
2	Ferro e aço em barra	14:400$000	14:400$000
12	Cordões e atacadores	2:500$000	1:500$000
3	Albardeiros	200$000	80$000
	Fusos	100$000	50$000
	Rocas	60$000	40$000
	Vasilhame para vinho	350$000	300$000
12	Taberneiros que venderam 70 pipas de vinho de 550 litros	40:656$000	40:656$000
	Amendoa 1:650 kilos	500$000	50$000
	Pera secca 550 kilos	200$000	200$000
	Ameixa secca 500 kilos	66$000	66$000
	Pecegos 35 kilos	7$000	7$000
	Milho	150$000	80$000
	Cevada	60$000	35$000
	Palha	150$000	150$000
	Rodeiros	300$000	300$000
	Gamellas de pau	65$000	65$000
	Sardinha	500$000	500$000
	Ferragens	90$000	70$000
	Sebo	150$000	150$000
10	Estanques	1:500$000	700$000
	GADOS		
	Bovino	280:000$000	50:000$000
	Bezerros	45:000$000	17:500$000
	Muar	15:000$000	9:000$000
	Cavallar	8:000$000	3:000$000
	Asinino	1:250$000	500$000
	Total	1.773:154$000	736:849$000

Do exposto se vê que a *Feira Franca* de Viseu é muito importante ainda.

Fez-se na *Cava de Viriato*, durante seculos;—depois, por ser o dicto local muito ermo, alagadiço e distante da cidade 600 a 1:000 metros (referimo-nos á Sé) o que dava occasião a furtos, roubos e outros crimes, mudou-se para dentro da cidade e alguns annos se fez no *Rocio de Santo Antonio*, hoje *Passeio de D. Fernando*, e ao longo das ruas o que tinha tambem graves inconvenientes, pelo que se mudou no tempo d'el-rei D. Duarte para o campo onde se faz ainda hoje, denominado *Campo da Feira*, na mar-

gem direita do Pavia, entre este rio e a celebre *Cava de Viriato*, de que logo fallaremos.[1]

O dicto campo é irregular, mas espaçoso; —pelo meio d'elle passa hoje a estrada real a macadam n.º 7, de Viseu a S. Pedro do Sul,—e por occasião da feira addicionam ao dicto campo alguns chãos contiguos, que na parte restante do anno são cultivados. A esta feira vinham antigamente os mouros *granadinos* e da Estremadura e Andaluzia com productos das suas industrias, e nos nossos dias ainda vem poldros das melhores raças andaluzas de cavallos. Hoje vem já poucos, mas ainda concorrem bastantes hespanhoes da raia da Beira.

Tambem todas as terças feiras se faz no dicto *Campo de Viriato*[2] feira de gado bovino, suino, etc.

Largos e praças

1.º—*Passeio de D. Fernando,*—outr'ora *Quinta de Maçorim,*—depois *Campo de Maçorim*, feito em uma parte da mencionada quinta.

Denominou-se tambem *Rocio de Santo Antonio*, depois que junto d'elle, na parte restante da bella quinta de *Maçorim*, se fez o convento de Santo Antonio, de frades capuchos.

É hoje o campo e o passeio publico mais bonito de Viseu, mas pouco espaçoso, pouco alindado e muito irregular.

Tem apenas algumas arvores de grande porte, alguns bancos e um pavilhão onde costuma tocar nos domingos e quintas feiras a banda regimental,—e no dicto campo, se erguem os novos *Paços do concelho.*

[1] D. Duarte governou apenas 5 annos,—de 1433 a 1438;—era filho de D. João I—e nascera em Viseu em 1391, pelo que não só deferiu a petição dos visienses, relativamente á mudança do local e dia da feira, mas na provisão, cujo autographo se perdeu, muito generosamente accrescentou: *E por attentarmos a ser nuquella cidade o nosso nascimento, a concedemos tres dias franca.* Bom serviço prestou á sua terra natal!...

[2] Assim se denomina hoje o antigo *Campo da Ribeira*, depois *Campo da Feira.*

Visèu, sendo capital de provincia e uma cidade tão importante e de tantos recursos (desculpem os visienses a franqueza) não tem um jardim publico, nem uma alameda, nem um *boulevard*, avenida ou parque de recreio!

N'este ponto envergonham-na Lamego, a 2.ª cidade d'esta provincia, e outras muitas das nossas cidades de 2.ª ordem, taes são Evora, Vianna, Guimarães, Setubal, Portalegre, Elvas e Beja. Envergonham-na até algumas das nossas *villas*, taes como Cintra, Barcellos, Villa Viçosa, Villa Real de Traz-os-Montes, Valença do Minho—e as praias da Foz do Douro e da Granja.

Viseu tem e teve sempre muitos filhos benemeritos, mas nunca teve um que se dedicasse aos melhoramentos e embellesamentos da cidade como, por exemplo, o sr. visconde de Guedes Teixeira se dedicou aos melhoramentos e embellesamentos de Lamego—e o sr. José Guilherme Pacheco aos melhoramentos e embellesamentos da villa de Paredes, sua patria adoptiva.

Appellamos *francamente* para quem visse e conhecesse as cidades de Viseu e Lamego e a villa de Paredes ha 20 annos—e as veja na actualidade.

Viseu—com pequena differença—conserva-se no *statu quo*;—pelo contrario Lamego e Paredes mudaram de *fond en comble!*

Tem Viseu apenas melhorado em edificios publicos e particulares, e em poucas ruas e estradas a macadam que a atravessam.

Com vista aos ill.mos e ex.mos srs. governador civil, conselheiros do districto, administrador do concelho e vereadores de Viseu—bem como a todos os benemeritos visienses.

2.º—*Campo da Feira* ou de *Viriato.*

É o campo já descripto supra.

3.º—*Largo de Alves Martins.*

É bastante espaçoso, em forma de um quadrilongo e o mais regular de todos, mas está completamente nú!...

Sobre elle se erguia outr'ora á direita e logo á entrada, indo da rua da Regueira, a

capella de Santa Christina, pelo que se denominou *Largo de Santa Christina*;—tambem se denominou *Largo do Carmo*, depois que se fez junto da dicta capella a esplendida egreja de Nossa Senhora do Carmo. Denominou-se finalmente *Largo dos Nerys* ou dos *Congregados* e *Terreiro do Seminario*, depois que no topo e ao cimo d'elle se fez o convento dos Padres do Oratorio, congregados de S. Filippe Nery, hoje seminario diocesano desde 1824.

Veja-se no nosso *Catalogo dos bispos visienses* o topico do bispo Lobo.

N'este campo, junto da egreja de Nossa Senhora do Carmo, se vê um chafariz muito antigo, onde se bebe a melhor agua de Viseu.

É a *Fonte de Santa Cristina*, de que já fizemos menção entre os edificios publicos brasonados, sob o n.º 15.

4.º—*Largo de S. Miguel*, na frente da antiquissima egreja de S. Miguel do Fetal, de que adiante fallaremos.

N'este campo e junto da dicta egreja está a *Eschola do Conde de Ferreira*, assim denominada por ser uma das muitas casas de eschola que em Portugal se fizeram com o subsidio deixado por aquelle benemerito capitalista portuense. [1]

No dicto campo se costuma vender carvão de urze de Arganil e da serra de S. Macario.

5.º—*Largo das Freiras*, em frente do convento das religiosas benedictinas.

Por este largo se entra para o theatro—*Boa União*, hoje o primeiro de Viseu—e tem o dicto largo a O. um grande arco de pedra, denominado *Arco das Freiras*, porque sobre elle assenta uma parte do convento,—e *Arco dos Cavalleiros*, porque dava entrada para a rua dos Cavalleiros, hoje rua *Direita*, que se prolongava e prolonga até o arco da casa dos Albuquerques ou da *Porta dos Cavalleiros*, uma das velhas portas da cidade.

6.º—*Adro da Sé* na frente da cathedral, erguendo-se do lado opposto a egreja da Misericordia—e do lado sul, á direita de quem entra, uma torre do tempo dos romanos, que serviu d'Aljube ou prisão ecclesiastica, hoje cadeia civil.

É um largo bastante espaçoso, mas desabrido, irregular e nú, sem bancos nem arvoredo.

A um lado d'elle se ergue o cruseiro de que já fizemos menção no topico *Edificios publicos brasonados*, sob o n.º 11.º—e n'este largo se vende todas as terças feiras louça vidrada, sal e ferragem.

Demora no ponto culminante de Viseu outr'ora escabroso e muito defensavel, pelo que os romanos em volta d'elle fizeram grandes torres e muralhas e uma boa praça de guerra para os tempos d'armas brancas.

Veja-se o topico relativo á cathedral.

7.º—*Praça da Senhora dos Remedios*,—ou *Praça da Erva*, porque n'este largo se vende a erva.

Demora no cimo d'esta praça o palacete do fallecido conde de Santa Eulalia.

8.º—*Largo do Collegio*.

Demora este largo junto ao grande edificio do Collegio, antigo Seminario e paço Episcopal, para o lado N. Não é nivelado, antes muito accidentado e escabroso e com lages naturaes e penedos á vista!...

N'este largo se vende em todos os dias de feira louça de barro preta e vermelha, tijolo, telha, vazos e cortiços para flores.

9.º—*Praça de Luiz de Camões*, desde as festas do tricentenario do grande epico, e antigamente *Praça do Commercio* ou *Praça Velha*.

Demora no alto da antiga rua da Cadeia, hoje rua de D. Duarte, e contigua á cadeia civil, uma das velhas torres romanas.

É uma praça muito irregular e pequena, mas toda revestida de casas com estabelecimentos commerciaes desde tempos muito remotos, pois foi o coração de Viseu. D'ali e da proxima fortalesa, hoje cathedral, irradiou a população para todos os quadrantes até ás campinas da baixa, onde se vê hoje a parte melhor de Viseu.

Na dicta praça vende-se nas terças feiras linho, calçado de toda a ordem e miudesas ou artigos proprios de tendeiros ambulantes.

---

[1] V. *Campanhan*, tomo 2.º pag. 59, col. 1.ª

Ao cimo d'esta praça, junto do Chão do *Mestre*, estavam os antigos paços do concelho incendiados no seculo XVIII.

10.º—*Praça 2 de maio*,—vulgarmente *Praça Nova*.

É um esplendido mercado coberto, muito elegante e vistoso, a praça mais regular de Viseu. Tem no meio 4 espaçosos alpendres com coberturas de zinco e columnas de ferro; sobre a rua Formosa uma bella fronteria gradeada de ferro, com um elegante portico tambem de ferro no centro—e nos seus 4 angulos 4 torreões com portas e janellas de ogiva,—torreões que a camara municipal arrenda, bem como os alpendres interiores.

Vende-se n'esta praça hortaliça, queijo, aves, fructa, pão, batatas, etc., etc.

É tão espaçosa esta praça que rarissimas vezes se enche.

Principiaram as obras no quintal do bacharel Heitor de Lemos e Sousa, junto do *Gremio Visiense*, no dia 21 d'agosto de 1877, e deu-se-lhe a denominação *Dois de maio*, dia memoravel para Viseu, porque no dia 2 de maio de 1834 entrou em Viseu o duque da Terceira com as tropas liberaes do seu commando, estabelecendo o governo constitucional de S. M. a rainha D. Maria II.

Inaugurou-se a dicta praça no dia 2 de maio de 1879, mas só no domingo 28 de setembro seguinte n'ella se fez o primeiro mercado.

Tem esta praça um contra:—ser bastante humida, por estar no sopé de uma grande barreira.

Templos actuaes

1.º—*A Sé*.

Veja-se o titulo *Cathedral de Viseu*.

2.º—*Egreja de Nossa Senhora do Carmo*.

Veja-se o titulo *Ordens terceiras*.

Tem 5 altares, 2 torres e uma bella fronteria de granito.

3.º—*Egreja do Seminario*.

Tem grande pé direito, bella fronteria, 7 altares, côro para os seminaristas, abobada de tijolo, etc.

V. *Conventos* e *Seminario*.

4.º—*Egreja de S. Francisco*.

Tem 7 altares, boa fronteria e bom atrio, etc. V. *Ordens terceiras*.

5.º—*Egreja da Misericordia*. V. *Misericordia*.

6.º—*Egreja do convento de Jesus*, de freiras benedictinas, com 3 altares e boas decorações de talha antiga.

Veja-se o titulo *Conventos*.

7.º—A historica e antiquissima egreja de *S. Miguel do Fetal*.

D'ella fallaremos, bem como do lendario tumulo de D. Rodrigo, no fim d'este topico.

8.º—A egreja da *Via Sacra*—ou de S. Francisco das Chagas.

Demora no alto da Via Sacra.

Vide adiante o topico d'este nome.

Demanda restauração e n'ella se acha erecta a irmandade de *Santa Cruz* e *Passos*.

9.º—Capella de *Santa Martha*, no Paço de Fontello.

Tem 3 altares. O altar-mór é o de Santa Martha e de traz d'este, que fica separado da capella-mór, está por cima uma formosa tela de *Grão Vasco*, representando *Jesus Christo em casa de Martha*, que me parece ser a melhor da capella, posto que tem muitas e algumas de merecimento.

Havemos de indical-as todas, quando fallarmos do celebre pintor *Grão Vasco*.

O altar collateral do lado da epistola, é dos dois S. Joões: o Evangelista e o Baptista mostrando o *Agnus Dei*.

O do lado do evangelho é dedicado a S. Pedro e S. Paulo.

O actual prelado tem restaurado e aperfeiçoado muito esta capella, bem como o Paço de Fontello que estavam muito descurados. N'este tem feito importantes obras e melhoramentos, e agora anda construindo uma bella varanda a S. para tornar tambem por aquelle lado mais commoda a communicação com a capella.

10.º—Capella de *S. Sebastião*, na rua do Soar de Baixo, ou do Principe Real.

Tem 3 altares e não é muito antiga, mas ignora-se quando e por quem foi fundada. Tambem não ha muito que a devoção de mordomos a tinha bem reparada e festejava

todos os annos o martyr, mas depois essa devoção esfriou; as festas cessaram—e na pobre capella apenas se dizia alguma missa resada.

Pelos annos de 1820 foi dourada a tribuna e pouco depois se fez o côro e a escada exterior para elle.

Consta que houve uma irmandade de S. Sebastião n'esta capella, mas foi extincta por falta de zelo e de meios.

É publica.

Em 1886, por occasião de estar Viseu ameaçado da invasão do cholera, certos devotos do Martyr principiaram a colher donativos para restaurar a irmandade e a capella, o que conseguiram reformando a capella e os estatutos; admittiram muitos fieis; fizeram no anno de 1887 uma brilhante festividade a grande instrumental, sermão e procissão —e promettem continuar.

11.º—Capella de *Nossa Senhora da Conceição.*

Demora na Ribeira e tem irmandade propria, instituida em 1662 na antiquissima capella de S. *Luiz*, hoje profanada e em ruinas, junto da de *Nossa Senhora da Conceição*, que foi feita por ser a de S Luiz muito pequena e estar muito arruinada com o peso dos seculos, pois datava do tempo d'el rei D. Duarte, segundo se suppõe.

É publica e n'ella se venera a imagem de S. Matheus, que estava na capella de S. Luiz, onde foi collocada por occasião da mudança da feira.

12.º—Capella de *Nossa Senhora dos Remedios*, no largo d'este nome.

Como diz uma inscripção que ainda hoje tem na fronteria, foi fundada *pelo povo* em 1742 e por consequencia era *publica*, mas, caindo em grande abandono com o decorrer do tempo, lançaram mão d'ella os donos da casa de Santa Eulalia, contigua á pobre capellinha.

Até 1824 n'ella costumava resar o terço á noite, com grande concurso de povo, José Paes d'Almeida, pharmaceutico muito religioso;—d'ali costumava tambem sair em procissão a visitar os Passos—e todos os annos o mesmo bemfeitor e protector d'esta capellinha n'ella festejava com missa cantada e sermão a podroeira, o que tudo acabou no mencionado anno com a morte do piedoso pharmaceutico.

13.º—Capella da *Balsa*, particular, da invocação de Nossa Senhora e do Santissimo Coração de Jesus.

Demora na *Balsa*; pertence ao rev.mo sr. Padre Antonio Ferreira d'Almeida, secretario da camara ecclesiastica;—é moderna e muito elegante—e tem Santissimo permanente.

Foi fundada em 1884 e inaugurada com pomposa festividade em 2 d'abril do mesmo anno. O seu altar é privilegiado *in perpetuum*, com indulgencia plenaria. Tem uma rica imagem da padroeira, imagem feita na Allemanha, e duas formosas telas vindas de Roma—*A morte de S. José* e o *Immaculado Coração de Maria.*

14.º—Capella de *Santo Antonio* em Cimo de Villa.

É tambem particular;—demora no Cimo de Villa—e pertence ao conde de Prime, a cuja casa está pegada.

15.º—Capella de *Nossa Senhora do Pranto.* Demora tambem no Cimo de Villa, na rua de S. Martinho, continuação da rua *Direita*—e foi fundada pelos moradores da dicta rua em 1746, como diz uma inscripção que tem na frente e que é textualmente a seguinte:

HOC PLATEAE CIVES HUJUS POSUERE SACELLUM,
SUMPTIBUS, ALMA, SUIS, SUSCIPE VOTA PARENS.

Em vulgar: «Os cidadãos d'esta rua fizeram esta capellinha á sua custa. Virgem Mãe, acceitae seus votos.»

Era pois a dicta capella evidentemente *publica* e *publica* deve considerar-se ainda, posto que, ha annos, os donos das casas contiguas, hoje pertencentes—a do lado de cima ao commendador Duarte d'Almeida Loureiro e Vasconcellos,—e a do lado de baixo a Nicolau Cabral de Mello e Abreu Magalhães, residente em Papisios, concelho do Carregal,—talvez por haverem feito na pobre capellinha alguns reparos, abriram n'ella

portas de communicação para as dictas casas,—n'ella mandam celebrar missas como em capella sua—e ambos teem chave para poderem abril-a quando lhes aprouver,—tudo isto com annuencia dos moradores da dicta rua, legitimos donos da capellinha.

Foram extraordinariamente pomposas as festas da inauguração em 1746, como pode ver-se do folheto que Francisco Coelho de Carvalho publicou, descrevendo-as, em 1747.

Intitula-se o dicto folheto:—*Relação breve das festas que se celebraram na cidade de Viseu, feitas em louvor da Virgem Nossa Senhora do Pranto, n'este anno de 1746.* Lisboa, 1747, 4.º de 16 pag.

Veja-se o tomo 2.º do supplemento ao *Diccionario Bibliographico* de Innocencio e a *Memoria* ms. de Francisco Manuel Correia.

16.º—Capella de *S. Caetano*, na quinta de S. Caetano, defronte de Viseu, a 400 metros de distancia, pertencente á viscondessa d'este titulo. É antiga e muito pequena;—foi fundada por um ecclesiastico da familia, a quem os paes ou avós da viscondessa de S. Caetano a compraram—e pertence ao termo da freguezia de Ranhados, uma das annexas da Sé.

Ha em Viseu tambem varios oratorios, onde se diz missa por concessões apostolicas. Não os mencionamos por estarem no interior das casas.

Tambem no topico relativo á cathedral mencionaremos as capellas que ha no interior d'ella e nos claustros.

Templos extinctos

1.º—*A egreja dos frades capuchos do convento de Santo Antonio.*

Era um bom templo, mas, depois que se extinguiram as ordens religiosas e se arvorou o dicto convento em quartel militar, foi profanada a egreja e transformada em casa d'arrecadação pelos vandalos d'este seculo *das luzes?*!...

Veja-se o topico relativo aos conventos.

2.º—*Egreja de S. Martinho*, na rua d'este nome.

Era um templo venerando pela sua antiguidade e tradições.

Já existia em 1585, quando Jeronymo Bravo e sua mulher Isabel d'Almeida instituiram nas suas casas, contiguas á dicta egreja, um hospital ou *gafaria*, intitulado *Hospital das Chagas de Nosso Senhor Jesus Christo.*

Veja se o topico relativo á *Misericordia.*

A dicta egreja tinha pia baptismal e foi matriz de parte das povoações ruraes, que em 1808 se arvoraram em freguezias *annexas*, das quaes se fez já menção.

Até o meado d'este seculo servia de capella ao dicto hospital, mas, depois que os doentes se transferiram para o *Hospital Novo*, ficou a pobre egreja em abandono, cahiu em ruinas e d'ella hoje nada resta, porque foi demolida em 1876.

Tinha galilé ou atrio coberto á entrada—e um pulpito riquissimo, em forma de calix, feito por dois monolitos de marmore da Arrabida, que d'ali mandou expressamente conduzir o bispo D. João de Mello, approximadamente em 1675, para pulpito da Sé, onde esteve até que o rev. cabido, na stulta reforma e transformação que operou na Sé, durante a vacancia de 1720 a 1740, tirou da Sé o dicto pulpito, *ainda hoje talvez o melhor de Viseu*, e collocou-o na obscura e pobre egreja de S. Martinho *extra-muros?*!...[1]

Não terminou porem aqui o fadario do pobre pulpito, pois em 1875 a camara o removeu para a capella do cemiterio municipal, onde se vê hoje com a mesma apparencia e formato que tinha, mas partido e com muitos fragmentos collados, porque o pedreiro encarregado da remoção era tão estupido e foi tão desleixado, que o despedaçou!...

A dicta egreja ou capella de S. Martinho era pouco espaçosa;—tinha um só altar—e

---

[1] Veja-se o topico relativo á *Cathedral*; entretanto diremos que o marmore do pobre pulpito é igual ao do altar-mór e da pia baptismal da Sé e das 2 pias d'agua benta,—e que foi todo mandado vir da Arrabida pelo mesmo bispo, como diz o Padre Sousa, no seu *Catalogo dos Bispos de Viseu*, tomo 3.º fl. 88.

Veja-se tambem adiante no nosso *Catalogo dos bispos visienses* o topico relativo a *D. João de Mello.*

n'ella havia uns quadros pequenos de bastante merecimento, que foram removidos para a sacristia da Sé.

3.°—*Capella de Nossa Senhora da Lapa.*

Esteve no terreiro da Erva, é pequena e está defronte da capella da Senhora dos Remedios.

V. topico anterior n.° 12.

Foi instituida por José Paes d'Almeida, o piedoso pharmaceutico, de quem já fizemos menção no topico relativo á capella de *Nossa Senhora dos Remedios*, da qual foi insigne bemfeitor, bem como d'esta da *Lapa*, que por morte d'elle ficou em abandono,—caiu em ruinas — e hoje está quasi desfeita!...

4.°—*Capella de Nossa Senhora da Victoria*, no rocio de Santo Antonio, hoje Passeio de D. Fernando.

Era uma das mais luxuosas e mais formosas capellas de Viseu.

Foi fundada em 1605 pelo conego Antonio d'Almeida Abreu, que sobre a porta d'ella collocou dois escudos com brasões differentes.

Em 1733 foi doada pelo cabido, *sede vacante*, aos irmãos da ordem 3.ª de S. Francisco.

Tem uma frente elegante e n'ella a inscripção seguinte:

ESTA CAPELLA DA SENHORA
DA VICTORIA MANDOU FA-
ZER E DOTOU POR SUA DE-
VOÇÃO O CONEGO ANTONIO
D'ALMEIDA AVREU
1605

Para evitarmos repetições, vejá-se o n.° 6.° do topico relativo aos *edificios publicos brasonados*.

5.°—*Capella de S. Domingos.*

Era antiquissima e foi profanada ha annos, tendo sido restaurada anteriormente varias vezes. Em 1724 foi reconstruida *a fundamentis* e n'ella se collocaram por essa occasião as armas que ainda hoje tem no cunhal do frontispicio, lado E.

No mesmo frontispicio se vê a inscripção seguinte:

ESTA CAPELLA DO PATRIARCHA
S. DOMINGOS HE DE JOÃO
D'ALMEIDA E MELLO, POR
TER SIDO DE SEU AVÔ MON-
TEIRO MOR ALVARO DE CARVALHO
VASCONCELLOS SNR. DA QUINTA
DE SANTO ESTEVÃO,
QUE A RESTAUROU

Este João d'Almeida e Mello, senhor da quinta de Santo Estevão, tambem a renovou, e extincta a sua familia, foi vendida com a casa fronteira ao dr. Francisco Barroso, cujos herdeiros a possuem, mas já profanada. O seu bello retabulo de talha dourada foi dado ao rev. cura da Sé, João Nunes, da freguezia Oriental de Viseu, que o aproveitou e mandou dourar de novo, para o altar de Santa Rita do claustro da Sé, que foi queimado e estava abandonado. Este zeloso ecclesiastico restaurou-o de novo á sua custa e com donativos de alguns devotos, n'este anno de 1887, addiccionando-lhe duas bellas imagens dos Sagrados Corações de Jesus e Maria, sendo feita a inauguração d'este altar com uma pomposa festividade no mez de julho do corrente anno de 1887.

V. sobre a capella de S. Domingos o topico *Edificios publicos brasonados* supra n.° 7, e o topico *Edificios brasonados particulares*, n.° 11.

6.°—*Capella de Santa Christina*—e depois tambem — *Capella de Santo Amaro*, — no Campo de Santa Christina, que tomou d'ella o nome (hoje Largo de Alves Martins)—junto da egreja de Nossa Senhora do Carmo.

Sumiu-se na noute dos tempos a memoria da fundação d'esta antiquissima capella de Santa Christina, que depois tambem se denominou capella de Santo Amaro, por se festejar ali tambem com grande pompa este santo.

D'ella se utilisaram primeiramente os irmãos 3.°ˢ de S. Francisco, desde 1729 até 1733,—e depois os 3.°ˢ de Nossa Senhora do Carmo, por doação do cabido, desde 1733 até 1738, data em que já estaria profanada e se transferiram as imagens para a egreja do Carmo, ficando a capella servindo de casa

de arrecadação dos objectos pertencentes á dicta ordem.

Tinha a capella na sua frente uma galilé, ou atrio coberto, e no chão d'elle se encontrou enterrado em 1818 um tumulo ou caixão de pedra que exhalava um cheiro semelhante ao do gaz hydrogenio sulphurisado. O caixão era de pedra inteiriça; dentro d'elle apenas se encontrou uma materia esbranquiçada,—*adipoeira*,— semelhando um mixto de gordura e cera,—e no dicto caixão se lia o epitaphio seguinte:

MAELO BO
VTI. F. TAP.
ANNO. LX. H.
S. E. S. T. T. LEVIS.
FILI. F. C.

Traducção de Berardo;—«Mello Tapsio, filho de Boucio, tendo sessenta annos, foi aqui sepultado. A terra lhe seja leve.

O filho lhe mandou fazer esta sepultura.»

—

Esta capella estava em um olival confinante pelo sul com uma quinta em parte foreira ao cabido, e que foi de Custodio José da Silveira, da familia dos antigos *manposteiros* da rua Direita. Pertence hoje a dicta quinta ao visconde do Serrado.

O mesmo olival deu antigamente o nome á rua proxima—e n'elle se edificou tambem a egreja e casa da ordem 3.ª de Nossa Senhora do Carmo, que hoje pelo nascente confinam com o mencionado Largo d'Alves Martins—e pelo poente confinavam com a estrada que vem do bairro de S. Martinho para o dicto largo.

7.º—*Capella de Santa Christina*,—outra. Demorava no cimo da rua da Regueira; pertencia, bem como a casa contigua, do lado do nascente, aos Nerys ou congregados, e fez parte integrante da cerca d'elles (hoje cerca do seminario) até 1868, data em que se abriu a nova estrada a macadam de Viseu a Mangualde, passando por ali e separando da quinta a dicta capella e casa. Foi então demolida a capella, ficando só a casa, que vem a ser a ultima ao cimo da rua da Regueira.

Na dicta capella e casa viveram os primeiros congregados de Viseu 70 annos,—de 1689 até 1759, data em que se transferiram para o seu convento, hoje Seminario.

Veja-se o topico relativo aos *Conventos* e ao *Seminario*.

A extincta capella tinha de comprimento 55 palmos,—20 de largura—e depois de 1814 n'ella funccionou algum tempo a escola regimental de infanteria n.º 11.

8.º—*Capella de S. Lazaro*, na rua d'este nome.

Ignora-se quando e por quem foi fundada, mas de uma doação feita por Domingos Martins á casa dos *gafos*, em 19 d'abril de 1296,[1] vê-se que já então existia esta capellinha, parte integrante da *gafaria* de Viseu e que, segundo o costume, devia estar fóra da cidade e distante d'ella.

Nos principios da monarchia abundavam em Portugal os *leprosos* ou *gafos*, pelo que em muitas povoações—e sempre a distancia d'ellas, se fundaram *gafarias* ou *lazaretos*, pequenos hospitaes destinados para aquelles infelizes, mas com o tempo, com a mudança da alimentação e do vestuario, principalmente com a substituição das roupas de lã pelas de linho e com o uso do assucar, desappareceu aquella medonha e asquerosa enfermidade e com ella desappareceram tambem as *gafarias*. São hoje felizmente raros entre nós os individuos affectados de lepra, comtudo ainda no Porto se veem alguns no *Recolhimento dos Lazaros*, e em Coimbra no *Hospital dos Lazaros* tambem.

—

Alem d'aquella doação, recebeu outras este hospital de Viseu e tinha diversos prasos e algumas rendas ainda nos principios d'este seculo, mas, como já restasse apenas a capellinha, prestes a desabar com o peso dos annos, por provisão de 18 de maio de 1813 foi a camara auctorisada para emprasar, co-

[1] N B.—Referimo-nos *sempre* ao anno do nascimento de Christo, quando nas datas não fazemos expressa menção de *era*, ou *era de Cesar*, que adianta mais 38 annos, como todo o mundo sabe.

mo emprasou, aquelle terreno, ao negociante Antonio da Silva, pelo fôro de 400 réis annuaes. Este emphiteuta a demoliu e no chão d'ella fez uma casa, unida a outra que já ali tinha ao sul da capella.

De uma provisão de D. João III, com data de 29 de novembro de 1526 parece deprehender-se que em Viseu não havia hospital de lazaros, mas a doação de 1296 prova evidentemente o contrario.

Ainda no archivo da camara existe o tombo d'aquelles prazos, feito em 1564, mas o seu rendimento tem sido muito cerceado e hoje está reduzido a pouco mais de zero!...

D. João III mandou entregar aquellas rendas á Misericordia, mas a camara ainda hoje as administra e com ellas paga a um capellão e certas *mercieiras* ou beatas que assistem ás missas e resam pela alma de quem lhes deixou as esmolas.

V. *Hospitaes.*

9.º—*Capella de S. Luiz rei de França.*

Demorava na *Ribeira,* junto da capella actual de Nossa Senhora da Conceição, lado E.;—tinha a porta em fórma de arco—e era antiquissima! D'ella hoje apenas restam as paredes.

Veja-se o topico relativo á capella de *Nossa Senhora da Conceição.*

Quando no tempo d'el-rei D. Duarte a grande feira se mudou da *Cava de Viriato* para este campo da *Ribeira* ou da *Feira*—e do dia de *S. Jorge,* 23 d'abril, para o de S. Matheus, 21 de setembro, collocou-se a imagem de S. Matheus na pobre capella de S. *Luiz,* da qual passou com a do seu orago para a de Nossa Senhora da Conceição, onde se vê hoje ainda.

10.º—*Capella de S. Jorge* na Cava de Viriato.

Foi uma das capellas mais antigas de Viseu; ignora-se quando e por quem foi fundada, mas com certesa já existia no seculo XV, pois o infante D. Henrique[1] (o de *Sagres,* filho d'el-rei D. João I) sendo duque de Viseu, dotou a dicta capella de S. Jorge, para que todos os sabbados n'ella se celebrasse uma missa cantada e para que o cabido a visitasse em procissão no dia da festa do orago.

Foi S. Jorge um valente militar e um dos martyres da fé no tempo do imperador Diocleciano, nos principios da 10.ª perseguição geral da egreja,—perseguição que teve o seu começo no anno 300 de Christo.

Morreu como um heroe;—como tal o veneram christãos e mahometanos;—muitas nações o tomaram por defensor e patrono, taes foram a Inglaterra e a França, Portugal e a Hespanha,—e como guerreiro e defensor o invocavam outr'ora nas batalhas e hasteavam o seu pendão nas fortalezas. Foi sem duvida este o motivo porque lhe erigiram uma capella dentro dos muros da *Cava,* talvez quando os visienses ali se acolheram em 1065, depois da morte de D. Fernando Magno, rei de Leão e Castella, abandonando a cidade, por não poderem defendel-a das investidas dos mouros e passando a viver, como viveram muitos annos, na dicta *Cava,* ainda então toda circuitada de muros (grandes marachões de terra) com 4 portas e muito defensavel para o tempo d'armas brancas. Apezar d'isto, não havendo documento que prove tanta antiguidade da capella de S. Jorge, parece provavel, que ella fosse fundada pela dynastia joanina dos nossos reis; porque consta de escriptores graves, que o culto de S. Jorge em Portugal e o ser invocado pelos portuguezes como protector nas batalhas, pelo que depois o introduziram até nas procissões do Corpo de Deus, data da vinda da rainha ingleza D. Philipa de Lencastre, mulher de D. João I. Trouxe ella comsigo muitos inglezes, que cá se estabeleceram; introduziram-se por essa epoca muitos habitos, usos e até palavras e appellidos inglezes, como por exemplo *Lencastre Falcão* e outros muitos, e d'ahi veiu o nome d'el-rei D. Duarte, filho d'esta rainha, o qual não se usava entre nós e muito menos na familia real. E como D. João I e sua mulher estiveram algum tempo em Viseu, pois lá viu a luz o seu filho primogenito D. Duarte, é provavel que a fundação da capella de *S. Jorge* seja d'esta data ou do tempo do infante D. Henrique, 1.º du-

[1] Falleceu em 1460.

que de Viseu, e que em Viseu morou e residiu por differentes vezes.

O documento atraz citado do infante D. Henrique em nada contradiz esta opinião. Demais, nos primeiros seculos da monarchia invocavam S. Thiago, o patrono das Hespanhas, nas batalhas, e nunca S. Jorge, o que parece confirmar tambem esta opinião, mas oppõe-se-lhe o que dizemos no fim d'este topico e o que já dissemos supra, fallando da *grande feira!...*

—

Com o tempo arruinou-se a capella e passaram os seus encargos para a cathedral, mas já em 1618 se não cumpriam, como consta do *Livro das missas do cabido*, reformado n'aquelle anno.

Ficou pois em completo abandono a dicta capella, já com a falta de cumprimento d'aquelle legado, já com a remoção da *feira franca*, ou de S. Jorge, para o campo exterior, contiguo á *Cava*, onde se fizera sempre,—já com a mudança da dicta feira do dia da festa de S. Jorge, 23 d'abril, pelo que tambem se denominava *Feira de S. Jorge*, para o dia 21 de setembro, dia do apostolo S. Matheus, pelo que a grande feira passou a denominar-se e ainda hoje se denomina *Feira de S. Matheus*. Com esta mudança a pobre capellinha soffreu muito, pois quando a grande feira se fazia em volta d'ella, a principiar no dia da festividade de S. Jorge, era visitada por milhares de feirantes e d'elles recebia *muitas esmolas*!

Se a feira lucrou com a mudança, a capellinha perdeu;—ficou em abandono—e d'ella hoje apenas resta a memoria.

Prevaleceu a feira e desappareceu a capella que havia dado a origem e o primitivo nome á dicta feira, como dissemos no logar citado. *Vide*. Ora, datando a dicta feira de 1188, como alguem diz, e sendo creada, como suppomos, em attenção á grande concorrencia de povo por occasião da festa e romaria de S. Jorge, orago da capellinha, segue-se que era anterior a 1188 e que hoje contaria pelo menos 699 annos!...

Veja-se o topico *Feiras e mercados* supra.

Via Sacra

É muito antiga e demora em sitio alegre e vistoso, sobranceiro a Viseu, lado oriental, *extra muros*, a egreja da *Via Sacra* ou de *S. Francisco das Chagas*; ignora-se porem a data da fundação d'este templo que, pela sua architectura, mostra não ser anterior ao seculo XV, segundo se lê nas *Memorias* de Berardo.

Pertence á irmandade ou confraria de S. Francisco das Chagas, *extra-muros*, que perdeu os seus antigos estatutos e presentemente se rege por um compromisso approvado em 1780.

Deu-se a esta egreja ou capella o titulo de *Via Sacra*, porque desde tempos muito remotos costumavam os irmãos da ordem 3.ª de S. Francisco ir da sua egreja até aquella todos os annos, nas sextas feiras da quaresma, visitar ou percorrer a *Via Sacra*, sempre com grande concurso de povo, principiando este devoto exercicio na egreja dos irmãos 3.os, sita no Largo de Santo Antonio, e terminando na dicta egreja da *Via Sacra* ou de S. Francisco, *extra-muros*, para o que levantaram ao longo do caminho uma serie de grandes cruzes de pedra, desde um até o outro templo.

A dicta irmandade de S. Francisco das Chagas tem muitas indulgencias e no dia 10 de março um jubileu para os irmãos, sempre muito concorrido.

S. Miguel do Fetal
e o Tumulo de D. Rodrigo

Demora este templo ao sul e *extra-muros* de Viseu, no largo de S. Miguel, de que já fizemos menção, e dista das ultimas casas da cidade ou da rua de S. Miguel 100 metros; cerca de 400 metros para o sul da Sé; 500 do Paço episcopal de Fontello para O. S. O.; —500 da margem esquerda do Pavia para sul,—e 200 da nova estrada real a macadam n.º 43, de Viseu a Mangualde, para o norte—tudo isto approximadamente [1].

[1] Desculpem-nos estas minudencias, po

Ignora-se quando e por quem foi fundada esta egreja, mas todos concordam em que data de tempos muito remotos e que—pelo menos temporariamente—foi Sé de Viseu e residencia dos seus prelados e conegos *antes da fundação da nossa monarchia*; [1] era porem um templo muito humilde e mais pequeno do que o actual, quando o bispo D. Jeronymo Soares, pelos annos de 1719 determinou restaural-a e deu principio ás obras, mas, fallecendo em 18 de janeiro de 1720, depois o cabido na vacancia immediata proseguiu com as obras á custa das rendas da mitra, concluindo a restauração em 1735.

—

Interiormente tem 3 altares;—a velha pia baptismal do tempo em que foi Sé e parochia;—o pretenso tumulo de *D. Rodrigo* na capella mor, do *lado da epistola* [2]—e exteriormente na sua fronteria as elegantes inscripções seguintes:

Ao nascente:

HAC MICHAEL PRINCEPS COELESTIS IN
AEDE PATRONUS,
HUMANUM A PRISCO PROTE-
GIT HOSTE GENUS.

DUX QUIA SUPREMUS COELI QUE
MINISTER HABETUR,
MISSILIS HASTA DECET, PENDULA
LIBRA MANUS.

Ao poente:

QUO POSUIT VETEREM PRIOR URBE
PAROECIA SEDEM
HOC FACTUM EST TEMPLUM, SE-
DE VACANTE NOVUM

ANNOS MILLE SUPRA NUME-
RANTUR SAECULA SEPTEM
LUSTRA QUE, CUM SEDES CONDERE
JUSSIT OPUS.

Em vulgar: «Miguel, principe celeste, orago d'este templo, defende o genero humano do antigo inimigo.

«Porque é tido como general supremo e ministro do ceu, convem-lhe a arremeçadora lança e a mão com a balança pendente.

«Este novo templo foi edificado em sé vaga, [1] onde a primeira parochia de Viseu teve a sua antiga séde.

«Contavam-se sete seculos e sete lustros [2]

---

que se os visienses todos sabem perfeitamente onde demora a antiquissima egreja de *S. Miguel do Fetal*, um dos templos mais notaveis de Viseu pela sua antiguidade e tradições e pela lenda do tumulo de *D. Rodrigo*, poucos, muito poucos dos historiadores que fallam d'ella sabem onde ella demora, e de um momento para o outro pode desapparecer.

Ainda est'anno de 1887 um nosso amigo residente em Lisboa, para satisfazer a um pedido de certo consul estrangeiro, residente em Lisboa tambem, nos perguntou onde demorava a pobre egreja e se ainda lá se conservava o *tumulo de D. Rodrigo*!

N'este mesmo diccionario, que acceitei indo a meio do artigo *Vianna do Castello*, o meu antecessor (Deus lhe perdoe!) disse que a egreja onde se suppõe que demora o tumulo de D. Rodrigo era a do *Feital*, concelho de Trancoso, distante de Viseu *dez leguas*,—aliás 60 kilometros para E. N. E.?!...

V. *Feital*, tomo 3.º, pag. 161,—e *Nazareth*, (Nossa Senhora de) tomo VI, pag. 20, col. 2.ª, *linha 8.ª*

[1] Alguem chega a dizer que foi a *primeira Sé* e a *primeira parochia* da cidade de Viseu, mas nós não concordamos.

Veja-se o topico relativo a cathedral.

[2] Assim o encontramos na interessante *Memoria* de Francisco Manuel Correia, mas Fr. Bernardo de Brito em 1609 e o dr. Manuel Botelho em 1630 disseram que o mencionado tumulo estava do lado do *Evangelho*!... Talvez o mudassem na restauração da egreja, pois hoje (1887) está do lado da epistola, como a nosso pedido pessoalmente verificou o sr. dr. Nicolau Pereira de Mendonça Falcão, nosso principal Cyreneu n'este artigo.

[1] Esta vacancia durou vinte annos, desde a morte de D. Jeronymo Soares em 1720, até á nomeação de D. Julio em 1740.

[2] *Lustro* do latim *lustrum* é o periodo de 5 annos completos, pelo que a data supra corresponde a 1735 e não a 1728 como alguem pretende, contando o lustro como periodo de 4 annos, segundo se lê no *Diccionario Ecclesiastico* de Ximenes Arias, folha 178, v.

sobre mil annos, quando o cabido mandou fazer esta obra.»

—

Data pois de 1735 a *ultima* restauração d'este templo, pois devia ter sido restaurado mais vezes, porque já em 1110 o conde D. Henrique de Borgonha o doou para cathedral com certos passaes, ou terrenos adjacentes, a *D. Theodonio*, então prior e governador d'este bispado de Viseu por nomeação de D. Mauricio, bispo de Coimbra, a quem Paulo II em 1101 encarregára, como a bispo mais proximo, o governo dos bispados de Viseu e de Lamego, ambos então vagos ou sem pastor, por causa da lucta com os mouros, a qual obrigou os prelados de Viseu, de Lamego e outros a refugiarem-se nas Asturias.

Veja-se o topico relativo aos prelados visienses.

É pois anterior a 1110 a pobre ermida de S. Miguel do Fetal, *então* talvez o unico templo de Viseu, por haver sido esta cidade arrasada e destruida pelos mouros repetidas vezes.

Veja-se o topico relativo á cathedral.

Parece averiguado que a pobre ermida foi Sé de Viseu alguns annos e que junto d'ella viveram em communidade o prior D. Theodonio, e talvez outros priores com os conegos visienses, que então poucos seriam, mas tambem parece averiguado, que o mesmo conde D. Henrique e sua mulher a condessa e rainha D. Theresa deram principio á Sé actual no recinto da velha fortaleza romana, junto dos antigos paços dos reis de Oviedo.

—

Suppõe-se que a pobre capella escapou á destruição por ser um templo de pouco vulto e por demorar *extra-muros n'aquelle tempo*, ficando talvez profanada, abandonada e escondida em terreno inculto, no meio de um matagal de *fetos*, d'onde lhe proveiu o nome de *S. Miguel do Fetal*, como se denomina ainda hoje tambem *Senhora do Pedregal* uma imagem da Virgem que se venera no altar-mór da Sé de Viseu e que foi encontrada em um montão de pedras [1],—imagem ainda hoje, como sempre, da maior devoção para o povo de Viseu.

Nos principios do seculo XVII, dedicou o dr. Botelho os seus volumosos *Dialogos moraes e politicos* «Á virgem Maria Senhora nossa da Assumpção, orago da Sé d'ella, Virgem Maria Madre de Deus, minha mãe e Senhora Nossa.»

Em dois sitios ao redor de Viseu, indo para Ranhados e Vil de Moinhos, um ao poente, outro ao sul da Sé, como d'ali por diante esta se encobre, quando ali chega o povo de Viseu e suburbios, volta-se para traz para avistarem por a ultima vez a Sé, dobram o joelho persignando-se, fazem a sua *mezura* e só depois continuam. Dizem que esta *mezura* é á Senhora do Altar-mór, e tanto que aquelles dois sitios conservam desde tempos antiquissimos até hoje o nome de *Mezura*.

Não sabemos se a cidade de Viseu outr'ora comprehendia o chão da egreja do *Fetal*; é porem certo que o dicto chão foi povoado no tempo dos romanos, pois alem do tumulo romano de que já fizemos menção, encontrado a pequena distancia, junto da capella de *Santa Christina* (veja-se este topico) ainda em 1853, demolindo-se um lanço de parede na sacristia de S. Miguel, encontrou-se uma lapide sepulcral romana, servindo de alvenaria, o que nos leva a crer que, se hoje se demolisse toda a capella, se encontrariam outras lapides semelhantes que os pedreiros destruiram e empregaram como alvenaria na reconstrucção de 1735 e talvez nas reconstrucções anteriores, —pedras que muito provavelmente encontraram no dicto chão e que talvez fizessem parte do proprio edificio que foi substituido pela capella em tempos de que não ha memoria.

Na lapide encontrada em 1853 se lia a inscripção seguinte, com algumas lettras ligadas :

[1] Tambem na Sé do Porto se venera ainda hoje uma imagem da Virgem com a invocação de *Nossa Senhora da Silva*, por se encontrar *in illo tempore* escondida entre silvedos no proprio chão da antiga Sé destruida pelos mouros,—chão onde se vê hoje a Sé actual.

D. M. S.
SVNVAE
BOC. CI. F.
AE. XI.
AMO. E NA.
MATRI. PIE
NTISSIMAE
ET ALBIN
IANUS. G
ENER. F. C.

Em vulgar:—*Monumento consagrado aos Manes. A Sunua*[1], *filha de Bocco*[2] *Cina*[3], *de idade de onze annos, mandaram fazer esta sepultura o natural amor de sua mãe piedosissima e o genro Albiniano.*

—

Desde os principios da nossa monarchia a Sé de Viseu passou da egreja de *S. Miguel* para o local onde hoje se vê, mas parece que a pobre capella continuou a ser egreja parochial, d'onde se administravam os sacramentos aos povos do aro de Viseu, como se administravam ainda em 1808, quando se crearam as 5 *annexas*, de que já fizemos menção, pelo que n'ella e na de S. Martinho, mesmo depois da creação das *annexas*, continuaram a ler-se os banhos dos nubentes do aro, não sabemos até quando.

Tambem os frades capuchos, antes de passarem para o convento de Santo Antonio de Maçorim,[1] occuparam 28 annos (de 1613 a 1641) a dicta egreja de S. Miguel e os seus antigos passaes, que tinham casa e (segundo se suppõe) eram as terras ao nascente, «*hoje a casa e quinta* dos *Cardosos de S. Miguel* reformada e que ainda conserva interiormente alguns vestigios de ter servido de communidade religiosa, depois de ter sido *pertença dos passaes* da egreja de S. Miguel do Fetal».

É isto o que se lê na interessante *Memoria ms.* do infatigavel e muito consciencioso investigador Francisco Manuel Correia, pag. 85, mas n'este ponto claudicou, pois segundo diz o padre Leonardo de Sousa no 3.º tomo do seu *Catalogo dos Bispos de Viseu*, tambem *ms.*, fl. 48, v. e 49, os frades capuchos residiram—*não no passal da egreja de S. Miguel*—mas em uma quinta proxima (a tal dos *Cardosos*) que em 1767 era de Manuel de Mesquita Cardoso e que os frades compraram a David Alvares, pedreiro e mestre d'obras, por 300$000 réis;—e em uma das casas *da dicta quinta* (não do passal) erigiram logo capella com a invocação de *Santo Antonio*, na qual disseram a 1.ª missa em uma segunda feira, 20 de junho de 1633.

—

Em 1855 estava em completo abandono, fechada e bastante arruinada a pobre egreja de S. Miguel, já porque desde 1735, data da ultima reconstrucção, poucas obras n'ella se haviam feito, já porque deixou de ser egreja parochial desde 1808, data da creação das *annexas*. Valeu-lhe e salvou-a a benemerita irmandade do *Senhor dos Passos* que, estando erecta desde muitos annos na capella da *Cruz*, no claustro da Sé, condoida da pobre egreja de *S. Miguel*, pediu-a ao prelado,—transferiu-se para ella no dicto anno de 1855—e n'ella se tem conservado até hoje, reparando-a e tractando-a com toda a decencia—e rendendo n'ella culto á veneranda

[1] Tambem se chamava *Sunua* o bispo ariano de Merida, que no anno 588 foi o chefe da conjuração dos hereges contra o rei Recaredo.

V. *Historia de Hespanha* por João de Marianna, parte 1.ª l. 6.º fl 245.

[2] *Bocco* ou *Bocho* era tambem o nome do rei da Mauritania e da Getulia, sogro de Jugartha, rei da Numidia. O mencionado rei Bocco, andando em guerra com os romanos, entregou-lhes o genro no tempo de Silla, 300 annos, A. Ch.—Tambem houve um general *Boco*, enviado em 588 por Gutrando, rei dos francezes, contra os godos da Galia gothica, reinando Recaredo.

[3] *Cina* ou *Cinua* era tambem o nome do consul romano Lucio Cornelio Cinua, sogro de Julio Cesar.

Aquelle Cinua no tempo de Silla (anno 87, A. Ch.) foi deposto do consulado e se retirou de Roma, que depois foi cercar juntamente com Mario.

V. *Diccion. Hist.* de Feller, tomo 3.º pag. 162—e *De Rep. Rom.* fl. 328.

[1] Veja-se o titulo *Conventos.*

imagem do seu padroeiro,—o *Senhor dos Passos.*

O tumulo de D. Rodrigo

Estamos escrevendo estas linhas no dia 9 de setembro de 1887 e commemorando a grande batalha que *em igual mez e dia* do anno 714 (ha 1:173 annos) se feriu nas margens do Guadalete entre D. Rodrigo, ultimo rei dos godos, e Tarik-ben-Zeyad, mussulmano.

Variam nas datas e em outras muitas circumstancias os historiadores arabes e christãos, fallando d'esta batalha; *é porem indubitavel que foi decisiva e que n'ella se fez pedaços o imperio Wisigothico. Os godos ficaram completamente destroçados e D. Rodrigo, segundo parece, morreu no conflicto;*[1] mas, como no campo da batalha nem fóra d'elle jamais se encontrou o cadaver do ultimo rei godo, como succedeu com o nosso mallogrado rei D. Sebastião em seguida á batalha de Alcacer-Kivir, formaram-se diversas lendas. Do rei godo se disse que, vendo a batalha perdida, se acolheu em trajos de pastor ao mosteiro de Cauliana, junto de Merida;—que d'ali, acompanhado por um monge, se internou na Lusitania e vivêra vida penitente alguns annos junto da villa da *Pederneira*, hoje concelho d'Alcobaça, d'onde passou como ermitão para a capella de S. *Miguel do Fetal,* de que no momento nos occupamos, e que ali falleceu e jaz [2].

—

Deu curso a esta lenda o haver-se encontrado na dicta egreja, pelo anno de 900, um tumulo com esta inscripção:

HIC REQUIESCIT RODERICUS ULTIMUS
REX GOTHORUM.

MALIDICTUS FUROR IMPIUS
JULIANI PERTINAX; INDINATIO
EJUS QUIA DURA; VESANUS
FURIA, ANIMOSUS INDIGNA
TIONE, IMPETUOSUS FURORE,
OBLITUS FIDELITATIS, IMMEMOR
RELIGIONIS, CRUDELIS IN SE,
HOMICIDA IN DOMINUM,
HOSTIS IN DOMESTICOS, VASTA-
TOR IN PATRIAM, REUS IN
OMNES, MEMORIA EJUS
IN OMNE ORE AMARES
CET, NOMEN IN AETERNUM
PUTRESCET.

Em vulgar: «Aqui jaz D. Rodrigo, ultimo rei dos godos. Maldicto seja o impio furor de Julião,[1] que tão pertinaz e porfiado foi; maldicta a sua indignação tão dura;[2] louco e cruel o tornou o odio, animoso a indignação e impetuoso o furor; esquecido da fidelidade e da religião, cruel para comsigo mesmo, homicida para com o seu soberano, inimigo para com os seus parentes, destruidor da sua patria e reu para com todos, amarga será na bocca de todos a sua memoria e para sempre apodrecerá e se corromperá o seu nome.»

—

É isto o que se lê nos *Dialogos* do dr. Botelho, mas parece-nos um romance! Em verdade era uma inscripção muito grande para um tumulo tão pequeno, pois o proprio dr. Botelho e todos quantos mencionam o dicto tumulo dizem que era de fabrica humilde, bem como era humilde e pequena a egreja e humilde e pequeno o arco, onde estava mettido o tumulo, na parede da capella-mór, *do lado do evangelho,*[3]—em frente d'outro

---

[1] *Hist. de Portugal* de Alexandre Herculano, tomo 1.º pag. 50.

[2] V. *Nazareth* (Nossa Senhora de) tomo 5.º pag. 17, col. 1.ª;—*Monarchia Lusitana*, parte II, fl. 269 a 275;—os *Dialogos ms.* do dr. Manuel Botelho Ribeiro, fl. 213 a 219, no codice de *Girabolhos*,—e as *Noticias de Viseu* por Berardo, publicadas no *Liberal*, n.º 1 de 6 de maio de 1857.

[1] Refere-se ao conde D. Julião, seu valido, que o atraiçoou e vendeu aos mouros.

[2] Dizem que D. Julião atraiçoara e vendera aos mouros D. Rodrigo, porque este com promessa de casamento seduzira e depois abandonara a formosa *Florinda*, filha do mencionado conde, chamada a *Cava*, nas historias d'esse tempo.

[3] Ou *do nascente*, como dizem o dr. Botelho e Fr. Bernardo de Brito, mas hoje está *do lado da epistola*, que é o lado do poente.

arco e d'outro tumulo semelhante, onde jasia, (segundo se suppõe) um bispo de Viseu, cujo nome se ignora e que, desfigurado em ermitão, para escapar aos mouros, ali viveu algum tempo na companhia do rei da lenda e ali acabou tambem seus dias.

O mesmo Fr. Bernardo de Brito que, sendo aliás um sabio, foi, *mau grado seu e nosso*, tão pouco escrupuloso como historiador, tecendo a lenda de D. Rodrigo e mencionando a tal inscripção *que elle proprio vira*, apenas se atreveu a copiar as *duas primeiras linhas*, accrescentando :

«As proprias palavras me lembra que vi escritas de preto, em hu arco de parede que está sobre a sepultura d'El Rey, posto que o Arcebispo D. Rodrigo, e aquelles que o seguem, ponhão maior leitura, não advertindo que todas as mais palavras que elle acrecenta, são pragas e maldições suas, que roga ao conde D. Julião (como notou attentadamente Ambrosio de Morales, seguindo ao bispo de Salamanca, & outros) & não rezões do mesmo letreiro, como elles as fazem. A Igreja em que a sepultura del Rey está ao presente (1609) he piquena, & de fabrica mui antiga, particularmente a capella mór junto da qual ficão de cada parte sua cella do mesmo comprimento, mas estreitas, e escuras, por não terem mais luz, que a que lhe entra por hua piquena fresta aberta contra o nascente, e em hua das quaes (que fica para o meio dia) se diz que vivia certo ermitão, por cujo concelho el Rei se governava, no discurso de sua penitencia, & ali se mostra hoje (1609) sua sepultura, encostada á parede da capella *da parte da epistola*: Na outra cella que fica contra o Norte passou el Rey sua vida pagando na estreiteza do lugar, as larguezas dos paços, & liberdade da vida passada, em que offendera a seu criador, & na parede da capella que corresponde *á parte do Evangelho* fica um modo de arco, em que se vê a sepultura, em que estiverão os seus ossos, & se visita dos naturaes com devoção, crendo que por seu meio faz o Señor ali algus milagres em pessoas doentes de maleitas, & outras enfermidades semelhãtes.

«Debayxo do mesmo arco, que fiqua respondendo para dentro da cella, *vi* pintado[8] na parede o ermitão, & el Rey com a cobra de duas cabeças, & *ly* as lettras acima referidas (a tal inscripção) tudo já gastado do tempo, com sinaes de muita antiguidade, mas de modo que se podião ver distinctamente.

«O sepulchro é chão de hua sò pedra, em que escasamente pode caber um corpo humano. Ao tempo que *eu o vi*, estava já descoberto, sem ter ali a pedra que lhe servira de cubertura, nẽ os ossos del Rey, que me disserão aver annos que se levarão pera Castella, sem saberem de que modo, nem por cuja ordem, nem eu o pude alcançar, por mais diligencias que fiz com gente antiga d'aquella cidade, que tinha rezão de saber hua cousa de tanta importancia, quando fosse tão certa como algus me affirmarão.»

Monarchia Lusit. parte II, fl. 275.

—

O dr. Botelho nos seus *Dialogos*, escriptos pelos annos de 1630, não tem duvida em acreditar que D. Rodrigo jazeu na mencionada egreja, mas diz que ella não escapou á destruição mussulmana e que o tumulo foi encontrado por Carestes, cujo testemunho invoca, dando as proprias palavras d'elle: «Eu Carestes, vassallo d'el-rei D. Affonso de Leão, genro do Cavalleiro de Deos, Rei D. Pelaio, quando o dicto Snr. Rei D. Affonso ganhou Viseu aos Mouros, achei hua sepultura em hum campo, em a qual estavão escritas estas palavras, que agora ouvirás, em lettras gothicas:

AQUI JAZE EL REI DON
RODRIGO, EL POSTRIMERO
DE LOS GODOS, ETC.

«O mais (diz Botelho) são as mesmas maldições do letreiro»—e accrescenta vogar como certo em Viseu *in illo tempore* que o bispo D. Jorge d'Athaide (governou pelos annos 1568 a 1578) mandára occultamente remover para a Sé os restos mortaes de D. Rodrigo, assim como removeu para novas sepulturas os restos mortaes de muitos prelados visienses.

Fecharemos este topico dizendo que o ca-

bido mandando em 1730 a 1735 restaurar a pobre egreja, restaurou tambem o tumulo e, não encontrando a mencionada inscripção ou tendo escrupulo em acceital-a, substituiu-a por esta, que hoje (1887) lá se vê:

HIC JACET, AUT JACUIT POSTREMUS IN ORDINE REGUM GOTTORUM, UT NOBIS NUNTIA FAMA REFERT.

«Aqui jaz ou jazeu o ultimo rei dos godos, segundo diz a tradição.»

Outro tumulo

Em 1868, quando se construia a nova estrada a macadam de Viseu para Mangualde e se abriu o leito d'ella atravez da matta da quinta dos *Cardosos*, de que já fizemos menção, ali, não longe da pobre egreja de S. *Miguel do Fetal*, se encontrou um tumulo de pedra inteiriça, mas só a caixa, envolta nas raizes d'um carvalho e, como os trabalhadores não reconhecessem logo o tumulo, partiram-lhe alguns fragmentos.

Tomou conta do dicto tumulo José Cardoso de Lemos e Meneses, dono da quinta.

A pedra era como *sulphurica* e estranha n'esta provincia,—diz Francisco Manuel na sua Memoria;—revelava muita antiguidade e, posto que o sarcophago já não tinha tampa, nem inscripção, nem dentro coisa alguma, mostrava ter pertencido a pessoa notavel.

É possivel que fosse uma sepultura romana, como a que se encontrou junto da capella de *Santa Christina* (veja-se este topico)—e talvez lhe pertencesse a tampa ou lapide mencionada supra, que em 1853 se achou na parede da egreja do *Fetal*, pois é pequena a distancia de um ao outro ponto.

A cathedral

O bispado de Viseu, como diremos no topico dos seus prelados, segundo a maioria dos auctores data do seculo VI e alguns com o Padre Sousa dizem que data do seculo III, mas ignora-se onde esteve a cathedral até que os mouros foram definitivamente expulsos de Viseu por D. Fernando Magno, rei de Leão e Castella, em 1057, como diz *o nosso primeiro historiador*—Alexandre Herculano—na sua *Hist. de Port.* tomo 1.º pag. 165,—ou em 25 de julho do mesmo anno 1057, como diz Berardo na *Memoria* que offereceu á camara,—ou em 25 de julho de 1058, como diz o mesmo conego Berardo nas suas *Noticias de Viseu*, publicadas no *Liberal*, citando João Pedro Ribeiro e o *Chronicon Lusitano*,[1]—ou no dia 28 de junho de 1038, como dizem o dr. Botelho nos seus *Dialogos*, cap. 20,—a *Monarchia Lusitana*, parte 2.ª fl. 375, v.—o sr. Ignacio de Vilhena Barbosa nas *Cidades e Villas*, tomo 3.º pag. 184—e o sr. J. A. d'Oliveira Mascarenhas no seu diccionario *Portugal e Possessões*, publicado em Viseu em 1883.

Respeitando muito tão abalisados escriptores, não podemos deixar de curvar-nos perante Alexandre Herculano.

São muito escassas e pouco firmes as memorias que nos restam d'aquelle tempo, suppõe-se porem que em 1057, quando el rei D. Fernando Magno tomou Viseu, a sua antiga Sé já não existia ou estava profanada e servindo de mesquita aos mouros;[2]—que D. Fernando a mandou purificar e restituir ao nosso culto,—e que demorava dentro dos muros do antigo castello romano, approximadamente no local onde hoje se vê, como prova uma das doações que o mesmo rei lhe fizera e que foi confirmada pelo conde D. Henrique em 1080.

—

A citada doação é a seguinte:

---

[1] Suppomos que a differença entre a *Memoria* e as *Noticias* de Berardo provem de erro de copia ou de impressão.

[2] N'aquelles tempos calamitosos, quando os mouros tomavam as povoações christãs, por vezes arvoravam em mesquitas os nossos templos e nós, recuperando as povoações tomadas por elles, costumavamos purificar as suas mesquitas e restituil-as ao culto catholico. Foi isto o que se deu com a egreja d'Almacave em Lamego, e com a capella de

In nomine Ste. et individue Trinitatis...[1]

Em vulgar:—«Em nome da SS.ma Trindade, Padre Filho e Espirito Santo. Esta é a carta de testamento que eu o conde D. Henrique juntamente com a minha mulher D Teresa, fazemos á egreja de *Santa Maria* da Sé episcopal de Viseu e aos clerigos n'ella moradores, testamento que el-rei D. Fernando, ha muito fallecido,[2] fez em favor da dicta egreja e é o seguinte:—pela parte de dentro do muro velho o chão da dicta egreja entre o caminho de *S. Miguel* (do Fetal) e a rua da Regueira, a entestar no caminho publico, e isto mesmo lhes confirmamos para salvação da nossa alma, etc., aos 12 d'agosto da *era* de 1118,—*anno* 1080.»

Do exposto se vê que pelos annos de 1057 a 1065 a Sé de Viseu tinha a mesma invocação de *Santa Maria* ou de Nossa Senhora da Assumpção;—que demorava dentro dos velhos muros, a distancia da egreja de S. Miguel do Fetal;—que esta ultima egreja tambem já existia n'aquelle tempo, mas não era a cathedral—e que por consequencia a dicta egreja de S. Miguel não foi como diz a tradição, a *primeira cathedral de Viseu*[3]. É verdade que o mesmo conde D. Henrique deu em 1110, como já dissemos, a dicta egreja de S. Miguel ao prior *D. Theodonio* para Sé visiense e que o dicto prior n'ella viveu com os seus conegos, mas tudo leva a crer que a dicta egreja foi Sé pouco tempo, talvez só durante as obras da Sé *intra-muros*, mesmo porque se suppõe que a Sé actual era então um templo muito humilde, encravado dentro da velha fortalesa e que, por se achar em ruinas, o conde D. Henrique e a rainha D. Thereza o restauraram, mas não o fundaram de novo, como alguem pretende, pois já existia no tempo de D. Fernando Magno.

Não podemos levar mais longe as nossas averiguações com relação aos primordios da Sé de Viseu e ao local que occupou.

—

Ninguem jámais disse que ella estivesse algum tempo na *Cava de Viriato*, onde esteve outr'ora durante seculos a cidade de Viseu em periodos alternados, como dizemos adiante no topico relativo ás *Antiguidades de Viseu* e á dicta *Cava*. Apenas consta que a Sé esteve onde hoje demora e no *Fetal*,—mas no *Fetal* pouco tempo,—só durante o governo do prior *D. Theodonio* e talvez nos primeiros annos do governo do seu successor.

Note se que o prior *D. Theodonio* governou o bispado de Viseu apenas 2 annos—1110 a 1112. Succedeu-lhe o prior *S. Theotonio*,[1] que governou desde 1112 até 1119 e residiu talvez com os seus conegos, pelo menos alguns annos, junto da Sé actual, no antigo paço da fortalesa, onde viveram os reis de Leão, o conde D. Henrique e a rainha D. Tareja, no sitio onde hoje estão os claustros da Sé.

Desde que S. Theotonio em 1112 a 1119 se installou no velho paço real da fortalesa, ali se installou tambem definitivamente a Sé de Viseu até hoje—1887,—ha 768 a 775 annos,—e póde dizer-se desde 1057, ou desde a conquista de Viseu por D. Fernando Magno, ha 830 annos,—mas que transformações, reconstrucções e modificações não tem ella soffrido?

—

Hoje é um bom templo,—uma das melhores e mais notaveis Sés de Portugal,—não das mais amplas, mas das mais ricas em decorações de pedra, talha e pintura, e sobre tudo de um gosto singular na sua formosa architectura interior manoelina—e muito bem situada sobre um espaçoso terreiro onde pompearam a fortalesa romana e os velhos paços reaes e episcopaes no ponto culminante e mais vistoso da cidade de Viseu.

Santa Luzia em Villa Flor de Traz-os-Montes, etc.

V. tomo XI, pag. 733, col. 2.ª

[1] Nos *Dialogos* de Botelho, cap. 21, póde ver-se todo o texto.

[2] D. Fernando Magno falleceu em 1065.

[3] Veja-se o topico supra: *S. Miguel do Fetal.*

[1] Não se confundam estes dois priores, posto que foram contemporaneos e quasi humonymos.

Veja-se adiante o nosso *Catalogo chronologico dos bispos do Viseu.*

Em topicos especiaes adiante fallaremos da fortalesa romana e dos velhos paços episcopaes e reaes; agora fallemos da Sé, aproveitando os *Dialogos* de Botelho, a *Memoria* e as *Noticias* de Berardo—e nomeadamente a *Memoria* ms. de Francisco Manuel Correia, homem bastante illustrado, excellente pessoa e o mais diligente e mais conscencioso investigador das antiguidades de Viseu e da sua cathedral *até hoje*!

Só a planta baixa que elle desenhou e que por fortuna temos, bem como a dicta *Memoria*, sobre a nossa banca de estudo,—planta lindissima e que representa *com a maxima claresa* aquelles 3 edificios,—é um *padrão de gloria* para o seu auctor e revella um trabalho persistente e conscienciosissimo *durante muitos annos!*

Depois de estudar e meditar tudo o que até o seu tempo [1] se havia escripto de mais interessante com relação a Viseu, verificou *tudo* sobre o proprio local, onde por fortuna vivia e, como era um homem sinceramente religioso, estudou particularmente a Sé, os velhos paços reaes e episcopaes e a fortalesa romana, porque os 3 edificios formam uma amalgama, um conjuncto.

—

Gastou annos e annos mirando e remirando toda a Sé e suas dependencias e o grande labyrintho hoje formado por ella, pela fortalesa romana e pelos velhos paços;—elle mirou, remirou, apalpou e mediu todo o chão dos 3 edificios,—a côr e as juntas das pedras,—o cimento, o azulejo e o reboco das paredes;—copiou todas as inscripções e estudou todas as reconstrucções dos 3 edificios desde o pavimento até os eirados e tectos e, depois de um trabalho insano, por assim dizer reconstituiu a velha fortaleza, os velhos paços e a Sé, indicando as transformações porque passaram desde os tempos mais remotos até hoje. Infelizmente não chegou a ver a sua *Memoria* publicada e deixou-a repleta de notas e addições em centos de papeis informes e *soltos* (?!...)—notas e addições que foi colhendo em quanto Deus lhe deu vida e que hoje tornam muito impertinente a publicação. É mesmo impertinente e dificil a leitura d'ella—e mais impertinente e difficil o copial-a, pelo que a dicta *Memoria* ainda está em um exemplar unico, escripto pelo auctor e por consequencia exposta a desapparecer e sumir-se de um momento para o outro, o que seria uma perda irreparavel, immensa, para a historia e chorographia de Viseu e para a nossa litteratura.

Aos bons visienses pedimos pois *muito encarecidamente* que tratem de salvar a dicta *Memoria* publicando-a sem delongas.

Para desejar seria que publicassem tambem os interessantes *Dialogos* do dr. Manuel Botelho Ribeiro, que ainda se conservam *mss.* desde 1630—e as *Noticias* e a *Memoria* do sabio conego José d'Oliveira Berardo, tão interessantes tambem e ainda hoje quasi desconhecidas *mesmo em Viseu*?!...

Prosigamos.

—

Como se vê da engenhosa e muito conscienciosa planta desenhada por F. Manuel, o recinto da fortaleza romana era um quadrado perfeito ou quasi perfeito, defendido por 4 panos de grossa muralha e por 4 torres nos 4 angulos, das quaes hoje apenas ha memoria de duas,—as duas de que ainda lá se vêem os restos, como formando as balisas do lanço de muros do lado S. O.—uma, a antiga *torre de menagem*, no angulo O., servindo de cadeia civil,—outra, a antiga *torre do relogio*, no angulo S. O., servindo hoje para despejos.

D'este lanço de muralhas partiam em angulo recto e parallelos para N. E. outros dois lanços de muros de igual extensão—e fechava a N. E. o recinto outro lanço de muros, parallelo ao 1.°, tendo tambem como aquelle nas duas extremidades ou nos angulos N. e E. outras duas torres, de que não ha memoria, por terem sido muito provavelmente demolidas com o muro, quando d'aquelle lado se fez o velho paço episcopal na extremidade E. do recinto da fortalesa,—paço que depois avançou para N. e se de-

[1] Falleceu em 18 de setembro de 1882.
V. *Francisco Manuel Correia* no topico dos *Visienses illustres*.

nominou *Paço da Sé* ou dos *tres escalões*, ao qual por ultimo na sua extremidade N. se addiccionou o antigo Seminario diocesano, hoje denominado *Collegio*, onde actualmente funccionam o lyceu, o governo civil e outras repartições publicas.

—

Tambem se demoliu antes ou depois e desappareceu ha muito o lanço de muros que fechava a fortalesa romana a N. O.—e o chão do dicto muro com algum espaço exterior e approximadamente com metade do recinto interior da fortalesa formam hoje o adro, sobre o qual se erguem a S. E. a cathedral, a N. O. a casa das sessões e a egreja da Misericordia, em frente da cathedral e olhando para ella,—e a N. E. o grande edificio do *Collegio*, ligado com o *Paço dos tres escalões*.

A Sé prolonga-se de S. E. a N. O. e, como se vê da planta, a principio descrevia um parallelogrammo hirto, como os nossos antigos templos, sem a fòrma da cruz latina. A sua extremidade S. E. foi talvez o proprio muro que a velha fortalesa tinha d'aquelle lado;—depois, quando a Sé tomou a forma da cruz latina, abriu-se no alinhamento do dicto muro o arco cruzeiro e prolongou-se o templo mais para S. E. formando a capella mór ou o topo da cruz—e ainda posteriormente (logo diremos quando) sendo pequena a capella mór, deram-lhe mais fundo, prolongando-se outro tanto para S. E.

Tambem se fizeram a S. O. e N. E. do arco cruzeiro as capellas do Santissimo e do Espirito Santo, que hoje lá se vêem e que formam os braços da cruz latina.

—

Tem a Sé *hoje* 3 naves. No topo da do centro está a capella mór;—no topo da do lado da epistola está a capella de *S. Pedro*, que ficou fóra do alinhamento dos muros da fortaleza, bem como a sacristia da capella do Santissimo, contigua a estas duas capellas e com entrada por ambas,—e no topo da nave do lado do evangelho está a capella de S. João, parallela e em symetria com a de S. Pedro e que ficou tambem fóra do alinhamento da fortaleza.

A Sé estava precisamente no meio da fortalesa, contando de S. O. a N. E., mas posteriormente, com a demolição dos velhos muros e com a construcção dos velhos paços e do *Collegio* d'este lado, os edificios avançaram um pouco mais para N. E. e ultrapassaram o alinhamento dos muros—em quanto que do lado S. O. ainda lá se vê entre as duas torres romanas o alinhamento da primitiva muralha, pois entre ella e a Sé apenas se fez o claustro. A parte baixa d'este foi feita pelo bispo e cardeal D. Miguel da Silva, em 1534, no chão onde estavam os restos do velho *paço real* que D. João III para aquelle fim lhe cedeu e que D. Miguel demoliu, paço onde vivera o prior *S. Theotonio* de 1112 a 1119.

A parte alta do claustro foi feita pelo cabido na grande vacancia de 1720 a 1743, bem como as varandas ou *passeio das ameias* sobre as paredes exteriores do claustro,—passeio que se prolonga pelo cimo dos velhos muros da fortaleza ate á antiga *torre de menagem*, depois *aljube* e hoje *cadeia civil* na extremidade O. do lanço dos velhos muros, que vão para aquella torre, como já dissemos, desde a velha *torre do relogio*, e forma um angulo recto com a parede do claustro, que olha para N. O.

Ainda o claustro

Demora a S. O. da Sè, á direita de quem entra, e fórma um quadrado perfeito, occupando todo o espaço entre a Sé e o alinhamento do mencionado lanço dos muros da fortalesa.

A architectura do claustro é um mixto da ordem *jonica e dorica*,—extravagancia muito commum na maior parte dos nossos edificios, como diz Berardo. [1]

Tambem o mesmo sabio conego diz que o bispo D. João (sic) pelos annos de 1431 deu principio a um claustro a O. da Sé, como consta da seguinte nota ou lembrança, ex-

---

[1] Veja-se o *Album Visiense*, esplendida publicação folio, illustrada, (1884–1886) que a pag. 51 dá em lytographia os claustros da Sé—e a pag. 4 outra lytographia representando a mesma Sé.

trahida por Berardo de um antigo necrologio: *Era de 1379 annos (sic) segunda feira oito dia de Maio dia de S Miguel compessarom de fundar a crasta da see de Viseo e mandou fundar o bispo D. Jhoanne por Jeaom de Lamego que era o mestre da obra.*

Nada mais sabemos de semelhante claustro.

Desde a sua fundação foi cemiterio do cabido até o 2.º quartel d'este seculo, pelo que o seu pavimento estava immundo e cheio de sepulturas em 1875, data em que o governo, a instancias de Luiz de Campos, deputado por Viseu, mandou fazer muitos reparos na Sé, despendendo cerca de tres contos de réis. Foi ladrilhado todo o claustro com bello granito, como hoje se vê,—reparou-se a *casa do thesouro velho e novo*, [1] a sacristia, os coros de baixo e de cima, a sala capitular, o archivo do cabido e o orgão grande, que foi limpo, bem como a celebre *abobada dos nós* que estava gemendo, sobrecarregada com immenso entulho;—reformaram-se as portas e ameias, levantou-se e restaurou-se o telhado e armações, etc.

D. Miguel da Silva, como já dissemos, fez este claustro, mas a parte baixa sómente, sem os altares que hoje lá se vêem e que são os seguintes:

1.º—*Capella do Descendimento da Cruz*, á esquerda de quem entra da Sé para o claustro. Chamada vulgarmente pelo povo *Capella dos santos brancos*, porque as figuras todas d'este altar são de pedra branca de Ançã. Pertence hoje ao commendador e dr. Ladislau Pereira Chaves, de Viseu, e outr'ora pertenceu aos Amorins e Vasconcellos de S. Francisco d'Orgens, representados hoje pelo seu descendente Nicolau de Mendonça, da quinta de S. Salvador, e seus irmãos.

2.º—*Nossa Senhora da Assumpção.*

Pertence aos condes da Lapa.

3.º—*Archanjo S. Miguel.*

4.º—*S. José.*

Pertence á propria cathedral.

5.º—*Senhor da Agonia.*

Este altar foi feito pelo conego Jorge Henriques em 1595, mas, passado algum tempo, foi abandonado pelos herdeiros do fundador e n'elle se installou a irmandade das Almas, que ali faz as suas funcções ha muitos annos, e passaram para a corôa os bens dotaes que esta capella tinha em Cavernães.

6.º—*Santo Antonio.*

Este altar foi feito em 1696 por 4 mordomos, como diz uma inscripção que ainda hoje lá se vê na parede da capella do lado do evangelho: — *Sendo Mordomos Manoel Monteira, Bento da Motta Sant Iago, Francisco Dias, e Diogo Fernandes, fizerão á sua custa esta capella para Confraria de Santo Antonio, no anno de 1696.* Não chegou porem a vogar a dicta confraria e com o tempo a capella, o altar e a propria imagem do thaumaturgo cahiram em completa ruina, mas tudo restaurou á sua custa, em 1875, uma piedosa senhora da nobre casa *Lemos*, de Villa Chã de Sá, e collocou na dicta capella uma nova imagem do padroeiro, imagem que costuma andar pela casa dos mordomos.

7.º—Altar que em outro tempo foi da invocação de Santa Ritta. Ardeu todo ha muitos annos, mas nos nossos dias acaba de ser restaurado pelos esforços do piedoso cura da Occidental, o rev. João Nunes de Almeida. Tem uma nova tribuna dourada e duas bellas imagens novas do SS. Coração de Jesus, e SS. Coração de Maria, das quaes a primeira fica no meio do altar, e a segunda do lado do evangelho. A antiga imagem de Santa Ritta, dourada e encarnada de novo, está do lado da epistola.

Em tempos remotos este altar teve a invocação de *Nossa Senhora da Crasta*, ou do *Crasto*, ou do *Claustro.* [1]

Capella da Cruz

Ha tambem no claustro duas grandes ca-

---

[1] O *thesouro velho* está a E. e junto da grande sacristia;—o *thesouro novo*, edificio pequeno e singello, foi feito pelo cabido em 1720 a 1743 a S. O. da capella mór e encostado a ella.

[1] V. *Villa de Souto*, onde já fizemos referencia a esta capellinha de *Nossa Senhora do Crasto.*

pellas:—a da *Cruz* e a do *Calvario*, dignas de especial menção. Demoram a S. E. do claustro;—são contiguas—e estão no mesmo alinhamento da capella do *Santissimo*, com a differença porem que para esta ultima se entra pelo cruzeiro da Sé—e para as outras duas entra-se pelo claustro.

A da *Cruz* demora na extremidade S. do passeio S. E. do claustro, entre este e a velha *torre romana*, denominada *torre do relogio*.

Tem sobre o claustro um grande portico em arco;—n'elle a data 1567 e uma inscripção—e por baixo d'esta uma cruz esculpida e outra dourada. O bispo D. Gonçalo Pinheiro mandou fazer esta capella para seu jazigo, mas, como fallecesse em 1566, antes de a concluir, foi sepultado na capella mór da Sé.

V. no topico dos bispos o n.º 57.

Funccionou n'esta capella a irmandade do *Senhor dos Passos* muitos annos até 1855, data em que passou, como já dissemos, para a egreja de *S. Miguel do Fetal*. Veja-se este titulo no topico das *Egrejas*.

D. Gonçalo Pinheiro era muito devotado á *Santa Cruz de Christo*, como provam a instituição d'esta capella e a inscripção que fez gravar sobre o portico d'entrada na avenida de Fontello.

Tambem se suppõe que o grande quadro que hoje se vê na *capella do Calvario*, (logo a descreveremos) foi mandado fazer pelo mesmo bispo D. Gonçalo para a *capella da Cruz*, á qual parece alludir, pois representa o *Bom Jesus do Calvario*, e que a irmandade dos Passos para ali o removêra, quando se estabeleceu na *capella da Cruz* e n'ella fez a tribuna com o respectivo camarim para a imagem do Senhor dos Passos. Tambem se suppõe que a *capella do Calvario* n'aquelle tempo ainda não era capella, mas sacristia e casa d'arrumação da irmandade dos Passos e da capella da Cruz.

Capella do Calvario

Ao que já fica dicto d'este templo accrescentaremos o seguinte:

Pela sua architecturá, antiguidade e tradições é a capella mais notavel do claustro e da Sé. Na sua origem, não sabemos para que uso, foi parte integrante e dependencia dos velhos paços reaes, cedidos por D. João III a D. Miguel da Silva, para n'elles fazer, como fez, o claustro, demolindo os, sem tocar no venerando edificio, hoje *capella do Calvario*,—edificio, cuja fundação se ignora, mas que é com certeza anterior á nossa monarchia, pois na casa que sobre elle assenta, hoje *sala capitular*, viveu o prior S. Theotonio em 1112 a 1119, como dizem a tradição e a inscripção que se vê sobre a porta da dicta sala:

HAEC EST DOMUS A DIVO
THEOTONIO, HUJUS SANCTAE
SEDIS PATRONO, HABITATA,
ET AB ILLUSTRISSIMO CAPITULO,
SEDE VACANTE INSTAURATA
ANNO 1721.

«Esta é a casa onde viveu S. Theotonio, padroeiro d'esta Santa Sé, casa que o illustrissimo cabido, *Sede vacante*, restaurou no anno de 1721.»

—

A dicta capella é toda de abobada de granito com ornamentação exotica e figuras indecentes, o que revella ter sido feita não para templo catholico, mas para outro qualquer destino, talvez no tempo da occupação arabe, e, segundo se suppõe, foi jasigo dos primeiros prelados visienses, pois tem nas paredes differentes arcos, em um dos quaes, ao lado do evangelho e detraz do altar, foi sepultado em 1463 o bispo D. João Vicente, ou *bispo azul*, fundador da congregação dos *loyos*, [1]—e n'outro, do lado da epistola, o conego Pedro Gomes d'Abreu, sobrinho do bispo D. João Gomes d'Abreu, o que com-

---

[1] V. no topico dos bispos o n.º 47.

Este tumulo, *ainda hoje o primeiro de Viseu*, é uma obra d'arte notavel, mas infelizmente brilha pouco, por estar em sitio *hoje* muito falto de luz. O mesmo succede ao formoso quadro do *Calvario*, que está n'esta capella e que é geralmente attribuido ao celebre pintor *Grão Vasco*.

prou em praça a casa da Torre na rua da Cadeia, onde nasceu el-rei D. Duarte, na qual poz as suas armas, que são as mesmas que aqui tem o seu tumulo. [1]

Alem d'estas duas arcadas, tinha outra, onde está hoje a porta que dá para o claustro a N. O. — e na parede do lado N. E. teve outro arco, onde hoje se vê um armario que foi arrecadação da irmandade dos Passos, quando esta funccionava na antiga capella da *Cruz*.

Tambem do mesmo lado N. E. teve outras arcadas, de que ainda se vêem claros vestigios detraz da tribuna da capella do *Santissimo*, na parede *hoje* commum ás duas capellas, mas talvez que outr'ora algum dos dictos arcos fosse porta d'entrada ou janella.

—

Note-se que o chão, onde está *hoje* a capella da *Cruz*, foi descoberto até o anno de 1567, data da construcção da dicta capella, como já dissemos, e que sobre o dicto chão a capella do *Calvario* tinha uma janella d'arco de *volta inteira ornamentada*, janella que por essa occasião se tapou e lá se vê tapada ainda. Era igual a outra que tem sobre o eirado, junto da *porta do Sol*, olhando como a dicta porta para S. E.

Foram tambem do mesmo estylo (*arco de volta inteira*) as 4 janellas, *hoje rectangulares*, que estão nas capellas de S. *Pedro* e S. *João Baptista*, aos lados da capella mór—e foram tambem d'arco inteiro as janellas que outr'ora davam luz para o corpo da Sé, pois ainda hoje se vê assim uma, embora tapada, na parede lateral N. E. da Sé, detraz do sitio onde esteve o antigo orgão,—janella que *hoje* está sobre a abobada das escadas que da sacristia vão para o côro alto.

Tem pois a Sé de Viseu janellas de 3 estylos, que marcam 3 datas e 3 grandes reconstrucções.

As mais antigas são as de *arco de volta inteira*, coevas da 1.ª fundação,—da 1.ª abobada—e da antiga fortalesa talvez!...

[1] No *Album Visiense*, esplendida publicação illustrada, póde ver-se a pag. 78 uma lytographia representando a dicta *casa* e as dictas *armas*.

As de *ogiva* são posteriores e coevas da 2.ª abobada,—a abobada actual ou *dos nós*, feita nos principios do seculo XVI, como logo diremos.

As *rectangulares* são as mais modernas e datam da reconstrucção feita pelo cabido na vacancia de 1640 a 1671.

Fecharemos este topico dizendo que na capella de que no momento nos occupamos, se vê no altar, junto da *porta do sol*, o grande quadro do *Bom Jesus do Calvario* que, segundo se suppõe, deu o nome á capella, depois que a irmandade dos *Passos* para ali o removeu da *capella da Cruz*, como já dissemos quando fallámos d'ella.

A abobada dos nós
ou de
D. Diogo Ortiz de Vilhegas
e
as reconstrucções da cathedral

A Sé de Viseu tem obras d'arte notaveis em pintura e architectura. Entre as primeiras avultam os quadros de *Grão Vasco* (logo fallaremos d'elles);—entre as segundas a lindissima e riquissima abobada actual do templo, denominada *abobada dos nós* ou de *D. Diogo Ortiz de Vilhegas*, da qual nos occupamos no momento.

Não sabemos o que seria a Sé, quando D. Fernando Magno tomou Viseu aos mouros em 1057, como já dissemos supra, mas suppomos que desde então demora *intra muros*, no mesmo local hodierno, embora muito modificada e por certo muito ampliada.

Temos noticia de 7 grandes reconstrucções:

1.ª—No tempo do conde D. Henrique—pelos annos de 1100 a 1112.

2.ª—No tempo em que se fez a 1.ª abobada—em 1282 a 1362,—e o antigo claustro—principiado em 1341.

3.ª—No tempo em que se fez a 2.ª abobada, dicta *dos nós*, concluida por D. Diogo Ortiz de Vilhegas em 1513.

4.ª—Quando D. Miguel da Silva fez o claustro hodierno, como já dissemos, em 1534.

5.ª—Quando D. Jorge d'Athaide fez a sacristia actual e o corredor para a capella de *S. João*, em 1573 a 1578.[1]

6.ª—Na vacancia de 1640 a 1671.

7.ª—Na vacancia de 1720 a 1740.

V. o nosso *Catalogo chronologico dos bispos de Viseu.*

—

Temos provas bastantes de todas estas reconstrucções:

Da 1.ª e 2.ª em uma inscripção antiga que se encontra no fundo da torre actual *do relogio* (a da frente da Sé, entrando á direita) da qual inscripção, segundo a leitura de Berardo, consta que em 5 d'abril da era de 1320 (anno 1282) foi principiada a construcção de uma abobada da Sé, dando-se por finda na era de 1400 (anno de 1362) no dia 4 de julho.

Durou pois nada menos de 80 annos a construcção da dicta abobada, o que nos leva a crer que as obras estiveram interrompidas algum tempo, mesmo porque a citada inscripção diz:—*a qual obra querendo-se acabar*...—E, fallando da abobada, não falla das *paredes*, d'onde se infere que estas já existiam em 1282,—talvez desde o tempo do conde D. Henrique e da rainha D. Thereza, geralmente apontados como fundadores, ou antes—*primeiros restauradores* da Sé actual. Francisco Manuel até suppõe que as dictas paredes fossem da antiga fortalesa, d'algum quartel interior talvez.

Tambem não consta qne se fizessem novas paredes quando em .... a 1513 se fez a *abobada dos nós*, o que nos leva a crer que as paredes actuaes da Sé são as mesmas sobre que assentava a 1.ª abobada. Isto mesmo confirmam as 2 janellas antigas de 2 estylos differentes, que ainda hoje se vêem tapadas no alto da parede lateral N. E., do lado exterior, sobre a abobada de tijolo das escadas que da sacristia vão para o côro de cima. Uma das dictas janellas era de arco de *volta inteira* ou do tempo da antiga fundação, como já dissemos quando fallámos da *capella do Calvario*;—a outra era *ogival*, como foram todas as do tempo em que se fez a abobada *dos nós* e que na vacancia de 1640 a 1671 foram estupidamente transformadas pelo cabido em janellas *rectangulares*, quando restaurou e deturpou igualmente a fronteria da Sé.

—

Com relação ao claustro *antigo* e á 3.ª reconstrucção da Sé, veja-se o que dissemos supra no topico do *claustro actual* e o que dizemos adiante no nosso *Catalogo dos bispos visienses*, fallando de D. Miguel da Silva, pois este prelado tambem restaurou o côro alto e o guarneceu com esplendidas cadeiras *muito ornamentadas*, como póde ver-se nos *Dialogos* de Botelho,—cadeiras que já não existem. Suppomos que foram esmagadas quando em 1635 desabou a fronteria da Sé e que o cabido, na barbara restauração de 1640 a 1671, as substituiu pelas cadeiras actuaes, tirando-lhes toda a bellesa, como tirou á fronteria da Sé, substituindo a *gothica florida* pela *dorica e prosaica* fronteria actual.

Tambem o cabido na mesma vacancia de 1640 a 1671, ou na 6.ª restauração indicada supra, accrescentou a capella mór, por ser muito pequena e não ter espaço para o côro;—fez aos lados da capella mór as capellas de *S. João* e de *S. Pedro*, nos vãos até ali occupados por duas sacristias;—fez as tribunas das 3 mencionadas capellas e dos altares da *Senhora do Rosario* e da *Rainha Santa Izabel*;—substituiu as janellas e portas *ogivaes com molduras* por janellas e portas *rectangulares lisas*;—fez tambem as 3 columnas fingidas nas paredes com madeira, estuque e argamassa;—os 2 pulpitos nas columnas;—as cadeiras de pau ordinario no côro de baixo, ou da capella mór,—cadeiras que em 1720 foram removidas para a *capella da Cruz* e substituidas por outras de pau preto;—finalmente fez a casa do *thesouro novo* e collocou novo relogio na torre da fronteria da Sé, a N. E.

A sala do vestuario do cabido, lado S. O., e junto das escadas do côro,—o *passeio das ameias* sobre o claustro e ao longo do muro da fortalesa,—a *sala capitular* e a do archivo,—as cadeiras de pau preto que estão

[1] V. no topico dos bispos o n.º 58.

na capella mór, etc.,—tudo foi feito pelo cabido, segundo se suppõe, na restauração e vacancia de 1720 a 1740.

Agora fallemos da

Abobada dos nós

Com razão se orgulha Viseu de possuir duas obras de pedra monumentaes e *unicas* em todo o nosso paiz:—a abobada actual da Sé—e as escadas do Seminario ou do antigo convento dos *Nerys*, das quaes logo fallaremos.

A abobada é monumental e *unica* em todo o nosso paiz, posto que temos em Portugal templos muito superiores e com abobadas esplendidas, taes são o de *Santa Maria da Batalha* e o dos *Jeronymos de Belem*, mas note-se que a pedra d'estes 2 templos e a de *todos* ao sul do nosso paiz, comprehendendo as duas Sés e a veneranda egreja de *Santa Cruz* de Coimbra, é *calcareo* docil e maleavel—que se presta á goiva e formão e ás ornamentações mais mimosas, em quanto que a de Viseu é *granito*, pedra muito mais dura e aspera e muito mais difficil de trabalhar, ornamentar e polir.

Que o digam os estatuarios e mestres de obras!...

É verdade que temos ao norte do nosso paiz mimosos trabalhos em granito, v. g. no Porto, nomeadamente nas escadas do *Palacio da Bolsa*, tambem *unicas* no seu genero em Portugal,—na fronteria dos *Terceiros do Carmo* e nas estatuas que decoram a fronteria da nova egreja dos *Terceiros Franciscanos*;—em Braga na Sé, nomeadamente no varandim exterior da capella mór e no templo do Bom Jesus do Monte,—e em Lamego no santuario dos Remedios e nas 3 portas da fronteria da Sé, que pode orgulhar-se de ter *um grupo de 3 porticos de granito*, como não se encontra em templo nem edificio algum de Portugal!...

Todas estas obras d'arte são lindissimas e custaram muito dinheiro, mas são muito mais pequenas e custaram muito menos do que a abobada da Sé de Viseu.

—

Temos tambem ao norte do nosso paiz varios templos com soberbas abobadas de granito, v. g. a da Sé da Guarda—as 3 das egrejas de *S. Bento* da Victoria, de *S. João Novo* e dos *Grillos*, hoje do seminario, no Porto,—e a do extincto convento *loyo* de *Villar de Frades*, junto de Barcellos, mas todos estes 4 ultimos templos são de uma só nave lisa, emquanto que a Sé de Viseu tem 3 naves, é mais ampla e a sua abobada muito mais vasta, mais brincada e de mais difficil construcção.

A Sé da Guarda tem 3 naves tambem,—é mais ampla talvez,—*toda* de cantaria de granito—e tem mais merito architectonico do que a Sé de Viseu. Está ainda *toda ameiada* [1];—foi construida por uma planta uniforme—e poucas deturpações tem soffrido até hoje; mas está atravez d'uma barreira e muito mais desvantajosamente situada do que a Sé de Viseu;—as suas decorações são incomparavelmente mais pobres—e a sua abobada é muito mais singella, posto que são muito mais altas e de mais merito artistico as columnas em que assenta.

—

A esplendida abobada da Sé de Viseu denomina-se abobada *de D. Diogo Ortiz de Vilhegas*, porque foi concluida e talvez desenhada e dirigida a sua construcção pelo bispo d'aquelle nome, [2]—e denomina-se tambem *abobada dos nós*, por ser ornamentada com laçaria de cordas e nós.

Já em 1630 o dr. Botelho nos seus *Dialogos* (*Codice de Girabolhos*, pag. 401) fallando d'esta abobada e do seu fundador, disse:

---

[1] A Sé de Viseu brilharia o dobro se estivesse tambem *toda ameiada*, como a egitaniense, ou como a *velha* de Coimbra, ou como a matriz de Villa do Conde, pois demora em sitio alto e desaffrontado com amplas e mimosas vistas para todos os quadrantes.

A da Guarda está em altitude superior, mas enterrada em uma barreira e affrontada por ella e pela cidade.

Os seus eirados das ameias teem vistas muito amplas, mais amplas que a de Viseu, para N. E. e O.—mas *muito agrestes!*

[2] Para evitarmos repetições, veja-se o que d'este prelado dizemos na sua biographia, sob o n.º 52 do nosso catalogo.

—«...vede o cordão de relevo de pedra, que tem pelo meio das naves com os *nós* nelle entalhados e tão perfeitos, que parecem dados com a mão, sendo pedra tão dura e tosca. O côro pela parte inferior he obra tão rara, que em o meio, onde fechão os arcos da abobada, afigura-se que he mais baixa que os estribos donde se sustenta o peso e maquina d'aquelle edificio tão pendente, que parece sobre-ceu de cortinas. Deixo os mais relevos e lavores, com que he obrado, que *nem de cera se fizera melhor friso.*

«*As figuras e folhagens da porta principal, haveis de confessar não tendes visto coisa semelhante. Todo aquelle portal e o mais frontispicio, que está entre as torres, com a curiosa invenção da vidraça, que dá luz ao côro* he obra d'este insigne Prelado...»

A magnifica abobada conserva-se intacta e firme, com toda a bellesa do *estylo ogival do 3.º periodo,* posto que já conta cerca de 400 annos, mas a fronteria correspondente, tão rica, tão ornamentada e tão bem descripta por Botelho, já não existe! Na vacancia de 1640 a 1671, como já dissemos, o cabido (*Deus lhe perdoe!*) a substituiu pela chata e prosaica fronteria actual *dorica*, sem a minima relação de parentesco ou affinidade com a velha fronteria e com a esplendida architectura interior.

O cabido matou e enterrou toda a bellesa e magestade architectonica da Sé,—dispondo aliás de grandes sommas, de meios mais que sufficientes para restaurar a velha e magestosa fronteria, pois durante os 32 annos da vacancia (ella principiou em 1639) as rendas da mitra visiense accumuladas subiram a mais de *cento e cincoenta contos de réis,*[1] que sem exageração correspondiam a mais de *tresentos contos* da nossa moeda actual.

—

A grande abobada, como diz uma inscripção que está n'ella sobre o côro, junto das armas de D. Diogo Ortiz de Vilhegas, foi concluida em 1513 por este prelado, que proseguiu com as obras complementares da Sé e em 23 de julho de 1516, ou passados 3 annos, a sagrou,[1] tendo principiado porem o pontificado d'este bispo em 1507, mal póde crer-se que elle fizesse a grande abobada *toda* n'aquelles 6 annos—nem teria rendas para tal obra, por não ter havido vacancia immediatamente anterior.

Suppomos que as obras principiaram *muito antes do pontificado de D. Ortiz.* Talvez que el-rei D. Manuel, sendo ainda duque de Beja e possuindo desde 1484, por mercê de D. João II, todos os bens que tinham sido do ducado de Viseu, désse principio á grande obra ou o dinheiro para ella, encarregando D. Diogo de a dirigir, antes de o nomear bispo de Viseu, por ser D. Diogo distincto mathematico e *architecto*, muito querido e estimado por D. Manuel e já então seu confessor e bispo de Tanger, *in partibus infidelium*, sem residencia obrigada, achando-se portanto livre para poder acceitar a commissão.

Isto mesmo nos leva a crer o facto de se verem na dicta abobada as armas reaes portuguezas no cume da nave central,—as d'el-rei D. Manuel no cume da nave N. E. em escudo partido a meio, ou em lisonja,—e a esphera armilar, emblema do mesmo rei, no cume da nave S. O.

—

Suppomos até que as dictas obras duraram mais de 20 annos;—que principiaram no reinado de D. João II, fallecido em 1495 e amigo tambem de D. Diogo;—que el-rei D. Manuel, succedendo a D. João II, as continuou—e que o escudo das armas reaes portuguezas no cume da nave central se refere a D. João II, como *iniciador* da grande obra.

Tambem na dicta abobada se vê junto das janellas do côro alto as armas de D. Jorge da Costa, cardeal d'Alpedrinha, antecessor

[1] Pouco depois da dicta vacancia (em 1674) rendia o bispado de Viseu 7:200$000 réis annuaes.

Veja-se o que dizemos do santo bispo *D. João de Mello* no nosso catalogo, n.º 69.

[1] Veja-se o que dizemos de D. Diogo Ortiz de Vilhegas no nosso *Catalogo dos bispos visienses*, n.º 52.

de D. Diogo, e que foi bispo de Viseu—*bem como d'outros muitos bispados*—em 1506 a 1507, o que nos leva a crer que este *riquissimo* prelado tambem contribuiu para a construcção da dicta abobada. [1]

Tambem na capella do Santissimo se vê na abobada as armas do bispo *D. Soludidalio*, porque talvez concorresse igualmente para a dicta obra.

Alguem suppõe que *D. Soludidalio* foi bispo de Viseu pelos annos de 1483 a 1486, posto que d'elle não resta outra memoria alem das dictas armas e d'um *sinete*!...

Veja-se no nosso *Catalogo* o n.º 28, na secção dos *Bispos duvidosos*.

Ainda a Sé
Altares e capellas

1.º—*Altar-mór*.

Tem um bom retabulo de talha dourada, feito pelo cabido na vacancia de 1639 a 1671, *quando ampliou a capella mór*; [2]—por essa occasião collocou o velho retabulo na capella do *Espirito Santo*—e poz tambem retabulos nas capellas de *S. João Baptista*, *S. Pedro* e *S. Sebastião* (hoje *Santissimo Sacramento*) em substituição das 4 primorosas pinturas de Grão Vasco,—piuturas que até ali formavam talvez o unico adorno dos 4 altares e que o cabido no seu estulto furor de reformas apeou e substituiu pelos retabulos que lá se vêem, *persuadido* (?) de que a madeira deurada tinha mais brilho e valia mais do que os 4 grandes quadros, quando só o de *S. Pedro* vale mais, *muito mais* do que toda a entalha da Sé!...

Felizmente não lançou ao monturo os 4 preciosos quadros, mas collocou-os nas paredes da sacristia, a esmo e *como obra de feira*, sem attender ás condições de exposição e de luz, como ainda lá se vêem, pelo que não brilham tanto como podiam e deviam brilhar.

—

Tambem o cabido em 1639 e 1671, levado pelo furor das reformas e querendo assignalar o seu nome (bem tristemente assignalado o deixou!...) substituiu a veneranda fronteria gothica *muito ornamentada* pela dorica e desgraciosa que lá se vê!

Mais ainda:

Fez nas paredes lateraes da Sé 3 meias columnas lisas e fingidas com madeira, argamassa e cal—e para symetria mascarou tambem com argamassa e cal as lindissimas columnas centraes que sustentam a abobada e que eram e são de granito em canelluras,—canelluras que os trolhas barbaramente picaram e mutilaram para melhor lhes adaptarem a argamassa, como se viu em 1876, quando os engenheiros incumbidos pelo governo de restaurar os claustros e a Sé, se dispunham a limpar as dictas columnas. Acharam-nas tão mutiladas na sua ornamentação que houveram por bem deixal-as com a mesma cal e argamassa que os rev.^{os} conegos em 1639 a 1671 lhes pozeram.

Tambem o rev. cabido na mesma data (Deus lhe perdoe!...) levado pelo seu furor de renome e reformas, substituiu pelas desgraciosas janellas e portas *lisas rectangulares*, que hoje tem a Sé, as lindissimas janellas e portas *ogivaes ornamentadas*, que D. Diogo Ortiz de Vilhegas mandou fazer em perfeita harmonia com a esplendida abobada, como já dissemos, fallando da *Capella do Calvario*.

Prosigamos com a enumeração dos altares da Sé:

2.º—*S. Pedro*.

3.º—*S. João Baptista*.

Estes 2 altares estão—o 1.º á esquerda—

[1] Veja-se o n.º 15 no nosso *Catalogo dos bispos visienses*.

[2] É isto o que se lê na *Memoria* de Francisco Manuel Correia, homem *muito consciencioso* e que estudou a Sé talvez como *ninguem* até hoje; mas Berardo (V. *Liberal* de 13 de junho de 1857) simplesmente diz:—«A capella mór foi algum tanto ampliada nos principios do seculo XVIII, e alguns querem attribuir esta obra ao bispo *D João Manoel*» (1610-1625);—e o padre Leonardo de Sousa no seu interessantissimo *Catalogo*, tomo 3.º fl. 87, v., fallando do bispo *D. João de Mello* e referindo-se ao anno 1674 (elle governou de 1673 a 1684) diz:—«Em Vizeu gastou muitos mil crusados não somente na factura da capella mayor, que reedificou, *fazendo a maior* e mais clara.. »

Como vêem, não é liquido este ponto.

e o 2.º á direita de quem sae da capella mor, encostados a ella, no chão que outr'ora occuparam as velhas sacristias, voltados para o vão do cruzeiro e para o corpo da Sé, precisamente no topo ou na frente das duas naves lateraes.

F. Manuel aponta outras muitas minudencias que omittimos; apenas diremos que n'estes dois altares estiveram primitivamente (segundo se suppõe) 2 dos grandes quadros de Grão Vasco, que hoje se vêem na sacristia:—o que representa *S. Pedro,* principe dos Apostolos e que é geralmente considerado por nacionaes e estrangeiros *a melhor producção de Grão Vasco,*—e o que representa *S. João Baptista* baptisando o Redemptor.

4.º—*Santissimo Sacramento.*

5.º—*Espirito Santo.*

Estes dois altares estão em frente um do outro ao fundo de 2 grandes capellas no topo dos braços da cruz latina que descreve a planta da Sé;—o 1.º á esquerda da capella mór;—o 2.º á direita.

O 1.º foi outr'ora dedicado a *S. Sebastião* e tambem (segundo se suppõe era primitivamente formado pelo quadro que se vê na sacristia maior, representando o *Martyr,* [1]—o 2.º era tambem formado pelo quadro de *Grão Vasco,* representando a descida do Espirito Santo sobre os Apostolos,—quadro que foi substituido pelo retabulo da antiga capella mór, como já dissemos.

6.º—*Santa Izabel Rainha.*

7.º—*Nossa Senhora do Rosario.*

O 1.º d'estes dois altares está na parede lateral da capella do Santissimo, do lado do evangelho;—o 2.º está em symetria com este na parede lateral da capella do Espirito Santo, do lado da epistola,—e foram feitos em 2 arcos ogivaes de duas portas que havia n'aquellas paredes,—portas que foram substituidas por outras rectangulares que lá se vêem nas paredes ao lado dos dictos altares. Em frente dos dictos arcos havia outros 2 no mesmo estylo:—um na capella do Santissimo e que dava passagem para o claustro;—outro na capella do Espirito Santo e que dava passagem para o corredor que vae da sacristia grande para o côro alto. O 1.º foi tapado e n'elle se fez um mauzoleu que hoje serve de credencia; [1]—o 2.º foi tapado e transformado em confessionario.

Para mais minudencias com relação á capella mór, capellas lateraes, portas, arcos, altares, sacristias, etc. veja-se a interessante *Memoria* de F. Manoel.

—

As paredes do corpo da Sé não teem altares. Apenas ha um no fundo, á direita de quem entra e junto da porta do claustro. Foi feito no vão do antigo baptisterio, pelo conego Henrique de Lemos, para cabeça do vinculo de *Moure,* da casa dos *Napoles da Prebenda,* como diz uma inscripção que lá se vê, mas sem data, pelo que se ignora o anno da fundação da dicta capella; suppõe-se porem que foi feita approximadamente no meado do seculo XVI e que a decoraram e revestiram com azulejo em 1721, porque n'esta data foi feita, como já dissemos, pelo cabido a sala capitular sobre a *capella do Calvario,* e nota-se que o azulejo da dicta sala é igual ao da capella do conego Henrique de Lemos, ou dos morgados de *Moure.* [2] Não se confunda porem a di-

[1] Em outros templos succedeu o mesmo, v. g. na antiquissima egreja de *S. Pedro de Miragaya,* no Porto. Tambem ali demora á esquerda da capella mór a capella do Santissimo, cujo altar tambem outr'ora era dedicado a *S. Sebastião* — e tinha igualmente um grande painel representando a prisão do *Martyr,*—painel que ainda hoje se vê tambem na *sacristia maior* da dicta egreja.

[1] Este mauzoleu é do fundador da dicta capella—Lourenço Coelho Leitão, desembargador do paço e chanceller-mór,—e de sua mulher D. Anna de Sousa e Tavora, como diz a inscripção que lá se vê junto do brazão dos *Coelhos Leitões* e *Tavoras,* tendo sido picado por ordem do marquez de Pombal o brazão dos *Tavoras* e na inscripção este appellido

[2] O conego *Henrique de Lemos* viveu effectivamente no meado do seculo XVI. D'elle falla muito o dr. Botelho no *dialogo* 5.º cap. 10. Entre outras coisas diz que o mencionado conego mandou fazer o bello cruzeiro de *Santa Christina* em 1563.

cta capella com o antigo baptisterio, em cujo vão foi feita, porque a sua architectura revella maior, muito maior antiguidade! Talvez fosse coevo da 1.ª abobada, principiada, como já dissemos, no anno de 1282, e suppõe-se que o dicto baptisterio, acanhado e escuro, ali funccionou até que se fez o novo e actual na outra parede, a lateral da Sé, entrando á esquerda, no vão das escadas que o bispo D. Gonçalo Pinheiro mandou fazer em 1553 a 1566, para servidão particular e directa entre a capella mór e o côro alto. Suppõe-se que até aquella data os conegos subiam para o dicto côro por escadas de caracol ou d'outra qualquer fórma, que estavam no vão da torre denominada hoje *dos sinos*, á esquerda de quem entra na Sé, o que tornava muito incommoda a passagem dos conegos da capella mór e da sacristia para o côro alto (unico então existente) e v. v., pois tinham de atravessar *toda a Sé!*...

Sacristias

Eram 3 antigamente:—duas aos lados da pequena e antiga capella mór, nos vãos das capellas actuaes de *S. Pedro* e *S. João Baptista*,—e uma, então muito pequena tambem, junto da capella de *S. Sebastião*, onde estava o sacrario, hoje capella do *Santissimo*, restaurada e muito ampliada em 1721, —e a sacristia *grande* ou do *cabido*, detraz da capella do *Espirito Santo*,—sacristia que foi feita pelo bispo D. Jorge d'Athayde em 1573, como diz uma inscripção que se vê sobre a porta d'ella, com as suas armas.

Suppõe-se que o chão d'esta sacristia anteriormente foi *claustro* e *cemiterio*,—talvez o *claustro antigo*, de que já fizemos menção no topico do *claustro actual*;—e com toda a certesa foi cemiterio, porque em 1875, arrancando-se o velho soalho que tinha, lá se encontraram ainda tampas de muitas sepulturas sem inscripções, sendo mais regulares 16. Na mesma occasião foi soalhada de novo, —concertaram-se os seus gavetões e fizeram-se-lhe outros reparos, bem como no *thesouro velho*, contiguo, como já dissemos.

N'esta grande e bella sacristia se acham os 4 preciosos quadros de *Grão Vasco*, representando *S. Pedro, S. Sebastião*, a descida do *Espirito Santo* sobre os Apostolos e *S. João Baptista* baptisando o Redemptor, os quaes foram removidos dos 4 altares da mesma invocação para aqui no seculo XVII, como já dissemos, quando se fizeram os retabulos dos dictos altares.

No topico relativo a *Grão Vasco* volveremos a fallar d'estes 4 grandes quadros e d'outros d'este notavel pintor visiense.

Azulejo

Ha na Sé muito azulejo de differentes padrões e differentes datas.

Segundo se lê na *Memoria* de F. Manoel, o azulejo mais antigo é o da sacristia e da capella do Santissimo. Talvez date de 1629, como elle suppõe.

O do antigo baptisterio e o da sala do cabido é de 1721.

O restante data da grande vacancia de 1639 a 1671. Ha entre elle azulejo estampado de muito merecimento, representando differentes factos da vida de *S. Theotonio*, padroeiro da cidade de Viseu e que foi primeiramente conego d'esta Sé, depois prior e governador d'este bispado—e por ultimo prior dos conegos regrantes de Santa Cruz de Coimbra, como dizemos no nosso *Catalogo dos bispos visienses*.

Depois que em 1119 renunciou o priorado e governo do bispado de Viseu, fez duas peregrinações á Palestina em visita aos *Logares Santos* e na 2.ª soffreu no mar grandes tribulações com uma tempestade horrorosa

A este facto allude o 1.º lanço do dicto azulejo que se vê na parede lateral da Sé, entrando á direita.

O 2.º lanço d'azulejo da mesma parede representa-o já como prior de Santa Cruz de Coimbra dando o habito a muitos dos seus conegos.

O 3.º lanço d'azulejo da mesma parede representa S. Theotonio recebendo festivamente na egreja de Santa Cruz a D. Affonso Henriques, volvendo triumphante da batalha do campo d'Ourique a render graças ao céu com os seus capitães e soldados, levando como tropheu 5 reis mouros prisioneiros.

Orgãos

Tem a Sé um bom orgão, mandado fazer nos principios d'este seculo pelo santo prelado D. Francisco Monteiro Pereira d'Azevedo em substituição d'outro muito antigo que, segundo se suppõe, datava dos principios do seculo XVI, ou do tempo em que se fez a esplendida abobada actual, e que occupava approximadamente o mesmo sitio do novo orgão entre duas columnas da nave lateral, entrando na Sé, á esquerda. Não o concluiu e assim se conserva, mas dispendeu com elle *mais de vinte mil crusados* ou de 8 contos de reis que por certo correspondiam a 15 ou 16 contos da nossa moeda actual!

Para evitarmos repetições veja-se no nosso *Catalogo dos bispos visienses* o topico relativo a este venerando prelado.

Torres

Quando fallarmos das *Antiguidades de Viseu*, fallaremos das velhas *torres romanas*, de que ainda existem duas, embora restauradas e muito modificadas, mas que na opinião de F. Manuel eram 4, tendo desapparecido ha muito as outras duas. Agora fallamos das torres da Sé, que tambem são duas e se erguem aos lados da sua fronteria,—uma á direita de quem entra, denominada *torre do relogio*, porque para ella se transferiu o relogio que antigamente estava junto da velha *torre romana*, tambem por isso denominada *do relogio*, na extremidade S. do lanço que ainda hoje resta da antiga fortalesa;—a outra torre da Sé, entrando á esquerda, denomina-se *torre dos sinos* desde que para ella se mudaram os sinos que anteriormente estavam na *velha torre romana*, denominada *do relogio* ou *torre grande*, que hoje serve de despejo ao cabido.

Das duas torres da Sé desabou a dos sinos, como já dissemos, no dia 10 de fevereiro de 1635, levando d'envolta a fronteria da cathedral e despedaçando-se os sinos todos, exceptuando o denominado—*bebado*, «por tocar em outro tempo mais antigo a buscar o provimento para os reverendos conegos, vivendo o bispo *D. João Martins*, pelos annos de 1388.[1] Com o mesmo sino que ainda existe (diz o padre Leonardo de Sousa no seu catalogo, tomo 3.º, fl. 54, v., escripto em 1767) se toca a convocar o illustrissimo cabido nas quartas e sabbados da semana.»

Depois o cabido em 1639 a 1671 mandou fazer de novo a fronteria e restaurar a torre, da qual apenas aproveitou os alicerces e alguns metros da base. A parte restante foi toda feita de novo em perfeita symetria com a *torre do relogio*, que escapou da catastrophe. Apenas fez tambem de novo a cupula d'esta em harmonia com a nova cupula que poz na dos sinos.

As duas torres eram iguaes e muito antigas. F. Manuel suppõe que pertenciam á *velha fortalesa*, mas nós suppomos que pertenciam á *velha cathedral* do tempo do con-

[1] Respeitamos muito a memoria do padre Leonardo, mas aqui tambem claudicou (nos parece), pois, como dizemos no nosso catalogo, este bispo *D. João Martins* governou pelos annos de 1375 a 1378 (não 1388). Alem d'isso a *torre grande*, *do relogio* ou *dos sinos*, foi dada pelo nosso rei D. João I ao bispo *D. João Homem* a 27 de fevereiro do *anno* 1392;—o mesmo prelado *D. João Homem* (não *D. João Martins*) n'ella poz os sinos, mandando fundir de novo dois:—o de *Nossa Senhora*, com as armas da familia *Homens*, na *era* de 1431 (anno 1393)—e no anno seguinte mandou fundir outro,—*com que chamão a cabido*—diz o dr. Botelho, e que tinha a inscripção seguinte:

DÑS JOHÃS EPIS VICENSIS ME FISO
ERA 1432.

Em vulgar:
D. João, bispo de Viseu, me fez na era de 1432—(anno 1394).

Foi este o tal sino, depois denominado *bebado*, que escapou ao naufragio e que ainda lá existia em 1767, contando a bagatella de 373 annos?!...

N'elle se verificou o annexim:

«Ao menino e ao *borracho*
Põe-lhes Deus a mão por baixo.»

Hoje (1887) o sino mais antigo da Sé de Viseu data de 1814—e o mais moderno data de 1872.

de D. Henrique e da rainha D. Tareja,—e que terminariam em eirado com ameias para defesa e ultimo refugio em tempo de guerra.

Nas dictas torres e na cathedral se recolheram os habitantes de Viseu ainda no tempo do nosso rei D. João I, quando os hespanhoes tomaram, saquearam e *incendiaram* esta cidade, que então tinha os muros desmantelados, como diremos adiante.

As duas torres, como póde vêr-se na lytographia representando a *Sé*, a pag. 4 do *Album Visiense*, são hirtas, pesadas, desgraciosas, muito singelas e relativamente *baixas*.

Terminam em corucheus redondos que partem de um pequeno eirado com balaustrada de pedra, ficando a dicta balaustrada quasi no mesmo nivel do timpano da Sé,—e desde o pavimento até á dicta balaustrada são formadas por paredes lisas e compactas, sem frestas nem cornijas, nem a minima ornamentação. Apenas tem cada uma 8 ventanas ou janellas para os sinos,—*em nivel inferior ao do timpano da Sé*!...

De passagem diremos que as torres mais lindas que ha hoje n'esta provincia da Beira Alta são as do formoso santuario dos *Remedios*, em Lamego.

Arcas e cubas

Desde tempos muito remotos se guardavam na Sé, por ser mais defensavel, os dizimos do pão, vinho e azeite, pertencentes ao cabido e prelados, pelo que n'ella havia *grandes arcas e cubas*, mas o bispo D. João Pires as mandou remover no anno de 1388, porque pejavam e affrontavam a Sé. [1]

Muito provavelmente apenas recolhiam na Sé os dizimos do *aro*, aliás não caberiam n'ella;—e tomal-a-hiam toda *só as cubas*, se o cabido e prelados de Viseu colhessem tanto vinho como outr'ora colhia o abbade de *Lobrigos*, no concelho de Penaguião, pois consta que chegou a colher *só em um anno* 1:000 pipas de 550 litros nas suas duas parochias de *S. João* e *S. Miguel de Lobrigos*, [1]—alem dos dizimos d'azeite, fructa, cereaes, etc.

Foram os abbades mais ricos de Portugal. Tiveram de renda 15 a 20 contos de réis e, como se isto não bastasse, foram tambem algum tempo *inspectores das estradas do Douro*, pelo que recebiam mais uma peça de 6$000 réis *por dia*?!...

Nós já vimos os seus grandes armazens, denominados ainda hoje *casa da renda*, onde armazenavam e lotavam por vezes o vinho de dois annos. Parecem um convento!

Aquelles abbades eram tão ricos, que certo prelado de Lamego tentou permutar com um d'elles.

V *Lobrigos* n'este diccionario e no supplemento.

Factos importantes

Fecharemos este topico, mencionando 3 factos notaveis que prendem com a Sé de Viseu.

---

[1] O dr. Botelho (*Dial.* 4.º cap. 31) diz:—«Por hua sentença consta viver este bispo (refere-se a *D. João Martins*, mas nós julgamos que era o bispo *D. João Pires*) pelos annos de 1388, da qual se vê que fez tirar *as cubas e arcas* de dentro da Sé, onde até então se recolhião os dizimos, e fructos, e d'ali se repartião, mandando a certas horas buscar cada hum dos capitulares sua ração de pão, e vinho, para o que se tocava o sino, que por esta causa lhe ficou o nome de *bebado*, e a rasão de estarem dentro da Sé as cubas, era por não ter a cidade muros, nem haver outra fortalesa, onde estivessem seguros os mantimentos das guerras, que tinham os Reis de Portugal com os de Castella...»

Do exposto se vê que o tal sino, denominado *bebado*, já existia em 1388, como diz Botelho supra;—logo não podia ser o sino mandado fazer pelo bispo *D. João Homem* no anno de 1393 *com que chamam a cabido*, como diz o mesmo dr. Botelho. Eram dois sinos *differentes* e parece que o Padre Leonardo os confundiu, dizendo serem *um e o mesmo*!...

Veja-se o topico *Torres* sob o titulo *Cathedral*.

[1] Estas duas parochias ainda em 1840 produziram 3:316 pipas, mas deviam produzir *muito mais*, quando as plantações eram novas.

I

Em geral os bispos visienses foram muito estimados e respeitados pelos seus diocesanos, nomeadamente o benemerito bispo e *bispo modêlo* D. João de Bragança, cujo pontificado se prolongou de 1599 a 1609 *Manteve no melhor pé a disciplina ecclesiastica e os bons costumes sem violencias, reprehensões nem castigos;—tal era o prestigio do seu nome e o respeito que infundia a todos;*—mas outros foram muito desconsiderados e até *odiados* pela sua imprudencia e falta de criterio. Citaremos apenas dois:—*D. João Gomes d'Abreu* e *D. Julio Francisco d'Oliveira.*

Aquelle governou de 1466 a 1482 e o seu pontificado foi uma serie constante de bulhas com os visienses,—bulhas tão encarniçadas que um dia, quando ellas estavam no periodo mais agudo, foi encontrado morto na cama fulminado por um ataque apopletico, proveniente dos desgostos que o ralavam—*ou de veneno que lhe propinaram,*—segundo dizem os seus biographos.

D. Julio, sendo aliás um bispo de bons costumes, muito tractavel, muito illustrado, muito amante de festas e *generosissimo*, durante os 25 annos do seu longo pontificado (1740 a 1765) teve dias de grande satisfação, mas outros *muito amargos* e tanto que succumbiu tambem fulminado por um ataque apopletico, proveniente dos seus grandes desgostos.

Por causa de *uma pouca de palha* que o juiz de fora lhe embargou, dispendeu mais de *vinte e cinco mil crusados*, que por certo correspondiam ao dobro ou a mais de *vinte contos de réis* da nossa moeda actual;—excommungou e fez prender e degradar para fóra de Viseu o dicto juiz, um vereador, o procurador da camara, o alcaide, o meirinho, 4 bachareis e 4 escrivães, mas tal odio lhe votaram os visienses, tanto o desconsideraram e tantos desgostos lhe causaram, que *chorou lagrimas de sangue!...*

—

Sendo bastante altivo, mas não vendo meio de acalmar a irritação dos visienses, tomou uma resolução extrema, *heroica*, e foi a seguinte:

Por occasião da festividade dos Reis, em seguida ao pontifical que celebrou na Sé, fez da sua cadeira uma commovente pratica;—*depois levantou se;—foi pôr se de joelhos no meio do côro da capella mór;—pediu perdão a todos em geral e a cada um em particular, do mau exemplo que lhes havia dado com o seu governo;—em seguida levantando-se pediu a todos que se sentassem e, banhado em lagrimas, os foi abraçando a todos pelos pès?!...*

Este *facto heroico e unico* nos annaes da diocese de Viseu e talvez nos das dioceses de Portugal e da peninsula, commoveu profundamente a todos—e todos ali depozeram odios e resentimentos.

Foi mais longe ainda a *magnanimidade* de D. Julio:—perdoou aos ecclesiasticos que ao tempo se achavam presos e a outros que se haviam homisiado—e deu largas esmolas.

É este um dos topicos mais interessantes da interessante biographia de D. Julio Francisco d'Oliveira, escripta pelo padre Leonardo de Sousa,[1] seu contemporaneo e amigo sincero e dedicado e como D. Julio tambem *congregado do Oratorio*,—biographia que daremos no supplemento ao artigo *Viseu*, porque, a despeito dos nossos esforços para a resumirmos, ficou muito longa e muito longo vae tambem já este artigo.

Outro facto

II

As freiras de S. Luiz do Pinhel bivacando na Sé de Viseu

No tempo do bispo D. Jeronymo Soares (1694 a 1720) depois de grandes desintelligencias entre o provincial e as freiras fran-

---

[1] *Catalogo dos Bispos de Viseu* (ms. e *exemplar unico*!...) tomo 3.º, liv. 3.º, cap. 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º, 8.º, 9.º, 10.º e 11.º de fl. 135 até fl. 242, *mihi*.

É uma biographia esplendida!...

ciscanas de S. *Luiz* de Pinhel, resolveram as freiras desligar-se do provincial e render obediencia sòmente ao bispo diocesano, que então era o de Viseu. Com este intuito um bello dia deixaram o convento 28 das dictas freiras;—metteram-se em carros de lavoura, toldados com ramos, colchas e lençoes (era no rigor do verão)—e, acompanhadas pelos seus capellães e criadas, seguiram para Viseu, aonde chegaram no dia 6 d'agosto de 1710.

Apearam-se junto da quinta de Fontello;—hastearam a cruz conventual,—cobriram o rosto com os veus—e em 2 alas marcharam processionalmente para o paço episcopal da Sé, onde residia o prelado. Sendo este prevenido, mandou fechar as portas do paço e dizer-lhes que as não recebia. Estando as freirinhas já no adro e vendo aberta a porta da Sé, por haver findado n'aquelle instante o côro da manhã, entraram para ella. Mandou tambem logo o bispo fechar as portas da Sé e lá ficaram as freiras resando, conferenciando e descançando, pois iam fatigadissimas com a longa e penosa jornada e com o ardente sol d'agosto.

Mandou o santo bispo servir-lhes *mesmo na Sé um abundante jantar*,—sempre com as portas fechadas, pelo que de tarde não houve côro,—e ao declinar do dia ordenou que se recolhessem ao convento das religiosas benedictinas de Viseu, onde se conservaram até que em outubro do mesmo anno as obrigou a voltarem para o seu convento de Pinhel, acompanhadas pelos ministros ecclesiasticos e por differentes cavalheiros de Viseu.

Assim terminou este episodio monastico.

Tambem no governo d'este santo bispo, a 5 de março do dicto anno, cahiu um raio na Sé e já haviam cahido n'ella mais dois.

Veja-se no nosso *Catalogo dos bispos visienses* o topico relativo a *D. Jeronymo Soares*.

III

Grande desordem na Sé de Viseu entre os conegos e meios-conegos

Os conegos da Sé de Viseu foram sempre muito ciosos da sua dignidade e prerogativas. Tinham o *fôro de cavalleiros fidalgos*, açougue proprio, o cargo d'almotaceis em mezes alternados com o almotacé nomeado pela camara, e exempção do tributo denominado *cavallaria* ou *cavallo de Maio*,[1] mas em 1635, estando os conegos a governar a diocese sem elegerem vigario capitular, como manda o concilio de Trento, na vacancia pela morte do bispo D. Miguel de Castro, quizeram mais um distinctivo nas murças. Sendo ellas todas pretas, com forros e abotoadura da mesma côr e, sabendo que os conegos d'outras dioceses, incluindo a de Braga, metropole da de Viseu, já tinham murças pretas forradas de carmesim com pospontos, abotoadura e cairel da mesma côr, em sessão capitular de 13 de janeiro do dicto anno resolveram *nemine discrepante* usar tambem murças forradas de carmesim, etc., só os conegos—e, usando ou *abusando* da jurisdicção ordinaria como governadores da diocese, estipularam *penas gravissimas* contra os meios conegos, se recalcitrassem, como effectivamente recalcitraram, allegando que entre elles e os conegos jámais houvera nem consentiam que houvesse distincção nas murças.

Correu o pleito entre os conegos e meios conegos por causa das murças e com tanto azedume como no seculo seguinte a celebre questão do *hyssope* entre o bispo e o deão d'Elvas; só lhes faltou um cantor como A. Diniz da Cruz e Silva.

—

Foram tantas e tão escandalosas as peripecias, que o vulgo lhes attribuiu como *castigos do ceu* os casos extraordinarios que en-

---

[1] Certo tributo de umas tantas libras ou soldos que em Viseu e no seu alfoz pagavam todos os annos no 1.º dia de maio os chefes de familia que não tivessem *cavallo de marca*, proprio para guerra. Este tributo correspondia ao da *colheita*, *jugada* ou *fossadeira*—e d'elle foram isentos os conegos pelo foral que a rainha D. Thereza deu á cidade de Viseu em 1123, confirmado por el-rei D. Diniz na concordata de 20 d'agosto de 1292.

V. *Cavalleiro* e *Cavallo de Maio* em Viterbo—e n'este artigo o topico *Foraes*.

tão aterraram Viseu, tal foi uma horrorosa tormenta que no dia 8 e 9 de fevereiro do mesmo anno de 1635 pesou sobre a cidade.

O vento arrancou e destroçou muitos castanheiros e oliveiras seculares, causando grande prejuiso nos contornos de Viseu;—cahiram e destelharam-se differentes casas;—a chuva foi tanta que parecia um novo diluvio—e o panico subiu de ponto quando a 10 do dicto mez e anno, pelas 2 para as 3 horas da tarde, estando os conegos resando *completas*, desabou a torre dos sinos com a fronteria da Sé! Não cessou porem a vergonhosissima contenda. Pelo contrario, exacerbou-se com o facto seguinte:

No sabbado immediatamente anterior á dominga da quinquagessima ou *do entrudo* (o tempo era proprio, mas o local improprio) dia 17 de fevereiro do dicto anno, á estação da missa do dia, com o Santissimo exposto, por ser vespera da festividade de *S. Theotonio*, padroeiro de Viseu, sete dos meios conegos mais resolutos apresentaram-se no côro com murças iguaes ás novas murças dos conegos. Ficaram estes desesperados e logo o arcypreste Ignacio Dias, que estava presidindo ás dictas vesperas, na falta d'outra dignidade superior, o que não abona muito a *dignidade* do cabido d'então, por se tractar da festa do padroeiro, como já dissemos,—fulminou os sete meios conegos com as censuras da egreja e, como elles as despresassem, implorou o auxilio do braço secular para os constranger a deporem as murças, sob pena de prisão.

A força publica invadiu a Sé e *a capella mór,* estando o Santissimo Sacramento exposto,—e o conflicto excedeu as raias do escandalo! Os 7 meios-conegos reagiram, mas a final tiveram de ceder á força numerica dos beleguins e dos conegos;—todos 7 foram levados de roldão pela porta fóra, com espanto dos fieis que estavam assistindo á missa,—rasgaram-lhes as murças e metteram-nos no aljube. Seguiram-se logo protestos e appellações e foram postos em liberdade, não conseguindo porem sentença definitiva a seu favor, passados dias,—na 1.ª quinta feira da quaresma, a 22 do dicto mez e anno,—tornaram a litigar sobre o mesmo ponto. Prolongou-se o pleito muito tempo (durou annos?!) interpondo-se embargos de uma e outra parte e, não querendo os prelados intervir na contenda para não magoarem os conegos nem os meios-conegos, ficaram estes usando das novas murças *até hoje.*

Por bom preço as pagaram, nomeadamente os taes sete!

—

Sobre tão estranho acontecimento veja-se o *Catalogo dos Bispos de Viseu* pelo padre Leonardo de Sousa, tomo 3.º fl. 53, v., 54 e 55;—o *Dialogo* 5.º cap. 23, do dr. Manuel Botelho Ribeiro, testemunha *ocular* da tormenta, como diz o conego José de Oliveira Berardo,—e as *Memorias* do proprio conego Berardo, publicadas no *Liberal*, n.º 10 de 6 de junho de 1857.

Todos estes auctores concordam no essencial, mas divergem n'algumas circumstancias,—e Berardo, depois de dizer *que examinou os documentos judiciaes*, accrescenta —que a final os meios-conegos obtiveram provimento nos aggravos recebidos,—confirmação na posse de trazerem murças iguaes ás dos conegos—e que estes foram condemnados nas perdas e damnos que lhes haviam causado.

Não se extinguiu porem nos rev.^os^ conegos o estulto desejo de se extremarem e distinguirem dos meios-conegos e com este irrosorio intuito no pontificado do santo bispo *D. Francisco Monteiro Pereira d'Azevedo* (1792 a 1819) pediram e obtiveram—*só para elles conegos*—o distinctivo de meias e cintas rubras e borlas verdes nos chapeus. Botaram novamente as novas insignias pulando de contentes e batendo palmas por haverem achatado os meios conegos, mas estes tambem sem demora obtiveram igual concessão e os conegos ficaram outra vez de cara á banda?!...

Era bem mais numeroso então do que é hoje o

Cabido de Viseu

Actualmente apenas conta 3 conegos e 1 meio-conego ou meio-prebendado, todos de-

crepitos. São os seguintes pela ordem chronologica da sua apresentação:

1.º—*D. Gaudencio José Pereira*, bacharel formado em direito pela universidade de Coimbra.

Foi apresentado conego-professor com o onus de ensino no seminario diocesano por decreto de 22 d'outubro de 1863;—regeu com muita dignidade a cadeira de direito canonico;—foi vigario geral da diocese no tempo do bispo D. Antonio Alves Martins e, por morte d'elle, vigario capitular *sede vacante* desde 5 de fevereiro de 1882 até 23 de agosto de 1883, data em que tomou posse o prelado actual, por procuração dada ao mesmo rev. conego, que ficou tambem governando a diocese até que o dicto prelado fez a sua entrada solemne e depois o nomeou seu vigario geral.

É um presbytero de singular merecimento,—muito illustrado, muito prudente, muito caritativo e de bons costumes, pelo que ha mezes foi nomeado arcebispo de Mytilene e vigario geral do patriarchado e, fallecendo ha dias o bispo de Portalegre, para ali foi mandado como governador d'aquella diocese, na qual muito provavelmente vae ser provido.[1]

2.º—*Antonio Alves Lopes*, ainda parente do fallecido prelado D. Antonio Alves Martins.

Foi apresentado por decreto de 26 de setembro de 1865 e está decrepito e *demente*!...

3.º—*Joaquim Marques Pinto.*

Foi apresentado por decreto de 26 de setembro de 1865 tambem, tendo sido anteriormente vigario collado em Pindo e depois secretario do sr. D. Antonio Alves Martins.

Pode dizer-se que é hoje (1887) o conego *unico* da Sé de Viseu, pois o 1.º com certesa não volta ao cabido—e o 2.º está completamente inutilisado.

Dos meios conegos apenas vive tambem hoje *um só*,—o rev. *Sebastião Pereira de Figueiredo Queiroz*,—já decrepito e completamente inutilisado tambem, pois foi apresentado por decreto de 12 de setembro de 1855, ou ha 32 annos.[1]

O cabido de Viseu foi um dos mais numerosos. Já contou 28 conegos *de prebenda inteira* e 12 *meio-prebendados*, emquanto que hoje está por assim dizer *extincto*!

A bulla que auctorisou o nosso governo para reduzir as dioceses do continente impoz-lhe a condição de preencher os quadros capitulares. O governo promptamente reduziu as dioceses, supprimindo as d'Aveiro, Elvas, Pinhel, Castello Branco e Leiria em 1882, mas até hoje (1887) ainda não nomeou *um conego* para os cabidos restantes, que estão quasi todos como o de Viseu, sem o pessoal preciso para os pontificaes, etc.

Fazemos votos porque o governo e a curia romana tractem de providenciar e fazer cessar tão anomalo estado de cousas.

Até aqui fallámos da Sé de Viseu e dos seus conegos; fallemos agora tambem dos seus prelados.

CATALOGO CHRONOLOGICO DOS BISPOS DE VISEU

Este topico é muito importante para a historia e topographia d'esta cidade, porque a longa serie dos seus bispos prova claramente a existencia de Viseu como cidade episcopal desde o seculo VI e leva a crer que Viseu já era cidade e talvez *cidade episcopal* seculos antes. Alem d'isso a historia dos seus prelados derrama grande luz sobre a historia de Viseu; não é porem facil de organisar *com firmeza* o dicto catalogo e, para não nos expormos a certa ordem de censuras, aqui apontamos os auctores que nos serviram de guia:

---

[1] Á ultima hora (10 de novembro de 1887) consta que o sr. D. Antonio Xavier de Sousa Monteiro, actualmente bispo de Beja, será transferido para Portalegre e que depois será nomeado bispo de Beja o sr. D. Gaudencio.

[1] Em 1885 falleceu o conego José Joaquim Pereira d'Almeida, que havia sido apresentado em virtude de renuncia apostolica e beneplacito regio de 27 d'agosto de 1799.

Morreu nonagenario e era o decano dos conegos portuguezes, pois contava 66 annos de collação?!...

1.º—*Dr. Manuel Botelho Ribeiro Pereira*, auctor dos *Dialogos moraes e politicos, e fundação da cidade de Viseu*, etc., escriptos pelos annos de 1630 a 1636

Temos sobre a nossa banca de estudo estes *Dialogos* no *Codice de Girabolhos*, d'onde foi extrahido o codice n.º 70 da *Bibliotheca Municipal do Porto* para o sr. conde d'Azevedo, que o legou com todos os seus *mss.* á dicta bibliotheca, legando ao sr. conde de Samodães todas as obras impressas que constituiam a sua grande livraria. [1]

O codice de Girabolhos comprehende 513 pag. folio;—pertenceu ao fallecido sr. dr. e desembargador F. C. R. e socio da *Academia Real das Sciencias*, Agostinho de Mendonça Falcão Coutinho Sampaio e Povoas—e hoje pertence a seu filho e *nosso principal cyreneu n'este artigo*, o sr. dr. Nicolau Pereira de Mendonça Falcão, residente na sua nobre casa e quinta de *S. Salvador*, junto de Viseu, de quem fallaremos adiante e ja se fallou nos artigos *Paredes da Beira*, *Pinhanços* e *Villa Nova d'Ourem*.

2.º—*Padre Antonio Carvalho da Costa*, *Chorog. Port.*, tomo 1.º pag. 181 a 185 da 1.ª edição.

O seu catalogo foi escripto em 1707.

3.º—*Padre João Coldt*, auctor do *Catalogo dos Bispos de Viseu* publicado no 2.º tomo das *Mem. da Acad. R. de Historia*, em 1772.

4.º—*D. Francisco Alexandre Lobo*, illustrado bispo de Viseu desde 1819 até 1844.

Escreveu um *Catalogo* d'alguns bispos da sua diocese, catalogo que póde ver-se no 1.º tomo das suas obras, pag. 221 a 287.

5.º—O muito illustrado conego *José d'Oliveira Berardo*.

Pelos annos de 1835 a 1837 escreveu a interessante memoria—*Noticias historicas de Viseu*, que deixou *mss.*, e que foram publicadas em folhetins no *Liberal*, periodico de Viseu, desde o n.º 1 de 6 de maio de 1857 até o n.º 15 de 24 de junho do mesmo anno, cuja collecção temos sobre a nossa banca de estudo, por finesa especial do sr. D. Ruy Lopes de Sousa Alvim e Lemos de Carvalho e Vasconcellos. [1]

O mesmo Berardo em 1838, sendo administrador d'este concelho (ainda não era padre) escreveu e offereceu á camara municipal outra memoria, denominada *Noticias de Viseu*, resumindo parte d'aquella e addicionando-lhe um mappa geographico do concelho de Viseu com varias tabellas indicando as freguezias que pelo decreto de 6 de novembro de 1836 ficaram pertencendo ao dicto concelho e as que anteriormente lhe pertenciam, bem como aos extinctos concelhos de *Ranhados* e de *Barreiros* e a todo o bispado de Viseu, sua população, etc.

D'esta 2.ª *Memoria*, que se guarda no archivo da camara de Viseu, tirou o mencionado sr. dr. Agostinho de Mendonça uma copia, hoje pertencente ao seu filho, o sr. dr. Nicolau Pereira de Mendonça,—copia que por fineza especial de s. ex.ª tambem temos sobre a nossa banca de estudo.

Berardo foi o mentor de Alexandre Herculano e do conde Rakzinski, quando visitaram esta cidade, e ambos lhe teceram pomposos elogios. [2]

6.º—*Francisco Manuel Correia*, ha pouco fallecido, incansavel e muito minucioso e consciencioso investigador das coisas de Viseu.

É auctor de um precioso *ms.* intitulado *Memorias em respeito á Cidade de Viseu, sua antiguidade, Fortificação, Cathedral, Bispos e Priores, Cabido e Ducodo extincto e mais notabilidades de remota antiguidade e posteriores, de que ha noticia. Por hum curioso viziense. Anno 1876*.

O sr. dr. Nicolau Pereira de Mendonça por fortuna descobriu e pôde enviar-nos tambem esta *Memoria*, completamente ignorada até hoje. Pertence ao rev.mo João Nunes d'Almeida [3] e comprehende 142 pag. folio,

---

[1] A *Bibliotheca do Porto* já possuia dois codices com os mesmos *Dialogos*, mas o que foi do sr. conde d'Azevedo é mais nitido e tem uma interessante apreciação critica, feita pelo sr. dr. Nicolau Pereira de Mendonça Falcão.

[1] V. *Santar* e *Villar Secco*, freguezias do concelho de *Nellas*.

[2] Veja-se o topico *Visienses illustres*.

[3] É o parocho da freguezia *Occidental* da

alem de uma infinidade de nótas e addições, posteriormente colligidas pelo benemerito auctor e por elle escriptas em papeis informes e soltos que até hoje felizmente se não perderam.

Bem merece a dicta *Memoria* as honras da publicidade, porque representa um trabalho insano e adianta bastante em alguns pontos com relação aos trabalhos de Botelho e de Berardo. [1]

7.º—O rev. Padre *João Vieira Neves de Castro e Cruz*, distincto escriptor catholico e nosso bom amigo, que muito espontaneamente se dignou escrever e enviar-nos tambem um succinto catalogo dos Bispos de Viseu.

V. *Milheirós da Maia*, tomo V, pag. 227, col. 2.ª

8.º—O sr. dr. *Nicolau Pereira de Mendonça Falcão* já mencionado, que, alem d'outros muitos apontamentos para este artigo, nos mandou interessantes estudos com relação a este topico.

9.º—O Padre *Leonardo de Sousa*, que foi congregado do *Oratorio* em Viseu e deixou *ms.* um interessante *Catalogo* dos bispos d'esta diocese,—*Catalogo* até hoje inteiramente desconhecido. Intitula-se elle:—*Memorias historicas e chronologicas dos Bispos de Viseu, nas quaes se comprehendem particulares noticias dos tempos que os mesmos prelados alcançarão, das Perseguições geraes, que padeceu a Igreja Catholica, Scismas, e Concilios geraes até o presente estado, e finalmente dos Pontifices, Emperadores, Reis d'Espanha, e Portugal, conforme a ordem dos annos, e memorias do Reino,—offerecidas ao Illustrissimo, e Reverendissimo Cabido de Viseu pelo Padre Leonardo de Sousa Ulisiponense, e da Congregação do Oratorio Viziense,—Anno de M.D.CC.LXVII.*

Este catalogo adianta muito com relação a *todos os outros*, infelizmente porem apenas resta *o ultimo* dos seus 3 volumes! Foi comprado ha annos em Lisboa n'um leilão pelo sr. Antonio d'Almeida Campos e Silva, benemerito filho de Viseu domiciliado no Porto e dono de uma bella livraria, o qual muito generosamente nos emprestou o dicto catalogo, pelo que lhe beijamos as mãos agradecido. [1]

É o 3.º tomo;—comprehende 289 folhas—e tracta somente dos bispos de Viseu nos seculos XVII e XVIII, desde *D. João Manuel* até *D. Julio Francisco d'Oliveira*, mas por fortuna termina com o indice de toda a obra, no qual se encontra uma lista chronologica de todos os bispos de Viseu—*certos, duvidosos* e simplesmente *eleitos*,—seus nomes,—terras onde nasceram e onde falleceram,—tempo que governaram, etc., o que supre até certo ponto os 2 volumes perdidos.

—

Do exposto se vê que podiamos escrever um livro sobre o assumpto, mas teremos de reduzir quanto possivel este topico, dividindo-o para maior claresa em duas partes:—na 1.ª daremos os nomes de todos os bispos de Viseu sobre que ha *certesa*, addiccionando-lhe os nomes dos bispos *duvidosos* e dos que foram sómente *eleitos* e não confirmados;—na 2.ª daremos uma breve noticia de cada um dos mencionados bispos.

PARTE I

Bispos de Viseu no tempo dos suevos e godos

Seculo VI

1.º—*Remissol*, 572 até 585.
2.º—*Sunila* ou Sinula, 585-593.

Seculo VII

3.º—*Gundemiro* ou *Gundemaro*, 610-625.

Sé de Viseu, sacerdote muito illustrado e que foi intimo amigo do auctor, pelo que as irmãs e herdeiras d'este lhe deram o tal *ms.*

[1] Veja-se tambem o topico *Visienses illustres*.

[1] Tambem s. ex.ª possue e nos emprestou uma copia dos *Dialogos* de Botelho, tirada do *Codice de Girabolhos*,—e o foral dado a Viseu por el rei D. Manuel,—exemplar esplendido, que lhe custou 22$500 réis!...

V. o topico *Foraes*.

4.º—*Lauso*, 633-637.

5.º—*Farno, Firmo* ou *Farnio*,—pelos annos de 638.

6.º—*Parimo* ou *Parino*, 646.

V. Botelho, Coldt, Cobo e Sousa.

7.º—*Undila* ou *Wadila*, 653-666.

Vacancia

8.º—*Reparato*, 681-683.

9.º—*Wilifonso* ou *Vocifredo*, 688.

10.º—*Theofredo*, 693.

Conquista dos sarracenos

Seculo VIII

O Padre Sousa dá como *certo* o bispo *Hispano* em 712—mas Berardo aponta-o como *duvidoso* em 715.

Seculo IX

11.º—*Theodomiro*, 876-899.

O padre Sousa assigna-lhe o anno de 869.

Seculo X

12.º—*Gundemiro* ou *Gundemaro*, 905.

13.º—*Americo* ou *Anserico*, 915-918.

14.º—*Sabarico*, 922.

15.º—*Salamon* ou *Salomão*, 932.

Cruz, Botelho, Coldt e Sousa não mencionam estes ultimos 2 bispos.

16.º—*Dulcidio*, 934-951.

17.º—*Hermegildo* ou *Hermenegildo*, 961-969.

18.º—*Iquilano, Iquila* ou *Inquila*, 981-985.

Vacancia de 35 annos proveniente da nova occupação de Viseu pelos mouros.

Seculo XI

19.º—*D. Gomes*, 1020-1050.

20.º—*D. Sisnando*, 1058-1064.

Seculo XII

Priores

—*D. Theodonio*, 1110-1112.

—*S. Theotonio*, 1112-1119.[1]

—*D. Honorio*, 1119.

—*D. Odorio*, 1120-1130.

—*D. Sueiro Thedom*, 1131-1144.

Bispos do tempo da nossa monarchia

21.º—*D. Odorio*, 1144-1165.

22.º—*D. Gonçalo I*, 1165-1169.

23.º—*D. Marcos*, 1170.

24.º—*D. Godinho*, 1171-1179.

25.º—*D. João Pires, 1.º* 1179-1192.

26.º—*D. Nicolau*, 1193-1213.

Seculo XIII

26.º—*D. Nicolau*,[2] 1193-1213.

O Padre Carvalho dá como successor d'este bispo outro do mesmo nome pelos annos de 1293, ao qual (diz) succedeu *D. Fernando* pelos annos de 1252!

O seu catalogo é uma serie de dislates.

27.º—*D. Fernando Raymundo Coutinho*, 1213-1214.

28.º—*D. Bartholomeu*, 1214-1221.

29.º—*D. Gil* ou *Egidio*,[3] 1221-1240,—segundo dizem Berardo e Coldt, dando-lhe por successor *D. Pedro Gonçalves*, mas o seu pontificado não podia ir tão longe, porque Alexandre Lobo e Cruz lhe dão como successor o seguinte:

30.º—*D. Martinho 1.º* em 1230.

Berardo, F. Manuel, Sousa e Coldt nem

---

[1] Não se confundam estes dois priores, posto que são quasi humonymos. Adeante, na *Parte II*, seremos mais explicitos.

[2] Repetimos o nome, porque o seu pontificado principiou no sec. XII e terminou no sec. XIII.

[3] Botelho e Sousa em vez d'este bispo mencionam *D. Egas 1.º*, a quem Botelho dá por successor *D. Pedro*, unico do nome, pelos annos de 1233.

como *duvidoso* mencionam este bispo,—e F. Manuel dá em 1230 o bispo *D. João Pedro,* 2.º de nome; fazem porem menção de *D. Martinho* o sr. Padre Cruz e o sabio bispo Lobo.

Vacancia de 20 annos e interdictos

31.º—*D. Pedro Gonçalves, 1.º*, 1250-1254, —segundo dizem Coldt, Berardo, Lobo, F. Manuel e Cruz.

32.º—*D. Matheus, 1.º*, 1254-1271.

Vacancia de 8 annos

33.º—*D. Matheus*, 2.º, 1279-1287.

34.º—*D. Egas*, 1289-1313.

Seculo XIV

34.º—*D. Egas*, 1289-1313.

35.º—*D. Martinho*, 2.º, 1313-1323.

Alexandre Lobo e o sr. Padre Cruz denominam este bispo *2.º do nome*, porque já mencionaram outro supra; — Coldt, Berardo, F. Manuel, Botelho e Sousa dão-no como *1.º do nome*—e F. Manuel diz que tambem se denominava *D. João de S. Martinho.*

36.º—*D. Gonçalo de Figueiredo*, 2.º, o *Anchinho*, 1323-1328.

37.º—*D. Miguel Vivas*, 1330-1335.

38.º—*D. João* 2.º, 1360-1362.

39.º—*D. João Martins, 3.º*, 1375-1378.

40.º—*D. Pedro Lourenço*, 2.º, ...-1385.

41.º—*D. João Pires, 4.º*, 1385-1388.

42.º—*D. João Homem*, 5.º, 1392-1425. [1]

Seculo XV

42.º—*D. João Homem, 5.º*, 1392-1425.

43.º—*D. Fr. João d'Evora, 6.º*, 1414,—segundo diz Alexandre Lobo, mas a data não se coaduna com a do pontificado antecedente,—e Carvalho, Coldt, Cruz, Berardo, F. Manuel e o sr. dr. Nicolau não mencionam tal bispo!...

44.º—*D. Garcia*, 1426-1430.

45.º—*D. Luiz do Amaral, 1.º*, 1432-1438.

46.º—*D. Luiz Coutinho*, 2.º, 1438-1444.

O sr. Padre Cruz dá um bispo—*D. Gonçalo de Figueiredo*, 3.º do nome, como successor de D. Luiz do Amaral pelos annos de 1440, mas *nenhum* dos outros catalogos *aqui* o menciona. Suppomos que é o mesmo bispo *D. Gonçalo 2.º*, o *Anchinho,* mencionado sob o n.º 36.

47.º—*D. João Vicente*, 7.º, o *bispo azul,* fundador dos *Loios*, 1446-1463.

48.º—*D. João Galvão*, 8.º, 1464-1466,—segundo dizem Botelho e Carvalho, mas F. Manuel, Cruz Berardo e Lobo não mencionam tal bispo,—Coldt e Sousa dão-no como *duvidoso*—e nós tambem nos inclinamos a esta opinião.

49.º—*D. João Gomes d'Abreu*, 9.º 1466-1482.

50.º—*D. Fernando Gonçalves de Miranda,* 2.º, 1487-1505.

Seculo XVI

50.º—*D. Fernando Gonçalves de Miranda,* 2.º, 1487-1505.

51.º—*D. Jorge da Costa, 1.º*, cardeal d'Alpedrinha, 1506-1507.

52.º—*D. Diogo Ortiz de Vilhegas*, o *Calçadilha*, 1507-1519.

53.º—*D. Affonso*, infante e cardeal, 1520-1524.

54.º—*D. Fr. João de Chaves*, 10.º, 1524-1526.

55.º—*D. Miguel da Silva, 2.º, cardeal,* 1527-1547.

56.º — *D. Alexandre Farnese*, cardeal, 1547-1552.

57.º—*D. Gonçalo Pinheiro*, 1553-1556.

58.º—*D. Jorge d'Athaide*, 2.º, 1568-1578.

59.º—*D. Miguel de Castro, 3.º*, 1579-1585.

60.º—*D. Nuno de Noronha*, 1586-1594.

61.º—*D. Fr. Antonio de Sousa, 1.º*, 1595-1597.

62.º—*D. Fr. João de Bragança, 11.º*, 1599-1609.

---

[1] Ha grande divergencia nos differentes auctores com relação a estes ultimos 5 pontificados.

Veja-se o que d'elles dizemos adiante, na *Parte II.*

Seculo XVII

62.º—*D. Fr. João de Bragança, 11.º*, 1599-1609.
63.º—*D. João Manuel, 12.º*, 1610-1625.
64.º—*D. João de Portugal, 13.º*, 1626-1629.
65.º—*D. Fr. Bernardino de Sena*, 1629-1632.
66.º—*D. Miguel de Castro, 4.º*, 1633-1634.
67.º—*D. Diniz de Mello e Castro*, 1636-1639.

O sr. Padre Cruz não menciona estes 2 ultimos bispos e Carvalho mencionou só o penultimo.

Vacancia de 32 annos
(1639-1671)

68.º—*D. Manuel de Saldanha*, 1671.
69.º—*D. João de Mello 14.º*, 1673-1684.
70.º—*D. Ricardo Russel*, 1685-1693.
71.º—*D. Jeronymo Soares*, 1694-1720.

Seculo XVIII

71.º—*D. Jeronymo Soares*, 1694-1720.

Vacancia de 20 annos

72.º—*D. Julio Francisco d'Oliveira*, 1740-1765.

Alexandre Lobo começa o pontificado d'este bispo em 1741—e F. Manuel em 1743, mas nós seguimos a opinião do Padre Sousa que escreveu em 1767 e foi não só contemporaneo do dicto prelado mas como elle *congregado do Oratorio* ou de S. Philippe Nery, pelo que lhe dedicou a maior parte do tomo 3.º e ultimo do seu volumoso catalogo,—nada menos de 10 capitulos (2.º a 11.º *inclusive*)—de fl. 135 a 242.

É uma minuciosa, conscienciosa e preciosa biographia, infelizmente ainda *manuscripta* e por consequencia exposta a perder-se como já se perderam os 2 primeiros tomos do mesmo catalogo!...

Quando se resolverá o governo a salvar em edições baratas os numerosos e preciosos *mss.* que ainda restam nas nossas bibliothecas, mandando continuar a publicação dos *Ineditos* da Academia Real das Sciencias pela nossa *Imprensa Nacional*, sob a direcção da Academia?

Chamamos para este importantissimo assumpto a attenção de S. M. el-rei o sr. D. Luiz e de S. A. R. o principe D. Carlos.

Desculpem-nos a digressão.

73.º—*D. Francisco Mendo Trigoso, 1.º*, 1770-1778.

O sr. Padre Cruz não mencionou este bispo.

74.º—*D. José Antonio Barbosa Soares, 1.º*, 1779-1782.
75.º—*D. Fr. José do Menino Jesus, 2.º*, 1783-1791.
76.º—*D. Francisco Monteiro Pereira de Azevedo, 2.º*, 1792-1819.

Seculo XIX

76.º—*D. Francisco Monteiro Pereira de Azevedo*, 2.º, 1792-1819.

Repete-se o numero porque o pontificado d'este bispo se divide por 2 seculos.

77.º—*D. Francisco Alexandre Lobo, 3.º*, 1819-1844.
78.º—*D. José Joaquim d'Azevedo e Moura, 3.º*, 1846-1856.
79.º—*D. José Manuel de Lemos, 4.º*, 1856-1858.
80.º—*D. José Xavier Cerveira e Sousa, 5.º*, 1859-1862.
81.º—*D. Antonio Alves Martins, 1.º*, 1862-1882.
82.º—*D. José Dias Correia de Carvalho, 6.º*, 1883-....

É o bispo actual.

Bispos duvidosos

(Annos de Christo)

1.°—*S. Justo, 1.°*, pelos annos de 270.
2.°—*S. Justo, 2.°*, pelos annos de 284.
O Padre Sousa dá estes dois bispos como *certos?!...*
3.°—*Santo Aulo*, bispo e martyr, 300.
4.°—*S. Lusto*, 300.
5.°—*S. Justo, 3.°*, 320.
O Padre Sousa tambem dá estes dois bispos como *certos?!...*
6.°—*Idacio*, pelos annos de 385.
7.°—*Lazaro*, 400.
O Padre Sousa menciona estes ultimos dois como *duvidosos*.
8.°—*Mansueto*, pelos annos de 513.
9.°—*Affanio*, 541.
10.°—*Thimoteo*, 563.
Sousa dá-o como *certo*.
11.°—*Adaulfo*, pelos annos de 568.
12.°—*Justo, 4.°*, 577.
13.°—*Vulpeciano*, 600.
14.°—*Festino*, 637.
15.°—*Hispano*, 712.
Sousa dá-o como *certo*.
16.°—*Galindo*, pelos annos de 740.
17.°—*Pelagio*, 780.
18.°—*João*, 780.
19.°—*Probo*, 809.
20.°—*Clemente*, 847.
21.°—*Romualdo*, ...
Sousa menciona-o sem data.
22.°—*Hermigildo*, pelos annos de 1112, segundo diz o Padre Sousa.
23.°—D. *Pelagio*, ...
Sousa menciona-o sem data, como successor de D. *Matheus, 1.°* (n.° 32).
24.°—D. *Alvaro*, pelos annos de 1272.
25.°—D. *Egas*, ...
Sousa menciona-o sem data, como successor de D, *Alvaro* e ambos como *duvidosos;* menciona porem mais dois bispos com o mesmo nome de *Egas*,—um correspondente ao que nós denominamos D. *Gil* (n.° 29)—e outro correspondente ao bispo D. *Egas*, n.° 34.
26.°—D. *Martinho*, pelos annos de ....
Sousa menciona-o como *duvidoso* e sem data entre o duvidoso D. *Egas* e D. *Matheus 2.°*, mas dá outro D. *Martinho* como *certo*, correspondente ao mencionado por nós sob o n.° 35.
27.°—D. *Julião d'Alva*, ...
Sousa menciona-o entre *Alexandre Farnese* e D. *Gonçalo Pinheiro*—(n.os 56 e 57 da nossa lista)—e Carvalho menciona-o tambem sem data entre D. *Diogo Ortiz de Vilhegas* e o bispo D. Affonso, infante cardeal (n.os 52 e 53 da nossa lista).
28.°—D. *Soludidario*, ou *Scludidario*.
F. Manuel, baseado em um sinete ou sello que já depois do meiado d'este seculo se encontrou em Viseu,—sinete que possue Antonio José Pereira, pintor visiense, e que F. Manuel viu e desenhou na sua *Memoria*, a pag. 72, entende que este D. *Soludidalio* foi bispo de Viseu, successor de D. *João Gomes* e antecessor de D. *Fernando Gonçalves de Miranda*, mencionados na nossa lista sob os n.os 49 e 50.

As rasões que F. Manuel adduz são as seguintes:

1.°—Porque o tal sinete, que é redondo, tem no centro um escudo encimado por uma mitra;—no meio do escudo uma estrella;—em volta do escudo sete castellos—e na orla do sinete esta legenda:—*Solvdidali ep. e opvisens* — que em vulgar diz.: — *Soludidalio bispo da cidade de Viseu.*

Nada mais terminante!

2.°—Porque na abobada da capella do Santissimo se vê na Sé o mesmo brasão do sinete.

3.°—Porque na riquissima abobada actual da Sé, alem d'aquelle brasão, apenas se vê o dos *Costas* (do cardeal de Alpedrinha, D. *Jorge da Costa*)—e o do bispo D. *Diogo Ortiz de Vilhegas*, que foi quem concluiu a dicta abobada, como dissemos quando tractamos d'este ultimo bispo e da cathedral.

D'aqui F. Manuel muito sensatamente infere que a dicta abobada, cuja construcção durou com certesa muitos annos, seria principiada pelo bispo D. *Soludidalio*,—continuada a expensas do opulentissimo cardeal D. *Jorge da Costa*—e concluida e talvez feita na sua maior parte por D. *Diogo Ortiz de*

Vilhegas, pelo que este ali collocou as suas armas e as d'aquelles dois bispos seus antecessores e com elle factores da riquissima abobada. [1]

4.ª—Porque (diz tambem muito sensatamente F. Manuel)—entre o bispo D. *João Gomes*, que falleceu em 1482—e o bispo D. *Fernando G. de Miranda*, cujo pontificado todos (excepto o Padre Sousa) principiam em 1487, ha uma vacancia de 5 annos, sem memoria d'outro bispo, o que o leva a crer que D. *Soludidalio*, foi bispo de Viseu n'aquelle interregno ou pelos annos de 1482 a 1487.

Na minha humilde opinião F. Manuel argumenta bem.

29.º—D. *Jorge Pereira de Sande*, 1739.

Suppõe-se que foi nomeado por el-rei D. João V na data supra, mas que não acceitou a mercê, o que determinou D. João V a nomear D. *Antonio de Guadalupe*, de quem fallamos na lista dos *Bispos certos*.

Catalogo do Padre Sousa, tomo 3.º fl. 129.

Bispos eleitos, mas não confirmados

Occorrem-nos os seguintes:

1.º—O veneravel Padre Mestre *Fr. Luiz de Granada*, 1568.

2.º—O Padre Mestre *Fr. Martinho de Ledesma*, no mesmo anno de 1568.

3.º—*Fr. Manoel da Veiga*, tambem no mesmo anno de 1568, segundo diz o Padre Sousa, dando este ultimo como *duvidoso*.

4.º—*Fr. Roque do Espirito Santo*, 1586.

Tambem regeitou o arcebispado de Gôa e os bispados de Ceuta e Lamego. V. *Coldt*.

5.º—D. *João da Silva*, 1632.

Era filho de D. João da Silva, 4.º conde de Portalegre, e falleceu em 1634.

6.º—*Sigismundo Francisco*, 1634.

Era filho de Leopoldo, archi-duque do Tirol;—foi eleito (por Filippe IV) bispo de Viseu, contando apenas 3 annos de idade, e depois foi bispo d'Ausburgo.

Na grande *vacancia* de 32 annos proveniente da guerra entre Portugal e Hespanha, desde 1639, data do fallecimento do bispo D. *Diniz de Mello e Castro*, até 1671, data da confirmação de D. *Manoel de Saldanha*, foram eleitos bispos de Viseu os seguintes:

7.º—D. *Alvaro da Costa*, 1639.

8.º—D. *Fr. Gerardo Pereira*, 1640.

9.º—D. *Fernando de Mello*, 1640, segundo diz o Padre Sousa. [1]

10.º—D. *Manuel de Saldanha*, [2] 1653.

Foi reitor e reformador da Universidade; n'ella acclamou rei o nosso D. João IV em 1640 e instituiu um prestito que da capella da Universidade iria todos os annos no 1.º de dezembro ao convento de Santa Cruz, em acção de graças pela restauração da nossa autonomia. Tambem no dia 28 de julho de 1646 jurou com os lentes da Universidade defender a Immaculada Conceição de Maria.

Era filho de João de Saldanha e de D. Leonor de Menezes.

11.º—D. *Fernando de Miranda Henriques*, 1662.

12.º—D. *Diogo Lobo da Silveira*, 1663.

13.º—D. *Manuel de Noronha*, 1664.

14.º—D. *Fr. Manuel da Conceição*, ...

Sousa o dá eleito—sem data.

Estes ultimos 5 foram nomeados pelos nossos reis D. João IV e D. Affonso VI, mas nenhum d'elles obteve confirmação apostolica, por causa das intrigas e opposição de Castella.

De todos estes bispos eleitos e não confirmados (ao todo foram 8) tracta *amplamente* o padre Sousa.

—

15.º—D. *Fr. Antonio de Guadalupe*, 1739-1740.

Sendo bispo do Rio de Janeiro, foi nomea-

---

[1] Na mesma abobada se vêem tambem alguns escudos com as nossas armas reaes, entre elles o de D. Manuel com o distinctivo da esphera armillar, como já dissemos no topico relativo á Sé.

Vide.

[1] Estes 3 foram nomeados por Filippe III, mas nenhum d'elles obteve confirmação nem chegou a governar o bispado.

[2] Falleceu em 1659, sendo bispo eleito de Coimbra, e jaz em sepultura rasa na capella mór da egreja do convento do Bussaco, do qual foi muito insigne bemfeitor.

do bispo de Viseu. Não chegou a tomar posse d'esta ultima diocese, mas suppomos que foi confirmado.

Nasceu em Amarante a 27 de setembro de 1672 e foram seus paes o dr. Jeronymo da Cunha, magistrado dignissimo, e D. Maria de Cerqueira.

Formou-se em canones; seguiu, como seu pae, a magistratura e, tendo pouco mais de 25 annos, foi despachado juiz de fóra de Trancoso, mas, antes de acabar o 1.º triennio, abandonou a magistratura e tomou o habito de religioso franciscano minorista, em Lisboa, a 23 de março de 1701, professando a 24 de igual mez no anno seguinte.

Sendo muito versado em philosophia, a ordem o mandou estudar theologia no collegio de S. Boaventura de Coimbra, tornando-se no fim de 3 annos um consummado theologo, pelo que lhe offereceram uma cadeira de theologia, mas elle preferiu a predica e foi um orador sacro de primeira plana, como provam os 3 tomos dos seus sermões, que correm impressos, alem de outros muitos que deixou *mss.*

Tão alto soavam a sua illustração e virtudes, que el-rei D. João V o nomeou bispo do Rio de Janeiro em 25 de novembro de 1772, mas por causa das desintelligencias entre a nossa côrte e a de Roma, só em 1724 obteve a confirmação.

Sagrou-se na egreja patriarchal de Lisboa em 13 de maio de 1725, e a 2 de junho do mesmo anno embarcou para o Rio de Janeiro, chegando ali a 10 d'agosto.

—

No anno seguinte (1726) visitou pessoalmente a sua diocese, então vastissima, com mais de 600 leguas d'extensão, pois comprehendia tambem os 2 districtos de S. Paulo e Marianna, hoje bispados proprios.

Era arrebatado de genio, mas em breve reconsiderava e se arrependia, e foi tão virtuoso que por sua morte os seus diocesanos o veneraram como santo e lhe faziam votos e mandavam dizer missas, como *advogado de coisas perdidas*, qual outro Santo Antonio de Lisboa e Padua.

Emquanto foi bispo do Rio de Janeiro teve sempre um alfaiate e 6 officiaes trabalhando por sua conta em vestidos para os pobres, e no seu testamento deu carta d'alforria a todos os seus escravos.

Em 1739 D. João V o nomeou bispo de Viseu;—chegou a Lisboa em agosto de 1740 na frota do Rio de Janeiro, que constava de 26 navios mercantes e 3 naus de guerra, mas chegou tão doente que foi levado a custo em uma cadeirinha de mão para o seu convento de S. Francisco, em 26 d'agosto do mesmo anno e, passados 6 dias,—a 31 do mesmo mez d'agosto de 1740, ali falleceu, depois de receber com a maior compuncção todos os sacramentos, tendo de idade 67 annos, 11 mezes e 4 dias e de pontificado 16 annos.

Jaz no cemiterio do dicto convento, em sepultura rasa com uma grande inscripção latina, que póde ler-se no *Catalogo* de Sousa, tomo 3.º fl. 135.

16.º—*José Vicente Gomes de Moura*, presbytero secular, 1482.

Este distinctissimo professor de latim, grego e historia, e não menos distincto escriptor publico, foi em 1842 nomeado coadjutor e futuro successor do bispo de Viseu D. Francisco Alexandre Lobo, mas não acceitou a nomeação.

Era natural de *Mouronho*, concelho de Tabua, onde nasceu em 22 de dezembro de 1769;—falleceu junto de Coimbra em 2 de março de 1854—e jaz na villa de Poiares, sua terra adoptiva, em um bello mauzoleu erigido á sua memoria em 1859 pelos admiradores da illustração e virtudes do finado.

Veja-se a *Oração funebre* recitada pelo sr. dr. Francisco Antonio Rodrigues d'Azevedo [1] e publicada em 1854,—o *Diccionario Bibl.* de Innocencio—e a *Revista Litt. do Porto*, tomo X, pag. 104 e 345, onde se encontra a biographia de José Vicente Gomes de Moura, escripta pelo sr. dr. Francisco Antonio Rodrigues de Gusmão, distincto litterato tambem

[1] Foi lente de theologia na nossa universidade,—jubilou-se ha muito tempo—e de todos os lentes do meu curso (1851-1856) é o *unico* que ainda vive.

V. *Villa Nova de Foscôa*, tomo XI, pag. 848, col. 1.ª

PARTE II

Breve noticia dos bispos de Viseu, mencionados como certos

Bem quizera aproveitar e conglobar tudo o que se lê nos *nove* catalogos impressos e *mss.* já indicados e que *por fortuna* tenho presentes. O ensejo era optimo para escrever um *Catalogo dos Bispos de Viseu*, completo quanto possivel, mas daria um grosso volume e, como este artigo e este topico vão já muito longos, com magua terei de despresar fontes tão abundantes e de reduzir este topico á expressão mais simples, para não o supprimir completamente.

Bispos de Viseu no tempo dos suevos e godos

Seculo VI

1.º—*Remissol*, 572–585.

Assistiu ao 2.º concilio bracarense, celebrado no anno de Christo 572 e subscreveu em 2.º logar, governando Portugal e Gallisa o rei suevo *Miro* ou *Ariomiro*. No anno 585 foi o reino dos suevos occupado por Leovigildo, rei godo ariano, que perseguiu cruelmente os bispos catholicos e desterrou aquelle, dando o bispado de Viseu ao ariano Sunila, que foi seu successor, pois Remissol falleceu no desterro.

2.º—*Sunila*, 585-593.

Abjurou a seita d'Ario, no 3.º concilio toletano, congregado em 589[1] assignando em 35.º logar, e tendo já fallecido Remissol, foi-lhe dado o bispado de Viseu, que até ali occupou como intruso.

Seculo VII

3.º—*Gundemiro*, 610–625.

Foi o 19.º prelado dos 26 que no anno 610 assignaram o decreto d'el-rei Gundemaro, reconhecendo o arcebispo de Toledo como metropolitano da provincia de Cartagena.

4.º—*Lauso*, 633–637.

Assistiu ao 4.º concilio toletano e o assignou em 633.

5.º—*Farno* ou *Firmo*, 638.

Assistiu ao 6.º concilio toletano em 638.

6.º—*Parimo* ou *Parino*, 646.

Assistiu ao 7.º concilio de Toledo, celebrado no anno de 646.

7.º—*Undila* ou *Wadila*, 653–666.

Assistiu ao concilio 8.º de Toledo, celebrado no anno de 653.

Vacancia

8.º—*Reparato*, 681–683.

Assistiu ao 12.º e 13.º concilios de Toledo, celebrados em 681 e 683.

9.º—*Wilifonso* ou *Vocifredo*, 688.

Assistiu ao 15.º concilio de Toledo, celebrado no anno de 688.

10.º—*Theofredo*, 693.

Assistiu ao 16.º concilio de Toledo, celebrado no anno de 693.

Conquista dos sarracenos

Seculo VIII

V. o que já dissemos na *Parte I*.

Seculo IX

11.º—*Theodomiro*, 876–899.

Assistiu á sagração do templo de Santiago de Compostella no anno de 876—e ao concilio celebrado em Oviedo no anno de 877—11 mezes depois da dicta sagração, como diz Coldt. O bispo Lobo e F. Manuel tambem lhe assignam o anno de 876, mas outros catalogos divergem nas datas,—e o sr. Padre Cruz, em vez de *Theodomiro*, que todos dão como *certo*, menciona em 900 o bispo *Argemiro*, que nem como *duvidoso* vejo em catalogo algum.

---

[1] Referimo-nos sempre ao anno do nascimento de Christo, quando não fizermos menção da era de Cesar.

Berardo diz que o pontificado de Theodomiro se prolongou até o anno 899, data da sagração da egreja de Santiago da Gallisa, —e Botelho prolonga o mesmo pontificado até o anno de 901, mas Coldt cita em favor da sua opinião Sandoval, Sampaio e Pagi na critica aos *Annaes de Baronio.* A mesma opinião seguiu ainda em 1858 o *Compendio de la vida, martyrio, traslacion é invencion del glorioso cuerpo de Santiago el Mayor*, pag. 75 dizendo que aquella sagração foi feita no anno de 874 ou 876, por commissão do Papa João VIII, que governou a egreja de Deus desde 872 até 882, mas o dr. D. José Maria Cepedano y Carnero na sua *Historia y descripcion arqueologica de la Basilica Compostelana* (Lugo, 1870) a pag. 15 diz que a mencionada sagração foi feita no anno de 899. A mesma opinião seguem Florez na *España Sagrada*, tomo 1, pag. 100,—e Castella Ferrer na *Historia de Santiago Zebedeo*, pag. 463 e 464.

Vejam que labyrintho!...

Prosigamos.

Seculo X

12.º—*Gundemiro* ou *Gundemaro*, 905.

Assignou uma escriptura de doação que fez el-rei D. Affonso Magno ao mosteiro de Sahagum no anno de 905.

13.º—*Americo* ou *Anserico*, 915-918.

Assignou varias doações nos annos 915-918—e falleceu em 920.

V. F. Manuel Botelho e Coldt.

14.º—*Sabarico*, 922.

Assignou em 922 o privilegio do mosteiro de Samos.

15.º—*Salamon* ou *Salomão*, 932.

Assignou um privilegio da egreja de Santiago da Gallisa em 932.

V. Alexandre Lobo, F. Manuel e Berardo; —Cruz, Botelho, Sousa e Coldt não mencionam estes ultimos 2 bispos.

16.º—*Dulcidio*, 934-951.

17.º—*Ermegilo* ou *Hermenegildo.*

Assignou uma doação feita por Enderquina Palla ao mosteiro de Lorvão em 961;—Lobo aponta documentos de 965;—Berardo e F. Manuel prolongam o seu pontificado até 969 e Botelho suppõe que ultrapassou esta data.

18.º—*Iquilano* ou *Iquila*, 981-985.

Assignou uma doação feita em 981 ao mosteiro de Lorvão—e Alexandre lobo refere-se a documentos assignados por este bispo em 985.

Botelho não o menciona.

Vacancia de 35 annos, proveniente da nova occupação de Viseu pelos mouros, commandados por Almansor, — occupação que durou 76 annos, até que D. Fernando Magno a tomou de novo em 1057. [1]

Os bispos de Viseu e outros muitos de Portugal e do sul da Hespanha durante a dominação arabe residiram em Oviedo, onde os reis de Leão lhes deram asylo e assignaram egrejas para se sustentarem, pelo que Oviedo se denominou *cidade dos bispos.*

A egreja que ali tiveram os bispos de Viseu, desde Theodomiro, foi a de *Santa Maria de Novelhote*, em *Rosisem.*

V. *Dialogo III de Botelho*, cap. 12;—e *Memorias de Berardo*, parte II, cap. 3.º

Seculo XI

19.º—*D. Gomes*, 1020-1050.

Achou-se em 1050 no concilio de Coyaca, diocese de Oviedo, segundo dizem Lobo, Sousa, Botelho, Cruz e Coldt, mas Berardo menciona este bispo D. Gomes não como bispo de Viseu, mas de *Occa*, subscrevendo a opinião de Fr. Manuel Risco no vol. 38 da *Hespanha Sagrada*;—e F. Manuel menciona-o como 1.º *prior* de Viseu?!...

20.º—D. *Sisnando*, 1058-1064.

Botelho, Coldt, F. Manuel e o sr. Padre Cruz não mencionam este bispo, mas Alexandre Lobo e Sousa dão-no como *certo*—e Berardo menciona-o como *duvidoso*?!...

Seculo XII

Priores

Seguem-se os priores, a quem os bispos de

---

[1] V. o principio do topico relativo á cathedral.

Coimbra, como mais proximos, em virtude da disposição dos antigos canones e da bulla de Paschoal II, do anno 1101, dirigida ao bispo de Coimbra D. Mauricio, encarregaram o governo d'este bispado de Viseu, para attenuarem os inconvenientes da grande vacancia.

Conserva-se apenas memoria dos priores seguintes:

—*D. Theodonio*, 1110-1112.

O conde D. Henrique em 1110 lhe deu a egreja de S. Miguel do Fetal, onde residiu com os seus conegos até que falleceu em 1112.

Suppõe-se que a cathedral n'aquelle tempo estava em ruinas.

—*S. Theotonio*, 1112-1119.

Nasceu na aldeia de *Tardinhade*, freguezia de *Ganfei*, concelho de Valença, no Minho (V. *Ganfei*);—era filho de D. Oveco e de sua mulher Eugenia,—e sobrinho de D. Cresconio, bispo de Coimbra, pessoas muito nobres.

Sendo conego em Viseu desde 1093, por fallecimento de D. Theodonio, em 1112, foi eleito prior d'este bispado pelo povo e clero, eleição que o bispo de Coimbra confirmou; mas em 1119 renunciou o priorado no seu sobrinho D. Honorio para ir, como foi, 1.ª e 2.ª vez á Palestina visitar os *Logares Santos*. A rainha D. Theresa o quiz fazer bispo de Viseu,—graça que elle humildemente recusou para ir com um seu irmão e outros companheiros dar principio ao convento de *Santa Cruz* em Coimbra, do qual foi eleito 1.º prior-mór em 1132 e ali falleceu como santo em 1162.

V. *Coimbra*, tomo 2.º pag. 326.

A cidade de Viseu, em veneração da sua memoria e por gratidão aos muitos beneficios que d'elle recebera, o tomou para seu padroeiro, solemnisando com grandes festas em 1603 duas canas do braço direito do santo prior, que o geral e o capitulo de Santa Cruz lhe deram como preciosas reliquias.

—D. *Honorio*, 1119.

Era, como já dissemos, sobrinho de S. Theotonio, que n'elle renunciou em 1119 o priorado de Viseu, onde era conego e falleceu no mesmo anno, como se lê no livro antigo dos obitos do convento de Grijó.

—*D. Odorio*, 1120-1130.

O povo e clero de Viseu, mal contentes com a subordinação á diocese de Coimbra, poucos mezes depois de ser nomeado prior lhe deram o titulo de bispo, com approvação da rainha D. Theresa. Oppoz-se D. Gonçalo, então bispo de Coimbra. D. Odorio cedeu no mesmo anno de 1120 o seu titulo de bispo e ficou governando a diocese como simples prior, mas em 1130 largou o priorado a D. Soeiro Tedom e foi viver no convento de Santa Cruz de Coimbra, até que el-rei D. Affonso Henriques, annuindo ás instancias do povo e clero de Viseu, que não cessavam de pugnar em favor da sua autonomia e contra a sugeição aos bispos conimbricenses, o nomeou bispo de Viseu, impondo se de fórma tal que o bispo de Coimbra não recalcitrou.

—D. *Soeiro Tedom*, 1131-1144.

Foi este o ultimo prior que governou a diocese, mas em 1171 a 1179 ainda no quadro do cabido visiense figurava um prior, como simples dignidade, segundo diz Coldt, fallando do bispo n.º *24 infra*.

Bispos do tempo da nossa monarchia

21.º— D. *Odorio*, 1144-1165.

Este bispo comprou a quinta de *Fontello*, como dizemos n'outro topico, e no seu pontificado se creou o *Exemplo* de S. Christovam de Lafões, *com assentimento do bispo D. Odorio e dos seus conegos*, o que muito bem demonstra Berardo no cap. V, parte II das suas *Memorias*, refutando a contraria asserssão de Viterbo no seu *Elucidario*, art. *Ferros*.

V. *Lafões*, onde o meu antecessor fallou do grande mosteiro a que pertencia o tal *Exemplo*.

22.º—D. *Gonçalo, 1.º*, 1165-1169.

Era monge d'Alcobaça e assistiu á sagração da egreja de S. João de Tarouca, em 1169.

Coldt diz que renunciou.

23.º—D. *Marcos*, 1170.

É mencionado na bulla da beatificação de S. Rozendo, em 1170.

24.º—D. *Godinho*, 1171-1179.

Com o consentimento do seu *prior* Pedro Lombardo e de todos os seus conegos admittiu ao numero d'estes João de Reservada, como diz uma memoria do cartorio de Viseu.

V. *Coldt*.

25.º—D. *João Pires*, *1.º*, 1179-1102.

Suppõe-se que falleceu em 1192.

D. Sancho I lhe doou e á sua egreja a villa de *Canas de Senhorim* em 1186—e a coutou, —e em 1187 o mesmo rei (não este bispo, como se lê algures) deu foral a *Viseu*.

Seculo XIII

26.º—D. *Nicolau*, 1193-1213.

Nasceu em Lisboa, na freguezia de S. Vicente de Fóra, sendo seus paes João Rodrigues Velho e Anna Taveira;—professou no mosteiro dos conegos regrantes de S. Vicente de Fóra em 1173; depois de ordenado estudou em Paris artes e theologia e foi thesoureiro-mór no cabido de Coimbra, etc.

Sendo eleito bispo de Viseu em 1193 e vindo em 1198 occupar a cadeira pontificia o papa Innocencio III, seu conhecido dos tempos em que o nosso prelado viveu em Paris e andou viajando, foi a Roma beijar-lhe o pé. O papa reconhecido o confirmou e sagrou e escreveu uma carta a rainha D. Theresa recommendando-lh'o e louvando-o pela sua modestia, illustração e circumspecção. [1]

Falleceu em Viseu no dia 3 d'outubro de 1213.

V. *Coldt*.

27.º—D. *Fernando Raimundo Coutinho*, *1.º*, 1213-1214.

O sr. Padre Cruz não menciona este bispo;—Coldt dá-o como duvidoso,—mas Botelho, Berardo, Sousa, Lobo, F. Manuel e o sr. dr. Nicolau dão-no como *certo*.

Tomou posse em 1213 e falleceu em 1 de fevereiro de 1214.

---

[1] Foi protector e insigne bemfeitor do convento de *Ferreira d'Aves*, então de monges e posteriormente de freiras.
V. *Elucidario* de Viterbo, art. Ferros.

Residiu nas casas da quinta de Santa Eugenia, que foram incendiadas pelos francezes em 1810, e ali fez uma concordata com o cabido, repartindo as terças, casaes e egrejas da diocese entre elle e o deão, chantre, thesoureiro e conegos, como consta do *Estatuto 1.º da Cathedral*, fl. 1, v.

Botelho indica todas as egrejas que ficaram pertencendo aos bispos.

28.º—D. *Bartholomeu*, 1214-1221.

Assignou em 1218 a escriptura, na qual D. Affonso II confirmou a doação do couto de Gondomar, feita por D. Sancho I ao bispo do Porto D. Martinho Rodrigues II, no anno de 1193.

V. *Botelho*, *Dialogo 4.º* cap. 9.º—e o *Catalogo dos Bispos do Porto*, pag. 57 e segg. *mihi*.

Nas *Memorias* que Berardo offereceu á camara em 1838 vê-se o nome do bispo D. Bartholomeu, mas não se encontra nas *Memorias* do mesmo Berardo, publicadas no *Liberal*; o bispo Lobo nem como *duvidoso* o menciona,—dão-no porem como *certo*—Botelho, Coldt, Cruz, F. Manuel, o sr. dr. Nicolau e o padre Sousa.

Coldt diz que ha memorias d'este bispo em doações e escripturas desde o anno 1215 até 1222, mas Sousa diz que falleceu em Viseu em 1221.

29.º—D. *Gil* ou *D. Egidio* ou *D. Egas*, *1.º* 1221-1230.

V. o que já dissemos d'este prelado na *Parte I*.

Coldt diz que ha noticias d'elle por todo o reinado de D. Sancho II, ou até 1245;—Sousa diz que o pontificado d'este bispo principiou em 1221 e terminou em 1248, data da sua morte, em Viseu,—mas Botelho diz que do livro d'obitos apenas consta que falleceu a 9 de setembro.

Os catalogos todos divergem e nós não podemos harmonisal-os.

30.º—D. *Martinho*, 1230—segundo dizem Alexandre Lobo e o sr. Padre Cruz.

V. o que já dissemos d'este prelado.

Vacancia de 20 annos e interdictos

31.º—D. *Pedro Gonçalves*, 1250-1254.

V. o que já dissemos d'este bispo.

Em 1251 deu *Carta de Fôro* aos habitantes do *Couto da Sé,* que estava dentro dos antigos muros da cidade.

Falleceu em Viseu em 1254 e jaz na Sé, como diz o Padre Sousa.

No seu tempo, diz Berardo, tiveram logar umas grandes dissenções entre o bispo da Guarda D. Martinho Paes e os bispos de Viseu, porque, estando estes na posse das egrejas do *Jarmello* e *Castello Mendo,* os da Guarda pretendiam fazel-as suas empregando a força, na falta de melhor argumento.

«Marchava para a cidade da Guarda o bispo de Viseu rodeado dos seus conegos e seguido de uma grande comitiva de clerigos, onde tambem ião os juises commissionados para sustentarem a posse por parte de Viseu. Porem o bispo egitaniense, á frente de uma phalange forte de clerigos e leigos armados, sahiu-lhes ao encontro na passagem do rio Mondego e depois de uma arrogante intimação, a que seus adversarios não quiserão ceder, passou ás vias de facto, já fustigando as alimarias, já deturbando os cavalleiros; e a tal ponto cahirão os da Guarda sobre os de Vizeu, que estes tiverão de se retirar, arremessando-lhes simplesmente as armas das *censuras.*

«Esta celebre contenda veio a terminar por uma sentença dos commissarios apostolicos, que derão á sé da Guarda as parochias do *Germello,* e á de Vizeu as de *Castello Mendo.*»

É isto o que textualmente diz Berardo nas suas *Memorias,* publicadas no *Liberal,* a quem seguiu F. Manuel, e isto mesmo com mais amplitude ainda diz Viterbo no artigo *Garda,* — artigo muito curioso e muito digno de se ler. —Consultando nós o *Catalogo dos Bispos da Guarda,* escripto pelo dr. Manuel Pereira da Silva Leal e publicado em 1722 no tomo 2.º das *Memorias da Academia Real de Historia,* não temos duvida em crer que o protogonista das grandes dissenções fosse o bispo da Guarda D. Martinho Paes, pois ali se caracterisa como irascivel, energico e turbulento e se apontam não as dissenções com os bispos de Viseu, más *outras muitas* com os bispos de Coimbra durante o seu longo pontificado, dissensões que o obrigaram a ir a Roma varias vezes. O que não podemos crer é que o tal conflicto se desse com o bispo de Viseu D. Pedro Gonçalves, como diz Berardo, pois D. Martinho Paes foi bispo da Guarda desde o anno 1200 ou 1202 até 12 de novembro de 1228, data em que falleceu em Roma, como diz o dr. Leal, em quanto que D. Pedro Gonçalves foi bispo de Viseu em 1250 a 1254, data em que falleceu como já dissemos.

Viterbo, narrando minuciosamente o conflicto, não lhe assignou data, depois diz e prova que as taes dissenções ainda duravam no anno de 1239 (11 annos depois do fallecimento de D. Martinho)—accrescentando que *não pôde averiguar quando terminaram.*

V. *Jermello* e *Castello Mendo.*

32.º—D. *Matheus 1.º*, 1254-1271.

Foi eleito em 1254, e no mesmo anno assistiu ás côrtes que D. Affonso III celebrou em Leiria;—assignou o foral que o mesmo rei deu a Villa Nova de Gaya em 1255;—esteve alguns annos sem obter confirmação—e foi um dos prelados que em 1262 supplicaram ao pontifice Urbano IV a legitimação dos filhos que D. Affonso III teve da rainha D. Brites, vivendo ainda a condessa Mathilde, sua primeira mulher. Continuaram no seu tempo os grandes conflictos entre Portugal e a curia romana, conflictos que atravessaram os reinados de D. Affonso II e D. Sancho II e enlutaram o nosso paiz com censuras e interdictos;—foi acerrimo defensor das immunidades ecclesiasticas que o estado invadira;—em defesa d'ellas foi com outros bispos a Roma;—estava em Viterbo no anno de 1268, quando ali falleceu o Papa Clemente IV—e em Viterbo falleceu tambem o nosso bispo no anno de 1271, como diz o Padre Sousa.

Vacancia de 8 annos

33.º—D. *Matheus II*, 1279-1287.

Todos os catalogos são accordes n'estas datas,—o que é rarissimo!

Jaz em Viseu na capella mór da Sé, onde

o bispo D. Jorge d'Athaide lhe fez sepultura propria com a inscripção seguinte:

DOM. MATHAEO EPÕ VISEN.
QUI OBIIT ANNO 1325. DIE
16. FEBRUARY. GEORGINS
EJUSDEM ECCLAE. EPUS.
ANNO 1571 DIE 4. APRILIS.
F. C.

Em vulgar: «A D. Matheus, bispo visiense, que falleceu no dia 16 de fevereiro do anno 1325,[1] D. Jorge bispo da mesma egreja, fez construir e dedicou esta sepultura no dia 4 d'abril de 1571.»

Suppõe-se que as ossadas de D. Matheus estavam no chão onde hoje se vê a sacristia e que D. Jorge as removeu quando fez ali obras.

Por fallecimento de D. Affonso V (16 de fevereiro de 1279) que pouco antes se havia congraçado com o romano pontifice, Nicolau III, acabaram os interdictos em Portugal e com elles a vacancia da sé de Viseu.

Seculo XIV

34.°—D. *Egas*, *1.°*,—ou 2.°, se dermos ao bispo D. *Gil* (n.° 29, supra) o nome de Egas tambem,—1289-1313.

Jaz em Viseu na sepultura que em 1571 lhe mandou erigir na capella mór da Sé o bispo D. Jorge, quando fez tambem ali a outra sepultura para D. Matheus II.

Na inscripção da de D. Egas se nota o mesmo lapso de trocar o anno pela era, pois diz que falleceu no dia 16 de março do *anno* 1351, devendo dizer na *era* de 1351, que corresponde ao anno 1313, data do seu fallecimento.

Este bispo D. Egas fez nova divisão das rendas do bispado com os seus conegos, reformando a que tinha sido feita pelo bispo D. Fernando Raimundo (V. n.° 27);—creou 10 *meios-conegos*, pelos quaes dividiu as prebendas de 5 conesias vagas;—creou tambem a corporação dos padres coreiros e beneficiados,—e obteve d'el-rei D. Diniz muitas concessões importantes, v. g. a doação da egreja de S. Pedro do Sul para o seu cabido e para este o foro de fidalgos cavalleiros, a exempção do tributo chamado *cavallaria*, a graça de serem os conegos almotacés, a restituição da rua do *Suar* ao velho couto da sé, a transferencia dos direitos que o rei tinha nas egrejas de *Castello Mendo*, etc. etc.

V. *Dialogos* de Botelho e a *Memoria* de F. Manuel.

35.°—D. *Martinho II*, 1313-1323.

Para evitarmos repetições, veja-se o que já dissemos d'este bispo.

Foi eleito no mesmo anno de 1313, em que falleceu D. Egas, seu antecessor, como consta de uma doação, que assigna, feita em julho d'aquelle anno. Botelho e Coldt citam d'elle muitas memorias, mas lamentam ignorar a data em que falleceu;—F. Manuel, consciencioso investigador e muito escrupuloso nas datas, diz que já era fallecido em 1323, mas o Padre Sousa diz que falleceu *em Lisboa no anno de 1325*—e Sousa tem muita auctoridade, como já dissemos.

Attribue-se a este bispo a conclusão da antiga abobada da sé,—abobada principiada pelo bispo D. Matheus II, no anno de 1282.

Para evitarmos repetições, veja-se o topico relativo á cathedral.

36.°—D. *Gonçalo de Figueiredo, II*, o *Anchinho*, 1323-1328.

Sousa diz que este bispo nasceu em *Alcacer do Sal*,—que principiou o seu pontificado em 1326—e que expirou em Viseu em 1328.

Berardo diz que era natural do Algarve e pae de filhos legitimos, antes de abraçar o estado ecclesiastico.

Botelho falla muito largamente d'este bispo e dos seus numerosos descendentes no Dialogo 4.° cap. 18-30 *inclusive*. Foi patriarcha dos Figueiredos, dos Loureiros e d'outras muitas familias nobres da Beira.

Alexandre Lobo, F. Manuel e Coldt dão-no já eleito em 1323.

37.°—*D. Miguel Vivas 1.°*, 1330-1335.

O Padre Sousa da-o como simplesmente

---

[1] Aqui houve lapso. Devia dizer—na *era* de 1325 (*anno* de 1287) data do fallecimento de D. Matheus II.

eleito, mas Coldt, Berardo e F. Manuel dão-no como bispo *confirmado*,—e Viterbo fallando da collegiada de Santo André de *Ferreira d'Aves*, diz: «Corria o anno de 1331, quando D. Miguel Vivas, eleito e *confirmado* bispo de Viseu, achando-se de visita no Castello de Ferreira a 30 de dezembro, deo nova forma, e quasi instituiu de novo a presente collegiada...»

V. no *Elucidario* o longo e *interessantissimo* artigo *Ferros*, tomo 1.º pag. 324, col. 2.ª *mihi*.

Respeitamos muito a opinião do Padre Sousa, mas n'este ponto tambem claudicou!

D. Miguel Vivas foi chanceller-mór d'el-rei D. Affonso IV e, antes de ser eleito bispo, foi abbade de *Trasmires*,[1] e D. Prior da collegiada de Guimarães até 1329, como dizem o Padre Carvalho na *Chor. Port.*, tomo 1.º pag. 27—e Damião A. de Lemos na sua *Politica Moral e Civil*, tomo 4.º pag. 420.

Botelho dá este bispo como antecessor do seguinte:

38.º—*D. João II.* 1360-1362.

Assistiu com outros prelados á justificação que em 1361 fez em Coimbra D Pedro I, para provar que havia casado com a infeliz D. Ignez de Castro, como declarou o mesmo rei na villa de Cantanhede, e no anno de 1362 assistiu á sagração do convento velho de S. Francisco de Coimbra.

Berardo, referindo-se a uma *nota* que dá na sua integra, extrahida de um antigo *Necrologio*, diz que este D. João II já era bispo de Viseu em 1341?!...

Para evitarmos repetições, veja-se o topico relativo á cathedral.

Botelho dá este bispo como antecessor de *D. Gonçalo de Figueiredo II.* Foi lapso.

[1] Não sabemos que abbadia era esta; mas como abbade de *Trasmires* e chanceller-mór do reino, assignou em Coimbra no anno de 1327 o 2.º testamento da rainha Santa Isabel.

Hist. Geneal. tomo 1.º das *Provas*, tit. 1.º pag. 121.

Nós não temos hoje em Portugal freguezia alguma denominada *Trasmires*. Talvez que assim se denominasse *in illo tempore* a freguezia de *Tres Minas*, hoje do concelho de Villa Pouca d'Aguiar, em Traz-os-Montes.

O Padre Sousa diz que falleceu em Coimbra no anno de 1362.

Desde 1335 até 1375 não ha memoria d'outro bispo de Viseu, alem de D João II, mas é de suppor que houvesse algum outro, mesmo porque durante aquelle tempo não consta que houvessem interdictos no nosso paiz. O que consta é que em 1348 houve uma grande peste que assolou Portugal e Hespanha, ficando muitas povoações *sem um unico habitante*!...

39.º—*D. João Martins, III*, 1375-1378,

É isto o que podemos colligir dos differentes catalogos que nos cercam, mas o Padre Sousa diz que falleceu em Viseu no anno de 1388—e Botelho e Coldt dizem que em escripturas com esta data se faz menção d'elle.

Este ponto é muito obscuro.

40.º—*D. Pedro Lourenço II*, 1385, segundo dizem Alexandre Lobo, F. Manuel, dr. Nicolau e Berardo, mas Botelho, Sousa, Cruz e Coldt não o mencionam, talvez pelo facto de ser deposto *suis culpis et demeritis* no mesmo anno de 1385, segundo se lê em uma bulla do Papa Urbano VI. V. *Memorias* de Berardo.

Suppomos que o seu pontificado foi muito ephemero e que Urbano VI o annullou, por prender com o schisma d'aquelle tempo.

41.º—D. *João Pires IV*, 1385-1388.

Segundo dizem tambem Alexandre Lobo, F. Manuel, dr. Nicolau e Berardo, mas Botelho, Sousa, Cruz e Coldt não o mencionam talvez pelo mesmo facto de ser o seu episcopado muito ephemero e prender com o schisma que se manifestou no tempo do papa Urbano VI.

F. Manuel diz que foi chantre em Viseu e confirmado bispo d'esta diocese em 1386 por bulla do papa Urbano VI, da qual existe copia em pergaminho no archivo da cathedral!...

Como os bispos D. João II, D. João Martins, D. João Pires, D. João Homem e D. Fr. João d'Evora formam uma serie de 5 prelados quasi seguida, todos com o mesmo nome de *João*, costumando nas assignaturas escrever apenas o nome proprio, é hoje muito difficil fazer a destrinça e *todos os catalogos divergem*, fallando d'estes bispos.

Seculo XV

42.º—D. *João Homem V*, 1392–1425.

O Padre Sousa diz que era natural de Lageosa e que falleceu (ignora onde) em 1426; o mesmo diz Coldt; — mas F. Manuel diz que falleceu em 1 de dezembro de 1425 e o mesmo diz Berardo, accrescentando que assim o lêra em um documento judicial.

D. João I estimava tanto este prelado, que o elegeu padrinho de seu filho o celebre infante D. Henrique, 1.º duque de Viseu.

O mesmo rei lhe deu em 27 de fevereiro do anno 1392 uma das torres romanas, conhecida pelo nome de *torre do relogio*, onde collocou os sinos da cathedral,[1]—e em 1407 deu principio ao convento de S. Francisco de *Orgens*.

Este bispo era da nobre familia *Costa Homens*, padroeiros da Lageosa, dos quaes Botelho falla muito amplamente no *Dialogo* 4.º cap. 33, como de ascendentes seus.

43.º—D. *Fr. José d'Evora, VI*, 1414.

V. o que já dissemos d'este bispo.

Mencionamol-o unicamente pelo respeito que tributamos á memoria do sabio bispo Alexandre Lobo, que o mencionou no seu catalogo e, se ainda vivêra, por certo se defenderia!...

44.º—D. *Garcia de Meneses*, 1426–1430.

Foi bispo do Algarve, d'onde passou para Lamego;—ali foi primeiramente simples governador da diocese, em nome do bispo D. Alvaro, e depois bispo proprio até 1426, data em que foi transferido para Viseu.

F. Manuel, muito escrupuloso com datas, prolonga o pontificado d'este bispo até 1433; —o sr. dr. Nicolau prolonga-o até 1432 somente;—Berardo, Cruz e Coldt não passam do anno 1430,—*em o qual ou no seguinte devia fallecer*,—diz Botelho,—e Sousa diz claramente que falleceu em 1430 na cidade de Viseu?!...

45.º—D. *Luiz do Amaral, 1.º*, 1432–1438.

Alexandre Lobo diz que o pontificado d'este bispo principiou em 1433, mas não lhe assigna o termo;—F. Manuel reduz este pontificado ao anno de 1433;—o sr. Padre Cruz assigna-lhe tambem simplesmente a data de 1433;—Sousa diz que este pontificado principiou em 1431 e que D. Luiz falleceu na Italia em 1439;—o Padre Coldt prolonga este pontificado desde 1433 até 1438, data em que na sua opinião foi deposto D. Luiz do Amaral;—Botelho diz que este bispo succedeu a D. Garcia, mas que *o anno é duvidoso;* que em 1432 com certesa já era bispo de Viseu—e que foi deposto por Eugenio IV, mas não diz quando;—Berardo assigna-lhe as datas 1433–1439?!...

—

Em vista de tal discordancia nos catalogos de Viseu, fomos consultar os de Lamego, por ter sido ali prelado D. Luiz do Amaral, e n'elles encontrámos bastante luz.

«No anno de 1431 ainda governava D. Luiz, como consta do archivo capitular, na sentença n.º 224. Em 1432 estava já o bispado vago, como do mesmo archivo consta e trasladado D. Luiz a bispo de Viseu, sua patria.»

Hist. Eccl. de Lamego por D. Joaquim de Azevedo, pag. 60, col. 2.ª

Em seguida aponta 3 sentenças que fallam de D. Luiz do Amaral como bispo de Viseu, —duas com data de 1432 e uma com data de 1444;—depois diz:

«Já a esse tempo (anno de 1444) D. Luiz estava deposto por scismatico, mas por seus procuradores se intrusou em Viseu, do que se queixou com vehemencia o papa Eugenio IV, como consta de suas lettras ao rei D. Affonso V.

«Pouco tempo tinha de governo em Viseu D. Luiz de Amaral, quando nas vesperas da morte do rei D. João I[1] partiu para Baziléa com o caracter de embaixador da magestade portugueza áquelle sagrado congresso e ao papa Eugenio IV. O mesmo concilio, que ao principio foi legitimo, o escolheu por embaixador ao imperador de Constantinopola,

[1] Veja-se o que dissemos no topico *Torres*, fallando da *Cathedral*.

[1] D. João I falleceu no dia 14 d'agosto de 1433.

mas, separados os legados apostolicos do concilio e separados da obediencia uns poucos de bispos com o cardeal Luiz Allemand, feito scisma, formaram seu conciliabulo, em que foi eleito papa ou anti-papa Amadeu VIII, duque de Saboia, dito Felix V. Ao mesmo tempo o concilio de Florença escolheu o bispo do Porto por embaixador a Constantinopola, achando-se n'aquella côrte dois bispos portuguezes, um a convidar o monarcha para o verdadeiro concilio, aonde elle foi, outro já scismatico para o attrahir ao seu errado partido. Foi depois D. Luiz embaixador do conciliabulo ao imperador da Allemanha e a outros principes. O anti-papa o fez cardeal, ou anti-cardeal, no anno de 1444; pouco depois morreu, já reconciliado com a Igreja, como o anti-papa e os mais scismaticos, que todos se reconciliaram. Os outros anti cardeaes foram pelo papa Nicolau V remunerados com a purpura, passando de falsos para verdadeiros cardeaes, por terem abjurado o scisma. Não teve a purpura legitima o nosso D. Luiz, porque morreu antes da promoção dos seus collegas, ainda que depois da sua conversão. *Havia perdido o bispado de Vizeu* e sido excommungado pelo papa Eugenio IV no anno de 1440.»[1]

Do exposto se vê que D. Luiz do Amaral foi bispo *legitimo* de Viseu desde 1432 até 1440—e bispo *intruso* até 1444,—na opinião de D. Joaquim d'Azevedo,—mas nós inclinamo-nos a crer que o pontificado *legitimo*, de D. Luiz do Amaral não passou de 1438, porque em 1438 já era bispo de Viseu D. Luiz Coutinho, seu successor.

D. Luiz do Amaral era filho de Viseu;—foi o *unico* dos bispos visienses natural d'esta cidade;—pertencia a uma familia nobilissima—e nos *Dialogos* de Botelho se póde vêr a sua genealogia.

46.º—D. *Luiz Coutinho II*, 1438-1444.

Sousa e Botelho dizem que este pontificado principiou em 1437;—Alexandre Lobo diz que principiou em 1433;—Coldt diz simplesmente que ha memorias d'elle nos annos de 1438 a 1444;—o sr. Padre Cruz assigna-lhe simplesmente a data de 1444 e diz que foi successor de *D. Gonçalo de Figueiredo*, o que é lapso manifesto,—finalmente Berardo só diz que ha noticias d'este bispo até 1444.

Vejam que labyrintho!...

Deus nos dê paciencia para levarmos a cruz ao Calvario.

F. Manuel tambem diz que este prelado foi bispo de Lamego—e Botelho diz que foi bispo em 4 dioceses:—Lamego, Viseu, Coimbra e Lisboa,—mas nos catalogos de Lamego não se encontra tal bispo! Suppomos que foi ali simplesmente *deão*.

É certo que em 1444 foi transferido de Viseu para Coimbra, d'onde passou para Lisboa, succedendo-lhe no bispado de Coimbra seu irmão D. Fernando Coutinho. Eram filhos do 2.º matrimonio de Gonçalo Vasques Coutinho, 4.º[1] *marechal* do reino e homem poderosissimo, que do seu 1.º matrimonio com D. Leonor Gonçalves d'Azevedo teve Vasco Fernandes Coutinho e *Alvaro Gonçalves Coutinho*, o lendario *Magriço*, chefe dos *Dose de Inglaterra*, cantados por Camões.

V. *Cêa*, tomo 2.º pag. 233, col. 2.ª—e *Pinhel*, tomo 7.º pag. 70, col. 2.ª e seguintes, onde nós cantamos em prosa rude as *façanhas* do marechal D. Fernando Coutinho, descendente d'aquelles heroes, cuja nobilissima ascendencia e descendencia póde ver-se no *Dialogo 4.º*, de Botelho, cap. 37.

Este bispo, abusando do alto valimento da sua familia, tomou posse do bispado de Viseu sem consentimento d'el-rei D. Affonso V, pelo que este violentamente o esbulhou da dicta posse, mas não recalcitrou; submetteu-se; o rei perdoou-lhe e não só o reintegrou n'este bispado, mas depois o transferiu para

[1] *Hist. Eccl. de Lamego*, logar citado. mas outros dizem que foi deposto em 1437 ou 1438 e que por essa occasião o papa fez bispo de Viseu a D. Luiz Coutinho.
V. *Coldt.*

[1] O dr. Botelho diz que foi 2.º marechal—e o mesmo se lê n'outros auctores; mas D. Luiz Caetano de Lima na sua *Geographia Historica*, tomo 1.º pag. 454 e segg. diz e prova que o 1.º marechal foi *Gonçalo Vasques d'Azevedo*; —2.º *Alvaro Pereira*; —3.º *Alvaro Gonçalves Camelo*;—4.º *Gonçalo Vaz* ou *Vasques Coutinho*!...

o de Coimbra e d'este para o de Lisboa, onde falleceu em 1453, como diz o Padre Sousa.

47.°—D. *João Vicente*, 7.°, 1446-1463.

Este bispo foi o fundador e grande protector da congregação dos conegos seculares de S. João Evangelista (*loyos*) e porque usou sempre o habito azul que lhes dera, foi denominado *bispo azul*.

Tambem o denominaram *bispo santo*, por ser um modelo de virtude,—*Mestre João*, por ter sido lente de medicina e physico-mór do reino,—e *D. João de Chaves* erradamente e muito depois da sua morte, por confundirem este bispo *D. João Vicente* com o bispo D. *Fr. João de Chaves*, de quem fallaremos sob o n.° 54.

—

D. João Vicente pela sua illustração e virtudes, pela sua humildade e modestia, pelas momentosas commissões que exerceu e pelos relevantes serviços que prestou á sociedade e á egreja, foi um dos prelados visienses mais benemeritos.

D'elle já nós fallámos amplamente no artigo *Villar de Frades*, para onde remettemos os leitores.

Veja-se tambem o que dizem Botelho no *Dialogo* V, cap. 1.°—e a *Hist. Eccl. de Lamego*, que lhe dedicou um largo e interessantissimo topico, mas a fonte mais abundante para a biographia d'este prelado é a chronica dos loyos, denominada *Ceo aberto na terra*.

Sendo bispo de Lamego, o papa o nomeou bispo de Viseu no mesmo anno de 1444, em que transferiu para Coimbra o seu antecessor D. Luiz Coutinho, pelo que Alexandre Lobo, Sousa e F. Manuel dizem que o seu pontificado principiou em 1444, mas é certo que se conservou em Lamego como bispo proprio d'aquella cidade até 28 d'abril de 1446, data em que deixou Lamego e se transferiu para Viseu, como prova com varios documentos D. Joaquim d'Azevedo na sua *Hist. Eccl. de Lamego*, pelo que nós lhe abrimos o seu pontificado visiense no anno de 1446,—pontificado que terminou com a sua morte em 30 d'agosto de 1463, como dizem Coldt, Sousa, D. Joaquim d'Azevedo e o Padre Francisco de Santa Maria na chronica dos loyos, pag. 602.

Botelho e F. Manuel dizem que falleceu em 1453. Foi lapso.

Jaz na capella do *Bom Jesus do Calvario*, onde elle, estando na côrte de Hespanha, havia mandado fazer a sua sepultura, no claustro da Sé de Viseu, mas alguem diz que posteriormente e furtivamente foi trasladado para o convento de Villar de Frades—e outros dizem para o convento dos loyos em Evora, pelo que o Padre Sousa assigna como local da sepultura d'este bispo—*Viseu* e *Evora*.

Para melhor desempenho do seu munus pastoral e para maior commodidade dos seus diocesanos, apenas chegou a Viseu installou-se nos paços contiguos á Sé, deixando a quinta de Fontello, residencia habitual dos seus antecessores.

Foi este prelado quem reformou a O. de Christo e lhe deu novos estatutos por commissão do Infante D. Henrique, o *de Sagres*, mestre d'ella e 1.° duque de Viseu,—e por bulla d'Eugenio IV.

48.°—D. *João Galvão*, 8.° 1464-1466.

V. o que já dissemos d'este bispo.

Botelho no *Dialogo* 5.° cap. 2.° falla d'elle e da sua genealogia muito largamente, mas creio se enganou dando-o como bispo de Viseu, pois D. Rodrigo da Cunha no seu catalogo dos arcebispos de Braga, cap. 62, mostra ter estudado bem a biographia de D. *João Galvão* e menciona-o simplesmente como bispo de Coimbra e arcebispo de Braga, —não como bispo *de Viseu!*

O mesmo Botelho diz que a historia dos bispos visienses é muito confusa n'este ponto, por ter havido em Viseu uma serie de 3 bispos (aliás 2) com o mesmo nome *João* e costumarem assignar apenas com o nome proprio, dando a entender que talvez elle attribuisse a *D. João Galvão* documentos do seu antecessor *D. João Vicente*, como effectivamente attribuiu todos os que aponta com as datas de 1434 a 1459, pois o pontificado de D. João Vicente prolongou-se até 1463

É certo que D. João Galvão foi, como D. Miguel da Silva, um homem muito notavel e *muito infeliz*, pois tendo sido *escrivão da*

puridade d'el-rei D. Affonso V, foi prior-mór de Santa Cruz de Coimbra, cargo que trocou pela mitra d'aquella cidade—e deixou aquella mitra para cingir a de Braga, mas, pelo facto de principiar a exercer ali o munus archiepiscopal sem ter ainda as lettras apostolicas, o papa depois lh'as recusou, pelo que ficou *sem a mitra de Braga, sem a de Coimbra e sem o priorado mór de Santa Cruz*,—e passou o resto de seus dias muito obscura e pobremente, *parochiando uma simples egreja*, como diz D. Rodrigo da Cunha.

49.°—D. *João Gomes d'Abreu*, 9.°, 1466-1482.

F. Manuel diz que este bispo tambem se assignava D. *João da Annunciação* e que o seu pontificado principiou em 1462;—Botelho tambem cita uma apresentação feita por elle em 1462 e outras com as datas de 1469, 1479 e 1481;—Coldt diz constar ser bispo de Viseu nos annos de 1469 e 1481;—Alexandre Lobo e o sr. Padre Cruz assignam-lhe simplesmente a data de 1482, mas o padre Sousa diz que este pontificado principiou em 1466 e terminou em 1482.

É certo que este prelado falleceu no dia 16 de fevereiro de 1482 *repentinamente* e tambem no mesmo anno falleceram *repentinamente* outras pessoas distinctas, taes foram o barão d'Alvito, o conde-prior, e conde de Monsanto, o marquez de Villa Real, etc.

Este bispo era da nobre geração dos senhores de *Regalados*, onde nasceu, como diz o padre Sousa, e nos *Dialogos* de Botelho póde vêr-se a sua genealogia.

—

O nosso rei D. Affonso V lhe deu as 2 torres romanas, contiguas á Sé, as quaes arvorou em aljube ou prisão dos ecclesiasticos, e foi este um dos motivos do grande odio e luctas encarniçadas que se desenvolveram entre elle e os visienses e que, segundo se suppõe, lhe abreviaram a existencia, pois estavam no seu periodo mais agudo, quando o bispo foi encontrado morto na cama fulminado por um ataque apopletico—ou *por veneno que lhe propinaram*, segundo dizem alguns dos seus biographos.

Era tão amigo dos frades d'Orgens que recommendou ao seu mordomo lhes desse tudo o que pedissem. Os mesmos frades eram tambem muito queridos dos visienses e por isso, quando as luctas entre estes e o bispo andavam mais accesas, evitavam occasião de fallar lhe, para não se exporem ao odio da cidade tambem. [1]

Jaz em Viseu.

D'este bispo fallaremos ainda no titulo das familias nobres d'esta cidade

Veja-se o que dissemos do Bispo D. *Soludidario* na lista dos bispos *duvidosos*, n.° 28.

Seculo XVI

50.°—D. *Fernando* ou *Fernão Gonçalves de Miranda*, 2.° 1487-1505.

Nas *Memorias* de Berardo, publicadas no *Liberal*, se lê textualmente o seguinte: «João Coldt nos refere que do *Livro das Collações ecclesiasticas* consta ter sido bispo de Vizeu desde 1487 até 1491.» Salvo o respeito que tributamos á memoria de Berardo, não podemos acceitar esta referencia, pois Coldt não diz tal coisa. Apenas diz que este prelado falleceu em 1505, sem indicar o começo do seu pontificado. Botelho é quem diz que este D. Fernando foi bispo de Viseu pelos annos de 1487 a 1491—e F. Manuel diz que foi bispo de 1487 a 1505, mas o Padre Sousa diz que foi bispo de Viseu desde 1483 até 1505, data em que falleceu em Lisboa, onde jaz, na capella dos Mirandas, freguezia de S. Christovam, tendo nascido em Lisboa tambem.

No *Agiologio Lusitano*, tomo 2.° pag. 769, se encontra o extenso epitaphio da sua sepultura, indicando os cargos principaes que exerceu, e nos *Dialogos* de Botelho pode ver-se a sua genealogia.

51.°—D. *Jorge da Costa*, 1.°, o famoso *Cardeal d'Alpedrinha*, 1506-1507.

Botelho, Carvalho e Cruz não mencionam este bispo;—Alexandre Lobo dá-o como *du-*

---

[1] As luctas prolongaram-se durante quasi todo o pontificado d'este bispo, que o rei muito estimava, pelo que o proprio rei teve de intervir n'ellas muitas vezes.

vidoso, mas F. Manuel, Sousa, Berardo, Coldt e o sr. dr. Nicolau dão-no como *certo*.

Muito podiamos dizer de D Jorge da Costa, que foi o prelado mais rico que tem tido Portugal *até hoje* e um dos homens mais importantes do seu tempo, tanto em Portugal como em Roma, onde viveu desde 1479 até 1508, tendo até á sua morte quasi tanto valimento como *os proprios pontifices*, mas, para evitarmos repetições, veja-se o artigo *Alpedrinha*. [1]

Jaz na egreja de *Santa Maria do Populo* em Roma, na qual mandou fazer uma capella esplendida e n'ella a sepultura propria.

52.°—D. *Diogo Ortiz de Vilhegas*, o *Calçadilha*, 1507–1519.

Botelho e o sr. dr. Nicolau dão começo a este pontificado em 1506;—F. Manuel, Berardo e o bispo Lobo dizem que principiou em 1507;—e o padre Sousa diz que principiou em 1508, mas todos concordam em que terminou no anno de 1519.

Este bispo foi cognominado *Calçadilha*, por ser natural de uma povoação d'este nome em Castella, junto de Samora. Era de nobre ascendencia, como póde vêr-se nos *Dialogos* de Botelho;—veiu para Portugal em 1476, acompanhando como confessor a *Excellente Senhora* D. Joanna;—foi muito acceito dos nossos reis D. Affonso V, D. João II e D. Manuel, que o chamaram para o seu conselho e o fizeram seu confessor e capellão-mór, prior de S. Vicente de Fóra, bispo de Tanger e de Viseu, etc.

Foi grande theologo, distincto orador, bom mathematico e astrologo, pelo que tomou por emblema das suas armas *uma estrella*.

—

Fez parte do congresso de sabios, convocado por el-rei D. Manuel para resolverem a proposta de Christovam Colombo, que se offerecia para demandar as Indias, navegando de Lisboa para o poente, proposta que a Inglaterra já tinha despresado e que o dicto congresso igualmente despresou, por condescendencia para com D. Diogo Ortiz de Vilhegas, pelo que á Hespanha coube depois a gloria de descobrir o *Novo Mundo*.

Falleceu D. Diogo em Almeirim em 1519, quando ali se achava a côrte, e ali jaz na egreja dos dominicos de *Santa Maria da Serra*.

Deixou em Viseu boa memoria e o seu nome vinculado á riquissima abobada da Sé, denominada de *D. Diogo Ortiz* ou *dos nós*, por ser em ogiva de granito primorosamente trabalhada e ornamentada com laçaria de cordas e *nós*.

Não se sabe com certesa quando e por quem foi principiada a dicta abobada, [1] mas sabe-se com certesa que foi feita, pelo menos em grande parte, e concluida por este prelado, como diz uma inscripção que se vê na dicta abobada, junto do seu brasão d'armas e em redor d'elle, tudo lavrado em pedra d'Ançã.

A dicta inscripção é a seguinte:

ESTA SE MANDOU ABOBEDAR O MUITO MAGNIFICO
SÑOR DÕ DIOGO ORTINS,
BPÕ DESTA CIDADE, E DO
CONCELHO DOS REIS, E
SE ACABOU ERA DO SÑOR
DE 1513

O mesmo bispo mandou fazer tambem a fronteria da Sé com *um riquissimo portico muito ornamentado com figuras e folhagem, bem como uma grande janella superior, de curiosa invenção*, que dava luz para o côro, segundo diz Botelho,—tudo em estylo gothico florido, ou *Manuelino*, e em perfeita harmonia com a architectura interior; e sobre o grande portico se via, como diz Botelho tambem, outra inscripção exterior, como a mencionada supra; mas infelizmente aquella magestosa fronteria desabou com uma das torres em 18 de fevereiro de 1635 e foi substituida pela desgraciosa fronteria actual, que

---

[1] Por certo não foi mais illustrado nem mais bem educado do que D. Miguel da Silva, mas foi *bem mais feliz do que elle!*...

[1] V. o topico relativo á cathedral e ao bispo D. *Soludidalio*, de quem já fizemos menção entre os bispos *duvidosos*, sob o n.° 28.

não tem merecimento algum artistico nem a minima relação com a architectura interior!

Este bispo chamou para Portugal sobrinhos e outros parentes, de quem procedem varias familias nobres de Viseu.

Tambem sagrou a cathedral em junho de 1516.

V. *Dialogos* de Botelho a *Memoria* de F. Manuel e o topico relativo á *Sé*.

53.º—D. *Affonso*, infante e cardeal, 1520–1524.

Todos os catalogos que me cercam são accordes n'estas datas;—apenas o dr. Botelho prolonga este pontificado até 1528.

Este infante D. Affonso, 6.º filho d'el rei D. Manuel e de sua 2.ª mulher a rainha D. Maria, foi creado cardeal-diacono do titulo de Santa Luzia em 27 de junho de 1517, contando apenas 8 annos de idade. Depois foi cardeal de S. Braz—e ultimamente cardeal de S. João e S. Paulo.

Em 1516 foi feito bispo da Guarda e prior-mór de Santa Cruz de Coimbra.

Em 1520 lhe deram o bispado de Viseu, que não governou pessoalmente, por contar ainda apenas 11 annos. Teve o titulo de prelado d'esta diocese até 1524; — posteriormente foi arcebispo de Lisboa, abbade d'Alcobaça e perpetuo administrador do bispado d'Evora, onde nasceu no dia 23 d'abril de 1509—e falleceu em Lisboa no dia 21 de abril de 1540, contando apenas 31 annos de idade.

Jaz na egreja de Belem.

Tinha muito merecimento e foi o 1.º prelado que ordenou se fizessem livros, onde se registrassem os baptismos, casamentos e obitos, como posteriormente decretou para toda a egreja o concilio de Terento.

54.º—D. *Fr. João de Chaves*, 10.º do nome, 1524–1526.

O Padre Carvalho e o sr. Padre Cruz não mencionam este bispo;—Botelho, Berardo, Lobo, F. Manuel, Coldt, Sousa e o sr. dr. Nicolau dão-no como *certo*,—mas em algumas circumstancias divergem.

Botelho e o sr. dr. Nicolau dizem que este bispo foi *loyo*, mas F. Manuel, Berardo, Lobo e Coldt dizem que foi *religioso da Observancia* (franciscano) e n'ella duas vezes provincial.

Todos ignoram onde nasceu e onde falleceu; apenas o Padre Sousa diz que era natural de Guimarães, opinião a que o bispo Lobo se inclina.

Suppõe-se que falleceu em Viseu. Berardo e F. Manuel dizem que jaz na capella do Bom Jesus do Calvario, indo da Sé para o claustro, em uma sepultura que ali se vê, tendo por brazão duas chaves. Berardo até se insurge contra quem pretende que a dicta sepultura é do bispo *santo D. João Vicente*, fundador dos *loyos;* mas Botelho e o sr. dr. Nicolau dizem e provam que não é nem póde ser do bispo D. *Fr. João de Chaves*, porque o brasão d'esta familia tem por emblema 5 chaves em aspa,—não 2;—e que a dicta capella e a dicta sepultura pertencem ao *bispo santo*, D. João Vicente [1],—o qual tomou por emblema duas chaves, por ter sido medico do papa Nicolau V.

Nós perfilhamos esta opinião.

Terminaremos dizendo que D. *Fr. João de Chaves* foi um bispo virtuoso e bom theologo, confessor do duque de Bragança D. Jaime, e D. prior commendatario do convento da Costa, em Guimarães [2].

55.º—D. *Miguel da Silva, 2.º* do nome e cardeal, 1527–1547.

É muito interessante a biographia d'este prelado e deu-nos um trabalho *insano*, mas ficou tão longa e tão longos vão já este topico e este artigo, que resolvemos dal-a no supplemento, bem como a do bispo *D. Julio Francisco d'Oliveira*, não menos interessante nem menos longa.

V. *Viseu* no supplemento a este diccionorio.

56.º—D. *Alexandre Farnese*, cardeal, etc. 1547–1552.

Em virtude da *mysteriosa renuncia* de D. Miguel da Silva foi Alexandre Farnese bispo

---

[1] V. o que já dissemos d'este bispo, sob o n.º 47.

[2] V. *Obras de D. Francisco Alexandre Lobo*, tomo 1.º pag. 251–259—e o que no topico relativo á Sé dizemos da *Capella do Calvario*.

de Viseu desde 22 d'abril de 1547 até 1552, mas bispo commendatario, pois nunca entrou em Viseu. Governaram por elle a diocese dois italianos—e falleceu em Roma a 2 de março de 1589, tendo renunciado a diocese de Viseu nos fins do anno de 1551 ou principios de 1552, pois em setembro de 1551 ainda elle não havia renunciado, como prova Alexandre Lobo,—e em março de 1552 era já nomeado bispo de Viseu D. *Gonçalo Pinheiro.*

Alexandre Farnese, filho de Pedro Luiz Farnese (primeiro duque de Parma) e neto de Paulo III, nasceu em Roma no dia 17 de outubro de 1520 e foi um dos homens mais illustrados, mais ricos e de mais merecimento na sua epoca.

Aos 13 annos já era bispo de Parma; aos 24 já era cardeal e depois accumulou muitos bispados, arcebispados, beneficios rendosos, cargos e pensões, podendo competir com o nosso cardeal d'Alpedrinha e certamente o excedeu em riquezas, posto que por desintelligencias com o papa Julio III teve de sair de Roma, perdeu a rica diocese de Montreale e a grande influencia que exercia na curia, onde foi muitos annos o *primeiro ministro* e teve tanto valimento como *o proprio papa?!...*

57.º—D. *Gonçalo Pinheiro*, 1553-1566.

Este bispo era natural de Setubal, filho de João Pires e de Leonor Rodrigues Pinheiro, neto paterno de Affonso Fernandes, secretario da rainha D. Filippa de Lencastre, mulher de D. João I, e neto materno de Gonçalo Rodrigues, cavalleiro de D. João II.

Formou-se em canones na universidade de Lisboa e doutorou-se em theologia na de Salamanca;— foi muito erudito n'aquellas duas faculdades, bem como em astronomia, grego, hebraico, latim, etc.

Quando regressou de Salamanca foi feito conego d'Evora e bispo de Safim.

Depois foi mandado em commissão por D. João III com outros ministros a França, para resolverem uma questão importante, proveniente de certas presas. Reuniram-se em Baiona com igual numero de commissionados francezes e não só decidiram a pendencia a contento d'ambas as corôas, mas foi ali tão estimado e considerado o nosso bispo que, a pedido do cabido de Baiona, regeu pessoalmente aquella diocese algum tempo.

Em 1543, sendo bispo de Tanger, foi mandado como nosso embaixador a França, onde recebeu de Francisco I *grandes demonstrações de estima.* Regressando a Portugal foi feito desembargador do paço em 1548 e em 1552 foi eleito bispo de Viseu, para onde partiu em 1553 e onde assignalou o seu nome convocando synodo em 1555, no qual promulgou decretos salutares — e fazendo muitas obras, taes foram as escadas para o côro de cima, na cathedral, em cuja abobada se vêem as suas armas,—e a capella da Vera Cruz, junto do claustro, para seu jazigo, mas foi sepultado na capella mór, porque falleceu em 1566,[1] durando ainda as obras da capella.

Foi concluida em 1567, por diligencias do seu sobrinho, que na abobada poz tambem as armas do mesmo bispo,—*um pinheiro e um leão rompente, em campo vermelho.*

Rezidiu algum tempo no paço de Fontello, que tentou transformar em *Azylo de Mendicidade,*—e em um dos sitios mais pittorescos da mesma quinta de Fontello fez uma capellinha dedicada a S. Jeronymo, na qual poz e se vê ainda uma inscripção em grego[2].

[1] É isto o que dizem Berardo e F. Manuel, mas Botelho, Coldt, Carvalho, Sousa e o sr. Padre Cruz dizem que falleceu em 1567. Nós preferimos a data de 1566, porque em 8 de setembro do dicto anno D. Fr. Bartholomeu dos Martyres convocou em Braga synodo, ao qual assistiram todos os bispos suffraganeos, — exceptuando o de *Viseu, por se achar a a diocese vaga,* como diz D. Rodrigo da Cunha.

[2] Tambem fez o grande portico de entrada para a formosa avenida do paço e quinta de Fontello, como prova a inscripção que mandou gravar e lá se vê ainda sobre o dicto portão:

Hos aditvs, nostrae signo monstrante salvtis,
hospitio et gratiis inopum, qve extruxit in usus
Gothesçallus, populi antistes, Pinarius, anno 1565.

Em vulgar:—«Gonçalo Pinheiro, bispo d'esta cidade, fez construir estes porticos com o signal demonstrativo da nossa redempção,

58.º—D. *Jorge d'Athaide*, 1568-1578.

Era irmão do vice-rei da India D. Luiz de Athaide, conde d'Athouguia, e filho de D. Antonio d'Athaide, conde da Castanheira;—assistiu ao concilio de Trento, cujas actas escreveu, e em Roma Pio IV o encarregou da reforma do missal e do breviario romano [1]. Em 1568 foi eleito bispo de Viseu, onde entrou no dia 14 de março de 1569, tendo sido sagrado em Lisboa, no templo de Nossa Senhora da Graça, com o maximo esplendor, assistindo el-rei D. Sebastião, a rainha D. Catharina, a infanta D. Maria e toda a corte.

Falleceu em 17 de janeiro de 1611, contando 76 annos de idade, e foi um prelado dignissimo, sempre muito estimado e considerado pelos monarchas do seu tempo.

Governou a diocese apenas 9 annos, até 1578, data em que muito espontaneamente renunciou, porque, sendo seu irmão D. Luiz, conde d'Athouguia, o primeiro general portuguez do seu tempo e tendo sido nomeado commandante em chefe do exercito que D. Sebastião se propunha levar, como levou, á Africa, o mesmo rei o exonerou do commando e o enviou pela segunda vez como vice-rei para a India, por se oppor *muito prudentemente* á dicta expedição, prevendo a desgraça que nos esperava em Alcacer-quivir a 4 d'agosto do mesmo anno de 1578, devida á inexperiencia e teimosia do joven monarcha e á substituição do valente general por D. Diogo de Sousa, que *nada sabia da arte da guerra*!...

Perdemos na Africa as forças vivas da nação e depois a nossa autonomia, que só em 1640 recuperámos.

—

Fez D. Jorge d'Athaide em Viseu a bella sacristia actual da Sé e o pavimento superior em 1574, bem como parte do paço episcopal contiguo, e deu principio ao mosteiro das freiras de S. Bento. Fez tambem obras importantes no paço de Fontello; construiu á sua custa a egreja da Misericordia de Viseu e acabou a capella mór da egreja do convento d'Alcobaça, de que foi abbade commendatario. Para a dicta capella-mór transferiu as ossadas do seu padrinho, o celebre *João de Barros*;—para a capella-mór da Sé de Viseu transferiu as ossadas dos bispos D. Matheus e D. Egas, as do bispo D. João Pires e d'outros seus antecessores para a capella de S. João Baptista. Tambem (segundo se suppõe) restaurou o *pretendido* tumulo d'el-rei D. Rodrigo na egreja de S. Miguel do Fetal, pelo que—diz Botelho—*se occupou a enthesourar ossos, como os avaros a guardar riquesas.*

Foi capellão-mór, esmoler e conselheiro de estado de Filippe II de Hespanha, com quem viveu na côrte de Madrid até 1598, data do fallecimento d'este rei, que lhe offereceu os arcebispados de S. Thiago de Gallisa, Braga, Lisboa e Evora, mas todos regeitou dizendo que o bom prelado deve ser *unius uxoris vir*?!...

Tambem regeitou o cargo de inquisidor-mór e 100 000 crusados que os judeus lhe offereciam, quando andavam impetrando o perdão geral.

Foi homem piedosissimo até que expirou.

No seu testamento, alem de muitas esmolas importantes que deixou a differentes institutos religiosos, taes como 200 crusados

---

para hospicio e bem fazer dos pobres e para seus usos, no anno de 1565.

Note-se que em agosto de 1876 a camara de Viseu, d'accordo com o prelado D. Antonio Alves Martins, apeou o dicto portão e collocou-o de novo um pouco mais dentro da grande avenida, (recuou 9m,5) para tornar mais plana e suave a entrada e mais ampla a rua contigua; nada porem soffreu o dicto portico, porque a mudança foi feita com todo o carinho.

O portão é espaçoso, mas pouco elegante e rectangular. Póde ver-se em lytographia no *Album Visiense*, pag. 12-13.

Tambem se suppõe que a grande avenida foi obra de D. Gonçalo Pinheiro. Devem pois contar mais de 300 annos algumas das arvores que a ensombram.

Trabalhou zelosamente na illustração e reforma do seu clero; em 1556 fez as *Constituições Synodaes do bispado de Viseu*—e tambem assistiu a uma parte do concilio de Trento.

[1] Era muito illustrado e deixou muitas obras impressas e *mss.*, como diz a *Bibliotheca Lusitana*, mas Innocencio nem o menciona como escriptor!

de juro para a sustentação de 2 frades cartuxos, 100$000 réis de juro para o vestuario das religiosas pobres do convento da Castanheira, etc., instituiu por herdeiros do remanescente *os pobres d'Alcobaça?*!...

Jaz no convento de Santo Antonio da Castanheira, pantheon dos seus maiores, na provincia da Estremadura.

V. *Castanheira da Estremadura*, e *Athouguia* n'este diccionario— e o *Dialogo* 5.º de Botelho, cap. 2.º, onde se encontra uma larga genealogia e outras noticias muito curiosas de tão benemerito prelado.

59.º—*D. Miguel de Castro, 3.º*, 1579-1585.

Era filho de D. Diogo de Castro, mordomo-mór da princesa D Joanna, e de D. Leonor d'Athaide. Tomou posse do bispado de Viseu em 15 de setembro de 1579 e o governou até 1585, data em que foi transferido para o arcebispado de Lisboa, onde falleceu em 30 de junho de 1625, tendo nascido em Evora, não sabemos quando.

Foi um dos regentes do reino na ausencia do cardeal e archiduque Alberto,—e foi tambem algum tempo vice-rei, mas cumpriu sempre com muito louvor os seus deveres de bispo e foi muito esmoler, costumando soccorrer generosamente as familias que, tendo disposto de meios, se achavam em circumstancias precarias.

Botelho, que foi seu contemporaneo, cita alguns d'estes factos, concluindo por dizer —*que era tão amado e bem quisto de todos que até as pedras em sua morte parece que mostraram o sentimento que nos corações de todos ficava pelas obras de misericordia que de continuo exercia.*

Foi tambem um grande bemfeitor da cidade e da Sé de Viseu, mesmo depois da sua transferencia para Lisboa,—*donde por muitas vezes* (diz Botelho) *mandou para Viseu muitos mil crusados* (*!*) *para se despenderem em esmolas e obras pias, e ultimamente para se fazer um ornamento de brocado para a Sé, em que se veem suas armas peça muito rica.*

Nos *Dialogos* do mesmo dr. Botelho póde ver-se a genealogia d'este venerando bispo, descendente dos *Castros* de Hespanha, dos quaes descendia tambem a infeliz D. Ignez de Castro.

60.º—*D. Nuno de Noronha*, 1586-1594.

Era filho de D. Sancho de Noronha, conde de Odemira, e de D. Margarida da Silva, filha de D. João da Silva, 2.º conde de Portalegre.

Foi reitor da Universidade de Coimbra e depois bispo de Viseu, onde entrou em 1586. Em 1594 foi transferido para a diocese da Guarda, onde jaz, tendo fallecido em 27 de novembro de 1608 [1] no paço episcopal de Castello Branco, que elle havia feito e no qual despendeu mais de 40:000 crusados!

Em Viseu concluiu o mosteiro benedictino que o seu antecessor D. Jorge d'Almeida começara—e deu principio ao velho seminario contiguo á Sé, hoje denominado *Collegio*, que o seu successor concluiu, como diz a inscripção que ainda hoje lá se vê:

D. NUNO DE NORONHA
BPÕ DE VISEU FEZ ESTE
SEMINARIO, E COMEÇOU
A OBRA DIA DO SPIRITO
ST.º M. D. X C III,
SENDO REITOR JOAM SIRGADO

Note-se que este bispo já tinha organisado o quadro dos estudos do mesmo seminario em 1587—e em 1593 tractou de dar-lhe casa propria e *casa esplendida*, toda com grossas paredes de bella cantaria de granito, mas não a ultimou, porque no anno seguinte teve de abandonar a diocese em virtude de grandes desgostos com a cidade, por haver dado homisio no seu paço ao assassino de Pedro Borges.

Tambem fez o seminario da Guarda,—edificio magestoso e no mesmo estylo do que principiara em Viseu.

Doutorou-se em theologia na Universidade de Coimbra, sendo ali reitor, e em Viseu deixou bom nome como prelado. Reformou os costumes do clero;—foi magnanimo e generoso—e viveu sempre com grande fausto.

Em 1606 foi a Madrid e levou tão apparatoso sequito de pagens e criados seus, *ca-*

---

[1] Envenenado por uma purga que lhe dera um judeu,—*si vera est fama.*

valleiros da ordem de Christo e d'outras ordens,—que os madrilenos ficaram deslumbrados e o receberam com demonstrações regias, imaginando ser Filippe III, que algumas horas antes havia sahido para o Pardo.

Para a sua genealogia e outros promenores veja-se os *Dialogos* de Botelho.

61.º—*D. Fr. Antonio de Sousa*, 1595-1597.

Foi religioso dominico, filho de Martim Affonso de Sousa, 12.º governador da India, e de D. Anna Pimentel.

Governou apenas dois annos, pois havendo tomado posse no anno de 1595, em 1597 falleceu no Campo Grande, em Lisboa, onde nascera, e jaz no convento de Santo Antonio da Castanheira, em sepultura propria, mandada fazer pelo bispo D. Jorge de Athaide, seu parente.

Concluiu o seminario de Viseu, principiado pelo seu antecessor D. Nuno, como já dissemos, pelo que n'elle gravou a inscripção seguinte:

ANTONI, TIBI NONIUS PARAVIT.
DIGNUS PONTIFICUM LABOR DUORUM.

Em vulgar:—*Antonio, D. Nuno te preparou este seminario, obra digna de dois bispos.*

Junto da dicta inscripção se vêem as armas dos dois prelados.

Tambem fez no paço de Fontello uma varanda que deitava para a *Fonte do Carvalho*, varanda que desabou por occasião da grande tempestade de 1635, oito dias antes de cair a torre do relogio com parte da fronteria da Sé, como já dissemos no topico relativo á *cathedral.*

—

Foi homem muito virtuoso e todos os annos dotava e casava 9 orphãs.

Do exposto se vê que D. Antonio seria um dos mais benemeritos prelados de Viseu, se a morte o não roubasse tão cedo.

Era muito illustrado, doutor em theologia pela Universidade de Lovaina e mestre da sua ordem, na qual professou a 7 de março de 1557. Foi tambem pregador de D. Sebastião, e alem d'isso provincial e depois vigario geral de toda a ordem dominica, eleito por ultimo bispo de Viseu a 4 de dezembro de 1595, segundo diz Innocencio Francisco da Silva no seu *Diccionario Bibliographico.*

Traduziu do grego o *Manual de Epictecto,* cuja traducção foi publicada pela primeira vez em Coimbra, no anno de 1594. Depois fez-se outra edição em Lisboa em 1595—e outra na mesma cidade em 1785.

Teve um sobrinho, tambem Fr. Antonio de Sousa, igualmente dominico, que foi deputado da Inquisição, do conselho geral do Santo Officio e tambem orador distincto e distincto escriptor publico. Falleceu em 1632 e deixou varias obras, umas impressas e outras manuscriptas, indicadas por Innocencio e por Barbosa Machado.

Seculo XVII

62.º—*D. João de Bragança*, 1599-1609.

Era da varonia dos duques de Bragança, filho de D. Francisco de Mello, 2.º conde de Tentugal e 1.º marquez de Ferreira, e de D. Eugenia de Mendonça, filha de D. Jayme, 4.º duque de Bragança.

Antes de ser bispo foi D. Prior de Guimarães, conego d'Evora e senhor dos prestimonios das egrejas da sua nobilissima casa, que andavam no filho 2.º, pelo que foi mais rico antes de ser bispo, mesmo porque depois de cingir a mitra, dava tudo aos pobres!...

Era um *cortesão modelo,*—muito affavel, muito accessivel, muito bondoso, muito delicado e muito esmoler, pelo que toda a cidade e todos os seus diocesanos o idolatravam.

Manteve no melhor pé a disciplina ecclesiastica e os bons costumes, sem violencias, reprehensões nem castigos,—tal era o prestigio do seu nome e o respeito que infundia a todos.

Era pontualissimo em todas as festas publicas e a seu lado encontrou sempre não só o cabido, mas *toda a nobresa de Viseu,* porque tambem não perdia ensejo de penhorar com attenções o seu cabido e a nobresa da cidade, recebendo-a e tractando-a com o maior carinho e brindando-a generosamente por occasião de baptisados, casamentos e d'outras festas de familia, mas por seu turno

todos *á compita* caprichavam em o honrar e ser-lhe gratos.

Nasceu na povoação de *Agua de Peixes*, então villa e hoje simples aldeia da freguezia, villa e concelho d'Alvito, no Alemtejo, onde seus paes então viviam e tinham um palacete e grande cerca, matta e coutada, que ainda hoje se denomina *Cerrado d'Agua de Peixes*.

V. *Agua de Peixes*.

—

Entrou em Viseu a 23 de julho de 1599, dia da dedicação da cathedral, e falleceu em Evora no dia 3 de fevereiro de 1609, tendo padecido cruelmente de gotta nos ultimos annos e soffrido tres insultos apopleticos, o ultimo dos quaes o matou, deixando os seus diocesanos cobertos de rigoroso luto desde que partiu a ultima vez para Evora, pois não só ia acabrunhado e doente, levando a morte como que estampada na fronte, mas por uma triste coincidencia apenas deixou Viseu ouviu-se o dobre de finados, por haver fallecido um diocesano, dobre que foi o adeus da despedida, como que annunciando a morte do santo prelado.

Annos antes, estando elle em Evora, já doente de gotta, foi visital-o o duque de Bragança e, para o distrahir, perguntou-lhe como o tractavam os visienses.

«Muito bem —respondeu elle— porque é gente honrada e me jogam cannas todas as vezes que eu quero.»

Effectivamente estavam sempre promptos para o obesequiarem. Até um anno, andando elle em visita e achando-se em Trancoso por occasião da grande feira de S. Bartholomeu, muitos cavalheiros visienses foram ali de proposito e, unidos a outros da villa e arrabaldes, ali mesmo jogaram cannas em honra d'elle, o que muito o lisongeou.

—

No anno de 1600, segundo do seu pontificado, pesou sobre Viseu uma tempestade medonha!

A' meia noite de 16 de dezembro,—de um sabbado para um domingo,—levantou-se detraz da Misericordia um tufão de tal ordem, acompanhado de trovões e chuva que, discorrendo pelo *Miradouro*, da parte debaixo do Seminario até á egreja de S. Miguel do Fetal, na largura de um tiro de pedra, destruiu os telhados todos e arrancou e despedaçou todas as oliveiras, carvalhos e outras arvores que encontrou na sua vertiginosa passagem, arrojando inclusivamente uma oliveira por cima do muro da Misericordia até á pedra de *Gonçalvinho*, no meio da cidade;—arrombou as portas do muro da *Regueira*, que tinham grossos ferrolhos e estavam fechadas por causa da peste que então grassava—e destruiu os carvalhos seculares que ali havia. Felizmente não matou ninguem.

Isto conta Botelho, *como testemunha de vista*, nos seus *Dialogos*, onde se encontra tambem uma larga genealogia do eminente prelado.

Terminaremos dizendo que, d'accordo com o cabido, concedeu á camara visiense o privilegio de ter cadeiras de espaldar de couro na Sé, defronte do pulpito, para os vereadores poderem sentar-se, por occasião das procissões que eram obrigados a acompanhar.

A provisão foi datada do paço de Fontello a 20 d'abril de 1604.

63.º—*D. João Manuel, 12.º* 1610-1625.

Era filho de D. Nuno Manuel, senhor de Tancos, etc., e de D. Joanna de Athaide, filha do primeiro conde da Castanheira;—formou-se em theologia na Universidade de Coimbra, onde foi collegial de S. Pedro, entrando para o dicto collegio em 1596;—tendo apenas ordens menores, seu tio D. Miguel de Castro, arcebispo de Lisboa, o nomeou conego da dicta Sé;—Filippe II o nomeou seu esmoler-mór e depois bispo de Viseu em 1610, por fallecimento de D. João de Bragança.

Foi sagrado em Lisboa por D. Jorge de Athaide, no convento da Graça dos religiosos eremitas de Santo Agostinho, a 21 de março do dicto anno, na dominica *Laetare*, que é a 4.ª da quaresma e, tendo mandado tomar posse da diocese de Viseu por procuração, fez ali a sua entrada a 25 d'abril do mesmo anno,—na dominga do *Bom Pastor*, dia de bom agouro, pois, como veremos, *foi um pastor benemerito*.

Passados 10 dias—a 5 de maio, pesou so-

bre Viseu uma trovoada medonha, caindo um raio na torre denominada *do relogio*, por haver estado n'ella o relogio da cidade, mas ao tempo encerrava o cartorio do cabido. O raio levou da grimpa da torre a figura de um rapaz que indicava o tempo;—d'ali passou á capella de S. Sebastião (hoje do *Senhor dos Passos*) onde manchou levemente o seu retabulo, sem causar outro damno.

Tambem quando este prelado no ultimo quartel da vida foi feito arcebispo de Lisboa e nas varandas da Sé se achavam muitos pobres reunidos para a destribuição de esmolas, abateu a dicta varanda, *perecendo mais de 50 pobres* e ficando outros muitos aleijados!

—

Em 1611 visitou pessoalmente a sua diocese de Viseu e, depois de bem se informar das necessidades d'ella, tractou immediatamente de dar-lhe novas *Constituições*. Feitas estas, convocou synodo, ao qual as submetteu no dia 13 de abril de 1614; depois mandou-as imprimir e, concluida a impressão nos principios do anno de 1617, ordenou em uma pastoral que se cumprissem desde o dia do Espirito Santo d'aquelle mesmo anno em diante.

Foram impressas em Coimbra, por Nicolau de Carvalho, impressor da Universidade no dicto anno de 1617, como se vê do exemplar que possuimos, e comprehendem 377 pag. de folio pequeno, mais 156 com os diversos regimentos, alem dos indices, etc.,[1]

—

Quando andava em visita e chegou á freguezia de *S. Miguel do Outeiro*, celebravam-se ali officios por certo parochiano. O bispo entrou na egreja,—sentou-se entre os outros clerigos e com elles foi psalmeando.

Terminado o officio, o parocho deu-lhe a esmola do costume, como a todos os outros clerigos, dizendo:—*bem a mereceu Vossa Senhoria!*... O prelado tentou escusar-se, mas vendo as instancias do vigario, acceitou-a, dizendo que estimava mais aquella esmola do que todas as rendas do bispado, *por ser a primeira que lhe rendiam as ordens*.

Ao tempo a esmola dos officios era de 80 réis—e o bispado rendia *doze mil crusados*.

Tambem quando andava na visita e chegou á freguezia de *Mondão*, distante de Viseu 6 kilometros, ficou surprehendido ao ver o grande manancial d'agua que ali brota e concebeu o plano de a conduzir em arcos para Viseu, mas depois reconsiderou, lembrando-se de que Viseu tinha agua bastante e de que, levando para ali aquella, ficariam sem valor os muitos campos que fertilisa.

Tambem tentou levar para Viseu os frades do convento d'Orgens, que elle muito estimava e protegia. Chegou a convocar para este fim a camara de Viseu, que promptamente annuiu, mas depois tambem reconsiderou em face das instancias e lagrimas com que os povos de Orgens lhe pediram a conservação dos pobres frades capuchos que elles idolatravam,

Dotou generosamente a Sé com preciosas alfaias e um orgão (o pequeno) e, achando-se em ruinas a capella de *Santa Martha*, no paço de Fontello, mandou-a restaurar e fazer de novo com a magnificencia que hoje ostenta,—e mandou tambem fazer no mesmo paço as 3 grandes salas contiguas á capella, dando elle proprio o risco de toda a obra, pois era muito versado em architectura e astronomia.

Foi mestre das dictas obras *Daniel Alvares*, de Viseu, pae do dr. e desembargador João Saraiva de Carvalho.

—

Vagando o bispado da Guarda em 1615, Filippe II offereceu-lh'o, mas elle recusou, porque o de Viseu era mais rendoso e as

---

[1] As primeiras *Constituições* d'este bispado foram feitas por *D. Miguel da Silva* e publicadas em synodo aos 16 d'outubro de 1527. *Rarissimas!*

Outras pelo bispo *D. Gonçalo Pinheiro*, publicadas em synodo no anno de 1555,—hoje *muito raras* tambem.

Outras por *D. João Manuel*—supra.

Outras pelo bispo *D. João de Mello*,—Coimbra, 1684.

Finalmente outras pelo bispo *D. Julio Francisco d'Oliveira*,—Lisboa, 1749.

suas rendas se achavam livres, em quanto que sobre as do bispado da Guarda pesavam ao tempo differentes pensões; mas em 1625 acceitou a transferencia para o bispado de Coimbra, onde fez a sua entrada solemne a 6 de maio do mesmo anno,—e em 1632 Filippe III o nomeou vice-rei de Portugal e arcebispo de Lisboa, cargos que pouco tempo exerceu, porque uma hydropisia o matou no dia 4 de julho de 1633, havendo tomado posse do arcebispado apenas 23 dias antes.

Nasceu e falleceu em Lisboa e foi sepultado na egreja de Nossa Senhora de Jesus, dos religiosos terceiros de S. Francisco,—egreja que elle havia mandado fazer para sua sepultura e dos condes da Atalaia, depois marquezes de Tancos, como padroeiro d'aquella provincia. Haviam terminado as obras da egreja 14 dias antes do seu fallecimento, tendo principiado em 1615 e durado por consequencia 18 annos.

Jaz na capella mór em sepultura propria com a inscripção seguinte:

SEPULTURA DE D. JOÃO
MANOEL, BISPO QUE FOI DE
VISEU E DE COIMBRA, ARCEBISPO DE LISBOA E VICE-
REI DE PORTUGAL. FALLECEO
A 4 DE JULHO DE 1633.

Com relação á genealogia d'este prelado, vejam-se os *Dialogos* de Botelho,—e com relação ás outras circumstancias da sua vida, como prelado de Viseu, de Coimbra e de Lisboa, veja-se o tomo 3.º do catalogo do Padre Sousa,—tomo que abre com a historia d'este bispo, comprehendendo as primeiras 25 folhas!...

É para lamentar que se perdessem os outros 2 tomos d'este *interessantissimo* catalogo.

64.º—*D. Fr. João de Portugal*, 13.º, 1626–1629.

Nasceu em Evora no anno de 1554 e expirou em Viseu ás 8 horas da noite do dia 26 de fevereiro de 1629, contando 75 annos de idade,—56 de profissão religiosa—e 2 annos, 8 meses e 12 dias de pontificado.

Foi um dos bispos mais penitentes, mais illustrados, mais modestos, mais caritativos e mais virtuosos que até hoje tem tido Viseu, pelo que todos o consideravam e prantearam como *santo*.

Jaz na capella-mór da Sé, da parte do Evangelho, em sepultura rasa com a inscripção seguinte:

SEPULTURA DO PADRE MESTRE
D. FR. JOÃO DE PORTUGAL,
BISPO QUE FOI DE VISEU.
FALECEO A 26 DE FEVEREIRO DE
1629.

D'este santo bispo tractou largamente o Padre Sousa no 3.º tomo do seu interessantissimo *Catalogo*, desde fl. 13 até 26,—e nos *Dialogos* de Botelho pode ver-se a sua genealogia.

Era irmão de D. Francisco de Portugal, 3.º conde de Vimioso, e de D. Luiz de Portugal, 4.º conde tambem de Vimioso, e foram seus paes D. Affonso de Portugal, 2.º conde de Vimioso, e a condessa D. Luisa de Gusmão.[1]

Professou em Evora na ordem de S. Domingos em 1572; — depois formou-se em theologia na Universidade de Salamanca;—regressando ao convento d'Evora, foi feito deputado da Inquisição em 1590 e inquisidor em 1592. Erigindo-se em Lisboa o mosteiro de religiosas benedictinas do Sacramento, foi o seu primeiro confessor e vigario, prestando o juramento do estylo em 1612 e foi tambem capellão de Filippe III,—cargos que occupou até que em 1626 foi eleito bispo de Viseu. Sagrou-se na dicta egreja do Sacramento e, depois de tomar posse do seu bispado a 17 d'abril do dicto anno, pelo Padre Barnabé *Carolla*, a quem tinha dado procuração, partiu para Viseu, onde entrou a 14 de julho do mesmo anno. Foi recebido com grande pompa pelo clero, nobresa e povo, que o foram esperar a distancia de mais de uma legua, ficando attonitos quando viram que todo o sequito do venerando prelado se reduzia a 6 religiosos do seu habito,

---

[1] V. *Vimioso*.

por elle escolhidos para o governo da sua relação e da sua casa, aos quaes e aos seus famulos, apenas chegou a Viseu, depois de os reunir no seu quarto, dirigiu a seguinte allocução:

«Filhos, estamos em Viseu, aonde nos trouxe Nosso Senhor pela Sua misericordia para o servirmos. Eu, como prelado, religioso e velho, tenho maior obrigação que todos os mais prelados de dar bom exemplo, assim na minha pessoa e vida, como na de meus criados. Peço a todos, como a filhos, que ponham grande cuidado no serviço de Deus, porque no meu vai pouco. A todos tratarão com amor e cortesia, e especialmente advirto que nenhum receba coisa alguma, por limitada que seja, sem minha licença, e o contrario d'isto me ha de ser muito custoso e no meu serviço mal acceito.»

—

Tractou logo de visitar pessoalmente o bispado e, como visse que a maior parte dos seus diocesanos ignoravam a doutrina christã, compoz e fez distribuir um *Summario*, d'ella [1], recommendando ao mesmo tempo a todos os parochos que a ensinassem.

Mandou tambem fazer 2 livros,—um com os nomes de todos os clerigos do bispado, seus costumes e habilitações,—outro com os nomes das pessoas mais necessitadas, viuvas honestas e orphãos da cidade e diocese, costumando entreter-se a ler os mencionados livros para melhor provimento dos beneficios ecclesiasticos e mais acertada distribuição das esmolas.

Tentou convocar synodo para reforma das *Constituições* da diocese, mas não o convocou porque a morte o surprehendeu.

Aos ecclesiasticos de mau exemplo reprehendia-os como pae e, logo que elles se emendavam, favorecia-os generosamente?!...

Vivia com toda a parcimonia e nunca deixou o seu habito nem consentiu que os seus familiares usassem de seda.

Tambem *nunca deu um real aos parentes*. Dizia que as rendas dos bispados são o dote que se dá aos bispos como a suas esposas, *para ser gasto exclusivamente com ellas e com os seus filhos, que são os pobres*, pelo que tudo dava aos pobres e costumava vestir 6 todos os mezes.

—

Dizendo-lhe um dia o seu mordomo que era necessario reservar 500 crusados para uma pequena baixella de prata, pois tinha sómente *um jarro, um prato e umas galhetas*,— respondeu o santo bispo: —*Não diga ociosidades!*

Constando-lhe que o meio-prebendado Antonio Leitão vivia miseravelmente e andava coberto d'andrajos, quando outros clerigos da mesma classe viviam decentemente, màndou-o chamar e lhe observou tão estranho facto. Respondeu Antonio Leitão:

«Vivo e trajo assim, porque sou *ladrão*, mas *ladrão de mim mesmo*, para com as minhas economias fazer uma capella defronte da cadeia, [1] para que os presos possam ouvir missa nos domingos e dias santos.»

Ficou o bispo muito satisfeito com a resposta e prometteu-lhe auxilial-o no seu empenho com a esmola de 40$000 réis, o que não póde cumprir porque d'ali a breve trecho expirou; mas o pobre Antonio Leitão, proseguindo com a sua durissima penitencia, logrou fazer a capella, que lá se via com a inscripção seguinte sobre a torça, alludindo a este facto, e resava ou resa assim:

EX RAPTO CONSTRUXIT OPUS DICAVIT QUE SACELLUM .....

Em vulgar:—*Com o roubo fez esta obra e dedicou esta capella...*

Abençoado *roubo*!

No tempo d'este santo prelado (em 1628) accrescentaram as religiosas de S. Bento

---

[1] Alem d'este *Summario da doutrina christã*, compoz outras obras, cujos titulos podem ver-se na *Bibliotheca Lusitana*, sendo uma d'ellas o livro *De Suma Trinitate*, cuja impressão custou cerca de 6:000 crusados,—segundo diz Botelho.

[1] Referia-se á cadeia que estava nos baixos da antiga casa da camara, na travessa do *Chão do Mestre*.

V. o topico *Passos do Concelho*.

mais 30 palmos á sua egreja—e no mesmo anno, a 23 de janeiro, pesou sobre Viseu tão grande tempestade e tanta chuva que a agua entrou na dicta egreja *até o sacrario*, pelo que as freiras retiraram o Santissimo para a sua enfermaria e desde aquella data o festejam sempre com exposição e sermão no mesmo dia 23 de janeiro.

Passemos adiante.

65.º—*D. Fr. Bernardino de Senna*, 1629-1632.

Nasceu em Torres Novas a 26 de maio de 1571 e no baptismo deram-lhe o nome de Bernardino de Senna, porque sua mãe teve um parto muito feliz e sentiu os prenuncios a 20 d'aquelle mez, no dia da festa de S. Bernardino de Senna; mas na ordem foi tambem conhecido pelo nome de Fr. Bernardino da Natividade, porque professou no dia da festa da *Natividade*.

Foram seus paes Miguel d'Arnide, genovez, e Camilla Gomes de Mello, natural de Lisboa.

Mostrando desde a puericia grande vocação para a vida religiosa, aos 15 annos foi admittido ao noviciado no convento de S. Francisco de Lisboa, tomando o habito de *observante* a 7 de setembro de 1586 e no mesmo convento professou passado o anno do estylo. Pouco depois o geral o mandou estudar logica no convento de Santo Antonio de Ferreirim, junto de Lamego, para onde partiu a pé e esmolando, na forma do seu instituto [1].

Terminado em 1590 o seu curso de logica, no qual se tornou muito distincto, foi estudar physica no convento de S. Francisco de Santarem e d'ali passou para o de S. Francisco da Ponte, em Coimbra, onde estudou metaphysica,—fazendo todas estas longas jornadas *a pé e esmolando*.

[1] A esta jornada se seguiram outras muitas, pois durante a sua longa vida percorreu primeiramente *a pé*, como simples religioso franciscano,—depois *a cavallo* como *generalissimo* ou primeiro ministro da sua ordem, —e por ultimo *como bispo*, mais de 5:500 leguas, em Portugal, Hespanha, Italia e França.

D'ali passou a estudar theologia no collegio de S. Boaventura da mesma cidade, contando já 22 annos, e, terminando com a maior distincção o seu curso theologico, passou em 1597 para Lisboa, onde tomou parte brilhantissima nas conclusões *magnas*, que a sua ordem celebrou por occasião do capitulo geral d'aquelle anno. Tanto se distinguiu que o geral o nomeou *leitor em Artes* e o mandou reger a dicta cadeira no convento de Santa Christina, no bispado de Coimbra, d'onde passou a ler no convento de Ferreirim, fazendo todas estas jornadas *a pé e esmolando*,—e da mesma fórma passados annos regressou ao convento de S. Francisco de Lisboa, onde em 1601 assistiu a outro capitulo. D'ali volveu ao convento de Ferreirim já na qualidade de guardião e mestre, contando apenas 30 annos. Por causa de certas questões com o juiz de fóra de Lamego, foi á Lisboa queixar-se ao ministro e, obtendo d'elle sem difficuldade providencias, volveu a Ferreirim, *a pé*, como fôra,—muito fatigado mas ao mesmo tempo muito satisfeito por se ver livre da vexatoria e menos escrupulosa superintendencia do juiz de fóra de Lamego, como representante dos condes de Marialva, padroeiros do convento de Ferreirim.

—

Em 1606 foi eleito commissario geral para a ilha da Madeira, mas a pedido seu o dispensaram e nomearam guardião do convento de Santarem, para onde partiu tambem *a pé*. Decorridos annos, foi ler theologia no convento de Lisboa, d'onde passou a leccionar no collegio de S. Boaventura de Coimbra, caminhando *sempre a pé*.

No capitulo que em 1610 se celebrou no convento de S. Francisco de Lisboa, foi eleito *definidor*,—cargo importante e muito honroso,—e em 1614 foi nomeado guardião do dicto convento, onde fez grandes obras e uma casa para a livraria, *tão espaçosa e sumptuosa que n'ella muitos annos se celebraram as côrtes*; mas infelizmente na noite de 30 de novembro de 1741 quasi todo aquelle grande edificio foi pasto das chammas, comprehendendo a dicta sala e 4 espaçosos claustros, escapando apenas a egreja, os coros, a

sacristia, a casa do noviciado, o refeitorio dos pobres e pouco mais

No capitulo de 1617 foi eleito provincial.

Filippe III lhe offereceu a mitra de *S. Thomé*,—depois a de *Ceuta*—e por ultimo a de *Gôa*, mas o nosso biographado recusou-as todas.

No capitulo geral que em 1618 se celebrou no convento de S. Francisco de Salamanca presidiu a um acto litterario com tanta distincção que ali mesmo foi eleito secretario da *provincia*[1] e o geral o levou comsigo para Madrid, donde, passando algum tempo, volveu ao seu convento de Coimbra;—assistiu a um capitulo que ali se celebrou—e depois regressou a Castella. Passando logo a visitar aquella *provincia* com o geral, percorreu a maior parte da Hespanha e da Italia, *a pé* e a *cavallo*, de verão e de inverno, atravessando com grande incommodo montes, serras e caminhos medonhos!

Foi eleito commissario geral da ordem no capitulo geral de Segovia, d'onde partiu para Portugal, mas em breve regressou a Madrid, começando logo a exercer o cargo de geral, em que muito se distinguiu, percorrendo Portugal e Hespanha de uma extremidade até á outra, a cavallo, mas sempre com os pés nus, excepto no rigor do inverno,—e muito pobremente vestido. As suas roupas eram sempre andrajos, mas apesar d'isso tinha entrada franca no paço e Filippe III o recebia com particular estimação pelo seu renome e porque os geraes franciscanos eram *grandes de Hespanha* e *conselheiros de estado* desde o tempo de Carlos V.

O papa Urbano VIII tambem o estimava muito;—correspondia-se com elle e lhe pediu que continuasse no generalato da ordem até á paschoa do Espirito Santo de 1625, em que tencionava celebrar o jubileu do anno santo.

Da Hespanha passou a França;—d'ali a Saboia, onde foi muito bem recebido pelo duque;—depois foi á Toscana e ao santuario do Loreto, onde celebrou as 3 missas do Natal,—e d'ali passou a Roma a beijar o pé á Santidade de Urbano VIII, que o nomeou *ministro geral* da ordem.

—

De Roma foi para Assis, terra natal do seu patriarcha; ali se demorou algum tempo na casa por elle fundada;—depois seguiu para Bolonha, Florença, Modena, Parma, etc., visitando os conventos da sua ordem na Italia, d'onde volveu a visitar novamente os de Hespanha e depois os de Portugal, passando da Andaluzia ao Alemtejo e do Alemtejo a Lisboa.

Depois de descançar algum tempo, partiu para França para reformar aquella provincia e reduzir os *claustraes* á *observaucia*, o que, não sem difficuldade, conseguiu. Proseguindo avante volveu á Italia e Roma;—assistiu a diversos capitulos — e regressou á Hespanha e Madrid, sendo nomeado bispo de Viseu antes d'ali chegar, no anno de 1629.

Contava então o nosso biographado 58 annos e estava fatigadissimo por haver percorrido mais de 5:000 leguas e ter visitado e governado cerca de 6:000 conventos e de 280:000 subditos de um e outro sexo?!...

Em Madrid recebeu no anno de 1630 as bullas e ali mesmo foi sagrado com toda a pompa no convento das suas religiosas descalças, no dia 13 de julho de 1631, continuando a permanecer em Madrid no exercicio do seu generalato, que só deixou em outubro do dicto anno.

Em maio de 1632 partiu para Viseu, aonde chegou a 2 de junho, entrando logo no exercicio do munus pastoral, repartindo com mão larga pelos pobres todas as rendas da diocese e reservando para si o estrictamente necessario, que se reduzia a muito pouco, pois nunca deixou o habito franciscano e formavam toda a sua familia um padre confessor irlandez e um irmão leigo, ambos da sua ordem e ambos virtuosissimos, sendo o leigo denominado *Paciencia* pela muita que tinha,—diz o Padre Sousa.

—

Sentindo o nosso biographado esvairem-

---

[1] A ordem seraphica era a mais numerosa de todas. Comprehendia milhares de conventos, seguindo todos com leves modificações o instituto do patriarcha S. Francisco, mas dividiam-se em grupos denominados *custodias* e *provincias*.

se-lhe as forças, mandou logo fazer uma pequena capella no seu convento de S. Francisco de Lisboa, para ser n'ella sepultado, elegendo para repouso o convento onde professou e deu começo ás suas fadigas.

Vagando n'aquelle mesmo anno o bispado de Coimbra, Filippe III o nomeou bispo d'aquella diocese e reformador da relação do Porto, mas, quando chegou a Portugal a noticia, já D. Fr. Bernardino tinha expirado no dia 5 d'outubro de 1632.

Jaz na capella-mór da Sé de Viseu.

Foi bispo apenas 1 anno, 2 mezes e 23 dias —e falleceu contando 61 annos, 4 mezes e nove dias de idade.

Era alto, corpulento, rosado, muito intelligente e muito caritativo e seria um dos mais benemeritos prelados de Viseu, se a morte o não roubasse tão depressa.

66.º—*D. Miguel de Castro, 4.º*, 1633–1634.

Era sobrinho do bispo do mesmo nome, de quem já fizemos menção sob o n.º 59, e filho de D. Diogo de Castro, 2.º conde de Basto, vice-rei de Portugal, etc., e de D. Maria de Tavora, filha de Lourenço Pires de Tavora.

Este bispo D. Miguel de Castro foi arcediago de Santarem na collegiada de Santa Maria d'Alcaçova, do conselho geral do Santo Officio, commissario geral da bulla da santa crusada, conselheiro de estado em Madrid, etc.

Filippe IV de Hespanha e III de Portugal o nomeou bispo de Viseu em 1633 e, recebidas as bullas da confirmação, mandou tomar posse do bispado, posse que por elle tomaram o deão, mestre escola e vigario geral de Viseu no dia 17 de março de 1634, mas infelizmente falleceu em Madrid no mesmo anno a 13 de março, 4 dias antes dos seus procuradores tomarem a posse,—como dizem alguns dos seus biographos, porem o Padre Sousa e outros dizem que falleceu no dia 27 d'outubro [1].

Nasceu não sabemos quando nem onde, mas é certo que falleceu em Madrid no anno de 1634 e jaz na Sé de Viseu, logo á entrada, em sepultura com tampa de marmore vermelho,—lisa e sem armas nem inscripção alguma,—porque assim o determinou o finado, como diz o Padre Sousa, citando duas cartas que se encontram no cartorio do cabido.

—

Em 1734, ou decorridos 100 annos, mandando-se compor o pavimento da Sé e fazer as sepulturas uniformes e *de caixa*, foi aberta a dicta sepultura e n'ella, alem dos restos mortaes do bispo, que apenas expostos ao ar se reduziram a pó, se encontrou a cruz peitoral e o annel,—insignias de que *alguem* quiz apoderar-se, mas o cabido (honra lhe seja!) oppoz-se e ficaram encerradas com as cinzas na sepultura do dicto prelado, como diz o mesmo Padre Sousa.

Morto D. Miguel de Castro, seguiu-se uma vacancia de 2 annos [1] e logo no primeiro (1635) se deram em Viseu 3 factos notaveis e quasi simultaneos:—uma tempestade medonha,—o desabamento da torre dos sinos e da fronteria da Sé—e uma lucta vergonhosissima entre os conegos e meios conegos por causa de certos distinctivos nas murças.

Veja-se o topico *Sé de Viseu*.

67.º—*D. Diniz de Mello e Castro*, 1636–1639.

Era ascendente dos condes de Monsanto; —nasceu na villa de *Collares*, junto de Cintra, e foram seus paes Francisco de Mello e Castro, alcaide-mór do Outeiro, commendador de Montalegre, etc., e Brites Nobre.

Doutorou-se em canones na Universidade de Coimbra;—foi desembargador da relação do Porto, da casa da supplicação, dos aggravos e do paço—e regedor das justiças no anno de 1626. Em 1627 foi eleito bispo de

---

[1] O cadaver chegou a Viseu no dia 13 de novembro do dicto anno de 1634.

[1] Em 1634, pouco depois de principiar a vacancia, Filippe III nomeou bispo de Viseu *Segismundo Francisco*, allemão, filho do archiduque do Tirol, mas o pae muito prudentemente agradeceu e demittiu a finesa por ter então o filho apenas tres annos de idade!

Depois foi bispo d'Ausburgo, na Allemanha, com honras de Principe, etc.

Leiria;—em 1636 foi nomeado bispo de Viseu e, tendo governado esta diocese 2 annos, foi apresentado na da Guarda em 1638. Em 23 de maio de 1639 mandou pelo rev. dr. Luiz Pires da Veiga tomar posse da dicta diocese, mas não chegou a entrar n'ella, porque, tendo ido a Lisboa, ali falleceu no dia 24 de novembro do mesmo anno de 1639, como diz o Padre Sousa, mas F. Manuel e Berardo dizem que falleceu a 4 de novembro de 1640,—Carvalho e Coldt dizem que falleceu a 24 do dicto mez e do dicto anno de 1640!...

Botelho, podendo dizer muito d'este bispo, seu contemporaneo e ultimo do seu catalogo, apenas o indicou, para não se tornar suspeito louvando-o;[1] mas o Padre Sousa falla d'elle amplamente no tomo 3.º e ultimo do seu catalogo, fl. 57 a 63, v.

—

Governando o bispado de Viseu apenas 2 annos, tornou-se por muitos titulos benemerito.

Fez visitar a diocese repetidas vezes por pessoas idoneas;—era diligentissimo no cumprimento do munus pastoral e no provimento dos beneficios ecclesiasticos;—amava os pobres como filhos, soccorrendo-os generosamente—e foi um dos mais insignes bemfeitores da Misericordia de Viseu e de *todas as do seu bispado!*

Para evitarmos repetições, veja-se o titulo *Misericordia*.

Tambem, sendo já bispo de Viseu, comprou e mandou para a Sé de Leiria muitas peças de prata e ricos paramentos.

Jaz na villa de Collares na capella mór da egreja que foi dos religiosos carmelitas observantes, em sepultura propria com um longo epitaphio e um escudo com as suas armas e as insignias episcopaes e de regedor das justiças.

Vacancia de 32 annos

Por morte de D. Diniz de Mello e Castro em 1639, seguiu-se uma vacancia de 32 annos até 1671, proveniente da grande lucta entre Portugal e Hespanha, iniciada em Lisboa com a gloriosa revolução de 1 de dezembro de 1640,—lucta que durou mais de 27 annos (até 1668) e nos libertou do jugo estrangeiro.

Durante a longa vacancia foram nomeados para Viseu 8 bispos,—3 por Castella e 5 por Portugal, mas nenhum d'elles obteve confirmação apostolica, sendo entretanto governada a diocese pelo cabido.

Para evitarmos repetições, veja-se o topico —*Bispos eleitos*.

N'esta longa vacancia o cabido (Deus lhe perdoe!) aproveitando ou antes *malbaratando* as enormes rendas da mitra accumuladas, restaurou (deturpou) a Sé, fazendo entre outras obras a fronteria actual, em substituição da que havia desabado em 1635, mas infelizmente, em vez de se inspirar no primoroso estylo architectonico da velha fronteria, que era o mesmo da abobada de D. Ortiz de Vilhegas, fez o que lá se vê,—uma obra singellissima, desgraciosa e vergonhosa em completa desharmonia com a architectura interior.

Deus lhe perdoe!...

Veja-se o topico relativo á Sé.

—

Para as ordenações e benção dos Santos Oleos, etc., recorreram os visienses aos outros prelados do reino até que falleceram todos, sobrevivendo apenas *um*,—*D. Francisco de Souto Maior*, natural de Lamego, conego regrante de Santo Agostinho, D. Prior de S. Vicente de Fora, procurador geral dos cruzios, deão da capella real de Lisboa, provisor e vigario geral d'aquella diocese e bispo de Targa, por ultimo eleito bispo de Lamego e arcebispo de Braga,—homem muito douto, muito virtuoso e *muito vigoroso!*

Durante 11 annos foi o *unico bispo de Portugal e suas possessões?!...*

Tendo nascido em 1590, falleceu em 1699, contando a bagatella de 109 annos de idade e 63 de pontificado, durante os quaes ordenou mais de 20:000 sacerdotes e confirmou talvez mais de um milhão de pessoas, pois era incansavel no exercicio do munus episcopal e redobrou de zelo quando se viu *só*

[1] Suppomos até que entre os dois havia estreitas relações, pois a este bispo dedicou Botelho os seus *Dialogos*.

á frente da christandade *de todo o nosso paiz e suas possessões.*

V. *Lamego* n'este diccionario e no supplemento.

68.º—*D. Manuel de Saldanha*, 1671.

Varios auctores dão como prelados de Viseu 3 individuos d'este nome:—um filho de Manuel de Saldanha e de D. Leonor de Meneses,—outro filho de João de Saldanha e de D. Leonor de Meneses,—outro filho de Fernando ou Fernão de Saldanha e de D. Joanna de Noronha, mas parece averiguado que os dois primeiros são um e o mesmo de que já fizemos menção no topico dos *Bispos eleitos*, sob o n.º 10, sendo seu pae *João* de Saldanha e não *Manuel* de Saldanha,—e que o 2.º foi este, de quem no momento nos occupamos, como diz o Padre Sousa.

—

D'este prelado D. Manuel de Saldanha faz menção a *Hist. Geneal.* C. R., tomo 5.º pag. 369. Era da nobre familia *Saldanhas*, antepassados dos condes de Rio Maior, hoje duques de Saldanha;—foi conego em Lisboa—e o 1.º bispo de Viseu depois da grande vacancia.

Feita a paz entre Portugal e a Hespanha em 13 de fevereiro de 1668, tractou logo D. Pedro II de prover as nossas dioceses e no mesmo anno apresentou n'esta de Viseu D. Manuel de Saldanha [1]. O papa Clemente X o confirmou em 1671;—mandou tomar posse do bispado em 17 de maio e n'elle entrou em 16 de setembro do mesmo anno de 1671, mas, passados 3 mezes era cadaver, pois falleceu a 26 de dezembro seguinte e jaz na capella-mór da Sé de Viseu em sepultura de marmore lisa, com as suas armas e uma inscripção.

Alguem diz que foi dr. em canones e sumiler da cortina de D. Affonso VI, mas Coldt e Sousa omittem estas circumstancias, dedicando-lhe o Padre Sousa nada menos de 5 fl. do seu interessantissimo e volumoso catalogo. Tambem nada, absolutamente nada diz dos seus actos como prelado.

[1] D. Affonso VI reinou desde 1656 atè 1683, mas seu irmão D. Pedro tirou-lhe a mulher e a corôa e governou *como regente* desde 22 de novembro de 1667 até 12 de setembro de 1683, data do fallecimento do infeliz D. Affonso VI. Depois o mesmo regente foi acclamado rei—D. Pedro II—e governou como tal até 1706, data em que falleceu.

69.º—*D. João de Mello, 14.º* 1673-1684.

Nasceu pelos annos de 1620 em Evora e foram seus paes D. Jorge de Mello, vedor da rainha D. Luisa, mulher d'el-rei D. João IV, mestre sala do mesmo rei, etc,,—e D. Magdalena de Tavora,—familia nobilissima, da qual procedem os condes de Murça e da Figueira.

Foi deputado e inquisidor do santo officio em Evora e parocho da egreja de S. Thiago na mesma cidade, mas era tão propenso á vida penitente, que um dia resignou todos os seus cargos e fugiu para a serra da Arrabida, onde viveu sepultado em uma pequena cella como simples monge *cinco annos*, no fim dos quaes foi eleito bispo d'Elvas, onde entrou em 1671 e logo n'esse anno e no seguinte visitou toda a diocese em companhia do veneravel *Fr. Antonio das Chagas*, missionario apostolico do Varatojo.

Por morte de D. Manuel de Saldanha foi transferido para a Sé de Viseu, da qual tomou posse por procuração em 18 de setembro de 1673 e a governou até 1684, data em que foi transferido para o bispado de Coimbra, onde permaneceu até que expirou na quinta episcopal de S. Martinho do Bispo em 28 de junho de 1704. Por sua determinação foi sepultado na egreja dos monges carmelitas do Bussaco, que elle estimava como filhos e tanto que com elles costumava viver *a vida mais penitente e austera*,—fez-lhes grandes esmolas e n'aquella thebaida mandou construir a capella do Calvario e outras muitas, nada menos de 20, que ainda hoje se lá vêem disseminadas pela matta, embora em ruinas. Mandou tambem fazer ali muitas fontes caprichosas, nomeadamente a celebre *Fonte Fria*, que nós em 1851, quando estudavamos ainda preparatorios em Coimbra, tivemos occasião de ver como D. João de Mello a deixou: [1] toda revestida de musgo,

[1] Eramos alumno do collegio então montado no extincto convento de *S. Francisco*

de mosaico e de conchas, escondida entre arvoredo secular, mas muito mais interessante do que é hoje com a sua ampla escadaria, tanques, repuchos e outras decorações *á la mode.*

—

Foi um prelado muito virtuoso e muito generoso para com os pobres, mas de vida tão austera que só achava prazer na solidão do Bussaco, identificando-se em tudo com os santos eremitas.

O seu traje era tão modesto que de um jubão que usára 20 annos mandou fazer uns calções! Isto em Viseu, montando então as rendas do bispado a 18 mil crusados, e, depois de ser bispo-conde de Coimbra com rendas muito superiores, por vezes de noite se entretinha *a remendar as suas vestes,*—como diz o Padre Sousa. Pelo contrario gostava de ver a Sé e todos os templos sempre limpos e asseados, com o que despendeu muitos contos de reis.

Em Viseu reedificou e ampliou a capella-mór da Sé, dando-lhe mais luz do que tinha e poz-lhe um riquissimo altar de uma só pedra de fino marmore que mandou vir expressamente da Arrabida e tinha 17 palmos de comprimento, 5 de largo e 1 de espessura, firmada sobre uma columna tambem de marmore com 5 palmos de altura. Dotou tambem a Sé com uma pia baptismal, duas de agua benta e um pulpito octogono, em forma de calix, tudo *do mesmo marmore da Arrabida,*—objectos preciosos e dignos de veneração,—mas infelizmente, passados annos, o cabido, dominado pela febre das obras sem gosto, assim como na *grande vacancia* deturpou a fronteria da Sé, na vacancia que se seguiu a D. Jeronymo Soares,—arrancou a mesa do altar-mór e collocou-a a modo de frontal do mesmo,—e o pulpito levou-o para a egreja de *S. Martinho, extra-muros!...*[1]

—

Trouxe sempre em missão no bispado de Viseu differentes padres da congregação do Oratorio, que mandou vir de Freixo de Espada á Cinta, e tambem algum tempo o veneravel *Fr. Antonio das Chagas* que, antes de entrar em Viseu, apenas avistou a cidade, se poz de joelhos e levantando as mãos disse: *pobre cidade, se as almas que encerras estão como as tuas paredes mostram!...*

Estavam denegridas como a maior parte dos edificios da Beira, antes de se abrir á exploração a linha ferrea, que barateou consideravelmente o preço da cal e do sal, pois este ia da Figueira da Foz, aquella dos Fornos e Bairrada e a sua conducção era carissima.

Tentou fundar um convento em Viseu para os Padres do Oratorio, de quem era muito amigo, mas não pôde vencer certas contrariedades que se oppozeram, posto que era bastante energico e tanto que excommungou o corregedor de Viseu *Gonçalo Mendes de Brito* por prender no adro e *couto* da Sé um criminoso. A questão foi até o tribunal da legacia,—ultima instancia,—que declarou validas as censuras e mandou que o dicto corregedor pedisse ao prelado absolvição d'ellas e *pagasse as custas?!...*

A sentença tem a data de 2 de dezembro de 1676.

---

da Ponte e dirigido pelo rev. Manuel Xavier Pinto Homem, que depois se doutorou em theologia, sendo director do grande Collegio de S. Bento, hoje lyceu, e que por ultimo foi reitor do seminario de Santarem.

Com o mencionado director, meu patricio e bom amigo (Deus o tenha em bom logar!) e com todos os professores e alumnos do dicto collegio, fomos em agosto d'aquelle anno passar uma brevia de 3 dias no extincto convento do Bussaco, então ainda mais despresado e mais arruinado do que hoje, mas com outra expressão, outro timbre, como se fôra a propria Thebaida deserta, emquanto que hoje o seu aspecto mudou.

É uma estancia de gôso, semelhando um grande parque á imitação dos de Cintra.

[1] Não terminou porem aqui o fadario do pobre pulpito, pois em 1875 a camara o removeu d'ali para a capella do cemiterio municipal, onde se vê hoje com a mesma apparencia, mas *partido em muitos fragmentos collados,* porque o pedreiro encarregado da remoção era tão estupido e foi tão desleixado, que o despedaçou!...

Veja-se o n.º 2 no topico dos *Templos extinctos*, onde fallámos da *Egreja de S. Martinho*, de que hoje apenas resta a memoria.

Celebrou synodo em 7 de setembro de 1681, no qual ampliou as constituições do bispado, enriquecendo-as de maximas mysticas e moraes em prosa e verso. Coimbra, 1684.

Veja-se o topico relativo ao bispo *D. João Manuel*, n.ª 63 da nossa lista.

Mandou fazer na quinta de Fontello, junto da capella do *Santo Sepulchro*, um hospicio para n'elle poisarem os missionarios do Varatojo, quando viessem a Viseu;—na quinta de Santa Eugenia fez um hospital para os pobres, contiguo á capella, com 14 camas sempre promptas,—8 para homens e 6 para mulheres, com todos os commodos para os doentes e convalescentes,—e, depois que passou para Coimbra, notando pouca luz na Sé, mandou-lhe abrir novas janellas, levantou-lhe a torre, ornou-lhe o côro e poz novos e vistosos retabulos nos altares lateraes, etc., com o que deturpou tambem a magestosa architectura d'aquelle venerando templo, ainda hoje bem conhecido pelo nome de *Sé velha*.

Fez tambem, como já dissemos, grandes obras no Bussaco, sua residencia favorita;—restaurou muitas egrejas do bispado, gastando só com a de S. João de Santa Cruz mais de quarenta mil crusados;—fez *a fundamentis* o convento das religiosas franciscanas de Cendelgas; [1]—ampliou a egreja do Louriçal;—restaurou a de Semide;—comprou para *Recolhimento de convertidas* o *Paço do Conde*, em Coimbra;—deu grandes esmolas aos jesuitas para a conclusão da capella-mór da egreja do seu collegio ou da *Sé nova* actual;—sagrou a nova egreja do convento de Santa Clara e para ella trasladou com grande pompa o corpo da *Rainha Santa*.

Fundou tambem o *Paço da Figueira*, que vinculou em morgado e o deixou a seu sobrinho D. Antonio José de Mello, cujos descendentes, possuindo aquelle palacio e morgado, foram n'este seculo feitos condes da Figueira, estando actualmente vendido o dicto palacio pelos condes de Murça, que succederam no dicto morgado aos condes da Figueira por falta de successão d'estes [1].

Terminaremos dizendo que este benemerito prelado falleceu com opinião de santo —como diz o Padre Sousa, que lhe dedicou dois longos capitulos do seu interessantissimo *Catalogo*, desde fl. 84 até fl. 99 do tomo 3.º e ultimo.

70.º—*D. Ricardo Russel*, 1685-1693.

Nasceu na Grã-Bretanha, de paes inglezes, mas catholicos, pelos annos de 1630;—fez os seus primeiros estudos na França, em um collegio dos Padres da Congregação do Oratorio e, por insinuação superior, passou ao nosso paiz para ensinar o idioma inglez á infanta D. Catharina (irmã de D. Pedro II) depois de tractado o seu casamento com Carlos II da Inglaterra, [2]—e em Lisboa antes de entrar no serviço do paço, estudou philosophia e theologia no collegio de *S. Pedro e de S. Paulo*, seminario dos inglezes catholicos.

Estando já no paço, ensinando o inglez á infanta, a rainha D. Luisa, mãe d'ella, costumava consultal-o sobre os negocios de mais ponderação.

Em 1661 a mesma rainha, sendo regente na menoridade de D. Affonso VI, nomeou D. Ricardo bispo de Cabo Verde, mas elle não acceitou a nomeação.

Em 1662 acompanhou a infanta para a Inglaterra como seu capellão mór, esmoler e sumiler da cortima e, regressando a Portugal, foi feito bispo de Portalegre. Sagrou-se em 1671 e fez ali a sua entrada solemne em março de 1672. Governou aquelle bispado cerca de 14 annos, até que foi transferido para o de Viseu, tomando posse por procuração em 18 de novembro de 1684 e fazendo a sua entrada solemne em 28 d'abril de 1685.

Falleceu na quinta de Fontello aos 15 de novembro de 1693, contando 63 annos de idade, e jaz na capella-mór da Sé.

Foi o primeiro bispo que ali se sepultou,

---

[1] V. *Montemor o Velho*, tomo 5.º pag. 515, col. 1.ª

[1] Ha bastantes annos que no dicto *Paço* está montada uma *Assembleia*.

[2] V. *Pinhel*, tomo 7.º pag. 71, col. 2.ª e segg.

depois do accrescentamento feito por D. João de Mello, e na sua sepultura mandou gravar esta simples inscripção.

EXPECTANS BEATAM
SPEM, HIC JACET RI-
CHARDUS.

«Aqui jaz D. Ricardo, aguardando a bemaventurança.»

—

Foi um bispo illustrado e de bons costumes, zeloso no cumprimento dos seus deveres e bastante caritativo *nos ultimos 3 annos* do seu pontificado, pois nos *primeiros 5 annos* não deu *uma unica esmola*, com o que se expoz a graves censuras, e, observando-lhe isto mesmo um dos seus ministros, respondeu:—que em primeiro logar estava a virtude da justiça do que a da caridade—e que os encargos da mitra eram tantos que ainda não tinha podido ultimar o pagamento das bullas [1].

Era muito espirituoso e propenso a rir e folgar, mas severo ao mesmo tempo.

Mandou fazer na matta do convento dos religiosos franciscanos de Santo Antonio um grande terreiro circular com assentos de pedra em volta e um cruzeiro no centro;—ali costumava ir passar no verão as tardes, palestrando não só com os religiosos professos mas com os noviços, entretendo-se com estes a dirigir-lhes graças, galanterias e dictos joco-serios, distribuindo lhes ao mesmo tempo doces que para este fim levava em caixas na sua carruagem?!...

—

Fez no mesmo convento uma grande enfermaria e, para que nada faltasse n'ella, um bello dia mandou aos religiosos tantas canastras cheias de cobertores, lençoes, toalhas, ligaduras, pannos mais pequenos, etc., que os pobres capuchos ficaram espantados! E com o grande presente mandou tambem uma importante somma de dinheiro para louça e outras miudesas.

Em signal de reconhecimento, mandaram os religiosos gravar em uma lapide sobre a porta da capella da dicta enfermaria uma inscripção muito lisongeira para o prelado, mas este apenas consentiu que escrevessem o seguinte:

ESTA ENFERMARIA MANDOU FAZER RICARDO,
BISPO DE VISEU

Tambem nunca tolerou que em parte alguma se collocassem as suas armas.

Era tão espirituoso que certo dia acercando-se d'elle ao mesmo tempo dois conegos para beijar-lhe o annel, o bispo, sabendo que um d'elles era alcunhado *Entrudo* e o outro *Quaresma*, disse com a galanteria que lhe era propria:—primeiro está o *Entrudo* e depois a *Quaresma*!...

Constando-lhe que certo lavrador era todos os annos excommungado por não saber a doutrina, chamou-o e disse-lhe que se dentro de 8 dias aprendesse a doutrina que lhe indicou, lhe daria 40$000 réis. No praso marcado foi o lavrador procurar o bispo, levando a doutrina toda bem decorada. O bispo deu-lhe promptamente os 40$000 réis, mas metteu-o no aljube até lá os gastar, por ver que, se até aquella idade não tinha aprendido a doutrina, era por desleixo e despreso, não por falta de memoria, como dizia.

—

Sendo D. Ricardo ainda bispo de Portalegre e offerecendo-lhe D. Pedro II a mitra de Viseu, partiu a occultas de Portalegre, vestido como simples padre, montado em uma cavalgadura sem apparato algum, e dirigiu-se incognito a Viseu, para ver se lhe convinha a transferencia. Chegando á povoação de *Calde* ao escurecer, procurou commodo;—indicaram-lhe a casa de certo ecclesiastico;—foi bem recebido; conversaram muito e, quando se tractava da ceia, notou que os servia uma menina muito sympathica e muito bem vestida. Perguntou ao padre se era sobrinha d'elle. Respondeu negativamente, allegando fraquesas da humanidade, pois mal imaginava elle que estava fallando com

---

[1] Note-se que o bispado de Viseu rendia n'aquelle tempo *oito contos de réis*, que por certo correspondiam a mais de *16 contos* da nossa moeda actual?!...

o seu futuro bispo; tomou porem nota D. Ricardo e, pouco depois da sua transferencia, mandou chamar o dicto padre a Viseu e perguntou-lhe se o conhecia.

Ficou attonito e respondeu negativamente. Lembrou-lhe então D. Ricardo que já tinha sido seu hospede;—repetiu a palestra com todos os promenores—e concluiu por dizer-lhe que seria seu amigo e protector, se quizesse pôr cobro ao escandalo.

O padre acceitou com reconhecimento e docilidade a exhortação e cumpriu. Por seu turno D. Ricardo metteu a menina em um convento de freiras,—a mãe d'ella em um recolhimento—e ao padre deu lhe *um dos melhores beneficios da diocese?!..*»

Terminaremos este succinto esboço biographico dizendo que D. Ricardo costumava presidir aos exames, tanto de concursos para beneficios, como de ordinandos, e era n'este ponto *severo e rigoroso.*

Um dia *reprovou 16 estudantes* só porque erraram successivamente a pronuncia da palavra *idolum*, fazendo breve a segunda syllaba, sendo longa.

Ainda diremos que no seu pontificado se estabeleceram em Viseu os congregados do Oratorio.

Veja-se o topico relativo aos *Conventos.*

Veja-se tambem o *Catalogo* do Padre Sousa, tomo 3.º livro XI, cap. VI e VII, desde fl. 99, v. até fl. 111, onde se encontram largas e muito curiosas noticias d'este prelado [1].

71.º—*D. Jeronymo Soares*, 1694-1720.

Era natural de Lisboa e filho de João Alvares Soares da Veiga Avelar Taveira (provedor da alfandega d'aquella cidade) e de D. Maria Soares de Mello, pessoas muito illustres.

Nasceu em 1635;—formou-se em canones na Universidade de Coimbra e, vagando ali no tribunal da inquisição um logar de deputado que tinha annexa uma conesia doutoral da Sé de Viseu, foi n'elle provido, tomando posse em 1664 e o exerceu até 1669, data em que foi transferido tambem como deputado para a inquisição de Lisboa. D'ali passou em 1671 para Evora, como inquisidor;—em 1675 foi nomeado membro do conselho geral da inquisição de Lisboa—e no dicto anno foi como procurador da mesma enviado a Roma, onde se demorou 6 annos e trabalhou muito com o nosso embaixador extraordinario D. Fr. Luiz da Silva, bispo de Lamego, para annullarem, como annularam, os titanicos esforços dos judeus contra a inquisição.

Em 1690 foi feito bispo d'Elvas;—em novembro de 1694 foi transferido para Viseu; tomou posse por procuração em 13 do dicto mez e anno—e no dia 6 de julho de 1695 fez a sua entrada solemne em Viseu.

—

Era tão caritativo que vendo a Misericordia sobrecarregada de doentes e com tão poucas rendas que a despesa com as dietas corria por conta da mesa, tomou logo a seu cargo no mesmo anno de 1695 a sustentação dos doentes e os sustentou durante todo o seu pontificado. Deu alem d'isso á santa casa muitos dotes para donzellas e em 1705 *dois contos de réis* em dinheiro, como diz o Padre Sousa.

Convocou synodo a 8 de junho de 1699 (na 1.ª oitava do Espirito Santo) no qual reuniu 350 pessoas entre ecclesiasticos e leigos distinctos, e reformou e accrescentou as *Constituições* da diocese, depois de a ter visitado pessoalmente.

Reformou tambem os estatutos de muitas irmandades e confrarias e em 1703 os da corporação dos 12 padres coreiros, pois ainda se regulavam pelos antiquissimos estatutos dados pelo prior S. Theotonio!...

Fez obras em muitos conventos do bispado e o seu maior prazer era dar esmolas, pelo que nunca saia de casa sem levar pendente da mão esquerda uma grande bolsa com dinheiro que ia constantemente distribuindo.

E soccorria não só os leigos, mas tambem os ecclesiasticos pobres, vestindo-os, valendo-lhes com dinheiro em circumstancias cri-

---

[1] Em 13 de janeiro de 1691 convocou synodo e n'elle addiccionou ás *Constit. do Bisp.* os 4 topicos seguintes:—1.º *Eternidade da alma;*—2.º *Eternidade do Paraiso;*—3.º *Eternidade do corpo;*—4.º *Eternidade do Inferno.*

ticas, dando-lhes esmolas para as suas egrejas, etc.

Alem d'isso sustentava não com luxo, mas com abundancia, a sua numerosa familia.

Costumava dizer:—*O meu dinheiro é como açafrão, pois a tudo tinge!*

Note-se porem que este prelado tinha boa fortuna propria e que o bispado então rendia *quarenta e cinco mil crusados* [1] ou réis 18:000$000, que certamente equivaliam a mais de 30:000$000 réis da nossa moeda actual?!...

Era tão modesto e tão accessivel que, mesmo na rua, costumava entreter-se a conversar com os pobres, e não gostava que repicassem os sinos, quando sahia de casa.

—

Achando-se elle no paço episcopal da cidade em quarta feira de cinza, 5 de março de 1710, pesou sobre Viseu uma medonha trovoada, sendo *a chuva a cantaros, a pedra a montes e os trovões continuos,* e por essa occasião cahiu um raio na torre dos sinos, contigua ao paço [2]. Rompeu a abobada da mesma torre, lançando pedras a grande distancia;—furou largas e grossas paredes;—arruinou fortissimas abobadas e soalhos;—desbaratou as varandas do *Collegio* e do cabido—e arrancou varias columnas e telhados, etc.

Ficou o santo prelado attonito, porque a grande descarga electrica rebentou junto do seu quarto. Apenas declinou a tempestade, foi á janella e, vendo os destroços, ergueu as mãos ao ceu por não ter ficado sepultado n'ellas com os seus familiares! Tractou logo de fazer amparar as grandes ruinas (o edificio do *Collegio* foi o que mais soffreu) e em seguida tudo restaurou, dispendendo grandes sommas.

A Sé está muito exposta a faiscas electricas, porque demora em uma eminencia, no ponto culminante da cidade, e bom fôra que a protegessem com *pára-raios*, como tem o *Hospital Novo*.

—

Em agosto do mesmo anno de 1710, foi Viseu alvoroçada com um acontecimento de ordem muito diversa, mas não menos extraordinario:

A 6 do dicto mez,—dia da *Transfiguração do Senhor*,—chegaram a Viseu 28 religiosas clarissas do convento de *S. Luiz* de Pinhel, com algumas criadas, [1], pois, em virtude de certas questões que tiveram com o seu provincial, resolveram abandonar o convento (?!...) e irem pessoalmente queixar-se ao bispo de Viseu, então bispo de Pinhel tambem [2], tentando desligarem-se da obediencia áquelle e ficarem sujeitas ao bispo diocesano, como em tempo determinara Innocencio VIII.

Acercou-se logo da estranha comitiva a cidade toda com espanto. As freiras pararam na rua dos Cavallos, junto dos muros da quinta de Fontello;—apearam-se dos carros (?) em que fizeram a jornada e, muito afflictas com o ardentissimo sol d'agosto e muito moidas com os tombos e solavancos das carroças durante as 14 leguas de pessimo caminho de Pinhel a Viseu, levantaram uma cruz que traziam e, pondo-se em fórma de côro, ali mesmo resaram as horas cano-

---

[1] É isto o que se lê em uma nota ao *Catalogo* do Padre Sousa, tomo 3.º, cap. 9.º fl. 117, v.

[2] Na mesma Sé cahira tambem um raio em 1609 e outro em 1635. Este, de que agora fazemos menção, foi até áquella data o 3.º

[1] V. *Pinhel*, tomo 7.º pag. 84, col. 2.ª e segg., onde se encontra uma larga descripção d'aquelle convento, escripta por nós, bem como *todo aquelle extenso artigo*, que em 1876 offerecemos ao nosso benemerito antecessor, mal imaginando que este diccionario estivesse hoje a nosso cargo! Tambem posteriormente lhe offerecemos o artigo *Poiares*, freguezia do concelho da Regoa,—e anteriormente os artigos *Miragaya* e *S. Nicolau*, freguezia do Porto, alem d'outros.

Bom tempo era aquelle em que nós passeavamos e escreviamos por distracção, emquanto que desde 1884 gememos sobre a nossa banca de estudo, fazendo constantemente serão até ás 2 e por vezes 3 horas e mais depois da meia noite?!...

[2] Veja-se no artigo citado a fundação do bispado de Pinhel, hoje extincto.

nicas. Depois cobriram os rostos com os veus e, formando duas alas, caminharam directamente para a Sé, seguidas por uma multidão immensa de povo.

—

Apenas chegaram ao adro da Sé, o bispo mandou fechar as portas do seu palacio e ordenou aos seus ministros lhes fizessem saber que não as acceitava por subditas; — o dr. provisor João Ayres muito severamente lhes estranhou o arrojo e temeridade; mas ellas, sem se importarem com advertencias, insistiram no seu proposito, dizendo que não queriam outro superior alem do prelado de Viseu e, vendo as portas da Sé ainda abertas, por haver acabado o côro momentos antes, entraram e fizeram oração.

Mandou logo o bispo fechar as portas da Sé e levar as chaves para o seu quarto; — depois mandou-lhes ali um abundante jantar, servido pelos seus criados graves, com assistencia dos seus capellães, que no fim do jantar, por ordem do mesmo bispo, se retiraram, tornando a fechar as portas da Sé e levando as chaves, pelo que não houve côro na tarde d'esse dia.

—

Convocou immediatamente o prelado todos os seus ministros e officiaes de justiça; —expoz-lhes o caso—e deu ordem para que ao pôr do sol fossem conduzidas ao convento benedictino da cidade, tendo prevenido aquellas religiosas para que recebessem as profugas de Pinhel e as tractassem com caridade, accommodando-as como podessem e certificando-lhes que satisfaria *todas as despezas*,—o que tudo pontualmente se cumpriu.

Tambem concedeu ás religiosas de Pinhel o côro baixo para resarem o officio divino ao tempo em que as benedictinas resassem no côro alto.

Não cessavam as profugas de instar, pedir, rogar e supplicar, mas não mudou de resolução e obrigou-as a voltarem para o seu convento de S. Luiz de Pinhel, para o que mandou vir de Lamego e de Coimbra 17 liteiras, por não haver ao tempo em Viseu liteira alguma d'aluguel, e em outubro do mesmo anno,—bem contra vontade—seguiram nas 17 liteiras para Pinhel, acompanhadas pelos ministros ecclesiasticos e seculares de Viseu e por outras muitas pessoas nobres da mesma cidade, em attenção ás dictas religiosas e ao prelado, que fez todas as despezas da conducção e outras muitas em Roma para sanar a tempestade, como diz o Padre Sousa.

—

A retirada das freirinhas do seu convento e a viagem até Viseu devia ser triste e penosa, por ser feita em agosto,—*no rigor do verão,—e em carros de lavoura, tirados por bois*, que, para vencerem as taes 14 legoas de barrancos por certo não gastaram menos de 5 dias. Em compensação regressaram por tempo muito mais benigno,—*em outubro,— e com o apparato de princesas*, pois n'aquelle tempo e por aquelles sitios o melhor e mais luxuoso transporte eram as liteiras e talvez que nunca entrassem tantas a um tempo em Pinhel! Só as das freirinhas eram 17—e muito provavelmente em liteiras foram tambem alguns dos ministros e fidalgos que as acompanhavam, indo outros em sella. E deviam acompanhar a comitiva muitas bagageiras com roupas e mantimento, pois desde Viseu até Pinhel ainda *nem hoje* se encontrariam commodos para tanta gente e tantas cavalgaduras durante 3 dias, que menos não gastaram por certo com a viagem.

Devia ser uma cavalgata brilhantissima, imponentissima e *estrondosissima*, porque os machos das liteiras iam sempre carregados de campainhas, para não se espantarem. Imagine-se pois o barulho que fariam 34 valentes machos, sacudindo a um tempo pelo menos 34 duzias de campainhas, — total 408?!...

No artigo *Villa Real de Traz-os-Montes* (vol. XI, pag. 989, col. 1.ª e segg.) mencionámos um *episodio monastico* interessante, mas este é talvez mais interessante ainda— e mais interessante seria se podessemos entrar em pormenores.

—

Em 1713 um incendio consumiu parte do paço episcopal da Sé. Teve principio na cosinha e rapidamente se alastrou pelo edificio até o quarto do prelado, que era conti-

guo á cisterna. A custo o salvaram por meio d'uma escada que encostaram á janella, e teve de acolher-se ao paço de Fontello. Contava o santo bispo então já 78 annos, mas ainda mandou reconstruir tudo o que o incendio destruira.

Durante muito tempo deu 200$000 réis por anno para as obras do convento dos Congregados, hoje *Seminario*.

Expirou na quinta de Fontello no dia 18[1] de janeiro de 1720, tendo recebido com a maior compuncção o sagrado Viatico que foi da Sé com grande pompa, levado pelo deão acompanhado pelos conegos, todos paramentados com as suas capas mais ricas.

Falleceu ja decrepito, contando 85 annos de idade e 30 de pontificado nas duas dioceses, deixando uma memoria veneranda.

Jaz na capella-mór da Sé de Viseu.

Quem pretender mais amplas noticias d'este santo prelado veja o *Catalogo* do Padre Sousa, tomo 3.º, desde fl. 112 até fl. 128, v.

Seculo XVIII

Vacancia de 20 annos

Por morte do insigne prelado D. Jeronymo Soares seguiu-se uma longa vacancia de 20 annos, proveniente das graves desintelligencias entre a nossa côrte e a de Roma.

Parece que, tendo o papa Clemente XI pedido em 1717 auxilio contra os turcos ao nosso rei D. João V, enviando-lhe este promptamente uma armada, depois o nosso rei lhe pedira o barrete de cardeal para mr. Bichi e o papa lh'o recusou.

Por esta e outras rasões, D. João V, magoado, interrompeu as relações com a côrte de Roma durante 15 annos, chegando a ordenar que o patriarcha de Lisboa exercesse as funcções de pontifice em Portugal e seus dominios, até que o papa Clemente XII poz termo ao scisma em 1733.

Em virtude d'aquellas desintelligencias achavam-se vagas as dioceses de Braga, Porto, Evora, Lamego, Coimbra, Elvas, Guarda, Miranda, Portalegre, Funchal e *Viseu*, pelo que D. João V tractou de as prover. Em 1739, segundo diz o Padre Sousa, nomeou bispo de Viseu *Jorge Pereira de Sande*, que se executou,[1]—e *D. Fr. Antonio de Guadalupe*, bispo do Rio de Janeiro, que não chegou a tomar posse, por fallecer em Lisboa no dia 31 d'agosto de 1740,—seis dias depois de desembarcar.[2]

Terminou esta grande vacancia com a nomeação do prelado seguinte—*D. Julio Francisco d'Oliveira*—no mesmo anno de 1740 e, durante ella, o cabido, em contravenção das disposições do concilio de Trento, governou por si directamente o bispado e fez algumas obras. Entre ellas concluiu a restauração da antiquissima egreja de *S. Miguel do Fetal*,—restauração que o benemerito bispo D. Jeronymo Soares principiou, como já dissemos no topico *Egrejas*.

72.º—*D. Julio Francisco d'Oliveira*, 1740–1765.

Durou nada menos de 25 annos o pontificado d'este bispo.

É muito interessante a sua biographia e pouco trabalho nos deu, porque só tivemos de *extractar* e *resumir* a esplendida biographia que se encontra, como já dissemos, no interessantissimo *Catalogo* do Padre Sousa, tomo 3.º, desde fl. 242;—ficou porem tão longa ainda, que resolvemos dal-a no supplemento, bem como a do bispo e cardeal *D. Miguel da Silva*.

V. *Viseu* no supplemento a este diccionario;—entretanto ficam as duas pobres biographias á disposição dos leitores n'esta sua humilde casa.

73.º—*D. Francisco Mendo Trigoso, 1.º*, 1770–1778.

Era filho primogenito de Francisco Mendo

---

[1] Coldt, Berardo, F. Manuel e outros dizem que falleceu no dia 28 de janeiro, mas o Padre Sousa, que muitissimo respeitamos, diz claramente que falleceu no dia 18 de janeiro de 1720.

Este prelado é o ultimo do *Catalogo* de Coldt.

[1] Veja-se a lista dos *Bispos duvidosos*.

[2] Veja-se a lista dos *Bispos eleitos* e o *Catalogo* de Sousa.

Trigoso, dos *Trigosos* de Torres Vedras, e de D. Antonia Theresa de Aragão, pessoas nobilissimas. Tal era a sua vocação para o sacerdocio, que renunciou aos direitos da primogenitura;—ordenou-se;—doutorou-se em canones na Universidade de Coimbra—e, depois de servir varios empregos, el-rei D. José I o nomeou bispo de Viseu, onde fez a sua entrada solemne no dia 16 de dezembro de 1770,—anno em que o papa Clemente XIV erigiu o bispado de Pinhel—com os 3 arcyprestados de Viseu: — Pinhel, Trancoso, e Castello Mendo—e com as egrejas que pertenciam ao bispado de Lamego na região de *Cima-Côa*.

V. *Pinhel*, tomo 7.º pag. 64, col. 2.ª e segg.

Foi um prelado muito virtuoso e muito generoso—e falleceu no dia 19 de setembro de 1778.

Jaz na Sé de Viseu junto da capella mór, em uma das 3 sepulturas de bispos que ahi se acham. É a do lado do evangelho.

Em 1777,—anno em que falleceu el-rei D. José,—deu este bispo á Misericordia de Viseu 4:800$000 réis para alimento dos convalescentes.

D'este prelado foi sobrinho o celebre dr. Manuel Paes Trigoso, lente de prima em canones e vice-reitor na Universidade de Coimbra, desembargador do paço, etc.,—e d'este foi tambem sobrinho o dr. Francisco Manuel Trigoso d'Aragão Morato, lente de direito em Coimbra, deputado ás côrtes em 1820 e 1826, ministro e conselheiro d'estado, socio e vice-presidente da Academia Real das Sciencias, vice-presidente da camara dos pares, etc.—homem muito illustrado e um dos 4 primeiros philologos e mestres da lingua portugueza no seu tempo. Os outros eram D. Francisco de S. Luiz, D. Francisco Alexandre Lobo e o dr. Agostinho de Mendonça Falcão, socio da Academia Real das Sciencias, etc. [1]

74.º—D. *José Antonio Barbosa Soares*, 1779-1782.

Era natural da freguezia de Baldreu ou *Valdreu*, concelho de Villa Verde, no Minho, e foi lente de canones na Universidade de Coimbra. Foi eleito bispo de Viseu em outubro de 1778; sagrado em 2 de maio de 1779; tomou posse por procuração em 13 do dicto mez; chegou a Viseu em 29 de junho; fez a sua entrada solemne no dia 2 de julho de 1779, e falleceu em 25 de novembro de 1782.

Jaz na Sé de Viseu, junto da sepultura do seu antecessor, do lado da Epistola, onde se vêem as suas armas com uma inscripção já difficil de ler.

Nada mais sabemos d'este prelado.

75.º—*D. Fr. José do Menino Jesus*, 1.º do nome, 1783-1791.

Era natural da *Cachoeira*, arcebispado da Bahia;—foi frade carmelita e, tendo sido eleito e confirmado bispo do Maranhão, quando se dispunha para a viagem foi transferido para a diocese de Viseu, onde fez a sua entrada solemne em 8 de dezembro de 1783.

Foi um bispo illustrado, generoso e amante d'obras d'arte.

Deu á cathedral um rico paramento branco completo—e ao cabido as mais preciosas esculpturas que tem a cidade de Viseu! São ellas:

—Uma primorosa imagem do *Senhor Crucificado*, feita de marfim e de uma só peça, exceptuando os braços, sendo maior do que as imagens de marfim, feitas de um só dente de elephante.

—Outra primorosa imagem do *Menino Jesus*, despido e encostado a uma penha, sobre uma peanha de madeira dourada, mettida em um oratorio de madeira tambem dourada e envidraçado por 3 lados.

—Outra imagem perfeitissima, representando o moço Tobias acompanhado pelo anjo na sua jornada a Ruges, na Media, para receber de Gabélo o que este devia a seu pae, que se achava cego e doente.

—

Visitou o bispado duas vezes e tinha intenção de ampliar a cathedral, mas infelizmente, estando em *Castellões*, freguezia do concelho de Tondella, ali falleceu no dia 13

---

[1] V. *Pinhanços*, tomo 7.º pag. 43, col. 1.ª *in-fine*. Era pae do nosso bom amigo e cyreneu, o sr. dr. Nicolau Pereira de Mendonça Falcão.

de janeiro de 1791, na casa da quinta da *Cruz*, que foi do distincto fidalgo Antonio Xavier Telles d'Almeida Cardoso.

Fallecendo este sem geração, posto ser casado com D. Maria da Piedade Azevedo, a dicta casa, depois d'abolidos os vinculos, passou para os sobrinhos da viuva, dos quaes é irmã e *co-herdeira* a ex.ma sr.a D. Maria da Piedade de Lemos e Azevedo, esposa do sr. dr. Nicolau Pereira de Mendonça Falcão, nosso principal cyreneu n'este artigo [1].

Fallecido o prelado em *Castellões*, ali foram o cabido incorporado e o clero todo de Viseu receber o cadaver e o conduziram para a Sé, onde jaz, ao fundo da capella mór, do lado do evangelho, na mesma sepultura em que posteriormente foi enterrado tambem o bispo Lobo no anno de 1844.

76.º—*D. Francisco Monteiro Pereira de Azevedo*, 2.º 1792-1819.

Era natural de Rezende, da nobre familia dos seus appellidos e ascendente da nobilissima casa das *Brolhas* e da dos *Albergarias* de Lamego.

Foi lente de direito na Universidade de Coimbra e fez a sua entrada solemne em Viseu no 1.º de novembro de 1792. «Nós o conhecemos (diz Berardo) nunca esquecido d'aquella maxima—*Bona Ecclesiae sunt patrimonia pauperum.*»

Effectivamente foi um dos prelados mais virtuosos, mais modestos e mais caritativos que até hoje tem tido Viseu!

Vivia e vestia com a maior simplicidade; —nunca enthesourou um ceitil—e dava tudo aos pobres, inclusivamente as proprias roupas.

Visitou o bispado e, para melhor administração d'elle, subdividiu os arcyprestados: —o do *Aro* em 5;—o de Mõens em 2;—os de Besteiros, Pena Verde e Lafões cada um em 3,—e por provisão de 11 de julho de 1807 instituiu as 5 parochias suburbanas, annexas á cathedral, subsidiando os respectivos curas com as rendas da mitra,—*grande documento de desinteresse de que se apontarão mui raros exemplos*,—diz Berardo.

—

Em 1808, surgindo em Viseu uma revolta militar contra o general da provincia, Florencio José Correia de Mello, e contra o juiz de fóra João Bernardo de Vilhena, a pretexto de jacobinagem e de falta de pagamento, foram presos aquelles dois funccionarios pela tropa e por alguns paisanos que tomaram parte no motim e, como Viseu ficasse sem auctoridades, dirigiram-se ao paço episcopal da Sé e obrigaram o venerando prelado a encarregar-se interinamente do governo da cidade,—sacrificio enorme que elle acceitou para acalmar os desordeiros e obviar a maiores desgostos.

Durou pouco tempo tão anomalo estado de cousas, pois o governo sem demora mandou para Viseu uma alçada que, procedendo a devassa, culpou muitos miltares e cidadãos e os enviou presos para a Relação do Porto, em cujas cadeias se conservaram até que, em 29 de março de 1809, entrou Soult no Porto e as cadeias foram abertas.

Sairam tambem então os dictos presos e tomaram o rumo que bem lhes approuve, não se importando mais com elles a justiça, por causa da guerra da peninsula que se prolongou até 1814.

Tambem no pontificado d'este bispo se renovaram as velhas questiunculas entre os conegos e meios conegos de Viseu por causa das vestes.

—

Tendo os conegos obtido privilegio para poderem usar de meias e cintos vermelhos e de borlas verdes nos chapeus, *com expressa exclusão dos meios conegos*, estes demandaram-nos e venceram o pleito, como já tinham vencido outro pleito semelhante em 1635.

Vejam-se os topicos relativos á *Sé* e ao *Cabido*.

Em 1810 occuparam os inglezes todo o paço episcopal da Sé, o claustro e o edificio do *Collegio* com o hospital militar, que ali se conservou muito tempo, pelo que o prelado mudou para o paço de Fontello e ali permaneceu, bem como os seus successores.

Mandou este prelado fazer o orgão grande

[1] Veja-se o topico das *Quintas notaveis*—e os artigos *Pinhanços*, *Paredes da Beira* e *Villa Nova d'Ourem*.

da Sé, em substituição do antigo, que se suppõe ter sido feito pelo mesmo constructor do de Santa Cruz de Coimbra. O novo orgão da Sé de Viseu foi feito em 1814 a 1819 por Luiz Antonio dos Santos, o *engenheiro*, assim cognominado porque, tendo sido um simples carpinteiro, chegou a ser um organeiro distincto.

Não acabou o dicto orgão porque, durando ainda as obras quando falleceu este prelado, depois o seu successor, D. Francisco Alexandre Lobo, vendo que ellas estavam carissimas por serem feitas a jornal, quiz concluil-as por ajuste, mas o constructor não annuiu—e assim ficou o orgão até hoje!

O prelado D. Francisco Pereira gastou com elle mais de *vinte mil crusados*!

Tambem lançou a primeira pedra ao novo hospital da Misericordia e deu logo para o principio das obras 1:312$000 réis.

V. *Misericordia.*

Falleceu este venerando prelado no dia 3 de fevereiro de 1819 e jaz na Sé, ao fundo da capella mór, na mesma sepultura do bispo D. Manuel de Saldanha, fallecido em 1671.

Seculo XIX

77.°—*D. Francisco Alexandre Lobo*, 3.° do nome, 1819-1844.

Nasceu em Beja no dia 14 de setembro de 1763 e foram seus paes Manuel Lobo da Silva e D. Antonia Maria Lobo.

Foi doutor em theologia e lente da mesma faculdade na Universidade de Coimbra, freire professo na ordem de Christo, socio da Academia Real das Sciencias e bispo de Viseu eleito em maio de 1819 e sagrado em 16 de julho de 1820, mas só entrou na sua diocese no dia 17 de novembro do dicto anno.

Foi tambem nomeado par do reino e ministro do reino pela infanta regente em 1826, —e o sr. D. Miguel o nomeou em 1828 conselheiro de estado e reformador geral dos estudos, logar que resignou em 1831, retirando-se para a sua diocese.

Em Coimbra morou no celebre *Collegio dos Militares*, viveiro que tantos sabios e homens illustres produziu, taes foram—Antonio Ribeiro dos Santos, D. João de Magalhães e Avellar, bispo do Porto, D. Fr. Francisco de S. Luiz, cardeal patriarcha, Antonio Pinheiro d'Azevedo, vice-reitor da Universidade, etc., etc.

D. Francisco Alexandre Lobo atravessou um dos periodos mais turbulentos da historia d'este seculo e, por haver seguido e servido o partido de D. Miguel em 1834, pouco depois da convenção d'Evora Monte, emigrou para França, onde permaneceu até 1844, data em que regressou ao paiz. Tendo reconhecido o novo governo da rainha a sr.ª D. Maria II, dispunha-se a volver á sua diocese, mas infelizmente adoeceu em Lisboa antes de partir e ali falleceu no mosteiro das religiosas Flamengas do Calvario, em 9 de setembro de 1844, contando 81 annos de idade, pois nasceu em setembro de 1763, como diz Innocencio Francisco da Silva.

Em cumprimento das suas disposições testamentarias foi o seu cadaver transportado para Viseu e depositado na egreja do Seminario;—d'ali foi levado com grande acompanhamento na tarde de 18 de dezembro para a Sé, onde lhe fizeram exequias solemnes no dia 19 do dicto mez e anno de 1844,—e em seguida foi sepultado na mesma Sé, onde jaz ao fundo da capella-mór, em sepultura sem armas. É uma das 4 que ali se vêem (a 1.ª do lado do Evangelho, contando do centro) — a mesma onde fôra sepultado o bispo *D. Fr. José do Menino Jesus.*

—

Quando partiu para o estrangeiro nomeou o seu vigario geral governador da diocese, mas o governo liberal não o reconheceu e nomeou de *motu proprio* para esta e outras dioceses governadores e vigarios capitulares, que muitos fieis não reconheceram, acceitando por seus pastores unicamente os vigarios geraes nomeados pelos bispos e a esses vigarios recorriam *clandestinamente*. Deu isto causa a um schisma e crueis perseguições, sendo muitas pessoas mettidas na cadeia, outras barbaramente espancadas e algumas inclusivamente *assassinadas*, como succedeu ao infeliz abbade de *Guardão*, concelho de Tondella, n'este bispado,—Francisco d'Azevedo, da nobre familia *Azevedos*, de Paredes da Beira, doutor em canones pela

Universidade de Coimbra. Morreu *queimado vivo* na sua casa de Casal d'Asco, em Besteiros, á qual os *regalistas* deitaram o fogo, porque aquelle infeliz abbade não quiz darse á prisão, ao ver a sanha dos seus perseguidores contra elle pelo *crime* de obedecer ao governador da diocese *nomeado pelo bispo* e não ao intruso, *nomeado pelo governo?!...*

—

Em 1824 este bispo, d'accordo com os congregados do Oratorio, obteve a casa que estes tinham em Viseu e para ella transferiu o seminario diocesano que estava no *Collegio*, contiguo á cathedral.

Foi um dos bispos mais illustres do seu tempo, tanto em lettras como em virtudes. Era um philologo distinctissimo, talvez superior aos grandes philologos seus contemporaneos Francisco Manuel Trigoso d'Aragão Morato e D. Francisco de S. Luiz,—e foi tambem fecundo e distincto escriptor publico.

Póde ver-se a lista das suas obras no *Diccionario Bibliographico* de Innocencio, tomo 2.°, paginas 324 e 325, e nos *additamentos* do mesmo tomo, pag. 476 e 477.

«O bispo Lobo (diz Innocencio) foi no seu tempo e é ainda hoje havido na conta de homem de vasta lição, muito instruido nas sciencias proprias do seu estado, e versado em todos os ramos da philologia e litteratura amena. Infelizmente as questões politicas, em que tomou parte, mais activa talvez do que convinha a um verdadeiro successor dos apostolos, fizeram dividir a seu respeito as opiniões dos partidos, sempre exageradas e muitas vezes injustas... Porem os criticos de um e outro lado concordam geralmente em considerar o bispo de Viseu como um dos escriptores, que nos tempos modernos souberam imitar mais de perto os nossos antigos classicos no que diz respeito á propriedade da locução, pureza da linguagem, e á correcção d'estylo. O sr. Alexandre Herculano fallando da *Memoria ácerca de Fr. Luiz de Sousa*, não duvidou qualifical-a de *modêlo de consciencia litteraria, de erudição, e de estylo*. (V. o prologo aos Annaes de D. Joao III, pag. 9.)—Comtudo o sr. Lopes de Mendonça, no estudo que ha pouco publicou sobre *D. Francisco Alexandre Lobo*, no tomo II, pag. 5 a 36 dos *Annaes das Sciencias e Letras*, afastando-se algum tanto da opinião commum, tracta o prelado com mais desabrimento, e rebaixando os quilates do seu merito, julga excessivos os louvores que outros lhe teem prodigalisado.»

Respeitamos muito a opinião do sr. Lopes de Mendonça, mas tem mais peso a de Alexandre Herculano.

Na interessante *Memoria sobre a vida de D. Francisco Alexandre Lobo*, etc. por Francisco Eleutherio de Faria e Mello, 1844, (V.) se encontram muito copiosas e largas noticias com relação ao biographado, seu contemporaneo e companheiro na emigração.

78.°—*D. José Joaquim d'Azevedo e Moura*, *3.°*, 1846–1856.

Era deão em Evora;—foi nomeado bispo de Viseu pela rainha D. Maria II, em 20 de setembro de 1845;—o papa Gregorio XVI o confirmou em 19 de janeiro de 1846;—foi sagrado em S. Vicente de Fóra no dia 29 do seguinte mez de março;—tomou posse por procuração no dia 19 de julho e fez a sua entrada solemne em Viseu no dia 27 do mesmo mez e anno de 1846.—Foi transferido para Braga em 27 de fevereiro de 1856;—confirmado por Pio IX em 17 de julho do mesmo anno,—e partiu de Viseu por Lamego para Braga em 4 de novembro seguinte.

Em 1875, achando-se adiantado em annos, pediu coadjuctor e, sendo-lhe dado como coadjuctor e futuro successor o arcebispo de Gôa—*D. João Chrysostomo d'Amorim Pessoa*, natural da villa de Cantanhede e hoje (1887) arcebispo resignatario de Braga, partiu D. José Joaquim d'Azevedo e Moura em 14 de julho de 1875 para a sua casa de Evora, onde falleceu em 27 de novembro de 1876.[1]

---

[1] Se bem nos recordamos, já antes de 1875 lhe havia sido dado por coadjutor e futuro successor D. José Maria da Silva Torres, egresso benedictino, arcebispo resignatario de Gôa, doutor em theologia e professor de philosophia moral no *Collegio das Artes*, em Coimbra; veiu porem de Gôa muito doente e falleceu pouco depois de chegar a Lisboa.

Foi um prelado *extremamente... economico* e tanto que ao partir de Viseu não deixou no paço *coisa alguma* para o seu successor.

Mandou vender *tudo*, inclusivamente uns pobres canarios, pelo que ainda hoje em Viseu é denominado *Bispo dos canarios.* [1]

79.º—*D. José Manuel de Lemos*, 4.º do nome, 1856-1858.

Foi dr. de capello, lente de theologia e vice-reitor na Universidade de Coimbra, onde governou tambem algum tempo a diocese como vigario capitular;—em 25 d'outubro de 1853 foi nomeado bispo de Bragança;—em 5 de março de 1856 foi transferido para Viseu, aonde chegou no dia 31 d'outubro e fez a sua entrada solemne em 6 de novembro do mesmo anno de 1856.

Do bispado de Viseu foi transferido para o de Coimbra em 23 d'abril de 1858;—foi confirmada a sua transferencia por Pio IX em 27 de setembro e deixou Viseu em 22 de novembro do mesmo anno de 1858. Finalmente falleceu em Coimbra ás 11 horas da noite do dia 26 de março de 1870, havendo completado 79 annos no dia 17 do dicto mez, pois nasceu na aldeia de *Ruriz*, freguezia de *S. Mamede de Troviscoso*, concelho de Monsão, districto de Vianna, arcyprestado de Valença, no dia 17 de março de 1791,—e foram seus paes Manoel José de Lemos e Maria Luisa Fernandes, como prova a certidão seguinte, extrahida de um dos *livros findos* d'aquella parochia, fl. 178.

Eil-a:

«*José Manoel*, filho legitimo de Manuel José de Lemos e de sua mulher Maria Luisa Fernandes, do logar de *Ruriz*, d'esta freguezia, de S. Mamede de Troviscoso, termo de Monsão, neto pela parte paterna de Vasco de Lemos e de sua mulher Joanna de Faria, e pela materna de João Fernandes e de sua mulher Francisca Luisa Rodrigues, todos do logar de Ruriz, d'esta freguezia de S. Mamede de Troviscoso, nasceu aos dezesete dias do mez de março do anno de mil setecentos noventa e um e foi baptisado aos dezenove dias do mesmo mez de março do dicto anno por mim o reitor Luiz Manuel Soares de Brito, e lhe puz os santos oleos. Foram padrinhos Manuel Fernandes, solteiro, do logar de *Ruriz*, e Marianna Rodrigues, do logar de Cristello, todos d'esta freguezia de S. Mamede, estando presentes por testemunhas Francisco de Passos, do logar da Igreja, e Antonio José de Lemos, do logar de *Ruriz*, todos d'esta freguezia, e para a todo o tempo constar fiz este assento no mesmo dia, mez e anno. Era ut supra. O reitor Luiz Manuel Soares de Brito,—Francisco de Passos,—Antonio José de Lemos.—E não contem mais o dicto assento e ao proprio livro me reporto. Valença 30 de março de 1812. E eu Joaquim Luiz Pinto de Sousa e Azevedo, ajudante dos livros findos, que o escrevi e assignei. Joaquim Luiz Pinto de Sousa e Azevedo.»

—

Fez o seu curso de humanidades—latim, logica e rethorica,—nas aulas dos congregados do Oratorio, de Monsão;—em 1815 foi para Evora como secretario do arcebispo D. Fr. Joaquim de Santa Clara;—vivendo ainda este prelado e achando-se na sua companhia, recebeu as ordens de presbytero em Lisboa no dia 24 de junho de 1816—e com o mesmo prelado se conservou até á sua morte, merecendo que o cabido d'Evora lhe passasse em 1818 um attestado dos seus serviços *muito honroso.*

No mesmo anno de 1818 matriculou-se em theologia na Universidade de Coimbra e na mesma faculdade se doutorou em 3 d'outubro de 1824, passando em seguida a parochiar a egreja de *Castello Viegas*, concelho e bispado de Coimbra, a qual era da apresentação da universidade,—e ali se conservou sempre estimado pelos seus parochianos até que em 1828, por ser tido como liberal, teve de retirar-se para Lisboa.

A D. José Maria da Silva Torres succedeu no arcebispado de Gôa D. João Chrysostomo e este mesmo, regressando da India, passados alguns annos, succedeu ao arcebispo de Braga D. José Joaquim d'Azevedo e Moura.

[1] Nasceu em Alfandega da Fé no dia 18 d'outubro de 1794;—foi ministro dos negocios ecclesiasticos e da justiça por decreto de 21 de fevereiro de 1848—e exonerado por decreto de 29 de março do anno seguinte.

Em junho de 1834 foi nomeado governador temporal e vigario capitular do bispado de Pinhel, d'onde se ausentou por falta de saude em 1835, regressando a Coimbra, onde foi logo nomeado professor proprietario da cadeira de grego do *Collegio das Artes.*

Em setembro de 1836 foi nomeado governador temporal e vigario capitular do bispado de Coimbra,—commissão que desempenhou até agosto de 1842, passando então a reger na universidade uma cadeira de theologia, na qual havia sido provido em 1840, —e em 1844 passou a lente cathedratico.

Em 1843 foi nomeado deão da Sé de Coimbra—e em 18 d'abril de 1850 vogal do conselho d'instrucção publica.

No fim de 1851 foi nomeado vice-reitor da Universidade, cargo que exerceu até 1854, sendo por essa occasião agraciado com a commenda de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, havendo já sido agraciado em 1853 com a carta de conselho, etc.

Terminaremos dizendo que foi nosso prelado na universidade desde 1851 até 1854—e que desde então até 1856, data da nossa formatura, foi prelado da universidade o nosso patricio e bom amigo, o sr. dr. José Ernesto de Carvalho e Rego, que Deus haja.

80.º—*D. José Xavier da Cerveira e Sousa, 5.º*, 1859-1862.

Era natural da freguezia de *Mogofores*, concelho e comarca da Anadia, districto de Aveiro;—foi dr. de capello e lente de theologia na Universidade de Coimbra;—eleito bispo do Funchal, capital da ilha da Madeira, em 14 de junho de 1843;—transferido para o bispado de Beja por decreto de 18 de abril de 1849, d'onde foi transferido para Viseu, em 1859, chegando a esta cidade em 5 de outubro e fazendo n'ella a sua entrada solemne em 23 do dicto mez e anno de 1859.

Este prelado, querendo que o seu clero vestisse com a decencia propria do seu estado, prescreveu-lhe certa ordem de traje, mas o clero recalcitrou! Desobedeceram-lhe muitos ecclesiasticos, incluindo alguns dos seus familiares, pelo que abandonou a diocese e se recolheu á sua casa de Mogofores, onde falleceu ralado de tribulações e desgostos no dia 15 de março de 1862.

81.º—*D. Antonio Alves Martins*, 1.º do nome, 1862-1882.

Nasceu na pequena aldeia da *Granja*, freguezia, concelho e comarca d'Alijó em Traz-os-Montes, no dia 10 de fevereiro de 1808.

Foi religioso da 3.ª ordem de S. Francisco da *penitencia* ou dos *bôrras*, na qual professou a 21 de maio de 1825;—matriculou-se no 1.º anno theologico na Universidade de Coimbra em 1827-1828;—em virtude das occorrencias politicas (acclamação de D. Miguel) que ao tempo occorreram, fechou-se a Universidade em 1828-1829, pelo que o nosso biographado teve de frequentar o 2.º anno theologico em 1829 a 1830—e o 3.º em 1830 a 1831, sendo sempre estudante distincto.

Rebentando a guerra civil, fechou-se outra vez a Universidade em 1832 e elle adheriu á revolução contra D. Miguel;—abandonou o convento, fez parte d'uma guerrilha liberal—e certo dia foi com outros companheiros aprisionado com as armas na mão pelas tropas de D. Miguel e conduzido para Viseu para ser julgado pela commissão de guerra ali ao tempo installada, e que por certo o fuzilaria, como fuzilou por igual motivo outros desgraçados; mas elle por fortuna pôde seduzir o commandante da escolta;—fugiram todos para o Porto, onde já estava D. Pedro,—ali assentou praça e serviu durante o cerco.

—

Em 1834, depois da convenção d'Evora Monte, abrindo-se novamente a Universidade, voltou para Coimbra, mas, vendo que todos abandonaram a faculdade de theologia[1] matriculou-se no 1.º anno mathematico!

Em 1835 voltou para a faculdade de theologia e n'ella concluiu com muita distincção a formatura em 1837.

---

[1] Em 1828 frequentaram a faculdade de theologia 56 alumnos—e em outubro de 1834 apenas se matriculou na dicta faculdade 1 alumno brazileiro, natural do Maranhão,—e este no 1.º anno, ficando todas as outras aulas desertas!...

Foi com estes dados que elle entrou na vida publica, atravessando as maiores perturbações politicas d'este seculo, pelo que até baixar ao tumulo não pôde eximir-se á influencia da politica. Por causa d'ella esteve prestes a ser fusilado em Viseu em 1832;—durante o cerco do Porto viu a sepultura aberta muitas vezes—e mesmo depois de ser prelado a politica o expoz a censuras e desgostos, pois até que baixou ao tumulo em 1882 tomou sempre parte na politica militante do nosso paiz,—já como escriptor publico e redactor de diversos periodicos,—já como deputado e par do reino,—já como ministro e presidente de ministros.

Se não fôra a nefasta influencia da politica ou do meio em que nasceu e viveu, seria com toda a certeza um dos nossos prelados mais distinctos e benemeritos, pois tinha um coração d'ouro e sentimentos nobilissimos;—era muito illustrado, muito energico, e dotado da maior exempção [1],—muito esmoler e muito amigo dos seus parentes, a quem protegeu e amparou como pae, educando e formando os sobrinhos, etc., pois infelizmente a sua familia era pobre—e pobre morreu o nosso biographado, tendo sido conego em Lisboa, enfermeiro mór do hospital de S. José, bispo de Viseu 20 annos, *ministro d'estado* e *presidente de ministros*—*cargos em que outros teem feito boas fortunas!...*

[1] Nunca acceitou nem collou parocho algum nomeado pelo governo contra as suas indicações—e em junho de 1867, indo com 485 bispos a Roma assistir ás grandes festas do XVIII centenario dos apostolos S. Pedro e S. Paulo e á canonisação de varios santos, a convite do papa Pio IX, todos os prelados dirigiram a S. Santidade uma mensagem, protestando pela necessidade do poder temporal do papa e todos a assignaram—menos o bispo de Viseu *D. Antonio Alves Martins*, a despeito das instancias dos seus collegas,—sendo um dos mais pobres entre os 485 bispos que ao tempo ali se achavam reunidos?! ..

Se fosse mais ambicioso e aspirasse como outros a mitras mais rendosas, promptamente subscreveria.

Praticou outros muitos factos que revelam igualmente a sua *rara* exempção.

E note-se que viveu sempre com a maior singelesa, sem fausto nem apparato algum.

Dava tudo aos pobres e aos seus parentes—que pobres eram tambem. E não se imagine que deixou os parentes ricos. Nós já estivemes em *Alijó* e na *Granja* e lá vimos a sua modesta casa e o seu modesto mauzoleu no cemiterio publico da villa, ouvindo a todos fallar com profundo respeito da memoria do finado, tecendo-lhe os maiores elogios. Tambem por acaso em 1882 assistimos ás suas exequias em Viseu e notámos sincera dôr em gregos e troianos,—amigos e adversarios politicos do venerando prelado.

—

Correm impressas muitas biographias de s. ex.ª e por isso nos limitaremos a indicar alguns topicos:

Concluida a sua formatura, foi professor de historia e geographia no lyceu nacional do Porto,—deputado em varias legislaturas,—conego na patriarchal,—enfermeiro mór do hospital de S. José,—collaborador e redactor de differentes jornaes politicos e litterarios do Porto e de Lisboa, nomeadamente da *Esperança*, do *Nacional* e do *Primeiro de Janeiro*, que ainda hoje (1887) se publica no Porto.

Foi tambem distincto orador sagrado e tribunicio. D'elle correm impressos alguns sermões e na camara dos deputados pronunciou um magnifico discurso em favor das *Irmãs da Caridade*, quando Lisboa inteira e todos os outros deputados lhes fizeram crua guerra.

Foi nomeado bispo de Viseu em julho de 1862 e confirmado por Pio IX em 25 de setembro do mesmo anno;—tomou posse por procuração em 7 de novembro seguinte;—chegou a Viseu em 25 de janeiro de 1863, poisando no paço de Fontello;—fez a sua entrada solemne em 29 do mesmo mez;—falleceu no dicto paço de Fontello ás 8 horas da manhã de 5 de fevereiro de 1882—e a 18 de março do mesmo anno os seus restos mortaes foram trasladados para o cemiterio publico da villa d'Alijó, onde repousam em um modesto mauzoleu.

—

Foi tambem ministro e presidente de mi-

nistros, como já dissemos, e com tanta abnegação, tanta dignidade, tanto desinteresse e tanto patriotismo que, longe de querer locupletar-se e aos seus parentes, dando-lhes collocações e commissões rendosas, como teem feito outros ministros, não collocou um só, e vendo as finanças publicas em mau estado, principiou por fazer uma importante deducção nos vencimentos de todos os funccionarios, sem exceptuar os *bispos* e o *clero*, pelo que elle tambem ficou soffrendo a dedução como *bispo* e como *ministro de estado*, —e ficou *muito satisfeito*, mas todos os outros funccionarios, incluindo os seus amigos politicos, ficaram descontentes e no primeiro ensejo se desfizeram d'elle.

Eram todos *muito patriotas*, mas como os do baixo imperio, que deram curso á bem conhecida phrase:

Bem, rem, quomodocumque rem!...

No *Diccionario Bibliographico* de Innocencio pode ver-se a lista das suas obras.

82.º—*D. José Dias Correia de Carvalho*, 6.º do nome, 1883-....

É o bispo actual.

Nasceu na villa de Canellas, hoje simples aldeia da freguezia de Poiares, concelho e comarca da Regoa, districto de Villa Real, em 19 de dezembro de 1830 e foram seus paes—Antonio Dias de Carvalho e D. Maria Engracia Correia de Carvalho.

Principiou no Porto os seus estudos com destino á vida ecclesiastica e tomou a ordem de presbytero em 1851;—cursou depois a Universidade de Coimbra e completou a sua formatura na faculdade de theologia em 22 de junho de 1860 e na de direito em 23 de junho de 1862, obtendo algumas distincções academicas alem de boas informações em costumes e litteratura.

Em seguida foi para o bispado de Beja, onde exerceu a advocacia e regeu uma cadeira de sciencias ecclesiasticas no seminario até junho de 1871, sendo tambem ali promotor e vigario pro-capitular da diocese.

—

Em 13 de março de 1871 foi nomeado bispo de Cabo Verde,—confirmado em 6 de julho—e sagrado em 3 de setembro em Lisboa, na egreja de Santa Justa.

Partiu para Cabo Verde em 5 de janeiro de 1872 e ali se conservou sem voltar ao reino cerca de oito annos, durante os quaes prestou relevantes serviços áquella diocese. Poz termo ás dissidencias que havia entre os conegos;—melhorou os estudos, a disciplina e as condições economicas do seminario—e visitou todas as 9 ilhas habitadas do archipelago:—Fogo, Brava, Maia, S. Thiago, Santo Antão, Sal, Boa Vista, S. Nicolau e S. Vicente.

Foi o 1.º prelado de Cabo Verde que visitou *todas as egrejas do archipelago*, luctando com muitos discommodos e muitas difficuldades por mar e por terra, mas fez florescer em todo o bispado o culto religioso, a moral publica e a disciplina ecclesiastica.

A dureza do clima e o seu improbo trabalho apostolico arruinaram-lhe a saude, pelo que teve de vir tractar-se ao continente, sem descurar a administração do seu rebanho.

—

Vagando por essa occasião differentes dioceses do continente, foi indicado para a de Portalegre e depois para a de Lisboa, mas por ultimo foi transferido para a de Viseu, sendo nomeado em 26 d'abril de 1883 e confirmado em 9 d'agosto do mesmo anno. Tomou posse por procuração em 18 de setembro e fez a sua entrada solemne em Viseu no dia 24 d'outubro do dicto anno, sendo muito bem recebido pelo clero, nobresa e povo e tem correspondido até hoje á fama que o precedêra.

As qualidades da sua alma realçam os dotes do seu espirito sempre recto, benevolo e justiceiro.

Se a sua benevolencia penhora e attrahe os que com elle privam, a sua caridade, a sua tolerancia e o seu animo bondoso consolam e suavisam os que a elle recorrem.

Eis em aqui breves traços o que é o ex.mo sr. *D. José Dias Correia de Carvalho*, bispo actual de Viseu, mas póde ver-se a sua biographia mais detalhada e alindada no jornal litterario *O Occidente* e na *Galeria Contemporanea*,—e note-se que ainda não tivemos a honra de ver nem de conhecer pessoalmente a s. ex.a

—

Trouxe de Cabo Verde a saude muito arruinada e, como os facultativos lhe aconselhassem ares e banhos de mar, comprou na villa de Buarcos, junto da cidade da Figueira, uma casa, onde costuma passar com a sua familia alguns mezes.

A dicta casa foi dos *Mathias de Carvalho*, de Cantanhede, e demora junto da egreja da Misericordia de Buarcos. Era muito antiga e estava em ruinas, mas s. ex.ª restaurou-a e tornou-a habitavel e mesmo confortavel. Não tem bellesas architectonicas, mas em compensação tem vistas esplendidas sobre a villa e bahia de Buarcos e sobre o atlantico desde o *Cabo do Mondego* a N.—até á Figueira, Lavos, Paião, Peniche e Berlengas, distantes cerca de 90 kilometros a S.

V. *Buarcos*, *Figueira* e *Peniche* n'este diccionario e no supplemento.

—

A isto se reduz o que nos foi possivel apurar com relação aos bispos de Viseu. O assumpto é vastissimo e *nebulosissimo*! Podem apontar-nos muitos lapsos, mas, se *os proprios censores* tentarem empresa semelhante,—tropeçarão igualmente e—*rira bien qui rira le dernier?*!...

Prosigamos.

Ainda a cidade

Viação

Partem de Viseu as seguintes estradas a macadam :

1.ª—*Real* de Viseu a S. Pedro do Sul, Vouzella e Estarreja, onde entronca na linha ferrea do Norte.

É servida por diligencia diaria, que parte de Viseu ás 3 1/2 horas da tarde e chega ás 9 da manhã.

2.ª—*Real* de Viseu a Lamego por S. Pedro do Sul, sendo até ali commum á primeira.

É servida por diligencia diaria (correio) que parte de Viseu ás 3 horas da tarde e chega ás 9 1/2 da manhã.

3.ª—*Real* de Viseu á estação da Mealhada, na linha ferrea do Norte, por Tondella e Santa Comba-Dão.

Teve diligencia diaria que cessou, depois que se abriu ao transito a linha ferrea da Beira Alta.

4.ª—*Real* de Viseu a Celorico da Beira, por Mangualde.

Tem duas diligencias diarias até Mangualde;—partem ambas ás 6 1/2 da manhã e chegam ás 5 da tarde, sendo uma d'ellas correio.

5.ª—*Districtal* de Viseu a Ceia pela villa e estação de Nellas, onde corta a linha da Beira Alta.

Tem duas diligencias diarias até á estação de Nellas:—uma parte de Viseu ás 4 horas e a outra (correio) ás 11 1/2 da manhã;—e chegam a Viseu uma d'ellas á 1 hora da tarde,—a outra á 1 da manhã.

6.ª—*Districtal* de Viseu ao Pinhão por Moimenta da Beira, Taboaço e foz do Tavora.

7.ª—*Municipal* de Viseu ao valle de Besteiros.

Estas ultimas duas estradas ainda não estão concluidas.

Quando fallarmos do *Districto de Viseu*, indicaremos a viação d'elle *todo*.

Grandes proprietarios

Os 6 maiores proprietarios da cidade de Viseu na actualidade são os seguintes :

1.º—Conde de Prime.

2.º—Heitor de Lemos e irmãos.

3.º—Viscondessa de S. Caetano—D. Eugenia Mendes Viseu.

4.º—Visconde do Serrado.

5.º—Francisco Antonio da Silva Mendes.

6.º—Viuva e filhos de Bento de Queiroz Pinto d'Athaide.

Os 6 maiores proprietarios do concelho de Viseu, na actualidade tambem, são os seguintes :

1.º—Dr. Nicolau Pereira de Mendonça Falcão, residente na sua quinta de S. Salvador.

2.º—Francisco Antonio da Silva Mendes

3.º—Conde de Prime.

4.º—Bernardo d'Andrade e seu irmão Camillo d'Andrade.

5.º—Heitor de Lemos.

6.º—José Maria Bandeira Monteiro Subagua, de Oliveira do Barreiro.

Com a extincção dos vinculos e com a má administração extinguiram-se ainda *muito recentemente* em Viseu algumas das suas casas mais nobres e mais ricas! Não as indicamos, para não aggravarmos a dolorosa situação dos seus actuaes representantes.

Movimento jornalistico

Publicam-se actualmente em Viseu os 6 jornaes seguintes:

Para não melindrarmos nenhum, vamos mencional-os pela ordem chronologica.

1.º—*Viriato.*

Fundação—3 d'abril de 1855.

É bi-semanal e publica-se nas terças e sextas feiras.

2.º—*Jornal de Viseu.*

Fundação—agosto de 1864.

É tri-semanal e publica-se nos domingos, quarta e sextas feiras.

3.º—*Liberdade.*

Fundação—13 de fevereiro de 1871.

É semanal e publica-se nas sextas feiras.

4.º—*Districto de Viseu.*

Fundação—2 de novembro de 1879.

É bi-semanal e publica-se nos domingos e quartas feiras.

5.º—*Independente.*

Fundação—15 d'outubro de 1883.

É bi-semanal e publica-se nos domingos e quintas feiras.

6.º—*Commercio de Viseu.*

Fundação—3 de julho de 1886.

É bi-semanal e publica-se nos domingos e quintas feiras.

Do exposto se vê que Viseu tem muita vida, muitas pessoas illustradas e muitos escriptores publicos.

Talvez que em Braga ou em Coimbra se não publique actualmente maior numero de jornaes.

Tambem aqui recentemente se publicou e não sabemos se ainda hoje se publica o *Album Visiense*, folio mensal com 8 paginas de texto e 4 com primorosas lytographias, representando monumentos e pessoas notaveis de Viseu.

Era uma publicação esplendida como nunca se viu em Portugal—fóra de Lisboa e do Porto!...

Foi seu director litterario o sr. Cesar Augusto d'Almeida—e seu director artistico o sr. José d'Almeida Silva—e ambos se cobriram de louros, pois tanto os desenhos como o texto e a parte lytographica disputavam primasias.

Temos completo o 1.º anno com uma bella portada e indice lytographados, desde fevereiro de 1884 até abril de 1885, pois por falta de papel proprio que a empresa mandou *expressamente* fabricar, o *Album* interrompeu a publicação nos mezes de maio, junho e julho.

Do 2.º anno temos apenas o 1.º numero publicado em janeiro de 1886. Dá elle em pagina inteira um bello retrato do rev. conego *José d'Almeida Martins*—e nas outras 2 paginas de desenhos o *Novo Hospital da Misericordia*, do qual adiante fallaremos,—e uma das *Cavalhadas de S. João*, já descriptas n'este artigo, quando fallámos das *annexas*.

V. o topico *S. Salvador*.

—

Os 12 numeros do 1.º anno, alem de varios artigos litterarios em prosa e verso, comprehendem os retratos e biographias seguintes:

—Antonio d'Almeida Duque.

—D. Antonio Alves Martins.

—Antonio Casimiro de Figueiredo.

—Padre Antonio Duarte Moura.

—Dr. Antonio Luiz Dourado.

—Dr. Antonio Nunes de Carvalho.

—Dr. Duarte d'Almeida Loureiro e Vasconcellos.

—Dr. Eduardo Correia d'Oliveira.
—Gonçalo Pires Bandeira da Gama.
—João Gomes dos Santos.
—João da Silva Mendes.
—José Ribeiro de Carvalho e Silva.
—Dr. José Simões Dias.
—Dr. Manuel Antonio Barroso e
—Thomaz Ribeiro.

Nos mesmos 12 numeros do dicto *Album* se encontram os desenhos seguintes:

—*Aguieira*
—*Baixo relevo da Sé.* V. *Capella da Cruz*
—*Casa onde nasceu D. Duarte.*
—*Cava de Viriato.*
—*Claustros actuaes da Sé.* [1]
—*Convento de S. Francisco d'Orgens.*

V. *Orgens* no topico *Annexas.*

—Um *croquis* de fantasia com o titulo *Folar*, como *reclame* á confeitaria *Santa Rita*, que é sem contestação a primeira de Viseu e demora na rua Direita, junto ao *Arco das Freiras.*

—*Egreja da ordem 3.ª do Carmo.*
—*Egreja da ordem 3.ª de S. Francisco.*

V. o topico *Egrejas* supra—e adeante *Ordens terceiras.*

—*Estrada de Silgueiros.*

Representa o formoso lanço das *Pedras Alçadas*, a pequena distancia de Viseu, na estrada real a macadam n.º 8, de Viseu á Mealhada por Tondella.

—*Paço episcopal de Fontello.*

É o edificio actual.

—*Antigo portão de entrada para o atrio do dicto paço.* [2]

—*Portico de entrada* para a grande avenida do mesmo paço.

É a mesma porta mandada fazer pelo bispo *D. Gonçalo Pinheiro* em 1565 e que em agosto de 1876 foi removida, recuando 9ᵐ,5 para dentro da grande avenida, como já dissemos.

V. no nosso *Catalogo dos bispos visienses* o topico relativo a *D. Gonçalo Pinheiro.*

—*Egreja da Misericordia* e suas dependencias.

D'ella já fallamos e volveremos a fallar adiante.

—*Orgão modêlo.*

Descreve um orgão de sala, invenção do rev. Antonio Duarte Moura, de quem fallaremos no topico *Visienses illustres.*

—*Pelicano da Sé de Viseu.*

Representa uma ave de bronze antiquissima e primorosamente cinzelada, que esteve durante seculos na grimpa da *torre do relogio* e que está hoje servindo de estante na capella mór da Sé.

V. *Pelicano, infra.*

—*Praça de Camões.*
—*Praça 2 de Maio.*

V. o topico supra—*Largos, Praças* e *ruas.*

—*Seminario.*

Representa o *Seminario actual*, que foi o convento dos *Nerys.*

D'elle fallaremos adiante.

—*Via Sacra.*

Representa em uma formosa paisagem a pequena egreja de S. Francisco *extra-muros*, de que já fizemos menção.

V. *Via Sacra.*

A todos quantos presam as boas lettras e as bellas artes recommendamos o *Album Visiense.*

Póde servir de modêlo ás publicações d'esta ordem.

Prosigamos.

Clubs e casas d'instrucção e recreio

—Gremio de Viseu.
—Monte-pio filantropico dos artistas.
—Club instrucção e recreio.
—Associação dos Bombeiros voluntarios.

Collegios particulares

Senhor da Boa Fortuna.

Demora no bairro da *Ribeira* e é muito dignamente dirigido pelo sr. Antonio Lopes

---

[1] Estão bem desenhados e bem descriptos, mas o *Album* diz que foram feitos em 1340. Foi lapso, pois, como já dissemos, são muito posteriores e foram mandados fazer por *D. Miguel da Silva* no sec. XVI.

V. o topico supra, relativo á *Cathedral.*

[2] Este portão já não existe. Era ogival e foi demolido ha annos, bem como a parede, especie de torre, em que se abria.

d'Almeida, que tambem é professor do mesmo collegio.

Aulas officiaes de instrucção primaria

Tem a cidade 4,—duas para o sexo masculino,—duas para o sexo feminino—e um curso nocturno, que é *unico* em todo o districto, sustentado pela camara municipal e pelo benemerito cidadão *José Ribeiro de Carvalho*, residente no imperio do Brazil.

É Viseu tambem a séde da 6.ª circumscripção escolar d'instrucção primaria, que comprehende todo o districto e está dividida em 4 circulos escolares:

—O 1.º tem a sua séde em Viseu e comprehende os concelhos de Mangualde, Oliveira de Frades, Penalva do Castello, S. Pedro do Sul, Viseu e Vouzella.

—O 2.º tem a séde em Lamego e comprehende os concelhos de Armamar, Castro d'Ayre, Lamego, Mondim da Beira, Resende, Sinfães e Tarouca.

—O 3.º tem a séde na villa de S. João da Pesqueira e comprehende os concelhos de Fraguas, Moimenta da Beira, Penedono, Pesqueira, Sattam, Sernancelhe e Taboaço.

—O 4.º tem a séde em Tondella e comprehende os concelhos de Carregal do Sal, Mortagua, Nellas, Santa Comba Dão, S. João d'Areias e Tondella.

É muito digno inspector do 1.º circulo e de toda a circumscripção o sr. dr. Joaquim José d'Andrade e Silva.

É sub-inspector do 2.º circulo Bento José da Costa;—do 3.º circulo Antonio de Sousa Guerra;—do 4.º circulo Antonio Albino de Carvalho Mourão.

Escolas publicas de toda a circumscripção em agosto do corrente anno de 1887:

Elementares (sexo masculino).......	272
« (» feminino)........	115
Elementares complementares (sexo masculino)........................	15
Dictas do sexo feminino.............	7
Escolas mixtas....................	10
Total das escolas........	419

Escolas particulares de toda a circumscripção:

Sexo masculino....................	28
» feminino....................	19
Total das particulares......	47
Total geral................	466

Alumnos recenseados no ultimo anno em toda a circumscripção:

Sexo masculino................	19:318
» feminino................	9:919
Total.............	29:237

Alumnos matriculados *nas escolas publicas*:

Sexo masculino................	13:516
» feminino	5.293
Total..............	18:809

Nas escolas particulares:

Sexo masculino................	977
» feminino................	484
Total..............	1:461

Total geral dos alumnos matriculados nas escolas publicas e particulares de toda a 6.ª circumscripção ou de todo o districto de Viseu..	20:270
Alumnos d'ambos os sexos que fizeram exame no corrente anno de 1887........................	453
Ficaram approvados.............	377
Adiados.........................	76

O numero dos propostos para exame foi maior, mas alguns faltaram á chamada e não fizeram exame.

—

Com as ultimas reformas a instrucção primaria tem progredido e melhorado consideravelmente.

O ensino obrigatorio foi decretado, mas não está em execução, porque este depende de muitas entidades, a maior parte das quaes

descura os seus deveres; ainda assim a 6.ª circumscripção é uma das que tem progredido mais n'esta parte, como provam os algarismos supra e o grande numero d'escolas recentemente creadas por iniciativa do seu benemerito inspector.

Instrucção secundaria

Lyceu

Tem esta cidade um lyceu de 1.ª classe. O seu movimento no anno de 1886 a 1887 foi o seguinte:

Disciplinas	Alumnos matriculados
Portuguez—1.º anno	29
» 2.º »	24
Francez—1.º anno	29
» 2.º »	23
Mathematica—1.º anno	32
» 2.º »	27
» 3.º »	20
» 4.º »	1
» 5.º »	15
Latim—3.º anno	20
» 4.º »	15
» 5.º »	1
Inglez—5.º anno	16
Philosophia—6.º anno	9
Introducção—3.º anno	22
» 4.º »	13
» 5.º »	17
Historia—3.º anno	17
» 4.º »	10
Litteratura—5.º anno	16
» 6.º »	1
	357

Total das disciplinas	9
» das matriculas[1]	357

Tambem ha na cidade differentes professores particulares que leccionam as disciplinas do lyceu;—o *Club Instrucção e Recreio* tem para os seus socios aulas de portuguez e francez—e o *Collegio do Senhor da Boa Fortuna* e o *Seminario episcopal* tambem leccionam muitas das disciplinas do lyceu.

Instrucção superior
e
Seminario

Em virtude das disposições do concilio de Trento, que em 1563 ordenou a creação dos seminarios em todas as dioceses, D. Nuno de Noronha, sendo feito bispo de Viseu em 1586 e não encontrando ainda aqui seminario, tractou logo de o crear no seu proprio palacio (o *Paço dos 3 escalões*, ou da *Sé*) e lhe deu estatutos em 1587.

Ali funccionou o seminario 6 annos, mas, conhecendo o mesmo prelado a instante necessidade de um edificio proprio e sufficientemente espaçoso para tal estabelecimento, resolveu construil-o, prolongando para N. O, o seu palacio da Sé. Inaugurou solemnemente as obras, benzendo e lançando-lhes a primeira pedra, no domingo do Espirito Santo, 6 de junho de 1593, e deu-lhes grande desenvolvimento, mas não as concluiu por ser em 1594 transferido para a diocese da Guarda, pelo que D. Fr. Antonio de Sousa, seu successor as continuou. Tambem este prelado não pôde concluil-as e n'ellas despenderam grandes sommas alguns dos seus successores, nomeadamente D. João de Bragança e D. João Manuel, mas ainda no tempo do dr. Manuel Botelho Ribeiro (1630 a 1636) ainda não estavam *de todo* concluidas, como elle proprio diz nos seus *Dialogos*, fallando do bispo *D. Nuno de Noronha*.

Veja-se tambem o que dissemos d'estes 3 prelados supra, no nosso *Catalogo dos bispos visienses*.

—

Funccionou pois o seminario de Viseu—primeiramente no *Paço Episcopal da Sé*;—depois no edificio denominado *Collegio*, contiguo ao dicto paço;—em virtude do incendio que no dia 14 de julho de 1716, pelas 8 horas da manhã, devorou parte do *Paço Episcopal da Sé* e do edificio do *Collegio* ou Seminario,[1] foi este (segundo se suppõe)

[1] O numero dos alumnos é menor, porque alguns frequentam differentes disciplinas.

[1] É isto o que se lê nos apontamentos que

transferido para os baixos do *Paço de Fontello*, mas, apenas se repararam os estragos que o incendio causou, volveu o *Seminario* para o edificio do Collegio e ali se conservou até que em 1824 se transferiu para o convento dos *Nerys*, onde tem funccionado até hoje [1]

D. Nuno de Noronha não só deu principio ao Seminario, mas creou-lhe o seu primeiro patrimonio, impondo, em conformidade com o espirito do concilio de Trento, uma collecta sobre todos os bens ecclesiasticos do bispado, comprehendendo os redditos das mesas pontifical e capitular, dos beneficios, commendas e conventos.

Foi a dicta collecta o fundo primitivo do seminario e o mesmo prelado, conformando-se com as circumstancias do tempo, estabeleceu n'elle 3 aulas de latim para os diversos graus dos alumnos,—outra de canto —e outra de theologia moral.

Foi este o quadro dos seus estudos durante o longo periodo de 206 annos, ou desde 1587 até 1793, data em que o bispo D. Francisco Monteiro Pereira d'Azevedo, reconhecendo a necessidade de melhorar a instrucção do clero, estabeleceu e inaugurou no mez d'abril as aulas de *Instituições canonicas* e *cathecismo*. Supprimiu depois esta ultima e em outubro de 1796 creou as de *historia ecclesiastica* e *theologia dogmatica*. —Em 1771, não tendo ainda o seminario outras rendas alem da mencionada collecta, pelo que luctava com grande falta de meios, foi reduzido o tempo lectivo e o da residencia dos alumnos. D. Francisco Mendo Trigoso, para remediar este inconveniente, não só reedificou á sua custa as cellas e o refeitorio, mas deu para fundo do Seminario a quantia de 4:800$000 réis, por escriptura de 16 de dezembro de 1771, e depois mais réis 400$000, por escriptura de 26 de julho de 1773,—fundo abençoado, pois com o decorrer do tempo cresceu de modo que em julho de 1808 já subia á importante somma de 20:648$400 réis ?!...

Varias causas contribuiram para este augmento, sendo uma d'ellas a generosidade do bispo D. Francisco Monteiro Pereira de Azevedo, que até 1816 pagou pelas rendas da mitra os vencimentos dos professores das aulas por elle estabelecidas, e outras despezas.

—

O edificio do *Seminario* ou *Collegio*, principiado por D. Nuno de Noronha e continuado pelos bispos seus successores, é vasto e *caro*, pois as suas paredes são muito solidas (ainda hoje desafiam os seculos, contando cerca de 300 annos) e todas de bella cantaria de granito, mas não tinha a vastidão e accommodações precisas para seminario da diocese na actualidade, pelo que no outono de 1823 a congregação do Oratorio de S. Filippe Nery de Viseu, conhecendo a impossibilidade de continuar a subsistir por falta de gente e de recursos [1] e tendo em consideração as avultadas quantias que os prelados de Viseu, nomeadamente *D. Julio Francisco d'Oliveira* [2], haviam dado para a edificação do seu convento, offereceram-no com os fundos d'elle ao bispo D. Francisco Alexandre Lobo, para Seminario diocesano. Em 14 de junho de 1824 se fez a escriptura da ceden-

---

recebi da camara ecclesiastica de Viseu, mas o padre Leonardo de Sousa no seu interessantissimo *Catalogo*, apenas menciona dois grandes desastres no *Collegio* e no *Paço Episcopal da Sé* durante o pontificado do santo bispo *D. Jeronymo Soares* (1694 a 1720):—1.º um raio que em 1710 cahiu na torre dos sinos e fez grandes destroços na mesma, no *Collegio* e no *Paço episcopal*, etc.—2.º um incendio que em 1713 (?) se manifestou na cosinha do *Paço episcopal* e devorou grande parte d'elle.

V. o que dissemos de D. Jeronymo Soares no nosso *Catalogo dos bispos visienses*.

[1] V. o topico infra—*Conventos*.

Note-se tambem que o Seminario outr'ora denominava-se *Collegio*, nome que ainda hoje conserva o edificio onde esteve até 1824.

[1] Contava então apenas 4 padres:—o preposito Bernardo de Senna,—Francisco Rodrigues, Antonio Pereira e José Joaquim.

Coincidencia notavel: — 4 padres deram principio a esta congregação —e com igual numero se extinguiu.

[2] V. o pontificado d'este bispo no supplemento a este diccionario ao artigo *Viseu*.

cia e consignação de pensões entre o bispo e congregados, previamente auctorisada pela provisão d'el-rei D. João VI com data de 7 de maio do mesmo anno.

Assim passou a ser seminario o convento dos *Nerys* com todas as suas pertenças e haveres, pelo que sobre a porta de entrada se gravou e lê a inscripção seguinte:

COLLEGIO FUNDADO EM
1587 PELO BISPO D. NUNO
DE NORONHA COM O TITULO
DE SEMINARIO DA INVOCAÇÃO DE NOSSA SENHORA DA
ESPERANÇA, E MUDADO
PARA ESTE LOGAR EM AGOSTO
DE 1824.

Foi uma bella acquisição, pois é um edificio amplo, elegante, muito solido, com uma bonita egreja e accommodações para grande communidade. Demora sobre um vasto campo, o mais regular de Viseu, em terreno mimoso e com linda cerca, em contacto com a cidade, mas sem visinhança que perturbe os seminaristas. Tem apenas um grande contra:—Estar em local tão humido, que até no verão muitas pedras do ladrilho da egreja, claustro e aulas do andar terreo não enchugam e vêem-se sempre a transsudar!...

È um dos edificios de Viseu mais alegres e vistosos e mais vantajosamente situados, emquanto que o velho Seminario ou *Collegio* estava em sitio aspero e desabrido, muito exposto a faiscas electricas, muito batido pelos vendavaes e muito devassado e affrontado pela Sé e pela *torre dos sinos*, que lá se ergue a paredes meias entre a Sé e o velho Seminario e que devia ser uma visinhança *horrorosa, insupportavel* para uma casa de estudo.

—

Quando em 1834 se extinguiram as ordens religiosas, a prefeitura tomou posse da casa da congregação de Viseu e n'ella se estabeleceram differentes repartições publicas. Protestou logo o reitor contra a usurpação, fazendo ver e provando que desde 1824 o dicto convento era propriedade do *Seminario.* No mesmo sentido representou tambem a auctoridade ecclesiastica e com o apoio do administrador do concelho (depois conego) José d'Oliveira Berardo, o governo reconsiderou e mandou restituir o dicto convento ao vigario capitular da diocese, o conego José Viçoso da Veiga; mas, antes d'este ir á posse e quando ali se conservavam as repartições publicas, appareceu incendiado o edificio na noite de 26 para 27 de janeiro de 1841, soffrendo grave deterioração e sendo pasto das chammas todos os moveis, papeis e documentos que ali existiam[1]. Foi uma perda enorme para muitos particulares e para o governo, porque ali ao tempo se guardavam muitos livros e documentos das corporações extinctas em 1834,—tombos dos conventos e de commendas, escripturas de dividas ao Seminario e a outras corporações e de prasos que pelo decreto de 28 de maio de 1834 (o da extincção das corporações religiosas) ficaram pertencendo á fazenda nacional.

Não faltou quem dissesse e *ainda hoje* se diz—que o incendio do Seminario de Viseu, bem como o do Seminario de Lamego, o da Sé patriarchal e o do *Thesouro Velho* de Lisboa, foram soprados adrede para *liquidação de contas*?!...

—

Nos annos de 1842 e 1843 foi reconstruido á custa das rendas do proprio Seminario, que dispendeu na restauração cerca de 16 contos de réis;—ficou muito solido e como novo—e é hoje um dos primeiros do nosso paiz[2]

Ao zelo dos seus reitores, entre os quaes tem logar distincto o conego honorario—Ignacio Alexandre de Magalhães—se devem importantes melhoramentos nas suas rendas e no edificio;—está muito bem tractado e

---

[1] Do grande edificio apenas escaparam a egreja e a livraria, que estava no quarteirão do lado sul.

[2] Reabriu-se em 1844;—esteve na posse do governo desde 1834 até 1841—e estiveram as aulas interrompidas desde 1832 até 1843, ou durante 11 annos, com grave prejuiso da instrucção do clero.

bem conservado—e póde prover 70 logares gratuitos de alumnos pobres. [1]

O bispo D. Nuno de Noronha não só fundou e dotou o Seminario em 1587, mas deu-lhe estatutos para o seu governo litterario, religioso e economico. Tambem creou o officio de *reitor*, a cujo cargo ficou inteiramente o governo temporal e espiritual do seminario,—e o de *vice-reitor* para o coadjuvar e substituir em qualquer falta. E em observancia do que dispõe o concilio de Trento creou tambem uma junta composta de 4 ecclesiasticos, perante a qual o reitor no fim de cada anno presta contas da sua gerencia.

Finalmente a lei de 2 d'abril de 1845, artigo 10.º, diz que aos prelados diocesanos pertence o governo economico e disciplinar dos seminarios, sob a inspecção do governo, pelo que foi supprimido o cargo de *reitor*, prevalecendo apenas o de *vice-reitor*.

Quadro de estudos

Já vimos qual foi o estabelecido por D. Nuno de Noronha em 1587 e as reformas que fez o bispo D. Francisco Monteiro Pereira d'Azevedo em 1793 e 1796. Vigorou esta ultima até que o bispo D. Francisco Alexandre Lobo, em 26 d'outubro de 1821, estabeleceu como disciplinas preparatorias dos ordinandos—latim, philosophia racional e moral e historia sagrada do antigo testamento,—e como disciplinas ecclesiasticas um curso *biennal*, comprehendendo no 1.º anno historia ecclesiastica e theologia dogmatica,—e no 2.º theologia moral e instituições canonicas,—curso que foi elevado a *triennal* por decreto de 2 d'abril de 1862..

O seu quadro d'estudos actualmente é o seguinte :

Curso de preparatorios

Anno lectivo de 1886 a 1887

Numeros	Cadeiras e disciplinas	Internos	Externos	Total
1	Portuguez...........	18	33	51
2	Francez.............	15	23	38
3	Latim.	31	50	81
4	Arithmetica, geometria plana e principios de algebra	19	24	43
5	Elementos de chimica, physica e historia natural.............	15	13	28
6	Geographia, cosmographia e historia universal patria....	4	10	14
7	Philosophia racional e moral e principios de direito natural.....	8	6	14
8	Latinidade..........	8	7	15
9	Litteratura nacional..	–	–	–
	Total das matriculas..	118	166	284

No principio d'este anno lectivo de 1887–1888 criou o prelado mais a cadeira de Introducção, de que é professor o dr. Luiz Ferreira de Figueiredo.

Curso theologico

Numeros	Disciplinas	Internos	Externos	Total
	1.º anno			
1	Historia da egreja....	8	23	31
2	Theolog. dogm. geral.	»	»	»
	2.º anno			
3	Direito canonico.....	4	5	9
4	Theol. dogm. especial.	»	»	»
				40

[1] Este anno de 1887 admittiu 70 alumnos pobres, dos quaes são 52 gratuitos e 18 pagam mensalidades de 5$000 e 3$000 réis, sendo o total dos habitantes da casa, com os empregados, vice-reitor e perfeitos, 79 pessoas.

Numeros	Disciplinas	Internos	Externos	Total
	Transporte......			40
	3.º anno			
5	Theologia moral.....	6	12	18
6	Theologia sacramental e pastoral..........	»	»	»
	Aulas annexas			
7	Lithurgia...........	18	40	58
8	Cantochão..........	15	21	36
9	Musica sacra........	60	41	101
	Total das matriculas.			253
	No curso secundario..			284
	Nos 2 cursos........			537
	Numero dos alumnos			
	Curso secundario....	42	59	101
	Curso theologico.....	18	41	59
	Total dos alumnos...	60	100	160

A instancias do benemerito patriarcha dos archeologos portuguezes, o sr. conselheiro Joaquim Possidonio Narciso da Silva, architecto da casa real, nosso bom amigo e mestre, fundador e presidente da *Real Associação dos architectos civis e archeologos portuguezes*, o seminario de Beja e outros já no anno lectivo ultimo crearam uma cadeira *de archeologia christã*. E bem necessaria é a dicta cadeira em todas as nossas dioceses, nomeadamente n'esta de *Viseu*, para guarda e conservação de tantos monumentos religiosos.

Se o cabido visiense tivesse algumas noções d'archeologia, não praticava os desacatos e deturpações que praticou na Sé, principalmente na vacancia de 1639 a 1671 e na de 1720 a 1743.

Veja-se o topico relativo á *cathedral*.

Ao ex.^mo^ e rev.^mo^ sr. D. José Dias Correia de Carvalho, digno prelado de Viseu na actualidade, muito instantemente pedimos que se digne crear tambem no seminario visiense uma aula de *archeologia christã*.

O bello edificio do Seminario póde ver-se em lytographia no *Album Visiense*, a pag. 88. Ergue-se na extremidade sul do *Campo Alves Martins*, sobre o qual tem uma soberba fachada com 3 pavimentos e na sua extremidade O. a linda egreja que foi dos congregados e que forma um todo com a dicta fachada, olhando ambas para N.

Dos 3 pavimentos o 1.º ao *rez de chaussée* tem 10 grandes janellas gradeadas de ferro e o portão d'entrada na sua extremidade O. contiguo á egreja. N'este pavimento estão as aulas, a cosinha, refeitorio, etc.

Os outros 2 pavimentos teem na frente 3 sacadas e 8 janellas cada um.

A fronteria prolonga-se de E. a O.;—tem de extensão 54^m^,84, comprehendendo a fachada da egreja, que tem de largura 15^m^,51 alem de 0^m^,33 na base dos cunhaes.

A egreja é de architectura *composita*; tem 1 nave e 7 altares,—communicação interior para os 3 pavimentos do seminario e grande côro sobre o guardavento com muita luz que recebe de 3 grandes janellas. A capella-mór tem um elegante retabulo de madeira e talha moderna muito simples, com a imagem de *S. Filippe Nery*, padroeiro e fundador da antiga congregação do Oratorio, [1] do lado do evangelho,—imagem romana de esculptura primorosa,—e do lado da epistola a de S. Francisco d'Assis.

Tem de largura a capella-mór 6^m^,7—e de comprimento 11^m^,52 desde a frente do altar mór até o arco cruzeiro,—alem de 3^m^,80 que occupam o altar e a tribuna.

O corpo da egreja tem de largura 10^m^,06 e 25^m^,45 de comprimento. Total do seu comprimento até o altar-mór 36^m^,97—e comprehendendo o altar e tribuna—40^m^,70.

A sacristia tem de largura 7^m^,23 e de comprimento 11^m^,35, não comprehendendo o la-

[1] O padroeiro do Seminario é *Nossa Senhora da Esperança* ou *da Espectação*—e o padroeiro do convento era *Nossa Senhora da Assumpção*.

vatorio, que é uma imponente obra d'arte, feito de bello granito muito bem cinzelado, com altas pyramides e 3 bicas d'agua perenne que jorram da bocca de 3 phantasiosas carrancas. Serviu outr'ora de sacristia e tem 2 portas de communicação para a sacristia actual.

A torre ergue-se na rectaguarda da capella mór;—é elegante e termina em varandim e cupula redonda, perfeitamente semelhantes aos varandins e cupulas das torres actuaes da Sé.

Foi alteada depois do meado d'este seculo, como diremos adiante.

O claustro e a bibliotheca

Ao sul, ou do lado posterior da grande fachada do Seminario e formando um todo com a parte central d'ella, o edificio descreve um amplo quadrado em volta do claustro que lhe fica no centro e do qual recebe ar e luz.

É talvez o claustro no seu conjuncto a parte mais elegante do edificio. Tem de cada lado 5 arcos espaçosos com 2^m,43 d'abertura, assentes sobre columnas quadrangulares;—no meio ha um terrapleno bem ladrilhado com mosaico de seixo;—mede 14^m,80 por face e tem no centro uma grande estrella formada com seixo de varias côres.

Circuitam o claustro passeios abobadados que teem de largura 4 metros e de comprimento em cada uma das faces 23 metros.

A cada um dos arcos centraes corresponde no 2.º andar do edificio uma porta de sacada—e a cada um dos 2 arcos lateraes sua janella. Tem pois o segundo pavimento 16 janellas e 4 sacadas sobre o vão do claustro. O terceiro pavimento tem sobre o mesmo vão do claustro, guarnecendo as 4 faces d'elle, uma varanda com 23^m,56 de comprimento em cada face,—4^m,0 de largura—e uma balaustrada de pedra, dividida em series de 6 balaustres correspondentes a cada um dos arcos e terminando em acroterios, sobre os quaes se erguem tantas columnas cilindricas, quantos os pilares que sustentam a arcaria do primeiro pavimento, o que tudo enaltece e dá muita elegancia ao claustro.

A dicta varanda serve tambem de recreio e commodidade aos seminaristas, principalmente no inverno.

—

Os 4 corpos do edificio que revestem o claustro teem ao centro de cada um grandes corredores que terminam em portas de sacada e dão serventia independente para as cellas. Os dictos corredores teem de largura 2^m,07;—de altura 3^m,9—e de comprimento ate á aresta das sacadas 40^m,0 cada um, sendo muito mais extenso o do lado norte, porque comprehende toda a grande fachada do edificio.

A bibliotheca dos congregados estava no terceiro pavimento, lado sul, em uma sala que hoje serve de camarata e comporta 26 alumnos. Tem ella de comprimento 18^m,10—e de largura 9^m,18.

A bibliotheca actual do Seminario demora no mesmo pavimento, na sua extremidade N. O. e comprehende 5 a 6 mil volumes, resto das livrarias dos conventos de Santo Antonio de Viseu e de S. Francisco d'Orgens e da dos congregados, incluindo a livraria particular que foi de D. Francisco Alexandre Lobo e que este bispo deixou ao Seminario,—bem como a livraria do conego José Antonio Pereira Monteiro.[1]

Este ultimo foi reitor do Seminario desde 10 de julho de 1818 até 31 de dezembro de 1851;—falleceu na sua casa de *Parada do Jarmello,* concelho e diocese da Guarda, em 24 de maio de 1856—e não só deixou ao Seminario os seus livros, mas tudo quanto possuia em Viseu.

O convento

D. João de Mello, sendo muito amigo dos padres do Oratorio, cuja casa em Lisboa habitualmente frequentava, e vendo que podiam prestar-lhe bons serviços por se darem muito aos trabalhos do pulpito e do confes-

[1] Só as bibliothecas dos 3 conventos comprehendiam mais de 30:000 volumes. Imagine-se pois quanto soffreram as boas lettras com a *barbara extincção* das ordens religiosas?!...

sionario, quando foi transferido d'Elvas para Viseu e partiu de Lisboa para a sua nova diocese em 1674, trouxe comsigo de Lisboa 2 congregados—o padre Manuel da Costa e o padre João da Guarda. Muito desejou dar-lhes convento em Viseu, mas, a despeito de todos os seus esforços, não o pôde conseguir, pelo que os dictos padres regressaram a Lisboa apenas expirou a licença que traziam e que era de 4 a 5 mezes.

Ao bispo D. João de Mello succedeu em 1686 D. Ricardo Russel, muito affeiçoado tambem aos padres do Oratorio por terem sido, como já dissemos, os seus primeiros mestres em França. Desejou igualmente dar-lhes casa em Viseu, para o que mandou pedir alguns padres ao *preposito* do convento de Freixo de Espada á Cinta, em Traz-os-Montes. D'ali lhe foram enviados em 1688 os quatro seguintes:—José das Caldas (*era o preposito*)—Bartholomeu Monteiro, João da Silva e Diogo Pereira. [1]

Aposentou-os no *hospital* da quinta de Santa Eugenia, onde tinham capella e as commodidades precisas para viverem e exercerem o seu ministerio, sendo então o dicto *hospital* dirigido pelo padre Gaspar Rodrigues, natural da villa da Meda. [2]

Ali prégavam e confessavam, mas, por ser a quinta um pouco distante de Viseu e difficultar aos visienses o accesso, iam fazer os seus exercicios religiosos na egreja da *Via Sacra*, (veja-se o topico *Egrejas*), sendo sempre extraordinario o concurso dos fieis.

D. Ricardo sollicitou e obteve da camara e de D. Pedro II licença para edificação do novo convento;—por seu turno lhes deu tambem logo provisão;—em seguida sollicitaram e obtiveram de Innocencio III bulla de confirmação com data de 13 de maio do mesmo anno de 1688—e a 10 de julho seguinte se installaram solemnemente em Viseu, assistindo o prelado com todos os seus ministros

[1] O padre Leonardo de Sousa não menciona este ultimo.

[2] Havia sido enfermeiro dos doentes do mesmo hospital, mas tão zeloso e virtuoso, que D. Ricardo Russel o ordenou e nomeou capellão e director do dicto hospital.

e familiares, clero, nobresa e povo,—e como ainda não tivessem rendas sufficientes para a sua sustentação, o prelado lhes arbitrou a pensão annual de 100$000 réis.

—

Ignoramos qual foi a primeira casa que tiveram em Viseu, depois do *hospital* da quinta de Santa Eugenia, mas sabemos que passado um anno,—a 5 d'agosto de 1689—se transferiram para o largo de *Santa Christina*, para as casas e capella que Simão Machado e sua mulher D. Anna de Jesus Serpe ali possuiam e lhes doaram para aquelle fim (com uma boa cerca, hoje a cerca do *Seminario*) onde erigiram oratorio e viveram cerca de 70 annos, ou até que se fez o novo convento e se concluiu a nova egreja em 1759 [1].

D. Ricardo, vendo que era muito pequena a dicta casa, resolveu fazer-lhes outra mais ampla, para o que nos principios do anno 1693, ultimo da sua vida, lhes deu *dose mil crusados*, somma importante n'aquelle tempo.

Abertos os alicerces do novo convento no sitio do *Valle*, dentro da dicta cerca e com bastante difficuldade, porque n'elles se encontrou muita agua, lançou-lhe o bispo solemnemente a primeira pedra, que era d'Ançã, na qual se esculpiram as armas da congregação [2] e o anno mez e dia da festa,—26 de maio de 1693,—dia de S. Filippe Nery, patriarcha da congregação.

—

A isto se reduz o que diz o padre Leonardo de Sousa no seu *Catalogo dos Bispos de Viseu*, tomo 3.º fl. 106 a 107, terminando com estas palavras: «Outras mais indivi-

[1] Para evitarmos repetições, veja-se o que no topico dos templos já se disse da 2.ª capella de *Santa Cristina* e do largo ou terreiro d'este nome, pag. 1563, col. 1.ª—e pag. 1557, col. 2.ª—*in fine*.

[2] *Não as do prelado*, porque era tão modesto que nunca tolerou se abrissem as suas armas em nenhuma das obras que fez. Pelo contrario outros bispos visienses, nomeadamente D. Julio F. d'Oliveira, em *todas as suas obras* poseram os seus brasões d'armas.

duaes noticias reservamos para a *Philippina Visiense*»—mas não chegou a escrever tal obra, ou se perdeu, como já se perderam os 2 primeiros tomos do dicto catalogo. Nem Innocencio no *Dicc. Bibliogr.*—nem o seu continuador Brito Aranha mencionam o *Catalogo* nem a *Filippina*, nem sequer o *Epitome Carmelitano*, escripto pelo mesmo padre Sousa e publicado em 1739,—segundo nos affirmam, pois não lográmos ainda ver exemplar algum do tal *Epitome* nem se encontra na *Bibliotheca Municipal de Viseu.* [1]

Tambem com relação ao padre Leonardo de Sousa apenas sabemos que elle pertencia á congregação de Lisboa e que veiu d'ali para Viseu na companhia do bispo D. Julio, do qual foi capellão e biographo.

Veja-se no dicto *Catalogo* a longa biographia de D. Julio Francisco d'Oliveira e no supplemento a este diccionario e ao artigo *Viseu* a summula d'aquella biographia.

Prosigamos.

—

Ao bispo D. Ricardo Russel succedeu, como já dissemos, D. Jeronymo Soares em 1694. Vendo elle que os congregados ainda não tinham egreja sufficientemente ampla, pois que ao tempo mal sahia dos alicerces ao norte do novo convento, mandado fazer pelo seu antecessor, resolveu D. Jeronymo fazel-a, em 1708, mas, querendo continual-a com a magnificencia da planta traçada por D. Ricardo, os seus familiares se opposeram, allegando ser nimiamente grande para uma communidade tão pequena, pois contava então apenas 15 congregados. Tanto instaram que o santo bispo D. Jeronymo resolveu que a nova egreja fosse exactamente como a dos religiosos franciscanos de Santo Antonio de Viseu; — mandou copiar e medir a dicta egreja e no mesmo anno de 1708 deu principio á nova, abrindo-se novo alicerce da parte do poente e aproveitando o alicerce já feito a E. N. e S. [1]

Deu-se a obra de empreitada, mas proseguiu lentamente, porque D. Jeronymo apenas consignou para ella 200$000 réis annuaes e suspendeu essa mesma consignação em 1713, por haver feito grandes despezas com a restauração do paço episcopal da Sé, da mesma Sé, das torres e do *Collegio*, em seguida ao raio que em 5 de março de 1710 arruinou aquelles edificios. Despendêra tambem grandes sommas no mesmo anno com as freiras de S. Luiz de Pinhel, que fugiram para Viseu [2]—e em 1713 com a nova restauração do dicto paço episcopal e do *Collegio*, em seguida ao incendio que n'aquelle anno em grande parte os devorou. Alem d'isso foi sempre muito esmoler e despendia grandes sommas com os pobres.

Do exposto se vê :

1.°—Que o edificio actual do Seminario de Viseu foi principiado em 1693;

2.°—Que em 1708 já estava em parte feito com o dinheiro doado pelo bispo D. Ricardo Russel;

3.°—Que a egreja, segundo a planta deixada por aquelle bispo, devia ser magestosa, muito ampla;—que D. Jeronymo Soares a modificou e lhe deu as mesmas proporções que tinha a dos capuchos de Santo Antonio,—e que mandou proceder á construcção da nova egreja desde 1708 até 1713, data em que suspendeu a consignação e pararam as obras.

—

Ao bispo D. Jeronymo Soares, fallecido em 28 de janeiro de 1720, succedeu D. Julio Francisco d'Oliveira, cujo pontificado se prolongou de 1740 a 1765. [3] Foi o mais insigne bemfeitor dos congregados de Viseu, por ter sido congregado tambem, e em 1744,—«co-

[1] Depois de escrevermos estas linhas, soubemos que a *Ordem 3.ª do Carmo* de Viseu possuia muitos exemplares do tal *Epitome* e ao nosso bom amigo o sr. dr. Nicolau Pereira de Mendonça Falcão devemos e agradecemos um exemplar. Veja-se a indicação d'elle *infra*, no topico *Armas de Viseu*, onde volveremos a fallar do auctor.

[1] *Catalogo* do padre Sousa, tomo 3.° fl 99 a 128.

[2] V. no nosso catalogo o topico relativo a *D. Jeronymo Soares*.

[3] Entre D. Jeronymo e D. Julio houve uma grande vacancia de 20 annos.

V. o nosso catalogo supra.

nhecendo a grande necessidade que tinhão os congregados de Vizeu de continuar suas obras na nova casa, que annos antes (refere se á grande vacancia) adiantára muito o illustrissimo cabido, e que já em tempo do illustrissimo bispo D. Ricardo havião principiado, se resolveu mandallas continuar no primeiro d'agosto do dicto anno. Desta obra foi intendente, por vontade expressa do mesmo prelado, o Padre Luiz José da congregação do Oratorio de Lisboa, que assistia com elle desde que veiu d'aquella cidade para Vizeu. Pagava aos officiaes o dr. provizor, sendo mestre das mesmas obras de carpinteiro José do Valle, *pois de pedraria se achava feito o principal.*» [1]

Tomou pois D. Julio as obras á sua conta, o que muito estimaram e agradeceram os congregados. «Assim foram continuando: o excellentissimo em dispender, e os Padres, em orar.» —diz Sousa.

Em 1747, vendo D. Julio o adiantamento das obras, quiz que os congregados se transferissem de Santa Cristina para o novo convento, pois já podia receber 40 padres. «E ainda que se não tinha cuidado da egreja, por pedir mais dilação e gastos, quiz tambem o mesmo prelado supprissem aquella falta as casas do oratorio publico e portaria, senão de mais extensão, sempre com maior commodidade do que té então tinhão»—como diz o mesmo padre Sousa.

—

Disposta a transferencia, benzeu solemnemente a nova casa na 5.ª oitava do Espirito Santo, dia 25 de maio do dicto anno, de manhã, e na tarde do mesmo dia se fez com grande pompa e processionalmente a mudança, assistindo o prelado com todos os seus ministros, cabido e mais clero, religiosos de S. Francisco e Santo Antonio, ordens terceiras, nobresa e povo.

Os congregados eram então 24 e *preposito* ou superior o padre Bernardo Xavier da villa de Trovões, tio de Francisco Xavier d'Almeida, fidalgo distincto, que foi o caudatario de D. Julio na solemne procissão da mudança. Assim deixou a congregação «*os tegurios em que habitava por mais de 58 annos*»—ou desde 1689. [1]

Terminou a procissão ao declinar do dia Seguiram-se vesperas solemnes do patriarcha S. Filippe Nery, ás quaes assistiu D. Julio, que pernoitou na nova casa, por se concluirem a deshoras.

Vendo D. Julio a grande necessidade que os congregados tinham de egreja, pois desde 1747 se serviam do seu oratorio e portaria [2], determinou fazel-a muito a seu gosto,—d'elle bispo, *não dos congregados*, diz o padre Sousa (logar citado fl. 211) *pois a não ser com as commodidades precisas para os seus ministerios, se contentavão com a de que se servião.*

Tractando de escolher planta para a nova egreja, apresentaram-lhe *seis muito capazes*, mas elle preferiu a que foi feita *por um pedreiro*, Antonio Mendes, dos lados de Lamego. Mandou logo preparar tudo para a construcção do templo, *abrir alicerces* [3] e rogar obreiros,—e a 8 de setembro de 1757 lhe lançou com grande pompa a primeira pedra, *que era d'Ançã e de palmo e meyo* (?) *em quadro. De hua parte se vião as armas da congregação, e da outra as suas: e de baixo de ambas a memoria do sagrante, anno dia e mez em que o executou; e da outra parte e*

---

[1] *Catalogo* de Sousa, tomo 3.º fl. 183, v. e 184.

[1] *Catalogo* do padre Sousa, tomo 3.º fl. 198.

Estiveram pois os congregados *sempre* em *Santa Cristina*, desde que vieram para Viseu, exceptuando a primeira pousada na quinta de *Santa Eugenia*.

[2] O padre Sousa *n'este ponto* não faz a minima referencia á egreja principiada pelo bispo D. Ricardo Russel em 1693,—continuada pelo seu successor D. Jeronymo—e posteriormente pelo cabido na grande vacancia de 1720 a 1740!...

[3] É isto o que diz o padre Sousa, *congregado, contemporaneo* e *testemunha prezencial.* Não fez a *minima allusão* á egreja mencionada supra, que foi principiada approximadamente em 1693 e que, segundo se vê do exposto, em 1757, ou decorridos 64 annos, ainda não estava acabada—*nem alicerces tinha?!...*

face da mesma pedra cinco cruzes em aspa,—diz textualmente o padre Sousa.

A dicta *memoria* ou inscripção era a seguinte:

EXCELLENTISSIMUS, ET REVERENDISSIMUS D. JULIUS
FRANCISCUS DE OLIVEIRA
HUNC LAPIDEM BENEDIXIT.
ANNO 1757. DIE 8 SETEMBRIS.

Berardo e F. Manuel suppoem que a egreja e o convento mandados fazer por D. Ricardo Russel,—continuados por D. Jeronymo—e depois pelo cabido na vacancia de 1720 a 1740, estavam em outra parte, mas ignoram onde e *ninguem* aponta vestigios de semelhantes edificações, que deviam ser importantes e não eram muito antigas, o que nos leva a crer que foram feitas no *proprio chão do extincto convento, hoje Seminario, e que este as representa.*

Sentimos que o padre Sousa, contemporaneo de D. Julio e tão minucioso em tudo o que respeita á congregação de Viseu, mencionando as obras do tal convento e da tal egreja, não diga onde estavam e o que restava d'ellas, quando D. Julio fez a egreja actual e concluiu o convento. D'este ainda diz que estava no sitio do *Valle* (?) e quasi concluido emquanto ás obras de pedra, quando para ali mudou a congregação, mas não diz onde estava a *antiga egreja* nem o que restava d'ella quando D. Julio mandou fazer a egreja actual—*desde os alicerces*?!...

É possivel que elle a mandasse fazer no *mesmo chão* onde estava a outra,—que esta fosse demolida até os fundamentos, por não se adaptar á nova planta,—e que o padre Sousa omittisse esta circumstancia, como por certo *omittiu outras muitas*, para não affrontar a memoria do seu biographado, amigo e *congregado*!... Apenas muito a sobreposse levanta uma ponta do veu, dizendo que D. Julio *fôi muito infeliz* na escolha da planta para a nova egreja.

Ahi fica a nossa humilde opinião. Agora prosigamos.

Eureka, éureka!

Tendo já promptas e em caminho do prelo as linhas supra, recebemos do ex.^mo^ e rev.^mo^ sr. *Joaquim Paes de Sobral*, muito digno professor de theologia e vice-reitor d'este Seminario, as linhas que seguem e que *dirimem completamente a questão*!...

Eil-as:

«Os padres fundadores da congregação de Viseu alojaram-se primeiramente na casa contigua á capella de *Santa Eugenia*, hoje *profanada*, e depois estabeleceram-se na casa que ficava ao fundo da cerca do actual *Seminario* e que foi separada pela nova estrada real a macadam de Viseu a Mangualde. Ali rezidiram exercendo o seu ministerio na capella ou pequena egreja que a O. lhe ficava pegada e que em parte foi cortada pela referida estrada. [1] Ainda hoje se vê ali o cunhal que era o do lado do Evangelho, a fazer quina da mesma casa.

«D'ali deram principio e proseguiram os padres á obra do convento, que não poderam realisar por um só impulso e por uma só vez, ficando a parte do *sul* por concluir.

«A parte que primeiro concluiram foi a do *norte*, com as dos lados E. e O., para onde mudou a congregação, não obstante correrem ainda as obras no prolongamento do lado S. que depois foi continuado, se bem que não acabado, por D. Julio.

«A egreja que lhes servia para os actos religiosos antes da nova, alem da que tinham no seu 1.º hospicio, dedicada, segundo parece, a *Nossa Senhora da Assumpção*, ficava no primeiro pavimento do actual edificio do *Seminario*, na parte do *norte*, que deita para o grande terreiro ou campo exterior, hoje *Largo Alves Martins*. A porta era a mesma do convento, hoje *Seminario*, e prolongavase até á 5.ª janella actual, que hoje deita para o mencionado terreiro. Proximo da 6.ª janella havia um arco que ia topar no se-

[1] V. o que já dissemos sob o n.º 7 no topico dos *Templos extinctos*—e o que já dissemos tambem supra, n'este topico do *Seminario*.

gundo pavimento da casa e tinha por cada lado uma porta que dava para a sacristia, a qual ficava por detraz do dicto arco, onde se accommodava o altar e tribuna.

—

«A sacristia recebia luz pela 6.ª janella e tinha entrada pelos claustros, pela porta que hoje dá serventia para a aula do 2.º anno do curso theologico. Á direita d'esta porta estava o lavatorio de cantaria muito bem lavrada e que foi demolido em 1883, quando se demoliu o arco tambem, para dar ás salas a dimensão que presentemente teem. O espaço onde estiveram a egreja e a sacristia está hoje dividido pelas duas salas das aulas do 1.º e 2.º anno do curso theologico, com o aposento do guarda-portão,—alem do atrio da portaria, que era como que uma prolongação da mesma egreja e que ficava independente do resto do edificio, depois de fechadas as duas portas que ladeavam o arco. Tinha este em frente da portaria uma imagem do Crucificado e hoje, depois de completamente vasado, dá tambem passagem para a escadaria.

«Ainda hoje se podem ver debaixo do soalho as sepulturas bem talhadas e de pedra muito bem escodada, que se acham em perfeito estado de conservação. Na porta de entrada, á esquerda de quem entra, está ainda a pia d'agua benta, como que a indicar ao *Padre Berardo* e a *Francisco Manuel* o logar da antiga egreja e convento, mandados fazer por *D. Ricardo Russel*, continuados por *D. Jeronymo Soares* e depois pelo cabido na vacancia de 1720 a 1740.

«Outra pia d'agua benta se achava á direita da porta que hoje dá entrada para a sala do 1.º anno theologico e que é a primeira á esquerda de quem entra para o claustro. Era a *porta travessa* da mesma egreja, porta por onde o *proprio Berardo* tantas vezes entrou, quando professor d'este *Seminario*, para se sentar na cadeira magistral, que estava collocada precisamente no centro do arco, onde esteve o altar da antiga egreja.

«Portanto é phantasiar historia o dizer que os padres congregados tiveram *outro convento e outra egreja*, mandados fazer pelos bemfeitores acima indicados, alem do convento que hoje é *Seminario*, e alem da casa ao fundo do terreiro ou do *Largo Alves Martins*, com a sua pequena egreja pegada.

«As obras a que o padre Leonardo de Sousa se referiu não eram nem podiam ser outras, senão *estas*, e não precisava de dizer onde estavam, porque eram patentes *a todos os olhos.*»

—

Do exposto se vê: 1.º—que o edificio do convento dos *Nerys*, anterior ao bispo D. Julio, era, *como nós suppunhamos*, o mesmo que D. Julio continuou e que hoje é *Seminario*;—2.º que a egreja actual *não foi feita no chão da antiga*, mas na extremidade O. do convento, prolongando-se de *sul* a *norte*, como lá se vê e nós já dissemos,—emquanto que a egreja antiga estava a pequena distancia da nova;—apenas se mettia de permeio o pateo e a escadaria do convento, mas prolongava-se de *nascente* a *poente*, tomando a fachada N. do edificio desde o portão d'este até a 6.ª janella *actual*.

Suppomos que a dicta egreja formava a extremidade O. e a parte principal da fachada N. do convento, á imitação do convento *d'Arouca*, do das *Chagas* e do de *Santa Cruz*, em Lamego, e do collegio dos jesuitas, hoje tambem *Seminario*, em Bragança, etc. Por este systema de construcções muitos conventos, estando aliás em sitios muito vistosos, como que se escondiam. Apenas mostravam ao publico uma das paredes lateraes da egreja e por vezes detraz d'ella estavam encobertos edificios muito amplos! Podem citar-se como modêlo de construcções n'este genero os conventos das *Chagas* e de *Santa Cruz*, em Lamego. Dos dois pouco mais se vê do que as egrejas, occupando aliás o primeiro uma das faces do grande *Campo do Tabolado* e erguendo-se o segundo no alto de *Santa Cruz*, o sitio mais vistoso de Lamego.

Tambem suppomos que, feita a nova egreja dos congregados, se prolongou e deu nova fórma,—*a fórma actual*,—á fronteria do convento no espaço comprehendido pela antiga egreja, pois é *muito provavel* que a parte occupada por esta não tinha as janellas e sacadas que hoje lá se vêem nos tres pavimen-

tos, *em perfeita symetria* com a parte restante da dicta fachada nobre.

Muito provavelmente a parede lateral e exterior da dicta egreja apenas tinha uma porta para o publico e as frestas ou janellas precisas para darem luz ao templo.

Agora prosigamos.

—

D. Julio activou tanto a construcção do novo templo, visitando as obras repetidas vezes, pagando generosamente aos operarios e *brindando* o mestre, etc., que no dia 27 de janeiro de 1759, ou passados apenas 15 mezes e 19 dias depois da inauguração das obras, estava a egreja concluida! D. Julio a benzeu solemnemente e celebrou n'ella a primeira missa resada, e no dia de S. Francisco, 29 do dicto mez e anno, se transferiu para ella o Santissimo com extraordinaria pompa.

Seguiram-se as festas da dedicação do novo templo, que duraram *onze dias* e foram pomposissimas tambem. D'ellas se encontra minuciosa descripção no catalogo do padre Sousa, tomo 3.° fl. 214 a 232, e d'ellas daremos um extracto na biographia de D. Julio.

As escadas do Seminario ou do Convento dos Nerys

Como já dissemos fallando da cathedral, depois da *abobada dos nós* ou de D. Diogo Ortiz de Vilhegas, a obra d'arte mais notavel de Viseu, *em pedra*, são as escadas d'este Seminario, *unicas em todo o nosso paiz*, não pelos seus ornatos nem pela sua amplidão, pois n'este ponto são muito superiores, alem d'outras, as escadas do *paço episcopal* e do *palacio da Bolsa*, no Porto. O que mais distingue estas de Vizeu e as torna *singulares* é o segredo e arrojo da sua construcção

Só quem as vê póde bem avalial as. Parecem uma fantasia, um sonho, pois comprehendem uma grande mole de granito,—nada menos de 6 grandes lanços de escadas de pedra, com o peso de muitas toneladas,—todos em recta e lançados sobre o espaço, sem se firmarem sobre columnas ou paredes nem assentarem sobre coisa alguma?!...—Apenas tocam nos patamares os seus ultimos degraus.

Nós nada entendemos de engenheria, mas já visitámos com assombro as dictas escadas e vamos tentar um esforço para d'alguma fórma as descrevermos.

Desculpem-nos as heresias os entendedores da arte.

Estão ellas dentro de uma quadra, especie de torreão, que, a pequena distancia e em frente da porta principal, se ergue a toda a altura do edificio e que de norte a sul tem de capacidade 7^{m},39 e de E. a O. 6^{m},97. As suas paredes N. e S. teem de espessura 2^{m},29 —e as de E. e O. 1^{m},35, sendo esta ultima reforçada pela parede da egreja, que fica na extremidade O. do convento.

Tem mais espessura as paredes S. e N., porque de uma contra a outra se erguem os differentes lanços de escadas.

O convento e a porta da entrada para elle e para a escadaria olham para N.

—

Abre a escadaria por 2 lanços parallelos, distantes um do outro 5^{m},24, e que se prolongam de N. a S., tocando apenas o 1.° degrau no lageado do solo—e o ultimo no 1.° patamar, que tambem não assenta em coisa alguma. Apenas toca nas paredes e do meio d'elle parte o 3.° lanço que vae em direcção opposta aos 2 primeiros, ou de S. a N., e toca no 2.° patamar que está ao nivel do 2.° pavimento e dá servidão para elle [1]. Das duas extremidades d'este 2.° patamar partem para S. outros 2 lanços (4.° e 5.°) tambem parallelos, que tocam no 3.° patamar, e do meio d'este parte para N. o 6.° lanço, que toca no 4.° patamar ao nivel do 3.° e ultimo pavimento e que dá servidão para elle.

A isto se reduz a escadaria. Agora mais alguns detalhes :

Os 2 primeiros lanços parallelos (referimo-nos a quem sobe) contam 16 degraus cada um;—teem de comprimento cada lanço 5^{m},79;—cada degrau, sem o revestimento ou

[1] O 1.° pavimento está ao *rez de chaussée*, com tecto d'abobada, e por isso escapou ao grande incendio, como já dissemos supra, na descripção d'este edificio.

cornija, 1^{m},62;—com a cornija 1^{m},90;—largura de cada degrau 0^{m},35;—altura 0^{m},185.

Todos os lanços teem pelo lado inferior um revestimento da mesma pedra, formando um cordão de arco de aduelas muito subtis, com face lisa e *em recta*, do lado inferior que olha para o vão. As peças ou aduelas do dicto revestimento variam em largura e as d'aquelles 2 primeiros lanços teem de comprimento 1^{m},70.

Em todos os lanços a recta obliqua do seu revestimento inferior forma um angulo obtuso com a linha horisontal de cada um dos patamares, cujas extremidades se tocam, sendo a pedra do fecho commum aos differentes lanços e aos differentes patamares, tanto a do revestimento inferior como a dos degraus, ou do lado superior, pelo que as dictas pedras teem dois córtes que formam o vertice do angulo;—um corte é obliquo e correspondente á linha dos differentes lanços;—outro corte é horisontal e correspondente á linha inferior e superior dos patamares.

Tambem todos os lanços e patamares teem na face inferior um outro revestimento de pedra transversal, com uma moldura ou cornija sobre que assenta a balaustrada.

—

Todos os patamares teem superficie plana, tanto do lado inferior como superior;—tomam todo o vão entre as paredes E. e O.—e são divididos em 3 secções, correspondentes aos 3 lanços ascendentes e descendentes que n'elles tocam, e nota-se que as pedras que os formam teem cortes differentes. As 2 secções do 1.º patamar, correspondentes aos 2 lanços de escadas que recebem, são formadas (cada secção) por 3 pedras ou aduelas a completarem o cordão do arco das abobadas que muito subtilmente sustentam as escadas dos dictos lanços;—a central ou secção intermedia do 1.º patamar indica uma abobada plana, formada por 3 pedras ou aduelas em sentido transversal, cujas extremidades se firmam nas 2 secções lateraes.

Por este engenhoso processo se sustentam e equilibram sobre o vão todos os patamares da escadaria—*sem assentarem em coisa alguma*? !...

O 1.º patamar que assenta no vão (*como todos os outros*) tem de largura 1^{m},80—e de comprimento total 6^{m},91.

O 1.º lanço central tem de comprimento 5^{m},14 e 15 degraus;—comprimento d'estes, afóra a cornija, 1^{m},60;—com a cornija 2^{m},16; largura dos degraus 0^{m},365;—altura 0^{m},18; —comprimento das aduelas inferiores 1^{m},87.

Largura do 2.º patamar, em que toca e se firma este lanço, 1^{m},69;—comprimento 7^{m},27.

Este patamar é como o 1.º—liso e plano tanto do lado superior como inferior e dividido em 3 secções tambem, formado por pedras, cujos cortes são analogos ás d'aquelle.

—

D'este 2.º patamar sobem para o 3.º a S. outros dois lanços parallelos como os dois primeiros, encostados tambem ás paredes E. e O., mas sem se firmarem n'ellas. Tem de comprimento cada um d'estes 2 lanços 5^{m},03 e 12 degraus;—comprimento d'estes, afóra a cornija, 1^{m},58;—com a cornija 1^{m},88; —altura 0^{m},175;—largura 0^{m},365;—comprimento das aduelas inferiores 1^{m},78.

O 3.º patamar tem de largura 1^{m},60 e de comprimento total 7^{m},2, dividido exactamente como o 1.º patamar vão em 3 secções com os mesmos cortes nas pedras que formam as dictas secções.

Do meio d'este 3.º patamar sobe para o 4.º e ultimo a N. outro lanço sobre o vão e sobre o 1.º lanço central perpendicularmente inferior, até bater no 4.º e ultimo patamar, que está ao nivel do 3.º e ultimo pavimento e que dá servidão para elle.

Este 6.º e ultimo lanço tem de comprimento 4^{m},66 e 12 degraus; comprimento d'estes, afóra a cornija, 1^{m},60;—com a cornija 2^{m},16;—largura de cada um 0^{m},40;—altura 0^{m},16;—comprimento das aduelas inferiores 1^{m},87.

Este ultimo patamar tem de largura 1^{m},60 —e de comprimento total 7^{m},27.

—

As aduelas do revestimento inferior de cada um dos lanços são como aduelas planas que teem 0^{m},36 de espessura, largura arbitraria—e córtes mais ou menos obliquos segundo as exigencias dos raios de que estas linhas são prolongamento ou antes—sec-

ção. Sobre este revestimento assentam os degraus e a cornija—e sobre esta a balaustrada que reveste a escadaria toda e os patamares e fecha nas paredes lateraes do ultimo, tendo a dicta balaustrada $0^m,85$ d'altura.

As pedras transversaes, que formam a cornija e revestem do lado exterior os differentes lanços, teem d'altura $0^m,29$—e de largura na face superior $0^m,30$.

O 6.º e ultimo lanço central, que dá accesso ao ultimo pavimento, é de todos os lanços o de mais suave ascenso e que menor inclinação tem, mas por isso mesmo maior pressão faz nas paredes S. e N. e tremeu ha annos. Perdeu a recta e abriram-se algumas fendas nas aduelas do revestimento. Todos receiaram que desabasse e levasse comsigo o lanço central inferior.

Consultaram-se differentes engenheiros e mestres d'obras, mas todos titubiaram, não se atrevendo a desmanchal-o com receio de que não podessem reconstruil-o.

A ruina era imminente e, para d'alguma fórma a conjurarem, resolveram substituir a balaustrada de pedra por outra de ferro fundido, que foi feita na fundição de Massarellos, no Porto, mas não chegou a collocar-se, por ser tambem muito pesada e porque erraram as medidas.

Parte da dicta balaustrada de ferro ainda póde ver-se na egreja d'este Seminario formando teia e dividindo-a longitudinalmente em 3 secções ou *cochias*, sendo mais larga a do centro, soalhada e destinada para mulheres, e as outras duas para homens,—e pozeram em toda a escadaria uma balaustrada de madeira pintada, fingindo pedra. A escadaria ficou aliviada d'um grande peso, mas continuou gemendo; pôl-a porem no são e restaurou-a *com toda a pericia* um pedreiro ou mestre d'obras ainda moço e com bastante pratica, mas sem curso algum d'estudos—*Serafim Lourenço Simões*, natural da aldeia de *Sanguinhèdo das Maçãs*, freguezia de Lordosa, concelho de Viseu, onde reside e vive ainda em idade vigorosa.

O intelligente moço, depois de estudar bem a escadaria, montou estadas,—desmanchou o dicto lanço,—substituiu duas aduelas por outras mais firmes e com mais alguma espessura para retesarem o arco—e o dicto lanço ficou firme e firme lá se conserva?!...

Si licet magna componere parvis, fez o que os engenheiros trepidavam em fazer,—qual outro portuguez *Affonso Domingues*, mestre d'obras e *cego* que fez a abobada plana da Batalha, emendando a mão ao grande architecto flamengo.

V. *Batalha*.

O mesmo *Serafim L. Simões* fez outras obras n'este Seminario, entre ellas o accrescentamento da torre, as varandas e a cupula, e restaurou a capella mór da egreja, etc.

Ahi lhe fica o nome consignado, sentindo não podermos consignar aqui tambem o nome do architecto constructor das escadas.

Seria o tal *Antonio Mendes*, dos lados de Lamego, que deu a planta para a egreja actual e a construiu?

Aproveitando o ensejo, tambem consignaremos aqui o nome do mestre que dirigiu as obras de carpinteiro no 3.º andar do corredor do sul e as da sacristia,—e que fez a balaustrada actual da escadaria e o forro do torreão em forma conica. É tambem um artista intelligente, natural da freguezia de Ranhados, d'este concelho;—chama-se *José Antonio Peres*,—reside em Viseu e desde a idade de 16 annos succedeu ao seu tio e mestre *Francisco Lopes Peres*.

—

O grande *terreiro do Seminario*, hoje *Largo Alves Martins* [1], antigamente era mais pequeno, mais estreito. Na sua extremidade S. apenas comprehendia a frente da egreja do Seminario, a porta d'entrada d'este e um pequeno espaço da fronteria até o vão que no 1.º pavimento separa a 2.ª da 3.ª janella. D'ali partia para N. perpendicularmente um muro que vedava a cerca e limitava o terreiro, mas, approximadamente em 1868, foi demolido aquelle muro e o terreiro avançou até á extremidade leste da fronteria do Seminario. A cerca perdeu bastante, mas o Seminario, o terreiro e o publico lucraram.

É actualmente vice-reitor d'este semina-

---

[1] Para evitarmos repetições, veja-se o topico *Largos e Praças*.

rio e director espiritual dos alumnos o rev. Joaquim Paes de Sobral, presbytero de muita illustração e bons costumes, natural da *Povoa de Lusianes*, freguezia de Senhorim, concelho de Nellas. Estava regendo a cadeira de theologia moral desde 1864 e desde 1885, data em que foi nomeado vice-reitor, accumula as 2 commissões, pois é parocho de *Fragosella*, onde se collou em 1882 e tem um coadjutor a substituil-o.

Foi tambem ja s. ex.ª n'este Seminario professor de cantochão, computo ecclesiastico, latim e latinidade, regendo as dictas cadeiras com toda a proficiencia—e o Seminario deve importantes melhoramentos á sua zelosa e circumspecta administração.

Por morte do conego e calendarista da diocese—Ignacio de Figueiredo Magalhães—foi em 1884 o sr. Sobral encarregado de o substituir, e na organisação do calendario para uso do clero visiense teve occasião de mostrar uma das suas muitas aptidões, assombrando a todos com os seus vastos conhecimentos como rubricista e computista.

Repartindo o tempo no confessionario, no acompanhamento dos seminaristas em todos os exercicios espirituaes e no desempenho dos seus multiplices cargos, s. ex.ª gasta a vida em um afan constante, quasi prodigioso, sem que o trabalho perturbe a lucidez do seu espirito, o seu adoravel bom humor e a sua encantadora affabilidade.

A s. ex.ª agradecemos penhorado os interessantissimos apontamentos que por intermedio do sr. dr. Nicolau Pereira de Mendonça nos enviou para a descripção d'este Seminario e da sua *bella escadaria*, apontamentos que deviam dar-lhe *um trabalho insano!...*

Conventos

Em Viseu houve quatro:—o de *S. Francisco d'Orgens* e o de *Santo Antonio*, ambos de religiosos capuchos,—o dos *congregados*—e o das freiras benedictinas do *Bom Jesus*, unico existente ainda. No topico relativo á freguezia *d'Orgens* (V.) já se fallou do 1.º—e no topico relativo ao *Seminario* fallámos do 3.º—Agora fallemos do 2.º ou do

Convento de Santo Antonio

Os frades capuchos d'*Orgens* foram sempre um modelo de reformação e humildade, dedicação e virtude, pelo que os povos das terras circumvisinhas e da cidade de Viseu,—homens e mulheres, pobres e riços, velhos e crianças,—todos sem distincção os adoravam. Elles eram os melhores irmãos, os melhores mestres e os melhores amigos de todos,—a bonança, a paz e santelmo nas grandes crises,—a sombra e a voz de Deus ao lado dos moribundos, pelo que todo o anno e a toda a hora, de dia e de noite, muitas vezes debaixo de sol ardentissimo, outras pisando neve e arrostando com os vendavaes, elles, a pedido dos fieis, caminhavam pressurosos para Viseu no exercicio do seu santo ministerio, já para confessarem e confortarem os doentes, já para assistirem aos moribundos e agonisantes; distava porem o convento mais de 3 kilometros pelo que os visienses, condoidos dos pobres frades e desejando tel-os mais perto, resolveram leval-os para Viseu.

De bom grado annuiram os capuchos, mesmo porque, vivendo de esmolas e sendo os visienses os seus principaes bemfeitores, poupavam-se ao incommodo de carreal-as para Orgens, mas surgiram difficuldades e foi morosa a transferencia. Empenhou-se em realisal-a o bispo D. João Manoel [1], que presava os capuchos como seus filhos e tanto que no velho *Seminario*, contiguo ao seu paço episcopal, tinha sempre duas casas reservadas para elles e no seu proprio paço uma enfermaria onde os tractava, quando doentes;—e mandava-lhes ao convento as esmolas, o que praticavam tambem muitos visienses.

—

Em 1613 o dicto prelado e a camara de Viseu requereram a Filippe III de Hespanha a transferencia, a qual o rei concedeu por al-

[1] O seu pontificado prolongou-se de 1610 á 1625.

Veja-se o nosso catalogo.

vará de 30 d'agosto do mesmo anno. N'elle ordenava ao corregedor de Viseu que procedesse á mudança dos capuchos para a cidade;—que o novo convento se intitulasse *de S. Francisco*, por haver sido da *observancia* o de Orgens;—que este ficasse totalmente deserto;—que a egreja, quando não fosse demolida, se entregasse a um ermitão ou clerigo, para velar por ella—e finalmente que do producto da cerca se desse metade a quem a fabricasse e a outra metade se distribuisse em esmolas. Não se effectuou porem então a transferencia, por não terem ainda os capuchos convento na cidade e porque os povos d'Orgens ficaram magoadissimos. Com as lagrimas nos olhos, tanto rogaram e pediram ao prelado a conservação dos capuchos, que o prelado afrouxou no seu empenho e com elle affrouxaram tambem os visienses; entretanto não desistiram e foram procurando local para o novo convento. Alguem lembrou o chão de *S. Martinho;* outros lembraram o *terreiro de Santa Cristina*; outros queriam se fizesse em Ranhados, na quinta de *Santo Antonio do Pereiro*, que muito generosamente offereceu o conego Antonio Leitão, mas recusaram-na, por ser distante, e decorreram 20 annos sem tomarem resolução definitiva.

—

Em 1633 já residiam alguns dos dictos frades com muito poucos commodos junto da egreja de S. Miguel do Fetal,—diz o sabio conego Berardo nas suas *Noticias de Viseu*, sem esclarecer melhor este ponto; [1]—F. Manuel na sua interessante *Memoria* ms., pag. 137 a 138, accrescenta que viviam *nos passaes e antiga residencia de S. Miguel do Fetal, hoje quinta dos Cardosos*;—Fr. Manuel da Esperança na *Historia Seraphica*, tomo 2.º, falla *muito largamente* do convento d'Orgens, mas do de *Santo Antonio* apenas faz leve menção a fl. 542, v. *in-fine*. Valeu-nos o padre Leonardo de Sousa, pois no seu interessantissimo *Catalogo*, fl. 48, v. e 49, diz que os frades d'Orgens fundaram em Viseu a sua primeira casa nos suburbios da cidade. «Para isto—accrescenta elle—forão ajuntando varias esmollas dos moradores, com que comprarão hua quinta (hoje—1767—de Manuel de Mesquita Cardoso) *com suas casas*: tudo quasi contiguo á Igreja de S. Miguel, chamado *do Fetal*, pelo muito qne n'aquelle tempo havia ainda no mesmo sitio. Erão todas estas propriedades de hum *David Alvares*, pedreiro e mestre d'obras, e as compraram por *tresentos mil réis*. Logo em hua das taes casas, situadas dentro da mesma quinta, erigirão capella, onde se disse a primeira missa em hua segunda feira, 20 de junho do dicto anno de 1633, pondo-lhe a invocação de *casa de Santo Antonio*.

—

«N'este sitio e capella se disse a primeira missa pelo Rev.^{mo} Padre provincial da sua mesma provincia, que ainda era de *Santo Antonio*, e que passados 70 annos (em 1703) se intitulou *da Conceição*. Chamava-se o tal religioso Fr. Manuel de Santa Catharina, natural do Brazil, e pregou o Padre guardião que então era do convento de Orgens—Fr. Manuel da Purificação, natural de *Bretiande*, bispado de Lamego.

«Assistiu a esta funcção de gosto para os vizienses, pella commodidade que consideravão na administração dos sacramentos, e para os taes religiosos de utilidade pelo solitario do sitio, e abundancia de hortas, innumeravel povo, que nunca falta em semelhantes occasiões.»

A fl. 55, 56 e 57, volvendo a fallar d'este convento, diz mais o seguinte:

«Não satisfeitos os religiosos de *Santo Antonio*, residentes no seu hospicio de *S. Miguel* desde o anno de 1633, por alguns inconvenientes que experimentaram no sitio, determinarão buscar outro para sua firme presistencia. Havia fallecido (em 1634) o rev. chantre Gaspar de Campos e Abreu, morador que fôra em outra quinta situada, e fronteira ao terreiro de *Maçorim*, dos maiores que tem a mesma cidade, e como por sua morte lhe ficasse hua *filha* menor por nome *Theresa*, a quem tocou por legitima a mesma propriedade com todas as suas pertenças, fizerão as possiveis diligencias para a conseguir.

[1] *Liberal* n.º 14 de 20 de junho de 1857.

«Muito agradava aos mesmos religiosos o sitio e a comprarão, com o consentimento do curador da menor, *por dous mil e quinhentos cruzados.* Para effeito desta compra *venderão a quinta em que estavão,* com licença da Sé Apostolica... e com o producto de mais algumas esmolas dos principaes moradores de Viseu, fizerão termo de deposito na mão de Manuel de Mesquita Ferrão, sendo corregedor da comarca Manuel de Sousa de Meneses, e escrivão da correição Antonio d'Alvellos e Abreu.

—

«Disposto assim o novo sitio, que constava de hua morada de casas com suas hortas e mata d'arvores silvestres, artificiosamente plantadas, ...ainda não tinhão tomado posse por falta da licença d'el-rei, que de Castella com impaciencia esperavão. Chegou finalmente de Hespanha decreto assignado por D. Filippe III de Portugal, expedido a 25 de janeiro de 1635.

«...Tomarão posse aos 29 do mez de março do dicto anno e logo mandarão abrir os alicerces para hua egreja de 141 palmos de comprido e 35 de largo, com corredores e officinas para 14 religiosos, prezentemente (refere-se ao anno de 1767) mais de 30, que a cidade se obrigou a sustentar, com a clauzula de pregarem, confessarem e assistirem aos moribundos. Assim consta de varios documentos do cartorio do tabellião João de Barros e outros.

«Aos 6 de maio se lançou a 1.ª pedra com grande solemnidade e assistencia do cabido, senado, nobresa, e povo de hum e outro sexo.

«Tanto era o desejo que os mesmos religiosos tinhão de assistir, e morar na cidade que, para se adiantar a obra com a sua presença, determinarão viesse o Santissimo do convento de Orgens com a maior solemnidade possivel. Concorreo a este acto innumeravel povo... prezidindo aos taes religiosos o seo provincial Fr. Francisco de S. Miguel e o Padre Guardião Fr. Manoel da Purificação. Collocado o Senhor em hum oratorio feito nas casas da mesma quinta, n'ella ficou por regente com alguns religiosos o veneravel Fr. João de Villa Real, confessor que foi da rainha D. Luiza, mulher d'el-rei D João IV.

«Continuarão as obras, e em brevissimo tempo se concluirão, pello que concorrendo para o tal convento por obediencia do provincial varios religiosos de Lisboa, a quem ainda se achava sugeita *a provincia da Conceição,* tiverão por seo primeiro guardião da dicta casa vizense Fr. João da Natividade, pregador.»

A transcripção é longa, mas interessante para a historia d'este convento e quizemos salvar, ao menos em parte, o que ainda resta do *Catalogo* do Padre Sousa.

—

Em 1718 era guardião d'este convento Fr. Jorge d'Assumpção, denominado *captivo,* por que longos annos viveu captivo na Africa, soffrendo com resignação evangelica as maiores torturas, privações e affrontas. Foi muito estimado pelo bispo visiense D. Jeronymo Soares, que se comprasia em palestrar com o dicto guardião e em ouvir a tetrica historia dos christãos captivos, pelo que se declarou protector d'elles, contribuindo com largas esmolas para o resgate d'aquelles infelizes, e foi tambem um insigne bemfeitor d'este convento, bem como D. Ricardo Russel.

Veja-se no nosso catalogo a biographia d'estes dois benemeritos prelados visienses.

D. Ricardo mandou fazer n'este convento a enfermaria, e na mata um grande terreiro circular, com assentos de pedra em volta, onde costumava no verão passar as tardes, rindo e palestrando com os religiosos *e com os noviços,* dirigindo a estes graças innocentes e dictos joco-serios para os divertir *e fazer rir,* distribuindo-lhes ao mesmo tempo *pela sua propria mão* grande quantidade de doces, que para o mesmo fim levava em *caixas* no vão da sua carruagem, como diz o padre Sousa.

Estavam todos então por certo bem mais contentes e tranquillos do que em 1641, quando se deu o facto seguinte:

—

«No dia 12 de junho de 1641, diz Berar-

do[1] mudarão os religiosos para o novo convento e celebrarão a primeira missa na sua egreja.

«Por este tempo ardia Portugal em guerra contra Castella, o povo estava armado, e os telegraphos grosseiros que davão signal da entrada do inimigo erão simples *fachos* ou fogueiras collocadas n'uma serie de posições até ás raias de Hespanha. No dia 14 d'agosto d'aquelle anno aconteceo incendiarem-se os *fachos;* o povo correo ás fronteiras, porem chegando ao logar de *Cavernães*, souberão que foi rebate falso.

«No ensejo de voltarem para suas casas, hum certo serralheiro João Gomes Pardello, que era *mester* da camara n'aquelle anno, homem audaz e agitador, concebeo o projecto de acabar com hum certo Luiz Ferrão, seu inimigo figadal, que andava homisiado, e corria por certo ter-se acoutado no convento de *Santo Antonio de Maçorim.*

«Com este intuito Pardello harengou áquellas turbas, excitou-as, e assegurou-lhes, que os traidores estavão escondidos na cidade de Viseu. Unem-se-lhe então mais de *quatro mil pessoas*, que capitaneadas por elle vem acommetter o convento de Maçorim. Entrão pela clausura, arrombão, deturbão, e destroem quanto se lhes oppõe. Não vale aos religiosos o prestigio da veneração que gosavão, e aquelles que ha pouco beijavão o burel grosseiro dos seus habitos, lhe cospem agora e o puxão de despeito e ira.

«Já se dispunhão para incendiar o convento, quando os religiosos tomarão o expediente de ir tirar o Sagrado Viatico, e apresentarem-se com elle ao povo amotinado. Aquietarão-se então os animos pouco a pouco, e como alguem dissesse que ali não havia traidores, forão-se retirando confusos e quasi envergonhados. Tal hé o caracter da gentalha vil e ignorante!...»

—

Foi este convento casa de noviciado dos capuchos franciscanos da *provincia da Conceição*, depois que em 1703 esta provincia se desmembrou da de *Santo Antonio*,—em 1834 foi extincto, como todas as nossas ordens religiosas;—passado pouco tempo a egreja foi profanada e todo o convento foi reduzido a quartel militar do regimento de infanteria n.º 14, ainda hoje aqui estacionado.

F. Manuel diz que estes religiosos viveram 28 annos na sua casa de *S. Miguel do Fetal*, mas n'este ponto claudicou, pois, como já dissemos, installaram-se na quinta de *S. Miguel do Fetal* em 1633;—venderam-na em 1634 a 1635;—em 1641 já estavam definitivamente installados em *Maçorim*, havendo-se transferido para ali annos antes,—talvez em 1635, para activarem a construcção do novo convento. Logo apenas estiveram em S. Miguel 2 a 8 annos e não 28 annos.

F. Manuel suppõe que elles mudaram para S. Miguel do Fetal quando tentaram pela 1.ª vez transferir-se para Viseu no anno de 1613, mas o padre Sousa diz que *deixaram passar mais de 20 annos sem que se effectuasse o intentado.* Refere-se á mudança *provisoria* para S. Miguel em 1633 e para o *oratorio* de *Maçorim* em 1635—e á mudança *definitiva* para o convento de *Maçorim* em 1641.

Note-se que o convento *d'Orgens* nunca ficou *totalmente deserto*, como no seu alvará ordenou Filippe III de Hespanha. Pelo contrario conservou sempre religiosos capuchos em forma de communidade mais ou menos numerosa até 1834, data da extincção dos conventos.

Coincidencia

Em 1635 desabou uma das torres e com ella a fronteria da cathedral—e no mesmo anno se inaugurou a construcção d'este convento franciscano de *Santo Antonio de Maçorim*, pelo que o dr. Manuel Botelho Ribeiro nos seus *Dialogos* (*Codice de Girabolhos* pag. 477 a 480) dedicou a esta coincidencia um longo *romance*, do qual extractaremos apenas os versos seguintes:

. . . .

«*Só* porque sólo en el tiempo
Que nuestra iglezia há caido,
Restaura la perdicion,
Y nos dá consuelo y brio.

[1] V. no *Liberal* o mesmo numero citado supra.

....

Beza el pied, lôva a tu Santo,
Viseo, por tal beneficio,
Que te viene a soccorrer,
Ja razos tus edificios.

....

Gente devota, alegraos,
Que ya Antonio y Francisco
Tiene applacado a Diós,
E revogado el castigo.

.........................»

Convento do Bom Jesus de freiras benedictinas

Demora no largo das Freiras, pelo qual se entra para a egreja e portaria.

A sua historia em resumo é a seguinte: [1]

Pelos annos de 1560 dois nobres visienses—o licenciado *Belchior Lourenço* e sua 1.ª mulher *Maria de Queiroz Castello Branco*,—não tendo filhos, resolveram fundar um convento de freiras benedictinas e para esse fim a dicta senhora no seu testamento com data de 17 d'abril de 1569 doou todos os seus bens ao bispo D. Jorge d'Athaide, com a condicção de ser admittida no projectado convento uma sua sobrinha e, se o convento se não fizesse, deixava a testadora todos os seus bens em morgado e vinculados á capella de *S. Luiz*, por ella mandada fazer,—morgado de que seria primeiro administrador Constantino de Castello Branco, seu sobrinho. [2]

D. Jorge d'Athaide, cujo pontificado se prolongou de 1568 até 1578, deu principio e grande impulso ás obras, mas não as concluiu. Em 1579 até 1585 foi bispo de Viseu, e bispo aliás benemerito, D. Miguel de Castro, mas durante os 6 annos do seu pontificado não se importou com o dicto convento. Succedeu-lhe em 1586 o bispo D. Nuno de Noronha, que logo se entendeu com os herdeiros do licenciado Belchior Lourenço e de sua 2.ª mulher—e activou tanto as obras que em menos de 5 annos ultimou o mosteiro,—dotou-o com o rendimento da egreja de *S. Cypriano*—e n'elle installou com grande pompa as primeiras religiosas, vindas do convento, tambem benedictino, de *Ferreira d'Aves*, depois de obter permissão do papa e do rei.

—

Estando tudo disposto para a abertura do novo convento, partiu D. Nuno para Ferreira d'Aves no dia 26 de setembro de 1592, tendo feito saber á nobresa da cidade que no dia 27 (domingo) havia de entrar n'ella com as religiosas, como effectivamente entrou pelas 4 horas da tarde, acompanhado por toda a nobresa, pelo cabido e por muitos cidadãos de Viseu, que foram esperar o bispo e as religiosas a uma legoa de distancia.

Eram ellas as seguintes:—*Leonor de Tavora das Chagas*, senhora respeitabilissima, destinada para abadessa e pertencia á nobre familia Tavoras;—*Jeronyma Cabral da Cruz*, dos *Cabraes* de Belmonte, *prioresa*;—*Violanta do Espirito Santo*, irmã da abbadessa, e *Magdalena da Ressurreição*, porteiras;—*Joanna Mendes da Assumpção*, sacristã;—*Filippa Correia da Annunciação*, mestra de noviças, cantora-mór e tulheira.

Poisaram as religiosas nas melhores casas de Viseu que d'antemão estavam despejadas e preparadas para as receberem;—ali descançaram até que no dia 29, terça feira, dia de *S. Miguel o Anjo*, foi logo de manhã D. Nuno cumprimental-as e em seguida as acompanhou com immenso concurso de povo até á Sé, onde o prelado em seguida cantou missa solemne, pregando o afamado orador *João de Lucena*, jesuita.

Terminada a festa organisou-se uma solemne procissão com todas as bandeiras e cruzes, cabido e mais cleresia da cidade e seu termo;—n'ella se incorporaram as reli-

---

[1] *Benedictina Lusit.* por Fr. Leão de S. Thomaz, tomo 2.º pag. 396 a 400;—*Noticias de Vizeu* pelo conego José d'Oliveira Berardo, no *Liberal* n.º 14, de 20 de junho de 1857;—*Dialogos* do dr. Botelho, pag. 430 e 431 no *Codice de Girabolhos*;—*Catalogo* do padre Leonardo de Sousa, tomo 3.º fl. 23—e *Memoria* de Francisco Manuel Correia, pag. 86 e 87.

[2] Vejam-se os auctores citados, os quaes todos seguem a *Benedictina Lusit.* menos o dr. Botelho, cuja lição differe muito *n'este ponto*.

giosas com os seus habitos e cogulas;—em seguida o prelado tomou nas mãos a sagrada custodia com o Santissimo;—a cantora-mór Filippa da Annunciação levantou o *Te Deum laudamus*, que foram proseguindo os cantores e o clero;—poz-se em marcha a procissão e, depois de dar uma grande volta pela cidade, entrou na egreja do convento. O prelado collocou o Santissimo no sacrario;—depois levou as religiosas até o côro do convento,—ali mandou sentar a abbadessa e lhe deu posse—e em seguida retirou-se para o seu palacio da Sé. De tarde volveu ao convento e com toda a solemnidade e extraordinaria concorrencia de povo lançou o habito a 8 noviças, sendo a 1.ª *D. Paula de Noronha*, sua sobrinha, que posteriormente foi abbadessa repetidas vezes. Pregou tambem por essa occasião o mesmo padre *João de Lucena*, compungindo até as lagrimas o proprio bispo.

—

Assim começou este mosteiro, que hoje (1887) conta cerca de 300 annos. N'elle se devem ter passado factos importantes, cuja memoria se perdeu. Occorrem-nos apenas os seguintes:

«Em 19 de novembro de 1737 sahirão as freiras do convento da cidade de Vizeu em acto de communidade com a cruz levantada, ao terreiro a esburralharem e desfazerem huma porta da parede do quintal das casas de Balthazar Pinto da Motta, escrivão das Sisas d'esta cidade; a cujo acto concorrerão todas as justiças para as accommodarem, porem ellas não se recolherão sem ficar a dicta porta de todo tapada, e sem signal do que foi.»

É isto o que textualmente diz Berardo nas suas *Noticias de Viseu* (logar citado). O mesmo sabio conego diz tambem que, *por motivos d'elle ignorados*, as justiças de Viseu prohibiram a certas pessoas todo o tracto, communicação e correspondencia com as religiosas d'este mosteiro, e em seguida aponta uma provisão, da qual se infere que no meiado do ultimo seculo houve *grandes desgostos* que envolveram uma religiosa d'este convento e *dois dos primeiros fidalgos de Viseu*, pae e filho!...

A mencionada provisão é a seguinte:

—

«D. José por graça de Deus rei de Portugal e dos Algarves, etc.

«Faço saber a vós corregedor da comarca de Vizeu, que *Manuel Cardoso de Loureiro*, capitão-mór d'essa cidade, e seu filho do mesmo nome me representarão por sua petição, que recorrendo ao Dezembargo do Paço para que lhes levantasse a prohibição de poderem entrar n'essa cidade que por ordem Minha se lhes havia posto, em resultado da Alçada que estivera n'essa mesma cidade; e por haverem cessado os fundamentos da dicta prohibição e estar satisfeita a parte, e o supplicante pai ter cumprido o *degredo* (?) em que fôra condemnado, e se lhe deferira que recorressem a Mim immediatamente, como constava da petição que juntarão, na qual tambem se referia e justificava que os supplicantes tinhão sete filhas e netas donzellas, que estavão em grande desamparo, e *estava destruida a sua casa por andarem mais de dez annos auzentes d'ella, e pelas grandes despezas que lhes fizera a dicta Alçada;* e que o supplicante pai padecia queixas gravissimas que só poderiam ter remedio nos ares da sua patria, pedindo—elle que lhe fizesse mercê conceder provisão para que os supplicantes se podessem recolher á dicta cidade, ... Hei por bem que os supplicantes se possão recolher a essa cidade e estar n'ella ...com a declaração porem *que não poderão ir ao Convento das Religiosas de S. Bento dessa cidade, em quanto se não morigerar o genio da Religiosa, filha de D. Josefa!...*

«El rei Nosso Senhor o mandou e Antonio Alves Pimenta a fez em Lisboa a 13 de maio de 1751 annos...»

—

A egreja d'este convento era muito pequena, pelo que as freiras em 1628 lhe accrescentaram 31 palmos,—e no mesmo anno, em 23 de fevereiro, foi tanta a chuva em Viseu que parecia um novo diluvio,—inundou a egreja d'este convento e obrigou as freiras a mudarem o Santissimo para o altar da enfermaria.

Tambem nos fins do seculo XVII ou prin-

cipios do seculo XVIII, sendo pequeno o mosteiro e achando-se bastante arruinado, o santo bispo D. Jeronymo Soares n'elle fez um grande corredor fronteiro á egreja e reformou varias officinas.

Veja-se no nosso *Catalogo* os topicos relativos a *D. Nuno de Noronha, D. Fr. João de de Portugal, D. Jeronymo Soares* e *D. Julio Francisco d'Oliveira.*

Este ultimo prelado na sua primeira visita da diocese tambem visitou este convento, gastando com a visita nada menos de 17 dias—e com a da Sé 15 dias! Foi muito rigoroso e minucioso na sua primeira visita da diocese;—processou e *prendeu muitos padres,* incluindo alguns *parochos collados,* e outros tiveram de homisiar-se!...—mas com o seu rigorismo e prepotencias indispoz-se com toda a cidade,—recebeu as maiores desconsiderações,—chorou lagrimas de sangue,—*teve de pedir de joelhos na Sé publicamente perdão a todos em um dia de festa dupplex de 1.ª classe, no dia 6 de janeiro de 1746,*—e em seguida soltou *todos os padres* que estavam presos.

Na visita das egrejas demorava-se quasi sempre até alta noite. Finalisou tão tarde, por exemplo, a de *Villar Secco,* no concelho de Nellas, que dirigindo-se em seguida para a residencia do abbade de *Santar,* distante cerca de 4 kilometros, chegou ali *ás duas horas depois da meia noite*?!...

Terminaremos dizendo que d'este convento apenas resta hoje uma freira professa, com o titulo de abbadessa,—D. Maria Delfina, filha natural do fallecido conselheiro José Maria Leite, da Villa da Aguieira, tio materno de João de Saccadura Bote Cortereal Pacheco, da mesma villa da Aguieira, que falleceu ha pouco em Lisboa. Esta senhora está decrepita e o convento prestes a extinguir-se, pelo que o prelado diocesano pediu ao governo para ali se estabelecer uma casa de educação religiosa para meninas pobres e porcionistas, mas parece ter encontrado difficuldades esta pretenção.

Ordens 3.as

Ha em Viseu duas Ordens Terceiras,—a de *S. Francisco d'Assis* e a de *Nossa Senhora do Carmo.* Fallaremos d'ellas conjunctamente, porque a 2.ª é ramificação da 1.ª—e vamos resumir quanto possivel, para não fatigarmos os leitores.

A *Ordem 3.ª de S. Francisco* foi installada primitivamente na cathedral em 1557 e ali funccionou 39 annos, ou até 1596, data em que passou para a egreja da *Misericordia.* Em 1636 achava-se em decadencia, mas um *Fr. Lourenço d'Evora* excitou a devoção dos visienses e no dia 11 de fevereiro d'aquelle anno se elegeram mesarios da dicta ordem no côro do convento franciscano de *Santo Antonio de Maçorim,*—ou no oratorio que ali tiveram os capuchos durante a construcção do convento,—construcção que principiou, como já dissemos, em 1635.

Restaurada a dicta ordem 3.ª, continuou a exercer as suas funcções em uma capellinha e casa que os bispos lhe mandaram edificar sob a enfermaria do mencionado convento, até que em 1729 se levantou grande dissenção entre os frades e os seus irmãos 3.os. Depois de grandes sensaborias, os religiosos taparam a porta da casa dos 3.os que lhes dava entrada pelo adro,—entregaram-lhes as imagens e alfaias—e despediram-nos.

Os 3.os despeitados dirigiram-se ao cabido, que então governava a diocese, e com auctorisação d'elle foram estabelecer-se na capella de *Santa Christina,* onde se conservaram cerca de 4 annos sempre em pleitos com os capuchos e fazendo esforços para obterem um padre commissario dos franciscanos *observantes,* o que não poderam conseguir, pelo que muitos dos irmãos se despediram da *ordem,* mas outros mais doceis volveram com as imagens e alfaias para o convento de *Santo Antonio* e se conservaram submissos aos capuchos.

—

Não se deram por vencidos os dissidentes e, animados com o apparecimento do livro *Thesouro Carmelitano,* vendo que os *Irmãos 3.os do Carmo* obtiveram um pasmoso numero de indulgencias, tractaram logo de pedir ao provincial dos carmelitas calçados um commissario para instituirem uma *Ordem 3.ª do Carmo* na mencionada capella de *San-*

ta Christina, que para semelhante effeito já o cabido *sede vacante* lhes havia doado.

—

Em 21 de maio de 1733 chegou a Viseu o Padre mestre Fr. João de S. Thiago, carmelita, commissario da mesma *Ordem* em Lisboa, e logo no dia 24 do dicto mez lançou na capella de *Santa Christina* o habito a mais de 120 pessoas d'ambos os sexos. De tarde fez a sua missão e acto continuo foram eleitos os mesarios, segundo o disposto nos estatutos geraes da *Ordem*. Nos dias seguintes celebraram-se grandes festas e procissões em acção de graças, assistindo muito povo da cidade e circumvisinhanças;—alistaram-se como irmãos cerca de 1:900 pessoas—e o padre commissario retirou-se muito satisfeito, deixando nomeado substituto, em harmonia com os poderes que lhe dera o provincial.

Resolveram logo os confrades fazer um templo mais amplo em substituição da capella de *Santa Christina* e, confiados na Providencia, pois não tinham ainda os fundos necessarios para tal empresa, arremataram logo as obras de pedra por *cinco mil crusados*. Entretanto foram os mesarios pedir de porta em porta, confiados na Providencia, que não os abandonou, pois em dois dias juntaram *oitocentos mil réis*,—somma importante n'aquelle tempo,—e só o cabido *sede vacante* lhes deu mais *tres mil crusados!...* Receberam ainda outras muitas esmolas e assim tiveram a satisfação de verem a sua egreja acabada no dia 13 de junho de 1738 —egreja que nos fins do ultimo seculo foi restaurada e ampliada na forma que hoje se vê, com uma elegante fronteria nova e duas torres.

É um dos templos mais vistosos e mais formosos de Viseu e muito bem situado.

Ergue-se á entrada do espaçoso e lindo *campo de Santa Christina*, hoje *Largo Alves Martins*,—do lado poente, á direita de quem vae da cidade e, como já dissemos fallando da *monstruosa* circumscripção parochial de Viseu e da urgente necessidade de uma nova circumscripção, a dicta egreja de *Nossa Senhora do Carmo* está a todos os respeitos admiravelmente situada e talhada para egreja matriz, com previa acquiescencia da respectiva *Ordem*.

No *Epitome Carmelitano* do padre Leonardo de Sousa, auctor do *Catalogo ms.* por nós tantas vezes citado, se encontram amplas noticias com relação á ordem e á egreja de que no momento nos occupamos.

Veja-se tambem o que já dissemos nos topicos *Egrejas, Largos e ruas* e *Edificios brazonados*.

—

Por seu turno os *irmãos 3.os de S. Francisco*, vendo com emulação o progresso dos seus irmãos dissidentes, tractaram de fazer tambem um templo em nada inferior ao do Carmo.

Pelos annos de 1740 obtiveram do cabido *sede vacante* doação da formosa capella de *Nossa Senhora da Victoria*, com intento de amplial-a, mas depois reconsideraram; fizeram a egreja e casa que hoje possuem no *Campo de Maçorim*, ou *Passeio de D. Fernando*, junto do extincto convento dos capuchos de Santo Antonio, hoje quartel militar,—e a pequena distancia da capella da *Victoria*, que ainda lhes pertence.

Lançou com grande pompa a primeira pedra ao novo templo o bispo D. Julio Francisco d'Oliveira no dia 9 d'abril de 1746, mas só em 1763 se concluiu. O mesmo prelado deu muitas esmolas para a construcção da dicta egreja e mandou fazer á sua custa o adro e a bella escadaria, onde poz as suas armas, como *em todas as suas obras*.

Para evitarmos repetições, veja-se tambem o que já dissemos nos topicos *Edificios brasonados*, *Egrejas* e *Capellas*.

Terminaremos dizendo que a pag, 32 e 38 do esplendido *Album Visiense* [1] podem verse em lytographia a egreja da *Ordem 3.a de S. Francisco* e a de *Nossa Senhora do Carmo*.

---

[1] No topico *Movimento jornalistico* já demos ampla noticia d'este formoso *Album*.

Irmandade da Misericordia,
—sua antiguidade e seus fundos,
—a egreja e suas dependencias,
—o Banco e o Hospital Novo,
—o Azylo de Invalidos e o Cemiterio

Pela sua antiguidade e seus fundos, pelos edificios e estabelecimentos que representa e pelos serviços que presta aos pobres e ao publico, a irmandade da *Misericordia* de Viseu é sem contestação hoje a primeira d'esta provincia e uma das primeiras do nosso paiz.

Não sabemos quando foi fundada nem o nome do seu fundador, mas sabemos que é uma das mais antigas de Portugal, pois tendo sido creada a 1.ª em Lisboa pela rainha D. Leonor, mulher de D. João II, em 1498, a de Viseu foi creada poucos annos depois, como provam os primeiros estatutos que ainda guarda no seu archivo e que são os mesmos da de Lisboa, approvados e mandados imprimir por el-rei D. Manuel em 20 de janeiro de 1516, os quaes terminam pelas seguintes palavras escriptas *pelo proprio rei*: *Mandamos que este compromisso se cumpra e guarde pela Misericordia da Cidade de Viseu assim e tão inteiramente como nelle se contem. El Rey.*

E tem appenso um alvará, tambem autographo, com data de 8 de junho de 1521, facultando á *Misericordia de Viseu* a nomeação de 4 pessoas que peçam esmolas para ella. Data pois dos principios do seculo XVI—e no seculo XVII fez novos estatutos que foram concluidos em 8 d'abril de 1626—e confirmados por Filippe III em 14 de maio do mesmo anno.

Durante muito tempo viveu com poucos recursos. Por vezes a sustentação dos enfermos correu por conta dos benemeritos mesarios e dos bispos visienses, que foram *sempre* os seus primeiros bemfeitores, mas hoje, 1887, graças á sua boa administração e á protecção do publico, vive desafogadamente.

Os seus fundos estão orçados em mais de *300 contos de reis*—e não se faziam talvez hoje com duzentos contos os edificios e alfaias que possue?!...

—

Tem uma egreja esplendida muitissimo bem tractada e admiravelmente situada mesmo em frente da Sé, a N. O. do espaçoso adro, olhando para S. E., no centro de um vasto edificio que forma com ella um todo elegante, regular e vistosissimo, erguendo-se nas suas extremidades E. e O. duas bellas torres;—e ao longo da fachada de todo o edificio tem um lindo adro proprio com guarnições de granito, para o qual se sobe por uma elegante e ampla escadaria da mesma pedra em forma de meia laranja.

No *Album Visiense*, a pag. 12, se encontra uma formosa litographia, representando com a maior fidelidade a fronteria d'esta egreja e de todo o edificio, comprehendendo as torres.

> Não se confunda o *Album Visiense* com o *Almanach de Viseu*. Esta ultima publicação é contemporanea da primeira[1] e tambem illustrada com lithographias e gravuras, mas muito menos nitida e em 8.º, emquanto que a primeira, como já dissemos no topico *Movimento jornalistico*, é uma publicação luxuosa, toda illustrada com bellas lithographias e em *folio*.

Na parte N. do grande edificio, á esquerda da egreja, estão a casa das sessões e outras dependencias da Misericordia;—na parte opposta funcciona o *Banco de Viseu*, pois é formado em grande parte com o dinheiro da *Santa Casa*, como já dissemos sob o titulo *Banco Commercial*.

Para elle deu a Misericordia 40:000$000 de réis.

Tanto a egreja como a parte restante do edificio e as torres teem sido feitas, restauradas e ampliadas em differentes datas.

As duas torres e o frontispicio da egreja datam dos fins do seculo XVIII em substitui-

[1] O *Almanach* é de 1884—e o *Album* é de 1884 a 1886.

ção d'outras torres e d'outra fachada muito mais antiga;—a capella mór e os edificios lateraes são dos principios d'este seculo;—o corpo da egreja foi reedificado em 1842;—o bello orgão que tem pertenceu aos capuchos de *Santo Antonio de Maçorim* e pouco depois da extincção das ordens religiosas, em 1834, sendo profanada a egreja dos capuchos, foi mudado o orgão para esta da Misericordia;—em 1875 se fizeram as tribunas dos dois altares lateraes;—em 1876 erigiu-se do lado da epistola na capella mór a capella do *Senhor do Calvario*—e em 1875 a 1877 se restaurou a parte N. do edificio da Misericordia.

Tem na fronteria as armas reaes portuguezas e interiormente 3 altares, tecto de abobada de tijolo e o bello orgão, etc.

Hospitaes

O primeiro hospital da *Misericordia* de Viseu foi o *das Chagas*, instituido em 1585, segundo se lê nas *Noticias de Viseu* por Berardo, [1]—ou em 1565, segundo se lê na *Memoria* de Francisco Manuel Correia,—por Jeronymo Bravo e sua mulher Isabel d'Almeida, junto da egreja de *S. Martinho*, [2] para n'elle se tractarem os doentes que não excedessem 3 mezes de curativo,—e para esse fim vincularam todos os seus bens em *morgado*, impondo aos differentes administradores d'este a obrigação de darem permanentemente 9 camas e as alfaias necessarias para o dicto hospital. A sustentação dos doentes ficou a cargo da *santa casa*, bem como a admissão d'elles, etc.,—e na capella do dicto hospital foram sepultados os seus benemeritos fundadores.

Com o tempo arruinou-se e pela sua pequenez tornou-se impossivel para o movimento da população de Viseu e suas circumvisinhanças, pelo que o bispo D. Julio o reedificou e ampliou *á sua custa* em 1758 a 1760.

[1] *Liberal* n.º 13 de 17 de junho de 1857.
[2] V. o n.º 2 no topico—*Templos extinctos*.

—

Berardo nas suas *Noticias de Viseu* (*Liberal* n.º 13 de 17 de junho de 1857) diz que o bispo D. Julio mandou fazer as dictas obras em 1769. Foi lapso ou erro de imprensa, pois D. Julio falleceu em 1765. Devia dizer como diz F. Manuel na sua *Memoria* (pag. 107)—1759, ou antes, como nós dizemos,—1758 a 1760, pois no interessante *Catalogo* ms. do padre Sousa, [1] biographo e contemporaneo de D. Julio, e *testemunha ocular das dictas obras*, se lê textualmente o seguinte :

«Não se esquecendo o ex.^mo^ *D. Julio Francisco d'Oliveira*, da grande necessidade que tinha o hospital de Vizeu, de reforma grande no seo arteficio, e havendo mandado expressar aos irmãos da Mizericordia no anno de 1758 o queria reparar, e accrescentar, aceitarão elles com grande gosto a noticia, e esmolla. Era então provedor o rev. thesoureiro mór Luiz Antonio d'Almeida, e seo escrivão Manoel de Mesquita Cardozo. Logo determinarão os vogaes manifestar ao publico o seu agradecimento, fazendo cantar missa solemne na sua mesma Igreja.......

«Precederão a isto na vespera luminarias; e no dia de tarde touros, mascaras, e varias danças. Esta obsequiosa demonstração de alegria em todos os vizienses, fez com que a obra *continuasse* (?) com mayor calor [2] de sorte que no mez de fevereiro de 1760 se achavão não só promptas duas enfermarias para homens, e mulheres, com 48 lugares; alem dos do venereo: mas juntamente huma especial casa separada com Roda para crianças engeitadas. Nas paredes exteriores do mesmo hospital, junto á sua porta, se collocarão para memoria porduravel de tão insigne bemfeitor duas grandes targes com as armas do dicto prelado, declarando o anno em que a tal obra se fizera—1759. [3]

[1] Tomo 3.º, L. 3.º cap. 11, fl. 232, v. e 233.
[2] O bispo D. Julio gostava *muito* de apparato e de festas.

P. A. F.

[3] JULIUS FRANCISCUS DE OLIVEIRA,
EPISCOPUS VIZIENSIS, REFECIT,
ET AMPLIAVIT. ANNO 1759.

Leonardo de Sousa.

«No *sobredito anno*[1], e no mez de março, mandou entregar as chaves de toda aquella nova estancia aos mesmos irmãos. Celebrarão elles da mesma sorte esta nova posse, como quando fizerão acceitação da offerta. Cantou a missa o rev. conego João Pereira; e fez o panegirico o rev. Manuel da Cunha, mestre que era no *Collegio da classe terceira*[2].

«Não poucos nem pequenos forão os gastos que nisto fez s. ex.ª, porem nunca lhe impedirão dar esmollas a outros necessitados. Até o *memorado anno de 1760* (?) não faltou em dar esmolla publica, e geral aos sabbados de manhã á sua porta. Havia dia em que se juntavão 500 pessoas; e a não vir a *ley da Policia*, continuaria na mesma acção até á sua morte. Porem como soccorria as faltas occultas dos moradores vizenses por mãos do seo esmoller; satisfazia para com Deos, nesta sua grande charidade.»[3]

—

O mesmo bispo *D. Julio* no anno de 1764, penultimo da sua existencia, deu á Misericordia para fundo do dicto hospital a importante somma de *dez contos de réis em dinheiro*, que por certo equivaliam a mais de *vinte contos da nossa moeda actual ?!...*

[1] Aqui ha uma emenda no texto e uma cota que diz *antecedente anno*.

A redacção é confusa n'este ponto, mas, pelo que se lê *infra* e *supra*, julgamos que o padre Sousa se referia *ao anno de 1760*.

[2] Do exposto se vê que o antigo *Seminario* de Viseu se denominava *Collegio*, nome que ainda hoje conserva o edificio onde funccionava e que lá se vê junto da Sé, á esquerda de quem entra, como já dissemos e diremos ainda no topico do *Paço Episcopal*.

Tambem se denominou *Collegio* o antigo *Seminario* de Lamego.

V. *Lamego* n'este diccionario e no supplemento.

[3] O marquez de Pombal tanto desconsiderou e magoou D. Julio que o *matou com desgostos*,—e em 1760, vendo a generosidade com que elle soccorria os pobres, pelo que todos o adoravam, até lhe prohibiu *o dar esmolas publicas* ?!... É isto o que diz o padre Sousa *muito a medo*, por estar ainda dictando a lei o marquez de Pombal.

V. o topico relativo a *D. Julio F. d'Oliveira*.

Era *muito esmoler* e *muito generoso*!

Tambem já em 1705 o bispo *D. Jeronymo Soares* havia feito importantes obras na enfermaria do mesmo hospital, para que os homens estivessem separados das mulheres, e deu tambem á Misericordia 2:000$000 réis, com a condição de que seriam postos a juro emquanto elle vivesse e que só depois da morte d'elle a Misericordia poderia dispor do proprio e juros. D'isto se lavrou escriptura nas notas do tabellião Antonio Coelho de Gouveia, a 13 de maio de 1705, sendo provedor Francisco de Lemos de Napoles,—escrivão Fradique Lopes de Sousa,—thesoureiro Antonio Figueiredo de Moraes—e procurador o dr. Francisco Loureiro da Veiga.

Se bem o determinou o santo prelado, melhor o cumpriram os benemeritos irmãos, pelo que a dicta somma, quando o prelado falleceu em 18 de janeiro de 1720, montava a doze mil crusados ou a 4:800$000 réis.[1]

Igual somma, ou 4:800$000 réis deu tambem á Misericordia em 1777 o bispo *D. Francisco Mendo Trigoso* para alimento dos convalescentes.

Tambem o bispo *D. Diniz de Mello e Castro* em 1639 estabeleceu um legado importante em predios rusticos, para que dos seus rendimentos a Misericordia de Viseu desse annualmente a cada uma das Misericordias de Pinhel, Trancoso e Vouzella a quantia de 15$000 réis—e ás de Aguiar da Beira, Algodres e Penalva 8$000 réis, ficando o restante á de Viseu para sustento de amas que criassem os filhos de mulheres pobres que não tivessem leite e para repartir as sobras (havendo-as) pelos presos doentes e por pessoas de bem, necessitadas.

Alem d'estas, recebeu a *santa casa* outras muitas esmolas de differentes bispos e de pessoas particulares, pelo que nos fins do ultimo seculo, dispondo já de bastantes recursos e sendo o seu hospital muito pequeno, resolveu edificar outro mais amplo. É o denominado

[1] *Catalogo* do padre Sousa, tomo 3.º fl. 115, v. e 116.

Hospital Novo [1]

Lançou-lhe com grande pompa a primeira pedra o bispo *D. Francisco Monteiro Pereira d'Azevedo* no dia 29 de março de 1793 e sob a mesma pedra se collocou um exemplar de todas as moedas portuguezas cunhadas até áquelle tempo no reinado de D. Maria I, a qual, por provisão de 12 de fevereiro de 1799, obrigou todos os concelhos da antiga comarca de Viseu a pagarem um real de contribuição por cada quartilho de vinho e arratel de carne em favor das obras do dicto hospital, mas muitos concelhos, allegando a distancia d'elles á séde da comarca, não quiseram sugeitar-se á dicta contribuição. Alguns foram compellidos judicialmente e outros nada pagaram até hoje, pelo que, aberto o novo hospital, a Misericordia se recusou a acceitar os doentes pobres d'aquelles concelhos e só mediante uma avença com as respectivas camaras os acceita,—avença que hoje é de 160 réis diarios pelo tractamento de cada doente pobre dos dictos concelhos.

Ignora-se quem fez a planta d'este hospital, mas sabemos que o mestre pedreiro Jacintho de Mattos, de Villar de Besteiros, arrematou a construcção das paredes por réis 30:000$000—e o mestre Manuel Ribeiro, de Viseu, arrematou as obras de madeiramento e ferragens por 13:600$000 réis.

A construcção correu lentamente e esteve alguns annos suspensa por falta de dinheiro e por causa da guerra da peninsula e das guerras civis posteriores.

Recebeu os primeiros doentes em 1842, estando incompleto ainda; continuaram porem as obras até o seu final acabamento, seguindo-se depois outras indicadas pela experiencia para melhorar o serviço clinico, a fiscalisação e administração, etc.

Em 1842 fez-se o grande portão de ferro da entrada para o edificio, pelo que n'elle se poz aquella data,—e em 1876 fez-se a bella escadaria semi-circular exterior, na entrada para o grande terreiro em fórma de parallelogrammo e que toma toda a frente do edificio,—terreiro ajardinado e circuitado por pilares de pedra e formosa gradaria de ferro, que fecha o terreiro por 3 lados, tendo em cada uma das 3 faces um portão de ferro tambem.

—

Este edificio é considerado o primeiro de Viseu e pela sua vastidão, magestade e solidez, pelo aceio que se nota n'elle *todo*, pela sua vantajosa situação e pelo seu bom serviço clinico, é hoje o primeiro hospital d'esta provincia e um dos primeiros do nosso paiz. [1]

Demora a S. de Viseu, a montante do velho hospital da Misericordia, em terreno enxuto, plano, alegre e vistosissimo, a pequena distancia da cidade e no ponto mais alto d'ella, pelo que muito prudentemente a santa casa n'elle collocou 3 *para-raios* para o defender das faiscas electricas, sendo para lamentar, como já dissemos, que os prelados e o cabido *até hoje* não tenham protegido a Sé tambem com *para-raios.*

Do *Hospital novo* se descobre um vastissimo horisonte limitado a O. e N. O. pelas serras da Gralheira e Caramulo;—a S. O. pela serra do Bussaco—e a S. e S. E. pela Serra da Estrella.

D'ali se descobrem tambem muitas povoações, algumas distantes mais de 50 kilometros, taes são Gouveia, Folgosinho e Linhares na pendente N. O. da Serra da Estrella.

A pag. 4 do *Album Visiense* (collecção do 2.º anno, 1886) pode ver-se em lithographia este hospital. Tem 2 pavimentos:—um ao *rez de chausseé*, com o grande portão de entrada, um espaçoso pateo bem lageado, e diversas repartições, avultando entre ellas a pharmacia, que está muito bem montada.—Occupa o angulo O. d'este pavimento; — é muito espaçosa;—tem muita luz—e pela sua

---

[1] V. o n.º 13 no topico *Edificios publicos brasonados.*

[1] A Misericordia de Lamego tambem traz ali em construcção no momento *um grande hospital* que, depois de concluido, talvez supplante este de Viseu!...

V. *Lamego* n'este diccionorio e no supplemento.

vastidão, exposição e aceio envergonha talvez *todas* as do nosso paiz,—exceptuando algumas de Lisboa. Envergonha mesmo a do grande hospital da Misericordia do Porto, sendo a dicta Misericordia *hoje a mais rica da Europa ?!...*

—

O 2.° pavimento tem na sua fronteria 9 grandes portas rasgadas, sendo maior a do centro, sobre a qual se ergue o frontão já descripto sob o n.° 13 no topico dos *Edificios publicos brasonados.*

Tem este hospital 4 enfermarias com os nomes de *S. João, S. Francisco, Sant'Anna* e *Senhora das Dores,*—mais duas para os irmãos da Misericordia—alguns quartos para pensionistas,—compartimentos para alienados e para presos doentes,—casa de banhos, casa d'autopsias, casa mortuaria, etc.

O movimento dos doentes d'este hospital em 1885 foi o seguinte :

Existiam em 1 de janeiro..........	102
Entraram durante o anno.........	1:824
Sairam............................	1:678
Falleceram	129
Ficaram existindo em 31 de dezembro..........................	119

Calcula-se o seu movimento annual em 1:900 doentes;—o numero d'obitos em 6 por cento;—e a despeza total por anno em réis 13:500$000, comprehendendo dietas e medicamentos, ordenado dos facultativos e enfermeiros, etc.

O serviço clinico é feito por 6 facultativos, sendo um d'estes operador.

Cemiterio

A pequena distancia do hospital e contiguo á cerca d'elle está o *Cemiterio Municipal de Viseu,* para o qual tem serventia propria por uma porta lateral.

O cemiterio foi feito em terreno da quinta ou cerca do *Hospital da Misericordia,* por transacção entre esta e a camara, consignada em escriptura publica de 17 de março de 1852,—e foi feito em seguida a expensas das duas corporações, acabando as obras em 2 d'abril de 1856. O seu chão é alto, plano e muito arejado,—tem capella propria e alguns mauzoleus—e está decente.

Na capella se vê o lindo pulpito de porphido (marmore da Arrabida) que esteve na Sé e depois na extincta egreja de *S. Martinho,* como já dissemos.

V. o n.° 2 no topico dos *Templos extinctos* —e no nosso *Catalogo dos bispos visienses* o topico relativo a *D. João de Mello.*

Desde 1842, data em que os doentes se transferiram para o novo hospital, a Misericordia cedeu o hospital velho, ou das *Chagas de Nosso Senhor Jesus Christo,* para n'elle se tractarem os militares doentes e depois o vendeu ao governo, em 1875, por réis 2:201$000, comprehendendo alem da casa um pequeno chão contiguo, onde se enterravam os doentes que falleciam n'aquelle hospital,—hoje *Hospital militar* da guarnição de Viseu.

Em 1842, quando se transferiram os doentes para o novo hospital e ficou devoluto o hospital velho, o provedor da Misericordia fez abrir a sepultura que estava na capella do dicto *hospital velho* e na qual jaziam os seus fundadores, como já dissemos. Ainda lá encontrou alguns restos mortaes,—ossos dos braços e as duas caveiras;—conduziu tudo com a maior decencia para a egreja da Misericordia;—fez-lhes ali exequias solemnes no dia 18 de julho do dicto anno,—e em seguida a irmandade com a sua bandeira acompanhou aquellas venerandas ossadas até o novo cemiterio, onde foram collocadas em nova sepultura, na qual se gravou uma inscripção para perpetuar a memoria dos benemeritos finados.

Lamentamos que não transferissem tambem para o novo cemiterio com as ossadas d'aquelles piedosos fundadores a *propria sepultura* em que jaziam, porque era muito decente e tinha pelo lado interior pintados differentes emblemas que bem revelavam a piedade dos dois esposos,—como diz F. Manuel Correia. Alem d'isso era um monumento venerando pela sua antiguidade e lá ficou em abandono!...

—

Antes da construcção d'este *cemiterio mu-*

nicipal os enterramentos da cidade de Viseu eram feitos nas egrejas e o primeiro e mais antigo de que ha memoria em Viseu estava junto da egreja de *S. Miguel do Fetal.*[1] Isto se prova evidentemente com a *Vida de S. Theotonio*, escripta por um seu contemporaneo e discipulo, tambem conego regular e prior de Santa Cruz, nos fins do seculo XII ou principios do seculo XIII,—documento autographo e de todo o ponto *authentico*, transcripto no *Portugaliae Monumenta*[2] do codice n.º 52 da *Bibliotheca Municipal do Porto.*

Aquelle precioso documento é latino, mas em vulgar os numeros citados dizem entre outras coisas o seguinte:

«S. Theotonio, estando em Viseu, primeiramente como prior e depois como simples padre, reprehendia os peccadores sem attenção a pessoas. Assim estando um dia na Sé pregando e achando-se presentes a rainha D. Theresa e o conde D. Fernando Peres de Trava, com o qual vivia maritalmente, sendo viuva, estes coraram de vergonha;—sairam pela porta fóra—e não se atreveram a castigal-o, nem mesmo a increpal-o.

«Outro dia, em um sabbado, estando S. Theotonio na Sé para celebrar missa a Nossa Senhora, segundo o seu costume, a rainha D. Theresa, chegando á porta da Sé n'esse instante, mandou-lhe dizer que abreviasse a missa. Respondeu—que outra rainha, a *Rainha do ceu*, muito mais nobre e mais santa lhe mandava celebrar a missa com pausa e veneração—e que a rainha D. Theresa podia livremente assistir á missa, ou retirar-se.

«Ficou a rainha envergonhada com a resposta e respeitando cada vez mais a santidade de D. Theotonio, pois, terminada a missa, chamou-o a o seu palacio,—pediu-lhe perdão de joelhos—e prometteu não mais fallar tão levianamente das coisas santas.

«Costumava elle celebrar nas sextas feiras por todos os fieis defuntos, *na capella de S. Miguel* (do Fetal) *extra muros, no cemiterio da cidade de Viseu* (?) sendo sempre grande a concorrencia dos fieis;—no fim da missa fazia procissão das almas pelo cemiterio—e por ultimo distribuia pelos pobres as muitas e diversas oblatas que os fieis lhe davam, segundo o costume *illius regionis.*»

Do exposto se vê que nos principios do seculo XII o cemiterio de Viseu estava contiguo á egreja de *S. Miguel do Fetal.*

V. o topico relativo ao prior *S. Theotonio.*

Azylo de Invalidos

A pequena distancia do *Hospital Novo* e na cerca d'elle tem a Misericordia tambem um *Azylo de Invalidos*, onde alberga e sustenta 16 infelizes,—8 de cada sexo.

Em 21 de dezembro de 1855 resolveu a Misericordia fundar um *Azylo* para 20 invalidos, mas por falta de meios ainda não estava feita a casa em 1869, pelo que em 16 de maio do dicto anno a Misericordia deliberou receber, como recebeu, os primeiros 12 invalidos em um edificio provisorio e ali se conservaram. Finalmente, em agosto de 1882, quando vieram a Viseu el-rei o sr. D. Luiz e sua esposa a rainha D. Maria Pia, por occasião das festas da inauguração *solemne* da linha ferrea da *Beira Alta*[1], a Misericordia lançou a primeira pedra ao novo edificio do *Azylo*, que ainda está muito longe da sua conclusão.

Apenas tem construida a frente, achando-se as obras suspensas ha muito.

Demora em sitio alto, alegre e vistoso, defronte do hospital e distante d'elle cerca de 300 metros, no sitio da *meia laranja*, sobre a estrada nova a macadam da Mealhada, que lhe passa a O., ficando a frente para N. a pegar com a estrada nova, que vae d'esta meia laranja para o cemiterio e communica a da Mealhada com a districtal, que vae para Nellas[2].

---

[1] V. este titulo supra, pag. 1565, col. 2.ª e seguintes.

[2] Tomo *Scriptores*, pag. 81, col. 1.ª, n.os 5, 6 e 7. São estes os numeros que vamos transcrever, mas o documento é muito mais longo.

---

[1] Esta linha já estava aberta ao transito.

[2] É lamentavel que, tendo terreno a esco-

Azylo de Infancia desvalida

Demora na nova estrada que do *Rocio de Santo Antonio* (*Passeio de D. Fernando*) conduz á *Ribeira*, e é um edificio espaçoso, imponente e muito regular.

Foi aberto em 14 de junho de 1874 e esteve primeiramente e provisoriamente na rua *Direita*, donde passou em 1875 para a rua da *Regueira* e d'ali para o seu novo e actual edificio, que foi principiado em 1876 e concluido em 14 d'agosto de 1879.

Hoje, 1887, o numero de azylados é de 50, sendo 25 do sexo masculino, e 25 do feminino. Ainda não está cheio este numero, mas espera-se preenchel-o em breve, e tem capacidade para receber 100 creanças.

Alem da casa da aula, secretaria e quartos para os empregados, tem 5 extensas e bellas camaratas,—3 no primeiro pavimento para meninos,—e 2 para meninas, no segundo pavimento.

O seu pessoal estipendiado é o seguinte: 1 professor, 1 professora, 1 directora, 1 prefeito e 2 criados.

Formam o seu fundo alguns donativos e um subsidio permanente dado pela junta geral do districto, alem do producto eventual de subscripções e espectaculos.

Estiveram alojadas no *rez de chaussée* d'este edificio a repartição de fazenda, a recebedoria do concelho e a secretaria da camara municipal, até os principios do corrente anno de 1887, data em que se transferiram para os novos paços do concelho.

O azylo tem aulas de instrucção primaria para os dois sexos e de lavores para as meninas.

—

Este *Azylo de Infancia* é destinado a receber as creanças desvalidas dos 13 concelhos ao sul d'este districto, porque as dos outros 13 concelhos do norte são recebidas no *Azylo de Lamego*, inaugurado em 1868.

Como a *Junta geral* d'este districto subsidiava e subsidia ainda hoje aquelle *Azylo*, resolveu fundar outro em Viseu, para o que, por iniciativa do governador civil, foram em 1873 creadas n'aquelles 13 concelhos commissões encarregadas de promover e colligir donativos e, desde que se inaugurou em 14 de junho de 1874, foi entregue a uma direcção eleita pelos subscriptores em assembléa geral, como dispoem os seus estatutos.

O subsidio da *Junta* a principio foi de 500$000 réis por anno, mas depois foi subindo e hoje monta a 1:500$000 réis annuaes. Tambem recebe 600$000 réis por anno de rendimento de fundos publicos que já tem adquirido—e 500$000 réis de subscripções particulares.

Não recebe creanças menores de sete annos e a principio logo que chegassem aos 14 annos eram despedidas e entregues ás suas familias, ou collocadas pela direcção na aprendisagem de qualquer arte ou officio; foram porem reformados os estatutos no sentido de poderem as creanças permanecer no Azylo até a idade de 18 annos, construindo-se officinas contiguas ao edificio para n'ellas aprenderem as artes e officios de mais prompta applicação.

Tambem se projecta crear no Azylo uma cadeira de desenho e um gymnasio, mas lucta com falta de meios, posto que até hoje a sua administração tem sido muito economica, muito zelosa e digna de todo o louvor.

O Pelicano da Sé

Uma das obras d'arte mais antigas e mais interessantes que Viseu possue é um *pelicano* de bronze, muito bem cinzelado, que esteve muito tempo decorando uma grimpa das torres da Sé e que hoje se vê no altar-mór servindo de estante, pois para estante foi feito.

No *Album Visiense*, a pag. 87, se encontram duas lithographias representando o tal *pelicano* de *lado* e de *frente*, desenhado pelo sr. José d'Almeida e Silva, illustrado e benemerito director do dicto *Album*, e que tambem dedicou ao celebre *pelicano* o artigo seguinte:

———

lher, deixassem este edificio quasi sem terreiro na frente, e o angulo occidental d'elle obtuso para facear com as duas estradas.

«Damos hoje [1] á estampa esta obra d'arte assaz importante, já por a epocha da sua factura, já por a sua bella execução.

«Estamos convencidos de que, para alguem, não só o pelicano, como todas as obras d'arte antigas que apresentamos de vez em quando no *Album*, são coisas de nulla importancia. Sentindo immenso tal pensar, não desistimos porem d'estes assumptos, porque são importantes e uteis.

«Ha tres annos, um grupo de illustres sabios do nosso paiz tentou promover uma *Exposição d'arte ornamental*, o que brilhantemente realisou [2].

«Para isto espalhou-se o referido grupo pelo reino, vindo a Viseu o mallogrado dr. Simões de Carvalho, que levou da nossa Sé para a dicta *Exposição* uma biblia, um calix, uma capa d'asperges, um relicario de bronze e o pelicano do mesmo metal, que foi desencantar da grimpa do campanario do relogio, onde estava. [3]

«De então para cá, principiou a *vida feliz* d'este chamado *pelicano*, que por fim de contas nada tem de palmipede, mas sim tudo de abutre, podendo se chamar muito á vontade uma *aguia*.

«Como se sabe, os entendedores classificaram esta aguia de *obra d'arte*, dando-lhe *quinhentos annos* de existencia. [1]

—

«Concordaram que foi feita para servir de estante e que ha apenas uma outra egual na Belgica. Mandaram-lhe pôr umas pernas de bronze, porque as primitivas haviam sido decepadas, e offereceram por ella 500$000 réis ao cabido da Sé de Vizeu, o qual—honra lhe seja feita—recusou a offerta, para assim conservar objectos de valor. Porem alguns *Romeus* da archeologia artistica enamoraram-se da aguia—a *Julieta*,—a ponto de não lhe permittirem regressar aos penates [2].

---

[1] Refere-se ao mez de março de 1885.

[2] A dicta *Exposição* foi feita a expensas do governo, por decreto de 22 de junho de 1881, em Lisboa, no antigo palacio do marquez de Pombal, hoje *Museu de Bellas Artes*.

Foi presidente da commissão central directora S. M. el-rei D. Fernando, que nomeou duas commissões executivas,—uma portugueza, outra hespanhola, porque a exposição devia comprehender e comprehendeu obras d'arte das duas nações.

A commissão executiva portugueza era formada pelos cavalheiros seguintes:

—Delfim Deodato Guedes,—presidente.
—Antonio Thomaz da Fonseca.
—Ignacio de Vilhena Barbosa.
—Augusto Carlos Teixeira d'Aragão.
—Francisco Marques de Sousa Viterbo.
—José Luiz Monteiro.
—Dr. Augusto Filippe Simões,—secretario.

Tiveram todos um trabalho insano, já percorrendo as nossas provincias (ao dr. Simões tocou esta da Beira) para colligirem os diversos artigos, já tractando da sua installação e catalogação, etc.

Foi uma Exposição brilhantissima!...

V. *Lisboa* no supplemento a este diccionario.

[3] Temos sobre a nossa mesa de estudo os 2 interessantes volumes do *Catalogo da Exposição* e d'elles se vê que a cidade de Viseu foi uma das que melhor se apresentou na dicta *Exposição*.

Da propria Sé ali figuraram outros artigos, entre elles a grande e bella custodia dada pelo bispo e cardeal D. Miguel da Silva em 1533. D'ella póde ver-se a gravura no tomo *das estampas* sob o n.º 69—e no tomo *com o texto*, sob o n.º 63, se lê o seguinte:

«*Custodia de prata dourada.* Altura 0m,61. A base, de forma oblonga e com fortes chanfros, é ornada de ramagens. Em roda tem a seguinte inscripção em caracteres romanos: *Michael Sylvivs episcopvs visens D. An. M.D.XXXIII.*

«O nó é formado de arcarias gothicas. O relicario está entre duas columnas ornadas com as imagens de S. Sebastião e S. Braz (?) Sobre as columnas ergue-se uma cupula de rendilhados, contendo a imagem do Salvador e encimada por uma urna, cujo remate falta.»

Cederam tambem para a dicta Exposição numerosos e valiosos artigos muitos cavalheiros de Viseu, nomeadamente o *conde de Prime* e *Bento de Queiroz*.

[1] O *Catalogo* (tomo com o *texto*, pag. 30, n.º 242) diz textualmente o seguinte.—«Estante de côro, de bronze. Altura 0m,62. Tem a fórma de pelicano e é provavelmente obra flamenga do fim do seculo xv.» Não lhe deram pois 500 annos d'existencia, mas 383, porque a exposição teve logar em 1882.

[2] Effectivamente o governo tentou adqui-

«D'aqui, grave questão na imprensa do paiz, dando-se por fim o seu a seu dono, ficando os pobres amantes sem a aguia *e sem as pernas que lhe mandaram pôr!*

«Depois de uma ausencia de um anno chegou a aguia a Viseu, onde foi recebida com todas as demonstrações d'apreço, indo occupar altivamente o centro do côro alto da Sé, d'onde passou ha pouco tempo para o altar mór, no qual serve actualmente de estante. A aguia é digna da apreciação que lhe fizeram.

«Aos que julgarem este trabalho artistico um *passarôllo* qualquer, recommendamos que o examinem de perto para gosarem não só a perfeição das camadas de pennas, como tambem o ser tudo aquillo aberto a buril, e feito no seculo XIV.

«A. Silva.»

—

A historia do tal *passarôllo* fez-me recordar a da celebre *cabicanca*, terror d'Aguiar da Beira;[1] mas parece averiguado que a tal *cabicanca* era uma inoffensiva e pobre cegonha, em quanto que o *passarôllo* de Viseu ainda não está bem definido.

Tem pernas curtas e grossas,—garras medonhas—peito proeminente,—pescoço recurvado,—bico tambem recurvado e tocando o peito, — cauda estendida, — asas crespas e abertas, como para lucta (não estendidas) com os côtos levantados e as extremidades caidas em linha vertical, formando a estante, —e na extremidade das azas tem um travessão que segura os livros.

Com a historia da celebre *cabicanca* e do tal *passarôllo*, pelicano, abutre ou aguia, estou prefazendo os meus 55 annos, pois já soaram as 12 horas da noite de 13 de novembro de 1887 e eu nasci em 14 de novembro de 1832, como disse o meu antecessor nos artigos *Corvaceira, Miragaya* e *Penajoia.*

ril-a para o *Museu de Bellas Artes*—e lá estaria bem melhor do que na *grimpa da torre*, onde os rev.^{os} conegos a tinham e teriam ainda hoje, se de lá não a tirasse o fallecido dr. Simões. Foi elle quem a *desencantou* e lhe deu a celebridade que hoje tem, pois os rev.[os] conegos *mal a conheciam* e não lhe ligavam importancia alguma!...

[1] V. tomo 1.º pag. 38, col. 2.ª

Paços do concelho

Os antigos paços do concelho estavam na travessa do *Chão do Mestre*, a montante da velha *Praça do Commercio* ou de *Luiz de Camões*;—suppõe-se que eram muito humildes—e foram devorados por um incendio no dia 8 d'agosto de 1796. A camara tentou restaural-os e chegou a dar principio ás obras, mas não as concluiu.

Desde o incendio estiveram em differentes edificios; — durante a feira de *S. Matheus* tambem a camara funccionou na *Casa Municipal da Ribeira*, como já dissemos a pag. 1552;[1] nos ultimos annos occupou os baixos do *Azylo da Infancia desvalida*, como dissemos no topico antecedente,—e desde os principios de 1886 installou-se nos seus novos paços que mandou fazer no *Rocio de Santo Antonio*, hoje *Passeio de D. Fernando*, onde funccionam tambem desde aquella data outras repartições publicas:—tribunal judicial, administração do concelho, escrivania da fazenda, commissariado da policia, etc.

É um edificio muito amplo e muito bem situado;—o primeiro dos edificios publicos modernos de Viseu, depois do *Hospital Novo* da Misericordia.

A camara deu principio aos seus novos paços no dia 24 de setembro de 1887[2] no

[1] Estiveram tambem por mais de 12 annos todas as repartições da camara, na rua da Calçada, nas casas de Nicolau de Mendonça, de S. Salvador, e d'ali se mudaram para os baixos do Azylo, como acima indicamos.

[2] No mesmo anno foi feita (pela 3.ª vez!) a ponte de pau na *Ribeira*, ao fim da rua de Viriato,—e tambem se deu principio á nova *Praça 2 de Maio* e á nova rua que vae da rua *Formosa* para a de *S. Domingos* e para a *Praça Velha* ou de *Luiz de Camões.*

chão que occupavam as casas e quintal do conde de Fornos e uma pequena parte da quinta de Joaquim Machado da Silveira, a O. do Passeio de D. Fernando,—passeio que ficou mais espaçoso com aquelles chãos e mais alindado com o grande edificio.

Traçou a planta o distincto engenheiro visiense, José de Mattos Cid—e dirigiram a construcção primeiramente o engenheiro Fernando Victor Mendes d'Almeida—e em seguida até hoje o sr. Antonio Cazimiro de Figueiredo, coronel d'engenheiros e director das obras publicas d'este districto.

Tem o novo *palacio municipal* 2 pavimentos e um grande numero de casas para as seguintes repartições:—tribunal, conservatoria, contadoria e cartorios do 1.º, 2.º, 3.º e 4.º officios da comarca,—sala de sessões, secretaria, recebedoria e cartorio da camara,—bibliotheca municipal,[1] administração e recebedoria do concelho, etc.

Foi orçada a construcção em 43 contos e n'esta data (novembro de 1887) ainda continuam as obras.

Cadeia Civil

Estava no *rez de chaussée* da antiga casa da camara, incendiada em 1796 e,—não sabemos bem desde quando, talvez desde aquella data,—funcciona em uma das velhas *torres romanas*, que foi *Aljube* ou prisão ecclesiastica.

É uma masmorra immunda, vergonha de Viseu e do nosso paiz.

Armas de Viseu
e a
Lenda de D. Ramiro

É este um dos topicos mais emmaranhados e mais impertinentes na historia d'esta cidade e um dos que mais nos incommodou, sem podermos liquidar bem a questão.

Tivemos de consultar e folhear muitos livros, principiando pelo *Portugaliae Monumenta*, cujo aspecto faz tremer! Consultámos tambem a *Hist. Geneal. da Casa Real*, a *Monarchia Lusitana*, os *Dialogos* de Botelho, os poemas de João Vaz e de D. Bernarda Ferreira de Lacerda, o romance *Miragaya* de Almeida Garrett, a *Chorographia Port.* do Padre Carvalho, as *Cidades e Villas* do sr. Vilhena Barbosa, etc., etc. Podiamos escrever um livro sobre o assumpto, mas apenas diremos o seguinte:

As armas actuaes de Viseu são as armas reaes portuguezas das quinas e 7 castellos, mas outr'ora teve por armas «um escudo coroado e n'elle um castello de prata em campo azul, banhado por um rio;—de um lado do castello a figura de um homem com trajos de peregrino, tocando uma buzina, e do outro lado um pinheiro. Achamol-o ainda descripto por outro modo, consistindo a differença em estar sobre as ameias do castello o homem que toca a buzina [1].

«A lenda, que deu origem a este brasão, cantou-a Garrett na sua lyra d'ouro. Posto que se fez popular essa linda poesia, que o nosso grande poeta intitulou *Miragaia*, como poderá ser desconhecida para alguns dos nossos leitores, vamos referir a lenda succintamente, e com a ingenuidade com que a narra a tradição.

—

«D. Ramiro II, rei das Asturias e de Leão, que reinou desde o anno de 931 até o de 950, n'uma excursão que fez de Viseu, onde então residia, por terras de moiros, viu e enamorou-se da formosa *Zahara*, irmã de Alboazar, rei moiro, ou alcaide do castello de Gaia sobre o rio Douro.

«Recolheu-se D. Ramiro a Vizeu com o coração tão captivo, e a razão tão perdida, que sem respeito aos laços, que o uniam a sua esposa *D. Urraca*, ou, como outros lhe chamavam, *D. Gaia*, premeditou e executou o rapto de Zahara.

«Emquanto o esposo infiel se esquecia de

---

[1] A *Bibliotheca* ainda se acha no edificio do *Collegio*, antigo *Seminario*, como logo diremos, quando fallarmos d'ella.

[1] *Cidades e villas* do sr. Vilhena Barbosa, tomo 2.º pag. 187.

Deus e do mundo nos braços da moira gentil, n'um palacio á beira mar, o vingativo irmão de Zahara, trocando affronta por affronta, veiu de cilada, protegido pela escuridão de uma noite, assaltar e roubar nos seus proprios paços a rainha *D. Gaia*.

«A injuria vibra n'alma de Ramiro o ciume e o desejo de vingança.

«O ultrajado monarcha vôa á cidade de Vizeu, escolhe os mais valentes d'entre os seus mais aguerridos soldados, e lá vae á sua frente caminho do Douro.

«Chegando á vista do castello d'Alboazar, deixa a sua cohorte occulta n'um pinhal, e disfarçado em trajos de peregrino, dirige-se ao castello, e por meio de um annel, que faz chegar ás mãos de D. Gaia, lhe annuncia a sua vinda.

«O peregrino é introduzido immediatamente á presença da rainha, que fica a sós com elle. Alboazar tinha ido para a caça. D. Ramiro atira para longe de si as vestes e as barbas, que o desfiguravam, e corre a abraçar a esposa. Esta porem repelle-o indignada, e lança-lhe em rosto a sua traição.

«No meio de um vivo dialogo de desculpas de uma parte, e de recriminações da outra, volta da caçada Alboazar. D. Ramiro não póde fugir. Já se sentem na proxima sala os passos do moiro. A rainha, parecendo serenar-se, occulta o marido n'um armario, que na camara havia.[1] Mas apenas entrou Alboazar, ou fosse vencida d'amor por elle, ou cheia d'odio para com o esposo pela fé trahida, abre de par em par as portas do armario, e pede vingança ao moiro contra o christão traidor.

«D'ahi a pouco era levado el-rei D. Ramiro a justiçar sobre as ameias do castello. Chegado ao logar da execução pediu o infeliz, que lhe fosse permittido antes de morrer despedir-se dos sons accordes da sua buzina. Sendo-lhe concedida esta derradeira graça, D. Ramiro empunha o instrumento, e toca por tres vezes com todas as suas forças.

[1] Quasi todas as lições divergem n'este ponto.

P. A. Ferreira.

«Era este o signal ajustado com os seus soldados, escondidos no proximo pinhal, para que, ouvindo-o, lhe acudissem apressadamente. Portanto n'um volver d'olhos foi o castello cercado, combatido, tomado, e depois incendiado. A desprevenida guarnição foi passada ao fio da espada, e Alboazar teve a sorte dos valentes:—expirou combatendo. E D. Gaia, como ao passar o Douro para a margem opposta, se lastimasse e móstrasse dôr, vendo abrazar-se o castello, foi victima tambem do ciume de D. Ramiro, que cego d'ira a fez debruçar sobre o bordo do barco, cortando-lhe a cabeça de um golpe d'espada.

«A' fortaleza em ruinas ficou o povo chamando o *castello de Gaia*, e á margem do rio, onde aportou o barco de D. Ramiro, deu-lhe o nome de *Miragaia*, em memoria d'aquelle fatal mirar da misera rainha.

—

«Tal é a lenda, que deu origem ao brasão de Vizeu, em honra da parte que os seus habitantes tomaram n'aquella empresa, — diz ainda o sr. Vilhena Barbosa. O castello representa o d'Alboazar;—o rio que tem por baixo, o Douro;—o peregrino D. Ramiro,—e o pinheiro o bosque em que se escondeu a sua gente.

«Usou a camara municipal d'este brasão até 6 d'agosto de 1796, em que arderam os paços e a cadêa. Sendo necessario fazer um novo estandarte, e novo sinete, resolveu deixar o antigo brasão, adoptando o escudo das armas reaes. Não sabemos o motivo da mudança; mas suppomos que seria por se julgar fabulosa a lenda. Todavia, se foi esta a razão, não a achamos boa, seja a lenda fabula ou historia. Em qualquer caso tinha o primeiro escudo em seu favor os respeitos da antiguidade, e a vantagem de ter a cidade um brasão propriamente seu.

«A lenda póde ser fabulosa, e, sel-o-ha talvez em grande parte, mas *não no todo*. D. Ramiro II roubou a moira Zahara, irmã ou filha d'Alboazar, a qual se fez christã, tomando no baptismo o nome de *Artida*, ou *Artiga*. Repudiando a rainha D. Urraca, casou, segundo uns, ou viveu amancebado, segundo outros, com Zahara, de quem teve um

filho, chamado D. Alboazar Ramires, que foi o primeiro fundador do mosteiro de Santo Thirso, cinco legoas acima da cidade do Porto.»

—

Assim contou a lenda o sr. Ignacio de Vilhena Barbosa, nosso bom amigo e mestre e um dos mais illustrados e *mais conscienciosos* escriptores contemporaneos, mas de modo *bem differente* a contaram o meu antecessor no artigo *Ancora*, rio, tomo 1.° pag. 208, col. 2.ª, [1]—Fr. Bernardo de Brito na *Monarchia Lusitana*—e o dr. Botelho nos seus *Dialogos*. Differem tambem *muito* todos os outros auctores que se occuparam da dicta lenda, nomeadamente Bernarda Ferreira de Lacerda, [2] João Vaz, seu contemporaneo [3] e Almeida Garrett, o que não admira, por terem a seu favor a liberdade de poetas. Note-se porem que Bernarda Ferreira na *Hespaña Libertada* acompanhou a historia *muito de perto*—e João Vaz na introducção ao seu poema dá em resumo a pretendida *historia* ou *lenda* de D. Ramiro.

Todas as lições divergem e tanto que não nos foi possivel extremar a parte historica da parte fantastica da lenda.

No mesmo *Nobiliario do Conde D. Pedro* ha duas lições *muito differentes*,—uma no *Livro velho das Linhagens*, ou na *Parte II* d'aquelle antiquissimo nobiliario (edição do *Portugaliae Monumenta*)—outra na *Parte IV* tit. 21. Fr. Bernardo de Brito que, segundo alguem diz, foi o primeiro que deu curso á lenda, [1] seguiu a lição do *Nobiliario*, mas a da *Parte IV*, por ser mais poetica e minuciosa do que a da *Parte II*. D'esta nem fez menção! E acceitou sem escrupulo a lenda, tomando-a como facto historico, *digno de todo o credito*?!...

Não fantasiamos.

No *argumento* do citado cap. 21 da *Parte II* da *Monarchia Lusitana* diz elle textualmente o seguinte:

Do successo que aconteceo a el Rey D. Ramiro com Alboazar Iben Albucadan, e da certesa (?) que ha nesta materia...

Abre depois o capitulo dizendo:

«O credito e authoridade do Cõde Dom Pedro [2], filho del Rey Dõ Dinis, me força a tratar hua materia deste Rey D. Ramiro, que na opinião de algũs não he avida por mui certa...» — mas insurge-se contra os incredulos, dizendo que não devemos despresar *as verdades (?) antigas envoltas na simplicidade d'aquelles primeiros tempos...* —e que elle não podia deixar de *respeitar as cousas de muitos annos, como verdade irrefragavel (?) porque nossos antepassados, inda que fossem pouco polidos no que escreviam, erão todavia muy escrupulosos, e firmes na certesa do que contavão (?!...) par-*

[1] V. tambem os artigos *Areosa*, *Burgo velho*, *Cabriz*. *Carreço*, *Gaia*, *Miragaya* e *Porto* n'este diccionario,—a *Monarch. Lusit.* parte II, cap. 21,—e o *Dialogo* 2.° do dr. Botelho, cap. 1.°

[2] Esta sabia poetisa nasceu no Porto em 1595 e falleceu em Lisboa, onde jaz, em 1644 ou 1645.

Do seu poema *Hespaña Libertada* foi publicada a 1.ª parte em 1618 e a 2.ª em 1673.

É um poema lindissimo em 8.ª rima e n'elle se encontra a lenda de D. Ramiro no *canto* 6.° da parte 1.ª

[3] Ignora-se quando nasceu e quando falleceu. Apenas sabemos que era natural de Evora—e suppomos que foi contemporaneo de D. Bernarda Ferreira de Lacerda, porque segundo se lê na *Bibl. Lusit.* a 1.ª edição do poema de João Vaz é de 1601. Depois foi reimpresso em 1630 e 1641. D'esta ultima edição é a copia que se encontra nos *Dialogos* do dr. Botelho (*codice de Girabolhos*).

[1] O *Diccionario Bibliographico* de Innocencio dá como *duvidosa* a edição de 1601 do poema de João Vaz—e tem a data de 1609 a *Parte II* da *Monarchia Lusitana* onde Fr. Bernardo de Brito contou a lenda no cap. 21.

[2] Em cota marginal cita o tit. 21 da *Parte IV* sem fazer a minima referencia á lição da *Parte II*, que differe muitissimo!

Fr. Bernardo de Brito era um sabio de primeira plana, mas nada consciencioso e muito vaidoso. Assombrou todos os seus contemporaneos, mas depois verificou-se ter fabulado muito, o que é para lamentar!...

ticularmente o Conde D. Pedro, que como filho de Rey, e pessoa de tãta qualidade não contaria cousa cõposta de sua cabeça, posto que agora nos pareção alguas dellas duvidosas de crer...

—

E logo principia a contar a lenda, seguindo a lição do tal tit. 21 do *Nobiliario* e acceitando-a *toda* sem escrupulo, incluindo a parte em que diz que o sabio astrologo ou feiticeiro judeu Aman raptou do castello *por suas artes* certa noite a filha ou irmã do rei mouro e que a levára a D. Ramiro?!...

Este simples topico basta para nos convencermos da *verdade irrefragavel* da lenda e do *são criterio* do auctor do *Nobiliario* e de Fr. Bernardo de Brito.

Arcades ambo!...

O chronista mór de Cister ainda queria mais, pois lamenta que o *Nobiliario* não *especifique os particulares que houve na materia* do rapto, ou *as artes* que empregou Aman para tirar do castello a moura sem que ninguem *o sentisse*. Condoeu-se de Fr. Bernardo de Brito a mimosa poetisa D. Bernarda Ferreira, pois no seu poema descreve com vivas côres e muito minuciosamente o processo e *artes* que empregou Aman no rapto da gentil moura.

Tambem alguem estranhou que Alboazar, —vivendo no castello de Gaia, junto da fronteira leonesa, mettendo-se de permeio apenas o Douro, e devendo receiar algum insulto da parte de D. Ramiro tão energico, tão valente e tão *mauzinho* que havia tirado os olhos ao seu proprio irmão mais velho e a tres sobrinhos, por lhe disputarem a corôa,—não estivesse devidamente apercebido, jamais depois que lhe roubou (?) a mulher e a levou para o dicto castello de Gaia.

Foi esta lacuna preenchida por João Vaz nas estancias 88, 89, 102, 103 e 104 do seu poema.

—

Tambem Garrett preencheu outras lacunas e deu novos cambiantes á lenda com o seu inspirado estro, evocando a tradição e as reminiscencias locaes, pois nasceu em 1799 na freguezia de *Miragaya*[1]—e viveu alguns annos em *Gaya*[2], como elle proprio diz na introducção ao seu lindo romance *Miragaia*.

Este romance foi publicado a primeira vez no *Jornal das Bellas Artes*, Lisboa, 1845, tomo 1.º;—posteriormente foi vertido em inglez;—depois em francez por Zanole—e em castelhano por Isidoro Gil. Nós referimo-nos á publicação feita no *Romanceiro*, 3.ª edição, Lisboa 1853, tomo 1.º pag. 199-264.

Na introducção diz o auctor:

«Este romance é a verdadeira reconstrucção d'um monumento antigo. Algumas coplas são textualmente conservadas da tradição popular, e se cantam no meio da historia *rezada*, ainda hoje repetida por velhas e barbeiros do logar. O conde D. Pedro e os chronistas velhos *tambem fabulam cada um a seu modo (?) sobre a legenda*. O auctor, ou mais exactamente, o *recopilador* (Almeida Garrett) seguiu muito pontualmente a narrativa oral do povo e sobre tudo quiz ser fiel ao stylo, modos e tom de contar e cantar d'elle; sem o quê, é sua intima persuasão que se não póde restituir a perdida nacionalidade á nossa litteratura.

....

«Foi uma das primeiras coisas d'este genero em que trabalhei,[3] e é a mais antiga reminiscencia de poesia popular que me ficou da infancia, porque eu abri os olhos á primeira luz da rasão nos proprios sitios em que se passam as principaes scenas d'este

---

[1] Na rua do Calvario, n.º 15.

V. *Miragaya*, tomo 5.º pag. 277, col. 1.ª

[2] E nós nascemos em 1832 na *Penajoia*, em frente das *Caldas do Molledo*, mas temos visitado muitas vezes *Gaia*, porque vivemos *tête à tête* em *Miragaya* desde 1864.

V. *Corvaceira*, *Penajoia* e *Miragaya*, tomo 5.º pag. 250, col. 1.ª

[3] No mesmo livro se encontram mais 6 romances do mesmo auctor:

—Adozinda;
—Bernal—francez;
—Noite de S. João;
—O Anjo e a Princeza;
—O chassim d'el-rei e
—As Pêgas de Cintra.

romance. Dos 5 aos 10 annos de idade vivi com meus paes n'uma pequena quinta, chamada *O Castello*, que tinhamos áquem Douro e que se diz tirar esse nome das ruinas que ali jazem do castello mourisco.

«Na ermida da quinta se venerava uma imagem antiquissima de Nossa Senhora com a mesma invocação *do Castello*, e com sua legenda popular tambem, segundo o costume [1].

«Com os olhos tapados eu iria ainda *hoje* [2] achar todos esses sitios marcados pela tradição. Muitas vezes brinquei na *fonte do rei Ramiro*, cuja agua é deliciosa com effeito; e tenho idéa de me haver custado caro, outra vez, o imitar com uma gaita da feira de S. Miguel, os toques da busina de S. M. Leonesa, impoleirando-me, como elle, n'um resto de muralha velha do castello d'el-rei Alboazar, o que meu pae desapprovou com tão significante energia, que ainda hoje me lembra tambem.

«Assim olho para esta pobre *Miragaya* (refere-se á poesia, não á freguezia de Miragaya) como para um brinco meu de criança que me apparecesse agora; e quero-lhe —que mal ha n'isso?—quero-lhe como a tal

«Lisboa 24 de janeiro de 1847.»

—

Principia Garrett assim:

CANTIGA PRIMEIRA

Noite escura tão formosa,
Linda noite sem luar,

As tuas estrellas de oiro
Quem as poderá contar?

Quantas folhas ha no bosque,
Areias quantas no mar?...
Em quantas lettras se escreve
O que Deus mandou guardar.

....

Bem ledo está D. Ramiro
Com sua dama a folgar;
Um perro bruxo judio
Foi causa de elle a roubar.

....

E n'esta adoravel cadencia prosegue o mavioso poeta, terminando d'esta fórma:

CANTIGA QUARTA
(*e ultima*)

—«Sanctiago!... Cerra, cerra!
Sanctiago, e a matar!»
Abertas estão as portas
Da torre de par em par.

Nem atalaias nos muros,
Nem roldas para os velar...
Os moiros despercebidos
Sentem-se logo apertar

De um tropel de leonezes
Já portas a dentro a entrar;
Deixa a buzina Ramiro
Mão á espada foi lançar.

E de um só golpe fendente,
Sem mais pôr nem mais tirar,
Parte a cabeça até os peitos
Ao rei moiro Alboazar...

Já tudo é morto ou captivo,
Já o castello está a queimar;
Ás galés com o seu despojo
Se foram logo a imbarcar.

—«Voga, rema! d'alem Doiro
Á pressa, á pressa, a passar,
Que já oiço ali na praia
Cavallos a relinchar.

---

[1] Hoje (1887) já não existem a quinta nem a capella.
A quinta foi retalhada e a capella demolida!...
P. A. Ferreira.

[2] Referia-se ao anno de 1847 e (triste coincidencia!...) *hoje*, na data em que estou escrevendo estas linhas,—9 de dezembro de 1887,—está passando o seu luctuoso anniversario, pois o chorado poeta falleceu em Lisboa no dia 9 de dezembro de 1854. Vivia eu então em Coimbra, frequentando o 4.º anno theologico!...

Bandeiras são de Leão
Que lá vejo tremular.
Voga, voga, que alem Doiro
É terra nossa!.. A remar!

D'aqui é moirama cerrada
Até Coimbra e Thomar.
Voga, rema, e alem Doiro!
D'aquem não ha que fiar.»

A' popa vai D. Ramiro
Da sua galé real,
Leva a rainha á direita,
Como quem a quer honrar:

Ella, muda, os olhos baixos
Leva n'agua... sem olhar.
E como quem d'outras vistas
Se quer só desaffrontar.

Ou Dom Ramiro fingia
Ou não vem n'isso a attentar:
Já vão a meia corrente,
Sem um para o outro fallar.

Ainda arde, inda fumega
O alcaçar d'Alboazar;
Gaia alevantou os olhos,
Triste se pôs a mirar;

As lagrimas, uma e uma,
Lhe estavam a desfiar,
Ao longo, longo das faces
Correm... sem ella as chorar.

Olhou el-rei para Gaia,
Não se pôde mais callar:
Cuidava o bom do marido
Que era remorso e pezar,

Do mau termo atraiçoado
Que com elle fôra usar
Quando o intregou ao moiro
Tam só para se vingar.

Com a voz internecida
Assim lhe foi a fallar:
—«Que tens, Gaia... minha Gaia?
Ora pois! não mais chorar.

Que o feito é feito...»—«E bem feito!»
Tornou-lhe ella a soluçar,
Rompendo agora n'uns prantos
Que parecia estalar:

«É bem feito, rei Ramiro!
Valente acção de pasmar!
Á lei de bom cavalleiro,
Para d'um rei se contar!

«Á falsa fé o mataste...
Quem a vida te quiz dar!
Á traição... que d'outro modo
Não és homem para tal.

«Mataste o mais bello moiro,
Mais gentil, mais para amar
Que entre moiros e christãos
Nunca mais não terá par.

«Perguntas-me porque choro!...
Traidor rei, que heide eu chorar?
Que o não tenho nos meus braços,
Que a teu poder vim parar.

«Perguntas-me o que miro!
Traidor rei, que heide eu mirar?
As torres d'aquelle alcaçar,
Que ainda estão a fumegar.

«Se eu fui alli tam ditosa,
Se alli soube o que era amar,
Se alli me fica alma e vida...
Traidor rei, que heide eu mirar!»

«Pois *mira, Gaia*!» E, dizendo,
Da espada foi arrancar:
«*Mira, Gaia*, que esses olhos
Não terão mais que mirar.»

Foi-lhe a cabeça de um talho;
E com o pé, sem olhar,
Borda fóra impuxa o corpo...
O Doiro que os leve ao mar.

Do estranho caso inda agora
Memoria está a durar:
Gaia é o nome do castello
Que ali Gaia fez queimar;

E d'alem Doiro, essa praia
Onde o barco ia a aproar
Quando bradou—«*Mira, Gaia!*»
O rei que a vae degollar,

Ainda hoje está dizendo
Na tradição popular,
Que o nome tem—*Miragaia*
D'aquelle fatal mirar.»

Desculpem-nos a transcripção. Ella ficou muito extensa, mas é o topico mais mimoso e mais interessante d'este tão longo artigo.

São tambem lindissimos os versos de D. Bernarda Ferreira, posto que os escreveu na lingua castelhana, seguindo a moda do seu tempo. Bem quizeramos transcrever tambem alguns para que os leitores notassem o partido que ella tirou do idioma de Cervantes e da 8.ª rima; não devemos porem abusar da paciencia dos editores.

Prosigamos.

É muito interessante *a lenda de D. Ramiro* e poucas até hoje terão sido tão bem *resadas* e cantadas em prosa e verso, mas são já tantas as lições e contradições que ninguem sabe onde ficou a *verdade irrefragavel* da historia nem da lenda!

—Uns dizem que o rei mouro era um rei muito poderoso, a quem obedeciam outros reis;—outros dizem que era um simples alcaide mór.

—Uns dizem que se chamava *Alboazar Albucadam*;—outros dão-lhe o nome de *Almansor.*

—Uns dizem que o heroe da lenda foi D. Ramiro I de Leão;—outros querem que fosse D. Ramiro II.

—Uns dão á mulher de D. Ramiro, raptada pelo mouro, o nome de *Gaia,*—outros o de *Aldora*, *Aldara* ou *Alda*—e ainda outros o de *Urraca.*

—Uns dizem que se chamava *Perona* e era franceza a criada que D. Ramiro encontrou na fonte,—outros dão-lhe o nome de *Artida*, *Artiga* ou *Ortiga*, e dizem que era moura,—outros dizem que *Artida* ou *Artiga* foi o nome que tomou no baptismo a mourinha raptada.

—Uns dizem que D. Ramiro casou com ella,—outros dizem que nunca passou de concubina d'elle.

—Uns dizem que D. Ramiro raptou Zahara e que o mouro raptou a mulher de D. Ramiro, seduzindo-as desfigurados em trovadores,—outros dizem que D. Ramiro empregou a arte magica do bruxo Aman,—e que o mouro raptou a mulher de D. Ramiro por surpresa e com gente armada, estando ella em *Minhor,*—emquanto que outros dizem que ella ao tempo estava na corte de Leão.

—Todos dizem que o rei mouro a estremecia e lhe deu a presidencia do harem, mas se ella fez 23 annos depois de casar com D. Ramiro e se este na perigosa expedição para a libertar levou comsigo só gente escolhida e valente, sendo remeiros das galés os proprios fidalgos,—e se levou na expedição o seu filho D. Ordonho, como dizem varios auctores,—D. Ordonho já devia ter pelo menos 20 annos e a mãe mais de 40,—o *nec plus ultra* da bellesa da mulher. Não é pois crivel a paixão do rei mouro e a preferencia que este lhe deu entre as jovens do harem.

—Uns dizem que as duas expedições de D. Ramiro a Gaia foram ambas feitas pelo mar, navegando de norte a sul,—outros dizem que partira de Viseu directamente para Gaia por terra de mouros, acompanhado pelos seus valentes e dedicados visienses.

Tentam explicar assim o facto de Viseu haver tomado por armas os symbolos da lenda.

—Finalmente uns dizem que D. Ramiro, quando tomou o castello, trucidou *logo ali* o rei mouro, toda a familia d'este e toda a gente de Gaia, levando só com vida a mulher;—outros dizem que levou tambem o rei mouro; — que o matou barbaramente em *Monte-Dor*, a N. de Vianna—e depois a rainha mais alem na foz do *Ancora*, nome que tomou desde então aquelle rio, pelo facto de a lançar n'elle com uma *mó* presa ao pescoço;—outros dizem e *provam* que o mencionado rio já então se denominava *Ancora;*—outros dizem que D. Ramiro *degolou a mulher e a lançou ao Douro, em frente do castello de Gaia ainda em chammas?!...*

Vejam que salsada!

—

Tanto bruniram e poliram a lenda que a desfiguraram, como tem succedido a muitas pinturas com as restaurações.

Entre a lenda dos romances e a do *Nobiliario do Conde D. Pedro,* fonte primitiva d'ella, a differença é muito sensivel. Ha mesmo grande differença, como já dissemos entre a lição da 2.ª parte do *Nobiliario* e a da parte 4.ª Referimo-nos á edição do *Portugaliae Monumenta*, a mais moderna (1856) —mais nitida e mais auctorisada de todas, pois foi feita pela *Academia Real das Sciencias* debaixo das vistas e direcção de Alexandre Herculano, sendo vice-presidente da mesma Academia, e por elle prefaciada com todo o esmero e com a severidade e competencia que lhes eram proprias.

Comprehendeu elle sob o mesmo titulo de *Livros de Linhagens* os 4 livros assim denominados e anteriores ao sec. XVI:

1.º—O chamado *Livro Velho*, publicado no tomo 1.º das *Provas* da *Hist. Geneal.* pag. 145.[1]

2.º—O fragmento proximamente da epocha do antecedente, que se acha impresso no mesmo volume das *Provas* e que D. Antonio Caetano de Sousa incluiu na mesma denominação de *Livro Velho.*

3.º—Um fragmento de nobiliario até então inedito, que anda junto ao ms. do *Cancioneiro do Collegio dos Nobres*, na *Bibl. Real.*

4.º—O *Livro das Linhagens* attribuido ao Conde D. Pedro, livro que se conserva ms. na Torre do Tombo. Alexandre Herculano tomou aquelle codice para texto do *Nobiliario do Conde D. Pedro*, dizendo que, apesar das duas publicações já feitas—uma em Roma por Lavanha em 1640,—e outra em Madrid no anno de 1646 por M. Faria e Sousa, que o traduziu em castelhano,—aquelle codice em rigor deve considerar se *inedito*, porque Lavanha o alterou todo:—*supprimiu, transpoz e corrigiu. Comparado o impresso com o manuscripto são duas obras differentes*, — diz Herculano prefaciando a edição do *Portug. Monumenta*—e o mesmo se lê na *Memoria* que sobre a origem provavel dos *Livros de Linhagens* publicou nas *Mem. da Academia* (2.ª classe) T. I. P. 2.ª pag. 35.

—

Na edição de Madrid se encontram muitas annotações e commentarios de Lavanha, do Marquez de Montebello, de Alvaro Ferreira de Vera e do proprio êditor e traductor M. Faria e Sousa, — e no commentario á *plana* 3.ª (*lenda de D. Ramiro*) Sousa e Vera duvidam da lenda, attribuindo-a Sousa a Fr. Bernardo de Brito que foi o primeiro que a trasladou do *Nobiliario*. O mesmo Sousa accrescenta que o *Livro das Linhagens* do Conde D. Pedro não traz esta nem outras historias semelhantes;—Vera diz que a verdade a tal respeito é sómente o que elle nota no seu commentario á *plana 4*.ª— e que tudo o mais são *contos* como os da *Dama de pé de cabra, Capon*, etc. mas na muito auctorisada edição do *Portugaliae Monumenta* lá se encontra a *lenda de D. Ramiro* como Fr. Bernardo de Brito a cantou na *Monarchia Lusitana*, — salvas pequenas variantes.

Alexandre Herculano, log. cit., diz que os *Livros de Linhagens* chegaram até nós *mutilados, alterados* e *talvez intencionalmente viciados*, mas que, aproveitando-se com cautela, a historia ainda pode tirar d'elles *grande vantagem.*

—Que «o *Livro de Linhagens*, chamado do Conde D. Pedro, é o livro, *não de um homem*, mas sim *de um povo e de uma epocha*,—uma especie de registro aristocratico, cuja origem se vae perder nas trevas que cercam o berço da monarchia.»

....

«O *Livro de Linhagens* não é mais do Conde D. Pedro que de *dez ou vinte sujeitos diversos*, de cujos nomes se duvida e que em varias epochas *o emendaram, accrescentaram, ou diminuiram, substituindo muitas vezes verdades a erros, erros a verdades, ou erros a erros*, mas que n'isso mesmo deixaram vestigios das idéas da sua epocha, tor-

---

[1] Este livro e o fragmento subsequente foram tirados á parte em um folio de 76 pag. e indices, em 1737.

nando este livro (o *Nobiliario*) um monumento, debaixo de certas relações, *cada vez mais importante.*

....

«O *Livro das Linhagens*, se attendermos ao modo porque chegou até nós, labora em grande suspeição» —diz ainda Herculano,— por ser o escrivão do Archivo, *Gaspar Alvares Lousada*, quem tirou a copia, da qual Affonso de Torres extrahiu a que depois veiu a servir de texto nas *Provas da Hist. Genealogica*

Diz mais: «A reputação de antiquario que Lousada desfructou entre os seus contemporaneos *era mentida.* Foram justamente as *suas invenções embusteiras*, apparecendo maravilhosamente a ponto para favorecer *as patranhas historicas então da moda*, que lhe grangearam essa reputação *immerecida.* Quaes eram na verdade os conhecimentos historicos *do consocio dos Britos, dos Higueras e de outros impostores* (?), mais de um escriptor moderno o tem advertido [1].

«.... *Todas as invenções desses fabricantes de burlas......* movem a riso, e antes suscitam compaixão por seus auctores do que indignação... ...Nada, porem, se encontra no *Livro Velho* que traia por este lado a *ignorancia atrevida de Lousada em fabricar textos....*— Onde a imperícia de Lousada apparece é nos erros de copia; mas esses mesmos erros estão revelando um original do seculo XIV, *que elle nem sempre sabia ler...*

—

«Sousa, entendendo ás avessas o prologo de Lavanha e esquecendo-se de cotejar as citações á margem das *Planas* do *Nobiliario* de Roma com o proprio *Livro Velho* que publicou, não fez senão confundir-se a si e aos seus leitores, *desarrasoando miseravelmente* [2]...—Faria e Sousa, cuja auctoridade seria maior,.... se não fosse *a levesa ordinaria dos seus juisos, e a certesa que attribuia a qualquer cousa que se lhe antolhava....*»

[1] Cita M. de Figueiredo, Dissert. I sobre El Rei D. Rodrigo, pag. 23,—J. Anast. de Figueiredo, N. Malta. P. II. p. 168, n.º 59,— e J. P. Ribeiro, *Mem. do R. Arch.* f. 33 e segg. etc.

[2] *Hist. Geneal.* T. I. p. 278.

A. Herculano.

Diz mais—que poucos livros serão tão abundantes de grosseiros erros typographicos como os volumes das *Provas da Hist. Genealogica.* E nós diremos que poucos livros temos folheado tão nitidamente impressos e tão bem revistos como o *Portugaliae Monumenta*, sendo aliás difficilimas a sua composição e revisão.

Fecharemos aqui o extracto do que disse o grande historiador e *grande iconoclasta* Alexandre Herculano relativamente ao *Nobiliario do Conde D. Pedro*, mas quem pretender iniciar-se melhor no assumpto leia no *Portugaliae Monumenta* toda a introducção ao *Livro de Linhagens*,—a edição de Madrid,—a introducção ao tomo 1.º das *Provas da Hist. Genealogica* pag. 141 a 144,—e os n.os 1, 2, 3 e 4 (pag. XX a XXIV) do *Apparato* ou introducção á dicta *Hist. Genealogica* tomo 1.º

—

A *lenda de D. Ramiro* anda tão desfigurada que não sabemos extremar d'ella a parte historica. O que sabemos é que sobre a margem esquerda do Douro e quasi a prumo sobre elle, em frente de *Miragaya* e do Porto se ergue um grande morro de forma conica, ainda hoje denominado *Castello de Gaia*, com um vistoso *plató*, onde em tempos remotissimos pompeou um *castro* ou castello romano, depois castello arabe,—e por ultimo ainda em nossos dias, durante o *cerco do Porto* (1832-1833) ali teve D. Miguel uma medonha bateria, da qual fez parte a peça *Paulo Cordeiro*, dada pelo capitalista d'este nome e que ao tempo era a peça de maior calibre que tinha Portugal.

O dicto morro denomina-se *Castello de Gaia*, mas na minha humilde opinião e na commum dos auctores tomou o nome—não da *Gaia da lenda*, mas do castro romano da povoação de *Cale*, indicada no *Roteiro d'Antonino Pio.*

Suppomos que o dicto castro romano estava no sitio do *Castello de Gaia*, ao sul ou na margem esquerda do Douro, e que a povoação de *Cale*, nucleo do Porto, estava no

sitio hoje denominado *Miragaya*, em frente do castello, na margem N. do Douro [1]; julgo porem fóra de duvida que por ali, no *Castello de Gaia* e suas immediações, andou e viveu um dos reis de Leão com o nome de *D. Ramiro*, talvez o da lenda,—porque assim o affirma ainda hoje a tradição e porque lá se conserva ainda uma rua com o nome de *D. Ramiro* e n'ella a *Fonte de D. Ramiro* e uma bella quinta com arvoredo secular e um palacete com uma torre *muito antiga*, denominados *Paço do Rei Ramiro* ou quinta de *Campo Bello*, que pertenceram ao nobre e rico Alvaro Leite, do Porto, e hoje pertencem ao sr. dr. Adriano de Paiva Faria Leite Brandão, feito conde de *Campo Bello* ainda est'anno de 1887, ali residente e casado com uma das sobrinhas e herdeiras do fallecido Alvaro Leite.

V. *Nicolau* (S.) freguezia do Porto, tomo 6.º pag. 86 a 96.

—

Na mencionada rua de *D. Ramiro* acaba de succeder um facto importante:

Á entrada da dicta rua, subindo, á direita, estão hoje os grandes armazens de vinho pertencentes ao sr. *João Henrique Andressen*—e no dia 4 do corrente mez de dezembro de 1887 um medonho incendio devorou a tanoaria e deposito de madeiras, dependencia dos dictos armazens. O prejuiso foi avaliado em 50 contos de réis, mas felizmente o incendio poupou os armazens contiguos, que teem um deposito de vinho e aguardente avaliado em 300 contos?!...

O sr. Andressen contará 60 annos;—veiu do norte da Allemanha para esta cidade como *grumete* ou moço de um barco mercante;—ficou no Porto como caixeiro;—depois estabeleceu-se como negociante;—tem sido muito trabalhador, muito arrojado, muito honrado e *muito feliz* nas suas emprezas, pelo que é hoje *o primeiro armador de navios* e um dos primeiros industriaes e negociantes do Porto. Calcula-se a sua fortuna em *dois mil contos*;—habita palacios,[2] monta bons trens, vive *como um principe* e todos o respeitam, consideram *e estimam*, porque deve toda a sua grande fortuna ao seu trabalho e ao seu cavalheirismo.

Nos seus numerosos e vastos armazens, nas suas fabricas, nos seus escriptorios e nos seus navios sustenta em Portugal e na America mais de *mil pessoas*,—paga generosamente a todos quantos o servem e por isso todos o amam e servem com dedicação.

O grande incendio durou 3 dias, apesar da promptidão dos soccorros e da visinhança do Douro; acudiram todas as bombas de Villa Nova de Gaia e do Porto e durante os 3 dias trabalhou tambem constantemente uma bomba a vapor pertencente aos grandes armazens do sr. Andressen; a tanoaria ardeu toda e ficaram sem trabalho 150 homens que n'ella se empregavam, [1] mas o sr. Andressen (honra lhe seja!) não despediu *um unico?!...*

Alem de negociar fortemente em vinho do Douro, é *o primeiro* negociante de cereaes que hoje tem o Porto. Manda-os vir da America *directamente e em barcos seus*;—depois vende-os em grão ou queima-os e transforma-os em alcool, para o que tem junto da *Furada*, na margem esquerda do Douro, uma grande fabrica propria,—hoje *a primeira de Portugal*, no seu genero,—muito espaçosa, muito bem montada e admiravelmente situada. Apura *milhares* de pipas de alcool por anno, pelo que o sr. Andressen é tambem hoje na praça do Porto o *primeiro fabricante e o primeiro negociante d'aguardente?!...*[2]

---

[1] V. *Miragaya*, tomo 5.º pag. 242.

[2] Vive em um formoso palacete na rua do *Barão de Nova Cintra*,—tem o seu escriptorio na rua dos Inglezes,—os seus armazens de vinho em Villa Nova de Gaya—e a sua grande fabrica de queimar pão na *Furada*, mas tudo ligado por uma rede telephonica.

[1] Note-se que tinha machinas a vapor e o machinismo mais completo e aperfeiçoado que hoje demandam as grandes tanoarias.

Era immenso tambem o deposito de madeiras.

[2] Tambem adquiriu na Allemanha uma grande matta de madeira (*carvalho do norte*) para aduela,—e no Pará uma zona immensa de arvoredo virgem, onde explora em grande escala a industria da borracha.

Se os negocios continuarem a sorrir-lhe, como teem sorrido até hoje, póde fazer uma fortuna *collossal*.

Desculpem-nos a digressão e voltemos a *Viseu*.

—

É innegavel que Viseu teve outr'ora por armas as que ficam indicadas no principio d'este topico e que eram allusivas á lenda de D. Ramiro. Todos concordam n'este ponto e o dr. Botelho nos seus *Dialogos* escriptos em 1630 a 1636, depois de contar a lenda como *facto historico* (?!...) seguindo de par e passo a *Monarchia Lusitana* de Fr. Bernardo de Brito, seu contemporaneo, diz:[1] — «deste *successo* tomou occasião esta cidade para pôr em suas bandeiras as Armas que *hoje* (1630–1636) *tem*, em que se perpetua a memoria desta *historia* (?), pelo muito amor que tinha a este Rei; e elle por levar disso grande gosto, *lhas confirmou* (?), por lhe ser muito affeiçoado, assim por ser a primeira que governou, como por estar nella, quando lhe derão a nova de reinar, causa porque estimou sempre seus cidadãos, e se servio de seus cavalleiros...»

Em seguida descreve as armas como as descreveu o sr. Ignacio de Vilhena Barbosa.

O mesmo dr. Botelho diz que D. Ramiro, quando seu irmão D. Affonso IV o chamou para ceder-lhe a corôa, estava em Viseu e abreviou a sua partida, levando comsigo a melhor, e mais escolhida gente d'armas, que trazia na fronteira,—*com muita parte dos moradores d'esta cidade* (Viseu), *que como mais bellicosos estimava, e como leaes sempre em todos os feitos o seguirão, e acompanharão.*»

Note-se que estas ultimas linhas em italico foram accrescentadas pelo dr. Botelho ao que disse Fr. Bernardo de Brito na *Monarchia Lusitana*, Parte II, cap. 18, fl. 334, v. col. 2.ª *in-medio*.

Tambem são de Botelho os encarecimentos do *grande amor que D. Ramiro votou sempre a Viseu, em virtude do qual* (?) esta cidade tomou as dictas armas e D. Ramiro *lh'as confirmou* (?) como disse na transcripção supra.

[1] *Dialogo* 2.º, cap. 1.º

Botelho era muito illustrado, mas poeta, propenso a fantasiar e fazer versos,—e o muito amor que o prendia á sua terra natal (virtude que eu muito louvo) por vezes o trahiu e o levou a acceitar *lendas* como *factos*. Assim acceitou, por exemplo, as lendas de D. Ramiro e D. Rodrigo, e dominado pelos preconceitos da sua epocha, seguindo o exemplo de Fr. Bernardo de Brito e d'outros contemporaneos seus[1], nem sempre a verdade foi o seu norte e não hesitou em pôr nos seus *Dialogos* alguns trechos de fantasia *como historia*, taes foram os que apontámos, para melhor *ageitar* a Viseu a lenda e melhor explicar a rasão das dictas armas. Em todo o caso teem muito merecimento os seus *Dialogos ainda hoje*—e mais merecimento teriam na sua epocha. Elles parecem um romance; estão muito bem escriptos e cheios de versos em portuguez e castelhano á moda d'aquelle tempo e, se então fossem publicados, dar-lhe-hiam muita honra e seriam uma das obras mais interessantes do seculo XVII.

Podem mesmo considerar-se um nobiliario, pois n'elles mostra que possuia vastos conhecimentos genealogicos, mas acceitou sem escrupulo tudo o que lisongeava a sua tão querida terra natal. N'este ponto como em outros Berardo foi *muito mais severo*, pois nas suas *Noticias Historicas de Viseu*,[2] fallando das dictas armas, tambem faz menção da lenda, mas a titulo de inventario e como *lenda*!...

—

Principia a narração por estes termos:—*Alguns dos nossos romancistas* (*este he o epitheto que merecem*, diz elle) *contam*... etc., terminada a *lenda*, tracta logo de varrer a sua testada dizendo:

«Eis aqui como são as Historias da idade media, sem outros fundamentos nem provas, mais do que fabulas populares, e contos gra-

[1] V. o que d'elles disse Alexandre Herculano, supra.

[2] V. *Liberal* (1.º anno) n.º 2 de 9 de maio de 1857.

tos á imaginação; materia digna de exercitar a penna dos nossos Romancistas.»

Depois diz que do Tombo da Camara, pag. 13, consta que ella usou as dictas armas *pintadas no seu estandarte*, o qual suppõe ter desapparecido com o incendio que devorou os paços do concelho visiense no dia 8 de agosto de 1796. «*Desde esse tempo*—diz elle—*adoptou o escudo real*, talvez porque alguns da governança, duvidando da origem fabulosa das primeiras armas, persuadiram a que se fizesse esta mudança.» Todos concordam n'este ponto, mas, salvo o respeito devido á memoria do sabio conego e de Francisco Manuel Correia, e aos laureados nomes do sr. Ignacio de Vilhena Barbosa e do auctor do interessante *Diccionario chorographico .. Portugal e Possessões*, publicado em Viseu no anno de 1884,—discordamos.

O senado visiense já em 1743 ou *53 annos antes do incendio que devorou os paços do concelho*, usava das armas reaes no seu pendão, pois o padre Leonardo de Sousa, auctor do *Epitome Carmelitano*[1] e do interessantissimo *Catalogo* (ms.) *dos Prelados de Viseu*, tantas vezes por nós citado, quando fallou do bispo *D. Julio Francisco d'Oliveira*, descrevendo muito minuciosamente e *como testemunha ocular* as grandes festas que em Viseu se fizeram por occasião da entrada solemne d'aquelle prelado, diz:—«Como o Excellentissimo *D. Julio Francisco de Oliveira* tivesse devoção de fazer a sua entrada publica e solemne na cidade de Vizeu no dia vinte e cinco de março do mesmo anno de 1743, indicou logo... etc.»[1]

Depois vae descrevendo as pomposas festas e a fl. 166 diz:—«Continuava a procissão na fórma seguinte: Adiante de todos hião os criados de pé de sua Excellencia, aos quaes seguião os Alcaides da cidade a cavallo, logo o *Estandarte Real da Camara, o qual he de damasco branco com as Armas reaes bordadas de ouro e matizes*. Este levava André Antonio Pacheco Beltrão, morgado de Casurrães, vereador mais velho do anno antecedente, vestido ricamente, e a cavallo, com jaezes de custo, e primor, precedendo-lhe hum volante e hum page, e ás suas estribeiras duas allas *de escravos seos*»[2]

—

Do exposto se vê que *já muito antes do incendio*, ou de 1796, as armas da cidade de Viseu eram as actuaes; mas desde quando usou ella das antigas?

Tem-se fabulado tambem muito sobre este ponto, porque não ha documento positivo que dirima a questão e, sendo Viseu cidade tão antiga e tão cheia de edificios brasonados, não ha memoria de edificio algum com tal brasão! Apenas se encontra no angulo oriental da fronteria do *Hospital Novo*, fazendo *pendant* com o brasão actual que se vê do lado opposto, mas todo aquelle edificio é *muito moderno*, como já dissemos no topico relativo a *Misericordia*.

Alguns *romancistas* dizem que as armas velhas de Viseu lhe foram dadas pelo proprio D. Ramiro II;—outros dizem que este

---

[1] Tenho sobre a minha mesa de estudo um exemplar do dicto *Epitome*, formato de 8.° com 311 pag. numeradas e 24 folhas sem numeração, comprehendendo o rosto, dedicatoria, prologo, licenças e index,—*Lisboa Occidental*, Anno 1739. *Com todas as licenças necessarias*; mas infelizmente nem Innocencio Francisco da Silva no seu *Diccionario Bibliographico*,—nem o sr. Brito Aranha na continuação do mesmo diccionario, mencionaram como escriptor o padre *Leonardo de Sousa*.

Em Viseu ha muitos exemplares d'aquelle *Epitome* e eu farei distribuir alguns pelas nossas principaes bibliothecas para salvar do olvido a memoria do auctor.

[1] Tomo 3.° do dicto *Catalogo* ms. Liv. 3.° cap. 4.°, fl. 160 *mihi*.

Aproveitando este ensejo diremos que já appareceram os dois primeiros volumes do dicto *Catalogo!* Estão *mss.* e completos;—pertencem ao sr. conde de Prime—o propõe-se publicar todo o *Catalogo* o rev. sr. Joaquim Paes de Sobral, digno vice-reitor do Seminario visiense.

Deus o queira!...

[2] No supplemento a este diccionario daremos um extracto da longa biographia de *D. Julio*, escripta pelo padre Leonardo de Sousa, comprehendendo este e outros topicos interessantissimos.

só *as confirmou*, — e o padre Carvalho diz que lh'as deu o bispo de Salamanca (?) D. Sebastião, no tempo de D. Ramiro I, pelos annos de 842 a 850, quando o dicto prelado *restaurou* (?) Viseu, depois que o mencionado rei tomou pela 2.ª vez esta cidade aos mouros, deixando-a completamente destruida.

É isto o que se deprehende da *Chor. Port.* tomo 2.º pag. 179, mas não podemos acceitar esta opinião, porque todos os outros auctores que nos cercam attribuem a *lenda* a D. Ramiro II, cujo reinado se conta de 931 a 950, emquanto que o de D. Ramiro I se prolongou de 842 a 850, ficando entre os 2 reinados a bagatella de 100 annos?!...

O padre Carvalho cita o *Nobiliario do Conde D. Pedro*, mas com certesa não o viu, pois o *Nobiliario* claramente aponta *D. Ramiro II* como heroe da *lenda* que deu origem ás antigas armas de Viseu—*e que em bons trabalhos me metteu?!*...

Fecharemos este topico dizendo que Alexandre Herculano fallou de D. Ramiro II na *Historia de Portugal* tomo 1.º pag. 96 e 97, —e fallou tambem de *Cale* ou *Gaia* na primeira nota do mesmo vol. pag. 445, mas da *lenda* não disse palavra.

Teve mais juiso do que nós!...

Foraes

Nem o dr. Botelho nos seus volumosos *Dialogos*, nem Berardo, nem F. Manuel nas suas interessantes *Memorias* mss.,—nem o Padre Carvalho na *Chorogr. Portugueza* se occupam dos foraes de Viseu! Avelino de Almeida falla d'elles muito resumidamente e com pouca exactidão;—o sr. J. Maria Baptista na *Chorogr. Moderna* seguiu Almeida e não adianta mais; o sr. Vilhena Barbosa nas *Cidades e Villas* apenas faz menção de dois: o da rainha D. Thereza e o de seu filho D. Affonso Henriques; Franklin na sua *Memoria* sobre os nossos foraes apenas cita o de D. Manuel com data de 1513 e outro de 1187, confirmado em 1217, mas não os leu e citou mal, como logo provaremos.

O sr. Oliveira Mascarenhas no seu *Novissimo Diccionario Chorographico de Portugal e Possessões*, escripto e publicado em Viseu em 1884, dedicou a Viseu um longo artigo, mas fallando dos seus foraes apenas diz o seguinte:

«Teve a cidade de Vizeu tres foraes, como se vê dos mais authorisados antiquarios. O 1.º foi-lhe conferido por D. Theresa em 1125; o 2.º por D. Affonso Henriqnes, e o 3.º (confirmação do 2.º) por D. Sancho I, em 1187.

«Não obstante o silencio dos escriptores antigos, é muito de crer que D. Manoel se não houvesse esquecido de conferir foral novo a Vizeu, como conferiu á maioria das terras do paiz. *Mas isto não passa de presumpção.* Se os documentos respectivos não tivessem ardido por occasião do incendio que reduziu a cinzas os antigos paços d'este concelho, decerto teriamos agora aclarado esta questão.»

Do exposto se vê que este topico não é simples, mas prouvéra a Deus que não tivéssemos maiores difficuldades a vencer. Algum trabalho nos deu, mas alguma coisa adiantámos—e quem vier depois de nós que diga o resto.

Vamos á questão:

—

Viseu teve os 4 foraes seguintes:

1.º—Dado pela rainha D. Theresa no anno de 1123—não em 1125, como por lapso disseram o sr. Vilhena Barbosa e o sr. Oliveira Mascarenhas.

2.º—Dado por el-rei D. Affonso Henriques ou D. Affonso I,—não sabemos quando,—mas não pode duvidar-se d'este foral, porque se vê mencionado expressamente e *transcripto* na *confirmação* de D. Sancho I[1] com data de 1187. Foi tambem confirmado por D. Affonso II em Coimbra no mez de outubro de 1217—e d'elle faz *expressa menção* tambem o foral de D. Manuel.

3.º—Dado pelo bispo *D. Pedro Gonçalves* e pelo cabido ao *couto da Sé* no anno de 1251.

Para evitarmos repetições, veja-se o que

---

[1] Este rei simplesmente *confirmou* a Viseu aquelle foral, transcrevendo-o. Não lhe deu *novo foral*, como se lê na *Memoria* de Franklin.

sob o n.º 31 dissemos d'este bispo no nosso *Catalogo dos bispos visienses.*

4.º—Dado por D. Manuel e datado de Lisboa a 15 de dezembro de 1513.

Liv. de *Foraes Novos da Beira*, fl. 118, v. col. 1.ª, como diz Franklin, pelo que estranhamos que o sr. Ignacio de Vilhena Barbosa, nosso bom amigo e mestre, o não mencionasse, levando o sr. Oliveira Mascarenhas a pôr em duvida este foral; não póde porém duvidar-se d'elle, porque por fortuna temos sobre a nossa mesa de estudo o *proprio exemplar* que se guardou muitos annos no archivo da camara municipal de Viseu, exemplar ainda hoje nitido, luxuosamente encadernado e muito bem conservado. Não sabemos quando nem porque motivo (talvez por occasião da guerra peninsular) foi ter a Lisboa; ha annos appareceu aqui no Porto um negociante de livros velhos offerecendo-o com outros foraes aos amadores e comprou-o por 22$500 réis o sr. Antonio d'Almeida Campos e Silva, natural de Viseu, mas residente aqui no Porto, dono de uma preciosa livraria, o qual muito generosamente se dignou emprestar-m'o, bem como outros *ms.* como já dissemos a pag. 1591. D'elle daremos logo um extracto.

—

Tambem temos sobre a nossa banca de estudo os dois grossos volumes do *Portugaliae Monumenta*,—publicação luxuosa, interessantissima, correctissima e auctorisadissima, feita pela nossa benemerita *Academia Real das Sciencias.*

Comprehendem estes 2 volumes (são os unicos publicados até hoje) muitos documentos que jasiam sepultados na *Torre do Tombo* e que são uma mina d'ouro para os antiquarios.

No tomo *Leges et consuetudines* entre outros documentos preciosos se encontram na sua integra muitos foraes dos seculos XI a XIII, de pag. 335 a 738, entre elles o 1.º e o 2.º dados a Viseu, pelo que tambem os extractaremos.

O 1.º é copia fiel do autographo que existiu no archivo capitular da Sé de Viseu e que hoje se guarda na Torre do Tombo,—segundo se lê no *Portugaliae Monumenta—Leges et consuetudines*,—pag. 360 e 361, e principia por estes termos:

«In nomine patris et filii et spiritus sancti. Ego regina tarisia ildefonsi regis filia....»

Em vulgar:—[1] «Em nome do Padre e do Filho e do Espirito Santo. Eu a rainha D. Theresa, filha do rei D. Affonso (VI de Leão) vendo e conhecendo a dedicação e bons serviços dos vizienses, muito voluntariamente lhes concedo e corroboro por escriptura publica os bons foros e bons costumes que entre elles sempre vigoraram.

«Primeiramente concedo aos cidadãos cavalleiros que, fallecendo algum e deixando filhos menores, estes possuam a herança paterna pacificamente até que cheguem á idade de poderem tomar tambem armas... e, se não deixar filhos, a viuva possuirá a herança da mesma fórma, em quanto se conservar no estado de viuvez e se conduzir bem.

«O cavalleiro decrepito possuirá tambem pacificamente os seus bens.

«Nas terras que possuirdes nos arrabaldes de Viseu não terá ingerencia alguma o meu vigario (delegado ou representante).

«Os clerigos visienses gosarão os mesmos fóros dos cavalheiros.

«Se houver pendencias entre vós e vós as poderdes resolver, não intervirá o meu vigario, mas este acudirá ao vosso chamamento, quando vos approuver chamal-o, e vos fará justiça segundo as leis.

«Se morrer o cavallo de algum cavalleiro viziense, não será este obrigado a comprar outro dentro de um anno, mas, passado um anno, se ainda não tiver cavallo, será tido como *peão* e pagará *jugada* como elles.

«Os peões que vierem de novo povoar Viseu pagarão a *jugada nova.*

«Os mercadores (negociantes) paguem o censo e ninguem os affronte.

«Este foral vos concedo na era de 1161 (anno 1123).»

A rainha não indica o local onde ao tempo demorava, pelo que suppomos ser Viseu.

---

[1] Não o daremos na sua integra, mas só em extracto, para não abusarmos da paciencia dos leitores e dos editores.

—

2.º—Dado por D. Affonso Henriques.

Para evitarmos repetições, leia-se o que já dissemos d'este foral supra.

Perdeu-se, como se perderam outros foraes do mesmo rei, talvez porque ainda não vigorava, como depois vigorou, a praxe de se extrahirem de todos os foraes 3 exemplares,—um para o archivo do concelho a que pertencia;—outro para o senhor da terra—e outro para o *Archivo Nacional* ou *Torre do Tombo*; salvou se porem este foral de Viseu porque foi *copiado* ou *transcripto* na confirmação de D. Sancho I em 1187, pelo que tem sido denominado tambem *foral de D. Sancho I, de 1187*.—Assim o denomina o proprio *Portugaliae Monumenta*, que o dá na sua integra [1] sob esta epigraphe:

Viséo
Viseu
1187

Forale Viseense alterum...»

Em vulgar: «Outro foral de Viseu se guarda na Torre do Tombo no *Livro de Foraes antigos de Santa Cruz*—e no *Livro .... de D. Affonso II.* Ali se encontra tambem outro exemplar dos principios do seculo XIV. Tomamos para texto o primeiro exemplar, apontando as variantes que se notam nos outros.»

Em seguida transcreve fidelissimamente o dicto foral, que principia n'estes termos: «In dei nomine. Ego Sancius........»

Em vulgar: [2] «Em nome de Deus. Eu D. Sancho (I)... filho do grande rei D. Affonso (I) e da rainha D. Mafalda,... dou a todos os habitantes da cidade de *Viseu o proprio foral que lhes deu meu pae e que é o seguinte*:....

«Se algum estranho entrar no termo da cidade de *Viseu* armado e com tres homens ou mais, pague 6:000 modios......

«Os cavalleiros, clerigos e peões não poderão ser presos e, se commetterem algum crime serão simplesmente citados para virem ao concelho e ahi serão julgados pelo juiz e por *homens bons*.

«Aos cidadãos de Viseu ninguem, nem o proprio senhor da terra lhes poderá tomar violentamente o seu cavallo.

....

«Todo o cavalleiro de Viseu poderá vender livremente as suas terras a outro cavalleiro, sem pagar pela venda imposição alguma, e se algum cavalleiro visiense perder o seu cavallo, ser-lhe-ha guardado o foro de cavalleiro durante 2 annos, embora não compre outro cavallo, mas passados os 2 annos será tido como *peão*, em quanto não possuir outro cavallo.

....

«Se algum cavalleiro visiense cair em pobresa ou ficar a mulher d'elle viuva e não poderem ter cavallo, ser-lhes-ha guardado o fôro de cavalleiro, como se tivessem cavallo.

«O *peão* que vender os seus bens a outro *peão* pagará a decima parte (?) ao senhor da terra; mas, vendendo só parte dos seus bens por necessidade urgente, não pagará coisa alguma.

....

«Todo o cidadão de Viseu que agredir outro com armas pagará 60 soldos; o que matar alguem na cidade pagará 500 soldos, e se o matar fóra da cidade, pagará 300 soldos.

«O que desflorar donzella pagará 300 soldos—e, se a mulher desflorada não apresentar dentro de 9 dias a sua queixa e provas em juiso, o desflorador não pagará coisa alguma.

....

«As medidas da cidade de Viseu serão as mesmas de Coimbra.

....

«Do vinho e do linho pagarão a sexta parte (*uma bagatella*?...)—da *prova de pau*

---

[1] *Liv. cit.—Leges et Consuetudines*, pag. 460 a 462.

[2] Bem quizeramos dar copia fiel tambem d'este foral, mas, como é muito extenso, d'elle daremos apenas um extracto, omittindo *as variantes*.

pagarão 5 soldos e da *prova de lança* 15 soldos [1].

....

«Se algum tributario cair em pobresa, tanto homem como viuva, e arrendar os seus bens... o governo receberá *metade* da renda e a outra metade o senhor dos bens arrenuados?!........................

«Os conegos (*clerigos da Sé*) gosarão todos os privilegios e honras dos cavalleiros visienses.

....

«Dado em Santarem no mez de janeiro da era de 1225,—anno 1187..............»

Segue-se no mesmo *Portugaliae Monumenta* a confirmação de D. Affonso II,—Coimbra, no mez d'outubro do anno 1217,—confirmação *muito summaria*, como costumam ser todas. A de D. Sancho I foi uma excepção para supprir e talvez *modificar em algum topico* o foral de D. Affonso Henriques?!...

Foral de D. Manuel

Já que *por fortuna* temos este foral sobre a nossa banca de estudo, daremos tambem uma leve noticia d'elle e dos caracteres d'este exemplar que, segundo suppomos, era o do archivo da camara municipal de Viseu. Está luxuosamente encadernado em *grossas taboas de madeira* forradas de couro;—tem nos 4 angulos das 2 faces exteriores 8 espheras armillares (uma em cada angulo) todas de metal amarello com bastante espessura e abertas a buril, bem como 2 escudos do mesmo metal que se vêem no centro das duas faces exteriores da capa, tendo cada um d'elles as armas reaes das quinas,—7 *castellos*—e corôa.

É escripto em gothico; está, como já dissemos, muito bem conservado; comprehende ao todo 20 folhas de pergaminho, folio,—16 com o texto,—mais 2 no principio com o indice—e 2 no fim com os registros,—e tem 15 titulos que abrem todos por lettras de fantasia, umas de tinta vermelha e outras de tinta azul, alternadas.

O rosto é illuminado e dividido em 3 secções:—na 1.ª (a superior) tem no centro um escudo coroado e n'elle as armas reaes das quinas e 9 (?) castellos;—aos lados 2 espheras armilares e em cada uma d'ellas bem vizivel a data —1508— posto que o foral é datado de 1513 e sem contestação lhe pertence o rosto descripto, pois o texto do foral principia em uma pequena tarja quadrada que se vê a meio do rosto e continua no verso da mesma folha.

—

Por baixo do escudo e das duas espheras tem uma tarja estreita e horisontal a toda a largura do rosto com esta legenda em grandes lettras

DOM MANVEL

e logo continua na tarja quadrada, immediatamente inferior [1], em caracteres como os do texto restante, dizendo:

---

[1] Usava-se n'aquelle tempo e desde tempos muito anteriores, uma especie de duellos a *pau* ou *lança*, a pé e a cavallo, como *prova* da culpabilidade ou innocencia dos litigantes, com certas formalidades legaes e assistencia das auctoridades, pelo que estas recebiam do que ficava vencido certa somma.

Por este barbaro processo de julgamento muitos individuos, estando aliás innocentes, eram publicamente e barbaramente espancados, feridos e por vezes mortos;—e ainda pagavam as custas!...

A justiça estava sempre do lado do mais forte e mais destro no jogo das armas—e mais barbaro e mais estupido era ainda o julgamento denominado *juiso de Deus* pelas provas do *ferro caldo* e d'agua ou azeite fervendo.

Em Leça do Balio conservou-se muito tempo um ferro de arado que servia para as taes *provas*, mas o meu antecessor ali não as descreve—nem sei onde as descreveu!

O *Portugaliae Monumenta* descreve-as nos artigos *Costumes e fôros* de varias terras do *Cima-Côa*.

[1] A tarja quadrada tem o fundo branco, mas está no meio d'outras duas tarjas:—uma com um ramo de cravos e uma coruja de capello em côres proprias sob fundo escarlate;—outra com um ramo de botões de rosa, uma borboleta e uma pequena flor; tudo em côres proprias tambem, sob fundo azul.

«per graça de ds. Rey de portugal e dos algarves. da quem e dalem maar em africa. Snor de Guinee e da Conquista e navegaçam e comercio de ethiopia. Arabia. Persia e da India, etc. A quantos esta nossa carta» —e no verso da folha continua dizendo:— «de foral virem. dado á cidade de viseu. fazemos saber que per bem das dilligencias. Isames e Inquirições que em nossos regnos e senhorios mandamos fazer... acordamos visto *ho foral da dita cidade dado per ElRey dom affõm. anrriquez. confirmado per ElRey dom sancho seu filho,*[1] que as rendas e dirtos (direitos) se devem na dita cidade pagar e recadar na maneyra e forma seguinte:

«Posto que pollo dito foral fossem impostos dirtos e foros de pam na dita cidade e assy de vinho e linho e doutras cousas. nam se fará dellas aqui neste foral menção. por quanto foram apartadas per outros foraes e dadas a outras pessoas. segundo em seus particulares tombos e foraes sera determinado.—e aqui soométe neste foral seram decrarados os dirtos pessoaes que andam apartados com a alcaydaria e moordomado da dita cidade. e alguns outros que assy se pagam a nos fora dos foraaes dos ditos Reguengos e moordomados, os quaes aqui primeyramente mãdamos decrarar. s. (*a saber*)—paga-se em cada huu ano a nos por dirto Real pollo procurador da dita çidade por ho pmeyro dia de mayo *quatro mil e setecentos e vinte e cinquo* Rs. a que chamã *cavallo de mayo.* e que o dito procurador ha da recadar de çertos lugares fora do termo da dita. çidade, os quaes sam a isto dantigamente obrigados com alguas aldeas do dito termo... os quaes entregarão aas pessoas que delles for feita mrce...»

—

Em seguida diz que os visienses pagariam tambem o direito denominado *Fogueiras de S. Miguel* e que já estava declarado nos livros e tombos dos direitos reaes do almoxarifado de Viseu quem tinha de pagar aquelles direitos, a importancia d'elles e a forma do pagamento, o que tudo se cumpriria sem innovação alguma.

Na parte restante este foral pouco diverge do padrão dos *foraes novos* d'el-rei D. Manuel; apenas no titulo 5.º diz que a cidade de Viseu nunca seria dada a pessoa alguma em senhorio, o que outr'ora foi privilegio importante!

V. *Pinhel* e *Portalegre.*

Termina assim:—«Dado em a nossa muito nobre e sempre leal çidade de lixboa quinze dias de dezẽbro de quinhetos e treze. Fernam de pyna p mandado spiçial de sua alteza o fiz fazer sooscrvy e comçertey em quize folhas e mea.

«El Rey»

São estes os foraes que os nossos reis deram a Viseu. Bem quiseramos extractar tambem o foral do bispo *D. Pedro Gonçalves*, mas não nos foi possivel lobrigal-o.

Passemos a outro topico.

A Cava de Viriato

Poucas cidades do nosso paiz podem gloriar-se de ter tantas e tão bellas monographias como Viseu. Da *Cava*, por exemplo, fallam e fallam muito bem o dr. Manuel Botelho Ribeiro nos seus *Dialogos;*[1]—José de Oliveira Berardo nas suas *Noticias historicas de Viseu*, publicadas no *Liberal*, n.º 1 de 6 de maio de 1857, e na *Memoria ms.* que em 1838 offereceu á camara municipal visiense e que se guarda no archivo da mesma camara;[2] — o incansavel investigador Francisco Manuel Correia na sua interessante *Memoria* tambem *ms.*, tantas vezes já citada,—e Fr. Bernardo de Brito na *Monarchia Lusitana* (parte 1.ª cap. 4.º pag. 281–

---

[1] Do exposto se vê que D. Sancho I não deu *foral proprio* a Viseu, mas *simplesmente confirmou* em 1187 o de D. Affonso Henriques.

[1] Dialogo I, capitulos 9.º, 10.º 11.º e 12.º, pag 54–74 no codice de *Girabolhos*.

[2] Ao nosso bom amigo e cyreneu, o ex.mo sr. dr. Nicolau Pereira de Mendonça, devemos o favor da copia que temos sobre a nossa banca de estudo.

285) ao qual n'este ponto seguiram *muito de perto* (?!...) o dr. Botelho e Berardo.

Tambem fallaram d'ella, embora mais ligeiramente, o sr. Vilhena Barbosa nas *Cidades e Villas*,—o sr. Oliveira Mascarenhas no *Portugal e Possessões*,—Avelino d'Almeida no seu *Diccionario*, copiando o que disse Berardo,—o sr. J. M. Baptista na *Chorographia Moderna*, extractando o que disse Avelino de Almeida,—e tambem já o meu antecessor fallou d'ella no pequeno artigo *Cava*, remettendo o leitor para o artigo *Viseu* e para as *Memorias* de Berardo. Cumprê-nos pois dar noticia um pouco mais ampla de tão curioso monumento, aproveitando principalmente as duas *Memorias* do sabio conego e principiando pela que foi publicada no *Liberal* em 1857, da qual n'este ponto [1] é um extracto a de 1838, pois Berardo já tinha escripto aquella em 1830.

—

«O monumento mais consideravel, que encontramos na cidade de Vizeu, he o denominado *Cava de Viriato:* especie de fortificação, cujos muros de terra, hoje quasi gastos pela incuria, ignorancia e rapacidade humana, contando talvez 20 seculos de existencia, tem servido de base á tradição popular sobre as recordações gloriosas que vamos a referir. [2]

«Derrotado o exercito do pretor romano Claudio Ucimano pelo famoso Viriato junto do Campo d'Ourique, para desviar de si o peso das armas com huma diversão favoravel, recorreo aquelle pretor a Caio Nigidio, o qual entrando logo pelas terras da provincia da Beira, depois de talar os agros e incendiar povoações, veio fortificar-se em hum *campo raso*, que hoje vemos junto da cidade de Vizeu. Logo que Viriato disto houve noticia, acudio immediatamente a este ponto, e como não podesse escallar os muros de terra, poz-lhes cerco até obrigar Nigidio, pela fome e estratagema, a render-se ou pelejar. Com effeito o pretor sahio a campo, mas em poucas horas foi derrotado, perdendo as aguias, e quasi todo o exercito.

«Isto se passava, como dizem, [1] pelos annos de 146 antes da era vulgar, e se dermos attenção ao amor do maravilhoso, e ao gosto das estultas etymologias, alguem pretende que duas povoações visinhas da Cava de Viriato attestão ainda hoje por seus nomes a grandeza daquella batalha. *Abravezes* dizem ser corrupção da palavra *braveza*, que denota o furor com que combaterão os lusitanos; e *Aguieira* era o lugar onde estavão as *aguias romanas* no pretorio do arraial. Tambem a povoação proxima, hoje denominada *Esculca*, querem alguns derival-a de *escuta*; porque ali se demorára o exercito luzitano como em *escuta* e observação.

«Louvem e agradeção os nossos conterraneos *estas sonhadas invenções* áquelles historiadores, que se prazem *em os divertir* ou estimular de zelo patriotico; mas eu quizera que huma critica mais judiciosa tivesse presidido ás suas lucubrações, e que não tivessem corrido tanto á larga pelo campo das *falsas conjecturas*. [2]

«Com effeito a tradição d'estas façanhas se teria extinguido depois de tantos seculos, e a não ser o monumento, cujos restos ainda hoje subsistem, por ventura nem aquella victoria alcançada, nem mesmo a estada e marchas dos exercitos por estes sitios serião para acreditar. Debalde Floriano del Campo e Fr. Bernardo de Brito adduzirião *as lapi-*

---

[1] *N'este e n'outros pontos*, mas comprehende tambem algum trabalho novo sobre assumptos differentes, um mappa geographico do concelho de Viseu, diversos mappas estatisticos do concelho e do bispado, etc., etc.

[2] Berardo, *Memoria 1.ª*, publicada no *Liberal* em 1857.

[1] Refere-se á *Monarchia Lusitana* de Fr. Bernardo de Brito e aos *Dialogos* do dr. Botelho, que Berardo compulsou, mas *nunca citou*, pelo que alguem o censura.

[2] Refere-se ao dr. Botelho que, sendo aliás muito illustrado, era da escola de Fr. Bernardo de Brito e mais crendeiro ainda do que elle. Dominado pelo amor patrio, estava sempre a compor versos e lendas em honra de Viseu,—em quanto que Berardo era da escola de Alexandre Herculano,—*muito severo* nos seus escriptos e *muito avesso* a lendas e fabulas.

des de sua invenção encontradas junto a Viseu,[1] e o testemunho de Gallio Favonio. A critica desmentio o gosto particular destes historiadores, como se póde ver no insuspeito André de Rezende.

—

«É certo que o tempo não nós deixou chegar os pormenores dos combates entre Viriato e Caio Nigidio; nenhum synchrono nos refere o logar onde aquelle destroçára este, nem é crivel que a mencionada *Cava*, constando de um espaçoso *octogno regular*,[2] defendido por um fosso cheio d'agoa, fosse a obra de poucos dias.

«De todos os auctores latinos que hoje possuimos, e que escreverão das guerras de Viriato, nenhum faz menção do pretor *Caio Nogidio*, á excepção da obra intitulada: *De Viris illustribus Urbis Romanae*, que se exprime d'este modo: «Viriato, portuguez de nação, primeiramente pobre mercenario, e depois caçador por passatempo, e ladrão por audacia, fez-se ultimamente capitão, tomando á sua conta a guerra contra os romanos, cujos generaes, Claudio Unimano e *Caio Nigidio*, derrotou.[3]»

«De passagem observaremos em primeiro logar que os romanos, sendo os oppressores dos povos por excellencia, erão muito liberaes em dar o epitheto de *salteadores* a todos os que se lhes oppunhão, e defendião o que era seu. Em segundo logar notaremos que a citada obra, ainda que encontrada nos codices antigos, tem sido variamente attribuida a *Suetonio*, a *Plinio o Moço*, e a *Cornelio Nepote*, ou para melhor dizer, não se lhe sabe autor; o que na verdade ja he huma grande lezão na sua legitimidade.

«O que hoje prudentemente podemos conjecturar, com mais probabilidade, he que a *Cava de Viriato* fôra huma daquellas construcções, que os romanos denominavão *Castra Hiberna*, e as edificavão para muito tempo, collocando nellas hospitaes, armazães, e outras fabricas de guerra. Alguns antiquarios as denominarão *Campos de Cezar*; porque este general levantára muitos nas Gallias, e a seu exemplo outros capitães romanos fizerão o mesmo nas provincias, que andavão conquistando. Affirma-se que a França tem hum grande numero destes *Campos*, alguns dos quaes assentão sobre pontos elevados, e se apoião ora em rios, ora em valles profundos, que lhes servião de defesa. Outros levantados em lugares chãos erão defendidos por entrincheiramentos de atterros de muitos pés d'altura, terminando em cavallete, e circuitados d'um fosso profundo, onde introduzião as agoas, que a natureza do terreno lhes ministrava. Praticavão lhes tambem as sahidas necessarias para as communicações exteriores. O estado dos muros e configuração dos trabalhos tem servido de base para caracterisar estes campos, e reconhecer a sua epoca; porem ha nisto pouca segurança, e não se tem podido passar das conjecturas.

—

«Os fados porque tem passado o nosso monumento da *Cava*, tem-lhe sido pouco favoraveis. D'antigas Memorias sabemos que em 18 de abril de 1461 o cabido da Sé de Vizeu tomára posse da *Cava de Viriato* em terras que até áquelle tempo erão de Reguengo. Achava-se então com portas que se abrião e fechavão, como fosse necessario, e dentro havia huma capella do titulo de *S. Jorge*...[1]

«Huma ordem regia do anno de 1728 man-

[1] Logo as daremos *a titulo de inventario.*

[2] Aqui tambem Berardo claudicou, seguindo o testemunho de Botelho, pois ella *ainda hoje* tem 11 faces, não 8, como adiante se verá, quando a descrevermos.

[3] O texto latino é—*Viriatus, genere Lusitanus*...—como Berardo o deu na outra *Memoria*, onde accrescenta o seguinte: «Notamos que Rezende attribue esta obra a Plinio, talvez porque no seu tempo fosse a opinião seguida; entretanto podemos reputal-a *apocrifa*, quando os melhores criticos a rejeitão; e sabendo-se que o erudito Walchio na *Historia Critica da Lingua Latina* nem menção fez de tal livro!»

[1] Para evitarmos repetições, veja-se o que dissemos d'esta capella no topico *Feiras e mercados*, pag. 1554, col. 2.ª—e no topico *Templos extinctos*, n.º 10, pag. 1564.

dou que a *Cava de Viriato* fosse medida e apêgada. Achou-se que ainda então os muros, ou aterros, tinhão trez *lanças* d'altura com 40 palmos de largura no cimo. He provavel que na sua origem rematassem em cavallete, pelo que já advertimos.

«Segundo o auctor do *Elucidario* a *lança* era huma medida agraria, que constava de 25 palmos craveiros.

«Os muros derão em circuito 3:065 passos andantes, apresentando quatro grandes aberturas, que tiverão cantaria com portas; obra dos mesmos romanos. Existia sómente o vão dos portaes, porque a pedra, como refere Fr. Manoel da Esperança, fôra tirada para a edificação do convento de S. Francisco d'Orgens; o que alguns affirmão ter sido por provizão de D. Affonso V. Entretanto podemos assegurar que no cartorio daquelle extincto convento não existia este documento.[1]

«A camara municipal, em junho de 1818, a instancias do general da provincia, Antonio Marcellino Victoria, mandou levantar marcos pelo circuito interno e externo dos muros da *Cava;* porem esta providencia baldou-se, porque já dantes os lados orientaes, equados ao solo, se achavão alienados em aforamento; e os restantes continuarão, sem embargo, a ser acommettidos pelas cerceaduras e escavações dos possuidores das glebas contiguas. Finalmente este monumento veneravel parece que se vai despedindo da geração actual, e a seguinte por certo que não tardará a derrear-lhe o dorso por essas planicies. Saudemol-o pois!... já que os homens da governança não querem intender nestas archeologias, e os cobiçozos visinhos vão cavando para si.»

E tal não disse da *Cava* n'esta *Memoria* o sabio conego. Na outra diz quasi o mesmo. Apenas accrescentou : «...do fosso de agoa que cercava os muros resta ainda hum pequeno lanço do lado occidental, a que dão o nome de *poço da Cava...*»—e termina d'esta fórma:

«Algum dia o viajante instruido interrogará o colono pela soberba construcção, que talvez aplanada elle calca aos pés, e huma estupida resposta será o premio da sua curiosidade!

«*Mortalia facta peribunt.*»

—

Brito, invocando a auctoridade de Laymundo (*com bom santo se apegou!*) depois de descrever a grande victoria alcançada por Viriato contra Nigidio (?) diz que na sua opinião a cidade de Viseu ainda não existia quando se deu a batalha (anno 146 antes de Ch.) na *Cava* ou junto da *Cava*, porque ali appareceram duas lapides nas quaes se faz menção dos lancienses, povos do Cima-Côa, e dos habitantes de Lamego ou *Laconimurgi*, mas não dos visienses.

As taes lapides (*apocriphas*) são as seguintes :

L. ÆMIL. L. F. CONFECT. VVLNERE. HOST. SVB. NIGIDIO. COS.
CONT. VIRIATVM. LATRONEM.
LANCIENS. QVOR. REMP. TVTARAT. BASIM. CVM. VRNA ET STATVAM. IN. LOCO. PVBL. EREX.
HONORIS. LIBERAL. QVE. ERGO.[1]

«Os Lãcienses puzerão em lugar publico hua Base com sua estatua, & hum vaso com as cinzas de Lucio Emilio, filho de Lucio, que morreo na batalha de Negidio, contra o salteador Viriato, ferido por hum enemigo,

[1] Francisco Manuel Correia, fallando tambem da *Cava* na sua interessante *Memoria*, cap. 2.º pag. 6, diz:—«*He certo* que do archivo do Cabido de Vizeu consta que por Provizão de D. Affonso V de 1460 fôra dada por esmolla para as obras do convento dos frades de S. Francisco d'Orgens *toda a pedra* que fosse necessaria e se encontrasse na *Cidade de Vaca*, que se havia principiado dentro da *Cava*. Isto prova (diz F. Manoel) que naquelle tempo ainda, em 1460, os habitantes da cidade de Vizeu davão á *Cava de Viriato* o nome de *Cidade de Vaca.*»

[1] Seguimos a lição do *Portugaliae inscriptiones romanae* (pag. 160 n.º 354) por ser mais correcta do que a da *Monarch. Lusit. loc. cit.*—e é a *unica inscripção romana* que se encontra no *Portugaliae inscriptiones* com relação a Viseu ?!...

& foi-lhe posta pelo honrar, & mostrar com elle magnificencia, por lhe sempre ter emparado sua Republica.»

—Traducção do proprio Fr. Bernardo de Brito.

Esta inscripção e o tal *monumento com estatua* revelam uma polidez impropria dos lusitanos *in illo tempore*, pois todos concordam em que estavam ainda muito rudes, quasi selvagens, e tanto que não tinham casas nem fortificações de pedra.

Tambem mal se coaduna com o genio feroz d'elles e com o odio encarniçado que votavam aos romanos o irem levantar-lhes um monumento.

É tambem incrivel que os lusitanos *in illo tempore* fallassem tão correctamente o latim;—que dessem o titulo de *salteador* ao seu grande capitão Viriato—e que este consentisse tal affronta.

2.ª

L. CAPETU. CAP. F. CENT. LEGIONIS MAR.
TIAE ET. M. LUCEJU. C. MILIT. SUB. NIGI:
DIO. CONS. IN. BEL. VIRIAT. OCCUS. ORD. LA
CON. DIE ⌶ ⊢⊣ POST. PUG. IN CASTRIS. SEPEL.
AMORIS ET BENEFIF. CAUSA S. S. P. L. [1]

Em vulgar: «A gente do governo, & regimento de Laconimurgi, ou Lamego (diz Fr. Bernardo de Brito) por causa de amor, & gratificação, sepultárão a Lucio Capeto, filho de Capeto, Centurio da Legião Marcia, & a Marco Lucio, Tribuno dos soldados, aqui nos proprios reaes ao terceiro dia depois da peleja, & forão mortos na guerra feita contra Viriato, debaixo da bandeira do Cousul Megido (sic).»

D'esta inscripção se vê que os lusitanos lamecenses não eram menos *polidos* nem foram menos *generosos* do que os lancienses para com os romanos, seus implacaveis inimigos?!...

Nem hoje em pleno seculo XIX, no *seculo das luzes*, se apontam exemplos de tanta polidez e tanta generosidade, mesmo nas guerras entre as nações mais cultas.

Prosigamos.

—

Fr. Bernardo de Brito diz tambem—que Viriato, depois da derrota de Claudio Unimano, marchou em defesa da Beira, onde *teria* (N. B.) seus parentes,—e que Nigidio, apenas soube da approximação de Viriato, *se começou de fortificar em hum campo descoberto, segurando o seu exercito em grandes vallos de terra que ainda hoje durão perto de Vizeu*...

Diz mais:—que no seu tempo os habitantes de Viseu e os lavradores que viviam em redor da *Cava* contavam d'ella *mil patranhas*, dizendo que se abriram aquelles vallos para fundarem dentro a cidade *e que no romper d'elles era o trabalho tão excessivo que morria muita gente e os boes, que tiravão a terra, chegavão a ourinar sangue vivo*; mas que na opinião d'elle a *Cava* não foi na sua origem mais do que o *real* de Nigidio, ou acampamento fortificado pelo dicto pretor.

A isto se reduz o que diz Fr. Bernardo de Brito, e foi o bastante para que Botelho, cego pela paixão que o prendia á sua terra natal e guiado pela sua fantasia de poeta, paraphraseando a Brito dissesse o que se lê no seu *Dialogo* 1.º, cap. 9-12.

Principia por calumniar a Brito, affirmando que elle dissera que Viriato *tinha* seus parentes na Beira. Elle disse *teria*, o que faz muita differença, dando a entender que era, como effectivamente é, muito incerta a patria de Viriato. Disputam essa honra muitas povoações das abas da Serra da Estrella, taes são Gouveia, Ceia, Linhares, Vallesim, Povoa Velha e *Folgosinho*. Esta ultima até aponta *ainda hoje* (1888) alguns pobres seus visinhos como descendentes e legitimos representantes de Viriato, mas a pequena povoação da *Povoa Velha*, a montante e pouco distante da villa de Ceia não consente que outra qualquer lhe roube a gloria de ter dado o berço ao grande capitão lusitano.[1] Nada porem respeitou o dr.

---

[1] *Monarch. Lusit. loc. cit.*
O *Portugaliae inscriptiones* não deu esta inscripção, que julgamos *muito incorrecta*.

[1] V. *Povoa Velha*, *Eburobriga* e *Alfeizirão*,

Botelho, pois não hesitou em affirmar que Viriato era natural da antiga cidade de *Viseu*,—e isto sò pelo facto de elle correr a defendel-a ?!...

«*Na pressa, com que a soccorreu declarou ser sua patria.*»

Diz mais—que o nome da dicta cidade era *Vaca*, depois *Cava*, [1]—e pelo *facto* (?) de irem tambem defendel-a ou fortalecer-se n'ella os habitantes de Riba-Côa e Lamego (refere-se ás inscripções supra) o mesmo Botelho conclue que a dicta cidade era *muito importante* e que os lusitanos *naquelle tempo não podião ter cidade mais forte.* [2]—Nem os visienses mais apaixonado historiador e mais inspirado cantor, pois alem de sustentar com muitas *conjecturas* que a dicta *Cava* não foi acampamento de Nigidio, mas cidade e *cidade famosa*, sitiada por elle e fundada *muito antes que os romanos sonhassem vir á Hespanha*, termina a sua ardente apologia em verso castelhano, á moda d'aquelle tempo (1630 a 1636) cantando a *Cava* e a cidade de Viseu em um bello romance de 25 quadras.

Principia assim :

Pela progenia de Tubal,
Nieto del gran Patriarcha,
Que ha sido el primero hombre
Que vino a poblar España

La *segunda poblacion*, [3]
Que de aquestos fue fundada,
Era uma ciudad aquien
Los antigos llaman *Vacca*.

No eran sus muros fuertes,
De piedra tosca, ó lavrada,
Mas de tierra, adobo, y ramos
Y de un fosso lleno de agoa.

Y de la misma materia
Era la mas grave casa,
Las coberturas de feno,
Que se entraguen en la llama.

Fue *patria de Viriato*,
A quien la embidia romana
Para le eclipsar el nombre
El sepulcro, y tierra calla.

Porque junto de su cierca
A Nigidio desbarata,
Que era um Pretor romano,
Contra ella incita la rabia.

Depues que le ha dado muerte
La infame tracion Cepiana,
Degaron esta ciudad
Yerma, asolada, y sin casa.

Aquesta llamou Estrabon
Por la miesma causa *Vacua*,
Y nós li llamamos oy
Por su vallo, y fosso *Cava*.

....
....

O dr. Botelho rivalisava com o illustre filho de Beja, *seu contemporaneo*, — Christovam Rabello de Macedo, tambem fidalgo distincto e distincto escriptor. Nem o *Diccionario Bibliographico* de Innocencio, nem o sr. Brito Aranha, seu illustrado continuador, mencionam *Christovam Rabello de Macedo*, mas é certo que em 1625 escreveu em fórma de *Dialogos* tambem uma interessante relação da jornada que fizeram de Beja a Roma 4 fidalgos (o auctor era um d'elles) para ganharem as indulgencias do jubileu do *Anno Santo*,—«*Dialogos* que tractão da Historia, Antiguidades, e de algumas Familias da sempre nobre Cidade de Beja.»

São tambem como os de Botelho, uma especie de *Nobiliario*;—n'elles brilha tambem

---

onde já se fallou dos dois Viriatos, insignes capitães nossos.

[1] Este ponto é muito controverso. V. o topico—*Fundação e antiguidade de Viseu.*

[2] Segundo dizem varios historiadores, a cidade mais forte e mais populosa de Portugal e da peninsula foi *Laconimurgi*, a velha Lamego, na opinião do proprio dr. Botelho, de Fr. Bernardo de Brito e d'outros antiquarios.

V. *Lamego, Laconimurgi, Bobadella, Queimada* e *Queimadella*.

[3] *Caramba?!...*
Ex digito gigas.

com muita luz o amor da terra natal;—são igualmente escriptos em portuguez e tambem intermeados de versos em portuguez e castelhano.

Nós já fizemos publicar no *Bejense* aquelles *Dialogos* em folhetins, desde o n.º 896 de 2 d'abril de 1878 até o n.º 1:007 de 17 de abril de 1880, sob o titulo de *Peregrinos de Beja*, para salvarmos um codice que possuiamos já sem as primeiras folhas,—codice que depois offerecemos, com uma collecção do *Bejense*, á *Bibliotheca Municipal do Porto*, a qual já possuia 2 codices com os mesmos *Dialogos* e hoje possue 3. São os codices 230 231 e 231—A—do seu ultimo catalogo, publicado em 1886.

Ha pois *muita analogia* entre os *Dialogos* de Christovam Rabello de Macedo—e os *Dialogos* do dr. Manuel Botelho Ribeiro; mas n'estes, como obra offerecida a um bispo, predominam a gravidade e seriedade;—n'aquelles o humorismo. Parece que foram escriptos para nunca verem a luz da publicidade e por isso estão intermeados d'anecdotas, algumas *muito livres!*... Tambem n'elles se apontam bastantes *senões* de familias nobres.

V. *Beja* no supplemento.

Desculpem-nos a digressão e prosigamos.

A Cava na actualidade

Não sabemos quando nem por quem foi feita a *Cava*—e muito provavelmente foi um dos *Campos de Cesar* ou *Castra Hiberna* dos romanos, fundada por estes e não pelos antigos habitantes da Lusitania, pois era uma fortificação muito importante, muito luxuosa para aquelles tempos.

Ella hoje apenas tem muros—grandes marachões—de terra, mas já teve portas, seteiras e revestimento parcial ou total de boa pedra. D'ali foi muita para o convento d'Orgens, em virtude do alvará de D. Affonso V, apontado supra, com data de 1460, mas ainda em 1630 a 1636 o dr. Botelho descrevendo-a dizia como testemunha ocular o seguinte: «A opinião de ser real de Nigidio fica bem refutada com a vista d'este edificio, que alem de ser huma cousa tão grande, e forte, neste mesmo *muro de pedra* (onde já entramos) que não foi feito ao acaso, nem para huma defensa momentanea.....

«Este pedaço de muro *tão forte e argamaçado*... estas 3 seteiras, portas, e vasão das agoas desta cidade em circuito, são tão bem feitas e *lavradas*......»

Tinha pois solidos muros, portas, seteiras e grandes fossos ainda no meado do seculo XVII. Passados 100 annos (em 1728) os muros já não tinham pedra, mas ainda em alguns pontos tinham d'altura tres lanças ou 75 palmos craveiros,—mais de 16 metros!

Com o decorrer do tempo tem soffrido muito e já não é a sombra do que foi. Perdeu *todo*, absolutamente *todo* o seu revestimento de pedra; dos largos fossos que a circuitavam apenas resta um pequeno lanço; os seus muros são hoje apenas marachões de terra, mas ainda assim marachões grandiosos, imponentes, que despertam a attenção e a admiração dos forasteiros, como já nos succedeu, quando nos abeirámos d'elles em 1862.

Passando nós por Viseu, fomos passeando muito despreoccupados até o *Campo da Feira*. Vendo um extenso e alto muro de terra com algumas arvores e sendas a modo de passeio publico, subimos ao alto d'elle e não nos arrependemos, porque d'ali se gosa um lindo panorama. A sopé, ou a S. O., o vasto *Campo da Feira*, banhado pelo Pavia, que serpeia lá no fundo; na outra margem (esquerda) do Pavia o bairro da Ribeira; no alto ou no viso da encosta o bairro da Sé coroado pelos vistosos edificios da *Cathedral*, do *Collegio* e da *Misericordia*; a E. e S. E. os vastos campos dos arrabaldes de Viseu; a N. e N. O. uma grande planicie cultivada e algumas habitações ruraes de longe em longe.

Estando eu então completamente desprevenido e não podendo comprehender a significação d'aquelle monte enorme e artificial de terra, inquiri um transeunte.

—É a *Cava de Viriato*!—respondeu elle immediatamente e com certa emphase.

Fixei-a então um pouco melhor, mas não a percorri nem a medi, porque estava longe de suspeitar que tivesse de descrevel-a, e,

desejando accentuar bem o que na actualidade (janeiro de 1888) ainda resta de tão venerando monumento, pedi ao sr. dr. Nicolau Pereira de Mendonça, meu bom amigo e principal Cyreneu n'este artigo, que me valesse. Annuiu s. ex.ª de bom grado e, apesar dos seus longos annos e dos seus padecimentos, lá foi no dia 12 de janeiro de 1888 com um seu feitor, um afilhado e o sr. Francisco Cardoso Pereira, outro venerando ancião e distincto amador e investigador das coisas de Viseu. Percorreu-a e mediu-a toda, gastando 4 $1/2$ horas com o trabalho de campo e depois no seu gabinete organisou e desenhou uma bonita planta na escala de 1 para 5:000, ou de um millimetro para 5 metros,—planta que se dignou enviar-me e que tenho presente, sentindo não podermos dal-a em gravura, porque adiantava muito mais do que tudo o que nós possamos dizer.

—

A *Cava* não é octogona, como disseram Botelho, F. Manuel e Berardo. É um polygono irregular de 11 faces, ainda hoje bem visiveis, mas parece que outr'ora teve 13, pois 2 fazem uma insignificantissima curva.

Demora em planicie funda a N. de Viseu, a montante e a N. N. O. do *Campo da Feira*, na margem direita do Pavia.

Quem for a Viseu e quizer ver a Cava tem de atravessar o Pavia na ponte de pedra que está no *largo da Ribeira* e que liga o bairro d'este nome com o grande *Campo da Feira*, hoje *Campo de Viriato*.

Na dicta ponte passa a nova estrada districtal a macadam para S. Pedro do Sul, estrada que a partir da ponte tem um vistoso lanço de 3 kilometros em recta, quasi todo bordado de arvores pyramidaes, atravessando o *Campo da Feira* de S. E. a N. O. e deixando á direita a *Cava*, approximadamente a 30 metros de distancia [1] depois de percorridos 550 metros alem da ponte.

E se, deixando a dicta estrada, partirmos da ponte *em recta para N. E.*, deixaremos á esquerda, approximadamente a 150 metros da ponte, a capellinha de Nossa Senhora da Conceição, onde se festeja o apostolo S. Matheus por occasião da feira;—um pouco mais acima deixaremos á direita o velho quartel militar—e a montante d'este, approximadamente a 300 metros da ponte, encontraremos o 11.º lanço da *Cava*,—o mais proximo da ponte,—formando angulo recto com a linha indicada, pois o dicto lanço, que está contiguo ao quartel, prolonga-se de E. a O. e forma a extremidade S. da *Cava* e por assim dizer—a base do grande polygono.

Sigamos agora para a nossa esquerda e vamos percorrendo e descrevendo toda a circumferencia da *Cava*.

—

O lanço immediato (1.º da planta) é o mais vistoso, mais alto, mais saliente e o que nós percorremos em 1862.

Ainda hoje está todo arborisado com algumas arvores antigas e outras modernas, e tem 2 passeios:—um junto da base do grande talude e da *horta dos soldados*, com alguns assentos de pedra; outro no alto do talude É o lanço mais bem tractado e mais bem conservado, mas já esteve muito mais alindado, porque antes da extincção das ordens religiosas e de se arvorar em quartel o convento de *Santo Antonio de Maçorim*, o regimento da guarnição de Viseu (então infanteria n.º 17) occupava o quartel contiguo á *Cava* e a officialidade transformou o dicto lanço em uma formosa alameda, jardim e passeio publico.

Datam d'aquelle tempo as arvores mais antigas que ainda hoje lá se vêem, mas já desappareceram as flores, as trepadeiras e um lindo caramanchão, etc.

O dicto lanço trajou galas e foi o *rendez-vous* de Viseu, mas com aquelles embellesamentos e movimentos de terra perdeu bastante altura. Dos 16 metros que tinha em 1728, hoje a sua altura maxima, *a prumo*, do lado exterior ou sobre a *horta dos soldados*,[1] está reduzida a $10^m,500$; e a do lado

---

[1] Referimo-nos ao angulo mais proximo, formado pelos lanços 1.º e 2.º da *Cava*, na planta do sr. dr. Nicolau de Mendonça, base da nossa descripção.

[1] Denomina-se *horta dos soldados* a parte do antigo fôsso arrazado ha muitos annos,

opposto a 5 metros, medidos tambem *a prumo*.

Na base tem de largura 31^m,60;—no alto do cavallete 6^m,00; — comprimento total 216^m,00.

Caminhando para a nossa direita, o lanço immediato (2.º da planta) tem de comprimento 240^m,00—e na sua extremidade N. está o vão de uma das 4 antigas portas.

O dicto vão tem de largura 15^m,00.

O 3.º lanço tem de comprimento 244^m,00, caminhando para N.

Encostado a este lanço ainda hoje se vê, do lado exterior, um fragmento dos antigos fossos. Denomina-se *Poço da Cava*, especie de lago com 12^m,60 de largura e 147 metros de comprimento, cuja agua não secca nem trasborda, por ser mais alto o terreno circumvisinho. Apenas na estiagem tiram alguma para rega com uns engenhos muito simples, denominados *picanços*. Assim regam alguns chãos da quinta contigua que foi do fallecido negociante *Castello Branco*, cuja casa defronta nas traseiras com o lago e tem uma linda varanda quasi sobre elle.

O Padre Leonardo de Sousa no 1.º tomo do seu *Catalogo* tambem fallou d'este poço e disse que criava peixes, mas que ninguem os pescava nem comia, receando serem nocivos á saude, por estar a agoa sempre encharcada.[1]

O dicto poço tem de superficie cerca de 1:850 metros quadrados; é de suppor que tenha nascentes proprias que o alimentam e que muito provavelmente alimentavam os fossos aquaticos que outr'ora circuitavam a *Cava* toda. Tambem é de suppor que os dictos fossos recebessem as aguas pluviaes da Cava e dos terrenos adjacentes—e talvez as do Pavia, captadas em altura propria, a grande distancia.

—

O 4.º lanço, immediato a este, tem de comprimento 257 metros e quasi a meio a abertura de uma das 4 antigas portas, cujo vão tem de largura 10 metros.

O 5.º lanço pela ordem seguida tem de comprimento 240 metros e fórma com o 4.º lanço o angulo e a extremidade N. da *Cava*.

O 6.º lanço tem de comprimento 254 metros e a 64 metros, contados do norte, tem o vão d'outra antiga porta com 10 metros de largura.

O 7.º lanço tem de comprimento 180 metros—e na sua extremidade S. está um pontão sobre o ribeiro, que vem da aldeia de S. Thiago, e vae regar a quinta das *Mestras* e a do *Coval*, que ficam defronte d'este lanço.

É tambem muito provavel que outr'ora as aguas d'este ribeiro alimentassem parte dos fossos, pois elle tóca no sitio do pontão no muro de terra d'este lanço.

O 8.º lanço tem de comprimento 140 metros e o 9.º 145.

Estes 2 lanços já estão quasi destruidos e nivelados com o solo.

O 10.º tem de comprimento 185 metros e na sua extremidade S. O. estava uma das antigas portas, cujo vão tem hoje de abertura 20 metros, porque ha ali uma especie de terreiro que dá serventia para differentes casas e quintas já feitas dentro da Cava.

Este lanço corre atravez de bom terreno povoado de vinha e olival.

O 11.º (a N. do quartel) tem de comprimento 200 metros e é este o ultimo lanço do polygono e da planta.

—

Todos aquelles 11 lanços se tocam e formam 11 angulos de 130 graus, o mais fechado, e de 155 o mais aberto, mas a maioria d'elles é de 140 graus.

A circumferencia do polygono, contada pela extensão total dos 11 lanços, é de 2:303 metros:—a Cava tem de superficie approximadamente 300:000 metros quadrados—e dentro, não no centro, mas na proximidade dos muros, se vêem hoje diversas casas de

---

contiguo ao quartel e que acompanha o 1.º lanço até o meio d'elle; e talvez para o lado do terreiro da feira tenha mais largura do que o antigo fôsso.

[1] Hoje cria bastante peixe e até enguias saborosas, que são muito perseguidas pelos pescadores.

Este lago, quando está cheio no inverno, tem 4 metros de profundidade; na grande estiagem vê-se o fundo, mas então recolhem-se os peixes a um poço mais fundo que fica a E. do lago.

quintas e habitações ruraes, formando de longe em longe pequenos grupos. [1]

Berardo e Botelho disseram que os muros da Cava foram feitos sobre pedras, mas claudicaram n'este ponto, porque o sr. dr. Nicolau diz que não encontrou pedra alguma apparelhada ou tosca na base dos muros, nem mesmo nos lanços que estão quasi desfeitos e nivelados com o solo. Apenas encontrou ainda muitos dos grandes marcos de pedra, mandados pôr como balisas pela camara ao longo dos muros, tanto do lado interior como do exterior, quando emprasou aquelles chãos.

Tambem das arvores antigas apenas lá se encontram hoje 3 platanos monstruosos que, segundo consta, foram plantados nos principios d'este seculo pelo general inglez Andressen.

Desappareceram tambem já do antigo fosso do lanço n.º 1, hoje *Horta dos Soldados*, duas ou tres grandes arvores lindissimas,—*Acers negundo* (*acers com folha de freixo*)—que lá se viam no meado d'este seculo. Todas as arvores que hoje ensombram o dicto lanço, tanto antigas como novas, não teem merecimento algum, exceptuando alguma *Robinia pseudo-Acacia*, a que o povo chama *Espinhosa*.

A isto se reduz a pobre *Cava*, este monumento venerando que já conta mais de *vinte seculos*, pois com certeza é anterior ao nascimento de Christo.

O 1.º dos lanços mencionados supra olha para S. O.; o 2.º para O. S. O.; o 3.º para O. N. O.; o 4.º para N. N. O.; o 5.º para N N. E.; o 6.º para N. E.; o 7.º para E.; o 8.º para E. S. E.; o 9.º para S. E.; o 10.º para S. S. E.—e o 11.º para S. S. O.

[1] Tambem ali se montou recentemente uma fabrica de vidros. Foram seus fundadores José Antonio Antunes dos Santos, José dos Santos Cunha e João Rodrigues de Figueiredo.

Começou a funccionar no dia 7 de maio de 1888 e por emquanto apenas produz telhas, redomas e vidraça lisa.

Monumentos pre-historicos nos arrabaldes de Viseu

No topico antecedente fallámos da *Cava de Viriato*, monumento venerando e muito antigo, pois conta talvez 2:000 annos, mas agora vamos fallar d'outros monumentos muito mais antigos, que se encontram em volta de Viseu. São as *Orcas* apontadas pelo dr. Botelho (*Dialogo* 1.º cap. 13) como aras gentilicas, que estavam, e não sabemos se estão ainda hoje, entre Mondão e Cavernães, dizendo que outras muitas se encontravam (*e encontram*) na Beira, *com pedras de estranha grandeza.*

O auctor não as descreve e nada mais diz a tal respeito, mas evidentemente as taes *orcas* são o que os estrangeiros denominam *dolmens* e que nós denominamos *antas*, *orcas* [1] e *arcas*,—monumentos megalithicos e pre-historicos da idade de pedra, formados por grandes penedos toscos postos a prumo ou inclinados para o centro e cobertos por outro grande penedo tambem tosco e em forma de *mesa*,—tudo apparentemente sem apparelho algum, como se usava no tempo anterior ás idades do bronze e do ferro, tempo que não póde precisar-se, mas que remonta *milhares d'annos talvez* para alem do nascimento de Christo e da fundação da Cava.

Em todas as sciencias ha mysterios e é mais—*muito mais*—o que se ignora, do que aquillo que se sabe ou *presume saber-se*, mas poucas sciencias estão ainda tão atrazadas como a *archeologia pre-historica*, ou *paleonthologia*, e a *antropologia*, nomeádamente no nosso paiz, tão pequeno e tão falto de incentivos e de recursos de certa ordem, mas que offerece um vasto campo aos *anthropologos* e *archeologos*.

—

Das *antas*, ou *arcas*, ou *orcas* ou *dolmens*

[1] *Orcas*. Este nome que o dr. Botelho deu ás *antas*, não se encontra em diccionario algum da lingua portugueza, nem mesmo no *Elucidario* de Viterbo, mas é o nome vulgar por que o povo das comarcas de Vizeu e de Gouveia designa estes monumentos.

apenas estão reconhecidos alguns exemplares. Fr. Affonso da Madre de Deus Guerreiro na sessão de 1 d'abril de 1734, da nossa *Academia Real de Historia Portugueza*, aprezentou diversas *Memorias* e entre ellas uma relação de 315 *antas*, mas infelizmente nenhuma d'aquellas *Memorias* foi publicada,[1] —nem o *Dicc. Bibl.* de Innocencio, nem o seu continuador Brito Aranha mencionam *como escriptor* tal Academico!...

O *Mappa pre-historico* exposto no *Museu da Secção Geologica*,—mappa que o sr. Oliveira Martins resume nos seus *Elementos de Anthropologia*, 2.ª edição—aponta 179 antas, numero que tem augmentado com as explorações posteriores, nomeadamente com as do sr. dr. Martins Sarmento, como póde ver-se no seu *Relatorio da Expedição Scintifica á Serra da Estrella* em 1881, e nos seus estudos publicados no *Pero Gallego* e no *Tirocinio*. Tambem o sr. Leite Vasconcellos no seu folheto *Uma excursão ao Soajo* (Barcellos, 1882) menciona mais 6 antas descobertas no Alto-Minho, e outras muitas se apontam em differentes artigos d'este diccionario; mas quantas não jazem ainda completamente ignoradas,—e não só antas, mas outros muitos monumentos megalithicos da familia dolmenica, taes como *antellas, antinhas, mamoas, carns, menhirs, cromleks, alinhomentos e pedras baloiçantes?*

Antellas e *antinhas* são monumentos da configuração dos *dolmens* ou *antas*, mas um pouco mais pequenos e ordinariamente sem mesa e sem *galeria lateral*, como teem ou tiveram as antas.[2]

Mamoas ou *mamôas* ou *mamunhas* e tambem *madorras* ou *arcas*[3] são monumentos funerarios pre-historicos, formados por grandes montes de terra de forma conica ou pyramidal sobre *arcas* de pedra tosca, onde encerravam os cadaveres, ou sobre as *antellas* e *antinhas* e talvez sobre as proprias *antas*.

V. *Mamoa* n'este diccionario.

Carns ou *cerrados dos mouros*, segundo se suppõe, eram templos gentilicos sem tecto.

V. Carn.

Menhirs eram uma especie de columnas ou pyramides formadas por grandes monolithos postos a prumo sobre penedos ou firmes e enterrados no solo,—e constavam de um só monolitho ou grande penedo tosco,—ou de dois e mais penedos sobrepostos e encastellados uns sobre os outros.[1]

Talvez sejam *menhirs* os 4 penhascos de *Moreira de Rei*, concelho de Trancoso, apontados por nós no artigo *Viariz*, formando duas meias luas com as pontas voltadas para o firmamento,—e talvez seja tambem *menhir* outro penhasco em forma de torre, for-

---

[1] Veja-se o tomo 15.º das *Memorias da Academia Real de Historia Portugveza*, relativo ao anno de 1734.

[2] As *galerias lateraes* são um dos caracteres das *antas*, como diz o sr. dr. Martins Sarmento no *Pero Gallego*, n.º 15, pag. 5.

[3] Na Beira o povo denomina tambem *orcas* os *dolmens* ou *antas*, como os denominou o dr. Botelho nos seus *Dialogos* em 1630 a 1636, e como se lê no artigo *Canas de Senhorim*, notando-se que por erro typographico ali se encontra *o cas* em vez de *orcas*.

Tambem o povo chama *Pedra d'Orca* ou *Penedo dos Mouros* uma *anta* que se encontra no concelho de Gouveia, entre Rio Torto e Arcozello, como diz o sr. dr. Martins Sarmento no seu *Relatorio*, pag. 21; mas tambem na Beira os dolmens se denominaram e denominam *antas*, como estão dizendo a freguezia de *Antas de Penalva do Castello*, nas margens do rio Dão, ao nascente de *Viseu*, —e a de *Antas de Penedono*.

Orco, segundo se lê no supplemento ao *Vocabulario* de D. Raphael Bluteau, era um rio da Thessalia que sahia da lagoa Stigia e levava aguas tão gordas, que tomavam a superficie do rio Penéo, em que se mettiam, *e andavão de cima como azeite*. D'aqui proveiu ser o *Orco* chamado *rio do inferno* e dar-se tambem o nome de *Orco* a Plutão, deus do inferno, e ao proprio inferno. Pelo mesmo motivo tambem os gregos deram aos sepulcros o nome de *orcos* — e dos gregos acceitaram os beirões a denominação de *orcos*, depois *orcas* e *arcas*, dada aos *dolmens* ou *antas* e *mamoas*, medonhos sepulcros dos *celtas* ou *pre celtas*.

[1] V. *Introducção á Archeologia da Peninsula Iberica* pelo dr. Augusto Filippe Simões, (Lisboa, 1878) pag. 76 e segg.

mado por differentes penedos, e que se encontra a pequena distancia de *Moreira de Rei*, quasi ao fundo do ramal a macadam (lado esquerdo de quem desce) de Trancoso á nova estrada real de Celorico ao Pocinho.

V. *Viariz* e *Moreira de Rei* n'este diccionario e no supplemento.

Cromleks são grandes penedos, especie de *menhirs*, em forma de circulo.[1]

Alinhamentos são fileiras de *menhirs*.

Pedras-baloiçantes são rochedos enormes assentes sobre outros rochedos e oscillando com um certo impulso.[2]

—

Quantos d'estes venerandos monumentos existiriam outr'ora no nosso paiz e terão sido despedaçados, sem que hoje reste d'elles vestigio algum?

Todas as explorações archeologicas do nosso paiz teem sido espontaneas, feitas pelos amadores e forasteiros *á custa d'elles*. Apenas a *Expedição Scientifica á Serra da Estrella* em 1881, promovida pela *Sociedade de Geographia de Lisboa*, foi subsidiada pelo governo, que fez uma parte das despezas, correndo a outra parte por conta dos expedicionarios que, alem d'isso, tiveram um trabalho insano,—primeiramente no campo, desde a cumiada até ás faldas da grande serra,—e depois no gabinete, para organisarem os seus relatorios,—tudo isto sem vencimento algum, pelo que os seus trabalhos ficaram muito incompletos. Foram apenas uma tentativa, um preludio para trabalhos ulteriores. Isto mesmo confessa o sr. dr. Martins Sarmento no seu *Relatorio da secção de Archeologia*, da qual foram presidente e vogaes o sr. Joaquim de Vasconcellos, do Porto, e o sr. Gabriel Pereira, distincto archeologo de Evora.

No dicto relatorio o sr. Sarmento aponta e dá em gravura uma *anta*, denominada do *Fontão*, sita em Paranhos, freguezia do concelho de Ceia; outra sita no *Monte Aljão*, concelho de Gouveia, e outra em *Carvalhal das Gouveias*, concelho de Pinhel, mas diz que só em *Paranhos, na area de pouco mais de um kilometro*, reconheceu mais 5 antas e colheu informações d'outras muitas em freguezias circumvisinhas, o que o leva a crer que na Beira encontraria grande numero d'ellas, se tivesse tempo de as procurar.

—

A mesma *onomastica* revela a existencia de muitos d'aquelles monumentos no nosso paiz, grande numero das quaes já desappareceu.

O sr. Leite Vasconcellos no seu pequenino, mas interessante folheto—*Portugal Prehistorico*[1]—aponta a aldeia denominada *Peravana* (pedra que abana) como indicando a existencia de um *penedo baloiçante*,—e nós apontaremos mais algumas povoações —villas, paruchias, aldeias, quintas, herdades e sitios, cujos nomes estão convidando os exploradores d'estes monumentos.

D'esses nomes occorrem-nos os seguintes: —*Altares*, aldeia; *Anta*, freguezia do concelho de Sabrosa; *Anta*, freguezia, e *Anta* serra do concelho da Feira; *Antas*, freguezia do concelho de Esposende; *Antas* freguezia do concelho de Villa Nova de Famalicão; *Antas* freguezia do concelho de Penedono; *Antas* ou *Antas de Penalva*, freguezia do concelho de Penalva do Castello n'este districto e não longe da cidade de Viseu, e *Monte das Antas*, no Porto.

Temos mais no nosso paiz 10 aldeias, 3 casaes, 3 herdades e 2 quintas com o nome de *Antas*; os casaes de *Antas de Cima*, *Antas do Meio* e *Antas de Baixo*, e 2 freguezias com o nome de *Arca*, modificação de *orca* ou de *ara* e que revelam a existencia de *dolmens* ou *antas* n'aquelles sitios. Na freguezia de *Arca*, a O. e não longe de Viseu, no concelho de Oliveira de Frades, *ain-*

---

[1] Filippe Simões, log. cit.

[2] Obra citada, pag. 76 e 81,—*Compt rendu* do *Congresso Anthropologico de Lisboa*, pag. 419,—e *Villa Nova de Tazem* n'este diccionario, tomo XI, pag. 887, col. 2.ª *in fine*, onde se descreve *muito minuciosamente* o penedo oscillante de *Pero Moleiro*.

[1] Pode considerar-se um compendio da *Prehistoria Portugueza*. É o n.º 106 da collecção Corazzi—*Bibliotheca do Povo*—e custa apenas 50 réis, como todos os outros folhetos da dicta collecção.

da lá se vê um dolmen junto da egreja matriz.

Temos tambem 8 aldeias, 2 freguezias, 2 herdades e 2 quintas com o nome de *Arcas*; 1 freguezia, 16 aldeias, 3 quintas, 1 casal e um sitio com o nome de *Arco*, talvez modificação de *orca* ou *arca*; 1 villa, 5 freguezias, 9 aldeias, 4 quintas, 3 herdades e 2 casaes com o nome de *Arcos* e *Arcos da Anadia* e *Arcos de Val de Vez*, villas e sédes de concelhos.

É mais provavel que estes nomes de *Arco* e *Arcos*—ou todos ou alguns d'elles—provenham das taes *orcas* ou *arcas* e não de *arcos monumentaes*, como alguem diz, pois não ha memoria de semelhantes arcos e deviam ser mais de 50!...[1]

Temos tambem no nosso paiz *Dolves* (talvez corrupção de *dolmens*) casal e sitio; *Donim* (talvez corrupção de *dolmin*) freguezia; *Donim*, aldeia, e *Donim* ou *Domin*, pequeno rio do Alemtejo; 1 quinta e 11 aldeias com o nome de *Madorra*, tambem synonymo de *anta, dolmen* ou *mamôa*; 3 aldeias com o nome de *Madorna*, talvez modificação de *Madorra*; 2 aldeias e um casal com o nome de *Madorno*; 1 casa nobre com o nome de *Maçorra*, talvez modificação de *Madorra* tambem; *Mamarrosa* talvez corrupção de *mama rasa*, freguezia do concelho de Oliveira do Bairro; 11 aldeias com o nome de *Mamoa* ou *Mamôa*; *Meimôa* e *Meimão*, aldeias,—e *Meimôa* (ha n'ella 3 *antas* ou *mamôas*[1]) ribeira confluente do Zezere.

Montilhão, nome tambem dado ás *mamoas* ou *mamôas*,—aldeia e sitio; 2 aldeias e 1 herdade com o nome de *Montão*,—e 1 aldeia com o nome de *Montingrão*; *Montinho das Antas*, casal; *Montinho das Covas* e *Montinho do Mouro*, herdades; 3 aldeias e 1 quinta com o nome de *Montouro*—e 1 aldeia com o nome de *Montorro*; *Monte das Arcas, Monte das Gigantas e Monte das Pedras Altas*, casaes e sitios; *Pedra d'Era* ou *Pedra d'Ara*,—*Pedo Altar*—e *Pedra d'Anta*, aldeias; 2 casaes com o nome de *Pedra Alçada*; 1 aldeia com o nome de *Pedras Alçadas*[2]; 1 casal e um sitio com o nome de *Pedras Altas, Pedras Juntas*, sitio; *Pedras Mouras*, casal; 3 quintas, 1 sitio e 1 *poço do Douro* com o nome de *Pedra Caldeira; Pedra Cavalleira* e *Pedra Cavada*, aldeias; *Pedra Empinada*, sitio; *Pedra Encavallada*, sitio e casal; *Perafita* (*petra fixa*) freguezia,—e *Perafita* ou *Parafita*, nome de 4 aldeias; *Peradança*, ou *Paradança* (talvez *pedra que dança* ou *oscilla*) aldeia,—e *Peravana* ou *Peravanas Cimeira*,—e *Peravana* ou *Peravanas Fundeira*, povoações da freguezia de *Carvoeiro*, concelho de Mação.

Podiamos indicar todas as freguezias e

---

[1] Ha tambem na Ribeira de *Rio Torto*, freguezia do concelho de Gouveia, uma ponte denominada *dos Domes*, que talvez fosse feita pelos mesmos constructores dos *dolmens*, pois é formada por 3 grandes penedos toscos e demora não longe dos dolmens do Monte Aljão e de Paranhos e do que existe na mesma freguezia de *Rio Torto*, mencionados no *Relatorio* do sr. dr. Martins Sarmento. Tambem a pequena distancia da *Ponte dos Domes* (ou *dolmens*) está o *penedo baloiçante* ou *penedo bolediço*, na phrase do povo, mencionado por nós no artigo *Villa Nova de Tazem.*

A dicta *Ponte dos Domes* ainda hoje dá passagem sobre a ribeira de Rio Torto, mas unicamente a pedestres. Não podem passar por ella carros, nem bois, nem cavalgaduras,—e dista cerca de 5 kilometros da *Ponte Palhez* e da margem esquerda do Mondego—e 2 kilometros da estrada nova a macadam de Mangualde a Gouveia, quando atravessa o *Monte Aljão*, a montante da *Ponte Palhez.*

Chamamos a attenção dos archeologos para a dicta *Ponte dos Domes*, que até hoje não foi reconhecida nem devidamente estudada. O pouco que dizemos d'ella colhemol-o de informações, pois nunca a visitamos.

[1] *Relatorio* do sr. dr. Martins Sarmento, pag. 23.

[2] O sitio por onde entra em Viseu a estrada nova da Mealhada n.º ... tambem se chama *Pedra Alçada*, talvez por ali haver em tempos remotos alguma Anta, Orca, ou Dolmen.

concelhos a que pertencem as aldeias, herdades, casaes, quintas e sitios mencionados supra, mas, como este topico e este artigo vão já muito longos, quem necessitar d'aquellas indicações veja a *Chorographia Moderna*, principiando pelo indice, tomo 6.º

—

Para aligeirarmos tambem este topico veja-se o mencionado folheto *Portugal Prehistorico* do sr. Leite Vasconcellos; nas *Memorias da Academia R. de Hist. Portugueza* a *Memoria* sobre as *antas*, apresentada na conferencia de 30 de julho de 1733 pelo academico Martinho de Mendonça e Pina—e no tomo relativo ao anno de 1734 a noticia das *Memorias* que apresentou na conferencia de 1 d'abril do dicto anno Fr. Affonso da Madre de Deus Guerreiro, com uma lista de 315 *antas*, mas infelizmente nenhuma d'estas *Memorias* foi publicada.

Vejam-se tambem os *Relatorios de Ethnographia e Archeologia da Expedição Scientifica á Serra da Estrella* 1881,[1]—*Os Dolmens* de Sá Villela (Lisboa, 1876);—*Descripção d'alguns dolmens ou antas* por Pereira da Costa; a *Introducção á Archeologia da Peninsula Iberica* pelo dr. Augusto Filippe Simões; a *Noticia d'alguns dolmens dos arredores d'Evora* pelo sr. Gabriel Pereira; o *Compte rendu do Congresso Anthropologico de Lisboa*, em 1880—e os trabalhos dos srs. Carlos Ribeiro e Joaquim Possidonio Narciso da Silva, benemerito patriarcha da nossa archeologia, fundador e presidente da *Real Associação dos architectos civis e archeologos portuguezes* e nosso bom amigo e mestre.

Veja-se tambem n'este diccionario o que já disse dos nossos monumentos pre-historicos nos artigos *Ancora*, freguezia; *Anta*, *Antanhol*, *Antas de Penalva*, *Antas de Penedono*, *Arca*, freguezia do concelho d'Oliveira de Frades; *Canas de Senhorim*[1], *Carn*, *Castello de Paiva*, onde se faz menção de um *dolmen* com pilares de pedra apparelhada, *talvez com a mesma pedra* (*quartzo* ou *silex*), *Castro*, monte da freguezia de Romariz, onde se mencionam differentes *carns; Celtas*, onde se dá uma leve noticia d'estes e d'outros muitos povos que em tempos *anteriores á conquista romana* occuparam o chão que hoje se denomina Portugal; *Couto de Cucujães*, *Cristello* (o 1.º, tomo 2.º, pag. 149 col. 1.ª); *Cruto*, serra da freguezia de Fermedo, concelho da Feira. Ali se apontam 7 ou 8 *mamoas*, 1 *dolmen* e varias inscripções abertas na rocha *em caracteres desconhecidos*.

> Esta noticia deve ser de todo o ponto authentica, porque o meu antecessor viveu muitos annos em Fermedo.

Dolmen, longo artigo sobre pre-historia; *Donim*, freguezia, e *Domin*, pequeno rio do Alemtejo e Algarve; *Escariz*, *Fermedo*, *Fieis de Deus*, *Gontinhães*, *Mamoa*, *Milheirós de Poiares*, *Molledo*, *Pedreira*, monte; *Penedo d'Alfarella*, *Polvoreira*, *Raiva*, freguezia; *Real*, tambem freguezia, tomo 8.º pag. 62, col. 2.ª; *Romariz*, *Serradello*, aldeia; *Vianna do Castello*, *Viariz*, onde se mencionam os *penedos cornudos*, talvez *menhirs*, pois não longe d'elles ha um dolmen. Tambem ali se faz referencia a *Moreira de Rei*, importante estação archeologica e talvez *pre-historica?!...*

Villa Nova de Tazem, onde se aponta um *dolmen*, um *penedo baloiçante* e muitas sepulturas abertas na rocha; *Villa Ruiva*, a primeira, onde se indicam tambem *muitas sepulturas* abertas na rocha; *Villarinho da Castanheira*, onde se apontam *3 dolmens*—e *Ville*, onde se aponta 1 *dolmen*.

---

[1] Alem d'aquelles 2 *Relatorios* estão publicados mais 3,—os das secções de *Medicina*, *Botanica* e *Meteorologia*, — collecção rara e *muito estimada*!

Nós tambem tivemos a honra de acompanhar a dicta *Expedição*,—não como vogal d'ella, mas como representante dos jornaes *Districto da Guarda* e *Commercio Portuguez*,—e este ultimo publicou no mez d'agosto do dicto anno uma serie de cartas nossas, enviadas do *acampamento* da expedição.

[1] N'este artigo, tomo 2.º pag 78, col. 2.ª, leia-se *orcas* em vez de *o cas*,—e *primicias* em vez de *dizimos*.

—

Leiam-se com preferencia os artigos *Carn*, *Celtas*, *Dolmen* e *Mamoa*—e note-se que o meu antecessor, seguindo a opinião d'outros archeologos, diz que *antas* são penedos enormes collocados sobre outros mais pequenos, emquanto que hoje a maioria dos archeologos portuguezes considera *anta* como synonimo de *dolmen*.

Tambem os dolmens eram na opinião d'elle, *aras gentilicas*, emquanto que o sr. dr. Martins Sarmento e outros archeologos sustentam que todos os dolmens foram *mamoas*, monumentos funerarios.

É possivel que os *dolmens* servissem tambem por vezes de tumulos em algum tempo, mas não creio que este fosse o seu primeiro destino, pois, tendo de ser cobertos de terra, dispensavam a grande mesa, cuja collocação n'aquelle tempo—*e mesmo ainda hoje*—havia de ser *muito difficil e muito incommoda*! Inclino-me antes a crer que os monumentos funerarios pre-historicos eram os denominados *mamoas*, muito differentes dos *dolmens* ou *antas* e feitos como disse o meu benemerito antecessor no artigo *Dolmen*, tomo 2.° pag. 476, col. 1.ª—e que a sua grandesa variava segundo a importancia das pessoas, cujos cadaveres se guardavam nas dictas *mamoas*.

Tambem geralmente se diz que os monumentos pre-historicos, da familia dolmenica, *não tinham apparelho algum*; mas na minha humilde opinião muitos d'elles tiveram apparelho feito—não com instrumentos de ferro ou de bronze, porque ainda se não conheciam estes metaes,—mas *com a propria pedra*.

Foram apparelhados os *dolmens*, cujos esteios eram formados por monolithos sobrepostos, muito bem assentes e ajustados uns sobre os outros. V. *Castello de Paiva*.

Foram tambem apparelhados os que tinham aberturas circulares ou quadradas nos esteios [1]—e finalmente os do typo dos tumulos de Equilaz e Antequera.

[1] *Portugal Pre-historico* do sr. Leite Vasconcellos, pag. 49.

V. *Introducção á Archeologia* por Filippe Simões, pag. 85-94, fig. 56-62.

—

Tambem tiveram apparelho os *menhirs*, formados por differentes penedos sobrepostos e por vezes tão bem ajuntados uns aos outros que parecem obra natural e não artificial,—e *com certesa* foram tambem apparelhados *e muito desbastados os penedos baloiçantes* até ficarem oscillando, pois era naturalmente impossivel que de um jacto e sem ulterior modificação collocassem tantos e tão enormes penedos em tão perfeito equilibrio!...

E com a propria pedra—*quartzo ou silex*—podiam trabalhar, apparelhar e desbastar pedra mais molle, v. g. o calcareo, o schisto e o granito, pois quem visitar, como nós temos visitado, as margens do Douro na estiagem, desde o atlantico até á Hespanha, ali verá, como nós temos visto, cavidades muito caprichosas, lindissimas, feitas em granito porphyroide pela acção das areias e de outras pedras redomoinhando com o impulso da agua no inverno,—cavidades por vezes tão fundas que póde n'ellas esconder-se um homem! Encontram-se principalmente nas margens dos grandes *póços*, onde no verão a agua é serena como leite, mas no inverno tem uma corrente fortissima, formando grandes *dornas* ou sorvedouros, medonhos redomoinhos que por vezes mettem instantaneamente a pique os maiores *barcos rabellos*, de 70 a 80 pipas.

Formam-se aquelles redomoinhos por serem os dictos *póços* muito fundos. Mesmo na estiagem n'elles se encontram sitios com 20 a 30 metros d'altura e no inverno a agua sobe por vezes mais 10 a 20 metros, o que dá 40 a 50 metros d'altura, sendo as margens dos dictos poços relativamente apertadas e todas eriçadas de medonha penedia cheia de anfractuosidades.

—

Aquelles *poços*, tão placidos no verão e tão medonhos e perigosos no inverno, são *unicos* em Portugal e muito dignos de ver-se,—mas ninguem os verá sem assombro nem os transpora no inverno *sem tremer e mudar*

de côr! Alguns teem de comprimento 4 a 5 kilometros — e são ao todo 8 os dictos *poços*.

Vamós mencional-os pela ordem em que se encontram, subindo do Porto, ou da Foz do Douro, até á Barca d'Alva:

1.º—*Poço da Cardía*, entre o ponto da *Retorta*, a jusante, e o *Ponto Novo* a montante[1].

2.º—*Poço da Parede*, entre o *ponto* da *Escarnida*, a jusante, e o da *Rapa*, a montante.

3.º—*Poço de Riboura*, entre a *ponto* de *Canedo*, a jusante, e o de *Ripança* a montante.

4.º—*Poço de Barqueiros*, entre o *ponto* de Loureiro, a jusante, e o do *Piar* a montante.

Todos estes demoram a jusante da Regoa—e os seguintes a montante.

5.º—*Poço da Pedra Caldeira*, entre o *ponto* de *Bagauste*, a jusante, e o dos *Canaes de Covellinhas*, a montante.

6.º—*Poço de Tua*, entre o *ponto* de *Malvedos*, a jusante, e o do celebre *Cachão da Valleira*,[2] a montante.

7.º—*Poço Saião*, entre o *ponto* do *Salgueiral*, a jusante, e o das *Azenhas do Sabor*, a montante.

8.º—*Pocinho*, entre o *ponto* d'este nome, a jusante, e o de *Pridas* ou *Perêdo* a montante.

Desculpem-nos a digressão porque é *muito interessante* para a historia do rio Douro —e *em parte nenhuma* se encontra a lista dos seus *poços* nem a descripção d'elles.

Prosigamos.

---

[1] V. *Douro*, rio, *Pontos do Douro* e *Villa Secca d'Armamar*, tomo XI, pag. 1059, col. 1.ª e segg.

[2] V. *Villa Secca d'Armamar*, loc. cit.

Outro phenomeno, tambem *unico* em Portugal, se encontra nas margens do Douro e prova evidentemente que a pedra mais dura se póde trabalhar e apparelhar com a mesma pedra.

Refiro-me aos grandes córtes que ali se vêem a cada passo, feitos em granito porphyroide com o linho das cordas ou sirgas da alagem dos *barcos rabellos*.

Como são muito tortuosas e muito eriçadas de penedia as margens do Douro—e como os barcos rabellos ordinariamente são arrastados—guindados—com sirgas, tiradas por juntas de bois, as sirgas vão sempre batendo e tocando nas pedras—e n'algumas em que batem com mais força e se demoram mais tempo, teem feito córtes com a largura do diametro das sirgas e por vezes com $0^{m},2$ de profundidade e 1 metro de comprimento?!...

Mal se acredita que taes córtes fossem feitos *com linho*, mas é facto. Ora, se *o linho* (?) córta o granito mais duro, mais facil seria cortal-o, apparelhal-o ou desbastal-o com o *silex* ou *quartzo*—e assim o cortaram ou apparelharam e desbastaram por certo os constructores dos *dolmens*, dos *menhirs* e dos *penedos baloiçantes*, — apparelho que hoje mal se nota, por ser menos visivel de que o feito com o bronze ou ferro — e porque a acção do tempo durante tantos seculos,—*milhares d'annos*—apagou os vestigios d'aquelle rudimentar apparelho.

Em conclusão diremos que as *orcas*, ou *arcas*, ou *dolmens* ou *antas* e as *mamoas* e *penedos baloiçantes* que se eucontram em volta de Viseu, são monumentos pre-historicos, muito mais antigos que a Cava de Viriato, e provam evidentemente que estes chãos foram povoados talvez *milhares d'annos* antes do nascimento de Christo.

Alguns auctores comprehendem tambem entre os monumentos prehistoricos as *sepulturas abertas na rocha*.

Ellas são muito antigas e não se sabe a que povo pertenceram, mas na minha humilde opinião com certeza datam do tempo em que já era conhecido o ferro, pois a sua uniformidade e a perfeição dos cortes revelam que foram cavadas *a pico*.

A fortaleza romana e os muros e portas da cidade

Todos concordam em que os romanos, alem de fazerem a *Cava*, fortificaram tambem o *alto viso* da Sé.

Não se sabe quando foi feita a dicta fortalesa, mas suppõe-se que é posterior á *Cava* e que a mandou fazer o consul Decio Juno Bruto, quando pelos annos 616 da fundação de Roma e 139 antes do nascimento de Christo foi enviado á Hespanha com tanta felicidade que triumphou dos lusitanos e calaicos.

Da dicta fortalesa hoje apenas lá se vêem os restos de duas torres e um lanço de muralha intermedio na fachada S. O., mas na opinião de Francisco Manuel Correia a dicta fortalesa foi quadrado e tinha mais 3 faces a N. E.—N. O.—e S. E., comprehendendo todo o *plató* da cathedral com outras 2 torres nos angulos N. e E. correspondentes ás torres supra mencionadas que, segundo dizem Brito e Botelho, foram feitas por Flaco e Frontonio, adduzindo, como prova, uma inscripção que o dr. Botelho *ainda vira* em uma das torres.

O letreiro que está na torre da menagem [1] (refere-se á que foi aljube e é hoje cadeia) diz assim:

FRONTONI PELLI
FLACVI FRATER
C.

Parece que em vulgar diz:—*Frontonio Pellion, irmão de Flaco, fez esta torre,* ou *fortalesa.*

Logo o constructor ou director da obra foi um só e não *dois*, como dizem Botelho e quejandos.

Ha muito que desappareceu tal inscripção, bem como a figura de uma aguia que, segundo dizem, se via gravada na outra torre, como emblema romano, sendo para lamentar, diz Argote, que não se saiba se a dicta aguia tinha como a da bandeira romana—duas cabeças.

[1] Botelho, Dialogo 1.º, cap. 13.

Para evitarmos repetições, veja-se o que d'esta fortaleza e das mencionadas torres já dissemos no topico da *Cathedral*, pag. 1571 e segg.;—no topico dos *Bispos de Viseu*, a biographia de *D. João Homem*, pag. 1605 e a do bispo *D. João Gomes d'Abreu*, pag. 1608,—e no supplemento a este diccionario e ao artigo *Viseu* a biographia de *D. Julio Francisco d'Oliveira*, que mandou restaurar a torre de menagem.

—

Suppõe-se que os muros da fortaleza romana da Sé foram os primeiros de Viseu, depois que esta cidade se localisou onde hoje está; mas nós cremos piamente que *muito antes* dos romanos fortificaram a *seu modo* aquelle ponto, elle foi habitado e *forticado d'algum modo* pelos differentes povos que habitaram o nosso paiz e a Beira, milhares d'annos antes da conquista romana, por ser um pincaro escarpado, muito defensavel para aquelles tempos e muito bem talhado pela natureza para ponto de refugio. Suppomos até que elle foi habitado e occupado nos tempos pre-historicos pelos celtas ou *pre-celtas*, ou pelos constructores das *orcas* ou *antas* que abundaram e *ainda hoje* abundam em volta de Viseu, como já dissemos quando fallámos dos *Monumentos pre-historicos* e como diremos adiante, quando fallarmos da *Fundação e antiguidade de Viseu.*

Em todo o caso são aquelles muros romanos os primeiros de que ha noticia na historia d'esta cidade, e por que alternativas não passariam elles até á occupação arabe, ou durante os nove seculos que decorreram desde que foram construidos até que os mouros tomaram Viseu no sec. VIII?

«Parece que estes não destruirão as suas torres e muros,—diz Berardo,—pois sabemos que dentro delles mais de uma vez se defenderão dos reis das Asturias e de Leão, que alternadamente a tomarão e perderão.»

É mesmo possivel e até provavel que os mouros restaurassem os dictos muros, como restauraram os de Lamego e outros muitos, mas nada consta de positivo a tal respeito.

Suppõe-se que depois de tomada a cidade de Viseu aos mouros em 1058 por D. Fer-

nando Magno de Leão, a cidade ficou desmantelada e sem muros, pelo que os seus habitantes volveram para a *Cava de Viriato* e ali se demoraram muito tempo até que regressaram para Viseu, ficando a dicta Cava desde então com o nome de cidade *Vaca* ou *cidade velha*, como diz Berardo nas suas *Memorias* publicadas no *Liberal*.

—

«Consta d'algumas escripturas que no tempo do sr. D. Affonso Henriques ainda se devisavão vestigios da cerca, *que antigamente cingira a cidade de Vizeu*, porem mais de quatro seculos haviam decorrido e esta se achava de todo aberta, e exposta ás invasões do inimigo,—como diz o mesmo sabio conego.

Do exposto se vê, que antes do reinado de D. Affonso Henriques a cidade de Viseu foi *cercada de muros*, muros que não eram os da fortalesa romana, pois esta se limitava ao planalto da Sé; mas não se sabe quem fez tal *cerca*.

Em 1385 um bando de hespanhoes fugitivos da batalha d'Aljubarrota e commandados por João Annes de Barbuda, tomaram, saquearam e incendiaram Viseu, passando á espada os seus habitantes. Apenas escaparam alguns dentro das torres romanas.

Estavam pois ainda desmantelados os muros de Viseu, pelo que D. João I pensou em restaural-os e dar-lhes maior extensão do que tinham os anteriores, para abrigarem e defenderem não só a cidadella, mas tambem algumas ruas circumjacentes.

«Por alguns capitulos especiaes das côrtes de Lamego do anno de 1412, desembargados para a cidade de Vizeu, sabemos que naquelle anno se trabalhava com muita diligencia na construcção dos muros, concorrendo para esta obra não só os moradores do termo, mas ainda todos os que habitavam em distancia de duas leguas da cidade. Porem tendo D. João I feito as pases com Castella, parece que esta obra, apenas sahida dos alicerces, sobrestivera»—diz o mesmo sabio conego.

D'outros capitulos desembargados para Viseu em 5 de janeiro de 1440 e que tinham sido apresentados nas cortes de Lisboa de 1439, consta que ao tempo a cidade de Viseu era devassa e sem cerca; e não tinha outro muro senão a Deus e a mercê d'El Rei; e portanto havia o conselho determinado tapar alguas ruas menos necessarias, e pôr nas outras portas, ou grades firmes e seguras, para que succedendo alguma revolução entre estes reinos e Castella, e podessem defender dos corredores das terras, pedindo em conclusão que sua Mercê fosse: Mandar que sem distincção de pessoas ecclesiasticas ou seculares, todos concorressem pelos corpos ou pelos bens.»

—

Finalmente por outros capitulos desembargados nas côrtes da cidade da Guarda em 1465, se vê que ao tempo ainda os muros de Viseu estavam longe da sua conclusão—«e que esta cidade já duas ou tres vezes tinha sido queimada pelos corredores de Castella, e agora se temia d'outro semelhante trabalho e que assim pediam a El Rei que lhe mandasse acabar a cerca, de que tanto precisavam.»

«Com effeito d'uma inscripção, que (refere-se ao anno de 1857) mal se divisa escripta em caracteres allemães minusculos, junto da *Porta do Soar*, consta que D. Affonso V mandára cingir de muros esta cidade, e que a obra se concluira no anno de 1472. Mais tarde, crescendo a povoação, estenderam-se as ruas para fóra dos muros, a ponto de que hoje (1857) conta por aqui quasi tantos fogos, como os que outr'ora contivera dentro.

«Os fracos vestigios que hoje (1830 ou 1857) divizamos d'esses muros, nos revelão *que forão feitos á pressa, e d'uma ligeira alvenaria*; e das 6 portas, ou entradas que tiverão, apenas *hoje* permanecem trez.» É isto o que diz Berardo nas suas *Memorias*, referindo-se a 1830, data em que as escreveu, ou a 1857 data em que as publicou no *Liberal*; mas o dr. Botelho diz o seguinte: [1] «Os muros, que hoje tem (Viseu) forão feitos em tempo d'El Rei D. Affonso V, e *ainda não se acabarão*, nem chegou a ter amêas, e o am-

---

[1] Dialogo 4.º, cap. 31.º, pag. 363 no *Codice de Girabolhos*.

bito d'elles he muitos annos do que foi antigamente, quando se tomou aos mouros: comprehendião a *Rua da Regueira*, como se collige da doação d'El Rei D. Fernando, que já vimos confirmada pelo conde D. Henrique.»

Do exposto se vê que *post tot tantosque labores* os dictos muros concluidos em 1472 foram obra de empreitada *muito mal acabada!* Nem chegaram a ter ameias e ficaram mais reduzidos do que os muros velhos do tempo dos mouros.

—

Tambem Berardo diz que tiveram 6 portas, mas o sr. Oliveira Mascarenhas no *Portugal e Possessões* indica as sete portas seguintes:

1.ª—A de *Cimo de Villa*, denominada de *S. José*.

Sobre esta porta (do lado exterior) estava uma imagem d'aquelle santo, com uma inscripção latina, mandada gravar em 1666 por D. João IV, referindo-se ao juramento que fizera de defender a Immaculada Conceição da Virgem, padroeira do reino. Do lado interior da mesma porta estava uma imagem da Senhora da Conceição.

2.ª—Do *Soar* ou de *S. Francisco*, pois do lado interior da mesma porta se vê a imagem de *S. Francisco de Borja* e do lado exterior a de *Santo Antonio.*

3.ª—De *Nossa Senhora das Angustias*, cuja imagem se via sobre a mesma porta.

Demorava ao fundo da calçada da Ribeira.

4.ª—*Porta dos Cavalleiros*, á entrada da rua d'este nome e contigua ao palacete *do Arco.*

5.ª—Porta de *S. Sebastião*, por ter um nicho com a imagem do martyr.

Demorava no *Terreiro das Freiras.*

6.ª—Porta de *S. Miguel*, com a imagem do Archanjo.

Demorava na rua da Regueira e sobre esta porta ainda no tempo do dr. Botelho (1630 a 1636) se lia uma inscripção muito honrosa para esta cidade, commemorando o nome de um esforçado cavalleiro visiense—*Fernão Lopes*—que na tomada de Arzila, a 24 d'agosto de 1471, commandou 300 cavalleiros seus visinhos, portando-se com tal bravura que ahi mesmo no campo da batalha el-rei D. Affonso V por suas proprias mãos o armou cavalleiro.

A dicta inscripção era a seguinte:

No tempo d'El Rey D. Affonso
Quinto se achou na tomada
d'Arzila Fernão Lopes desta
cidade com 300 cavaleiros
E la foi armado cavaleiro
Por mão do dito Rey com
outros mais [1]

No seculo passado, ao demolir-se esta porta para a construcção de casas, desappareceu a lapide, que tinha esta inscripção, e que agora por diligencias do nosso bom amigo e Cyreneu n'este artigo, o sr. dr. Nicolau de Mendonça, foi encontrada no quintal da casa do sr. commendador Ladislau Pereira de Chaves Manuel, contigua a esta porta.

Tambem ali achou n'uma loja duas lapides, com o voto de D. João IV á Senhora da Conceição, voto que estava por cima d'esta porta, assim como de mais tres:—a de S. José—do Suar—e a dos Cavalleiros, conservando-se hoje só as duas ultimas.

A inscripção d'esta lapide é em allemão minusculo; levou-a o sr. dr. Nicolau para a sua quinta de S. Salvador para ali a decifrar, o que não pôde, por ter muitos breves, e lettras muito gastas, mas reconhecem-se bem algumas palavras da interpretação de Botelho, que já no seu tempo a não soube ler toda, porque a lapide tem 8 linhas de escriptura, todas cheias, e Botelho dá á inscripção só 6 linhas e uma palavra, o que não admira, pois elle confessa, que por o mesmo motivo não podera já ler a outra inscripção contemporanea de 1474 sobre a construcção dos muros, que está ainda hoje sobre a porta do *Suar*. E ali está depositada esta tão *honrosa lapide* para os visienses com os seus 416 annos (!) até que a camara se resolva a recolhel-a nos paços do concelho, onde se

[1] Dialogo 5.º, cap. 6.º, pag. 407 do *Codice de Girabolhos.*

conserve com resguardo até que appareça um paleologo mais perito, que possa decifral-a toda, pelo que fazemos votos.

7.ª—*Porta de Santa Catharina*, onde estava um nicho com a imagem do Crucificado, o qual ainda hoje ali existe ao lado do arco demolido, na casa contigua, que tinha janella para fóra da porta, casa que pertence ao sr. Heitor de Lemos e Sousa, de quem se tratará adiante no topico das *Familias nobres de Viseu.*

Ainda hoje se accende todas as noites por dentro da casa uma alampada, e chama o povo a esta imagem *Senhor dos Esquecidos.*

Das dictas 7 portas já existiam só 3 no tempo de Berardo. Hoje existem apenas 2, a do *Suar* e a dos *Cavalleiros*. No emtanto, creio que a 3.ª e 7.ª eram só o que chamavam *postigos*, não só porque os arcos eram mais pequenos, mas davam entrada para ruas mais estreitas e menos concorridas; tanto assim, que nos nossos dias, antes de se demolir a 3.ª porta, davam á imagem que ali estava o nome vulgar de *Senhor do Postigo.*

Alcaides móres

Como Viseu foi cidade murada desde o tempo dos romanos, parece que devia ter uma longa serie d'alcaides mores, mas nem o dr. Botelho nos seus *Dialogos*, nem Berardo ou F. Manoel nas suas *Memorias*, nem o sr. Oliveira Mascarenhas no *Portugal e Possessões*, nem o sr. Vilhena Barbosa nas suas *Cidades e Villas* fallam dos *Alcaides mores de Viseu.*

Apenas o sr. Oliveira Mascarenhas muito succintamente diz que esta alcaidaria andou na familia dos Silveiras, ramo da dos condes de Sarzedas, referindo-se á *Chorographia* do Padre Carvalho, o qual disse que no seu tempo (1708) era alcaide mor de Viseu D. Luiz Balthasar da Silveira, cuja ascendencia póde ver-se na mesma *Chorographia*, tomo 2.º, tratado 5.º

No emtanto a *Hist. Geneal. da C. R.* tratando deste D. Luiz, e seu filho, e successor D. Braz Balthasar da Silveira, nomeando os grandes postos militares que occupavam, os serviços e as muitas commendas que disfructaram, não os faz alcaides mores de Viseu! É verdade porem que a 1.ª *Rezenha das Familias Titulares*, obra de muito credito [1] tambem faz alcaide mor de Viseu o seu bisneto e successor na casa, D. Braz José Balthasar da Silveira, e este era avô paterno do 9.º marquez das Minas, ainda hoje vivo.

Achamos só outros alcaides mores de Viseu n'um ramo dos antigos condes de Linhares.

O primeiro foi D. Antonio de Menezes, neto dos primeiros condes de Linhares, o qual morreu com D. Sebastião em Africa. Foi feito alcaide mor de Viseu pela infanta D. Maria, filha d'el-rei D. Manuel e de D. Leonor, sua terceira mulher. Esta infanta foi senhora de Viseu por doação d'el-rei seu pae, como diz a *Hist. Geneal. da Casa Real.*

A este succedeu seu filho D. Pedro de Menezes, e foi como seu pae alcaide mór de Viseu, ao qual succedeu na casa, e até na alcaidaria mor de Viseu, sua filha D. Ignacia de Menezes e Vasconcellos, a qual, casando com seu primo 4.º conde de Linhares, D. Miguel de Noronha, lhe levou esta alcaidaria mor em dote. Foi o 3.º alcaide mor de Viseu n'esta familia, e tanto que, ficando em Hespanha no tempo da acclamação de D. João IV, foi lá feito Duque de Linhares e Viseu. Tudo isto consta da *Hist. Geneal. da Casa Real*, tomo 3.º pag. 459, e tomo 5.º pag. 211, 212, 266 e 267.

De sorte que provavelmente só depois de ir para Hespanha o 4.º conde de Linhares e 3.º alcaide mor de Viseu n'esta familia, é que se fez nova doação d'esta alcadaria aos Silveiras, senhores de S. Cosmado, hoje representados por varonia pelo 9.º marquez das Minas.

Fundação e antiguidade de Viseu

Rodrigo Mendes da Silva na *Poblacion general de España* diz que a cidade de Viseu foi fundada pelos turdulos, 500 annos antes do nascimento de Christo; mas nós dire-

---

[1] Appendice, *Verbo Sarzedas.*

mos que se ignora quando e por quem foi fundada.

É certo ser muito antiga, pois já no tempo dos suevos (anno de Ch. 572) foi reconhecida como cidade *episcopal*, anterior á occupação d'elles, pelo que já devia existir de longa data.

Veja-se o nosso *catalogo chronologico* dos bispos de Viseu, no qual demos principio á serie dos seus prelados no seculo VI (anno 572); mas o padre Leonardo de Sousa no seu esplendido catalogo em via de publicação [1] vae mais longe.

Dá começo á dicta serie no anno 270, pelo que na opinião do padre Sousa já no seculo III Viseu era cidade episcopal; mas desde quando seria cidade na accepção hodierna, ou simples povoação, ou aggregado de povoações? Sob uma d'estas ultimas tres fórmas já existia com toda a certesa no tempo dos romanos, como provam as muitas moedas e lapides com inscripções encontradas em Viseu, algumas das quaes nós já mencionamos supra, e o dr. Botelho aponta mais as seguintes:

INTILIFAN
CADIFAN XX
ET CICERO
I. SORORI
C.

Diz que esta inscripção estava ao lado da egreja de S. Miguel (do Fetal) da parte de fóra, a um canto que faz a sacristia, opposto ao poente—e accrescenta:

«N'este letreiro se faz menção de pessoa da familia dos *Ciceros*, e de Julia, sua irmã, d'onde se argue a grande antiguidade d'esta cidade de Viseu, pois já no tempo em que florescia a familia dos *Ciceros* havia n'ella cidadãos d'este nome. Nem ha que espantar vir a estas partes pessoa d'esta geração, que como Cicero esteve n'ellas (segundo se cré) ou quando foi consul poria nella, ou mandaria por capitão e governador algum parente seu... signal que era praça esta cidade e de muita importancia, pois taes pessoas se mandavam para fronteiros d'ella...»[1]

—

«Outro letreiro (diz o mesmo auctor) está na rua da *Regueira* ás quatro quinas junto com a terra, mas a pedra quebrada pelo meio, e aquella ametade tem estas letras:

H. S.
LVCAN.
F. SUI PO.
ET CAMA. L.

«Falta ametade da pedra e por conseguinte ametade do letreiro,—diz ainda Botelho, loc. cit.—Do que d'estas palavras se entende he o seguinte: *Aqui jaz Lucano, filho de Lucano, e Polla, a qual sepultura lhe fez Cama, Liberto,*—ou que seu filho Polla, e Cama, Liberto, lhe fizerão aquella sepultura.

«Se não leramos que Lucano fora morto em Roma por mandado de Nero, que lhe mandou romper as vêas, poderamos cuidar que fora sepultado n'esta cidade, por fazer, segundo parece, menção de *Polla*, sua mulher. Bem podia ser algum filho dentre ambos; porque, como os paes de Lucano forão naturaes de Cordova, chamados Annio Mella, irmão de Seneca (mestre de Nero) filho de Annio Seneca, e sua mãe Caia Acilia, filha de Acilio Lucano, orador, he mais provavel que se tornaria o filho para a patria de seus avós, depois da morte do pai, com o qual viria sua mãi, por fugirem da furia de Nero, ou por desterro, ou teria algum cargo nella.

«De qualquer modo os nomeados são pessoas da familia de Lucano, e sua mulher Polla Argentaria, que foi mui douta, e em

[1] Depois de escrevermos o nosso resumido catalogo (V. pag. 1589 e segg.) appareceram em Viseu, na livraria do sr. conde de Prime, os dois primeiros tomos do catalogo do padre Sousa. Completou-se, pois, e sabemos que o muito rev. sr. vice-reitor actual do seminario se propõe dal-o ao prélo, o que muito estimaremos, pois ficará Viseu possuindo um excellente catalogo dos seus bispos, muito superior ao nosso e ao do academico João Coldt.

[1] Dialogo 1.º cap. 17.

quem collocou Stacio toda a virtude que á mulher se póde attribuir, mui amada de seu marido, e que o ajudou a emendar os tres livros da sua *Farsalica Historia*, e depois da morte d'elle emendou ella os outros 7.

—

«Outro letreiro se achou *ha poucos dias*[1] em os alicerces que se abrirão para a Igreja do Mosteiro de Jesus da ordem de S. Bento desta cidade, com as letras mui gastadas, e a pedra partida pelo meio, que as juntei para as ler, e estava em huns alicerces de hum muro antigo *de mais de 20 palmos de largo* (?) e dizia o letreiro deste modo:

D. M. S.
Reino patrie. I.
Rvfinae matre Rfina
S. R. Riareivs Eirena
F. C.

«Outra pedra quebrada estava na rua da *Regueira*, na frontaria das casas de hum conego, que ao reformalas a tirou, mas quebrada, e com estas letras:

Floro (?) cvm
Pacatianvm
Aper. ex testamen...
........................[2]

«Outras pedras achei, mas tão quebradas, e feitas em pedaços, que não pude trasladar dellas cousa que fizesse sentido, e por isso as deixo. Muitas outras devia de haver, mas a pouca curiosidade dos antigos, e o ser esta cidade destruida muitas vezes em tempo dos godos, mouros e christãos, foi causa de se extinguir de todo a memoria dos romanos.

«Tambem nos arredores se tem achado muitos letreiros, de que já referi alguns, e por remate relatarei huns versos, que se acharão em hum monte junto do lugar de *Lordosa*, onde devia de haver algum templo da gentilidade, segundo a fé de hum *Promptuario de letreiros*, e dizem assim:

Caprigini quicumque subis sacraria Fauni
....
.....................................[1]

«Quer dizer:—Todos os que subis, ou en-

---

[1] Botelho, *loc. cit.*
Note-se que elle escreveu os seus *Dialogos* em 1630 a 1636.

[2] Na mesma rua da *Regueira* (hoje é rua de D. Luiz) em março de 1887, quando se procedia á demolição de uma parede interior da casa do dr. José Barbosa de Carvalho, encontrou-se um cippo funerario romano de granito com 0m,90 de altura, 0m,46 de largo, e 0m,30 de espessura media. Constava de uma figura de mulher, infelizmente mutilada na parte superior,—e na inferior tinha a inscripção seguinte:

Esae. Viriatis
norvm. xxx
oncinvs. Reb
matri. F. C.

Lição completa:

Caesae, Viriati servae, annorum XXX, Loncinus Reburrus matri faciendum curavit.

Em vulgar: «Monumento elevado a Cesa, serva de Viriato, fallecida na idade de trinta annos. Longino (?) Reburro mandou fazel-o em honra de sua mãe.»

Vejam-se os desenhos do mencionado cippo e os artigos correspondentes publicados pelo sr. B. de Toro no *Commercio de Vizeu*, n.os 80 e 81 de 1887,—e pelo sr. Antonio Cardoso Borges de Figueiredo na sua interessante *Revista Archeologica e Historica*, vol. 1.º, n.º 6, pag. 81 e segg.

O sr. Borges de Figueiredo termina por estas palavras:

«A descoberta, em Vizeu, de uma inscripção com o nome de *Viriato* deve para muitas pessoas ser uma confirmação de antigas lendas. Quem assim o acreditar, advirta que houve *muitos Viriatos*; e que ainda não está em definitivo assente que o antigo *Herminio* corresponda á montanha chamada *Serra da Estrella*.»

Com vista aos credulos sequases de Fr. Bernardo de Brito e do dr. Manuel Botelho Ribeiro.

[1] Ao todo são 8 versos em latim, dos quaes damos apenas o primeiro, para não fatigarmos os leitores.

traes nestas casas sagradas do Deus *Fauno*, que tem pés de cabra, lede estas palavras entalhadas com hua mão no estilo romano: aqui jaço eu *Euphorbião*, e comigo repousa *Merchala*. Esta foi minha irmã, minha mãi, e minha esposa. Imaginais que isto são cousas fingidas? Admirais-vos? Cuidais que he isto hum animado monstro Sphinge? São cousas mais verdadeiras, que a tripeça Pithia. A mim me gerou hum pai em hua filha, com a qual eu casei, e assim se segue que foi minha irmã, minha mulher, e minha mãi.»

Dialogos de Botelho, *loc. cit.*

Por ultimo faz referencia a outra pedra que appareceu junto da povoação de *Cavernães*, freguezia d'este concelho, tendo esculpida uma cabeça de touro, como as encontradas em Beja, pelo que o dr. Botelho, apoiado em Duarte Nunes de Leão, [1] sustenta que Viseu foi *colonia romana*, porque o emblema das povoações romanas que tinham o privilegio de *colonias* era a cabeça de um touro, por ser o boi principal instrumento da lavoura. [2]

Prosigamos.

—

Do exposto se conclue *evidentemente* que Viseu foi cidade e *cidade muito importante* no tempo dos romanos. Prova-o tambem a *fortalesa romana* que existiu no chão onde hoje vemos a Sé e as suas dependencias,—fortalesa de que já fizemos menção em topico especial e quando fallámos da Sé.

Tambem Viseu *com certesa* já existia como cidade ou simples povoação, quando Viriato

[1] *Descripção de Portugal*, cap. 8.°

[2] A peninsula foi primeiramente dividida pelos romanos em 2 provincias,—depois em 3—e por ultimo em 5. Subdividiam-se as primeiras em districtos ou *conventos*, onde residiam as auctoridades administrativas, judiciaes e militares,—e os districtos em *colonias*, que eram as povoações mais importantes depois dos *conventos*. Seguiam-se-lhes os *municipios;* depois d'estes as povoações *confederadas;* depois as *immunes* e *estipendiarias*,—e por ultimo as *contributas*.

Hist de Port. de Herculano, tomo I, pag. 24 e 25.

no anno 146 ou 148 antes da nossa era, [1] ou durante a conquista romana, derrotou junto da *Cava* o pretor Caio Negidio.

Para evitarmos repetições veja-se o topico relativo á *Cava*. Apenas accrescentaremos o que diz Rodrigo Mendes da Silva, loc. cit. —que Viseu já n'aquelle tempo era *cidade florentissima*, com o nome de *Vico Aquario*, mas isto é muito duvidoso, como adiante provaremos.

Tambem é certo que o chão da cidade—ou pelo menos do concelho de Viseu—foi occupado e habitado nos tempos pre-historicos,—milhares d'annos talvez antes do nascimento de Christo, como provam *evidentemente* os monumentos megalithicos d'aquella epoca, hoje denominados *orcas*, *arcas* e *antas*, que se encontram no concelho e em volta do concelho de Viseu, taes são as *orcas* de Mondão a N. ou N. E., e as de Cannas de Senhorim a S.; as *antas* de Penalva a E.—e o *dolmen* ou *anta* da freguezia do Arca, no concelho de Oliveira de Frades, a O.,—alem d'outros muitos monumentos congeneres que ainda hoje se encontram disseminados pela Beira.

Citaremos aqui os 2 *penedos baloiçantes* apontados pelo sr. Borges de Figueiredo na sua *Revista Archeologica* (n.° 1, janeiro de 1888) dos quaes se encontra um na *quinta de Carragozella*, freguezia d'Espariz, concelho de Tabua,—e outro na *quinta da Torre* do sr. visconde de Taveiro, freguezia de Lourosa, a 5 kilometros de Viseu, já descripto no Conimbricense, n.° 3910, em 1885.

Diz o sr. Borges de Figueiredo que em Portugal não conhece outros *penedos baloiçantes*, mas nós conhecemos mais o de *Pero Moleiro*, já descripto n'este diccionario, no artigo *Villa Nova de Tazem*, tomo XI, pag. 887, col. 2.ª *in fine*.

Tambem sabemos que existiu outro na freguezia *d'Abragão*, concelho de Penafiel, no quintal das casas do sr. *Valverde de Vasconcellos*, mas foi despedaçado ha poucos annos.

[1] Ha 2:034 a 2:036 annos, pois estamos em 1888.

V. *Abragão* no supplemento a este diccionario.

Tambem nos dizem ser *oscillante* um penedo que está na freguezia de *Forno Telheiro*, a pouco mais de 2 kilometros da egreja matriz, para S., no concelho de Celorico da Beira, não longe da estação d'aquella villa.

Assenta sobre um grande penedo nativo, no qual e n'outros penedos proximos se vêem muitas sepulturas (talvez mais de 20) cavadas a pico e denominadas pelo povo *sepulturas dos mouros*.

Tambem o povo denomina *penedo de S. Gens* o tal pretendido penedo oscillante, que tem um formato caprichoso; de comprimento maximo 9m,50; de circumferencia no centro 5m,20—e 200 metros cubicos de pedra, approximadamente.

Elle está firme, mas o povo assevera que o sente oscillar quem sobe ao cimo d'elle.

Visto do lado do nascente parece uma tulipa!...

—

Aquelles monumentos são attribuidos aos celtas ou pre-celtas, contemporaneos dos iberos; uns e outros vieram da Asia para a peninsula iberica em tempos a que não póde assignar-se data, mas tão remotos que o nosso primeiro historiador diz serem muito proximos da infancia do genero humano?!...[1]

—

Os *celtas* já encontraram na peninsula os *iberos* e, depois de varias luctas uns com os outros, congraçaram-se e formaram um só povo com a denominação de *celtiberos*. Occuparam estes a peninsula muitos annos, muitos seculos; depois vieram da Palestina (de *Canaan* a *terra da Promissão*) os *fenicios*, e tanto se demoraram na peninsula e tão grande prestigio gosaram n'ella, que a peninsula tomou d'elles o nome de *Hespanha*, bem como a *Lusitania*, o *Tejo*, o *Guadiana*, etc.

Depois dos *fenicios* vieram os *gregos*; depois dos *gregos* vieram os *cartagineses*, que tambem originariamecte eram fenicios; depois dos cartagineses vieram os romanos; e depois dos romanos vieram differentes povos barbaros do norte, sendo os *godos* os ultimos d'estes; aos godos succederam os *mouros* e aos mouros outra vez os godos ou christãos.

Os fenicios, segundo diz o padre Antonio Pereira de Figueiredo nas suas *Dissertações* publicadas no tomo 9.º da *Academia Real das Sciencias*, emigraram para a Hespanha e para outras regiões, quando foram expulsos da Palestina por Josué—1400 annos ou talvez mais (diz elle) antes do nascimento de Christo! E desde quando já viveriam na peninsula os celtas e os iberos ou *pre-celtas*, cujos nomes se ignoram e que, segundo se suppõe, foram os constructores dos monumentos megalithicos pre-historicos?

Não podemos responder precisamente, mas com certesa esses povos occuparam grande parte da Europa, toda a peninsula iberica e o chão que hoje se denomina Portugal, incluindo o territorio de Viseu. Pode muito bem, pois, dizer-se que Viseu data d'aquelles remotissimos tempos *pre-historicos*, muito anteriores á occupação dos godos, romanos, cartagineses, gregos e fenicios.

Tambem pode afoitamente dizer-se que os gregos habitaram o territorio de Viseu e de grande parte da Beira, como prova a denominação de *orcas*, ainda hoje dada na Beira aos *dolmens*, pois é sabido que os gregos denominavam *orcos* os monumentos funerarios, e como taes são geralmente considerados os *dolmens*.

Para evitarmos repetições, veja-se o topico supra, relativo aos *monumentos pre-historicos*,—e os artigos *Celtas*, *Gravios* e *Lusitania*, escriptos pelo meu benemerito antecessor e cuja responsabilidade é *toda* d'elle.

Nós acceitamos a continuação d'este diccionario depois

---

[1] «Essas *primeiras* imigrações da Asia, *iberos*, *celtas*, ou o que quiserem, *demasiado visinhas da infancia do genero humano* para serem numerosas, atravessando a Europa sem nenhuns meios artificiaes de transito,...»
Hist. de Port. tomo I, pag. 30.

de principiado o artigo *Vianna do Castello.*

Suum cuique!...

Nomes dados a Viseu e sua etymologia

Os auctores gregos e romanos tractaram muito perfunctoriamente da parte occidental da peninsula iberica, por ser n'aquelle tempo a parte mais remota do mundo conhecido, e o silencio ou laconismo d'aquelles geographos com relação a Viseu levou a imaginação de varios auctores modernos a darem a esta cidade differentes nomes, por não saberem com certesa qual foi o seu nome primitivo. Uns dizem que se chamou *Lancia*, outros *Verurium*, outros *Vico Aquario*, outros *Visontium*, outros *Visonium* e outros finalmente *Vacca*; mas não fundamentam bem as suas opiniões, pelo que não podemos subscrever nenhuma d'ellas.

Segundo diz o sabio conego Berardo (*Liberal* n.º 1 de 6 de maio de 1857) *Lancia*, que Ptolomeu colloca entre Salamanca e o rio Douro, distava muito de Viseu; *Verurium*, segundo o mesmo auctor, approximava-se mais da situação de Viseu, mas hoje os homens doutos reputam aquelle geographo como pouco auctorisado.

No roteiro de Antonino Pio encontrou-se o nome de *Vico Aquario*, mas no caminho de Astorga para Saragoça, muito longe de Viseu.

O dr. Botelho nos seus *Dialogos* cita a opinião dos que pretendem que Viseu foi a cidade de *Visoncio*, más refuta essa opinião dizendo que Ptolomeu sitúa *Visoncio* nos Pelendones da provincia Tarraconense, muito longe da nossa cidade de Viseu.

—

Berardo, na sua interessante memoria latina, ainda ms.,—*Ecclesiae Visonensis Epitome ad usum auditorii Seminarii Episcopalis ejusdem Ecclesiae, Visonio*, 1855,—traduz Viseu por *Visonium*, mas não sabemos em que se fundou.

Esta memoria é completamente desconhecida em Viseu, mas não póde duvidar-se de que é do sabio conego Berardo, porque nós a possuimos autographa, *escripta por elle proprio.* Foi-nos offerecida com outros mss. pelo nosso bom amigo e collega o rev. sr. Fortunato Casimiro da Silveira e Gama, natural da cidade da Figueira, educado em Viseu e actualmente abbade de *Quinchães*, em Fafe.

Parece que o auctor, sendo mestre de latim no Seminario visiense, propoz-se fazer ali tambem prelecções sobre a historia e antiguidades de Viseu e que para isso escreveu aquella memoria, especie de *compendio*. Está em boa caligraphia, sem emendas, borrões nem entre-linhas;—comprehende 6 capitulos e 90 pag.—e fórma um pequeno livro em 8.º *ms.*, encadernado e bem tractado. Segue-se no mesmo livro outra memoria de Berardo, tambem autographa e inedita:—*Noticias sobre a vida e obras do pintor Grão Vasco de Vizeu, Ribafeita, 27 de outubro de 1849* (era então ali abbade o auctor)—e fecha o livrinho uma *Dissertação*, tambem ms. e inedita, sobre a verdadeira intelligencia da palavra *Delicio*, que se encontra na XX *Fabula de Fedro*, Liv. 3.º, escripta por Manuel Bernardes Dias, professor de grammatica e lingua latina no Seminario visiense, em resposta a outra do mestre regio de Viseu sobre o mesmo assumpto. É uma *Dissertação* curiosa, muito bem escripta e muito interessante, mas não menos interessantes são as duas *memorias* de Berardo, das quaes a segunda, a pedido nosso, foi recentemente publicada no jornal visiense o *Viriato*, n.º 3:350 de 21 de janeiro de 1888, e no *Districto de Vizeu*, n.º 857 e seguintes, de 25 e 29 de janeiro, 1 e 5 de fevereiro de 1888.

No topico relativo a Grão Vasco volveremos a fallar da dicta *memoria* e talvez que a transcrevamos na sua integra.

—

«O nome de *Vacca* que alguns deram a Vizeu fundados em tradições falliveis, e semelhanças mal concebidas—diz o mesmo sabio conego Berardo [1]—tem comtúdo alguma especialidade, por estar proxima ao rio *Vouga*, que Ptolomeu nomeou *Vaccum*, e Es-

[1] *Liberal*, loc. cit.

trabão *Vacua*; porem he huma applicação gratuita, porque estes geographos fallão do rio, e nenhum menciona povoação assim chamada por estes sitios. O testemunho de Santo Izidoro de Sevilha quasi que vem destruir de todo esta conjectura, quando nos affirma que *Vacca* fôra huma cidade situada perto dos Pirineos, d'onde veio o nome aos povos *Vacceos* da antiga provincia Tarraconense. *Vacca oppidum fuit juxta Pyreneum, a quo sunt cognominati Vaccei.*

Etimologiae, Lib. 9, cap. 2.»

E' isto o que diz Berardo, mas o dr. Botelho[1] dá largas á sua fantasia, esforçando-se por mostrar, 1.º que Viseu foi a cidade de *Vacca*; 2.º que a cidade de *Vacca* esteve dentro da *Cava*; 3.º que o nome de *Cava* é corrupção de *Vacca*; 4.º que o rio *Vouga* tomou o nome da pretendida cidade de *Vacca*, —e insurge-se contra Gaspar Barreiros por affirmar (diz Botelho) que o rio Vouga tomou o nome da cidade de *Vacca*, mas que esta demorava junto da villa de *Vouga*.[2]

Botelho tambem diz que passados 2 annos depois que Viriato, o grande capitão lusitano, foi assassinado por ordem de Scipião, sendo este chamado a Roma, lhe succedêra no governo Decio Junio Bruto;—que foi este quem mandou edificar a fortalesa romana da Sé, nucleo da cidade actual;—que lhe poz (?) o nome de *Viso*, por estar no alto ou *viso* da encosta fronteira e sobranceira á cidade de *Vacca*, hoje *Cava*, da qual a nova fortalesa ficou sendo como *aviso* ou atalaia—e que d'aqui proveiu o nome de *Viseu* á nova cidade, a cidade actual,—e o velho annexim *Viseu, aviso teu*, ou *aviso é teu*. «E tão bem soube ella guardar seu nome, que nem em tempos de Godos, ou Mouros o deixou perder; e com haver corrupção em todos, só elle não mudou, inda que se lhe accrescentou um E, denotando que Viseu *he e sempre será!...*»[1]

Ditosa patria que tal filho teve.

Esta etymologia honra o estro de Botelho. Está bem pintada e seduz; mas eu quisera que elle para auctorisar *os seus versos* citasse algum geographo romano que desse o nome de *Viseu* á cidade em questão, pois mais natural parece que de *viso* se formasse antes o nome de *Visontium* ou *Visoncio*, dado por Ptolomeu a uma cidade romana da peninsula,—ou o de *Visonium* ou *Visonio*, dado a Viseu por Berardo; e bem podia ser que de *Visoncio* ou *Visonio* se formasse com o tempo *Viseu*.

Tudo isto é questão *lanae caprinae*, mas, como alguem lhe dá importancia, seja-nos licito offerecer aos amadores da especialidade um thema *novo* para novas dissertações:

É innegavel que muitas povoações do nosso paiz e da peninsula tomaram o nome de personagens romanos, suevos, godos e moiros. Podiamos citar *grande numero* d'essas povoações, porque já temos organisada uma lista d'ellas, mas, como este artigo vae já muito longo e este diccionario quasi no fim, no supplemento as indicaremos, se Deus nos der vida e saude e o diccionario ainda estiver a nosso cargo. Aqui apenas diremos que em muitos documentos dos mais antigos que chegaram até nós,—documentos authenticos dos seculos X e XI, repetidas vezes se encontra *Visoi*, como nome proprio d'homem, entre as assignaturas das testemunhas que firmam aquelles documentos.

Não fantasiamos, como pode ver-se no *Portugaliae Monumenta Historica*, tit. *Diplomata et Chartae*, onde se encontram na sua integra todos os documentos que vamos citar, taes são o documento n.º 16 do anno 908, a pag. 11; o documento n.º 105 do an-

[1] *Diologo 1.º* cap. 10—16, pag. 59—92 (?!...) no *Codice de Girabolhos*.

[2] V. *Vouga*, rio e villa, e *Vacua* na interessante publicação *Oppida Restituta* do sr. Antonio Cardoso Borges de Figueiredo.

[1] *Dialogo 1.º* cap. 13 *in fine*.
Finis coronat opus!...
A patria do dr. Botelho não póde ter a sorte que tiveram Troia, Thebas, Cartago, Babilonia, Sagunto, etc.

no 972, a pag. 67; o documento n.º 108 do anno 973, a pag. 68; o documento n.º 163 do anno 991, a pag. 101;[1] o documento n.º 165 do anno 992, a pag. 102,[2]—e o documento n.º 342 do anno 1045, a pag. 211.

Do exposto se vê claramente que *Visoi* ou *Vizoy* era nome proprio d'homem e nome ainda *muito vulgar* nos seculos x e xi, o que leva a crer que este nome foi usado nos seculos anteriores, talvez durante a occupação dos suevos, godos e mouros. É pois muito possivel que *Viseu* tomasse o nome d'algum personagem assim denominado, como d'outros personagens romanos, suevos, godos e mouros tomaram o nome outras muitas povoações de Portugal e da peninsula.

Claudite jam rivos pueri; sat prata biberunt.

Tambem o concilio de Lugo, celebrado na era de 607, deu ao bispado do Porto 25 freguezias, sendo uma d'ellas denominada *Visea,* mas differente de *Viseu.*

V. *Memorias d'Argote*, tomo 2.º pag. 698, 804 a 807.

Local de Viseu

Ignora-se onde esteve esta cidade até á fundação da *Cava de Viriato* pelos annos 146 antes do nascimento de Christo, posto que Viseu, como dissemos no topico antecedente, já então contava muitos seculos,—milhares d'annos talvez,—como cidade, ou simples povoação, ou aggregado de povoações.

As noticias mais remotas do local que occupou referem-se á *Cava* e diz-se que d'ali se transferira para o local hodierno, depois que Decio Junio Bruto mandou fortificar o bairro da Sé; mas não nos satisfaz esta opinião.

Suppomos que o bairro da Sé foi habitado muito antes da construcção da *Cava*, porque o chão da *Cava* era fundo, abafado, plano, alagadiço, insalubre, nada defensavel antes d'aquellas obras de defesa, e por consequencia improprio para um grande povoado, emquanto que o bairro da Sé foi sempre alto, arejado, enchuto, vistoso e muito defensavel, mesmo para aquelles tempos. Alem d'isso, sabemos que os lusitanos, celtas e celtiberos habitavam de preferencia as encostas e os sitios altos e n'elles costumavam erigir templos e fazer castros, como depois fizeram os romanos, pois é crença geral que muitos castros romanos, de que ainda hoje se vêem claros vestigios em muitos curutos de Portugal e da peninsula, haviam sido anteriormente occupados, habitados e d'algum modo fortificados.

Vejam-se os topicos relativos á *Cava de Viriato* e á *Fundação e antiguidade de Viseu*, bem como o topico infra.

Veja-se tambem o que disse Antonio do Carmo Velho de Barbosa na sua *Memoria* relativa ao *Mosteiro de Leça*, pag. 75 e segg., onde falla do *castro* de *Guifões*, que suppõe ter sido *ara celtica*, antes de ser, se é que foi, *castro romano*. Tambem caracterisa como *celta* ou *pre celta*, a ponte actual de *Guifões*, mas nós já a visitámos e podemos affiançar que é muito posterior aos celtas e mesmo aos romanos e arabes.

V. *Guifões* n'este diccionario e no supplemento, onde tencionamos ampliar consideravelmente aquelle artigo.

Respeitamos muito o sabio academico Velho de Barbosa, mas *aliquando dormitat Homerus*

Captiveiro e conquistas de Viseu

Esta peninsula e o nosso paiz foram desde os tempos mais remotos theatro constante de luctas e guerras medonhas, já entre os iberos e os povos anteriores (não sabemos quaes foram esses povos ou os *aborigenes*, primeiros habitantes da peninsula)—já entre os celtas e os iberos até que se congraçaram e tomaram o nome commum de *celtiberos*[1].

[1] N'este documento assignam *Vizoi Astrulfizi*, filho de *Astrulfo*,—e *Fredenando Vizoizi*—Fernando, filho de *Vizoi*.

[2] N'este documento assigna *Vizoy*.

[1] Note-se que os celtas comprehendiam nada menos de *30 povos differentes*, como já dissemos, appoiados em Herculano.

Vieram depois as guerras entre estes e os fenicios; depois novas guerras entre aquelles tres povos e os gregos; seguiram-se outras entre estes quatro povos e os cartaginezes, até que estes se assenhoriaram da peninsula.

Vieram depois as guerras entre os romanos e os habitantes da peninsula que eram *in illo tempore* uma amalgama de iberos, celtas, fenicios, gregos e cartagineses. Foi uma tremenda lucta que durou nada menos de dois seculos, no fim dos quaes os romanos ficaram senhores da peninsula e a occuparam muito tempo, elevando-a ao mais alto grau d'esplendor e civilisação que até ali tinha attingido.

Vieram depois no anno 405 os silingos, suevos, alanos e vandalos, *barbaros do norte*, que assolaram completamente a peninsula e fizeram recuar a civilisação romana, eclipsando-a por muitos seculos, cerca de 1:000 annos—pois talvez que a peninsula só no fim da idade media, ou nos principios do seculo XVI, attingisse o grau de esplendor e civilisação a que os romanos a tinham elevado?!... E em quanto a viação publica foi maior, *muito maior* ainda o eclipse, porque só depois do meiado d'este seculo XIX, ou passados 1:450 annos, a viação de Portugal e da peninsula póde equiparar-se á viação romana!...

—

Foram muito sanguinolentas e muito prolongadas as guerras já entre aquelles povos barbaros e os romanos, já entre os barbaros uns com os outros, até que prevaleceram os godos no dominio da peninsula e esta respirou algum tempo; mas no seculo VIII com a invasão dos mouros volveu outro periodo de guerras assoladoras, já entre os mouros e os christãos, já entre os mouros uns com os outros, já entre os christãos tambem, pois ao reino das Asturias ou de Leão, o primeiro que se formou entre os christãos da peninsula depois da invasão arabe, accresceram os reinos de Aragão, Castella, Navarra, Gallisa, Portugal e Valencia, e só depois de grandes luctas se fundiram todos em um só, com o nome de *Hespanha*, conservando *unicamente* Portugal a sua autonomia desde os principios do seculo XII (1139) *até hoje*, o que parece favor da Providencia, pois comprehendendo Portugal desde o seu começo uma pequena parte da peninsula, sustentou sempre guerra viva—primeiramente contra o potentado de Leão e contra o dos mussulmanos, não inferior ao de Leão—e, depois de expulsos os mouros, ficou por assim dizer *em guerra aberta* com toda a Hespanha até 1668, sendo a Hespanha 4 a 6 vezes superior a Portugal em população e territorio e empenhando na lucta contra nós os seus melhores generaes e grandes exercitos! Ainda posteriormente quiz renovar a guerra, mas desistiu, lembrando-se das lições da historia e das batalhas d'Aljubarrota, Linhas d'Elvas, Ameixial, Castello Rodrigo, Montes Claros, etc. etc.

Parece que a Providencia (repito) tem sido *até hoje* por nós, pois humanamente mal se explica o facto de estarmos ainda hoje independentes e de havermos levado a nossa bandeira até os confins da Asia—e de havermos creado na America do sul um grande imperio,—o imperio do Brazil, hoje independente (*graças ao senhor D. Pedro IV...*) mas que ainda falla o portuguez, como prova do longo dominio de Portugal sobre aquelle vasto imperio.

—

Do exposto se vê que a peninsula e Portugal teem sido constante theatro de guerras—e as mais sanguinolentas de todas foram as dos *barbaros do norte, destruição das Hespanhas.*

Foram muito sanguinolentas as dos mouros, mas ao menos os mouros eram bastante civilisados,—muito mais tolerantes e *mais civilisados* do que os godos ou christãos que encontraram na peninsula e, se os mouros n'ella se conservassem e os deixassem viver pacificamente, a nossa religião soffria, mas a peninsula talvez lucrasse e adiantasse em civilisação,—no commercio, na agricultura, nas artes e mesmo *nas lettras*,—mais do que adiantou nos seculos immediatos á expulsão d'elles!...

Ao norte do nosso paiz poucos vestigios deixaram da sua occupção, porque esta foi transitoria e *muito atribulada*, mas ao sul,

principalmente na Andalusia, onde se demoraram mais tempo e viveram mais tranquillos, edificaram sumptuosos templos, castellos e palacios, deram grande impulso ás artes *e sciencias* e melhoraram consideravelmente a agricultura, fazendo canaes de irrigação, etc.

Mesmo ao norte do nosso paiz ainda no seculo XVI, quando D. Manuel impoliticamente e barbaramente os expulsou de envolta com os judeus, elles eram os nossos *melhores* e por assim dizer *unicos* artistas pelo que muitas das nossas fabricas e officinas soffreram com a expulsão d'elles.

É pois um *preconceito, uma flagrante injustiça, um erro crasso* dizer-se que a civilisação d'elles era *embrionaria*, como teem dicto varios escriptores nossos.

Foram muito illustrados e muito amantes das lettras alguns dos reis de Cordova, principalmente o grande mathematico Mohamed, fallecido no anno de 886,—Abderrahman, o poderoso *emir-al-muminim*,—e seu filho e successor El-Hakem. Este ultimo falleceu no anno da 976 e deixou uma bibliotheca de *quatrocentos mil volumes, ajuntada por elle*, —como diz Alexandre Herculano, *Hist. de Port.* tomo I, pag. 79.

Talvez que ainda hoje,—em pleno seculo XIX, por excellencia o *seculo das luzes*,—não haja em toda a peninsula bibliotheca mais numerosa e, attendendo á baratesa actual dos livros e á carestia d'elles *in illo tempore*, com certesa custou mais e *muito mais* a bibliotheca do mouro El-Hakem, do que a melhor bibliotheca actual da peninsula—e *talvez da Europa?!...*

—

Portugal e a peninsula soffreram muito com a invasão dos mouros e com as guerras continuas até á expulsão d'elles, mas soffreram mais e *muito mais* com a invasão dos *barbaros do norte* e com as guerras que se seguiram até que os godos firmaram o seu imperio na peninsula.

«A irrupção dos barbaros—diz Herculano [1]—foi assignalada por todo o genero de devastações. Morreu gente innumeravel no primeiro impeto antes que os ferozes conquistadores escolhessem as provincias em que se haviam de fixar. Á guerra associaram-se a peste e a fome. Chegou o povo á miseria horrivel de devorar carne humana, e as mães cevarem-se *nos cadaveres dos filhos*. As bestas feras saiam dos bosques, e affeitas á carniça dos mortos, avançavam a tragar os vivos. Então os barbaros dividiram entre si este paiz convertido *quasi n'um ermo*...

«Mas o povo que devia substituir esta primeira alluvião [1] e estabelecer o seu domi-

[1] *Hist. de Port.* tomo I, pag. 28.

[1] Os vandalos e suevos tinham occupado o que hoje chamamos Castella Velha e a Gallisa; os alanos a provincia lusitana e a cartaginense; e os silingos, tribu vandala, parte da Betica, hoje Andaluzia; mas, pouco depois da invasão dos godos, Walia, rei d'estes e successor de Attahulfo, atacou os alanos da Lusitania e os silingos da Betica e, depois de uma lucta cruel de tres annos, obrigou os que sobreviveram á destruição da sua raça, a buscarem na Gallisa o amparo dos suevos. Walia fez paz com o imperador romano Honorio, pelo que os godos, n'estas guerras, eram considerados auxiliares do imperio.

Incorporados os alanos e silingos com os suevos, estes, posto que independentes de facto, reconheceram a supremacia de Roma, e os godos contentaram-se com o dominio do sul das Gallias.

A paz era todavia impossivel. Os vandalos começaram logo uma como guerra civil com os suevos, que os desbarataram, e elles, obrigados a deixar a Gallisa, precipitaram-se de novo sobre a Betica.

D'alı, passados tempos, transportaram-se para a Africa, restando apenas na Hespanha os suevos, a que se haviam incorporado os diminutos restos dos alanos, exterminados por Walia. Logo que os vandalos deixaram a Europa, os suevos começaram a dilatar o seu imperio sobre a Lusitania e Betica até que, depois de continuas guerras com os romanos e com os godos, que vieram substituir os romanos no dominio da Hespanha, chegaram por fim a incorporar-se na monarchia gothica, em tempo de Leowigildo, e assim se conservaram até o anno 714, data da invasão dos mouros.

V. Herculano, loc. cit.; n'este diccionario *Godos* e *Suevos*,—e n'este art. *Viseu* os topicos *S. Miguel do Fetal* e—*Tumulo de D. Rodrigo*, pag. 1565 e segg.

nio de tres seculos, não tardou a transpor os Pyrenéus. Os wisigodos, capitaneados por Attaulfo, invadiram a Peninsula. Por alguns annos durou a guerra d'estes com os primeiros invasores; *guerra d'exterminio*, qual devia ser entre gente feroz, e de que ainda forçosamente foi victima uma parte d'esses rareados restos da antiga população...

«A população hispano-romana desapparecêra, em grande parte, debaixo das espadas implacaveis dos barbaros ....

«... os habitantes da Peninsula, debaixo do nome de *godos*, constituiam uma só nação quando a conquista arabe veiu confundir ainda mais, se é possivel, esta mistura inextricavel de homens de muitas e diversas origens.»

—

Portugal soffreu muito com a invasão e occupação dos *barbaros*, mas qual seria a sorte da cidade, da diocese e do districto de Viseu, durante aquelle periodo tão calamitoso?

Nada sabemos da parte que lhes tocou, mas com certesa soffreram tambem muito, pois dos fragmentos que nos restam das actas do concilio de Lugo, celebrado no anno 560 por ordem de Theodomiro, rei suevo, o bispado de Viseu n'aquella data comprehendia approximadamente o mesmo territorio actual,[1] mas estava quasi deserto. Apenas contava *nove freguezias*?!... Adiante as mencionaremos e explanaremos este ponto no topico relativo ao *Bispado de Viseu*.

Depois da invasão dos mouros em 1714[2], já temos algumas noticias mais d'esta cidade e das hecatombes de que foi victima, pois foi tomada e retomada pelos christãos e pelos mouros muitas vezes. Occorrem-nos as seguintes:

1.ª—Pelos mouros, não sabemos quando.

2.ª—Por D. Affonso I, o *catholico*, das Asturias, no anno 734, segundo se lê na *Chor. Port.* tomo II, pag. 178, mas foi um dos muitos lapsos do padre Carvalho, pois aquelle rei governou de 739 a 753!. .[1]

3.ª—Por Abderraman, rei de Cordova, no anno 757,—diz o mesmo padre Carvalho *loc. cit.*

4.ª—Por D. Fruela I, rei das Asturias, successor de D. Affonso I.

Ignoramos a data d'esta conquista, mas devia ser em 753 a 766, pois foi este o periodo do governo de D. Fruela[2].

5.ª—Por Mauregato (filho bastardo de D. Affonso I o *catholico*) em 783 a 789, com o auxilio do rei de Cordova, a quem prometteu o fôro das 100 donzellas,—diz Carvalho e accrescenta que Mauregato possuiu Viseu 8 annos, mas não pode ser, porque Mauregato reinou apenas 7 annos, de 783 a 789.

V. Carvalho, *loc. cit.*—e n'este diccionario o artigo *Figueiredo das Donas*.

6.ª—Pelos mouros, não sabemos quando.

7.ª—Por Carlos Magno, vindo á Hespanha em auxilio de D. Bernardo I de Leão, que reinou de 789 a 791.

Carvalho, *loc. cit.*

8.ª—Pelos mouros, em cujo dominio esteve *até o anno de 803*,—diz Carvalho.

9.ª—Em 803 por D. Affonso II, o *casto*, de Leão.

10.ª—Em 811 por Aliathan, rei de Cordova, ficando no dominio dos mouros até o anno de 842,—segundo diz Carvalho.

11.ª—Em 842 por D. Ramiro I de Leão, que a tomou deixando tributario o mouro Iben-Rages, governador d'ella, mas pouco depois, constando-lhe que o dicto mouro se bandeára com outros alcaides mouros contra os christãos, D. Ramiro voltou sobre Viseu, desbaratou o dicto mouro e destruiu completamente a cidade, ficando só em pé a fortalesa romana com as 2 torres, mas o bispo de Salamanca Sebastiano, depois de obter licença de D. Ramiro, mandou reedificar Viseu e *lhe deu por armas o castello de Gaya*

[1] Era ainda mais extenso talvez, pois comprehendia o territorio que em 1770 passou para o bispado de Pinhel.

[2] Referimo-nos sempre ao *anno* do nascimento de Christo, quando nas datas não posermos o termo *era*.

[1] O padre Antonio P. de Fig. no seu interessante livrinho *Compendio das Datas*, prolonga este reinado até o anno 757.

[2] P. de Figueiredo, loc. cit. prolongou este reinado até o anno 768.

com o rio Douro, ... em memoria do *facto,* (?) que ali se passou com D. Ramiro.

Em resumo é isto o que diz Carvalho, mas não podemos acceitar na integra tal asserto, porque o D. Ramiro da lenda foi D. Ramiro II, que governou de 931 a 950.

Vejam-se os topicos supra—*S. Miguel do Fetal e—Tumulo de D. Rodrigo*—pag. 1565 e segg.

11.ª—Por Abdela, rei de Cordova, que a tomou não sabemos quando, e a teve apenas 39 dias.

Carvalho, *loc. cit.*

12.ª—Por D. Affonso III, o *magno,* de Leão, que a tomou ao dicto mouro não sabemos quando, mas devia ser pelos annos de 862 a 910, reinado do dicto D. Affonso.

13.ª—Por Almançor, rei de Cordova, no tempo de D. Bermudo II de Leão—982 a 999.

Este Almançor destruiu Viseu tambem completamente, poupando apenas as 2 torres romanas; mais tarde porem os mesmos mouros reedificaram a cidade e a possuiram até o anno de 1058,—segundo diz Carvalho, *loc. cit.*

Em 1027 D. Affonso V de Leão, depois de haver tomado aos mouros differentes terras, passou o Douro e, discorrendo pelo norte do Algarve, poz cerco a Viseu, *que provavelmente ficára em poder dos mussulmanos desde o tempo de El-Mansur,*—diz Alexandre Herculano;[1] mas, durante o assedio, a morte o salteou no vigor da idade. «Era no estio; intensa a calma. Despidas as armas, e trajando apenas uma tunica de linho, o rei discorria em volta dos muros inimigos: um virote partiu das ameias, e ferindo-o mortalmente o derribou do cavallo. Levado á sua tenda, Affonso V expirou brevemente, contando pouco mais de 30 annos, e quasi outros tantos de reinado.»[2]

Governou de 1000 a 1027.

14.ª—Por D. Fernando I, o *magno,* de Castella, no anno de 1058, como dizem o padre Carvalho, o *Chronicon Lusitano* e o sabio conego Berardo,—ou no anno de 1038, como dizem o sr. Ignacio de Vilhena Barbosa, nas *Cidades e Villas,* o sr. Oliveira Mascarenhas no *Portugal e Possessões,* e Rodrigo Mendes da Silva na *Poblacion General de España,*—ou no anno de 1057, como diz Alexandre Herculano[1]. Eis as suas proprias palavras:

«Atravessando o Douro pelo lado de Samora (refere-se a D Fernando I, o *magno*) e encaminhando-se para o occidente, entrou pela nossa moderna (?) provincia da Beira, cujos castellos tantas vezes tinham sido já tomados e perdidos por christãos e sarracenos. O de Seia (Sena) foi o primeiro que elle tomou, talando os seus arredores e reduzindo outros castellos menos importantes. Desde então a guerra continuou por todas as primaveras seguintes, sujeitando successivamente (1057, sic) Viseu, Lamego, Tarouca e outros logares fortes.»

Escusado é dizer que seguimos a opinião de Herculano.

Tomou pois D Fernando Magno de Castella a cidade de Viseu aos mouros no anno de 1057—a 28 de junho, como dizem os srs. Vilhena Barbosa, Oliveira Mascarenhas e Rodrigo Mendes da Silva,—ou a 25 de julho, como diz Berardo.[2] Desde então não mais voltou ao poder dos mouros, mais ainda recebeu outro baptismo de sangue.

15.ª—Em 1385[3] por um troço de castelhanos, quando retiravam d'Aljubarrota completamente destroçados pelo nosso D. João I.

Elles, passando por Viseu e estando a cidade então aberta, sem muros e mal guarnecida, tomaram-na, saquearam-na, incendiaram-na e passaram ao fio da espada os seus habitantes, mas, tomando o caminho de Hespanha carregados de despojos, tudo perderam e muitos d'elles a propria vida não longe de Viseu,—entre Valverde e Trancoso, no dia 25 de abril de 1385.

Para evitarmos repetições, vide *Aljubar-*

---

[1] *Hist. de Port.* tomo I, pag. 159.
[2] Alex. Herc. *loc. cit.*

[1] *Hist. de Port.* tomo I pag. 165.
[2] *Liberal* n.º 2 de 9 de maio de 1857.
[3] O padre Carvalho diz *em 1377!...*
Foi muito infeliz no artigo *Viseu* e nós temos remorsos de o havermos acompanhado tão de perto *n'este topico!...*

rota e *Trancoso.* Vejam-se tambem os *Dialogos* de Mariz, pag. 172, cuja lição *é muito differente!...*

Este topico é muito emmaranhado, muito difficil. N'elle *com certesa* tropecei muitas vezes, mas já antes de mim tropeçaram outros—e outros hão de tropeçar de futuro!..
Solatium est miseris...

Côrte e côrtes

Viseu foi temporariamente côrte d'alguns reis de Leão. Suppõe-se que residiram no paço da fortalesa romana, onde hoje se vê o claustro, mandado fazer por D. Miguel da Silva no chão do dicto paço, que D. João III para esse fim lhe concedeu.

Tambem ali residiu algum tempo a nossa rainha D. Theresa, mãe de D. Affonso Henriques,—e em Viseu mais tarde residiram (não sabemos onde) temporariamente alguns reis, como D. João I, pois nenhum monographista de Viseu nos diz o sitio d'esta habitação real, nem onde se convocaram as cortes, mas é provavel que fosse nos antigos paços reaes em que residiram a rainha D. Theresa e talvez os reis de Leão, que eram dentro da fortaleza romana, [1] onde havia um grande espaço, que é hoje occupado pelos altos e baixos do claustro novo e pelas capellas contiguas á sala capitular e repartições proximas do cabido. Aquelle chão comprehendia todo o grande espaço voltado ao poente desde a torre Romana do Norte (hoje cadeia civil) atè á Torre do Sul, ainda hoje occupada com arrumações do cabido.

Não merece attenção alguma a opinião de Berardo e seus copiadores, que dizem a dinastia de Aviz tivera os seus paços na Rua da Cadeia, onde a tradição diz nascera D. Duarte, que era uma casa pequena no meio d'uma rua estreita, sem largo na frente ou trazeiras, que Botelho diz ser a casa do Almoxarife; pois Berardo não adduz outro fundamento alem de um miseravel erro de heraldica e genealogia, em que o sabio conego era hospede, como já dissemos.

[1] Viseu não teve cerca de muros até os fins do seculo XIV.

Para evitarmos repetições veja-se o topico supra, relativo á Sé, pag. 1574, col. 2.ª; 1551, n.º 7, col. 2.ª tambem;—1562 col. 1.ª, n.º 5—e o topico infra *Duques e senhores de Viseu.*

Tambem n'esta cidade se reuniram outr'ora algumas das grandes assembléas convocadas pelos nossos reis e denominadas *côrtes.* Eram constituidas pelos procuradores das nossas differentes cidades e de algumas villas, e nas dictas côrtes os procuradores visienses occupavam o 7.º logar no 2.º banco. O 1.º assento pertencia aos de Lisboa, o 2.º aos d'Evora, o 3.º aos do Porto, o 4.º aos de Coimbra, o 5.º aos de Santarem e o 6.º aos de Braga. Era pois Viseu a 7.ª povoação mais importante do nosso paiz *in illo tempore* e n'ella se celebraram côrtes em 1419 e 1391, sob a presidencia d'el-rei D. João I.

V. *Côrtes,* onde se encontra uma lista de todas as que foram celebradas no nosso paiz, até 1834, ou até á queda do *ancien regime* politico [1].

Duques e senhores de Viseu

Esta cidade foi titulo de ducado e teve os duques seguintes:

1.º—O infante D. Henrique, filho de D. João I.

V. *Sagres.*

2.º—O infante D. Fernando, filho d'el-rei D. Duarte, por morte do 1.º duque, o infante D. Henrique, seu tio.

3.º—D. João, filho do 2.º duque, o infante D. Fernando.

4.º—D. Diogo, irmão do antecedente.

Este duque D. Diogo foi assassinado em Setubal por seu primo e cunhado el-rei D. João II, que extinguiu tambem aquelle titulo, mas deu os bens do ducado e o titulo de

[1] Ali não se mencionaram as côrtes de Viseu, de 1419; mencionou-as porem o sr. Vilhena Barbosa nas *Cidades e Villas.*

duque de Beja a D. Manuel (depois rei) irmão do infeliz D. Diogo, 4.º e ultimo duque de Viseu.

Para evitarmos repetições, vide *Setubal*, vol. 9.º pag. 220, col. 1.ª e segg.

—

Foram senhores de Viseu differentes personagens. Occorrem-nos os seguintes:

1.º—*O conde Hufo Hufes Belfaral* pelos annos de 924, no tempo de D. Fruella II, rei de Leão, e de D. Affonso IV, seu successor.

Hufo Hufes era conde e senhor não sò de Viseu, mas das terras circumvisinhas, e d'elle procedem muitas familias nobres de Portugal e de Hespanha, entre ellas os *Botelhos* de Mondim da Beira, Lamego, Villa Real e Viseu, como pode ver-se nos *Dialogos* do dr. Manuel Botelho,[1] mas a sua representação está nos duques de Lafões.

2.º—*Ayres Pires*, pelos annos de 1102 (era 1140) pois como *senhor de Viseu* assigna uma escriptura de doação feita n'aquella data em Guimarães pelo conde D. Henrique a Echa Martins, rei mouro de Lamego.

3.º *O infante D. Henrique*, 1.º duque de Viseu, mencionado supra.

4.º—*O infante D. Fernando*, 2.º duque de Viseu.

5.º—*D. João*, 3.º duque.

6.º—*D. Diogo*, 4.º e ultimo duque.

7.º—*D. Manuel* (depois rei) irmão d'aquelles ultimos dois duques.

8.º—*A infanta D. Isabel.*

9.º e ultimo:—*A infanta D. Maria*, ambas filhas d'el-rei D. Manuel.

Por morte da infanta D. Maria o senhorio de Viseu passou para a corôa e n'ella se conservou até hoje.

Procissão das forneiras

«No dia 14 d'agosto—diz Berardo[2]—tinha logar uma solemne procissão, assistida do senado, cabido e clerisia, a quem precedia um certo numero de meninas vestidas decentemente, e levando cada uma na mão a insignia de uma *pá* muito composta e enfeitada.

«Era a procissão vulgarmente chamada das *forneiras*, que alludia áquella façanha de Brites d'Almeida, de Aljubarrota, que matára sete castelhanos depois d'aquella sempre memoravel batalha, que firmou a independencia portugueza e a corôa no senhor D. João I.

«Deixo que lhe chamem *tradição fabulosa* (que não o será tanto como alguem o pensa) mas ella era acceite, e baseada em recordações gloriosas. A Vizeu sobejavão os motivos de seus odios contra Castella, e era esta solemnidade huma commemoração, e diremos *incentivo* da independencia nacional. A dominação dos Filippes de Hespanha tinha naturalmente reduzido ao silencio hum acto que lhe era contradictorio, mas a Restauração de 1640 o fez reviver, e ainda por uma determinação regia:

«D. João por graça de Deus Rei de Portugal... etc. Faço saber a vós corrigidor da comarca da cidade de Vizeu, que porquanto se costumava fazer nestes reinos procissão em vespera de Santa Maria d'Agosto, no fazimento de graças da victoria, que o Senhor Rei D. João primeiro *de boa memoria* alcançou no campo de Aljubarrota contra El-Rei D. João primeiro de Castella, e convir que se continue com a dita procissão; Hei por bem e vos Mando ordeneis que assim se faça e continue a dita procissão, assi nessa cidade, como nos lugares da Comarca della, onde se costumava fazer; o que assi cumprireis..... Lisboa a quatorze de Junho de mil seiscentos e quarenta e hum.... Ao corrigidor da Comarca de Vizeu.»

Tão patriotica solemnidade extinguiu-se e de todo esqueceu desde 1834—«por incuria (talvez culposa) da geração actual, que se ufana muito não sei de que»—dizia o mesmo sabio conego, apesar de ser *pronunciadamente liberal?!...*

O cramol

«No primeiro dia da oitava do Pentecostes diz o mesmo Berardo, *ibidem*, a camara municipal de Vizeu, acompanhada de muito

[1] *Dialogo 3.º*, cap. 14.º
[2] *Liberal* n.º 3 de 15 de maio de 1857.

povo, fazia huma especie de procissão á igreja de Nossa Senhora do Castello da villa de Mangualde, recitando preces e ladainhas, donde lhe veio a denominação de *cramol*[1].

«Na volta desta longinqua romaria ordinariamente havia um jantar preparado para as pessoas da expedição, e seguia-se hum espectaculo de touros na praça da cidade. Era isto huma commemoração da tomada do castello do mouro *Zurara*, situado na eminencia, onde hoje se divisa a mencionada igreja, e donde tambem veio a denominação ás terras d'aquelle concelho.[2] Dizia-se que antigamente os de Vizeu, combinados com os da villa de Linhares, se propozerão e arriscarão a tomar e demolir aquelle castello; o que tudo levarão a effeito.

«Passarão muitos annos, e a tibieza foi-se apoderando do animo dos nossos passados, de maneira que a festa do *cramol* ficou reduzida a huma simplicissima procissão, em que sahião da cathedral o cabido e o senado até á igreja de *S. Miguel do Fetal*. Isto mesmo de todo se extinguiu em 1834.»

Com a tibiesa das crenças extinguiram-se outras muitas procissões semelhantes que desde tempo immemorial se faziam em diversos pontos do nosso paiz e de algumas já nós fizemos menção n'este diccionario.

V. *Nicolau* (S.) do Porto, tomo 6.° pag. 79, col. 2.ª—e *Villa Real de Traz os Montes*, tomo XI, pag. 975; mas ainda hoje, em cumprimento de antigos votos, vão muitos dos taes *clamores* á egreja de Nossa Senhora de *Carquere*, em Rezende, á capella de S. *Domingos da Queimada*, em frente de Lamego, e á de Açores a 3 de maio. Vide *Açores* n'este diccionario tomo I pag. 24; *Fontello*, *Carquere*, *Queimada* e *Lamego* n'este diccionario e no supplemento.

V. tambem *Villar*, aldeia, tomo XI, pag. 1175, col. 1.ª *in fine* e segg.

[1] *Cramol* é modificação popular de *clamor*.

P. A. Ferreira.

[2] V. *Mangualde* n'este diccionario e no supplemento.

Couto da Sé

«O que se chamava *Couto da Sé*, e a cujos moradores o bispo D. Pedro Gonçalves e o seu cabido em 1251 derão *Carta de Fôro*, —diz Berardo,[1]—existia dentro dos primeiros muros de Vizeu, ou *Cidade Velha*. A sua demarcação he hoje completamente ignorada; porém ainda não o era no seculo XVI, quando os moradores deste couto se defendião dos encargos do concelho, escorando-se nos privilegios que dizião ter. Confirmamos isto pelo seguinte documento do *Livro das Vereações da Camara*, que sendo tambem curioso a outros respeitos o transcrevemos aqui :

«Aos cinquo dias do mez de Janeiro de mil e quinhentos e trinta e quatro annos, na dita cidade foram juntos em camara os seguintes. Ho licenciado Vicente corea Juiz de fora, gonçalo corea vereador duarte da fonceca procurador. Os quaes juntos em camara diseram que era verdade que lluis francisco barbeiro na dita cidade e morador saira este anno presente por tisoureiro da dita cidade, ho quall lluis francisco viera á dita camara a requerer que ho *não constrangessem a servir tal officio*,[2] porquanto elle era escuso do tall encarego por viver *nos coutos* do senhor bispo da dita cidade, por cujo privilegio dos ditos *coutos* era escuso dos encaregos do concelho, e assim por ser barbeiro dos frades de sam francisco d'orjees, por cuja causa elle era escuso por bem do privilegio dos ditos frades, e que sobre tudo viera há dita camara ho Licenceado Fernam Lourenço promotor e procurador do dito senhor bispo da dita cidade, e da sua parte lhes requerera que nam constrangessem ao dito lluis francisco que servisse de tisoureiro contra sua vontade, porquanto elle vivia dentro nos coutos do dito senhor bispo e porque era escuso por bem do seu

[1] *Liberal* n.° 12 de 13 de junho de 1857. Veja-se tambem este artigo, pag. 1688, col. 2.ª *in fine*.

[2] Assombra-nos a modestia do barbeiro!...

privilegio que o dito senhor bispo tinha dos ditos coutos, e pela antiga pose em que estava, de nenhum morador dos ditos seus coutos servir em oficios e caregos do concelho senão os que queriam servir por sua vontade e não por constrangimento, e que avendo elles enformaçom verdadeiramente de como o dito lluis francisco vive dentro nos coutos do dito senhor bispo que tem dentro na dita cidade e por eu tabaliam e escripvam dar minha fee que era assim verdade ho dito lluis francisco viver nos ditos coutos do dito senhor bispo, e elle vir requerer que o escusasem e asi o procurador do dito senhor bispo acima nomeado, e avendo tambem emformaçom como hos moradores dos coutos do dito senhor bispo sam escusos dos encaregos do concelho e nam serviram nelles, s. nos oficios do concelho se nam aquelles moradores dos coutos que por sua vontade queriam servir e doutra maneira nam, e que avendo tambem emformaçam que o dito lluis francisco *era homem forte de condiçam e que era muito odioso á dita camara por sua condiçam*, por tirarem desensoees e desasosegos que pollo dito caso podiam vir a ocorer antre ha dita cidade e o dito senhor bispo, allem de muitos gastos e demandas que no dito cazo podiam vir ao diante ha cidade,[1] e porque ho dito oficio de tisoureiro nam era dos quatro da hordenaçam, aviam por bem que o dito lluis francisco nam sirva ho dito anno de tisoureiro e o asolveram do dito carego ho dito anno: E porque amrique mendez mercador tisoureiro que foy na dita cidade ho dito anno passado de mill e quinhentos e trinta e trez annos, que presente estava dizer que queria servir de tisoureiro da dita cidade este anno prezente de quinhentos e trinta e quatro annos, ho dito Juiz e vereadores e procurador lhes aprove por ho dito amrique mendez querer servir ho dito cargo ho dito anno e por elle ser mercador e homem honrado e *de boa casta de christoos novos*[2], e outros *da sua calidade* (?) serem já almoteces na dita cidade, de fazerem ho dito amrique mendez allmotaceell na dita cidade e o acrescentarem ha dita honra dalmotaceell por asy ja servir ho anno passado de tisoureiro querer tambem servir este presente anno, porque asy ho aviam por bem proveito e *honra* (?) da dita cidade.

—

«E llogo o dito Juiz e vereadores deram juramento *sob os santos evangelhos* ao dito amrique mendez (?) em que pooz sua mam e lhe mandaram que bem e verdadeiramente servise este presente anno na dita cidade de tisoureiro conforme ao regimento e hordenaçam de sua alteza, guardando ao dito senhor seu serviço e ás partes seu direito, e elle asy o prometeo de fazer e asynaram todos

«Francisco Dias tabeliam e escripvam da camara ho escrepvi, ao quall amrique mendez lhes aprouve de o asy acrescentarem ha dita honra dalmotaceel *por outros christaoos novos da sua callidade servirem ja na dita cidade dallmotacees, vereadores, e procuradores*, como he notorio pollos llivros da camara dos annos passados, francisco dias o escrepvi. Amrique mendes... Francisco llopes. Gonsallo Corea. lluis de lloureiro. Duarte da fonceca.»

A transcripção é pesada, mas muito interessante para a historia do antigo *couto* da Sè de Viseu.

Quinta e Paço episcopal de Fontello

Ignora-se onde residiram os bispos de Viseu até o tempo do prior *S. Theotonio*—1111 a 1119,[1] pois sabemos que residiu nos velhos paços reaes *da fortalesa romana*, onde está hoje o claustro, como dissemos no topico relativo a Sé. Depois residiram alternadamente no paço episcopal *dos tres escalões*,—na quinta de *Santa Eugenia*—e em *Fontello*. N'este ultimo paço residiram elles em periodos mais ou menos longos até 18 —e desde então até hoje.

V. pag. 1632, col. 2.ª *in fine*.

---

[1] V. pag. 1586, 1603, n.º 34; 1608, n.º 49; 1613, n.º 60,—e 1624, col. 2.ª

[2] Isto é—*um bom judeu*!...

[1] V. pag. 1600, col. 1.ª

Da quinta de *Santa Eugenia* e do paço *dos tres escalões* ou da Sé já se fallou nos topicos relativos á *Cathedral*, ao *Collegio* e ao *Seminario*; agora fallemos da *quinta e do paço episcopal de Fontello.*

Demoram em local aprazivel no arrabalde e a poucos centos de metros do coração de Viseu para nascente—e pelo seu conjuncto formam uma bella rezidencia com uma esplendida avenida de entrada, como não tem paço algum episcopal do nosso paiz.

A quinta é espaçosa e rendosa, e já foi *muito luxuosa*, principalmente no tempo do cardeal D. Miguel da Silva; depois decahiu, e chegou a estar em grande abandono (bem como o *proprio paço* e a *Sé!*...) ainda em nossos dias, no tempo do bispo D. Antonio Alves Martins. Hoje,— graças ao digno prelado actual,—tudo está muito limpo e bem tractado, mas a quinta apenas conserva do seu antigo esplendor uma bella mata com arvoredo secular;—a magestosa avenida com um soberbo portão mandado fazer pelo bispo D. Gonçalo Pinheiro em 1565—e ao longo da extensa e ampla avenida duas alas de frondoso arvoredo, talvez da mesma data, *não todo*, por haverem caido com o peso dos seculos e das tempestades differentes arvores, que foram substituidas por outras, sendo as ultimas plantadas pelo digno prelado actual. Tem elle feito obras importantes tambem no proprio paço e projecta fazer outras, mas infelizmente as rendas da mitra são hoje insignificantes com relação ás d'outras [1].

Deve-se tambem ao actual prelado a restauração do jardim, dos repuchos, chafarizes e tanques.

Para evitarmos repetições, *vide Fontello* n'este diccionario, tomo 3.º pag. 210,—e n'este artigo as pag. 1600, n.º 21; 1607, col. 2.ª; 1611, col. 2.ª tambem; 1616, tambem col. 2.ª; 1625, col. 1.ª; 1632, col. 2.ª—e no supplemento a este diccionario e a este artigo a *longa biographia* do cardeal *D. Miguel da Silva.*

Vejam-se tambem os topicos supra,—*Edificios brasonados*, n.º 9, pag 1551; *Templos actuaes*, tambem n.º 9, pag. 1559—e *Movimento jornalistico*, pag. 1641, col. 1.ª

—

A quinta tem muita agua e bons chãos, que produzem vinho, milho, batatas, hortaliça, hervagens, etc.

O paço é um edificio muito irregular, feito em differentes datas, sem imponencia nem bellesas architectonicas, mas bastante espaçoso, com grandes salas e uma boa capella [1] contigua, dedicada a *Santa Martha* e decorada com preciosas pinturas attribuidas a *Grão Vasco*,—pinturas de que faremos especial menção quando fallarmos d'aquelle grande artista, inveja e assombro de Portugal e *do mundo!*...

Bachareis formados filhos de Viseu ou do seu concelho

—*D. Gaudencio José Pereira.*

Foi conego, vigario geral e governador d'este bispado,—depois arcebispo de Mytilene e vigario geral do patriarchado de Lisboa—e é hoje governador do bispado de Portalegre.

V. pag. 1589, col. 1.ª *supra.*

—*O rev. Francisco Pereira Soromenho*, abbade de S. Miguel do Mato, professor de historia ecclesiastica no Seminario diocesano e natural da freguezia de Bodiosa.

Ambos os bachareis supra são padres; os que se seguem são leigos ou seculares, e formados em direito:

—

—*Antonio Francisco Santar do Amaral*, advogado.

—*Antonio Joaquim Lopes da Silva*, juiz de direito na comarca da Fronteira.

[1] Ainda em 1707 rendia 40:000 crusados ou *16 contos de réis*, como diz Carvalho na *Chorogr. Port.* tomo 2.º pag. 182 *mihi.*

[1] Deve-se tambem ao actual prelado a restauração d'esta linda capella e da grande e vistosa varanda do nascente, que alcança quasi todo o comprimento do Paço. É tambem obra d'elle a formosa varanda do sul, voltada para a magestosa e antiga matta, que parece um pequeno Bussaco, e por onde fez uma commoda communicação para os jardins e quinta.

—*Camillo Borges de Castro Azevedo e Mello*, 2.º official do governo civil de Viseu.

—*Frederico d'Abreu Gouveia*, chefe da 3.ª repartição na direcção geral de instrucção publica, no ministerio do reino, natural de Gumiei, freguezia de Ribafeita.

—*Francisco Antonio da Silva Mendes*. Rezide em Lisboa.

—*Francisco de Mello Lemos e Alvellos*, visconde do Serrado.

—*Joaquim José d'Andrade e Silva*, advogado e inspector da 6.ª circumscripção escolar de instrucção primaria, em Viseu.

—*José Barbosa de Carvalho*, advogado.

—*José Bernardino d'Abreu Gouveia*, natural da freguezia de Riba Feita, concelho de Viseu; onde foi advogado. Casou no Minho e reside em Velinho, concelho de Vianna.

—*José Luciano Pereira Chaves Sousa Araujo*, proprietario. Reside na sua casa da Carriça, perto de Viseu.

—*José de Mello Borges de Castro*, advogado.

—*José Simões d'Oliveira Martins*, idem.

—*Julio de Mello Borges de Castro*, idem.

—*Julio Pessanha Vilhegas do Casal*, delegado do procurador regio em Mangualde.

Ladislau Pereira Chaves de Sousa Araujo, proprietario.

—*Manuel Antonio Barroso*, idem e conservador em Viseu.

—*Manuel Paes Pereira de Loureiro*, advogado.

Todos estes bachareis são filhos da cidade de Viseu; os seguintes são filhos d'este concelho, mas residem em Viseu tambem:

—*Domingos Bento Alexandre de Figueiredo Magalhães*, advogado e administrador do concelho.

—*Heitor de Lemos e Sousa*, natural de villa Chã de Sá, concelho de Vizeu, proprietario.

—*Valeriano de Queiroz Pinto de Athaide e Mello*, idem, natural de Lourosa da Telha.

É tambem natural d'este concelho e n'elle rezidente, mas na parochia de Farminhão, o seguinte bacharel formado em direito:

—*Francisco de Barros*, deputado ás côrtes.

Bachareis formados em medicina, filhos de Viseu

—*Alexandre Correia de Lemos*, cirurgião ajudante de cavallaria n.º 10, estacionada em Aveiro.

—*Antonio Correia de Lemos*, clinico em Viseu.

—*Eduardo Augusto David e Cunha*, idem.

—*Eduardo Correia d'Oliveira*, idem.

—*Luiz Ferreira de Figueiredo*, idem.

—*Cesar Paes Martins*, clinico em Santar, concelho de Nellas, e clinico do hospital civil de Viseu.

É tambem natural de Viseu

—*Silverio Abranches Coelho de Lemos e Menezes*, capitão d'engenheiros, bacharel formado em philosophia e bacharel em mathematica, sub-inspector da 2.ª divisão militar, etc.

Rezidem n'esta cidade e n'este concelho de Viseu outros muitos bachareis formados, que não mencionamos aqui, por serem filhos de concelhos estranhos.

Fabrica de moagem

O sr. Joaquim Pereira da Silva montou aqui em Viseu, em 1866, na margem direita do Pavia, uma boa fabrica de moagem de cereaes, movida pela agua d'aquelle rio no inverno e por uma machina a vapor, na estiagem, mas, como não tirasse d'ella vantagens, fechou-a e cessou o fabrico em 1880; — em 1884 foi montar outra no Mondego, junto de Celorico da Beira, para onde levou grande parte do material da de Viseu, exceptuando a machina de vapor, que ficou até hoje sem applicação!...

No edificio da fabrica de Viseu tambem havia e ha ainda hoje um lagar d'azeite.

Policia civil

Em Viseu ha um corpo de policia civil, creado em 9 de janeiro de 1877, sendo governador civil o sr. visconde do Serrado.

É composto de 31 guardas, 5 cabos de

secção, 2 chefes de esquadra, 1 escrivão e 1 commissario de policia.

O primeiro commissario foi o dr. Antonio Xavier Perestrello, que serviu até 21 de setembro do mesmo anno, data em que foi exonerado e substituido por Antonio Xavier Correia Gomes, que tinha sido administrador d'este concelho.

Serviu até o dia 26 de janeiro de 1886, data em que foi nomeado inspector do sello.

Em 27 de janeiro do mesmo anno foi nomeado commissario da policia civil o dr. José Barbosa de Carvalho, que tinha sido tambem administrador d'este concelho.

Serviu apenas até o dia 12 de março d'aquelle anno e em 27 do dicto mez foi substituido pelo sr. dr. Julio Pessanha Vilhegas do Casal, que em 31 de maio do mesmo anno foi nomeado delegado do procurador regio, pelo que em 12 de junho foi provido no logar de commissario da policia o dr. Pedro Ferreira dos Santos.

Foi este nomeado conservador da comarca de Oliveira do Hospital em 31 de dezembro do mesmo anno e desde então tem exercido por accumulação as funcções de commissario da policia o administrador do concelho.

Este corpo de policia dá um destacamento de 8 guardas, 1 cabo de secção e 1 chefe de esquadra, para Lamego. O resto do corpo faz serviço em Viseu.

Um dos dois chefes de esquadra, e muito digno, é o sr. Manuel Augusto d'Almeida, que nasceu em 1851 na freguezia de Carvalhal Redondo, concelho de Nellas. Foi militar no regimento de infanteria 14 desde 1873 até 1876; em 1877 assentou praça no corpo da policia; em 1878 foi promovido a cabo de secção e em 1881 foi promovido a chefe de esquadra, indo destacado para Lamego, onde serviu até 20 de setembro de 1882 tão distinctamente, que mereceu uma portaria de louvor com data de 21 de março d'aquelle anno.

FAMILIAS NOBRES DE VISEU

Parte I

Na actualidade

Este topico é bastante melindroso. Faremos por não magoar ninguem e para evitarmos queixumes seguiremos a ordem alphabetica.

1.ª

Albuquerques do Amaral Cardoso, em Viseu *Morgados do Arco,* porque o seu palacete demora junto do *arco* de uma das antigas portas da cidade, denominada *Porta dos Cavalleiros,* na extremidade da rua d'este nome, hoje rua Direita.

Para evitarmos repetições vejam-se os topicos supra, *Edificios particulares,* pag. 1550, n.º 1—e *Edificios brasonados particulares,* pag. 1553, n.º 16.

Esta familia era uma das mais antigas, mais opulentas e mais consideradas de Viseu. O seu morgado mais antigo, que era o dos *Coutos,* a 7 kilometros da cidade, foi instituido em 1401 por Vasco Paes Cardoso, da varonia dos verdadeiros *Cardosos,* senhor de S. Martinho de Mouros e chefe d'esta familia, contemporaneo d'el-rei D. João I, seu vassallo e fidalgo da sua casa, alcaide mor de Trancoso, senhor de Moreira de Rei, do couto de Ervilhão e d'outras terras, bem como dos direitos reaes dos *Coutos,* por mercê do mesmo rei D. João I e do seu filho o infante D. Henrique, 1.º duque de Viseu, de quem Vasco Paes Cardoso foi creado. Em memoria dos infantes, filhos de D. João I, estarem na casa d'elle n'aquella aldeia, quando fizeram a composição com o seu irmão bastardo conde de Barcellos, depois duque 1.º de Bragança, D. João I lhe coutou aquellas duas aldeias, depois denominadas *Couto de Baixo* e *Couto de Cima,* doando-lhe tambem os direitos reaes d'ellas.

Tudo isto se conservou na mesma familia até á menoridade de Gonçalo Cardoso de Vilhegas, 6.º neto de Vasco Paes Cardoso, sendo então dados estes direitos aos senhores d'*Alva.*

—

Teve esta nobre familia o padroado das 2 egrejas dos *Coutos,* que tambem perderam,—e o da egreja de *Argumil,* junto da Guarda, que ainda conservaram até 1834;—e foram tambem senhores do Reguengo de

Germinade, em Lafões, da honra de *Lorges*, do morgado de *Amaraes*, solar dos *Amaraes*, em Pindo,—e de *muitos vinculos* em Viseu, Tourais (concelho de Ceia) Celorico da Beira, Covilhã, Sernancelhe, Tabosa, Santa Eufemia, S. Francisco d'Orgens, etc.

Antonio d'Albuquerque do Amaral Cardoso, ultimo senhor e representante d'esta casa e 14.º neto de Vasco Paes Cardoso, casou com sua prima em 6.º grau D. Emilia Barba Correia Alardo de Lencastre e Barros, filha *unica* e *herdeira* (?) do visconde do Amparo, Rodrigo Barba Correia Alardo de Lencastre e Barros, senhor da opulenta casa dos *Barbas* de Leiria, e teve 2 filhos.

N'esta riquissima e nobilissima casa, que foi muitos annos a 1.ª de Viseu, ainda em 1882 se hospedaram SS. MM. el-rei o sr. D. Luiz I e a rainha a sr.ª D. Maria Pia, quando foram inaugurar solemnemente a linha da Beira Alta, mas hoje... *toute est perdue!...*

2.ª

Almeidas, da Calçada, hoje *Noronhas Faros e Menezes.*

Esta familia, posto que oriunda de Viseu pelo lado do pae da actual senhora d'esta casa, veiu ha poucos annos estabelecer-se aqui.

Demora esta casa ao cimo da rua da Calçada; tem a frente para o largo do Collegio e foi sempre dos *Almeidas Tavares e Abreu*, senhores do morgado de *S. Miguel*, conhecidos em Viseu por *Morgados da Calçada*, com capella no claustro da Sé.

O ultimo senhor d'esta casa—Antonio de Almeida Tovar—morreu ha annos sem geração, pelo que lhe succedeu na casa e morgado sua sobrinha D. Margarida de Menezes Tovar, da villa de Mões, junto de Castro d'Ayre, filha de seu irmão, já fallecido, José de Menezes, o qual tinha casado em Castro d'Ayre com uma senhora, herdeira d'uma casa n'esta villa, e d'outra em Mões.

D. Margarida de Menezes casou com o seu parente D. Henrique d'Azevedo Faro e Noronha, da casa da *Soenga*, em Rezende, de quem teve muitos filhos, um dos quaes—D. Francisco de Noronha Lucena e Faro, tenente de engenheiros, e deputado ás côrtes na actualidade, casou em 1885 na villa de Taboaço com D. Maria do Carmo de Macedo Pinto, filha de Antonio Thomaz Ferreira de Macedo Pinto e de D. Guilhermina Duarte e Costa, já fallecidos, — senhora primorosamente educada, sobrinha e uma das herdeiras da opulenta casa *Macedos Pintos* de Taboaço, hoje uma das *mais ricas do Douro*, muito distinctamente representada pelo digno par do reino, dr. José Ferreira de Macedo Pinto, irmão do fallecido visconde de Macedo Pinto. [1]

Na dicta casa da *Calçada* vive hoje D. Francisco de Noronha Lucena e Faro com a esposa e uma filha, D. Guilhermina, de tenra idade.

Veja-se o topico supra — *Edificios brasonados particulares*, pag. 1553, n.º 18.

3.ª

Alvellos (*Mello Lemos e*) hoje *viscondes do Serrado.*

Esta familia possue por herança de seus avós um dos vinculos mais antigos do reino,—o de *Alvellos*,—instituido pelo bispo de Lamego *D. Vasco Martins de Alvellos*, na aldeia d'este nome, onde nascera, junto de Lamego [2]. Aquella instituição tem a data do anno de Ch. 1300; é escripta em latim e ainda hoje se conserva o original em poder do seu actual representante, o sr. visconde do Serrado, Francisco de Mello Lemos e Alvellos, que descende por varonia do celebre conego *Henrique de Lemos*, fundador da casa da *Prebenda*, de quem fallaremos adiante. O seu appellido *Mello* vem dos senhores da villa de Mello, por ter casado uma filha dos senhores de Mello na *casa da Torre* da rua

---

[1] É avaliada em mais de 800 contos de réis!...

Para evitarmos repetições vide *Miragaya*, tomo V, pag. 269, col. 1.ª;—*Sendim*, tomo IX, pag. 103;—*Taboaço*, no mesmo vol. pag. 471,—e *Vicente* (S.) *sitio*, tomo X, pag. 516, col. 2.ª e segg.

[2] *Hist. Eccl. da Cidade e bispado de Lamego* por D. Joaquim d'Azevedo, pag. 46, n.º 12

da Cadeia, em Viseu, cujos donos foram depois tambem senhores da *quinta de Santo Estevam,* da qual uma sr.ª—*D. Anna de Mello*—casou com Theobaldo de Lemos e Alvellos, 14.º senhor do morgado de Alvellos e 5.º avô, por varonia legitima, do sr. visconde do Serrado, bacharel formado em direito, que tem sido por muitos annos governador civil de Viseu e que é 21.º senhor do morgado d'Alvellos.

Casou com sua prima co-irmã D. Cacilda de Castello Branco, natural do Porto, e tem muitos filhos e netos.

Vive na sua esplendida quinta do *Serrado,* junto de Viseu, em um formoso palacete cercado de bello arvoredo por 3 lados com um lindo terreiro na frente, separado da rua publica por um magnifico portão de ferro brasonado.

V. pag. 1550, n.º 6—e 1552, n.º 1.

4.ª

Cardosos, de S. Miguel.

Esta casa é hoje possuida pelos filhos de José Cardoso de Sousa Lemos e Menezes, ultimo senhor d'ella.

Vive esta familia na quinta de S. Miguel, separada de Viseu pelo terreiro de *S. Miguel,* onde está a antiquissima egreja de *S. Miguel do Fetal* reedificada, como já dissemos.

V. pag. 1552, col. 2.ª n.º 3;—1558, n.º 4; 1559, col. 2.ª n.º 7; 1568, col 2.ª tambem, e 1658, col. 1.ª e 2.ª

F. Manuel, profundo e consciencioso investigador das antiguidades de Viseu, disse que esta casa e quinta, hoje da nobre familia Cardosos, foram residencia dos prelados e conegos visienses, quando a egreja de *S. Miguel do Fetal* era Sé,—e que nas mesmas casas e quinta residiram os frades capuchos d'Orgens, antes de se installarem no extincto convento de Maçorim, mas o santo homem foi menos exacto n'este ponto, como nós já dissemos e *provámos* no topico relativo á egreja de *S. Miguel,* pag. 1568, col. 2.ª—e quando fallámos do *convento de Santo Antonio,* pag. 1658.

As dictas casas e quinta eram de *David Alvares, pedreiro e mestre d'obras,* a quem os frades capuchos as compraram, para n'ellas residirem, como residiram algum tempo, exercendo os officios divinos—*não na igreja de S. Miguel,* como alguem diz, mas *em capella propria* que erigiram nas mesmas casas, como diz o padre Sousa.

V. *loc. cit.* pag. 1658, col. 2.ª

Alguem diz tambem que nas mesmas casas viveram algum tempo os congregados do Oratorio, antes de se estabelecerem no largo de Santa Christina, mas isto é tambem menos exacto, como já dissemos supra, pag. 1651.

Prosigamos.

—

Esta familia, como diz a Memoria de Francisco Manuel Correia, procede de *José Cardoso,* rico cidadão de Viseu, que no seculo passado obteve por emprazamento a mencionada quinta que foi do pedreiro David Alvares e posteriormente dos *capuchos,* pelo que ainda se vêem nas casas muitos vestigios de terem servido de convento.

Casou José Cardoso com uma senhora da nobilissima casa da *Trofa,* [1] e assim obteve para os seus descendentes os titulos e appellidos dos senhores da dicta casa—*Lemos* e *Sousa,* aos quaes uniram outros com differentes allianças que contrahiram e altos cargos que exerceram.

Vive hoje na mencionada casa e quinta Bernardo de Lemos de Aguilar, distincto engenheiro civil e fiscal da linha da Beira Alta (filho do fallecido conselheiro do supremo tribunal de justiça Bernardo de Lemos Teixeira d'Aguilar) por haver casado com uma das filhas e herdeiras de José Cardoso de Sousa Lemos e Menezes, ultimo senhor da mesma quinta.

Tem successão, assim como a outra irmã, filha de José Cardoso, casada com João Cabral Soares de Albuquerque, senhor da antiga casa dos Cabraes de Guimarães, no concelho de Tavares.

5.ª

Chaves (Pereira) *Manuel.*

[1] V. *Trofa,* vol. IX, pág. 749, col. 2.ª

Está familia é antiga, muito considerada e estimada em Viseu e alliada com outras muitas familias de primeira ordem na Beira, taes como os *Soares d'Albergaria*, de Oliveira do Conde,—*Loureiros*, senhores da casa e solar de Loureiro,—*Albuquerques*, da casa da Insua,—*Carvalhos*, da casa do Poço, em Lamego,—*Sousas* de Villa Meã, junto de Tarouca,[1] *Leitões*, de Lamego e do Porto, hoje condes de Gouveia,—*Mendonças Falcões* de Girabolhos, Guarda e S. Salvador de Viseu, etc. etc.

É hoje senhor e muito digno representante d'esta casa Ladislau Pereira Chaves Manuel de Sousa e Araujo Borges, bacharel formado em direito, que tem sido repetidas vezes provedor da Misericordia de Viseu, cavalheiro respeitabilissimo, já de provecta idade e com successão, commendador da Ordem de Christo, etc.

Vive na sua casa da rua de S. Miguel, mas tiveram outra casa nobre no *Miradouro*, junto do largo do Collegio, casa que seu pae vendeu ao negociante José d'Almeida Campos e que é hoje do filho d'este—Joaquim d'Almeida Campos.

V. *Edificios brasonados particulares*, pag. 1553, n.os 14 e 22.[2]

6.ª

Lemos Napoles, ou *Napoles da Prebenda*. *Loc. cit.* n.º 5.

Esta familia era uma das mais antigas e mais importantes de Viseu.

Principiou no conego Henrique de Lemos, F. C. R., dr. em canones e homem de tanto merecimento que el-rei D. João III o nomeou visitador do convento de Santa Cruz de Coimbra.

Era filho de Fernando de Lemos, tambem F. C. R. e veiu de Portel, do Alemtejo, onde rezidiam seus paes, que se diziam descendentes dos verdadeiros *Lemos*, senhores da Trofa.

Este conego teve muitas egrejas e beneficios, entre elles *duas prebendas*, e deu principio ao palacete denominado da *Prebenda*, por ser edificado no chão de uma das suas prebendas, com um bello quintal que, não sendo muito grande, ainda em 1860 só em hortaliça rendeu 600$000 réis!...

Tambem mandou fazer *á sua custa* o soberbo cruzeiro do largo de *Santa Christina*, em 1563, formado por um monolitho com mais de 26 palmos d'altura, segundo diz Botelho, *Dialogo* 4.º cap. 10.

Vinculou a dicta casa e quinta da *Prebenda*, unindo-lhe muitos bens em *Moure* (na freguezia de Abráveses) e dando-lhe por cabeça a capella que ainda hoje se vê na Sé, á direita de quem entra, fundação sua como diz a inscripção que n'ella está.

Para evitarmos repetições, vide pag. 158, col. 2.ª

Instituiu aquelle morgado em 1554; nomeou primeiro administrador d'elle um seu filho—Antonio de Lemos, F. C. R.—e continuou o dicto morgado por varonia legitima em seus descendentes até sua bis-neta D. Marianna de Lemos, que casou com o seu parente Bernardo de Napoles e Lemos, senhor da casa dos *Napoles* de Penacova, cuja varonia de *Napoles* continuou tambem até á sua bis-neta D. Maria de Bourbon e Napoles, herdeira e successora. Casou esta com Luiz Pereira de Mello Soutomaior, senhor de Barbeita, no Alto-Minho, alcaide mór de Caminha, moço fidalgo e senhor da casa de S. *Luiz* no Porto, junto das Fontainhas, etc., a qual já não conserva o actual senhor d'esta casa, seu neto e homonymo Luiz Pereira de Mello e Napoles, solteiro, e já de 50 annos; mas tem sobrinhos, filhos das suas duas irmãs—*D. Maria dos Prazeres*, já fallecida, bem como o marido, que era filho 2.º da casa dos *Albuquerques* do Arco,—e *D. Maria Izabel*, residente na Lagiosa, concelho de Celorico da Beira, viuva de seu primo Antonio Homem da Cunha Corte Real de Linhares.

D'estes *Lemos* do conego descendem por

---

[1] Foi ultimo representante d'esta nobilissima casa, hoje extincta, Affonso de Sousa, fallecido em Lamego, solteiro e sem successão, já depois do meado d'este seculo.

[2] José d'Almeida Campos viveu com grande fausto no Porto e ali se suicidou est'anno de 1888, sendo já de provecta idade e director do *Banco União*.

varonia mais duas casas notaveis de Viseu — a dos *Lemos Alvellos,* do Serrado, mencionada supra,—e a dos *Lemos de S. Gemil,* da qual vamos occupar-nos.

7.ª

Lemos de S. Gemil.

Esta familia, ramo 2.º por varonia legitima dos *Lemos* da casa da *Prebenda,* é hoje representada por Heitor de Lemos e Sousa de Pina e Aragão, bacharel formado em direito e ainda solteiro. Rezide em uma das 3 casas que possue em Viseu e procede por varonia legitima de Antonio de Lemos de Sousa e Tavora, seu 4.º avô, filho 2.º de Theobaldo de Lemos e Alvellos, 14.º senhor do morgado de Alvellos (Vide familia 3.ª supra) mas da sua 3.ª mulher D. Luisa de Tavora, natural de Lisboa, filha de D. Manuel de Sousa e Tavora, motivo porque esta familia usou sempre estes appellidos até hoje, — menos o de *Tavora,* depois da extincção dos *Tavoras* em 1759.

Este D. Manuel de Sousa Tavora era ramo legitimo e varonia dos *Sousas,* senhores de Beringel, cuja primogenitura foi para os marquezes das Minas; e procedem tambem por varonia de D. Martim Affonso Chichorro, rico-homem e filho natural reconhecido d'el-rei D. Affonso III. De sorte que esta familia (exceptuando apenas a geração de D. Luisa de Tavora) procede por varonia legitima d'el-rei D. Affonso III, o que é raro nas familias da provincia.

8.ª

Loureiros de Queiroz.

Esta familia é hoje representada pelo visconde de Loureiro, filho do 1.º barão de Prime—Luiz de Loureiro de Queiroz Cardoso do Couto Leitão, que foi senhor da antiga casa de *Prime* a uma legua de Viseu, —e do importantissimo praso de *Corgos,* á Nogueira,—e do morgado de *Silvas,* em Castello Branco, a que pertenciam a barca de *Montalvão* e o antiquissimo praso de *Pero Soares,* junto da Guarda, que ainda conserva uma torre dos tempos feudaes.

Foi tambem senhor das casas de *Abraveses,* junto de Viseu, e do antigo morgado das *Brusseiras,* no Alemtejo, instituido no seculo XVI pelo dr. Alvaro Cardoso, filho 2.º dos *Costas Cardosos* da *Porta do Prado,* em Trancoso, etc.

O morgado das *Brusseiras* andou na casa de Prime até Rodrigo de Sousa e Mello (no meiado do ultimo seculo) o qual deixou só uma filha bastarda, que continuou a administral-o, e depois d'ella seus descendentes até seu bisneto, 1.º barão de Prime, Luiz de Loureiro, mas logo que falleceu Rodrigo de Sousa disputaram aquelle vinculo á sua filha bastarda (bisavó do barão de Prime) Francisco de Abreu Castello Branco, de Fornos d'Algodres (avô paterno do 1.º conde de Fornos) e outros parentes. Durou esta macrobia demanda *tres gerações* nas duas familias, ou 77 annos, terminando em nossos dias a favor do 1.º conde de Fornos, juiz do supremo tribunal, que reivindicou do barão de Prime aquelle morgado, pelo que o visconde de Loureiro, filho do 1.º barão de Prime, teve de dar ao conde de Fornos mais de 20 contos, *só de rendimentos.*

Na Beira não ha memoria d'outra demanda tão longa!...

—

O 1.º barão de Prime casou com D. Maria da Gloria, filha *unica e herdeira* de Antonio Teixeira de Carvalho e Sampaio, moço fidalgo, senhor da *Casa dos Ernestos* de Cimo de Villa, em Viseu, — da grande quinta de Marzovellos junto de Viseu—do vinculo de *Villar Secco,* em Nellas, e do antigo praso do *Fojo* em S. Pedro de France, que comprehendia tambem o palacete de *Cimo de Villa,* em Viseu, onde actualmente vive a baronesa de Prime, hoje condessa do mesmo titulo.

Tiveram um filho unico

—*Luiz de Loureiro Cardoso de Mesquita.* Succedeu na casa a seu pae, o qual deixou em arras a sua mãe a casa de *Prime,* que ainda possue, apesar de haver passado a segundas nupcias [1] e de baronesa a viscondessa e condessa de Prime.

---

[1] Casou em segundas nupcias com José

Este Luiz de Loureiro foi feito visconde de Loureiro;—casou com D. Antonia da Silva Mendes, filha do grande proprietario João da Silva Mendes,—e teve 2 filhos:

—*Luiz de Loureiro de Queiroz*, casado no Porto com bom dote, e

—*D. Eugenia de Loureiro,* a qual casou com seu primo 2.º José Relvas, de quem logo fallaremos, filho de Carlos Relvas, grande proprietario na Gollegã, e de sua mulher D. Margarida Mendes, prima co-irmã de sua mãe e filha dos condes de Podentes.

9.ª

Pessanhas, da rua da Cadeia.

Esta familia procede d'uma familia nobre de Figueiró, a 6 kilometros de Viseu, e é hoje representada por Eduardo Pessanha Vilhegas do Casal, residente em Viseu.

Casou com D. Joaquina de Faria Coutinho, de Mondão, e tem os filhos seguintes:

1.º—*Vasco Luiz Pessanha Vilhegas.* Reside na sua casa de Figueiró, que herdou de seu tio-avô José Gaudencio Vilhegas do Casal, e casou com sua prima co-irmã D. Carlota Saraiva de Sampaio, filha do visconde da *Quinta do Ferro* (irmão de sua mãe) e da viscondessa D. Maria do Carmo, senhora da casa e quinta do Ferro, junto de Trancoso [1].

Tem successão.

2.º—*Julio Pessanha Vilhegas do Casal*, que foi commissario da policia civil em Viseu e é hoje delegado do procurador regio em Mangualde.

3.º—*Francisco Pessanha*, que foi alferes de infanteria, mas deu baixa e casou com sua prima co-irmã D. Virginia Saraiva de Sampaio, irmã de sua cunhada supra e filha primogenita dos viscondes da Quinta do Ferro, junto de Trancoso.

Rezidiramm na sua casa de Villar Maior, concelho do Sabugal e agora rezidem na casa e quinta da *Prebenda*, que arremataram na praça de Viseu.

———

Porfirio Rebello, de Lisboa, tenente graduado de infanteria, do qual tem 4 filhos.

[1] V. *Villar Torpim*, tomo XI, pag. 1287, col. 2.ª

V. *Villar Maior*, tomo XI, pag. 1242, columna 2.ª

4.º—*Balthasar Pessanha Vilhegas do Casal.*

Casou com D. Augusta, filha unica e legitimada de Thomaz Antonio Bandeira da Gama e Mello, filho 2.º da nobre familia *Bandeiras*, da Torre Deita, senhores da casa de *Fragoas*, solar dos *Bandeiras*, e chefes d'esta familia em Besteiros.

Vive com o sogro na sua bella rezidencia dos *Coutos de Cima*, a 8 kilometros de Viseu, c. g.

10.ª

Queirozes Pintos.

Esta familia não era oriunda de Viseu, mas possuia ali a antiga quinta do *Cruzeiro*, que herdára de uma senhora, sua avó, dos appellidos *Serpe e Mello*, que d'esta quinta foi casar em Favaios, concelho de Alijó, em Traz-os-Montes, com José de Queiroz.

O representante e primogenito d'esta familia—Bento Queiroz Pinto d'Athaide e Mello—era filho de Miguel Pinto de Queiroz Serpe de Mello, de S. Nicolau, moço fidalgo, senhor da casa dos *Queirozes* e vinculo de Santo Antonio em Favaios,—da de *S. Nicolau d'Alcangosta* no Fundão, — do grande praso de Lourosa da Telha a 5 kilometros de Viseu,—da quinta do *Cruzeiro*, em Viseu, e da de *Covello* na freguezia de France, etc.—e de sua mulher e prima co-irmã D. Augusta Candida Pinto Guedes, da nobilissima casa do *Arco* em Villa Real de Traz-os-Montes [1].

Casou Bento de Queiroz com sua prima 2.ª D. Eduarda Augusta Pereira Pinto d'Almeida e Vasconcellos, da nobre casa dos *Ribeiros* de Santa Eulalia de Ceia, filha 2.ª do senhor d'aquella casa—Luiz Ribeiro d'Almeida e Vasconcellos, moço fidalgo com exercicio, cuja irmã D. Augusta casou com Fernando d'Almeida Cardoso de Sequeira, fidalgo muito conhecido em Viseu, senhor

———

[1] V. *Villa Real*, tomo XI, pag. 996, col. 1.ª e segg.

da grande e antiga casa dos *Cardosos de Lour iro e Moreira* e de um bom palacete brasonado no meio da rua Direita, o qual, não tendo successão, depois de abolir os vinculos e de vender boa parte dos seus bens, deixou aquelle palacete, a quinta de Tondelinha e outros muitos bens á sua viuva—D. Maria Augusta;—e esta, fallecendo approximadamente em 1874, instituiu por universal herdeira a dicta sua sobrinha D. Eduarda, mulher de Bento de Queiroz, pelo que em seguida foram estabelecer-se em Viseu no referido palacete, onde residem ainda hoje (1888).

Tem esta familia uma boa casa em Santa Eulalia, concelho de Ceia, da legitima de D. Eduarda e da de suas tias paternas, que lhe deixaram mais duas quintas em Cozelhas, junto de Coimbra, e uma boa casa de habitação junto do largo do Muzeu, em Coimbra, casa que foi fundada pelo celebre vice-reitor da Universidade *José Monteiro da Rocha*,[1] na qual as dictas senhoras residiam e falleceram.

Bento de Queiroz falleceu em 12 de janeiro de 1886 deixando de sua mulher duas filhas gemeas—D. Augusta e D. Marianna, das quaes a primeira vive ainda em Viseu com sua mãe e irmã, tendo casado com seu tio paterno, o dr. Valeriano Pinto de Queiroz d'Athaide e Mello, do qual tem filhos ainda na infancia.

11.ª

Silvas Mendes.

Esta familia procede de João da Silva Mendes, negociante, o qual ganhou no commercio e nas rendas da mitra *grossos cabedaes*! Foi cavalleiro da O. Ch. e casou com a sua parente D. Eugenia Candida da Silva Mendes, muito rica tambem.

Compraram a grande casa que tinham em Viseu os barões de Mossamedes, hoje condes da Lapa, comprehendendo um bom palacete na rua da Regueira com uma bella cerca ou quintal, que se prolonga desde as 4 quinas d'aquella rua até o portico da avenida do paço episcopal de Fontello, cerca toda guarnecida d'alto muro e este de uma formosa parede de loureiros antigos, em toda a circumferencia, na extensão de 2 kilometros, approximadamente.

Com esta sumptuosa vivenda compraram tambem a grande quinta de *Cabanões*, que comprehende as duas aldeias de *Cabanões de Cima* e *Cabanões de Baixo*, a 3 kilometros de Viseu, por onde passa a nova estrada districtal a macadam, n.º 44, que vae para Nellas e Ceia,—quinta que rende mais de *sessenta moios* ou de 3:600 alqueires de milho?!...

Constando que esta sr.ª D. Eugenia coadjuvou a causa liberal com importantes sommas em 1826 a 1828, foi culpada e presa no tempo do sr. D. Miguel, pelo que, sendo já

---

[1] Foi o primeiro mathematico e um dos homens mais sabios de Portugal no seu tempo, pelo que, apesar de ser *padre* e *jesuita*, o marquez de Pombal se acercou d'elle e lhe dispensou muitas finesas, dando-lhe o capello de dr. *gratis*, e sendo seu padrinho na doutoração, etc. etc.

Collaborou activamente na reforma da Universidade em 1772. Foi elle quem organisou a faculdade de mathematica e creou o observatorio astronomico; foi elle tambem um dos 3 primeiros lentes d'aquella faculdade,—o primeiro director do observatorio e o primeiro mestre dos nossos principes (depois reis) D. Pedro IV e D. Miguel, etc.

Diz-se que era natural da villa de Canaveses e filho de paes obscuros. É certo que hoje não tem ali parente algum, mas em compensação ha muitos parentes d'elle ainda na villa de Vallongo, netos e bisnetos de um irmão que ali casou.

Tambem nos consta que outro irmão se estabeleceu em Braga e fez muitas das antigas figuras de barro que se vêem nas capellas do Bom Jesus

O dr. José Monteiro da Rocha teve uma quinta junto da foz do Tedo, no Alto-Douro, e outra em S. José de Ribamar, junto de Lisboa, onde falleceu em 11 de dezembro de 1819.

V. *Canaveses* e *Vallongo* no supplemento a este diccionario, onde ampliaremos consideravelmente esta noticia com apontamentos *ineditos* que a muito custo temos colligido.

viuva, foi agraciada em 1837 com o titulo de *baronesa da Silva.* Do seu consorcio com João da Silva Mendes teve os filhos seguintes:

1.ª—*D. Maria Candida da Fonseca Mendes.*

Casou com Francisco Antonio de Campos, barão de Villa Nova de Foscôa, s. g.

V. *Villa Nova de Foscôa,* tomo XI, pag. 847, col. 2.ª e segg.

2.ª—*D. Ritta da Silva Mendes.*

Casou com Daniel Nunes Viseu, tambem rico proprietario e negociante d'esta cidade, e teve

—*Henrique Nunes Viseu,* de quem fallaremos adiante.

3.º—*Francisco Antonio da Silva Mendes da Fonseca.*

Succedeu a seu pae e falleceu em vida de sua mãe em 1831, estando emigrado por motivos politicos em Paris.

Foi cavalleiro da O. Ch. e um dos contractadores dos tabacos e das reaes saboarias, —e casou depois da guerra da peninsula com D. Margarida da Costa e Almeida, irmã dos generaes José Maria da Costa e Silva e visconde de Tavira, todos tres filhos do infeliz coronel Francisco Bernardo da Costa Almeida, tenente-rei da praça d'Almeida quando esta foi sitiada pelos francezes e explosiu em 1810, pelo que foi injusta e barbaramente fuzilado por influencia de Beresford, para salvar a responsabilidade do seu cunhado, o brigadeiro inglez Guilherme Cox, então governador da mesma praça, o qual, depois de ouvir o conselho de guerra, capitulou e entregou a praça aos francezes, por não poder sustentar-se depois da medonha explosão do paiol, que fez voar o castello e desmantelou a praça, matando muita gente e inutilisando as munições de guerra e de bocca, etc. [1]

—

Francisco Antonio Mendes tirou brasão d'armas de *Silvas Mendes* por alvará de 13 de setembro de 1818, e do seu casamento com D. Margarida da Costa e Almeida teve os filhos seguintes:

1.º—*João da Silva Mendes* que segue;

2.º—*D. Liberata,* de quem logo fallaremos.

3.º—*Francisco Antonio da Silva Mendes,* bacharel formado em direito, governador civil de Viseu, deputado ás côrtes em differentes legislaturas, etc.

Comprou no *Rocio de Santo Antonio,* hoje *Passeio de D. Fernando,* uma casa que foi do conego Agostinho Valente e transformou-a em um lindo palacete, o mais regular de Viseu talvez.

Está solteiro e vive em Lisboa, costumando vir passar em Viseu apenas alguns dias por occasião da feira de S. Matheus.

4.º—Antes de casar teve tambem *D. Eugenia da Silva Mendes,* da qual fallaremos adiante.

—

João da Silva Mendes (n.º 1) succedeu em grande parte d'esta casa e, não tendo um curso superior de lettras, foi muito illustrado, distincto escriptor publico e orador tambem distincto.

Em defesa do infeliz tenente-rei, seu avô, escreveu e publicou um livro, [1] no qual o vindica bem das injurias e calumnias com que Beresford pretendeu macular o caracter

---

[1] V. *Almeida* n'este diccionario e no supplemento;—*Villar Formoso,* tomo XI, pagina 1216,—e *Vimeiro* da Lourinhã no mesmo vol. pag. 1442, col. 1.ª

Dos logares citados se vê que o procedimento d'alguns officiaes inglezes em Portugal durante a guerra da peninsula foi *muito censuravel e muito censurado;* mas, como os inglezes *todo lo mandavam* entre nós *in illo tempore,* nada soffreram—e até o marechal Beresford não hesitou em tirar aleivosamente a vida a um brioso coronel portuguez, para salvar Guilherme Cox, seu patricio *e cunhado?!...*

[1] *Memoria Biographica do Coronel Francisco Bernardo da Costa e Almeida, tenente da praça d'Almeida em 1810, por João da Silva Mendes, mandada publicar pela viuva e filha do author—revista e accrescentada por Antonio Ribeiro da Costa e Almeida,*—Porto, 1883, 4.º de 300 pag. XXXIII com a *dedicatoria* e uma *advertencia.*

É um livro muito interessante e muito digno de ler-se.

de tão honrado como illustrado e brioso militar,—publicação que muito honra o auctor, a sua familia e o nosso paiz, pois todo o paiz lamentou injustiça tão atroz e tão flagrante, que o nosso rei D. João VI, estando ainda no Brazil, mandou rever o processo e rehabilitou a memoria d'aquelle desgraçado, despachando e adiantando os seus dois filhos na carreira militar até o posto de generaes, em que falleceram nos nossos dias [1].

Falleceu João da Silva Mendes sendo muito vigoroso ainda, pois não contava talvez 50

[1] O infeliz tenente-rei era natural de Almeida e bacharel formado em mathematica, filho de José Bernardo da Costa e de D. Maria Victoria. Casou com D. Antonia Josefa e, alem dos filhos mencionados supra, teve outro de nome Pedro Maria da Costa e Almeida, tambem natural d'Almeida, que foi verificador da Alfandega no Porto e depois escrivão da mesa grande. Casou em Viseu com D. Rita Emilia de Vilhegas e teve os filhos seguintes:

—D. Maria da Luz da Costa Fonseca e

—D. Antonia Emilia da Costa Vasconcellos, ambas casadas em Baião.

—D. Margarida Amalia da Costa Maya, hoje viuva do distinctissimo advogado e professor do lyceu do Porto, o dr. Delfim Maria de Oliveira Maia, c. g.—e

—Antonio Ribeiro da Costa e Almeida, bacharel formado em direito, professor tambem no lyceu do Porto e actualmente governador civil d'aquelle districto, tendo sido deputadó ás côrtes em differentes legislaturas, etc.

Nasceu em Viseu no dia 21 de setembro de 1828 e desde 1832 tem vivido no Porto, onde casou com D. Maria Emilia Mendes Pacheco, fallecida em 1871, da qual teve 7 filhos, sendo vivos actualmente os seguintes: —D. Margarida Amelia da Costa e Almeida, Luiz Augusto da Costa e Almeida, Manuel Maria da Costa e Almeida, medico em Rezende, Antonio Ribeiro da Costa e Almeida Junior, bacharel formado em direito, e João Maria Ribeiro da Costa e Almeida.

O sr. dr. Antonio Ribeiro da Costa e Almeida, neto paterno do infeliz tenente-rei, foi tambem muitos annos vogal do conselho de districto do Porto, procurador e presidente da junta geral do mesmo districto, etc.

É um cavalheiro de raro merecimento, muito modesto, muito illustrado e distincto escriptor publico.

annos, e a sua morte foi muito sentida em Viseu, onde tinha grande prestigio.

Havia casado em S. João d'Areias com sua prima D. Eugenia da Silva Mendes, filha unica e herdeira de José Cupertino Marques da Silva, medico e bom proprietario,—e deixou os filhos seguintes:

1.º—*D. Antonia da Silva Mendes*, já fallecida.

Casou com o visconde de Loureiro, Luiz de Loureiro de Queiroz Cardoso, [1] filho do 1.º barão de prime, dos quaes já se fallou supra, e teve D. Eugenia de Loureiro da Silva Mendes, casada com seu primo 2.º José Relvas, filho do grande proprietario da Gollegã e distincto photographo Carlos Relvas, como já dissemos,—e Luiz de Loureiro Cardoso, casado no Porto.

2.º—*D. Maria do Ceu da Silva Mendes,* ainda solteira e que vive com sua mãe alternadamente em Viseu, Lisboa e S. João de Areias.

Foi uma senhora formosissima e é talvez a primeira pianista da Beira, tendo sido admirada mesmo em Lisboa!...

—

D. Eugenia da Silva Mendes, filha natural de Francisco Antonio da Silva Mendes supra.

Foi creada por sua avô a baronesa da Silva, que a educou primorosamente e lhe deu um grande dote em dinheiro, terras e joias para casar, como casou, com seu primo coirmão Henrique Nunes Viseu, filho de sua tia D. Rita, como já dissemos supra.

Falleceu contando pouco mais de 30 annos e deixou uma unica filha—*D. Eugenia Nunes de Viseu*, que foi tambem primorosamente educada e passou *muitos annos* viajando por toda a Europa e Lisboa com seu pae.

Depois da morte d'elle succedeu em toda a casa e foi agraciada com o titulo de *viscondessa de S. Caetano* pela sua liberali-

[1] Era senhor de uma grande casa, mas infelizmente *toute est perdue*!...

dade para com os pobres e desvalidos, pois sendo ainda solteira e dispondo de grandes rendimentos, gasta-os *todos* em soccorrer os mendigos, os presos da cadeia de Viseu, as viuvas e orphãos e toda a sorte de desvalidos e necessitados. Repetidas vezes lhes dá inclusivamente banquetes, a que preside, roupas e avultadas esmolas, causando assombro n'este seculo de egoismo tanta caridade e generosidade!

Em todo o districto de Viseu ninguem despende hoje mais com os pobres e desvalidos do que a *viscondessa de S. Caetano*, pelo que o seu nome é bemdito por todos.

Vive só e ainda solteira na sua bella quinta de *S. Caetano*, freguezia de Ranhados, a meio kilometro de Viseu; é uma senhora muito illustrada e falla correctamente diversas linguas.

Deus lhe prolongue a existencia largos annos. [1]

—

4.º—*D. Liberata da Silva Mendes*, filha legitima de Francisco Antonio da Silva Mendes supra.

Casou com o medico Jeronymo Dias de Azevedo, natural de Podentes, freguezia do concelho de Penella, [2] o qual se tornou celebre em 1828, porque, acabando então de frequentar o 4.º anno medico na Universidade, entrou na revolução liberal que se fez no Porto a 16 de maio do mesmo anno, pelo que foi condemnado por sentença de 9 de julho de 1829 a dar 3 voltas em roda da forca, confiscação de todos os bens e degredo perpetuo para Benguella, com pena de morte se voltasse ao reino. [1]

Depois de 1834 e da installação definitiva do governo liberal, volveu ao reino; foi exercer a clinica em Viseu, onde casou com esta senhora; metteu se na alta politica; foi deputado em differentes legislaturas e governador civil do Porto e de Viseu, par do reino, visconde e conde de Podentes, etc.

Tirou brasão d'armas de *Dias e Azevedos* por alvará de 23 d'abril de 1852 e falleceu em 1886 na sua bella residencia de Condeixa, que formou sobre um hospicio das extinctas ordens religiosas, prestando áquella villa outros muitos serviços, pelo que em abril do corrente anno (1888) a camara de Condeixa deu a um largo d'ella o nome de *Conde de Podentes*.

Deixou uma unica filha, ainda solteira—D. Margarida da Silva Mendes que falleceu nos principios do corrente anno de 1888, tendo casado na Gollegã com o rico proprietario Carlos Relvas, deixando, entre outros filhos, José Relvas que, segundo já dissemos, casou em Viseu com sua prima 2.ª D. Eugenia, filha do visconde de Loureiro, e tem successão.

12.ª

Teixeiras de Carvalho (Ernestos de Viseu) hoje *condes de Prime*.

Esta familia procede de José Teixeira de Carvalho, que no ultimo quartel do sec. XVIII era cavalleiro da O. Ch., sargento mór reformado da 1.ª plana da corte e ajudante de ordens do general da provincia da Beira. Ganhou grandes sommas no contracto do tabaco, em que foi socio do barão de Quintella, e nos fins do ultimo seculo, quando se extinguiu em Viseu a familia *Costas Homens Soutomaiores*, uma das mais nobres da provincia, arrematou ou comprou a grande quinta de Marzovellos, junto de Viseu, e o grande praso do *Fojo*, na freguezia de Cavernães, a 7 kilometros da mesma cidade, —praso tão antigo, que o dr. Botelho aponta uma *renovação* d'elle, feita no sec. XV!...

---

[1] Prolongou-lha apenas *alguns dias*, pois falleceu a bondosa senhora nos principios de junho do corrente anno de 1888.

No seu testamento deixou toda a sua casa em usu-fructo a uma senhora de Lisboa e por morte da dicta senhora á Misericordia de Viseu para fundação e dotação de um Azylo de Mendicidade com o nome de *Azylo da Viscondessa de S. Caetano*.

Tendo gasto com os pobres grande parte das suas rendas, ainda por ultimo instituiu os pobres *por herdeiros!...*

Deus a tenha em bom logar.

[2] V. *Podentes*, vol. 7.º pag. 113, col. 2.ª

[1] V. *Porto* no mesmo vol. pag 133.

Tambem comprou a residencia d'aquella familia em Viseu, no *Cimo de Villa*, alto da rua Direita,—casa que depois reformaram e transformaram no bello palacete que é hoje do conde de Prime e no qual se vê o brasão d'armas de

—José Ernesto Teixeira de Carvalho, filho e successor de José Teixeira de Carvalho. Tirou o fôro; foi cavalleiro da O. Ch. e senhor de um vinculo em Villar Secco, antigo concelho de Senhorim, junto de Santar, e morreu em 1831, tendo casado com D. Maria José de Sampaio, irmã do visconde de Laborim, da qual, entre outros filhos que morreram s. g., teve

—*Antonio Teixeira de Carvalho e Sampaio*, que segue.

—*D. Maria Eduarda.*

Casou com Antão Garcez Pinto de Madureira, tenente general e barão da Varzea do Douro, s. g., e

—*Pedro Carlos Teixeira de Sampaio.*

Casou com D. Maria Emilia d'Albuquerque e Bourbon, filha 2.ª da casa do Arco em Viseu, c. g.

—

Antonio Teixeira de Carvalho e Sampaio, supra, F. C. R., succedeu no vinculo de Villar Secco, nos prasos de Marzovellos e Fojo, e na casa de Viseu, etc. Casou com D. Maria Thomasia da Rocha, natural do Porto, e tiveram uma unica filha

—*D. Maria da Gloria Teixeira de Carvalho.*

Casou a primeira vez com Luiz de Loureiro de Queiroz Cardoso do Couto Leitão, commendador da O. Ch., administrador geral do districto de Viseu em 1837, senhor das casas de Prime, Abravezes, Viseu, quinta de Travassós, casal d'Alvellos junto de Viseu, e de um bom edificio brasonado na rua de S. Miguel, em Viseu, 1.º barão de Prime, etc., e tiveram um filho unico

—*Luiz de Loureiro*, que foi feito visconde de Loureiro, em rasão de sua mãe e padrasto continuarem com o titulo de *Prime*, —e casou com a viscondessa D. Antonia da Silva Mendes, filha de João da Silva Mendes, como já dissemos supra.

A baroneza de Prime D. Maria da Gloria casou 2.ª vez com José Porfirio Rebello, como já dissemos tambem supra; foram feitos viscondes e depois condes de Prime e tiveram os filhos seguintes:

1.º—*José Porfirio Rebello*, ainda solteiro e empregado na alfandega.

2.º—*Fernando Rebello*, casado e empregado no correio.

3.º—*Antonio Rebello*, casado e tambem empregado publico na repartição de fazenda.

4.º—*Luiz Rebello*, ainda solteiro.

FAMILIAS NOBRES DE VISEU

PARTE II

Extinctas ha menos de um seculo

1.ª

Mellos Castros d'Abreu, condes de Santa Eulalia.

Foi esta familia extincta pela morte do 1.º conde de Santa Eulalia e unico. Falleceu sem testamento e sem geração legitima d'elle e de seus irmãos no dia 24 de setembro de 1886, representando uma das familias mais opulentas de Viseu. Calculava-se esta casa em 300 a 400 contos de réis, comprehendendo muitas propriedades, lettras e dinheiro em cofre e nos bancos, posto que já o irmão primogenito do conde tinha vendido por 30 contos a José Joaquim Pereira dos Santos, depois (em 1851) 1.º barão de Fornellos, o *paço de Fornellos*, em Rezende,[1] antigo solar da familia *Teixeiras Pinto*, da qual descendia a avó materna do conde.

Esta familia tinha muitos bens e uma antiga casa de residencia em Viseu e talvez mais de 80 moios, ou de 4:800 alqueires de pão, de renda; duas casas antiquissimas com muitos predios e grandes rendas em Oliveira de Frades, e a antiga casa de *Santa Eulalia dos Coutos* no concelho de Castendo,

---

[1] V. *Rezende*, tomo VIII, pag. 160, col. 2.ª —e *Villa Verde*, quinta, vol. XI, pag. 1101, col. 2.ª tambem.

O dicto paço e suas dependencias valiam mais de 60 contos de réis!...

procedente dos *Figueiredos*, pois descendiam por varonia de Braz de Figueiredo Castello Branco, chanceler da relação do Porto, que viveu nos principios do sec. XV e foi senhor do morgado de *Gondomar*, morgado que continuou no ramo primogenito—*Britos*, de Coimbra.

Braz de Figueiredo era um dos numerosos descendentes do bispo de Viseu D. Gonçalo de Figueiredo, o *anchinho*, patriarcha dos Figueiredos da Beira, [1]—e pelos *Mellos* o conde de Santa Eulalia descendia dos *Mellos de Luzinde*, ramo legitimo dos senhores de Mello.

—

O conde de Santa Eulalia,—Antonio Augusto de Mello Castro e Abreu—não deixou sobrinhos nem parentes proximos; são pois em cardume os herdeiros presumptivos que pleiteiam a herança, porque deixou muitos parentes dentro do 6.º grau por todas as linhas.

Só em 3.º e 4.º grau se andam habilitando 7 parentes:—3 irmãs da casa de Fataunços, em Lafões; 2 senhoras bastardas da mesma familia; João de Mena Falcão, de Pinhel, e D. Maria Victoria, de Sebolido no Douro. Em 4.º grau canonico deixou vinte e tantos parentes; em 5.º grau deixou 40 a 50—e em 6.º grau deixou talvez mais de 80!...

Como a fortuna é grande fervilham tambem os agiotas e larapios, ou companhias *d'olho vivo;* já appareceram diversos testamentos que se julgam falsos, um pretendido filho natural, etc. etc.

Tarde acabarão as demandas, pelo que a justiça é uma das melhores herdeiras, e tambem já se apontam grandes roubos de mobilia, joias, lettras e titulos. [2]

---

[1] V. pag. 1603, supra, n.º 36.

[2] Dois dos pretendidos herdeiros são da freguezia da *Penajoia*, concelho de Lamego —Dionisio Teixeira de Macedo e Castro, ali residente, e seu irmão Joaquim Teixeira de Macedo e Castro, residente em Setubal.

Das companhias *d'olho vivo* foi uma formada no Porto, mas já está a ferros um dos socios,—outro prestou fiança—e outros andam a monte!...

2.ª

Costas Homens Soutomaiores, de Viseu.

Esta familia extinguiu-se por falta de successão no ultimo quartel do seculo XVIII e vivia em uma casa antiga que depois foi restaurada e transformada no palacete que é hoje dos condes de Prime, como já dissemos, quando fallámos da familia n.º 12,—*Teixeiras de Carvalho.*

Estes *Costas Homens* foram uma das familias mais nobres e mais importantes de Viseu durante alguns seculos, e procediam dos *Costas Homens*, padroeiros da Lagiosa, bem como o celebre cavalleiro de *Comorim* que, na opinião d'alguns auctores, foi um dos 12 de Inglaterra, companheiros do lendario *Magriço* na romantica empresa cantada por Camões.

V. *Cêa*, tomo 2.º pag. 223.

3.ª

Loureiros, senhores do solar de *Loureiro* n'este concelho, a 7 kilometros de Viseu, e que tambem tinham casa brasonada na rua do Soar de Baixo.

Passavam por ser os chefes e ramo primogenito dos Loureiros em Portugal, foram os fundadores e dotadores da freguezia de *Silgueiros*, visinha do solar de *Loureiro*, cujo morgado foi instituido no sec. XIII ou XIV; —e foram tambem até 1834 padroeiros da dicta egreja, que tinha um passal magnifico, doado pelos fundadores. João Annes de Loureiro e sua mulher e depois seus successores em 1551 obtiveram um breve do papa Julio III para annexarem ao vinculo dos Loureiros duas terças partes dos dizimos d'aquella freguezia, que era muito grande, ficando a outra terça constituindo a congrua do abbade.

Esta casa n'outros tempos valia mais de 200 contos e foi ultima senhora d'ella D. Maria Emilia de Loureiro, prima direita, herdeira universal e viuva de Manuel Cazimiro de Loureiro, que era o senhor d'esta casa e falleceu c. g. Depois aquella senhora, tendo mais de 60 annos, casou em segundas

nupcias com o seu parente *Henrique de Lemos*, de 30 annos, filho 2.º dos *Lemos de S. Gemil* e irmão de Heitor de Lemos, senhor da casa (V. *Familias principaes de Viseu*, n.º 7) ao qual Henrique de Lemos a dicta senhora por sua morte deixou em 1883 tambem toda a casa de Loureiro.

Ficou pois Henrique de Lemos senhor de uma grande fortuna, mas em poucos annos desbaratou-a toda!

O celebre e antiquissimo solar de Loureiro com suas paredes e torres *ameiadas*, e bella quinta pegada com matta etc., foi tudo arrematado em praça, para pagamento de dividas do ultimo senhor d'ella, por insignificante preço por um negociante de vinhos em Lisboa, que trouxe fortuna do Brazil, chamado Santos Lima, natural de Cazal Sancho, freguezia de Santar, concelho de Nellas, e é quem hoje possue este solar.

—

Um dos homens mais notaveis que produsiu esta familia foi o *Grão Capitão* Luiz de Loureiro, morgado e senhor de Loureiro, F. C. R., do conselho d'el-rei D. João III, governador e capitão general das seguintes praças fortes d'Africa—Çafim, Santa Cruz do Cabo de Agner, Marzagão, Arzilla e Tangere e adail mór do reino, heroe de grandes façanhas bellicas em Africa nos reinados de D. Manuel e D. João III. Militou na Africa durante 43 annos e foi morto gloriosamente pelos mouros, depois de os ter vencido, na noute de 13 de março de 1553, como dizem a *Hist. de Tungere* do conde da Ericeira, e a *Historia do Grão Capitão*, livro 3.º cap. 44, obra hoje rarissima, publicada em Lisboa no anno de 1782 por Lourenço Anastacio Mexia Galvão. Alem de um filho—Luiz Annes de Loureiro—que tambem foi morto na Africa pelos mouros, contando apenas 14 annos, deixou mais duas filhas, as quaes, uma apoz outra, foram ambas senhoras do nobilissimo solar de *Loureiro*. Casou a 1.ª com o 4.º senhor de Penafiel—Lopo Peixoto de Mello,—e a 2.ª com D. Lopo da Cunha, senhor de Santar,—ambas s. g. pelo que passou a dita casa ao ramo immediato collateral do *Grão Capitão*, do qual descendem os ultimos senhores d'ella.

—

O nobilissimo solar de *Loureiro* estava dividido em duas casas pegadas, cada uma com sua capella e sua torre ameiada, e com brasões e vinculos differentes.

Uma das mencionadas torres (a mais nova) tinha esta inscripção:

TORRE SOLAR DA FAMILIA DE LOUREIRO,
MANDADA CONSTRUIR POR SEU 14.º SENHOR
JOÃO D'ALMEIDA DE LOUREIRO

Representavam duas familias differentes formadas em tempos muito remotos por dois irmãos da mesma casa de Loureiro; assim se conservaram com vinculos proprios durante seculos,—e vivendo a paredes meias e sendo ambas as familias do mesmo sangue, com o tempo malquistaram-se de fórma que se tornou tradicional o odio entre ellas. Depois de grandes desgostos congraçaram-se pelo casamento do herdeiro de uma com a herdeira da outra, [1] apesar da grande opposição dos paes, que chegaram a tapar as janellas fronteiras, apenas notaram a reciproca affeição dos futuros conjuges, seus filhos.

Esta nobilissima casa é o solar da familia *Loureiros* em Portugal, pelo que sempre usou do appellido *Loureiro*; *Loureiro* é tambem o nome da povoação que se formou, com o decorrer do tempo, em volta da dicta casa pelos caseiros d'ella,—e na grande cerca da casa e em toda a povoação de *Loureiro* brotam espontaneamente por toda a parte os *loureiros*!

---

[1] Um facto muito semelhante se deu com uma das primeiras familias do Minho—a familia *Bretiandos*, pois no seu solar de *Bretiandos* havia duas casas *tambem pegadas*, com vinculos proprios e differentes, instituidos no reinado de D. Sebastião por Ignez Pinta, senhora da dicta casa, — um morgado para o filho primogenito—e outro para o filho segundo. Assim se conservaram tambem as duas casas divididas até que nos fins do ultimo seculo se juntaram tambem pelo casamento dos paes do 1.º conde de Bretiandos, avós do 3.º e actual conde d'este titulo. V *Chorogr. Port.* tomo 1.º, pag. 208.

4.ª

Almeidas e Vasconcellos de Mello e Abreu, de Santo Estevam.

Esta familia tambem desappareceu em nossos dias, approximadamente em 1860, pela morte da ultima senhora d'esta casa— D. Maria Caudida d'Almeida Vasconcellos de Mello Abreu e Carvalho, viuva de Luiz Augusto de Napoles e Bourbon, senhor da casa dos *Napoles da Prebenda*, em Viseu, por ter fallecido s. g.

Depois de muitas demandas com Antonio de Mello Caiado, de Trovões, herdaram esta casa e quinta de Santo Estevam D. Maria Candida de Lemos Carvalho e Sousa, viuva, (irmã de Marianno de Lemos, da *Quinta do Ribeiro*, [1] e avò do barão do Seixo) e sua irmã D. Maria Ludovina de Lemos Carvalho e Sousa, tambem já viuva, mãe do desembargador Bernardo de Lemos Teixeira de Aguilar, as quaes venderam a quinta de *Santo Estevam* e mais bens d'esta casa aos drs. Andrades, de Cimo de Villa, em Viseu. A *casa da Torre*, da rua da Cadeia (onde nasceu el-rei D. Duarte [2]) que pertencia tambem por successão á familia de *Santo Estevam*, foi vendida ao dr. Francisco Barroso, ex-deputado, e é hoje da viuva e filhos.

—

A grande *Quinta de Santo Estevam* pertence hoje a Bernardo d'Andrade, filho, e sobrinho dos compradores, que vive no Porto, casado com uma sobrinha do visconde de Fragosella, capitalista brasileiro, residente tambem no Porto, mas filho de Ranhados, no concelho de Viseu.

Bernardo d'Andrade restaurou a dicta casa, fez-lhe na frente um bello jardim e n'ella costuma ir passar alguns mezes no verão.

5.ª

Loureiros Serpes de Sousa e Mello, da *quinta do Cruzeiro* em Viseu.

Esta familia, posto que não extincta, não vive, ha mais de um seculo, na sua *quinta do Cruzeiro*, que demora junto do portão da grande avenida do paço episcopal de Fontello e tomou o nome do *Cruzeiro*, por ter sobre o portão que dá entrada para o pateo uma linda cruz de granito arrendada [1].

Esta familia viveu ali seculos com muito lustre, sendo uma das primeiras de Viseu. Os seus representantes foram senhores do grande praso de *Lourosa da Telha*, a 5 kilometros d'esta cidade, e da grande *quinta do Covello* na freguezia de *S. Pedro de France*, etc; depois, por falta de successão no ramo primogenito, passou esta casa toda para o ramo 2.º representado nos nossos dias pelo distinctissimo e honradissimo cavalheiro Miguel Pinto de Queiroz Serpe de Mello, de S. Nicolau, moço fidalgo com exercicio, senhor da casa e morgado de *Santo Antonio* de Favaios e d'esta casa do *Cruzeiro*, bem como da de Lourosa da Telha, da quinta do *Covello* e do morgado de *S. Nicolau* em Alcongosta, no Fundão, etc.

Por causa das perseguições politicas deixou a sua casa de Favaios em 1834 e foi viver na de Lourosa da Telha, que elevou a grande rendimento com enorme plantação de vinhedos, e ali falleceu ha annos.

Nas partilhas tocou a *quinta do Cruzeiro* a um dos seus filhos—o dr. Henrique de Queiroz Pinto d'Athaide e Mello, o qual mandou reformar a bella habitação do Cruzeiro, mas nunca ali viveu. Sendo já viuvo e s. g., casou segunda vez em 1887 com D. Maria José de Lemos e Azevedo, da quinta da Cruz, na freguezia de Castellões, em Besteiros, filha de José Maria de Lemos de Azevedo, irmão de Marianno de Lemos mencionado supra.

---

[1] V. *Paredes da Beira* e *Villa Nova de Ourem*.

[2] V. *Edificios brasonados particulares* supra, pag. 1552, col. 2.ª n.º 11.

[1] Conhecemos na Beira mais 3 cruzes no mesmo estylo:—uma na frente da egreja de *Sendim*, concelho de Taboaço,— outra na frente da formosa capella ou sanctuario dos *Martyres*, pertencente á nobre familia *Azevedos*, hoje muito dignamente representada por Marianno de Lemos d'Azevedo, em Paredes da Beira,—e outra no sanctuario de *Nossa Senhora das Fontes*, junto de Pinhel, sendo esta ultima a mais mimosa de todas

Henrique de Queiroz, actual possuidor da quinta do *Cruzeiro*, é irmão do fallecido Bento de Queiroz e do dr. Valeriano Pinto de Queiroz, ambos filhos (mais 4 irmãos e 2 irmãs) do sobredito cavalheiro Miguel Pinto e de sua mulher D. Augusta Vaz Pinto de Athaide, da casa do *Arco* de Villa Real, como já dissemos supra no topico das *familias principaes de Viseu*, n.º 10.

Casas e quintas notaveis em Viseu e nos seus arrabaldes, mas não habitadas pelos seus antigos donos.

1.ª

Ortiz de Vilhegas, em Viseu.

Esta casa em estylo manuelino meio-gothico demora no largo do Collegio; tem na frente 4 janellas gothicas muito ornamentadas com columnas ao centro, olhando para o *Collegio*, antigo Seminario. A parte posterior olha para o *Campo da Feira*, *Cava de Viriato*, Abravezes, etc. dominando um vastissimo e lindissimo horisonte.

É um dos mais interessantes miradouros de Viseu—e *Miradouro* se denominava antigamente o chão em que foi feita, junto dos velhos muros, pelo abbade de Castellões e chantre de Viseu Fernando Ortiz de Vilhegas, sobrinho de D. Diogo Ortiz de Vilhegas bispo visiense,[1] pelo que já em 1630 a 1636 o dr. Botelho nos seus *Dialogos* lamentou que o dicto chantre fosse fazer ali casa, tolhendo um dos mais lindos passeios de Viseu ao *Miradouro* e que tinha mais bellas vistas. E o escandalo subiu de ponto, depois que a familia *Chaves*, mencionada supra sob o n.º 5, fez tambem obra no mesmo sitio, ao lado da dos Vilhegas.

Esta casa pertenceu aos senhores de Mollelos, porque, como diz a *Hist. Geneal. da C. R.*, tomo 12, fl. 23, o chantre fundador teve uma filha unica, D. Leonor Ortiz, a qual casou com o senhor de Mollelos, do qual descendem os actuaes, e já n'este seculo foi a dicta casa comprada por um conego, de alcunha *o bonito*, da familia *Bandeiras da Gama*, de Torre Deita, que lhe poz o seu brasão de *Mellos* sobre o arco do portão de entrada.

As armas dos Ortiz de Vilhegas, postas pelo fundador, lá se vêem tambem ainda em um escudete sobre a cornija, e são perfeitamente iguaes ao brasão que D. Diogo Ortiz collocou na riquissima abobada da Sé, como já dissemos supra.

V. pag. 1577, col. 1.ª e segg.

2.ª

Casa dos Lopes de Sousa e Lemos, de Santar.

N'este palacete, hoje *Gremio Visiense*, ainda nos seculos XVII e XVIII viveram muitos avós de D. Ruy Lopes de Sousa Alvim e Lemos, de Santar, dos quaes adiante, no topico dos *Visienses illustres*, mencionaremos um, que foi quem acclamou em Viseu el-rei D. João IV,—e ainda hoje na Sé se vêem formosas campas de marmore com inscripções e o brasão dos *Lopes de Sousa*, da dicta casa, senhores e padroeiros das abbadias de Bordonhos e Varzea em Lafões, etc.

O dicto palacete foi queimado pelos francezes e assim se conservou em ruinas até que, já depois do meiado d'este seculo, o sr. D. Ruy Lopes o restaurou luxuosamente. Faltavam-lhe apenas algumas decorações de pintura, quando n'elle se manifestou em certa madrugada um incendio que em pouco mais de uma hora o reduziu todo á cinzas! Ficou tão magoado o sr. D. Ruy que vendeu logo o dicto palacete com o quintal a uma das sociedades recreativas de Viseu, a qual n'elle funcciona com o titulo de *Gremio Visiense*, depois de restaurado.

É um edificio muito regular com seu frontão e uma bella varanda envidraçada sobre a rua Formosa, em sitio alto e alegre, com a frente voltada para o Passeio de D. Fernando e dominando-o todo.

Era brasonado, mas o sr. D. Ruy Lopes, quando o vendeu, tirou-lhe o brasão.

V. *Santar*.

---

[1] V. o nosso catalogo supra pag. 1609, col. 1.ª, n.º 52.

3.ª

Casa antiga com janellas gothicas de columna ao centro.

Demora esta casa a meio da rua Direita; as suas janellas são muito ornamentadas em puro estylo gothico e n'este genero as *primeiras de Viseu*. Semelham-se ás da casa dos *Vilhegas*, ao *Miradouro*, descriptas já n'este topico sob o n.º 1; são porem mais ornamentadas e mais antigas talvez;—mais antigas mesmo talvez do que o janellão gothico da celebre *casa da Torre*, na rua da Cadeia.

A casa de que no momento nos occupamos nunca foi habitada em nossos dias, e até já está descoberta. Pertence a Joaquim Soares da Silveira, genro do dr. Francisco Barroso, proprietario que foi da *casa da Torre*. Devia pertencer outr'ora a familia muito importante, mas ignoramos qual fosse.

4.ª

Casa dos Paes.

Defronta com a rua da Ribeira ou estrada real n.º 7, e olha para a rua da Calçada.

Foi feita por um tal sr. *Paes*, de familia obscura e pobre, cujo chefe no seu regresso de uma peregrinação á *Terra Santa* foi estabelecer-se em Viseu e, inculcando-se ao povo como homem de grande piedade, o povo o seguia, attendia e respeitava quasi como santo, pelo que, abrindo peditorio geral para a fundação de um hospicio ou casa de educação para meninos pobres, todos de bom grado o auxiliaram com dinheiro, madeiras, serviço pessoal, etc., e assim fundou a grande casa de que nos occupamos e que é muito ampla e foi bem acabada! Tem um bom claustro com varandas em volta, assentes sobre columnas; balaustrada de pedra muito bem lavrada; bons portaes com apilarados e janellas com um *colarinho* circular por cima, etc., mas, depois de concluir o edificio, metteu-se n'elle com a familia e n'elle viveu e morreu sem dar-lhe outro destino! Parece porem que Deus o castigou, pois todos lhe voltaram as costas; viveu como excommungado o resto dos seus dias; morreu pobrissimo;—e pobrissimos viveram e morreram todos os seus filhos e filhas, cobertos de andrajos e de vergonha e entregues a toda a casta de vicios!...

5.ª

O palacete dos morgados de Santa Christina.

Foi de Manuel Nicolau Cardoso d'Abreu Magalhães, que en 1834, abandonando a sua bella residencia le *Gavinhos*, freguezia de Oliveira do Hospital, para fugir aos insultos dos *Brandões* de Midões, que ao tempo eram o açoute e terro da Beira, fazendo *pendant* com os *Marçaes* de Foscôa, açoute e terror do Alto Douro,[1] foi viver na sua casa da *Povoa d'Arenos*, concelho do Carregal, onde falleceu haannos, deixando a casa de *Santa Christin* e mais morgados á sua filha primogenit D. Maria Augusta de Mello e Mendonça d'.breu Magalhães. Casou esta senhora em sgundas nupcias com Manuel de Mendonça hlcão da Cunha e Tavora, senhor da casa d *Girabolhos* e, fallecendo s. g. em 1881, deixu o usofructo de toda a sua casa a este sendo marido, que falleceu em fevereiro de 886, passando a dicta casa a uma sobrinh da testadora,—D. Ignez de Abreu, filha o 2.º conde de Fornos d'Algodres, casada om Gelasio Valerio de Magalhães, natura da *Ovoa*, concelho de *Santa Combadão*, ode reside, pelo que esta casa continua arrndada a differentes inquilinos, como tem arado desde a invasão franceza.

É um dos melhores e mais regulares palacetes de Veu, com seu frontão e n'elle as armas dos *ardosos*, *Mesquitas* e *Abreus*.

---

[1] V. *Mids*, *Oliveira do Hospital*, *Taboa*, *Varzea da andosa*, *Varzea da Meruje*, *Vide*, freguez do concelho de Ceia, *Villa Nova de Foya*, tomo XI, pag. 842, col. 2.ª, *Provezend* tomo 7.º pag. 709, col. 1.ª, e *La Vendetta* e *O saldo de contas*, por Arsenio Chatenay, seudonymo de Antonio da Cunha nascido em Lourosa e residente em *Varzea de Trovões* como dissemos *loc. cit.* no tomo X, pag. 2.

Tem a frente principal sobre o *terreiro de Santa Christina* e uma boa frontaria tambem sobre a rua da Regueira, hoje rua de *D. Luiz I.*

6.ª

O palacete de Francisco Antonio da Silva Mendes.

Demora ao cimo do *Largo de Santo Antonio*, hoje *Passeio de D. Fernando*;—é uma das casas mais luxuosas e mais elegantes de Viseu—e tem um bello frontão com as armas dos *Silvas Mendes*,[1] mas hoje está devoluta, porque o seu proprietario Francisco Antonio da Silva Mendes (irmão do mallogrado João da Silva Mendes, de quem já fallamos e outra vez fallaremos ainda no topico dos *Visienses illustres*, bacharel formado em direito, governador civil que já foi e deputado em differentes legislaturas, depois de exercer estes cargos fixou a sua residencia em Lisboa, onde vive solteiro, vindo apenas alguns annos a Viseu por occasião da Feira franca.

A Judiaria

Foi tão inconstante e atribulada a occupação de Viseu pelos mouros desde o seculo VIII até o berço da nossa monarchia (veja-se o topico supra—*Captiveiro e conquistas de Viseu*) que não se encontram monumentos alguns d'elles n'esta cidade, nem nos seus arrabaldes, alem dos nomes d'algumas povoações, taes como *Barbeita, campo da casa*,—e *Algeriz*, corrupção de *Alderiz*, *logar das debulhas* ou *eiras*, como diz Fr. João de Sousa nos seus *Vestigios da lingua arabica*.

Tambem nos arrabaldes de Viseu se encontram ainda hoje sepulturas cavadas na rocha, vulgarmente attribuidas aos judeus, mas não podemos subscrever esta opinião, porque, como diz Berardo,[2] «os doutos ainda não disserão couza satisfatoria de semilhantes sepulturas, e neste cazo a confissão da nossa ignorancia he o partido mais seguro, que podemos seguir.»

O mesmo Berardo aponta 5 das taes sepulturas junto do logar de Alderiz e outras a pequena distancia[1], o que na opinião de alguem prova que existiu ali um cemiterio de judeus.

É porem innegavel que em Viseu houve uma *Judiaria* ou bairro onde os judeus, depois da occupação christã, viviam separados, como viveram em outras muitas povoações do nosso paiz[2]; mas onde estava a *Judiaria* de Viseu?

—No local hoje denominado *Cimo de Villa*, como diz terminantemente Berardo nas suas *Memorias*, citando o velho tombo do *Hospital de S. Lazaro.*

Teve pois Viseu uma *Judiaria* e *Judiaria* populosa e tão importante, que foi séde de uma das 7 ouvidorias judaicas outr'ora concedidas pelos nossos reis aos judeus, como se lê algures,[3]—e em 1534, como já dissemos no topico relativo ao *Couto da Sé*, os judeus visienses occupavam os primeiros logares da cidade. Elles foram vereadores e procuradores do concelho, almotacés e thesoureiros da camara, etc. Assim foi nomeado thesoureiro n'aquelle anno Henrique Mendes, judeu e negociante,—e *muito mais tarde* ainda existiam e se apontavam entre as fami-

---

[1] Para evitarmos repetições, veja-se o topico das *Familias principaes de Viseu*, n.º 11.

[2] *Liberal*, n.º 1 de 6 de maio de 1857.

[1] Sepulturas do mesmo genero abundam em todo o nosso paiz. Na freguezia de *Forno Telheiro*, concelho de Celorico da Beira, ha um estendal de mais de 20 em volta do pretendido *penedo baloiçante de S. Gens*, e em *Moreira de Rei*, concelho de Trancoso, já nós vimos mais de 50!...

[2] V. *Miragaya*, freguezia do Porto, vol. V, pag. 296 e 322; *Victoria*, freguezia tambem do Porto, vol. X, pag. 616 e 641,—e a *Memoria sobre os judeus*, por Joaquim José Ferreira Gordo, nas *Memorias da Academia Real das Sciencias*, tomo 8.º

[3] O ouvidor da Beira Alta residia em Viseu; o da Beira Baixa na Covilhã; o d'Entre Douro e Minho, no Porto; o de Traz-os-Montes em Moncorvo; o da Estremadura em Santarem; o do Alemtejo em Evora—e o do Algarve em Faro.

Monarch. Lusit. parte 6.ª pag. 16, col. 1.ª—e *Memoria* de Ferreira Gordo, pag. 16 tambem.

lias principaes de Viseu algumas de origem hebraica.

O sr. Francisco Pereira Cardoso, curioso investigador e analysta das antiguidades de Viseu, diz que tem rasões fundadas para crer que a synagoga d'elles existiu na *rua Nova,* quasi defronte da sua habitação, em Viseu.

CONCELHO DE VISEU

Circumscripção actual

Este concelho até 1836 teve uma circumscripção muito differente. Logo diremos qual era; mas, em virtude do decreto de 6 de novembro d'aquelle anno, confina ao norte e noroeste com o rio Vouga. Apenas tem a freguezia de *Calde* na margem direita d'este rio. A N. E. confina com o concelho de Satam; a E. com os rios Satam e Dão; a S. com o concelho de Tondella — e a O. com o de Vouzella.

Comprehende as 31 freguezias seguintes: — Abraveses, Barreiros, Boa Aldeia, Bodiosa, Calde, Campo, Cavernães, Cepões, Couto de Baixo, Couto de Cima, Fail, Farminhão, Fragozella, France, Lordosa, Lourosa, Mondão, Orgens, Povolide, Ranhados, Ribafeita, Rio de Loba, Salvador, Santos Evos, S. Cypriano, Silgueiros, Torre Deita, Vil de Souto, Villa Chã de Sá, Viseu—oriental—e Viseu—occidental.

Administrativa, civil e judicialmente conta as 32 freguezias supra, mas ecclesiasticamente conta apenas 27, porque as freguezias de Rio de Loba, Ranhados e S. Salvador são *annexas* e parte integrante da freguezia *Occidental* da Sé de Viseu,—e as freguezias de Abraveses e Orgens são *annexas* e parte integrante da freguezia *Oriental* da Sé.

Para evitarmos repetições, vide pag. 1528, col. 1.ª e segg. supra,—e para evitarmos confusões seguiremos a enumeração official dos censos de 1864 e 1878—e do *Mappa das Dioceses* relativo à circumscripção diocesana de 1882.

Conta pois actualmente o concelho de Viseu:

Superficie em hectares	50:972
Freguezias	31
Fogos [1]	11:409
Almas	50:135
Predios inscriptos na matriz	86:767

Contribuições

No ultimo anno (1887) pagou este concelho as seguintes:

Predial	19:524$438
Industrial	6:194$693
Decima de juros	4:084$816
Sumptuaria	592$060
Districtal	2:364$232
Camararia	39:644$985
Verba de sello	1:205$461
Real d'agua	14:335$564
Total	87:946$249

Producções

No mesmo anno de 1887 as producções principaes d'este concelho foram as seguintes, — segundo a nota official que nos foi dada:

	Litros
Trigo	1.136:855
Milho	4.444:300
Centeio	2.225:800
Cevada	1.000:000
Feijão	369:994
Batatas	6.299:700
Castanhas [2]	—
Azeite	25:414
Vinho branco	9.966:634
» tinto	9.744:802

[1] Referimo-nos á população indicada no censo de 1878, mas hoje, 1888, a população deve ser muito superior.

[2] Produz tambem muitas, mas não podemos obter nota d'ellas.

Movimento da sua estação telegrapho-postal em 1885 [1]

Sellos e outras formulas de franquia	1:525$805
Premio de emissão de vales	386$850
Cartas porteadas	24$600
Cobrança de recibos, lettras, etc.	6$800
Telegrammas que foram pagos	1:008$625
Total	2:952$680

Rios e ribeiras principaes que banham este concelho

1.º—*Rio Vouga.*

Nasce no *Chafariz da Lapa*, concelho de Sernancelhe; banha o concelho de Viseu desde a povoação de Macieira, freguezia de Cepões, até á de Ribafeita, e depois de receber o Agueda e outros tributarios, desagua na *ria* d'Aveiro.

V. *Vouga*, rio.

2.º—*Rio Dão.*

Separa o concelho de Viseu do de Mangualde;—o de Nellas do de Ceia—e o do Carregal do de Taboa, e morre no Mondego, no sitio de *Foz-Dão.*

V. *Dão*, rio, n'este diccionario.

3.º—*Satam.*

Nasce na freguezia das *Romãs*, concelho de Satam; banha e limita parte d'este de Viseu a leste—e desagua no Dão, no sitio denominado *Moinho do Inferno* (?) junto da ponte de Fagilde.

V. *Satam.*

4.º—*Rio Pavia.*

Nasce na serra da *Mina*, freguezia d'Abravezes; banha a cidade de Viseu a N. O.—e desagua no rio Dão, a 2 leguas de Viseu.

Tambem se denominou, e não sabemos se ainda hoje se denomina, *Ribeiro das Mestras* ou das feiticeiras, porque outr'ora o povo julgava encontrar n'elle a cada passo bruxas e feiticeiras banhando-se, e n'elle costumavam ir banhar-se os doentes na noite de S. João, esperando ser curados pelas taes *mestras*, contra o que se insurge o dr. Botelho, dedicando a tão *momentoso* assumpto os capitulos 5.º e 6.º do seu *Dialogo 1.º*, desde pag. 38 até pag. 47 ? ! ...

É este o celebrado Pavia dos poemas de Thomaz Ribeiro.

5.º—*Ribeira de Trouce, Trousse, Trouxe, Trosse* ou *Trouço!..*

Nasce nas lameiras de Moure, freguezia do Campo; atravessa a estrada real n.º 7, de Viseu a S. Pedro do Sul, e morre no Vouga, um pouco a jusante da foz do rio Sul.

—

Até aqui os meus apontamentos, mas na *Memoria* (ainda ms.) que Berardo, sendo administrador d'este concelho, offereceu á camara em 1838, encontra-se um *Mappa das ribeiras do concelho de Viseu com designação dos engenhos movidos pelas agoas*, e ali se mencionam as ribeiras seguintes:

Na freguezia de *Barreiros* a ribeira de Brufe com 2 moinhos e 2 rodas de moer pão, e 4 moinhos d'azeite.

Na freguezia de *Cepões* as ribeiras de Seixal, Covello, Parozillos e Sovaco, tendo esta ultima 32 moinhos de pão com 39 rodas.

Na freguezia de *Lordosa* as ribeiras de Lavandim, Regadinha, Ribeirinha e Celorico, tendo esta ultima 28 moinhos com 45 rodas e 2 pisões.

Na freguezia de *Cavernães* o ribeiro das Lameiras com 11 moinhos de pão, 11 rodas, 1 moinho d'azeite e 1 pisão.

Na freguezia de *France* as ribeiras de Carvalhal, Balisgne e Lamaçaes, tendo esta ultima 15 moinhos de pão com 20 rodas e 2 moinhos de azeite.

Na freguezia de *Ribafeita* as ribeiras de Porto-Viseu, Porto de Lobo, Redouça, Lata, Amoreira, Bouça e Manta, tendo esta ultima 17 moinhos de pão com 36 rodas, 3 moinhos d'azeite e 3 pisões.

Na freguezia de *Bodiosa* as ribeiras de Pontão, Sumato, Sabugueiro, Vella, Carregal e Vescuda, tendo esta ultima 27 moinhos de pão com 34 rodas, 1 moinho d'azeite e 1 pisão.

Na freguezia do *Campo* a ribeira de Pontão, com 10 moinhos de cereaes e 10 rodas.

Na freguezia de *Mondão* as ribeiras de

[1] Não podemos obter nota posterior.

Mide e Mondão, tendo esta ultima 11 moinhos de cereaes com 11 rodas.

Na freguezia de *Santos Evos* as ribeiras de Remonde, Santos Evos e Pinheiro, tendo esta ultima 25 moinhos de pão com 27 rodas, 1 moinho d'azeite e 1 pisão.

Na freguezia *Oriental* (?) da cidade de Viseu o Pavia com 2 moinhos de pão, 4 rodas, mais 2 moinhos d'azeite.

Na freguezia de *S. Salvador* o Pavia com 23 moinhos de pão e 41 rodas.

Na freguezia de *Ranhados* a ribeira d'este nome com 1 moinho de pão, e 1 roda, mais 1 moinho d'azeite.

Na freguezia de *Fragozella* a ribeira d'este nome com 2 moinhos de pão e 7 rodas, mais um moinho de azeite.

Na freguezia de *Lourosa* a ribeira de Teivas com 8 moinhos de pão e 11 rodas, mais 1 moinho d'azeite.

Na freguezia de Villa Chã de Sá a ribeira de Sás com 12 moinhos de pão e 14 rodas, mais 2 moinhos d'azeite e 1 pisão.

Na freguezia de *Fail* o ribeiro da Ortigueira com 15 moinhos de cereaes e 19 rodas, mais 2 moinhos d'azeite e 1 pisão.

Na freguezia de *Silgueiros* a ribeira do Pereiro com 19 moinhos de pão e 36 rodas, mais 4 moinhos d'azeite.

Na freguezia de *S. Cypriano* a ribeira d'este nome com 4 moinhos de pão e 4 rodas, mais 1 moinho d'azeite.

Na freguezia da *Torre Deita* as ribeiras da Fonte, Varzea, Torre e Sanchinha, tendo esta ultima 24 moinhos de cereaes com 24 rodas, 1 moinho d'azeite e 1 pisão.

Na freguezia dos *Coutos de Baixo* as ribeiras de Regadia, Sabugueiro e Novaes, tendo esta ultima 7 moinhos de pão com 7 rodas e 3 moinhos d'azeite.

Na freguezia dos *Coutos de Cima* as ribeiras de Adão e da Presa, tendo esta ultima 19 moinhos de cereaes com 19 rodas e 1 moinho de azeite movido por bois.

Na freguezia de *Calde* a ribeira de Cabrum com 12 moinhos de cereaes e 16 rodas, mais 1 pisão e 1 moinho d'azeite movido por bois.

Na freguezia de *Rio de Loba* a ribeira dos Monteiros e a do Paulo, tendo esta ultima 7 moinhos de pão com 7 rodas.

Na freguezia de *Abraveses* as ribeiras de Longorela e de Mide, tendo esta ultima 13 moinhos de pão com 15 rodas.

Na freguezia d'*Orgens* a ribeira do Cazeiro com 9 moinhos de pão e 11 rodas, mais 1 moinho d'azeite.

Contava pois este concelho em 1838 nada menos de 356 moinhos de pão, com a bagatella de 473 rodas, mais 34 moinhos d'azeite e 12 pisões.

Do exposto se vê que este concelho abunda em agua perenne de veia nativa. Tem talvez mais agua do que metade da provincia do Alemtejo, e por isso em 1887 foi orçada em 4.444:300 litros a sua producção só em milho.

Antiga circumscripção do concelho de Viseu

Este concelho, depois do decreto de 6 de novembro de 1836, ficou muito regular. Tem por centro a cidade, e extende-se para todos os quadrantes ate á distancia de 12 a 15 kilometros d'ella, approximadamente; mas antes d'aquelle decreto a sua circumscripção era uma monstruosidade. A N. passava para a margem direita do Vouga e estendia-se até á distancia de 25 a 30 kilometros de Viseu,—e para S. comprehendia terras a distancia de 20 a 25 kilometros, tendo encravados dentro d'elle nada menos de 4 concelhos autonomos com justiças proprias, taes eram os *Coutos de Santa Eulalia* e os concelhos de *Povolide*, *Ranhados* e *Barreiros*, estando estes dois ultimos encostados aos muros de Viseu e dentro da circumscripção ecclesiastica da freguezia occidental da Sé?

Para evitarmos repetições, veja-se n'este diccionario os artigos *Povolide*, *Couto de Baixo* e *Couto de Cima*—e n'este artigo *Viseu* as pag. 1532, col. 2.ª,—e 1533, col. 2.ª tambem, e segg. com as suas respectivas notas.

Em 1834 comprehendia, como diz Berardo, [32 freguezias, que n'essa data contavam 7:660 fogos e 34:735 habitantes; mas não entravam no numero d'ellas as 5 freguezias seguintes:

1.ª—*Bôa Aldeia*, que foi do extincto concelho de *S. Miguel do Outeiro*, comarca de Tondella; depois passou para o concelho e comarca de Tondella—e ultimamente para o concelho e comarca de Viseu,—já depois de 1864.

2.ª—*Couto de Baixo.*

3.ª—*Couto de Cima.*

Estas 2 freguezias até 1836 constituiam os *Coutos de Santa Eulalia*, especie de concelho com justiças proprias.

4.ª—*Povolide.*

Foi concelho proprio até á mesma data,—6 de novembro de 1836.

5.ª—*S. Salvador.*

Esta freguezia, como ja dissemos, era ecclesiasticamente uma das *annexas* da freguezia *occidental* da Sé, mas civil, administrativa e judicialmente pertencia ao extincto concelho do *Barreiro*, cuja séde estava em *Vil de Moinhos*, aldeia da freguezia de S. Salvador.

—

Em compensação este concelho de Viseu n'aquella data (1834) comprehendia nas suas 32 parochias as 6 seguintes, que posteriormente perdeu:

1.ª—*Ferreiroz.*

2.ª—*Lageosa.*

Estas 2 freguezias passaram para o concelho de Tondella, ao qual hoje pertencem; mas a de *Ferreiroz* ainda em 1864 pertencia ao concelho de Viseu.

3.ª—*Queiriga*, na margem direita do Vouga.

Passou para o concelho de Fragoas, mas ecclesiasticamente ainda hoje pertence ao bispado de Viseu, emquanto que todas as outras freguezias do concelho de Fragoas pertencem ao bispado de Lamego.

4.ª—*Papisios.*

5.ª—*Sobral de Papisios.*

Estas 2 freguezias foram do extincto concelho de Besteiros, mas passaram para o do Carregal e a elle pertencem hoje ainda.

6.ª—A freguezia de *Cota*. Em 1834 era d'este concelho de Viseu; depois pelo decreto de 6 de novembro de 1836 passou para o de Mões; extincto o concelho de Mões pelo decreto de 24 de outubro de 1855, passou novamente para o de Viseu, posto que demora na margem direita do Vouga, como a de *Calde*, sua limitrophe, e hoje (1888) pertence ao concelho de Castro d'Ayre.

Tambem a de *Farminhão*, que em 1834 era d'este concelho de Viseu, pelo decreto de 6 de novembro de 1836 passou para o concelho de *S. Miguel do Outeiro*, comarca de Tondella; mas, extincto o concelho do Outeiro pelo decreto de 24 d'outubro de 1855, voltou para o concelho e comarca de Viseu.

Breve noticia das condições climatericas e geologicas d'este concelho

Demora no centro da provincia da Beira Alta, e o seu clima é temperado e muito saudavel, pois comprehende um extenso tracto de terra em que predomina o granito; é muito abundante de excellente agua potavel e de rega—e não tem pantanos nem arrosaes nem outros quaesquer fócos de infecção.

Recebe as suas modificações meteorologicas de duas montanhas principaes:—o *Caramulo* (*Mons Alcoba*) que o circumda a O. e N. O.,—e a *Serra da Estrella* (*Mons Herminius*?) que se prolonga de E. a O. e defronta com este concelho a S.

Aqui, como em Portugal todo, os ventos mais persistentes são o *nordeste*, que predomina nas estações mais quentes,—e o *sudoeste*, que conduz as chuvas, principalmente no inverno. Este ultimo, soprando do mar Oceano, traz comsigo vapores que, topando na serra do Caramulo, mais se resfriam, amontoam-se e cobrem-na de uma nevoa densa. Continuando o vento no seu curso, as nuvens dirigem-se para a Serra da Estrella, onde se fixam, e o ar tolda-se de grossas nuvens que, approximando-se da terra, se transformam em chuva mais ou menos copiosa.

Pelo contrario o vento *nordeste*, soprando das regiões septentrionaes, vem secco; absorve os vapores e expulsa as nuvens, conduzindo o bom tempo e os dias claros.

Os ventos de menos duração, ou secundarios, são dos rumos *noroeste* e *sudeste*,

ambos frios e prejudiciaes, principalmente á agricultura, pois o primeiro tem atravessado as serranias nevadas da Gallisa—e o segundo as da serra da Gata, em Hespanha.

Do exposto se vê que a serra do Caramulo tem a principal influencia meteorologica n'esta parte da Beira.

O chão adjacente á cidade é mais ou menos montanhoso; a parte mais plana d'este concelho tem approximadamente 10 kilometros; demora a N. E. da cidade—e prolonga-se até o rio Vouga.

—

A sua constituição geologica é granitica e abunda em rochas de extrema duresa, que parecem ter-se levantado debaixo dos antigos terrenos estratificados.[1] A sua quebradura é rapida, escabrosa; a tenacidade é grande, e alteram-se difficultosamente, pelo que fornecem material esplendido para construcções de toda a ordem.

V. pag. 1544, col. 2.ª *in fine*.

O solo ou terra aravel, especie de capa movel, mais ou menos grossa, é por aqui geralmente *silicioso* e contem bastante argila saturada de oxido de ferro. Naturalmente desagregado e solto, presta-se ao amanho, porque pela sua nimia divisibilidade se deixa esterroar, mas tambem demanda muitas regas no verão, porque as aguas pluviaes em pouco tempo se evaporam.

As superficies humosas em que predomina a terra vegetal, são em numero redusido—e pela sua composição siliciosa demandam muita agua de rega na estiagem para produzirem bom fructo.

As fontes ou nascentes, que são o resultado das chuvas infiltradas na terra até encontrarem terreno impermeavel, rebentam aqui ordinariamente de bacias pouco espaçosas e pouco profundas, pelo que se esgotam em pouco tempo. As mais abundantes defecam no fim do estio e são poucas as que podem dizer-se perennes. Formando pois as chuvas o deposito da agua para a despesa do anno, a fertilidade d'este está na proporção directa das chuvas.

[1] Berardo, *Liberal* de 16 de maio de 1857.

O clima, como já dissemos, é muito saudavel, porque a agua potavel é magnifica e facil a evaporação de uma terra solta que não conserva muito tempo o deposito dos miasmas,—e alguns d'estes são afastados pelos ventos predominantes, que sopram felizmente sem trazerem d'outra parte germens de corrupção.

As epidemias são raras, pouco duradouras e relativamente benignas; comtudo a temperatura apresenta graduações oppostas muito sensiveis, que explicam talvez a causa de certas doenças.

O thermometro Reaumour costuma aqui no verão subir a 26°—e descer no inverno a 1° abaixo de zero—e por vezes em 24 horas baixa ou sobe 2 a 3 graus.

Casas, quintas e familias mais notaveis nos arrabaldes e no concelho de Viseu

1.ª—*Quinta de S. Salvador.*

Demora esta quinta a 2 kilometros de Viseu para o poente, na estrada municipal a macadam de Viseu a Farminhão e Besteiros—e é hoje uma das melhores quintas d'este concelho.

Tem boa casa de habitação, recentemente restaurada, e uma linda capella, tambem restaurada, com o titulo de *Nossa Senhora da Conceição* de Lourdes, altar privilegiado *in perpetuum* por concessão do papa Leão XIII com data de 17 de agosto de 1886, e Santissimo permanente, um bello quadro antigo representando a *Coroação de Nossa Senhora*—e 4 jubileus annuaes com muitas indulgencias, nos dias de S. José, Assumpção, Natividade e Conceição de Nossa Senhora.

Esta quinta é atravessada e banhada pelo Pavia de nascente a poente, que n'ella tem 4 grandes levadas. Produz bastante vinho do melhor de Viseu, por estarem os seus vinhedos em nivel muito inferior á cidade e voltados directamente para o sul. Tambem produz bastante fructa e hortaliças, mas as suas producções principaes são milho, feijões e herva joia. Como recebe com as enxurradas os detritos das ruas de Viseu, é tal a sua fertilidade, que no inverno, de outubro a maio, costuma dar 5 a 6 camas de

herva, pelo que os seus caseiros (são 32!) criam muito gado bovino. Tambem cultivam muita hortaliça, que levam quotidianamente á praça de Viseu.

—

Pertence hoje esta rica propriedade ao nosso bom amigo e cyreneu, o sr. dr. Nicolau Pereira de Mendonça, que n'ella vive ha annos com sua esposa, a sr.ª D. Maria da Piedade Lemos e Azevedo,[1] verificando-se o dictado:—*as propriedades medram com a sombra dos donos*, pois melhorou muito e subiu consideravelmente de preço e de rendimento, depois que ss. ex.as vivem n'ella.

A principio denominou-se *quinta dos Machados*, porque assim se appellidavam 3 irmãos conegos que juntaram por compra a maior parte dos predios que a constituem. Depois denominou-se *quinta da Cruz*, porque succedeu n'ella um sobrinho dos dictos conegos, senhor da opulenta casa e quinta *da Cruz*, freguezia de Castellões, concelho de Besteiros. O ultimo senhor d'aquella casa e quinta casou com D. Maria da Piedade d'Azevedo, da casa dos *Santos Martyres* de Paredes da Beira; não tendo filhos, aboliu os vinculos, e deixou a maior parte dos seus bens á viuva, incluindo esta quinta de *S. Salvador*, que a viuva deu a sua sobrinha e afilhada tambem, D. Maria da Piedade, creada por ella e hoje casada com o sr. dr. Nicolau de Mendonça.

Este, alem de restaurar a casa de residencia e a capella, já comprou e lhe addiccionou varias propriedades no valor de 8 contos e murou a maior parte d'ella—e a tia de sua esposa tambem havia comprado e unido á mesma quinta outras propriedades no valor de 7 contos de réis.

—

Do casamento do sr. dr. Nicolau de Mendonça com a sr.ª D. Maria da Piedade e Lemos existe sómente uma filha, e universal herdeira:

D. Maria da Piedade de Mendonça e Lemos.

Nasceu em 2 de julho de 1855 e casou em 9 de fevereiro de 1881 com o dr. Bento Teixeira de Figueiredo Amaral, da freguezia de Matheus,[1] do qual tem 2 filhos:

—*José Paulo*, que nasceu em 12 de novembro de 1886, e

—*Nicolau*, que nasceu em Matheus em 3 de março de 1888.

O sr. dr. Nicolau de Mendonça e sua esposa tambem tiveram um filho, Agostinho Antonio de Mendonça Falcão, muito intelligente, e muito illustrado. Frequentou o curso superior d'agricultura de Grignon, em França, junto de Versailles, sendo premiado todos os annos. Depois serviu nas nossas possessões da Africa mais de um anno, e regressando por Paris já com o fermento das febres billiosas, ali falleceu em 6 de abril de 1883.

Deixou *ms.* uma interessante *Memoria* em francez — *Rapport Météorologique* sobre o nosso districto de Coimbra, com uma pequena, mas lindissima *carta topographica* do mesmo districto, desenhada a cores por elle na escala de $\frac{1}{500:000}$

2.ª—*Quinta e casa de Marzovellos.*

Demoram tambem na freguezia de S. Salvador e pertencem aos condes de Prime, como já dissemos supra, pag. 1536, col. 1.ª e no topico das *familias principaes de Viseu*, n.º 12.

Esta quinta é maior do que a de S. Salvador, mas talvez não renda mais, porque o seu terreno é inferior em qualidade e exposição e mais frio.

Tem bella casa de habitação, com muitos commodos; um bonito lago, jardim, mata frondosa antiga e uma soberba avenida bem arborisada.

Foi tambem esta quinta feita por um co-

---

[1] V. pag. 1535, col. 2.ª *in fine, supra,—Paredes da Beira* e *Pinhanços.*

O sr. dr. Nicolau possue outra bella quinta em Fareginhas, concelho de Castro d'Ayre, e mais propriedades n'outros concelhos, mas só n'este de Viseu paga 250$000 réis de contribuições.

[1] V. *Villa Real de Traz-os-Montes*, vol. XI, pag. 1031, *in fine.*

nego, pelo que se chamou antes a *Quinta do Thesoureiro mór.*

3.ª—*Quinta de Tondelinha.*

Demora na freguezia d'Orgens, a O. de Viseu, e em sitio alto com vistas esplendidas, boa casa de habitação, grandes vinhedos, extensos campos, que produzem muito milho e muita hortaliça, etc.

Esta quinta foi tambem fundada por um conego da familia de Fernando d'Almeida, de Viseu, de quem a herdaram nos nossos dias os *Queirozes.*

V. pag. 1542, col. 2.ª e o topico das *familias principaes de Viseu,* n.º 10.

4.ª—*Quinta da Medronhosa,* na freguezia de S. Salvador, a 3 kilometros de Viseu para o poente. V. pag. 1536, col. 1.ª *supra.*

Esta quinta foi pertença do antigo vinculo do *Outeiro de Real,* junto de S. Miguel do Outeiro,—vinculo de que foi ultimo administrador Antonio de Lemos de Carvalho Sousa e Alvim (senhor da *quinta do Ribeiro,* concelho de Caria) o qual a emprasou a seu irmão Duarte de Lemos Carvalho e Sousa; este, pouco antes de fallecer, a vendeu a um lavrador da *Povoa da Medronhosa,* a quem foi tirada pelos credores, sendo arrematada em praça publica pelo tenente coronel de engenheiros Miguel de Sousa de Figueiredo, sub-chefe do estado maior da 2.ª divisão militar, e irmão do coronel de engenheiros Antonio Cazimiro de Figueiredo, que foi muitos annos director das Obras Publicas d'este districto, e que está hoje em Lisboa addido á direcção geral das Obras Publicas.

Arrematou-a por 13 a 14 contos, mas tem n'ella despendido muito dinheiro com differentes melhoramentos nas terras, nas casas e na capella, pois encontrou tudo em misero estado!

5.ª—*Casa de Figueiró,* na freguezia de S. Cypriano, cerca de 5 kilometros a O. de Viseu, na estrada municipal n.º 12.

Esta casa pertencia ao dr. José Gaudencio de Vilhegas, que a deixou em testamento ao seu sobrinho e neto Vasco Luiz Pessanha do Casal, seu actual possuidor e n'ella residente. Restaurou-a com muito gosto e é hoje uma das melhores casas d'este concelho.

O sr. Vasco Luiz Pessanha casou com sua prima co-irmã D. Carlota Saraiva Quevedo de Sampaio, filha 2.ª dos viscondes da *Quinta do Ferro,* c. g.

V. *Villar Torpim.*

6.ª—*Casa dos Bandeiras,* nos Coutos de Cima, a 7 kilometros de Viseu para O.

Pertence a Thomaz Antonio Bandeira da Gama e Mello, irmão mais novo do fallecido Gonçalo Pires Bandeira, de quem já se fallou supra, sob o n.º 1, no topico das *casas e quintas mais notaveis de Viseu e seus arrabaldes, não habitadas pelos seus antigos donos* [1].

Thomaz Antonio Bandeira vive na dicta casa, que lhe tocou em legitima—e tem uma filha unica natural, mas reconhecida, e sua universal herdeira, D. Maria Augusta, casada com Balthasar Pessanha de Vilhegas, irmão germano de Vasco Luiz Pessanha, ambos filhos de Eduardo Pessanha.

V. *Familias principaes de Viseu,* n.º 9.

7.ª—*Casa de Lourosa da Telha,* que foi de Miguel Pinto de Queiroz.

V. *Familias principaes de Viseu,* n.º 10.

Pertence hoje esta casa a duas filhas de Miguel P. de Queiroz,—D. Emilia e D. Henriqueta, que ali residem, estando a segunda casada com José Gil Alcoforado da Costa Velloso, filho 2.º da casa e quinta da *Sarnada,* junto de Vouzella, s. g., o qual é um agricultor *intelligentissimo,* irmão do dr. Antonio Maria Alcoforado, casado com D. Maria Isabel Ayres de Gouveia, irmã do sr. D. Antonio Ayres de Gouveia, bispo de Btsaida, commissario geral da bulla da Santa Crusada, etc.

V. *Vouzella.*

Tem a dicta casa uma adega soberba, e uma boa quinta pegada, que produz muito vinho do melhor do Dão, pois demora na margem direita d'este rio e está voltada ao sul, na freguezia de *Lourosa da Telha,* a 5 kilometros de Viseu.

8.ª—*Casa dos Coelhos do Quintal,* na mes-

---

[1] No *Album Visiense* póde ver-se o retrato e a biographia de Gonçalo Pires Bandeira, fallecido em 1885 na sua nobre casa da Torre Deita.

ma freguezia e povoação de Lourosa da Telha.

Pertence hoje a D. Amelia do Quintal, viuva e s. g. de Henrique de Mello de Lemos e Alvellos, filho primogenito e successor do visconde do Serrado.

Era a dicta senhora filha legitima de Luiz do Quintal, filho 2.º d'esta casa, já fallecido, e succedera n'ella por morte de duas tias paternas que ainda são usufructuarias, por escriptura dotal do seu tio paterno José Maria do Quintal, ultimo senhor d'esta casa, o qual morreu s. g.

Pertence a esta casa uma soberba e antiga quinta nas margens do Dão, chamada *quinta dos Frades*, que produz talvez o melhor vinho do Dão. É tambem mimosa de fructa, incluindo laranjas, mas está muito mal tractada e muito depreciada.

Com melhor grangeio e melhor tratamento valeria hoje mais de 30 contos de réis.

Pertence tambem a esta casa outra muito antiga, chamada do *Quintal*, na freguezia de Castellões, em Besteiros, com uma boa cerca de mimosa terra, que produz laranja finissima, da melhor de Besteiros, rival da de *S. Mamede de Riba-Tua*, que é absolutamente a melhor de Portugal.

Possue tambem esta familia um bom casal na povoação da *Folgosa*, freguezia de S. Thiago, concelho de Ceia, e foi senhor d'elle bem como dos de Lourosa e Quintal o 3.º avô (por varonia) da dicta senhora D. Amelia,—*Gonçalo Coelho d'Almeida e Castro do Quintal*, homem de grande illustração e o primeiro genealogico da Beira no seu tempo. Deixou muitos volumes de genealogias, admirados por pessoas competentes, *mas todos mss.*, pelo que no *Dicc. Bibl.* de Innocencio nem sequer se aponta o dicto Gonçalo Coelho d'Almeida como escriptor?!...[1]

9.ª—*Casa e quinta do visconde de Taveiro*, na mesma freguezia e povoação de Lourosa.

Depois do fallecimento de sua esposa, o visconde de Taveiro—José de Mello Pais do Amaral—fixou residencia na mencionada quinta e transformou em luxuosa habitação de muito gosto uma casa ordinaria que ali tinha.

Este José de Mello Pais do Amaral (filho d'outro do mesmo nome) 1.º visconde de Taveiro, junto de Coimbra, onde casou com a viscondessa de Taveiro, sobrinha e representante do cardeal e arcebispo de Braga, D. Pedro Paulo de Figueiredo da Cunha e Mello, nasceu na freguezia de *Santar*, onde tinha um formoso palacete—e uma boa casa na *Corga*, concelho de Castendo, etc.

Do seu consorcio com a viscondessa de Taveiro teve um filho:

—*José Pedro de Mello*, 2.º visconde de Taveiro.

Este casou com a filha e herdeira do grande proprietario e capitalista conde de Magalhães, s. g.—e já possue o palacete de Santar, mas vive em Lisboa, onde é empregado publico.[1]

V. *Taveiro*, freguezia do concelho de Coimbra, vol. IX, pag. 499, col. 2.ª

10.ª—*Casa de Rebordinho*, na mesma freguezia de Lourosa.

Pertenceu a José Paulo Pereira de Carvalho, coronel das milicias de Viseu e membro da commissão de guerra, que em Viseu condemnou á morte por crimes politicos em 1832 a 1833 bastantes liberaes.

Fallecendo solteiro e sem successão, deixou a dicta casa a sua sobrinha D. Cazimira Mascarenhas Bandeira ou antes a seu pae, que era senhor da excellente casa dos *Mascarenhas de Villar*, em Besteiros. A dicta

---

[1] Este escriptor teve vastos conhecimentos de chronologia e historia portugueza, especialmente de genealogias d'esta provincia, sobre o que escreveu com muita critica. Nasceu em Lourosa e floresceu nos primeiros dois quarteis do seculo passado. Não consta que imprimisse obra alguma; os *mss.* param em poder dos seus descendentes e creio que alguns na casa dos *Lemos Sousas* e *Alvins de Santar*; outros, segundo consta, desencaminharem-se com os emprestimos, pois sabemos que deixou muitos volumes de genealogias.

[1] V. *Reriz*, tomo VIII pag. 152, col.ª 1.ª, —e *Resende* no mesmo vol. pag. 161, col. 1.ª *in fine* tambem.

senhora reside com seus filhos em *Ois do Bairro*, pois casou com Antonio Calheiros de Noronha e Pitta, natural da dicta parochia e já fallecido, irmão germano de Francisco Xavier Calheiros de Noronha. Vide tomo X, pag. 347, col. 2.ª

11.ª—*Casa dos Bandeiras*, na povoação de Oliveira do Barreiro, freguezia de Lourosa tambem.

Pertence a José Maria Bandeira Monteiro Subagua, ramo 2.º por varonia dos *Bandeiras de Fragoas*, e natural da quinta da *Granja*, em Rezende, onde tem boas casas, e em Bretiande, junto de Lamego.[1]

Casou com uma nobilissima senhora, procedente, por seu pae, da nobre familia e casa de *Loureiro*[2]—e por sua mãe descende dos *Abreus Castello Branco*, de Fornos de Algodres, hoje condes de Fornos. Chama-se a dicta senhora—D. Maria da Purificação Abreu e Loureiro Castello Branco e é dona d'esta casa de *Oliveira*, bem como de outra bella residencia em *Parada de Gonta*, concelho de Tondella, onde Thomaz Ribeiro, inspirado auctor do *D. Jayme*, colloca o solar do heroe do seu poema.

José Maria Bandeira tem os filhos seguintes:

—*D. Joaquina.*

—*D. Maria Emilia.*

—*D. Maria Amelia.*

—*Adriano d'Abreu* e

—*D. Maria Antonia*, todos ainda solteiros n'esta data—1888.

12.ª—*Casa de Villela*, na mesma freguezia de Lourosa.

Pertence hoje esta casa a José de Sousa Tudella de Menezes e Castilho, conductor de 1.ª classe, filho d'outro José de Sousa Tudella de Menezes e neto de Rodrigo de Sousa Tudella de Castilho, que foi senhor d'esta casa, valente militar e coronel das milicias de Viseu.

Serviu com muita distincção no cerco do Porto em 1832 a 1833, no exercito realista, e foi ferido em um ataque ao convento da Serra, ficando-lhe a bala dentro do corpo, a qual o matou d'ahi a 10 annos!...

Este bravo militar prestou relevantes serviços a Viseu, pois salvou a cidade do saque, e excessos da guerrilha do celebre juiz de fóra de Taboaço, em 1828.

José de Sousa está ainda solteiro.

13.ª—*Casa de Villa Chã de Sá*, a 5 kilometros de Viseu para S. O.

Pertence aos *Lemos de S. Gemil e Viseu*, dos quaes se fez menção no topico das *familias principaes*, n.º 7, supra;—é representante d'esta nobilissima casa o dr. Heitor de Lemos e Sousa, ainda solteiro, residente em Viseu — e vivem na casa de Villa Chã sua mãe, com um filho e uma filha, irmãos do dicto cavalheiro.

14.ª—*Casa da familia Barros Campos e Coelhos*, de Farminhão.

Demora a 5 kilometros de Viseu para O. e pertence a Francisco de Barros Coelho e Campos, bacharel formado em direito, que tem sido deputado ás côrtes em differentes legislaturas e já foi tambem governador civil de Viseu, etc.

Teve um irmão—Luiz de Campos—que foi capitão de cavallaria, deputado em differentes legislaturas e depois par do reino, homem de muito talento, poeta insigne e bom orador.

Falleceu em Lisboa, casado, mas sem filhos,—e vivem ainda mais dois irmãos:—Antonio de Campos,—coronel de cavallaria, —e João de Barros e Campos, capitão da mesma arma, ambos casados com suas sobrinhas, filhas do seu irmão primogenito Francisco de Barros, e ambas s. g.

15.ª—*A Casa de Prime*, na freguezia de Fragozellas, da qual Prime é uma pequena aldeia, 7 kilometros ao sul de Viseu, pela estrada real n.º 43, de Viseu a Celorico.

É um vasto, elegante e magestoso edificio,

---

[1] Na mencionada quinta do visconde de Taveiro em *Lourosa da Telha* ha um *penedo baloiçante*, como já dissemos supra. Ha tambem outro na freguezia de *Espariz*, concelho de Tabua, outro na freguezia de *Forno Telheiro*, concelho de Celorico,—e outro em *Villa Nova de Tazem*, concelho de Gouveia, todos na Beira.

V. *Villa Nova de Tazem*, tomo XI, pag. 887, col. 2.ª e seg.

[2] V. o topico das *familias extinctas*, supra, n.º 3.

posto que ainda incompleto;—levanta-se em um espaçoso terreiro quadrilongo e rectangular, fechado por grandes portões de ferro, —e prende com uma grande quinta.

Esta respeitavel vivenda pertenceu á nobre e opulenta familia *Sousas Silvas e Oliveira*. Casou com um dos senhores d'esta casa D. Maria de Sousa de Macedo, irmã germana do celebre Antonio de Sousa de Macedo, distincto escriptor publico, auctor da *Eva e Ave* e das *Flores d'Hespanha e Excellencias de Portugal*, nosso embaixador aos Estados Geraes em 1651, secretario d'estado do infeliz D. Affonso VI em 1663, commendador de Souzellas na O. de Christo e de Penella na O. d'Aviz, alcaide mór de Freixo de Numão, etc., pae do 1.º barão da Ilha Grande de Joanne, no Pará, do qual descendem os actuaes condes de Mesquitella, armeiros mores, hoje duques de Albuquerque.

A esta casa de *Prime* pertenceu tambem o celebre e antigo morgado das *Brusseiras*, no Alemtejo, por successão de uma filha B. que casou n'esta casa de Prime e se intrusou n'elle, o que deu origem á macrobia demanda que durou *noventa annos*, como já dissemos no topico das *familias principaes de Viseu*, n.º 8.

Possuia tambem esta casa o grande praso de *Corgos*, á Nogueira, que rendia 4:000 alqueires de pão, etc., mas hoje, pela falencia do visconde de Loureiro, toda esta enorme casa foi a pique e retalhada pelos credores?!...

Sic tranzit gloria mundi.

V. *Prime*, tomo VII, pag. 673, col. 2.ª—e o topico supra, já citado.

A COMARCA

Viseu é tambem séde de comarca judicial de 1.ª classe, formada unicamente pelo concelho do seu nome com 1 juiz de direito, 1 delegado do procurador regio, 4 escrivães, 4 officiaes de diligencias, 1 contador e 1 conservador.

Na antiga magistratura, ou até 1835, era tambem séde de comarca (provedoria e corregedoria) mas comarca muito mais ampla, pois alem do concelho actual de Viseu comprehendia n'este districto os concelhos do Carregal, Castro d'Ayre (não todo) Mangualde, Mortagua, Nellas, Oliveira de Frades, Penalva do Castello, Santa Comba-Dão, S. João d'Areias, S. Pedro do Sul (não todo) e Sattam.

No districto da Guarda os concelhos de Aguiar da Beira, Fornos d'Algodres, Pinhel e Trancoso, que eram da provedoria de Viseu, mas da corregedoria de Pinhel.

No districto de Coimbra os concelhos de Taboa e Oliveira do Hospital, que eram da corregedoria de Viseu, mas da provedoria da Guarda.

Finalmente no districto d'Aveiro o concelho de Sever do Vouga, que era da corregedoria de Viseu, mas da provedoria d'Esgueira.

Comprehendia tambem *coutos, exemptos, villas* e *concelhos* de donatarios e senhorios particulares, onde era muito restricta e quasi nulla a intervenção do corregedor e provedor; mas todos esses privilegios e exempções caducaram e foram extinctos em 1834.

—

Era muito extensa a antiga comarca de Viseu, pois da extremidade S. E. do concelho de Santa Comba-Dão á extremidade leste do concelho de Pinhel, por Viseu, havia uma distancia de 140 kilometros approximadamente, mas tinhamos comarcas ainda muito maiores, tal era a de Lamego. Na linha O. E. prolongava-se desde Arouca até á Barca d'Alva, na extensão de 140 kilometros de caminho horroroso,—e da Barca d'Alva ia para o sul até Alfaiates, na extensão de 80 a 90 kilometros. Alem d'isso comprehendia em Traz-os-Montes os concelhos da Regoa, Mezãofrio, Penaguião, Villa Real, Sabrosa e Alijó!...[1]

Eram assim as antigas comarcas, o que obrigava o povo a grande incommodo e grande despesa para ir á séde tractar os seus negocios, pelo que os corregedores costumavam

---

[1] V. *Villa Real de Traz-os-Montes*, vol. XI, pag. 931;—*Villar Maior*, no mesmo vol. pag. 1243,—e *Alvarenga* e *Lamego* no supplemento a este diccionario.

percorrer a comarca toda para favorecerem os povos, mas não sabemos se isso era favor ou castigo, porque as aposentadorias eram uma verdadeira praga, uma contribuição pesadissima, contra a qual os povos muitas vezes clamaram e gritaram, obrigando os nossos reis a providenciar sobre o assumpto. E alem da praga da aposentadoria, muitos corregedores—*salvas honrosas excepções*—eram uns grandes *comilões!*...

Toca a mover a vara—diziam elles—quando queriam encher o estomago e as algibeiras.

V. *Villa Marim*, tomo XI, pag. 783, col. 1.ª e segg.

Os antigos corregedores não deixaram saudades, mesmo porque hoje a nossa magistratura (honra lhe seja!) é uma das nossas corporações mais illustradas, mais independentes e mais dignas a todos os respeitos,—desde os simples delegados até o supremo tribunal de justiça.

Houve tempo em que a relação do Porto—já depois da creação da nova magistratura, foi uma nota discordante, *uma espelunca de Caco*, mas hoje é um tribunal dignissimo!

DISTRICTO DE VISEU

Este districto fórma por si só a provincia da Beira Alta e é a todos os respeitos um dos districtos mais importantes do nosso paiz.

O censo de 1878 deu-lhe a população seguinte:

Concelhos	Fogos	Almas
Armamar	2:936	11:491
Carregal	2:856	12:834
Castro d'Ayre	4:747	19:784
Fragoas	1:582	6:321
Lamego	5:802	24:532
Mangualde	4:846	21:478
Moimenta da Beira	2:937	11:361
Somma	25:706	107:801

Concelhos	Fogos	Almas
Transporte	25:706	107:801
Mondim da Beira	1:638	6:442
Mortagua	2:065	9:181
Nellas	3:113	13:126
Oliveira de Frades	1:953	9:385
Penalva do Castello	3:010	12:908
Penedono	1:752	6:561
Rezende	4.912	18:721
Santa Comba-Dão	1:793	7:929
S. João d'Areias	1:186	4:921
S. João da Pesqueira	3:773	15:638
S. Pedro do Sul	4:377	21:014
Sattam	2:958	12:767
Sernancelhe	3:052	12:573
Sinfães	6:043	23:452
Taboaço	2:289	8:649
Tarouca	1:669	6:602
Tondella	6:890	29:542
Viseu	11:409	50:135
Vouzella	3:372	13:909
Somma	92:960	391:256

Contava pois este districto em 1878

Concelhos	26
Freguezias	362
Fogos	92:960
Almas	391:256

O recenseamento de 1864 deu-lhe a população seguinte:

Concelhos	26
Freguezias	362
Fogos	87:157
Almas	368:960

Note-se porem que estas cifras estão longe da expressão da verdade, porque ficaram muito defeituosos aquelles dois censos.

Note-se tambem que hoje a população d'este districto deve ser muito superior á de 1878, porque nos ultimos 10 annos (1878-1888) não tivemos guerras nem grandes epidemias no nosso paiz.

A baixa mais consideravel que a nossa população soffreu foi a proveniente da emigração, e bem quizeramos dar uma nota d'este

mas infelizmente não nos foi possivel obtel-a. É certo porém que a emigração para o Brazil tem sido e continua a ser muito consideravel n'este e n'outros districtos,—emigração *toda espontanea*, determinada pela mira em riquezas fabulosas, que muitas vezes não passam d'um sonho, e pelo horror que o nosso povo hoje vota ao serviço militar, posto que desde 1847 gosamos as delicias da paz octaviana.

Tambem nos concelhos phylloxerados, nomeadamente nos da *Pesqueira*, *Taboaço* e *Armamar*, muitas pessoas e *muitas familias* teem emigrado nos ultimos annos por falta de meios.

No ultimo anno (1887) contava este districto de Viseu 728:148 predios inscriptos na matriz, mas este numero deve ser muito maior, porque as nossas matrizes actualmente são muito defeituosas, já pela sua imperfeita organisação, já pela nefasta influencia da politica, o que determinou o governo a proceder, como está procedendo, á revisão das matrizes *em todo o reino*.

Comprehende tambem este districto uma superficie de 497:848 hectares—e terrenos variadissimos em clima, altitude, exposição e constituição geologica, pelo que são variadissimas tambem as suas producções.

Confina ao norte com o Douro e com os districtos de Bragança, Villa Real e Porto, alem-Douro; ao sul (S. E.) com o Mondego e com os districtos da Guarda e de Coimbra alem-Mondego; a leste outra vez com o districto da Guarda—e a oeste outra vez com o districto de Coimbra e com o d'Aveiro.

Tem de comprimento maximo cerca de 140 kilometros desde os confins do concelho de Mortagua, a S. O. até os confins do concelho da Pesqueira, a N. E.—e de largura minima cerca de 40 kilometros desde a extremidade do concelho de Sernancelhe a E. —até os confins do concelho de Castro d'Ayre a O.

É um dos nossos districtos mais montanhosos e mais accidentados, e cortado por grande numero de rios, taes são o Douro, o Mondego, o Vouga, o Paiva, o Dão, o Torto, o Tavora, o Tedo, o Varosa e outros muitos rios secundarios.

Tem profundas ravinas e chãos muito ardentes nas margens d'aquelles, rios principalmente na do Douro, nos concelhos de Lamego, Armamar, Taboaço e Pesqueira, onde no verão tremem sezões os gatos as gallinhas e os cães ! ?...

Isto *é facto.*

São tambem muito ardentes as margens do Dão e do Mondego, mas em compensação tem terrenos muito altos, montanhosos e frios, onde a neve se demora no inverno e attinge sempre grande altura, [1] taes são as serras do Caramulo, S. Macario e Gralheira, as mais altas do districto,—e as de Monte do Muro, Lapa, Mezio, Poio, Sendim, Penedono, Paredes da Beira, S. Domingos, Avões, Penude, Vouzella, Castro d'Ayre, etc.

—

Todas estas montanhas são graniticas e granitico é todo o chão d'este districto, exceptuando o valle do Dão e parte dos do Mondego e Sattam, bem como a margem do Douro, desde o concelho de Lamego até á Pesqueira. Todo este terreno é schistoso e muito ardente, pelo que produz o melhor vinho do districto. O do valle do Dão é excellente para mesa; o da margem do Alto-Douro, principalmente o dos concelhos d'Armamar, Taboaço e Pesqueira é o afamado *Port Wine*, o melhor vinho do mundo ! Só tem rival—e rival *superior*—no vinho da outra margem (direita) do Alto-Douro, nos concelhos d'Alijó e Sabrosa.

Produz tambem este districto muito vinho nos outros concelhos, mas vinho de mesa muito inferior áquelle, [2] e algum de *enforcado*, rascante como o do Minho, tal é o dos concelhos de Sinfães, Rezende, Castro d'Ayre, Oliveira de Frades e Vouzella, *na parte alta dos dictos concelhos.*

Da seguinte nota, que é *official* e me foi dada muito generosamente pelo governo civil d'este districto, pode vêr-se o vinho que elle produziu no ultimo anno.

---

[1] Ella poisa tambem por vezes—*raras vezes*—em toda a margem do Douro, mas ali o desgêlo opera-se rapidamente.

[2] O concelho de Lamego tambem produz excellente vinho d'embarque.

Nota da producção do vinho do districto de Viseu no anno de 1887

Concelhos	Vinho tinto Litros	Vinho branco Litros	Total em litros
Armamar	618:500	190:700	809:200
Carregal	1.257:450	79:815	1.337:265
Castro Daire	579:900	400	580:300
Santa Comba-Dão	497:518	39:785	537:303
Fraguas	14:900	333	15:233
S. João d'Areias	353:700	4:615	358:315
Lamego	6.975:590	533:990	7.509:580
Mangualde	1.612:745	3:870	1.616:615
Moimenta da Beira	399:670	—	399:670
Mondim da Beira	771:240	212	771:452
Mortagua	369:800	19:000	388:800
Nellas	3.892:965	32:980	3.925:945
Oliveira de Frades	598:400	643:400	1.241:800
S. Pedro do Sul	386:900	713:300	1.100:200
Penalva do Castello	1.915:940	1.689:745	3.605:685
Penedono	199:990	395:918	595:908
S. João da Pesqueira	719:890	834:893	1.554:783
Rezende	412:940	675:970	1.088:910
Sattam	538:200	549:700	1.087:900
Sernancelhe	537:000	434:850	976:850
Sinfães	656:890	588:570	1.245:460
Taboaço	295:780	213:200	508:980
Tarouca	54:480	39:000	93:480
Tondella	916:845	813:471	1.730:316
Viseu	9.744:802	9.966:634	19.711:436
Vouzella	629:645	622:916	1.252:561
Total geral	34.951:680	19.092:267	54.043:947

Esta nota não será a completa expressão da verdade, mas deve approximar-se d'ella, —e advirta-se que os concelhos d'Armamar, Taboaço e Pesqueira não produzem hoje talvez a decima parte do vinho que produziam outr'ora, porque estão todos phylloxerados e teem os seus melhores vinhedos já incultos!...

O de Lamego tambem está todo phylloxerado, mas por ter chãos mais fundos, mais fortes e mais frescos, hoje todos muito bem grangeados, muito bem adubados e tractados com o sulfureto de carbone, que é o melhor insecticida contra a maldicta phylloxera, ainda produz talvez metade do vinho que outr'ora produzia.

Para evitarmos repetições, vejam-se os artigos *Villa Real de Traz-os-Montes*, tomo XI, pag. 1012, col. 2.ª e segg.;—*Villarinho de Cotas* no mesmo volume, pag. 1344 e segg.;—*Villarinho dos Freires*, pag. 1354 e segg.;—*Villarinho de S. Romão*, pag. 1373, col. 2.ª e segg.;—e *Vimeiro da Lourinhã*, no mesmo volume tambem, pag. 1437, col. 2.ª e segg.

No valle do Dão tambem já se manifestou

a phylloxera, mas em pequena escala e os seus vinhedos ainda produzem regularmente.

Produz tambem este districto muito azeite, como se vê do mappa seguinte:

Nota da producção do azeite do districto de Viseu no anno de 1887

Concelhos	Litros
Armamar	37:425
Carregal	26:400
Castro Daire	17:725
Santa Comba-Dão	5:412
Fraguas	—
S. João d'Areias	15:715
Lamego	25:600
Mangualde	537:605
Moimenta da Beira	17:999
Mondim	17:435
Mortagua	4:000
Nellas	13:228
Oliveira de Frades	985
S. Pedro do Sul	4:005
Penalva do Castello	25:780
Penedono	9:499
S. João da Pesqueira	187:995
Rezende	19:000
Sattam	5:400
Sernancelhe	4:915
Sinfães	39:312
Taboaço	45:585
Tarouca	4:417
Tondella	9:792
Viseu	25:414
Vouzella	39:005
Total	1.138:658

Este mappa é tambem official, porque me foi igualmente dado pelo ex.mo sr. governador civil d'este districto, por intermedio do sr. dr. Nicolau Pereira de Mendonça Falcão, meu bom amigo e cyreneu.

O azeite dos concelhos d'Armamar, Taboaço e Pesqueira é delicioso; talvez o melhor do districto; mas a sua producção é muito incerta, por serem muito ardentes aquelles chãos e estarem os seus olivedos carregados de *ferrugem* ha muitos annos.

No concelho de Taboaço, por exemplo, a casa dos irmãos *Macedos Pintos* tem colhido alguns annos 22 pipas d'azeite de 555 litros cada uma, mas em outros annos não colhe 6 pipas.

Tambem a grande quinta da *Aveleira*, na freguezia de Tavora, pertencente ao mesmo concelho, tem produzido 8 pipas d'azeite alguns annos—e em outros não dá uma!...

Em todo o nosso paiz e n'este districto, nomeadamente no Alto-Douro, estão muito doentes não só as videiras e as oliveiras, mas *todas as outras arvores*: larangeiras, cerdeiras, pereiras, macieiras, castanheiros, etc. etc.

A opulenta casa *Macedos Pintos*, mencionada supra, tem na villa de Taboaço grande quantidade e variedade d'arvores fructiferas, em que alguns annos apurou mais de *um conto de réis*, mas nos ultimos annos a escacez foi extrema!

Tambem na freguezia de Tavora, pertencente ao dito concelho, e que era, depois da freguezia da Penajoia, a que produzia mais e melhores cerejas em todo o nosso paiz, as cerdeiras morreram quasi todas. Replantam-nas e morrem igualmente! O mesmo succede tambem ali com as outras arvores fructiferas que povoavam aquella mimosissima parochia, inveja de todo o Alto-Douro, pois d'elle Lamego até muito alem da raia de Hespanha era a parochia que produzia mais e melhor fructa.

Escusado é dizer que tambem ali, como em todo este districto e em todo o nosso paiz,—em Coimbra, em Setubal e mesmo no Algarve,—estão muito doentes e agonisantes os pomares de larangeiras; comtudo este districto ainda produz muita fructa variadissima, inclusivamente laranjas. São deliciosas e afamadas as do valle de Besteiros e as da margem do Alto Douro, e n'este as de S. Mamede de Riba-Tua, que são as melhores de Portugal.

Nos concelhos de Lamego, Mondim da Beira e Tarouca ha tambem grande quantidade e variedade de peras e maçãs deliciosas.

—

Tambem este districto produz muita castanha, muita batata e muitos cereaes—trigo, milho, centeio, cevada e feijões,—como se vê do mappa seguinte:

Nota da producção cerealifera e leguminosa do districto de Viseu no anno de 1887

Concelhos	TRIGO Litros	MILHO Litros	CENTEIO Litros	CEVADA Litros	FEIJÃO Litros	BATATAS Litros	CASTANHAS Litros
Armamar	169:300	700:305	340:000	43:732	22:000	1.568:300	Não ha elementos para a estatistica
Carregal	119:400	1.155:760	117:800	35:870	50:690	1.115:450	
Castro Daire	140:000	2.600:130	890:840	36:772	123:780	3.815:400	
Santa Comba-Dão	25:716	563:110	77:415	24:731	24:955	899:000	
Fraguas	160:048	524:780	865:400	345	13:400	660:315	
S. João d'Areias	14:037	456:866	42 200	39:800	34:950	344:500	
Lamego	609:400	1.515:000	415:274	116:861	60:880	3 899:315	
Mangualde	55:282	2.000:900	359.813	100:200	386:075	4 114:200	
Moimenta da Beira	165:100	855:300	1.114:876	76:185	122:654	2.954:116	
Mondim	122:697	288·400	280:000	183:490	32:112	1.320:930	
Mortagua	44:300	2.181:100	850:000	39:200	42:115	1.997:300	
Nellas	13:260	1.069:200	76:955	39:536	32:666	2.759:600	
Oliveira de Frades	—	1.868:400	162:400	8:820	79:000	1.495:315	
S. Pedro do Sul	330:240	7.500:000	1 312:400	700:422	800:004	4.222:795	
Penalva do Castello	154:280	1.650:240	629:000	34:555	54:816	2.200:000	
Penedono	283:000	231:670	1.800:113	59:280	12:790	2.111:185	
S. João da Pesqueira	444:000	64:240	588:792	45:000	7:000	2.365:000	
Rezende	667:500	2.113:200	144:490	54:000	63:550	2 266:600	
Sattam	88:570	2.117:690	1.113:000	74:820	120:275	2.809:400	
Sernancelhe	157:600	434:200	634·500	53:300	30:004	1.700:415	
Sinfães	83:765	6.123:305	422:892	12:420	188:116	4.400:304	
Taboaço	79:000	106:900	240:300	15:000	22:225	1 566:615	
Tarouca	53:765	673:490	179:900	36:440	40:704	1.008:990	
Tondella	111:544	3.673:400	337:405	50:900	230:115	4 333:750	
Viseu	1 136:855	4.444:300	2 225:800	1.000:000	369:994	6.299:700	
Vouzella	23:564	2.489:660	349:115	17:495	552:412	1.612:314	
Total	5.252:223	47.302:546	15.570:680	2.899:174	3.517:282	63.840:809	

Este mappa tem o mesmo caracter *official* dos mappas anteriores, porque me foi tambem dado pelo muito digno governador civil d'este districto, por intermedio do sr. dr. Nicolau Pereira de Mendonça, meu bom amigo e cyreneu. Recebam pois um e outro o testemunho da minha cordeal gratidão.

—

É notavel n'este districto a freguezia da *Penajoia*,—minha terra natal,—pertencente ao concelho de Lamego e denominada *terra das cerejas*, porque alem de ser a freguezia rural mais vasta e mais populosa d'aquelle concelho e uma das mais vastas e mais populosas d'este districto,[1] é a que produz maior quantidade de cerejas e mais temporãs em todo o nosso paiz.

Tambem produz muitas laranjas, peras, maçãs, damascos, figos, pecegos e outra muita fructa variadissima, da melhor do Douro, e muito azeite, cereaes, castanhas e vinho, pois é desde tempos remotos o vinho a sua principal producção.

Já em 1532 ella produzia 1:600 almudes d'azeite, 7:000 alqueires de pão, 20:000 almudes de vinho e 25:000 alqueires de castanhas,—segundo se lê na *Descripção do terreno em volta de Lamego duas legoas*, pelo conego tercenario Ruy Fernandes[2] Ainda em 1840 ella produziu 1884 pipas de vinho de 555 litros cada uma,—e nunca esteve tão bem cultivada como hoje.

Do exposto se vê que a tal Penájoia, *terra das cerejas,* alguma coisa produz mais do que cerejas!...

V. *Corvaceira* e *Peaajoia* n'este diccionario e no supplemento.

—

Produz tambem este districto muita baga de sabugueiro, principalmente nos concelhos de Lamego, Armamar e Taboaço. Tambem não pude obter nota estatistica d'esta producção, mas tem bastante importancia, porque só aquelles 3 concelhos devem produzir cerca de 20:000 rasas de baga, baga excellente para tinturaria e para dar côr ao vinho tanto nacional como estrangeiro, pelo que se exporta em grande quantidade pela Regoa e pelo Porto, pois só no Douro se cultiva em grande escala nos terrenos mais mimosos, mais fundos, mais frescos e regadios. Em terreno delgado e ardente ninguem plante sabugueiros, porque serão sempre rachiticos, emquanto que nos chãos fortes e frescos, adubados e regadios, crescem espantosamente, rapidamente, chegando a medir no tronco mais de um metro de circumferencia e a produzir por anno 3 a 4 rasas de 15 litros cada uma, vendendo-se a rasa por 4$000 réis alguns annos.

Só a villa e freguezia de Taboaço já tem apurado mais de *quinze contos de réis* em baga por anno—e todo o concelho de Taboaço mais de *vinte contos!*... Só a opulenta familia *Macedos Pintos* no ultimo anno apurou cerca de 1:500$000 réis em baga.

Tambem produz muita baga n'aquelle concelho a freguezia de Tavora. Sabemos que o parocho em um dos ultimos annos apurou na baga do passal mais de 900$000 réis[1] e ha n'aquella freguezia um proprietario que espera colher mais de 1:500 rasas por anno. É o meu bom amigo Adriano d'Azevedo Mesquita Pimentel, de Riodades, dono da grande quinta da *Aveleira*, que foi dos marquezes de Tavora desde que os seus ascendentes a conquistaram aos mouros, bem como toda aquella freguezia e as freguezias circumvisinhas. Trucidados os dictos marquezes em 1759 (V. *Chão Salgado*) passou a mencionada quinta para J. Antonio Salter de

---

[1] Tem cerca de 6 kilometros de leste a oeste e conta approximadamente 750 fogos e 3:200 habitantes.

[2] *Ineditos da Hist. de Port.*, tomo V, pag. 549.

[1] O passal de Tavora tinha campos fertilissimos e mimosissimos, foram porem postos em hasta publica pela lei da desamortisação e arrematou-os já est'anno de 1888 um filho d'aquella parochia e juiz de direito—dr. Manoel de Barros Nobre, a quem hoje pertencem.

V. *Tavora* n'este diccionario e no supplemento.

O preço da baga é muito incerto.

Por vezes no mesmo anno baixa de 4$000 réis a 2$000 réis. Actualmente regula por 1$500 réis.

Mendonça; no meado d'este seculo comprou-a o doutor e depois desembargador da relação do Porto Joaquim Machado Ferreira Brandão: d'este passou para um dos seus herdeiros e cunhado Sebastião Pinto Moreira, do Porto, a quem a comprou em 1887 o dono actual.

É o maior predio d'aquelle concelho e um dos maiores d'este districto. Tem chãos muito ardentes, proprios só para vinha e olival, mas tem outros muito mimosos, muito ferteis e regadios e passa pelo meio da grande quinta o rio Tavora.

Tambem produzem muita baga de sabugueiro as freguezias de Penajoia, Cambres, Sande e Valdigem, no concelho de Lamego.

—

Produz tambem *hoje* este districto algum tabaco n'aquelles 3 concelhos, principalmente na freguezia da *Ervedosa*, concelho da Pesqueira, e, se este ramo de cultura der o resultado que se espera (ainda está em ensaios) attingirá grande importancia.

O nosso governo, a instancias de alguns lavradores do Douro, nomeadamente do sr. barão das Lages, permittiu como ensaio a cultura da nicoceana em 10:000 hectares dos terrenos phylloxerados d'aquella região —e os ensaios já feitos são promettedores! É de optima qualidade o tabaco e desenvolve-se admiravelmente mesmo nas terras mais seccas do Alto-Douro. Na Ervedosa, por exemplo, attingem um metro e mais de comprimento as folhas da tal nicoceana.

Para evitarmos repetições, vejam-se os artigos *Villa Real de Traz-os-Montes*, tomo XI, pag. 1012, col. 2.ª e segg.,—*Villarinho de Cotas* e *Villarinho de S. Romão*.

—

Tambem este districto de Viseu outr'ora produziu muito sumagre nos terrenos ardentissimos da margem do Alto Douro, pertencentes aos concelhos de Lamego, Armamar, Taboaço e Pesqueira, mas, depois que ali se desenvolveu e generalisou a cultura da vinha, os sumagraes desappareceram.

Nós herdámos dos mouros aquella industria, como se vê de antigos documentos, nomeadamente do velho tombo do passal de Tavora, concelho de Taboaço,—tombo que se refere aos principios da nossa monarchia e onde se descrevem muitos *sumagraes*[1]. Tambem ainda nos principios do seculo XVI, como se vê da *Descripção do terreno em volta de Lamego duas legoas*, escripta pelo conego tercenario Ruy Fernandes em 1532,[2] se faz menção do sumagre, como producção importante n'aquelle concelho. A pag. 552, por exemplo, diz o auctor que só a quinta de *Mosteirô*,[3] que então era dos frades de S. João de Tarouca, produzia *800 arrobas* de sumagre por anno,—alem de 15 a 16 mil almudes de vinho, 2:500 almudes d'azeite em anno de safra; 1:000 alqueires de pão, 600 alqueires de castanhas, 300 alqueires de legumes, 300 cargas de cerejas e 500 cargas d'outras fructas.

Era e é uma quinta soberba!

V. *Cambres* n'este diccionario e no supplemento.

Do exposto se vê que foi muito antiga e de certa importancia no Alto-Douro a industria do cultivo e preparação do sumagre para cortumes e tinturaria, mas hoje aquella industria apenas se exerce em Villa Nova de Foscôa, tambem no Alto-Douro, mas já no districto da Guarda.

V. *Villa Nova de Foscôa*, tomo XI, pag. 840, col. 1.ª e segg.

—

Tambem n'este districto é importante a creação de gado de differentes especies. Em 1870 (não nos foi possivel obter nota posterior?!...) segundo se lê no *Recenseamento geral dos gados*, publicado em 1873, contava

---

[1] Em 1861 a 1863 ainda existia no archivo parochial da mencionada freguezia uma copia d'aquelle tombo, copia que nós vimos e lemos muitas vezes, quando eramos ali parocho.

[2] *Ineditos da Hist. Port.* tomo 5.º pag. 546 a 612.

[3] Pertence á freguezia de Cambres e foi do convento de S. João de Tarouca até 1834; depois passou para o padre José Mendes, de Cambres, e d'este para os *Fragateiros*, negociantes do Porto, aos quaes ainda hoje pertence, bem como outras quintas comvisinhas, entre ellas a do *Cobouco*, em frente da Regoa, quinta que foi dos viscondes de Balsemão.

este districto de Viseu a população pecuaria seguinte:

Muar	1:610	cabeças
Cavallar	3:440	»
Asinino	4:074	»
Bovino	29:151	»
Caprino	59:788	»
Suino	61:366	»
Lanigero	258:668	»
Total	418:097	»

Produz tambem este districto bastante lã, toda ordinaria (a melhor lã de Portugal é a do Alemtejo);—manteiga de puro leite de vacca, muito soffrivel, embora preparada estupidamente por systemas rotineiros antiquissimos,—e bastante queijo. O melhor d'este districto é o dos concelhos de Fornos de Algodres, Mangualde, Tondella e Nellas, tambem preparado de um modo muito rudimentar, mas ainda assim vende-se no Porto e em Coimbra como queijo da Serra da Estrella, que é o melhor de Portugal, embora o dos mencionados concelhos seja muito inferior áquelle, pois apenas vê de longe a dicta serra.

Contribuições

No ultimo anno (1887) todo este districto de Viseu pagou as contribuições seguintes:

Sumptuaria	4:720$587
Verba do sello	8:438$447
Districtal	17:151$890
Decima de juros	25:405$327
Industrial	40:542$135
Real d'agua	58.553$883
Predial	156:763$690
Municipal	223:392$718
Total	534:968$677

Não nos foi possivel obter a cifra das contribuições parochiaes,—cifra hoje importante, porque as juntas de parochia teem a seu cargo muitas despezas.

Ainda o districto

Merecem especial menção n'este districto os bois denominados *paivotos*, por serem criados nas margens do Paiva e no concelho de S. Pedro do Sul.

São vermelhos de côr e medianos de armação e de corpo, mas bem proporcionados, elegantes, muito leaes e *muitissimo valentes*! Que o diga quem já os visse como nós milhares de vezes temos visto alando ou guindando os barcos do Douro com sirgas por caminho de cabras. Mesmo nos *pontos* e no inverno só duas juntas de bois guindam contra a corrente os maiores barcos do Douro carregados. Os pobres bois vão comprimidos como um caracol; por vezes estala uma das sirgas, mas a outra junta não cede e, tendo chão onde firmar-se, sustenta ella sósinha o barco, não estalando a sirga.

A alagem dos barcos rabellos é muitissimo violenta e perigosa, e n'ella só se empregam os taes boisinhos, Os *mirandezes* e *barrosões* são muito valentes, mas não se prestam a semelhante serviço, por serem mais corpulentos e não poderem mover-se e trabalhar nos taes caminhos das sirgas, que são uns despenhadeiros perigosissimos, alcandorados sobre o Douro.

Os bois da Figueira são ainda mais pequenos do que os *paivotos*, mais doceis, e trabalham muito bem na lavoura e na conducção de pipas, mas, se os mettessem na alagem dos barcos rabellos, dez juntas não fariam o serviço de duas dos taes *paivotos* —e por vezes iriam todos de mergulho ter ao Douro!...

—

Tambem é deliciosa a carne dos taes boisinhos, principalmente das vitellas do antigo concelho de *Lafões*, hoje representado pelos de S. Pedro do Sul e Vouzella.

Tambem é deliciosa a carne de porco n'este districto, principalmente no concelho de Lamego e nos limitrophes, onde a ceva é feita quasi exclusivamente com castanhas.

Desde tempo immemorial gosam de justa fama os *presuntos de Lamego*.

Tambem ali, como em toda esta provincia

e na de Traz-os-Montes, são deliciosos os leitões, assados sobre brasas vivas, com recheio. Na antiga cosinha portugueza poucos pratos haverá tão saborosos.

Tambem n'este districto ha peixe delicioso:—no Douro lampreias, saveis e mugens; nos rios do interior, nomeadamente no Paiva, trutas, bogas e ciroses.

Ha tambem n'este districto muita caça miuda:—lebres, coelhos e perdises. A caça grossa desappareceu com a cultura das brenhas. Apenas no inverno se encontram alguns lobos na falda das serranias, mas tão pacatos e attenciosos que ordinariamente não agridem ninguem—e, apenas se opera o desgêlo, sobem para as montanhas e por lá se conservam quasi todo o anno.

Quinta regional e Eschola agricola

Este districto teve uma *Quinta regional*, montada primeiramente em um predio de renda no local do *Viso*, arrabaldes de Viseu, e depois em um predio proprio que a junta geral comprou por 14:000$000 de réis em 1884 a José Antonio da Silva, junto da Carreira dos Carvalhos, e que ficou sendo propriedade do districto.

Não tinha officinas algumas. Apenas alí se ensaiava a cultura propria da localidade, creação e engorda de gados, etc. para o que tinha 2 postos hypicos com 2 cavallos, 2 touros e 1 jumento.

O seu pessoal permanente reduzia-se a um feitor, 4 criados e numero incerto de jornaleiros, sob a inspecção e direcção do agronomo districtal e do intendente de pecuaria.

A despeza regulava por 2:200$000 réis por anno—e tambem tinha um observatorio meteorologico, mas no ultimo anno a mencionada quinta foi transformada pelo governo em *Escola agricola*, d'accordo com a junta geral.

Minas

Ha n'este districto, nomeadamente no concelho de Viseu, muitos jasigos de differentes minerios, quasi todos por explorar ainda. Para não fatigarmos os leitores, mencionaremos apenas os jazigos do concelho de Viseu, indicando as freguezias, aldeias e sitios onde demoram:

Abravezes:—No monte de Santa Luzia, limite de Paschoal: manganez.

Barreiros:—Corga e Lameiras do Val, limite da Matta; Santa Forna e Gervasinha, limite de Brufe: barro para telha e para louça fina.

Boa Aldêa:—Forno da telha, estanho; Outeiro de Santo André, estanho; Feiteira e Valles, baldio: estanho e wolfram.

Bodiosa:—Insuas, vinha do Alqueve e Cabrão, limite de Bodiosa a Nova: estanho e prata; Matta do Pinhal, limite de Aval: estanho.

Calde:—Cruzinha do Villar e Valle de Lobo, limite de Povoa de Lourenço Paes: estanho.

Cavernães:—Barroqueiras, Corgas e Lapa, limite de Passos: galena de chumbo, chumbo e prata.

Couto de Baixo:—Tapada do Carqueijo, aos Cantarinhos, limite de Villa Nova: chumbo e estanho; Valle Gordo, maninho, limite de S. Cosmado: chumbo; Outeiro da Vinha do Mouro, limite da Portella: chumbo e estanho; Outeiro da Covella, limite do Couto de Baixo: idem, idem.

Couto de Cima:—Felgueira, pinhal, estanho; Galypo: chumbo.

Fragosella:—Monte de Cima : feldspatho ou kaolino.

Lordosa:—Ramalhal, limite de Passô; Outeiro da Portella, limite Gallifonge; Salgueirinho á pedra Pousadoira e Carregal, Ribeiro da Corga, maninho; Castro, maninho municipal: chumbo, cobre, estanho e prata.

Oriental:—Quintal da casa do Arco: carvão de pedra.

Povolide:—Monte da Cerca, limite de Crestello: cobre; Esfolhada, limite de Nesprido: estanho e ferro.

Ribafeita:—Terras do Outeiro, limite de Lustoza; Gayo, limite de Ribafeita; Fecha, maninho municipal, limite de Seganhos : chumbo e estanho.

Rio de Loba:—Viso: chumbo e prata.

S. Cypriano: — Marialva, á Valla do

Mendes, limite de Ferrocinto: pyrite cuprico.

S. Salvador:—Em Paradinha, proximo da Quinta de Antonio de Albuquerque de Amaral Cardoso: estanho.

Torredeita:—Valle Escuro, limite de Routar; Soûto, Villa de Um Santo, limite de Cotta; Outeiro da Cabeça da Roza, limite de Villa Chã do Monte; Castanheiro, limite de Routar; Pinhal da Tapada do Carqueijal, Maninho de Villa Chã do Monte: chumbo; estanho, cobre e prata.

—

No meado do seculo XVII ainda n'este concelho se exploravam minas de estanho, por que o dr. Manuel Botelho Ribeiro diz textualmente o seguinte: [1]

«Pois dos metaes que direis do estanho, que nella (na cidade ou no concelho de Viseu) se tira, em quantidade muito, e em bondade finissimo, de que El Rei tira muito proveito, e renda? O barro de Mollelos bem lavrado he o mais cheiroso e fresco que se pode achar, assi para beber, como para todo o serviço.»

Não diz o local onde n'aquelle tempo (1630-1636) se exploravam as taes minas de estanho.

Em *Mollelos* ainda hoje se fabrica muita louça e muito estimada, que exportam para Lamego, Aveiro, Coimbra e Porto.

É conhecida por louça de *Mollelos* ou *louça preta*, porque o dicto barro, depois de cosido, toma côr bastante escura.

Esta louça é muito leve,—dá bom sabor á agua—e não estala com o fogo, pelo que é preferida para certãs, frigideiras, alguidares, cassarolas etc.

Tambem fazem da dicta louça canecas muito caprichosas para agua, sendo algumas rendadas e *de segredo*, com asas e bordos vãos por dentro. Note-se porem que a freguezia de Mollelos não pertence ao concelho de Viseu, mas ao de Tondella.

—

Ha tambem n'este districto muitos jasigos de ferro, todos por explorar, taes são os do *Castello dos Mouros* e do *Espigão da Serra* na freguezia da Penajoia, concelho de Lamego,—e ha tambem 3 minas de chumbo argentifero em exploração,—uma em Varzea de Trovões, concelho da Pesqueira,—outra em *Adorigo*, concelho de Taboaço,—e outra em *Abragão*, freguezia de Santa Leocadia, no mesmo concelho.

Tambem na *Foz do Tavora*, freguezia de Valença do Douro, concelho da Pesqueira, ha outra mina de chumbo argentifero, que em 1860 a 1874 foi explorada por Ladislau Zarzechi, distincto cavalheiro e engenheiro de minas, filho da Polonia e que viveu muitos annos como emigrado em Portugal, até que falleceu approximadamente em 1880 no Alemtejo, estando empregado nas celebres *Minas de S. Domingos*.

Tambem elle registrou e principiou a explorar outras minas de chumbo argentifero na margem esquerda do Tedo e do Tavora, e na povoação de *Donello*, freguezia de Covas do Douro, mas teve de suspender a lavra de todas por falta de capital!...

V. *Cavas do Douro*, tomo 2.º pag. 428 col. 1.ª *in principio*; *Monte Coxo*, tomo 5.º pag. 472, col. 2.ª;—*Tavora*, rio, vol. 9.º pag. 515, col. 1.ª,—e *Varzea de Trovões*, tomo 10.º pag. 239, col. 1.ª

Linho

Desde tempos muito remotos se colheu e fabricou n'este districto grande quantidade de linho.

Já em 1630 a 1636 o dr. Botelho (*Dialogo 1.º cap. 7.º*) fallando da cidade de Viseu, disse textualmente o seguinte:

«De panos, especial de linho, concorrem a ella tantos ao mercado que se faz todas as primeiras terças feiras dos mezes, que provê muita parte de Castella, e Alemtejo, para onde levão mercadores, que a ella vem só a isso.» E cem annos antes (em 1532) na sua interessante *Descripção do terreno em roda de Lamego duas legoas* disse Ruy Fernandes:

«Item outro sy ha por soma no dito compasso, de linho, a saber: pano de linho, que

[1] *Dialogo 1.º*, cap. 7.º pag. 50 no codice de Girabolhos.

se faz nestas duas legoas, de dizimo (*só de dizimo!*) dezoito mil varas, de maneira, que se colhem no dito compasso, e se fiam *cento e oitenta mil varas*, ...entre o qual he pano de linho, e estopa, e *trez* (?), e haa estopa que se vende a 12, 14, 15 réis até 20, e o pano de linho de 15 até cento, e cento e vinte a vara, e vende-se este pano a mercadores, e vay pera castella muita soma, e pera lixboa, e pera alemtejo, e pera o algarve, e pera as ilhas, e outro se gasta na terra, e fitas em peças. [1]

....

....atée agora (1532) se comia n'esta cidade (Lamego) oitocentos mil réis de lonas, que se faziam pera el rei nosso senhor, que saya das sisas do dito compasso, e se repartia por fiadeiras, e tascadeiras, e dobadeiras todo pollo meudo, que he regateiras, e passadeiras, até os presos nisto ganhavam de comer em debar, e almocreves em carretos, e homens pobres que não tinham officios aprenderam a tecelões das ditas lonas, com que atée agora se mantinha [2].

....

«Item ha outro trato delrrei nosso senhor de bordates, que se soiam a trazer de frança, e agora se fazem na dita cidade (Lamego) e cercohito, que he muito bom pera a dita terra; porque na dita cidade he cercohito haverá *duas mil tecedeiras de panno de linho, e de estopa*, as quaes tecem aqui os ditos bordates; e está aqui na casa da dita feitoria hum fermoso bronhidor dos bordates, e pressas monstruosas pera vêr andar, e assi ha 2 pisões,... em o qual se fazem tambem *bacaxiis*, e *fustões*...» [3]

—

Do exposto se vê que no meádo do seculo XVI a industria da tecelagem do linho e da estopa foi muito importante n'este districto, nomeadamente em Lamego; onde havia uma fabrica real de *lonas*, talvez para velas dos navios,—*bordates*, *bacaxiis* ou *bocaxins* [1] (tela encerada) e *fustões*,—fabrica de que hoje não ha outra memoria, alem da que deixou o mencionado Ruy Fernandes, que ao tempo era *tratador* ou director da dicta fabrica.

Não sabemos o que eram os taes *bordates* de linho, que costumavam vir de França. Talvez fossem toalhas, guardanapos e cobertas ou colchas bordadas no tear, pois ainda hoje em volta de Lamego e n'outros pontos do nosso paiz, nomeadamente em *Amalaguez*, freguezia do concelho de Coimbra, se tecem guardanapos, toalhas e colchas de linho, ou de linho e algodão, com ornatos muito caprichosos, tudo feito á mão em teares de systema antiquissimo.

Tambem na provincia de Traz-os-Montes, nomeadamente na freguezia de *Urrôs*, se fazem colchas muito bonitas de linho, lã e *barbilho* (seda grossa) de cores e desenhos variados.

O algodão tem affrontado muito a industria do linho, principalmente nas grandes cidades, mas n'este districto e nos outros a N. do nosso paiz ainda o linho é muito estimado e cultivado em grande escala. Usa-se com preferencia ao algodão para camisas, ceroulas e roupa de cama. É mesmo um timbre nas casas abastadas terem duzias e duzias de lençoes e *rolos* (teias inteiras) de linho.

Seda

Tambem outr'ora produziu muita seda este districto.

Em 1532 só no terreno em volta de Lamego duas leguas se colheram 50:000 onças.

«Item se colhe no dito compasso de dizimo, a saber: de sêda cinquo mil onças, assi que se colhe cincoenta mil onças. A qual seda se gasta parte dela em esta cidade (Lamego) e tarouca, em veludos, çatiis (setins) tafetás e toucaria; e a mais vae pera fora. [2]»

Produzia pois este districto no meado do

---

[1] *Ineditos de Hist. Port.* tomo 5.º pag. 555
[2] *Ibid.* pag. 558.
[3] *Ibid.* pag. 589.

[1] *Bocaxim.* Tella engommada, para entrelar vestidos, mais forte e basta, que a Olandilha. Diccionario de Moraes, 6.ª edição.
[2] *Ruy Fernandes*, loc. cit. pag. 555.

seculo XVI muita seda e tinha em Lamego e Tarouca fabricas de veludo, setim, tafetá e toucaria,—fabricas de que não ha memoria, pois ha muito que a industria da seda decahiu entre nós; mas ainda em varios pontos d'este districto, nomeadamente nas freguezias de Samodães e Penajoia, concelho de Lamego, e na de Tavora, concelho de Taboaço, se vêem amoreiras seculares, magestosas!

Tambem no meado d'este seculo os francezes, hespanhoes e italianos vieram a Portugal comprar casulo para semente e deixaram muito dinheiro n'este districto e no de Bragança. Foi o ultimo impulso que teve entre nós a creação do sirgo, mas rapidamente amorteceu.

V. *Rua*, tomo 8.º pag. 253, col. 2.ª e segg.

Madeira

Houve tambem n'este districto grande abundancia de excellente madeira de castanho para canstrucções de toda a ordem, principalmente nos concelhos de Sinfães, Rezende, Lamego, Tarouca, Mondim, Armamar e Taboaço.

Era trivialissimo ver castanheiros magestosos e casas com madeira toda de castanho: —soalhos, forros, janellas, portas, traves, armação e mobilia, inclusivamente grandes arcas, com taboas enormes, formando uma só taboa cada face; e os forros eram por vezes obras d'arte de grande custo, ainda hoje muito estimados; mas ha muito que os castanheiros adoeceram e outros foram arrancados para novas culturas, pelo que a madeira de castanho rareou muito e já não se encontra sã como outr'ora.

Para se formar ideia do que foram os castanheiros d'este districto no meado do seculo XVI, leia-se o que diz Ruy Fernandes, loc. cit. pag. 611, fallando do terreno em volta de Lamego :

«Ha mais n'este cercohito madeira de castanho a mais formosa que ha em todo o Reino, e a maiór parte déla se carrega para lixboa, e para outras partes: ha tavoado que he mais formoso, que bórdo, e val hua duzia de tavoado de doze palmos em comprido, e dous em largo, 150 e 160 réis; ha muitos e mui formosos mastos de castinheiro de 15, 16 e 17 *braças* (?!...) que estãm onde se podem carregar no Douro pera o Porto, e dahi pera outras partes, e os que estam mais ao sertão se faz delles madeira, e ha muito tavoado, de *quatro, cinquo palmos em largo.*»

Eram tambem de castanho todos os toneis do Douro, inclusivamente os maiores, de 40 a 60 pipas.[1] Os da nossa provincia da Estremadura são quasi todos de pinho. Apenas alguns teem tampos de castanho importados do Zezere e do Porto, ou do Douro, porque a Estremadura não tem soutos de castanheiros.

Fecharemos este topico transcrevendo o que Ruy Fernandes loc. cit. pag. 553 e 554, fallando do terreno em volta de Lamego, disse em 1532 da producção das

Castanhas

«Item coma a castanha (refere-se ao circuito das 2 leguas em volta d'aquella cidade) de dizimos 47:660 alqueires, de maneira que somão as que se colhem na terra 476:600 alqueires! A qual castanha muita della se enterra, e se vende na coresma, e outras secam, e a picão, que chamão *castanha picada.* Desta castanha picada se faz grande carregação pollo douro pera lixboa, e pera o algarve, e pera as Ilhas; e quando o anno he esterle, os homes pobres moem a dita castanha, e fazem della pão, e he muito fartum e muito doce, que chamam falacha;[2] e de outra castanha verde cascada cevam muitos e mui formosos porcos das mais saborosas carnes, que ha em todo o Regno. O preço desta castanha verde em anno de bonança a tres e a quatro centos réis o alqueire da rebor-

---

[1] No Douro nunca houve toneis de maior lotação, mas hoje na cidade da Figueira uma companhia franceza tem toneis de 100 a 200 pipas, cada um, todos de pinho, e em Barcelona ha toneis de 500 pipas?!...

[2] Ainda hoje (1888) ali se usam as taes falachas, não como alimento ordinario, mas por mimo.

dam [1] e da longal a 5 e a 6 *polla medida grande desta terra;* e a da picada a 20, e a 25, e a 30 o alqueire. E no tempo della todollos caminhos e estradas sam cobertas, e pollas nom poderem apanhar trazem os porcos pollos soutos, que as comam; e todollos caminhantes, e pessoas que passam fazem magustos, sem lhe ser defesso; e ha castinheiros muitos que dão 60 alqueires de castanha, e ha destes muitos; e ha castinheiro que debaixo delle se colheram 300 homes á sombra.»

Ainda hoje mesmo em Lamego, junto do santuario de Nossa Senhora dos Remedios, ha um castanheiro que tem de circumferencia no tronco *mais de nove metros;* mas em Traz-os-Montes ha troncos de castanheiro com 12 metros de circumferencia!...

V. *Vinhaes,* tomo XI, pag. 1492, col. 2.ª *in-fine.*

AINDA O DISTRICTO

Viação romana

É certo que os romanos habitaram durante seculos este districto e n'elle tiveram cidades e povoações importantes, taes foram Viseu, Caria, Lamego ou a velha *Lama* ou *Lameca,* Lamas do Molledo, Murqueira, junto de Castendo, e Bobadella [2] a S. e não longe de Viseu, mas já no concelho de Oliveira do Hospital, districto de Coimbra. Deviam pois ter tambem estradas n'este districto de Viseu para o movimento dos seus exercitos e serviço d'aquellas e d'outras povoações, mas, tendo-se encontrado muitos cippos e muitas lapides com inscripções romanas, até hoje (1888) ainda não se encontrou nem registou (que eu saiba) um unico marco milliar n'este districto e n'esta provincia—nem vestigio algum *authentico* das estradas do povo-rei. Apenas o meu antecessor quando fallou de *Caria* (tomo II pag. 109) apontou duas lapides a modo de marcos milliares, mas muito differentes dos que se vêem reunidos no *Campo das Carvalheiras* em Braga.

Tambem elle e Viterbo *loc. cit.* suppozeram—e nós igualmente suppomos—que por ali passou alguma estrada romana, [1] mas é sensivel a falta de *padrões* ou marcos milliares, o que nos leva a crer que os romanos não tinham n'este districto e n'esta provincia estradas de 1.ª ordem, mas sómente de 2.ª, 3.ª, 4.ª e 5.ª, algumas das quaes *nem eram calçadas de pedra,* como já dissemos no artigo *Villa Real* de Traz-os-Montes, *loc. cit.*

Com relação ás estradas romanas d'este districto é muito interessante o que disse Botelho em 1630 (*Dialogo 1.º* cap. 16) tomando por thema uma celebre inscripção que se encontra na aldeia de *Lamas,* freguezia do *Molledo,* hoje concelho de Castro d'Ayre, entre os rios Vouga e Paiva, cerca de 22 kilometros a N. de Viseu.

É uma inscripção verdadeiramente enigmatica e que até hoje ninguem decifrou satisfatoriamente, posto que Botelho a copiou e estudou;—foi tambem estudada pelo distinctissimo antiquario Fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, que não se atreveu a dizer d'ella coisa alguma,—e pelo sabio conego J. d'Oliveira Berardo, que lhe dedicou uma *Memoria* especial. [2]

Tambem o meu antecessor no artigo *Molledo,* tomo V, pag. 372, col. 2.ª, mencionou a tal inscripção, limitando-se a dizer que era

---

[1] Aqui provavelmente houve erro de copia. Suppomos que no original estaria—3 a 4 réis o alqueire,—salvo se a tal *medida grande* de Lamego *in illo tempore* fosse como é hoje ainda a do sal na Regoa,—uma enormidade!

[2] Vejam-se n'este diccionario os artigos correspondentes.

Referimo-nos aos nomes actuaes, porque se ignoram os que tiveram as mencionadas povoações no tempo dos romanos.

[1] V. *Villa Jusã,* tomo XI, pag. 768; *Villa Marim* no mesmo vol. pag. 782, col. 2.ª; *Villa Pouca d'Aguiar,* no mesmo vol. pag. 903, col. 1.ª e 905, col. 2.ª,—e *Villa Real* no mesmo volume tambem, pag. 1018.

[2] *Memoria sobre algumas inscripções encontradas no districto de Viseu,* Lisboa, 1857, fol. de 12 pag.

Tambem foi publicada nas *Memorias da Acad. R. das Sciencias, Nova serie,* tomo 2.º parte 2.ª

dedicada a *Proserpina Servatrix* e a outras divindades!...

Botelho apenas viu n'ella a indicação de *muitas estradas e muitos municipios romanos*—e Berardo não viu n'ella indicação de *divindades* nem de *municipios* nem de *estradas romanas*, mas sómente os limites da parochia e diocese de *Caliabria*!...

Isto é realmente curioso.

Vejamos primeiramente o que disse Botelho.

—

Estranha que Ptolomeu faça menção de *Laconimurgi* (*que he Lamego*—diz elle) a 8 leguas de Viseu para o norte, e não mencione «outros lugares, e *municipios romanos* de que não teve noticia, e *nós a temos* (?) de hum letreiro que está em hum penedo no lugar de *Lamas*, freguezia de Molledo, concelho (então) de Mões, que diz assi:

RVFINV ET
TIRO SCRIP
SERVNT.
VIE AMINICO. RI
DENTI.
ANCO. M.
LAMATICO
C. RO. V. C. EA. I. MAGA
REAICOI. PETRAVIO. LI.
ADO M. PORCOMJO. V. E. A. I.
CALELOBRICO I.

«Quer dizer—continua Botelho:—*Rufino, e Tiro escreverão isto*: *daqui se seguem caminhos para os municipios Amonico, Riduenti, Anco, e Lamatico. De fronte daqui tomão os Romanos este caminho para Anco* (*que he Villa Cova*) *e para Lamego, que adeante se segue no cume da Maga. Tambem se segue caminho para os municipios Petravio, Liado. e Porcomio, e este tomão os Romanos adeante no cume caleobrico.*»

Botelho era bastante illustrado e versado em antiguidades e epigraphia, mas, se os leitores compararem esta lição com a de Berardo *infra*, verão que um dos dois (*ou talvez ambos!...*) foi muito infeliz n'este ponto.

Continua Botelho: «Este (cume caliobrico) he o outeiro de S. Lourenço, e deixando á mão esquerda o caminho de Villa Cova a velha, e de Lamego.

«Todos estes lugares (os que *elle viu*) na celebre inscripção supra) são *municipios romanos*, e não achamos em A. algum fazer menção d'elles. O mesmo esquecimento tiverão com a nossa cidade de Viseu. Tambem ha fama, que havia antigamente huma ponte junto ao monte, onde está a Igreja de Pinho, onde estava a villa povoada dos Romanos, de que atraz fallamos, que devia chamar-se *Touco Andani*, como diz o letreiro já referido (?); do qual lugar, e dos mais da ribeira do Vouga, onde os Romanos tinhão (?) presidios, como era *Oscella*, e outros, devia haver estradas para se communicarem, e passarem os exercitos, quando era necessario; e no lugar de *Lomba* se veem inda os vestigios de huma estrada que devia ir d'alguma destas partes, e passando pelo alto do monte de *S. Magaio* ou *S. Macario*, desce para o rio Paiva por huma ladeira, e costa mui ingreme, mas com tantas voltas, que sem trabalho se podia por ella caminhar, como por hum plano, e passando o rio, encaminhava para a villa d'Alvarenga, e para as partes do Douro, livre de maiores subidas, e descidas, de neves e frios das altas serras, que em ambas as partes d'esta estrada ficão, como são de huma parte o *S. Magaio* com sua rocha, e da outra o *Monte do Muro*, alem do Paiva, cujo mais alto cume se chama hoje *Parnaval*, quasi igual naquella parte na altura do monte *Narval* ou *Navaso*, que he o S. *Magaio*. e sua rocha, dos quaes faz menção o dr. Brito,[1] quando diz por authoridade de Santo Isidoro, que quiz passar Gunderico, rei dos Vandalos, quando Hermenerico, rei dos Suevos, acudio a lhe tomar o passo, e lhe resistio tão valorosamente, que o vandalo desistio da empresa, posto que elle, nem Morales atinarão qual este monte, e passo fosse.

—

«Outra estrada *principal* (?) dos exercitos romanos sobia da ponte, e ribeira do Vou-

---

[1] *Monarch. Lusit.* parte 2.ª L. 6.º cap. 5.º fl. 156.

ga, e carregando á mão *direita* (?) até Pindello e Lamas, onde está o letreiro, passando até Lamego. Diz o Chantre da Sé de Coimbra D. Jorge de Castro, que foi abbade de *Moens*, pessoa mui grave, que todos estes passos, e letreiros vio, que *Anco* era *Covello* ou *Villa Cova a Velha,*[1] *Armonico, Moens; Lamatico,* Lamego,—se assim he; e que o lettreiro não entende o mesmo lugar de *Lamas*.

«Tambem aqui errou Claudio Ptolomeu na sua Geographia[2], pois fez de *Luconimurgi* e de *Lamas* 2 cidades differentes, sendo huma *só* (?) que teve estes nomes em diversos tempos, como se collige do Bispo Gerundense (L. 1.º) quando lamenta a destruição de *Lamaceno*, que he Lamego, chamada *Laconimurgi*, como consta da *Monarch. Lusit.* Par-1.ª L. 2.º capitulo 7.º—e Parte 2.ª L. 5.º capitulo 11.

«O lugar de *Lamas* certo he que foi povoação dos romanos, como se vê das sepulturas, que ali deixarão, e tinha muro, e seu nome ainda hoje se conserva em hum letreiro que está em hum curral de gado, que diz assi, achado no mesmo lugar de *Lamas*:

GAAIA
PISIRI F.
AN. XXV
H. S. E. S. T. T. L.

«Quer diser: *Gaia, fez este sepulchro a Pisires, que morreu no anno 25 de sua idade: seja-te a terra leve.*[3]

«No mesmo logar de *Lamas* em huma pedra, que serve de torsa de huma casa, está outro letreiro romano, que diz assi; mas com letras gastadas:

C MA I...
AINO...
GINMIE
ANN III
LONG.
EIAC
AMALI
MATER
E. C.[1]

«Quer dizer: Este sepulcro he consagrado aos Deoses do inferno. A alma de Noginmia, que falleceo no anno 3.º de sua idade, esteja longe de males; sua mãi lhe fez este sepulcro.[2]

—

«Por toda esta freguezia de *Moens* se achão letreiros romanos, como foi no logar de *Villa Boa*, andando, lavrando, onde se achou huma pedra, que depois se trouxe para a baranda das casas da Igreja, onde hoje (1630) está, e diz assi:

D. M. S.
TROFIMEN
A ANN XVII
VRSVS ET
SIBI. ET VX
SORI F. C.

«Quer diser: *Sepulcro consagrado aos Deoses do inferno. Urso procurou, que se fizesse para Trofimen, que morreo no anno 17 de sua idade, e para si tambem, e para sua molher.*[3]

---

[1] Esta *Villa Cova* será *Villa Cova a Coelheira?*
V. tomo XI, pag. 708, col. 2.ª e segg.
[2] L. 2.º *Hispan. Lus.*, sit. cap. 5.º
[3] Salvo o respeito devido á memoria do dr. Botelho, a inscripção supra diz: *Gaia, filha de Pisires, falleceu aos 25 annos de idade e foi aqui sepultada. A terra te seja leve.*

---

[1] Botelho leu assim:

CONSCERATUM MANIBUS INEERIS
ANIMA NOGINMIAE
ANNO III
LONGE
JACEAT
A MALIS.
MATER
EJUS CONDIDIT.

[2] Parece-nos que a dicta inscripção foi mal copiada e mal tradusida.
[3] Tambem não julgo muito correctas a lição e traducção d'esta lapide.

«Por estes indicios devia ser este lugar de *Lamas* a cidade *Lama*, de que trata Ptolomeo, e assim fica desculpado; e não se deve crer que o dissesse por *Lamego*, que havia sido destruido, e assolado em tempo de Trajano, tendo passado pouco mais de 30 annos até o tempo que este geographo escreveu; e aquella cidade foi mudada daquelle sitio, em que até aquelle tempo estivera; e que segundo sente Brito, foi onde agora se chama *S. Domingos da Queimada*, mudando com o lugar o nome de *Laconimurgi* em *Lameca*, e a assentarão onde agora está Lamego, que em tão breve tempo não devia ser lugar de tanta conta, que já Ptolomeo fizesse menção d'elle, e mais escrever *Laconimurgi*, que tão pouco havia fora destruida, e se ella inda permanecia, não podia faliar doutra. Talvez enganado das informações, faz de huma duas; pelo que me venho a persuadir, que a *Lama*, de que trata Ptolomeo he o logar dos letreiros.................................

....

«O monte que o letreiro chama *cume Magarico* (?) he o outeiro de *Maga*, que está defronte, e á vista do lugar de *Lamas*, em cuja altura ha vestigios, e signaes de muros de pedra tosca com sua barbacãa, onde estava (?) *presidio romano*, por onde podião passar os exercitos seguramente, ajudados do soccorro daquelle forte.

«Outro havia mais notavel, que estava adiante no mais alto monte desta serra, e chama-se hoje *S. Lourenço*, porque esteve no meio delle a ermida deste santo que se mudou depois para o lugar de *Casais do Monte*, que está perto. Este outeiro foi murado em redor com pedra tosca de 15 palmos de largo a lugares, cheio ainda (1630 a 1636) e arrasado de terra. Tinha barbacãa, e o castello mais alto em huma rocha, donde se descobrem muitos lugares mui distantes, ou signaes onde elles estavão.

Tem esta cerca de nascente a poente hum tiro de espingarda [1], mas do norte a sul he mais estreita, e ao redor deste monte passavão 3 estradas, como inda hoje, pouco mais frequentadas, que da gente da terra. Huma he esta, que he a de *Lamas*, e sobindo por *Maga*, atravessando o chão da serra, e pelo pé deste monte de *S. Lourenço* passava em Covello, e rio Paiva, e sahia a Villa Cova a velha (a *Coelheira?*) que tambem devia ter prezidio, e proseguindo adiante descia ao valle de *Tarouca*, e d'ahi a Lamego.

«A 2.ª estrada sahia d'esta nossa cidade de Viseu, e passando o Vouga abaixo adonde agora (1630) está a ponte de *Côta*, hia ter ao logar do *Zonho*, e d'ahi perto do monte de *S. Lourenço* se hia metter em Covello, na estrada sobredita para Lamego.

«A 3.ª estrada se toma ao pé da dicta serra, e rodeando hia em sima ao outeiro sobre a mão esquerda até *Fonte Fria;* toma ao *Zonho*, e dahi aos mais lugares de Côtta, e aos outros, de que o letreiro *faz menção (?)*

«Este outeiro de *S. Lourenço* chama o letreiro *Calelobrico*; devia pois aquella serra chamar-se *Calelobria* do lugar, em que começa, que por corrupção do tempo se chama *Calde*.

«Esta he *a mais certa, e verdadeira informação*, que vos posso dar destas antigalhas, cuja luz a devemos ao mencionado letreiro.»

E tal não disse.

Vejamos agora o reverso da medalha, ou o que do mesmo letreiro disse Berardo, e ao que ficam reduzidas as *mais certas e verdadeiras* informações de Botelho.

«Junto ao logar de *Lamas de Moledo*, no actual (hoje, 1888, extincto) concelho de Mões, do districto administrativo e bispado de Viseu, [1] quasi em distancia de 4 legoas ao nordeste d'esta cidade, existe uma notavel inscripção encontrada, haverá 50 annos, ou para melhor dizer conhecida desde aquelle tempo pelos homens intelligentes, e pos-

[1] Refere-se aos *arcabuses* d'aquelle tempo que eram muito pesados, muito imperfeitos e de pequeno alcance, emquanto que as espingardas d'hoje (1888) são obras d'arte lindissimas e variadissimas;—alcançam 2 a 3 kilometros—e dão 20 a 30 tiros *por minuto?!...*

[1] Berardo, *Memoria cit.* Lisboa, 1857.

suidores d'alguns conhecimentos archeologicos [1].

«É uma extensa lapide de granito commum do paiz, já algum tanto fendida pelo meio, comprehendendo na sua area 35 palmos craveiros d'altura sobre 33 de largura. A face d'esta lapide, que está virada para o norte, contem 11 letreiros desiguaes, tendo as regras, ou columnas, collocadas *verticalmente* (?) e começando a mais pequena d'ellas pela parte do poente.

«Cumpre aqui prevenir, pelo que adiante teremos de ponderar, que em distancia a menos de legoa correm alguns ribeiros, que formam um pequeno rio denominado *Coura*, influente da margem direita do rio Vouga, os quaes podem ter servido para demarcação de districtos. [2] Eis ahi uma copia *fiel* da inscripção: [3]

RFNET
TROSCRP
SFRNT.
VEAMNICORI
DOENTI
ANÇOM
LAMATICOM
CROVGEAIMAÇA
REAICOI. PETRNIOIT
ADOM. PORCOMIOVEA ?
... CALLOBRICOI.

«Com effeito o primeiro aspecto desta inscripção, apresentando caracteres romanos, siglas quasi desconhecidas, nomes completamente barbaros, e mais que tudo a direcção *vertical* das regras, impressiona o leitor curioso de tal maneira, que lhe suscita logo a idéa de uma invenção caprichosa e enigmatica, por ventura imitativa da fabulosa antiga Sphinge de Thebas, para que algum novo Edipo a ousasse interpretar. Varias pessoas instruidas nas antiguidades, a quem se apresentaram copias d'estes letreiros, movidas da curiosidade partiram de longe ao proprio logar para os observarem por si e eliminarem qualquer impostura, que podesse existir a este respeito. Uma d'ellas foi o nosso celebre antiquario Fr. Joaquim de S. Rosa de Viterbo, porem de todas foram baldados os trabalhos e exames; porque sinceramente confessaram não sómente a impossibilidade que experimentavam na interpretação, mas até mesmo não ousaram expressar alguma opinião *provavel* a similhante respeito. [1] Entretanto ainda que hoje seja summamente difficil apresentar uma interpretação satisfatoria desta inscripção, não deixaremos comtudo de expender as nossas simples conjecturas (o que sempre foi permittido) mais com o intuito de excitarmos a curiosidade dos archeologos sobre esta especie de enigma, do que persuadidos de o termos descoberto.

—

«A columna terminada ao Nascente póde servir de ponto de partida para entrarmos neste intrincado labyrintho. Sem a menor hesitação podemos ler *Caelobricoi*, e referir este vocabulo (provavelmente em genitivo) á antiga cidade de *Calabria*, que no dominio dos godos fôra séde d'um bispado, composto principalmente d'uma parochia da diocese de Viseu, como se deprehende das actas do concilio de Lugo, que estão nos codices de Braga, cujos fragmentos, ainda que interpolados, tem comtudo muita auctoridade entre os melhores criticos.»

Dá em seguida algumas noticias de *Caliabria*, citando o *Elucidario* de Viterbo e a *Hespanha Sagrada*, de Flores, mas n'este diccionario já se disse mais e *muito mais* nos artigos *Caliabria*, *Pinhel*, tomo 7.º pag. 66,

---

[1] Estranhamos que Berardo em nenhuma das suas obras cite e mencione os *Dialogos* do dr. Botelho, que devia ler e conhecer—e por certo que leu e conheceu.

[2] Logo fallaremos a este respeito.

P. A. F.

[3] Não a podemos dar como se encontra na *Memoria*, porque foi reproduzida em gravura e tem siglas que só em gravura podem reproduzir-se, mas daremos os caracteres que mais se approximam da gravura.

P. A. F.

[1] Porque não diria Berardo que o dr. Botelho já no 2.º quartel do penultimo seculo emittiu a sua opinião sobre o assumpto?

P. A. F.

—e *Senhora do Campo*, vol. 9.º pag. 113 e segg.[1]

Veja-se tambem n'este artigo o topico infra, relativo ao *Bispado de Viseu.*

—

«Em vista do que deixamos copiado somos de parecer que a lapide, de que estamos tratando, fôra alli collocada provavelmente pelo meado do seculo VII—diz Berardo na sua *Memoria*—para demarcar os limites do territorio do bispado de *Caliabria*, desannexado do de Viseu. As seguintes observações auxiliam a nossa conjectura.

«Primeiramente apparecem alguns caracteres de lettras usadas n'aquelles tempos barbaros...

«Em segundo logar o que se póde ler, sem forçar muito as apparencias, são alguns nomes *d'antigas povoações ou parochias*, de que ainda hoje nos bispados de Viseu e Pinhel existem os vestigios com as denominações forçosamente convertidas pelo tempo.

«É portanto possivel, e até provavel, que *Ançom*, corresponda hoje á parochia das *Antas*, ou á de *Algodres...—Lamaticon* será com toda a probabilidade a parochia de *Lamas de Molêdo*, onde a lapide está collocada. Estas povoações ainda hoje pertencem á diocese de Viseu.—*Crougeai Maça* podem bem ser *Gouveas* e *Maçal;—Reaicoi Petrnioit, Povoa d'El Rei e S. Pedro*, parochias dos actuaes arciprestados de Trancoso e Pinhel; e ultimamente *Adom—Porco Miovea* as parochias hoje denominadas *Adem* e *Porto d'Ovelha*[2], do arciprestado de Castello Mendo. Todos estes logares pertencem hoje (1857) ao bispado de Pinhel, que foi separado do de Viseu em 1770.

—

«Similhantemente continuando a considerar esta lapide como enigmatica, filha do capricho e barbaridade do tempo, aventuremo-nos a interpretar a 1.ª e 2.ª columna, começando do poente, por uma especie de *tenesis* (inaudita na boa latinidade, mas muito possivel nos seculos baixos e barbaros) onde vemos as preposições—*Re*—e—*In*—seguidas da conjuncção copulativa—*et*—, para prender a 1.ª á syllaba—*tro*—, e a 2.ª á syllaba—*scrip*—, querendo assim dizer:—*Retro inscriptae.*

«Passando á 3.ª columna somos levados a interpretar a sigla—*sfrnt*—por—*sunt frontatae.*

«Na 4.ª columna interpretaremos *Veamni Cori* pelo pequeno rio de *Coura*, que acima indicamos, ficando *amni* em genitivo barbaro com significação diminutiva, por força da particula—*ve*[1].

«Na 5.ª columna o vocabulo *Doenti*, provavelmente tambem em genitivo, poderá significar um limite de logar, monte ou rio, talvez opposto ao de Coura; mas que hoje é inteiramente desconhecido...

«A sigla da ultima columna ao nascente poderá significar *ecclesiae.*

«Por estas conjecturas, ficamos habilitados para a seguinte interpretação:—*Retro inscriptae sunt frontatae Veamni Cori, Doenti, Ançom, Lamaticom, Crougeai, Maça, Reaicoi, Petrnioit, Adom, Porco Miovea, Ecclesiae Caelobricoi.*—As igrejas de Caliabria (*tal e tal*, etc.) atraz inscriptas, são demarcadas pelo rio *Coura* e *Doenti.*

—

«Para ajudar as conjecturas d'esta nossa interpretação cumpre saber qual foi a sorte do bispado de *Caliabria*, para onde passou a jurisdicção ecclesiastica do seu territorio e sob quem está presentemente. Ouçamos a Henrique Flores no tomo 14.º da *España Sagrada*, etc.»—diz Berardo e transcreve em seguida um longo trecho de Flores, que nós

---

[1] N'este ultimo artigo, *loc. cit.* pag. 113, col. 1.ª—em vez de... *foram colligidas pelo esclarecido cavalheiro, o sr. padre José Caetano Preto Pacheco, prior de Escalhão*, leia-se ...pelo rev. *Luiz José Ferreira de Carvalho*, prior de Escalhão, bispado de Pinhel, e publicadas ...pelo sr. dr. *José Caetano Preto Pacheco*, distincto advogado e publicista.

[2] *Adem* ou *Ade* pertence ao concelho de Almeida—e *Porto d'Ovelha* ao do Sabugal. Tambem temos *Adão* e *Porco*, freguezias, no concelho da Guarda.

P. A. F.

[1] Note-se que Berardo era professor de latim.

Veja-se o topico *Visienses illustres.*

omittimos, porque adiantam mais os artigos citados supra e já publicados n'este diccionario.

«Em complemento de tudo isto temos de accrescentar, que dilatando-se a diocese de Viseu até o rio Agueda antes da creação do bispado de Caliabria, fôra o seu territorio diminuido pelo d'esta ultima até áquella parte do actual arciprestado de Mões, onde se acha collocada a inscripção.........

«Tambem está averiguado por documentos dos archivos ecclesiasticos, que desde o principio da monarchia os bispos de Viseu começaram a exercer a sua jurisdicção sobre o primitivo territorio assignado em Lugo, exceptuando as terras de *Cima-Côa*, que pertenceram a Castella, até que el-rei D. Diniz as vindicou pelas capitulações de *Alcanhizes* em 12 de setembro de 1297......

«Finalmente o mesmo rei D. Diniz fez depois doações de certas Igrejas de Cima-Côa á Sé de Lamego e de Viseu, do que faz menção o *Elucidario*; e a diocese d'esta ultima ficou demarcada como antigamente até o rio Agueda, para onde se estende o arciprestado de Castello Mendo, que com o de Trancoso e Pinhel passou em 1770 a organisar quasi todo o actual bispado desta ultima cidade. Não sabemos do documento (a não ser o de conquista) pelo qual os bispos de Cidade Rodrigo cederam da jurisdicção das terras de Cima-Côa, de que estavam de posse; porem de feito assim aconteceu, segundo consta do archivo da camara ecclesiastica de Viseu.»

Assim fechou Berardo este topico da sua *Memoria*, mas quem quizer saber como e quando obtivemos a *temporalidade* e depois a *espiritualidade* das terras do Cima-Côa leia os 3 artigos d'este diccionario indicados supra, nomeadamente o artigo *Senhora do Campo*.

—

Do exposto se vê que Berardo e Botelho interpretaram de modo completamente diverso a tal inscripção—e nenhum dos dois nos satisfaz.

Botelho só viu n'ella estradas e municipios romanos,—estradas e municipios que nem Berardo nem Viterbo sonharam! Por seu turno para Berardo aquelles gregotins indicam os limites da antiga diocese de Caliabria, mas,—salvo o respeito devido á memoria do sabio conego,—não podemos acceitar semelhante lição.

Sendo erecto o bispado da *Caliabria* para commodidade dos povos que demoravam *in illo tempore* entre as dioceses de Lamego, Viseu, Guarda (então *Egitania*, ou Idanha a velha) Braga, Coria e Salamanca,—e estando a cidade de *Caliabria* junto do Douro e da confluencia da ribeira d'Aguiar com o Douro, distando approximadamente 70 kilometros de Lamego, 90 de Viseu, 100 de Salamanca, 120 de Coria, 140 de Idanha a velha e 150 de Braga, podiam dar á nova erecta uma area bastante espaçosa, sem affrontarem nenhuma das dioceses limitrophes, como affrontavam as de Lamego e Viseu, levando-a até á povoação de *Lamas do Moledo* que está entre Viseu e Lamego e dista das duas cidades apenas 20 a 24 kilometros!...

Não é pois crivel que levassem para O. e O. S. O. o termo da nova erecta até *ás portas* de Viseu e de Lamego, tendo tanto espaço a dar-lhe para leste, sul, sudoeste, norte e noroeste.

Tambem mal póde crer-se que dessem como termo á nova erecta, do lado O. o insignificante rio *Coura* descoberto por Berardo junto de Viseu, quando tinham outros rios muito mais importantes e mais bem talhados para limite da nova diocese d'aquelle lado, taes eram o *Côa*, o *Tavora* e o *Tedo*.

Prosigamos.

Viação antiga

Deixando nas sombras do mysterio a viação romana d'este districto, indiquemos a que vigorou desde a invasão dos barbaros do norte, ou desde o seculo V, até o meiado do seculo XIX,[1] pois com a invasão dos bar-

[1] Pode talvez dizer-se que a destruição do imperio romano do occidente fez recuar a civilisação de Portugal e da peninsula até o fim da idade media—e que o pelouro da viação só depois do meado do seculo actual attingiu o grau d'esplendor a que subira no tempo dos romanos. Teve pois a viação en-

baros pouco tempo devia durar a esplendida viação romana e não consta que elles, nem os mussulmanos, nem posteriormente os christãos a restaurassem.

A moderna viação é superior á dos romanos, mas entre nós foi *iniciada* no meiado d'este seculo. [1]

Até então só ha memoria de barrancos e precipicios com o nome de *estradas*—e n'este districto de Viseu as principaes eram as seguintes, segundo se lê no *Roteiro* de João Baptista de Castro.

De Viseu a Coimbra
(*estrada de Lisboa*)

	Legoas
De Viseu a Fail	1
De Fail a Sabugosa	1
De Sabugosa a Tondella	1
De Tondella a S. Joanninho	1
De S. Joanninho a Casal de Maria	1
De Casal de Maria ao Criz	1
Do Criz ao Barril	1
Do Barril a Freirigo	1
De Freirigo a Santo Antonio do Cantaro	1
De Santo Antonio do Cantaro a Galhano	1
De Galhano ao Botão	1
Do Botão a Eiras	1
D'Eiras a Coimbra	1
Total	13

Outro caminho seguia por Tondella, Santa Comba-Dão, Mortagua, Bussaco, Mealhada e Coimbra. Foi este o que se macadamisou depois de 1850 e que teve carreiras de diligencias.

---

tre nós um eclipse que durou 1:500 annos, approximadamente?!...

Só a esplendida *mala posta* que se montou entre Lisboa e o Porto em 1854 a 1860 póde comparar-se ás *carreiras de coches* que os romanos tinham nas suas estradas de 1.ª classe.

[1] V. n'este diccionario os artigos *Estradas romanas*, tomo III, pag. 73 a 77,—e *Vias ferreas* tomo X, pag. 467 a 502.

De Viseu para Aveiro

	Legoas
Cruz Alta	1
S. Miguel do Outeiro	1
Portella	1
Monte Teso	1
Urgueira	1
Cabeça de Cão	1
Ferreiros	1
Arrancada	1
Palhaça	1
Eixo	1
Aveiro	1
Total	11

Tambem havia outro caminho por Vouzella, Santiaguinho, Ponte Fóra, Bemfeitas, Talhadas, Ferreiros, Arrancada, Palhaça e Aveiro.

De Viseu a Villa Real de Traz-os-Montes

	Legoas
Campo	1
Ponte do Almargem	1
Rio de Mel	1
Mamoiros	1
Castro d'Ayre	1
Senhora da Ouvida	1
Bigorne	1
Povoa	1
Lamego	1
Regoa	1
Villa Real	3
Total	13

Hoje só o percurso entre Lamego e Villa Real pela nova estrada é de 43 kilometros!...

De Viseu para a Guarda

	Legoas
Tagilde	1
Quintella	1
Chans	1
Fornos d'Algodres	1
Total	4

Transporte	4
Figueiró da Granja	1
Celorico	1
Lagiosa	1
Porto da Carne	1
Cabadonde	1
Guarda	1
Total	10

Hoje este percurso variou muito. É mais longo mas muito mais rapido e mais commodo, porque é feito em grande parte pela linha ferrea da Beira.

De Viseu ás terras da sua correição

	Legoas
Alva	3
Azere	5
Azurara da Beira	2
Banho	3
Bareriro	1
Besteiros	3
Bobadella	7
Canas de Sabugosa	2
Canas de Senhorim	3
Candosa	5
Coja	8
Carrellos	4
Infias	6
Ferreira d'Aves	4
Folhadal	3 1/2
Foz de Piodão	9
Gafanhão	4
Guardão	4
Gulfar	4
Lafoens	3
Lagares	5
Mangualde	2 1/2
Mões	3
Mortagua	7
Mouraz	3 1/2
Nogueira	7
Oliveira do Conde	5
Oliveira de Frades	4
Oliveira do Hospital	6
Ovoa	6
Penalva d'Alva	8
Penalva do Castello	3
Pinheiro d'Azere	2 1/2
Povolide	2 1/2
Ranhados	1
Reriz	5
Sabugosa	2
S. João d'Areias	5
S. João do Monte	5
Sandomil	7
Santa Comba-Dão	5
S. Pedro do Sul	3
Senhorim	2
Silvares	5
Sinde	5
Taboa	6
Tavares	3 1/2
Trapa	4
Treixedo	4
Villa Cova de Sub Avô	8
Villa do Sul	4
Vouzella	3

De Lamego a Coimbra

	Legoas
Povoa	1
Bigorne	1
Castro d'Ayre	2
Alva	1
Cobertinha [1]	1
S. Pedro do Sul	1
Vouzella	1
Santiaguinho	1
Ponte Fóra	1
Talhadas	1
Ferreiros	1
Sardão	1
Agueda	1
Avelans do Caminho	1
Mealhada	2
Coimbra	4
Total	21

[1] Esta legoa *d'Alva a Cobertinha* era immensa. Nós a percorremos muitas vezes a cavallo e uma vez a pé, no anno de 1854, chegando ao termo d'ella ja de noite e *chorando*?!...

V. *Villa Maior*, tomo XI, pag. 774, col. 2.ª e segg.

Era este o caminho ordinario entre Lamego e Coimbra e o *unico* indicado no *Roteiro* de J. B. de Castro, mas nós algumas vezes seguimos pelo Porto embarcados ou em sella; —outra vez fomos por Viseu —e outr'ora tambem se fez a viagem pela Gralheira, Portas do Monte do Muro, Arouca, Albergaria Velha e Sardão.

Calamitosos tempos!...

De Lamego para Moimenta da Beira

	Legoas
Ferreirim	1
Granja Nova	1
Sarzedo	1
Moimenta	1
Total	4

De Lamego para o Porto

	Legoas
Santiaguinho [1]	1
Mezãofrio	1
Teixeira	1
Carrasqueira	1
Gestaçô	1
Canaveses	1
Arrifana	2
Fonte Sagrada	1
Baltar	1
Ponte Ferreira	1
Vallongo	1
Venda Nova	1
Porto	1
Total	14

Este itinerario soffreu tambem grande modificação depois que a *Companhia dos Vinhos* levou a estrada do Porto para a Regoa por Penafiel, Amarante, Quintella e Mezãofrio, desviando a de Canavezes e da Teixeira.

De Viseu a Moncorvo

	Legoas
Cavernães	1
Pedrosa	1
Fontainhas	1
Lamas	1
Segões	1
Granja de Paiva	1
Moimenta da Beira	1
Fontearcada	1
Chozendo	1
Penedono	1
Ranhados	1
Cedovim	1
Sebadelhe	1
Freixo de Numão	1
Barca do Pocinho	1
Moncorvo	1
Total	16

De Viseu a S. João da Pesqueira

	Legoas
Cavernães	1
Moimenta da Beira	6
Guedieiros	1
Paredes da Beira	1
Trovões	1
Pesqueira	1
Total	11

De Viseu para Almeida por Trancoso e Pinhel

	Legoas
Povolide	1 1/2
Roriz	1
Esmolfe	1
Sezures	1
Forninhos	1
Penaverde	1
Casaes do Monte	1
Venda do Cego	1
Trancoso	1
Povoa d'El-Rei	1
Total	10 1/2

[1] Esta povoação demora no alto da freguezia da Penajoia;—a estrada seguia até ali pela serra d'Avões—e depois passava o Douro na barca do Molledo ou do *Por Deus*, mas desde que a antiga *Companhia dos Vinhos* fez a estrada desde a Rede até á Regoa, os viajantes deixaram a serra d'Avões e seguiam pela Regoa ou pela *barca do Carvalho*, que chegou a render livres para a camara de Lamego 1:200$000 réis por anno?!...

Transporte....	$10\,^1/_2$
Valbom	1
Pinhel	1
Pereiro	1
Valverde	1
Almeida	1
Total	$15\,^1/_2$

De todas as antigas estradas d'este districto a melhor e mais luxuosa e de mais movimento era a de Lamego á Regoa. Tinha 8 a 9 metros de largura, bellos muros de supporte e resguardo, valetas de granito, etc. Foi uma das primeiras que em Portugal se macadamisou pelos annos de 1850—e logo se facultou ao transito publico para diligencias e trens, mas infelizmente havia sido traçada para liteiras e tinha declives de 10 a 12 por cento *e mais*, pelo que foi substituida por outra que segue o valle do rio Varosa e tem de percurso 12 kilometros, em quanto que a estráda velha media 6 kilometros apenas.

As outras estradas d'este districto—salvas rarissimas excepções—eram uma sequencia de barrancos de tal ordem que nem para liteiras se prestavam todas. Era mister concertal-as ou reparal-as quando por ellas tinha de fazer tranzito alguma pessoa real, mas esses reparos eram sempre tão ligeiros que a breve trecho desappareciam. Tão lastimosa era a viação antiga, que muitos dos nossos prelados por commiseração mandavam concertar os caminhos pelos povos confinantes,—outras vezes á custa dos proprios bispos, alguns dos quaes até mandaram fazer pontes de preço. Assim mandou o benemerito bispo de Lamego D. Manuel de Vasconcellos Pereira, natural de Castro d'Ayre, fazer a ponte d'Alvarenga, sobre o Paiva, mas não pôde concluil a, porque a morte o surprehendeu.

V. *Villa Real de Traz-os-Montes*, tomo XI, pag. 931.

As liteiras tiradas por grandes machos carregados de campainhas foram o transporte mais luxuoso até o meado d'este seculo. Nós ainda vimos muitas, mas n'este districto de Viseu nunca se viram tantas em columna cerrada como em 1710, quando o bispo D. Jeronymo Soares fez regressar a Pinhel as freiras do convento de S. Luiz.

Veja-se n'este artigo *Viseu* as pag. 1586, col. 2.ª e segg.—e 1628, col. 2.ª tambem e segg.

Fecharemos este topico dizendo que as legoas da nossa antiga viação não tinham craveira propria. Eram talhadas a arbitrio e muito mais extensas que as d'hoje.

Na viação actual as legoas teem 5 kilometros, emquanto que as antigas correspondiam a 10 kilometros aproximadamente.

Viação actual

Desde o tempo dos romanos nunca se ligou á viação publica tanta importancia como hoje. Todos hoje reconhecem que as boas estradas e a facilidade de transporte e de communicações são o primeiro factor da vida e prosperidade dos povos e póde avaliar-se a prosperidade e civilisação das diversas nações pela sua rede de estradas e pelos meios de transporte e communicação de que dispoem.

Nós acordámos só no meiado d'este seculo, mas com os limitados recursos de que dispomos bastante adiantámos n'este pelouro em 36 annos—ou desde 1852 até hoje, pois já temos uma boa rede de estradas a macadam—reaes, districtaes e municipaes,—bastantes linhas ferreas a vapor e linhas americanas e telegraphicas em todo o nosso paiz, como póde ver-se no artigo *Vias Ferreas*, tomo X, pag. 467, col. 2.ª e seguintes.

Agora fallaremos da *viação actual* d'este districto de Viseu, que n'este ponto cede aos nossos districtos de Lisboa, Porto e Braga, mas leva muita vantagem a quasi todos os outros, como os leitores vão ver.

Seguiremos n'esta exposição a ordem official, indicando primeiramente as estradas reaes, depois as districtaes e municipaes e por ultimo as linhas ferreas.

I

Estradas reaes

1.ª—*Estrada real n.º 7*, de Viseu a Villa Real de Traz-os-Montes.

Parte de Viseu e segue n'este districto até á margem direita do Douro (ponte da Regoa) pelas povoações de Monzellos, Vendas de Travanca, S. Pedro do Sul, Ladreda, Figueiredo d'Alva, Castro d'Ayre, Colo de Pito, Mezio, Bigorne, Magueja, Ordens, Lamego, Souto Covo e Quintião.

Tem de percurso total 94:265,5 metros—e, passado o rio Douro, communica no districto de Villa Real com a estação da Regoa, na linha ferrea do Douro.

2.ª—*Estrada real, n.º 8*, da Mealhada, na linha ferrea do norte, a Viseu.

Comprehende no districto de Viseu a parte d'esta estrada desde o cume da serra do Bussaco até Viseu, com o percurso de 64:470,6 metros, e toca nas povoações seguintes: Moura, Valle d'Açores, Mortagua, Barril, Breda, Santa Comba-Dão, Vendas de Villa Pouca, Adiça, Tondella, cercanias de Sabugosa, Fail, Villa Chã de Sá (cercanias) e Repeses (idem).

Communica com a linha da Beira Alta na estação de Mortagua directamente—e indirectamente com a mesma linha na estação de Santa Comba-Dão, pela estrada real n.º 50, de Santa Comba-Dão á venda do Sebo.

3.ª—*Estrada real, n.º 34*, de Penafiel á Barca d'Alva.

Pertence ao districto de Viseu a parte d'esta estrada desde a ponte da Regoa sobre o Douro até á villa de S. João da Pesqueira (ainda não passou d'ali a construcção); este lanço tem de percurso 40:460,4,—e toca nas povoações seguintes: Bagauste (em frente do apeadeiro d'este nome na linha ferrea do Douro)—Folgosa (em frente da estação de Covelinhas) Tedo, Espinho (em frente da estação do *Ferrão*, para a qual está a concurso a construcção de uma ponte sobre o Douro)—Basteiras, cerca de 1:400 metros a jusante da estação do Pinhão (até aqui este lanço de estrada acompanha a margem esquerda do Douro)—Casaes, na margem direita do rio Torto,—Ervedosa e Pesqueira.

4.ª—*Estrada real, n.º 41*, de Aveiro a S. Pedro do Sul.

A parte d'esta estrada que toca ao districto de Viseu começa na avenida direita do pontão de Espendello e termina em S. Pedro do Sul, onde entronca na estrada real n.º 7, já descripta, tendo passado pelas povoações de Ribeiradio, Oliveira de Frades, Vouzella, Banho e Sub-Estrada.

O seu percurso no districto de Viseu é de 35:206,5 metros; corre pela margem esquerda do Vouga desde o pontão de Espendello até o Banho, onde em uma bella ponte de granito e moderna passa para a direita do Vouga e segue pela dicta margem até S. Pedro do Sul.

5.ª—*Estrada real, n.º 42*, de Viseu ao Porto.

É commum com a estrada real n.º 7 de Viseu a Villa Real, entre Viseu e a villa de S. Pedro do Sul, na extensão de 22:272,0 metros, e com a estrada real n.º 41 de Aveiro a S. Pedro do Sul, entre o bairro da Ponte e a Praça da mesma villa, na extensão de 616,0 metros. D'este ponto segue para Santa Cruz da Trapa na extensão de 9:412,6 metros, onde termina a parte construida. É portanto o seu percurso entre Viseu e Santa Cruz da Trapa—32:300,6 metros.

6.ª—Estrada Real n.º 43, de Viseu a Celorico da Beira.

Pertence a este districto a parte que demora entre Viseu e o ribeiro da Canharda, na extensão de 37:944,2 metros—e toca nas povoações de Povoa de Sobrinhos, Prime, Fagilde, S. Cosmado, Mangualde, Freixiosa, Tragos, Matados, Chans (cercanias) e Villa Cova de Tavares.

Communica indirectamente com a linha da Beira Alta em Mangualde (estação d'este nome ou dos *Cubos*) pela estrada districtal n.º 53 da Covilhã a Mangualde por Valhelhas, Manteigas, Serra da Estrella, Gouveia, Monte Aljão, Ponte Palhez, sobre o Mondego, e Mangualde.

7.ª—*Estrada real, n.º 44*, de Lamego a Trancoso.

Tem de percurso n'este districto desde Lamego até o pontão das *Quebradas*, sobre

o Tavora, 52:054,3 metros—e toca nas povoações de Britiande, Granja Nova, Paçô, Leomil, Moimenta da Beira, Rua, Adebarros, Penso, Villa da Ponte (cercanias) e Ponte do Abbade.

8.ª—*Estrada real, n.º 45*, de Aveiro a Tondella.

Está construida n'este districto entre o Guardão e Tondella, onde entronca na estrada real n.º 8 da Mealhada a Viseu; a parte construida tem de extensão 16:628,8 metros e toca nas povoações do Campo de Besteiros e Mollelos.

9.ª—*Estrada real, n.º 46*, de Tondella á Covilhã.

Apenas tem construida no districto de Viseu a parte que demora entre a povoação da *Cancella*, na estrada real n.º 48 da Figueira a Mangualde, e a ponte de *Taboa*, sobre o Mondego, na extensão de 5:502,0 metros.

Passa pela villa de S. João d'Areias.

10.ª—*Estrada real, n.º 48*, da Figueira a Mangualde.

A parte comprehendida no districto de Viseu demora entre Foz-Dão e Mangualde, e comprehende 49:952,4 metros, incluindo 743,0 metros communs com a estrada real n.º 43 de Viseu a Celorico. Toca nas povoações de Venda do Sêbo, Rojão Grande, Cancella, Guarita, Casa Nova, Carregal, Fiães, Canas de Senhorim, Nellas, Pinheirinho e Mangualde.

Partem d'esta estrada 2 ramaes:—um para os *Banhos da Felgueira* na extensão de 5:404,1 metros;—outro para a estação de Nellas, na linha da Beira Alta, com a extensão de 215,0 metros.

11.ª—*Estrada real, n.º 50*, de Santa Comba-Dão á Venda do Sebo.

Tem de extensão 4:386,9 metros, incluindo a parte commum com a estrada real n.º 48 da Figueira a Mangualde, na extensão de 980,6 metros, desde o Bojão Grande até á Venda do Sebo.

Entronca na referida estrada n.º 48 junto do Rojão Grande,—o seu percurso até este ponto é de 3:406,2 metros,—e communica com a linha da Beira Alta na estação de Santa Comba-Dão.

II

Estradas districtaes

1.ª—*Estrada districtal n.º 37*, de Lamego a Entre os Rios (Douro e Tamega.)

Parte de Lamego, da Praça do Commercio, e segue para O. atravez dos concelhos de Rezende, Sinfães e Castello de Paiva até á ponte de Entre os Rios, sobre o Douro, mas até hoje (1888) tem apenas construido um lanço desde Lamego até á Penajoia, na extensão de 8:858,6 metros, atravez das freguezias de Almacavo, Ferreiros, Samedães e Penajoia, não passando ainda do meio d'esta ultima.

2.ª—*Estrada districtal n.º 40*, de Viseu por Côta á estrada de Lamego para Moimenta da Beira, a Moimenta da Beira, e d'ali á foz do Tavora ou *Espinho*, na margem esquerda do Douro, a entroncar na estrada real n.º 34, passando pelas freguezias d'Arcozello, Baldos, Sendim, Paradella, Granginha, Tavora e Taboaço.

Está construida entre Viseu e a *Portella de Valle de Cavallos*, na extensão de 25:802,1 metros;—entre Moimenta da Beira e Baldos na extensão de 5:924, 3 metros,—e desde a villa de Tavora até o Espinho ou foz do Tavora, na extensão de 12 kilometros.

O lanço entre Tavora e Taboaço é lindíssimo e quasi plano, mas tem um kilometro, na passagem do *Ribeiro Fradinho*, que é um arrojo de construcção e fez titubiar os engenheiros, porque passa atravez de um medonho estendal de rocha nua com grande declive, o que obrigou a fazer grandes cortes na penedia do lado superior e grandes muros de supporte do lado inferior[1]

Está em construcção outro lanço tambem bastante difficil desde Tavora até o alto da

[1] Os taes muros de supporte teem lanços de 18 metros d'altura.

Granginha,[1] na extensão de 4 kilometros, approximadamente.

Deve-se á influencia dos srs. Macedos Pintos, de Taboaço,[2] esta importante estrada, bem como a ponte sobre o Douro na testa d'ella e a prendel-a com a estação do *Ferrão* na linha do Douro,—ponte que já foi approvada pelo governo e posta a concurso por portaria de 6 do mez de junho do corrente anno de 1888.

Os srs. Macedos Pintos teem prestado e estão prestando relevantes serviços a Taboaço, como o sr. visconde de Guedes Teixeira a Lamego, o sr. José Guilherme Pacheco á villa de Paredes—e o sr. Conde de Castello de Paiva ao concelho do seu titulo.

Ditosa patria que taes filhos teve!...

3.ª—*Estrada districtal, n.º 40 A*, de Viseu ás Rans.

É commum com a districtal n.º 40 entre Viseu e um ponto situado alem da povoação de Cavernães, denominado *Penedo de Cavernães*, na extensão de 10:429,6 metros. Bifurca n'este ponto dirigindo-se ás Rans pela Villa da Egreja;—e passa junto das povoações de Contigem e Avellosa!

4.ª—*Estrada districtal n.º 41*, de Mangualde e Viseu á estação do *Freixo* na linha do Douro.

Parte de Mangualde um ramo que está construido entre esta villa e Castendo, na extensão de 11:994,6 metros.

Toca na povoação de Santo André.

Outro ramo parte de Viseu; é commum com a estrada real n.º 43 de Viseu a Celorico atè um ponto situado entre os rios Satam e Dão; tem 9:390,0 metros de percurso,—bifurca n'este ponto com a dicta estrada real n.º 43—e está construida até á povoação do *Ladario*, na extensão de 10:724, 2 metros

5.ª—*Estrada districtal n.º 42*, de Mangualde por Penalva do Castello a Trancoso.

A parte construida (de Mangualde a Castendo) é commum com a estrada districtal n.º 41, ramo que parte de Mangualde (n.º 4).

6.ª—*Estrada districtal n.º 44*, de Viseu por Nellas, a Ceia.

Á parte comprehendida no districto de Viseu começa no arrabalde d'esta cidade, no sitio das *Pedras Alçadas*, e termina sobre o Mondego, na *Ponte Nova*.

Passa por Cabanões, Oliveira do Barreiro, Casal Sancho, Villar Secco, Algeraz e Nellas.

É commum com o ramal da estrada real n.º 48 (da Figueira a Mangualde) á estação de Nellas, na linha da Beira Alta, em 213,0 metros—e tem de percurso total 28:912,9 metros.

7.ª—*Estrada districtal n.º 52*, do Carregal pelo Ervedal e Paranhos de Ceia a Gouveia—e pelo Ervedal e Oliveira do Hospital a Gallises.

É commum com a estrada real n.º 48 (da Figueira a Mangualde) entre o Carregal e um ponto denominado *Calvario*, na extensão de 3:749,1 metros; bifurca n'este ponto com a referida estrada, dirigindo-se á *Ponte da Atalhada* sobre o Mondego, que divide o districto de Viseu do de Coimbra, e passa por Oliveira do Conde.

A sua extensão da *Ponte da Atalhada* ao Calvario é de 5:348, 4 metros—e do Carregal á dicta ponte é de 9:097,5 metros.

8.ª—*Estrada districtal n.º 53*, da Covilhã por Valhelhas a Manteigas, Serra da Estrella, Gouveia e Mangualde.

A secção do districto de Viseu demora entre a *Ponte Palhez* (sobre o Mondego) e Mangualde, onde entronca na estrada real n.º 43, de Viseu a Celorico; toca na povoação de *Contenças*—e tem o dicto lanço 11:728,2 metros.

---

[1] Todo o lanço (em parte já construido) desde Taboaço até o alto da Granginha tem de extensão 8:062,6 metros e foi orçado em *sessenta e um contos de réis?*!...

[2] V. *Miragaya*, tomo V, pag. 269, col. 1.ª;—*Taboaço*, vol. IX, pag. 469, col. 2.ª e segg.;—*Vicente* (S.) tomo X, pag. 516, col. 2.ª e segg.,—e *Tavora*, freguezia do concelho de Taboaço, no supplemento.

—

A isto se reduziam em 30 de junho de 1886 as estradas *reaes e districtaes* de todo o districto de Viseu, mas devem ter adiantado bastante, porque já decorreram 2 annos até hoje (estamos em julho de 1888) e não tem havido interrupção nas obras publicas.

III

Estradas municipaes do concelho de Viseu [1]

1.ª—*E. M.* (estrada municipal) *de 1.ª classe n.º 6*, de Castro d'Ayre a Viseu.

Pertence ao concelho de Viseu desde a ponte do Almargem sobre o Vouga, até á estrada real n.º 7, de Viseu a Villa Real, na qual entronca junto de Abravezes.

No limite de Viseu tem de percurso total 13:234,5 metros.

2.ª—*E. M. de 1.ª classe n.º 12*, de Viseu á Feira do Campo.

É commum com a E. R. (estrada real) n.º 7, de Viseu a Villa Real, até o sitio da *Cruz da Pedra*, na extensão de 355 metros; está construida até *Almas de Varzea*, na extensão de 13:475,0 metros—e toca nas povoações de Vil de Moinhos, Figueiró, Mosteirinho e Torre Deita.

Percurso total 13:830,6 metros.

3.ª—*E. M. n.º 14 A*, da *Baiuca* de Oliveira do Barreiro á E. M. do concelho de Tondella, da *Ponte Pedrinha* a S. Gemil.

A secção do concelho de Viseu parte da E. D. (estrada districtal) n.º 44 de Viseu a Ceia, junto da *Baiuca* de Oliveira do Barreiro, e termina no *Arieiro*. Toca na povoação de Pindello e tem de percurso 7:668 metros.

4.ª—*E. M. de 2.ª classe, n.º 1*, de Vil de Moinhos ao Real.

É commum com a E. M. n.º 12 (de Viseu á Feira do Campo) entre Vil de Moinhos e Figueiró, na extensão de 4:880,9 metros;—toca nas povoações de Figueiró e Farminhão,—passa junto da de Ferrocinto—e tem de percurso 8:879,2 metros.

5.ª—*E. M. de 2.ª classe n. 2*, do Perseguido a Orgens.

Está toda construida, mas tem de percurso apenas 492,7 metros.

6.ª—*E. M. de 2.ª classe n. 8*, da Fonte da Cruz á *Carvalha dos Enforcados* [1].

Parte da E. M. de 1.ª classe n.º 12 de Viseu á Feira do Campo, no sitio da Fonte da Cruz;—vae até á dicta *Carvalha dos Enforcados*, no Couto de Cima,—e tem de percurso 3:247,3 metros.

7.ª—*E. M. de 2.ª classe n.º 17*, da Bouça ás Alpondras da Barca.

Tem apenas construido um lanço de alguns kilometros a partir do sitio da *Bouça* na E. R. n.º 7, de Viseu a Villa Real.

8.ª—*E. M. de 2.ª classe n.º 25*, da egreja de Lordosa a Villa Çorça.

Em junho de 1886 estava apenas construido um lanço de 1:260,6 metros até Mundão.

9.ª—*E. M. de 2.ª classe n.º 28*, do *Cabeci-*

---

[1] Para não fatigarmos os leitores e os editores apenas indicaremos a viação municipal do *concelho* de Viseu, pois a de todo o *districto* tomaria grande espaço.

[1] Outr'ora *por economia* enforcavam tambem os malfeitores nas arvores mais proximas do local do delicto e parece que alguns foram justiçados na dicta *carvalha*, mesmo porque em Viseu não ha memoria de forca permanente.

Ha tambem defronte do palacete do sr. dr. Nicolau de Mendonça, nosso bom amigo e Cyreneu n'este artigo, e proximo a Vil de Moinhos, um monte notavel pela sua forma arredondada e vegetação luxuosa que o reveste, de cujo cimo se avista a cidade a Leste e se descobre a O. todo o vale cortado pelo Pavia. Parece ter sido o local das execuções de pena ultima. Ainda hoje conserva o nome de *Oiteiro* ou *Cabeço da forca* e—destaca-se a O. da cordilheira que forma margem esquerda do Pavia.

A bellesa da paisagem formava contraste com o lugubre mister a que o faziam servir.

nha da Orca, [1]—por *Paço de Silgueiros* e *Ponte de Parada* a entroncar na estrada real n.º 8, da Mealhada a Viseu.

Pertence ao concelho de Viseu a parte que demora entre a E. M. de 1.ª classe n.º 14 A —e á ponte de Parada,—e em junho de 1886 tinha apenas construidos 1:384,5 metros.

—

A isto se reduziam as *estradas municipaes do concelho de Viseu* em junho de 1886.

IV

Linhas ferreas do districto de Viseu

1.ª—*Linha da Beira Alta.*

Corta este districto na direcção E. O. e na extensão de 80 kilometros approximadamente, desde o ribeiro da *Canharda* a E. (confluente do Mondego) que o divide do districto da Guarda, até á serra do Bussaco, a O., que o divide do districto de Coimbra.

Tem no districto de Viseu as estações de Gouveia, Mangualde, Nellas, Canas de Senhorim, Oliveirinha (apeadeiro) Carregal, Santa Comba-Dão e Mortagua.

Esta linha foi aberta ao tranzito até Villar Formoso em 1882 e em 1885 até Salamanca.

V. *Vias Ferreas*, tomo X, pag. 472, col. 2.ª, tit. *Linha da Beira Alta.*

2.ª—*Linha ferrea do Douro*, do Porto á Barca d'Alva e Salamanca tambem, já toda em exploração desde 8 de dezembro de 1887.

Vae pela margem direita do Douro desde o Porto até o celebre *Cachão da Valleira* [2], a montante do qual atravessa o Douro em uma grande ponte de ferro obliqua, na extremidade E. do concelho de S. João da Pesqueira, districto de Viseu,—seguindo depois pela margem esquerda do Douro até á Barca d'Alva e d'ali até Salamanca.

Suppomos que a extremidade sul da dicta ponte ainda pertence ao concelho da Pesqueira, districto de Viseu, mas talvez que pertença ao concelho de Foscôa, districto da Guarda.

Dicant paduani.

3.ª—Linha ferrea de Viseu á estação de Santa Comba-Dão na linha da Beira Alta.

É um ramal de 40 kilometros approximadamente; foi approvado e adjudicado a uma empreza constructora em 1885, mas ainda hoje (1888) se acha em construcção e por certo não se abre ao tranzito antes do fim de 1889.

Linhas ferreas a concurso

O sr. ministro das obras publicas apresentou ás côrtes no dia 1.º do corrente mez de junho de 1888 uma importante proposta para a construcção dos caminhos de ferro ao norte do Mondego. Como seja bastante extensa, não a daremos na integra, mas resumil-a-hemos nos seus pontos culminantes.

As linhas, cuja construcção e exploração o governo põe a concurso são as seguintes:

1.ª—O prolongamento até Bragança do caminho da Foz Tua a Mirandella. A actual companhia nacional de caminhos de ferro terá a preferencia em igualdade de circumstancias. A garantia do juro, será de 5,5 por cento e comportada sobre a base de réis 19:692$300 por kilometro com o custo de construcção. O numero dos kilometros para a garantia de juro não poderá exceder 74.

2.º—Caminho de ferro de via reduzida (1 metro entre as faces interiores dos carris), que partindo de Vidago e passando pelas Pedras Salgadas, siga por Villa Pouca de Aguiar, Villa Real, Regoa, Lamego, Villa da Ponte, Moimenta da Beira e Trancoso a entroncar em Villa Franca das Naves na linha ferrea da Beira Alta.

O governo garante o complemento do rendimento liquido annual de 5,5 em relação ao custo de cada kilometro que se construir,

---

[1] A onomastica affirma a existencia de uma *orca* (dolmen ou anta) no tal cabeço, pois, como ja dissemos no titulo *Monumentos prehistoricos*, em volta de Viseu, dão aos *dolmens* ou *antas* o nome de *orcas* e *arcas*.

[2] V. *Pontos principaes do Douro*, vol. VII, pag. 199, col. 2.ª n.º 61; *Vias Ferreas*, tomo X, pag, 488, col. 1.ª e segg.—e *Villa Secca d'Armamar*, tomo XI, pag. 1059, col. 1.ª e seguintes.

comprehendendo juro e capital. O preço kilometrico da linha será de 21 contos.

3.ª—Duas linhas ferreas, adjudicadas a uma só e mesma empreza, de via reduzida, de Chaves a entroncar na linha ferrea do Douro, seguindo o valle do Tamega; e de Braga a entroncar na linha do valle do Tamega, em Cavez, seguindo por Guimarães e Fafe. A séde da empreza será em Braga. A garantia do juro de 5,5 sobre o preço kilometrico de 30 contos.

4.ª—Linha ferrea que partindo de Mangualde, na linha da Beira Alta, vá entroncar na estação de Recarei, na linha ferrea do Douro, passando per Viseu e S. Pedro do Sul. O maximo de extensão kilometrica comportado para garantia de juro será de 157 kilometros e o preço kilometrico será de 30 contos.

—

Do exposto se vê que a 2.ª e 4.ª das mencionadas linhas interessam *muito particularmente* a este districto de Viseu—e estamos convencidos de que mais tarde ou mais cedo a 4.ª linha dará para Lamego um ramal, partindo de S. Pedro do Sul por Castro d'Ayre.

Tambem uma empreza constructora já pediu e obteve licença para fazer—*sem subsidio algum do governo*—uma linha ferrea directa de Coimbra para a estação de Santa Comba-Dão na linha da Beira Alta, com o que muito deve lucrar Viseu, porque a nova linha é para assim dizer—continuação do ramal de Viseu até Coimbra *em recta* e será o caminho mais curto entre Viseu, Coimbra e Lisboa.

O nosso governo, desejando concluir em praso breve todas as nossas estradas a macadam já principiadas, abriu subscripção publica para um emprestimo nacional de 3:500 contos a juro de 4 p. c. em abril do corrente anno de 1888—e rapidamente foi coberta a dicta somma duzias de vezes!

Nunca Portugal teve o seu credito mais firme nem obteve dinheiro mais barato e com tanta facilidade.

Tambem no mesmo mez d'abril o nosso governo poz a concurso por districtos empreitadas geraes para a conclusão das dictas estradas.

Para o concurso da empreitada geral de estradas no districto de Viseu appareceram sete concorrentes, que foram os srs.: Rocha Souza & C.ª, por 192:000$000; Formigal, por 196:000$000; Semião Amaral, por 197:000$000; Courinha, por 205:000$000; João Martins, por 202:000$000; Pereira Silva, por 206:000$000; Rodrigo de Oliveira, por 212:000$000. A base da licitação era de 221:000$000. A adjudicação foi feita aos srs. Rocha Souza & C.ª por 192:000$000, dando o abatimento de 12,7 p. c.

—

Ao sr. Antonio Casimiro de Figueiredo, dignissimo coronel de engenheiros, e que foi durante muitos annos director das obras publicas no districto de Viseu, agradeço os apontamentos qne se dignou enviar-me para este topico. No supplemento ao artigo *Ferreira d'Aves*, terra natal de s. ex.ª, daremos a sua biographia; entretanto pode ver-se no *Album Visiense*, bem como o seu retrato.

Segurança publica

Hoje n'este districto, bem como em todo o nosso paiz, não ha uma quadrilha de salteadores ou de malfeitores, nem grandes criminosos em liberdade.

As quadrilhas de malfeitores desappareceram ha muito e se alguem commette um ou outro crime, é perseguido sem tregoas pela jusiiça, e—graças aos telegraphos, ao zelo das auctoridades e á moralidade do povo—muito poucos malfeitores deixam de ser presos sem demora. São mesmo raros e muito raros hoje entre nós os grandes crimes e nunca foi tão brando o nosso codigo penal, pois d'elle estão banidas ha muito a pena de morte, as penas corporaes, os sequestros e as prisões por dividas.

Póde cruzar-se em todas as direcções o nosso paiz de dia e de noite em diligencia ou nos caminhos de ferro e mesmo a pé ou a cavallo, sem escolta e sem receio, embora o viajante leve comsigo quaesquer sommas. Mesmo nas aldeias e quintas fecham-se as portas por decencia e mera formalidade; não

se vê uma casa *unica* hoje com as portas chapeadas de ferro, nem com torres e seteiras para defesa, nem com escondrijos para guarda de joias, alfaias e dinheiro—e por vezes os mais ricos proprietarios auzentam-se, deixando as casas com todas as suas joias entregues a um restricto numero de criados valetudinarios;—demoram-se o tempo que muito bem lhes apraz—e voltam muito tranquillos, certos de que as encontram sem lhes faltar coisa alguma.

Tambem hoje nenhum viajante ou negociante se lembra de fazer as suas disposições testamentarias, embora se afaste para grandes distancias, emquanto que outr'ora,—mesmo ainda no 2.º quartel d'este seculo,—todos por prudencia faziam testamento e tratavam de adquirir *salvos-conductos*, quando tinham de viajar e negociar mesmo dentro do nosso paiz.

Eu ainda conservo o diploma de *official do Santo Officio* que meu pae obteve como *salvo-conducto* para viajar e negociar com mais segurança entro o Alto-Douro (concelhos de Taboaço, Armamar e Lamego, d'este districto de Viseu) e o Porto,—e ainda assim *fez testamento* antes de sair de casa—e muitas vezes teve a vida jogada aos dados!...[1]

Tambem sabemos que o celebre *Chuço*, lendario salteador de Trancoso, dava senhas ou passes para todo o nosso paiz e para grande parte da Hespanha,[2]—e ainda em nossos dias o grande salteador *José do Telhado*, deu senhas ou *passes* ás pessoas das suas relações que tinham de viajar no Minho.[3]

—

Nunca se viveu com tanta tranquilidade, tanta liberdade e tanta segurança e *n'este districto* desde o meado d'este seculo,—graças ao novo regimen politico, á crescente illustração do nosso povo e á longa e abençoada paz que temos gosado desde 1847, data da *convenção de Gramido*, que poz termo á revolução da *Junta do Porto*, ultima guerra civil, de que foi theatro o nosso paiz na primeira metade d'este seculo,[1]—não fallando na *guerra peninsular*, que tanto nos incommodou de 1807 a 1814, ou até que o nosso exercito regressou de França.

V. *Almeida, Bussaco, Gojim, Passos da Serra, Torres Vedras, Vimeiro da Lourinhã* e *Villar Formoso*.

Com as muitas guerras e perturbações politicas da primeira metade d'este seculo Portugal soffreu muito e muito soffreu tambem *este districto*. Elle foi atravessado e talado primeiramente em 1808 pelo general francez *Loison*, em marcha de Almeida por Moimenta da Beira e Lamego sobre o Porto, mas fez alto em Mesãofrio e retrocedeu por Lamego sobre Viseu,[2] etc.—e em 1810 pelo grande exercito de Massena, quando marchava sobre Lisboa.

Soffreu tambem muito este districto com os movimentos, recrutamentos, aquartelamentos e fornecimento do exercito anglo-luso em 1810, quando esperava Massena e se preparava para o bater, como bateu, no Bussaco; em 1811 quando o nosso exercito perseguia na retirada o de Massena;—em 1812 quando na retirada de Burgos o exercito anglo-luso atravessou a parte leste d'este districto e hibernou em Lamego, na Re-

---

[1] Note-se que negociava em vinho para a praça do Porto durante o cerco, em 1832 a 1833. Ganhou alguns contos de réis, mas com immenso risco, pois por vezes atravessou embarcado as linhas do exercito de D. Miguel debaixo de vivo fogo!...

[2] V. *Terranho*, vol. IX, pag. 551, col. 2.ª,—e *Trancoso* no mesmo vol. pag. 719, col. 1.ª e segg.

[3] *O José do Telhado*, de nome *José Teixeira*, nasceu na pequena povoação do *Telhado*, freguezia de S. Salvador de Castellões de Recezinhos, no extincto concelho de Santa Cruz, hoje concelho e comarca de Penafiel; casou na freguezia de S. Pedro de Cahide de Rei, concelho de Louzada e, depois de haver praticado algumas mortes e muitos roubos no seu concelho e nos limitrophes, como chefe de uma numerosa e perigosa quadrilha de salteadores, no 3.º quartel d'este seculo, foi degradado para a Africa, onde falleceu.

V. *Castellões de Recezinhos* n'este diccionario e no supplemento.

[1] V. *Gramido* e *Porto*, vol. 7.º pag. 366, col. 2.ª e segg.

[2] V. *Villa Jusã*, tomo XI pag. 771, col. 2.ª

goa, Amarante e Penafiel,—e em 1813 quando volveu á campanha, tornando a atravessar grande parte d'este districto.

—

Terminada a campanha contra os francezes em 1814, seguiram-se as guerras civis que ensanguentaram Portugal, este districto e a propria cidade de *Viseu*, pois em Lamego teve o sr. D. Miguel um deposito de 400 a 500 presos politicos, que soffreram as maiores torturas, comprehendendo pessoas de todas as cathegorias e até alguns lentes da Universidade,—e em Viseu teve uma commissão mixta, de magistrados civis e militares,[1] que foi o terror da Beira e mandou fuzilar 25 pessoas. Foram as seguintes:

Primeira sentença

23 de agosto de 1832

—*Padre Laureano Pinto de Noronha*, natural da quinta da Aveleda, freguezia de S. Chrystovam de Nogueira, concelho de Sinfães.

—*Padre Caetano José Pinheiro*, natural da povoação de Villa Chã, freguezia de Nespereira, no mesmo concelho de Sinfães, e

—*Padre Antonio Alberto Pereira Pinto Monte-Roio*, natural da povoação de Casconha, freguezia de S. Thiago de Piães, no mesmo concelho.[2]

Estes tres infelizes, sendo considerados liberaes e tendo por isso as suas casas em sequestro, resolveram acolher-se ao Porto, onde já estava o sr. D. Pedro IV com o exercito liberal. De combinação com o padre Joaquim José Pereira dos Santos, frade jeronymo, da casa de *Maças* em Rezende, e com outro, cujo nome e naturalidade se ignora, metteram-se todos 5 em um barco no caes de Mourilhe, freguezia de S. Chrystovam de Nogueira, no dia 15 de julho de 1832, em direcção ao Porto, mas, percorridos cerca de 2 kilometros sómente, ao passarem defronte da praia de Vimieiro,[1] bradaram-lhes os guardas miguelistas: *A terra, a terra!— Queremos ver os passaportes!*...

Como não obedecessem, fizeram fogo sobre o barco, pelo que todos os que iam dentro d'elle se deitaram sobre o lastro, menos o padre Pereira dos Santos que fez alguns tiros sobre os guardas, mas teve de suspender o fogo, porque foi gravemente ferido por duas balas:—uma atravessou-lhe o corpo; a outra alojou-se n'elle.

Caiu banhado em sangue entre os companheiros—e o barco, proseguindo sem governo, foi naturalmente dar em terra. O desconhecido lançou-se ao Douro e n'elle pereceu; os tres saltaram em terra e fugiram, mas foram logo presos pelos guardas,—e o padre Joaquim J. Pereira, que jazia no barco, foi ainda crivado de golpes nas pernas pelo arraes d'outro barco.

—

Conduzidos em seguida á presença do capitão-mór da Ribeira de Tarouquella, foram por elle gravemente insultados e mandados para a cadeia de *Cresconha* ou *Casconha*, d'onde no dia seguinte foram removidos para o castello de Lamego, distante cerca de 50 kilometros,—e a pé, apesar das maiores instancias para que lhes permittissem ir a cavallo. De Lamego seguiram para Viseu, onde a tal commissão os fuzilou, como já dissemos.

D. Margarida, irmã do padre Monte-Roio, desejando valer-lhe, poz-se a caminho de Viseu, levando valiosas recommendações para o presidente da commissão; commoveu até as lagrimas ás filhas d'elle e as bondosas senhoras tanto instaram com o pae que D. Margarida se retirou esperando que as victimas apenas seriam condemnadas a

---

[1] Era presidida pelo tenente-general... governador das armas da provincia e, em virtude dos decretos de 12 de janeiro de 1829, 9 de fevereiro de 1831 e 23 de março de 1832, a dicta commissão era obrigada a mandar fuzilar os reus dentro de 24 horas, depois de proferida a sentença, o que *pontualmente* cumpriu.

[2] A dicta casa de *Caconha* foi paço d'Egas Moniz, aio de D. Affonso Henriques, e suppõe-se que o nosso primeiro rei ali viveu tambem algum tempo, quando menino.

[1] V. *Vimieiro*, aldeia, tomo XI, pag. 1444, col. 1.ª e segg.

degredo, pelo que nas tres casas de Aveleda, Villa Chã e Casconha se resolveu que uma irmã de cada um dos 3 infelizes os acompanhasse no exilio, e as 3 senhoras já estavam promptas para marcharem, quando receberam a triste nova.

D. Margarida, alem das recommendações, levava tambem *tres mil crusados* em dinheiro, para os empregar *opportunamente*, o que não fez, por não ter a certesa de bom exito.

—

O padre Joaquim José Pereira dos Santos, irmão de José Joaquim Pereira dos Santos, 1.º barão de Fornellos,—e tio de Fernando Maria Pereira dos Santos, 2.º e actual barão do mesmo titulo,[1] depois de crivado de balas e golpes, foi conduzido em um barco para Lamego e d'ali transportado para Viseu, mas não teve a sorte dos companheiros por estar ainda muito doente quando foram fuzilados. Depois, passados alguns mezes, fugiu da prisão com um dos Marçaes de Foscôa e com o padre Luiz Manoel Moutinho, que morreu sendo prior em Mattosinhos.

Depois de 1834 voltou ainda ao seu convento e a elle se deve a salvação da preciosa bibliotheca e de uma biblia de grande valor que n'ella havia.

Ao cabo de 12 annos a buxa de um dos tiros e um bocado do colete sairam-lhe envoltos em uma membrana,—e tambem, passados annos, ao atravessar o Douro entre Rezende e Mesãofrio, encontrou casualmente o arraes que barbaramente o ferira no acto da prisão e, podendo vingar-se d'elle impunemente—honra lhe seja—*perdoou lhe!*...

Falleceu em 1874, sendo conego da Sé de Lisboa.

—

Fecharemos este sombrio topico dizendo que os 3 infelizes chegaram a Viseu no dia 5 d'agosto de 1832; foram condemnados no dia 22 e fuzilados no dia 23 do dicto mez

[1] V. *Rezende*, tomo VIII, pag. 160, col. 2.ª—e *Villa Verde, quinta*, tomo 11.º pag. 1100, col. 2.ª e segg.

pelas 6 horas da tarde, no *Campo da Feira*, hoje *Campo de Viriato*, pelos voluntarios realistas de Trancoso, assistindo tambem uma força de cavallaria, e foram sepultados na capella de *Nossa Senhora da Conceição*, que demora no mesmo campo.[1]

Segunda sentença

17, ou 19[2] d'outubro de 1832

—*Fr. Simão de Vasconcellos*, monge de S. Bernardo, natural da quinta do Outeiro, freguezia de Cesár, então concelho da Villa da Feira e hoje de Oliveira d'Azemeis, ali rezidente por breve apostolico.

V. *Cezar*.

—*Antonio Joaquim*, da cidade do Porto, forriel do batalhão de caçadores n.º 12.

—*Joaquim Gonçalves*, da freguezia de Casaes, então concelho de Penafiel e hoje de Lousada, soldado do mesmo batalhão.

V. *Casaes*, tomo II, pag. 141, col. 2.ª

—*Francisco José Marques*, da freguezia de Sanfins, concelho da Feira, soldado do batalhão da Serra, organisado no Porto,

—*José d'Oliveira*, do logar de S. Gião, freguezia do Souto, concelho da Feira, casado, lavrador e soldado do batalhão de Villa Nova, organisado no Porto.

—*Joaquim José da Silva*, natural do Porto, soldado de caçadores n.º 2.

—*Luiz Ferreira da Costa Sant'Anna*, da freguezia de Ranhados, junto de Viseu, mas residente no Porto, e ali hortelão dos padres loyos, de 65 annos de idade.

Segundo se lê a pag. 436 das *Memorias* do dr. Secco já citadas, estes infelizes foram aprisionados com as armas na mão no dia 9 de setembro de 1832;—condusidos em seguida para Lamego e d'ali para Viseu, onde

[1] V. *Memorias do tempo passado e prezente para lição dos vindouros* pelo conselheiro, lente da Universidade e nosso primeiro criminalista, dr. Antonio Luiz de Sousa Henriques Secco, 1880. Coimbra, 4.º de 804 pag. afora as erratas e o prologo,—pag. 432 a 436—e 707 a 709.

[2] Não encontro firmesa n'esta data.

chegaram a 19 do dicto mez;—condemnados pela *commissão mixta* a 16 ou 18 d'outubro, foram mettidos no oratorio em uma das aulas do Seminario no mesmo dia e arcabusados no seguinte (17 ou 19) no terreiro contiguo ao Seminario, hoje *Campo de Alves Martins*, por uma força de milicias de Bragança.

Alguem diz que foram sepultados na capella de S. Martinho e em um pequeno cemiterio proximo; mas a *Chronica Constitucional* diz que foram sepultados *em Codeços, ou antes em um fosso onde costumavam lançar-se os animaes mortos.*

Dicant paduani.

—

Nos fins do ultimo seculo viviam na sua casa e quinta do Outeiro, freguezia de *Cesár*, José Bernardo Pereira de Vasconcellos e sua mulher D. Anna Margarida d'Almeida Cabral, ricos proprietarios no concelho de Oliveira de Azemeis e nos de Cambra e Arouca.

Tendo 5 filhos e 4 filhas, para assegurar-lhes uma posição decente collocaram alguns dos filhos no estado ecclesiastico e outros na vida militar.

Um d'elles,—Fr. Simão de Vasconcellos —nascido em 28 de setembro de 1789, foi para a ordem de Cister, professando no convento d'Alcobaça;—e seu irmão José Pereira de Vasconcellos foi para a ordem benedictina; professou no convento de Refoios de Basto e falleceu em Lisboa, sendo pregador geral da congregação. Joaquim Maria Pereira de Vasconcellos e Frederico Pinto Pereira de Vasconcellos, irmãos tambem de Fr. Simão, assentaram ambos praça antes de 1808, aquelle na arma de cavallaria e este na de infanteria; foram logo reconhecidos cadetes e serviram na guerra peninsular.

Joaquim Maria, sendo capitão de cavallaria n.º 6 (*Dragões de Chaves*) em 1823, recusou adherir á revolução que o general Silveira, depois marquez de Chaves, fez n'aquelle anno em Traz-os-Montes contra o governo liberal, pelo que o dicto capitão foi desligado do serviço e deportado para Aveiro, onde falleceu.

Frederico Pinto, sendo alferes ajudante de infanteria n.º 18, quando em 1819 casou, em seguida reformou-se e abandonou a carreira militar.—Tanto elle como o irmão Joaquim eram liberaes convictos, e as mesmas ideias perderam a Fr. Simão de Vasconcellos.

—

Tinha elle um caracter muito energico e independente, que mal se ajustava com a vida do claustro, pelo que pediu e obteve em 1816 a secularisação, allegando a circumstancia de ter 4 irmãs solteiras, orphãs de mãe, que necessitavam do seu auxilio.

Obtida a secularisação, viveu alternadamente no concelho de Oliveira de Azemeis e no de Arouca, nas propriedades do seu irmão Frederico, a quem o pae doou a casa com certas condições.

Desde as primeiras manifestações liberaes em 1820, Fr. Simão abraçou com enthusiasmo as novas ideias politicas, procurando propagal-as e festejando-as publicamente, pelo que entre o povo era apontado como apostata e pedreiro livre—e em 1828, depois que o exercito liberal emigrou para a Gallisa e os seus correligionarios para differentes nações, foi Fr. Simão denunciado como liberal *façanhudo.*

Não se fez esperar a ordem de prisão contra elle e, como era tido por muito valente, foi enviada a Cesar uma grande escolta de milicias para o prender; estando porem elle prevenido e armado, rompeu atravez dos milicianos e nenhum se atreveu a seguil-o.

Este facto exacerbou os perseguidores, pelo que em seguida marchou do Porto sobre Cesar um grande destacamento do corpo de policia com ordem de o colherem ás mãos vivo ou morto.

Surprehendido pela escolta em uma madrugada na quinta do Outeiro, em Cesar, tractou de fugir, mas, sendo perseguido a tiros, uma bala fracturou-lhe a omoplata esquerda, saindo por baixo da clavicula. O ferimento era tão grave que foi immediatamente confessado e sacramentado e em seguida levado em uma maca para a cadeia da Villa da Feira. Ali esteve em tractamento mais de um anno e logrou sobreviver, mas

o braço esquerdo ficou leso e quasi tolhido; ainda assim uma noite arrombou o telhado da cadeia e fugiu, vivendo em seguida homisiado até que, entrando no Porto o duque de Bragança em 1832, immediatamente se lhe apresentou, sendo muito bem recebido.

Passado pouco tempo, ou por deliberação espontanea ou por ordem superior, reuniu alguns soldados de confiança bem armados e decididos e marchou com elles para Cesár, atravessando as linhas do exercito de D. Miguel. Marchou logo de Oliveira d'Azemeis um forte destacamento de milicias em perseguição d'elle. Travaram fogo, mas Fr. Simão teve de fugir com os seus para as montanhas d'Arouca. Ali o capitão mór com as suas ordenanças tratou de lhe dar caça e Fr. Simão, falto de munições e acabrunhado pelo numero, foi ferido e preso com alguns dos seus e em seguida levado para a villa d'Arouca e d'ali para Viseu, onde teve a sorte mencionada supra.

Calamitosos tempos!... [1]

Terceira sentença

24 d'outubro de 1832

—*José Francisco*, natural de S. Martinho d'Argoncilhe, concelho da Feira, casado, proprietario e soldado de caçadores n.º 5.

Este desgraçado foi preso e mettido nas cadeias de Lamego, d'onde passou para a de Viseu. Chegou ali no dia 19 de setembro e, por haver pertencido á gente de Fr. Simão de Vasconcellos, a *commissão mixta* o sentenciou á morte no dia 23 d'outubro e no dia seguinte o fuzilou no *Campo da Ribeira*.

Foi sepultado no cemiterio do hospital, junto da capella de S. Martinho.

Quarta sentença

30 d'outubro de 1832

—*D. Fernando Gutierres Ga'on*, natural de Algeciras, na Andalusia.

[1] V. *Memorias* do dr. Secco, pag. 709 a 714.

—*D. Paschoal Alpalhez*, natural da villa de Sague, na Hespanha.

—*D. Antonio Ximenes*, natural de Tarragona.

—*D. Eusebio Paschoal*, da villa de Navalcan.

—*Manuel Sanches Garcia*, natural de Saragoça, capital do Aragão.

—*D. Benito José*, natural da freguezia de Sonera, arcebispado de S. Thiago, na Gallisa, soldado do batalhão da Serra, no Porto.

Estes 6 hespanhoes foram tambem aprisionados nas serras d'Arouca;—d'ali conduzidos para a cadeia de Lamego—e depois para a de Viseu, onde deram entrada a 19 de setembro. Por terem feito parte da gente de Fr. Simão de Vasconcellos, a *commissão mixta* os sentenciou a pena ultima no dia 29 d'outubro; n'esse mesmo dia entraram para o oratorio nos claustros do Seminario e no dia seguinte foram fuzilados pelas milicias de Bragança no *terreiro de Santa Christina*, onde jazeram os cadaveres ensanguentados *todo o dia!*

Foram sepultados no cemiterio do hospital da Misericordia.

D'estes 6 infelizes os 3 primeiros haviam adoecido na cadeia, pelo que os transferiram para o hospital, onde lhes foi intimada a sentença, quando os suppeseram bem ou mal curados, e em seguida os levaram para o oratorio, onde já estavam os companheiros; mas tão doentes e faltos de forças se achavam ainda aquelles 3 infelizes que, tendo sido marcado para a execução o largo de *Santo Antonio*, hoje *Passeio de D. Fernando*, e não podendo aquelles desgraçados ter-se em pé, foram fusilados á saida do oratorio, no *Campo de Santa Christina*.

Quinta sentença

21 de março de 1833

—*Antonio Homem de Figueiredo e Sousa*, natural da Cruz do Souto, freguezia de Farinha Podre, concelho de Penacova.

—*Antonio Joaquim*, natural da aldeia de

Varzea da Candosa, freguezia de Candosa, concelho de Taboa.[1]

—*Padre Antonio da Maia*, natural da Cruz do Souto, freguezia de Farinha Podre, parocho encommendado da freguezia de Covellos d'Azere, concelho de Taboa.[2]

—*Francisco Homem da Cunha*, filho de Bernardo Homem e irmão de Guilherme Nunes, do logar e freguezia da Cortiça, hoje concelho de Arganil.[3]

—*Francisco de Sande Sarmento*, solteiro, natural da povoação de Carvoeira, freguezia e concelho de Penacova.

—*Felisberto de Sande*, irmão do antecedente e natural da mesma povoação de Carvoeira.

—*Guilherme Nunes da Silva*, filho de Bernardo Homem e irmão de Francisco Homem da Cunha, mencionado supra.

—*José Maria d'Oliveira*, natural da povoação da Cortiça, freguezia de Paradella[4] concelho d'Arganil.

Estes 8 desgraçados eram todos do actual districto de Coimbra e foram todos fusilados em Viseu no *Rocio de Santo Antonio*, hoje *Passeio de D. Fernando*, a 21 de março de 1833 por sentença da *commissão mixta*, com data do dia antecedente, como reus da *queima da polvora da Murcella*, ou de *S. Martinho da Cortiça*.

Esplanemos este facto, porque prende com Viseu e é muito importante, pois deu origem a 8 mortes e a muitas prisões e crueis perseguições, que se prolongaram por muito tempo e cobriram de cinzas, lucto e sangue uma grande parte da Beira.

—

Desde 1828 até 1834 os habitantes de Midões soffreram muito pelas suas ideias politicas. Foram ali pronunciados como *liberaes* 84 homens e 11 mulheres e, para salvarem a vida, tiveram de homisiar-se e viver foragidos pelos montes e por differentes terras.

Nos primeiros dias do mez de março de 1832 estanciavam elles por acaso junto da povoação da Cortiça (kilometro 42 na estrada de Coimbra a Celorico da Beira) um pouco a montante da *ponte da Murcella*, por ser a dicta povoação tambem liberal.

Aquelle grupo de homisiados comprehendia os seguintes:

Antonio Joaquim, vulgo o *Antonio do Arrabalde*.

Antonio Rodrigues Brandão, de Midões.

Francisco Rodrigues Brandão, irmão do antecedente e pae do dr. Antonio Soares de Albergaria.

Manoel Brandão, o *Velho*, tambem de Midões, pae do tristemente celebre *João Brandão* e tio dos dois Brandões supra.

Francisco de Sande Sarmento.

Felisberto de Sande Sarmento.

Francisco Soares da Costa Freire, de Travanca de Lagos, concelho de Oliveira do Hospital.

Joaquim Antonio Marques, da freguezia de Lobão, concelho de Tondella.

José Antunes, da Varzea Negra, freguezia da povoa de Midões, concelho de Tabua, então Midões.

José Maria d'Oliveira, vulgo o *Panella a ferver (?)*.

José Soares da Fonseca Magalhães, o *Morgado de Midões*, irmão do estadista Rodrigo da Fonseca Magalhães.[1]

Martinho Alves, do Casal de Travancinha, concelho de Ceia.

—

No fim da tarde do dia 4 do dicto mez receberam elles aviso para se acautelarem,

---

[1] V. *Varzea da Candosa*, tomo X, pag, 214, col. 2.ª até pag. 228, col 1.ª, onde se encontra a medonha historia dos famigerados *Brandões*.

[2] V. *Covellós*, tomo 2.º pag. 430, col. 2.ª

[3] V. *Cortiça*, tomo 2.º pag 402, col 1.ª— e *Chorogr. Mod.* tomo 3.º pag. 178.

[4] Note se que algumas casas da povoação da Cortiça pertencem á freguezia de Paradella e as restantes á de S. Martinho da Cortiça.

[1] Do exposto se vê que este celebre estadista, natural de Condeixa, tinha parentes proximos em Midões, pelo que, sendo ministro, dispensou escandalosa protecção aos famigerados Brandões, terror da Beira.

V. *Varzea da Candoza*, tomo X, pag. 214, col. 2.ª e segg., nomeadamente a pag. 220, col. 1.ª *in fine*.

pois havia chegado á *Ponte da Murcella,* um troço de 40 voluntarios realistas que vinham de Abrantes escoltando um comboio de 20 carros com polvora, e por isso na manhã do dia 5 estacionavam elles em uma eira, chamada a *Eira do Forno,* a montante e no alto da povoação da *Cortiça,* observando a estrada; mas Martinho Alves e José Maria de Oliveira, negociantes d'azeite, desceram á povoação por causa dos seus negocios.

Ao passar na aldeia da Cortiça o comboio que se dirigia para Viseu, Almeida ou Lamego, um dos carreiros, vendo e conhecendo o José Maria d'Oliveira, disse para os soldados da escolta:—*ali está um malhado*[1]. Tanto bastou para que a escolta se precipitasse sobre elle e sobre o Martinho e, gritando por soccorro, acudiram logo os outros companheiros, que estavam a pequena distancia. Travou-se lucta e, trocados alguns tiros, não obstante a superioridade numerica dos voluntarios realistas, foram estes todos aprisionados, incluindo o commandante, que era um sargento.

Proseguindo o comboio, escoltado apenas por 2 liberaes, quando chegou á *Venda Cimeira,* sitio denominado tambem *Pocos,* foi surprehendido por 30 voluntarios que, havendo escoltado outro comboio de polvora na semana anterior, voltavam para Abrantes e, tendo noticia da occorrencia, dispunham-se para escoltar e defender o novo comboio.

Um homem da dicta povoação da *Venda Cimeira* foi á *Cortiça* avisar os liberaes. Marcharam logo estes contra a nova força realista; batendo-a de frente e de flanco, poseram-na em debandada; em seguida fizeram avançar o comboio para um descampado distante cerca de 400 metros da povoação; descarregaram toda a polvora dos *vinte carros* (?!...)—fizeram um rastilho e lançaram-lhe o fogo, sendo tal a explosão que tremeu a terra até grande distancia!

[1] Os realistas denominavam *malhados* os constitucionaes—e estes por seu turno denominavam *corcundas* os realistas.

—

Ficaram os liberaes muito contentes, mas em breve mudaram de semblante, porque rapidamente chegaram ao dicto local as guerrilhas d'Arganil e com os voluntarios que tinham debandado correram em perseguição dos liberaes. Poseram-se logo estes em fuga e, perseguidos de perto por grande espaço, tiveram de atravessar o Mondego e refugiarem-se nas proximidades de Coimbra, nos Fornos, Alcarraque e quinta da *Zombaria,* onde os seus correligionarios lhes deram acoitamento; mas, julgando-se ali pouco seguros, passados poucos dias volveram para as proximidades de Midões, o que não obstou a serem logo presos junto do local do conflicto Francisco de Sande e José Maria d'Oliveira, com outros muitos que por infelicidade os realistas ali encontraram no momento.

Foram tambem logo presos na Cortiça Felisberto de Sande e Antonio Joaquim, o *do Arrabalde,* por não quererem afastar-se das suas familias.

Para activarem a perseguição em breve se juntaram aos voluntarios realistas d'Arganil as ordenanças de Penacova, Lousã e Penella e alguma infanteria e cavallaria de Coimbra. A devastação pelo saque e pelo incendio pairou sobre as aldeias que circundam a serra de Sanguinheda e aos maus tratos seguiu-se a prisão de muitas pessoas que foram enviadas para as cadeias d'Arganil, Mortagua e Coimbra e d'estas para a de Viseu, onde a *commissão mixta* condemnou á morte os 8 infelizes, mencionados supra, que foram fuzilados pelas milicias de Santarem, sendo o cadaver do Padre Antonio Maia sepultado na capella de S. Martinho e os restantes no cemiterio do hospital proximo.

—

O delicto da *queima da polvora* foi grave, mas a pena foi excessiva e alguns dos individuos fuzilados estavam innocentes, taes foram o Padre Maia e Antonio Homem de Figueiredo e Sousa, pois tinham sido enviados ao local do conflicto pelo Padre Antonio Franco de Miranda e Abreu, prior de S. Martinho da Cortiça, e pelo padre Luciano

José Pereira da Maia, vigario de Coja (então homisiados em *Paio Velho*, junto a Farinha Podre) para que obviassem á destruição da polvora. Como lá foram vistos, julgaram-nos cumplices.

Tambem são considerados ainda hoje innocentes Francisco Homem da Cunha e seu irmão Guilherme Nunes da Silva, pois não tomaram parte na queima da polvora.

As balas da descarga vararam e mataram instantaneamente aquelles infelizes, deixando incolume o Francisco Homem da Cunha, mas o commandante da força mandou darlhe um tiro em um ouvido!...

Foi tambem preso José Homem, irmão d'aquelles dois desgraçados e teria a mesma sorte, se o rev. bacharel Francisco de Lemos da Cunha, seu tio paterno, então parocho encommendádo em S. Martinho da Cortiça, lhe não passasse, como passou (dizem) uma certidão de idade, diminuindo-lhe 3 mezes, para que não tocasse os 17 annos e assim se livrasse, como livrou da pena ultima.

O pae d'aquelles infelizes—Bernardo Homem da Cunha—desde antes d'aquelle conflicto jazia nas cadeias d'Almeida e, quando respirou a liberdade em 1834, depois da convenção d'Evora-Monte, encontrou as casas reduzidas a cinzas, os dois filhos e um con-cunhado (Antonio Homem de Figueiredo) fuzilados—e a esposa tambem já na sepultura!...

Aquelles 8 infelizes não foram as unicas victimas da *queima da polvora*, pois outras muitas pessoas—(homens e mulheres)—foram presas, fallecendo algumas na cadeia e jazendo outras em ferros no grande deposito de Lamego até á convenção d'Evora-Monte.

A isto se reduz o que se lê nas *Memorias* do sr. dr. Antonio Luiz de Sousa Henriques Secco, pag. 438 a 447.

Fecharemos este lugubre topico dizendo que foram ao todo 25 os individuos justiçados em Viseu pela *commissão mixta* de nefanda memoria e que em 1836 foram trasladados os restos mortaes d'aquelles infelizes para um mausoleu nos claustros da Sé com grande apparato, em seguida a pomposas exequias celebradas na mesma Sé.

—

A convenção d'Evora-Monte (26 de maio de 1834) ou a queda do governo realista poz termo aos grandes excessos que ainda hoje conspurcam a memoria d'aquelle partido e que ajudaram a enterral-o; mas seguiram-se outros muitos excessos,—roubos, incendios, ferimentos, espancamentos e mortes,—praticados pelos liberaes e que enlutaram e aterraram por muito tempo o nosso paiz.[1]

Á sombra da bandeira azul e branca se reuniram em seguida á convenção muitos liberaes *in nomine*, ou antes *salteadores* que, a pretexto de represalias sobre os realistas, insultavam, roubavam e matavam quem tinha alguma coisa de seu.

A um despotismo succedeu outro despotismo. A convenção d'Evora-Monte foi escandalosamente falseada—e a segurança publica foi um termo vão muito tempo.

Mesmo no Porto e em volta do Porto se formaram quadrilhas de salteadores, que praticaram grandes excessos em seguida á convenção, e ainda hoje ali se apontam como chefes d'aquelles bandos de *communistas* certos senhores que haviam militado nas fileiras de D. Pedro.

Na propria cidade, no concelho e no dis-

---

[1] Mercê de Deus, não me cegam as paixões politicas—e hei de dizer a verdade, como me cumpre,—dôa a quem doer, pois não escrevo para os *liberaes* nem para os *realistas*, mais para o *publico*.

Bem quizera não magoar pessoa alguma, mas n'este topico é absolutamente impossivel, porque devo registrar como *factos importantes* que foram os excessos praticados pelos *realistas* e pelos *liberaes*,— partidos oppostos, intranzigentes, que ainda hoje só vêem virtudes nos seus e culpas e defeitos nos contrarios, em quanto que uns e outros *delinquiram*.

Eu bem sei que censurando os realistas, estes não me perdoam e exultam os liberaes,—e censurando os liberaes, estes me detestam e exultam os realistas. Alem d'isso tenho relações em um e outro campo e devo attenções e finezas a *liberaes* e *realistas*, mas não posso nem devo falsear a historia. Desculpem.

Amicus Plato, sed magis amica veritas!..

tricto de Viseu se praticaram muitos excessos de toda a ordem tambem.

Ao sul d'este districto tornaram-se tristemente celebres os *Brandões* de Midões e o *Caca* (Antonio de Sousa Macario)—vergonha e terror da Beira!

V. *Varzea da Candoza* n'este diccionario —e as *Memorias* do sr. dr. Henriques Secco, pag. 181 a 226.

—

A N. e N. E. d'este districto fizeram *pendant* com os *Brandões* de Midões os celebres *Marçaes* de Foscôa, desde a raia da Hespanha até Provezende e Rezende, onde saquearam *duas freguezias inteiras* e incendiaram 13 casas?!...

V. *Provezende* e *Villa Nova de Foscôa*, tomo XI, pag. 843,—e na collecção do *Nacional* (n.º 145 de 27 de junho de 1849) os artigos firmados pelo dr. Antonio Ferreira Pontes, então administrador do concelho de Moncorvo e *correligionario* dos Marçaes.

Ali se encontra uma lista com os nomes das pessoas *assassinadas*—e outra com os nomes das pessoas *espancadas e feridas* por elles;—outra lista com os nomes das pessoas que ao tempo andavam *homisiadas* por causa d'elles,—e outra lista indicando os *roubos principaes* por elles praticados.

Todas as 4 listas estão *assignadas* pelo mencionado dr. Pontes e *reconhecidas* por um tabellião, mas, sendo administrador de Moncorvo, teve de fugir para Lisboa, aliás seria victima, porque os Marçaes, ainda antes da publicação do libello accusatorio, já tinham ido com o seu batalhão de voluntarios[1] *á propria villa de Moncorvo, onde elle era administrador*, procural-o para o matarem, pelo facto d'elle (*honra lhe seja!*) não lhes entregar os habitantes de Foscôa que andavam homisiados no dicto concelho.

Os Marçaes eram filhos de Villa Nova de Foscôa, districto da Guarda, mas foram tambem o terror e açoute dos concelhos da Pesqueira, Taboaço, Armamar, Lamego, Rezende, Tarouca e Mondim, pertencentes ao districto de Viseu.

—

Tambem praticou muitos excessos á sombra da bandeira liberal a medonha quadrilha de salteadores, capitaneada pelo celebre *Cavallaria* de Santo Adrião e pelos dois irmãos *Vasques* da Regoa,—quadrilha que se formou em seguida á convenção d'Evora-Monte e que assolou os concelhos de Armamar, Taboaço e Moimenta da Beira.

Roubavam, espancavam e matavam impunemente mesmo de dia?!...

De dia—e em um *dia de feira*,—assaltaram na villa d'Armamar o palacete do general José Cardoso—e no meio da feira ali assassinaram um pobre homem, sem que as auctoridades se atrevessem a prendel-os, por terem sido (os taes 3 chefes) militares do sr. D. Pedro IV no cerco do Porto.

V. *Romão* (S.) tomo 8.º pag. 236, col. 1.ª; —*Santo Adrião* no mesmo vol. pag. 296—e o pequeno livro *Maria Coroada* (Porto, 1879) pag. 131 a 140.

Foram tambem terror e açoute d'este districto no concelho de Moimenta da Beira os *Andrades*; no mesmo concelho e no de Cernancelhe o *Pires* da Rua, que por ultimo foi enforcado, como já dissemos no art, *Vide*, aldeia, tomo X, pag. 652, col. 1.ª; nos mesmos concelhos o celebre *Espadagão* de Cernancelhe, natural de Tabosa das Arnas;[1] nos concelhos de Taboaço, Armamar e Pesqueira os *Leaes* de Longa[2]; nos concelhos d'Armamar e Taboaço o *Traquina* da Granja do Tedo;[3] nos de Tarouca e Mondim os *Sás* da Ucanha—e finalmente no de Lamego os *musicos da Penajoia*.

Tendo aquella populosa freguezia desde tempos muito remotos um mestre regio de latim e distando de Lamego apenas 5 a 6 ki-

---

[1] Era uma guerrilha ou antes *quadrilha* de 300 a 400 malfeitores?!...

[1] V. *Valença do Douro*, tomo X, pag. 109, col. 2.ª

[2] V. *Valença do Douro*, tomo X, pag. 108, col. 2.ª e segg.

[3] V. *Valença do Douro*, tomo X, pag. 105, col. 2.ª e segg.

Veja-se tambem o pequeno livro *Maria Coroada*.

lometros, ali estudavam o latim e em Lamego se ordenavam muitos filhos d'ella. Pelos annos de 1836 a 1838 os taes *meninos* formaram uma philarmonica, especie de banda marcial, e tanto se apaixonaram por ella, que abandonaram os estudos e tractavam só de festas e folias, mas, como nem todos dispunham de meios e todos gostavam da vida airada, muniram-se de clavinas e transformaram-se em uma medonha quadrilha de salteadores.

Roubaram differentes casas e igrejas,—*incluindo a da sua propria freguezia,*—e assassinaram differentes pessoas.

A principio ninguem suppunha que elles fossem salteadores, porque eram todos bem educados,—apresentavam-se muito bem,—tocavam admiravelmente—e alguns pertenciam a *boas familias*, mas desmascararam-se e um bello dia foram quasi todos presos; muitos falleceram nas cadeias e outros na Africa.

D'aquelle lanço de rede escaparam apenas 3, *que eu muito bem conheci!...*

O ultimo falleceu em 1887, deixando uma fortuna avaliada em *50 a 60 contos de réis* (?) tendo sido muitos annos a *primeira influencia eleitoral do circulo de Lamego*, vereador, procurador á junta geral *d'este districto*—e commendador?!...

Na celebre *musica* tocava clarinete e foi o mais feliz da malta, sendo *in illo tempore* talvez o mais pobre do bando.

Bispado de Viseu [1]

É muito antigo este bispado, quer date do seculo III, como diz o Padre Sousa (V. pag. 1595, col. 1.ª e 1710, col. 1.ª tambem)—quer date do sec VI, como nós dissemos. [2]

Já fallámos dos seus bispos; agora fallaremos da sua circumscripção antiga e moderna.

O documento mais antigo que temos sobre o assumpto é o concilio de Lugo, celebrado no anno de 569, em tempo de Theodomiro, rei suevo,—concilio de que apenas chegaram até nós alguns fragmentos, todos bastante alterados pelos copistas. [1]

D'aquelles fragmentos um tracta da divisão dos bispados suevos, comprehendendo *Coimbra*, *Idanha* (hoje *Guarda*) *Lamego* e *Viseu*. Existe uma copia do dicto fragmento no archivo da Sé de Braga e outra na collecção dos *Concilios de Hespanha* por Loaysa. Ambos os codices mencionam os bispados que pertenciam em 569 ao reino dos suevos—e as parochias que os constituiam. Tracta tambem do mesmo assumpto o livro de Idacio, que Loaysa e Morales dão por copia, mas em todos os 4 codices ha divergencia, suppondo-se mais auctorisado o de Braga, que póde ver-se em Argote, *loc. cit.* pag. 849 a 856.

Ali se diz que o bispado de Viseu se estendia *De Borga usque Sortam, et Bonella usque Ventosum.* Não sabemos que limites eram aquelles, mas parece que deviam ser mais amplos que os actuaes, porque ao bispado de Viseu pertenciam então as 8 parochias seguintes:—*Viseu*, *Rodomiro* ou Ropromiro, *Submoncio*, *Subverbeno*, *Cosonia* ou Ousania, *Ovelione* ou Ovelhione, Totella ou Toleta (talvez *Tondella*) e *Caliabria*, que depois no tempo dos godos foi sede episcopal e se estendia até o Agueda (confluente do Douro) que hoje forma a linha de divisão entre Portugal e Hespanha, desde as alturas d'Almeida até á Barca d'Alva.

V. *Caliabria*, tomo 2.º pag. 47, *in-fine; Senhora do Campo*, tomo 8.º pag: 113 e segg. —e *Pinhel*, tomo 6.º pag. 66.

—

Berardo e Argote, citando o fragmento do concilio de Lugo, existente na Sé de Braga, dão ao bispado de *Viseu* n'aquelle tempo as 8 freguezias supra, mas no texto do dicto fragmento transcripto por Argote, alem d'aquellas 8 freguezias menciona-se a de *Cole*-

---

[1] Para evitarmos repetições, veja-se n'este artigo o nosso *Catalogo chronologico dos bispos visienses*, pag. 1589, col. 2.ª a 1634 col. 1.ª e segg.

[2] V. pag. 1591, col. 2.ª e 1598, col. 1.ª

[1] V. *Memorias d'Argote*, tomo 2.º pag. 660 a 668; 689 a 698; 803 a 808—e 849 a 856.

la! Isto nos levou a dizer que eram 9 *in illo tempore* as freguezias d'este bispado.[1]

V. pag. 1719, col. 1.ª supra.

O bispado de *Viseu* confinava, como hoje, ao norte com o de Lamego;—ao sul com o Idanha (Guarda);—ao poente com o de Coimbra—e ao nascente com o rio Agueda. Depois, no tempo dos godos, sendo arvorada em diocese a freguezia de *Caliabria*, perdeu a leste e nordeste um vasto chão desde o Agueda—não sabemos até onde. Berardo, como dissemos no topico da *Viação romana* d'este districto, suppoz que o bispado de *Caliabria* se estendia para O. até *Lamas do Molledo*, entre Castro d'Ayre e Viseu, mas nós não podemos acceitar a opinião do sabio conego pelas rasões ali expendidas.

Com a invasão dos mouros e destruição de Caliabria foi transferida a séde do seu bispado para Cidade Rodrigo, pelo que ficaram pertencendo temporalmente ao reino de Leão e espiritualmente á diocese de Cidade Rodrigo as terras que outr'ora obedeciam a Caliabria e anteriormente a *Viseu*.

Nos fins do sec. XI (anno 1095) pelo casamento do conde D. Henrique, pae do nosso primeiro rei, com a filha de D. Affonso VI de Leão, ficaram pertencendo temporalmente ao condado (depois reino) de Portugal, as terras da margem esquerda do Côa—e espiritualmente aos bispados de Lamego e de Viseu,—terras que nas proximidades do Côa talvez tivessem pertencido ao bispado de Caliabria.

Depois, no tempo do nosso rei D. Diniz, passou para a corôa portugueza a temporalidade do *Cima-Côa* ou das terras que desde a margem esquerda do Agueda até á direita do Côa haviam pertencido a Caliabria. Finalmente o nosso rei D. João I separou tambem da diocese de Cidade Rodrigo a espiritualidade das terras do *Cima-Côa*, unindo-as ao bispado de Lamego e assim se conservaram até 1770, data da creação do bispado de Pinhel, que ficou comprehendendo as dictas povoações e as dos arcyprestados de *Pinhel*, *Trancoso* e *Castello Mendo*, então pertencentes ao bispado de *Viseu*.

—

Extincto o bispado de Pinhel em 1882, quasi todas as parochias d'elle passaram para o da Guarda e as restantes para o de Lamego, não reivindicando o de Viseu parochia alguma das que em 1770 havia dado para o de Pinhel.

O bispado de Viseu foi um dos que menos ganhou com a circumscripção diocesana de 1882. Apenas recebeu do bispado de Coimbra as 4 parochias seguintes:—*Santa Combadão*, villa e séde do concelho do seu nome, *Couto do Mosteiro*, *S. Joanninho* e *Vimieiro*, todas do mesmo concelho de *Santa Combadão*,—e a de *S. Mamede das Talhadas* no concelho de Sever do Vouga, districto e antigo bispado d'Aveiro, extincto pela mencionada circumscripção e dividido pelas dioceses do Porto e de Coimbra.

Em 1838, segundo se lê na memoria que Berardo offereceu á camara de Viseu n'aquella data, este bispado comprehendia 203 parochias, divididas por 5 arcyprestados e estes por 16 districtos ecclesiasticos da forma seguinte:

1.º

Arcyprestado do Aro

Subdividia-se em 5 districtos ou arcyprestados menores:

1.º—com 13 freguezias;
2.º—com 11;
3.º—com 9;
4.º—com outras 9;
5.º—com 11.
Total:
Freguezias, 53.
Fogos (n'aquella data) 13:103.

2.º

Arcyprestado de Besteiros

Subdividia-se em 3 menores:
1.º—com 10 freguezias;
2.º—com 11;
3.º—com 12.

[1] O de Braga contava então 30; o do Porto 25; o de Lamego 6—e o de Coimbra 7?!...

Total:
Freguezias, 33.
Fogos (n'aquella data) 80:074.

3.º

Arcyprestado de Lafões

Subdividia-se em 3 menores:
1.º—com 15 freguezias;
2.º—com outras 15;
3.º—com 14.
Total:
Freguezias, 44.
Fogos (n'aquella data) 7:313.

4.º

Arcyprestado de Mões

Subdividia-se em 2 menores:
1.º—com 11 freguezias;
2.º—com 13.
Total:
Freguezias, 24.
Fogos (n'aquella data) 3:902.

5.º

Arcyprestado de Penaverde

Subdividia-se em 3 menores:
1.º—com 17 freguezias;
2.º—com outras 17;
3.º—com 15.
Total:
Freguezias, 49.
Fogos (n'aquella data) 6:029.
Total geral em 1838:
Arcyprestados maiores, 5
Arcyprestados menores, 16.
Freguezias, 203.
Fogos, 38:421.

Circumscripção actual

Hoje (1888) o bispado de Viseu comprehende a população seguinte: [1]

Freguezias 208

Sendo 10 pertencentes ao districto d'Aveiro (2 ao concelho de Macieira de Cambra e 8 ao de Sever do Vouga);—26 pertencentes ao districto da Guarda (13 ao concelho de Aguiar da Beira e outras 13 ao de Fornos d'Algodres)—e 172 pertencentes ao districto de Viseu:—6 ao concelho do Carregal; 8 ao de Castro d'Ayre; 1 ao de Fragoas; 18 ao de Mangualde; 6 ao de Nellas; 12 ao de Oliveira de Frades; 12 ao de Penalva do Castello; 7 ao de Santa Comba-Dão; 3 ao de S. João d'Areias; 20 ao de S. Pedro do Sul; 12 ao de Sattam; 23 ao de Tondella; 32 ao de Viseu—e 12 ao de Vouzella.

Fogos 56:366
Almas 246.252

Vê-se pois que desde 1838 até 1878, data do censo a que nos referimos, como já dissemos, o bispado de Viseu augmentou em
freguezias 5
Em fogos 17:945
Em almas (a 4 por fogo) 71:780

Padres

Em virtude da extincção dos dizimos, do foro ecclesiastico e das ordens religiosas, é hoje muito sensivel n'este bispado *e em todos os do nosso paiz* a falta de clero.

Os nossos governos teem sido francos em exigir do clero muitas habilitações. Custa hoje talvez tanto a ordenação como em 1834 uma formatura.

E' louvavel a illustração do clero, mas é altamente revoltante que os nossos governos não curem nem tratem de garantir-lhe a sua independencia.

---

[1] Referimo-nos ao censo de 1878 e ao *Mappa das Dioceses* de 1882.

Para o serviço publico equiparam os parochos aos outros funccionarios, mas não os equiparam nos vencimentos.

Emquanto que nas nossas alfandegas e em outras repartições publicas nós vemos batalhões de individuos, muitos d'elles *sem exame de instrucção primaria,* (?) ganhando 500:000 réis e 1 e 2 contos de réis por anno, com serviço *nominal* das 9 horas ás 3 da tarde, *flaneando* escandalosamente, — a maior parte dos nossos parochos não apura 200:000 réis por anno — e muitos nem ao menos 100:000 réis!

Tiraram-lhes os dizimos em 1834 e prometteram-lhes uma dotação, mas até hoje não lh'a deram. O nosso clero — em geral— é pobre e muito pobre, pelo que os padres hoje rareiam muito em todo o nosso paiz e tanto que muitos parochos teem a seu cargo 2 freguezias e celebram nos domingos e dias santificados 2 missas, *com auctorisação superior.*

Hoje toda a cidade de Viseu apenas tem 28 presbyteros; as 5 freguezias *annexas* contam apenas 7 presbyteros e todo o bispado 425, estando muitos d'elles já decrepitos e completamente inutilisados.

O seu cabido, outr'ora tão numeroso, póde dizer-se *extincto,* pois conta apenas 2 conegos,—um já decrepito—e outro demente... [1] Não escasseiam porém as habilitações e o merecimento nos presbyteros d'este bispado. Entre elles occupa um logar distincto o muito reverendo

João Rodrigues Xavier

Nasceu em 11 de dezembro de 1850 na povoação de Paranho, freguesia de Caparrosa, concelho de Tondella, n'este bispado de Viseu. Tem o curso triennal de theologia; ordenou-se em 1877; foi parocho encommendado na freguesia de S. João do Monte, no dito concelho de Tondella; em 1874 foi nomeado prefeito do seminario diocesano, missão que exerceu distinctamente, prestando relevantes serviços na administração dos capitaes, bens e foros da casa, pondo em ordem a cobrança das rendas, etc.

Em setembro de 1884 foi nomeado secretario e capellão de s. ex.ª reverendissima, e em outubro do mesmo anno foi nomeado thesoureiro e administrador da bulla da Santa Cruzada na diocese, missões que exerceu conjunctamente com aquellas.

Em 9 d'outubro de 1885 foi collado vigario na freguezia do Barreiro, mas logo se fez substituir por um encommendado idoneo, para não deixar o serviço do paço episcopal visiense, continuando a merecer a confiança do seu ex.mo prelado.

É um presbytero de singular merecimento e de exemplar comportamento, — muito illustrado, muito afavel, muito piedoso e geralmente bem quisto.

É tambem um presbytero de muito merecimento e muito piedoso o reverendo *Antonio Ferreira d'Almeida,* dignissimo secretario da camara ecclesiastica, dono e fundador da formosa capella de *Nossa Senhora e do santissimo Coração de Jesus.*

V. pag. 1560, col. 2.ª n.º 13.

Provincia da Beira Alta

Viseu é tambem capital da provincia da Beira Alta, uma das 8 em que desde 1834 se divide o nosso paiz. São ellas: — Algarve, Alemtejo, Estremadura, Beira Alta, Beira Baixa, Douro, Minho e Traz os Montes.

Desde os principios da nossa monarchia as provincias de Portugal eram 5: — Alemtejo, Beira, Estremadura, Minho e Traz os Montes. Em 1250 addiccionou-se-lhes a do Algarve e assim permaneceram em numero de 6 até que em 1834 se creou a provincia do Douro, comprehendendo o districto do Porto, que era da provincia do Minho, — e os de Aveiro e Coimbra, que pertenciam a provincia da Beira,—e dividiu-se a parte restante d'esta provincia em duas:—*Beira Alta* e *Beira Baixa,* nomes que tomaram— não da differença da altitude, pois a *Beira*

---

[1] V. pag. 1588, col. 2.ª *in fine.* O *meio conego*—Sebastião Pereira de Figueiredo Queiroz—falleceu em janeiro de 1888, contando 85 annos de idade.

Baixa comprehende a serra da Estrella, que é a maior e mais alta do nosso paiz,

Suppomos que deram ás duas provincias os nomes de *Beira Alta* e *Beira Baixa*, por comprehenderem—a 1.ª a parte *norte*,—e a 2.ª a parte *sul* da antiga provincia da Beira, posto que a Beira Baixa tambem toca no Douro ou na linha que anteriormente limitava a N. (de E. a O.) a provincia da Beira.

—

A *Beira Baixa* comprehende os districtos da Guarda e Castello Branco;—a *Beira Alta* comprehende unicamente o districto de Viseu e por isso, para evitarmos repetições, veja-se o topico supra—*Districto de Viseu*,—onde se encontram indicados os limites, a população, o clima, as producções, rios, montanhas, etc. da provincia do Beira Alta.

Vejam-se tambem os artigos *Beira*, tomo 2.º, pag. 357, col. 2.ª;—e *Lusitania*, tomo 4.º pag. 498, col, 1.ª e 2.ª—no fim do artigo, —e *Douro*, (provincia) tomo 2.º, pag. 481, *in fine*.

Viseu é tambem séde da 2.ª divisão militar, que tem n'esta provincia 2 regimentos de infanteria:—n.º 14 na cidade de Viseu—e n.º 9 na de Lamego;—mais infanteria 12 na Guarda, 21 na Covilhã, 23 em Coimbra, 24 em Penamacor, e finalmente cavallaria 8 em Castello Branco e cavallaria 10 em Aveiro.

Etymologia do nome d'esta provincia

É muito nebuloso este topico e até hoje ninguem o explicou nem nós nos atrevemos a explical-o satisfatoriamente. O meu antecessor apenas o tocou muito de leve no citado artigo *Beira*, mas d'elle se occuparam mais detidamente Fr. Bernardo de Brito, Argote e o dr. Botelho, principalmente este ultimo.

O 1.º na sua *Geographia antiga da Lusitania* diz textualmente o seguinte:.

«He tão nomeada em Portugal a comarca da *Beira*, e tão pouco sabida a origem do seu nome, que *mil vezes me desvelley pela saber*, e só em Alladio, e nas annotações do Bispo Pinheiro achey algum rasto do que buscava, porque dizem que os povos *Birones*, que Strabão põe junto aos Celtiberos, entrarão pella Lusytania em tempo de imperador Tiberio, e povoarão hua parte della, donde infere o Bispo, que a provincia em que viverão teve o nome *Beria*, e depois *Beira*, e os *Berones* pello discurso do tempo, vierão com piquena corrupção a se chamar *Beirões*. Mas esta conjectura não tem mais Authores por si, dado que seja muy boa, e eu a tenha por muy vezinha da verdade: mas por agora fique esta provincia mettida em mãos dos *Turdulos antigos*, té que na Segunda Parte d'esta obra acabemos de averiguar a certeza.» [1]

Eal não disse!

Argote nas suas *Memorias de Braga*, tomo 1.º pag. 449 e 450, dissertando sobre o local da cidade de *Numancia*, diz:

«O segundo argumento de que se valem os que pretendem fosse a antiga Numancia no sitio de Numão[2], he, que aquella famosa cidade estava entre os povos chamados *Berones* conforme a descreve Ptolomeu na segunda *Tabua da Europa*, capitulo sexto, pag. 45. Mas esta razão está tão longe de favorecer esta opinião, que antes a destroe, porque Ptolómeo alli descreve as cidades de huns povos chamados *Berones*, que ficavão junto aos *Autrigones*, que erão, ou em *Biscaya*, ou alli perto. Nem Ptolomeo na verdade situa *Numancia* entre os taes povos *Berones*, mas entre os *Apevacos*, e destes diz que ficavão abaixo dos *Pelendones*, e *Berones*...—e os *Pelendones* e *Berones* erão povos que ficavão na *Hespanha Tarraconense* e *Citerior*; e junto ao nascimento do rio Douro os *Pelendones*, diz Plinio, livro 4.º cap. 20;—os *Berones* junto aos *Cantabros*, como diz Estrabo no livro 3.º Nem os povos que habitavão a nossa provincia da *Beira*, se chamavão *naquelle tempo Berones*, mas sim *Vettones*, ainda que Florião do Campo, l. 2.º cap. 10, dá a entender que algumas vezes os chamavão *Berones*.»

Foi isto o que escreveu Argote em 1732;

---

[1] *Monarch. Lusit.* tomo 1.º pag. 570, col. 2.ª

[2] V. *Numão* n'este diccionario, tomo 6.º pag. 178, col. 1.ª e segg.

vejamos agora o que em 1630 e 1631 (um seculo antes) havia escripto o dr. Manoel Botelho Ribeiro visiense, que foi quem *até hoje* tratou melhor a questão:

—

No seu *Dialogo* 1.º cap. 18, pag. 97 a 101 (codice de *Girabolhos*) — depois de citar a opinião de Fr. Bernardo de Brito, exposta supra:—que esta provincia tomou o nome de *Beira*, depois que a invadiram os *Berones*,—diz que ella tomou o nome dos *Vetones*, seus antigos habitantes, pela mudança do *V* em *B*—e do *T* em *R*.—o que julga naturalissimo, «maiormente (diz elle) quando a lettra *B* he mais familiar na nossa lingoa, e na dos mouros que o *V*: e inda hoje (refere-se ao seu tempo, 1630 a 1636) entre a gente rustica e galega nada se pronuncia com V. Por vós dizem *bós*; por varanda, *baranda;* por virote, *birote*; por valle, *balle*...

«Os mouros, em cujo tempo se corrompeo a maior parte dos vocabulos, e nomes de Hespanha, sempre foram mais affeiçoados á lettra *B, pelo que tem de brutos* (?). Por peccado dizem *becado*, por vilão, *bilão*, etc. Como chamarião pois aos *Vetones* senão Benes? E se se chamavão *Vergones*, que por estes nomes se achão, como dirião, senão *Bergones*? E tirando o *g* que neste nome parece que vai puxado, como dirião, senão *Berões* e *Berones?* E nós, apurada a lingoa, e corrupto o nome, chamamos-lhe *Beirões*, accrescentando hum *i*.

«He tão familiar a lettra *b* em os beirões, que até os meninos, quando começão a fallar, e pedir agoa, dizem *abua*, mudando o *g* em *b*,—e outros, tirando-lhe o primeiro *a*, dizem *bua*, mudando o *g* em *b*. Desta maneira perdião o *g* dos *Vergones* e o *v* mudado em *b*, como era forçado em a nossa antiga lingoa, e na dos mouros, ficava *Berones*, e dahi *Beroes* ou *Beirões*, como hoje se chamão.

—

«Não vos espante esta corrupção, nem mudança difficultosa, que vos darei outros exemplos de nomes, que nem semelhança tem do que forão.

«Quem dirá que *Gerabrica* se mudou em Alemquer; *Taladrica* em Cacia, no rio Vouga; *Salaria* em Alcacer do Sal; *Tubucia* em Abrantes; *Quatraleucos* em Portalegre; *Mendeculia* em Montalvão; *Landobry* em Berlengas... *Equa Bona* em Coina, etc.

....

«O rio Tavora primeiro se chamou *Tabra* com *b*. Assim era facil, e provavel que os *Vetones*, ou *Vergones* se mudassem em *Berones* pelos mouros, ou na nossa lingua antiga, e como costumavão sempre abreviar, d'ahi se mudou em *Berões*, e depois em *Beirões.*»

Depois diz que os *Vetones* eram povos da Lusitania que comprehendiam na sua jurisdição os *Vacceos*, os *Pesures* d'alem da Serra da Estrella, Cidade Rodrigo, Salamanca e muitas outras terras e povoações até o rio Tejo, citando Plinio, Strabão e Ptolomeu. E á observação dos que dizem que os mencionados autores parece collocarem aquelles povos na Estremadura e Cima-Côa, responde que elles situam a cidade de Lamego entre os *Vetones*;—que tão longe está Lamego da Estremadura como Viseu—e que os antigos geographos conheceram mal esta provincia, por ser montanhosa e pobre e pouco frequentada des romanos, *amigos de senhorear poderosos e ricos*,—«e com haver nas historias romanas muita menção de guerras com os lusitanos, todas se achão nas partes do Alemtejo, porque é terra chã, e esta nossa (da Beira) apparelhada a ciladas, de que usavão os lusitanos, que pelejavão á ligeira, e os romanos a pé quedo, carregados de ferro, fugião della.»

Por ultimo á observação dos que estranham que as terras apontadas pelos antigos geographos como centro dos *Vetones* ou *Vergones* não conservassem o nome de *Beira*, mas sómente esta provincia, responde—que isso não admira, porque na Beira, por ser montanhosa e pouco accessivel, tiveram menos guerras e mais demorada permanencia do que na Estremadura, provincia muito mais plana, menos defensivel e theatro constante de guerras sangrentas.

«Querem outros, diz Bluteau, que se chame *Beira*, por ser provincia, interiormente «banhada de muitos rios, e pela costa do «mar, que vae correndo da foz do Mondego,

«por baixo de Buarcos, até S. João da Foz, «uma legoa abaixo do Porto.»

Seja o que fôr: o nome não dá a essencia ás cousas.

Passemos a outro topico.

Visienses illustres

Este topico deve ficar muito deficiente, porque Botelho, Berardo, F. Manoel e os srs. Oliveira Mascarenhas e Cesar Augusto d'Almeida apenas o esboçaram e nós somos estranbos a Viseu e como taes incompetentissimos para organisar uma lista que satisfaça. Aos illustrados filhos de Viseu convinha pugnar *pro domo sua*, mas, a despeito das nossas reiteradas instancias, não nos auxiliaram, como lhes cumpria. Devem pois notar grandes omissões, mas a culpa não é nossa.—*Sibi imputent!*...

Monarchas

—*El-rei D. Duarte*, filho de D. João I.

Nasceu n'esta cidade no dia 31 d'outubro de 1311 e falleceu em Thomar no dia 9 de setembro de 1438, tendo reinado apenas 5 annos.

Para evitarmos repetições, veja-se o topico supra—*Côrte e côrtes*—pag. 1721.

Senhoras

—*D. Eugenia Nunes Viseu*, viscondessa de S. Caetano, filha de Henrique Nunes Viseu e de D. Eugenia da Silva Mendes.

Ao que já dissemos d'esta illustre e benemerita titular no topico das *Familias nobres de Viseu na actualidade*, n.º 11, titulo *Silvas* Mendes, pag. 1735, col. 2.ª, accrescentaremos o seguinte:

Nós não tivemos a honra de a conhecer, mas tributavamos-lhe o mais profundo respeito pela sua pasmosa caridade para com os desvalidos.

Com data de 15 de maio de 1884, por exemplo, disse um jornal de Viseu:

«A sr.ª viscondessa de S. Caetano deu ás creanças do *Asylo d'Infancia* um excellente jantar, que durou desde as 7 horas ás 10 da noite. Depois offereceu tambem um jantar aos empregados e direcção do asylo,»—e deu 20 libras de esmola ao mesmo instituto de beneficencia.»

Em julho de 1885, tendo-se formado em todas as freguezias do concelho de Viseu commissões de beneficencia com receio da invasão do colera, que ao tempo devastava a Hespanha e se aproximava da fronteira, a viscondessa de S. Caetano, muito generosa e espontaneamente disse á commissão da sua freguezia, (Ranhados) que tomaria a seu cargo o tratamento dos pobres da dita freguezia — até onde chegasse toda a sua fortuna.

Felizmente o colera não transpoz a fronteira.

Na semana santa de 1887 mandou s. ex.ª vestir 35 pobres;—deu 100 réis de esmola a cada um dos presos da cadeia de Viseu—e 50:000 réis ao *Asylo da Infancia Desvalida*. No domingo de Paschoa do mesmo anno deu um abundante jantar a 167 pobres — e um bolo de S. Bento e 200 réis de esmola a cada um,—e no dia de Natal do dicto anno fez servir um lauto jantar a 210 pobres, a cada um dos quaes deu tambem uma avultada esmola em dinheiro.

—

Os actos de philantropia e caridade que s. ex.ª praticou não teem conta, porque, vivendo só e solteira, e dispondo d'avultada fortuna, os pobres eram a sua familia, os seus amores e achava um prazer ineffavel em os ver sorrir; mas infelizmente falleceu tão bondosa e benemerita senhora, no dia 5 de junho do corrente anno de 1888.

Toda a imprensa jornalistica de Viseu a pranteou vivamente e o *Jornal de Noticias* do Porto,[1] lhe dedicou estas linhas:

«*Viscondessa de S. Caetano.* — Já acabou para a illustre dama que se chamou Eugenia Viseu a vida de soffrimento horrivel, que ha muito vivia.

«Morreu ante-hontem a desventurada senhora.

«Passou 18 mezes sentada sempre na mes-

---

[1] De 7 de junho de 1888.

ma cadeira e sem tentar, por lhe causar dôres terriveis, outra posição mais commoda. Alli gosava as suas flôres predilectas, que os familiares lhe levavam em ramos variados e numerosos.

«Era um jardim ambulante a sala onde exhalou o ultimo suspiro. N'essa sala, convertida depois em camara mortuaria, ficam dispersos, por sobre os consoles e mesas, musicas d'autores classicos, livros amados de litteratura hespanhola, italiana, ingleza e franceza, de sciencias naturaes, sociologicas, de religião e até d'artes e officios, sem faltar o diccionario de medicina de Robin e Littré.

«Murcharão á vista do cadaver as bellas rosas, cinerarias e as azalias de que ultimamente recebera exemplares formosissimos a illustre morta, que teve uma agonia horrorosissima. O tumor que a victimou, no seu crescimento prodigioso causára deslocações incomprehensiveis, e o corpo da gentil Eugenia Viseu era agora uma monstruosidade medonha, que nos dois ultimos dias a gangrena ennegrecera ascorosamente.

—«Soffro muito; tenho soffrido com uma paciencia que não imagino que possa ser maior, mas não tenho força para mais! Deixe-me queixar, sim?»

«Eram frequentes estas palavras dirigidas por ella ao seu medico e á amiga D. Maria Guilhermina, que foi heroina de maternal dedicação.

«Duas horas antes de morrer, fez o seguinte testamento, que demonstra bem a bondade d'aquelle coração que deixou de pulsar.

«Deixa a D. Maria Leocadia Guilhermina Castello Branco, da cidade de Lisboa, e que actualmente vive em sua companhia e por uma só vez, a quantia de 450$000 réis, que lhe serão entregues dentro d'um mez depois do seu fallecimento.

«Deixa o usofructo de todos os seus bens mobiliarios e immobiliarios a sua prima D. Virgínia Vizeu da Costa, de Lisboa, e por sua morte a propriedade passará para a Misericordia de Vizeu, com a obrigação de fundar um asylo de mendicidade, que se denominará—*Asylo de Mendicidade da Viscondessa de S. Caetano.*»

—

Do exposto se vê que nem a morte a pôde separar dos pobresinhos, pois os instituiu por seus universaes herdeiros.

No *Diario Illustrado* de 13 de junho d'este mesmo anno póde ver-se o retrato da illustre finada e um inspirado necrologio devido á pena da distincta escriptora e sua boa amiga, a sr.ª D. Guiomar Torrezão. Bem quizeramos nós transcrevel-o, mas não nos é possivel, por ser bastante longo. Apenas transcreveremos alguns periodos:

«A viscondessa de S. Caetano chamou a si as creanças, os velhos, os orphãos, os parias, todos os exilados do banquete da vida, amparando-os nos seus braços, consolando os com a sua voz acariciadora, agasalhando-os na sua casa, soccorrendo-os na sua miseria, exaltando-os na sua humildade; não podendo ser feliz, ella que possuia desde o berço a belleza, a bondade, a intelligencia e a riqueza, perdoou ao destino a sua illogica crueldade, revendo-se na felicidade dos outros.

....

O amor votado á infancia, inspirado pela desventura, suscitado pelo aspecto de todas as lugubres miserias humanas, absorveu exclusivamente esse grande coração que se esqueceu de si, para se abandonar, sem partilhas, aos seus filhos adoptivos,—os pobres.

A viscondessa de S. Caetano não se limitava a soccorrer os desvalidos, os orphãos, os doentes, os famintos, os aleijados, todos os desherdados da vida que sem cessar afluiam ao solar de S. Caetano, tantas vezes transformado em asylo e hospital.

Amava-os estremecidamente, padecia com as suas lagrimas, ungia as chagas de Job com o unctuoso balsamo do seu amor.

....

Todos os annos, por occasião da romaria de Santa Eufemia,[1] a viscondessa ia a Ranhados, presidir ao jantar que a sua inex-

---

[1] A grande romaria de *Santa Eufemia* é uma das maiores dos arrabaldes de Viseu.
V. o topico supra, relativo á freguezia de *Ranhados*, pag. 1532, col. 2.ª

gotavel caridade distribuia por duzentos pobres.

....

Dorme na serena paz da aldeia, na doce pacificação do campo e no seio das flores, essa que teve na terra um calvario suppliciante e que foi procurar no ceu uma bemaventurança radiosa.

Os seus responsos soluçaram-os ao longo da azinhaga, embuscada em madresilvas, os pobres, que lhe formaram alas: o ave glorioso da sua immortalidade, entoal-o-hão os anjos.

....

Guiomar Torrezão.»

—*D. Eugenia Candida da Silva Mendes*, ascendente da viscondessa de S. Caetano.

Casou com João da Silva Mendes, rico negociante, proprietario e capitalista de Viseu; sendo já viuva e muito rica, prestou grandes serviços ao partido liberal na cruel perseguição de 1828 a 1833, pelo que em 1837 foi agraciada com o titulo de baroneza da Silva.

Foi uma senhora muito energica e tanto que arriscou a sua fortuna *e a propria vida* em defesa da causa liberal, chegando a ser presa, etc.

Veja-se o topico das *Familias nobres de Viseu*, n.º 11.º—titulo *Silvas Mendes in principio*, pag. 1733, col. 2.ª

—*Merchala* ou *Mercala*, mulher gentia romana dos arrabaldes de Viseu e tristemente celebre, mencionada na inscripção latina que se encontra em um monte, junto de Lordosa.

V. pag. 1711. col. 2.ª e 1712, col. 1.ª

Fr. Luiz dos Anjos no seu *Jardim de Portugal*, pag. 527 e 528, menciona a dicta mulher e dá na sua integra a tal inscripção, dizendo: «...ouve de seu proprio pay hum filho, por nome *Euforbo*, com o qual casou despois de ter idade, de modo que era seu filho, seu irmão, e seu marido; assim o lemos (*diz elle*) em hum livro muy curioso dos mais notaveis Epitafios do mundo, que está em a livraria Regia do Escurial, impresso...»

Registramos o *lenda*, porque é realmente curiosa.

—*D. Josepha Maria de Sá*, filha do dr. Antonio de Sá Mourão.

Pelos annos de 1718 casou com o celebre escriptor e medico Braz Luiz de Abreu, exposto da roda de Coimbra, e não filho da villa d'Ourem, como diz Ignacio Barbosa Machado.

Tendo do seu consorcio já 3 filhas e 3 filhos, os dois esposos muito espontaneamente separaram-se. Ella recolheu-se com as filhas ao convento ou recolhimento de S. Bernardino da cidade d'Aveiro, onde o marido vivia exercendo a clinica; elle ficou com os 3 filhos;—vestiu o habito da 3.ª ordem de S. Francisco, na qual era professo; ordenou-se em menos de 6 mezes em Lisboa; obteve um breve apostolico para continuar a exercer a profissão; voltou para Aveiro; foi nomeado syndico e medico effectivo do convento de S. Bernardino, e fallava quasi diariamente com a esposa, mas depois da separação não mais tornou a ver-lhe o rosto, porque ella tinha o cuidado de o cobrir sempre com um veu.

Ella entrou para o noviciado em 25 de março de 1732, e professou com as 5 filhas no dia 24 de dezembro de 1734—e n'esse mesmo dia cantou o marido a sua 1.ª missa e pregou com muito applauso o sermão proprio da profissão da esposa e das filhas, cujos nomes eram: Anna Maria, Maria da Natividade, Thereza de Jesus, Antonia Maria e Sebastiana Ignacia.

Ignoramos os nomes dos 3 filhos. Apenas sabemos que um falleceu de tenra idade,—outro foi frade de S. Domingos—e o 3.º jesuita.

Depois da profissão da esposa e filhas, Braz Luiz d'Abreu viveu ainda 22 annos em Aveiro, tratando da administração do convento e da cura dos seus doentes; por ultimo falleceu no dia 10 d'agosto de 1756, contando 65 annos de idade e estando muito bem disposto, sentado em uma cadeira,—pois foi victima de uma apoplexia fulminante, pelo que não pôde receber sacramentos nem fazer disposições algumas.

Foi sepultado no proprio convento de S. Bernardino, onde viviam como religiosas professas a esposa e filhas.

Tudo isto com as demais circumstancias que ignoramos e com as obras que Braz Luiz d'Abreu deixou, deu assumpto ao interessantissimo romance que o sr. Camillo Castello Branco, hoje (1888) visconde de Correia Botelho, publicou sob o titulo *Olho de Vidro*, alcunha de Braz Luiz d'Abreu, por haver perdido um olho e usar d'outro de vidro.

As obras de Luiz d'Abreu são o *Portugal Medico*,—o *Sol nascido no occidente e posto ao nascer do sol*, ou a vida de Santo Antonio portuguez,—e *Aquilas, hijas del Sol*,—obra escripta em castelhano.

Veja-se o diccionario de Innocencio e o que disse em continuação o sr. Brito Aranha.

—*D. Maria do Ceu da Silva Mendes*, filha do grande patriota e distincto escriptor publico João da Silva Mendes.

Foi uma senhora formosissima; está ainda solteira, e toca divinamente piano.

Veja-se o topico supra — *Familias nobres de Viseu*, n.º 11, titulo *Silvas Mendes* — e o *Almanach de Vizeu*, de 1884, pag. 50.

—*D. Izabel do Amaral e Vasconcellos*, ascendente da nobilissima *Casa dos Coutos* que foi dos *Albuquerques da casa do Arco*.

Fez de novo o *capitulo* dos frades capuchos d'Orgens e d'elle ficou sendo padroeira.

V. pag. 1543, col. 2.ª

—*D. Maria de Queiroz Castello Branco*.

Esta senhora e o licenciado Belchior Lourenço, seu marido, fundaram em Viseu o convento do *Bom Jesus*, de freiras benedictinas.

V. pag. 1661, col. 1.ª

—*D. Anna de Jesus Serpe*.

Esta senhora e seu marido doaram aos congregados do Oratorio a quinta onde se estabeleceram e fizeram o seu convento, hoje seminario episcopal de Viseu.

V. pag. 1649, col. 1.ª

—*Filippa Varella*.

Fez e dotou a capella do *Espirito Santo*, na Sé de Viseu.

Era irmã de Gaspar Varella de Campos, o *Surdo*, e ambos filhos de *Pedro Rodrigues Ferreira*, feitor do marquez de Ferreira.

—*Uma mulher, cujo nome se ignora*.

Viveu 120 annos e foi casada uma só vez, mas teve entre filhos, netos, bisnetos e tataranetos 96 pessoas!...

Dial. 1.º de Botelho, cap. 20, pag. 110 no codice de *Girabolhos*.

—*Outra mulher, cujo nome se ignora tambem*, e que viveu no sec. XVI.

«Pariu 3 filhos, a qual, como andasse prenhe d'aquella barriga, indo o Ouvidor da Infanta D. Maria prender-lhe o marido, ella lhe quebrou a vara, e o tratou tão mal, que fez queixa á Infanta,[1] que tomou d'isso grande paixão; mas a varonil mulher, como pariu, se foi com elles lançar a seus pés, e pedir-lhe perdão, dizendo que quem tinha em si 4 corações não era de espantar commettesse tal atrevimento; que S. Alteza lhe perdoasse; e a Infanta o fez, respeitando ao que via diante de si.»

Dial. de Botelho, loc. cit.

—*D. Francisca de Campos Coelho*,

—*Ignez Seraphina Margarida de Jesus* e

—*D. Thomazia Maria Micaela de Loureiro Lacerda*.

Foram senhoras de muita illustração, pois Berardo as menciona como *escritoras* na *Memoria* que offereceu á camara em 1838, —parte 1.ª § 12.

—*D. Dorothêa d'Almeida Furtado*,

—*D. Francisca d'Almeida Furtado*,

—*D. Eugenia d'Almeida Furtado*, e

—*D. Maria das Dores d'Almeida Furtado*,—pintoras insignes, filhas do celebre miniaturista José d'Almeida Furtado, sendo as

---

[1] Esta infanta era filha d'el-rei D. Manuel. V. pag. 1722, col. 1.ª, n.º 9.

duas primeiras *Academicas de merito* pela *Academia portuense de Bellas Artes.*

Veja-se o topico infra—*Pintores.*

Bispos

Remissol, 1.º bispo de Viseu, segundo o nosso humilde catalogo.

V. pag. 1598, col. 1.ª *supra.*

Alguem diz que este prelado era filho de Viseu.

—*D. Luiz do Amaral.*

Veja-se o nosso catalogo *supra*, pag. 1605 col. 1.ª *in fine* e segg.

—*D. Manuel de Almeida Carvalho*, bispo do Pará, etc.

Veja-se o topico *Escriptores*, infra, onde fazemos menção d'este benemerito filho de Viseu.

—*D. Gaudencio José Pereira*, hoje arcebispo de Mytilene, com o titulo de *conde*, bispo eleito e governador do bispado de Portalegre.

V. pag. 1589, supra, col. 1.ª

Está eleito e governando aquella diocese desde a morte do ultimo prelado, mas até hoje (15 d'agosto de 1888) ainda não foi confirmado.

D. Gaudencio José Pereira foi nomeado suffraganeo do ex.mo Cardeal Patriarcha de Lisboa por carta régia de 31 de janeiro de 1887.

Confirmado Arcebispo de Mitylene e suffraganeo do Patriarcha de Lisboa por Bulla de 14 de março de 1887. Tomou posse do logar de Provisor e Vigario Geral do Patriarchado, presidente da relação e curia patriarchal de Lisboa, em 19 d'abril de 1887.

Sagrado Arcebispo de Mitylene em 1 de maio de 1887.

Nomeado vigario procapitular do bispado de Portalegre por provisão do ex.mo Cardeal Patriarcha de Lisboa, na qualidade de metropolita, em 15 de setembro de 1887.

Nomeado e apresentado bispo de Portalegre por decreto de 22 de dezembro de 1887.

Preconisado bispo de Portalegre em Roma no consistorio de 1 de junho de 1888.

Prestou juramento no ministerio da justiça em 3 de julho e nas mãos do em.mo Cardeal Patriarcha em 4 de julho de 1888.

Tomou posse (por procuração) do bispado de Portalegre em 21 de julho e fez a sua entrada solemne na Sé em 5 de agosto de 1888.

—

Foi o terceiro que honrou nos tempos modernos o corpo docente do Seminario visiense com o baculo pastoral, sendo o primeiro D. Thomaz Gomes d'Almeida, hoje bispo da Guarda: o segundo D. Antonio Sebastião Valente, arcebispo de Goa e primaz do Oriente. E coisa singular: todos tres assistiram á ordenação do que depois foi bispo de Bethsaida, hoje commissario da Bulla, D. Antonio Ayres de Gouvêa! Em tempos mais remotos (1792) foi alumno do Seminario visiense Manuel Pires de Loureiro, que foi prior de S. André de Lisboa e depois bispo de Beja, fallecido em 1851. É seu parente o actual commissario de policia, Antonio Pires de Loureiro.

Escriptores

—*João de Barros*, o *Livio portuguez*, auctor das *Decadas.*

Nasceu, conforme a opinião mais seguida, na cidade de Viseu em 1496 e falleceu em 1570 na sua quinta de *Alitem*, ou de S. Lourenço, junto da villa de Pombal, sendo sepultado na matriz de Alcobaça.

Relativamente á sua biographia e ás obras de que foi autor, vejam-se os interessantes artigos publicados por Innocencio F. da Silva no *Diccion. Bibl*, tomo 3.º pag. 318 a 323,—e pelo sr. Brito Aranha na continuação do mesmo diccionario, tomo 10.º pag. 187 a 189.

Veja-se tambem o art. *Pombal*, tomo 7.º pag. 138, col. 2.ª, e as *Memorias* de Berardo (cap. 10.º) publicadas em folhetins no *Liberal* e no *Observador.*

Como ainda se discutem alguns pontos da biographia de João de Barros, o *Livio*

portuguez, vamos extractar o que d'elle diz o dr. Manoel Botelho no seu *Dial.* 4.º, cap. 27, e que algum peso tem, porque Botelho, alem de ser muito illustrado e muito versado em genealogias, era parente de Gaspar Barreiros (sobrinho de João de Barros)—possuia *mss.* de Barreiros (veja-se o topico infra)—e escreveu os seus *Dialogos* em 1630 a 1636.

No cap. 27.º diz elle:

Mecia Martins de Figueiredo, filha 2.ª de Martim Annes Durão da Matta... houve de seu marido a Tareja Rodrigues de Figueiredo, que casou com Gil Martins, dos quaes nasceu Diogo Gil de Figueiredo, que casou com Beatriz Affonso, de quem nasceu Gil de Figueiredo... e

—*Isazel Rodrigues de Figueiredo.*

Casou com Lopo Dias e houveram a

—*Leonor Dias de Figueiredo.*

Casou com Lopo de Barros, *cidadão de Braga,* filho d'outro Lopo de Barros e de Maria Gonçalves Raposa, filha d'um cidadão do Porto. Descendiam estes fidalgos de um Martim Martins de Barros, senhor do morgado de *Moreira*, junto a Braga, e d'este nasceu Alvaro de Barros, pae de Lopo de Barros, «que o foi do que tractamos».

Lopo de Barros, marido de Leonor Dias de Figueiredo, foi muitos annos corregedor entre o Tejo e Guadiana e criado de D. Affonso V, D. João II e d'el-rei D. Manoel,—e capitão de 4 naus na tomada d'Arzila, capitão d'um esquadrão no cerco do Sabugal, etc. «E segundo achei por certeza, seu avô não se chamava *Alvaro de Barros*, mas *Gonçalo Dias de Barros*, que foi abbade do mosteiro de *Calvello*, 3 legoas de Braga, e d'outros beneficios, que por sua morte annexou a Villar de Frades, onde jaz sepultado.»

Lopo de Barros houve de Leonor Dias estes filhos:—João de Barros, Diogo de Barros, Alvaro de Barros, Christovam de Barros, Genebra de Barros e Maria de Barros.[1] Teve tambem 2 filhos naturaes: — *João de Barros* (o das *Decadas*) e Martha de Barros.

Em seguida váe fallando de todos os filhos *legitimos*, mencionados supra, indicando os seus casamentos e a descendencia que deixaram, e por ultimo diz textualmente o seguinte:

—

«*João de Barros* filho *natural* de Lopo de Barros,... foi feitor da Casa da India, e Mina, muito privado d'el-rei D. João III, e com o principe se criou, sendo menino; e foi a causa, que Lopo de Barros tinha grande amisade com D. João de Menezes, e á hora da morte disse-lhe que tinha seus filhos acomodados, senão hum, que tinha natural de hua mulher honrada; que lhe pedia muito que lho encommendasse a el-rei; o que D. João fez, offerecendo-lho, que o tomou, e criou com o principe D. João, e o fez da sua guarda-roupa. Compoz este *João de Barros* as *Decadas da Historia da India,* com outras muitas obras famosas. Casou com Maria d'Almeida (*sic*) filha de Diogo d'Almeida, de Pombal, pae tambem de Lopo d'Almeida, de Leiria, da qual houve —*Jeronymo de Barros, Antonio de Barros, João de Barros,* que morreu na batalha d'Alcacere, e *Lopo de Barros,* que foi tão esforçado, e valente lutador, que botava os homens por cima de si para traz,—e *Diogo d'Almeida,* os quaes todos forão filhados por fidalgos; e *D. Maria d'Almeida*, e *D. Catharina de Barros,* mulher de Christovão de Mello, filho de Diogo de Mello da Silva veador da rainha D. Catharina; *Anna de Barros,* e *Isabel d'Almeida,* que casou com seu parente Lopo de Barros, filho de Diogo de Barros, em Braga.»

A transcripção é bastante longa, mas interessante, mesmo porque os *Dialogos* do dr. Botelho ainda estão mss. e não se encontram facilmente.

—*Gaspar Barreiros*, sobrinho do antecedente,

Foi conego na Sé de Viseu, sua patria, onde nasceu não sabemos quando, e ali falleceu em 1 d'abril de 1573, segundo diz Berardo, *loc. cit.*—ou em 6 d'agosto de 1574, segundo diz Innocencio.

[1] Esta *Maria de Barros* teve entre outros filhos, *Gaspar Barreiros*, como logo diremos.

Foi tambem conego e inquisidor em Evora e por ultimo religioso franciscano com o nome de Fr. Francisco da Madre de Deus.

Escreveu varias obras, cuja lista pode ver-se na *Bibl. Lusit.* mas foi impressa apenas uma *Chorographia*, na qual descreve a viagem que fez no anno de 1546 á Italia; principia porém a discripção em Badajoz e falla muito e *muito bem* da Hespanha, da França e da Italia, mostrando profundo conhecimento dos antigos geographos, mas infelizmente não se occupou de Portugal, o que deveras sentimos, pois estava habilitado como talvez nenhum dos nossos chorographos para descrever a antiga *Lusitania*, —e elle a descreveu e talvez dissesse muito da provincia da Beira e de Viseu, sua terra natal, mas infelizmente essa discripção ficou *ms.* e perdeu-se ou jaz ignorada em authographo e exemplar unico nos Açores.

Sendo elle tão versado em antiguidades e occupando-se tão largamente de paizes estrangeiros, seria demasiada ingratidão não se occupar do seu paiz; mas não lhe cabe a censura, porque Barbosa Machado aponta os seguintes mss. de G. Barreiros:

—*Commentaria de Ophyra Regione*;
—*Censura in quendam authorem*;
—*Carta de Roma* (1547) *a El-Rey*;
—*Censuras sobre os 4 livros de Catão*;
—*Vita D. Francisci*;
—Verdadeira Nobreza, ou Linhagem de Portugal;
—*Annotações a Ptolomeu*;
—*Descripção do Egipto*;
—Carta Consolatoria (Roma, 1563) *á Infanta D. Maria*;
—*Carta de Santarem (1569) a Damião de Goes*;
—*Observações Cosmographicas*;
—*Egloga pastoril, em louvor da Infanta D. Maria*;
—*Homilia sobre «Angelus Domini apparuit in somnis Jozeph»*;
—*Geographia da Antiga Lusitania?!*...

—

Debalde procurei este ultimo *ms.* nas nossas bibliothecas publicas e particulares, principiando pela de Evora, já por ser muito abundante em *mss.*—já porque ali viveram G. Barreiros e o irmão, tambem conego e que alem da *Chorographia* que fez publicar, muito provavelmente herdou do auctor todos os outros *mss.* Tractei mesmo de vêr se algum bibliophilo d'Evora os possuia ou me dava noticia d'elles, nomeadamente da *Geographia da Antiga Lusitania*, e não foram completamente baldadas as minhas pesquisas, porque o sr. Antonio Francisco Barata, distincto escriptor publico ali residente, se dignou enviar-me a carta seguinte, que muito agradeço:

«Posso dizer alguma coisa sobre o *ms.* de Gaspar Barreiros.

A *Bibl. Lusit.* dá perdida a *Descripção de Hespanha*, creio que no terramoto de 1755; haverá porém 4 annos, achando eu em Lisboa, na livraria de Antonio Rodrigues, um *ms.* folio, sem começo nem fim, mas de letra do sec. XVI, li-o e descobri n'elle o *ms.* de Barreiros, que Barbosa dava perdido.

Foi comprado para mim pelo sr. dr. Augusto Filippe Simões, e pára hoje na ilha de S. Miguel (Açores) em Ponta Delgada.

Foi da Marqueza d'Alorna—e é o primeiro trabalho de Barreiros, o borrão d'onde talvez se tiraria a copia que se perdeu em 1755.

Começa por uma descripção da Lusitania e depois descreve a Hespanha. Não me lembro se a descreve toda se, ao que me parece, as terras do littoral sómente.

Embora sem principio e talvez incompleto, é estimavel este *ms.* que offereci ao sr. José do Canto.

Em Evora não existe copia.

....

A. F. Barata.»

Do exposto se vê que de tantos e tão preciosos *mss.* de Barreiros apenas existe nos Açores o *borrão* e *exemplar unico* da sua *Geographia da Antiga Lusitania*, exposto a perder-se como se perderam os outros *mss.* do mesmo autor e como se teem perdido e estão perdendo tantos outros!

Quando se resolverão os nossos governos a salvar em edições baratas os muitos *mss.*

que ainda restam e que jazem ignorados nas nossas bibliothecas?[1]

Prosigamos.

—

—*Dr. Manoel Botelho Ribeiro Pereira*, autor dos *Dialogos moraes e politicos, e fundação da cidade de Viseu*, etc. tantas vezes por nós citados.

Era ainda parente de Gaspar Barreiros e compulsou alguns dos seus escriptos, por que a elles faz de longe em longe algumas leves referencias; escreveu os seus *Dialogos* em 1630 a 1636 e lamentamos que até hoje (1888) não fossem dados á estampa, mas por fortuna são bem conhecidos e não se perderam, como succedeu á maior parte dos *mss.* de Barreiros.

Para evitarmos repetições veja-se o que d'estes *Dialogos* dissemos supra, pag. 1540, col. 1.ª; 1725, col. 1.ª e 2.ª; 1660, col 2.ª *in-fine*),—e particularmeute pag. 1684, col. 1.ª e 2.ª—e 1694 a 1696.

Que nós saibamos, ha d'estes *Dialogos* pelo menos 8 copias: 3 em Viseu, sendo uma a de *Girabolhos*; 3 na *Bibliotheca Municipal do Porto;* mais uma no Porto na interessante e valiosa livraria particular do sr. Antonio d'Almeida Campos e Silva,—e outra em Lisboa na bibliotheca da *Academia Real das Sciencias.*

Tambem deixou ineditas varias poesias, que se perderam, segundo diz Berardo.

—

—*José Antonio Madeira*, dr. em canones pela Universidade de Coimbra, e conego doutoral na Sé de Viseu, provido em 31 de março de 1594.

Escreveu e publicou a *Regra dos Sacerdotes*... 1.ª parte, Coimbra, 1603.

«É obra rara, de que difficilmente apparece algum exemplar. Pela minha parte não a poude ainda ver»—diz Innocencio,—e não foi mais feliz o seu continuador Brito Aranha.

—*Antonio Relnoso*, dr. em medicina e lente da Universidade de Coimbra quando a reformou D. João III.

Escreveu um *Tratado das Febres*, — segundo diz Berardo, *loc. cit.*; mas nem o Diccionario de Innocencio, nem o seu continuador Brito Aranha, nem o *Man. Bibliog.* de Mattos mencionam tal escriptor.

—*Antonio Ribeiro Raya*, que nasceu em 1693.

«Parece ter seguido as armas, porque deixou inedito um tratado da *Pratica e Theoria da Guerra*»—diz Berardo, *loc. cit.*

Nem Innocencio, nem Brito Aranha, nem Pinto de Mattos o mencionam.

---

[1] V. *Gaspar Barreiros* no *Diccion. Bibl.* de Innocencio e na citada Memoria de Berardo e a sua genealogia no *Dial.* 4.º cap. 27 do seu parente dr. Manoel Botelho, o qual, depois de dizer que o dito Gaspar Barreiros era filho do 2.º matrimonio de Ruy Barreiros de Seixas e de Maria de Barros, filha de *Lopo de Barros* e Leonor Dias, menciona os filhos que tiveram:

—*Francisca Barreiros*, mulher de Antonio Godinho, o qual acompanhou o bispo D. Miguel da Silva, quando fugiu de Viseu para Roma;

—*Lopo de Barros*, conego d'Evora, e depois abbade de Tavares, pae de Antonio de Barros, collegial de S. Paulo;

—*Gaspar Barreiros*, tambem conego em Evora, «d'onde foi a Roma por mandado do cardeal D. Henrique, ultimo rei portuguez (*in illo tempore*, 1630-1636,) visitar S. Santidade. Depois se fez frade de S. Francisco, e se chamou Fr. Francisco. Compoz muitas obras, como foi o seu *Itinerario*, —hum livro da *Verdadeira nobreza*, com muitas gerações, que não sahiu á luz, —e a *Descripção de Hespanha*, que *tenho em meu poder(?!...) mas imperfeita, ou rascunho da obra que intentava.*» Era *muito provavelmente* o codice que hoje existe nos Açôres e de que já fizemos menção supra.

Menciona tambem Botelho outro irmão de Gaspar Barreiros:

—O *dr. Antonio Barreiros*, que foi corregedor no Porto e Coimbra, cavalleiro do habito de Christo e aposentado com o titulo de dezembargador e tença.

Casou e teve successão.

Botelho, *loc. sit.* diz tambem que João de Barros, o das *Decadas*, era filho, mas *filho natural*, do mesmo Lopo de Barros, avô materno de Gaspar Barreiros.

—*Dr. Antonio Ribeiro da Costa e Almeida.*

Innocencio e Mattos não o mencionam;—o sr. Brito Aranha dá-lhe o nome de *Antonio Ribeiro da Costa* sómente e accrescenta:

«Bacharel em Direito e professor no Lyceu Nacional do Porto. Ignoro as demais circumstancias da sua pessoa, e só vi impressa com o seu nome e á venda a obra seguinte, de que pude tomar nota: — *Curso elementar de Philosophia*... Porto. 1866.»

É neto do infeliz tenente—rei da praça d'Almeida—Francisco Bernardo da Costa e Almeida; casou e vive no Porto, onde é professor do Lyceu e actualmente governador civil, etc.

Veja-se o topico supra—*Familias nobres de Viseu*, n.º 11, *Silvas Mendes*, pag. 1735, onde se encontra a biographia d'este escriptor, benemerito filho de Viseu.

—*Amaro de Reboredo*, famoso latinista, muito elogiado por José Vicente Gomes de Moura.

Escreveu a *Verdadeira Grammatica Latina*... (Lisboa, 1615)—e outras obras indicadas por Innocencio, o qual não póde verificar ao certo a naturalidade do auctor, que foi beneficiado na villa da Arruda e na Sé de Viseu, pelo que Innocencio o julgou natural d'esta cidade ou da villa de Algoso, mas o sr. Brito Aranha affirma que nasceu em Algoso—e á mesma opinião se inclina o *Manual Bibliographico.*

—

—*Dr. Antonio Nunes de Carvalho da Costa Monteiro de Mesquita*, do conselho de S. Magestade, commendador da O. de Christo, cavalleiro da de Nossa Senhora da Conceição, dr. e lente de direito na Universidade de Coimbra, etc.

Nasceu na rua Direita da cidade de Viseu a 16 de junho de 1786 e falleceu em Coimbra a 5 de junho de 1868, contando por consequencia 82 annos de idade.

Nós o conhecemos em Coimbra durante a nossa formatura (1851 a 1856) regendo a cadeira de direito romano.

Era um dos primeiros ornamentos da Universidade, muito versado em todos os ramos da faculdade de Direito, n'outras sciencias e em linguistica, pois andou annos emigrado e viajando pelos paizes estrangeiros e conhecia bem muitas linguas.

Era tambem muito versado em bibliographia, tanto portugueza como franceza, ingleza, hespanhola, italiana, etc. Foi talvez o 1.º bibliographo que teve Portugal no seu tempo.

Regia a sua cadeira com muita proficiencia, mas era muito excentrico. Gostava de formular umas certas *perguntas d'algibeira*, com que se entretinha a *estender* os seus discipulos todos, inclusivamente os mais distinctos, e, costumando os outros lentes ou não irem á aula na vespera de ferias, ou irem e não chamarem á lição, elle ia sempre,—fazia prelecção e chamava á lição,—mesmo no ultimo dia d'aula dos annos lectivos, na vespera das ferias grandes.

Por estas e outras *picuinhas ejusdem fusfuris* na sua aula nem elle, nem o guarda-mor com todos os archeiros jámais poderam manter a disciplina.

Por vezes a dita aula parecia uma praça de touros! Os discipulos, sempre numerosos [1], respeitando aliás todos os outros lentes, caprichavam em *arreliar* e fazer *troça* ao bom do dr. Nunes.

Ahi vae uma amostra do pano:

—

Os salões das aulas n'aquelle tempo tinham lá no fundo a cadeira do professor, especie de pulpito que sobrepujava 2 a 3 metros ao pavimento do salão—e este era abobadado e dividido longitudinalmente com duas ordens de pesados bancos de pinho em plano inclinado para a cadeira do lente, ficando a meio das bancadas uma coxia ou vão, para passagem dos estudantes e do lente.

Nos dias da grande *troça*, principalmente nas vesperas de ferias, quando o pobre dr. Nunes estava fazendo a prelecção e chaman-

---

[1] Os cursos de Direito no meu tempo regulavam por 100 alumnos, e alguns ultrapassavam esta cifra.

do á lição, os discipulos conversavam, cantavam, recitavam, gritavam, atiravam com grandes *papelotes* em todas as direcções, sem respeitarem a cadeira do lente *e o proprio lente*—e cantavam a ladainha em côro, alternando os de um lado da coxia (aproximadamente 50) com os do outro lado, o que em um vasto salão de abobada era de ensurdecer! Por ultimo saltavam para a coxia, deixando os bancos todos vazios; — tombavam o ultimo e mais alto contra o immediato; este cahia sobre o banco visinho e com o peso proprio o tombava — e assim com o peso proprio iam tombando e caindo todos os bancos, produzindo um estrepito infernal!

O dr. Nunes não se incommodava com bagatellas, mas quando o barulho era demasiado, puxava pelo cordão da campainha, —acudia o guarda-mor com os archeiros e por vezes prendia bandos de estudantes.

Por seu turno o dr. Nunes tambem nos actos finaes era franco em deitar *RR*—e um anno deu-se o facto seguinte:—Um seu discipulo, estudante aliás distincto e bem comportado (é actualmente juiz de direito) ficou attonito por ver que, tendo tirado distincções nos outros annos, n'aquelle lhe deitaram um *R*. Sabendo que o *brinde* proviera do dr. Nunes, foi procural-o e queixar-se.

«Os senhores durante o anno cantaram a ladainha, pois agora cantem o *miserere!*...» —lhe disse o dr. Nunes.

—

Elle nunca foi meu lente, mas assisti a muitas das taes *touradas* nas vesperas das ferias, porque os meus lentes e todos os outros, se appareciam então nas aulas, era só para se despedirem. Ficavamos pois todos livres e, como rapazes iamos logo para a aula do dr. Nunes, por ser o espectaculo sempre interessante e *gratuito*.

Desculpem-nos estas reminiscencias de tão saudosa epoca—e prosigamos.

—

No *Album Visiense*, pag. 81 a 83, se encontra em lithographia um bello retrato do benemerito dr. e o seguinte esboço biographico, escripto pelo sr. M. d'Aragão:

«Entre os nomes que por diversos titulos nobilitam a cidade de *Viseu* merece honrosa menção o do conselheiro *Antonio Nunes de Carvalho da Costa Monteiro de Mesquita*.

Basta o facto de ter doado a esta cidade a maxima parte dos livros que hoje constituem a sua bibliotheca publica, para que o nome de tão illustre como prestante cidadão deva gravar se na memoria de seus habitantes e principalmente dos que se empenham no engrandecimento das artes, lettras e sciencias.

Nasceu Nunes de Carvalho em 16 de junho de 1786 na rua Direita d'esta cidade e casa onde hoje (março de 1885) habita o meu bom amigo José Augusto d'Almeida do Amaral.

Foram seus paes José Nunes de Carvalho e Maria Angelica da Costa, o que pode verificar-se no seu assento de baptismo, que se encontra a fl. 182, v. do livro dos assentos da freguezia *Oriental da Sé de Viseu*, relativo, entre outros, ao anno de 1786, archivado na camara ecclesiastica.

Destinado por seus paes ao estado ecclesiastico, consagrou os primeiros annos da sua mocidade ao estudo das humanidades, que então floresciam na casa que aqui possuiam os padres do Oratorio, hoje seminario diocesano.

Mereceram-lhe especial dedicação os classicos gregos e latinos, e foi tal o progresso e distincção que alcançou, que tendo apenas 18 annos de edade, foi nomeado substituto da cadeira de latim n'esta cidade.

—

«Pelos esforços e cuidados do arcebispo D. Frei Manuel do Cenaculo Villas Boas, Evora havia-se tornado o theatro esplendido d'um vasto plano de solidos estudos, onde progrediam as lettras, bellas artes e linguas vivas.

O illustrado prelado não perdia occasião de convidar para o magisterio os mais auctorisados professores. E tanto já soava a fama de Nunes de Carvalho, que em 1806 mereceu a mui subida honra de ser chamado para em tão illustrada escola professar as humanidades.

Ali, pelo tracto intimo com o douto prelado, pela convivencia com sabios distinctos

e tendo á sua disposição os melhores livros, enriqueceu a sua educação litteraria, adquiriu o mais entranhavel amor e esclarecido zelo pelas lettras e pelos seus cultores, e animou os vôos do seu genio que tão alto o elevaram e tanta gloria grangearam para si e para Vizeu, onde se ufanava de ter nascido, pois era raro escrever o seu nome sem accrescentar—*natural da cidade de Viseu*.

Nos fins de 1808 teve de interromper os seus exercicios escolares em consequencia da invasão franceza e dos calamitosos successos de que foi theatro a provincia do Alemtejo, particularmente a sua capital, que pozeram em risco a vida de todos os seus habitantes, especialmente a do seu prelado.

Nunes de Carvalho não hesitou em arriscar a sua vida e incorrer nos odios da populaça para salvar a do arcebispo, não esquecendo assim na adversidade a benevolencia com que este o acolhia na prosperidade.

Dos valiosos serviços que n'esta conjunctura o joven professor prestou á cidade de Evora e ao seu prelado, de quem fôra secretario, existe honrosissimo documento do proprio punho do venerando arcebispo.

O curso dos acontecimentos reconduziu Fr. Manuel de Cenaculo são e salvo á sua egreja; e Nunes de Carvalho voltou tambem a professar por algum tempo as humanidades no seminario eborense.

O sabio e modesto professor continua ahi desenvolvendo as suas felizes disposições para as lettras, e o illustre prelado não cessa de o animar com o exemplo e bons conselhos e de lhe proporcionar todas as condições favoraveis a esse desenvolvimento. Repartiu com elle uma parte dos livros da sua bibliotheca, por sem duvida a dadiva mais valiosa que podia offertar-lhe.

Em 28 de janeiro de 1813 obteve Nunes de Carvalho a nomeação de substituto interino da cadeira de philosophia racional e moral no *collegio das artes* em Coimbra, cujos professores gosavam as honras de lentes da Universidade.

—

«Em outubro de 1815 matriculou-se no primeiro anno juridico, seguindo o curso das duas faculdades em que então se dividiam os estudos de jurisprudencia, fazendo sua formatura em canones no anno de 1820 e em leis no anno seguinte, e recebeu o grau de doutor d'esta ultima faculdade em 28 de abril de 1822.

Por carta regia de 17 d'outubro de 1817 foi provido definitivamente na substituição da cadeira de philosophia, e em 1822 succede na propriedade d'ella a D. Fr. Francisco de S. Luiz, já então reitor reformador da Universidade, e sagrado bispo de Coimbra em 15 de setembro d'este ultimo anno.

A despeito de todas as perseguições que lhe moviam pela sua reconhecida adhesão aos principios liberaes e intima ligação com os seus mais strenuos defensores, Nunes de Carvalho continuou no exercicio das funcções do magisterio até 1828, anno em que principiam as mais sangrentas luctas entre *realistas* e *constitucionaes*.

Depois da batalha da *Cruz dos Morouços*, que ficou indecisa, o brigadeiro Saraiva Refoyos, commandante das tropas liberaes, possuido de um terror panico, como que a tivesse perdido, ao anoitecer do dia 25 de junho de 1828 deu ordem para abandonar aquelle logar e partiu para Coimbra.[1] Na noite de 26 ordena a retirada para o Porto. Alguns habitantes de Coimbra, uns por serem avisados, outros por sentirem a marcha das tropas, acompanharam-as para não cahirem nas mãos do inimigo e serem victimas das suas vinganças.

Nunes de Carvalho, mal convalescido ainda de uma grave enfermidade que o havia acommettido, seguiu-as a pé para o Porto.

A inactividade e a falta de coragem da Junta, que se havia formado n'aquella cidade, e depois a sua dissolução, produziram grave consternação no animo dos seus habitantes. Uns refugiaram-se nas suas quintas, outros nas casas dos seus amigos, e o maior numero as acompanha para a Galliza.

---

[1] V. *Cruz dos Morouços*, tomo 2.º pag. 453.

Depois de muitos trabalhos e privações que soffreram no terreno castelhano, grande parte dos emigrados embarcaram na Corunha e no Ferrol, indo procurar asylo na Inglaterra.

N'este numero entrou Nunes de Carvalho, que aproveitou as longas horas do duro exilio em profundas locubrações scientificas em novos e variados estudos. Examinou *detidamente* a bibliotheca do museu britanico em Londres e mais tarde as principaes bibliothecas e archivos de Paris, etc.

—

«Desassombrado dos terrores que primeiro lhe infundira a revolução do Porto, D. Miguel aproveita a victoria e assume a cubiçada realeza, sendo declarado rei pelos *tres estados do reino* em 23 de junho de 1828.

Por carta regia de 14 de julho foi creada uma Alçada para processar e julgar em ultima instancia todas as pessoas implicadas na insurreição do Porto, inaugurando-se em todas as terras do reino um regimen de sangue e terror.

Em Coimbra são pronunciados pelo crime de rebellião varios lentes, oppositores, estudantes e outros empregados da Universidade, em cujo numero entrou Nunes de Carvalho.

No dia 7 d'agosto do referido anno procederam a um exame nos livros que elle havia deixado n'aquella cidade, mencionando os trechos d'aquelles em que poderam achar alguma doutrina que desagradasse aos miguelistas.

Transcreveram-se as cartas por elle dirigidas a Fr. Francisco de S. Luiz, em que manifestava as suas opiniões liberaes, e todos os papeis com que julgaram poder fazer-lhe carga, não se esquecendo de renovarem a velha accusação que lhe faziam de *pedreiro livre*, e de ter em sua casa a loja maçonica dos *jardineiros*, o que não foi confirmado pelas minuciosas pesquizas n'ella feitas em 1823.

—

«Nunes de Carvalho, com alguns exilados, transportou-se de Inglaterra para a França, onde todos são recebidos generosamente.

Foi n'esta epoca (1833) que elle publicou o precioso manuscripto inedito de D. João de Castro:—*Roteiro em que se contem a viagem que fizeram os portuguezes no anno de 1541...*

Esta obra, além dos retratos de D. João de Castro e de D. Estevam da Gama, é precedida de uma douta e erudita prefação e acompanhada de um atlas de 17 cartas ou taboas, e de valiosas notas.

....

...os estrangeiros possuiam desde muito tempo impressa uma obra que talvez faltaria ainda hoje na lingua original, que a produziu, se não fosse a sollicitude e zelo pelas lettras de Nunes de Carvalho, e o concurso de circumstancias que o levaram a publical-a. E a empreza da publicação sobe de valor, se se attender a que elle, *privado dos meios da mais parca subsistencia*, não duvidou *mendigar* dos seus compatriotas os recursos pecuniarios precisos. Mais vasto, porem, era o seu intento, como declara no prefacio do *Roteiro*. Propunha-se dar á estampa os outros 2 *Roteiros* que D. João de Castro composera das suas viagens de Lisboa até Goa e Diu, assim como todas as demais obras d'este insigne capitão.

....

Quando depois da batalha da *Asseiceira* reinou em Portugal o sol da liberdade, Nunes de Carvalho regressou a Lisboa do seu longo exilio, sendo pouco depois nomeado lente cathedratico da faculdade de leis na Universidade de Coimbra e deputado da real junta da directoria geral dos estudos.

Pela extincção das ordens religiosas, as suas bibliothecas e archivos, que continham obras e *mss.* de grande valor, ficaram em poder do governo... e foi o nosso benemerito concidadão encarregado de colligir no vasto deposito do convento de S. Francisco de Lisboa os livros e codices dos conventos da capital e das provincias da Estremadura e Alemtejo.[1] E ninguem mais competente do

[1] Alguem diz que n'aquelle *mare magnum* de livros e *mss.* tambem *colleccionou e separou* muitos para a sua bibliotheca particular.

P. A. Ferreira.

que elle para desempenhar tão laboriosa como difficil commissão.

Os seus *profundos conhecimentos bibliographicos* eram reconhecidos ainda fóra do paiz. Ferdinand Deniz diz na *Nouvelle biographie universelle*, Paris, 1854, tomo 8.º:— *M. Carvalho (Antonio Nunes) á visité la France et l'Angleterre, et ses investigations lui ont acquis des rares connaissances en bibliographie.*

Tambem o *Diccionaire du XIX siècle*, de Larousse, na palavra *Carvalho*, não se esquece de o mencionar como *bibliographo*, e de apresentar alguns traços da sua vida.

....

Em 1836 foi nomeado bibliothecario-mor da casa real.

....

Pela demissão do guarda mor do real archivo da Torre de Tombo concedida ao bispo-conde D. Fr. Francisco de S. Luiz, Passos Manuel, ministro do reino do chamado *governo patriotico*, por decreto de 28 de setembro de 1836 nomeia-o interinamente para esse cargo, ao qual andavam annexas as honras de official-mor da casa real, e insta com elle para que acceite a propriedade. Obstaram porem a que accedesse ás solicitações do ministro a amisade e o respeito que consagrava ao seu illustre antecessor e a esperança de que, reformada em côrtes a constituição de 1822, que havia sido proclamada pela *Revolução de Setembro* e que o prelado não quiz jurar, cessariam os escrupulos e, prestado o devido juramento á que se fizesse, elle reassumiria as funcções d'esse cargo.

—

«Até 30 de setembro de 1838 desempenha cumulativamente as funcções de guarda-mor do Real Archivo e as da commissão do deposito das livrarias dos extinctos conventos.................................

Attestam de sobejo o zêlo e a dedicação com que soube desempenhar-se de tão honrosos encargos a reorganisação da aula de diplomatica, que desde 1834 se achava fechada, o estabelecimento da bibliotheca especial do Real Archivo e outras muitas providencias e melhoramentos realisados sob a sua esclarecida administração n'aquelle archivo nacional.

No meio das suas multiplas e variadas occupações não se esqueceu de prestar á Universidade, de que era membro, distinctos serviços. A's suas espontaneas diligencias deve este estabelecimento scientifico a valiosa cedencia dos edificios dos conventos e cercas de S. Bento e S. José em Coimbra.

Terminadas as funcções publicas em Lisboa, passou a residir em Coimbra, entregando-se exclusivamente á regencia da cadeira de direito romano, sendo por todos respeitado como professor consummado.

As horas que lhe sobravam dos seus deveres consagrava-as ao estudo na sua rica e selectissima livraria, que franquiava a mestres e discipulos que o consultavam.

Depois de 48 annos de carreira publica requereu a sua jubilação, que lhe foi concedida por decreto de 25 d'abril de 1851,[1] mas nem por isso deixou de concorrer ao serviço academico, excepto o da regencia da cadeira. Quando, porem, pela sua molestia e avançada edade já não podia applicar-se ao estudo, querendo dar á sua patria testemunho do seu entranhavel affecto e amor, dôa-lhe a sua livraria, primeiro por titulo particular escripto por seu proprio punho, cujo original está no archivo da camara municipal de Viseu, e depois por escriptura publica, outhorgada nas notas do tabellião da comarca de Coimbra, Manuel José de Sousa, aos 28 de setembro de 1864.

—

«Quiz que os livros offertados constituis-

---

[1] Aqui houve erro typographico. Em vez de 1851 deverá ler-se 1861, pois durante a minha formatura,— 1851 a 1856 e mesmo no anno lectivo de 1856 a 1857—ainda elle regeu a cadeira de direito romano. Em 56 a 57 foi lente substituto da mencionada cadeira o sr. dr. Adriano d'Abreu Cardoso Machado, que hoje (1888) é reitor da Universidade, ministro d'estado honorario, etc.

P. A. Ferreira.

sem o nucleo da *Bibliotheca Publica de Viseu*, que desejava fosse a *melhor* (?) do reino; e que esta, para ficar central e accessivel a todos, se collocasse no edificio da Misericordia ou no *Collegio* (antigo seminario) onde effectivamente o foi, sendo aberta ao publico ainda em sua vida (1865).

Na sala (do Collegio), onde ainda hoje se acha, foi collocado o retrato do doador, copiado do original pelo nosso eximio pintor... Antonio José Pereira, cujo serviço a camara municipal de Viseu remunerou com uma insignificante quantia.

Falleceu Nunes de Carvalho em Coimbra aos 5 de junho de 1867, sendo sepultado no cemiterio publico d'aquella cidade.

Viseu nunca mais se lembrou d'elle, não praticando acto algum pelo qual manifestasse os seus sentimentos de reconhecimento e gratidão para com a memoria de seu illustre filho, que tanto a amava. Outro tanto não succedeu com o seu fiel creado e amigo José Maria Lila, que, sacrificando todos os seus haveres, com elles mandou erguer sobre a sepultura do seu amo um mausoleu, evitando assim que os seus ossos se confundam com os de tantos outros que jazem a seu lado.

«Março de 1885.

M. Aragão.»

—

A isto se reduz a homenagem que o *Album Visiense* prestou ao biographado, mas d'elle se occuparam tambem Innocencio e o seu continuador Brito Aranha no *Dicc. Bibliographico*. O sr. dr. José Maria d'Abreu lhe dedicou um longo artigo no *Conimbricense* n.os 2080 e 2081, o qual foi transcripto na *Gazeta de Portugal*, n.º 1372 de 27 de junho de 1867,—e finalmente o sr. conselheiro José Silvestre Ribeiro publicou, em supplemento áquelle, outro longo artigo no *Jornal do Commercio*, n.º 4108 de 9 de julho.

A mencionada *Bibliotheca*, segundo o catalogo impresso em 1869, comprehendia n'aquella data 4:555 numeros e cerca de 8:000 volumes, que eram com pequena differença os que recebeu do benemerito dr. Nunes, pois este lhe doou 6892 volumes em obras completas, mais 800 em folhetos e obras truncadas,—total, 7692 volumes.

Prosigamos:

—

— *Fr. Bernardo de Santo Antonio*, carmelita descalço fallecido em 1729.

Deixou inedita uma *Instrucção para aprender com summa brevidade o latim..*

Berardo. *loc. cit.*

—*El-Rei D. Duarte*, de quem já fizemos menção.

Foi um escriptor distincto, auctor do *Leal Conselheiro*, etc.

V. *Diccion.* de Innocencio e o *Manual Bibl.* de Mattos.

—*Ernesto Martins*, natural de Viseu, ou pelo menos ali residente.

Publicou em 1857 na typographia do Viriato o drama *Jogo e Vinho*, segundo diz Innocencio.

—*Padre José d'Abreu Pessoa.*

Foi mestre de Capella na cathedral de Viseu e publicou uma *Arte de Cantochão para uso do Seminario* da mesma cidade... Lisboa, Imp. Regia. 1830.

—*Padre João d'Abreu Pessoa.* Veja-se o topico *Musicos*, infra.

—*João da Silva Mendes*, nascido em Viseu em 17 de abril de 1822.

Publicou *A Sanctificação do Trabalho* drama em 4 actos, Lisboa, 1852,—e o *General Padua (visconde de Tavira) esboço biographico.* Lisboa, 1870.

Tambem escreveu a *Memoria biographica* do infeliz tenente-rei da praça d'Almeida, seu avô, revista e accrescentada pelo sr. dr. Antonio Ribeiro da Costa e Almeida, tambem neto do mesmo tenente-rei. Porto, 1883.

Foi tambem orador distincto, fundador e redactor do *Liberal* e do *Jornal de Viseu* e collaborador d'outros muitos jornaes politicos e litterarios.

Falleceu em 20 d'outubro de 1881.

Para evitarmos repetições, veja-se o topi-

co supra—*Familias Nobres de Viseu*, tit. 11.ª—*Silvas Mendes*, *Diccion. Bibl.* de Innocencio e a continuação pelo sr. Brito Aranha,—e o *Album Visiense*, publicado em 1884-1885, onde se encontra um bello retrato e uma interessante biographia d'este benemerito filho de Viseu.

—*Joaquim Maria Alves Sinval*, como escreve Innocencio, ou talvez *Joaquim Alvares Maria Sinvál*, como diz o meu informador. Foi bacharel formado em leis pela Universidade de Coimbra, havendo terminado o seu curso em 1813.

Publicou em 1820 a 1823 o *Astro da Lusitania*, jornal politico,—e a *Defesa do redactor do Astro da Lusitania*, perante o jury, em *11 d'abril de 1823*.

V. *Diccion. de Innocencio*—e a continuação pelo sr. Brito Aranha, que apenas rectificou uma data no que escreveu Innocencio e este, emquanto á biographia do mencionado dr. Sinvál, apenas disse: «Foi natural de Viseu, porem ignoro a data de seu nascimento e obito.» Accrescentaremos pois o seguinte:

Era filho legitimo de Francisco Alves dos Reis, negociante, e de sua mulher..., talvez de appellido *Sinvál*.

Nasceu na cidade de Viseu, não sabemos quando, e ali falleceu no dia 30 de dezembro de 1827.

Foi casado com D. Anna Barbara da Silva Barbosa, que lhe sobreviveu cerca de 50 annos, conservando-se no estado de viuva, e falleceu em 5 d'abril de 1877.

D'este matrimonio nasceram dois filhos: *Francisco* e *João* Alves Maria Sinvál. O primeiro conservou-se muito tempo na companhia de seu tio paterno, o conego Manuel Alves dos Reis, na casa e quinta da *Via Sacra*, em Viseu; sendo já adulto embarcou para o Brazil, d'onde não mais voltou. O segundo formou-se em medicina pela Universidade de Coimbra e falleceu no estado de solteiro, na companhia de sua mãe, no dia 16 de junho de 1857.

Francisco Alves dos Reis alem do nosso biographado *Joaquim Maria Alves Sinval*, ou *Joaquim Alvares Maria Sinvál*, como escreve o meu informador,—teve um outro filho—*Manuel Alves dos Reis*, que se ordenou; foi conego na Sé de Viseu e ali expirou repentinamente na sua casa e quinta da *Via Sacra* em 24 de junho de 1862. E do mesmo consorcio, alem d'estes 2 filhos, teve Francisco Alves dos Reis mais 6 filhas, que morreram todas solteiras e sem successão no convento de Jesus da cidade de Viseu, onde 4 foram religiosas professas e 2 seculares ou *recolhidas*.

Extinguiu se pois a successão de Francisco Alves dos Reis, que falleceu em 8 de janeiro de 1812.

Em Viseu não ha hoje familia alguma de appellido *Sinvál*.

Póde dizer-se que representa ali o nosso biographado um seu primo pelo lado materno, (sobrinho da esposa) excellente pessoa e bacharel formado em direito—*José Barbosa de Carvalho*, de quem já fizemos menção supra, na lista dos *Bachareis formados*, filhos de Viseu, pag. 1726, col. 1.ª

—

A isto se reduz o que podemos apurar com relação ao dr. *Jaaquim Alvares Maria Sinvál*, de Viseu, que pelo lado materno talvez fosse parente de *José Gregorio Lopes da Camara Sinval*, cavalleiro da Ordem de Christo, lente da 6.ª cadeira na escola medico-cirurgica do Porto, antigo vogal do conselho de saude publica do reino, socio correspondente da *Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa* e honorario da Academia das Bellas-Artes da mesma cidade, membro do *Conservatorio Real de Lisboa*, pregador distinctissimo, etc.

Nasceu em Lisboa no dia 12 de fevereiro de 1806 e falleceu no Porto, na rua do Principe, a 24 de março de 1857, contando apenas 51 annos de idade.

Tinha o curso da escola medica de Lisboa, onde foi noviço dos padres do *Oratorio*, e, quando ali entrou o exercito liberal em 1833, apresentou-se como voluntario e foi reconhecido official—*tenente coronel* do batalhão academico.

Em 1836 Passos Manoel, sendo ministro, o nomeou lente da Escola Medico-Cirurgica do Porto, onde o bispo D. Jeronymo José da

Costa Rebello lhe conferiu ordens menores e lhe deu licença para prégar.

Foi um orador distinctissimo, porque alem de ser um homem de talento e sciencia, muito animado e excellente conversador, era muito eloquente, muito versado em humanidades, muito sympathico e tinha boa estatura e bella voz.

Prégou muito e com grande applauso no Porto e circumvisinhanças, e correm impressos alguns dos seus sermões, entre elles um que prégou em Paranhos, dedicado á *Virgem Mãe*, sob o titulo de *Senhora do Parto*, sermão notavel que offereceu ao bispo D. Jeronymo.

Para a sua biographia e obras veja-se o *Diccion. Bibl.* de Innocencio; a continuação pelo sr. Brito Aranha, — e no livro dos sermões, publicado no Porto em 1864, a introducção biographica, escripta pelo sr. Camillo Castello Branco, intimo amigo do finado.

Terminaremos dizendo: 1.º—que J. Gregorio da Camara Sínval, vivendo muitos annos no Porto e sendo muito expansivo, nunca fallou nos seus paes, o que nos leva a crer que teve nascimento mysterioso;—2.º que pronunciava o seu appellido *Sínval*, com o accento no *i*, em quanto que o dr. *Sinvál* de Viseu punha a accentuação no *a*.

—*Fr. Diogo de Castello Branco*, monge e chronista da ordem de S. Bernardo.

Falleceu em 1707, deixando manuscripta a *Historia d'Alcobaça e d'outros Mosteiros*.

—*Fr. Donato de Viseu*, monge de Cister. Consta que deixou manuscripta uma *Glossa da Epistola de S. Paulo aos Romanos*.

—Dr. *Fernando Rodrigues Cardoso*.

Falleceu em 1608, tendo sido lente na Universidade de Coimbra e physico-mor do reino, etc.

Publicou algumas obras em latim e portuguez, sobre sciencias naturaes, e deixou outras ineditas,—diz Berardo, mas nem o *Diccion.* de Innocencio, nem o seu continuador Brito Aranha o mencionam como escriptor.

—*Dr. Francisco Coelho*.

Foi lente na Universidade de Coimbra, onde era appellidado o *Mestre de Viseu*, — e ultimamente desembargador do paço.

Deixou manuscriptas *Annotações ás Ordenações do Reino*, etc.

—*Francisco Coelho de Carvalho*.

Publicou uma *Relação breve das festas que se celebraram na cidade de Viseu, feitas em louvor da Virgem Nossa Senhora do Pranto n'este anno de 1744*. Lisboa, 1747, 4.º de 16 pag.

D'este livro já nós fizemos menção no topico *Templos actuaes*, supra, n.º 15, pag. 1560, col. 2.ª e 1561, col. 1.ª

—*Gabriel da Fonseca* — fallecido em 1678.

Publicou alguns opusculos em latim e foi lente na Universidade de Pisa e no *Collegio da Sapientia*, em Roma, — segundo diz Berardo, pois Innocencio e Brito Aranha não mencionam tal escriptor.

—*Dr. João de Mello e Abreu*, provisor d'este bispado e thesoureiro-mor da Sé.

Deixou em *ms.* 12 grossos volumes sobre *Resoluções d'ambos os Direitos* — e falleceu no anno de 1720.

—*Dr. João Rebello de Campos*, distincto advogado, fallecido em 1728.

Escreveu varios opusculos de direito na lingoa latina, mas parece que nenhum d'elles chegou a ver a luz da publicidade.

—*Fr. João de Seixas*, monge de Cister. Deixou ineditos alguns commentarios das obras de S. Thomaz—e falleceu em 1674.

—*Padre Jorge Henrique*.

Foi conego da Sé de Vizeu e deixou manuscripto o seu *Itinerario de Jerusalem*, onde (dizem) celebrou a 1.ª missa, no proprio altar do Santo Sepulcro, segundo se lê nas *Memorias* de Berardo.

—*Lopo d'Abreu*.

Foi deão na Sé do Porto e depois jesuita.

Escreveu *Summa de Moral* em 1603, segundo diz Berardo, mas nem Innocencio, nem Brito Aranha o mencionam como escriptor.

—*Dr. Leão Rodrigues Leitão,* distincto advogado.

Deixou ineditos varios opusculos de direito em latim.

—*Lourenço Trigo de Loureiro,* dr. em sciencias sociaes e juridicas pela Academia de Olinda, lente de direito no Recife, em Pernambuco, etc.

Nasceu na cidade de Viseu, em Portugal, a 25 de dezembro de 1763; em 1810, por causa da invasão franceza, deixou a Universidade de Coimbra, onde frequentava a faculdade de direito, e foi para o Brazil. Em março do dito anno desembarcou no Rio de Janeiro, onde foi primeiramente official na administração geral do correio; depois professor de portuguez e francez no *Collegio Nacional de S. Joaquim* (hoje *Collegio de D. Pedro II);* d'ali passou tambem como professor das mesmas disciplinas para o *Collegio das Artes* da *Academia de Sciencias sociaes e juridicas* de Olinda, onde leccionou de 1828 até 1841. Tendo-se formado entretanto na mencionada academia, foi nomeado substituto interino em 1833; lente substituto em 1840, e lente cathedratico em 1852.

Este benemerito filho de Viseu desempenhou tambem ali differentes cargos de eleição popular, inclusive o de deputado á assembleia provincial de Pernambuco.

O *Jornal do Recife* n.º 40 de 1 d'outubro de 1859, deu a biographia do dr. Loureiro, tecendo-lhe grandes encomios.

Ainda vivia em 1860 e já então tinha publicado as obras seguintes: —*Grammatica portugueza...* Rio de janeiro, 1828;—*Elementos da theoria e pratica do processo,* Pernambuco, 1850: — *Phedra, tragedia...* Pernambuco, 1861; no mesmo volume a traducção das tragedias *Andromacha* e *Esther*; —*Elementos de Economia politica...* Recife. 1854;—*Instituições de direito civil brazileiro...* tomo 1.º Pernambuco, 1851, tomo 2.º Recife, 1851 tambem.

Diccion. Bibl. de Innocencio.

—*Manuel d'Almeida,* padre jesuita, cuja roupeta vestiu em 2 de novembro de 1594.

Em 1597 partiu com outros missionarios para a India, onde permaneceu o resto da sua vida, exercendo entre outros cargos o de reitor no collegio de Goa e depois o de provincial.

Falleceu em 10 de maio de 1646, contando 65 annos de idade.

Foi homem de vasta erudição e escreveu a *Historia da Ethiopia alta.*

Esta obra, começada por Pedro Paes, tambem jesuita, elle a continuou e addicionou; ficando porem inedita, o padre Balthazar Telles a fez publicar em seu nome, juntando-lhe novas addicções e algumas correcções, pelo que é mais frequentemente citada como obra de Balthazar Telles.

Suppõe-se que foi tambem auctor d'outras obras indicadas por Innocencio.

—*D. Manuel d'Almeida Carvalho,* clerigo secular e bispo do Pará, eleito em 5 de maio de 1790.

Nasceu em Viseu no dia 1 de janeiro de 1747 e falleceu, não sabemos onde, em 1818.

D'este prelado visiense corre impresso um livro:—*Pastoraes aos seus diocesanos.*

«Conservo na minha collecção (diz Innocencio) um volume de 106 pag. in 4.º sem folha de rosto nem designação de logar e anno da impressão, o qual contem 5 pastoraes d'este prelado; a saber: 1.ª por occasião da revolução de Pernambuco em 1817. Não tem data. 2.ª Sobre a conquista da Guiana franceza; datada de 18 de fevereiro de 1809... 3.ª Sobre a declaração da guerra contra a França, datada de 4 de novembro de 1808. 4.ª Sobre a restauração de Portugal, datada de 16 de dezembro de 1808. 5.ª Ordenando preces, por motivo do captiveiro de Pio VII, datada de 16 de março de 1809.

«Consta que além das referidas mandara imprimir mais algumas, entre ellas uma de 20 de setembro de 1815, e outra de 11 de maio de 1816, as quaes se diz o foram *clandestinamente*: n'ellas pugnava contra os recursos dos ecclesiasticos *ad Principem,* como contrarios ao direito da egreja.»

V. *Diccion. Bibli.*

—O rev. dr. Manuel d'Almeida Castello Branco, lente em Coimbra, conego doutoral na Sé de Viseu e depois na de Braga.

Falleceu em 1652, deixando ineditas *Seis Postilas de Direito Canonico*,—diz Berardo nas suas *Memorias*.

—*Dr. Manuel Fernandes Raya*, medico, talvez parente proximo de *Antonio Ribeiro Raya*, supra.

Falleceu em 1668 e escreveu alguns opusculos, dos quaes apenas se publicou a *Esperança Enganada*... segundo diz Berardo nas suas *Memorias*, mas Innocencio não menciona tal escriptor—e a continuação do *Diccion. Bibliog.* até hoje (agosto de 1888) ainda não passou da letra L.

—*Dr. Manuel Gouveia Teixeira*, advogado.

Falleceu em 1733 e deixou ineditos alguns opusculos sobre jurisprudencia, — diz Berardo.

—*Manuel Marques Rezende.*

É mencionado na *Bibl. Lusit.* mas o seu auctor apenas diz—que foi versado na grammatica, rhetorica. poesia e geometria.

Nasceu a 22 d'abril de 1697 em Viseu; ignoramos a data do seu fallecimento — e d'elle correm impressas as obras seguintes: — *Sentimentos na morte de Antonio Correia da Silva, natural de Viseu*, — Lisboa, 1728. 4.° em 8.ª rima;—*A formosa Fenix de Lisboa, e historia de uma dama naufragante*... Lisboa, por *Pedro Ferreira* (sem ser o auctor d'estas linhas) 1736;—*Espelho da côrte*... Lisboa 1728—e *ultimas expressões da magoa*... Lisboa, pelo mesmo *Pedro Ferreia*, no dicto anno de 1736.

Diccion. Bibliogr. de Innocencio.

—*Miguel Reinozo.*

Falleceu em 1723 e d'elle *se publicou* no mesmo anno um opusculo latino, que depois foi *reimpresso* com additamentos, segundo diz Berardo nas suas *Memorias*. Innocencio, porem, não menciona tal escriptor.

—*P. Pedro Dias*, jesuita e reitor do collegio da sua ordem em Olinda.

Falleceu com 79 annos na cidade da Bahia, a 35 de janeiro de 1700, tendo nascido em Viseu no anno de 1621.

É auctor da *Arte da lingua de Angola, offerecida á Virgem Senhora do Rosario, mãe e senhora dos mesmos pretos.*

Diccion. Bibliog. de Innocencio.

—*Dr. Pedro Paulo de Almeida Serra*, presbytero secular, bacharel formado em theologia pela Universidade de Coimbra.

«Em 1822 foi eleito deputado ás côrtes ordinarias pelo circulo de Viseu (*provavelmente o da sua naturalidade*) sendo então vigario na freguezia de Correllos (*Currellos*, concelho do Carregal). Nada mais apurei a seu respeito,—diz Innocencio, que menciona d'elle a traducção de um *Methodo de ajudar os moribundos*, impresso em Lisboa no anno de 1802.

Diccion. Bibliog.

—*Fr. Manuel de Santa Maria*, antiquario visiense.

Nem o *Diccion.* de Innocencio, nem o *Manual Bibliog.* de Mattos mencionam tal escriptor, mas d'elle faz menção o sr. Oliveira Mascarenhas no *Portugal e Possessões*, art. *Viseu*, pag. 862.

—*José d'Oliveira Berardo.*

Foi uma das primeiras illustrações de Viseu e distincto escriptor publico.

Nasceu no lugar do Pinheiro, freguezia de Santos Evos, concelho de Viseu, no dia 3 de junho de 1805 e expirou a 26 d'outubro de 1862 na *Casa do Cruzeiro*, em Viseu, junto da bella avenida do paço episcopal de Fontello.[1]

Alem das obras indicadas por Innocencio e pelo sr. Brito Aranha, guarda-se no ar-

[1] Veja se o topico supra—*Edificios brasonados particulares*, pag. 1552, col. 2.ª,—e o topico—*Familias nobres de Viseu*, parte II, n.° 5, pag. 1740, col. 1.ª

chivo da camara municipal de Viseu uma *Memoria* que Berardo offereceu á dita camara em 1838, sendo administrador do concelho, na qual resume a outra memoria *Noticias historicas de Viseu*, publicada em folhetins no *Liberal* em 1857 [1] e em seguida n'ella se encontra um *mappa geographico* do concelho de Viseu, feito pelo mesmo conego Berardo,— e differentes *mappas estatisticos* indicando as freguezias e população do concelho de Viseu antes e depois do arredondamento feito pelo decreto de 6 de novembro de 1836. Temos sobre a nossa mesa de estudo uma copia da dita *Memoria*, copia tirada pelo sabio academico dr. Agostinho de Mendonça Falcão e hoje pertencente ao seu filho e nosso bom amigo e cyreneu, o sr. dr. Nicolau Pereira de Mendonça Falcão.

Deixou Berardo tambem manuscripta outra *Memoria* com relação a *Grão Vasco*, indicando todos os quadros de Viseu attribuidos áquelle celebre pintor, etc.

D'ella se faz menção adeante no topico relativo a *Grão Vasco*—e d'ella já demos tambem noticia supra, pag. 1714, col. 2.ª

Deixou tambem *ms.* e em latim um compendio das antiguidades de Viseu:—*Ecclesiae Visonensis Epitome... Visonio, 1855.*

Para evitarmos repetições, veja-se o lugar citado, col. 1.ª *in fine.*

Ao nosso bom amigo e collega, o rev. sr. Fortunato Casimiro da Silveira e Gama, de novo agradecemos estes e outros *mss.* bem como a collecção completa do *Liberal* de Viseu, cuja publicação principiou no dia 6 de maio de 1857 e terminou com o n.º 173 no dia 3 de janeiro de 1859. Era bi-semanal e publicou-se a principio nos sabbados e quartas-feiras; —depois nas segundas e quintas. Foi fundado e redigido pelo benemerito visiense João Mendes da Silva e por Berardo, sendo redactor principal o dr. Manuel José d'Almeida, e n'elle collaboraram outros escriptores, incluindo o proprio sr. Fortunato Casimiro da Silveira e Gama.[1]

---

[1] Esta *Memoria* foi tambem posteriormente publicada em folhetins no *Observador*, jornal de Viseu, em 1871, com a 1.ª e 2.ª parte da *Chronica Visiense do sec.* XVII, obra do mesmo auctor e transcripta tambem do *Liberal*.

A 2.ª parte da dita *Chronica* é toda dedicada ao dr. *Manuel Botelho Ribeiro Pereira*, mas visando a *deprimil'o!...*

Não sabemos bem a rasão porque Berardo foi *tão cruel* para com o dr. Botelho, sendo ambos patricios e tendo decorrido entre um e o outro nada menos de *dois seculos.*

---

[1] É d'elle o interessante folhetim do n.º 163:—*Viseu—O cordeal D. Miguel da Silva —a quinta de Fontello.*

Nasceu s. ex.ª na villa (hoje cidade) da Figueira em 22 de setembro de 1835—e foram seus paes Joaquim Francisco Casimiro da Gama, natural da villa d'Ançã, varão de nobre linhagem e um dos *bravos do Mindello*, e sua mulher D. Maria Manuela Candida de Gouveia e Seixas, senhora de muita virtude e rara energia,—digna companheira d'aquelle ousado e valente militar, que assentou praça de cadete e morreu official do exercito.

Por fallecimento de seu pae, a mãe fixou residencia em Viseu, terra da sua naturalidade, levando comsigo o nosso biographado, que ali frequentou com distincção as aulas de preparatorios e depois o curso theologico do Seminario diocesano.

Em 1849 recebeu ordens menores; em 1850 foi chamado para famulo do bispo D. José Joaquim d'Azevedo e Moura (n.º 78 da nossa lista pag. 1734) que em 1856 o levou comsigo para Braga, onde concluiu a ordenação e celebrou com grande pompa a 1.ª missa em 24 d'outubro de 1858. Em 1859 foi apresentado e se collou na abbadia de Quinchães, junto de Fafe, e ali se tem conservado até hoje, (1888) posto que o sr. D. José Joaquim d'Azevedo e Moura, que muito o estimava e considerava, por vezes lhe offereceu melhor collocação e outras honras, que o nosso biographado, pela sua modestia e padecimentos, recusou, bem como a eleição de procurador á junta geral do districto.

É um parocho de bons costumes, muito illustrado, muito modesto, geralmente bemquisto, e foi sempre admirada a sua primorosa calligraphia.

É tambem amador e colleccionador de moedas e medalhas antigas, e tem um bom mealheiro, comprehendendo mais de 2:000 exemplares, cuja indicação póde ver-se no *Diccion. de Numismatica portugueza* do sr.

—

Foi Berardo mentor de Alexandre Herculano e de Raczinski, quando estiveram em Visèu, pelo que ambos lhe teceram justos encomios.

Berardo era da escola de Herculano:—muito liberal em crenças e muito severo nos seus escriptos, emquanto que o dr. Botelho era muito religioso e muito *crendeiro*, qual outro Fr. Bernardo de Brito, mas muito illustrado e auctor dos *Dialogos Moraes e Politicos*... com relação á Viseu, obra ainda *ms.* e de muito merecimento (pondo de parte as *crendices*) pelo que estranhamos que Berardo, escrevendo tanto sobre o mesmo assumpto—*historia e antiguidades de Viseu*—nunca citasse a dita obra, citando-a e com louvor o proprio Raczinski e o dr. Hübner.

Berardo, como já dissemos supra, fallando da celebre inscripção de *Lamas de Molledo* (pag) deu a entender que *não conhecia* os *Dialogos* de Botelho, mas conhecia os, pois na *Chronica do sec.* XVII, que publicou no *Liberal*, n.º 18 a 24, menciona aquelles *Dialogos* e mette a ridiculo o auctor, posto confesse que na *opinião de todos passou pelo homem mais douto de Viseu in illo tempore.*

—

Fecharemos este topico transcrevendo do *Almanach de Viseu* de 1884[1] o bello artigo que o sr. Julio Teixeira dedicou ao nosso biographado, pintando-o *com vivas côres.*

É o seguinte:

«*José d'Oliveira Berardo.* Eis o nome do homem mais afamado e *mais excentrico* que Viseu teve até hoje, durante este seculo...

Foi alferes de milicias durante 9 annos. Preso como affecto ao liberalismo, percorreu por espaço de tres annos (1828 a 1831) as cadeias de Mangualde, Viseu, Almeida e Relação do Porto...

Em 1835 era Berardo eleito vereador municipal. Desde 1836 a 1839 exerceu o cargo de administrador do concelho. Em 1844 é nomeado mestre de historia sagrada e ecclesiastica para o seminario diocesano visiense; mas, sendo accusado de *lutherano e calvinista*, (?) breve teve de resignar.

Presbytero aos 40 annos, foi elle o primeiro reitor do lyceu visiense, chegando á dignidade de conego (janeiro de 1862) quando se aproximava o momento em que a trajectoria da existencia tomou o ponto extremo da sua evolução (outubro de 62)[1].

Avaliado pelo rasto grandioso, tradicional, que a sua passagem deixou e se mantem quasi indelevel, jámais a consagração popular, cremos que um pouco inconsciente e sem critica, deu proporções e vulto mais avantajados a *ninguem* na sua propria terra.

Com a sua agigantada figura de homem membrudo e de formas esculpturaes, o padre Berardo enchia litteralmente as ruas tortuosas e apertadas de Viseu; com as suas grandes botas de coiro grosso e bem ferradas cobria as lages amplas e mal gradadas; com as suas polemicas de uma logica ás vezes capciosa, dura como ferro e de quando em quando soez, elle enchia inteiramente a sua terra.

—

«Segundo a tradição popular, Berardo *nada ignorava!* Era paleographo, latinista e antiquario; archeologo, jurista, naturalista, philologo, medico, engenheiro, mathematico, historiographo, theologo, philosopho e musico!...

Uma verdadeira encyclopedia encadernada em saragoça de Gouveia[2], ferrenho e for-

---

dr. José do Amaral B. de Toro, pag. 79, 137, 160 e 226.

É finalmente socio da *Sociedade promotora de Bellas Artes em Portugal* e socio correspondente da *Real Associação dos Benemeritos Italianos de Palermo*, etc.

[1] Não se confunda o *Almanach de Viseu*, com o *Album Visiense*, tambem publicado no mesmo anno de 1884.

V. pag. 1665, col. 2.ª *supra.*

[1] Antes de ser nomeado conego, foi parocho de *Ribafeita* no concelho de Viseu.

P. A. Ferreira.

[2] Na villa e no concelho de Gouveia ha 27 fabricas de saragoça e com estes rudes lanificios se tem feito ali boas casas, avultando entre ellas a dos *Rainhas*, avaliada em 600 a 700 contos!

V. *Gouveia* e *Villa Nova de Tazem.*

temente agarrado ao dogmatismo e infallibilidade das suas opiniões; sem ideal no futuro que o fizesse propagandista e o compellisse a preparar as causas de revolução mais ou menos afastada. Comtudo, n'uma epoca mais remota a imaginação popular tel-o-hia desfigurado creando em seu logar *um mytho.*[1]

Honrado e bom, o padre Berardo foi um colosso que encheu a patria de D. Duarte, mas a sua descommunal grandeza parece que não logrou transpor os muros da velha cidade sem se amesquinhar e reduzir quasi a um ponto sem brilho.

Quaes foram os meritos do padre Berardo?

—Os titulos de socio correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa; das Academias de archeologia de Roma e de Berlim, do Instituto de Coimbra, parece responderem não desfavoravelmente. Entretanto uma commissão presidida por João Mendes da Silva, no intuito de prestar á sua memoria manifestação e preito condignos, revolveu os seus manuscriptos, mas, segundo se affirma, nada absolutamente appareceu condigno ao fim proposto, mallogrando-se d'este modo a projectada manifestação. De maneira que, se o padre Berardo alguma coisa de merecimento escreveu, tudo isso resumiu-se nas memorias por elle enviadas ás academias de que era socio.

—

«Na visita que Alexandre Herculano fez a Viseu procurou o padre Berardo

[1] Os paes o destinavam para a vida monastica, pois o metteram no convento dos Jeronymos em Belem, onde viveu alguns annos e fez os seus primeiros estudos, mas depois abandonou o convento e foi militar, etc.

Consta que alem das obras apontadas por nós e por Innocencio, publicara um livro sobre *historia natural* e varios folhetos defendendo a nomeação dos vigarios capitulares, nomeação que deu origem a um *schisma* e grandes desgostos em 1834 a 1844.

P. Ferreira.

e diz-se que o notavel historiador o elogiara.[1]

O vulto lendario, creado pela imaginação phantasiosa do povo seu conterraneo, póde bem resumir-se nas duas seguintes anecdotas:

Certo dia, questionando acaloradamente com João Victorino, medico afamado na terra, este, a certo dito de Berardo, replicou-lhe:

—Cale-se, porque em medicina ignora você tudo completamente!

Berardo despparéceu; no fim de oito dias viram-n'o procurar com insistencia o medico. Os dois contendores encontraram-se no ponto onde se suscitára a questão; a lucta foi renhida, mas o medico teve a desgraça de se ver em publico *inteiramente derrotado!*

Certa noite, recolhendo á *Casa do Cruzeiro*, encontrou o portão do pateo fechado e lá dentro havia toques, descantes e danças populares. Elle berrou, mas o seu enorme vozeirão perdia-se n'aquelle labyrinto de sons. Então volta convenientemente a região lombar e firmando-se no bengalão despede alternadamente as suas tremendas botas. Como ariete das guerras medievaes batendo em cheio na muralha, tres vezes se ouviu—*pá!*

[1] Tambem quando Raczinski em 1843 a 1845 percorreu Portugal, estudando os nossos monumentos artisticos, Berardo lhe prestou relevantes serviços, como o proprio conde no seu *Dicciônaire du Portugal,* verbo *Berardo*, confessa, elogiando-o:

«*Berardo*, escriptor publico, de 40 annos de idade aproximadamente, vive na cidade de Viseu e é dotado de grande zelo pela gloria litteraria de Portugal. Homem muito instruido e de posição muito independente, entrega-se com ardor ao estudo. Foi elle quem descobriu o assento do baptismo de *Vasco Fernandes* e tem-se dedicado com a maior felicidade ás pesquisas tendentes a esclarecer as trevas que ainda em 1843 envolviam a existencia d'aquelle pintor. (Vejam-se as minhas *Cartas*, pag. 300 a 308, 370 e 371). Tem escripto varias memorias historicas com relação a Viseu, das quaes o *Panorama* deu alguns extractos no vol. 5.º n.º 216, pag. 185.»

A tranca chiou, gemeu e estalou ao terceiro embate, deixando rodar a porta rapida e estrondosamente até o coice, no meio do silencio produzido de repente, do assombro e do receio causado pela apparição subita da figura membruda e herculea do padre Berardo.

Julio Teixeira.»

—*Raphael Carlos Pereira de Souza.*

Reside ha muitos annos na aldeia de *Pedras Rubras*, freguezia de Moreira, concelho da Maia, districto do Porto, mas nasceu na cidade de Viseu em 3 de março de 1821 e foram seus paes Francisco Manuel Pereira de Sousa, escrivão da provedoria visiense, e Thereza Ricardina de Jesus.

Aprendeu em Guimarães a arte de ferrador, officio que ali exerceu, bem como em Azurara de Villa do Conde, Casal de Pedro, Ponte de Lima e Vianna do Castello.

Em Casal de Pedro tomou conhecimento com um pharmaceutico d'aquella aldeia, que tinha uma boa livraria. Leu muito e tomou gosto pela astronomia.

Em 1847 foi para Pedras Rubras, onde casou em 1848 com Maria Alves Pereira, filha d'aquella povoação.

É ferrador com carta de veterinario, pintor, alfaiate, funileiro, tamanqueiro, espingardeiro, fogueteiro, sapateiro, professor de instrucção primaria pelo methodo de João de Deus, astronomo e *escriptor publico*, pois este homem encyclopedico, excellente pessoa, muito tratavel, muito apresentavel e bom conversador, tem muito talento e bastantes conhecimentos; aprendeu o francez *sem mestre*, começou a escrever o calendario para o *Almanach de Lembranças*, de Castilho;—tem collaborado tambem no *Almanach da Porto* e no *Almanach das Senhoras* — e são fructo seu as publicações seguintes:

—*Almanach Borda Leça*, desde 1850 até hoje (1888);

—*O Livro do Futuro* (*Lunario Perpetuo*) ou arte da adivinhar pela astronomia, chiromancia, cartomancia e mais sciencias occultas;

—*Pyrothechnica*, ou *Novo Manual do Fogueteiro*;

—*Nova Veterinaria*, ou compendio de medicina veterinaria theorico e pratico, conservação e hygiene, anatomia, cirurgia e pathologia, seguido de um formulario geral com todos os medicamentos necessarios e descobertas que ultimamente se teem feito na medicina veterinaria.

É isto o que se lê em um artigo que o sr. Padre João Vieira Neves Castro da Cruz, distincto escriptor catholico[1], publicou em 1884 na *Revista da Maia*, (n.º 13, 3.º anno) da qual era proprietario e redactor principal, o sr. Abilio Augusto Monteiro, illustrado tabellião na Maia e auctor d'outras publicações não menos interessantes, posto que nem o *Diccion.* de Innocencio, nem o seu continuador Brito Aranha o mencionam como escriptor.

Como additamento ao artigo supra, lê-se em uma nota da redacção o seguinte:

«Ha poucos annos appareceu em alguns jornaes do Porto um annuncio do sr. Raphael Carlos Pereira de Sousa, offerecendo á venda um seu invento: — *uma machina para em 60 minutos exterminar um exercito de 100:000 homens*! Pouco depois soubemos haver vendido a invenção; e, logo que nos foi possivel, procuramol-o para indagarmos a verdade.

Disse-nos apenas: — «O invento consiste n'uma metralhadora giratoria e tão leve que pode ser conduzida ás costas d'um homem. Dispara em 2 minutos 6 tiros de 5 balas cada um.»

Perguntando-lhe o nome do comprador e o preço da venda, respondeu-nos que tinha a sua palavra compromettida *em não divulgar*,—não o nome d'aquelle, que ignorava, sabendo apenas que residia em Inglaterra, mas o do seu agente no Porto, e que recebeu pelo plano a quantia de 50$000 réis.»

E lá foi para a Inglaterra a invenção por-

---

[1] V. *Milheiros da Maia*, tomo 5.º pag. 227, col. 2.ª—e este artigo Viseu, pag. 1591, col. 1.ª

tugueza de uma arma talvez interessantissima e que venha a fazer a gloria e fortuna d'algum estrangeiro!...

Terminaremos dizendo que este benemerito visiense, tão trabalhador e com tanto talento e tantas aptidões,—*está pobre!* [1]

—*Antonio d'Oliveira da Silva Gaio*, doutor em medicina e lente da mesma faculdade na Universidade de Coimbra, onde se graduou em 31 de julho de 1858.

Era filho de Manuel Joaquim d'Almeida Silva Gaio, bacharel em direito, e de sua mulher D. Anna Augusta. Nasceu em Viseu no dia 14 d'agosto de 1830 e falleceu no Bussaco em 8 d'agosto de 1870, contando apenas 40 annos e tendo publicado as obras seguintes:

—A *Lithotricia... Dissertação inaugural*, Coimbra, 1858.

—O *Mario*, romance historico em 2 volumes.

—D. *Fr. Caetano Brandão*, — drama historico.

Foi tambem redactor principal do *Commercio de Coimbra* em 1863 a 1864 e collaborador d'outros muitos jornaes politicos e litterarios.

—*Francisco Manuel Correia.*

Nasceu na cidade de Viseu em 1800 e falleceu na mesma cidade em 18 de setembro de 1882 no estado de solteiro.

Foram seus paes Manuel Francisco Correia e Maria Clara dos Anjos.

Cursou as aulas do lyceu visiense e parte das do Seminario episcopal com o intuito de se ordenar, mas apenas recebeu em Pinhel ordens menores; desistiu da ordenação por não poder conformar-se com o novo regimen politico de 1834.

Era uma excellente pessoa, muito religioso e muito curioso na investigação de antiguidades, pelo que, apesar dos tenues meios de que dispunha, gastou a maior parte da sua longa vida estudando a historia, os templos e as antiguidades de Viseu e deixou manuscripta uma interessante memoria tantas vezes por nós citada e por elle intitulada—*Memorias em respeito á cidade de Viseu, sua antiga fortificação, cathedral, bispos e priores, cabido e ducado extincto e mais notabilidades de remota antiguidade e posteriores, de que ha noticia.*

Por hum curiozo visiense

Anno 1876

Para evitarmos repetições, veja-se o que d'esta *Memoria* e do seu benemerito auctor já dissemos supra, pag. 1573, col. 1.ª e 2.ª, —e pag. 1590, col. 2.ª

É uma das monographias de Viseu mais interessantes e muito digna de ser publicada, mesmo porque ainda não ha d'ella copia alguma e está exposta a desapparecer de um momento para o outro, o que seria uma grande perda para Viseu, pois só a descripção e a planta baixa da Sé representam um trabalho impertinentissimo e conscienciosissimo de *muitos annos!...*

—*Dr. Paulo Emilio.*

Foi homem muito illustrado e muito considerado em Viseu, fundador e principal redactor do *Viriato* e distincto jurisconsulto.

—*Dr. Manuel José d'Almeida.*

Foi um talento de primeira plana, jornalista muito distincto e afamado jurisconsulto.

Falleceu no 3.º quartel d'este seculo.

—*Padre Leonardo de Sousa.*

Posto que era lisbonense, residiu muitos annos em Viseu, como congregado do Oratorio e honrou Viseu com os seus escriptos, pois é o auctor do *Epitome carmelitano*, já

[1] Na mencionada aldeia de *Pedras Rubras* tem hoje uma estação *a linha ferrea da Povoa*—e ali acampou o exercito de D. Pedro em 1832, depois do desembarque em *Pampellido*, vulgo *Mindello.*

impresso[1], e do esplendido *Catalogo dos bispos de Viseu*, ainda *ms.* e tantas vezes por nós citado.

V. pag. 1591, col. 1.ª, e pag. 1649, col. 2.ª *in fine*, onde fizemos detida menção d'este precioso *catalogo*, até hoje completamente desconhecido, e aproveitando o ensejo, diremos que já depois de escrevermos aquellas linhas appareceram em Viseu os dois primeiros tomos do dito *catalogo* na livraria do sr. conde de Prime, a quem o sr. Antonio d'Almeida Campos e Silva muito generosamente deu o 3.º volume que possuia. Está pois completo o dito *catalogo* e bem estimariamos que fosse dado ao prelo, porque é muito interessante e póde desapparecer de um momento para o outro, por ser exemplar *unico*! E já correu imminente risco, pois, pertencendo á livraria do convento dos congregados de Viseu, que desde 1824 é seminario diocesano, ali estava quando ardeu o edificio em 1841.[2]

O fogo poupou a bibliotheca, mas no momento e como prevenção, quando o incendio estava devorando a casa, atiraram com os livros todos para a cerca e ali permaneceram alguns dias ao lado do grande brazeiro. Muitos ficaram deteriorados e outros foram roubados, — entrando n'este numero o pobre *catalogo*, que andou de mão em mão, indo parar o 3.º volume ao Porto e o 1.º e 2.º á bibliotheca do sr. conde de Prime, onde *post tot tantosque labores* de novo se reuniram os tres!

Bem estimariamos, pois, que fosse dado ao prelo, mesmo porque tem singular merecimento e é *muito lisongeiro para Viseu*.

Nós apenas vimos e folheámos o 3.º tomo; viu, porém, e folheou os 2 primeiros o sr. dr. Nicolau Pereira de Mendonça, ficando extasiado. Em carta com data de 2 de setembro de 1887 s. ex.ª nos disse: «Hontem, passei pelos olhos os 2 primeiros volumes das *Memorias* do padre Sousa e fartei-me de gostar. Com que miudesa e claresa elle narra os factos! Conheceu melhor e versou mais o antiquissimo archivo da Sé de Viseu, do que Botelho, Coldt e quantos o precederam. Além de não ser tão massador como o dr. Botelho, é mais critico, tem melhor linguagem e é talvez mais consciencioso.

«Que elogio elle faz da provincia da Beira na grande *Introducção* e *Antiloquio*, com que ábre o 1.º volume! Até para engrandecel-a cita os 2 factos seguintes: *D. Diniz intitula-se nos documentos* e *alvarás* Rei da Beira, e *D. João III chama á Beira* — Lago de gente nobre?!...

«O que elle sabia de historia e humanidades! Que miudos conhecimentos elle já tinha de estatistica e da população do nosso paiz! A este respeito cita dados tão miudos, que não será facil encontral-os em outro escriptor antigo!»

O padre Leonardo de Sousa foi socio da *Academia Real de Historia Portugueza*, na qual succedeu ao seu confrade João Coldt, como este a D. Luiz Caetano de Lima, a quem a mesma Academia primeiramente encarregou de escrever a historia ecclesiastica de *Viseu*, historia que o padre Coldt tratou muito de leve no seu resumido *catalogo*.

V. pag. 1590, col. 1.ª supra.

O sr. dr. Nicolau diz ainda:

«Saberá que os 2 primeiros volumes do *Catalogo* do padre Sousa estão completos! No 1.º, que tem muitas folhas soltas, não falta uma só. Até na *Introducção* e *Antiloquio*, que comprehendem 23 folhas, nada falta, o que admirei, *estando completamente desencadernado*?!»......................

Com vista ao sr. conde de Prime e a todos os filhos de Viseu que tenham amor á sua patria e presem as boas lettras.

—

Não nos occorrem no momento mais escriptores *filhos de Viseu*. Quem vier depois de nós que complete a lista e a ponha em ordem alphabetica, pois nós nem para isso temos tempo!

Não mencionamos os escriptores visien-

[1] V. pag. 1685, col. 1.ª
[2] V. pag. 1645, col. 2.ª

ses *contemporaneos* (desculpem ss. ex.ªˢ) porque somos estranhos a Viseu e não temos a honra de os conhecer, mas póde formar-se ideia do grande numero d'elles pelo grande numero de jornaes que actualmente se publicam em Viseu.

V. pag. 1640, col. 1.ª e segg.

Passemos a outro topico.

Visienses illustres pelas lettras mas não escriptores

Padre José Bernardo d'Almeida.

Foi professor publico de grammatica latina, e era homem de muito talento, mas pouco estudo.

Nada publicou e falleceu em 1817.

—*João Victorino de Sousa Albuquerque,* bacharel formado em medicina.

Aos vastos conhecimentos theoricos e praticos da sua profissão reunia outros muitos de sciencias politicas, economicas, etc., como provam os diarios das camaras legislativas, de que foi membro.

Tambem conhecia e cultivava as bellas-lettras, nomeadamente a poesia, «como tivemos occasião de ver n'algumas das suas producções»—diz Berardo nas suas Memorias, cap. 10.

Falleceu em 1854.

—*Dr. Manuel da Veiga Esteves.*

Foi conego magistral na Sé de Viseu e abbade de Santa Maria do Castello em Pinhel.

—*Dr. Gaspar Homem Cardoso.*

Foi lente de *Instituta* na Universidade de Coimbra.

—*Dr. Francisco Cardoso do Amaral,* irmão do antecedente.

Foi lente de direito na Universidade, desembargador dos aggravos, corregedor do crime, etc.

—*Fr. Caetano da Annunciada.*

Foi *Agostinho descalço*, ou frade *grillo*, e professou no seu convento de Portalegre no dia 16 de novembro de 1718.

Foi o 1.º visiense religioso da dita ordem.

—*Fr. Francisco de Santa Genoveva,* religioso da mesma ordem.

Professou no seu convento da Boa Hora, em Lisboa, no dia 14 de setembro de 1746.

—*Dr. Antonio de Barros.*

Foi lente de theologia em Coimbra.

—*Dr. Manuel Machado d'Andrade.*

Foi tambem lente dos 3 livros do Codigo em Coimbra, deputado do Santo Officio, conego doutoral na Guarda e Braga, etc.

—*Dr. Manuel Alvares Tavares.*

Foi deão na Sé de Viseu, inquisidor em Evora, do conselho geral, etc.

—*Dr. Fernando Rodrigues Cardoso.*

Foi lente de prima na faculdade de medicina em Coimbra e physico-mor do reino, etc.

—*Dr. Jorge do Amaral.*

Foi lente de codigo em Coimbra, desembargador da supplicação e corregedor da côrte em Lisboa.

—*Dr. Antonio d'Andrade do Amaral.*

Foi lente de leis em Coimbra e desembargador dos aggravos, etc.

—*O rev. dr. Albino Jacintho José d'Andrade e Silva,* filho de João Carlos d'Andrade e Silva e de D. Maria Emilia de Gouveia Duarte Figueiredo Castello Branco.

Foi meu contemporaneo na Universidade, e no 6.º anno da formatura d'elle (1855-1856) foi meu condiscipulo, pois frequentava eu então o 5.º como *ordinario* e elle como *repetente.*

Era uma excellente pessoa, muito sympathico, muito tratavel e tinha um talento enorme!

Nasceu em 5 de junho de 1831; doutorou-se em theologia no anno de 1856, tendo sido sempre o 1.º *premiado* do seu curso; foi

professor de sciencias ecclesiasticas no seminario episcopal de Viseu e no da patriarchal em Santarem,—depois lente cathedratico de theologia na Universidade de Coimbra, onde falleceu a 22 de fevereiro de 1875.

Teve um tio paterno, Joaquim José d'Andrade e Silva, conego da cathedral e formado em direito; 3 irmãos, João, Jacintho e Joaquim, formados em direito; outro, Luiz, em medicina, e outro que não se formou, mas é padre. Este ultimo ainda hoje vive, bem como o bacharel em direito— Joaquim José d'Andrade e Silva, irmão do biographado. V. pag. 1726, col. 1.ª

—*Dr. Antonio de Sá Mourão,* sogro do celebre medico e distincto escriptor publico *Braz Luiz d'Abreu.*

Veja-se o que dissemos, fallando de *D. Josepha Maria de Sá,* no principio d'este topico.

—*Dr. Belchior Lourenço,* fundador do convento de Jesus, das freiras benedictinas, em Viseu.

V. pag. 1661, col. 1.ª

—*Dr. João Saraiva de Carvalho.*

Foi desembargador e era filho do mestre pedreiro David Alvares, de quem fallaremos adiante no topico dos *artistas.*

—*Dr. Antonio Luiz Dourado,* medico e operador distinctissimo, filho de Luiz José d'Oliveira Dourado e de D. Anna Bernardina de Vasconcellos.

Nasceu em 19 de setembro de 1807, e suppomos que ainda vive.

No *Album Visiense,* pag. 25 a 27, se encontra o seu retrato e a sua interessante biographia, que bem desejavamos transcrever, mas já o não comportam as dimensões d'este artigo.

«É s. ex.ª o exemplo vivo do mais brilhante desinteresse, do grande sentimento altruista e da mais incansavel dedicação que póde encontrar-se em Viseu» — como diz o seu biographo,—e foi tambem o 1.º que em Viseu empregou o chloroformio nas operações.

—*Dr. Franciseo Paes Cardoso.*

Foi juiz de fora em Pinhel.

—*Dr. João Homem Cardoso,* irmão do antecedente.

Foi provedor em Guimarães.

—*Dr. Pedro Vaz do Amaral.*

Foi á India; no seu regresso instituiu o morgado de *Pindo* em 1547, — e posteriormente foi chanceller-mor do reino, do concelho d'el-rei, desembargador do Paço, etc.

Dialogo 4.º de Botelho, cap. 36.

—*Dr. Belchior do Amaral.*

Achou-se com el-rei D. Sebastião na tristissima batalha d'Alcacer-Kivir, onde ficou captivo dos mouros, e depois do seu resgate foi desembargador do paço, etc.

Dialogos de Botelho, logar citado—*in fine*.

—*Dr. João Affonso.*

Casou com Leonor Botelho, da nobre familia *Botelhos* de Mondim, Viseu e Traz-os-Montes, e foi *meirinho da correição da Beira,* etc.

V. *Dial. 3.º de Botelho,* cap. 15. pag. 239 no codice de *Girabôlhos.*

—*Dr. Affonso Botelho,* filho do antecedente.

Foi meirinho das comarcas da Beira, como seu pae, e senhor do Fojo, etc.

—O *rev. Luiz Eanes de Loureiro,* fidalgo distinctissimo e riquissimo, filho de João Anes de Loureiro, senhor da quinta e casa de *Loureiro,*—e de sua mulher Catharina de Figueiredo, descendente do celebre bispo de Viseu—D. Gonçalo de Figueiredo, o *Anchinho,* patriarcha da nobreza da Beira.

Este seu descendente não degenerou, pois foi conego e depois arcediago da Sé de Viseu, abbade de S. Miguel de Campia, que permutou pela abbadia de Ribafeita no anno de 1476. Foi *conjuntamente* abbade de

Santa Maria de *Silgueiros*[1] e de Santa Maria de *Torre Deita*, etc. Como diz Botelho, loc. cit. infra, «multiplicou este Loureiro em côpioso fructo; porque de Branca Affonso houve Henrique de Loureiro, e Luiz de Loureiro: de Isabel Alvares de Figueiredo teve Gabriel de Loureiro, Duarte de Loureiro, Filippe de Loureiro, Genebra de Figueiredo, Maria de Figueiredo, Anna de Figueiredo, outra que casou em Serpa, e outra que foi freira em Guimarães. De outra mulher houve outro filho, que tambem se chamou Luiz de Loureiro, e Clara de Loureiro.»

D'este celebre abbade, conego e arcediago, foi neto o *Grão Capitão* Luiz de Loureiro, como se deprehende do *Dialogo* 4.º de Botelho, cap. 22, pag. 342 no codice de *Girabolhos*.

—*Dr. Francisco de Figueiredo*, o *Racha*.

Foi juiz do duque d'Aveiro e ouvidor nas terras do infantado.

—*O rev. Filippe de Loureiro*, filho do celebre conego Luiz Annes de Loureiro.

Foi tambem conego da Sé de Viseu e abbade de *cinco Igrejas!?*...

—*Fr. Pedro Moreira*, religioso capucho, filho de Francisco Moreira e Antonia do Rego.

Fundou o convento que a sua ordem teve em Moncorvo e que é hoje de Antonio Caetano d'Oliveira, o 1.º proprietario d'aquella villa e um dos homens mais ricos da provincia de Tras-os-Montes,[2] capitalista e negociante no Porto, onde vive.

---

[1] Este beneficio era um dos melhores do bispado de Viseu, pois ainda em 1630 rendia 400$000 réis e era da aprezentação da casa do dicto abbade, porque seu pae e tias dotaram largamente e com essa condição a dicta egreja, que havia sido fundada por Daganel e D. Sancha, fidalgos distinctos, avós paternos do mesmo abbade e senhores da casa e quinta de *Loureiro*. V. *Silgueiros* e *Dial*. 4.º de Botelho, cap. 22.

[2] Só das propriedades que possue no concelho de Moncorvo pagou no ultimo anno (1887) 1:100$000 réis de contribuições?!...

V. *Moncorvo* n'este *Diccion*. e no supplemento.

—*Dr. Jorge do Amaral*, irmão de João Paes do Amaral, casado com Maria de Loureiro, prima do *Grão Capitão* Luiz de Loureiro e filho d'outro Luiz de Loureiro, o do *Penedo*, assim denominado por viver em umas casas assentes em um grande penedo na rua do *Soar*, em Viseu.

Foi corregador da Corte.

—*O licenciado Alvares Cardoso*.

Foi aio do infante D. Pedro, o da *Alfarrobeira*, irmão d'el-rei D. Duarte.

Dial. 4.º de Botelho, cap. 26, *in principio*.

—*Dr. Mathias Ferrão*, filho de Antonio Ferrão e de Guiomar (ou Catharina) de Mesquita.

Foi provedor em Portalegre.

—*Dr. Pedro Lopes Cardoso*, filho de Lopo Alvares Cardoso e de sua 1.ª mulher Leonor Rodrigues Cardoso.

Foi dezembargador da Supplicação e o 1.º corregedor da comarca da Beira no tempo d'el-rei D. Manuel, em 1508.

— *Dr. Francisco Cardoso*, filho do conego João Lopes Cardoso e de Ignez Alvares.

Foi fidalgo, cujo filhamento se fez em 3 d'agosto de 1556,— e ouvidor do infante D. Luiz nas terras da Beira, o qual em 1546 lhe deu o titulo de dezembargador da supplicação;—e em 1559 a infanta D. Maria o nomeou seu ouvidor na cidade de Viseu, cujo senhorio então era da dita infanta.

Foi tambem commendador de Castello Mendo, etc.

Casou com Antonia de Caceres, filha de Gonçalo de Caceres, tambem conego da Sé de Viseu, como fôra o pae d'elle, e houveram entre outros filhos, João Lopes Cardoso, pae de João Cardoso de Caceres, o *Nada lhe luz*, por alcunha.

Dial. 4.º de Bot. cap. 26.

—*O conego Henrique de Lemos*.

Mandou fazer o monumental cruzeiro de Santa Christina em 1563.

V. pag. 1582, col. 2.ª (*nota*) supra, e pag. 1730, col. 1.ª *in fine*.

— O padre jesuita *Bernardo Pereira* e seu irmão

—*Fr. Rodrigo de Jesus*, da ordem do Carmo.

V. pag. 1547, col. 1.ª *in fine*, onde já fizemos menção d'estes 2 virtuosos varões. No *Dialogo 5.º de Botelho*, cap. 17.º, 18.º, 19.º e 20.ª, pag. 449 a 469, (codice de *Girabôlho)* se encontra a genealogia d'elles e uma larga historia da vida, trabalhos apostolicos e virtudes de um e outro.

Entre os ascendentes d'estes 2 martyres da fé menciona o dr. Botelho Gonçalo Pires d'Almeida e diz: —«foi senhor do morgado, e celleiro de *Moçamedes*, reguengo, de que lhe fez doação Martim Vaz da Cunha, senhor de Alafões e Besteiros, a qual foi feita em Oliveira de Frades, couto de Santa Cruz e julgado de Altafões, aos 17 dias de maio, era de Cesar 1427, que he anno de Xpo 1389. Foilhe confirmada por el-rei D. João I na cidade do Porto, aos 11 de outubro, anno de 1398, e n'esta cidade lha tornou a confirmar aos 30 de janeiro anno 1410.»

Este topico elucida o que no logar citado dissemos da *Moçamedes*, ou *Mossamedes*.[1]

«O padre Bernardo Pereira (diz Botelho, *loc. cit.*) era tão brando e afavel de condição, que nunca em sua bocca se ouviu palavra deshonesta nem que a fama do proximo tocasse,—no que muito degenerava do costume da terra (Viseu) hoje (refere-se ao anno de 1630) *selva de feras mais do que Libia* pela carne humana, de que se cevão mais que os cavallos de Diomedes, sem considerarem mais os ociosos, que ser detracção do proximo todas as mentiras que contão, e não considerando as repugnancias, e difficuldades dos casos, nem desenganados se desdizem, nem com a verdade se retractão. He-lhes mui difficultoso dar credito ao bem, *porque a ninguem o querem ver*; e mais facilmente dão credito ao mal, *porque todo* a todos o desejão. Taes são hoje (1630) os mais grados d'esta terra, (Viseu)...[1]»

—

Embarcaram os 2 irmãos para a India em 1609 na armada de D. Manoel de Menezes, e ali chegaram a salvamento. Poucos dias depois de chegarem á India o padre Bernardo Pereira entrou na *Companhia de Jesus* e n'ella resplandeceu em virtude e sciencia. D'ahi a pouco seu irmão deixou tambem as armas e se fez religioso de Nossa Senhora da Graça. Estudou com muito aproveitamento e foi pregador distincto; mas em 1623 foi trucidado pelos persas na tomada de Ormuz, contando de idade apenas 30 annos.

O padre B. Pereira, depois de ser captivo e de soffrer crueis torturas longo tempo, sendo enviado para a missão da Ethiopia em 1624, antes de chegar ali foi martyrisado.

—*O rev. Antonio Bernardo de Loureiro do Amaral Cardoso.*

Foi conego—mestre-escola—na sé de Viseu, fidalgo distincto, etc.

Viveu no meiado do ultimo seculo e possuia por compra talvez a 1.ª copia dos *Dialogos* do dr. Botelho, pois no fim do codice de *Girabolhos*, tantas vezes por nós citado se lê o seguinte:

«Este livro que compoz Manuel Botelho Ribeiro, natural que foi d'esta cidade, eu Antonio Bernardo de Loureiro do Amaral Cardoso, Mestre-Escola na Santa Igreja Cathedral da dita cidade, o comprei aos herdeiros de João da Silva Correa, o qual o tinha fielmente copiado pelo proprio original, que n'esse tempo existia em poder de Antonio de Figueiredo de Moraes. Ao dito tras-

---

[1] O actual conde de *Mossamedes*, filho 2.º dos condes da Lapa, tomou o titulo d'esta antiquissima *villa* (quinta) de *Mossamedes*, por ter sido um dos mais nobres solares dos seus ante-passados.

[1] Note-se que o dr. Botelho era um fidalgo visiense, muito illustrado, muito delicado, sempre franco em elogiar e muito remisso em censurar os seus patricios.

lado mandei ajuntar as seguintes noticias da minha familia, incluidas todas dentro do n.º de 26 appellidos, dos quaes todos tenho ascendencia. Parece-me que vae tudo na verdade, por quanto esta addição me deve uma muito particular averiguação; e para em todo o tempo constar o referido, mandei fazer aqui esta declaração. Viseu 16 de janeiro de 1764.» E em uma nota se lê no codice de *Girabolhos* o seguinte:

«Separou-se esta *addição genealagica* d'este volume, não só por não o engrossar mais; mas por se ajuntar a outros escriptos, e papeis genealogicos, a que pertence pelo seu objecto.

Girabolhos 26 d'outubro de 1850.

Agostinho de Mendonça Falcão.»

Como já dissemos algures, este sr. que em 1850 vivia em Girabolhos e que ali copiou o dicto codice, era o dr. e ex-corregedor Agostinho de Mendonça Falcão da Cunha e Povoas, socio correspondente da nossa Academia Real das Sciencias, philologo distincto, auctor das obras indicadas por Innocencio e d'outras muitas que deixou manuscriptas, entre ellas uma traducção da *Pucelle*, traducção que revella grande trabalho e tem muito merecimento, por ser em verso e quasi litteral. Foi feita pelo dr. Agostinho de Mendonça quando frequentava a universidade:—depois, sendo já viuvo e estando em Monte-Mor o-Velho, hospedado em casa do seu amigo e parente..., ali retocou e refundiu a mencionada traducção e a deu a um medico de partido na localidade, por haver tratado o dr. Mendonça em uma grave doença e não querer acceitar dinheiro. Por morte do medico passou para o amigo do dr. Mendonça, que a emprestou ao sr. conselheiro, ministro de estado honorario e distincto poeta, Thomaz Ribeiro, seu possuidor n'esta data (1888); mas pertence ao nosso bom amigo e principal cyrineu n'este artigo—o sr. dr. Nicolau Pereira de Mendonça Falcão (filho do traductor) porque lh'a deu o amigo e parente de Monte-Mor-o Velho, como o proprio sr. dr. Nicolau de Mendonça nos disse em carta *que conservamos.*

—*Antonio d'Almeida Campos e Silva*, filho de José d'Almeida Campos, negociante, e de D. Maria da Conceição de Jesus Campos.

É uma excellente pessoa e vive no Porto, onde é negociante de vinhos, distincto bibliographo e bastante illustrado.

Tem sobre diversos assumptos alguns *mss.*, que por modestia não quer publicar, e possue uma das melhores livrarias particulares do Porto, comprehendendo muitas obras escolhidas, raras e caras.

V. pag. 1591, col. 1.ª n.º 9.

Teve um irmão (era o mais velho) por nome José d'Almeida Campos, que foi muitos annos director do *Banco União*, no Porto, mas infelizmente, sendo já decrepito ali se suicidou no dia 31 de janeiro do corrente anno de 1888, deixando filhos e esposa—D. Helena Augusta Mendes de Carvalho—que falleceu pouco tempo depois,—no dia 11 de fevereiro d'este mesmo anno.

Tem vivo ainda em Viseu outro irmão—Joaquim d'Almeida Campos, tambem negociante e que já foi ali vereador.

—

Entre as diversas raridades bibliographicas do sr. Antonio d'Almeida Campos, não podemos deixar de mencionar aqui uma, porque prova que a imprensa em Viseu data do sec. XVI.

Referimo-nos ao pequeno livro intitulado —«*Exercicios e muy devota meditação da vida e paixão de Nosso Senhor Jesv Christo. Composta pelo allumiado varam frey Joam Thaulero da ordem dos pregadores. Trasladado de latim em lingoagem por frey Marcos de Lisboa frade menor da provincia de Portugal... Impresso na muy nobre cidade de Viseu per Manoel Joam impressor de S. Illustriss. S. Anno MDLXXI.*» — 12.º de 302 fl. numeradas (faltam-lhe algumas no fim) mais 6 inumeradas no principio com a *tavoada*, etc.

Temos tambem sobre a nossa mesa de estudo outro livro publicado em Viseu no sec. XVI. Intitula-se — *Compendio e svmario de confessores... Foi impresso em a Cidade de Viseu por Manoel Joam impressor do Se-*

nhor Bispo.[1] *Agora novamente emendado. Anno MDLXIX*—12.° de 630 pag. numeradas, mas 7 fl. no principio com o prologo, introducção, etc. e 25 no fim com a *tavoada* ou indice, todas inumeradas.

No verso do rosto tem uma carta ou provisão do bispo D. Jorge d'Athaide, recommendando o mencionado livro—*o qual nesta cidade de Viseu mandámos imprimir... Dada em esta nossa quinta e couto de Fõtêlo... aos 26 de Maio de 1569... D. Jor. D'Attaide Bispo de Viseu.*

—

Parece pois fóra de duvida que este livro foi impresso em Viseu por ordem do bispo D. Jorge d'Athaide em 1569; mas no fim da *tavoada propria* se lê o seguinte: «Foy impresso este Compendio & sumario do Manual de Navarro, a segunda vez emendado *por mandado do senhor Bispo de Coimbra, na muy nobre & sempre leal cidade de Coimbra, por Antonio de Maris,* Impressor do senhor Arcebispo de Braga, Primaz, etc. Acabouse aos XXX dias do mes de Abril. Anno de 1569.»

Esta data do *acabamento da impressão* combina-se com a da provisão de D. Jorge d'Athaide, mas não podemos harmonisar e combinar o que disse este prelado no rosto do livro, com o que se diz e lê na declaração final *em caracteres maiusculos.*

Pertence este livrinho ao sr. Antonio Moreira Cabral, excellente pessoa, negociante de vidros no Porto, bastante illustrado e dono de uma das melhores camoneanas e livrarias particulares d'aquella cidade. É tambem collecionador d'objectos antigos e tem alguns de merecimento. De sociedade com o sr. Tito de Noronha editou em 1874 o *Espelho de Casados* do dr. João de Barros—e anteriormente as *Antiguidades do Porto* de Simão Rodrigues Ferreira.

Nasceu na freguezia de Cête, concelho de Paredes, no dia 22 d'outubro de 1833 e foram seus paes Francisco José Cabral[1], já fallecido, e de Anna Moreira da Silva, que ainda vive e já conta 84 annos.

É socio fundador das *Sociedades de Instrucção, Camoneana e Geographica* do Porto, e socio correspondente do *Retiro litterario portuguez* do Rio de Janeiro.

Tambem cultiva a poesia. Em 1883 publicou o *Passamento de Camões* e tem publicado outras composições poeticas em differentes jornaes litterarios, nomeadamente no 1.° volume das *Artes e Lettras.*

—

—*Francisco de Sousa Loureiro,* natural de Viseu.

Formou-se na escola medico-cirurgica da cidade do Porto, onde casou e teve entre outros filhos *Urbano Loureiro,* distincto escriptor publico já fallecido, mas livre pensador e republicano exaltado, redactor da *Lucta,* etc.,—e *Arthur Loureiro,* pintor distincto, que depois de frequentar no Porto a *Academia de Bellas Artes,* foi á custa do sr. conde d'Almedina estudar pintura em Roma.

—*Francisco Cardoso Pereira,* filho unico d'outro Francisco Cardoso Pereira e de D. Rita Leonor.

Nasceu no dia 6 de março de 1815; foi tenente-quartel mestre do exercito realista, convencionado em Evora-Monte; depois negociante, como fôra tambem seu pae;—em seguida escrivão de fazenda—e por ultimo bibliothecario do lyceu, cargo que ainda exerce.

Casou em 1835 com D. Maria dos Prazeres Pereira e tiveram os filhos seguintes:

Francisco Cardoso Pereira Junior, negociante em Lisboa, casado e c. g.

Alfredo Cardoso Pereira, negociante em Manáos, no Brazil, tambem casado e c. g.

---

[1] Este prelado era D. Jorge d'Athaide, cujo pontificado principiou em 1568 e terminou em 1578.
V. pag. 1612, col. 1.ª e segg.

[1] Era homonino do poeta Francisco José Cabral.
V. *Villarinho de Cotas,* tomo II.°, pag. 1349, col. 1.ª e segg.

João Cardoso Pereira, que, segundo se suppõe, vive no Rio da Prata.

Antonio Cardoso Pereira, negociante no Maranhão, casado com D. Constança Umbelina Gomes Pereira, da qual tem 3 filhos:—*Antonio*, *Carlos* e *Affonso*.

José Cardoso Pereira, negociante no Rio de Janeiro, casado com D. Rita da Silveira Cardoso Pereira, da qual tem 2 filhos: —*Herminio* e *Beatriz*

D. Maria dos Prazeres, que vive com seus paes e ainda solteira.

Tiveram mais 2 filhos que morreram na infancia.

—

O sr. Francisco Cardoso Pereira, caracter nobilissimo, é muito curioso; conhece como ninguem a historia moderna de Viseu, podendo dizer-se *chronista d'esta cidade*, com relação á qual tem muitos *mss.* seus, com muitos nomes e datas; è tão modesto que nada publica, mas do seu vasto peculio se teem aproveitado muitos jornaes de Viseu e differentes escriptores que fallaram d'esta cidade, entre elles Silva Gaio, pois fornece apontamentos a quem lh'os pede, e nós alguns lhe devemos, depois que um ataque apopletico inutilisou o sr. dr. Nicolau de Mendonça, nosso principal cyreneu n'este artigo. Tivemos de recorrer a outros amigos, entre elles ao sr. Cardoso Pereira, mas infelizmente encontramol-o tambem já decrepito e sem forças para nos auxiliar!...

Deus lhes prolongue a existencia.

—João Pereira Dias Lebre.

Reside no Porto, onde é lente da escola-medico-cirurgica.

—Fr. Antonio de S. Bernardo.

Era natural do *Couto da Boa Aldeia* e foi religioso *Agostinho descalço* e *padre Mestre.*

Professou no seu convento do *Monte Olivete*, ou do *Grillo*, em Lisboa, no dia 13 de junho de 1789.

Poetas

—Dr. Manuel Botelho Ribeiro Pereira, de quem já se fallou supra, no tit. *Escriptores.*[1]

Deixou em verso varias composições que se perderam, mas ainda se podem ver muitos versos d'elle em castelhano e portuguez nos seus *Dialogos moraes e politicos.*

—Sebastião d'Almeida Amaral.

Floreceu tambem no sec. XVII e foi com certeza um poeta notavel, pois nas casas que hoje (1888) são do visconde d'Almeidinha, sitas na rua da Corredoura, em Pombal, se vê no peitoril de uma janella interiormente a inscripção seguinte:—«N'estas casas morreu o insigne poeta de Viseu *Sebastião d'Almeida Amaral*, na era de 1653, de edade de 63 annos.»

Não sabemos se publicou algumas poesias, pois não temos noticia d'ellas—e o *Diccion.* de Innocencio nem o menciona como escriptor.

—Augusto Frederico de Bayma Forte Gatto, distincto escriptor publico e mavioso poeta.

Nasceu na patria de D. Duarte a 24 de fevereiro de 1836 e é filho de Bento Antonio Forte Gatto, liberal muito exaltado, mas honradissimo,—e de D. Rita Augusta de Bayma;—neto paterno de D. Francisca Forte Gatto, e do commendador Antonio Joaquim Forte Gatto,—e materno do ministro Filippe Marianno de Bayma e de D. Maria Luisa Bayma d'Araujo Nogueira Vasconcellos.

É empregado publico, escrivão de direito em Fafe, — tendo sido tambem escrivão em Ceia e Cintra, mas é um cavalheiro nobilissimo, talento superior e muito illustrado.

Foi assiduo collaborador do *Viriato*, *Liberal* e d'outros jornaes de Viseu; collabo-

---

[1] Casou 2 vezes; a 1.ª com Anna Paes Correia, da villa de Cernancelhe, c. g.; a 2.ª «com Antonia Botelha de Proença, filha de Manuel Botelho da Costa, *fidalgo de geração*, e teve 6 filhos: *2 machos, que embarcarão*, e *hum que morreo frade capucho*; mais 3 filhas, *duas em que se não falla*, e huma que casou com Julio de Vilhegas Castello Branco, de que ha geração»—disse elle proprio. *Dial.* 4.º cap. 24.

rou tambem nos jornaes de Vianna do Castelio, onde passou algum tempo com seu tio o dr. José Maria Forte Gatto, director da alfandega d'aquella cidade, e tambem collaborou em differentes jornaes politicos e litterarios de Coimbra e de Lisboa, nomeadamente no *Diario Illustrado*, *Contemporaneo*, *Revolução de Setembro*, pelo que o proprietario e redactor d'este ultimo,—Antonio Rodrigues Sampaio,—sendo ministro, lhe offereceu uma commenda, que o nosso biographado pela sua modestia recusou, bem como um diploma de deputado.

—

Casou em 1860 com D. Maria do Carmo d'Azevedo e Lemos, senhora nobilissima de Varzea de Trovões,[1] e viuvando passou a segundas nupcias com D. Estephania Mercedes d'Almeida Corte-Real, dos Corte-Reaes da Pocariça.

Estreou-se na vida litteraria com um romance que logo se esgotou,—*Poesias d'um Album*. Em seguida publicou o poema *Ave Mater*, depois as *Auras*; vae publicar no momento 2 grossos volumes de versos,—*Orchideas*—e—*Na Sombra*;—tem publicado muitas poesias soltas em differentes jornaes—e traduzido muitos versos de Victor Hugo, Espronceda, Ariosto, etc.

—*Dr. João Victorino de Sousa Albuquerque.*

Tambem cultivou a poesia, como diz Berardo.

V. o topico supra—*Visienses illustres pelas lettras, mas não escriptores.*

—*Padre Alexandre de Miranda Vilhegas*, fallecido em 1723.

[1] Em Varzea de Trovões tambem casou e vive com o distincto escriptor publico Antonio da Cunha d'Azevedo uma irmã do nosso biographado,—*D. Maria Innocencia de Bayma Forte Gatto*, — senhora gentilissima e muito illustrada tambem.

V. *Varzea de Trovões*, tomo 10.° pag. 239, col. 1.ª e segg.

«Escreveu *Varias poesias á morte de André d'Albuquerque*, as quaes fez *imprimir* em Lisboa em 1661.»—É isto o que diz Berardo, mas nem o *Diccion.* de Innocencio, nem o seu continuador Brito Aranha mencionam tal escriptor.

—*João de Paiva.*

Consta que em 1656 escrevera um poema sobre a *Fundação e Antiguidades de Viseu.* «Não o vimos,—diz Berardo,—mas estamos persuadidos que a sua perda em nada prejudicou a litteratura portugueza, e com bons fundamentos fazemos o mesmo juizo das obras poeticas de *Manuel Botelho Ribeiro.*»

Veja-se o que dissemos d'este antiquario visiense no principio d'este topico—e o que dissemos d'elle e de Berardo (José d'Oliveira) no topico *Escriptores*.[1]

—*Miguel Botelho de Carvalho.*

Floresceu nos principios do sec. XVII e deixou muitas composições poeticas e de merecimento, no idioma castelhano, — diz Berardo, mas Innocencio não o menciona como escriptor.

—*Manuel Marques Rezende*, poeta muito distincto, segundo diz Berardo.

Veja-se o topico *Escriptores*, supra, onde já fizemos menção d'este sabio visiense.

[1] Berardo, cuja memoria muito respeito, foi o *mais cruel e accintoso detractor de Botelho*, tendo decorrido entre um e outro nada menos de dois seculos — e, se os apreciarmos devidamente, tendo em attenção as epocas em que viveram:—Botelho no meiado do sec. XVII, e Berardo no meiado do sec. XIX, qual dos dois teria mais merecimentos?

Só os *Dialogos* de Botelho, se fossem publicados quando elle os escreveu, em 1630 a 1636,—com certeza valeriam mais e muito mais *in illo tempore*, do que valem hoje *todas as obras de Berardo!...*

Appellamos para o testemunho *sincero e consciencioso* de quem tenha lido os trabalhos de um e outro.

Suum cuique.

—*O rev. dr. Bernardo José de Mello,* advogado e fallecido nos principios d'este seculo.

«Foi eminente em poesia latina (diz Berardo) especialmente no genero *epigrammas.* Possuimos alguns chirographos das suas composições, e damos para especimen da sua invenção os seguintes disticos, qne lhe foram encommendados para 4 liminares da caza da Mizericordia; mas que não chegaram a ser esculpidos, por isso que o pedantismo lh'os rogou com tanta instancia, quanta fôra a indifferença com que depois os menosprezou:»

Podem ver-se na *Memoria* de Berardo aquelles 4 disticos

—*Luiz de Campos,* de Farminhão.

Foi capitão de cavallaria, deputado ás cortes em differentes legislaturas, par do reino, *poeta distincto.*

V. pag. 1752, col. 2.ª n.º 14, *supra.*

Visienses illustres pelas armas

—*Viriato lusitano,* o *grande.*

Não se estranhe o mencionar-mol-o aqui, porque ainda hoje se ignora qual foi a sua terra natal e alguem o considera como *filho de Viseu!...*

Para evitarmos repetições, veja-se o topico relativo á *Cava de Viriato,* pag. 1690, col. 2.ª e segg.; a nota de pag. 1711, col. 1.ª—e *Povoa Velha,* tomo 7.º pag. 637, col. 2.ª e segg.

—*Ayres Mendes* e

—*Pedro Paes,* o *Carofa.*

Rebellaram-se contra D. Affonso Henriques, antes de ser acclamado rei e fizeram-se fortes no castello de Ceia, mas elle os venceu,—confiscou-lhes os bens — e os deu a João Viegas, seu privado.

V. *Memoria sobre a villa de Ceia* por Agostinho de Mendonça Falcão (pae do meu bom amigo e cyreneu n'este artigo, o sr. dr. Nicolau Pereira de Mendonça Falcão) pag. 13 no tomo 8.º das *Mem. da Acad. R. das Sci.*

—*O Grão Capitão Luiz de Loureiro,* que foi um dos mais distinctos cabos de guerra no sec. XVI, commendador da Ordem de Christo, senhor do solar de Loureiro, etc. etc.

Para evitarmos repetições v. pag. 1738, supra, no topico das *Familias nobres de Viseu,* parte 2.ª n.º 3.

—*Luiz Annes de Loureiro,* filho do antecedente.

Contando apenas 14 annos e seguindo as pisadas do *Grão Capitão,* foi como elle trucidado na Africa pelos mouros.

—*Ruy Lopes de Souza,* ascendente do sr. D. Ruy Lopes de Sousa Alvim e Lemos de Carvalho e Vasconcellos, residente na sua nobre casa de Santar.

V. *Bordonhos, Santar, Torre d'Alvim Trofa* do Douro, e n'este artigo Vizeu o topico das *Casas e quintas notaveis... mas não habitadas pelos seus antigos donos,* pag. ... n.º 2, tit. *Lopes de Sousa e Lemos de Santar,* onde dissemos que esta nobre familia tambem outr'ora residiu em Viseu, onde tinha um palacete brazonado, e que n'elle viveu no sec. XVII um distincto cavalleiro, que foi quem acclamou em Viseu el-rei D. João IV.

D'esse cavalleiro—*Ruy Lopes de Sousa*—nos occupamos no momento, aproveitando o que disse o jornal a *Nação* de 1 de dezembro de 1869:

«Teve a capital da Beira por seu acclamador em favor de D. João IV a Ruy Lopes de Sousa, para prova do que citaremos a mercê que fez el-rei D. Pedro II a Fradique Lopes de Souza, decimo setimo senhor da casa de Bordonhos, em 7 de março de 1691, na qual — recordando-se os relevantes serviços prestados por aquelle seu inclito ascendente, se diz:

«*Ruy Lopes de Sousa...* sendo alcaide-mór da villa de Porto de Moz, foi encarregado por cartas do sr. rei D. João IV de muitos particulares tocantes á formatura de gente para a guerra, fazendo varias levas na dita villa e seu districto. No anno de 1646 lhe encarregara outras semelhantes diligencias Fernão Telles de Menezes, governador das armas da provincia da Beira, na co-

marca de Viseu, *na qual serviu á sua custa com varios criados e cavallos por mais de um anno*, acompanhando ao mesmo governador na primeira entrada que fez á villa de Val-Verde e Castello de Elyes, no assalto da villa de S. Martinho, e sitio d'Aldeia do Bispo até se render, e no encontro de Val de Lamulla, fazendo outras entradas em companhia do Mestre de Campo D. Sancho Manuel, sendo em uma d'ellas ferido em um braço sem se querer retirar da peleja, procedendo sempre mui conforme á sua alta qualidade, *sendo o primeiro que na cidade de Viseu* acclamou o sr. D. João IV, etc.»

Era fidalgo cavalleiro com a elevada moradia de 2:500 réis por mez e um alqueire de cevada por dia,—commendador de Monsaraz na Ordem de Christo, alcaide mor da villa de Porto de Moz, 5.º administrador do morgado do Pinheiro, senhor dos logares de Villarinho, Villela e Villarelho, 15.º das terras de Bordonhos e seus padroados, 2.º do nome na successão d'esta casa, 8.º neto de D. Affonso Diniz, filho d'el-rei D. Affonso III, o *bolonhez*, etc.

Veja-se no fim d'esta lista o topico—*Acclamação d'el-rei D. João IV*.

—*Antonio Correia da Silva*, natural de Viseu.

Suppomos que foi militar e militar muito distincto, pois mereceu as honras de ser cantado em 8.ª rima pelo poeta seu patricio *Manuel Marques, Rezende* em 1728.

V. *Manuel Marques Rezende* no tit. *Poetas*, supra.

—*Fernão Lopes*, cavalleiro distinctissimo.

O dr. Botelho, no *Dialago* 5.º cap. 6.º, fallando do infante D. Henrique (o *de Sagres*) duque de Viseu, diz textualmente o seguinte:

«Com este Infante e Duque nosso se acharam muitos cavalleiros d'esta cidade nas partes d'Africa, onde por suas cavallarias eram do Principe muito estimados, ganhando nome de esforçados e bellicosos, como foi no palanque de Tangere, e tomada de Alcacere, e outros recontros, como já o tinham feito na tomada de Arzila por el-rei D. Affonso 5.º a 24 de Agosto anno 1471, em cujo arraial se achavão 300 cavalleiros d'esta cidade, e termo, com *Fernão Lopes*, que lá foi armado cavalleiro por mão do mesmo rei, com outros, como diz o letreiro da porta do muro da Regueira, rua d'esta cidade (Viseu) o qual ali mandou fazer, e pôz este cavalleiro depois que veio, ao tempo que os muros se faziam.

«Diz o letreiro:

No tempo d'El Rey
D. Afonso Quinto se
achou na tomada de
Arzila Fernam Lopes
desta cidade com 300
cavaleiros, e lá foi ar-
mado cavaleiro por mão
do dito Rey com outros mais.»

Sendo demolida a dita porta dos velhos muros, desappareceu a mencionada inscripção e d'ella já não havia memoria, mas por acaso o nosso bom amigo e cyreneu, o sr. Nicolau Pereira de Mendonça, em 1887 encontrou a dita lapide no quintal de uma casa da mesma rua da Regueira.

Jaz em exposição á porta do palacete do mesmo sr. dr. Nicolau de Mendonça.

—*Vasco Paes Cardoso.*

Foi Alcaide-mor de Moreira de Rei, junto de Trancoso, e senhor de Ervilhão.

—*Fernão Cardoso*, irmão do antecedente.

Poi alcaide-mor de Celorico da Beira.

V. *Dialogo 4.º do dr. Botelho*, cap. 36, pag 383 no codice de *Girabolhos*.

—*Fr. André do Amaral.*

Foi commendador de Vera Cruz e balio da ordem de Malta, etc.

Bateu e destroçou em 1509 nos mares da India uma armada do Soldão, que levava madeira para fazer uma frota contra os portuguezes, por ordem dos venesianos, que desejavam oppor-se ás nossas conquistas.

Botelho, *loc. cit.*

—*Dr. Belchior do Amaral.*

Militou em Africa; — foi captivo na batalha d'Alcacer;— depois foi desembargador do paço, etc.

—*Manuel de Figueiredo*, filho de Antonio de Figueiredo, descendente do celebre bispo de Viseu *D. Gonçalo de Figueiredo*, o *Anchinho*, n.º 36 do nosso cathalogo. V. pag. 1603, col. 2.ª supra.

Indo em uma armada contra os mouros por ordem do *Grã Capitão* Luiz de Loureiro, já mencionado e seu parente, foi captivo e no captiveiro morreu.

Dial. 4.º de Botelho, cap. 21, pag. 314 no codice de *Girabolhos*.

—*Luiz de Loureiro* (um dos 12 filhos do celebre conego, abbade e arcediago Luiz Annes de Loureiro) irmão de Henrique de Loureiro, pae do *Grão Capitão* Luiz de Loureiro.

Foi tambem afamado cavalleiro em Africa.

—*Henrique de Loureiro*, pae do *Grão Capitão* supra.

Foi tambem distincto cavalleiro em Africa.

V. *Dial. 4.º de Botelho*, cap. 23, *in principio*.

—*Luiz de Loureiro*, o *da mãozinha*, filho de Luiz de Loureiro supra, sobrinho do antecedente Henrique de Loureiro e primo do *Grão Capitão* Luiz de Loureiro.

Foi tambem na Africa esforçado cavalleiro e capitão em armadas de galeões—e por que em um recontro ficou aleijado de uma mão, lhe deram a alcunha *da mãozinha*, para o distinguirem do *Grão Capitão* Luiz de Loureiro, seu primo.

Casou em Africa com Leonor *Cebolinha*; viveram em Viseu e tiveram entre outros filhos: — Antonio de Loureiro, o *Boia* (ou *Bôca) Negra*, e

—*Alvaro de Loureiro*.

Foi fronteiro na Africa.

—*Antonio de Loureiro*, filho de Duarte de Loureiro e de Isabel Affonso Cardoso.

Foi commendador de Santa Maria de Lordello da Ordem de Christo no arcebispado de Braga, capitão-mor e governador da cidade de S. Jorge da Mina, etc.

—*Antonio de Loureiro* (outro) neto do celebre conego Luiz Annes de Loureiro, e primo do *Grão Capitão* Luiz de Loureiro.

Tambem militou na Africa e ali morreu em uma nau que se incendiou.

Dial. 4.ª de Botelho, cap. 24.

—*Nuno de Barros de Loureiro*, filho de Manuel de Loureiro, por alcunha *o da Alagôa*, e de Isabel Gomes de Miranda.

Militou com grande distincção no Brazil contra os hollandezes, e no seu regresso á patria ganhou por demanda o morgado de Loureiro.

Casou a 1.ª vez com uma filha de Francisco d'Almeida, o *Terronhe*, e viuvando s. g. casou 2.ª vez no Brazil com Maria d'Albuquerque, da qual houve differentes filhos, entre elles um *Luiz de Loureiro*, c. g.

Assim como na familia dos marquezes de Tavora se repetiu muitas vezes o nome *Luiz Alvares de Tavora*, n'esta dos Loureiros se repetiu mais vezes ainda o nome *Luiz de Loureiro*, porque todos os parentes do *Grão Capitão* se orgulhavam com o nome d'elle.

—*Pedro Ferreira*, irmão de Pedro (ou Diogo) do Rego.

Militou na India; no seu regresso casou com Anna de Figueiredo, 8.ª filha do conego Luiz Annes de Loureiro, e alem d'outros filhos, tiveram — *Pedro Ferreira* e Catharina de Figueiredo, a qual casou com *Jorge Ferreira* e teve varios filhos, entre elles um de nome tambem *Pedro Ferreira*, que foi, como este seu homonimo, *abbade*, mas de Lumiar, junto de Lisboa.

—*Pedro Ferreira*, filho mais velho de *Pedro Ferreira* e de Anna de Figueiredo, casou com Isabel Cardosa, de Lamego, e tiveram entre outros filhos uma senhora que casou

com Mathias de Carvalho, filho de *Pedro Rodrigues de Carvalho.*[1]

V. *Dial.* 4.° de Botelho, cap. 24.

—*Antonio Pereira*, filho de Henrique Pereira, moço fidalgo de Tentugal, e de Anna de Figueiredo da cidade de Viseu, onde viveram.

Militou na India.

—*Antonio Paes*, filho de Leonel Cardoso e de Catharina Paes do Amaral, filha do deão da Sé de Viseu D. Gaspar do Amaral.

Militou tambem na India no sec. XVI.

—*Antonio d'Aguilar*, filho de Antão Martins Indiatico (sobrinho do bispo D. Diogo Ortiz de Vilhegas) e de Maria d'Azevedo.

Foi sargento em Italia no exercito do Imperador Carlos V, debaixo da capitania de Francisco Pinheiro, no estado de Sena sobre o monte Aquino, onde falleceu.

Dial. 4,° de Botelho, cap. 26 pag. 345 no codice de *Girabolhos.*

—*Fr. Diogo Fernandes d'Almeida*, filho de Martim Lourenço, o *Velho*, dos Coutos, e de Maria d'Ornellas.

Foi commendador de Malta e senhor da jurisdicção crime dos Coutos por mercê d'el-rei D. Affonso V, sendo passada a provisão na cidade de Faro aos 8 d'abril do anno 1476.

Não casou, mas teve filhos naturaes e viveu na Africa, onde foi grande cavalleiro.

Dial. 4.° de Botelho, cap. 28.

—*João Nunes da Costa.*

Militou com tanta distincção na India, que foi denominado *O Cavalleiro de Samorim.*

—*Gonçalo Pires Bandeira*, ascendente dos *Bandeiras* da Torre-Deita e do Ladario em Viseu, etc.

Foi cavalleiro muito esforçado no tempo d'el-rei D. Affonso V e salvou heroicamente a bandeira portugueza na batalha de Toro, pelo que os seus descendentes se appellidaram *Bandeiras.*

—*Francisco da Costa.*

Foi Alcaide-mor de Bragança e do castello do Outeiro, por nomeação do duque D. Jaime.

—*José de Mattos Cid.*

É tenente coronel d'engenheiros, muito illustrado e cavalheiro a toda a prova.

—*Rodrigo de Sousa Tudella de Castilho*, da nobre casa de *Villela*, freguezia de Lourosa.

V. pag. 1752, col. 1.ª *supra*, n.° 12.

Este valente militar e fidalgo distincto era uma excellente pessoa e prestou á cidade e ao concelho de Viseu relevantes serviços no calamitoso anno de 1828.

Na tarde de 17 de julho do dito anno entrou em Viseu uma numerosa guerrilha commandada pelo dr. Francisco de Magalhães Mascarenhas, o *Solus altissimus* de alcunha, por ser muito corpulento, então juiz de fóra de Taboaço e terror da Beira.

Na marcha de Mangualde para Viseu, terra em que predominavam os liberaes, que elle se propunha castigar saqueando e talvez incendiando a cidade, como promettera, foi adestrando a sua guerrilha com o saque e incendio da casa da quinta de José Antonio

---

[1]Este topico parece que prende com a minha obscura familia, pois eu sou *Pedro Ferreira*; tenho um irmão *Jorge Ferreira*; foi meu tio-avô outro *Jorge Ferreira*, e contamos entre os nossos humildes ascendentes mais 2 (que eu saiba) com o mesmo nome de *Jorge Ferreira.*

Foi dono da casa onde eu nasci (a *Casa da Capella*, na povoação da Curvaceira, freguezia da Penajoia) *Domingos Rodrigues de Carvalho*, que fundou a dita capella (de *Nossa Senhora da Lapa*) em 1740, e foi vereador em Lamego, onde casou; e teve um irmão—*Antonio Roiz de Carvalho*—meu visavô materno?!...

Acaso eu ainda terei algum sangue do celebre conego Luiz Annes de Loureiro e do *Grão Capitão*, seu neto, Luiz de Loureiro?

Com vista aos meus sobrinhos e primos, que teem brasões d'armas.

V. *Corvaceira* e *Penajoia* n'este diccionario e no supplemento.

da Silva, negociante, no sitio de *Lava mãos*, perto de Viseu.

Ficou a cidade aterrada. Felizmente estava commandando o regimento de milicias de Viseu o seu coronel Rodrigo de Sousa Tudella de Castilho que, apesar de ser tambem *realista,* ficou indignado. Formou immediatamente o seu regimento no terreiro das freiras; dirigiu-se ao truculento juiz de fóra e perguntou-lhe que vinha fazer a Viseu com a tropa de seu commando.

—Não tenho a dar-lhe explicações, mas tão só e unicamente a el-rei D. Miguel I,— respondeu o *Solus altissimus.*

Rodrigo Tudella apeou-se immediatamente, sem lhe volver uma unica palavra; entrou no estabelecimento commercial mais proximo, pertencente a Joaquim Manuel Loureiro; ali mesmo escreveu um officio que mandou entregar ao celebre juiz de fóra, ordenando-lhe que deposesse immediatamente as armas, tornando-o responsavel por todo e qualquer excesso que em Viseu praticassem os seus guerrilhas nas casas em que fossem aboletados— e que para tornar effectiva a ordem, já tinha formado e prompto o seu regimento de milicias.

Obedeceu o guerrilheiro e foi logo depôr as armas no pateo do *Collegio* (antigo Seminario) junto da Sé.

Toda a noite Rodrigo Tudella mandou patrulhar a cidade por fortes piquetes; na manhã seguinte foi com todo o seu regimento entregar as armas ao truculento juiz— com o mesmo regimento o acompanhou e á sua guerrilha até fóra de portas — e Viseu não soffreu coisa alguma, além do susto da vespera.

Toda a cidade exultou e nunca esqueceu tão generoso e cavalheiroso procedimento, pelo que Rodrigo Tudella, mesmo depois da *convenção d'Evora Monte,* foi sempre estimado e respeitado por gregos e troianos.

—

Um facto muito semelhante e *não menos honroso* praticou n'aquelles tempos o tenente coronel de voluntarios realistas—*Antonio Ferreira da Silva* — de Riodades. A muito custo salvou a villa de Trovões, tambem *muito liberal,* mas depois da *convenção d'Evora Monte* os habitantes de Trovões por gratidão o penhoraram e confundiram e, apesar de ter sido official realista,—nada, absolutamente nada soffreu até que expirou muito tranquillo na sua casa de Riodades depois de 1861.

Nós ainda o conhecemos e d'elle proprio ouvimos a narração do facto.

V. *Riodades* e *Trevões* n'este diccionario e no supplemento.

—

Pouco antes do assalto do *juiz de fóra de Taboaço* deu-se tambem na cidade de Viseu um choque politico insignificante, mas que teve lamentosas consequencias. Foi o *tiroteio da ponte de Prime,* em junho de 1828.

Tentando algumas forças populares realistas entrar em Viseu e constando que já estavam em Mangualde, certo numero de constitucionaes visienses resolveram oppor-se-lhes.

Achava-se então em Viseu José Joaquim Semblano, capitão de infanteria com exercicio de major do regimento de milicias,—algumas praças de cavallaria e caçadores dos batalhões n.os 7 e 9, que adheriram ao movimento constitucional. Juntos com bastantes populares partiram de Viseu em som de guerra no dia 5 de junho de 1828,—5.a feira de *Corpus Christi.*

Encontraram-se as duas forças nas alturas de Fagilde e principiou logo o tiroteio, ficando morto dos constitucionaes Joaquim Gonçalves,[1] caixeiro de Joaquim José Gonçalves Lima, negociante de pannos,—e ferido apenas o padre João d'Almeida Menezes e Vasconcellos, vulgo *Padre João Côco.*

Dos populares realistas julgo ser commandante Bernardo Mimoso Alpoim, de Linhares, que depois foi coronel dos voluntarios de Mangualde.

Durou apenas alguns momentos o tiroteio,

---

[1] As ossadas d'este moço foram depois trasladadas para o mausoleu onde repousam nos claustros da Sé os que foram fusilados em Viseu nos annos de 1832 e 1833, como já dissemos.

retrocedendo as forças realistas e recolhendo-se os constitucionaes a Viseu; mas por causa d'este pequeno tiroteio muitos visienses ficaram culpados na devassa de que foi ministro o juiz de fóra dr. Francisco da Costa Mimoso Alpoim e escrivão Manuel de Sales Mendonça e Silva, dando áquelle tiroteio o nome de *Fogo de Prime*, posto que o facto se deu um pouco alem da ponte de Fagilde.

—

Outro facto bem simples e de mais dolorosas consequencias foi o seguinte:

Em novembro de 1836, estando aquartelado em Viseu o batalhão de caçadores 2, sendo general das armas da provincia da Beira João Schwalbach—administrador geral Luiz de Loureiro de Queiroz Cardoso Leitão, do Couto, depois barão de Prime, — e juiz de direito da comarca o dr. Joaquim d'Almeida Novaes, constou que varios realistas andavam alliciando soldados do dicto batalhão em favor do seu partido.

O caso foi tomado a serio e empregaram-se logo energicas medidas.

Na tempestuosa noite de 30 do dicto mez partiu uma força de soldados com alguns guardas nacionaes para diversos pontos distantes de Viseu; n'essa mesma noite mataram dois realistas suspeitos, — e quasi em seguida os guardas nacionaes mataram outros realistas, entre elles um infeliz que prenderam, affiançando-lhe que nada soffreria, por serem conhecidos e amigos d'elle; mas a final bem perto de Viseu mataram-no barbaramente e depois levaram o cadaver *em triumpho* pelas ruas da cidade?!

Não satisfeitos aquelles canibaes com estes e outros excessos, obrigaram o juiz de direito a abrir devassa contra a supposta alliciação; mas os depoimentos das testemunhas, falsas ou verdadeiras, iam compromettendo tantas pessoas, que o juiz,—honra lhe seja!— para evitar maiores desgostos, suspendeu a devassa e, se a ultimou, guardou-a e levou-a comsigo quando foi nomeado juiz da relação do Porto. Falleceu na sua casa de Nellas a 13 d'agosto de 1854.

Viseu não lhe deve menos gratidão do que a Rodrigo de Sousa Tudella.

Calamitosos tempos?...[1]

Mais:

—

A divisão do general Silveira, marquez de Chaves, tendo-se revolucionado contra o partido da Carta em 1826, entrou em Viseu pelo Natal do mesmo anno, praticando excessos e roubos nas casas de alguns constitucionaes, nomeadamente na de José Antonio da Silva, negociante, fronteira ao convento de Jesus.

Depois de deixar Viseu, a divisão do general Silveira foi seguida e batida pela dos generaes Claudino e conde de Villa Flor em *Coruche*, concelho d'Aguiar da Beira, no dia 9 de janeiro de 1827, e em seguida o general Silveira emigrou com bastantes officiaes para a Hespanha, d'onde regressou a Portugal só depois que o infante D. Miguel desembarcou em Lisboa no dia 22 de fevereiro de 1828.

V. *Coruche, Canellas, Villa Real de Traz os-Montes*, vol. 11.º pag. 1029. col. 2.ª *in fine* e segg.

—*Antonio de Campos*, de Farminhão, coronel de cavallaria, e seus 2 irmãos:

—*Luiz de Campos*, já fallecido, e

—*João de Barros e Campos*, capitães da mesma arma de cavallaria.

V. pag. 1752, col. 2.ª n.º 14 supra.

Acclamação d'el-rei D. João IV

Viseu foi uma das terras do nosso paiz que mais soffreu durante o jugo filippino, por se haver pronunciado em 1580 em favor de D. Antonio, prior do Crato; foi por isso tambem que recebeu e festejou com grande alvoroço a noticia da revolução de 1640 e da acclamação d'el-rei D. João IV.

As grandes festas foram em resumo as seguintes:

---

[1] Veja-se o topico supra—*Segurança publica no districto de Viseu.*

«No dia 14 de dezembro de 1640 achavam-se reunidos na sessão ordinaria os vereadores da camara de Viseu—Dr. Antonio Botelho da Costa Homem, juiz pela Ordenação, Adrião Barreto de Seixas, Manoel Ferrão Castello Branco, e o procurador Manuel da Costa Loureiro.[1] Estavam despachando negocios correntes, quando entrou o licenciado Manoel Carvalho da Silva, juiz de fóra, servindo de corregedor da comarca, o qual apresentou a seguinte carta que acabava de receber do governador das justiças da cidade do Porto:

«Hoje dez do presente ás dez horas da noite, chegou hum correio de Lisboa, e deo nova carta de como el-rei D. João, a quem Deos guarde, ficava já na dita cidade. Vossas mercês o hão appelidar por nosso rei natural, como nosso pae que nos vem a reunir, mandando fazer todas as festas e solemnidades que merece e nós temos obrigação de lhe fazer... Porto, 10 de dezembro de 1640. Manoel de Sousa da Silva, Governador.»

A leitura d'esta carta impressionou sobremaneira os circumstantes, porque o negocio era *incerto* e o evento *perigoso*... N'este estado de receios assentaram que o objecto era de consideração!... e mandaram convocar immediatamente a nobreza da cidade. Reforçada a assembléa por este modo, e instruidos os novos membros do que se passava, apoderou-se d'elles o mesmo espirito de receio... ponderando um dos mais auctorisados o seguinte:

«Que o negocio de que tratavam era indubitavelmente de muita transcendencia;... que a cidade de Viseu era uma das mais antigas e nobres de Portugal, e por isso lhe deveriam ser brevemente enviadas as ordens e communicações do novo governo, que se dizia já constituido em Lisboa; e que finalmente n'aquelle dia tinha de chegar o correio ordinario da capital, e então haveriam todos huma certeza, do que se poderia obrar com tento e segurança.»

—

»Sendo com effeito este conselho muito prudente, e por ventura astucioso, e condizendo com a vontade e timidez da assembléa, assentaram unanimemente de não romperem em demonstrações sem que chegasse a carta d'el-rei D. João.

Estas deliberações tinham protrahido a sessão até ás 2 horas da tarde. Mas o povo da cidade, que não entendia nada d'estes conselhos prudenciaes,... já instruido pelos simples rumores que corriam, de ter sido acclamado em Lisboa o duque de Bragança, levanta-se em massa tumultuosa e como por instincto, pessoas d'ambos os sexos, de todas as idades e condições, correm aos paços do concelho situados junto da praça publica; huns trepam pelo pelourinho; sobem alguns ao campanario para tanger o sino da cidade; e outros arremettem pela sala da camara e casa das audiencias, clamando em altas vozes: *Viva o sr. D. João IV, rei de Portugal!*...

Aqui expirou o rigoroso precato dos homens da governança. Levantam-se todos alvoroçados, e correspondem áquellas vozes do povo com tanta força e segurança, como se tivessem levado n'ellas a iniciativa!

Veio logo o estandarte da cidade, e o vereador mais velho, desenrolando-o na frente de toda aquella comitiva, marcha diante ao meio do largo da praça, onde por longo tempo se repetiram as acclamações, as quaes não terminaram sem que primeiro percorressem as ruas principaes da cidade com as mesmas demonstrações de enthusiasmo.

O mesmo juiz e vereadores, para em tudo satisfazerem ao povo, juntando-se segunda vez ao anoitecer, cursaram pelas ruas da cidade, repetindo as acclamações, que pareciam não acabar. Tão grandes eram as ancias de exhalar desejos por tanto tempo sopitados, mas não extinctos!...

—

«Com effeito ao 3.º dia, que foram 19 (aliás 17) de dezembro d'aquelle anno (1640)

[1] Vejam-se os 2 interessantes folhetins publicados pelo conego José d'Oliveira Berardo,—*Um capitulo de Viseu em 1640*,—no *Liberal*, de 5 e 9 de setembro de 1857.

chegou a Viseu hum correio, portador da seguinte carta,... que foi lida em camara:

«Juiz, vereadores, e procurador da camara da cidade de Viseu. Eu el-rei vos envio muito saudar.

«Já havereis entendido a mercê, que aprouve a Deos N. Senhor de me fazer na restituição da corôa d'estes meus reinos, e posto que de todos os vassallos e naturaes d'elles, particularmente dos moradores d'essa cidade, tenho por certo que em conformidade do que esta cidade de Lisboa começou, me havereis ahi de alevantar e acclamar por vosso rey e senhor natural, se por ventura se tiver dilatado esta solemnidade, vos encommendo e mando que logo a façaes na forma costumada... Escripta em Lisboa, a 10 de dezembro de 640. Rey.»

Feita a leitura, já os nossos homens não quizeram demoras.

No mesmo dia foram convocados na casa da camara, por notificação e ao chamamento da *campa tangida*, muitos fidalgos e cavalheiros dos mais antigos e nobres, grande numero de cidadãos e immenso povo, officiaes de justiça, juizes, jurados e quadrilheiros do termo da cidade; e bem assim os 2 mesteres da camara, e os 12 do povo com o seu juiz, aos quaes todos fallou o corrigidor da comarca nos termos seguintes:

«Senhores, já deveis de saber como o muito alto e poderoso principe el-rei D. João o IV, nosso senhor, que Deos guarde, foi acclamado na cidade de Lisboa no 1.º de dezembro do presente anno; e ainda que S. M. tambem o foi n'esta cidade de Viseu no dia 14 d'este mez;... comtudo por isto se não ter passado com aquella solemnidade, que tão grande acto merecia,... por isso hoje sois aqui convocados para o feliz accrescentamento de tamanha solemnidade... Eia pois, senhores, vamos a coroar a obra da nossa redempção!»

—

«Então sahindo os officiaes mecanicos com as suas bandeiras, tomou o estandarte da cidade o alferes da camara *Vasco Fernandez* de Carvalho,[1] indo no meio de dois nobres e distinctos cavalheiros, que foram seguidos pelos vereadores ornados das suas insignias, e no centro de toda aquella numerosa comitiva que os rodeava.

Era meio dia, e chegavam á porta da egreja cathedral, onde o reverendo cabido e clerezia (então estava a Sé vacante) os aguardava de cruz levantada. Entraram todos ao canto do hymno *Te-Deum*, e tendo subido até á capella-mor, deram alli hum juramento solemne de acclamarem por seu rei natural e senhor que lhes vinha por mandado de Deos, ao muito alto e poderoso principe el-rei D. João o IV. O alferes fez a ceremonia costumada com o estandarte, e descendo depois com os vereadores até á boca da capella mòr, e no meio dos 2 mencionados cavalheiros, Antonio Rodrigues de Figueiredo e Antonio Coelho de Campos, este ultimo dirigio ao povo huma arenga pathetica, mais propria do seu patriotismo e persuasão, do que de estudados recursos:

«Senhores (disse elle) esta acclamação de S. M. he milagrosa; he hum acto da sua divina justiça; he huma restituição que lhe he feita d'estes reinos, que já estavam ha muito tempo saudosos de não terem hum principe portuguez!...

Agora sim!... agora sim, foi Deos servido favorecer-nos, como a vassallos fieis que somos, com este grande principe da nossa nação e natureza!...»

E aqui, entrecortando-se-lhe as palavras, começou o honrado cavalheiro a derramar lagrimas de prazer.

O alferes da camara, arvorando o estandarte, 3 vezes o voltou, e outras tantas exclamou o vereador mais velho:—*Real, Real, pelo muito alto e poderoso principe D. João o IV, rei de Portugal!*

—

«Sahio da cathedral esta grande comitiva ao som de muitos repiques dos sinos, e co-

[1] Tinha quasi o mesmo nome do celebre pintor *Grão Vasco*!?...

mo chegassem á praça publica os arcabuzeiros, que alli se achavam formados com as suas bandeiras e tambores, dispararam huma grande salva. Repetio-se a ceremonia do estandarte, como se fizera dentro da cathedral, ao que a multidão do immenso povo correspondeu com indisivel enthusiasmo: —*Viva el-rei D. João o IV Nosso Senhor!*— e seguiram-se os toques das charamellas e trombetas.

De tarde percorreram as ruas da cidade com estrondosas acclamações, e tendo-se recolhido á caza da camara, o senado decretou os seguintes artigos:

1.°—Que todos os moradores da cidade illuminassem as janellas das suas casas por aquellas 3 noites;

2.°—Que pelo espaço de 8 dias a nobreza fizesse festas de cavallo;

3.°—Que se dessem corridas de touros, e se fizessem danças, pélas, chacotas, *e toda a casta de regosijos* pela feliz acclamação de el-rei;

4.°—Que no fim de tudo se desse parte ao mesmo Senhor, como era mister.

Os regozijos e demonstrações de contentamento não ficaram por aqui: a oppressão fôra prolongada, e grande devia ser o desabafo.

No dia 23 de dezembro acharam-se reunidos nos claustros da Sé o corregidor da comarca, os vereadores, os mesteres da camara e muitos cidadãos principaes, onde, de combinação com o rev. cabido e ministros ecclesiasticos do bispado, assentaram: —que no dia seguinte, que era domingo, 24 d'aquelle mez, se fizesse a Deos N. Senhor huma festa em acção de graças, que se expozesse o Santissimo Sacramento, e de tarde houvesse huma procissão pela grande mercê que Deos fizera a estes reinos, e com especialidade á cidade de Vizeu,...—e que á dita funcção assistissem os ministros, officiaes da camara, o cabido e todos os ecclesiasticos, como se costuma no sahimento de *Corpus Christi*. Alem disto os vereadores determinaram que em a noute daquelle dia e na outra seguinte todas as janellas da cidade estivessem illuminadas: e que no mencionado dia os mordomos dos officios mecanicos tivessem promptas as suas bandeiras, danças, festejos e *chacotas*; assim como as pélas, trombetas, charamellas e tambores, *debaixo da pena de 30 dias de cadeia*?!...

—

«Com effeito no dia aprazado sahiram dos paços do concelho o senado da camara, os mesteres e muitos cidadãos, dirigindo-se todos á cathedral, onde assistiram á solemne funcção ecclesiastica, em que prégou o guardião dos capuchos de S. Francisco d'Orgens com a satisfação e aprazimento dos circumstantes. Pela tarde reuniram na mesma cathedral, e então teve logar o solemne sahimento pelo modo seguinte:

Na frente de tudo marchavam os tangedores das charamellas e trombetas, concertando huma *ingrata harmonia* (sic) segundo seu talento e os costumes d'aquelle tempo. Seguiam-se as *folias*, especie de dança ou coro de raparigas, tripudiando com varios gestos e posturas para divertimento do vulgo ignaro. Após estas vinham as *chacotas*, que dançavam cantando varias lôas, de que se riam e alegravam os auditores. Vinham tambem as *pélas, notavel dança, que se compunha de meninos levados nos hombros d'outrem, onde se contorneavam com varias mimicas extravagantes.*

Apparecia de proximo a charola de S. Jorge, defensor do reino, seguido de bastantes cavallos d'estado ajaezados, onde os bordados telizes mostravam ao povo nos brazões *muitas orelhas de mouros, que os antepassados de seus donos nunca cortaram.* Após desenroladas vinham as bandeiras dos officiaes mecanicos com as pinturas dos santos seus patronos; como era de ver no mester dos sapateiros *S. Crispim apontando ao povo a curva e buida sovella na dextra mão*, emquanto seu irmão Crispiniano *ostentava o duro bisegre luzidio.*

Rematava esta especie de avançada o alferes da camara, levando a bandeira de S. M...

Então se estendia a fileira das cruzes das freguezias, que eram seguidas pela corporação da confraria do Senhor, e após tiveram cabimento os frades de S. Francisco d'Or-

gens. Finalmente seguia-se a clerezia com o cabido, e o pallio levado por 6 nobres cavalheiros, e no couce de tudo o senado da camara.

—

«Quando o pallio se mostrou no adro da cathedral (diz o alfarrabio municipal que consultamos) a milicia das ordenanças, postada com firmeza e galhardia, atirou huma grande salva dos negros arcabuzes, *cujo fogo lhes fora communicado pelos morrões accezos.*

N'este interim os sinos das egrejas resoavam de maneira que aturdiam, e logo a milicia arcabuzeira, governada por barbudos sargentos, por alferes e gordos capitães, ao som dos tambores e charamellas, cercou em duas alas o couce da procissão.

Assim caminharam pelas ruas destinadas... até o remate com a entrada na cathedral. Subiu então ao pulpito o dr. Manoel d'Almeida Castello Branco, conego na Sé de Vizeu, onde fez hum douto sermão alludindo ás semanas do propheta Daniel, dizendo: «que foram outras tantas como os annos em que o reino de Portugal esteve sugeito a Castella; mas que pela acclamação de S. M. sahiram os portuguezes do captiveiro.» Ainda que n'esta conta andava um erro de dez annos, pouco importava para o assumpto...

—

«Concluida a funcção religiosa, o resto do dia e a maior parte da noite passaram-se nas *encamisadas*, genero de festas que comprehendia as especies de jogos denominados *cavallinhos, justas* e *torneios*, em que os homens a cavallo, e vestidos de certo modo, brincavam entrecorrendo huns pelos outros, batendo-se com fustes ou cannas.

Todos estes regozijos... foram participados a el-rei, que muito agradeceo, enviando a carta seguinte:

«Juiz, vereadores... e povo da cidade de Viseu: Eu el-rey vos envio muito saudar.

Vi a vossa carta de 20 do mez passado, pela qual me destes conta da solemnidade com que n'essa cidade se fizera a minha acclamação, e as festas que depois d'isso se seguiram, assim ao divino como ao humano, o que tudo foi muito conforme á confiança que de tão honrados cidadãos e leaes vassallos tenho, ficando certo que com boa vontade folgareis de me ajudar a defender estes reynos, que Deos N. Senhor foi servido restituir-me para haver lugar de vos fazer mercê. Escripta em Lisboa aos 6 de janeiro de 1641. Rey.»

A isto se reduzem os 2 folhetins que o sabio conego extrahiu do *alfarrabio* da camara e que em verdade são um *capitulo* interessante da historia de Viseu e bem mais alegre do que alguns dos topicos supra.

VISIENSES ILLUSTRES PELA SUA POSIÇÃO SOCIAL

—*Martim d'Almeida*, dos Coutos — o *Velho*.

Foi caudel-mor.

—*Martim Lourenço d'Almeida*, pae do antecedente.

Foi reposteiro-mor d'el-rei D. João I.

— *Pero Lourenço d'Almeida*, irmão de Martim d'Almeida, o *Velho*.

Foi o 1.º almotacé-mor de Portugal.

Dial. 4.º de Botelho, cap. 28.

—*Diogo Botelho da Costa*, descendente do famoso *Cavalleiro de Samorim*, João Nunes da Costa.

Casou em Bejar, na Hespanha, com D. Ignez de Artiaga e Souto-Maior, filha de Rodrigo d'Artiaga, da creação do duque d'aquella villa, e de D. Anna Souto-Maior, parenta da duqueza, e tiveram entre outros filhos:

—*D. Antonio Botelho*, que succedeu na casa de seu pae e em 1630 vivia em Viseu;

—*D. Rodrigo d'Artiaga Souto-Maior*, que foi thesoureiro-mor do Mexico, de *propriedade*;

—*D. Gaspar*, e

—*D. Alonso*, que tambem viveram no Mexico, e

—*D. Francisco d'Artiaga*, que pelos annos de 1630 vivia no Perú.

Dial. 4.º de Botelho, cap. 33.

—*Gonçalo Pires Bandeira da Gama*, senhor da nobre casa e morgado dos *Bandeiras* de Torre-Deita.

Era descendente e representante do famoso *Gonçalo Pires Bandeira*, que na batalha de Touro salvou a bandeira portugueza, como já dissemos no topico dos *Visienses illustres pelas armas*.

Nasceu na sua casa da Torre-Deita no dia 10 de dezembro de 1818, e ali falleceu no dia 14 de julho de 1884, deixando vivas saudades e um vacuo profundo no concelho de Viseu, pois era o modêlo d'um *Portugal velho* honradissimo e cavalheiro a toda a prova.

No *Album Visiense* póde ver-se o seu retrato e a sua biographia. Por ser bastante longa, d'ella faremos apenas um leve extracto:

....

«Era filho de D. Clara Luiza Bandeira da Gama, da casa dos Coutos, e de Thomaz Antonio da Silva Gama, da quinta da Reguenga.

....

Manteve inalteraveis a consideração, o prestigio e o respeito do seu antigo, rico e nobilissimo solar.

....

A grande fortuna, o elevado nascimento, as excellentes qualidades e a figura gentil do fidalgo tornavam-no apto para os mais importantes cargos, grangeando-lhe sympathias e captivando a attenção de todos a quem elle encantava com a sua affabilidade.

Nomearam-no commandante da *guarda nacional* de Viseu, e n'este cargo revelou melhor o seu animo folgasão e os instinctos de proteger toda a gente, do que a rigida tempera do austero disciplinador.

Em 1853 elegeram-no presidente da camara municipal de Viseu.

....

Olhou sempre para a frente, e os melhoramentos materiaes, o progresso, nunca acharam n'elle senão auxilio para o incessante caminhar.

....

Durante a sua gerencia municipal promulgou o *1.º codigo de posturas* que teve o concelho.

Mais tarde, nos annos de 1864 e 1865, tendo sido eleito procurador á junta geral do districto, occupou o logar de presidente d'esta importante corporação.................

Foi eleito deputado ás côrtes por indicação do seu amigo do collegio o sr. Casal Ribeiro,[1] mas não pôde tomar assento na camara por motivos particulares.

....

Instaram-no repetidas vezes para acceitar condecorações e titulos, etc., mas nunca poderam obter a sua acquiescencia.........

Um titulo *unico* lhe era agradavel:—o de *Morgado da Torre*. É que esta designação que o povo adoptou carinhosamente, e que por longos annos guardara gravada no coração, representava para Gonçalo Bandeira a synthese de todos os affectos que mereceu, de todas as attenções com que os pobres agradeciam á casa da Torre immensos favores e beneficios.....................

....

Rasgos generosos ninguem os tinha maiores do que o *Morgado da Torre*.

Quando se procedia aos estudos da estrada municipal de Viseu ao Valle de Besteiros, offereceu gratuitamente as vastas expropriações das suas propriedades, recommendando com empenho—que desviassem o traçado das terras dos visinhos, que com isso se inquietassem, e o levassem pelas suas...

....

Grandes e pequenos se curvam deante do tumulo que nos esconde o amigo querido, um grande coração, que deixou orphãos milhares de infelizes que n'elle achavam certos o seu remedio e conforto.»

Casou com a sr.ª D. Candida Carolina Seabra Bandeira.

---

[1] Hoje, 1888, é digno par do reino e nosso embaixador em Madrid, etc.

—*Luiz Galvão.*

Casou com uma senhora dos Bandeiras da Gama, da casa do *Ladario*—e «foi (diz Botelho, seu contemporaneo *Dial.* 4.° cap. 33) *o primeiro mantenedor* (jogador) *de manilha*, que houve em Viseu, e partes da Beira em tempo do bispo D. João de Bragança»—1599-1609.

—*O rev. João Nunes da Costa,* filho de Fernão Alvares Cardoso e de Brites Nunes.

Foi abbade da Lageosa—«o qual teve de hua Filippa Alvares, ou Brites Alvares, mais de vinte filhos...» — diz Botelho, Dial. 4.° cap. 34,—alguns dos quaes deram numerosa descendencia e occuparam altas posições.

—*Antonio d'Abreu de Mello*, filho do celebre conego Pedro Gomes d'Abreu, sobrinho do bispo D. João Gomes d'Abreu.

Foi pagem do brandão do principe D. João, pae d'el-rei D. Sebastião.

Dial. 5.° de Botelho, cap. 3.°

—*Adrião Barreto de Seixas* e

—*Manuel Ferrão Castello Branco.*

Eram vereadores e estavam em sessão ordinaria com o procurador da camara.

—*Manuel da Costa de Loureiro*, sob a presidencia do juiz pela Ordenação D. Antonio Botelho da Costa Homem, quando entrou na sala das sessões o licenciado Manuel Carvalho da Silva, no dia 14 de dezembro de 1640, e lhes apresentou uma carta que acabava de receber do governador das justiças da cidade do Porto, communicando-lhe a feliz nova da revolução de 1 de dezembro do dicto anno e da acclamação de D. João IV, e mandando que em Viseu se repetisse a mesma acclamação com todas as demonstrações proprias.

Os illustres vereadores titubiaram com receio, mas o povo os compelliu.

Veja-se o topico supra: *Acclamação d'el-rei D. João IV.*

—*Vasco Fernandes de Carvalho.*[1]

Em 1640 hasteou á bandeira de Viseu nas festas da acclamação, pois era o alferes da camara.

—*Antonio Rodrigues de Figueiredo* e

—*Antonio Coelho de Campos.*

Foram os 2 fidalgos visienses que tiveram a honra de ladear o alferes da bandeira nas pomposas festas da acclamação de D. João IV, em 1640.

—*O dr. Manuel d'Almeida Castello Branco.*

Era conego da Sé de Viseu em 1640 e prégou com muito applauso nas festas da acclamação.

V. o topico citado supra.

—*José Ribeiro de Carvalho e Silva*, negociante de grosso trato no imperio do Brazil, primeiramente no Rio de Janeiro e depois na provincia de Minas, onde se estabeleceu e casou em Sant'Anna de Capivary.

Nasceu na cidade de Viseu em 1824 e foram seus paes Manuel Ribeiro de Carvalho e D. Maria José.

Como bom patriota jámais esqueceu a sua terra natal. Não só veiu expressamente visital-a em 1880 e 1882, mas deixou largas esmolas aos seus conterraneos. Declarou-se protector e bemfeitor do *Asylo d'Infancia desvalida* e deu á *Santa Casa da Misericordia* quantia sufficiente para com o seu juro dar-se uma sopa economica durante 4 meses por anno a 18 pessoas;—fundou e subsidiou em Viseu uma escola nocturna pelo methodo de João de Deus; subsidiou o professor primario da *Corga*, onde nasceram seus paes; deu 500$000 réis para ajuda de uma bibliotheca popular na mesma aldeia—e deu mais 100 volumes dos *Colloquios al-*

---

[1] Era quasi homonymo do celebre pintor *Vasco Fernandes,*—o *Grão Vasco*, de quem fallaremos adiante.

Seriam parentes?

deções de Castilho para premios dos alumnos.

Mais ainda.

Sabendo que em Viseu havia um caixeiro pobre com rara vocação para desenho e pintura, subsidiou-o para ir, como foi, para o Porto, frequentar a *Academia de Bellas Artes*, e tanto aproveitou que já em 1884 a 1885 foi o director artistico do primoroso *Album Visiense*, onde a pag. 17 a 19 se vê a biographia do sr. José Ribeiro de Carvalho e Silva—e o retrato do mesmo benemerito visiense, desenhado pelo dicto moço, que é hoje um artista de merecimento,—*José d'Almeida e Silva*, do qual adiante fallaremos no topico *Pintores*.

—*Antonio d'Almeida Tovar.*

Foi o ultimo senhor e representante da nobre familia *Almeidas da Calçada*, hoje *Noronhas Faro e Menezes.*

V. pag. 1728, col. 1.ª n.º 2.

—*Antonio de Albuquerque d'Amaral Cardoso.*

Foi o ultimo senhor e representante da nobilissima e riquissima *Casa do Arco.*

V. pag. 1727, col. 2.ª n.º 1.

—*João da Silva Mendes*, rico negociante, proprietario e capitalista.

Foi o tronco da nobre familia *Silvas Mendes.*

V. pag. 1733, col. 2.ª n.º 11.

—*O conde de Santa Eulalia, Antonio Augusto de Mello Castro e Abreu.*

Foi o ultimo senhor e representante da rica e nobre casa dos *Mellos Castros* de Viseu.

V. pag. 1737, col. 2.ª

—*D. Maria Candida d'Almeida Vasconcellos de Mello Abreu e Carvalho.*

Foi a ultima representante da nobre familia *Almeidas e Vasconcellos de Mello e Abreu*, da casa e quinta de *Santo Estevam.*

V. pag. 1740, col. 1.ª

—*Luiz de Loureiro Queiroz Cardoso*, 1.º visconde de Loureiro, filho unico do 1.º barão de Prime.

Foi o ultimo senhor e representante da opulenta casa de *Prime*, junto de Viseu, que comprehendia outras muitas.

V. pag. 1736, col. 2.ª n.º 12,—e 1752, col. 2.ª n.º 15.

—*Fernando d'Almeida e Silva Cerqueira Lacerda Vasconcellos.*

Nasceu a 18 de Março de 1779 e falleceu em 18 de julho de 1868. Foi representante de varias casas de Viseu, Amarante, Sampaio, etc.

Capitão de infanteria do antigo regimento 11, fez a guerra peninsular; assistiu ao combate do Bussaco, onde foi ferido. Foi condecorado com a medalha das 4 companhas. Renunciou a vida militar e não fez parte da expedição de Montevideu para casar com D. Maria Augusta Pinto Guedes de Almeida Vasconcellos, da *Casa de Santa Eulalia*, no concelho de Cêa, senhora de raras virtudes, fallecida em 23 de março de 1870. Não houveram filhos e succedeu na casa, por disposição testamentaria, a sobrinha D. Eduarda Augusta Pereira Pinto d'Almeida Vasconcellos Queiroz, casada com Bento Queiroz Pinto Serpe de Mello, morgado das casas de Favaios, S. João da Carreira, Covello e Fundão, fallecido em 12 de janeiro de 1886. V. o topico supra—*Familias nobres de Viseu na actualidade*, parte I, n.º 10, tit. *Queirozes Pintos.*

—*Emygdio Julio de Navarro*, actual ministro das obras publicas. Nasceu na rua do Arco em 19 d'abril de 1844.

É filho legitimo de André Navarro, da cidade d'Alicante, na Hespanha, e de D. Carlota Joaquina do Carmo Machado, natural da villa (hoje cidade) de Guimarães. É distincto escriptor publico, redactor das *Novidades* e auctor do formoso livro—QUATRO DIAS NA SERRA DA ESTRELLA, etc. Adiante volveremos a fallar do sr. Emygdio Navarro no topico *Estadistas.*

VISIENSES NOTAVEIS
PELAS SUAS VIRTUDES

—*Padre Bernardo Pereira*, jesuita e seu irmão

—*Fr. Rodrigo de Jesus*, da ordem do Carmo.

V. pag. 1547, col. 1.ª *in fine* — e o topico

supra—*Visienses illustres pelas lettras, mas não escriptores.*

—*Padre Antonio Leitão*, o *padre ladrão*.
V. pag. 1618, col. 2.ª

—*Jeronymo Bravo*, e sua mulher

—*Isabel d'Almeida*, fundadores do 1.º hospital da Misericordia.
V. pag. 1666, col. 1.ª

—*O dr. Belchior Loureiro*, e sua 1.ª mulher

—*Maria de Queiroz Castello Branco*, fundadores do convento de *Jesus*.
V. pag. 1661 col. 1.ª

—*Simão Machado*, e sua mulher

—*D. Anna de Jesus Serpe.*
Deram a sua casa e quinta de *Santa Christina* aos congregados, para n'ella fazerem, como fizeram, o convento, hoje *Seminario diocesano.*
V. pag. 1649, col 2.ª

—*Uma emparedada* cujo nome se ignora.
D'ella faz menção Viterbo no *Elucidario*, dizendo:—«Do *Livro Velho dos Obitos de Viseu*, a 5 de janeiro, consta que no anno de 1313 falleceu n'aquella cidade Margarida Lourença, que deixou ao Cabido seis soldos, impostos na sua cása da Ribeira, que de uma parte confrontava *com a Emparedada*. E esta mui provavelmente foi a contemplada em um testamento de Maceiradão de 1307, no qual se acha esta verba:—*Mando aas Confrarias de Viseu cinqui soldos, e aa Emparedada.*
V. *Inclusa* n'este diccionario, tomo 3.º pag 389, col. 2.ª

—*A viscondessa de S. Caetano*, generosa protectora dos desvalidos.
V. pag. 1798, col. 1.ª

—*Gonçalo Pires Bandeira da Gama*, generoso protector dos desvalidos tambem.

V. o topico supra, — *Visienses illustres pela sua posição social.*

—*Dr. Antonio Luiz Dourado*, medico distinctissimo e amantissimo da pobreza.
V. o topico supra—*Visienses illustres pelas lettras, mas não escriptores.*

Estadistas

—*Emygdio Julio Navarro*, bacharel formado em direito e actualmente ministro das obras publicas, etc. etc.
D'elle já fizemos menção no fim do topico *Visienses illustres pela sua posição social.*
Concluiu a formatura no dia 18 de junho de 1859 e tem sido deputado ás cortes em differentes legislaturas.
Casou em Coimbra com a ex.ª sr.ª D. Ernestina Candida Lopes, filha do dr. Adriano Lopes Guimarães e de D. Anna Justina Lopes d'Andrade.
O sr. Emygdio Navarro é um talento de 1.ª plana e orador distinctissimo,—e, apesar de ser ainda muito novo, é um dos ministros mais energicos e mais atilados que Portugal tem tido *até hoje*! Deixa o seu nome vinculado a muitas e muito importantes obras publicas: — vias ferreas e estradas a macadam; portos e docas; arborisação das estradas, das dunas do litoral e das serras da Estrella e do Gerez; albufeiras e canaes de irrigação; escolas industriaes e agricolas, etc., etc.—o que tudo a historia um dia registará com louvor.

Visienses tristemente celebres

—*João Ferrão de Castello Branco*, filho d'outro do mesmo nome e de D. Maria d'Almeida.
Antes de 1630 matou o seu irmão primogenito Manuel Ferrão de Castello Branco; em seguida homisiou-se e *nunca mais appareceu!...*
Dial. 4.º *de Bolelho*, cap. 26, pag. 343 no codice de *Girabolhos.*

—*João Gomes Pardello.*
Assaltou e tentou incendiar em 14 d'agos

to de 1641 o convento dos frades capuchos de *Santo Antonio de Maçorim,* procurando Luiz Ferrão para o matar.

V. pag. 1640, col. 1.ª

—*Domingos Lopes,* de 50 annos de idade e viuvo.

Estuprou violentamente em sitio ermo uma menina de 8 annos, deixando-a em misero estado, pelo que foi preso e enforcado no *Campo da Lã,* em Lisboa, no dia 16 de dezembro de 1745.

Mem. do Dr. Secco, pag. 343.

—*Manoel Cardoso de Loureiro,* fidalgo distincto, capitão-mór de Viseu, etc., e seu filho do mesmo nome

—*Manoel Cardoso de Loureiro.*

Tornaram-se tristemente celebres e sofferam grandes trabalhos pelas suas aventuras com as freiras benedictinas do convento de Jesus nos fins do ultimo seculo.

V. pag. 1662, col. 2.ª

—*José Paulo Pereira de Carvalho,* da nobre casa de Rebordinho em Lourosa da Telha.

V. pag. 1751, n.º 10, col. 2.ª

Foi coronel das milicias de Viseu e um dos vogaes da celebre *commissão mixta* que em 1832 e 1833 ordenou os fusilamentos politicos mencionados supra, pag. 1784, col. 1.ª e segg.

—*Francisco d'Almeida Vasconcellos,* major reformado.

Foi tambem um dos vogaes da celebre *commissão mixta.*

Os outros vogaes eram de terras estranhas e por isso os não mencionamos n'este rol.

Artistas notaveis

—*Luiz Antonio dos Santos,* o *engenheiro.*

Tendo sido um simples carpinteiro, chegou a ser organeiro distincto.

Foi elle quem fez em 1814 a 1819 o magestoso orgão actual da Sé.

V. pag. 1633, col. 1.ª

—*Padre Antonio Duarte Moura,* de quem já fizemos menção no titulo *Escriptores.*

É tambem artista mechanico muito distincto e de aptidões variadas, musico e organeiro.

Em 1876 concertou admiravelmente o grande e magestoso orgão da Sé, como já tinha concertado o da Misericordia e outros,—e construiu um pequeno orgão de sala muito engenhoso, inventado por elle.

Veja-se o tit. *Musicos,* infra.

—*Manuel Duarte Moura,* pae do antecedente.

Foi um bom relojoeiro.

—*Gaspar Joaquim da Fonseca,* esculptor.

Foi discipulo de Barros Laborão; trabalhava admiravelmente em pedra e madeira, —e desde 1822 até que falleceu de 33 annos, em Lisboa, foi ali ajudante do professor na aula de esculptura.

Mem. de Francisco Mannel Correia, pag. 123.

—*Manuel de Figueiredo,* gravador.

Ainda este anno de 1888 gravou a medalha de prata que os *bombeiros voluntarios* de Viseu mandaram fazer para recompensar os actos heroicos da sua benemerita corporação.

—*Narcizo de Sousa Mello,* entalhador.

Foi este artista quem fez a obra d'entalha do magnifico orgão da Sé.

—*João Gomes Pardello,* serralheiro.

Foi *mester* da camara em 1641 e homem audaz, agitador e perigoso, pelo que se tornou *tristemente celebre,* como já dissemos no topico antecedente.

—*Raphael Carlos Pereira de Souza,* de quem já fizemos menção no topico *Escriptores.*

É um artista encyclopedico!

—*José Lopes Grillo,* de 59 annos de idade.

É bom esculptor e tambem pintor, sem auxilio de mestre.

—*Bernardo Rodrigues Lourenço*, da freguezia de Travassos e cunhado do antecedente.

É bom esculptor de imagens, distinguindo-se principalmente nas do *Sagrado Coração de Jesus*.

—*José Monteiro Nellas*, natural de Viseu.

Tem muita aptidão para esculptura e pintura e promette ser um bom artista.

—*Antonio José Pereira*, nascido em 1820, e professor de desenho no lyceu nacional d'esta cidade.

É insigne na esculptura e principalmente na pintura, a que se dedicou sem auxilio de mestre. Conhece a escola de Grão Vasco, como poucos. Pode dizer-se que nasceu n'ella e n'ella se formou. São quadros seus, alem d'outros, o da Ceia no altar do SS. na Sé e que foi o primeiro que fez; os dos altares collateraes da egreja da Misericordia, representando um as Dores e outro a visitação da Virgem a Santa Isabel, e os de muitos e varios bemfeitores d'esta casa. Chefe de uma familia de rara habilidade, são obra sua e de sua mulher e filhas um rico e bem trabalhado reposteiro da egreja da Misericordia, outro da dos Terceiros de S. Francisco e outro da egreja do Seminario, que prima pela elegancia e simplicidade da ornamentação.

Tambem trabalha em oiro, prata, marfim, etc.

D'este illustre visiense volveremos a fallar no topico *Pintores*.

Mestres d'obras

—*João Affonso*, ferreiro de Fragosella.

Foi um insigne bemfeitor dos frades de S. Francisco d'Orgens.

«As claustras fez Fr. Antonio de Buarcos (diz Botelho) com ajuda da esmola que deixou hum *João Affonso*, ferreiro de Fragosella, como consta do letreiro, que está em huma quina dos claustros, cuja virtude merece esta memoria.»

Dial. 4.º cap. 32, pag. 369 no codice de *Girabolhos*.

—*David Alvares*, pedreiro e mestre d'obras.

Era o dono da quinta (hoje dos *Cardosos* de S. Miguel) que os frades capuchos compraram em 1633 e onde viveram antes de passarem para o convento de *Santo Antonio de Maçorim*.

V. pag. 1658, col. 2.ª

—*Daniel Alvares*, tambem pedreiro e mestre d'obras, talvez pae do antecedente.

Viveu no tempo do bispo *D. João Manuel* (1599-1609) e por ordem do mencionado bispo e segundo a planta dada por elle, restaurou e *fez de novo* a capella de *Santa Martha* no paço de Fontello e as 3 salas contiguas.

Foi homem de fortuna e pae do dezembargador João Saraiva de Carvalho, de quem já fizemos menção.

V. pag. 1616, col. 2.ª

—*Manuel Ribeiro*, carpinteiro.

Fez as obras de madeiramento do *Hospital Novo* da Misericordia.

—V. pag. 1668, col. 1.ª [1]

—*Francisco Lopes Peres*, da freguezia de Ranhados.

Foi um carpinteiro e mestre d'obras muito intelligente.

—*José Antonio Peres*, sobrinho e successor do antecedente, natural da mesma freguezia e como elle carpinteiro e mestre de obras.

Foi quem na restauração dirigiu as obras de madeiramento no 3.º andar do Seminario visiense, bem como as da sacristia e balaustrada da escadaria, torreão da mesma, etc.

V. pag. 1656, col. 2.ª

---

[1] As paredes do dicto hospital foram feitas pelo pedreiro e mestre d'obras Jacintho de Mattos, de Villar de Besteiros, concelho de Tondella, como tambem dissemos *loc. cit.*

—*Seraphim Lourenço Simões*, da freguezia de Lordosa, pedreiro *intelligentissimo*!

Foi elle quem restaurou o ultimo lanço das celebres escadas do mesmo Seminario e as escadas da capella mor, etc.

V. pag. 1656, col. 1.ª e 2.ª

MUSICOS

—*Manuel José Boto.*

Foi *mestre de capella* na Sé de Viseu e musico distincto.

—*Manuel Boto Machado*, filho do antecedente.

Foi organista da Sé com grande applauso muitos annos, até que falleceu em 17 de janeiro de 1822.

«O seu engenho, como compositor de musica ecclesiastica, é attestado pelas muitas obras que deixou (diz Berardo) e que mereciam ser conhecidas e avaliadas dos entendedores. É muito de admirar que este homem, sem nunca ter viajádo, nem se lhe proporcionarem os meios de consultar os grandes mestres, e ouvir as composições famosas, desenvolvesse tanta invenção, bom gosto e propriedade. Não hesitamos de collocal-o a par do eximio compositor D. Joaquim de Menezes e Athaide, que foi bispo d'Elvas.»[1]

—*Padre José d'Abreu Pessoa*, mestre de capella na Sé de Viseu.

«Foi habil na execução musical, e muito erudito nas materias da arte que professava; comtudo as suas composições não passaram da sufficiencia, e publicou uma *Arte de Canto Chão* para uso dos alumnos do Seminario episcopal de Viseu, impressa em Lisboa em 1830.» É isto o que diz nas suas *Memorias* o mesmo conego Berardo.

[1] Não cantaremos *extra chorum* dizendo que nos primeiros 6 mezes do corrente anno de 1888 importámos 7:820 instrumentos musicos e entre elles 433 pianos.

Foi professor de canto-chão no Seminario diocesano; era um presbytero de exemplar comportamento e falleceu de provecta idade no dia 2 d'agosto de 1830.

Foi contemporaneo de Manoel Boto Machado, mencionado supra.

—*Padre João Ribeiro d'Almeida Campos*, mestre da *capella* e depois conego na Sé de Lamego.

«Foi muito conhecido não só como habil executor de instrumentos, como por algumas composições, que testificavam sua pericia e bom gosto.

«Publicou uns *Elementos de Canto-Chão*, e outros *Elementos de musica*, obras rudimentares para uso dos principiantes. Falleceu no Porto em 1833.

É isto o que diz Berardo, mas Innocencio apenas disse—que foi professor de canto no seminario de Coimbra (?)—e que escrevera os *Elementos de Musica, destinados para uso da aula do Paço episcopal de Coimbra* (?). Coimbra, na imprensa da Universidade, 8.º de VIII—92 pag.—com uma estampa. Tambem disse constar-lhe que se matriculou no 1.º anno de direito na Universidade de Coimbra em 1785.

O sr. Brito Aranha em additamento, citando os *Musicos portuguezes* do sr. Joaquim de Vasconcellos, diz que o nosso biographado se formou effectivamente em leis pela Universidade de Coimbra, mas só com o nome de *João Ribeiro d'Almeida*, ao qual posteriormente accrescentou o appelido *Campos*.

Nem Innocencio nem o sr. Brito Aranha dizem que o nosso biographado foi mestre da capella e depois conego na Sé de *Lamego*, com diz Berardo;—nem Berardo o menciona como dr. ou bacharel, mas não póde duvidar-se de que se formou em Coimbra, porque temos sobre a nossa mesa de estudo os seus «*Elementos de Cantochão* offerecidos a Sua Alteza Real o Serenissimo Senhor D. João Principe Regente, *por João Ribeiro de Almeida Campos*, Presbytero Secular, *Bacharel formado em leis pela Universidade de Coimbra*, Mestre de Capella da Cathedral de Lamego, professor e examinador de Canto-

chão no mesmo bispado. Destinados para uso do novo Seminario de J. M. A.[1] Lisboa, anno de MDCCC.» 8.º de 71 fol.

Tambem *aliunde* soubemos o seguinte:

Era muito illustrado e foi muito estimado pelo bispo de Lamego D. João Binet Pincio, que o formou e lhe deu o canonicato, em Lamego. Teve ali 4 filhos, sendo 2 varões, dos quaes formou um em medicina,—outro foi capitão de infanteria e um dos presos politicos da praça d'Almeida em 1828 a 1834. Das filhas uma foi freira de habito branco.

Pelos annos de 1829, sendo perseguido como liberal, emigrou com o filho medico; regressaram com o sr. D. Pedro em 1832 ao Porto, onde foi provisor ou governador do bispado, e alli falleceu em 1833.

Tocava toda a casta de instrumentos e era muito excentrico! Um bello dia ao sair da sua casa ao fundo da rua da *Olaria*, em Lamego, deparou com um amigo:

—Para onde vaes?—perguntou-lhe o conego.

—Viajar para a França.

—Espera, que eu vou comtigo. E passados poucos momentos partiu com elle para França e por lá andou viajando alguns mezes.

—*D. Maria do Ceo da Silva Mendes*, já mencionada supra, no topico das *Senhoras* mais notaveis, filhas de Viseu.

É considerada por todos como 1.ª *pianista da Beira.*

—*Antonio d'Almeida Duque.*

Foi distincto professor de piano.

Póde ver-se o seu retrato e a sua biographia no *Album Visiense*, pag. 73. Seja-nos licito copiar d'ella apenas as primeiras linhas:

«Publicamos hoje o retrato d'este nosso patricio.

O *Album Visiense* destinou-se a ser uma galeria de homens illustres d'esta terra.

O que hoje apresentamos foi incontestavelmente um homem illustre.

Teve a nobreza do trabalho, porque trabalhou, indefesso, desde a infancia.

Teve a nobreza da probidade, e nunca foi excedido n'esta virtude.

Teve a nobreza do talento, porque foi um insigne pianista, um perfeito musico, um ensinador proficiente e consciencioso...»

Nasceu em 5 de março de 1835 na rua da *Regueira*, na casa das *Bôcas*, e falleceu a 10 de setembro de 1883 na *casa da Bica*, edificada por elle na rua de *D. Luiz* em Viseu.

—*José d'Oliveira Berardo*, o sabio conego, de quem já fizemos menção no tit. *Escriptores.*

Foi distincto amador e profundo entendedor de musica, e no *Liberal* de Viseu (n.º 5 de 20 de maio de 1857) publicou sob o tit. *Artistas portuguezes*[1] uma extensa lista chronologica dos nossos musicos *escriptores* —e outra dos *compositores*,[2] precedidas de uma interessante introducção historica.

—*Padre Antonio Duarte Moura*, filho do relojoeiro visiense Manuel Duarte Moura.

É homem muito illustrado, muito sympathico e de variadissimas aptidões: distincto

---

[1] *Jesus Maria e Anna* é o titulo do Seminario de Lamego,

---

[1] Sob o mesmo tit. e no mesmo jornal (n.º 2 de 9 de maio do dito anno) havia fallado dos nossos artistas gravadores, *pintores* e *calligraphos*. Depois tambem fallou particularmente de *Grão Vasco* nos n.ºs 52 e 85 do mesmo jornal, dedicando-lhe dois longos artigos, muito interessantes.

[2] N'estas 2 listas ha grandes lacunas e inexactidões.

O trabalho até hoje mais completo e de mais merecimento sobre o assumpto é o do sr. Joaquim de Vasconcellos, publicado sob o tit. — *Musicos portuguezes*, em 2 grossos volumes,—e sabemos que se dispõe a dar ao prelo um 3.º volume, accrescentando *mais de 300 nomes*, colligidos nos seus aturados estudos de 18 annos — ou desde 1870, data em que publicou os seus *Musicos.*

escriptor publico e afamado polemista; musico notavel theorico e pratico—e artista de raro engenho para a mecanica.

No *Album Visiense* póde tambem vêr-se o seu retrato e a sua biographia, primorosamente escripta pelo sr. Joaquim Augusto de Oliveira Mascarenhas, distincto official do nosso exercito e auctor do *Portugal e Possessões.*

Não podemos resistir á tentação de copiar d'ella algumas linhas:

«Semi-pallido, alto e aprumado como um mameluco, olhos rasgados e coruscantes como os d'um *gitano*; nem feio como Ades ou Caronte, nem bello como as bellas esculpturas de Lysipo ou d'Agesandro.

Ás vezes tem as expansões francas, pueris, espontaneas, simplicissimas d'um completo beirão *d'outros tempos*, e é então amavel até o extremo e obsequiador até á importunidade; outras vezes concentrado, cabisbaixo, nervoso,—com o seu enorme chapeu braguez carregado até os supercilios,—corrupiando a bengala com a habilidade de um tambor-mór francez—e, se responde aos cumprimentos verbaes de qualquer amigo que se lhe abeira, é com uns monossyllabos quasi insonoros e vagarosamente... gaguejados.

Depois desata a rir, a rir, a rir, e a borrasca passou.

....

Como homem de lettras, o padre Moura ascende a uma plana reconhecidamente superior.

Em 1867 publicou elle na *Gazeta da Beira* a substanciosa serie d'artigos intitulada — *Dissonancias na harmonia social,* — que lhe valeu honrosissima distincção como philosopho e litterato. Em 1870, de camaradagem com outros escriptores visienses, criou a *Atalaya*, jornal politico e religioso, onde elle, com a acrimonia propria do seu genio, discutiu com o laureado jornalista Sousa Monteiro, do *Bem Publico*, de Lisboa; com o saudoso João da Silva Mendes, do *Jornal de Viseu*; com o *Diario da Tarde*, do Porto; com a *Nação*; *Catholico; Bejense; Independencia*, d'Elvas; *Direito; Correspondencia de Coimbra*, e outras folhas conhecidas......

....

Em 1878 tomou conta da redacção do *Observador*, escrevendo consecutivamente n'este periodico muitos e valiosos artigos sobre religião, politica, phylosophia e bellas-artes, sobresahindo os que se intitulam—*Reformas e reformadores; Catholicismo e forma de governo; O homem e o macaco;* Musica religiosa; *Socrates e Christo*, etc. etc.

—

«Como musico, depois de ter concluido a sua escola com o distincto professor Roberto Palomino, e ainda após ulteriores estudos sobre harmonia e contraponto,... começou a dar á publicidade varias musicas sacras e profanas, entre as quaes teem logar distincto tres missas sobejamente conhecidas.

Uma d'estas composições, que, segundo o testemunho dos mestres, *honra a arte e prestigia o auctor*, foi escripta em 1866....

....

Em 1882 escreveu expressamente um *Te-Deum*, que foi executado na Sé de Vizeu, por occasião da visita dos nossos reis e seus filhos.

....

Para o theatro escreveu em 1882 a opereta comica *Dote de meu tio*, que em duas ou tres recitas que teve, foi ruidosamente applaudida.

Entre as suas ultimas composições tem logar avantajado aquella marcha funebre que ha poucos mezes (refere-se ao anno de 1884) ouvimos á banda de infanteria n.º 14, por occasião das procissões de Passos e da Semana Santa.

....

Como theorico escreveu em 1873 um livro intitulado—*Solução de grandes problemas musicaes, baseada na philosophia, na historia e na litteratura da arte.* Esta famosa producção scientifica, que um critico da capital classificou de *documento grandioso*, conserva-se ainda inedita, *por mercê da revoltante modestia do seu auctor*!!!

Alem d'esta obra tem escripto e *publicado* outras egualmente theoricas, taes como um *Tratado de harmonia e acompanhamento*,—*Lições de musica elementar*, etc. etc.

—

«*O meu primeiro brazão* (disse-nos Antonio de Moura) é o *d'artista mechanico. Ufano-me d'isso. O trabalho do braço, prescripto por Deus, foi-me sempre distracção e alivio.*

Se como maestro e litterato o nosso talentoso biographado é o que fica dito, como artista mechanico não é menos habil e justamente apreciado.

Nascido em Viseu a 31 de março de 1843, distinara-o seu fallecido pae — o honrado e laboriosissimo relojoeiro—Manoel Duarte Moura, — a seguir a sua arte, para a qual manifestou em pouco tempo uma decidida tendencia, bem como para outros generos mechanicos..........................

....

Passados poucos annos era o nosso biographado um *artista completo*. Mas o velho Manoel Duarte teve uma ideia, que pouco a pouco se converteu n'um facto: Fazer ordenar o rapaz, que, por aquelles tempos, já tinha os exames de portuguez e francez.

E nem as supplicas do filho, que lhe affirmava que a sua vocação não era para a vida sacerdotal, mas sim para as artes; nem as petições que os amigos lhe faziam a toda a hora, nem considerações algumas obrigaram o bom velho a desistir do seu proposito.

....

Em 1859 o honrado velho ajoelhava no templo aos pés do filho com a face inundada de lagrimas de prazer, e beijava a mão do novo levita, que dizia então a sua primeira missa, sacrificando assim ao amor filial as aureas illusões da mocidade e até—talvez—as flores mais queridas da sua alma.

....

Durante o curso do lyceu e, mais tarde, durante as aulas theologicas, dedicou-se sempre ora á musica, ora á mechanica.

Em 1872 engenhou elle um machinismo complicado— um telegrapho muito notavel, que os seus amigos applaudiram e viram funccionar.

Mais tarde modificou um outro telegrapho atmospherico, de invenção franceza... construindo em seguida um outro que ainda hoje possue.

Em 1876 foi convidado pela direcção das obras publicas de Viseu para compor o grande e magestoso orgão da Sé, conseguindo deixal-o bom, como já havia deixado outros, entre elles o da Misericordia, que encontrára n'um estado miseravel, sendo certo que differentes organeiros de Lisboa o não poderam concertar.

Em 1879 construiu um orgão de sala, portàtil, originalissimo,—*de invenção sua*—, um instrumento de effeitos maravilhosos e do um mechanismo complicado, o qual possue palhetas, tubos metalicos e de madeira, laminas de cristal e uns timbres novos d'um effeito suavissimo.

E' um modelo.

....

Setembro, 1884.

Oliveira Mascarenhas.»

Concluiremos dizendo que no mesmo *Album*, pag. 37, se encontram duas lithographias representando o dicto orgão — e uma minuciosa descripção d'elle, cujo acabamento lhe custou dois annos de trabalho assiduo.

É um instrumento original, que n'outro paiz de mais recursos faria a gloria e a fortuna do seu inventor e constructor.

Pintores

—*Vasco Fernandes*, o *Grão Vasco*, assombro dos pintores de Portugal e de Viseu.

D'elle fallaremos adiante em topico especial.

—*José d'Almeida Furtado.*

Nasceu na patria de D. Duarte em 1778 e ali falleceu em 9 de setembro de 1831, victima das perseguições politicas d'aquelle tempo.[1]

---

[1] Foi perseguido como liberal e viveu homisiado 3 annos (1828-1831) com o que arruinou a saude e encurtou a existencia. Soffreu muito, posto que era uma excellente pessoa e havia pintado um grande retrato de D. Miguel para as festas e illuminações que em Viseu se fizeram em 1828.

Sendo ainda muito novo e tendo rara vocação para desenho, partiu para Lisboa, onde foi alumno da escola do *Nei* e recebeu lições do afamado *Sequeira.*

«Foi excellente retratista, como ainda hoje podem attestar alguns retratos confrontados com os originaes, e o voto dos intelligentes o abona como hum dos *primeiros pintores portuguezes em miniatura*»—diz Berardo na *Memoria* que offereceu á camara de Viseu em 1838.

Fez o painel de Nossa Senhora para a tribuna da egreja da Misericordia d'aquella cidade, painel espaçoso, onde se vê cercada de serafins a imagem de Nossa Senhora em tamanho alem do natural.

Tambem pintou muitas bandeiras para diversas irmandades e confrarias de Viseu e seus arrabaldes, sobresaindo entre ellas uma de Nossa Senhora da Conceição e outra de S. Pedro da Esculea; mas a sua especialidade eram retratos em miniatura, como ao tempo, na falta de photographias, se usavam para enviar em cartas e para trazer em collares e medalhas.

N'aquelle genero de pintura fez muitos retratos não só para os portuguezes seus patricios, mas para os officiaes estrangeiros—hespanhoes e francezes—que n'aquelle tempo vieram a Portugal e Viseu, retratos que mesmo na Hespanha e na França eram vistos com assombro, pelo que foi instado para ir estabelecer-se em Madrid ou Paris, mas, não tendo forças para se afastar tanto de Viseu, foi estabelecer-se em Salamanca, onde trabalhou muito para os hespanhoes e francezes e ali casou em 1811 com D. Maria do Loreto Amezqueta d'Almeida Furtado, senhora de raras prendas, da qual teve os 8 filhos seguintes:

1.º *Thadeu Maria d'Almeida Furtado,* cavalheiro estimabilissimo, ainda hoje (1888) solteiro e residente no Porto, onde vive desde 1834 e é professor jubilado de desenho e secretario da *Academia de Bellas Artes.*

2.º *D. Maria das Dores d'Almeida Furtado,* que falleceu solteira.

Foi tambem pintora insigne em miniatura e ha d'ella muitos retratos em Viseu e no Porto.

3.º *José d'Almeida Furtado.*

Desenhava muito bem. Foi professor de portuguez, francez, musica e desenho no Maranhão, d'onde passou para S. Paulo e d'ali para o Rio de Janeiro, não havendo até hoje mais noticias d'elle!...

4.º *Francisco d'Almeida Furtado.*

Foi escrivão dos direitos eventuaes na repartição de fazenda, no Porto, onde morreu solteiro.

Todos estes 4 nasceram em Salamanca; os 4 restantes nasceram em Viseu.

5.º *D. Eugenia d'Almeida Furtado,* que falleceu solteira.

Tambem desenhava e pintava.

6.ª *D. Dorothêa d'Almeida Furtado,* que tambem falleceu solteira.

Foi *academica de merito* pela Academia portuense de Bellas Artes, pois pintava admiravelmente em miniatura.

7.º *D. Roza d'Almeida Furtado,* ainda solteira e residente no Porto.

Desenha muito bem.

8.º *D. Francisca d'Almeida Furtado,* ainda solteira e tambem residente no Porto com os seus dois irmãos Thadeu e D. Roza.

É uma senhora illustradissima e distinctissima pintora de *miniatura* tambem, pelo que obteve da *Academia portuense de Bellas Artes* o diploma de *academica de merito.*

Tem pintado muito e entre as suas producções uma das mais notaveis é a miniatura do. sr. conde de Samodães, miniatura que offereceu á *Academia portuense de Bellas Artes* como signal de gratidão pelos relevantes serviços que o sr. conde tem prestado á mesma academia, como seu desvelado inspector, pois a elle se deve o termos sempre estudando pintura em Paris á custa do nosso governo 2 alumnos da mencionada academia, e pelos seus esforços elevou a dotação d'ella ao dobro, etc. etc.

O dito retrato é na opinião de pessoas competentes um assombro de verdade e nitidez,—uma das miniaturas mais primorosas que se conhecem em Portugal!...

Fecharemos este topico dizendo que o unico mestre da dita senhora e de todos os seus irmãos e irmãs foi o seu bondoso e

muito illustrado irmão mais velho—Thadeu Maria d'Almeida Furtado.

Prosigamos.

—

—*Antonio José Pereira,* de quem já fizemos menção supra no fim do topico—*Artistas notaveis.*

Tem *raro talento* e pinta bem, sendo para lamentar que nunca tivesse mestres, nem saisse de Viseu. Isto mesmo notou com magua o conde Raczinski, diplomata prussiano. quando foi a Viseu, pelo que muito generosamente o convidou para ir *á custa d'elle conde,* estudar desenho e pintura nas grandes escolas da Italia, de Paris ou da Allemanha, fineza que não acceitou, por haver casado recentemente e não poder levar comsigo a esposa nem ter coragem para separar-se d'ella.

Foram seus paes Antonio José Pereira Soares Guimarães, oriundo da provincia do Minho, e Maria Barbara, de Viseu, 2.ª do nome, pois foi casado duas vezes e ambas as mulheres tinham o mesmo nome.

Casou no dia 31 d'agosto de 1839 com Rosa Carolina, filha de Joaquim Lopes e Antonia Maria, de S. João de Lourosa.

Teve entre outros filhos os seguintes: Antonio José Pereira, padre e beneficiado na Sé de Viseu, e José Augusto Pereira, que frequenta o quarto anno da faculdade de direito na universidade de Coimbra, o que é para lamentar, porque tem um talento assombroso e pronunciada aptidão para desenho e pintura.

Ambos desenham e pintam, assim como um outro que ha pouco falleceu, por nome Luiz, que a julgar pelos primorosos specimens que deixou e que são patrimonio da familia, viria a ser um verdadeiro assombro da arte.

—*Antonio José Ferreira,* de Ranhados. Foi tambem pintor e dourador e morreu d'idade avançada. Dourou a tribuna do altar-mor da egreja da Misericordia.

Assistiu ao combate do Bussaco sendo impedido do exercito anglo-luso, e contava varias peripecias engraçadas, como a de um bombo que, destacando-se do alto da montanha, veiu rolando até ao valle com grande confusão dos soldados do exercito inimigo, que, não sabendo explicar o caso nem tendo coragem para indagar, voltavam costas a toda a pressa como se o bombo fosse uma metralhadora.

Deixou dois filhos com a mesma profissão: José, já fallecido, e Francisco, que casou em Valle d'Azares, concelho de Celorico da Beira.

—*José d'Almeida e Silva,* de quem já fizemos menção supra, pag. 1640, col. 2.ª— e no topico dos *Visienses illustres pela sua posição social,* na biographia do sr. José Ribeiro de Carvalho.

Nasceu no dia 12 de novembro de 1864—e foram seus paes José d'Almeida e Silva e D. Maria Leonor.

Vive no Porto, onde já frequentou o curso de 5 annos de desenho na *Academia de Bellas Artes* e os 3 primeiros annos (faltam-lhe apenas 2) do curso de *pintura historica,* ficando sempre *distincto,* pelo que lhe agouramos o mais lisongeiro futuro!...

Emprega as suas horas d'ocio actualmente trabalhando no *Charivari,* jornal illustrado que se publica no Porto.

É uma excellente pessoa,—muito modesto, muito sympathico, muito intelligente, muito amigo da sua terra natal e muito trabalhador.

Já vimos differentes estudos seus, que revelam grande talento e pronunciada vocação para desenho e pintura—e os seus proprios mestres o elogiam.

—*José Lopes Grillo* e

—*José Monteiro Nellas.*

Tambem pintam e d'elles já fizemos menção supra no topico dos *Esculptores.*

—*Narciso Pereira Cabral.*

Sendo ainda creança, perdeu o braço direito, mas tal vocação tinha para desenho, que tirava retratos á penna, pelo que o sr. D. José Dias Correia de Carvalho, bispo actual de Viseu, e outros bondosos cavalheiros mandaram o pobre maneta estudar de-

senho e pintura na *Academia de Bellas Artes*, em Lisboa, onde ja fez exame do 3.º anno de desenho.

É muito intelligente e tem grande aptidão para desenho e pintura—e particularmente para *gravura.*

O pobre mocinho,—tão pobre, que não conheceu pae nem mãe, pois é *engeitado*, exposto da roda de Viseu, e já foi alumno do *Asylo d'Infancia Desvalida* d'aquella cidade,—se Deus lhe prolongar a existencia e os seus protectores o não abandonarem, ha-de ser *um grande artista!*...

Foi exposto na roda de Viseu em 19 de novembro de 1867 e entrou para o asylo em 20 d'abril de 1875. Fez exame d'admissão aos lyceus em maio d'aquelle mesmo anno e sahiu para Lisboa em 9 d'outubro de 1884.

—*Estevam Gonçalves Neto*, abbade de Serem e conego de Viseu, etc. auctor do esplendido missal bem conhecido por *Missal de Estevam Gonçalves.*

V. *Serem*, vol. 9.º pag. 152, col. 1.ª

Posto que se ignora ainda hoje a naturalidade d'este grande pintor, não se estranhe o mencionarmol-o aqui, porque viveu muitos annos na patria de D. Duarte e n'ella, segundo se suppõe, escreveu e pintou o famoso *Missal*. Ao que de um e outro se lê no citado artigo, veja-se o que no seu n.º 126 disse o *Districto de Viseu* em 20 de janeiro de 1881:

«Tem estado n'esta cidade um empregado dos srs. Cruz & C.ª que em Lisboa representam a casa *Maciá* & C.ª de Paris, editora do *Missal Portuguez* de Estevam Gonçalves Netto.

«Vem encarregado de diligenciar a venda d'alguns exemplares d'aquella primorosa obra, a qual, sendo um monumento artistico de grande preço, tem para nós os visienses o merito particular de ter sido feita, segundo se julga, aqui, *em Viseu*...

«Vimos um exemplar d'este primor de illuminura, tirado em França pelos processos cromo-lithographicos do original existente na *Academia R. das Sci. de Lisboa* e ali copiado com auctorisação do governo por uma commissão d'artistas expressamente vindos de Paris...

....

«A critica exercida sobre este trabalho é accorde em asseverar que a reproducção é um *fac-simile* perfeitissimo...

«O *Missal* do conego visiense, trabalho feito á penna e pincel... é o documento mais singular da perfeição que attingiu a arte de illuminura no sec. XVII. As *vitrines* das bibliothecas, nem os museus archeologicos de bellas letras offerecem trabalho mais primoroso no genero, nem exemplo de tanta paciencia aliada a tamanho talento.—Os quadros são do mais correcto desenho e do mais bello colorido e disposição. As figuras fazem lembrar algumas que já vimos nos quadros attribuidos a *Grão Vasco*...[1]

—

«O custo de cada exemplar é de 112$000 réis...[2]

....

«A imprensa deu um golpe fatal na arte que tanto floresceu na idade media e foi uma das mais rendosas industrias dos copistas anteriores ao sec. XV. Por isso mesmo que essa arte decaiu, maior attenção merecem os productos que deixou e que hoje são raros, porque o tempo consumiu a maior parte d'elles. Graças á chromo-lithographia, os monumentos condemnados aos estragos do

---

[1] O estylo é muito differente.

P. A. Ferreira.

[2] O da *Bibliotheca Municipal do Porto* custou o seguinte:

Cadernetas 12 a 7$500........	90$000
Introducção francesa por Ferdinand Denis.................	7$500
Traducção da mesma em portuguez por Mendes Leal, e notas do traductor................	7$500
Pastas para encadernação, ricas e luxuosas, duas..............	5$240
Somma.....	110$240

A publicação terminou em 1880, havendo consumido annos.

P. A. Ferreira.

tempo perpetuam-se pela reproducção e universalisam-se admiravelmente, tornando-se mais accessiveis por mais baratos.

«Estas palavras foram-nos suggeridas pelo exame do *Missal de Estevam Gonçalves*, obra duplamente valiosa para *Viseu*, pelo muito que vale como trabalho artistico e por ser executada n'esta cidade por um conego d'esta Sé, que á semelhança de João de Barros e *Grão Vasco*, honrando se a si, muito honrou a terra onde viveu e a arte sublima qne tão magistralmente professou...»

—

Agora alguns traços biographicos escriptos em 1815 pelo celebre pintor e litterato José da Cunha Taborda:

«De Estevam Gonçalves Netto podémos descobrir fôra capellão do bispo de Viseu D. João Manoel, e provido por elle a 8 d'outubro de 1622, no canonicato d'aquella Sé, vago por morte de Christovam de Mesquita, de que tomou posse a 9 do mesmo mez e anno. Ignoramos a sua filiação e naturalidade. Presumimos terem sido victimas do incendio, que soffreu o cartorio do cabido d'aquella cidade em 1711, estando na quinta de Fontello, os documentos respectivos á sua ordenação, os quaes deveria ter apresentado no acto da collação, para serem autuados segundo já o costume d'aquelle tempo; a não haver dispensa do Prelado, como a seu familiar. É porem indubitavel, e muito digno de louvar-se o grande genio e sublimes idéas com que desempenhou varias obras, por onde nos merece hoje não só a nossa admiração e respeito, mas até o nome de *pintor sublime.*

«Na livraria do *Convento de Jesus* d'esta corte, deposito de muitas preciosidades, se conserva em muita estimação um *Missal* escripto em pergaminho, em que *da primeira até á ultima pagina* se admira a summa variedade e bom gosto, com que soube embelezar todas as margens de ornatos os *mais bellos, adequados, e brilhantes.*

«Este rico monumento por si só é bastante a dar-nos uma perfeita idéa do seu grande talento na arte; porquanto ali se acham unidas e judiciosamente executadas muitas partes, que formam o caracter distinctivo dos grandes mestres.

—

«As composições são *bellissimas* e cheias de muita novidade; o desenho é correcto; o colorido admiravel; e porque se assemelha ao de Baroccio e de Tadeo Zucaro, talvez deva conjecturar passasse elle á Italia e que estes houvessem sido os seus modelos.

«No thezouro da cathedral de Viseu ha d'elle memoria: existe um calix rico, que serve unicamente nas festas principaes, e tem no fundo da base as armas dos *Nettos* com esta legenda na circumferencia — *Estevam Gonçalves Neto — Anno 1626. A. B. H. V.*

«No livro das missas annuaes, que o cabido é obrigado a fazer celebrar por varias instituições, acham-se estabelecidas pelo mesmo Estevam Gonçalves, 10 pela sua alma e de seus paes, e 5 pela do bispo D. João Manoel.

....

«Soube entender *excellentemente* as regras da architectura, perspectiva, e ornato. D'isto é tambem prova decisiva o citado *Missal*, que supposto por unico, tem um titulo de raro, e merece toda a estimação, muito mais lhe é devida ainda por encerrar dentro em si tantas maravilhas d'arte, quantas são as estampas que contem.

«Não podemos proferir sem magoa, que ignoramos outras muitas particularidades d'este insigne varão tão respeitavel pelos talentos pictoricos, como o seria talvez nos diversos ramos scientificos. Sabemos apenas ter acabado os seus interessantes dias a 29 de julho de 1627.»

—

Consignemos tambem aqui o que se lê na interessante *Memoria* ms. de F. Manoel Correia:

«O accrescento da capella-mor da cathedral de Viseu é e tem sido attribuido ao

bispo D. João Manuel, cujo pontificado se prolongou de 1610 a 1625.[1]

«Estevam Gonçalves foi capellão do dito bispo antes d'elle o fazer conego, e parece que a pintura da abobada da capella mór em arabesco seria obra do dito conego, mas sendo-o segue-se que quando em 1635 cahiu a torre dos sinos e parte da fronteria da Sé, já o accrescento da capella-mór estava feito; ainda porem ali estava a tribuna antiga, pois a fronteria nova tem os 4 nichos para os 4 Evangelistas, como se veem na antiga tribuna que foi collocada na capella do Espirito Santo...

«O bispo D. Jorge d'Athaide, que era tio do bispo D. João Manoel, teve tenção d'ampliar a cathedral; ainda lhe accrescentou a bella sacristia e não fez mais obras porque renunciou; mas é de suppor e se diz que instou com o bispo D. João Manoel, seu sobrinho, para que fizesse o accrescentamento da capella-mor, mesmo por ter junto de si, como seu capellão, um homem tão habil em architectura e pintura, com era Gonçalves Neto.»

GRÃO VASCO

Vamos encerrar com chave d'ouro este topico dos *Visienses illustres* e o longo artigo *Viseu*, publicando a *Memoria* que o sr. Joaquim de Vasconcellos a nosso pedido se dignou expressamente escrever com relação ao afamado pintor *Vasco Fernandes*, gloria de Viseu e de Portugal.

Muito se tem escripto sobre *Grão Vasco* desde que o conde de Raczynski (diplomata prussiano, ministro em Lisboa, etc., etc.) levantou a questão adormecida durante seculos. Escriptores nacionaes e estrangeiros tentaram reconstruir a biographia de um pintor que vivera na 1.ª metade do seculo XVI, e que ainda tres seculos depois era quasi um mytho!

Em vez de um unico e grande pintor, que absorveu a fama de gerações d'artistas, temos hoje uma duzia d'artistas mais ou menos notaveis; em vez de uma escola de *Grão Vasco*, que seria a gloria exclusiva de Viseu, temos varios centros artisticos em differentes pontos do paiz, que constituem, com a de Viseu, a *antiga escola de pintura portugueza*, cujos quadros se espalharam por todo o paiz, seguindo atraz dos pintores, em continua peregrinação.

Fallando de Viseu, julgamos indispensavel tratar d'este assumpto—*Grão Vasco*— e para esse fim recorremos ao nosso bom amigo, o sr. Joaquim de Vasconcellos, como pessoa idonea, que em Portugal se tem dedicado especialmente ao estudo da *Historia da arte nacional*.

Na *Memoria*, que vae ler-se, resume o auctor o resultado dos estudos historicos e criticos sobre *Grão Vasco* durante 40 annos, desde as tentativas do conde de Raczynski (1846-1847) até ás mais recentes publicações:—as do sr. Carlos Justi (1886, 1887 e 1888) incluindo os trabalhos dos escriptores nacionaes durante o mesmo periodo. O auctor não se limita, porém, a uma simples revista critica; junta os resultados dos seus proprios estudos especiaes sobre a questão *Grão Vasco* e, em geral, sobre a *Historia da antiga pintura portugueza*, que não se resume de modo algum n'esse unico problema: *escola de Grão Vasco*, muito embora seja este assumpto aquelle que mais nos interessa n'este logar.

—

Cremos que prestamos um bom serviço ás lettras, dando a palavra ao escriptor que tem consagrado mais de vinte annos de estudo, a sua intelligencia e os seus recursos, com rara generosidade e absoluto desinte-

[1] V. pag, 1615, n.º 63, col. 2.ª—e o topico relativo á *cathedral de Viseu*, pag. 1574, col. 1.ª;—1578, col. 2.ª—e 1581, col. 1.ª

Veja-se finalmente a *Introd. hist.* a respeito dos illuminadores portuguezes por Ferdinand Denis, esse vulto litterario da França, tão amigo de Portugal, e note-se que foi o sr Joaquim de Vasconcellos, seu amigo e correspondente, quem lhe forneceu os principaes subsidios para aquelle trabalho, bem como differentes desenhos e *fac-similes* de illuminuras antigas.

resse, ao estudo dos problemas mais difficeis da historia das nossas artes e das nossas industrias. Fallem os factos; veja-se a lista já extensa (e ainda assim, *muito incompleta*) dos seus importantes trabalhos litterarios no *Diccion, Bibl.* de Innocencio, tomo XII, pag. 166 e 404. Ali encontrará o leitor tambem um resumo da biographia do sr. Joaquim de Vasconcellos que, além de ser uma das nossas primeiras illustrações contemporaneas, muito trabalhador e de aptidões variadissimas,—redactor do *Commercio do Porto*, o 1.º jornal d'esta cidade, — professor d'allemão no lyceu central portuense, por concurso publico[1] conservador do *Museu industrial e commercial da mesma cidade* e distincto escriptor,— é talvez hoje o homem que em Portugal melhor conhece a historia das nossas artes, artes industriaes e industrias, tendo fundado o estudo d'estas disciplinas no methodo da historia da arte comparada.

A boa porta bati, pois, e com profundo reconhecimento lhe beijo as mãos agradecido por se dignar attender-me.

—

A Pintura portugueza nos seculos XV *e* XVI
(Segundo Ensaio)

Grão Vasco

por Joaquim de Vasconcellos

(Escripto a pedido do redactor e actual continuador d'este Diccionario. Porto, 29 de Junho de 1888.)

I

A questão sobre Grão-Vasco e a sua escola foi discutida principalmente de 1843–1845[1] pelo conde de Raczynski[2] e por alguns poucos escriptores portuguezes, que o ajudaram efficazmente, fornecendo-lhe muitos e valiosos subsidios, citações importantes de livros impressos e mss., documentos extrahidos dos archivos nacionaes, e das bibliothecas publicas e particulares, etc. Sem a

---

[1] Em que foi classificado em primeiro logar.

Escreve e falla muito correctamente differentes lingoas, nomeadamente o allemão, pois foi primorosamente educado na Allemanha, e ali casou com a sr.ª D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, senhora muito illustrada e distincta escriptora tambem. Ainda no anno de 1885 publicou uma primorosa *edição critica* das *Poesias* de Sá de Miranda,—a edição mais completa e de mais merecimento entre todas as que já contavam as obras d'aquelle nosso grande poeta quinhentista.

A sr.ª D. Carolina Michaelis nasceu em Berlim, em 1851.

Tem um filho unico, de nome Carlos, que nasceu no Porto em 1877.

[1] Para a biographia d'este escriptor-diplomata e exame dos seus trabalhos historicos vid. o nosso estudo: *Conde de Raczynski (Athanasius)*. Esboço biographico por J. de V. Porto, 1875, 4.º

O conde chegou a Lisboa a 13 de maio de 1842; a ultima carta (n.º 29), datada de Lisboa, é de 1 de agosto de 1845.

[2] Nos dois volumes seguintes: *Les arts en Portugal*, lettres adressées à la Société artistique et scientifique de Berlin, et accompagnées de documents. Paris, Jules Renouard, 1846. 8.º de IV (inn.) 548 pag. e *Dictionnaire historico-artistique* pour faire suite à l'ouvrage ayant pour titre: *Les arts en P.* etc. Paris, mesmo editor, 1847, 8.º de XII 306 e 2 de err. (innum.) e 2 estampas. A 3.ª parte da sua obra, um *Resumo historico* da arte em Portugal, não foi publicada, apesar de promettida; sobre as causas provaveis vid. o nosso Esboço. Reconhecendo aqui mais uma vez os notaveis serviços que o conde prussiano nos prestou, entendemos que é tempo de provar que podemos apresentar hoje estudos mais completos e mais methodicos do que o d'elle. Estão feitos; e estariam publicados em dois a tres annos, se a Academia Real das Sciencias ou o governo de S. M. desse, *ao menos*, o papel e a impressão. Para maior brevidade citaremos os dois trabalhos do conde, resumidamente: *Les arts—Diction.* etc. As cartas que tratam especialmente da questão Grão-Vasco são: a VII pag. 117 com 4 appendices; a VIII p. 175 com 2 append.; a IX p. 187; a XII p. 308 com 2 append. a XVI p. 365; e a XXIX pag. 487. Veja-sa o juizo do Comte de Laborde sobre ambas as obras, já formulado em 1849! e de que em Portugal deveriam ter tomado nota. Foi citado pela primeira vez por nós em 1878: *Sobre alguns pontos da Historia da arte nacional*: Carta ao Dr. Aug. Felipe Simões, na revista *A Renascença* do Porto, pag. 31 e seg.

sciencia e a erudição historica de homens como Herculano, Vasco Pinto de Balsemão, Cunha Rivara, o visconde de Juromenha, Oliveira Berardo e outros, nunca os trabalhos do conde teriam adquirido a importancia que tiveram e que ainda hoje teem, apesar da questão Grão-Vasco estar hoje posta em termos muito differentes.

O visconde de Juromenha, principalmente, forneceu-lhe os apontamentos mais preciosos, serviço que o conde reconheceu sem rodeios «sans son aide je ne serais jamais venu à bout de cette entreprise.» (*Diction.* pag. 169.)[1]

Antes da viagem do diplomata prussiano havia apenas um nome vago e a tradição, tambem vaga, da existencia de um grande pintor portuguez chamado *Grão Vasco*, que com uma actividade fabulosa, tinha pintado innumeros quadros, espalhados por todo o paiz.

O conde e os seus collaboradores portuguezes trataram então de reconstruir a biographia d'esse pintor tão afamado.

Pelo exame dos documentos impressos verificou-se, recuando successivamente as datas, que a tradição do *Grão-Vasco* tem base segura desde 1716. É no *Sanctuario Mariano* de Fr. Agostinho de Santa Maria (anno de 1716) que apparece citado quatro vezes um pintor *Vasco*, de grande fama na região de Viseu, pintor que elle qualifica todas as quatro vezes de *insigne*.

O exame dos documentos manuscriptos deu ainda resultados mais felizes, achando-se n'um volume de Manoel Botelho Ribeiro Pereira[2] duas vezes o nome do pintor, já com a qualificação de grande Vasco Fernandes, e uma vez, simplesmente, Vasco Fernandes. O manuscripto tem a data 1630; o autor, natural de Viseu, podia pois ter recolhido as noticias, que nos dá, ainda de pessoas idosas, que teriam conhecido ou o pintor ou algum dos seus discipulos.

A tradição conservou-se viva durante todo o seculo XVIII. Temos noticias successivas, impressas, dos seguintes annos e autores, a respeito do Grão Vasco: de Diogo Barbosa Machado de 1751; do bispo de Beja, Dom Frei Manoel do Cenaculo de 1776; de D. Thomaz Caetano de Bem de 1792; de Francisco Dias Gomes de 1799; de Taborda de 1815; e de Volkmar Machado de 1823 (Raczynski)

A primeira noticia em livro estrangeiro impresso é a de Pietro Guarienti[1], pintor italiano e inspector da Galeria de Dresden, que esteve em Portugal examinando, avaliando e restaurando quadros de 1733 a 1736: «*Vasco*, chiamato nel regno di Portogallo col titolo *Gran-Vasquez* per le molte e insigne pitture da lui fatte e per tutto quel regno disperse» etc.

Depois d'este auctor segue-se a nota de

---

[1] O fallecido visconde de Juromenha disse-nos ha annos, em Lisboa, que fornecera ao conde perto de mil documentos; quem conheceu, como nós, o saber do illustre escriptor em assumptos nacionaes, não duvidará um instante da affirmação. O fallecido biographo de Camões era o typo do perfeito fidalgo portuguez; a sua probidade litteraria, o seu amor á verdade era tão grande e sincero como o seu desinteresse.

[2] O titulo é: *Dialogos moraes, historicos e politicos. Fundaçam da cidade de Vizeu. Historia de seus Bispos; genealogia de suas familias*, etc., por Manuel Botelho Ribeiro Pereira. São dois mss., n.os 187 e 544 da Bibliotheca municipal do Porto (Estante B 4), que foram copiados dos originaes em 1747. Veja-se o extracto do Visconde de Juromenha remettido ao Conde, a 22 de janeiro de 1844; *Les arts* pag. 180-183.

[1] Publicou uma das numerosas edições do *Abecedario pittorico* de Orlandi. (1.a ed. 1704).

É só na edição de Veneza, 1753, que se acham as notas do Padre Guarienti, que Raczynski reuniu em *Les arts* pag. 314-328. Guarienti foi inspector da já então celebre galeria de Dresden, e agente activissimo e astuto do Eleitor da Sáxonia e Rei da Polonia. Vid. o Catalogo grande de W. Schaefer. Dresden, (s. d.) vol. I p. 56. Repare-se que na citação de Guarienti não se menciona a palavra Viseu, nem qualquer outra localidade!

Roland le Virloys (1771), no seu *Dictionnaire d'Architecture*, vol. 3.º pag. 91,[1]

«Vasco, vivant en 1480, dit en Portugal le grand Vasquez, à cause du grand nombre de beaux ouvrages de peinture qu'il a faits en différens endroits de ce Royaume, particulièrement dans toutes les Maisons-Royales, les Monastères et Eglises, bâtis par ordre du Roi; il paraît par sa manière, qu'il était élève de Pierre Perugin; les fonds de ses tableaux sont toujours ornés de belles fabriques d'architecture, ou de beaux paysages; son goût le portait toujours à peindre des sujets de l'Histoire Sainte.»

N'esta citação não se falla de Viseu!

São estes os factos que se apuram no meio das repetições, contradicções e duvidas do Conde de Raczynski, que enchem uma terça parte do seu volume, intitulado *Les Arts en Portugal*, e uma não pequena parte do seu *Dictionnaire*.[2]

O escriptor prussiano não póde, nem deve ser accusado d'esses defeitos; já o dissemos ha annos e em mais de um estudo.[3] Elle tirou apenas as conclusões dos documentos que os eruditos portuguezes lhe apresentaram[4], e estes escriptores approvaram as conclusões (Juromenha, Balsemão, etc.) Recuando successivamente as datas, chegou o Conde em pouco tempo, relativamente (se considerarmos que até ali tudo era confusão e incerteza), ás primeiras fontes seguras da tradição.

Infelizmente, dois trechos de auctores já citados embaraçaram seus passos; o primeiro é o documento apresentado pela primeira vez por Taborda, a carta de *illuminador* passada a um Vasco em 1455 (7 de março, Livro 13.º da Chancelaria de D. Affonso V), documento que Taborda refere ao Grão-Vasco da tradição; o outro trecho é a nota de Guarienti, relativa a um Instrumento de acquisição de uns moinhos em 1480 pelo pintor *Gran-Vasquez*. (Racz. *Les arts*. p. 327).

Cousa curiosa! Nem Taborda falla uma só vez de Viseu[1], nem Guarienti, apesar de este se referir ao moinho do pintor, tradição que é, com effeito, de Viseu.

Raczynski não deixou comtudo de apontar para a qualificação de illuminador e de fazer sentir a differença que houve sempre entre *illuminador* e pintor de paineis com assumptos religiosos, profanos ou historicos; e fez isto com insistencia[2], em face das allegações do Director da Academia de Bellas Artes de Lisboa, Francisco de Sousa Loureiro[3], principal defensor da opinião a fa-

---

[1] *Dictionnaire d'architecture civile, militaire et navale* antique, ancienne et moderne et de tous les arts et métiers qui en dépendent (em seis linguas), etc. Paris, 1770, (1.º vol.) a 1771 (3.º vol). Valiosa obra em 3 vol. em 4.º A noticia, apesar de incompleta, é tirada evidentemente de Guarienti. O auctor cita como fonte de consulta o *Abecedario* no Prologo. A data 1480 está no *Abecedario*.

[2] Vejam-se as seguintes biographias do *Diction*. Fernandes (Vasco) pag. 93; Grão-Vasco pag. 120; Pereira (Vasco) pag. 228; Vasco pag. 293; e Vasquez lusitanus pag. 293; as passagens de *Les arts* estão citadas em a nota 2 da pag. 283, retro.

[3] Esboço biogr., 1875, passim; Carta ao Dr. Simões, 1878 na *Renascença*. *A pintura portugueza nos seculos* XV *e* XVI por J. de V. Porto, 1881.

[4] O Conde assim o declara muito terminantemente, e mais de uma vez: *Les arts* pag. 117, nota: *Je vous ferai* etc.; pag. 129 nota: *Je conseille* etc.

[1] Isto é facto, apesar do que diz Raczynski (*Diction*. p. 120); sómente Cyrillo Volkmar é que cita Viseu em 1823; nem Guarienti, nem Taborda fallam de Viseu, tornamol-o a repetir; não sabemos como isto escapou a Raczynski!

[2] *Les arts* pag. 162 nota; e pag. 323 nota.

[3] Loureiro resumia a questão do seguinte modo: Vasco (illuminador) cujo diploma é de 1455, enviado á Italia para estudar a arte (p. 167, Racz.) por ordem de D. João II; Vasquez, lusitanus, pintor que trabalhou em Hespanha e do qual ha quadros assignados em S. Lucar de Barrameda com a data 1562; e Vasco Pereira, que trabalhava em Sevilha em 1594 e 1598. Loureiro considerava o primeiro como o Grão-Vasco da tradição. Logo veremos que os dois outros se fundem, segundo o sr. Justi, n'um só pintor, do qual ha quadros de 1562, 1576, 1579 e 1583, que o

vor do Grão-Vasco de 1455 (o illuminador supra-citado). O Conde pouco tempo se demorou n'esta hypothese que designaremos com o numero 1.

Tambem não é só de Raczynski a proposta para a adopção do nome Vasco Fernandes *do Casal*[1], moço da camara do Infante D. Duarte em 1520, que se baseia em documentos remettidos de Viseu e que foram redigidos para o *Diccionario Geographico* de Cardoso (mss. de 1758). Oliveira Berardo aceitava a authenticidade d'este nome ainda a 15 de novembro de 1843, assim como Balsemão e Juromenha (Racz. *Les arts*. pag. 163 nota). Vasco Fernandes do Casal representa a hypothese n.º 2.

Pouco depois (pag. 298) eliminou o Conde este nome, ficando em campo desde o meio do volume até ao fim da obra (*Les Arts*) o, na sua opinião, verdadeiro auctor dos quadros de Viseu: *Vasco*, filho de Francisco Fernandez, pintor, o qual Vasco nasceu em 1552, segundo um documento achado por Berardo no cartorio da Cathedral de Viseu. Este Vasco, que o documento dizia filho de pintor, sem afiançar, de nenhum modo, que seguira a arte de seu pae, seria, segundo Raczynski, o auctor de todos ou *quasi* todos os quadros da Sacristia da Sé[2].

Foi esta a 3.ª e ultima hypothese de Raczynski.

sr. Justi viu. Raczynski encontrou um em Sevilha com a data 1575 (pag. 505). Bermudez, *Diccionario historico*, vol. V p. 141 e 142 considera os nomes como pertencentes a dois pintores O sr. Justi affirma que em Sevilha suppunham alguns criticos ser Vasco Pereira o proprio Grão-Vasco; Raczynski já tinha lá ido para verificar o caso, e emendára o erro (*Les arts* p. 487 e 505).

[1] As passagens principaes sobre Vasco Fernandes do Casal são: *Les arts* p. 133 nota; 163, nota; 170, nota; 177. Note-se que o appellido *do Casal* só se encontra n'uma das tres communicações manuscriptas enviadas de Viseu para Lisboa no sec. XVIII; é na do Padre Manoel Lopes d'Almeida, 1758 (Racz. *Les arts* pag. 131).

[2] *Quasi* todos, vid. Raczynski (*Diction*. p. 95); corrigindo ideias anteriores; os quadros menores pareceram-lhe de outra mão.

Esta opinião, repetida ainda no *Dictionnaire*, foi partilhada até ao ultimo instante, pelo Visconde de Juromenha,[1]:

O Grão-Vasco da tradição, considerado como auctor da «immensa quantidade de quadros gothicos, pintados sobre madeira, e espalhados por todo o Portugal» continúa sendo para elle um *mytho* até ao fim; e diremos nós, com toda a razão. *A immensa actividade*, e a *immensa quantidade* são, com effeito, uma fabula, que tem a sua origem em Guarienti (1733). Em lugar de um unico grande pintor teriamos, pois, uns poucos de pintores notaveis, em Viseu, e no resto do paiz; e esta opinião é a que prevalece hoje.

Raczynski, apesar de ligar grande importancia ao testemunho dos documentos, reconheceu a difficuldade de pôr em concordancia as datas d'estes com a data provavel dos quadros, que tinha á vista. O conde reagiu logo, com toda a razão, contra a approximação do Vasco, illuminador de 1455 e do Vasco nascido em 1552; e notou que os quadros attribuidos ao Grão Vasco da tradição são, pela factura, posteriores ao primeiro Vasco e anteriores ao segundo.

Na opinião de Raczynski (*Diction*. p. 121) foi o auctor do *Sanctuario Mariano* (1716) obra muito lida e muito importante, quem espalhou a fama de Vasco Fernandez, que elle chama *insigne*, da cidade de Viseu para o reino inteiro; então nasceu o epitheto de Grande ou Grão Vasco. Entre 1716 e 1733 (Guarienti) nasceu a fabula da immensa quantidade de quadros, referidos a um só pintor; e este foi tambem o parecer definitivo de Juromenha. (*Diction*. pag. 123–125).

A critica *patriotica* não se contentou, porém, com estes resultados, e continou resmungando até hoje, attribuindo ao distincto escriptor diplomata o que elle não dissera[2]:

[1] Vid. o seu aditamento ao artigo Grão-Vasco do *Diction*. de Raczynski, pag. 123 e seg.

[2] Ainda ha pouco o fallecido Dr. A. F. Simões attribuia a Raczynski novos absurdos

Os resultados a que a critica chegou, depois de Raczynski, pelos esforços de Robinson e do sr. professor Carl Justi, são, como já dissemos, os seguintes: em lugar de um unico pintor, chamado Grão-Vasco, que absorveu a fama de uma serie de pintores mais ou menos notaveis, temos varios artistas de grande merito, que trabalharam em differentes pontos do paiz.

É isto menos glorioso do que termos um unico Grão-Vasco?

Quanto ao pintor que o manuscripto de Botelho Pereira (1630) chama *Grande Vasco Fernandez*, e Fr. Agostinho de Santa Maria (1716) *insigne Vasco*, julgamos nós que é o Grão Vasco da tradição, assim como tambem cremos que a tradição partiu de Viseu, muito embora o afamado pintor não seja identico com o Vasco nascido em 1552, filho de Francisco Fernandes, pintor, porque, repetimol-o: não era forçoso que o filho de um pintor seguisse a profissão de seu pae.

Quando nasceu este nosso Grão Vasco? A' falta de documentos só se poderá responder aproximadamente.

Appareceu, é verdade, em Viseu um quadro assignado *Vasco Fernandez*, e pela data aproximada do quadro se poderia calcular a idade do pintor; mas, considerando nós a assignatura do quadro pertencente ao pintor José Pereira, de Viseu, mais que duvidosa, prescindimos d'esse recurso. Adiante diremos o *porque*.

Quaes serão os quadros do verdadeiro Grão-Vasco entre os que existem? Logo veremos isso.

II

Depois de Raczynski, que sahiu de Portugal em fins de 1845 sem nos dar a terceira parte do seu trabalho, appareceu em fins de 1865 o sr. J. C. Robinson[1]. Viu apenas alguns quadros da Academia de Lisboa, mal e á pressa; examinou, tambem a correr, os da Sacristia de Sa ta Cruz de Coimbra e os da Sé de Viseu, existentes na Sacristia e Sala do Capitulo[2]. Não visitou Evora, nem Setubal, nem Thomar, onde ha series importantissimas de quadros attribuidos ao tradicional Grão Vasco. Em seguida redigiu logo uma breve memoria que foi escripta em novembro de 1865 para El-Rei D. Fernando. Traduziu-a em 1868 o Marquez de Sousa Holstein, então Vice-inspector da Academia de Bellas Artes de Lisboa[3]. A versão

n'um ensaio historico e critico (!) de que logo fallaremos. O Conde nunca negou que Grão Vasco tivesse existido; nunca disse que era um mytho (*Les arts*, p. 121 e p. 369.) Raczynski reagiu contra a falta de tino dos chamados patriotas, agrupados em torno do *critico* Loureiro, Director da Academia de Bellas Artes de Lisboa, defendido entre outros pelo famoso (famoso, mais tarde) A. F. de Castilho na *Revista Universal*. O Conde dizia no fim que o sr. Castilho era um dos melhores *versificateurs de l'époque*, mas que era infelizmente cégo! E que Loureiro era bom medico, professor de medicina na Universidade etc. etc. *très lettré, mais il me semble avoir été étranger aux arts* (*Diction.* p. 178) Castilho (cego), a julgar da questão Grão Vasco, parece-se com o fallecido Innocencio do *Dicc. Bibliogr.* a julgar do *Stabat Mater* de Pergolese pelo de... José Mauricio!

[1] Robinson era em 1862 *Superintendent* das collecções do Museu de South Kensington; n'esse anno publicou varios *Catalogos* das collecções especiaes *on loan*. Os seus estudos especiaes versam sobre a arte italiana da Renascença.

[2] Dos de Lisboa (collecção da Academia) quasi que não falla; é verdade que a galeria ainda não estava organisada, nem era publica; abriu-se em 1868. Não diz palavra dos quadros da Madre de Deus. Em summa, seria absurdo pôr este auctor em parallelo com Raczynski, sempre e em tudo um modelo de boa fé.

[3] O estudo do sr. Robinson sahiu primeiro na *The fine arts quarterly review*. Numero de outubro de 1866, pag. 375-400. Fez-se uma tiragem especial, com a mesma composição, e frontispicio *ad hoc*, sem data, nem lugar em 30 pag. 8.º (London, impressor Childs and Son). O titulo é o mesmo: *The early portuguese school of painting* with notes on the pictures at Viseu and Coimbra traditionally ascribed to Gran Vasco.

A tiragem especial é rara, por isso fazemos as citações pela revista.

é pessima, infiel e incompleta em muitas passagens, affirmando o Marquez em mais de um ponto o contrario d'aquillo que o escriptor inglez disse. Já provamos tudo isto n'uma analyse minuciosa publicada ha annos, confrontando o original inglez com a traducção[1]. Comtudo, os nossos compatriotas continuam a citar e a aproveitar esta pessima traducção, architectando phantasias como fez ainda ultimamente o fallecido dr. Felipe Simões[2].

Não faremos, por isso, caso algum da traducção e apresentaremos as nossas conclusões sobre o original inglez.

Robinson estreou-se em Portugal com absoluta falta de probidade litteraria. O seu ensaio baseia-se n'uma *descoberta* que se arroga, e que não é d'elle.

Já provamos em 1881 que a assignatura *Velascus* do quadro do Pentecostes na Sacristia de Santa Cruz de Coimbra foi descoberta pelo pintor de Viseu Antonio José Pereira, que a communicou ao professor da Academia de Lisboa João Christino da Silva. Este deu noticia do facto n'uma extensa carta, publicada no *Jornal do Commercio* de Lisboa de 30 de setembro de 1862, tres annos antes de Robinson entrar em Portugal.[3] O inglez teve a noticia do proprio Pereira, segundo todas as probabilidades.

«O sr. Robinson foi a Viseu depois de ter examinado as pinturas de Coimbra; viu as de Viseu e *voltou* a Coimbra (*led me back to C.*) para fazer a sua descoberta, e só então a fez; só então viu a assignatura. Não é natural suppôr que o sr. Antonio José Pereira, seu guia em Viseu (*volunteered to be my guide*), descobridor da assignatura desde 1862, lhe revelasse a existencia d'ella? Confessamos que a leitura da carta de Christino da Silva de 1862 produziu em nós uma desagradavel surpreza. Isto não é questão de campanario; temos dado bastantes provas de imparcialidade no modo de apreciar os trabalhos de escriptores estrangeiros a respeito de Portugal. Repetimos: isto não é questão de campanario; é questão de stricta justiça. *Suum cuique.*»[1]

O merito do sr. Robinson reduz-se, portanto, ao seguinte: ter determinado as datas aproximadas dos dois grupos de quadros existentes na Sé de Viseu, marcando ao grupo da Casa do Capitulo as datas 1500 a 1520, e ao grupo da Sacristia as datas 1520 a 1540.

A separação dos quadros em dois grupos, de pincel distincto, já Raczynski a tinha proposto. O Conde reconhecera claramente a differença de estylo entre os dois grupos, e tambem a differença de idade, (pag. 370), mas não determinára as datas. Robinson inclina-se a crer que os quatro quadros grandes da Sacristia, — S. Pedro, Baptismo, S. Sebastião e Pentecostes—são todos do mesmo auctor, mas *não julga este facto absolutamente fóra de duvida*[2]. Raczynski notava differença de factura, comparando os quadros pequenos da *Predella* com os grandes da Sacristia, que elle attribuia em geral ao auctor do quadro do *Calvario*, existente na Capella de Jesus: o grande Vasco Fernandez, do manuscripto de 1630. Robinson concorda em attribuir o *Calvario* ao mesmo pincel que traçára os paineis grandes da Sacristia e os quadros pequenos da *Predella*.

Observaremos, desde já, que discordamos de ambos os auctores. O *Pentecostes* é um

---

[1] *A pintura portugueza nos sec.* XV e XVI por J. de V. Porto, 1881 4.°, com a confrontação do original com a traducção.

[2] *Grão-Vasco; ensaio historico e critico*; de pag. 234–257 do volume: Escriptos diversos de Augusto Filippe Simões. Coimbra, 1888. 8.° Descontando o que deve ser considerado erro de impressão e falta de cuidado dos redactores do volume, ha n'elle lapsos deploraveis. Não se concebe como semelhante *imbroglio* podia merecer as honras de uma reimpressão; adiante as provas.

[3] Vid. as provas e documentos no nosso estudo *A pintura portugueza* pag. 6 e 38.

[1] Nossas palavras em 1881; vid. Estudo supra cit.

[2] A phrase sublinhada foi supprimida pelo Marquez: *I do not, however, consider this fact entirely without doubt.* pag. 383.

quadro de merito muito inferior aos outros tres, grandes, da Sacristia, e ainda ao proprio *Calvario*, que Robinson contra Raczynski julga ser o *mais fraco de todos* (p. 384). Os antigos escriptores portuguezes citam, sobre tudo, este ultimo, provavelmente por ser o mais dramatico e o que mais impressionava as massas.

As conclusões a que Robinson chega, baptisando e distribuindo os quadros, a seu modo, são as seguintes, (pag. 394):

1.º O pintor, anonymo, dos 14 quadros da Casa do Capitulo, executados entre 1500 e 1520.

2.º Vasco Fernandez, autor do quadro que pertenceu a Antonio José Pereira, executado cêrca de 1520.

Robinson põe em seguida ao nome, entre parenthesis, «Gran-Vasco?» — o que parece indicar que duvidava se seria o pintor citado no *Sanctuario Mariano* «insigne Vasco», e chamado «Grande Vasco Fernandes» no ms. de 1630; em summa, se seria o Grão-Vasco da tradição.

3.º O pintor da «Ceia», quadro existente no palacio dos bispos em Fontello, que elle presume ser discipulo ou imitador de Vasco Fernandez.

4.º Velascus (Robinson escreve *Velasco*[1],) pintor do *Pentecostes* de Coimbra e dos quadros da Sacristia na Sé de Viseu, e do *Calvario* (cerca de 1530-40).[2]

5.º Francisco Fernandez, pintor, que vivia em 1552, segundo o registo de baptismo, achado pelo conego Berardo no Cartorio da Sé de Viseu.

6.º Vasco Fernandez, filho do precedente, segundo o registo supra.

Raczynski suppoz, sem prova, que fôra pintor, como seu pae; e attribuiu-lhe o grupo da Sacristia de Viseu; Robinson regeita, com rasão, esta hypothese.

7.º O autor, anonymo, do painel «Jesus na casa de Martha», em Fontello; e que, na opinião de Robinson, foi imitador de Velascus.

O auctor inglez cita mais dois, que mostram nas suas obras uma «certa analogia geral com os pintores de Viseu» (sic) pag. 394.

8.º «Ovia» auctor do *Ecce Homo* em Santa Cruz de Coimbra.

9.º O auctor do *S. João* na Academia de Lisboa, hoje no palacio das Janellas Verdes.

III

Agora o nosso commentario.

Ad 1.º)—Raczynski já fez a separação dos grupos da Casa do Capitulo e da Sacristia. Concordamos com elle e com as datas de Robinson.

Ad 2.º)—O monogramma do quadro de A. Y. Pereira, que Robinson leu Vasco Fernandez, parece-nos muito suspeito, e por isso, ocioso todo e qualquer calculo feito sobre elle. Vimos o quadro na Academia de Lisboa, e era com effeito uma ruina, tendo sido radicalmente lavado, barbaridade que o sr. Robinson confessa. O monogramma VASCO FRZ ficou porém pintado, luzidio e brilhante, em bellas lettras amarellas, por um milagre que ninguem explicou até hoje!

---

[1] Escreve *Velasco*, não sabemos porque! A ultima letra é uma abreviatura bem conhecida, que vale *us*.

[2] A julgar por duas passagens anteriores deve entender-se que Robinson identifica este Velascus com o Grão Vasco, affastando-se da hypothese antiga (vid. sub. 2). Eis as passagens, que não deixam perceber claramente a opinião de Robinson:

Pap. 391 «I have, in short, the conviction, that this picture is the work of the traditional Gran Vasco of Viseu (trata-se do *Pentecostes* de Coimbra).» E logo mais adiante: It is I think evident that M. de Raczynski's Gran Vasco in reality was this same Velasco.»

Agora, pag. 394: «I cannot but believe, in short, that the painter of Senhor Pereira 's picture, Vasco Fernandez as he signs himself was the person to whom, on account of his preeminence in art, the eulogistic epithet *Gran* or *Grande* was, either during his lifetime, or shortly after his death, bestowed».

Parece pois haver contradição!

Seria necessario examinar *technicamente* a assignatura, a tinta, a forma paleographica da lettra, (que é muito duvidosa), as partes lavadas e *não lavadas* (?) do quadro, etc.

A. J. Pereira, interrogado pelo signatario sobre estes e outros pontos, respondeu sempre evasivamente, e negou-se não só a indicar o nome do *inglez* que lhe tinha comprado o quadro, mas até a procedencia do mesmo quadro[1]. Fazendo se-lhe a observação sobre a lavagem, o estado de ruina do quadro e a salvação milagrosa da assignatura, emmudecia.—O quadro foi antes da lavagem uma obra distincta. A data 1520 marcada por Robinson, é acceitavel.[2]

[1] Simões foi mais feliz n'este ponto. O quadro teria pertencido, segundo confissão do Pereira, ao convento de S. Francisco de Orgens (pag. 153). É singular que Berardo nas suas Memorias sobre os quadros de Viseu (na que Raczynski publicou e n'outra, ms. de 1849, que temos presente) não falasse d'este quadro de Orgens; que um homem tão escrupuloso, tão diligente e tão investigador, que viveu a maior parte da sua vida em Viseu, não visse uma assignatura a tinta amarella, tão grande, tão visivel!

[2] As nossas duvidas sobre a tal assignatura e a singular attitude de Antonio José Pereira communicamol-as logo em 1879 ao nosso amigo o sr. Antonio Augusto Gonçalves, professor de desenho em Coimbra, que nos acompanhou pouco depois a Viseu (segunda viagem nossa). Passados annos veiu-nos á mão a 3.ª ed. das *Travels in Portugal* by John Latouche. London, s. d. O escriptor, que se occulta sob um pseudonymo é o sr. Oswald Crawfurd, consul de S. M. B. no Porto, pessoa que pela sua variada instrucção, imparcialidade e fino gosto artistico nos merece toda a consideração. O douto estrangeiro (em geral, juiz benevolo e imparcial das nossas cousas), na 3.ª ed. duvida fortemente da authenticidade da tal assignatura; depois de ter visto o quadro de Pereira, diz:

«O triptico é uma obra arruinada de consideravel merito; mas apesar do melhor desejo em acreditar na boa fé humana, devo dizer que nunca contemplei uma assignatura mais duvidosa, do que esta, distinctamente traçada: Vasco Fez. *Travels* pag. 268 nota. A data do Prologo d'esta 3.ª ed. é Sept. de 1878; a 2.ª edição das Viagens, de 1875, já a traz; apontamos as datas, porque desejamos declarar que formámos o nosso juizo sobre a assignãtura, sem conhecer a opinião do sr. Crawfurd.

Ad 3.º)—O quadro da Ceia, em Fontello, parece-nos notavel a todos os respeitos e deveria ser confrontado, cuidadosamente, com o quadro da Ceia na Casa do Capitulo, na Sé de Viseu e com o numero 246 da Collecção da Academia, que representa o mesmo assumpto. (Cat. provis. de 1872 p. 63).

Ad 4.º)—Ignoramos por que motivo Robinson leu *Velasco* no quadro do *Pentecostes*. O ultimo signal da assignatura é indubitavelmente a antiga abreviatura *us*. Robinson não percebeu que *Velascus* é, simplesmente, a forma alatinada de *Vasco* (antigo portuguez *Vaasco*, de *Veasco* por *Velasco*). Na collecção *Portug. Monum.* encontram-se a cada passo exemplos d'estas duplas fórmas do mesmo nome. Induzido em erro pela transcripção *Velasco* por *Velascus*, pretendeu outro escriptor inglez, o sr. Latouche,[1] que o nome é hespanhol, e que se refere ao pintor hespanhol Luis Velasco, que trabalhou em Toledo cerca de 1564 e morreu em 1606! O sr. Professor Justi, que viu os quadros d'este pintor em Hespanha, nega que haja a menor relação entre o estylo d'este *maneirista* italianisado e o de *Velascus*.[2]

E ainda quando no quadro se houvesse de ler *Velasco*, isso não provava que o pintor fosse hespanhol, porque no sec XVI, época em que na côrte se fallavam ambas as lingoas com a mesma frequencia e facilidade, muitos portuguezes seguiam a moda, hispanisando seus nomes, p. ex. o celebre poeta Jorge de Montemor, que ainda hoje chamamos em Portugal *Montemayor*; o fidalgo João de Mello, justador do «*Paso Honroso*», que na côrte de D. João II de Castella figurava como D. Juan de Merlo. No «Cancionero General» apparecem poesias de dois

[1] Na obra cit. *Travels in Portugal* 3. ed. pag. 271. O auctor lê a sigla *Velascus* L =Luis Velasco. Este pintor é o mesmo que Cean Bermudez cita no vol. V pag. 152; morreu em 1606.

[2] *Die portugiesische Malerei des sechzehnten Jahrhunderts* von C. Justi, na collecção *Jahrbuch der Koenigl. preussischen Kunstsammlungen*, vol. IX. Berlim, 1888, pag. 137 e seg.

irmãos portuguezes D. Antonio e D. Inigo de *Velasco*, que em Portugal com certeza se appellidavam *Vasco*.[1]

Ad. 5.)—Não ha nenhum quadro que se possa attribuir a este pintor; os criticos não fazem por isso menção especial delle.

Ad. 6.º) — Não ha prova alguma de que seguisse a profissão de seu pae.

Ad. 7.º)—Este quadro, que está em Fontello, merece como a «Ceia» existente no mesmo palacio, especial attenção. O sr. professor Justi gaba-o muito.

Ad. 8.º)—A *assignatura* «Ovia» é uma fabula; as lettras lá estão n'uma lança, mas a verdadeira interpretação ainda ninguem a deu.

Tambem Raczynski leu um nome Abram Prim, no quadro n.º 224 da Academia,[2] e afinal, é simplesmente o velho patriarcha *Abraham prim (us)* isto é, o primeiro da arvore genealogica do Novo Testamento. A inscripção está no collo de um vaso do qual sahe a flor symbolica de S. José. Abrahão foi o tronco (*primus*) da geração do esposo da Virgem. (Evang. de São Matheus I).

Mais importante do que a inscripção *Ovia* é a seguinte circumstancia. N'este *Ecce Homo* apparece o retrato de Damião de Goes, como já dissemos em 1879.[3] É a primeira figura, que está atraz de Pilatos. Goes foi grande amador e collecionador de obras d'arte. Possuia illuminuras de Simão de Bruges (Benichius?), esculpturas notaveis, retavolos de grande preço, entre outros, dos pintores Quintin Massys ou Metsys, Hieronimus Bosch e muitos objectos d'arte industrial com que presenteou a rainha D. Catharina, El-rei D. Sebastião, o nuncio Monte Pulciano, o valido Pedro d'Alcaçova Carneiro, seu irmão Fructus de Goes, Fernão Coutinho, etc., varias egrejas e templos, principalmente a egreja de Nossa Senhora do Castello de Almada e a de Nossa Senhora da Varzea da villa de Alemquer. El rei D. João III e a Rainha, a Infanta D. Maria, protectora das lettras e das artes, o proprio Cardeal D. Henrique foram ver á sua casa as preciosidades artisticas que trouxera de Flandres e Allemanha[1] Está hoje provado que Goes tivera relações de amisade com o celebre Albrecht Dürer, que o retratou.[2] Compare se a physiognomia do retrato a carvão do grande artista, e a gravura com o falso monogramma A. D. de 1572, com o typo retratado n'este quadro. É a mesma cabeça, salvo a idade; Goes parece ter aqui 30 a 35 annos. Tendo nascido em 1501, o *Ecce Homo* seria pintado entre 1530 a 1535.

Ad. 9.º)—Pelo systema de Robinson seria facil duplicar o numero dos pintores. Comtudo, não é d'elle, mas sim de Raczynski a ideia de considerar o auctor do quadro do S. João como um typo especial. Raczynski chama-o *peintre aux bonnes draperies*».[3]

---

[1] Vid. *Cancionero general de Hernando del Castillo*. Ed. de Madrid 1882, vol. II pag. 510. A 1.ª ed. é de 1511; o nome apparece primeiro n'uma edição de 1527. Com relação a Mello vid. *El Cancionero* de Juan Alfonso de Baena, pag. LV da Introd. do Marqués de Pidal ed. de Leipzig (Brockhaus). Mello era alcaide de Alcalá la Real em 1435.

[2] Raczynski cita sempre Abraham; mas o que lá está é *Abram*. O Catalogo do Museu nacional (Lisboa, 1883. p. 88) acha que é uma allusão á virgem, e lê Abram *primogenita* sic!! Este Catalogo, *provisorio* em 4.ª ed. (ou 3.ª, se não contarmos a ed de 1862, abafada; posteriores 1868 e 1872) está cheio de erros historicos, e organisado sem criterio, nem methodo. Simões interpreta quasi como nós, pag. 254.

[3] Vid. o Estudo *A cabeça de Damião de Goes*, na *Actualidade* de 2 e 3 de outubro de 1879.

[1] Factos referidos no processo da Inquisição, existente na Torre do Tombo, e de que ha copia na Bibliotheca nacional.

[2] Vid. os nossos estudos: *Goësiana*.

[3] Simões faz a proposito do S. João, citado por Robinson, combinações singulares. Robinson falla claramente de uma pequena figura em pé, a *little standing figure of St. John* (p. 392), e accrescenta: não a indicada pelo Conde de Raczynski como obra do pintor das *belles draperies* Robinson falla do S. João Baptista, n.º 211 do Catalogo de 1872 ou n.º 1 do Catalogo de 1883. O pintor das

Eliminando-se o monogramma do N.º 2 como muito suspeito, o N.º 5 de que não ha quadros e o N.º 6 por falta de provas, fica sómente o N.º 4 como pretendente ao titulo historico: *Velascus*, traduzido em portuguez *Vasco*, que é o *Grão Vasco*, provavelmente o grande Vasco Fernandez do *Sanctuario Mariano* e do ms. de Botelho Pereira (1630). E temos depois mais os seguintes pintores: os designados sob o n.º 1 (Sala do Capitulo) n.º 3 e 7 (em Fontello: *Céa* e *Martha*) e os pintores do *Ecce homo* (o pseudo «Ovia») e do S. João Baptista da Academia. Veremos ainda, que os dois ultimos pertencem a grupos caracteristicos, segundo a opinião do sr. Prof. Justi.

IV

Os estudos pouco avançaram depois de Robinson. Os escriptores nacionaes não resolveram a questão e pouco adiantaram; e entre os estrangeiros apenas dois: J. Latouche e o nosso amigo A. de Ceuleneer,[1] escriptor belga, deram um novo impulso ao problema; mas o segundo confessa que offerece só umas simples notas, para despertar a attenção dos especialistas. A tentativa que este critico faz, apresentando novos agrupamentos, está prejudicada pelo ensaio do sr. prof. Justi, e por isso não nos demoraremos na analyse do seu opusculo, o qual, no entanto, contém, na parte relativa ao Grão-Vasco, algumas informações aproveitaveis. Os outros capitulos dão testemunho do estudo e do saber do auctor, e merecem que lhe tributemos aqui o nosso reconhecimento.

Do sr. John Latouche fallamos mais adiante. É o pseudonymo do sr. O. Crawfurd, consul de S. M. B. no Porto. O auctor é muito injusto para com os quadros da Academia de Lisboa, hoje no Museu nacional, que não deviam ser julgados todos pela mesma bitola. As suas notas appareceram no volume *Travels in Portugal*, cuja primeira edição é de 1875, segundo crêmos; a 2.ª é de setembro do mesmo anno, a 3.ª de Sept de 1878. Vejam-se as passagens p. 145 146 (quadro da Misericordia do Porto) p. 193–196 (quadros de Lisboa); p. 253–273 (quadros de Viseu). Estamos convencidos que a leitura do Ensaio do sr. Prof. Justi o fará mudar de opinião sobre o valor dos quadros de Lisboa; pela nossa parte temos de reconsiderar; adiante o confessamos. Devemos porém declarar que as notas do sr. Crawfurd não influiram no juizo que fizemos em 1881 sobre o valor de certos quadros da Academia. Explica-se pela recordação vivissima que trouxemos do estrangeiro em 1871 e 1875, depois do exame das obras primas da antiga escola de Flandres e de Brabante, da escola de Colonia e de outras do sec. XV e XVI. Em compensação, o sr. Crawfurd manifesta-se com o maior enthusiasmo a favor do S. Pedro de Viseu, e parece-nos exagerado n'esta parte. O outro volume do mesmo auctor: *Portugal old and new* (London, 1880 8.º) nada contem relativo a Grão Vasco, mas é instructivo, sympathico, cheio de *humour* e de vida, emfim digno de ser lido; falla n'elle um critico justo, benevolo, cujo juizo é fundado no conhecimento intimo da vida publica e particular da nação.

Sobre a monographia do sr. Tubino, de Madrid, que trata dos quadros que pertenceram ao convento de Palmella, já demos o nosso parecer em 1881.[1] É inutil procurar

---

belles draperies ou *bonnes draperies* referia Raczynski ao quadro n.º 160 (S. João Evangelista) da sua lista (vid. *Les arts* pag. 151), que no Catalogo de 1872 é o n.º 256 e no Cat. de 1883 falta. Simões vae buscar o quadro n.º 27 do Cat. de 1883, *S. João Baptista ensinando a orar o principe D. João*, phantasiando por ahi fóra, e attribuindo uma serie de absurdos ao sr. Robinson!! O sr. prof. Justi colloca o pequeno S. João na serie de Frey Carlos, com toda a razão.

[1] *Le Portugal. Notes d'art et d'archéologie*. Contém: Congrès d'archéologie préhistorique — Azulejos — Grand Vasco. Anvers, 1882. 8.º de 90 pag; Tiragem á parte do *Bulletin de l'Académie d'Archéologie de Belgique*. O estudo sobre Grão-Vasco occupa as pag. 60 90.

---

[1] *A pintura portugueza nos sec.* XV *e* XVI Porto, 1881, p. VI.

ahi um unico facto novo. O sr. Prof. Justi é da mesma opinião em 1888.

Entre os escriptores nacionaes ha tres que merecem menção, o fallecido Marquez de Souza Holstein: o sr. Theophilo Braga, que foi infelicissimo, e o fallecido Dr. Simões, que fez tres tentativas infructiferas.[1] Os dois ultimos fiaram-se, infelizmente, na traducção da Memoria de Robinson, feita pelo Marquez, e repetiram os mesmos erros, augmentando a confusão; nenhum se lembrou de recorrer ao original inglez da Memoria, havendo na traducção portugueza signaes evidentes de infidelidade. Não podemos estar aqui a esmiuçar os numerosos erros, as hypotheses inverosimeis e as phantasias do sr. Th. Braga, que falla de quadros que nunca viu, porque o nosso intuito é concentrar os factos e os resultados seguros, de outro modo teriamos de escrever um volume.

A discussão com o dr. Simões já não é possivel, porque falleceu; a sua ultima tentativa foi desastrada, tão desastrada que nos parece que o auctor não teria publicado o seu *Ensaio historico e critico* sem uma revisão prévia e radical. Sobre a primeira parte já demos o nosso parecer em 1881, em vida do auctor, que, contra o seu costume, não respondeu.[2] A segunda é deploravel, uma teia emmaranhada, apontamentos cosidos ao acaso, sem nexo, como se estivessemos lendo um *borrão*!

O Marquez de Sousa prestou-nos um bom serviço, publicando o *Catalogo provisorio* da Academia em 1868.[1] Valha-nos isso, já que teve artes e manhas para abafar a edição de 1862! O catalogo é muito resumido, mas no fim agrupou o auctor 65 quadros, que distribuiu por treze pintores anonymos. Sob a mesma lettra alphabetica reuniu os quadros que lhe pareceram do mesmo auctor; distribuiu-os bem nas salas, com ordem e em boa luz, e facilitou assim o estudo da *antiga escola portugueza de pintura* ao publico, *trinta e cinco annos* depois da Academia ter recebido o espolio dos conventos extinctos! (1833–1834).

O agrupamento feito pelo Marquez era acceitavel e provava que tinha olhado para os quadros com alguma attenção, guiando-se, em parte, pelas indicações de Raczynski. Foi este auctor o primeiro que se lembrou de agrupar os antigos quadros portuguezes. No fim do Indice mencionava o Marquez mais 20 quadros sob a rúbrica *Diversos*. Total: 85. Na edição de 1872 encontrámos só mais quatro quadros n'esta rúbrica; o agrupamento é o mesmo da edição de 1868. Total: 89.

O Catalogo provisorio do Museu nacional de 1883 (ult. edição, já exhausta) menciona

---

[1] Na *Academia*, revista de Madrid vol. II, 1877; na revista de Lisboa *A Arte* em 1881; e n'um trabalho, que sahiu posthumo, e e onde refundiu o que dissera nas duas revistas: *Grão Vasco. Ensaio historico e critico* pag. 234-257 do volume *Escriptos diversos* (Coimbra, 1888), que a Secção de Archeologia do Instituto de Coimbra mandou colligir.

O sr. Theophilo Braga intitulou o seu trabalho: *Grão-Vasco. Determinação historica da sua personalidade*, pag. 174–189 do volume *Questões de litteratura e arte portugueza*. Lisboa, 1881, 8.º

[2] *A pintura portugueza* etc. pag. VII e VIII Ahi mesmo a nossa opinião resumida sobre os outros auctores portuguezes: Juromenha (escripto de 1877), Marquez de Souza, Th. Braga etc. O sr. A. de Ceuleneer teve a paciencia e a indulgencia de reunir (pag. 62) os titulos de outros pequenos artigos de auctores portuguezes e estrangeiros sobre Grão-Vasco, de pouco ou nenhum valor Por excepção mencionaremos como novidade os de A. Giardon na *Bibliotheque universelle* de Gênève 1876 vol. 57, feitos sobre os estudos de Latouche, pseudonymo de O. Crawfurd. Não os conheciamos.

[1] Á frente do Cat. uma pequena Introducção em que se toca, de passagem, na questão Grão-Vasco. O Marquez publicou depois a traducção da Memoria de Robinson, com um *Prefacio*, que analysámos em 1881, assim como os seus artigos na revista *Artes e Lettras* (1872). O melhor serviço, repetimol-o, foi a publicação do *Indice especial dos quadros attribuidos á antiga escola portugueza*, no Cat. de 1868.

85 quadros (salvo erro) sendo 16 novos, que não estavam expostos na Academia; em compensação faltam outros que lá vimos. Este Catalogo não tem Indice especial dos quadros antigos portuguezes, não tem agrupamentos, excepto no texto em alguns autores já conhecidos. Não fallaremos dos outros defeitos mais ou menos sensiveis d'esta quarta tentativa *provisoria*, por falta de espaço, e se a apontamos é para fazer sentir ao leitor que o redactor da edição de 1883 difficultou o estudo, em vez de o facilitar, porque nem ao menos se lembrou de collocar entre parenthese os antigos numeros da ed. de 1872, pela qual quasi todos os escriptores nacionaes e estrangeiros fizeram os seus apontamentos.

A ordem salteada dos numeros é inadmissivel; um Indice geral como o d'esse catalogo, ridiculo, não fallando nas novas attribuições e nas noticias biographicas(!!)

É tempo, porém, de passarmos ao ultimo capitulo, o mais importante.

V

A um erudito professor allemão devemos o estudo mais importante sobre a antiga pintura portugueza, que sahiu á luz depois dos trabalhos de Raczynski.

O Sr. Prof. Justi [1] separa os quadros gothicos existentes em Portugal em duas classes distinctas:

A. Os trabalhos dos artistas flamengos, naturaes dos Paizes-Baixos, que pintaram no seu paiz, por encommenda, ou que, tendo emigrado para Portugal, foram naturalisados e aqui pintaram seus quadros.

B. Os de portuguezes que estudaram nos Paizes Baixos e pintaram em Portugal, depois do seu regresso. Estas obras são as mais frequentes, e em muito maior numero.

A respeito dos primitivos artistas dos Paizes-Baixos, [1] dos mais antigos pintores do seculo xv, declara o Sr. Prof. Justi que não achou vestigios d'elles em Portugal. Estamos, portanto, aqui no ponto de vista que accentuamos em 1881 em face das pretensões do Marquez de Souza-Holstein.

«Essa *escola anterior* deve ser a que recebeu a influencia de Van Eyck (v. retro pag. 13); infelizmente não resta uma unica taboa de pintor nacional do meado do seculo xv, e muito menos da epoca em que o celebre artista flamengo esteve em Portugal (1428-1429).

D'ahi até ao quadro assignado *Vasco Fernandez* (1520, segundo Robinson) ou até ao outro assignado *Velasco* (1530-1540, segundo o mesmo Rob.) temos um seculo inteiro,

---

[1] Além do Estudo especial, que citamos retro (pag. 297) escreveu o Sr. Professor Justi alguns artigos preliminares, importantes, na seguinte revista: *Zeitschrift für bildende Kunst* vol. xxi, n.º 4 Janeiro de 1886, pag. 93-95; no mesmo vol. n.º 6 pag. 133-140; no vol. xxii, n.º 6 pag. 179-186; e n.º 8 pag. 244-251. O titulo geral traduzido diz: *Sobre os antigos quadros flamengos existentes em Hespanha e Portugal.* Contem factos importantes, que não se encontram no Estudo já citado; os dous trabalhos completam se mutuamente. Sobre os quadros flamengos existentes na peninsula convém consultar ainda hoje, principalmente: J. D. Passavant. *Die christliche Kunst in Spanien.* Leipzig, 1853, 8.º, pag. 123-145; e depois a obra de Crowe & Cavalcaselle sobre a antiga pintura flamenga: *The early Flemish painters.* London 1857. A traducção franceza de Alex. Pinchart et Ch. Ruelens. Bruxellas, 1862-1865 em 2 vol. é preferivel, por causa do 2.º vol.. que contém valiosissimos documentos. Ha ainda uma traducção allemã, com novas correcções e aditamentos, feita por A. Springer. Leipzig 1875, 8.º. Vid o Cap. V, pag. 383 e seguintes.

Não recommendaremos a leitura da obra de Alfred Michiels. *Histoire de la peinture flamande.* Paris, 1865-1876 em 10 vol. por ser muito difusa e confusa; o que diz respeito á antiga pintura flamenga (seculo xv e xvi) está concentrada nos vol. II e V. Exprobando a Raczynski os seus erros augmenta ainda mais a confusão, com novos erros!

[1] Dizemos *Paizes-Baixos,* porque é incorrecto e induz em erro fallar-se unicamente da escola de Flandres, quando é certo que esta, cujos chefes são os irmãos Van-Eyck, não se deve confundir com a Escola de Brabant, cujo chefe é Roger van der Weyden. Vide Crowe op. cit.

uma solução de continuidade enorme. Note-se que pouco importa allegar que houve quadros portuguezes intermedios; temos de argumentar com factos, e não com hypotheses.» [1]

Com effeito não appareceram ainda, entre nós, quadros de Jean Van Eyck, de Peter Christus, Hugo van des Goes, Rogier van der Weyden, Dierik Bouts, para citar só os mais notaveis. Apenas um grande mestre, um pouco posterior, está representado, este, é verdade, admiravelmente. E' *Gerard David*, [2] que já vivia, trabalhando, em 1484, e que falleceu a 13 de agosto de 1523. Ignora-se a data do seu nascimento.

São d'elle, segundo o Sr. Justi, que reconheceu immediatamente o autor, os seguintes quadros, existentes em Evora no palacio do arcebispo. Como foram attribuidos a Grão Vasco [3], temos de os citar aqui.

Uma grande taboa principal, a Adoração da Virgem e do menino, chamada *Nossa Senhora da Gloria*, e mais onze quadros menores (1m,88—1m,33), que representam:

1. *O Nascimento da Virgem.*
2. *A Virgem no caminho para o templo.*
3. *O Casamento.*
4. *A Annunciação.*
5. *O Sonho de S. José.*
6. *O Nascimento de Christo.*
7. *A Apresentação no templo.*
8. *A Epiphania.*
9. *A Circumcisão.*
10. *A Fuga para o Egypto.*
11. *O Menino entre os doutores.*
12. *O Transito da Virgem.*

Na Galeria Grão-Ducal de Darmstadt existe uma repetição da taboa central, tambem sobre madeira (0,93m de alt. × 0,73 de Larg.) n.º 189 do Catalogo, p. 47. ed. de 1875. Ha, comtudo, algumas differenças nos episodios representados nos dois quadros. Eis o de lá:

«A Virgem Maria com o menino sobre o throno, cujo espaldar é formado por um rico tapete. O menino, que está no cólo, folheia n'um livro de horas, que a Virgem tem na mão. A' direita quatro anjos, cantando; á esquerda mais tres anjos que tocam no orgão; o terceiro dá ao fole. Os anjos são imitados, innegavelmente, do polypticho de Gante dos irmãos Huberto e João Van Eyck. A vista estende-se de cada lado do throno por um jardim fóra, circumdado por um muro,

---

[1] *A pintura portugueza*, pag. 16.

[2] David foi discipulo de Memlinc e nasceu em Oudevater (Hollanda); sabe-se que vivia em 1484; pertencia então á confraria dos pintores (*Malergilde*) de Bruges. Morreu a 13 de agosto de 1523. Hans Memlinc, provavelmente de origem allemã, apparece em 1478, primeira data certa; julga-se que foi discipulo de Rogier van der Weyden, chefe da Escola de Brabante; morreu pouco antes de 1495. Vid. Woltmann. *Geschichte der Malerei.* Leipzig. 1879, vol. II. Os quadros de G. David são muito raros; calcule-se pois o thesouro que Evora possue!

[3] Raczynski *Les arts*, pag. 159 e pag. 353 e seg. No *Archivo Pittoresco* vol. XI (1868) pag. 177 vem uma gravura em madeira d'este quadro, que parece antes uma caricatura; o artigo de Simões oscilla entre influencias byzantinas e Grão Vasco!! Mais tarde em 1881 (*A Arte*, pag. 36) attribuiu o quadro «senão ao proprio Memlino (sic), pelo menos a algum dos seus melhores discipulos». No ultimo estudo, impresso em 1888 o quadro é primeiro de algum discipulo (pag. 241); tres paginas mais adiante, é obra talvez do proprio Meemlinc (244). Tanto n'este ultimo estudo, como em 1881 teima em chamar ao quadro a *Assumpção*! O assumpto é a *Coroação da Virgem*; o nome *Nossa Senhora da Gloria* é o popular! Os doze quadros, que pertencem á peça central, quiz Simões enfileirar, ao que parece, ainda na escola de Grão-Vasco (pag. 255), aproximando-os dos de Setubal!! O sr. Gabriel Pereira (*Estudos Eborenses*; opusculo *Bellas-Artes.* Evora, 1886 pag. 21) advertido provavelmente pelo Sr. Prof. Justi, já cita Gerard David, como auctor dos quadros. Raczynski referia, a proposito do quadro *O menino entre os doutores*, o nome Christovão de Utrecht por causa do monogramma, que n'elle se encontra; *Les arts* pag. 200 monogr. n.º 3; está na Bibliotheca, mas pertence ao grupo dos que vêem na Capella e, portanto, o Gerard David (vid. *Zeitschrift.*)

no qual ha uma ramada; ao longe uma paisagem extensa, povoada de arvoredo.» [1]

O Sr. Prof. Justi exalta o merecimento d'estes quadros, dizendo que a pequena galeria de Evora é o conjuncto mais consideravel que a antiga escola flamenga produziu, segundo o seu conhecimento. São, innegavelmente, joias da arte, que pouco soffreram dos restauradores, mas nada tem que vêr com o Grão-Vasco. O Sr. Prof. Justi nota apenas uma physionomia romanica na *Circumsição;* todos os episodios são flamengos, e por isso não se póde duvidar que os quadros foram importados. A época a que os quadros correspondem é a do Governo do Bispo D. Affonso de Portugal, (1485-1522) da casa de Vimioso. [2]

A influencia dos antigos flamengos revela-se ainda, segundo o especialista allemão, nos seguintes quadros:

Missa de S. Gregorio — pertencente á Sr.ª Condessa d'Edla, no genero de *Roger van der Weyden* —; os treze santos teem, comtudo, aureolas com nomes portuguezes; na série figura *Santa Izabel de Portugal.*

Pertencem á Escola de Gerhard David os seguintes:

O Triptícho do Museu Nacional n.º 697. Nossa Senhora da Misericordia — São Christovão — São Sebastião; no verso das portas S. Pedro e S. Paulo. Veio da Madeira e foi comprado ao sr. Agostinho de Ornellas, digno Par do Reino.

E' de outro artista flamengo *A fugida para o Egypto.* Acad. Cat. 1872 n.º 229. [3]

O grande quadro da Misericordia do Porto: *Fons vitae.* [1]

O typo da Nossa Senhora, e o colorido recordam, segundo o mesmo escriptor, a factura de Bernhard van Orley. A composição e o estylo tem affinidade com o triptícho citado.

Temos mais pintores flamengos em Thomar, no Convento de Christo:

A entrada em Jerusalem.

O capitão de Cafarnaum. (S. Matheus VIII, 5)

A resurreição.

Todos tres no estylo de *Dierik Bouts,* celebre pintor, que vivia em 1460 e falleceu em 1475, chamado impropriamente Stuerbout.

O Sr. Prof. Justi, reparando no grande numero de quadros que ornavam a egreja do Convento de Christo (eram 39, hoje apenas 31) [2] e lembrando-se do pintor *Joannis Dralia,* sepultado em Thomar, sugere a hypothese de ter elle sido talvez o auctor das pinturas archaicas no genero flamengo. Além das taboas referidas cita o sr. Justi o que escapou: uma das portas (lado esquerdo do retavolo da *Crucificação*; 16 figuras de anjos com os instrumentos da paixão no estylo do sec. XV, cujos rostos foram repintados; 10 taboas da vida de Christo (sendo 8 grandes e 2 menores) muito damnificadas; e por debaixo 12 pinturas de grandes dimensões,

---

[1] *Die Gemaelde-Sammlung des Grossh. Museums zu Darmstadt;* verzeichnet von. Prof. Rudolf Hoffman. 2.ª Aufl. Darmstadt. 1875. O quadro é attribuido no catalogo á Escola de Memlinc do sec. XVI, talvez Gerbart Horebout; em nota: antigamente attribuido a Hans Memlinc.

[2] Sobre este prelado e um antigo quadro do sec. XVI com o seu retrato, typo Grão-Vasco existente na Bibliotheca de Evora, vid. o que dissemos nas notas á ed. de Francisco de Hollanda p. XVIII.

[3] O sr. Justi não indica numeração alguma, com relação a este quadro. Suppomos ser o n.º 229, (Cat. de 1872) que é hoje o n.º 14 do Museu nac. Cat. pag. 96. Laurent reproduziu o n.º 690.

[1] A este quadro corresponde melhor o titulo *Fons vitae, fons misericordiae, fons pietatis.* Em 1877 (*Archeol. artist.* fasc. IV pag. XVII) attribuimos este quadro a Quinten Messys (1460-1530); corrigiremos ainda outra noticia de 1877: o Holbein, chamado da *Bemposta,* propriedade nacional, confiada a El-Rei D. Fernando, é com effeito de Holbein, pae; a assignatura é authentica, vid. Woltmann u. Woermann, Geschichte d. Malerei vol. II (1881) pag. 460.

[2] São 31, segundo o Sr. Justi. Raczynski (*Les arts* p. 157) cita apenas vinte e dois; Volkmar Machado indica tambem 22, pag. 52.

das quaes restam apenas as quatro que citamos retro; as oito restantes foram roubadas.

Como se vê, apenas se apuram tres nomes: Roger, Gerhard David e Dierik Bouts. E' certo que em Lisboa appareceu uma obra de Jean Van Eyck, a *Stigmatisação de S. Francisco*, que Lord Heytesbury comprou. Felipe II, grande amador de pinturas flamengas, como se sabe, parece que levou para Madrid pinturas importantes que achou em Lisboa, retratos de pessoas reaes, que apparecem citados nos inventarios do Alcazar régio ainda no tempo de Felipe III, e estavam na *Galeria del cierzo.*[1]

Entre os Pintores estrangeiros naturalisados cabe o primeiro logar a *Frey Carlos*, pintor de Evora. Vivia no convento do Espinheiro em 1517. O nome d'este artista appareceu n'um quadro de 1537 que pertenceu ao pintor Roquemont; infelizmente, não se sabe onde pára hoje! As suas obras mais importantes estavam no Convento do Espinheiro, junto a Evora, e guardam-se hoje no Museu nacional. O Marquez de Sousa tinha agrupado seis quadros como pertencentes a este artista n.os 176, 211, 212, 214 a 216 (Catalogo de 1872 in fine).

O Sr. Prof. Justi vae muito mais longe, attribuindo-lhe os seguintes:

A Annunciação. Museu n.º 677 (Cat. 1872 — N.º 176)

Christo apparece á Virgem. Museu n.º 2 (Cat. 1872 — N.º 212)

A ascenção de Christo. Museu n.º 83 (Cat. 1872 — N.º 215)

A ascenção da Virgem. Museu n.º 82 (Cat. 1872 — N.º 214)

O bom pastor (S. João Bapt). Museu n.º 1 (Cat. 1872 — N.º 211)

O pentecostes. Museu n.º 34 (Cat. 1872 — N.º 263)

A adoração dos pastores. Museu n.º 81 (Cat. 1872 — N.º 216)

[1] Noticia do Sr. Justi — O que parece fóra de duvida é que o livro de desenhos de Hollanda, hoje na Bibliotheca do Escorial, foi tambem um rapto de Felipe II.

A Veronica. Museu n.º 51 (Cat. 1872 — N.º 213)

E talvez, até novo exame, mais estes:

A Virgem com o menino e duas santas: Cat. de 1872—n.º 221.

Um pequeno quadrinho na Exposição retrospect. de 1882. Catalogo. Sala J. n.º 97 *Nossa Senhora com o menino*. Alt. 0,41—larg 0,31, pertencente á Casa Pia.

S. Juan de la Cruz dando o Estatuto ás freiras Carmelitas de Avila. Museu n.º 85 (Cat. 1872 n.º 276).

Poderemos accrescentar pela nossa parte: duas pequenas taboas, representando tambem Nossa Senhora com o Menino, uma pertencente ao nosso amigo J. M. Nepomuceno e outra do Museu Allen, hoje Museu Municipal do Porto (sem numero).

Justi louva muito este pintor, no qual Raczynski encontrou pouco merito (pag. 123 *Les Arts*). Je lui trouve un type particulier, mais bien peu de mérite.»

O autor allemão classifica-o na escola de Harlem e acha que tem grande afinidade com o celebre *Jan Joest*,[1] chamado de Kalkar; da mesma opinião é o dr. Scheibler, cuja competencia é universalmente reconhecida na especialidade dos quadros antigos allemães e flamengos.

B

Passemos agora á outra classe de pinturas, que procedem de artistas portuguezes, que estudaram nos Paizes-Baixos:

A influencia mais saliente é a do pintor *Quinten Metsy*[2]

[1] Este autor é chamado de *Kalkar*, porque é n'esta cidade que se guardava sua obra prima, o grande retavolo da egreja de S. Nicolau. O seu estylo approxima-se do dos contemporaneos de Meemlinc, oriundos da Hollanda (Escola de Harlem). Trabalhou de 1505 a 1508 n'esse retavolo e parece que morreu em 1519. (Woltmann, op. cit. Vol. II p. 492 e 530).

[2] E' o chefe da escola de Antuerpia. Nasceu antes de 1460 e morreu em 1530.

Este grande mestre gosou de immensa fama na Peninsula. Basta recordar que é o *unico* pintor flamengo que Francisco de Hol-

Justi encontrou os seguintes quadros que a comprovam:

O menino entre os doutores, pertencente á Sr.ª Condessa d'Edla (Exposição retrospect. de 1882).

A *apresentação no templo*.

A *fugida para o Egypto*.

Maria junto da Cruz; estes tres da collecção Fidié[1] em Lisboa, e procedentes, bem como o anterior, do convento da Madre de Deus, fundação da rainha D. Leonor, mulher de D. João II, que se distinguiu sobremodo pela protecção excepcional que dispensou ás lettras e ás artes:

Deve juntar-se o quadro do Museu nacional, baptisado com o nome de Holbein *A Virgem com o menino* n.º 546 (Cat. 1872 n.º 72) que foi da collecção do Conde de Farrobo.

Todos estes quadros, que poderiam pelo seu raro valor e pela factura ser attribuidos ao proprio Metsys, são nacionaes, assim como os que seguem:

Em Thomar: *O Baptismo*, a *Tentação* e as *Bodas de Caná*, de menor valor; mais amaneirados.

No Museu Nacional tres: um grande triptycho: *Christo na Cruz*, tendo nas portas *S. João Baptista* e o *Evangelista*;[2]

S. Vicente e S. João Evangelista Mus. 44 (Cat. 1872—271);

S. Thiago e S. Agostinho Mus. 45 (Cat. 1872—272);

Estas obras não teem o mesmo merecimento das taboas da Madre de Deus (Condessa d'Edla e Fidié) mas podem, segundo Justi, ser do mesmo autor; aquellas representariam o artista na plenitude dos seus recursos, logo depois do regresso de Antuerpia; estas uma diminuição de forças, n'um meio inferior, em face de um publico menos exigente.

Quem é porém esse artista nacional, que tanto aprendeu na escola de Quinten Metsys? Justi crê que será o *Eduwart Portugaloys*, seu discipulo em 1504, proclamado *vrymeester* (mestre-pintor) da confraria de S. Lucas de Antuerpia em 1508.

No mesmo archivo da Gilde encontrámos:

Symon Portugaloys, discipulo de Goosen (Goswin) van der Weyden em 1504. Goswin foi, segundo Laborde, filho do grande Roger; segundo Crowe e Cavalcaselle, mais provavelmente, neto.

Affonso Castro (Allonse Crasto) discipulo do mesmo mestre em 1522.

Ha mais: *Hanneken* (*João*) *Valasco*, discipulo de Jacob Spueribol em 1540.

Pedro (Peeter) *de Castro*, discipulo de Jan Soezewint em 1559.

«Estes factos, diz o Sr. Prof. Justi, fornecem, com effeito, a chave para a avaliação de uma grande parte dos quadros antigos portuguezes.»[1]

---

landa incluiu na lista dos que elle chama *aguias*. (*Da Pintura antiga* fol. 179)! E' sabido que Hollanda se pronuncia ostensivamente contra a pintura flamenga em geral. O nome d'este pintor varia nos documentos: Massys, Messys, Matsys e Metsys. Foi amigo de Durer e Erasmo, e d'ahi talvez as relações de Goes com este pintor, cujos quadros figuravam na galeria do celebre chronista.

[1] O pequeno museu de curiosidades de Fidié foi vendido em 1887 (?) em leilão por morte do possuidor.

[2] O Sr. Prof. Justi não indica o numero, provavelmente porque o viu n'algum corredor da Academia; no cat. de 1883 não está.

---

[1] O sabio escriptor refere-se n'esta passagem aos nossos trabalhos sobre historia da arte nacional com palavras de tanto louvor, que não podemos deixar de as agradecer aqui publicamente; ao mesmo tempo sublinha a grande importancia que o achado d'estes nomes tem para a historia da pintura portugueza. Os nomes foram citados pela primeira vez por nós das fontes hollandezas na *Carta* ao Dr. Simões de 10 de março de 1878, na *Renascença*.

Simões não percebeu, ou fingiu não perceber o válor da descoberta e deu no mesmo jornal uma resposta pueril, sem senso commum.

Os nomes foram encontrados nos annaes da confraria dos pintores de Antuerpia: Rombouts & van Lerius. *De Liggeren en andere historische archieven der antwerpsche sint Lucas gilde*. Antwerpen, 1872—1876, 2 vol. 4.º gr.

E' muito provavel que estes artistas estudassem em Flandres á custa de D. João II e de D. Manoel, sob a vigilancia dos feitores. [1]

Assim como o Sr. Justi conseguiu achar os quadros que se relacionam com o discipulo portuguez de Metsys, é possivel que encontre mais tarde as obras dos outros *boursiers* ou pensionistas portuguezes.

Justi filia ainda na Escola de Antuerpia um outro artista portuguez, o autor dos quadros que Raczynski baptisou:

São Bento (da Saude), pela proveniencia das taboas. Os seus trabalhos teem muita analogia com os de um chamado Konrad Fyoll, cujas obras se encontram em Francfort sobre o Meno. [1] Este Fyoll tem bastante similhança com mestre Quinten Metsys.

A serie dos quadros do mestre de São Bento é numerosa:

A Visitação de Nossa Senhora. Mus. 4 (Cat. 1872—236).

A *Epiphania*, Mus. 5 (Cat. 1872—237).

A apresentação no templo, Mus. 6 (Cat. 1872—238).

O menino entre os doutores, Mus. 7 (Cat. 1872—239).

Accrescem os seguintes de Coimbra: V. pag. 1871.

[1] Já averiguámos nos nossos trabalhos que os feitores de Portugal em Antuerpia eram, por assim dizer, os tutores dos numerosos estudantes portuguezes que a corôa subsidiava em França e em Flandres. Em Paris chegaram a reunir-se cincoenta *boursiers* portuguezes! Vid. *Archeol. artist.* fasc. IV pag. 46. As numerosas edições de obras de autores portuguezes, feitas nas mais celebres officinas da Europa, não só de humanistas, em latim, mas tambem em lingua portugueza, só se podem explicar por intervenção dos feitores. Vide as provas no nosso ensaio: A *feitoria de Portugal em Flandres.* Porto, 1885, n'um opusculo do Atheneu commercial do Porto.

As relações dos feitores com os celebres artistas flamengos e allemães do seculo XV e XVI foram amplamente documentadas por nós em 1877.

[1] Aliás pseudo Fyoll, diz o sr. Justi, porque o Konrad Fyoll, citado em documentos de 1471-1476, não pode ser o pintor que tem grande analogia com o Mestre de S. Bento, e cujas obras se encontram em Francfort; este pintor de Francfort pertence ao principio do seculo XVI, e approxima-se de Quinten Metsys e da Escola de Antuerpia. Vid. Woltmann, *op. cit.* vol. II, pag. 98; e Schnaase, *Geschichte der bildenden Kunste.* Stuttgart, vol. VIII pag. 376 e segg.

JOAQUIM DE VASCONCELLOS.

EMENDAS E ADITAMENTOS

Á MEMORIA SOBRE GRÃO-VASCO

A nota, *Segundo Ensaio,* á frente d'este estudo, allude ao primeiro Ensaio, publicado em 1881: *A pintura portugueza*, etc.

Pagina 1861, columna 2.ª linha 30—A. Y. Pereira—leia-se: A. J. Pereira.

Pagina 1866, columna 2.ª linha 10—Os de portuguezes... Depois da palavra *regresso*, accrescentar: e os de seus alumnos.

Pagina 1867, columna 2.ª linha 11—dos que vêem—leia-se: dos que se veem.

Pagina 1868, columna 2.ª linha 34 e 35— E' de outro artista flamengo *A fugida para o Egypto.*

Elimine-se a designação Acad. Cat. 1872, n.º 229. A referencia do sr. Prof. Justi allude a um quadro do Convento da Madre de Deus. A nota 3 á mesma passagem é, pois, superflua.

Pagina 1869, columna 1.ª linha 14—Felipe III—leia-se: Felipe IV.

Pagina 1869, columna 2.ª ultima linha — Metsy—leia-se: Metsys; e na nota immediata leia-se: Memlinc em logar de Meemlinc.

Pagina 1870, columna 1.ª linha 17 — n.º 546 (Cat. 1872, n.º 72)—leia-se: (Cat. 1872, n.º 148), que corresponde ao n.º 546 do Cat. de 1883.

Pagina 1870, columna 1.ª linha 23 — Em Thomar. Accrescente-se: na Egreja de S. João Baptista.

Pagina 1870, columna 1.ª linha 26 — No Museu Nacional—leia-se: na Academia, em S. Francisco. Depois do titulo *Christo na cruz*, junte-se: ladeado por Nossa Senhora e S. João Baptista.

Pagina 1871, columna 1.ª linha 3—O *Imperador Heraclio* e o retavolo com *S. Cosme e São Damião* são ambos do deposito da Universidade.

Pagina 1872, columna 1.ª linha 24 — Na galeria Raczynski deve contar-se mais um quadro portuguez do typo Velascus. E' um triptycho *A paixão de Nossa Senhora ao pé da cruz, com S. João Baptista e S. Jeronymo* n.º 122 do Cat. de 1876.

Pag. 1877, columna 2.ª linha 15— depois da palavra Sé, accrescentar: e da geração anterior.

Pagina 1880, columna 1.ª linha 6 — desvanecem-se—leia-se: Desvaneceu-se.

Pagina 1881, columna 1.ª nota 1.ª linha 7 —são os seguintes — leia-se: as seguintes; depois da data 1537 leia-se *no* portal; onde diz convento de freiras, junte-se: capuchas da Madre de Deus.

Pagina 1883, columna 2.ª linha 6— Dresden Cat. Ved. franc. — corte-se o V, e leia-se: edição.

A monographia do sr. Prof. Justi sobre Velasquez, a que se allude a pagina 1888, nota 1, sahiu em fins de 1888. *Diego Velazquez und sein Iahrhundert.* Bonn. 1888, ed. Max Cohen. 2 vol. 8.º gr. de VIII–428 e X–434 pag. Como era de esperar, é um lavor litterario de primeira ordem, em todo o sentido.

JOAQUIM DE VASCONCELLOS.

A Crucificação, na Sacristia de Santa Cruz em Coimbra.

O Imperador Heraclio, restituindo a sagrada cruz a Jerusalem.

Um retavolo com *S. Cosme e S. Damião*, ambos no deposito dos quadros da Universidade.

E mais os seguintes na egreja do Convento de S. Francisco, de Evora:

A' entrada da Capella-mór, nos altares lateraes, do lado do Evangelho e da Epistola:

A estygmatisação de São Francisco.

Santo Antonio, prégando aos peixes.

Santa Clara.

O archanjo São Miguel; e mais uma *Pietà* na crypta da egreja.[1]

Ainda ao mesmo pintor do São Bento attribue o Sr. Justi parte dos quadros do convento de Jesus de Setubal, sem, comtudo, os especialisar; e em Lisboa:

Nossa Senhora da Conceição, quadro que estava na Academia, sem numero, e não apparece no Museu nacional.

O Padre eterno — Mus. n.º 28 (Cát. 1872 — n.º 258).

O casamento de D. Manoel na Misericordia de Lisboa, que esteve na Exposição de arte ornamental de 1882.[2]

Todos os quadros d'este auctor, diz o Sr. Justi, são superiores ás quatro scenas da lenda de Santa Ursula (Madre de Deus).

No capitulo *Velascus*, chega o escriptor allemão ao seguinte agrupamento:

O Pentecostes, na Sacristia de Santa Cruz, assignado.

O Ecce homo, ahi mesmo.

Santa Helena descobrindo a Sagrada Cruz no patamar da escada que conduz ao *Sacrario.*

Oito quadros, que foram do convento do Paraizo, e estão hoje no Museu nacional; incluindo todo o grupo que Raczynski designou *Abram Prim*. São:

Mus. n.º 8; Cat. - 1872 — 223: — *Casamento de Nossa Senhora.*

Mus. n.º 9; Cat - 1872 — 224: — *Annunciação.*

Mus. n.º 10; Cat - 1872 — 225: — *Visitação.*

Mus. n.º 11; Cat - 1872 — 226:—*Adoração dos pastores.*

Mus. n.º 12; Cat - 1872 — 227:—*Epiphania.*

Mus. n.º 13; Cat - 1872 — 228: — *Apresentação do templo.*

Mus. n.º 14; Cat - 1872 — 229: — *Fugida para o Egypto.*

Mus. n.º 15; Cat - 1872 — 230: — *Transito de Nossa Senhora.*

Mus. n.º 30; Cat - 1872 — 268: — *Nossa Senhora com o menino e varios anjos*, brincando no Jardim do Paraizo.

Na egreja de S. João Baptista de Thomar.

Abrahão e Melchisedek.

O Maná no deserto.

Missa de S. Gregorio, Papa.

A degolação de S. João Baptista.

A *apresentação da cabeça do Santo.*

O sr. prof. Justi nota que Raczynski achou estes quadros de Thomar *fracos* e até *detestaveis*! (*Les arts* pag. 127 e ainda pag.

---

[1] As indicações de Raczynski não concordam; e as nossas notas, tomadas em Evora, são tambem differentes. Os quadros estão dispostos do seguinte modo: no altar do lado do Evangelho: *S. Francisco recebendo os stigmas, e Santo Antonio prégando aos peixes*; por debaixo do primeiro *São Bernardo* (ou S. Bernardino de Siena; um Santo, rejeitando tres mitras) e por debaixo do outro *Santa Clara*. No altar do lado da epistola O *anjo da guarda*, com as armas reaes de Portugal, e *São Miguel*; por debaixo S. *Jeronymo* e outro Santo. São, ao todo, oito pinturas.

[2] Este quadro foi, durante muito tempo, attribuido a Blas del Prado! O absurdo salta aos olhos de quem viu os quadros authenticos d'este artista em Madrid. Vid. Cean-Bermudez vol. IV. p. 116; o culpado foi Guarienti (1753) vid. Raczynski *Les arts* p. 317. O Abbade de Castro publicou sobre este quadro o seguinte opusculo: *Resumo historico sobre o quadro pintado a oleo, representando o acto do casamento d'El-Rei o Senhor D. Manoel com a Senhora D. Leonor* etc. Lisboa, 1871. 8.º de 6 pag. Pouco ou nenhum valor tem.

481), gabando os de Lisboa, que devia ter reconhecido como obra do mesmo pincel.

No convento de Jesus, em Setubal, onde já encontrámos o mestre de São Bento, os seguintes:

A *Annunciação.*

A Adoração dos pastores.

A Epiphania.

A Ressurreição.

O sr. prof. Justi acha que não é facil distinguir em Setubal os trabalhos do mestre de São Bento e os de Velascus. O primeiro tem figuras de proporções esbeltas, cabeças sobre o comprido, de feição flamenga, dedos compridos e delgados, gesticulação animada e tonalidade clara. Velascus apresenta proporções curtas (Raczynski diz *tozze*) cabeças sobre o largo, de feição meridional, mãos curtas e largas. Em seguida compara os typos portuguezes d'este pintor com outras figuras de monumentos nacionaes em Belem, em Santa Cruz, etc.

Para completar a lista cita ainda os dois quadros da Galeria Raczynski de Berlim:[1] *Santa Catharina* com *Santa Barbara*; e *Santa Apolonia* com *Santa Ignez;* são *pendants* em Lisboa os quadros do Museu nacional n.º 52 (Cat. 1872 n.º 274) que representa *Santa Luzia* com *Santa Agatha;* e o n.º 53 (Cat. 1872 n.º 273), que representa *Santa Margarida* com *Santa Maria Magdalena.*

Os quadros da Galeria Raczynski foram da Galeria do Marquez de Penalva.

A proposito d'este Velascus tóca o sr. prof. Justi, de passagem, na questão *Grão Vasco,* observando que *Velasco* e *Vasco* são o mesmo nome; a primeira fórma antiga, não contrahida ainda; a segunda, já contrahida pela quéda da liquida *l*, e fusão das duas vogaes *e-a* (por assimilação *a-a*). Do mesmo modo como de Pelayo nasce Payo; de Melendez, Mendez; de Venegas, Vegas, de color, côr, chega-se de Velasco a Vasco, em perfeita concordancia com as leis phoneticas da lingua portugueza, como já atraz notámos.

Nos *Portugalliae Monumenta* apparecem as fórmas Valascus, Valasco, Velasco, Vasco; os apellidos Velasquiz, Valasqui, Velasci e Vaasquiz.[1]

Occorre aqui, naturalmente o nome de João Valasco, discipulo de Jacob Spueribol em 1540, mas o sr. prof. Justi não crê isso provavel, por causa da differença radical entre o estylo de Velascus e o que então reinava em Antuerpia. O mesmo auctor inclina-se a crêr que o Velascus de Coimbra é, com effeito, o Grão-Vasco da tradição: «A sua actividade nos monumentos de fundação regia, o grande numero dos seus trabalhos, o desenvolvimento da sua escola, a concepção nacional das suas physiognomias, a jovialidade e a graça das suas figuras femininas, o movimento dramatico, arrebatador das suas grandes obras: todas estas circumstancias eram muito proprias para fazerem d'elle o pintor favorito da nação, por que não seria o modo puramente flamengo, sempre um pouco estranho e frio, o que podia agradar aos portuguezes.»

«A absorpção, poderemos ainda accrescentar, começaria do seguinte módo: omittindo-se o nome dos seus collaboradores: do Mestre de São Bento, hoje representado em Coimbra e em Setubal, e do mestre Eduardo (Portugaloys) em Thomar.»

Passando ao *Vasco Fernandez,* pintor de

---

[1] Teem no catalogo, edição de 1876, os n.ºs 74 e 125.

[1] Temos pois, em conclusão: Velasco, fórma antiga de Vasco; Velascus, tradução latina de Velasco ou Vasco; Vasquez ou Vasques (apellido) significa filho de Velasco ou Vasco. Em hespanhol ha: o nome de baptismo Velasco e o apellido Velasquez, que significa filho de Velasco: tambem apparece frequentemente no sec. XVI, e ainda depois, a fôrma portugueza Vasquez (só com z) como apellido. Na Italia chamavam no sec. XV um portuguez Vasco—*Velasco di Portogallo* jurisconsulto illustre que estudou em Bologna, e gozou de grande fama em toda a Italia no meado do sec. XV (*Vite di uomini illustri del secolo* XV scritte da Vespasiano da Bisticci ed. Angelo Mai; Firenze, 1859 pag. 520 e seg.)

Viseu, o escriptor allemão separa-o clara e definitivamente do anterior.

Segundo o Ms. de Botelho Pereira a disposição dos quadros era a seguinte:

A *Paixão* na capella de Jesus, o unico que ficou no seu primitivo logar.

O *São Sebastião* n'uma capella do Claustro, provavelmente n'uma capella do mesmo nome, fundada pelo bispo D. Gonçalo Pinheiro;[1] d'esta fundação falla o ms. de Botelho Pereira.

São Pedro no altar de uma capella, á direita da Capella-Mór, onde hoje está a sua estatua.

O *Baptismo de Christo*, na capella de S. João Baptista.[2] Os pequenos quadros da *Predela*, são doze, representando varios santos.

O escriptor allemão é de parecer que o pintor d'estes quadros representa uma individualidade distincta, e que não é o mesmo que nos legou o quadro assignado *Velascus;* comtudo, não é um artista excepcional, nem tem as proporções que quizeram dar-lhe. Como encontrou em Viseu tambem um quadro do *Pentecostes*, serve-lhe este quadro para decidir a questão. O de Viseu julga-o uma imitação do de Coimbra, mas de merito muito inferior, uma traducção em linguagem vulgar. Perfeitamente d'accordo.

«Foi, diz o sr. Justi, um artista muito conhecedor do seu officio; as extremidades das suas figuras, assim como as proporções em geral, estão bem estudadas e acabadas, um pouco sobre o comprido; as roupagens teem estylo e caem naturalmente, seguindo os movimentos do corpo; mas os rostos das figuras, os movimentos e gestos são extremamente monotonos, amaneirados, e ao mesmo tempo vulgares e inexpressivos. Novo é o effeito do claro-escuro. Para conseguir a modelação emprega sombras em que predomina um tom castanho carregado, que se aproxima do negro; o effeito total é muito sombrio, como se olhassemos para dentro de um subterraneo.»[1] A opinião do critico ácerca dos restantes quadros não é muito

---

[1] Folheámos os escriptos menores latinos do humanista e archeologo André de Rezende, de seus amigos e discipulos, na esperança de encontrarmos alguma noticia dos quadros de Viseu nas composições que dedicaram a pessoas e a logares celebres da cidade e arredores, no meado e na segunda metade do sec. XVI.

Nem na vida do bispo D. Gonçalo Pinheiro por Diogo Mendes de Vasconcellos (pag. 331–355), onde se referem as importantes obras que fez em Fontello; nem no extenso poema *Fontellum*, que celebra as bellezas da quinta, dedicado por Antonio Cabedo ao mesmo bispo (pag. 534–542) se encontram vestigios de Grão-Vasco. Estes trabalhos formam a segunda parte da seguinte edição das obras de Rezende: *De antiqvitatibvs Lvsitaniae libri quatuor* promovida pelo Dr. Gonçalo Mendes de Vasconcellos e Antonio Cabedo. Romae, apud Bernardum Basam, 1597. 8.º Toda a 2.ª Parte (pag. 321–576) contem cartas e poesias dos auctores citados e de Miguel Cabedo, D. Gonçalo Pinheiro, do Cardeal Stephani, de Ignacio de Moraes, Manoel Pimenta, Jeronymo Osorio (Bispo de Silves). Pedro Mendes, Luiz Pereira, etc. Note-se que esta familia dos Pinheiros, poderosa e rica, tinha intimas relações com as principaes casas de Setubal, principalmente com os humanistas da familia dos Cabedos; e em Evora com os antiquarios e humanistas da familia Mendes de Vasconcellos. Ora, Viseu, Setubal e Evora possuem quadros muito importantes da escola do Grão-Vasco.

[2] O Ms. de Botelho Pereira diz, com relação a estes quadros, o seguinte: «Vasco Frz se chamava o Autor de tão maravilhosas pinturas, o qual tambem o foi das collateraes de *S. Pedro* e *S. João Baptista*, altar privilegiado todas as segundas-feiras, bem grandissimo para as almas do purgatorio; tambem pintou o de Santa Anna e Sam Sebastião dos Claustros, e o de Jesus que é o da Capella do Bispo Dom João o Protector» (pag. 553). Poderá offerecer reparo a desiguação *Santa Anna*, quando o quadro representa o *Pentecostes;* mas é possivel que a designação fosse a da Capella em que o quadro estava. Tambem o *S. Sebastião* estava n'uma capella que, tendo a invocação d'este santo, se chamou da *Vera Cruz*, quando o Bispo Dom Gonçalo Pinheiro a reedificou.

[1] Esta opinião parece dever applicar-se tão somente ao quadro do *Pentecostes.*

favoravel, incluindo o da *Crucificação*, que Raczynski distinguiu, mandando-o gravar, com o *São Pedro*, para o seu *Dictionnaire*.

Comquanto reconheça qualidades e merecimentos notaveis no São Pedro, certamente a taboa mais notavel do grupo, parece-lhe antes uma grande figura de representação, uma acção puramente liturgica. Como concepção, não é nova; estas figuras são elemento obrigado no centro dos grandes retavolos da Edade Media. Sentindo, porém, que o quadro merece occupar uma posição á parte, o sr. prof. Justi julga que póde ser talvez de outro auctor: «as cabeças de anjos da casula apresentam o typo de Velascus.» [1]

Estamos pois, como o leitor vê, muito longe do enthusiasmo que o São Pedro tem despertado na maioria dos visitantes de Viseu. Um d'elles, estrangeiro, e insuspeito, o sr. Crawfurd p. ex. diz o seguinte:

«Qual foi o meu espanto, quando depois de um leve ranger da chave, a porta se abriu e eu me achei em face de uma das maiores obras primas da pintura! Nem mesmo diante das mais extraordinarias pinturas do mundo, das poucas que existem, como a Madonna (sixtina) de Raphael em Dresden, ou os grandes frescos do Vaticano, ou da capella Sixtina, senti tão distinctamente que estava em frente da obra de um grande e singular genio; e mesmo agora, apesar de serem passados alguns annos, não hesito um momento em repetir e confirmar a minha opinião: que a grande pintura de Viseu emparelha com as seis ou sete obras primas que existem no mundo.» [2]

Note-se que esta opinião é a de um critico que julga muito desfavoravelmente o merito dos quadros portuguezes existentes na Academia de Lisboa,[1] (hoje *Museu nacional*), e reduz muito as pretensões dos criticos nacionaes a uma chamada *Escola de pintura portugueza*.

Seja como fôr, parece que o juizo formulado pelo escriptor inglez levou a *Arundel-Society* de Londres a mandar um pintor a Viseu para copiar o *São Pedro*, a fim de o incluir na galeria das suas famosas publicações.[1]

Não discutiremos aqui as opiniões extremas do sr. Justi e do sr. Crawfurd; diremos sómente com relação aos quadros da Sacristia o seguinte:

Que os dois quadros do *Pentecostes* não nos parecem do mesmo auctor; que o de Viseu é muito inferior ao de Coimbra; e só poderá ser considerado como um plagiàto. Assim o declarámos em 1880 ao sr. Ad. de Ceuleneer, que foi da mesma opinião, depois de ter visto os quadros de Coimbra e Viseu.[2] Crêmos que o de Viseu foi pintado na dita cidade, porque na abobada, representada na taboa, figura o mesmo cordão que se vê na abobada da Sé, e que simula um artezoado; a architectura é a mesma. O cordão, com nós de espaço a espaço, parece uma allusão symbolica ao Bispo D. Diego Ortiz de Villegas[3] que

---

[1] Como vimos, o sr. Robinson tambem duvida que os quatro quadros grandes da Sacristia sejam do mesmo auctor.

[2] *Travels in Portugal* 3.ª ed. pag. 258.

[1] Ibid. pag. 192-196.

[1] Foi o prof. Emilio Constantini de Florença que copiou o quadro, Agosto de 1887. Alguns jornaes citaram o nome de outro pintor: Desideri, que era esperado em Lisboa em dezembro de 1886; julgamos haver engano.

O 39.º Relatorio annual do Conselho de Administração da *Arundel Society* (junho de 1888) diz que a missão do prof. Constantini custou á Sociedade 181 lib. 9 sh. 8 d, quantia avultada, em virtude de circumstancias extraordinarias e difficuldades da viagem. O Balanço d'esta Sociedade, protectora das Bellas-Artes, subiu desde 1 de janeiro a 31 de dezembro de 1887 á quantia de lib. 6:321 2 sh, 11 d. Desideri figura tambem como pintor-copista da Sociedade.

[2] Pouco antes, tinha o nosso amigo o sr. Antonio Augusto Gonçalves, de Coimbra, tirado um esboceto do *Pentecostes* de Viseu, para fazermos a confrontação com o quadro da Sacristia de Santa Cruz.

[3] Este mesmo prelado presidiu á cerimonia com que se inauguraram as obras de reconstrucção do convento de Jesus em Se-

reconstruiu a cathedral[1], sagrando-a novamente em 1516; no fecho da abobada do côro encontram-se as suas armas, com uma inscripção allusiva e a data 1513. Segundo o ms. de Manoel Botelho Pereira de 1630, no retavolo do altar-mór da Sé[2] estava ao lado do escudo do Bispo D. Fernando de Miranda, o de Ortiz, que governou o bispado de 1507–1519, anno em que falleceu em Almeirim.

Para voltar ao quadro do *Pentecostes* recordaremos que o exemplar de Viseu não está isolado; na matriz de Soure encontrámos em 1885 um outro *Pentecostes*, que pelo estylo das figuras e da parte architectonica deve ser de 1550, e que é uma reminiscencia evidente do exemplar de Coimbra; outro quadro, ainda do *Pentecostes*, que recorda o de Coimbra em alguns detalhes, encontrámol-o na Exposição districtal de Aveiro em 1882; devia ser da mesma epoca ou pouco posterior (1550–1570). Isto prova a reputação de que Velascus gosou no seu tempo e a fama dos seus quadros.

Para concluir com os quadros da Sacristia, resumiremos a nossa opinião em poucas palavras:

Os tres quadros grandes, começando pelo *S. Pedro*, (cujo merito superior reconhecemos), o *Baptismo* e o *S. Sebastião* são do mesmo auctor; é possivel que o *Calvario* da Capella de Jesus lhe pertença tambem, mas a concepção e execução é inferior á dos outros quadros. O *Calvario* de Coimbra é, sem duvida, obra muito mais notavel do que o da Sé visiense. O *Pentecostes* de Viseu é de outro pincel, talvez de algum discipulo do auctor de S. Pedro e das outras taboas, e deve considerar-se como um plagiato da taboa de Coimbra. Os doze quadros da *Predela* são dignos de elogio pela sua execução; as cabeças dos dezeseis[3] santos e santas, são, em geral, caracteristicas bem modeladas, energicas as dos homens, cheias de expressão e de vida; as das santas acabadas com amor e arte não vulgar; a paisagem em alguns dos quadros é bellissima, o colorido intenso e brilhante; os accessorios sempre pintados com primor. Estes quadros menores teem sido tratados, em geral, com pouca justiça. Parece nos que pouco ou nada soffreram dos restauradores, o que é mais uma circumstancia que realça o seu valor. Os quadros grandes, principalmente o do

---

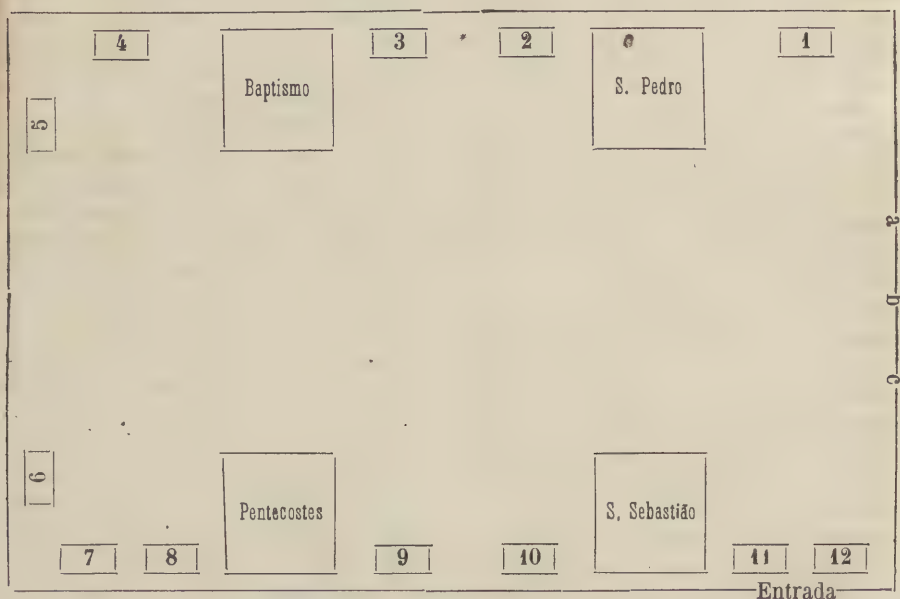
tubal, no reinado de D. Manoel, onde ha importantes quadros portuguezes; n'um d'elles, que representa *Santa Clara*, *Santa Ignez* e outras santas, vê-se a portada do convento.

[1] O padre João Col diz no *Catalogo dos Prelados da Egreja de Viseu* (Acad. Real de Historia) «Refez este Bispo a Cathedral e a sagrou no mez de julho do anno de 1516.» Sendo a inscripção do côro, allusiva ao mesmo Bispo, de 1513 póde dizer-se que foi quasi uma reconstrucção! Toda a obra da abobada, tanto no corpo da egreja, como no côro, é sua: «dantes hera forro de madeira» (Ms. de Botelho Pereira, pag 556).

[2] Não se sabe que retavolo era esse, nem o quadro ou quadros que o compunham. Ninguem o explica. O sr. Theophilo Braga (que nunca esteve em Viseu) julga que era um *Descimento da Cruz*, quadro «authenticado (sic) no ms. de Botelho, da Bibliotheca do Porto, pag. 553». Não pudemos achar vestigio de semelhante citação nos mss. que o escriptor diz ter consultado; nem conseguimos adivinhar de onde veio semelhante descoberta, e semelhante quadro—que nenhum escriptor, dos que escreveram sobre o Grão Vasco, cita!

São conhecidos apenas dois quadros com o *Descimento da Cruz*, pertencentes á região de Viseu: o quadro que foi do sr. Pereira e um que existe em S. Francisco d'Orgens. Quererá o sr. T. Braga alludir ao primeiro? Mas Pereira confessou a Simões que o seu quadro era do mesmo convento de Orgens! A citação de Ms. de Pereira diz apenas: «hum escudo das armas d'este Prelado (i. é: D. Fernando de Miranda) e de sua geração está em o retabolo do Altar mayor da Sé com outro de Dom Ortiz de Villegas seu successor donde infiro que hum o mandou fazer e outro o mandou juntar.» Parece alludir-se a um retavolo composto de varios quadros; um encommendaria a pintura, e o outro mandaria juntar e inserir as taboas na armação da talha. Serão os quadros da Casa do Capitulo? O sr. prof. Justi julga que estes quadros pertenceram a um grande retavolo, cuja peça central se perdeu. Ou estaria a serie dos quatorze quadros distribuidos no côro?

[3] Sachristia da Sé de Viseu. A disposição era a seguinte (1885):

Baptismo e de *S. Sebastião* foram repintados de uma maneira atroz pelo sr. Antonio José Pereira, pouco antes da ultima visita de SS. MM. a Vizeu (1882); e se o S. Pedro escapou é porque os conegos da Sé tiveram uns restos de remorsos. Quando vimos as pinturas de Viseu pela primeira vez, em 1879, os dois quadros (*Baptismo* e *S. Sebastião*) estavam bastante damnificados, e retocados em algumas partes; temos notas minuciosas sobre o estado em que encontrámos então os quadros. Voltando a Viseu em 1881 com o nosso amigo sr. Antonio Augusto Gonçalves, professor de desenho da Escola Brotero, de Coimbra, encontrámos os quadros no mesmo estado, mas pouco depois soubemos do vandalismo commettido por Antonio José. Duvidámos, a principio, e quizemos convencer-nos: vêr com os proprios olhos! Em 1885 voltámos pela terceira vez á antiga cidade e reconhecemos a bella obra do dilecto filho de Viseu em toda a sua magnitude! Com effeito, os Srs. Conegos podem-se gabar da bella inspiração que tiveram, assim como o ministro que propoz a S. M. El-rei o habito de São Thiago para esse pretendente á gloria de Grão-Vasco—em paga de ter apresentado os veneraveis quadros tão bonitos e tão

a, *b*, *c*—janellas, sendo *b* a menor; por cima de *b* um postigo oval.
* Christo crucificado (esculptura).
Os quadros menores 6 a 12 estão suspensos do friso sobre que assenta o tecto de madeira pintado de arabescos. São, salvo erro:

1. São Paulo e São Thiago.
2. São João Evangelista e Santo André.
3. São Jeronymo.
4. São Pacomio (?)
5. São Pedro *in vincula* e S. José.
6. Santa Barbara e Santa Margarida de Antiochia.
7. Santo Antonio, Eremita.
8. Santo Estevão.
9. São Braz.
10. Santa Luzia.
11. São Roque.
12. Santa Catharina.

fresquinhos aos Augustos Personagens... Já antes d'isso o mesmo Antonio José tinha vandalisado com as suas restaurações os tres pequenos quadros da Sacristia da Misericordia (*Transito da Virgem, Degolação dos Innocentes* e outro, de assumpto desconhecido); a tentativa agradou aos entendedores de Viseu; a imprensa local applaudiu; e mestre Antonio José levantou o vôo, e lá foi pôr o seu ôvo no ninho da aguia. Em Viseu dissemos mais de uma vez a todos quantos nos quizeram ouvir que esse individuo era indigno de servir sequer de preparador de tintas do autor do *S. Pedro*.

Elle monopolisava então em Viseu toda a fama do Grão-Vasco; — ai! do forasteiro que se esquecesse de lhe fazer a visita de respeito! E á sombra do Grão-Vasco ia agenciando os seus pequenos negocios de copista e plagiario, com que deleitou differentes inglezes, alguns fidalgos devotos, varias beatas ricas e as venerandas confrarias e irmandades do districto de Viseu, cujos estandartes e guiões *illuminou* para maior luzimento das procissões do districto. Raczynski encontrou-o em 1844 a copiar o *S. Jeronymo* da Sacristia da Sé; e n'esse santo mister de copista o fomos encontrar *trinta e cinco annos* depois, ás voltas com o mesmo *S. Jeronymo*! Nunca passou d'ahi—de ser um soffrivel copista de um pequeno quadro e de mais tres ou quatro cabeças, que tem repetido toda a sua vida. Era necessario sublinhar devidamente esta questão: Antonio José *versus* Grão-Vasco, aliás teriamos d'aqui a um ou dois seculos uma nova questão Grão-Vasco, mais embrulhada do que a primeira: a moderna celebridade visiense eclipsando a antiga! e... empalmando-lhe a gloria.

....

....

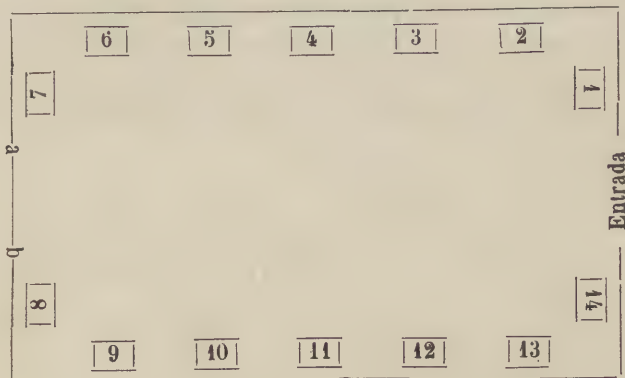
Ainda em outra questão discorda o Sr. Justi da opinião dos antecessores, no que diz respeito aos quadros de Fontello, que elogia muito, considerando-os como typicos e bem nacionaes. São de um pintor anonymo, que elle separa de todos os já citados. As taboas são duas, e representam a *Ultima Ceia* e *Jesus Christo em casa de Martha e Magdalena*. O critico allemão julga-os superiores aos quadros da Sacristia da Sé; infelizmente, estão muito maltratados pelo tempo, sobretudo o ultimo.

A hypothese que o Sr. Prof. Justi intercalla n'este logar, a proposito de *Vasco Fernandez do Casal*, e da sua relação com Grão-Vasco, suppondo-o talvez discipulo de *Velascus*, não nos parece acceitavel. Esse nome foi logo abandonado por Raczynski, como já vimos, e não merece discussão.

Por ultimo menciona o Sr. Justi ainda outro pintor anonymo e fecha, com chave de ouro, o seu estudo, estabelecendo a relação dos quadros da Sala do Capitulo da Sé de Viseu com uma serie de pinturas do Museu nacional.

Os quadros da sala do capitulo são quatorze: [1]

---

[1] Sala do Capitulo; disposição em 1885:

1 A Annunciação.

2 A Visitação, Nossa Senhora, entrando em casa de Zacharias, sauda Santa Isabel.

3 A Natividade.

A Circumcisão.

5 A Adoração dos Reis Magos.

6 A *Apresentação no templo.*

7 A *Fugida para o Egypto.* Seguem os quadros da Paixão:

8 A Ceia.

9 Christo no Jardim das Oliveiras.

10 A *Prisão.*

11 O Descimento da Cruz.

12 A *Resurreição.*

13 A *Ascensão.*

14 O Pentecostes.

Com esta imponente série de quadros, que são indubitavelmente do mesmo auctor, e que dão uma alta idéa das suas faculdades, relaciona o Sr. Prof. Justi os seguintes do Museu nacional:

Nossa Senhora assentada sobre um throno de Marmore, com o menino ao collo, e dois anjos. Museu. n.º 25; Cat. 1872 n.º 222; Laurent n.º 683.

S. João ensinando a orar o principe D. João (nascido em 1502); Museu 27 (Cat. 1872 n.º 252). [1]

S. Domingos ensinando a orar um outro principe, Museu 31 (Cat. 1872 n.º 253).

O estylo da pintura, a composição, os accessorios, a concordancia nas dimensões, tudo leva a crer que as tres taboas constituem um *triptycho,* na opinião do Sr. Prof. Justi. Ligadas as peças, teriamos a apresentação de dous principes á Virgem, pelos respectivos padroeiros. E' evidente que os santos apresentavam os seus protegidos a alguem, mas nenhum critico antes do escriptor allemão lembrou a integração; na opinião do mesmo autor, o segundo infante seria D. Affonso, nascido em 1509. A analyse, que o sabio professor faz dos tres quadros, convence quem tiver, como nós, bem presentes na memoria, as feições caracteristicas da série da casa do Capitulo, e tiver tirado as notas sufficientes.

Mais notavel ainda é a relação de todo o grupo com os seguintes quadros, tambem grandes e tambem quadrados como os da Sacristia da Sé de Vizeu:

A Virgem, o Menino, Santa Julita e S. Guerito (Cyriaco). Museu 678 (Cat - 1872 — n.º 200. Dimensões 2,ᵐ40 × 2,ᵐ02.

Suzana e os dous accusadores perante o propheta Daniel; Museu 679 (Cat. - 1872 — n.º 209. Mesmas dimensões.

Finalmente, os seguintes, relativos á paixão de Christo:

Christo no horto das Oliveiras; Museu 97 (Cat - 1872 — n.º 284).

Christo no caminho para o Calvario; Museu 96 (Cat - 1872 — n.º 285).

O Descimento da Cruz; Museu 95 (Cat - 1872 — n.º 280).

O Enterro; Museu 98 (Cat. - 1872 — n.º 279).

O Sr. Prof. Justi não indica os numeros correspondentes dos Catalogos de 1872 e de 1883; comtudo, parece-nos fóra de duvida que são esses os quadros a que allude, porque antes de lermos o seu valioso estudo já tinhamos agrupado nos nossos cadernos essas quatro taboas da Paixão com a série da casa do Capitulo, por motivos intrinsecos. Concordamos plenamente com os resultados do sabio allemão ainda n'este ponto.

Esta ligação da série de Vizeu com *nove* quadros importantes de Lisboa é um resultado de primeira ordem, em nossa opinião, porque d'ahi resulta, cada vez mais eviden-

---

a e *b* janellas que deitam para uma varanda.

1 Ceia,—2 Horto,—3 Prisão,—4 Descimento,—5 Resurreição,—6 Ascensão,—7 Pentecostes,—8 Annunciação,—9 Visitação,—10 Natividade,—11 Circumcisão,—12 Epiphania,—13 Apresentação,—14 Fugida.

[1] Este quadro foi publicado em Outubro de 1843 no *Jornal de Bellas Artes*; no mesmo numero sahiu uma boa lithographia do quadro da *Epiphania,* actualmente n.º 5 do Museu nacional (Cat - 1872 n.º 237).

te, a conclusão de que os notaveis pintores do sec. XVI, incluindo os de Vizeu, não estiveram reclusos, sequestrados n'uma qualquer cidade da provincia; a sua fama correu pelo paiz. Os notaveis pintores representados hoje em Vizeu, em Coimbra, em Thomar, em Setubal, no Museu de Lisboa, em Evora, e ainda ha pouco em Lamego [1] espalharam as suas obras por todo o paiz. A questão de uma *Eschola de Vizeu*, até hoje uma pequena questão provincial, transforma-se n'uma série de problemas em que tomam parte as provincias do Norte e as do Sul. Assim como se prova que os quadros de Vizeu foram imitados n'aquella cidade, com a Sé á vista, ou talvez mesmo na cathedral, tambem se prova que as taboas de Setubal foram pintadas no Convento de Jesus, e as da Madre de Deus á sombra da pia fundação da Rainha D. Leonor, em Lisboa. Os pintores viajaram, andaram de um lado para o outro, conheceram-se, e collaboraram, ás vezes, na ornamentação do mesmo templo. Em logar de *um* Grão-Vasco, mytho, temos uma duzia de individualidades, dignas de estudo e do nosso reconhecimento.

E' muito para sentir que não seja conhecida a procedencia de muitos quadros do Museu nacional; que as successivas edições do Catalogo official, desde 1862 até 1883 sejam tão deficientes e tão *provisorias* (incluindo a ultima, que é já a *quarta*) [2], porque seria da maior importancia saber-se de onde vieram esses *nove* quadros, que se relacionam com os *quatorze* da Casa do Capitulo da Sé de Vizeu. Em todo o caso a combinação do Sr. Robinson cáe por terra. E não é só a mais que hypothetica assignatura VASCO FRZ do quadro de Pereira; é a pretensão de uma eschola *provincial*, baseada sobre essa série mais archaica da sala do Capitulo, e a existencia de um precursor *viziense* de Grão-Vasco, chamado VASCO FRZ. Cáe por terra, emfim, a pretenção de querer ligar o Velascus de Coimbra á eschola de Vizeu, attribuindo-lhe os quadros grandes e os pequenos da Sacristia da Cathedral. Que houve em Vizeu um pintor celebre, chamado Vasco Fernandez, não ha duvida; e é provavel que alli trabalhassem temporariamente outros artistas, como seus discipulos ou como collaboradores, vindos de fóra; mas resumir a gloria da pintura portugueza n'uma unica eschola, e dar a Vizeu a honra de a haver produzido n'um completo isolamento —isso é inadmissivel hoje perante tantos quadros notaveis que ha no paiz, alguns dos quaes, p. ex. os de Setubal, são tão valiosos como os de Vizeu. E' esta a verdade, parece-nos; não nos deslumbremos só perante o *São Pedro*, porque se este quadro é de grande merito, lá está o *Baptismo*, o *S. Sebastião* (para não fallar no *Pentecostes*, de valor secundario) e o *Calvario*, que ficam a notavel distancia do primeiro, e não soffrem o confronto com as grandes taboas do convento de Jesus. Robinson precipitou-se; não teve o cuidado de examinar os quadros já então reunidos na Academia de Lisboa; não se deu

---

[1] Dizemos: ainda ha pouco, porque os quadros que alli examinámos em Setembro de 1881 foram pouco depois mandados para a Academia de Lisboa, a pretexto da Exposição de arte ornamental de 1882 e — nunca foram expostos! Em Maio de 1882 estavam n'uma das salas da Academia, transformada em *bric-à-brac*, no chão; alli os mostrámos ao Sr. Prof. Justi.

[2] As edições são: a 1.ª de 1862, abafada logo depois da entrada do Marquez de Sousa-Holstein. Pelo exemplar que possuimos incompleto se conhece que era um Catalogo critico de certo merecimento e exacto, com extensas noticias sobre os quadros portuguezes; a *Advertencia* é assignada por Jorge Husson da Camara, Academico honorario; Antonio Manoel da Fonseca e Thomaz José d'Annunciação, professores da Academia. A 2.ª ed. com o titulo Cat. *provisorio* sahiu em 1868; o terceiro catalogo *provisorio* (sic) é de 1872, e diz, falsamente, 2.ª *edição*, porque convinha abafar a lembrança da de 1862. A edição de 1883 — a quarta, diz: — Museu nacional de Bellas Artes. *Catalogo provisorio*. Secção de pintura. Lisboa, Imprensa nacional, 1883. 8.º de VII – 117 pag. E' digno de lêr-se o ingenuo prologo do illustre conde de Almedina (Delphim Guedes); mas mais preciosa pela sua franqueza, é a *Nota* do redactor anonymo, a pag. 111!

ao trabalho de estudar os quadros de Thomar e de Setubal a dous passos da capital, nem sequer os da Madre de Deus! Não podendo comparar senão Coimbra e Vizeu, chamou tudo para este ultimo centro. Desvanecem-se com a descoberta da assignatura *Velascus* — descoberta que não é d'elle —; deixou-se illudir com a phantastica assignatura *VASCO FRZ*, e creou um precursor ao *Grão-Vasco*, complicando e obscurecendo o problema, em vez de o esclarecer.

O Sr. Prof. Justi abre, com effeito, uma nova era com os seus estudos, que abrangem quasi todos os documentos importantes, a quasi totalidade dos quadros, que era forçoso examinar. O seu methodo seguro e cauteloso; a sua critica lucida, minuciosa, abrangendo todas as particularidades technicas, sem perder nunca de vista as relações historicas e o ponto de vista geral da arte; a sua affeição ás cousas da peninsula, cuja historia e cuja arte o tem occupado longos annos[1]; e emfim, *last not least*, a sua imparcialidade, o seu animo sereno, desapaixonado, que não se deixa illudir com as nossas predilecções particulares, ou com preconceitos nacionaes — tudo isto lhe assegura o perduravel reconhecimento dos portuguezes. Atravez das suas palavras sente-se, quando mesmo desapprovam, a sympathia que as inspira.[2] Façamos votos para que o illustre sabio possa rematar a sua obra, após uma nova viagem a Portugal; os resultados geraes não soffrerão modificação sensivel, mas o que podemos e devemos esperar é que a luz se faça em outros centros e perante outros quadros, que nem Robinson, nem escriptor algum estrangeiro ou nacional tem até hoje visitado. Reivindicamos essas descobertas, cujo valor não pretendemos encarecer antes de tempo.

Ainda duas palavras. O Sr. Prof. Justi reconhece mesmo a necessidade de ulteriores investigações no fim do seu *ensaio*, quando diz que ha ainda outros grupos a estudar, e que seria pretencioso querer construir a historia da pintura portugueza de um lance. Ha ainda p. ex. os quadros de Palmella,[1] relativos á lenda de São Thiago[2] com a assignatura *Marcos.*[3] Em Madrid, no Museu do Prado, apparece uma Santa Catharina com a assignatura *Carvalho.* Dos quadros de Lamego já fallámos, de passagem. O Sr. Prof. Justi deplora não os ter podido examinar com mais socego, e mais detidamente.[4]

---

[1] O Sr. Prof. Justi prepara, ha muito, uma monographia sobre Velasquez. No *Jahrbuch* de Berlim e na *Zeitschrift* de Lutzow tem publicado artigos importantes sobre a historia da pintura hespanhola.

[2] Veja-se a Introducção geral ao seu *Ensaio* e a Conclusão.

[1] Sobre estes quadros publicou o Sr. Tubino de Madrid uma monographia *La Pintura en tabla en Portugal*, no vol. VII, 1876 do *Museo español de antiguedades* pag. 395-426 e pag. 671-673, cousa muito pobre e muito banal, sem um facto novo, como já dissemos em 1881.

[2] O Cat. do Museu nacional abandona a ideia de que os quadros sejam allusivos a Payo Perez Corrêa, e substitue o nome do cavalleiro pelo de S. Thiago. Cat. de 1883 n.os 18 e 19 Sala H.

[3] Deveriamos dizer antes *inscripção* em vez de *assignatura.* O nome *Marcos* é, provavelmente, o de um espadeiro. Na *Eufrosina* de Jorge Ferreira de Vasconcellos (1527) encontra-se a seguinte passagem: Com *Marcus me fecit* (em griffo) na cinta, para me pôr al tablero de la muerte, por vida dos Coutinhos... etc. O nome *Carvalho* apparece tambem *en el canal de la hoja de la espada*, como diz Madrazo (*Catalogo de los cuadros del Museo del Prado*, Conpendio. Madrid, 1873 pag. 398). E' curioso que ambos os nomes appareçam em espadas, no canal da folha, onde os espadeiros costumavam pôr suas marcas! Carvalho é um nome absolutamente desconhecido na historia da pintura peninsular do sec. XVI, mas ha um Carvalho espadeiro, com obras datadas de 1633. O Cat. do Museu nacional affirma que a letra M «inicial do nome que apparece na espada» se vê em duas bandeiras, levadas por cavalleiros christãos; *inicial do nome*, porquê? não póde ser Maria, que appareceu a São Thiago? E' precisamente o assumpto do outro quadro n.º 18.

[4] Os quadros de Lamego representam 1. *Annunciação*, 2. *Visitação*, 3. *Apresentação no templo*, 4. *Circumcisão*, e 5. *A Creação do mundo.*

Não pudémos tirar dimensões exactas senão do primeiro 1,m72 × 0,89; do quarto

Em tres pequenos capitulos discute ainda sabio escriptor os seguintes assumptos: 1.º *A ornamentação* dos quadros portuguezes, sob o ponto de vista da architectura e da arte industrial.

2.º A questão: *Existiu uma antiga escola portugueza de pintura?*

3.º Os *maneiristas*, i. é. os partidarios e imitadores da escola italiana.

O Sr. Justi admira, como nós, os trabalhos dos ourivezes, as joias, as armas, os bordados, os estofos, emfim, os productos da arte industrial, que os quadros portuguezes nos revelam em toda a sua belleza, e n'uma variedade inexgotavel. Na architectura descobre a influencia da Renascença florentina [1], uma Renascença relativamente precoce; [1] crê que os pintores copiaram do natural, e que as obras que vemos não são de pura imaginação. Assim será, em certos casos; mas é difficil provar que o genero de architectura, representado pelos pintores, foi logo ensaiado praticamente pelos architectos, contando mesmo com a intervenção de Andrea Contucci. Este illustre architecto e esculptor esteve em Portugal nove annos no reinado de El-rei D. João II (1481-1495) e executou bastantes obras que desappareceram em grande parte; em compensação, abundam obras da Renascença que denunciam a influencia duradoura de um grande mestre sobre numerosos discipulos em centros importantes como Coimbra (cidade e todo o districto), Guarda, Evora etc. Esta Renascença, a dos discipulos, é, em geral, posterior a 1535 e prolonga-se até fim do sec. XVI; mas apparece raras vezes nos quadros.

A' pergunta *Houve uma antiga escola portugueza de pintura?* responde o Sr. Prof. Justi affirmativamente. Não são as moedas, os fogareiros e quejandas bagatellas que decidem a questão.

E' o modo de sentir os assumptos, de traduzir a historia sagrada n'um realismo, repassado de poesia, que transforma a lenda religi-

---

1,m73 × 0,92 e do quinto 1m,68 × 0,84; todavia parece-nos serem restos de dous triptychos. A *Annunciação* e a *Visitação*, de muito merecimento, teem pontos de contacto com os quadros de Vizeu, da Sacristia e do Cabido. O quadro da *Creação*, que representa o Padre eterno, abençoando o mundo animal: o cavallo, o unicornio, veado, boi, urso, elephante, ovelha, lobo, muitas aves (entre ellas o papagaio) e outros animaes, perfeitamente caracterisados, é curiosissimo. A época dos primeiros quatro quadros será de 1510-1520. Pintura sobre grossas taboas de castanho de 0,4 cent. de espessura. Poucos retoques, boa conservação. Estavam na sala das sessões capitulares do Paço episcopal.

A origem nacional d'estes quadros não soffre duvida; typos, paisagem, architectura, os accessorios, tudo é portuguez; vejam-se as peças de ceramica, o cesto de vime, o carro de bois (!) etc. na *Visitação;* o fogareiro *Annunciação*; a architectura extremamente caracteristica: na *Annunciação* gothica e do Renascimento; na *Circumsição* manoelina etc.

[1] A primeira data que encontramos nos quadros portuguezes, marcando um lavor architectonico da Renascença é 1529 (Museu n.º 2; Cat. 1872; n.º 212 — Laurent 679). Exemplos de construcções como as do quadro da *Visitação* (Museu n.º 10; Cat. 1872 n.º 225 — Laurent 686) o alpendre com arcos de volta redonda, assentes sobre columnas, e galeria ou *loggia* sobreposta, encontrál-os-ha o Sr. Justi a cada passo em Evora, e sobretudo em Estremoz, Villa Viçosa etc. Do mesmo modo as janellas altas geminadas, com elegantissima columna de marmore ao meio. Outro typo de *loggia* encontra se na Beira (Guarda) em bonitos solares do sec. XVII, em estylo da Renascença, com datas que avançam até 1680!

[1] Precoce (*Frührenaissance*) relativamente, para Portugal, se considerarmos a data 1529 (v. supra); porque o primeiro periodo da Renascença na Italia abrange as datas 1420-1500. As datas mais antigas que conhecemos em fragmentos architectonicos importantes são os seguintes, em Evora: 1529, (Capella do Esporão, na Sé); Convento do Paraizo, 1535; 1536 e 1537 portal de S. Domingos, hoje entrada do cemiterio; Loyos, 1536; Graça 1537. Em Faro, 1539 Convento de freiras; em Vizeu, na Sé 1544 e 1567. A transformação do estylo, desde o *manoelino*, póde estudar-se no convento de S. Marcos perto de Coimbra, onde se encontram sete datas do sec. XVI (desde 1510-1588) e duas do sec. XVII (1692 e 1696). Vid. o nosso estudo *Da architectura manoelina.* Coimbra, 1885.

sa em episodios da vida commum de familia. É a caracterisação das physiognomias, o gesto, o dialogo e a mimica peninsular; é a paisagem toda, a luz e o ar, a natureza meridional; emfim : a architectura e a habitação humana, o vestuario e os accessorios.

Os artistas portuguezes educados em Flandres, fornecem o maior numero de quadros e os melhores. Os estrangeiros, os pintores flamengos mesmo, como Frey Carlos, não podem subtrahir-se á influencia do meio ; acompanham os portuguezes, seguindo naturalmente a corrente, nacionalisam-se, até certo ponto. A *technica*, o estylo de pintar, é flamengo, sem duvida; mas sem a seccura, as figuras inteiriçadas, a feição mesquinha e desgraciosa dos artistas flamengos de segunda ordem ; os portuguezes movem-se airosamente, com a simplicidade, graça e elegancia no gesto e nos ademanes que é natural nos povos romanicos.

O gosto pela belleza da paizagem aprenderam-no em Flandres, assim como a paixão pelos detalhes, o amor aos mil episodios do pintor miniaturista. A architectura é toscana ou florentina, em geral. Estamos longe, felizmente, dos processos summarios e expedientes dos *maneiristas*, das receitas e logares communs dos partidarios da pintura italiana, diluida em pincel flamengo — até n'isto, conclue o Sr. Justi, quiz a fortuna favorecer o pequeno reino, na epoca em que elle deu leis ao mundo! Livrou-o de cahir nas mãos dos pseudo-italianos e na trivialidade.

São estas, em summa, as conclusões do sabio professor. Traduzimos as ideias, não litteralmente as palavras; e confessamos que temos de corrigir o juizo que formulámos ha annos a respeito de certos quadros da Academia de Lisboa. [1] Pareceram-nos, em geral, menos importantes, mais amaneirados, com excepção de um ou outro grupo, como p. ex. o de Frey Carlos, cujo valor é indiscutivel. Os quadros da Sacristia de Santa Cruz, principalmente o *Calvario* e o *Pentecostes* e os de Setubal absorveram talvez a nossa attenção, a ponto de sermos menos justos com os da Academia. Ainda assim, o periodo de duração da escola portugueza de pintura fica limitado aos reinados de D. Manoel e D. João III, isto é, a meio seculo apenas, correndo de 1500-1550, maximo 1560, porque já em 1562 temos os trabalhos de Vasco Pereira, que é um *maneirista*, um partidario das receitas e processos italianos.

Da epoca de 1560-1580 ha não poucos maneiristas, cujos quadros se podem vêr nas salas do Paço do Arcebispo em Evora e na Sé, nos altares das naves lateraes.

A solução de continuidade que haviamos apontado em 1881, desde a visita de Van-Eyck em 1428 até 1500, subsiste. [1]

Em Hespanha, porém, não faltam os elos intermedios, e os artistas do seculo XV apresentam-se, desde logo, de uma maneira tão imponente e tão caracteristica, que não é difficil calcular o que hão de ser d'ahi a cincoenta annos: os precursores dos grandes mestres do sec. XVII. [2]

---

[1] A *pintura portugueza* nos sec. XV e XVI Porto 1881, passim. Dizemos quadros da *Academia* e não do *Museu nacional*, porque esta collecção é bastante differente da primeira, e contém muitos quadros novos, que estavam nos depositos da Academia; em compensação, faltam outros que o Cat. de 1872 menciona: por isso fazemos sempre a referencia aos dois catalogos.

[1] Já em 1877 apontámos para a existencia de quadros flamengos em Portugal, antes da vinda de Jean Van-Eyck Em 1415 mandou o Duque Jean *sans Peur* de Borgonha (1404-1409) o seu retrato a El-Rei D. João I, feito por Jehan Malwel ou Melluel, que foi pintor official do Duque de 1397 a 1415, anno em que morreu, tendo concluido, pouco antes, o retrato. *Arch. artist.* fasc. IV p. 87. Chamamos aqui, novamente, a attenção do leitor para o retrato d'El-Rei D. João I, que está no museu *Ambraser-Sammlung* de Vienna, e que é da Escola de Van-Eyck; na mesma collecção dois bellos retratos da Infanta D. Leonor, filha de D. Duarte, e neta de D. João I; casou com Frederico III, Imperador da Allemanha em 1452 e morreu em Vienna em 1467. Estes tres retratos foram citados por nós pela primeira vez em 1877.

[2] Mencionaremos apenas um grande artista hespanhol, evidentemente discipulo de Van-Eyck, o auctor do grande retavolo de

Apesar do que diz o Sr. Prof. Justi em sentido relativamente tão favoravel, o apparecimento da pintura portugueza do sec. XVI é como o de um meteóro.

....

Na breve analyse dos trabalhos de Vasco Pereira com que o Sr. Justi fecha o seu Ensaio dá-nos a conhecer cinco quadros, sendo o mais importante uma *Annunciação* na egreja de S. Juan de Marchena e o *Santo Onophrio* da Galeria de Dresden, que apresentámos aos leitores da *Archeologia Artistica* em 1877. Vasco Pereira, que se intitula ora de Evora, ora de Lisboa foi um pintor de bastante merito, sabedor do seu officio, e que honrou o nome portuguez em Hespanha.

D'este pintor fizeram Cean Bermudez e depois Loureiro e Raczynski ainda outro artista: *Vasquez Lusitanus*, sem razão de ser, como se verá na lista das suas obras. São, resumindo as differentes citações de Cean Bermudez, Raczynski e do Sr. Justi as seguintes:

1. São Sebastião, na egreja de S. Lucar de Barrameda. Assignado: TVNC DISCEBAM VASC'PE | REA LVSITAN'DE | VRBE LIX | BONESIS Anno 1562. Apud Justi, que o examinou; Cean Bermudez cita differentemente: *Vazquez Lusitanus tunc incipiebam anno 1562.* (Vol. V pag. 142). [1]

2. *Descimento da Cruz*; apud. Cean «casi perdido» no principio d'este seculo, sem data.

3. A *Annunciação*, na egreja de S. Juan de Marchena. Assignado:

VASCVS-PEREIRA | ELBORENSIS LVSI | TANVS FACIEBAT | CIↃ. D. LXXVI (o *lv* na quarta palavra, ligados). Apud Justi, que o examinou.

4. *S. Pedro e S. Paulo.* No Museu nacional, Cat. de 1883 n.º 896. Sala F. Assignado: V. P. *Lztno* 1575, segundo o mesmo catalogo. O Sr. Justi leu 1579.

5. *Santo Onophrio.* Na Galeria real de Dresden, Cat. Ved. franc. de 1868, pag. 170. Assignado: VASCO PEREIRA | PICTOR, 1583.

6. Um quadro com a *Adoração dos Pastores* e a *Epiphania.* Foi visto por Stirling (*Annals of the artists of Spain*) em Sevilha; apud Justi s. d.

7. Um quadro de 1575, que Raczynski viu em Sevilha na collecção Bravo; não diz o que representava (*Les arts* pag. 505).

No *Diction* p. 229, cita outras duas pinturas de 1594 e 1598, existentes na mesma cidade, sem indicar os assumptos; provavelmente essas duas obras são as citadas por Cean (p. 141) com as mesmas datas.

De Cean Bermudez accrescentaremos, além de differentes frescos, os *Quatro doutores da Egreja*, na cartuja de Santa Maria de las Cuevas, e uma *Annunciação* no collegio de S. Hermenegildo (pág. 142). Segundo o mesmo auctor Vasco Pereira morreu no principio do sec. XVII.

VISEU, povoação (*aldeia*) da freguezia de Paços, concelho de Cabeceiras de Basto.

V. *Paços*, tomo 6.º pag. 393, col. 2.ª

Esta freguezia comprehende tambem as aldeias seguintes:—Fundo de Villa, Cimo do Villa, Portella, Vinhal, Quintã, Bandeira, Boa Vista, Cruz, Ribeira, Paço, Penedo, Val de Chãos, Tojeira, Souto Meio, Ribeirinhas, Canhoteira, Cancella e a quinta do Prado,—segundo se lê na *Chrographia Moderna*, mas contando esta freguesia pelo ultimo recenseamento apenas 81 fogos, as taes 18 aldeias devem ser *muito pequenas!...*

VISEU, quinta ou casal da freguezia d'*Alverca* no concelho de Villa Franca de Xira.

V. *Alverca e Sobral*, tomo 1.º, pag. 177, col. 2.ª

Esta parochia, alem da villa, comprehende os logares ou aldeias seguintes:—Arcena, Sobral, outr'ora curato, A dos Potes, A dos Melros, Sobralinho, Adarce, Moinho do Vento, Proverba, Termo ou Ponto, Verdelha, Bom Successo;—os casaes de Barreiras,

---

Barcelona Luis Dalmau, assignado e datado, 1445. O Sr. Prof Justi analysa este quadro e os de outros hespanhoes discipulos da escola flamenga, pertencentes ao sec. XV Vid. *Zeitschrift* e *Jahrbuch*.

[1] A apostrophe depois do *C* e *N* representa a abreviatura *us*; o *E* da ultima palavra com til.

Monte Gordo, Robarias, Bandeira, Valinho, Polycarpa, Entroga, Fonte, Boa Vista, da Escolastica, da Alegria, da Carvalha, da Funcheira, da Regueira, da Tapada, Cova, Fidalgo, Pardieiro, Graciosa, da Oliveira, dos Anjos, de Santo Antonio, de S. Fernando, Brejo, Moledo, Torres, Drogas, Pedreiros, Carapito, Rio Secco, Areias, Fonte Santa, Lages, Portella, Casal Novo, Batoquinho, Carcaça, Fondogos, Moinho d'Alem, Val de Ranas, Cova da Rita, do Bastos, das Emparedadas, Ventoso, da Valentina, da Serra, da Corte, da Mourisca, da Olmeira, do Val de D. Maria, Casal Novo da Serra, do Covão, da Matta, da Costa, Vendas Novas, Mangareira, Sapinho, Brandôa, Palacio da Brandôa, Malha Milho, Bello, Val de Ranas e Casal Novo da Portella;—os casaes, quintas e azenhas Valloso e do Batoque;—as quintas do Moinho de Ferro, do Duque da Terceira, do Canana, Pardieiro, Formigueira — e a estação de *Alverca* no caminho de ferro do norte.

Do exposto se vê que esta freguezia é muito importante. Pelo recenseamento de 1878 contava 404 fogos, mas hoje deve contar cerca de 425 ou mais.

VISEU, quinta ou herdade, na freguezia de *Pigeiro*, concelho, comarca e districto de Evora.

V. *Pigeiro*, tomo 7.º pag. 24, col. 2.ª—e note-se que ali houve *salto* na impressão, pois tanto esta freguezia como a de *Pigeiros*, concelho da Feira, deviam ser descriptas no mesmo tomo 7.º pag. 22, — entre *Piedade* (Cova da) e *Pilar* (Serra do).

Note-se tambem que hoje (1888) esta freguezia de *Pigeiro* está civilmente annexa á de *S. Manços*, do mesmo concelho d'Evora.

V. Tomo 5.º pag. 48, col. 2.ª

A mencionada freguezia de *Pigeiro* está na margem esquerda da ribeira de *Degebe*, da qual a matriz da parochia dista 5 kil. para E; 2 da estrada d'Evora a Reguengos, para S., — e 7 da cidade d'Evora para E. N. E.

Além da herdade de *Viseu*, comprehende as seguintes:—Pero Escuma, Val de Ferreiros, *Montes Claros* [1], Pego do Lobo, Correirinha, Outeiro, Cubida, Cega, Valle, Abegoaria, Beata, Vendinha de Cima, Namorada, Herdadinha e Furada;—as quintas ou hortas de Teixoeira, Herdadinha, Horta Furada, Monte da Egreja, Carreirinha e Callado, —e o casal ou sitio de Monte Baldinho.

A população d'esta parochia está muito dispersa pelos *montes* (casas) das diversas herdades,—e a egreja em sitio isolado.

Pelo ultimo recenseamento contava apenas 100 fogos.

VISEU, sitio, casal e horta na freguezia e concelho de *Villa Real de Santo Antonio*, districto de Faro.

V. *Villa Real de Santo Antonio*, tomo 11.º, pag. 915, col. 1.ª

Esta parochia comprehende tambem os casaes (*hortas*) seguintes: — Val da Muda, Cabeça Perdida, Val de Corgos, Traz das Vinhas, Areias, Lagar, Cerca Nova, Palmeirinha, Bem Parece, Branquinho, Portal, Poço Fuzeiro, Bem Vides, Val Verde, Rocha do Vau, Semedeiro, *Caga Jones*, (o nome é indecente!) Fronteira, Serra cu *Cerra* Bodes, Contendas, Barranco d'Agua, Hortas do Vau, Ribeiro do Pereiro, Monte da Córte, Espragalinho, Monte da Medronheira, Monte dos Valles, Monte da Sé, Monte dos Leões, Monte da Atalaia, Monte Velho, Monte Alto, Monte do Estanqueiro, Portella da Vaqueira; os 2 casaes e moinhos: — Moinho da Rocha e Moinhos de Arão,—e a celebre *Casa da Audiencia*.

Quasi todas estas *hortas* [1] são habitadas e comprehendem actualmente 230 fogos.

---

[1] Não se confunda esta herdade, com o sitio *Montes Claros*, onde se feriu a grande batalha em 1665.

V. *Montes Claros*, tomo. 5.º, pag. 535, col. 2.ª

[1] No Algarve denominam-se *hortas* o que no Alemtejo denominam *hortas* e *montes* — e ao norte do nosso paiz *casaes* e *quintas*.

Tambem no Alemtejo denominam *Montes* as povoações que na Beira, Douro e Minho se denominam *aldeias*, *logares* e *povos*—e no districto de Bragança, nomeadamente nos concelhos de Vimioso, Miranda e Mogadouro, se denominam *quintas*, sendo algumas

VISEU (do)—casal da parochia e concelho e comarca de Leiria.

V. *Leiria*, tomo 4.º, pag. 69, col. 2.ª

Além d'este *casal do Viseu*, comprehende esta parochia os seguintes:—Mourão, Guerra Fontainhas e Santo Antonio do Carrascal;—as quintas de Santo Amaro, Porto Moniz, Lagar d'El-Rei, Val de Lobos, S. Venancio, S. José, Fagundes, Paraiso, Pateiro. Tavares, S. Bartholomeu, Vieiro, Matta, Seixal, Isidras, Barro Ruivo, Portella e Capuchos;—os sitios do Terreiro, Portella, Nossa Senhora da Encarnação (formoso sanctuario) Rego Travesso e Cabeça d'El-Rei. Comprehende tambem a povoação do *Arrabalde*, que por decreto de 20 de maio de 1871 foi desannexada da freguezia de Marrases e unida á de Leiria.

VISEU DE BAIXO,—e VISEU DE CIMA,—aldeias da freguezia de *Carvalhal*, concelho da Certã, districto de Castello Branco.

V. *Carvalhal*, tomo 2.º, pag. 134, col. 2.ª

A matriz demora na povoação do *Carvalhal*, cerca de 2 kilometros a S. E. da margem esquerda do Zezere e dista da villa da Certã 10 kil. para N. O.

Esta freguezia foi da apresentação do grão prior do Crato no termo da villa de Pedrogam Pequeno; depois passou para o patriarchado e desde 1882, data da ultima circumscripção diocesana, pertence ao bispado de Portalegre.

Além das 3 povoações mencionadas supra comprehende as seguintes:—Aldeia Cimeira, Aldeia Fundeira, Aldeia Metade, Aldeia das Mulheres, Casal do Bispo, Casal do Sesmo, Eira do Sesmo, Amieira, Amieirinha, Casal d'Escusa, Ramalhos de Cima, Ramalhos de Baixo, Horta Cimeira e Sobral.

Esta freguezia pelo ultimo censo contava 142 fogos e foi erecta depois de 1708, pois Carvalho não a mencionou, mas somente o logar de *Carvalhaes* no termo da villa de Pedrogão Pequeno, onde havia uma capella com a mesma invocação da padroeira—*Nossa Senhora do Amparo.*

---

d'ellas povoações com capella publica e 10 a 20 fogos, *ou mais* ?!...

Na freguezia de Miranda do Douro, p. ex. ha uma *quinta* (povoação) tão importante, que o prior de Miranda ali vae, com previa auctorisação do prelado, dizer uma missa nos domingos e dias santos, antes de celebrar a missa conventual na cidade.

VISEUS, aldeia da freguezia de *Santa Barbara dos Padrões*, concelho de Castro Verde, districto de Beja.

V. *Padrões*, tomo 6.º pag. 409, col. 2.ª

A povoação de *Santa Barbara*, séde da parochia, está em campina, 3 ½ kil. a E. da margem direita do rio *Cobres*, sobre uma pequena ribeira affluente do mencionado rio, na estrada antiga de Castro Verde para Mertola.

Dista de Castro Verde 14 kil. para S. E.

Comprehende esta freguezia as aldeias seguintes:—Rolão, *Viseus*, Lombarda, Sete Alcarias,—e os casaes, montes e herdades do Corvo, do Neves, Bringelinho, Espancha, Rosa Gorda, Rosa Magra, Monte Novo, Monte da Rosa e Montinhos.

Todos estes casaes, herdades e montes são habitados, e pelo ultimo recenseamento comprehendia esta parochia ao todo 384 fogos.

Era em população a 2.ª d'este concelho, sendo a 1.ª a villa de Castro Verde, que ao tempo contava 876 fogos e 3:600 habitantes.

—

Temos pois differentes *Viseus* em todo o nosso paiz;—na *Beira Alta*, na *Beira Baixa*, no *Minho*, na *Extremadura*, no *Alemtejo* e no *Algarve* ?!...

Tambem outr'ora se denominou *Visêa* ou *Viseia* na provincia do Douro uma das freguezias do bispado do Porto, como já dissemos no artigo *Viseu*, cidade, tomo 11.º, pag. 1716, col. 1.ª

Com vista aos forjadores e amadores de etymologias,— e aos que pretendem derivar o nome *Viseu* de *viso, cumiada de monte*, muito respeitosamente lembramos que devem ir ver todos os *Viseus* indicados supra, para saberem se estão em cumiadas ou planicies. O passeio é bastante longo, mas *per aspera ad astra*!...

Tambem será conveniente darem uma volta pela Hespanha, irmã gemea de Portugal, pois assim como lá se encontram muitas terras e povoações com os mesmos nomes das nossas, é possivel e até provavel que por lá encontrem alguma com o nome de *Viseu* tambem.

INDICE[1]

DO

ARTIGO VISEU

CIDADE

Topicos, paginas e columnas

---

[1] Por descuido da impressão não vae este *indice* no logar proprio.

Desculpem.

Tambem pelo mesmo motivo reservamos para o *supplemento as rectificações* que tencionavamos publicar no fim d'este longo artigo *Viseu*, — antes do *indice*, — e que bem necessarias eram, porque todo este longo artigo foi escripto *au jour le jour* no Porto, a distancia de 192 kilometros de Viseu, e publicado *muito precipitadamente* em Lisboa a distancia de 337 kilometros do Porto.

Por vezes tinha *original* no prelo para dois fasciculos, o que me difficultava as referencias e me expoz a lapsos, de que peço desculpa.

---

[1] O foral do bispo D. Pedro Gonçalves, encontra-se textualmente no *Elucidario* de Viterbo, tit. *Ferraduras.*

[2] Por descuido da impressão vae tambem n'este *appenso* a *columna* que devia ser a 1.ª da pag. 1871 na esplendida *Memoria* do sr. Joaquim de Vasconcellos, a quem pedimos desculpa d'este lapso.

Os editores

J

L

M

N

[1] Como rectificação ao que o meu benemerito antecessor disse ali, note-se que o convento de *Orgens* foi sempre autonomo até 1834—e não vigairaria do de *Santo Antonio* de Viseu.

O

P

[1] Veja-se tambem no supplemento as longas e interessantes biographias do cardeal *D. Miguel da Silva* e do bispo *D. Julio Francisco de Oliveira.*

[1] V. *Santarem*, tomo 8.º pag. 500, col. 2.ª e segg.

[2] V. tambem *Monte Muro*, tomo 5.º pag. 523, 2.ª,—e *Monte Raso*, tomo 5.º pag. 527, col. 1.ª

VISINHO ou **VIZINHO** — que mora com outros na mesma casa, na mesma rua, na mesma povoação ou na mesma freguezia. Os antigos historiadores e chorographos denominavam *visinhos* o que hoje denominamos *fogos*, familias;—não almas ou habitantes.

V. *Fogo*, tomo 3.º pag 203, col. 2.ª

Tambem antigamente se chamaram *visinhos* os que eram admittidos a terem bens no termo d'algumas villas, concelhos ou cidades. Eram ordinariamente pessoas da primeira nobreza e chegadas ao throno, para serem na corte seus protectores.

Em tempo de D. Affonso III os seus grandes validos D. João d'Aboim, D. Esteve-Annes e D. João Moniz foram pelos concelhos de Evora, Beja e outros nomeados seus *visinhos* com todos os privilegios proprios dos dictos concelhos.

No anno de 1211 o concelho de Mesãofrio (*Mansionis frigidae*) vendeu a Affonso Pires uma herdade em Villa Marim,[1] hoje parochia do mesmo concelho, e juntamente o fizeram *seu visinho, para que os ajudasse e defendesse de quem os inquietasse.*

Doc. de Tarouca.

A D. Abril doou nos mesmos termos o concelho de Numão tambem uma grande herdade no anno de 1238.

V. *Numão*, tomo 6.º pag. 179, col. 2.ª.

Não consentia n'estas cartas e doações de visinhança o concelho de Pinhel, pelo que teve grandes questões com o celebre marechal Gonçalo Vasques Coutinho.

V. *Pinhel*, tomo 7.º pag. 63, col. 1.ª pag. 67, col. 1.ª tambem; e pag. 70, col. 2.ª

El-rei D. Pedro I não permittia na sua côrte *pessoa alguma obrigada ou visinha dos concelhos*, para que o seu valimento não prejudicasse a rectidão da justiça.

[1] O dito concelho havia comprado aquella herdade a D. Rodrigo Mendes, o qual a houve de Miguel Picon, que a perdeu por haver assassinado aleivosamente Garcia Paes, mordomo de D. Rodrigo Mendes.

Estes visinhos tambem se chamavam *naturaes* dos dictos logares, villas e cidades.

VISITA — pensão que antigamente se impunha em alguns prasos e consistia em um presente ou mimo de cousas comestiveis que o emphyteuta, caseiro ou colono devia dar uma ou mais vezes por anno ao directo senhorio.

E nos fareis visita huma vez no anno com o que tiverdes. Praso de 1479.

Em outros prasos se estipula a mesma visita duas vezes por anno.

VISITAÇÃO — certo fôro ou tributo que os vassallos outr'ora pagavam ao rei e os emphyteutas ao senhorio.

V. *Colheita*, vol 2.º pag. 358, col. 2.ª

Tambem se denominou *visitação* a visita que os prelados costumavam fazer pessoalmente ou por commissão ás diversas freguezias das suas dioceses todos os annos, pelo que em algumas parochias ainda hoje se encontram livros com as actas d'aquellas visitas, denominados *Livros das Visitações*, sendo para lamentar que a maior parte d'elles se perdesse, pois eram muito curiosos e muito interessantes para a historia local.

V. *Villar d'Andorinho*, tomo 11.º pag. 1167, col. 2.ª e seguintes, onde se encontra menção e longo extracto de um dos taes livros.

VISITAÇÃO — quinta ou casal na freguezia de *Villa Verde dos Francos*, concelho d'Alemquer.

V. tomo 11.º pag. 1115, col. 1.ª

VISO — cume, collina, logar eminente com vasto horisonte, pelo que alguem pretende que a cidade de Viseu tomou este nome, por estar em uma eminencia ou *viso* de um monte. [1]

É certo que pela eminencia em que demoram temos em Portugal com o nome de *Viso* nada menos de 28 aldeias, 3 casaes, 2 quin-

[1] V. *Viseu*, tomo 11.º pag. 1715, vol. 2.ª

tas, varios outeiros e montes, e differentes santuarios e capellas; — mais um casal com o nome de *Viso de Cima*, outro com o de *Viso de Baixo*, outro com o nome de *Viso Grande*, outro com o de *Viso Pequeno* e 2 aldeias com o nome de *Visos!* Para não fatigarmos os leitores, mencionaremos apenas os *Visos* seguintes.

VISO — aldeia e monte (logradouro commum) da freguezia de *Fontellas*, concelho e comarca do Peso da Regoa, districto de Villa Real de Traz-os-Montes.

V. *Fontellas*, tomo 3.º pag. 209, col 1.ª

Demora esta importante freguezia em terreno muito saudavel, vistoso mimoso e fertil no centro da região denominada por justos titulos *coração do Douro*.

V. *Villa Jusão*, tomo XI. pag. 771, vol 1.º

A sua producção principal desde a instituição da poderosa *Companhia dos vinhos* do Alto Douro foi vinho de *feitoria* ou de embarque. V. *Villa Jusão. loc. cit.*=Em 1840 produziu ella 1:323 pipas de 560 litros cada uma, e ainda hoje (1888) apezar da phylloxera, produz muito vinho, como todas as freguezias do concelho da Regoa, e dos de Lamego, Penaguião, Villa Real e Mesão frio, porque o chão d'estes concelhos é mais fundo e menos ardente do que o do Alto-Douro.

V. *Villarinho de Cotas, Villarinho dos Freires e Villarinho de S. Romão.*

Esta freguezia pertenceu judicialmente á comarca de Penaguião, da qual passou para a da Regoa; — ecclesiasticamente pertenceu ao bispado do Porto, do qual passou para o de Lamego em 1882 com todas as d'este concelho, bem como as dos concelhos de Mesãofrio, Penaguião, Sabrosa, Murça, Alijó e duas do de Villa Real.

Tambem outr'ora, ainda no principio d'este seculo, pertenceu á provedoria de Lamego.

—

Freguezias limitrophes: Jugueiros, ou S José do Godim, e Loureiro, ambas do concelho da Regoa, e Oliveira — do concelho de Mesãofrio.

Comprehende as aldeias seguintes: — Nogueira, Estremadouro, Portella, Souto, Quintã, Brunhedo, Paço, *Viso, Caldas do Molledo*, Costa, Quartas, Neto, Palla, Moreira, Mourinho, Outeiro, Outeiro de Baixo, Outeiro de Cima, Revoltinha, Canal, Corredoura, Cancello, Ranha, Rocio, Poças, Palheiros, Alem da Fonte, Sobre a Fonte, Lojas, Pinheiro, Cederma ou Aciderma, Carvalho, Egreja, Villa Boa; — e as quintas do Neto, Corredoura, Tinoco e Praso, — e a estação das *Caldas do Molledo.*

A quinta do *Neto* pertence hoje á familia *Champalimaud*, de Cidadelhe, concelho de Mesãofrio, mas até 1834 pertenceu aos padres *Loyos*, de Lamego, que n'ella fizeram um luxuoso pomar de larangeiras com altos muros de bem trabalhado granito — e no leito do Douro uma grande pesqueira, ainda hoje denominada *pesqueira dos Loyos*.

A quinta das *Caldas*, que pertenceu á familia *Cambiasso* e hoje pertence á opulenta familia *Ferreirinhas*, da Regoa (V. *Villa Real de Traz-os-Montes*, tomo XI, pag. 1:103, col. 1ª.) é hoje absolutamente a mais importante d'esta freguezia. Além de ter mimosos campos regadios, um bom pomar de larangeiras e luxuosos vinhedos que já teem produzido 180 pipas de vinho de embarque ou de exportação, comprehende todo o estabelecimento thermal e varios predios urbanos da povoação das *Caldas*, avultando entre elles o elegante e magestoso palacete mandado fazer no fim do 3.º quartel d'este seculo pelo 2.º marido da sr.ª D. Antonia Adelaide Ferreira, — o par do reino Francisco José da Silva Torres. Custou-lhe cerca de *oitenta contos de réis*; — tem nas lojas um bom armazem com uma soberba collecção de toneis de castanho e tampos de vinhatico, — e na extremidade E. uma lindissima capella contigua, com a porta franca ao publico.

É o palacete mais luxuoso que ha nas duas margens do Douro actualmente desde o Porto até á Hespanha.

Foi *muito mais luxuoso* o palacio do Freixo, na freguezia de Campanhã, fundado pelos marquezes de Tavora no meiado do ultimo seculo, mas tem passado por crueis alternativas! No principios d'este seculo esteve

em grande abandono e arvorado em armazem *de salga e deposito de peixe*?!...

No meiado d'este seculo comprou-o o barão de Velado, capitalista *brazileiro*, depois visconde do Freixo, que o restaurou e mobilou ricamente. Foi a casa mais luxuosa do Porto alguns annos, mas por morte do visconde passou para a viuva e d'esta para estranhos, achando-se novamente em misero estado?!...

V. *Campanhan* tomo 2.º pag. 58, — e *Freixo* (quinta do) tomo 3.º pag. 233, col. 1.ª

—

A quinta das Caldas, quando o sr. Torres a comprou, aproximadamente em 1850, era muito mais pequena e estava quasi toda inculta; mas aquelle grande capitalista, optimo agricultor e o 1.º negociante de vinhos de Portugal no seu tempo,[1] addicionou-lhe por compra muitas propriedades, — replantou-a toda, — e restaurou tambem o estabelecimento thermal, que é hoje um dos mais limpos e mais concorridos do nosso paiz, já pela variedade e excellencia das suas aguas, já porque a linha ferrea do Douro lhe deu estação propria na extremidade leste da povoação, tornando-a muito accessivel a mencionada linha que passa a N. e montante das casas, tocando em algumas d'ellas. Além d'isso corre pelo meio da povoação a estrada real do Porto á Regoa, formando uma estrada — rua, e a jusante a via fluvial do Douro, que nas enchentes cobre alguns banhos.

Não ha em todo o nosso paiz outro estabelecimento thermal tão accessivel como este.

[1] Era natural da freguezia de *Dois Portos*, concelho de Torres Vedras; — nos seus vastos armazens de Villa Nova de Gaya chegou a ter um deposito de 15:000 pipas *de vinho d'embarque* — e deixou uma fortuna avaliada em *seis mil contos!*...

V. *Molledo*, aldeia, tomo 5.º pag. 372, col. 2.ª, — e *Villa Marim*, tomo XI, pag. 780 e 781, com as suas respectivas notas, onde já fizemos varias rectificações aos 2 mencionados artigos *Molledo* e *Rede*, escriptos pelo meu benemerito antecessor,[1] que foi n'elles muito infeliz, por não conhecer a localidade.

Aproveitando pois o ensejo, completaremos aquellas rectificações.

Principiando pelo art. *Molledo*, cumpre-nos dizer o seguinte:

1.º Aquella povoação está como a da Curvaceira, junto da margem esquerda do Douro, mas distam uma da outra cerca de 2 kilometros. — *Molledo* a jusante (O.) e *Curvaceira* a montante (E.) das Caldas, — mesmo em frente da actual estação do *Molledo*, ou das *Caldas de Molledo*.

2.º A velha povoação do Molledo que deu o nome ás ditas Caldas, não demora *no declive da serra de Villar*, nem de serra alguma, mas na baixa e a meio da grande freguezia de Penajoia. *A serra de Villar* muito impropriamente dita, pertence á freguezia de Barrô, limitrophe e visinha da Penajoia, e distante do Molledo 2 a 3 kil. para. O.

3.º A *ponte do Piar*[2] tambem dista da antiga povoação de Molledo 2 a 3 kilometros para O. — a jusante de Villar e Mesãofrio.

4.º Como dissemos em *Villa Marim, loc. cit.* as aguas thermaes estão na freguezia de *Oliveira*, concelho de Mesãofrio, — e o resto da povoação (quasi toda) na freguezia de *Fontellas*.

5.º A povoação da *Rêde*, como tambem já dissemos no art. *Villa Marim*, pertence

[1] Nós acceitámos a continuação d'este diccionario, depois de principiado o art. *Vianna do Castello*.

Suum cuique.

[2] Da velha ponte já pouco existe; resta porem o *ponto do Piar*. V. *Pontos do Douro*, vol. 7.º pag. 199, col. 1.ª n.º 21.

aquella freguezia e á de *Santa Christina* de Mesãofrio. Nada tem com as *Caldas do Molledo* e dista d'ellas 3 kil. por O. mettendo-se de permeio toda a parte baixa da freguezia de *Villa Marim* e parte da de *Oliveira.*

6.° A villa de Mesãofrio está sobranceira não á povoação das *Caldas*, mas á da *Rêde.*

7.° As antigas diligencias do Porto á Regoa (acabaram, logo que se inaugurou a linha do Douro) não passavam *perto das Caldas*, mas *pelo meio* da povoação d'este nome.

8.° Os banhos da *Lameira* foram muito humildes e d'elles se utilisaram com preferencia os pobres, mas hoje estão restaurados e mesmo aceiados, e d'elles se utilisam os pobres e *os ricos*.

9.° Antes de se abrir ao tranzito a linha do Douro, podia ir-se em diligencia não só *até perto das Caldas*, mas *até á porta* de todas as habitações das Caldas—e *até á porta de todos os banhos*, exceptuando os da margem do rio.

10.° Na povoação das Caldas não ha somente *uma boa hespedaria e uma loja de mercearia bem sortida*, mas bastantes casas para os banhistas, algumas espaçosas e muito decentes,—uma boa pharmacia, um talho de carnes verdes, 3 capellas particulares, mas com porta franca ao publico, sendo uma d'ellas inaugurada ainda este anno, —uma photographia, differentes estabelecimentos de sapateiros, funileiros, relojoeiros e barbeiros, 4 ou 5 lojas de mercearia e fazendas brancas, etc., todas bem sortidas, —caixa de correio, 5 tabernas, e na estação balnear um pequeno mercado mimoso de excellente fructa, fornecida pela grande freguezia de Penajoia, que está defronte, na outra margem do Douro, e que é talvez a freguezia de Portugal que produz mais e melhor fructa.

No verão aquella vasta freguezia, que de leste a oeste comprehende 6 kilometros e de norte a sul 4 a 5, parece toda um pomar, *um jardim!*...

—

Fallemos agora do artigo *Rêde*:

Além das rectificações já feitas supra e no art. *Villa Marim, loc. cit.* apontaremos as seguintes:

1.° Como já dissemos, aquella povoação não pertence á freguezia de Fontellas, mas ás duas de *Villa Marim*,—e *Santa Christina*, do concelho de Mesãofrio.

O antigo *apeadeiro*, hoje *estação da Rêde*, pertence á freguezia de Santa Christina, e dista não 5, mas 8 kil. da Regoa; 95 do Porto; 20 de Lamego pela estação da Regoa —e 432 de Lisboa.

De Lamego para as Caldas só algum pobre segue ainda hoje a antiga estrada directa de 6 kilometros. Todos preferem a viagem pela estação da Regoa e pela nova estrada a macadam de Lamego á Regoa, que tem d'extensão 12 kil. e foi feita não para substituir a velha estrada directa para as Caldas, mas a antiga estrada de Lamego á Regoa, que tinha tambem 6 kilometros de extensão, com declives de 10 a 12 por cento e 6 a 8 metros de largura. Foi uma estrada luxuosa em outro tempo, quando o melhor transporte eram as liteiras.

2.° Antes de se desenvolver a povoação das Caldas, muitos banhistas occupavam as casas fronteiras pertencentes ás quintas da Penajoia, na margem esquerda do Douro, mas nunca foram habitar a povoação da *Rède*, distante 3 kilometros!...

3.° Alem da *antiga e nobre casa da Rêde*, *solar dos Alpoins*, houve ali outra muito mais antiga e mais nobre, denominada tambem *casa da Rêde*, que foi dos *Peixotos Pinto Coelhos*, representantes d'Egas Moniz. O edificio era humilde, mas o casal opulento, pois comprehendia muitas terras em volta, hoje todas perdidas e possuidas por estranhos.

O palacete da nobre familia *Alpoim* é hoje sem contestação o 1.° da localidade e foi feito no sec. XVII.

Tambem ali tiveram nobre solar, — differentes casas e muitos bens, comprehendendo o palacete de *S. Thiago*,—os *Soares de Albergaria*, hoje alliados com um dos representantes d'Egas Moniz Coelho.

V. *Albergaria*, tomo 1.° pag. 48. col. 2.° —*Villa Marim, loc. cit.* pag. 779, col. 1.° e

segg.—e pag. 785, col. 2.ª—e *Villa Jusã* no mesmo vol. pag. 771, col. 1.ª

Prosigamos.

—

As primeiras casas da povoação das *Caldas do Molledo* foram as da quinta onde brotam. Feita a estrada marginal da Rede até a Regoa pela *Companhia dos Vinhos* (V. *Villa Jusã loc. cit.*) em substituição da velha estrada de sirga, que era um carreiro de cabras, tornaram-se os banhos muito mais accessiveis e mais concorridos, e logo se fizeram uns humildes quarteis a O. dos banhos da estrada e a N. d'esta, — quarteis que ainda hoje lá se vêem.

Depois o capitão Isidro, da Regoa, fez uma boa casa, com capella, para os banhistas. Tem 3 pavimentos e ainda hoje conserva o nome de *quarteis do Sidro*. Tambem por esse tempo um tal Manoel d'Almeida fundou uma estalagem a montante da nova estrada e junto do ribeiro que vem de Fontellas,—estalagem que foi muito concorrida e bem conhecida como *estalagem do Almeida* até ser expropriada e demolida para a construcção da linha ferrea.

Depois d'aquellas 3 casas construiram-se gradualmente outras e assim se formou a povoação.

Junto da *estalagem do Almeida* (lado O.) se estabeleceu no 2.º quartel d'este seculo como ferrador um bom homem e um grande artista,—José Pereira, — que foi um dos ferradores mais acreditados e mais afreguezados que houve entre o Porto e a Regoa. Casou com uma filha do dono da estalagem, por nome *Josepha d'Almeida*, que ainda vive, já viuva; os dois fizeram differentes casas na povoação e tiveram differentes filhos, entre elles um, de nome João dos Santos Pereira que, apesar de ser *surdo mudo*, desenha e pinta; tem tirado muitos retratos a oleo e é tambem photographo, excellente pessoa e muito intelligente.

Foi alumno do collegio de *Surdos Mudos* que o chorado rei D. Pedro V. montou na Casa Pia, em Lisboa, e depois frequentou tambem algum tempo a Academia de Bellas Artes, no Porto.

Outro filho do ferrador José Pereira seguiu a profissão do pae. Chama-se Manoel dos Santos Pereira e foi elle quem fez a nova capella (do *Coração de Maria*) que este anno se benzeu e inaugurou com uma pomposa festividade em cumprimento de certo voto.

Demora a dita capella entre a estação e as Caldas, muito perto do sitio onde o fundador nasceu.

—

Tambem na povoação das Caldas se estabeleceu com um talho de carnes verdes antes de 1850 Marcos Correia, homem agigantado, muito energico e muito valente, mas muito tratavel e excellente pessoa. Ahi tem feito interesses e construiu uma das melhores casas da povoação; montou tambem ali uma boa mercearia e tem sido nos ultimos tempos arrendatario dos banhos.

Tambem no meiado d'este seculo um negociante e capitalista de Lamego, — Custodio Correia da Rocha, — mandou ali fazer um grande hotel, que ainda hoje é o primeiro das ditas Caldas.

—

Esta parochia de Fontellas confina ao norte com o monte *Mourinho*,[1] e ao sul com o rio Douro, na extensão de $^1/_2$ kilometro, aproximadamente, desde o pequeno ribeiro das Caldas, linha divisoria entre os concelhos da Regoa e Mesãofrio, até o ribeiro da *Palla* na extremidade O. da freguezia de Jugueiros.[2] Comprehende no Douro o celebre *ponto* da *Curvaceira*, que tomou o nome da vistosa, mas pequena povoação que está na margem esquerda, freguezia da Pe-

---

[1] N'este monte ha uma capella de *S. Gonçalo* muito antiga, com festa e romagem todos os annos, mas pertence á freguezia de Loureiro, qne parte com a de Fontellas.

[2] O ribeiro da *Palla* desagua no Douro junto da *barca do Carvalho* e vai só até ali, pela margem do Douro a freguezia de Fontellas, mas avança muito mais para o nascente contra a freguezia de Jugueiros por uma linha convencional a montante da estrada nova e da linha ferrea, — sem descer até o Douro.

najoia,—mesmo em frente da *estação do Molledo.*

V. *Pontos do Douro,* tomo 7.º pag. 199, col. 1.ª n.º 26,—e *Corvaceira* n'este diccion. e no supplemento.

Na margem direita do dito *ponto* e nas aguas d'esta freguezia se montou aproximadamente em 1852 um moinho com 3 rodas, dentro de um grande barco; junto d'este moinho se fez depois outro e ambos ali trabalharam muitos annos; por vezes foram rio abaixo d'envolta com as cheias, mas ainda lá se vê um com 2 rodas dentro de um barco—e 2 feitos de pedra ou azenhas que trabalham só no verão.

Ha tambem nos limites d'esta parochia uma barca de passagem sobre o Douro, bem conhecida como *barca do Carvalho.* Cruza o Douro entre esta freguezia, no sitio da *Palla,* cerca de 300 metros ao nascente da actual *estação do Molledo,* e a freguezia de Samodães, no sitio do *Carvalho.* D'ella fez menção o conego tercenario Ruy Fernandez, em 1532, na sua *Descripção do terreno em volta de Lamego duas leguas,* e pertencia n'aquelle tempo á quinta do *Loureiro,* que ainda hoje lá se vê com uma capella na margem esquerda do Douro, termo da freguezia de Samodães, a montante do tal sitio do Carvalho.[1] Depois, não sabemos quando, passou para a camara de Lamego que, antes de se abrir á circulação a linha ferrea do Douro, costumava arrendar a dita barca por réis 1:200$000 annualmente, livres para a camara, ficando a cargo dos barqueiros a construcção e reparação das barcas, etc.—E os barqueiros faziam interesses, pois nós conhecemos n'esse tempo dois: — Manoel Marques, já fallecido,—e Joaquim Marques, ainda vivo, irmãos, excellentes pessoas, muito trataveis e muito generosos. Não acceitavam um real dos habitantes dos povos visinhos, Curvaceira, Caldas, etc.—e apesar d'isso o 1.º construiu uma boa casa na Palla—e o outro um bom predio nas Caldas do Molledo, onde vive.

Depois da barca da Regoa, a barca do Carvalho era a mais importante, de mais movimento e mais rendimento que havia em todo o Douro, desde que a *Companhia dos Vinhos* fez a estrada do Porto até á Regoa, pois passou para a barca do Carvalho quasi todo o movimento da antiquissima barca do *Molledo* (a povoação que deu o nome ás Caldas, ou do *Por Deus.*) [1]

Todos os viandantes, cavalleiros e almocreves que transitavam entre o Porto, Minho, Lamego e Beira abandonaram o antigo itinerario pela ingreme ladeira da Penajoia, Santiaguinho e serra d'Avões — e seguiam pela *barca do Carvalho,* Cambres e Lamego, ou pela barca da Regoa, mas preferiam a do *Carvalho* por duas rasões:—1.ª porque encurtavam 6 kilometros :—2.ª por ser ali a passagem mais commoda, mais rapida e mais segura.

Na Regoa a passagem era morosa e perigosa, principalmente no inverno. Ainda n'este seculo, aproximadamente em 1850, ali se submergiu uma grande barca completamente carregada, perecendo muitas pessoas, em quanto que no Carvalho não ha memoria de naufragio algum! O rio presta-se admiravelmente para a passagem ; — o serviço era bem feito—e tinham barcas soberbas! Nós ainda ali conhecemos uma que recebia 10 cavalgaduras carregadas—ou 3 carros de bois a um tempo, carregados e sem *desapporem* ou desprenderem os bois, levando conjuntamente grande numero de pessoas, etc.

Fecharemos este topico mencionando um facto importante, horroroso, tristissimo, que se deu na *barca do Carvalho.*

---

[1] *Inedit. de Hist. Port.* tomo 5.º *in fine.* O auctor simplesmente diz que a barca do Carvalho era de *hua quinta*; suppomos, porém, ser a tal quinta do *Loureiro*, porque é muito antiga e demora junto da barca.

[1] V. *Villa Jusã,* tomo 11.º pag. 768, col. 1.ª;—*Villa Marim,* no mesmo vol. pag. 782, col. 2.ª,—e *Viseu,* pag. 1775, col. 1.ª e sua respectiva nota.

Em 1827 a 1829, com as perturbações politicas esteve algum tempo a dita barca sem ser arrendada, continuando os antigos barqueiros a fazer o serviço e auferindo interesses. Com a mira na ganancia um proprietario visinho, *Manoel Pinto Pereira Borges*, da povoação da *Cederma* ou *Aciderma*, official do sr. D. Miguel, mandou fazer barcas suas e collocou-as ao lado das outras, em competencia com ellas; mas o povo indignado não poz pé nas novas barcas e continuou a demandar somente as velhas. O tal senhor, vendo mallograda a sua torpe e vil especulação, mandou baixar os preços das passagens nas suas barcas; mas, nada conseguindo, escolheu para barqueiros homens perversos e deu lhes ordem para coagirem os transeuntes. Seguiram-se alguns espancamentos que mais afugentaram ainda o publico. Indignado o tal senhor e abusando da sua posição como *official miguelista*, certa noite reuniu um bando de partidarios seus, — arrombou a machado as portas da casa onde dormiam os antigos barqueiros; assassinou barbaramente um e espancou e feriu os restantes, deixando-os em perigo de vida. Depois dirigiu-se ás barcas d'elles; — lançou-lhes o fogo; — soltou-as — e ellas lá foram ardendo pelo rio abaixo?!...

Eu ainda conheci o tal heroe.

Foi processado; andou homisiado muito tempo; comprometteu a sua casa para se livrar do crime e morreu pobre, amaldiçoado e despresado por todos!...

A dita barca hoje rende apenas 500$000 réis, porque a linha do Douro levou para a estação da Regoa todo o movimento entre o Porto, Minho e Lamego ; — acabou com os almocreves que pejavam a dita barca — e amorteceu a navegação do Douro, o que prejudicou muito a barca, pois os barcos *rabellos*, quasi sempre tirados por bois na viagem ascendente, seguem na maior parte do anno pela margem esquerda do Douro até o Carvalho e ali *cambam* para a margem direita, passando os bois na dita barca. Nas cheias *cambam* um pouco mais abaixo, mesmo defronte da estação do Molledo, mas os bois passam tambem na mesma barca. Ali passavam outr'ora por vezes em um dia mais de 30 juntas de bois, em quanto que hoje esse movimento é muito limitado.

Tambem outr'ora não era permittida a passagem n'outros barcos até certa distancia, emquanto que hoje entre o caes da Curvaceira e a estação do *Molledo*, para serviço d'esta cruzam o Douro constantemente com passageiros e mercadorias *muitos barcos*.

Tambem está em projecto uma ponte sobre o Douro junto da estação de Molledo e, logo que ella se construa, — *adeus barca do Carvalho!...*

—

Uma poderosa companhia estrangeira propõe-se construir 9 pontes sobre o Douro,[1] ficando uma d'ellas na estação da *Rêde*, mas nós trabalhamos para que a dicta ponte se faça junto da *estação de Molledo* (entre ella e a povoação da Curvaceira, *minha terra natal*) porque ali terá muito maior movimento e é de mais facil construcção, como já fizemos ver em um *longo artigo* publicado em differentes jornaes da Regoa, de Lamego, do Porto e de Lisboa,—artigo que ninguem impugnou, por ser de rigorosa justiça o que n'elle expendo e peço. E ao mencionado artigo *hão-de seguir-se outros!...*

Tenho, pois, bem fundadas esperanças de ver construida ali a ponte.

A questão é de tempo.

—

Mencionaremos tambem aqui outro facto importante e horroroso que em 1837 se deu junto da dita barca.

Foi o seguinte:

Morava a N. da estrada real, em uma humilde choupana, defronte da avenida que desce para a barca, uma familia por alcunha *Miseria*, que tinha uma moça nova e sympathica; e havia então em Fontellas um moço de boa familia, por nome Antonio de Seixas, muito valente e muito desordeiro, que requestava a dita moça e a visitava re-

---

[1] Hoje (1888) ha sobre o Douro as 5 pontes seguintes: 2 no Porto, ambas de ferro, sendo uma de dois taboleiros, — e 3 de pedra e ferro:—uma na foz do Tamega, outra na Regoa e outra no Alto-Douro.

petidas vezes Tinha ella tambem um irmão, Manoel da Silva Borges, *de pelle diabi*, que resolveu desfazer-se do tal Seixas e uma noite, quando este descia de Fontellas para cumprimentar a menina, o irmão esperou-o em um recanto da estrada, cerca de 300 metros a montante da choupana que habitavam;—deu-lhe um tiro á queima-roupa e o matou instantaneamente, deixando-o em misero estado, porque o apanhou pelo centro do corpo, incendiando-se os cartuxos que trazia em uma canana e o assaram e queimaram horrivelmente, pois vinha *bem armado!*...

Eu era então muito creança,[1] vivia com meus paes na povoação da Curvaceira, *quasi defronte*, e ainda me recordo de ouvir a *detonação do tiro* e a narração do facto, etc. etc.

—

Houve n'esta freguezia de Fontellas, entre a *barca do Carvalho* e a estação do Molledo, um santuario antiquissimo, alcandorado sobre o Douro no cume de um grande morro de schisto, pelo que tomou a invocação de *Senhor da Fraga*. Ignoramos o nome do fundador, bem como a data e o motivo da fundação, mas suppomos que seria fundado pelos marinheiros *rabellos*, por estar a montante do *ponto da Curvaceira*, que outr'ora foi um medonho sorvedouro de barcos e de vidas. Pelo mesmo motivo elles fundaram differentes capellas junto d'outros *pontos*, nas margens do Douro.

Tinha este santuario uma capellinha no alto dos rochedos;—varios nichos com santos; uma gruta para o ermitão, nos mesmos rochedos,—e uma escadaria dupla por onde se subia para o pequeno santuario; mas quando a *Companhia dos Vinhos*, nos fins do ultimo seculo, mandou fazer a estrada do Porto á Regoa, expropriou e demoliu a capella e a maior parte do morro, por estarem no alinhamento da estrada e por ser o dito morro uma excellente pedreira, embora de schisto, d'onde extrahiram muita pedra para os grandes muros de supporte da estrada.

Desappareceu, pois, o santuario nos fins do ultimo seculo; no meiado d'este ainda nós vimos a gruta do ermitão e parte da escadaria, cuja pedra os visinhos foram roubando; por ultimo até o proprio morro desappareceu com a exploração da pedra para a construcção da linha ferrea do Douro.

—

Pelos annos de 1850 e no rigor da estiagem foi visto com surpresa um grande sôlho junto da *barca do Carvalho*; passados dias alguns habitantes da Curvaceira viram-no descendo pelo ponto d'este nome, porque a agua ali no verão tem pouco fundo, — é transparente—e o sôlho alem de ser grande tinha o dorso escuro. Os taes meus visinhos foram rapidamente a suas casas;—levaram armas de fogo e dispararam sobre elle alguns tiros, mas não conseguiram matal-o. O solho mergulhou e pouco depois appareceu nadando alguns centos de metros mais abaixo entre a estação do Molledo e a povoação da Curvaceira, cujos habitantes se alvorotaram e correram ao Douro, tambem armados com espingardas, polvora e chumbo. Saltaram para differentes barcos e fizeram contra o pobre sôlho uma verdadeira monteria, divertimento estranho que durou

---

[1] Contava apenas *cinco annos e meio*, pois nasci em 14 de novembro de 1832 e o tal Seixas foi morto na noite de 24 de maio de 1837.

Vivia ainda então o meu avô materno José Rodrigues Curvaceira, com o qual eu ia subindo da margem do Douro para a nossa casa, a *casa da capella*. A meio caminho encontrámos Fr. Venancio Pinto da Silva, egresso benedictino e nosso visinho, então meu professor de instrucção primaria, que nos deteve um pouco, palestrando com o meu avô N'esse momento (estou bem certo!...) *ouvimos o grande tiro* alem-Douro; —depois recolhemo-nos ás nossas casas e no dia seguinte (se bem me recordo era um domingo) espalhou se a noticia da tal morte.

Foram pronunciados—como auctor o tal *Miseria* e como mandante o tal *Fr. Venancio* (?) que andou homisiado muito tempo e gastou muito dinheiro para livrar se do crime. Elle era então ainda novo e tinha apenas ordens menores; mais tarde, porém, ordenou-se e já falleceu ha bastantes annos.

S. T. T. L.

algumas horas. Apenas o lobrigavam, faziam fogo; elle mergulhava e sumia-se; d'ahi a pouco apparecia novamente e seguia-se nova descarga. Durou bastante tempo o tiroteio e já muitos dos caçadores se haviam retirado esmorecidos, quando o pobre solho appareceu boiando morto. Levaram-no para a povoação da Curvaceira; collocaram-no em um taboleiro coberto com um lençol e ao som de um tambor andaram passeando com elle pelos povos visinhos; depois dividiram-no por todos os que haviam tomado parte na brincadeira.[1]

Parecia um grande atum. Tinha de comprimento cerca de 2 metros; pesou sessenta e tantos kilos—e apenas recebeu dois ferimentos de bala.

Os solhos, oriundos do mar, costumam subir pelo Douro e alguns ali permanecem nos grandes poços, taes como o da *Pedra Caldeira*, *Saião* e *Pocinho*, a montante da Regoa,[2]—e aquelle de lá veiu desnorteado. Hoje no Douro são rarissimos, mas parece que outr'ora eram ali vulgares e muito estimados, pois d'elles fazem menção os foraes antigos, considerando-os *peixe real* e como taes pertencentes ao senhor da terra.

V. nos *Ined. de Hist. Port.* o antigo foral de S. Martinho de Mouros e a *Descripção do terreno em volta de Lamego duas legoas*, escripta em 1532 pelo conego tercenario Ruy Fernandes, o qual diz textualmente o seguinte: «Ha tambem (*nas duas leguas em volta de Lamego*) alguns solhos, ainda que a mór cantidade morrem daqui pera cima em villa nova de fazcôa. Estes solhos que aqui morrem são peixes de 10, 14, 15 palmos (?) e muy grossos, e sam peixes reaes; e quando morrem he por serem grandes dorminhocos, e dormindo, por acerto vam dar em os canaes onde dam em sêco; e os outros, que matam no dito Douro, em villa nova, morrem pelo mesmo theor em armadilhas; e os pescadores os tem á sirgua atados no Douro 15, 20 dias, e quanto querem atee que vem pessoas, que os compram. Sam peixes, que vale cada hu 1:000, 1:200, 1:500 réis, porque ha hi peixes que pesam 50, 60, 80 arrates cada hu, e dam o arratel por 20 reis (sic); e quando os tiram da augua, deitam-lhe hua canada de vinho branco polla boca, com que os levam dous dias vivos, e os que morrem neste cercoito em canaes, que sam poucos, sam do Senhor da terra, por serem peixes reaes; ainda que elles comem os menos, porque quando os acham os pescadores, furtam-nos, e vendem-nos, e delles comem.»

Ineditos, tomo V, pag. 562.

Parece que o arratel *in illo tempore* era muito maior que o de hoje, pois ali (pag. 571) o mesmo autor diz que as vaccas de criação pesavam *5, 6, 7 arrobas*?!...

—

Outro facto tambem curioso e observado tambem por mim, quando vivia na Curvaceira, minha terra natal,[1]—mesmo em frente da estação de Molledo, ou do sitio que ella hoje occupa.

Aproximadamente em 1850 fez-se uma pequena casa de tabique entre as Caldas do Molledo e a *estalagem do Almeida*, a montante da estrada nova e cerca de 8 metros afastada do alinhamento d'ella.

Depois o dono reconsiderando e querendo-a no alinhamento da estrada, reuniu um bando de homens todos armados com pancas e alavancas;—atiraram-se á pobre casa e levaram-na de rojo para o novo alinhamento, com grande pasmo do publico!

Tambem defronte d'aquelle sitio, pelos annos de 1838 a 1840, deu-se um facto de

[1] Nós vimos os touros *de palanque*,—das janellas da minha casa,—a *casa da capella*, que demora no meio da povoação da Curvaceira e domina um grande tracto do Douro.

Não tomámos parte na funcção, mas ainda assim os taes senhores brindaram-nos com *uma grande posta*!

[2] V. tomo XI (art. *Viseu*) pag. 1704, col. 2.ª e seg.

[1] V. *Corvaceira* e *Miragaya*, tomo 5.º pag. 250, col. 1.ª

grande *risota*, que podia ter serias consequencias!...

Andando a *celebre musica da Penajoia* a folgar no Douro em barcos, alguns d'elles com senhoras, tocando e cantando o *arromba, arromba*, arrombou-se o barco das senhoras! — Tomaram banho sem quererem, terminando a festança em gritaria.

V. *Villa Real de Traz os Montes*, tomo 11.º pag. 1006, col. 1.ª—e *Viseu* no mesmo vol. pag. 1791, col. 2.ª *in fine*.

—

Cortam esta freguezia na extensão de 1/2 kilometro de leste a oeste pela sua extremidade sul a estrada real do Porto á Regoa e a linha ferrea do Douro, aqui parallelas e beijando-se.

Está tambem quasi construida uma estrada municipal a macadam de Godim para a matriz de Fontellas.

O vinho d'esta freguezia é do melhor do *Baixo Douro*, por estar voltada ao sul e ser bastante ingreme e muito batida do sol. É muito superior ao das 3 freguezias que lhe ficam fronteiras alem-Douro:—Cambres, Samodães e Penajoia; mas em compensação estas 3 freguezias são muito mais mimosas e mais abundantes d'agua, de cereaes e de fructa.

No caminho das Caldas para Fontellas ha uma quinta apparatosa com boa casa e capella da invocação de *Senhora do Amparo*. Foi do benemerito bispo do Porto—D. João de Magalhães e Avellar — filho da pequena povoação de *Arneiroz*, junto de Lamego.

V. *Arneiroz* e *Villa Nova de Souto d'El-Rei*, tomo XI, pag. 872, col. 2.ª

Houve em Fontellas um homem importante, dono da nobre casa do Estremadouro. Chamava-se Antonio Felisberto da Silva e Cunha;—foi governador de Villa Real, etc. —e falleceu já depois do meiado d'este seculo.[1]

[1] Era parente proximo do sr. dr. Jeronymo da Cunha Pimentel, actual director da *Penitenciaria* em Lisboa, mas natural de Provezende, no Douro, representante da nobre casa da *Calçada*. V. *Provezende*.

Esta parochia, alem da sua matriz, que é um bom templo, tem as capellas seguintes:

1.ª—*S. Francisco*, a mais luxuosa de todas, pertencente ao palacio que mandou fazer nas Caldas, Francisco José da Silva Torres.

2.ª—*Senhora da Saude*, tambem nas Caldas, pertencente aos *quarteis do Sidro*, (Izidro) mencionados supra.

3.ª—*Coração de Maria*, tambem nas Caldas e pertencente ao seu fundador Manoel dos Santos Pereira.

4.ª—*Senhora do Amparo*, junto das mesmas Caldas e pertencente á quinta da Revoltinha, que foi do bispo D. João de Magalhães e Avellar.

5.ª—*Espirito Santo*, pertencente á quinta da Corredoura.

6.ª—*S. Francisco* (outro) em *Cimo da Fonte*, na quinta que foi do Champalimaud, de Cidadelhe, e que é hoje do *Banco da Regua*.

7.ª—*Senhora das Dores*, nas *Lageas*, pertencente aos herdeiros de D. Marianna de Azevedo Leal.

8.ª—*Senhora da Lembrança*, na povoação do Pinheiro, pertencente a Antonio José de Carvalho Borges.

9.ª—*Senhora do Carmo*, na Portella, pertencente a Manoel Alvares Pereira Carneiro Leal.

10.ª—*Senhora das Preces*, no Estremadouro, pertencente a Luiz da Silva Cunha Leite.

11.ª—*Santo Antonio*, nas Quartas, pertencente ao dr. Rodrigo Telles de Meneses, de Penafiel.

12.ª—*Santo Antonio* (outra) na povoação de Moreira, pertencente a Antonio Ignacio Vieira Borges.

Todas estas 12 capellas são particulares.

13.ª—*S. Paulo*.

É publica e estava no monte do *Viso*, donde foi transferida para o cemiterio parochial, quando este se fez, em 1880. É um bom cemiterio, distante da matriz cerca de 1/2 kilometro.

Tiveram tambem os *Loyos* uma capella na sua quinta do *Neto*, mas foi profanada ha

muito—e tambem já desappareceu, como dissemos, o santuario do *Senhor da Fraga*.

—

A navegação do Douro vae em grande decadencia depois que se abriu á circulação a linha ferrea marginal; mas outr'ora foi muito importante. Muitos arraes fizeram boas casas; alguns ordenaram, formaram e *doutoraram* os filhos[1]—e pertenceu a esta parochia um dos ultimos arraes do Douro mais importantes, mais considerados e mais ricos, bem conhecido desde o Porto até á Hespanha como *José Ignacio da Palla*, porque o seu nome era José Ignacio Vieira Borges e morou muitos annos na pequena povoação da *Palla*, junto da barca do Carvalho; mas depois viveu e falleceu em 1880 na sua bella quinta da *Corredoura* (a montante da Palla) que comprou por *doze contos de réis* e que é hoje dos seus filhos.

Era homem muito honrado e generoso,—um cavalheiro no seu procedimento,—e tinha uma soberba collecção de barcos, sendo um d'elles (*nós o vimos muitas vezes*)—o maior do Douro no seu tempo. Carregava 80 pipas de 557 litros cada uma.

—

Mencionaremos tambem aqui um outro filho d'esta parochia de *Fontellas*, contemporaneo de *José Ignacio da Palla* e que foi tambem como elle *muito honrado* e *muito trabalhador*.

Chamava-se

José Pedro d'Oliveira
vulgo
José Pedro de Fontellas

Foi muito conhecido, muito respeitado e muito considerado no Douro, no Porto e entre o Porto e o Douro, porque no 2.º quartel d'este seculo, antes de se estabelecerem na provincia as agencias bancarias, foi muitos annos consecutivos *recoveiro de dinheiro e só de dinheiro?!*...

Levava do Porto para os *lavradores* (proprietarios) do Douro a importancia dos seus vinhos, mediante o premio de 30 réis em moeda de 4$800 réis,—ou 50 réis de premio, tomando sobre si *todo o risco*.

Assim conduziu do Porto para o Douro *cargas e cargas de dinheiro* em ouro e prata, no valor de *centos de contos*, e estando ao tempo a estrada do Porto coberta de salteadores, principalmente desde Amarante até Mesãofrio,—nunca lhe roubaram um real nem deu um real de prejuiso aos seus committentes, pelo que fez bons interesses e, alem de um nome impoluto, deixou boa fortuna.

Casou e teve filhos, dos quaes ainda hoje (1888) vivem tres:—*José Pedro* na sua casa de Fontellas;=*D. Delfina* no Porto—e *D. Thereza* em Amarante.

Gaspar Borges d'Avellar

Fecharemos este artigo mencionando um dos homens mais illustrados que esta parochia tem produzido até hoje,—*Gaspar Borges d'Avellar*,—distincto professor, redactor e escriptor publico, parente do benemerito bispo do Porto D. João de Magalhães e Avellar, mencionado supra, que morreu na sua casa de Arneiros *com uma indigestão de cerejas?!*...

Gaspar Borges d'Avellar nasceu na casa solarenga da *Arrenha*, a 29 de fevereiro de 1844, e foram seus paes Henrique da Silva Avellar e D. Anna Ludovina de Magalhães Avellar.

Na Regoa, onde seu pae era empregado da *Companhia dos Vinhos*, estudou instrucção primaria e os primeiros rudimentos de latim com o professor Manoel Mendes Osorio, irmão mais velho de João Mendes Osorio, hoje capitalista, residente no Porto e ali muito considerado.

Aos 11 annos o nosso biographado foi para o Porto como alumno interno do *Collegio de S. Sebastião*, onde esteve até os 15 annos e completou o curso dos lyceus, pelo que tem o diploma de *bacharel em lettras*.

—

Matriculou-se na escola polytechnica do Porto aos 16 annos, cursando o 1.º anno de mathematica, em que foi approvado *nemine discripante*, e chimica, em que obteve o 1.º

---

[1] Nós conhecemos um par do reino e lente da Universidade filho de um arraes do Douro. *Ainda vive.*

premio honorifico. No anno seguinte frequentou botanica, obtendo o 1.º *accessit*.

Por falta de saude abandonou os estudos.

Casou em 22 de fevereiro de 1865 com D. Maria Henriqueta d'Almeida Navarro, filha de Daniel d'Almeida Navarro, antigo director do collegio *Instituto Portuense*. Pouco depois o nosso biographado assumiu a direcção do dito collegio, dedicando-se ao ensino, que ainda hoje exerce, das linguas portugueza, franceza e ingleza, litteratura, geographia e historia.

Publicou uma selecta da lingua ingleza, que durante alguns annos foi adoptada no lyceu e no *Instituto Industrial do Porto*,—e tem ineditas duas grammaticas—uma franceza e outra ingleza, que se propõe publicar brevemente.

—

Encetou a sua carreira jornalistica escrevendo no antigo periodico—*A Justiça*. Annos depois fundou com Urbano Loureiro o celebre *Diario da Tarde*.

Algum tempo depois entrou para a redacção do *Commercio Portuguez*, do qual é ainda hoje (1888) um dos principaes redactores,—e tem collaborado em differentes publicações litterarias.

Foi um dos socios fundadores da *Sociedade de Geographia Commercial* e da *Associação dos jornalistas e homens de lettras do Porto*, sendo actual presidente d'esta ultima.

—

Tem escripto muito para o theatro. Mais de 150 composições suas se teem representado no Porto, em Lisboa, nas provincias e no Brazil, sendo algumas originaes e outras adaptações e traducções. Das ditas peças estão publicadas—*Os filhos*, *Os Parasitas*, etc.

Tem feito tambem para os jornaes muitas traducções de romances francezes e inglezes, achando-se algumas d'ellas publicadas em volume, taes como:—*Julia de Trêcoeur*, de Octavio Feuillet; *Os Invisiveis de Paris*, de Gustavo Aymard; *O gato de bordo*, de Ernesto Capendu; *Vinte mil legoas sub-marinas*, de Julio Verne, etc.

Teve 2 irmãos mais novos—Manoel e Henrique—ambos já fallecidos.

O pae era natural do Porto, filho do antigo almotacel Manoel de Avellar Barbedo Cerveira, e frequentou a Universidade, que abandonou para seguir a causa de D. Miguel, em cujo exercito militou. Depois da convenção retirou-se para Fontellas, onde casou com sua prima, e falleceu no Porto em 1865.

A mãe do nosso biographado ainda vive. É natural de Lagos, no Algarve, donde foi em tenra idade para casa de uns tios que tinha em Fontellas, donos da casa da *Arrenha*, e que lhe deixaram a dicta casa e solar, hoje pertencentes a estranhos.

O benemerito bispo D. João de Magalhães e Avellar era tio de Henrique da Silva Avellar, que com elle viveu algum tempo.

O nosso biographado tambem durante 4 annos regeu a cadeira de portuguez (1.ª e 2.ª parte) no lyceu do Porto, como professor interino.

Escreve com muita facilidade,—é muito intelligente,—muito trabalhador—e socio da *L'Excursionista*, de Barcelona, associação catalã de excursões scientificas, etc.

P. S.

Á ultima hora soube que a povoação da *Cederma*, ou *Aciderma*, não pertence a esta freguezia de Fontellas, mas á de *Godim*, sua limitrophe—bem como parte da quinta do *Neto*, que foi dos *Loyos*.

VISO—aldeia da freguezia de *Villa Verde dos Francos*, no concelho de Alemquer.

V. tomo XI, pag. 1:115, col. 1.ª

VISO—eminencia da freguezia de Fontes, concelho de Santa Martha de Penaguião.

V. *Fontes*, vol. 3.º pag. 211. col. 1.ª

Pelo censo de 1878 contava 576 fogos e 1:962 habitantes esta importante freguezia, que é a mais populosa do concelho de Penaguião e bem merecia que ampliassemos as poucas linhas que o meu benemerito antecessor lhe dedicou; mas, para não abusarmos da paciencia dos editores, guardemos a tarefa para o supplemento e consignemos agora aqui apenas o seguinte:

Ha n'esta parochia um monte denominado *monte do Viso*, coroado por uma capella que d'elle tomou a invocação de *Nossa Se-*

nhora do Viso, e que tem pomposa festa, romagem e feira annual no ultimo domingo d'agosto.

Já em 1716 o auctor do *Sanctuario Mariano* (tomo 5.º pag. 131 a 135) fallando d'esta mesma capella, dizia:

«O concelho de Penaguião fica em a comarca de Sobre-Tamega,[1] da parte do nascente, olhando para a cidade do Porto, donde dista 15 legoas. He senhor d'este concelho o marquez de Fontes, conde de Penaguião, e elle apresenta *in solidum* todos os seus Officios. Tem este concelho 14 freguezias de diversas apresentações. A de Santiago de *Fontes*, de donde os marquezes tem o titulo, he vigairaria confirmada, que apresenta o commendador da ordem de S. João de Malta, a qual rende tres mil cruzados. Tem a villa de Fontes mais de 300 visinhos.

—

«No districto d'esta freguezia se vê o santuario de *Nossa Senhora do Viso*, casa de muito concurso e romagem. He este santuario muito antigo, e na estructura é obra magnifica, porque tem de longitude setenta palmos, e de latitude trinta.

«Tem 3 altares, o mayor aonde se vê collocada a imagem de Nossa Senhora do Viso, como patrona daquella casa, e dous collacteraes, hum dedicado a N. S.ª com o titulo *das Candeias*; o outro a N. S.ª *das Neves*: os quaes 2 altares ou capellas reedificou o commendador d'aquella commenda Fr. André Pinto, em acção de graças pelos muytos beneficios que da Mãy de Deos havia recebido, principalmente nas viagens de Malta, de donde invocava sempre a *Senhora do Viso* em seu favor.

«As duas imagens da Senhora, assim a das Candeas, como a das Neves, são de escultura de madeyra, e estofadas preciosamente, e a sua estatura são 5 palmos; e ambas tem o Menino Deos em seus braços. A *Senhora do Viso* tambem tem em seus braços a Deos Menino, e he da mesma proporção das mais, e tem ambas as imagens, Mãy e Filho, coroas de prata muyto ricas na cabeça, e tem tambem hum frontal *da mesma prata batida* (?) cousa muyto preciosa em custo, e feitio; e tem *riquissimos ornamentos*, tudo ministrado por aquelle seu devoto commendador; e todos os mais ornatos e peças do culto divino são ricas e perfeitas.

—

«He este templo grande, espaçoso, e muyto perfeito, não só quanto á architectura, mas quanto ao ornato. Está *todo azulejado, e o tecto apaynelado com muyto ricas pinturas dos Mysterios da Senhora.*

«Tem 2 arcos de pedra lavrada e 4 pias de agua benta *de jaspe* (?) porque tem 3 portas.

«Tão generoso se mostrou o commendador, que levantou casas não só para os ermitães, mas para os peregrinos, e romeyros porque são muytos os que de varias e distantes terras concorrem a venerar aquella milagrosa Senhora, que sempre está como de atalaya vendo e vigiando sobre o bem dos seus devotos.

«Não só os moradores de Fontes continuamente frequentão aquelle santuario, e casa da *Senhora do Viso*, mas outros muytos que vivem bem distantes.

....

«A sua festividade se celebra a 8 de setembro, dia da Natividade da Senhora,[1] e nessa occasião se faz huma grande e numerosa feira por espaço de 3 dias.

«Os milagres e maravilhas que obra, são muytos e continuos...

---

[1] Referia-se ás comarcas *ecclesiasticas* da diocese do Porto, que até 1882 comprehendia os concelhos da Regoa (só as freguezias da margem direita do Corgo) Mesãofrio e Penaguião.

[1] Depois mudou-se para o ultimo domingo d'agosto, por se fazer a 8 de setembro a grande festa, feira e romagem de Nossa Senhora dos Remedios, em Lamego, — festa muito mais concorrida e que é ha muitos annos a 1.ª nas duas margens do Douro e em toda a provincia da Beira Alta.

V. *Lamego* n'este diccionario e no supplemento.

«O exm.º marquez de Fontes, D. Rodrigo Pedro Anes de Sá, confessa, que sendo menino, o levarão seus pays á *Senhora do Viso* em hum grande achaque que padecia, e que a Senhora lhe dera perfeitissima saude.

....

«Como esta casa da *Senhora do Viso* he muyto antiga, e tanto que se achão noticias de haver sido *egreja parochial com o titulo de abbadia*, por isso se não sabe dizer nada da sua origem ... O que só consta he que D. Diniz dera esta casa da Senhora aos cavalleiros de Rhodes, hoje de Malta ... e que sendo antigamente abbadia, já no tempo daquelle grande Rey o não era.

....

«Dizem aquelles moradores de mayor discurso, e capacidade, que esta capella foi a matriz da povoação de Fontes em seus principios; porem como esta se foy augmentando muyto no terreno em que hoje se vê, e o santuario da Senhora lhe ficava distante mais de hum quarto da legoa, e em terreno muy escabroso, resolverão edificar outra nova matriz mais proxima »

—

Termina dizendo que dos commendadores de Fontes o que mais protegeu e beneficiou este santuario, foi o commendador Fr. André Pinto, da casa de Felgueiras,—e nós terminaremos consignando um facto medonho que succedeu aqui na vespera da festividade em 1886, pelas 11 horas da noite:

Principiavam a queimar o fogo; estava a musica tocando em palanque proprio no adro e o monte coberto por milhares de pessoas, quando por fatalidade se incendiou o deposito de foguetes, rebentando as bombas todas a um tempo?!...

Tremeu a montanha; apagaram-se instantaneamente todas as luzes da illuminação, do arraial e da feira; abateu o palanque da musica; fendeu-se a capella e ficaram muitas pessoas feridas, das quaes logo ali pereceram 4 mulheres e 2 homens.[1]

O povo era compacto e a mortandade seria muito maior, se os foguetes em vez de estarem, como felizmente estavam, em um recanto e voltados contra uma grossa parede, estivessem voltados para o lado opposto e corressem atravez da multidão.

Foi uma scena tristissima!

Em tão negra conjunctura prestou grandes serviços o alferes, commandante da força destinada a policiar o arraial, posto que tambem ficou gravemente ferido.

O meu irmão estava um pouco distante da catastrophe, sentado em uma cadeira. Sentiu tremer o chão e nas costas um abalo como se recebesse uma pancada! Voltando a si de repente, viu todo o arraial ás escuras e no mais profundo silencio; mas em breve se levantou um grito geral, horroroso, e se explicou tão estranha occorrencia.

VISO— monte da freguezia de *Numão*, concelho de Villa Nova de Foscôa.

Tambem ali ha um bom santuario de *Nossa Senhora do Viso.*

V. *Numão*, tomo 6.º pag. 181, col. 1.ª

VISO— monte da freguezia de *Mascarenhas*, concelho de Mirandella.

V. *Mascarenhas*, tomo 5.º pag. 120, col. 1.ª

Em 1716 havia tambem no dito monte uma capella de *Nossa Senhora do Viso*, cercada de muros e barbacãs, a modo de fortaleza, o que nos leva a crer que o dito monte foi outr'ora fortificado.

Tambem consta que se fundou ali a dita capella, porque ali apparecera a Virgem a um pastor, — e que no mesmo sitio rebentára uma fonte, mas já em 1716 estava secca.

Pelos annos de 1698 fundou-se na dita capella uma irmandade, que rapidamente se desenvolveu e passados apenas 6 annos já contava 400 irmãos, cada um dos quaes era obrigado pelo estatuto a assistir ao funeral dos que falleciam e a dar 50 réis para missas e suffragios pela alma d'elles.

A imagem da Senhora era de roca e vestidos; — tinha 5 palmos d'altura — grand festa na 2.ª oitava da Paschoa das flores.

V. *Sant. Mariano*, tomo 5.º pag. 573, 576.

[1] Tambem ao tempo ali estava um meu irmão, Jorge Augusto Ferreira, que por fortuna ficou incolume! ...

Segundo se lê na *Monarch. Lusit*, tomo 4.° l. 15, cap. 46, é muito antiga esta povoação de *Mascarenhas*, pois já em 1207 D. Sancho I a doou com o titulo de villa (talvez na accepção de *granja, casa de campo*) a Estevam Rodrigues, que fundou a egreja matriz d'esta parochia, a qual o mesmo rei lhe coutou e assim passou aos seus descendentes, mas D. João I a uniu á corôa, segundo se lê na obra cit. tomo 5.° l. 17, cap. 1.°

Não sabemos se ainda existe e em que estado se acha a dita capella.

VISO— monte da freguezia de *Senhorim*, concelho de Nellas.

Tambem ali ha uma capella com a invocação de *Nossa Senhora do Viso*, que já em 1716, segundo se lê no *Sant. Mar.*, tomo 5.° pag. 329, era *muito antiga*!

Não sabemos em que estado se acha no momento.

V. *Senhorim*, vol. 9.° pag. 144, col. 1.ª

VISO— monte da freguezia de *Carvalhal Redondo*, no mesmo concelho de Nellas.

V. *Carvalhal Redondo*, tomo 2.° pag. 135, col. 1.ª

Ha tambem ali uma capella antiquissima com a invocação de *Nossa Senhora do Viso*.

Já em 1716 não havia memoria da sua fundação! Apenas constava ter sido matriz, e n'ella se haviam encontrado sepulturas com muitas ossadas humanas, quando se lageou o pavimento.

A propria architectura ja então revelava grande antiguidade.

A imagem da Senhora era de pedra, mas muito bem cinzelada; tinha de altura pouco mais de 3 palmos e o Menino Jesus nos braços. Tambem tinha irmandade propria em 1716 e grande festa e romagem no dia 15 de agosto.

V. *Sant. Mar.* tomo 5.° pag. 228.

VISO— quinta e monte na freguezia de *Ranhados*, concelho de Viseu.

V. *Ranhados*, tomo 8.° pag. 46, col. 2.ª — e *Viseu* tomo XI, pag. 1532, col. 1.ª *in principio*.

VISO—monte e 4 quintas na freguezia de *Rio de Loba*, concelho de *Viseu* tambem.

V. *Rio de Loba*, tomo 8.° pag, 194, col. 1.ª —e *Viseu*, tomo XI, pag. 1530, col. 2.ª

Alguem prentende que o nome da cidade de *Viseu* provem d'estes ultimos 2 *Visos*, V. Viseu, tomo XI, pag. 1714, col. 1.ª e segg.

VISO (Alto do)—serra e monte na freguezia de Nossa Senhora da Annunciada de Setubal, cerca de 2 kilometros a O. d'esta cidade.

Alto do Viso é o ponto culminante da *serra do Viso*, que se prolonga de norte a sul, passando a N. d'ella a antiga estrada de *Coina*, hoje estrada d'Azeitão, e a S. o pequeno valle das *Pedreiras*, d'onde se tiram grandes pedras para mós e para outras applicações.[1]

Ha na serra do *Viso* muitos moinhos de vento, a maior parte dos quaes se inutilisou depois que se introduziram os moinhos a vapor,

Quasi toda a dita serra é formada de rochas calcareas, cobertas de solo argiloso de pequena espessura e por isso em grande parte inculto, exceptuando a vertente occidental, onde estão 2 casaes, denominados *Viso Grande* e *Viso pequeno*.[2]

O casal do *Viso Grande* tem boas casas de habitação, onde esteve o quartel general do conde de Vinhaes em 1847, quando se feriu a acção do *Alto do Viso*, que adiante descreveremos. Pertencia então o dito casal a Manoel Severo Correia de Brito Guedes, tenente coronel reformado que foi governador do forte de *Albarquel*, em Setubal, e tambem governador militar d'esta cidade,

---

[1] O *foral novo*, dado por D. Manoel a Setubal em 27 de junho de 1514, mandou que se pagasse de portagem das *mós* de barbeiro 2 reaes; das de moinhos ou atafonas 4 reaes—e das de mão para pão ou mostarda 1 real, exceptuando as que fossem levadas por qualquer pessoa do termo para seu uso.

[2] Por estes sitios casal significa propriedade rural, composta de casa, arvoredo e terras de cultivo. Differe do que chamam *horta* ou *quinta*, por não ter chãos regadios.

etc. Alguns annos depois do seu fallecimento os herdeiros venderam a dita propriedade a Eduardo Augusto de Sousa, capitão da nossa marinha mercante, o qual depois foi para Sião, onde falleceu ha poucos mezes, como official da marinha de guerra siamesa e muito considerado pelo governo d'aquella nação, que o distinguiu com varias mercês honorificas.

O valente official da marinha siamesa deixou na posse do dito casal a esposa—D. Maria Salomé da Conceição e Souza,—senhora bastante illustrada, que se tornou tristemente celebre, porque não só se filiou na maçonaria em Lisboa, mas montou uma loja maçonica de senhoras (?) intitulada *Filippa de Vilhena*; taes desatinos, porem, commetteu, que foi maçonicamente processada e expulsa da maçonaria com grande escandalo, segundo disseram differentes jornaes.

O *Seculo*, por exemplo, jornal maçonico e ultra-republicano de Lisboa, no seu n.º 1:402 de 8 de agosto de 1885, publicou na sua integra o famoso decreto d'expulsão, documento estranho e muito curioso.

É o seguinte:

«Gran Delegacion en Portugal
del
Grande Oriente de España

—

A.·. M.·. T.·. O.·. S.·. A.·. G.·.
Ordo—Ab—chao
El Supremo Tribunal—Gran Comision de Justicia
Envia

A todos los Masones, Logias, Capitulos y demás centros masonicos regulares y legalmente constituidos

S.·. A.·. P.·.

Sabé:—Que procesada masonicamente D. *Maria Salomé da Conceição e Sousa*, de nombre simb.·. *Filippa de Vilhena*, gr.·. 33 ex Ven.·. Maes.·. de la log.·. de señoras *Filippa de Vilhena*, n.º 31, por infracion de Ley segun art.º 293, §§ 1.º, 9.º, 14.º y 15.º

Esta Gran Comision de Justicia unanimemente ha pronunciado el seguiente Decreto:

Considerando: Estar plenamente probada la infraccion de Ley, segun Acta de acusacion;

Considerando: Que el gr. superior de la Ré no la puede exhimir de penalidade en las faltas y delitos cometidos;

Resultando: Ser reincidente y condenada ya por un Cuerpo Masonico más ó menos regular.

Venimos en aplicarle por medio deste Nuestro Decreto, la imposicion de la *Pena Mayor*, o sea la Irradiacion ó Expulsion de la Orden donde cuenta as Sup.·. Cons.·. y Sup.·. Cr.·. Log.·. Sim.·. del Gr.·. Oriente de España, asi como á todos los Or.·. regulares, segun pratica y uso.

Lisboa, sala del Sup.·. Tribunal de Justicia á los 27 dias del mes de Julio de 1885.

El Presidente Isidro Villarino; el Vice-Presidente Cesar Augusto Falcão, *Lamartine*; el Fiscal Joaquim Pires, *Marquez de Pombal*; Consejeros: João José Teixeira Junior, *Lamartine;* Alberto Maximo Pereira Torres, *João de Barros*; Antonio Augusto Carvalho, *Alexandre;* el Gran.·. Canciller, Leandro Queirós Navarro, *Tiberio Graco.*»

Pobre *Filippa de Vilhena*!...

Acção do Alto do Viso

O que deu notoriedade a este monte foi a acção que n'elle se feriu em 1 de maio de 1847 entre as forças militares da rainha, ali acampadas e commandadas pelo conde de Vinhaes,—e as tropas da *Junta do Porto*, commandadas pelo visconde de Sá da Bandeira, que occupavam Setubal.[1]

---

[1] V. *Porto*, vol. 7.º pag. 366, col. 2.ª, onde nas ephemerides relativas ao anno de *1846* se encontram algumas noticias da guerra da *Junta do Porto*, ou da *Patuleia*, ou da Maria da Fonte.

As numerosas victimas sepultadas no *Alto do Viso* foram sacrificadas ao brio irreflectido, ou antes—á maior das imprudencias.

Não foram só os academicos, a quem o verdor dos annos e o fogo da juventude levaram a fazer instancias menos prudentes e que resolveram o sr. visconde de Sá Bandeira a dar aquella acção (diz o sr. João Carlos d'Almeida Carvalho): a vontade de sair a campo e de atacar as forças do *Alto do Viso* era manifestada por toda a divisão.

A principio era só a vontade; depois veiu a murmuração, e bem depressa se seguiram as declamações nas praças e ruas, pronunciando-se a indisciplina e a desordem. A soldadesca chegou a fallar de um modo serio e tumultuario, e alguns d'aquelles que a podiam conter.... concorriam desgraçadamente para que mais lavrasse o exaltamento das paixões irreflectidas. O visconde de Sá da Bandeira foi d'isto avisado pelo conde de Mello, e o nobre visconde manifestou a resolução de se demittir, se a divisão se insubordinasse pretendendo impor-lhe ordens.

....

«Nas vesperas do 1.º de maio, quando Setuba tinna quasi prompta a sua linha de efesa, e as forças que a guarneciam haam tomado melhor ordem, o sr. visconde de Sá da Bandeira sabia que tropas tinha pela frente...—alem d'isto não daria nem podia dar a acção pelas ponderosas rasões que lhe não era possivel revelar.

—

«No dia 27 de abril já o nobre visconde havia sido instruido por sir H. L. Bulwer, ministro inglez em Madrid, de que no dia 18 o governo hespanhol e inglez tratavam de uma convenção, que lhe dizia—ser conveniente e honrosa tanto para S. M. a rainha, como para a junta do Porto; e que assim recorria a elle visconde a fim de que não levasse os negocios a extremos, *que podiam er fataes á causa que s. ex.ª seguia.*

....

«No dia 29 entrava no Sado o vapor de guerra *Polyphemus*, de bordo do qual o coronel Wilde participou ao sr. visconde de Sá da Bandeira que o governo da rainha havia acceitado a mediação da Inglaterra, para se pôr termo á guerra civil—e concluia propondo a s. ex.ª uma suspensão de hostilidades.[1] ....

....

O visconde entendia não dever dar a acção, mesmo porque lhe faltavam munições. *Não tinha polvora!...* Mas a imprudencia exaltava cada vez mais os soldados. Os academicos foram em corporação instar com Sá da Bandeira para que atacasse o inimigo; alguns commandantes d'outros corpos secundaram os academicos e declararam que não se responsabilisavam pela disciplina se a acção se não desse, pelo que muito violentado e por assim dizer arrastado,—annuiu, para evitar maiores desgostos.

A tropa recebeu com grande satisfação a noticia de que estava marcado o dia seguinte, 1.º de maio, para o combate.

Os soldados em magotes percorriam as ruas e praças entoando canticos guerreiros; á noite os officiaes agruparam-se defronte do quartel general dando vivas a Sá da Bandeira, ao conde de Mello e ao tenente coronel Galamba, e as musicas tocavam hymnos nacionaes e patrioticos.

O conde de Vinhaes foi prevenido, mas não acreditou tal noticia, por ter a certeza de que Sá da Bandeira não ignorava as negociações pendentes e foi quasi surprehendido com o rompimento das hostilidades.

—

Pelas 6 horas da manhã de 1 de maio, pouco depois do conde de Vinhaes ter feito a descoberta sobre Setubal e recolhido aos seus entrincheiramentos, rompeu Sá da Bandeira as hostilidades na fórma seguinte:

As suas tropas formaram em duas colum-

---

[1] V. o *Livro Azul*, ou correspondencia relativa aos negocios de Portugal, traduzido do inglez em 1847.

nas: a 1.ª composta de caçadores 3, fusileiros da liberdade, movel de Coimbra, artilheria de campanha e 120 cavallos, devia apoderar-se da forte posição em que o inimigo apoiava a sua direita, e ganhar a posição sobranceira á esquerda inimiga, para ali montar a artilheria e proteger a columna da direita composta dos batalhões 1.º de caçadores,[1] *emigração lisbonense, 2.º da legião, companhia de Cintra* e 60 cavallos. Esta columna devia atacar a esquerda inimiga, destruir o seu reducto e operar d'accordo com a outra columna.

Além d'estas disposições ordenou que o 6.º de caçadores,[2] commandado pelo major Freire, descesse de Palmella e fosse postar-se de reserva junto a S. Paulo, ameaçando a estrada e a rectaguarda inimiga,—e que a brigada do Algarve formasse a reserva principal e se postasse junto da linha de defesa.

Aquella brigada era composta dos batalhões de atiradores—1.º de Faro, sob o commando do tenente coronel José Coelho de Carvalho; 2.º d'Albufeira, sob o commando do tenente coronel Judice Samora,—e parte do 3.º de Lagos.

Ordenou tambem que o *movel d'Evora* e 50 cavallos assegurassem as posições da *quinta dos Bonecos* e *Alto de Branca Annes* onde estava o forte *Barrete de Clerigo*, guarnecido por atiradores do Algarve.

Deu tambem ordem aos navios de guerra, sob o commando de Salter, para protegerem o movimento, fazendo fogo sobre o inimigo.

—

A columna da direita marchou pela estrada d'Azeitão,—e a da esquerda, para chamar ali a attenção do inimigo e coadjuvar a operação, marchou a coberto pelo caminho proximo do castello de S. Filippe.

A rapidez do ataque fez com que o inimigo perdesse a forte posição da sua direita. Caçadores 5, sob o commando do valente major Constantino d'Azevedo, correu a apoderar-se da extrema direita;—o tenente coronel Joaquim Guedes, á frente do *movel de Coimbra*, avançou a proteger a artilheria e, apesar de gravemente ferido, continuou a partilhar as gentilezas do seu batalhão.

—

Por seu turno o conde de Vinhaes, apenas soube que era atacado e que já tinha perdido as primeiras posições tão vantajosas, reuniu immediatamente a sua divisão. Ordenou que a 1.ª brigada, composta de infanteria 1 e 2,—de uma companhia da guarda municipal de Lisboa e de um esquadrão de cavallaria 5, marchasse logo pelas ladeiras que subiam ás altas posições da direita. Entretanto a artilheria de Sá da Bandeira, postada nas alturas, fulminava o inimigo, cuja divisão soffreu logo muita perda, ficando feridos entre outros officiaes o coronel Marcelli, commandante da 1.ª brigada, o coronel Barreto e o tenente-coronel Pereira, commandantes dos regimentos 1 e 23.

Engajou-se então um fogo vivissimo entre as duas divisões e ambas se batiam galhardamente.

Morreram logo na 1.ª carga o tenente-coronel Castello Branco e o tenente Pancada,[1] aos golpes do corajoso tenente coronel Galamba, que destemidamente correu a vingar a morte do seu camarada.

—

As forças da junta, protegidas pela sua artilheria, repelliam com vigor o ataque e

---

[1] Era o batalhão organisado no Algarve sob o commando do coronel Neutel, que se denominou *Leaes Caçadores*, por ser composto em grande parte de soldados de caçadores 5, fugidos depois de ficarem prisioneiros na acção de Torres Vedras.

[2] Era o batalhão movel de Portalegre, denominado pela junta — *Conquistador da liberdade*.

[1] Era tenente de cavallaria das forças da junta e foi sepultado no acampamento. Castello Branco, tenente coronel da mesma arma, das tropas da rainha, foi sepultado na capella de *Santa Efigenia*, na quinta d'esta denominação, ao norte do *Alto do Viso*.

sustentavam as posições da direita. N'esta conjunctura a guarda municipal correu para caçadores 5, bradando: *Vimos entregar-nos!* Este corpo, composto em grande parte de soldados novos e tendo apenas um diminuto numero de officiaes, não obstante as reiteradas advertencias d'estes e as vozes para atacar, dadas pelo seu intrepido commandante,—*deixou-se illudir*, vendo-se bem depressa envolvido pela infanteria e carregado pela cavallaria inimiga, pelo que retirou em desordem, não escutando a voz de *firme!* dada repetidas vezes pelo valente major Azevedo Cunha, recordando-lhe ao mesmo tempo as gloriosas tradições do 5 de caçadores.

Os *Fuzileiros da Liberdade*, que estavam de reforço, sustentaram-se com admiravel firmesa e dariam logar a caçadores 5 para se formar de novo e volver ao ataque, mas infelizmente os fuzileiros haviam recebido nas vesperas armamento novo, apprehendido no vapor *Royal Tar*, e a maior parte das armas errava fogo, por terem os canos sujos, ou os ouvidos entupidos, pelo que muitos dos pobres fuzileiros com o desespero quebraram as armas e outros iam para a retaguarda. Inda assim o corpo continuou a bater-se com o mesmo denodo, ficando fora do combate muitos officiaes e soldados.

—

O conde de Vinhaes empregou então esforços superiores e toda a sua cavallaria. As forças da junta, por esta circumstancia e por *falta de polvora*, foram cedendo em ordem, protegidas pelos fogos do *Castello de S. Filippe* e dos vapores de guerra, até que finalmente caçadores 5, *fuzileiros* e o *movel de Coimbra*, abandonaram as suas posições.

O corpo academico, levando á sua frente o bravo capitão Fernando Mousinho d'Albuquerque e tendo avançado com o maior denodo, foi atacado por forças superiores e obrigado tambem a retirar, deixando no campo alguns mortos e feridos, entre estes o seu commandante. Os briosos academicos teriam deixado o campo juncado de cadaveres se por um movimento rapido não se acolhessem no castello de *S. Filippe*, cuja artilheria, jogando sem cessar, os salvou. Era governador do castello o major *Gamitto*, que n'esta conjunctura deu mais uma prova da sua intrepidez.[1]

—

Emquanto as coisas assim se passavam na esquerda, a columna direita da junta não mostrava menor valor.

O 2.º *da legião* (*Serginos* de Braga) sob o commando do tenente coronel Montalverne, —uma companhia do *lisbonense*, commandada pelo capitão Manoel de Jesus Coelho, e a companhia dos *cintrenses*, que eram por assim dizer os *Zuavos* da divisão,—repelliram as primeiras forças inimigas, que estavam emboscadas. O major Montenegro subiu com estes atiradores á montanha, e com igual intrepidez caçadores 1, que chegou ao mesmo tempo ao reducto inimigo, parallelo ao *forte Velho*, começando a sua destruição debaixo de vivo fogo. Mandou logo o conde de Vinhaes em defesa d'esta importante posição a 2.ª brigada, composta de caçadores 5, de infanteria 6, 2 peças d'artilheria e 60 cavallos. Travou-se então vivissimo fogo em toda a linha *por mais de duas horas* com muitas baixas e varios successos em um e outro campo. Foi chamada a brigada de reserva da junta, que se portou com distincção, sendo afinal repellidas as tropas da rainha.

—

Sá da Bandeira, com a sua natural placidez d'animo, parecia assistir ás continencias d'uma parada no meio do troar constante da artilheria e fuzilaria, correndo a todos os pontos e apresentando-se em toda a parte.

O conde de Mello mostrou tambem ser o bravo defensor da bateria do *Bomfim* no cerco do Porto e o valente general em fren-

---

[1] Antonio Candido P. Gamitto, natural de Setubal, tambem se immortalisou em uma expedição ao interior da Africa, descripta fielmente no livro intitulada *Muata Cazembe*.

te dos muros de Estremoz, tendo ferido a seu lado o ajudante.

Portaram-se tambem com galhardia os officiaes do estado maior:—os coroneis Giton e Bustorf; o tenente coronel Mendes Leite; o major José Estevam; os capitães Pinto Carneiro, Carlos Ribeiro, Domingos Ardisson e José Xavier de Bastos; os tenentes Abreu Vianna e Palma Reis; os alferes Vasco Guedes, D. João de Menezes, Manoel Emauz, Antonio Maria da Cunha e Carlos Costa. Mas a ala direita das forças da junta já havia cedido terreno e occupava outras posições, apoiada pelo *Forte Velho*, do qual saía um fogo vivissimo, dirigido pelo governador Pinto e Horta. Começou então a escacear a polvora e de toda a parte a requisitavam ao visconde de Sá da Bandeira os commandantes dos differentes corpos, bradando com anciedade — *venha polvora!* E o general respondia a todos—*já lá vae*, — sabendo que não a tinha?!...

—

N'esta conjunctura foi ao acampamento e se apresentou a Sá da Bandeira o capitão inglez *Mac Cleverty*, o qual, em nome do coronel Wilde, convidou o illustre general a suspender as hostilidades e lhe entregou o seguinte officio:

«A bordo do navio de S. M. B. *Polyphemus*—Setubal 1 de maio de 1847,—ás 7 horas da manhã. *Urgente.*

Sr. visconde.—N'este momento sou informado de que as forças debaixo do commando de v. ex.ª vão marchando com o intento de atacar as tropas da Rainha. Penso portanto que é de justiça informal-o, que tendo S. M. F. acceitado a mediação da Inglaterra, se v. ex.ª ficar victorioso, terá provavelmente de encontrar as forças britannicas que estão no Tejo, preparadas para defender a capital e opporem-se á passagem do rio. E por outro lado se v. ex.ª for derrotado, tornar-se-ha um dever para mim o recommendar que as tropas que estão debaixo do seu commando, sejam excluidas do beneficio da amnistia, que segundo informei hontem a v. ex.ª, S. M. F. tem tenção de promulgar.[1] Tenho a honra, etc. — *Wilde*, coronel.»

—

A acção ainda continuava com empenho, mas o visconde de Sá da Bandeira, recebendo do capitão *Mac. Cleverty* a promessa de que Vinhaes mandaria immediatamente cessar o fogo, deu ordem para que cessasse tambem da sua parte.

Eram 9 horas da manhã e o campo já estava coberto de mortos e feridos, sendo o maior nemero das forças de Vinhaes, em consequencia das vantagens que as de Sá da Bandeira haviam ganhado no principio da acção,—e dos fogos da esquadra, castello de *S. Filippe* e *Forte Velho.*

Em pouco tempo as forças de ambas as partes recolheram ás suas antigas posições.

Sá da Bandeira, elogiando no seu officio o denodo das suas tropas, dizia: «O corpo academico tinha solicitado a honra de fazer a guarda avançada, e nada ha que eguale o seu valor.»

E no discurso que recitou sobre a campa d'um d'esses bravos, disse:

—«Durante a acção todos se portaram com admiravel valor, ficando parte fóra do combate. O primeiro ferido que observei no campo da batalha foi um academico.[2]

---

[1] O decreto de amnistia foi publicado posteriormente, mas tem a data de 28 d'abril, como se vê a pag. 303 do *Livro Azul*, já citado.

A amnistia comprehendeu todos os crimes politicos commettidos desde 6 d'outubro de 1846, como se estipulou na *Convenção de Gramido;* mas ainda assim, depois da convenção e do desarmamento da junta, muitos partidarios d'esta *soffreram bastante!...*

V. *Porto*, vol. 7.º, pag. 370 e 371,—e *Gramido*, tomo 3.º pag. 316, col. 2.ª

[2] Os academicos de Coimbra, que na dita acção formavam a linha de atiradores, commandados pelo capitão de *Fuzileiros da Liberdade*, Fernando Mousinho d'Albuquerque, foram os seguintes:

Tenente—Manoel Fialho d'Abreu, morto no campo da batalha.

Alferes—José Maria Tavares Ferreira.

No seu officio dizia tambem: «O regimento de *Fuzileiros* correspondeu ao juizo que d'elle formava. O tenente coronel Galamba, carregando com alguns cavallos, em poucos minutos fez retrogradar a cavallaria inimiga, matando-lhe o seu commandante.»

Por seu turno o conde de Vinhaes recommendava o valor da sua divisão em geral, nomeadamente o major Barrote, commandante da guarda municipal, e o commandante da cavallaria, tenente coronel Castello Branco.

Terminado o combate, foi o conde de Mello, como chefe do estado maior da divisão da junta, conferenciar com o conde de Vinhaes sobre os artigos da suspensão. Disse-lhe Vinhaes: «Se eu soubesse o estado em que se achavam, sem terem polvora, tinham de certo hoje levado uma boa lição e pago cara a ousadia do ataque!...»

Voluntarios

—Agostinho Leite.
—Antonio Alves de Macedo, ferido em uma perna.
—D. Antonio da Costa de Sousa Macedo.
—Antonio José de Barros e Sá.
—Antonio Maria de Lemos.
—Antonio dos Santos Pereira Jardim.
—Augusto José Gonçalves Lima.
—Augusto Zeferino.
—Ayres d'Araujo Pitta Negrão, morto de um ferimento, no dia 2.
—Candido Maria Cau.
—Carlos Honorio Borralho.
—Domingos Antonio Ferreira, ferido, prisioneiro e morto depois.
—Eugenio da Costa e Almeida.
—Francisco Pimentel de Macedo.
—Frederico Augusto Jansen Verdades.
—Guilherme de Sant'Anna e Miranda.
—José Antonio de Macedo Ferraz.
—João Antonio dos Santos Silva.
—João Pereira Ramos Brun do Canto.
—João Ribeiro Barreira.
—Joaquim Guilherme de Seixas.
—Joaquim de Pinho e Sousa, contuso em um braço.
—José Antonio Carlos Madeira Torres, morto no campo da batalha.
—José Gouveia de Sousa, ferido em um joelho.
—Manoel Gomes Pinto.
—Manoel Ignacio Brun do Canto, ferido em uma mão.
—Pedro Joyce.
—Raymundo Cesar Borges e
—Xisto Caetano Moniz Barreto.

—

Eis aqui muito em resumo o que foi a *acção do Alto do Viso*, segundo se lê no interessante opusculo do sr. João Carlos d'Almeida Carvalho, escriptor consciencioso e esclarecido, muito conhecedor d'aquelle facto.

O mencionado opusculo foi publicado em 1863 e tem por titulo «Duas palavras ao auctor do *Esboço Historico de José Estevão*, ou refutação da parte respectiva aos acontecimentos de Setubal em 1846 a 1847, e a outros que com aquelles tiveram relação.»

V. tambem *Setubal*, vol. 9.º pag. 232, col. 2.ª—anno 1847, e *Santarem*, vol. 8.º pag. 520, col. 1.ª, onde o meu antecessor, que foi tambem militar de D. Miguel e da *Junta do Porto*,[1] tratou *bem cruamente* o visconde de Sá da Bandeira?!...

Finalmente agradeço ao sr. Manoel Maria Portella, illustrado filho de Setubal, os apontamentos que se dignou enviar-me, como enviou outros muitos ao meu benemerito antecessor, para o artigo *Setubal*, pois ninguem conhece hoje aquella cidade melhor do que s. ex.ª—já por ser filho d'ella e n'ella 1.º official da camara,—já por ser um distincto escriptor publico. Tem redigido diversos jornaes e collaborado em outros muitos,—e tambem já publicou 3 livros de versos:—*Ensaios poeticos* -*Eccos do Ermo*—e *Lyricas e Lendas*, sendo este ultimo impresso no Brazil.

V. Setubal, vol. 9.º pag. 210, col. 1.ª

VISOI ou **VISOY**.—nome proprio de homem, bastante vulgar na idade media em Portugal e na peninsula.

[1] V. *Sabroso*, tomo 8.º pag. 283, col. 1.ª e segg.;—*Vianna do Castello*, tomo 10.º pag. 461, col. 1.ª e segg.—e *Vimieiro*, freguezia do concelho d'Arrayolos, tomo 11.º pag. 1457 col. 1.ª e segg. tambem.

Para evitarmos repetições, veja-se o art. *Viseu,* tomo XI, pag. 1715, col. 2.ª

Tambem por vezes assignavam *Vizoi* e *Vizoy*—e parece que a formula feminina era *Visèa,* ou *Vizêa,* ou *Vizeia.* Assim se denominava no sec. VI uma das freguezias do bispado do Porto, como dissemos no logar citado.

VISONHA,—portuguez antigo,—visão, espectro, apparição de figura repellente!

«Oh Jesus que má visonha!»

Canc. fl. 207.

VISO REI,—depois *Vice-rei*—e anteriormente *Vis-rei,* ou *Viz-rei.*

Assim se denominava outr'ora o nosso governador geral da India.

VISTA ALEGRE, — fabrica muito importante de vidros e porcelana, fundada em 1824 no concelho e parochia de *Ilhavo,* districto de Aveiro.

V. *Ilhavo,* tomo 3.º pag. 387, col. 2.ª, onde o meu antecessor já indicou a dita fabrica; mas tanto avulta ella em todo o nosso paiz, que bem merece um topico especial.

Temos sobre a nossa mesa de estudo largos apontamentos com relação a esta grande fabrica, principiando pelo bello artigo que D. José de Urcullu em 1837 lhe dedicou na sua *Chorographia,* tomo 2.º pag. 90, acompanhado de duas primorosas gravuras representando-a:—a 1.ª *vista da parte da terra;*—a 2.ª *vista da parte do rio;* mas, como desde aquella epoca tem progredido e augmentado muito este grande estabelecimento industrial, transformando inclusivamente a quinta e fabrica da *Vista Alegre* em uma risonha e alegre povoação, aproveitaremos a *Memoria* que em 1883 lhe dedicou o sr. Marques Gomes, d'Aveiro.

Vamos pois fazer da dita *Memoria* um leve extracto, já que não podemos dal-a na sua integra.

—

«A menos de 2 kilometros de Ilhavo e sobranceira ao braço da ria d'Aveiro, que liga a chamada *Calle da Villa* com o *Bócco,* fica a *Vista Alegre.* Quadra bem este titulo á risonha povoação em que um dos homens mais prestimosos e emprehendedores que Portugal tem conhecido no presente seculo veio fundar a fabrica de porcelanas, que do local toma o nome.

A *Vista Alegre* como povoação em si, tem tambem como o importante estabelecimento que a tornou conhecida, tanto no paiz como no estrangeiro, uma historia sua, de quem a lenda por mais de uma vez se apossou já, deturpando-a.

Não nos cançaremos em lhe procurar a etymologia, pois é fóra de duvida que o nome lhe proveio do formosissimo panorama, que a contorna, moldurando-lhe o rosto gentil.

—

«Anteriormente á fundação da fabrica, a *Vista Alegre* não tinha fóros de povoação. Era uma quinta apenas. Um templo formosissimo e uma casa modesta que servia de habitação aos proprietarios da quinta, eram os unicos edificios, que ali existiam e isto ainda no 1.º quartel do sec. XIX.

A fundação de um tão bello templo, como é o de *Nossa Senhora da Penha de França,* n'um sitio tão ermo, como era a *Vista Alegre,* fez com que muitos principiassem a architetar romances mais ou menos verosimeis. Imaginaram-se desterros e deportações, e bem assim fofo ninho de criminosos amores d'um prelado illustre com uma dama de elevado nascimento e freira professa n'um convento de Lisboa.

Não longe da *Vista Alegre,* a um kilometro para o sul, fica o antigo solar da *Ermida,* villa e concelho até 1834, a quem D. Manoel deu foral em 8 de junho de 1514.[1] N'esta povoação houve um praso, cuja origem data de seculos, tendo por cabeça uma grande quinta denominada o *Paço da Ermida.* Este praso e quinta andava no senhorio dos *Mouras-Manoeis,* familia muito illustre, pois trazem a sua descendencia de

---

[1] V. *Ermida,* tomo 3.º pag. 47, col. 2.ª *in fine.*

P. A. Ferreira.

D. Branca de Sousa, filha de Lopo Dias de Sousa, grão-mestre da Ordem de Christo.

Alguns escriptores teem confundido a quinta da *Ermida* com a da *Vista Alegre*, e affirmado que foi seu proprietario o bispo de Miranda, D. Manoel de Moura Manoel.

Nem a quinta da Vista Alegre já foi conhecida por quinta da *Ermida*, nem tão pouco aquelle prelado foi dono de qualquer d'ellas.

É fora de duvida que D. Manoel de Moura Manoel vinha frequentes vezes passar alguns dias, e ás vezes mezes até, á quinta da Ermida, que conjuntamente com o praso do mesmo nome pertencia a seu irmão primogenito Ruy de Moura Manoel. Durante a sua estada aqui, travou relações com o proprietario da quinta da Vista Alegre, o dr. Manoel Furtado Botelho, relações que se foram tornando cada vez mais intimas, de sorte que, passados annos, edificou em terrenos dependentes da mesma quinta a capella de *Nossa Senhora da Penha de França.*[1]

—

«Por morte de Ruy de Moura Manoel, passou a quinta da Ermida para seu filho Rodrigo de Moura Manoel, que tendo casado com D. Rosalia da Silva, filha de Luiz Lobo da Silva, governador e capitão general de Angola, morreu sem successão, pelo que os seus bens passaram para suas irmãs. A Ermida pertenceu a D. Maria Maximiliana, casada com Jeronymo de Castilho. Por morte d'este, ficou sendo senhor d'ella seu filho Jeronimo Antonio de Castilho que, conjunctamente com sua mulher D. Joaquina Isabel Freire de Castro, a vendeu por escriptura lavrada nas notas do tabellião da então villa d'Aveiro, em 15 de janeiro de 1727, a Zeferino Rodrigues Caudello. Em 17 de março de 1812 fez venda da mesma quinta ao sr. José Ferreira Pinto Basto, D. Bernarda Thereza Umbelina Caudello de Mariz Sarmento, neta do referido Zeferino Rodrigues Caudello.

O proprietario da quinta da Vista Alegre dr. Manoel Furtado Botelho, tendo fallecido em 9 de setembro de 1733, dispoz dos seus bens como se vê da parte do seu testamento que passamos a transcrever do livro dos obitos da freguezia de Ilhavo, no anno de 1733: — «que seria sepultado na capella de *Nossa Senhora da Penha de França,* e deixava entre outras missas, 50 pela alma do seu amigo o sr. Bispo que foi de Miranda. Instituia por sua universal herdeira—D. Theodora de Castro Maria Manoel, de seus bens, e que esta poderia vender d'elles o que lhe parecesse para dividas e ser freira sem constrangimento de pessoa alguma; nem justiça alguma lhe tomaria conta, nem fariam inventario; e os bens que ficassem por sua morte d'ella, iriam ao usufructo do seu testamenteiro o padre licenciado Domingos Ferreira da Graça, cura de Ilhavo, e por morte d'este a Nossa Senhora da Penha de França da *Vista Alegre*, que entrando na posse seria obrigada a fabrica da capella a fazer uma festa á dita Senhora em 8 de setembro de cada anno, da qual o capellão daria contas ao dr. Vizitador.»

Não foram, ao que parece, totalmente cumpridas as disposições do testador, pois é certo que os seus bens tiveram um destino muito differente do que o que lhe havia marcado.

—

«D. Theodora de Castro Moura Manoel, era, como o proprio nome o indica, — filha do bispo de Miranda, a quem pertencia tambem o appelido *Castro*, pois o houve de sua mãe, D. Maria de Castro. Aquella senhora, destinada segundo parece para a vida claustral, não tomou o habito, nem tão pouco chegou a casar, mas teve um filho, a quem deu o nome de seu pae, d'ella, Manoel Pe-

---

[1] Fica assim rectificado o que disse o meu benemerito antecessor nos artigos *Ilhavo* e *Penha de França.*

P. A. Ferreira.

reira de Moura Manoel, que ordenando-se foi abbade da freguezia de *S. Romão* (?) de Guimarães.

O appellido *Pereira*, do mesmo modo que o de *Castro*, era tambem pertença do Bispo, pois era 2.° neto de João Rodrigues da Costa e de sua mulher D. Isabel *Pereira*.

O abbade.... morreu ainda em vida de sua mãe, mas não sem deixar successão,[1] pois teve uma filha de D. Clara Maria de Barros, natural de *Gondar*, no concelho de Guimarães, D. Josepha Caetana de Castro, que casou em 20 de novembro de 1748 com o capitão Manoel Alvares Brandão, de Santa Maria de Taboa, no bispado de Coimbra. D'este consorcio nasceram duas filhas e um filho, que todos foram baptisados na egreja de S. Salvador de Ilhavo, a cuja parochia pertence a Vista Alegre.

D. Theodora de Castro.... falleceu em 1767, sendo sepultada na capella de Nossa Senhora da Penha de França, quaes porem as suas disposições testamentarias, se as deixou, são desconhecidas.

«O testamenteiro do dr. Manoel Furtado Botelho, o padre licenciado Domingos Ferreira da Graça, para quem devia passar o usufructo da herança que aquelle havia deixado a D. Theodora de Castro de Moura Manoel, sobreviveu ainda a esta, pois só falleceu em 7 de maio de 1772; mas se elle usufruiu ou não a herança é que é ponto muito duvidoso, sendo certo porém que tal herança por venda ficticia ou por outro qualquer meio, nunca chegou a pertencer á fabrica da capella de Nossa Senhora da Penha de França, pois passou para o capitão Manoel Alvares Brandão e d'este para seus filhos, um dos quaes, Alexandre da Costa Brandão, que foi capitão-mór de Cantanhede, vendeu em 1815 a quinta e capella da *Vista Alegre* ao sr. José Ferreira Pinto Basto.

---

[1] *Qui viget in foliis, venit e radicibus humor?!...*

P. A. Ferreira.

—

«Esboçámos a historia da *Vista Alegre*: agora resta-nos reunir aqui alguns apontamentos biographicos do fundador da capella... e fazer uma descripção ainda que rapida da mesma capella.

D. Manoel de Moura Manoel nasceu em *Serpa*, sendo seus paes Lopo Alvares de Moura e D. Maria de Castro. Filho segundo de uma casa vinculada como era a sua, e não querendo seguir a carreira das armas, abraçou a que lhe restava, segundo o seu nascimento, — a ecclesiastica. Seguindo os estudos superiores na Universidade de Coimbra, doutorou-se em canones, e na qualidade de oppositor a uma das cadeiras d'esta faculdade, foi eleito collegial do Real Collegio de S. Paulo em 28 de julho pe 1658, sendo reitor do mesmo o dr. Ambrosio Trigueiros Semmedo.

Em 17 de dezembro de 1660 foi nomeado conego doutoral da Sé de Lamego, donde passou para a de Braga por promoção que obteve no 1.° de maio de 1666.

Nomeado deputado da Inquisição d'Evora, passou para Inquisidor de Coimbra em 13 de outubro de 1665, e a deputado do conselho geral do Santo Officio em 13 d'abril de 1674.

Eleito em lista triplice para reitor da Universidade, foi provido n'este logar por el-rei D. Pedro II, em 25 d'agosto de 1685, que o nomeou por essa occasião sumilher da cortina. Havendo prestado juramento em 16 de novembro d'aquelle anno, governou a Universidade até o 1.° de fevereiro de 1690 em que foi eleito o seu successor D. Nuno da Silva Telles.

....

Escolhido para bispo de Miranda em 28 d'abril de 1689, foi sagrado em outubro do mesmo anno na egreja parochial de Nossa Senhora dos Anjos de Lisboa, pelo cardeal D. Verissimo de Lencastre, sendo assistentes D. Fr. Luiz da Silva, bispo da Guarda, e D. Simão da Gama, bispo do Algarve.

Fazendo jornada para as Caldas de S. Pedro do Sul, adoeceu gravemente nos Fer-

reiros,[1] proximo a Vizeu, e ali falleceu a 7 de setembro de 1699.[2]

Durante a doença foi-lhe enfermeiro o bispo d'aquella diocese, D. Jeronimo Soares, que assistiu tambem ao seu funeral e ordenou que fôsse sepultado na capella-mor da egreja d'aquella freguezia, d'onde as suas cinzas foram trasladadas para a Vista Alegre em 1706.

—

«Ignora-se o anno em que D. Manoel de Moura Manoel mandou edificar a capella de Nossa Senhora da Penha de França, mas ainda assim parece não haver duvida que foi já depois de estar bispo de Miranda.

É bella de aspecto a frontaria do templo, avistando-se a algumas legoas de distancia os coruchéos das suas duas torres.[1] O interior não é menos elegante. As paredes do corpo da capella são forradas d'alto a baixo de bons azulejos, todos coevos da sua fundação—fins do sec. XVII;— a abobada é ornada de boas pinturas a fresco. Tem dois altares lateraes de boa talha dourada, dedicados ambos á virgem, sob a invocação do *Rosario* e da *Conceição*.

O retabulo e altar da capella-mor são trabalhos primorosos em fino marmore de Italia.

Embebido na parede da mesma capella e do lado da epistola está o tumulo do fundador, fabricado primorosamente de granito de Ançã.

A urna funeraria é sustentada por 3 leões de farta juba, que parecem prestes a ser esmagados pelo seu peso.

No centro da urna, levantado em alto relevo, está um escudo oval partido, com as armas dos Mouras Manoeis, tendo por timbre um chapeu episcopal.

Sobre ella está a figura do bispo, de vestes prelaticias, meia deitada, com a mão esquerda sobre o peito e a direita estendida como que a apontar para o tempo, que está ao fundo sobraçando o panno mortuario que deve cobrir o sarcophago.

A execução é primorosa, conhecendo-se até nos mais pequenos lavores o primor do cinzel que o trabalhou.

O povo rude das aldeias visinhas acredita que tal obra não podia ser executada po mãos de homens, e por isso attribue-a ao *diabo*, creando uma lenda que o sr. Brito Aranha reproduziu já no seu bello livro—*Memorias historico-estatisticas de algumas villas e povoações de Portugal*.[2]

---

[1] *Ferreiros*, pequena povoação da freguezia de *Serrazes*, concelho de S. Pedro do Sul, a 7 kilometros d'esta villa para O. S. O., na margem direita do Vouga — em frente dos *Banhos de S. Pedro do Sul*, cujas aguas brotam na margem esquerda do mesmo rio, na antiquissima villa e *couto* do *Banho*, hoje simples aldeia pertencente á freguezia de *Varzea de Lafões*, do mesmo concelho de S. Pedro do Sul, bispado de Viseu.

Suppõe-se que D. Manoel de Moura ali adoeceu estando a banhos, ou indo em viagem de Miranda para a Vista Alegre, talvez pelo Mogadouro, Moncorvo, Pocinho, Penedono, Moimenta da Beira e S. Pedro do Sul. O caminho era mau, mas o trajecto era o mais curto entre Miranda do Douro e a Vista Alegre,—e por qualquer outro itinerario *in illo tempore* as estradas pouco melhores seriam.

A tal povoação dos *Ferreiros* dista de Viseu cerca de 30 kilometros para N. O. pela estrada real n.º 7 de Viseu a S. Pedro do Sul—e pela real n.º 41 de S. Pedro do Sul á *Ponte do Banho* e Aveiro.

P. A. Ferreira.

[2] Alguem diz que foi *envenenado* por um medico judeu (*christão novo*) para vingar a morte da mãe que havia sido queimada pela inquisição, sendo aquelle prelado inquisidor.

V. *Vista Alegre*, nas *Memorias* do sr. Brito Aranha, pag. 308.

P. A. Ferreira.

[1] Esta linda capella vê-se muito bem desenhada de frente na 1.ª gravura da *Chorographia* de Urcullu.

P. A. Ferreira.

[2] N'este livro, publicado em 1871, se encontra tambem uma descripção da *Vista Alegre*, desde pag. 295 até 333.

Para ali remettemos os leitores, porque

O nome do esculptor *Claudio de Laplada* cahiu com effeito no olvido, de sorte que o forasteiro, que visitando a Vista Alegre perguntasse quem havia feito o tumulo do bispo, recebia sempre em resposta aquella lenda.

—

«Fronteiro a este tumulo, está um outro, muito mais modesto, sem duvida, mas ainda assim digno de ser apreciado, como obra que é do mesmo artista. Sobre uma urna funeraria, onde se vê tambem um escudo com as armas dos *Castros* ,está sentada uma figura de mulher, sustentando na mão esquerda um baixo relevo, representando uma cabeça de freira, allusão sem duvida á vida monachal que o bispo desejava que sua filha D. Theodora... abraçasse, pois era, como as 13 arruellas dos Castros do escudo o indicam, para ella destinado o moimento.

Por debaixo d'este tumulo e por tanto fronteiro ao do bispo está uma grande lapide de marmore branco, tendo gravada a seguinte inscripção latina:

Deo opt.ᵒ Max.ᵒ
Deiparae virgini
Diei ultimae

....
.....................................»

A tal inscripção é *enorme*!

Comprehende nada menos de 75 linhas, pelo que nos falta coragem para a transcrevermos; pode porem ver-se o texto latino, bem como a traducção portugueza, na *Memoria* do sr. Marques Gomes, pag, 13 a 18, —e mais correcto e mais completo ainda nas *Memorias* do sr. Brito Aranha, pag. 303 a 307.

—

«Um outro monumento antigo da Vista Alegre (diz o sr. Marques Gomes) é a fonte do *Carapichel*, hoje quasi soterrada, mandada construir em 1696 pelo bispo D. Manoel de Moura Manoel, e notavel pela sua fórma e excellente agoa, e muito principalmente por uma inscripção em caracteres gothicos e que é a que passamos a transcrever:

Esta fonte, ó navegante,
cuja liquida corrente
cristaes prodiga desata,
attenções vistosa prende.
....
.... [1]

Os portuguezes que haviam sido os primeiros povos da Europa, que introduziram a porcelana oriental no commercio do occidente, foram quasi que os ultimos a ensaiarem o seu fabrico. Datam apenas do ultimo quartel do seculo XVIII estes ensaios, realisados em Lisboa pelo brigadeiro Bartholomeu da Costa e no Rio de Janeiro pelo professor regio João Manso Pereira.

Parece que as experiencias de Bartholomeu da Costa para obter a porcelana dura, foram feitas na antiga fabrica do Rato, empregando como materia prima differentes barros explorados nas visinhanças d'Aveiro.

Ignora-se quaes seriam estes barros, não obstante affirmar-se... que foi o de *Taboadella*, concelho d'Albergaria. O que é certo porem é que... foi o preferido para a edificação do forno onde se deluiu o metal para a estatua de D. José I.

As qualidades refractarias d'este barro eram conhecidas já então, pois havia annos que um chimico francez, — *Drout*, o havia descoberto, fazendo até com elle magnificos

---

ali se narra muito bem a lenda, segundo as tradições que o sr. Brito Aranha colheu na localidade.

Tambem ali se encontram documentos e notas estatisticas muito interessantes com relação á grande fabrica.

P. A. Ferreira.

---

[1] Ficaremos por aqui, pois é irmã gemea da do tumulo. Comprehende ao todo 83 linhas e póde tambem ver-se nas duas citadas *Memorias*.

P. A. Ferreira.

tijolos refractarios, para o que estabeleceu um forno nas proximidades d'Aveiro, segundo affirma Raton.»

—

«Foram quasi nullas as tentativas de Bartholomeu da Costa. Depois fizeram-se outras em Coimbra com o mesmo fim, mas sem melhor resultado, até que o sr. Jose Ferreira Pinto Basto estabeleceu um pequeno laboratorio chimico no jardim do seu palacio do largo das *Duas Egrejas* em Lisboa, em 1820 ou 1822, afim de descobrir barros com os requisitos necessarios para fabricar porcelana.

....

Foram segundo consta pouco animadores os resultados obtidos... mas... resolveu proseguir as experiencias iniciadas, fundando desde logo uma grande fabrica.

O local aprazado foi Aveiro, e isto por a tradição indicar como sendo d'aqui o barro de que Bartholomeu da Costa obteve a sua chamada porcelana.

Apesar de possuir as duas magnificas propriedades da *Ermida* e da *Vista Alegre*... quiz estabelecer a nova fabrica na propria cidade, e para isso entabolou negociações com o proprietario da quinta dos *Santos Martyres*, para a adquirir, o que não pôde conseguir, por esta propriedade fazer parte d'um antigo vinculo. Attenta esta difficuldade, resolveu então estabelecer a fabrica na Vista Alegre...

Foi em janeiro de 1824, que principiaram os trabalhos...

Uma das obras que primeiro se concluiu foi um pequeno forno para coser louça, feito segundo as indicações e immediata direcção de Domingos Raimão, oleiro de uma fabrica de Coimbra.

Em abril fizeram-se as primeiras experiencias para obter a porcelana. Realisou-as Bento Fernandes, mestre de olaria na fabrica do Rato, com o barro de *Util*, concelho de Cantanhede;—e o de *Talhadella*, concelho d'Albergaria.

Foi pouco satisfatorio o resultado obtido, mas ainda assim... o sr. José F. P. Basto pediu a el-rei D. João VI que lhe fossem concedidos os privilegios de que gosava a fabrica de vidros da *Marinha Grande*, o que obteve, como consta dos documentos que seguem.

....

.....................................»

São muito lisongeiros para o benemerito emprehendedor,[1] mas bastante extensos, e por isso os omittimos; podem porem ver-se nas duas citadas *Memorias*.

O 1.º é de 1 de julho de 1822—e o 2.º de 3 de março de 1826.

—

«Estava portanto fundada a fabrica de porcelana, mas restava descobrir o kaulin de que ella se obtem. Fabricava-se louça, é verdade, mas esta louça era má faiança em vez de boa porcelana. Procuravam-se barros em differentes pontos do paiz e construiram-se novos fornos conforme as plantas vindas de Sevres, mas nada d'isto deu o resultado que se desejava, de sorte que em 1826 o fundador contractou na Saxonia 3 artistas para virem dirigir o fabrico da porcelana e ensinal-o aos operarios portuguezes.

Dos 3 só vieram 2, sendo apenas verdadeiro artista um, *José Scõrder*... modelador de merito, que prestou importantes serviços á fabrica, creando bons discipulos que lhe perpetuaram o nome.

....

O sr. Ferreira Pinto Basto em 1830 mandou seu filho Augusto Ferreira Pinto Basto a França, a fim de estudar na fabrica de Sevres... os melhores processos e meios de investigação. Ali recebeu aquelle cavalheiro

---

[1] Falleceu em julho de 1875 na sua grande quinta da *Foja*, freguezia de Ferreira a Nova, concelho da Figueira, e foi sepultado com grande pompa no cemiterio *Occidental* de Lisboa, no dia 10 do dicto mez e anno.

P. A. Ferreira.

sabios conselhos e preciosas indicações do director d'aquella importante fabrica o illustre Brogniart, que lhe fez ver a completa impossibilidade de se fabricar porcelana, sem o kaulin, que era o que faltava na Vista Alegre.

O sr. Augusto Ferreira Pinto regressou a Portugal trazendo amostras do kaulin empregado em Sevres, e depois da sua chegada os ensaios e experiencias continuaram incessantemente na Vista Alegre, mas sempre sem melhor resultado, até que em 1834 se descobriu o *verdadeiro kaulin*!...

... .

«O sr. Ferreira Pinto tinha mandado vir de differentes pontos do paiz, por intermedio dos administradores do contrato do tabaco, de que elle era arrematante, amostras de quantos barros havia mais ou menos conhecidos, a fim de vêr se entre elles se encontrava o desejado *kaulin*. Estes barros eram todos submettidos a um exame chimico, mas com resultado sempre negativo...

Ao mesmo tempo... um aprendiz de oleiro, fazia por conta propria algumas experiencias não só com aquelles barros, mas com outros que a pedido seu lhe eram trazidos por operarios que dos concelhos d'Ovar e Feira vinham trabalhar nas construcções que na Vista Alegre se estávam fazendo. Entre estes barros veiu o kaulin de *Val Rico*, d'aquelle ultimo concelho.[1] Trouxe-o um trolha e foi reconhecido pelo aprendiz oleiro, que no meio da sua humilde obscuridade prestou o grandiosissimo serviço á fabrica de lhe descobrir a materia prima para o fabrico da porcelana.

O descobridor... foi Luiz Pereira Capote, natural de Ilhavo, que falleceu em 1870.

---

[1] *Val Rico* é uma aldeia da freguezia do *Souto*, concelho da Feira e distante d'esta villa 5 kilometros para S.S.O.—e 7 da estação d'Ovar no caminho de ferro do Norte. V. *Souto*, vol. 9.° pag. 443.

P. A. Ferreira.

Descoberto o *kaulin*, principiou desde então a fabrica a produzir porcelana dura, datando por tanto de 1834 o seu fabrico, que se foi aperfeiçoando gradualmente, de fórma que em 1840 principiou a Vista Alegre a poder competir em qualidade com as fabricas estrangeiras, o que não succedeu nos preços, pois produzia caro.

O elevado dos preços difficultou alguns annos a extracção da louça, tornando-a pouco conhecida. Os armazens da fabrica estavam atulhados de louça, quando em maio de 1846 rebentou no Minho a revolução popular. Os proprietarios da fabrica, receiosos de que ella fosse victima, annunciaram a venda por lotes de toda a louça em deposito, venda que se realisou por preços bastante convidativos, o que fez com que os productos da Vista Alegre se espalhassem, divulgando-se o seu bem acabado e a sua baratesa. Estava aberto um novo periodo de prosperidade para a fabrica..............

....

Prosperando sempre de anno para anno, a fabrica chegou áo apuro em que hoje está, apresentando largas tendencias para progredir, tal é a activa e intelligente direcção que hoje tem... Os seus productos tem sido premiados em todas as exposições de Londres, Paris, Philadelphia, Vienna d'Austria, Rio da Janeiro e Porto.

Do consummo que teem obtido os mesmos productos são prova irrefutavel os seguintes algarismos, importancia da louça fabricada:

Em 1860..............	21:949:000
» 1870..............	26:994:000
» 1880..............	40:750:000
» 1881..............	51:828:740
» 1882..............	52:200:900
» 1883..............	54:817:090
» 1884..............	54:500:800
» 1885..............	55:000:660
» 1886..............	58:400:180
» 1887..............	58:725:500

Fabrica de vidros e cristaes

Da mesma *Memoria* extractaremos ainda o seguinte:

«Conjunctamente com a fabrica de porcelana, fundou o sr. José Ferreira Pinto Basto na Vista Alegre e no mesmo anno de 1824 uma outra de vidro e cristal, que lhe ficou annexa. Os primeiros trabalhos foram dirigidos por um allemão, Francisco Miller, que havia annos já estava dirigindo a do *Côvo*, no concelho de Oliveira d'Azemeis,[1] o qual foi substituido em 1826 por João da Cruz e Costa, de Lisboa, que esteve a dirigir o fabrico do vidro até 1854.

Foram desde logo bastante satisfatorios os resultados obtidos, de sorte que o fundador procurou pôl-a a par das melhores do estrangeiro, mandando vir mestres experimentados para as differentes officinas de lapidação e floristagem. Para aquella contractou em 1826 na Inglaterra Samuel Hunles, que veiu ganhar 2$400 réis diarios, e ali esteve até 1828, deixando bons discipulos.

O mestre de floristagem era italiano e não passou de Lisboa.... por alguem lhe affirmar que era muito miasmatico o clima da Vista Alegre. Para Lisboa pois foram os aprendizes d'esta officina, que ao fim de tres annos de pratica foram dados por promptos, affirmando o mestre que um d'elles — João Ferreira Ribeiro, de Vagos, estava já mais mestre do que elle, o que não era sem fundamento; e foi para a Vista Alegre dirigir a officina de floristagem com grande proficiencia.»

—

Desde 1837 até 1840 foi enorme a producção de vidro, todo da melhor qualidade e algum de perfeição inexcedivel; mas ao passo que desde aquelle anno principiou a progredir o fabrico da porcelana, foi decaindo o do vidro, até que cessou de todo em 1846.

Em meados de 1848 continuou a fabricar-se, mas em menor quantidade e só liso, porque os lapidarios e floristas durante aquelle interregno uns foram para a fabrica da *Marinha Grande*, outros applicaram-se a differentes misteres, de fórma que os tempos aureos da fabricação do vidro na Vista Alegre passaram para nunca mais voltarem.

Em 1880 acabou de todo a fabrico de vidro, demolindo-se o respectivo forno!...

Annexo á fabrica de porcelana e vidro houve tambem um laboratorio chimico. Foi fundado igualmente em 1824 e de 1827 a 1832 teve por director D. Euzebio Roiz, official de cavallaria hespanhol e chimico muito distincto, que viera para Portugal emigrado em 1826. Depois da sua saida acabou o laboratorio.

—

De 1827 a 1835 foram os productos da fabrica marcados com *V. A.* entre duas palmas rematadas por uma corôa. Esta marca era gravada em um carimbo, aberto por Manoel de Moraes. De 1838 a 1861 não foi geralmente marcada a louça; desde 1861 tem sido toda marcada cem *V. A.* em azul.

—

Com o fim de crear artistas habeis fundou em 1826 o sr. José Ferreira Pinto Basto na Vista Alegre um collegio com internato, onde se ensinava, alem dos misteres das officinas, instrucção primaria e musica.

Os primeiros alumnos foram 13, e o director José Vicente Soares, de Penafiel; acabou porem tão santa e util instituição em 1842, chegando a ter nos ultimos annos 40 alumnos.

—

Como dependencia do grande estabelecimento fabril, ha tambem na Vista Alegre um pequeno, mas elegante theatro, que alem da galeria ou camarote para os proprietarios da fabrica, tem plateia com 180 logares.

Foi fundado em 1851. O panno de bocca e o tecto foram pintados por Chartier Rousseau, director da officina de pintura. Aquelle representa a vista da Praia Grande de Macau; este Apollo e as 9 musas.

---

[1] V. *Côvo*, tomo 2.º pag. 436, col. 2.ª,—e *Villa Chã*, tomo 11.º pag. 684, col. 2.ª tambem.

Anteriormente houve ali 2 theatros, sendo o 1.º fundado em 1826 ou 1827.

Ha tambem na grande fabrica uma philarmonica privativa, composta exclusivamente de operarios d'ella.

Foi tocar ao Porto no Palacio de Cristal em 1882, quando a *Sociedade de Instrucção do Porto* ali realisou uma importante exposição de ceramica, na qual occupou logar distincto a fabrica de Vista Alegre e lhe foi dado o 1.º premio.[1]

—

Em 1846 os proprietarios d'esta grande fabrica adheriram á revolução do povo; fecharam a fabrica e formaram um batalhão de voluntarios com os seus artistas e alguns visinhos, pelo que se denominou *batalhão da Vista Alegre*. Foi commandante d'elle um dos proprietarios e administrador da fabrica—Alberto Ferreira Pinto Basto,—e major o director da mesma fabrica—João Maria Rissoto.

Apresentou-se á junta do Porto em 28 de outubro de 1846; tomou parte na acção de Val Passos em 16 de novembro do mesmo anno —e capitulou com todo o exercito da junta na convenção de Gramido em 24 de junho de 1847.

V. *Gramido* e *Val Passos*.

—

No dia 13 de cada mez ha na povoação da Vista Alegre um importante mercado, conhecido pela triplice denominação de *Feira dos treze, da Ermida—e do Bispo*.

Este mercado foi estabelecido a petição do juiz, vereadores e povo das villas da *Ermida* e *Ilhavo*, por alvará de 15 de junho de 1693, que ordenou fosse este mercado annual no dia 13 de setembro, dia da invocação da padroeira da capella da Vista Alegre —*Nossa Senhora da Penha de França*, como já dissemos.

—

As materias primas empregadas no fabrico da porcelana são argilas kaulinicas, o quartzo e o feldspatho, — aquellas provenientes de *Val Rico*;—estes de Villa Meã, Mangualde e Porto.

As argilas kaulinicas são aqui lavadas e passadas por peneiras, a fim de se separarem os corpos em diversos estados d'aggregação, sendo empregadas como quartzo as areias grossas que deixam.

O quartzo e o feldspatho são escolhidos primeiramente tambem, a fim de se evitar que levem grandes porções d'oxido de ferro, que ordinariamente lhe anda unido. Depois calcinam-se e levam-se para as galgas.

Os differentes materiaes que hão de compôr a porcelana, depois de moidos e lavados, são compostos e em seguida levados ás mós horisontaes, para os moerem e triturarem— e depois guardados em depositos até adquirirem certo grau de consistencia. D'estes depositos vae a massa para a casa da *amassadura* onde é lançada em vasos de barro poroso de fórma de pyramides conicas troncadas, a que dão o nome de *coques*. D'estes é a massa levada para uma larga banca de pedra, onde é amassada a pés por dois ou mais homens. Depois dividem-na em fracções com a fórma de cones, a que chamam *pélas*, as quaes em seguida são levadas para a officina das rodas de oleiro, onde são separadamente amassadas á mão sobre uma pequena banca de marmore, etc.

—

O methodo aqui empregado na execução das differentes peças de porcelana é o de *encher* e o de *moldar*.

As caixas refractarias *(gazetas)* onde se mettem as peças para serem levadas aos fórnos, são feitas por moldes de gesso.

Depois de bem seccas as peças que sai-

[1] A mesma banda de musica tambem foi tocar a Lisboa nas grandes festas do casamento do nosso principe D. Carlos com a princeza D. Maria Amelia d'Orleans, nos dias 22 a 30 de maio de 1886.

P. A. Ferreira.

ram da roda do oleiro ou dos moldes, procede-se ao enfornamento, mettidas nas *gazetas*, ou sem ellas. Levadas ao forno são collocadas no 2.º pavimento, pois agora só recebem calor brando, ou *chacota*, — e depois d'esta cozedura, vão para a officina de vidrar.

O vidrado é por immersão das peças dentro de uma grande tina onde se acham diluidos em agua os corpos que compoem o esmalte.

As peças mettem-se e tiram-se rapidamente, ficando logo seccas, como se não houvessem recebido banho algum. Depois tira-se o vidrado dos pontos de contacto e dá-se nos pontos em que a peça não o póde receber na parte coberta pela mão. Os retoques são feitos a pincel.

Mettidas novamente dentro das *gazetas*, em cujo fundo se lança alguma areia, são outra vez enfornadas, mas agora no outro pavimento do forno, afim de receberem o grande calor que termina a cozedura, sendo as *gazetas* collocadas umas sobre outras a toda a altura do forno, a que se dá o nome de *fios*.

—

Feito o enfornamento, accendem-se as 4 fornalhas que tem o forno, havendo tódo o cuidado para que a intensidade do lume seja a mesma em todas as fornalhas e uniforme a temperatura.

Passadas 10 horas de lume brando, ou de *esquenta*, tapam-se as boccas dos fornos com tijolos refractarios, afim de concentrar a força do calor interiormente. Começa então o grande calor, ou *lume de calda*, renovando successivamente a lenha nas fornalhas e conservando-se o fogo bem activo e uniforme 24 a 36 horas.

Completa a cozedura, tira-se a lenha das fornalhas, diminuindo gradualmente d'este modo o calor dentro do forno, conservando-se a louça dentro d'elle até que esteja completamente fria. Só então se começa a desenfornar.

De entre as peças vidradas separam-se as que tem de ser pintadas, para o que se conduzem a um armazem contiguo ás salas pintura.

São muitas as cores usadas na pintura da porcelana, quasi todas vitrificaveis e obtidas pela combinação de oxidos, saes metallicos e fundentes.

Os oxidos empregados de preferencia são os de choromio, ferro, uramio, zinco, manganez, cobalto, antimonio, iridium, estanho e cobre;—os saes são o chromato de ferro, de barita, de chumbo e algumas vezes o chloreto de prata.

Pintada a louça, vae á estufa para seccarem as tintas: depois é mettida em *muflas* para se fixarem as tintas, ganhando as respectivas cores, as quaes se verificam com os fundentes.

Resenha do pessoal superior da grande fabrica

Administradores:—Augusto Ferreira Pinto Basto, 1824-1828; Alberto Ferreira Pinto Basto, 1829-1855; Duarte Ferreira Pinto Basto, 1856-1861; Domingos Ferreira Pinto Basto, 1861-1882; e depois successivamente —Duarte Ferreira Pinto Basto Junior, Theodoro Ferreira Pinto Basto, Gustavo Ferreira Pinto Basto e Duarte Ferreira Pinto Basto, administrador actual (1888).

Directores:—Antonio d'Almeida Ferreira Duque, 1836-1840; João Maria Ripoto, 1840-1878; Duarte Pinto Basto Junior, 1878-1882; João Antonio Ferreira de 15 de maio de 1882 até hoje, novembro de 1888.

Mestres de pintura: — Victor Francisco Chartier Rousseau, 1836-1856; Filippe Fortier, 1857-1860; Gustavo Fortier, 1861-1865; Joaquim d'Oliveira, 1866-1881; Francisco da Rocha Freire, de 1881 até hoje.

Mestres de porcelana:—João da Silva Monteiro, 1826-1833; João da Silva Monteiro Junior, 1833-1838; João Antonio Ferreira, 1838 até maio de 1882, data em que foi supprimido o cargo de *mestre de porcelana*, ficando a fazer as vezes d'elle 2 contra-mestres.

—

A fabrica tem uma machina a vapor da força de 14 cavallos.

Foi feita em Lisboa por Bachelay—e montada em 1855.

A chaminé tem 14 metros d'altura e foi construida em 1879 por operarios do estabelecimento.

Ha 4 fornos para coser a porcelana, todos de forma cylindrica e feitos com tijolos refractarios fabricados no estabelecimento. Cada um tem 4 fornalhas e 2 andares.

Ha tambem 8 *muflas*, ou fornos mais pequenos, destinados a fixar as tintas. São caixas feitas d'argila refractaria, separadas umas das outras por paredes de igual natureza, e com fornalhas independentes.

Do exposto se vê que é muito complicado e melindroso o fabrico da *porcelana*.[1]

—

Em 1880 empregavam-se n'esta grande fabrica 127 homens, 25 mulheres e 27 rapazes; hoje (1888) empregam-se — homens 160; mulheres 24; rapazes 40.

Os trabalhos são quasi todos feitos de empreitada, e os salarios variam conforme a natureza do trabalho. Nas officinas de porcelana e pintura os homens ganham por dia 600 a 1$000 réis; nos outros serviços 300 a 500 réis; as mulheres e rapazes 120 a 240 réis.

Consome pinho no valor de 7 a 8 contos de réis por anno—e 320 tonelladas de carvão de pedra.

Vende toda a producção, não dando por vezes aviamento ás encommendas;—tem por mercado todo o continente e ilhas, nomeadamente a cidade d'Elvas.

Os preços da porcelana branca são muito diminutos. Apresentam chavenas de 30 a 35 réis cada uma — e pratos de 70 a 80 réis; mas a porcelana dourada e pintada sobe até alto preço, na proporção do tamanho e do trabalho artistico.

Entre as peças mais notaveis que a grande fabrica produziu até hoje merecem especial menção dois grandes vazos de porcelana, que o sr. bispo-conde de Coimbra mandou expressamente fazer em 1887 para dar a S. Santidade Leão XIII por occasião das grandes festas do seu jubileu sacerdotal (31 de dezembro do dicto anno.) Os vasos mediam 0m,86 de altura e eram de fórma elegantissima, verdadeiras obras d'arte feitas a capricho e primorosamente acabadas.

Em uma das faces tinham o retrato de Leão XIII emmoldurado em um festão d'ouro; na outra as armas do mesmo pontifice com as cores proprias; no pedestal os brazões do bispo-conde e da cidade de Aveiro, em fundo verde-claro,—e em cada uma das faces da base, que era quadrangular, tinham a seguinte legenda:—*31 decembris 1887 — Observantiae pignus—Amoris argumentum Off. Ep. Conimbricensis.*

Os dois vasos custaram *duzentos mil réis.*

—

A familia *Pinto Basto* é muito numerosa e muito considerada no nosso paiz.

José Ferreira Pinto Basto, fundador da

---

[1] Ainda não está bem averiguada a origem d'este nome *porcelana*. Suppõe-se que a sua etimologia é portuguesa, como se lê na *Memoria da Vista Alegre* pelo sr. Brito Aranha. Diz elle:

«A primeira louça da China e do Japão veio para Portugal no 1.º decenio do sec. XVI. Transportou-a, segundo a tradição, um navio de que era commandante um antigo maritimo por nome *Pero Solano*. Soube-se isto na Europa, e da Hespanha e França vieram para Lisboa, dentro de pouco tempo, pedidos de louça de *Pero Solano*. D'aqui nasceria pois por corrupção do vocabulo, a *persolana*, que encontramos desde as mais antigas memorias transformada na palavra *porcelana*.

«A introducção d'esta especie de louça na Europa causou tal admiração... que desde então se começaram as experiencias para imitar o precioso artefacto oriental, mas só passados 2 seculos é que se obtiveram resultados satisfactorios, porque vemos que a celebre fabrica de Saxonia principiou a produzir regularmente porcelana depois de 1711, a de Vienna em 1720, a de Berlim em 1751, a de Sévres em 1765 e a Worcester em 1768.»

grande fabrica da Vista Alegre, filho de Domingos Ferreira Pinto Basto e de sua mulher D. Maria do Amor Divino Costa, nasceu no Porto a 16 de setembro de 1774; casou com D. Barbara Innocencia Felicidade Allen em 14 de janeiro de 1801; falleceu em Lisboa no dia 23 de setembro de 1839; foi senador, caixa do contracto do tabaco, deputado ás côrtes, membro do conselho de familia por fallecimento de el-rei D. João VI, provedor da *Casa Pia* de Lisboa, etc. etc.

Teve 9 irmãos e 15 filhos, dos quaes a maior parte deixou successão.

Numerosa familia!...

Os irmãos foram: Antonio, Maria, Eufrasia, Anna, Quiteria, Helena, Isabel, Francisca e João.

Filhos: José, Duarte, Theodora, Felicidade, Augusto, Alberto, Julio, Maria, Domingos, Joaquim, Emilia, Justino, Anselmo, Guiomar e Frederico?!...

Alem da grande fabrica da *Vista Alegre*, deixou muitas e valiosos propriedades, entre ellas a quinta de *Cette* no concelho de Paredes, quinta que abrange o antiquissimo convento e cerca dos frades benedictinos de *Cette*, hoje muito embellesada, muito bem arborisada e uma das vivendas mais pittorescas, mais mimosas e mais luxuosas do districto do Porto; as quintas da Gafanha e Cantanhede;—a grande quinta de *Foja*, que foi dos cruzios, junto da Figueira;—a quinta do *Rol*, junto de Coimbra;—a quinta de *Malvedo*, na Tua;—a casa do *Correio* e muitas propriedades em Cabeceiras de Basto;—muitos predios em Lisboa e Belem e muitas propriedades em Queluz, etc.

—

A fabrica da *Vista Alegre* ainda hoje pertence aos descendentes do fundador, os quaes em numero de 12 formaram em 1882 uma parceria para a explorarem com o capital de 64:800$000 réis, entrando cada um com 5:400$000 réis.

Os 12 parceiros são os seguintes:

—D. Felicidade Firmina Teixeira Pinto Basto.

—Custodio Teixeira Pinto Basto.

—Reynaldo Ferreira Pinto Basto.

—Theodoro Ferreira Pinto Basto.

—Duarte Ferreira Pinto Basto.

—Gustavo Justino Ferreira Pinto Basto.

—Vasco Ferreira Pinto Basto.[1]

—D. Maria Helena Ferreira Pinto Basto.

—D. Barbara Camilla Ferreira Pinto Basto.

—D. Joaquina d'Avilez Teixeira Pinto Basto.

—Alberto Ferreira Pinto Basto e

—D. Joanna Victoria de Sousa Correia.

VISTA ALEGRE,—quinta, pertencente á freguezia de *Covas do Douro*,[2] concelho de Sabrosa, districto de Villa Real de Traz os Montes.

V. *Covas do Douro*, tomo 2.º pag. 427, col. 2.ª tambem,—e *Poiares*, tomo 7.º pag. 123, col. 1.ª

Esta freguezia de *Covas* foi uma das mais ricas do Douro, porque demorava na região do *Port-Wine* e só a freguezia de *Poiares*, citada supra e pertencente ao concelho da Regoa, produzia mais vinho, posto que muito mais inferior. Em 1840, p. ex. a freguezia de *Poiares* produziu 3:930 pipas; esta de *Covas* 2:870; a de *Cambres* 2:657; a da *Regoa* 2:573—e a de *Godim* ou *Juqueiros* 2:494, todas de 557 litros cada uma. Na região do *Port-Wine* eram estas as 5 freguezias do Douro que produziam mais vinho, sendo muito superior em qualidade e preço o d'esta de *Covas*, pelo que era muito rica, mas hoje, depois que o phylloxera destroçou os seus vinhedos, é uma das mais pobres do Douro, pois talvez que hoje não produza 300 pipas—e de vinho fino com certeza não produz 100?!...

---

[1] É um cavalheiro de muito merecimento e neto do fundador. Casou com D. Maria Helena, uma das sobrinhas e herdeiras d'Alvaro Leite Pereira de Mello e Alvim, e mora no Porto, no palacio de *S. João Novo*, que foi do dicto Alvaro Leite, palacio que d'elle herdou a mencionada sobrinha.

V. *Nicolau* (S.) do Porto, vol. 6.º pag. 89, col. 2.ª

[2] Assim se denominou sempre e denomina ainda hoje; não *Covas do Rio*, como se lê na *Chorogr. Moderna*.

V. *Villarinho de Cotas* e *Villarinho de S. Romão*, onde descrevemos o estado presente do Douro.

—

Esta freguezia, alem da povoação de *Covas do Douro*, séde da matriz e situada em uma *cova*, sitio abafado e fundo, ardentissimo no verão, comprehende as povoações de Donello, Poça, Pesinho, Chancelleiros,[1] — e as quintas da *Vista Alegre*, Agua Alta, Espinhal, Veiga, Pomar, Ferrão, Larangeira, S. Fins, Ceira, Boa Vista, Bateiras, *Cachucha*,[2] Quinta Nova, Porto, Formigosa, Ujó, Oliveirinha, Sopas, Moura, Gontelho, Trancada e Bom Dia. Estas ultimas 4 (eu já as visitei) pertencem ao meu amigo Alexandre Augusto Pereira de Barros, de Donello, que era um dos melhores proprietarios d'esta freguezia, mas depois que a phylloxera a destroçou, vive no extincto convento de S. Pedro das Aguias, bella residencia que possue na freguezia de Tavora, concelho de Taboaço, na outra margem do Douro.

Das quintas mencionadas supra, as 3 melhores eram as seguintes: 1.ª *Ferrão*, da familia *Pessanhas;* 2.ª *Quinta Nova*, de José Paulo de Abambres; 3.ª *Cachucha*, que foi dos *Saavedras*, de Provezende.

V. *Monte Coxo* e *Tavora*, vol. 9.º pag. 516, col. 1.ª — Note-se que o dito convento *in illo tempore* pertencia ao sr. José Constantino, irmão do actual possuidor. Aquelle ainda vive em Donello e está solteiro; é muito illustrado e talentoso, mas muito excentrico. Só convive com os livros; devemos-lhe porem a fineza de palestrar muito comnosco, quando eramos abbade em Tavora.

A quinta de *Gontelho* está no caminho do Douro para Covas e era um dos sitios do vinho mais afamado, pelo que ali, ao longo da estrada, os proprietarios da freguezia fizeram differentes armazens, que parecem um povo, onde tinham em deposito os seus vinhos.

A quinta do *Ferrão*, pertencente á nobre familia *Pessanhas*, deu o nome *e o ser* á estação actual do *Ferrão*, na linha do Douro, pois a estação demora em sitio deserto e foi feita ali, junto da mencionada quinta, em attenção aos donos d'ella.

Tem esta quinta lagares soberbos com os maiores tampos que ha em todo o Douro!

V. *Monte Coxo, loc. cit.*—e *Villa Nova de Foscoa*, tomo 11.º pag. 840, col. 1.ª

Um pouco a montante da dita estação vae construir-se uma ponte sobre o Douro, na testa da estrada districtal n.º 40, de Viseu á foz do Tavora, por Taboaço, Tavora e Moimenta da Beira.

V. *Vicente* (S.) sitio, tomo 10.º pag. 516, col. 2.ª—e *Viseu*, tomo 11.º pag. 1778, col. 2.ª n.º 2.

VISTA ALEGRE,—quinta da freguezia de *Fontéllo*, concelho d'Armamar.

V. *Fontello*, tomo 3.º pag. 209, col. 2.ª

Alem da povoação de *Fontello*, séde da matriz, comprehende esta parochia as povoações seguintes: — Balteiro, Commenda, Villar, Serro do Maio — e as quintas da Lapa, *Vista Alegre*, Bagauste, Villar, Talhadouro e 3 na Pedra Caldeira.

Em *Bagauste*, na margem esquerda do ribeiro d'este nome e no termo da freguezia de *Parada do Bispo*, ha outra grande quinta com capella e casa nobre, pertencente aos herdeiros de Luiz Pinto de Sousa Vahia. Comprehende largos vinhedos, parte dos quaes estão em terreno que outr'ora foi comprado ou emprasado á extincta camara de *Parada do Bispo*, e o dito emprasamento ou titulo de venda foi assignado *apenas pelo escrivão* da dicta camara, declarando que não assignavam os illustres vereadores — *por não saberem escrever?*...

O sitio de *Bagauste*, onde demoram as mencionadas quintas, é conhecido desde tempos muito remotos, pois houve ali um convento antiquissimo!

V. *Bagauste* n'este diccionario—e *Bacalar* em Viterbo.

---

[1] D'aqui é oriundo, aqui tem uma boa casa e d'ella tomou o titulo o actual visconde de Chancelleiros.

V. *Villa Verde dos Francos*, tomo 11.º pag. 1119, col. 1.ª

[2] D'ella tomou o nome o celebre *ponto da Cachucha*. V. *Pontos do Douro*, n.º 43.

Suppõe-se que o dicto convento estava no sitio onde hoje se vê a quinta dos *Vahias*, pois quando no meiado d'este seculo se fez a grande casa e se restaurou a capella, ali se encontraram sepulturas antiquissimas.

—

O mencionado ribeiro de *Bagauste* divide a freguezia de *Parada* da de *Fontello*—e na foz d'elle ha uma barca de passagem sobre o Douro, barca que outr'ora foi dos bispos de Lamego.

Na foz do mesmo ribeiro ha uma boa ponte de cantaria de granito, feita pelo meiado d'este seculo na estrada marginal do Douro—e em frente, na margem direita do rio, ha um apeadeiro denominado de *Bagauste*, na linha ferrea do Douro.

Demora tambem a jusante de *Bagauste* o *ponto* d'este nome—e a montante o *poço da Pedra Caldeira*.

V. *Pontos do Douro*, tomo 7.° pag. 199, col. 1.ª n.ºs 30 e 31,—e *Viseu*, tomo 11.° pag. 1704, col. 2.ª

A quinta de *Villar* pertence ao sr. *Duarte Huet* e d'ella já fizemos menção.

V. *Villar*, aldeia... tomo 11.° pag. 1175, col. 2.ª

VISTA ALEGRE, — quinta e casa nobre, pertencente á freguezia de *S. Thiago de Piães*, concelho de Sinfães.

V. *Piães*, tomo 7.° pag. 8, col. 1.ª

Esta importante freguezia comprehende as aldeias seguintes:—Casconhe, Queixada, Oleiros, Villar d'Arca, Santo Antonio, Ventozellas, Cimo de Villa, Cabo de Villa, Crutello, Quintã, Preguinho, S. Pedro, Santa Comba, S. Martinho, Lagea, Vermilhos, Paço de Sanfins, Barreiros, Covaes, Outeiro do Mouro, Seixos, Castro, Bouça, Riscas Velhas, Villa Verde, Amial, Torneiros, Antemil, Cancella, Pereira, Lamas, Folhadal, Areial, e Feira;—os casaes de Joanne, Luz, Benecal, Sobreira, Val do Mendo, Areial, Costa da Pereira, Cavada, Souto, Espadanal, Outeiro, Arge, Lameiras, Rebolho, Cabrella, Estriga, Regada d'Olho—e as quintas de Murjon, Soalheira, Residencia, Cardaes, Moinho do Cubo, Ribeira, Devesa, Lama, Bouça d'Affonso, Presa, Povoa, Casal Secco, Penna do Anjo, Casas Novas, Quintã, Fojo, Poreas, Ganal, S. Juste, Reguengo, Quebrada, Fontellas, Prado, Barras, Avilerma, Juncal e *Vista Alegre*!...

Na sua casa e quinta da *Vista Alegre* falleceu em novembro de 1882 o dr. Diogo Leite de Castro Pinto Castello Branco, juiz da relação dos Açores, magistrado integerrimo e cavalheiro dignissimo.

VISTA ALEGRE,—quinta da freguezia de *Tarouquella*, concelho e comarca de Sinfães.

V. *Tarouquella*, vol. 9.° pag. 494, col. 2.ª

Comprehende esta freguezia as aldeias de Urbão, Pinheiro, Casaes, Fontes, Granja, Paços, Barral, Mosteiro, Torre, Outeiro, Regadas, Val de Vez, Sobrado de Baixo e Sobrado de Cima:—os casaes da Corredoura, Alqueve, Palheiros, Campo Grande, Tapados, Abobreira e Candeira;—as quintas de Crasto (Castro) Cadeia, Cantarinho, Lameiras, Carril, Sete ou Cétte, Gouja, Picota, Adega, Aido, Eira, Fraga, Figueiró, Boa Vista e *Vista Alegre*.

VISTA ALEGRE,—quinta da freguezia e villa de *Palmella*, concelho de Setubal.

V. *Palmella*, tomo 7.° pag. 431-440.

A freguezia de Palmella, orago S. Pedro, é muito populosa e uma das mais extensas do paiz, porque absorveu e representa mais duas:—a de *Santa Maria do Castello* e a de *S. Pedro de Marateca*, distante mais de 20 kilometros para o nascente e que tinha pequena população, mas uma area vastissima.

V. *Marateca*, tomo 5.° pag. 59, col. 2.ª

A freguezia de *Palmella*, representando aquellas 3 freguezias, tem de bombordo a estibordo cerca de 40 kilometros (?!...) e comprehende além da villa as povoações de Cabanas, Penteado, Barris, Venda do Alcaide, *Pinhal Novo*, Carregueira, Lagoinha, Olhos d'Agua, Carrasqueira, Fontainhas, Ponte da Vaca, Serra, Abreu, Aréias, Terrim, Aldeia do Pinheiro, Horta do Sobreiro, *Marateca*, *Poceirão*,[1] Aguas de Moura; — os casaes de

[1] Este pequeno povoado era do termo da freguezia de Maratéca e d'elle tomou o nome a estação do *Poceirão* na linha ferrea de S., que passa a pequena distancia.

Lagôa da Palha, Sesmarias, Algeraz, Pernuda, Roboredo, Moinho Novo, Ferrarias, Pego Claro, Asseiceira, Lagôa do Calvo, Fonte Barreira, Agualva, Moinhota, Amieira, Rio Frio, Zambujal, Seixolinha, Guarda Mór, Arrabidas, Boqueirão, Parrella, Cano, Comoros, Ferrador, Monte Cortiço, Batudes, Boino, Cerrado, Alfundão, Buenos Aires, *Pinhal Novo*, Gaitella, Cabedo, Safia, Monte Pavor, Salsa, Ponte Secca, Valles, Cabeço da Adega, Junçal, Rosa, Garcia, Cabeço Calado, Martinheira, Martinhal, Serro, Pascoa, Portella, Tapada, Tremoços, Val de Pereiro, Calhariz, Val do Moinho, Carrascal, Pandero, Rossas, Lago, Pedreiro, Pinhal Basto, Esponja, Casalinho das Rossadas, Fornos, Figueiras, Moinho da Pascoa, Fonte Velha, Casal Branco, Aparadas, Bento Pequeno, Costa Velha, Cova da Raposa, Matta, Cruz, Casal Pequeno, Barro, Serra e Lago;—as quintas da Feia, dos Bonecos, de Aires, do Barradas, Thomé Dias, Arcyprestes, do Jacob, do Centeio, do Hilario, das Machadas, Oleiro, Gloria, Camarnal, Bréjo, Alcaçovas, Quinta Nova, Pateo, Queimada, Amoreira de Cima, Amoreira de Baixo, Vião. Calvão, Fonte da Talha, Peixoto, Vianna, Varzea, dos Mellos, Formas, Val Verde, Samouco, Azenha, Carvalhos, Custodio, Ferraria, Estrangeira, Escudeira, *Boa Vista* e *Vista Alegre*;—as herdades do Marmelinho, Horta do Sobreiro, Guia, Sant'Anna, Vanechel e Misericordia;—os sitios de Val de Grou, Salema de Baixo, Salema de Cima, Santo Antonio, Arca d'Agua, Fonte da Pipa, S. Paulo, S. Romão, Fonte dos Cavalleiros, Alferrara e Monte Tinhoso?!...

Quasi todos estes sitios, herdades, quintas e casaes são habitados.

Pelo censo de 1878 a freguezia de Palmella contava

Fogos	1:505
Almas	6:542

A freguezia de Maratéca:

Fogos	104
Almas	415

Total da grande freguezia de Palmella,[1]

Fogos	1:809
Almas	6:957

—

A povoação do *Pinhal Novo* tem augmentado muito nos ultimos annos, já pela visinhança da estação do caminho de ferro do sul, entroncamento da linha ferrea de Setubal, já porque o sr. José Maria dos Santos aqui possue uma vastissima herdade muito bem agricultada e quasi toda plantada de vinha, onde emprega constantemente centenares de jornaleiros que formam uma grande colonia.[2]

Só na dicta herdade já plantou cerca de *nove milhões* de vides?!...

E' o maior vinhedo que ha hoje em todo o nosso paiz.

Os habitantes da povoação do *Pinhal Novo*, distante de Palmella cerca de 8 kilometros para N., desejam formar ali a séde de uma freguezia propria com algumas povoações mais visinhas, taes são *Fonte da Vacca* e *Venda do Alcaide*, mas até hoje, a despeito de todos os seus esforços, representações e empenhos, ainda não conseguiram desmembrar-se da vastissima parochia de Palmella.

VISTA ALEGRE, — quinta pertencente á freguezia da Sé da cidade d'Evora, capital do Alemtejo.

A dita cidade tem 4 freguezias, que dividem entre si a parte urbana, mas a freguezia da Sé, alem da parte urbana, comprehende *extra muros* um largo termo rural

---

[1] Note-se que actualmente comprehende tambem a de *Marateca*, por ser muito pouco populosa e não ter elementos para sustentar a sua autonomia.

[2] V. *Pinhal Novo*, tomo 7.º pag. 38, col. 1.ª

O sr. José Maria dos Santos, hoje par do reino, tem uma fortuna avaliada em 2:000 contos e, depois da *Casa de Bragança*, é o primeiro proprietario do Alemtejo?!...

com muitos casaes, hortas, herdades, quintas e *montes*. Podiamos indical-os *todos* e dar *minuciosa noticia d'elles*, porque se encontram indicados na *Chorogr. Moderna* e porque desde os bancos da Universidade, ou desde 1851 a 1856, data da minha formatura, temos boas relações com o ex.^mo^ e rev. sr. dr. Alexandre José Freire de Faria e Silva, digno parocho actual da freguezia da Sé, professor de disciplinas ecclesiasticas no seminario archiepiscopal eborense, promotor da diocese e que por vezes tem sido governador d'ella; mas não me atrevo a mencionar tantos casaes, hortas, herdades, quintas e *montes*, porque ao todo são *mais de quinhentas*?!...

—

A quinta da *Vista Alegre* bem mal merece o nome, porque está em sitio fundo e pouco vistoso, a N. da cidade d'Evora e distante d'ella apenas 1 kilometro. Produz vinho, azeite, laranjas e trigo; é habitada e tem casa soffrivel e pertence actualmente a Luiz Valente Pereira da Rosa, antigo commerciante e hoje proprietario.

Demora esta quinta junto da estrada de Arrayollos e Monte-Mor o Novo—e em volta d'ella ha quintas muito mais importantes, taes são as seguintes:

—*Quinta do Palha*, hoje do Thiago, de Soure, com esplendidas vistas.

—*Quinta dos Frades da Graça*, tambem muito vistosa, pois abrange um horisonte de 50 kilometros talvez.

—*Quinta do Chantre*.

—*Quinta de S. Bento* e as quintas de *Manisola* (hoje do visconde da Esperanca)—Ramalho, Santo Antonio, Saramago, Escrivão, Parreira, Quinta Grande, Torralva, Cartucha (dos herdeiros de Jose Maria Eugenio, que a comprou por 24 contos de réis)—Quinta da Moura, Valboeira, Espada, S. José, S. Pedro e outras de somenos importancia, todas a N. da cidade, não fallando nas muitas que demoram ao nascente, poente e sul, algumas a 12 kilometros de distancia, todas pertencentes á freguezia da Sé.

—

O reverendo dr. *Alexandre José Freire de Faria e Silva* nasceu em 2 de setembro de 1828 na aldeia de *Ceres* ou *Ceras*, freguezia de S. Pedro de Alviubeirá, hoje concelho de Thomar,[1] e é filho legitimo de Alexandre José Freire e de D. Anna Ignacia da Silva,—elle da mesma aldeia de Ceras—e ella da povoação de Freixo, freguezia de Alviubeira, filha do afamado clinico Thomaz de Faria Leitão, que teve mais 3 filhos; —*Thomaz de Faria e Silva*, tambem medico, fallecido ha poucos annos em Lisboa, sendo ali director do hospital da Marinha;—*Bernardo de Faria e Silva*, doutor em medicina, mas fallecido pouco depois de doutorado,—e *Diogo de Faria e Silva*, que foi conego—fabriqueiro da Sé archiepiscopal de Evora durante 45 annos e falleceu não ha muito. Era uma excellente pessoa; ganhou muito dinheiro, porque as conezias d'Evora foram muito rendosas e são ainda hoje absolutamente as melhores do nosso paiz, e podia deixar uma fortuna colossal, mas despendeu muito com a educação dos seus numerosos sobrinhos:

1.º—*Paulo Godinho da Silva*.

Casou com uma irmã do nosso biographado e tem 4 filhos:—José Carlos Godinho de Faria e Francisco Godinho de Faria, ambos medicos, residindo o 2.º em S. Mamede de Infesta, na Maia;—Guilherme Godinho de Faria, medico em Ferreira do Zezere—e João Gualberto Godinho de Faria, capitão de marinha.

—

O 2.º sobrinho, educado pelo reverendo conego-thezoureiro, foi o nosso biographado.

---

[1] V. *Alviubeira*, tomo 1.º pag. 184,—e *Cêras*, tomo 2.º pag. 241, col. 1.ª
A povoação de *Cêras* está junto da estrada que liga Thomar a Coimbra; tem cerca de 40 fogos e mais de 1 kilometro d'extensão—e é cortada pela ribeira de *Cêras*, que tem ali uma ponte e divide a parochia de *Alviubeira*, concelho de Thomar, da de *Nossa Senhora da Graça de Areias*, concelho de Ferreira do Zezere.

Principiou os seus estudos em Lisboa. Nomeado o tio conego d'Evora em 1841, foi elle para esta cidade e ali cursou os preparatorios no lyceu; em 1852 foi para Coimbra, onde esteve até 1857, data em que concluiu a formatura em Theologia. Em setembro do mesmo anno foi nomeado professor de sciencias ecclesiasticas para o seminario eborense, cargo que muito dignamente exerceu durante 28 annos,— e desde 1857 tem sido promotor do juiso ecclesiastico, desembargador da relação archiepiscopal, defensor dos matrimonios e profissões religiosas, examinador pro-synodal e por differentes vezes governador da diocese, merecendo sempre dos seus superiores e do governo portarias e attestados muito honrosos.

O 3.° sobrinho educado pelo benemerito conego, foi o reverendo *Carlos de Faria da Silva Freitas*, natural da mesma parochia de Alviubeira.

Cursou o lyceu e o seminario eborense e é parocho de S. Miguel de Machede, a 15 kilometros d'Evora, desde 1857.

4.°—*José Ribeiro de Faria.*

Cursou tambem o lyceu d'Evora; depois formou-se na escola-medica de Lisboa, e é clinico e guarda-mor de saude em Lagos.

5.°—*Bernardo de Faria e Silva*, irmão do antecedente.

Cursou tambem o lyceu d'Evora e depois a escola do exercito em Lisboa; tem o curso de artilheria, actualmente é capitão da arma.

Auxiliou tambem outros sobrinhos que por desleixo se não formaram e no seu testamento deixou 500$000 réis annuaes para a educação litteraria de um sobrinho mais novo, muito intelligente, que já tem o 4.° anno do lyceu d'Evora e se destina á engenharia civil.

Do exposto se vê que o reverendo conego foi um bom tio e bom cidadão.

Nós tivemos a honra de o conhecer em 1878, quando visitámos o Alemtejo e Evora, pois foi elle quem nos franqueou e mostrou o thesouro da cathedral e do cabido.

Deus o tenha em bom logar.

VISTA ALEGRE, — sitio na freguezia de *Lordello do Ouro*, bairro occidental da cidade do Porto.

V. *Lordello do Ouro*, tomo 4.° pag. 439, col. 1.ª *in fine.*

—

O meu benemerito antecessor foi pouco generoso para com esta freguezia, pois dedicou-lhe apenas 38 linhas, merecendo ella bem mais, por ser muito populosa, muito industrial, muito mimosa e fertil e um arrabalde do Porto, parte integrante d'aquella cidade;—por ter um estaleiro, o *Estaleiro do Ouro*,—onde desde tempos muito remotos se construiram muitos barcos da nossa marinha de guerra e mercante—e ainda recentemente a galera mercante *America*, um dos maiores e mais formosos navios que tem a praça do Porto.

Foi tambem *Lordello do Ouro* patria do bondoso e saudoso capitalista conde da Silva Monteiro, etc. etc.

Bem merecia pois esta parochia um longo artigo—e o meu antecessor por certo lh'o dedicára, se soubesse que n'ella tinha de passar, como passou, os ultimos annos da vida; que n'ella tinha de escrever, como escreveu, parte d'este diccionario; que n'ella tinha de expirar, como expirou, na rua de Serralves, n.° 393, — e que no cemiterio d'ella tinha de jazer, como jaz!...

V. *Vianna do Castello*, tomo 10.° pag. 461, col. 1.ª—e *Vimieiro* de Arrayollos, tomo 11.° pag. 1457 a 1464.

A terra lhe seja leve!

VISTO—Formula escripta em algum acto e que, assignado por pessoa para isso auctorisada, torna esse acto authentico.

Para se formar ideia do que eram outr'ora os vistos de muitos corregedores, veja-se o que dissemos no art. *Villa Marim*, tomo 11.° pag. 782, col. 2.ª *in fine* e segg.

Risum teneatis.

VISTORES, portuguez antigo.

Assim se denominavam no sec. XIV os louvados, vedores e apegadores que iam ver as terras e quaesquer propriedades, fructos, bens moveis ou de raiz, para se averiguar a verdade ou se decidirem duvidas e contendas.

VITA,—portuguez antigo,—*fita* com que atavam em redor das fontes as corôas, os cabellos, as flores, etc.

Costa, *Georg*. 3.

Era quasi synonimo de *venda*, na accepção de *faxa*.

VITANDO,—termo frequente na disciplina ecclesiastica.

Excommungado vitando é aquelle com quem se não deve conversar, associar-se, ajuntar-se em sessões, conferencias, etc.

VITARÃES, — Assim se denominava outr'ora a freguezia de *Bitarães*, concelho de Paredes.

V. tomo 1.º pag. 402, col. 2.ª—e *Aguiar de Sousa* no mesmo vol. pag. 40, col. 1.ª

VITATORIO,—portuguez antigo.

Pregão vitatorio era o que dava o pregoeiro, antes de se executar no padecente a pena ultima.

Gil Vicente,—Auto da Barca do Inferno.

Felizmente a pena de morte foi abolida em Portugal por decreto de 1 de julho de 1867, ou ha 21 annos, pois estamos em outubro de 1888.

Nas *Memorias do tempo passado e presente para lição dos vindouros* pelo dr. Antonio Luiz de Sousa Henriques Secco,[1] pode ver-se de pag. 227 a 798 uma extensa lista das execuções de pena ultima que Portugal presenciou.

Leia quem tiver coragem!...

VITELLIO,—imperador romano.

Foi a vergonha da humanidade, mas *talis vita, finis ita*!...

Era descendente de uma das mais illustres familias de Roma—e explorou successivamente a intemperança, a crueldade, as dissoluções e os vicios dos imperadores Tiberio, Caligula, Claudio e Nero.

Não decahiu na amisade dos seus patronos, como succedeu a outros favoritos. Passou por todos os cargos do imperio e ganhou os soldados com dadivas. Estando á frente do exercito na Germania, quando Othão foi proclamado imperador, Vitellio foi igualmente revestido da purpura pelos soldados e marchou contra Othão. Seguiram-se 3 grandes batalhas em que Vitellio foi batido, mas na 4.ª, entre Mantua e Cremona, ficou senhor do campo e do imperio. Depois praticou as maiores crueldades, entregou-se aos maiores excessos e chamou sobre si a indignação publica. Sendo proclamado imperador Vespasiano e enviado Primo, seu ministro, para assassinar Vitellio, este se escondeu debaixo da cama do seu guarda-portão, mas ahi mesmo foi preso; ataram-lhe as mãos atraz das costas e depois foi conduzido nú pelas ruas mais publicas de Roma, com a ponta de uma espada por baixo da barba, para o obrigar a levantar a cabeça. Soffreu os maiores insultos da plebe e por ultimo foi suppliciado no anno 69 da era christã, depois de um reinado de 11 mezes e 19 dias apenas!...

VITULA,—deusa dos romanos, que excitava a alegria.

VITUMNO ou **VITUNO**,—certo deus que os pagãos adoravam, crendo que era elle que dava a vida ás creaturas no ventre da mãe.

S. Agost. *De Civit. Dei*, l. 7.ª

VIVENDA,—portuguez antigo,—modo de vida, subsistencia ou praso para viver.

«E antre os foros, que pagam, e o que lhys assi filham, nom podem haver *vivenda*.»

Documento da camara municipal de Lamego com data de 1358.

Tambem significava outr'ora—*vida, comportamento, conducta*.

«Devemos muito trabalhar, que nosso povo faça *vivenda*, que seja muito a serviço de Deus, e a sua prol; assy que quando lhe pedirem graça pera acrescentamento dos bens temporaaes, e prol de suas almas, o possam del gaançar.»

Cod. Alf. liv. V, tit. 41, § 1.º

Tambem já significou o *viver, o passadio em algum logar*.

«Nenhum cura aturava (nas egrejas de *Barroso*) por ser a *vivenda* intoleravel.»

Vida do Arcebispo, 3, 6.

VIVENTAR, — portuguez antigo, — hoje *aviventar*.

---

[1] *Coimbra, Imprensa da Universidade*, 1880,—8.º de 804 pag.

VIZAGRA, ou **VISAGRA**, ou **VIZAGIA**, ou **MISAGRA**,—portuguez antigo, hoje *bisagra*, —dobradiça, gonzo, etc.

«Armadura cheia de *visagras* de ouro e azul.» Palm. 1. c. 30.

«Lançou (pariu) junto de huma fonte duas crianças como *vizagras.*» *Cam. Filot.* 5, 4.

VIZELLA ou **VISELLA**.

Este nome comprehende umas caldas, 6 parochias e 1 rio; daremos por tanto sob o mesmo titulo *Vizella* 8 artigos:

1.°—*Vizella* (Caldas de);
2.°—*Vizella* (Santo Adrião) freguezia;
3.°—*Vizella* (S. Faustino) freguezia;
4.°—*Vizella* (S. João) freguezia;
5.°—*Vizella* (S. Jorge) freguezia;
6.°—*Vizella* (S. Miguel) freguezia;
7.°—*Vizella* (S. Paio) freguezia;
8.°—*Vizella*—rio.

Não se estranhe, pois, que este topico seja longo, porque as dictas *Caldas* são as mais importantes do nosso paiz e datam do tempo dos romanos; aquellas freguezias são coevas das *Caldas* e por consequencia muito antigas tambem,—e o pequeno rio merece especial menção, já porque deu o nome ás *Caldas* e a todas aquellas freguezias,—já porque banha e fertiliza muitos campos,—já porque move muitos moinhos, azenhas e fabricas, entre as quaes avulta uma de *fiação d'algodão*, que é no seu genero a 1.ª do nosso paiz e a que maior lucro está dando aos seus felizes proprietarios.

Entremos no assumpto:

—

Vizella (Caldas de).

Esta risonha povoação demora ao sul de Guimarães, donde dista 9, kil., — e no mesmo local existiu outr'ora uma grande povoação com o nome de *Suzana*, como affirma a tradição popular e como provam os muitos vestigios de luxuosas construcções, encontrados ali:—muita pedra lavrada, muitos fragmentos de louça e de telha com rebordo, moedas e capiteis de columnas, mosaicos, inscripções, etc.

Tudo isto prova que a antiga *cidade* foi muito importante.[1]

Mencionemos as inscripções de que podemos encontrar noticia:

DEDICAVIT. T. FLAVIVS.
ARCHELAVS. CLAVDIANVS.
LEG. AVG.

Foi decoberta pouco depois de 1600 e levada pelo celebre jurisconsulto Manoel Barbosa para a sua quinta d'Aldão, suburbios de Guimarães, onde se conservou até 1887, data em que o sr. José Martins Ribeiro da Costa, actual proprietario da quinta, a offereceu á benemerita *Sociedade Martins Sarmento*, de Guimarães, em cujo museu se guarda, bem como as seguintes:

RVEC
ENSIS
H. S. E.

Foi encontrada em 1884 pelo sr. dr. Francisco Martins Sarmento.

MEDAMVS
CAMALI
BORMANI
CO. V. S. L.

Foi encontrada em Vizella junto do *Banho do Medico*, em 1841.

C. POMPEIVS
GAL. CATVRO
NIS. FIL. R ECT
VGENVS. VX
SAMENSIS
DEO. BORMA
NICO. V. S. L. M.
QVISQVIS. HO
NOREM. AGI
TAS. ITA. TE. TVA
GLORIA. SERVET
PRACEIPIAS
PVERO. NE
LINAT. HVNC
LAPIDEM

[1] V. *Materiaes para a archeologia de Guimarães* na *Revista de Guimarães*, n.° 4.

Esta inscripção tem, como se vê, duas partes; foi encontrada na *Lameira* e levada para a *Casa do Paço*, freguezia de S. João, onde se conservou até os principios d'este anno de 1888.

Perderam-se outras muitas inscripções de que fallam Mascarenhas Neto e o *Agiologio Lusitano*, mas o que fica apontado e que mais detidamente póde ver-se nos auctores citados supra, nomeadamente em Argote e na *Revista*, é bastante para nos convencer da importancia de Vizella outr'ora.

—

Quanto á moderna povoação, pode dizer-se que principiou nos fins do sec. XVIII, quando se descobriram os banhos e começaram a affluir os banhistas, ou em 1814, data em que o provedor Barroso mandou fazer as obras de que adiante fallaremos.

Os grandes e bellos edificios que rivalisam com os das nossas mais populosas cidades, datam de 1868 por diante.

A casa em estylo gothico, a cavalleiro da ponte velha, foi mandada fazer pelo negociante do Porto—Guilherme Wilbi,—e póde ver-se na gravura que se encontra no jornal illustrado *Artes* e *Lettras*, collecção de 1872.

Alem do espaçoso e pittoresco parallelogrammo que antigamente se chamava *Lameira* e hoje *Largo da Alameda*, onde até 1881 estava a maior parte dos estabelecimentos thermaes, que então foram arrasados, ficando ali apenas um marco fontenario, comprehende Vizella as seguintes ruas: —*Estrada Nova, Estrada Velha, Rainha das Caldas, S. Miguel, S. João, Ferreira Caldas, Medico Reis, Ponte Velha, Prado, Medico* e *Travessa de S. João*.

Possue 4 restaurantes, muito regulares, e 7 hoteis:—*Cruzeiro do Sul, Vizellense, Frankfort, Bragança, Universal, Central* e *Grande Hotel de Vizella*,— todos em boas condições sendo mais concorridos o *Vizellense* ou do *Padre*, e o *Cruzeiro do Sul*.

Tem mais 2 pharmacias: *Freitas* e *Silva*; —3 cafés com bilhares: *Bragança, Prado* e *Central*, não contando outros cafés sem bilhares; — 10 estabelecimentos commerciaes bem montados e sortidos, além d'outros menores;—1 formoso estabelecimento de calçado, 2 alquiladores com bons trens; 2 armadores; 2 talhos de carnes verdes; barbeiros, taberneiros, etc.

Tambem aqui na estação balnear se estabelecem differentes barracas, lojas de quinquilherias e dos afamados tecidos e bordados de Guimarães.

Ha tambem aqui, no *Largo da Alameda*, um importante mercado ou feira de cereaes, legumes, louça, gado, etc., nos dias 7 e 22 de cada mez desde janeiro de 1835. Foi este mercado instituido a petição dos povos, das duas freguezias de *S. João* e *S. Miguel*, pois no termo d'estas duas freguezias demora a povoação das *Caldas de Vizella*,[1]—e na epoca balnear é diario, especialmente em legumes, leite, hortaliça, pão, aves e fructa.

—

Os vizellenses, instigados por alguns estranhos, tentaram mudar de concelho e n'esse sentido representaram ao governo em 1869, pedindo ao mesmo tempo a S. M. o seguinte:

—1.° Que tomasse o estabelecimento das *Caldas de Vizella* debaixo da sua real protecção.

—2.° Que subtraisse á camara municipal de Guimarães a administração das *Caldas de Vizella* e as considerasse propriedade do estado, ficando a sua gerencia a cargo do governo;

—3.° Que não sendo isto possivel, se dignasse transferir aquellas duas parochias para o concelho limitrophe—*Lousada*,—cuja camara por certo (diziam elles) daria maior impulso aos melhoramentos de Vizella.

Uma contra-representação foi pouco depois enviada, assignando-a (*credite posteri!*) muitos dos signatarios da 1.ª, pelo que ficou tudo *statu quo*.

---

1 V. *Vizella*, (S. João)—e *Vizella* (S. Miguel) freguezias.

A 2.ª representação póde ler-se no *Commercio do Porto*, n.º 262, do referido anno de 1869.

Tambem já se lembraram de pedir a elevação de Vizella á cathegoria de villa e séde do concelho proprio com um julgado municipal, etc., mas falta-lhes um homem como tem sido o sr. visconde Guedes Teixeira para Lamego, o sr. conde de Castello de Paiva para Sobrado de Paiva, e o sr. José Guilherme Pacheco para a villa, concelho e comarca de Paredes, que ainda em principios de 1844 era uma *simples aldeia* da freguezia de *Castellões de Cepeda*[1]...

—

Ha em Vizella uma estação telegrapho-postal com um director e um distribuidor, que na estação de banhos faz duas distribuições por dia.

O telegrapho inaugurou-se a 20 de junho de 1878, mas trabalha unicamente de maio a outubro.

No dia 31 de dezembro de 1883 inaugurou-se a secção da *linha ferrea de Guimarães*,[2] da Trofa a Vizella, dando entrada na estação d'este nome ás 10 horas e 14^m da manhã o comboio galhardamente enfeitado e conduzindo os representantes da companhia, membros da imprensa e differentes convidados, subindo ao ar n'essa occasião innumeros foguetes, tocando ao mesmo tempo uma banda de musica e soltando calorosos vivas a grande multidão de povo que atulhava a estação e suas dependencias.

A's 11 $^1/_2$ serviu-se um abundante *lunch* no *Hotel Vizellense* a 42 convidados, reinando sempre a maior satisfação e trocando-se eloquentes brindes.

É uma data memoravel nos annaes da gentil Vizella.

—

Ha n'esta povoação duas escolas officiaes, uma para meninos, outra para meninas;—uma aula particular nocturna para adultos e outra tambem particular para meninas.

A escola official para o sexo masculino tem a séde na parochia de *S. Miguel*; foi muitos annos a unica d'esta povoação—e é a mais antiga. Foi creada por portaria regia de 14 de março de 1821, sendo nomeado por provisão de 25 de junho do mesmo anno o 1.º professor — *Antonio Pereira da Silva*,—que a regeu até 1860, data em que foi nomeado professor vitalicio o filho d'este,—*Antonio Pereira da Silva Caldas*, que é o professor actual.

Conta pois esta escola desde a sua instituição em 1821 até hoje (1888)—ou durante o longo periodo de *67 annos*, apenas 2 professores?!...

A sua frequencia é de 60 alumnos, termo medio.

A escola do sexo masculino com séde na freguezia de *S. João* foi requerida pela junta de parochia em 1866, mas a camara na sua informação disse que era dispensavel, por estar muito proxima a da freguezia de *S. Miguel*. Reitirou a junta as suas instancias até que obteve informação favoravel em 1868, mas só em 1873 começou a dicta escola a funccionar.

A escola do sexo feminino com séde na freguezia de *S. João* data da mesma epoca,—1873.

—

Com o fim de promover a construcção de um edificio escolar na freguezia de S. João, organisou-se em 1886 uma commissão composta dos cavalheiros seguintes:—dr. Abilio Torres, dr. Forbes de Magalhães, dr. Augusto d'Almeida, Antonio Tavares Bastos, (estes 3 ultimos banhistas habituaes de Vizella) Antonio Vieira da Silva Coutinho e Joaquim Pinto de Castro.

No dia 26 de junho do dito anno realisou-se uma *matinée* musical, cujo producto foi entregue á commissão;—em 1887 promoveu ella um grande bazar de prendas no parque

---

[1] V. *Paredes*, tomo 6.º pag. 479, col. 2.ª
[2] V. *Vias ferreas*, tomo 10.º pag. 473, col. 2.ª

da companhia dos banhos,—e em 1888 o governo concedeu á junta de parochia para o mesmo fim o subsidio de 2:950$000 réis.

Com este subsidio e com o producto d'aquelles e d'outros donativos está em construcção o edificio escolar.

A aula nocturna tem o titulo de *S. Luiz Gonzaga;* funcciona em um bom edificio no passal de S. João;—tem unida uma pequena capella com a mesma invocação da escola, e foi inaugurada em 15 de dezembro de 1878, tendo sido feita a casa no mesmo anno com esmolas agenciadas pelo rev. José Joaquim Gomes, (irmão do rev. abbade actual) que é o professor da dita escola e tem prestado e está prestando relevantes serviços á instrucção e á nossa religião.

Este benemerito e virtuoso sacerdote levantou á sua memoria um padrão immorredouro.

Desconhecido dos poderes publicos; contrariado mesmo por muitos infelizes que não creem na missão civilisadora do catholicismo; luctando com os motejos d'uns e com os sorrisos d'outros, nada o demoveu. Teve a satisfação de levar a cabo o modesto edificio e em volta de si reune todas as noites 40 adultos, que d'elle recebem a luz da instrucção.

A caridade publica fundou,—sustenta e conserva a casa—e elle para si nada quer, nada deseja. Sente-se feliz no meio d'aquelles homens-creanças e volve para o ceu os olhos agradecidos, esperando só de Deus a recompensa. Nem aos domingos e dias santificados descança, porque então reune as creancinhas em volta d'elle e, a exemplo do divino Mestre, se esforça por gravar-lhes no coração as maximas da nossa religião santa.

Da nossa obscuridade enviamos ao benemerito sr. *padre José Joaquim Gomes* o preito da nossa admiração,—*talium enim est regnum coelorum!...*

Bombeiros voluntarios

Havendo aqui um povoado tão importante na estação balnear e casas com 80 a 100 habitantes *e mais* cada uma, a camara de Guimarães, com o fim de prevenir alguma grande desgraça, mandou para aqui em junho de 1865 uma pequena bomba sem pessoal algum, pelo que se adestraram no manejo d'ella e muito generosamente se constituiram em bombeiros voluntarios 4 benemeritos moços, que prestaram relevantes serviços aos seus conterraneos.

Em fins de 1876 uma commissão de 9 membros, presidida pelo sr. dr. Abilio da Costa Torres, organisou uma *Companhia de bombeiros voluntarios* com estatutos proprios, approvados em dezembro de 1877. Compõe-se de 30 bombeiros sob as ordens de Armindo Pereira da Costa (1.º commandante) e Joaquim Antonio da Silva (2.º commandante)—todos uniformisados.

Possue a companhia uma bomba grande de 2 agulhetas que custou 450$000 réis;—2 mangueiras que custaram 102$000 réis;—um carro de material (escadas, bicheiros, machados, etc.) que custou 150$000 réis;—fardamento que custou 600$000 réis;—e toda esta despeza foi feita por donativos que a benemerita commissão installadora agenciou; é porem de lamentar que os vizellenses não auxiliem tão sympathica e util instituição. Actualmente apenas conta 12 socios protectores, que contribuem para a manutensão da companhia, cuja dedicação tem sido experimentada repetidas vezes, perdendo em uma d'ellas a vida um dos bombeiros.

São sempre apoucados os encomios que se tributam a estes generosos bemfeitores da humanidade.

Philarmonica vizellense

Em janeiro de 1882 uma commissão composta dos srs. dr. Abilio da Costa Torres, Antonio da Silva Vieira Coutinho e João Ribeiro de Freitas Guimarães, organisou uma philarmonica (banda e capella) que actualmente conta 22 executantes; apresenta-se regularmente em todas as funcções—e tem um vistoso uniforme.

Industria

N'este ramo gosa e gosou sempre Vizella merecido credito.

Começaremos por mencionar uma fabri-

ca de papel de vegetaes, com exclusão do trapo, que nos principios d'este seculo existiu aqui.

Foi fundada, bem como outra de tinturaria, pelo nobre fidalgo *Francisco Joaquim Moreira de Sá*, dono da illustre casa e quinta de *Sá* a 1 kilometro de Vizella, e pertencente á freguezia de Santa Eulalia de Barrosas, hoje concelho de Felgueiras, e de Guimarães *in illo tempore*.

Montou a dita fabrica no sitio da *Cascalheira*, freguezia de S. João de Vizella, um pouco a montante do actual estabelecimento de banhos, com auctorisação regia por aviso de 13 de fevereiro de 1802 e alvará de 24 de fevereiro de 1805, sendo as construcções dirigidas pelo habil engenheiro inglez Thomaz Rizhap,—e em 15 de julho do mesmo anno de 1805 por uma provisão regia foi nomeado superintendente d'estas fabricas o provedor da comarca Mauoel Marinho Falcão de Castro, que devia exercer o dicto cargo, emquanto exercesse o de provedor.

Infelizmente esta fabrica, tão esperançosa e tão honrosa para Portugal, pouco tempo durou, porque o fundador emigrou para o Brazil em resultado da invasão franceza;—os soldados invasores a destruiram e arrasaram e hoje apenas restam leves indicios da sua construcção.

Valia bem a pena (como disse o sr. Manoel Maria Rodrigues em uma correspondencia de Vizella para o *Com. do Porto*) conservarem-se e guardarem-se de futuras devastações os restos que ainda existem do edificio, collocando-se n'elles uma inscripção, para attestar aos vindouros aquelle facto memoravel e muito interessante para a historia da nossa industria.

Foi esta a 1.ª fabrica de papel vegetal conhecida na Europa! Os allemães e franceses pretendem para si a gloria do invento, mas não lhes cabe tal honra, como evidentemente provou o illustrado sr. dr. Pereira Caldas, benemerito vizellense, em uma memoria especial:—*Vindicação da prioridade do fabrico de papel com massa de madeira*.

—

A proposito diremos que a *villa* (granja, quinta) da *Cascalheira*, onde foi construida a fabrica, já era conhecida no sec. x, pois elrei D. Ordonho a doou com aquelle mesmo nome a D. Adosinda, sua dama predilecta que, segundo a tradição, ali viveu e em 964 a permutou, como diz o livro de Muma Dona, existente na *Torre do Tombo*.

Tambem diremos que o fundador da fabrica era fidalgo da casa real, cavalleiro professo da ordem de Christo e *poeta*. Deixou um poema epico—*A Queda de Napoleão*—do qual offereceu um exemplar ms. a D. João VI e outro ao conde dos Arcos, vicerei do Brazil,—e uma *Proclamação aos portuguezes*, Coimbra 1809, *imprensa da Universidade*—posto que nem o *Dicc. Bibl.* de Innocencio, nem o seu continuador Brito Aranha mencionem tal escriptor.

Deixou elle tambem um filho: — *Miguel Antonio Moreira de Sá*,—que era official de voluntarios constitucionaes em 1828, pelo que emigrou para a Gallisa e d'ali para a Inglaterra, depois de estar preso no castello de Guimarães, donde a muito custo pôde evadir-se. Foi escriptor notavel em prosa e verso, sendo muito dignas de se lerem as *Cartas* escriptas do exilio á sua esposa e que ainda se conservam *mss.*, narrando os trabalhos da emigração. Tambem deixou outro *ms.* interessante—*Historia de D. João VI desde o seu nascimento até a sua morte*.

Foi vereador de Guimarães em 1835 e redactor do *Nacional*, periodico de Lisboa, em opposição a Agostinho José Freire, sendo apreciaveis os seus artigos de fundo.

—

Dr. Antonio Secioso Moreira de Sá, filho do antecedente, é tambem muito illustrado; medico distincto e distincto escriptor catholico; homem muito religioso e muito caridoso, mas sem ostentação.

Além de innumeros artigos em diversos jornaes brazileiros, tem publicado differentes obras de merito, avultando entre ellas uma dissertação ou memoria contra a cremação, que mereceu a honra de ser traduzida em Roma.

D. Anna Amalia Moreira de Sá, irmã do antecedente, é tambem muito illustrada, muito religiosa e mimosa poetisa.

Denodada combatente no celebre debate poetico sobre a *rosa branca* e a *rosa vermelha*, publicou os *Murmurios do Vizella* em 1861.

Vive na sua nobre casa de Sá, em Barrosas, sendo muito estimada por todos quantos a conhecem, nomeadamente pelos pobres e desvalidos, que a mãos largas soccorre. Tem muitas poesias *mss.*, que por modestia se recusa a publicar.

—

Segundo se lê no *Relatorio da Exposição industrial de Guimarães em 1884*, nas duas parochias de Vizella havia:—espingardeiros (2 officiaes); tecidos destinados a exportação;—e estucadores, sendo Vizella a localidade do concelho de Guimarães que produz maior numero de estucadores desde que este mister, haverá 40 annos, aqui foi introduzido e ensinado por um mestre de Affife, chamado *Gonçalves*, que aqui se estabeleceu e fez escola.

Tambem aqui apontaremos a *fabrica de papel* dos srs. Ribeiro & C.ª, pois embora não esteja situada na povoação de Vizella, está muito proxima,—aqui vive o seu dono —e em todo o nosso paiz é conhecido o seu producto com o nome de *papel das Caldas de Vizella.*

Demora no extremo da freguezia de *Moreira dos Conegos* e a sua fundação foi autorisada pela provisão de 9 d'agosto de 1810, permittindo a Francisco José Ribeiro, da freguezia de S. Miguel das Caldas, o estabelecer uma fabrica de papel junto do rio Vizella ou de qualquer outro da provincia do Minho, com os mesmos privilegios das outras fabricas identicas do reino.

Produz papel almasso de escrever, branco liso, anilado pautado, e de embrulho, branco e pardo.

A fabrica é movida pela agua do Vizella —e tem 3 rodas e 3 cylindros. Emprega 28 operarios, que produzem o valor de réis 5:550$000 por anno—e foi-lhe conferido na citada exposição o diploma de 1.ª classe.

—

Ha tambem no rio Vizella outra *fabrica de papel.*

Pertence á familia *Alvares Ribeiro*, do Porto. Em virtude de certa questão judicial e da despedida do administrador, fechou se em 1882 ou 1883, mas conserva todo o machinismo e utensilios proprios.

Esta fabrica é um pouco mais antiga do que a antecedente, pois foi auctorisada a sua fundação por alvará de 24 de novembro de 1789, concedido a Antonio Alvares Ribeiro & C.ª, da cidade do Porto, com os privilegios seguintes:

1.º—Mandar vir do estrangeiro mestres ou officiaes, que não poderiam sair da fabrica antes de findar o tempo do seu contracto, sem que a causa que alleguem para se despedirem fosse julgada pela *real junta do commercio*, impondo ao mesmo tempo a multa de 400$000 rèis, pagos da cadeia, a quem os induzisse para outra fabrica.

2.º—Livre transito para o trapo dentro do reino;

3.º—Isenção de direitos durante 10 annos para o papel fabricado, devendo preceder licença de transporte, passada pela *junta real do commercio* para que este privilegio se verificasse tambem nas alfandegas do Brazil;

4.º—Marca especial;

5.º—Isenção de encargos publicos a todo o pessoal da fabrica;

6.º—Faculdade de requisitar do corregedor carros para transporte, em caso de necessidade.

7.º—Que a fabrica ficaria sob a protecção da *real junta do commercio*, para fazer valer todos estes privilegios;

8.º—Juiz privativo para as questões da fabrica.

Foi confirmado este alvará em 1799.

—

Seja-nos licito mencionar aqui um dos mais illustres membros da familia do fundador da ultima *fabrica de papel* mencionada supra, — mesmo porque falleceu n'esta povoação de *Vizella* no dia 2 de setembro de 1868.

Chamava-se elle—*Joaquim Torquato Alvares Ribeiro*, nascido no Porto em 1803, homem notavel pela sua fortuna, pela sua

energia e pelos seus vastos conhecimentos, principalmente em sciencias mathematicas, que ensinou na academia polytechnica do Porto desde 1835 até que falleceu.

Em 1865 começou a exercer tambem interinamente as funcções de director da mencionada academia no impedimento de João Baptista Ribeiro, sendo-lhe dado definitivamente aquelle cargo em 1868.

D'accordo com o dr. Pedro da Fonseca Serrão Velloso, fundou o celebre *Periodico dos Pobres*, do qual foi proprietario e um dos redactores,— publicação de *combate* e uma das mais importantes do seu tempo. Começou em julho de 1833; findou em 1858; militou sempre no partido cartista conservador; fez guerra de morte aos *Cabraes* e foi por assim dizer — a alma da revolução popular da *patuleia* ou da *junta do Porto*, em 1846 a 1847.[1]

O *Annuario da Acad. Polyt. do Porto*, de 1878, fallando de Joaquim Torquato Alvares Ribeiro, diz:

«Foi á sua pertinaz iniciativa e incomparavel zelo, que esta Academia deveu o terem-se continuado as obras do seu edificio, e haverem-se começado e adiantado muito as do jardim botanico, que quasi se póde dizer que é obra sua.

«Foi director da *Companhia geral da agricultura das vinhas do Alto Douro*, á qual ergueu do abatimento em que cahira depois da extincção dos seus privilegios;[2] e, apezar de ter de dividir a sua attenção por muitos negocios, foi um professor distincto pelo seu extraordinario talento, sciencia e assiduidade.

«Escreveu e publicou pela imprensa: *Discurso* recitado na Academia Polytechnica do Porto, na abertura do anno lectivo de 1846-47;—*A Academia polytechnica e a portaria do ministerio do reino de 14 de agosto de 1862.*»

Era do conselho de S. M. e commendador da O. de Ch.,—e foram seus paes Antonio Alvares Ribeiro (o fundador da dita fabrica) e D. Maria Maxima Delfina da Silva.

Deixou successão e na sala das sessões solemnes da *Academia Polytechnica* do Porto póde ver-se o seu retrato a oleo.

Uma irmã do illustre finado foi condessa do Bolhão e mãe da actual duqueza de Saldanha, hoje viuva e casada em segundas nupcias, tendo do 1.º matrimonio 2 filhos: —o conde d'Almoster e a condessa de Cintra, netos do marechal e 1.º duque de Saldanha.

Hospital

José Diogo Mascarenhas Neto, na *Memoria sobre as antiguidades das Caldas de Vizella* (tomo 3.º das *Mem. de Litt. Port.*) § 38, expõe a ideia da fundação de um hospital em Vizella; mas por esta denominação indicava apenas um estabelecimento thermal em que os enfermos podessem fazer uso dos banhos. Casa onde se recolhessem os doentes e em que fossem medicados pelo uso dos banhos ou de outros remedios não tinha elle em vista.

No 1.º quartel d'este seculo estabelece-se e funccionou em uma casa do largo da *Alameda*, então *Lameira*, um hospital ou antes *albergue*, fundado e mantido por uma commissão de vizellenses, que para tão caridoso fim agenciavam donativos e ali recolhiam e sustentavam na estação balnear enfermos pobres que necessitavam de banhos, installando-se posteriormente nos altos da mesma casa os soldados que vinham tambem tomar banhos.

Demorava a dita casa entre o banho de-

[1] V. *Gramido*, tomo 3.º pag. 316, col. 2.ª; —*Porto*, vol. 7.º pag. 366, col. 2.ª e segg.;— *Santarem*, tomo 8.º pag. 520, col. 1.ª;—*Sabroso* no mesmo vol. pag. 283, col. 1.ª *in fine* e segg.;—*Val de Passos*, tomo 10.º pag. 75, col. 2.ª—e *Viso* (Alto do) serra e monte, onde descrevemos a batalha que ali se deu em 1847 e que foi a ultima da revolução da *junta do Porto*.

[2] As acções da poderosa *companhia dos vinhos* eram de 400$000 réis; depois baixaram no mercado a 50$000 réis e ninguem as queria por tal preço; hoje dão mais de *um conto de réis* cada uma?!...

nominado *Lua cheia* e o *Banho Grande*, ao longo do caminho da fonte publica e sobre os banhos romanos intermedios, sendo um dos principaes promotores d'aquella edificação o sr. Antonio Pereira da Silva, pae do distincto professor bracarense Pereira Caldas.

Em 1848 a camara de Guimarães, para explorar uns banhos no dito local, comprou a casa em 27 de junho por 260$000 réis, não sendo logo demolida, pois só em 1852 procedeu á demolição, promettendo que em logar d'ella fundaria um *albergue* para recolher os pobres na epoca dos banhos, mas até hoje (1888) não cumpriu a promessa; vae porem dentro em pouco ter Vizella um bom *hospital*, propriamente dito,—graças a um cidadão benemerito que longe da patria não se esqueceu da miseria e da pobreza. O seu nome será esculpido em lettras d'ouro nos annaes da caridade christã e da benemerencia patria com caracteres indeleveis: —a gratidão dos pobres, orando a Deus pelo eterno descanço de alma tão bem formada.

—

Aquelle benemerito cidadão foi *Antonio Francisco Guimarães*, filho de Manoel Fernandes Dias e de D. Maria Francisca, natural da freguezia de *S. Paio de Moreira dos Conegos*, limitrophe e muito proxima de Vizella.

Em tenra idade foi, como tantos patricios nossos, para as terras de Santa Cruz em demanda de fortuna; depois de longos annos de trabalho persistente e honrado, felizmente encontrou-a, mas ali perdeu a vida!

Falleceu em 16 de julho de 1873 na cidade de Campinas, sendo ali sepultado no cemiterio da freguezia do Santissimo Sacramento.

Viveu e morreu longe, muito longe da patria, mas como bom patriota jamais a esqueceu. Pelo contrario, amou a sempre como filho estremoso até os ultimos instantes da vida e no seu testamento, feito e approvado em 4 d'agosto de 1868, a instituiu por herdeira de uma grande parte da sua fortuna.

Deixou 3:000$000 réis ao parocho de *Moreira dos Conegos* para constituir o dote de 12 donzellas pobres d'aquella freguezia, sua terra natal, preferindo as parentas do testador; mais 2:000$000 de reis ao mesmo parocho para distribuir aos seus parochianos pobres; dispoz ainda d'outros legados e determinou que o remanescente da sua terça fosse dividido em 3 partes, uma das quaes seria entregue á Misericordia de Guimarães, metade para ella e a outra metade para com o seu rendimento capitalisado se estabelecer e manter nas Caldas de Vizella uma *casa de caridade* ou *Misericordia*, onde fossem tratados os enfermos pobres da visinhança, sendo sempre preferidos os da sua terra natal,—*Moreira dos Conegos.*

Santa applicação!...

A Misericordia de Guimarães liquidou 57:656$561 réis fortes—e a quantia recebida, com os juros accumulados, montou a 77:971$478 réis.

Para cumprimento da vontade d'aquelle benemerito cidadão, isto é—para escolha do local, etc., onde ha de ser fundado o hospital, a mesa da santa casa nomeou em 22 de maio de 1883 uma commissão que, segundo consta, não apresentou trabalho algum.

Em 1888 foi nomeada outra commissão com o mesmo fim, composta dos parochos de S. Miguel, S. João e Moreira,—do dr. Abilio Torres e do pharmaceutico José de Freitas Oliveira, a qual se desempenhou do seu encargo, apresentou o relatorio dos seus trabalhos á Misericordia, indicando o sitio do *Outeiro* para a fundação do hospital, e por isso é de crêr que Vizella dentro em pouco veja organisado tão santo instituto, legado pelo benemerito *Antonio Ferreira Guimarães.*

Non recedat memoria ejus!...

Nascentes thermaes

As aguas thermaes de Vizella já eram conhecidas antes da dominação romana e haviam até adquirido fama de *miraculosas*.

Duas inscripções dedicadas a *Bormanico*,

deus gentilico das fontes e deus lusitano, provam esta affirmativa.[1]

Os costumes dos romanos, para os quaes os banhos eram hygiene e luxo, levaram este povo a aproveitar as nascentes e a construir numerosos e luxuosos estabelecimentos thermaes, cujos restos se teem encontrado e admirado em differentes pontos do nosso paiz e fóra d'elle.

Mascarenhas Neto, fundado na inscripção —*Dedicavit T. Flavius Archelavs Claudianvs. Leg. Avg.* — suppõe que as thermas romanas datam do tempo de Domiciano, 81 a 90 de Ch., tempo em que Tito Flavio foi *legado* d'este imperador na Lusitania.

Parece que algumas d'estas nascentes ainda estavam a descoberto no sec. XI, ou que pelo menos se conservava lembrança d'ellas, pois Affonso V de Leão aqui esteve e *in Oculis Calidarum* assignou algumas doações.

Esta mesma denominação conservaram sempre estes logares, como reminiscencia das suas aguas thermaes, posto que os edificios, por qualquer circumstancia hoje ignorada, desappareceram completamente e por muitos seculos se ignorou a sua existencia.

Tambem parece que as aguas, em maior ou menor volume, foram sempre notadas pelos povos visinhos, pois a *Monarch. Lusit.* menciona como existentes aqui *fontes d'agua quente*; o Padre Torquato Peixoto na *Antiga Guimarães* (1692) diz haver aqui excellentes caldas,—e o Padre Carvalho na *Chor. Port.* tomo 1.º diz:—«n'esta freguezia (*S. Miguel das Caldas*) em um lameiro baixo baldio estão cinco olhos d'agua, umas mais quentes que outras, e todas mui medicinaes para grande quantidade de enfermos que se vem curar a estas Caldas »

Não havia porem senão uns charcos em que se tomavam os banhos, e por isso é de crer que os enfermos de que falla a *Chorographia* eram apenas os indigentes, pois os que tinham meios mandavam conduzir a agua em pipas para as suas habitações. Assim eram levadas para o Porto, Guimarães e outras povoações mais ou menos distantes, como diz M. Neto.

—

No começo do sec. XVIII principiaram a descobrir-se as paredes de banhos e ruinas d'outros edificios, cuja descoberta por ordem da camara de Guimarães não continuou.

Segundo diz F. da Fonseca Henriques no *Aquilegio medicinal*, descobriu-se em 1723 um tanque, que media 44 palmos por 33.

Os povos visinhos buscavam estas aguas para as barrelas, porque poupavam tempo e lenha.

A camara de Guimarães, querendo porem conserval-as limpas para serem utilisadas pelos enfermos, em 10 de novembro de 1734 mandou que as duas freguezias, S. Miguel e S. João, tivessem o cuidado de conservar o dito tanque limpo, sob pena de 6$000 réis e 30 dias de cadêa aos officiaes das ditas freguezias, devendo estes tambem relacionar as pessoas que ali fizessem barrelas, para serem castigadas.

Em 1785, no lugar em que existiam os charcos e tanque, fez-se uma barraca de colmo, e em 1787 outra mais commoda dentro da qual se construiu um banho, e pelas escavações se descobriu outro, que estava soterrado, apparecendo tambem por essa occasião indicios de *magnificas construcções*. Foi n'esse anno que as aguas começaram a usar-se mais frequentemente bebidas, pois anteriormente a immundicie o não permittia.

Em 1788, por instancias de M. Neto, se descobriram 16 nascentes d'agua e 8 banhos construidos d'argamassas diversas e fragmentos de tijolo, *ladrilhados a mosaico*! Descobriu-se tambem no mesmo anno, no sitio do *Mourisco*, chamado *poço quente*, mais quatro nascentes com diversos graus de calor, sendo a agua conduzida por differentes canos, — alem de dois olhos que existiam e existem no proprio leito do rio.

Estas descobertas attrahiram grande af-

[1] *Revista de Guimarães*, tomo 1.º n.º 2 de abril de 1881.

fluencia de enfermos da provincia do Minho, que colhiam optimo resultado do uso dos banhos, affluencia que continuou nos annos seguintes, tornando-se necessario um cirurgião que velasse pelos doentes e lhes indicasse as aguas mais adaptadas ás differentes enfermidades. Remediou a camara esta falta, creando aqui um partido de cirurgia em 15 de junho de 1796, e foi provido n'elle, com o ordenado de 60$000 réis, Bento José da Cunha, da freguezia de Cerzedo.

Em 1797 construiram-se algumas barracas d'alvenaria. Em 1803, por Aviso regio de 23 de junho, foi nomeado o primeiro banheiro e encarregado da limpeza dos tanques com o ordenado de 60$000 réis, sendo provido n'aquelle logar Domingos Teixeira Mendes, que já occupava interinamente o mesmo cargo.

—

Em 26 de setembro de 1804 Francisco José de Miranda obteve uma provisão regia conferindo-lhe o privilegio de estabelecer aqui açougue, como já tinha havia 14 annos, devendo a carne ser 2 réis e meio em arratel mais barata do que em Guimarães.

No anno de 1811, por alvará de 14 de setembro, foi D. Leonor de Faria Machado auctorisada para construir 2 banhos nas duas nascentes junto á sua casa nobre *da Azenha*, sendo obrigada a fornecel-os gratis ao publico e ficando-lhe apenas a administração.

Em 1812 encontra-se aqui o primeiro medico. Foi Antonio José de Sousa Basto, nomeado por provisão de 10 de março, devendo servir gratuitamente durante a guerra, conforme promettera.

Com a nomeação de Francisco Barroso Pereira para o cargo de provedor da camara de Guimarães, cargo de que tomou posse em 1 de janeiro de 1811, tiveram grande impulso a exploração das aguas e o aformoseamento de Vizella.

Em 11 de julho de 1812 conseguiu que a camara mandasse fazer importantes concertos nos poços thermaes e alcançou depois parte da pedra da *Torre Velha dos muros de Guimarães*, conduzindo-se para aqui só em maio de 1814 *approximadamente 300 carros*?!...

Chamamos para este ponto
a attenção dos archeologos.

—

Ao genio emprehendedor do benemerito Barroso se deve a extensa e formosa alameda da *Lameira*, a reconstrucção de diversos banhos e a fonte d'agua thermal que devia ser corôada por um formoso obelisco, tendo em uma das faces uma inscripção commemorativa; mas não chegou a gravar-se, collocando-se em vez d'ella as armas reaes. A projectada inscripção, segundo diz João Pinto Ribeiro nas suas *Reflexões historicas*, era a seguinte:

Ob Europae restitutam pacem,
Desideratissimi principis regentis
Ob redditum expectatum,
Aquaeducti, fontis, horti
Lineamenta instaurata,
Curante provinciae, Quaestore,
Piarumque Causarum Provisore,
Francisco Barrosio Pereira,
A. D. MDCCCXIV.

Em vulgar: «Sendo corregedor e provedor d'esta comarca Francisco Barroso Pereira, foram delineadas e inauguradas as obras d'este aqueducto, d'esta fonte e d'este jardim no anno de 1814, em commemoração da paz que a Europa acaba de obter e da esperança que temos de que em breve regressará (do Brazil) o nosso tão desejado principe regente.»

—

Nos annos seguintes a camara e o governo foram tomando constantemente diversas providencias com relação ao serviço dos banhos, nomeando medicos, cirurgiões, banheiros, etc.

Em 7 de maio de 1837 lançou-se a contribuição de 40 réis sobre cada pipa d'agua thermal,—e a imposição directa de 50$000 réis sobre os habitantes das Caldas, devendo promover-se uma subscripção entre os

banhistas, quando as duas verbas não fossem sufficientes para obras nos banhos e despezas inherentes; e em 27 do mesmo mez foi nomeada uma commissão para administrar as obras e os banhos.

O imposto de 40 réis, que no referido anno rendeu 11$000 réis, foi elevado a 60 réis em 1840, e em 6 de maio do mesmo anno foi elaborado um regulamento provisorio, cuja observancia e outras providencias a bem da hygiene foram suscitadas em 20 de julho de 1842, a requerimento do sr. dr. José Joaquim da Silva Pereira Caldas, distincto professor e decano do lyceu de Braga. Este regulamento foi impresso na Typographia Bracarense em 1840.

Em 27 de novembro de 1844 foram remettidas para o governo diversas amostras d'aguas, para serem analysadas.

Em 24 de março de 1845 descobriu-se mais dois banhos debaixo da varanda da casa denominada *hospital*,—um com 26 palmos e 6 oitavos de comprido por 13 e 6 oitovos de largo; outro com 5 palmos e 4 oitavos por cada um dos lados, sendo octogono. Ambos tinham o fundo revestido de mosaico e no primeiro se via igual revestimento nas paredes lateraes. Foram descobertos com as escavações mandadas fazer pelo banheiro José Alves da Silva Junior.

Eram 27 as nascentes encontradas até esta data (1845) sendo 3 destinadas para bebida, 21 para banhos e 3 para emborcações. Desde esta data até 1851 ainda se encontraram mais nascentes, chegando então o numero a 34.

Em 1858 foram construidos 2 banhos novos.

Em 1860 procedeu o engenheiro Bartholomeu Achilles Dejant a diversos trabalhos de pesquisa e captagem d'aguas, por incumbencia da camara.

Em 3 de julho de 1861 ordenou-se que o medico do partido apresentasse uma estatistica dos doentes tratados e do aproveitamento havido.

—

Em 25 de fevereiro de 1863 Antonio Ferreira Moutinho, do Porto, e Antonio de Sousa Freire, de Louzada, requereram à camara de Guimarães a concessão das aguas do *Poço das Pipas* e *Bica da Lameira*, para as encanarem para lugar appropriado, onde construissem um estabelecimento thermal, o que lhe foi concedido, devendo a terça parte dos banhos ser para uso franco e livre do publico. Este projecto porem não vingou.

Em 1866 a camara resolveu que o referido engenheiro Achilles Dejant procedesse a estudos e levantamento da planta para a construcção d'um estabelecimento thermal, com o que se dispendeu 1:115$865 réis.

Alguns moradores de Vizella dirigiram uma representação ao governo contra o procto da camara, e tambem se levantou viva polemica na imprensa, pelo que o ministro do reino em 28 de fevereiro de 1867 enviou uma portaria ao governador civil de Braga, mandando que este ordenasse á camara que se *abstivesse de innovar cousa alguma* no estado actual dos banhos, o que fez parar todos os trabalhos.

Em 23 de dezembro de 1868 a camara enviou ao poder legislativo uma representação, pedindo para ser auctorisada a adjudicar a construcção do estabelecimento a uma companhia.

Creada pouco depois a engenharia districtal, o governador civil enviou-lhe a dicta representação para ella dar parecer, o que só fez em 25 de janeiro de 1871, devolvendo-a á camara e aconselhando que se fizesse um projecto de menos avultada despeza, pois o projecto Dejant estava orçado em 327:000$000 réis.

A camara resolveu não fazer novo projecto sem esgotar todos os meios para approvação d'este, conseguindo que uma commissão presidida pelo sr. conselheiro Adriano Machado, actual reitor da Universidade, e de que fazia parte o benemerito vizellense Antonio José Ferreira Caldas, solicitasse da camara a adjudicação do projecto, ao que esta annuiu; difficuldades, porem, que sobrevieram não consentiram que se levasse a effeito aquelle plano.

—

Durante aquelle periodo tão agitado formulou a camara dois regulamentos. O pri-

meiro foi approvado em 17 d'abril de 1867 e por elle foi encarregado o serviço balnear a 1 facultativo director, 1 escripturario, 1 banheiro e 3 ajudantes. O segundo approvado em 30 de setembro de 1868 modificou algumas disposições do anterior.

Os trabalhos de Dejant patentearam novos mananciaes d'agua e ainda posteriormente, em 1880 a 1881, se descobriram mais, o que elevou o numero das nascentes a 55!...

Eram as aguas conduzidas para os banhos, cobrando-se o imposto de 40 réis por cada um, — imposto que em 1869 rendeu 654$600 réis.

As casas em que se achavam os banhos tinham a seguinte denominação: *banho do Moreira, quarto crescente, lua nova, lua cheia, quatro cabeças, contra-forte, novo, oitavado, meia-lua, ribeiro, grande, humanidade, tanque das pipas, bomba, S. Miguel, provedor, sol, bica da lameira, Valle menso, Lameira, Medico, porta, fonte dos amigos, barco, mourisco, penedo e fonte do Abbade!...*

Companhia dos Banhos de Vizella

Do exposto se vê que o renascimento de *Vizella* estava iniciado; a vida e a alma foram-lhe dadas pela *Companhia dos Banhos*.

Para exploração das aguas thermaes constituiu-se em 1873 uma *Companhia*, sociedade anonyma de responsabilidade limitada, com a séde em Guimarães e o capital inicial de 100:000$000 réis, divididos em 1:000 acções de 100$000 réis, capital que podia ser elevado a 400:000$000 réis.

A 9 d'outubro do referido anno discutiram-se e approvaram-se em assembleia geral dos accionistas os estatutos porque devia reger-se a *Companhia*, nos quaes se consignou que deviam construir-se os estabelecimentos necessarios, conforme a planta do engenheiro Dejant ou com as alterações que á Companhia e á camara de Guimarães conviesse fazer.

Na mesma assembleia se elegeu uma commissão encarrègada de promover a installação definitiva da companhia, ficando a dicta commissão composta dos srs. barão de Pombeiro de Riba-Vizella, Antonio José Ferreira Caldas, Francisco Ribeiro Martins da Costa, Joaquim Ribeiro da Costa e Alberto da Cunha Sampaio.

—

Em portaria de 11 de setembro de 1874 foi a camara auctorisada a celebrar com a Companhia o contracto de cedencia das thermas.

Em 16 d'outubro do mesmo anno foi eleita a primeira direcção, sendo composta de Antonio José Ferreira Caldas, Joaquim Ribeiro da Costa e Alberto da Cunha Sampaio, e em 18 de novembro do mesmo anno foi assignado o contracto provisorio entre a camara e a direcção da Companhia. Por este contracto a camara cedeu á Companhia todas as nascentes de aguas thermaes e medicinaes, situadas nas freguezias de *S. João* e *S. Miguel das Caldas*, bem como todos os terrenos, pedreiras e predios municipaes, que ficam a um raio de 600 metros do meio da ponte nova para o norte do rio, e a um raio de 300 metros para sul do mesmo rio, e que fossem necessarios para os estabelecimentos thermaes e seus accessorios, bem como todos os direitos e acções que a camara tinha sobre os referidos bens.

A Companhia devia no praso de 4 annos dispender 100:000$000 réis com os estabelecimentos, podendo fixar o preço dos banhos, devendo porem ser gratuitos os banhos que determina a lei de 2 d'abril de 1873, em tanques não excedentes a dez pessoas.

Se passados dez annos a Companhia houver gasto menos de 110:000$000 réis, a camara poderá remir, pagando o dispendido e mais 10 %; havendo porem gasto mais, o direito de remir só poderá exercer-se passados 300 annos. A camara tambem poderá remir annualmente até 40 acções.

Este contracto, depois de approvado pelas camaras legislativas, foi mandado executar pela carta de lei de 14 d'abril de 1875.

—

Acceito este contracto pela companhia em 19 de maio de 1875, ficou esta definitivamente installada.

Analysadas as aguas pelo lente da Escola polytechnica de Lisboa, Agostinho Vicente Lourenço, contractou-se o engenheiro *Cesario Augusto Pinto*, que foi a França, Belgica e Allemanha visitar os estabelecimentos de banhos mais notaveis.

Em 1 de maio de 1876 deu-se principio aos trabalhos no local denominado *Bouça das Pedras*, junto do rio Vizella.

O engenheiro, voltando da sua viagem, apresentou o projecto dos edificios a construir, projecto que foi submettido á approvação da camara e do governo e approvados por portaria de 21 d'agosto de 1878.

Segundo esta planta o estabelecimento thermal constará de 3 edificios, comprehendendo 11:000 metros quadrados, incluindo terreiros, caminhos e corredores descobertos.

O edificio principal, com banhos de immersão de 1.ª, 2.ª e 3.ª classe e as principaes applicações hydrotherapicas, constará de 4 corpos que medem 68 metros de extensão por 57 de largura, sendo dois dos corpos para homens e dois para mulheres. Além de 72 tinas para banhos, terá uma piscina de natação e gymnastica, um *vaporarium*, ou estufa de vapor, para 8 pessoas, *camas de massagem*, banhos de chuva verticaes e circulares, estufas parciaes, banhos medicinaes e electricos para braços, pernas e pés, banhos *bourbonnes*, piscinas de familia, *douches* de todas as fórmas, semicupios, banhos hydróphoros, etc.

O estabelecimento terá tambem, para deposito das aguas, uma galeria cujas paredes servirão de alicerce a uma terça parte do edificio superior, ao nivel da estrada e retirado d'esta 19 metros, sendo tudo ajardinado. Este edificio destina-se a escriptorio do bilheteiro, consultorio medico, dois salões de espera e de leitura, deposito d'aguas mineraes de diversas procedencias e estação telegraphica. Isto na frente; no lado opposto e sobre as galerias do deposito ficarão as salas de inhalação, pulverisação e mais dependencias. No andar superior do corpo central haverá um grande salão e quartos para vivenda do guarda, e dois torreões nas extremidades do edificio para arrecadação de materiaes proprios, guarda dos apparelhos, canalisação e rouparia.

Na margem do Vizella e separado do grande edificio por uma rampa de servidão, ficará o edificio de 4.ª classe, que deve conter 4 piscinas (duas para cada sexo) salas de espera e de abafo.

O edificio de 5.ª classe ficará separado pelo ribeiro de *Paços*, convenientemente canalisado, e conterá 2 tinas, ou gabinetes, 2 piscinas para 12 pessoas cada uma, sala de douches de lança e verticaes, etc.

N'estes edificios, depois de completos, poderão dar-se em 10 horas 2:970 banhos de todas as especies.

Até hoje (outubro de 1888) acham-se construidos o 1.º corpo do edificio principal para banhos de 1.ª, 2.ª e 3.ª classe, e os edificios de 4.ª e 5.ª classe. Estão iniciadas apenas outras construcções.

—

Em principios do anno de 1881 organisou-se uma commissão medica sob a presidencia do dr. José Pereira dos Reis, a fim de aconselhar a direcção em tudo o que dissesse respeito á organisação do serviço medico.

Em 31 de março do mesmo anno foi approvado em assembleia geral o regulamento do serviço de banhos e contabilidade e mobilados os edificios. Realisou-se a abertura solemne do estabelecimento thermal em 8 de maio do referido anno, celebrando a benção Monsenhor Rebello de Menezes, então vice-reitor do seminario de Braga,[1] sendo a inauguração realisada com a assistencia de todas as auctoridades do concelho,

---

[1] Hoje (1888) é arcebispo titular de Larissa, coadjutor e futuro successor do bispo de Lamego, etc.

governador civil do districto e de muitos outros cavalheiros, sendo tambem enorme a concorrencia de povo.

Os banhos fornecidos em 1881 foram 71:689, sendo gratuitos 20:054; a receita, incluindo aluguel de roupas, montou a réis 5:748$115.

Até hoje a media annual dos banhos tem sido de 68:500 e o rendimento medio de 6:300$000 réis.

No fim da epoca balnear de 1881 o director medico do estabelecimento, dr. Abilio da Costa Torres, publicou um relatorio admiravelmente elaborado, narrando, a par d'outras curiosas noticias, o resultado obtido durante o primeiro anno de exploração.

Os estatutos da Companhia foram reformados em assembleia geral de 18 d'outubro e 22 de dezembro de 1882, introduzindo-se algumas alterações que a experiencia aconselhara.

As obras teem proseguido, embora lentamente, cuidando-se com todo o esmero em que as aguas produzam os effeitos, que a sua constituição mineralogica faz presagiar e que a experiencia tem demonstrado ha muito tempo.

De 1885 a 1886 construiu-se o parque, delineado e plantado pelo distincto floricultor e horticultor José Marques Loureiro[1] e que custou 4:500$000 réis.

A actual direcção (1888) cuida com todo o afan do estabelecimento dos edificios para pulverisação e inhalação, cuja falta é muito sensivel.

Não se deixe a companhia illudir com os vaticinios dos *pessimistas* e o futuro coroará os esforços dos que tanto teem trabalhado a favor da prosperidade de Vizella.

—

A direcção actual inspira toda a confiança e sabemos que se empenha deveras em rehabilitar o credito da companhia e das aguas, bastante abalado até hoje, pelo que os capitaes e o publico se retrahiram e a empresa tem luctado com grandes difficuldades.

Todas as direcções transactas foram honestas, mas algumas bastante levianas — e muitos banhistas teem demandado outras thermas, porque temos outras congeneres, que teem progredido muito nos ultimos annos, taes são as do *Molledo*, depois que se fez a linha ferrea do Douro, dando-lhes estação propria e tornando-as muito accessiveis,—e as da *Felgueira*, junto de Nellas, depois que se fez a linha da Beira Alta e uma bella estrada de 6 kilometros a ligar os ditos banhos com a estação de *Cannas de Senhorim*. Tambem ali nos ultimos annos uma companhia de Lisboa fez um *esplendido estabelecimento thermal*—e teem progredido e estão progredindo *espantosamente* os banhos do Gerez.[1] São talvez hoje os mais concorridos de Portugal, pelo que nenhum dos nossos estabelecimentos de banhos tem tantos e tão bons hoteis, que tendem a augmentar em capacidade e em numero,—e vae formar-se uma grande empresa para elevar aquelle estabelecimento a *toda a altura*!...

Tem pois Vizella *rivaes perigosos*—e necessita de muito cuidado para não ser levada de vencida.

As suas aguas são maravilhosas, mas—segundo dizem alto e bom som *pessoas competentes*,—estas aguas soffreram muito, depois que juntaram as de todas as suas numerosas e *diversas* nascentes *em amalgama* e as levaram para o novo estabelecimento distante mais de 200 metros e situado *á beira do rio*, sendo a canalisação luxuosa e dispendiosa, mas feita *sem criterio algum*, pelo que tiveram de a modificar, para susterem os clamores e a debandada do publico.

A empresa já *em parte* remediou aquelles inconvenientes, mas tem de remediar ainda outros e de ser muito prudente e sollicita,

[1] V. *Miragaya*, tomo 5.º pag. 262, col. 2.ª

[1] V. *Villar da Veiga*, tomo 11.º pag. 1291 col. 2.ª e segg.

para não comprometter o seu futuro *e o de Vizella!...*

A direcção actual inspirou *toda a confiança* e não queremos de modo algum lançar sobre ella as faltas que outros commetteram. Pedimos-lhe até desculpa da nossa rude franqueza, mesmo porque é nosso particular amigo um dos actuaes directores,—o sr. Eduardo Velloso d'Araujo, capitalista do Porto, homem muito honesto, muito atilado e muito dedicado pelos interesses da empreza, da qual é um dos maiores accionistas, mas—*amicus Plato, sed magis amica veritas.*

Formam com elle a direcção mais dois cavalheiros de muito merecimento tambem; —o sr. dr. Abilio da Costa Torres,[1] medico por Coimbra, natural de Barrosas,—e o sr. Domingos José de Sousa Junior, proprietario e negociante de Guimarães.

Sabemos que envidam todos os esforços para vencerem as difficuldades que os cercam e garantirem á empreza e a Vizella o brilhante futuro, a que uma e outra teem jùz.

Hurrah por Vizella!...

—

Desde 1881 até 1887 deram-se n'este importante estabelecimento thermal 419.416 banhos, sendo 302.547 por paga—e 116.869 gratuitos a pobres e militares. E desde 1 de janeiro de 1888 até 31 de novembro do mesmo anno, deram-se 55.692 banhos, sendo 44.366 por paga — e 11.326 gratuitos a pobres e militares.

A companhia tem despendido até hoje (dezembro de 1888) a quantia de réis 129.515$875.

Foi muito feliz com a *nova canalisação*, porque as aguas chegam aos depositos sem depreciamento algum. Isto animou a empreza e a determinou a mandar ao estrangeiro o sr. dr. Terra Vianna, distincto engenheiro e lente da Academia Polytechnica do Porto, para estudar os estabelecimentos congeneres mais notaveis e indicar as modificações a fazer no de Vizella. O dicto engenheiro e professor já regressou e apresentou o seu relatorio,—e a companhia (honra lhe seja!) vae fazer no seu estabelecimento todas as modificações indicadas, principiando por construir salas proprias para banhos de *inhalação, pulverisação*, etc. etc.

—

A companhia até hoje (1888) ainda não distribuiu dividendo algum, porque todo o rendimento liquido tem sido e continúa a ser applicado nas obras.

Só nas canalisações, (1.ª e 2.ª) pesquisas d'agua, etc., gastou 25.316$000 réis,—e até 31 de dezembro de 1887 gastou no *parque*, indicado supra, 10.122$000 réis, entrando porém n'esta cifra o custo de valiosos terrenos que estão fôra do *parque*.

Tambem sabemos que vae concluir a plantação do arvoredo, para o que já contractou com o sr. Marques Loureiro, do Porto, a acquisição de 1.300 arbustos.

Feliz lembrança, porque o chão de Vizella na estiagem é muito ardente e porque a arborisação é *riqueza, belleza* e *saude.*

Finalmente sabemos que está disposta a fazer tudo quanto fôr de *utilidade* e *recreio* e tendente a pôr o seu estabelecimento thermal ao nivel dos melhores estabelecimentos congeneres.

Outra vez—*Hurrah por Vizella!*

Estabelecimento thermal do Mourisco

Em 1788, Mascarenhas Netto, deparando com um olho d'agua quente no sitio denominado *Mourisco*, na esquerda do rio Vizella, mas proximo a elle, mandou fazer uma escavação e encontrou uma especie de banqueta de que se conheciam vestigios até á distancia de 200 passos, e junto d'ella achou 4 nascentes d'agua com diversos graus de calor, conduzida por differentes canos.

Esta agua foi aproveitada pelo possuidor do terreno, que ali construiu em 1840 um

---

[1] Logo daremos a sua biographia no topico dos *Vizellenses illustres.*

banho de madeira, sendo logo frequentado por muita gente.

Arruinado este, o abbade de S. Miguel, Miguel Joaquim de Sá, que havia comprado as propriedades onde estavam as nascentes, fez outro banho de pedra, collocando as aguas em melhores condições.

A affluencia do publico fez com que a camara nomeasse para ali um banheiro, contra o que reclamou o proprietario, não conseguindo porem que fosse annullada a nomeação, e ainda posteriormente foram nomeados mais dois banheiros. O ultimo em 25 d'abril de 1866.

Apesar de tudo, o proprietario sempre era considerado senhor das aguas, administrando os banhos e fornecendo-os ao publico.

Em 9 de julho de 1873 a camara resolveu intentar pleito contra o actual proprietario, Joaquim de Freitas Ribeiro de Faria, para haver estas nascentes e banhos, terminando a questão em 1875 pela desistencia da camara, feita no Supremo Tribunal.

—

Os antigos banhos que ali havia eram conhecidos com a seguinte denominação: *mourisco, baixo, penedo* e *fonte do abbade.*

Finda a pendencia, o proprietario tratou de construir um estabelecimento thermal.

Fica este situado poucos metros alem da ponte nova do Vizella, no proprio local dos banhos velhos, dando-lhe communicação um ramal de estrada a macdám.

É um bonito edificio, coroado de ameias, cuja planta foi traçada em 1877 pelo engenheiro Pedro Ignacio Lopes, actual director da companhia dos caminhos de ferro do norte e leste.

Uma saleta de espera, tendo aos lados dois quartos, dá communicação por 6 degraus para os quartos de banho, que são 6, todos bem preparados com tinas de zinco, etc, Ao lado direito está o deposito das aguas que alimentam os banhos.

O custo do estabelecimento, completo em 30 d'abril de 1878, orçou por 4:000$000 réis approximadamente.

A media dos banhos annualmente póde calcular-se em 7:000, dando ao proprietario o rendimento bruto de 1:120$000 réis.

No fim da epoca balnear de 1878 foram feitos alguns novos trabalhos de captagem d'aguas, e estas obras, executadas dentro do perimetro de protecção concedido á Companhia dos banhos pela portaria de 17 de maio de 1878, deram origem a um pleito judicial, que terminou por composição amigavel effectuada em 30 de junho de 1879.

O preço de cada banho n'este estabelecimento é de 160 réis.

—

Na *Illustração Universal* n.° 28 de 16 de agosto de 1884 se encontra em gravura um dos formosos panoramas de Vizella, mas o artigo que a acompanha foi por certo, consinta-se-nos dizel-o, escripto em algum momento de mau humor.

Tudo o que deixamos dito e que todos podem verificar, é um desmentido formal das asserções ali feitas.

Partido de cirurgia

Foi estabelecido por carta regia de 15 de junho de 1796 com o ordenado de réis 60$000 e tem sido occupado pelos seguintes:

1.°—*Bento José da Cunha*, da freguezia de S. Miguel de Cerzedo, d'este concelho, nomeado na mesma data supra.

2.°—*José Antonio d'Azevedo Varella*, nomeado por provisão de 20 de maio de 1824. Não podemos averiguar quando deixou de servir nem encontramos indicação de que fosse substituido.

Partido Medico

1.°—*Antonio José de Sousa Basto*, nomeado pela provisão supra, em 1796.

2.°—*João Evangelista de Moraes Sarmento*, nomeado por provisão de 27 de julho de 1816 com o ordenado de 100$000 réis, devendo aqui residir 4 mezes na epocha balnear.

3.°—*Antonio Joaquim Ferreira de Castro*,

nomeado por provisão de 20 de fevereiro de 1827. Abandonando o lugar para seguir o partido liberal, foi-lhe cassada a nomeação e substituido pelo seguinte:

4.º — *Antonio José de Sousa Basto*, (segunda vez), nomeado por provisão de 17 de julho de 1829, sendo annullada a nomeação por sentença de 14 de março de 1834, em execução dos decretos de 27 de novembro de 1831 e 3 d'agosto de 1833, foi o antecedente restituido ao logar.

5.º—*Antonio Joaquim Ferreira de Castro*, (segunda vez). Ignoramos até quando serviu.

6.º—*Antonio Ignacio Pereira de Freitas*, nomeado pela camara em 10 de maio de 1867. É actualmente medico do partido municipal de Ponte do Lima.

Hoje Vizella não tem medico privativo.

Vizellenses illustres

Abel Pedro Pereira de Freitas, filho de José de Freitas e Oliveira e D. Cecilia Rosa Pereira da Silva, nasceu a 1 de agosto de 1856. Seguiu a carreira ecclesiastica, ordenando-se em Braga a 7 de junho de 1884. Tem escripto diversos artigos e correspondencias em publicações periodicas.

Em 1885, d'accordo com seu primo Braulio, de quem abaixo fallamos, fez imprimir o jornal unico «Basar», que foi distribuido em Vizella, sendo o producto applicado em beneficio da confraria do Senhor da Boa Morte, da freguezia de S. Miguel. N'este publicou um artigo exalçando a belleza da sua terra, intitulado *No jardim do Minho*.

Abilio da Costa Torres, filho de Joaquim da Costa Torres e D. Candida Augusta Ferreira de Miranda, nasceu a 13 de maio de 1846 em Barrosas.

Cursou preparatorios em Braga e Coimbra, terminados os quaes matriculou-se em medicina, formando-se em 30 de julho de 1876. Estabeleceu residencia em Vizella e tem prestado relevantes serviços á sua patria adoptiva. É socio installador da companhia de bombeiros voluntarios e da philarmonica vizellense; membro da commissão recenseadora eleitorai de Guimarães; director technico do estabelecimento thermal e hydrotherapico de 1881 a 1882, etc.

Escreveu: «As aguas sulfurosas de Vizella, estatistica medica do estabelecimento thermal e hydroterapico de Vizella.» Porto, typ. Central, 1882.

É um medico distincto e habil operador.

Alfredo José dos Reis. Este espingardeiro de renome, filho de José Antonio dos Reis e de Maria do Livramento, nasceu em Chaves, mas veiu para Vizella aos 17 annos de edade e aqui tem vivido até hoje quasi sempre, entregando-se á arte que lhe alcançou fama, dirigido pelo espingardeiro e fogueteiro Joaquim Antonio Callado, que depois foi seu sogro.

Em 1862 estabeleceu-se por conta propria e em 1865 fabricou a «primeira espingarda de carregar pela culatra» não havendo n'ella uma peça unica, desde a mais singela até á mais complicada, que não fosse fabrico seu. Foi esta no seu genero a primeira espingarda que se fez em Portugal, como se lê no *Catalogo* da Exposição internacional do Porto, de 1865, a pag. 59 do *Supplemento*.

Em 1861 fabricou a «primeira espingarda» de *systema central*, nas mesmas condições de fabrico todo seu.

Em 1872 fabricou uma *machina* de cortar mortalhas para cigarros, feitas de folha de milho, em maços de 50 e 100.

Depois de ter officina durante alguns annos em Vizella, foi para Guimarães, onde esteve 7 annos, voltando para aqui em setembro de 1885 e estabelecendo-se na rua da *Estrada Nova*, junto á estação do caminho de ferro.

Antonio Ignacio Pereira de Freitas, filho de José de Freitas e Oliveira e D. Cecilia Rosa Pereira da Silva, nasceu em 1 de fevereiro de 1842.

Cursou os preparatorios em Braga, obtendo sempre honrosas classificações. Em 1858 matriculou-se na Academia polytechnica do Porto e em 1861 na escola medico-cirurgica da mesma cidade, concluindo a formatura em 1866.

A these que defendeu no fim do curso tem o seguinte titulo: «Das aguas mineraes

em geral e da sua applicação em particular ao tratamento das molestias cirurgicas... Porto 1866, 4.° gr.»

Depois de exercer a clinica aqui e em Fafe, foi em 1869 para Ponte do Lima, onde exerce o cargo de facultativo municipal. Tem escripto em diversos jornaes muitos artigos sobre a importancia das aguas de Vizella e existe publicado em opusculos: «Aos senhores capitalistas: noções acerca do projectado estabelecimento thermal de Vizella e conveniencia da sua construcção por meio d'uma companhia, Braga, 1868.»

É indefeso propagador do *systema dosimetrico*, bem como do *hypnotismo*, como agente therapeutico.

Antonio José d'Azevedo Varella, filho de Antonio d'Azevedo Varella e de Josepha Joaquina da Costa.

Nasceu a 12 d'agosto de 1825 em Santa Eulalia de Barrosas. Cirurgião pela antiga escola, estabeleceu residencia por muitos annos em Infias, e desde 15 annos a esta parte em Vizella. Tem sido vereador em Guimarães por mais que uma vez e poderia hoje ter avultada fortuna, se não fosse tão desprendido d'ambição. É parente do celebre frade Domingos Varella, distincto organista de quem se falla no artigo *Victoria*, tomo 10.° pag. 623, col. 2.ª

Antonio José Ferreira Caldas, nasceu a 16 de novembro de 1816 na quinta do *Paço de Gominhães*, filho de Francisco José Ribeiro e Thereza Maria Ferreira.

Seguiu a carreira commercial em Guimarães com muita probidade pelo que seus conterraneos o elegerem vereador da camara, repetidas vezes.

Membro da commissão recenseadora eleitoral, da junta de repartidores, etc., correspondeu ao conceito que d'elle se formava; alcançou porem inolvidavel memoria pelos relevantes serviços que tem prestado á terra que lhe foi berço.

É sem duvida a Ferreira Caldas que Vizella deve os importantes melhoramentos que hoje a enriquecem. Grande parte de seus haveres, sua saude, seu credito, sua actividade, tudo dedicou durante o longo espaço de 17 annos á realisação da sua idéa tão querida: *o estabelecimento thermal de Vizella.*

Em Guimarães, Porto e Lisboa trabalhou constantemente e, apesar de muitas decepções e muitas contrariedades, conseguiu a formação da companhia: viu levantar o edificio dos banhos; assistiu á sua abertura, contemplando a sua obra, e o sorriso da satisfação lhe assomou aos labios.

A camara municipal de Guimarães, em sessão de 5 de maio de 1881, como testemunho dos serviços prestados pelo incansavel Ferreira Caldas, deu a uma das novas ruas de Vizella o nome do benemerito cidadão.

Em um artigo sobre a exposição industrial de Guimarães, publicado no *Jornal do Commercio*, lê-se o seguinte, que é a confirmação do que levamos dito: «A existencia da Companhia e dos novos estabelecimentos deve-se á união de esforços de muitos cidadãos vimaranenses, mas distingue-se entre todos, pelo trabalho e até pelo sacrificio, o prestimoso cidadão *Antonio Ferreira Caldas.*

Póde affirmar-se, sem receio do errar, que á devoção de *Ferreira Caldas* pelos melhoramentos de Vizella, desde 1869, se devem os novos estabelecimentos.» (Relatorio da Exposição, pag. 249).

Antonio Pereira da Silva Caldas, filho de Antonio Pereira da Silva e D. Maria José Alves, nasceu a 4 de fevereiro de 1828.

Cursou preparatorios em Coimbra, matriculando-se depois nas faculdades de mathematica e philosophia, mas não chegou a concluir o curso.

Depois matriculou-se na escola medico-cirurgica do Porto, mas a nostalgia da patria não o deixava viver longe de Vizella.

Recolhido de vez á sua terra natal, entregou-se ás doçuras da familia e á educação dos filhos, que o honram.

É actualmente professor da escola primaria na freguezia de S. Miguel, como em outro lugar disemos, e acerca das suas funcções escolares eis aqui o que se lê no semanario lisbonense *A Federação*, vol. VII. n.° 1, de 11 d'abril de 1863, n'um artigo intitulado a *Instrucção primaria em Portugal.* «O professor do logar da *Lameira*, freguezia de

S. Miguel, concelho de Guimarães, lecciona os discipulos, durante o inverno, em uma casa que lhe emprestam para esse fim; mas, durante o verão, n'um quintal, debaixo de uma ramada, porque a casa é alugada aos banhistas. No entanto este é um dos bons professores do districto, que cumpre exactamente o regulamento escolar. Ensina e explica o systema metrico, e fiscalisa escrupulosamente a frequencia, que regula por 35 a 40 alumnos, de 63 que estão matriculados, 51 do sexo masculino e 12 do sexo feminino.

Estes bons serviços, que todos louvam, só a junta de parochia e a camara municipal desconsideram, pois que ainda não prestaram casa e mobilia para a escola d'este professor, que tão dignamente exerce o magisterio.»

De vez em quando o distincto professor envia escriptos para diversos jornaes. Assim no *Murmurio*, n.º 12, de 15 de junho de 1856, folha mensal bracarense, encontra-se um com o titulo: *A lingua hespanhola e os autores que mais a aperfeiçaram*. É um artigo interessante. Na *Borboleta*, jornal bracarense, n.º 841 de 1876, escreveu: *Apparição de uma Hostia no Ceo em Braga em 1640*. No n.º 10 de 15 do mesmo mez escreveu: *Conspiradores portuguezes em 1640*, etc., etc.

O artigo publicado, no numero 8 da *Borboleta* foi impresso em fasciculo, de que apenas se fez tiragem de poucos exemplares em cartão. É o titulo: «Silva-Caldas, Apparição d'uma Hostia no Céo em Braga em 1640.» —Braga. imprensa commercial, 1879, 8.º gr. com 6 pag. innumeradas.

Antonio Raphael Dias Pereira de Freitas, filho de Manoel Dias Pereira de Freitas e D. Guilhermina Candida Dias Pereira de Freitas, nasceu a 15 de fevereiro de 1849.

A vida commercial a que se destinava no Brazil não lhe roubou a vocação que tinha para as lettras.

No Rio de Janeiro redigiu um periodico *O Povo* e publicou dois bellos romances *Ambrosina* e *Honra d'um caixeiro*.

A morte surprehendeu ha pouco este nosso benemerito compatriota, colhendo-o entregue ás lides litterarias. Dava a ultima demão a um volume de *versos*. Editou tres das obras de seu irmão Domingos, de quem adiante nos occuparemos.

Uma saudade á memoria do desditoso mancebo.

Armindo de Freitas Ribeiro de Faria, filho de Joaquim de Freitas Ribeiro de Faria, nascido em 1866. É quintanista da escola medica do Porto.

Avelino Antonio Callado, filho de Joaquim Antonio Callado e Joaquina Salgado, nasceu a 4 de junho de 1859. Dirigido por seu pae, tornou-se um artista de nome, e, como seu cunhado Alfredo, de quem já se fallou, fabrica espingardas de todas as especies e os utensilios indispensaveis para o seu trabalho.

Não pôde acabar opportunamente uma espingarda para carga por tres systemas» que destinava á *Exposição Industrial de Guimarães* em 1884, onde por certo seria devidamente apreciada como *invento curioso*.

Este artista actualmente dirige a officina que foi de seu pae, e concerta quaesquer artefactos de *serralheria*, por mais complicados que sejam.

Braulio Lauro Pereira da Silva Caldas, filho de Antonio Pereira da Silva Caldas e D. Francisca Emilia Pereira da Cunha.

É bacharel formado em theologia e bacharel em direito.

Tem publicado em differentes jornaes muitos artigos e muitas *poesias* que lhe hão grangeado o credito de esperançoso poeta.

No anno de 1885 escreveu e fez imprimir *Bouquet de Sonetilhos*, que offereceu á commissão vimaranense promotora de soccorros para as victimas da Andaluzia, mimo que foi avidamente procurado.

E' socio correspondente da Sociedade de Geographia de Lisboa.

No mesmo anno de 1885, por iniciativa sua e de seu primo Abel, de quem já se fallou, imprimiu-se em Guimarães uma folha unica—*Bazar*, em beneficio da confraria do Senhor da Boa-Morte, da freguezia de S. Miguel.

E' redactor da *Alvorada,* jornal litterario bracharense, etc.

Domingos Maria Pereira Dias de Freitas, filho de Manuel Dias Pereira de Freitas e D. Guilhermina Candida Dias Pereira de Freitas nasceu a 10 de fevereiro de 1852.

Cursou preparatorios no lyceu de Braga, entregando-se conjuntamente á vida jornalistica.

As columnas do antigo *Bracharense* receberam suas primicias litterarias e nos ultimos tres annos d'este jornal foi um dos seus redactores.

Durante 15 annos nunca deixou de escrever para os jornaes, dirigindo e redigindo em Braga, o *Jornal Academico, Diario do Minho, Commercio do Minho* e *Borboleta.* D'este formoso hebdomadario de litteratura existem publicados tres volumes.

Collaborou tambem assiduamente na *Atalaia do Vez* (Arcos) e no *Imparcial* (Guimarães), etc.

Em todos estes jornaes publicou poesias e pequenos, mas bellos romances, sendo para lastimar que não estejam colleccionados.

Collaborou tambem nos jornaes religiosos de Braga: *União Catholica* e *Semana Religiosa Bracharense.* N'este ultimo publicou, anonyma, entre outros trabalhos, a versão da magnifica obra de *Jorge Romain — L'Eglise catholique—Unique puissance tolerante et libérale,* começando a publicação no n.º 117 de 17 d'agosto de 1877 e terminando no n.º 166 de julho de 1878.

Tem publicado:

Premicias, 1 vol. Arcos, 1870.

Inspirações do Vizella, 1 vol. Porto, 1871.

Goivos, (romance) principiado a publicar sob pseudonymo no *Commercio do Minho* e editado por seu irmão Antonio, no Rio de Janeiro, 1877.

Rosinha (romance). Idem, 1880.

Solidões (opusculo). Idem, 1880.

Suspiros de Santo Agostinho (versão) Coimbra, 1884.

É socio correspondente da Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes, socio ordinario da Sociedade de Geographia Commercial do Porto e socio benemerito da Associação Penafidelense de Instrucção.

Exerceu durante o anno de 1884 e 1885 o magisterio no collegio da Formiga e actualmente reside em Braga entregue ás lides jornalisticas, havendo durante a sua permanencia na Formiga traduzido os primeiros fasciculos do *Anno Christão* de João Crosset, que foi editado no Porto por Antonio Dourado.

Illidio Floro Pereira de Freitas, filho de José de Freitas e Oliveira e D. Cecilia Rosa da Silva Pereira, nasceu a 22 de dezembro de 1846.

Depois de cursar os preparatorios em Braga, matriculou-se na academia polytechnica do Porto e depois na escola medico-cirurgica da mesma cidade, concluindo os seus trabalhos escolares em julho de 1869 e havendo sido premiado. A sua these final tem por titulo *Da hydrotherapia e suas applicações therapeuticas.* Porto, 1869, 4.º gr.

Despachado em 1869 facultativo naval de 2.ª classe, embarcou na canhoneira *D. Maria Anna,* indo para Moçambique, onde cuidou dos inficcionados do cholera que por 3 vezes ali se manisfestou e, voltando á patria em 1873, valeu a muitos atacados de variola, que então grassou intensamente em Vizella. Publicou diversas poesias e alguns trabalhos scientificos em jornaes, almanachs e revistas litterarias.

Despachado em novembro de 1873 facultativo de 1.ª classe, embarcou no hyate *Marinha Grande* e falleceu a dois dias de viagem de Cacheu, em 2 de julho de 1874.

Joaquim Antonio Callado, filho de Raymundo Antonio Callado e Joanna Mendes, nasceu a 6 de janeiro de 1822 e falleceu a 6 de março de 1880.

Deixou grande renome como *espingardeiro* e *fogueteiro.*

Manoel Ribeiro de Castro, filho de Francisco José Ribeiro e Antonia Luiza, nasceu a 10 de dezembro de 1807. Presbytero ordenado em Lisboa, nunca fez uso de

suas ordens e é proprietario da fabrica de papel das Caldas, de que em outro lugar nos occupamos.

Paulino Antonio Callado, filho de Joaquim Antonio Callado e Joaquina Salgado. Entregou-se no Brazil á especialidade da espingarderia, que é o patrimonio dos seus, — e falleceu haverá 10 annos.

Pedro Vaz Cirne de Sousa, filho do morgado de *Gominhães*, Manoel Cirne Pereira, e de sua esposa D. Antonia de Sousa Alcoforado. Embora nascesse em Guimarães, tem cabimento aqui, porque a sua casa solar era na freguezia de S. João e aqui residiu grande parte do tempo.

Casou este illustre fidalgo com D. Antonia de Madureira e, depois de assegurar a descendencia de sua nobre casa, fallecendo sua mulher, fez-se cavalleiro da Ordem de S. João.

Mandou construir a capella da sua casa, como em outro logar diremos, e legou ás letras duas obras, uma das quaes (a segunda), diz o nosso bibliographo Innocencio, é muito rara. Foram ellas: — *Relação do que fez a villa de Guimarães no tempo da felice acclamação de sua magestade até o mez de outubro de 1641*. — *Relação do que tem obrado Rodrigo Pereira de Souto Maior, capitão e alcaide-mór da villa de Caminha*, etc.

Roque Francisco.

Este notavel ourives e escriptor nasceu a 16 d'agosto de 1659, sendo seus paes Domingos Francisco e Isabel Fernandes. Foi baptisado na egreja da S. Miguel.

Transcrevamos o que na folha unica, *Industria Vimaranense*, publicada por occasião da Exposição industrial de Guimarães em 1884, se lê e que é devido á penna do nosso chorado amigo José Caldas (que tinha sangue de Vizella, pois seu pae, Antonio José Ferreira Caldas, de quem já se fallou, é d'aqui natural). «Roque Francisco, descançando radiante sobre um plinto de metaes preciosos e encimando-lhe a fronte as asas do genio, com ellas voa a paizes extranhos, onde fôra recebido com summo respeito e veneração profunda, *como primeiro e unico aquilatador do ouro e prata, até então conhecido*. É ainda o vimaranense[1] ennobrecido com o encargo honrosissimo de *ensaiador-mór* das casas da moeda nos reinos de Portugal.»

Publicou o nosso vizellense: *Verdadeiro resumo do valor do ouro e da prata*, obra pouco vulgar, segundo affirma Innocencio, e teve 3 edições: — 1694, 1739 e 1757.

Thomaz Antonio Callado, filho de Joaquim Antonio Callado.

Vive no Brazil, onde exerce e arte de espingardeiro—com tal proficiencia, que uma fabrica *belga* o premiou por uma espingarda que elle fez.

—

José Joaquim da Silva Pereira Caldas. Deixámos para corôa e remate d'este topico o mais illustre filho de Vizella.

Nasceu na freguezia de S. Miguel a 26 de janeiro de 1818, sendo seus paes Antonio Pereira da Silva e D. Maria José Alvares. Em Guimarães e arrabaldes fez os seus primeiros estudos, tendo por professor de latim o padre mestre *José Antonio Ferreira*, parocho de Polvoreira (entre Vizella e Guimarães), que foi tambem mestre de todos os que n'aquelle tempo e n'estes contornos se dedicaram ás lettras.

Pereira Caldas tornou-se muito notavel entre os seus condiscipulos. A alguns d'estes ouvimos dizer que elle decorara o diccionario latino!...

Matriculando-se na Universidade, foi premiado nas faculdades de mathematica, philosophia e medicina, que frequentou, tomando o grau de bacharel.

O distincto professor de mathematica, philosophia e introducção é socio honorario de varias sociedades, academias e institutos, socio correspondente d'outras associações

[1] Vizella como já dissemos pertence ao concelho de Guimarães.

do reino, Açôres, da Academia Real das Sciencias, etc.

A sua biographia extensamente escripta e o longo cathalogo de suas obras encontram-se no *Diccionario* de Innocencio, tomo 4.° pag. 395, onde occupam 19 paginas,—e no tomo 13.° pag. 42,—não estando ainda todas mencionadas, porque depois escreveu algumas outras.

Das suas obras mencionaremos aqui sómente as que dizem respeito a Vizella:

Noticia d'uma escavação archeologica nas Caldas de Vizella,—Revista Universal Lisbonense, tomo 4.° pag. 557, e *Periodico dos Pobres do Porto*, n.° 107 de 1845.

Esboço topographico das Caldas de Vizella,—Jornal da Sociedade Pharmaceutica Lusitana serie 2.ª, tomo 4.° pag. 318 a 355.

Noticia archeologica das Caldas de Vizella, Braga, 1858.

Indiculo generico das virtudes curativas das aguas sulphurosas das Caldas de Vizella, Braga, 1854.

Noticia resumida das Caldas de Vizella, Panorama, tomo 11, 1854, n.° 32.

Vindicação da prioridade do fabrico de papel com massa de madeira, como descoberta portugueza, sendo o seu fabrico intentado no principio d'este seculo *nas Caldas de Vizella*, etc. Braga, 1867.

Caldas de Vizella, artigo publicado em julho de 1885 na folha unica *Bazar*, a que já nos referimos.

Noticia historica sobre a espingarderia vizellense, com indicações geraes sobre a espingarderia portugueza, Braga, 1885, 8.° gr. de 25 pag. Tiragem—50 exemplares para brindes.

Não podemos ver ainda esta obra e por isso não podemos dizer se é a mesma, como suppomos, que foi inserta no Relatorio da Exposição industrial de Guimarães em 1884, pag. 55 e seguintes, a que o erudito professor deu o titulo: *Noticia summaria* (Espingarderia).

D'este ultimo artigo extrahimos, quasi textualmente, os dados relativos a alguns artistas vizellenses.

A estes escriptos especiaes podem ajuntar-se ainda do mesmo auctor, como attinentes ao mesmo assumpto, em trechos accidentaes, os seus tres escriptos seguintes:

«*Apontamentos genericos* sobre os objectos mais notaveis do districto de Braga e dignos d'attrahir a attenção de SS. MM. e AA. na sua visita pelo mesmo districto em 1852.» Braga, 1852, folio oblongo.

«*Noticia topographica das Caldas das Taipas* no concelho de Guimarães» Braga, 1854 8.° gr.

Noções therapeuticas sobre o uso das aguas sulphurosas, Porto, 1852, 16.° gr.

O distincto professor Pereira Caldas é de per si sufficiente para nobilitar não só a pequena povoação de Vizella, mas *todo o concelho* a que ella pertence, como está nobilitando a *propria capital do districto*.

Ditosa patria que tal filho teve!...

—

Alem de ser um sabio profundo e distincto escriptor, é *muito patriota*, como provam os escriptos supra, dedicados a *Vizella*—e outros muitos dedicados a Luiz de Camões e ao seu inimitavel poema—os *Lusiadas*.

É tambem s. ex.ª muito notavel *bibliophilo* e *bibliographo*, e possue a *melhor livraria particular* que temos hoje ao norte do nosso paiz?!...

Talvez seja melhor de que a grande livraria que deixou o conde d'Azevedo, no Porto, e que é hoje do sr. conde de Samodães,[1] —notando-se que o fallecido conde de Azevedo dispunha de grande fortuna, em quanto que o sr. Pereira Caldas não tem fortuna propria. Vive do seu modesto ordenado de professor.

É uma livraria muito numerosa e *muito escolhida*. Tem exemplares rarissimos,—verdadeiras preciosidades bibliographicas! E tão patriota é o venerando ancião, que já offereceu á camara de Braga a sua preciosa livraria, apenas com duas condições:—1.ª tel-a em edificio proprio;—2.ª dar uma pe-

---

[1] V. *Porto*, vol. 7.° pag. 499, col. 2.ª *in principio*.

quena penção annual ao benemerito doador; mas a dicta camara—vergonha eterna!—recusou e *não acceitou a doação?!*...

Note-se tambem que o sr. dr. Pereira Caldas é viuvo e não tem successão, porque falleceu ha poucos annos e solteira a sua filha unica, tambem *muito illustrada!*

O venerando ancião vive pois *só*, entretido a ler e manusear os seus livros, que por serem muitos e a casa não grande, (ainda assim tem 3 andares) a cobrem e revestem interiormente *toda*,—salas, quartos, escadas, corredores, etc.

—

Ao muito rev. e muito illustrado sr. João Gomes d'Oliveira Guimarães, que foi parocho de *Mascotellos* e hoje é abbade de *Tagilde*, a pequena distancia do Vizella, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

V. *Vicente de Mascotellos* (S.) tomo 10.° pag. 556, col. 1.ª e segg.

VIZELLA — (Santo Adrião), freguezia do concelho e comarca de Felgueiras, districto e diocese do Porto, provincia do Douro. Orago Santo Adrião, martyr, de quem faz menção o Breviario Romano a 8 de setembro. Tem 139 fogos. A chorographia do padre Carvalho deu-lhe 80.

Era abbadia da mitra e tinha annexa a freguezia de S. Jorge de Vizella, onde apresentava o vigario; e não eram duas freguezias unidas, curadas por um só parocho, como diz o *Port. sacro-profano*.

Pertencia ao antigo termo de Guimarães; depois ao extincto concelho de Barrosas, e desde 1855 a Felgueiras. Até 1882 foi do arcebispado de Braga, passando então pela nova circumscripção para o Porto, e pertence ao vicariato da vara do 2.° districto d'Amarante.

É limitada a Norte pelas freguezias de Tagilde e S. Miguel das Caldas de Vizella; Sul pelas de Ravinhade e Santa Eulalia de Barrosas; Nascente pela de Santa Comba de Regilde; Poente pela de S. João das Caldas de Vizella. Entre as aldeias e casaes que a compoem são mais povoados os seguintes: Monte da Santa, Alfeixim e Cruz.

Está quasi toda na margem esquerda do rio Vizella, tendo apenas um peqneno logar na direita, Lagoas, que é alternadamente d'esta freguezia e da de S. Miguel das Caldas de Vizella, isto só ecclesiasticamente, anomalia que a ultima circumscripção bem podia terminar.

Dista 11 kilometros de Felgueiras, 5 de Barrosas e 2 de Vizella.

Deve esta freguezia ser atravessada pela estrada districtal em projecto, de Felgueiras a Vizella, que passará no adro da egreja parochial, e poucos metros antes d'elle partirá um ramal para a Ponte Nova de Tagilde, sobre o Vizella.

A egreja matriz é um templo antiquissimo e *sagrado*, talvez anterior ao seculo XI e, apesar d'algumas reconstrucções, ainda claramente demonstra a sua muita antiguidade. A chorographia de Carvalho diz que por uns algarismos, que estão em uma pedra nas costas da egreja, seria sagrada em 1262. Não encontramos tal data, mas na pia baptismal vê-se a seguinte: f. 1110 a. Sendo exacta esta era, que supponho ser de Cesar, a pia accusa o anno de 1072. Na parte externa da pia, inferiormente e como segurando-a, encontram-se umas figuras em alto relevo de anjos ou o que quer que seja, uma das quaes é singular pela sua posição pouco decente.

Não podem examinar-se todas as figuras, porque parte da pia está mettida na parede.

Tem a egreja 4 altares: *Mór*, *Nossa Senhora do Rosario*, *Trindade* e *Almas*. N'este ultimo vê-se um retabulo, cuja pintura me parece d'algum merecimento e como tal tem sido appreciada pelos *touristes* que na epocha balnear visitam esta egreja.

Acha-se erecta unicamente a confraria do Santissimo Sacramento, havendo antigamente outras que se extinguiram, como a do Rosario, S. Sebastião, Santo Antonio, etc.

Em veneração ha unicamente a capella de *Nossa Senhora da Tocha*,[1] tambem outr'ora

---

[1] Tem o mesmo titulo a capella real de Madrid *extra muros* e que foi egreja dos frades dominicanos.

chamada Nossa Senhora do *Castro* ou *Crasto* (de que adiante fallaremos) e a de S. *Claudio*, (vulgarmente *S. Crau*), no logar de Lagoas, e que pertence a Manoel Dias de Carvalho. Foi esta capella construida em 1751 como se vê da inscripção gravada na padieira: *Francisco d'Araujo m. fazer era 1751.*

Houve antigamente muitas outras, d'algumas das quaes nem vestigios já restam, mas d'ellas se faz menção no livro do Registro dos Visitadores; foram:

S. Gonçalo, em terreno dos passaes, instituida pelo abbade dr. Gonçalo da Silva. Desde muito profanada, foi ultimamente destruida e no seu lugar e com a sua pedra se fez uma casa de habitação.

Santa Cruz, edificada por Manoel Teixeira, da qual era administrador em 1742 Bento Teixeira Borges.

Nossa Senhora, no logar do Casal, limites de Regilde, a qual existia em 1761.

A *da casa nobre de Lamellas*, que ainda está de pé, mas servindo de palheiro, e cuja invocação não pude descobrir.

A da casa nobre do Paço Velho, de que apenas restam, bem como do Paço, uma vaga tradição e algumas pedras dispersas.

—

A nobre casa de Lamellas, grandiosa construcção apalaçada, demora um pouco abaixo da residencia parochial, junto ao rio Vizella.

Esta rica propriedade foi em 1549 emprasada por Aleixo de Freitas, abbade d'esta freguezia, por um pequeno fôro, a seu irmão Alvaro de Freitas, nobre fidalgo de Guimarães, e conservada na sua familia até que nos principios d'este seculo, por compra, herança ou doação, passou para os *Navarros* de Guimarães, sendo seu ultimo possuidor Jeronymo Vaz Vieira de Mello Alvim e Napoles, pelo seu casamento com D. Maria Antonia Navarro, por morte do qual foi vendida, em 1885, com as demais propriedades e casas.

D'esta familia era tambem pertença o palacete de Guimarães, denominado das *Lamellas*, sito na rua do mesmo nome e onde actualmente se acham installadas as repartições publicas.

Este palacete era cabeça do *morgadio das Lamellas*, instituido pelo dr. Rui Gomes Golias, filho de Ambrosio Vaz Golias e Ignez de Guimarães, abbade de Villa Nova de Sande e mestre escola da collegiada de Guimarães, provido n'esta dignidade em 7 d'abril de 1629, havendo permutado a abbadia pela dignidade com seu irmão o dr. Sebastião Vaz Golias.

Nomeou o morgado em seu sobrinho o dr. *João dos Guimarães*, procurador ás côrtes em 1643, embaixador á Suecia e Hollanda, moço fidalgo, commendador de S. Miguel de Caparosa, no bispado de Viseu, que era da Ordem de Christo; da Mesa da Consciencia e dos Aggravos, etc. Casou este com D. Maria de Mello, que ficando viuva e sem filhos, metteu-se freira em Santa Clara de Guimarães.

O morgado passou aos irmãos do dr. João dos Guimarães, Ambrosio Vaz Golias, abbade de S. Pedro d'Abragão, concelho de Penafiel, e a D. Ignez, D. Catharina, D. Maria e outras, freiras no mosteiro de Vairão, os quaes o nomearam em seu parente:

Antonio Peixoto de Miranda, senhor e possuidor da quinta da Lamella d'esta freguezia, pela doação feita em 23 de novembro de 1670, dando áquelles, para o escolherem entre os demais parentes, 8 mil crusados: 4 para os doadores e 4 para accrescentamento do morgado, conforme a instituição. A este succedeu seu filho:

Antonio Peixoto de Miranda, casado com D. Mafalda Luiza Leite d'Azevedo. A este seu filho:

Manoel Peixoto de Miranda Golias dos Guimarães. Morreu solteiro, nomeando o morgado em seu parente:

Fernando da Costa de Mesquita, que falleceu sem tomar estado e o nomeou em F... sua irmã.

Houve então varias demandas entre a casa de *Porcados* e a do *Tanque* sobre a succAessão do morgado, vencendo a casa do Tanque, que em 1829 se achava de posse d'elle, como póde vêr-se no jornal *Correio do Porto*,

n.º 92, de 1829, sendo administrador Antonio de Vasconcellos Leite Pereira d'Abreu de Lima Abraldes Oca e Novaes, que foi, ao que parece, o que vendeu as propriedades aos *Navarros*.

A nobre casa do Paço Velho, à qual era foreira quasi toda a freguezia, ha muito que não existe. Algumas pedras dispersas, que hão sido aproveitadas por alguns moradores, nos dão a conhecer sua antiga opulencia.

É tradição que um possuidor d'este Paço, conde d'Almada (?) por um crime de bestialidade em que encontrou sua esposa na propria casa nobre, fez arrasar o palacio, castigou gravemente a criminosa e cumplice (um cavallo!) e se retirou para a capital. Que haverá de verdade em tudo isto?

Carvalho na sua Chorographia diz que esta quinta produz boas fructas e admiraveis pecegos.

—

A melhor casa de habitação d'esta freguezia é a da *Quintã*, pertencente à ex.ma sr.a D. Joanna Lopes Martins Brandão, que n'ella reside.

O Vizella, que passa n'esta freguezia, serve de motor a diversas azenhas, empregadas na moagem de cereaes. Tambem finalisa n'esta parochia, distribuindo-se pelos campos, o regato de *Barusude*, que divide esta parochia da de Regilde e que ha annos, cerca de 50, ficou memoravel pelos grandes estragos que a sua corrente causou por occasião de uma grande tempestade, levando d'envolta duas pobres mulheres, que dias depois se encontraram mortas no Vizella

As producções d'esta freguezia são especialmente milho, centeio e vinho verde, mas este não prima pela qualidade. Tambem merece menção a manufactura de aguardente pela queima do bagaço, pois com difficuldade se encontra um proprietario que não possua um ou dois alambiques.

—

Entre as pessoas notaveis d'esta freguezia occorrem-nos as seguintes:

João Gouveia da Rocha, filho de Pedro Vaz de Gouveia e de Isabel da Rocha. Foi eleito collegial do Real Collegio de S. Paulo de Coimbra, sendo já lente de *Instituta*, em 5 e tomou posse a 9 de junho de 1660, sendo reitor o dr. D. Luiz de Sousa.

Regeu a cadeira de codigo; foi desembargador da Relação do Porto e da Casa da Supplicação e dos Aggravos, chanceller do Porto e desembargador do Paço, etc.

Dr. *Pedro da Rocha de Gouveia*, irmão do antecedente. Foi desembargador do Brazil e da casa da Supplicação, cavalleiro da Ordem de Christo, etc.

Francisco Xavier Camello. Era major em 1808.

Manoel Antonio da Silva Bravo. Foi capitão de milicias e falleceu a 8 de fevereiro de 1822.

Actualmente vivem:

Padre Firmino Antonio da Silva Bravo, filho de Antonio Joaquim da Silva Bravo e de D. Joaquina Peixoto, nascido a 12 de maio de 1852, professor no collegio de Santa Quiteria, concelho de Felgueiras.

Padre João da Rocha e Silva, natural de Ravinhade, ex-encommendado de S. Faustino de Vizella.

José Manoel Martins Camello. Tem sido vereador da camara de Felgueiras repetidas vezes e é um dos 40 maiores contribuintes do concelho.

—

Ha uma escola official do sexo masculino, regida pelo professor José Eugenio Ferreira Guimarães, que lecciona cerca de 40 alumnos. Data já de tempos afastados.

Os proprietarios mais importantes, aqui residentes, são: José Manuel Martins Camello, de que acima fallei, Manuel Joaquim Pinto e Antonio Joaquim da Silva Bravo.

Conservam-se n'esta parochia tres obje-

ctos dignos de apreciação e que muito hão sido admirados pelos peritos, entre outros pelo fallecido Marquez de Sousa Holestein, dr. Martins Sarmento e conego Alves Matheus. São: um thuribulo de latão no estylo gothico, uma cruz processional do seculo XVI e uma bacia de cobre, talvez destinada para a cerimonia do *Lavapedes*, que outr'ora, bem como as demais festividades da semana santa, aqui se celebravam com bastante lusimento, como se deprehende dos livros das Visitas.

Ainda não tem cemiterio parochial, achando-se todavia já demarcado n'uma esplanada, junto á capella de Nossa Senhora da Tocha.

—

Abbades. Sabemos dos seguintes:

Pedro de Freitas Peixoto o *Velho*, filho 3.º de Mendo Affonso Peixoto e de sua mulher D. Ignez Pires de Freitas. Foi casado com D. Magdalena Fernandes d'Almeida, de quem deixou descendencia. Fallecendo sua mulher, fez-se clerigo (1500?) e foi abbade n'esta freguezia.

Aleixo de Freitas, 1548, mencionado supra, no topico da casa de *Lamellas*. Quando em 1549 se executou o breve, que auctorisava o emprasamento da dita quinta e de que foi executor o D. Abbade de Pombeiro, D. Antonio de Mello, era já fallecido o abbade, todavia foi citado para dizer de sua justiça e declarar se concordava!

Isto é facto e consta da propria escriptura de emprazamento, que o meu illustrado informador leu.

Os abbades que se seguem constam d'uma nota exarada no fim do livro dos *Usos*:

Dr. Gonçalo da Silva, que fez a capella de S. Gonçalo, como já dissemos.

Salvador Lopes.

Jeronymo Lopes, irmão do antecedente.

Paulo Lopes da Rocha.

José de Moura Coutinho, natural de Lamego, fallecido a 12 de fevereiro de 1712.[1]

Antonio Felgueiras de Lima, natural de Vianna do Castello, depois conego prebendado na Sé de Braga e governador do arcebispado no tempo de D. Rodrigo de Moura Telles. Foi abbade 3 annos.

Verissimo Ferreira Marques, natural de Braga; tomou posse a 8 de dezembro de 1715 e renunciou em 1732.

Ignacio Marques Ferreira, irmão do antecedente. Tomou posse a 3 de maio de 1732.

José Monteiro Vaz.

Antonio Fernando Pereira Pinto d'Azevedo.

Antonio José Monteiro, renunciou no seguinte:

José Peixoto Monteiro, fallecido a 12 d'agosto de 1818.

Luiz Vicente de Barros e Castro. Tomou posse em dezembro de 1818 e morreu em 11 de maio de 1820. Era natural de Santa Maria de Passos, concelho de Sabrosa, e foi desembargador da Relação ecclesiastica de Braga.

João Evaristo Dias da Costa, foi secretario do ex.mo D. Fr. Miguel da Madre Deus, arcebispo de Braga. Renunciou no seguinte:

Francisco Joaquim Cardoso, natural d'esta freguezia, filho de José Custodio Cardoso e D. Anna Maria Nogueira Camello. Nasceu a 30 de janeiro de 1801; foi abbade coadjuctor desde 1829 a 1830 e n'este anno abbade collado pela renuncia do anterior.

Esteve algum tempo ausente do beneficio na occasião do scisma bracharense, sendo aqui por essa epocha encommendado (intruso) Bernardo de Menezes Miranda Magalhães. Entrando de novo o abbade Cardoso, aqui se conservou até á morte, 1882, mas não trabalhava desde 1870, por se achar paralitico e quasi cego.

José Pereira de Sousa, parocho encommendado, natural da freguezia de Salvador do Campo, concelho de Barcellos, filho de Manuel Pereira de Sousa e Thereza Pinheiro. Nasceu a 6 de novembro de 1840; ordenou-se de presbytero a 22 de dezembro de 1866; foi cerca de quatro annos capellão da nobre casa de Sá, na visinha freguezia de Santa Eulalia de Barrosas, pertencente á distincta e maviosa poetisa do poetico debate

---

[1] Era homonymo do sr. *D José de Moura Coutinho*, penultimo bispo de Lamego, fallecido em 1861. V. Telhó.

da *Rosa branca* e *Rosa vermelha* e dos *Murmurios do Vizella.*

Bento José da Silva Bravo, natural d'esta freguezia, filho de Antonio Joaquim da Silva Bravo e D. Joaquina Peixoto. Foi parocho encommendado até 1885 e actualmente é abbade de S. João Baptista de Codeços, concelho de Paços de Ferreira.

Francisco Maciel da Costa, actual abbade. Foi apresentado em 3 de fevereiro de 1885, tomando posse em 1886. Era prior de Santa Maria de Carvoeiro, concelho de Vianna do Castello.

—

N'esta freguezia, em uma elevação pouco distante da egreja parochial, existe uma capella sob a invocação de *Nossa Senhora da Tocha,* no sitio onde outr'ora esteve uma povoação pre-romana, um *Castro,* como indicam numerosos vestigios que ainda hoje ali se vêem.

A lenda de *Santa Capelluda,* imagem que se encontra na dita capella, advogada das parturientes, tanto christãs como gentias e mouras, é conservada viva entre todos os moradores do *Castro.* Quando estavam em vesperas *d'alliviar-se,* as mouras apegavam-se com a santa, clamando: *Santa Capelluda me valha! Santa Capelluda me valha!* mas livres do susto, punham-se a varrer a casa, gritando: *Capelluda fóra! Capelluda fóra!*

Uma moura vive encantada na capella e tem sido vista por mais d'uma vez sob a figura d'uma cobra amarella, — diz a lenda.

Uma pedra branca, disputada por dois lavradores para os seus trabalhos de gradar a terra, atirada ao Vizella transformou-se n'uma rapariga, que foi salva pelos contendores.—Santa gente! . . .

A *Senhora da Tocha,* hoje padroeira da capella, é muito venerada pelos povos das parochias visinhas e mesmo de longas distancias.

Grande numero de clamores iam ali antigamente e ainda hoje ali vão alguns de Fafe, Paços de Ferreira, etc.

—

Junto á egreja, n'um degrau da escada que sobe para um comoro, onde se vê um cruzeiro de curiosa esculptura, representando o mysterio da Trindade e o martyrio de S. Sebastião, ha um cutelo em relevo. Segundo a tradição é o alfange do ultimo rei mouro que governou o Castro, ou a espada do general christão que expulsou do Castro os mouros.

Na parede da capella-mór acha-se uma inscripção funeraria que Hubner copiou d'Argote e por isso incompleta e errada.

É ella, segundo o ex.^mo sr. Martins Sarmento:

D. M. S.
PROVINCIVS
NEREVS. P. I.
PROVINCIALI
PROTIDI. CO
NIVGI KARISSI
MAE. AN. XXVI

Revista de Guimarães, n.º 4, de 1885.

—

Ao meu illustrado amigo e collega—João Gomes d'Oliveira Guimarães, abbade de Tagilde, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

VIZELLA (S. Faustino), freguezia do concelho e comarca de Guimarães, districto e diocese de Braga, provincia do Minho, pertencendo até de 1882 ao arciprestado de Barrosas e hoje ao de Guimarães, d'onde dista 7 kilometros e 5 de Vizella, a cujo julgado ordinario pertence.

Era abbadia da mitra, tendo annexa a vigairaria de S. Cypriano de Taboadello, cujo vigario apresentava.[1]

Tem actualmente 80 fogos. O padre Carvalho na Chorographia dá-lhe 50. O *Portugal sacro-profano* mencionou-a sob o titulo *Riba de Vizella* e deu-lhe 16 fogos em 1768. Não vem mencionada nas *Memorias resusci-*

---

[1] V. *Cima-Vizella,* tomo 2.º pag. 300. col. 1.ª—e seja-nos licito desenvolver um pouco mais tão microscopico artigo.

tadas da Antiga Guimarães, do P. Torquato Peixoto d'Azevedo, sem [duvida por esquecimento, facto que tambem se dá com a sua annexa.

O orago d'esta freguezia é *S. Fausto* e não *Faustino*. Assim é nomeada em antigos documentos e nas inquirições de 1220, era de Cesar. Não sabemos quando lhe alteraram o padroeiro. No tombo feito em 1548 é ainda nomeado *S. Fausto* e em 1710 já era S. *Faustino*. Esta mudança nos documentos officiaes e no vulgo não fez porem apear do seu throno o verdadeiro titular da egreja, pois a freguezia o venera a 13 d'outubro e d'elle resam os parochos e n'este dia effectivamente no Breviario hespanhol se deve encontrar, segundo uma nota no *Livro dos Usos* d'esta parochia. Se fôra S. Faustino, devia ser festejado a 15 de fevereiro, dia em que o commemora o Breviario Romano.

Seu nome é citado no volume 8.°, pag. 620; foi um dos nobres cavalleiros martyrisados em Saragoça com Santa Engracia.

—

É limitada a norte pelas freguezias de Pentieiros e Abbação (S. Christovam); Sul pela de Tagilde; Nascente pelas de S. Paio e Tagilde; Poente pelas de Tagilde e Taboadello.

Das aldeias d'esta freguezia as mais povoadas são: Valborreiro e Outeiro; — as quintas principaes: Lamatide; Entre-as-Vinhas, de José Ribeiro: Vengada, de Francisco Diogo de Sousa Cyrne de Madureira, do Poço das Patas, no Porto.

A Egreja matriz antigamente estava um pouco mais abaixo e a nascente da actual. E' um templo acanhado, cuja construcção deve datar do seculo XVII e nada tem que a recommende, alem do altar mór e da tribuna, que são de talha, mas pouco vasada, e que talvez já pertencesse á antiga egreja. Alem do altar-mór tem mais dois altares: *Nossa Senhora das Dores* e *Nossa Senhora das Candeias* ou da *Purificação*. Este ultimo tem uma irmandade propria já antiga; é a unica da freguezia; tendo estatutos approvados em 1771. Estes 2 altares lateraes foram feitos em 1806—e pintados em 1867.

Anteriormente serviam os da egreja velha.

Houve tambem n'esta freguezia 3 capellas:

Santo Antonio, particular e antiga, pertencente á casa de *Sub-paço*. Ainda existe, mas profanada. Tinha uma grande imagem de Nossa Senhora da Hora.

S. Pedro, publica. Os seus unicos vestigios são algumas pedras dispersas.

S. Simão, publica, nos limites d'esta freguezia com Pentieiros, cujos abbades tinham n'ella jurisdicção. Em 1548, quando se fez o tombo, já ella estava em ruinas.

—

A «Chorographia Portugueza» diz que n'esta parochia estava o *Paço de Carvalhaes*, de que era senhor Manuel Barbosa Cabral, capitão-mór de Gestaçô; que era o solar d'esta familia e que tinha por armas: escudo vermelho partido em pala, no primeiro sem carvalho verde, no segundo uma torre de prata sobre um pé d'agua e por timbre a torre com um ramo de carvalho em cima.

Parece que o padre Carvalho foi mal informado. No tempo em que elle escreveu não existia aqui tal paço. Quer sem duvida referir-se a casa do *Subpaço*, assim chamada antes d'aquelle tempo, mas d'esta não era senhor n'aquella occasião o referido capitão mór. Dos livros da parochia consta o seguinte:

Pelos annos de 1700 era senhora d'esta casa e quinta Maria Fernandes de Carvalho, casada com Manuel de Meirelles Leite, os quaes não tendo filhos a deixaram a seu sobrinho o licenciado João Luiz Alvares Ribeiro de Carvalho, filho do irmão da possuidora, Manuel Fernandes de Carvalho, residente em Gatão, proximo d'Amarante, o qual licenciado veiu viver para esta casa; d'elle foi filha, nascida a 27 de setembro de 1768, Maria Joanna de Carvalho, que foi a senhora da casa, e d'esta nasceu a 31 d'agosto de 1808 José Maria de Freitas, fallecido em 1888, deixando filhos.

Esta casa nobre tinha capella com a in-

vocação de Santo Antonio, como já dissemos, devendo a capella ser construida pelo meiado do seculo XVIII ou antes, pois em 1768 foi invocada Nossa Senhora da Hora, como madrinha da já referida filha do licenciado, e no respectivo assento se diz: foi madrinha Nossa Senhora da Hora, sita na sua capella de *Subpaço*. Tambem foi madrinha do actual possuidor que, apesar d'isso, deixou cahir no abandono a capella!...

—

Passa aqui um pequeno riacho anonymo, que move durante algum tempo do anno 6 moinhos.

Os parochianos mais importantes na actualidade são: Francisco Lopes Leite de Faria e Antonio Lopes Leite de Faria.

A matriz está collocada n'uma bella situação, especialmente a casa da residencia. Tem amplas e formosas vistas.

Era tambem outr'ora bastante rendoso este beneficio, pelo que durante muitos annos foi como que patrimonio da nobre familia dos *Coutos*, de Guimarães, como se verá pela nota dos seus abbades, que abaixo publicamos e de que podemos achar noticia no archivo parochial.

Vinham aqui a geito as expressões e clamores, tantas vezes soltados pelo virtuoso e sabio D. Fr. Caetano Brandão, mas... prosigamos.

Abbades

Em 1548 era aqui abbade o *veneravel Christovão Fernandes*, rico de virtudes e de sciencia. Fez o tombo d'esta egreja, bem como da de S. Cypriano de Taboadello, sua annexa.

Desde 1700 contam-se os seguintes:

José de Moura. Deu á egreja um cruxifixo de marfim, feito na India. Está hoje na banqueta do altar-mór.

Amaro José de Passos Leite. Fez parte da celebre *Academia Vimaranense* fundada a 3 de dezembro de 1724, e n'ella exerceu o cargo de secretario.

Diversas composições poeticas d'este erudito abbade se encontram nos dois tomos do Guimarães agradecido, que narra os festejos e academias celebradas em 1747 e 48 por occasião da permanencia do arcebispo D. José de Bragança em Guimarães, sendo de presumir que deixasse outras composições.

Aquellas são differentes *romances heroicos*, *glosas* e sonetos em homenagem ao arcebispo.

João do Couto Ribeiro. O primeiro d'esta familia.

Antonio do Couto Ribeiro d'Abreu.

Dr. Amaro do Couto Ribeiro.

José Maria do Couto Ribeiro d'Abreu. Este no tempo do schisma esteve auzente, parochiando então como encommendados (interinos) Manoel José Esteves da Gaia Queiroz e Francisco José Rodrigues de Carvalho, até 1841, data em que voltou o abbade.

Joaquim de Freitas Costa, encommendado.

Bacharel Prophirio Coelho de Sousa Leal. Encommendado.

João da Rocha e Silva, ultimo encommendado.

Bernardino José Carneiro, abbade actual. Colou-se em 26 de maio do corrente anno de 1888 e tomou posse a 31 do dito mez.

—

Ha n'esta parochia um sitio denominado *Souto dos Mortos*, que foi outr'ora cemiterio, segundo diz a tradição.

Ao meu illustrado amigo e collega—João Gomes d'Oliveira Guimarães,[1] abbade de Tagilde, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

VIZELLA (S. João Baptista das Caldas de) Ao que fica dito a paginas 42 do tomo 2.º addicionaremos o seguinte:

Esta egreja foi até 1553 abbadia da apresentação do D. Prior da Collegiada de Guimarães, passando então para a corôa pela doação que fez o D. Prior, D. Gomes Affon-

---

[1] V. *Vicente de Mascotellos* (S.) tomo 10.º pag. 556, col. 1.ª e 2.ª e *Tagilde* n'este diccionario e no supplemento.

so, á infanta D. Isabel, em reconhecimento dos bons serviços, que esta lhe havia prestado, especialmente para a nomeação d'elle.

Chamava-se outr'ora *S. João de Gominhães*, nome sem duvida tomado da nobre casa e *Paço de Gominhães*, sito n'esta freguezia. A *Corographia Port.* deu-lhe 70 fogos e o Port. Sacro e Profano 101.

É limitada a norte pela freguezia de S. *Miguel das Caldas de Vizella*; sul pela de *Santa Eulalia de Barrosas*; nascente pela de *Santo Adrião de Vizella* e S. *Miguel*: poente pelas de *Villarinho* e *Moreira de Conegos*. Tem actualmente 230 fogos e 980 habitantes.

—

A egreja parochial, templo muito pequeno para a freguezia, é sobretudo acanhadissimo na epoca balnear, pelo que se torna urgente a construcção d'outro mais amplo. Tem quatro altares: *mór*, *Senhora do Rosario*, *Senhora das Dores* e *Coração de Maria*. Ha aqui uma irmandade de *Nossa Senhora do Rosario* com breve de indulgencia plenaria, concedido por Pio IX e visado pelo arcebispo D. João Chrisostomo d'Amorim Pessoa em 16 de dezembro de 1875. Ha tambem a confraria do Santissimo Sacramento, cuja festa se celebra com bastante pompa no domingo immediato ao dia de S. João. Os estatutos do Rosario foram approvados em 21 de fevereiro de 1755 e os do Sacramento em 13 de agosto do mesmo anno.

Além da capella do Paço, houve antigamente junto á ponte velha uma outra, dedicada a Nossa Senhora da Lapa, hoje profanada e servindo de casa de habitação.

Os tres proprietarios mais importantes d'esta freguezia são os seguintes:

Joaquim de Freitas Ribeiro de Faria, viuva Coelho e Joaquim Pinto de Sousa e Castro. As tres melhores quintas: *Cascalheira*, dos herdeiros do fallecido Christovam José Fernandes da Silva, o *Cidade*, de Guimarães; *Paço*, de Francisco Diogo de Sousa Cyrne de Madureira, do Porto; *Villar*, de D. Albina Netto.

—

Demora n'esta freguezia a nobre casa do *Paço de Gominhães*, a qual antigamente foi *honra*, coutada com parte do rio Vizella, por D. João I e confirmada por D. Duarte em 27 d'agosto de 1434.

A um Francisco Soares d'Aragão concedeu D. Diniz para elle e descendentes, em 2 de setembro de 1317 (1279 de Christo) o fôro de fidalgo de solar conhecido, com todas as honras e jurisdicções d'estes reinos, graças, liberdades, privilegios, isenções e prerogativas, que os principes e infantes costumam gosar. E ainda que elle ou algum dos seus descendentes praticasse crime ou vicio de qualquer qualidade que fosse, não perdêria por isso sua nobresa, nem fidalguia, nem bens?!...

Esta carta de *honra* foi confirmada por D. João III em 2 de março de 1534 a um descendente d'aquelle, por nome tambem Francisco Soares, que era almoxarife do Porto e que foi senhor d'esta quinta.

Teve uma filha *unica* e herdeira D. Phillipa Brandão Soares, que casou com Manuel Cirne da Silva, de quem foi 2.ª mulher.

Succedeu na casa de *Gominhães* o filho d'estes—*Pedro Vaz Soares Cirne*, que casou com D. Maria Pereira.

A estes succedeu o filho *Manoel Cirne Soares*, que casou com D. Antonia de Sousa.

A estes succedeu o filho *Pedro Vaz Cirne de Sousa*, que vivia em 1640 e foi capitão-mór de Guimarães, como já dissemos no artigo *Vizella* (Caldas de) topico *Vizellenses illustres*.

Casou com D. Antonia Madureira; depois de viuvo fez-se cavalleiro de S. João e foi o que mandou fazer a capella da casa.

A este succedeu o filho *Antonio de Sousa Cirne*, que casou com D. Maria d'Azevedo. Vivia em 1683, pois n'este anno, segundo um manuscripto que examinei e que me parece ser da mesma penna que escreveu a *Antiga Guimarães*, foi enviada contra este e contra seu filho um alçada dobrada, presidida pelo juiz Sebastião Rodrigues de Barros, desembargador dos aggravos e vereador do senado de Lisboa, por constar que

elles *mandaram cortar as orelhas e o nariz ao juiz do couto de Negrellos?!...*

A este succederam por sua ordem os seguintes:

Francisco de Sousa Cirne, casado com D. Rosa Maria Madureira.

Francisco Diogo de Sousa Cirne Madureira, casado com D. Antonia de Sousa.

José Cirne de Sousa Madureira, casado com D. Maria Victoria de Mello Sampaio.

Francisco de Sousa Cirne de Mello Alcoforado, casado com D. Rita Soares d'Albergaria.

Francisco Diogo de Sousa Cirne Madureira Alcoforado.

Casou com D. Maria Isabel de Bourbon e tiveram os 3 filhos seguintes:

1.º—*Francisco de Sousa Cirne de Madureira.* Casou com D. Maria Anna Teixeira d'Azevedo Cabral Canavarro, e tiveram filhos, dos quaes existem tres:—Antonio d'Azevedo Cabral de Sousa Cirne, Maria Isabel do Espirito Santo de Sousa Cirne e José de Sousa Cirne;

2.º—*José Cirne de Sousa Madureira*;

3.º—*D. Maria da Purificação de Sousa Cirne Madureira*, já fallecida.

Casou com o dr. Manoel de Carvalho Rebello, filho primogenito da nobilissima *casa do Poço*, de Lamego, de cujo matrimonio houveram 3 filhos: — Maria dos Prazeres, Antonio e Francisco de Carvalho Rebello Teixeira Cirne, sendo aquella hoje (1888) casada com João de Bettencourt, filho do visconde de Bettencourt, de cujo casamento já existe uma filha—D. Maria dos Prazeres.

—

A casa do *Poço das Patas* pertenceu aos filhos de *Francisco de Sousa Cirne de Madureira*, os quaes a venderam aos Cardosos, donos do convento de *Villar de Frades* em Barcellos.

A casa e quinta do *Poço das Patas*, comprehendendo os campos do *Reymão* e os do *Prado do Repouso*, pertenceram aos filhos de Francisco de Sousa Cirne de Madureira, os quaes em 1882 venderam este soberbo predio por *noventa e cinco contos de reis* aos *Cardosos de Sacaes*, donos do convento e cerca de *Villar de Frades*, em Barcellos, e da luxuosa casa e quinta de *Sacaes*, no Porto, junto da casa e quinta do *Poço das Patas*,—e pouco depois se formou um syndicato para a construcção d'um bairro novo na quinta que foi dos Cirnes, bairro que está em começo.

V. *Porto*, tomo 7.º pag. 500, col. 1.ª

—

Na casa e *paço de Gominhães* viveram em 1559, desde 18 de junho a fevereiro do anno seguinte, as freiras de *Santa Clara* de Guimarães, fugindo da peste que então ali grassou. Fernão Martins de Sousa foi o que conseguiu que se desse esta quinta ás religiosas.

A capella d'esta casa, de que já se fallou no 2.º vol. d'este diccionario, pag. 42, col. 2.ª, artigo *Caldas de Vizella*,—está em abandono, mais ainda não profanada. Tem na fronteria as armas da casa e a seguinte inscripção;

Esta capella mãdou
fazer P. Vaz Cirne de Sousa

No meio do pavimento encontra-se tambem gravada a seguinte inscripção, bastante difficil de ler:

O Doutor Simão d ar.º de Carneyro da V.ª de B.ºº deu o t.º a esta capela e agradesido a esta casa mandou sepultar seus hosos nela e quoatro misas cada som.ª obriga dizer a S. Marg.ª Carn.º Basto ditas nesta cap.ª anno 1664.

—

N'esta parochia foram abbades, entre outros de que não pude achar noticia, os seguintes:

D. *Theotonio de Bragança*, filho do duque D. Jayme, que em 1578 foi elevado a arcebispo d'Evora.

Antonio da Fonseca. Legou 200:000 réis á junta de parochia (hoje) com a obrigação de por sua alma se celebrar annualmente 1

terno de missas do Natal e uma outra na egreja de S. Domingos, de Guimarães.

Luiz Antonio de Sousa, encommendado em 1797.

Antonio Manuel Pinheiro de Magalhães, Francisco d'Araujo.

Domingos José Lopes. Encommendado no tempo do schisma, acabado o qual voltou novamente o abbade Francisco d'Araujo

Antonio José Felix Gomes, parocho actual.

Nasceu na freguezia de S. Martinho d'Espinho, concelho e diocese de Braga, e é filho de Francisco José Esteves e de D. Antonia Maria Gomes. Nasceu a 10 de janeiro de 1829; ordenou-se de presbytero em Braga e tomou posse d'esta egreja a 9 de setembro de 1855.

Esta freguezia era obrigada a cumprir 8 *clamores*, que hoje se fazem todos na egreja.

Espera-se o decreto auctorisando a expropriação do terreno para a construcção do cemiterio, que deverá ser commum à freguezia de S. Miguel das Caldas, se se resolverem as difficuldades que tem surgido.

—

Ao muito rev. e muito illustrado sr. *João Gomes d'Oliveira Guimarães*, meu prestimoso amigo e collega, abbade de Tagilde e que anteriormente foi reitor de Mascotellos, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

V. *Mascotellos*, tomo 5.º; *Vicente de Mascotellos* (S.) tomo 10.º pag. 556, col. 1.ª e 2.ª e *Tagilde* n'este diccionario e no supplemento.

VIZELLA (S. Jorge) — freguezia do concelho e comarca de Felgueiras, districto e diocese do Porto, provincia do Douro. Tem actualmente 64 fogos. O Portugal sacro e profano deu-lhe 50,—e o censo de 1878 deu-lhe 65 fogos e 240 habitantes.

Era outr'ora apresentada pelos abbades de Santo Adrião de Vizella, que recebiam os dizimos.

Pertenceu ao antigo termo de Guimarães e ao arcebispado de Braga até 1882.

Esta freguezia encontra-se mencionada nas Inquirições de 1220 (1182 de Ch.). sob o nome de S. *Jurgio de Ripa-Vizella.*

Tem entre outras as seguintes aldêas: Cruzeiro, Bom-viver, Gozende (a mais povoada), Paredes, Nogueira, Sub-Vinha, Herdadinha, Casas Novas, Cella, Anções, Prezas e Assento.

A Egreja tem 3 altares e um antigo quadro a oleo, representando o padroeiro, —quadro de muito merecimento.

Houve n'esta freguezia uma capella dedicada a S. Thiago, hoje completamente arruinada.

O Vizella banha a extremidade d'esta freguezia e ha no seu termo 5 moinhos e duas azenhas para moagem de cereaes.

Parochos desde os principios d'este seculo: Antonio Luiz de Carvalho, Antonio da Costa Mello, Joaquim José Dias, Domingos José Ribeiro, Manoel Gonçalves de Campos, encommendado, e João Manoel Gonçalves até maio de 1888, sendo então annexa ecclesiasticamente á de S. Martinho de Penacova.

—

A lenda de S. Jorge, *matando o dragão para salvar a menina,* é localisada n'esta freguezia. «S. Jorge (dizia o meu *cicerone*), vinha d'ali (apontando o caminho que vem do lado do monte e por onde devem correr no inverno formidaveis enxurradas); a menina estava acolá (apontava para o penedo das pégadas). S. Jorge viu a menina a chorar e perguntou-lhe o que tinha. Ella respondeu-lhe que não tardaria a ser comida por uma serpente. S. Jorge disse-lhe que não tivesse cuidado; que viesse para a sua beira; a menina veiu e depois veiu a serpente d'alli (mostrando um regueirão do lado do monte), e S. Jorge atirou-se a ella com o cavallo e matou-a n'aquella pedra (o penedo das pégadas.»

No adro da egreja, ao pé d'algumas tampas de sepulturas antigas, appareceu uma das celebres estatuas, que alguns chamam *gallegas* e outros *lusitanas,* segundo o auctorisado testemunho do sr. dr. Martins Sarmento. Remontam ao periodo romano. A dita esta-

tua acha-se hoje no Museu da Sociedade Martins Sarmento, de Guimarães.

Veja-se «Revista de Guimarães» n.º 4, do anno de 1884.

É pois terra muito antiga.

Deve ser atravessada pela estrada a macdam, que parte da estrada real n.º 27 para Vizella e cuja construcção já foi arrematada.

—

Ao rev. sr. João Gomes d'Oliveira Guimarães, abbade de Tagilde, e que anteriormente foi reitor de Mascotellos, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

V. *Mascotellos*, tomo 5.º; *Vicente de Mascotellos* (S.) tomo 10.º pag. 556, col. 1.ª e 2.ª—e *Tagilde* n'este diccionario e no supplemento.

VIZELLA (S. Miguel das Caldas de)—Ao que fica dito no volume 2.º pag. 41 art. *Caldas de Vizella*, accrescentaremos o seguinte:

Esta abbadia foi antigamente apresentada pela corôa e depois pelo prior de Santa Marinha de Lisboa, com reserva. Segundo o P. Torquato Peixoto d'Azevedo, que escreveu em 1692, era abbadia de renuncia e em 1757, segundo se lê no *Portugal Sacro e Profano*, era apresentada pelo arcebispo de Braga.

Orago S. Miguel Archanjo, a 29 de setembro. É limitada a norte pelas freguezias de Infias e Taboadello; a sul pelas de *S. João das Caldas de Vizella* e *Santo Adrião de Vizella*; nascente pela de *Tagilde*,[1] poente pelas de *Conde* e *Moreira de Conegos*. A *Chorographia Port.* deu-lhe 115 fogos, o *Portugal Sacro e Profano*, 165; actualmente tem 120 e é a séde d'um dos julgados ordinarios em que está dividida a comarca de Guimarães.

—

É uma das mais antigas parochias do arcebispado de Braga, pois na divisão feita pelo concilio de Lugo, anno de 569, no tempo dos suevos, é esta uma das freguezias que se menciona como da jurisdicção de Brága. Assim o attesta Argote, que nos diz ser esta parochia chamada *Oculis*, em rasão d'uns *olhos* d'agua quente que n'ella havia.

Na era de 1052 (annos de Christo 1014) D. Afonso V de Leão, a 14 d'agosto, assignou n'esta parochia varias doações, datando-as assim: — *in ecclesia Sancti Michaelis in Oculis Calidarum*..................

....

A Egreja parochial tem 5 altares: *mór, Senhora das Candêias* ou *Purificação, Senhora da Boa Morte, Almas e Senhora do Rosario*. A capella-mór foi reformada no anno de 1727, como indica a data.=*A 1727* =gravada n'uma pedra do lado exterior. O corpo da egreja soffreu tambem refórma em 1765, como indica a data gravada na padieira da porta principal. Ultimamente em 1882 foi toda a egreja forrada, sendo-lhe tambem accrescentada a altura de 1 metro.

Ha n'esta freguezia uma capella publica de *S. Bento* no alto do monte do mesmo nome, a nascente e montante da egreja, com um soberbo e largo panorama.

Esta capella é *meeira com Tagilde* e celebram-se aqui duas romarias: uma no dia de Pascboa, outra a 11 de julho chamada *S. Bento das Peras*.[1]

—

Banha esta freguezia o rio de Paços (e não *Pombeiro*, como se lê no 2.º volume citado supra) que nasce na quinta d'este no-

[1] N'esta parochia de *Tagilde* é actualmente abbade o meu informador e muito illustrado collega, *João Gomes de Oliveira Guimarães*, natural da freguezia de *S. Vicente de Mascotellos*, onde foi alguns annos reitor.

V. *Mascotellos*, tomo 5.º; *Vicente de Mascotellos* (S.) tomo 10.º pag. 556, col. 1.ª e 2.ª —e *Tagilde* n'este diccionario e no supplemento.

Aqui agradeço a s. ex.ª os apontamentos que se dignou euviar-me.

[1] Com o mesmo titulo de *S. Bento das Peras* ha tambem no mesmo dia uma grande romagem na freguezia de Rio Tinto, concelho de Gondomar.

me na visinha parochia de *Infias*. Tambem n'esta freguezia nasce nos campos da quinta da *Portella* o pequeno riacho d'este nome e que atravessa encanado a povoação de Vizella, indo morrer no de Paços, que por seu turno morre no Vizella.

As tres quintas mais importantes d'esta freguezia, são: Fonte d'Alem, de José Maria da Costa Dias; Portella, de Domingos José de Sousa Ribeiro; Porta, de D. Alcina Netto.

Abbades

Encontramos noticia dos seguintes:

João Gonçalves, abbade em 1405 e conego da collegiada de Guimarães, como refere Estaço nas suas *Antiguidades*.

Desde 1760:

Manoel Marques. Foi aqui parocho mais de 40 annos, sendo n'aquelle anno Visitador das egrejas da Visita da parte de Sousa e Teixeira.

Miguel Joaquim de Sá Brandão Moreira, da nobre casa de *Sá*, freguezia de Santa Eulalia de Barrosas.

D. Manoel da Mãe de Deus, egresso cruzio, encommendado no tempo do schisma, findo o qual voltou de novo o antecedente. Exerceu o cargo d'arcipreste de Guimarães desde 11 de agosto de 1837 a 12 de novembro de 39.

Francisco José da Cunha. Em 1853 permutou com o seguinte:

João Evangelista da Costa Veiga, actual abbade, natural da freguezia de S. Victor da cidade de Braga, filho do capitão de milicias Antonio José da Costa Veiga e de D. Maria Xavier da Veiga. Nasceu a 15 de setembro de 1823; ordenou-se em Lamego com dimissorias de D. Pedro Paulo nas temporas do Natal de 1849; foi abbade de Formariz, no concelho de Coura, e em 1853 permutou com o antecedente abbade, tomando posse n'esse mesmo anno.

—

Ha n'esta egreja *14 clamores*, sendo digno de especial menção o de *Nossa Senhora das Candêas*, celebrado sempre com grande pompa, musica, andor da Senhora, irmandades etc., no primeiro domingo de julho, indo á egreja parochial de Tagilde,

Notaremos aqui um facto muito curioso e que nos dá a conhecer a *fiel* execução das nossas leis:

E' presidente actual da junta de parochia d'esta freguezia um individuo que ha mais de dois annos reside na freguezia de S. João?!...

Parece que está eliminado o artigo 268.º do *Codigo Administrativo*—ou que volvemos á idade media.

Segundo resa a tradição, a antiga egreja parochial era situada em lugar mais elevado do que a actual, no Monte da *Barrosa* ou dos *Santinhos*.

Existe aqui erecta a confraria do Santissimo Sacramento, cujos estatutos foram reformados em 1870, sendo n'esse mesmo anno approvados pelo governador civil.

Ha tambem aqui a irmandade de *Nossa Senhora das Candêas* muito florescente, elevando-se o capital a mais de 4:000$000 réis. Tem estatutos approvados pelo provedor da comarca a 12 de maio de 1755.

Modernamente instituida, existe a irmandade do *Senhor da Boa Morte*, tendo estatutos approvados em 30 de abril de 1880.

—

A torre d'esta egreja foi construida em 1777, sendo a cornija e cunhaes feitos com *pedra fina, encontrada nas escavações dos alicerces*. Por esta occasião appareceram vestigios de *velhas construcções, sepulturas*, etc. Vid. nas *Memorias de Litteratura* da Academia, tomo 3.º, a *Memoria* de Mascarenhas Neto.

Em 17 de junho de 1798 esteve aqui de visita o venerando arcebispo de Braga, D. Fr. Caetano Brandão.

Em 4 d'abril de 1885 foi collocado na torre um novo sino, pertencente á confraria do Senhor da Boa-Morte. Custou approximadamente 300$000 réis.

—

Em 19 d'agosto de 1888 foi arrematada a construcção do cemiterio parochial d'esta freguezia, a qual não concorda com a factura do projectado cemiterio commum á de S. João, sua limitrophe e tão proxima, que as duas deviam formar *uma só*, construindo-se uma nova egreja matriz *muito mais ampla* e um *amplo terreiro arborisado* no ponto mais central com relação ás duas *pequenas* freguezias. — Devem tambem ser por essa occasião elevadas á cathegoria de *villa*, séde de um *concelho proprio* e de um *julgado municipal*, tirando-se na circumferencia algumas parochias aos concelhos visinhos.

Hurrah! pela nova villa, que deve denominar-se—*Villa Nova de Vizella* e que pela sua antiguidade e tradições,—pela belleza e fertilidade do seu solo—pela sua abundancia d'agua e pelo seu abençoado clima, — pela sua industria fabril *que póde augmentar immensamente*, — pelo seu importante estabelecimento thermal e pelas numerosas e magestosas edificações que já possue,—tem elementos para supplantar muitas das nossas villas e *algumas das nossas cidades!*...

Outra vez:—Hurrah! pela nova villa, que deve denominar-se *Villa Nova de Vizella.*

—

Fecharemos este topico dizendo que o concelho que pedimos não é uma innovação, mas *restauração*, pois já existia no sec. XIV o concelho das *Caldas de Vizella*, como prova um pergaminho do cartorio da Universidade. — pergaminho que pertenceu ao mosteiro de *Roriz*. Versa sobre privilegios; —é uma provisão do infante D. João, filho d'el-rei D. Pedro I;—faz parte da contenda que houve entre o dicto mosteiro e o *concelho das Caldas de Riba de Vizella* (diz elle) —e tem a data de 1405, era de Cesar,—anno 1367.

V. *Catalogo dos Pergaminhos do cartorio da Universidade de Coimbra*, feito pelo sr. Gabriel V. M. Pereira, distincto archeologo, e publicado em Coimbra, na *Imprensa da Universidade* em 1880. Encontra-se indicado a pag. 46, n.º 20.

É um documento *interessantissimo* para a historia de Vizella e bem estimariamos vel-o publicado, porque até hoje — dezembro de 1888—já atravessou 521 annos e, por ser *exemplar unico*, póde desapparecer de um momento para o outro!...

Com vista aos illustrados filhos de *Vizella*, nomeadamente *ao sr. dr. Pereira Caldas.*

VIZELLA (S. Payo)—freguezia do concelho e comarca de Guimarães, districto e diocese de Braga, provincia do Minho, pertencendo antes de 1882 ao arciprestado de Barrosas e hoje ao de Guimarães, d'onde dista 8 kilometros e de Vizella 6.

Era abbadia da mitra e tem actualmente 128 fogos. A *Chorographia Port.* deu-lhe 60. Não vem mencionada nas *Memorias resuscitadas da Antiga Guimarães*, sem duvida por esquecimento, pois já era freguezia desde longa data e a referida obra d'ella falla repetidas vezes.

O orago é *S. Paio* ou Pelagio martyr, que se commemora a 26 de Junho.[1]

Confina ao norte com as freguezias de *Gemeos* e *S. Christovam de Abbação*; sul com as de *S. Jorge de Vizella* e *Regilde*; nascente com as de *Gemeos* e *Villa Fria*; poente com as de *Tagilde* e *S. Faustino de Vizella*.

—

O documento mais antigo que conheço, em que se falla d'esta freguezia, é do anno de 1182 (era de 1220) pois as inquirições d'este anno dizem que a ordem da Malta possuia aqui 3 casaes e meio. O meio casal restante era *leprosorum Vimarañ*, — da *gafaria*, ou hospital dos leprosos, de Guimarães.

As aldêas mais povoadas d'esta freguezia são: Penso, Barroco e Subcarreira; as quintas principaes: *Vinho*, de Manoel Leite Fa-

---

[1] V. *Santos Portuguezes*, tomo 8.º pag. 628, col. 1.ª

ria d'Oliveira; *Subribas*, de D. Maria Antonia de Mello Freitas e Castro; *Vill'alva*, do bacharel Joaquim Coelho, de Souzella.

—

A egreja parochial é um templo singelo e muito acanhado, mas muito antigo, sendo a porta principal de arco de volta inteira. Tem 3 altares: *mór*, *Nossa Senhora do Rosario* o *S. Gonçalo* e um oratorio com a imagem de *Coração de Jesus*, recentemente erecto e que veiu ainda tornar mais acanhadas as dimensões do pobre templo.

A ultima obra mais importante feita na egreja data de 1855, anno em que foi retelhada, campada e forrada; em 1857 foi pintada e em 1858 foi feito o altar-mór, que custou 100$000 réis.

Houve n'esta freguezia (só restam as paredes) uma capella particular, dedicada a *Santo Antonio*, pertenceute á casa de *Subribas* e de que era administrador em 1708 o capitão João Leitão de Mesquita, que a 22 de julho d'aquelle anno registrou a escriptura da fabrica no Livro 15.º do *Registro das Capellas*, em Braga, a folhas 140 v. Devia pois ter sido edificada pouco antes.

Este mesmo capitão em 1709 alcançou licença para ali se dizer missa. Tambem solicitou permissão de sepultura, o que lhe não foi concedido.

Ha na egreja uma confraria unica,—a do *S.S. Sacramento*, tendo havido outras que se extinguiram.

É celebre a romaria de S. Gonçalo, precedida da costumeira dos *tremoços* na vespera á tarde, 9 de janeiro. Um carro de tremoços cortidos, postado junto ao cruzeiro da freguezia, é distribuido pelo povo e juntamente uma boa porção de vinho. Quanto mais *brioso* é o juiz da festa, mais tremoços e vinho dá.

—

A melhor casa de habitação é a de *Carral*, modernamente reconstruida e pertencente ao sr. Quirino da Costa Vaz Vieira. A casa de *Subribas* embora arruinada, tambem merece menção, por ser bastante espaçosa e muito antiga.

Limita esta parochia o Vizella, que tem um *pontilhão* no logar da *Senra*. Passa tambem aqui um ribeiro, cujas aguas são distribuidas para rega dos campos marginaes.

Producções dominantes: — cereaes, legumes e optimo vinho verde, que produz a quinta denominada *Vinho*.

É muito apreciado em todo o concelho.

O cruzeiro denota muita antiguidade. É de pedra e tem a imagem de Christo mal esculpida e toscamente pintada a roxo rei em 1858. Antecedem-no e seguem-no cruzes de pedra que vão terminar n'uma elevação proxima, denominada *Calvario*, sitio aprazivel com extenso e formoso panorama, cuja bellissima situação, invocada como a *melhor da ribeira*, serviu em 1736 para os freguezes alcançarem do Visitador licença *in perpetuum* para fazerem suas procissões.

—

Entre os factos notaveis d'esta freguezia mencionaremos os seguintes:

Visita do arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles em 1 de junho de 1709.

Erecção do Sacrario e collocação do S. Sacramento pelos annos de 1713 a 1714.

Collocação da imagem de Nossa Senhora da Lapa em 1759.

Dadiva da estola rica de S. Gonçalo, feita no Rio de Janeiro e dada em 1860 por Francisco José Gomes da Silva, que viveu na freguezia de Nespereira.

Reforma da residencia parochial em 1869

Collocação da imagem do Sagrado Coração de Jesus. No dia 28 de outubro de 1884 foi esta imagem solemnemente benzida junto ao alto de *S. Simão*, proximo da egreja parochial de *Santa Eulalia de Pentieiros*, sendo officiante o arcipreste do districto ecclesiastico de Guimarães. Celebrada missa em altar *ad hoc* em presença de enorme multidão de povo, *talvez 6:000 pessoas*, foi a imagem conduzida processionalmente atravez das freguezias de *Pentieiros*, *Abbação* (S. Thomé e S. Christovam) e *Gemeos*, acom-

panhada de 13 andores com as imagens dos Padroeiros das quatro mencionadas freguezias e das de *Calvos, S. Faustino, S. Payo, S. Jorge* (todas de Vizella), *Tagilde, Villa Fria, Ragilde* e algumas outras imagens, entre as quaes a de *S. Gonçalo*, outr'ora abbade d'esta parochia, e que do ceu devia contemplar benigno a piedade do seu successor e dos descendentes d'aquelles a quem pastoreou. O caminho tapetado de flores; arcos triumphaes levantados de espaço a espaço; *cinco bandas marciaes*; innumeros foguetes; as irmandades das freguezias que acompanhavam; o clero e o povo tornaram este acto solemnissimo e de inolvidavel recordação, acto que findou com muito e variado fogo d'artificio, queimado á noite, e brilhante illuminação *em todas as freguezias da ribeira.*

—

Por voto antigo cumpre esta parochia 13 *clamores*, hoje todos na egreja, mas outr'ora dirigiam-se aos seguintes logares: 1.º a *Santa Catharina da Serra*, na 1.ª sexta feira de quaresma;—2.º a *S. Romão de Mesãofrio*, na 2.ª sexta feira;—3º a *Nossa Senhora do Castro*, em Santo Adrião de Vizella, na 3.ª sexta feira;—4.º ao *Cruzeiro* da freguezia, no 1.º domingo da quaresma;—5.º ao *Salvador*, em Guimarães, no dia de Nossa Senhora dos Prazeres; — 6.º a *S. Thiago Novo*, a 16 d'abril, devendo o juiz da freguezia dar de beber ás pessoas que fossem;—7.º a *S. Gonçalo d'Amarante*, a 23 d'abril;—8.º a *S. Pedro de Azuresno*, no 3.º dia das ladainhas;—9.º a *Nossa Senhora da Lapinha*, no dia de S. Marcos, 25 d'abril;—10.º *á mesma Senhora*, a 11 de junho;—11.º ao *Cruzeiro*, a 26 de junho;—12.º a S. *Bartholomeu em Pombeiro*, a 24 d'agosto; — 13.º a *Nossa Senhora do Castro*, a 29 de setembro.

Tambem se celebrava o *cerco* ou *ronda* de *S. Sebastião*, cuja licença foi renovada em 1715.[1]

—

Abbades d'esta parochia. Encontrámos noticia dos seguintes:

V. *S. Gonçalo. Amarante*, vol. 1.º pag. 188 e 238, col. 2.ª, e *Santos portuguezes*, vol. 8.º pag. 622. E, aproveitando o ensejo, rectificaremos o que, sem duvida por falsas informações, o meu antecessor disse no tomo 1.º pag. 238, *QQ*, artigo *Arriconha.*

N'este logar existe uma capella, mas não foi fundada pelo santo nem é dedicada a *Nossa Senhora.* É dedicada ao dito *S. Gonçalo* e foi fundada em 1657. Na fachada tem as seguintes inscripções (lado esquerdo):—*Esta ermida se fez com esmolas de devotos, sendo agentes os Padres Bento de Carvalho e Francisco Fernandes. Era de 1657.* — (lado direito): *Nesta aldeia acima nasceu S. Gonçalo d'Amarante.*

Seguiu se por abbade o *sobrinho de S. Gonçalo*, que por *malas artes* adquiriu a abbadia. Vid. o citado volume.

Segundo uns apontamentos manuscriptos, que deixou o P. Torquato Peixoto d'Azevedo, auctor das *Memorias resuscitadas da Antiga Guimarães*, seguiu-se por abbade *fr. Estevão Giães*, frade franciscano de Guimarães, o qual depois parochiou Tagilde. O sobrinho do santo renunciou n'este.

Fernão Leitão, abbade em 1549. A 13 de maio fez o tombo da egreja.

---

[1] Estes *cercos* ou *rondas* ainda hoje (1888) se usam em varias parochias do Minho. Simulam um exercito assaltando um castello, ordinariamente representado pela capellinha de *S. Sebastião* que se ergue na eminencia d'um monte.

Immenso povo cerca o dito monte e avança por elle acima, levando na frente muitas caixas de rufo e tambores enormes, *por vezes mais de 30*, rufando constantemente e *bravamente*, até se acercarem da capella, ouvindo-se a grande distancia o aspero som das caixas e tambores e o vozear da multidão.

E as mães que o son terribil escutaram
Ao peito os filhinhos apertaram!...

Estes *cercos* deixam a perder de vista os *estrondos* que se usam em algumas romagens da Beira. V. *Viseu*, tomo 11.º pag. 1541, col. 1.ª

O dr. *Jorge Vieira*. Foi aqui abbade, sendo provido pelo arcebispo D. fr. Agostinho de Jesus, que governou a archidiocese desde 1588 a 1609. Este abbade foi desembargador da Relação ecclesiastica de Braga e instituidor d'um morgado na freguezia do Salvador de Briteiros, d'este concelho de Guimarães, morgado que nomeou em seu irmão Francisco Vieira d'Andrade.

Francisco de Sousa. Foi abbade pelos annos de 1662 e, conforme se lê no *Tombo dos Legados da Misericordia de Guimarães*, deixou a esta corporação o casal de *Carral Telhado*, sito n'esta freguezia, com a obrigação de 24 missas annuaes por sua alma.

Dr. *João Marques da Silva*, abbade em 1700.

Seguiram-se os seguintes:

Antonio da Graça Lopes.

Francisco da Costa Lemos.

Pedro da Costa Lemos.

Luiz Manoel Alvares Torres, encommendado.

Rodrigo Vieira Borges de Campos.

José Luiz de Carvalho Pinheiro e Araujo.

Manoel Alvares d'Araujo Pranto. Encommendado.

Rodrigo Antonio Leite. Encommendado

José Manoel Teixeira Moreira, natural de Basto, fallecido a 4 de janeiro de 1872.

Muito respeitado pelas suas virtudes, não só pelos parochianos como por todos, falleceu *com fama de santidade*, offertando-lhe ainda hoje os povos, velas, etc., como *ex-votos*, e attribuindo-lhe *milagres*.

Antonio José Gonçalves da Silva, encommendado, natural de Santa Marinha de Villar, em Terras de Bouro, filho de José Luiz Gonçalves da Boavista e de Rosa Simões. Nasceu a 8 d'agosto de 1832; ordenou-se de presbytero em Lamego com dimissorias de D. Pedro Paulo, a 22 de setembro de 1855; foi encommendado em Santa Eulalia de Balasar (Povoa de Varzim) em 1859; em Matamá (Guimarães) em 1868, e — tomou posse aqui em janeiro de 1872. Este parocho tornou-se benemerito pelas dadivas feitas à egreja. Deu-lhe um paramento completo para as festas, que custou 130$000 réis; uma cruz, caldeira, campainha e vaso para a agua, o que tudo custou 22$500 rs.; mandou fazer de lousa o sôco da egreja; reformou as escadas do pulpito e fez o oratorio do padroeiro, o que tudo custou réis 100$000. Foi parocho até 22 de dezembro de 1885.

João José de Moura.

É o parocho actual, encommendado.

Os 3 parochianos mais importantes d'esta freguezia são:

—Manoel Leite de Faria Oliveira, José Joaquim Simões de Sampaio e José Dias Teixeira de Gouveia.

—

Entre os usos particulares d'esta freguezia são notaveis os seguintes, de que não conheço exemplo em outra qualquer freguezia d'este concelho. Acham-se mencionados no *Livro dos Usos* por estas palavras:

«Ha n'esta freguezia costume antiquissimo de se fazerem *resas ou orações* no tempo da quaresma nos domingos, depois da missa conventual, a que deve assistir uma pessoa de cada casa. Estas orações constam de 12 *rodas*, que se podem resar todas no mesmo domingo, ou seis cada domingo. O modo de as resar é um P. N. e uma A. M. por cada cabeceira de cada casa que fizer fogo, seja homem seja mulher, applicando d'esta fórma: —*pela vida e accrescentamento de F...* correndo os fogos todos da freguezia doze vezes, principiando no primeiro e acabando no ultimo.

Tambem se faz na quaresma outra resa a que chamam *resa dos santos*; esta é uma só roda. A sua applicação é d'esta fórma: Se a pessoa por quem se hade resar se chama Joaquim, se ha-de dizer:—*Em louvor de S. Joaquim por tenção de Joaquim de...* e assim se correm as cabeceiras uma só vez, que é o que se entende por *uma roda*, e se faz em um só domingo e nada mais.

Ha outra reza que chamam dos *Clamores*, a qual se hade fazer em outro domingo da quaresma e é tambem *uma só roda* e se applica d'esta fórma;—*Em louvor de S. Salvador por tenção de F...* Advirta-se que tanto

a resa dos *clamores*, como a dos *Santos* é só applicada pelas pessoas que estiverem presentes, de modo que se estiverem 2 ou 3 pessoas de cada casa por todas se hade resar e a *das orações* é por cada cabeceira, ou esteja presente ou não.

Ha outra resa, que se faz por qualquer pessoa, que morre, sendo de communhão, logo no 1.º domingo seguinte ao seu enterro e se applica d'esta forma:—*Pela alma do nosso irmão F. ou irmã F...* Advirta-se que sendo casado tem 60 P. N. e A. M. e sendo solteiro 30, e depois de se dizer a primeira vez: *pela alma do nosso irmão F.* nas outras só se diz: *pela sua alma,* até se completar a resa toda.»

—

Differentes lendas relativas a S. Gonçalo se encontram n'esta freguezia, como o penedo em que deixou impressos os signaes dos joelhos e dos pés, etc. Veja-se a *Revista de Guimarães*, n.º 4 de 1884, onde a tal respeito se lê um artigo do sr. dr. M. Sarmento. Accrescentaremos que, segundo as noticias que colhemos, o penedo *das pégadinhas* foi effectivamente quebrado ha annos, dando-se o caso de que o pedreiro que o quebrou, tempos depois foi atacado de paralysia e assim falleceu, o que o povo attribue a castigo, por elle haver destruido as pégadas de S. Gonçalo.

Refiramos tambem a origem do epitheto *casamenteiro das velhas*, como n'esta freguezia se conta, attribuido a S. Gonçalo e de que falla a cantiga popular:

S. Gonçalo d'Amarante,
Casamenteiro das velhas,
Porque não casaes as novas?
Que mal vos fizeram ellas?

Conta-se assim: Era aqui abbade o Santo e na sua faina pastoral, percorrendo a freguezia encontrou uma sua parochiana já velha, pobre e que só inspirava compaixão, á qual dirigiu a palavra, e lhe perguntou porque não havia ella de casar (era solteira) para ter quem a amparasse. Tão estranha pergunta deixou attonita a velha e não soube responder. «Ao primeiro homem que encontrares, volve o santo, falla-lhe em casamento.» Dito isto continuou seu caminho.

A mulher foi pensando no que o abbade lhe havia dito e poucos passos andados vê um joven, filho d'uma das primeiras casas da freguezia. Avistando-o rompeu em estrondosas gargalhadas.

Aturdido o mancebo com as risadas da velha, quiz saber a rasão; por seu turno teve conhecimento das palavras do santo abbade, e respondeu: tudo pode ser; ninguem diga d'esta agua não beberei.

Poucos dias depois a parochia assistia ao casamento da pobre velha com o rico proprietario, unidos e abençoados pelo santo abbade.

E as bençãos do ceu, diz a lenda, cahiram n'aquella casa, pois com o sabio governo da sua nova dona prosperou e augmentou consideravelmente.

VIZELLA (rio) — outr'ora *Avicella*, como affirma Argote, assim chamado como diminutivo de *Ave*, pela visinhança que com este tem e no qual desagua e morre.[1]

Ainda lhe era dado tal nome nos fins do seculo XVII, pois *Avizella* lhe chama o P. Torquato Peixoto de Azevedo, dizendo que este nome provem do logar de *Avisella* na freguezia de Travassos.[2]

Hoje, perdendo o *A*, é chamado Vizella,[3] nome que só muito áquem de Travassós elle toma, não parecendo por tanto muito segura a affirmativa do P. Torquato.

Nasce na serra de *Pedraido*, freguezia do concelho de Fafe, e, depois de um percurso

---

[1] V. *Memorias para a Hist. Eccl. de Braga*, tomo 3.º pag. 310.

[2] *Mem. ressussit. da ant. Guimarães*, pag. 500.

O mesmo diz Carvalho na *Chorographia Portugueza.*

[3] Antes de 1692 tambem já se chamava simplesmente *Vizella.*

V. *Phoenix da Lusitania* por Manoel Thomaz.

de 5 leguas approximadamente, junta-se ao *Ave* no limite da freguezia de *S. Miguel das Aves*, concelho de Santo Thyrso, onde se acha hoje lançada a ponte metalica da via ferrea de Guimarães, sem duvida a obra d'arte mais importante d'esta linha.

—

Alem de diversas pontes que não merecem especial menção, é o Vizella atravessado pelas seguintes: *Pontido*, na freguezia de Queimadella; *S. Vicente de Paços*, na freguezia d'este nome; *Santo Ovidio*, na estrada real n.º 32, aberta ao transito em 31 de março de 1864, dando passagem para Fafe, etc.; *Bouças*, na antiga estrada de Fafe; *S. João*, junto á capella d'este titulo na freguezia de Figueiras; *Nova de Pombeiro* ou *Nabainhos*, na estrada real n.º 27, aberta ao transito em 10 de julho de 1868, dando passagem para Felgueiras, etc.; (d'este ponto em diante é que vulgarmente lhe é dado o nome de Vizella) *Velha de Pombeiro*, na antiga estrada para Traz-os-Montes e que divide a freguezia de Pombeiro da de Cerzedo, tendo no meio da ponte o marco com as armas do antigo couto benedictino de Pombeiro; (é aqui o *terminus* d'uma estrada municipal em projecto a partir de Guimarães); *Tagilde* (chamada vulgarmente *ponte nova*, por substituir uma de madeira, que ainda se acha lançada a juzante d'esta e que offerece difficil passagem) onde deve vir terminar um ramal da projectada estrada districtal de Felgueiras a Vizella; *Vizella* (nova) na estrada real n.º 36, construida (a ponte) em 1872, dando passagem para Lousada, etc.; *Vizella* (velha) na antiga estrada de Guimarães para Barrosas, etc.; *Negrellos* (S. Mamede), dando passagem para a freguezia de S. Mamede de Negrellos, etc.; *Negrellos* (nova) ou da *Curvaceira*, na estrada real n.º 32, dando passagem para Santo Thyrso, etc.; *Negrellos* (S. Thomé) um pouco a juzante da anterior, communicando a freguezia de S. Thomé de Negrellos com a de S. Miguel das Aves, em cujo termo desagua e morre o Vizella no Ave.

Curvaceira [1]

A ponte da *Curvaceira*, mencionada supra, tomou o nome da pequena povoação da *Curvaceira*, que é uma das muitas que constituem a freguezia de S. Thomé de Negrellos, concelho de Santo Thyrso.

Ha tambem não muito longe, no concelho de Guimarães, outra povoação denominado *Curvaceiras* (no plural) pertencente á freguezia de S. *João d'Ayrão*, na margem direita do Ave. Dista da *Curvaceira* de Negrellos, concelho de Santo Thyrso, aproximadamente 10 kilometros para N. N. O.

Temos tambem no nosso paiz outras muitas *Curvaceiras*. Occorrem-nos as seguintes:

Curvaceira, povoação da freguezia de *Santa Eufemia de Prazins*, no mesmo concelho de Guimarães.

Curvaceira, povoação da freguezia de *Aliviada*, hoje annexa á de Varzea d'Ovelha, no concelho de Canavezes.

Curvaceira, povoação da freguezia de *Chans de Tavares*, concelho de Mangualde.

Curvaceira,—a minha terra natal—povoação da freguezia da Penajoia, concelho de Lamego.

V. *Corvaceira*, já citada. [2]

---

[1] Nós desde creança habituamo-nos a escrever *Curvaceira*, mas outros escrevem *Corvaceira*. Ignoramos a etymologia d'este nome e por isso não sabemos qual das duas fórmas seja mais segura.

V. *Corvaceira* n'este diccionario e no supplemento.

[2] D'esta minha *Curvaceira* tomou indirectamente o nome a povoação da *Curvaceira* que hoje (1888) existe no *Dondo*, provincia de Loanda, na Africa.

No ultimo seculo Antonio Rodrigues de Carvalho, meu bisavô materno, natural da minha *Curvaceira*, casou na povoação do *Bacalar*, freguezia e concelho d'Armamar, onde era conhecido pela alcunha de *Curvaceira*, pelo que os filhos, netos e bisnetos que ali deixou se appellidaram o appellidam ainda hoje *Curvaceiras*. Um d'aquelles bisnetos (meu primo co-irmão) Albino Rodrigues Cardoso Curvaceira, filho de Antonio Car-

Curvaceira, casal da freguezia de Treixedo, concelho de Santa Comba-Dão.

Curvaceira, 3 casas na freguezia de Cadafaes, concelho de Alemquer.

Curvaceira, casal da freguezia de Folhada, concelho de Canavezes.

Curvaceira, casal da freguezia de Castello, concelho de Coura.

Curvaceira, quinta na freguezia e concelho de S. João da Pesqueira.

Curvaceira, sitio muito vistoso[1] com uma capella de *Santa Barbara*, no antigo castello da villa e freguezia de Marialva, hoje concelho da Meda.

Curvaceira, sitio tambem muito vistoso, na freguezia de Poyares, concelho da Regoa.

Curvaceira, sitio na freguezia de Santa Maria de Rebordões, concelho de Ponte de Lima.

Curvaceira, sitio na freguezia de Carrazedo de Montenegro, concelho de Val-Passos.

Curvaceira, sitio e habitação no termo da freguezia, villa e concelho de S. Pedro do Sul.

Curvaceira, monte no antigo termo da villa de Paredes, hoje concelho de S. João da Pesqueira, como se vê do foral que D. Fernando I de Leão deu á mencionada villa de Paredes no *anno* de 1055, depois confirmado por differentes reis nossos.

Na confirmação de D. Sancho I com data da era 1236 (anno 1198) se indica muito minuciosamente o termo d'aquella villa por estas palavras:

«...*Deinde per caput da Coruaceyra.* Em vuigar: «...Depois pelo alto do monte da *Curvaceira.*»

V. *Portugal. Monum.* liv. *Foralia*, pag. 347,—e *Paredes da Beira* n'este diccionario e no supplemento.

Temos mais:

Curvaceiras Grandes e

Curvaceiras Pequenas,—aldeias da freguezia de Paialvo, concelho de Thomar.

—

No *Vizella* desaguam os seguintes rios: *Sá, Paços, Arquinho, Fundêlho* e *Fôjo*, alem d'outros menores anonymos.

As terras que este rio banha, especialmente desde a ponte de *Nabainhos* ou Nova de Pombeiro, onde toma o nome de *Vizella*, até Negrellos, denominadas *ribeira do Vizella*, são fertilissimas. Mascarenhas Neto na sua *Memoria sobre as antiguidades das Caldas de Vizella*, § 40, diz que rendem cada anno mais de milhão e meio nos productos d'agricultura, gados, e mão d'obra das fazendas de linho, feito o calculo pelos dizimos e exportação das referidas fazendas. Isto em 1788.

Offerecem a espaço estas margens encantos e bellezas que muito attrahem os *touristes* na estação balnear. As ilhotas tapetadas de relva, adornadas de lindos fetos e sombreadas pela ramaria de formoso arvoredo, que se encontram principalmente desde o sitio da *Cascalheira* até á ponte velha das Caldas, são o enlevo dos banhistas, e Camillo C. Branco ahi collocou algumas scenas d'uma das suas novellas, que se conglobam sob o titulo de *Novellas do Minho*. São os *Gracejos que matam.*

Muitas familias nobres nos primeiros tempos da nossa monarchia tiveram os seus solares n'esta ribeira. A familia dos de *Riba-Visella*, de quem falla o conde D. Pedro no titulo 45, é o tronco de muitas familias nobres de Portugal. Os *Mellos Sampaios*,

doso Curvaceira, já fallecido, e de D. Joanna Cardoso de Jesus Maria, hoje viuva, tendo-se dedicado ao commercio no Porto, um bello dia lembrou-se de ir tentar fortuna na Africa. Estabeleceu-se no *Dondo* e ali fundou um bom estabelecimento commercial, que d'elle tomou o nome de *Curvaceira*, comprehendendo casas de habitação, armazens, lojas, etc. Depois ali se fundaram outros estabelecimentos e assim se fundou a povoação que tem já certa importancia e conserva o nome do meu primo — *Curvaceira*, — casado e com successão, hoje (1889) residente em Lisboa, mas ainda senhor da sua casa da *Curvaceira*, no Dondo, onde tem um socio.

[1] Olha para E. e domina todo o Cima-Côa, Pinhel, Traz os Montes e grande extensão da Hespanha.

os *Sás*, etc. ainda se nos manifestam pelos vestigios de sua antiga representação e poderio.

FABRICA DE FIAÇÃO DE NEGRELLOS

As aguas do Vizella movem tambem grande numero de moinhos de pão e fabricas de azeite, linho e papel de Aute-Villar, avultando entre todas a fabrica de fiação de Negrellos.

Esta importante fabrica *de fiação d'algodão* e de *parceria mercantil* demora na margem esquerda do rio Vizella, na freguezia de *S. Thomé de Covellas*. Dista 2 kilometros da matriz d'esta parochia para N.; 1 da *estação de Negrellos* na linha ferrea de Guimarães; 6 da villa de Santo Thyrso — e 11 das Caldas de Vizella.

Os seus edificios e dependencias occupam uma superficie de 12:000 metros quadrados.

O seu motor ordinario é a agua do rio Vizella, no qual tem um açude de 4 metros d'alto, 20 d'extensão e 2 turbinas, sendo uma da força de 80 cavallos e outra de 180 —e têm mais duas machinas a vapor, como auxiliar na estiagem, sendo uma da força de 350 cavallos; outra de 375, ambas do systema Wood, feitas na Inglaterra e ali compradas—a 1.ª em 1888—e a 2.ª em 1875.

Principiou a construcção d'esta fabrica em 1843 e a sua exploração em 1845.

Foram seus fundadores de parceria ou compartes os 8 capitalistas seguintes:

—Antonio José Cabral,
—Manoel Joaquim Machado,
—João Antonio da Silva Guimarães,
—Antonio Martins dos Santos,
—Paulo José Soares Duarte,
—José Antonio da Silva e Sousa,
—Antonio José Gonçalves Vasques e
—E. Cauchoix.

Na auctualidade (janeiro de 1889) pertence aos compartes seguintes:

—D. Emilia Rosa Cabral, viuva do par do reino José Pereira da Costa Cardoso.[1]

[1] V. *Miragaya*, tomo 5.º pag. 262, col. 2.ª

—D. Maria Emilia de Jesus Magalhães Cabral;
—Felisberto de Moura Monteiro[1];
—Francisco Cardoso Valente;
—Antonio Gualberto Soares;
—Diogo José Cabral e
—*Honoré Vavasseur*. (?)

Tem hoje 33:000 fusos, mas não todos em movimento.

O seu capital é de 374 contos; o primitivo era de 80.

Occupa 550 pessoas d'ambos os sexos e é administrada por um director technico e por um dos compartes.

O deposito e a séde estão no Porto, na antiga *Casa do Correio*, Largo dos Clerigos, n.º 100.

Esta fabrica nos primeiros annos luctou com difficuldades, mas hoje vive *muito desafogadamente* e é invejada por todos. Tem dado e está dando *pasmosos dividendos* e no seu genero é talvez hoje *a primeira de Portugal?!*...

Felizes compartes!...

—

Este rio, cuja formação M. Neto, (citada Memoria, § 12) conjectura ser posterior á construcção dos banhos romanos das Caldas de Vizella, tem sido decantado por muitos dos nossos poetas antigos e contemporaneos.

Citaremos apenas:

«Corre el Vizella amado
Progresso sonoroso
O chrystallino parto d'uma peña
A ser favor de um prado.»

Fonte de Aganipe, parte 7.ª canção 5.ª.

—

«Vem os que gosam do Vizella frio,
Em a ribeira amena, as aguas claras,
Grato, aprazivel, brando, fresco rio,
Senhor que as trutas dá no sabor raras;

[1] V. *Miragaya*, loc. cit. col. 1.ª

Que o sitio corre alegre mais sombrio,
De pomares e quintas nunca avaras,
Pois os fructos lhes dam, por seus haveres,
A Bromio em vinho, em louro trigo a Ceres.»

Phaenix da Lusitania, liv. 7.º est. 67.

—

Ao muito reverendo sr. João Gomes d'Oliveira Guimarães, abbade de Tagilde, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

VÓCA, ou **BÓCA**,—aldeia da freguezia de Gião, concelho de Villa do Conde.

Comprehende mais esta freguezia as aldeias de Gião de Cima, Gião do Fundo, Gião Meão (do meio) Tresval, Martinhães, Santo Estevam, Egreja, Carvalho, Jondina e Roxio.

V. *Gião*, tomo 3.º pag. 279, col. 2.ª

VÓCA ou **BÓCA**, aldeia da freguezia de S. João de Vizella, concelho de Guimarães.

VÓCA, ou **BÓCA**,—aldeia da freguezia de Fradellos, concelho de Villa Nova de Famalicão.

Temos tambem com o nome de *Bóco* 15 freguezias, 2 casaes, 3 quintas 1 sitio e um monte,—e uma aldeia com o nome de *Bocos*.

V. *Bôco*, tomo 1.ª pag. 406, e *Chorog. Mod.* tomo 6.º pag. 69.

Do exposto se vê que os nomes *Bóco* e *Bóca* (*Vóca* no Minho, pela mudança do B em V) foram triviaes antigamente.

Tambem temos 11 aldeias, 2 casaes, 3 quintas, 1 monte e 1 sitio com o nome de *Bôca* ou *Bôcca*,—6 aldeias, 1 casal e 2 sitios com o nome de *Bôcas* ou *Bôccas*, — e *Bôca da Lapa*, *Bôca da Matta*, *Bôca da Villa*, *Bôca do Frade*, *Bôca do Sousa*, *Bôca do Valle*, e *Bôca Negra*, aldeias, casaes, quintas e herdades.

V. *Chorogr. Mod. loc. cit.*

VODA, ou **BODA**,—noivado, festim de nupcias, do hebraico *boddah*, alegrar-se,—ou do arabe *bodoo*, boda.

Diccion. de Moraes, 6.ª edição.

VODO, port. ant. hoje *Bôdo*, festim de comer, que antigamente se fazia nas egrejas e capellas por occasião de alguma solemnidade, cumprimento de votos, etc. N'elles comiam os pobres e os festeiros.

Os *vodos* tambem significavam votos que se faziam a algum santo, promessas, romarias que davam occasião a grandes comesainas e desordens, pelo que foram só tolerados com a condição de não haver banquetes nas egrejas, etc.

«Dia era de hum gram *vodo*,
que a hum santo se fazia.»
Bernardim Ribeiro, Egl. 2.ª

Até o sec. XVI foram muito triviaes no nosso paiz, mas pelos excessos de toda a ordem que os acompanhavam, el-rei D. Manoel os extinguiu, exceptuando os *bodos do Espirito Santo*, instituidos pela rainha Santa Isabel.

—

Foram muito importantes os *bodos* ou *vodos* ou *votos* de S. Thiago de Compostella, feitos a este apostolo em toda a Hespanha pela victoria alcançada contra os mouros. Consistiam na prestação de certa porção de trigo,—prestação obrigatoria, que durante muitos seculos foi considerada como tributo legal, comprehendendo entre nós tambem todo o terreno que medeia entre o Lima e o Minho.

N'este diccionario já se fez menção de differentes *bodos*, entre os quaes avultam o da *Senhora da Lomba*, na freguezia de Pinhanços, concelho de Ceia,—e o do *Espirito Santo*, em Leiria.

V. *Pinhanços*, tomo 7.ª pag. 38, col. 2.ª— e *Leiria*, tomo 4.º pag. 74, col, 2.ª — N'este ultimo *bodo* se matavam e distribuiam 7 a 8 bois!...

V. tambem no *Elucidario* de Viterbo os interessantes artigos: — *Ladairo*, *Açôres* e *Bodivo*, nomeadamente este ultimo.

VOGADO,—port. ant.—advogado.

VOGARIA,—port. ant.—advocacia.

VOLIARÇA,—ribeira.

Nasce na freguezia de S. *Brissos*, concelho de Beja, e correndo de O. a E. morre no Guadiana, passando entre Beja e Cuba.

VOLOBRIGA,—cidade antiquissima, ca-

beça dos povos *nemetanos*, segundo a interpretação de Ptolomeu por Molecio,—ou *nemetatos*, segundo a interpretação de Bercio·
Estava na chancellaria romana de Braga e no tempo de Tiberio já tinha as honras de *municipio*, como consta de uma medalha que aponta Goltzio, citado por Ezequiel Spanphemio na *Exercitaçõo* 1.ª á Constituição do imperador Antonino, col. 48.

Não podemos indicar com precisão o sitio da tal *Volobriga*, posto que Ptolomeu na 2.ª *taboa da Europa*, cap. 6.º pag. 44, lhe assigna 6 gr. de longitude e 42 gr. e 6 minutos de latitude.

Bercio em vez de *Volobriga* lê *Volobria*, mas no indice aponta *Volobriga*.

O nome era nacional.

V. *Mem. d'Argote*, tomo 1.º pag. 412, e 3.º pag. 160.

VOLTA,—aldeia da freguezia de Sequiade, concelho de Barcellos.

Temos no nosso paiz mais 4 aldeias, 1 quinta, 1 herdade, 1 sitio e 1 moinho com o nome de *Volta*—e differentes aldeias e casaes com os nomes de *Volta d'Agua*, *Volta da Tocha*, *Volta de Casaes*, *Volta de Mendo*, *Volta do Carro*, *Volta do Valle*, *Volta do Vau* e *Volta Grande*, sitio, na antiga estrada do Porto para a Regoa, entre Quintella e Mezãofrio.

A estrada ali era muito declivosa e sem parapeito ou guardas do lado inferior, pelo que ali até 1858 se despedaçaram algumas liteiras—e desde 1858 algumas diligencias, entre ellas uma, em que ia do Porto para a Regoa o humilde auctor d'estas linhas, com 14 passageiros mais, alem do cocheiro e conductor. Felizmente só se desmanchou o jogo dianteiro. O carro não tombou, mas lá ficou, e nós tivemos de ir a pé para Mesãofrio, donde em outro carro seguimos para a Regoa.

V. *Villa Jusã*, tomo 11.º pag. 768, col. 2.ª, onde já demos noticia d'aquella medonha estrada.

Sensi in fronte meo se arripiare cabellos!...

VOLTA,—port. ant.—briga, discordia, ferimento, desassocego, turbação, tumulto, assuada, desordem.

«Haver hi *volta* e eixeco, e peleja, e elle querendo partir esto, etc.»

Doc. de Santo Thyrso, de 1340.

VOLTEIRO,—homem revoltoso, suscitador de discordias, brigas e contendas.

«Salvo se esse preso fôr traidor, ou aleivoso, ou *volteiro* publico, e ameudi, ou matador, ou chagador de chagas perigosas,»

Côrtes de Santarem de 1325.

D'aqui—*terra avolta*, desinquieta, cheia de ladrões e malfeitores.

«Ou a terra andar *avolta*, que se temam de filharem os meus dinheiros.

Capit, especiaes de Santarem.

VOLTUMNA, ou **VOLTUNNA**, ou **VULTURNA**,—deusa dos romanos, particularmente reverenciada pelos etruscos, em cujo paiz tinha um famoso templo, onde se reuniam para tratarem os negocios do estado.

VOLUMNO e **VOLUMNA**,—divindades dos romanos, as quaes presidiam á *boa vontade*. Eram invocadas particularmente nas ceremonias dos casamentos, para conservarem a amisade e harmonia entre os nubentes.

VOLUPIA,—deusa dos romanos, que presidia aos prazeres sensuaes e dissoluções.

Tinha um templo em Roma, onde era representada na figura de uma formosa mulher bem vestida, tendo debaixo dos pés a *Virtude*.

VOLUTINA,—deusa dos romanos, particularmente reverenciada pelos camponezes e lavradores, que a invocavam para preservar os casulos que envolvem o grão do trigo.

VOMIL,—port. ant.—hoje gomil.

Vem do latim *vomo* (eu vomito) porque os gomis, outr'ora de gargalo muito estreito pareciam estar vomitando a agua para as mãos como a lufadas.

«It. hum *vomil* quebrado.»

Inventario dos moveis de D. Fr. Salvador, bispo de Lamego, no anno de 1350.

VOMITARIA. ou **VOMITORIO**,—portug. antigo.

Assim se denominavam os adros das egrejas e as entradas dos theatros, porque a grande multidão saindo, tinha parecenças com a agua jorrando ou saindo do vomil.

VONTADES, ou **VOONTADES**, port. ant.

Assim se denominaram os moveis e alfaias de casa que cada um compra ou manda fazer.

No anno de 1211 doaram ao mosteiro de Alpendurada uma quinta em *Nodar cum suas searas, et suas voluntates*.

Doc. de Pendorada.

«Sete, ou oyto porcos, e cubas, e arcas, e outras *voontades*, que era mantimento da casa.»

Doc. de Tarouca de 1326.

VOSQUO.—port. ant.—comvosco.

«E taes, Senhor, estavam aló *vosquo*, que tinham na terra a maior parte de sas lanças.»

Cortes de Coimbra de 1385.

VOTO. V. *Vodo*.

O voto que fez el-rei D. João IV á Virgem e que por ordem d'elle foi gravado nas portas das nossas villas e cidades, encontra-se no art. *Porto*, vol. 7.° pag. 382, col. 1.ª

VOUGA,—rio.

Como já dissemos no artigo *Viseu*, pag. 1745, col. 1.ª, este rio nasce no *Chafariz da Lapa*, junto do santuario d'este nome (V. *Lapa*) concelho de Sernancelhe; corre de E. N. E. a O. S. O.; banha na sua direita a villa de S. Pedro do Sul e as extinctas villas d'Angeja e Serem;—na margem esquerda passa a juzante das villas de Vouzella e de Oliveira de Frades; banha as extinctas villas do Banho e do Vouga — e desagua na ria d'Aveiro, a N. da cidade d'este nome, tendo de curso total, com as muitas voltas que descreve, mais de 150 kilometros.

Desde a nascente até á povoação e ponte do *Pecegueiro*, na estrada real n.° 41 d'Aveiro a S. Pedro do Sul, em geral corre fundo e por entre margens escabrosas, principalmente desde S. Pedro do Sul até o Pecegueiro; mas d'ali até á sua foz, nomeadamente desde Jafafe, cerca de 6 kil. a jusante de Pecegueiro, tem margens amplas, amplissimas, pois corre atravez d'uma vasta e formosa campina, que alaga e fertilisa no inverno, cobrindo-a na extensão de algumas legoas quadradas e deixando-lhe gordos nateiros, a flor da terra que traz dos campos e encostas da sua grande bacia hydrographica.

As mencionadas campinas são em geral muito planas e cortadas em diversas direcções por vallas de esgoto para enchugamento dos campos, as quaes formam muitas ILHAS (assim se denominam grandes lotes dos dictos campos); e algumas vallas, a O. da linha ferrea—são navegaveis em barcos proprios que, vistos de distancia, quando vão á vela, offerecem um aspecto interessantissimo e unico em Portugal, porque o rio e as vallas de longe não se veem e parece que os barcos deslisam sobre os campos.

V. *Angeja*, tomo 1.° pag. 215.

—

Recebe differentes rios tributarios, avultando entre elles—na margem direita o *Sul*, que dá o nome á villa de S. Pedro do Sul,—e o *Caima*, que vem das serras d'Arouca e passa na freguezia de Val-Maior, não longe de Albergaria Velha;—na margem esquerda o *Zella*, que vem da serra de Lafões e com o Vouga dá o nome á villa de Vouzella, por estar junto da confluencia dos dois rios *Vóuga* e *Zella*.

Tambem recebe na margem esquerda, logo abaixo da ponte da *Rata*, o rio *Agueda*, depois d'este ter recebido nas alturas de Requeixo as aguas do *Certema* ou da *pateira de Fermentellos*, que é uma grande lagôa formada pelas aguas do *Certema* junto da sua foz ou da entrada no rio Agueda.

O *Certema* vem de Formoselha e do Bussaco—e toca na villa da Mealhada, outr'ora *Vasariça*, pelo que tambem já se denominou *rio da Vacariça*.

O Agueda é formado pelos rios *Alfusqueiro* e *Agadão*, que se juntam a montante da villa d'Agueda cerca de 2 kilometros;—e é desde esse ponto que toma o nome de rio *Agueda*, outr'ora *Agada*.

V. *Caima*, *Certoma*, *Sul*, *Alfusqueiro*, *Agueda* e *Zella*.

—

O Vouga, a jusante do Pecegueiro, até

Sarrazola, termo do *rio novo*, aberto á navegação em 1821,[1] tem aproximadamente 50 kilometros de curso—e do *rio novo* até o mar tem aproximadamente 10 kilometros, comprehendendo a largura da *ria* d'Aveiro e a barra por onde entra no occeano,—denominada *barra nova*, 7 kilometros a O. de Aveiro.

Já não existe a *barra* ou *barreta da Vagueira*, que estava cerca de 10 kilometros ao sul d'aquella e 8 ao poente de Vagos, pela qual tambem entravam no Oceano as aguas do Vouga. Foi tapada aproximadamente em 1880 pelo distincto engenheiro Silverio Augusto Pereira da Silva, sendo director das O. P. d'Aveiro. Tapou-a fazendo umas *portas d'agua*, que se abriam e fechavam com o impulso das marés, obstando ao fluxo e refluxo; e assim a tal barreta em breve assoriou de forma que já não entra por ella a agua do mar.

Foi esta a ultima das alterações por que teem passado as barras d'Aveiro,—alterações que devem ter influido nos povos do littoral. A ellas talvez se deva a substituição de *Talabriça* pela villa e comarca de *Esgueira*—e posteriormente a d'esta villa pela villa e comarca, hoje cidade, d'*Aveiro*.

—

Tem muitos *poços* ou *pégos fundos*, tanto a montante como a juzante do Pecegueiro. Os principaes d'este ultimo lote são os seguintes, descendo:

1.º—Poço de *S. Thiago*, junto da povoação do Pecegueiro, termo superior da navegação;

2.º—Caes de *Jafafe* ou *Sornada;*

3.º—Caes da *ponte de* Vouga;

4.º—*Fontinha;*

5.º—*Pedreiras d'Eirol* ou da *Ponte da Rata*, com a qual confina.

Este pôço é formado pelas aguas do rio Agueda, em cujo leito se acha, antes da juncção com o Vouga; mas no inverno, com as cheias, as aguas do Vouga entram no dito poço, galgando o paredão que ali separa os dois rios e, tomando grande altura sobre os olhaes da ponte da *Rata*, impede a navegação e a passagem na ponte, por haverem errado (*coisas nossas!...*) o calculo do nivel das aguas, quando se reformou a dita ponte e fez a nova estrada a macadam de Aveiro a Agueda, em 1870.

O paredão entre os dois rios foi feito pouco depois de 1821 com o fim de os obrigar a correrem parallelos até o ponto da sua juncção, porque até ali o Agueda cahia quasi perpendicularmente no Vouga, e este, como mais caudaloso, fazia retroceder o Agueda na occasião das cheias, tornando alagadiços os campos das freguezias d'*Eirol*, *Travaçô o Ois da Ribeira*. As coisas a este respeito pouco melhoraram, porque não se concluiu o paredão, nem se lhe deu a devida altura, bem como à ponte!...

6.º—*Poço do Ferro*, junto de S. João de Loure;

7.º—*Angeja;*

8.º—*Sarrasola* até Villarinho.

—

É navegavel e navegado na extensão de 50 a 60 kilometros desde a sua foz até á povoação de Pecegueiro, um pouco a juzante da ponte por onde passa a estrada real n.º 41, mas por meio de comportas não era difficil prolongar a navegação até á villa de S. Pedro do Sul.

No inverno os barcos que vão até o Pecegueiro são de fundo chato, como os do Mondego, mas um pouco mais pequenos. Costumam levar 6 a 8 pipas de 560 litros—e no verão ou na estiagem apenas 2 a 3 pipas, ou peso correspondente, porque o seu leito está muito *assoriado*,[1] ou alteado com

---

[1] A juzante de Sarrazola ainda se vê o *rio velho*, tambem navegavel nas marés vivas, porque já ali chega a agua salgada.

[1] Este termo é vulgar, mas não o encontro nos meus diccionarios.

as enchentes. Tem mesmo em alguns pontos mudado o curso do rio.[1]

Os barcos na viagem ascendente conduzem sal, peixe fresco e salgado,—e na descendente conduzem madeira, lenha, pedra de schisto e granito, laranjas e cortiça.

Tambem durante longos annos conduziram muito carvão de pedra para as minas do *Braçal* e d'estas muito minerio, mas hoje esse movimento é nullo, porque infelizmente quasi que parou a exploração d'aquellas minas.

Tinham ellas na margem direita do Vouga, em *Rio Mau*, a juzante do Pecegueiro, um caes proprio, ligado ás minas por uma linha ferrea americana. *Silicet magna componere parvis*, correspondia o dito caes ao de *Pomarão* nas minas de S. Domingos.

V. *Vias ferreas*, tomo 10.º pag. 473, col. 2.ª—e pag. 479, col. 2.ª tambem.

—

A jusante do Pecegueiro banha na margem esquerda as povoações de Jafafe, Macinhata do Vouga, Vouga, Trofa, Segadães, Fontinha, Almear, Eiról, Eixo, *Taboeira*, Cacia e Sarrasola;—na margem direita Serem, Mesa, Villa Verde, Alquerubim, Pinheiro, S. João de Loure, Frossos e Angeja.

Alem das vallas atravez da campina, tem um canal desde a barca d'Angeja até Frossos na extensão de 1 kilometro.

Denomina-se pateira de *Frossos*.

—

As producções principaes das margens do Vouga a montante do Pecegueiro são milho grosso, vinho verde, hervagens e fructa, inclusivamente laranjas excellentes na freguezia do *Pecegueiro*, concelho de Sever do Vouga, districto d'Aveiro, margem direita d'este rio,—e em frente, na margem opposta, freguezia de Ribeiradio, concelho d'Oliveira de Frades, districto de Viseu.

A jusante do Pecegueiro, depois que entra na campina, as suas margens produzem milho, algum arroz e muitos *bunhaes* e *chouças* para pastagem e creação de gado cavallar e bovino. Tambem produz muito *moliço* para estrume e muito peixe.[1]

O Vouga, a jusante de Pecegueiro, banha muitos campos, entre os quaes merecem especial menção os de Macinhata, *Ouvêdo, Couto, Trofa, Segadães, Almargem, Fontinha, Eixo, Angeja* e *Cacia*—na margem esquerda;—na direita os campos de *Serem, Mesa, Ponte do Vouga, Villa Verde, Alquerubim, Pinheiro* e *S. João de Loure, Frossos* e *Angeja*.

Estes campos estão divididos em muitas glebas e não constituem predios notaveis,

---

[1] A tradição local diz que outr'ora este rio foi navegavel para barcos de maior lotação, inclusivamente *navios*, até á ponte e villa de *Vouga*,—e talvez que esta villa e a velha cidade romana que ali alguem sitúa decahissem com o assoriamento do Vouga e tolhimento da navegação.

Tambem outr'ora os navios foram pelo Cavado até Barcellos; pelo Leça até Guifões; por um esteiro do Mondego até Tavarede; pelo rio de Silves até á cidade d'este nome—e pelo Ave ainda n'este seculo foram muitos navios carregados até Villa do Conde, em quanto que hoje mal podem sair em lastro os que ali se construem.

[1] Os nossos diccionarios mal indicam estes termos—*bonho* ou *bunho, chousa* ou *chouça* e *moliço*,—termos proprios d'esta localidade e que no districto d'Aveiro representam artigos muito importantes!...

O *bunho* ou palha *tabúa*, que deu o nome á povoação de *Tabueira*, tem differentes applicações. Em verde é optima pastagem; depois de secco serve para tanoarias, para capas de garrafas e para mobiliario. Com elle se fazem esteiras variadissimas, colchões, cadeiras d'encosto, etc.

Do tal *bunho* tomou o nome a povoação e freguezia do *Bunheiro*, concelho de Estarreja.

V. *Brunheiro*, tomo 1.º pag. 498, col. 2.ª

Tambem temos no nosso paiz differentes aldeias casaes e quintas com os nomes de *Bunho, Bunhosa, Bunheira* e *Bunheiros*.

Tambem ha muita palha *tabúa* no baixo Mondego, em alguns campos marginaes alagadiços.

exceptuando os seguintes:—*campo da Trofa*, pertencente á viuva D. Engracia Coelho dos Reis e filhos, de Serem; *campo da Fontinha*, pertencente ao dr. João Eduardo Nogueira, d'Alquerubim; outro, o do *Areinho*, pertencente a José Martins, de S. João de Loure, e o da casa de Villarinho, na freguezia de Cacia, pertencente a Francisco Manoel Couceiro da Costa.

As marés vivas do Oceano apenas sobem pelo Vouga até á distancia de 10 a 11 kilometros.

Ha sobre este rio muitas pontes. Occorrem-nos as seguintes:

1.ª Na linha ferrea do *Norte*, aproximadamente no sitio por onde passava a estrada romana de Braga ao Porto e Lisboa, indicada no roteiro de Antonino Pio, estrada de que logo fallaremos no artigo seguinte, *Vouga*, pretendida cidade romana.

2.ª Ponte de *Angeja*, na estrada nova a macadam de Aveiro a Estarreja.

3.ª Ponte do *Vouga*, ao nascente da villa de Vouga e junto d'ella, na estrada real a macadam de Lisboa ao Porto.

4.ª Ponte do *Pecegueiro*, na estrada real n.º 41, de Aveiro a Viseu, por Vouzella e S. Pedro do Sul.

5.ª Ponte da *villa do Banho*, na mesma estrada n.º 41, que ali passa da margem esquerda para a direita do Vouga.

6.ª Ponte de *S. Pedro do Sul*, na mesma estrada n.º 41, que ali passa da margem direita para a esquerda do Vouga e ali entronca e morre na estrada real n.º 7 de Viseu a Villa Real de Traz os Montes por Castro d'Ayre, Lamego e Regoa.

V. *Viseu*, tomo 11.º pag. 1776, col. 2.ª n.º 1, e pag. 1777, col. 1.ª n.º 4.

7.ª Ponte de *Côta*, na estrada districtal n.º 40 de Viseu á foz do Tavora, por Moimenta da Beira e Taboaço.

V. *Viseu*, tomo 11.º pag. 1778, col. 2.ª n.º 2.

8.ª Ponte do *Almargem* na estrada municipal a macadam de Viseu a Castro d'Ayre.

V. *Viseu*, tomo 11.º pag. 1780, col. 1.ª n.º 1.

9.ª *Ponte do* Vouga (2.ª) na estrada real antiga de Viseu a Moimenta da Beira.

Demora na freguezia de Ferreira d'Aves e é uma ponte muito importante.

10.ª *Ponte de Villa Bôa*, tambem junto de Ferreira d'Aves.

11.ª *Ponte do Senhor dos Caminhos*, a montante d'aquella.

12.ª *Ponte do Convento da Fraga*, a montante e pouco distante do dicto convento, que foi de *capuchos Antoninos da Conceição* e é hoje um excellente collegio ou casa de educação de meninas, dirigido por *irmãs de Santa Thereza*, que n'elle teem feito muitas obras e na egreja,—templo magestoso, muito bem tratado e até *muito aceiado*, o que tudo se deve ás benemeritas *irmãs de Santa Thereza*. Se não fosse a dedicação d'ellas, o venerando convento em breve cahiria em ruinas e se nivelaria com o chão, como tem succedido a tantos outros e talvez succeda ao magestoso e real convento d'Arouca, hoje extincto, fechado e em completo abandono, por haver fallecido a ultima abbadessa e ultima religiosa em 1887,—se bem me recordo.

V. *Ferreira d'Aves*, tomo 3.º pag. 172, col. 1.ª—e *Arouca* n'este diccionario e no supplemento.

Talvez tenha mais pontes já construidas, que nós não conhecemos—e está em projecto outra ponte sobre o Vouga, na estrada districtal n.º 41 de Mangualde e Viseu á estação de *Freixo* de Numão, na linha ferrea do Douro.

V. *Viseu*, tomo 11.º pag. 1779, col. 1.ª n.º 4.

Todas as pontes mencionadas supra são de cantaria de granito, exceptuando a 1.ª, que é formada por taboleiros de ferro sobre pegões tubulares de ferro tambem—e a 2.ª, que é de madeira.

Tambem este rio tem muitos açudes, muitos moinhos e alguns barcos de recreio e de passagem nos sitios onde não ha pontes.

—

No verão, exceptuando as represas dos açudes, é quasi microscopico e em alguns pontos se atravessa a pé enchuto, como nós o atravessámos muitas vezes na cascalheira

junto da villa do *Banho*, mas no inverno alteia immenso;—torna-se imponente e magestoso; só nas pontes se atravessa—e ainda est'anno de 1888, no dia 12 do corrente mez de novembro n'elle houve uma enorme cheia.

Com data de 13 do corrente diziam de S. Pedro do Sul:

«—Tem chovido estes dias torrencialmente. Os rios Vouga e Sul encheram por tal fórma, na noite de domingo para segunda-feira, como não lembra ha mais de quarenta annos!

Foram destruidos muitos moinhos, derribados muitos muros, inundadas muitas propriedades, etc.

Hontem (2.ª feira, 12) de manhã correu muita gente a ver a corrente dos rios, e n'essa occasião viam-se, arrastados pela agua, muitos moveis de casas, animaes domesticos, utensilios de lavoura, troncos de arvores, etc.

Hontem não veio o correio de Nellas nem de Estarreja, devido tambem ao mau tempo.»

Effectivamente a tal cheia do Vouga no dia 12 d'este mez ultrapassou a de 1860, que foi a maior d'este seculo no Vouga, no Douro e nos outros rios ao norte do nosso paiz, em quanto que ao sul, no Tejo e no Guadiana, etc. foi maior a de 1876.

Tambem esta de 1888 em alguns dos outros nossos rios e ribeiros ultrapassou a de 1860, mas no Douro foi muito inferior e em geral causou muito menos prejuizo, porque a tormenta cessou no dia 12 e logo o tempo estiou, emquanto que nos annos de 1860 e 1876 a chuva foi muito mais duradoura.

Esta de 1888 deixou assignalada a sua passagem no Vouga, pois destruiu a ponte de *Cóta*, n.º 7 da nossa lista.

Tambem a mesma tempestade nos dias 11 e 12 interrompeu em alguns pontos a circulação dos comboyos nas nossas linhas ferreas do *Norte*, do *Douro* e do *Tua*, mas no dia 13 todos volveram ao seu estado normal, sem perda de uma só vida.

É para lamentar que *em todo o Vouga*, sendo aliás um dos rios mais importantes da nosso paiz, até hoje se não montasse uma fabrica unica de lanificios, ou de papel, ou de fiação d'algodão,—fabricas que abundam em alguns rios nossos de muito menor volume.

V. *Ceia*, *Gouveia* da Beira Baixa, *Padranello*, *Pera*, *Thomar* e *Vizella*, rio.

—

Terminaremos dizendo que—na opinião de varios auctores—o rio *Vouga* antigamente se denominou *Vacua* e tomou o nome da cidade romana *Vacca*, sita na *Cava de Viriato*, em Viseu, ou na extincta villa de *Vouga*.

Para evitarmos repetições, veja-se o artigo seguinte:

VOUGA—villa extincta e *extincta cidade romana*, (?) hoje simples aldeia da freguezia de *Lamas*, concelho d'Agueda, districto de Aveiro.

Este topico é muito nebuloso e dava assumpto para uma *Memoria academica*. Vamos apenas esboçal-o, dividindo-o para maior clareza em 3 partes:—na 1.ª fallaremos da povoação ou aldeia actual de *Vouga*;—na 2.ª fallaremos da *villa* e do *concelho*;—na 3.ª da cidade romana *Vacca*, séde dos *vacceos*, como dizem alguns auctores. A 1.ª parte é clara; a 2.ª bastante nebulosa—e mais nebulosa ainda a 3.ª pois *tot capita, tot sententiae!*...

PARTE 1.ª

A povoação ou aldeia actual de Vouga

N'esta data—novembro de 1888—comprehende apenas 20 a 25 fogos e 60 a 70 habitantes. Demora na margem esquerda do rio Vouga, que nas enchentes banha a parte baixa da povoação, situada em planicie. As casas restantes demoram na encosta de um monte, cuja pendente N. desce até o Vouga, que tem ali uma soberba ponte de pedra na estrada real a macadam de Lisboa e Coimbra ao Porto, seguindo pelo mesmo leito da

estrada mourisca, ou feita pelos mouros,[1] em substituição da velha estrada romana que muito provavelmente *in illo tempore* o Vouga e o mar tinham arruinado, pois seguia mais a O. e junto do littoral, aproximadamente pelo traçado que hoje segue a linha ferrea do Norte, tocando em *Talabrica* (Aveiro ou Cacia) segundo se lê no roteiro d'Antonino Pio.

V. *Estradas romanas*, tomo 3.º pag. 73, col. 2.ª; *Itinerario d'Antonino*, no mesmo vol. pag. 401; *Vias ferreas*, tomo 11.º pag. 467 e segg. e *Aveiro*.

—

A povoação ou aldeia de que no momento nos occupamos dista apenas alguns metros da margem esquerda do Vouga e da mencionada ponte:—1 kilometro ao norte do sitio do *Marnel*, hoje despovoado, onde, como logo diremos, esteve a antiga matriz d'esta parochia de *Lamas*[2] e da povoação e villa de *Vouga*; 1 kilometro tambem a N. E. da sua actual egreja matriz;—8 da villa d'Agueda, hoje a séde do concelho, para o norte; 13 a 14 de Pecegueiro para S. O. e 15 a 17 d'Aveiro e da linha ferrea do Norte, para E.

A freguezia de *Lamas* hoje apenas comprehende as 4 povoações seguintes:—*Lamas*, séde actual da parochia, *Pedações* e *Vouga*, na margem esquerda do rio Vouga,—e *Villa Verde* na margem direita.[1]

A povoação de *Vouga* foi villa e séde de concelho, mas nunca foi séde de parochia. Era parte integrante da parochia de *Santa Maria de Lamas do Vouga* ou do *Marnel*, cuja matriz estava na antiga povoação e *villa de Marnel*, hoje sitio deserto. talvez por ser muito pantanoso e doentio. Por esta mesma rasão transferiram a séde da parochia para a aldeia de *Lamas*, não sabemos em que data, mas talvez ha muitos seculos.

Os escombros da velha matriz desappareceram ha pouco tempo. Faziam parte do passal d'esta freguezia de *Lamas*, que pela lei de desamortisação foi posto em praça e arrematado pelo conego Manoel Homem de Macedo da Camara Motta, e hoje constituem com o dito passal, antiga cerca do antiquissimo convento de *Santa Maria de Lamas* ou do *Marnel*, um predio ou quinta importante, pertencente ao dicto conego.

V. *Lamas do Vouga*, tomo 4.º pag. 32, col. 2.ª; *Macinhata do Vouga*, tomo 5.º pag. 17, —e *Marnel* no mesmo vol. pag. 87, col. 1.ª e 2.ª

---

[1] Ainda hoje lá se vê ao longo da dicta estrada, no termo da freguezia da *Trofa*, a S. e não longe da villa de Vouga, uma aldeia denominada *Mourisca*.

V. *Mourisca*, tomo 5.º pag. 580, col. 1.ª n'este diccionario — e em Viterbo *Estrada Mourisca*.

[2] As parochias limitrophes d'esta são as seguintes.

Macinhata do Vouga a N. — Vallongo e a mesma de Macinhata a E.;—S. Salvador da Trofa (antigamente *Covellas!*...) a S., — e Alquerubim, antigamente *Alcarouvim*; a O.

Na aldeia do *Ameal* d'este ultima freguezia, mora o sr. dr. José Correia de Miranda, distincto jurisconsulto, muito illustrado, muito conhecedor d'estes sitios e o meu principal informador n'este emmaranhado e nebuloso artigo.

Tambem devo alguns apontamentos ao sr. dr. José Joaquim da Silva Pinho, de Jafafe, aldeia da freguezia de Macinhata do Vouga, —cavalheiro muito illustrado tambem e muito conhecedor da localidade.

[1] Na povoação de *Lamas* demora a egreja matriz, cuja padroeira hoje é *Nossa Senhora da Assumpção*. Tambem lá se vê ainda a imagem da antiga padroeira — *Santa Maria*, — que estava na antiga egreja monasterial e parochial da *Santa Maria de Lamas*, d'onde foi transferida para a egreja actual, anteriormente simples capella de *Nossa Senhora da Assumpção*.

Em *Pedações* ha tambem uma capella de *S. Lourenço*—e na extincta villa de Vouga uma capella do *Espirito Santo*, muito antiga e bem conservada, porque foi ha poucos annos restaurada a expensas de alguns devotos.

Tambem me dizem que na egreja actual de *Lamas* está uma inscripção gothica em uma pedra que foi da velha matriz e que allude á fundação ou sagração d'ella.

De passagem diremos que a freguezia de *Macinhata do Vouga* está na *esquerda* e não na *direita* d'este rio, como disse por lapso o meu antecessor.

Estão effectivamente na esquerda do Vouga a matriz e algumas povoações e terrenos d'esta freguezia; mas na margem direita occupa tambem larga zona e ali tem algumas aldeias, taes são — *Gandara, Serem, Roxio, Mesa,* etc.

Tambem a lagôa do *Marnel* está *toda* na freguezia de *Lamas do Vouga*—e não na de *Macinhata do Vouga*, como disse o meu antecessor no citado art. *Marnel*,—artigo aliás muito interessante e muito digno de ler-se.

—

Como ali se diz e prova, o *Marnel* foi povoação acastellada e muito importante no sec. XI, pois em um documento de Lorvão se lhe dá o titulo de *cidade* — e em outro o de *villa*; note-se porem que outr'ora estes termos não tinham a significação hodierna. Por vezes as cidades — inclusivamente o *Porto* e *Lisboa*—se denominavam *villas*, em quanto que *Ceia, Gouveia* da Beira Baixa e outras villas se denominavam cidades.

Veja-se o art. *Villa*, tomo 11.º pag. 663, col. 2.ª — e *Lusitania*, tomo 4.º pag. 492, col, 1.ª

Note-se tambem que *Lamas* e *Marnel* são quasi synonimos,—*pateira, lamaçal, terreno alagadiço*—e outr'ora empregavam-se indistinctamente, pelo que hoje mal podemos saber quando os velhos documentos fallavam da povoação de *Lamas*, propriamente dicta, —ou da de *Marnel*.

Na lagôa do *Marnel* desagua o rio d'este nome, que nasce no concelho de Sever; atravessa parte das freguezias de Macinhata e Vallongo do concelho d'Agueda; tem cerca de 15 kilometros de curso—e na lagôa do Marnel uma boa ponte nova—e outra antiga, abandonada.

Tambem desagua na mesma lagôa do Marnel e campo da Trofa outro rio ou ribeiro que vem da serra das Talhadas e tem de curso igualmente cerca de 15 kilometros.

Ambos vão ter ao Vouga por uns *riachos* não navegaveis nem fluctuaveis.

A ponte do Vouga é differente da do *Marnel*; demora cerca de 1 kilometro a N. junto da povoação ou villa do Vouga—e tem 7 ou 8 grandes arcos de pedra de differentes estylos, sendo uns ogivaes, outros de volta inteira e outros de volta abatida, segundo as diversas reconstrucções. A ultima reconstrucção data de 1713 e foi ordenada por D. João V, segundo se lê em uma inscripção gravada no meio da dicta ponte. Apenas lhe fizeram alguns reparos approximadamente em 1858, quando se fez a estrada real a macadam de Coimbra ao Porto.

Os pegões dos arcos estão muito soterrados com as areias, mas ainda assim devem ter em alguns pontos cerca de 20 *metros de altura* até o taboleiro—e este com as avenidas tem de extensão aproximadamente 200 metros.

A ponte actual do *Marnel*, por onde passa tambem a mesma estrada real de Coimbra ao Porto, foi feita junto da velha ponte, alguns metros para O. Principiou a construcção em 12 de janeiro de 1858 sob a direcção do distincto engenheiro José Diogo Mousinho — e terminou em novembro de 1859. Custou 19:384$920 réis — e os seus materiaes são grés e calcareo,— a pedra da localidade.

—

As pontes do *Marnel* e do *Vouga* devem datar do tempo em que os mouros fizeram a estrada por este sitio, mas tanto uma como a outra foram reconstruidas varias vezes, já por se arruinarem com as enchentes dos dois rios e com o peso dos seculos, já porque muito provavelmente foram destruidas por occasião das batalhas que junto d'ellas se feriram desde tempos muito remotos. V. *Marnel*.

Nos fins do sec. XII, por exemplo, estava em ruinas e talvez em reconstrucção a ponte do *Vouga*, como se deprehende do testamento de Gonçalo Gonçalves, chantre do Porto e de Coimbra, testamento feito em 12 d'abril de 1262, (era 1300) pois n'elle, entre outros muitos legados, deixou ás pontes do

Vouga, Agueda, Ceira, Albia e Canavezes—*ancipitrem meum... meos panos de tiritania, annulum meum de Robibalais*.[1]

Dissert. Chronol. de João Pedro Ribeiro, tomo V, pag. 81.

Parece que no anno de 1300 ainda a ponte do *Vouga* não estava reconstruida, porque n'aquella data o bispo do Porto D. Sancho legou tambem certa quantia para se acabarem as pontes de Canavezes, Agueda e Vouga, como se lê no *Catalogo dos bispos do Porto*, pag. 112.[2]

Em 1708 os rios *Vouga* e *Marnel* haviam alteado tanto os seus leitos, que as duas pontes estavam quasi soterradas.

Fallando da villa de Vouga, diz a *Chorogr. Port.* —«Tem sobre o Vouga hua ponte de pedra de muitos olhaes, mas já tão areada, que em tempo de cheias se passa em barcos, e he estrada publica de Coimbra para o Porto, que passa por dentro da villa. Ha tambem outra ponte d'arcos sobre o rio *Marnel*, que no tempo do inverno e cheias se não passa.»

Era isto em 1708, pelo que em 1713 D. João V mandou reconstruir a ponte do *Vouga* e talvez a do *Marnel* tambem.

—

O local da povoação de Vouga é pittoresco, muito arborisado e muito fertil, principalmente na parte baixa. Produz muito milho e vinho—e até meiado d'este seculo, antes de adoecerem os nossos pomares de larangeiras, produzia tambem muita e optima laranja, mas o seu clima é muito insalubre, já pela visinhança dos grandes pantanos, já porque não tem agua potavel. Bebe a do rio Vouga, pelo que a sua população tende a desapparecer, como pelas mesmas rasões já desappareceu *completamente* a da villa do Marnel, — villa antiquissima, que foi matriz dos povos circumvisinhos até grande distancia. Segundo reza a tradição foi inclusivamente a matriz da villa de *Esgueira*, distante cerca de 17 kilometros para O.[1], villa que durante muitos annos foi séde da comarca a que pertenciam os concelhos de Aveiro, Anadia, Estarreja, *Vouga* e outros muitos.

V. *Esgueira*.

PARTE 2.ª

A villa e o concelho de Vouga

E' innegavel que esta povoação de *Vouga* foi villa e séde de concelho desde tempos muito remotos até 1853.

D. Manoel lhe deu foral em Lisboa a 18 de março de 1514.

---

[1] A ponte de *Albia* muito provavelmente era a ponte da *Murcella*, sobre o rio Alva, na estrada da Beira, de Coimbra a Celorico pela m. e. do Mondego.

V. *Alva* e *Murcella*.

[2] O sr. Marques Gomes na sua descripção do *Districto de Aveiro*, pag. 48, menciona o mesmo legado, mas assigna-lhe a data de 1292, o que foi lapso, pois o bispo D. Sancho falleceu no anno de 1300 e fez o seu testamento no dia 7 de janeiro do mesmo anno.

Tambem o sr. Marques Gomes *loc. cit.* confunde a ponte do *Vouga* com a do *Marnel*, sendo vizinho d'ambas e devendo conhecel-as muito melhor do que eu.

[1] Não se estranhe isto, pois com a invasão dos barbaros no sec. V, com a dos mouros no sec. VIII e com as guerras posteriores rarearam muito em Portugal e na peninsula as egrejas parochiaes. Assim tambem consta que a capella de Nossa Senhora do *Sabroso*, junto da villa de Barcos, concelho de Taboaço, a egreja de *Carquere*, em Rezende, e a de *Anciães* em Traz os Montes, etc., foram matrizes dos povos circumvisinhos até *muitas legoas de distancia*.

V. *Villa Real de* Traz-os-Montes, tomo 11.º pag. 963 col. 2.ª

Tambem nos artigos proprios já dissemos que no sec. VI, os bispados de *Braga, Porto, Lamego, Viseu, Guarda* e *Coimbra*, então todos pertencentes á provincia da Galliza, estavam reduzidos a um limitado numero de parochias, como se vê das actas do concilio de Lugo, celebrado no anno de 569.

Livro de Foraes da Estremadura, fl. 84, v. col. 1.ª

V. o processo para este foral na *Gav.* 20, *maço* 12, n.º 47.

Estranhamos que não tivesse *foral antigo*. Pelo menos Franklin não o menciona nem o encontramos no *Portugaliae Monumenta*; mas é innegavel que este concelho de *Vouga* já era muito importante e se regia por *foros seus proprios* no anno de 1117, como se vê da *carta do couto* que a rainha D. Thereza deu *in illo tempore* á villa de *Ossella*, hoje simples parochia do concelho de Oliveira d'Azemeis.

V. *Ossella*, tomo 6.º pag. 299, col. 1.ª — e aquelle interessante documento no fim d'este topico.

—

O concelho de *Vouga* era muito extenso nos principios da nossa monarchia,—segundo se lê na memoria sobre o *Districto de Aveiro* pelo sr. Marques Gomes, e assim se conservou até o reinado de D. Fernando I, data em que foi muito cerceado e reduzido a um pequeno numero de parochias.

Pelo decreto de 28 de junho de 1833 compunha-se das freguezias de Macinhata do Vouga, Vallongo e Valle Maior. Posteriormente foram-lhe annexadas as de Agadão, Castanheira do Vouga, Macieira d'Alcoba, Prestimo, Agadães e Trofa. Por decreto de 28 janeiro de 1835 foi-lhe tirada a freguezia de Valle Maior e annexada ao concelho d'Albergaria Velha;—finalmente por decreto de 31 de dezembro de 1853 foi extincto o concelho de Vouga—e as freguezias de que se compunha ficaram pertencendo ao concelho d'Agueda.

—

Assim desappareceu o antigo concelho de *Vouga*, que chegou a ter bastante importancia,[1] mas a villa desde que ha memoria d'ella foi sempre insignificante! Em 1708, por exemplo, contava apenas 15 fogos — e hoje poucos mais conta, nem ostenta ruinas ou vestigios de maior população e de edificações notaveis.

O concelho na data supra tinha 2 juizes ordinarios, dos orphãos e das sisas, 2 vereadores, 1 procurador, 1 escrivão da camara, 4 escrivães do publico, 2 almotacés, 1 alcaide e 3 capitães d'ordenanças, alem de 1 carcereiro e outros empregados menores. Do exposto se vê que os taes 15 fogos da villa, ou todos os seus habitantes, eram os funccionarios publicos?!... E muito provavelmente alguns d'elles viviam fóra da villa. Tambem esta, como já dissemos, nunca foi parochia, mas uma simples aldeia da parochia de *Santa Maria*, hoje Nossa Senhora da Assumpção, de *Lamas* ou *Marnel*, onde estava a matriz, que foi transferida com a imagem da padroeira para a povoação de *Lamas*, como já dissemos.

O pelourinho, a casa da camara e a cadeia estavam na villa e desappareceram ha pouco tempo.

—

Si licet magna componere parvis, dava-se n'este concelho o mesmo que se dava no de Viseu até 1836,[1] pois dentro da sua circumscripção este de Vouga tinha como o de Viseu encravados outros concelhos autonomos com justiças proprias, taes eram os seguintes:

1.º *Aguieira*, villa extincta, hoje simples aldeia da freguezia de Vallongo, n'este concelho d'Agueda.

V. *Aguieira*, tomo 1.º pag. 40, col. 2.ª

2.º *Brunhido*, tambem villa extincta, hoje simples aldeia da mesma parochia de Vallongo.

V. *Brunhido* no mesmo tomo, pag. 499, col. 1.ª

Note-se que na aldeia da *Arrancada*, per-

[1] Os seus habitantes gosavam os foros, privilegios e regalias de *cavalleiros villões*, como diz Alexandre Herculano, *Hist. de Port.* tomo 3.º pag. 324 e 330.

[1] V. *Viseu*, tomo XI, pag. 1744, col. 1.ª— e 1746, col. 2.ª

tencente á dicta parochia de Vallongo, se faziam em 1708 *por costume antigo* as arrematações que a lei mandava fazer no pelourinho da villa e concelho de *Vouga*. Faziam-se ali as arrematações, por ser a dita povoação muito mais populosa e muito mais importante do que a villa de Vouga, pois contando esta em 1708 apenas 15 fogos, a povoação de *Arrancada* tinha 209 fogos, 11 sacerdotes e 2 capellas publicas: — uma de *Nossa Senhora da Conceição*, com irmandade propria importante, outra de *Santo Antonio*—e no meio da povoação um cruzeiro coberto d'abobada em um largo, onde se faziam as taes arrematações.

V. *Vallongo do Vouga*, tomo 10.º pag. 182 col. 2.ª—e a *Chor. Port.* tomo 2.º pag. 161, 1.ª edição.

A villa da *Aguieira* n'aquella data contava 50 fogos — e a de *Brunhido* 70. Da 2.ª diz Carvalho:

«Este povo d'esta villa, e seu termo está mettido *dentro do concelho do Vouga*, e tem juiz ordinario, e dos orphãos, vereador almotacel e procurador, todos por eleição de pelouro, e confirmados pelo ouvidor de Monte Mór...»—Da villa de *Aguieira* diz entre outras coisas o seguinte: — «Tem juiz ordinario e dos orphãos, vereador, almotarel e procurador confirmados pelo corregedor da comarca de Esgueira, que he o de Coimbra. D. Manoel de Azevedo e Ataide he senhor dos foros, e raçoens da dita villa, e seu termo, que he ametade do logar da Mourisca para o nascente da dita villa, e para o poente he da villa da Trofa. Está a dita villa de *Aguieyra* metida entre o dito concelho do *Vouga* do norte, e sul, e do nascente passa hum ribeyro pelo meyo, que faz a dita divisão, o qual se mete no rio Marnel, ficando a villa da Aguieyra para o poente, e o lugar da Aguieyra, que he do termo da villa de *Vouga*, para o nascente...[1] Tem mais a villa de Vouga o lugar da *Dos Ferreiros*,[1] que he da freguezia de Santiago do Prestimo, annexa á de S. Pedro de Vallongo, junto ao rio Alfusqueiro, no qual está huma *grandiosa ponte* de hum só olhal, muito alta, de pedra de cantaria, que do rio mal se chega com huma pedra acima, assentada em lagedo muito firme, e larga.»

V. *Alfusqueiro* n'este diccionario — e a *Chor. Port.* cujo auctor parece que visitou detidamente o extincto concelho do Vouga, pois falla d'elle com gronde minuciosidade.

E' muito interessante tudo o que diz das freguezias de *Vallongo* e de *Macinhata do Vouga*, freguezias já então muito populosas. Pelo ultimo recenceamento (1878) a 1.ª contava 587 fogos e 2:069 habitantes; a 2.ª 430 fogos e 1687 habitantes, mas deve ser hoje muito maior a sua população.

N'aquella data a freguezia de Vallongo pertencia a 3 concelhos—*Brunhido*, *Aguieira* e *Vouga*, comprehendendo o do Vouga a maior parte. A de Macinhata era tambem do concelho do Vouga *in illo tempore*, exceptuando as aldeias de Monquim, Chãs, Carvoeiro. Povoa das Furadas, que pertenciam ao concelho de Recardães e eram meieiras com a freguezia de *Val Maior*.

V. *Recardães*, tomo 8.º pag. 71, col. 1.ª— artigo muito interessante e que honra o meu benemerito antecessor.

Note-se tambem que até 1834 a povoação de *Lamas* e as visinhanças do *Marnel*, onde estavam as ruinas do convento e da egreja de *Santa Maria de Lamas*, não eram do termo de Vouga, posto que eram da mesma freguezia. *Pertenciam ao concelho d'Aveiro*, como diz o sr. dr. José Correia de Miranda, de Alquerubim, homem muito illustrado e muito conhecedor da localidade.

—

Vamos transcrever a *carta do couto*, que

[1] Ainda em 1836 e nos annos seguintes os actos camararios e judiciaes do concelho do Vouga se faziam na povoação de *Arrancada* e tambem algum tempo se fizeram na povoação de *Aguieira*, na parte que era do *termo de Vouga*.

[1] Atravessámos esta povoação muitas vezes durante a nossa formatura (1851-1856) porque tocava n'ella a antiga estrada de Coimbra a Lamego; e em 1854 ali passámos *a galope bravio!*...

V. *Villa Maior*, tomo 11.º pag. 775.

a rainha D. Thereza deu em 1117 á *villa de Ossella*,—documento interessantissimo para a dicta parochia e para a de Romariz, bem como para o extincto concelho de *Vouga* e para os de Oliveira d'Azemeis, Albergaria Velha e Villa da Feira.

O citado documento encontra-se na sua integra em latim nas *Dissertações Chronologicas*, tomo 1.º pag. 243, sob o n.º 36, mas, para não fatigarmos os leitores, vamos dal-o em portuguez e por extracto:

«*Noverint universi, ad quos preens scriptura pervenerit*....—Em vulgar:

«Saibam todos os que virem esta escriptura, que, tentando nós *D. Egas*, bispo de Coimbra *reformar a velha Albergaria de Mesãofrio*,[1] D. Mourão da villa de Vouga (de *burgo de Vouga*) nos mostrou certa carta sem rasuras nem defeito algum, e não cancellada nem abolida,... cujo theor é o seguinte:

«*In nomine Sancte, et Individue Trinitatis*...—Em nome da Santissima Trindade. Padre, Filho e Espirito Santo, amen. Esta é a *carta de couto* que eu a infanta D. Thereza, rainha de Portugal, mandei dar a ti *Gonçalo Eiriz* para a tua *villa de Ossella*:

«Primeiramente dou á mencionada villa os termos seguintes: partirá com as terras de *Santa Maria* (Villa da Feira) por um lado, s. pela estrada que vem de *Portugal* (Porto) direita á *Pedra d'Aguia* e d'ahi pelo meio de *Mata talada*; depois vae á *Mata da Ussa*, que antigamente se denominou *Mata da Brava*; d'ali á *Mamoa negra*, que tambem já se denominou *Mamoa arida*;[1] d'ali a *Romariz*,[2] depois vae pelas outras partes, ao termo de *Vouga*; passa o rio de Ossella; vae á *Jarneca*; depois dá volta pelos valles de Ossella e vae direito á *Fonte Fria*, outr'ora denominada *Fontainha de Mesãofrio* (*Foctanini de Meigonfrio*); depois segue pela estrada até á *Pedra d'Aguia*, onde principiou a demarcação.

—

«E vos faço este couto na villa de Ossella (*Osselola*) pelas divisões supra, s.—da mesma villa até o marco do couto, que mandei por ao norte, junto da estrada do Porto, e *outro tanto para o poente e sul* na direcção dos valles de Ossella, para alem do rio d'este nome, dando volta até á *Fonte Fria* e ao *sobreiro marcado*[3] (*Suverario asignato*); depois atravessa a estrada publica para o nascente e vae direito pelo termo de *Val Maior* ao *Val pequeno*, onde *costumam roubar e matar os viandantes*; e d'ali, da primeira fonte que está a jusante da estrada publica, vae direito ao norte até á séde do couto.

«E assim vós e os vossos descendentes que herdarem a villa de Ossella possuireis todo este couto pelo *açor* que desteis a D. Mendo Bofino, pelo cavallo que desteis ao meu escudeiro Artaldo, pelo *gavião* que des-

---

[1] *Albergarie veteris de Meigonfrio.*

Assim se denominava então a velha albergaria, nucleo d'*Albergaria Velha*, hoje villa e séde de concelho.

Não se confunda com a outra albergaria e *behetria* que houve tambem *in illo tempore* na villa e concelho pe *Mesãofrio*, hoje comarca da Regoa.

V. *Mesãofrio*, tomo 5.º pag. 196, col. 2.ª e *Villa Jusã*, tomo 11.º pag. 766, col. 2.ª tambem.

V. Tambem *Marnel* no tomo 5.º pag. 88, col. 2.ª *in fine*, e *Mesãofrio*, pag. 198.

[1] Parece que no dicto local existiu algum *dolmen*.

[2] V. *Romariz*, parochia do concelho da Feira, tomo 8.º pag. 242, col. 2.ª

A *carta de couto* diz textualmente:

«...*deinda ad Romariz, et deinde de alis partibus ad terminum de Vaga*...»

Era muito grande o tal couto, porque Romariz dista da Villa da Feira 11 kilometros para N. E.—e cerca de 20 kilometros da freguezia de *Ossella* para N. N. O.—Comprehendia pois grande parte dos actuaes concelhos da *Feira, Oliveira d'Azemeis* e *Albergaria Velha*?!...

[3] Parece que havia ali um sobreiro que ficou servindo de *marco*,—e talvez que tomasse d'elle o nome a aldeia actual do *Sobreiro*, pertencente á freguezia d'Albergaria Velha e distante da villa cerca de 3 kilometros para O.

teis a Godinho Viegas[1] e pela *albergaria* que nós os dois combinámos fundar no dicto couto sobre a estrada publica; pelas nossas almas e dos nossos maiores.

O 1.º albergueiro será *Gonçalo de Christo* e por morte d'elle vós nomeareis outros e lhes dareis para seu sustento e da albergaria *uma parte da mesma herdade*, s.—desde a primeira lagôa dos *Sovereiros* pela estrada que vae para Ossella em direcção ao rio d'este nome até o mesmo rio; d'ali pela lagôa ate á primeira *Mamoa*,[2] que está junto da estrada, até á *Fonte Fria*; depois pela outra parte do termo de *Val Maior* eu e tu e nossos successores lhes damos o terreno comprehendido na linha que vae para o nascente por cima da *Petra Cava* em direcção á primeira fonte a jusante da estrada e d'ali á *Fonte Fria*, mencionada supra.

—

«Além d'isto concedo ao albergueiro os privilegios seguintes: Se alguem o ferir, pagar-lhe-ha 500 soldos; e elle não pagará contribuição alguma em todo o meu reino a mim nem a concelho algum.

E a tua villa de Ossella será *honra*...—e aquelle que n'ella commetter algum delicto será obrigado a pagar-te as sommas correspondentes *per forum Vaugam* (segundo o foral ou *foros*, usos e costumes de *Vouga*.[3]

....

«*Et omnes homines Vavguenses* (todos os *homens* ou auctoridades do concelho de *Vouga*) *qui cautum istum honoraverint*—que honrarem este couto, i. é.—que protegerem e beneficiarem a mencionada albergaria, terão jus a todos os beneficios d'ella.

D. Hugo, bispo do Porto, confirma.

Foi feita esta *carta de couto* na terra (villa) de *Santa Maria*, denominada *Feira*, no mez de novembro, era MCLV (anno 1117). Eu a infanta D. Thereza, Rainha de Portugal.................... ....

Regina Dona Tarasia Regina.[1]

---

[1] Na freguezia de Val Maior ha uma aldeia com o nome de *Açores* e outra com o de *Gavião*. Talvez que estes nomes provenham do *açor* e do *gavião* mencionados pela rainha D. Thereza, mesmo porque a freguezia de *Vál Máior*, já existia *in illo tempore*, pois na dita *carta de couto* se toma como balisa, em quanto que a de *Albergaria Velha*, hoje villa, séde de concelho e de julgado municipal, é muito mais nova; provem da *albergaria* fundada em 1117—e foi erecta no termo da freguezia de *Val Maior*, cujo parocho ainda em 1834 era o de *Albergaria Velha*, onde apresentava um cura ou parocho amovivel.

[2] Outro *dolmen*!...

[3] Do exposto se infere que já *in illo tempore* (1117) Vouga era um concelho notavel e *antigo*, porque os *fóros* (usos e costumes) para terem força de lei demandavam diuturnidade de tempo, taes eram os fóros de Beja, Guarda, Gravão, Torres Novas, Castello Bom, Castello Rodrigo, Castello Melhor, Alfaiates, Santarem, S. Martinho de Mouros, etc.

Effectivamente o concelho do Vouga já existia no reinado de D. Affonso VI de Leão, pae da Rainha D. Thereza (1:072—1:109) pois Alexandre Herculano dá noticia de uma demanda *in illo tempore* entre Lorvão e Vaccariça, dizendo:

«Entre os inquiridores que o conde (de Coimbra) Fernando mandou examinar e resolver o negocio foram *Atan* (Haitham) *juiz do Vouga*, e o *arcediago* Zoleima.»

Hist. de Port. tomo 3.º pag. 428, *in fine*.

Do exposto se vê que tambem já pelos annos de 1072 a villa de Vouga era *arcediagado* da Sé de Coimbra, dignidade que ainda hoje (1888) lá se conserva,—embora nominal, em quanto que outr'ora o dicto arcediago era o parocho proprio da egreja de *Santa Maria de Lamas do Vouga* ou do *Marnel*, onde tinha residencia e passaes; e recebia dizimos e pensões não só d'aquella freguezia, mas d'outras circumvisinhas, até á extincção dos dizimos em 1834.

Hoje—1888—tem o titulo de *arcediago do Vouga* o rev. Antonio José da Silva, actual vice-reitor do seminario episcopal de Coimbra.

[1] Do exposto se vê que já em 1117 a capital das *Terras de Santa Maria* se denominava *Feira*, hoje *Villa da Feira*.

V. *Feira*, tomo 3.º pag. 153, col. 2.ª

Tambem do mesmo documento se vê que ainda não existiam os concelhos d'Ovar, nem de Albergaria Velha, nem de Oliveira

—

«E para que isto com o tempo não offereça duvidas e para que a dicta carta se não perca em detrimento da mencionada albergaria, nós a fizemos publicar perante homens de toda a consideração e, depois de timbrada com o sello das nossas armas, a mandámos guardar no thesouro d'esta cathedral de Coimbra,

«E eu Gonçalo Mendes, tabellião publico da curia episcopal de Coimbra, assisti á publicação da dicta carta, examinei-a, copiei-a fielmente e, depois de a reduzir a publica fôrma, a assignei e firmei com o meu signal publico. Egreja de *Santa Maria de Lamas*, *XIII kal. Maii*, Era de 1296 (18 d'Abril de 1258). *Lugar do signal publico.* Lugar do sello pendente.»

Cart. do Mosteiro de S. Bento da Ave Maria do Porto, Pergaminho n.º 167.

Este mesmo documento se acha em *Carta Regia* de confirmação com data de abril da era 1212 (anno de 1174) a Mendo Fernandes, neto de Gonçalo Eriz, no *Cartorio da Fazenda* da Universidade.

—

Do exposto [se] vê que já em 1258 esta freguezia se denominava:—*Santa Maria de Lamas* (hoje Nossa Senhora da Assumpção). Parece pois que já então tinha a sua séde no povo de *Lamas*. Isto leva a duvidar de que anteriormente esteve no sitio do *Marnel*, como diz a tradição e affirmam ainda hoje os homens mais illustrados da localidade; note-se porem que *Lamas* e *Marnel* são synonimos.

—

Eis ahi na sua integra a *carta de couto* dada pela rainha D. Thereza á villa de *Ossella*,—documento interessante e auctorisado por João Pedro Ribeiro.

Alguem pretende que a dicta carta se refere — não á freguezia de *Ossella*, mas unicamente á velha albergaria, nucleo de *Albergaria Velha*,—e que a séde do couto era a villa (*casa de campo*) hoje denominada *Assilhó* e antigamente *Osselôa*, pertencente á freguezia de Albergaria Velha e distante da villa actual apenas 1 kilometro para S. Corroboram isto com a denominação de *paço*, que ainda hoje tem uma casa obscura da dicta aldeia, suppondo que ali morou Gonçalo Eriz e talvez tambem algum tempo a rainha D. Thereza.

Tambem dizem que o mencionado couto se restringia a uma quinta, que foi patrimonio da velha Albergaria.

A isto se reduz a opinião de um illustrado filho da localidade e muito conhecedor d'ella; mas nós estamos convencido de que a séde do couto foi a parochia de *Ossella*, na margem esquerda do Caima, distante de Oliveira d'Azemeis cerca de 8 kilometros para E. S. E., fundados nas rasões seguintes:

1.ª—Porque nas demarcações do couto menciona-se claramente do lado norte *Romariz*, que julgamos ser a freguezia actual d'este nome, distante da Villa da Feira, a cujo concelho pertence, 8 kilometros para E. N. E.—e cerca de 20 de *Ossella*, para N.

2.ª—Porque a dicta carta de couto, depois de indicar a freguezia de *Romariz* como termo do couto, diz que elle tinha *outro tanto* para o sul e poente, — *alind tantum ad Affricam et occidentem.* Ora, estando como está *Romariz* cerca de 35 kilometros a N. de Albergaria Velha ou de *Assilhó*, se fosse esta aldeia a séde do couto, elle passaria o Vouga e se estenderia para o sul, aproximadamente até *Oliveira do Bairro*?!...

Tudo porém se harmonisa, logo que tomemos como séde do couto a freguezia de *Ossella*, porque demora aproximadamente a meia distancia entre *Romariz* e Albergaria Velha na linha norte-sul.

—

3.ª—Porque na dicta *carta do couto* se mencionam claramente *Romariz* e *Ossella*,

---

d'Azemeis. Todo o territorio desde a margem esquerda do Douro até muito além da margem esquerda do Vouga pertencia aos concelhos da Feira e do Vouga *in illo tempore.*

—e no concelho d'Albergaria Velha não ha nem consta que houvesse jamais povoação alguma denominada *Romariz*.

Ao sul do Douro apenas temos aquella *Romariz*—e *Romariz d'Alem* e *Romariz d'Aquem*, povoações da freguezia do Burgo, no concelho d'Arouca, junto da villa d'este nome, distantes de Ossella mais de 20 kilometros para N. E. mettendo-se de permeio muitas serras, montes e rios que o foral (*carta de couto*) não menciona.

Não menciona mesmo terras algumas ao nascente da villa de *Ossella*, mas só a N., S. e O.,—o que nos leva a crer que a *villa de Ossella*, freguezia antiquissima (outr'ora *cidade* com *presidio romano?*) então residencia de Gonçalo Eriz, já era bem conhecida e talvez *honrada* e *coutada*, — e que a rainha D. Thereza apenas a ampliou, addiccionando-lhe o grande couto para N. S. e O.

V. *Ossella* n'este diccionario e no supplemento—e a 3.ª parte d'este artigo *Vouga, in fine*.

4.ª—Porque não deve aterrar-nos a grandeza do dicto couto, attendendo ao estado lastimoso em que ao tempo deviam acharse as terras que comprehendia. Talvez contasse 35 kilometros de norte a sul e 20 de nascente a poente; mas foi ainda maior o condado (ouvidoria) da Feira — e com as aturadas luctas entre os mouros e christãos, depois das luctas dos romanos com os suevos e godos e d'estes uns contra os outros, as terras entre o Douro e o Mondego soffreram muito e em 1117 deviam estar ainda em grande parte *incultas e despovoadas!*...

—

5.ª—Porque na dita carta se mencionam distinctamente os termos do *grande couto*—e depois os da *quinta, patrimonio da Albergária*.

A mencionada quinta foi bem conhecida até 1834. Tinha de diametro cerca de 3 kilometros e em toda a circumferencia marcos de granito. Foi dividida em muitas glebas, as quaes todas pagavam *oitávos* para sustento da albergaria, que esteve aberta e teve administração propria até 1834; fechou-se porém n'esta data, porque a pretexto de se haverem extinguido os *oitávos* com a extincção dos dizimos, os que possuiam as terras obrigadas aos *oitávos*, não mais os pagaram,—fizeram desapparecer os tombos e documentos—e foram arrancando os marcos da quinta para maior *limpeza e tranquillidade* das suas consciencias?!...

O mesmo succedeu a outras albergarias, nomeadamente á do *Molledo*, na freguezia de Penajoia.

V. *Molledo*, tomo V, pag. 373,—e *Penajoia* n'este diccionario e no supplemento.

Desculpem-nos a digressão.

—

Parece que a villa de Vouga teve armas proprias, mas o sr. Vilhena Barbosa não as menciona—e o codice n.º 273 da *Bibliotheca publica do Porto*, dando aliás muitos brazões de villas nossas alem dos que o sr. V. Barbosa menciona, com relação á villa de Vouga apenas dá o contorno do brasão e o texto seguinte:—«D. Manoel deu foral a esta villa. Tem no termo os lugares de *Arrancada* e *Macinhata* que são mayores que a villa que tomou o nome do rio Vouga.»

O auctor do dicto codice é anonymo e deixou-o incompleto e sem data, mas a lettra é do sec. XVII.

V. o catalogo dos manuscriptos da Bibl. do Porto, relativo a este anno de 1888.

PARTE 3.ª

A cidade romana

VACCA

Na opinião de varios auctores, a villa de Vouga foi a antiga cidade romana *Vacca*; outros a situam em *Viseu*; outros perto de

Miranda do Douro,—e outros junto dos Pireneus?!...[1]

E' pois muito nebuloso este topico e não sabemos quando se fará luz que dissipe completamente as trevas em que jaz.

O dr. Manoel Botelho Ribeiro Pereira, notavel escriptor e antiquario visiense,[2] pugnando *pro domo sua*, tractou a questão como ninguem até hoje, sustentando que Viseu é a legitima representante da cidade romana *Vacca*. Não transcrevemos aquelle topico dos seus *Dialogos*, porque é muito extenso e só elle daria talvez 2 fasciculos! Ardendo em zelo pelas glorias da sua terra natal, insurge-se contra os que sustentam opinião opposta, nomeadamente contra o distinctissimo geographo Gaspar Barreiros, tambem filho de Viseu e seu parente,[3] por dizer que a séde de *Vacca* foi a villa de Vouga; mas o sabio conego Berardo, tambem visiense,[4] despresa a opinião dos que situam *Vacca* tanto em *Viseu*, como na villa de *Vouga* e mostra-se disposto a crer que ella esteve *junto dos Pireneus*.[5]

—

D. Jeronymo Contador d'Argote falla muito dos povos *vacceos*, como povos muito importantes, repetidas vezes mencionados por Strabão, Ptolomeu e Plinio, sendo todos concordes em dizer que elles demoravam junto das nascentes do Douro, aproximadamente desde Zamora até Freixo de Espada á Cinta.

Argote diz que os *vacceos* confinavam com os *astures*, tendo por linha divisoria o rio *Esla*.

Strabão no livro 3.º pag. 152 e 162 diz o mesmo e são d'elle estas palavras: «... *inde vetones et vaccei, per quos Durius labitur, ad Contiam urbem vacceorum transitum faciens.*

Em vulgar: «ali começa a região do *vetones* e *vacceos*, por entre os quaes segue o Douro até *Concia*, (Miranda do Douro) cidade dos *vacceos*.»

Tambem eram cidades d'elles as seguintes:

—*Intercacia*, distante 15 legoas d'Astorga, no caminho de Valhadolid, perto de *Cauca* e de *Palença*;[1]

—*Sentica*, hoje talvez *Zamora*;

—*Sarabris*, hoje talvez *Toro;*

—*Pincia*, hoje Valhadolid;

—*Rauda*, hoje talvez *Aranda*, no caminho de Astorga para Saragoça, por Cantabria.

Elles confinavam com os *arevacos* e *astures*, ou asturianos.

Demoravam pois nas margens e nascentes do *Douro*, não do *Vouga*.

V. *Memorias d'Argote*, tomo 1.º pag. 150, 160, 198, 442, 443, 444, 446, 447, 451 e 452.

E' isto o que diz e prova *muito bem* o sabio academico Argote; mas é tambem de grande peso a opinião de Gaspar Barreiros: —*que a cidade Vacca esteve junto da ponte do Vouga*,—opinião que seguiu e sustentou com muita erudição em um dos seus artigos *Oppida restituta* o sr. Antonio Cardoso Borges de Figueiredo, no *Boletim* da Sociedade de Geographia de Lisboa (5.ª serie, n.º 6—1885) da qual é bibliothecario.

Aquelle interessante artigo veiu dar uma nova face á questão e é textualmente o seguinte:

VACUA

(*Cabeço de Vouga*)

I

«Informa o fidedigno Gaspar Barreiros que n'um codice da *Historia Natural* de Plinio se encontra menção d'um oppidum

---

[1] V. *Viseu*, tomo 11.º pag. 1690 (tit. *Cava de Viriato*) col. 2.ª e segg.—nomeadamente pag. 1693 (nota) 1695, 1714 e 1715.

[2] V. *Viseu*, tomo 11.º pag. 1805, col. 1.ª

[3] V. *Viseu*. tomo 11.º pag. 1803, col. 3.ª

[4] V. *Viseu*, tomo 11.º pag. 1815. col. 2.ª e segg.

[5] V. *Viseu*, tomo 11.º pag. 1715, col. 1.ª

[1] *Pallencia*, hoje *Palença*, foi tambem cidade dos *vacceos* no tempo de Plinio, mas no tempo da Hespanha primitiva pertencia aos *arevacos*.
Memorias d'Argote, tomo 1.º pag. 76 e 443.

lusitano denominado *Vacca*. Exprime-se do modo seguinte o notavel archeologo:

«em hum archetypo Toletano sta scripto da maneira que dixe. s *flumen Vacca, oppidum Vacca, oppidum Talabrica*, etc. A qual liçam Fernando Pintiano cõmendador de Salamanca cita nas suas castigações Plinianas.»[1]

Parece ser aquelle o unico codice da obra de Plinio em que se encontra noticia do *oppidum Vacca*, pois não vi ainda nas variantes de edição alguma, por mais completa, apontada esta particularidade; e isto póde levar a concluir o serem aquellas palavras uma intercalação de copista. Despresar, porem, sem exame aquella versão do alludido codice, simplesmente por ser *unica*, é grave erro de quem olha as coisas superficialmente e não tem aptidão para os estudos archeologicos. Demais, outros escriptores antigos mencionaram a povoação de que se trata, como se verá, e a sua posição é facil de determinar.

Antes de proseguir, direi que a verdadeira fórma do nome é *Vacua* e não *Vacca* nem *Vagia*, como se encontra em exemplares de Plinio e nos restantes auctores latinos. Aquella verdadeira fórma, designando o rio *Ovaxova*[2] (em grego), é comprovada pela que apparece nos documentos medievos, do IX ou XII seculo, *Vauga* e *Vouga*,[3] d'onde a forma moderna *Vouga*. O termo parece de origem celta, como nota o meu amigo Adolpho Coelho,[4] devendo com elle comparar-se nomes analogos, que se têem lido em inscripções e que se encontram na obra de Cesar.

Posto isto, e advertindo que apenas nas transcripções empregaria fórma incorrecta, vou apontar quaes as noticias que nos restam assim ácerca da povoação como do rio seu homonymo.

---

[1] G. Barreiros, *Chorog.* p. 51.
[2] Strab, III, 3; 4.
[3] *Port. Mon. Hist., Dipl. et Chart.*, doc. XII de 897.
[4] Ad. Coelho, *Sur la forme de quelques noms geographiques de la peninsule Iberique*, Melanges Gaux, 1882.

II

«N'um pequeno tratado cosmographico, que não tem merecido grandes attenções, e que por muito tempo foi attribuido a Aethico, vem mencionado um oppidum *Vacca*.

Lê-se na apontada obra: «*occeanus occidentalis habet famosa oppida: Bracura, Lasura, Augusta, Vacca, Celtiberia, Caesarea Augusta, Tarracona...*[1]» E' evidente quanta corrupção ha n'este texto. Entendo todavia que não offerece difficuldades a sua reconstituição.

Parece á primeira vista que o auctor attribue ao occeano occidental as sete cidades que ficam transcriptas; mas não é, não póde de modo algum ser essa a intelligencia verdadeira d'aquella passagem. Creio que a interpretação racional d'ella é do seguinte modo:—«*occeanus* occidentalis habet famosa oppida: Bracara, Lucus Augusti, Vacca; Celtiberia (habet famosa oppida:) Caesarea Augusta, Tarracona...» Isto não só porque de maneira nenhuma caberia referir ao occeano occidental as duas ultimas povoações que pertenciam á Celtiberia, e por conseguinte ao mar interior, senão tambem porque a palavra Celtiberia não tem caracter de nome de povoação, sabendo-se muito pelo contrario que ella designava uma região do oriente da peninsula.

A duvida que resta é sobre o terceiro oppidum do occeano occidental.

Era a mesma cidade mencionada no codice pliniano de Toledo, ou era uma povoação dos *Vacceus?*

Não me parece que se possa defender a segunda hypothese, porque, comquanto n'esse caso o oppidum estivesse na bacia do um rio tributario do occeano Atlantico, ficaria muito no interior para dever contar-se entre as cidades occidentaes como Bracara e Lucus Augusti. Não caberia tambem mencional-a a ella só, como cidade dos *Vac-*

---

[1] *Cosmographia olim Aetici dicta*, col. Riese Heibronnae, 1878, p. 80

ceus, quando se não fallava de Palancia, a principal das povoações d'aquelle povo.[1] Alem d'isso a homonymia chama para a margem do rio *Vacua* a povoação, e não ha a mais leve duvida de que este rio é o que hoje se chama Vouga.

—

«A falta d'ordem geographica na menção das tres cidades occidentaes não deve tambem servir de argumento em contrario; por que o auctor seguiria quanto a ellas a ordem da importancia das terras, e sabe-se effectivamente que *Bracara* era mais importante que *Lucus Augusti*, cabendo só depois d'esta o fallar de *Vacua*. E' pois de rasão o considerar identicos o oppidum de Plinio e o da cosmographia anonyma.

Um escriptor hespanhol do seculo v, Paulo Orosio, traz o nome de *Baccia* attribuido a uma cidade da Lusitania, ao fallar das luctas dos corajosos habitantes d'esta região com os romanos.

Diz o escriptor christão: «*Igitur Fabius consul contra Lusitanos & Viriatum dimicans Bacciam oppidum, quod Viriatus obsidebat*...[2]» Esta povoação é sem duvida a mesma de que tenho fallado. Em primeiro logar, o nome *Baccia* approxima-se muito e naturalmente da forma *Vagia* que vimos achar-se em Plinio, sendo desnecessario apontar as rasões que determinam esta identificação. Em segundo logar os successos de que Orosio se occupa n'aquelle ponto da sua historia tiveram por theatro o occidente da peninsula.

....

III

«A situação de *Vacua*, segundo Gaspar Barreiros, é a «*Ponte de Vouga*. s. *Põte de Vacca*, nam por causa do rio se nam por causa do nome do logar, como dizemos *Põte do Arcebispo* ou *Ponte d'Alcantara*.»

Conforme diz Carvalho da Costa «He tradição, que no cabeço de Vouga esteve antigamente huma Cidade chamada *Vacca*, & ainda hoje se acham tijolos, & pedras lavradas, & outros vestigios de edificios. N'elle está agora huma Ermida do Espirito Santo.»[1]

Não se póde em verdade afastar o antigo oppidum da actual villa de Vouga, considerando ter existido no monte da ermida do Espirito Santo, ou *Cabeço do Vouga*, a cavalleiro d'esta terra. Restos da antiga povoação por um lado, por outra o proprio nome, confirmam a identificação: *Vouga Vauga*, metathese da *Vagua* (Vacua); com que se deve comparar a fórma popular *auga* por *agua; anauga* por *anagua*, *èuga* por *égua*, *léuga* por *legua*, *réuga* em vez de *régua*, etc.[2]

Se Vouga durante algum tempo mereceu o cognome de *famosa* ou ao menos o de *notavel*, cedo perdeu o esplendor. Foi porventura estação do itinerario entre *Eminio* e *Lancobriga*; mas em breve foi supplantada e substituida pela sua visinha *Talabriga*, que se engrandeceu facilmente, e com rasão pela sua mais vantajosa posição á beira-mar, o que lhe proporcionava o desenvolvimento da industria e do commercio; a industria da pesca e do sal; o commercio d'estes dois productos e de outros que recebia e armazenava.»

—

Respeitamos muito a opinião do sr. Borges de Figueiredo e não queremos impugnal-a; suppomos porem que não disse a ultima palavra sobre o assumpto;

1.º—Porque o mesmo sr. Figueiredo mostrou repugnancia em acceitar a lição de um codice de Plinio differente da lição de *todos os outros codices do mencionado geographo;*

---

[1] Appiano, VI, 74.
[2] Orosio, *His.*, V. 2.

[1] *Chorog: port.* II, p. 161.
[2] Ad. Coelho, *op; cit.*

2.º—Porque o mesmo sr. Figueiredo diz que *não tem merecido grandes attenções* o pequeno tractado cosmographico anonymo, attribuido a Aetico;

3.º—Porque temos difficuldade em crer que a *Baugia* de Paulo Orosio fosse o pretendido oppidum *Vacca* da villa de Vouga.

4.º—Porque até hoje (que nós saibamos) ninguem ali encontrou cippos ou lapides com inscripções, muralhas, torres, estatuas, ou quaesquer outros vestigios da *famosa cidade romana*. Apenas o padre Carvalho (?) indica umas bagatellas.

5.º—Porque a posição geographica e estrategica da villa e monte do Vouga é relativa á estrada que atravessa ali a ponte, mas essa estrada, como geralmente se diz, *foi feita pelos mouros* em substituição da velha estrada romana *que seguia pelo littoral*, muito mais ao poente. Logo a dicta cidade no tempo dos romanos era uma cidade sertaneja: não podia ser *estação* ou *castro* do roteiro de Antonino — nem n'elle se encontra como tal nas rectificações de Parthy e Pinder.

6.º — Porque os *vacceos*, como dizem o dr. Manoel Botelho Ribeiro e outros, tomaram o nome da *famosa* cidade romana *Vacca*,—e elles demoravam *muito longe do Vouga*, como já dissemos supra e diz tambem o sabio Fr. Felippe de la Gandra nas *Armas y Triumphos de Gallicia*:

»Os *vaceos*, hoje *campesinos*, tinham por capital *Pallencia* e soffreram tambem cruel assedio durante a guerra de Numancia.

Palencia era já então cidade importante e tanto que, apesar do cerco, os romanos commandados por Luculo tiveram de retirar, sendo perseguidos pelos palentinos até ás margens do Douro.

Passados 2 annos foi Palencia outra vez sitiada por Marco Emilio Lepido consul, e outra vez os romanos tiveram de levantar o cerco.»

Op. cit. supra, pag. 19 e 20.

—

O sr. Borges de Figueiredo podia tambem citar em favor da sua opinião o *Mappa* de Abrahão Ortelio que s. ex.ª na *Memoria* sobre *Eminium* citára *com muito louvor* pouco antes,[1] pois no dicto *Mappa* se encontra o pretendido oppidum, junto da villa de Vouga; mas teria tambem pouca força tal argumento, porque, segundo diz Argote, fallando do *Juliobriga*, cidade romana congenere, *Ortelio... não tem auctoridade em materia tão antiga*.[2]

E que vemos nós no dicto *Mappa*?

Sitúa bem *Conimbrica*, hoje Condeixa Velha,—e *Eminium*, a Coimbra actual, mas foi muito infeliz em outros pontos. Sitúa, por exemplo, *Bracara Augusta* em Barcellos, na margem direita do Cavado; o Lima no seu local proprio, entre o Minho e o Cavado,— e o *Forum Limicorum*, (Ponte de Lima) aproximadamente em Santa Martha de Penaguião, no districto de Villa Real de Traz os Montes; *Lameca* (Lamego) na margem *direita* do Douro, ao *poente* de Baião e não longe da foz do Tamega; dá o rio Vouga como affluente do Agueda e põe a famosa *Vacca* a *jusante* da confluencia dos dois rios, na margem *direita* do Vouga, etc. etc.

—

Tambem o sr. B. de Figueiredo podia citar o *Mappa Breve da Lusitania Antiga* do Padre Francisco do Nascimento Silveira, auctor do *Côro das Musas*, etc. pois no § XLII da *Taboa* III, pag. 239, diz textualmente:

«*Vacea*. Foi cidade antiga da Lusitania, e existio em hum sitio alto, e forte por natureza, entre as pontes do *Vouga* e *Marnel*; porque ali se vem *vestigios de muros antigos, e signaes de huma magestosa grandeza*...—Julga-se, que destruida *Vacca*, se deo ás suas ruinas o nome de *Marnel*, que conserva até o presente...»

---

[1] V. *Oppida restituta* no Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa, 7.ª serie, n.º 2—1884.

[2] *Mem. de Braga*, tomo 1.º, pag. 392, n.º 643,—e pag. 394, n.º 645.

Apoia se em Fr. Bernardo de Brito, que na *Monarchia Lusit.* Parte II, l. V, cap. 1.º fl. 2, v. diz effectivamente quasi o mesmo e dá uma inscripção *encontrada por elle* (?!...) no valle de Ossella em o muro de um campo, a qual, se não é fantasia do auctor, parece resolver o problema!...

A dicta inscripção, n.º 278, do *Portugaliae inscriptiones*, é a seguinte:

IMP. CAES. D. AVG. INTER
DIV. REL. COHOR. PRAESID.
VACE. OCCEL. LANCO. CALEN
AEM. LEG. X. FRETENS
EIUS. NVM. SPECTACVLA
ET LVD. GLADIAT. E. V.
VRBES LVSIT. L. A.
EXP. ET. HECATOMB. D. D.[1]

Em vulgar: «As capitanias da legião decima, chamada *Freteuse,* que estavam de presidio em Vouga (*Vacca*) em Ossella, na Feira, no Porto, e em Agueda,[2] por voto particular celebrarão spectaculos, e jogos de gladiadores á divindade do imperador Cesar Augusto, contado já no numero dos Deoses› e as cidades da Lusitania acima nomeadas fizerão os gastos d'estas festas, e celebrarão Hecatombas com grande liberalidade.»

Em seguida faz muito judiciosas considerações sobre a dicta lapide e aponta outra que achou entre Albergaria Velha e o Pinheiro (da Bemposta?) no monte denominado *Castello de S. Gião,* onde viu restos de muros e fortificações e uma pedra, na qual apenas (diz elle) pôde ler o seguinte:

: : : : COS. VI. : : : :
: : : : P. IX. P. F. : : : :
: : : : VAC. XII. P. M.

Suppõe ser fragmento de um marco milliar, onde esteve o nome de um imperador que foi *consul seis vezes e que teve o poder tribunicio nove vezes.* Tambem lhe davam os titulos de *piedoso* e *afortunado,* accrescentando que *d'ali á cidade de Vacca* (presidio romano, como diz a outra inscripção) *havia a distancia de doze mil passos,* «os quaes se achão ao justo nas 3 legoas que ha de hua parte á outra»—diz o mesmo Fr. Bernardo de Brito, continuando a fazer muito sensatas considerações sobre as duas lapides, até o fim do mencionado capitulo.

Lamentamos profundamente o desprestigio de tão illustrado auctor. Se tivesse a auctoridade de Herculano ou de João Pedro Ribeiro, *estava morta a questão,* mas infelizmente demanda *grande desconto* o que diz Fr. Bernardo de Brito!...[1]

—

O assumpto é nebuloso e vasto e não podemos dar-lhe mais desenvolvimento em um simples topico. Terminaremos dizendo que, assim como houve na peninsula differentes cidades romanas com o mesmo nome, talvez houvesse tambem com o mesmo nome de *Vacca* differentes cidades em pontos distantes.

---

[1] Esta mesma inscripção, *forjada ou descoberta por Fr. Bernardo de Brito,* foi aproveitada pelo seu contemporaneo e *correligionario* Manoel de Faria e Sousa na *Europa Portugueza,* tomo 1.º pag. 250. sem dizer como houve *tal preciosidade,* pois adoptou o systema de não se incommodar com citações, caminhando avante estribado na *auctoridade propria.*

Fr. Bernardo de Brito era mais modesto, porque ordinariamente se apegava ao bordão do *seu Laimundo.*

A' mesma inscripção se referiu tambem posteriormente Jeronymo Soares Barbosa no *Epitome da Hist. da Lusit.* cap. 6.º

[2] Fr. Bernardo de Brito traduzia *Eminium* por Agueda, mas está hoje demonstrado que *Eminium* é a Coimbra actual, em virtude de uma inscripção encontrada em Coimbra recentemente, a qual se refere a *Eminium* como situada ali.

V. *Coimbra* n'este diccion. e no supplemento.

[1] V. *Viseu,* tomo 11.º pag. 1570, col. 1.ª— e 1682, col. 1.ª tambem.

—

Aos ex.[mos] srs. drs. José Joaquim da Silva Pinho, de Jafafe, e José Correia de Miranda, d'Alquerubim, agradeço os apontamentos que se dignaram enviar-me.

VOUZELLA — quinta da freguezia de S. Miguel da villa e concelho de Penella, districto de Coimbra.

Vê-se de Penella;—dista cerca de 5 kilometros da villa para S. E.—e foi propriedade e residencia de Bartholomeu d'Almeida Mexia, um dos homens da *governança*, vereador mais velho da villa de Penella, servindo de juiz de fóra, no anno de 1717 e, sendo capitão de ordenanças, morreu na dita quinta em 1737.[1]

Em 1828 pertencia ao desembargador José Maria Mendonça d'Almeida Barbarino,[2] que teve a satisfação de ver tres dos seus filhos formados em direito e despachados juizes de fóra.

Um outro seu filho — Antonio Maria de Mendonça e Sousa d'Almeida Barbarino, sendo alferes de infanteria n.º 11, casou no Rio de Janeiro com D. Maria Peregrina de

[1] V. *Noticias de Penella*, pag. 66 e 118.

Este formoso e curioso livro foi publicado em 1884 pelo commendador Delfim José d'Oliveira, tenente coronel reformado, socio da *Real Associação dos architectos civis e archeologos portuguezes*, cavalheiro bastante illustrado e um dos filhos mais benemeritos da villa de Penella na actualidade.

O mesmo sr. publicou em 1886 um *Additamento* ás suas *Noticias de Penella*—e tem no prélo *Novo Additamento*.

Tambem s. ex.ª escreveu e se dignou offerecer-nos um interessante folio:—*Diario da Viagem de Lisboa a Tete* (*1859-1860*) *de Delfim José d'Oliveira*, — Diario que conservamos *ms.* e muito presamos, pois n'elle se encontram muito curiosas e conscienciosas noticias das nossas possessões africanas, onde militou, nomeadamente do districto de *Tete*, onde foi governador.

V. *Penella* n'este diccionario e no supplemento.

[2] *Noticias de Penella*, pag. 154.

Figueiredo, natural de Lisboa, em 25 d'agosto de 1818.[1]

A 11 de fevereiro de 1831 seguiu viagem para Cacheu na charrua *Orestes*, para cumprir a pena de seis annos de degredo, em que fôra condemnado *por ser achado escondido no convento de Jesus e ter roubado um coto de cera.*[2]

—

Seus paes, o referido desembargador e mulher—D. Marianna Emilia Ludovina Leal de Seixas Cardoso — o desherdaram e desnaturalisaram da familia e á toda a sua descendencia, em escriptura feita no anno de 1827, confirmada por outra em 1841,—*por se ter casado na tenra idade de dezesete annos sem licença nem consentimento de seus paes.*[3]

Francisco de Mendonça Mexia d'Almeida Barbarino e D. Maria Augusta de Mendonça Barbarino, filhos do desembargador, venderam a quinta de *Vouzella*, aproximadamente em 1860, a Antonio Lopes da Costa Braz, da freguezia do Avellar, concelho de Figueiró dos Vinhos. Actualmente pertence aos filhos e netos do mesmo Braz de Figueiró, represeutados por Francisco Simões, viuvo.

A mencionada quinta de *Vouzella* foi uma propriedade esplendida! Tinha boa casa de habitação, construida no actual seculo, boa mobilia, jardim, lagos, pomares, campos, vinhas, olivaes, etc. Hoje está em decadencia, mas ainda assim vale 4 a 5 contos de réis.

Vouzella é o nome vulgar e official d'esta quinta, mas o povo tambem a denomina *Bouzella* pela propensão que tem para trocar o *v* por *b*, como na provincia do Minho.

—

A cinco kilometros d'esta quinta de *Vouzella* para o sul, na pendente occidental da

[1] *Inventario da quinta de Vouzella*, 1845, existente no cartorio do escrivão Arnaut, em Penella.

[2] *Ibidem*.

[3] *Ibidem*.

cordilheira de S. João d'Alconchel, a montante da povoação das *Grosinas* e junto da ribeira d'este nome, se encontra a aldeia denominada *Bouçã*, pertencente á freguezia da Cumieira, concelho de Penella tambem. Mette-se de permeio entre a quinta de *Vouzella* e o povo de Bouçã a cordilheira d'Alconchel, que se prolonga de norte a sul e — *coincidencia notavel*—tambem se prolonga de norte a sul um monte que divide a ribeira de *Bouçã* da ribeira outr'ora denominada *Vouzella* ou *Bouzella* (hoje *Noudel* ou *Nodel*) as quaes desaguam na margem direita do Zezere, cerca de 15 kilometros a S. E. da *Bouçã* da Cumieira e 18 a 20 da quinta de *Vouzella* supra.

Logo fallaremos d'aquellas duas ribeiras.

—

Na dicta aldeia da *Bouçã* houve uma quinta do mesmo nome, pertencente a Manoel José Ferreira Tuna e hoje a diversas pessoas.

O *Tuna*, alto, corpulento e carpinteiro muito habil, foi o director da celebre *musica de Penella*, que se tornou notavel em 1828. Ainda hoje ali se falla na *musica do Tuna*.

O carpinteiro tocava um grande clarinete feito por elle proprio; José Dueça tocava fagote—e Manoel Joaquim, pintor (de Penella) tocava um enorme *zabumba*.

Por occasião das festas que na villa de Penella se fizeram em honra do sr. D. Miguel no dicto anno de 1828, a *musica do Tuna*, composta d'aquelles 3 *bravos miguelistas* somente, deu brado e attrahiu grande numero de pessoas do concelho de Penella e dos concelhos visinhos; mas ao passo que exultavam os miguelistas, choravam os liberaes de Penella, pois foram cruelmente perseguidos, sendo muitos presos e mettidos nas cadeias do Porto, Lamego, Almeida e S. Julião da Barra,—outros degredados — e a todos sequestrados os bens?!...

V. *Noticias de Penella*, titt. *Devassa* e *Pronuncia*, pag. 151 a 164.

Ao sr. Delfim José d'Oliveira agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

VOUZELLA—rio ou ribeiro confluente do Vouga e uma das suas nascentes.

Prova-se isto com o foral que D. Affonso III deu á villa e ao concelho d'Aguiar da Beira *no anno* de 1258, pois indicando o termo (demarcações) do dicto concelho diz:

«*Primo sicut incipit in Capita de Mouzaes: et inde*»..»

Em vulgar: [1] — «Principia no cabeço de *Mouzaes*; vae d'ali á portella do *Viso*, aguas vertentes para o rio de *Arados*,[2] limite de Caria e Sernancelhe; d'ali vae á fonte de *Paus*; depois segue pela ribeira dos *Açores* até o rio Tavora; depois segue pelo Tavora acima até o ribeiro que limita o concelho de Trancoso; segue depois até á Lagea de Garcia *pivida*, aguas vertentes para o termo de Carapito; d'ali vae ao Olho da Mó (*ad oculum de mola*); d'ali ao *Ninho do Corvo;* d'ali ao ribeiro de *Aon* (?) limite de Pena Verde; depois vae pela ribeira de *Aon* até o *Porto d'Aguiar*; d'ali até o cabeço do *Tojal*,[3] vae depois ao *Braceiro* (*Baraceyrum*); d'ali á *Pedra Furada*, limite de *Gulfar*;[4] d'ali ao ribeiro *dos Asnos* (*ad aquam de portu de azinis*); vae depois pela dicta ribeira até á

---

[1] Desculpem as heresias, já porque não é facil a traducção do latim barbaro d'aquelle tempo, já porque os nomes proprios das terras, montes e rios que o foral menciona devem ser hoje muito differentes — e nós não conhecemos a localidade.

[2] Banha os campos que ainda hoje se denominam *Lameira de Arados* e demoram a 4 kilometros da villa d'Aguiar da Beira, indo para Sernancelhe.

[3] Suppomos que o dicto cabeço demora junto da aldeia do *Tojal*, parochia de *Villa da Egreja*, concelho de Sattam, onde houve um convento de freiras, com a invocação de *Nossa Senhora da Oliva*, extincto.

V. *Tojal*, vol. 9.º pag. 587, col. 1.ª—e *Villa da Egreja*, tomo 11.º pag. 717, col, 2.ª

[4] A *Pedra Furada*, vulgo *Pedra do Nicho*, demora entre o concelho d'Aguiar da Beira e o de *Sattam*, que hoje comprehende os de *Gulfar* e *Ferreira d'Aves*, extinctos.

V. *Gulfar*, tomo 3.º pag. 270, col. 2.ª—e *Villa da Egreja*, tomo 11.º pag. 717, col. 2.ª tambem.

de *Vouzella,* na qual morre (*deinde quomodv intrat ipsa aqua in Vouzela*); depois vae pelo alto da portella que está sobre a aldeia do *Pinheiro,* aguas vertentes para o rio *Vouga;* d'ali á *Pedra Frieira,* limite de Ferreira d'Aves;[1]—d'ali vae até o Vouga; depois segue rio acima até á fonte, onde nasce o rio Vouga,[2] na extrema do concelho de Caria; segue depois finalmente até o cabeço de *Mouzaes,* onde principiou a demarcação.»

V. *Portug. Monumenta, l. Foralia,* pag. 687, onde se encontra na sua integra o foral em questão.

—

Do exposto se vê que o concelho de *Aguiar da Beira* ainda hoje tem a mesma circumscripção que tinha em 1258. Nada recebeu nem perdeu, porque os concelhos então limitrophes: — *Gulfar* e *Ferreira d'Aves*—foram unidos ao de *Sattam,* — e o de *Caria* ao de *Sernancelhe.*

A ribeira que o foral denomina *Vouzela* (sic) denomina-se hoje *Brazella.* Nasce junto de *Vallagão* e da *Pedra Frieira;*—banha a parochia de Santo Antonio do Pinheiro—e desagua no Vouga, junto do convento de *Ferreira d'Aves.*

Ao reverendissimo sr. João Antonio Nunes, parocho da villa de Aguiar da Beira, agradeço as informações que se dignou enviar-me.

VOUZELLA ou **BOUCELLA**—ribeira confluente do Zezere no concelho de Figueiró dos Vinhos, segundo se lê no foral que D. Pedro Affonso, irmão de D. Sancho I e filho de D. Affonso Henriques, deu á mencionada villa de Figueiró no *anno* de 1204.

Demarcando o dicto concelho, diz elle:

«*In primo per foz de mazanas, et inde aas cabezas de ferro acuto....*»

Em vulgar:

«Principia na foz da ribeira de *Maçãs*; d'ali vae aos cabeços de *Ferro Agudo* (*de ferro acuto*) hoje serra e freguezia de *Aguda;* d'ali á cumieira dos montes de *nadavis* talvez *Nabaes,* hoje *Singraes;* depois segue a dicta cumiada por entre os ribeiros de *Bouçã e Boucella* ou *Vouzella,* até o Zezere; d'ali pelo Zezere até á ribeira d'Alge (*algia*) como vem da foz da de Maçãs, onde principiou a demarcação.»

Expliquemos isto d'alguma fórma, consoante a inspecção dos mappas, a leitura d'este foral e a dos foraes que o mesmo D. Pedro Affonso *in illo tempore* deu ás villas e concelhos limitrophes—*Arega* e *Pedrogam,* que eram tambem d'elle.

A ribeira d'Alje, de que já se fallou,[1] nasce na serra da Louzã, cerca de 5 kil. ao sul da villa; corre a S. S. O.; banha nas abas da serra a freguezia de Campello, no extremo N. do concelho de Figueiró dos Vinhos; cerca de 15 kil. a jusante passa 3 kil. a E. da freguezia de Avellar; volta depois para S.; passa 1 kil. a E. da freguezia de *Agúda,* nas abas da serra d'este nome,—e 4 kil. ao poente de Figueiró dos Vinhos; depois 2 kil. a E. de Maçãs de D. Maria; 2 kil. a jusante passa na foz da ribeira de *Maçãs;* descreve ali uma grande curva para E.; retoma a linha N. S.; passa 2 kil. a E. da villa de Arega e 5 kil. a jusante morre na m. d.

---

[1] A *Pedra Frieira,* ainda hoje assim denominada, demora effectivamente junto da povoação do *Pinheiro,* séde da parochia de Santo Antonio do Pinheiro, concelho de Aguiar da Beira, e distante d'esta villa 3 kilom.

V. *Pinheiro* (art. interessante) vol. 7.° pag. 49, col. 2.ª

[2] E' a *fonte* do sanctuario de Nossa Senhora da Lapa, que demora na freguezia de Quintella, outr'ora concelho de Caria e hoje de Sernancelhe.

V. *Lapa,* tomo 4.° pag. 49, col. 2.ª — *Quintella da Lapa;* tomo 8.° pag. 35, — e *Vouga* rio, supra.

---

[1] V. *Alje,* tomo 1.° pag. 126, col. 2.ª, e como rectificação note-se:

1.°—A dicta ribeira não pertence á Beira Alta, mas á Estremadura, porque está quasi toda no districto de Leiria.

2.°—Nasce muito longe da villa de Agúda.

do Zezere no sitio da *Foz d'Alje,* tendo de curso total cerca de 40 kilometros.

—

A ribeira de *Maçãs,* que alguem confunde com a d'Alje, atravessa as freguezias de *Maçãs de D. Maria,* á esquerda, e *Maçãs do Caminho,* á direita, as quaes tomaram o nome da dicta ribeira de *Maçãs,*[1] corre de poente a nascente (direcção geral) — e desagua na ribeira d'Alge (m. d.) no sitio que o foral denomina *Foz de Maçãs,* tendo de curso total cerca de 10 kilometros.

—

O termo da villa e concelho de Figueiró principiava pois na ribeira d'Alje,—no sitio da foz da ribeira de Maçãs; d'ali avançava pela dita ribeira de Maçãs alguns kil. para O. ou S. O.[2], depois seguia para N. até os taes cabeços de *Ferro Agudo,* hoje *serra de Aguda,* abundante jasigo de *ferro,* já explorado em parte, como logo provaremos; depois caminhava para E. pelos taes montes de *nadavis,* hoje *Singraes,* que limitam a N. e N. E. o concelho e Figueiró com o chão da freguezia de *Campello,* na qual se encontram as aldeias de *Singral Simeiro* e Singral Fundeiró nas abas do monte Singral, e as aldeias *d'Alje* e *Ponte Fundeira* nas margens da ribeira d'Alje, que ali tem ou teve pelo menos *duas pontes,* como revela a onomostica.

Depois caminhava para S. pelo alto do monte que corre por entre as ribeiras de *Bouçã,* a O.—e *Boucella* ou *Vouzella,* a E., —até entrar no Zezere.

O dicto monte limitava pois o concelho de Figueiró dos Vinhos a E.

Não sabemos como hoje se denomina a tal ribeira de *bauceela, Boucella* ou *Vouzella.*[1] A de *Bouçã* ainda tem o mesmo nome e na sua foz ha no Zezere a barca de *Bouçã.*

Fallemos agora dos jazigos de ferro da *Serra Aguda*:

—

Na freguezia de Aréga, no sitio e aldeia da Foz d'Alje, houve uma fabrica d'artilheria, como já disse o meu antecessor no artigo Aréga. Tambem Carvalho a mencionou como existente em 1708, e conservou-se até os fins do ultimo seculo, segundo se lê na

---

[1] Tambem *Maçãs de Caminho* tomou o seu cognome da antiga estrada de Santarem a Miranda do Corvo por Thomar, estrada que atravessa a dicta freguezia e serve de termo a O. no foral velho de Arega de 1201,—e a N. no foral velho de Pedrogam de 1206.

[2] É isto o que se deprehende do foral que o mesmo D. Pedro Affonso em 1201 deu á villa e concelho de Arega, — concelho que partia com o de Figueiró a *nascente* pela ribeira d'Alge—e a *norte* pela de Maçãs.

O termo do concelho d'Arega era o seguinte: «Primeiramente o cabeço de *Beras* (*beras*); depois seguia pela estrada publica (a tal de Santarem a Miranda do Corvo) até o cabeço de *are*. .. (o nome está incompleto); depois pela dicta estrada *até á ribeira de Maçãs*; depois pela ribeira de Maças até á ribeira d'*Alje* e por esta até o Zezere e Porto de Paio Perro (*ad portum pelagii perro*); d'ali até o *esmoludorio de madeira*(?) e d'ali pela mencionada via publica até o cabeço de *Beras,* onde principiou a demarcação.»

V. *Portug. Monum. l. Foralia,* pag. 517.

[1] Á ultima hora consta-me se chama *Nodel?!*...

Ha tambem junto da dicta ribeira uma povoação denominada *Nodeirinhos,* diminutivo de *Nodel,* pertencente á freguezia da Graça, concelho de Pedrogam. Temos tambem na freguezia de Bemfica, junto de Lisboa, a povoação de *Nodar* ou *Noudar,* — e assim se denominou tambem uma freguezia e villa do Alemtejo, hoje simples e pequena aldeia da freguezia e concelho de Barrancos.

V. *Nodar,* tomo 5.º pag. 102, col. 2.ª

Como ali se diz, *Nodar* vem do arabe *Nuadar,* bem como *Nuadel* ou *Nodel.* Suppomos, pois, que a dicta ribeira já era assim denominada pelos mouros e que prevaleceu o antigo nome ao de *Boucella* ou *Vouzella,* que se encontra no foral de 1204.

Tambem suppomos que tem a mesma etymologia a povoação de *Noêda,* pertencente á freguezia de Campanhan, junto do Porto.

Topographia Medica do sr. dr. A. A. da Costa Simões.[1]

«Da fabrica da Foz d'Alje (diz elle) chamada *Engenho de Machuca*, falla Carvalho; e consta por tradição que em 1760, por ordem do M. de Pombal, em uma noite, a um signal dado por foguetes, foram presos e mandados para o Ultramar 7 mestres fabricantes, escapando José Lavaxe por ser estrangeiro. Dizem que o fim era ensinarem a fabricação de ferro no Ultramar. As familias receberam uma pensão de 300 réis diarios até o fallecimento dos mesmos, excepto de um que fugiu do degredo: quanto a este o governo suspendeu a pensão á familia, mas não procedeu contra elle, signal de que não tinha commettido crime.

«José Lavaxe estabeleceu-se em Vendas de Maria, na estrada de Cabaços, freguezia de D. Maria.

«A fabrica ainda se conservou montada com todas as machinas e apparelhos por mais de 30 annos, como ainda a viram Julião Simões e Manoel Simões, octogenarios, do logar de *Moninhos Fundeiros*, com quem fallei em 1848.

»Hoje (1860) apenas restam paredes arruinadas, signaes de fornos, e a valla do escoamento das aguas.

«Ainda havia outra fabrica menor que produzia artigos de ferro fundido e forjado. Esta foi fechada em 1834.

»A mina de ferro para esta fabrica era a das *Barrancas*, proxima da povoação d'este nome e do *Alqueidão de Maçans*, que ficam na freguezia de Maçans de D. Maria.»

---

[1] *Topographia medica das cinco villas e Arega ou dos concelhos de Chão de Couce e Maçãs de D. Maria em 1848—com o respectivo mappa topographico e carta geologica, por A. A. da Costa Simões,— Coimbra, Imprensa da Universidade, 1860.*

É um livro muito curioso, muito interessante e muito digno de consultar-se com relação ao concelho de *Figueiró dos Vinhos* e d'elle faremos longo extracto no supplemento a este diccionario.

—

A *fabrica pequena* supra, onde se faziam pregos e outras peças para a artilheria e armadas reaes, etc., estava no termo da freguezia d'*Avellar*, nas abas da serra de *Aguda*.

Tambem a onomastica prova que na dita zona teve grande importancia a industria da exploração e fabrico de ferro, pois no termo da freguezia de Figueiró dos Vinhos se encontram os casaes denominados *Ferreiros da Ribeira*, *Ferreiros de Baixo*, *Ferreiros de Santarem*, *Ferreiros da Bairrada* e a quinta da *Fabrica da Foz d'Alje*;—e na parochia de *Maçãs de D. Maria* os casaes *dos Serralheiros e das Ferrarias*.

Tambem na freguezia da *Cumieira*, concelho de Penella, mas visinha de Avellar e da *Serra Aguda*, ha um povo denominado *Ferraria de S. João*.

Nós não conhecemos a localidade e tivemos um trabalho insano para escrever estas linhas, mas do exposto se vê que a *Serra Aguda* e suas dependencias são um vasto jazigo de ferro.

—

O concelho de Figueiró dos Vinhos tem por limitrophe ao nascente o de Pedrogam Grande. Vamos pois indicar o termo antigo d'este para melhor firmarmos o d'aquelle.

No foral que o mesmo D. Pedro Affonso em 1206 deu a Pedrogam (*Petrogonium*) diz:

«Os seus termos são os seguintes:

A oriente a foz de Unhaes; d'ali vae rio acima até á sua nascente (*usque dum nascitur*);[1] a O. os taes cabeços *de nadavis*, hoje *Singraes*, e d'ali vae direito ao alto do monte de *Bouçã*... ; — ao norte a estrada de Santarem (*per viam que ducitur ad sancta-*

---

[1] Não era qualquer coisa, porque o rio de *Unhaes* tem mais de 40 kilometros de curso!...

V. *Unhaes*, tomo 10.° pag. 11, col. 1.ª

ren);—ao sul o rio Zezere (*in africo per ozezar*) »

Desculpem nos a digressão, *que bastante trabalho nos deu*,—e desculpem-nos tambem os lapsos, porque, repetimos, não conhecemos a localidade.

VOUZELLA,—villa e freguezia, séde de concelho e de comarca, no districto e bispado de Viseu, provincia da Beira Alta.

Vigairaria.

Orago—*Santa Maria*, ou *Nossa Senhora da Assumpção*.

Rodrigo M. da Silva em 1675 deu-lhe 200 fogos; o padre Carvalho em 1708 deu-lhe 140; D. Luiz C. de Lima em 1736 deu-lhe 141: o *Port. S. e Prof.* em 1768 deu-lhe 142; o Flaviense em 1852 deu-lhe 182; o censo de 1864 deu-lhe 186 fogos e 724 habitantes; o de 1878 deu-lhe 230 fogos e 967 habitantes—e hoje (1889) conta approximadamente 240 fogos e 1:000 habitantes.

Demora na estrada real a macadam n.° 41 d'Aveiro a S. Pedro do Sul e Viseu, a qual atravessa a villa, formando uma estrada—rua. É tambem atravessada na sua extremidade O. pelo rio Zella, confluente do Vouga, distando d'este ultimo rio (m. e.) 1:500 metros para S.; 3 kilometros das Caldas e 8 da villa de S. Pedro do Sul para S. O.; 18 de Viseu para N. O. pela estrada directa, districtal n.° 36, em construcção,—e 29 por S. Pedro do Sul; 60 da estação de Estarreja (a mais proxima) na linha ferrea do Norte; 109 do Porto pela dicta estação — e 348 de Lisboa.

—

A freguezia de Vouzella comprehende além da villa as aldeias de Valgode, Igreja e Caritel; os casaes de Linhares, Cabrella, Ribeirinha, Candieira, Pombal, S. Paio, Foz, Crujo, Ermida, Ermidinha, Cavada, Pinheiro, Mattas e Costeira,—e as quintas de Sarnada, Continha, Lamas, Costeira, Mattas, Regadas, Caritel, Poldras, Portello, Porto-Salto, Cavallaria, Valgode, Avellar e Linhares.

A villa

Nunca foi murada nem acastellada, mas tinha a pequena distancia differentes castellos e outras obras de defesa, de que logo fallaremos.

Tem bons edificios e varias ruas, avultando entre ellas a *rua Direita*, que foi, como todas as *ruas Direitas*, bastante torta e ainda hoje o seu alinhamento está muito longe da recta, mas foi alargada e muito melhorada para passagem da estrada a macadam e em seguida se construiram n'ella alguns predios novos e se reconstruiram e alinharam outros, com o que muito lucraram a dicta rua e a villa.

É tambem digna de menção a rua da *Ponte*, porque, embora velha, torta, estreita e ingreme, tem nada menos de 5 edificios particulares brasonados! Foi outr'ora a rua da nobresa, como a rua *Chã* no Porto, a dos *Cavalleiros* em Trancoso, e a dos *Fidalgos* em Villa Viçosa.

Tem duas praças com os nomes de *Praça de Cima* ou *Praça Velha* e *Praça de Baixo* ou *Praça Nova*, hoje *Largo de Moraes Carvalho*,—e entre a villa e a egreja matriz o *Largo da Corredoura*, bastante espaçoso e com algumas arvores, mas pouco alindado e muito irregular. Ali se fazem as feiras da villa, para o que tem alguns alpendres e bancos.

Feira

Data de tempos muito remotos a feira d'esta villa. D. Manoel, estando aqui e assistindo a uma das dictas feiras em 1 de março de 1514, lhe concedeu grandes privilegios, mas a dicta feira já datava dos principios do sec XIV.

Foi concedida a feira mensal de Vouzella por mercê d'el-rei D. Diniz, com data do *anno* 1307,—*era* de 1345.

Dissert. Chronol. de João Pedro Ribeiro, tomo V, pag. 385.

Commercio e industria

Na villa ha bons estabelecimentos commerciaes de toda a ordem, duas pharmacias e differentes officinas de ferreiros, serralheiros, sapateiros e alfaiates,—e grande numero de mulheres se emprega na tecelagem de panno de linho, estopa e burel para consu-

mo proprio e venda nas feiras e mercados.

Tambem ha na villa 4 fornos de *pôia*, onde se cose pão de toda a qualidade a 40 réis por alqueire.[1]

Ha tambem muitos moinhos e pisões no rio *Zella*, e muitos moinhos no Vouga. Estes ultimos trabalham todo o anno;—os do rio Zella suspendem a laboração na estiagem.

Mencionaremos tambem a industria agricola, a mais importante d'esta freguezia e d'este concelho,—é a da creação de gado bovino, optimo para trabalho e precioso para alimento.

V. *Lafões*, tomo 4.° pag. 11, col. 1.ª,—e *Viseu*, tomo 11.° pag. 1761, col. 2.ª

Templos

1.°—*Igreja matriz*.

Demora em sitio isolado, mettendo-se de permeio entre ella e a villa o cemiterio e o campo da feira ou da Corredoura, mas é um templo venerando pela sua antiguidade e architectura.

Não se sabe quando nem por quem foi feita, mas data dos principios da nossa monarchia.—Attribue-se aos templarios—e nós inclinamo-nos a esta opinião, porque esta igreja foi commenda da ordem de Christo e todos sabem que esta ordem foi creada por D. Diniz em substituição da dos templarios e dotada com os bens d'elles.

Outr'ora foi collegiada e talvez que na sua origem fosse *convento dos templarios*, como parece indicar o seu isolamento da villa.

Tem uma só nave; um bello portico de estylo ogival; uma porta lateral no mesmo estylo do lado do evangelho; muitas figuras exquisitas de caras humanas e cabeças de irracionaes ao longo da cornija; um oculo tambem na parede do lado do evangelho, tudo de solido granito—e em frente da porta principal, a pequena distancia d'ella e como que servindo de ante-paro ou guarda-vento, um grande campanario com dois sinos,—campanario (não torre) de cantaria de granito, muito velho e muito solido, posto que baloiça quando dobram os sinos. Tem 9 metros de largura, 18 d'altura, 1 $1/2$ d'espessura e no patamar um gradeamento de ferro.

No sino maior se lê: *Jesus Maria José,—Santus Deus, Santos Fortes, Santos I Mortaes* (sic) *Santa Barbara Miserere nobis*, 1722.

A egreja interiormente tem altar-mor e differentes altares lateraes com boas decorações de talha dourada antiga.

Entrando pela porta principal, encontra-se á direita, ou do lado da epistola, a pia do baptismo, em quanto que nas nossas egrejas parochiaes costuma occupar o lado opposto.

Em seguida á pia baptismal vê-se uma capella muito antiga que foi dos *Almeidas*, senhores da nobre casa e quinta da *Cavallaria*, da qual fallaremos adiante.

A dicta capella tem um portico ogival como os da egreja; prolonga-se para fóra do templo com a mesma architectura d'elle ou ornamentada no mesmo estylo; interiormente tem um altar com a imagem do Crucificado no centro e aos lados outras imagens. N'esta capella se guarda o Santissimo—e na parede lateral, do lado do evangelho, se vê uma inscripção gothica, na qual se diz que Fernão Lopes d'Almeida, senhor da casa da Cavallaria, fallecido em 23 de dezembro de 1512, deixou certos foros á dicta capella.

—

Proseguindo com a descripção da matriz,—segue-se á dicta capella do Santissimo o altar de *Nossa Senhora do Rosario*, com uma linda imagem da Virgem;—depois o arco cruzeiro;—a porta que dá para a sacristia—e por ultimo a capella-mór com um bom retabulo encimado pela imagem da pa-

[1] *Poia* ou *Poya*, do arabe *poia*, significa o pão que paga quem cose o seu em forno alheio.

Foram triviaes no nosso paiz os fornos de *poia* e ainda se usam n'esta villa e em outras povoações, mas em algumas, em vez do pão, denominado *poia*, dão o equivalente em dinheiro, como succede aqui.

droeira, tendo aos lados as imagens de S. Joaquim e Sant'Anna.

Entrando pela porta principal, encontra-se á esquerda, ou do lado do evangelho—o pulpito, a porta travessa, o altar da Senhora do Carmo e o grande oculo que dá luz ao templo,—oculo que nos outros templos costuma estar na fronteria.

O pavimento ainda conserva as antigas sepulturas e nas tampas d'algumas d'ellas se vêem inscripções já gastas e emblemas de cavalleiros com brasões.

O adro é irregular e n'elle, do lado norte da egreja, se vê um grande cedro que tem cerca de 40 metros d'altura e consta que foi plantado em 1795.

A egreja foi sagrada não sabemos quando, mas ainda conserva nas paredes, tanto do lado interior como exterior, as cruzes da sagração.

Indiquemos agora os outros templos:

—

2.° — *Egreja da Misericordia* na *Praça de Cima.*

É um templo espaçoso, muito limpo e muito lindo. Tem 4 altares com bellas imagens. São os seguintes: — *Senhor dos Passos, Senhora da Soledade, Senhor da Canna Verde* e *Senhora das Dores.*

Aqui se fazem com grande pompa as festas da *Semana Santa* e da *Rainha Santa Isabel.*

A Misericordia tem numerosa irmandade e um bom hospital novo, principiado em 1846 e inaugurado em 29 de junho de 1848 com 3 enfermarias:— uma para os irmãos,—outra para homens—e outra para mulheres.

Demora este hospital em sitio lindissimo, alto, arejado e com amplas vistas, dominando um horisonte de mais de 30 kilometros de raio para N., O. e S. O.

Esta santa instituição tracta muitos doentes no seu hospital, e fornece a muitos pobres remedios e subsidios pecuniarios.

3.°—*Capella de S. Fr. Gil.*

É um bom templo em fórma de egreja com torre e sinos. Demora na *Praça Nova* ou *Praça de Baixo,* em frente do tribunal e da cadeia, e foi construida pelos parentes de S. Fr. Gil, muito dignamente representados ainda hoje pelos nobres marquezes de Penalva, residente em Lisboa, mas é administrada pela junta de parochia de Vouzella.

Tem missa todos os domingos e dias santos e 3 altares com boas decorações de talha antiga dourada, estando no altar-mor a imagem de S. Fr. Gil; nos lateraes as de S. Lourenço e S. João Nepomoceno.

O padroeiro é festejado annualmente com grande pompa no dia 14 de maio, ou no domingo seguinte, precedendo as respectivas novenas.

Na dicta capella se vê e guarda ainda hoje com toda a veneração a pia baptismal em que foi baptisado S. Fr. Gil, como logo diremos, quando fallarmos dos *vouzellenses illustres.*

4.°—*Capella de S. Sebastião.*

Está junto do hospital; é muito antiga; pertence á junta de parochia e foi reconstruida por ella em 1887.

5.°—*Capella de S. João.*

Está defronte da Misericordia; — é particular e muito antiga—e pertence á *casa das ameias.*

São estes os templos da villa, mas fóra d'ella ha no seu termo os seguintes:

6.°—*Capella de Nossa Senhora da Esperança,* ou do *Castello,* vulgarmente assim denominada, porque se ergue no alto do monte *Lafão,* onde outr'ora existiu um castello arabe, ou talvez anterior á occupação arabe, cuja pedra se empregou na construcção do templo, conservando-se apenas alguns restos da antiga fortificação.

Demora a 1 kilometro da villa em sitio alto, pittoresco, alegre e muito vistoso, e foi feita pelos habitantes de Vouzella. Tem 3 altares. No mór está a bella imagem da padroeira, entre as de Santa Rita e San-

ta Luzia;—nos 2 lateraes a do Senhor da Agonia e a de Santa Catharina.

É muito numerosa a irmandade da *Senhora do Castello.* Comprehende hoje 260 irmãos, representados por um juiz, 1 secretario, 1 thesoureiro e 4 mordomos de eleição annual. Festejam pomposamente a sua padroeira no dia 5 d'agosto, ou no domingo seguinte, havendo por essa occasião grande romagem. A festa dura 3 dias e no 3.º ha confissões, communhão geral, sermão e responsos funebres com muitas indulgencias pelos irmãos fallecidos.

É sempre muito grande a concorrencia dos devotos tanto da villa e freguezia de Vouzella como dos povos circumvisinhos até grande distancia, pois todos depositam grande fé na *Senhora da Esperança* e no Senhor da *Agonia*, cujas imagens abrilhantam sempre as procissões da villa, que são actualmente as seguintes:—Corpo de Deus, S. Fr. Gil, Senhora do Carmo, Senhora do Rosario, Sexta-feira Santa, Paschoa da Ressurreição e alguns annos Trindade.

Tambem nas grandes procissões da villa por occasião de calamidades publicas vão sempre em andores proprios as imagens da Senhora do Castello, S. Fr. Gil, Senhor da Agonia, S. Sebastião, etc.

—

O *Santuario Marianno*, tomo 5.º (pag. 262 a 272) publicado em 1716, dedicou a este templo de *Nossa Senhora do Castello*, ou da *Esperança*, um longo artigo, no qual, entre outras coisas, se lê o seguinte:

«Em quanto á origem, e principios d'este santuario, não pude descobrir coisa alguma com certeza.

....

«Não tem a Senhora irmandade alguma (referia-se ao anno de 1708); mas a grande devoção dos moradores de Vouzella os move a que a sirvão e festejem nos dias das suas festividades.

«Tem um ermitão perpetuo, apresentado pelo parocho de Vouzella e confirmado por provisão dos senhores bispos de Viseu. Este tem a sua casa mais abaixo da ermida hum tiro de pedra; e tem huma cercasinha com horta, pomar, e muitas flores, e não tendo aquelle sitio agua, ainda assim se criria alli tudo perfeitamente...

«Não tem capellão proprio, mas tem os beneficiados de Vouzella obrigação de dizerem nove missas nos nove dias antes do Natal, ou de as mandar dizer; e são obrigados á satisfação da esmola d'ellas os herdeyros de Manoel Homem, do logar de *Asneyros*, ou *Calvos*, da freguezia de Folgosa.

«Na ultima oitava da Paschoa he obrigado o parocho da villa de Vouzella, a ir em procissão com os seus freguezes a visitar a Senhora com cruz levantada, e esta romaria se finalisa com missa resada.

«Tambem no ultimo sabbado da semana das Ladainhas repete o mesmo parocho esta procissão, e na mesma fórma os moradores da freguezia de Passos, annexa á parochia de Vouzella, tem ido por muitas vezes em procissão de preces á Senhora do Castello, pedindo-lhe sol no tempo de muitas chuvas, e agua nos tempos secos. Na mesma fórma tem ido a freguezia de Cambra, e no anno de 1707 forão os freguezes das mesmas freguezias em procissão a pedir á Senhora em o mez d'agosto, agua para os seus milhos, e logo no seguinte dia choveu em abundancia.

«Tambem todos os annos nas quartas feiras das Ladainhas vay em procissão á Senhora do Castello a parochia da Ventosa.

—

«He o monte da Senhora do Castello muito empinado; e assim de huma parte e donde he mais despenhado tem hum muro que lhe serve de resguardo para mais segurança dos que frequentão este caminho do santuario. No principio da subida, que vay em lanços, ou em voltas, se vê hum formozo cruzeiro, e logo mais acima está hum nicho, aonde se vê huma imagem de *S. João Baptista*.

«Mais adiante em outro lanço do caminho se vê outro nicho, e n'elle huma imagem de *Santo Amaro*; e ultimamente perto da casa da Senhora está outro nicho com a imagem de *Santo André*.

....

«Muitos são os milagres e as maravilhas que esta milagrosa Senhora tem obrado em favor dos seus devotos. Entre estas referirei um successo lastimoso, em que parece resplandece muito a sua piedade, e resplandeceu a favor do contador mór d'este reyno João de Castanheda e Moura, alcaide-mór da villa de Celorico de Basto e commendador das commendas de S. Salvador de Serrazes e de S. Payo de Oliveira de Frades, ambas no bispado de Viseu, e da de S. Salvador de Pinheiro nos confins do bispado de Lamego, todas da ordem de Christo, as quaes as possuiu depois seu filho o contador-mór Placido de Castanheda e Moura, como as possue *hoje*[1] tambem seu neto, o contador-mór Luiz Manoel de Castanheda e Moura.

....

—

«Vivia em Lisboa o contador-mór João de Castanheda pelos annos de 1660, aonde era muito bem visto pelo serenissimo senhor D. Affonso VI, e no mesmo tempo estava preso no *Lymoeiro* hum homem indigno de se lhe saber o nome; ingrato a Deos e aos homens; facinoroso e que por suas maldades e delictos o tinha a justiça da terra condemnado á forca.

«Nos apertos em que este miseravel se via recorreo á piedade d'este fidalgo João de Castanheda, pedindo-lhe que lhe valesse, e elle se empenhou tanto em o livrar da forca, que se lhe revogou a sentença, e se lhe commutou em degredo, e até este a piedade do seu patrono não só lho comprou, mas o poz solto e livre. Sobre estes grandes beneficios o recolheu em sua casa, fazendo-lhe favores que elle não merecia, accomòdando-o no foro de seu *gentil-homem*; tratando-o com taes favores, que a não ser conhecido pelo seu nada avultado nascimento, o poderião julgar por seu parente, segundo a estimação que d'elle fazia, porque passeava em hum cavallo e vivia *vida de principe!* A estes grandes favores lhe accumulou... a mercé do habito de Christo com sua tensa: e segundo a benevolencia e piedade de seu amo, e a sua muita liberalidade, ainda lhe faria favores maiores pelo discurso do tempo.[1]

—

«Resolveu-se o contador-mór João de Castanheda a passar á Beyra, a ver as commendas e a cobrar dos seus rendeiros o rendimento d'ellas; e entre os criados que levou em sua companhia foi hum d'elles este, o qual, como era malevolo e não havião feito n'elle móça as misericordias de Deus, quiz que hum dos rendeiros lhe fizesse hum favor que ou não podia, ou lhe não conviria fazer-lho. Cheio de raiva e ira, parece que o quiz descompor. Acodio o amo, que vendo o seu máo termo, o reprehendeo asperissimamente e como elle merecia, dizendo-lhe algumas palavras asperas.

«Dissimulou o ingrato e traidor malevolo o seu intento. Depois, querendo o contador mor passar a Serrazes, que não distava muito,[2] carregou este criado hum bacamarte e meteo-lhe huma grande quantidade de quartos. Estranhou o amo aquella curiosidade e lhe mandou que o não fizesse, por ser cousa escusada em aquellas terras, mas elle não fez caso do que lhe mandava o amo, porque já o demonio lhe havia tomado posse do coração.

---

[1] Refere-se a 1708, porque a data da impressão do mencionado volume é de 1716, mas as licenças teem as datas de 1709 e 1710. Logo o auctor, Fr. Agostinho de Santa Maria, escreveu o original antes de 1709.

[1] A transcripção é longa (desculpem) mas o facto, como os leitores vão ver, é muito digno de registrar-se e prende com as terras de que no momento nos occupamos.

[2] A freguezia de *Serrazes* demora em frente e a N. de Vouzella, no m. d. do Vouga, concelho de S. Pedro do Sul, mas já pertenceu ao concelho de Vouzella.

....

«Sahindo da estalagem, ou da casa em que haviam pousado, para a freguezia de Serrazes, e estando já em distancia de alguma meia legoa do logar, persuadio ao amo a que mandasse o outro companheiro que o acompanhava de cavallo, a que se adiantasse a dar aviso ao rendeiro, para que lhe mandasse fazer de cear. Feito assim o amo, e indo já perto, chegando junto a hum castanheiro aonde chamão o *Valle*, não longe do ribeiro das *Cortinhas* e da estrada que vem do Banho, armou o traidor o gatilho ao bacamarte. E advertirão humas mulheres, que estavão afastadas do caminho, que duas vezes errara fogo; mas na terceira disparou e lhe meteo pelas costas ao commendador todas as balas do bacamarte.

«Era este fidalgo muito valente. Vendo-se ferido, ainda assim puxou pela espada e correo atraz do traidor distancia de hum tiro de mosquete, dizendo, espera traidor, espera; até que já sem alento... cahio em terra, pedindo confissão. E posto de joelhos defronte da casa da Senhora do Castello, que lhe ficava defronte e á vista, ainda que distante meia legoa, a começou a invocar... e expirou.

«N'este lugar mandou depois seu filho Placido de Castanheda levantar huma fermosa cruz de pedra lavrada com seu pedestal, a qual se vê hoje (1708) no chão, pela haver derribado huma grande tempestade.

—

«Acodirão logo todos aquelles moradores sentidissimos do successo, pelo muito que amavão ao seu commendador. Fez-se-lhe o enterro com a maior pompa que permittem aquellas terras.

«Dando-se depois do successo no alcance do criado, elle se recolheo a hum palheiro, aonde acodio a justiça para o prender, mas disparou o mesmo bacamarte contra o juiz, e o matou, e acodindo outro ministro tambem o ferio, disparando contra elle huma pistola. Quizerão pôr o fogo ao palheiro, mas elle teve tanta resolução que sahio pelo telhado, e descendo abaixo se defendeo o que pode, porque o não podião passar, por trazer um colete muito bom de anta, que lhe havia dado seu amo (que tinha sido d'elrei D. Affonso). Depois lhe meterão um estoque por uma costura do colete, que o atravessou, e todos raivosos lhe derão tantas feridas até que o matarão, e com o sentimento dos muitos males que havia feito, não havia mal que lhe não desejassem. Lançarão-lhe pela boca muita polvora e lhe pozerão o fogo..........................

....

«Está esta Senhora collocada em o seu altar mór, porque não tem aquella egreja outro.[1]

«He esta santissima imagem formada em pedra de boa escultura. A sua estatura serão 4 para 5 palmos. Tem em seus braços o Menino Deos, e ambas as imagens tem corôas de prata. Na manufactura desta sagrada effigie se está vendo a sua muita antiguidade. Os rostos são encarnados e as roupas pintadas ao antigo com perfiz de ouro.»

Do exposto se vê que a dicta capella e a dicta imagem eram *muito anteriores* a 1708.

Nós não visitámos este templo. Apenas o vimos da estrada real que passa a jusante—e da villa; mas suppomos que a imagem actual é de madeira, pois se fôra a de 1708, feita de pedra e tendo 4 a 5 palmos de altura, mal podia ir, como vae, repetidas vezes nas procissões da villa.[2]

—

O facto, que extrahi do *Sant. Marian.*, recorda-nos outro não menos triste, que prende com Vouzella.

---

[1] O templo actual tem 3 altares. É pois reedificação posterior a 1708.

[2] O meu informador diz que a imagem actual ainda é a mesma de pedra e que escolhem sempre os moços mais valentes para conduzirem o andor.

A imagem tem na peanha a data *1660*. mas a capella com certeza é muito anterior, pois em 1708, como diz o *Sant. Mar.* — já não havia memoria da fundação d'ella.

Foi o seguinte:

Em 1835 ou principios de 1836, um moço de 20 annos de idade, por nome *Domingos Baptista*, de Villa Real de Traz os Montes, roubou e matou um homem em Viseu e outro—*José dos Santos*— no sitio da *Povoa do Castanheiro*, freguezia e serra de Manhouce, concelho de S. Pedro do Sul, comarca de Vouzella, pelo que em 9 de julho de 1836 foi condemnado a pena ultima e em 23 de julho de 1838 foi enforcado no Porto,—execução que muito impressionou a cidade inteira, já porque o reu era muito novo, já porque ao lançarem-no á cova deu signaes de vida?!... Foi recolhido ao hospital da Misericordia—e lá ficou em observação e tractamento, mas o povo que formava o prestito, constando-lhe que abriam as veias ao infeliz para acabarem de o matar, amotinou-se e tentou invadir o hospital, etc.

Ainda hoje (1889) vivem no Porto testemunhas presenciaes e fidedignas.

Veja-se o art. *Victoria*, freguezia do Porto, vol. 10.º pag. 604, col. 2.ª e segg., onde eu contei *minuciosamente* aquelle facto.

—

Concluiremos este topico dos templos de Vouzella, mencionando mais dois:

7.º—*Capella de S. Pedro*, em ruinas.

Pertence á quinta de *Valgode*, dos Malafaias de Serrazes, quinta que demora na margem esquerda do Vouga e tem um bom edificio brazonado.

8.º—*Capella de Santa Catharina*, pertencente á quinta e casa nobre da Sernada.

N'ella se diz missa nos domingos e dias santos.

Fontes

Em Vouzella ha 3, sendo duas de arco:—a da *Pepina* e outra, cujo nome ignoro.

A da *Pepina* era brazonada, mas tem as armas picadas, ou por vandalismo, ou por ordem superior, como foram picados os brazões que os Tavoras tinham n'esta villa, cujo parocho foi algum tempo da apresentação d'elles. Em 1708, segundo se lê na *Chor. Port.*, o parocho (vigario) de Vouzella era apresentado pelo nobre Ruy Pires de Tavora,—e os 2 beneficiados, coadjutores do dicto vigario e que formavam com elle a collegiada de Vouzella, eram apresentados pelo bispo de Viseu.

Em 1768, segundo se lê no *Portug. S. e Prof.*, o dicto vigario era da apresentação do padroado real e tinha 2 curas — parochos com o titulo de beneficiados, que eram da apresentação da mitra, vencendo cada um 70:000 réis por anno.

Do exposto se vê que os Tavoras tinham interesses em Vouzella e, segundo diz o meu informador, tambem tiveram na villa um edificio brazonado para residencia temporaria d'elles e talvez dos vigarios da villa, apresentados por elles.

Veja-se o topico *Edificios brazonados*, infra.

Uma das 3 fontes d'esta villa demora na margem esquerda do rio *Zella*, a montante da ponte e da *rua da Ponte*,—e actualmente ensombrada por uma grande nogueira, (má visinhança!...) pelo que nós, quando ali estivemos em agosto de 1880, a denominámos *Fonte da Nogueira*.

É de fabrica humilde; tem uma pequena bica, um pequeno tanque, um arco de granito de volta inteira; no fecho do arco um escudo com as armas reaes portuguezas das quinas e 7 castellos e em volta do escudo esta legenda:

LUDOVICVS. PORTVGALIE INFANTIS.

Este infante D. Luiz, que mandou fazer esta fonte, uma ponte no rio Sul e outra no Vouga, junto da villa de S. Pedro do Sul, foi senhor de todo o concelho e territorio de Lafões no sec. XVI, como logo diremos, e era 4.º filho do 2.º matrimonio d'el-rei D Manoel.

Entre a dicta fonte e a rua da *Ponte* ha um bom edificio particular dos mais antigos da villa, ao longo do rio Zella; tem uma face voltada para elle e outra para a dicta rua.

Pontes

Ha sobre o rio *Zella* duas pontes de granito, muito antigas, sendo uma d'ellas a mencionada supra.

Tem um só arco, não muito alto, mas de grande abertura, e junto d'elle, na margem esquerda do rio, á direita de quem sae de Vouzella, um bom edificio brazonado e muito bem tractado, com mimosa cerca e jardim.

Edificios brazonados

Com rasão se orgulha Vouzella de ter dado o berço a muitas familias nobres, e assim o attestam os muitos edificios brazonados que ainda hoje possue.

Só na mencionada rua *da Ponte* contámos nós 5, todos particulares e antigos; teve outro na *rua Direita*, que foi demolido já depois do meiado d'este seculo para alinhamento e alargamento da dicta rua e passagem da nova estrada real á macadam, — e tem mais ainda 4 edificios brazonados particulares.

Ao todo eram pois 10.

Tambem são brazonados os edificios publicos seguintes:

1.º—*Hospital da Misericordia;*

2.º—*A egreja* da Misericordia;

3.º—A *Fonte da Nogueira*, mencionada supra;

4.º—O *tribunal judicial* d'esta comarca.

E' um bom edificio, com grande sala para as audiencias, cadeia para ambos os sexos, habitação do carcereiro e familia, etc.

Demora na *Praça Nova*, em frente da capella de S. Fr. Gil e da estatua de Moraes Carvalho.

Logo fallaremos d'este benemerito vouzellense.

Tem pois esta villa ainda hoje 13 brazões d'armas.

Os 9 particulares pertencem a diversas familias, algumas já extinctas e outras ainda existentes, taes são a dos marquezes de Penalva, antigos senhores *da casa da Cavallaria*,—descendentes de *S. Fr. Gil*, a dos Gamas e Moraes Carvalho, etc.

Das extinctas merece especial menção a dos *Tavoras*, cujo brazão foi mutilado por ordem de el-rei D. José I.

V. *Chão Salgado*, tomo 2.º pag. 271.

Um dos edificios particulares brazonados é guarnecido de ameias.

Fóra da villa, mas no termo d'esta freguezia, ha 3 edificios particulares brazonados: —a casa da quinta de *Valgode*, pertencente aos *Malafaias* de Serrazes,—e a da quinta da *Sernada*, que foi do dr. Gil Alcoforado e é hoje dos seus filhos,—e a celebre casa e quinta da *Cavallaria*.

Casa da Camara

Posto não seja brazonada, é um soberbo edificio com boa sala para sessões da camara, guarnecida por grandes cadeiras de coiro com botões amarellos, — outra sala para as sessões do juiso ordinario,—outra para a administração do concelho, — outra para a repartição de fazenda, — outra para a conservatoria e ainda outras mais pequenas para o archivo e secretaria da camara, repartição de pesos e medidas, etc.

Clima

Embora mais frio do que ardente, é temperado e muito saudavel o clima de Vouzella. Não ha memoria de ter entrado ali alguma epidemia, nem ali ha doenças predominantes, porque não tem pantanos. Demora em sitio alto, arejado e muito arborisado—e é abundantissima d'excellente agoa potavel e de rega e por estar em chão declivoso e granitico entre os rios Vouga e Zella, nas faldas da grande serra do Caramulo.

Já em 1696 o dr. Antonio Pires da Silva, fallando das *Caldas de Lafões*, disse: — «D'esta parte meridional (sul do Vouga) distancia de hum quarto de legoa, costa acima está a villa de *Vouzella*, e distancia de hua legoa, continuada a serra, chamada do *Caramulo*; e da parte do norte distancia de duas legoas, huma de terra baixa e outra costa acima, está outra serra que chamão de *Manhouce*, ambas altissimas e muito frias. Da de *Manhouce*, por ficar na parte

septentrional, vem o norte frigidissimo, e por estas serras serem tão altas, e estarem quasi sempre nuvens encostadas a ellas, e ser breve a distancia entre serra e serra, são os ares da terra frios, se bem o centro da villa do *Banho*, onde estão as caldas, por estar muito em baixo, e não ser tão combatido dos ventos norte e sul, he mais quente, mas com assim ser, por estarem os banhos encostados ao meio-dia, he o sitio sujeito a geadas. Correndo vento suão, he necessario haver cautella, porque pela garganta do rio Vouga corre com muita furia. O vento *mareiro* alguma impressão faz, mas não tanta;[1] o meridional não molesta, e o norte no verão he desejado, porque como tenho dicto, o sitio he baixo (refere-se ás *Caldas*) e ficando a serra de Manhouce da sua parte passa por alto.[2]»

—

Tudo isto é applicavel a *Vouzella*, porque tem a mesma exposição da villa do Banho, mas demora em sitio alto, cerca de 200 metros sobre o nivel do Vouga, e olhando francamente para o norte, em quanto que a villa do Banho está quasi ao nivel do Vouga, em terreno fundo, abafado e ardentissimo no verão, como a villa de S. Pedro do Sul, cerca de 4 kilometros a montante, na confluencia do rio Sul com o Vouga, pelo que o seu chão,—aliás *encantador*, *mimosissimo e fertilissimo*, — é tambem muito ardente e alem d'isso bastante afafado e humido e atreito a sezões, mas facilmente podem remover este contra. Basta que arborisem a villa e as suas estradas e ruas com eucalyptos; pois todos sabem que estas lindissimas arvores, hoje *tão baratas e tão vulgares* no nosso paiz,[3] alem de serem uma riqueza florestal, teem a virtude de afugentar as sesões, que são hoje (mercê de Deus!) a *unica* epidemia que peza sobre algumas terras do nosso paiz.[1]

V. *Vil de Mattos*, tomo 11.º pag. 661, col. 2.ª e segg.

—

Vouzella tem bons campos e hortas, mas os de S. Pedro do Sul são muito mais bonitos, mais planos, mais mimosos e mais ferteis. Em compensação Vouzella é mais saudavel, o que não obsta a que a villa de S. Pedro do Sul, embora mais moderna, segundo dizem uns, ou mais antiga, como dizem outros, tenha prosperado e esteja prosperando mais.

Vouzella, como já dissemos, ainda hoje conta apenas 240 fogos e 1:000 habitantes, emquanto que a villa de S. Pedro do Sul já em 1708, segundo se lê na *Chorogr. Port.*, contava 330 fogos; em 1768, como se lê no *Portugal S. e Profano*, contava 334 fogos; em 1852 o Flaviense deu-lhe 510 fogos; o censo de 1864 deu-lhe os mesmos 510 fogos,—e o censo de 1878 deu-lhe 551 fogos e 2:387 habitantes.[2]

---

[1] Aqui o vento *mareiro*, ou do *mar*, é o vento do lado O.

[2] *Chronographia Medicinal*, cap. 6.º pag. 122.

[3] Os eucalyptos foram introduzidos em Portugal no meiado d'este seculo e a principio eram caros. Venderam-se alguns a 1$000 réis, mas hoje (1889) já se vende o cento a menos de 2$000 réis. Temos *milhões* d'elles em todo o nosso paiz e junto de Abrantes, não longe da estação d'este nome da linha ferrea de leste, na margem esquerda do Tejo, ha uma matta de eucalyptos que é a maior de Portugal—e talvez da *Europa!*...

Conta 10 a 12 annos e 400 a 500 mil pés —e foi plantada quasi toda por Wiliam Tait, negociante inglez, residente no Porto, mediante o arrendamento de uma grande herdade a praso largo, feito com certo proprietario d Abrantes, o qual por seu turno plantou tambem de conta propria milhares de eucalyptos.

[1] A variola mata mais gente, principalmente creanças, mas não tem persistencia nem localidade propria e combate-se bem com a vaccina.

[2] V. *S. Pedro do Sul*, vol. 9.º pag. 16, col. 2.ª—e note-se que o meu antecessor em 1880 lhe deu 700 fogos, devendo dar-lhe apenas 551, população marcada no censo de 1878.

A differença é pois muito sensivel e talvez que a explicação seja a seguinte:

Vouzella demora em sitio mais alto, mais aspero, mais deserto e menos frequentado. Era apenas servida pela antiga estrada de S. Pedro do Sul a Aveiro, Agueda e Coimbra, estrada pouco importante e de pequeno movimento,— e hoje apenas toca em Vouzella, atravessando a villa, a estrada real a macadam de Viseu a Estarreja e Aveiro, — emquanto que a posição geographica de S. Pedro do Sul foi sempre mais vantajosa.

Ali passavam as antigas estradas de Aveiro e Coimbra para Castro d'Ayre e Lamego —e as de Lamego, Castro d'Ayre, Aveiro e Porto para Viseu, pelo que S. Pedro do Sul, mesmo na antiga viação, era entroncamento de muitas estradas e tinha uma boa hospedaria, cujos donos fizeram fortuna,—hospedaria onde eu, durante a minha formatura, (1851-1856) nas viagens entre Lamego e Coimbra, pousei muitas vezes, em quanto que nunca paravamos em Vouzella nem nos consta que ali houvesse hospedaria alguma digna de menção.

A de S. Pedro do Sul era absolutamente a melhor que se encontrava entre Lamego e Coimbra e entre o Porto, Aveiro e Viseu.

—

Com a moderna viação tambem lucrou S. Pedro do Sul muito mais do que Vouzella, porque ali cruzam as novas estradas a macadam d'Aveiro e Estarreja a Viseu — e de Viseu a Lamego, servidas por diligencias diarias,—e ali deve passar e ter *estação propria* a linha ferrea, já decretada e estudada, de Viseu ao Porto pelo valle do Paiva, foz do Tamega e estação de *Recarey*, na linha do Douro.

Deve lucrar e prosperar muito com a mencionada linha ferrea a villa de S. Pedro do Sul—e mais ainda logo que se construa o ramal em projecto d'ali para Lamego, a entroncar as linhas da Beira Alta e Viseu na de Lamego á estação da Regoa, na linha do Douro, e da estação da Regoa, a Villa Real de Traz os Montes, Pedras Salgadas, Vidago e Cháves,—e de Lamego para Moimenta da Beira, *Villa da Ponte*,[1] Trancoso e Villa Franca das Naves, na linha da Beira Alta.

Vão pois cruzar em S. Pedro do Sul duas linhas ferreas importantes, que lhe darão muita vida. Vouzella tambem lucrará, mas muito menos, por estar mettida no sertão, alcandorada sobre o Vouga e distante de S. Pedro do Sul e das mencionadas linhas ferreas cerca de 8 kilometros; consta porém, á ultima hora, que o sr. Frederico Pereira Palha, associado com alguns capitalistas de Lisboa, pediu concessão ao governo para construir, sem subvenção alguma, um caminho de ferro de via reduzida que, partindo de Esmoriz, na linha ferrea do norte, siga pela villa da Feira, S. João da Madeira, Oliveira de Azemeis, Sever do Vouga, Couto de Esteves, Oliveira de Frades, Vouzella e Viseu, indo terminar na linha da Beira Alta, proximo da villa de Mangualde.

Com esta linha ganhavam muito Vouzella e Oliveira de Frades. Deus queira se realise.

Quintas

Já no principio d'este artigo indicámos muito summariamente as quintas d'esta freguezia; seja-nos licito agora dar leve noticia d'algumas.

1.º—Quinta de *Lamas*.

E' hoje uma das mais notaveis e de mais valor. Tem um bom palacete, um bom jar-

---

[1] Esta pequena villa tem deante de si auspicioso futuro, já porque muito provavelmente vae ser para ella transferida a séde do concelho de Sernancelhe, já por que ali toca a estrada real a macadam de Lamego a Trancoso e Celorico, e d'ali parte uma estrada a macadam para a villa da Pesqueira, —já porque d'ali deve partir outra linha ferrea para a estação do *Pocinho*, na linha do Douro, emquanto que a villa de Sernancelhe, alcandorada em um pinaculo agreste sem vias de communicação, tende a decair e morrer! E accelerou-lhe a decadencia e a morte o incendio que em 1888 devorou os seus paços do concelho.

V. *Sernancelhe* e *Villa da Ponte* n'este diccionario e no supplemento.

dim, bons campos e vinhedos e muita agua.

Foi do benemerito vouzellense de quem logo fallaremos,—Fructuoso José da Silva Ayres, por morte do qual passou para o filho dr. José Fructuoso Ayres de Gouveia Osorio e é hoje da viuva d'este.

Ha n'esta quinta, em um outeiro junto da matta, um grande penedo digno de menção. «E' todo lurado por dentro com differentes buracos e escaninhos. Parece que foi lurado pelos ratos,»—diz o meu informador.[1]

2.ª—*Regadas* e

3.ª—*Caritel.*

Foram do mesmo sr. Fructuoso José da Silva Ayres, que as deu em dote a sua filha D. Maria Isabel Ayres de Gouveia, quando casou com o sr. dr. Antonio Maria Alcoforado, da nobre casa e quinta da Sernada, aos quaes hoje pertencem.

4.ª—*Sernada.*

Foi do dr. Gil Alcoforado, hoje de seus filhos, um dos quaes é o mencionado supra; —outro,—José Gil Alcoforado da Costa Velloso,—agricultor intelligentissimo, casou e vive em Lourosa da Telha e d'elle já fizemos menção.

V. *Viseu*, tomo 11.º pag. 1750, col. 2.ª n.º 7,—e os topicos supra — *Edificios brazonados* e *Templos.*

Esta quinta da *Sernada* ou *Sarnada* é uma das mais importantes de Vouzella. Demora a pequena distancia da villa para N. E.—á jusante e muito proxima da nova estrada real a macadam d'Aveiro a S. Pedro do Sul por Vouzella.

Tem um bom edificio brazonado, capella, jardins, mimoso pomar de fructa e vastos campos e vinhedos que se estendem até o Vouga.

5.ª—*Valgode.*

E' tambem uma das melhores quintas de Vouzella e pertence á nobre familia *Malafaias* de Serrazes, freguezia do concelho de S. Pedro do Sul, na margem direita do Vouga, mas tem chãos nas duas margens d'este rio, capella, casa brazonada, jardins, etc.

V. os topicos supra — *Edificios brasonados e Templos.*[1]

6.ª—*Quinta da Cavallaria.*

Demora hoje no termo da freguezia de Vouzella, a pequena distancia da villa, e pela sua antiguidade e tradições é absolutamente a quinta mais notavel d'esta parochia e d'este concelho.

Foi *couto* e *honra* e outr'ora os seus nobilissimos donos foram tambem senhores do

---

[1] *Lura, lurar* e *lurado* são termos trivialissimos na Beira, mas não se encontram nos diccionarios.

Lura, significa ali *muito expressivamente* cova feita pelos ratos no pão cozido, ou pelas toupeiras e coelhos na terra.

Tambem ali o termo *lórca*, menos trivial, designa a cova da toupeira ou qualquer outra subterranea; *lôrca* ou *lorcada*, termos trivialissimos, indicam ali as peras que passam de maduras, mas não estão pôdres; finalmente *lôro* ou *lôra*, termos pouco triviaes, significam tambem ali objectos vãos por dentro, ou *lurados.*

[1] Em agosto de 1880, estando nós folgando nas Caldas de S. Pedro do Sul, appareceu ali em certo dia, ao declinar da tarde, um passaro estranho, enorme, revoando. Ficou a povoação attonita; armaram-se logo differentes caçadores e dispunham-se para matar a *cabicanca*. Ainda dispararam contra ella alguns tiros e por certo a matariam se nós lhes não dissessemos que a *passarola* era um cysne, talvez fugido de alguma casa nobre da visinhança — e que o poupassem e respeitassem, porque era uma ave de estimação.

O pobre cysne, depois de revoar alguns minutos sobre a villa das Caldas, poisou a montante, no leito do Vouga. Ali o surprehendeu a noite; caçaram-no á mão e o levaram á dicta quinta de *Valgode*, donde havia effectivamente fugido. Ficaram os srs. Malafaias satisfeitos e gratificaram generosamente o conductor.

Desculpem a historia da *cabicanca*, sem ser a de Aguiar da Beira, ou do *cysne do Vouga*, sem ser a do poeta Bingre.

V *Aguiar da Beira*, tomo 1.º pag. 38, col. 2.ª—e *Canellas*, tomo 2.º pag. 89, col. 1.ª

E' hoje dono d'esta quinta e representante d'esta nobre familia Joaquim Telles Malafaia, irmão primogenito de Jacintho Lopes Malafaia, Bernardo Telles Malafaia e D. Amelia Telles Malafaia.

Castello de Vilharigues, do *Paço de Vilharigues* e da villa do *Banho*.

Aproveitando o ensejo diremos que o *Paço* e *Castello de Vilharigues* são differentes da casa e quinta da *Cavallaria* e pertencem hoje á freguezia de *Paços de Vilharigues*, não á de *Varzea de Lafões*.

Fica assim rectificado o que o meu benemerito antecessor disse no art. *Varzea de Lafões*, tomo 10.º pag. 230, col. 1.ª

N'esta quinta da *Cavallaria* nasceu no sec. XII S. Fr. Gil, porque era patrimonio de seus paes e ainda hoje são directos senhores d'ella os marquezes de Penalva, descendentes de S. Fr. Gil, que a emprazaram. São seus emphyteutas e possuidores actuaes a viuva e filhos do commendador João Correia d'Oliveira, de Vouzella, que restaurou a casa e melhorou muito a quinta.

Tambem foi senhor d'esta nobre casa e quinta e n'ella passou os ultimos annos da vida o famoso capitão Duarte d'Almeida, por alcunha o *Decepado*, porque na batalha de Toro, sendo alferes-mór d'el-rei D. Affonso V, só depois de lhe deceparem ambas as mãos lhe poderam tirar a bandeira. Immortalisou-se perdendo-a e por seu turno se immortalisou ganhando-a na mesma batalha o seu visinho Gonçalo Pires Bandeira, do antigo concelho de Besteiros,[1] ascendente da nobre familia *Bandeiras*, de Tondella, Torre-Deita, Ladario, Rezende e Rériz,

V. *Paços de Vilharigues*, tomo 6.º pag. 397 col. 2.ª; *Penalva do Castello* no mesmo vol. pag. 586, col. 2.ª tambem; *Rériz*, tomo 8.º pag. 152, col. 1.ª e 2.ª; *Rezende* no mesmo vol. pag. 161, col. 1.ª *in fine; Santarem* no mesmo vol. pag. 480, col. 1.ª *anno* 1265,—e pag. 540, col. 2.ª; *Viseu*, tomo 11.º pag. 1741 1.ª; 1750, 2.ª, 1833, 2.ª tambem e 1840, 1.ª—e *Varzea de Lafões*, tomo 10.º pag. 230, col. 1.ª

—

Tambem foram senhores da mesma casa e quinta da Cavallaria, do Castello e Paço de Vilharigues, da villa do Banho e de todo o antigo concelho de Lafões Fernão Lopes d'Almeida e seu filho Duarte d'Almeida, descendentes de Duarte d'Almeida, o *Decepado*.

Veja-se o topico infra — *Senhores de Lafões*—e a *Chronographia Medicinal das Caldas de Alafoens*, publicada em 1696.

[1] V. *Europa Port.* tomo 2.º pag. 406 e 408.

—

Esta quinta da *Cavallaria* foi assim denominada, porque alem de ser *couto* e *honra*, gosou tambem outr'ora os privilegios das terras que pagavam o *foro do monte*, ou de *montaria*, ou de *cavallaria*, como pagavam muitas terras de Lafões e outras, cujos habitantes em rasão do tal *foro do monte* se denominavam *Foramontães*, ou *Foramontãos*, ou *Foramontellos*, ou *Foramontões*, nomes que ainda hoje conservam com pequena alteração differentes povoações e casaes do nosso paiz.

Em vez d'algum d'aquelles nomes, esta quinta tomou o de *Cavallaria*, por ser tambem *foramontã* e pagar o mesmo *foro do monte* ou de *cavallaria*.

Temos tambem no concelho de Vianna do Castello uma parochia denominada *Montaria* e em differentes pontos do nosso paiz varias aldeias e quintas denominadas *Condado* e *Condados*,[1] porque provávelmente outr'ora pagavam o mesmo *foro do monte*, ou de *condado do monte, cavallaria* ou *montaria*.

V. *Foramontãos*, vol. 3.º pag. 213, col. 2.ª

Ainda as quintas

7.ª—*Costeira*.

Demora na margem esquerda do rio Zella; foi do mencionado commendador João Correia d'Oliveira e pertence hoje á viuva D. Victoria Adelaide de Seixas e Barros.

8.ª—*Quinta da Ponte*.

Demora tambem na margem esquerda do

[1] A quinta dos *Condados* é uma das mais luxuosas que actualmente se encontram nos arrabaldes da Figueira.

Zela e tem um bom edificio brazonado a prender com a velha ponte na antiga estrada e *rua da Ponte*; pertenceu aos *Gravitos* de Aveiro, e hoje pertence a Manoel Coutinho Junior.

Tem jardins e está muito bem tratada, como dissemos supra, no topico dos *edificios brazonados*.

9.ª—*Quinta do Avelal.*

Demora nas duas margens do Zela; tem boas casas; produz vinho do melhor do concelho,—fructa, milho, trigo, centeio, cevada e feijões.

Pertenceu ao rev. Pedro da Gama, natural de Vouzella e que no meiado d'este seculo foi abbade em S. João da Foz do Douro;[1] hoje pertence ao sr. Antonio Rodrigues de Carvalho Guerra.

Concelho e comarca de Vouzella

Este concelho na actualidade comprehende as 12 freguezias seguintes: — Alcofra, Cambra, Campia. Carvalhal de Vermilhas, Fataunços, Figueiredo das Donas, Fornello do Monte, Paços de Vilharigues, Queirã, S. Miguel do Mato, Ventosa e Vouzella, com o total de 3:372 fogos e 13:909 almas, segundo o ultimo censo de 1878, deve porem hoje ser muito maior a sua população, e maior —*muito maior*—foi quando o antigo territorio e concelho de *Lafões* tinha por capital a villa de Vouzella.

O dicto concelho e *territorio de Lafões* rivalisava com o *territorio* e districto de Panoias em Traz os Montes, e com a *terra e comarca* da Feira na provincia do Douro. No sec. XVII, segundo se lê na *Chronographia Medicinal das Caldas de Alafoens*, comprehendia 44 freguezias e 13 coutos.

As freguezias eram as 12 mencionadas supra, que hoje constituem o concelho de Vouzella;—as 20 que hoje constituem o concelho de S, Pedro do Sul—e as 12 que hoje constituem o concelho de Oliveira de Frades, ou as mesmas 44 freguezias que hoje constituem a comarca de Vouzella, pois comprehende aquelles dois concelhos, cujas sédes distam de Vouzella aproximadamente 8 kilometros, — a 1.ª para N. N. E., — a 2.ª para O.

Está pois Vouzella no *centro* dos dois concelhos e é por isso que a villa de S. Pedro do Sul, apesar de ser *muito mais populosa* ainda não póde tirar a Vouzella a preeminencia de séde da comarca.

—

Segundo se deprehende da *Chronographia Medicinal*, o territorio de Lafões desde os principios da nossa monarchia formava um concelho e uma comarca, tendo a séde na villa do Banho, por ser *in illo tempore* a mais populosa, mais importante e mais central d'aquelle vasto territorio, que se estendia para N. até o rio Paiva—e para S. até ás faldas da serra do Caramulo, nos confins do actual concelho de Oliveira de Frades. Cortava pois o Vouga approximadamente a meio o grande concelho de Lafões de E. N. E. a O. S. O.—e rezidiam na villa do Banho 2 juizes e 4 vereadores:—1 juiz e 2 vereadores na margem direita do Vouga;—o outro juiz e os outros 2 vereadores na margem esquerda, para administrarem a justiça a todo o territorio de Lafões, dividindo-o assim em duas partes, consoante corria e o dividia o Vouga.

Depois, não sabemos quando, dividiu-se aquelle territorio em dois concelhos—Vouzella e S. Pedro do Sul, com justiças proprias, ficando a villa do Banho reduzida a um simples *couto* dos 13 de Alafões e governada por um ouvidor e um juiz ordinario nomeados pelo senhor da dicta villa, o que muito accelerou a decadencia em que hoje a vemos e favoreceu a elevação e população das villas de Vouzella e S. Pedro do Sul.

Pouco antes de 1696 tornaram a unir-se á villa do Banho aquelles dois concelhos, mas em 1696 já estavam outra vez desuni-

---

[1] Era muito liberal e muito energico e teve serias questões com os seus parochianos, intervindo por vezes a auctoridade e a força armada em favor d'elle. Era parente proximo do conselheiro Alberto A. de Moraes Carvalho.

dos; não mais se uniram até hoje—e a pobre villa do Banho ficou reduzida a uma simples aldeia da freguezia de Varzea de Lafões, tendo sido a matriz não só da freguezia de Varzea, mas de todas as parochias actuaes circumvisinhas até grande distancia, comprehendendo as villas de Vouzella, S. Pedro do Sul, etc. etc.[1]

A velha matriz da villa do Banho era a egreja de S. Martinho, que já em 1696, como se lê na *Choronogr. Medic.*, *estava posta nos alicerces* e apenas se conservava a capella-môr. Hoje, como tivemos occasião de ver em 1880, está reduzida a uma pequena e pobre capella, onde apenas se diz missa na estação balnear.

Como prova e signal de obediencia, ali foram muitos annos encorporadas com as respectivas cruzes, por occasião das ladainhas de Maio, todas as freguezias que se desmembraram d'ella—e ainda em 1880 lá foram 11 cruzes, formando um grande arraial até ás 11 horas da manhã.

O povo de cada uma das dictas freguezias, quando ali chega, dá 3 voltas com a respectiva cruz em redor da capella; — depois entra; — canta a ladainha e retira-se para dar logar a outro povo e a outra cruz.

Demora a dicta capella em sitio muito pittoresco na margem esquerda do Vouga a N. e na extremidade da pobre villa do Banho, e do antigo estabelecimento balnear, junto da velha *Casa do Corregedor*—e da antiga cadeia,—edificios ambos brazonados.

Na casa da cadeia funccionava em 1880 a escola da villa.

A porta da capella de S. Martinho era ogival e olhava para a cadeia ou para S. A dicta capella, bem como a de *Nossa Senhora da Saude*, que está no interior do velho edificio dos banhos, pertencem á camara de S. Pedro do Sul.

Ha tambem no alto da villa do Banho a capella de *Nossa Senhora do Carmo*. E' particular e pertence á casa que foi do capitão mor de Malta José Luiz d'Almeida, hoje de Albino Martins da Costa. A dicta casa é uma das maiores e mais vistosas da povoação e n'ella nos hospedámos, porque um 1880 era um hotel.

Ainda o concelho e a comarca

Dividido o concelho de Lafões pelos de S. Pedro do Sul e Vouzella, pertenceu na antiga magistratura (até 1836) á comarca (corregedoria e provedoria) de Vizeu; mas parece que os dois concelhos muito tempo foram administrados em commum pelas mesmas auctoridades.

Em 1708, por exemplo, a *Chorog. Port.* fallando do concelho de Lafões, diz:

«Tem duas villas, que são a cabeça d'este concelho, a saber: a de *S. Pedro do Sul*, e a de *Vouzella*; aquella he *mais antiga e nobre*, situada em hum delicioso valle, cujas fraldas regão os dois rios Vouga e Sul. Tem excellentes pomares de todo o genero de fructas, com muitas hortas, e recolhe muito azeite, vinho, gado, e caça.... Assistem ao seu governo civil hum juiz de fóra, vereadores, hum procurador do concelho, escrivão da comarca, juiz dos orphãos com seu escrivão: oito tabelliães, hum meyrinho e carcereiro. Ao militar hum capitão mór com *treze companhias de ordenanças*.

«A villa de Vouzella está fundada *no meio de uma serra*.... He abundante de *castanha*, *gado* e *caça*: tem boas casas e 140 visinhos... Misericordia, hospital, e seis ermidas.»

Depois falla da villa do Banho, 1.ª capital do concelho de Lafões, e diz que era governada em 1708 por 1 juiz ordinario, 1 procurador do concelho, 1 escrivão da camara, 1 tabellião do judicial e notas e mais officiaes, todos apresentados pelo nobre senhor da casa, quinta e couto da Cavallaria, tambem senhor da villa do Banho.

---

[1] Parece que outr'ora e egreja de *Nossa Senhora do Gardão* de Besteiros (Tondella) tambem foi algum tempo matriz de todas as freguezias do concelho de Lafões e das de Agueda, Mortagua, Santa Combadão — e de todas as do valle de Besteiros.

V. *Monte-Lafão*, tomo 5.º pag. 481, col. 1.ª

—

Do exposto se vê que em 1708 a villa do Banho era um couto e concelho á parte. O grande concelho de Lafões tinha por capitaes *duas villas*—S. Pedro do Sul e Vouzella, distantes uma da outra 8 kilometros (?!...); parece que as auctoridades *in illo tempore* residiam em S. Pedro do Sul—e que os 2 concelhos ainda formavam *um só* com o titulo de *Lafões*, pertencente á comarca (provedoria e corregedoria) de Viseu. Os 2 concelhos tornaram-se completamente distinctos e autonomos em 1836, quando se creou a nova magistratura e a comarca judicial de Vouzella, que ficou comprehendendo 5 concelhos:—*Sul, S. Pedro de Sul, Vouzella, S. João do Monte* e *Oliveira de Frades*.

Extincto o concelho de *Sul* em 1855, passaram para o de *S. Pedro do Sul* as freguezias que o constituiam, exceptuando as de Gafanhão, Pepim e Rériz, que passaram para o concelho e comarca de Castro d'Ayre.

Tambem no mesmo anno o concelho de S. Pedro do Sul recebeu do de Vouzella a freguezia de *Serrazes*.

As freguezias de Arca, Alcofra, Campia, Reigoso, S. Vicente, Souto e Varziellas, que pertenciam ao concelho de S. João do Monte, extincto este concelho em 1855, passaram para o de Oliveira de Frades, comarca de Vouzella, á qual anteriormente pertenciam, exceptuando as de Arca, Varziellas e Alcofra, que pertenciam á comarca de Tondella.

Finalmente, por decreto de 2 de novembro de 1874 passaram tambem do concelho de Oliveira de Frades para o de Vouzella as freguezias de Alcofra, Cambra, Campia e Carvalhal de Vermilhas.

—

Foi tambem creado em 1836 o concelho de Oliveira de Frades com algumas freguezias do de Vouzella.

Em sessão de abril de 1843 a junta geral do districto resolveu que fosse supprimido o concelho de Oliveira de Frades e de novo incorporado no de Vouzella, o que se effectuou por portaria de 25 de janeiro de 1847, confirmada por decreto de 19 de junho de 1848; mas em novembro de 1851 foi restaurado—e em 1855 se lhe annexou, como já dissemos, a maior parte das freguezias do antigo concelho de S. João do Monte, extincto n'aquella data. Hoje, 1889, continúa persistindo e comprehende as mesmas 12 freguezias que o meu benemerito antecessor lhe assignou em 1875 no art. *Oliveira de Frades*, tomo 6.º pag. 271, col. 1.ª,—artigo extremamente reduzido e que nós bem quizeramos ampliar, se não fossem já tão longas as dimensões d'este. De passagem diremos pois sómente que a villa de Oliveira de Frades é hoje atravessada de Norte a Sul pela nova estrada real a macadam d'Aveiro a S. Pedro do Sul, formando uma boa *estrada-rua*, sobre a qual tem bastantes edificios novos, alguns muito vistosos, bons estabelecimentos commerciaes, uma boa hospedaria, algumas tabernas e uma casa com capella brasonadas, muito antigas e bastante arruinadas, que pertenceram ao conde de Santa Eulalia, de Viseu.

A egreja matriz é um bom templo e demora a montante da estrada real, em sitio pouco vistoso e com um pequeno adro irregularissimo, afrontado por habitações particulares.

Pelo censo de 1878 contava o dicto concelho 1:953 fogos e 9:385 habitantes, numero que mal se harmonisa com o dos fogos.

Etymologia e antiguidade de Vouzella

Alguem diz que Vouzella tomou o nome de um mouro assim denominado, mas na opinião commum tomou dos rios *Vouga* e *Zella* o nome de *Vougazella*, depois Vouzella,—e nós perfilhamos *em parte* esta opinião, mas como havemos de harmonisal-a com o facto de terem o mesmo nome de *Vouzella* e talvez a *mesma etymologia* uma ribeira,—nascente do Vouga, e outra, con-

fluente do Zezere, muito distantes do rio *Zella*?[1]

Na falta de documentos anteriores á nossa monarchia eis o que nós suppomos:

O rio Vouga foi denominado pelos romanos *Vaca* e *Vacua*; os leoneses o denominaram *Bauca* e davam o nome de *Bauceela*, diminutivo de *Bauca*, ás duas ribeiras suas confluentes, mencionadas supra; — depois nós os portuguezes mudámos no nosso dialeto *Bauca* em *Vouga*—e *Bauceela* em *Vouzella*, nome que foi commum ás duas ribeiras, uma das quaes ainda hoje o retem, — e a outra se denominou simplesmente *Zella*, depois de dar o seu nome anterior e proprio á villa que banhava e que ainda hoje se denomina *Vouzella, nome proprio* da dicta ribeira (segundo suppomos) e não proveniente da confluencia do *Vouga* com o *Zella*, mesmo porque *Vouzella* não está precisamente na confluencia do *Zella* com o *Vouga*, nem o *Vouga* se avista de *Vouzella*.

—

Assim como o foral do *a.* 1204, indicando o termo da villa de Figueiró dos Vinhos a E., marcou o monte que está *inter Baucaa et Bauceela*, se tiveramos algum documento d'aquella idade, relativo á posição de Vouzella, muito provavelmente diria tambem que estava *inter Bauca et Bauceela*; mas nós acolá na Estremadura em rasão da distancia e dos 2 *a a*, bem como da facil troca do *b* em *v* no nosso dialeto, traduzimos *Baucaa* por *Bouçã*—e *Bauceela* por *Nodel*—hoje e talvez já no tempo dos mouros.[2]

Note-se tambem que nos principios da nossa monarchia o idioma portuguez era accentuadamente o leonez ou hespanhol, e que n'este idioma *Vouzella* se diz *Boucela* e *Vouga* se diz *Bouga*, como se lê na *Poblacion General de España*, fl. 152,—e ainda em 1708 Fr. Agostinho de Santa Maria, escrevendo em portuguez e fallando de Vouzella, escreveu alternadamente *Voucella* e *Bouzella*.

V. *Sant. Marian* tomo 5.º pag. 262 a 272.

Isto com relação á etymologia de Vouzella. Da sua fundação nada sabemos; deve porem datar de tempos muito antigos e contemporaneos da occupação d'este concelho ou territorio de Lafões, por ser parte integrante d'elle e por estar na velha estrada de Lamego, Castro d'Ayre, S. Pedro do Sul e villa do Banho para Coimbra.

V. *Villa Maior*, tomo 11.º pag. 775, col. 1.ª

Etymologia e antiguidade do territorio de Lafões

Em 1609 disse Fr. Bernardo de Brito que D. Fernando Magno de Leão, quando tomou Viseu aos mouros no anno de 1038,[1] era governador da dicta cidade o alcaide mouro Alafum, que se fez christão, pelo que D. Fernando Magno lhe poupou a vida e lhe deu terras para viver e povoar, terras que do dicto mouro *Alafum* tomaram o nome de *Lafões*.[2]

Tanto bastou para que todos os nossos escriptores desde os principios do sec. XVII affirmassem que foi o mouro *Alafum* quem povoou o territorio de Lafões e mandou fazer os muitos castellos que ali avultaram, pois Fr. Bernardo de Brito era o assombro e oraculo do seu tempo. Todos o seguiam

---

[1] V. os nossos 3 primeiros artigos *Vouzella*, supra.

Alguem diz que *Vouzella* provem de *Vou-Zahara, pae da flor* no idioma sarraceno.

[2] V. *Vouzella*, ribeira (a 2.ª) supra—e note-se que a ribeira de *Maçãs*, ali mencionada, hoje, segundo se lê na *Topographia Medica das cinco villas e Arega*, se denomina ribeira de *Varzea*?!...

[1] Aliás 1057, como diz Alexandre Herculano.

V. *Viseu*, tomo 11.º pag. 1720 col. 2.ª,—e *Monarchia Lusit.* parte 2.ª liv. 7.º cap. 28.

[2] V. *Lafões*, tomo 4.º pag. 11, col. 1.ª e segg.

com orgulho, incluindo o seu contemporaneo Manoel de Faria e Sousa, talento verdadeiramente superior tambem, o qual no tomo 1.º da *Europa Portug.* não só confessa que seguiu a Fr. Bernardo de Brito, mas insurge-se contra quem ja *in illo tempore* o menoscabava, e fez uma pomposa e larga apologia d'elle.[1] Isto porém não obstou á que Fr. Bernardo de Brito,—sendo aliás um homem de raro talento e vastos conhecimentos,—fosse accusado de *impostor e falsario* por muitos dos nossos mais auctorisados e conscienciosos escriptores, nomeadamente por João Pedro Ribeiro, Anastacio de Figueiredo Viterbo e Alexandre Herculano.[2]

—

A etymologia de Lafões pintada por Brito seduz—e ainda hoje os vouzellenses e todos os habitantes d'este territorio se orgulham por poderem levar a antiguidade d'elle até os principios do sec. XI; mas não podemos tomar a serio a lenda do rei *Alafum*, nem necessitamos d'ella para levar *muito mais longe* a occupação do territorio de Lafões.

Já no anno de 1030—27 *annos antes da conquista de Viseu por D. Fernando de Leão* —este territorio tinha o nome de Alafões, *Alahobeines, Alahoveinis, Alahoem* e *Alaphoen in illo tempore*, como logo provaremos, quando fallarmos da freguezia de *Bordonhos*.

Fica pois morta desde já a lenda do rei Alafum, tão querida dos vouzellenses. E morta estava desde que Viterbo escreveu o *Elucidario*, pois no art. *Alahoveinis*, depois de citar differentes documentos anteriores á tomada de Viseu por D. Fernando de Leão, nos quaes ao dicto territorio se dá o nome de Lafões, accrescenta:

«D'aqui se mostra ser arbitraria a etymologia que Fr. Bernardo de Brito... quiz dar ao nome de *Alafões*... Não traz Brito mais fiador que a sua palavra, e comtudo achou sequazes dentro e fóra do reino. Mas isto parece não tem fundamento, porque se de nomes que tem alguma semelhança havemos de buscar as etymologias de outros nomes; muito antes da conquista de Viseu... lemos em uma doação do mosteiro de Cete, que hoje se acha no collegio da Graça de Coimbra, entre outras muitas testemunhas, que n'ella assignaram no de 885 «*Alafum Augadiz*—ts.»—E não parece verosimil, que havendo entre nós christãos chamados *Alafums* no seculo X, quasi um seculo depois tomasse aquella terra o nome de um mouro.

«Alem d'isto, aquella terra não estava antes sem nome: se mudou por honra do seu novo possuidor, que nos digam como d'antes se chamava? Vimos... o seu nome no de 1070; nos documentos de Pedroso se faz menção d'ella em outros mais antigos: e então em menos de dez annos se fundaram igrejas, e se mudaram inteiramente os nomes?...—*Credat Judaeus...; non ego.*»

Elucidario loc. cit.

Fica assim rectificado o que o meu benemerito antecessor, confiado em Brito, escreveu no art. *Lafões*, tomo 4.º pag. 11, col. 1.ª[1]

Prosigamos.

—

Os castellos de Lafões (logo os indicaremos) são muito antigos, mas não podemos

---

[1] V. *Europa Port.* tomo 1.º (Prologo) pag. 1 a 9.

[2] V. *Viseu*, tomo 11.º pag. 1682, col. 1.ª

[1] Tambem suppomos que o mosteiro de *S. Christovam d'Alafões*, cuja fundação o meu antecessor, *loc. cit.*, attribue a João Cirita, anno 1123, era muito mais antigo e datava pelo menos do sec. IX.

V. *Alahoveinis* em Viterbo — e *Benedict. Lusit.* tomo 2.º tract. 1.º cap. 7.º

De passagem diremos tambem que *Cirita* era synonimo de *eremita*, porque *cira* outr'ora significava *terreno inculto e deserto, brenha, matta, ermo.*

V. *Cira* e *Villa Franca de Xira.*

acceital-os como obra de Alafum, porque D. Fernando Magno, além de Viseu, conquistou tambem Lamego, Ceia e Coimbra, fazendo récuar a fronteira dos mouros para o sul do Mondego. O territorio de Lafões ficou sendo christão — e christão o proprio Alafum. É pois incrivel o zelo d'este mouro em fundar tantos castellos para os christãos, — nem elle teria tempo e recursos para fazer tantas e tão dispendiosas construcções.

Era possivel que fizesse ou restaurasse alguns castellos, mas suppomos que a maior parte d'elles é muito anterior.

Nós ainda não tivemos occasião de os ver e estudar, mas estamos certos de que alguns são anteriores á occupação arabe e talvez construidos ou reconstruidos sobre outros mais velhos ainda, o que só poderá verificar-se demolindo-os.

—

Estranhamos que em todo o territorio de Lafões não se tenha escontrado vestigio algum da occupação romana, — nem sequer na villa do *Banho*, que os romanos por certo occuparam, por serem tão amantes dos estabelecimentos thermaes e porque o manancial das dictas thermas foi sempre um dos mais volumosos e mais importantes da peninsula.

Accresce tambem a circumstancia de terem os romanos feito demorada residencia em volta de *Lafões*:—a leste em Viseu; a O. em Talabrica e Lancobrica; a N. em Arouca, Lamego e Lamas do Molledo, hoje concelho de Castro d'Ayre, e a S. em Eminium, hoje *Coimbra*; mas é innegavel que o territorio de Lafões foi povoado *muito antes* da occupação dos mouros e mesmo da dos godos e romanos. Foi evidentemente povoado nos tempos prehistoricos da *idade da pedra*, como prova a *arca* ou *orca*, anta ou dolmen que *ainda hoje* (1889) se encontra no adro da egreja matríz da freguezia de *Arca*, no concelho de Oliveira de Frades,—monumento megalithico e congenere dos muitos encontrados em volta de Viseu, — *milhares d'annos anteriores ao lendario Alafum*.[1]

[1] V. *Arca*, tomo 1.º pag. 231,—e *Viseu*, tomo 11.º pag. 1699, col. 2.ª

E outros dolmens ou monumentos congeneres provavelmente existiram—e *existirão talvez ainda* — no concelho de Lafões, nomeadamente nas aldeias denominadas *Anta de Cima, Anta de Baixo* e *Anta Cova*, freguezia de Manhouce, hoje concelho de S. Pedro do Sul,—e na povoação de *Antellas*, diminutivo de *Anta*, dolmen, na freguezia do *Pinheiro*, concelho de Oliveira de Frades, outr'ora de Lafões.

—

Pela onomastica revelam grande antiguidade tambem as aldeias seguintes, todas pertencentes ao antigo concelho de Lafões:

—*Paço, Paços, Reguengo* e *Torre*, na freguezia de Carvalhaes;

—*Paço*, na freguezia de Baiões;

—*Paço*, na de *Serrazes*, cujo nome parece godo, pois tem muita affinidade com *Surrazinus*;

—*Paços*, na de Pinho;

—*Coutos* e *Curvaceira*, na de S. Pedro do Sul;

—*Chã do Couto*, na de Valladares;

—*Torre, Drizes* e *Alqueves*,[1] nomes arabes, e *Fonte-Moninho*, nome godo, na de Varzea;

—*Peso, Goja, Sendas, Amarante, Joazim*, nomes godos, *Castello, Marvão* e *Dardão*, na de Villa Maior.

No concelho de Tondella, visinho de Lafões, ha uma freguezia e villa antiquissima, denominada *Guardão*, cujo nome tem muita affinidade com *Dardão* e *Marvão*!...

—*Bordonhos*,—de *Iben Ordonis*, — nome

[1] Na freguezia da Penajoia, concelho de Lamego, ha uma propriedade *minha*, denominada *Alguetes*, onde se tem encontrado carvões, tijolos de grande espessura, pedras em fórma de cubo, fragmentos de columnas e outros vestigios de remota occupação.

Ha tambem no nosso paiz differentes aldeias, casaes, quintas e sitios denominados *Algueva, Algueve* e *Alqueves*, nomes arabes, donde provem o termo *alqueive*, terra de pousio.

musarabe, hoje povoação e freguezia do concelho de S. Pedro do Sul.[1]

—*Alcaria*, nome arabe, na villa do Sul.

Todas estas 10 freguezias pertencem ao actual concelho de S. Pedro do Sul.

—*Paço*, na freguezia de Queirã;

—*Paços* e *Cabo da Torre*, na de Paços de Vilharigues;

—*Paço* e *Mossamedes*, nome arabe,[2] na de S. Miguel do Mato;

—*Quinta da Cavallaria*, na de Vouzella;

—*Casal de Ouzende*, nome godo, na de Ventosa.

—*Bandavizes* ou *Bendavizes* na de Fataunços.[3]

—*Alcofra*, nome arabe, *Meijão* e *Farves*, na freguezia de Alcofra.

—*Cambra*, *Levides*, *Mugueirães*, *Tourelhe* e *Confulcas*, na de Cambra.

—*Campia*, *Cambarinho*, *Cercosa*, *Decide* ou *Adecide* ou *A do Cid*, *Alvitelhe*, *Sellores* e *Castro* (*castro*, acampamento romano) na de Campia.

[1] No cartorio da Universidade de Coimbra se encontra uma carta de encommunhão (*cartula incommunicationis*) feita no anno de 1030 (era 1068) por Adosinda a *Fromarigo Iben-Egas*, musarabe, e a sua mulher Adosinda, de uma herdade *in territorio alahobeines* (Alafões) no sitio de Bordonhos (*in loco quo vocitant Iben ordonis*) que fôra de seu pae *germeriz* (nome godo) e de sua mãe *matrona*, por 200 soldos (?) e um *modio* de cevada (*uno modio de civaria*).

V. *Catalogo dos Pergaminhos da Universidade de Coimbra*, pag. 113, n.º 1.

Do exposto se vê que já no *anno* de 1030 o territorio de Lafões tinha o mesmo nome de Lafões ou Alafões, *alahobeines* em latim barbaro, e que não tomou o nome do rei *Alafum*, como diz Fr. Bernardo de Brito.

Parece mesmo que já no anno de 865 a este territorio se dava o nome de Alafões—*Alafoins*, como se lê em um documento d'aquella data, que se encontra no tomo 2.º da *Benedit. Lusit.* trat. 1, cap. 7.º

[2] V. *Muçamedes*, tomo 5.º pag. 583, col. 1.ª—e *Viseu*, tomo 11.º pag. 1545, col. 1.ª tambem.

[3] *Drizes* e *Bandavizes* são nomes arabes. V. *Bandavizes*, tomo 1.º pag. 316, col. 1.ª

Estas 9 freguezias pertencem ao actual concelho de Vouzella.[1]

—*Grijó* e *Luvisios*, de *Luvigildus*, nome godo, na de Gafanhão.

—*Mosteiro*, na de *Pepim*, nome godo.

—*Paço*, *Rhodes*, *Sabariz*, nome godo, serras do *Ladario* e das *Almenáras*, faroes dos lusitanos, na freguezia de *Rériz*, nome godo tambem.

Estas 3 ultimas freguezias pertencem hoje ao concelho de Castro d'Ayre, mas pertenceram anteriormente ao concelho de Lafões.

—*Ladario*, *Virella*, *Porcelhe*, *Mourão* e *Faleiro*, na de Arcozello das Maias.

—*Destriz*, *Ribança* e *Pisco* (*Prisco*, nome de homem) na de Destriz, talvez nome godo.[2]

—*Paços*, *Quetriz*, *Francelha* e *Ral*, na de Pinheiro.

—*Reigoso* e *Alfusqueiro*, nome arabe, na de Reigoso.

—*Torre*, *Parada*, *Paços*, *Enviande* (?) *Ladario*, *Candemil*, *Pedre* e *Sandão*, nome godo, na de Ribeiradio.

—*Monte Thesouro*, talvez de *Trezoy*, nome godo, aldeia da freguezia de Oliveira de Frades.

—*Bandonages*, nome arabe,[3] na de S. Vicente.

—*Coutella*, *Bispeira*, *Villagueira* e *Covellinho*, na de S. João da Serra.

[1] *Vilharigues*, na opinião de um illustrado vouzellense, quer dizer *Villa Rodrigues*, mas eu entendo que *Vilharigues* é o nome godo *Villiarigues* patronimico de *Villiarigo*.

Em um documento da era 1033, o anno 995, vemos nós assignado como tabellião ou notario *Viliarigu Onoriz*.

Portugal. Monum. — Diplom. et Chartae, pag. 108.

[2] Teem muita affinidade Ariz, Argeriz, Criz, Destriz, Esmoriz, Gondoriz, Gradiz, Mariz, Moniz, Outiz, Queiriz, Queitriz, Rériz, Roriz, Romariz, Sabariz, Viariz, etc.

Suppomos que todos ou quasi todos estes nomes são godos.

[3] Fr. Bernardo de Brito, escreveu *Aben Donages*. *Monarch. Lusit. loc. cit.*

—*Cunhedo, Ribella, Louredo* e *Rodam*, na de Souto.

Estas 9 freguezias pertencem ao actual concelho de Oliveira de Frades.

Do exposto se vê que no territorio de Lafões tiveram demorada residencia os arabes, musarabes e godos—e que ali viveram muitas familias importantes, como prova o grande numero de aldeias, ainda hoje denominadas *Torre*, *Paço* e *Paços*.

Tambem a aldeia de *Crasto* (*Castro*) revela a occupação dos romanos,—e as de *Arca*, *Antas*, e *Antellas*, synonymos de *Dolmen*, revelam a occupação prehistorica dos celtas ou preceltas, que habitaram a nossa peninsula *milhares d'annos* antes do nascimento de Christo.

V. *Celtas*, tomo 2.º pag. 236,—e *Viseu*, tomo 11.º pag. 1699, col. 2.ª

Castellos

Dos muitos que pompearam nas terras de Lafões occorrem-nos os seguintes:

1.º—*Castello de Lafão*—na freguezia de Vouzella, distante da villa pouco mais de 1 kilometro para E.

Demorava em um alto monte denominado Lafão, no sitio onde hoje se vê o santuario de *Nossa Senhora da Esperança*, ou do *Castello*. Foi demolido, quando se fez o santuario e ainda hoje lá se vêem alguns restos da antiga fortificação em volta do dicto morro.

Consta que ali appareceu uma cisterna com muitos esqueletos, quando se demoliu o castello,[1] supposta residencia do lendario rei *Alafum*. A distancia de 800 metros para S. E., na cumiada de um monte mais alto, segundo resa a tradição, guardava o dicto mouro os seus thesouros em uma *cova* que ainda lá se vê, da qual partia uma estrada coberta ou subterranea, que se prolongava descendo até á povoação e freguezia actual de Fataunços, distante cerca de 2 kilometros para N. E.

2.º *Castello de Vilharigues*—no alto d'este nome, freguezia de *Paços*, antiga succursal de Vouzella, distante d'esta villa cerca de 2 kilometros.

Era quadrado e ainda hoje (1889) tem uma das faces, a do lado N., completa, medindo talvez 50 metros d'altura. As outras faces cairam em ruinas e foram até meia altura demolidas pelos senhores d'elle e da nobre casa e quinta da *Cavallaria* para fazerem, com a pedra que d'elle tiraram, a capella de *Santo Amaro* e uma bella escadaria, ainda hoje pertencentes aos marquezes de Penalva, descendentes de S. *Fr. Gil*, que nasceu na dicta casa e quinta, da qual recebem foros os dictos marquezes, depois que a emprazaram. E ainda hoje mandam fazer na dicta capella todos os annos pomposa festa a *Santo Amaro* no dia 15 de janeiro, havendo por essa occasião grande romagem.

—

3.º—*Castello de Baiões*—em um alto na freguezia d'este nome, hoje concelho de S. Pedro do Sul, distante da villa cerca de 3 kilometros para O. na m. d. do Vouga.

Foi demolido e com a pedra d'elle fizeram no mesmo local a capella de *Nossa Senhora da Guia*, muito querida dos povos circumvisinhos, que a festejam com grande romagem na 2.ª feira da Paschoa.

V. *Bayões*, tomo 2.º pag. 552, col. 1.ª

O *Santuario Marianno*, fallando d'esta ermida (tomo 5.º pag. 86) diz que no dicto local ainda *in illo tempore* (1716) se viam (e vêem hoje, 1889) restos da antiga fortificação ou *atalaya*, e que no dicto chão, cavando, se encontraram *pedaços de ouro lavrado, como argolas, e outras cousas semelhantes*. Que os mouros faziam do dicto castello centro e receptaculo, d'onde saiam a infestar e roubar os christãos, pelo que estes os expulsaram, invocando por guia *Nossa Senhora* e depois, em signal de gratidão, lhe erigiram ali um templo com a invocação de *Nossa Senhora da Guia*.

—Que a dicta imagem era esculptura de madeira estofada, tendo o Menino Jesus no braço esquerdo e ao todo 4 palmos de altura.

---

[1] Veja-se o topico *Templos* supra, n.º 6.

—Que os devotos desde tempo muito antigo formaram uma numerosa irmandade, cujos estatutos confirmou em 1679 D. João de Mello, bispo de Viseu e depois bispo tambem de Coimbra.

—Que a dicta capella tinha um ermitão apresentado pelo abbade de Baiões—e que festejavam a padroeira na 1.ª oitava da paschoa, havendo por essa occasião grande romagem e uma feira antiquissima, anterior á formação da irmandade.

—

4.º—*Castello de Figueiredo das Donas*, na freguezia d'este nome, concelho de Vouzella e distante d'esta villa 6 kilometros para E.

Demoliram-no para construirem uma casa.

Prende com o dicto castello a lenda de *D. Ansur.*

V. *Figueiredo das Donas*, tomo 3.º, pag. 192, col. 2.ª

5.º—*Castello de Bendavizes*,—nome arabe, na freguezia de Fataunços, 3 kilometros ao nascente de Vouzella.

Foi demolido em 1886 e empregaram a cantaria d'elle na construcção de uma casa.

V. *Fataunços*, tomo 3.º pag. 161, col. 2.ª

6.º—*Castello de Cambra.*

Ainda se conserva quasi intacto e demora cerca de 8 kilometros ao sul de Vouzella.

V. *Cambra*, tomo 2.º pag. 52.

7.º—*Castello de Alcofra.*

Ainda se conserva tambem quasi intacto.

V. *Alcofra*, tomo 1.º pag. 79, col. 2.ª *in principio*.

Demora cerca de 15 kilometros ao sul da villa de Oliveira de Frades—e a igual distancia de Vouzella, a cujo concelho actualmente pertence,—para S. S. O.

8.º—*Castello de Rériz*, na freguezia d'este nome, hoje concelho de Castro d'Ayre, na margem esquerda do Paiva, mas outr'ora concelho de Lafões.

Do dicto castello apenas hoje se encontram vestigios, bem como d'outras construcções arabes que existiram na mencionada parochia.

V. *Rériz*, tomo 8.º pag. 148, col. 2.ª

Ainda se apontam dispersos pelo antigo concelho de Lafões vestigios d'outras muitas obras de defesa attribuidas aos mouros, avultando entre ellas uma medonha gruta ou caverna, talvez mina outr'ora, no alto da serra da Arada, a montante da freguezia de Carvalhaes.

Ninguem ousa penetrar na dicta gruta por falta de luz e ar.

V. *Arada*, serra, tomo 1.º pag. 225.

Tambem as aldeias denominadas *Torre*, *Castello* e *Castro*, mencionadas supra, revelam a existencia de *torres*, *castellos* e *castros* n'aquelles sitios, posto que hoje lá se não encontrem vestigios alguns de taes obras de defesa.

Senhores de Lafões

1.º—*Cid Alafum*, o lendario mouro, na opinião de Fr. Bernardo de Brito.

2.º—*D. Fernando Pedro*, mordomo-mor d'el-rei D. Affonso Henriques.

Falla muito d'elle a *Chronographia Medicinal de Alafoens.*

3.º—*O infante D. Henrique*, de Sagres, filho d'el-rei D. João I.

4.º—*O infante D. Luiz*, duque de Beja, 4.º filho do 2.º matrimonio d'elrei D. Manoel e pae do infeliz D. Antonio, prior do Crato.

5.º—*Fernão Lopes d'Almeida*, senhor da casa e quinta da *Cavallaria* e anteriormente já senhor do couto e villa do Banho, por mercê d'el-rei D. Manoel e concessão do infante D. Luiz.

6.º—*Duarte d'Almeida*, filho do antecedente, tambem dono da nobre casa, quinta e couto da *Cavallaria*—e monteiro mor do infante D. Luiz.

7.º—*D. Pedro Henrique de Bragança*, 1.º duque de Lafões, 2.º marquez de Arronches e 7.º conde de Miranda, senhor de Lafões e das villas e concelhos de Miranda de Corvo, Jarmello, Folgosinho, Sôsa, Podentes, Vouga e Oliveira do Bairro.

V. *Lafões*, tomo 4.º pag. 11, col. 1.ª—e a *Chronographia Medicinal das Caldas de Alafões*, muito conscienciosamente escripta na localidade em 1696 e que falla muito da an-

tiga villa do *Banho* e do antigo concelho de *Lafões*, bem como dos senhores da dicta villa e do dicto concelho, etc., etc.

—

E' um livro muito interessante e *não vulgar*, devido á penna do dr. Antonio Pires da Silva, natural de Bragança e que foi medico das ditas caldas,—homem bastante illustrado, mas resentia-se da escola de Fr. Bernardo de Brito, a quem seguiu de perto, fazendo longo extracto da 1.ª parte da *Monarchia Lusitana* e contando como historia muitas *lendas* desde a creação do mundo, para mostrar a antiguidade da casa da Cavallaria. Com as taes lendas e patranhas occupa nada menos de 104 pag.

V. cap. 5.º pag. 17 a 121.

E para mostrar a antiguidade das *Caldas de Lafões*, subiu tambem até á creação do mundo e, depois de longo arrasoado, disse que as dictas aguas *brotaram no mesmo sitio e com a mesma temperatura no 3.º dia da creação?!...*

«Não faz duvida (diz elle) que a agua dos Banhos de Alafoens teve principio e sahiu logo quente *na tarde do terceiro dia.*»

Cap. 2.º pag. 7.

Em compensação na dicta obra se encontram noticias aproveitaveis e *curiosissimas* com relação aos banhos de Lafões e a *toda a sorte de banhos in illo tempore*, sendo para lamentar que não tenha indice, o que difficulta muito a busca de qualquer topico.

Terminaremos dizendo que o senhorio de *Lafões* se conservou muitos annos, bem como outros senhorios, fóros e bens da corôa, na casa dos duques de Lafões, pelo que esta grande casa *soffreu muito* com a extincção d'aquelles senhorios e fóros em 1834.

Coutos

Segundo se lê na *Chronographia Medicinal*, o concelho de Lafões em 1696 comprehendia 13 coutos que ali se apontam, mas tão confusamente, que mal os podemos discriminar!... Suppomos serem os seguintes:

1.º *Couto do Banho.*

Comprehendia a freguezia de Varzea e entrava nas de S. Pedro do Sul, Baiões, Serrazes e Fataunços, sendo demarcado por grandes marcos de pedra com armas reaes.

2.º—*Couto do Covello*, na freguezia de Ventosa, com casas em diversas freguezias, taes eram as de Paços, Baiões e Campia.[1]

3.º—*Couto de Arcozello*, da commenda de Ansemil;

4.º—*Rio de Mel*, da mesma commenda de Ansemil;

5.º—*Goja;*

6.º—*Gafanhão;*

7.º—*Ribolhos;*

8.º—*Trapa;*

9.º—*Oliveira de Frades;*

10.º—*Mões;*

11.º—*Alva;*

12.º—*Sul;*

13.º—*Rériz.*

Pelo motivo exposto supra declinamos a responsabilidade d'este topico.

—

Bordonhos tambem foi honra.

V. *Bordonhos*, freguezia do actual concelho de S. Pedro do Sul, tomo 1.º pag. 420.

Houve tambem no concelho de Lafões desde os principios da nossa monarchia os 3 coutos seguintes:

1.º—A casa, cerca e mais dependencias do convento de *S. Christovam de Lafões*, que hoje constituem a freguezia d'este nome no concelho de S. Pedro do Sul.

---

[1] Ainda hoje (1889) vive o ultimo escrivão do couto do Covello.

Diz elle que *proferiam as sentenças* em cima de certas pedras, que aponta,—*ao ar livre.*

O mesmo se praticava em outros muitos dos nossos concelhos extinctos.

Mesmo em Lamego nos principios da nossa monarchia as audiencias eram feitas junto de uma arvore—*lamegueiro.*

V. *Lamego* n'este diccion. e no supplemento.

V. *Christovão de Lafões* (S.) tomo 2.º pag. 297, col. 1.ª,—e *Lafões*, tomo 4.º pag. 12, col. 1.ª tambem.

2.º—*Couto de Valladares*, ou *Couto de Baixo*, hoje tambem freguezia do mesmo concelho, e

3.º—*Couto da Trapa e Paço*, ou *Couto de Cima* (é o mencionado supra) hoje tambem freguezia do mesmo concelho.

V. *Trapa*, vol. 9.º pag. 724, col. 1.ª — e *Valladares*, tomo 10.º pag. 169, col. 2.ª

Estes ultimos 3 coutos foram muito privilegiados tanto civilmente como ecclesiasticamente. Eram *exemptos* e n'elles exerciam a jurisdicção episcopal os abbades do convento de *S. Christovam de Lafões*.

V. *Viseu*, tomo 11.º pag. 1600, col. 2.ª n.º 21,—e na collecção do *Observador*, jornal de Viseu, relativa ao anno de 1879, os interessantes folhetins: *Chronica visiense do seculo* XVII, *parte 2.ª* — *O Dr. Themudo e Manuel Botelho*, — folhetins firmados por um=B= que suppomos representa o nome do sabio conego *José d'Oliveira Berardo*.

V. *Viseu*, tomo 11.º pag. 1815, col. 2.ª

Os mencionados folhetins, aliás bem escriptos e revelando muita instrucção, referem-se ao dicto convento e ao dr. Manoel Botelho Ribeiro,[1] deprimindo bastante um e outro, pelo que mais nos convencemos de que foram obra de Berardo, — e é d'elle o estylo.

Tambem foi *couto* a celebre quinta da da *Cavallaria*.

—

Do exposto se vê que as auctoridades de Lafões deviam luctar com grandes difficuldades para administrarem a justiça em um concelho tão cheio de *coutos*, *exemptos*, *honras*, castellos e *torres*, e de fidalgos poderosos, alguns d'elles com grande valimento na côrte e outros *senhores do proprio concelho todo*, entre os quaes avultaram 2 infantes e differentes duques.

[1] V. *Viseu*, tomo 11.º pag. 1805, col. 1.ª, —e 1825 col. 2.ª

As mencionadas auctoridades dispunham de 13 companhias de ordenanças, como já dissemos supra, mas tudo isso era pouco e por certo muitos conflictos se deram em que foram levadas de vencida, mas não se registraram, porque muito provavelmente *nem isso lhes permittiram*!...

Os fidalgos eram muito prepotentes e pessimos visinhos outr'ora, pelo que em muitos foraes se concedeu como *grande favor* aos povos não poderem entre elles viver *fidalgos*, nem *donas*, nem *ricos homês*.

V. *Pinhel*, tomo 7.º pag. 70, col. 2.ª e segg. —*Villa Real*, topico *Foraes*, vol. 11.º pag. 942, col. 1.ª e 943, col. 2.ª com as suas respectivas notas;—*Villar*, aldeia da freguezia de *Barrô*, no mesmo vol. pag. 1174, col. 1.ª —*Historia de Port.* de Alexandre Herc. tomo 2.º pag. 494–499,—e os *Foros de S. Martinho de Mouros* nos *Ineditos de Hist. Port.* tomo 4.º pag. 579 e segg.

Tudo o que ali se narra são *factos historicos*, que hoje mal se acreditam.

Fazem tremer a alma!

E nas outras nações *in illo tempore* succedia o mesmo—ou *peior ainda*!...

O povo nunca teve as garantias que hoje tem e de que tanto abusa, expondo-se a voltar ao *statu quo ante*, porque os extremos tocam-se.

S. CHRISTOVAM DE LAFÕES

E

SANTA CRUZ DA TRAPA

(*Reminiscencia d'estes 2 coutos*)

A citada *Chronica do sec.* XVII diz que, estando o dr. Themudo e o dr. Botelho hospedados no convento de S. Christovam de Lafões, por serem amigos do D. Abbade do dicto convento, — Fr. Antonio Pinto,—este apresentou ao dr. Themudo, supposto auctor da *Chronica*, um papel, para o ler e examinar e dar sobre elle o seu conselho, conforme ao direito.

«Acceitei-o (diz elle) e por ser curioso, o transcrevo aqui fielmente do chirographo:

«Fr. Antonio Pinto, Dom Abbade do mosteiro de sam christovam a quem in solidum pertence a jurisdicam *episcopal e temporal* no civil no seu couto da trapa, etc. A todos os que esta nossa freguezia de sam christovam, ha pessoa que esquecida do que deve a Deus nosso Sr. e pouco temente a sua de Vina justiça,[1] porque sendo monido por mandado nosso, para que pagasse a este mosteiro á tulha o que está devendo, e o não tem feito, dezobedecendo e não comprindo nossos mandados. Pello qae Auturitate Apostolica de que nesta parte Vzamos. Mando em Virtude de Sta. Obidiencia e sob penna de excummunhão ipso facto incurrenda Page ao dito Pe. tulheiro: Pedro Simoens da trapa tudo o que lhe deve dentro, em tres dias pros. despois da publicasam desta o que não fazendo o havemos por declarado na sobredita penna de excomunhão maior ipso facto incorrenda, ao dito Po. Simoens e o hey por incorrido nella, e por maldito e excomungado da maldisam de deus todo poderoso e dos Bem aventurados Apostolos Sam Po. e Sam paulo e de todos os Santos da Santa Madre Igreja de Roma, e seja sovertido e confundido, com os danados nos infernos para sempre. Em companhia de Datam e abiram. Dada neste nosso mosteiro de sam christovam hoje 14 de Maio de 694. O Abbe. fr. Antonio pintto.»

«Passou-se o resto daquelle dia, e tambem a noite até que na manhã seguinte, muito cedo, entrou-me pelo quarto dentro Fr. Antonio, pedindo-me o resultado do meu parecer e que lhe fallasse com toda a sinceridade e inteireza.

«Pois bem, respondi eu, digo-vos que a redacção do papel está confuza e incorrecta e que por direito não é esse o modo de cobrar as dividas.

[1] Vou copiando fielmente o texto do *Observador*.

P. A. Ferreira.

«Mas, replicou elle, sempre assim o temos usado e com bastante efficacia.

«Pois então continuai;— foi a minha resposta.

Dr. Themudo.»

Vinho

Segundo a interessante *Carta da producção vinicola da circumscripção do norte de Portugal*,[1] os 3 concelhos d'esta comarca de Vouzella produziram em 1887 o vinho seguinte:

Vouzella—milhares de hectolitros....	11,0
Oliveira de Frades................	12,0
S. Pedro do Sul....................	20,0

Litros por hectare

Oliveira de Frades................	56
S. Pedro do Sul....................	59
Vouzella..........................	115

Note-se que os 3 concelhos teem a superficie seguinte:

Vouzella, hectares..............	10:987
Oliveira de Frades, hectares......	21:500
S. Pedro do Sul, hectares	33:982

E' isto o que se lê na *Chorog. Mod.* pu-

[1] A dicta *Carta* acompanha a publicação official recentemente feita pela nossa *Direcção geral de Agricultura* sob o titulo — «Portugal (circumscripção do norte) Noticias ácerca dos seus vinhos pelo engenheiro José Taveira de Carvalho Pinto de Menezes, Porto, Typographia de Antonio José da Silva Teixeira, Cancella Velha, 70.» — 1.º fasciculo 1888; 2.º fasciculo 1889.

É um trabalho interessante e que muito honra o seu illustrado auctor, distincto engenheiro civil, grande proprietario e vinicultor no concelho de Amarante, mas residente no Porto.

Nos 2 fasciculos já publicados tracta dos districtos de Vianna, Braga e Porto; nos seguintes tractará dos de Bragança, Villa Real, Viseu, Guarda, Aveiro, e Coimbra.

blicada em 1875, mas, como o seu proprio auctor adverte, comprehendeu no concelho de Vouzella a freguezia de *Bodiosa*,[1] que em 1871 *havia passado* para o concelho de Viseu,—e no concelho de Oliveira de Frades comprehendeu as freguezias de *Alcofra*, *Cambra*, *Campia* e *Carvalhal de Vermilhas* que no mesmo anno de 1871 passaram para o concelho de Vouzella. Ficou pois sendo *maior* a superficie d'este ultimo concelho e *menor* a do concelho de Oliveira de Frades.

--

O vinho dos concelhos de Vouzella e Oliveira de Frades em geral é verde e aspero, porque está exposto ao norte nas faldas do *Caramullo*, que attinge a altitude de 1070 metros sobre o nivel do mar,—altitude que baixa gradualmente até ás margens do Vouga, limite dos 2 concelhos a N. e N. O.[2]

E' pois um pouco melhor o que se approxima do Vouga, mas insupportavel o que se avisinha do Caramullo.

Ha por ali freguezias onde as uvas principiam a *pintar* em outubro e nunca chegam a amadurecer, taes são na parte alta as freguezias de Fornello do Monte, Carvalhal de Vermilhas, Ventosa, Alcofra, Campia e Cambra, todas d'este concelho do Vouzella.

[1] E' natural da povoação de *Silgueiros*, d'esta freguezia de *Bodiosa*, um dos assignantes e maiores apologistas d'este diccionario. Chama-se *Antonio Rodrigues dos Santos*, excellente pessoa, residente no Porto desde 1850.

De passagem diremos que ha n'esta freguezia um monumento antiquissimo, denominado *Lagaretas dos mouros*.

E' formado por 3 grandes cavidades simetricas, rectangulares, parallelas e em fórma de parallelogrammo, cavadas a picão em um grande penedo de face lisa, mas com bastante declive, sendo maior a cavidade que está no centro de duas iguaes entre si, porem mais pequenas.

V. *Bodiosa* n'este diccionario e no supplemento.

[2] V. *Caramulo*, *Monte Lafão*, tomo 5.° pag. 481, col. 2.ª—e *Monte-Muro* no mesmo vol. pag. 523, col. 2.ª

No de Oliveira de Frades tambem ha freguezias, cujo vinho é insupportavel!...

O vinho do concelho de S. Pedro do Sul, por estar exposto ao sul, é muito melhor, principalmente o da parte baixa, nas visinhanças do Vouga e do rio Sul; mas tem vinho tambem muito aspero na parte alta, principalmente nas visinhanças da serra de *Manhouce*, que attinge a altitude de 1002 metros sobre o nivel do mar e prende com as serras de Cambra e Arouca, uma das quaes (a de S. Pedro Velho) tem a cota de 1:078 metros sobre o nivel do mar.

E' tambem muito aspero o vinho do concelho de S. Pedro de Sul em volta da serra da Arada e na pendente sobre o Paiva, exposta ao norte.

Em geral o vinho n'estes 3 concelhos é de *enforcado*, como no Minho.

SERRA E FREGUEZIA DE MANHOUCE—ANTIGA ESTRADA DE VISEU AO PORTO—TRAPA E FARRAPA—ALBERGARIA DAS CABRAS, etc.

A freguezia de *Manhouce* é uma das mais altas e mais asperas do concelho de S. Pedro do Sul, parte integrante do territorio de Lafões, cuja capital é *Vouzella*.

V. *Manhouce*, tomo 5.° pag. 53, col. 1.ª—e *Trapa*, vol. 9.° pag. 724, col. 2.ª

Manhouce, outr'ora *Manhoce*, é talvez modificação de *Manhoça*, proveniente de *manho*, terreno baldio ou *maninho*, monte, matto inculto. V. *Manho*, tomo 4.° pag. 520.

O mesmo vocabulo *maninho* provem talvez de *manho*—e de *manho* tomaram o nome a fonte e sitio de *Manhos*, junto de Lamego, na antiga estrada do Douro, e talvez as nossas aldeias de *Manhoco*, *Manhoca* e *Manhosa*, como quem diz *matto*, *matta* e *mattosa*, pois no idioma leonez, hoje hespanhol, que fallavamos nos principios da nossa monarchia, o *z* tinha e tem o valor de *s* ou *ç*, e *Manhosa* ou *Manhoza* soava *Manhoça* quasi *Manhoce* ou *Manhouce*, nome actual da freguezia e serra de que no momento nos occupamos.

—

A povoação e freguezia de *Manhouce* demora no alto da serra d'este nome, na antiga estrada de Viseu ao Porto e na margem direita do Vouga, do qual dista 8 kilometros para N.; 11 d'Albergaria das Cabras para S. S. E.; 15 da villa d'Arouca para S.; 20 de S. Pedro do Sul para O. N. O.; 35 de Viseu para N. O.—e 60 do Porto para S. E.

Pelo ultimo censo de 1878 contava 226 fogos e 1417 habitantes, que me parecem habitantes de mais, pois 226 fogos deviam dar, quando muito, 1000 habitantes, principalmente em terreno tão inhospito, agreste e frio!...

Comprehende esta parochia differentes povoações, entre ellas *Anta de Baixo, Anta de Cima* e *Anta Cova,* que pela onomastica revelam a existencia de 3 *antas* ou *dolmens,* como já dissemos no topico supra: — *Etymologia e antiguidade do territorio de Lafões.*

—

A serra de *Manhouce* prende com a de *Arada*, a E.,—e a N. e N. O. com a de Arouca, *Araducta* no tempo dos romanos. São compactas e formam um todo com differentes nomes, taes são alem d'aquelles os de *Serra da Freita, Serra de Fuste, Serra de Albergaria das Cabras, Serra de S. Pedro*, serra da Mó, etc. havendo grande affinidade entre *Arada* e *Araducta*, que parece terem a mesma etymologia!...

Pela serra e freguezia de *Manhouce* passava a antiga estrada de Viseu ao Porto, muito frequentada ainda no meiado d'este seculo, antes de se fazer a linha ferrea do norte e a estrada a macadam, servida por diligencias de Viseu á estação de Estarreja, para onde mudou o tranzito, por ser mais commodo e facil, embora muito mais longo o percurso, pois de Viseu ao Porto por Manhouce o percurso era de 95 kilometros, em quanto que por Estarreja subiu a 138 kilometros. Depois que se fez a linha da Beira Alta, o tranzito mudou para a estação de Nellas, subindo o percurso a 192 kilometros e assim se conserva e conservará até se abrir ao tranzito (talvez est'anno de 1889) o ramal da linha ferrea de Viseu a entroncar na da Beira Alta em Santa Comba Dão; mas por seu turno o tranzito mudará e por isso soffrerá grande reducção, logo que se construa a projectada linha directa de Viseu ao Porto por S. Pedro do Sul e valle do Paiva, a entroncar na linha do Douro em *Recarei*, como já dissemos supra.

V. *Viseu*, tomo 11.º pag. 1528, col. 1.ª; 1639, col. 1.ª tambem; 1777, col. 2.ª n.º 5—e 1781, col. 2.ª tambem, n.º 3.

—

A antiga estrada de Viseu ao Porto por Manhouce era muito curta, porque se aproximava da linha recta na direcção geral—S. E. a N. O.—Tocava na villa de S. Pedro do Sul; passava depois a N. das freguezias de Baiões e S. Christovam de Lafões; ia a Santa Cruz da Trapa; depois subia para a serra de Manhouce; atravessava a povoação d'este nome e seguia pelo alto da serra até Albergaria das Cabras, concelho d'Arouca; depois descia bruscamente até á povoação da *Farrapa*, freguezia de Chave, no mesmo concelho d'Arouca; ia a *Cabeçaes*, aldeia da villa e concelho de Fermedo, hoje concelho d'Arouca tambem; ia depois a Lobão, Sanguedo, *Carvalhos, Villa Nova de Gaya* e *Porto.*[1]

Foi muito frequentada, por ser curta e porque desde o Porto até á *Farrapa*, na pendente N. O. da serra da Freita, e desde Viseu até á Trapa, na pendente sul da serra de Manhouce, era soffrivel; mas desde a *Trapa* até á *Farrapa*, na extensão de 25 kilometros, era medonha, horrorosa, principalmente no inverno, desde *Manhouce* até *Albergaria das Cabras*, na extensão de 10 a 12 kilometros, porque seguia pela chã da serra na altitude de 900 a 1:000 metros sobre o nivel do mar.[2]

---

[1] V. *Cabeçaes, Manhouce* e *Albergaria das Cabras.*

[2] A serra junto d'Albergaria das Cabras

Ainda ali hoje todo o anno se encontram lobos e no inverno a neve poisa frequentemente e sobe a grande altura, pelo que a rainha Santa Mafalda, condoida dos viandantes, mandou fazer uma albergaria em Manhouce, na extremidade sul da grande serra, e outra na extremidade norte, no sitio ainda hoje denominado *Albergaria das Cabras*, porque a pequena povoação que ali se desenvolveu era formada por cabreiros, —e a mesma albergaria era um curral de cabras.[1]

As duas povoações muito provavelmente tiveram por nucleo as duas albergarias, talvez muito anteriores á rainha santa e restauradas por ella.

—

Manhouce teve tambem um convento antiquissimo, que recorda o de S. *Bernardo*, nos Alpes, e por ser menos inhospita do que Albergaria das Cabras, a sua povoação cresceu mais. É hoje uma das freguezias mais populosas do concelho de S. Pedro do Sul, emquanto que a de Albergaria das Cabras foi sempre rachitica e hoje conta apenas 33 fogos e 140 habitantes, pelo que não póde sustentar a sua autonomia e foi administrativamente annexa á parochia do *Burgo*, distante cerca de 10 kilometros para N.[1]

Tambem na dicta serra se acoitavam salteadores, que roubavam e por vezes matavam os viandantes. Ainda pelos annos de 1834 Domingos Baptista, de Villa Real de Traz os Montes, mas residente em Viseu, roubou e matou José dos Santos na dicta serra de Manhouce, pouco depois de haver roubado e matado outro homem na cidade

---

tem a cota de 1:078 metros, e junto de Manhouce a de 1:002.

Ainda hoje por ali seguem muitos viandantes e almocreves, nomeadamente vendilhões de peixe fresco e recoveiros que do Porto e do concelho da Feira se dirigem a S. Pedro do Sul, etc.

O caminho é de tal ordem, que os habitantes d'Arouca, distando esta villa apenas 30 kilometros da de S. Pedro do Sul, quando para ali se dirigem e dispoem de meios, costumam seguir na diligencia até á estação d'Ovar, distante cerca de 40 kilometros; depois pela linha do norte até á estação d'Estarreja, distante 13 kilometros,—e d'ali em diligencia para S. Pedro do Sul, distante 78 kilometros d'Estarreja, preferindo este longo percurso de 131 kilometros ao de 30 atravez da montanha.

[1] A rainha Santa Mafalda vivia então no convento d'Arouca, a pequena distancia da grande serra,—convento hoje fechado, por haver fallecido a ultima religiosa. Apenas n'elle vivem algumas *criadas*; e a egreja foi arvorada em matriz da parochia, por concessão do governo.

V. *Arouca* n'este diccionario e no supplemento.

[1] Em *Albergaria das Cabras* apenas colhem milho e senteio, criam vaccas e cabras e fazem manteiga, que vendem para o Porto.

As casas são todas humildes, com tectos de palha e lousa. Os leitos *mais luxuosos* são uma especie de lagaretas de taboas lisas; enchem-nas de palha solta e n'ella se deitam e dormem sem lençoes, mas cobertos unicamente por mantas de burel e de farrapos?!...

A matriz é uma pequena e pobre capella nua, sem sacrario nem Santissimo permanente. O capellão mora a distancia de 10 kilometros, junto da villa de Arouca.

A freguezia comprehende as aldeias seguintes: *Albergaria das Cabras* com 20 fogos; Castanheira, a 2 kil., com 8 fogos; Cabaços a 1 kil. com 3 fogos—e *Misarella*, a 2 kil., com 2 fogos, — todas dispersas pela montanha e constantemente visitadas pelos lobos.

Vade retro!...

Junto da *Misarella* nasce o rio Caima, que ali forma uma linda cascata, despenhando-se de grande altura sobre um poço muito fundo, onde ha bom peixe, nomeadamente trutas deliciosas, que abundam na dicta ribeira.

Esta cascata da *Misarella* recorda as cascatas do mesmo nome, que ha na serra do Caramullo e em outros pontos do nosso paiz.

V. *Misarella*, tomo 5. pag. 338.

De passagem diremos que o nome de *Misarella* vem de *mijarella*, como o povo d'*Albergaria das Cabras* ainda hoje denomina a sua cascata, porque a agua, caindo de grande altura, é levada pelo vento, como chuva tenuissima, até grande distancia — muitas vezes.

de Viseu, pelo que o juiz de Vouzella, em 9 de julho de 1836, o condemnou a pena ultima e foi enforcado no Porto em 23 de julho de 1838, havendo por essa occasião grande motim, porque, depois de justiçado e no momento em que lançavam o cadaver á sepultura, abriu os olhos e deu signaes de vida—com assombro das auctoridades e da irmandade da Misericordia, que o acompanhavam, bem como da grande multidão que seguia o prestito. Foi levado em observação para o hospital da Misericordia, mas, constando que abriam as veias ao infeliz, o povo amotinou-se e tentou invadir o hospital, sendo mister, para conter o povo, mostrarem-lhe de uma janella o pobre justiçado, etc., etc.

Ainda hoje vivem no Porto pessoas fidedignas que presenciaram e *me contaram* facto tão estranho.

V. *Victoria,* freguezia do Porto, vol. 10, pag. 604, col. 2.ª e segg. onde narrei o facto minuciosamente.

A serra de Manhouce tem pois tambem lendas e paginas de sangue, como a da Falperra, no Minho, a de Quintella, no Douro, e a de Villa Boim, no Alemtejo.

—

Ha muito que se tracta de construir uma nova estrada directa de Viseu ao Porto. Já está feita e servida por diligencias desde o Porto ate Rossas, margem direita do Arda, onde entronca na de Arouca,—seguindo pelos Carvalhos, Corga, Cedofeita, S. Vicente, Cabeçaes e Mansores.

Tambem já está feita de Viseu até á Trapa e anda em construcção da Trapa até á Farrapa e Rossas, seguindo—não pela serra, como a antiga, mas contornando-a a O. pelas proximidades da villa de Cambra, cortando junto da Farrapa a estrada d'Arouca a Oliveira d'Azemeis pelo valle de Cambra, já construida e servida por diligencias,—e a estrada em construcção d'Oliveira de Azemeis á Farrapa e Arouca tambem, por Carregosa, terra natal do sr. D. Manoel Correia de Bastos Pina, actual bispo-conde.

A carne e o sal

Em 1886 deu-se um facto estranho que muito prejuizo causou em varios pontos do nosso paiz, nomeadamente nos districtos da Guarda e de Viseu e n'esta comarca de *Vouzella.*

O pingue e a carne de porco desfizeram-se e desappareceram em muitas salgadeiras, attribuindo-se este phenomeno ao *sal.* Elle era das nossas marinhas, considerado muito bom, mas suppõe-se que os marnotos lhe haviam addiccionado *cal*!...

Em uma correspondencia de Vouzella, com data de 11 d'abril do dicto anno, se lia o seguinte:

«Por todos estes sitios de Lafões tambem se consumiu muita carne de porco nas salgadeiras, ficando só o couro e o osso, e em algumas casas, quando foram a tiral-a do sal, já estava meia consumida!

Em Cambra, Carvalhal de Vermilhas, Alcofra, Ventoza e outras freguezias, muitos lavradores tinham quatro a cinco porcos na salgadeira e ficaram sem nada; outros, ao contrario, foram para os levantar do sal e acharam tudo em bom estado.

A carne que appareceu, consumida não tinha mau cheiro; o unto tambem se desfez ficando só a pellicula, e o pingue foram dar com elle desfeito em agoa nos potes.

Não se sabe a que attribuir isto, visto a carne não exhalar mau cheiro.

Tambem é certo que em algumas salgadeiras a carne não se consumiu; ou lhe accudiram a tempo ou então o mal está na qualidade do sal empregado.

Dar-se-ha caso que seja tambem falsificado?

Se o é, a falsificação appareceu depois do augmento dos tributos lançados áquelle genero.»

Effectivamente n'aquelle anno o nosso governo havia lançado um forte imposto sobre o *sal,* imposto que achou grave resistencia, pelo que foi abolido e não mais se

repetiu o phenomeno do desapparecimento da carne de porco, salgada com elle.

Foraes

A villa de *Vouzella* nunca teve foral proprio—nem *velho*, nem *novo*.

O concelho de *Lafões* tambem nunca teve *foral velho*, mas somente *foral novo*, que ainda se conserva, embora muito deteriorado, no archivo da camara de Vouzella.

V. *Lafões*.

A villa do *Banho* teve foral velho, dado por D. Affonso Henriques em agosto de 1152 e confirmado por D. Affonso II em outubro de 1217; mas o dicto foral era *restricto á mencionada villa*, como póde ver-se no *Portugaliae Monumenta*, l. *Foralia*, pag. 382, onde se encontra na sua integra.

V. *Banho*, tomo 1.º pag. 317.

As villas de *Oliveira de Frades* e *S. Pedro do Sul* tambem nunca tiveram foral *velho* nem *novo*; apenas a villa do *Sul* teve foral *novo*, dado por D. Manoel a 4 d'abril de 1514.

V. *Sul*, vol. 9.º pag. 463, col. 2.ª e *S. Pedro do Sul* no mesmo vol. pag. 17, col. 1.ª

O meu benemerito antecessor deu ás villas do *Sul* e S. *Pedro do Sul* o mesmo foral de D. Manoel, mas eu supponho que pertence á villa do *Sul* e não á de S. *Pedro do Sul*.

Franklin na sua *Memoria* apenas escreve *Sul*. Convem ler o foral para se dirimir a questão.

ARMAS DE VOUZELLA OU DO CONCELHO DE LAFÕES

O sr. Vilhena Barbosa nas *Cidades e Villas*... não dá brasão d'armas a *Lafões* nem *Vouzella*. Tambem não se encontra em um formoso e luxuoso livro que possuo, anonymo e sem data, mas com muitos brasões das nossas villas e cidades, bem desenhados e coloridos; encontra-se porem no codice nº. 273 da *Bibliotheca Municipal portuense*[1] um lindo brasão d'armas de Lafões (*Vouzella*) que bem desejavamos dar em gravura.

E' o seguinte:

Escudo sem corôa; no plano inferior um semi circulo (talvez representando o monte *Lafão*) tendo a corda ou linha do diametro em recta horisontal de uma á outra parede do escudo; sobre o vertice do semicirculo um alto castello ameiado com porta d'arco de volta inteira; no 1.º plano superior 4 seteiras com uma janella no centro, dando ás 4 seteiras fórma de santor. No plano da porta 2 estrellas no vão do escudo,—uma de cada lado do castello; no plano das seteiras e no mesmo vão do escudo:—á esquerda do espectador uma meia lua com as pontas voltadas para o castello e dentro d'ellas uma estrella;—á direita do espectador outro semicirculo mais pequeno do que o da base, com a linha horisontal, ou corda do diametro, do lado superior, partindo do meio d'ella uma flor de liz.

As 3 estrellas são de 6 pontas e nos vãos lateraes do escudo, a meia altura do castello, tem mais de cada lado um circulo de pontos com um ponto no centro.

O castello ou torre tem a base bastante larga e vae apertando gradualmente ao passo que vae subindo, como a grande torre Eiffel de Paris, em construcção no momento (fevereiro de 1889).

Em plano inferior ao dicto brazão lê-se o seguinte:

«O concelho de Alafões tem por armas as

---

[1] Intitula-se *Arte de Armaria e Brazões de Cidades e Villas de Portugal*.

E' 1 vol. fol. anonymo e sem data, mas em lettra do sec. XVII; desenhos á penna e pouca ou nenhuma arte, comprehendendo 30 folios (alguns em branco) sem paginação.

O autor não concluiu a obra, mas ainda assim tem merecimento e d'ella póde ver-se uma minuciosa e muito conscienciosa indicação no *Catalogo dos mss.* da mencionada Bibliotheca, publicado em 1888 e muito intelligentemente feito pelo sr. dr. Eduardo Augusto Allen, 1.º official da Bibliotheca, muito illustrado, zelosissimo e dignissimo a todos os respeitos.

que aqui se vêm, e d'ellas usa no sello da Camara cõ hu letreiro circular que diz:

S. Concilii. de Alafões.

—

Na frente do edificio do tribunal judicial de Vouzella estão as armas reaes portuguezas das quinas e 7 castellos e por baixo um escudo com o mesmo brasão do *codice*. Apenas se notam as differenças seguintes:

Tem no centro do escudo um castello ameiado, do meio do qual sobe uma torre ameiada tambem.

O castello, alem da porta central, tem duas portas mais pequenas em dois pequenos corpos lateraes.

A torre tem 4 frestas, mas em vez da janella central, tem uma estrella que lhes dá a fórma de santor.

A meia lua e a estrella estão do lado direito do espectador, e do lado esquerdo a flor de liz sobre o pequeno semicirculo, tendo este, como o da base do castello, a corda horisontal do diametro para o lado inferior.

Nada mais—nem os 2 circulos de pontos indicados no brazão do codice.

As estrellas são todas de 8 pontas.

—

A camara de Vouzella tem 2 pendões, ou estandartes, ambos de seda encarnada;—um foi feito em 1867 e tem de ambos os lados as armas reaes portuguezas das quinas e 7 castellos bordadas a ouro; outro é antigo, bordado a matiz e cordões de seda, tendo de um lado as armas reaes portuguezas e do outro um castello encimado por uma torre ameiada, poisando sobre ella uma grande corôa real.

O castello tem no plano inferior uma porta d'arco de volta inteira — e em plano superior 3 frestas ou janellas; — a torre tem no plano inferior uma fresta ou seteira—e em plano superior mais 3 frestas.

O todo, exceptuando a corôa, é muito semelhante ao do castello do codice nú, sem poisar no semicirculo; nota-se porem que, em vez das 4 frestas em santor com a janella ao centro, tem 6 frestas,—3 em cada plano—e a meio uma outra;—total 7.

Tambem o castello e a torre não formam um todo compacto como no bazão do codice,—nem o castello tem ameias como o do brazão do tribunal. Termina em uma faxa saliente de pedra, que o divide da torre.

O sello actual da camara é de fórma oval; tem no centro um escudo com as armas reaes das quinas e 7 castellos, ladeado por duas palmas e encimado pela corôa; em volta a legenda seguinte:

Lafões, no alto; em seguida:

Municipalidade de Vouzella

—

Não sabemos que armas e sellos tem e teve a camara de S. Pedro do Sul, que representou e representa a parte N. do antigo concelho de Lafões, ou a margem direita do Vouga.

Tambem não sabemos que armas e sello tinha a pobre villa do Banho que, durante muitos seculos, foi, como já dissemos, a capital de todo o concelho e territorio de Lafões.

Passemos a outro topico.

Preço corrente dos generos
na villa e concelho de Vouzella em 1888

Milho..........	litros 16^l,234,	réis		440
Trigo..........	»	»	»	600
Centeio........	»	»	»	400
Cevada.........	»	»	»	280
Feijão branco...	»	»	»	600
Feijão amarello.	»	»	»	500
Feijão fradinho.	»	»	»	500
Vinho, almude..	»	25,008	»	500
» pipa, tinto, 20 almudes.			»	10$000
» » branco	»	»	»	12$000

Movimento da estação telegrapho-postal
de Vouzella no anno de 1888

Telegrapho....................	120$000
Emissão de vales..............	8:000$000

Franquias	1:000$000
Registros expedidos	1$100
Encommendas postaes exped.	120
» » recebidas	230
Correspondencia official, expedida e recebida	7:200

Contribuições

O concelho de Vouzella no anno economico de 1887 a 1888 pagou o seguinte:

Predial	4:859$483
Industrial	997$467
Renda de casas	300$405
Sumptuaria	103$597
Municipal—directa	2:896$711
— —indirecta	1:450$000
Parochial	126$541
Districtal	695$210
Decima de juros	818$638
Verba do sello	832$755
Real d'Agua	1:538$510
Total	14:619$317

Vouzellenses illustres

Este topico podia dar um grosso volume, se folheassemos as genealogias das muitas casas nobres da villa e do concelho de Vouzella e os annaes d'este municipio e do antigo concelho de Lafões, cuja capital é actualmente Vouzella, mas nunca se escreveram os ditos annaes e não temos á mão aquellas genealogias, nem podemos alongar-nos e por isso apenas indicaremos os vouzellenses seguintes:

—*S. Fr. Gil.*

Nasceu em 1185 na sua nobre casa e quinta da *Cavallaria;* foi baptisado na egreja, hoje simples capella de *S. Martinho,* na extincta villa das Caldas; falleceu no convento dominicano de Santarem a 14 de maio de 1265—e jaz em Lisboa na capella do palacio dos marquezes de Penalva, seus descendentes e representantes.

Para evitarmos repetições, vejam-se os topicos supra *Quintas e templos* e n'este diccionario o art. *Santarem,* tomo 8.° pag. 480 col. 1.ª—*anno de 1265*—e pag. 540, col. 2.ª

Desde a canonisação de S. Fr. Gil (abreviatura de *Egidio*) a fé e a sympathia dos vouzellenses com este santo foram sempre tão pronunciadas, que ainda hoje na villa e no concelho de Vouzella o nomo *Gil* é trivialissimo.

—*Alberto Antonio de Moraes Carvalho,*—do conselho de S. M., bacharel formado em canones pela Universidade de Coimbra, vereador e presidente da camara municipal de Lisboa, deputado ás côrtes em differentes legislaturas, par do reino, ministro dos negocios ecclesiasticos e de justiça, conselheiro do tribunal de contas, governador civil do districto de Lisboa, socio honorario do *Instituto da O. dos Advogados brazileiros,* socio correspondente da *Acad. R. das Sciencias de Lisboa* e do *Instituto historico de França,* distincto advogado e distincto escriptor publico, gran cruz de Leopoldo, da Belgica, e da Rosa, do Brazil, commendador da O. de Christo, etc. etc.

Nasceu na villa de Vouzella a 22 de novembro de 1801 e falleceu em Lisboa, onde jaz (no cemiterio *Occidental* ou dos *Prazeres*) a 15 d'abril de 1878.

Foram seus paes:—Luiz de Moraes Carvalho e D. Joaquina Rosa de Moraes Torres.

Avós paternos: — Luiz de Moraes Carvalho e D. Quiteria Thereza de Carvalho.

Avós maternos:—José Fernandes Torres e D. Joanna Maria Mogueirães.

—

Casou com D. Maria Soares de Moraes e teve os filhos seguintes:

—Adriano Alberto de Moraes Carvalho, hoje (1889) verificador da alfandega de Lisboa. Solteiro.

—*Alberto Antonio de Moraes Carvalho,* bacharel formado em direito, deputado ás côrtes, F. C. R. etc., casado com D. Andralina dos Santos Moraes Carvalho.

Tem successão.

—*Leopoldo Augusto de Moraes de Carvalho,* solteiro.

—D. *Amelia Elvira de Moraes Carvalho*, casada com o seu primo dr. Alberto Antonio de Moraes Carvalho *Sobrinho*, medico do Hospital de S. José e delegado de Saude, em Lisboa.

Tem successão.

—D. *Maria Georgina de Moraes Carvalho*, solteira.

—D. *Amelia Eugenia de Moraes Carvalho*, viuva, com succesão.

São estes 6 filhos os herdeiros e representantes do nosso biographado.

Teve elle os irmãos seguintes:

1.º *Luiz de Moraes Carvalho*.

Casou e teve:

—Alberto Antonio de Moraes Carvalho supra, casado com sua prima D. Amelia.

—Padre José de Moraes Carvalho e

—D. Antonia Elvira de Moraes Carvalho.

2.º *Thomaz Antonio de Moraes Carvalho*, fallecido sem succesão.

3.ª D. *Mariana Carlotina de Moraes Carvalho e Gama*.

Casou e teve os filhos seguintes:

—Francisco Antonio da Gama;

—*Gil Alcoforado da Gama e Mello*, escrivão da 1.ª vara civel no Porto, onde casou e vive com succesão;

—D. *Maria da Gloria*, já fallecida;

—D. *Maria José Alcoforado da Gama e Mello*, ainda solteira, e

—D. *Maria Adelaide*, já fallecida.

4.º D. *Maria José de Moraes Carvalho*.

Casou e teve os filhos seguintes:

—*Dr. Antonio Augusto Soares de Moraes*, actualmente prior na freguezia da Ajuda, em Lisboa;

—D. *Maria José de Moraes Soares* e

—*D. Eugenia de Moraes Soares*.

—

Em 1828, estando já formado em canones o nosso biographado, abraçou a revolução liberal da junta do Porto contra o governo do sr. D. Miguel e, abortando a dicta revolução, emigrou para a Hespanha; — d'ali foi para a Inglaterra (Falmouth) — e da Inglaterra para o Brazil.

Quando ali chegou, todo o seu capital era uma simples moeda de 10 *réis*, moeda que toda a vida conservou como reliquia sagrada; mas valeu-lhe a formatura, o *patrimonio da instrucção* que levava comsigo.

Estabeleceu-se logo como advogado no Rio de Janeiro e taes creditos grangeou, que adquiriu pela advocacia a maior parte da sua grande fortuna até o anno de 1848, data em que regressou a Portugal, depois de longa viagem pela Europa.

Com relação aos seus escriptos, veja-se o *Diccionario Bibl.* de Innocencio, tomo 1.º pag. 23, e a continuação pelo sr. Brito Aranha, tomo 8.º pag. 21.

—

D'este ligeiro esboceto biographico se vê que Alberto Antonio de Moraes Carvalho,—homem de superior illustração e cavalheiro honradissimo,—foi um cidadão benemerito, pelo que os seus patricios lhe erigiram no anno de 1882 uma estatua de bello marmore, feita no Porto, na officina de Antonio Coelho de Sá e Fernando Correia da Silva, rua dos Lavadouros, 5 a 9, e cinzelada pelos artistas Fernando Correia da Silva e Francisco Antonio Raposo.

É um bom trabalho, copia de uma photographia.

Está um pouco descançado sobre a perna esquerda, o rosto muito expressivo e bem parecido. As bordaduras da farda, a gran-cruz, as medalhas, espadim, chapeu e livro sobre que pousa, estão bem cinzelados.

Ayres de Gouveia

Uma das familias que pelo trabalho, pelo talento, pela illustração e pela nobreza do

seu caracter tem conquistado mais brilhante posição e mais justa consideração na villa e no concelho de Vouzella e em todo o nosso paiz, nomeadamente no Porto na 2.ª metade d'este seculo, é sem contestação a familia *Ayres de Gouveia*, oriunda d'este concelho,—familia que nós temos a honra de conhecer e tractar desde 1851. Seja-nos licito, pois, biographal-a rudemente a nosso modo, sem lisonjas, consignando nomes, datas e factos para luz da posteridade, resumindo quanto possivel.

Ella não conta longa serie d'avós, nem se recommenda pela nobreza herdada,—*nobreza alheia*,—mas pela *nobreza propria*, conquistada por justos titulos, — a nobreza da virtude, do trabalho e do talento,—a nobreza mais invejavel, que mais honra e nobilita.

Entremos no assumpto:

—

Fructoso José da Silva Ayres, patriarcha d'esta familia, nasceu na povoação de *Ventosa*, freguezia d'este nome, pertencente ao concelho e comarca de Vouzella, aos 29 de março de 1804. Foi para o Porto como aprendiz de caixeiro aos dez annos de idade, servindo em uma loja á *Porta de Carros*,[1] onde passou a maior parte da vida.

Em 1826, contando 22 annos, casou com Maria Maximina de Gouveia Braga, natural do povo de *Silvite* na mesma freguezia da Ventosa, e nascida em igual dia, 29 de março de 1795, tendo então ella 31 annos de idade ou mais 9 do que elle.[1]

Era uma senhora muito piedosa e muito virtuosa.

Houve do seu casamento oito filhos, todos nascidos na pequena casa da *Porta de Carros* e todos baptisados na freguezia de Santo Ildefonso, a que n'esse tempo pertencia aquelle sitio, hoje incorporado na freguezia da Sé.

Aquelles oito filhos foram pela ordem do nascimento os seguintes:

—

1.º — *José Fructuoso Ayres de Gouveia Osorio*, que nasceu a 11 de maio de 1857.

Mostrando logo desde os primeiros annos uma grande vocação para as lettras e muito amor ao estudo, esforçou-se o pae em auxilial-o e já aos 14 annos se achava matriculado em mathematica.

Fez formatura em philosophia e medicina na Universidade de Coimbra, obtendo premios. Ausentou-se de Portugal durante mais de dois annos, frequentando as summidades medicas em Paris e tomou o grau de doutor na Universidade de Edimburgo.

Foi nomeado professor da escola medico-cirurgica do Porto em 1858 e regeu a sua cadeira de hygiene com muita proficiencia.

Associando-se com seu pae e seu irmão Francisco, tomou parte no negocio da casa, uma das casas de vinhos mais importante e mais acreditada entre todas as do Porto.[2]

---

[1] Era uma das portas dos velhos muros do Porto na confluencia da Praça Nova e das ruas da Madeira, Santo Antonio e Bomjardim com o largo da Feira de S. Bento, rua das Flores, etc.

A dicta loja estava em frente da egreja dos Congregados do Oratorio e pertencia a um pequeno predio collado aos velhos muros, predio que foi demolido pela camara do Porto em 1888, para alargamento do local.

O predio era pequeno, mas o sitio era de grande movimento e optimo para commercio.

Do lado interior dos muros estava e está ainda hoje (1889) o convento das freiras benedictinas, que vae ser demolido, para no chão e cerca d'elle se construir a estação central do Porto.

[1] O visconde de Villa Mendo — Antonio de Gouveia Osorio—é parente muito proximo da dicta senhora.

V. *Villa Mendo*, tomo 11.º pag. 797, col. 2.ª

[2] O velho Fructuoso Ayres de Gouveia, que eu muito bem conheci, era de mediana estatura, muito modesto e *muito honrado*, pelo que, mesmo nas grandes crises da pra-

Foi director da associação commercial do Porto e da associação industrial, socio fundador e 1.º presidente da sociedade d'instrucção, etc.

Casou em 16 de julho de 1866 com D. Virginia de Brito e Cunha, filha de D. Carlota de Roure e de João Eduardo de Brito e Cunha, de Mattosinhos, e houve d'ella 3 filhos:—*Fructuoso*, que morreu com poucos dias de idade;—*José*, que falleceu na Foz em 29 de janeiro de 1884, aos 15 annos de idade, tendo nascido a 9 de julho de 1868,—e *Maria Benedicta*, que existe e nasceu em 30 de novembro de 1869.

Caracter integerrimo, o dr. José Fructuoso grangeou estima profunda entre os seus concidadãos. Liberal convicto e progressista honesto e dedicado, serviu o povo, cujo era filho.

Ainda antes de completar os 20 annos de idade, em 1847, no tempo da Junta do Porto, auxiliou a fundação do *Ecco Popular*, jornal progressista de grande nomeada, em que collaborou ao lado dos benemeritos patriotas irmãos Passos.[1]

Desde então nunca deixou de advogar os interesses do sua terra com a penna ou com a palavra, em opusculos ou em jornaes.

As questões dos expostos e creanças abandonadas, a do Asylo da Mendicidade, onde foi sollicito provedor, e outras mereceram-lhe as maiores dedicações.

A ideia inicial de dois taboleiros na ponte *D. Luiz* partiu d'elle e insinuou-a em artigo anonymo.

A collocação da estação na Granja, originando assim aquella formosa praia, conseguiu-a elle.

—

Falleceu na manhã de 23 d'agosto de 1887 de morte repentina, sendo presidente da camara municipal do Porto, par do reino electivo pela mesma cidade, socio da firma social com seu irmão Francisco—e andava publicando pela imprensa as lições do seu curso de hygiene e o projecto do *Codigo Sanitario portuguez*, de que deixou impressos os primeiros 4 titulos com 132 artigos e o plano completo com 21 titulos,—missão de que foi encarregado pelo governo em portaria de 25 de janeiro de 1882, portaria muito honrosa, terminando por estes termos: «O que se communica ao referido lente para sua intelligencia, e para que assim o cumpra, *como é de esperar da sua competencia e provado zêlo no serviço do estado.*»

Note-se que, sendo José Fructuoso muito *progressista*, foi encarregado da dicta commissão pelo governo *regenerador*, prova inequivoca do relevante merito e da singular competencia do finado.

A manifestação publica pela sua morte foi tão espontanea e larga como dolorosissima.

Cavalheiro muito illustrado, muito honrado e muito considerado—era um justo.

Possuia em Vouzella a quinta de *Lanamas* que lhe legára seu padrinho José Fernandes, a principio patrão e depois socio de seu pae;—adquiriu ali varias outras propriedades—e comprazia-se em viver em Vouzella, onde o estimavam e queriam como amigo dedicado, pae e protector, pois folgava sempre em engrandecer Vouzella por todos os modos. A elle se deve a estrada districtal em construcção de Viseu a Oliveira do Bairro por Vouzella, e longos annos se empenhou na construcção de uma linha ferrea entre o Porto e Viseu pelo valle do Vouga, tocando em Vouzella. Fez com que a associação commercial do Porto representasse ao governo pedindo a mencionada linha e, se elle vivesse, talvez desviasse para o valle do Vouga a linha estudada e decretada entre o Porto e Viseu pelo valle do Paiva!...

ça do Porto, as suas lettras corriam *como ouro* e assim correram sempre e correm hoje ainda, porque os filhos não degeneraram.

Qui viget in foliis venit e radicibus humor!

[1] V. *Bouças de Mattosinhos, Guifões* e *Porto*.

O dicto jornal foi fundado por José Lourenço de Sousa, que acabava de ser caixeiro na casa de Fructuoso Ayres.

seu caracter tem conquistado mais brilhante posição e mais justa consideração na villa e no concelho de Vouzella e em todo o nosso paiz, nomeadamente no Porto na 2.ª metade d'este seculo, é sem contestação a familia *Ayres de Gouveia*, oriunda d'este concelho,—familia que nós temos a honra de conhecer e tractar desde 1851. Seja-nos licito, pois, biographal-a rudemente a nosso modo, sem lisonjas, consignando nomes, datas e factos para luz da posteridade, resumindo quanto possivel.

Ella não conta longa serie d'avós, nem se recommenda pela nobreza herdada,—*nobreza alheia*,—mas pela *nobreza propria*, conquistada por justos titulos,—a nobreza da virtude, do trabalho e do talento,—a nobreza mais invejavel, que mais honra e nobilita.

Entremos no assumpto:

—

Fructoso José da Silva Ayres, patriarcha d'esta familia, nasceu na povoação de *Ventosa*, freguezia d'este nome, pertencente ao concelho e comarca de Vouzella, aos 29 de março de 1804. Foi para o Porto como aprendiz de caixeiro aos dez annos de idade, servindo em uma loja á *Porta de Carros*,[1] onde passou a maior parte da vida.

Em 1826, contando 22 annos, casou com Maria Maximina de Gouveia Braga, natural do povo de *Silvite* na mesma freguezia da Ventosa, e nascida em igual dia, 29 de março de 1795, tendo então ella 31 annos de idade ou mais 9 do que elle.[1]

Era uma senhora muito piedosa e muito virtuosa.

Houve do seu casamento oito filhos, todos nascidos na pequena casa da *Porta de Carros* e todos baptisados na freguezia de Santo Ildefonso, a que n'esse tempo pertencia aquelle sitio, hoje incorporado na freguezia da Sé.

Aquelles oito filhos foram pela ordem do nascimento os seguintes:

—

1.º—*José Fructuoso Ayres de Gouveia Osorio*, que nasceu a 11 de maio de 1857.

Mostrando logo desde os primeiros annos uma grande vocação para as lettras e muito amor ao estudo, esforçou-se o pae em auxilial-o e já aos 14 annos se achava matriculado em mathematica.

Fez formatura em philosophia e medicina na Universidade de Coimbra, obtendo premios. Ausentou-se de Portugal durante mais de dois annos, frequentando as summidades medicas em Paris e tomou o grau de doutor na Universidade de Edimburgo.

Foi nomeado professor da escola medico-cirurgica do Porto em 1858 e regeu a sua cadeira de hygiene com muita proficiencia.

Associando-se com seu pae e seu irmão Francisco, tomou parte no negocio da casa, uma das casas de vinhos mais importante e mais acreditada entre todas as do Porto.[2]

---

[1] Era uma das portas dos velhos muros do Porto na confluencia da Praça Nova e das ruas da Madeira, Santo Antonio e Bomjardim com o largo da Feira de S. Bento, rua das Flores, etc.

A dicta loja estava em frente da egreja dos Congregados do Oratorio e pertencia a um pequeno predio collado aos velhos muros, predio que foi demolido pela camara do Porto em 1888, para alargamento do local.

O predio era pequeno, mas o sitio era de grande movimento e optimo para commercio.

Do lado interior dos muros estava e está ainda hoje (1889) o convento das freiras benedictinas, que vae ser demolido, para no chão e cerca d'elle se construir a estação central do Porto.

[1] O visconde de Villa Mendo — Antonio de Gouveia Osorio—é parente muito proximo da dicta senhora.

V. *Villa Mendo*, tomo 11.º pag. 797, col. 2.ª

[2] O velho Fructuoso Ayres de Gouveia, que eu muito bem conheci, era de mediana estatura, muito modesto e *muito honrado*, pelo que, mesmo nas grandes crises da pra-

Foi director da associação commercial do Porto e da associação industrial, socio fundador e 1.º presidente da sociedade d'instrucção, etc.

Casou em 16 de julho de 1866 com D. Virginia de Brito e Cunha, filha de D. Carlota de Roure e de João Eduardo de Brito e Cunha, de Mattosinhos, e houve d'ella 3 filhos:—*Fructuoso*, que morreu com poucos dias de idade;—*José*, que falleceu na Foz em 29 de janeiro de 1884, aos 15 annos de idade, tendo nascido a 9 de julho de 1868,—e *Maria Benedicta*, que existe e nasceu em 30 de novembro de 1869.

Caracter integerrimo, o dr. José Fructuoso grangeou estima profunda entre os seus concidadãos. Liberal convicto e progressista honesto e dedicado, serviu o povo, cujo era filho.

Ainda antes de completar os 20 annos de idade, em 1847, no tempo da Junta do Porto, auxiliou a fundação do *Ecco Popular*, jornal progressista de grande nomeada, em que collaborou ao lado dos benemeritos patriotas irmãos Passos.[1]

Desde então nunca deixou de advogar os interesses do sua terra com a penna ou com a palavra, em opusculos ou em jornaes.

As questões dos expostos e creanças abandonadas, a do Asylo da Mendicidade, onde foi sollicito provedor, e outras mereceramlhe as maiores dedicações.

A ideia inicial de dois taboleiros na ponte *D. Luiz* partiu d'elle e insinuou-a em artigo anonymo.

A collocação da estação na Granja, originando assim aquella formosa praia, conseguiu-a elle.

—

Falleceu na manhã de 23 d'agosto de 1887 de morte repentina, sendo presidente da camara municipal do Porto, par do reino electivo pela mesma cidade, socio da firma social com seu irmão Francisco — e andava publicando pela imprensa as lições do seu curso de hygiene e o projecto do *Codigo Sanitario portuguez*, de que deixou impressos os primeiros 4 titulos com 132 artigos e o plano completo com 21 titulos,— missão de que foi encarregado pelo governo em portaria de 25 de janeiro de 1882, portaria muito honrosa, terminando por estes termos: »O que se communica ao referido lente para sua intelligencia, e para que assim o cumpra, *como é de esperar da sua competencia e provado zêlo no serviço do estado.*»

Note-se que, sendo José Fructuoso muito *progressista*, foi encarregado da dicta commissão pelo governo *regenerador*, prova inequivoca do relevante merito e da singular competencia do finado.

A manifestação publica pela sua morte foi tão espontanea e larga como dolorosissima.

Cavalheiro muito illustrado, muito honrado e muito considerado—era um justo.

Possuia em Vouzella a quinta de *Lammas* que lhe legára seu padrinho José Fernandes, a principio patrão e depois socio de seu pae; — adquiriu ali varias outras propriedades — e comprazia-se em viver em Vouzella, onde o estimavam e queriam como amigo dedicado, pae e protector, pois folgava sempre em engrandecer Vouzella por todos os modos. A elle se deve a estrada districtal em construcção de Viseu a Oliveira do Bairro por Vouzella, e longos annos se empenhou na construcção de uma linha ferrea entre o Porto e Viseu pelo valle do Vouga, tocando em Vouzella. Fez com que a associação commercial do Porto representasse ao governo pedindo a mencionada linha e, se elle vivesse, talvez desviasse para o valle do Vouga a linha estudada e decretada entre o Porto e Viseu pelo valle do Paiva!...

ça do Porto, as suas lettras corriam *como ouro* e assim correram sempre e correm hoje ainda, porque os filhos não degeneraram.

Qui viget in foliis venit e radicibus humor!

[1] V. *Bouças de Mattosinhos, Guifões* e *Porto.*

O dicto jornal foi fundado por José Lourenço de Sousa, que acabava de ser caixeiro na casa de Fructuoso Ayres.

Junto ao carneiro da familia Ayres de Gouveia, no cemiterio d'Agramonte (*Occidental* do Porto) onde repousam seus paes, o dr. José Fructuoso, por determinação expressa, jaz em sepultura rasa, tendo ao lado os seus dois filhos, no cemiterio privativo da celestial ordem do Carmo, de que era irmão.

—

2.º—*D. Antonio Ayres de Gouveia.*

Nasceu a 13 de setembro de 1828, em tempos de violenta agitação politica. Andados poucos mezes, exerciam os carrascos na Praça Nova do Porto o seu sanguinario officio. Das janellas da sua casa viam-se as duas forcas—e á volta dos 4 annos, fechado o cerco do Porto, levava o seu pae atravez das linhas para o pôr a salvo na proxima povoação de Fanzeres. D'ali foi para Vouzella e só regressou á cidade depois da convenção d'Evora Monte.

Frequentou as primeiras lettras com seus irmãos na rua do Laranjal, em escola particular do professor Francisco José Pereira Leite, sendo um dos seus condiscipulos o actual professor de pintura historica jubilado Francisco José Rezende.

Finda a instrucção primaria, seguiu com seu irmão José o estudo de latim no collegio da Lapa, sendo director o professor José Joaquim Pereira d'Almeida Vasconcellos. Transferido este para Traz da Sé, ali continuou a latinidade e principiou o francez com José Athanasio Mendes. Teve por condiscipulos o actual sr. conde de Samodães e o dezembargador Joaquim d'Almeida Correia Leal.

—

Destinado á vida commercial, apenas pôde, principiou a fazer serviço no mostrador da loja de seu pae e aos 14 annos de idade,—em abril de 1843—entrou por caixeiro na casa ingleza de Thomaz P. Chassereau, de Londres, que de Lisboa fôra estabelecer-se no Porto. Era uma casa de consignações, predominando fazendas brancas e drogaria, junto á egreja de S. Nicolau, na rua dos Inglezes, hoje rua do Infante D. Henrique. N'ella serviu mais de sete annos, trocando então a carreira com seu irmão Joaquim, que o substituiu, dando-se já desde o começo de 1850 ao estudo de preparatorios para a Universidade.

Durante aquelle periodo de caixeiro foi empregando por vezes algumas horas em leituras curiosas.

Nos fins de 1846 tomou-o a serviço a Junta do Porto. Recebeu armamento e correame e aprendeu exercicio militar.

Em 1848 a 1849 appareceram anonymos alguns poemetos heroe comicos. Attribuiram-lhe os intitulados *Os ratos da alfandega de Pantana* e *As Commendas*. O primeiro d'estes foi ulteriormente imputado ao dr. e depois dezembargador Camillo Aureliano.[1]

Em outubro de 1850 apresentou-se a exames de preparatorios em Coimbra e ficou reprovado no de latim, mas até julho de 1851 habilitou-se para fazer, como fez, todos os preparatorios que lhe faltavam e traduziu para verso portuguez os 4 livros de elegias do poeta Tibullo e grande parte de Catullo e de Propercio. Aquellas imprimiram se no *Instituto*, do vol. v em diante.

—

Em 1851 matriculou-se no 1.º anno theologico.[2]

Em 1852 matriculou-se no 2.º theologico e 1.º de direito juntamente e, criado o cur-

[1] O poema *As Commendas* (Lisboa, 1849) com certesa é do nosso biographado, pois termina assim:

«Deixo materia p'ra voltar de novo
A tratar thema igual com mais *afago*.»

Note-se que o auctor *in illo tempore* assignava-se Antonio Fructuoso Ayres de Gouveia Osorio, cujas iniciaes se encontram em *afago*.

Assim assignou varias poesias soltas que se encontram na *Lyra da Mocidade*, jornal de poesias ineditas, que se publicou tambem no Porto em 1849.

[2] Foi meu condiscipulo, pelo que datam desde então as nossas relações.

so administrativo, tambem se matriculou n'elle, vindo assim a frequentar 3 faculdades *ao mesmo tempo* e obtendo em um anno premios *em todas tres*?!...

Parece incrivel, mas é facto.

Só com a frequencia das 3 faculdades consumia pelo menos 6 horas por dia, pois cada faculdade tinha 2 aulas e cada aula demandava uma hora.

E não era martyr do estudo. Estava sempre prompto para rir e palestrar e, demandando as 6 aulas pelo menos 6 compendios, alem dos expositores, nunca o vi sobraçar mais do que um ou dois pequenos livros!...

O que elle nunca deixava era um ramo de violetas ou uma camelia, seus amores platonicos.

Era um moço muito sympathico, — tinha um talento enorme e foi um estudante distinctissimo!

—

Em 1855 constituiu lhe seu pae na camara ecclesiastica do Porto o necessario patrimonio para a ordenação de subdiacono e obteve de Lisboa a respectiva licença regia, mas não levou então por diante o seu intento.

Concluiu a formatura de theologia em 1857 e n'esse anno, no acto da cadeira de agricultura, deitou-lhe um *R* o lente de philosophia dr. Ferreira Leão, aproveitando o ensejo de exercer uma vingança torpe e mesquinha, mas todos concordaram que a nodoa cahiu sobre o lente e não sobre o estudante, que o esmagára e confundira com o seu talento enorme.

Em 1858 concluiu a formatura de direito a 4 de junho; repetiu a frequencia da cadeira d'agricultura e frequentou o 6.° anno de theologia, apresentando para doutoramento as suas theses, que foram approvadas pelo conselho da faculdade, mas não se doutorou n'esta, já pela hostilidade ineluctavel do professor mais influente d'ella, o dr. Francisco Antonio Rodrigues d'Azevedo, que *não tolerava usasse bigode o estudante*, já pela estreita e dura interpretação das leis universitarias que não permittem esse grau academico a quem não tiver ordens sacras.

Explanemos a questão do *bigode*, que tão lamentaveis consequencias teve!...

—

Sendo alumno da faculdade de theologia um estudante muito sympathico, mas um cabula sempiterno, — Miguel Joaquim Borges Castro (irmão do visconde das Devesas) que foi educado no Porto e se dava muito com os estudantes filhos d'aquella cidade, incluindo o nosso biographado, um dia o dr. Rodrigues, seu lente, chamou-o á lição e tractou-o com a maior dureza, obrigando-o a um *estenderete raso*.

O moço ficou attonito e, tractando de inquirir, soube que o dr. Rodrigues se magoára muito por ver que o dicto estudante, alem das suissas inglezas de que usava, n'aquelle dia se apresentou na aula com uma pequena *mosca* sob o labio inferior,— que por isso o chamou á lição e que o chamaria e *estenderia* todos os dias, até que se resolvesse a cortar as barbas.

O moço mandou logo rapar as barbas todas e cortar o cabello á escovinha, ficando completamente desfigurado! Assim se apresentou aos seus contemporaneos e amigos do Porto, que mal o conheceram. Discutindo todos o facto, disse o Ayres de Gouvêa: —que a frequencia era do estudante, não das barbas, e que, se a questão se desse com elle, não as cortaria;—que passado um anno havia de ser discipulo do dr. Rodrigues com o mesmo bigode que então usava e que até estimava que elle o chamasse á lição muitas vezes, para estudar mais um pouco e fazer mais jus a um premio.

Assim o disse e cumpriu.

Exasperou-se o dr. Rodrigues, mas, vendo que o moço era um estudante distinctissimo e um talento superior, vingou-se não o chamando á lição todo o anno e empenhando-se depois com a faculdade para que lhe não désse o capello.[1]

---

[1] Ainda levou *mais longe* a vingança e até hoje não lhe perdoou, posto que já decorreram cerca de trinta annos?!...

Junto ao carneiro da familia Ayres de Gouveia, no cemiterio d'Agramonte (*Occidental* do Porto) onde repousam seus paes, o dr. José Fructuoso, por determinação expressa, jaz em sepultura rasa, tendo ao lado os seus dois filhos, no cemiterio privativo da celestial ordem do Carmo, de que era irmão.

—

2.º—*D. Antonio Ayres de Gouveia.*

Nasceu a 13 de setembro de 1828, em tempos de violenta agitação politica. Andados poucos mezes, exerciam os carrascos na Praça Nova do Porto o seu sanguinario officio. Das janellas da sua casa viam-se as duas forcas—e á volta dos 4 annos, fechado o cerco do Porto, levava o seu pae atravez das linhas para o pôr a salvo na proxima povoação de Fanzeres. D'ali foi para Vouzella e só regressou á cidade depois da convenção d'Evora Monte.

Frequentou as primeiras lettras com seus irmãos na rua do Laranjal, em escola particular do professor Francisco José Pereira Leite, sendo um dos seus condiscipulos o actual professor de pintura historica jubilado Francisco José Rezende.

Finda a instrucção primaria, seguiu com seu irmão José o estudo de latim no collegio da Lapa, sendo director o professor José Joaquim Pereira d'Almeida Vasconcellos. Transferido este para Traz da Sé, ali continuou a latinidade e principiou o francez com José Athanasio Mendes. Teve por condiscipulos o actual sr. conde de Samodães e o dezembargador Joaquim d'Almeida Correia Leal.

—

Destinado á vida commercial, apenas pôde, principiou a fazer serviço no mostrador da loja de seu pae e aos 14 annos de idade, —em abril de 1843—entrou por caixeiro na casa ingleza de Thomaz P. Chassereau, de Londres, que de Lisboa fôra estabelecer-se no Porto. Era uma casa de consignações, predominando fazendas brancas e drogaria, junto á egreja de S. Nicolau, na rua dos Inglezes, hoje rua do Infante D. Henrique. N'ella serviu mais de sete annos, trocando então a carreira com seu irmão Joaquim, que o substituiu, dando-se já desde o começo de 1850 ao estudo de preparatorios para a Universidade.

Durante aquelle periodo de caixeiro foi empregando por vezes algumas horas em leituras curiosas.

Nos fins de 1846 tomou-o a serviço a Junta do Porto. Recebeu armamento e correame e aprendeu exercicio militar.

Em 1848 a 1849 appareceram anonymos alguns poemetos heroe comicos. Attribuiram-lhe os intitulados *Os ratos da alfandega de Pantana* e *As Commendas*. O primeiro d'estes foi ulteriormente imputado ao dr. e depois dezembargador Camillo Aureliano.[1]

Em outubro de 1850 apresentou-se a exames de preparatorios em Coimbra e ficou reprovado no de latim, mas até julho de 1851 habilitou-se para fazer, como fez, todos os preparatorios que lhe faltavam e traduziu para verso portuguez os 4 livros de elegias do poeta Tibullo e grande parte de Catullo e de Propercio. Aquellas imprimiram se no *Instituto*, do vol. v em diante.

—

Em 1851 matriculou-se no 1.º anno theologico.[2]

Em 1852 matriculou-se no 2.º theologico e 1.º de direito juntamente e, criado o cur-

---

[1] O poema *As Commendas* (Lisboa, 1849) com certesa é do nosso biographado, pois termina assim:

«Deixo materia p'ra voltar de novo
A tratar thema igual com mais *afago*.»

Note-se que o auctor *in illo tempore* assignava-se Antonio Fructuoso Ayres de Gouveia Osorio, cujas iniciaes se encontram em *afago*.

Assim assignou varias poesias soltas que se encontram na *Lyra da Mocidade*, jornal de poesias ineditas, que se publicou tambem no Porto em 1849.

[2] Foi meu condiscipulo, pelo que datam desde então as nossas relações.

so administrativo, tambem se matriculou n'elle, vindo assim a frequentar 3 faculdades *ao mesmo tempo* e obtendo em um anno premios *em todas tres*?!...

Parece incrivel, mas é facto.

Só com a frequencia das 3 faculdades consumia pelo menos 6 horas por dia, pois cada faculdade tinha 2 aulas e cada aula demandava uma hora.

E não era martyr do estudo. Estava sempre prompto para rir e palestrar e, demandando as 6 aulas pelo menos 6 compendios, alem dos expositores, nunca o vi sobraçar mais do que um ou dois pequenos livros!..

O que elle nunca deixava era um ramo de violetas ou uma camelia, seus amores platonicos.

Era um moço muito sympathico, — tinha um talento enorme e foi um estudante distinctissimo!

—

Em 1855 constituiu lhe seu pae na camara ecclesiastica do Porto o necessario patrimonio para a ordenação de subdiacono e obteve de Lisboa a respectiva licença regia, mas não levou então por diante o seu intento.

Concluiu a formatura de theologia em 1857 e n'esse anno, no acto da cadeira de agricultura, deitou-lhe um *R* o lente de philosophia dr. Ferreira Leão, aproveitando o ensejo de exercer uma vingança torpe e mesquinha, mas todos concordaram que a nodoa cahiu sobre o lente e não sobre o estudante, que o esmagára e confundira com o seu talento enorme.

Em 1858 concluiu a formatura de direito a 4 de junho; repetiu a frequencia da cadeira d'agricultura e frequentou o 6.º anno de theologia, apresentando para doutoramento as suas theses, que foram approvadas pelo conselho da faculdade, mas não se doutorou n'esta, já pela hostilidade inelutavel do professor mais influente d'ella, o dr. Francisco Antonio Rodrigues d'Azevedo, que *não tolerava usasse bigode o estudante*, já pela estreita e dura interpretação das leis universitarias que não permittem esse grau academico a quem não tiver ordens sacras.

Explanemos a questão do *bigode*, que tão lamentaveis consequencias teve!...

—

Sendo alumno da faculdade de theologia um estudante muito sympathico, mas um cabula sempiterno, — Miguel Joaquim Borges Castro (irmão do visconde das Devesas) que foi educado no Porto e se dava muito com os estudantes filhos d'aquella cidade, incluindo o nosso biographado, um dia o dr. Rodrigues, seu lente, chamou-o á lição e tractou-o com a maior dureza, obrigando-o a um *estenderete raso*.

O moço ficou attonito e, tractando de inquirir, soube que o dr. Rodrigues se magoara muito por ver que o dicto estudante, alem das suissas inglezas de que usava, n'aquelle dia se apresentou na aula com uma pequena *mosca* sob o labio inferior, — que por isso o chamou á lição e que o chamaria e *estenderia* todos os dias, até que se resolvesse a cortar as barbas.

O moço mandou logo rapar as barbas todas e cortar o cabello á escovinha, ficando completamente desfigurado! Assim se apresentou aos seus contemporaneos e amigos do Porto, que mal o conheceram. Discutindo todos o facto, disse o Ayres de Gouvêa: —que a frequencia era do estudante, não das barbas, e que, se a questão se desse com elle, não as cortaria;—que passado um anno havia de ser discipulo do dr. Rodrigues com o mesmo bigode que então usava e que até estimava que elle o chamasse á lição muitas vezes, para estudar mais um pouco e fazer mais jus a um premio.

Assim o disse e cumpriu.

Exasperou-se o dr. Rodrigues, mas, vendo que o moço era um estudante distinctissimo e um talento superior, vingou-se não o chamando á lição todo o anno e empenhando-se depois com a faculdade para que lhe não désse o capello.[1]

---

[1] Ainda levou *mais longe* a vingança e até hoje não lhe perdoou, posto que já decorreram cerca de trinta annos?!...

Foi este o motivo porque o nosso biographado não se doutorou em theologia, como era seu intento.

Com uma leviandade tão simples tolheu a sua brilhante carreira?!...

—

Sahiu logo pela 3.ª vez de Portugal em viagem pela Europa. Demorou-se quasi anno e meio visitando a Inglaterra, a Escocia, a França, a Belgica, a Suissa, a Hollanda, a Prussia, a Austria, a Hungria, a Italia e a Hespanha, aproveitando entre outros estudos de fabricas, de museus, d'arsenaes, de universidades e galerias, e das cadeias e systema penal d'esses paizes, estudo que publicou com a dissertação inaugural do seu doutoramento em direito, pois doutorou-se n'esta faculdade em junho de 1860.[1]

Teve por condiscipulo em direito o distincto jurisconsulto e homem d'estado — José Dias Ferreira, com o qual no anno seguinte (1861) foi despachado lente substituto.

Eleito deputado pelo circulo de Cedefoita, quasi na mesma occasião, contra o estadista Fontes Pereira de Mello, continuou representando aquelle circulo em mais reeleições successivas até o advento da *Janeirinha* ao poder em 1868, cujo movimento ajudou a inciar.

Durante este longo periodo da sua carreira parlamentar muito se distinguiu e votou e propoz sempre as mais avançadas ideias do partido liberal. Assim votou a abolição dos morgados, a exclusão das irmãs da caridade estrangeiras, a liberdade do fabrico do tabaco, o casamento civil, e propugnou com efficaz iniciativa a extincção da pena de morte.

Trabalhou assiduamente em varias commissões extra-parlamentares do Codigo Civil portuguez e presidiu á commissão parlamentar que o discutiu, sendo relator o distincto jurisconsulto José Luciano de Castro, hoje (1889) presidente do conselho de ministros.

Foi tambem um dos 12 deputados que, reunidos na casa do grande tribuno José Estevam, na rua Formosa, prepararam a entrada do ministerio *historico*.

—

Em março e abril de 1865 occupou fugidiamente a pasta dos negocios ecclesiasticos e da justiça.

A demissão d'alguns funccionarios publicos altamente protegidos, mas concussionarios convictos, acarretou-lhe viva opposição.

Constituiam aquelle ministerio o marquez de Loulé, Sá da Bandeira, Sabugosa, João Chrysostomo, Mathias de Carvalho e o nosso biographado.

Em 11 d'abril do dicto anno falleceu-lhe a mãe, e em dezembro de 1869 resolveu-se a satisfazer uma das mais ardentes vontades d'ella, indo tomar ordens sacras. Conferiu-lh'as o bispo de Viseu D. Antonio Alves Martins, que embalde tentou desconvencel-o do firme proposito, que a muitos se afigurava singular e inexplicavel pela sua posição e opiniões, não dando outro mo-

---

[1] Uma anecdota caracteristica:

Estando certo dia o nosso biographado no quarto dos bedeis, extremidade O. da *Via latina*, rindo, palestrando e brincando com as suas violetas na fórma do costume, passou um estudante distincto, cabisbaixo e muito embuçado. Disse-lhe o Ayres de Gouveia:

«Desembuça te; ergue a cabeça e respira! Estes pobres diabos com aspirações a doutores andam sempre encolhidos e tremendo com receio de perderem o capello. Eu tambem quero ser doutor da *Lusa Athenas*, mas por coisa nenhuma vendo a minha liberdade. Hei de pedir primeiramente o capello na faculdade de theologia; se m'o não derem (como que adivinhava!...) vou pedil-o na faculdade de direito; se m'o recusarem na de direito, vou pedil-o na de philosophia, e se em todas as 3 faculdades m'o não derem, não me afflijo com isso. Vou doutorar-me em qualquer Universidade estrangeira, como foi o meu irmão José.»

Isto presenciei eu, e caracterisa bem a isempção do nosso biographado, que muito o nobilita, mas conjuntamente lhe tem dado desgostos!...

tivo senão o de cumprir uma antiga promessa feita a sua mãe.

—

Em outubro de 1870 partiu para Roma e d'ali, em fevereiro de 1871, para o Egypto por Napoles e Sicilia.

Visitou Alexandria, o Cairo, as Pyramides, Suez, todo o isthmo, Ismalia e, embarcando em Port-Said, fez-se na volta de Jaffa.

Percorreu Jerusalem e todos os santuarios e logares historicos da Terra Santa, desde Belem até o monte Carmelo, parando no Mar Morto, no Jordão, em Samaria, no lago de Tiberiades, no monte Thabor e em Nazareth.

Da Palestina seguiu para a capital da Turquia d'Asia e, depois de admirar as singularidades de Damasco, onde assistiu á passagem de uma das immensas caravanas de Meca, seguiu por Balbeek o Libano e o Anti-Libano até Beyruth, d'onde navegou para a Italia, passando á vista de Chipre.

Regressando a Portugal em julho de 1871, achou-se eleito deputado no circulo d'Amarante, por influencia do sr. conde de Samodães, e presidiu á sessão legislativa d'esse anno, deixando na politica até hoje viva memoria de presidente illustrado, disciplinador e integro.

—

Querendo premiar-lhe os serviços, o marquez d'Avila propoz a sua nomeação para bispo do Algarve, sendo rapidamente eleito. A Santa Sé oppoz delongas á confirmação. Elle communicou de prompto ao Pontifice a sua renuncia. O governo subterfugiou a acceital-a.

Voltou á regencia da sua cadeira de direito ecclesiastico e n'ella se manteve até jubilar-se em 1881.

O partido conservador hostilisou o sempre e não menos os catholicos intransigentes. Arguiam-no de franc-mação e de offender as crenças populares ácerca da rainha Santa Isabel.

Nunca se defendeu das arguições.

Em dezembro de 1879 o seu particular amigo Anselmo José Braamcamp, sendo presidente do conselho de ministros, offereceu lhe e deu-lhe a carta de par do reino. Em outubro de 1884 foi nomeado commissario geral da Bulla da Santa Cruzada e em novembro do mesmo anno foi sagrado bispo de Bethsaida na Sé do Porto.

Como lente foi um dos mais distinctos ornamentos da nossa Universidade.

Como cidadão foi sempre um cavalheiro a toda a prova, muito tractavel, muito accessivel e muito obsequiador.

Como presbytero foram sempre irreprehensiveis os seus costumes.

Como bispo (desculpe s. ex.ª a nossa rude franqueza) resente-se das suas ideias politicas extremamente liberaes; o que deveras sentimos, porque pela sua honestidade, pelo seu enorme talento, pela sua vasta e variada illustração e pelos meios pecuniarios de que dispõe, podia e devia ser um prelado distinctissimo.

Accresce ainda a circumstancia de que hoje é talvez o nosso primeiro orador sagrado, como affirmam todos os que o ouviram prégar em Coimbra, em Lisboa, e na sua capella da Granja—e como provam os *Ensaios do pulpito*, interessante collecção d'alguns dos seus sermões.

Ainda não prégou no Porto, na sua terra natal, onde todos muito o estimam e consideram e anceiam por ouvil-o. No momento em que se resolva, encher-se-ha litteralmente o maior templo d'aquella cidade, — encher-se-hia mesmo o maior templo do mundo,—tal é o prestigio do seu nome e a sua fama como orador sagrado.

—

Desde a juventude costuma ir como em romagem piedosa e de saudade a Vouzella, onde nasceram seus paes;—ali fica um mez revigorando em doce tranquilidade—e d'ali custa a arrancal o.

É o actual possuidor da bella quinta da Granja, herdada de seu pae, na encantadora praia da Granja, que por ser dependencia da quinta e toda construida em chão

Foi este o motivo porque o nosso biographado não se doutorou em theologia, como era seu intento.

Com uma leviandade tão simples tolheu a sua brilhante carreira?!...

—

Sahiu logo pela 3.ª vez de Portugal em viagem pela Europa. Demorou-se quasi anno e meio visitando a Inglaterra, a Escocia, a França, a Belgica, a Suissa, a Hollanda, a Prussia, a Austria, a Hungria, a Italia e a Hespanha, aproveitando entre outros estudos de fabricas, de museus, d'arsenaes, de universidades e galerias, o das cadeias e systema penal d'esses paizes, estudo que publicou com a dissertação inaugural do seu doutoramento em direito, pois doutorou-se n'esta faculdade em junho de 1860.[1]

Teve por condiscipulo em direito o distincto jurisconsulto e homem d'estado — José Dias Ferreira, com o qual no anno seguinte (1861) foi despachado lente substituto.

[1] Uma anecdota caracteristica:

Estando certo dia o nosso biographado no quarto dos bedeis, extremidade O. da *Via latina*, rindo, palestrando e brincando com as suas violetas na fórma do costume, passou um estudante distincto, cabisbaixo e muito embuçado. Disse-lhe o Ayres de Gouveia:

«Desembuça te; ergue a cabeça e respira! Estes pobres diabos com aspirações a doutores andam sempre encolhidos e tremendo com receio de perderem o capello. Eu tambem quero ser doutor da *Lusa Athenas*, mas por coisa nenhuma vendo a minha liberdade. Hei de pedir primeiramente o capello na faculdade de theologia; se m'o não derem (como que adivinhava!...) vou pedil-o na faculdade de direito; se m'o recusarem na de direito, vou pedil-o na de philosophia, e se em todas as 3 faculdades m'o não derem, não me afflijo com isso. Vou doutorar-me em qualquer Universidade estrangeira, como foi o meu irmão José.»

Isto presenciei eu e caracterisa bem a isempção do nosso biographado, que muito o nobilita, mas conjuntamente lhe tem dado desgostos!...

Eleito deputado pelo circulo de Cedefeita, quasi na mesma occasião, contra o estadista Fontes Pereira de Mello, continuou representando aquelle circulo em mais reeleições successivas até o advento da *Janeirinha* ao poder em 1868, cujo movimento ajudou a inciar.

Durante este longo periodo da sua carreira parlamentar muito se distinguiu e votou e propoz sempre as mais avançadas ideias do partido liberal. Assim votou a abolição dos morgados, a exclusão das irmãs da caridade estrangeiras, a liberdade do fabrico do tabaco, o casamento civil, e propugnou com efficaz iniciativa a extincção da pena de morte.

Trabalhou assiduamente em varias commissões extra-parlamentares do Codigo Civil portuguez e presidiu á commissão parlamentar que o discutiu, sendo relator o distincto jurisconsulto José Luciano de Castro, hoje (1889) presidente do conselho de ministros.

Foi tambem um dos 12 deputados que, reunidos na casa do grande tribuno José Estevam, na rua Formosa, prepararam a entrada do ministerio *historico*.

—

Em março e abril de 1865 occupou fugidiamente a pasta dos negocios ecclesiasticos e da justiça.

A demissão d'alguns funccionarios publicos altamente protegidos, mas concussionarios convictos, acarretou-lhe viva opposição.

Constituiam aquelle ministerio o marquez de Loulé, Sá da Bandeira, Sabugosa, João Chrysostomo, Mathias de Carvalho e o nosso biographado.

Em 11 d'abril do dicto anno falleceu-lhe a mãe, e em dezembro de 1869 resolveu-se a satisfazer uma das mais ardentes vontades d'ella, indo tomar ordens sacras. Conferiu-lh'as o bispo de Viseu D. Antonio Alves Martins, que embalde tentou desconvencel-o do firme proposito, que a muitos se afigurava singular e inexplicavel pela sua posição e opiniões, não dando outro mo-

tivo senão o de cumprir uma antiga promessa feita a sua mãe.

—

Em outubro de 1870 partiu para Roma e d'ali, em fevereiro de 1871, para o Egypto por Napoles e Sicilia.

Visitou Alexandria, o Cairo, as Pyramides, Suez, todo o isthmo, Ismalia e, embarcando em Port-Said, fez-se na volta de Jaffa.

Percorreu Jerusalem e todos os santuarios e logares historicos da Terra Santa, desde Belem até o monte Carmelo, parando no Mar Morto, no Jordão, em Samaria, no lago de Tiberiades, no monte Thabor e em Nazareth.

Da Palestina seguiu para a capital da Turquia d'Asia e, depois de admirar as singularidades de Damasco, onde assistiu á passagem de uma das immensas caravanas de Meca, seguiu por Balbeek o Libano e o Anti-Libano até Beyruth, d'onde navegou para a Italia, passando á vista de Chipre.

Regressando a Portugal em julho de 1871, achou-se eleito deputado no circulo d'Amarante, por influencia do sr. conde de Samodães, e presidiu á sessão legislativa d'esse anno, deixando na politica até hoje viva memoria de presidente illustrado, disciplinador e integro.

—

Querendo premiar-lhe os serviços, o marquez d'Avila propoz a sua nomeação para bispo do Algarve, sendo rapidamente eleito. A Santa Sé oppoz delongas á confirmação. Elle communicou de prompto ao Pontifice a sua renuncia. O governo subterfugiou a acceital-a.

Voltou á regencia da sua cadeira de direito ecclesiastico e n'ella se manteve até jubilar-se em 1881.

O partido conservador hostilisou o sempre e não menos os catholicos intransigentes. Arguiam-no de franc-mação e de offender as crenças populares ácerca da rainha Santa Isabel.

Nunca se defendeu das arguições.

Em dezembro de 1879 o seu particular amigo Anselmo José Braamcamp, sendo presidente do conselho de ministros, offereceu-lhe e deu-lhe a carta de par do reino. Em outubro de 1884 foi nomeado commissario geral da Bulla da Santa Cruzada e em novembro do mesmo anno foi sagrado bispo de Bethsaida na Sé do Porto.

Como lente foi um dos mais distinctos ornamentos da nossa Universidade.

Como cidadão foi sempre um cavalheiro a toda a prova, muito tractavel, muito accessivel e muito obsequiador.

Como presbytero foram sempre irreprehensiveis os seus costumes.

Como bispo (desculpe s. ex.ª a nossa rude franqueza) resente-se das suas ideias politicas extremamente liberaes; o que deveras sentimos, porque pela sua honestidade, pelo seu enorme talento, pela sua vasta e variada illustração e pelos meios pecuniarios de que dispõe, podia e devia ser um prelado distinctissimo.

Accresce ainda a circumstancia de que hoje é talvez o nosso primeiro orador sagrado, como affirmam todos os que o ouviram prégar em Coimbra, em Lisboa, e na sua capella da Granja—e como provam os *Ensaios do pulpito*, interessante collecção d'alguns dos seus sermões.

Ainda não prégou no Porto, na sua terra natal, onde todos muito o estimam e consideram e anceiam por ouvil-o. No momento em que se resolva, encher-se-ha litteralmente o maior templo d'aquella cidade, — encher-se-hia mesmo o maior templo do mundo,—tal é o prestigio do seu nome e a sua fama como orador sagrado.

—

Desde a juventude costuma ir como em romagem piedosa e de saudade a Vouzella, onde nasceram seus paes;—ali fica um mez revigorando em doce tranquilidade—e d'ali custa a arrancal o.

É o actual possuidor da bella quinta da Granja, herdada de seu pae, na encantadora praia da Granja, que por ser dependencia da quinta e toda construida em chão

d'ella, muitos a denominam *Granja dos Ayres*.

Da quinta fallaremos adiante; com relação á praia, que é sem contestação a mais formosa da peninsula, vide *Granja* n'este diccionario e no supplemento—e as *Praias e Caldas* de Ramalho Ortigão.

Desculpem-nos se nos alongamos fallando do sr. D. Antonio Ayres de Gouveia, pois quizemos aproveitar a occasião para render preito a um dos nossos mais distinctos contemporaneos, fornecendo apontamentos não vulgares aos historiadores e biographos porvindouros.

Seja-nos licito dizer alguma coisa tambem dos outros seus irmãos:

—

3.º—*Francisco Fructuoso Ayres de Gouveia.*

Nasceu aos 29 d'abril de 1830.

Destinado á vida mercantil e tendo apenas 12 annos, embarcou e seguiu para o Rio de Janeiro a bordo da barca *Leal*, pertencente ao negociante e armador *Leal*, da rua das Hortas, no Porto. Não lhe sorrindo a fortuna commercial e não se dando bem com o clima, regressou em breves annos; fixou-se no negocio da casa do seu pae e ali se conservou até formar com elle sociedade, á qual depois aggregou seu irmão José, ficando por morte d'este com toda a importante casa commercial, fundada por seu pae, o benemerito vouzellense Fructuoso.

Modestissimo em todos os seus actos, nunca tolerou que o pozessem de qualquer fórma em evidencia.

Dispondo de boa fortuna, grangeada no commercio e em operações de banco, é um dos 40 maiores contribuintes do bairro oriental do Porto e, sem nenhuma especie d'ambição, vive solteiro e muito satisfeito para a amisade de seus irmãos e pessoas das suas relações.

—

4.º—*Joaquim Fructuoso Ayres de Gouveia.*

Nasceu aos 27 de fevereiro de 1832.

Embalado com os seus irmãos entre os horrores da guerra civil, mal completava 6 mezes de idade, quando no berço furtivamente o transportava á cabeça sua propria mãe atravez das linhas do Porto.

Madrugando-lhe cedo a intelligencia, foi logo proposto com alegria por seus paes para a vida ecclesiastica.

Profundamente religiosos, cheios de piedade e devoções, o que mais ambicionavam e consideravam suprema ventura era ver padre um dos filhos. Esmeraram-se pois na educação d'este e afervoraram-lhe—bem como a todos os outros irmãos — os sentimentos e exercicios devotos.

Nenhum dia sem uma e mais missas; nenhuma noite sem o rosario ou o terço.

Na proxima egreja dos Congregados, restituida ao culto depois da profanação do tempo do cerco, serviam alegremente de voluntarios sachristães os pequenos irmãos. A maior parte das manhãs ali a gastavam ajudando ás missas, que eram sempre numerosas—e numerosas são ainda hoje.

—

Sem embargo de tudo isto, ao chegar com os 16 annos completos a epocha de ir para Coimbra matricular-se em theologia, declarou honestamente a sua falta absoluta de vocação ecclesiastica.

—*Tudo, menos ser padre*, disse elle.

O pae ficou triste; a mãe profundamente consternada—e o filho Antonio commovido. Propoz então este ao irmão trocarem os ramos de vida—e assim fizeram com pleno assentimento dos paes.

O Antonio deixou o commercio e foi cursar os estudos;—o Joaquim deixou os estudos e seguiu o commercio, entrando logo para a mesma casa ingleza onde estava o irmão.

Ali permaneceu até 1853, data em que, auxiliado por seu pae, foi com um so-

cio estabelecer em Londres uma casa de commissões de vinhos e outros generos, abrindo pouco depois uma filial em Liverpool.

Demorou-se na Inglaterra oito annos e, liquidado o negocio, volveu para o Porto, onde aos 22 d'outubro de 1863 casou com D. Felismina Adelaide Rodrigues, filha de Antonio Caetano Rodrigues, acreditado negociante de vinhos, natural da freguezia de *Nandufe*, concelho de Tondella, e de D. Felicia Felicidade Vianna.

Tiveram os 4 filhos seguintes:

—*Felismina*, que nasceu a 6 de setembro de 1864, hoje casada com Alberto Rebello Valente Allen, filho dos viscondes de Villar d'Allen;

—*Alberto Ayres de Gouveia*, nascido a 3 de março de 1867;

—*Maria Ermelinda* aos 5 de setembro de 1871 e

—*Alvaro* a 25 de junho de 1876.

—

Falleceu Joaquim Ayres aos 7 d'abril de 1878 no seu formoso e luxuoso palacete da rua da Restauração no Porto, legando um nome honrado e avultada fortuna.

D'uma grande lucidez d'espirito e dotado de um coração d'ouro, a sua saude nunca foi muito vigorosa e comprometteu-a bastante com o excessivo trabalho na direcção da sua casa commercial, que era uma das primeiras do Porto.

Adoecendo gravemente aos 15 annos de idade, deveu aos excellentes ares de Vouzella o seu restabelecimento.

—

5.º — *Luiz Fructuoso Ayres de Gouveia Osorio.*

Nasceu aos 9 de março de 1834.

Seguindo tambem desde a infancia, como seus irmãos quasi todos, a vida commercial, n'ella se tem conservado até hoje, vivendo sempre no Porto.

Em 31 de março de 1856 casou com D. Ermelinda Gomes, de quem houve apenas uma filha—Albertina, que nasceu a 11 de setembro de 1857, hoje casada com Duarte Ferreira Pinto Basto, um dos donos da fabrica da Vista Alegre, onde reside.

Para evitarmos repetições, veja-se o art. *Vista Alegre.*

Luiz Ayres é um cavalheiro muito considerado no Porto, grande proprietario e capitalista.

—

6.º—*Maria.*

Nasceu em 1836 e falleceu no mesmo anno com 2 mezes de idade apenas.

—

7.º—*Frederico Ayres de Gouveia.*

Nasceu a 25 de março de 1838. O commercio attrahiu tambem a sorte d'este filho.

Aos 16 annos embarcou para a Inglaterra acompanhado de seu irmão Antonio, indo começar a vida de caixeiro na casa do seu irmão Joaquim. Passados poucos annos foi para o Rio de Janeiro, e ali, depois de varia fortuna, se estabeleceu com firma commercial. Em 1872 liquidou os seus negocios,—volveu á patria—e em 22 d'agosto de 1874 casou no Porto com D. Heduviges Apollonia Ferreira Nunes, filha do negociante do Maranhão e capitalista Clemente José da Silva Nunes e de D. Anna Ferreira da Silva Nunes, d'aquella cidade, irmã do conde de Itacolmin, brazileiro.

Falleceu sem successão a 27 de janeiro de 1884, deixando vivas saudades aos seus e aos estranhos, pois era uma excellente pessoa.

Jaz no tumulo da familia no cemiterio de Agramonte.

—

8.º—*D. Maria Isabel Ayres de Gouveia.*

Nasceu a 27 de dezembro de 1841 e por ser a unica filha,—muito meiga, muito docil e muito virtuosa,—foi sempre o anjo da familia, o encanto dos paes e o enlevo dos irmãos todos, nomeadamente do sr. D. Antonio, que a idolatra.

Casou na capella da Granja a 15 de feve-

d'ella, muitos a denominam *Granja dos Ayres.*

Da quinta fallaremos adiante; com relação á praia, que é sem contestação a mais formosa da peninsula, vide *Granja* n'este diccionario e no supplemento—e as *Praias e Caldas* de Ramalho Ortigão.

Desculpem-nos se nos alongamos fallando do sr. D. Antonio Ayres de Gouveia, pois quizemos aproveitar a occasião para render preito a um dos nossos mais distinctos contemporaneos, fornecendo apontamentos não vulgares aos historiadores e biographos porvindouros.

Seja-nos licito dizer alguma coisa tambem dos outros seus irmãos:

—

3.º—*Francisco Fructuoso Ayres de Gouveia.*

Nasceu aos 29 d'abril de 1830.

Destinado á vida mercantil e tendo apenas 12 annos, embarcou e seguiu para o Rio de Janeiro a bordo da barca *Leal*, pertencente ao negociante e armador *Leal*, da rua das Hortas, no Porto. Não lhe sorrindo a fortuna commercial e não se dando bem com o clima, regressou em breves annos; fixou-se no negocio da casa do seu pae e ali se conservou até formar com elle sociedade, á qual depois aggregou seu irmão José, ficando por morte d'este com toda a importante casa commercial, fundada por seu pae, o benemerito vouzellense Fructuoso.

Modestissimo em todos os seus actos, nunca tolerou que o pozessem de qualquer fórma em evidencia.

Dispondo de boa fortuna, grangeada no commercio e em operações de banco, é um dos 40 maiores contribuintes do bairro oriental do Porto e, sem nenhuma especie d'ambição, vive solteiro e muito satisfeito para a amisade de seus irmãos e pessoas das suas relações.

—

4.º—*Joaquim Fructuoso Ayres de Gouveia.*

Nasceu aos 27 de fevereiro de 1832.

Embalado com os seus irmãos entre os horrores da guerra civil, mal completava 6 mezes de idade, quando no berço furtivamente o transportava á cabeça sua propria mãe atravez das linhas do Porto.

Madrugando-lhe cedo a intelligencia, foi logo proposto com alegria por seus paes para a vida ecclesiastica.

Profundamente religiosos, cheios de piedade e devoções, o que mais ambicionavam e consideravam suprema ventura era ver padre um dos filhos. Esmeraram-se pois na educação d'este e afervoraram-lhe—bem como a todos os outros irmãos—os sentimentos e exercicios devotos.

Nenhum dia sem uma e mais missas; nenhuma noite sem o rosario ou o terço.

Na proxima egreja dos Congregados, restituida ao culto depois da profanação do tempo do cerco, serviam alegremente de voluntarios sachristães os pequenos irmãos. A maior parte das manhãs ali a gastavam ajudando ás missas, que eram sempre numerosas—e numerosas são ainda hoje.

—

Sem embargo de tudo isto, ao chegar com os 16 annos completos a epocha de ir para Coimbra matricular-se em theologia, declarou honestamente a sua falta absoluta de vocação ecclesiastica.

—*Tudo, menos ser padre*, disse elle.

O pae ficou triste; a mãe profundamente consternada—e o filho Antonio commovido. Propoz então este ao irmão trocarem os ramos de vida—e assim fizeram com pleno assentimento dos paes.

O Antonio deixou o commercio e foi cursar os estudos;—o Joaquim deixou os estudos e seguiu o commercio, entrando logo para a mesma casa ingleza onde estava o irmão.

Ali permaneceu até 1853, data em que, auxiliado por seu pae, foi com um so-

cio estabelecer em Londres uma casa de commissões de vinhos e outros generos, abrindo pouco depois uma filial em Liverpool.

Demorou-se na Inglaterra oito annos e, liquidado o negocio, volveu para o Porto, onde aos 22 d'outubro de 1863 casou com D. Felismina Adelaide Rodrigues, filha de Antonio Caetano Rodrigues, acreditado negociante de vinhos, natural da freguezia de *Nandufe*, concelho de Tondella, e de D. Felicia Felicidade Vianna.

Tiveram os 4 filhos seguintes:

—*Felismina*, que nasceu a 6 de setembro de 1864, hoje casada com Alberto Rebello Valente Allen, filho dos viscondes de Villar d'Allen;

—*Alberto Ayres de Gouveia*, nascido a 3 de março de 1867;

—*Maria Ermelinda* aos 5 de setembro de 1871 e

—*Alvaro* a 25 de junho de 1876.

—

Falleceu Joaquim Ayres aos 7 d'abril de 1878 no seu formoso e luxuoso palacete da rua da Restauração no Porto, legando um nome honrado e avultada fortuna.

D'uma grande lucidez d'espirito e dotado de um coração d'ouro, a sua saude nunca foi muito vigorosa e comprometteu-a bastante com o excessivo trabalho na direcção da sua casa commercial, que era uma das primeiras do Porto.

Adoecendo gravemente aos 15 annos de idade, deveu aos excellentes ares de Vouzella o seu restabelecimento.

—

5.º — *Luiz Fructuoso Ayres de Gouveia Osorio.*

Nasceu aos 9 de março de 1834.

Seguindo tambem desde a infancia, como seus irmãos quasi todos, a vida commercial, n'ella se tem conservado até hoje, vivendo sempre no Porto.

Em 31 de março de 1856 casou com D. Ermelinda Gomes, de quem houve apenas uma filha—Albertina, que nasceu a 11 de setembro de 1857, hoje casada com Duarte Ferreira Pinto Basto, um dos donos da fabrica da Vista Alegre, onde reside.

Para evitarmos repetições, veja-se o art. *Vista Alegre.*

Luiz Ayres é um cavalheiro muito considerado no Porto, grande proprietario e capitalista.

—

6.º—*Maria.*

Nasceu em 1836 e falleceu no mesmo anno com 2 mezes de idade apenas.

—

7.º—*Frederico Ayres de Gouveia.*

Nasceu a 25 de março de 1838. O commercio attrahiu tambem a sorte d'este filho.

Aos 16 annos embarcou para a Inglaterra acompanhado de seu irmão Antonio, indo começar a vida de caixeiro na casa do seu irmão Joaquim. Passados poucos annos foi para o Rio de Janeiro, e ali, depois de varia fortuna, se estabeleceu com firma commercial. Em 1872 liquidou os seus negocios,—volveu á patria—e em 22 d'agosto de 1874 casou no Porto com D. Heduviges Apollonia Ferreira Nunes, filha do negociante do Maranhão e capitalista Clemente José da Silva Nunes e de D. Anna Ferreira da Silva Nunes, d'aquella cidade, irmã do conde de Itacolmin, brazileiro.

Falleceu sem successão a 27 de janeiro de 1884, deixando vivas saudades aos seus e aos estranhos, pois era uma excellente pessoa.

Jaz no tumulo da familia no cemiterio de Agramonte.

—

8.º—*D. Maria Isabel Ayres de Gouveia.*

Nasceu a 27 de dezembro de 1841 e por ser a unica filha,—muito meiga, muito docil e muito virtuosa,—foi sempre o anjo da familia, o encanto dos paes e o enlevo dos irmãos todos, nomeadamente do sr. D. Antonio, que a idolatra.

Casou na capella da Granja a 15 de feve-

reiro de 1874 com Antonio Maria Alcoforado, bacharel formado em direito, filho de D. Maria dos Prazeres Barata Velloso e de Gil Alcoforado d'Azevedo Pinto e Figueiredo, senhor da nobre casa da Sernada em Vouzella, mencionada supra, onde aquelle nasceu e ali actualmente é conservador do registro predial.

D'este consorcio tiveram 6 filhos, todos nascidos na quinta e casa de *Caritel*, mencionada tambem supra, e que foi do velho Fructuoso, patriarcha d'esta importante familia.

Aquelles 6 filhos são os seguintes:

—*Gil*, que nasceu a 14 de janeiro de 1876;

—*Ayres*, a 19 de março de 1877;

—*Maria*, a 29 de dezembro de 1878;

—*Izabel*, a 20 de setembro de 1880;

—*Beatriz*, a 18 de fevereiro de 1882;

—*Affonso*, a 31 de dezembro de 1885.

—

Todo consagrado á sua familia, que idolatrava, viveu Fructuoso José da Silva Ayres sempre occupado no seu commercio de vinhos, sem distrahir-se com outra qualquer occupação ou emprego—e sempre na *Porta de Carros*, posto que tinha armazens e boas casas d'habitação em outros pontos da cidade. Com o fallecimento porem da consorte em 1865 passou a viver habitualmente na sua quinta da Granja.

Esta quinta, na data da extincção das ordens religiosas, pertencia aos frades cruzios da Serra do Pilar, havendo pertencido aos de Grijó.

Foi vendida em hasta publica em 5 d'agosto de 1836 a D. Anna Joaquina de Mello. A 4 de maio de 1839 vendeu-a esta a José Antonio Alves Vianna; por morte d'este passou para a viuva, a qual a vendeu em 31 de dezembro de 1860 a Fructuoso José da Silva Ayres, de quem a herdou seu filho, o sr. D. Antonio, seu actual possuidor, que n'ella costuma viver.

—

No dia 9 de março de 1881 estando n'esta quinta o velho Fructuoso e fazendo annos n'aquelle dia o seu filho Luiz Ayres, ia o velhinho muito alegre festejar-lhos, levando na mão um lindo ramo de camelias, mas alguns minutos depois de entrar na carruagem da via ferrea e indo o comboyo em marcha, a morte o suprehendeu repentinamente, contando 77 annos de idade, quasi completos.

Teve uma morte suavissima e por fortuna iam na mesma carruagem duas irmãs da caridade, que lhe assistiram ao passamento.

Jaz ao lado da esposa e d'alguns filhos no cemiterio d'Agramonte, no Porto.— Deixou um nome venerando, honradissimo, e uma fortuna orçada em 150 contos ds réis, apesar das grandes sommas que despendeu com os filhos, nomeadamente com o José e com o sr. D. Antonio.

Deus o tenha em bom logar, como firmemente cremos.

Ainda os Vouzellenses illustres

—*José Ribeiro Cardoso*, filho de Vouzella e muitos annos negociante no Porto, onde falleceu ha annos.

Instituiu por herdeira a Misericordia d'esta villa para ella fundar um *Laus-perenne*, e um *Asylo de cegos, aleijados e entrevados*.

A Misericordia já inaugurou o *Laus perenne*, mas ainda não fundou o *Asylo*, por que ainda não pôde liquidar toda a herança, que deve montar a 40 contos de réis, aproximadamente.

—O *Padre Mestre Simão Rodrigues d'Azevedo*, varão apostolico.

Foi companheiro de S. Francisco Xavier e 1.º provincial da Companhia de Jesus no nosso paiz, etc.

Falleceu em Lisboa a 15 de julho de 1579 contando 70 de idade.

Foi este illustre vouzellense o 1.º jesuita que veiu a Portugal, quando D. João III, a instancias de D. Pedro Mascarenhas, estabeleceu n'este reino a *Companhia de Jesus*.

Simão Rodrigues d'Azevedo foi um dos primeiros 9 discipulos de Santo Ignacio de Loyola. Estudava em Paris, quando o santo fundador o escolheu para aquelle apostolado.

Foi o fundador da provincia lusitana e falleceu na casa professa de S. Roque, onde jaz na capella mór, junto aos degraus do presbyterio.

—*Fr. Pedro Donato.*

Foi religioso franciscano de muita illustração e virtude.

—*Duarte d'Almeida*, o *decepado*;

—*Fernão Lopes d'Almeida* e

—*Duarte d'Almeida*, filho do antecedente.

Foram todos tres fidalgos muito distinctos e pessoas muito notaveis, como já dissemos quando fallámos da celebre quinta da *Cavallaria* e no topico *Senhores de Lafões*.

Duarte d'Almeida, o *decepado*, senhor da quinta da *Cavallaria*, immortalisou se defendendo a bandeira portugueza na batalha de Toro, mas perdeu-a e por seu turno se immortalisou tambem salvando-a *na mesma batalha* Gonçalo Pires Bandeira, seu visinho, natural de Besteiros (*Tondella*) ascendente dos *Bandeiras* de Viseu, Tondella e Granja.

O actual visconde de Rériz é um dos decendentes do nobre decepado.

V. *Rériz*, tomo 8.° pag. 152, col. 1.ª e *Viseu*, tomo 11.° pag. 1840.

—*Fr. José de S. Bernardino*, religioso agostinho descalço, natural de *Vouzella do Sul*, que suppomos ser esta, visinha de S. Pedro *do Sul*.

Professou no convento do Monte Olivete, ou do *Grillo*, em Lisboa, no dia 8 de agosto de 1751.

—*Fr. Chrystovam de Vouzella*, religioso franciscano da provincia da Soledade.

Nasceu na villa de Vouzella no meiado do sec. XVI e foram seus paes Antonio d'Almeida, da mesma villa, e Filippa de Novaes, da de S. Pedro do Sul.

Foi homem muito illustrado e piedosissimo e occupou os primeiros cargos da sua ordem.

Mandado por seus paes para Coimbra, no mesmo dia em que se doutorou na faculdade de Canones tomou o habito no convento de Santo Antonio dos Olivaes, onde, findo o noviciado, professou a 29 de dezembro de 1585.

Foi guardião no convento de Portalegre, onde teve por subdito seu tio, o padre prégador Fr. Francisco de S. Pedro do Sul. Em seguida foi guardião em Santo Antonio dos Olivaes, uma das maiores guardianias da provincia. Foi tambem guardião no convento de Santo Antonio de Castello Branco e no de S. Francisco de Lagos; depois ministro provincial da ordem, eleito no capitulo celebrado em Evora a 19 de janeiro de 1614; —passado o triennio foi eleito *custodio*,—e no cap. celebrado em Salamanca em 1718 foi encarregado de visitar a *provincia* franciscana da Arrabida. Em seguida o duque de Bragança D. Theodosio II, pae d'el-rei D. João IV, o nomeou seu confessor, cargo que pouco tempo desempenhou por haver ensurdecido, pelo que muito contra a vontade do duque deixou o paço de Villa Viçosa e foi para o seu convento d'Abrantes, onde, passado algum tempo, se restabeleceu.

Em seguida foi eleito commissario dos conventos da sua ordem nas provincias do Douro e Minho, pelo que fixou a sua residencia no convento de Santo Antonio de Valle de Piedade, onde, como em Abrantes, continuou a viver a vida mais humilde e penitente, exercendo os misteres mais desprésiveis da casa.

Sendo religioso velho e grave, elle proprio lavava a sua roupa e para isso *hia á cerca buscar a lenha para aquentar a agua* (diz a chronica) *e o seu habito era muito pobre, e remendado por sua mão.*

—

Como era commissario dos conventos d'entre Douro e Minho, podia mudar ou transferir como lhe aprouvesse os religiosos d'elles. Achava-se então o convento de S. Fructuoso de Braga assolado por uma epidemia medonha, havendo fallecido em poucos dias 3 religiosos. O guardião afflicto pedia ao commissario religiosos para tratarem os doentes e prefazerem as vagas da

reiro de 1874 com Antonio Maria Alcoforado, bacharel formado em direito, filho de D. Maria dos Prazeres Barata Velloso e de Gil Alcoforado d'Azevedo Pinto e Figueiredo, senhor da nobre casa da Sernada em Vouzella, mencionada supra, onde aquelle nasceu e ali actualmente é conservador do registro predial.

D'este consorcio tiveram 6 filhos, todos nascidos na quinta e casa de *Caritel*, mencionada tambem supra, e que foi do velho Fructuoso, patriarcha d'esta importante familia.

Aquelles 6 filhos são os seguintes:

—*Gil*, que nasceu a 14 de janeiro de 1876;

—*Ayres*, a 19 de março de 1877;

—*Maria*, a 29 de dezembro de 1878;

—*Izabel*, a 20 de setembro de 1880;

—*Beatriz*, a 18 de fevereiro de 1882;

—*Affonso*, a 31 de dezembro de 1885.

—

Todo consagrado á sua familia, que idolatrava, viveu Fructuoso José da Silva Ayres sempre occupado no seu commercio de vinhos, sem distrahir-se com outra qualquer occupação ou emprego—e sempre na *Porta de Carros*, posto que tinha armazens e boas casas d'habitação em outros pontos da cidade. Com o fallecimento porem da consorte em 1865 passou a viver habitualmente na sua quinta da Granja.

Esta quinta, na data da extincção das ordens religiosas, pertencia aos frades cruzios da Serra do Pilar, havendo pertencido aos de Grijó.

Foi vendida em hasta publica em 5 d'agosto de 1836 a D. Anna Joaquina de Mello. A 4 de maio de 1839 vendeu-a esta a José Antonio Alves Vianna; por morte d'este passou para a viuva, a qual a vendeu em 31 de dezembro de 1860 a Fructuoso José da Silva Ayres, de quem a herdou seu filho, o sr. D. Antonio, seu actual possuidor, que n'ella costuma viver.

—

No dia 9 de março de 1881 estando n'esta quinta o velho Fructuoso e fazendo annos n'aquelle dia o seu filho Luiz Ayres, ia o velhinho muito alegre festejar-lhos, levando na mão um lindo ramo de camelias, mas alguns minutos depois de entrar na carruagem da via ferrea e indo o comboyo em marcha, a morte o suprehendeu repentinamente, contando 77 annos de idade, quasi completos.

Teve uma morte suavissima e por fortuna iam na mesma carruagem duas irmãs da caridade, que lhe assistiram ao passamento.

Jaz ao lado da esposa e d'alguns filhos no cemiterio d'Agramonte, no Porto.—Deixou um nome venerando, honradissimo, e uma fortuna orçada em 150 contos ds réis, apesar das grandes sommas que despendeu com os filhos, nomeadamente com o José e com o sr. D. Antonio.

Deus o tenha em bom logar, como firmemente cremos.

Ainda os Vouzellenses illustres

—*José Ribeiro Cardoso*, filho de Vouzella e muitos annos negociante no Porto, onde falleceu ha annos.

Instituiu por herdeira a Misericordia d'esta villa para ella fundar um *Laus-perenne*, e um *Asylo de cegos, aleijados e entrevados*.

A Misericordia já inaugurou o *Laus perenne*, mas ainda não fundou o *Asylo*, por que ainda não pôde liquidar toda a herança, que deve montar a 40 contos de réis, aproximadamente.

—O *Padre Mestre Simão Rodrigues d'Azevedo*, varão apostolico.

Foi companheiro de S. Francisco Xavier e 1.º provincial da Companhia de Jesus no nosso paiz, etc.

Falleceu em Lisboa a 15 de julho de 1579 contando 70 de idade.

Foi este illustre vouzellense o 1.º jesuita que veiu a Portugal, quando D. João III, a instancias de D. Pedro Mascarenhas, estabeleceu n'este reino a *Companhia de Jesus*.

Simão Rodrigues d'Azevedo foi um dos primeiros 9 discipulos de Santo Ignacio de Loyola. Estudava em Paris, quando o santo fundador o escolheu para aquelle apostolado.

Foi o fundador da provincia lusitana e falleceu na casa professa de S. Roque, onde jaz na capella mór, junto aos degraus do presbyterio.

—*Fr. Pedro Donato.*

Foi religioso franciscano de muita illustração e virtude.

—*Duarte d'Almeida*, o *decepado*;

—*Fernão Lopes d'Almeida* e

—*Duarte d'Almeida*, filho do antecedente.

Foram todos tres fidalgos muito distinctos e pessoas muito notaveis, como já dissemos quando fallámos da celebre quinta da *Cavallaria* e no topico *Senhores de Lafões*.

Duarte d'Almeida, o *decepado*, senhor da quinta da *Cavallaria*, immortalisou se defendendo a bandeira portugueza na batalha de Toro, mas perdeu-a e por seu turno se immortalisou tambem salvando-a *na mesma batalha* Gonçalo Pires Bandeira, seu visinho, natural de Besteiros (*Tondella*) ascendente dos *Bandeiras* de Viseu, Tondella e Granja.

O actual visconde de Rériz é um dos decendentes do nobre decepado.

V. *Rériz*, tomo 8.° pag. 152, col. 1.ª e *Viseu*, tomo 11.° pag. 1840.

—*Fr. José de S. Bernardino*, religioso agostinho descalço, natural de *Vouzella do Sul*, que suppomos ser esta, visinha de S. Pedro *do Sul*.

Professou no convento do Monte Olivete, ou do *Grillo*, em Lisboa, no dia 8 de agosto de 1751.

—*Fr. Chrystovam de Vouzella*, religioso franciscano da provincia da Soledade.

Nasceu na villa de Vouzella no meiado do sec. XVI e foram seus paes Antonio d'Almeida, da mesma villa, e Filippa de Novaes, da de S. Pedro do Sul.

Foi homem muito illustrado e piedosissimo e occupou os primeiros cargos da sua ordem.

Mandado por seus paes para Coimbra, no mesmo dia em que se doutorou na faculdade de Canones tomou o habito no convento de Santo Antonio dos Olivaes, onde, findo o noviciado, professou a 29 de dezembro de 1585.

Foi guardião no convento de Portalegre, onde teve por subdito seu tio, o padre prégador Fr. Francisco de S. Pedro do Sul. Em seguida foi guardião em Santo Antonio dos Olivaes, uma das maiores guardianias da provincia. Foi tambem guardião no convento de Santo Antonio de Castello Branco e no de S. Francisco de Lagos; depois ministro provincial da ordem, eleito no capitulo celebrado em Evora a 19 de janeiro de 1614; —passado o triennio foi eleito *custodio*—e no cap. celebrado em Salamanca em 1718 foi encarregado de visitar a *provincia* franciscana da Arrabida. Em seguida o duque de Bragança D. Theodosio II, pae d'el-rei D. João IV, o nomeou seu confessor, cargo que pouco tempo desempenhou por haver ensurdecido, pelo que muito contra a vontade do duque deixou o paço de Villa Viçosa e foi para o seu convento d'Abrantes, onde, passado algum tempo, se restabeleceu.

Em seguida foi eleito commissario dos conventos da sua ordem nas provincias do Douro e Minho, pelo que fixou a sua residencia no convento de Santo Antonio de Valle de Piedade, onde, como em Abrantes, continuou a viver a vida mais humilde e penitente, exercendo os misteres mais desprezíveis da casa.

Sendo religioso velho e grave, elle proprio lavava a sua roupa e para isso *ia á cerca buscar a lenha para aquentar a agua* (diz a chronica) *e o seu habito era muito pobre, e remendado por sua mão.*

—

Como era commissario dos conventos d'entre Douro e Minho, podia mudar ou transferir como lhe aprouvesse os religiosos d'elles. Achava-se então o convento de S. Fructuoso de Braga assolado por uma epidemia medonha, havendo fallecido em poucos dias 3 religiosos. O guardião afflicto pedia ao commissario religiosos para tratarem os doentes e prefazerem as vagas da

communidade. Partiu logo para Braga elle proprio, para não expôr mais vidas, e aos que lhe pediam que não fosse, respondeu: *Deixai-me ir animar aquelle guardião, que o sinto desmaiado.*

Passou os ultimos annos de vida no convento d'Azurara, onde expirou santamente, já decrepito e ali jaz.[1]

—*Braz de Figueiredo Castello Branco.*

Foi dezembargador e chanceller-mór da relação do Porto; casou com D. Francisca de Figueiredo Mendes Antas, da nobre familia *Mendes Antas* de Vimioso e d'elle procedem muitas familias da nossa 1.ª nobreza.

—*Pedro Moniz Bochicho*, casado com Maria Cides.

Viveram no sec. XII e doaram ao mosteiro de Paço de Sousa metade da egreja de S. Thiago de Carvalhaes, de que eram senhores, no concelho actual de S. Pedro do Sul.

—*Martim Peres Bochicho*, filho do antecedente.

Impugnou aquella doação, mas veiu a um accordo com os monges em 7 de julho de 1228, para que a dicta egreja fosse apresentada simultaneamente pelos frades e pelos *Bochichos*. Era pois muito importante em Lafões a familia *Bochichos* nos seculos XII e XIII.

V. *Paço de Sousa*, tomo 4.º pag. 391, col. 2.ª

—*Dr. Manoel d'Almeida e Sousa de Lobão*, distinctissimo jurisconsulto

Para evitarmos repetições, veja-se o art. Lobão, tomo 4.º pag. 431, col. 2.ª—e com relação ás suas obras veja-se o *Diccionario Bibl.* de Innocencio.

— *Fradique de Mello Meneses e Castro*, cavalheiro respeitabilissimo.

Uma correspondencia de Vouzella, com data de 27 d'agosto de 1886, dizia o seguinte:

«—Falleceu hontem na sua nobre casa de Fataunços, a tres kilometros d'esta villa, o sr. Fradique de Mello Menezes e Castro, antigo tenente coronel do regimento de milicias de Tondella, pae do sr. dr. Ayres de Mello Menezes e Castro, digno presidente da camara municipal de Vouzella, e do sr. José de Souza Menezes e Castro, e sogro do sr. juiz de direito, José de Gouveia Osorio, e do sr. Leonel Cardoso de Menezes.

O sr. Fradique de Mello era um cavalheiro de toda a probidade e seriedade, a quem todos respeitavam como venerando ancião e amigo sincero de todos que conhecia.»

—*Manoel d'Azevedo*, da companhia de Jesus.

Nos *Commentarios ao dia 28 de Junho*, pag. 742, col. 2.ª lettra *m*, se lê no *Agiologio Lusitano* o seguinte:

«Foi o irmão *Manoel d'Azevedo*, natural da villa de Vouzella. Seus paes se chamarão Antonio Pinto, e Emerenciana de Andrade. Entrou na *Companhia* em o Collegio de Coimbra a 27 de abril de 1614, tendo 10 annos de idade, e falleceu no de Braga aos 18 de Junho de 1617, havendo ornado sua alma com essenciaes virtudes nos 3 annos que teve de Religião, as quaes se podem ver em sua vida, que anda ms. pelo P. Balthazar de Figueiredo, ministro então do collegio bracharense, dedicada ao padre Francisco de Mendonça, reitor do de Coimbra.»

—

O mesmo *Agiologio* no texto, pag. 739, fallando d'este inclito varão, diz:

«Primeiramente gastava cada dia na oração mental 4 horas, alem do officio, e corôa de Nossa Senhora, e de outras pias e devotas orações a muitos santos.

....

«Tomava hua larga disciplina, e ás vezes duas, e por isso as trazia tão gastadas, que era necessario prover-se d'ellas, como de mantimento. Huas de cordas de arame,

---

[1] V. *Chronica da Provincia da Solèdade*, tomo 1.º pag. 400 a 409.

mui fortes, lhe durarão somente 3 mezes, e menos outras de cordel encerado.........

«Usava de 5 generos de cilicios, a saber de asperas sedas, de duro ferro, e de cadeas de arame com penetrantes pontas. Estes 3 serviam para a cintura; os dois, hum da mesma materia, para os sustinentes, e outro de ferro para o pescoço...—para de noite tinha hum tão largo, e asperrimo, que lhe tomava o corpo todo...

«De ordinario comia em terra por humildade, beijava os pés aos irmãos, e pedia penitencias desuzadas...

«Tambem assistia aos pobres, e bebia pelas tigellas mais nojentas e ascorosas, sendo limpo e asseado de seu natural.

....

«Sendo alegre em demasia, sómente o vião melancolisado, quando se dizia em seu louvor alguma cousa...................

....

—Fr. Pedro de Vouzella.

Floreceu no convento velho de S. Francisco de Coimbra, sendo ainda de claustraes, pelos annos de 1560.

Foi frade leigo, mas muito virtuoso, pelo que os vouzellenses, seus patricios, o tiveram sempre em muita veneração e o mandaram pintar na matriz de Vouzella, junto de S. Fr. Gil e do Padre Mestre Simão, da Companhia de Jesus, indicados supra, ficando todos 3 na mesma linha;—S. Fr. Gil no centro; o Mestre Simão á esquerda — e Fr. Pedro á direita, — segundo se lê no *Agiol. Lusit.*, tomo 1.º pag. 454, let. *d.*—e pag. 459.

—João Correia d'Oliveira, fallecido a 14 de outubro de 1882.

Era um cavalheiro muito tractavel, muito serviçal, commendador da ordem de Christo, abastado proprietario e homem de grande influencia n'este concelho.

Foi muitos annos presidente da camara de Vouzella, procurador á junta geral do districto, recebedor da comarca e juiz de direito substituto.

Vouzella deveu-lhe sempre a maior dedicação pelo seu engrandecimento.

D'elle já fizemos menção no topico supra —*Quintas.*

—

—José Cardoso Pereira Pinto de Meneses, fidalgo de antiga linhagem, nobre e muito nobre pelo sangue e mais ainda pelas suas virtudes.

Nasceu na villa de Vouzella a 9 d'agosto de 1793 e falleceu na sua casa de Villa Flor, em Traz os Montes, a 24 de dezembro de 1875, tendo de idade 82 annos.

Era filho de Luiz Cardoso Pereira Pinto de Menezes, moço fidalgo da casa real e capitão-mór de S. Martinho de Mouros, e de D. Maria Rita de Mello Almeida Barros Sousa Girão Seixas Cardoso.

Por morte de seus paes foi viver para Villa Flor, onde lhe pertencera um antigo morgado, que fôra instituido por um nobre fidalgo, seu ascendente, Lopo Machado Pereira e sua mulher D. Brites de Menezes, da antiga casa de Cardoso, solar dos Cardosos, coevo da monarchia.

Foi sua vida sempre de verdadeiro christão e cheia de virtudes, principalmente da caridade para com os pobres que n'elle foi em grau subido, chegando ás vezes a privar-se até de commodidades para soccorrer os miseraveis. Nunca á sua porta bateu um infeliz que não encontrasse alivio e conforto.

Era legitimista sincero e bondoso.

A perseguição que hoje se está fazendo á Egreja o affligia em extremo, de sorte que nunca fallava no Santo Padre que não chorasse e não levantasse as mãos tremulas, pedindo a Deus o defendesse e á sua Egreja. Foi sempre casto e modesto, honrado e exemplar.

Tal foi a sua vida, por isso sua morte devia ser tambem de justo. Um anno viveu entrevado e então redobrou sua piedade, confessando-se e commungando amiudadas vezes, o que fazia sempre com lagrimas de compunção; e, tendo recebido pela ultima vez o Sagrado Viatico, começou a orar e assim adormeceu o somno dos justos, sem afflicções, sem remorsos, sem angustias, n

communidade. Partiu logo para Braga elle proprio, para não expôr mais vidas, e aos que lhe pediam que não fosse, respondeu: *Deixai-me ir animar aquelle guardião, que o sinto desmaiado.*

Passou os ultimos annos de vida no convento d'Azurara, onde expirou santamente, já decrepito e ali jaz.[1]

—*Braz de Figueiredo Castello Branco.* Foi dezembargador e chanceller-mór da relação do Porto; casou com D. Francisca de Figueiredo Mendes Antas, da nobre familia *Mendes Antas* de Vimioso e d'elle procedem muitas familias da nossa 1.ª nobreza.

—*Pedro Moniz Bochicho*, casado com Maria Cides.

Viveram no sec. XII e doaram ao mosteiro de Paço de Sousa metade da egreja de S. Thiago de Carvalhaes, de que eram senhores, no concelho actual de S. Pedro do Sul.

—*Martim Peres Bochicho*, filho do antecedente.

Impugnou aquella doação, mas veiu a um accordo com os monges em 7 de julho de 1228, para que a dicta egreja fosse apresentada simultaneamente pelos frades e pelos *Bochichos*. Era pois muito importante em Lafões a familia *Bochichos* nos seculos XII e XIII.

V. *Paço de Sousa*, tomo 4.º pag. 391, col. 2.ª

—*Dr. Manoel d'Almeida e Sousa de Lobão*, distinctissimo jurisconsulto

Para evitarmos repetições, veja-se o art. Lobão, tomo 4.º pag. 431, col. 2.ª—e com relação ás suas obras veja-se o *Diccionario Bibl.* de Innocencio.

—*Fradique de Mello Meneses e Castro*, cavalheiro respeitabilissimo.

Uma correspondencia de Vouzella, com data de 27 d'agosto de 1886, dizia o seguinte:

«—Falleceu hontem na sua nobre casa de Fataunços, a tres kilometros d'esta villa, o sr. Fradique de Mello Menezes e Castro, antigo tenente coronel do regimento de milicias de Tondella, pae do sr. dr. Ayres de Mello Menezes e Castro, digno presidente da camara municipal de Vouzella, e do sr. José de Souza Menezes e Castro, e sogro do sr. juiz de direito, José de Gouveia Osorio, e do sr. Leonel Cardoso de Menezes.

O sr. Fradique de Mello era um cavalheiro de toda a probidade e seriedade, a quem todos respeitavam como venerando ancião e amigo sincero de todos que conhecia.»

—*Manoel d'Azevedo*, da companhia de Jesus.

Nos *Commentarios ao dia 28 de Junho*, pag. 742, col. 2.ª lettra *m*, se lê no *Agiologio Lusitano* o seguinte:

«Foi o irmão *Manoel d'Azevedo*, natural da villa de Vouzella. Seus paes se chamarão Antonio Pinto, e Emerenciana de Andrade. Entrou na *Companhia* em o Collegio de Coimbra a 27 de abril de 1614, tendo 10 annos de idade, e falleceu no de Braga aos 18 de Junho de 1617, havendo ornado sua alma com essenciaes virtudes nos 3 annos que teve de Religião, as quaes se podem ver em sua vida, que anda ms. pelo P. Balthazar de Figueiredo, ministro então do collegio bracharense, dedicada ao padre Francisco de Mendonça, reitor do de Coimbra.»

—

O mesmo *Agiologio* no texto, pag. 739, fallando d'este inclito varão, diz:

«Primeiramente gastava cada dia na oração mental 4 horas, alem do officio, e corôa de Nossa Senhora, e de outras pias e devotas orações a muitos santos.

....

«Tomava hua larga disciplina, e ás vezes duas, e por isso as trazia tão gastadas, que era necessario prover-se d'ellas, como de mantimento. Huas de cordas de arame,

---

[1] V. *Chronica da Provincia da Soledade*, tomo 1.º pag. 400 a 409.

mui fortes, lhe durarão somente 3 mezes, e menos outras de cordel encerado.........

«Usava de 5 generos de cilicios, a saber de asperas sedas, de duro ferro, e de cadeas de arame com penetrantes pontas. Estes 3 serviam para a cintura; os dois, hum da mesma materia, para os sustinentes, e outro de ferro para o pescoço...—para de noite tinha hum tão largo, e asperrimo, que lhe tomava o corpo todo...

«De ordinario comia em terra por humildade, beijava os pés aos irmãos, e pedia penitencias desuzadas...

«Tambem assistia aos pobres, e bebia pelas tigellas mais nojentas e ascorosas, sendo limpo e asseado de seu natural.

....

«Sendo alegre em demasia, sómente o vião melancolisado, quando se dizia em seu louvor alguma cousa...................

....

—*Fr. Pedro de Vouzella.*

Floreceu no convento velho de S. Francisco de Coimbra, sendo ainda de claustraes, pelos annos de 1560.

Foi frade leigo, mas muito virtuoso, pelo que os vouzellenses, seus patricios, o tiveram sempre em muita veneração e o mandaram pintar na matriz de Vouzella, junto de S. Fr. Gil e do Padre Mestre Simão, da Companhia de Jesus, indicados supra, ficando todos 3 na mesma linha;—S. Fr. Gil no centro; o Mestre Simão á esquerda — e Fr. Pedro á direita, — segundo se lê no *Agiol. Lusit.*, tomo 1.º pag. 454, let. *d.*—e pag. 459.

—*João Correia d'Oliveira*, fallecido a 14 de outubro de 1882.

Era um cavalheiro muito tractavel, muito serviçal, commendador da ordem de Christo, abastado proprietario e homem de grande influencia n'este concelho.

Foi muitos annos presidente da camara de Vouzella, procurador á junta geral do districto, recebedor da comarca e juiz de direito substituto.

Vouzella deveu-lhe sempre a maior dedicação pelo seu engrandecimento.

D'elle já fizemos menção no topico supra —*Quintas.*

—

—*José Cardoso Pereira Pinto de Menezes*, fidalgo de antiga linhagem, nobre e muito nobre pelo sangue e mais ainda pelas suas virtudes.

Nasceu na villa de Vouzella a 9 d'agosto de 1793 e falleceu na sua casa de Villa Flor, em Traz os Montes, a 24 de dezembro de 1875, tendo de idade 82 annos.

Era filho de Luiz Cardoso Pereira Pinto de Menezes, moço fidalgo da casa real e capitão-mór de S. Martinho de Mouros, e de D. Maria Rita de Mello Almeida Barros Sousa Girão Seixas Cardoso.

Por morte de seus paes foi viver para Villa Flor, onde lhe pertencera um antigo morgado, que fôra instituido por um nobre fidalgo, seu ascendente, Lopo Machado Pereira e sua mulher D. Brites de Menezes, da antiga casa de Cardoso, solar dos Cardosos, coevo da monarchia.

Foi sua vida sempre de verdadeiro christão e cheia de virtudes, principalmente da caridade para com os pobres que n'elle foi em grau subido, chegando ás vezes a privar-se até de commodidades para soccorrer os miseraveis. Nunca á sua porta bateu um infeliz que não encontrasse alivio e confôrto.

Era legitimista sincero e bondoso.

A perseguição que hoje se está fazendo á Egreja o affligia em extremo, de sorte que nunca fallava no Santo Padre que não chorasse e não levantasse as mãos tremulas, pedindo a Deus o defendesse e á sua Egreja. Foi sempre casto e modesto, honrado e exemplar.

Tal foi a sua vida, por isso sua morte devia ser tambem de justo. Um anno viveu entrevado e então redobrou sua piedade, confessando-se e commungando amiudadas vêzes, o que fazia sempre com lagrimas de compunção; e, tendo recebido pela ultima vez o Sagrado Viatico, começou a orar e assim adormeceu o somno dos justos, sem afflicções, sem remorsos, sem angustias, no

meio das lagrimas e das bençãos d'uma povoação inteira que o amava e estremecia.

Seu sobrinho, o reverendo João Rebello Cardoso de Menezes, foi chamado telegraficamente, mas já não chegou a assistir á sua morte.

Foi enterrado no jazigo da familia, na egreja de S. Bartholomeu de Villa Flor, onde sua sepultura é orvalhada todos os dias com as lagrimas dos pobresinhos que ali vão orar pelo eterno descanço do seu pae.

Fez testamento publico, deixando herdeiro do usufructo de todos os seus bens ao reverendo João Rebello Cardoso de Menezes, seu sobrinho, e a raiz dos mesmos a suas sobrinhas—viscondessa de Margaride e D. Antonia Casimira Rebello Cardoso de Menezes, e aos seus sobrinhos Bernardino Rebello Cardoso de Menezes e José Rebello Cardoso de Menezes.

--

O sobrinho e herdeiro do illustre vouzellense finado é o actual sr. D. João Rebello Cardoso de Menezes, Arcebispo de Larissa, coadjutor e futuro successor do bispo de Lamego D. Antonio da Trindade e Vasconcellos.

Foi avó do sr. arcebispo D. Maria Rita de Mello Almeida Barros de Sousa Girão Cardoso, natural da villa de *Vouzella*, filha de José Bernardo d'Almeida de Barros, bisneto do capitão mór d'Ansemil João Rodrigues de Sequeira e Loureiro, descendente da illustre casa de *Loureiro e Sá*, d'esta familia.

A dicta D. Maria Rita de Mello era filha de D. Rosa Girão, da casa da *Corujeira*, solar dos Girões, e descendente de D. Affonso Girão,—sendo a dicta casa hoje representada pelo visconde do Banho.

A mesma sr.ª D. Maria Rita era descendente, tanto pelo lado paterno, como materno, da illustre familia de *Figueiredo das Donas*, cujo ascendente Guesto Ansur libertou as 6 donzellas do poder dos mouros, matando-os, como diz a lenda, com o tronco de uma figueira.

Para evitarmos repetições veja-se o art. *Figueiredo das Donas,* tomo 3.º pag. 193, col. 2.ª

Nas suas casas da Praça da villa de Vouzella, onde nasceu a dicta senhora, ainda hoje lá se vê um brazão d'armas com folhas de figueira, alludindo á pretendida façanha de Guesto Ansur.

É pois oriundo de Vouzella o sr. arcebispo de Larissa, mas filho de Villa Real de Traz os Montes, pelo que já fizemos menção d'elle no topico dos *Villarialenses illustres,* quando s. ex.ª era arcebispo de Mitylene, provisor e vigario geral do patriarchado de Lisboa, etc.

V. *Villa Real de Traz os Montes,* vol. 11.º pag. 1030, col. 1.ª

Nasceu na freguezia de S. Pedro de Villa Real, no dia 29 d'outubro de 1832,[1]—e foram seus paes Bernardino Felisardo de Carvalho Rebello e D. Mathilde Carolina de Menezes Girão Cardoso.

Foi sagrado arcebispo de Mitylene no seminario de Santarem pelo eminentissimo cardeal patriarcha de Lisboa, no dia 7 de dezembro de 1884 e, como o titulo de *arcebispo de Mitylene* é propriedade dos vigarios geraes do patriarchado, quando s. ex.ª foi promovido a coadjutor e futuro successor do bispo de Lamego, o romano pontifice o nomeou *arcebispo de Larissa.*

—*Ricardo Pinto de Mattos*, escriptor publico.

Foi guarda-sala (official menor) da bibliotheca publica do Porto, excellente pessoa e zeloso empregado, muito modesto, muito intelligente e muito trabalhador.

Falleceu no vigor da vida, approximadamente em 1882, havendo escripto e publicado as obras seguintes:

1.ª—*Manual bibliographico portuguez de livros raros, classicos e curiosos, revisto e prefaciado por C. C. Branco. Porto (Livraria Portuense, editora) 1878*—1 vol. 8.º

É um trabalho muito consciencioso e de

---

[1] Tem de idade apenas mais 16 dias do que eu, pois nasci em 14 de novembro de 1832.

V. *Corvaceira.*

bastante merecimento, que mereceu a honra de ser prefaciado pelo nosso primeiro romancista e laureado escriptor — Camillo Castello Branco, hoje visconde de Correia Botelho.

2.ª — *Memoria historica e descriptiva da Ordem Terceira de S. Francisco do Porto...* 1880.—1 vol. 8.º peq.

3.ª—*Historia do nascimento, vida e morte de S. João Baptista, precursor de Jesus Christo, e de Santa Isabel sua mãe,—Porto 1880*—1 vol. 8.º peq.

Se a morte o não roubasse tão cedo, seria um fecundo escriptor.

Deixou mss. alguns apontamentos informes e propunha-se escrever e publicar tambem uma monographia de *Vouzella*, sua patria

Falleceu solteiro e sem successão.

—*O reverendo dr. José Maria de Lima e Lemos*, natural de Fataunços, freguezia d'este concelho de Vouzella e distante da villa apenas 3 kilometros para E.[1]

Doutorou-se em canones pela Universidade de Coimbra e ali foi lente de direito e lente distinctissimo até 1834, data em que os liberaes triumphantes extinguiram *muito inconvenientemente* as ordens religiosas e expulsaram da Universidade todos os lentes considerados *legitimistas*.[2]

Nós o conhecemos perfeitamente e o vimos e admirámos muitas vezes, porque ainda vivia durante a nossa formatura (1851-1856) e morava em Coimbra no Cidral, pelo que todos o conheciam e respeitavam como o *dr. José Maria do Cidral*, formosa quinta junto do *Penedo da Saudade* e do convento das *Theresinhas*, onde era confessor e director espiritual.

—

No dicto convento, que os proprios estudantes veneravam, nós ouvimos prégar o venerando doutor na grande festividade que ali aquellas tão penitentes como piedosissimas religiosas celebraram quando a nossa egreja santa definiu e decretou como dogma a *Immaculada Conceição de Maria*.

Foi longo, bastante longo, o sermão, e recheado de textos em latim, mas todos os fieis que entulhavam o templo, comprehendendo grande numero de estudantes, entre os quaes um dos mais novos e o mais humilde e obscuro de todos — era o humilde auctor d'estas linhas, — todos ficaram extasiados.

Nunca ouvimos sermão que tanto nos commovesse!

O venerando dr. parecia um apostolo pregando—e como varão apostolico era tido e considerado por todos.

—

Nasceu em Fataunços, no anno de 1794, e falleceu em dezembro de 1878 na casa da egreja das *Theresinhas*, aos 84 annos de idade.

O sr. bispo-conde de Coimbra lhe mandou fazer exequias solemnes na Sé d'aquella cidade em janeiro de 1879 e jaz no cemiterio da freguezia de Santo Antonio dos Olivaes, junto da sepultura de D. Maria Osorio, mãe do sr. Miguel Osorio, dono da quinta das Lagrimas.

Foram muito pomposas as ditas exequias e n'ellas pregou o sr. D. Antonio Ayres de Gouveia, bispo de Bethsaida, de quem já fizemos mensão supra, então lente da Universidade e bispo eleito do Algarve, cujo sermão foi primorosissimo, já porque o sr. D. Antonio é talvez o nosso primeiro orador sacro,—já porque o auditorio era muitissi-

---

[1] V. *Fataunços* n'este diccionario e no supplemento, onde ampliaremos consideravelmente aquelle artigo.

[2] O proprio visconde d'Almeida Garrett, *liberal insuspeito* e que militou nas fileiras do sr. D. Pedro IV, disse nas *Viagens da minha terra*:

«Nós extinguimos os frades, mas creámos os barões, que hão de dar cabo de nós!...

«Os frades, que eram patriotas na Irlanda, na Polonia e no Brazil, podiam e deviam ser patriotas em Portugal tambem, se os reformassem e não os extinguissem.»

O pensamento é este, mas pode haver differença nas palavras, porque citamos de memoria. Desculpem.

meio das lagrimas e das bençãos d'uma povoação inteira que o amava e estremecia.

Seu sobrinho, o reverendo João Rebello Cardoso de Menezes, foi chamado telegraficamente, mas já não chegou a assistir á sua morte.

Foi enterrado no jazigo da familia, na egreja de S. Bartholomeu de Villa Flor, onde sua sepultura é orvalhada todos os dias com as lagrimas dos pobresinhos que ali vão orar pelo eterno descanço do seu pae.

Fez testamento publico, deixando herdeiro do usufructo de todos os seus bens ao reverendo João Rebello Cardoso de Menezes, seu sobrinho, e a raiz dos mesmos a suas sobrinhas—viscondessa de Margaride e D. Antonia Casimira Rebello Cardoso de Menezes, e aos seus sobrinhos Bernardino Rebello Cardoso de Menezes e José Rebello Cardoso de Menezes.

--

O sobrinho e herdeiro do illustre vouzellense finado é o actual sr. D. João Rebello Cardoso de Menezes, Arcebispo de Larissa, coadjutor e futuro successor do bispo de Lamego D. Antonio da Trindade e Vasconcellos.

Foi avó do sr. arcebispo D. Maria Rita de Mello Almeida Barros de Sousa Girão Cardoso, natural da villa de *Vouzella*, filha de José Bernardo d'Almeida de Barros, bisneto do capitão môr d'Ansemil João Rodrigues de Sequeira e Loureiro, descendente da illustre casa de *Loureiro e Sá*, d'esta familia.

A dicta D. Maria Rita de Mello era filha de D. Rosa Girão, da casa da *Corujeira*, solar dos Girões, e descendente de D. Affonso Girão,—sendo a dicta casa hoje representada pelo visconde do Banho.

A mesma sr.ª D. Maria Rita era descendente, tanto pelo lado paterno, como materno, da illustre familia de *Figueiredo das Donas*, cujo ascendente Guesto Ansur libertou as 6 donzellas do poder dos mouros, matando-os, como diz a lenda, com o tronco de uma figueira.

Para evitarmos repetições veja-se o art. *Figueiredo das Donas*, tomo 3.º pag. 193, col. 2.ª

Nas suas casas da Praça da villa de Vouzella, onde nasceu a dicta senhora, ainda hoje lá se vê um brazão d'armas com folhas de figueira, alludindo á pretendida façanha de Guesto Ansur.

É pois oriundo de Vouzella o sr. arcebispo de Larissa, mas filho de Villa Real de Traz os Montes, pelo que já fizemos menção d'elle no topico dos *Villarialenses illustres*, quando s. ex.ª era arcebispo de Mitylene, provisor e vigario geral do patriarchado de Lisboa, etc.

V. *Villa Real de Traz os Montes*, vol. 11.º pag. 1030, col. 1.ª

Nasceu na freguezia de S. Pedro de Villa Real, no dia 29 d'outubro de 1832,[1]—e foram seus paes Bernardino Felisardo de Carvalho Rebello e D. Mathilde Carolina de Menezes Girão Cardoso.

Foi sagrado arcebispo de Mitylene no seminario de Santarem pelo eminentissimo cardeal patriarcha de Lisboa, no dia 7 de dezembro de 1884 e, como o titulo de *arcebispo de Mitylene* é propriedade dos vigarios geraes do patriarchado, quando s. ex.ª foi promovido a coadjutor e futuro successor do bispo de Lamego, o romano pontifice o nomeou *arcebispo de Larissa.*

—*Ricardo Pinto de Mattos*, escriptor publico.

Foi guarda-sala (official menor) da bibliotheca publica do Porto, excellente pessoa e zeloso empregado, muito modesto, muito intelligente e muito trabalhador.

Falleceu no vigor da vida, approximadamente em 1882, havendo escripto e publicado as obras seguintes:

1.ª—*Manual bibliographico portuguez de livros raros, classicos e curiosos, revisto e prefaciado por C. C. Branco. Porto (Livraria Portuense, editora) 1878*—1 vol. 8.º

É um trabalho muito consciencioso e de

---

[1] Tem de idade apenas mais 16 dias do que eu, pois nasci em 14 de novembro de 1832.

V. *Corvaceira.*

bastante merecimento, que mereceu a honra de ser prefaciado pelo nosso primeiro romancista e laureado escriptor — Camillo Castello Branco, hoje visconde de Correia Botelho.

2.ª — *Memoria historica e descriptiva da Ordem Terceira de S. Francisco do Porto...* 1880.—1 vol. 8.º peq.

3.ª—*Historia do nascimento, vida e morte de S. João Baptista, precursor de Jesus Christo, e de Santa Isabel sua mãe,—Porto 1880*—1 vol. 8.º peq.

Se a morte o não roubasse tão cedo, seria um fecundo escriptor.

Deixou mss. alguns apontamentos informes e propunha-se escrever e publicar tambem uma monographia de *Vouzella*, sua patria

Falleceu solteiro e sem successão.

—*O reverendo dr. José Maria de Lima e Lemos*, natural de Fataunços, freguezia d'este concelho de Vouzella e distante da villa apenas 3 kilometros para E.[1]

Doutorou-se em canones pela Universidade de Coimbra e ali foi lente de direito e lente distinctissimo até 1834, data em que os liberaes triumphantes extinguiram *muito inconvenientemente* as ordens religiosas e expulsaram da Universidade todos os lentes considerados *legitimistas*.[2]

Nós o conhecemos perfeitamente e o vimos e admirámos muitas vezes, porque ainda vivia durante a nossa formatura (1851-1856) e morava em Coimbra no Cidral, pelo que todos o conheciam e respeitavam como o *dr. José Maria do Cidral*, formosa quinta junto do *Penedo da Saudade* e do convento das *Theresinhas*, onde era confessor e director espiritual.

—

No dicto convento, que os proprios estudantes veneravam, nós ouvimos prégar o venerando doutor na grande festividade que ali aquellas tão penitentes como piedosissimas religiosas celebraram quando a nossa egreja santa definiu e decretou como dogma a *Immaculada Conceição de Maria.*

Foi longo, bastante longo, o sermão, e recheado de textos em latim, mas todos os fieis que entulhavam o templo, comprehendendo grande numero de estudantes, entre os quaes um dos mais novos e o mais humilde e obscuro de todos — era o humilde auctor d'estas linhas, — todos ficaram extasiados.

Nunca ouvimos sermão que tanto nos commovesse!

O venerando dr. parecia um apostolo pregando—e como varão apostolico era tido e considerado por todos.

—

Nasceu em Fataunços, no anno de 1794, e falleceu em dezembro de 1878 na casa da egreja das *Theresinhas*, aos 84 annos de idade.

O sr. bispo-conde de Coimbra lhe mandou fazer exequias solemnes na Sé d'aquella cidade em janeiro de 1879 e jaz no cemiterio da freguezia de Santo Antonio dos Olivaes, junto da sepultura de D. Maria Osorio, mãe do sr. Miguel Osorio, dono da quinta das Lagrimas.

Foram muito pomposas as ditas exequias e n'ellas pregou o sr. D. Antonio Ayres de Gouveia, bispo de Bethsaida, de quem já fizemos menção supra, então lente da Universidade e bispo eleito do Algarve, cujo sermão foi primorosissimo, já porque o sr. D. Antonio é talvez o nosso primeiro orador sacro,—já porque o auditorio era muitissi-

---

[1] V. *Fataunços* n'este diccionario e no supplemento, onde ampliaremos consideravelmente aquelle artigo.

[2] O proprio visconde d'Almeida Garrett, *liberal insuspeito* e que militou nas fileiras do sr. D. Pedro IV, disse nas *Viagens da minha terra*:

«Nós extinguimos os frades, mas creámos os barões, que hão de dar cabo de nós!...

«Os frades, que eram patriotas na Irlanda, na Polonia e no Brazil, podiam e deviam ser patriotas em Portugal tambem, se os reformassem e não os extinguissem.»

O pensamento é este, mas pode haver differença nas palavras, porque citamos de memoria. Desculpem.

mo illustrado, quasi todo formado de lentes, bachareis e academicos,—já porque o sr. D. Antonio foi amigo intimo do finado.

O dicto sermão, obra prima de eloquencia, foi impresso com outros do mesmo orador na 2.ª edição dos *Ensaios do Pulpito* e d'elle vamos dar um leve extracto para deliciarmos os leitores e rendermos preito á memoria do finado vouzellense.

....

«Um tumulo, um pulpito, uma cathedra, os tres luminosos e eternos focos da evidencia moral, resumem a nossos olhos agora os pontos principaes da sua passagem na terra... O tumulo archiva a historia; a cathedra representa a sciencia; no pulpito culmina a religião. E sciencia, religião, historia, compendíam o universo, o indefinito, o immortal.

....

...tinha no todo o quer que era de inexprimivel, como temperado da suavidade do anjo e da austeridade do propheta com o profundo convencimento do apostolo.

....

«Finge temer se o mestre padre, como se o sacerdocio não fosse um altissimo ensino e o ensino um altissimo sacerdocio.

....

«Ser mestre e ser immoral, que cegueira, que horror!—ser sabio e ser vaidoso, que infelicidade, que loucura!

....

«A sciencia é a lucta sem treguas, renascente e recrescente.

....

«Nenhum galardão equivale á satisfação de cumprir o dever.

....

«A escola vale para a alma o que o berço para a saude e robustez do corpo.

....

«A sociedade será o que (a escola) fôr.

....

«Paes... todos o podem ser; mestres, verdadeiros mestres, quantos o sabem ser? O homem gera-o o pae; só o mestre forma o cidadão.

....

«Á beira d'um tumulo congraça-se e chora a humanidade.

....

«O perdão foi a sua defeza, a benção o seu protesto.

....

«Quando a intensidade do sol nos cega, parece-nos que, fechando os olhos, vemos chispas brilhantes na profundidade das trevas. E cremos isso realidade. Esquecemos tambem que a sciencia, por muito que nos dê, não nos póde dar nunca a verdade inteira, e que as meias verdades podem ser falsidades completas.

....

«A verdade, a continencia, a temperança, a humildade, o desapego dos bens caducos e das glorias terrenas, a ancia da vida eterna, tornavam-se tão amaveis na sua bocca que o peccador, dilacerado de remorsos, não sabia mais que anhelar. N'isto é que nós outros os pregadores deviamos pôr os olhos e a vehemencia do desejo; em ganhar as almas para o Summo Bem e não em captivar admirações para a nossa esteril facundia. Façamo-nos mais missionarios e vanglorie-mo-nos menos de oradores... Mas desventuradamente acontece o contrario.

«Nós calculamos as consequencias da occasião, esquivamos as susceptibilidades dos auditorios, subscrevemos ás exigencias da moda e, traidores da verdade, em vez de reformal-os, conformamo-nos, em fim, a todos os caprichos do seculo. Elle não; elle, seguindo o propheta, clamava incessante contra as devassidões e o luxo; atacava as corrupções, minava as argucias... e cortava a direito... Não estava, como nós, a arredondar graciosos periodos, a confeitar os termos mais melifluos, e a amaneirar e a comediar os ademanes... A elle affluiam-lhe naturalmente os mais condignos ao fim que se propunha, que era remodelar e honestar os corações; e se a rhetorica lhe não dava o tropo convencional, e se o diccionario não continha o vocabulo preciso, inventava-os, claros, frisantes, convincentes. O que em nós outros é esforço e artificio, era n'elle intuição, originalidade.

....

«A palavra dos obreiros evangelicos para ser proficua, deve encantar os ouvidos com a inspirada harmonia, illuminar as almas com o amoroso fulgor das perfeições divinas e abrazar os corações com as chammas d'uma caridade sem tregua e sem limites. E n'elle concentravam-se admiravelmente estes predicados.........................

«Era o verdadeiro missionario catholico na significação mais ampla e correcta.

....

«Sobrio e desaffectado ouviam-no os doutos e subtis e os indoutos e simples, e instruiam-se estes e não se enfadavam aquelles e melhoravam-se todos.

....

«Austero só para comsigo e benigno para com todos, era o prototypo ineffavel do sacerdote christão.

—

«Acalmada a effervescencia das paixões, vieram amigos e admiradores offerecer-lhe a vigairaria capitular da archidiocese d'Evora, em resarcimento do seu anterior deado de Leiria;—recusou: ponderando-lhe depois a commoda opportunidade de reascender ao magisterio universitario; — recusou: insinuaram-lhe ainda a facilidade até a offerta de empunhar um baculo;—recusou. Recusou tudo, recusou sempre.[1]

....

«E isto, não por intolerancia, que ninguem mais tolerante, nem por haver tão farto patrimonio... mas pela firmeza das convicções, pelo respeito dos seus voluntarios juramentos, e por uns finos escrupulos de probidade..........................

....

«Com similhantes dotes, bem se alcança como fructearia a sua palavra no pulpito. Votado agora exclusivamente a este, considerou-o em parte continuação da cathedra. E quem n'esta apresentava a piedade incontaminada d'um santo, levou para alli as esplendidas manifestações d'um sabio.......

.................»

O dr. J. M. Lima e Lemos era effectivamente um sabio e um santo e recusou differentes mitras, entre ellas a de Lamego.

Deus o tenha em bom logar e elle interceda por nós todos.

Fr. Bernardino de Maria Santissima

Fecharemos este topico dos *vouzellenses illustres*, dando interessantes noticias *ineditas* de outro varão apostolico—*Fr. Bernardino de Maria Santissima*, varatojano, tambem natural de Fataunços, irmão do mencionado dr. José Maria de Lima e Lemos.

Nós nunca tivemos a honra de o conhecer, mas conheceu-o *muito de perto* o reverendissimo sr. D. Antonio da Trindade e Vasconcellos Pereira de Mello, venerando bispo de Lamego, natural de Santa Christina de Figueiró (concelho de Amarante) e ali residente, pois já conta 77 annos e está decrepito, pelo que pediu e lhe foi dado coadjutor e futuro successor, que está regendo a diocese.[1]

O sr. D. Antonio da Trindade foi *cruzio* e está decrepito, mas ainda conserva muito lucidas a memoria e todas as outras faculdades intellectuaes,—e para comprazernos enviou-nos os apontamentos seguintes, que de bom grado publicamos, beijando-lhe as mãos agradecido.

---

[1] Na sentida oração, recitada ao baixar á sepultura o cadaver, disse o sr. dr. Augusto Eduardo Nunes (então lente da Universidade tambem e hoje—1889 — bispo de Perga, coadjuctor e futuro successor do arcebispo d'Evora):—«Mais de uma vez, depois de restabelecidas as relações com a Santa Sé, lhe foi offerecida a dignidade episcopal, e ainda não ha muitos annos a de patriarcha de Lisboa, que tem annexa a purpura cardinalicia. Recusou tudo, recusou sempre,— talvez com excessiva humildade, mas com incontrastavel firmeza.»

Nota dos *Ensaios do Pulpito*, pag. 326.

[1] É o reverendissimo sr. D. João Rebello Cardoso de Menezes, arcebispo de Larissa, mencionado supra, quando fallámos do illustre vouzellense, seu tio, — *José Cardoso Pereira Pinto de Menezes.*

mo illustrado, quasi todo formado de lentes, bachareis e academicos,—já porque o sr. D. Antonio foi amigo intimo do finado.

O dicto sermão, obra prima de eloquencia, foi impresso com outros do mesmo orador na 2.ª edição dos *Ensaios do Pulpito* e d'elle vamos dar um leve extracto para deliciarmos os leitores e rendermos preito á memoria do finado vouzellense.

....

«Um tumulo, um pulpito, uma cathedra, os tres luminosos e eternos focos da evidencia moral, resumem a nossos olhos agora os pontos principaes da sua passagem na terra... O tumulo archiva a historia; a cathedra representa a sciencia; no pulpito culmina a religião. E sciencia, religião, historia, compendíam o universo, o indefinito, o immortal.

....

...tinha no todo o quer que era de inexprimivel, como temperado da suavidade do anjo e da austeridade do propheta com o profundo convencimento do apostolo.

....

«Finge temer se o mestre padre, como se o sacerdocio não fosse um altissimo ensino e o ensino um altissimo sacerdocio.

....

«Ser mestre e ser immoral, que cegueira, que horror!—ser sabio e ser vaidoso, que infelicidade, que loucura!

....

«A sciencia é a lucta sem treguas, renascente e recrescente.

....

«Nenhum galardão equivale á satisfação de cumprir o dever.

....

«A escola vale para a alma o que o berço para a saude e robustez do corpo.

....

«A sociedade será o que (a escola) fôr.

....

«Paes... todos o podem ser; mestres, verdadeiros mestres, quantos o sabem ser? O homem gera-o o pae; só o mestre forma o cidadão.

....

«Á beira d'um tumulo congraça-se e chora a humanidade.

....

«O perdão foi a sua defeza, a benção o seu protesto.

....

«Quando a intensidade do sol nos cega, parece-nos que, fechando os olhos, vemos chispas brilhantes na profundidade das trevas. E cremos isso realidade. Esquecemos tambem que a sciencia, por muito que nos dê, não nos póde dar nunca a verdade inteira, e que as meias verdades podem ser falsidades completas.

....

«A verdade, a continencia, a temperança, a humildade, o desapego dos bens caducos e das glorias terrenas, a ancia da vida eterna, tornavam-se tão amaveis na sua bocca que o peccador, dilacerado de remorsos, não sabia mais que anhelar. N'isto é que nós outros os pregadores deviamos pôr os olhos e a vehemencia do desejo; em ganhar as almas para o Summo Bem e não em captivar admirações para a nossa esteril facundia. Façamo-nos mais missionarios e vangloriemo-nos menos de oradores... Mas desventuradamente acontece o contrario.

«Nós calculamos as consequencias da occasião, esquivamos as susceptibilidades dos auditorios, subscrevemos ás exigencias da moda e, traidores da verdade, em vez de reformal-os, conformamo-nos, em fim, a todos os caprichos do seculo. Elle não; elle, seguindo o propheta, clamava incessante contra as devassidões e o luxo; atacava as corrupções, minava as argucias... e cortava a direito... Não estava, como nós, a arredondar graciosos periodos, a confeitar os termos mais melifluos, e a amaneirar e a comediar os ademanes... A elle affluiam-lhe naturalmente os mais condignos ao fim que se propunha, que era remodelar e honestar os corações; e se a rhetorica lhe não dava o tropo convencional, e se o diccionario não continha o vocabulo preciso, inventava-os, claros, frisantes, convincentes. O que em nós outros é esforço e artificio, era n'elle intuição, originalidade.

....

«A palavra dos obreiros evangelicos para ser proficua, deve encantar os ouvidos com a inspirada harmonia, illuminar as almas com o amoroso fulgor das perfeições divinas e abrazar os corações com as chammas d'uma caridade sem tregua e sem limites. E n'elle concentravam-se admiravelmente estes predicados...........................

«Era o verdadeiro missionario catholico na significação mais ampla e correcta.

....

«Sobrio e desaffectado ouviam-no os doutos e subtis e os indoutos e simples, e instruiam-se estes e não se enfadavam aquelles e melhoravam-se todos.

....

«Austero só para comsigo e benigno para com todos, era o prototypo ineffavel do sacerdote christão.

—

«Acalmada a effervescencia das paixões, vieram amigos e admiradores offerecer-lhe a vigairaria capitular da archidiocese d'Evora, em resarcimento do seu anterior deado de Leiria;—recusou: ponderando-lhe depois a commoda opportunidade de reascender ao magisterio universitario; — recusou: insinuaram-lhe ainda a facilidade até a offerta de empunhar um baculo;—recusou. Recusou tudo, recusou sempre.[1]

....

«E isto, não por intolerancia, que ninguem mais tolerante, nem por haver tão farto patrimonio... mas pela firmeza das convicções, pelo respeito dos seus voluntarios juramentos, e por uns finos escrupulos de probidade...............................

....

«Com similhantes dotes, bem se alcança como fructearia a sua palavra no pulpito. Votado agora exclusivamente a este, considerou-o em parte continuação da cathedra. E quem n'esta apresentava a piedade incontaminada d'um santo, levou para alli as esplendidas manifestações d'um sabio.......

................»

O dr. J. M. Lima e Lemos era effectivamente um sabio e um santo e recusou differentes mitras, entre ellas a de Lamego.

Deus o tenha em bom logar e elle interceda por nós todos.

Fr. Bernardino de Maria Santissima

Fecharemos este topico dos *vouzellenses illustres*, dando interessantes noticias *ineditas* de outro varão apostolico—*Fr. Bernardino de Maria Santissima*, varatojano, tambem natural de Fataunços, irmão do mencionado dr. José Maria de Lima e Lemos.

Nós nunca tivemos a honra de o conhecer, mas conheceu-o *muito de perto* o reverendissimo sr. D. Antonio da Trindade e Vasconcellos Pereira de Mello, venerando bispo de Lamego, natural de Santa Christina de Figueiró (concelho de Amarante) e ali residente, pois já conta 77 annos e está decrepito, pelo que pediu e lhe foi dado coadjutor e futuro successor, que está regendo a diocese.[1]

O sr. D. Antonio da Trindade foi *cruzio* e está decrepito, mas ainda conserva muito lucidas a memoria e todas as outras faculdades intellectuaes,—e para comprazer-nos enviou-nos os apontamentos seguintes, que de bom grado publicamos, beijando-lhe as mãos agradecido.

---

[1] Na sentida oração, recitada ao baixar á sepultura o cadaver, disse o sr. dr. Augusto Eduardo Nunes (então lente da Universidade tambem e hoje—1889 — bispo de Perga, coadjuctor e futuro successor do arcebispo d'Evora):—«Mais de uma vez, depois de restabelecidas as relações com a Santa Sé, lhe foi offerecida a dignidade episcopal, e ainda não ha muitos annos a de patriarcha de Lisboa, que tem annexa a purpura cardinalicia. Recusou tudo, recusou sempre,— talvez com excessiva humildade, mas com incontrastavel firmeza.»

Nota dos *Ensaios do Pulpito*, pag. 326.

[1] É o reverendissimo sr. D. João Rebello Cardoso de Menezes, arcebispo de Larissa, mencionado supra, quando fallámos do illustre vouzellense, seu tio, — *José Cardoso Pereira Pinto de Menezes.*

—

«Quer v. que eu lhe diga o que souber das qualidades e virtudes dos dois irmãos e insignes varões—*Fr. Bernardino de Maria Santissima* e dr. *José Maria de Lima Lemos.*

Principiarei por dizer que, segundo me consta, ambos elles nasceram de uma familia nobre e abastada de fortuna, residente na freguezia de Fataunços, familia exemplar de costumes, geralmente respeitada e que era o refugio e amparo dos pobres.

De Fr. Bernardino falla a opinião publica, e eu só direi o que elle em longas conversas me contou em horas vagas quando ambos nós residiamos — elle temporaria e interpoladamente e eu permanentemente, na qualidade de secretario do eminentissimo sr. cardeal patriarcha D. Guilherme, de saudosa recordação,—no palacio patriarchal de *S. Vicente de Fóra*, em Lisboa.

Dizia-me—que, depois da formatura em canones, se via tão aborrecido do mundo e com tanto receio de não obter a salvação, que resolveu entrar e professar em alguma congregação religiosa; que estava resolvido a professar na congregação dos conegos regulares de Santa Cruz de Coimbra, cujo instituto preferia pelo recolhimento e clauzura em que viviam os conegos, e actividade e caridade com que exerciam a predica e o confessionario; que por essa occasião appareceram em Fataunços, em missão apostolica, uns religiosos do Varatojo;—que foi ouvir a predica e se convenceu da santidade e virtude dos missionarios;—que pediu a um d'elles para celebrar uma missa segundo a sua intenção (para que Deus o inspirasse na escolha da ordem religiosa, em que devia entrar); — que dicta a missa, offereceu ao celebrante uma moeda de 480 réis,[1] mas que elle se recusou, dizendo ser-lhe prohibido pelo seu instituto acceitar ou possuir dinheiro.

[1] N'aquelle tempo e n'aquelle sertão 480 réis correspondiam á esmola actual de 1$000 ou 1$500 réis no Porto ou em Lisboa.

P. A. Ferreira.

—

«Esta resposta echoou na alma do dr. Bernardino.

Quem não quer dinheiro nada quer do mundo (reflectiu elle):—o mundo incommoda-me—vou fugir do mundo. E seguiu com os missionarios para o Varatojo.

Fr. Bernardino, a par da muita penitencia, da assidna predica nas missões e do trabalho permanente no confessionario, era muito jovial na conversação, sem deslisar da gravidade e pureza de costumes; fallava com muita graça; amoldava-se ás circumstancias dos ouvintes; ria para rirem e, quando se referia a casos historicos, excitava dôr ou prazer, alegria ou tristeza, como o caso requeria.

Foi guardião do Varatojo; percorreu grande parte do nosso paiz em missão aos povos e adquiriu tal nome como confessor, que era procurado por penitentes muito distantes, para tranquillisarem as suas consciencias. Ia repetidas vêzes a Lisboa, convidado pelas pessoas mais piedosas entre a alta nobreza, para com elle fazerem confissões geraes—e foi um laborioso operario na vinha do Senhor.

——

«Durante o governo do sr. D. Miguel foi nomeado reformador de toda a ordem franciscana em Portugal. Pediu para ser aliviado d'esta commissão e, sendo instado pelo sr. D. Miguel para que a acceitasse, disse-lhe que não tinha forças para vencer as difficuldades que previa.

O sr. D. Miguel respondeu que contase com elle, pois de bom grado o auxiliaria em tudo.

Por seu turno respondeu Fr. Bernardino: —que a maior difficuldade seria o proprio sr. D. Miguel.

Mostrou-se o rei admirado e repetiu:—*Confiae em mim.*

Beijou-lhe a mão e partiu logo para Alemquer. No convento de S. Francisco encontrou um frade de pessimos costumes, ao qual prohibiu sair do convento.

Passados dias recebeu Fr. Bernardino um mandado do *tribunal da consciencia e ordens*, no qual se lhe dizia que nada tinha a

ver, ordenar ou entender com Fr. F. (o tal discolo) conventual de Alemquer.

Partiu immediatamente para Lisboa; apresentou-se ao sr. D. Miguel e fallou-lhe n'estes termos:

—Bem dizia eu que a primeira difficuldade e o maior embaraço para o bom exito da minha missão seria V. M.

—Como assim?—respondeu o sr. D. Miguel.

—Como V. M. vae ver d'este papel seu: —«Manda S. M. pela mesa da consciencia e ordens...»

Portanto é V. M. quem impede o meu serviço!...

O sr. D. Miguel mandou que regressasse a Alemquer e esperasse ali as regias ordens.

Com effeito, pouco depois de chegar ali, recebeu a copia de um alvará, dizendo á mesa e tribunal da consciencia e ordens — que lhe prohibia e cassava toda a auctoridade sobre as resoluções, mandados e providencias de Fr. Bernardino, — resoluções, mandados e providencias que o mesmo tribunal devia acatar e fazer cumprir, etc. etc.

Assim o ouvi ao proprio Fr. Bernardino; o qual accrescentou que depois d'este acontecimento, progredira na reforma e chegara a ter fundada esperança de que ella, passado algum tempo, seria completa nos franciscanos d'ambos os sexos, que na maior parte professavam, sem saberem o que professavam.

—

«Extinctas as ordens religiosas em 1834, recolheu Fr. Bernardino a Lisboa, residindo habitualmente na casa da piedosa condessa da Ribeira, cuja familia era um exemplar de virtudes,—e ali continuou a sua vida penitente e apostolica, especialmente no confessionario e direcção das almas piedosas.

A occasião que eu tive para muito de perto tractar com elle, foi a seguinte:—Em certo convento de religiosas havia uma irrequieta, que perturbava a communidade. Tinha externamente muitas relações; intrigava as preladas—e chegou a accusal-as de furto de objectos, os quaes tinham baixa no inventario, por terem sido vendidos com auctoridade superior para reparar os estragos que o terremoto de 1755 havia causado no edificio — muitos annos antes da dicta freira e preladas terem nascido.

Na qualidade de juiz da relação ecclesiastica de Lisboa, foi quem escreve estas linhas encarregado de proceder ao exame da accusação referida e d'outras do mesmo jaez— e, em vista das provas, a dicta freira, que desmedidamente ambicionava a prelasia, nada conseguiu por essa vez, mas não desistiu do intento.

Lembrando-se de explorar o nome e virtudes da sr.ª condessa da Ribeira, fez-lhe saber—que era uma victima perseguida e opprimida por toda a communidade;— que tinha esgotado os meios de afugentar tanta oppressão e que a sua alma estava em perigo, por lhe faltar a paciencia e resignação para saffrer tantas perseguições, etc.

A piedosa senhora, condoida, encarregou Fr. Bernardino de em nome d'ella se dirigir ao patriarcha e informal-o do exposto.

O prelado, que estava já bem informado de tudo, convidou Fr. Bernardino para residir no palacio patriarchal e d'ali com alguns familiares proceder a demorada visita no dicto convento, organisando um relatorio da visita e propondo as medidas que julgasse mais opportunas para o socego e ordem do dicto convento, no qual existiam então duas communidades de instituto diverso.

Fr. Bernardino acceitou e no fim d'algumas semanas apresentou o seu relatorio, concluindo que nenhuma outra providencia julgava mais opportuna de que a já adoptada em consequencia da 1.ª visita.

Quem escreve estas linhas não o acompanhou ao convento, mas durante aquella espinhosa missão conviveu com elle no palacio patriarchal e teve occasião de admirar a sua virtude e o seu genio expansivo, jovial e alegre.

Morreu em Lisboa, pranteado por todas as pessoas que tiveram a dicta de o conhecer.

—

«O dr. José Maria de Lima e Lemos, irmão de Fr. Bernardino, doutorou-se em ca-

nones aproximadamente em 1819; foi homem de muita instrucção e acrisolada fé.

Depois de 1834, não sendo reconduzido ao magisterio universitario, unido a outros doutores fundou em Lisboa um collegio, que tomou o nome de *Collegio do dr. Cicouro*, onde estudaram preparatorios muitos dos homens que teem figurado e figuram nos tribunaes superiores e na politica.

Demorou-se no collegio poucos annos e regressou a Coimbra, onde viveu na quinta do Cidral, dirigindo espiritualmente as religiosas de Santa Thereza e muitas pessoas que o procuravam, incluindo alguns estudantes.

Nas estações superiores foi lembrado para bispo de Lamego e, resolvida a nomeação, foi encarregado o bispo de Leiria, depois cardeal patriarcha de Lisboa, de saber do mesmo dr. se acceitava a mitra.

Com effeito o dicto purpurado, juntando á noticia o rogo e pedido da acceitação no beneficio da egreja e gloria de Deus; obteve resposta affirmativa do agraciado, pedindo porém instantemente que o dispensassem, porque se julgava de todo impotente para o bom desempenho de tão alta como ardua missão.

Mostrou-se o governo muito satisfeito, mas ave de mau agouro bateu as azas; — interveiu a politica;—o governo reconsiderou e fez saber ao dr. Lima e Lemos que por certas circumstancias não podia dar-lhe a mitra de Lamego, mas que de bom grado lhe daria qualquer outra.

Respondeu o dr. Lima e Lemos:—que ficava muito contente com o desenlace da questão e apenas sentia que o governo tratasse de modo tão leviano negocios tão graves.[1]

....

....

«Consta-me que os dois supra mencionados tinham um irmão mais velho—*Domingos Liborio*, — que fôra um patriarcha, reconhecido por todos, — e conheci na Universidade um sobrinho d'elles, por nome *José Maria de Lemos Almeida Valente* que, segundo me consta, casou em Avanca, está viuvo e com successão—e tem sido ultimamente Juiz de Direito na comarca de Oliveira d'Azemeis.

E aqui tem v. o que posso informar de memoria e ao correr da penna.......

S. C. 8-5-89.

A. Bispo de Lamego.»

—

Outra vez beijo agradecido o annel do ex.^mo^ e rev.^mo^ sr. D. Antonio, venerando ancião e decano actual dos bispos portuguezes.

Bachareis formados filhos d'este concelho

Para evitar melindres, seguiremos a ordem alphabetica n'este complemento ao to-

---

[1] O nuncio magoou-se e, vendo que a recusa do governo provinha unicamente de ter a familia do dr. Lima e Lemos occupado rol importante no partido realista, partido que em Lamego praticou muitos excessos e era bastante odiado, propoz para bispo d'aquella diocese o deão de Lamego — *dr. José de Moura Coutinho*—tambem muito illustrado, muito virtuoso e muito conhecido, muito estimado e muito considerado n'aquella cidade.

O governo acceitou e rapidamente lhe participou a nomeação.

Estava o sr. Moura Coutinho na sua nobre casa do *Telhô* em Celorico de Basto, quando recebeu o officio. Ficou attonito; mostrou-o ao irmão D. Francisco de Moura Coutinho, tambem homem muito illustrado e que havia sido geral dos Bentos. Este logo o felicitou, mas o sr. D. José, estando completamente desprevenido e constando-lhe haver sido nomeado o dr. José Maria de Lima e Lemos, julgou haver equivoco. Não respondeu e pediu ao irmão que guardasse segredo, para não o expôr a desaire; passados porem alguns dias, recebeu 2.º officio nos termos do 1.º e só então se convenceu de que era elle o agraciado?!...

V. *Telhô*, vol. 9.º pag. 530, col. 1.ª — e *Lamego* n'este diccionario e no supplemento.

P. A. Ferreira.

pico dos *Vouzellenses illustres*, mencionando todos os bachareis formados filhos d'este concelho de Vouzella, no momento:

—*Alberto Antonio de Moraes Carvalho, Sobrinho*, medico em Lisboa;

—*Antonio Maria Alcoforado*, bacharel formado em direito e conservador da comarca;

—*Ayres de Sousa Mello Meneses e Castro*, de Fataunços, bacharel formado em direito e advogado.

—*Emilio Augusto Ribeiro de Castro*, de Cercosa de Campia, bacharel formado em direito e advogado tambem.

—*Gil Antonio da Silva*, de Vouzella, bacharel formado em direito e tambem advogado.

—*João Rodrigues*, natural da povoação de Bandavizes, freguezia de Fataunços, bacharel formado em... e prior de uma das freguezias de Lisboa.

—*José Maria Placido*, de Paços de Vilharigues, bacharel formado em direito e proprietario.

—*José Simões Candido*, da freguezia de Alcofra, bacharel formado em direito e advogado.

Sanches de Baena, commendadores de Santa Maria de Vouzella

D'esta nobre familia já disse bastante a *Chorog. Port.* tomo 2.º pag. 208 e segg. mas d'ella se encontra mais detida e conscienciosa menção na *Resenha das Familias titulares e grandes de Portugal*, pelo fallecido commendador Albano da Silveira Pinto e continuada pelo sr. visconde de Sanches de Baêna,—tit. *Conde de Oliveira dos Arcos*,—e na *Pericope genealogica da familia Sanches de Baêna*,—Lisboa, 1887.

Aqui de passagem diremos que esta nobre familia é hoje muito dignamente representada pelo sr. D. Augusto Romano Sanches de Baena e Farinha, 1.º visconde de Sanches de Baena, distincto escriptor publico, herdeiro do titulo de marquez, conferido em Roma a seu 3.º avô, e do titulo de conde de Villa Flor em Hespanha, Moço Fidalgo com exercicio; cavalleiro da Ordem de Malta, em Roma, commendador da de Santo Sepulchro e da de S. Gregorio Magno, fidalgo de cota d'armas, etc., etc., etc. casado e com successão, residente em Bemfica, junto de Lisboa, mas natural de Vairão, freguezia do concelho de Villa do Conde.

V. *Vairão* n'este diccionario e no supplemento.

O sr. visconde de Sanches de Baêna é um cavalheiro muito tractavel e muito illustrado, socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa e do Instituto de Coimbra, etc.—auctor dos *Factos historicos da commissão central 1.º de dezembro de 1640*,—das *Memorias de Tolentino*,— do *Archivo Heraldico e Genealogico*,— das *Memorias dos Duques do sec.* XIX,—continuador da citada *Resenha das Familias titulares*, etc., etc.

Terminaremos dizendo que a commenda de Santa Maria de Vouzella foi dada em 1640 a um seu 5.º avô, filho do dr. e desembargador do paço João Sanches de Baêna, pelos relevantes serviços que este prestou á restauração de Portugal, — e conservou-se a dicta commenda n'esta familia cerca de 140 annos,—desde 1640 até 1780.

Um dos dictos commendadores mais notaveis foi D. Luiz Francisco d'Assiz Sanches de Baêna, poetá que viveu em Madrid, Italia e Chipre.

É auctor das *Poesias varias*, escriptas em portuguez e publicadas em Madrid no anno de 1770.

A vida d'este commendador e poeta foi muito accidentada e dava assumpto para um romance.

Mosaico

—Em 1155 o abbade de Pedroso doou aos seus monges varias terras em Lafões, Cambra e Vouga para *vestiario*, *conduturia*, *infirmaria e sanguilexia* (sangrias).

V. *Tojal*, vol. 9.º pag. 587, col. 1.ª

—É muito notavel o gado bovino da comarca de Vouzella.

V. *Lafões* e *Viseu*, tomo 11.º pag. 1761, col. 2.ª

—A associação dos bombeiros voluntarios

de Vouzella inaugurou-se pomposamente no dia 4 de julho de 1885. Foi seu 1.º commandante o dr. José Bento da Rocha e Mello, tendo por *immediato* (2.º commandante) Gil Ribeiro d'Almeida.

A 1.ª bomba foi feita no Porto pelo habil artista Moreira Couto.

—A estação telegraphica de Vouzella inaugurou-se no dia 28 de janeiro de 1887.

—Por decreto de 3 de fevereiro de 1882 foi approvado o projecto de uma cadeia penitenciaria comarcã em Vouzella, mas até hoje (1889) ainda lhe não deram principio.

—No concelho de Vouzella ha jazigos de estanho, ferro e plombagina, mas todos em completo despreso.

Nunca foram explorados nem pesquisados.

—A villa de Vouzella ainda conserva o seu antigo pelourinho.

—As freguezias limitrophes de Vouzella, cujos sinos se ouvem na villa, são: — Paços de Vilharigues, Ventosa e Fataunços, todas a 3 kil. de distancia de Vouzella,—e Serrazes alem Vouga, a 5 kil. mas tem uma povoação—a de Ferreiros—na m. d. do Vouga, distante de Vouzella pouco mais de 1 kil.

—A comarca de Vouzella comprehende 6 julgados. Campia, Oliveira de Frades, Santa Cruz, S. Pedro do Sul, Sul e Vouzella.[1]

—

—Em 1639 o bispo de Viseu D. Diniz de Mello e Castro instituiu um legado para que todos os annos a Misericordia de Viseu desse ás Misericordias de Pinhel, Trancoso e *Vouzella* 15:000 réis — e ás de Aguiar da Beira, Penalva e Algodres 8:000 réis.

—Desde julho de 1887 publica-se em Vouzella um jornal politico e noticioso, intitulado *Aurora do Vouga*.

É bem escripto, — semanal — e o 1.º que viu a luz em terras de Lafões.

—O hospital da Misericordia de Vouzella foi principiado em 1846, por iniciativa dos benemeritos cidadãos Gil Alcoforado d'Azevedo Pinto Figueira, da nobre quinta da Sarnada, e Domingos Teixeira d'Assis, da villa de Vouzella, — e foi inaugurado, recebendo os primeiros doentes, no dia 29 de junho de 1848. Referimo-nos ao hospital *novo*.

—O cemiterio de Vouzella foi construido em 1867 e alargado em 1888.

—A capella do castello de Vilharigues teve antigamente a invocação de Santo Amaro e hoje tem a de Nossa Senhora da Conceição.

—O movimento parochial da freguezia de Vouzella no anno de 1888 foi o seguinte:

Baptisados	33
Obitos	25
Casamentos	4

—Os melhores edificios publicos de Vouzella actualmente são a egreja matriz, a casa da camara, o tribunal judicial e o hospital da Misericordia.

—Os 3 melhores edificios particulares da villa são:—a casa que foi do commendador João Correia d'Oliveira, hoje da viuva; a casa de Manoel Coutinho Junior (*das ameias*) e a de Manoel Telles Loureiro Cardoso d'Almeida Castello Branco. Fóra da villa, mas na freguezia de Vouzella, os 3 melhores edificios são as casas nobres das quintas de *Lamas, Sernada* e *Caritel.*

—As melhores quintas da freguezia de Vouzella são as da Cavallaria, da Ponte, Lamas, Sernada, Caritel,[1] Valgode e Avelal.

—Na parte restante do concelho de Vouzella as 3 melhores quintas na actualidade são as seguintes: — *Prazias* e *Villa Nova*

[1] N'este momento (maio de 1889) foi elevado á cathegoria de *julgado municipal* o de S. Pedro do Sul, com grave prejuiso da comarca e villa de Vouzella!...

[1] O nome *quinta de Caritel* talvez queira dizer *quinta do Meirinho.*
Veja-se o art. *Voz,* infra.

na freguezia de Ventosa, — e *Asneiros* na de Fataunços.

—A feira de Vouzella data do reinado de D. Diniz (1279-1325) segundo se lê na *Memoria sobre a população e a agricultura de Portugal* por L. A. Rebello da Silva, pag. 115.

—Com relação ás herdades ou quintas que na idade media se denominavam *cavallerias*, veja-se a dicta *Memoria*, pag. 76 e 81.

—A pedido do sr. D. Antonio Ayres de Gouveia, bispo de Bethsaido, entrou em discussão e foi approvado na camara dos pares, em sessão de 2 de maio de 1884, o projecto da estrada districtal n.º 34, de Viseu a Oliveira do Bairro por Vouzella e Agueda.

Deram-lhe principio ha muito, mas ainda está longe da sua conclusão a dicta estrada.

—O capital da Misericordia de Vouzella em dinheiro mutuado e bens de raiz póde avaliar-se em 16 contos; deve porem subir consideravelmente esta somma, logo que se liquide a herança do benemerito filho de Vouzella e que muitos annos foi negociante no Porto—José Ribeiro Cardoso,—pois instituiu por universal herdeira a citada Misericordia, como já dissemos.

—S. Fr. Gil foi canonisado em 1749. Achava-se então em Vouzella o bispo de Viseu D. Julio Francisco de Oliveira, que andava em visita no seu bispado e, tendo de festejar a dicta canonisação, a camara, a nobreza e o povo de Vouzella muito instantemente lhe pediram que a festejasse n'aquella villa, mas elle não annuiu e foi festejal-a na Sé de Viseu no dia 14 de maio do dicto anno.

O bispo D. Julio gostava muito de festas pomposas com todo o rigor do ceremonial e por isso talvez não quizesse festejar a dicta canonisação em Vouzella, posto que a matriz é um bom templo, mas muito inferior á Sé de Viseu, onde tinha o seu numeroso cabido, boa musica, bello orgão, 3 communidades religiosas, etc, etc.

Foi o prelado visiense que mais despendeu com festas de toda a ordem.

V. *Viseu* n'este diccionario e no supplemento, onde daremos a longa e muito interessante biographia do bispo D. Julio Francisco d'Oliveira—e a não menos longa nem menos interessante do cardeal D. Miguel da Silva.

Commendador Cidade

Terminaremos registrando um facto importante:

No dia 15 de janeiro de 1883 falleceu em Guimarães Christovam José Fernandes da Silva, negociante e capitalista, tambem conhecido por *Commendador Cidade*, oriundo d'este concelho de Vouzella, pois era neto de José Fernandes Lopes e Maria Nunes, da freguezia de Campia.

Falleceu já decrepito, solteiro e sem testamento nem successão, mas, como deixasse uma fortuna talvez superior a 200 *contos de réis*, fructo de muito trabalho e de muita *sordidez*, habilitaram-se como herdeiros varios parentes e estranhos; seguiram-se muitas demandas e, depois de bastante delapidada a herança, foi herdeiro principal um parente—José de Mattos, da aldeia de Sabrosa, freguezia da Trapa, concelho de S. Pedro do Sul, camarca de Vouzella.

Sat prata biberunt

Ficou bastante longo este artigo e deu-nos muito trabalho, mas deve ter lapsos, por não conhecermos bem a localidade.

Desculpem.

VOYAGEM,—port. ant.—viagem.

VOZ.—Nos documentos antigos este vocabulo empregou-se em differentes accepções Significou, p. ex. *caritel*, na accepção de *aqui d'el-rei*.

V. *Caritel* e note-se que este vocabulo significava não só o grito de *aqui d'el-rei*, mas o delicto a que essa voz se referia e a *querella* ou processo correspondente, bem como o *meirinho* ou official da vara que em rasão do seu cargo devia proceder ou intervir na pendencia. D'aqui (suppomos nós) provem o nome de *Caritel*, dado a uma povoação da freguezia de Mansores e a uma quinta da parochia de Vouzella, como quem diz—povoação e quinta do *Meirinho*.

V. *Caritel* no *Elucidario*.

Voz tambem significou *appellação* para as instancias superiores, — e *commissão* ou *procuração* dada pelo delinquente ao seu advogado ou procurador,—e nos prasos antigos a palavra *voz* corresponde a *pessoa* ou *pessoas, vida* ou *vidas*.

E as vozes, que depos vos veerem, vos deem, e paguem tanto...

Tambem significava a *sentença, julgado* ou *accordam*.

E a quem foi dada a voz, cem maravidiz lhe preitem; e este nosso preito permanesca em sa fortalheza para sempre.

Doc. de Lamego de 1298.

Finalmente nos *Pareceres de Çaragoça* se diz que ultimamente se achara por escripturas authenticas que por *voz* e *coima* se entendem os direitos seguintes:—*Mordomado, e Portagem, e Tafolaria, pelos quaes se ha e deve levar todo o Direito, e Trebuto, que se pelo dito nome Vos, e Coima em qualquer lugar, e em qualquer maneira levasse...*

Doc. da Torre do Tombo.

VOZEIRO, — portuguez antigo: — o que tem as vozes e vezes do seu constituinte, como procurador ou solicitador e advogado.

Se alguum Vozeiro se composer com o Mordomo, que lhy dê ende algua cousa, se provado for per enquisa que tal he; componha, segundo a quantidade de Coimha, que demandar: e se non ouver, que peyte, en o corpo seia atormentado... Defendemos a todos aquelles, que fazem Vozeiros falsos, e non han torto (por taes certamente toda a terra he perduda).

Foral de Thomar de 1174, traduzido em portuguez nos principios do sec. XIV.

O mesmo se determina no foral de Ourem de 1180, por estas palavras:—*Siguis Vozarius se cum Maiordomo composuerit...*

«Se algum *vozeiro* se composer com o mordomo...»

Livro dos Foraes Velhos.

VRÊA—V. *Verêa*.

Tambem se denomina *Verêa* ou *Vereia* uma cidade da Russia nas cercanias de Moscow.

Nos *Apontamentos para a historia da Legião Portugueza...* publicados em 1863 por ordem do nosso governo, se lê a pag. 67 o seguinte:

«Ás duas horas da tarde do dia 22 de outubro (1812) recebeu-se ordem de evacuar a cidade (Moscow) pelas 11 horas da noite, fazendo-se alto a duas leguas; ás duas da madrugada vimos ainda o incendio, que devia destruir o Krenlim e outros edificios, e sentimos o estrondo das explosões... Ao amanhecer... houve descanço até ao meio dia, por se haver ficado toda a noite debaixo das armas; ás onze horas os postos avançados deram signal do inimigo; o marquez de Loulé marchou para a frente com dois esquadrões...; poz-se o marechal (Marthier) em apressada marcha sobre a estrada de *Vereia* a Malo-Iaroslavetz, que corre parallela e pelo sul de Mojaisk.

«Em *Vereia*, depois de pequena conferencia entre o marechal e Napoleão, saiu este da *cidade* com os corpos já postos em movimento...»

Narrativa do tenente portuguez Theotonio Banha, que fez parte d'aquella expedição desastrosa.

VULGATA.— Assim se denominava outr'ora um rio junto de Braga, que servia de demarcação ao seu termo e parece que distava pouco do rio Deste.

Vem nomeado na doação e descripção do termo de Braga, feita por ordem d'el-rei D. Affonso Casto.

VULTURINOS.—Assim se denominavam no sec. X uns povos das margens do Lima, povos que D. Ordonho II de Leão pelos annos de 913 deu á sé de Lugo.

Os dictos povos constituem hoje as freguezias de *Victorino das Donas* e *Victorino dos Piães*, ambas pertencentes ao concelho de Ponte do Lima e das quaes já se fallou.

V. *Memorias d'Argote*, vol. 3.º pag. 467 e 468,—e n'este diccionario o tomo 10.º pag. 647, col. 2.ª—e 648, col. 2.ª tambem.

VYUVIDADE,—portuguez antigo, viuvez, estado de viuva.

Boas obras que delle recebeo em sua vyuvidade.

Doc. do Salvador de Coimbra, de 1480.

X

X—lettra numeral. Sempre valeu 10 — e com uma linha atravessada superiormente valia 10:000.

Com um til, ou plica, entre as pontas, e outras figuras, valia 40.

Na antiga musica era signal de pausa, ou espera, no canto.

Tambem se empregou um *X* por A; 2 *XX* por *E*; 3 *XXX* por *I*, e $\overline{X}$ por *O*.

X por *S* ou *Se* muitas vezes se acha nas nossas escripturas, v. g. *Xexas* por *Sexas*, X*ancio* por Sancio, etc. *Xi* por Si era muito frequente no tempo de D. Diniz, v. g. *Ximeno* por *Simão*, etc.

X triplicado valia 30 e assim os nomes numeraes que constavam de 30 se escreviam com XXX, pondo o resto do nome por extenso, v. g. *XXX gesimo*, *XXX tairo*, etc., por trintagesimo, trintario. etc.

Deixo a S. Francisco de Lamego cinco libras para um XXX tario.

Doc. de Tarouca de 1335.

XP por *CHR* era frequentissimo, quando escreviam *Xpina* por *Christina*, — *Xpovão* por *Christovam*, — *Xpãos* por *Christãos*, — *Sanxpão* por *sacristão*, etc., e particularmente *Xpo* ou *Xps* por *Christo* ou *Christus*.

Desde o IX até os fins do sec. XII era frequente escreverem a palavra *Christus* com variedade de monogrammas no rosto e cabeça das escripturas.

Na doação que *Castimiro*[1] e sua mulher Asarilli fizeram ao mosteiro de Sozello no anno de 870, antes das palavras *In Nomine Domini nostri Jesu Christi* se vê o monogramma *XPS* bem claro.

Doc. d'Alpendurada.

Ali mesmo se guardava a doação que Fromosindo Romariguiz fez a seus filhos no anno de 1062, na qual, antes das palavras *Fromosindo Romariguizi Placitum*,[2] vel Cartula facio vobis filiis meis, etc., se vê em caprichoso monogramma—*xps*.

V. *Algarismo* e=X=em Viterbo.

—

XABREGAS—pittoresco arrabalde de Lisboa, que teve differentes conventos e hoje tem differentes fabricas e palacios, e um grande *Asylo* (*de D. Maria Pia*) etc. etc.

Para evitarmos repetições V. *Lisboa*, tomo 4.º pag. 238, col. 2.ª n.º 2; pag. 245, col. 1.ª n.º 2 tambem; *Fonte da Samaritana* (ibi) pag. 175, col. 1.ª,—e pag. 420 col. 1.ª *in fine*.

Na *Esperança*, jornal religioso de Lisboa, de 16 d'agosto de 1878, se lê um artigo de fundo, muito longo e muito interessante, escripto pelo distincto litterato visconde de Juromenha e dedicado ao nosso mavioso e

---

[1] D'aqui provem *Castromiro*, nome de certo castello; e de *Castimiriz* ou *Castimirim*, patronimico de *Castimiro*, proveiu talvez o nome da villa de *Castro Marim*, como de *Viliamirim* ou *Viliamiriz*, patronimico do nome godo *Viliamiro*, provem o nome de *Villamarim*, dado á muitas povoações nossas.

No supplemento indicaremos *muitas etymologias* semelhantes, provenientes de nomes *godos* e *arabes*.

[2] De *Romariguiz*, patronimico de *Romarigo*, provem o nome de *Romariz*, que hoje ainda conservam algumas povoações nossas.

muito religioso poeta João de Lemos. No mencionado artigo pretende o seu illustrado auctor mostrar que muitas das descobertas com que se orgulha este seculo já foram ante-vistas ha seculos, e entre outras aponta a dos *balões aerostaticos*.

Diz o visconde de Juromenha:

«Tem-se ahi querido attribuir a Alexandre de Gusmão a iniciativa da machina aerostatica; pois saberás que no tornéo de *Xabregas*,[1] em que jogou as armas pela primeira vez o principe D. João, pae de D. Sebastião,[2] vinham dois fidalgos, D. Luiz da Cunha e Christovão de Moura, em uma machina, que vinha atada por uma corda ao mastro de um barco, para lhe dar a direcção; por signal o barco se voltou, morrendo D. Luiz e escapando Christovão de Moura; melhor fôra que succedesse o contrario, porque teriamos um traidor de menos a entregar-nos a Castella.

—

«Aqui tens tu um ensaio da *machina aerostatica*, quando ainda ninguem pensava n'estas coisas.

«Poderia apontar outros muitos, apesar dos seus inventores ou auctores viverem nos tenebrosos tempos do despotismo e da inquisição.

«Não se póde negar os grandes progressos que teem feito algumas sciencias no nosso tempo, como a astronomia, physica, chimica e mecanica; algumas porem estacionaram ou recuaram. Mas é preciso não sermos ingratos para com o passado, a quem devemos este desenvolvimento; devemol-o á renascença e ao XV seculo, que foi o avô d'este, e ao qual coube a missão de desenvolver o germen que aquelle deixou em legado.

«Um escriptor francez Mr. Fournier, em o seu livro, ou antes obra em 3 volumes,——*Le Vieux Neuf*,—parece que dá o seu a seu dono...»

—

Effectivamente é assombroso o progresso que hoje se nota nas industrias, nas artes e nas sciencias e porque uma civilisação produz outra civilisação, tanto mais assombrosa, quanto mais elementos herdou da civilisação anterior,—até onde irá o sec. XX com elementos herdados do sec. XIX?

—Deve ir longe, — muito longe, se não sobrevier algum grande cataclismo social, como no sec. V pesou sobre o imperio romano e que suspendeu em parte a civilisação até o meiado d'este sec. XIX.

Referimo-nos ao importantissimo pelouro da viação publica.

O progresso na actualidade é grande, mas sentimos que o progresso moral não acompanhe, como devia acompanhar, o progresso material.

Grande incendio

Na noite de 3 para 4 d'agosto de 1878 um pavoroso incendio devorou completamente a fabrica da *Samaritana* em Xabregas, uma das mais importantes de Lisboa *in illo tempore*.

Havia sido fundada em 1854 por dois inglezes, John Scott Howorth e Alexandre Black, e depois transferida para a companhia do fabrico de algodões de Xabregas, que a explorava desde 1858.

Era formada por um conjuncto de edificações, das quaes a principal figurava um amplo parallelogrammo de 36 metros de comprimento e 21 de largura, dividido em tres pavimentos, que correspondiam a outras tantas officinas e tendo nas quatro fachadas 108 janellas.

No primeiro pavimento funccionavam 72 teares mechanicos, 4 bancas de linha, 2 de urdidura, 1 torno, 1 engenho de furar, 6

---

[1] O facto deu se em *Xabregas*. Não cantamos *extra chorum*.

P. A. Ferreira.

[2] O facto refere-se ao meiado do sec. XVI, porque o mencionado principe D. João, 4.° filho d'el-rei D. João III, nasceu em Evora no dia 3 de junho de 1537. Contava pois 13 annos em 1550.

P. A. Ferreira.

aspas de mão, 2 duplas de linha e 1 cardadeira, alimentados pelo motor do vapor e dirigidos por 65 operarios internos e externos de ambos os sexos.

No segundo pavimento, officina de cardação, trabalhavam 18 cardas, 9 introitos, 3 trocos grossos, 5 finos e um engenho de esmerilhar, dirigidos por 37 operarios.

No terceiro pavimento, officina de fiação, tinha em movimento 5 engenhos continuos, 8 bancas de urdidura, 2 urdideiras, 1 encanetadeira, 5 aspas, 2 aspas duplas, 1 prensa para maços e 1 engenho de engommar, dirigidos por 60 operarios.

Nas officinas annexas trabalhavam em tinturaria, carpinteria, serralheria, casa da machina, etc., 26 pessoas.

Além dos 72 teares que funccionavam, a fabrica tinha mais 8 promptos para o trabalho e 4 encaixotados fóra do edificio.

O machinismo das officinas era de diversos auctores, mas no principal figuravam os nomes de J. Hetherington & Sons, de Manchester.

—

A fabrica estava segura em 145:800$000 réis, a saber: 25:000$000 na companhia *Garantia*, 25:000$000 na *Fidelidade*, 20:000$000 na *Bonança*, 20:000$000 na *Norwich Union*, 25:000$000 na *Segurança*, 15:800$000 na *Douro*, e 15:000$000 na propria companhia.

Em 1867 a companhia mandara construir proximo da fabrica differentes casas, que alugava aos seus operarios, e em 1877 procedera a novas construcções com o mesmo destino.

Havia na fabrica um internato, que se compunha de 60 rapazes e 28 raparigas; e em 1875 a companhia instituira uma aula para elles.

Os dividendos pagos aos accionistas tinham sido: em 1858 5 p. c.; em 1859 6; em 1860 8; em 1861, 10; em 1862, 9; em 1863, 6; em 1864, 4; em 1865, 4; em 1866, 6; em 1867, 7; em 1868, 9; em 1869, 6; em 1870, 7; em 1871, 9; em 1872 9; em 1873, 8; em 1874, 10; em 1875, 9; e em 1876, 6.

Começando a produzir no anno de 1858 72:500 kilogrammas de fiação, em 1877 produziu cerca de 130:000.

O prejuizo soffrido com o incendio foi superior ás quantias em que a fabrica estava segura.

Como se vê pelo que temos dito, o estado da companhia de fabrico de algodões de Xabregas era muito prospero.

Concorreram muito para isso os esforços dos seus directores, os srs. C. Alexandre Munró, Theodoro Ferreira Lima, e Joaquim Moreira Marques.

O desastre a que nos referimos causou grave prejuizo á companhia; mas a fabrica foi reconstruida e hoje é talvez no seu genero a 1.ª de Portugal, depois da fabrica de fiação de *Negrellos*, concelho de Santo Thyrso.[1]

V. *Vizella*, rio, tomo 11.º pag... [2]

—

O nosso governo (honra lhe seja!) para fomentar as industrias, creou em 1884 bas-

---

[1] Hoje no nosso paiz todas as fabricas de fiação e tecidos d'algodão atravessam um periodo excepcional de prosperidade, pelo que se multiplicam e pullulam d'um modo assustador!... Todas tem dado e dão bons dividendos, mas a de *Vizella*, propriedade de uma pequena parceria, supplanta as a todas. Já tem dado, 50 por cento de dividendo alguns annos?!...

[2] Não posso indicar as *paginas*, porque ainda não se distribuiu o fasciculo correspondente!—Tal é a precipitação com que estamos escrevendo e publicando este diccionario, o que muito nos incommoda e por vezes *compromette*, pela intima relação que ha entre muitos artigos e topicos do mesmo artigo.

Por vezes temos no prélo 3 fasciculos e damos tractos á memoria com as referencias!...

Desculpe-nos pois os lapsos quem souber avaliar as difficuldades com que luctamos.

Note-se que este diccionario é escripto no Porto e publicado em Lisboa, — e escripto *au jour le jour*?!...

Não recebemos do nosso benemerito antecessor trabalho algum feito.

tantes escolas de desenho industrial em differentes pontos do nosso paiz, que mais urgentemente as reclamavam. Ficou uma em *Xabregas* e tem dado optimo resultado, como se vê do *relatorio da circumscripção do sul*, relatorio que temos presente e se refere ao anno de 1884-1885.

Consta esta circumscripção de 7 *escolas de desenho industrial*, em Alcantara, Xabregas, Belem, Caldas da Rainha, Torres Novas, Thomar e Portalegre—e da *escola industrial* da Covilhã. A matricula em todas as escolas foi de 403 alumnos de ambos os sexos: — em Alcantara 65, Xabregas 53, Belem 48, Caldas da Rainha 54, Torres Novas 47, Thomar 32, Portalegre 42, e Covilhã 62.

O *Relatorio* dá minuciosas e interessantes informações ácerca das differentes *escolas*, e termina com a seguinte lisonjeira apreciação:

«Apresenta-se com muito bons auspicios a inauguração das aulas de ensino industrial d'esta circumscripção.

Em todas as localidades foram perfeitamente acolhidas pelas povoações; a concorrencia foi grande, e os alumnos têem mostrado muita applicação. Todas as escolas se acham fornecidas de bom material de ensino, e os professores têem manifestado muito zelo e bons desejos de que o ensino seja efficaz.

Confiamos que de futuro se tornarão bem pronunciados os beneficios da instrucção ministrada pelas novas escolas, e que não terá sido improficua a civilisadora iniciativa do illustre ministro que promulgou o decreto de 3 de janeiro de 1884.»

Em vista de tão auspicioso resultado, o governo já posteriormente augmentou o numero das ditas escolas.

—

Com a inicial=X=temos tambem varios sitios, aldeias, casaes e quintas, taes são:

Xaim, *Xainça*, *Xainha*, *Xainho*, *Xainhos*, *Xapelar*, *Xaranche*, *Xaras*, *Xarnaes*, *Xasqueira*, *Xatle* ou *Echate*, *Xavier*, *Xebrito*, *Xelrito*, *Xerez*, *Xerito*, *Xertello*, etc., mas não nos consta que offereçam coisa notavel

XARRAMA—grande ribeira, affluente do Sado.

Nasce a N. O. d'Evora, a distancia de 6 kilometros; corre a S. E. e, descrevendo quasi um semi-circulo em volta da cidade, tem n'aquelle espaço 3 pontes:—uma na estrada d'Evora a Estremoz; outra na de Evova a Mourão—e outra na de Evora a Portel; corre depois na direcção geral N. E. a S. O.; tem ponte na estrada de Evora a Beja; passa 3 kil. a N. O. de Aguiar e depois sob a ponte da linha ferrea do Sul; mais abaixo cerca de 18 kil. passa a N. O. da villa do Torrão—e mais abaixo cerca de 13 kilometros morre no Sado, (m. d.) na freguezia de S. Romão, contando ao todo nas duas provincias do Alemtejo e da Estremadura cerca de 15 legoas ou 75 kilometros de curso.

Esta ribeira, depois que toca na villa do Torrão, toma d'ella o nome de *ribeira do Torrão*—e d'ali até o Sado corre funda por entre leito pedragoso e muito declivoso, pelo que nas cheias faz um ruido medonho que se ouve a grande distancia, mas desde a sua nascente até ás proximidades da villa do Torrão atravez da provincia do Alemtejo corre suave por leito quasi plano.

No inverno assume grandes proporções e torna-se imponente, mas no verão, como succede a todas as ribeiras do Alemtejo, torna-se microscopica e some-se. Apenas conserva alguma agua nos pôços mais fundos, aqui denominados *pégos*, e, porque o seu leito é de lôdo e cria muita herva, na estiagem transforma se em um pantano, foco medonho de sezões e febres paludosas, malignas, que devastam as povoações marginaes, sendo a villa de Torrão uma das que mais soffre, por ser muito immunda, abafada e ardentissima no verão — e mais ainda a aldeia de *Rio de Moinhos*, da freguezia do Torrão, a jusante da villa e já perto do Sado.

—

A dicta povoação é uma das mais ardentes de todo o nosso paiz, pelo que um nosso rei (diz a tradição local) vendo que ali só os

africanos podiam viver, mandou para lá uma colonia de *pretos*, que povoaram aquelle territorio e formaram a dicta aldeia. Não sabemos até que ponto isto é verdade, mas não custa a crer, porque muitos habitantes de *Rio de Moinhos* ainda hoje parecem mulatos. São muito escuros e teem o cabello encaracolado, semelhando a carapinha dos pretos.

Tambem d'este facto proveiu a locução popular:—*negros do Torrão.*

Custodio Gil Carneiro

O maior proprietario da villa do Torrão é *Custodio Gil Carneiro*, muito conhecido no Porto e ao norte do nosso paiz por *Custodio Gil do Casal*, por que nasceu e vive na aldeia do *Casal*, freguezia de S. Christovam de Refojos (de Riba d'Ave) concelho e comarca de Santo Thyrso, junto d'aquella villa, cerca de 8 kil. para S. E.

Vive com a maior singelesa, confundindo-se com qualquer lavrador, mas só na villa do Torrão a sua casa, bem conhecida como *casa dos Carneiros*, vale mais de *cem contos* e tem vastissimas propriedades em outros pontos da Estremadura e do Alemtejo, muitas casas no Porto, muitas quintas nos concelhos d'Aveiro, Santo Thyrso, Felgueiras, Lousada, etc., etc., e grandes sommas em dinheiro mutuado e fundos publicos.

É um dos maiores proprietarios e capitalistas que hoje temos ao norte do nosso paiz, pois tem uma fortuna *superior a dois mil contos de réis?!...*[1]

Está viuvo, mas tem filhas e filhos, um dos quaes vive na sua casa do Torrão e d'ella administra as muitas herdades que possue na Estremadura e no Alemtejo.

V. *Charrama*, tomo 2.º pag. 280, col. 2.ª; *Refoyos*, tomo 8.º pag. 97, col. 1.ª, e *Torrão*, vol. 9.º pag. 595, col. 2.ª.

Terminaremos dizendo que na ribeira de *Xarrama*, cerca de 15 kilometros a S. S. O. d'Evora, passava uma estrada romana.

V. *Villa Ruiva*, tomo 11.º pag. 1:055, col. 1.ª

XERAFIM, moeda asiatica, muito vulgar em algumas das nossas possessões.

O xerafim *sempre* constou na India e *ainda* consta de 5 tangas, assim como uma tanga vale 60 réis; e do mesmo modo a libra sterlina se divide em 20 shillings, e cada shilling em 12 pence; *mas como o agio prata é de 20 %, são necessarios 6 xerafins em moeda de cobre para se obter no mercado 5 xerafins em moeda de prata, o que faz que correspondam* 6 *tangas em cobre a* 5 *tangas em prata, de modo que, substituindo na linguagem 5 tangas pelo seu equivalente—um xerafim, ficam correspondendo 6 tangas em cobre a um xerafim em prata*; mas isso não significa, como é claro, que o xerafim propriamente dito conste de 6 tangas.

Ha effectivamente na India uma moeda de prata que vale 6 tangas, porém não é o xerafim, mas sim a meia rupia, que corresponde a um xerafim e mais uma tanga, como toda a gente conhece na India. Ora sendo em Goa o xerafim a unidade principal da moeda, nada mais natural que no cunho da meia rupia se marcasse a palavra *xerafim*, se realmente elle valesse 6 tangas, mas em tal caso a denominação da moeda não correspondia ao seu valor. E para se designar por xerafim seria necessario que se accrescentassem as palavras *em prata*, apesar da moeda ser de prata, o que seria, por assim dizer, um pleonasmo extravagante, como se na nossa moeda de 2 tostões de prata se se gravasse — 200 réis em prata — onde se lê simplesmente—200 réis.

Quando na India se diz que um objecto custou, por exemplo, 3 xerafins, toda a gente fica entendendo que foram 15 tangas. Quando se falla em 1 ½ rupia ou 3 xerafins em prata, então são 18 tangas; mas

---

[1] Ha tambem na villa de Santo Thyrso outra fortuna igual, mas *toda em dinheiro*,—a do conde de S. Bento, solteiro e já decrepito, —e na Regoa outra fortuna muito superior, avaliada em *seis mil contos*. É a da sr.ª D. Antonia Adelaide Ferreira, viuva, representante da casa *Ferreirinha*.

V. *Regoa* e *Villa Real de Traz os Montes*, vol. 11.º pag. 1:013, col. 1.ª

usa-se geralmente o termo *rupia* de preferencia ao de *xerafim em prata.*

Com vista ao nosso illustrado amigo Lopes Mendes, autor da *India Portugueza* e que viveu na India nove annos.[1]

XEVER,

XEVERA e

XEVERETE — ribeiràs que nascem na serra de Portalegre.

XI – portuguez antigo—*se.*

Cá xi (se) vos chega o tempo.

Diccion. de Moraes.

XIBÁO ou **XIBÁU**—*Pé de Xibáu*—nome de uma dança antiga portugueza.

XICO, portuguez antigo,—secco.

Rio xico,—rio secco.

Elucidario.

XIRA — terreno inculto, bosque, matta, brenha.

V. *Cira* e *Villa Franca de Xira.*

XIRTO,

XISTO,

XISTRO.

XOENES e

XOFRAL,—sitios, aldeias, casaes e quintas em diversos pontos do nosso paiz, mas que não offerecem coisa notavel.

XORCA, XORCAS ou **AXORCAS,** — pulseiras de prata, á maneira de argolas, que as mulheres no Oriente e Africa usam nos braços e pés, por cima do calcanhar.

D'aqui proveiu o epitheto *ajorcada,* applicado á mulher muito composta, ataviada e ornada de peças, brincos, laços e cordões de ouro ou prata, como as *lavradeiras* dos arrabaldes do Porto, que nos dias de festa vão carregadas d'ouro.

Por vezes *só uma* das taes lavradeiras leva aos arraiaes brincos, anneis, broches, gargantilhas, relicarios e cordões no valor de *dois a tres contos de réis*?!...

Assim as temos visto nos grandes arraiaes do Senhor de Mattosinhos, Senhor da Pedra, S. Bento de Rio Tinto, Senhora da Hora, S. Mamede de Infesta e S. Cosme de Gondomar.

Em todo o nosso paiz não ha mulheres do campo tão lindas, tão mimosas e tão vigorosas, tão elegantes e tão *ajorcadas* d'ouro, saias e lenços, como as lavradeiras dos arrabaldes do Porto.

V. *Villar d'Andorinho* e *Villar do Paraiso.*

XUDREIROS ou **ENXUDREIROS,**—assim se denominava uma das povoações comprehendidas no foral que D. Manoel deu á villa d'*Aguiar da Pena* em 22 de junho de 1515.

V. *Aguiar da Pena,* tomo 1.º pag. 39, col. 2.ª

XUDRÕES, — antigo casal em terra de Barroso.

Teve foral velho dado em Coimbra por D. Affonso III, a 22 de abril de 1262.

Liv. I de Doações do Sr. Rei D. Affonso III, fl. 60, v. col. 1.ª

XUDRURO, — ribeiro que nasce na fonte da *Freja,* freguezia do *Guardão,* concelho de Tondella, e fertilisa particularmente a povoação de *Janardo,* da dicta parochia.

[1] V. *Villa Real de Traz os Montes,* tomo 11.º pag. 1:031, col. 2.ª *in fine* e segg.

Y

Y—lettra numeral outr'ora. Valia 150 e com um til sobreposto valia 150:000.

Nos nossos documentos antigos confunde-se a cada passo com I ou J, dando-se-lhe a mesma pronuncia, v. g. *Yldefonsus* por *Ildefonsus, Yoanne* por *Joanne, Yspania* por *Ispania,* etc.

No grego primitivo, d'onde é originaria,

esta lettra tinha mui differente figura e designava a sorte dos bons e dos maus.

Achando-se algumas vezes no meio dos monogrammas dos reis, principes ou prelados, vale *Ya* ou *Ita* e é abreviatura que denota ratificação ou confirmação d'alguma escriptura, como diz Mabillon. *Diplom.* liv. 11, cap. 10, n.º 13.

Tambem significou *ahi, n'esse logar*, correspondendo ao adverbio latino *ibi*.

YAGO—o mesmo que Tiago, Jacobo, Jacome ou Diogo.

Doc. de Lamego do sec. xv.

YGUAR — portuguez antigo, na accepção de *igualar*.

YLMOFARIZ—portuguez antigo,— *almofariz*.

It. Hum Ylmofariz com sa mão—Rematado por 56 soldos.

Inventario do espolio de D. Fr. Salvado, bispo de Lamego, com data de 1 d'abril de 1350.

YOLANTE — Violante, nome de mulher.

Procuração de D. Isabel e D. Maria, filhas do Infante D. Affonso, e D. Yolante sa molher.

Doc. da Guarda de 1298.

Este infante era filho legitimo d'el-rei D. Affonso III; D. Violante era filha do infante D. Manoel e neta de D. Fernando III de Castella.

YRIAN—port. ant.—esquadrão ou exercito,—segundo o bispo Pinheiro, part. 1.ª apud Bluteau. Diz que esta palavra é dos antigos portuguezes e que d'ella provem o nome de *Yria Flavia*, hoje villa do Padrão, junto de Compostella, onde residiam os prelados, antes de se descobrir o tumulo do apostolo S. Thiago maior e de se formar em volta d'elle a cidade de Compostella, para onde depois transferiram a séde do bispado, hoje arcebispado.

Viterbo põe em duvida a tal etymologia de *Yria Flavia*—e nós tambem duvidamos.

Yria Flavia parece claramente nome proprio de mulher.

Dicant compostellani.

YXECO—port. ant —molestia, contradicção, trabalho, duvida, contenda.

Quem storvo, ou yxeco quisser dar a meos testamenteiros perca todo aquello, que lhes eu mando.

Doc. da Guarda de 1298.

Tambem se escrevia *enxeco*, *eyxeco* e *eyxequo* na mesma accepção de *yxeco*.

D. Diniz fez avivar os limites entre Mós e Moncorvo no anno de 1309—*para que huns e outros vivessem in paz, e sen eyxequo.*

Doc. de Moncorvo.

YZEDA—actualmente *Izeda*, freguezia do concelho de Bragança.

V. *Izeda*, tomo 3.º pag. 406, col. 1.ª.

Suppomos que esta *Yzeda* provem de *Yezid*, nome arabe e *proprio* de homem.

Junte-se mais esta etymologia ás duas que ali se encontram apontadas.

Z

Z—na arithmetica dos antigos valia 2:000 —e sendo plicado valia 2:000:000, que são duas mil vezes mil.

Z—por *c* era frequente nos seculos x e xi v. g. *dozel*, *fidazia*, *inzendium*, *judizes*, pontifizes por *doucct*, *fiducia*, etc.

Z—tambem se empregava como *t in illo tempore*, quando se seguia vogal, v. g. *Laurenzia, perfiliazione, desperazione*, por *Laurentia, perfiliatione*, etc.

Tambem algumas vezes se encontra com o valor de *X*, v. g. *Zenia* por *Xenia*, *Zenodochium* por *Xenodochium*, etc.

Tambem se empregava o X por *Z*, v. g. *axaga* por *azaga*.

Tambem se dava ao—*Z* — figuras muito

caprichosas, como diz Viterbo no *Elucidario*, dando em gravura algumas d'ellas, e cita uma inscripção romana das muitas encontradas em *Outeiro João*, perto de Chaves, copiadas por *Argote* nas suas *Memorias de Braga* e pelo dr. João de Barros na sua *Geographia*, — inscripção curiosa e que é a seguinte: *A terra seja leva á Condeça, filha de Aulo Bobalo, que aqui jaz de idade de* 35 *annos.*

N'ella se veem *ZZZ* aspados horisontalmente em vez de XXX e valendo *30.*

ZAADONA—no sec. XIII significava *senhora, mulher livre, forra, ingenua.*

Se quizer ser Zaadona Christiana, *que a baptizem, e lhe dem de vistir, e lhe fação bem.*

Testamento de D. Chamôa Gomes de 1258, fallando da sua moura Elvira.

ZAARA ou **ZAHARA** — do arabe *Zhara*, flor.

É nome proprio de mulher e assim se denominava a irmã de Alboazar — Albucadan, senhor do castello de Gaya e que tanto figura na lenda de D. Ramiro II de Leão.

V. *Gaia*, tomo 3.º pag. 245, col. 2.ª — e *Viseu*, tomo 11.º pag. 1:674, col. 1.ª e segg.

ZAATAN ou **ZALATAN** — nome arabe e proprio de homem.

De um mouro assim chamado tomou o nome a villa de *Satão* ou *Satam.*

ZABOLO ou **ZABULO**—outr'ora *diabo.* V. Bluteau.

ZABUMBA—monte (aldeia) e herdade da freguezia de Nossa Senhora das *Neves*, concelho e comarca de Beja.

V. *Neves*, tomo 5.º pag. 39, col. 1.ª

A mencionada freguezia é uma das mais importantes do concelho de Beja,

O censo de 1878 deu-lhe 253 fogos, mas deve contar hoje mais de 260.

Demora na margem esquerda do rio *Cadeira*, que nasce junto de Beja e, depois de receber na margem esquerda a ribeira de Baleizão — e na margem direita a que vem da freguezia de Louredo, desagua na margem direita do Guadiana, 5 kil. a O. da villa de Serpa,—tendo 26 kil. de curso total.

A povoação de *Nossa Senhora das Neves*, onde está a matriz da parochia, dista de Beja 4 kil. para o nascente e n'ella passa a estrada de Beja para Baleisão.

Alem da dicta aldeia de *Nossa Senhora das Neves* comprehende esta parochia as do Padrão, *Zabumba*, Corujeiras, Maria do Valle e Sorumbeque—e 129 casas (*montes*) herdades e quintas, cujos nomes podem ver-se na *Chorographia Moderna*, taes são:—Vieiras, Vinha d'Alfar, Monte de Palha, Saborida, Mongeraldo, Monte Branco, Villa Lobos, *Carapiço, Carrasco*, Majôa, Castellinho, Horta do Bragança, Chão d'El-Rei, Polingresa, Monte do Gallego, Val de Lobos, Horta Secca, Bispos, Val do Maçosa, Quinta Queimada, Alcaçarias, Val da Fonte, Quinta dos Bonecos, Galiana, *Carapeta*, Quartel Mestre, *Val de Escarnos*, Raiona, Val de Paneiro, *Val do Lagaço*, Monte do Coronel, Monte do Sacristão, *Moinho do Caganata*, Monte da Chaminé, Canalinho, Fonte do Sapo, Gaffete, Arquinhos, Ventosa, Paraiso, Carvoeiras, Carvoeirinhas, Cabeça de Pau, Monte da Ponte, Monte do Pégo, Monte do Ai, Val d'Aldrave, Monte da Egreja, Vinha do Padre Rosa, Vinha do Coelho, Vinha do Baptista, etc. etc.

Os nomes são curiosos e alguns *não muito decentes!...*

ZABURRAL—quinta ou casal da freguezia de Botão, concelho de Coimbra.

Compõe-se de grande insua com muita agua de rega, bom pomar de espinho e caroço, terras de monte, vinhas e oliveiras, esplendida casa de habitação, etc., etc.

Demora junto da estrada municipal que de Coimbra conduz á Pampilhosa e Mealhada.

V. *Botão*, vol. 1.º pag. 423, col. 2.ª

Suppomos que esta quinta do *Zaburral* tomou o nome do milho *zaburro*, de que vamos fazer menção.

ZABURRO—milho zaburro, ou de maçaroca.

É uma especie de milho que se cria nas lodeiras da margem do Douro. D'elle fazem menção Bluteau no seu *Vocabulario* e João de Barros na Dec. 1.ª liv. 3.º cap. 7.º

Nós o vimos muitas vezes nas lodeiras da grande quinta *dos Frades*, freguezia da Folgosa, concelho de Armamar, na margem esquerda do Douro,—lodeiras que davam só

milho e feijões, mas que hoje produzem vinho, porque são inundadas pelo Douro no inverno e por isso a phylloxera as poupa, em quanto que já destruiu todos os vinhedos restantes d'aquella formosa quinta, que antes da invasão phylloxerica produzia mais de 150 pipas de bello *Port Wine*.

O mesmo succede em todo o alto Douro, cujos vinhedos estão completamente aniquilados.

V. *Villarinho dos Freires*, *Villarinho de Cotas* e *Villarinho de S. Romão*.

O milho *zaburro* é quasi redondo, muito escuro e pequeno, mas produz bastante nas lodeiras, em terreno fundo e quente, e dá pão saboroso.

A cana attinge 1 $1/2$ a 2 metros de altura e termina com uma grande *bandeira* ou *pluma*, de que se fazem vassouras muito estimadas no mercado.

ZACA—de *Zacat*, ou *Azaqui* de *azacá*, termos arabes, significam propriamente o dizimo que se dá dos fructos que cada um colhe das suas terras.

O *azaqui* ou *zaca* era um dos tributos que os mouros rezidentes e tolerados em Portugal pagavam aos nossos reis. Aquelles tributos eram de 4 especies: 1.º tributo de cabeça ou pessoal de tanto por cada mouro e que se pagava no 1.º dia de janeiro;—2.º dos bens e gados que possuiam, denominado *alfitra*; 3.º o dizimo, a que chamavam *zaca* ou *azaqui*; o 4.º era a quarentena, i. e. —40 de tudo quanto possuiam.

Zaca e *azaqui* derivam-se do verbo *záca*, — fazer esmola, dar os dizimos, offerecer dadivas para conciliar o animo do soberano, justificar-se, purificar-se pelo *azequi*.

ZACHARIAS — freguezia extincta, hoje simples aldeia da freguezia, villa e concelho de Alfandega da Fé, comarca do Mogadouro, districto de Bragança em Traz os Montes.

Tinha como orago *S. Zacharias* e em 1706, segundo se lê na *Corogr. Port.* contava apenas 6 fogos.

Extinguiu-se esta parochia por ser o seu chão muito quente e doentio na estiagem.

ZACHARIAS — ribeira confluente do Sabor.[1]

Nasce na serra de Sambade, (ou Montemel) cerca de 10 kil. ao S. O. de Chacim; corre na direcção geral S.; passa a E. e na distancia de 6 kil. d'Alfandega da Fé; depois divide a parochia de Cerejaes da de Sendim da Ribeira—e por ultimo entra no rio Sabor (margem direita) tendo de curso total 22 kilometros e uma boa ponte de pedra.

Tomou o nome da parochia, hoje simples aldeia de *Zacharias*, supra.

Não se confunda esta ribeira com a da *Villariça*, tambem confluente do Sabor, mas que desagua n'este rio, cerca de 26 kilometros a jusante.

V. *Villariça*, tomo 11.º pag. 1:311, col. 2.ª e segg.

ZACUTO LUSITANO—insigne medico judeu.

Nasceu em Lisboa no anno de 1575; estudou em Salamanca e ali se doutorou em medicina, tendo apenas 20 annos incompletos, e falleceu em Amsterdam como judeu declarado, em 1642.

Foi um talento superior e publicou varias obras sobre medicina, segundo se lê no Anno Historico, tomo 1.º pag. 101, mas o *Dicc. Bibl. de Innocencio* não o menciona como escriptor.

ZAGA—*azaga*—e *çaga*—«não são mais do que differentes fórmas da mesma palavra, que significa a rectaguarda, opposta á *deanteira*, *delanteira*, ou vanguarda. Viterbo, á palavra *Azaga*, sonhou não sabemos que synonimia entre *Azaga* e *Adail*.»

Hist. de Port. de Alex. Hercul. tomo 4.º pag. 415—*nota*.

Segundo se lê no *Diccion. de Moraes* (6.ª edição) *zaga*, *çaga* ou *saga*, vem do hespanhol ant. *zaga*, a parte posterior ou trazeira do carro, etc. e n'esta accepção é ali usada

---

[1] De passagem diremos que a etymologia de *Sabôr* vem de *Sabur*, nome de homem persa e arabe.

na milicia, indicando a rectaguarda dos exercitos.

Brandão na 5. p. da *Mon, Lusit.* cap. 29, *in fine*, diz que nós acceitámos dos hespanhoes este termo militar com aquella significação nos reinados de D. Fernando e de D. João I—e que os hespanhoes haviam tomado *zaga* ou *çaga* do hebraico *sahhir*, que significa o *inferior* ou *ultimo*, por ter outro que lhe vá diante; mas parece que *zaga* ou *azagà*, *saga* ou *assaga*, vem do arabe *assaca*, rectaguarda do exercito, e que dos arabes ou mouros tomaram os hespanhoes este termo, alem d'outros muitos que deixaram na peninsula.

Na interessante *Historia da Dominação dos arabes e dos mouros em Hespanha e Portugal* por Marlés, Paris, 1825, tomo 1.ª pag. 539, se lê em uma nota o seguinte:

«*Les Arabes*...—Em vulgar:

«Os arabes denominavam *Almafalla*, ou *Alchamiz*,[1] os exercitos divididos em 5 partes. *Alchamiz* significa propriamente o que tem 5 partes... Ás divisões dos seus exercitos correspondentes á *vanguarda*, *centro*, *ala direita*, *ala esquerda* e *retaguarda* os mouros davam os nomes seguintes: *almocadema*, *calb*, *almaimena*, *almaisara* e *assaca*.»

—

Significou pois antigamente *zaga* ou *saga* em Portugal e Hespanha a *retaguarda* do exercito, mas, segundo diz Viterbo, tambem significou a *vanguarda*, ou antes o *Adail*, official de guerra, a quem pertencia guiar e conduzir o exercito,[2] synonymia a que allude com estranhesa Herculano.

Parece que effectivamente em alguns foraes antigos se emprega o termo *zaga* como synonymo de *adail*; mas talvez que ali o termo *zaga* seja abreviatura ou modificação de *zagal*,—moço de pastor, que vae na *frente* do rebanho e lhe serve de *guia*, como se lê em Bluteau e Moraes. Note-se porem que o termo *zagal* não vem do arabe *assaca* nem do hebraico *sahhir*, mas do arabe *cegale*, *vestir-se de pelles*,—segundo a opinião de Diogo de Urres.

V. *Zagal* em Bluteau.

De *zaga* na accepção de *retaguarda* provem o termo chulo *azagal*, trivialissimo na Beira.

Olha o azagal!...—Lá vem o azagal!...

Assim costumam reprehender e censurar as creanças ou individuos manhosos, que se distanceiam da comitiva, ficando á retaguarda.

ZAGAL—pastor.

V. *Zaga*.

ZAGARI,—port. ant.—*lençaria*,

ZAGAZABO, (voz ethiopica) nome proprio de homem.

Deriva-se de *zagaz*, a graça,—e *abo*, pae, —a graça do pae.

Zagazabo era um bispo muito douto, que veiu a Lisboa como embaixador do Preste João, no tempo d'el-rei D. Manoel.

ZAGONAL—port. ant.— diacono, presbytero.

ZALATAN—V. *Zaatan*.

ZAMARIO e **ZIBRIANU**,—Sameiro e Cypriano (?)

Latim barbaro do sec. x.

Firmam a carta de doação que na era de 1021 (anno de 983) *Julio* e sua mulher *Onorada* (Honorata) fizeram a *Donani Zalamizi* da quinta que possuiam na villa de *Ossella*, que suppomos ser hoje a povoação e freguezia de *Ossella* no concelho e comarca d'Oliveira d'Azemeis, pois demora na margem esquerda do rio Caima e a citada escritura diz:—«...facimus vobis *Donani Zalamizi* cartula incommuniazionis, de omnia nostra ereditate, quanda que avemus, in villa, que vozidant *Ossella*, subtus monte *Codale*, secus ribulo *Camia*...»

«...na villa denominada *Ossella* (sic) debaixo do monte *Codale* (?) junto do rio *Caima* (confluente do Vouga)...»

[1] De *Almafalla* provem talvez o nome das nossas povoações e freguezias de *Almofalla* (V. tomo 1.º pag. 152, col. 1.ª e 2.ª);—e de *Alchamiz* provem talvez o da povoação hespanhola de *Alcaniças*, a pequena distancia da nossa villa de Vimioso.

[2] V. *Zaga* e *Adail* em Viterbo,—e *Adail* n'este diccion. tomo 1.º pag. 25.

É isto o que lê nas *Dissert. Chronol.* de João Pedro Ribeiro, tomo 1.º pag. 198, doc. n.º VII, onde se encontra a dicta doação na sua integra.

Suppomos que á mesma villa de *Ossella* se refere a doação que a rainha D. Thereza mulher do conde D. Henrique, fez no anno de 1117 a Gonçalo Eriz,—doação por nós citada e copiada na sua integra no art. *Vouga*, posto que ali se lhe dá o nome de *Osselo* e *Osselola*, que alguem pretende ser a pequena povoação, hoje denominada *Assilhó*, da freguezia e concelho de Albergaria Velha e distante da villa pouco mais de 1 kilometro.

V. *Vouga*—villa extincta,—Parte II.

Não podemos citar as paginas, porque ainda não se distribuiu o fasciculo correspondente.

ZAMBITO—quinta extra-muros da cidade da Guarda, no termo da parochia de *S. Vicente* da mesma cidade.

V. *Guarda*, tomo 3.º pag. 333, col. 2.ª

A mencionada quinta é propriedade da junta geral do districto, que a comprou e n'ella montou a *quinta regional* com varias officinas agricolas, hoje quasi todas em completo abandono, pelo que a junta arrenda a maior parte dos chãos da dicta quinta. Em julho de 1888 arrendou-os por 382$500 réis.

As *quintas regionaes* ou *districtaes*, porque foram montadas em todos ou quasi todos os nossos districtos, theoricamente promettiam muito, mas na pratica o resultado foi zero.

ZAMBO—port. ant.—zambro, torto das pernas, que as junta nos joelhos e alarga os pés com divergencia.

«Era muito *zambo* das pernas e lançava os pés atravessados.»

Couto, 8, c. 36.

ZAMBÔA—port. ant.—hoje *gambôa*, marmello mollar de tamanho enorme.

Abunda nos concelhos de Lamego e da Regoa.

ZAMBUJAL ou AZAMBUJAL— terreno povoado de zambujos, ou azambujos, ou zambujeiros,— oliveiras bravas que abundam em muitos pontos do nosso paiz e que pela enxertia se transformam em olivedos.

Diz-se *zambujal*, como dizemos olival, azinhal, vinhal, pinhal ou pinheiral, choupal, cerdeiral, carvalhal, morangal, etc. etc.

V. *Azambujal*, tomo 1.º pag. 287, col. 1.ª

ZAMBUJAL ou AZAMBUJAL,—aldeia da freguezia e villa de Ourem, onde nasceu a *beata Thereza*.

V. *Ourem*, vol. 6.º pag, 325, col. 1.ª e segg.

Temos no nosso paiz mais 48 aldeias, casaes e quintas com o nome de *Zambujal*, que podem ver-se na *Chorographia Moderna*.

ZAMBUJAL—aldeia da parochia d'*Alvorninha*, comarca e concelho das Caldas da Rainha, na Estremadura.

V. *Alvorinha*, tomo 1.ª pag. 187, col. 1.ª

A dicta parochia é muito importante e á mais populosa do concelho das Caldas da Rainha, depois da villa, séde do concelho, da qual dista 11 kil. para E. S. E. Permittam-nos pois que lhe dediquemos mais algumas linhas do que lhe dedicou o meu benemerito antecessor.

—

Em 1852 o *Flaviense* deu-lhe o nome de *Alvorinha* e 423 fogos; o censo de 1864 deu-lhe 690 fogos e 2:207 habitantes—e o censo de 1878 deu-lhe 566 fogos e 2:354 habitantes,—*menos* 124 fogos e *mais* 147 habitantes do que lhe dera o censo de 1864?!...

Estão assim as nossas estatisticas.[1]

Em 1712 Alvorninha era villa e séde de concelho com justiças proprias : — 2 juizes ordinarios (um da villa, outro do termo) 3 vereadores, 1 procurador do concelho, 1 escrivão da camara, 1 escrivão das sisas e outro judicial, notas e orphãos.

Tinha tambem uma companhia de ordenanças com mais de 300 homens.

Alem da povoação de *Alvorninha*, séde da parochia, comprehende as seguintes:—*Zambujal*, Outeiro, Villa Nova, Trabalhia, Moi-

---

[1] O censo de 1864 deu á villa das Caldas da Rainha 552 fogos e 2:289 habitantes— e o censo de 1878 deu-lhe 658 fogos e 2:689 habitantes.

tas, Bouzias, Malasia, Val Serrão, Antas, Laranjeira, Baixinhos, Lobeiros, Maios, Ribeiro dos Amiaes, Carril, Pedreira e Portella, Ramalhosa, Calvello, Raposeira, Pégo, Almofalla, Forninhos, Comeira de S. Clemente, Comeira da Cruz, Boa Vista, Salgueiral, Gesteira, Chãos, Venda da Nataria, Azenha do Escoiral e Caçapos; — os casaes de Souto, Freixo, Alqueidão, Norte, Chiote, Penhaço, Gil, Cabeço Branco, Lourosa, Paraiso, Casal Velho da Moita dos Carvalhos, Casal Velho da Ramalhosa, Frade, Moinho Novo, Casalinho, Mattos, José João, Venda da Costa, Feijoal, Ródo, Haver, Monte Branco, Louriceira, Santa Martha, Ranginha, Marquez, Salgueirinho, Carvalhos — e as quintas do Moscão, Machada, Feteira, Paço, Quebrada, S. Gonçalo, Val Formoso e Almofalla.

—

A *Chorogr. Port.* em 1712, fallando da villa d'*Alvorninha*, disse:

«O seu termo[1] tem 5 moinhos de pão e 13 lagares d'azeite com grandiosas quintas, a saber: — a quinta de *Val fermoso* com sua capella de Nossa Senhora, que he de Rodrigo da Costa; a quinta da *Melhor Vista* com huma ermida de S. João Bautista, que he de Carlos da Silva; a quinta da *Boa Vista*, que he do prior Bernardo da Silva Monteiro; a quinta da Cruz com boas casas e huma ermida de Nossa Senhora da Conceição, aonde se diz missa todos os domingos e dias santos: he de Diogo de Faro; a quinta que possue Manoel do Couto d'Aguiar, C. O. Ch., a qual está junto ao logar, que chamão *Alvorninha pequena*, que terá 5 visinhos (fogos); a quinta da *Cachaça*, que he de Clara da Cunha Monteyra viuva, a qual tem hum penhasco, que está continuamente lançando gotas d'agua, e lhe chamão a *Fonte das Lagrimas*, a qual está toda cercada d'avenca.

[1] Comprehendia tambem a parochia de *Vidaes*, que nós já descrevemos no tomo 10.º pag. 649, col. 2.ª e segg.

A quinta de *S. João*, a qual he grandiosa e tem huma ermida do mesmo santo, que he de *meia laranja* (?) com armação, vestimenta e frontal, tudo da *China* e de preço, e tem hum pavilhão que occupa a meia laranja: he senhor d'esta quinta Matheus da Cunha d'Eça e Almeida, moço fidalgo de S. M. e C. O. Ch., bem conhecido por seus ascendentes, o qual vive na mesma quinta, que consta de grandes casas, muitas vinhas, grandes pomares e muitos olivaes, para o que tem 2 lagares de azeite e 2 de vinho; tem huma fonte nativa de olhos d'agua, cercada de cantaria, com hum cano da mesma pedra, que leva agua a muitos tanques, até chegar ao maior, que leva muitas pipas de agua, com que se rega hum jardim, que consta de muitas larangeiras da China, limoeiros, pessegueiros, e muitas latadas de uvas de toda a casta; e tem hum ribeiro de agua, que corre pelo meio da quinta, com innumeraveis choupos, que a faz mais vistosa.

—

«A quinta da *Fonte fermosa*, de que he senhor João Homem da Cunha, a qual tem huma ermida de N. Senhora e huma fonte de boa agua; e por dentro della corre hum ribeiro que a fertilisa de pão, vinho, azeite e frutas.

«A quinta dos *Ameaes* com nobres casas e huma ermida de Santo Antonio, de que he senhor Manoel Feyo de Castello Branco. Tem hum ribeiro que lhe passa perto das casas, com boas varzeas de pão, muitos olivaes, bastantes vinhas, e tem um circuito á roda, que em si inclue alguns logares, os quaes todos pagam para esta quinta o *quinto* de todo o genero de fructos, e só para o seu azeite e dos seus cazeiros tem 2 lagares. Esta quinta he hum praso foreiro ao mosteiro de Alcobaça, e tem por detraz das casas seu murado em roda com bastante agua.

«A quinta dos *Pinheiros*, que está junto do logar de Almofalla, de que he senhor João Homem da Cunha acima nomeado, tem boa horta com muitas arvores de fructas mui gostosas, e he cercada de 2 ribeiros.

«A quinta dos *Bacellos* com bastantes casas de campo, muitas vinhas, e entre ellas hum valle, que consta de muitas arvores de fructo, a maior parte pessegueiros de *toda a casta*; tem huma fonte de excellente agua, que pela sua bondade lhe chamam *Fonte da Prata*. He senhor d'esta quinta Francisco Ribeiro Fialho.

«A quinta das *Quebradas*, que ha poucos annos lhe mudou o nome o senhor d'ella, que he Belchior Ribeiro de Araujo, e se chama hoje a quinta de *Nossa Senhora da Conceição*, por elle mesmo haver edificado huma boa ermida da invocação da mesma Senhora.[1] Tem muitas vinhas, boas varzeas de pão, hum grande pomar de todo o genero de fructas e huma penha alta, que ao pé dá muita quantidade de agua, com que se rega uma grande horta que dá todo o genero de hortaliça e *bons meloens*. Para maior grandeza vai hum ribeiro d'agua pelo meio d'esta quinta.

—

«A quinta que está no logar dos *Vidaes*, termo d'esta villa, tem nobres casas e junto d'ellas hum moinho, e hum lagar d'azeite, muitos pomares e huma fonte de boa agua, e lhe passa pelo meio hum grande ribeiro, com que se fertilisão as terras que tem dos vallados adentro.

«A quinta de *Valverde* com boas casas, muitas vinhas e grandes olivaes, com muita creação de gados e grandes matos, huma boa fonte e um ribeiro d'agua que corre pelo meio d'esta quinta, de que he senhor Belchior Botelho de Sequeira.

«A quinta do *Paço*, que he a mais antiga...[2]

—

«Os lugares, que ha no termo d'esta villa, são os seguintes:

«O *Outeiro*, que tem 15 visinhos e huma fonte de boa agua; a *Ribeira* com 8 visinhos; os *Vidaes*, que he freguezia á parte e tem 36 visinhos;[1] os *Mosteiros*, que tem 15 visinhos, huma ermida de *Nossa Senhora dos Remedios*, huma fonte de boa agua e hum ribeiro que lhe corre ao pé; a *Trabalhia dos vinhos* com 12 visinhos, huma ermida de *Nossa Senhora da Esperança* e huma fonte de boa agua; o *Casal do Frade* com 16 visinhos, huma ermida de *Nossa Senhora da Gloria* e huma fonte de excellente agua; a *Malazia* com 27 moinhos e huma fonte; a *Feteira* com 7 moradares, huma ermida de *S. Pedro* e huma fonte: os *Carvalhos* com 5 visinhos; o *Zambujal* com 10 visinhos e uma ermida de *S. Sebastião*, e he abundante de boa agua; o *Casal do Gil* com 5 visinhos; — logo mais abaixo em huma ribeira está o lugar de *Val de Serrão* com 6 visinhos,—e a pouca distancia a *Larangeira*, que terá 13 visinhos.»

—

A transcripção é longa, mas interessante! O padre Carvalho teve bom informador.

Muitas das mencionadas quintas e povoações devem ter mudado os nomes. Aos filhos da localidade pedimos que nos esclareçam e mandem *recfificações* e *addições* para o supplemento, pois *noblesse oblige*—e cumpre-lhes velar *pro domo sua*.

O mesmo pedido fazemos aos habitantes de todas as outras localidades.

ZAMBUJAL — aldeia ou *monte* da parochia de *Villa Alva*, concelho e comarca de Cuba.

V. *Villa Alva*, tomo 11.° pag. 664, col. 2.ª

No dia 1 d'abril de 1886 foi julgado em

---

[1] Na freguezia de *Dous Portos*, concelho de Torres Vedras, ha tambem uma soberba quinta de *Nossa Senhora da Conceição*. Tem luxuosa capella, um palacete e varias officinas de lavoura, grandes vinhedos, etc. etc.

Foi da nobilissima e opulenta casa *Lavradio*, mas hoje pertence a estranhos!...

[2] D'ella já se fez menção.

V. *Alvorinha*, *loc. cit.*

[1] V. *Vidaes*, *loc. cit.*

Cuba o hespanhol Thiago N. Bogalho, caldeireiro, morador na freguezia de *Selmes*, concelho da Vidigueira, o qual em 11 d'outubro de 1885 matou com 3 navalhadas um couteiro da herdade do *Zambujal*.

O reu negou sempre o crime; ninguem o vira commetter o assassinato, mas havia grandes indicios, taes eram:—uma altercação entre os dois uma hora antes na taberna de Ignacio Cabo: as declarações do ferido, que até o momento d'expirar apontou sempre como auctor o dicto hespanhol,—e as nodoas de sangue que se encontraram na jaqueta e navalha do réu,—sangue que os peritos, procedendo a uma analyse chimica, affirmaram ser humano.

A audiencia terminou ás 10 horas da noite, e a sentença condemnou o reu, attentas algumas attenuantes, em 6 annos de prisão cellular, seguidos de 12 de degredo, ou a 22 annos de degredo em alternativa.

A decisão do jury foi por unanimidade.

Como curioso specimen dos appellidos que ali se usam, direi que entre jurados e testemunhas figuraram Zorrinhos, Chibo, Bogão, Borrelfo, Lula, Estrompa, Couqueiro, Taquenho, Melgaz, Marranito, Pirranquinho, Capirra, Torrado, Charelha, Machaquim, Farricho e quejandos, cuja nomenclatura parece fazer do Alemtejo uma possessão gallega.

Com vista ao sr. Leite Vasconcellos, auctor do interessante opusculo *Dialeta Mirandez* e d'outros congeneres.

ZAMBUJAL — freguezia do concelho de Condeixa a Nova, comarca de Penella, districto e diocese de Coimbra.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Em 1708 era vigairaria e contava 200 fogos.

Em 1768 era priorado da apresentação do convento das religiosas agostinhas de Santa Anna de Coimbra;—rendia 300$000 réis—e contava 197 fogos.

Em 1852 o Flaviense deu-lhe 188 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 219 fogos e 895 habitantes;—o de 1878 deu-lhe 242 fogos e 947 habitantes—e hoje deve ter 250 fogos e 1:100 habitantes.

Priorado.

Comprehende as aldeias seguintes:—*Zambujal*, séde da parochia,—Fonte Coberta, Povoa de Pegas e Serra de Janeannes (João Annes). A 1.ª tem 130 fogos; a 2.ª 46; a 3.ª 25 e a 4.ª 49 — e todas distam cerca de 2 kilometros da aldeia do Zambujal, que demora na margem direita d'um ribeiro confluente do Mondego, e dista 4 kil. da villa do Rabaçal, antiga séde do concelho, para N.;—8 da villa de Penella, séde da comarca, para N. O.; 11 da villa de Condeixa Nova, séde do concelho, para S.; 20 da estação de Soure na linha ferrea do Norte, para E.; 22 da cidade de Coimbra pela estrada a macadam, para S.—e 53 pela linha ferrea do Norte;—170 do Porto—e 206 de Lisboa.

—

Freguezias limitrophes:—Rabaçal, Furadouro, S. Miguel de Penella e Podentes, séde do julgado a que pertence esta do Zambujal.

Tem uma estrada a macadam que passa a 1 kil. do Zambujal. É a de Coimbra a Thomar por Condeixa, Rabaçal e Ancião; e d'esta, a 3 kil. do Zambujal, segue outra para o Espinhal.

Banha esta freguezia um ribeiro que nasce na de Pombalinho, concelho de Soure; atravessa as do Rabaçal, Zambujal, Alquibedeque, Belido, Figueiró do Campo e outras; recebe na m. d. um ribeiro que vem de Condeixa—e desagua na m. e. do Mondego 3 kil. a montante da foz do rio Soure, tendo de curso total cerca de 32 kilometros.

Templos:

1.º—Egreja matriz, pequena e singela. Tem torre com relogio e 3 sinos—e foi reformada a egreja em 1783.

Era uma simples capella e foi arvorada em matriz no anno de 1528, data da creação d'esta freguezia.

Nada offerece digno de menção; as suas alfaias são poucas e pobres;—tem apenas uma confraria,—a do Santissimo,—que se sustenta de esmolas, d'algumas inscripções e dinheiro mutuado—e faz todos os annos a festa do Santissimo Sacramento.

Ha tambem na egreja festa annual a *Nossa Senhora das Dores.*

2.°—*Capella de Santa Ignez*, na aldeia da Fonte Coberta.

3.°—*Capella de Santa Christina*, na aldeia de Povoa de Pegas.

4.° *Capella de Nossa Senhora da Expectação*, na aldeia da Serra de Janeannes.

Todas estas 3 capellas estão abertas ao culto e teem festa annual, feita por esmolas dos devotos.

—

Ha n'esta freguezia, na povoação do Zambujal, um edificio brazonado, que foi do capitão mor Florencio Victorino Cardoso d'Albergaria. É hoje do seu sobrinho Florencio Cardoso Amado d'Albergaria, residente em Figueiró do Campo, concelho de Soure.

A casa da residencia parochial está em ruinas e não tem cerca, mas tem um quintal a pequena distancia.

É parocho (prior) actual d'esta freguezia o infeliz dr. Jeronymo Henriques Dias d'Azevedo, natural de Condeixa, onde nasceu em março de 1839, sendo filho legitimo de Antonio Pedro Henriques de Azevedo, bacharel formado em direito, e de D. Maria da Conceição Ribeiro.

Collou-se em 8 de novembro de 1875, era bastante illustrado, bom orador, excellente pessoa e muito estimado pelos seus parochianos.

No dia 6 de julho de 1884 foi prégar em uma festividade na egreja de Podentes; em seguida partiu para Condeixa, onde assistiu a uma reunião politica, na qual fallou e tanto se maguou e exaltou, que enlouqueceu e não mais pode exercer o seu ministerio!...

Deu entrada no hospital de alienados de *Rilhafoles*, em Lisboa, a 11 d'agosto de 1884 e ali se conserva como pensionista, completamente inutilisado.

A requerimento do ministerio publico foi julgado interdicto por sentença do juiz de direito de Penella com data de 8 de julho de 1885 e confirmada pela relação do Porto em 20 de novembro do dito anno.

Por decreto de 3 dezembro do mesmo anno foi-lhe dado o subsidio annual de 50$000 réis em conformidade com o art. 14 da lei de 20 de julho de 1839 e art. 3.° da de 8 de novembro de 1841.

O nobre conde de Podentes — Jeronymo Dias d'Azevedo — natural da freguezia de Podentes, concelho de Penella, era segundo primo, padrinho e protector d'aquelle meu infeliz collega.

—

O clima d'esta parochia é muito saudavel pelo que n'ella se encontram sempre muitas pessoas de 90 a 100 annos — e não ha muito aqui falleceu um homem de 105 annos de idade.

São tambem muito religiosos e bem morigerados os habitantes d'esta freguezia.

Producções principaes:—trigo, que exporta para os mercados de Condeixa a Nova, Espinhal e Penella; azeite para a cidade de Coimbra—e vinho para Ancião, Penella, Espinhal e Condeixa.

Tambem produz bastante fructa, hortaliça, hervagens e algum milho.

Na parochia não ha feiras nem mercados.

Tem aula regia de instrucção primaria para o sexo masculino.

Emolumentos parochiaes: — de cada baptisado uma quarta de trigo, uma gallinha e 240 réis em dinheiro.

Dos casamentos:— um alqueire de trigo, uma gallinha e 750 réis em dinheiro.

Obitos:—de adultos 4 $1/2$ alqueires de trigo;—de menores um salamim?...

De cada missa cantada 600 réis.

—

Esta freguezia pertenceu ao concelho do Rabaçal, extincto pelo decreto de 31 de dezembro de 1853, pelo qual passou para o concelho de Soure,—e depois pelo decreto de 24 d'outubro de 1855 passou para o de Condeixa a Nova.

É isto o que se lê na *Chorographia Moderna*, mas o sr. dr. Secco na sua *Memoria* do districto de Coimbra, publicada em 1853, fallando do concelho do Rabaçal, diz que foi extincto por decreto de 6 de março de

1852:—que das 5 freguezias que o compunham passaram 3 para o de Soure:—as de Pombalinho e Degracias, — e 3 para o de Condeixa:—as de Alvorge, Rabaçal e *Zambujal*; mas que pelo decreto de 27 de julho de 1853 as freguezias do Alvorge e Rabaçal foram transferidas para o concelho de Penella, ficando sómente a do *Zambujal* unida ao de Condeixa.

V. *Rabaçal*, villa, tomo 8.° pag. 39, col 2.ª

—

No dia 13 de novembro de 1886 foi encontrada morta em um poço, junto da aldeia do Zambujál, uma mulher, por nome Maria da Piedade, solteira, filha de José Quinta. A auctoridade procedeu, mas não sabemos o que apurou.

No dia 14 de março de 1879 descarregou uma fortissima trovoada no logar da Serra de Janneanes, d'esta freguezia do Zambujal, e na freguezia de Condeixa a Velha, sua limitrophe.

A saraiva, que acompanhou a trovoada, chegava a ser do tamanho de ovos de gallinha, e houve sitios em que se elevou a um metro de altura.

Ficaram completamente destruidos n'aquellas localidades os favaes, as hortaliças, a herva para os gados e a rama das oliveiras e d'outras arvores. Durou perto de duas horas e meia a trovoada.

Foi um grande prejuizo para aquelles povos.

A trovoada foi medonha, mas felizmente não matou pessoa alguma nem passou alem dos pontos indicados.

Nasceu n'esta freguezia[1] Fr. Simão do Loreto, homem notavel pela sua illustração e virtudes. Foi padre mestre jubilado e vigario geral da congregação dos frades *grillos* ou *agostinhos descalços*.

Professou no seu convento do Monte Olivete, ou do *Grillo*, cabeça da congregação, em Lisboa, no dia 1 d'agosto de 1737.

[1] Suppomos que nasceu n'esta, posto que o *Catalogo* que temos prezente, copiado por nós, diz simplesmente *Zambujal*.

A LENDA DE MELLO E DO JERUMELLO

Nos relatorios da *Expedição Scientifica á Serra da Estrella em 1881*,[1] na secção de *Ethnographia*, cujo relatorio é devido á penna do sr. Luiz Feliciano Marrecas Ferreira, presidente da dicta secção, professor da Escola do exercito e ao tempo capitão de engenheiros, se encontram muitas *lendas* da Serra da Estrella, uma das quaes prende com esta freguezia do *Zambujal*.

E a seguinte.[2]

«Nas proximidades de Penella ha dois montes bastante elevados e de fórma mais ou menos conica.[3] É crença popular que dois ferreiros, dizem que irmãos, foram estabelecer as suas forjas cada um em seu monte, mas que possuindo ambos um só martello d'elle se serviam alternadamente.

«Os montes na sua parte superior distam uns dois kilometros um do outro; e quando o *Mello* (assim se chamava um dos ferreiros) precisava do martello, chegava á porta da forja e gritava para o *Jerumello* (assim se chamava o outro ferreiro) para este lh'o ati-

[1] Nós tambem tivemos a honra de acompanhar a dicta *Expedição* como *reporter* do *Districto da Guarda* e do *Commercio Portuguez*. Este ultimo jornal publicou uma longa serie de cartas nossas enviadas do acampamento.

Até hoje (1889) estão publicados apenas 5 relatorios das secções de *Ethnographia, Archeologia, Medicina, Botanica e Meteorologia*. A collecção é rara, mas por fortuna tenho-a completa.

Uma das vantagens da *Expedição* foi saber-se que a serra da *Estrella* era muito propria para o tratamento da tysica, pelo que já se fez ali um *posto sanitario*, onde estão em tratamento 40 tuberculosos.

V. *Zezere*, rio da Beira Baixa.

[2] *Relatorio de Ethnographia*, pag. 121.

[3] Estes montes do concelho de Penella prendem com a serra da Louzã e são dependencias da serra da Estrella.

P. A. Ferreira.

rar. Isto repetia-se todas as vezes que trabalhavam.

«Os dois ferreiros eram gigantes, porque só assim poderiam ter força para arremeçar o martello a tão grande distancia.

«Uma vez zangou-se o *Jerumello* com o companheiro e atirou-lhe o martello com tanta violencia, que desencavando-se este no ar, foi cair o ferro na encosta do monte *Mello* e logo d'ahi brotou uma fonte de agua ferrea, e o cabo que era de madeira de *zambujo* foi espetar-se na terra a mais de 2 kilometros dos referidos montes, e que por isso se chama hoje *Zambujal*.

«No cimo do monte Mello veem-se ainda agora umas ruinas, que são da forja de um dos ferreiros.»

—

A dicta lenda, como o proprio sr. Marrecas Ferreira declara, foi extrahida da interessante publicação *Positivismo* (tomo II, pag. 451) do sr. Consiglieri Pedroso, a qual lhe foi communicada pelo sr. José Mascarenhas Relvas.

Nós não conhecemos a localidade, mas, consultando o sr. Delfim José d'Oliveira, distincto escriptor publico filho de *Penella* e por consequencia visinho do *Rabaçal* e *Zambujal*, foi s. ex.ª expressamente visitar os montes da *lenda* e mandou-nos a informação seguinte:

«A leste do Rabaçal cerca de 2 kilometros, junto ao logar da Fartosa, ha um monte isolado, alto e de fórma quasi conica, a que chamam *Castello*, e parece ser o mesmo que Alexandre Herculano denomina *Germanello*.[1]

«O monte é impinado e coroado com as ruinas d'um antigo castello, que teria de comprimento leste-oeste 33 metros por 20 de largo e duas portas, uma ao nascente, outra ao poente. Os muros mostram ter sido feitos com bastante cal, mas estão demolidos até á platafórma e d'elles só resta a base, que ainda assim tem do lado exterior 2 a 3 metros de altura e 2 de espessura.

«Tem pelo nascente, a 4 kilometros, Penella; pelo norte, a 3 kilometros, a aldeia do *Zambujal*—e pelo sul, a igual distancia, o monte *Jerumello*.

«Ao fundo da encosta occidental do monte do *Castello* ha varias fontes d'agua ferrea, que os habitantes da Fartosa, aldeia visinha, aproveitam para uso domestico.

—

«O *Jerumello* é escalavrado e ingreme, de configuração muito semelhante á do monte do *Castello* e pertence á freguezia do *Alvorge*, concelho de Ancião. Não apresenta signaes de construcção alguma, mas na aldeia de *Thomazinhos* ha pessoas que se lembram de ver no cume do monte uma cisterna e um sabugueiro com enorme tronco. Alem d'isso em volta do monte ha differentes socalcos ou taboleiros, com certeza feitos intencionalmente, cujas rampas mais ou menos aprumadas, de 8 metros d'altura e cobertas de relva, difficultam a subida e revelam ter sido obras de defeza.

«Os dois montes não são dependencia d'alguma cordilheira. Dominam o extenso campo que lhes fica ao sul, oeste e norte, guarnecido pelas povoações seguintes:—Alvorge,

[1] «A fortaleza de Germanello foi construida tambem por estes tempos (1141?) para impedir os insultos dos inimigos, que, avançando da provincia d'Al-Kassr pelos territorios agrestes e montuosos ao noroeste do Tejo, vinham ousadamente, seguindo o curso do Doessa, ou por entre Pombal e Penella, talar os campos de Ateanha e do Alvorge.» *Hist. de Port.* tomo 1.º pag. 340.

—

Nós suppomos que a *fortaleza do Germanello* estava no monte que hoje se denomina *Jerumello*. Desculpe o nosso illustrado informador.

P. A. Ferreira.

Ateanha, Junqueira, Tomazinhos, Alcalamouque, Rabaçal, Fartosa, Fonte Coberta e *Zambujal.*

«Nas povoações visinhas dos taes montes conta-se a dicta *lenda*, mas desconhecem o nome de *Mello*, que n'ella se dá ao monte do *Castello.*»

Do exposto se vê que a lenda vigora na localidade, é porem muito inverosimil dizer-se que o gigante do monte Mello, atirando com o martello contra o monte de Jerumello, distante cerca de 3 kil. para o *sul*, o cabo fosse bater no Zambujal, distante cerca de 3 kil. para o *norte*, seguindo por consequencia um rumo *diametralmente opposto*?!..

—

Ao sr. Delfim José d'Oliveira, illustrado filho de Penella e visinho d'esta parochia do *Zambujal*, agradeço os apontamentos que me enviou e peço licença para consignar aqui alguns traços da sua biographia:

Nasceu na villa de Penella a 15 de fevereiro de 1821 e foram seus paes José Joaquim d'Oliveira e Rosa Margarida da Silva.

Alistou-se voluntariamente no batalhão de infanteria n.º 7, em Lisboa, a 24 de setembro de 1838 e foi despachado alferes para Moçambique em maio de 1842; tenente a 8 de maio de 1845; capitão a 12 d'agosto de 1848; major sem prejuiso d'antiguidade *em attenção aos serviços extraordinarios que prestou em differentes commissões que desempenhou com zelo e intelligencia,*—decreto de 10 de maio de 1861.

Reformou-se no posto de tenente coronel em abril de 1868 e regressou á sua casa de Penella, onde vive no estado de viuvo e s. g. entregue aos seus labores litterarios, dos quaes adiante fallaremos.

—

Durante o tempo que militou na Africa prestou ali relevantes serviços.

Foi ajudante d'ordens do governador geral de Moçambique desde 18 d'abril de 1844 até 31 de maio de 1847; ajudante do batalhão n.º 1 por nomeação de 26 de junho do dicto anno; demittido do serviço, como requereu, por portaria do governador geral de 13 de julho do mesmo anno; julgada nulla a demissão por portaria do ministerio da marinha e ultramar de 21 de dezembro de 1849; nomeado auditor da gente de guerra em 30 de outubro de 1850; commandante militar da villa de Tete em 25 de outubro de 1855.

Em 31 de março de 1858 passou a servir na provincia de Cabo Verde e ali exerceu 3 commandos:—da ilha de S. Vicente; do batalhão d'artilheria—e da ilha de S. Thiago.

Recolhendo a Lisboa por ordem do ministerio, foi nomeado commandante da *Colonia militar de Tete,* então organisada no quartel d'Alcantara, —em 18 de junho de 1859—e partiu com a dicta *colonia* para *Moçambique* a 2 de julho do mesmo anno.

Foi nomeado commandante do batalhão de caçadores n.º 2, organisado na Zambezia, em 29 d'agosto de 1860—e governador de Sofalla em 20 de junho de 1861.

Partiu para Zamzibar em commissão de serviço a 17 d'outubro do mesmo anno de 1861 e regressou a 15 de janeiro de 1862, sendo nomeado commandante do batalhão d'infanteria n.º 1 em 4 de fevereiro do mesmo anno—e louvado na *Ordem á força armada* de 30 de julho, *pela boa apparencia militar e luzido aceio com que o batalhão n.º 1 se apresentou em parada no dia 17, por occasião da acclamação de S. M. el-rei D. Luiz I e pela disciplina do mesmo batalhão.*

—

Em 15 de dezembro de 1862 foi agraciado com a commenda da ordem militar de S. Bento d'Aviz—*em attenção aos bons serviços que tem prestado no desempenho de differentes commissões,*—diz o decreto;—e em 15 de dezembro de 1863 foi nomeado governador do districto de Tete *em attenção ás qualidades e mais circumstancias que concorrem na sua pessoa,* — diz tambem o decreto. Por *pleno poder*, expedido pela secretaria d'estado dos negocios estrangeiros em 3 de maio de 1864, foi nomeado *Plenipotenciario* á republica de *Transwaal—Boers,*—e man-

dado louvar em officio do secretario geral de 20 de março de 1865 pelo bom desempenho de tão melindrosa missão,—tendo s. ex.ª a *maior satisfação em ver não só que foram fielmente cumpridas as suas ordens, mas tambem que o relatorio está organisado com a discripção e habilidade que o distinguem* —diz o mencionado officio.

Foi transferido para o governo do districto de *Quelimane* por conveniencia do serviço,—*em attenção ao zelo, probidade e proficiencia que se dão na sua pessoa...*—portaria do governador geral de 5 d'abril de 1865—e, em virtude da auctorisação concedida em officio de 6 de maio de 1867, fez entrega d'aquelle governo em 31 do dicto mez e anno, deixando ali as mais vivas saudades, pois embellesou, arborisou e transformou completamente a villa de Quelimane, abrindo novas ruas e fazendo grandes melhoramentos no seu porto, etc. etc. como provam documentos honrosissimos que temos sobre a nossa mesa de estudo.

—

Fatigado e arruinado com tanto serviço em paragens tão inhospitas, pediu e obteve licença para regressar á metropole, sendo por essa occasião louvado pela *intelligencia, zelo e dedicação com que se houve no desempenho das suas funcções como governador de Tete e Quelimane e pelos valiosos serviços prestados áquellas villas, os quaes opportunamente serão levados á presença de Sua Magestade.*

Portaria do governador geral de 14 de junho de 1867.

Do exposto se vê que o nosso biographado é um cidadão benemerito. Alem d'isso é um cavalheiro muito obesequiador, muito tractavel e muito illustrado.

Em 1884 publicou em Lisboa na *Typ. da Casa Minerva,*—rua Nova da Palma, 136 e 138, — um formoso livro de 216 pag. 8.º — *Noticias de Penella* com 4 gravuras representando as armas da villa e o seu castello, visto do lado sul;—depois, em 1886, publicou um *Additamento* de 148 pág. com relação ás mesmas *Noticias de Penella*—e já escreveu e tem no prelo novo *Additamento,* o que prova que o sr. tenente coronel e commendador Delfim José d'Oliveira ama profundamente a sua terra natal, como bom filho.

Terminaremos dizendo que s. ex.ª é tambem socio da *Real Associação dos Architectos civis e Archeologos portuguezes.*

ZAMBUJAL—freguezia do concelho e comarca de Redondo, districto e arcebispado d'Evora, provincia do Alemtejo.

Orago—S. Bento. Priorado.

Fogos 70;—hobitantes 288.

Em 1768, segundo se lê no *Port. S. Prof.* esta parochia era curato da apresentação dos arcebispos d'Evora; rendia para o cura 130 alqueires de trigo e 49 de cevada — e contava 53 fogos.

Em 1852, segundo diz o *Flaviense,* esta parochia era do concelho de Redondo, comarca de Monsaraz—e contava 58 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 59 fogos e 372 habitantes;—o de 1878 deu-lhe 58 fogos e 351 habitantes.

É pouco populosa, mas o arcebispado de Evora, tem 27 freguezias menos populosas ainda — e 49 que não contam 100 fogos. N'este ponto só o bispado de Bragança está ieferior ao d'Evora, pois no bispado de Bragança ha 134 freguezias, cuja população é inferior a 100 fogos—e nenhum dos nossos bispados conta relativamente freguezias tão populosas, como o do Algarve. Tem apenas uma freguezia inferior a 100 fogos; outra de 100 a 200—e 8 de 200 a 300 fogos. As restantes são todas mais populosas, sendo a mais populosa entre todas a de Loulé, pois conta cerca de 3:400 fogos e 15:000 habitantes.

É hoje a villa mais populosa de Portugal —e mais populosa do que todas as nossas cidades, exceptuando Lisboa, Porto, Braga, Coimbra, Setubal e Evora.

Cumpre pois aos louletanos pugnarem pela elevação d'aquella grande villa á cathegoria de cidade.

Com vista aos habitantes da formosa villa de Loulé.

Prosigamos.

—

Esta pobre freguezia do Zambujal não tem aldeias ou povoações compactas, mas apenas alguns pequenos montes dispersos pelas herdades seguintes:—Covas, Picarrel, Godinha de Baixo, Godinha de Cima, Centros de Durão, Pinheiro, Casas de Baixo, Casas de Cima, Fonte da Cal, Viegas, Atalho, Amendoeira, Hospital, Courellas, S. Bento, Alamo, Carapetal, Quinta do Picarrel, Horta das Couves e *Lês*?...

As melhores herdades são as duas primeiras. A das *Covas* pertence hoje a Flamiano José Lopes Ferreira dos Anjos, de Lisboa;—a do *Picarrel* pertence a Domingos Antonio Fallé Ramalho, da villa de Redondo.

A egreja matriz está isolada e demora entre dois regatos que vem da serra d'*Ossa* e formam a ribeira de *S. Bento* ou da *Pedra*, que banha esta parochia e desagua na ribeira de *Alcrovisca*, a distancia de 4 kilometros, a qual por seu turno, depois de unida a outras, desagua na de *Pardiella*, confluente do rio *Degebe*, que vae ter ao Guadiana.

V. *Degebe*, tomo 2.º pag. 466, col. 1.ª

A egreja de S. Bento dista da villa de Redondo 6 kil. para O. N. O. e 30 d'Evora para N. E.

Parochias limitrophes: — Redondo a E.; Adaval a S.; Freixo a O. e Monte Virgem a N.

—

Atravessam esta freguezia duas estradas a macadam:—uma real, n.º 48— A —, d'Evora para a villa do Redondo;—outra municipal, do Redondo para a estação de *Azaruja* ou *Torre da Gadanha*, na linha ferrea do Sul,—ramal d'Evora a Estremoz.

Templos:—a egreja matriz e uma capella publica de S. Gonçalo no *monte* (povoação) do Picarrel.

Ambos os templos são simples.

A egreja foi reedificada em 1882 e n'ella se faz no 3.º domingo d'agosto uma festa a Santo Antonio com grande romagem, a 1.ª da freguezia.

Pontes:—uma nova de pedra sobre a mencionada ribeira de S. Bento na estrada real n.º 68—A.

Foi feita em 1884.

Moinhos: — apenas tem a parochia 1 de vento na herdade da *Fonte da Cal.*

Producções dominantes: — trigo, cevada, centeio e bolota.

Cria bastante gado suino e tem abundancia de caça miuda.

Factos importantes: — uma tempestade que em outubro de 1861 pesou sobre esta freguezia e destroçou grande parte do arvoredo—azinho e oliveiras, principalmente nas herdades do Picarrel, Hospital e Carrapetal.

O clima é pouco saudavel. Ainda em 1884 a variola e o sarampo aqui mataram muitas creanças e adultos.

O chão d'esta parochia foi habitado desde tempos remotissimos. N'ella se encontram ainda claros restos de um dolmen, como diz o sr. Gabriel Pereira no seu interessante opusculo— *Dolmens ou Antas dos arredores d'Evora*, publicado em 1875, — pag. 4.

Tambem aqui se teem encontrado muitas moedas romanas em differentes datas e differentes sitios.

Esta parochia é priorado, mas de encommendação ou amovivel.

Não tem aula nem escola alguma, nem sequer de instrucção primaria elementar!...

Esta freguezia pertenceu á comarca (corregedoria e provedoria) d'Evora; depois passou para a de Monsaraz; em seguida passou para a de Reguengos até 1885, data em que passou para a do Redondo.

ZAMBUJAL,—quinta ou antes — herdade da freguezia de *Maratéca*, hoje extincta e unida á de Palmella.

V. *Marateca*, tomo 5.º, pag. 59, col. 2.ª

Demora a dicta herdade á beira de um braço do rio Sado, que a distancia de 15 kil. de Setubal toma a direcção N. indo encontrar as aguas da ribeira de Marateca junto da mesma herdade, sendo navegavel até ali com maré cheia por barcos de pequena lotação.

A dicta herdade dista de Setubal cerca de

30 kil. e occupa uma area de 2:800 hectares aproximadamente.

Confina ao norte com a estrada real, que de Setubal se dirige a Alcacer e á herdade de Maratéca;—ao sul com o mar da Sachola;—ao nascente com as herdades do Pinheiro e de Palma—e ao poente com a ribeira de Maratéca e braço do Sado.

Compõe-se de terrenos cerealiferos e varzeas para cultura de arroz, grandes pascigos para toda a qualidade de gado, bastantes montados de sobro, pinhal manso e bravo e alguns olivedos.

—

Até o terremoto de 1755 teve uma magnifica habitação com todas as dependencias e officinas de uma nobre vivenda campestre, avultando, não pela grandesa, mas pela sua luxuosa fabrica, uma linda capella, que ainda hoje ostenta bellos mosaicos de marmore d'Extremoz e azulejos hollandezes do sec. XVIII, representando a *Familia Sagrada*, invocação da capella, festejando-se ali S. José no domingo do Bom Pastor, em cumprimento da instituição vincular.

O terremoto de 1755 lançou as edificações quasi todas por terra. Algumas se restauraram posteriormente, mas com bastante singeleza. No primeiro quartel do ultimo seculo foi restaurada a capella e outra vez em 1829 pelo barão do Zambujal, dono d'esta vivenda, do qual adeante fallaremos, porem com o andar do tempo e com o descuido dos rendeiros tudo tornou a cair em ruinas, ficando a pobre capella desamparada e profanada, mas consta-nos que o actual possuidor tem a restauração em projecto.

—

Esta grande propriedade era da casa de Bragança; foi comprada ao duque D. Fernando I em 1454 por Gil Fernandes Sardinha e veiu a pertencer á sua bisneta D. Catharina da Cunha, que, não tendo successão, em 1609 instituiu n'ella um vinculo para sua sobrinha D. Luiza da Cunha, mulher de João Soares do Torneio, de quem procedeu sua neta D. Luiza Maria da Cunhá, mulher de José de Cabedo, notavel genealogista e pelo seu casamento senhor do morgado do *Zambujal*, vindo por tanto Jorge de Cabedo, barão do Zambujal e bisneto d'aquelle, a ser o 7.º senhor do dicto morgado, cuja antiguidade já foi citada na *Corogr. Port.* em 1712, a qual, fallando da comarca de Setubal e das casas nobres d'aquella villa, hoje cidade, diz que uma das mais principaes era a dos *Cabedos*. Em seguida desenvolve muito amplamente a genealogia d'elles e a pag. 297 do tomo 3.º diz que a herdade do *Zambujal* era *muito antiga* n'esta familia e que andava n'ella havia mais de 250 annos.

Em 1667 foram unidas mais algumas sesmarias e pequenas herdades á do *Zambujal* e igualmente vinculadas, vindo a comprehender, como ainda hoje comprehende, as propriedades seguintes: — *Zambujal*, Moita do Gato, Estorrinheira, Valle do Cão, Torrinha, Valle de Soeiros, Arrabidas e Sacholinha.

—

Jorge de Cabedo de Vasconcellos Sardinha dá Cunha Castello Branco do Couto, commendador e cavalleiro professo da ordem de Christo, moço fidalgo com exercicio no paço, 8.º senhor do morgado de Cabedo, 7.º do de Vasconcellos, 7.º do de Zambujal, 9.º do de Sardinhas, senhor do morgado da quinta da *Caridade* em Ourem, na qual succedeu pela extincção da linha primogenita dos *Coutos* em 1817 — e administrador de varias capellas, sendo uma de 1303 e outra de 1459, foi coronel do regimento de milicias, de Setubal desde 1812 até á convenção d'Evora Monte, superintendente das caudellarias da comarca de Setubal e provedor da *Tabola* real e pescado da mesma villa, officio que andava em sua casa desde 1639.

Teve a mercê de barão do Zambujal em 27 de janeiro de 1826 e ao começar a lucta civil immediatamente posterior foi elevado a *visconde do Zambujal* pelo sr. D. Miguel cuja causa elle sempre desposou.

Ao terminar a dicta guerra foi-lhe expressamente prohibido usar do titulo de visconde, continuando por tanto a assignar-

se barão, até que falleceu em Lisboa a 26 de março de 1850, tendo nascido em Setubal a 18 d'abril de 1783.

—

O dicto barão casou em Setubal a 10 de novembro de 1808 com sua prima D. Anna Leonor d'Almada e Lencastre, filha dos 2.os viscondes de Villa Nova de Souto d'El-Rei, de quem teve varios filhos, entre elles José Bruno de Cabedo, primogenito. Casou e teve Jorge de Cabedo, actual herdeiro e representante do barão do Zambujal. Reside em Setubal,—casado e com geração.

ZAMBUJEIRA ou **AZAMBUJEIRA.**

Tem a mesma etymologia de *Zambujal* ou ou *Azambujal*, indicada nos artigos proprios.

V. *Zambujal*, *Azambujal* e *Azambujeira* —villa e freguezia do concelho de Rio Maior.

ZAMBUJEIRA — aldeia da freguezia de Evora de Alcobaça, concelho d'este nome, districto de Leiria.

V. *Evora d'Alcobaça*, tomo 3.º pag. 121, col. 1.ª

Com o mesmo nome de *Zambujeira* temos no nosso paiz mais 3 aldeias, 6 casaes, 4 quintas e 3 herdades. Mencionaremos apenas as seguintes:

ZAMBUJEIRA ou **AZAMBUJEIRA**,— herdade da freguezia de *S. Braz dos Mattos*, concelho do Alandroal, districto de Evora.

V. *Mattos*, vol. 5.º pag. 134, col. 1.ª— artigo que o meu benemerito antecessor circumscreveu a *dose linhas*?!... Seja-nos licito pois dar-lhe algum desenvolvimento mais.

—

Esta freguezia demora na m. d. do Guadiana e dista 7 k. do Alandroal para E.

Comprehende a aldeia de *S. Braz dos Mattos*, séde da parochia, e as herdades da *Zambujeira* ou *Azambujeira*, Lourenço, Alcaide, Agudos, Assabueiros, Azinhal, Chacim, Charneca, Bugalho, Cortiço, Ferrarias, Galvões, Machados, Nateiras, Nave de Cima, Nave de Baixo, Mestre Fernando, Pão Mole, Boinhas, Palmeiras, Palheiros, Pobres, Pardainhos, Perdigôa, Pocinho, Pombal, Bouquinha, Sollas, Sande, Sameiras, Thomazes, Tredo, Vara e Potes; os *montes* (casaes) do Fidalgo, do Fôro, da Cebola, do Cubo, do Outeiro e Monte Novo;—as azenhas de Val Verde, Palheiros, Sacramento, Monte Novo e Azenha Grande ; — os moinhos de Cubo, Abobada, Bispos, Rodete e Assabueiros; — as habitações isoladas—*Casinha de S. Braz* —e *Casa do Sacristão*, — e o sitio denominado *Mina do Bugalho.*

Pelo censo de 1878 esta freguezia contava 152 fogos e 640 habitantes.

Tem estado civilmente unida á de Juromenha.

A herdade da *Zambujeira* pertence ao sr. Carlos Eugenio d'Almeida, par do reino,— e ha n'ella uma mina de cobre, cuja exploração foi suspensa, pelo que o governo em abril do corrente anno de 1889 a declarou abandonada.

ZAMBUJEIRA (ou Azambujeira) dos *Carros*, — aldeia da freguezia da Roliça, concelho de Obidos.

V. *Roliça*, tomo 8.º pag. 223, col. 2.ª

Alem da povoação da *Roliça*, séde da parochia e que está na m. e. do rio Real, na estrada de Obidos para Torres Vedras, comprehende esta parochia as aldeias seguintes:—*Zambujeira* ou Azambujeira dos *Carros*, S. Mamede, Braçaes, Delgada, Columbeira, Casaes da Victoria, Casaes de Lamarosa, Casaes da Charneca e Pó;—os casaes do Braz, das Figueiras, do Norte, Boa Vista, Cabecinhos, Valle, Val da Cobra, Val do Grou, Eira, Abréa, (talvez corrupção de *Verêa*) Forno, Vallinhas, Merca, Villaça, Outeiro, Aguas Quentes, Linhares, Lagôas e Fialho ; — as quintas de Freiria, Paul, Carvalha, Balleiro e Fabrica — e o Moinho do Rolão.

Em 1712 Carvalho mencionou a povoação da Columbeira com uma ermida de *Santo Antonio*,—a do Pó com uma ermida de *Santa Catharina*,—a de Baraçaes (?) com uma ermida de *S. Miguel*,—Delgada com uma ermida de *S. Martinho* — e S. Mamede com uma ermida d'este santo.

—

N'esta parochia da *Roliça* foi derrotado o exercito francez de Labord pelo exercito anglo-luso no dia 17 d'agosto de 1808, cabendo aos soldados portuguezes a gloria de serem os primeiros a bater os jacobinos, tomando-lhes a forte posição do *Moinho da Zambujeira dos Carros*, defendida pela ala esquerda do exercito francez. Em seguida foram as hordas de Napoleão batidas tambem nas povoações da Roliça e Columbeira, —preludio da grande derrota que soffreram dias depois (a 22 d'agosto) no *Vimeiro* da Lourinhã.

V. *Roliça*, loc. cit. pag. 224, col. 2.ª — e *Vimeiro* da Lourinhã, tomo 12.º pag. 1:436, col. 2.ª e segg.

A povoação de *Zambujeira dos Carros* tem 80 fogos e 342 habitantes e demora em planicie.

Junto d'ella se feriu a batalha contra os francezes em 1808—e muito recentemente se feriram no mesmo campo outras *batalhas*—grandes desordens — entre os habitantes da dicta povoação e os da freguezia do *Reguengo Grande*, sua limitrophe, concelho da Lourinhã, comarca de Torres Vedras, districto de Lisboa.

V. *Reguengo Grande*, tomo 8.º pag. 115, col. 2.ª

As coisas passaram-se assim:

—

A freguezia do *Reguengo Grande* pertenceu antigamente ao concelho d'Obidos, e entre ella e a povoação de *Zambujeira dos Carros* ha uma charneca, onde os habitantes do Reguengo e da Zambujeira costumavam promiscuamente apascentar os seus gados, cortar lenha e cultivar alguns chãos.

Um bello dia os da Zambujeira lembraram-se de arrotear, semear e plantar uma grande porção da tal charneca, alongando-se até onde lhes approuve, por não haver na dicta charneca marcos que dividissem os dois concelhos da Lourinhã e Obidos.

Os do Reguengo oppozeram-se, dizendo que a charneca arroteada lhes pertencia; por seu turno os da Zambujeira diziam: *é nossa!* Uns semeavam outros destruiam. Resultado:— ameaças, odios, grandes rixas e grandes desordens, — muita pancadaria e muitos ferimentos, processos e prisões, transformando-se repetidas vezes a dicta charneca em verdadeiro campo de batalha!...

Em uma correspondencia de Leiria com data de 27 d'abril de 1886 lemos nós o seguinte.

«Noticias telegraphicas de Obidos dizem que os habitantes do Reguengo, concelho da Lourinhã, foram ao logar da Azambujeira, concelho de Obidos, e arrasaram searas de trigo e outras sementeiras. Os prejuizos são importantes. Os invasores maltrataram differentes pessoas com foices e armas de fogo.

Foram requisitadas forças militares.

Esta invasão selvagem é um episodio de uma rixa velha, que ha entre as duas povoações, por causa da demarcação de limites dos termos de uma e outra. Ha mezes houve outra invasão semelhante, com grande dose de pancadaria de um e outro lado.

O governo mandou marchar forças de infanteria e cavallaria para o logar do conflicto, afim de restabelecer a ordem.»

Outra correspondencia do Cadaval com data de 3 de junho do mesmo anno de 1886, dizia:

«Mais de duzentos homens armados, do Regunego Grande, foram hoje destruir o resto das searas á charneca da Azambujeira.

Levaram quanto poderam aproveitar d'ellas, trigo, cevada, batatas, ervilhas, etc., e quando se retiraram dispararam mais de 40 tiros.

Assaltaram dois individuos da Azambujeira.

Pedimos ao sr. ministro do reino haja de dar providencias energicas.»

Effectivamente de novo marcharam para o local do conflicto forças de cavallaria e infanteria, que fizeram varias prisões, mas a tempestade não acabou, antes recrudesceu!...

As maiores desordens entre as duas freguezias tiveram logar no anno seguinte—em um dia solemne—*sexta feira santa*—desor-

dem que se repetiu posteriormente em outros dias d'aquelle anno e do seguinte.

Em 1887 soffreram os da Zambujeira preuisos de vulto!

Trigo, cevada, milho, batatas, hortaliça, vinhedos e pomares — tudo foi arrazado e destruido pelos do Reguengo.

Não houve mortes, mas bastantes ferimentos e um chuveiro de balas trocadas entre os combatentes.

Foram processados 10 ou 12 individuos de cada um dos campos, rendendo os processos alguns mezes de cadeia, alem das custas.

Finalmente o governo em fins de agosto de 1888 ordenou aos governadores civis de Lisboa, a cujo districto pertence o Reguengo,—e de Leiria, a cujo districto pertence a Zambujeira, que fixassem os limites das duas parochias do *Reguengo* e da *Roliça*—e dos dois concelhos da *Lourinhã* e Obidos.

Assim o cumpriram. Depois de grandes contestações, lá metteram marcos e a bulha terminou até hoje (maio de 1889)—mas dizem-me da localidade que a rixa entre os dois povos é cada vez maior e promette novos desgostos.

Terminaremos dizendo que nas bulhas entre aquelles dois povos por vezes tomavam parte as duas freguezias a que pertencem e que são bastante populosas, pois a do Reguengo Grande pelo censo de 1878 conta 303 fogos e 1:221 habitantes—e a da Roliça 493 fogos e 2:323 almas?!...

ZAMBUJEIRO—aldeia da freguezia, villa, concelho e comarca da Louzã, districto e diocese de Coimbra.

V. *Louzan*, tomo 4.º pag. 469, col. 2.ª

Com o mesmo nome de *Zambujeiro* temos no nosso paiz mais 4 aldeias, 20 casaes e diversas quintas e herdades. Mencionaremos apenas as seguintes:

ZAMBUJEIRO—herdade da freguezia de *Ourega*, concelho, comarca e districto d'Evora, na provincia do Alemtejo.

Esta herdade pertenceu ás freiras do convento das Chagas de Villa Viçosa, que a emprasaram pelo fôro annual de 104$800 réis, fôro que o visconde de Guedes arrematou em 1876 pela quantia de 2:200$000 réis.

A dicta freguezia comprehende outras muitas herdades. Mencionaremos apenas as do *Outeiro*, Correia, Fonte Coberta e a quinta de Pombarinho, que foram do par do reino, grande capitalista e grande proprietario, José Maria Eugenio, de Lisboa, e hoje são da sua filha D. Gertrudes.

V. *Ourega*, tomo 6.º pag. 311, col. 2.ª e segg. — artigo muito interessante, devido á pena do meu benemerito antecessor.

ZAMBUJEIRO—herdade da freguezia, villa, concelho e comarca do Redondo, districto e arcebispado d'Evora.

V. *Redondo*, vol. 8.º pag. 85, col. 2.ª

Alem da villa, a mencionada freguezia do *Redondo* comprehende a povoação ou aldeia chamada *Foros da Fonte Secca*; os *montes* (casaes e herdades) do *Zambujeiro*, Padrão, Gaivota, Cabeça da Freira, Sernadinha, Santo Aleixo, Barrancos, Doutor, Sequinique, Tapada do Ignacio, Jeronymo Piteira, S. José, Capote, Gafanhas de João Curado, Freira, Forinho, Quebrada, Quebradinha, Torre, Capella, Calva, Zambujeirinho, Alamo, Vogada, Bico, Reimonda, Lamego, Novancha, Val Sobrados, Monte Branco, Val de Cepos, Brandoa, Calado, Monte da Ribeira, Monte da Silveira, Caladinho, Azinhalinho, Cabeça Gorda, Orvalha, Quebradinha. Carrascal e Valonguinho;—as quintas de Gama de Baixo, Gama de Cima, Nery, S. Pedro e Bom Successo;—as hortas de João Rosado, João Joaquim, José Vicente, Caramello, Ignacio, Monte, Barradas, Marques, Pereira, Fonte e João Pedro.

E' muito digno prior actual da villa do Redondo o rev. *Joaquim José Freire de Faria e Silva.*

Nasceu em 19 d'abril de 1847 no logar da Portella, freguezia de Nossa Senhora da Graça de *Arêas*, concelho de Ferreira do Zezere, e foram seus paes Diogo José Freire e D. Maria de Jesus Ribeiro.

E' 2.º sobrinho do rev. Diogo de Faria e Silva, conego e fabriqueiro da sé archiepiscopal d'Evora, de quem já fizemos men-

ção,[1] e foi tambem educado por elle em Evora, onde frequentou o lyceu, indo em seguida para Coimbra, onde cursou com distincção a faculdade de theologia.

Em 1869 foi nomeado professor de sciencias ecclesiasticas do seminario d'Evora— e em 1871 foi apresentado na matriz da villa do Redondo, pondo ali um coadjutor e ficando em Evora com a regencia da sua cadeira.

Em 1885 foi nomeado promotor do juizo ecclesiastico e mestre de ceremonias do prelado.

E' tambem desembargador da relação ecclesiastica d'Evora e examinador pro-synodal, muito illustrado e de bons costumes.

ZAMBUGEIRO (Nossa Senhora do) — depois *Nossa Senhora das Candeias* — e hoje *Nossa Senhora da Assumpção*, padroeira da freguezia de Cadafaes, concelho de Alemquer.

V. *Cadafaes*, tomo 2.ª pag. 27, col. 1.ª e segg.—artigo tambem muito curioso e muito interessante, devido á pena do meu antecessor. É um extracto do que se lê a pag. 263—270 da monographia— *Alemquer e seu concelho* – escripta e publicada pelo sr. Guilherme João Carlos Henriques em 1873.

O *Sant. Marian.* tomo 7.º pag. 247—254, fallando da *Senhora do Zambujeiro*, em resumo diz o seguinte:

Antes de haver egreja nos Cadafaes appareceu ali no tronco de um zambujeiro uma imagem da Virgem. Começou desde logo a obrar muitos prodigios; de todas as partes concorreram devotos e ali mesmo lhe erigiram um templo. Augmentando a concorrencia dos fieis, crearam uma feira no dia da romagem,—feira que durou poucos annos, porque, sendo muito numerosa e tomando grande espaço de terreno os gados, carros, povo e tendeiros, os donos dos predios contiguos, vendo-os muito devassados, trataram de remover a feira para outro sitio. Foi para a villa da Azambuja e como ali por essa occasião (1403, no reinado de D. João I) apparecesse a imagem de Nossa Senhora das Virtudes, os devotos lhe erigiram um templo que no reinado D. Affonso V se transformou em convento de frades Menores da provincia de Portugal, e para ali *fugiu*, ou foi levada furtivamente, a imagem da Senhora do Zambujeiro. Os habitantes de Cadafaes logo a reclamaram; oppozeram-se os religiosos; seguiu-se letigio; decairam os religiosos, pelo que a Senhora voltou para os Cadafaes, mas em breve tornou a apparecer na Azambuja.

—

Em vista de facto tão estranho os de Cadafaes mandaram fazer outra imagem da Virgem para a sua egreja e lhe deram o titulo da *Assumpção*, depois *Senhora das Candeias*, por costumarem festejal-a no dia da Purificação—2 de fevereiro. Tornou-se muito querida dos povos da localidade, pelo que arvoraram a dicta capella em matriz de uma nova erecta, desmembrada da freguezia de S. Pedro d'Alemquer. Assim se creou a freguezia de Cadafaes.

Em 1721 ainda no adro da nova matriz pompeava o zambujeiro, em cujo tronco havia apparecido a 1.ª imagem, mas já não existe. Caducou e desappareceu no meiado d'este seculo.

ZAÕES (S. Salvador de) — aldeia ou freguezia de Portugal na idade media, mas que se extinguiu ou mudou de nome.

«Em *S. Salvador de Zaões* duas leiras reguengas, das quaes dão annualmente a el-rei, de cada uma, ou um almude de pão por *censuria* ou ração de trigo.»

Hist. de Port. de Alex. Hercul. tomo 3.º pag. 359.

ZÃOS—(Santa Maria de)— aldeia ou freguezia de Portugal, que tambem se extinguiu ou mudou de nome. D'ella se fez menção no sec. XIII.

«Em *Santa Maria de Zãos* ha uma casa reguenga e dá-a o mordomo a quem lhe parece pela sua offreção.»

L. 5 d'Inq. de D. Diniz, f. 36.

ZÁPETE—*truque* ou *truco*—jogo de car-

[1] V. *Vista Alegre*, quinta, n'este vol. pag. 1926, col. 2.ª

tas, outr'ora muito vulgar no nosso paiz. Joga-se com 3 cartas—e uma d'ellas, o 4 de paus, denomina-se *zápete*. Vence o *zápete* a *bicha*, o *bichão* e tudo o mais, como diz *Bluteau*.

Moraes (6.ª edição) aponta outros jogos denominados *truque*, sem serem os de cartas.

Uma anecdota:

Em Lamego, no tempo do bispo D. João Binet Pineio, (1786—1827) ordenou-se um estudante da nobre familia *Amados* de Paredes da Beira, muito apaixonado pelo tal joguinho, ou pelo *chincalhão*, que, segundo me informam tem phrases proprias, taes como estas: — *truco, retruco, vale nove, jogue, que é cacha.*

Binet Pincio, prelado benemerito e *muito energico*, mas de bom humor, tendo perfeito conhecimento da prenda do tal estudante, quando este requeria admissão a ordens, escreveu como despacho simplesmente:

Truco.

O estudante ficou attonito: comprehendeu o alcance da phrase; convenceu-se de que o bispo estava indisposto contra elle e não lhe dava as ordens; mas picado nos seus brios de rapaz e lembrando-se de que tinha recursos proprios para viver com decencia,—em seguida ao *truco* do prelado, escreveu:

Retruco. Assignou e tornou a mandar-lhe o requerimento.

O prelado ficou surprehendido e, querendo ver até onde chegava a coragem do mocinho, accrescentou:

Valle nove.

O estudante, julgando-se perdido, rapidamente escreveu:

Jogue, que é cacha.

Assignou e tornou a mandar-lhe o requerimento.

O prelado gostou da coragem do mocinho e, estando em maré de bom humor, poz termo á brincadeira muito generosamente, escrevendo:

Examine-se com o Padre F.—e ordenou-o de bom grado.

Isto me contou o fallecido sr. Alexandre d'Azevedo Menezes Pimentel Botelho, distincto cavalheiro de Riodades, visinho e contemporaneo do tal estudante.

V. *Riodades*, tomo 8.º pag. 191, col. 2.ª—e *Villa Verde*, tomo 11.º pag. 1:087 e segg., onde se faz menção do dicto sr. Alexandre de Azevedo.

ZAQUITARIO ou **SAQUITARIO**,—*Saquetario* ou *Saquiteiro*, ou *Çaquiteiro* — o que tinha a seu cargo o pão cosido para a mesa do rei, pelo que se denominou tambem *Saquitaria* o logar ou despensa em que o dito pão se guardava.

Inquir. d'El-Rei D. Aff. III.

ZARCO—e **ZARGO** — port. ant. — o que tem olhos azues, ou o que é vesgo e torto da vista.

Zarco foi tambem appellido muito nobre. Assim se appellidava o descobridor e 1.º capitão da ilha da Madeira—João Gonçalves *Zarco*—progenitor dos condes da Calheta e do grande patriota Simão Gonçalves da Camara

V. *Mattosinhos*, tomo 5.º pag. 142, col 2.ª

ZARELO—port. ant.

Parece que foi synonymo de *bragal*, como diz Viterbo.

No foral que D. Sancho II deu a *Barqueiros*, concelho de Mesãofrio, no anno de 1223 se diz que entre as mais direituras pagariam— *1 zarelum de VI cubitis et non amplius*...—um *zarelo* de seis covados e não mais.

Franklin diz que este *foral antigo* de Barqueiros foi dado em Coimbra a 13 de setembro de 1123; — Viterbo assigna-lhe a data de 1223 nos artigos *Teiga* e *Zarello*;—e o meu antecessor, guiado por Franklin, disse que esta villa de Barqueiros teve um foral de 1123, dado pela rainha D. Thereza, e que o de 1223 foi provavelmente 2.º foral velho...[1]

Pela nossa parte diremos:

1.º—que na *Memoria* de Franklin ha erro de data;

2.º—que a mencionada villa teve apenas

---

[1] V. *Barqueiros*, tomo 2.º pag. 337, col. 1.ª—e *Teiga*, vol. 9.º pag. 522, col. 2.ª

um foral velho, dado por D. Sancho II em 1223;

3.º—que o dito foral não indica a terra em que foi dado—nem o dia do mez. Apenas diz:... *Facta carta mense Septembris. Era M.ª CC.ª LX.ª I.ª*

«Foi feito este foral no mez de setembro da era 1261 (anno 1223).

V. *Portug. Monum.* tit. *Foralia*, pag. 597, onde se encontra o dicto foral na sua integra com differentes variantes,—edição nitida e muito conscienciosa.

ZARRA—port. ant. jarra, almotolia.

«Compraram-se duas *zarras* para o azeite.» Doc. de Grijó.

ZAVA (quinta de) — *aldeia* da freguezia, villa, concelho e comarca do Mogadouro, districto de Bragança.

V. *Mogadouro*, tomo 5.º pag. 353, col. 2.ª e seguintes,—e *Villar do Rei*, tomo 11.º pag. 1:275, col. 1.ª

Abrimos este topico por duas rasões:—1.ª porque *Zava* é povoação muito antiga e muito digna de menção; — 2.ª porque, embora tarde, queremos indicar e *caracterisar bem* um facto curioso, privativo d'esta região transmontana.

Nas provincias do Minho, Douro, Beira, Estremadura e no districto de Villa Real, que forma a parte O. da provincia de Traz os Montes, as differentes povoações que não são villas nem cidades e que constituem as differentes freguezias, chamam-se *aldeias*, *logares* ou *povos*;—na provincia do Alemtejo denominam-se *montes*; no Algarve *povos*, *logares*, *hortas* e *montes*—e no districto de Bragança, nomeadamente na parte leste, — nos concelhos de *Vimioso*, *Miranda*, *Mogadouro*, *Bragança* e *Moncorvo*,—denominam-se *quintas*, por vezes povoações grandes, de 50 fogos e *mais*,—povoações compactas, algumas das quaes outr'ora foram *freguezias* e ainda hoje teem capella, pia baptismal e Santissimo permanente?!...

—

Só no districto de Bragança o termo *quinta* se emprega em tal accepção, pois nas provincias do Minho, Douro, Beira e Estremadura significa uma propriedade rustica maior ou menor, com officinas de lavoura, casas para habitação dos feitores, jornaleiros e caseiros—e por vezes casas nobres, algumas *brazonadas*, para habitação dos seus donos.[1]

No Alemtejo e em parte da Estremadura as propriedades d'este genero denominam-se *herdades*; — *quintas* as propriedades mais pequenas, que teem chãos regadios; — *hortas* e *hortejos* os pomares e chãos regadios mais mimosos, ordinariamente murados.

O Algarve tem de tudo: *hortas*, *herdades*, *quintas* e *montes*, quasi na mesma accepção em que estes termos se empregam no Alemtejo e sul da Estremadura, sendo porem no Algarve as *hortas* quasi todas habitadas, em quanto quo no Alemtejo quasi todas são desabitadas.[2]

---

[1] Estas quintas tambem outr'ora se denominaram *villas*, *villares*, *villarinhos e granjas*, muitas das quaes foram nucleo das parochias e villas actuaes;—outras, como succedeu no districto de Bragança, theatro constante de guerras, permaneceram no estado de *quintas* ou deixaram de ser parochias, conservando o primitivo nome.

V. *Aldeia*, *Granja*, *Villa*, *Villar*, *Villarinho* e *Viso* (Alto do)—tomo 11.º pag. 1:904, col. 2.ª—nota 2.ª

[2] Tambem no Algarve, — em Monchique, a *Cintra* d'aquella abençoada região,—com surpresa notei que dão o nome de *pomares de castanheiros* aos grandes tractos de terreno que ali se vem povoados de *castinceiras* ou castanheiros baixos para côrte de madeira em periodos regulares de 3, 6 ou mais annos, segundo a applicação que tentam dar-lhes.

São *devesas* lindissimas, vastissimas, que só no Algarve se encontram, e no verão os caminhos que atravessam os dictos *pomares* ou *devesas*, como se denominam fóra de ali, são passeios encantadores, de que ainda me recordo e recordarei com saudade.

Tambem só no Algarve se vê o *copejar do atum*, semelhando touradas no mar, por vezes festas luzidas e muito concorridas, como as *ferras dos novilhos*, só se veem no Riba Tejo.

Ao sul da Beira Baixa tambem ha povoações denominadas *montes*.

V. *Zebreira*, freguezia de *Idanha a Nova*.

—

Fiquei pois attonito quando fui a Miranda do Douro e ouvi denominar *quintas* as povoações de *Aldeia Nova*, *Pena Branca*, *Val d'Agia* e *Palancar*, todas 4 pertencentes á freguezia de Miranda.

A 1.ª *quinta* já foi parochia independente; conta 52 fogos; tem uma egreja rasoavel com a invocação de *Santa Catharina*, sacrario, pia baptismal e *Santissimo* permanente. Dista de Miranda 6 kil. para N. N. E. e ali costuma ir hoje o parocho de Miranda dupplicar o sacrificio da missa nos domingos e dias sanctificados.[1]

A 2.ª *quinta* (*Pena Branca*) tem 18 fogos e uma capella de S. *Simão*.

Dista de Miranda 5 kilometros.

A 3.ª *quinta* tem 20 fogos e uma capella de *Nossa Senhora da Encarnação*.

Demora no caminho de Miranda para a *quinta* de Aldeia Nova, da qual dista apenas 1 kil. para S.

A 4.ª *quinta* (Palancar) tem 16 fogos e uma capella de *S. Jeronymo*.

Dista de Miranda 5 kil.

Ha tambem ua freguezia de Miranda do Douro mais 3 *quintas*, na accepção commum d'este termo, comprehendendo certos chãos e casas sómente para os feitores, caseiros e jornaleiros, abegoarias, etc.

São as quintas de *Rèfega*, *S. Pelaio* e *Valle do Carro*, pertencentes aos filhos de Manoel Paulo de Sousa, coronel d'engenheiros, fallecido nos principios do corrente anno de 1889 e que era o maior proprietario da villa e do concelho de Miranda.

—

Pelo ultimo recenseamento a freguezia e a cidade de Miranda contava 253 fogos e 1:072 habitantes; hoje conta mais alguns, mas, deduzindo a população rural das mencionadas quintas, vem a ter a cidade propriamente dicta apenas 150 a 160 fogos?!..

É hoje a cidade mais pobre e mais pequena de todo o nosso paiz, e longe de augmentar, diminue, pois em volta d'ella não se vê uma casa nova unica, mas sómento pardieiros negros e defumados, ameaçando os tranzeuntes;—o seu paço episcopal reduzido a paredes núas—e as suas muralhas e fortificações desmanteladas e em ruinas.

Cortat fios almae cuique videnti!...

É provavel que lhe dê alguma vida a projectada á já estudada linha ferrea do Pocinho a Zamora, mas quando se fará ella?

V. *Miranda do Douro* n'este diccionario e no supplemento, onde ampliaremos consideravelmente aquelle artigo com as notas da nossa carteira colhidas sobre o local.

Prosigamos.

—

A *quinta* de Zava é a unica povoação rural da freguezia e villa do Mogadouro, da qual dista 2:500 metros para S. O.

É povoação muito antiga; a tradição diz que foi cidade no tempo dos mouros e que então a villa do Mogadouro era uma pequena aldeia com o nome de *Maga*, tendo junto de si outra, denominada *Douro*, pelo que veiu a chamar-se *Magadouro*. O meu benemerito antecessor disse que ella tomou o nome de *Macaduron*,[1]—mas nós suppomos que os mouros a denominaram *Mogador*, como recordação da patria d'elles, pois *Mogador* é uma villa e castello de Marrocos, distante 5 milhas do occeano, junto do cabo de *Ozem*, ou *Ocem*,[2] e de um monte onde ha minas d'ouro e prata.

---

[1] Em 1757 contava 28 fogos e era curato da apresentação do réitor de Iffanes.

V. *Aldeia Nova do Azinhal*, tomo 1.º pag. 88, col. 2.ª

[1] V. *Mogadouro*, tomo 5.º pag. 353, col. 2.ª Nós tomamos conta d'este diccionario quando já ia em *Vianna do Castello: Suum cuique!...*

[2] *Hussein* tambem era nome arabe e d'elle com certeza proveiu o appellido nobre *Cem*, *Ocem* ou *Ossem*, que antigamente se usou em Portugal e tornou bem conhecido o lendario *Pedro Cem*.

V. *Nicolau* (S.) freguezia do Porto, vol. 6.º pag. 45, col. 1.ª e segg. — e *Santarem*, vol. 8.º pag. 488, col. 2.ª

Suppomos que lhe deram o nome de *Mogador*, como recordação da patria d'elles, assim como nós, quando povoámos o imperio do Brazil, fomos dando ás suas diversas povoações os nomes das povoações de Portugal. Outras tomaram o nome dos seus fundadores como em Portugal pelo mesmo motivo muitas povoações conservam ainda nomes arabes e godos. N'este diccionario ficam indicados bastantes, nomeadamente no art. *Vouzella*, e mais indicaremos no supplemento, pois já temos organisada uma extensa lista.

Suppomos por exemplo, que Alfandega da Fé tomou o nome de *Fez*; que *Villa Flor* primeiramente se denominou *Villa de Froyla* (nome godo)—depois *Villa Frol*—e por ultimo *Villa Flor*; que a povoação e freguezia de *Nabo*, concelho de Villa Flor, tomou o nome do mouro *Aben*, ou *Iben*, ou *Ben-Abu*; que a quinta de *Bensaude* do mesmo concelho de Villa Flor, tomou o nome de um mouro *Bensaud*;—que á villa de *Chaves*, *Aquae Flaviae* no tempo dos romanos, deram o nome os *chavios*, mouros da Barberia, pertencentes á provincia mais occidental do reino de Fez;[1]—e que a povoação e *quinta de Zava* tomou o nome do mouro *Zabda*,[2] etc., etc.

Prosigamos.

—

A mencionada *quinta* demora em sitio fertil e ameno, abrigada pelo enorme rochedo ou monte da *Penha de Zava*, que tem centos de metros de altura e differentes cavernas ou grutas naturaes, podendo abrigar-se em uma d'ellas mais de 500 cabeças de gado lanigero, que ali costuma pernoitar no inverno.

Tambem diz a tradição que nas dictas cavernas viveram os mouros, porque a *Penha de Zava* foi castello ou refugio d'elles.

No tempo das armas brancas era muito defensavel a dicta *Penha*[1] e estamos certos de que n'ella se refugiaram mouros e christãos,—godos e romanos,—leoneses e portuguezes,—celtas, iberos e celtiberos, pois de passagem diremos que este cantão foi habitado desde os tempos prehistoricos da *idade da pedra*.

Não longe d'aqui se encontram *dolmens* ou *antas*[2]—e possuimos 2 machados de pedra, encontrados por nós, um junto da cidade de Miranda, outro em Ventozello, freguezia d'este concelho do Mogadouro, quando iamos de Miranda para a Barca d'Alva, e soubemos que ali teem apparecido muitos, mas não lhes ligam importancia. O povo dá-lhes o nome de *pedras de raio*, como no Alemtejo e na Estremadura.

—

Junto da base do grande rochedo ha um poço, a que chamam *Poço dourado*, que era muito fundo e talvez tivesse galerias lateraes, mas hoje está quasi entupido com pedras que os rapazes por mero divertimento para ali arrojam.

No meiado d'este seculo a povoação ou *quinta* de Zava tinha apenas 4 familias; hoje tem cerca de 40 fogos; mas ali se tem encontrado vestigios de população maior e mais importante:—pedras lavradas e algumas ornamentadas, fragmentos de bahús de couro, grande quantidade de telha, moedas antigas, carvões, etc. não consta porem que

[1] V. *Zenetos* infra e no diccion. de Moreri.
[2] V. *Zabdas* no mesmo diccion. de Moreri.

[1] Parece um castello natural e recorda os pincaros do castello de Algoso a N. N. E.;—do de Outeiro a N.;— do de Anciães a S. O.;—o *Monte do Faro* a S. O. tambem, junto de Villa Flor,—e o pincaro proximo, onde pompeia o formoso e vistoso sanctuario de *Nossa Senhora da Assumpção*, hoje o 1.º sanctuario da provincia transmontana.

V. *Villas Bôas*, tomo 11.º pag. 1:402 a 1:408, onde se encontra uma minuciosa descripção d'aquelles dois pincaros e do formoso santuario.

[2] V. *Villarinho da Castanheira*, tomo 11.º pag. 1:342, col. 2.ª, onde indicámos 3 dolmens.

ali jámais se fizesse exploração regular nem fosse alguem estudar aquellas velharias.

Chamamos para a *quinta de Zava* ou do *Zabda* a attenção dos archeologos.

—

O chão da mencionada *quinta* é, como já dissemos, ameno e fertil,—muito abundante d'agua saborosa, e produz cereaes, boas peras e maçans, etc.

Consta que a dicta povoação foi outr'ora freguezia.

Tem no centro uma capella de *Nossa Senhora do Rosario* e cerca de 200 metros para o nascente outra de *Santo Amaro*, que talvez fosse a velha matriz, pois ainda tem pía baptismal, onde se baptisam as creanças da povoação, — pia singela, mas elegante, muito antiga e volumosa. Póde receber mais de 100 litros d'agua.

A capella é humilde e pequena e hoje só ali se celebra no dia da festa e romagem de *Santo Amaro*,—a 15 de janeiro.

Curiosa estatistica

O concelho do Mogadouro pelo censo de 1878 conta 34 freguezias com 3:813 fogos e 16:042 habitantes,—e em 1796, segundo se lê na *Descripção da Provincia de Traz os Montes* pelo dr. Columbano Pinto Ribeiro de Castro, juiz demarcante da dicta provincia,[1] o concelho do Mogadouro contava 1:630 fogos e 5:641 habitantes, sendo homens 2:761, mulheres 2:880, padres seculares 51, frades 12, pessoas litterarias 3, sem occupação 42, cirurgiões 7, barbeiros 8, boticarios 1, lavradores 621, jornaleiros 367, fabricantes de courama 11, alfaiates 40, sapateiros 77, carpinteiros 45, pedreiros 10, ferreiros 18, ferradores 3, almocreves 33, pastores 78, criadas 99, criados 120, moleiros e negociantes —*nem um*?!»..

[1] Codice n.º 486 da *Bibl. Mun. do Porto.*

—

Terminaremos dizendo que este concelho do Mogadouro alem da *quinta da Zava* tem outras muitas aldeias ou povoações denominadas *quintas*, taes são:

—*Quebradas*, na freguezia de Castello Branco.

Demora em sitio lindissimo na estrada de Mogadouro a Moncorvo e tem cerca de 40 fogos.

—*Villar Secco* e *Porraes*, na freguezia de Castro Vicente.

No tempo de Carvalho a 1.ª tinha 20 fogos e a 2.ª 16.

—*Medal*, na freguezia de Meirinhos.

—*Salgueiro*, na freguezia de Paradella.

—*Granja*, na de Penas Roias.

—*Santo Antão*, na de Remondes.

—*Granja* e *Gregos*, na de Saldanha.

—*Viduedo*, na de *S. Paio*.

—*Linhares*, na de Soutello.

—*Figueira*, na de Travanca.

—*Xaras*, na de Thó.

—*Souto*, *Santo André* e *Roca*, na de Valverde.

—*Paçô* e *S. Thiago*, na de *Villa d'Ala*.

—*Villariça*, *Velariça* ou *Velarisca*, na de Variz.

Dizem que esta ultima *quinta* já foi freguezia propria, pelo que tanto esta como todas ou quasi todas as outras *quintas* d'este concelho e do de Miranda se denominam tambem *annexas*,—parochias extinctas, annexadas a outras.

No concelho de Moncorvo tambem ha muitas povoações ou aldeias com o mesmo nome de *quintas*.

ZAVALCHEN — Assim era denominado entre os mouros o magistrado que decidia as suas causas e fazia dar execução ás sentenças—e só elle podia authenticar com a sua firma qualquer instrumento.

Vem de *Zaval*, que corresponde ao latino *Dominus*,—*e archen*, *judiciorum*, por ser entre elles *Dominus judiciorum*.

Acha-se nos documentos de Hespanha.

ZAVALMEDINA, ZAHALMEDINA, ZALMEDINA, *Çahalmedina* e *Salmedina*, — vocabulos frequentes nos documentos de Hespanha até o sec. XIII.

Era o pretor da cidade, a quem pertencia por commissão do principe ou do *rico-homem* todo o governo politico e civil da respectiva povoação.

Denominava-se em latim *Vice-Dominus Civitatis.*

ZEBRA—animal como a mula, cinzento e com raias negras pelo corpo. Vem da Africa e talvez introduzido pelos mouros, abundou outr'ora em alguns pontos do nosso paiz, como provam as differentes terras, aldeias, casaes e quintas que ainda hoje conservam os nomes de *Zebra, Zebral, Zebras, Zebreira, Zebrinho, Zebro* e *Zebros.*

Viterbo no *Elucidario* art. *Zevro,* diz que outr'ora *Zebro* e *Zebra* significavam *boi* ou *vaca, novilho* ou *vitella,* e cita em favor da sua opinião o foral de Lisboa de 1179, no qual se lê o seguinte:

Dent de foro de vaca I denarium, et de zevro unum denarium. De coriis boum vel zevrarum, vel cervorum dent medium morabitinum.

Em vulgar: «Paguem de fôro por cada vacca um denario e por cada zebra um denario. Dos couros dos bois, ou das zebras, ou dos veados deem meio morabitino.»

Do exposto se vê que o foral não *confunde* mas *distingue*—os bois, as zebras e os veados, pelo que Viterbo, *cuja memoria muitissimo respeitamos,* n'este ponto claudicou. Assim o advertiu já tambem o sabio João Pedro Ribeiro, pois em uma nota d'elle ao mesmo artigo se lê na 2.ª edição do *Elucidario*:

«*Zevro, Zebro,* ou *pedra zebral* nada tem com gado vaccum. É um animal bem conhecido, e que entre nós em outros tempos era vulgar, dando-se comtudo ás suas pelles mais valor que ás dos outros animaes. A Africa é que hoje abunda na sua creação.»

ZEBRAL—portuguez ant.—peso de pedra, assim denominado.

O foral de Céa de 1136 diz: «. . . o Carniceiro dê dois lombos de porco e de boi ou vaca huma *pedra zebral.*» Livro dos Foraes velhos.

«Eu me persuado (diz Viterbo) que por esta *Pedra zebral* se entende o peso de uma arroba, que particularmente servia para se pesar no açougue a carne de vaca; pois não julgo os Portuguezes d'aquelle tempo tão anatomicos, que procurassem a pedra, que se gera no boi, ou vaca, á qual chamam *ovos de vaca,* e he *pedra bazar,* ou *Pazahar,* a que se attribuem grandes virtudes contra venenos, e algumas outras enfermidades.»

Digam os sabios da escriptura
Que segredos são estes da natura?! . . .

ZEBRAL—aldeia da freguezia de Ruivães, concelho e comarca de Vieira.

V. *Ruivães,* tomo 8.º pag. 258, col. 2.ª

A dicta aldeia é muito antiga e n'ella tocava uma das duas estradas romanas de Braga para Astorga por Chaves.

V. *Villarinho do Arco,* tomo 11.º pag. 1:326, col. 2.ª e seguintes, onde descrevemos as dictas estradas, indicando o traçado de cada uma d'ellas a pag. 1:328—e as povoações em que tocavam, tal era a de *Zebral.*[1]

Segundo se lê na *Corogr. Port.* a dicta povoação em 1706 contava 28 fogos e segundo diz Argote nas *Mem. de Braga,* tomo 2.º pag. 575, 580, 587 e 633—e tomo 3.º pag. 195 e 202, é innegavel que passou por ali uma das ditas estradas romanas, e aponta dois fragmentos de marcos milliarios que ali appareceram.

«No logar do *Zebral* (diz elle) na estrada de Braga para Chaves, estão dois Padroens, hum quebrado que está ao pé da capella de S. Martinho, e tem de comprido dois palmos e meio, e oito de grosso, com as letras seguintes:

Esar. aug
str. XVIII

«O outro está em huma parede junto da capella, e tem nove palmos de comprido, e de grosso oito, tambem com estas letras:

---

[1] Rectificação.
No artigo cit. pag. 1:227, col. 2.ª *in fine,* em vez de *Portugalliae Monumenta* leia-se *Portugalliae Inscriptiones.*

Caesar. aug.
imp. V. pot.
III

«Ambos os sobreditos he certo, erão columnas e medidas de caminho; mas não se póde colligir a que Emperador se dedicarão.»

—

Estas mesmas inscripções se encontram sob os n.os 136, 137 e 146 no ***Portugalliæ inscriptiones romanæ*** de Levy Maria Jordão —e mais 5 da dita estrada se encontram no art. *Sanguinhedo*, tomo 8.º pag. 393, col. 1.ª e segg. alem d'outras muitas apontadas nos art. *Braga, Chaves, Villarinho do Arco*, etc. etc.

ZEBRAS—aldeia de Traz os Montes, visinha da de *Val d'Egoa* e da de *Santarem*, —segundo diz Argote, nas suas *Memorias de Braga*, tomo 2.º pag. 496,—accrescentando que na dicta aldeia de Santarem se encontravam ruinas de uma grande povoação romana.

V. *Santarem* (sitio) vol. 8.º pag. 444, col. 2.ª

Não sabemos com certeza a que freguezia pertencem aquellas 3 aldeias.

Na provincia de Traz os Montes não conhecemos aldeia alguma denominada *hoje* Santarem.

Com o nome de *Zebras* ha n'aquella provincia uma aldeia, pertencente á freguezia de *S. Nicolau dos Valles*, concelho de Val Paços,[1] —e parece que Argote se refere á dicta aldeia, porque a dicta parochia é limitrophe e visinha da de *Jou*, na qual se encontra uma aldeia com o nome de *Val d'Egoa*[2]—e são estas as *unicas* aldeias assim denominadas na provincia de Traz os Montes, mas Argote diz que distam de Chaves 4 legoas—*não muito para a parte do Sul*, emquanto que as freguezias de *Valles* e *Jou* distam de Chaves cerca de 33 kil. para S. S. E.—quasi na linha *Sul*.

—

Nós já passámos a meio d'ellas em setembro de 1883, indo de Chaves para Mirandella por Carrazedo de Montenegro e Franco, pois demoram entre estas duas freguezias ultimas. Deixámos a dos *Valles* á esquerda—e a de *Jou* a direita.

Jou dista de Carrazedo 10 kil. para S. e do Franco 5 para N. O.—A freguezia de *S. Nicolau dos Valles* dista de Carrazedo cerca de 12 kil. para S. S. E.; 7 do *Jou* para E. S. E.;—5 a 6 da povoação e freguezia do *Franco* para N., mettendo-se de permeio a *Serra de Santa Comba*,—e 15 de Mirandella para O.

A povoação ou aldeia de *Zebras* parece que foi outr'ora freguezia independente e dista da matriz de *S. Nicolau dos Valles* 2:500 metros para S. O.

Na pendente N. da Serra de Santa Comba—talvez no termo da freguezia dos *Valles*—vimos nós claros vestigios de castellos e fortificações, mas distavam alguns kilometros do caminho que seguiamos,—era tarde,—iamos em um cavallo d'aluguel aberto dos peitos, que já tres vezes havia caido por terra comnosco e por isso não nos apeámos nem fomos visitar aquellas ruinas, que talvez fossem as indicadas por Argote?!...

Com relação á triste e pobre aldeia e freguezia do *Franco*—veja-se o art. *Villa Boa*, tomo 11.º pag. 667, col. 2.ª *in fine*—e *Franco* n'este diccionario e no supplemento, onde daremos noticias curiosas e *horrorosas* d'aquella freguezia, onde pernoitámos, tremendo com medo!...

É um covil de desordeiros e assassinos.

—

Tem uma feira muito antiga, na qual tem havido muitas desordens, muita pancadaria, ferimentos e mortes e poucos mezes depois de nós ali estarmos, deu-se no Franco o facto seguinte:

Um homem da localidade teve certa altercação com um filho do regedor e deu-lhe

---

[1] V. *Valles*, tomo 10.º pag. 177, col. 2ª. *in fine*.
[2] V. *Jou*, tomo 3.º pag. 420, col. 1.ª

uns bofetões. O regedor immediatamente reuniu os seus cabos de *policia* (?); assaltou com elles a casa do tal homem; arrombaram-lhe a porta a machado e deram-lhe 18 tiros á queima-roupa, matando-o barbaramente. E esteve insepulto alguns dias, porque o regedor disse ao parocho que lhe fazia o mesmo, se fosse acompanhar o cadaver do pobre homem. Foi sepultado por algumas mulheres da mesma povoação, passados dias.

E note-se que o Franco não está em sitio ermo. Demora na estrada real a macadam de Villa Real a Mirandella e Bragança,—e dista de Mirandella, séde do concelho e da comarca, apenas 15 kil. para O. S. O.

Vade retro!...

Terminaremos dizendo que em 1706 as freguezias de *Valles* e *Jou* pertenciam ao termo e concelho da villa de *Chaves* (?) e contavam *in illo tempore*: a povoação de *Val d'Egoas* 8 fogos—e a de *Zebras* 16, como diz Carvalho na *Corogr, Port.* tomo 1.° pag. 509.

ZEBRAS e *Torre*— freguezia do concelho e comarca do Fundão, districto de Castello Branco, diocese da Guarda, provincia da Beira Baixa.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Curato.

Em 1708 era da apresentação do vigario de Castello Novo—e contava apenas 20 fogos.

Em 1768 era curato da mesma apresentação; rendia para o cura 12$000 réis, alem do pé d'altar—e contava 82 fogos.

O *Flaviense* em 1852 deu-lhe 43 fogos Hoje não sabemos qual a sua população, porque foi annexada civilmente á de *Orca* e os censos de 1864 e 1878 uniram a população das duas.

V. *Orca*, tomo 6.° pag. 291, col. 1.ª

A povoação de *Zebras* demora na m. e. do rio Alpreade, do qual dista 1 kil. para E. e 20 da villa do Fundão para S. S. E.

Comprehende esta parochia algumas azenhas no rio Alpreade até á distancia de 5 kilometros—e tambem comprehendeu e não sabemos se comprehende ainda uma aldeia, denominada *Torre*.

Junto da povoação de *Zebras* ha uma fonte d'agua sulfurea fria, com o nome de *Fonte Santa*.

O rio *Alpreade* vem da serra da *Gardunha* e com a ribeira de *Ceife*, que vem de Penamacor, formam o rio *Ponsul*, que morre na m. d. do Tejo.

V. *Alpreade* e *Ponsul*.

Esta freguezia pertenceu ao concelho de Alpedrinha até 1885, data em que foi extincto aquelle concelho e a pobre freguezia passou para o do Fundão.

ZEBREIRA — villa extincta, hoje simples freguezia do concelho e comarca de Idanha a Nova, districto de Castello Branco, bispado de Portalegre, provincia da Beira Baixa.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Vigairaria.

Fogos 486, habitantes 2:150, comprehendendo a extincta parochia de *Toulões*, sua annexa.

Em 1708 pertencia ao bispado da Guarda, comarca, corregedoria e provedoria de Castello Branco; era villa dos *Manoeis*, condes de Villa Flor, seus donatarios, mas vigairaria da apresentação da O. Ch.—e contava 136 fogos.

Em 1768 era villa e vigairaria do mesmo bispado e da mesma comarca, mas da apresentação da corôa pelo tribunal da mesa da consciencia; rendia para o vigario 40$000 réis, afora o pé d'altar—e contava 190 fogos.

O *Flaviense* em 1852 (tendo já annexa a freguezia de Toulões) deu-lhe 297 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 386 fogos e 1:475 habitantes, no que não ha proporção porque 386 fogos deviam dar pelo menos 1:600 habitantes.

O censo de 1878 deu lhe 400 fogos e 1:532 habitantes, no que tambem não ha proporção, porque os 400 fogos deviam dar pelo menos 1:700 habitantes.

Hoje (1889) segundo os apontamentos que recebi da localidade tem, como já disse, 486 fogos e 2:150 habitantes, comprehendendo, como já comprehendia em 1852, o *monte* ou povoação (freguezia extincta) de *Toulões* com 70 fogos, — o *monte* (aldeia ou povoa-

ção) de *Val de Cardas* com 8 fogos — e a povoação da *Zebreira* com 408 fogos.

—

O *monte* (aldeia) de *Toulões* dista da Zebreira 8 kil. para N. N. E. e suppomos que primitivamente se denominava *Tourões*, de *tourão*, sacarrabo, bicho que come gallinhas, porque talvez outr'ora ali abundassem aquelles bichos.[1]

Tambem suppomos que a freguezia e povoação da *Zebreira* foi assim denominada, porque no seu termo outr'ora talvez abundassem *zebras*, como ainda hoje abundam lobos, javalis, tourões, raposas e outros animaes damninhos, bem como bois, vaccas, porcos e gado de toda a especie.

Para evitarmos repetições, vejam se os artigos supra—*Zebro* e *Zebras*, freguezia extiucta, annexa á de *Orca* no concelho do Fundão, vizinho d'este de Idanha a Nova—e, segundo me consta, ainda no termo e a N. da *Zebreira* ha um sitio denominado *Zebro*, que tambem corrobóra a minha opinião.

Carvalho e outros denominaram esta parochia *Zibreira*, mas a denominação mais correcta, vulgar e official é *Zebreira*.

Nós temos tambem varias povoações e uma freguezia denominadas *Zibreira*, mas suppomos que este nome provem de *azinho* muito impropriamente e talvez *corrupto vocabulo* tambem denominado *zimbro*, que abunda ou abundou n'aquelles sitios e abunda n'esta parochia.

V. *Azenhal*, *Azinha*, *Azinhoso*, *Zibreira* e *Zimbro*.

—

A povoação da *Zebreira* demora em sitio alto, alegre e muito vistoso, entre os rios *Elga* e *Aravil*, confluentes do Tejo,—na velha estrada de Idanha a Nova para a villa e ponte de Segura e na estrada nova a macadam (real, n.º 16) de Abrantes a Salvaterra do Extremo.

Dista do *Aravil* 7 kilometros para E.; 9 da ponte de Segura ou do *Elga* para O.N.O.; 15 de Salvaterra do Extremo para O. S. O.; 20 de Idanha a Nova para S. E.; 44 de Castello Branco; 118 de Portalegre; 150 da estação d'Abrantes na linha ferrea de Leste; 305 de Lisboa e 408 do Porto.

Este trajecto deve soffrer alguma modificação e tornar-se mais commodo, logo que se abra ao transito a linha da *Beira Baixa* prestes a concluir-se e que toca em Castello Branco.

—

Esta parochia da Zebreira tem uma area vastissima, depois que lhe annexaram a freguezia de Toulões. Actualmente as suas parochias limitrophes são as seguintes: —Segura a 8 kil. para E. S. E; Rosmaninhal a 15 kil. para S.; Alcafozes a 15 kil. para N. N. O.; Salvaterra de Extremo a 15 kil. para E. N. E.; Idanha a Nova a 20 para N. O. e Ladoeiro a 20 para O. S. O.

O seu chão é bastante secco, mas fertil. Banham-na a O. o rio Aravil e os ribeiros de *Calacú* e *Toulico*, nos quaes a 3 kil. da Zebreira tem 2 moinhos que trabalham apenas alguns dias no rigor do inverno, pois na estiagem aquelles ribeiros somem-se e na primavera e outomno são microscopicos; mas differentes proprietarios da *Zebreira* teem moinhos e azenhas no Elga, onde moem o pão que se gasta na freguezia.[1]

Producções dominantes:—cereaes de pra-

[1] V. *Toulões*, vol. 9.º pag. 701, col. 2.ª
Do exposto se vê que na Beira Baixa tambem temos *aldeias* ou povoações denominadas *montes*, como no Alemtejo, sendo algumas bastante populosas. V. *Zava* e *Villa*.

[1] Note-se que alguns annos na estiagem o proprio *Elga* e o *Aravil* seccam completamente! Apenas ficam de longe em longe alguns charcos e poços onde lavam a roupa e se banham os cevados. Morre muito gado ovino e caprino com sede; damnam se muitos lobos e cães por falta d'agua—e os habitantes da Zebreira e de Salvaterra do Extremo vão até 8 a 10 legoas pela Hespanha dentro para moerem o pão?!...

gana—trigo, centeio, cevada e aveia. Milho, pouco.

Tambem produz algum azeite, mas podia e devia produzir muito mais, porque no seu chão as oliveiras desenvolvem-se admiravelmente, conservando-se sempre viçosas e muito vigorosas sem ferrugem ou qualquer outra doença,—attingem proporções colossaes e o fructo é de excellente qualidade e *muito volumoso*! Talvez maior do que a azeitona d'Elvas e de Sevilha, pelo que nos ultimos annos tem augmentado bastante a plantação dos olivedos.

Tambem produz algum vinho, maduro e de boa qualidade, e podia e devia ser tambem o vinho uma das suas producções dominantes, ou mesmo a *principal*, porque no seu chão é *pasmosa* a vegetação das videiras. A producção não corresponde à vegetação, talvez por não serem apropriadas ao solo as castas das videiras e a sua poda e empa, mas nos ultimos annos tem augmentado tambem bastante a plantação dos vinhedos.[1]

Depois dos cereaes a riqueza maior d'esta freguezia é a creação de gado de *toda a especie*:—ovino, bovino, cavallar e azinino, caprino e *suino*, pois tem alguns montados d'azinho, cuja producção é *espantosa*!

Deve crear aproximadamente por anno 150 jumentos, 250 bois, 1:000 cabras, 1:000 porcos e 2:000 ovelhas.

Tambem colhe algumas batatas; tem 3 azenhas para o fabrico do seu azeite, movidas por gado,—e nos seus montes muita caça grossa e miuda:—lebres, coelhos, perdizes, gamos e veados, lobos, raposas, fuinhas, tourões, javalis, batardas ou abetardas, abutres, aguias e *muitas cegonhas*, que são a limpeza dos campos e searas e costumam fazer o ninho sobre os campanarios e torres e sobre os rolheiros de pão.

Do exposto se vê que esta parochia tem muitos elementos de riqueza e um auspicioso futuro, e deve prosperar bastante com a nova e recente estrada a macadam para Castello Branco e para Salvaterra do Extremo, onde se liga a outras da Hespanha. Além d'isso os seus habitantes são bem morigerados, pacificos, affaveis e doceis, muito trabalhadores e muito respeitadores das leis divinas e humanas.

—

A tradição diz que esta villa é relativamente moderna e oriunda de Idanha a Nova. Narra a sua fundação do modo seguinte:

Os habitantes de Idanha a Nova, tentados pela fertilidade e belleza d'este chão denominado Zebros *in illo tempore*, trataram de o agricultar e, como ficasse distante, aqui fizeram algumas pobres cabanas para se abrigarem da intemperie e recolherem e guardarem os seus gados, os seus generos e os utensilios da lavoura.

Com o tempo augmentou a dicta colonia; as pobres choupanas foram substituidas por casas e assim se formou um povoado que do primitivo nome de *Zebros* se denominou *Zebreira* e chegou a ser villa e séde de concelho com justiças proprias. Em 1833 com a extincção dos donatarios perdeu aquellas preeminencias, mas ainda conserva como padrão de gloria a velha casa da camara, a cadeia e o pelourinho e, se hoje não é villa e séde de concelho, é a freguezia mais populosa e mais importante do concelho e da comarca, depois de Idanha a Nova.

Extincto o seu concelho, passou para o de Salvaterra do Extremo até 24 d'outubro de 1855, data em que se extinguiu aquelle concelho tambem e passou para o de Idanha a Nova, a cuja comarca pertencia desde a or-

---

[1] O districto de Castello Branco produz muito pouco vinho, *porque o não cultivam*, pois na maior parte do districto, — exceptuando as grandes altitudes das serras — a vinha dá-se bem e o vinho é maduro e bom. Dos seus 12 concelhos o que mais vinho actualmente produz é o de Penamacor, —*Bairrada da Beira Baixa*.

Os vallados para a plantação da vinha na *Zebreira* são abertos a picareta — e as terras de cereaes, por serem pouco fundas, são quasi todas lavradas por jumentos, cavallos e muares, que tiram pequenos arados.

ganisação da nova magistura e extincção dos provedores e corregedores.

Ecclesiasticamente pertenceu ao bispado da Guarda até 1771, data em que se creou o bispado de Castello Branco, ao qual ficou pertencendo até 1882, data em que pela nova organisação das dioceses se extinguiu a de Castello Branco e ficou pertencendo á de Portalegre.

—

Ainda se vê na Praça a casa da camara e o pelourinho.

A casa da camara era humilde e n'ella estão hoje a escola de instrucção primaria do sexo masculino e o tribunal do juiz ordinario.

A casa que servia de cadeia foi transformada em uma torre, na qual pozeram um relogio, que actualmente existe.

O pelourinho tem na base a data—*1686*—e termina em forma de pyramide quadrangular, tendo em uma das faces em relevo 2 leões e 2 braços armados de cutello; na face opposta uma esphera armillar; em uma das outras faces um braço com um cutello e um escudo encimado por uma corôa;—na face restante uma flor, que parece um amor perfeito.

A corôa e a flor muito provavelmente alludem aos *condes de Villa Flor*, outr'ora donatarios da villa.

Herdades e montes

Comprehende esta parochia a grande herdade de *Soude* e os *montes* (aldeias) de *Toulões* e *Val de Cardas*.[1] O 1.º foi parochia; o 2.º pertencia aos antigos fidalgos *Pancas*, de Lisboa, e hoje pertence ao visconde de Morão, Francisco José Morão, de Castello Branco.

A herdade de *Soude* consta de 3 *folhas* e pertenceu a uma senhora, que a deixou ao collegio da Madre de Deus da cidade de Evora. Hoje pertence á fazenda nacional, mas sómente o direito *dos pastos*, desde 29 de setembro até o dia 10 de março seguinte—e o dos *agostadouros* (?) da primavera e do verão,—bem como o direito de receber como recebe, de cada lavrador visinho 2 alqueires (61 litros) meiados, de trigo e centeio, a titulo de renda do pão que cada um ali semeia.

Os lavradores visinhos teem direito á fruição de tudo o mais que contem e produz a dicta herdade, comprehendendo os pastos desde 29 de setembro até o dia 10 do mez de março seguinte, mas somente os pastos da *terça parte* do terreno que no inverno se ha de alqueivar, pois como já dissemos, a dicta herdade anda dividida em *tres folhas*.

Do que muito summariamente fica exposto se vê que é muito complicada a fruição da dicta herdade.

Se o povo da Zebreira não fosse tão docil e pacifico, não faltariam desgostos, desordens e demandas — e teria acabado ha muito semelhante anomalia!...

Largos, praças e ruas,—fontes, poços e feiras

A villa da Zebreira demora em sitio relativamente alto, mas pouco ingreme, terminando em planura com cerca de 387 metros de altitude sobre o nivel do mar, como indica a sua pyramide geodesica, muito proxima.

A povoação está no meio de dois campos espaçosos e foi outr'ora defendida por um castello, mandado fazer por el rei D. João IV no tempo da guerra da restauração,—castello hoje desmantellado e em ruinas.

Não tem edificios notaveis. Os seus templos todos são humildes e a casa melhor, posto que bastante modesta, é a do visconde de Morão.

As ruas principaes são as seguintes :—Espirito Santo, Castello, Gorrão, Nova de S. Sebastião, Terreiro, Porta, Fragua, Curral, Velha de S. Sebastião, Aviceiro, Amoreira e 2 largos:—Adro e Praça.

A leste, ou do lado da Hespanha, tem um

---

[1] Comprehende tambem as quintas de *Tapada do Fidalgo* e *Lagôinha*.

bom campo—e do lado oeste outro campo, muito mais espaçoso e muito mais bonito.

O 1.º denomina-se *A Nave* e é uma formosa planicie, mas nua e com pequeno horisonte, por estar em sitio baixo. Este campo é logradouro commum e n'elle ha 4 rodas de fazer louça ordinaria e 3 fornos para cozer a mesma louça. Tambem ali se fabríca telha e se coze em dois fornos particulares e um parochial.

São estas as unicas industrias da Zebreira.

Ha tambem n'este largo (a O.) uma capella de S. Sebastião—e junto do caminho que vae para Segura e Salvaterra do Extremo ha uma pequena lagôa, que se alimenta d'aguas pluviaes—grande fóco de infecção!...

—

O outro campo denomina-se *Devesa* e é um dos campos mais formosos e mais espaçosos que se encontram na provincia.

Está todo povoado de azinheiras publicas e oliveiras particulares,—e é muito plano e muito vistoso. D'elle se descobre um largo horisonte e um panorama lindissimo : — as serras da Estrella e da Gardunha e outras muitas de Portugal e da Hespanha, bem como uma larga e vistosa campina e muitas povoações hespanholas e portuguezas, taes são Idanha a Nova, Castello Branco e alem da raia Penafiel, Pedras Alvas, etc.

Ha n'este campo, do lado da villa (nascente) uma capella de *Nossa Senhora da Piedade*—e do lado sul um poço publico e quadrilongo de 7 metros de comprido e 5 de largura com guardas de pedra e agua nativa potavel, mas salobra. E' optima para o gado, porque tem a virtude de expellir as sanguesugas que estejam presas na bocca ou na garganta dos animaes que a bebem.

Este campo é tambem publico e n'elle se fazem as feiras da villa, que são 3 e muito antigas, outr'ora *francas* e muito importantes,—nos dias 7 de março,—1.º de junho—e 7 de setembro.

Além dos mencionados poços da *Nave* e da *Devesa* tem a villa mais os seguintes:

—*Fontão*, a N. e distante da Zebreira 150 a 200 metros.

—*Poço do Concelho*, a E. e distante 30 a 40 metros.

—*Fonte de Baixo*, para o lado da egreja e distante cerca de 100 metros.

—*Fonte Nova*, do lado sul e distante pouco mais de 100 metros tambem.

Esta ultima nascente nunca se esgota, mesmo nos annos mais aridos.

Templos

1.º *Egreja matriz.*

Tem de comprimento 25 metros, 9 $^1/_2$ de largura e 6 de altura. Já não comporta a população da freguezia, pelo que vão restaural-a e amplial a.

E' singela mas decente e suppõe-se que foi construida em 1694, porque sobre a porta principal se vê gravada aquella data.

Consta que é a 2.ª matriz, feita em substituição da 1.ª, que foi a capella do *Espirito Santo.*

Demora a leste e na extremidade da villa, mas ainda cercada de casas e olhando para N. com duas portas lateraes — uma a E. outra a O. e tem contigua uma torre de campanario.

Pouco depois da guerra da peninsula, por descuido do sachristão arderam a capella-mór e a tribuna. Tractaram logo de as restaurar, mas, como ao tempo a villa estava muito pobre por causa da guerra, venderam parte do campo da *Nave* e com o seu producto fizeram as obras, que por isso mesmo ficaram singelas.

A povoação actual demanda uma matriz muito ampla.

2.º *Capella do Espirito Santo*, — a velha matriz.

Tem de comprimento 34 metros e 3 $^1/_2$ d'altura. Está em ruinas e profanada e ignora-se a data da sua fundação.

Demora ao sul da villa, na rua do *Espirito Santo*, que tomou o nome da dicta capella, talvez o 1.º templo da localidade.

3.º *Capella de S. Sebastião.*

Tem 28 $^1/_2$ metros de comprimento e 3 $^1/_2$ d'altura e suppõe-se que foi feita no anno

de 1668, porque na padieira da porta de entrada (não tem outra) se vê gravada a cinzel aquella data.

Demora, como já dissemos, no campo da Nave;—não tem rendimento algum proprio e é administrada por uma mordomia que festeja o martyr todos os annos com esmolas dos fieis.

4.° *Capella de Nossa Senhora da Piedade.*

Demora na *Devesa*, como tambem já dissemos; — tem 10 metros de comprimento; 3 ½ d'altura e um alpendre com 7 metros de comprimento, 4 ½ d'altura—e vistas esplendidas.

Foi feita em 1827 ou 1828 com esmolas que para a dicta construcção pediu *Leonardo Chaves* d'esta villa da Zebreira, — e a imagem da Senhora foi offerecida por *Manuel Chaves*, pae do fundador da capella.

Deus os tenha em bom logar.

5.° *Capella de S. Pedro.*

Demora no *Castello*, a montante e no ponto mais alto da villa, pelo que é a mais vistosa de todas.

D'ali se descobrem as serras da Estrella, de Marvão e da Gardunha em Portugal e outras muitas da Hespanha, bem como differentes povoações hespanholas e portuguezas: — Idanha a Nova, Alpedrinha, Castello Branco, Castello Novo, Covilhã, Penamacor —e além da raia Peñafiel, Penas Alvas, etc.

Costumam festejar todos os annos a padroeira da villa—*Nossa Senhora da Conceição*—bem como Santo Antonio, antigo padroeiro de Toulões, a Senhora da Piedade, o Espirito Santo e S. Sebastião.[1]

Tambem na segunda feira de Paschoa em cumprimento de um voto costumam ir com um *clamor* á capella de S. Domingos, no termo do Rosmaninhal — e á volta, no sitio de *Villares*, a meia distancia entre a Zebreira e a dicta capella, distribue-se pão e vinho aos romeiros,—tudo em cumprimento do mesmo voto, que é muito antigo.

A festa de Santo Antonio tambem se faz em cumprimento d'outro voto, mas muito mais recente, cuja explicação vamos dar, porque é interessantissima e faz tremer a alma!...

Ouçam, ouçam:

—

Em 1841 no *monte* (aldeia) de Toulões, um lobo no espaço de dois mezes devorou muitas pessoas, a primeira das quaes foi uma rapariga de 16 annos. Da pobre victima apenas se encontrou o craneo com alguns cabellos e os pés já corroidos.

Das muitas pessoas que a fera acommetteu apenas poderam salvar-se dois homens. A um d'elles deu-lhe tal dentada que lhe arrancou metade dos ossos do craneo, os medicos porém conseguiram substituir aquella parte da caixa craneana por um *caseo de botelha*?!... E assim viveu ainda mais de 20 annos, sempre com saude e como se nada tivera soffrido?!...

Emquanto a fera se entretinha com aquelle infeliz, um companheiro d'elle pôde subir para uma arvore milagrosamente, pois o lobo com um salto ainda lhe apresou o gabão que levava sobre os hombros e o fez em tiras. Entretanto o homem gritou e acudiram differentes pessoas que afugentaram a fera e salvaram aquelles dois infelizes.

O lobo era mais que matreiro!

As auctoridades do concelho tomaram energicas providencias. Mandaram envenenar carne e espalhal-a pelos campos e montes; fizeram monterias; pagaram a caçadores destemidos que esperaram a fera em *aguardos* proprios, collocando diante d'elles como negaça ou chamariz alguns rapazes; mas o maldito lobo nunca appareceu nem cahiu nos laços. O povo já dizia que não era lobo, mas o *peccado*, e em tão grande consternação e afflicção recorreram ao patrocinio de *Santo Antonio* e prometteram festejal-o todos os annos, se os livrasse da mal-

[1] As festas principaes são: a do *Espirito Santo*, sempre seguida de tourada, depois da funcção religiosa, — e a da *Senhora da Piedade* no dia 8 de setembro, havendo por essa occasião fogo d'artificio preso e solto, *ramo*, grande arraial e muitos descantes e danças que descreveremos no topico final:— *costumes e preconceitos.*

dita fera. E, ou fosse acaso ou milagre, é certo que feito o voto o lobo não mais appareceu nem se registraram mais victimas.

Passados dias encontraram-se 3 lobos mortos, talvez por haverem comido a carne envenenada, mas o povo convenceu-se de que só devia a *Santo Antonio*, orago de Toulões, o desapparecimento da fera. Tractou de cumprir o voto e até hoje (1889) tem festejado o thaumaturgo todos os annos.

—

Ha n'esta freguezia duas aulas de instruc-primaria para os dois sexos.

O clima é irregular: — frio no inverno e abrasador no estio, mas durante a estiagem apparecem interpoladamente dias e noites frios, o que produz febres intermittentes ou sesões, molestia predominante n'esta freguezia, devida tambem á sua agua potavel, que podia ser melhor.

O cemiterio parochial demora ao sul da Zebreira e dista da egreja matriz cerca de 600 metros. Foi feito em 1867, data em que os typhos aqui pesaram cruelmente e fizeram muitas victimas.

Os medicos entenderam que a epidemia era alimentada pelos miasmas do pequeno cemiterio, que então estava no sitio de S. Pedro, junto das ruinas do castello, a N. da villa, pelo que o inutilisaram,—cobriram-no de cal virgem e fizeram o actual, que é bastante espaçoso e está em boas condições de hygiene.

Ha n'esta parochia jazigos de differentes minerios, que já foram registrados, mas não explorados.

Ao nascente da villa e distante cerca de 2 kilometros se ergue o *Cabeço vermelho* no ponto culminante da localidade.

É ali que está a pyramide geodesica mencinada supra, na altitude de 387 metros sobre o nivel do mar.

Os 3 maiores proprietarios d'esta freguezia na actualidade são os seguintes: — Visconde de Morão, dr. Alegre e Valentim Mendes de Carvalho.

Os habitantes d'esta freguezia fallam muito correctamente o portuguez e o hespanhol, em quanto que os raianos da Hespanha fallam pessimamente o portuguez.

Pessoas notaveis

A villa da Zebreira pela sua posição junto da raia e por ser fortificada, devia ter com os hespanhoes muitos conflictos, nos quaes por certo se distinguiram filhos seus, —e por ter como tem grandes rebanhos e *centos* de pastores, muitos d'estes se devem ter distinguido em luctas com as feras e com os proprios elementos, com outros pastores e com os povos circumvisinhos, mas até hoje infelizmente a Zebreira nunca teve chronista e nós, além da falta de habilitações, moramos a grande distancia, pelo que a muito custo organisámos estas pobres linhas e deixamos este topico simplesmente apontado,

Apenas indicaremos dois filhos d'esta parochia que na primeira metade d'este seculo se tornaram notaveis,—um pela sua religiosidade,—outro pela sua excentricidade e falta de patriotismo. Foram elles;

1.° *Leonardo Chaves*,—o fundador da capella de Nossa Senhora da Piedade, mencionado supra;

2.° *Diogo Vaz*—ou Diogo *Portú*, — assim cognominado, por que a todos tractava por tu.

Na guerra da Peninsula bandeou-se com os francezes contra Portugal, dizendo que o motivo de tão estranho procedimento foi a guerra que lhe moveram os capitães mores da freguezia.

Deus lhe perdoe.

Costumes e preconceitos

Muitos habitantes d'esta parochia despresam a medicina e costumam ir na manhã de S. João beber agua de 7 fontes que não se avistem umas a outras, convencidos de que, enchendo bem o estomago com agua em taes condições, ficam livres de toda e qualquer enfermidade?!...

Nos dias de semana os homens agricolas, que constituem a maior parte da freguezia, usam sapatos ou botas brancas de atanado,

calção e vestia comprida de saragoça ordinaria, collete de *chaviote* ou meia cazimira, *cinta* ou faxa preta de lã, chapeu de lã fina e aba redonda e gabão de burel preto com capuz.

Nos dias festivos os mais abastados usam bota preta de vitella, calça, collete e *quinzena* (especie de casaco pequeno) de cazimira ou panno preto—e outros de *chaviote* ou saragoça preta fina,[1] — chapeu preto ou branco de aba redonda, de lã muito fina ou de pelle de coelho ou lebre.

As mulheres e filhas dos agricultores nos dias de semana usam sapato preto ou branco de atanado ou de vitella,—saiote de panno encarnado,—saias de chita,—casaco ou casaquinha apertada, de tecidos de lã,—lenço na cabeça—e cabello *enrolado* á hespanhola.

Nos dias santos:—vestidos de chita, cassineta ou drogas de lã com bastante roda e folho—ou pequena roda, mas com *apanhados*,—chale de merino,—cabello *enrolado*, bota de vitella ou de verniz, etc.

—

As danças populares d'esta freguezia são bailes, polkas, mazurkas, schotizes, contradanças e fandango hespanhol (*jota*).

Os descantes dos mancebos quasi todos se resumem em *fadinhos*, acompanhados de guitarras e violas francezas ou violões de cordas de tripa, instrumentos que mais vulgarmente usam.[2]

As raparigas, chegando á idade nubil, começam logo a fazer côro com as outras, *tareando habaneiras, malaguenhas, jotas, seguidilhas* e outras modinhas hespanholas e portuguezas, bem como grande variedade de jogos de roda cantados.

São muito sympathicas e distinguem-se das moças dos povos raianos limitrophes e dos circumvisinhos.

São mais vivases, mais desenvoltas e até *mais namoradeiras*!...

Desculpem a liberdade do termo.

Isto, que para nós é *hoje* muito simples e todos comprehendem, passados seculos fará matutar os leitores, como nós hoje matutamos para comprehendermos a descripção do vestuario, usos e costumes das gerações extinctas.

ZEBRO—animal. V. *Zebra*.

ZEBRO—casal da freguezia de *Val de Cavallos*, concelho da Chamusca, districto de Santarem.

V. *Val de Cavallos*, tomo 10.º pag. 44, col. 1.ª

A povoação de *Val de Cavallos*, séde da parochia, está na margem esquerda da ribeira d'Alpiarça, confluente do Tejo, do qual dista 4 kil. para S. E. e 8 da villa da Chamusca para S. S. O.

Além da dicta povoação comprehende esta freguezia os casaes seguintes:—Val da Lama da Atella, Val da Lama da Rosa, Val do Porco, Val da Bezerra, Val de Carros, Val de Flores, Monte do Val de Flores, Aguas Vivas, *Zebro*, Anjo, Seixo, Fontainhas, Caniceira, Carvalho, Carvalhal, Parreira, Villa de Rei de Baixo, Villa de Rei de Cima, Villão, Areias, Migas, Matafome, Salvador, Palhas, Corvas ou Curvas, Cantaro, Murta, Almotolia, Semideiro, Moinhola, Bunheira, Vime, Cruzetes, Cruzetinhos, Machoqueira, Barrosa, Cambeiro, Costeirinhas, Cantarinho, Arneiro Alto, Sesmaria e Perna Secca;—as quintas de Outeiro, Cabide, Commenda, Quinta Nova, Chocalho, *Pazê* e *Omnia*,—e os sitios (habitações isoladas) de Alto da Cerca, Moinho Novo, Carvão, Mulas e Alto da Vendeira.

—

A freguezia de *Val de Cavallos* pertenceu ao concelho de *Ulme*, extincto pelo decreto

---

[1] A melhor saragoça fabricada em Portugal *até hoje* é a da casa *Rainhas*, de Gouveia, denominada *saragoça Rainha*.

V. *Gouveia* e *Villa Nova de Tazem*.

[2] N'esta mesma provincia da Beira Baixa—em volta da Serra da Estrella — os instrumentos favoritos e quasi *unicos* do povo são *adufes*, especie de pandeiros ou tambores quadrados e fechados,—instrumentos antiquissimos!

V. *Viseu*, tomo 11.º pag. 1:541, col. 1.ª

de 24 d'outubro de 1855, pelo qual passou para o da Chamusca.

O meu benemerito antecessor em 1882 deu-lhe 245 fogos. mas o censo de 1878 deu-lhe 331 fogos e 1:126 habitantes, no que não ha proporção, porque 331 fogos deviam dar pelo menos 1:340 habitantes.

Com o mesmo nome de *Zebro* temos no nosso paiz mais 2 casaes, 1 herdade e 2 sitios; — *Zebro de Baixo* e *Zebro de Cima*, tambem casaes, — e com o nome de *Zebros* um casal e uma aldeia, mas não nos consta que offereçam coisa digna de menção.

ZEDES — aldeia e freguezia do concelho de Carrazeda d'Anciães, comarca de Moncorvo, districto e bispado de Bragança, provincia de Traz os Montes.

Vigairaria outr'ora—hoje simples encommendação amovivel.

Orago, S. Gonçalo; fogos 61, habitantes 244.

Em 1706 era vigairaria apresentada pelo reitor de Marzagão, freguezia d'este concelho de Carrazeda d'Anciães; — pertencia ao termo e concelho da extincta villa e parochia d'Anciães, comarca (corregedoria e provedoria) de Moncorvo, arcebispado de Braga;—tinha 2 capellas e 28 fontes (?!...) e contava 60 fogos,—segundo se lê na *Corogr. Port.* que, talvez por erro typographico, lhe deu o nome de *Gedes.*

Em 1768 era vigairaria da apresentação do reitor de Anciães, que dava ao pobre vigario apenas 6$000 réis de congrua, alem do mesquinho pé d'altar,—e contava 50 fogos, segundo se lê no *Port. S. e Profano.*

Em 1852 o *Flaviense* deu-lhe 58 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe os mesmos 58 fogos e 210 habitantes e o censo de 1878 deu-lhe tambem 58 fogos e 206 habitantes.

Do exposto se vê que esta parochia tem pequena população, mas este mesmo concelho tem outra ainda menos populosa. E' a de *Samorinha*, que apenas conta 42 fogos. Das 21 freguezias d'este concelho 7 não contam 100 fogos cada uma; de 100 a 200 fogos tem 9 freguezias; de 200 a 300 fogos tem 4=e só a freguezia de Linhares conta mais de 300 fogos (335). O mesmo succede em todo o bispado de Bragança. E' o que tem freguezias mais pobres e menos populosas, posto que muitas já contam duas e tres extinctas, ***annexas***, e tendem a extinguir-se outras muitas!... Pelo contrario a diocese do Algarve é a que relativamente conta freguezias mais populosas.

V. *Villa Verde*, freguezia do concelho de Mirandella, tomo 11.° pag. 1:094, col. 2.ª

—

Esta pequena e pobre freguezia comprehende apenas a povoação de *Zedes*, que demora a N. E. e na falda da serra de Reborosa.

Dista da margem esquerda do Tua 4 kil. para S. E.; 5 de Carrazeda de Anciães para N.; 6 da estação do Amieiro (a mais proxima) na linha ferrea do Tua; 25 de Moncorvo; 70 de Bragança; 160 do Porto, pelas linhas de Tua e Douro,=e 497 de Lisboa.

Templos: — 1.° a egreja matriz, em bom estado;—2.° a capella de *Santa Margarida*, aberta ao culto;—3.° a capella de *S. Roque*, interdicta e profanada;—4.° a capella de... —feita de abobada, brazonada e particular. Suppomos que pertence á nobre familia *Dá Mesquitas e Meneses* que possuem n'esta parochia um edificio brazonado, em que vivem.

Tem esta parochia ao sul da povoação um largo muito espaçoso, a que chamam *Prado.*

Banham-na dois ribeiros—um a S. outro a N. — que tem 5 pontões e 2 moinhos — e desaguam no ribeiro de *Frarigo*, confluente do Tua.

—

Producções dominantes: — muito e bom centeio, batatas, castanhas e hervagens (feno) em bons lameiros.

Tambem antes da invasão phylloxerica produziu algum vinho e é abundante de caça miuda—coelhos e perdizes.

Não tem aula alguma, nem sequer de instrucção primaria.

Não consta que tenham apparecido aqui moedas romanas nem pedras com inscripções, «ha comtudo uma velharia (diz o meu

informador) que merece mencionar-se: é uma *guarita* ou *casinha*, formada de grandes pedras sómente, e que póde abrigar seis ou mais pessoas. Chamam-lhe *Casa da Moura* e este mesmo nome dão ao sitio onde se acha, que é no mencionado *Campo*, ao nascente d'esta aldeia.»

A dicta *Casa da Moura* muito provavelmente é um dolmen ou anta, pois n'este concelho ainda hoje se encontram mais dolmens. Na freguezia de *Villarinho de Castanheira* apontámos nós tres.

V. tomo 11.º pag. 1:342, col. 2.ª

Com vista aos archeologos.

Freguezias limitrophes: — Amedo, Pinhal do Douro, Carrazeda d'Anciães e Pereiros.

Esta pobre freguezia não tem estrada alguma a macadam. A mais proxima é a de Foz Tua a Carrazeda d'Anciães e que faz parte da de Villa Real de Traz os Montes a Freixo de Espada á Cinta, apenas feita des de Villa Real até Favaios.

Moedeiro falso

Não consta que esta parochia tenha produzido pessoas notaveis pelas armas, lettras ou virtudes; mencionaremos pois sómente um pobre moedeiro falso, filho d'esta freguezia, por nome *Manoel Ignacio* que, depois de cumprir sentença por outros crimes na cadeia da Relação do Porto, foi ali preso em janeiro de 1887, por fabricar moeda falsa e no commissariado da policia declarou o seguinte:

Ser natural da freguezia de Zedes, concelho de Carrazeda de Anciães, trabalhador, morador no monte da Penna, em Villar, no Porto. Que effectivamente, foi a casa de Manoel dos Santos, no monte da Lapa, em maio do anno findo (1886) e que em companhia d'elle, fabricára moedas de 500 réis, sendo igualmente feitas pelos dois as fôrmas de gesso.

Que aprendeu a fazer as moedas, quando esteve nas cadeias da Relação, onde foi escrivão e juiz da prisão de Santo Antonio.[1]

Havia ali um preso que se promptificava a ensinar todos os que quizessem fabricar moedas falsas, offerecimento que elle declarante, acceitára.

Quando Manoel dos Santos foi preso, elle declarante ausentou-se do Porto e escondeu n'um silvado, proximo ao Palacio de Crystal, algumas colheres e barras de estanho, e que, quando regressou fôra encontral as no mesmo lugar, levando-as então para casa, e por isso é que lá foram encontradas, pelos guardas civis n.os 146 e 161.

Posteriormente foram julgados elle e outro farroupilha, o tal *Manoel dos Santos*, seu socio na triste empreza, mas não sabemos que premio receberam e que destino lhes deram.

—

Não sabemos qual a verdadeira etymologia de *Zedes*.

Fr. João de Sousa, no diccionario *Vestigios da lingua arabica*, diz que o nome d'esta freguezia transmontana vem de *Zeida* ou *Zaida*, nome arabe, proprio de mulher, e que significa *augmentadora*, como proveniente do verbo *zada, accrescentar, augmentar*.

Tambem poderá vir de *Zaidi* ou de *Yezid*, nomes arabes, — ou da tribu africana *Zenetes*, que no nosso idioma facilmente podia dar *Zedes*.

No testamento de D. Enderkina Palla, feito no anno de 976, figura entre as diversas testemunhas um padre de nome *Zeide*.[1]

Tambem nas *Dissert. Chronol.* de João Pedro Ribeiro, tomo 1.º pag. 202, se encontra um documento do anno 995 (reinado de D. Bermudo II) no qual figura um indivi-

[1] Nós não conhecemos o tal *servo de Deus*. Vamos simplesmente extractando o que disseram os jornaes; mas do exposto se vê que elle já havia commettido outros crimes e que era ou é homem valente e energico, pois mereceu a *honra* de ser nomeado *juiz da prisão*.

[1] *Portug. Monum. — Diplom. et Chartae*, pag. 74, doc. n.º 117.

duo chamado *Ziti*,—outro *Zydi Trastemirizi*, — outro *Zidi Ermiarizi* — e outro *Zidi*, *quasi presbytero*, que foi quem escreveu o dicto documento, pertencente ao mosteiro de Vairão.

Do exposto se vê que no sec. x era trivial no nosso paiz o nome *Ziti*, ou *Zydi*, ou *Zidi*—*Zido*, ou *Zede*, ou *Zedes*.

V. *Zido*, aldeia, infra.

Não podemos pois acceitar sem escrupulo a cathegorica affirmativa de Fr. João de Sousa — e terminaremos dizendo que nos parece gôdo o nome de *Frarigo*, ribeiro mencionado supra.

ZEGONIAR—port. ant. — viver em mancebia.

«No foral das Extremaduras, dado por el-rei D. Affonso Henriques, e regulado pelo que seu bisavô, el-rei D. Fernando, o Magno, tinha dado á villa da Pesqueira e outras, se diz:—«Si homo, aut mulier...[1]

Em vulgar: — Se algum homem ou mulher disser ao seu visinho ou visinha *Zegulo de foão*, ou *Zegonia com foão*, e não poder provar com testemunhas, pague 30 soldos para a camara e seja considerado reu de *homezio*.[2]»

«Nenhuma duvida póde haver, que aqui se tracta de castigar os que falsamente levantavam o crime de *concubinato*, ou *mancebia*, lançando em rosto ao seu visinho que era *Zegulo de fulana*, ou á visinha — que *Zegoniava com fulano*: o que não provando por inquirição de testemunhas, eram condemnados a pagar á camara 30 soldos, e desterrados do logar, como se foram homicidas do corpo, assim como o tinham sido da honra e fama.

«Mas que etymologia daremos nós a *zegonia*?...

«Diremos que vem de *Agola*, que era na baixa latinidade o mesmo que *Synagoga*, ou logar, em que o povo se juntava?

«Diremos que vem de *Zech*, ou *Zechum*, que significa a *sociedade*, ou do verbo *zechare*, que era frequentar a companhia d'alguem?

«E que cousa mais propria dos torpes amantes, que procurar a sociedade reciproca para metter em uso a desordem das suas paixões?...

«Alem d'isto *os nossos naturaes mudavam com frequencia o S em Z*,[1] e porque não leriam aqui *segonia* isto he (fallando honestamente) *se diverte, se alegra, se desenfada*?

«Sabemos que *agonia* he trabalho, combate, lucta, dôr, pena, afflicção, tristeza; mas se lhe tiramos o *a*, que he *privativo*, porque não diremos que *gonia* he prazer, regosijo, descanço, entretenimento, gosto, consolação, allivio?... Embora; mas que significação daremos nós a *zegulo*?...

«Poderiamos avançar que do latino *sagulo*, pequeno sayo de burel, ou panno grosso de que os zagaes ou pastores usavam, e os moços de servir, se disse *Zegulo* o que servia deshonestamente a mulher alheia, o amasio, concubinario, mancebo, criado torpe, lascivo e deshonesto. Comtudo eu reconheço que não passa de tentativa o meu pensamento.

—

«Mas quanto seria para desejar que nós tornassemos a ver as rigorosas penas contra as más linguas, que como chammas do inferno assim abrazam as honras e famas dos seus visinhos, sem que os aggressores malvados experimentem a espada da lei!...

«Em todas as nações foi abominavel e punida a desenfreada lingua, que não perdôa á reputação honesta do proximo. Nos Paizes-Baixos, Alemanha, França e outras partes havia antigamente duas grandes pedras na casa do senado, que a mulher convencida de ter chamado a outra *p*.... ou outra palavra deshonesta, era obrigada a

---

[1] V. *Zegoniar* em Viterbo.
[2] Livro dos *Foraes Velhos*.

[1] E os hespanhoes e leonezes mudavam e mudam o Z em S ou Ç,—na escripta algumas vezes e na pronuncia *sempre*.

V. *Vouzella*—rio.

P. A. Ferreira.

levar ás costas de freguezia em freguezia, sem mais vestidos que a camisa, e rodeada de grande multidão de gente. A esta vergonhosa pena chamavam *Lapides catenatos ferre,* a qual igualmente se applicava aos adulteros, porem, com circumstancias *ainda mais vergonhosas.*

«Em Portugal tambem se castigou antigamente o crime da lingua *com todo o rigor*...

«Na casa da camara da villa de *Sanceriz,* junto a Bragança, se vê ainda hoje um freio com que se castigavam as mulheres *bravas* de condição e maldizentes, e mesmo todas as pessoas, cujo crime procedia de palavras. O dicto freio tem lingua para a boca, argola para o queixo de baixo e cambas que lançam sobre o nariz, — tudo de ferro; tem igualmente cabeçada com sobre-testa para a cabeça, com fivéla que fecha para traz, e redeas com passador.[1] Hoje, porém, que a maledicencia tem chegado *ao seu maior auge,*[2] jazem as leis, dormem os magistrados, e os linguarazes cada vez se fazem mais orgulhosos e insolentes, chegando a pôr a boca no ceu da honestidade mais pura, e fazendo talvez cahir no vicio algumas almas fracas, a quem a boa fama havia conservado largo tempo na virtude.

«No *Cod. Alf.* liv. 1.º tit. 62, § 13, se diz: —*Haverá mais o Alcaide Mór todalas coimas, que os homeens da Alquaidaria poserem aas molheres, que som useiras de braadar: e he de pena, por cada vez que a assy poserem, tres libras de moeda da moeda antiga.*

Oh tempos! oh costumes?...»

—

Note-se que Viterbo escrevia em 1798,— no tempo da Inquisição e dos governos absolutos, das penas corporaes, da forca e da picota e das *Ordenações do Reino,* cujo livro 5.º faz tremer!...

[1] V. *Sam-Ceriz,* tomo 8.º pag. 377, col. 1.ª *in fine.*

[2] Que diria Viterbo se vivesse na actualidade (1889) e lesse os nossos jornaes da opposição e de *combate,*— esses *pamphletos* immundos, que são a vergonha da imprensa?!...

In illo tempore tambem qualquer livro antes da impressão era submettido a rigorosa *censura* official, em quanto que hoje tudo se publica francamente: — jornaes de toda a ordem, versos os mais impios, operetas immundas e romances *realistas,* a *fina flor* da litteratura hodierna, — *leitura para homens*—diz o editor, para que sejam, como effectivamente são, os mais lidos pelas mulheres. N'elles e nos theatros de hoje encontram as filhas e as mães entapetado de flores o caminho do lupanar, pelo que a desmoralisação hodierna assombra,—já tem *foros de cidade*—e promette ir muito mais longe esta vasa do progresso!...

ZEIAM—nome arabe.

D'elle talvez provenha o nome de *Saiam* ou *Saião,* dado a duas quintas nossas e a um poço do Douro, mencionado no art. *Viseu,* tomo 11.º pag. 1:705, col. 1.ª

Zeiam, principe de Maquinez em Africa, sendo expulso dos seus estados por Mahomet, seu primo, rei de Fez, veiu a Lisboa invocar a protecção do nosso rei e levou-o a tentar a conquista de Azamor com um grande exercito commandado por D. João de Menezes, mas o tal sr. Zeiam, longe de nos dar na Africa o auxilio que promettera, bandeou-se com os africanos contra nós; foi porém derrotado com perda de 14:000 homens,—diz Moreri.

ZEIDONEZES.—Assim se denominava no seculo XI uma villa (aldeia, granja ou quinta) no territorio de Penafiel, pois em uma doação vastissima que na era de 1104,— anno de 1066 — Garcia Moniz e sua mulher Elvira fizeram ao convento de Vairão, entre muitas propriedades sitas nas margens do rio Ave, do Tamega e do Douro, tanto na margem direita como na margem esquerda —em Arouca, Sinfães, e Paiva, no latim barbaro d'aquella epoca se encontra mencionada a *villa Zeidoneses.*

«...in terra de *Penna Fideli* (diz a escriptura)... villa *Zeidoneses*... »[1] — » Na

[1] *Dissert. Chronol.* de João P. Ribeiro, tomo 1.º pag. 221, doc. n.º 23.

terra de Penafiel... a villa de *Zeidoneses*...»

A tal quinta mudou de nome, pois não ha no districto do Porto quinta ou povoação alguma, cujo nome tenha affinidade com aquelle.

Suppomos que a tal villa de *Zeidoneses* é a mesma que o bispo do Porto D. Hugo recebeu do mosteiro do Paço de Sousa no anno de 1116 em troca de certas exempções que n'aquella data concedeu ao dicto mosteiro.

Póde ver-se a escriptura de transação nas *Dissert. Chronol.* de João P. Ribeiro, tomo 1.º pag. 142, doc. n.º 35, posto que ali se lhe dá o nome de *Ceidoneses*, nome a que talvez correspondam os de *Cidães*, freguezia do districto de Bragança, — *Ceidão*, quinta do districto de Viseu, *Seidões*, aldeia e freguezia do concelho de Fafe, districto de Braga.—*Sedão*, casal da freguezia de Mancellos, no antigo concelho de *Riba-Tamega*, hoje Amarante,—e *Sedões*, aldeia da freguezia de S. Thiago de Bougado, concelho de Santo Thyrso.

Teem muita affinidade com estes nomes os das nossas freguezias de *Zedes* e *Seide* (S. Paio e S. Miguel) — talvez todas provenientes de *Zeid*, *Seid* ou Said nomes arabes.

V. *Zedes*.

ZEIVE — parochia extincta, hoje simples aldeia da freguezia de *Paramio*, havendo pertencido repetidas vezes á de Mofreita, concelho de Vinhaes, a cuja freguezia estava annexa e contava 31 fogos em 1756, segundo se lê na *Corogr. Port.* tomo 1.º pag. 499. Depois passou para a freguezia de *Paramio*, concelho de Bragança;—pelo decreto de 31 de dezembro de 1853 voltou para a de Mofreita,—por decreto de 24 d'outubro de 1855 voltou para a de Paramio; depois, não sabemos quando, tornou a voltar para a de Mofreita—e hoje (1889) pertence outra vez á de *Paramio*?!...

Carvalho denominou-a *Ozeive*, em vez de *Zeive*, como se diz o *Gem*, *o Touro*, *o Molledo*, *o Marco*, *o Pinhão*, etc.

—

A dicta povoação do *Zeive* ainda conserva a sua antiga matriz com a invocação de *S. Cypriano* e pia baptismal. Demora na margem esquerda do rio *Tuella*, nascente principal do *Tua*,—e na margem direita do rio *Baceiro*, confluente do Tuella.

Tem 38 a 40 fogos e dista 2 kil. da *Mofreita* e cerca de 3 tanto de *Paramio*, como dos rios *Baceiro* e *Tuella*.

Producções dominantes—centeio, batatas, castanhas, hervagens e hortaliça.

Tambem cria bastante gado lanigero, muar e vaccum, e é muito abundante de caça dos seus montes e peixe dos seus rios.

Em junho do corrente anno (1889) o muito rev. sr. bispo de Bragança D. José Alves de Mariz, andando a visitar o bispado, esteve na Mofreita, em Paramio e n'esta povoação do *Zeiva*, cujos habitantes lhe offereceram uma linda cazula amarella, propria para as solemnidades episcopaes de ordens e chrisma.

—

De passagem diremos que está a sair do prélo (Typographia da *Palavra*, Porto) um livro que prende com a freguezia de *Mofreita*. Intitula-se *Monumento á memoria de D. Antonio Luiz da Veiga Cabral e Camara, bispo de Bragança* — escripto pelo rev. sr. conego Manoel Antonio Pires, auxiliado pelo sr. conde de Samodães e pelo rev. sr. padre Arthur Eduardo d'Almeida Brandão, distinctos escriptores catholicos,—e pelo humilde auctor d'estas linhas.

O livro prende com a dicta parochia, porque o venerando bispo D. Antonio foi n'ella parocho e n'ella existe ainda hoje um dos dois *Recolhimentos de Oblatas do Menino Jesus*, fundados por D. Antonio.

O outro está em *Fornos de Ledra*, concelho e comarca de Macedo de Cavalleiros.

V. *Villa Verde de Mirandella*, tomo 11.º pag. 11:097, col. 1.ª e segg.; *Villar de Ledra*, no mesmo vol., pag. 1230, col. 2.ª — e *Bragança*, *Mofreita* e *Fornos de Ledra* n'este diccion. e no supplemento, onde volveremos a fallar do santo bispo D. Antonio.

RETRACTAÇÃO

Aproveitando o ensejo, *muito espontaneamente* retiramos tudo o que no artigo *Vicente de Fóra* (*S.*) tomo 10.º pag. 550 e 551, dissemos em desabono do venerando bispo D. Antonio Luiz da Veiga, porque ao tempo ainda não o conheciamos e trahiu-nos a *manhosa e perigosa carta* do astuto abbade de Medrões, que foi contemporaneo e um dos mais injustos e crueis detractores d'aquelle virtuosissimo prelado.

Fique pois prevalecendo o que mais tarde e sobre o mesmo assumpto dissemos no citado artigo *Villa Verde* e o que em refutação da dicta *carta* e em abono do mencionado bispo se lê no livro *Monumento*, publicado a instancias nossas.

Poenitet, poenitet!!!...

ZELA ou **ZELLA**—cidade extincta e supposta capital dos *zoelas*, hoje talvez representada pela pequena e pobre aldeia e freguezia de *Castro d'Avellãs*, concelho de Bragança, provincia de Traz os Montes.

Para evitarmos repetições, veja-se n'este diccionario o art. *Castro d'Avellans*, tomo 2.º pag. 201,—e nas Memorias de *Litteratura portugueza*, tomo 5.º pag. 258 e segg. a interessante *Memoria* que Francisco Xavier Ribeiro de S. Payo dedicou ao dicto mosteiro em 1793.

Tambem se denominava *Zela* ou *Ziela* uma cidade do Ponto, junto da qual Cesar alcançou contra o rei do Ponto uma victoria tão rapida e completa, que escreveu ao senado romano dizendo simplesmente:—*Veni, vidi, vici*. Em vulgar: — *Cheguei, vi* e *venci*, — phrase que ainda hoje voga.

V. *Strabão*, *Ptolomeu*, *Plutarco* e *Moreri*.

ZELA ou **ZELLA**—pequeno rio, affluente do Vouga.

Nasce ao sul e a distancia de 8 kilometros de Vouzella;—corre em direcção a N.; passa a O. de Vouzella, tocando na propria villa, onde corta a rua da *Ponte*, passando em uma antiga ponte de pedra de um só arco, ponte que deu o nome á dicta rua, por onde seguia a velha estrada real de Lamego, Castro d'Ayre e S. Pedro do Sul para Aveiro, Agueda e Coimbra,— estrada substituida pela nova a macadam que passa um pouco a jusante em nova ponte de pedra lançada sobre o mesmo rio; depois continua o *Zella* a caminhar para N.— e, depois de mover alguns pisões e moinhos, desagua na margem esquerda do Vouga a distancia de 1:500 a 2:000 metros da villa de Vouzella, tendo de curso total cerca de 10 kilometros.

Na opinião commum a villa de *Vouzella*, foi assim denominada por estar entre os rios *Vouga* e *Zella*. Alguem diz mesmo que primitivamente se denominou *Vougazella*; mas nós não acceitamos sem escrupulo esta opinião, porque os leoneses, nossos ascendentes, denominavam esta villa *Baucela*;— assim se denominou tambem uma ribeira confluente do Zezere; tambem se denominou *Vouzella* uma das nascentes do Vouga — e ainda hoje tambem se denomina *Vouzella*, uma aldeia da freguezia de *S. Miguel*, da villa e concelho de *Penella*, districto de Coimbra.

Para evitarmos repetições vejam-se os artigos *Vouzella* e *Zella*, supra.

Addições

Aproveitando o ensejo de fallar de um rio que banha a villa de *Vouzella* e que na opinião commum lhe deu o nome, consignaremos aqui mais alguns apontamentos muito interessantes para o esboceto biographico dos illustres vouzellenses dr. José Maria de Lima Lemos e fr. Bernardino, seu irmão, já mencionados no artigo *Vouzella*.

A casa *Lima e Lemos*, de Fataunços, não é brazonada, mas foi muito considerada e um *viveiro de doutores*!...

Nós já mencionámos o dr. *José Maria de Lima e Lemos*, que foi lente de direito na Universidade, e seu irmão *Fr. Bernardino*, tambem formado em direito—e tiveram outro irmão, *Domingos Liborio de Lima e Lemos*, tambem formado em direito. Seguiu a magistratura e foi nomeado desembargador no tempo de D. Miguel, mas não chegou a tomar posse.

Tiveram outro irmão — *Francisco d'Almeida Lima e Lemos*, que não se formou. Seguiu a vida militar e morreu de 18 annos com a patente de alferes.

Foram seus paes *João d'Almeida Lemos*, tambem formado em direito, e D. Marianna Angelina de Lima e Lemos, ambos de Fataunços. Teve o dr. João d'Almeida Lemos um irmão formado em direito *Antonio Tavares d'Almeida Lemos* — e outro doutor de capello em medicina—*Bento Joaquim de Lemos*, — que foi lente de prima e director d'aquella faculdade. Casou com D. Maria Amalia, dona da quinta do *Cidral*, em Coimbra, e ali viveram e morreram sem successão, pelo que deixaram a dicta quinta ao dr. José Maria de Lima e Lemos, seu sobrinho, que ali viveu com elles e por elles foi educado, e por morte d'elles ali viveu tambem, mas no ultimo quartel da vida, vendo-se muito doente e só, passou para a casa da hospedaria do convento das Therezinhas e ali expirou, como já dissemos no artigo *Vouzella*.

Mudou para a hospedaria do convento, por ser confessor e director espiritual d'elle e por ter ali como prelada uma sobrinha— *D. Maria Izabel*, que ainda hoje (1889) lá vive com opinião de *santa!*...

—

Foi tambem tio do dr. José Maria de Lima e Lemos, *José Bernardo*, dr. em mathematica.

Tendo seguido a vida ecclesiastica, professou na ordem dos jesuitas e foi martyrisado no imperio da China, onde pelos seus vastos conhecimentos chegou a ser *mandarim de 1.ª classe*, como premio de ter sido mestre do filho do imperador então reinante,—discipulo ingrato, pois subindo ao throno mandou matar o illustre vouzellense e mandarim, seu mestre, por não querer abjurar a religião catholica.

O dr. José Maria de Lima e Lemos nasceu em Fataunços, a 3 kil. de Vouzella, no dia 21 de janeiro de 1795.

Estudou os preparatorios em Coimbra, vivendo com seus tios na quinta do Cidral e d'ali se formou e tomou capello em canones, ficando logo oppositor da faculdade.

—

Em 1826 foi nomeado deão de Leiria, onde viveu até 1830, vindo depois reger a cadeira de lente de prima na Universidade e vivendo na companhia dos seus mencionados tios na quinta do Cidral. Fallecendo o tio dr. Bento, continuou a viver com a tia viuva até á morte d'ella, ficando herdeiro universal dos dois e dono da quinta do Cidral, onde continuou a viver, pelo que era no meu tempo conhecido por *dr. José Maria do Cidral*.

O irmão, — Fr. Bernardino da Virgem Santissima, varatojano e tambem dr.— antes da profissão chamava-se *João d'Almeida*.

Recusou o arcebispado d'Evora no tempo d'el-rei D. João VI, e ainda ultimamente, depois da restauração do governo liberal, recusou o mesmo arcebispado, pois no tempo da rainha D. Maria II lhe foi offerecido pelo duque de Saldanha.

O dr. Domingos Liborio casou na freguezia de Avanca, no concelho d'Estarreja, com D. Joaquina Generosa de Lemos Rezende, da qual teve uma filha—D. Maria José Rezende, actual dona da quinta do Cidral,—e um filho—dr. José Maria de Lemos Almeida Valente, formado em leis, casado e com successão. E' o dono da casa de Fataunços e representante d'esta nobre familia. Seguiu a magistratura e é actualmente juiz de 1.ª classe.

—

O capitalista e commendador Cidade, de quem já fizemos menção no art. *Vouzella*, nasceu na aldeia de Cercosa, freguezia de Campia, onde tem ainda hoje uma prima,— e teve uma irmã, que casou na aldeia de Sabrosa, freguezia da Trapa, com José de Mattos, o qual, sendo já viuvo, e um filho foram os herdeiros principaes do dicto commendador.

Entre os *Vouzellenses illustres* mencionámos o rev. dr. *João Rodrigues*, de Fataunços, como prior em Lisboa.

Foi lapso, pois é ali *conego*, não *prior*.

Egidéa

Com relação ao illustre vouzellense *S. Fr. Gil*, mencionaremos tambem aqui a *Egidéa, poema heroico, ou a historia da protentosa vida do grande penitente S. Fr. Gil portuguez, da sagrada ordem dos pregadores... Lisboa... 1788.*»

E' um pequenino, mas interessante poema em 9 cantos e 155 pag. com uma gravura indulgenciada, representando o altar de S. Fr. Gil,—poema hoje muito raro, mas por fortuna possuimos um bom exemplar, completo e muito bem tratado.[1]

O dicto poema é anonymo e nem o *Diccion. Bibl.* de Innocencio, nem o *Manual* de Pinto de Mattos, *filho de Vouzella*, o mencionam; foi porem escripto por um *medico*, pois principia assim:

«A rara conversão do varão forte,
De um moço portuguez, illustre e santo,
A victoria feliz, a feliz sorte,
Contra o traidor commum medito, e canto;
....»

E termina assim:

«Agora meu São Gil em fim Te peço,
Que meu benigno sejas advogado;
Ainda que meus versos, eu conheço,
Te tenhão atégora mal louvado:
Com grande devoção eu tos offereço
Porque tenhas em mim todo o cuidado;
Faze pois, que te imite convertido;
Medico, e peccador pois tenho sido.»

O mesmo se conclue tambem do modo como o auctor descreve a facilidade que os medicos teem de seduzir as doentes que tractam.

Diz elle:

«Duas muralhas tem a castidade,
Com que dos vis ataques se defende:
O pejo natural que na verdade,
Baixeza o ser vencida sempre entende;
O respeito nascido da humildade
Do sexo superior quando a pretende:
Mas nada póde mais que a *Medicina*
Estes ambos vencer por contramina.

—

O pejo pouco a pouco se transforma
Em grande confidencia e amizade,
Logo sem reflexão se perde a norma
Que déra a educação e a probidade:
Hum conceito se faz por esta fórma
Que a *Medicina* he só sinceridade,
Sem receiar que vem n'este concreto
Hum lascivo, gentil, rico e discreto.

—

Da saude o favor faz obrigada
A donzella innocente, e generosa,
A doença bem pouco acautelada,
E de não ser ingrata desejosa:
O *Medico* que vê tão maltratada
A belleza na febre perigosa,
Solicito na cura mais se esfórça,
E ambos sem reflexão se amão por força.

—

Quando a doente está convalescida,
Elle mais que contente satisfeito
Se mostra por lhe ter salvado a vida
No perigo em que a vira com effeito:
Ella por não faltar agradecida,
Com a melhora affirma o seu conceito,
Quando já sem remedio reconhece,
Que com outros symptomas adoece.

—

Mas quando a reflexão já determina
O mesmo derribar, que sustentára
Quando o lascivo *Medico* machina
A mesma cativar que libertara:
Só com temor de Deos, força divina
Assalto tão perigoso se repára;
Só com grandes auxilios e virtudes,
Donzella, escaparás, por mais que estudes!..»

Canto 2.º, estancias XXII a XXXI.

Do exposto se vê que o auctor, alem de ser bom poeta—*entendia da arte*!..:

[1] A grande *Bibliotheca publica do Porto* não possue exemplar algum da *Egidéa*.

Desculpem a transcripção, pois veiu a proposito e serve para fechar e amenisar tão longo como insulso artigo.

Do contexto do poema tambem se infere que o auctor *vivia em Santarem.* Talvez fosse natural d'aquella cidade, então villa.

ZELADORES ou **ASSASSINOS**, — medonha seita ou facção de judeus, formada no anno 7.º de Christo por Judas *galileu.*

Diziam-se propugnadores da liberdade e da gloria de Deus e chegaram a ter grande partido,—bateram os romanos e apoderaram-se de Jerusalem,—mas em breve foram exterminados, porque praticaram os maiores excessos e assassinaram milhares de pessoas, como diz Josephe *De Bello Jud.*

ZELADORES ou **VIGIAS**, — empregados das camaras do Porto e de Lisboa que tinham e teem a seu cargo velar pelo cumprimento das posturas municipaes.

ZELOBRIGA—V. *Celiobriga*, tomo 2.º pag. 230, col. 1.ª

ZENITH—do arabe *semt*, ou *semt-anas*—ponto vertical.

E' o ponto que no firmamento ou no alto do ceu corresponde perpendicularmente á nosssa cabeça, em qualquer parte que estejamos, no mar ou na terra. Contrapõe-se-lhe o *nadir*, ponto vertical e opposto no hemispherio dos antipodas.

«No mesmo seculo, que decem huns, vão subindo outros, e ainda no mesmo dia apparece no *Zenith* hum astro, e o que estava no *Nadir* ganha o logar, que elle deixa.»

Barreto, *Pratica entre Heraclicto e Democrito*, 61.

ZEPHYRO—deus da fabula.

Favorecia a criação das flores e dos fructos; dava alento ás plantas, vigor e vida a todas as producções, pelo que o denominaram *Yephyro*, de *zoi*—vida, e *pherin* — trazer, como quem traz e dá vida.

Representavam-no por um gentil e galhardo mancebo, coroado de flores.

Depois denominou-se tambem *zephyro* o vento que sopra da parte do poente. Traz comsigo as chuvas e incommoda bastante; os poetas antigos porém denominaram vento zephyro o vento brando e agradavel, que faz abrir as flores e recreia toda a natureza.

A *zephyro* e outros ventos dá Heziodo por paes Astreu e a Aurora.

Ao vento *zephyro* tambem davam o nome de *favonio* os poetas latinos.

ZERALHÓA,—ponte de pedra antiquissima na ribeira da *Teja*, confluente do Douro.

V. *Teja*, vol. 9.º pag. 524, col. 2.ª

Ampliemos um pouco mais aquelle artigo.

A ribeira da *Teja* nasce a N. e no concelho de Trancoso, junto da antiquissima villa de *Moreira de Rei*,[1] lado O. e da povoação e freguezia limitrophe da Castanheira, lado E., pois entre estas duas parochias principia o valle da *Teja*. Corre a N.; passa 1 kil. a E. do *Terranho*, onde principia a engrossar com as aguas da celebre fonte do *Milho*, que dá 86:400 litros d'agua em 24 horas e faz a riqueza e fertilidade d'aquella parochia.[2] Cerca de 2 kil. a jusante passa a O. de Casteição, que lhe fica á direita e distante pouco mais de 2 kil. Continua avançando para N. deixando á direita as povoações e freguezias de Outeiro dos Gatos, Meda, Cancellos, Poço do Canto, Valle do Porco, Sebadelhe e Seixas;—á esquerda as povoações e freguezias da Torre, Prova, Ave-

---

[1] V. *Moreira de Rei*, tomo 5.º pag. 548, col. 2.ª;—*Viariz*, tomo 10.º pag 466, col. 1.ª—*Viseu*, tomo 11.º pag. 1:700, col. 2.ª;—*Villa Nova de Tazem*, tomo 10.º pag. 888—e *Moreira de Rei* no supplemento, onde daremos largas noticias d'aquella interessantissima estancia archeologica e talvez prehistorica?!...

[2] V. *Terranho*, vol. 9.º pag. 551, col. 1.ª *in fine* e segg.

De passagem diremos que já falleceu Christovam d'Almeida de Sá Menezes, ali mencionado, 1.º visconde da Torre do Terranho, casado com D. Maria Amelia d'Aguilar Teixeira Cardoso, filha do dezembargador Bernardo de Lemos Teixeira d'Aguilar. A dicta senhora vive na sua nobre casa do Terranho, com uma filha *unica*—D. Ignacia d'Almeida Sá Menezes d'Aguilar, ainda solteira, que nasceu em outubro de 1870.

Na freguezia do Terranho grassa no momento (julho de 1889) uma medonha epidemia de typhos. Já matou 19 pessoas no curto praso de 15 dias, contando actualmente aquella povoação apenas 130 fogos.

loso, Sapateira, Telhal, Ranhados, Cedavim, Horta e Numão, terra pobre pela sua posição elevada e alpestre, encostada aos velhos muros da antiga cidade romana (?) ainda soffrivelmente conservados. V. *Numão*.

Finalmente morre na margem esquerda do Douro, a O. da celebre quinta do *Vesuvio* ou das *Figueiras*,—tendo de curso total cerca de 60 kilometros.

—

Não rega muitos campos, porque em geral corre funda por entre penhascos medonhos, comtudo em Cedavim rega algnns hectares de optimo terreno, conhecido pelo nome de *Talhamar*.[1]

Defronte de *Numão* começa a ribeira a despenhar-se sobre o profundo valle do Douro, baixando nos ultimos 5 kil. talvez mais de 600 metros, sempre comprimida entre rochedos gigantes.

Offerece um espectaculo imponente e magestoso a dicta ribeira no inverno com grande volume d'agua, despenhando-se de rocha em rocha até cair precipitadamente no Douro da altura de 12 metros, formando no Douro o *ponto da Teja*.

V. *Pontos do Douro*, vol. 7.° pag. 199, col. 2.ª n.° 69.

Não longe da sua confluencia com o Douro tem na margem direita um canal ou grande açude de 1 kil. d'extensão, aberto em rocha viva, que vae para a grande quinta das *Figueiras*, onde rega pomares e move azenhas e moinhos.[2]

Entre o Poço do Canto e Ranhados, mesmo nas margens da ribeira, ha duas antigas povoações em ruinas : — *Chão do Rego*, do lado O. pertencente á freguezia de *Ranhados*.

Tem 15 casas, algumas de boa construcção, mas em abandono, e aguas sulfurosas de que o povo se utilisa. A outra povoação pertence á freguezia do *Poço do Cano*; denomina-se *Poio*—e terá 12 casas, todas em ruinas.

Ha tambem perto em uma elevação 5 casas, abandonadas ha muito, no sitio do *Cavallinho*. Consta que os habitantes d'estas povoações as deixaram por causa das formigas e que foram estabelecer-se no *Poço do Canto*.

Ainda hoje por estes sitios alguns annos no verão as formigas são uma *verdadeira praga*, como nós já tivemos occasião de ver na povoação da *Cogulla*, concelho de Trancoso,—sendo aliás a povoação *mais rica* e uma das mais bem agricultadas d'aquelle concelho.

V. *Cogulla* n'este diccionario e no supplemento.

---

[1] *Cedavim* é uma das freguezias mais importantes, mais populosas, mais ricas e mais ferteis do concelho de *Villa Nova de Foscôa*.

V. *Cedavim* n'este diccionario e no supplemento, onde ampliaremos consideravelmente aquelle *pequeno* artigo.

Em Cedavim tinha um dos seus solares o desembargador Bernardo de Lemos Teixeira d'Aguillar, comprehendendo nobre casa e muitos bens que pertencem hoje aos seus filhos.

V. *Aguilares* no fim d'este artigo *Zeralhôa*.

[2] De passagem diremos que a dicta quinta é uma das poucas do Alto-Douro que, depois da invasão philloxerica, ainda se conserva muito viçosa e produzindo grande quantidade de vinho, porque os seus riquissimos proprietarios não se pouparam nem poupam a despezas para salval-a.

E' agora toda atravessada de leste a oeste pela linha ferrea do Douro, na qual tem estação propria (o apeadeiro do *Vesuvio*) junto do palacete principal e jardins da grande quinta, ficando não longe a montante a estação do *Freixo*—e a juzante a de *Vargiellas*, a pequena distancia da ponte lançada sobre o Douro e pela qual a linha ferrea o atravessa a montante do *Cachão da Valleira*, passando para a margem direita, pela qual segue até o Porto.

Com relação á grande quinta, V. *Vesuvio* tomo 10.° pag. 316, col. 2.ª—e *Douro Illustrado*, pag. 81 a 99; com relação á linha do Douro V. *Vias ferreas*, no mesmo tomo 10.° pag. 471, col. 2.ª; e com relação ao celebre ponto do *Cachão da Valleira* V. *Pontos do Douro—e Villa Secca d'Armamar*, tomo 11.° pag. 1:059 e segg.

As formigas atravessavam campos, vinhas e olivaes em *grosso cardume* junto das casas e, apesar da guerra que lhes faziam matando milhões d'ellas, não podiam extinguil-as!...

Isto é um facto que nós presenciámos. Não admira, pois, que em tempos mais remotos, quando o nosso paiz estava em grande parte inculto, as formigas obrigassem os habitantes d'alguns povos a mudar de local, como a tradição diz que mudaram os habitantes d'aquellas aldeias e *d'outras muitas.*[1]

Moinhos e pontes

A Teja move mais de 70 moinhos de cereaes, alguns pisões e differentes moinhos d'azeite na quinta das *Figueiras* e n'outros sitios.

Tem 3 pontes de madeira e 5 de pedra, sendo duas d'estas antiquissimas e attribuidas aos romanos:—a de *Cedavim*, na freguezia d'este nome, — e a da *Zeralhóa*, na freguezia de *Numão*, ambas no concelho de Villa Nova de Foscôa

As outras pontes de pedra demoram— uma na freguezia de *Avelloso*, concelho da Meda; outra, denominada de *S. Sebastião* (por estar junto de uma capella do martyr) na freguezia do *Terranho*, concelho de Trancoso; e outra, ainda em construcção n'esta data (1889) a jusante de Cedavim, na estrada nova a macadam de Cedavim ao apeadeiro da quinta do Vesuvio na linha ferrea do Douro,—estrada ainda por concluir. Apenas tem 7 kilometros acabados.

—

O terreno do valle da Teja é pouco mimoso e varia muito de temperatura com as grandes differenças de exposição e altitude.

Junto do Douro é ardentissimo e, se não fora tão escabroso e tão eriçado de penedos, podia produzir optimo vinho e optimas laranjas, como produz a quinta do Vesuvio.

A montante de Numão é bastante frio e as suas producções principaes são centeio, milho, vinho de mesa, batatas, castanhas e *nabos*.

Tambem é abundante de caça miuda e cria bastante gado lanigero.

Os *nabos* são uma especialidade da villa e concelho da *Meda*. Costumam partil-os com machados para os darem aos bois e fazem d'elles bancos para se sentarem á lareira, pois são tão volumosos que parecem aboboras, chegando a pesar uma arroba (15 kilos) cada um?!...

É terreno privilegiado para aquella producção, como o do Alto Douro para o vinho fino, o da minha Penajoia para as cerejas, o de Amarante para os pecegos, o de Villa Nova de Gaya para os morangos, o da Serra da Estrella para o queijo, o de Setubal e S. Mamede de Riba-Tua para as laranjas, o do alto de Traz os Montes para a couve penca,[1] o de Murça, Melgaço e Lamego para presuntos, o de Elvas para a couve flor e azeitonas de conserva, o do Algarve para os figos, o do Alemtejo para os paios e o da ribeira da Villariça para o milho grosso, melões e canhamo.

V. *Villariça*, tomo 11.º pag. 1:311, col. 2.ª e segg.

Note-se porem que na Villariça a producção é quasi espontanea. Não demanda cuidados, regas, mondas, nem adubos, emquanto que na Meda costumam dar 6 a 8 arados aos terrenos que destinam para os nabaes, isto é, lavram-nos 6 a 8 vezes e adubam-nos prodigamente.

---

[1] V. *Minhocal*, tomo 5.º pag 239, col. 1.ª

[1] Ali as dictas couves chegam a pesar uma arroba (15 kilos) e *mais*, cada uma?!... E são muito saborosas e tão mimosas, que por vezes as cosinham *sem agua* e dão um prato delicioso!...

Mettem os *olhos* (especie de repolho) da couve em uma caçoula; com o calor do lume dão humidade sufficiente para se guizarem;—temperam-nos ou adubam-nos—e assim os cosinham *sem agua*.

Aguilares de Cedavim

—*José Teixeira d'Aguilar e Lemos.*
—*Antonio de Lemos Teixeira de Aguilar* e
—*Bernardo de Lemos Teixeira d'Aguilar* —eram irmãos e foram todos 3 pares do reino.

O 1.º seguiu a vida militar; foi capitão de engenheiros e governador civil de Braga, etc.

O 2.º seguiu a magistratura e foi apresentado com as honras de conselheiro do supremo tribunal de justiça.

Sendo já viuvo e s. g. casou com sua cunhada D. Barbara Maria da Silva Tello de Noronha, filha dos marquezes de Vagos e teve 2 filhos—Francisco e José, ambos ainda solteiros.

Bernardo de Lemos Teixeira de Aguilar seguiu tambem a magistratura e foi conselheiro do supremo tribunal de justiça.

Casou com D. Ignacia Adelaide Cardoso Barata Vasconcellos, de Villarinho de S. Romão, e tiveram os 6 filhos seguintes:

1.º—José d'Aguilar Teixeira Cardoso, bacharel formado em direito e ainda solteiro.

2.º—Francisco d'Aguilar.

Falleceu em 1888 no estado de solteiro tambem.

3.º—D. Maria do Patrocinio, ainda solteira.

4.º—Bernardo d'Aguilar, engenheiro civil, casado e c. g.

V. *Viseu*, tomo 11.º pag. 1729, col. 2.ª e 1740, 1.ª

5.º—D. Maria Amelia, mencionada supra, —viscondessa da Torre do Terranho, viuva e c. g.

6.º—D. Maria do Carmo, ainda solteira.

Herdaram de seus paes muitos bens nas freguezias de Cedavim e Banhados e em outras dos concelhos da Meda, Foscôa, Regoa, Sabrosa, Porto e Lisboa, pelo que os irmãos solteiros, vivem habitualmente em Lisboa, na rua das Escolas Geraes, n.º 14.

—

Os 3 pares do reino mencionados supra, eram filhos de

—*Francisco Teixeira Rebello Bravo d'Aguilar*, senhor dos morgados de Cedavim, Castro d'Ayre e outros em Braga.

Casou com D. Maria Ludovina de Lemos Alvim e Carvalho, da casa de Santar, e era filho de

—*Francisco Xavier Teixeira Rebello*, C. O. Ch.

Casou com D. Joanna Josefa de Azeredo Leite, e era filho de

—*José Teixeira Rebello Cardoso d'Aguilar.*

Casou com D. Anna Maria Pereira de Menezes, e era filho de

—*Francisco Saraiva Cardoso d'Aguilar*, capitão mór de Trancoso e Pena Verde.

Casou com D. Maria d'Almeida Cardoso, herdeira e administradora do vinculo de Nossa Senhora da Conceição, instituido em Cedavim por Filippe Rebello e sua mulher D. Guiomar Cardoso em 1543, a quem n'esse anno foi concedido brasão d'armas.

O dicto Francisco Saraiva era filho de

—*Francisco Saraiva d'Aguilar.*

Casou com D. Maria de Sousa, sendo filho de

—*Manoel Luiz de Carvalho e Aguilar.*

Casou com Catharina Saraiva, sendo filho de

—*Francisco Lopes d'Aguilar*, casado com D. Maria da Gama, filho de

—*Alvaro Lopes d'Aguilar*, fidalgo da casa d'el-rei D. Manoel.

Casou com D. Antonia de Lucena, e era filho de

—*Tello d'Aguilar*, natural da Hespanha, descendente de Fernam de Goios, que com seu pae Nuno Gonçalo de Goios vieram para Portugal no tempo de D. João I, e com seu irmão Pedro de Goios seguiram o partido da rainha D. Leonor, mulher d'el-rei D. Duarte, como se póde ver na *Chronica d'El-Rei D. Affonso V* por Duarte Nunes de Leão cap. 2.º e 9.º

Aguilares de Braga e Castro d'Ayre,
ramo *dos Aguilares de Cedavim*

—*Francisco Saraiva Cardoso d'Aguilar*, mencionado supra, era neto materno de

Francisco Teixeira Rebello Cabral e de D. Guiomar d'Almeida Cardoso, o qual foi mestre de campo da comarca de Pinhel e valorosamente defendeu a praça d'Almeida contra o duque de Ossuna em tempo de el-rei D. Pedro II.

D. Guiomar d'Almeida era neta de Affonso Rodrigues da Guerra, alcaide mór de Numão,[1]—e filha legitima de Diogo Cardoso de Almeida, que foi armado cavalleiro por Bernardim de Carvalho em Tanger, a 27 de junho de 1557, o que foi confirmado por el-rei D. Sebastião, fazendo-lhe tambem mercé da alcaidaria mór de Numão em 1560.

—

D. Anna Maria Pereira de Menezes, mulher de José Teixeira Cardoso d'Aguilar, mencionado supra, era bisneta de Lourenço de Carvalho Rangel (C. O. Ch. e capitão mór de Castro d'Ayre, fundador do morgado d'aquella casa) e de sua mulher D. Filippa de Sousa Bravo de Menezes, da cidade de Braga, descendente d'Alvaro da Moita Pinto, que assistiu á tomada de Azamor e falleceu contando a bagatella de 120 annos de idade.

Alvaro da Moita era filho de Vasco da Moita Pinto, que foi armado cavalleiro por D. Garcia de Meneses e confirmado por el-rei D. Manoel em 8 d'abril de 1516.

Vasco da Moita era filho de Bernardo de Carvalho e Azevedo, alcaide mór de Braga, cavalleiro da ordem de Santo Estevam de Florença, e de sua mulher D. Magdalena da Gran Barbosa, filha de Manoel da Gran e de sua mulher Cecilia Barbosa.

Manoel da Gran era filho de Isabel Pires da Gran e de seu marido João de Sottomaior e irmã de Pedro da Gran, ultimo commendador de Carvoeiro, que instituiu o vinculo da capella das Santas Chagas na egreja de S. Thiago da cidade de Braga.

Isabel Pires da Gran era filha de Constancia Brito da Gran, casada com Ruy d'Abreu, filho de Sebastião Tavares de Brito e de sua mulher Brites de Brito,—e bisneta de

Sebastião Rodrigues da Gran, alcaide mór de Chaves, cavalleiro no tempo de D. João II, filho de

Ruy Gomes da Gran, filho de Gomes da Gran e neto de

Esteves Gomes da Gran, fidalgo do tempo d'el-rei D. João I.

[1] Esta alcaidaria andou nos Aguilares de Cedavim até 1580.

ZETAS ou ZATAS,—rio do Alemtejo.

Nasce perto de Villa Fernando e desagua na margem esquerda do Tejo abaixo de Salvaterra, com 24 legoas de curso. Seus affluentes á direita são *Ervedal* e *Sor*; á esquerda o *Divor*. Alguem dá tambem ao rio *Zetas* o nome de *Ervedal*.—E' isto o que diz o *Flaviense*; o meu antecessor tambem indicou o *Zetas* entre os confluentes do Tejo, mas a *Chorographia Moderna* e o Mappa de J. B. de Castro não mencionam tal rio. Deram-lhe provavelmente outro nome.

Por descargo de consciencia direi que o *Flaviense* tambem me não inspira confiança, pois deu o *Sorraia* como *pequeno rio que entra no Tejo acima de Salvaterra de Magos*, emquanto que os meus mappas dão o *Sorraia* como um grande *rio* que desagua no Tejo muito *abaixo* de Salvaterra, tendo como tributarias ou affluentes muitas ribeiras importantes,—todas as que banham com differentes nomes o Alemtejo desde a villa de Ponte de Sor até Alpalhão, Portalegre, Monforte, Estremoz, Arrayollos e Montemor o Novo. Tem pois uma bacia hydrographica immensa e não póde dizer-se *rio pequeno*.

Mas qual é o rio *Zetas*?

Provavelmente é uma das muitas ribeiras affluentes do Sorraia, mas nenhuma d'ellas tem, como diz o *Flaviense*, 24 legoas de curso.

Dicant transtagani.

ZEVRARIO ou ZEBRARIO.

Nas demarcações do grande couto do mosteiro de Crestuma, que se estendia pelas duas margens do Douro, se faz menção na terra de Souza do *Monte Zevrario*, isto é, *Monte de vacas*—diz Viterbo.

Livro *Preto* de Coimbra, fl. 39, doc. do anno 922.

Viterbo dá *Zebro* e *Zebra* como synonymos de *boi* e *vaca*, mas Bluteau e Moraes dão-lhes significação muito differente.

V. *Zebra*, supra.

ZEZERE (Santa Marinha do) freguezia do concelho e comarca de Baião, districto e diocese do Porto na provincia do Douro.

Abbadia.

Orago, *Santa Marinha*—e não *Santa Maria*, como se lê em alguns autores.

Fogos 560, habitantes 2:750.

Em 1544 era da apresentação dos jesuitas d'Evora; depois passou para o collegio dos jesuitas de Coimbra,[1] que muitos annos receberam todos os dizimos d'ella, até que estes (não sabemos quando) foram divididos pelo collegio dos jesuitas d'Evora e pelo convento benedictino de Travanca.[2]

Extinctos os jesuitas em 1759, passou o quinhão d'elles para a Universidade, mas depois (tambem não sabemos quando) foram os dizimos d'esta parochia divididos pelo Papa, pela Mitra, pelo abbade e pelo convento de Travanca.

Em 1706 pertencia esta parochia ao concelho de Baião e á comarca (corregedoria e provedoria) do Porto; era abbadia do mosteiro de Travanca no concelho de Amarante, *com reserva*; tinham os padres da companhia d'Evora duas partes da renda, que montavam a 270$000; o abbade recebia 300$000 réis, e a freguezia contava 270 fogos.

Em 1768 era da aprezentação alternativa do papa, da mitra e do convento de Travanca; rendia para o abbade 500$000 réis e contava 306 fogos.

Em 1852, segundo se lê no *Flaviense*, era do concelho de Baião, comarca de Soalhães e contava 471 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 482 fogos e 1:913 habitantes; — o de 1878 deu-lhe 511 fogos e 2:207 habitantes—e hoje (1889) conta aproximadamente 560 fogos e 2:750 habitantes.

—

Tem augmentado e augmenta a sua população, porque o seu clima é temperado e muito saudavel; o seu chão é muito arborisado e bem agricultado, e sem ter pantanos, tem abundancia de excellente agua nativa de veia corrente, tanto potavel como de rega. Além d'isso está abrigada do norte em pendente rapida sobre a margem direita do Douro, francamente exposta ao sul e muito batida do sol. Tudo isto é saude e vida e explica a vantajosa desproporção que se dá entre o numero dos fogos e dos habitantes, pois tendo em geral no nosso paiz cada fogo termo medio 4 habitantes, os 560 fogos d'esta freguezia deviam dar 2:240 habitantes, mas dão 2:750, quasi 5 habitantes por fogo.

Por serem muito vigorosas, são muito prolificas as mulheres d'esta parochia e não raras vezes de um só parto dão dois filhos e *mais*!...

Tambem aqui trivialmente se encontram pessoas de 80 a 90 annos de idade.

—

Demora na extremidade E. S. E. do concelho de Baião ao longo da margem direita do Douro e da sua linha ferrea, na qual tem a estação da *Ermida*;—é banhada por 2 rios —*Douro* e *Teixeira*—e por dois grandes ribeiros ou rios mais pequenos:—*Silva Rosa* e *Zezere*, atravessando-a este ultimo de norte a sul e passando junto da sua egreja matriz, pelo que tomou d'elle o nome.

A dicta egreja demora em sitio alto, alegre e vistoso na margem direita do Zezere, do qual dista cerca de 300 metros para O.; 2 kil. da margem direita do Douro e da estação da *Ermida* para N.; 12 de Campello, séde actual do concelho e da comarca, para E.; 87 do Porto e 424 de Lisboa.

Freguezias limitrophes: — Frende (alem do rio Teixeira) Loivos da Ribeira, *Trezou-*

---

[1] Veja-se o topico infra—*Pergaminhos*.
[2] V. *Travanca*, vol. 9.º pag. 728, col. 2.ª

ras[1] e Gestaçô a E.; — Valladares a N.;—S. Thomé de Covellas a O. — e Rezende, alem do Douro, a S.

—

Producções dominantes : — milho, vinho, azeite, batatas, castanhas, hortaliça, hervagens, linho e fructa de toda a qualidade, inclusivamente laranjas, o que prova que o clima é doce.

Tambem produz nas terras seccas centeio, trigo e cevada e cria bastante gado bovino e suino e algum lanigero, mas pouco.

O vinho é verde e *de enforcado,* como no Minho, mas de boa qualidade, e o que ouve *ranger a espadella*, criado no fundo da grande encosta ao longo da margem direita do Douro, é bastante maduro. Se fosse colhido á parte, confundia-se com o do baixo-Corgo, porque os dictos chãos em geral são seccos e ardentissimos no verão e ha por ali bastantes vides baixas, como as do Douro.

Note-se que o chão d'esta freguezia é muito accidentado e muito declivoso com pendente rapida sobre o sul ou sobre o Douro,—pendente tão rapida que, não se afastando a extremidade N. d'esta freguezia talvez mais de 8 kilometros da margem do Douro, attinge talvez mais de 500 metros de altitude sobre o nivel do rio, pelo que o seu clima não é uniforme. Varía com a altitude. É fresco na parte alta; temperado na parte media—e ardentissimo na parte baixa de *verão,* pois no inverno mesmo ali, como succede nas margens de *todo o Douro,* por vezes é insupportavel o frio, nomeadamente quando sopra o vento leste, ali denominado *suão* e *secca silvas,* pois queima as proprias silvas, tão agrestes e tão vivazes!... E' o vento que vem da Hespanha encanado pelo Douro e que talvez desse curso á locução vulgar portugueza:—*Da Hespanha nem vento, nem casamento.*

[1] Este nome de *Trezouras* provem talvez de *Trezoy,* nome proprio godo ou musarabe,—e o de *Loivos,* corrupção de *Lobios,* provem talvez de *Lobia,* nome arabe.

Na propria estação da *Ermida,* que está beijando o Douro e é muito batida do sol, por vezes no inverno, como succedeu no anno de 1887, a agua géla no deposito para abastecimento das machinas e só com agua aquecida ao lume se opéra o desgélo.

—

Note-se que a dicta estação é muito abundante d'agua de veia nativa e muito saborosa, pois rebenta mesmo ali do granito, pelo que no verão, d'ali vae nos comboios muita agua potavel para a Regoa, formosa e populosa villa de grandes recursos, mas muito falta de *combustivel, de pedra* e *d'agua potavel,* pelo que no momento está encanando as aguas do monte *Mourinho* e projecta encanar tambem as do *Corgo,* rio pouco distante.

V. *Regoa* n'este diccionario e no supplemento.

Toca pois os dois extremos o clima d'esta parochia de Santa Marinha do Zezere, mas só á beira do Douro; na parte restante é temperado e agora no verão (estamos em julho de 1889) é encantador, principalmente nas grandes ravinas e fundas quebradas dos seus rios e ribeiros, pois na estiagem estão litteralmente cobertas de mimosa vegetação, tanto do seu arvoredo—castanheiros, oliveiras e pomares de fructa que formam bosques cerrados,—como das uveiras que bordam os seus campos de milho, todos cobertos d'agua e que, tirado o milho, rapidamente se transformam em vastos lameiros ou prados artificiaes sempre verdes.

—

São de mais a mais no verão aquellas ravinas aviarios encantadores, immensos, onde em mavioso concerto se ouve de sol a sol o canto de centos d'aves, dominando o grande côro as rolas e os roixinoes, os gaios e os melros, ficando os roixinoes, essas aves tão sympathicas e aqui tão abundantes, cantando a *solo* toda a noite.

O mesmo agora no verão se nota em ambas as margens do baixo Douro, nomeada-

mente na minha *Penajoia*.—uma das freguezias mais vastas, mais ferteis e mais abundantes d'agua—e a *mais cheia d'arvoredo fructifero e mais mimosa* que se encontra desde o Porto até á Barca d'Alva e Miranda—até Salamanca e Zamora—e talvez em todo o Portugal e Hespanha, ou *em toda a peninsula Iberica?!*...

V. *Penajoia* n'este diccionario e no supplemento.

Merecem especial menção as castanhas d'esta freguezia. São excellentes, muito estimadas na praça do Porto e algumas muito temporãs. Amadurecem no mez de setembro e denominam-se *castanhas de Lamellas*, porque o 1.º castanheiro da dicta qualidade foi plantado no casal de *Lamellas*, pertencente ás *Casas Novas*.

Aldeias e casaes, casas e quintas

Comprehende esta parochia as seguintes aldeias: — *Egreja* ou *Santa Marinha*, uma das mais pequenas, onde está a egreja matriz;—*Lages* ou *Lageas*, uma das mais importantes com algumas lojas de commercio, caixa de correio, pharmacia, etc. a jusante e não longe da matriz na margem esquerda do Zezere;—*S. Pedro* uma das mais populosas com 31 fogos, 3 capellas, etc. a montante da estação da *Ermida* e distante d'ella pouco mais de 1 kilometro, mas de caminho diabolico, extremamente ingreme; — *Ermida*, uma das mais pequenas, mas muito poetica e vantajosamente situada á beira do Douro, junto da estação e das duas barcas de passagem, estação e barcas que d'ella tomaram o nome da *Ermida*;—Paços, Vinha, Granja, Penedo, Estrada, Crusinha ou Coroinha, Sarnado, Responso, Adro,[1] Barreiro, Aveleira, Covello, Ervedal, Ucha, Miguas, Araes,[2] Lama d'Alem, Lama d'Aquem, Brete de Baixo, Brete de Cima, Campo, Casal Paio, Fonseca,[1] Tôrtela, Amoreira, Real e Fontello; — os casaes de Nogueira, Casalinho, Tôrtela, Quebrada de Baixo, Quebrada de Cima, Real, Villa Jusão, *S. Domingos*,[2] Feijoeiros, Cruz, Tapado, Sequeiro, Touça, Ramalhido, Lavra, Ribeiro de Fonseca, Valle, Amoreira, Casal, Cabanellas, Dizimos, Valle da Grade, Thias, Travassos, Pousada, Feitoria, Corgo, Belga, Varzea, Olho Bom, Prados e Miradouro.

As *casas* e *quintas* de Travanca, Ermida, Casas Novas, Entr'Agoas, S. Pedro, Granja, Guimarães, Cadeade de Cima, Cadeade de Baixo, Corujeiras, Pepim, Ervedal, *Botica*,[3] Barbedo, Varzea, Real, Travassos, Ribeiro, Quintão, Alvites, Bouças e Casa da Torre, que foi de João Pereira do Cabo (barão do Cabo) e já não tem torre; — as habitações isoladas de Presa, Prado, Vinhósinhos,[4] Sant'Anna,[5] Bicheiro e Vallinhas,—e os moinhos do Quelho, Fraga, Ponte de Frende e outros muitos.

---

[1] O *Adro* é parte integrante da aldeia de S. Pedro e no *Adro* está a capella de S. Pedro que deu o nome ás 2 povoações.

[2] *Araes*, como logo diremos, é parte integrante da aldeia de *Miguas*.

[1] A aldeia de *Fonseca* tem differentes grupos de casas com differentes nomes, a saber: Quinta de Fonseca, 2 fogos; Ribeiro de Fonseca, 3 fogos; Fonseca de Fonsecas, 4 fogos; Eirô de Fonseca, 4 fogos; Teixeira de Fonseca, 6 fogos; Arrabalde de Fonseca, 8 fogos; Portas de Fonseca, 3 fogos; Fraga de Fonseca, 4 fogos; Souto de Fonseca, 9 fogos; Mouras de Fanseca, 2 fogos; Villa Nova de Fonseca, 6 fogos; Peso de Fonseca, 2 fogos; Ribeirinho de Fonseca, 2 fogos; Lagos de Cima de Fonseca, 3 fogos e *Paço de Fonseca*, nucleo d'esta aldeia, 13 fogos, — total 69 fogos.

[2] Teve, mais já não tem capella de *S. Domingos*.

[3] Teve, mas já não tem *botica*.

[4] N'esta cesa de *Vinhósinhos* muitos annos se celebraram as audiencias do juiso ordinario d'esta parochia, por ser a dicta casa bastante central e não ter quartos, mas só tres grandes salas, e por andar em mãos de caseiros.

Pertence a uma nobre familia da *Faia*, nos suburbios d'Amarante.

[5] Demora á beira do Douro e teve uma capella de *Santa Anna*, que foi profanada, quando se fez a linha ferrea. Ainda lá se veem as paredes.

Templos

Tem esta parochia uma egreja, de que logo fallaremos, e 19 capellas, — 5 publicas e 14 particulares. Vamos indical as todas.

1.ª *Senhora do Soccorro* a O. e distante cerca de 250 metros da aldeia de S. Pedro.

Não é grande, mas antiga; está bem conservada e ali vae da matriz annualmente um clamor no dia da Assumpção, em cumprimento d'um antigo voto, pois todos os habitantes d'esta parochia depositam muita fé na dicta Senhora e a ella costumam recorrer, quando se veem afflictos, v. g. quando é grande a falta de chuva e a sêcca devora as searas,—ou quando a chuva é demasiada e compromette as colheitas.

Quando é grande a falta de chuva, levam-na em procissão até á matriz, seguindo pelas estradas que atravessam os maiores campos, parando de longe em longe e volvendo o rosto da imagem para as campinas resequidas; quando a chuva é demasiada levam-na coberta para a matriz é d'ali volvem com ella em procissão para a sua capella, sempre acompanhada por muito povo que vae com as lagrimas nos olhos entoando a ladainha dos santos, e raras vezes a Virgem deixa de attendel-os.

—

Ainda ha poucos annos, sendo extraordinaria a sêcca e estando os renovos perdidos, varios devotos tractaram de pedir esmolas pela freguezia para levarem a Senhora em *clamor*. A estiagem era de tal ordem que alguns individuos menos crentes sorriram. Não esmoreceram porem os devotos e marcaram dia para o clamor. Toldou-se immediatamente o ar, dando prenuncios de chuva e no dia aprazado, quando principiou o clamor, principiou a chover e *choveu torrencialmente* durante o percurso do clamor e *todo o dia*, ficando os devotos erguendo as mãos ao ceu. E os descrentes, envergonhados e confundidos, foram muito espontaneamente levar as suas offerendas.

—

2.ª *S. Pedro*, capella antiquissima. Demora na povação que tomou d'ella o mesmo nome de *S. Pedro*.

Está no sitio do *Adro*. Diz a tradição que já foi egreja matriz d'esta parochia e que a pobre ermida actual era a capella mór da egreja.

Está bastante arruinada, mas ainda aberta ao culto e, talvez em *signal de obediencia*, a ella vem da matriz annualmente e desde tempo immemorial um clamor no dia de S. *Pedro*.

3.ª *S. Braz*, na aldeia do Paço.

Tem festa e arraial muito concorrido e *muito divertido* no dia do seu orago — 3 de fevereiro, pois os devotos, por ser tempo de entrudo, misturam o sagrado com o profano e aproveitam o ensejo para folgarem e jogarem o entrudo, mascarando-se e distribuindo muitos cartuxos de pó de gomma e de papel de cores cortado em pequenos fragmentos.

Tambem ha por essa occasião muitas *festadas* (descantes e danças) e vendem-se muitas *falachas*, feitas de massa de castanhas.

Logo fallaremos das *festadas* no topico *descantes populares*.

4.ª *Santa Eufemia* na aldeia de Fonseca. Está aberta ao culto, mas mal tractada.

5.ª *Santo Antonio* na aldeia das Bouças. Em ruinas e profanada.

Todas estas são publicas; as seguintes são particulares:

—

1.ª *Santo Antonio* na aldeia de S. Pedro.

Pertence á quinta da nobre casa da *Soenga*, de S. Martinho de Mouros, hoje representada pelo sr. D. Joaquim d'Azevedo Mello e Faro, residente no Porto.

2.ª *Santo Antonio* na aldeia da Ermida.

Pertence ao palacete do sr. dr. Antonio Camillo d'Almeida Carvalho, de quem logo fallaremos.

3.ª *Santo Antonio* na aldeia do Ervedal. Pertence á casa da quinta do Ervedal.

4.ª *Senhora da Conceição* na aldeia da Granja.

Pertence á casa e quinta do sr. Carlos Negrão, de Mesãofrio.

5.ª *Senhora da Conceição.*

Pertence á casa e quinta de Guimarães, que foi de José Reymão de Mello Palhares e é hoje do sr. Francisco Pinto da Silva.

6.ª *Sant'Anna.*

Pertence á casa e quinta das *Casas Novas,* que foi de Carlos Candido e é hoje do sr. Carlos Maria da Cunha Coutinho.

7.ª *Senhor dos Afflictos* na aldeia de Travanca.

Pertence á casa de Travanca da familia *Carvalhaes.*

8.ª *Senhor de Mattosinhos* na aldeia de Miguas.

Pertence á mesma casa de Travanca.

Em ruinas e profanada.

9.ª *Espirito Santo.*

Pertence á casa e quinta de Entre-Agoas, que foi de Antonio Perfeito e é hoje da sr.ª D. Carlota Adelaide Perfeito.

10.ª *S. Caetano* na aldeia de Fonseca.

Pertence ao sr. José Ferreira Coutinho.

11.ª *Senhora da Conceição*, nas Leiras.

Pertence ao sr. João Alves de Araujo.

12.ª *S. João* na mencionada aldeia de Travanca.

Em ruinas e profanada.

13.ª Capella de... na aldeia de Cadeade.

Pertence ao sr. Antonio Alves, mas nunca foi ultimada nem aberta ao culto.

14.ª *Sant'Anna* á beira do Douro. Profanada.

Egreja de Santa Marinha,
matriz actual d'esta parochia

Como já dissemos, demora em sitio alto e vistoso, a pequena distancia da margem direita do Zezere, mas em terreno ingrato para uma construcção de tal ordem, por ser muito ingreme.

A tradição diz que primitivamente foi uma capella, cuja invocação hoje se ignora e que estava perto da margem direita do Douro na pequena povoação da *Ermida,* que tomou d'ella o nome.

Nada, absolutamente nada resta hoje da dicta capella. Apenas se aponta como local da pobre ermida um sitio denominado *Lodam* ou *Lodo*, onde se teem encontrado pequenas moedas antigas de cobre muito gastas,[1] contas de vidro, de rosarios, e ossos.

O local era solitario, abafado e deserto, mas tinha certa importancia pela sua posição geographica, pois estava junto da barca de passagem que tornava a dicta capella muito conhecida e muito accessivel aos povos das duas margens do Douro.

—

Note-se que a invasão dos barbaros do norte e a dos mouros fizeram rarear muito a população christã e os templos e conventos de Portugal e da peninsula. Apenas escaparam de longe em longe algumas egrejas e capellas e talvez que a da *Ermida* fosse uma das taes, pelo que, na falta de melhor templo, foi arvorada em matriz, como os povos fronteiros do actual concelho de Rezende e outros até muitas legoas de distancia arvoraram em matriz, talvez *in illo tempore*, a capella de *Nossa Senhora de Carquere*;— e os povos do concelho de Taboaço e outros muitos mais distantes arvoraram em matriz a capella de *Nossa Senhora do Sabroso* junto da villa de Barcos — e os do districto de Panoias arvoraram em matriz a capella d'Anciães, etc., etc.

V. *Carquere, Sabroso* e *Villa Real de Traz os Montes* vol. 11.º pag. 936, col. 2.ª

Note-se finalmente que todo o bispado do Porto no sec. VI comprehendia apenas 25 freguezias.

V. *Porto*, vol. 7.º pag. 271, col. 1.ª

Da capella da *Ermida* (diz ainda a tradição) passou a matriz d'esta parochia para a

---

[1] Talvez que as dictas moedas fossem lançadas na sepultura dos cadaveres, como se usou antigamente em todo o nosso paiz e se usa ainda hoje em muitas parochias. — nomeadamente n'esta de *Santa Marinha do Zezere*, tanto no enterro de pessoas pobres, como das mais nobres e mais ricas.

capella de *S. Pedro*, situada a montante e em sitio mais alegre e desafrontado, cerca de 1 kil. para N. N. O. na povoação de *S. Pedro*, como já dissemos supra, no tit. *capellas publicas*, n.° 2, — e d'ali passou para a egreja actual, ou antes para o templo (talvez edicula ou capella) hoje representado pela egreja de *Santa Marinha*.

—

É um templo soffrivel de uma só nave, pouco elegante, mal situado, mal tractado e muito irregular.

Como demora em uma barreira com pendente para o sul, a egreja ficou atravessada de nascente a poente, com a porta principal para este ultimo quadrante.

O adro é informe, desgracioso e pequeno. Do lado sul está ao nivel do pavimento da egreja; do lado norte e poente está em nivel superior e afrontando a egreja com uma grande sobre-carga de terra, que torna o templo bastante humido.

Sobe-se da parte inferior para a superior do adro por alguns degraus de pedra, seguindo-se para N. o cemiterio, que está contiguo e em plano superior ainda; — e para S., em plano inferior, está a velha residencia parochial, muito irregular tambem e mal tractada, mas com bastantes commodos e boa cerca, resto do antigo passal, que foi desamortisado ha poucos annos, arrematando a terça o parocho actual—rev. José Bernardo Correia de Sa—da Villa da Feira, que em um sitio lindissimo, desafrontado de todos os lados, um pouco a juzante da velha rezidencia e na parte do passal que arrematou, fez em 1887 um bom edificio, onde vive com a sua familia.

O passal era espaçoso e, quando o governo o poz em praça, foi dividido em 6 lotes, sendo um arrematado pelo dicto abbade, outro pelo dono das *Cosas Novas*, outro por Antonio Luiz Pereira d'Amorim, outro por Albino Pinto Torres e outro, o da margem esquerda do Zezere, pela dona da quinta de *Entre Agoas*.

Ao todo produziu cerca de 8 contos de réis, que foram averbados em inscripções aos parochos—e ainda ficou para estes o 6.º lote, que é um bom quintal junto da velha residencia.

Como os abbades d'esta parochia tinham bom rendimento proveniente dos dizimos e do grande passal, foram sempre e são ainda hoje pouco importantes os emolumentos do pé d'altar.

—

A egreja outr'ora era muito mais pequena, como revelam as acanhadas proporções da capella mór.

Foi restaurada e ampliada no primeiro quartel do sec. XVIII pelo benemerito dr. e abbade Fr. Salvador Coutinho da Cunha, das Casas Novas, religioso benedictino do convento de Travanca, segundo se lê em uma grande inscripção que está sobre a porta travessa do lado sul, inscripção bastante gasta e que mal póde ler-se toda.

É a seguinte:

DNI. A. M. D. C. C. XXV
ECLESIA HAEC IN HONO-
RÈ D. ET V. M. Q.
MARINAE, EJUS P. REAE
DIFICATA ET ADDITA FUIT
TUNC ABB. R. P. SALVA-
TORE COUT.° DA CUNHA
...APP. S. BENEDICTI DE
TRAVANCA IN ALTERNATI-
VA PONTIFICIS (?)

Em vulgar:—«No anno do Senhor de 1725 foi reedificada e accrescentada esta egreja para honra de Deus e da Virgem e Martyr Santa Marinha, sua padroeira, pelo reverendo padre Salvador Coutinho da Cunha, então abbade d'ella, por appresentação do convento benedictino de Travanca, na alternativa do Pontifice (?)»

O dicto abbade era dr. de capello em theologia pela Universidade de Coimbra, monge de S. Bento no mosteiro de Travanca e ali mestre de theologia, quando vagou esta egreja, e foi n'ella apresentado pelo dicto convento, por ser, como já dissemos, da apresentação d'elle e alternativamente do Papa e da mitra.

Os dizimos d'esta parochia foram divididos em 3 quinhões — um para o seu abbade, outro para a Universidade e outro para os jesuitas—e, extinctos os jesuitas, passou tambem para a Universidade o quinhão d'elles.

Consta que em 1834, quando se extinguiram os dizimos, o quinhão do abbade era orçado em 7 mil cruzados, ou 2:800:000 réis — afóra o rendimento do passal e pé d'altar?!...

Foi uma boa abbadia, e boas abbadias foram tambem n'aquelle tempo e são ainda hoje as circumvisinhas:—Gestaçô, Valladares, S. Thomé de Covellas e Santa Cruz do Douro. Esta de Santa Marinha renderá hoje 500 a 700 mil reis e qualquer das outras deve render egual somma.[1]

—

A egreja de Santa Marinha, depois de restaurada pelo rev. Salvador, ficou um bom templo, bastante espaçoso e mesmo luxuoso.

A capella mór é muito pequena mas tem boas decorações de talha antiga dourada.

O corpo da egreja tem 4 altares:—2 com decorações de talha antiga, tambem dourada—*Santa Anna e Almas*,—e 2 de talha moderna, muito mais barata,—*Santa Marinha* e *Senhora do Rosario*, feito em 1887 a 1888, cuja imagem foi dada pelo sr. Francisco Pinto da Silva, dono actual da quinta de Guimarães.

Tem um só pulpito, mas com bella cupula de talha dourada; — ao fundo da egreja um côro espaçoso e junto d'elle um pequeno orgão, que custou 400$000 réis.

Do lado norte estão a sacristia, a casa da fabrica e a torre com 3 sinos e um bom relogio, igual ao do palacio da Bolsa do Porto.

O tecto da egreja é interiormente apainelado e todo cheio de pinturas a oleo, mas de pouco merecimento artistico, representando os 12 apostolos, varios mysterios do Menino Jesus, etc.

Do exposto se vê que a dicta egreja foi um bom templo, mas hoje demanda obras importantes de reparação e limpesa e deve ser toda soalhada, porque o seu pavimento ainda tem as quadrellas e tampas das antigas sepulturas, o que produz mau effeito e é pouco hygienico.

Cemiterio

Como já dissemos, está contiguo á egreja, —do lado norte. Tem um bom portão de ferro;—um mausoleu da familia *Amorim* e 2 começados:—um da familia *Cunha Coutinho*, das Casas Novas,—outro da familia *Azeredo Lobo*, da aldeia de S. Pedro.

É um cemiterio decente, mas muito pequeno e *muito mal situado*, pois alem de estar contiguo á egreja matriz, sempre muito concorrida de povo, está cercado de casas pelo nascente e norte, avultando entre ellas as 2 escolas parochiaes de instrucção primaria, muito concorridas pelas creanças de ambos os sexos de toda a freguezia. Está *encravado* na povoação da Egreja e é uma *pessima visinhança*, nomeadamente para as pobres creancinhas.

Devem removel-o *com urgencia* para local mais desafrontado e distante das ultimas casas pelo menos 300 metros, como a lei manda.

Se hoje pesasse uma epidemia qualquer sobre esta parochia, o conselho de saude mandaria immediatamente fechar e profanar o cemiterio, pois é o maior foco de infecção de toda a freguezia.

Casas e quintas principaes

Tem esta parochia muitas casas e quintas importantes. Mencionaremos n'este topico apenas algumas, pedindo desculpa das omissões e da ordem que seguimos, sem

---

[1] No tempo dos dizimos a melhor abbadia de Portugal era a de *Lobrigos*, no concelho de Santa Martha de Penaguião. Rendeu alguns annos mais de *vinte contos de réis*?!... V. *Lobrigos*—é o topico *Arcas e cubas* no artigo *Viseu*.

attenção a preeminencias, pois somos estranhos á localidade e não as conhecemos bem.

1.º—Casa e quinta de *Travanca*, da familia *Carvalhaes*.

Tem um bom edificio brazonado de 2 andares, grande cerca, muito fertil e muito abundante d'agua e uma capella do *Senhor dos Afflictos*, boa matta, etc.

Pertence actualmente aos filhos e herdeiros do dr. Manoel d'Almeida Carvalhaes, fallecido ainda este anno de 1889, e que foi conselheiro e dezembargador do supremo tribunal, capitalista e senhor d'outros muitos bens, casaes e quintas, avultando entre ellas a do *Paço* na freguezia de Cidadelhe, concelho de Mesãofrio, que foi de D. Diogo de Mello Pereira, commendador de Moura Morta desde 1630 até 1642,—commenda riquissima da O. de Malta,—e tem uma casa nobre antiga, que é um palacio! Obteve-a por compra.

A dicta casa de Travanca foi feita no meiado d'este seculo pelo dr. e tambem dezembargador Luiz d'Almeida Carvalhaes, irmão do mencionado dr. e dezembargador Manoel d'Almeida Carvalhaes.

—

O dr. e dezembargador Manoel d'Almeida Carvalhaes c. c. D. Anna José Pereira Peixoto de Queiroz e Menezes e d'este consorcio existem dois filhos e herdeiros, D. Anna d'Almeida Carvalhaes Pereira Peixoto e Manoel d'Almeida Carvalhaes Pereira Peixoto, os quaes pela parte paterna são netos de Manoel d'Almeida Carvalhaes e de D. Anna Joaquina de S. José Moreira Pinto, da dicta casa de Travanca, e foram seus avós maternos—José Peixoto Sarmento de Queiroz, dezembargador e juiz da corôa na relação do Porto,—e D. Maria Candida Cardoso de Queiroz e Menezes, sua prima.[1]

Tios paternos dos actuaes donos da casa de Travanca:

—Antonio d'Almeida Carvalhaes, abbade da freguezia de Valladares, d'este concelho;

—Francisco d'Almeida Carvalhaes, abbade de Moura Morta, concelho da Regoa, e

—Dr. Luiz de Sequeira d'Almeida Carvalhaes, dezembargador nas ilhas.[1] Mandou fazer o palacete actual de *Travanca*.

Tios maternos:

—Vasco Pereira Peixoto de Queiroz e Menezes, senhor da casa de seus paes em Amarante;

—Gaspar Pereira Peixoto, arcediago da collegiada de Guimarães;

—Francisco Pereira Peixoto, secretario do governo civil d'Aveiro;

—Rodrigo, abbade de Capellos, em Amarante;

—Joaquim, freire de S. Bento d'Aviz e conego da patriarchal.

Tinha uma excellente voz de barytono, que foi admirada em diversos concertos e em varias representações d'operas no luxuoso theatro particular da quinta das *Laranjeiras*, então pertencente ao conde de Farrobo.

—Agostinho Peixoto...

—João Pereira Peixoto, que percorreu toda a Europa, viajando como *touriste*.

—José Pereira Peixoto, o unico tio que ainda vive.

É conego da Sé do Porto e freire de S. Bento d'Aviz, etc. Alguns dos irmãos foram bachareis formados e commendadores de varias ordens.

—

Das tias maternas dos actuaes senhores da casa de *Travanca* ainda vivem duas:

—*D. Maria Leonor Pereira Peixoto de Menezes*, senhora da casa do *Pinheiro*, nos suburbios de Amarante, sogra de Diogo Leite Pereira de Mello e Alvim, ex-presidente da camara de Villa Nova de Gaya e dono da casa de *Paço de Sousa*, etc., e

—*D. Maria de Menezes Teixeira Peixoto*,

---

[1] V. *Casaes de Figueiredo*, tomo 2.º pag. 197.

[1] V. *Casaes de Figueiredo*, tomo 2.º pag. 234.

senhora da nobre casa da *Feitoria*, em Amarante, mãe de José Taveira de Carvalho Pinto de Menezes, distincto engenheiro civil e distincto escriptor publico, grande proprietario e cavalheiro estimabilissimo, casado e com successão. Rezide habitualmente no Porto, onde foi durante annos presidente da commissão anti-phylloxerica do norte e é hoje vogal da *Liga dos Lavradores* e um dos fundadores e directores da *Real Companhia Vinicola do Norte*, etc., etc.

2.ª—*Casas Novas*.

Tem um bom edificio brazonado e muito bem tractado, com uma linda capella de *Sant'Anna*, jardins e bella cerca muito mimosa e caprichosamente agricultada, bons campos, lindas ramadas, pomares de fructa de espinho e caroço, moinhos, etc.

Esta sumptuosa vivenda pertence hoje ao sr. Carlos Maria da Cunha Coutinho, moço fidalgo com exercio, casado com a sr.ª D. Maria da Boa Nova, filha de D. Joaquim de Carvalho d'Azevedo Mello e Faro, dono da nobre casa da Soenga em S. Martinho de Mouros e de muitos bens n'esta parochia de Santa Marinha.

O palacete das *Casas Novas* foi mandado construir em 1738 por Felix Coutinho da Cunha, capitão mor de Baião, F. C. R. e senhor do morgado do Paço, em Cabeceiras de Basto, e do de S. Thiago de Riba Tamega, nos suburbios da Lixa. Era irmão do rev. dr. e abbade Salvador Coutinho da Cunha, que restaurou e ampliou a egreja matriz d'esta parochia.

Succedeu-lhe seu filho Carlos da Cunha Coutinho, sargento mór e major d'ordenanças n'este concelho de Baião e que falleceu em 24 de março de 1827.

Succedeu lhe seu filho Carlos Candido da Cunha Coutinho, que assentou praça de cadete em 1808 e nas patentes de alferes, tenente e capitão graduado fez toda a guerra da Peninsula, sendo condecorado com a cruz d'ouro n.º 5 da dicta campanha.

Era fidalgo cavalleiro e commendador de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa; foi durante 14 annos consecutivos administrador d'este concelho e falleceu solteiro e sem successão em 2 de maio de 1867, pelo que lhe succedeu o sr. Carlos Maria da Cunha, seu sobrinho por varenia, em toda a casa de Santa Marinha, na de Paço de Cabeceiras, na de S. Thiago da Lixa, na quinta de Tullões, nas de Arnoia e Travessinhos em Celorico de Basto e na de Aragão, concelho de Fafe, todas vinculadas outr'ora.

Tambem é senhor e representante da antiga casa dos capitães móres de Fontes, no concelho de Marco de Canavezes, e da casa de *Santa Comba*, no concelho de Santa Martha de Penaguião, casa que herdou de um seu remoto parente, ultimo dono d'ella, —e por fallecimento de seu sogro deve herdar d'elle outros casaes e quintas.

É um cavalheiro muito tractavel e muito estimavel;—tem successão — e vive na sua bella residencia das *Casas Novas*.

—

Salvador da Cunha Coutinho Lopes *Picado* (?) da antiga casa de S. João d'Arnoia, concelho de Celorico de Basto, coronel graduado em brigadeiro das milicias d'aquelle concelho, F. C. C. R. e commendador da Ordem de Christo, etc. fez parte dos sitiantes do Porto e ali falleceu em 1832, sendo morto por uma bala que lhe varou a testa no ataque do dia de S. Miguel, e jaz na capella da quinta da *China*, freguezia de Campanhã, na margem direita do Douro.

Havia casado em 1825 no concelho de Santa Martha de Penaguião, com D. Brizida Rodrigues d'Azevedo, filha de Antonio Rodrigues d'Azevedo, cavalleiro do habito de Christo e senhor da nobre casa de *Santa Comba*, na freguezia de S. Miguel de Lobrigos, cuja abbadia foi a melhor de Portugal.[1]

---

[1] V. Lobrigos (S. João) tomo 4.º pag. 432, col. 2.ª—e *Viseu*, topico *Arcas e cubas*, tomo 11.º pag. 1585, col. 1.ª

Note-se que o abbade de S. João de Lobrigos era tambem abbade de S. Miguel de Lobrigos;—recebia os dizimos das duas parochias — e de uma 3.ª que tambem aprezentava.

Do dicto consorcio tiveram um filho unico, de nome Francisco da Cunha Coutinho de Magalhães e Vilhena (eu conheci-o) moço fidalgo com exercicio no paço, etc., que foi dono das casas de S. João d'Arnoia e, fallecendo sem successão com 56 annos de idade em 1882, passaram as dictas casas para o sr. Carlos Maria da Cunha Coutinho, seu parente paterno e dono das *Casas Novas* de Santa Marinha, como já dissemos.[1]

—

A casa de *Santa Comba* foi uma das mais ricas do concelho de Santa Martha no tempo da velha companhia dos vinhos—e tem um palacéte, cuja pedra (*só a pedra!...*) custou cerca de 30:000 crusados—ou *doze contos de réis,*—segundo me disse o ultimo dono d'ella.

É muito para uma aldeia, mas note-se que o dicto palacete, como outros muitos de Santa Martha, alguns maiores e mais luxuosos ainda, — é todo revestido de bom granito da serra de *S. Domingos da Queimada* na margem esquerda do Douro, e distante cerca de 20 kilometros de caminho então horroroso, mettendo-se de permeio o Douro e o concelho da Regoa, pois tanto n'este concelho como no de Santa Martha, ambos cheios de grandes palacetes revestidos de granito, — *não ha granito.* O mais proximo—aliás finissimo e do melhor de Portugal—é o da dicta serra, mas ficava a peso d'ouro nos dois concelhos, principalmente antes de se fazer a ponte da Regoa, pois tinha de atravessar o Douro em barcas, com grande dispendio e grande risco.

Para se formar ideia da riqueza d'aquelles dois concelhos *in illo tempore* basta lançar os olhos sobre o estendal de palacetes que os povoam.

V. *Villar*, aldeia, tomo 11.º pag. 1175, col. 2.ª e *Villar d'Andorinho* no mesmo vol. pag. 1190, col. 2.ª tambem.

3.ª—*Casa da Ermida* na pequena povoação d'este nome;

É uma das mais novas, mais espaçosas e mais luxuosas d'esta freguezia na actualidade—e hoje a mais elegante, mais bem situada e a mais accessivel de todas, pois demora em local muito pittoresco, alegre e vistoso na margem direita do Douro, cercada por este rio a S., — pelo Zezere a O.,— pelo Teixeira ao nascente, e ao norte pela linha ferrea, que vara em tunnel a raiz do monte que divide o Teixeira do Zezere, passando o mencionado tunnel a poucos metros do dito palacete.

Está pois a dicta casa em uma especie de peninsula muito alegre, muito mimosa, cercada de bello jardim, campos e pomares, dominando os 3 mencionados rios, duas barcas de passagem que cruzam o Douro, uma a montante e outra a jusante do formoso palacete;[1]—a linha ferrea, que passa a poucos metros da casa,—e a estação da *Ermida,* que está em frente da casa, distante d'ella pouco mais de 100 metros—e no mesmo nivel, pelo que a estação é o *rendez-vous*

---

[1] Veja-se tambem o art. *Villa Pouca,* aldeia da freguezia de Arnoia, tomo 11.º pag. 898, col. 2.ª

[1] A 1.ª é muito antiga e particular. Pertence á casa da Ermida e é administrada por ella, sendo tambem consortes D. Josepha Clementina, viuva de Raymundo Borges, da *Casa da Capella,* freguezia de S. Thomé de Covellas, e José Liberato de Carvalho Pinto Borges, por compra que fez á casa de *Travanca,* de um quinhão que havia sido da nobre casa da *Faia,* ou antes da casa de *Vinhósinhos,* d'esta parochia, hoje pertencente á da *Faia,* junto de Amarante, quinhão que passou por compra para a casa de Travanca.

A 2.ª barca é muito moderna. Foi estabelecida cerca de 500 metros a jusante da 1.ª e em frente da estação da Ermida, quasi exclusivamente para servir a estação, por José Maria Borges Carneiro, da casa das *Côtas,* de Rezende, mas a camara de Rezende apossou-se da dicta barca e é hoje d'aquelle municipio!...

Em breve desapparecerão ambas, logo que se construa a projectada ponte, da qual adiante fallaremos.

dos felizes donos d'este bello palacete,—em quanto que todas as outras casas nobres d'esta freguezia demoram em sitio alto, alcandoradas nas encostas, mediando entre ellas e a estação medonhos barrancos muito declivosos, que mal se transpõe a pé ou a cavallo, mesmo porque as estradas são todas antigas, despenhadeiros que fazem tremer!...

—

E' tambem muito interessante o lanço do Douro dominado pela dicta casa, pois no verão principia em frente d'ella o poço de *Riboura*, muito fundo e d'agua morta, especie de lago, que se póde transpor a remos e se presta admiravelmente para recreio,—poço que se estende desde o ponto de *Ripança*, cerca de 2 kilometros a montante, até o ponto de *Canedo*, em frente da estação da *Ermida*, dominado tambem pela dicta casa e que é um dos pontos do Douro mais perigosos no verão, pelo que offerece constantemente scenas variadas. E no inverno o poço de *Riboura* é um ponto continuado, medonho, perigosissimo! Fórma grandes redomoinhos, sorvedouros ou *dornas*, que mettem a pique os grandes barcos rabellos, como succede trivialmente no sitio denominado *Altar*, quasi em frente e a pequena distancia do dito palacete.

Ali teem naufragado no inverno *milhares* de barcos!...

E' por vezes tão fundo e tão violento o dicto sorvedouro, que a agua brame e semelha o rufar de um tambor.

Os taes redomoinhos abundam no inverno em todos os poços e ha um no alto-Douro (no poço *Saião* ou no *Pocinho*) que é talvez o mais medonho de todos.

Descreve um grande circulo; abre uma cova muito funda e, quando a agua pesa demasiado nas paredes da *dorna*, fecha repentinamente, produzindo um estrepito como a detonação de um tiro.

Vade rétro!...

V. *Pontos do Douro*, tomo 7.° pag. 198, col. 2.ª—*Poços do Douro* no art. *Viseu*, tomo 11.° pag. 1:704, col. 2.ª tambem,—e o topico *Ponte da Ermida*, infra.

—

A dicta casa tem 3 pavimentos e foi recentemente feita, em substituição d'outra mais humilde e muito antiga, pelo sr. Antonio Camillo d'Almeida Carvalho, seu actual possuidor, casado, mas sem successão, bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra, cavalheiro muito tractavel, muito illustrado e muito bondoso, que já foi por vezes deputado ás cortes e muitos annos consecutivos procurador á junta geral do districto do Porto pelo concelho de Baião, etc.

Sendo deputado e vivendo em Lisboa, foi um dos padrinhos do duello que no dia 29 de março de 1862 ou 1863 matou o seu mallogrado visinho, contemporaneo e particular amigo, dr. José Julio d'Oliveira Pinto, natural da villa de Barqueiros, então chefe do ministerio dos negocios ecclesiasticos e de Justiça — e tambem deputado — talento verdadeiramente superior.

V. *Barqueiros*, tomo 1.° pag. 336, col. 2.ª

O sr. dr. Antonio Camillo d'Almeida Carvalho formou se em 1857 e é filho de Antonio Camillo Pereira d'Almeida Carvalho Pinto, de quem herdou a casa e quinta da *Ermida* e varias casas no Porto, etc.

Tem uma irmã, D. Maria Isabel, tambem muito illustrada. Casou com Miguel de Vasconcellos Pereira de Mello, de Santa Christina de Figueiró, concelho de Amarante, irmão do rev. bispo actual de Lamego — D. Antonio da Trindade e Vasconcellos Pereira de Mello.

Está viuva e sem successão e reside na mesma casa da Ermida.

4.ª—Casa e quinta de *Guimarães*, brazonada e com uma capella de *Nossa Senhora da Conceição.*

Demora em sitio alto, alegre, plano e muito vistoso junto da velha estrada do Porto por Penafiel, Canaveses e Baião a Mesãofrio.

Foi casa muito nobre e produziu pessoas muito notaveis, entre ellas José Maximo Pinto da Fonseca Rangel, ministro de estado, coronel d'artilheria, etc.

Raptou do paço dos nossos reis D. Maria

Helena de Saldanha Castro Lorena e Daun, parenta proxima do duque de Saldanha e dama da rainha D. Carlota Joaquina.

Casou com a dicta senhora e teve uma filha unica e herdeira—D. Maria Guilhermina de Saldanha Pinto Rangel que, sendo já viuva e sem successão, casou com José Reimão de Mello Palhares, da Ucanha, do qual tambem não teve successão, pelo que fallecendo *ab intestato*, foram herdeiros os seus parentes mais proximos, D. Antonio José de Mello Saldanha e irmãos, de Lisboa, e a estes comprou a quinta e casa de Guimarães Francisco Pinto da Silva, seu actual possuidor, grande capitalista (*brazileiro*) natural da povoação de S. Pedro, d'esta parochia de Santa Marinha, casado e com successão, o qual restaurou a dicta casa e tem juntado á quinta diversas propriedades.[1]

—

O chão da casa é um planalto encantador e foi habitado desde tempos muito remotos, pois ali se encontram ainda muitas sepulturas abertas na rocha — e não longe d'ella se encontraram ha poucos annos em uma escavação outras sepulturas antiquissimas de tijolo, sendo a localidade abundante em granito. Em uma d'estas sepulturas se encontrou do lado da cabeceira uma pequena moeda de cobre muito gasta e por certo do tempo em que era costume lançar com os cadaveres pequenas moedas nas sepulturas, — costume antiquissimo, *ainda hoje* em vigor n'esta parochia, como já dissemos supra, quando fallámos da egreja matriz.

Ainda lá se vêem as sepulturas abertas na rocha; as de tijolo foram completamente destruidas.

—

José Maximo Pinto da Fonseca Rangel, sendo perseguido como constitucional em 1828, viveu occulto e homisiado até que um dia, contando cerca de 70 annos de idade, appareceu em Lisboa morto dentro d'um caixão á porta de uma egreja, e nunca se explicou o seu tragico fim.

Era muito illustrado, muito animado e poeta.

Ainda hoje na localidade se repetem alguns versos humoristicos, feitos por elle,[1] e publicou differentes obras em prosa e verso. O *Diccion. Bibl.* de Innocencio aponta as seguintes:

1.ª *Poesias...* Lisboa, 1793.

2.ª *Templo da Memoria*, poema; Lisboa, 1793.

3.ª *Catalogo por copia, extrahido do original das sessões e actas feitas pela sociedade de portuguezes dirigida por um conselho intitulado* Conselho Conservador de Lisboa

---

[1] Adquiriu a sua grande fortuna em Santos, no Brazil, onde conserva ainda uma soberba casa industrial e commercial, dirigida por 3 filhos, todos 3 ainda solteiros.

[1] Ahi vae uma amostra do panno:
Elle era doido por mulheres, pelo que a esposa tomava criadas sempre feias. A uma das taes furias dedicou elle as seguintes quadras:

Um covado de comprido,
Altura de mais de vara,
Tem a testa d'este monstro
No alto da feia cara.

Os olhos amortecidos
Vesgos e mal engraçados,
Em duas covas profundas
Ambos estão enterrados.

Nariz de magro esqueleto,
De materias aqueducto,
Vapora d'instante a instante
Ar pestilento e corrupto.

A bocca é larga e disforme
Enegrecida de sorte,
Que parece sem mentir
A propria bocca da morte.

Tem pescoço denegrido,
Colo de galgo esfaimado
Com duas pelles ao fundo
No peito secco e mirrado.

O diabo me arrapanhe,
Se eu não juro na verdade
Que, sendo assim as mulheres,
Tudo fôra castidade.

e *installada n'esta mesma cidade em 5 de fevereiro de 1808, para tratar da restauração da Patria.*

«José Maximo (diz Innocencio) foi secretario do tal *Conselho*, que não passava... de uma loja maçonica...»

Talvez prenda com a maçonaria o tragico fim do auctor!...

4.ª *Severo exame do procedimento dos portuguezes...*

Lisboa, 1808.

5.ª *Desengano feliz....*

Lisboa, 1809.

6.ª *A batalha d'Otta, entremez heroico.*

Lisboa, 1808.

7.ª *Projecto de guerra contra as guerras, offerecido aos chefes das nações europeas.*

Coimbra, 1821.

8.ª *Pernicioso poder dos perfidos validos*, destruido pela Constituição.

Coimbra, 1821.

9.ª *Causa dos frades e dos pedreiros livres no tribunal da Prudencia.*

Lisboa, 1822.

Na 1.ª parte advoga a causa dos frades; na 2.ª faz a apologia da *maçonaria.*

10.ª *Vantagens do soldado portuguez.*

Lisboa, 1823.

—

Innocencio, fallando do auctor, diz:

«*José Maximo Pinto da Fonseca Rangel*, major do exercito, foi por algum tempo governador do Castello de S. João da Foz, no Douro; deputado ás cortes ordinarias de 1822, e encarregado do ministerio dos negocios da guerra, no intervallo que mediou entre a sahida d'el-rei D. João VI de Lisboa no fim de maio de 1823, e a sua volta de Villa Franca em principios de junho seguinte.—Foi natural da provincia de Traz-os-Montes,[1] e primo de José Ribeiro Pinto, alferes de infanteria n.º 16, justiçado em 1817 como um dos principaes cabeças da conspiração chamada vulgarmente de *Gomes Freire*,[1] á qual parece que José Maximo estava bem longe de ser extranho, posto que contra elle se não procedesse regularmente por esse motivo.—Morreu em Lisboa, homisiado, no tempo do governo do sr. D. Miguel, contando então 70 annos de idade, ou pouco menos, segundo as informações que obtive. Seu parente e meu amigo, o sr. conego Antonio Ribeiro d'Azevedo Bastos, me prometteu ha annos dar amplas noticias d'elle, as quaes todavia não chegaram até hoje.»

Referia-se ao anno de 1860—e nunca recebeu taes noticias, pois o sr. Brito Aranha continuador de Innocencio, volvendo a fallar do mesmo auctor em 1885, não fez a minima referencia a ellas e pouco adiantou.

—

Eu ainda conheci um parente de José Maximo, talvez filho ou sobrinho do pobre alferes José Ribeiro Pinto. Chamava-se *Francisco Pinto Ribeiro da Fonseca*; vivia então (1854–1860) na aldeia dos *Araes*, junto da quinta de *Guimarães*; depois passou para Lisboa, onde morreu solteiro e sem successão.

Era homem já idoso, bastante illustrado e muito liberal. Durante o governo do sr. D. Miguel viveu homisiado e depois militou como voluntario no cerco do Porto, mas terminada a lucta, não seguiu a carreira das armas.

Era muito excentrico e muito valente!

Depois que andou homisiado, lembrando-se dos discommodos porque passou em sitios ermos, trazia sempre comsigo uma navalha de bárba, agulhas e linhas e uma pequena cabaça com vinho.

---

[1] Dizem-nos que nasceu na quinta de *Guimarães*, freguezia de Santa Marinha do Zezere, concelho de Baião, districto do Porto, *provincia do Douro*. Innocencio equivocou-se talvez, porque a dicta parochia é visinha do concelho de Mesãofrio, districto de Villa Real, provincia de *Traz-os-Montes*.

[1] V. *Lisboa*, tomo 4.º pag. 116, col. 1.ª—*in fine*.

Foi bom jogador de florete, sabre e pau —e tão valente e decidido, que todo o concelho de Baião o respeitava. Nenhum descante ousava ir ao povo d'elle sem lhe pedir licença, sob pena de serem corridos a pau, como por vezes correu descantes de valentões cheios de basofia.

—

Quando moço apostava que, saindo a um terreiro a tocar viola passeando, com um pau apertado simplesmente pelo braço esquerdo contra a ilharga, 3 homens *quaesquer* não lhe tirariam o pau, nem lhe tolheriam o passo, nem o impediriam de tocar. Nunca perdeu a aposta e, contando já talvez 60 annos, a mim me disse que ainda apostava contra 2 valentões quaesquer!...

Outro facto:

Depois do cerco do Porto foi para Baião e, passados tempos, ali adoeceu, ficando inerte, com os olhos fechados, e sem poder fallar nem mover-se.

Assim se conservou deitado na cama 9 annos, a despeito de todos os esforços da medicina.

O povo dizia que era *encantamento* e a familia, esgotados os soccorros medicos, deu ouvidos aos crendeiros da localidade. Mandou chamar uma das muitas intrujonas—*mulheres de virtude* — que por ali abundavam *in illo tempore*, curando (?) toda a casta de enfermidades com resas e mesinhas.[1]

A boa da mulher disse que elle estava morto e que por haver commettido grandes crimes,[2] a alma fôra condemnada a ficar eternamente presa ao cadaver, mas que ella ia empregar todos os meios para libertar a pobre alminha.

—

Principiou logo as benções, resas e esconjuros e, passados dias, ministrou-lhe certa *pisorga*. Sentiu-se elle muito afflicto; abriu os olhos; sentou-se na cama; vomitou muito—e em breve se levantou e restabeleceu, volvendo ao estado normal e vivendo longos annos.

Isto é facto, o que nos leva a crer que o tal *encantamento* era algum *envenenamento*, talvez propinado pela *confraria* da intrujona,—e que a tal *pisorga* era o *contra-veneno*!...

Ainda vivem n'esta parochia e em outras d'este concelho muitos parentes do tal Francisco Pinto, alguns dos quaes nós conhecemos, e d'elles ouvimos tudo o que fica exposto.

Prosigamos.

5.ª—Casa e quinta d'*Entre-Aguas*.

Demora na margem esquerda do Zezere e é uma das melhores quintas d'esta parochia.

Tem boa casa de habitação, largos campos e muita agua, luxuosamente distribuida por canos de granito e uma eira soberba, tambem de granito. Custou contos de réis e é a melhor do concelho.

Esta grande propriedade tem uma capella do *Espirito Santo* e pertenceu á nobre familia *Perfeitos*, ultimamente representada por Antonio Perfeito Pereira Pinto Osorio, dono d'outras muitas casas e quintas em diversos pontos do nosso paiz, avultando entre ellas a casa da *Corredoura* na freguezia de Cambres, junto de Lamego, que é uma das mais sumptuosas vivendas da provincia.[1] Foi casado, mas morreu sem successão, pelo que deixou a sua grande fortuna a diversos parentes e esta quinta de *Entre-Agoas* á sr.ª D. Carlota Adelaide Perfeito, que n'ella vive.

Hoje esta quinta rende 800 a 900 mil réis.

---

[1] Logo daremos algumas das taes *receitas* que são muito curiosas.

[2] Note-se que o tal Francisco Pinto deu muita bordoada e, suspeitando que lhe era infiel uma pobre mulher com quem vivia, matou-a com uma facada!...

[1] V. *Portello*, tomo 7.º pag. 258, col. 2.ª

6.ª—Casa e quinta do *Ervedal*, junto da povoação d'este nome, entre o rio Teixeira e a quinta de Guimarães.

Pertenceu a Francisco d'Almeida e Silva, por morte do qual passou para a viuva; esta, depois de muito a delapidar e cercear vendeu-a ao rev. arcediago e abbade de Campello—José de Sousa Cabral, — seu actual possuidor.

Foi uma quinta importante e carissima, pois tem bons campos sobre a margem direita do rio Teixeira, em terreno muito declivoso, pelo que os socalcos assentam sobre grandes paredes que deviam custar muitos contos de réis, campos todos cobertos por agua de veia nativa e limação, que vem do rio Teixeira, talvez de 1 kilometro ou *mais* de distancia, por um açude em que póde navegar um cahique—mesmo no rigor da estiagem—e junto da ponte de Frende tem outro açude, que move differentes moinhos e rega a parte baixa da quinta.

Comprehendia tambem a montante do 1.º açude espaçoso terreno sentieiro e boa matta de pinheiros e carvalhos—e bons campos e montados na margem esquerda do rio Teixeira, a jusante e montante da ponte de Frende, mas a viuva alienou grande parte dos dictos chãos.

—

Francisco d'Almeida e Silva era natural do Porto e casou n'esta quinta com a dona d'ella—D. Maria Henriqueta—prima do José Maximo, da quinta de *Guimarães*.

O marido era bastante illustrado, excellente pessoa e um cavalheiro respeitabilissimo. Foi alguns annos administrador d'ests concelho e muito estimado e respeitado pelo seu genio bondoso e prestadio e pelo seu grande valimento, pois era irmão de Antonio Thomaz de Almeida e Silva, 1.º barão de Almeida, do conselho de S. M., inspector fiscal da extincta repartição fiscal do exercito, brigadeiro honorario, F. C. C. R por successão a seus maiores, commendador da ordem de Christo, cavalleiro da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, condecorado com a medalha portugueza das 4 campanhas da guerra da Peninsula e com as medalhas de honra pelas batalhas e combates de Victoria (21 de junho de 1813)—de S. Marcial de Urdach (4 d'agosto do mesmo anno)—de Toulouse (10 d'abril de 1814)—sitio de Pamplona (30 de junho até 18 de julho de 1813)—e sitio de Bayona (27 de fevereiro a 28 d'abril de 1814).

O dicto barão nasceu no Porto a 28 de junho de 1798 e morreu em Lisboa a 8 de outubro de 1857, havendo casado no Porto em primeiras nupcias a 15 de junho de 1829 com D. Maria Elisa Ganhado Vieira Pinto e em segundas nupcias em Lisboa, a 20 de janeiro de 1849, com D. Constança Emilia Jacques de Vasconcellos e Menezes, 1.ª baroneza d'Almeida, que ainda hoje vive e nasceu a 7 de setembro de 1820, sendo filha de José de Vasconcellos e Menezes Jacques de Magalhães Lobo, F. C. R., e de sua mulher D. Antonia de Lima Barreto d'Almeida Coelho.[1]

—

O barão teve os irmãos seguintes:

—Francisco, já mencionado.

—Guilherme d'Almeida e Silva, que militou tambem na guerra da Peninsula e nas guerras civis posteriores, chegando ao posto de general de cavalleria.

Casou com D. Ismenia d'Almeida e Silva, da qual teve 2 filhos que morreram em vida do pae. Depois separou-se judicialmente da esposa e esta teve differentes filhos naturaes.

---

[1] V. *Resenha das familias titulares* pelo commendador Albano da Silveira Pinto, muito dignamente continuada pelo sr. visconde de Sanches de Baêna, tomo 1.º pag. 42.

O barão teve do seu 1.º matrimonio apenas 1 filho—Antonio Thomaz Vieira Pinto d'Almeida—que foi 2.º barão d'Almeida; —do 2.º matrimonio teve uma filha e 3 filhos.

O 2.º barão d'Almeida nasceu em 1829; casou em 1857 com D. Maria Amelia de Napoles Noronha da Veiga e teve 6 filhas todas *Marias*?!. .

Com relação á guerra da *Peninsula*, vide *Gojim*, vol. 3.º pag. 284, col. 2.ª e segg.—e *Passos da Serra*, vol. 6.º pag. 502, col. 2.ª

—D. Feliciana d'Almeida e Silva.

Casou com José Taveira e teve successão.

—D. Joaquina d'Almeida e Silva.

Casou em Ponte de Lima com José Mauricio d'Abreu e Lima e teve duas filhas:—uma casou e falleceu, deixando successão;—a outra, D. Eulalia, ainda se conserva solteira e com boa fortuna.

—D. Anna Eulalia, que falleceu solteira e tambem rica.

—M. Jacintha.

Casou e falleceu sem successão.

—D. Rita.

Casou e, fallecendo já viuva e sem filhos, instituiu por universal herdeira uma *criada*!...

—

O barão tinha muito valimento e muitas relações em Lisboa, inclusivamente *na côrte*. Foi muito estimado e muito considerado pela rainha D. Maria II, por el-rei D. Fernando e pelo chorado rei D. Pedro V,—e era uma excellente pessoa, muito honrado, muito prestimoso e muito amigo dos irmãos todos, nomeadamente do Francisco. Foi padrinho do 1.° filho que este teve e, quando lhe recomendava qualquer pretenção, o deferimento era *rapido* e *certo*, pelo que Francisco d'Almeida e Silva era o anjo tutelar de Baião,—muito estimado e muito respeitado em todo o concelho. Além d'isso administrava muito bem a sua casa, mas, fallecendo muito novo, aproximadamente em 1848, a viuva, sendo aliás uma excellente senhora, muito virtuosa e muito bondosa, comprometteu completamente a sua casa e, fallecendo em 1877, deixou os filhos expostos a duras contingencias!...

Eram elles os seguintes:

—D. Anna e

—D. Helena, ainda solteiras.

—D. Ismenia, casada e c. g.

—D. Ermelinda e

—D. Margarida,—casada, mas s. g.

—Francisco d'Almeida e Silva, que morreu solteiro.

—Guilherme d'Almeida e Silva Sarmento, que ainda vive.

Casou em Gestaçô com D. Rosa Candida Pinto Pereira, irmã do morgado dos *Ferreiros*; não tem filhos, e vive em Anquião, junto de Mesãofrio.

—Dr. Antonio d'Almeida e Silva, bacharel formado em direito.

Era um talento superior e foi alguns annos o 1.° advogado de Baião; depois casou; seguiu a magistratura e, sendo ainda novo e delegado em Macedo de Cavalleiros, endoudeceu e passado pouco tempo falleceu, aproximadamente em 1868, deixando a viuva e filhos em precarias circumstancias!...

O irmão Guilherme, afilhado do tio general do mesmo nome, é tambem um talento superior, mas nunca tirou partido d'elle, por ser muito excentrico.

A mãe tentou ordenal-o e ainda estudou o latim na Regoa e no seminario de Lamego.

Faz versos (?) e tem pronunciada vocação para musica e para artes mecanicas. Toca muitos instrumentos, nomeadamente rebeca e por curiosidade concerta e faz rebecas, algumas das quaes nós vimos na exposição de industrias caseiras que a *Sociedade de Instrucção* do Porto realisou ha annos no palacio de cristal d'aquella cidade.

Confundem-se com as dos bons mestres.

—

Tambem compõe musica,—valsas, polkas, mazurcas, etc. e no momento tem no Porto em via de publicação umas variações da *chula rabêlla* ou *chula do Douro*, muito usada nos concelhos de Baião, Canavezes, Sinfães e Resende. É muito linda e bastante difficil, sendo bem tocada, como elle a toca, pois é sem contestação o 1.° *chuliante* do Douro.

Nunca teve professor de rebeca, mas tira d'ella muito partido, v. g.—com uma chave ou uma navalha atravessadas sobre as cordas junto ao cavalete, imita *perfeitamente* uma sanfona, illudindo quem o não vê tocar.

O irmão Francisco e *duas das irmãs* tambem tocavam rebeca—e o irmão doutor tocava muito bem flauta.

Desculpem-nos estas minudencias, porque

devemos muita affeição e *muita gratidão* a esta casa. N'ella folgámos muito durante as ferias da nossa formatura e ainda posteriormente, pois foi nosso contemporaneo na Universidade e sempre muito amigo o pobre dr. Antonio d'Almeida e Silva, que terminou a formatura em 1861.

Não lográmos conhecer o pae, mas conhecemos de perto a familia toda e toda nos estimou sempre muito.

—

Ainda um facto:

Estando nós um dia n'esta quinta, fomos passeiar até á estrada de Frende, que a corta de norte a sul. Encontrámos ali *um mendigo* (?) que parou contemplando a quinta já então em decadencia, e depois com as lagrimas nos olhos disse:

— Que falta fez o sr. Francisco d'Almeida!...

—E v. conheceu-o?

—Conheci-o muito bem. Era um santo! *Quando um pobre lhe pedia qualquer favor, parece que até os fatos se lhe riam.*

E chorou, como nós chorariamos, se hoje ali voltassemos.

Vão decorridos mais de 30 annos e ainda nos parece ver e ouvir o pobre velho.

Não nos recordamos de elogio tão espontaneo, tão singelo, tão despretencioso e ao mesmo tempo *tão pomposo*!...

—

O 1.º barão d'Almeida pertencia a uma nobre familia do Porto, cognominada *thesoureiros*, por que foi seu pae Antonio Thomaz d'Almeida e Silva, F. C. R., cavalleiro professo da Ordem de Christo, escrivão do Donativo de 4 por cento na alfandega do Porto, coronel de infanteria graduado, *thesoureiro geral das tropas das tres provincias do norte e do partido do Porto.* Casou com D. Anna Margarida Vieira da Cunha, filha de Jacintho Gomes de Carvalho, C. P. O. de S. Thiago e monteiro mór da villa de Melres, onde tinha boa casa, e de sua mulher D. Maria Pereira da Cunha.

Antonio Thomaz, na qualidade de *thesoureiro geral das tropas e do partido do Porto*, quando os francezes invadiram aquella cidade em março de 1809, salvou com grande risco da propria vida todos os papeis da sua repartição e a caixa militar com *duzentos quarenta e seis contos trezentos e cincoenta mil setecentos sessenta e oito réis*, que fez recolher no convento cruzio da Serra do Pilar e depois entregou aquella grande somma ao 1.º conde d'Amarante Silveira, então general e commandante das forças militares portuguezas.

Este honrado *thesoureiro* era filho de Mauricio d'Almeida, escrivão da conservatoria da real junta do commercio de Lisboa, casado com D. Anna Thereza Braga Xavier; —e Mauricio d'Almeida era filho de Diogo d'Almeida e Silva e de D. Thereza Maria da Cunha.

Eis aqui uma leve resenha dos filhos, irmãos, paes e avós de *Francisco d'Almeida e Silva*, ultimo dono da quinta do *Ervedal.*

Velharias

Alem das mencionadas supra, quando fallámos da *matriz* e da quinta de *Guimarães*, mencionaremos mais algumas.

Ha n'esta freguezia 2 montes:—um denominado *Crasto* (Castro) e outro *Revél* ou monte do *Facho*, porque n'elle outr'ora se accendiam *fachos* em tempo de guerra, como ainda nos principios d'este seculo se accenderam por occasião da guerra da Peninsula.

Demoram em sitio alto. O 1.º dista da egreja matriz cerca de 300 metros para N. O;—o 2.º distará do 1.º 250 metros para O. e ambos distam da estação da *Ermida* aproximadamente 2 kilometros para N.

O monte do *Crasto* foi um *castro romano*, pois na raiz d'elle, cerca de 100 metros a juzante, corre de poente a nascente uma estrada que conduz á egreja, Frende e Barqueiros e a Mesãofrio, Cidadelhe, etc.,—estrada muito antiga, que talvez esteja substituindo a velha estrada romana do Porto a

Cidadelhe, Panoias, Lamego, Caria, etc. por Canavezes e Baião.[1]

Alem d'isso no dicto monte se têem encontrado muitas velharias, bem como nas parochias circumvisinhas.

—

Em carta que tenho prezente diz o sr. J. Leite de Vasconcellos, distincto antiquario contemporaneo, o seguinte:

«Na parochia de *Santa Marinha do Zezere* ha dois sitios que revelam vestigios antigos: um é o sitio do *Crasto*; o outro a quinta de *Guimarães.*

O 1.º é um verdadeiro castro, e segundo a tradição, lá têem apparecido varias antigalhas. Eu tive conhecimento directo de duas, aliás valiosas, que por minha indicação param hoje (1889) no museu do sr. Martins Sarmento, da cidade de Guimarães. São ellas duas figuras de pedra, uma representando um homem decapitado (por insultos do tempo) e representando a outra um quadrupede indeterminado.

O individuo está vestido, mas não posso agora dizer o que signifique. O quadrupede pertence certamente a uma classe de animaes que apparecem bastante no nosso paiz, já em pedra, já em metal, e que, a meu parecer, são animaes votivos em honra de alguma divindade, se não são propriamente idolos: mas inclino-me mais á primeira opinião, em virtude de certos factos que conheço.—Tudo isto pertence sem duvida á antiga Lusitania.

—

«A quinta de *Guimarães* parece ter sido um cemiterio da epocha luso-romana, a julgar pelos tijolos das sepulturas. N'estas appareceram ossadas, mas o vandalismo dos trabalhadores não só as destruiu, como tambem as sepulturas. Apenas possuo dois fragmentos osseos, sendo um do osso do *rochedo* (ouvido). Tambem um tijolo com uma lettra, se bem me recordo é um A...

Agora em Frende, que fica contigua, encontrei no sitio do *Castello*,[1] uma interessantissima pedra da epocha luso-romana e que representa um sacrificio de um toiro. Esta pedra tenho-a eu.

Em *Gestaçô*, que tambem fica perto de Santa Marinha, appareceram ha annos uns dois alqueires de moedas romanas cobertas por uma pedra com um signal e dentro de vasilhas de barro. D'estas tenho algumas» que são todas pequenos bronzes de Constantino, etc.[2]

Em S. Thomé (de Covellas, concelho de Baião) ha um *castro* chamado de *Mantel*,[3] onde os vestigios de muralhas e fossos são muito claros.

Ao pé de *Agrellos* (freguezia de Santa Cruz do Douro, concelho de Baião tambem) ha outro *castro*, aonde ainda não fui, mas não longe do qual encontrei um machado

[1] V. *Cidadelhe*, Mesãofrio, *Villa Jusã* e *Villa Marim.*

[1] O sitio e a pequena aldeia do *Castello* demoram em frente e ao sul da quinta do *Ervedal*, na esquerda do rio Teixeira, não longe da confluencia d'este rio com o Douro, no pontal que os dois rios formam, sitio alto e muito defensavel para os tempos d'armas brancas, pois tem pendente rapida, fragosa e muito escabrosa sobre os 2 rios e é só accessivel a E. ou do lado de Frende.

Tem uma capella publica de S. João, com festa e romagem no dia 24 de junho — e a dicta povoação desde tempos muito remotos pertenceu á freguezia de *Gestaçô*, muito distante, mettendo-se de permeio as de Loivos, Tresouras e Santa Marinha, mas no meiado d'este seculo (1850) passou para a freguezia de *Frende*, muito proxima.

P. A. Ferreira.

[2] Eu tambem obtive 70 dos dictos bronzes e um fragmento da vasilha onde estavam mettidos, — fragmento que offereci ao Museu Manicipal do Porto e lá póde ver-se.

P. A. Ferreira.

[3] Este nome figura na lenda que logo havemos de contar e que prende com o *castro* de Santa Marinha.

P. A. Ferreira.

de pedra (partido) da epoca prehistorica (neolithica).

Na freguezia de Santa Cruz, ao pé de Cedofeita, tambem vi varios fragmentos ceramicos com caracteres muito archaicos.

Para o *Gôve* (freguezia do mesmo concelho de Baião) tambem ha um *castro*, mas lá ainda não fui.

—

«Na freguezia de Ancede (concelho de Baião tambem) apparecem egualmente muitas antiguidades.

Na quinta de S. João (concelho do Douro, freguezia de Santa Cruz de Baião) ha duas sepulturas de pedra, chamadas as *pias* (cavadas na rocha).

Ao pé de *Covellas* encontrei eu dois pucaros egualmente com vestigios muito antigos.

Eis aqui o que de memoria posso dizer.

O que se vé é que toda essa região é fertil em antiguidades.

Santa Marinha principalmente dava muitas, se fosse explorada.

José Leite de Vasconcellos.»

Mais velharias

Tambem sabemos que no alto de Baião, não longe de Santa Marinha, ha dolmens ou antas e na parochia de *Viariz*, tambem concelho de Baião, ha uns penedos, denominados *cornudos*.

V. *Viariz*, tomo 10.º pag. 466, col. 2.ª

Mencionaremos 2 dos dictos dolmens:

O 1.º está na *Portella de Miro* (nome godo) freguezia de Valladares, a montante das aldeias de *Godinho* e *Diagares*, junto da antiga estrada, talvez romana (?) de Santa Marinha para Campéllo, Canaveses, etc.,—a N. d'ella e distante apenas 10 a 11 metros.

No dicto dolmen se abrigam em tempo de chuva os transeuntes, tanto pedestres, como *cavalleiros*?!... E a distancia de um kil. para O. ha um grande penedo equilibrado sobre outro penedo, no monte de *Villares*.

Talvez seja um *penedo baloiçante*.

O 2.º dolmen está na freguezia de *Gove*, junto da antiga estrada de Baião para Canaveses, etc.—lado N. e em sitio deserto.

E' maior do que o 1.º e ali outr'ora se acobertavam os salteadares.

Tambem nos consta que no monte do *Castello* de Frende ha sepulturas abertas na rocha, como as da quinta de *Guimarães*.

Revelam tambem muita antiguidade os nomes de *Brete*, aldeia d'esta freguezia, —*Arufe*, povoação muito proxima, pertencente a Loivos da Ribeira,—e o nome de *Revél*, dado ao monte do *Facho*.

Brete vem de *Breto*, nome de homem usado nos principios do sec. XI.

No *Portug. Monum.—Diplom. et Chartae*, pag. 122 e 123, se acha um documento da era 1046, anno 1008,—no qual entre os confirmantes se encontra assignado *Breto* (sic).

Arufe talvez provenha de *Arulfus*, nome de homem usado tambem nos principios do sec. XI.

No mesmo *Port. Monum.* pag. 211, se acha um documento da era 1083, — anno 1045, no qual, entre muitas assignaturas se encontra a de *Arulfus Presbiter* (sic)—padre *Arulfo*. D'aqui *Arulfe* e *Arufe*.

Tambem *Marlés* na sua interessante *Historia da invasão da Peninsula pelos arabes*, tomo 1.º pag. 320, menciona *Abdelruf*, que sem grande violencia podia transformar-se em *Arufe*.[1]

---

[1] Coincidencia:

Na extremidade E. da parochia de Santa Marinha ha junto da quinta de Guimarães a povoação de *Miguas*, que é muito antiga e parece que foi villa outr'ora, pois ainda tem um sitio denominado *Praça*, outro denominado *Pelourinho* e outro denominado *Araes* com uma casa, um quintal e uma fonte de bella agua nativa.

A pequena distancia da dicta casa dos *Araes* encontra-se a aldeia de *Arufe* na extremidade O. da freguezia de Loivos da Ribeira,—e na parochia de Frende, limitrophe das de Santa Marinha e Loivos, não longe da aldeia de *Arufe*, a menos de 1 kil. da margem esquerda do rio Teixeira, ha um casal com o nome de *Ufe*.

Demoram a pequena distancia *Araes*, *Arufe* e *Ufe*—e este ultimo nome é tambem ara-

A mesma freguezia de *Loivos* muito provavelmente vem de *Lobia*, nome arabe tambem.

V. *Marlés*, tomo 1.º pag. 334.

Revél ou *Revelle* muito provavelmente vem de *Revelle*, nome proprio de homem, usado tambem nos principios do sec. XI.

No mesmo livro do *Portug. Monumenta*, pag. 132 e 133 se acha um documento do anno 1012, no qual entre as testemunhas se encontra assignado *Reuelle* ou *Revelle* (*sic*).

A pag. 73 se encontra um documento do anno 976 com a assignatura de *Ravelle*—e temos no nosso paiz differentes aldeias, casaes, quintas e sitios com os nomes de *Rabélla, Rebélla, Revelles*—e *Revel* (sic) aldeia da antiquissima parochia das *Tres Minas*, concelho de Villa Pouca d'Aguiar.

Tambem temos differentes aldeias, casaes e quintas com os nomes de *Rébella* e *Rebellas*, que teem muita affinidade com *Revel, Revélla* e *Revélles*?!...

—

O mesmo nome de *Baião*, antigamente *Bayão*, provem talvez de *Ben-Hayan*, nome de um arabe que figurou na invasão da peninsula.

V. *Marlés*, tomo 1.º pag. 473.

E muito provavelmente a freguezia de *Trezouras*, limitrophe da de Santa Marinha, tomou o nome de *Trezoy*, nome godo, ou musarabe.

E alem-Douro, em frente de Santa Marinha, temos nós Rezende, que vem do godo *Rauzendo*, ascendente dos Tavoras,—*Rendufe* de *Randulfo*, nome godo tambem,—e *Cottas*, que vem do arabe *Cotan* nome proprio d'um mouro que figurou na invasão da peninsula tambem.

V. *Marlés*, tomo 1 º pag. 162.

Tambem *Viariz*, freguezia d'este concelho de Baião e muito proxima da de Santa Marinha, muito provavelmente tomou o nome de *Viarizi*, patronimico de Viarigo, nome godo.

Encontra-se em documentos dos annos 973, 992, 1034, 1044 e 1045.

V. *Port. Monnm.* l. cit. pag. 68, 102, 173, 204 e 211.

—

Na freguezia de Valladares, limitrophe da de Santa Marinha, temos nós as aldeias de *Bruzende, Forjão* (de Froião) e *Godinho*, nomes godos,—e o monte da Portella de *Miro*, nome godo tambem.

N'esta mesma parochia de Santa Marinha do Zezere os nomes das quintas de Alvites, Barbedo e Pepim[1] são godos.

São tambem godos talvez os nomes das aldeias de *Abesudes, Geremil, Buruzende* e *Nuzilhães*, pertencentes á freguezia de Viariz.

É tambem godo o nome de *Gavinho* e arabe o nome de *Mafomedes*, aldeias pertencentes á freguezia da Teixeira, d'este concelho de Baião.

São tambem godos ou musarabes os nomes de *Queixomil*, ou *Creixomil, Agrellos* (talvez de Argelo [2]) Casal d'*Eiro* (*Ero* [3]) be, pois entre os mouros que invadiram a peninsula se encontram *Abu* e *Hu, Jussuf* e *Huf*.

V. *Marlés*, tomo 3.º pag. 382.

De *Iben* ou *Ben Abu* (*Benabo*) provem talvez o nome da freguezia de *Nabo*, concelho de Villa Flor em Traz os Montes—e *Villa Flor* provem talvez de *Villa Froila* (villa de *Froila*, nome godo) depois *Villa Frol*—e por ultimo *Villa Flor*!...

V. *Zava* n'este diccionario.

---

[1] *Pepino* foi pae de Carlos Magno—e *Pipiuio Gemendia* subscreveu um documento do anno 1022.

Portug. Moaum. liv. cit. pag. 156.

Tambem *Pepi* se encontra assignado em um documento do anno 1012.

Op. cit. pag. 134.

[2] *Donna Argelo* figura no mesmo documento do anno 1012—já citado.

[3] Em um documento do anno 1014 assignou *Froil Erotiz* (Froila, filho de *Ero*).

Op. cit. 141.—E ali mesmo, pag. 190, se encontra outro documento em que assigna *Ero*.

Gaia, Cedofeita, Lazarim, Villa Monim, etc. aldeias, casaes e quintas pertencentes á freguezia de Santa Cruz do Douro.

São tambem godos os nomes de *Casal d'Arão* e *Tolões* ou *Telões*,[1] aldeias da freguezia de Loivos do Monte.

É arabe o nome de *Maçores*,[2] aldeia da freguezia de S. João d'Ovil, tambem d'este concelho.

E' tambem arabe o nome de *Villa Moura* e godo o de *Sernande*, aldeias da freguezia do Grillo.

E' tambem godo o nome de *Gozende*, aldeia da freguezia de *Gove*.

E' arabe o nome de *Alcarias* — e godo o de *Sande*,[3] aldeias da freguezia de Gestaçô.

E' tambem godo o nome de *Mirão*, aldeia casa e barca da freguezia de S. Thomé de Covellas.

Em um documento do anno 982 figura como testemunha *Mirone* — e em outro do anno 987 assigna tambem como testemunha *Mironus*.

Portug. Monum. loc. cit. pag. 83 e 96, — e na freguezia de Valladares ha um monte denominado Portella de *Miro*, que tem muita affinidade com *Mirão*.

Revelam tambem muita antiguidade o nome de *Gem*, aldeia—e os de *Martigo, Fragueta* e *Lobazim* ou *Lovazim*,[4] casaes e quintas da mesma parochia de S. Thomé.

O nome de *Palla*, aldeia da freguezia de Santa Leocadia de Baião, é godo e foi nome proprio de mulher.

[1] Em um documento do anno 1035 figura *Telon*, cujo patronimico era *Teloniz*.
Op. cit. pag. 175.

[2] *Maisor* é nome de um mouro que figurou na invasão da Peninsula.

[3] *Sando* figura em um documento do anno 1033.
Portug. Monum. liv. cit. pag. 172.
Sandus foi notario em outro documento do anno 987.
Op. cit. pag. 96.

[4] Ha tambem no Alto-Douro uma quinta soberba, denominada *Lovazim*.
V. *Villarinho da Castanheira*, tomo 11.º pag. 1340.

No *Portug. Mouum* liv. cit. pag. 74, se encontra um documento do anno 976, no qual figura *Enderkina Palla*,—e em outro documento do anno 1040 (pag. 190) figura tambem uma sr.ª *D. Palla*.

Na freguezia de Ancede se encontra tambem uma aldeia com o nome de *Palla*.

Do exposto se vê que os mouros e os godos tiveram demorada residencia n'esta parochia de *Santa Marinha* e n'este concelho de *Baião*.

Velharias de outra ordem
Pergaminhos

Como já dissemos supra, esta parochia no sec. XVI foi da apresentação dos jesuitas de Evora e de Coimbra, como prova o *Catalogo dos pergaminhos do cartorio da Universidade*, feito em 1880 pelo sr. Gabriel Pereira d'Evora e publicado no mesmo anno em Coimbra na *Imprensa da Universidade*.

Ali (pag. 29, n.º 7) se aponta um pergaminho de 1544, que versa sobre a união d'esta egreja e das suas rendas por 30 annos no collegio d'Evora.

Sob o n.º 9 aponta outro pergaminho de 1549, que é um breve relativo ao collegio de Coimbra e á união d'esta egreja ao dicto collegio.

Como o dicto documento falla de *Marinha* (Santa) alguem julgou que tratava de *marinhas de sal* e escreveu *de salinas*?!...

Sob o n.º 22 (pag. 30) aponta outro documento do anno 1565.

Tracta da união d'esta parochia ao collegio de Coimbra.

Sob o n.º 23 aponta outro pergaminho de 1566: — Bullas executorias para união do collegio de Coimbra e *Santa Marinha do Zezere*.

Sob o n.º 24 aponta outro pergaminho de 1568.

E' um breve de confirmação para os padres da Companhia administrarem o seu collegio e a egreja de *Santa Marinha do Zezere*, para 15 clerigos ou sacerdotes se instruirem,—e para fundação da capella da Vera Cruz na Sé, com 28 capellães, etc.

A furna dos mouros e a lenda

Entre o monte do *Crasto* e o do *Facho*, ou de *Revel*, mencionados supra, no ponto mais baixo da quebrada que os divide,—ha uma gruta, que o povo denomina *Furna dos Mouros* e que os sonhadores de thesouros julgam encerrar grandes preciosidades.

Dizem elles muito convictos:

Entre o Crasto e Revel
Está o thesouro de Maria Mantel.[1]
Carrega sete burros azemeis
E outros tantos, se quereis.

E' isto o que dizem a lenda e a visinhança.

Nós visitámos a dicta gruta em 9 de julho de 1887 e podemos dizer o seguinte:

E' formada por paredes de rocha nativa (granito) prolongando-se de S. a N. e tendo a bocca a S.

Está no leito de um ribeirinho que ali passa e corre fundo, jorrando a agua atravez d'um acervo de penedos entalados entre as paredes lateraes e que formam o tecto da pequena gruta.[2]

Terá de comprimento 5 metros; $1^m,30$ a $1^m,50$ de altura; —1 metro de largura na bocca e 2 metros de largura no interior. Depois estreita e terá $0^m,50$ de largura, 2 metros de altura e 3 de comprimento por entre paredes de rocha nativa, lisas e parallelas, seguindo-se uma fenda ainda mais estreita e mais alta,—tudo transudando agua que do tecto cahia como chuva grossa, quando a visitámos—no rigor do verão, pelo que não passámos da ante-camara, para não nos molharmos, pois não iamos prevenidos com roupa propria nem dispostos para tomarmos um banho de chuva.

No inverno mal deve poder visitar-se, por estar precisamente no leito do ribeirinho.

A sobre-carga é pequena. Dois jornaleiros em um dia punham-na toda a descoberto.

Nós não nos demorámos nem fizemos escavação alguma.

E' possivel que a dicta gruta na sua origem fosse *uma ponte celta* ou *pre-celta*, formada de pedras toscas, para ligar entre si os dois montes, talvez 2 *castros*, cuja raiz *in illo tempore* devia ser mais abrupta e mais funda,—e talvez que a terra e pedras caidas dos 2 montes a inutilisassem e entulhassem, como hoje se vê, transformando a *ponte* em *gruta*.

E' possivel, mas pareceu-nos que a dicta furna é *natural*, feita pela infiltração das aguas do ribeiro, á imitação das *furnas da Serra da Estrella*, a jusante da *Lagôa da Paxão*, furnas que nós tambem já visitámos em agosto de 1881, quando ali estivemos com a *Expedição Scientifica*,[1] e das quaes é uma miniatura esta de Santa Marinha.

Rios e ribeiros

Como já dissemos, banham esta parochia os rios Douro, Teixeira e Zezere—e o ribeiro de Silva Rosa, que a divide da de S. Thomé de Covellas e desagua no Douro junto do caes de *Mirão* e do grande penedo da *Viola*, onde tem uma ponte na linha ferrea.[2]

O *Zezere* dá o nome a esta freguezia, porque a corta de N. a S.; vem da freguezia de

---

[1] Na freguezia de *S. Thomé de Covellas* limitrophe e visinha d'esta, ha tambem um *castro* com o mesmo nome de *Mantel*, como já dissemos supra.

Note-se tambem que *Maria Mantel* figura em outras lendas do nosso paiz. Este diccionario já mencionou algumas.

[2] O dicto ribeirinho denomina-se ribeiro de *Fontello*, porque vem da povoação de *Fontellas*;—toca na de *Fontello*;—passa ao poente das *Casas Novas* — e morre no Zezere (margem direita) no sitio da *Sernada*.

[1] V. *Zezere*, rio da Beira Baixa, n'este diccionario, onde fallaremos da dita *serra* e da dicta *espedição*.

[2] Na margem direita do *Silva Rosa* ha 2 casaes que tambem pertencem á freguezia de Santa Marinha do Zezere. São os casaes de *Alvites*, do dr. Manoel Antonio Vieira, de Rezende.

Viariz; recebe á esquerda o ribeiro *Patacão,* vindo de Gestaçô;—á direita os ribeiros de Fontello e S. Pedro — e desagua no Douro ao poente e junto da casa nobre da Ermida, tendo de curso total 5 a 6 kilometros,—uma ponte de pedra com 2 arcos e muito antiga na aldeia das Lages;—outra nova e com taboleiro metalico na linha ferrea do Douro.

Move muitos moinhos, rega muitos campos e é temeroso no inverno e em tempo de trovoadas, porque desce precipitadamente d'altos montes, caminhando de Norte a Sul.

O rio *Teixeira* já foi descripto pelo meu antecessor.

V. *Teixeira*, rio, vol. 9.º pag. 522, col. 2.ª

Apenas faremos algumas rectificações e addições áquelle artigo:

Nasce na serra do Marão junto da freguezia de *Candemil*; corre na direcção geral N. S. até á villa de Mesãofrio; depois caminha para S. O. e desagua no Douro junto da povoação da Ermida, lado E., tendo de curso total 20 a 25 kilometros.

E' muito abundante d'agua, mesmo no verão; — banha as freguezias de Candemil, Anciães, Carneiro, Teixeira, Teixeiró, Mesãofrio, Gestaçô, Villa Jusã, Barqueiros, Tresouras, Loivos da Ribeira, Frende e Santa Marinha, todas do concelho de Baião, excepto as 3 primeiras e Mesãofrio, Villa Jusã e Barqueiros. As de *Villar Maior* (aliás *Villa Maior*) *Varga* (aliás *Vargea* ou *Varzea*) *Anguião* (aliás *Anquião*) e *Ervedal,* mencionadas pelo meu antecessor, não são freguezias, mas simples *aldeias*. A 1.ª e 2.ª pertencem á freguezia da Teixeira; *Anquião* á de Gestaçô—e a do *Ervedal* a Santa Marinha.

Tem pontes antigas de pedra na Teixeira, Loivos da Ribeira e Frende. Esta ultima não tem arcos, mas pegões de pedra e taboleiro formado de pranchões de pedra tambem. Na de Loivos passa a antiga estrada do Porto á Regoa por Baião, Santa Marinha e Mesãofrio.

Tem uma grande ponte nova tambem de pedra e muito alta em Carrapatello, junto de Mesãofrio, na estrada real a macadam do Porto á Regua por Amarante e Quintella.[1]

Tem outra ponte ainda mais nova na linha ferrea do Douro—e teve uma ponte antiquissima, denominada *ponte Henriques*, porque foi feita por D. Affonso Henriques, junto de Mesãofrio,—segundo se suppõe.[2]

Tambem no fim do mencionado artigo o meu benemerito antecessor, fallando do rio *Zezere* de Santa Marinha, disse que estava na provincia de *Traz os Montes.* Foi lapso, pois demora *todo* no concelho de Baião, districto do Porto, provincia do Douro.

O rio Teixeira é um viveiro de trutas deliciosas e de sanguesugas magnificas muito procuradas e muito estimadas pelos pharmaceuticos.

—

Com relação ao rio Douro, vejam-se os artigos *Douro, Pontos do Douro, Villa Secca d'Armamar*, tomo 11.º pag. 1059, col. 1.ª e segg. — *Viseu* no mesmo vol. pag. 1704, col. 2.ª—e no topico supra,—*Casas e quintas principaes,—*a 3.ª—*Casa da Ermida.*

Para evitarmos repetições, apenas accrescentaremos o seguinte:

Esta parochia apenas comprehende na margem direita do Douro 2584 metros desde a foz do Teixeira até á do Silva Rosa. N'este espaço tem o Douro 6 pontos:—*Altar, Canedo, Figueira Velha, Cadão, Buraco* e *Côbreiro*, junto do penedo da *Viola*, todos de triste renome, pois teem sido medonhos sorvedouros de barcos e de vidas.

O de *Cadão* não é hoje dos mais perigosos, depois das muitas obras que em diversas datas n'elle se fizeram, mas ainda assim é perigoso e faz arripiar os cabellos, porque

---

[1] V. *Villa Jusã*, tomo 11.º pag. 768, col. 2.ª

[2] V. *Villa Jusã*, loc. cit. pag. 767, col. 1.ª e 2.ª

E teve tambem outra ponte de pedra muito antiga na sua foz, junto do Douro.

Foi destruida por alguma grande cheia, talvez pelo mesma cheia que levou a ponte *Henriques* e a velha ponte de *Frende*?!...

a agua ali tem queda muito rapida e forma cachoeiras que cobrem os barcos!... Alem d'isso os barcos teem de passar entre 2 penedos muito proximos que estão na galeira debaixo d'agua, denominados *aguilhões*—e, se tocam em qualquer d'elles, desfazem-se em estilhas!...

Quando el-rei o sr. D. Luiz, em 1877 foi a Vidago e desceu da Regoa até o Porto, embarcado pelo Douro, só n'este ponto de *Cadão* saltou em terra.

A linha ferrea matou a navegação do Douro e a *poesia* (?) d'aquelle e dos outros pontos. Mal se imagina as sensações que experimentava quem os transpunha, como nós transposemos *muitas vezes* desde o Tedo até o Porto—e uma vez desde a foz do Sabor até á do Tua, deixando quasi sempre a bombordo ou estibordo barcos feitos em estilhas!...

Pesqueiras

Tem esta parochia nas agoas do Douro as pesqueiras seguintes:

1.ª—*Frieira.*

E' natural e está na foz do Teixeira.

2.ª—*Coucinho*, na foz do Zezere.

3.ª—*Corvo*, ambas naturaes.

4.ª—*Canedo.*

5.ª—*Lagôas.*

6.ª—*Chanoca* (?) no ponto de Figueira Velha.

Estas 3 são *canaes* ou *naceiros*, artificiaes.

7.ª—*Bulhos de Santa Anna.*

E' natural e formada no inverno, como outras muitas, por *bulhos* medonhos e tão violentos, que levantam o peixe e vae cair nas redes.

Algumas d'estas pesqueiras e outras do Douro são perigosissimas!

Demandam pescadores praticos e corajosos até á temeridade e muitos n'ellas teem perdido a vida!...

Costumam n'ellas caçar lampreias, saveis, savelhas, mugens, barbos, enguias, bogas, trutas, etc.

Moinhos, azenhas e engenhos

Ha n'esta parochia 34 moinhos de cereaes, todos movidos por agua,—9 azenhas (moinhos de azeite) sendo 8 movidas por gado e uma por agoa,—e 2 engenhos de fabricar linho, movidos 1 por agoa e outro por gado.

Dos moinhos de pão pertencem 2 á quinta do Ervedal, 2 á da Ermida, 2 á povoação do Sernado, 2 ao logar da Cartida, 3 ao de Fonseca, 4 ao das Lages, 4 á quinta de Entre Aguas e 6 ás Casas Novas. Os restantes estão dissiminados pela freguezia e pertencem a differentes donos.

Edificios brazonados

Tem esta parochia 3:—quinta de Guimarães, Casas Novas e Travanca.

Presbyteros

Ha n'esta parochia actualmente apenas *um*, filho d'ella,—o reverendo Antonio de Moura Coutinho,—venerando ancião da casa das Quintãs, em Fonseca.

Já tem aproximadamente 80 annos.[1]

O reverendo abbade é de Villa da Feira.

No meiado d'este seculo contava esta parochia os seguintes padres:

—João da Cunha Coutinho e

—Francisco da Cunha Coutinho, ambos das Casas Novas e irmãos de Carlos Candido da Cunha Coutinho, mencionado supra.

—Antonio Joaquim de Carvalho, das Corujeiras.

—José d'Azevedo, de Real.

—Joaquim d'Azeredo Lobo, de S. Pedro.

—Antonio Luiz d'Araujo, de Villa Jusã.

—Antonio d'Almeida Carvalhaes, abbade de Valladares, e

—Francisco d'Almeida Carvalhaes, da casa de Travanca, irmãos dos doutores, e dezembargadores Luiz José d'Almeida Carvalhaes e Manoel d'Almeida Carvalhaes.

—Domingos Lopes Monteiro, irmão do dr. Antonio Fabricio, de Cadeade.

---

[1] Falleceu em 1888!... Não conta pois actualmente esta freguezia presbytero algum, filho d'ella.

Falleceu no anno de 1887 em Valladares, contando cerca de 100 annos.

Bachareis formados

Conta esta parochia actualmente apenas dois, ambos formados em direito:

—*Antonio Camillo d'Almeida Carvalho,* dono da casa da *Ermida,* mencionada supra, e

—*Francisco da Cunha Coutinho,* filho natural de Felix da Cunha Coutinho, irmão de Carlos Candido, das *Casas Novas*, mencionado supra.

E' uma excellente pessoa, e formou-se em 1857; foi administrador do concelho de Mirandella, em Traz os Montes e d'este concelho de Baião; é advogado; casou com D. Maria Rosa da Paz Moreira, de Gem, freguezia de S. Thomé de Covellas, filha do dr. ....e vive na dita aldeia de *Gem,* na casa da *Torre,* que elle comprou e que era da familia *Costas,* da casa da *Botica,*—familia oriunda do Porto, a qual havia comprado e restaurado a velhissima casa da *Torre,* que tem paredes de granito com 2 metros do espessura.

Industrias

As d'esta freguezia reduzem-se ás da lavoura, creação de gado bovino e suino, moagem de pão e de azeitona e tecelagem de panno de linho em teares caseiros.

Tambem foi importante n'esta parochia a industria da navegação do Douro. N'ella se empregavam muitos barcos e muitos braços, mas decaiu, depois que se abriu á exploração a linha ferrea marginal.

E' tambem muito antiga n'esta parochia uma outra industria,—a das *benzedeiras* ou *mulheres de virtude,* pelo que pedimos licença para lhe dedicarmos um topico especial:

Folklore

N'este concelho de Baião, nomeadamente n'esta parochia de *Santa Marinha* e na de *Gestaçô,* abundaram sempre *mulheres de virtude* ou *intrujonas,* que exploram a estupidez indigena e vivem de *talhar* e *curar* (?) toda a sorte de *mal ruim,* por meio de nojentas e perigosas receitas, acompanhadas de bençãos, resas e esconjuros—como vivem outras muitas *intrujonas* em differentes pontos do nosso paiz,—nas aldeias, nas villas e nas cidades, inclusivamente no *Porto* e em *Lisboa*?!...

Vamos dar uma amostra das taes receitas, de todo o ponto *authenticas,* pois foram collecionadas *por nós n'esta freguezia,* quando por aqui folgavamos durante as ferias da nossa formatura.

Bom tempo era esse?!...

Desculpem-nos as palavras e phrases mal soantes, posto que em attenção aos leitores omittimos as receitas mais *vermelhas,* que só em publicações realistas *á la mode* poderiam tolerar-se.

1.ª

Para talhar sezões

A enferma deve trazer—3 palhas da sua cama—um bocado de uma sua camisa, já vestida e antes de lavada—e um bocado de pão.

«Em nome do Padre, do Filho, e do Espirito Santo.—Dizem ambas—Amem.

Amigas, ide-vos embora.
Levaes pão para comere
Palha para vos deitar;
Adeus, que vos não quero tornar a ver.
Ide para o mar coalhado,
Onde não canta gallinha nem gallo.»

—

Isto diz-se nove vezes, rezando no fim de cada uma, um Padre Nosso e uma Ave-Maria. Paz téco, alelluia. Depois diz-se:

«Todo o mal que n'este corpo entrou,
Ar de névoa, ar de cinza,
Ar de gallinha chóca, ar de cisco,
Ar de vivo em peccado,
Ar de morto excommungado,
Ar de todo o mau olhado,
Seja d'este corpo apartado.

Deus te desacanhe de quem te acanhou,
Deus te desinveije de quem te inveijou.»

Isto tambem nove vezes, e no fim o enfermo comerá um dente d'alho e um casco de cebôla.

2.ª

Para dôr ciátega (sic)

«As pessoas da SS. Trindade, são tres;
Ellas querem e podem.
D'onde o mal veio, para lá torne.
Senhora da Conceição,
Ponde aqui a vossa mão,
Sr. São José, ponde aqui o vosso pé,
Sr. São Luiz, ponde aqui o vosso nariz,
Para que lhe preste quanto fiz.
Jesus, filho de Maria,
Soccorrei-nos n'este dia.
Paz téco, alelluia.»

3.ª

Remedio para a tropezia

«Toma-se tres dias em jejum, meio quartilho d'agua do rio Jordão—outros tres dias, a mesma porção d'agua da Samaritana — e outros tres, agua de mil fontes. No fim dos nove dias, pega se n'um aipo, tres cabeças de arruda, tres pés de trovisco macho e meio quartilho de vinagre forte.

Piza-se tudo muito bem pizado e põe-se na barriga do enfermo, dizendo:

«Oh, Santa Virgem Maria,
Tira d'este corpo a tropezia;
Milagroso S. Braz,
Arreda este mal para traz;
Milagroso São Facundo,
Leva este mal para o outro mundo,
Que não toque em mais ninguem.
Paz téco, alelluia. Amem.»

4.ª

Para curar a nurisma

Deita-se o doente em uma esteira nova, com a barriga para baixo. Põe-se-lhe nas cruzes, uma tijella com agua benta e uma cruz, dizendo:

«Em nome de Deus; amem.
Em louvor de S. Paulo bemaventurado,
De São Pedro, discipulo amado.
De São frei Pedro Dias, *libaral*,
Prumeiro que em Roma fez *espital*,
Para grandes e meninos,
Pobres, cégos, *pelingrinos*.
Deus lhe disse—Pedirás,
E de mim receberás.
—Quero a *nurisma* curar.
Vae ao mundo por tres dias,
E diz—Manda São frei Pedro Dias
Que te vás, *nurisma*, embora
Com *corenta* Aves-Marias.
Jazuz paços; Jazuz mariatus;
Jazuz conçomatus; Jazuz enterratus.
Livrae esta creatura
Da *nurisma* e mais tristura.
Jazuz, filho de Maria,
Paz téco, alelluia.»

5.ª

Remedio para a dôr de cabeça

Alecrim, rosmaninho, arruda, *politaira*, aipo, mentrastos e segurélha: tudo muito bem pizado, e posto na cova do ladrão, ao deitar da cama—e diz-se:

«Com Deus mo deito,
Aqui n'este leito.
Deito-me doente
E levanto-me escorreito,
Em louvor de Santa Maria,
Paz téco, alelluia.
—Amem.

6.ª

Para fazer cambra (?)

«Acham-se duas pedras na cabeça das andorinhas—uma branca, outra ruiva.—A ruiva livra de muitas enfermidades — e a branca, trazendo-a ao pescôço, livra da sede e faz estancar os fluxos de sangue.

Desfeita em agua, e bebida, faz *fazer cambra.*»

7.ª

Para curar priorizes

«Beber *ourina* de tres Marias,
É preciso que sejam—mãe, filha e neta.»

8.ª

Para levantar a espinhella

«Na casa em que Deus nasceu
Todo o mundo resplandeceu.
Na hora em que Deus foi nado
Todo o mundo foi allumiado.
Seja em nome do Senhor,
Esse teu mal curado.
Espinhella cahida e ventre derrubado,
Eu te ergo, curo e saro.
Em nome do Padre, Filho e Espirito Santo,
Fuja o teu mal para aquelle canto,
Em louvor dos apostolos bemaventurados,
Santos, *martens* e doutores,
Virgens, *patriacas* e confessores,
Anjos, arcanjos, *sarafins e robins.*
Amen, *Jazuz*, Maria, José.
Fica-te a espinhella em pé.
Santa Anna, Santa Maria.
Paz téco, alelluia.»

9.ª

Para tirar o fastio

«Em nome da Virgem Santa,
Eu te curo o fastio da garganta.
Santa *Dezina* (?) pariu Anna;
Santa Anna e Santa Maria,
O bom *Jazus de Nazaré,*
Santa Isabel a São João,
Amem, Jazus, Maria José.

10.ª

Para dôr de ouvidos

Sangue de gallo novo.......	1
Farinha triga ou centeia.....	2
Clara d'ôvo................	3
Agua-ardente..............	4
Incenso macho (?)...........	5
Vinagre....................	6
Mel de enxame novo........	7
Tres dentes de alho.........	8

Tudo isto, se fôr apanhado na manhã do S. João, é muito melhor.

Faz-se uma *maça* com estas oito cousas; estende-se em um panno, e põe-se na bôca do *estamago*, dizendo:

Santo *Ouvido* milagroso
Tirae-me esta dõr,
Em nome do Padre Senhor,
E da Virgem Santa Maria,
Paz téco—alelluia.»

11.º

Pura dôr do peito

Agarra-se uma *cruja*, e queima-se viva com pennas e tudo. Esta cinza, bebida em agua benta, tira logo a dôr.

12.ª

Para cabruncos

«Jazuz, nome de Jazuz—S. Lazaro hia pela serra da Cardaria — topou com a Virgem Maria—Perguntou que lhe faria—Apanha 3 folhas de *salvaria* (?) — Cospe-lhe que elle seccaria—Reza um Padre nosso e uma Ave-Maria—trez vezes cada dia—Paz téco, alelluia.»

13.ª

Para muitas enfermidades

«A agua da córte de um cavallo, bebida em jejum, *porifica* o sangue; cura pleurizes, maleitas, *almorrobias*, *sarampo*, *zipula* e outros axaques, pela sua *virtude occulta.* (!) Tambem serve para lavar chagas e *fridas.*

Cura as mesmas molestias o pó dos dentes de cavallo ou de pôrco montez, bebido

em agua em que se tenha fervido *cardo santo.*»

14.ª

Para curar a triz

«A *ourina* dos que tem triz, fervida até ficar em pó, e bebida em agua benta, cura esta enfermidade.»

Similia similibus curantur.

15.ª

Para o defluxo

«Rodas de pau de sabugueiro (uma boa *roda de pau* precizava esta bruxa!...) trazidas tres dias ao pescoço, curam o defluxo.»

16.ª

Para a opilação

«Comer caldos de funcho, espargos, herva molarinha, aipo, *borrage* e serradella.

Só devem bebêr agua *d'agrimonia, tamargueira* e raiz de funcho.»

17.ª

Para matar as lombrigas

«Fazer uma cataplasma de pós de sumagre, de murta, de rosas, de cascas de roman, de maçan de acipreste, de bolotas, de alecrim e de rosmaninho, amaçado tudo em mel e vinagre, e posto no *imbigo*. E' remedio prompto.»

18.ª

Para aborrecer o vinho

«Pegar em uma cobra viva e afogal-a em meia canada de vinho. Se não fôr tempo de cobras, tambem remedeia uma enguia, mas a cobra é melhor.

Quando o bebado pedir vinho, dá-se-lhe só d'este. Ao cabo de 24 horas nunca mais torna a pedir vinho.»

19.ª

Emplasto para o estamago

«Salva, *acintro*, alecrim, ortelan, erva-sidreira, poêjos, *belta-luz*, rosmaninho, *murtinhos*, canella, rosas, erva-dôce, e *urégos*. Tudo reduzido a pó e tomado em vinho, longe das comidas.»

20.ª

Para tirar as sardas

Trovisco macho.........	1
Sangue de toupeira.......	2
Unto de cobra ribeirinha.	3
Vinagre puro............	4

Amaça-se tudo e põe-se na cara, ao deitar na cama, tres noites a seguir, mas só se lava a cara no fim dos tres dias. E' remedio santo.»

21.ª

Talhar o fôgo-lôbo

(E' certa especie de febre)

«Pega-se em uma pederneira e um fuzil, e petiscando-se, dirá:

Fogo-lobo, vae-te d'aqui,
Que o lume vivo anda sobre ti,
Padre Nosso, Ave-Maria,
Paz téco, alelluia.»

22.ª

Para curar creanças rendidas

«O padrinho e a madrinha da creança procurarão um carvalho cerquinho. (.....E quebrarão com elle o espinhaço da feiticeira.)

O padrinho o rachará pelo meio e, tomando a creança e passando-a pela rachadella, diz á madrinha, que está do outro lado—«Toma lá comadre.» — «O que me dás tu, compadre?—«O nosso afilhado, rendido

e quebrado.»—Ella pega na creança, e tornando a passal-a pela rachadella, diz—«Toma lá, compadre.»—E que me dás tu, comadre!»—«D nosso afilhado, são e salvo como na hora em que foi nado.»

Isto faz-se tres vezes, e de cada uma reza-se uma Salve Rainha.

23.ª

Para curar a febre

Passei pela serra da Ardaria,
Encontrei o Filho da Virgem Maria,
Disse-lhe que em chammas de fogo ardia,
E perguntei-lhe que faria?
Elle disse-me:
Cura-te com *bom de porco* [1]
e *pé da guia*, [2]
E resa um P. N. e uma Ave-Maria,
Ao Filho da Virgem Maria,
Para que te abrande o fogo,
Hoje, n'este mesmo dia.
Paz téco, alelluia.

Isto diz-se tres vezes, resando sempre.

24.ª

Talhar quebranto

Bom homem me deu pousada,
Má mulher me fez a cama
Sobre agua e tôjo e lama.
Sáe quebranto da enfezada.
Sae quebranto d'esta dama.

Isto diz-se tres vezes, resando de cada vez um P. N. e uma Ave-Maria.

25.ª

Para dôr de dentes

N'aquelle monte, *mal assente*,
Estava São *Quelimente*,
Nossa Senhora lhe disse:
—«Que tens tu ó *Quelimente*?»
—«Doe-mo o queixo e mais o dente!»
—«Queres que t'o benza, *Quelimente*?»
—«Quero, sim, Minha Senhora.»
—«Põe as tuas cinco *pulgadas*
Sobre essas tuas pontadas,
Que ellas serão abrandadas.»
Padre Nosso, Ave-Maria.
Paz téco, alelluia.

Isto diz-se tres vezes, resando sempre.

26.ª

Para o pão se levedar depressa

«Pega nas calças de um homem (que não use ceroulas) vira-as do *invez* (avesso) e põe-as sobre a *massa*, com um rosario bento em cima.»

27.ª

Para a mulher poder sahir da cama sem o marido dar fé

Eu te benzo, meu morangù,
Com esta fralda e este meu...
Para que vá e venha
Sem acordares tu.

28.ª

Para toda a sorte de mal ruim (Qual será o mal bom?)

«Cordeiro que estaes na *queluna*,
E Maria em cabello pela rua;
Maria não andes mais,
Que o sangue de teu filho dá signaes
Do Bom *Jazus* que buscaes.
Meu Divino Cordeirinho,
Que levaes a cruz pelo caminho,
Olha para quem de tão longe vem,
Até chegar ás portas de Belem.
Estava São Pedro á porta,
Com a sua capa rôta,
Encostado ao seu bordão.
Oh, menino do cordão,
Vamos fazer oração.

[1] Unto sem sal.
[2] Cinza de oliveira.

Oração do *pelingrino;*
Quando Deus era menino,
Assubiu ao seu altar,
Com seus pés *correndo sangue,*
Suas mãos outro que tal. (!)
Tres Marias haviam de estar,
Com seu panno de alimpar.
Tate! Tate.—*Madanella,*
Não m'os queiras alimpar, (?)
Que estas são as cinco chagas,
Que por vós tem de passar,
Do maior ao mais pequeno,
Para os peccadores salvar.
Meu divino Senhor d'Alem,
Paz téco, alelluia, amem.»

—

Esta reza se fará 3 vezes por dia, durante 9 dias, acompanhando-a sempre de 3 Padre Nossos e 3 Ave-Marias, em honra de S. Frei Pedro Dias. E, se o mal fôr rebelde, se accrescentará o seguinte:

O enfermo colloque o peito sobre uma bacia d'agua quente, e a benzedeira tome uma estriga, estenda-a sobre as costas do enfermo e correndo, sobre ella um pente diga: *homem manso, mulher brava, casa alagada, cama de palha, cabeceira d'albarda, este mal por onde entrou por ahi saia. Paz téco alelluia,* Padre Nosso e Ave-Maria.

29.ª

Para tirar o panno da cara

Esfregar bem a cara com cueiros, ainda humidos.

(É simples e muito *decente.*)

30.ª

Para cozer os pés

Encha-se d'agua um pucarinho de tigela e, quando ferver, volte-se sobre um alguidar ou coisa semelhante; firme-se sobre o fundo do pucaro o calcanhar do pé dorido;—a pessoa que benze, segurando com uma mão uma massaroca sobre o peito do doente, e com a outra uma agulha, enfiada em linha branca, e varando a massaroca e passando o fio sem nó por baixo do pé, diz:

—Eu que coso?

—Carne quebrada ou fio torto (responde o enfermo.)

—Pois isso é o que eu coso; e, se é carne quebrada, torne a sua casa, e, se é fio torto, torne ao seu posto, e, se é fio *desmentido* torne a seu sentido, que eu te coso em louvor de S. Fructuoso.

Repita-se a oração 3 vezes, resando-se 3 Padre Nossos e 3 Ave-Marias, e ligue-se por ultimo bem o pé com uma estriga molhada em um ovo.

31.ª

Para talhar a zipula

Deitem-se em uma tigela algumas gotas d'agua fria e outras d'azeite e com *espartos e lipes,* (?) molhados n'esta agua 3 vezes, outras 3 se benzerá o enfermo, dizendo-se com muita fé:

—Pedro e Paulo *foi* a Roma, e o Senhor *lhe* perguntou:

—Pedro e Paulo d'onde vens?

—Senhor, eu venho de Roma.

—Que vae por lá, Pedro?

—Muita *zipula* e *zeripéla,* e muita gente morre d'ella.

—Pois volta lá, Pedro, e cura-me essa gente com *lipes, arte, aguas frias e partes montes de meu Senhor Jesus Christo. Amem.* P. N. e Ave-Maria.

Isto 3 vezes.

32.ª

Para que as mãos não suem

Entrae em uma capella, onde nunca fosseis; esfregae bem as mãos na parede do lado esquerdo, e dizei: — *não me tornes suor, por aquelle Senhor.*

Isto 7 vezes, resando de cada vez um Padre Nosso e uma Ave-Maria.

33.ª

Para talhar a empige

Molhe-se com saliva, estando o individuo ainda em jejum, e diga:

«*Empige rabige,* sae-te d'aqui;
Assim como eu ja comi e bebi,
Fui a Roma e já vim,
Assim tu medres aqui.»

Isto 3 vezes em 9 dias, rezando-se de cada vez 3 Padre Nossos e 3 Ave-Marias.

34.ª

Para talhar a orvalhada

«Eu te talho, bicho, bichão,
Todo o bicho de nova nação,
Aranha ou aranhão,
Sapo, sentupeia ou sardonisea,
Ou cobra ou lagarto ou lagartixa;
Eu te corto a cabeça, o meio e o rabo,
Pelo poder da Virgem Maria
E do Apostolo S. Thiago;
Eu te retalho o coração,
E sécco sejas tu como um carvão.»

3 vezes por dia, resando-se em seguida um rosario em louvor do Apostolo S. Thiago.

35.ª

Para talhar as unhas dos olhos

«Pois não ha nevoa sem unha e, tirada esta, cura-se aquella.

Quem houver de a talhar benza-se 3 vezes e diga:

A virtude do Santo nome de Jazus me ajude e a Virgem Maria, que ella quanto fazia tudo por bem lhe ia, e assim seja eu agora e a toda a hora do dia.

«Em virtude do Santo nome de Jazus,
Appareça o sol e venha o luz;
E ella que vem cá buscar?
Unha e nevoa vem talhar
Com sal das marinhas,
Agua das fontes frias,
Mel do colmeal,
E canna do cannavial.
Pelo poder de Deus e da Virgem Maria,
S. Pedro e S. Paulo e Senhora da Cardaria,
Que esta nevoa não lavre,
E que este corpo enfermo sare. Amem.

Isto 9 dias e 3 vezes por dia, molhandose de cada vez uma folha de canna em agua fria, sacudindo-a sobre o olho doente, e perguntando ao doente se entrou, pois se devem repetir as sacudidellas até entrar agua no olho.»

36.ª

Para talhar o ar

«Jazus, nome de Jazus me ajude,
E onde eu pozer as minhas mãos
Ponha Deus a sua santa virtude.
Christo vive, Christo reina, Christo allumia,
Christo te defenda de todo o mal,
Alelluia, Alleluia, Alleluia.
Acto in fé, verbo in facto es.
Jazus, nome de Jazus me ajude,
Alleluia, Alleluia, Alleluia!
Nossa Senhora me perguntou:
—Tu de que tractas, Maria?
—Eu tracto de tiziquidade e porplecia,
Gota coral e de todo o mau ar;
E se este *creaturo* ou creatura tiver
Alguma d'estas coisas tal,
A's areias do rio vá parar,
Por que eu lh'o tiro pela cabeça,
Senhora Santa Thereza;
Tiro-lhe pela banda,
Senhora Sant'Anna;
Tiro-lhe por de traz,
Milagroso S. Braz;
Tiro-lh'o por diente,
Senhor S. Vicente;
E tiro-lh'o pelo fundo
Deus Nosso Senhor por todo o mundo!»

P. N. A. Maria e *Christel em zom.*

37.ª

Outro remedio muito approvado para dores de dentes

«Deus te benza, lua nova,
Com todos os teus crescentes,
E ao milagroso S. Matheus,
Quando lhe doam os dentes,
Então me doam os meus.

9 vezes por dia com um P. N. e uma Ave-Maria.

Paz teco, alleluia.»

38.ª

Para fazer desapparecer os cravos

«Embrulhae em um panninho tantas pedras de sal, como forem os cravos, e quando algum visinho cozer pão, ide a casa d'elle, entrando por uma porta e sahindo por outra, lançando ao forno o trapo com o sal sem dar palavra e dizendo apenas com muita fé:

Assim como estalam as pedras de sal,
Assim desappareça o meu mal.»

39.º

Para conjurar desordem ou tempestade imminente na casa

«Mettei 3 raminhos d'alecrim, postos em cruz, debaixo da cinza, na lareira da casa, sem que percebam as pessoas iradas, e logo se accommodarão.»

Nada mais simples, mas ha quem sustente ser mais simples ainda e mais efficaz um bom marmeleiro.

40.ª

Para fazer sahir sem demora nem estrepito alguma má visinha, que entre em vossa casa

«Queimae debaixo do rescaldo da lareira uma vassoura, e vereis como a má visinha nem ralha nem se demora.»

Tudo é bom saber-se.

41.ª

Para talhar o ar de gallinha choca

«Quando ella passe voando por cima de vós,—cuspi 3 vezes para o ar e dizei: *credo, arreda, vae!*

Isto só prezerva do ar da gallinha choca, que é o peior de todos.»

42.ª

Para zombar de bruxas e feiticeiras

«Trincar e mastigar, todos os dias ao levantar da cama, um bocadinho *d'alho verde.*»

43.ª

Outro remedio para curar a nevoa

«Uma mulher ainda virgem mastigue 3 cabeças d'arruda e 3 folhas d'oliveira com um pouco de mel, e bafeje sobre o olho enfermo 9 dias a seguir, 3 vezes cada dia.

44.ª

Para preservar do diabo as casas

«Pregar em cada porta, postigo e janella uma cruzinha de trovisco macho.»

45.ª

Para talhar a bertueja

Colloque-se a enferma de pé e completamente nua, sobre a pia dos porcos, e a benzedeira lhe varrerá bem o corpo todo com uma vassoura, sempre em cruz—da mão direita ao pé esquerdo—e da mão esquerda ao pé direito—dizendo:

«*Bertueja* sae-te d'aqui,
Que a vassoura da casa anda sobre ti.»

Isto 3 vezes.

46.ª

Para somente nascerem pitas

«Serão os ovos lançados por um innocente no *ninheiro*, um a um, e dirá tantas vezes quantos forem os ovos:
Em louvor de S. Salvador
Todos saiam pitas e só um gallador.»

47.ª

Para que os trovões não façam mal aos pintainhos

Metta-se entre elles no *ninheiro* um prego ou chave ou ferro qualquer, senão nascerão doudos ou aleijados—ou morrerão em breve todos.

48.ª

Para que os pintainhos andem sempre juntos

«Juntem-se todas as cascas dos ovos d'onde sahiram. Nada mais.»

49.ª

Para que a gallinha choque os ovos depressa

Dae-lhe a comer fermento, todos os dias.

50.ª

Para que as gallinhas ponham muitos ovos

O dono ou dona coma o primeiro detraz d'uma porta, tendo um machado as costas.

51.ª

Para conservardes a vista

Esfregae bem os olhos com ovos ainda quentes e pouco limpos.

52.ª

Para mal da gota

Cozei bem pau *d'aroeira* e ide bebendo d'aquella agua um mez ou dois.

E' bom remedio para muitos achaques, principalmente para gota e nervos.

53.ª

Para tosse secca

Ourina de meninos, fervida com mel, até tomar ponto, e bebida ás colheres em jejum e a noite, longe do comer.

54.ª

Para dôr de dentes

«O sarro da *ourina* que fica no orinol, posto nas fontes da cabeça, é remedio muito approvado.»

55.ª

Outro remedio efficaz contra as sezões

«Coser uma perdiz inteira em agua, de modo que fique pouco menos de um quartilho, e depois de bem cozida—com pennas, figado, boches e bico—tomar este caldo bem quente, sem mais tempero algum, entre os frios e febres, e cobrir bem, para suar.»

56.ª

Outro, igualmente efficaz e muito mais simples

«Torrar ao lume esterco de gallinhas, reduzil-o a pó—e bebel-o em agua, quando derem os frios.

57.ª

Para dôr de peitos de mulher

«Ferrar agua com uma ferradura que tenha servido em pata de mula, e lavar com a dicta agua o peito — é bom remedio e já experimentado.»

58.ª

Para a moça fazer andar o rapaz sempre á cordinha, até que se resolva a casar com ella

«Trará em uma bolsinha, pregada no colete sobre sobre o peito esquerdo, um osso

d'um cão, outro d'um gato e outro d'um defuncto, com um bocadinho de *trena* do caixão do mesmo, 3 folhas de *ruda*, 3 d'alecrim macho e um alho verde. Lave bem o corpo em cruz—desde as pontas dos dedos da mão direita até as pontas dos dedos do pé esquerdo — e das pontas dos dedos da esquerda até as pontas dos dedos do pé direito, sirva depois ao *dicto cujo* café ou chocolate, preparado com aquella agua,—e ovos fritos, partidos no cachaco d'ella e aparados no...—fundo das costas.

E' receita magnifica e muito experimentada.»

59.ª

Outro remedio para curar as sesões

«Tira-se da enxerga do enfermo 3 palhas; colloquem-se em cruz sobre o chão em uma encruzilhada; cubram-se as palhas com uma tigela e diga-se:

O primeiro que te levantar
O meu mal ha-de levar.»

60.ª

Outro remedio ejusdem fusfuris

«As folhas do aipo pisadas com uma duzia de teias d'aranha e uma colher de vinagre forte, postas sobre os pulsos do enfermo no dia da maleita *tersan*, estando o doente em jejum e não comendo nada até o outro dia, deitam fóra as maleitas.»

61.ª

Outro remedio mais simples e muito decente

«Beber ourina, longe do comer.»

62.ª

Para curar panaricios

«Metter o *penaricio* no ouvido de um gato, ou em um saquinho cheio de *minhocas* vivas, ou em oleo d'enxofre.

63.ª

Para talhar a bertueja

O doente colloca o peito sobre uma bacia d'agua, e a benzedeira toma uma estriga, estende-a sobre a costas do enfermo, correndo sobre ella um pente e diz:

«Homem manso,
Mulher brava,
Casa alagada,
Cama de palha,
Cabeceira d'albarda,
Este mal por donde entrou por ahi saia.»

64.ª

Para talhar o quebranto

«Toma-se uma malga; deita-se-lhe meio quartilho d'agua e 3 brasas vivas; depois toma-se um dos carvões e faz-se com elle uma cruz sobre o enfermo, desde o lado esquerdo ao direito e do peito ás costas, por cima da cabeça, (isto se o mal fôr na cabeça, porque não sendo, faz-se a cruz sobre o local do quebranto) dizendo:

Bom homem me deu pousada,
Má mulher me fez a cama
Sobre agua e mais lama.
Assim como isto é verdade,
Assim te saia o mal e peito e dama (?!..)

Isto 3 vezes, uma com cada carvão.»

65.ª

Para se não tomar o leite

Quando uma mulher der o peito a creança que não fôr sua, ou quando passar algum rio, ribeiro ou levada, deve dizer 3 vezes:

Leite lembrado
Não sejas tomado.

—

Quando porém falte o leite a qualquer mulher, procure instantaneamente outra

que o tenha, e esta lhe lance 3 gotas *sobre as costas* (?) dizendo ao mesmo tempo as palavras supra,—e o leite volverá.

66.ª

Para curar ougamentos

«O enfermo coma de traz da porta um bôlo quente, com azeite e alho,—e enterre o que sobrar, aliás fica ougado o animal que o comer.»

67.ª

Para dar falla ás creanças tardias em fallar

«A madrinha metta a creança em um folle e vá com ella pedindo e dizendo:—quem dá esmolinha ao menino do folle, que quer fallar e não póde?

O menino comerá depois tudo o que lhe derem e fallará immediatamente.»

Curandeiro perigoso

Houve tambem n'esta freguezia nos principios d'este seculo um homem, cujo nome ignoramos e que foi um curandeiro muito acreditado e muito afreguezado, mas devia matar muita gente.

Em um alfarrabio escripto por elle e que era o seu *vade mecum*, dizia entre ontras coisas o seguinte:

«Toda a cura que o Medico ordena para a saude dos enfermos consta de dieta e dos mais remedios que se devem applicar.

A pratica *racional* (?) e methodica consta de 3 partes: *dieta, purga* e *sangria*. A 1.ª é a mais necessaria, e as outras duas ordinariamente se applicam ambas, porque raro é o caso de cirurgia em que se não purgue, e rara é a febre em que se não sangre ou sarge. A principal é a dieta, sem a qual se não póde curar nenhuma enfermidade, supposto que todas 3 sejão muitas vezes necessarias para se aperfeiçoar a cura.»

E que esta era a pratica *irracional* do tal assassino ou curandeiro se vê do precioso documento, que vinha engastado na mesma eliquia ou authographo.

Leia quem tiver coragem.

Rol da cura de Manoel Beroto

«Dezaseis sangrias	800
Das fontes	600
Do sedanho	200
Causticos, ventosas e sanguesugas	550

Mais 4 mezes em que fiz 43 caminhos fóra da minha freguezia.»

Pobre *Manoel Beroto*! Só por milagre escaparias!...

Ainda logramos ver o mencionado autographo na casa do Ervedal e d'elle fizemos o extracto supra.

O auctor, se bem nos recordamos, era pharmaceutico e ascendente da dicta casa Deus lhe perdõe.

Descantes ou festadas

O povo d'esta parochia é muito tratavel, muito animado e muito folgasão. Homens mulheres e creanças, mesmo no serviço da lavoura, andam sempre cantando; nas horas vagas e nos dias de festa costumam dançar e cantar a *chula*,—musica popular favorita d'este concelho e dos concelhos visinhos,[1] ao som de uma viola d'arame, ou de viola e rebeca; mas em dias de romagem, como na do *Senhor do Calvario* e outras, formam descantes imponentes, á imitação dos seus visinhos de Barqueiros.

V. *Martinho de Mouros* (S.) tomo 5.º pag 112, col. 2.ª,[2] onde já descrevemos os mencionados descantes. Aqui só daremos uma amostra das cantigas da *chula*, algumas das quaes não são feias:

---

[1] Veja-se o topico supra, relativo á casa e quinta do Ervedal.

[2] E *Viseu*, tomo 11.º pag. 1:541, col. 1.ª onde fallámos d'estes e d'outros descantes populares do nosso paiz.

Puz a mão na parte esquerda,
Não achei meu coração.
Não me lembrei que o tinha
De penhor na tua mão.

Se o meu querer te aborrece,
Toma a culpa aos teus agrados,
Pois só quem te não conhece
Viverá sem ter cuidados.

Algum dia era eu
Do teu prato a melhor sopa,
Agora sou um veneno
Rosalgar na tua bocca.

Ai Jesus que eu vou p'ras malvas,
Caminhando p'ras ortigas;
Vão os rapazes á forca
Por causa das raparigas.

Aqui venho por te ver,
Por te ver aqui cheguei;
Para que saibas, amor;
Prometti-te e não faltei.

Quem tem pinheiros tem pinhas,
Quem tem pinhas tem pinhões,
Quem tem amores tem zelos,
Quem tem zelos tem paixões.

Quem diz que o amar que custa
É certo que nunca amou:
Eu amei e fui amado,
Nunca o amar me enfadou.

Acorda meu bem acorda
D'esse somno em que estaes;
Ando por aqui, não durmo,
E' bem que vós não durmaes.

Menina não seja varia,
Reprehenda o seu pensamento;
Olhe que o amor dos homens
Dura muito pouco tempo.

José quero, José amo,
José trago no sentido;
Por amor de ti, José,
Trago o meu somno perdido.

Dizeis que o preto é feio,
O preto é linda côr;
E' com o preto que escrevo
Cartinhas ao meu amor.

Coitadinho de quem nasce
No mundo sem ter ventura:
E' como o prato quebrado;
Atiram com elle á rua.

Dormindo estava sonhando
Que me morreu o meu bem;
Acordei pedindo a Deus
Que me levasse tambem.

Aqui 'stá quem por ti morre,
Quem por ti sempre suspira;
Quem por ti anda de noite,
Quem por ti arrisca a vida.

Tudo o que ha triste no mundo
Tomára que fosse meu;
Isso mesmo, tudo junto,
Não é mais triste do que eu.

Alegria não a tenho,
A tristeza m'a levou;
Perguntae ao meu amor,
Se a viu, por onde andou.

Eu vou-me vestir de preto,
Do mais preto que achar,
Pois me deram por noticia
Que tu me queres deixar.

Com pena peguei na penna,
Com penna te escrevi;
Com pena de te não ver
E' que dou cabo de mim.

Tenho um vestido de pennas;
Não m'o fez o alfaiate;
Eu o fiz, eu o talhei,
Bem é que penas me mate.

Tenho penas sobre penas,
E mais não posso voar;
A maior pena que tenho
E' ver-te e não te fallar.

Tenho penas sobre penas,
Sobre penas tenho dôr;
A maior pena que tenho
E' deixar-te, meu amor.

Deus te dê alegre tarde,
Meu amor, já que vieste;
Deus te dê tanto alivio,
Como tu a mim me deste.

Os meus olhos desgraçados
Namoraram-se dos teus;
Vejo-me tão confundida
Que nem sei quaes são os meus.

Tenho uma pena no peito,
Que d'ella hei de morrer,
Pois me diz o coração
Que te não torno a ver.

Não me ponha a mão na saia;
Diga d'ahi o que quer;
Você não perde, que é homem;
Perco eu, que sou mulher.

Eu quero bem á desgraça,
Pois sempre me acompanhou,
E tenho raiva á fortuna,
Que sempre me despresou.

Toda a moça que é bonita
Nunca devêra nascer;
E' como a pera madura,
Todos a querem colher.

Se no ceu ha criminosos,
Eu tambem la hei-de entrar;
Mas o amar não é crime
E o meu crime é só amar.

O sol prometteu á lua
Uma fita de mil cores;
Quando o sol promette prendas,
Que fará quem tem amores.

Menina não se namore
D'homem que ja viuvou;
Uma falla, duas fallas:
—Mulher que Deus me levou!...

Menina não se namore
D'homem casado, que é perigo;
Namore-se d'um solteirinho,
Que possa casar comsigo.

Inda que meu pae me mate,
Minha mãe me tire a vida,
Minha palavra está dada,
Minha mão já promettida.

Não me namora o teu ouro,
Nem os brincos das orelhas;
Namoram-me esses teus olhos,
Essas tuas sobrancelhas.

O amor, quando se encontra,
Causa pena e dá gosto;
Sobresalta o coração,
Sobem as cores ao rosto.

O' senhor juiz de fóra,
Faça justiça na terra;
Prenda-me aquelles dois olhos,
Que estão n'aquella janella.

Tomei amores com o Bento,
Não sei se faria bem;
O vento é variante,
Não tem amor a ninguem.

Estes senhores me pedem
Que lhe cante uma cantiga;
Cantarei duas ou tres;
Uma não é cortezia.

Aquella menina cuida
Que não ha outra no mundo!
Não é o poço tão alto,
Que se lhe não veja o fundo.

De cada vez que te vejo
Me devia confessar,
Não por eu peccar comtigo,
Mas sim por te desejar.

Tenho dentro do meu peito,
Junto do meu coração,
Duas lettrinhas que dizem:
Morrer? sim; deixar-te? não.

Quem quizer amar mulheres
Não tome tabaco,—fume;
Depois bate á porta e diz:
O' menina dê cá lume.

Sol divino não te ponhas,
Que eu não posso ver a noite,
Nem tambem ver meu amor
Longe de mim perto d'oitre.

Eu vou dar a despedida
Até outra occasião;
Senhores, que estão á roda,
A todos peço perdão.

Aqui dou a despedida
Sem offender a ninguem.
O muito cantar enfada,
O pouco parece bem.

—

Fecharemos este topico dizendo que a parte cantante da chula é feita pela rebeca, e, sendo bem tocada, é uma variação constante e lindissima; havendo porem sempre no Douro muitos chuliantes, são raros os que a tocam bem.

No meiado d'este seculo o 1.º chuliante do Douro, foi o *Capão* da Rede, junto de Mesãofrio; depois levou-lhe a palma o Francisco d'Almeida (filho) da casa do *Ervedal*, —e supplantou aquelles dois e supplanta ainda hoje todos os chuliantes do Douro, Guilherme d'Almeida e Silva, da casa do *Ervedal* tambem.

As cantigas são singelas, com toada muito differente da chula, mas agradaveis e caracteristicas. Não se confundem com as outras canções populares e dão muito relevo á chula, sendo cantadas por mulheres.

A dança ordinaria da chula é simples e monotona no campo e nas romagens, mas nas salas é variadissima, nomeadamente no concelho de Marco de Canavezes.

Tambem no Douro, nas salas e no campo, se usam muitos jogos de roda cantados, jogos de prendas, etc. — e nas salas todas as danças da primeira sociedade.

Tambem no Douro ja são triviaes os pianos,—mesmo na classe media.

Costumes

N'esta parochia de *Santa Marinha* e em ambas as margens do Douro até á Hespanha as mulheres do campo vestem com muita singeleza: — poucas saias, poucos saiotes, vestidos de chita ou de riscado d'algodão, *capuchas* (especie de chales) tambem d'algodão, na cabeça lenços d'algodão tambem —e nos pés tamancos ou chinelas de couro preto, tudo barato.

Isto nos dias de semana. Nos dias santos ou de festa;—sapatos pretos de couro, meias brancas, vestidos e lenços d'algodão, mas novos ou em melhor uso e por excepção lenços de seda na cabeça (nunca chapeu) e vestidos de lã.

Ouro—muito pouco e muito leve. Apenas um par de *ciganas* ou de arrecadas nas orelhas—e no pescoço um fio de contas redondas e pequenas.

Os cordões d'ouro são rarissimos.

Aqui não se vêem mulheres carregadas d'ouro e de roupa, semelhando cabides e taboletas d'ourives, como nos arrabaldes do Porto.[1]

—

No Douro as taboletas d'ourives são os anjos das procissões. Esses sim, — vão gemendo carregados de objectos d'ouro e de prata, de todas as idades e de todos os feitios,—tanto de bom quilate, como de *pechisbeque*.

O vestuario dos homens do campo é muito variado, mas tambem barato e singelo.

As familias nobres e da boa sociedade seguem as modas francesas, modificadas no Porto—e no tempo da velha companhia dos vinhos, quando o Douro era *d'ouro*, tiveram baixellas soberbas:—muita prata, muito ouro, muitos adereços de perolas e pedras fi-

---

[1] V. *Villar d'Andorinho*, tomo 11.º pag. 1197, col, 2.ª

nas, louça e cobertores da India e do Japão, etc.

Os mesmos *bacios* dos grandes lavradores do Douro—*eram de prata*?!...

V. *Villa Jusã* do concelho de Mesãofrio, tomo 11.º pag. 771, col. 2.ª

Recrutamento

Até 1834 esta parochia e mais 13 das circumvisinhas davam soldados para a 1.ª companhia do regimento de milicias de Penafiel—denominada companhia de *Campello*, por ter ali a séde.

As outras freguezias eram—Teixeira, Teixeiró, Tresouras, Gestaçô, Viariz, Loivos do Monte, Loivos da Ribeira, Frende, S. João d'Ouvil, Tolões, Valladares e S. Thomé de Covellas.

O dicto regimento era formado por 2 batalhões com 4 companhias cada um. O 1.º batalhão tinha a séde em Villa Boa do Bispo;—o 2.º em Penafiel.

A companhia de Campello era a 1.ª do 1.º batalhão, mas a freguezia de Campello dava soldados para a 2.ª companhia do mesmo batalhão, a qual tinha a séde na freguezia de *Loureiro*!...

Esta 2.ª companhia era formada pelas freguezias de Campello, Gôve, Soalhães, Santa Cruz do Douro, Santa Leocadia, Mesquinhata, Ancede e Grillo.

Festividades religiosas

Celebram-se muitas n'esta freguezia, sendo sempre mais pomposa a da padroeira, mas tem algum tanto de barbara, porque, misturando o sagrado com o profano, costumam por essa occasião correr touros muito estupidamente *a vara larga*, o que por vezes dá scenas de canibalismo revoltante—ferimentos desordens e mortes, como succedeu ha bem pouco tempo,—no dia 22 de julho do anno ultimo (1888) quando festejavam a padroeira.

Com data de 25 de julho do dicto anno, uma correspondencia de Baião, publicada no *Commercio do Porto*, dizia entre outras coisas o seguinte:

—

«No dia 22 do corrente celebrou-se com todo o brilho e luzimento, na igreja matriz de Santa Marinha do Zezere, a festa á padroeira. Na vespera foi illuminada a frontaria do templo, adro, casa da residencia e palacete do nosso amigo o sr. José Bernardo Correia de Sá, digno abbade d'aquella freguezia e vice-presidente do centro progressista de Baião, tocando até ao dia duas bandas de musica ao desafio e queimando-se á meia noite um vistosissimo fogo do ar. No dia seguinte houve exposição do Santissimo Sacramento, missa cantada e sermão...

Depois da festa da igreja sahiu uma procissão, que não só pela ordem em que ia, como pela belleza e adorno dos anjos, póde-se incontestavelmente dizer que attingiu um brilhantismo e esplendor extraordinarios.

Não se dirá, porém, que a festa corresse sem desgostos e sustos.

Na vespera, pelas 8 horas da noite, passando pelo adro a cavallo um sujeito qualquer, ou porque lhe picassem o animal ou porque elle quizesse mostrar altas prendas de equitação, o certo é que o cavallo se encabritou, assustando o povo, que em grande grita e confusão correu para uma das margens do caminho, impellindo para o adro as pessoas que ali estavam, tendo-se magoado bastante a sr.ª D. Feliciana Correia de Sá, irmã do abbade d'aquella freguezia, o que muito sentimos. Uma mulher do povo, que tambem fôra impellida pelos fugitivos, cahiu e fracturou uma perna.

Passada uma hora, levantou-se grande reboliço no arraial por causa de dois touros que no outro dia se haviam de correr á vara larga, os quaes, soltos e sem chocas, se dirigiam para ali. Houve n'essa occasião muitos empurrões, sopapos e quédas, o que tudo se explica pelo terror de que se tinha apossado o povo.

Os touros, porém, correram por um dos caminhos lateraes do adro, invadindo o terreiro da residencia, onde damnificaram algumas vides e objectos que n'esse local se encontravam.

Se não fosse o sangue frio do nosso ami-

go o sr. José Ayres de Figueiredo Pinto Valente, muitas desgraças haveria a lamentar, porquanto aquelle cavalheiro, com um verdadeiro desprezo pela vida, não receiando a sanha dos bois, encurralou-os n'uma das córtes que alli havia, mandando em seguida procurar algumas vaccas para os conduzirem a Travanca, onde deviam pernoitar.

A tia do sr. José Bernardo Correia de Sá, senhora de avançada idade, por pouco que era apanhada por um dos animaes. O susto que apanhou foi de tal natureza, que chegou a lançar sangue pela bocca.

—

«Na tourada, ou antes *selvageria*, que no dia da festa se fez, um dos bois foi horrivelmente martyrisado pelos picadores de *Barqueiros*,[1] chegando aquelles barbaros a arrancar-lhe um dos olhos e uma das pontas, deixando-o tão mal tractado que o pobre animal morreu hontem (24) no meio de soffrimentos horriveis.

Um dos picadores, á sahida do curro, levou uma aguilhada no peito. Segundo nos consta, já falleceu.

E de quem é a culpa?! Incontestavelmente das nossas authoridades administrativas, que consentem uma tal selvageria. Sendo prohibidas as corridas á vara larga, qual o motivo porque são consentidas? A fraqueza das auctoridades deu causa á morte de um homem e ao martyrio de um animal. Quem ha-de sustentar agora a viuva e filhos d'esse desgraçado, que ficou como um lugubre trophéu d'essa vergonhosa lucta? Se as chamassem á authoria, não teriamos a lamentar similhantes desgraças! Mas como o favoritismo é que impera, o melhor é calarmo-nos e ir registrando estes factos, que as pessoas sensatas e de coração avaliarão como fôr de justiça.»

—

Uma das festas mais edificantes e mais imponentes de que ha memoria n'esta freguezia, foi a procissão de penitencia, feita no dia 20 d'outubro de 1885 para que Deus nos livrasse do cholera, que ao tempo devastava a Hespanha e que nos aterrou e obrigou a montar com grande dispendio um cordão sanitario de mais de 6 mil homens em toda a raia, durante muitos mezes.

Felizmente a epidemia poupou-nos e desde 1854–1855, data em que o cholera fez bastantes victimas em Portugal, não mais nos visitou.

Tambem tivemos em Portugal o cholera em 1834 a 1835, depois da guerra entre o sr. D. Pedro IV e o seu irmão D. Miguel.

A dicta procissão teve logar em um domingo; começou ás 7 horas da manhã e terminou ás 7 da noite; percorreu grande parte da freguezia e visitou a matriz e 5 capellas, havendo por essa occasião 3 sermões de lagrimas.

Era formada por 18 andores, 10 anjos, uma banda de musica e muitas irmandades e confrarias com as suas respectivas cruzes —sendo verdadeiramente extraordinario o concurso de povo d'esta parochia e das circumvisinhas,—ao todo mais de 10:000 pessoas.

Commenda de Moura Morta

Esta commenda era da ordem de Malta e uma das mais rendosas do nosso paiz. Tinha muitos dizimos, prasos e fóros na freguezia de Moura Morta e em outras dos concelhos de Mesãofrio, Baião, Canavezes, Torres Novas, etc.

N'este concelho de Baião aquelles commendadores eram directos senhorios de muitos casaes e terras nas freguezias de Tresouras, Frende, Gôve, Gestaçô, e n'esta de *Santa Marinha*, nomeadamente nas povoa-

[1] *Barqueiros*, freguezia populosa e pouco distante, terra natal do infeliz dr. José Julio d'Oliveira Pinto, é nas duas margens do Douro apontada e *respeitada* como terra de *famigerados valentões*—e á mais leve provocação de estranhos batem-se todos por um e um por todos—a pau, a pedra, a punhal e a *tiro*, pelo que *ninguem ousa provocal-os*.
V. *Barqueiros*, tomo 1.º pag. 336—e *Martinho de Mouros* (S.) tomo 5.º pag. 112, col. 2.ª

ções de S. Pedro, Quintãs e Paços, como se vê de um livro de emprazamentos, que temos sobre a nossa mesa de estudo e que comprehende os annos de 1603 a 1642.

Foi commendador de Moura Morta desde 1603 atè 1630 Fr. Antonio da Veiga, de Cidadelhe, hoje representado pelo sr. D. Francisco Peixoto Pinto Coelho, de Villa Marim, —e desde 1630 a 1642 foi commendador D. Diogo de Mello Pereira, tambem de Cidadelhe, concelho de Mesãofrio, fundador da quinta e do palacete denominados de *D. Diogo*, que são hoje da familia *Carvalhaes* de Travanca, mencionada supra.

Viação

Até hoje (1889) esta desgraçada freguezia não tem estrada alguma a macadam. As suas estradas todas são barrancos e precipicios medonhos, nomeadamente as que conduzem ao Douro e á estação da *Ermida*. Tem para ali já estudada ha muitos annos uma estrada a macadam desde a egreja matriz, pelo valle do Zezere, mas ainda lhe não deram principio.

Tambem deve atravessár esta parochia de *Santa Marinha*, de poente a nascente, a estrada real a macadam n.º 34 de Penafiel a Mesãofrio, por Canavezes e Baião, mas ainda não passou de Canavezes, posto que já lhe deram principio ha *mais de 20 annos*?!..

Até hoje o malfadado concelho de Baião não viu nem sequer *uma diligencia*! Apenas tem ao longo da margem do Douro a linha ferrea, de que pouco partido tira, por falta de estradas que a ella conduzam,—e tem sobre o Douro duas pontes em projecto, estudadas e arrematadas, mas ainda não principiadas,—uma n'esta parochia de *Santa Marinha*, junto da estação da Ermida, para ligação com Rezende,—outra em *Portantigo*, junto da estação de *Mosteirô*, para ligação com Sinfães.

Posta rural

Um dos poucos beneficios que esta parochia de *Santa Marinha* e este concelho de Baião devem ao governo desde 1887—é a *posta rural*—beneficio que alguns dos nossos concelhos ainda não gosam.

Baião tem 7 distribuidores:—1 em Ancede, 1 em Santa Cruz do Douro, 2 em Campello e 3 n'esta parochia de Santa Marinha.

Foi um grande bonus, porque hoje a entrega da correspondencia é rapida e feita aos destinatarios nos seus proprios domicilios,—emquanto que anteriormente tinham de mandar procural-a a distancia, recebiam-na tarde e extraviava-se repetidas vezes.

Tambem a *posta rural* facilitou igualmente a expedição da correspondencia.

Movimento parochial d'esta freguezia em 1887

Nascimentos	76
Obitos	30
Casamentos	17

Do exposto se vê que a população d'esta parochia tende a augmentar, pois a cifra dos nascimentos é muito superior á dos obitos.

O batalhão de Baião

José Reymão de Mello Palhares, de quem já se fallou no topico da quinta de *Guimarães*, era muito liberal, pelo que em 1829 emigrou. Viveu 3 annos na França e na Belgica; militou com o sr. D. Pedro IV, chegando ao posto de tenente. Depois casou e abandonou a carreira militar, mas em 1846, quando rebentou o pronunciamento popular do *Minho* ou da *Patuleia*, vivendo na sua quinta de Guimarães, abraçou o dicto pronunciamento.

Formou com voluntarios d'esta parochia de *Santa Marinha* e d'outras d'este concelho uma guerrilha, denominada *Batalhão de Baião*, da qual foi commandante com a patente de tenente coronel, conferida pela *junta do Porto.*

Elle era homem valente, muito encorpado e mal encarádo, mas foi pouco feliz como guerrilheiro. Apenas tomou parte em 2 feitos d'armas, ficando derrotado no 1.º—e derrotado e prisioneiro no 2.º

—

No dicto anno de 1846, logo no principio da revolução da junta, elle com a sua guerrilha de Baião, o *Justinianno de Cordova* com a sua guerrilha de S. Martinho de Mouros e S. Pedro de Paus (Rezende)[1]—os Andrades de Moimenta da Beira com outra guerrilha d'aquelles sitios—e muitos populares dos concelhos de Rezende, Lamego, Mondim da Beira, Tarouca, Pesqueira, Taboaço, Armamar e Regoa, lembraram-se de ir a Lamego desarmar o regimento de infanteria n.º 9 ali estacionado.

Os populares eram muitos, mas não tinham commando, nem armamento regular, nem munições de guerra, nem disciplina alguma, pelo que, apenas se abeiraram de Lamego, o 9 com algumas descargas os poz em precipitada fuga, indo tambem de roldão o *batalhão de Baião*.[2]

—

Passados alguns mezes, partiu do Porto para Traz os Montes o general visconde de Sá Bandeira para bater o conde de Casal.

Sá da Bandeira levava uma divisão forte de 3:500 homens, comprehendendo os regimentos de infanteria 3 e 15, a guarda municipal e um batalhão d'artistas do Porto, outro de voluntarios da Vista Alegre e o de *Baião*.

Encontraram-se as duas divisões em Valle Passos e a do Sá da Bandeira foi completamente derrotada, porque logo no principio da acção os regimentos 3 e 15 uniram-se á divisão do Casal.[3]

O batalhão da Vista Alegre nada soffreu, porque estava distante e não entrou em fogo, mas o de Baião foi envolvido e derrotado, ficando prisioneiro o seu commandante José Reymão—e mortos 15 a 20 soldados e o major.

José Reymão pouco tempo esteve prisioneiro, porque uma bella noite fugiu com o sargento que o escoltava,—*Lino José Rodrigues*—a quem foi grato, pois teve-o muito tempo como pessoa de familia na sua casa de *Guimarães*,—depois deu-lhe uma escrivania do juizo de direito em Baião e ali falleceu em 1888, deixando boa fortuna á viuva e filhos.

José Reymão era natural da Ucanha[1] e falleceu já velho e reformado com a patente e soldo de capitão.

O José do Telhado

Em uma das noites do mez de novembro de 1851 a quadrilha do *José do Telhado* assaltou a casa do dr. Antonio Fabricio Lopes Monteiro, de *Cadeade*, n'esta parochia de Santa Marinha, cerca de 1:200 metros a N. da egreja, mas cruzou-se vivo fogo de parte a parte, alvorotou-se a visinhança e a quadrilha bateu em debandada sem levar a effeito o roubo. Ella vinha de longe,—*de Lousada*,—mas foi attrahida por alguns dos salteadores, que pertenciam a este concelho de Baião e a esta parochia, taes eram José Simões, da povoação do Barreiro, e seu filho Boaventura.

O dr. Fabricio morreu aproximadamente em 1870 sem successão, havendo casado com D. Gracinda Emília Faria Garcia Coutinho, senhora muito mais nova, muito incorpada e muito sympathica, a qual tambem já falleceu, tendo passado a segundas nupcias em 1876 com o visconde de Ferro-Cinto—José Maria de Vasconcellos Serrão, que já tinha 57 annos de idade.

Ella nasceu na freguezia de Mondão, concelho de Viseu, em 1830, e foram seus paes Balthasar Esquiridão Garcia da Costa Bar-

---

[1] O *Justinianno de Cordova* deu brado como guerrilheirot...

V. *Paus*, tomo 6.º pag. 509, col. 2.ª e seg.

[2] V. *Lamego* n'este diccionario e no supplemento.

[3] V. *Val de Passos*, tomo 10.º pag. 75, col. 2.ª

[1] V. *Cucanha* e *Ucanha*.

bosa, natural do Porto, e D. Julia Felicia de Faria Coutinho, da quinta de *Picoula*, freguezia da Granja, concelho de Trancoso.

—

Como este diccionario está prestes a concluir-se, daremos aqui uma ligeira noticia do celebre *José do Telhado*, que foi o ultimo dos grandes salteadores que infestaram o nosso paiz.

Chegou a viver esplendidamente, mas acabou miseravelmente, verificando-se mais uma vez a sentença:

Talis vita, finis ita!...

—

Chamava-se elle *José Teixeira da Silva*, por alcunha *José do Telhado*, porque nasceu em 1816 na pequena povoação do *Telhado*, freguezia de Castellões de Recesinhos, concelho de Penafiel, mas casou e viveu na povoação de Sobreira, freguezia de S. Pedro de Cahide de Rei, concelho de Lousada cerca de 2 kil. e a N. da estação actual de *Cahide*, na linha ferrea do Douro.[1]

Girava-lhe nas veias *bom sangue*, pois seu pae *Joaquim do Telhado* foi capitão de ladrões, valente como as armas e raio devastador em francezes;—seu tio-avô, por alcunha o *Sodiano*, foi salteador no Marão, — e *Joaquim do Telhado*, irmão do nosso heroe, foi tambem salteador.

Qui viget in foliis venit e radicibus humor!...

—

José do Telhado passou os primeiros annos da juventude em Cahide de Rei, aprendendo o officio de capador com um francez que exercia aquella profissão e estava ali casado com uma tia materna do nosso heroe. Affeiçoou-se a uma filha do capador, mas, como os paes d'ella se oppozessem ao casamento, fugiu para Lisboa, tendo 19 annos de idade, e ali assentou praça no 2.° regimento de *Lanceiros da Rainha*.

Em 1837, na *revolta dos Marechaes*, acompanhou o duque de Saldanha e bateu-se nos combates do *Chão da Feira* e *Ruivães*.

O barão de Setubal disse-lhe uma vez:

—Chovem balas!...

—Cá está o guarda-chuva, meu general; —deixe chover!—respondeu José do Telhado muito serenamente, mostrando-lhe a lança com a bandeira, pois era muito valente, bom cavalleiro, muito generoso e espirituoso.

O barão gostou da resposta e, tendo de emigrar para a Hespanha, resolveu leval-o comsigo, como sua ordenança, mas, feita a convenção de Chaves, recebeu o nosso heroe uma carta da prima, chamando-o a toda a pressa para casarem, por haver obtido do pae o previo consentimento. Pediu baixa; partiu immediatamente e sem demora casaram, recebendo em dote meios bastantes para uma decente mediania aldean, accrescendo o fructo do seu mister de capador.

—

Ditosos derivaram os primeiros annos d'este suspirado enlace, vivendo honestamente do seu trabalho, visinhando bem com todos e sendo por todos estimado, vindo os filhos augmentar a felicidade dos dois conjuges, porque sobrava em casa o pão e foi sempre *muito amigo* da mulher e dos filhos.

Levado da sua generosa intrepidez, em 1845 defendeu na feira de Penafiel um visinho, perseguido por muitos. A lucta foi grandemente desegual e ficou moribundo entre os que em volta d'elle cahiram.

Na revolução popular de 1846 os visinhos escolheram-n'o para chefe. Recusou-se, fazendo-lhes ver que não tinha habilitações para o commando, mas seguiu o partido do povo. Apresentou-se á junta do Porto,—assentou praça em cavallaria, — comprou cavallo e fardou-se a todo o primor *á sua cus-*

[1] V. *Cahide*, vol. 2.° pag. 33, col. 2.ª—e *Villa Verde*, aldeia, tomo 11.° pag. 1:087. col. 1.ª e segg.

ta. Soccorria generosamente os soldados carecidos e empenhou-se para satisfazer o que em parte era capricho e em parte largueza d'alma.

Acompanhou a Val Passos, como sua ordenança, o visconde de Sá da Bandeira, a quem salvou a vida n'aquella desastrosa batalha,[1] pelo que o dicto visconde pela sua propria mão lhe apresilhou na farda a condecoração da *Torre e Espada.*

Do comoro de uma ribanceira alguns dos soldados traidores apontavam as armas contra o visconde, envolvido no fumo das descargas. José Teixeira arranca do cavallo a toda a brida,—toma as redeas do cavallo do general e obriga-o a saltar um vallado, passando as balas pouco acima da cabeça de ambos. A este tempo 3 soldados de cavallaria avançavam contra o visconde. José Teixeira embarga-lhes a arremettida e desarma o 1.º com um golpe,—fere mortalmente o 2.º—e persegue o 3.º até lhe arrancar a vida pelas costas.

Quando voltou da facção já o visconde tinha suspensa a medalha que ali mesmo lhe apresilhou.

Terminada a revolução em 30 de junho de 1847 pelo convenio de Gramido,[2] José Teixeira arrancou as divisas de sargento e foi para a sua casa, onde o aguardava saudosa a mulher com 5 filhos.

O salteador

Até aqui foi José Teixeira da Silva um homem honrado, bom cidadão, bom pae, bom esposo e bom visinho, mas por um triste conjunto de circumstancias em breve mudou e sentimos tremer a penna para levarmos por diante este ligeiro esboço biographico!...

---

[1] Com relação á dicta batalha, ferida entre Sá da Bandeira e o conde de Casal, veja-se o artigo *Val de Passos*, tomo 10.º pag. 74, col. 2.ª e segg.—e a biographia do *Conde de Casal* no art. *Villa Verde,* tomo 11.º pag. 1:108, col. 1.ª

[2] V. *Gramido,* tomo 3.º pag. 316, col. 2.ª

O homem estava onerado com dividas; os credores perseguiam-no—e as auctoridades avêssas á sua politica,[1] esquadrinhavam pretextos para o magoarem.

Joaquim do Telhado, seu irmão, mantinha n'essa epoca as tradições da familia, saindo á estrada com um bando de populares foragidos á perseguição politica, por haverem esposado tambem a revolução da junta do Porto.

José do Telhado, perseguido pelos credores e pelas auctoridades, desconsiderado e affrontado por todos e sem pão para alimentar a mulher e os 5 filhos que elle idolatrava, bateu á porta de differentes pessoas pedindo um emprego qualquer, embora distante, mas nada obteve, pelo que se uniu ao irmão. O bando que este capitaneava exultou, — nomeando-o logo chefe — e o irmão submetteu-se.

Estreou-se na noite de 12 de dezembro de 1849, salteando a casa do rico proprietario Manoel da Costa, da freguezia de Macieira, concelho de Lousada, cujo roubo foi importante.

Poucos dias depois foi pronunciado com seu irmão, posto que este já o estava por outros roubos praticados em Canellas do Douro, (?) Margaride e Baião.

—

Depois da pronuncia resolveu ir para o Brazil e, *obtido passaporte* (?) seguiu na barca *Oliveira,* em fins de 1849.

Esteve no Rio de Janeiro e em outras provincias do Brazil, mas, não podendo supportar as saudades da esposa e dos filhos, regressou, e já em novembro de 1851 assaltou a casa do dr. Fabricio, como dissemos supra.

Depois assaltou com melhor exito a nobre casa de *Carrapatello,* á beira do Douro, na freguezia de Paços de Gaiollo, concelho

---

[1] Era a da *Junta do Porto*, em que tinha militado.

de Canavezes, cujo roubo montou aproximadamente a *quarenta mil cruzados*?!...

Decorridos 3 mezes assaltou a casa de Domingos Gonçalves Camello, do logar de Paradella, concelho de Celorico de Basto, cujo roubo foi tambem muito importante,—e praticou outros muitos.[1]

Elle tinha a sua casa e a sua familia em S. Pedro de Rei, concelho de Lousada, mas o seu nome e a sua quadrilha eram o terror de todo aquelle concelho e dos de Felgueiras, Amarante, Penafiel, Paços de Ferreira, Canaveses, Baião, Celorico de Basto, etc.

Todos tremiam ouvindo o nome do *José do Telhado* e muitos cavalheiros das visinhanças o acolhiam e protegiam, para poderem viver socegados e mover-se de um ponto para outro, porque elle era valente e *capaz de tudo*, mas não sanguinario por indole, como os Brandões de Midões.

Costumava roubar, mas não matar, nem praticar outros excessos, nem consentia que os seus os praticassem,—e foi sempre respeitador do bello sexo.

—

Poucas mortes fez e todas em circumstancias anormaes, algumas até certo ponto desculpaveis.

[1] Na noite de 24 de fevereiro de 1859 assaltou a casa da *Senra*, da freguezia de Juqueiros, concelho de Felgueiras,—casa rica, então pertencente á sr.ª D. Anna Ricardina Ferreira Pinto de Carvalho, e, como lá encontrasse alguns jornaleiros, enfeixou-os n'uma corda como uma gabella d'achas, ordenando-lhes que estivessem quietos. Não os feriu nem maltractou e, feito o roubo, que foi importante, despediu-se da dona da casa, pedindo-lhe que por caridade fosse desapertar os jornaleiros que ficavam emmolhados.

Folgava de entremetter incidentes comicos nas suas partidas.

Quando se retirava de *Carrapatello*, deu um beijo em uma das senhoras e pediu-lhes que não fizessem barulho, porque eram bonitas,—e á mulher do sr. Domingos Camello, de Paradella, perguntou-lhe de que lhe servia o dinheiro, se não podia comprar com elle uma cara mais nova e menos feia.

Citaremos duas:

Estando certa noite com a sua quadrilha no monte denominado *Eira dos Mouros*, freguezia de Villar de Torno, concelho de Lousada,[1] dispondo-se para roubar o abbade de Louredo, foi cercado e batido por um destacamento de infanteria n.º 2. Cruzaram muito fogo e o destacamento levou-lhe dois homens, pelo que, para os libertar, foi com a sua quadrilha apoz elle. Cercou a estalagem onde estavam os soldados; recomeçou o fogo e obrigou-os a bater em retirada.

Durante a lucta evadiu-se um dos presos e José do Telhado disse ao outro:

—Vem!

—Não posso,—respondeu elle; — matem-me, porque estou sem pernas!...

Tinha effectivamente as pernas varadas por balas.

—Faz o acto de contricção, — retrucou o chefe—e depois de uma breve pausa desfechou contra elle, dizendo;

—Acabaram-se os teus trabalhos e os meus estão em começo. Adeus![2]

Outro dia foi José do Telhado surprehendido com os seus pelas forças que andavam em cata d'elle.

Bateu-se como um heroe, mas teve de fugir, ficando levemente ferido; sabendo porem que fôra denunciado por um companheiro, de alcunha *José Pequeno*, mas homem agigantado e o mais perigoso da sucia, morador na Lixa, José do Telhado foi uma noite bater-lhe á porta,—entrou e disse-lhe:

—Já sei que me atraiçoaste e venho tirar-te a vida. Previne-te como quizeres, por que um de nós ha de morrer aqui!

—Ou ambos!—disse José Pequeno, lançando mão da faca.

—Ou isso,—respondeu José do Telhado, sacando uma enorme thesoura, e accrescentou:

[1] V. *Villar do Torno*, vol. 11.º pag. 1284, col. 1.ª

[2] É isto o que se lê algures, consta-me porem que esta morte não foi feita pelo José do Telhado, mas por um companheiro.

—Hei-de cortar-te a lingua!

Luctaram como feras e José do Telhado recebeu alguns ferimentos, mas crivou-o de facadas, lançou-o por terra, apertou-lhe a garganta, cortou-lhe a lingua e retirou-se deixando o cadaver estendido no chão.

No dia seguinte appareceu na Lixa, abeirou-se da multidão que estava á porta do morto e disse:

—Se não sabem quem matou esse traidor, —aqui o teem!

E passou adiante, mettendo as esporas a um valente cavallo em que ia montado.

Ninguem o seguiu, já por medo, já porque o assassinado era o terror da visinhança. Não se levantou auto de corpo de delicto nem esta morte figura no processo do José do Telhado.

—

Do exposto se vê que era homem valente e *capaz de tudo*, mas tinha algumas qualidades boas.

Era muito generoso para com os pobres —e cavalheiro para com os cavalheiros que o protegiam.

Quem estivesse nas boas graças d'elle podia transitar com toda a segurança de noite ou de dia por onde lhe aprovesse e dormir a somno solto, pelo que tinha valiosas protecções. Era honrado como o celebre *Chuço* de Trancoso e como elle poupou tambem sempre a visinhança.[1] Além d'isso era intrepido, muito astuto e commandava uma numerosa quadrilha, que o respeitava cegamente, pelo que dispunha de grande força, chegando por vezes a bater-se com a tropa, como já dissemos.

Todas as auctoridades da circumvisinhança tinham ordem para o prender, mas nunna poderam conseguir tal, nem mesmo o sr. Adriano José de Carvalho e Mello, então novo, intrepido, valente e solteiro, que, sendo administrador do conselho de Canavezes, lhe declarou guerra de morte e *sem tregoas!*...[2]

Armou e organisou militarmente os cabos de todo o concelho e, collocando-se á frente d'elles, com imminente risco da propria vida, tractou de lhe dar caça.

Perseguiu-o muito tempo;—comprou alguns dos salteadores, entre elles o tal *José*

---

[1] V. *Trancoso*, vol. 9.º pag. 719, col. 1.ª

[2] Tambem foi perseguido *a toute outrance* por Antonio Elisiario Ribeiro de Sousa Pinto, da casa de Pereiró, freguezia de S. Lourenço de Pias, concelho de Lousada, cavalheiro muito valente e destemido, então administrador do dicto concelho. Com imminente risco de vida prendeu *trinta e sete* dos taes salteadores—e falleceu em 1888.

Foi tambem n'aquelle tempo administrador do concelho de Baião o dr. Valentim de Faria Mascarenhas e Lemos, natural da povoação de *Quintella*, freguezia de Gestaçô, do dicto concelho, o qual auxiliou poderosamente os administradores do Marco e de Lousada, pois era talvez mais energico e mais valente do que nenhum d'elles e mais propenso ainda a perseguir e exterminar salteadores, porque era filho do lendario *Alexandrinho de Quintella* (Alexandre de Faria Mascarenhas e Lemos) que *varreu* da estrada do Porto os muitos salteadores que a infestaram depois de 1834, fuzilando alguns d'elles, o ultimo dos quaes foi um homem agigantado e fidalgo distincto, filho do ultimo capitão mor de Moura Morta.

Era pois o dr. Valentim não só muito valente, mas *por herança* perseguidor de ladrões;—o irmão mais velho, tambem *Alexandre,* casou no Cavallinho, freguezia de Gondar, concelho d'Amarante,—foi companheiro do pae *na dicta empreza* — e como elle terror dos ladrões,—e outro irmão, abbade da Teixeira, foi tambem muito valente.

O dr. Valentim encontrou o concelho de Baião cheio de malfeitores, mas *rapidamente o expurgou* e acabou com os excessos de *toda a ordem*, inclusivamente com o *jogo*;—depois seguiu a magistratura; casou com uma senhora de Villa Real, D. Rita Valentina Lopes Mendes de Faria, irmã do nosso bom amigo e distincto escriptor publico Antonio Lopes Mendes, e sendo juiz de direito, falleceu ainda novo na sua quinta da *Aveleira*, em Lobrigos, concelho de Santa Martha de Penaguião, deixando viuva e filhos, entre elles um, de nome Sotéro, tambem muito valente.

No art. *Villa Real de Traz os Montes*, tomo 11.º pag. 1031, col. 2.ª e segg. póde verse a biographia do sr. Antonio Lopes Mendes.

Pequeno;—trocaram por vezes vivo fogo de parte a parte, mas nunca pôde lançar-lhe a mão; moveu-lhe porém tão dura guerra, que o homem resolveu voltar para o Brazil.[1] Já estava outra vez a bordo da mesma barca *Oliveira,*[2] escondido entre sacos de bolacha, prestes a deixar as aguas do Douro, quando alguns dos seus o denunciaram e ali foi preso no dia 31 de março de 1859, sende mettido nas cadeias da Relação do Porto.

Ali se conservou até que, depois de organisado o volumoso processo, foi julgado no Marco de Canavezes e condemnado a degredo perpetuo com trabalhos publicos, apesar dos esforços do dr. Marcellino de Mattos, de Lamego, então advogado no Porto e advogado distinctissimo, que foi defendel-o *por esmola*, gratuitamente.

—

Quando José do Telhado foi preso e deu entrada nas cadeias da Relação, ainda levava comsigo 600$000 réis, pelo que convidou o dr. Marcellino de Mattos para ir defendel-o, offerecendo-lhe 50 libras; mas, não podendo sofrear o seu animo generoso e, querendo valer aos muitos infelizes que estavam n'aquella medonha prisão, tanto despendeu, que o dinheiro em breve se lhe esgotou. E em quanto era generoso para com todos, todos na cadeia o estimavam, mas quando o viram na miseria, voltaram-lhe as costas.

Para cumulo da sua desgraça, um preso, a quem tinha emprestado seis libras, quando José do Telhado, obrigado pela fome, lh'as pediu, o tal preso (era um *parricida!...*) não só se recusou a dar-lh'as, mas denunciou-o *falsamente* ao director da cadeia, accusando-o de tentativa de fuga, pelo que foi mettido em um dos quartos de malta—sem ar e sem luz—e ali jazeu bastante tempo, enterrado e ralado de fome.

O unico amigo que achou em tão negra conjunctura e que de muito lhe valeu foi o nosso laureado romancista Camillo Castello Branco, hoje visconde de Correia Botelho, então ali preso tambem pelo crime de adulterio. Condoido da triste sorte do grande salteador d'outras eras, animava-o, soccorria-o, conversava com elle e deu-lhe a immortalidade da historia no seu formoso romance—*Memorias do Carcere*—d'onde extrahimos boa parte d'estes apontamentos.

José do Telhado soffreu muito na prisão e, quando partiu para o degredo estava tão pobre, que pediu a um companheiro por esmola *um vintem* para cigarros!...

Falleceu na Africa em 1875.[1]

---

[1] O sr. Adriano José de Carvalho e Mello immortalisou-se na campanha contra o José do Telhado, pelo que o governo lhe deu a commenda da ordem de Christo, etc.

Mais tarde organisou a policia civil no Porto, da qual foi muitos annos commissario geral distinctissimo; em seguida foi nomeado chefe da fiscalisação aduaneira, em cujo posto se aposentou. Vive ainda na actualidade, e solteiro, na sua casa da freguezia de Thuias, concelho de Canavezes,—e é irmão do sr. Affonso Joaquim Nogueira Soares, distincto engenheiro, que teve a seu cargo muitos annos o pelouro das obras da barra do Douro—e é hoje fiscal do governo nas obras do porto de Leixões.

São dois cavalheiros de muito merecimento.

[2] Vivia e vive ainda hoje no Porto um negociante e armador de navios, Bernardo José Machado, da freguezia de *Cerva*, concelho de Ribeira de Pena, em Traz os Montes, o qual, indo para a sua terra natal, um dia encontrou o José do Telhado bem vestido e bem montado, sem o conhecer.

Fizeram jornada os dois até Amarante; palestraram muito com relação ao grande salteador; ali cearam, pernoitaram e se despediram muito amavelmente, trocando cartões de visita—e só quando o sr. Machado de manhã pediu contas, soube quem teve por companheiro, porque o dono da hospedaria lhe disse que o sr. José do Telhado havia satisfeito a conta.

Ficou o sr. Machado attonito e penhoradissimo e, como o José do Telhado, passado pouco tempo, lhe escrevesse pedindo-lhe passagem para o Brazil, o sr. Machado lh'a facultou na sua barca *Oliveira* em 1849—e, passados 10 annos, lhe facultou novamente a mesma barca, mas não pôde seguir viagem, porque foi denunciado e preso.

[1] O irmão Joaquim homisiou-se e não mais o lobrigaram até hoje—1889.

Consta que ainda vive.

Ponte da Ermida

Do ante-projecto, officialmente elaborado pelo distincto engenheiro Manoel Francisco de Vargas, extrahimos o seguinte:

O taboleiro da ponte fica no mesmo nivel da linha ferrea, que está cerca de 3 metros superior ao nivel da grande cheia de 1860, a maior d'este seculo,—ou 25 metros sobre o nivel das aguas normaes, — e terá de extensão total cerca de 300 metros, com as avenidas, comprehendendo na margem direita um pontão metallico de 30 metros de vão sobre o rio *Zezere*, para a ligação da ponte com a estrada real a macadam n.º 34, mencionada supra e que atravessa a parochia de *Santa Marinha* de leste a oeste, pois a dicta ponte é destinada a servir a estação da Ermida e a ligar aquella estrada da margem direita do Douro com a estrada que na margem esquerda vae de Lamego a *Entre-Ambos os Rios* (foz do Tamega) atravessando de leste a oeste os concelhos de Lamego, Rezende, Sinfães e Castello de Paiva.

A ponte fica pois entre a foz do Zezere, na margem direita do Douro,—e a *Pedra do Altar*, mencionada supra, na margem esquerda, a partir da qual comprehende 2 vãos metallicos, assentes sobre pegões de granito;—2 arcos tambem de granito de 14 metros d'abertura cada um, ligados entre si por grandes muros de supporte com 65 metros d'extensão, terminando a avenida norte com o pontão metallico sobre o Zezere e passando a mencionada avenida entre a estação da linha ferrea, a O.—e o palacete da Ermida, a E.

Do exposto se vê que a dicta ponte é uma obra importante e bastante complicada!...

—

O pegão da margem esquerda assenta a meia altura do *Penedo do Altar*; — o taboleiro metallico, a partir do dicto pegão, tem de comprimento 59 metros—e o immediato 49.

Por baixo do maior d'estes 2 vãos passa na estiagem o Douro, que ali em aguas normaes tem de largura 48 metros e 18 de profundidade, mas na grande cheia de 1860 attingiu 270 metros de largura e 40 de altura! Subiu pois ali 22 metros acima do nivel das aguas normaes, sendo a corrente impetuosissima e formando o *Penedo do Altar* uma *dorna*, sorvedouro ou redomoinho de tal ordem, que absorvia os montes de lenha, paus e palha, arrastados pela corrente, e só volviam á superficie cerca de 300 metros a jusante. Assim absorveu em eras remotas a barca da Ermida, carregada de povo, desapparecendo na voragem, e do mesmo modo tem absorvido muitos barcos rabellos de grande lotação, fazendo milhares de victimas. — E milhares de victimas teem feito os outros 5 pontos a jusante nos limites d'esta parochia, mencionados supra.

Se ao longo das margens do Douro, desde o Porto até á Hespanha, se levantassem tantas cruzes, quantas as victimas que elle tem feito, ninguem se abeirava d'elle sem tremer.

—

Fecharemos este topico dizendo que a dicta ponte é de grande utilidade para os concelhos de Baião e Rezende e esperamos que em breve se construa, porque se empenha em favor d'ella o sr. dr. Manoel Pereira Dias, cavalheiro de muito valimento, muito illustrado e muito dedicado, lente de medicina em Coimbra, par do reino, filho de Rezende, ali casado e grande proprietario, chefe do partido progressista, etc.

A ponte augmentará tambem o movimento e rendimento da estação da *Ermida*, pois ficará accessivel ao grande concelho de Rezende todo o anno e a toda a hora, emquanto que hoje a passagem do Douro no inverno é difficil e perigosa de dia, e de noite impraticavel.

A pobre estação entalada contra uma barreira medonha, servida por carreiros de cabras e separada de Rezende pelas cachoeiras do Douro, rendeu no anno ultimo réis 3:475$990—e no 1.º semestre do corrente anno de 1889 rendeu 1:979$310 réis.

Logo que se construam a dicta ponte e as

estradas de Baião e Rezende, a estação deve render muito mais.

—

A linha ferrea do Douro (custa a crer!) é uma das nossas linhas de mais movimento, apesar da medonha crise que atravessa o Alto Douro—e de estarem ainda hoje (1889) quasi todas as suas estações como a da *Ermida*,—sem estradas que lhes deem accesso —e sem pontes que as liguem á outra margem.

Das suas 24 estações desde o *Juncal* até á *Barca d'Alva* apenas teem estradas a macadam e são servidas por diligencias as 4 estações seguintes:—*Rêde, Regoa, Pinhão* e *Pocinho*,—e apenas tem ponte sobre o Douro a estação da Regoa?!...

Pessoas notaveis

Deve ter produzido muitas pessoas notaveis esta parochia, porque foi um viveiro de nobreza e tem muitas casas nobres antigas, que deram grande numero de pessoas importantes, mas não podemos organisar a lista, por sermos estranhos á localidade e por que dos filhos d'ella, apesar das nossas instancias, apenas obtivemos uma *pequena parte* dos apontamentos supra. Fica pois em branco este topico, mas não se queixem.

Sibi imputent!...

Apenas apontaremos as pessoas já indicadas:

—José Maximo Pinto da Fonseca Rangel, da casa de *Guimarães*.

—O rev. Salvador Coutinho da Cunha.

—Carlos Candido da Cunha Coutinho.

—Carlos Maria da Cunha Coutinho e

—Dr. Francisco da Cunha Coutinho, das *Casas Novas*.

—Os conselheiros do supremo tribunal de justiça:

—Manoel d'Almeida Carvalhaes e

—Luiz de Sequeira d'Almeida Carvalhaes, da casa de *Travanca*.

—O dr. Antonio Fabricio Lopes Monteiro, de *Cadeade*.

—Dr. Antonio Camillo d'Almeida Carvalho, da casa da *Ermida*.

—Dr. Antonio d'Almeida e Silva e

—Guilherme d'Almeida e Silva, da casa do Ervedal.

—Francisco Ribeiro Pinto da Fonseca, dos *Araes*.

—Francisco Ribeiro da Silva, dono actual da quinta de Guimarães e d'outras.

Grande capitalista *brazileiro*.

—Manoel Antonio d'Amorim, residente em Lisboa, mas natural da povoação do *Barreiro*, d'esta parochia de Santa Marinha.

Foi negociante no Pará e é tambem grande capitalista.

—Joanna Thereza, mãe ou avó do antecedente.

Nasceu na dicta povoação do Barreiro e n'ella falleceu, contando 113 annos de idade.

—Padre Joaquim Alves d'Azeredo Lobo, da familia *Azeredo-Lobo*, de S. Pedro, filho de Francisco Joaquim Tavares, de Rezende, e de D. Maria Leonor da Cunha Lobo, de S. Pedro, irmã do dr. Bernardo José Monteiro d'Azeredo Lobo e filha d'outro Bernardo José Menteiro d'Azeredo Lobo e de sua mulher D. Anna Rita da Cunha, todos da dicta povoação de S. Pedro, freguezia de Santa Marinha, parentes de D. Lourença do Carmo Magalhães e Menezes, ultima representante da nobre e antiga casa e quinta de Gosende, na freguezia de Gove,—e tambem parentes da nobre familia *Azeredo Lobo*, da antiga casa da *Picota*, de Mesãofrio, etc.

—

O rev. Joaquim Alves d'Azeredo Lobo foi um presbytero de bons costumes, muito illustrado, muito sympathico, distincto amador de musica e de mecanica. Tocava muitos instrumentos, sendo notavel em violino e, sem aprendisagem, afinava e concertava orgãos e pianos e construia pianos e rebecas.

Tinha muito talento e muito merecimento, mas falleceu no vigor da idade, deixando vivas saudades aos seus e aos estranhos.

Nasceu na dicta casa de S. Pedro a 22 de março de 1828;—ordenou-se no Porto, onde se tornou notavel como estudante e amador

de musica, pois foi 1.º *violino* na musica da capella *Canêdo*. Depois embarcou para o Rio de Janeiro, onde foi muito estimado e deu um beneficio, tocando rebeca. D'ali foi para a cidade de Serro-Frio exercer as suas ordens e leccionar musica. Tal era o prestigio do seu nome, que muitos habitantes da cidade o foram esperar a distancia com uma banda marcial e o receberam em triumpho, lançando-lhe flores e corôas.

Teve muitos discipulos e discipulas e, como ali faltassem pianos, por ser muito difficil o transporte, elle tractou de escolher madeira e poz em construcção 5 pianos, mas só concluiu 3, porque a morte o arrebatou em abril de 1868, quando prefazia 39 annos de idade e a fortuna mais lhe sorria.

Teve dois irmãos—José e Bernardo. O José foi tambem distincto amador de musica. Tocava, concertava e afinava orgãos e pianos, etc. e falleceu solteiro.

Vive ainda o 3.º irmão — Bernardo José d'Azeredo Lobo, excellente pessoa e que foi um dos homens mais valentes de Baião.

Nasceu no dia 7 de novembro de 1823; por morte de seus irmãos, tios e paes ficou senhor de toda a casa e em 10 de novembro de 1881 casou na freguezia de Riodades, concelho de S. João da Pesqueira, com D. Maria dos Prazeres Azevedo Pinto de Mesquita, filha de Alexandre de Azevedo Menezes Pimentel Botelho Sarmento, representante de uma das mais nobres familias da Beira,—e de D. Anna Amalia Pinto de Mesquita Carvalho, da nobre casa *Pintos Mesquitas*, de Villa Verde, em Lousada.[1]

Do consorcio de Bernardo d'Azeredo com D. Maria dos Prazeres, existem os filhos seguintes:

—*Adriano*, que nasceu em 30 de março de 1887, e

—*Alexandre*, que nasceu em 16 de março de 1888.

[1] V. *Riodades*, tomo 8.º pag. 192, col. 1.ª e *Villa Verde*, aldeia, tomo 11.º pag. 1087, col. 1.ª e segg.

Casa do Adro, na mesma aldeia de S. Pedro

Esta casa representa muitos doutores e bachareis formados em diversas faculdades, nomeadamente em medicina, como vae ver-se do extracto de uma arvore genealogica ms., que temos presente, feita em 1731.

1.º *Manoel do Rego*, da villa de Amarante, irmão ou parente proximo de D. Fr. Gonçalo do Rego e Cunha, thesoureiro mór da collegiada de Leça (?) doutor em theologia e em ambos os direitos, canonico e civil, pela Universidade de Roma, com se vê das suas cartas de formatura, que temos presentes, com data de 1695.

Manoel do Rego casou com Isabel Francisca. da mesma villa d'Amarante, e entre outros filhos tiveram:

2.º Dr. *Manoel de Meirelles*, bacharel formado em *medicina*.

Casou em Coimbra, na rua dos Estudos, com Antonia da Silva, e entre outros filhos tiveram:

—*Marianna da Silva*, que segue;

—*José*, que foi tambem *medico* e morreu solteiro;

—*João*, que foi simples presbytero;

—Dr. D. Antonio de Meirelles e Silva.

Foi reitor na egreja de S. Martinho de Aldoar, concelho de Bouças, cavalleiro professo da ordem de Malta, juiz dos casamentos e vigario geral da mesma ordem, etc.

Obteve o grau de dr. em direito canonico e civil pela Universidade de Roma em 1701, como se vê das cartas de formatura, que tenho presentes.

—D. Fr. Alberto da Silva, franciscano.

Foi bispo de Goa, etc.

3.ª *Marianna da Silva*.

Casou na villa de Amarante com o dr. Manoel Moreira Teixeira, *medico*, natural da freguezia de Tellões, do mesmo concelho, o qual exerceu a clinica em Barcellos pelos annos de 1720, depois de casado, e escreveu varias obras, que talvez não fossem publicadas, pois Innocencio não as indica.

Foi medico muito distincto, como diz Braz Luiz d'Abreu no *Portugal Medico*, pag. 53, dando-lhe o epitheto de *consumado*.

Entre outros filhos tiveram:

—*Francisco Moreira*, que segue;
—*Affonso*, frade bernardo, e
—*Maria José*, freira.

4.º—*Dr. Francisco Moreira da Silva*, tambem *medico*, etc.

Casou na casa da *Granja*, d'esta parochia de Santa Marinha, com D. Rosa Maria de Moura Coutinho; viveu na casa da Granja e tiveram entre outros os filhos seguintes:

—*João*, que segue;
—*Manoel* e
—*Francisco*, presbyteros.

5.º—*Dr. João Carlos Moreira*, tambem *medico*, formado por Coimbra em 1754, como se vê das cartas de formatura que tenho prezentes.[1]

Casou com D. Josepha Margarida Carneiro Coutinho, da casa do *Adro*, onde viveu, e tiveram entre outros filhos os seguintes:

—*Antonio*, que segue, e
—*Dr. Manoel Joaquim Moreira Coutinho*, que nasceu na freguezia de Gatão, concelho d'Amarante, a 29 de janeiro de 1781,[2] mas desde tenra idade viveu com seus paes na casa do *Adro* e d'ahi foi educado e se formou em medicina na Universidade de Coimbra.

Era muito illustrado, excellente pessoa e clinico distinctissimo; foi deputado provincial, socio correspondente da Sociedade das sciencias medicas de Lisboa e director do hospital militar estabelecido em Lamego no tempo da guerra da peninsula; depois montou e dirigiu em Jugueiros, junto da Regoa, um hospital-barraca, onde salvou muitos doentes, exercendo ao mesmo tempo a clinica na parochia de Santa Marinha do Zezere, onde ia dar consultas gratis todas as semanas.

Foi culpado como liberal em 1820 e 1828, mas nunca o prenderam, porque precisavam d'elle.

[1] *Oriundus ex oppido de Santa Marinha do Zezere*,—dizem ellas.

[2] *In oppido S. Joannis de Gatão*, — dizem as suas cartas de formatura que temos prezentes, com data de 1807 e que lhe dão simplesmente o nome de *Manoel Joaquim Moreira.*

Tambem exerceu a clinica no Porto, onde falleceu solteiro e sem successão, a 21 de janeiro de 1848.

D'elle falla o sr. Francisco Antonio Rodrigues de Gusmão nas suas *Memorias biographicas dos Medicos e cirurgiões portuguezes*, pag. 138, e o *Diccion. Bibl.* de Innocencio, que indica as obras por elle publicadas. Apenas accrescentaremos que a *Memoria* relativa ao Douro e impressa em Paris no anno de 1819 não foi distribuida, mas a pedido nosso vae agora distribuir-se pelas bibliothecas publicas, etc. pois ainda existem mais de 100 exemplares da dicta *Memoria* na casa do *Adro*, hoje do seu sobrinho e representante Anastacio Thomaz Moreira Coutinho, do qual adiante fallaremos.

A dicta memoria impressa em Paris, intitula-se:—*Primeiros ensaios para o exame imparcial da questão, por todos suscitada, e por quasi ninguem examinada se a* Companhia Geral da agricultura das vinhas do Alto Douro *he ou não util que exista?—offerecidos aos lavradores do Alto Douro para os convidar a reflectir, ou para os chamar ao verdadeiro conhecimento das seus interesses coloniaes*—por

M. J. M. C. E. P. B. F. E. M. P. U. D. C. E.
M. D. P. D. G. (?)
Paris
Na Officina de A. Bobée.—8º de 118 pag.

Não tem data e talvez fosse impressa no anno de 1819, mas *com certeza* foi escripta no anno de 1817, porque a pag. 37, segundo se lê no exemplar que temos presente, diz:

»Assim mesmo *má, como he agora a agoa-ardente, que a Companhia nos vende*, muitas vezes a não vende por não a ter. Acontece, que o anno mesmo, em que estamos, he hum dos exemplos d'esta verdade. Foi o anno de 1816 tão abundante de vinhos, que foi necessario fazer huma grande separação. Com tudo no *anno presente de 1817* não se vendeu agoa-ardente aos lavradores, que a procuravão; respondia-se-lhes, que a não havia, apesar de ser este o anno

em que os vinhos precisarão mais que nunca de agoa-ardente.»

—

Do exposto se vê que a dicta memoria foi escripta em 1817.

Visa a pedir a extincção da poderosa companhia, aponta muitos inconvenientes, abusos e prepotencias d'ella — e no trecho citado insurge-se contra o exclusivo da fabricação e venda da agoa-ardente, dizendo que a da companhia era pouca e *má!*

Que diria o auctor, se visse a nossa agoa-ardente de hoje, toda ou quasi toda feita de cereaes, de figos e d'outras porcarias,—graças à liberdade da *mixordia* e á extincção da mencionada companhia?

O auctor clamava tambem contra a companhia, dizendo que ella era o *ludibrio e a desgraça do Douro,* mas, extincta a companhia, o Douro *bem mais ludibriado e desgraçado ficou!...*

Em 1821 publicou tambem o auctor da citada *memoria* um folheto do mesmo formato com 35 paginas e o titulo seguinte:

«*Supplemento á memoria*—Primeiros ensaios para o exame imparcial,[1] etc., — *impressa em Paris. — Em o qual se propõe como util que a* Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro, *reformada, e apropriada ao actual systema de Governo,*[2] *seja conservada até que o commercio dos vinhos do Douro, livre do empate em que se acha, adquira a direcção, e extensão que deve ter: contendo juntamente hum plano de reforma, que talvez satisfaça aos fins desejados.—Composto pelo mesmo auctor da dita Memoria.*

M. J. M.

Lisboa, na typographia Rollandiana. — 1821.»

N'esta data offerecemos á *Bibliotheca Publica Municipal do Porto* e á de Lisboa exemplares da dicta *Memoria* e do *Supplemento,* publicações interessantes com relação á extincta companhia e que jazeram *até hoje* em Baião, encerradas no espolio do auctor.

Prosigamos.

6.º—*Antonio Thomaz Moreira Coutinho,* dono da casa do *Adro,* onde viveu.

Casou com D. Antonia Delfina Moreira Coutinho e entre outros filhos tiveram:

7.º—*Anastacio Thomaz Moreira Coutinho,* representante e dono actual da casa do *Adro,* onde vive.

Casou na freguezia de S. Thomé de Covellas com D. Maria da Purificação Costa, filha de Francisco Damaso da Costa, *cirurgião de divisão effectivo,* e de D. Francisca Rosa dos Santos Costa, da cidade de Portalegre,—sendo elle filho do *medico* Francisco José da Costa.

Teem os filhos seguintes, todos ainda solteiros:

—*Abilio,* que nasceu na freguezia de S. Thomé de Covellas a 2 d'outubro de 1868;

—*Elvira,* que nasceu a 8 de janeiro de 1870;

—*Cacilda,* que nasceu a 10 de março de 1873, e

—*Arthur,* que nasceu em agosto de 1874.

Estes ultimos 3 nasceram na casa do *Adro.*

Do exposto se vê que esta casa representa nada menos de 8 medicos, 2 doutores pela Universidade de Roma, 1 distincto escriptor publico e 1 arcebispo de Goa.

ZEZERE (castello do)—freguezia de Paio Pelle.

V. *Almourol, Castello do Zezere, Paio Pelle* e *Zezere,* villa, infra.

ZEZERE (Ferreira do)—freguezia, villa e concelho, já descriptos.

---

[1] O texto diz—*imperial.*
Foi erro typographico.

[2] Refere-se á implantação do governo constitucional.

V. *Ferreira do Zezere*, tomo 3.º pag. 174, col. 2.ª e segg.[1]

ZEZERE—rio de Baião, na provincia do Douro.

V. *Zezere* (Santa Marinha do) — freguezia do concelho e comarca de Baião, districto e diocese do Porto.

ZEZERE —rio da Estremadura, Beira Baixa e Douro,[2] confluente do Tejo.

É este um dos rios maiores e mais interessantes do nosso paiz, já pelo seu nascimento na lendaria região dos *Cantaros*, dentro da Serra da Estrella, já pelo seu longo curso de mais de 200 kilometros, já pela fragosidade e asperesa das suas margens, pois corre quasi sempre fundo por entre medonha penedia abrupta, accessivel somente ás aves e onde fazem criação os bufos, aguias, ujos e abutres!

Todas as nossas geographias e chorographias fallam do Zezere, mas muito summariamente, porque não tem estrada alguma marginal e talvez que até hoje *ninguem* o visse todo desde os Cantaros até o Tejo. Nós tambem apenas o vimos na sua foz e desde os Cantaros até ás proximidades de Belmonte; vejamos porem se podemos adiantar mais alguma coisa do que os geographos e chorographos que nos precederam.

—

Nasce no *Chafariz d'El-Rei*, entre o planalto da Expedição Scientifica de 1881, a S. e a *torre* (pyramide) *da Estrella*, a N., no centro da grande serra d'este nome; recebe depois na margem esquerda (N. O.) a agua dos *Cantaros*, das lagôas da *Salgadeira* e *Paxão* e da *nave da Candieira*;[1] accentúa no fim d'esta *nave* o seu leito e caminha de S.S.O. a N.N.E. quasi em linha recta por uma estreita e funda ravina d'alta penedia abrupta e medonha até á villa de Manteigas, (margem esquerda) distante do *Chafariz d'El-Rei* cerca de 10 kilometros contados em recta sobre o mappa, mas o caminho (carreiro de cabras atravez da serra) dá taes voltas, que o percurso é talvez superior a 15 kilometros.

Em Manteigas recebe na margem esquerda um regato que vem do *Chão das Barcas* pelo valle das *Carvalheiras*,[2] correndo muito precipitadamente e quasi a prumo de N. a S. e que banha, atravessa e *aterra* a villa.

O planalto de *Chão das Barcas* é o 1.º que se encontra subindo de Manteigas contra a serra. Dista da margem esquerda do Zezere, um pouco a jusante de Manteigas, 2:500 metros, marcando porem ali o Zezere (a capella de Santo Antonio) 718 metros de altitude sobre o nivel do mar, o dicto *Chão das Barcas* tem a cota de 1:352 metros de altitude.[3] Está pois superior ao leito do Zezere 600 metros—e á villa cerca de 500 metros, pelo que em tempo de trovoadas, ou de desgelo e grandes chuvas, o dito ribeiro engrossa e despenha-se sobre o Zezere, atravessando a villa e levando por vezes d'envolta na torrente arvores, penedos, casas e campos, como levou ainda na 1.ª metade d'este seculo.

---

[1] Rectificaremos e ampliaremos consideravelmente este art. *Ferreira do Zezere* no supplemento a este diccionario, se Deus nos der vida e elle ainda estiver a nosso cargo. Não o rectificamos e ampliamos agora, para não abusarmos da paciencia dos leitores e dos editores, que estão fatigados e anciosos por ver concluido este diccionario — e não menos ancioso, nem menos fatigado *estou eu!*...

[2] Não se espantem, porque o Zezere banha o concelho da *Pampilhosa*, que pertence ao districto de Coimbra, provincia do Douro.

[1] Logo daremos uma ligeira noticia da *Expedição*, da serra da Estrella e dos sitios mencionados.

[2] Antes de receber este regato, recebe outros mais pequenos, de que logo faremos menção.

[3] Todas as cotas d'altitude que indicarmos referem-se ao nivel do mar e são *exactissimas*, extrahidas dos excellentes mappas da nossa commissão geodesica.

As distancias são aproximadas e computadas em recta sobre os dictos mappas.

—

No dia 27 d'agosto de 1804 uma medonha trovoada arrasou 27 casas e matou 27 pessoas;—em 19 de setembro de 1818 levou 3 pontes e uma casa.—e outra enchente posterior (ignoramos a data) causou tambem grandes prejuizos.

O dicto valle tomou o nome das carvalheiras seculares que o povoam, pertencentes ao municipio e que foram plantadas para ampararem a terra e os penedos da encosta e protegerem a villa. D'esta sobe até o *Chão das Barcas* uma medonha e antiga estrada por entre as carvalheiras, tão ingreme, que faz tremer! Parece uma escada lançada contra o ceu. A custo se póde subir por ella a cavallo, como nós subimos na tarde de 4 d'agosto de 1881 com a Expedição Scientifica.[1]

Não ha memoria de ter passado ali cavalgata mais imponente, pois entre bagageiras e cavalgaduras de sella comprehendia talvez 60 e o pessoal subia ao triplo. Tomava toda a encosta e offerecia um aspecto phantastico, estranho, pois de qualquer dos lacetes se descobria o comboio todo serpeando em moroso e alegre movimento e a villa sem horisonte, enterrada lá no fundo em uma cova cerca de 500 metros mais baixa do que os antemuraes da grande serra, distantes 2 a 3 kilometros, pelo que a villa é ardentissima no verão. Parece uma fornalha candente!

Nós chegámos ali com a Expedição ás 10 horas da manhã. Foi-nos servido um esplendido almoço, preparado d'ante-mão. Terminou ao meio dia e, como a Expedição resolvesse partir para o acampamento ás 6 horas da tarde, eu e o meu amigo Lopes Mendes tentámos ir ver as celebres caldas de Manteigas, distantes da villa apenas 1:500 metros e que demoram no leito do Zezere. Ainda chegámos ao fundo da villa, mas não nos atrevemos a passar d'ali, porque o ar parecia fogo!.

É tal a differença d'exposição, d'altitude e de clima entre a villa e os ante-muraes da serra, que estes apenas produzem no verão *gervum* para o gado lanigero, emquanto que o terreno em volta da villa é mimoso e fertil. Tem bons campos de milho, bons pomares de fructa, bons olivaes, soutos de castanheiros e grandes vinhedos, hoje tambem muito doentes e prestes a extinguirem-se, como todos os de Portugal e da Europa.

Tristis est!...[1]

Prosigamos.

—

O Zezere, deixando Manteigas, descreve uma curva para S. até receber na margem direita um ribeiro que vem do *Cabeço do Souto*, na altitude de 1283 metros; depois retoma a direcção geral S.O. — N.E.; passa a jusante e pouco distante da povoação e freguezia do Sameiro (margem esquerda) concelho de Manteigas, e que demora na altitude de 656 metros; recebe ali um ribeiro que vem do *Corredor dos mouros*, planalto que demora a N. com a altitude de 1299 metros; vae na mesma direcção S.O.—N.E. até *Val de Moreira*, margem esquerda;[2] de-

———

[1] Nós tivemos a honra de acompanhar a dicta Expedição, — não como vogal d'ella, mas como representante e *reporter* do *Districto da Guarda* e do *Commercio Portuguez*. N'este ultimo jornal, um dos primeiros do Porto, póde ver-se na collecção do mez de agosto do dicto anno uma serie de longas cartas, enviadas por nós do acampamento.

[1] Os vinhedos de Manteigas no ultimo anno produziram apenas 1:200 almudes de vinho, mas já produziram 8:000.

[2] Por este valle fugiu alta noite em fevereiro de 1847 o general Povoas, estando cercado em Manteigas pelas tropas dos generaes Lapa e Solla e pelo batalhão de voluntarios dos *Marçaes* de Foscôa, que o perseguiam e tentavam apanhal-o, quando elle ia apresentar-se á *junta do Porto* com alguns voluntarios, ainda sem armamento nem equipamento. Foi uma das manobras mais felizes do velho general.

V. *Guarda*, *Lamego* e *Vêlla*, n'este diccionario e no supplemento.

pois descreve outra curva para S.; forma um angulo agudo; recebe no vertice do angulo (margem direita) um ribeiro de 15 kil. de curso, que vem do alto dos *Poios Brancos* (altitude 1702 metros) junto dos Cantaros[1] e banha a povoação e freguezia de Verdelhos (margem esquerda) concelho da Covilhã (altitude 580 metros) tendo passado a N.O. do curuto de *Villa de Mouros* (altitude 1250 metros).

O Zezere, depois de receber o dicto ribeiro, volve a N. retomando a direcção geral S.O.—N.E. até Valhelhas, margem esquerda, onde recebe um ribeiro de 8 kil. de curso, que vem da altitude de 1140 metros e banha o povo e freguezia de Famalicão, pertencente ao concelho da Guarda, bem como *Valhelhas*, terra antiquissima, outr'ora acastellada, e que demora na confluencia da dicta ribeira com o Zezere.

Depois toma a direcção N.O.—S.E. até ás proximidades de Belmonte e antes de chegar ali recebe na margem esquerda um braço importante, que vem das proximidades da Guarda; tem 15 kil. de curso, e banha as freguezias d'Aldeia do Bispo, Ramella e Vella, bem como as povoações de Vendas de Gaia e Gaia, onde passa a nova estrada real a macadam da Guarda a Castello Branco, por Belmonte e Covilhã.

—

O Zezere, depois de receber o dicto ribeiro, que por seu turno é formado por differentes ribeiros, toma a direcção geral N.E.—S.O.; — banha na margem esquerda as povoações e freguezias de Belmonte, Caria, Ferro, Alcaria, Silvares, Barroca, Janeiro de Cima, Bogas de Baixo, Orvalho, Alvaro,[1] Pedrogam Pequeno, Souto, Martinxel, Aldeia do Matto e Constança, — e na margem direita as povoações e freguezias de Orjaes, Boi d'Obra, Dominguiso, Peso, Barco, Ourondo, Bodelhão,[2] Carregal, Janeiro de Baixo, Cambas, Alvares, Pedrogam Grande, Figueiró dos Vinhos, Arêga, freguezia de Figueiró dos Vinhos, Becco, Dornes, Paio Mendes, Aguas Bellas, Ferreira do Zezere, Serra, Beberriqueira e Asseiceira, desaguando com mais de 40 legoas ou de 200 kilometros de curso junto da villa de Constança, na margem direita do Tejo.

—

Do exposto se vê que o Zezere é um rio muito importante.

Banha 3 provincias:—Douro, Beira Baixa e Estremadura; 4 bispados:—Guarda, Portalegre, Coimbra e Lisboa; 5 districtos: — Guarda, Castello Branco, Santarem, Coimbra e Leiria; 17 concelhos: — Manteigas, Guarda, Belmonte, Fundão, Oleiros, Certã, Villa de Rei, Abrantes e Constânça, na margem esquerda;—na direita: Covilhã, Pampilhosa, Goes,[3] Pedrogam Grande, Figueiró dos Vinhos, Ferreira do Zezere, Thomar[4] e Villa Nova da Barquinha.[5]

---

[1] Os *Poios Brancos* distam do Zezere (margem direita) 2 kilometros para S. E.; 4 do *Cantaro Magro* para E. — e 5 da *Estrella* para E. S. E., mas tão fundas, escabrosas e medonhas ravinas se mettem de permeio, que fazem subir aquellas distancias ao duplo ou triplo.

O percurso dos 5 kil. (recta) entre os *Poios Brancos* e a *Estrella* demanda 3 horas de marcha fatigantissima!

[1] Esta freguezia demora na margem esquerda do Zezere, concelho de Oleiros, mas tem casas e terras na margem direita, concelho da Pampilhosa, sem ter ponte, mas somente barca, para atravessar o Zezere, pelo que é difficillima no inverno a administração dos sacramentos aos povos da margem direita.

[2] Esta freguezia demora na margem direita do Zezere, encravada entre penhascos medonhos, mas foi unida á da *Barroca*, sita na margem esquerda, a distancia de 6 kilometros, e ambas pertencem ao concelho do *Fundão*!...

Anteriormente pertencia ao concelho da Covilhã.

[3] *Alváres*, freguezia d'este concelho, toca no Zezere.

[4] Olalhas (*Olaias*) Serra e Beberriqueira, freguezias d'este concelho, tocam no Zezere.

[5] *Paio Pelle*, hoje *Praia*, freguezia d'este

Banha tambem muitas parochias, algumas das quaes ficam mencionadas supra.

Leito e margens do Zezere, curvas, penhascos e póços

O Zezere desde os *Cantaros* até Manteigas corre fundo e quasi em recta por uma estreita ravina muito fragosa, inculta e medonha. Apenas tem alguns chãos cultivados e que produzem batatas e milho, junto das *Caldas.*

Desde Manteigas até Valhelhas as suas margens são menos abruptas, quasi todas cultivadas e já teem alguns campos muito ferteis e mimosos; avulta porem na margem esquerda, cerca de 3 kilometros a jusante de Manteigas e quasi em frente da ribeira de *Verdelhos,* o grande penhasco da *Figueira Brava,* cujo aspecto fez retroceder os francezes nas suas correrias durante a guerra da *Peninsula,* pelo que os francezes *não entraram em Manteigas.* O dicto penhasco salvou esta villa!...

Desde Valhelhas (margem esquerda) até á povoação e freguezia do Barco (margem direita) cerca de 20 kil. a S. O. da Covilhã e 40 a S. O. de Valhelhas, tem margens amplas, abertas, lindissimas e com vastos campos muito ferteis.

Os maiores campos que o Zezere banha demoram desde *Gonçalo,* margem esquerda, freguezia do concelho da Guarda, até á freguezia do *Pezo,* margem direita, concelho da Covilhã. Entre elles avulta e merece especial menção a formosa planicie comprehendida entre Belmonte, Gonçalo e Aldeia do Matto.

O Zezere, deixando nos herminios o seu estreito berço de granito, onde se estorce em convulsões de raiva furioso, vem descançar indolente aqui em melhor leito. Corta a planicie em curvas graciosas, deslisando mansamente por entre duas orlas de salgueiros, como que pesando lhe de deixar as philomelas que choram tristes nos ramos das arvores e as florinhas que, inclinando para elle seu calice d'ouro, lhe offerecem uma lagrima de saudade.

O Zezere n'esta mimosa estancia recorda o Mondego deslisando suave desde Coimbra até á Figueira, ou o Lima desde a villa da ponte do seu nome até Vianna.

Em todo o concelho de Manteigas corre sempre enfragado e apenas ali se encontram alguns pequenos poços de 2 a 3 metros d'altura e 6 a 8 de diametro, que abundam em trutas e enguias deliciosas, mas pequenas. As maiores raro excedem a um kilo.

Desde que entra na planicie dos concelhos da Guarda, Belmonte e Covilhã, começam a faltar as trutas e enguias, mas em compensação abundam as bogas e barbos, alguns de grande tamanho. Os maiores encontram-se nos póços das freguezias do Peso, Barco e Ourondo, por serem os mais fundos do Zezere a partir dos *Cantaros.* Devem ter 8 a 10 metros de profundidade, mas um pouco mais a jusante tem poços com o triplo de altura.

—

Desde a freguezia do Barco até á sua foz ou Constança, o Zezere (salva rarissimas excepções) corre por entre penedia abrupta, apertada, medonha, onde se vê desenhado o bello-horrivel a cada passo, e descreve uma infinidade de curvas e torcicollos muito interessantes!

O 1.º torcicollo mais notavel encontra-se entre Silvares e Ourondo, cerca de 8 kilometros a jusante do Barco.

Desde Silvares até á povoação e freguezia de Dornellas, distante de Silvares apenas 8 kilometros em recta, as curvas são tantas e de tal ordem, que o percurso pelo leito do rio sobe a 16 kilometros ou mais. E a jusante attingem o cumulo!

---

concelho, toca no Zezere, margem direita, em frente de *Constança,* — e no Tejo, margem direita tambem, desde a foz do Zezere até o ribeiro que divide ao poente a freguezia da *Praia* (*Paio Pelle*) da de *Tancos.* V. *Zezere,* villa,—*infra*

Entre Dornellas e o *Porto das Vaccas* a distancia em recta é de 4 kilometros, mas descreve ali o Zezere tal curva para S. que o percurso pelo leito do rio sobe a 14 a 15 kilometros.

Da extremidade S. da dicta curva á povoação e freguezia de Janeiro de Cima a distancia em recta será de 3 kil., mas tão grandes torcicollos descreve ali o Zezere, que pelo leito do rio a distancia é de 12 a 13 kilometros.

Ao sul do *Porto das Vaccas* (margem direita, freguezia de Janeiro de Baixo, concelho da Pampilhosa) e a N. de Janeiro de Cima (margem esquerda, concelho do Fundão) ha um monte com a altitude de 436 metros, muito propriamente denominado *Lambedor*, porque o dicto monte é muito estreito; de N.E. a S.O. terá em recta apenas 1 kilometro e é contornado pelo Zezere, que ali quasi se toca, beija e *lambe*, mas descreve taes torcicollos para todos os quadrantes, que forma uma interessante peninsula, fechada pelo dicto monte, e do lado N.E. d'elle ao lado opposto o percurso pelo leito do rio é de 5 a 7 kilometros.

A mencionada peninsula devia ser occupada desde os tempos mais remotos, por ser muito defensavel, pois o rio ali corre fundo em toda a circumferencia d'ella. Bastava fortificar o estreito curuto do *Lambedor*, chave da peninsula, com quaesquer obras de defesa na extenção de 90 a 100 metros, talvez, para transformar aquella peninsula em uma praça de guerra medonha, no tempo das armas brancas, principalmente quando o Zezere fosse cheio.

Com vista aos archeologos.

No planalto da dicta peninsula qualquer pequena escavação deve dar muitas velharias historicas e prehistoricas.

—

A jusante e em frente de *Janeiro de Cima* o Zezere não é menos interessante no termo da parochia limitrophe—*Janeiro de Baixo* (margem direita).

Em carta que temos presente diz o seu rev. vigario actual — Manoel Dias Barata — entre outras coisas o seguinte:[1]

«Esta parochia é banhada pelo Zezere desde os grandes penedos de *Janeiro de Baixo*, um pouco a jusante da povoação do mesmo nome, séde d'esta freguezia, até os *Penedos do Carregal*, freguezia de Dornellas, comprehendendo cerca de 15 kilometros. Na margem fronteira (esquerda) banha na mesma extênsão toda a parochia de *Janeiro de Cima*, ambas do concelho do Fundão,— desde o *Penedo do Mosqueiro*, junto da freguezia do *Orvalho*, concelho de Oleiros, até o *Penedo Barroco*, freguezia de Bogas de Cima, concelho do Fundão, a montante (E. N.E.) da parochia de *Janeiro de Cima*.

O Zezere é um rio caudaloso; toma no inverno grandes cheias e não tem n'estes sitios ponte alguma, nem antiga nem moderna. Está projectada uma na parochia de Janeiro de Cima, onde entroncam as duas estradas novas do Fundão e Castello Branco a Coimbra, cerca de 2 kil. a montante da povoação de *Janeiro de Baixo;* mas actualmente desde a *Ponte Pedrinha*, junto da Covilhã, até á ponte do *Cabril*, junto de Pedrogam Grande, na extensão de 80 kilometros, não ha ponte alguma, mas sómente barcas de passagem, cujo numero se eleva a 14. Uma demora junto da povoação de Janeiro de Baixo e pertence á camara da Pampilhosa, e outra está junto da povoação de

---

[1] O rev. Manoel Dias Barata nasceu na freguezia de Cambas, concelho de Oleiros, no dia 17 de dezembro de 1838, e foram seus paes Manoel Antunes e Emilia Dias, proprietarios.

Desde tenra idade viveu em Jaeniro de Cima com o rev. José Dias, seu tio materno, que o educou e ordenou e lhe deu o seu proprio patrimonio, alem d'outros bens.

Recebeu a ordem de presbitero na Guarda em 1861; foi parocho em Unhaes o Velho desde 1864 até 1880; em seguida parochiou durante 9 annos a freguezia de Pecegueiro, concelho da Pampilhosa, e desde março do corrente anno de 1889 é parocho e parocho dignissimo n'esta parochia de *Janeiro de Baixo*.

Janeiro de Cima; rende para o Santissimo Sacramento d'aquella freguezia—e é arrematada pela junta de parochia.

Trabalham mesmo nas grandes cheias, quando o rio vae de monte a monte, e não consta que alguma d'ellas tenha naufragado.

—

«As freguezias de Janeiro de Baixo e Janeiro de Cima, bem como parte da de Bogas de Baixo, teem nas margens do Zezere bons campos e lodeiros muito ferteis, que produzem muito milho, vinho, trigo, azeite, centeio, melões, etc. porque junto da foz da ribeira de Bogas se erguem nas margens do Zezere dois grandes penhascos que o apertam e formam uma garganta que nas cheias faz represar e altear as aguas do rio até muitos kilometros de distancia, cobrindo as duas margens a grande altura e depositando n'ellas gordos nateiros, posto que alguns annos nas grandes cheias os medonhos redemoinhos do Zezere escalavram tambem as margens em alguns sitios e cobrem outros de areia.

A agua, alteando no dicto *Portal de Bogas*, cahe depois com violencia, formando medonha cachoeira a jusante,—e o mesmo succede nos *Penedos do Carregal*, freguezia de Dornellas.[1]

—

«A parochia de Janeiro de Baixo é uma peninsula, porque principia a ser banhada pelo Zezere do lado poente e depois a cérca pelo norte e sul, ficando livre apenas e como servindo de porta da peninsula uma estreita garganta de terra entre sul e poente. que tem 3 estradas para os lados, as quaes se dirigem—uma á freguezia de Cambas,—a do meio á villa da Pampilhosa—e a outra a diversas povoações da freguezia de Janeiro de Baixo, situadas ao norte d'ella. taes são Brejos, Souto, Esteiro, *Porto de Vaccas* e Michialinho, que demoram ao longo da margem direita do Zezere, no reconcavo formado pela peninsula de Janeiro de Cima.

Desde os *Penedos do Carregal*, a montante, até os de *Bogas*, a jusante, ha no Zezere muitos poços, taes são os de *Tabinho*, *Galocha*, *Lavandeira*, *Penedo*, *Poço das Insas*, ou *Insuas*, e *Poço da Varja* ou *Varzea*, que dão bastante pescado, mas miudo.

São raros os peixes que pesam um kilo; ha porem junto da povoação de Janeiro de Baixo um poço, denominado *Pégo*, que mesmo no verão tem 8 a 10 metros d'altura, e n'elle se tem pescado peixes (barbos) enormes com o peso de 6 a 7 kilos.

O Zezere no termo de Janeiro de Baixo por vezes nas grandes cheias attinge 25 a 30 metros d'altura e 140 a 150 de largura. E' então que alaga e forma os *lodeiros* marginaes, onde no verão se cultiva o milho, etc. sendo regados com a agua do Zezere por meio de noras, movidas pela corrente do mesmo Zezere.

—

«A pequena distancia dos *Penedos de Bogas* e da serra de *Janeiro*, que separa a freguezia de *Janeiro de Baixo* da de *Cambas*, ha o grande poço do *Esturão*, junto da aldeia de *Admoço*, da mesma freguezia de Cambas, a jusante da de Janeiro de Baixo. —Tem o dicto poço 15 a 20 metros de altura na estiagem e mais de 120 de comprimento,—e n'elle se tem pescado peixes de 7 a 8 kilos de peso cada um.

Demora o dicto poço do *Esturão* a jusante da *Porta de Bogas*, mencionada supra e que é formáda pelo grande penedo de *Bogas*, que se ergue na margem esquerda do Zezere, e pelo do *Mosqueiro*, que se ergue na margem direita e a pequena distancia, tendo de altura sobre o leito do rio mais de 150 metros cada um. N'elles se criam aguias, ujos, abutres e outras aves de rapina.

O grande volume d'agua do Zezere nas

---

[1] Os taes *Penedos de Bogas* semelham as *Portas de Rodam*, no Tejo,—e o *Cachão da Valleira* no Alto-Douro.

V. *Villa Sècca d'Armamar*, tomo 11.º pag. 1059, col. 2.ª e segg.—e

Villa Velha de Rodam, no mesmo vol. pag. 1078, col. 1.ª

cheias, cahindo precipitadamente da *Porta de Bogas*, formou o celebre poço do *Esturão*, que é um dos mais notaveis do Zezere, — e prosegue este rio para o sul por entre penhascos medonhos, formando outros muitos poços mais ou menos altos até junto da sua foz, principalmente até á villa de Ferreira do Zezere.

—

«O celebre *Portal de Bogas* é por assim dizer um marco que divide 2 districtos, 3 concelhos e 3 bispados.

Temos a leste a parochia de Janeiro de Cima e Bogas de Baixo, concelho do Fundão, bispado da Guarda, districto de Castello Branco; ao sul a freguezia de Cambas e a S. O. a de Orvalho, ambas do concelho de Oleiros, bispado de Portalegre, districto de Castello Branco; a O. e N. Janeiro de Baixo, concelho da Pampilhosa, districto e diocese de Coimbra.

—

«A parochia de *Janeiro de Baixo* é separada das de Janeiro de Cima, Bogas de Baixo e Orvalho pelo Zezere e pelo grande penhasco do *Mosqueiro*, parte integrante da grande serra que a O. sepára a freguezia de Janeiro de Baixo das de *Cambas* e *Cabril*, em cujo termo, no sitio do *Valle Grande*, ha de um e outro lado da ribeira de *Unhaes Velho*, concelho da Pampilhosa, dois penhascos enormes, que teem d'altura mais de 80 metros, a pequena distancia um do outro e formando uma estreita garganta ou senda, muito semelhante á da *Foz de Bogas* no Zezere.

A dicta serra avança d'ali para o norte, separando a freguezia do Cabril da de Vidual de Cima, e vae até o grande penhasco do *Portello de Fajão*, na villa d'este nome; d'ali corta para E., separando a freguezia de *Fajão* da de *Unhaes Velho*, e vae até o picoto da *Cebola*, em cujas faldas demora a leste a povoação e freguezia de *Cebola*. Avança d'ali até *Sobral de Cazégas*, povoação e freguezia do concelho da Covilhã; separa a freguezia de *Unhaes da Serra* da de *Alvôco da Serra*,[1] em cujo termo se liga á *Torre* (pyramide) da *Estrella*, ponto culminante da serra d'este nome.

Do penhasco do *Mosqueiro* avança a dicta serra na margem esquerda do Zezere para nascente e sul; atravessa a Beira Baixa, passando junto de Castello Branco; atravessa o Tejo e a provincia do Alemtejo; passa junto de Portalegre e Castello de Vide e vae pela Hespanha dentro.

Toda a dicta serra é uma dependencia da serra da *Estrella*; abunda em agua excellente, que rega muitos campos de milho;— tem muitos soutos de castanheiros, bons pastos para o gado—e muita caça grossa e miuda:—coelhos, lebres perdizes, raposas, alguns javalis e lobos.»

Ao sr. Manoel Dias Barata, meu illustrado collega, muito digno vigario da freguezia de *Janeiro de Baixo*, agradeço os apontamentos supra.

—

Se o Zezere é tortuoso e penhascoso desde a povoação e freguezia do *Barco* até o *Portal de Bogas*, mais tortuoso e penhascoso é d'ali até á celebre ponte do *Cabril*, da qual adiante fallaremos no topico *pontes*.

---

[1] N'esta freguezia, quando se arroteava um monte para plantação de vinhedos, appareceu em 1887 um pia de granito e dentro d'ella cerca de mil donarios romanos de prata variadissimos e muito bem conservados. Nós obtivemos tres, um dos quaes era *inedito, — uma preciosidade numismatica!* Póde ver-se no museu da camara do Porto, á qual foi por nós offerecido.

O mencionado *thesouro* appareceu em uma quinta do sr. Antonio Luiz Monteiro Pina, cavalheiro muito estimavel, a quem agradecemos a offerta dos tres denarios supra.

Na mesma propriedade teem apparecido outras velharias romanas, o que prova que os romanos ali se demoraram.

V. *Alvôco da Serra* n'este diccionario e no supplemento, onde fallaremos d'aquellas e d'outra velharias e lendas curiosas, romanas e arabes.

Caminha na direcção geral N.E--S.O. mas d'um modo caprichoso. E' uma continuidade de grandes curvas muito symetricas e duplas, contra N.O e S.E., imitando o caminhar d'uma serpente. Dá tantas e tão repetidas voltas que, distando aquelles dois pontos um do outro apenas 30 kilometros em recta, o percurso do Zezere sobe aproximadamente a 60 kilometros e é muito interessante, mesmo desenhado nos soberbos mappas da commissão geodesica, onde nós o vimos, pois nunca nos abeirámos d'elle n'aquellas paragens e estamos convencido de que até hoje ninguem o percorreu entre aquelles dois pontos, por não ser navegavel nem ter estrada alguma marginal e correr muito fundo por entre penhascos horrorosos!

Apenas de longe em longe tem algumas barcas de passagem, pois desde a *Ponte Pedrinha*, junto da Covilhã, até á de *Cabril*, não tem ponte alguma,—e o fragoedo das margens prolonga-se até grande distancia d'ellas, como póde ver-se nos mappas e nas *Memorias da villa de Oleiros*, publicadas em 1881 pelo fallecido sr. bispo d'Angra—D. João Maria Pereira d'Amaral Pimentel, filho d'aquella villa.

Tambem entre o *Portal de Bogas* e a ponte de *Cabril*, por ser o rio estreito e fragoso, ha poços muito fundos, com abundancia de peixes, sendo alguns muito grandes. Ja fallamos do poço do *Esturão*, onde teem apanhado peixes de 12 kilogrammas de peso —e nos poços da freguezia d'Alvaro, concelho de Oleiros, os barbos pesam por vezes 10 kilos.

Fallando do Zezere, dizem as *Memorias de Oleiros*:—«Tem grande abundancia de peixes e enguias. Nos limites d'Alvaro teemse pescado barbos de mais de dez kilogrammas de peso. As inguias são pescadas no outomno em grande quantidade, por occasião das cheias, em açudes, onde encana a agua para grandes canniçadas de verga, que lhes armão, e onde ficam.[1]» *Op. cit.* pag. 256 e 257.

—

A jusante da ponte do *Cabril* tambem ha no Zezere muitas fragas e muitos poços, nomeadamente no termo de Figueiró dos Vinhos.

O Zezere banha este concelho na extensão de 10 a 12 kilometros, desde a barca da *Bouçã* até *Casalinho de Sant'Anna*, freguezia de Arêga, e n'este espaço tem os poços seguintes.[1]

1.°—*Poço da Barca*, profundidade 15 metros (na estiagem).

2.°—*Poço da Vilheira* (?) profundidade 14 metros.

---

[1] Este processo é muito antigo e usava-se tambem no Douro no sec. XVI, pois na *Descripção do terreno em volta de Lamego duas legoas*, escripta pelo conego tercenario Ruy Fernandes em 1532 e publicada pela *Acad. R. das S.* em 1824, no *Titulo do peixe do Douro* diz o seguinte:

«Outrosi morrem no dito douro muitos e mui formosos eirões, que sam tam grandes como çaffios, e mui grossos e saborosos: o morrer d'estes eirões he depois da castanha caida dos castanheiros, porque a enxurrada leva os ouriços dos soutos ao Douro, e os ouriços entram em os remãsos do douro nos lôdos onde os eirões estam, e os picã, e se erguem no douro, e vam cahir em huns *canaes* que estam no douro com huns *caniços*, e ahi caem em sêco, principalmente de noite, onde os aguardam com paaos, e matam a môr parte d'elles, e ha noite que matam 300, 400 eirõs: ha hi alguñs savelhas, ha tambem alguns sôlhos... de 10, 13, 14, 15 *palmos*...»

V. *Ineditos de Hist. Port.* tomo 5.° pag. 561 e 562,—e *Viso*, n'este diccionario, tomo 11.° pag. 1893, col. 2.ª, onde descrevemos a pesca d'um grande sôlho, que *nós vimos matar no Douro* e que pesava *sessenta e tantos kilos?!*...

[1] Entre a ponte do *Cabril* e a barca da *Bouçã* tambem ha 3 grandes poços:

1.°—*Poço do Madrão*, na freguezia do Carvalhal, concelho da Certã.

Tem 20 a 30 metros de altura.

2.°—*Poço do Gregorio*, na mesma freguezia.

Tem 30 a 40 metros de altura.

3.°—*Poço do Pereiro*, na freguezia do Castello, do mesmo concelho da Certã.

Tem menos altura do que os dois antecedentes.

3.º—*Trongo* (?) profundidade 18 metros.

4.º—*Foz do Pairoso*, profundidade 15 metros.

5.º—*Poço da Murteira*, profundidade 10 metros.

6.º—*Poço do Val do Rio*, profundidade 4 metros.

7.º—*Poço do Feijoal*, profundidade 11 metros.

8.º—*Poço do Vento* ou do *Bento*,[1] profundidade 14 metros.

9.º—*Amieirinhos*, profundidade 6 metros.

10.º—*Poço da Cerdeira* (?) profundidade 12 metros.

11.º—*Couçobral*, profundídade 13 metros.

12.º—*Pégo da Justiça* (o nome é *eloquente!...*) profundidade 12 metros.

13.º—*Poço do Val Bom*, profundidade 8 metros.

14.º—*Poço da Varja* (Varzea) profundidade 15 metros.

Ao muito rev. sr. Diogo Pereira Baetta Vasconcellos, parocho de Figueiró dos Vinhos, agradeço a nota supra—e não me responsabiliso pela exactidão das cifras.

—

A jusante do *Casalinho de Sant'Anna*, extremidade S.O. da freguezia d'*Arêga* e do concelho de Figueiró dos Vinhos, o Zezere ainda corre por entre grandes penhascos e tem muitos poços.

Entre os penhascos avulta na margem direita o de *S. Paulo*, na serra d'este nome, freguezia do *Bêco*,[1] junto do *Pégo do Pião*, concelho de Ferreira do Zezere,—e no mesmo concelho tem os poços seguintes, descendo:

1.º—*Pégo do Pião*, entre a freguezia de *Bêcco*, margem direita—e a de Sernache do Bomjardim, margem esquerda.

Terá de altura 10 metros e de comprimento outro tanto.

2.º—*Pégo do Penedo do Salto*, na freguezia de *Dornes*, junto da povoação d'este nome.

Terá d'altura 7 metros e de comprimento outro tanto.

3.º—*Pégo do Forno da Cal*, junto da mesma villa de Dornes.

Terá d'altura 30 metros (?) e de comprimento outro tanto.

4.º—*Pégo da Cruz*, junto de Villa-Gaia.

Terá de altura 10 metros e de comprimento outro tanto.

Estes 4 pégos ou poços estão entre a freguezia de Dornes e a de Sernache do Bomjardim.

5.º—*Pégo do Linho*, junto de *Rio Fundeiro*, povoação da mesma freguezia de Dornes.

Terá de altura 30 metros (?) e de comprimento 10. Demora entre a freguezia de *Dornes*, concelho de Ferreira do Zezere, e a de *Palhaes*, concelho da Certã.

6.º—*Pégo do Ouro*, junto á povoação de Pombeiro, freguezia de Ferreira do Zezere.

Terá de altura 30 metros (?) e de comprimento 7. Demora entre a freguezia de Ferreira do Zezere, margem direita — e a de Villa de Rei, margem esquerda.

N'estes poços ha muito peixe: — eirozes, trutas, bogas, barbos e bordalos, todos muito saborosos, — e tem-se pescado aqui barbos de 12 kilos!

Tambem no tempo da creação aqui se pescam saveis e lampreias.

No concelho de Ferreira do Zezere o rio não tem campos nas margens, mas sómente alguns pequenos *lodeiros*, que produzem milho e feijão.

Nas aguas medias tem nos limites d'este concelho aproximadamente 30 metros de largura, mas na grande cheia de 1876 attingiu mais de 60 metros de largura e 10 de

---

[1] Os apontamentos que recebi da localidade dizem *Bento*, e talvez que seja este o verdadeiro nome do dicto poço, como outro mencionado supra se denomina *Poço do Gregorio*, mas titubiamos, porque nas margens do Zezere e em grande parte das duas provincias da Beira, como na do Minho, costumam trocar o *V.* por *B.*—e *vice-versa.*

[1] V. *Beco*, art. interessante, tomo 1.º pag. 355, col. 2.ª

altura sobre a linha das aguas medias, tendo por consequencia, em alguns poços, talvez mais de 40 metros d'altura?!...

Tambem n'este concelho é navegavel somente em alguns sitios por barcas de passagem, mas d'aqui vae para o Tejo e para Lisboa grande quantidade de madeira de castanho em jangadas.

Ao muito rev. sr. Francisco José Pereira, digno prior actual de Dornes, agradeço os apontamentos supra, relativos ao Zezere, na circumscripção da sua parochia e do concelho de Ferreira do Zezere.

Pontes e Barcas

O Zezere na estiagem tem pequeno volume d'agua, porque absorvem muita os seus vastos campos desde Valhelhas até o *Portal de Bogas*, e atravessa-se a vau em differentes pontos sem grandes difficuldades, mesmo a jusante de Figueiró dos Vinhos, mas nas outras quadras do anno só nas pontes e barcas se atravessa,—e no inverno, por occasião do desgélo e das grandes chuvas, mesmo nas barcas a travessia é medonha e perigosa, pois attinge grande altura,—torna-se caudaloso—e perto da sua foz tem mais de 200 metros de largura.

As suas aguas em Constança atravessam as do Tejo e no Tejo se distinguem até alguns kilometros de distancia — e fórma ali uma enseada só então navegavel até 2 a 3 kilometros. Na parte restante, mesmo nas grandes cheias, não é navegavel, por correr muito precipitado e ter muitas cachoeiras e redomoinhos.

El-Rei D. José I, segundo consta, tentou canalisal-o e tornal-o navegavel desde Constança até á *Foz d'Alge*, na extensão de 50 kilometros aproximadamente, para serviço da fabrica real de fundição d'artilheria que ali houve;[1] mandou de Lisboa estudal-o um engenheiro que, segundo dizem, julgou a tentativa realisavel por meio de comportas, mas D. José esmoreceu, quando viu a cifra do orçamento.

Barcas

O Zezere tem poucas pontes, mas muitas barcas. São aproximadamente tantas, quantas as freguezias marginaes, principalmente a jusante da *Ponte Pedrinha*, pois d'ali até á sua foz, na estensão de mais de 120 kilometros, apenas tem duas pontes.

Bem quizeramos dar uma lista de todas as barcas do Zezere, mas não nos foi possivel organisal-a.

Não sabemos quantas barcas tem desde Manteigas até á *Ponte Pedrinha*.

D'ali até á ponte do *Cabril* tem 14 nas freguezias seguintes:

1.ª—Dominguiso.
2.ª—Peso.
3.ª—Barco.
4.ª—Ourondo.
5.ª—Silvares.
6.ª—Barroca.
7.ª—Dornellas.
8.ª—Porto de Vaccas,—aldeia da freguezia de Janeiro de Baixo.
9.ª—Janeiro de Cima. Rende para o Santissimo.
10.ª—Janeiro de Baixo.
11.ª—Cambas.
12.ª—*Barca Nova*.[1]
13.ª—Alvaro.

---

[1] V. *Arêga*, tomo 1.° pag. 238—G—col. 1.ª—e *Vouzella*, ribeira confluente do Zezere, tomo 11.° pag. 1994, col. 1.ª e segg. onde fallámos da dicta fabrica e dos *foraes velhos* de *Arêga*, *Figueiró dos Vinhos* e *Pedrogam Grande*, transcrevendo os limites que elles assignaram ás dictas villas.

[1] Foi montada pela camara da Pampilhosa junto da aldeia de *Sobral Magro*.

É municipal e uma das mais importantes do Zezere, pois dá passagem da villa da Pampilhosa para as freguezias do Estreito e Sarzedas e para a cidade de Castello Branco.

N'ella passam os negociantes que transitam entre Castello Branco e Coimbra, etc.

11.ª—*Barca das Varzeas*, na freguezia d'Amoreira, concelho da Pampilhosa.

Dá passagem para Alvaro e Sobral d'Alvaro e para a villa da Certã.

A barca de Dornellas pertence á confraria do Santissimo d'aquella parochia, mas ha annos a camara da Pampilhosa poz alli tambem uma barca sua. Imaginando lucrar perdeu, porque o povo a baptisou com o nome de *Barca do Diabo*, pelo facto de ir affrontar a do Santissimo;—e a esta denominou-a *Barca de Deus*. Escusado é dizer que a nova barca, a *Barca do Diabo*, ficou em paz e ás moscas. Ninguem se utilisou d'ella.

Este facto recorda-nos a *Barca do Por Deus*, no Douro, — e as sangrentas bulhas que houve no Douro tambem por causa de uma *barca nova* na antiga *Barca do Carvalho*.

V. *Molledo*, aldeia da freguezia da Penajoia, tomo 5.° pag. 373, col. 1.ª—e *Viso*, aldeia da freguezia de Fontellas, tomo 11.° pag. 1896, col. 1.ª tambem.

—

Desde a ponte de *Cabril* até Constança ha tambem muitas barcas. Occorrem-nos as seguintes:

1.ª — *Barca do Bispo* — na freguezia do Castello, concelho da Certã, e no caminho de Arnoia, Castello e Sernache do Bom Jardim (margem esquerda) para Figueiró dos Vinhos, margem direita.

Foi montada pelo bispo D. Jeronymo José da Matta, da casa de *Arnoia*,[1] na mesma freguezia do Castello, aproximadamente em 1860.

Demora em local muito aprazivel e em uma propriedade onde o mesmo bispo fez um bom açude, azenha, hortas e uma linda casa de campo, na qual o fundador costumava residir com a sua familia no verão.

[1] A nobre casa da *Paparia* (?) de Sernache do Bom Jardim, freguezia proxima, tambem deu um arcebispo—D. Marcelino—e 2 bispos, sendo um d'elles bispo de Macau.

O sr. D. Jeronymo foi bispo de Macau bastantes annos; regressou aproximadamente em 1856 e falleceu em 1864 a 1865 em Campo Maior, achando-se ali de visita em casa de uns parentes. Da sua numerosa familia apenas restam hoje (1889) uma irmã e uma sobrinha, esta casada com o dr. João Ribeiro d'Andrade, distincto advogado na Certã. São os herdeiros e representantes da virtuosa e abastada casa d'Arnoia.

2.ª—*Barca da Bouçã*,—a jusante da *Barca do Bispo*,—entre as povoações de Alqueidão e Carvalhos, margem esquerda, e as de Marvilla e Figueiró dos Vinhos, margem direita, — ou entre a freguezia e concelho de Figueiró dos Vinhos e a de Sernache do Bom Jardim, concelho da Certã.

Demora a dicta barca na foz da ribeira de *Bouçã*, um pouco a juzante da ribeira de *Noudel* ou *Nodel*, que em 1204 tinha o nome de *Vouzella* (Boucella) como se vê do foral que D. Pedro Affonso, irmão de D. Sancho I e filho de D. Affonso Henriques, [1] n'aquella data deu á sua villa de Figueiró dos Vinhos.[2]

3.ª—*Barca* ou antes *barco do Almegue*.

Demora entre a povoação do *Almegue*, (margem esquerda) e a de *Val do Rio* (margem direita) um pouco á montante da barca da *Foz d'Alge*.

A dicta barca do *Almegue* é particular e pouco importante, mas antiga. Dá passagem para differentes hortas e propriedades, e tambem para *Figueiró dos Vinhos*, etc.

O dicto barco trabalha no *Poço do Vento* ou *Bento*, n.º 8, supra, junto da povoação do *Almegue*.

[1] O meu antecessor no artigo *Lisboa*, tomo 4.° pag. 363, col. 1.ª, disse que o mencionado D. Pedro Affonso era *irmão* de D. Affonso Henriques.

Foi lapso.

V. *Pedrogam Grande*, tomo 6.° pag. 535, col. 1.ª

[2] V. *Vouzella*, ribeira confluente do Zezere, tomo 11.° pag. 1994, col. 2.ª, onde se encontram indicados os limites que o mesmo D. Pedro Affonso *in illo tempore* assignou ás suas villas e concelhos de Figueiró dos Vinhos, Aréga e Pedrogam Grande.

4.ª—*Foz d'Alge*,—um pouco a jusante da confluencia da ribeira d'Alge com o Zezere —e entre Arêga e Sernache.

5.ª—*Casalinho de Sant'Anna*, entre a povoação d'este nome, freguezia d'Arêga, concelho de Figueiró dos Vinhos, e a povoação de *Varzea de Pedro Mouro*, freguezia de Sernache do Bom Jardim, concelho da Certã.

6.ª—Barca do *Valle da Ursa*, entre a freguezia de Dornes, concelho de Ferreira do Zezere,—e a de Sernache do Bomjardim.[1]

Esta barca foi recentemente substituida por uma ponte metallica.

Veja-se o titulo *Pontes*, infra, n.º 6.

7.ª—Barca do *Rio Fundeiro*, entre a povoação d'este nome, margem direita, e a freguezia de Palhaes, concelho da Certã, margem esquerda, cerca de 1 kil. a montante da foz da ribeira de Isna.

8.ª—*Barca da Isna*,—entre a freguezia de Aguas Bellas, margem direita, concelho de Ferreira do Zezere, e a povoação da *Isna*, concelho de Villa de Rei, margem esquerda.

9.ª—*Barca das Hortas*, — entre a povoação d'este nome, concelho de Villa do Rei, margem esquerda,—e as de Castanheira, Maxial e Aguas Bellas, concelho de Ferreira do Zezere, margem direita.

10.ª—*Coanheira*,—entre a povoação d'este nome, na foz da ribeira de Codes, margem esquerda,—e as povoações do Cardal e Igreja Nova, concelho de Ferreira do Zezere, margem direita.

11.ª—*Barca de Maxial*, — entre a povoação de *Maxial d'Alem*, 5 kil. a jusante da ribeira de *Codes*, margem esquerda, — e as de Val de Pereira e Olalhas, margem direita, concelho de Thomar.

12.ª—*Barca da Moura* (?) entre as povoações de Portella e Ferrarias, margem esquerda—e as de Barreira e Serra, margem direita, concelho de Thomar.

13.ª—*Barca do Souto*,—entre a povoação e freguezia d'este nome,—concelho d'Abrantes, margem esquerda,—e a dicta povoação e freguezia da Serra, margem direita.

14.ª—*Barca da Esteveira*,— entre a povoação e freguezia de Aldeia do Matto, concelho d'Abrantes, margem esquerda,— e as povoações d'*Estiveira*, Lovegada e Serra e margem direita.

15.ª—*Martinchel*,—entre a povoação d'este nome, concelho d'Abrantes, margem esquerda—e as de Casal de Deus e S. Pedro, margem direita.

16.ª—*Barca de Constança*,—na foz do Zezere e que vae tambem ser substituida por uma ponte metallica, junto da villa de Constança, como logo diremos, entre a freguezia e villa de *Constança*, margem esquerda, e a freguezia de Paio Pelle (hoje *Praia*) concelho de Villa Nova da Barquinha, margem direita.

N. B. — A margem esquerda da foz do *Zezere* pertence á freguezia, villa e concelho de *Constança*;—a margem direita pertence á freguezia de *Paio Pelle* (hoje *Praia*) concelho da *Barquinha*.

Ao muito rev. prior de Dornes e ao sr. dr. Geraldo Joaquim Maria da Costa, medico no Sardoal, agradeço os apontamentos supra, que não comprehendi bem e por isso peço desculpa dos lapsos.

---

[1] Estabeleceu-se esta barca aproximadamente no anno de 1835, em competencia com outra que estava cerca de 2 kilometros a montante, junto da villa de Dornes, segundo se lê nas *Memorias da villa de Oleiros*, pag. 260. Dizem ellas:

«D'antes a estrada de Sernache a Thomar dirigia-se pela villa de Dornes, onde passava o Zezere em barca. José Manso porém do Brejo, homem emprehendedor, sendo senhor das margens do rio no sitio do *Valle da Ursa*, a distancia de 2 kilometros talvez, abaixo de Dornes, lembrou-se de abrir uma estrada para aquelle sitio, afim de estabelecer ali uma barca de passagem, como estabeleceu, pelos annos de 1835, pouco mais ou menos, auferindo o rendimento d'ella.

«Ainda que a estrada era pessima, por ser mais curta que a de Dornes, foi seguida de tal modo, que a esta villa não voltou mais pessoa alguma, e a propria estrada se perdeu.»

Em seguida o auctor censura asperamente o nosso governo por metter no dicto *Valle da Ursa* a nova estrada real a macadam e mandar ali fazer a ponte metallica, de que adiante fallaremos.

Pontes

O Zezere desde os *Cantaros* e Manteigas até á villa de Valhelhas tem apenas algumas pontes de pau, sem importancia alguma,—*Ponte Longa*, assim denominada por antiphrase, junto da capella de *Santo Antonio* e da villa de Manteigas,—e *Ponte dos Frades*, assim denominada não sabemos porque, pois ali não ha memoria de convento algum.

A jusante d'estas dnas pontes tem o *Zezere* as seguintes:

1.ª—*Ponte de Valhelhas*, junto da villa d'este nome, na estrada districtal a macadam da Covilhã para Manteigas.

E' muito antiga, attribuida aos mouros,[1] e ainda muito solida, feita de granito com 3 arcos de volta inteira, o maior dos quaes tem aproximadamente 10 metros de abertura e altura.

Liga os concelhos da Guarda e Manteigas com o da Covilhã e antigamente ligava tambem o de Valhelhas com as parochias que tinha na margem direita do Zezere: — Aldeia do Matto, Aldeia do Souto, Sarzedo e Verdelhos, que desde 1855, data da extincção do concelho de Valhelhas, passaram para o da Covilhã.

Junto da dicta ponte ha uma fabrica de papel. Hoje (1889) está fechada e é a *unica* fabrica de papel que ha no Zezere e nas duas provincias da Beira Alta e Beira Baixa.

A montante ha no Zezere, junto da villa de Manteigas, differentes fabricas, mas todas de lanificios.

2.ª—*Ponte de Belmonte*, junto da villa d'este nome, 4 kilometros a jusante de Valhelhas.

É tambem de granito e muito solida; tem 6 arcos de volta abatida — e foi feita pelo nosso governo em 1877 na estrada real a macadam da Guarda a Castello Branco por Belmonte e Covilhã. Da dicta estrada segue outra tambem a macadam pela margem esquerda do Zezere até á villa de Manteigas e d'ali deve seguir pela serra da Estrella para a villa de Gouveia, cerca de 15 kilometros a N.N.O. de Manteigas. Está em construcção.

3.ª—*Ponte Nova* ou da *Borralheira*, cerca de 6 kilometros a jusante de Belmonte.

Ainda hoje se diz *nova*, mas é *secular* e tambem de cantaria de granito. Tem 14 ou 15 arcos, comprehendendo alguns mais pequenos nas extremidades, que dão passagem ás aguas do Zezere para irrigação da vasta campina a jusante.

Demora entre as freguezias de Teixoso, margem direita, concelho da Covilhã, e Caria, margem esquerda, concelho de Belmonte;—é muito antiga e o povo diz que foi feita pelos *galhardos* (demonios) como a *Calçada dos Galhardos*, junto de Folgosinho, concelho de Gouveia, e a calçada e ponte do ribeiro do *Mosteiro*, entre a Barca d'Alva e Freixo de Espada á Cinta.

V. *Poiares*, tomo 7.º pag. 114, e, aproveitando o ensejo, diremos que a celebre ponte ali mencionada já perdeu o arco,—e não era feita de *gôgos*, mas de schisto, bem como a calçada de *Alpragares*.

A dicta ponte foi muito mal construida, pois sendo o ribeiro caudaloso no inverno, a ponte era de mau schisto, muito alta, bastante estreita, sem gigantes do lado inferior nem corta-mares do lado superior. O arco era muito alto,—de grande abertura—e de má cantaria de schisto tambem, pelo que ha bastantes annos uma cheia o derrubou, ficando só as avenidas ou muros lateraes da ponte e a passagem interrompida até hoje.

A calçada de *Alpragares* partia da margem esquerda do ribeiro, alguns centos de metros a montante da ponte, e subia em lacetes até o alto da medonha encosta. Ainda está soffrivelmente conservada, mas é tão ingreme, que ninguem póde descer por ella a cavallo — e a mesma subida a cavallo é perigosa!

Tambem por ali descem ainda hoje car-

---

[1] Será ella *romana*?

ros tirados por bois, mas carros vasios, e com grande difficuldade!...

A garganta que ali descrevem as margens do tal ribeiro é formada por medonha penedia, que tem centos de metros de altura e rivalisa com os penhascos dos *Cantaros*. Descemos a dicta calçada *a pé* com o nosso bom amigo Antonio Lopes Mendes no dia 12 de agosto de 1888, vindo de Miranda do Douro, e ainda hoje temos saudades d'aquella medonha garganta, um dos sitios mais interessantes do nosso paiz, onde aguias revoavam livremente sobre nós de uma margem para a outra, como em casa sua.

Está no momento em construcção uma nova estrada a macadam da Barca d'Alva para Freixo de Espada á Cinta, mas, para fugir da medonha garganta, vae pela margem direita do Douro e foz do dicto ribeiro até o *ponto* do *Saltinho*, junto de Freixo de Espada á Cinta.

V. *Pontos do Douro*, tomo 7.º pag. 200, col. 1.ª, n.º 90.

«D'aqui (do mencionado *ponto*) para cima, ambas as margens (do Douro) são hespanholas»—disse o meu antecessor (*loc. cit.*) mas foi lapso.

Desde a Barca d'Alva até o alto de Miranda a margem direita do Douro é *toda portugueza* e só a margem esquerda é *hespanhola*. Desculpem a digressão.

4.ª—*Ponte Pedrinha*,—10 kilometros a jusante da *Ponte Nova*. É tambem de granito, muito extensa, com muitos arcos e muito antiga.

E' talvez a ponte mais antiga do Zezere!...

Aproveitou-se para a estrada real a macadam de Castello Branco á Covilhã e foi uma grande economia, mas deve ser alteada em praso breve, porque o Zezere nas cheias cobre os arcos das duas extremidades, interrompendo o transito de pedestres e tornando perigosissimo o transito dos carros e cavalleiros, que por vezes se interrompe tambem, como succedeu na grande cheia de 1876, que foi a maior de que ha memoria no Zezere e nos outros rios ao sul de Portugal.[1] Cobriu toda a ponte e causou grande prejuiso nas duas margens do Zezere.

Não longe d'estas ultimas duas pontes vão construir-se em praso breve duas pontes metallicas na linha ferrea da Beira Baixa, que tem de atravessar este rio duas vezes para ir até ás proximidades da Covilhã.

Logo daremos uma ligeira noticia da mencionada linha, pois prende com o Zezere.

5.ª—*Ponte do Cabril*, — entre Pedrogam Grande e Pedrogam Pequeno, na estrada municipal que liga o concelho de Pedrogam ao da Certã.

A dicta ponte, segundo disse o meu antecessor nos artigos *Pedrogam Grande*, tomo 6.º pag. 539 col. 1.ª — e *Pedrogam Pequeno*, ibid. col. 2.ª — tem um grande arco de 22 metros de vão, 2 arcos mais pequenos lateraes—e 62,m4 d'altura.

E' de granito, muito solida e muito antiga —e foi restaurada em 1860, quando se fez a nova estrada a macadam, que hoje lhe dá accesso.

Na 2.ª metade do sec. XVIII o celebre Bento de Moura Portugal, que morreu sepultado nas prisões da *Junqueira*,[2] disse que a ponte do *Cabril* era a *mais alta* e talvez a *mais antiga d'este reino*. V. *Inventos e varios planos*... pag. 67.

Acceitamos a 1.ª parte, com relação áquelle tempo e ás nossas pontes de pedra, pois temos hoje uma ponte metallica e de 2 taboleiros, mais alta,—a ponte de *D. Luiz I*,

---

[1] No Douro e ao norte do nosso paiz foi muito maior a cheia de 1860.

[2] V. *Moimenta* (da Serra) freguezia do concelho de Gouveia, tomo 5.º pag. 538, col. 1.ª—e *Villa Velha de Rodam*, tomo 11.º pag. 1078, col. 2.ª

Ainda hoje (1889) vive em Londres o sr. dr. Antonio Ribeiro Saraiva, que em 1821 fez publicar os *Inventos*... de Bento de Moura Portugal, tendo nascido na villa de Sernancelhe em 10 de junho de 1800 e contando hoje 89 annos.

V. *Sernancelhe*, vol. 9.º pag. 167, col. 1.ª, onde se encontra a sua biographia.

no Porto; mas não podemos acceitar a 2.ª parte do asserto, porque temos pontes muito mais antigas no Ave, no Cavado, no Tamega, no Tua, na Teja,[1] e mesmo aqui no Zezere, taes são a *Ponte Pedrinha*, a *Ponte Nova* e a de *Valhelhas*, mencionadas supra.

—

Esta do *Cabril*, segundo se suppõe, foi feita no tempo da ominosa occupação filippina—1580 a 1640.

Nas *Mem. de Oleiros*, pag. 86, diz o seu illustrado auctor, *filho da localidade*, o seguinte:

No sec. XVI «era tal a carestia do numerario, que em tempos já posteriores, durante o reinado dos Filippes, consta fora remettida de Lisboa, escoltada por força publica, a quantia de 30$000 réis para a edificação da grande obra da ponte de *Cabril*, entre os dois Pedrogãos, Grande e Pequeno.

«A ponte de Cabril (pag. 257) é digna de especial menção por varios motivos: está situada em posição tal que se póde chamar *maravilha da Natureza*. Dois altos montes, formados de enormes rochas de granito, e cobertos em grande parte de sobreiros colossaes, e d'outras arvores, que por entre as rochas poderam introduzir suas raizes, se precipitam de tal modo d'um lado e outro sobre o Zezere, que parece impossivel poder por elles abrir-se uma estrada viavel. No entanto desde antigas eras havia um estreito caminho aberto entre as rochas, que com grande difficuldade dava passagem a peões, e até a cavalleiros destemidos,[2] sobre o que se conta a seguinte lenda:

«Ainda a actual ponte de pedra não estava construida, e a passagem do rio fazia-se por outra ponte de madeira, situada um pouco abaixo da actual, onde existiam ainda em nosso tempo, e provavelmente existem ainda hoje (1881) d'um lado e outro do rio, os primeiros pegões ou postes, que sustentavam as traves da ponte.

«Conta a lenda que em noite tempestuosa e escurissima, e na presença de grande cheia do rio, cavalleiro temerario, que estava em Pedrogão Pequeno (margem esquerda) protestára que ia passar a cavallo n'essa noite, sem se apeiar, tanto a perigosissima vereda, como a mesma ponte. E, que com effeito por alta noite se apresentara em Pedrogam Grande (margem direita) com pasmo de todos; porque era sabido que o rio tinha levado a ponte na tarde do dia antecedente.

«Não podendo pois pessoa alguma acreditar que o tal cavalleiro tivesse passado o rio no *Cabril*, e continuando elle a afflrmal-o, muitas pessoas se dirigiram no dia seguinte ao rio, e encontrando ainda uma unica trave na antiga ponte, n'ella acharam gravadas as ferraduras do cavallo, assim como nas pedras da vereda acima da ponte; uma das quaes era ainda mostrada em nosso tempo, sendo uma pequena cova informe, e que mal se parecia com ferradura.

«Teve-se pois o facto como milagroso e deo elle occasião, segundo a lenda, a construir-se a nova ponte, que existe; e que esteve a ponto de ir pelos ares por occasião da guerra peninsular; ao que obstou o ter a agua das fontes que correm d'um e outro lado da ponte, humedecido a polvora, que em grande quantidade lhe tinha sido introduzida em caixões, e que *lá ficou*.

«Presentemente acha-se construida uma boa estrada de carro de um e outro lado da ponte, feita pelos annos de 1860... com grande trabalho e dispendio,... mui viavel em rasão das grandes e amiudadas voltas que lhe fizerão dar.»

—

Os dictos penhascos semelham os do *Cachão da Valleira*, no Douro, os das *Portas de Rodam*, no Tejo, e os do *Portal de Bogas*, supra,[1] pelo que Bento de Moura Portugal

---

[1] V. *Zeralhôa*, ponte da *Teja*, ribeira confluente do Douro.

[2] O povo dizia que era nullo o testamento de quem descesse a cavallo por taes despenhadeiros, porque provava ser doido varrido.

[1] V. *Pedrogam Grande*, onde os dictos penhascos e outros das margens do Zezere se acham muito bem descriptos.

nos seus *Inventos*... pag. 67, disse que era facil acabar com as inundações do Zezere— «com muito pouco custo: fazendo-lhe (nos dictos penhascos) entre o Pedrogão Grande e Pequeno, aonde vae muito alcantilado, *um marachão de pedras somente*, de 180 palmos d'altura, sem lagedo, nem mais circumstancia alguma: o que só bastará (dizia elle) para que uma cheia, que, quando muito, dura dois dias, se reparta por quatro ou cinco.

«Este marachão não ha de servir de ponte, porque ha de ficar perto da *mais alta*, e cuido a *mais antiga*, que ha neste reino; por isso só basta que a pedra se lance a granel em tal quantidade, que o cume do marachão tenha a altura que dizemos.

«Basta aquella altura, porque não quero représe mais agua, que a que, não havendo marachão, póde passar pelo rio em dois dias na maior cheia.

«P.—E se ella se ajuntar em maior quantidade?

«R.—Isso é impossivel, porque ficando a pedra, como naturalmente cair, antes que a agua chegue a represar 120 palmos de altura, ha de furar por entre as pedras, supponha-se em um dia, muito mais agoa, do que agora corre pelo rio em igual tempo na mais extraordinaria cheia.

«P.—Suppondo que assim se faz, não necessita o marachão do Zezere de mais concerto algum?

«R.—Só no caso que se observe que a agua passa com muita pressa, se entupirão alguns buracos maiores, mas com cautella e segurança, para que a agua nunca possa represar a toda a altura; para o que bastará que para cima de 150 palmos se não embarace buraco algum. Deve-se entender que este marachão, pelo que respeita ao Zezere, não tem resultas algumas attendiveis; mas pelo que pertence ás cheias do Tejo, não póde deixar de diminuil-as.»

—

O mesmo auctor já havia indicado o meio de acabar com as inundações do Tejo—fazendo-se nas *Portas de Rodam* outro marachão, que tambem servisse de ponte;[1] em seguida, pag. 69 a 122, diz que por meio de outro marachão de pedra solta, feito a montante de Coimbra, no sitio do *Murcellão*, era facil acabar tambem com as inundações do Mondego—e dá interessantissimos detalhes com relação ao modo como devia fazer-se o dicto marachão para servir tambem de ponte, etc. etc.

O mencionado livro é muito curioso e talvez que um dia se aproveitem algumas indicações d'elle!...

O auctor, apesar de ser formado *em direito* somente (?) se hoje vivesse seria *um engenheiro distinctissimo* e daria brado com os seus inventos em nautica, hydraulica, etc. etc.

Foi um talento verdadeiramente superior, inutilisado e aniquilado pelo marquez de Pombal.

6.ª—*Ponte do Valle da Ursa*, a jusante e pouco distante da villa de Dornes, entre a freguezia d'este nome, concelho de Ferreira do Zezere, e a de Sernache de Bomjardim, concelho da Certã, na estrada real a macadam, n.º 56, de Thomar a Castello Branco.

Tem 3 vãos e taboleiro metallico sobre 2 pegões de granito; foi feita em 1880 a 1885, —e custou 54:998$000 réis. Tem de comprimento 95 metros (alem das avenidas) e 17 a 18 d'altura.

Esta ponte substitue uma barca de passagem que havia no mesmo sitio, — e a dicta barca substituiu outra, que houve a montante na villa de Dornes.

Ceci tuera celà!...

V. o topico supra—*Barcas*—n.º 6, e a sua respectiva nota.

7.ª—*Ponte de Constança*, junto da villa d'este nome, na estrada districtal n.º 129 de Santarem pela Barquinha, Tancos, *Praia* ou *Paio Pelle*, Constança e Abrantes, a entron-

---

[1] V. *Villa Velha de Rodam*, tomo 11.º pag. 1078, col. 1.ª e segg.

car na real n.º 56, de Thomar a Castello Branco.

Deve ter encontros e pegões de pedra e taboleiro metallico, no mesmo estilo da ponte de *Valle da Ursa*; foi posta a concurso por 60 dias em 27 de fevereiro do corrente anno (1889) e concorreram a casa *Eiffel*, constructora da celebre torre d'este nome em Paris, e da ponte D. Luiz I, sobre o Douro,—e a *Empreza industrial portugueza*, mas nenhuma das propostas satisfez, pelo que o governo abriu novo concurso em 8 de agosto seguinte.

Deve ter 95 metros de comprimento, em 3 vãos metallicos, sobre 2 pilares de pedra de 12 metros d'altura sobre o nivel das maiores cheias—e duas avenidas de 12 metros cada uma com muros de pedra e pavimento a macadam.

8.ª—e

9.ª—Pontes metallicas em via de construcção sobre o Zezere nas proximidades da Covilhã, para que a linha ferrea da Beira Baixa se aproxime quanto possivel d'aquella cidade,—a nossa Manchester.

Logo daremos um ligeiro esboço da mencionada linha, pois atravessa o Zezere duas vezes em duas grandes pontes.

RIBEIRAS CONFLUENTES DO ZEZERE

Margem esquerda

1.ª—*Ribeira dos Cantaros*.

Vem da *Estrella*, ponto culminante da grande serra d'este nome com a altitude de 1991 metros,[1] e do *Chafariz d'El-Rei*, na altitude de 1841 m.—nascente mais remota do Zezere. Banha os *Cantaros Magro* e *Raso*, á sua direita,—e o *Cantaro Gordo*, á esquerda.

2.ª—*Ribeira da Candieira*. Vem pela *nave* d'este nome e recebe as aguas do *Chafariz d'El Rei* na altitude de 1841 metros,—e em seguida as da lagôa do *Paxão* e as da lagôa da *Salgadeira* na pendente norte do *Cantaro do Gordo*; corre de poente a nascente, descrevendo uma curva contra S. — e morre no Zezere junto do grande penhasco da *Candieira*, visinho e rival dos *Cantaros*.

3.ª—*Ribeira das Lameiras*. Vem do *Curral do Martins*, que demora na altitude de 1720 metros.

4.ª—*Ribeira das Caldas*. Vem da *Fraga das Penhas*, na altitude de 1666 metros, e desagua no Zezere junto das *Caldas de Manteigas*.

5.ª—*Ribeira das Tornéas*. Vem do *Corgo das Mós*, na altitude de 1547 metros;—recebe na margem direita outra ribeira que vem da altitude de 1539 metros;—passa a jusante (poente) das capellas de *S. Sebastião* e *S. Domingos*—e morre no Zezere, depois de fazer juncção com a ribeira seguinte.

6.ª—*Ribeira de Manteigas* ou *das Carvalheiras*. Vem do *Chão das Barcas*, na altitude de 1352 metros; banha e atravessa a villa de Manteigas e morre no Zezere, cerca de 1 kil. a jusante das celebres *Caldas de Manteigas*.

7.ª—*Dos Siqueiros*.

8.ª—*Dos Bacellos*.

9.ª—de *Pandil*. Vem da *Fraga da Batalha*, na altitude de 1277 metros.

10.ª—De *S. Lourenço*. Vem do cabeço d'este nome, na altitude de 1168 metros.

11.ª—Do *Sameiro*. Vem do *Corredor dos Mouros*, na altitude de 1299 metros — pela freguezia e povoação de Sameiro.

12.ª—*Val d'Amoreira*. Banha a freguezia e

[1] Todas as *altitudes* que indicamos referem-se ao nivel do mar, como já dissemos supra.

povoação d'este nome e vem do pincaro da *Cabeça Alta*, na altitude de 1100 metros.

13.ª—*Ribeira de Famalicão*. Banha a freguezia e povoação d'este nome; vem do alto do *Mosqueiro*, na altitude de 1118 metros—e morre em Valhelhas.

14.ª—*Ribeira de Gaia* ou da *Vella*. Vem das proximidades da Guarda; recebe differentes ramos que banham as povoações e freguezias de Aldeia do Bispo, Ramella e Vella — e tem cerca de 20 kilometros de curso.

15.ª—Vem do monte da *Esperança*, na altitude de 715 metros — e banha a *Tapada das Torres*.

16.ª—Vem do dicto monte por *Faleiro*.

17.ª—Vem de *Lamaçaes* pela quinta de *Job* ou de *Jó*.

18.ª—*Ribeira de Caria*. Banha esta paroquia e a de Maçainhas; — vem do alto do *Monteiro*, na altitude de 888 metros; — tem cerca de 24 kilometros de curso — e uma grande bacia hydrographica pouco montanhosa.

19.ª—*Ribeira do Ferro*. Banha a freguezia d'este nome, passando a N.—e vem do monte do *Azeivo*, na altitude de 750 metros.

20.ª—Vem do *Meal Redondo* e desagua cerca de 1 kil. a montante da *Ponte Pedrinha*.

21.ª—*Ribeira de Meimôa*.
Vem da *Nave Redonda*, na altitude de 728 metros;—banha as povoações de *Escarigo* e *Salgueiro*; — tem cerca de 30 kilometros de curso e uma grande bacia hydrographica, pouco montanhosa.

22.ª—Vem do monte de *S. Pelaio*, junto do Fundão; — tem 15 a 20 kilometros de curso e uma bacia hydrographica muito fertil, muito povoada e muito arborisada.

Morre no Zezere junto da povoação de *Varzea Longa*.

23.ª—*Ribeira de Bogas*. Banha as povoações de Bogas de Cima, Bogas do Meio e Bogas de Baixo;—tem 15 a 20 kilometros de curso—e vem da serra de *Maunça*, na altitude de 1002 metros.
Morre no Zezere junto do *Portal de Bogas* e do grande penhasco do *Mosqueiro*, que rivalisa com o penhasco da ponte do *Cabril*, talvez o maior do Zezere.

24.ª—Ribeira de *Villar Barroco*.
Banha a povoação d'este nome; vem da *Lomba do Carvalho*, na altitude de 825 metros, junto de *Almaceda*; — e tem cerca de 20 kilometros de curso.

25.ª—Vem da serra da *Azinheira*—e tem cerca de 8 kilometros de curso.

D'aqui até á foz da grande ribeira da *Certã* todas as ribeiras da margem esquerda do *Zezere* são pouco importantes, porque as aguas pendem para a dicta ribeira, de que vamos fallar.

26.ª—*Ribeira da Certã*. Banha a villa e o concelho d'este nome, bem como a villa e o concelho de Oleiros;—caminha parallela ao Zezere de N.E. a S.O.—vem das proximidades de *Villar Barroco*—e tem 50 a 60 kilometros de curso.
E' a maior da margem esquerda do Zezere e tem uma bacia hydrographica muito escabrosa, muito accidentada e muito povoada.

27.ª—*Ribeira de Isna*. Banha a freguezia d'este nome, concelho de Oleiros; vem do *Cabeço da Rainha*, na altitude de 1080 metros; tem differentes braços com differentes nomes e 40 a 50 kilometros de curso, — e morre no Zezere, 6 kilometros a jusante da foz da *Certã*.

28.ª—*Ribeira de Codes*.
Vem da villa d'Amendoa (lado S.) conce-

lho de Villa de Rei; caminha de nascente a poente—e morre no *Zezere* com 20 a 25 kilometros de curso, 10 kilometros a jusante da foz de *Isna*.

Nem o meu antecessor nem a *Chorographia Moderna* mencionaram a ribeira de *Codes*. Foi uma injustiça, porque mencionaram outras menos importantes.

RIBEIRAS CONFLUENTES DO ZEZERE

Margem direita

1.ª—Vem dos *Poios Brancos*, na altitude de 1802 m. — ao nascente e em frente dos *Cantaros*.

2.ª—Vem do *Curral da Nave*, na altitude de 1480 m., — ao nascente e em frente do *Curral do Martins*, mettendo-se de permeio a funda garganta do Zezere.

3.ª—*Ribeira de Leandres*. Vem do mesmo *Curral da Nave* e dos cabeços do *Souto* e da *Moreira*—e morre no Zezere, cerca de 3 kilometros a jusante da villa de Manteigas.

4.ª—*Ribeira de Verdelhos*. Banha a povoação e freguezia d'este nome—e vem dos *Poios Brancos*, mencionados supra. Tem 15 kil. de curso atravez de serra bravia.

5.ª—*Aldeia do Matto*. Banha a freguezia d'este nome—e é de limitado curso.

6.ª—*Aldeia do Souto*. Banha a freguezia d'este nome; tem 8 kilometros de curso atravez de medonha penedia—e vem do cabeço da *Atalaia*, na altitude de 1:045 m.

7.ª—Vem dos montes *Sarzedo* e *Rafeiro*, na altitude de 1005 m.; banha a freguezia de Orjaes a N.—e morre no Zezere junto da *Ponte Nova*, mencionada supra.

8.ª—*Rio de Corgas* ou *Ribeira do Teixoso*. Banha a freguezia d'este nome; vem do monte de *S. Gião*, na altitude de 1768 metros; caminha de norte a sul; tem 15 a 20 kilometros de curso; passa a E. da Covilhã na distancia de 3 a 4 kilometros—e banha muitas aldeias.

9.ª—*Ribeira de Boidobra*. Banha a freguezia d'este nome; vem da *Pedra da Mesa*, na altitude de 1292 m. a O. N. O. da cidade da Covilhã e distante d'ella 3 kilometros;—caminha de N. O. a S. E.; morre no Zezere 1 kilometro a jusante da foz da ribeira do Teixoso.

10.ª—*Ribeira de Tortozendo*. Banha a freguezia d'este nome — e vem das *Pedras Brancas* na altitude de 911 metros.

11.ª—Ribeira de...

Banha a freguezia de Tortosendo, lado S. —e a de Dominguiso, lado N.

12.,—*Ribeira de...*

Vem da *Pedra Alta*, que tem a cota de 768 m.—e desagua entre as freguezias do *Peso* e Barco.

13.ª—*Ribeira de Unhaes da Serra*. Banha a freguezia d'este nome e tem 5 braços:—ribeira da *Estrella* e ribeira de *Alforfa*, que veem da *Estrella*, na altitude de 1991 metros, pendendo para sul;—ribeira de *Córtes*, que banha a freguezia d'este nome; vem do *Curral do Vento*, junto dos *Poios Brancos*, e passa 3 kilometros a O. da Covilhã; ribeira da *Erada*, que banha a freguezia d'este nome e vem da serra da *Muralha* na altitude de 1484 metros, pouco distante de *Alvoco da Serra* para E.S.E.;—e ribeira de *Cazégas*, que banha a freguezia d'este nome e vem do monte do *Fojo*, na altitude de 1329 metros, a S. e pouco distante d'*Alvoco da Serra* tambem.

A 1.ª e 2.ª ribeira, confluentes da de *Unhaes*, unem-se antes de chegarem á povoação d'este nome; a 3.ª une-se áquellas duas 5 kilometros a jusante de Unhaes, formando as 3 uma só; a 4.ª une-se áquella na povoação e freguezia de *Paul*; a 5.ª une-se á grande ribeira 7 kilometros a jusante de Paul—e depois de unidas as 5, a grande ribeira de Unhaes morre no Zezere junto da

povoação e freguezia de *Ourondo*, tendo de curso total 25 a 30 kilometros e uma grande bacia hydrographica muito accidentada e toda eriçada de medonha penedia.

14.ª—*Ribeira de Persim* — ou de *Sobral de Cazégas*. Banha a freguezia o'este nome; vem da *Fonte de Espinho*, na altitude de 1055 metros,—e da de *Gendufo*, na altitude de 1559 metros, junto de *Piodão*, para E.; caminha de N.O. a S.E.; recebe á direita duas ribeiras, que veem uma da serra da *Cebola* e outra da freguezia d'este mesmo nome,—e desagua no Zezere entre a ribeira de Unhaes e a de Bodelhão, tendo de curso total 15 kilometros e uma bacia tambem muito accidentada e toda eriçada de medonha penedia.

15.ª—*Ribeira de Bodelhão*. Banha a pequena povoação e freguezia d'este nome, isolada e enterrada entre medonha penedia;[1] vem do monte do *Chiqueiro*, na altitude de 1083 metros—e morre no Zezere 3 kilometros a montante da freguezia da Barroca.

16.ª—*Ribeira do Carregal*. Banha a povoação d'este nome; vem do monte da *Figueirinha*, na altitude de 992 metros,—e morre no Zezere 2 kilometros a jusante de Dornellas.

17.ª—*Ribeira de Unhaes o Velho*, ou *da Pampilhosa*. Banha as villas d'este nome e outras muitas povoações; tem differentes braços com differentes nomes — e desagua cerca de 4 kilometros a montante de Pedrogam Grande com 50 kilometros de curso.

Nasce na grande serra do Açôr, que tem 1349 metros d'altitude;—caminha na direcção geral N.E.S.O.—e tem uma larga bacia hydrographica, tambem muito accidentada e toda eriçada de medonha penedia.

18.ª—*Ribeira de Pera* ou de *Cabril*.

Tem differentes ramos, um dos quaes vem do monte do *Muro*, na altitude de 723 metros; caminha de norte a sul—e banha as povoações de Escalos Cimeiros, Escalos do Meio e Escalos Fundeiros.

Outro ramo vem da serra de Cabril, na altitude de 954 metros;—banha a freguezia de *Castanheira de Pera*, onde tem uma grande fabrica de lanificios e outras a jusante;[1] caminha de N.O. a S.E.; unem-se os dois ramos a 2 kilometros do Zezere;—tem a dicta ribeira cerca de 20 kilometros de curso—e entra no Zezere 100 metros a jusante da ponte do *Cabril*.

19.ª—Ribeira de *Noudel* ou *Nodel*, outr'ora denominada *Vouzella*, no concelho de Pedrogam Grande, a montante e pouco distante da barca da *Bouçã*. E' de limitado curso.

Veja-se a lista das barcas, supra,—e *Vouzella*, ribeira, tomo 11.º pag. 1994, col, 1.ª *in fine* e segg.

20.ª—Ribeira da *Bouçã* a montante e pouco distante da barca d'este nome, no concelho de Figueiró dos Vinhos.

V. *Vouzella*, ribeira, *loc. cit*.

21.ª—*Ribeira d'Alge*, no mesmo concelho de Figueiró dos Vinhos.

V. *Alje*, tomo 1.º pag. 126, col. 2.ª — e *Vouzella*, ribeira, *loc. cit*.

22.ª—Ribeira ou rio *Nabão*.

Vem da serra da *Atianha*, na altitude de 412 metros, a N. da villa d'Ancião; banha Thomar; tem 60 a 70 kilometros de curso—e morre no Zezere 10 kilometros a montante da villa de Constança.

---

[1] Demora na margem direita do Zezere, do qual dista 2 kilometros, mas foi annexada á freguezia da *Barroca*, sita na margem esquerda do Zezere, distante de Bodelhão 5 kilometros, e ambas pertencem hoje ao concelho do Fundão.

As duas contam apenas 186 fogos?!...

[1] V, *Castanheira*, tomo 2.º pag. 164, col. 1.ª—e *Pera*, vol. 6.º pag. 664, col. 1.º *in fine*.

V. *Thomar*, *Nabancia* e *Nabão*.

—

O Zezere, desde a ribeira de *Gaia*, junto de Belmonte, até á ribeira d'*Alge*, corre na direcção geral N.E.S.O.: da foz d'Alge para jusante caminha de N. a S. descrevendo muitas curvas. Em Dornes avança para N. E.; depois caminha de N.O. a S.E.; a jusante da ribeira da Certã caminha de Norte a Sul; depois avança para S.E.; toma a direcção N.E.S.O. até receber o Nabão; forma ali o vertice de um angulo quasi recto e depois caminha de N.O a S.E.;—por ultimo fórma uma curva rapida e avança de N.N.E. a S.S.O. até que morre no Tejo entre a villa e freguezia de *Constança*,—margem esquerda,—e a freguezia de *Paio Pelle*, ou da *Praia*, concelho da Barquinha, margem direita.

Affinidade de nomes

Ha muita affinidade entre os nomes de diversas povoações das margens do Zezere, v. g. entre Caria e Alcaria; Dornes e Dornellas, freguezias muito distantes;— Alvaro e Alvares; Pedrogam Grande e Pedrogam Pequeno; Janeiro de Baixo e Janeiro de Cima; Bogas de Baixo, Bogas do Meio e Bogas de Cima; Rio Fundeiro e Rio Cimeiro; Escalos Fundeiros e Escalos Cimeiros; Brejo Fundeiro e Brejo Cimeiro; Maxial, Maxial d'Alem, Maxial Cimeiro, Maxial Fundeiro e Maxialinho, em pontos muito distantes; Casalinho (muitas povoações d'este nome) e Casalinho, de Sant'Anna; Gaia, Villa Gaia e Vendas de Gaia em pontos muito distantes; Aldeia do Matto e Aldeia do Souto, freguezias do concelho da Covilhã; Aldeia do Matto e Souto, freguezias do concelho de Abrantes; Zezere, Ferreira do Zezere e Castello do Zezere; Barroca, freguezia do concelho do Fundão, e Barroca do Alcaide, aldeia da freguezia de Valhelhas; Oleiro, aldeia da mesma parochia, e Oleiros, villa; Cardal Grande e Cardal Pequeno; Quartos d'Além e Quartos d'Aquem; Roco de Baixo e Roco de Cima; Peso, Pesinho, Pesos Cimeiros e Pesos Fundeiros, em pontos distantes; Derriada Cimeira e Derriada Fundeira; Regadas Cimeiras e Regadas Fundeiras; Troviscaes Cimeiros e Troviscaes Fundeiros; Douro e Porto do Douro; Ferreiros da Ribeira, Ferreiros de Santarem, Ferreiros de Baixo e Ferreiros da Bairrada, aldeias da villa e freguezia de Figueiró dos Vinhos; Fajoeira, Feteira, Ladeira, Loureira, Ardoeira, Aveleira, Salgueira, Madroeira, Carvalheira, Crugeira, Castanheira, Pombeira, Cabeçadeira, Maxieira,[1] Cerejeira, Aduxeira, Val da Carreira, Val da Figueira e Casal da Ribeira; Val Cipote e Ribeira de Val Cipote; Janalvo e Janaffonso, etc. etc.

Etymologia e nomes do Zezere

Ignoramos a verdadeira etymologia do Zezere.

Talvez provenha de *Ozecharus* ou *Ozecarus*, nome que os romanos lhe davam, segundo diz André de Rezende, fallando *De Antiquitatibus Lusitaniæ*, ou tomaria o nome dos *zenzereiros* e *azereiros*, que nascem espontaneos e abundam nas suas margens.

Zenzereiro, *sinceiro* ou *cinceiro*, é uma especie de salgueiro, de que se fazem em todo o nosso paiz açafates, cestas, cestinhas, cadeiras de encosto, centros de mesa, armações de vestidos para modistas e costureiras e outros muitos objectos curiosos de diversos tamanhos e de fórmas e côres variadissimas.

Como não é facil a conducção dos dictos artefactos, colhem nas margens do Zezere as vergonteas dos zenzereiros, — tiram-lhes a pelle,—conduzem-nas em molhos ou feixes para o Porto, Lisboa, Coimbra, Figueira,

---

[1] *Maxieira* é corrupção de *ameixieira*, — e *Maxial* é corrupção de *ameixial*, bosque de ameixieiras, arvores que dão ameixas. Suppomos que estas arvores, mesmo no estado selvagem, outr'ora abundavam nas margens do Zezere, pelo que ainda hoje ali abundam terras e povoações com os nomes de *Maxial* e *Maxieira*.

Braga, Lamego, Evora, Algarve, etc. etc. e ali os habitantes das margens do Zezere, que exploram aquella industria, fabricam os diversos artefactos, lançando a verguinha de molho e colorindo-a a seu bel prazer com tinta lançada em caldeiras d'agua fervendo, nas quaes mergulham as vergonteas dos taes *zenzereiros*, que elles denominam *salgueiros*.

Tambem usam de vergonteas de vime, choupo e giesta, segundo a qualidade dos artefactos.

Com a giesta branca imitam os mimosos trabalhos congeneres da ilha da Madeira.

—

Note-se que Miguel Leitão d'Andrade na sua curiosa *Miscellanea*, sendo filho do Zezere, deu-lhe o nome de *Zenzere*, que tem muita affinidade com *zenzereiro*.

«A este nosso *Zenzere*, ou Gigante Zacor —diz elle,[1]—com rasão lhe podeis chamar assim, por sua grande terribilidade, e mayor furia, que a de todos os rios de Hespanha (?) e juiçais (?) do Mundo todo do seu tamanho. Em tanto que chegando ao grande rio Tejo, com se lhe avisinhar já manso, o atravessa da outra banda, e corta pelo meyo sem fazer caso delle, e á outra banda chega ainda com tanta furia, que lá vay arrancar as arvores que alcança com outros danos, levando suas aguas distinctas das do Tejo mais de huma legua,[2] por lhe não querer reconhecer vantagem e antes o faz tornar a traz, e reprezar no logar onde o atravessa.»

O bom do homem, cego pelo amor da sua terra natal, exagerou tudo o que prendia com ella, como o seu contemporaneo dr. Manoel Botelho Ribeiro exagerou e fabulou nos seus *Dialogos moraes e politicos*, fallando de Viseu, sua patria tambem.

V. *Viseu*, tomo 11.° pag. 1684, col. 1.ª e 2.ª—1694 a 1694 — e 1805, col. 1.ª — e *Pedrogam Grande*, tomo 6.° pag. 530, col. 2.ª e segg. onde se encontra uma leve amostra da parte fabulosa e mais mentirosa da *Miscellanea*.

Risum teneatis!...

—

Azereiro (*Prunus lusitanica* de Linneu) é uma arvore de pequeno porte com folhas como as do loureiro, sempre verdes; dá uns ramalhetes de flores brancas e fructos como os da ginjeira. Os francezes lhe chamam *Laurier fleury*, — *loureiro florido*, — *laurus florifera* ou *florigera*. «Destas tê o Marquez de Fronteyra na sua Quinta de Bemfica» — diz Bluteau no seu *Vocabulario*.

«As flores e as folhas do *Azereiro*, teem cheiro de amendoa amargosa, bastantemente agradavel» — segundo se lê no *Diccionario da Academia*.

Nas *Memorias d'Oleiros*, pag. 256, diz o seu illustrado auctor:

«São proprias das encostas d'este rio (*Zezere*) do qual derivão provavelmente o nome, as arvores chamadas *azereiros*, bellas por sua fórma redonda e copada, sem nunca perderem a folha, e agradaveis pelo aroma de seus abundantes caixos de flores brancas.»

Do exposto se vê que ou o Zezere tomou o nome dos *zenzereiros* e *azereiros* ou v. v. —o que julgamos mais provavel.

Tambem nas margens do Zezere se encontram em alguns sitios grandes oliveiras e grandes castanheiros—e junto da ponte do *Cabril* sovereiros enormes, que rebentam da medonha penedia em ambas as margens e ensombram o Zezere na extensão de alguns kilometros.

Fecharemos este topico dizendo que os portuguezes, quando povoaram o Brazil, deram a muitas povoações e rios d'aquelle vasto imperio os nomes das povoações e rios de Portugal. A um d'esses rios deram tambem o nome de *Zezere*, mas no seu dialecto os indios chamavam-no *Zezeré*, depois *Zereré*, seu nome actual.

E' um rio da provincia de Matto-Grosso.

---

[1] *Op. cit.* Dial. 19, fol. 573.

[2] As leguas *in illo tempore* tinham mais de 6 kilometros.

Nasce na serra de Santa Barbara (nome *portuguez*); corre para N.E. — e desagua na margem esquerda do rio *Mondego*,—nome tambem *portuguez*, mas que os indios no seu dialecto chamam *Emboletiú*...

Portugal no Brazil

Aproveitando o ensejo, indicaremos algumas povoações do Brazil que ainda hoje conservam os nomes de povoações de Portugal. Occorrem-nos as seguintes:

Abrantes (villa da foz do *Zezere*) Aguiar, Albuquerque, Alcantara, Alcobaça, Alegrete, Alemquer, Alhandra, Almada, Almeida, Almeirim, Almofala, Alter do Chão, Alvarenga, Alvellos, Anadia, Anta, Antas, Araes, Arcos, Areias, Arneiros, Arrayollos, Arronches, Atalaya (povoação da foz do Zezere) e Aveiro.

Barcellos, Barreiro, Batalha, Baião, Beja, Belem, Belmonte (povoação da margem esquerda do *Zezere*) Bemfica, Benavente, Boa Viagem, Boa Vista, Bomfim, Bomjardim (povoação da margem esquerda do *Zezere*) Bom Jesus, Bom Successo, Borba e Bragança.

Cabeceiras, Cabedello, Caldas, Campello (povoação da margem direita do *Zezere*), Campo-Bello, Campo Grande, Campo Maior, Casa Branca, Castanheira (povoação da margem direita do *Zezere*) Castello (povoação da margem esquerda do *Zezere*) Castro, Casal Vasco, Chamusca, Cimbres, Cintra, Coimbra, Colares, Conceição[1] e Crato.

Douro, Ega, Esposende, Estrella (nome da grande serra, onde nasce o *Zezere*) Figueira, Formiga, Gavião, Gouveia, Granja, Guimarães e Jerumenha.

Lage, Lages, Lagôa, Lamalonga, Lapa, Larangeiras, Linhares, Loreto e Lumiar.

Maia, Marvão, Mattosinhos, Mecejana, Melgaço, Mello, Miranda, Mirandella, Mondego, Mondim, Monforte, Monsaraz, Montalegre, Mont'alto, Monte Gordo, Monte Mor, Monte Mor-Novo, Monte Mor-Velho, Montes Claros, Mossamedes, Moura e Moz.

Nazareth, Nogueira, Nova Almeida, Nova Beira (*Beira* é uma das provincias que o *Zezere* banha) Nova Coimbra, Obidos,[1] Oeiras, Olivença, Palmeira, Palmella, Pederneira, Pesqueira, Pias, Pilar, Pinheiro, Pinhel, Pombal, Portel, Portalegre (Porto Alegre), Prado, Queluz, Rezende, Saltinho (notavel cachoeira do Douro junto de Freixo d'Espada á Cinta, em Portugal), Santarem, S. Gonçalo d'Amarante, S. João da Anadia, S. Pedro de Alcantara, S. Romão, S. Vicente, S. Victor, Serpa, Setubal, Silves, Sobrado, Soure e Souzel.

Teixeira, Thomar, Trancoso, Vacaria, Valença, Veiros, Vianna, Villa Bôa, Villa Boim, Villa do Conde, Villa Flor, Villa Franca, Villa Nova, Villar, Villa Velha, Villa Verde, Villa Viçosa, Vimieiro, Vinhaes, Viseu e *Zezeré*, rio mencionado supra.

A povoação de *Viseu* demora na provincia de Matto Grosso e foi fundada pelo governador Luiz d'Albuquerque Pereira e Caceres, ascendente dos *Albuquerques* da nobre casa da *Insua*, concelho de Penalva do Castello, junto de Viseu, em Portugal.

V. *Miragaya*, tomo 5.º pag. 271, col. 2.ª e segg.

Desculpem-nos a digressão. Além de não ser de todo o ponto mal cabida, é *muito lisongeira* para Portugal.

Cheias

A maior de que ha memoria no Zezere foi a de 1876.

Com data de 16 de novembro do dicto anno dizia um correspondente de *Alpedri-*

---

[1] No Brazil ha 38 povoações com o nome de *Nossa Senhora da Conceição*, o que prova que os portuguezes já *in illo tempore* tinham muita devoção com a *Virgem*.

[1] Villa, na margem esquerda do Amazonas. Chega até ali a maré, posto que dista do mar 300 legoas.

O Amazonas tem ali 896 braças de largura e 100 d'altura?!...

nha para o *Diario da Manhã*, jornal de Lisboa, o seguinte:

«Vou hoje dar-lhe algumas noticias d'este districto de Castello Branco, que tem sido e está sendo victima d'um temporal de que não ha memoria, tanto pela sua duração, como pelos prejuizos que fez.

São incalculaveis os estragos causados pelo vento, pelas chuvas e pelas cheias dos rios e ribeiras.

Temos estado privados de noticias do sul e do norte; do sul por causa do Tejo, e do norte por causa do *Zezere, cujas cheias teem chegado a cobrir a ponte Pedrinha, levando na sua corrente as velhas guardas da ponte.*

O correio de Belmonte para a Covilhã, tentando atravessar o Zezere, foi victima da sua audacia, pois que até hoje não se sabe d'elle, o que leva a crer que foi arrastado pela corrente.

As chuvas teem levado na sua corrente muitas searas de milho, derrubado muros e arrazado casas.

Estes tristes acontecimentos teem feito encarecer os cereaes, principalmente os milhos.

Nas obras publicas construidas e em construcção n'este districto, tem havido consideraveis prejuizos.

N'esta villa já desabaram tres casas, ficando um dos seus donos reduzido á miseria.

Consta-nos que vae promover-se uma subscripção com o fim de remediar este mal, o que muito honra o cavalheiro ou cavalheiros que a promovem.

Muitas oliveiras e outras arvores teem sido quebradas e arrancadas, e não só n'esta villa, mas em varios pontos d'este districto, segundo as noticias que acabamos de receber.

A ribeira de Alverca, proxima do Fundão, tem causado grandes prejuizos nas suas margens, arrastando na corrente algumas azenhas, lagares de azeite e fazendo tambem algumas victimas.

Na ribeira de *Alpreade* foi tal a cheia que arrastou na corrente varios pontões, muros e até a antiquissima ponte que dava passagem para Castello Novo, sendo tambem levadas na corrente muitas azenhas, arrasados varios predios e arrancadas muitas oliveiras e outras arvores collossaes.

Avaliam-se em mais de *dez contos de réis* os prejuizos causados por este temporal, só em Castello Novo e seu limite.»

—

No seu numero de 18 de dezembro do dicto anno dizia o *Diario Popular*:

«A corrente do Rio Zezere, proximo a Belmonte, destruiu uma casa e arrastou a moradora, deixando-a morta, dependurada em um salgueiro. N'um sitio denominado os Trinta, proximo da Guarda, a cheia destruiu tres fabricas de pannos, levando as machinas e demais utensilios.

A villa de Manteigas foi tão prejudicada pelo temporal, que ficou incommunicavel, porque todas as pontes foram por agua abaixo.

Os arcos da ponte de Unhaes da Serra, na Covilhã, estão tapados com enormes pedras, que ficaram sobrepostas, formando como que uma parede feita pela mão do homem. Para remover algumas das pedras foi necessario trabalho de vinte homens.

Em Sernache do Bomjardim a cheia tomou a altura de $1^{m},50$ acima de todas as de que ali ha memoria.

Caiu o melhor predio, que fôra construido havia quatro annos, e do qual era proprietario o sr. José Ferreira Pinto. A cheia levou pela raiz um pomar inteiro, destruiu todos os moinhos e lançou para fóra dos lagares toda a azeitona que lá estava.»

—

Com data de 11 de janeiro de 1877 dizia o *Diario Illustrado*:

«São importantes os estragos das inundações do Mondego e Zezere, aquelle nos concelhos da Guarda e Celorico, e este no de Manteigas.

O valle do Mondego está cheio de destroços, arrastados pela impetuosa corrente do rio.

Ha proprietarios com prejuizos superiores a dez contos de réis.

As aguas que em impetuosa corrente se precipitaram dos contrafortes da Serra da Estrella sobre o valle, aniquilaram quasi totalmente as propriedades onde não tinha chegado a inundação, areando umas, e levando a camada aravel d'outras.

A grande ventania fez graves prejuizos no arvoredo, especialmente nas oliveiras, castanheiros, pinheiros, amoreiras, amendoeiras e outras arvores de fructo.

A velocidade do vento tem regulado entre 90 a 150 kilometros por hora.

São egualmente importantes as perdas em gados, tanto em animaes afogados, como nos que teem perecido por falta de alimento e pelo frio.

Os prejuizos em todo o districto, não contando ainda os provenientes do ultimo temporal, são avaliados em 491:897$000 réis, sendo os concelhos mais prejudicados — Guarda com 160:000$000 réis, Manteigas com 110:000$000 réis, Ceia com 70:000$000 réis, e Celorico com 50:000$000 réis; isto é os da proximidade da serra.»

Do exposto se vê que foi muito chuvoso e muito tempestuoso o inverno de 1876 a 1877, pelo que no Zezere, Mondego, Tejo, Guadiana, Sado, e nos outros rios ao *sul* do nosso paiz a maior cheia d'este seculo foi a de 1876, mas no Douro e nos outros rios a N. de Portugal foi *muito maior* a cheia de 1860.

Digam os sabios da escriptura
Que segredos são estes da natura!...

Linhas ferreas que prendem com o Zezere

Em março de 1885 T. M. Johnson, por si e como representante de varios capitalistas inglezes, apresentou ao governo uma proposta para a concessão d'uma linha ferrea que, partindo de Abrantes, ou suas proximidades, seguiria pelo Sardoal, Villa de Rey, Dornes, Rio Grande, Certã, Cabeçudo, *Castello, Carvalhal, Pedrogão, Rio Zezere, Alvares*, Casal Novo, Cadafaz, Goes, Celavisa, Coja, Louroza, Candosa, Midões, Carregal, Tonda, Lobão, Lageosa, Villa Chã, Viseu, S. Pedro do Sul, Gafanhão, Reriz, Parada, Cabril, Arouca, Fermêdo, Gião, Sandim e Villa Nova de Gaya, com um ramal que, partindo de Cabril, seguiria pelas proximidades de Genarde, Alvarenga, Espiunca, Fornellos, Travanca, Fornos, Foz de Tamega, Sebolido, Melres, S. Thiago, Rio Sousa. Aguiar de Sousa e Recarei na linha do Douro.

Esta linha era importante, mas muito dispendiosa, porque atravessava terreno extremamente escabroso e accidentado e demandava muitas obras d'arte, numerosos tunneis, grandes pontes e viaductos, etc. etc. e por isso não vingou; está porém já em construcção outra linha ferrea, tambem muito importante, e que prende com o Zezere, pois atravessa-o *duas vezes*. É a seguinte:

Linha da Beira Baixa

Em abril do corrente anno de 1889 [1] dizia o *Correio da Covilhã*, jornal d'aquella cidade, o seguinte:

«Progridem com a maior actividade os trabalhos de construcção d'esta importante linha, onde a semana anterior estavam occupados cerca de 15:000 operarios, em cujo numero figuram 1:500 mulheres. Dos 216 kilometros de que se compõe, podem reputar-se completamente concluidos, como infrastructura, isto é promptos a receberem a via, mais de 150.

Sem solução de continuidade haverá dentro de poucos mezes, talvez em julho, 100 kilometros, os que vão de Villa Velha de Rodam á Covilhã, onde a locomotiva poderá funccionar.[2]

---

[1] V. *Vias ferreas*, tomo 10.° pag. 477, col. 2.ª,—e note-se que o mencionado artigo foi publicado *em abril de 1884*, como dissemos *ibi*, pag. 484, col. 1.ª *in fine*. Já decorreram pois 5 annos!...

[2] Já estamos em setembro de 1889 e a locomotiva ainda não chegou á Covilhã, nem chegará tão cêdo!...

N'este momento procede-se ao transporte d'ella e dos necessarios wagons, pela estrada do Pezo a Castello Branco, onde a 60 kilometros d'esta povoação fica o deposito de material da Repreza, por cujo ponto é começado agora o assentamento da via. Este deposito, para o qual o material da via tem sido transportado em carros de bois sobre doze leguas de má estrada, está attestado para os 100 kilometros a que acima nos referimos (Villa Velha á Covilhã.) A parte de Abrantes, tem outro deposito de material, havendo ainda outro na Guarda, para a secção que fica entre esta cidade e a Covilhã.

De modo que o assentamento da via é feito por pontos differentes: Abrantes (60 kilometros); Represa (100 kilometros) e Guarda (56 kilometros).

Grandes difficuldades de construcção, materiaes e economicas, offerece esta linha em algumas das suas partes. Póde-se avaliar d'ellas, no que respeita a pontes e viaductos, por exemplo. Ha 64 d'estas obras, das quaes 61 são metallicas. Pois bem, á excepção de uma, todos os ferros teem sido levados em carros de bois desde o Pezo [1] e Guarda,[2] até aos locaes das obras e em barcos desde Villa Velha de Rodam, pelo Tejo acima, transporte difficil e arriscado sempre, quer pelo grande numero de cachões que se encontram no leito do rio, quer pela impetuosidade da corrente na occasião das cheias.

Quando a altura da agua no rio é escassa, succede que cada barco não póde transportar mais de uma tonellada, quantidade aproximadamente igual á que transportam os carros de bois do Pezo para Castello Branco. Ora, havendo a transportar n'estas circumstancias para cima de 4:000 tonelladas de ferro, segue-se que serão empregados *só n'estes transportes* mais de 4:000 vehiculos! E a tonellagem d'estes transportes é insignificante, comparada com a dos outros materiaes, carris, travessas, cal, cimento, ferramentas, etc., etc., etc.

—

«No fim do mez passado havia executadas as seguintes obras:

Terraplanagens 2.800:000 m. c.

Alvenaria em aqueductos, pontes e pontões, 62:000 m. c.

Alvenaria em muros 89:000 m. l.

Tunneis perfurados 1:380 m. l.

Ferros de pontes montadas, ou nos locaes das obras, 3:400 tonelladas.

Carris transportados 11:300 tonelladas.

Casas de guarda concluidas 20.

Estações em construcção 7.

O caminho de ferro da Beira Baixa tem as seguintes estações: Abrantes (entroncamento com a linha de leste); Alferrarede; Ortiga; Amieira; Belver; Fratel; Villa Velha de Rodam; Sarnadas; Castello Branco; Alcains; Lardosa; Alpedrinha; Valle de Prazeres; Alcaide; Fundão; Tortozendo; Covilhã; Caria; Belmonte; Benespera; Sabugal; Guarda (entroncamento com a linha da Beira Alta) e Gatta (2.º entroncamento com a mesma linha para o serviço internacional). Ao todo 23.

—

«Os tunneis em numero de dez são os seguintes: Meirinho de 120 m., Peral 80 m., Portas de Rodam 96 m., Villa Velha de Rodam 120 m., Tostão 180 m., Travillinha 90 m., Alpedrinha 54 m., Serra da Gardunha 646 m., Valle do Ferro 62 m., Barracão 340 m.[1] A

[1] *Peso,*—estação na linha de *leste,* de Lisboa a Madrid por Carceres.

[2] *Guarda,* — estação na linha da Beira Alta.

[1] Este *tunnel* fica tristemente assignalado, porque ali tem havido grandes desordens entre os trabalhadores empregados na construcção, quasi todos hespanhoes, e os habitantes dos povos visinhos. D'essas desordens já resultaram muitos ferimentos e algumas mortes, entre ellas a do proprio administrador do concelho de Castello Branco, que foi apunhalado por dois trabalhadores hespanhoes.

extensão total d'estes subterraneos é de 1:788 m. A' excepção dos dois primeiros e do ultimo todos os mais estão perfurados e em via de conclusão.

—

«Como dissemos ha 64 pontes e viaductos, 3 dos quaes em alvenaria e os restantes metallicos. Passemos a enumeral-os, indicando-lhes os nomes, extensões ou aberturas totaes e os numeros de vãos de que se compõe cada um:

Ponte sobre o Tejo (Abrantes) 426 m. em 9 vãos, sendo 5 de 60 m. dois de 48 e dois de 15; fundações a ar comprimido.

Ponte de Alferrarede, de 20 m.

Idem de Vide, de 10 m.

Idem das Larangeiras de 20 m.

Idem das Figueiras, de 20 m.

Idem de Mendavão, de 10 m.

Idem dos Cordeiros, de 20 m.

Viaducto da Ribeira Fria, de 50 m. em dois vãos.

Ponte da Foz de Eiras, de 20 m.

Idem da Ortiga, de 15 m.

Idem da Ribeira de Eiras, de 80 m. em 3 vãos.

Idem de Arriacha de 20 m.

Viaducto de Cannas, de 78 m. em 3 vãos.

Viaducto da Cova Fundeira, 75 m. em 3 vãos.

Idem de João Azedo, de 30 m.

Idem da Correga do Freixo, de 40 m.

Idem do Meirinho, de 60 m. em 2 vãos.

Idem do Peral, de 130 m. em 3 vãos.

Idem da Foz de Figueira (1.º), de 30 m.

Idem de Caimbas, de 78 m. em 3 vãos.

Ponte da Ocreza, de 104 m. em 3 vãos.

Viaducto no kilometro 43, de 30 m.

Idem da Foz de Cereja, de 65 m. em 3 vãos.

Idem da Barroca do Vau de 30 m.

Idem da Barroca do Alamo, de 40 m.

Idem da Barroca do Braço, de 30 m.

Idem da Foz de Figueira (2.º) de 30 m.

Idem da Foz do Assucar de 40 m.

Idem de Abutreira, de 25 m.

Idem de Giestaes, de 30 m.

Idem da Nave das Oleiras, de 30 m.

Idem do Linhar Alheio, de 30 m.

Idem da Ribeira das Oliveiras de 30 m. em curva.

Idem de Gonçalo Magro, de 65 m. em 3 vãos.

Idem de Gonçalinho, de 30 m.

Idem do Prior, de 30 m.

Idem de Villa Ruiva, de 30 m.

Idem de Nossa Senhora, de 40 m.

Idem de S. Pedro, de 175 m. em 4 vãos: um de 15 m., dois de 50 m. e um de 60 m. A altura maxima d'esta obra é de 69 m., uma das maiores do paiz; os pilares são metallicos.

Idem do Cerejal (1.º), de 30 m.

Idem, idem (2.º), de 30 m.

Idem, idem (3.º), de 104 m. em 3 vãos.

Idem dos Rodeios, de 60 m. em 2 vãos.

Idem dos Enxames, de 40 m.

Idem dos Carneiros, de 40 m.

Idem do Alcaide, de alvenaria em 3 arcos, de 15 m.

Ponte de Alverca, de 10 m.

Idem de Meimôa, de 60 m. (um só vão).

Idem do *Zezere* (1.ª), de 104 m. em 3 vãos.

Viaducto da Carpinteira, de 50 m. em um vão.

Idem de Flandres, curvo, de alvenaria, com 8 arcos, de 10 m. cada um.

Idem do Corgo, de 206 m. em 6 vãos, sendo 2 de 15 m. dois de 40 m. e dois de 48 m.

Ponte do *Zezere* (2.ª) [1] — obliqua 120 m. em tres vãos, sendo um de 45 m. e dois de 37,5.

Idem de Maçainhas, 15 m.

Viaducto de Maçainhas, 130 m. em 3 vãos: dois de 40 m. e um de 50 m.

Idem dos Gogos. Tem uma parte em curva, formada por 3 arcos de alvenaria de 15 m. cada um; a parte restante é metallica e tem 130 m. em tres vãos identicos aos do viaducto de Maçainhas.

Idem do Rebolal, de 26 m. a parte em ta-

---

[1] N'esta data (setembro de 1889) ainda não deram principio às duas pontes do Zezere.

bolleiro metallico, de cada lado do qual o viaducto é em alvenaria; e tem dois arcos de 10 m. A extensão total d'este viaducto mixto é de cerca de 100 m.

Idem da Tapada, de 30 m.

Idem da Galrita, de 78 m. em 3 vãos.

Idem da Penha da Barroca, de 120 m. em tres vãos, sendo dois de 37,m5 e um de 45 m.

Idem da Silveira, de 30 m.

Ponte do Noemy, de alvenaria, 3 arcos de 12 m.

Idem da Corte Cavallo de 10 m.

Idem do Diz, de 20 m. É a ultima.

A extenção total dos taboleiros metallicos é de 3:538 m. Dá 5:326 m. para a totalidade das grandes obras de arte, ou seja cerca de uma legua em tunneis e viaductos.

—

«O orçamento do governo que serviu de base á adjudicação d'esta via ferrea, elevase a mais de sete mil contos. Como se sabe, esta linha é concessão da companhia real dos caminhos de ferro portuguezes e feita por empreitada por um grupo de capitalistas portuguezes, que tem á sua frente o sr. engenheiro Almeida Pinheiro. Pessoal e tarefeiros são nacionaes, na sua quasi totalidade, como foi tambem na construcção do caminho de ferro de Mirandella e está sendo na linha ferrea de Viseu,[1] todas tres da direcção do mesmo engenheiro.»

—

Esta linha da Beira Baixa ainda está muito longe da sua conclusão e com certeza não se abre ao transito antes de 1891.

Tambem já principiou este anno a construcção de uma linha ferrea de Coimbra para Arganil e que deve atravessar a serra da Estrella até á Covilhã, pelas proximidades de Ceia, S Romão, Vallesim, Alvôco da Serra e Unhaes da Serra;— e das proximidades de Ceia deve dar um ramal para Gouveia e Celorico.

A construcção até Arganil corre por conta de uma empresa particular, sem subsidio algum do governo; mas desde Arganil até á Covilhã talvez seja subsidiada, porque é muito mais difficil e de grande alcance para os povos indicados supra, os povos mais industriaes das duas provincias da Beira,—e alguns d'elles nem estradas antigas para carros teem! Todos os transportes são feitos pelos homens e pelas cavalgaduras.

V. *Valezim,* tomo 10.d pag. 156. col. 1.a

Abrahão Ortelio—Portugal—e o Zezere

Entre os atlas que possuimos, o mais antigo é o de Abrahão Ortelio, folio grande e luxuoso, publicado em Antuerpia no anno de 1570. Comprehende 52 mappas de folha inteira, sendo um d'elles dedicado a Portugal e muito lisongeiro para nós,— mappa composto por Fernando Alvaro Seco,—gravado em Roma no anno de 1560 por Achiles Estaço e por este dedicado a Guido Ascanio Sforcia, cardeal romano, o que tudo consta do dicto mappa.

Tem no alto da folha em uma quadrella muito ornamentada a seguinte legenda, ao lado direito do observador:

«Portugalliæ...»

Em vulgar: — «Novissima e exactissima descripção de Portugal, outr'ora Lusitania, por *Fernando Alvaro Secco*,[1]—e na mesma folha tem do lado opposto, em plano inferior, um escudete muito ornamentado tambem, com a seguinte legenda:

«Guidoni Ascanio...»

---

[1] *A linha ferrea de Viseu* é apenas um ramal de Viseu á linha da Beira Alta, a entroncar na estação de *Santa Comba,* — ramal que foi principiado ha annos e ainda não está concluido.

V. *Vias ferreas,* tomo 10.º pag. 477, col. 2.a *in fine.*

[1] Este nome é portuguez, mas não se encontra no diccionario de Innocencio.

Em vulgar: —« Achilles Estacio sauda a Guido Ascanio Sforcia, cardeal camareiro da Santa Egreja Romana.

«Em attenção aos serviços que haveis prestado á minha familia, nós vos dedicamos, Guido Sforcia, a *Lusitania* descripta por Fernando Alvaro. Os filhos d'ella *com valor e felicidade incriveis* percorreram o mundo inteiro; subjugaram uma grande parte da Africa; foram *os primeiros* que descobriram e occuparam innumeraveis ilhas, de algumas das quaes apenas se sabia o nome e d'outras *nem sequer o nome;* obrigaram a Asia, aquella abençoada região, a ser tributaria d'elles,—e levaram até ás nações mais romotas o culto do verdadeiro Deus e a nossa religião santa.

«Deus seja comvosco. Roma, 18 de maio de 1560.»

Nenhumas das grandes potencias actuaes do mundo tem na historia uma pagina tão brilhante — nem elogio tão pomposo no atlas de Abrahão Ortelio!...

O dicto mappa é colorido e devia ter bastante merecimento *in illo tempore*, pelo que Ortelio o publicou; mas hoje tem apenas algum valor archeologico.

Lá se encontra indicado o rio *Zezere* com duas pontes:—a do *Cabril* — e a de *Valhelhas* ou a *Ponte Nova* de Belmonte, pois não está bem definida. E nas margens do *Zezere* indicou as povoações seguintes:—Manteigas (*Mateigas*,)[1] Verdelhos, Aldeia do Matto (*de maco*), Valhelhas (*Valvelhas*) (?) Belmonte (*Belmote*) Teixoso, Covilhã (*Covilham*) Tortuzendo (*Tortuzede*) Alcaria, Dominguiso (*Domiguelo*), Peso (*Peso d'aquem*), Pesinho (*Peso d'alem*), *As Ruivas* ou *ruinas*, Silvares (*Sylvares*), Ourondo (*Ouredo*), Barroca (*Abaroqua*), Dornellas (*Dornelos*), Carregal (*Carogal*), Porto das Vaccas (*Porto das vaquas*), Esteiros, Janeiro de Cima, Janeiro de Baixo (*de fundo)*, Pampilhosa, Pedrogão Grande, Nossa Senhora da Luz, Pedrogão Pequeno, Sernache do Bom jardim (simplesmente *Boiardim*), Figueiró dos Vinhos, Alvaiazere (*Alvaizere*), Arêga (*Adrega*), Beco, Dornes, Villa de Rei, Constança (*Punhete*), Paio Pelle (*Paio de pele*,)[1] Tancos, Almourol, Atalaia, etc.

Do exposto se vê que as dictas povoações já existiam no meiado do sec. XVI e tinham os mesmos nomes, são porem muito mais antigas.

Nas margens do *Zezere* tiveram demorada residencia os mouros, os godos, os romanos e os antigos lusitanos, pois ali se encontram *castros*, vestigios de grandes povoações extinctas e muitos monumentos megalithicos da *idade da pedra*, como já se disse em varios artigos d'este diccionario e como se lê no *Relatorio* da secção de *Archeologia* da *Expedição scientifica* enviada á serra da Estrella em 1881.[2]—E quantos monumentos archeologicos e prehistoricos não jazem ali completamente ignorados?

—

Seja-nos licito apontar aqui o tunnel do *Furadouro*, que se encontra na freguezia de *Cambas*, concelho de *Oleiros*, na margem direita do *Zezere*. Recorda-nos as galerias mencionadas no artigo *Alvaiazere*, não longe tambem da margem direita do *Zezere*,—bem como as de Traz os Montes, mencionadas no artigo *Pedroso*, aldeia, e *Trez Minas*,—e a dos *Furados*, cujo nome tem muita se-

---

[1] Os nomes das differentes povoações estão em grande parte alterados, por ser a publicação feita em paiz estranho e por ter havido grande mudança no idioma portuguez durante 329 annos.

[1] Situa bem a freguezia de *Paio Pelle*, que não encontro em mappa algum alem d'este,—nem mesmo nos da *commissão geodesica*, pois, como já dissemos supra, hoje denomina se *Praia*.

[2] Ali se apontam vestigios d'uma grande povoação no concelho de Belmonte, margem esquerda do Zezere, e o *castro d'Argemella* no concelho da Covilhã, tambem junto do Zezere, etc. etc.

melhança com *Furadouro!*... V. *Alva*, rio, tomo 1.º pag. 168, col. 2.ª

As *Memorias de Oleiros*, pag. 266, fallando da freguezia de *Cambas*, dizem:

«Alem da egreja parochial, tem esta freguezia as seguintes capellas: de S Sebastião em Cambas, da Senhora da Lapa, na povoação do Rouco, do Senhor do Bomfim na Pi zoria, de Nossa Senhora da Conceição nos Caneiros, e de Santa Margarida em Admoço.

«Nos limites d'esta ultima povoação existe uma *maravilha da natureza*, digna de contemplar-se: Alta serra na direcção de sul a norte, em prezença do rio *Zezere* abate-se quasi perpendicularmente, na profundidade de 100 metros aproximadamente, para deixar passar o rio, elevando-se logo na margem direita do mesmo, a cerca de 50 metros d'altura.

«A distancia de 100 passos d'esta margem e no monte, do lado norte, ha uma galeria, ou tunnel *natural* (?) que o atravessa, chamado *Furadouro*, cabendo por elle duas pessoas a par. E d'esta passagem se servem os habitantes d'aquelles sitios, quando o rio vae cheio, não podendo então caminhar pela margem d'elle.»

V. *Cambas* n'este diccionario e no supplemento, onde ampliaremos consideravelmente aquelle artigo.

Ha tambem na villa de *Oleiros*, não longe da margem esquerda do *Zezere*, uma gruta importante, denominada *Cóva da Moura*.

V. *Oleiros*, tomo 6.º pag. 223, col. 1.ª,—e as *Memorias da villa de Oleiros*, pag. 228 a 232.

—

A serra da Estrella—a Expedição scientifica — e os Sanatorios

O *Zezere*, como já dissemos, nasce na serra da Estrella, *propriamente dicta*. Sejanos licito pois dar uma leve noticia d'aquella parte da grande serra e, aproveitando o ensejo, rectificaremos os artigos *Estrella* e *Serra da Estrella* publicados pelo meu antecessor,[1] artigos que teem muitos lapsos, por haver seguido os chorographos e geographos que o precederam e que mal, muito mal, conheciam a grande serra, em quanto que hoje (1889) depois da publicação dos bellos mappas da *commissão geodesica* e dos interessantes *relatorios da expedição scientifica*, bem como do formoso livro *Quatro dias na serra da Estrella*, do sr. Emygdio Navarro, fez-se luz nas trevas e lendas que envolviam aquella região; acabaram as *patranhas* das lagôas, dos cantaros e das cavernas—e a *Estrella* já não intimida ninguem. Pelo contrario, é muito sympathica a todos e todos desejam vel-a; succedem-se umas a outras as caravanas de forasteiros, volvendo extasiados, e ali se encontra já hoje um observatorio meteorologico, uma estação telegrapho-postal, muitas casas para tyzicos, todas habitadas, e outras em construcção, pois, graças aos estudos da expedição scientifica e aos esforços e propaganda do sr. dr. Sousa Martins, é evidente que a serra da Estrella, pela sua elevada altitude e pureza do ar e da agua, rivalisa com as montanhas dos Alpes e da Suissa para o tratamento da tuberculose.

—

A serra da Estrella, dependencia dos Pireneos, é a maior de Portugal e serra-mãe de todas as que avultam nas provincias da Beira, Estremadura, Alemtejo e Algarve.

Ella estende-se com differentes nomes do Tejo atê o Mondego e da Guarda até Ancião e Condeixa, comprehendendo muitas povoações, freguezias e concelhos nos districtos da Guarda, Coimbra e Castello Branco; mas a serra da Estrella, *propriamente dicta*,—a parte mais alta, inculta e deserta,—comprehende apenas 30 kilometros d'extensão na linha N.E.—S.O. desde *Fernão Joannes*, concelho e visinhanças da Guarda até *Vallezim*,

---

[1] Nós acceitámos a continuação d'este diccionario, quando já ia a meio do art. *Vianna do Castello*.

Suum cuique.

entre Alvôco da Serra e Loriga, concelho de Ceia;—e de largura minima tem apenas 15 kilometros na linha norte-sul, de Gouveia a Manteigas.

—

A isto se reduz a Estrella, *propriamente dicta*, o espaço de que no momento nos occupamos e que nós em grande parte conhecemos *de visu*, pois já percorremos todo o antemural da montanha desde Ceia até Manteigas por Gouveia, S. Paio, Mello, Folgosinho, Linhares, Carrapichana, Celorico da Beira, Porto da Carne, Guarda, Vella, Gaia e Valhelhas.

O que não visitámos ainda é o ante-mural sul em fórma de meia lua, desde Ceia até Belmonte por S. Romão, Villa Cova, Vallezim, Loriga, Alvôco da Serra, Unhaes da Serra, Covilhã e Teixoso, povos aliás importantes, muito industriaes e *muito antigos*, todos cheios de *castros* e outras muitas velharias historicas e *prehistoricas*. E o percurso não é facil, porque a dicta meia lua tem mais de 50 kilometros d'extensão e desde Ceia até a Covilhã o terreno é muito escabroso,—*uma cordilheira medonha*,— sem um palmo d'estrada a macadam nem estrada seguida para carros de bois?!...

—

Tambem já estivemos *oito dias* no centro da grande serra, em 1881, com a expedição scientifica,—não como vogal d'ella, mas como representante e *reporter* do *Districto da Guarda* e do *Commercio Portuguez*, um dos primeiros jornaes do Porto, para o qual enviámos do acampamento da expedição uma serie de longas cartas, que podem ver-se na collecção do dicto jornal relativa ao mez de agosto d'aquelle anno, e outras enviadas de Gouveia, onde nos demorámos até o fim do dicto mez, porque temos ali muitas relações e ali temos passado bello tempo muitas vezes.

Nós entrámos na serra por Manteigas com a expedição no dia 4 de agosto de 1881.[1]

No dia 12 deixámos o acampamento e fomos pela pequena povoação e freguezia do *Sabugueiro*, que demora dentro da montanha, mettida em uma cova na margem direita do Alva, até á villa de Ceia, acompanhados pelo nosso bom amigo Lopes Mendes, auctor da *India Portugueza*, e pelos srs. Joaquim Pedro de Freitas Castel Branco, José Anastacio Monteiro e Hermenegildo Capello, todos 4 *vogaes*,[1]—o qual necessitou de regressar a Lisboa para rever as provas do formoso livro *De Benguella ás terras de Iaca*, interessantissima historia da viagem d'exploração que recentemente havia feito com R. Ivens ao interior das nossas possessões africanas.

—

De Ceia fui para a casa do meu ex-condiscipulo e bom amigo dr. Julio Cesar d'Almeida Rainha, de Gouveia, a casa mais opu-

---

[1] Haviamos partido do Porto, nossa residencia desde 1864 (V. *Corvaceira* e *Miragaya*) no dia 2 d'agosto; seguimos pela linha ferrea do Douro no comboyo da manhã até á estação da Regoa; d'ali fomos na diligencia até Celorico da Beira, onde nos apeámos no dia 3 de manhã; fretámos logo um carro e pouco depois do meio dia estavamos na Guarda, onde nos unimos á expedição. Esta havia partido de Lisboa tambem no dia 2 do dicto mez; seguiu pela linha ferrea do norte até o entroncamento da Pampilhosa e depois pela linha da Beira Alta até á estação de Celorico—*por concessão especial*,—pois a menciodada linha ainda estava em construcção e só se abriu ao transito em 1882.

No dia 4, á 1 hora da manhã, partiu da Guarda a expedição e nós com ella, em carros até á povoação de *Gaya*, pois ao tempo não passava d'ali a construcção da nova estrada a macadam da Guarda para a Covilhã, pelo que fomos todos em sella desde Gaya até o acampamento por Manteigas, onde almoçámos esplendidamente e descançámos até ás 6 horas da tarde, como já dissemos no principio d'este artigo.

Chegou a expedição ao acampamento ás 10 horas da noite do mesmo dia 4, sendo recebida com foguetes, talvez os primeiros que até então haviam illuminado os *cantaros* e a *Estrella* e perturbado o silencio da noite n'aquella região das neves.

[1] Logo indicaremos todo o pessoal d'ella.

lenta d'aquella formosa villa e de *todo o districto da Guarda*.[1] Assisti á grande festa, feira e romagem do *Senhor do Calvario*, que ali se faz no 3.º domingo d'agosto—e que é a festividade mais pomposa da provincia da Beira Baixa.

De Gouveia fui para Trancoso para ver, como vi, a feira franca de *S. Bartholomeu*, que ainda hoje é uma das maiores da provincia.

De Trancoso fui para a casa do meu excondiscipulo e bom amigo desde 1846, (?)—Dionisio Ignacio de Sampaio e Mello,—que mora na freguezia da Cogulla, a pequena distancia de Trancoso. Visitei as villas de Foscôa, Longroiva, Meda e Marialva; — da Cogulla fui para Lamego, onde nos dias 7 e 8 de setembro assisti á grande festa, feira e romagem da *Senhora dos Remedios*, cujo santuario é hoje o mais notavel da provincia da Beira Alta e talvez o primeiro do nosso paiz, depois do santuario do *Bom Jesus do Monte*;—e por ultimo de Lamego regressei ao Porto com vivas saudades de tão longo e variado passeio.[2]

Rectificações aos artigos
Estrella e serra da Estrella

O ponto culminante da grande serra não é o *Cantaro Magro*, mas o *Malhão da Estrella*, tambem denominado *Torre* (pyramide) da *Estrella*, porque *ali*, não no *Cantaro Magro*, se vê ainda hoje uma pyramide geodesica de 11 metros d'altura, mandada fazer em 1802 por D. João VI, então principe regente, para base da triangulação do nosso paiz, como prova a inscripção citada pelo meu benemerito antecessor e que lá se vê ainda, sendo a pyramide feita de cantaria de granito sem argamassa.

O dicto *Malhão* ou planalto da *Estrella* tem a cota de 1:991 metros sobre o nivel do mar,—e o topo da pyramide tem a cota de 1:202 metros.

O *Cantaro Magro* demora aproximadamente a distancia de 1500 metros da *Torre da Estrella* para N.E. e tem a cota de 1926 metros d'altitude. No alto d'elle esteve tambem uma pyramide geodesica, redonda, caiada e muito mais pequena do que a *Torre da Estrella*. Foi feita depois do meiado d'este seculo pelos nossos engenheiros, quando por ali andaram levantando a planta da serra e procedendo aos trabalhos geodesicos, mas d'ella hoje apenas se vê a base, porque foi derrubada pelos pastores ou por alguma faisca electrica.

—

O dicto *Cantaro* é effectivamente uma especie de pyramide colossal e redonda no topo, ou no gargalo, e na parte exterior que olha para N.E. ou para o *Cantaro Gordo* e *Nave da Candieira*; não é porem formado *de rochedos, collocados uns sobre outros*, mas por um rochedo maciço, enorme, compacto que, visto—não de frente, mas de perfil, da base do *Cantaro Raso* ou da *Risca do Covão do Boi*, como nós o vimos, tem a fórma de um cantaro da Beira, com barriga e gargalo,—e na face exterior da grande barriga tem uma especie de *carranca* enorme, bem pronunciada, olhando para o *Cantaro Gordo* e para a *Nave da Candieira*, o que tudo nós apontámos e indicámos aos vogaes da *Expedição*, que nos acompanhavam, e todos foram acordes.

«Não é accessivel por parte nenhuma e tem muitas cavernas»—disse o meu benemerito antecessor, fiado nos que o precederam; mas isto é menos exacto.

---

[1] Vale hoje mais de *seiscentos contos de réis!*...
V. *Gouveia* e *Villa Nova de Tazem* n'este diccionario e no supplemento.

[2] O viajar e passeiar foi sempre a nossa paixão dominante e, apesar de serem limitadas as nossas rendas, já cruzámos em todas as direcções o nosso paiz e visitámos todas as nossas cidades, exceptuando unicamente duas:—*Castello Branco* e *Covilhã*.
Tambem já transposemos a fronteira e pisámos terreno hespanhol muitas vezes—e em 1880 fomos até Paris.
Se tivessemos as rendas que os abbades de Lobrigos tiveram outr'ora, iriamos *muito mais longe!*...
V. *Lobrigos*, tomo 3.º pag. 432, col. 2.ª

Neenhum dos *Cantaros* tem cavernas e todos são accessiveis.

O *Cantaro Raso* é um penhasco enorme, aprumado sobre a *Rua das Roseiras*, bem como o *Cantaro Magro*, seu visinho e distante aproximadamente 100 metros para N.O., olhando tambem para o *Cantaro Gordo* e *Nave da Candieira.* D'este lado é realmente inaccessivel, mas termina em um *plató* ou grande mesa, francamente accessivel do lado superior, opposto á rua das *Roseiras*, ou lado O., pelo *Covão do Boi*, que demora na rectaguarda d'elle. Este *covão* é um dos mais interessantes e mais notaveis da serra, como logo provaremos, e d'elle parte um caminho (carreiro de cabras diabolico!) denominado *Risca do Covão do Boi*, que vae encostado ao *Cantaro Raso* e é a unica passagem d'este *Cantaro* e do *Cantaro Magro*, seu visinho, para a *Rua das Roseiras*, valle profundo, que separa estes dois *Cantaros* do *Cantaro Gordo*, que se ergue na outra margem (esquerda ou N.E.) do dicto valle, ravina medonha!...

—

O *Cantaro Magro* é accessivel, embora com difficuldade, por um carreiro que, partindo da rua dos *Mercadores*, a S. ou do lado do *Cantaro Raso*, o contorna pelo alto da grande barriga; passa a prumo sobre a *Calçada do Inferno* e rua das *Roseiras*,[1] e vae subindo em espiral até o cume ou mesa superior do gargalo, onde esteve a pyramide geodesica, mencionada supra.

O dicto carreiro é medonho, mas por elle subiram differentes vogaes da *Expedição*, quando nós por ali andámos com elles, no dia 5 d'agosto de 1881, se bem nos recordamos,—e pelo mesmo carreiro muito antes haviam subido os engenheiros e operarios que fizeram a pyramide, retocando-o e concentando-o por essa occasião.

[1] Veja-se o topico infra—*Sitios mais notaveis da serra.*

O *Cantaro Gordo*, é uma especie de promontorio, muito estreito, muito escarpado e muito alto,[1] que termina em linha horisontal; prolonga-se de N.O. a S.E.—e divide o *valle dos Cantaros*, ou *rua da Roseira*, do valle ou *Nave da Candieira*, sendo medonha, altissima e com pendor abrupto a cabeça que olha para a juncção dos dois profundos valles.

É accessivel do lado N. O. por uma vereda informe ou *risca*, aberta em rocha nua e que passa a montante e a prumo sobre a *lagoa dos Cantaros* ou da *Salgadeira*, assim denominada, porque as ovelhas que ali passam por vezes se despenham e vão cair e morrer na dicta lagôa.

E' pois muito difficil e muito perigoso o accesso por este lado—e mais difficil e mais perigoso ainda pelo lado opposto,—a pendente S. E.; cabe-nos porem a *gloria* de termos subido *sem guias* a este medonho Cantaro pela pendente S. E. na memoravel *noite* de 10 d'agosto de 1881, chegando ao altissimo e estreito cume em forma de gume, *ás 11 horas da noite*, com os nossos bons amigos e vogaes da Expedição—Antonio Lopes Mendes e Joaquim Pedro de Freitas Castel-Branco; mas não nos foi possivel descer e ali ficámos prisioneiros, conversando com as estrellas da *Estrella*, até que os outros vogaes dà *Expedição* foram com 2 guias salvar-nos.

Descemos pelo lado opposto (N.O.) a prumo sobre a dicta lagôa da *Salgadeira, á meia noite* do mencionado dia, como logo mais detalhadamente contaremos *ad perpetuam rei memoriam.*

—

No art. *Estrella* disse tambem o meu antecessor:

«O *Cantaro Gordo* é uma montanha de

[1] Não tem cota nos mappas geodesicos, mas a sua altitude deve ser aproximadamente a do *Cantaro Magro*—1926 metros.

rochedos cortados perpendicularmente pelo lado N., mas pelo S. se estende pelo cume da serra. Apesar da permanente camada de neve que o cobre, tornando perigoso o seu ingresso, alguns curiosos atrevidos aqui teem subido pelo S. para admirarem a medonha profundidade do corte do norte.»

Confundiu o *Cantaro Gordo* com o *Cantaro Magro*.

Não consta que forasteiro algum subisse ao Cantaro Gordo antes de nós.—*nem mesmo de dia*—e menos ainda de *noite*, como nós subimos e descemos.

Este *Cantaro* e os outros dois, bem como toda a região dos *Cantaros*, da *Torre* e das *Lagôas*, estão grande parte do anno cobertos de neve, mas não *permanentemente*. Em agosto de 1881, por exemplo, não havia neve alguma em toda a grande serra.

—

O meu antecessor, *loc. cit.* diz tambem:—«O alto da serra é arido, pedregoso e desabrido, e apenas onde ha terra vegetal se vê alguma planta rasteira e poucos e enfesados carvalhos...»

Outr'ora e ainda nos principios d'este seculo grande parte da serra da *Estrella*, propriamente dicta, foi arborisada. Ainda vive em Gouveia uma senhora — D. Clara Rita d'Almeida Rainha,[1] mãe do nosso bom amigo dr. Julio Rainha, mencionado supra,—a qual nos disse que, por occasião da guerra peninsular, ella com a sua familia e outras pessoas e familias de Gouveia fugiram para dentro da serra (imitaram os antigos lusitanos!...) e que ali estiveram alguns dias em uma *grande matta de carvalhos*; mas hoje a serra da Estrella *propriamente dicta*, a cavalleiro das muitas povoações que a bordam, *está completamente nua*. Apenas se vêem alguns troncos dos antigos carvalhos dentro da serra junto de *Videmonte*, concelho da Guarda, no caminho (?) da Guarda por Videmonte para Linhares, Folgosinho e Manteigas. Denominam-se *Os sete carvalhos juntos* e respeitam-nos como balisas para orientação dos viandantes no tempo das neves, como já dissemos no art. *Vide Monte*, vol. 10.° pag. 655, col. 1.ª

Supprem os marcos ou monticulos de pedras soltas, que os pastores erguem ao longo da serra no verão, para se orientarem no inverno.

A desnudação da serra é tal que, mesmo nas grandes povoações que a bordam, como em Gouveia e outras, o combustivel é caro e, se os habitantes ricos semeiam pinheiraes nas abas da serra, o povo insurge-se e destroe-os, como já succedeu em Gouveia; as coisas porem felizmente vão mudar, porque o nosso governo em 1887 reorganisou os serviços florestaes e mandou arborisar todas as nossas estradas a macadam, as dunas do littoral e as serras da *Estrella* e do *Gerez*. N'ellas está fazendo grandes plantações e sementeiras d'arvores apropriadas ao chão e ao clima.[1]

—

No alto da serra da *Estrella*, ou na região dos *Cantaros*, da *Torre* e das *Lagôas*, não vimos um carvalho ou outra qualquer arvore, exceptuando unicamente algumas *betulas* rarissimas, no valle da *Candieira*. O que por ali abunda é o zimbro ou *junipero*, enfesado e collado aos penedos, revestindo-os, ou em grupos isolados e arredondados, semelhando alecrim do norte aparado com thesoura. Tem folhas asperas e agudas que picam, e produz baga, de que se faz genebra. A haste é dura e muito angulosa; não alteia nem forma vergonteas lisas; é toda em zigzagues e angulos rectos e agudos. Não nos foi possivel encontrar uma haste de metro lisa, que servisse para bengala.

O zimbro encontra-se em toda a serra,

---

[1] Conta cerca de 100 annos.

[1] Este e outros grandes melhoramentos do nosso paiz devem se á fecunda iniciativa do sr. Emygdio Navarro, ministro das obras publicas. Logo fallaremos de s. ex.ª, porque tem o seu nome vinculado á serra da *Estrella*

mesmo no alto dos Cantaros, excepto no *Malhão da Estrella* ou no *plató da Torre*. Por ser o ponto mais alto e culminante da serra, desabrigado de todos os quadrantes, ali não ha vegetação alguma, nem sequer o *nardo* ou *gervum*, relva mimosissima e lindissima, que parece a relva dos nossos jardins. No verão cobre toda a serra e dá magnifica pastagem para o gado, pelo que os pastores das diversas freguezias e dos concelhos das abas da serra ali por vezes travam grandes desordens por causa dos pastos. Tem havido até por causa d'elles grandes demandas, uma das quaes, entre os concelhos de Gouveia e Manteigas, depois de grandes bulhas e muita pancadaria, terminou d'um modo curioso:—A camara de Manteigas foi obrigada por sentença a ir todos os annos *incorporada*, depois de soar a meia noite da vespera de S. João, colher um *copo d'agua* na fonte de S. Pedro d'aquella villa e a mandal-o com 240 réis por um pastor á camara da villa de Gouveia, distante bons 15 kilometros na outra pendente da serra,—devendo ali ser tudo entregue *antes de nascer o sol?!...*

—

A curiosa sentença foi dada ha seculos e ainda hoje se cumpre.

Isto é um facto que eu proprio verifiquei na villa de Manteigas, quando ali estive e visitei a tal fonte de *S. Pedro*,—e na villa de Gouveia, onde tenho estado muitas vezes e folheado o seu archivo todo.[1] O que eu não acredito é que a camara de Gouveia jamais recebesse agua da tal fonte de *S. Pedro de Manteigas*, porque o pastor, atravessando *só e de noite* 15 kilometros de serra, toda cheia d'agua perfeitamente igual (atravessa inclusivamente o Mondego)—por certo que leva o copo vasio e, para satisfazer ao mandato, enche-o na fonte mais proxima de Gouveia,—villa muito abundante d'excellente agua potavel e de rega.

Mais ainda:—Em virtude de novas demarcações e novas partilhas dos montados, feitas em 1848 com assistencia das duas camaras e do governador civil da Guarda, a camara de Manteigas paga desde então 1$200 réis todos os annos tambem á camara de Gouveia.

De passagem diremos que hoje a villa de Manteigas cria mais gado do que a *villa* de Gouveia, porque hoje esta villa é, depois da Covilhã, Porto e Lisboa, a povoação mais industrial do nosso paiz.[1] Tem a villa e o concelho 28 fabricas de lanificios?!... Alem d'isso o concelho de Gouveia é muito mais populoso, mais vasto, mais plano e mais fertil do que o de Manteigas e tambem cria *muito gado*.

O concelho de Gouveia tem 23 freguezias com 5500 fogos e cerca de 24:000 habitantes. Só a villa tem hoje mais de 700 fogos e de 3:000 almas,—em quanto que o concelho de Manteigas comprehende apenas 3 freguezias, que pelo ultimo recenseamento contavam 784 fogos e 3:325 habitantes:—nas duas parochias da villa 688 fogos e 2:953 habitantes—e na pequena freguezia do Sameiro 96 fogos e 372 habitantes. E a população não será hoje muito maior, porque o ultimo recenseamento foi feito em 1878 e depois d'elle (nos annos de 1881, 1882 e 1883) uma medonha epidemia de typhos matou na villa cerca de 200 pessoas! Só adultos 157.[2]

---

[1] D'elle extrahi parte do que se lê no art. *Vallezim* e nos folhetins que publiquei no *Commercio Portuguez* com relação a Gouveia,—folhetins que aproveitarei no supplemento a este diccionario, se elle estiver ainda então a nosso cargo.

[1] V. *Gouveia* e *Villa Nova de Tazem* n'este diccionario e no supplemento.

[2] Matou tambem alguns facultativos, pelo que nenhum queria abeirar-se d'aquelle medonho fóco d'infecção. Em tão negra conjunctura immortalisou-se o dr. Francisco Maria da Cruz Sobral e Vasconcellos, então cirurgião militar na Guarda, filho do general de divisão Francisco Maria Melquiades da Cruz Sobral, de quem já se fallou no art. *Vianna do Castello*, tomo 10.° pag. 410 e segg.

A villa de Manteigas tambem tem no *Zezere* 8 fabricas de lanificios: — 1 (é a mais importante) de Joaquim Pereira de Mattos e Cunha; 2 de Manoel Pereira de Mattos; 1 de João Abrantes Martins da Cunha e socios; 1 de Manoel Francisco Serra e socios; 1 de José Duarte Quaresma; 1 de Antonio Martins Botelho—e 1 de Antonio Craveiro Rabaça e socios.

Tem mais 13 moinhos e algumas *moinhelas* (?) 7 pisões no *Zezere* e 4 no ribeiro das *Fornéas*, que morre no *Zezere* ou antes no ribeiro das *Carvalheiras*, a jusante da villa e da capella de *Santo Antonio*, que demora na margem direita do *Zezere*, junto da *Ponte Longa*, assim denominada por antiphrase, pois, como já dissemos, é uma ponte de pau, a mais insignificante do *Zezere*.

As lagôas

«No alto da serra e *perto* da villa de Manteigas—disse tambem o meu antecessor no citado art. *Estrella*—ha *um plató com dois lagos*, um de 1 kilometro de circumferencia e chamado *Lagôa Escura* (diz-se que se lhe não acha fundo) e outro mais pequeno chamado *Lagoa Comprida*.

«Tem mais as lagoas *Sêcca* e *Redonda*. A lagoa *Sêcca* é assim chamada, porque, tendo pouca profundidade, sécca de verão, pastando o gado no seu leito. Da *Redonda* nasce o rio Alva. Tem esta lagôa 616 metros de circumferencia e 5 *de profundidade*.

«A *Escura* tem as bordas formadas de rochedos altos e denegridos: o excedente d'esta lagôa corre para a lagôa *Comprida* e dá tambem forte manancial ao Alva.

«Tambem ha n'esta serra as lagôas de Manteigas, que ficam *proximo da villa d'este nome*. São ellas que dão origem ao Zezere.

«A terra que rodeia estes lagos sente-se tremer, quando se anda sobre ella. É denegrida e arida: apenas aqui se vêem *dois robustos carvalhos e nada mais de vegetação*.

«Suas aguas *sobem e descem*, sem se poder atinar com a causa d'este phenomeno.

«Não ha n'elles *cousa viva*.

«Quando *embravecem* (sem tambem se saber porque!) seu *horroroso estampido* adverte os pastores de *tempestade proxima*.

«O cume d'esta serra está *constantemente coberto de neve*.»

—

Effectivamente ha na serra da Estrella 6 lagôas divididas em 3 grupos. O 1.° (a partir da *Torre da Estrella*) comprehende a lagôa dos *Cantaros*, ou da *Salgadeira*, e a do *Paxão*; — o 2.° comprehende as lagôas *Escura* e *Comprida*;—o 3.° as lagôas *Redonda* e *Secca*.

A lagôa da *Salgadeira* demora na raiz do *Cantaro Gordo*, lado N., e dista da *Torre* cerca de 2 kilometros para E.N.E.

A lagôa do *Paxão* demora no alto da *Nave da Candieira* (margem direita) junto do *Poio do Passarão*, a jusante d'elle e do *Chafariz d'El-Rei*, cujas aguas recebe,—e dista da *Torre* cerca de 3 kil. para N.N.E.

A agua d'estas duas lagôas corre pela *Nave da Candieira* para o Zezere.

A lagôa *Escura* demora em uma caldeirá d'aspero e medonho fragoêdo; é mais redonda do que a lagoa denominada *Redonda* —e dista da *Torre* cerca de 5 kil. para N.N.O.

A lagôa *Comprida* demora a jusante da lagôa *Escura*, cujas aguas recebe;—distará d'ella 1 kilometro para N.O.—e da *Torre* 6 kil. para N.N.O.

A lagôa *Redonda* demora junto do *Covão do Urso*, na margem esquerda da ribeira do Sabugueiro, confluente e uma das nascentes do Alva,—e dista da Torre cerca de 8 kil. para N.N.O.

A lagôa *Sêcca* demora em um planalto de 1642 metros d'altitude, 2 kil. a O. da lagôa

---

O benemerito e arrojado mancebo—com risco da propria vida — foi muito generosa e espontaneamente tractar os doentes todos até findar a epidemia, pelo que o nosso governo o condecorou e, fallecendo alguns annos depois na Guarda, os seus amigos e admiradores lhe erigiram um mausoleu monumental.

Redonda, 3 a N.N.E. da lagôa *Comprida* e 8 a N. da Torre.

—

Todas estas lagôas demoram no termo do concelho de Manteigas, mas distam bastante da villa.—A *Redonda* 7 kilometros, a *Secca* 8, a *Comprida* e a *Escura* 10, todas para S.O.;—a do *Paxão* 8 e a da *Salgadeira* 10 para S.S.O.; note-se porém que todas estas distancias são computadas *em recta* sobre os mappas da commissão geodesica. — O percurso real póde computar-se *no dobro*, attendendo á sinuosidade e escabrosidade da montanha e nomeadamente ás grandes voltas que dá o caminho por onde se sobe da villa de Manteigas para a serra — e do planalto da serra para as lagôas dos *Cantaros*, que dão origem ao Zezere, pelo que estas duas lagôas, longe de serem as *mais proximas* da villa de Manteigas, como disse o meu benemerito antecessor, são as *mais distantes*.

As mais proximas d'aquella villa são as do 3.º grupo:—lagôa *Redonda* e lagôa *Secca* —e tanto estas, como as do 2.º grupo:—lagôa *Escura* e lagôa *Comprida*, todas 4 desaguam no *Alva*.

A lagôa *Secca* effectivamente sécca no verão e fica transformada em uma patameira, como nós a vimos, quando em agosto de 1881 ali passámos e n'ella passeiámos, indo do acampamento da Expedição para Ceia pelo *Sabugueiro*, povoação que demora na margem direita do *Alva* e dista da mencionada lagôa pouco mais de 3 kilometros em recta para N. [1]

—

Todas as outras lagôas tendem a *soriar-se* ou *assoriar-se*,[2] principalmente a *Comprida* e a do *Paxão*, e por certo já estariam *sêccas*, tambem, se fosse movida e agricultada a superficie da serra. Suppõe-se até que alguns *covões* da Estrella foram antigamente *lagôas*; mas na actualidade todas, mesmo na estiagem, exceptuando a lagôa *Sêcca*, ainda são bastante fundas.

Se bem me recordo, as sondagens feitas pela *Expedição* encontraram na lagôa *Comprida* 13 metros de profundidade—e na *Escura* 17.

Nós assistimos ás sondagens d'estas duas lagoas e atravessámos a *Comprida* em um dos barcos de lôna, que a *Expedição* levou de Lisboa para aquelle fim.

Na opinião do sr. Emygdio Navarro, segundo se lê no seu formoso livro—*Quatro dias na serra da Estrella*,—a lagôa do *Paxão* é a mais imponente e mais interessante, mas nós visitámol-a detidamente duas vezes; passeámos em volta d'ella; estivemos no *curuto* (?) do grande penhasco—*Poio do Passarão*, que domina perfeitamente não só a dicta lagôa, mas toda a *Nave da Candieira* e grande parte da região dos *Cantaros*, etc. e damos preferencia á lagôa *Escura* na *estiagem*, pois é muito maior e realmente de aspecto sombrio, *escuro*, por estar em uma grande caldeira com altos bordos de fragoedo nú, e por ser de todas as lagôas a que tem mais profundidade talvez.

—

No inverno a maior e mais imponente é sem contestação a lagôa *Comprida*, pois quando trasborda com o desgelo e chuvas deve ter 1:500 metros de comprimento e 200 a 300 metros de largura em alguns pontos,[1] mas, como está em sitio fundo e recebe detrictos das encostas superiores, tem *soriado* — e no verão, como nós vimos, grande parte do seu leito fica enxuto, formando um

---

[1] A dicta povoação está dentro da serra, mas em sitio fundo e muito quente no verão, não é porem tão fundo, tão quente, tão abafado, tão mimoso e tão fertil como o chão da villa de Manteigas.

[2] O termo é usado e proprio, mas não se encontra nos diccionarios.

[1] A lagôa *Escura* deve ter aproximadamente 100 metros de diametro — e de circumferencia 300, pois é quasi redonda. A lagôa do *Paxão* é muito mais pequena.

arrelvado mimosissimo de *gervum* e outras plantas aquaticas, que dão magnifica pastagem para o gado. Ainda assim a fita d'agua que serpeia d'um modo caprichoso atravez do grande estendal de *gervum*, terá 1 kilometro de comprimento e em alguns sitios 40 a 50 metros de largura, mas em outros apenas terá de largura 8 a 10 metros e, passados alguns annos, esses pontaes tocar-se-hão,—a lagôa ficará muito reduzida — e por ultimo transformada em um grande *covão* ou *nave*, como os outros *covões* da Estrella, *hoje* completamente rasos, seccos, enxutos.

—

A agua de todas as lagôas, inclusivamente a da lagôa *Escura*, é como a de toda a serra,—limpida e transparente. Parece agua distillada. É saborosa, muito fresca e potavel, mas, como em rasão da altitude não tem os saes proprios da agua commum, sacia momentaneamente a séde, como o gelo, passados porem alguns instantes, apenas o corpo volve ao seu estado normal de calor, volve tambem a séde.

Bebe-se com muito prazer e ainda hoje temos saudades d'ella, mas produz o effeito de um laxante, como nos succedeu e a todos os expedicionarios, em quanto estivemos na serra; terminou porem o ligeiro incommodo apenas nos afastámos.

Nenhuma das lagôas na estiagem trasborda. Pelo contrario o seu volume d'agua diminue, pois não teem nascentes proprias que compensem o dispendio da evaporação. Na lagôa *Escura*, por exemplo, quando ali estivemos em agosto de 1881, notava-se na superficie um rebaixamento de cerca de 1 metro—e a agua estava tepida, como temperada para banho, pelo que n'ella se banharam e nadaram alguns dos expedicionarios e um d'elles — o sr. Alberto Julio de Brito e Cunha, tenente de artilheria,—n'ella ia morrendo afogado!....

As coisas passaram-se assim:

—

Constando que os expedicionarios se abeiravam das lagôas sem susto, despresando as medonhas lendas que as cercavam,[1] no dia destinado para a sondagem affluiram muitas pessoas dos povos circumvisinhos e entre ellas 5 valentes moços de Manteigas que, apenas viram na lagôa *Escura* os expedicionarios rindo e folgando e um barco de lona boiando, encheram-se de coragem,—despiram-se e atravessaram a lagôa nadando, sendo ruidosamente acclamados e victoriados.

Os moços ficaram contentissimos, como se houvessem atravessado os Dardanellos, a Mancha ou o Mediterraneo e, apenas respiraram e se viram a salvo em terra com assombro d'elles proprios e dos montanhezes todos,—cobraram novo animo,—lançaram-se outra vez á agua—e repetiram a travessia.

O tenente Brito e Cunha, estando cheio de calor e vendo a agua tão tepida, tão limpida e tão serena, despiu-se, — foi banhar-se,[2] e como soubesse nadar, tentou atravessar tambem a lagôa, o que julgou muito facil, porque ella, como já dissemos, apenas terá de diametro 100 metros; sendo porem muito franzino e a agua completamente estagnada e *morta*, muito mais difficil de cortar e atravessar do que a dos rios, a certa distancia faltaram-lhe as forças e, vendo-se só, —succumbiu! Todos os que estavam em volta tractaram de o animar; elle perguntou se já iria a meio da lagôa; disseram-lhe que não; mais esmoreceu e retrocedeu.

Era já muito visivel o cançaço e todos receiavam por elle. Atiraram-lhe boias de

---

[1] Desde tempos muito remotos vogava na serra e *fóra da serra* a convicção de que as lagôas tinham grandes sorvedouros e communicação com o mar,—que se embraveciam quando o mar se embravecia tambem,—que n'ellas se havia encontrado fragmentos e mastros de navios, etc., etc. pelo que ninguem se atrevia a banhar-se e nadar nas pacificas lagôas.

Veja-se o art. *Estrella* e os *Relatorios* da *Expedição*, nomeadamente o da secção *Ethnographica*.

[2] Elle tambem já na vespera havia tomado banho na lagôa do *Paxão*.

salvação, mas ficaram distantes e o moço estava prestes a sumir-se na voragem,[1] quando um dos intrepidos nadadores, que haviam feito a travessia, atirou comsigo á agua rapidamente, mesmo vestido como estava,—lançou-lhe a mão e salvou-o!

Deve pois a vida ao intrepido e valente filho de Manteigas,—*Carlos Baptista Leitão.*

O sr. Emygdio Navarro (desculpe s. ex.ª) foi menos justo para com os ditos moços de Manteigas, pois no seu formoso livro, pag. 110, contou o facto do modo seguinte:

«Cinco ou seis dos membros da Expedição saltaram dentro da lagôa, esbracejando n'ella a nado, como no mais pacifico tanque. Alguns serranos mais ousados, querendo pimponear em coragem, imitaram o exemplo. Mas—ó força da superticiosa lenda!—algumas braças nadadas, um d'esses valentes desatou a berrar desentoadamente, pedindo soccorro, e foi empurrado para fóra, pallido como um defunto. O pobre homem jurava por todos os santos e santas da côrte do ceu, que a meio da lagôa um dos taes monstros mysteriosos lhe puxára por uma perna para o arrastar comsigo, custando-lhe a ver-se livre d'elle!...»

O sr. Emygdio Navarro propoz-se escrever e escreveu folhetins, não historia, e por isso de quando em quando phantasiou.

Os moços de Manteigas atravessaram 2 vezes a *lagoa Escura*—rindo e folgando—e *nenhum* vogal da *Expedição* os imitou e a atravessou a nadar. Apenas tentou a travessia o tenente Cunha, mas não chegou ao meio da lagôa e, se o tal moço de Manteigas lhe não acudisse—*lá ficava!*...

—

Em volta d'esta lagoa e de todas as outras apenas se vê o zimbro e o *nardo* ou *gervum*, e nas margens da lagôa *Comprida* algumas plantas aquaticas. Não ha vestigios nem memoria dos 2 *robustos carvalhos* mencionados pelo meu antecessor,—nem de arvore de especie alguma na região das lagôas e dos Cantaros, alem d'algumas *betulas* ao fundo da nave da *Candieira.*

Tambem na região dos *Cantaros* e das *lagôas* não ha vestigios de cultura alguma. Apenas vimos a jusante semear centeio na 1.ª quinzena d'agosto em algumas quebradas da serra, e isto em cultura alternada, pois em outros pontos ainda estavam a segar e colher o pão semeado no anno antecedente.

Não ha tambem na serra da Estrella *propriamente dicta* vestigios de casas ou habitações, nem de occupação, embora muito remota,—nem de grutas ou cavernas. Apenas de longe em longe se vêem algumas choupanas microscopicas de pedras soltas, feitas pelos pastores, para se abrigarem do sol no verão—e alguns pequenos pilares de pedras soltas tambem, ao longo das veredas da serra, para se orientarem os viandantes, quando a neve os surprehende.

Ha tambem na serra de longe em longe *arcas de pão.* Assim se denominam certas cavidades ou fendas que ha nas rochas, onde os pastores guardam o pão para elles e para os seus criados e cães, tapando as dictas fendas com pedras.

Nas lagôas não ha *coisa viva,*—diz o meu antecessor no art. *Estrella,*—e em parte assim é, não por ser mortifera a agua das lagôas, mas por estarem grande parte do anno cobertas de gelo; comtudo nós vimos saltar pequenas cobras para as lagôas *Escura* e do *Paxão.*

Tambem vimos na parte mais alta da serra, mesmo na região dos *Cantaros e das lagôas*, muitas perdizes, aguias e andorinhas, —as perdizes nas quebradas — e as andorinhas e aguias revoando, principalmente no *Cantaro Magro.* Ainda conservamos algumas pennas d'aguias, que d'ali trouxemos.

Tambem conservamos o chocalho de uma ovelha que os lobos haviam devorado na noite antecedente do dia em que nós o encontrámos, ainda com restos da pelle do pescoço da pobre ovelha, indo nós da lagôa

---

[1] O pendor abrupto das margens da lagôa vae até o fundo d'ella e não tem baixios.

do Paxão para o acampamento com o nosso bom amigo Lopes Mendes.

O sr. *Emygdio Navarro*, no seu formoso livro citado supra, diz que na serra da Estrella já não ha lobos.

Isto é menos exacto,—desculpe s. ex.ª—pois o dicto chocalho é prova affirmativa.

Nós não os lobrigámos nem a Expedição pôde obter algum, mas os pastores eram unanimes em affirmar que na serra havia lobos—e que todos os dias registravam a falta de ovelhas devoradas por elles.

De dia estão escondidos nas fendas dos penhascos:—de noite saem dos dictos recessos e vão bater monte em cata de presas. Dão-se por satisfeitos se encontram alguma ovelha desgarrada; não a encontrando, approximam-se dos rebanhos e, como estes são numerosos, não lhes é difficil apanhar uma ovelha ou outra, sem serem presentidos pelos cães e pastores; mas ai d'elles, se os pastores e cães os presentem!...

—

Note-se que durante o inverno os pastores costumam ir da serra da Estrella com o gado para as terras mais amenas da Beira Alta e Baixa, para o Alemtejo e para os campos de Coimbra, mas no verão sobem com elle para a serra em bandos de 1:000 a 2:000 cabeças—e mais! Na serra durante os mezes de junho, julho e agosto se encontram 20 a 30 mil cabeças de gado lanigero.

Os diversos bandos não são dos homens que os pastoream. Ha nas differentes terras individuos denominados *maioraes* que, mediante a remuneração de 20 réis por cabeça e por mez, se incumbem de levar o gado para a serra, e para a guarda d'elle tomam criados e cães, na proporção do numero de cabeças.

Nós vimos um rebanho de 2:000 ovelhas com 5 pastores e 5 valentes cães de raça propria, armados com grandes colleiras de ferro, crivadas de puas, para luctarem com os lobos, pois estes costumam filar os cães pelo pescoço e, encontrando as colleiras com as puas, ficam de mau partido. Os cães não os poupam;—acodem logo os criados, sempre novos e valentes, armados de paus e pistolas,—e os lobos teem de fugir, sendo perseguidos pelos cães até grande distancia. Raras vezes se expoem á montaria, porque sabem a sorte que os espera!... Contentam-se pois com as ovelhas que encontram desgarradas pelos penhascos, ou desertas e mais afastadas dos rebanhos, pois estes, quando são numerosos, occupam uma area muito extensa.

O alimento ordinario dos cães e dos pastores é broa de centeio e leite de cabra, pelo que trazem sempre nos rebanhos de ovelhas e carneiros, algumas cabras. Fervem o leite em caldeiras de cobre e d'ali o comem com umas colheres denominadas *cocharras*,[1] feitas de pontas de boi ou de carneiro, por vezes muito ornamentadas.

Nós comprámos aos pastores algumas muito bonitas e um copo ou merendeira de ponta de boi, com desenhos curiosos, entre elles um navio, uma custodia e a genciana com a flor propria,[2]—diziam elles, pois o desenho era incorrectissimo.

---

[1] Aos cães lançam o leite nas cavidades das rochas ou em covas que abrem na terra; os cães d'ali o comem e nutrem mais, quando é lançado na terra, pois costumam comer com o leite a terra humedecida por elle.

[2] A *genciana* é uma planta medicinal, que se encontra no alto da serra, nomeadamente nos *Cantaros* e no valle da *Argenteira*, assim denominado por ter muita *genciana*, a que os pastores dão o nome de *argenciana* ou *argenteira*.

A *genciana* foi assim chamada, porque *Gencio*, rei dos Illirios ou Esclavões, foi o primeiro que usou d'ella.

Nasce nos montes e logares humidos; o seu talo é ôco e liso, da grossura de um dedo; a sua flor é amarella e recortada em quatro ou cinco partes e dá semente chata. As suas raizes são tambem amarellas e muito amargosas—e as folhas teem alguma semelhança com as do *Elleboro* ou da *Tanchagem*.

«A raiz da genciana he attenuante, aperitiva, alexipharmaca, sudorifica; mata as lombrigas; resiste ao veneno; he boa contra as mordeduras dos cães damnados; provoca a

Cruzes toscas de madeira lindissimas

Tambem os pastores do Jarmello, concelho da Guarda, a N. da serra da Estrella, fazem cruzes de salgueiro muito vistosas, muito apparatosas e tão engenhosas, que envergonham e confundem os grandes artistas!

Costumam ter 0m,60 d'altura e 0m,30 de largura nos braços; são formadas por 2 paus a toda a altura d'ellas e outros 2 com a largura dos braços, todos caprichosamente ornamentados com muitos pausinhos mais pequenos e *uniformes*, ordinariamente 216 ao todo,[1] e todos tão bem travados e tão engenhosamente engastalhados, que ficam firmes sem pregos nem colla e é *impossivel* desarmar as dictas cruzes sem as quebrar!

Parece mesmo impossivel o construil-as!.

Nós já obtivemos 6, mas conservamos apenas uma. As outras distribuimol-as por differentes pessoas das nossas relações e pelos museus do Porto, onde podem ver-se.

Tambem mandámos uma á exposição de Paris de 1878.

O desenho é muito agradavel e correcto, —e a construcção tão engenhosa, que nenhum dos primeiros artistas do Porto, aos quaes nós as mostrámos, se atreveu a imital-as?!...

Os pastores levam-nas ás feiras e romarias e costumam vendel-as a 500 réis cada uma. Assim comprámos a 1.ª a um ermitão do santuario de *Nossa Senhora das Fontes*, junto de Pinhel, mas pouco depois nos offereceram por ella no caminho do Porto réis 4$500.

Comprámos as outras a 1$000 réis.

Não conhecemos trabalho de pastores tão difficil e de tanto merecimento—e *até hoje* não comprehendemos nem attingimos o segredo da tal construcção.

Se um dia volvermos á Guarda, tencionamos ir ao Jarmello *de proposito*, para vermos fazer as taes cruzinhas.

—

A agua das lagôas na estiagem é completamente morta, serena e tranquilla, como já dissemos. Não *sobe nem desce*, como as marés, nem com ellas tem relação alguma. É pois completamente infundado o que a tal respeito disseram o meu antecessor e outros.

Apenas baixam com a evaporação, como tambem já dissemos,—e sobem e trasbordam no inverno com o desgelo e chuvas.

O terreno em alguns sitios junto d'ellas treme quando se pisa, mas o mesmo facto se nota em *toda a serra*, nos chãos onde ha humus e abundancia de *nardo*, porque as raizes d'esta planta, por não ser o chão lavrado, formam um grande maciço—e o desgêlo da agua que se introduz na terra forma cavidades inferiores, algumas perigosas, deixando a superficie suspensa no enraizamento do nardo ou *gervum*, pelo que no verão se torna elastica, imitando um sofá de molas. Sente-se até prazer em rolar o corpo sobre os dictos chãos arrelvados.

A isto se reduz o *grande phenomeno* de tremer e oscillar a terra em volta das innocentes lagôas, tão calumniadas *até hoje*.

Os ribombos que se lhes attribuem, como prenuncio das tempestades no inverno, são igualmente calumniosos. Não teem fundamento algum, alem da imaginação do povo e mesmo de *gente illustrada*. Um cavalheiro respeitabilissimo affirmou-me que em *Pinhel*, cidade distante mais de 60 kilometros, *elle ouvira* os taes ribombos das lagôas *muitas vezes*, como detonação de artilheria colossal?!...

«O cume da serra está *constantemente* coberto de neve.» — disse tambem no citado art. *Estrella* o meu antecessor, fiado nos que o precederam.

---

urina; lança fóra as febres intermittentes, etc.»—diz *Bluteau*.

Applica-se interior e exteriormente e consta que ha annos um pobre pastor, andando a colhel-a no *Cantaro Raso*, despenhou-se e lá morreu!...

[1] No relatorio de *Archeologia*, da Expedição de 1881, a pag. 25 póde ver-se o desenho de um dos dictos paus ou gastalhos, mas por elle mal se imagina o formato das cruzes e o segredo da construcção d'ellas.

É outra calumnia, pois nós estivemos ali 8 dias em agosto de 1881,—percorremos toda a região mais alta da *Estrella*, dos *Cantaros* e das *lagôas*—e não vimos neve alguma; sabemos porem que alguns annos ali se encontra neve em alguns sitios todo o verão, como encontrou em agosto de 1883 o sr. Emygdio Navarro, segundo se lê no seu formoso livro citado supra.

A pag. 127 e segg. diz o laureado escriptor:

—

«Os covões e ravinas proximos da *torre*, e especialmente os situados na região dos *cantaros*, estavam cheios de neve, formando vastas geleiras, d'onde escorria uma agua tão pura como fria.

....

«E já agora, para não sair do assumpto *geleiras*, darei conta das observações, que fizemos na grande geleira, que achámos perto do *Cantaro Magro*, e pela qual descemos. O desgêlo, nos rebordos, accusava uma profundidade de dois a tres metros; no centro era de muito maior altura... As infiltrações do desgelo seguem a inclinação das escarpas, e reunem-se n'um filete de agua, mais ou menos abundante, que se escôa pelo fundo da ravina, deixando rasgada na massa de neve uma caverna, que se prolonga por todo o comprimento da geleira. N'esta, de que fallo, o filete de agua era um verdadeiro riacho, e a caverna era de altura sufficiente para ser percorrida quasi toda de pé, com pequena curvatura de corpo.

«E que lindissima coisa essa caverna! Imagine o leitor uma galeria abobadada, talhada em jaspe, com voltas e archivoltas do mais puro estylo manuelino. Dir-se-ia que as abobadas do claustro dos *Jeronymos* foram copiadas de uma caverna de desgelo na serra da Estrella, ou em outra serra de neves demoradas. O que sobretudo mais nos espantou foi a regularidade d'essas curvas, graciosamente lançadas de supporte, umas contra as outras, e por onde as camadas superiores da neve gottejavam o pranto do seu desfallecimento, n'um murmurio suave, que o silencio profundo da serra tornava ainda mais doce e melancholico!

«Palavra de honra! Quando penso, que ha pessoas, que teem como uma delicia afogarem-se no pó insupportavel de Cintra para admirarem *la roche qui pleure*, uma fontinha a gottejar agua chilra, da quinta do sr. marquez de Vallada, ou as estatuas de gesso da galeria do sr. visconde de Monsarrate, e que essas pessoas qualificarão talvez de excentricidade e extravagancia pouco *chic* ou *pschutt* uma excursão á Serra da Estrella, dá-me vontade de pegar no *estadulho*, com que me condecoraram os meus confrades em jornalismo, e desancal-os de alto a baixo!

«Tremam de que eu venha a saber-lhes os nomes!»

—

O livro é todo assim cadente,—uma serie de mimosos folhetins, que foram publicados no *Correio da Noite*, jornal do auctor, antes de serem conglobados e dados á estampa em volume.

No cap. VII, pag. 71 e segg., fallando das nascentes do *Zezere*, do *Alva* e do *Mondego*, que nascem dentro da serra, *quasi do mesmo ponto*, mas tomando rumos differentes,[1] na sua maviosa linguagem diz o sr. Emygdio Navarro:

«Eis-nos na cumiada da serra de Gouveia. Parámos por alguns minutos a admirar o magestoso espectaculo, cavado e recortado diante dos nossos olhos. A alegria voltou aos nossos animos, e o vigor ás nossas pernas.

«...desciamos alegremente a encosta suave, que leva da cumiada da serra de Gouveia á concha das nascentes do Mondego.

«O valle d'este rio apresentava-se diante de nós, distinctamente traçado na serra, e

[1] Um pastor, indicando certo ponto da serra quando ali estivemos, disse:
«D'ali (desculpem a expressão) podiamos ourinar para os 3 rios.»

mais adiante, e parallelamente, o valle do *Zezere*, muito mais profundo, mais aspero, mais grandiosamente selvagem.

«O *Zezere* é o verdadeiro rio da serra da Estrella, como terei occasião de mostrar, quando lhe descrever as nascentes, guardadas, como sentinellas giganteas de um mundo de monstros mysteriosos, pelos dois *cantaros*. Nascentes dignas d'um rio como o Danubio, e como o *Zezere* o seria infallivelmente, se o Tejo, com perfidia castelhana, o não cortasse de meio a meio, em principios da carreira!

«O *Mondego* é um rio bonacheirão, que só por descuido foi posto na serra. Ainda assim, vê-se logo, que é um rio de chorões e salgueiraes. Em summa, um rio para misturar as suas aguas com as lagrimas da *linda Ignez*, e para banhar a *Lapa dos poetas*,[1] uma ridicula fraga, onde a geração academica do tempo do sr. Antonio de Serpa e Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro ia dedilhar lamurias no bandolim de Lamartine. Um rio piégas!

—

«Os dois rios nascem no prolongamento da mesma linha N–S. ou debaixo do mesmo meridiano, a 1° e 35′, segundo a carta da commissão geodesica. Na primeira parte do seu percurso correm ambos para leste, o *Zezere* inclinando muito accentuadamente para o norte, como se quizessem entrar por Hespanha, contrariando o regimen geral das aguas da peninsula. Em certa distancia descrevem uma curva, que no Mondego é mais completa, seguindo este para oeste, e o *Zezere* para o sul. A cabeça do *Mondego* vem por este modo a ser como que a cabeça de um enorme cajado de pastor, ou de um baculo, insignia de bispo, o qual é tambem *pastor ovium*. E aqui está a rasão, por que tendo-o nós atravessado, antes de chegarmos a Gouveia, da margem direita para a esquerda, no seguimento da mesma jornada o atravessámos da margem esquerda para a direita.[1]

«Estas informações podem não ser de todo ociosas, porque... as origens do *Mondego* são menos conhecidas, que as do Nilo e as do Zaire, hoje sabidas de toda a gente. Devo suppor que ellas são pouco conhecidas, porque em alguns compendios de chorographia, para uso das escolas, approvados pela junta superior de instrucção publica, leio que o *Mondego* nasce de *uma lagôa* na serra da Estrella; ora não ha lagoa alguma nas nascentes d'aquelle rio, nem perto d'ellas. As lagoas *redonda, comprida* e *escura*, vertem aguas, que effectivamente vão dar ao Mondego, mas a algumas desenas de legoas das nascentes do rio, despejando primeiro em alguns riachos e no *Alva*, que lá as levam como tributarios. Na propria carta da commissão geodesica, as origens do Mondego só muito imperfeitas e incompletamente veem indicadas. Não será, por isso fóra de proposito, dizer alguma coisa sobre o assumpto.

—

«A serra de Gouveia, a pouco mais de dois ou tres kilometros do alto da *Santinha*, faz uma curva, aberta para leste. Esse ramo da curva tem como ponto culminante o *Corgo das Mós*. É na lombada d'esse ramo, que está o observatorio meteorologico, e a *casa* de Cesar Henriques.[2] Essa curva fórma

---

[1] V. *Coimbra*.

[1] O auctor ia do Bussaco para o *Observatorio*, junto de Manteigas. Foi pela linha da Beira Alta até a estação de Mangualde; ali apeou-se e tomou o caminho de Gouveia, pelo que, antes de chegar a esta villa, atravessou na ponte *Palhez* o Mondego, que ali corre de N.E. a S.O.—e tornou a atravessal-o na serra, onde corre de S.O, a N.E. entre o *Observatorio* e Gouveia.

P. A. Ferreira.

[2] Está hoje tambem ali o *sanatorio*, do qual fallaremos adiante, no topico relativo á *Expedição*.

P. A. Ferreira.

como que uma concha, de pendores não muito asperos. São ahi as nascentes do *Mondego*, as quaes se reduzem a uns filetes d'agua, que se escôam pelos sulcos d'essa concha, como se foram os ramusculos venosos da concha da palma da mão. Nada, absolutamente nada de notavel: nem penedias bravias... nem grutas... nem barrancos...—Uma vulgaridade réles!

....

«Não é verdadeiramente o *Mondego*. A voz do povo tratou-o com o desdem, que elle merece. Na serra predominam os augmentativos, testemunho de que tudo ali é grandioso. Um enorme fraguedo é um *fragão*; uma ravina profundissima é um *covão* etc. Pois, por justo desdem, o Mondego é ali chamado o *Mondeguinho*. Bem feito!

....

«N'aquelle sitio ha uma ponte, formada por quatro troncos de carvalho; mas tão podres e carcomidos, que será de maior perigo atravessal-a, do que atravessar o riacho a vau, ainda quando elle vá inchado com o desgelo subito das neves.[1]

«N'esse ponto um phenomeno, que depois vi generalisado por muitos pontos da serra. O *Mondeguinho* tem logo ali um leito de areias; subindo a encosta para o cabeço do *Corgo das Mós* encontram-se largos areaes, que difficultam o andar de peões e cavalgaduras. É a serra que se desaggrega e decompõe! As rochas de granito desconjuntam-se, esborôam-se, esfarellam-se, e as aguas vão arrastando esses fragmentos que, pelo embate d'ellas, se tornam cada vez mais miudos. E' essa a primeira origem das areias, que das visinhanças de Coimbra até á Figueira invadem os campos marginaes do rio.

—

«Este *desfazer* da serra tem duas causas. A serra é n'aquelle ponto, e em quasi toda a sua extensão, de constituição granitica.[1] O granito, como se sabe, é principalmente formado de *quartzo*, *de mica* e de *feldspatho*. O *feldspatho* decompõe-se facilmente, quer sob a acção do ar, quer sob a acção da agua, e a rocha, assim atacada, desaggrega-se, quando não seja de constituição muito rija.

....

«É esta a dupla origem dos areaes, que se encontram no alto da serra, e que desde a margem direita do *Mondeguinho* se estendem por quasi toda a lombada do *Corgo das Mós* até o *Fragão do Corvo* e o *Poio da Morte*. Dois nomes sinistros! Que intuição prophetica presidiu a este baptismo?!

«Aquelles dois agrupamentos de rochas estão sobranceiros á *infeliz villa de Manteigas*, a uma altura de 700 metros, mas n'uma linha tão aproximada da perpendicular, que do alto do primeiro quasi se chega aos telhados da villa com um bom tiro de funda! O crocitar do corvo agoirento, que se empoleirou n'aquelle fragão, annunciou á *triste*

[1] No meiado d'este seculo o grande industrial Joaquim d'Almeida Rainha tentou levar o *Mondeguinho*, das proximidades da dicta ponte para a villa de Gouveia, onde tinha as suas fabricas.

V. *Gouveia* e *Villa Nova de Tazem* n'este diccionario e no supplemento.

P. A. Ferreira.

[1] Em alguns pontos, nomeadamente na villa de *Folgosinho*, é de constituição calcarea, pelo que a dicta povoação, aliás muito antiga, muito vistosa e situada nas abas da serra, em um alto amphitheatro lindissimo, não tem boa agua potavel. A hygiene soffre e a população não augmenta. Já não tem foros de villa e é uma das freguezias mais pequenas do concelho de Gouveia, mas *vive bem* e não se encontra um habitante d'ella a pedir esmola!

Cria muito gado; vende e exporta muita lã e muito queijo do *melhor da serra da Estrella*; fabrica muito carvão; colhe muitos cereaes, etc.—e a sua posição é *encantadora*!...

Visitei-a ha muitos annos e ainda hoje tenho saudades d'ella.

V. *Folgosinho* n'este diccionario e no supplemento.

villa, em pregão sinistro, a sentença symbolica do nome da outra fragaria, ajuntamento revolto de poios ennegrecidos e disformes!»

—

Do exposto se vê que o sr. Emygdio Navarro não sympathisou com a villa de *Manteigas*—e a pag. 179 e seguintes, depois de descrever muito poeticamente o *observatorio meteorologico* da serra e a casa d'Alfredo Cesar Henriques, 1.ª do *sanatorio* de que adiante fallaremos,—bem como a hospedagem que elle e os dois clinicos, seus companheiros na excursão,—dr. Sousa Martins, e Carlos Tavares, ambos de Lisboa,—ali receberam de Cesar Henriques e do director do *observatorio* A. Brito Capello,—diz:

«É sol nado. Sousa Martins resolve descer a Manteigas. O dr. Sobral estava agoniadissimo com o governo, que lhe mandava officios sobre officios para se fechar o hospital de Manteigas, por urgencia de economias nas despezas publicas.[1] O hospital fazia cento e tantos mil réis de despeza mensal. Atrevam-se a chamar esbanjador a um tal governo! Souza Martins praguejava raios e diabos, que era de afundar o céu e a terra! O hospital não se podia fechar.

«A epidemia dos typhos ia em decadencia, mas era de temer que recrudescesse no inverno, como succedera no anno anterior. O hospital-barraca devia manter-se em activo serviço até fevereiro, pelo menos.

—Eu lá vou ver isso, e em Lisboa hão-de ouvir-me!—rugiu Sousa Martins.[2]

. . . .

«Dispuz-me a acompanhal-os. Sousa Martins disse-me que era tolice. Podia por lá apanhar uma rasca de typho, sem graça nenhuma, por não ter lá que cheirar. Não era aquelle o meu posto. Além d'isso, iam fazer um inquerito para apoio de reclamações ao governo, e a minha posição politica podia dar aso a interpretações suspeitosas.[1] A politica é marafona de inexcediveis melindres!

«Dei-me facilmente por convencido, e deixei-me ficar. Aproveitei o tempo, escrevendo um artigo de fundo a *desancar o governo*. Do alto da serra da Estrella quarenta adjectivos furibundos vos fulminaram, ó ministros impuros e maleficos!

—

«Já fiz a descripção *à vol d'oiseau*, da villa de Manteigas.

«Está no fundo de um covão, de escarpas quasi perpendiculares, de 700 metros d'altura. Por esse motivo, os dias em Manteigas, principalmente no inverno, são de duração muito curta. Só muito depois de nascer no horisonte, é que o sol penetra no covão; e, da mesma sorte, muito antes de se esconder no occaso, diz elle adeus á villa. Deve ser de uma tristeza mortal!

. . . .

«Os meus companheiros e o dr. Sobral

---

[1] Refere-se á epidemia, de que já fizemos menção, quando fallámos do *Zezere*, da villa de Manteigas e do dr. Sobral, que no momento (em agosto de 1883) ali se achava e foi visitar os excursionistas.

P. A. Ferreira.

[2] O sr. dr. José Thomaz de Sousa Martins era e é uma das pessoas de mais valimento em Lisboa pelo seu nobilissimo caracter e por ser um dos ornamentos da Escola Medico-cirurgica, afamado clinico, medico do paço, etc.

A elle se deve a Expedição scientifica á serra da Estrella e a fundação do importante *sanatorio* que hoje ali se vé, etc.

[1] O sr. Emygdio Julio Navarro era então (1883) deputado ás cortes e *leader* da camara na opposição, redactor e proprietario do *Correio da Noite*, jornal opposicionista, etc.—e pouco depois, logo que subiu a opposição ao poder, foi ministro das obras publicas e *ministro benemerito*.

Entre outros muitos beneficios e melhoramentos que lhe deve Portugal, reorganisou os serviços florestaes e mandou arborisar as serras da *Estrella* e do *Gerez*, as estradas a macadam, as dunas do littoral, etc. etc.

V. *Viseu*, tomo 11.º pag. 1843, col. 2.ª

foram recebidos em Manteigas com demonstrações festivaes. Era domingo. A população fez-lhes uma recepção enthusiastica.......

«Do que elles viram na villa e no hospital é melhor não fallar. E' pouco divertido e tem um interesse puramente medico.

«A opinião d'elles a tal respeito póde condensar-se no seguinte:—que para se pôr Manteigas em boas condições de salubridade seria preciso... *arrazal-a e edifical-a de novo.*»

—

Effectivamente está em um medonho covão, muito abafado e sem horisonte; as suas casas são quasi todas muito antigas, muito denegridas, immundas e pobres, feitas de mau granito, a esboroar-se com o peso dos seculos,—e *muito humidas*, por estarem no fundo da grande encosta e terem pouco sol no inverno; mas depois da grande epidemia dos typhos recebeu alguns melhoramentos e hoje prospera bastante com a nova estrada a macadam servida por diligencias, que trabalham desde a Guarda e Covilhã até ás Caldas de Manteigas, atravessando a villa,—e mais deve prosperar, logo que se ultime a nova estrada a macadam de Manteigas para Gouveia, a qual já tem alguns kilometros construidos junto das duas villas.

Tambem os *sanatorios*, por estarem a pequena distancia de Manteigas, dão-lhe muita vida—e mais lhe darão as suas Caldas em praso breve, se a camara ou alguma empresa as dotar com os melhoramentos e embellesamentos que demandam, pois são muito concorridas, apesar do abandono em que jazem.

As novas estradas a macadam e a linha ferrea da Beira Baixa devem fazer prosperar tambem as suas fabricas.

E' pois bastante auspicioso no momento o futuro d'esta villa, que já hoje é uma das mais populosas e mais importantes da Beira.

Tem duas parochias—*S. Pedro*, com 440 fogos e 1:810 habitantes (diz o seu rev. prior)—e *Santa Maria*, com 360 fogos e 1580 habitantes,—total 800 fogos e 3:390 habitantes.[1]

Tem algumas casas boas, entre as quaes avulta o palacete da nobre familia *Portugaes*;—duas egrejas espaçosas e bem tractadas—e differentes capellas publicas, taes são a de *Santo Amaro*, na villa, junto da egreja de S. Pedro; a S.O. as capellas de *S. Domingos* e *S. Sebastião*, alcandoradas na ingreme encosta, sobre a margem direita da ribeira das *Fornêas*;—lá no fundo a capella de *Santo Antonio*, na margem direita do Zezere, ensombrada por uma carvalheira enorme—e entre esta e as Caldas a capella de *Nossa Senhora dos Verdes*, na margem esquerda do rio, a montante da estrada velha e a jusante da nova estrada a macadam da villa para as dictas Caldas.

Em 21 de maio do corrente anno de 1889 deu-se aqui um facto importante:

Passa junto da capella da *Senhora dos Verdes* um ribeirinho que vem da serra e desagua no Zezere, no sitio denominado *Engenho do Rei*, onde provavelmente existiu outr'ora alguma fabrica real e hoje existe a de Manoel Francisco Serra & C.ª, de que já fizemos menção, quando fallámos do Zezere.

Em 21 de maio ultimo uma medonha trovoada momentanea transformou aquelle ribeirinho em caudalosa torrente! Obstruiu 2 agulheiros ou aqueductos da estrada nova e galgou por cima d'ella, levando d'envolta muitos penedos; destruiu os chãos por onde passou e, encontrando na estrada velha um pobre moleiro, guiando um jumento com sacos de pão, levou o moleiro e o burro de tombos até o Zezere, distante mais de 200 metros, fazendo-os saltar grandes paredes. Acudiram algumas pessoas e ainda os poderam salvar, mas o pobre homem—*Antonio da Fonseca Pinheiro*—apenas sobreviveu dois dias. O burro foi mais feliz, pois ainda hoje (setembro de 1889) é

---

[1] Parece-me exagerada esta nota,—desculpe o meu rev. collega.

vivo e e *trabalha*?!... Confirmou a locução:
—«Feliz, como um jumento!»

A época glaciaria—Geleiros e Morenas

O sr. Emygdio Navarro, no formoso livro que vamos extractando, diz tambem que o sr. dr. Frederico A. de Vasconcellos Pereira Cabral achou no *Covão Grande*, junto da *Lagôa Comprida*, claros vestigios de um *geleiro* da *época glaciaria*—e uma *morêna* ao fundo da *Nave da Candieira*.

Este topico é muito interessante, mas muito extenso, e por isso o deixamos simplesmente indicado.

V. *Quatro dias na serra da Estrella*, pag. 98 a 101,—151 e 152—e a nota de pag. 187 a 194.

Não podemos resistir á tentação de transcrever as linhas de pag. 151 e 152.

Depois de fallar da *Estrella* e dos *Cantaros*, diz s. ex.ª:

«Um dia—em tempos tão remotos que a geologia só d'elles póde arrancar hypotheses, duvidas e phantasias, como esta que exponho—um *geleiro*, da natureza dos que ainda hoje se encontram nos Alpes, chegou á parte da serra, que é hoje região dos *cantaros*. O monstruoso bloco de gélo movia-se de poente para nascente, e na sua marcha arrastava enormes penedos, que se friccionavam com outros penedos. O intenso frio feito o instrumento de calor vivificante!

«O desaggregado da rocha fundamental da serra, a menor consistencia d'ella n'aquelle sitio, um ou outro qualquer motivo de analogo influxo, fizeram com que o sólo, já ali fundamente cavado, cedesse de subito, esmagado pelo peso do *geleiro*. O grande *bloco* arrastou comsigo a massa enorme, que se desconjunctára, e precipitou-se com a sua pesada carga, no abysmo, que elle proprio abrira. Os echos da montanha ullularam n'um fragor medonho, repercutindo o pavoroso baque, e toda a natureza estremeceu com essas vozes possantissimas do seu despertar para a vida nova, que ia succeder á vida glaciaria. Assim nasceram os *cantaros*:

Se estalado cair o orbe,
Ferem-n'o as ruinas impavido!

—

«Ruiu estalado e desfeito o sólo, mas os dois *cantaros* ficaram impavidos na estructura da serra, e n'aquelle desabar desprenderam a sua figura de gigantes, amparando o vasto semicirculo, cavado pelo *geleiro*.

«E assim nasceu tambem o *Zezere*, formado pelas cascatas e corregos, que o *geleiro* deixou na sua passagem, como restos liquefeitos da sua passada grandeza, e instrumentos da fertilidade para a vida nova, que andava em gestação na terra.

«O abalo produzido pelo enorme baque desconjunctou o *geleiro*, já amortecido pelo calor da sua longa peregrinação. Ainda caminhou algumas centenas de metros, mas as forças abandonaram-n'o e a decomposição total chegou. As aguas, que se precipitavam atraz d'elle, e ás quaes abrira caminho, aceleravam a transformação.

«A massa de todas essas aguas arrastou ainda por algum tempo a carga de penedos que o geleiro trouxera no dorso e debaixo de si, penedos grandes e miudos, de diversa formação geologica por terem sido apanhados em logares distanciados, e sobrepostos indistintamente uns sobre os outros, na confusão do cataclismo, que ali os arremessára. As aguas empurram os penedos, que de serem empurrados mais se juntam, formando um como que açude, accentuando a saliencia da curva no sitio onde o esforço das aguas foi mais violento. Mas ahi tambem a resistencia do açude era maior.

«Por fim as aguas romperam por um dos lados, abrindo uma estreita garganta. Por ahi se escôa o *Zezere*, pouco adiante das suas nascentes. A essa garganta chama a gente da serra o sitio *apertado*;[1] ao resto do açude chama o *Espinhaço do Cão*. Esta é a *murêna terminal*, que o sr. Frederico de

---

[1] E' a bocca ou *terminus* da nave da *Candieira*.

Vasconcellos Cabral affirma ter descoberto, como testemunho irrefragavel da época glaciaria no nosso paiz.

«Forçoso é confessar que a inspecção do terreno, e até a significação tradicional d'aquelles nomes, abonam, de um modo frisante, a plausibilidade d'aquella affirmação.

«Fique este humilde registo para padrão do descobrimento, emquanto outro mais idoneo se não ergue.»

Ainda os Cantaros

A pag. 145 e seguintes, o sr. Emygdio Navarro diz:

«Os primeiros filetes d'agua que para norte e leste escorrem do rebordo da grande esplanada da *torre*, são tambem as primeiras nascentes do *Zezere*. Este é o verdadeiro rio da serra da Estrella, e o mais favorecido d'aguas. O Tejo sae-lhe ao encontro em Constança, e só o vence, porque a natureza do terreno o obriga a misturar-se com elle.

«Na arremettida a braveza herminia leva de baixo a pujança castelhana.

«*Braveza herminia* é uma redundancia, porque o adjectivo *herminio* ou *hermenho*, já de si quer dizer bravo, aspero, selvagem; e d'ahi vem chamar-se á cordilheira da serra da Estrella *os montes herminios*, como quem diz os montes bravios por excellencia. Passe a redundancia com este salvo conducto.

«O *Zezere*... corta o Tejo de lado a lado com furia invencivel, e este só póde passar adiante, galgando por cima do seu inimigo, como se fôra sobre um açude!

....

«As geleiras, que raro desapparecem da região dos *cantaros*, são o principal elemento das suas nascentes. Os córregos, por onde se escôa o desgêlo, são bordados por um relvado de nardo, do mais puro verde-mar, esmaltado pelas florinhas amarellas de um ranunculo selvagem, o *Ranunculus adscendens*, de Brotero. E' quasi que a flor dos gêlos.

....

«Perto, a fazer-lhe companhia nos relvados séccos, surge com o seu formoso calice azul, esbatido de roxo, a *Campanula Herminii*, que em Portugal só na serra da Estrella se encontra, e lá fóra só em algumas regiões alpinas.

....

«Descemos rapidamente a grande geleira e estacámos em contemplação muda no *Covão do Sabbat* (?)

....

«A garganta prolonga-se por uma pequena extensão,[1] encostando-se pelo lado esquerdo á base do *Cantaro Magro* e pelo lado direito a um grande cerro, que é conhecido pelo nome de *Cantaro Raso*, mas abusivamente, porque não tem coisa alguma da fórma caracteristica dos *cantaros*. .. E ao fundo agrupavam-se os filetes d'agua, descidos das geleiras, e o *Zezere* nascia, saltando logo de cachoeira em cachoeira, como um leãosinho logo pula e salta a breve trecho de nascido á luz. Esplendido!

....

«A região dos *cantaros* forma no seu aspecto geral, um grande semicirculo, aberto para leste. Na ponta sul está o *Cantaro Magro*; na ponta norte, o *Cantaro Gordo*. A semicircumferencia é traçada na penedia por um córte muito profundo, n'algumas partes em linha perpendicular, nas restantes de pendor muito inclinado, e só com ligeiras rugosidades intermedias. O *Cantaro Magro* dá, pela parte interna d'esse semicirculo, um corte perpendicular de 300 metros. Pela parte externa passa a *Rua dos Mercadores*... D'essa rua ao vertice do *Cantaro Magro* vão ainda muitas dezenas de metros. E' por ahi que se realisa a ascenção. Como? Não o sei dizer, porque nem todos os guias conhecem sufficientemente o pedregal para se abalançarem á empreza.[2] Examinámol-o

---

[1] A extensão da *Calçada do Inferno* e da *Risca do Covão do Boi*, mencionadas supra.

P. A. Ferreira.

[2] E' facto. Quando a *Expedição* esteve na serra, tinha ao seu serviço como guias muitos pastores circumvisinhos, mas nem todos conheciam as nebulosas veredas da região dos *cantaros*.

P. A. Ferreira.

cuidadosamente, torneando-o,[1] sem podermos descobrir, não direi já um carreiro, mas uma sequencia de anfractuosidades com apoio sufficiente para por ellas se tentar a escalada.[2] E todavia é certo que o sr. dr. Serrano, lente da escola medica, e mais alguns companheiros, subiram até á corôa do cantaro, por occasião da grande expedição de 1881!!

«Na descida estiveram perdidos.[3] Anoiteceu-lhes em cima, a alguns kilometros de distancia do acampamento, sem poderem realisar a retirada.

«Aquelle Polyphêmo de granito não era escalvado; tinha cabelleira, e isso os salvou. Com risco de morrerem assados no apertado recinto,[4] lançaram fogo ao zimbro, que ali havia, accendendo uma fogueira de soccorro em resposta aos foguetes de signal, que pela auzencia se deitavam no acampamento. Partiram para ali alguns companheiros e todos os guias, que a muito risco, e por meio de uma *escada humana*, conseguiram libertal-os d'aquella prisão perigosa. Só ha um caminho para se realisar a ascenção; mas *caminho* sem balisas, sem rastos de trilho, sem signaes indicativos. E' uma especie de labyrinto aereo. Uma vez perdido o fio, encontra-se o abysmo por todos os lados.

. . . .

«Em frente ao *Cantaro Magro*, ergue-se o *Cantaro Gordo*... Na base é tão obeso, quanto o outro é esguio. Abriga n'elle duas lagôas: a do *cantaro*, quasi na ponta do semicirculo, e a do *Paxão*, mais ao norte, tornejando em caminho dos *Barros Vermelhos*. Os despejos de uma e outra constituem o ramo norte das nascentes do *Zezere*, o qual se precipita pelo sitio da Candieira.

«Eis ahi estão as nascentes do *Zezere*, cujo ramo principal se fórma no semicirculo, de que são sentinellas giganteas, e incorruptiveis, os dois cantaros.»

[1] O auctor é muito novo e muito vigoroso, mas só podia tornear o dicto *cantaro* pelos lados E., S. e O. — Pelo lado N. era absolutamente impossivel, pois cae a prumo sobre o covão de 300 metros d'altura, que o separa do *Cantaro Gordo*.

P. A. Ferreira.

[2] O sr. Navarro exagerou (desculpe s. ex.ª) pois *com certeza* já tinha visto a base da pyramide geodesica no alto do dicto *cantaro*—e devia tambem ver a senda, por onde os engenheiros e constructores da pyramide subiram,—senda que elles concertaram e retocaram. Por ella *subiram e desceram em pleno dia* alguns vogaes da *Expedição* de 1881, como já dissemos.

P. A. Ferreira.

[3] Chamamos a attenção dos leitores para este topico, pois n'elle o sr. Navarro (desculpe s. ex.ª) tomou a nuvem por Juno, como logo verão.

[4] O curuto do *Cantaro Magro* é arredondado e tem talvez mais de 20 metros de diametro;—o curuto do *Cantaro Gordo* é um espinhaço de cão, bastante comprido, mas muito estreito. Em alguns sitios não tem de largura 6 metros.

RECTIFICAÇÃO

Lopes Mendes, Castel-Branco e eu
no alto do Cantaro Gordo, á meia noite.

O sr. Emygdio Navarro, a quem nós profundamente respeitamos, é um grande estadista e adoravel estylista, muito illustrado e muito considerado, mas nos seus *Quatro dias na serra da Estrella* não se propoz escrever historia. Propoz-se escrever e escreveu *folhetins soltos*, rindo, brincando e folgando com a liberdade de folhetinista, romancista e poeta, pelo que não se escravisou aos factos e no topico supra tomou a nuvem por Juno.

Os vogaes da Expedição, que subiram ao *Cantaro Magro*, subiram e desceram em pleno dia, sem grande difficuldade. Os que subiram e *ficaram prisioneiros, sem poderem descer*, não foram, como s. ex.ª diz, o sr. dr. Serrano e outros;—foram os srs. Antonio Lopes Mendes e Joaquim Pedro de Freitas Castel-Branco, vogaes da Expedição, —e *este seu humilde criado*, pois tive tambem a honra de acompanhar a Expedição scientifica, não como vogal d'ella, mas co-

mo representante e *reporter* do *Districto da Guarda* e do *Commercio Portuguez.*

A nossa perigosissima ascenção e mais perigosa descida são um facto historico, mas (desculpe s. ex.ª) deu-se o facto no *Cantaro Gordo,*—não no *Cantaro Magro.*

As coisas passaram-se assim:

—

A Expedição chegou ao acampamento no dia 4 d'agosto de 1881 (quinta feira) ás 10 horas da noite—com este seu criado.

No dia seguinte, apenas nos levantámos e lançámos os olhos sobre a montanha, o que mais nos impressionou foi a *Torre* (pyramide) da Estrella, que se erguia ao sul e não longe do acampamento, pelo que logo depois do almoço eu e differentes vogaes da Expedição fomos com 3 guias visital-a. Depois tomámos para N.E. e fomos ver os lendarios *cantaros*, descendo pelo *Covão do Boi* e fazendo alto na *rua dos Mercadores.*

Vimos pausadamente e com assombro os cantaros *Magro* e *Raso* e foi então que ao 1.º subiram alguns vogaes da *Expedição,* ficando nós com os outros vogaes descançando e palestrando na rua dos *Mercadores.* D'ali tentámos seguir todos para o acampamento pela *Nave da Candieira,* para vermos da base os 3 *cantaros* e depois as lagôas da *Salgadeira* e *Paxão*, etc. Tudo aquillo nos tentava e o passeio devia ser muito interessante, mas o caminho era diabolico! Apesar de irmos com os guias, não nos atrevemos a descer ao medonho *covão,* que separa do *Cantaro Gordo* os cantaros *Magro* e *Raso.*

Descemos da rua dos *Mercadores* pela *Calçada do Inferno,* onde o sr. Lopes Mendes com um tombo se feriu, como já dissemos supra, quando fallámos do Zezere. Estavamos ainda longe do fundo do *covão,* todos moidos e muito suados, pelo que esmorecemos. Desistimos do plano e voltámos pela *Risca do Covão do Boi,* visinha e congenere da *Calçada do Inferno,* para a *rua dos Mercadores,* aonde chegámos suadissimos com a pequena marcha e contra-marcha, pois o caminho era infernal e o sol tropical! Depois d'algum repouso dissemos adeus aos *cantaros* e fomos para o acampamento.

—

Lopes Mendes, que desenha com muita facilidade e é sem contestação um dos nossos primeiros paisagistas,[1] estava ancioso por descer ao *covão dos cantaros,* para os desenhar lá do fundo; e eu tambem estava ancioso por ver lá do fundo aquelles medonhos colossos, pelo que no dia 10, vendo nós partir para os *cantaros* os vogaes da secção photographica, partimos tambem com elles[2]—e acompanhou-nos o sr. Castel-Branco, vogal da secção d'agronomia, com o intuito de reconhecer as betulas da *Candieira.*

Partimos do acampamento ás 11 horas da manhã e fomos pela lagôa do Paxão, que eu e Lopes Mendes já tinhamos visitado e que o major Torres se propunha photographar tambem.

Os 2 carregadores, que levavam as machinas e apparelhos photographicos, partiram mais cedo, com ordem de nos esperarem na lagôa do *Paxão;* — nós fomos sem guias e muito afoitos, porque eramos 5, e eu e Lopes Mendes já tinhamos visitado a dicta lagôa e os *cantaros.*

Fomos em direcção á lagôa, passando a O. e montante do *Poio do Passarão.* Os meus companheiros trataram de o contornar pelo sul, demandando uma quebrada que nos pareceu o melhor caminho para a lagôa; eu, tentado pela visinhança do dicto fragão, cuja cabeça já tinha admirado das margens da lagôa, sobre a qual se apruma, vendo que elle era accessivel do lado O. por onde nós

---

[1] Elle tinha levado para a serra nas suas carteiras de viagem os *croquis* que trouxe da *India* e que hoje podem ver-se em gravura na *India Portugueza.* As carteiras andavam de mão em mão e todos os vogaes da Expedição scientifica admiravam tão nitidos desenhos.

[2] Eram os srs. Frederico A. Torres, major de cavallaria, e Alberto Julio de Brito e Cunha, tenente de artilheria.

passavamos, trepei pelo medonho fragão até o cumuto! A vista era imponente e larga, mas *ad cautellam*, para não medir com os ossos a grande altura do cabeço, deitei-me e collei-me a elle.[1]

—

De lá via a lagôa e os carregadores, mas não vi os companheiros!

Depois de saborear bem aquelle panorama, desci do pinaculo e caminhei para a lagôa pela tal fenda, mas fiquei engasgado e entalado, por ser em certo ponto muito estreita e muito escabrosa. Os meus companheiros todos haviam recuado e foram contornar a penedia pelo lado opposto (norte); mas eu, não estando prevenido pelo sr. Navarro,[1] vendo a lagôa a pequena distancia e lembrando-me de que a volta era immensa, atirei-me com fé pelo tal despenhadeiro abaixo e felizmente, sem deixar ali a ossada, cheguei depressa á lagôa, levando como *recuerdo* uma lindissima pedra rolada, que achei no despenhadeiro. Pesava talvez 2 kilos e ainda hoje tenho saudades d'ella!...

Nas margens da lagôa estavam sómente ainda os carregadores, porque os nossos companheiros perderam-se a contornar o *Poio do Passarão*. O primeiro que surdiu foi o tenente Brito e Cunha. Tentado pela visinhança da lagôa e vendo que o seu chefe se demorava, despiu-se e foi tomando banho.[2]

Finalmente chegaram os outros companheiros, muito fatigados, muito suados e muito zangados, porque tinham andado perdidos—não sei por onde!...

---

[1] «Tenho a honra de lhes apresentar o *Fragão do Passarão*, nome constituido por dois augmentativos, porque um só não seria sufficiente para dar idéa de tão grande bruto!—diz o sr. Navarro no seu formoso livro *Quatro dias na serra do Estrella*, pag. 155 e 157.

«O *Fragão do Passarão*... é a cabeça da lagôa do *Peixão*.[1] O *Cantaro Gordo* estende a sua obesidade para o norte, e aquelle penhasco alambasado é ainda um refego da sua enorme barriga. A rocha corta-se a prumo... e por umas fendas, que não chegam a ser gargantas, escorre a agua do degelo e das torrentes. E' um muralhão inteiriço, ennegrecido pelos lichens, e incapaz de dar abrigo a passarão ou passarinho, por que é liso.

«E' um legitimo e authentico bruta-montes.

«Por baixo d'este penedo, ao fundo de uma ladeira muito bravia, e bastante extensa, está cavada a caldeira da lagôa. A ladeira é accessivel pelo lado de sudeste, para quem vem dos *cantaros* (e do acampamento.)

. . . .

«A ladeira não é segura de descer. Digo isto, porque duas vezes estive tombado, e em grave risco de pôr a ossada n'um feixe. Sapatos grossos, com boas brochas, dão andar firme em toda (?) a serra, e agarram-se bem ás asperesas do granito. Mas ali os penedos pareciam estar untados com cebo. Pertencerão elles ao grupo das rochas glaciarias, descobertas pelo sr. Frederico Cabral, e serão escorregadios por terem o polido caracteristico d'aquellas rochas?!...

. . . .

»O que sei é que duas vezes estive em perigo de tombo real. Aviso, para ali descer com cautella, a quem lá vá. Valeram-me as minhas excellentes disposições gymnasticas. Sousa Martins e Carlos Tavares disseram que eu tinha uma soberba espinhal-medulla, que é o miôlo do espinhaço......

«Elles que o disseram, é porque lá o entendem. Não percebi muito bem a explicação, mas agradeci os elogios tributados á sobredicta minha senhora, que me livrou de um desastre fatal.»

Pelo dicto *barrocal* desci eu tambem?!...

[1] A denominação commum e official d'esta lagôa é *lagoa do Paxão*; o sr. Emygdio Navarro deu-lhe o nome de *Peixão*, como proveniente d'algum grande *peixe*; outros dizem que o nome de *Paxão* provem de *paixão* e commemora o martyrio de *Santa Antonina*.

V. *Cêa*, tomo 2.º pag. 222, col. 1.ª

[1] O livro de s. ex.ª foi publicado 3 annos depois.

[2] Elle gostava de banhar-se e nadar nas lagoas, mas ia morrendo afogado na *Lagôa Escura*, como já dissemos.

Depois d'algum descanço, o major Torres armou a barraca e preparou a machina, mas vendo o relogio, disse que já não tinha tempo de ir photographar os *cantaros*, porque a distancia era consideravel, o sol ia declinando e a machina depois das 3 horas não funccionava bem. Deixámos pois o santo homem com o tenente Brito e Cunha e os 2 carregadores, e seguimos para os cantaros — eu, Lopes Mendes e Castel-Branco,—sem guias.

Fomos pelo valle da dicta lagôa, a *Nave da Candieira*, cujo aspecto tenta um santo, mas o chão era tão eriçado de zimbro e pedras soltas, que nos viamos embaraçados a todo o momento, cambando ora para a direita, ora para esquerda, e gastando as botas, o tempo e a paciencia. Eis que no leito de um corrego, por onde seguiamos, depará-mos com uma fenda bastante alta, encoberta por um matagal de zimbro e outras plantas rasteiras.

A gruta

Tentou-nos a tal cova e fomos exploral-a, mas tivemos de dar uma grande volta, para podermos descer a ella.

Ficámos surprehendidos e muito satisfeitos, quando nos vimos dentro da gruta. E' uma das curiosidades mais interessantes da serra da *Estrella* e muito digna de ver-se, como nós a vimos, no *rigor da estiagem*, pois está precisamente na veia d'um corrego, muito abundante d'agua no tempo do desgelo e das chuvas, e foi aberta pela agua em um filão de granito molle.

Terá 12 metros de comprimento, 2 a 3 de largura e 3 a 4 d'altura, — bastante luz, — todo o vão interior muito limpo—e quando ali estivemos apenas se viam alguns microscopicos filetes d'agua muito limpida e muito saborosa.

Ali passámos muito agradavelmente uma hora talvez á sombra, descançando, palestrando e saboreando o nosso *lunch*,[1] de mistura com bello vinho de pasto, da freguezia de Famalicão, e agua dos taes filetes.

Durante os 8 dias da minha estada na serra foi aquella hora uma das mais agradaveis. Lopes Mendes tirou differentes *croquis* da bella gruta e á saida outros, desenhando os penhascos que avultam a O. da *Candieira* e N. do *Cantaro Gordo*.

Tudo corria de feição, mas o tempo ia correndo tambem e o sol declinando.

Proseguindo com difficuldade, por ser o caminho muito pedragoso, vimos a distancia uma *betula*. Foi logo o sr. Castel-Branco visital-a e volveu muito satisfeito, trazendo ás costas um *ramalhão*. Tudo isto retardou bastante a marcha e proseguindo chegámos ao vertice da lombada que vem do *Cantaro Gordo* e divide a *Nave da Candieira* do covão dos *cantaros*.

Fitámos com assombro lá do fundo aquelles imponentes colossos, e Lopes Mendes, tirando a sua carteira, tratou de os desenhar.

Ascensão ao Cantaro Gordo

Terminado o desenho, vimos que o sol estava a sumir-se.

—E agora—disse eu,—por onde havemos de ir nós para o acampamento?

—Pelo mesmo caminho por onde viemos—respondeu Castel-Branco.

—Isso é quasi impossivel, porque a noite aproxima-se e, se nós de dia viemos ás apalpadellas e gastámos 6 horas para chegarmos aqui, de noite as difficuldades subirão de ponto e ficaremos perdidos n'esse chavascal—respondi eu.

—O melhor é atravessarmos este *covão*, subir até á *rua dos Mercadores* e d'ali marchar para o acampamento pelo caminho por onde fomos, quando visitámos a *Estrella* e os *cantaros*,—disse Lopes Mendes.

—Tambem me parece pouco acceitável esse alvitre,— disse eu, — porque a descida para este *covão* (o medonho *Covão dos Cantaros*) não é facil—e a subida para a *rua dos Mercadores* pela *Calçada do Inferno* ou pela *Risca do Covão do Boi*, é impossivel de noite e sem guias, pois bem se recorda de que nós, quando lá estivemos e tentámos

---

[1] A Expedição levou de Lisboa muitos *cantis* da tropa; foi dado um à cada expedicionario e, quando se afastavam do acampamento, todos levavam a tiracollo o seu cantil com vinho — e pão, queijo ou sardinhas de Nantes, para *lunch*.

descer—*em pleno dia, com sol* e *com guias* —esmorecemos e tivemos de retrogradar! Arriscamo-nos pois a ficar mettidos no *covão*.

—Se não podermos ganhar a *rua dos Mercadores*—disse Lopes Mendes—subimos pelo *covão* até ganharmos a parte superior da serra, onde elle se abre, e d'ali vamos para o acampamento, pois fica na mesma direcção.

—Tambem não concordo—disse eu—por que nós não conhecemos a saida do *covão*. Muito provavelmente é abrupta; não a poderemos transpôr e ficaremos mettidos em um dos pontos mais fundos da serra, onde ninguem nos lobrigará e, por mais que gritemos, ninguem nos ouvirá.

—Então que fazer? — disse Lopes Mendes.

Apontei para a cabeça do *Cantaro Gordo* que nos ficava sobranceira, e disse:—«Este *Cantaro*, como já vimos da *rua dos Mercadores*, termina em linha horisontal, que se prolonga para o lado do acampamento e divide do grande *covão* a *Nave da Candieira*, pelo que, se nós ganhassemos o curuto d'este *cantaro*, ficavamos livres da *nave* e do *covão*.»

—Eu concordo — disse Lopes Mendes, — mas como havemos de subir ao curuto d'este mono?

—A subida parece-me realisavel, pois, como vêem, este pontal do *cantaro* não é de ragoedo abrupto e massiço, mas de pequenas pedras soltas e, embora o declive seja grande, julgo que o podemos vencer. E logo que cheguemos ao alto d'elle, dominamos toda a serra; — se os nossos companheiros nos procurarem, com facilidade nos encontram,—e não faltará mesmo quem nos soccorra sem serem elles, porque toda a serra anda cheia de pastores.

—N'esse caso — disse Lopes Mendes — tentemos a subida.

—

Eu logo rompi a marcha, indo *na frente*; —após de mim Lopes Mendes—e na rectaguarda Castel-Branco, taciturno.

Eu ia procurando os carreiros das ovelhas e trepando, agarrado ás pedras e ao zimbro, apoiado em um guarda-sol, que arvorei em bengala. Os meus companheiros iam de melhor partido, porque seguiam na minha esteira, apoiados em boas cannas da India e distanciados alguns metros, para que, se eu me despenhasse no abysmo, os não levasse d'envolta. Tolhia-me tambem o braço esquerdo a *pedra rolada*, que encontrei na descida do *Poio do Passarão* e que desejava levar de prezente á secção geologica, pois são rarissimas n'aquella altitude as *pedras roladas*, e aquella era um exemplar de merecimento.

Principiámos a ascenção ainda com sol, mas em breve desappareceu; felizmente porem logo surgiu a lua, *que foi a nossa salvação*; pois dava uma luz branda, que nos deixava ver o terreno que pisavamos e não nos permittia avaliar bem as distancias e a profundidade do abysmo cavado a nossos pés.[1]

A marcha era tão morosa como a da lesma e ao mesmo tempo tão dura, tão violenta, que suavamos por todos os póros e eramos obrigados a parar e descançar de instante a instante, pois a maldta barreira deve ter aproximadamente um declive de *cincoenta por cento*?!...

—

Teriamos andado apenas 100 metros, quando ouvimos Castel-Branco *a chorar*! Volvemos os olhos para elle e vimol-o sentado, soluçando.

—Que tem vossé?—perguntei eu

—Nós não chegamos ao alto do *cantaro*; morremos por aqui despenhados e, se hei-de morrer mais longe, quero morrer aqui! —D'aqui não passo!—disse elle.

—O' homem, isso é uma vergonha! Nós não estamos aqui por culpa sua nem minha,

[1] O dia da nossa ascensão era uma quarta feira, 10 d'agosto de 1881, (dia de S. Lourenço)—e na vespera, dia 9, tinha sido a lua *cheia*.

mas por um conjuncto de circumstancias imprevistas. A nossa obrigação é animarmo-nos e confortarmo-nos uns aos outros, mesmo quando fosse imminente o perigo, o que felizmente se não dá, porque eu vou na *frente* e ainda não cahi, nem o Lopes Mendes. Alem d'isso vossê é filho cá da serra e o mais novo dos tres, pelo que devia ser o primeiro a animar-nos.[1]

O homem calou-se; foi andando — e eu sempre rindo, palestrando e tirando partido de tudo para animar os companheiros.

—Aqui vae agora uma estrada real—dizia eu, quando lobrigava um carreirinho das ovelhas, trilhado e *adubado* por ellas.

Lopes Mendes ria e gostava, mas Castel-Branco—*moita*. Nem palavra! — e a folhas tantas volveu á mesma cantiga, soluçando.

—Eu d'aqui não passo—dizia elle,—porque nós morremos aqui todos!

Fiz-lhe nova *sermôa*, um pouco mais aspera, terminando por dizer-lhe: — Nada de affligir, porque eu tenho na minha casa do Douro uma criada já céga, muito virtuosa e muito velha, que é um *moinho de orações*! Está sempre a resar por mim e por meus irmãos; chama-nos os *seus filhinhos*; — eu confio muito n'ella, porque é uma santa, e Deus ha-de ouvil-a e salvar-nos!...[2]

Lopes Mendes gostou da lembrança, commentou o càso e riu;—Castel-Branco levantou-se e foi andando, sempre mudo, no couce da caravana, maldizendo talvez, mas em silencio, a sua negregada sorte.

—

Proseguindo com a violenta ascensão, tão morosa como perigosa, as difficuldades subiram de ponto ao avisinharmo-nos do curuto do maldito *cantaro*. Necessitei de agarrar-me ás pedras com ambas as mãos e, porque levava o braço esquerdo tolhido com a *pedra rolada*, atirei com ella para uma moita de zimbro—e lá ficou a menos de 25 metros talvez do alto do dicto *cantaro*, na pendente S.E. por onde seguiamos. Que dirá o naturalista ou geologo que um dia ali deparar com ella? Nós suppomos que alguem a levou tambem para o sitio, onde a encontrámos, pois desde o alto ou vertice da montanha até o *Poio do Passarão* apenas haverá 2 kilometros de distancia e, rolando em tão pequeno espaço, não podia tomar, como tomou, fórma tão arredondada, sendo de mais a mais uma pedra muito dura.

Talvez fizesse parte do geleiro mencionado supra, que se desfez n'aquella *nave*, segundo suppõe o sr. Frederico Vasconcellos.

—

Finalmente *post tot tantosque labores* ganhâmos o vertice do *Cantaro Gordo*, que é, como eu suppunha, — em linha horisontal, mas muito estreito.

Chegámos ali ás 11 horas da noite, muito

---

[1] Eu nasci em 1832. Contava pois 49 annos em 1881. V. *Corvaceira*.

Lopes Mendes nasceu em 1835. Tinha pois 46 annos. V. *Villa Real de Traz os Montes*, vol. 11.° pag. 1032, col. 3.ª

Castel-Branco teria 28 annos—e era o mais magro e mais alto dos tres. V. *Valezim*, tomo 10.° pag. 156, col. 2.ª

[2] Chamava-se *Anna Victoria* e era natural da freguezia de Samodães. Sendo ainda muito nova, foi para a minha casa da Curvaceira e ali se conservou até que falleceu em 1883, contando mais de 70 annos de idade. Nunca serviu outros amos e era uma *criada modêlo*,—muito fiel, muito amiga de mim e de meus irmãos todos e a todos nos apartou do leite, pelo que nos chamava *seus filhinhos*. Deus a tenha em bom logar como firmemente creio.

Tambem conheci na mesma casa mais duas criadas e um criado, já velhinhos e todos 3 irmãos,—Anna, Rosaria e Antonio,—que foram para lá muito novos,—morreram decrepitos — e nunca serviram outros amos! Eram tambem muito fieis, muito virtuosos, muito nossos amigos, e deixaram-nos vivas saudades.

Desculpem-nos a sentida homenagem que prestamos a estes 4 servos, *modêlo dos servos todos*, orgulho da nossa casa e nossos *verdadeiros amigos*!...

suados, muito fatigados, cheios de fóme e de sêde e tendo gasto 5 horas para vencermos pouco mais de 300 metros.

Apenas ali chegámos, vimos luzes no acampamento, distante cerca de 2 kilometros para o norte. *Eu lancei logo o fogo* a uma moita de zimbro, que ardeu facilmente, e o clarão illuminou a montanha. Lopes Mendes ralhou, dizendo que o espaço era tão estreito, qne mal podiamos avançar, e que a fogueira mais difficultava a passagem; mas eu fui lançando o fogo a 2.ª e 3.ª moitas de zimbro, pelo que o Lopes Mendes mais ralhou.

—Deixe arder!—disse eu,—para que os nossos companheiros saibam que estamos aqui. Estas fogueiras são a nossa salvação!

—E assim foi, porque os nossos companheiros rapidamente fizeram subir foguetes no acampamento.

—E agora?—disse Lopes Mendes.

—Agora—respondi eu—vamos seguindo por este curuto, até vermos o fim d'elle. Se não tiver solução de continuidade, ficamos livres d'estas fundas ravinas e vamos andando para o acampamento; se não podermos avançar, os nossos companheiros virão soccorrer-nos, pois já sabem onde nós estamos.

E lá fui eu andando *na frente*, guiando, como até ali, a caravana.

A marcha não era difficil, por ser o terreno quasi plano, embora muito estreito e pedragoso. Tambem nos não incommodava a vertigem do abysmo de 300 a 400 metros d'altura, cavado de um lado e d'outro, porque o frouxo clarão da lua apenas permittia ver o chão que pisavamos. Assim fomos andando, como sobre o dorso de uma nuvem; mas a distancia de 100 metros talvez, deparei com um fragão nu, cortado verticalmente! Fiz alto; mirei-o e remirei-o, mas não vi modo de o transpor, e Lopes Mendes disse:—Não ateime, porque deixamos aqui os ossos.

Effectivamente era assim. O homem tinha rasão.

—

—E agora?—disse Lopes Mendes.

—Agora—respondi eu,—voltemos para a rectaguarda e vamos por ahi deitar-nos em qualquer sitio, até vermos se os nossos companheiros apparecem e, se não apparecerem hoje, com certeza virão ámanhã. Nada de susto, mesmo porque o tempo está quente,—ê quasi meia noite—e ás 3 a 4 horas rompe o dia.

Volvemos pelo mesmo caminho, mas não encontravamos chão, onde podessemos deitar-nos, por ser o tal curuto muito estreito e pedragoso.

Deparando com uma abertura de meio metro de largo aproximadamente, formada por duas rochas parallelas e com fundo de terra lisa, disse eu:

—Deitemo-nos aqui todos tres.

—Vossê está caçoando—disse Lopes Mendes—pois ahi mal cabe um de nós!...

—Cabemos bem os tres, deitando-nos uns sobre os outros; eu servirei de colchão, deitando-me primeiro, e vossés deitam-se sobre mim.

Eu estava rindo com elles, mas a lembrança não era disparatada, porque nós chegámos ali muito suados; a viração áquella hora (cerca da meia noite) e n'aquella altitude,[1] era bastante fresca; — já nos incommodava—e o que eu mais receava era o frio. Todos tres levavamos roupa muito leve, pois nas quebradas da serra o calor de dia era insupportavel! Eu n'aquelle dia não levei casaco nem colete, mas apenas um guarda-pó de lona. Estavamos pois todos tres já sentindo bastante frio e vingavamo-nos d'elle, se nos embrulhassemos em magote, como eu propunha; retrogradámos porem mais um pouco e, deparando com um chão, onde cabiamos bem os 3, eu tirei o meu cantil, mais secco do que as palhas,—colloquei-o na terra,—lancei sobre elle um lenço e disse:

—A minha cama esta feita.

---

[1] O *Cantaro Gordo* não tem cota nos mappas da commissão geodesica, mas deve ser aproximadamente a mesma do *Cantaro Magro*,—1926 metros?!...

—Faça lá tambem a minha—disse Lopes Mendes, dando-me o seu cantil. Colloquei-o junto do meu e deitei-me logo.

—

Castel-Branco esmoreceu e disse: «Eu estou muito suado e morro com este ar da noite se ahi me deito ao relento. Vou fazer uma fogueira.»

Tractou de lançar fogo ao zimbro, mas já *não ardia?!*... Foram então os dois — elle e o Lopes Mendes—procurar as vergonteas queimadas do zimbro a que eu tinha lançado o fogo e, depois de grandes esforços, conseguiram fazer uma pequena fogueira. Estavam os dois junto d'ella e eu já principiando a dormir, estirado no chão, quando ouvimos a pequena distancia um tiro no alto da encosta fronteira e uma voz de Estentor dizendo:

—Vossês onde estão?

—Estamos no alto do *Cantaro Gordo* e não podemos descer sem guias! — respondi eu, levantando-me com difficuldade, porque o frio já me tolhia os movimentos do corpo?!...

—Elles lá vão!— elles lá vão! — disse na mesma voz de Estentor o sr. Leonardo Torres, vogal da *Expedição.*

—

D'alí a pouco estavam juntos de nós dois guias.

Levaram-nos até o fragão abrupto, mas para descermos vimo-nos perdidos!

Os homens lá encontraram certas fendas, que elles conheciam, e n'ellas se firmaram, mas nós viamos sómente a fraga núa! Afoitavam-nos e convidavam-nos para descermos, e era esse o meu desejo, mas Lopes Mendes, depois de mirar e remirar bem o precipicio, não estava pelos autos.

—Nós morremos aqui!—disse elle. É melhor esperarmos que amanheça. Estes homens que vão buscar-nos roupa e de dia veremos como as coisas correm. A descida a estas horas é uma temeridade, uma loucura!

Os nossos companheiros já se ouviam e viam a pequena distancia, no alto da encosta fronteira; um dos guias desceu, collou-se ao fragão; estendeu os braços e disse ao Lopes Mendes que firmasse os pés nas mãos d'elle;—o outro guia collou-se junto de nós no fragão, segurando-o por um braço. Lopes Mendes foi descendo de costas, suspenso pelos dois guias e com os braços ambos abertos, procurando algum apoio no fragão nù. Eu afoitava-o, mas elle, muito afflicto e como que suspenso entre a vida e a morte, dizia: — «Eu não encontro apoio para os pés nem para as mãos!... E' melhor esperarmos que amanheça.»

Foi porem baixando com o peso do corpo e, suspenso pelos dois guias, chegou vivo lá ao fundo. Depois descemos da mesma fórma eu e Castel-Branco.

Lá do fundo contemplámos com assombro o dicto fragão — e Lopes Mendes d'ali mesmo ao clarão da lua o desenhou.

Era meia noite. Abraçámos o nosso salvador e os outros companheiros — e seguimos para o acampamento, aonde chegámos com muita fóme e muita séde á uma hora da manhã do dia 11, sendo recebidos com estrepitosos *hurrhás!*

Não podia terminar melhor a nossa louca aventura e aqui a deixamos fielmente registrada *ad perpetuam rei memoriam.*

Vista retrospectiva

Quando os nossos companheiros lobrigaram do acampamento as fogueiras do zimbro, ficaram muito satisfeitos, — chamaram os guias e perguntaram-lhes que sitio era aquelle.

—É o alto do *Cantaro Gordo*—responderam elles logo.

—É preciso irmos lá para trazermos os nossos companheiros—disse o sr. Leonardo Torres, homem muito energico e muito valente.[1]

---

[1] O sr. dr. Leonardo Torres e o sr. dr. Medina formavam a secção hydrologica e haviam ficado em Manteigas analysando as aguas thermaes d'aquella villa, mas por for-

—Eu nunca fui ao alto do *Cantaro Gordo* nem sei por onde se sobe para elle—disse o poltrão... chefe dos guias.

—Pois elles não hão-de lá ficar! —disse *muito resolutamente* o sr. Leonardo Torres, pegando na sua bella carabina ingleza de dois canos.—Se elles subiram, tambem vossês podem subir. *Vamos lá!*...

—Eu não vou, porque não conheço aquelle *cantaro*—disse o manhoso chefe dos guias —e todos os outros se calaram.

Os guias eram muitos e todos pastores valentes, mas a *Expedição* era superior em numero e tinha no acampamento ás suas ordens 6 soldados, um cabo e um corneta.

O sr. Leonardo Torres, homem *de pelle diabi*, não gostou da renitencia, estava *bem armado* e dispunha-se á obrigar os pastores a irem diante d'elle, quando um pobre de Manteigas, que providencialmente ali chegou momentos antes, disse:

—Vamos lá, meu amo! Eu tambem sou pastor e já por ali andei.[1]

--

Leonardo Torres poz-se logo em marcha com a sua carabina, levando na frente o dicto pastor. Ficou envergonhado o chefe dos guias e acompanhou-os tambem, unindo-se á caravana alguns expedicionarios e dois cavalheiros de Pinhel, que ao tempo ali se achavam de visita.

Caminhando a passo accelerado, em breve nos descobriram — e Leonardo Torres disparou a clavina, para nos acordar e animar.

---

tuna tinham chegado ao acampamento n'aquelle mesmo dia de manhã, pouco antes de nós partirmos para a serra e de darmos principio á nossa aventura.

[1] O bom do homem chamava-se *Mattos Costa* e aproveitou o ensejo de lisongear a *Expedição*, porque um incendio lhe tinha devorado *n'aquelle mesmo dia* uma pequena seara de centeio, que era toda a sua fortuna, e lembrou-se de ir ao acampamento pedir uma esmola. Deram-se-lhe algumas libras e foi muito satisfeito.

O resto já nós contámos.

Valeu-nos pois o sr. Leonardo Torres com a sua grande energia.

Foi o nosso salvador!

Eis aqui a longos traços a historia da nossa aventura e do nosso phantastico passeio *á meia noite* pelo alto do *Cantaro Gordo.*

Sensi in fronte meo se arripiare cabellos!...

Não repetiria o passeio em taes condições por coisa alguma, mas durante elle — mesmo na subida e descida — nunca tive tanto mêdo, como annos antes (em 9 de outubro de 1868) quando era muito mais novo e mais vigoroso e visitei com sol os *Castellos dos Cabris,*—penhascos medonhos que se erguem na margem esquerda do Tavora, concelho de Taboaço.

Horresco referens!

A entrada para os dictos penhascos é muito mais perigosa — mesmo de dia! De noite ninguem ali se salvava.

Eu tenciono descrever os dictos *castellos* e chamar para elles a attenção dos forasteiros, porque são historicos, muito dignos de se visitarem—e apenas distarão 500 metros da linda estrada nova em construcção do Espinho (foz do Tavora) a Viseu, por Taboaço, Tavora, Sendim, Moimenta da Beira, etc. mas ninguem tente visital-os sem ir amarrado por cordas e sem levar guias de confiança.

Nunca me vi tão perdido nem defrontei com a morte tão de perto!...

V. *Cabriz* n'este diccionario e no supplemento.

Ha tambem não longe dos dictos *castellos* e da dicta estrada nova outros sitios muito interessantes e muito dignos de se visitarem, taes são as ruinas de *S. Pedro Velho*, primitivo convento de *S. Pedro das Aguias*, o convento novo; a *Ponte do Fumo*, a quinta da *Aveleira*, as ruinas do *Paço*, antigo solar dos marquezes de Tavora, o castello do *Calfão*, a *Penha Amarella*, o *Cabeço da Forca*— e a propria estrada nova a macadam. E' lindissima e um arrojo de construcção, nomeadamente o lanço do *Ribeiro Fradinho* pois tem muros de supporte com 17 metros d'altura?!...

V. *Tavora*, freguezia do concelho de Taboaço e *Vicente* (S.) — tomo 10.º pag. 516, col. 1.ª

Sitios mais notaveis da Serra da Estrella, propriamente dicta.

—*Torre* (pyramide) *da Estrella*, ou *Malhão da Estrella*, ou simplesmente *Estrella*.

E' o formoso e vistoso planalto, ponto culminante da serra, mencionado supra, e do qual, por ter a forma de estrella, a serra, segundo alguem suppõe, tomou o nome de *serra da Estrella*.

—*Malhão Grosso*.

—*Cantaro Magro*.

—*Cantaro Raso* ou *Caes da Estrella*, porque termina em superficie plana e a face N. cahe a prumo sobre o *covão dos cantaros* imitando a muralha d'um caes.

—*Cantaro Gordo*.

—*Lagôa Comprida*.

—*Lagôa Escura*.

—*Lagôa Redonda*.

—*Lagôa Secca*.

—*Lagôa do Paxão*.

—*Lagôa da Salgadeira* ou dos *Cantaros*.

—*Penhasco da Candieira*.

—*Poio do Passarão*.

—*Poios Negros*.

—*Poios Brancos*.

—*Nave da Argenteira*.

—*Nave da Candieira*.

—*Nave de Santo Antonio*.

—*Nave do Arco*.

—*Nave das Rãs*.

—*Cumiada da Nave*.

—*Covão do Boi*.

Demora a S. e junto do *Cantaro Raso*, e semelha as ruinas d'um templo subterraneo ou catacumba que perdesse o tecto, pois sendo liso o vão dos outros covões, no vão d'este erguem-se differentes monolithos sobrepostos e ajustados em forma de *menhirs*, imitando as columnas que dividem as naves e sustentam o tecto dos nossos templos

As dictas columnas teem fórmas variadas;—recordam os monumentos megalithicos pre-historicos da *idade da pedra*—e na minha humilde opinião *demandam estudo*!...

Uma d'ellas imita um dente queixal enorme com as raizes voltadas para o firmamento;—outra, a que olha para a *rua dos Mercadores* e *Cantaro Magro*, é formada por dois grandes penedos sobrepostos, tendo na face em que se ajustam, como servindo de cunha para equilibrio do penedo superior, uma grande lasca de granito, que parece um lagarto enorme petrificado, que ali ficou entalado. Distingue-se *perfeitamente* do lado da *rua dos Mercadores*,—assim como do fundo da *Risca do Covão do Boi* se distingue *perfeitamente* uma carranca enorme no bojo do *Cantaro Magro*, olhando para o *Cantaro Gordo* e para a *Nave da Candieira*, como já dissemos supra, quando fallámos dos *cantaros* e das nascentes do *Zezere*.

Com vista aos archeologos.
Prosigamos.

—*Covão do Homem*.

—*Covão da Mulher*.

—*Covão do Lobo*.

—*Covão do Urso*.

—*Covão do Vidoal*.

—*Covão dos Cantaros* ou *Rua das Roseiras*.

—*Covão Grande*.

E' o da *Lagoa Comprida*.

—*Penha do Gato*.

—*Fraga das Penhas*, ou *Penhas Douradas*.

—*Fraga da Varanda*.

—*Fraga da Batalha*.

—*Fragas do Avento*.

—*Curral do Martins*.[1]

—*Curral do Vento*.

—*Curral da Nave*.

—*Chafariz d'El-rei*.

—*Fonte dos Perús*.

—*Penhasco da Figueira Brava*.

Demora em frente da foz da ribeira de

[1] Não longe do *Curral do Martins*, um pobre trabalhador de Manteigas ha annos encontrou soterrado um bracelete que vendeu por mais de 100 moedas, ou de réis 480$000,—segundo consta.

Leandres e cahe a prumo sobre a margem esquerda do Zezere, cerca de 3 kilometros a jusante da villa de Manteigas, formando uma lombada medonha que avança contra o sul, encobrindo as margens do Zezere a montante, e a villa.

No tempo da guerra peninsular, quando os francezes andavam talando e saqueando esta provincia e se dirigiam para Manteigas pela estrada velha da margem do Zezere, carreiro de cabras informe, os habitantes de Manteigas fortificaram a dicta passagem com vallas e muros toscos, improvisados de momento, addiccionando-lhes uma *grande roda* (talvez roda d'algum dos seus engenhos) especie de barricada. Correram todos a defender aquelle ponto com as armas que poderam haver á mão; fizeram vivo fogo sobre os francezes; outros, alcandorados no medonho fragão, faziam rolar enormes pedras, que varriam a lombada e a estrada até o Zezere, imitando os herminios d'outr'ora e os habitantes d'Andorra.

Ficaram os francezes attonitos! Muitos foram esmagados pelas pedras; outros morreram varados por balas; outros afogados no rio e, não podendo contornar o medonho fragão, retrocederam, ficando Manteigas livre das garras dos jacobinos.

Hurrah pelos intrepidos defensores da villa de Manteigas!

Prosigamos.

—

—*Cabeço do Frade* e

—*Cabeço da Freira.*

Estes cabeços foram assim denominados, porque vistos d'alguma distancia, nomeadamente do sitio de *Torne-agua,* parecem dois frades!

Demoram na margem esquerda do Zezere, junto do *Curral do Martins* e das nascentes do ribeiro das *Lameiras,* mencionado supra.

—*Cabeço do Souto.*

—*Cabeço da Moreira.*

—*Cabeço da Azinheira.*

—*Chão das Barcas.*

—*Corgo das Mós.*

Junto d'este sitio estão o *Observatorio* e os *sanatorios,* de que fallaremos adiante.

—*Canariz.*

—*Valle do Conde.*

—*Valle da Perdiz.*

—*Corredor dos Mouros.*

—*Villa de Mouros.*

—*Contenda.*

—*Corvo.*

—*S. Bento.*

—*S. Payo.*

—*S. Gabriel.*

—*S. Sebastião.*

—*S. Domingos.*

—*Senhora da Assedassa.*

—*Senhora dos Verdes.*

—*Alto da Santinha.*

—*Rodeio Grande.*

—*Barros Vermelhos.*

—*Taboeiras.*

—*Picôto.*

—*Zebraes.*

—*Corugeira.*

—*Galhardos.*

—*Mondeguinho.*

—*Alfatima,* ou *Curuto d'Alfatima.*

E' um dos cabeços mais notaveis da serra e tem uma lenda interessantissima. V. *Manteigas.*

—*Pico do Corvo.*

—*Pedra da Meza.*

—*Fragão do Ronca.*

Demora no *Valle do Conde.* Ali passou uma noite o sr. Emygdio Navarro, quando em 1883 visitou a serra da Estrella e deu o nome de *Ronca* ao dicto fragão, porque resonava muito alto um dos seus companheiros.

V. *Quatro dias na serra da Estrella,* pag. 96 e 97.

—*Rua das Roseiras.*

—*Rua dos Mercadores.*

—*Calçada do Inferno.*

—*Acampamento da Expedição.*

Logo fallaremos d'elle e d'ella.

—*Casa de Cesar Henriques.*

Foi a 1.ª do *sanatorio,* de que logo fallaremos tambem.

—*Gruta da Candieira,* ou *Caverna da Estrella.*

Já ficou descripta supra, quando fallámos da ascenção ao *Cantaro Gordo.*

—*Arca do pão*, ou *casa do pão.*

É uma fraga, onde os pastores guardam o pão, como já dissemos supra.

—*Castro de Argemella.*

—*Castro de Valhelhas.*

—*Castro de S. Romão.*

—*Castro dos Tres Povos.*

—*Castro de Pero Viseu.*

—*Castro de Tintinolho* e

—*Castro d'Alfatima.*

V. *Relatorio d'Archeologia*, da Expedição scientifica.

—*Riscas da lagôa Escura.*

Assim se denominam uns rochedos, que estão na linha do corrego entre a *Lagoa Escura* e a *Lagoa Comprida.*

—*Risca do Covão do Boi.*

Já fallámos d'ella supra.

—*Terras Vermelhas*, ou *Pedras Vermelhas*, ou *Barro Vermelho.*

Do feldspatho vermelho, que se vae desaggregando do granito, proveiu o nome ao dicto local. Demora a N. do *Planalto da Expedição.*

—*Pomar de Judas.*

Demora no valle do rio Alva.

—*Montes Castelhanos.*

Demoram entre S. Romão e Ceia.

—*Colcorinho.*

—*Lapa dos Dinheiros.*

—*Ajax*,—montes proximos de Gouveia.

—*Poio da Morte.*

—*Fragão do Corvo*, etc. etc.

Thesouros

A serra da Estrella, *propriamente dicta*, hoje está completamente nua e deserta, mas outr'ora foi arborisada e em grande parte habitada, pelo menos *temporariamente*, durante as continuadas guerras d'exterminio, que desde os tempos prehistoricos até á invasão franceza assolaram e devastaram Portugal e a peninsula, dando-lhes apenas de longe em longe alguns seculos de paz.

Durante aquellas porfiadas luctas, os povos que se refugiavam na serra da *Estrella*, por ser a maior de Portugal e a que lhes offerecia mais alguma segurança,—povos das abas da serra d'envolta com outros povos talvez de *pontos bem longinquos*,—para a serra levavam as suas preciosidades; ali as guardavam e escondiam soterrando-as; ali as deixavam, quando eram perseguidos, ou se afastavam da serra para se baterem, ou para tratarem dos seus negocios, ou para verem os seus lares, os seus amigos e parentes—e muitos *não mais voltavam*, porque os tempos eram calamitosos!...

Assim se explica o facto de terem apparecido em differentes datas na serra differentes thesouros e muitas preciosidades nos *pontos mais bravios*, quando os lavradores, matteiros e carvoeiros fazem de longe em longe pequenas escavações.[1]

E, se a vasta superficie da serra, em vez de conservar-se inculta e sem movimento algum, como tem estado até hoje, fosse toda cultivada, arroteada e movida profundamente,—lá se encontrariam por certo *outros muitos thesouros*!...

—

Dos que até hoje ali se teem encontrado mencionaremos apenas os seguintes:

—Junto do *Curral do Martins* o bracelete d'ouro mencionado supra e que, segundo consta, foi vendido por mais de 100 moedas?!...

—Em *Nogueira*, a montante da villa de Ceia, onde ha vestigios de povoação antiquissima, encontrou-se uma chapa d'ouro com a letra—M.

—Em *Torrozello* appareceu n'um batatal um botão de prata maior que um *pinto*,[2]—

[1] Assim se explicam tambem as lendas das *mouras encantadas, guardando grandes thesouros*,—lendas trivialissimas em Portugal e na Hespanha.

E que thesouros não deixariam soterrados e escondidos ou mouros e os *romanos* em Portugal e na peninsula?

[2] *Pinto* ou *crusado novo*,—moeda portugueza extincta depois do meiado d'este seculo.

Valia 480 réis.

com um leão, um caçador e uma lebre na carreira.

—No castro ou cabeço d'*Alfatima* achou-se uma bengala de prata com cadeia do mesmo metal.

—Em *Folgosinho*, junto das *Fragas do Avento*, ha poucos annos um carvoeiro achou soterrados cinco braceletes d'ouro, o mais grosso dos quaes foi vendido por 50 libras, ou 225$000 réis, a um ourives do Porto,—e o sr. dr. Martins Sarmento, distincto archeologo de Guimarães, comprou dois dos ditos braceletes, um dos quaes lhe custou 24 libras.

Estes ultimos 2 braceletes podem ver-se em gravura no *Relatorio d'Archeologia* da Expedição.

—Aproximadamente em 1880 appareceram mais dois braceletes d'ouro em *Pena-Lobo*, tambem dentro da serra, eguaes aos dois ultimos, indicados supra.

—No *Castro dos Tres Povos* appareceram moedas d'ouro, muito antigas.

—Em *Gibraltar*, perto de Teixoso, appareceram em um rego d'agoa 11 tigelões e 15 tigelas de prata—e a pequena distancia appareceram tambem umas argolas d'ouro encadeadas.

—Na *Fonte da Pena Lisa* encontrou-se uma barra d'ouro, que pesava 60 libras, ou 270$000 réis.

—Junto de *Castello Reigoso* encontrou-se uma meada d'*arame de ouro*, de que os pastores fizeram colchetes para as suas capas.

—Em *Alvôco da Serra*, como já dissemos supra, ainda ha poucos annos appareceram mais de 1:000 denarios romanos, muito bem conservados, soterrados em um monte pertencente ao sr. Antonio Luiz Monteiro Pina.

Estavam mettidos em uma pequena pia de granito, coberta com uma lagea de schisto.

O mesmo senhor me enviou 3 dos taes denarios, um dos quaes *é inedito*—verdadeira raridade numismatica,—pelo que, para não se extraviar, offereci-o á camara municipal do Porto e póde ver-se no museu d'ella.

Tambem consta que na mesma freguezia d'*Alvoco* teem apparecido muitos thesouros e ha lendas e signaes que promettem *ainda mais*!?...

Uma lenda, v. g., diz—que debaixo do altar da egreja de *S. Romão*, junto do *castro* d'este nome, concelho de Ceia, estão — um altar d'oiro e uma bezerra tambem d'oiro.

Apontam-se tambem differentes achados d'oiro em pó e de pedras preciosas.

V. *Relatorio de Archeologia* da Expedição.

E quantos thesouros e preciosidades terão apparecido na serra da *Estrella*, sem que haja memoria d'elles?

A *Expedição* fez muito, mas a serra da *Estrella* é tão vasta, tão escabrosa, tão cheia de *castros* e d'outras velharias romanas e pre-romanas das idades de pedra e do bronze, que a maior parte d'ella ficou por explorar=e assim se conservará muitos annos, porque a exploração é difficil, morosa e *dispendiosa*!... Entretanto, quem pretender mais noticias da grande serra consulte os *Relatorios da Expedição*, o formoso livro do sr. Navarro e os bellos mappas da commissão geodesica.

A Expedição scientifica de 1881

O sr. dr. J. T. de Sousa Martins, afamado clinico de Lisboa, tendo plena confiança no tractamento da tuberculose pela rarefação do ar nas grandes altitudes, e vendo os beneficos resultados que a humanidade enferma estava tirando dos *sanatorios* dos Alpes e da Suissa, concebeu o projecto de montar na serra da Estrella sanatorios analogos para os tysicos portuguezes, pois desgraçadamente hoje a tysica mata a 5.ª parte da população do nosso paiz em Lisboa, no Porto e n'outras cidades.

Elle sabia qual era a altitude da serra da Estrella, mas não conhecia bem a topographia, a orographia, a meteorologia, a climatologia e outras condições d'ella, muito precisas para determinar a posição e construcção dos *sanatorios*. Alem d'isso, tantas lendas e patranhas cercavam a dicta serra, que mal podia extremar-se d'ellas a parte historica e real, pelo que, sendo socio da benemerita sociedade de geographia de Lisboa, resolveu-a enviar, como enviou, uma

Expedição scientifica á serra da Estrella,= expedição que *até hoje* em Portugal foi a *primeira* no seu genero—e tarde registraremos outra que a supplante.

A *Expedição* chegou á serra da *Estrella* no dia 4 d'agosto de 1881 e ali se conservou até o dia 20 do dicto mez.

—

Foi subsidiada pelo governo e pela junta geral do districto da Guarda; as camaras de Ceia, Gouveia e Manteigas forneceram-lhe trabalhadores e guias; a companhia real dos caminhos de ferro portuguezes beneficiou-a com o abatimento de 50 por cento na sua linha do *Norte*, etc. mas ainda assim a benemerita sociedade de geographia gastou bom dinheiro, porque a Expedição foi bastante nnmerosa e muito dispendiosa,—apesar de ser *gratuito* o alto pessoal, e todo muito escolhido! Era quasi todo formado de lentes de diversas escolas,— de officiaes superiores do nosso exercito—e de clinicos distinctissimos.

A *Expedição* custaria *dez vezes mais*, se o seu muito illustrado e muito independente pessoal superior fosse remunerado—e estou certo, certissimo, de que, embora fosse bem remunerado, não trabalharia tanto, como trabalhou, nem supportaria os discommodos que supportou.

PESSOAL SUPERIOR[1]

Secção de agronomia e sylvicultura

Chefe — Jayme Batalha Reis. S. S. G. e *professor do instituto geral d'agricultura.*

Joaquim Pedro de Freitas Castel-Branco, *agronomo no districto da Guarda.*[2]

Pedro Roberto da Cunha e Silva, S. S. G. e *engenheiro sylvicultor, chefe de divisão florestal.*

Secção de anthropologia

Chefe—Dr. José Joaquim da Silva Amado. S. S. G. e *professor da escola medico-cirurgica de Lisboa.*

Dr. Francisco Augusto d'Oliveira Feijão, S.S. G., tambem *professor da mesma escola* e medico da camara real, etc.

Secção de archeologia

Chefe—Dr. Francisco Martins Sarmento, S. S. G., archeologo distinctissimo, natural de Guimarães e ali grande proprietario, explorador da *Citania* e fundador da benemerita *Sociedade Martins Sarmento*, etc. etc.

V. *Guimarães* n'este diccionario e no supplemento.

Gabriel Pereira, S. S. G. e um dos primeiros archeologos do nosso paiz.

Vivia então em Evora, onde foi bibliothecario, e hoje vive em Lisboa, onde é official da *Bibliotheca publica*, etc.

Joaquim de Vasconcellos, S. S. G., natural do Porto e ali residente, professor d'allemão no lyceu, director do museu industrial e commercial e um dos portuenses mais talentosos e mais illustrados, fecundo escriptor publico, etc. etc.

V. *Viseu*, tomo 11.º pag. 1854, col. 1.ª e segg.

Secção de botanica

Chefe—Dr. Julio Augusto Henriques, S. S. G., lente de botanica na Universidade de Coimbra e director zelosissimo e dignissimo do jardim botanico da Universidade, etc. etc.

Jules Daveau, S. S. G. e *jardineiro em chefe do jardim botanico da escola polytechnica de Lisboa.*

Secção de ethnographia

Chefe—Luiz Feliciano Marrecas Ferreira, S. S. G., capitão de engenheiros e professor da escola do exercito.

---

[1] A abreviatura *S. S. G.* quer dizer—*Socio da Sociedade de Geographia* de Lisboa.

[2] V. *Valezim* e o topico supra, onde descrevemos a nossa memoravel ascenção ao *Cantaro Gordo.*

O seu *Relatorio de Ethnographia* deu-lhe um trabalho insano, mas tem muito merecimento e é uma fonte indispensavel para todos quantos de futuro se proponham fallar da *serra da Estrella.*

Antonio Lopes Mendes, S. S. G.. distincto escriptor publico e paisagista, agronomo, etc.

V. *Villa Real de Tras os Montes*, tomo 11.º pag. 1031, col. 2.ª *in fine* e segg., e o topico supra, onde descrevemos a nossa memoravel ascenção ao *Cantaro Gordo.*

Secção de chimica

Chefe — Carl von Bonhorst, S. S. G., assistente do professor no laboratorio do instituto industrial e commercial de Lisboa.

Antonio Eugenio de Carvalho da Silva Pinto, S. S. G., 1.º tenente d'artilheria e instructor dos trabalhos chimicos na escola do exercito.

Secção de geologia

Chefe—João Eduardo Albers, S. S. G., engenheiro, inspector de minas.

Alfredo Augusto de Moraes Carvalho, conductor de minas, muito modesto, muito illustrado e excellente pessoa.

Sendo fidalgo distincto, nós o vimos trabalhar como um jornaleiro ou cavouqueiro, na sua secção.

V. *Vimioso*, tomo 11.º pag. 1483, col. 2.ª

Secção de hydrographia

Chefe—José Emilio de Sant'Anna Castello Branco, S. S. G., capitão d'engenheiros e professor da escola do exercito.

Pedro Romano Folque, S. S. G. e capitão d'engenheiros tambem.

Sub-secção
Levantamento e sondagem das lagôas

Chefe—Francisco da Silva Ribeiro, major d'engenharia e director das obras publicas no districto da Guarda.

Foi quem dirigiu as obras do acampamento e é irmão do sr. dr. e commendador Abel da Silva Ribeiro, tambem muito illustrado.[1]

Luiz Feliciano Marrecas Ferreira, mencionado supra, como chefe da secção de Etnographia.

Norberto Amancio d'Almeida Campos, tenente d'infanteria, servindo na direcção das obras publicas da Guarda, cavalheiro muito tratavel e muito illustrado.

Foi quem presidiu ás obras do acampamento.

Secção de medicina

Chefe — Dr. José Thomaz de Sousa Martins, S. S. G., professor da escola medico-cirurgica de Lisboa, medico do paço dos nossos reis e um dos primeiros clinicos da capital, etc.

A elle se deve em grande parte a *Expedição* e os *Sanatorios*, de que adiante fallaremos.[2]

Dr. Jacintho Augusto Medina, S. S. G., e medico do hospital de marinha em Lisboa.

Dr. José Antonio Serrano, S. S. G. e professor da escola medico-cirurgica de Lisboa.

Sub-secção de hydrologia minero-medicinal

Chefe—Dr. Leonardo Moreira Leão da

---

[1] V. *Pinheiro da Bemposta*, vol. 7.º pag. 55, e *Villa Nova de Mil Fontes*. tomo 11.º pag. 858, col. 1.ª e segg.

[2] Em Lisboa é um *gentleman* e vive esplendidamente;—na serra parecia um serrano—com sapatos grossos ferrados, camisola grosseira de lã, e na cabeça uma carapuça de lã groseira tambem, mas apenas constou que ali se achava tão afamado clinico,—voaram a consultal-o centos de doentes pobres e ricos, alguns de pontos muito distantes. A todos attendia e tratava gratuitamente—e aos pobres tambem gratuitamente lhes dava remedios da bem provida ambulancia da *Expedição.*

Durante os 15 dias que passou na serra, foi a providencia dos serranos todos. Tarde ou nunca serão, como foram, tratados por clinico tão distincto!...

Costa Torres, S. S. G., medico e capitalista.[1]

Dr. Jacinto Augusto Medina, mencionado supra.

Sub-secção de ophtalmologia

Chefe — Dr. Francisco Lourenço da Fonseca Junior, S. S. G. e medico-oculista.

Alvaro da Fonseca, alumno do 4.º anno da escola medico-cirurgica de Lisboa.

Secção oe meteorologia

Chefe—Augusto Carlos da Silva, 1.º tenente da armada real e observador do observatorio meteorologico do infante D. Luiz.

Hermenegildo Carlos de Brito Capello, S. S. G., capitão-tenente da armada real, explorador geographico, etc.

Dr. Jacintho Augusto Medina, mencionado supra.

Secção de photographia

Chefe—Frederico Augusto Torres, S. S. G. e major de cavallaria.

Era uma excellente pessoa e talvez o mais velho de todos os expedicionarios.[2]

---

[1] Foi o *nosso salvador* na memoravel ascenção ao *Cantaro Gordo*, como já dissemos supra.

Analysou as aguas thermaes de *Manteigas* e de *Unhaes da Serra.* Tendo boa fortuna, *elle proprio*, para mais confiança, ia colher a agua e a levava para o laboratorio, como se fosse um *jornaleiro*!...—E para se esquivar a consultas, que lhe roubavam tempo de que não podia dispor, dizia aos doentes:

—«Vão consultar o meu amo...»—dando a entender que era um *simples criado* do sr. dr. Medina.

Trabalhou muito e eu o vi alagado em suor.

[2] Uma anecdota:—Levou para o acampamento talher de prata e louça da India (?) mas um dia no refeitorio cairam ao chão algumas das dictas peças de louça e fizeram-se em cacos!...

Alberto Julio de Brito e Cunha, S. S. G. e segundo tenente d'artilheria.

Gostava de banhar-se e nadar;—banhou-se e nadou na *lagoa do Paxão* e na *lagoa Escura,* mas n'esta ultima ia morrendo afogado, como já dissemos,

Norberto Amancio d'Almeida Campos, mencionado supra.

Secção de Zoologia

Chefe—Dr. Francisco Mattoso dos Santos, S. S. G. e professor da escola polytechnica de Lisboa.

Secção de Zootechnica

Chefe—José Anastacio Monteiro, S. S. G. e intendente de pecuaria no districto da Guarda.

SECÇÕES AUXILIARES[1]

Topographia

Chefe—Antonio Xavier d'Almeida Pinheiro, S. S. G. e *engenheiro civil.*

Augusto Cesar Paes de Faria, *engenheiro, chefe de serviço.*

Luiz da Silva Mousinho d'Albuquerque, *engenheiro.*

Bartholomeu Valladas, *conductor, chefe de secção.*

Barnabé da Costa Roxo, *idem.*

Carlos Agostinho da Costa, *idem.*

Antonio Henriques d'Almeida Castello Branco, *conductor.*

Antonio Maria Beltrão, *idem.*

Antonio Marques da Silva, *idem.*

Eduardo Frederico de Mello Garrido, *idem.*

Francisco Sabino da Costa, *idem.*

---

[1] Incumbidas officialmente de fazer o levantamento topographico e construir os abarracamentos, em virtude do pedido que ao ministerio das obras publicas fez a *Sociedade de Geographia de Lisboa,* promotora da *Expedição.*

Acampamento

Chefe—Francisco da Silva Ribeiro, mencionado supra.

Norberto Amancio d'Almeida Campos, *idem.*

André de Moura, *apontador de 1.ª classe.*

Commissão administrativa da Expedição

Presidentes—Hermenegildo Carlos de Brito Capello e

Dr. José Thomaz de Sousa Martins, mencionado supra.

Secretario — Rodrigo Affonso Pequito, S. S. G. e professor do instituto industrial e commercial de Lisboa.

Thezoureiro—Eduardo Coelho, S. S. G., fundador, redactor e proprietario do *Diario de Noticias.*

Se bem me recordo, falleceu em 1888, deixando boa fortuna, ganhada com o dicto jornal, pois era e é talvez o mais lido e mais rendoso que tem tido Portugal até hoje, apesar de ser um jornal de *10 réis* de preço, cada numero.

Eduardo Coelho era um moço muito tractavel e muito sympathico, filho de Coimbra e, quando montou o jornal, era um simples typographo.

Vogaes—Emilio Henrique Xavier Nogueira, S. S. G., capitão de infanteria e professor do real collegio militar,— José Estevam de Moraes Sarmento, S. S. G., capitão de infanteria e promotor de justiça nos tribunaes militares, — Luiz Feliciano Marrecas Ferreira, mencionado supra, — e Manoel Francisco d'Oliveira Feijão, S. S. G. e *guarda-livros.*

Commissão auxiliar da cidade da Guarda

Presidente — Francisco Antonio Patricio, S. S. G., *negociante e vogal da junta geral do districto da Guarda.*

Secretario — Fernando Pereira Mousinho d'Albuquerque, S. S. G. e *capitão d'engenheiros.*

Vogaes — Henrique Pereira Pinto Bravo, *engenheiro,*—Joaquim Geraldes dos Santos, *funccionario publico,* — José Abrantes Martins da Cunha, filho de Manteigas, redactor do jornal *Districto da Guarda,* — José Augusto Barbosa Colen, S. S. G., *jornalista* e *procurador á junta geral do districto da Guarda,*—Manoel Emigdio da Silva, S. S. G. e *professor no lyceu da Guarda,* — Manoel Lopes de Sousa, *proprietario,*— e Norberto Amancio d'Almeida Campos, mencionado supra.

Pessoal auxiliar

Francisco de Paula dos Santos Rodrigues, apontador de 1.ª classe e amanuense da sociedade de geographia,—Jayme Adelino Gomes da Silva, ajudante dos observadores no observatorio meteorologico do infante D. Luiz,—José Manoel Morgado, empregado no museu anatomico da escola medico-cirurgica de Lisboa,—Miguel Sertorio, praticante no laboratorio do instituto industrial e commercial de Lisboa,—e José Maria de Lima e Lemos, empregado no museu zoologico da escola polytechnica de Lisboa.

Este sr. Lima e Lemos, apesar de ser *coxo,* foi um dos que mais trabalhou.

Era caçador de borboletas, insectos e reptis; deixava o acampamento de madrugada e recolhia ao fim da tarde, com o seu guia e as suas grandes carteiras, quasi sempre cheias.

Tem caçado e *criado* milhares de borboletas, pois quando encontra alguma de mais merecimento, guarda-a para criação e propagação. Tem dado e vendido collecções valiosas e em muitos dos grandes museus publicos e particulares da Europa e da America se vêem borboletas caçadas por elle. No Porto existe uma soberba collecção de borboletas, insectos e beija-flores, que elle caçou e organisou. Vale *contos de réis* e pertence ao sr. José Teixeira da Silva Braga Junior, grande capitalista e vice-consul brazileiro.

O sr. Lima e Lemos é natural da freguezia d'*Alcofra,* concelho e comarca de Vouzella; foi muito novo para o Brazil e, depois de varios accidentes de fortuna, conseguiu empregar-se nos jardins do palacio impe-

rial do Rio de Janeiro, como guarda de um *chalet*. Vendo revoar em volta d'elle grande quantidade de borboletas lindissimas, tractou de as caçar e colleccionar e com ellas brindava os visitantes nacionaes e estrangeiros, recebendo pingues gratificações, pelo que mais se apaixonou pelas borboletas; não podendo porém estar ao mesmo tempo no *chalet*, como guarda, e nos vastos jardins caçando, os companheiros invejosos accusaram-no de faltas. Valeram-lhe as proprias borboletas, pois indo ao *chalet* o imperador e vendo tantas e tão lindas collecções de insectos, borboletas e beija-flores, ordenou-lhe que organisasse uma collecção para o palacio imperial.

O homem cumpriu. O imperador ficou muito satisfeito e deu-lhe ampla liberdade para proseguir na caça das borboletas, insectos e beija-flores, e com as muitas collecções que organisou, deu e vendeu, arranjou certo peculio. Tentado pelo amor da patria, pois é uma excellente pessoa, veiu a Portugal e passado algum tempo dispunha-se a voltar para o Brazil, mas a sr.ª duqueza de Palmella empregou-o no muzeu zoologico e ali se conserva ainda.

É talvez o mais distincto caçador e colleccionador de borboletas que Portugal tem tido até hoje.

Pessoal menor

Trabalhadores do jardim botanico da escola polytechnica de Lisboa, 2; trabalhadores do jardim botanico da Universidade de Coimbra, 2; cosinheiros, 1;[1] homens das localidades proximas da serra:—carpinteiros, pedreiros, guias, caçadores, pescadores, correios, ajudantes de cosinha, cortador e trabalhadores—38.

Serviço de policia

1 cabo, 1 corneteiro e 6 soldados de infanteria n.º 12.

—

Do exposto se vê que o pessoal da Expedição era muito numeroso e que ella, como já dissemos, custaria *10 vezes mais*, se o seu alto e muito illustrado pessoal, em vez de ser, como foi, *todo gratuito*, fose *todo remunerado*. Estamos até convencidos de que alguns dos expedicionarios por preço nenhum iriam, como foram, passar dentro da grande serra 15 dias com menos commodos do que teem ordinariamente os seus criados.

O governo mandou preparar o acampamento pelo director das obras publicas da Guarda e nunca se viram tantos commodos n'aquella região.[1] Os proprios expedicionarios ficaram absortos.

O acampamento comprehendia as edificações seguintes:

1.ª—Uma barraca para o pessoal superior. Era a maior e mais luxuosa, e tinha capacidade bastante para refeitorio e dormitorio de 60 a 70 pessoas.

2.ª—Barraca para o pessoal inferior.

3.ª—Barraca para a cosinha.

4.ª—Barraca para cavallariças.

5.ª—Barraca para deposito de palha e feno.

6.ª—Barraca para o observatorio meteorologico.

7.ª—Barraca para a commissão administrativa.

---

[1] Foi de Lisboa e ganhava 1$500 réis por dia. Cosinhava muito bem, mas estava alheiado na serra e, apesar de ter muitos ajudantes, suou para dar de comer a tanta gente e a horas differentes, desde a madrugada até alta noite. Devia estranhar muito os discommodos da rude cosinha, a falta de louça e d'outros aprestos.

[1] Braz Garcia de Mascarenhas no seu poema *Viriato Tragico* descreveu festas pomposissimas—cavalhadas, torneios, jogos de canas e de gladiadores, regatas, etc. etc. dados por Viriato, o *grande*, na serra da Estrella, em um amplo e magestoso circo e nas lagôas, mas tudo aquillo é phantastico.

V. *sp. cit.*, canto XI liv. 2.º pag. 37-70.

8.ª—Barraca para o pessoal das obras publicas.

9.ª—Barraca para a secção do acampamento.

10.ª—Barraca para a secção de chimica.

11.ª—Barraca para a secção de medicina.

12.ª—Barraca para a secção de botanica.

13.ª—Barraca para a secção de zoologia.

14.ª—Barraca para matadouro.

15.ª—Barraca para dispensa.

16.ª—Barraca para capoeira.

17.ª—Barraca para latrinas.

Todas estas edificações formavam um povoado de certa imponencia e satisfizeram ao seu fim, mas não podiam ser mais singelas, nem mais economicas.

Exceptuando a cosinha, cujas paredes eram de pedra tosca, todas as outras edificações eram de pinheiro verde, cortado e serrado dias antes, e cobertas de lona.[1] Apenas a barraca do pessoal superior era tambem interiormente forrada de brim.

Eis a nota official da importancia do acampamento:

Compra de lona e brim......	310$040
Compra de madeiras.........	202$800
Conducção..................	312$110
Ferragens, cordas, pregos, etc.	61$040
Construcção................	87$600
Desmancho..................	18$290
Indemnisação do terreno para um caminho.............	4$500
Ajudas de custo aos empregados.....................	35$640
Total.......	1:032$020

Custou mais a conducção da madeira do que a propria madeira, pois foi cortada na freguezia de *Famalicão*, concelho da Guarda, e na de *Santa Marinha*, concelho de Ceia; depois conduzida em carros a muito custo até ás faldas da serra—e d'ali até o acampamento (cerca de 10 kilometros) em cavalgaduras e ás costas de jornaleiros.

—

As camas do pessoal superior eram macas de navios de guerra, emprestadas pelo governo; os lavatorios eram alguidares ou *tigelões* de barro grosseiro, espalhados pelo chão, ao longo da grande barraca; a louça era tambem toda barata e grosseira; a mesa do refeitorio era de pinho verde e tosco. Armava-se a meio da grande barraca, a todo o comprimento d'ella; depois da refeição levantava-se e o dicto vão ficava servindo de corredor ou *coxia*. Total—uma pobreza franciscana, relativamente aos commodos habituaes dos expedicionarios, mas um fausto deslumbrante no meio da grande serra, pelo que em volta do acampamento estava sempre um arraial de pessoas das circumvisinhanças, que da Guarda, Manteigas, Ceia, Gouveia, Pinhel, Covilhã, etc. iam ver e admirar tudo aquillo, ficando estupefactos os pobres serranos.[1]

Até um dia ali appareceu uma familia completa, da freguezia de *S. Romão de Ceia*, em um carro toldado e tirado por bois, com assombro dos montanhezes todos, pois não havia memoria de ter ido até ali outro carro. A serra toda é crusada por differentes veredas e atalhos, muito frequentados no *verão*, mas sómente por pedestres e, quando muito, por cavalleiros.

O dicto carro pertencia a um grande proprietario de S. Romão, homem muito nutrido, que foi montado em um valente macho

[1] Como lembrança dos dias que ali passei e de que ainda me recordo e recordarei sempre com saudade, conservo um fragmento da lona e outro da madeira das barracas,—outro do zimbro da serra e algumas bagas d'elle,—o chocalho da ovelha comida pelos lobos e 3 grandes pennas d'aguia.

[1] Tambem junto do acampamento os pobres serranos formaram durante a *Expedição* um mercado, onde vendiam boa fructa e excellente vinho de mesa, de *Famalicão*, ovos, leite, patos, perus, queijo, gallinhas, pão, etc.

—e no carro levou toda a familia:—senhoras, meninos e criadas.

—

Outra visita memoravel foi a de um joven bacharel da Covilhã.

Tendo de ir para Porto de Mós, como delegado do procurador regio, não se atreveu a partir sem ir visitar o acampamento. Para fugir ao sol, que era muito ardente, saiu da Covilhã ao declinar da tarde, fazendo caminho pela serra, acompanhado por dois moços seus visinhos, que tocavam muito bem guitarra e viola franceza e, para obsequiarem a *Expedição*, levaram os seus instrumentos; surprehendeu-os porem dentro da montanha uma grande trovoada. Tiveram de passar a noite debaixo de uns penedos, encharcados d'agua e embalados pelo ribombar dos trovões,—e só chegaram ao acampamento na manhã do dia seguinte. A *Expedição* recebeu-os com alvoroço e á noite houve chá, musica e dança, na barraca da direcção.

Foi uma noite excepcional e muito divertida, mas não menos excepcional nem menos divertida foi a noite antecedente,—a noite da

Grande trovoada

As coisas passaram-se assim:

A Expedição estava anciosa por ver n'aquella altitude uma boa trovoada.[1] Eis que logo de manhã se ouviram alguns trovões longinquos e cairam algumas leves gotas d'agua. Conservou-se turva a athmosphera todo o dia, mas sem chover nem trovejar. *Ad cautellam* os expedicionarios não sairam do acampamento; jantaram e ao fim da tarde, vendo a distancia uma grande carga de electricidade fuzilando a N.O., sobre o Alva, foram todos n'aquelle rumo ver o espectaculo.

E era realmente interessante, porque a massa electrica estava em altitude um pouco inferior á linha que nós occupavamos—e as faiscas partiam do centro da dicta massa em differentes direcções:—umas para cima, outras para baixo e outras para os lados. De repente soprou uma aragem forte, cairam algumas gotas d'agua e todos nós recolhemos ao acampamento, procurando abrigo.

O vento e a chuva augmentaram; afinou a trovoada;—a breve trecho estava a prumo sobre nós — e assim se conservou até ás 4 horas da manhã?!...

Conservámo-nos muito tempo a pé, rindo e palestrando ao som da estranha musica, mas, como ella não terminava, fomo-nos deitando.

O vendaval sacudia fortemente as barracas todas e ainda lançou por terra uma—a do sr. dr. Julio Henriques, director do jardim botanico de Coimbra; não causou porem felizmente desgraças nem prejuizos, posto que os ribombos estalavam junto do tecto da barraca onde dormiamos,— ou antes—onde estavamos deitados, pois não era possivel dormir com tal musica e chovia em quasi todas as camas, pelo que os expedicionarios, já deitados, tiveram de sentar-se nas macas e de abrir os guarda-chuvas para se abrigarem com elles.

O espectaculo era interessantissimo e foi acompanhado de gargalhadas homericas, pelo que só de madrugada podemos conciliar o somno.

Deus fez-nos a vontade, mandando para o acampamento uma trovoada medonha! Não nos assustou muito, por estarmos—só na dicta barraca—talvez mais de 40 homens e quasi todos muito illustrados, mas se lá estivessem senhoras não faltariam *cheliques*!...

Eu gosto de ver as trovoadas, as faiscas electricas e o clarão dos relampagos ao som do ribombar dos trovões, mas não gosto de as ver a prumo sobre mim, como aquella— e Deus me livrára de estar então só no acampamento, ou no meio da montanha,

---

[1] A barraca maior do acampamento estava na altitude de 1838 metros—e o observatorio na de 1850 metros sobre o nivel do mar. A *Torre* (pyramide) *da Estrella*, ponto culminante da serra, tem a cota de 1:991 metros.

debaixo dos frAgões, onde pernoitaram e a saborearam os hospedes da Covilhã.

Muito mais poderiamos dizer da serra da Estrella e da *Expedição* de 1881, mas *sat prata biberunt!*...

Quem pretender mais amplas noticias consulte os mappas da commissão geodesica, os relatorios da *Expedição* e o livro do sr. Navarro—*Quatro dias na serra da Estrella*.

Tambem é muito digno de ler-se o *Viriato Tragico* de Mascarenhas, nomeadamente o canto XI, onde se encontram os mais formosos versos que até hoje se dedicaram á serra da Estrella.

OS SANATORIOS E O CLUB HERMINIO

Vamos fechar este longo artigo, indicando uma das maiores vantagens que o nosso paiz e a humanidade enferma tiraram da *Expedição* de 1881 com a instituição dos *sanatorios* e do *Club Herminio*.

Bem quizera dar desenvolvimento a este topico, mas fica simplesmente indicado e muito ligeiramente esboçado, porque a despeito de todos os meus esforços não me foi possivel obter *uma só linha* das pessoas a quem reiteradas vezes me dirigi e muito instantemente as pedi,--sendo aliás as pessoas mais competentes e mais interessadas no assumpto.

Depois talvez se queixem das omissões e dos lapsos, mas—*sibi imputent!*...

Os leitores mal imaginam as difficuldades com que luctamos para obter por vezes apontamentos bem simples.

Como todas as nossas chorographias *até hoje* eram muito superficiaes e muito cegas — e nós não adivinhamos, — tenho escripto *centos e centos* de cartas, pedindo informações aos parochos, meus collegas, e a outros cavalheiros e pessoas das diversas localidades. Muitos responderam, pelo que mais uma vez lhes beijo as mãos agradecido, mas não poucos *ficaram mudos*, taes foram com relação a este artigo *Zezere* os priores de *S. Pedro da Covilhã, Alvaro, Pedrogam Grande* e *Pampilhosa*; valeram-nos porem e muito nos penhoraram os nossos muito rev. collegas:—Joaquim Pereira Monteiro, prior de S. Pedro de Manteigas, — José Augusto Mendes, prior de Belmonte, — Manoel Dias Barata, prior de Janeiro de Baixo, Diogo Pereira Baeta Vasconcellos, prior de Figueiró dos Vinhos, — Francisco José Pereira, prior de Dornes,—e o sr. dr. João Francisco Pires, prior de Paio Pelle, hoje *Praia*,— bem como os muito reverendos srs. José Abrantes Martins da Cunha, de Manteigas, e Antonio José da Silva Serra, de Sernache do Bom Jardim.

Muito me penhoraram tambem com apontamentos relativos ao *Zezere*, suas barcas, póços e pontes, o sr. João Gadanho Serra, illustrado filho de Abrantes, hoje director das obras publicas no districto de Beja, então director das obras publicas no districto de Castello Branco, — e o sr. dr. Giraldo Joaquim Maria da Costa, nosso velho amigo e cyreneu, medico no Sardoal.

Os leitores não se espantem por haver batido a tantas portas. Tudo foi necessario e não bastou, pois *ninguem* conhece o Zezere todo desde os *cantaros* até *Constança*—e os collegas e cavalheiros a quem me dirigi, sendo todos visinhos d'elle, apenas poderam informar com relação ás secções ou espaço que conheciam.[1]

Prosigamos.

---

[1] *Tudo foi necessario e não bastou*, pois muito contra a minha vontade ficaram bastante incompletas as listas dos *póços*, *penhascos*, *barcas* e *pontes* do Zezere.

A' ultima hora soube que alem das pontes mencionadas supra, tem o Zezere mais duas, formadas por *simples troncos d'arvores!* Demoram nas proximidades do Sameiro e Val de Moreira e por ellas, embora *com grande risco*, passam os pastores com os seus cães e rebanhos de cabras, carneiros e ovelhas.

Tambem soube que a antiga ponte de pedra de *Valhelhas* tem 4 arcos e que o seu taboleiro foi alargado para passagem da estrada nova de Manteigas á Covilhã, Belmonte e Guarda, e v. v.

—

O sr. dr. Sousa Martins, depois das observações e dos estudos feitos *por elle proprio* na serra da Estrella durante os 15 dias que lá se demorou com a Expedição, mais se convenceu de que a dicta serra se prestava muito bem para o tratamento da tyzica pela rarefacção do ar nas grandes altitudes e que n'este ponto a *Estrella* rivalisava com as montanhas dos Alpes e da Suissa.

Reforçaram tambem depois a sua convicção as observações feitas pelo sr. Augusto de Brito Capello,[1] no observatorio meteorologico montado na serra pelo nosso governo em principios de 1882, junto do *Córgo das Mós*, no sitio do *Poio Negro*, a O.N.O. e não longe de Manteigas, na altitude de 1500 metros—aproximadamente,[2]—pelo que o sr. dr. Sousa Martins afoitamente aconselhou o sr. Alfredo Cesar Henriques, moço de fortuna, rezidente em Lisboa e muito doente dos pulmões, para ir passar algum tempo na serra da Estrella.

O moço, tendo viajado muito e consultado grandes summidades medicas sem esperanças de se restabelecer; tendo estado inclusivamente na ilha da Madeira, annuiu e marchou para a serra da Estrella em julho de 1882. Hospedou-se algum tempo no observatorio, por não haver ali então outra casa, mas, como dispunha de meios e era bastante illustrado, fez rapidamente um *chalet* na altitude de 1441 metros, um pouco a jusante do observatorio, transformando certos penedos em casa de habitação, casa tosca e singela, mas lindissima, onde ficou vivendo e tem vivido até hoje (novembro de 1889)—muito satisfeito, porque se restabeleceu completamente e gosa perfeita saude. Affeiçoou-se á grande serra e n'ella se entretem caçando, passeando, photographando e animando os outros doentes que hoje ali se acham, pois é muito tratavel, bastante illustrado e um distincto photographo amador.

No livro do sr. Navarro podem ver-se muitas photographias dos pontos mais notaveis da serra da Estrella, tiradas pelo sr. Alfredo Cesar Henriques, avultando entre ellas o *observatorio*, as lagôas *Escura* e do *Paxão*, os cantaros *Gordo e Magro*—e o seu proprio *chalet*.

—

Toda a nossa imprensa jornalistica noticiou a ída de s. ex.ª para a serra da Estrella, as suas rapidas melhoras e o seu completo restabelecimento, pelo que de varios pontos do nosso paiz principiaram os tuberculosos a demandar a serra tambem, mas como ali não houvesse casas para elles, o sr. Cesar Henriques mandou construir algumas; foram tambem outras construidas por differentes pessoas e em principios do corrente anno de 1889 formou-se em Lisboa uma associação, denominada *Club Herminio*, com o intuito de montar na serra da Estrella um *sanatorio* regular, á imitação do de *Davos-Platz* da Suissa.

—

Temos sobre a nossa mesa de estudo um exemplar dos *Estatutos do Club Herminio, associação de beneficencia, fundada para tratamento de tuberculosos na Serra da Estrella*, — Lisboa, — typographia Netto, 1889;—e dos mencionados *estatutos* vamos fazer um leve extracto:

. . . .

. . . .

«Artigo 2.º — Tem por fim promover directa e indirectamente o melhoramento das condições naturaes da *Serra da Estrella*, considerada como *estação sanitaria*.

1.º—Estabelecendo casas de saude sob direcção medica.

2.º—Soccorrendo doentes d'ambos os sexos que, pelas suas precarias circumstancias, não possam seguir o tratamento re-

[1] Este sr. A. Brito Capello é irmão do sr. Hermenegildo Carlos de Brito Capello, mencionado supra, e que foi o prezidente da *Expedição scientifica*.

[2] Ignoramos a sua cota. A do *Córgo das Mós*, um pouco mais alta, é de 1547 metros—e a da casa de Cesar Henriques, um pouco mais baixa, é de 1441.

commendado pelo medico assistente, fornecendo-lhes transporte, casa, medico, remedios, alimentos e emfim tudo quanto seja indispensavel para a sua melhora.[1]

3.º—Exercendo policia hygienica em todos os pontos da Serra e nas habitações...

4.º—Promovendo que em diversos pontos das estradas publicas da *Serra da Estrella* se estabeleçam signaes que, de noite ou de dia e em tempo bom ou mau, sirvam de guia aos viandantes, orientando-os sobre a direcção a tomar, como podem ser por exemplo:—marcos com inscripções, balisas, pharolins, etc. etc.

5.º—Promovendo toda a ordem de distracção domiciliaria e na séde da associação que possa influir beneficamente na saude dos doentes.

6.º—Estabelecendo na séde da associação um gabinete de leitura scientifica e de recreio, e um gymnasio salutar apropriado aos doentes.

7.º—Auxiliando os socios nas excursões scientificas ou recreativas á Serra.

. . . .

. . . .

Artigo 4.º—A duração d'esta associação é por tempo illimitado.

Artigo 5.º—A associação terá a sua séde no planalto da *Serra da Estrella*, no ponto em que a sua acção seja mais conveniente, podendo ter delegações onde os seus interesses as reclamem.

Artigo 6.º—A associação compõe-se de individuos de ambos os sexos que terão a classificação de:

—Socios honorarios;

—Socios contribuintes;

—Socios bemfeitores.

. . . .

Artigo 8.º—Socios contribuintes são todos aquelles que se obrigam ao pagamento de uma quota mensal de 200 réis.

. . . .

Artigo 10.º—A associação conferirá diplomas a todos os socios e um distinctivo de que possam fazer uzo habitual.

Art. 11.º—Os socios contribuintes teem direito a eleger e a serem eleitos para quaesquer cargos da administração, logares que serão desempenhados gratuita e obrigatoriamente.

. . . .

. . . .

Artigo 13.º — A direcção compõe-se de tres membros eleitos annualmente pela assembléa geral d'entre os socios contribuintes.»

> Um dos membros da direcção desempenhará o logar de *presidente*,—outro o de *secretario*—e outro o de *thezoureiro*.

. . . .

«Art. 16.º—A responsabilidade dos membros da direcção é *solidaria*.

. . . .

Art. 19.º—A primeira direcção durará tres annos e será constituida por tres membros effectivos e tres substitutos, escolhidos de entre os socios fundadores............

. . . .

Art. 20.º—A assembléa geral é representada por todos os associados que se apresentarem com os seus diplomas ou distinctivos e não tenham perdido a qualidade de socios ao tempo da reunião.

§ *unico*. — A assembléa geral funcciona com qualquer numero de socios não inferior a dez.

Art. 21.º—A assembléa geral é ordinaria ou extraordinaria.

§ 1.º—A assembléa geral ordinaria terá lugar annualmente, na séde da associação, no dia 15 de agosto de cada anno, pelas duas horas da tarde.

. . . .

. . . .

Art. 23.º—Os socios fundadores conferiram approvação aos presentes *estatutos*, por que será regido o *Club Herminio*, e usando das suas prerogativas e do que dispõe o art. 19.º acclamaram socios *honorarios* os ill.^mos e ex.^mos srs.: Dr. José Thomaz de Sousa Martins, conselheiro Emygdio Ju-

---

[1] Deus ampare e proteja tão santa instituição!...

lio Navarro, João Carlos de Brito Capello e bacharel Joaquim Simões Ferreira, conferindo ao benemerito dr. José Thomaz de Souza Martins o titulo de *presidente perpetuo* da associação, por se dever á sua iniciativa, dedicação, estudos e serviços o tratamento da tuberculose em Portugal nas grandes altitudes da Serra da Estrella, que já hoje conta felizes resultados; e elegeram a direcção, que ficou constituida pelos ill.mos e ex.mos srs.:

—Dr. Bazilio Freire, *presidente*.

—Alfredo Cesar Henriques, *thesoureiro*.

—Guilherme Telles de Menezes, *secretario*.

E no impedimento pelos ill.mos e ex.mos srs.:

—Dr. Joaquim Borges, *vice-presidente*;[1]

—Dr. José Pereira de Mattos, *vice-secretario*;

—Dr. Joaquim Augusto Ferreira da Fonseca, *vice-thesoureiro*.

No fim dos mencionados *estatutos* se encontra a lista dos *socios fundadores*. Comprehende 89 senhoras e 421 cavalheiros;—total — 510, mas consta-nos que é muito maior o numero dos socios actuaes—e entre elles se acham inscriptos *muitos titulares*.

Todo o paiz recebeu enthusiasticamente a noticia de tão piedosa e sympathica instituição e é muito auspicioso o seu futuro.

—

Na Estrella, junto do observatorio e da casa de Cesar Henriques já se vê um povoado de vinte e tantas casas, achando-se em construcção outras muitas; já vivem ali no momento trinta tuberculosos e, se houvessem mais casas feitas, maior seria aquelle numero, pois muitos doentes, por falta de habitações na serra, não teem passado da Guarda.

Tambem anda em construcção outro *sanatorio* junto da Covilhã—e vão construir-se mais dois: um na cidade da Guarda, em altitude superior a 1000 metros; outro na serra da Louzã, em altitude superior ao da Guarda.

O da *Estrella* já offerece bastantes commodos, por ser um povoado importante; e tende a augmentar consideravelmente. Está junto do observatorio; já tem estação telegrapho-postal e passa muito perto d'elle a nova estrada a macadam em construcção de Gouveia para Manteigas *pelo centro da montanha*, — estrada que deve pôr o *sanatorio* em contacto, por meio de diligencias e de viaturas de toda a ordem, com as linhas da Beira Alta e Beira Baixa, pois Gouveia e Manteigas já estão servidas por diligencias que vão até áquellas duas linhas.

—

Devem-se pois os *sanatorios* de Portugal e da *Estrella* á *Expedição scientifica* de 1881 e aos esforços e propaganda do sr. dr. Sousa Martins e do sr. Alfredo Cesar Henriques. O 1.º, como abalisado professor e clinico, argumenta com a sciencia; — o 2.º com a *experiencia*. O facto da cura realisada n'elle proprio é um argumento vivo, concludente e o *mais convincente*!... E não é um facto isolado, porque todos os tuberculosos, que foram após elle para a serra da Estrella,—todos teem experimentado consideraveis melhoras e são como elle apologistas da grande serra para o tratamento da tysica,—dessa medonha enfermidade que até hoje zombou da medicina e que desgraçadamente está ceifando a *quinta parte* da população das nossas villas e cidades!...

Um outro beneficio importante que resultou da *Expedição* de 1881 foi a reorganisação dos serviços florestaes, — a arborisação das dunas do littoral, das nossas estradas a macadam e das serras da *Estrella* e do *Gerez*.

Já no ultimo anno se fizeram grandes

---

[1] E' o sr. dr. Joaquim Borges Garcia de Campos, hoje representante da opulenta casa *Rainhas*, de Gouveia, pelo seu casamento com uma filha e principal herdeira do grande industrial *Joaquim d'Almeida Rainha*

V. *Villa Nova de Tazem*.

plantações e sementeiras de arvoredo—e deve-se este importante melhoramento publico ao sr. Emygdio Navarro,[1] auctor do formoso livro mencionado supra, pois sendo ministro desde 1886 até maio do corrente anno de 1889, não se esqueceu da nudez da grande serra que vizitára em 1883, pouco antes de ser ministro, e decretou a arborisação d'ella e da do Gerez, etc. etc. como a *Expedição* propoz nos seus relatorios.

Mil graças a uns e outros, porque a arborisação é *riqueza, belleza* e *saude*!

Albergarias

Um outro melhoramento importante, lembrado pela *Expedição* e que póde ser um grande beneficio para a humanidade, é a construcção de *albergarias* dentro da serra da Estrella, ao longo dos diversos caminhos que atravessam a montanha em todas as direcções,—caminhos muito frequentados no verão e mesmo na primavera e no outono pelos habitantes dos povos circumvisinhos, pois encurtam muito, seguindo pela montanha.

Entre a Covilhã e Manteigas, por exemplo, ha hoje uma boa estrada a macadam, servida por diligencias, mas o povo, sempre que póde, vae pela serra, pois adianta nada menos de *tres horas*! São porem os taes caminhos muito asperos e muito perigosos na primavera e no outono, porque a neve por vezes surprehende os viandantes na serra e muitos lá ficam sepultados.

Seria pois para desejar que ao longo da montanha fizessem *albergarias*, ou casas de abrigo para os tranzeuntes, embora muito singelas, como outr'ora tantas se fizeram em varios pontos do nosso paiz, nomeadamente nas serras do *Marão, Manhouce, Carvalho* ou *Cantaro, Britiande* e *Arouca*, etc.

V. *Albergaria* (1.ª—8.ª) *Carvalho, Cantaro* e *Vouzella*, tomo 11.º pag. 2021, col. 2.ª e segg.

Deus inspire o nosso governo, os nossos reis ou infantes, ou alguns cidadãos benemeritos, para que, á imitação dos nossos antepassados, mandem fazer *albergarias* dentro da serra da *Estrella*.

Barão do rio Zezere

Joaquim Bento Pereira, filho de Bento Pereira d'Almeida, negociante e proprietario em Setubal, e de D. Anna Joaquina Lizarda do Valle e Almeida, nasceu em Setubal a 17 d'agosto de 1798[1] e falleceu em Lisboa a 19 de dezembro de 1875, tendo casado a 12 de junho de 1851 com D. Joaquina Lucia de Brito Veloso Peixoto, que morreu a 28 de dezembro de 1879, filha de Agostinho Veloso Peixoto de Brito, capitão de infanteria do exercito, addido ao 2.º batalhão de veteranos, e de sua mulher D. Dorotheia de Brito.

O nosso biographado *Joaquim Bento Pereira* foi um dos mais valentes officiaes do nosso exercito e um dos filhos mais benemeritos de Setubal, 1.º *barão do rio Zezere*, par do reino, general de divisão, do conselho de S. M., gran cruz das ordens d'Aviz e da Torre e Espada, commendador da de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, ajudante de campo honorario de S. M., deputado da nação em varias legislaturas, condecorado com a *Estrella d'ouro* de Montevideu, com as de valor militar e bons serviços e a do n.º 9 das campanhas de 1833, cavalleiro de 1.ª classe da ordem militar de S. Fernando e commendador da de Isabel a catholica, etc. etc.

---

[1] V. *Viseu*, tomo 11.º pag. 1843, col 2.ª, onde muito ligeiramente esboçámos a biographia de s. ex.ª

[1] A *Rezenha das Familias titulares*... de Albano da Silveira Pinto, muito dignamente continuada pelo sr. visconde de Sanches de Baêna, diz que o nosso biographado nasceu em 1801, mas o *Diccion. Popular* e o sr. Manoel Maria Portella, illustrado filho de Setubal, dizem que nasceu em 1798.

—

Alistou-se no 2.º regimento de infanteria de voluntarios reaes d'el-rei a 27 de junho de 1816 e, sendo reconhecido cadete, embarcou para Montevideu a 14 de agosto do mesmo anno; fez toda a campanha da Banda Oriental até 1824, regressando a Lisboa a 12 d'agosto d'esse anno.

Em junho de 1818 foi despachado alferes de commissão e em março de 1821 foi nomeado alferes effectivo; com este posto entrou em Portugal e serviu no regimento de infanteria 14: passou depois para o 4 da mesma arma e assistiu a toda a campanha de 1826, fazendo parte das forças que ás ordens do conde de Villa Flor bateram os absolutistas.

Promovido a tenente em dezembro de 1827, emigrou para a Inglaterra no anno immediato e, passando aos Açores em fevereiro de 1829, tomou parte como major de brigada na acção do dia 11 de agosto; esteve na tomada da ilha de S. Miguel e Ladeira Velha e o duque da Terceira o elogiou pela sua bravura.

Sendo collocado em infanteria 10, desembarcou com este regimento no Mindello em 8 de julho de 1832 e fez todo o *cerco do Porto*; tomou parte na acção de Souto Redondo e distinguiu-se como tenente da companhia incumbida de cobrir a retirada do seu regimento.

Pouco depois, no dia 29 de setembro, entrou ao lado do valente coronel Pacheco na bateria da *Lomba*, occupada pelas forças de D. Miguel, portando-se de modo tal, que foi recommendado.

A 4 de março de 1833 defendeu com duas companhias o reducto do *Pinhal* contra 3 vigorosos ataqu-s do inimigo e no dia 18 de agosto desalojou os sitiantes de uma forte posição, quando já um batalhão de voluntarios tinha sido repellido, pelo que, sob proposta do coronel Pacheco, lhe foi conferido o 2.º grau da Torre e Espada, não sendo ainda cavalleiro da dita ordem, tendo sido já promovido ao posto de capitão em 6 d'agosto de 1832.

Foi elogiado e recommendado pelo duque da Terceira pela bravura com que tomou a forte posição do *Covello*; — depois, já em 1834, commandou uma força de 200 praças incumbida de proteger o desembarque do almirante Napier na Figueira e assistiu á batalha da *Asseiceira*, ultima da campanha liberal e que determinou a convenção d'Evora Monte.

—

Joaquim Bento era homem de genio arrebatado. Em 1835, sendo capitão e julgando-se desconsiderado pelo coronel Thomaz de Magalhães Coutinho, commandante do regimento de infanteria 10, não só lhe dirigiu uma carta nos termos mais violentos, mas publicou-a no *Nacional*, pelo que um conselho de guerra o condemnou a ser *fusilado*, mas, por ser official da Torre e Espada, o supremo conselho suspendeu aquella deliberação e mandou que se procedesse a novo julgamento, no qual foi absolvido.

Em dezembro do mesmo anno de 1835 foi na divisão auxiliar á Hespanha como addido ao quartel general; depois entrou para o corpo do estado maior e, seguindo a *revolução dos marechaes*, foi pela convenção de Chaves separado do quadro do exercito, no qual entrou depois em julho de 1840, sendo em 1842 promovido a major.

Em 1843 bateu-se em duello com o auctor de *D. Branca*, depois visconde d'Almeida Garrett.

As coisas passaram-se assim:

Garrett, sendo deputado e discutindo na camara a prisão de dois collegas, censurou asperamente as demasias da tropa. Joaquim Bento por essa occasião disse:

«Tira-se-lhe o chinó e dá-se-lhe com elle na cara.»

O poeta publicou no *Diario do Governo* uma carta, lançando agua na fervura, mas no mesmo *Diario* de 22 de julho publicou Joaquim Bento em resposta áquella, outra carta,[1] defendendo a guarda municipal de

---

[1] Podem ver-se ambas no *Diccionario Popular*, que vamos extractando.

Lisboa e o exercito, terminando por dizer: —«se alguem me perguntar porque me contento com esta declaração, responderei em duas palavras:—porque satisfações d'outra natureza só se exigem de quem as quer e sabe dar. *Joaquim Bento Pereira*, major do regimento de infanteria n.° 7.»

Posta a questão n'estes termos, Garrett mandou desafiar Joaquim Bento; encontraram-se junto dos arcos das *Aguas Livres*, mas nenhum dos dois ficou ferido, como consta das actas que appareceram na *Revolução de Setembro* e que foram transcriptas pelo sr. Francisco Gomes d'Amorim na sua interessante biographia d'Almeida Garrett, com outros detalhes de tão estranha occorrencia.

O artigo da *Revolução* diz o seguinte:

«Hontem (25) ás cinco horas da tarde bateram-se em duello á pistola, junto ao arco grande das *Aguas Livres*, os srs. Joaquim Bento Pereira e João Baptista d'Almeida Garrett.

«Depois de avaliarem bem a importancia da offensa, que deu origem ao duello, accordaram entre si os padrinhos e testemunhas... que os dois cavalheiros se batessem a *vinte passos* e á sorte.

«Chegados ao campo e cumpridas as formalidades do estylo, caiu ao sr. Joaquim Bento Pereira a sorte de atirar primeiro. Dado o signal, o sr. Joaquim Bento disparou para o ar, e o sr. Garrett, atirando depois, seguiu este exemplo.

«O sr. Joaquim Bento Pereira requereu ao sair-lhe a sorte, e depois de disparar, um tiro livre para o sr. Garrett, o que lhe foi recusado pelos padrinhos.»

Do exposto se vê que o nosso biographado foi muito generoso.

—

Em 1844, por occasião do cerco d'Almeida, commandou um batalhão de 4 companhias, que tomou parte nas operações contra aquella praça.

Em seguida ao golpe de estado de 6 d'outubro de 1846, passou a servir ás ordens do marechal Saldanha; em 14 do dicto mez foi nomeado commandante do batalhão de caçadores n.° 1, á frente do qual assistiu á batalha de Torres Vedras, sendo ali por distincção feito tenente coronel.

Tomou parte activa e muito importante no movimento de 1851 e, tendo-se pronunciado a favor de Saldanha e marchando com o corpo do seu commando para Santarem, segundo fôra ajustado, não pôde ali entrar por não adherirem á revolução alguns regimentos que a isso se tinham compromettido.

Depois de muitas peripecias, a guarnição do Porto pronunciou-se a favor de Saldanha e fez triumphar a regeneração, mas, quando tudo se julgava perdido e o marechal desanimado seguia já o caminho de Hespanha, o coronel Joaquim Bento com a sua habitual energia desconcertou as forças enviadas contra elle e, *atravessando o Zezere duas vezes*,[1] conseguiu juntar-se em Ceia ao batalhão de caçadores 5, do commando de Cabreira, (depois barão da Batalha) que se havia revoltado em Leiria.

—

Nomeado commandante da 1.ª brigada do exercito regenerador, elevado a brigadeiro e agraciado com o titulo de *barão do rio Zezere*, passou logo a commandar a divisão do Algarve, onde se conservou até 1856, sendo depois nomeado inspector geral de infanteria, cargo que exerceu até junho de 1866, accumulando desde 1864 a commissão de commandante da 2.ª brigada de infanteria de instrucção e manobra.

Em junho de 1866, por estar (segundo constou) envolvido n'uns projectos d'alteração da ordem publica, foi transferido para o commando da divisão militar dos Açores, d'onde em 1868 voltou a commandar uma das brigadas d'infanteria de Lisboa.

Sendo um dos officiaes que em dezembro de 1869 mais se distinguiram a favor do

---

[1] Esta arrojada e feliz manobra lhe mereceu o titulo de *barão do rio Zezere.*

marechal Saldanha, foi exonerado da commissão; esteve preso na torre de S. Julião da Barra e depois foi mandado commandar novamente a divisão dos Açores. Regressou ao continente em 19 de maio, sendo então nomeado commandante da divisão do Porto, cargo de que não tomou posse, porque apenas chegou a Lisboa, foi-lhe dado o commando das guardas municipaes, situação em que estava ainda, quando falleceu.

No gabinete da prezidencia da camara de Setubal póde ver-se o retrato do *barão do Zezere*, a oleo e em tamanho natural, offerecido á dicta camara pela sobrinha e herdeira do nosso biographado, pois morreu sem successão.

Desculpem as dimensões d'este longo artigo, *Zezere*, que tanto trabalho nos deu!...

ZEZERE—villa e castello antiquissimos, outr'ora denominados villa e parochia de *Santa Maria do Zezere*,—depois villa e parochia de *Paio-Pelle*—e hoje vulgarmente e simplesmente *Praia*, por ser a povoação d'este nome hoje a mais importante d'aquella freguezia, que até 1839 foi concelho á parte com justiças proprias. Hoje pertence ao concelho de *Villa Nova da Barquinha*, creado n'aquella data e tendo por séde a villa da *Barquinha*, que até 2 de maio de 1838 era uma simples povoação da freguezia e concelho antiquissimos da *Atalaia*.

Com a evolução do tempo a simples aldeia da *Barquinha* supplantou as villas, freguezias e concelhos de Atalaia, Tancos e Paio Pelle, que por decreto de 2 de julho de 1839 ficaram constituindo o actual concelho da *Barquinha*,—concelho insignificante e menos importante do que muitas das nossas freguezias ruraes, pois conta apenas 871 fogos, pelo que não tardará talvez que por seu turno seja supprimido e incorporado n'outro, obedecendo á mesma lei da evolução.

Para evitarmos repetições vejam-se os artigos ***Almourol, Atalaia, Barquinha, Paio de Pelle, Tancos*** e ***Villa Nova da Barquinha***, tomo 11.º pag. 808, col. 1.ª

—

O antigo *castello do Zezere* demorava na confluencia d'este rio com o Tejo, a O. e defronte de *Punhete*, hoje *Villa Nova de Constança*, e foi feito ou restaurado no anno de 1172 pelo mestre do Templo D. Gualdim Paes, que tambem fundou ou antes *repovoou* a villa de *Santa Maria do Zezere* (depois *Nossa Senhora da Conceição de Paio Pelle*) no alto d'um monte escarpado, mas proxima do dicto castello e dependencia d'elle. Suppomos até que a villa foi acastellada e afortalesada tambem desde tempos muito remotos, porque o sitio era muito defensavel e a sua posição geographica e estrategica *importantissimas*. Dominava a foz do Zezere, rio que pela fragosidade e aspereza das suas margens era uma barreira muito difficil de transpor desde o Tejo até á Covilhã;—e dominava tambem o Tejo, outra barreira difficil de transpor, pelo que ainda nos principios d'este seculo, por occasião da guerra da *Peninsula*, montámos um reducto no alto da extincta villa, onde hoje apenas se vê a velha matriz de *Nossa Senhora da Conceição de Paio Pelle*, talvez fundação dos templarios tambem, e junto d'ella, a distancia de 50 metros para o sul, um pequeno e pobre cemiterio, com muros *feitos de taipa*, caiados e a esphacelar-se.

Ainda junto do dicto templo, hoje completamente isolado, se vê em volta d'elle uma trincheira do mencionado reducto e n'ella um canhão de grosso calibre com as armas portuguezas.

O dicto reducto jogava contra uma bateria que os francezes montaram a E. na margem esquerda do Zezere, junto do vistoso e magestoso templo de *Nossa Senhora dos Martyres*, a cavalleiro de *Villa Nova de Constança*, hoje matriz d'aquella villa desde 1833, data em que demoliram o velho e arruinado templo de *S. Julião*, que demorava na Praça e foi a 1.ª matriz da villa de *Punhete*, hoje *Constança*.[1]

---

[1] Hoje a matriz está, como dissemos, na vasta e sumptuosa egreja de *Nossa Senhora*

Do antigo *castello do Zezere,* fundação ou restauração de Gualdim Paes, ainda hoje se vêem grossos muros, saindo do fundo do rio na foz do Zezere, no pontal da sua confluencia com o Tejo. Foi destruido e arruinado pelo tempo, pelas muitas guerras que assolaram o nosso paiz e pelas grandes enchentes dos dois rios, a maior das quaes n'este seculo foi a de 1876.

Uns denominam as mencionadas ruinas *castello,* outros *torre* e outros *palacio do conde da Taipa,* porque foi propriedade dos dictos condes, um dos quaes vendeu aquellas ruinas a Vicente Ferreira Annes de Oliveira, de Villa Nova de Constança.

Da villa de *Santa Maria do Zezere* nada, absolutamente nada resta, alem do antiquissimo e venerando templo de *Nossa Senhora da Conceição,* a velha matriz de *Paio Pelle,* que ficou isolada no alto do monte, distando da margem direita do Tejo cerca de 400 metros para N. E.—e 150 a 200 metros do Zezere para O. sendo bastante escarpadas as pendentes do dicto monte sobre o Tejo e sobre o Zezere, que ali formam um angulo obtuso, tendo por vertice as ruinas do castello de Gualdim Paes e correndo o Tejo de N.E. a S.O.—e o Zezere de N.O. a S.E.

Em volta do dicto templo e nas pendentes da encosta hoje apenas se vêem grandes vinhedos, mas por occasião das plantações encontraram-se na dicta encosta vestigios de povoação antiquissima:—restos de paredes, calçadas, ladrilhos, tijolos, telhas, etc.—tudo soterrado, — na pendente sobre o Tejo lado S.O. da montanha, na extensão de um kilometro aproximadamente, até o *rigol* do acampamento de *Tancos,* que demora tambem na area da freguezia de *Paio Pelle,* hoje *Praia.* Isto nos leva a crer que as mencionadas ruinas são os destroços da extincta *villa de Santa Maria do Zezere* — e talvez d'algum *castro* ou povoação muito mais antiga?!...

Chamamos para este ponto a attenção dos archeologos.

O dicto chão é muito digno de estudo e não nos consta que fosse estudado e devidamente explorado até hoje.

—

Da foz do *Zezere* até á *Barquinha* o Tejo corre na direcção geral E.N.E.—O.S.O.—e banha na margem direita a povoação da *Praia* a 1 kilometro de distancia (da foz do Zezere);—o castello d'*Almourol* a 3 $^1/_2$ kil.; a villa de *Tancos* a 5—e a da *Barquinha* a 8 kilometros, aproximadamente.

A velha matriz de *Paio Pelle* demora na altitude de 84 metros sobre o nivel do mar —e a maior altitude da freguezia de *Paio Pelle* (hoje *Praia*) é de 140 metros, entre *Casaes* e *Portella,* 2 $^1/_2$ kilometros a N. da povoação da *Praia.*

—

Nas *Memorias da Acad. R. das Sci.* tomo 8.º parte II, pag. 43 e segg. encontra-se uma longa e bella *memoria,* intitulada *Descripção economica de certa porção consideravel de territorio da comarca de Thomar, e proxima á margem do Tejo,—memoria que mereceu o Accessit na sessão publica de 24 de junho de 1822.* Falla muito e *muito bem* de *Punhete, Rio de Moinhos, Montalvo, Martinxel, Tancos, Aceiceira, Atalaia* e *Paio Pelle,* mas não faz menção das ruinas da *villa do Zezere,* posto que o auctor da dicta *memoria* vivia em frente d'ellas, — na villa de *Punhete,* hoje Constança, como elle proprio diz no texto; ignoramos porem o nome do auctor, pois tão modesto, que não assignou o seu trabalho. Apenas o firmou com ***.

---

dos Martyres, que parece talhada para castello, pois tem paredes d'extraordinaria espessura e no alto d'ellas interiormente uma galeria com tribunas gradeadas de ferro.

E' um templo vastissimo que, segundo consta, data de 1636, com a mesma invocação de *Nossa Senhora dos Martyres,* mas apesar de ser hoje matriz, o padroeiro da villa é o mesmo *S. Julião.*

Constança teve mais 3 templos:—*Misericordia, Santo André,* ao nascente da villa, e *S. Sebastião* na margem do Zezere.

V. *Punhete, Constança,* e *Villa Nova de Constancia.*

Ao passo que se ïam sumindo e desapparecendo a villa e o castello do Zezere, a população d'esta parochia foi-se concentrando na povoação da *Praia*, junto do Tejo.

Assim se formou a povoação da *Praia*, que hoje dá o nome a esta freguezia, povoação que foi importante até á extincção do concelho, pois n'ella estavam a casa da camara e as outras repartições publicas

A *Praia* tinha as honras de villa ou séde do concelho, mas não tinha egreja. Todos os officios religiosos se celebravam na egreja do extincto convento de Nossa Senhora do Loreto, de capuchos *Antoninos*, fundado em 1572 (segundo diz J. B. de Castro) cujas ruinas ainda hoje lá se vêem ao nascente da extincta povoação de *Paio Pelle*,[1] na margem direita do Tejo, entre este rio e a linha ferrea de leste, mas não chegou a ter caracter parochial e dista aproximadamente 6 kilometros da velha matriz, que ainda hoje é a matriz d'esta parochia.

O convento demorava cerca de 200 metros a E. do castello de *Almourol*, mas d'elle nada existe. A propria egreja desappareceu!...

Junto do local do convento encontrou-se em 1878 uma panella com muitas moedas antigas de ouro, soterrada e envolta nas raizes de uma *cepa* (arbusto) que um pobre carvoeiro estava arrancando para fazer carvão. Não nos consta que as dictas moedas fossem classificadas.

—

A povoação da *Praia* soffreu com a extincção do concelho de *Paio Pelle*, mas lucrou e tem progredido bastante com a linha ferrea de leste, pois deu-lhe estação propria—a 18.ª a partir de Lisboa — e a 2.ª a partir do entroncamento da linha ferrea de *leste* com a do *norte*.[1] Dista de Lisboa 119 kilometros, 12 do *entroncamento* e 242 do Porto.

A mesma povoação da *Praia* dista 7 kilometros da villa da Barquinha, séde actual do concelho, para E.—e 1 da nova ponte metallica da linha ferrea, para O.

A 1.ª ponte em que a linha ferrea de leste atravessava o Tejo, era toda metallica, assente sobre cylindros de ferro,[2] mas, como estes ameaçassem ruina, foi construida uma nova ponte a montante e junto d'aquella.

Foi principiada a nova ponte em 1888 e acabada em 1889, sendo aberta ao transito apenas se concluiu. Assenta sobre pilares de pedra, mas o taboleiro é metallico.

A 1.ª ponte foi demolida e d'ella hoje (novembro de 1889) apenas restam os cylindros em que se apoiava.

As povoações que actualmente constituem esta parochia são as seguintes:—*Praia* (hoje a mais importante e que succedeu á de *Paio Pelle*, como a de *Paio Pelle*, hoje extincta, succedeu á extincta *villa de Santa Maria do Zezere*);—Fonte Santa, Portella, Figueiras, Caneiro, Mattos, Outeiro, Laranjeira e Limeira; os casaes de Val dos Poços, do Jacinto e dos Pintainhos; o castello d'*Almourol*; os sitios do *Castello da foz do Zezere* ou *Palacio do conde da Taipa*, Convento, Ribeiro de *Lavacollos* (?), Ponte do Tejo, Estação da Praia, *Acampamento de Tancos* (campo de instrucção e manobras), —Paio Pelle, — *campus ubi Troja fuit*, — e as quintas do Seixal, Rio e Fontainha.

O antiquissimo e lindissimo castello de *Almourol*, fundação ou antes — restauração

---

[1] Suppomos que a povoação de *Paio Pelle* foi outr'ora importante, pois deu o nome a esta villa e freguezia desde antes do sec. XVI, como se vê do foral de D. Manoel com data de 22 de dezembro de 1519, mas teve a mesma sorte da extincta villa de *Santa Maria do Zezere*. — No sitio onde esteve a povoação de *Paio Pelle* já nem as pedras das casas derruidas se encontram. Teem sido levadas para Tancos, para a Barquinha e para outras povoações e construcções até á quinta da *Cardiga*, na Gollegã,—quinta que demora na margem direita do Tejo e dista da Barquinha 3 kilometros para S.O.

[1] A estação da *Praia* é tambem estação do *acampamento* de *Tancos*, mas com servidões differentes, pois o *acampamento* tem apeadeiro proprio.

[2] V. *Constancia*, tomo 2.º pag. 380.

—de Gualdim Paes, mestre do Templo, está em uma ilha muito pittoresca, junto da margem direita do Tejo, — pertence á fazenda nacional e ainda promette longa duração, porque o nosso governo o mandou reparar em 1888 a 1889 pela commissão das obras do Tejo.

V. *Almourol.*

—

As producções principaes d'esta freguezia são vinho, azeite e cereaes.[1]

Tambem é mimosa de caça miuda e de peixe dos seus dois rios—Tejo e Zezere, nomeadamente de *saveis*, no tempo proprio.

O Zezere, como já dissemos, banha esta freguezia a leste, na extensão de 3 kilometros, e n'elle se vae construir uma grande ponte metallica em frente de *Villa Nova de Constança*, na estrada real d'Abrantes a Santarem,—ponte que já descrevemos no longo artigo *Zezere* e que deve dar muita importancia a esta freguezia da *Praia*, bem como á de *Villa Nova de Constança.*

População

Em 1712, segundo diz o Padre Carvalho, esta freguezia contava 108 fogos, pertencendo 40 á extincta villa de *Paio Pelle;*—em 1768, segundo se lê no *Port. S. e Prof.* contava 180 fogos;—em 1821, segundo se lê na *memoria* citada supra, contava 205 fogos e 658 habitantes, sendo solteiros de 15 annos para cima 194,—de 15 annos para baixo 179,—viuvos 23,—viuvas 32—e casados 230,—padres 2,—pessoas nobres 1,—sapateiros 1, pedreiros 1, alfaiates 1, carpinteiros 2, boieiros ou *singeleiros* 2, justiça (funccionarios publicos) 7, lavradores (talvez proprietarios) 9, pastores 9, trabalhadores (jornaleiros) 18, pescadores 159, tendeiros, negociantes, barbeiros e ferreiros—*nem um!*...[1]

Em 1852 o Flaviense deu-lhe 180 fogos; o censo de 1864 deu-lhe 225 fogos e 906 habitantes; o censo de 1878 deu-lhe 241 fogos e 1148 habitantes — e hoje, segundo diz o seu reverendo parocho, tem 350 fogos e 1430 habitantes.

É pois bastante prospero o seu estado actual, devido ao movimento da estação da *Praia* e á construcção da linha ferrea e das duas pontes da linha sobre o Tejo, — obras importantes que occuparam muitos braços d'esta freguezia e n'ella deixaram muito dinheiro, como vae deixar a construcção da ponte metallica sobre o Zezere,—ponte que deve dar muita vida a esta parochia e á estação da *Praia.*

Vista retrospectiva
1821

A citada *memoria* diz:—«Todo o terreno d'esta villa (freguezia de *Paio Pelle*, hoje *Praia*) se compõe de pequenos lugares, e bastantemente pobres; aqui não ha um grande proprietario, não ha um commerciante, quasi todos entretanto tem seus pedaços de terra, que cultivam e de que colhem poucos fructos.

«Quasi todos já de antiquissimos tempos se tem empregado no serviço da pesca, de que tiram muito maiores vantagens, do que na cultura de terras bastantemente aridas, e estereis, e em que somente muitos braços, muitos gados e muitos estrumes poderão concorrer para que ellas dêem algum interesse ao lavrador.

«A pesca d'estes homens he ás vezes no

---

[1] O seu chão é pouco fertil;—demora na provincia da *Estremadura*—e pertence ao concelho da Barquinha, comarca da *Gollegã.* Fica assim rectificado o que no artigo *Paio Pelle* disse o meu benemerito antecessor.

[1] No mesmo anno esta parochia produziu 50 alqueires de legumes de diversas qualidades, 1200 de trigo, 900 de centeio, 900 de milho grosso, castanhas e cevada *zero*, caixas de laranjas 150, pipas de vinho 60, *alqueires* d'azeite 2000,—tudo na importancia de 4:896$000 réis, segundo os preços correntes *in illo tempore.*

V. *Memoria* citada, pag. 108.

rio Zezere, e muito principalmente no Tejo; como ella porem n'estes sitios não lhes daria todos aquelles interesses, a que elles aspirão, então emigrão para certas partes do Tejo, onde chega a maré, sendo o local da pesca d'estes homens ordinariamente entre Villa Franca de Xira, e Salvaterra de Magos. Pescão saveis desde o Natal até ao Santo Antonio, e mugens desde este tempo até ao S. Martinho.

«A *immensa quantidade* de varinas, e de *chinchas*, e de outras redes d'esta ordem, chamadas de *arrastar*, que desde o Alqueidão até á Barquinha se empregão na pesca dos saveis no tempo competente, produz muitas vezes a escassez d'este peixe no pégo de Tancos, e he esta huma das causas da emigração d'estes homens; se bem que outros ha, que se empregão na pescaria dos saveis no lugar da *Praia*, com as taes *chinchas*, e como por tal emigração não terião sufficientes braços, costumão annualmente vir de Ovar, e de suas immediações de 80 a 100 homens, que somente aqui permanecem aquelle tempo necessario, e mesmo por que esta gente he mais apta e está mais acostumada a tal serviço.

—

«O serviço rural, se bem que de pequena consideração... he somente feito por seus habitantes. Ha alguns trabalhadores que só a isto se dedicão, e ordinariamente ninguem recebem de fóra.

«A colheita da azeitona, genero que mais abunda n'este districto, n'ella se empregão os mesmos pescadores, pois quasi sempre acontece acharem-se n'este tempo aqui; o sexo femenino igualmente se emprega n'este serviço, como em todos os outros d'agricultura, em que podem ser admittidos; e para o que são superabundantes. Estaria este paiz mais bem cultivado... se seus habitantes se não inclinassem, como por natural propensão, á pescaria, a terra entretanto lhes não compensaria, *pela sua má qualidade*, suas grandes fadigas; todos os pescadores são gente pobre, e muitos proprietarios de fóra tem aqui suas fazendas; e tem bem calculado que os jornaes não lhes equivalem aos interesses da pescaria.»

Doação de D. Affonso Henriques
1169

Aproveitando o ensejo, mencionaremos aqui 3 documentos importantes e bastante antigos, que prendem com esta parochia:—1.º a doação d'ella aos Templarios por D. Affonso Henriques em 1169;—2.º o foral de D. Gualdim Paes; — 3.º o foral de D. Manoel.

Com relação ao 1.º documento, veja-se o artigo *Penella*, villa do districto de Coimbra, tomo 6.º pag. 613, col. 2.ª, onde se encontra um extracto da doação original em latim. Comprehende os castellos da *Cardiga*, *Thomar* e *Zezere* (*Paio Pelle*, hoje *Praia*) cujas demarcações eram:

«—*In primis per fozem Beselga...*»

Em vulgar:—«Primeiramente pela foz da ribeira de *Beselga*; depois pela estrada de Penella (a Santarem) até o *Alfeigedoe* (?); d'ali pelo alto do monte de Tancos, aguas vertentes para o Zezere; d'ali vae até entrar no Tejo, junto do castello d'*Almeirol*; depois vae pelo meio do Tejo até á foz do Zezere; depois pelo meio do Zezere até á foz do rio de Thomar (*Nabão*) — e finalmente pelo rio Nabão até á dicta ribeira de *Beselga*.

Do exposto se vê que o chão da freguezia de *Paio Pelle*, anteriormente *villa e castello do Zezere*, hoje *Praia*, foi dado aos cavalleiros do Templo no anno de 1169;—extinctos os templarios passou para os cavalleiros de Christo, os quaes apresentavam um freire seu na dicta egreja.

Foral de D. Gualdim Paes
anno 1174

O 1.º foral que teve esta parochia foi o que D. Gualdim Paes, mestre do Templo, deu ao *Castello da Foz do Zezere* no mez de

junho da era de 1212,—anno 1174—e que é muito semelhante ou *quasi identico* ao que no mesmo mez e anno deu a Thomar.

No do *Castello ou Villa da Foz do Zezere* diz entre outras coisas o seguinte:

«Si quis ergo raussum vel homicidium...»

Em vulgar:

«Se algum dos habitantes do nosso castello do Zezere commetter crime de estupro ou de homicidio ou entrar violentamente em alguma casa da villa, pagará 500 soldos. Se este delicto for praticado no termo da villa, mas *extra muros*, pagará 60 soldos.

«O que metter esterco na bocca d'outro, dentro da villa ou fóra d'ella, pagará 60 soldos.

«Quem agredir outro com armas e o ferir, sendo dentro da villa, pagará 60 soldos; sendo fóra d'ella pagará 30.

«Logo que se prove em juiso que alguem feriu outro, o auctor do delicto pagará 60 soldos.

«Se alguem decepar qualquer membro d'outro, pagará 60 soldos.

«Por feridas que tenha de satisfazer, pague-as a quem dever pagal-as—ou bata-se em campo, segundo os antigos foros (usos e costumes) de Coimbra.

«As citações ou intimações ordenadas pelo alcaide ou pelo juiz serão feitas com testemunhas para terem validade.

«Não se fará penhora em casa alguma, sem que o dono primeiramente seja chamado a juiso.

....

«Todas as acções tentadas por nós ou pelo nosso mordomo, quando houver provas, julguem-nas os *homens bons* e não as justiças da villa.

«O que fôr chamado a depôr em juizo e occultar a verdade, sabendo-a, pague ao individuo prejudicado o que lhe fizer perder e outro tanto ao senhor da villa—e não mais possa ser testemunha em juiso.

«Se algum procurador se compozer com o mordomo, falseando seu committente, e isto se provar com testemunhas, pague o que fez perder ao seu constituinte; — não tendo bens sufficientes para a indemnisação, pague com o corpo—e não se lhe admitta justificação em juizo, sem que primeiro dê fiança idonea.

«E ninguem poderá ser procurador em juizo sem ter carta, pois taes procuradores são a ruina da sociedade.

....

«Aquelle que em defeza do seu campo, da sua vinha, ou da sua almoinha maltractar outro, embora o fira, nada pague; mas se aquelle que fizer o damno ferir o dono da propriedade, pague o damno e os ferimentos.

«Ninguem poderá trazer armas na villa. Aquelle que as trouxer, embora não fira alguem com ellas, perdel-as-ha.

«O que usar de medidas ou covados falsos pague 5 soldos.

«Quem se apropriar violentamente do alheio, em casas ou fora d'ellas, pague o dobro.

«Se algum homem accusar a sua mulher de adultera e provar em juizo o adulterio, os bens da adultera serão do senhor da villa.

«Ninguem poderá abrir vallas nos caminhos publicos, nem mudar marcos, e o que tal fizer será punido segundo os foros (usos e costumes) da villa.

«O almotacé será nomeado pelo concelho.

....

«Quem prender ladrões ou malfeitores entregue-os ao nosso mordomo e não incorra por isso em pena alguma.

«Se alguem entrar em vinha, campo ou almoinha d'outro, de dia e furtivamente para comer, ou metter besta sua nos ferragiaes alheios, pague 5 soldos. Se das propriedades d'outro levar fructos no ceio ou no regaço, em saco ou em cesta, pague um morabitino; —sendo de noite, pague 60 soldos e perca a roupa que levar vestida, — e metade d'esta pena será para o dono da propriedade roubada; não tendo porem com que pague, *preguem o ladrão na porta durante 3 dias e no 4.º açoitem-no*?!...

—

«Se alguem for fiador d'outro, e esse outro não cumprir, pague o fiador por inteiro.

«Se o mouro (escravo) d'alguem andar solto e commetter algum crime, responda e pague por elle o seu senhor, ou entregue-o ao mordomo para fazer n'elle justiça; andando com cadeias ou sendo moura, embora ande em liberdade, se commetter algum crime, não os perca o seu senhor (exceptuando os crimes que devam ser punidos com pena de morte) mas sejam açoitados e depois entregues ao seu senhor.

. . . .

«A jugada será de 16 alqueires, segundo a medida do concelho.

«De uma junta de bois pagarão 16 alqueires, metade de trigo e metade de *segunda*, —cevada, centeio ou milho.

«O cavador pague metade do que nas outras terras costumam pagar os cavadores ou jornaleiros.

«Das vinhas paguem a decima parte do vinho que colherem, depois que as vinhas produzam 10 *puçaes*.

«Do pescado paguem tambem a decima parte.

. . . .

«Quem fizer moinhos nos ribeiros ficará sendo dono d'elles e pagará apenas de 14 alqueires 1.

. . . .

«E se o nosso mordomo por ma licia infringir este foral, por peita que receba ou para favorecer alguem, fica responsavel para comnosco por sua pessoa e bens.

«O dono de qualquer propriedade poderá vendel-a passado um anno.

«Este foral foi dado no mez de junho da era de 1212 anno 1174, no 2.º anno depois da fundação da villa e do castello da foz do *Zezere,—anno secundo a constructi opidi populatione*. Eu mestre G. (D. Gualdim Paes) com os meus freires o roboro o confirmo.

. . . .»

V. *Portugaliæ Monumenta*, tit. *Foralia*, pag. 402 e 403, onde se encontra este foral na sua integra—e desculpem os lapsos da traducção, pois não é facil de verter o latim d'este e d'outros documentos analogos do sec. XII.

Foral de D. Manoel dado á villa de Paio Pelle em 1519

«D. Manoel, etc.

Mostrasse pollas dictas Imquirições estar a ordem em costume,[1] e posse, sem contradiçam de dar as terras da dita ordem, e comenda para casaees emcabeçados por hum quarteyro de pam, meado em cada hum anno, a saber: ametade de trigo, e a outra metade segunda, que se emtemde cevada, centeo, ou milho; e mais davam aos comendadores o dizimo de todo o que colhyam, e mais cada casal cadanno huma galinha, e huma duzia dovos.

«E os cazeyros que asy tomaram, ou tomarem os maninhos com o dito foro, sam obrigados a confirmarem seus titollos pollo mestre, ou seus veedores da fazenda, ou pellos vizitadores da hordem.

«E os comendadores,[2] mordomos, ou rendeiros seram dilligentes em receberem o pam, e foros aos tempos em seus contractos e scrituras obrigados; porque se assy lho nam receberem levando-lho, nam seram obrigados os pagadores a lho levarem jamais, salvo a lho pagarem a dinheiro pollo preço soomente que vallia na terra jeralmente ao tempo que lho nam quizeram receber.

«E tem mais a ordem, e comendadores o direito dos pastos, e montados, e cortiça da dita terra, segundo se avierem com as partes assy, e na maneira que atee ora estam em posse de o assy fazer.

«E jazem no lemite, e termo do dito lugar de *Pay pelle* alguas terras, e olivaes patrimoniaaes dalguas pessoas, de que nam pagam ha ordem, nem comendador ninhum tributo, nem foro, soomente o dizimo a Deos, segundo estam sabidas.

---

[1] Refere-se á *ordem de Christo*, successora da do *Templo* em Portugal.

[2] Refere-se á commenda de *Santa Maria d'Almourol*, cujos commendadores possuiam o castello d'este nome.

—

«Item: se paga mais outro direito no limite do dito lugar nos canaaes, e pesqueiras hy sytuadas, duas dizimas do pescado que se nellas mata, a saber: hua dizima velha, que he da dita comenda, e outra dizima nova, que a nos *in solido* pertence per bem do contracto antigo dos pescadores, nas quaes avemos por bem, e mandamos que se nam faça mudança, nem ennovaçam de como atee aqui usaram de pagar.

«E alem dos foros e tributos acima decrarados, mandamos que daquy adiante se nam paguem hy nenhuns outros de ninhua calidade, e condiçam que sejam, assy dos foros da terra como das pessoas, a saber: Portagem nem pena darma, nem ninhum outro, afora os sobreditos.

«E porém mandamos que todallas cousas se cumprão como nesta nossa carta e foral he determinado, soo as penas contheudas no foral de Tomar, cabeça do dito mestrado.

«Dada em a nossa cidade devora a vinte e dous do mes de dezembro anno do nascimento de nosso Senhor Jesus Chrispto de mil e quinhentos e dezanove; e vay feyto ho original em carta em vintoyto regras e meya comcerto e soescrito por mym Fernam de Pina.»

Livro de Foraes Novos da Estremadura — fl. 244, v. col. 2.ª, e — tomo 8.º das *Memorias da Acad. R. das Sciencias*, parte II, pag. 120 e 130, donde eu o trasladei. E' parte integrante da *Memoria economica*, citada supra, e ali se encontram tambem os foraes *velho* e *novo* de Thomar,—o que D. Manoel deu ás villas de *Atalaia* e *Assinceira*,—e os *Privilegios* concedidos por differentes reis nossos á mesma villa de *Atalaia* etc.

Posturas antigas de Paio Pelle e Tancos

Na citada *Memoria economica*, pag, 102, se indicam as posturas que vigoravam nas villas de *Paio Pelle* e *Tancos* em 1821. Nada teem de notaveis, excepto duas, a 1.ª das quaes prohibia inclusivamente ao proprio dono cortar *mattos sem licença da camara*;—a 2.ª prohibia aquem não tivesse olivaes proprios vender azeitona, *embora os trouxesse de renda.*

Que sabios legisladores?!...

Feira de Santo Antonio

«A feira de *Paio Pelle*— diz a citada *Memoria*—he geralmente conhecida pelo nome de *Feira de Tancos*... porque pertencia a esta ultima villa; hoje porem (1821) se faz e pertence a *Paio de Pelle*, por huma transacção que fizerão os antigos habitantes d'estas duas contiguas villas. N'este sitio ha no Tejo huma barca de passagem para o *Arripiado*,[1] que sempre pertenceo e pertence ainda á commenda de *Almourol* da villa de Paio de Pelle; porem os moradores de Tancos consentirão que a feira se mudasse para Paio de Pelle, com a condição de que lhe dessem porto da barca em Tancos, e seus habitantes nada pagassem pela passagem do Tejo, o que assim se executou; entretanto a barca porta aonde melhor convem aos que a regem, n'huma ou n'outra villa, segundo o estado das innundações do Tejo, nem isto faz alguma differença pela proximidade das duas villas.

Esta feira se faz dia de *Santo Antonio* em todos os annos, e continua ainda mais dois dias; ella he de muito maior concorrencia do que a de Punhete incomparavelmente... e he estabellecida pelas ruas de *Paio de Pelle.*»[2]

---

1 A povoação do *Arripiado* demora na margem esquerda do Tejo e já pertenceu e não sei se ainda pertence á freguezia e villa de Tancos. Prende com ella a seguinte locução popular:—*Tancos, Tanquinhos, Paio Pelle, Arripiado* e *Arripiadinhos*. *Tanquinhos, Arripiado* e *Arripiadinhos* são aldeias da freguezia de Tancos.

A de *Arripiadinhos* tambem demora na margem esquerda do Tejo.

2 Do exposto se vê que a povoação de *Paio Pelle*, hoje completamente extincta e sem uma casa unica, ainda em 1821 era villa e tinha *ruas onde se fazia a grande feira*; a mesma *Memoria* porem diz que já n'aquelle tempo era muito importante a povoação da *Praia*.

Concorria á dicta feira muita lã de gado das circumvisinhanças e de terras muito afastadas;—muito panno de linho das visinhanças e da provincia do Minho; muitos retrozeiros e ourives do Porto e de Lisboa, que faziam por ali escala para a grande feira de *S. João* d'Evora, ainda hoje (1889) a feira de lã mais importante que ha em todo o nosso paiz. Regula os preços da lã nacional e quem marca na dicta feira o preço da lã, ha mais de 20 annos, é a grande casa industrial *Rainhas*, de Gouveia, por ser a que ali costuma comprar mais lã,—ordinariamente *seis a oito mil arrobas*—e *sempre a dinheiro de contado*?!...

V. *Gouveia* e *Villa Nova de Tazem* n'este diccionario e no supplemento.

Extincta a villa de *Paio Pelle*, a mencionada feira mudou-se para a villa da Barquinha. Ali se faz ainda hoje (1889) e, posto que soffreu bastante com as novas estradas e linhas ferreas, ainda tem uma certa importancia e abunda em sola e cabedaes da freguezia de *Alcanêna*, concelho de Torres Novas, onde ha muitas fabricas de cortumes.

V. *Alcanêna* e *Zibreira*.

ZIBREIRA — aldeia da parochia de S. Martinho da villa, concelho e comarca de Cintra.

Temos no nosso paiz mais 3 aldeias, 3 casaes e 1 quinta com o mesmo nome de *Zibreira*,—e *Zibreira da Fé* e *Zibreira de Fetaes*, aldeias da freguezia de *S. Quintino*, concelho de Arruda, mas não consta que offereçam alguma coisa notavel.

Com relação á etymologia de *Zibreira*, vide *Zebreira* n'este volume, pag. 2085, col. 1.ª

Suppomos que *Zibreira* é modificação de zimbreira, synonimo de *zimbral*, e quer dizer *matta de zimbro*; mas tambem é possivel que alguma das povoações, herdades e quintas, denominadas *Zibreira* e *Zebreira*, tomassem o nome de *Zibraria*, *Zebraria* ou *Ezebraria*, formula feminina de *Ezebrario*, nome de homem nos principios do sec. XI.

V. *Portugaliæ Monumenta*, — *Diplomata et Chartae*, pag. 145, onde se encontra um documento do anno 1018, em que figura um homem com o nome de *Ezebrario* e que foi grande proprietario ao sul do Vouga.

ZIBREIRA—freguezia do concelho e comarca de Torres Novas, districto de Santarem, diocese de Lisboa, provincia da Estremadura.

Orago—S. Sebastião.

Fogos 152,—habitantes 615.

Em 1712 a *Chorogr. Port.* apenas disse que esta parochia era um curato.

Em 1768 era tambem curato da apresentação do prior de S. Pedro de Torres Novas,—rendia 30$000 réis e contava 60 fogos, segundo se lê no *Port. S. e Profano*.

Em 1852 o Flaviense deu-lhe 75 fogos; o censo de 1864 deu-lhe 125 fogos e 445 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 149 fogos e 579 habitantes.

Demora na estrada de Torres Novas para Minde e Porto de Mós e dista 7 kilometros de Torres Novas para O. 15 do *Entroncamento* da linha do Norte com a de Leste para O. tambem; 15 da estação de Torres Novas para N.O.—118 de Lisboa—e 249 do Porto.

Alem da povoação de *Zibreira*, séde da freguezia, comprehende a de Almonda, uma fabrica de papel e os moinhos da Fonte, da Azenha e do Casal de Feijão.

Fonte de S. Sebastião

Em junho de 1881 dizia o *Pombalense:*

«Na freguezia da Zibreira, concelho de Torres Novas, rebentou no mez de junho uma nascente d'agua, no mesmo sitio pouco mais ou menos, em que ha muitos tempos, segundo a tradição, existiu uma fonte denominada de *S. Sebastião*, que desappareceu ha mais de cem annos, sem d'isso se saber a causa. Esta noticia é confirmada pelo testemunho insuspeito d'um parocho d'aquella freguezia, no anno de 1753, quando fez o relatorio das curas assombrosas em varias enfermidades.

«Em 1755 era aquella fonte já conhecida pelo nome de—agua milagrosa da *fonte de S. Sebastião*.

«Agora, como já acima dito fica, appareceu de novo a agua por muitos annos ex-

tincta, e está chamando grande affluencia de pessoas enfermas, que, umas do concelho, outras de longes terras, alli concorrem attrahidas pela fama de muitas curas que já se têem operado.

«Embora sejam exageradas ou assim reputadas as virtudes de tal fonte, nós contamos o que acaba de nos ser transmittido por pessoa respeitavel e de inteiro credito.

«As aguas vão ser analysadas chimicamente.»

—

Producções dominantes: — vinho, azeite, cereaes e fructa.

Banha esta parochia a N. um ribeiro confluente do Alviella,—ramo que vem da serra *d'Ayre*, na altitude de 677 metros, e toca em Torres Novas, onde se junta ao ramo principal, que vem da *Portella*, 13 kil. a N. de Torres Novas.

Passa na *Zibreira* a estrada a macadam districtal n.º 74, da estação de Torres Novas a Porto de Mós, pela *Zibreira, Minde, Alcaria*, etc. e que dá um ramal da *Zibreira* para *Alcanêna* e *Monsanto*, etc.

Na dicta estrada montou-se uma linha ferrea americana a vapor, de via reduzida, que parte da estação de Torres Novas e vae até Alcanêna, povoação e freguezia importante e muito industrial, pois tem muitas fabricas de cortumes de couro, etc.

Foi construida por uma empreza particular em 1887 a 1888 e tem as 7 estações seguintes:—*Torres Novas*, junto da estação d'este nome na linha ferrea do norte,—Riachos, Torres Novas (villa) Bella Vista, Ribeira Branca, *Zibreira* e Alcanêna.

Comprehende 22 kilometros e foi seu concessionario o barão de Mattosinhos.

As maiores altitudes em volta da povoação de Zibreira são: — 107 metros (sobre o nivel do mar) a N.;—110, a O.—e 121 a E.[1]

[1] Nada mais podemos adiantar com relação a esta freguezia, porque o seu reverendo parocho, a despeito das nossas *reiteradas instancias*,—não se dignou responder-nos.

ZIDO—antigamente *Izedo* e talvez parochia,—hoje simples aldeia da freguezia de *Villar d'Ossos*, concelho e comarca de Vinhaes, em Traz os Montes.

V. *Villar d'Ossos*, tomo 11.º pag. 1253, col. 2.ª

ZIDOY—hoje *Sidoi* ou *Sidões*,—aldeia da freguezia de S. Thiago de Bougado, concelho de Santo Thyrso.

Nas *Dissert. Chronol.* de J. P. R. tomo 1.º pag. 209, se encontra um documento do sec. XI (era de 1084, anno 1046) no qual se faz menção da dicta aldeia com o nome de *villa* (quinta ou casal) de *Zidoy*.

No latim barbaro d'aquelle tempo era trivial escreverem *z* em vez de *s* ou *c*. No documento citado, por exemplo, se encontra *conzedimus* em vez de *concedimus*,—e *Carapezos* em vez de *Carapeços*.

No mesmo documento se menciona a *villa Burgalani*, que é hoje a aldeia e freguezia de S. Thiago de *Burgães*, pertencente como a de S. Thiago de *Bougado* ao mesmo concelho de Santo Thyrso; — ambas demoram na margem esquerda do Ave — e são por consequencia muito antigas.

V. *Burgães* e *Bougado*.

ZIGAROS—ou ZINGAROS—ou CIGANOS —raça de gente vagabunda, que pretende conhecer o futuro, lendo a *buena dicha* pelas raias ou linhas da mão. Vive d'este e d'outros embustes, principalmente de *trocas* e *baldrocas* de cavalgaduras e de cantar e dançar.

Costumam viver juntos em bairros proprios, teem costumes particulares e uma *giria*, especie de germania, com que se entendem; mas a maior parte vagabundeia pelos campos e sertões.

Dizem-se naturaes do Egypto e obrigados a peregrinar pelo mundo sem domicilio permanente, como descendentes dos que não quizeram agasalhar o Menino Jezus, quando S. José e a Virgem peregrinaram com elle pelo Egypto.

Raphael Volaterrano faz menção d'esta gente e diz que traz a sua origem de certos povos da Persia que faziam profissão de ler a *buena dicha*. Outros dizem que os ciganos vieram de Esclavonia ou de terras con-

finantes com a Hungria ou com a Bohemia, pelo que os francezes os denominaram *bohemes* ou *bohemiens*,—bohemios.

O auctor do *Diccionario Oriental* diz que foram chamados *bohemios*, por se unirem com elles no tempo da guerra dos *Hussitas* uns fugitivos da Bohemia. Moraes diz que o nome de zingaros vem do italiano *zingari* e o de ciganos do allemão *ziegeuner*.

No oriente foram chamados *zingues* e *zenguis*, nomes que teem muita analogia com o de *zingaros* ou *ciganos*.

Certo arabe, auctor do livro *Mirrat*, diz que os ciganos procedem em linha recta de Pharaó e dos sequazes da sua impiedade.

—

Quando entraram em França foram chamados *penanciers* ou *penitents*—penitentes. Os principaes d'elles eram 12, um dos quaes se denominava *duque* (em latim *dux* [1])—e outro *conde*. Ao todo eram aproximadamente 120; diziam ser naturaes do Egypto inferior e que, por serem christãos, foram expulsos das suas terras pelos sarracenos;—que vinham de Roma, onde, depois da confissão dos seus peccados, o pontifice lhes dera por penitencia andarem 7 annos pelo mundo sem se deitarem em cama; — e as ciganas já se entregavam ao mister de ler a *buenadicha*, mas o bispo de Paris os expulsou e excommungou a quem lhes mostrasse as mãos.

Hoje os ciganos são bandos de vadios de varias nações, descendentes dos que vieram do Egypto, ou da Nubia, ou da Esclavonia, ou da Hungria ou da Bohemia. Na opinião d'alguns autores a *giria* ou lingua que fallam resente-se da *esclavona*.

São muito entendedores de gado cavallar e muito astutos nas trocas, compras e vendas. Em geral quem negoceia cavalgaduras com elles fica sempre lesado, ludibriado e roubado.

Anecdota interessante

Seja nos licito apontar uma das gentilezas dos taes ciganos, que é realmente curiosa e prende com um meu collega que foi prior de *Cambas*, então um dos beneficios mais rendosos do bispado da Guarda.[1]

Fallando da dicta parochia e dos seus priores, diz o sr. D. João Maria Pereira do Amaral Pimentel, bispo d'Angra, na sua *Memoria da villa de Oleiros*, pag. 264, o seguinte:

«Do prior *Joaquim Paes Pinheiro*, que parochiou esta freguezia desde os fins do ultimo seculo até 1828, contam-se anecdotas galantes, algumas das quaes vamos relatar:—Tinha elle duas bellas mulas, que costumava vender quando estavão velhas, e substituil-as por outras novas. Dando-se este caso, dirigiu-se com as mulas para a feira de S. João da Guarda, que durava muitos dias, e logo que a ella chegou as vendeu, cuidando depois de comprar outras nas condições em que as pretendia; e com effeito, encontrando-as como as desejava, as pagou *por bom preço* montando-se logo n'uma e o criado na outra, e seguindo gostoso para o seu priorado, na persuação de que trazia duas *bellas mulas novas*. Pelo decurso porem da jornada que era longa, o criado começou a observar que as mulas tinhão os mesmos habitos das antigas, e a desconfiar que fossem as mesmas, transformadas; e communicou a sua desconfiança ao amo, que a levou muito a mal, indignado de tal lembrança.

O criado, no entanto, continuava a insistir respeitosamente na sua desconfiança, apresentando os signaes e provas d'ella, mas debalde; porque o prior repellia sem-

---

[1] D'aqui provem talvez o termo pastoril *cigano*, dado ao carneiro *guia*.

[1] V. *Cambas*, tomo 2.º pag. 51, col. 1.ª—e *Zezere*, rio.

pre com indignação tal suspeita; argumentando com os dentes curtos, outra pellagem e muitas differenças das mulas velhas.

—

«Para confundir finalmente o criado, propoz-lhe a seguinte experiencia: Costumavão as mulas velhas pastar soltas em certa propriedade, por onde havião de passar os dois feirantes, e ião perto da noite recolher-se espontaneamente á cavalhariça na povoação. Propoz pois o prior ao criado que, em chegando áquelle sitio se apeassem e deixassem as mulas em liberdade, porque se fossem ter á cavallariça, evidente ficaria serem as mesmas, mas se não fossem, certo era serem outras. Com alvoroço acceitou o criado a proposta: fez-se como estava planeado, e as mulas, com grande confusão e desgosto do prior, *chegarão a casa primeiro que o dono.*»[1]

O prior devia ficar fulo contra os taes ciganos, pois era muito energico e muito demandista, como diz tambem o sr. bispo de Angra nas suas *Memorias*:

[1] Via menos o tal prior, do que *o cego de Macieira*, freguezia do concelho de Sernancelhe. Tendo perdido completamente ambos os olhos com bexigas, aos 4 annos de idade, e vivendo longos annos, costumava criar cavalgaduras, — frequentava as feiras comprando-as, trocando-as, vendendo-as — e nunca os ciganos o lograram!—Pelo contrario, quem queria uma cavalgadura de confiança, incumbia o tal cego de a escolher.

Tambem jogava o chincalhão; pelo tacto *ennaipava* e conhecia as cartas — e não se enganava no jogo. Bastava que lhe dissessem a carta que estava na mesa.

Um sobrinho, herdeiro d'elle, e um respeitavel cavalheiro, seu vizinho, me contaram estas e outrás anecdotas semelhantes, que parecem incriveis.

V. *Macieira* n'este diccionario e no supplemento.

Sublinhei o termo *ennaipar* (separar as cartas de jogo pela ordem dos naipes) porque, sendo tão vulgar na nossa lingoa, não se encontra em diccionario algum portuguez.

«Em ouvindo os pastores a gritar aos lobos, porque tinha grandes rebanhos de gado, saia da Egreja, *ainda que estivesse revestido* (?) a gritar tambem.

. . . .

«Andava quasi sempre envolvido em demandas, e indo hospedar-se em sua casa o escrivão José Antunes Pinto, a quem ouvimos contar este facto, e dispondo-se o prior para dizer missa, offereceu-se-lhe aquelle para lhe ajudar a ella. José Antunes Pinto estava ao facto de alguns processos em que tinha parte o prior, talvez por ser escrivão n'elles, e grande foi a sua confusão quando pelo decurso da missa o prior, interrompendo-a, se dirigia a elle,—pedindo a sua opinião sobre differentes arrasoados e peças dos processos, *sobre o que discorria, como se estivesse discutindo a causa em juizo.*»

Juizo era o que lhe faltava. Parece que ainda tinha menos do que o *Sancho Pança* que o acompanhou na viagem á feira, pois foi o primeiro a notar a *burla.*

Prosigamos.

—

Os taes *zingaros* teem sido expulsos d'algumas nações—e com razão, pois são muito perigosos!

«Alguns autores portuguezes—diz Bluteau —com grande razão se queixão, de que sendo os ciganos quasi todos ladroens, salteadores, matadores, sem ley, nem temor de Deos, e ellas ladras, feiticeiras, inquietadoras da honestidade das mulheres casadas, e das donzellas, e tão cruelmente prodigas de sangue alheio, que por dous vintens, ou dous pães não duvidarão trazer á criada, ou escrava, solimão, ou outra peçonha, para matar a seus senhores, são os ministros tão descuidados, que não atalham com algum remedio esta desordem.

«Dizem os zelosos, que poderá isto ter bom remedio, embarcando-os divididos para o Brazil (então colonia portugueza) para Angola, e outras conquistas do reyno; que assim pouco a pouco sahiria com elles muita iniquidade...—e quando isso não parecesse... bom seria fazellos viver dentro das cidades, repartidos pelo reyno, vedando-lhes

o uso do trajo, e da lingoagem, e o sair fóra das cidades e villas, e sobre tudo obrigando-os a officios com tenda sua, ou obreiros nas alheias, comtanto que não fossem ferreiros, officio que só usão, a fim de fazer gazuas, e instrumentos de roubar... Já sobre isto houve leys, e ordenaçoens excellentes. mas já se não guardão...»

V. *Zigaros* e *Ciganos* no *Vocabulario* de Bluteau.

—

Nas provincias da Beira, Minho e Douro mal se conhecem, porque são as mais povoadas do nosso paiz e mais escabrosas. N'ellas não podiam tranzitar senão pelas estradas publicas atravez das povoações, o que de modo algum lhes não convem. No momento em que apparecessem n'estas provincias em bandos e com as suas habituaes gentilezas, os proprios povos lhes dariam caça como a feras e salteadores—e difficilmente escapariam.

Que tentem e verão a sorte que os espera!...—Mas não se tentam, porque são finissimos e mais astutos do que as raposas.

Nós já vimos em *Villa do Conde* (?) um pequeno bando dos taes ciganos, comprehendendo homens, mulheres e crianças, todos montados e capitaneados por um moço de bigode, muito sympathico, muito limpo e vestido á campina. Andavam desnorteados ou sondando o terreno e não se demoraram.

Ao norte do nosso paiz apenas frequentam as grandes feiras de Viseu, Guarda, Trancoso, Villa Real e Penafiel.

O campo das suas operações em Portugal é a provincia do Alemtejo, por ser a mais plana, mais deserta e mais vasta do nosso paiz—e porque demora na raia e tem ligação franca e aberta com a Estremadura hespanhola, provincia tambem muito plana, muito vasta e mais deserta ainda talvez.

Pode dizer-se que os seus estados na peninsula são os paramos do Alemtejo e da Estremadura hespanhola, pelo que fallam correntemente 3 linguas:—a portugueza, a hespanhola e a *sua propria*, cuja origem se desconhece. É uma *giria* que só elles entendem e muito difficil de aprender, porque seria necessario conviver em intimidade com elles — e tal convivencia é *perigosissima!*

Como são muito astutos, muito intelligentes, muito desconfiados e muito *sanguinarios*, quando vissem algum estranho nas suas tendas com animo de devassar os segredos da *troupe* — matavam-n'o rapidamente.

Ai do profano que tentar seguil-os e conviver com elles! Tem os seus dias contados!...

—

E os taes *zingaros* são muito numerosos.

Andam sempre em pequenos bandos, para mais facilmente se mobilisarem e occultarem, mas cobrem todo o Alemtejo e toda a Estremadura hespanhola,—estão todos de intelligencia e formam uma especie de republica á parte com religião, usos e costumes seus e *leis proprias muito severas!...*

Movem-se quasi sempre de noite e bivacam no ermo, onde bem lhes apraz. Quando o tranzeunte mal imagina, está no meio d'elles, exposto a perder a bolsa e a vida.

Ninguem sabe o rumo que elles tomam, —donde veem, nem para onde vão,—quaes tribus errantes do deserto.

Somem-se rapidamente como os perdigotos, quando bem lhes apraz,—e rapidamente se juntam nos pontos que os chefes d'ante-mão designam,—pontos por vezes *muito distantes*, porque são muito valentes, muito vigorosos e cavalleiros *destrissimos* : — andam quasi sempre montados e tiram das cavalgaduras todo o partido. Desfiguram-nas completamente,—tornam doceis as mais bravas—e para elles não ha cavallos podres nem manhosos. Dão vista aos cegos e asas aos mais pachorrentos.

Os proprios ciganos se transformam e desfiguram de um momento para o outro. Hoje são velhos, amanhã são novos; aqui são moços, criados de lavoura, mendigos ou pastores, — ali são janotas, morgados e fazendeiros ricos, bem montados e luxuosamente vestidos com anneis, relogios e cadeias d'ouro, libras e onças em barda! As-

sim se transformam e desfiguram, por vezes na mesma feira, — e na mesma feira transformam e desfiguram as cavalgaduras que compram, trocam e vendem, chegando a impingir por *bom preço* ao vendedor como *novas* as cavalgaduras *velhas* e baratissimas que momentos antes lhe compraram, como impingiram as mulas ao prior de *Cambas*!...

—

Bivacam e vivem ordinariamente nas campinas e desertos; sustentam-se dos roubos de cavalgaduras e do dinheiro e joias que empalmam com a maior destreza, como prestidigitadores afamados que são, tanto elles, como ellas; não possuem casas nem propriedades, hortas ou campos, mas lá para seus fins teem casas de renda em differentes povoações.

Nós vimos uma d'essas casas em Evora e á porta um dos taes ciganos com aspecto de salteador, — muito barbado e muito encorpado.

Na sua vida nomada, errante, por vezes batem á porta das herdades, pedindo abrigo; todos os conhecem e detestam como salteadores, assassinos e bandoleiros, mas todos os tratam bem, com medo de represalias, pois são perigosissimos,—andam sempre bem armados e providos de veneno—e eram muito capazes de incendiar qualquer *monte* (povoação) ou herdade, — ou de matar o dono, os criados e cazeiros — ou de lançar fogo no verão aos pães e ás devezas.

As ciganas, quando novas e solteiras, são muito vivas, muito sympathicas e muito intelligentes, andam quasi sempre bem vestidas e usam adereços d'ouro no pescoço e nas orelhas,[1] mas depois de casadas tornam-se ascorosas, immundas.

—

Os zingaros não são christãos, nem mouros ou judeus, mas teem uma religião qualquer e, segundo o seu rito, casam uns com os outros e baptisam elles proprios os seus filhos; costumam porem apresentar as creanças aos parochos de differentes povoações, chorando e sollicitando o baptismo como pobres, para o que se apresentam os *soi disant* paes d'ellas cobertos de andrajos—e assim os baptisam e recebem esmolas e roupas em muitas freguezias. E' uma burla como qualquer outra.

Do exposto se vê que os taes *zingaros*, ou *ciganos* são *muito perigosos* e para desejar seria que os nossos governos os expulsassem ou obrigassem a mudar de vida.

Nenhum serviço prestam á sociedade. Pelo contrario, são uma corja, uma grande malta de parasitas, salteadores, assassinos e vadios, terror e açoute da provincia alemtejana.

Ainda os ciganos

Em carta que agora mesmo recebemos do nosso bom amigo e cyreneo—*Joaquim José da Rocha Espanca*—illustrado filho de *Villa Viçosa* e alí prior de S. Bartholomeu, tendo sido prior de Bencatel,[1] diz s. ex.ª o seguinte:

«Os *ciganos* vieram da Arabia, segundo alguns auctores, ou do Egypto, segundo outros. Em todo o caso foi do Egypto que elles partiram a vagabundear pela Europa, e d'ali lhes veiu o nome de *guitanos*, corrupção do castelhano *egitanos*, hoje transformado em *ciganos*.

Abundam no Alemtejo e na Estremadura hespanhola—e algum tanto na portugueza. Não teem chefe politico nem religioso. Em religião seguem a do paiz, que é a catholica, quanto a baptizar os filhos—e mais de uma vez, segundo é fama, — rasão porque

---

[1] Dos taes adereços d'ellas tomaram o nome de *ciganas* os brincos ou arrecadas das nossas mulheres do campo,—e da destreza d'elles nas trocas e baldrocas de cavalgaduras criou-se na lingoa portugueza o epitheto de *ciganos*.

[1] V. *Villa Viçosa*, tomo 11.º pag. 1167, col. 2.ª *in fine*, e 1168.

nós lh'os baptizamos *sub conditiqne*: e isto com o fim de grangearem compadres em muitos logares, quasi sempre pessoas abastadas, de quem possam receber agasalho e esmolas.

«Na minha freguezia (*S. Bartholomeu de Villa Viçosa*) só um tem casa, mas anda quasi sempre ausente no negocio de bestas; e nem elle, nem a mulher e os filhos se confessam. Ao invez a mãe d'elle, viuva, desobriga-se pontualmente e tenho verificado que reza muito e está bem instruida no cathecismo.

«Na freguezia da Conceição (de *Villa Viçosa*) ha maior numero d'elles, por ser ali a villa antiga e ter muitas habitações de alugueres baratos.

«Cá no Alemtejo, onde se encontra maior numero de *ciganos* domiciliados é na cidade d'Evora, e vivem quasi todos no immundo bairro dos *Cogullos.*

«A maior parte da ciganagem vagabundeia e são muito pesados aos lavradores no inverno, principalmente durante as chuvas.

«As ciganas e ciganos moços são teimosissimos em pedir tudo e custa desenvencilhar d'elles.

«É frequente entrarem ciganos em roubos de *montes* (moradas campestres)—e se no trajecto das suas caravanas encontram bestas mal guardadas, roubam-nas e levamnas, porque a occupação exclusiva dos ciganos é mercadejar em bestas. As ciganas tambem ás vezes vendem chocolate e alguns artigos de tendeiros ambulantes, mas como pretexto para entrarem nas casas e pedirem esmola, intrujarem e rapinarem, pois são verdadeiras sangue-sugas!

—

«Não posso calcular o numero de ciganos que ha no Alemtejo, mas com certeza são mais de 10:000?!...

«Geralmente não possuem predios alguns, a não ser casas de habitação.

«Quando chamam *cigano rico* a algum d'elles, como foi um *José Maria*, que em Evora, aproximadamente em 1854, passeava com o proprio governador civil *Guedes* (hoje *conde da Costa*) e que por ultimo era probrissimo, a sua riqueza consiste apenas em bestas de negocio, *muito ouro* e grande luxo em vestidos, a seu modo.

«Teem horror á agricultura e a toda a especie de trabalho agricola ou industrial.

«A maior parte das bestas que vendem e compram são velhas e defeituosas, mas impingem-nas por novas e boas, sanando-lhes as manhas e defeitos — ou encobrindo-os. Em regra, quem quer desfazer-se de uma cavalgadura velha, ou ruim, vende-a aos ciganos, para elles a *trapacearem*, — e quem negoceia com elles fica sempre *partido no negocio*. Qualquer que seja a transacção ou troca, elles hão de receber sempre volta em dinheiro, embora seja pequena.

«Seguem ostensivamente a religião catholica, baptizam e rebaptizam os filhos e o seu enterro é catholico, mas nos casamentos divergem. Uns casam catholicamente, com especialidade em Evora;—outros cazam *ciganamente*. Fazem *esponsaes* em conselho de familia ou dos paes e mães d'ambos os esposos e n'esse dia celebram seus festins com grande algazarra em castelhano, que é a sua lingoagem, posto que alguns tambem fallam correctamente o portuguez; mas são poucos.

«Quando o casamento é celebrado *ciganamente*, formam um circulo em redor de uma arvore; — a cigana corre no circulo a fugir do noivo; elle segue-lhe a pista—e os circumstantes clamam: *Pilla-la que es tuia*! *Pilla-la que es tuia*!—e logo que elle a *pilha* ou agarra, — está feito o casamento! Comem e bebem do melhor que teem, com seus *bazulaques* de chibato ou carneiro, tangem pandeiretas e *trancanholas*—e dançam e cantam não menos de tres dias consecutivos.

—

«Quando morre um cigano cazado, logo as ciganas vão com uma thezoura cortar os cabellos á viuva e põem-lhe na cabeça um metro de panno cru, em fórma de toalha ou véo, cosido por baixo da barba.

«As ciganas são muito leaes a seus maridos.

«Tambem ellas costumam dar-se á *chiromancia*, quando mendigam ou vendem bugigangas,—lendo a *buena dicha,* ordinariamente a 10 réis. Assim costumam burlar principalmente as raparigas novas, *adivinhando* (?) coisas vulgares,—amores mal correspondidos, sorte que hão de ter nos casamentos, etc. etc.

«Não sei se algum cigano sabe ler e escrever—nem me consta que mandem os filhos ás escolas, mesmo porque os ciganos, embora tenham domicilio legal, como aqui o meu freguez *Ignacio da Silveira,* andam sempre vagabundeando de terra em terra com mulher e filhos e mal podem mandal-os á escola.

«Os nossos governos deviam providenciar sobre este assumpto, obrigando todos os ciganos a terem casa assente em uma povoação qualquer, onde estivessem matriculados e fossem obrigados a comparecer algumas vezes no anno. Vivendo como vivem, os filhos não entram no recenseamento, nem os ciganos pagam contribuição alguma, a não ser aqui o dito *Ignacio da Silveira,* que está inscripto como eleitor e paga decima de renda de casas—e não sei se de industria; mas isto cá no Alemtejo—*é rarissimo!*

—

«Em geral os ciganos vivem de *mendigar, trapacear* e *furtar* ou *roubar*.

«São um flagello—e os governos deviam pôr cobro a isto e livrar-nos de semelhante praga, obrigando-os a terem todos um domicilio registado, sob pena de os mandar trapacear para as colonias africanas, donde vieram.

«São quasi todos altos, magros, trigueiros e de cabellos compridos e pretos,—uns egypcios!...

«Tambem quasi todos, tanto os ciganos, como as ciganas,—são immundos, ascorosos, mas ligeiros de pés e de *mãos*... e ellas mui sacudidas.»

Ao meu illustrado collega e cyreneu alemtejano agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

ZIMÃO — aldeia comprehendida no foral que el-rei D. Manoel deu á villa transmontana d'*Aguiar da Pena,* em 22 de julho de 1515.

V. *Aguiar da Pena* e *Villa Pouca d'Aguiar*.

A mencionada povoação extinguiu-se ou mudou de nome, pois em todo o districto de Villa Real e em todo o nosso paiz actualmente não ha povoação alguma denominada *Zimão.*

ZIMBRAL — coutada real importante no sec. XV.

Na *Memoria sobre a população e agricultura de Portugal* o sr. L. A. Rebello da Silva (parte I, pag. 169-173) diz o seguinte:

«No governo de Affonso V o dominio florestal da corôa havia augmentado em alguns districtos, e o rei, apaixonado pelos exercicios venatorios, mostrava-se rigoroso na punição da caça furtiva e dos roubos de madeiras e lenhas.

....

No districto de Santarem as coutadas demarcadas, aonde era vedado entrar, sob pena da multa de 2$000 reaes, prisão e degredo por um anno para Arzila, abrangiam os dilatados bosques desde a foz do Atela pelas ribeiras do Chouto e de Mugem e pelas encostas da serra de Lamarosa até ás immediações de Coruche, d'onde, rodeando outra vez os montes de Lamarosa pelas visinhanças do paul de Magos, vinham acabar em Albufeira sobre o Tejo.

....

Esta ordenação, datada de Santarem a 23 de maio de 1474, foi depois additada com algumas clausulas explicativas em relação ao posto dos porcos nos paues e montados das tapadas, pasto limitado aos mezes de outubro, novembro e dezembro.

....

Quem lançava fogo ao mato no termo das comarcas florestaes de Santarem, Mugem, Salvaterra e Benavente pagava depois de preso 1:000 reaes da cadeia.

....

Nas coutadas de Obidos era vedado trazer bestas soltas nos almarjaes de Aspera, ou crear na serra porcos a não ser para ce-

va. Nas pastagens de Valbemfeito não podiam entrar cabras, nem em Aspera, assim como na ilha de *Peniche* nenhum gado vaccum, ou lanigero, nem bestas andarem soltas no almarjal. Na lagoa de Atouguia quem matasse cysnes pagava 100 reaes por cada um...

Por ultimo a caça de perdizes era tambem prohibida nas coutadas reaes com prisão, e 100 reaes por cada ave, bem como a caça de rede, de candeio, de gaiola, ou de vara, laço, tecla, ichoo,[1] ou outro qualquer artificio.

....

No paul de Magos o que apanhasse ninho com ovos de *martinetes*, ou de outra ave propria de caça de falcoaria, pagava 50 reaes até 5 ovos, e d'ahi por diante 500 reaes. Na ribeira de Muja, do Porto para cima, quem pescasse trutas era condemnado em 100 reaes até 5 trutas, e sendo mais em 1:000. Lançando rede de meijoada perdia 500 reaes por cada rede, e usando de anzol 50 reaes até 5 peixes, e 500 reaes de 5 para cima.

....

Afora as coutadas de Santarem pertenciam ainda á corôa, as dos olivaes de Alemquer, da ponte de Pancas, e da Otta na Extremadura.

As de Mira e as Gandras dos arredores de Aveiro até Santa Maria da Vimieira com as matas do Casal da Comba, Torres do Bairro, Jelfa e Lagôa Limpa, a tapada dos coelhos e a lagôa de Mira;

As de Obidos e de Atouguia, comprehendendo a Mata Velha, e as do Aveenal, Ribeira Rica, Faldreu, Navalhas, Delgada, Vode, Arrifes, Valbemfeito, Ameal, Mata Secca, Mata da Amoreira, do Formigal, e da Cezareda, Mouta Longa, *Zimbral, ilha de Peniche* e Albergaria.

Ignoramos que essencias avultavam n'estas coutadas, mas alem dos sobreiros, carvalhos e zambujeiros, a que as leis alludem é de suppor que entre esses arvoredos figurassem castanhaes, amieiros, faias, *Zimbreiros*,[1] e extensos tratos de pinhal. O cuidado com que se mandavam guardar as madeiras, a multa de 400 reaes por cada pau tirado a bois (quasi 10$000 réis da moeda de hoje) e as penas impostas aos incendiarios mostram que a riqueza florestal começára a ser apreciada, e de feito o seu emprego cada vez era maior, tanto nas construcções navaes, como nas civis.»

A citada *Memoria* é toda muito interessante e muito digna de ler-se.

ZIMBRO—afamada quinta do Alto Douro, hoje inculta como toda ou quasi toda aquella malfadada região do *Port Wine*, que outr'ora produzia o vinho mais generoso do mundo e hoje semelha o val da morte!...

V. *Villarinho dos Freires*, *Villarinho de Cotas* e *Villarinho de S. Romão*.

No *Douro Illustrado*, pag. 109, o sr. visconde de Villa Maior disse o seguinte:

«Volvendo a vista á direita... o que principalmente prende a nossa attenção são as quintas do *Zimbro* e da *Chousa*. A primeira, que pertence á casa dos srs. *Barros* de Sabrosa, é um predio bem situado, provido de boas officinas e casa de habitação, bem cultivado e cuja producção se avalia em mais de 30 pipas de vinho de *primeira classe*.»

—

Antes da invasão philloxerica foi a dicta casa a mais rica de Sabrosa — e uma das mais ricas do Douro.

Colhia 600 pipas de vinho, quasi todo superior;—actualmente não colhe 50?!... Lucta pois com grandes difficuldades aquella

---

[1] Ainda hoje se usam todos estes processos de caçar.

P. A. Ferreira.

[1] Dos *zimbreiros* ou *zimbros* tomou a coutada de que nos occupamos o nome de *Zimbral*—e a elles devem talvez tambem o nome as povoações denominadas *Zibreira, Zibreiros, Zimbral, Zimbreira, Zimbreirinha*, etc.

P. A. Ferreira.

importante familia, que ainda no meiado d'este seculo viveu em Londres 9 annos, gastando diariamente 14 libras, ou 61$000 réis, afora despezas extraordinarias, — segundo consta.

Alem da quinta do *Zimbro* possuia outras muitas e 2 palacetes em Sabrosa, etc. etc.

V. *Sabrosa*, tomo 8.º pag. 274, col. 2.ª— *Casa dos Barros Lobos*, n.º 11.

ZINAS—termo frequente no Minho e na Beira, onde costuma dizer-se : — «Estamos nas *zinas* do inverno ; — estamos nas *zinas* do verão; isto é,—no rigor do verão ou do inverno.

Vem do hebraico *tzinah*, grande frio, ou do allemão *zinne*, a parte mais elevada de um edificio.

O povo tambem, censurando quem praticou algum disparate, costuma dizer—*deu-lhe na zina* para fazer tal proeza...

ZINOLHO—joelho, no dialecto mirandez.

ZITA — hoje *Sita* — nome da santa que salvou da morte e educou na religião christã a virgem e martyr *Santa Quiteria* e suas 8 irmãs.

Santa Sita foi martyrisada junto de Thomar e no local do martyrio se fundou posteriormente um mosteiro de religiosas franciscanas.

V. *Thomar*, vol. 9.º pag. 569, col. 1.ª—e *Braga*, tomo 1.º pag. 442, col. 2.ª

Tinha o mencionado convento a invocação de *Santa Sita* e com a mesma invocação ha na freguezia da *Asseiceira*, do mesmo concelho de Thomar, uma capella muito antiga,—uma povoação do mesmo nome,—uma importante feira d'anno e um mercado mensal.

Uma *Memoria* anonyma publicada no tomo 8.º das *Memorias da Acad. R. das Sci.* parte II, pag. 43 a 134, fallando da freguezia da *Asseiceira*, diz entre outras coisas o seguinte:

«No pequeno logar de *Santa Sita*, termo da villa da *Aceiceira*, se faz huma feira annual, chamada *Feira de Santa Cita*, ou feira do anno, a qual dura 3 dias; hum grande pinhal proximo ao lugar serve de assento á dicta feira; concorrem a ella alguns commerciantes de Thomar, e Abrantes com suas lojas de pannos, e capella; tambem ha grande concorrencia de cavalgaduras e bois; todos os povos das visinhanças vem a esta feira surtir-se de muitas cousas necessarias aos seus usos, e commodidades. Igualmente a esta feira concorrem muitos utensilios de adegas, como são tonneis, pipas, balseiros, etc. assim de Ferreira (*do Zezere*) como do termo de Dornes...

No mesmo local ha um mercado mensal, que se verifica no ultimo dia de cada mez, do qual não passa; o que ali mais concorre são cavalgaduras, e bois, e alguns tendeiros volantes, porém isto he de pequena monta.»

Referia-se ao anno de 1821.

A dicta *Memoria* é longa e *muito interessante* com relação á freguezia de *Asseiceira* concelho de Thomar ; — Tancos, Paio Pelle (hoje *Praia*) Barquinha e Atalaia, concelho de Villa Nova da Barquinha; — Punhete e Mont'Alvo, freguezias do concelho de *Villa Nova de Constança*;—Rio de Moinhos e Martinchel, freguezias do concelho d'Abrantes.

No supplemento a este diccionario extractaremos a dicta *Memoria*, — se elle estiver ainda a nosso cargo.

ZÓ—egreja e convento, fundados por um dos 7 filhos da celebre *Maria Mantella* que, segundo diz a lenda, jazem na matriz de Chaves em volta d'ella.

V. *Chaves*, tomo 2.º pag. 284, col. 2.ª

O meu antecessor deu ali ao tal mosteiro o nome *Doso*, mas suppomos que se denominava *do Zó*, pois Faria, na *Europa Portugueza*, tomo 3.º pag. 217, n.º 111, diz:

«Siete Iglesias fundarom siete hermanos nacidos de um parto: son ellas, Santa Maria de Moreyra, S. Locadia, S. Maria de Meres (*Melres*?), S. Maria de Calvam, Villar de Perdizes, y *Monasterio de Zó*.[1] Fueron sus padres Fernando Grallo, y *Maria Mantela* de Chaves.»

D'esta sr.ª *Maria Mantela* tambem já nós fizemos menção no artigo *Zezere* (freguezia

---

[1] Faria e Sousa, em vez de 7 indicou apenas 6 egrejas. A 7.ª, segundo a lenda, foi a de *Chaves*.

de Santa-Marinha) tomo 11.º pag. 2126, col. 1.ª

Emquanto ao mosteiro de *Zó*, não sabemos onde estava—nem que freguezia o representa hoje. Será a freguezia de *Zoio*, no concelho de Bragança?

ZOELAS—povos antiquissimos que habitaram as Asturias e o territorio de Bragança.

V. *Castro d'Avellans*, tomo 2.º pag. 201, e *Celiobriga* no mesmo vol. pag. 230.

ZOILO — celebre grammatico e critico grego, cujo nome já no tempo de Ovidio servia para designar os criticos invejosos e apaixonados, mas nada se sabe ao certo da vida d'elle. Uns dizem que nasceu em Amplilopolis, outros em Epheso, e que viveu no sec. IV antes de Christo.

Suidas e Vitruvio, tornando-se ecco d'antigas tradições, contam que as criticas de Zoilo á *Iliada* e á *Odysséa* lhe tinham feito dar o nome de *açoute de Homero*,—e o ultimo pretende que Ptolomeu Philadelpho, rei do Egypto, indignado com aquellas blasphemias litterarias, mandou crucificar ou queimar vivo o auctor.

Tudo isto parece pouco provavel.

É certo haver um rhetorico chamado *Zoilo*, que compoz 9 livros de observações criticas a Homero, *um discurso contra Socrates*, uma *Historia geral* e varios tratados de grammatica e de rhetorica, existindo hoje das suas obras apenas alguns fragmentos insignificantes.

Nem todos os escriptores antigos tratam *Zoilo* tão desfavoravelmente, como os dois que acima apontamos. Diniz de Halicarnasso apresenta-o como orador e critico estimado em Athenas e elogia a moderação e imparcialidade das suas observações ás obras de Platão,—e Atheneu cita-o como rhetorico e grammatico de merecimento.

Até hoje ainda não foi possivel conciliar as encontradas opiniões dos antigos escriptores a respeito de *Zoilo*, mas o nome d'elle serve a miudo para indicar o critico apaixonado e de má fé, como se vê nos conhecidos versos da satyra—*Pena de Talião*—em que Bocage, referindo-se a José Agostinho de Macedo, diz:

Satyras prestam, satyras se estimam
Quando n'ellas Calumnia o fel não verte,
Quando voz de censor, não voz de *Zoilo*,
O vicio nota, o merito gradúa.

Diccion. pop. art. *Zoilo*:

ZOINA—do hebreu *zonnah*, taverneira, mulher mal comportada, meretriz, deriv. do verbo *zun* ou *zannah*,—prostituir-se por dinheiro; — outros dizem que vem do arabe *zaina*, meretriz.

Em Portugal, principalmente na Beira e no Minho, *zoina* é um nome affrontoso que as mulheres mal procedidas dão a outras taes.

ZOIO—freguezia do concelho, comarca, districto e diocese de Bragança, provincia de Traz os Montes.

Abbadia. Orago S. Pedro.

Fogos 102,—habitantes 410.

Comprehende 3 povoações, que já foram parochias independentes: — *Zoio*, séde da matriz actual,—*Refoios* e *Martim*.

O padre Carvalho em 1706 mencionou esta freguezia com o nome de *Ozoyo*; deu-lhe como orago *Nossa Senhora da Trindade*,—disse que estava annexa á abbadia de *Alimonde*—e que tinha de população 60 fogos.

Mencionou tambem a parochia de *S. Martinho de Martim*, como abbadia independente com 25 fogos,[1]—e a freguezia de *Nossa Senhora do O' de Refoyos* com 22 fogos,[2] e annexa á abbadia de *Alimonde*.

Do exposto se vê que as 3 mencionadas freguezias, que hoje constituem a do *Zoio*, em 1706 contavam 107 fogos.

O *Port. S. e Prof.* em 1768 deu *Zoio* como simples curato da apresentação do abbade de *Alimonde* com 55 fogos, tendo como orago *S. Pedro Apostolo* e rendendo para o cura apenas 8$000 réis, alem do pé d'altar.

O censo de 1864 deu a esta freguezia (comprehendendo as 3) — 106 fogos e 493

---

[1] V. *Martim*, vol. 5.º pag. 101, col. 1.ª
[2] V. *Refoyos*, tomo 8.º pag. 97, col. 2.ª

habitantes; — o de 1878 deu-lhe os mesmos 106 fogos e 475 habitantes—e hoje, segundo os apontamentos que recebi da localidade, conta 102 fogos e 410 habitantes. Tem pois diminuido a sua população, o que é trivial na provincia de Traz os Montes, nomeadamente no districto de Bragança, hoje o mais pobre de Portugal e o mais desprovido de melhoramentos publicos, de estradas a macadam e de linhas ferreas.

Para evitarmos repetições veja-se o art. *Villa Verde*, freguezia do concelho de Vinhaes, tomo 11.° pag. 1099, col. 2.ª

—

A povoação do *Zoio* dista de Bragança 15 kilometros para S. O.; 8 da estrada real a macadam de Bragança a Villa Real (é a mais proxima); 60 da estação de Mirandella, a mais proxima, na linha ferrea do Tua; —115 da estação de Foz Tua na linha ferrea do Douro,—255 do Porto—e 592 de Lisboa.

Producções dominantes: — centeio, trigo, batatas e castanhas. Tambem cria bastante gado lanigero e bovino.

Freguezias limitrophes:—Ouzilhão, Edrosa e Cellas, concelho de Vinhaes;—Carrazedo e Rebordãos, concelho de Bragança.

Templos:—no Zoio a matriz de S. Pedro e uma capella publica de *S. Sebastião*:—em Martim a velha matriz de S. Martinho;—em Refoios a velha matriz de *Nossa Senhora do Ó* ou da *Expectação* e uma capella particular na casa da familia *Ferreiras*,—templos todos muito humildes—e a capella de *S. Sebastião* em ruinas.

Festividades religiosas : — *Trindade* e *S Pedro* na matriz, e *Santo Antonio*, em Martim.

Edificios brazonados : — na povoação do Zoio a casa que foi da nobre familia *Gatos*.

No Zoio ha um largo com o nome de *Compaço* e duas ruas soffriveis:—*Corredoura* e *Portella*. Em Refoios e Martim ha só casas humildes e ruas insignificantes.

N'esta parochia não ha feiras nem mercados, nem vestigios de fortificações, nem minas em exploração ou simplesmente registradas.

Banham esta freguezia o ribeiro da *Calhelha*, que passa junto da povoação do Zoio, —e o de *Martim*, que passa entre a povoação d'este nome e a de Refoios. Ambos nascem no termo d'esta freguezia; a distancia de 7 kilometros desaguam no ribeiro de *Cellas*—e este desagua no *Tuella* que, unido ao *Rabaçal*, forma o *Tua*.

Os 2 mencionados ribeiros não teem pontes nem fabricas; apenas ha 2 moinhos de cereaes no de *Martim*.

Foi natural d'esta parochia do *Zoio* Fr. Caetano de S. José, virtuoso frade *grillo* (agostinho descalço) que professou no convento de Setubal a 23 de janeiro de 1786.

ZOMBARIA.—Temos em Portugal 4 quintas com o nome de *Zombaria* e todas 3 no districto de Coimbra:—uma na freguezia de *Covas*, concelho de Tabua ; — outra na freguezia de *Nogueira do Cravo*, concelho de Oliveira do Hospital,—e outra na freguezia de *Vil de Mattos*, concelho de Coimbra.

V. *Vil de Mattos*. tomo 11.° pag. 661, col. 2.ª

N'esta ultima quinta, hoje pertencente ao sr. dr. Julio Augusto Henriques, se acoutaram ou refugiaram em 1832 os auctores ou suppostos auctores da *queima da polvora da Murcella*, ou de *S. Martinho da Cortiça*, alguns dos quaes posteriormente foram presos e fuzilados em Viseu.

Para evitarmos repetições, veja-se o art. *Viseu*, tomo 11.° pag. 1789, col. 2.ª.

A quinta de *Alcarraques*, onde aquelles infelizes se acoutaram tambem, como dissemos no logar citado, pertence á freguezia de *Trouxemil*, do mesmo concelho do Coimbra.

ZOMBAZOMBANDO—locução popular,— pouco a pouco, ou por zombaria.

«Foi-me assim *zombazombando*
Vencendo por graça, e riso;
Sem nunca me amar de siso,
O siso me foi tirando.»

Dezengano de Francisco Rodrigues Lobo, 115.

ZONA—termo latino e portuguez, derivado do grego. Significava *cinto*, cingidouro. Com suas *zonas* se cingiam os gregos e romanos, quando entravam em batalha e só no fim d'ella depunham a *zona*, como se lê na *Urania* de Herodoto, onde se diz que Xerxes, fugindo para Athenas, tirára a *zona* na cidade de Abdera, como em logar seguro e fóra do alcance do inimigo.

«Pela cintura apertão uma larga *zona.*» *Vasconcellos, Noticias do Brazil*, 131.[1]

Da sua originaria significação de *cinto* ou *cinta* o termo *zona* se empregou em sentido translato na geometria, na historia natural, na marinha, na physica, cirurgia, anatomia e *geographia*, etc. etc.

Como este diccionario é tambem *geographico*, fallaremos pois do termo *zona*, como termo de *geographia*.

—

Deu-se por translação o nome de *zonas* a uns circulos imaginarios que, como *cintas* cingem o ceu e a terra em differentes distancias entre os 4 circulos menores parallelos ao equador ou linha equinocial. São ellas cinco: — duas denominadas *frigidas* e comprehendem o espaço desde os polos até os circulos *arctico* e *antarctico*, ou circulos *polares*; uma denominada *torrida*, que se estende para uma e outra parte do equador até os tropicos de *Cancer* e *Capricornio;*— e duas *temperadas*, que comprehendem o espaço que medeia entre os dictos tropicos e os circulos *polares*.

Nas zonas *frigidas* ha nos 12 mezes do anno apenas um dia, comprehendendo a noite 6 mezes e a claridade os outros 6 mezes.

Nas zonas frigidas ha continentes e montanhas enormes de gelo, mas são em grande parte habitadas por homens e differentes irracionaes.

A zona *torrida*, assim denominada do verbo latino *torrere, assar, queimar*, é a mais ardente, porque os raios do sol são ali perpendiculares, e foi outr'ora julgada inhabitavel. Tem effectivamente grandes tratos de terra seccos, estereis, nus, por serem ardentissimos e faltos de chuvas, de arvoredo, fontes e rios, taes são grandes espaços da Ethiopia, da Guiné, da Africa e do Perú, mas em compensação tem terrenos feracissimos, muito abundantes d'agua e de arvoredo e muito povoados, taes são o grande valle do Amazonas na America,—e uma grande parte da Asia e da Africa.

As duas zonas *temperadas* comprehendem 43 graus de largura (cada uma)—espaço que medeia entre as zonas *torrida* e *frigidas;* são as que teem clima e temperatura mais doce, posto que o seu clima varia muito com a natureza e exposição do solo, como succede em Portugal. Na garganta do Douro, por exemplo, as margens do rio são muito mais ardentes do que os pontos mais afastados; —a margem direita é muito mais ardente do que a margem esquerda—e, correndo o Douro no mesmo parallelo, de nascente a poente, desde a Barca d'Alva até o Porto, quando o thermometro no Porto marca 23 graus á sombra, na Barca d'Alva sobe a 40, como ainda este anno de 1889 tivemos occasião de nótar, quando em fins de julho fomos do Porto a Figueira de Castello Rodrigo, villa distante da Barca d'Alva 21 kil. para S. e do Porto 221 para E. S. E.

O Porto era a *zona temperada;*—a Barca d'Alva a *zona torrida*, uma fornalha candente! Tremem ali no verão sesões os *gatos*

[1] Como este diccionario está prestes a concluir-se e vae ser distribuido em grande escala no Brazil pela nossa importantissima e numerosissima colonia brazileira, seja-nos licito, a proposito de fallarmos das *Noticias do Brazil*, dar e consignar aqui uma nova *muito recente* e muito importante com relação áquelle vasto imperio, que já foi colonia nossa.

Estamos em 22 de novembro de 1889 e no dia 15 do corrente foi proclamada ali a republica,—deposto o imperador D. Pedro II, illustrado e venerando ancião, modelo dos imperantes—e deportado para a Europa, — tomando aquelle imperio o titulo de *Republica dos Estados Unidos do Brazil.*

Termina pois este diccionario *no mesmo anno* em que terminou a imperio brazileiro.

as *gallinhas* e os *cães*;—derrete-se a solda das vasilhas de lata expostas á tisneira;--destemperam-se os instrumentos de córte,—estalam as pedras com o calor—e derreter-se-hiam, se o Douro não corresse tão perto e com o seu grande volume d'agua não modificasse os raios do sol.

O mesmo succede nas margens do *alto-Douro*, desde a Regoa até á Hespanha, na zona do *Port-Wine*, hoje quasi toda phylloxerada, inculta, mas que produzia outr'ora o vinho mais generoso do mundo?!...

V. *Villariça, Villarinho de Cotas, Villarinho dos Freires* e *Villarinho de S. Romão.*

ZONHO—aldeia da freguezia de *Côtta*, concelho de Castro d'Ayre desde 1886. tendo pertencido outr'ora ao extincto concelho de *Mões*, depois ao de Castro d'Ayre e ultimamente ao de Viseu.

V. *Cota*, tomo 2.° pag. 411, col. 1.ª

Comprehende esta parochia as aldeias seguintes: — Nogueira, Vouguinha, Silvares, Macieira, Quintãs do Covello do Paiva, *Sanguinhedo, Villa d'um Santo* e *Zonho.*

Entre estas ultimas duas aldeias desde tempo immemorial tem havido grandes desordens, espancamentos, ferimentos e mortes por causa de certos baldios ou terras de logradouro commum—e em 1857 travou-se rija demanda entre os dois povos, demanda que não sabemos como terminou. O *Liberal* de Viseu, noticiando-a no seu n.° de 13 de maio d'aquelle anno, dizia o seguinte:

Demanda perigosa

«Os habitantes do *Zonho* travaram questão judicial com os de *Villa d'um Santo*, povos do concelho de Viseu, por causa dos maninhos limitrophes d'aquellas visinhanças. Tão inflammados se acham os animos, que se receia que passem a vias de facto e que algum desgraçado *pague com a vida as custas*, antes de findar a demanda.

«Já não é o *primeiro calvario* que por taes motivos se acha levantado no meio d'aquella montanha de urzes, cuja posse tem sido por vezes questionada á bordoada. Lembramos portanto á auctoridade competente que vigie de perto os rixosos, empregando todas as prevenções, para que os homens não façam asneira; e a sociedade não tenha a lamentar alguma calamidade.»

Sanguinhedo

Passava n'esta freguezia uma antiga estrada de bastante movimento, que seguia de Viseu por *Cota*, Villa Cova a Coalheira, alto de Fragoas, Tarouca e Britiande, para Lamego, etc. Tocava na aldeia de *Sanguinhedo*, na qual tinha uma estalagem, onde se praticaram os maiores excessos: — roubos, espancamentos, ferimentos e mortes.

A dicta estrada vae ser substituida por outra a macadam, districtal, n.° 40, de Viseu a Lamego e foz do Tavora, por Moimenta da Beira, Taboaço, etc. ainda em construcção,—tarde porém se concluirá, mesmo porque a antiga ponte de pedra, em que atravessava o Vouga n'esta freguezia de *Côla*, foi derrubada por uma cheia no mez de novembro de 1888, como dissemos no art. *Vouga*, rio, tomo 11.° pag. 1977, col. 1.ª

Ficou substituindo a ponte uma barca de passagem antiquissima, que no inverno atravessava o rio, cerca de 1 kilometro a jusante da ponte, mesmo quando esta funccionava, por ser muito grande a volta que dava o caminho da ponte.

A passagem na barca é bastante perigosa no inverno, pois costuma andar presa a uma corda feita de vides seccas, enlaçadas e torcidas, corda que por vezes quebra, como hs annos quebrou, indo a barca rio abaixo com muita gente e uma cavalgadura, mas felizmente salvaram-se todos, posto que a besta caiu ao rio e com o baloiço da queda ia tombando a barca. Tambem um pouco a jusante d'esta ha umas *poldras* (alpondras) no Vouga, para passagem do rio no verão, mas o caminho para as dictas *poldras* é diabolico! Atravessa ladeiras de medonho fragoedo.

Caldas

Em volta de Viseu ha 4 estabelecimentos thermaes:—*Cota, Alcafache, S. Pedro do Sul* e *Felgueira.*

Os de *Cota* e *Alcafache*[1] estão em grande abandono e muito mal tratados, pelo que são pouco frequentados.

O de *S. Pedro do Sul*, ou da villa do *Banho*,[2] tem um estabelecimento thermal novo, mas ainda incompleto e mal administrado, pelo que, longe de augmentar, diminue a concorrencia dos banhistas.

O da *Felgueira* hoje supplanta-os a todos 3 e a quasi todos os do nosso paiz, pois tem um estabelecimento thermal esplendido, o melhor de Portugal talvez, feito nos ultimos annos por capitalistas de Lisboa—e em Lisboa se formou uma empreza com o capital de 100 contos para construir ali tambem um grande *hotel-club*, etc.

Alem d'isso demora a pequena distancia da estação de *Senhorim*, na linha da Beira Alta, o que o torna muito accessivel, e tem uma boa estrada nova a macadam para a dicta estação.

Tem progredido muito nos ultimos annos e é hoje um dos nossos primeiros estabelecimentos thermaes, muito luxuoso, bem administrado, bem servido e muito concorrido!

V. *Val de Madeiros*, tomo 10.° pag. 63, col. 1.ª—e note-se que a *correspondencia anonyma, datada de Villa Verde* e publicada pelo meu benemerito antecessor, *loc. cit.*, foi escripta por mim, como propaganda em favor das dictas caldas, que eu então (1881) visitei.

As pobres caldas, que tanto me compungiram, mudaram rapidamente de *fond en comble*.

Hurrah pela Felgueira!

ZOOPHORO—do grego *zoophoros*—termo de architectura antiga.

Friso ou cornija d'um edificio com muitas figuras de animaes, como podem ver-se ainda hoje em alguns edificios nossos, taes são as antiquissimas egrejas da *Senhora da Fresta*, em Trancoso, *Santa Maria* de Moreira de Rei, no mesmo concelho, e *Nossa Senhora da Assumpção* de Ventozello, concelho do Mogadouro, mas o penultimo parocho (Deus lhe perdoe!...) no meiado d'este seculo mandou picar e varrer toda a ornamentação, da de *Ventozello*, deixando a cornija completamente nua, como nós a vimos quando ali passámos no dia 11 de julho de 1888, em viagem de Bragança para a Barca d'Alva por Vimioso, Miranda do Douro, Bemposta, Lagoaça, Freixo de Espada á Cinta e Poiares.

ZOOPHYTOLITHES—petrificação de zoophytos em forma de arbustos.

Não conhecemos no nosso paiz taes petrificações, mas abundam n'elle outras muitas e consta-nos que no concelho de Pombal se encontra carvão de pedra ainda com a fórma do primitivo arvoredo.

ZOOTYPOLITHES—pedras que teem impressa no todo ou em parte a figura de um animal.

Vem do grego *zoon typos*, fórma,—e *lithos*, pedra.

ZORIA—port. ant.—palmatoria.

ZORRA ou ZORRO—antigamente *jorro*—carrinho archaico de fórmas singelas, que ainda hoje nas aldeias se usa para mover pedras e cousas pesadas.

É uma forquilha tosca de madeira grossa com uma travessa na base; a ponta um pouco erguida—e n'ella uma argola de ferro, para tracção feita por bois.

Dizia-se *pão de jorro* o que carregava um dos taes carrinhos, denominados *zorro, jorro* ou *jorrão*, e porque os dictos carros se moviam e movem muito lentamente, denominou-se *zorreiro* o individuo, besta, carro, navio, etc. que se move devagar e como arrastando.

«Quem cortar madeira nas dictas matas, por cada hum paão de *jorro* pague 400 réis.»

Livro *Vermelho* de D. Affonso V, n.° 28.

Zorro e *zorra* tambem significam raposo e raposa—e d'aqui provem o epitheto *zorro* dado ao individuo *astuto, arteiro como a raposa.*

ZOTE—termo chulo—idiota, ignorante.

ZOUPEIRO—termo beirão—velho ou ve-

---

[1] Vejam-se os artigos proprios.

[2] V. *Banho*, villa, tomo 1.° pag. 317, col. 1.ª—e *Vouzella*, villa, tomo 11.°

lha, decrepito, que se não pode mover. Vem do italiano *zoppa*, mulher *coxa*, que mal póde andar.

ZUCA—termo chulo e afrontoso.

E' zuca,—tem telha ou *pancada na mola* —diz-se do homem muito excentrico e que parece tonto.

ZUM-ZUM—termo chulo, mas classico,— o zumbir do mosquito.

> «Mas tambem vejo os mosquitos,
> Tamaninos hum por hum,
> Muito vãos de seus esp'ritos;
> Não valem nada os malditos,
> E andão sempre *zum, zum, zum.*»

Obras metricas de D. Francisco Manoel, —*Çamfonha de Euterpe.*

ZUMBAIA—termo chulo entre nós e cortesia profunda, usada na India. Consiste em abaixar a cabeça até os joelhos, com os braços cruzados e a mão direita no chão.— isto tres vezes, antes que cheguem ao senhor e, chegados a elle, mettem-lhe a cabeça entre as mãos, dando a entender que lh'a offerecem.

Ha tambem na India *zumbaias* d'outras especies, indicadas por Bluteau no seu *Vocabulario.*

ZURAME, ZORAME, ÇURAME, CEROME ou **CERROME**—do arabe *solhame*, — capa branca tecida de lã muito fina, com que os mouros se cobrem, como nós cobrimos com os capotes.

«Item, quicumque acceperit...» — Em vulgar:—«Todo aquelle que roubar a outro capa, *zurame*, pelle ou algum vestido, pague em dobro o valor do que roubou,»

Leis de D. Affonso VI—*Monarch. Lusit.* tomo IV, *Escript.* XXVII.

«Cantem por mi XXX Missas pelo meu *Cerome.*»

Doc. de Maceiradão de 1407.

No anno de 1303 D. Sancha de Sangimil, filha de Gonçalo Eannes, por alcunha *Lombo d'alhos*, deu todos os bens que tinha em Gondomar ao convento de Alafões, com a obrigação d'este lhe dar de dois em dois annos *Saya e Garnacha*—é Cerrome *de tres em tres annos de Sacaome:*[1] e *de a manterem á maneira de Dona*, e ressão para huma *menina.*»

Doc. de Alafões.

«E pela Festa do Natal primeyra que vem, huum *çurame*, e huum pelote d'uum arraiz, ou d'uma valencina...

Doc. d'Alpendorada.

V. *Cerome* em Viterbo—e *Zorame* nos *Vestig. da ling. arabica...* de Fr. João de Souza, pag. 160.

ZURARA—outr'ora.—actualmente *Azurara*, villa extincta, hoje simples parochia do concelho e comarca de Villa do Conde.

V. *Azurara*, tomo 1.º pag. 299.

Aproveitando o ensejo, faremos algumas rectificações e addições áquelle artigo.

—

Esta parochia de *Azurara* pertence ao districto do *Porto*, provincia do *Douro*, não á do *Minho*, como disse o meu benemerito antecessor.

Em 1675 a *Pobl. Gen. de Esp.* deu-lhe 200 fogos; em 1706 a *Corogr. Port.* deu-lhe 500 fogos; em 1746 o padre Luiz Cardoso no seu *Diccion. Geogr.* dedicou-lhe um *bello artigo* e deu-lhe 380 fogos; o censo de 1864 deu-lhe 260 fogos e 992 habitantes—e o de 1878 deu-lhe 236 fogos e 1103 habitantes.

Não comprehende aldeias, mas somente a povoação de *Azurara*, séde da parochia e da sua veneranda e muito ampla matriz manoelina, muito vistosa e muito vantajosamente situada, mas muito mais singela, do que a matriz de Villa do Conde, manoelina tambem.[2]

Decahiu muito depois que perdeu os fóros de villa e de séde de concelho com justiças proprias, — bem como o seu convento

---

[1] Assim escreveu Viterbo no *Elucidario*, mas João Pedro Ribeiro diz que no original *Sacaome*, é *Santaome* (St. Omer).

[2] V. *Villa do Conde*, tomo 11.º pag. 624, col. 1.ª

de frades capuchos, a sua Misericordia, hospital, etc.

Tambem soffreu muito com o *açoriamento* do Ave, que foi um porto de mar de bastante movimento e hoje está reduzido a uma patameira,—grande foco de infecção,—principalmente na margem esquerda, do lado da pobre Azurara. A margem opposta, ou do lado de Villa do Conde, tem um bom muro, que se prolonga desde a villa até o mar e que prejudicou bastante a margem esquerda, porque o Ave nas enchentes, não podendo avançar para o norte, pende para o sul, destroe e arrasa os campos e transforma-os em pantanos. Para desejar seria pois que fizessem do lado sul outro muro parallelo ao do norte, canalisando o Ave, o que melhoraria consideravelmente a foz d'este rio e o porto de Villa do Conde.

Era uma obra muito importante para Villa do Conde e Azurara, mas quando se fará ella?—Tarde ou nunca, pois assim como Azurara absorveu toda a importancia da antiquissima parochia de Arvore, da qual foi uma simples *aldeia*, Villa do Conde absorveu toda a importancia de Azurara—e hoje a Povoa de Varzim está absorvendo toda a importancia de Villa de Conde!...

—

Pelo recenseamento de 1878 esta ultima villa contava 1135 fogos e 4963 habitantes;—a Povoa de Varzim contava 2706 fogos e 11:004 habitantes—e hoje deve contar cerca de 3:000 fogos e 14:000 habitantes, pois tem prosperado e está prosperando muito. E' uma das nossas praias de banhos mais concorridas, incomparavelmente mais concorrida do que a de Villa do Conde,—tem muito commercio,—pescarias soberbas—e uma bella enseada para os seus barcos de pesca, enseada que nos ultimos annos melhorou muito com as obras mandadas fazer pelo governo, prolongando o molhe ou muro do norte e mandando quebrar muitas pedras,—e no momento o nosso governo, depois de annullar o primeiro concurso para conclusão das obras da dicta enseada, abriu novo concurso, que termina em 24 de janeiro do anno proximo futuro de 1890, sendo a base da licitação—264:876$000 réis.

Sendo a Povoa de Varzim já hoje uma das maiores villas de Portugal, mais populosa do que muitas das nossas cidades, nunca teve tanta vida nem tão auspicioso futuro;—promette ir longe—e em breve será elevada tambem á cathegoria de *cidade*!...

Villa do Conde ainda tem certa vida, bons edificios, grandes feiras e mercados, etc. e nos ultimos annos dois benemeritos filhos seus,—o dr. *Bento de Freitas Soares*, já fallecido, e o sr. dr. *Julio Graça*, que ainda vive,—como bons patriotas e *bons medicos*,[1] empenharam-se em debellar a anemia que a tolhe e (honra lhes seja!) muito conseguiram.

Dotaram-na com bastantes melhoramentos nas suas estradas e ruas, na sua praia de banhos, etc. e no momento, a 26 de novembro do corrente anno de 1889, o governo adjudicou á *Empreza industrial portuense* a construcção de uma ponte sobre o Ave, entre Villa do Conde e *Azurara*, por 57:800$000 réis, em substituição da ponte de pau, que estava substituindo a ponte de pedra, mandada fazer por D. Francisco d'Almada.[2]

—

Tambem está em construcção uma bella *estrada-rua*, denominada *Avenida Julio Graça*, desde a estação de Villa do Conde na linha ferrea da Povoa, até á villa,—e consta que o governo vae prolongar aquella formosa avenida até o mar.

Villa do Conde lucra muito com estes e outros melhoramentos, mas não póde luctar com a sua tão populosa e tão *proxima* visinha, pois dista pouco mais de 1 kilometro da Povoa de Varzim, da qual é um arrabalde e em praso não muito longe será

---

[1] O 1.º foi deputado ás cortes e afamado clinico—e o 2.º é tambem deputado e clinico afamado.

[2] V. *Villa do Conde*, tomo 11.º pag. 692, col. 2.ª

um interessante e pittoresco bairro da cidade da *Povoa!...*

As casas da extremidade N. de Villa do Conde e as da extremidade S. da Povoa de Varzim quasi se tocam já hoje e, se não fôra a grande rivalidade das duas povoações, em breve se confundiriam e formariam uma das nossas mais populosas e mais formosas cidades, mesmo porque entre as duas villas não ha montes nem rios que as separem. O chão intermedio é quasi plano, todo aravel e muito saudavel,—enchuto, alegre e vistoso. Presta-se admiravelmente para casas de campo e de recreio e para toda a sorte de construcções;—as duas villas já estão ligadas por uma formosa estrada real a macadam, servida por uma linha ferrea americana—e cortada a meio de nascente a poente por outra estrada a macadam;—e a Povoa de Varzim não tem feiras, mas só um pequeno mercado. As suas feiras são as de *Villa do Conde.*

Fazemos pois ardentes votos por que as duas villas se unam e formem a grande cidade.

Rectificações

No artigo *Azurara* disse o meu benemerito antecessor:

«No começo do seculo XII, era (a villa de Azurara) povoação muito importante, pois que o conde D. Henrique e sua mulher a rainha D. Thereza a fizeram villa e lhe deram foral, em 1102 (ou 1107) que D. Affonso II confirmou em Santarem, no 1.º de fevereiro de 1213.

«Na *Poblacion Gen. de Hesp.*, diz-se que o conde D. Henrique lhe deu foral em 1111.»

Claudicaram n'este ponto Rodrigo Mendes da Silva e o meu benemerito antecessor, porque o foral do conde D. Henrique e da rainha D. Thereza, com data de 1102, não pertence a esta Azurara, mas á da Beira, hoje *Mangualde*, como logo *provaremos evidentemente*, quando fallarmos da dicta *Zurara*; — e o conde D. Henrique não deu outro foral a esta *Azurara* de Villa do Conde nem a povoação alguma do nosso paiz, alem de Azurara da Beira, desde o anno de 1096, data do foral de *Constantim de Panoias*, até o anno de 1108, data do foral de *Tentugal*, como se vê do *Portugalia Monumenta*, onde se encontram na sua integra e por ordem chonologica todos os *foraes velhos*, existente na *Torre do Tombo*, desde o anno de 1055 até o anno de 1277 — mais 3 foraes velhos sem data, concedidos por D. Affonso III a *Loulé, Faro* e *Tavira.*

Tambem pertence a *Zurara* ou *Azurara da Beira*, o foral que D. Manoel deu á villa d'este nome em 26 de março de 1514,—segundo se vê da *Memoria de Franklin*, pois ainda não podemos lobrigal-o.

Custa a crer que a villa de *Azurara* de Villa do Conde, sendo tão antiga e outr'ora tão importante, visitada e muito beneficiada por el-rei D. Manoel, não tivesse foral *velho* nem *novo*, sendo D. Manoel tão prodigo em conceder foraes, mesmo a villas, aldeias quintas e terras insignificantes.

Talvez se perdesse, como se perderam outros muitos, posto que era costume passar 3 exemplares:—um para o real archivo ou para a *Torre do Tombo*,— outro para a camara da villa — e outro para o senhor da terra.

Templos

O meu antecessor, depois de dizer que a esplendida matriz d'Azurara de Villa do Conde foi mandada fazer por D. Manoel em 1498, diz: »a egreja *primitiva* ainda é a actual.»

Tambem claudicou n'este ponto.

A matriz actual não é a *primitiva*, mas a que D. Manoel mandou fazer em substituição da *primitiva* que, segundo se lê no bello artigo *Azurara* do padre Luiz Cardoso, era uma ermida ou egreja com o titulo de *Nossa Senhora da Apresentação* ou *Senhora das Neves*, pelo que a egreja de D. Manoel tomou o titulo de *Santa Maria a Nova, para se distinguir da antiquissima ...... de Nossa Seuhora das Neves*»— diz o padre Luiz Cardoso — e em seguida descreve o templo actual *muito minuciosamente*, bem como todos os outros templos que esta freguezia contava em 1747 e que eram os seguintes:

2.ª—*Egreja da Misericordia*, na rua do Espirito Santo.

3.ª—Egreja do convento dos *capuchos*, com o titulo de *Nossa Senhora dos Anjos*.

A dicta egreja, depois da extincção das ordens religiosas, foi conservada pela *Ordem 3.ª* que os frades erigiram em 1728. Ainda hoje é muito numerosa e faz todos os annos com grande apparato e grande concorrencia de fieis a procissão de *cinza*.[1]

Hoje no extincto convento está um collegio de meninas, montado recentemente e dirigido por umas piedosas senhoras.

4.ª—*Capella de Nossa Senhora das Neves*, ao sul de Azurara e junto da aldeia da Granja.

E' antiquissima e já se venerava com grande concurso de fieis no dia 5 d'agosto, antes da invasão dos mouros, como diz Faria e Souza na *Europa Portugueza*, tomo 3.º cap. 2.º pag. 231. n.º 60.

A dicta romagem determinou a creação d'uma *feira franca* muito importante, no mesmo dia.

Talvez que a dicta capella fosse a *primitiva* egreja d'Azurara!...

5.ª—*Capella do Espirito Santo*, na rua que tomou d'ella o nome.

Era e não sabemos se ainda é *coroada de ameias* e dizem ter sido casa do marquez de Villa Real, antigo senhor d'esta villa.

Ainda em 1747 se via em um armazem junto do Ave, esculpido o *aleo*, ou pau de zambugeiro, emblema dos dictos marquezes.[2]

Na dicta capella se festejava pomposamente o Espirito Santo e acompanhava a procissão um irmão lavrador, *vestido de imperador*, com seus pagens, que lhe levavam o estoque, sceptro e corôa, indo na frente um estandarte com as armas reaes.

6.ª—*Capella de Nossa Senhora da Conceição*, por detraz da rua do Corpo Santo, para o lado do mar.

7.ª—*Capella do Corpo Santo*, ou de S. Pedro Gonçalves Telmo.

Demorava e demora a N. E. da villa, em um planalto espaçoso e muito vistoso, sobranceiro ao Ave, e foi sempre muito querida dos navegantes e muito festejada por elles.

8.ª—*Capella de S. Sebastião*, no fim da rua a que deu nome e em terreno tambem muito vistoso, donde se gosa um vasto e lindo panorama sobre a terra e sobre o mar.

9.ª—*Capella de Sant'Anna*, em um pequeno monte a E. da villa, com 4 altares, etc., etc.

Funccionarios publicos

Esta villa teve outr'ora ouvidor annual, que era tambem juiz da egreja, dos orphãos e direitos reaes,—2 almotaceis, 4 quadrilheiros e 1 meirinho, todos eleitos pelo povo, mas prestavam juramento na camara do Porto.

Tinha mais 3 escrivães, sendo 1 dos orphãos e do publico—e 2 só do publico e judicial,—6 homens eleitos para o governo da villa e 6 para o lançamento da cisa, etc.

Pessoas notaveis

Produziu muitas esta villa, mas occorrem-nos apenas as seguintes:

—*Gomes Eannes d'Azurara*, mencionado pelo meu antecessor.[1]

—*Filippa de S. Francisco*, religiosa de Santa Clara de Villa do Conde.

Morreu com opinião de santidade em 1591.

---

[1] E' a 1.ª de *Azurara*, mas a procissão de *cinza*, de Villa do Conde, é muito mais apparatosa, muito mais concorrida e uma das primeiras da provincia.

A ella concorrem centenares de pessoas do Porto, porque a linha de ferro da Povoa estabelece sempre n'esse dia comboios a preços reduzidos.

[2] V. *Villa Real de Traz os Montes*, tomo 11.º pag. 952, col. 2.ª n.º 7.

[1] Ha divergencia com relação á naturalidade d'este afamado chronista.

V. *Zurara da Beira*, infra.

—*Victoria dos Santos*, religiosa do mesmo convento, no qual instituiu a festa dos Sagrados Espinhos de Christo.

Passados muitos annos depois que falleceu, acharam incorrupto o corpo d'esta piedosa freira.

—*D. João*, conego regular de Santo Agostinho.

Foi muito virtuoso e falleceu em Grijó no anno de 1715.

—*Fr. Antonio dos Reis*, 11.º geral de S. Bento, cujo cargo occupou 3 vezes.

Morreu em Tibães com opinião de virtude.

—*Padre Antonio Moreira.*

Passados 40 annos depois do seu fallecimento, encontrou-se o cadaver incorrupto e as vestes sacerdotaes que o envolviam.

—*Fr. José da Trindade*, da ordem de S. Domingos.

Falleceu no convento de Vianna em 1742 e foi virtuosissimo.

—*Um bispo eleito de Malaca*, religioso de S. Bento.

Era da familia *Maeiros* d'esta villa, mas ignora-se o nome.

—*Um arcebispo da Bahia*, cujo nome se ignora tambem.

—O *dr. João Carneiro de Moraes*, chanceller mor do reino.

—O dr.... filho do antecedente.

Foi lente na Universidade de Coimbra.

—*Fr. Manoel da Silveira*, religioso de S. Domingos.

Foi dr. em theologia pela mesma Universidade.

—*Pedro Nunes da Costa*, freire e commendador de Malta.

—*Manoel Lopes Negrão.*

Foi capitão de mar e guerra.

—*Manoel Correia da Rocha.*

Foi tambem capitão de mar e guerra.

Os viscondes de *Azurara* não eram filhos d'esta villa.

O 1.º visconde, *João Antonio Salter de Mendonça*, que foi dono do palacio do *Freixo* no Porto, e da grande quinta da *Aveleira*, na freguezia de Tavora, concelho de Taboaço,[1] etc., etc., nasceu na villa de *Goyanna*, imperio do Brazil.

ETYMOLOGIAS

Este topico é muito nebuloso, porque é muito difficil apurar *com firmeza* a etymologia da maior parte das terras do nosso paiz, pois muitas tomaram o nome dos romanos,—outras dos godos e visigodos,—outras dos arabes e musarabes,—outras dos leoneses e portuguezes, como ainda hoje estão tomando o nome dos seus fundadores e possuidores muitas herdades e quintas, que podem vir a ser grandes povoações no futuro.

Simples granjas, herdades e quintas foram nucleo de muitas das nossas actuaes povoações e d'outras que desappareceram com a voragem das guerras, do tempo e das epidemias, como podem desapparecer as povoações actuaes.

Com relação a esta villa d'*Azurara* disse o Padre Luiz Cardoso que o nome d'ella se deriva de *azul ara*, pedra d'ara de cor azul, que *estava* (?) na *primitiva egreja*.

O meu antecessor perfilhou a mesma ideia, mas inclinou-se a crer que a dicta *pedra azul* não era uma simples *pedra d'ara*, mas algum dolmen, *cuja pedra fosse azul ou azulada.*

Não estamos d'accordo, porque não resta memoria alguma da egreja *primitiva*,

---

[1] Aquella grande quinta foi dos Tavoras (bem como o palacio do *Freixo*), depois passou para a corôa; d'esta para o Salter de Mendonça, 1.º visconde d'*Azurara*; da familia d'este para o juiz da relação do Porto Joaquim Machado Ferreira Brandão, que a arrematou em praça publica; d'este passou para o seu cunhado Sebastião Pinto Moreira, de Massarellos, no Porto,—e d'este, por compra, para o sr. Adriano d'Azevedo Pinto Mesquita, de Riodades, seu actual possuidor, filho de Alexandre d'Azevedo Menezes Pimentel.

V. *Riodades*, *Freixo* (quinta do) e *Tavora* n'este diccionario e no supplemento.

nem da sua *pedra d'ara*, nem do fantastico *dolmen* ou *anta*, nem mesmo na onomastica. Além d'isso *Azurara da Beira* deve ter a mesma etymologia e custa-nos crer em *dolmens de cor azul* nas provincias do Douro e da Beira, nas quaes a pedra dominante é o *granito*, alem de que os *dolmens* contam milhares d'annos e estão todos cobertos de lichens, que os tornam escuros.

Tentemos pois outra etymologia.

—

Todos concordam em que *Azurara* de Villa do Conde foi uma simples aldeia ou povoação de *Arvore*, parochia antiquissima, que muito provavelmente tomou o nome — não de uma *arvore* qualquer, embora gigantea, mas de *Albura*, nome romano, como se vê da *Revista Archeologica* do sr. Antonio Cardoso Borges de Figueiredo (tomo 3.º pag. 155), onde se encontra a inscripção seguinte:[1]

D. M. S.
Q. CADI FRONTONIS
ANN. XXV. ROMAE. DE.
FVNCTI. RELIQVIAE. H. S. S.
CADIA TVSCA. AN. XXX. H. S. E.
M. CADIVS. RVFVS. LIBERIS
OPTVMIS. PIISSIMIS. POSVIT
CORNELIA. FRONTONIS. F
ANN. XXIII. ALBVRA. MATER
FRONTONIS. ET. TVSCAE. H. S. E
CADIVS. RVFVS. VXORI
OPTVMAE. V. T. L:::::

Em vulgar: — «Aos deoses manes. Aqui descançam os restos mortaes de Quinto Cadio Frontão, fallecido em Roma (?) aos 25 annos de idade. Aqui jaz tambem Cadia Tusca, de 30 annos.

M. Cadio Rufo erigiu este monumento aos seus optimos e piedosissimos filhos.

Aqui jaz tambem Cornelia, de 23 annos de idade, filha de Frontão, e *Albura*, mãe de Frontão e Tusca.

Cadio Rufo dedica este monumento á sua optima esposa.

A terra vos seja leve.»

—

«Esta curiosa inscripção — diz o sr. Figueiredo—ministra-nos os nomes de diversos membros d'uma familia, e consta de duas partes distinctas. A primeira parte consiste na memoria posta por M. Cadio Rufo a seu filho Quinto Frontão e a sua filha Tusca;—a 2.ª parte, com muita probabilidade gravada algum tempo depois, é a memoria feita pelo mesmo M. Cadio Rufo a sua neta Cornelia, filha de Frontão, e a sua mulher *Albura*.

«Todos os nomes que se leem n'esta inscripção são já conhecidos, embora pouco vulgares quasi todos na peninsula. D'entre elles são raros *Cadio*... e *Albura*...

«A orthographia, assim como a fórma da escriptura, indicam pertencer o monumento aos fins do I seculo.»

—

Do exposto se vê que *Albura* no tempo dos romanos foi nome de mulher, embora *raro*, como diz o sr. Antonio Cardoso Borges de Figueiredo. — Foi tambem nome de *homem* entre os godos e musarabes, pois *Albura* assignou como testemunha um doc. do sec, 10.º anno 973.

V. *Portug. Monum.—Diplom. et Chartae*, pag. 70.

Temos tambem uma aldeia e uma freguezia com o nome d'*Alvora*; duas aldeias e um casal com o nome de *Alvura*; uma aldeia com o nome de *Alvre*, — e todos estes nomes provieram talvez de *Albura*, nome de homem e de mulher no tempo dos romanos, godos, arabes e musarabes.

Tambem suppomos que *Alvaro* é modificação de *Alburo*, formula masculina d'*Albu-*

---

[1] Está embutida na parede interior do pateo do castello d'*Almourol*.
V. *Almourol*, tomo 1.º pag. 154, col. 2.ª— e *Zezere*, villa, tomo 11.º pag. 2232, col. 1.ª e segg.

ra ou *Alvura*,—e talvez que de *Alburo* provenha o nome da villa de *Alvor*, outr'ora *Albor*, como escreve Rodrigo Mendes da Silva na *Poblacion gen. de Espana*, fl. 135, v.,—e como escreveram sempre e escrevem ainda hoje os hespanhoes.

O nome *Albura*, depois *Alvura*, rareou e extinguiu-se, mas prevaleceu até hoje o de *Alvaro* e d'elle tomaram o nome differentes povoações, herdades e quintas nossas, denominadas *Alvaro*, bem como as povoações, herdades e quintas de *Alvares*, *Alvarim* e *Alvariz*, cujos nomes são patronimicos d'*Alvaro*.

Foi tambem nome godo ou musarabe *Ansur*,[1]—e talvez que esta freguezia, outr'ora simples *granja* ou *quinta* de *Azurara* no termo da freguezia d'*Alvore* ou *Albura* tomasse o nome de *Ansur d'Albura*, como ainda hoje dizemos *Ferreirinha da Regoa*, *Macedos de Taboaço*, *Rainhas de Gouveia*, *Fonseca do Sanguinhal*, *C. Relvas da Golegã*, *Ramalho d'Evora*, *Paes de Mangualde*, *Paes da Pesqueira*, *Custodio Gil do Casal*, etc. etc.

Talvez que a granja ou quinta de *Ansur d'Albura* depois tomasse os nomes de *Ansuralb ura*, *Açurara* e por ultimo *Azurara*.

—

Tambem pode dizer-se que *Azurara* tomou o nome de *Azharú*, famoso palacio e jardim dos reis de Cordova.

V. *Marlès*,[2] tomo 1.º pag. 473, 475, 481 e 497.

Talvez que a belleza do sitio e quaesquer outras circumstancias tentassem os mouros a dar o nome do jardim dos reis de Cordova ao pittoresco chão de *Azurara* de Villa do Conde e de *Azurara* da Beira, como nós denominamos *Cintra do Algarve* a villa de Monchique, — *Cintra da Beira* a villa de Vouzella—e Portugal todo *jardim á beira mar plantado*.

Marlès escreveu *Azhora* e *Azhara* (d'aqui talvez provenha *Azere*) mas é possivel que o nome arabe fosse um pouco differente, porque no mesmo tomo 1.º pag. 130 (nota) diz: «—Os arabes desfiguraram *horrivelmente* os nomes hespanhoes e francezes... tanto das pessoas, como das terras, villas, cidades e provincias, mas pagaram-se bem os historiadores hespanhoes e francezes, pois desfiguraram os nomes arabes de tal modo, que por vezes é impossivel reconhecel-os.»

Alguem diz que *Zurara* ou *Azurara da Beira* tomou o nome de um mouro chamado *Zurar* ou *Zurão*!...

V. *Zurara*, infra, e *Sant. Marian.* tomo 5.º pag. 162 e 163.

É certo que as povoações convisinhas de *Azurara* de Villa do Conde são antiquissimas e que deram o nome a differentes povoações nossas, como revelam claramente os nomes que ainda hoje conservam.

Tambem ali se encontram muitos nomes d'arabes, que são hoje appellidos nossos, v. g. *Mahamed*, Mamede; *Zalema*, Salema; *Hussein*, Ossem e Cem, appellido de Pedro Cem; *Lebun*, Lobão; *Sad*, Sá; *Hegiag*, Geada; *Siqueli*, Sequeira; *Abdila*, Avila; *Azis*, Assis; *Neza*, Niza; *Fehri*, Ferrer; *Almehdi*, Almeida; *Zeray*, Saraiva; *Gehdi*, Guedes; *Ben-Habid*, Benevides; *Laiti*, Leite; *Suar*, Soares; *Baeza*, Beça; *Jali*, Jalles, etc. etc.

A occupação arabe foi a ultima do nosso paiz, no qual deixou e se conservam ainda hoje *muitos vestigios*!

É tambem a historia da invasão e occupação dos arabes e mouros um grande auxiliar da nossa historia e da *nossa chorographia*, pelo que lamentamos que o nosso governo *até hoje* não tenha montado cadeiras de *lingua arabica* nos lyceus e nas escolas superiores.

---

[1] V. *Arouca*, tomo 1.º pag. 928=A A=col. 1.ª e *Figueiredo das Donas*, tomo 3.º pag. 193, col. 2.ª

[2] *Histoire de la domination des Arabes et des Maures en Espagne et en Portugal, depuis l'invasion de ces peuples jusqu'a leur expulsion définitive;... par M. de Marlès*—Paris, 1825, 3.º vol. 8.º

É uma obra muito interessante e que n'este ligeiro esboço etymologico havemos de citar muitas vezes, porque n'ella se encontram muitos arabes e mouros, que figuraram na invasão e occupação da peninsula

mas e os nomes de muitas d'ellas recordam ainda nomes godos, arabes e musarabes. Occorrem-nos as seguintes:

—

—*Rendo*, aldeia da freguezia de *Fajoses*, vem de *Rando*, musarabe que figura em um doc. do sec. 10.°

V. *Portug. Monum.*[1] pag. 95.

Temos tambem differentes aldeias, casaes e quintas com os nomes de *Rando*, *Rande*, *Randão*, *Randinho* e *Randinha*, todos provenientes de *Rando*.

—*Bagunte*, aldeia, e freguezia do mesmo concelho de Villa do Conde, foi uma importante *civitas* nossa, denominada *Bagonti* nos fins do sec. 10.° e principios do 11.°

Portug. Mon. pag. 69, 134 e 171.

—*Formariz*, outra aldeia e freguezia do mesmo concelho, é patronimico de *Fromarigo*, nome godo, que figura em varios doc. do sec. 11.°

Portug. Mon. pag. 141, 164 e 168.

—*Sabariz*, povoação de Macieira, freguezia do mesmo concelho, é patronimico de *Sabarigo* ou *Savarigo*, nome godo, que figura em um doc. do sec. 10.°

Portug. Mon. pag. 159.

—*Souto d'Ayres*, aldeia da freguezia de Malta, no mesmo concelho, vem de *Arias*, nome godo ou musarabe no sec. 10.°

Portug. Mon. pag. 73.

—*Mindello*, freguezia do mesmo concelho é tambem povoação muito antiga, pois já figura em um documento do sec. 11.°

Portug. Mon. pag. 160.

—O monte do *Crasto* e a aldeia do *Padrão*, pertencentes á freguezia de Santagões do mesmo concelho, recordam a occupação romana, pois revelam a existencia alli de um *castro* e de um *marco milliar*.

—*Vairão*, freguezia do mesmo concelho, é o nome romano *Valerianus*.

—*Povoa de Varzim* talvez provenha de *Wazir*, alta dignidade entre os mouros.

No sec. 11.° chamava-se *Verazini*.

Portug. Mon. pag. 172.

—A *ver o Mar* ou A *vel-o Mar*, povoação da freguezia de Amorim, concelho da Povoa de Varzim, vem de *Avomari*, que assignou como testemunha um doc. no sec. 11.° (Portug. Mon. pag. 172) ou de *Aben-Umar*, que figura tambem como testemunha em um doc. do anno 1016.

Portug. Mon. pag. 143.

Suppomos que *Abumari* ou *Abumar* é o mesmo que *Aben-Umar*, modificação de *Iben*, *Aben* ou *Ben*[1]*-Omar*, que foi um mouro muito notavel na invasão da Peninsula.

V. *Marlès*, tomo 2.° pag. 168.

—*Amorim*, *Terroso* e *Laundos*, aldeias e parochias do mesmo concelho, são tambem muito antigas, pois figuram no mesmo doc. do sec. 11.° (anno 1033).

Portug. Mon. pag. 172.

—*Sandim*, aldeia da freguezia de Terroso, vem de *Sandinus*, nome godo.

Sandinus assignou como notario um doc. do sec. 11.° (anno 1045)

Portug. Mon. pag. 309.

No mesmo doc. e em outros dos sec. 10.° e 11.° se encontram testemunhas com o nome *Sendinus*, cujo patronimico é *Sendim*, nome de differentes aldeias e freguezias nossas.

Podiamos alongar *muito mais* esta lista,

[1] Referimo-nos ao *Portugaliae Monumenta historica*, livro *Diplomata et Chartae*—preciosa collecção de documentos que até hoje estiveram (*quasi todos*) encerrados e fechados no *sancta sanctorum* da Torre do Tombo.

[1] *Iben*, *Aben* ou simplesmente *Ben* entre os mouros significava *filho* e *Beni filhos* ou descendentes. Assim, entre os musarabes, ou christãos que viviam com os mouros, *Iben*,—*Egas*, hoje *Viegas*, queria dizer *filho de Egas*, e *Iben-Ordonis*, hoje *Bordonhos*, queria dizer *filho de Ordonho*, etc.

V. *Vouzella*, villa, tomo 11.° pag. 2014, col. 2.ª *in fine*.

mas não queremos por fórma alguma abusar da paciencia dos leitores e dos editores.

Indicamos as paginas das obras citadas, para que todos verifiquem os nossos *dislates*,—querendo.

> Alguem *zomba* d'este processo de formar etymologias, taxando-o de *estupido* e *retrogrado*,[1] mas *rira bien qui rira le dernier*?!...

Viscondes d'Azurara e palacio do Freixo

Em 1820 foi feito 1.º visconde d'*Azurara* João Antonio Salter de Mendonça. Casou com D. Anna Rosa de Noronha Leme Cernache, filha segunda de Vicente de Tavora de Noronha e de D. Anna de Tavora de Noronha Leme Cernache, senhores da casa da *Vandôma* junto ao arco d'este nome, que então existia junto da Sé do Porto, e de muitos morgados e padroados pertencentes á dita casa. Não sabemos se este 1.º visconde, que foi dezembargador do Porto e secretario do governo de Portugal, possuia em *Azurara* bens proprios; crêmos porem que sua mulher os possuia, pois sabemos que a casa da *Vandôma* ali tinha um morgado e outros bens. Este 1.º visconde não teve filhos de sua mulher acima dita, mas foi herdeiro dos seus bens, entre os quaes se comprehendia a quinta e palacio do *Freixo* nas freguezias de Campanhã e Val Bom, margem direita do rio Douro, quinta e palacio que antes pertenciam á dita casa e familia da *Vandôma*. De tudo foi herdeiro Jorge Salter de Mendonça, filho natural legitimado do 1.º visconde, deputado da junta do tabaco e coronel de milicias, que foi o segundo visconde d'*Azurara* e casou em 1839 com D. Maria Henriqueta Manoel de Saldanha Oliveira e Daun, da casa de *Pancas*. Este segundo visconde em 1850 vendeu a Antonio Affonso Vellado, mais tarde *visconde do Freixo*, o palacio d'este nome, de cuja origem vamos dar noticia, accrescentando o que ficou dito no terceiro volume d'esta obra, pag. 233.[1]

[1] V. *Zava*, tomo 11.º pag. 2079, col. 2.ª e 2080, col. 1.ª—e *Vouzella* no mesmo tomo, pag. 2012, col. 2.ª, até pag. 2016, col. 1.ª

Quinta e palacio do Freixo

Nos fins do XVII seculo era senhor da quinta do *Freixo* (ainda não possuia o magnifico palacio actual) *Roque Peres Picão*, fidalgo da casa real, homem de grossos cabedaes, casado com D. Isabel Freire, irmã do deão da Sé do Porto (1681) João Freire Antão, que pela sua parte foi instituidor de um morgado rendoso, do qual, assim como dos bens do dito Roque e de sua mulher, foi universal herdeira uma filha unica d'estes, D. Michaella Antonia Freire. Casou esta senhora com Antonio de Tavora Noronha Leme Cernache, filho de Jeronymo de Tavora e neto de Martim de Tavora de Noronha, fidalgo da casa real, senhor dos direitos reaes de

[1] Mau fado tem perseguido e continua a perseguir este palacio!...

Por morte do visconde do Freixo, que o restaurou e gastou com elle mais de 50 *contos de réis*, passou para a viuva, que vivia e continuou a viver em Lisboa, e, passados annos, vendeu-o, já muito deteriorado, a um allemão *Petters*, comprehendendo toda a quinta.

Na fabrica de saboaria, montada pelo visconde do Freixo na parte N. da quinta, a pequena distancia do palacio, montou o *Petters* uma fabrica de queimar e distillar cereaes e, ardendo a dicta fabrica, vendeu o chão e edificios d'ella a José Maria Rodrigues Formigal, que ali montou e conserva actualmente uma fabrica de moagem de pão.

Ultimamente o mesmo *Petters* vendeu em dezembro de 1889 *o palacio, jardins e parte da cerca* a uma companhia, que vae montar na cerca uma fabrica de queimar pão, destinando para deposito do pão o pavimento do palacio,—e o mesmo *Petters* tem vendido e está vendendo em lotes o resto da quinta a differentes companhias para montagem de differentes fabricas.

Só o palacio e jardins não se faziam hoje com *trezentos contos de réis*—e a mencionada companhia deu por elles apenas *dezenove contos*?!...

Tavora, da villa de Coja e dos morgados de Cernache, padroeiro das abbadias de Cezár e Macieira no bispado do Porto, e da de Loivos da Ribeira, em Baião, e senhor da quinta de *Campo Bello* em Villa Nova de Gaya. Foi o dito *Antonio de Tavora* senhor de toda a casa de seu avô, com excepção da quinta de *Campo Bello,* que passou para a familia *Leites,* como já dissemos no 6.º volume d'esta obra a pag. 91 a 94.

Do dito Antonio de Tavora e de sua mulher D. Michaella Freire foi filho primogenito e successor na sua importante casa Hieronymo de Tavora de Noronha, o qual nasceu a 20 de novembro de 1690 e abraçou o estado ecclesiastico, sendo tambem deão da Sé do Porto, como o seu tio-avô.

Sem descendencia propria e senhor de *avultados rendimentos* que auferia da sua opulenta casa e da cadeira de deão, estava nas melhores condições de construir um palacio sumptuoso que legasse á sua familia, e perpetuasse o seu nome. Escolheu para esse fim a sua quinta do *Freixo* e conseguiu levar a cabo a obra monumental que ainda hoje se admira e que, como se vê, data da primeira metade do XVIII seculo. O brasão dos *Tavoras* foi mandado picar no tempo do Marquez de Pombal, mas ainda hoje lá se vê em differentes sitios, bem como o *golphinho* emblema heraldico d'esta familia.

O palacio do Freixo com outros bens não vinculados pertenceu a D. Anna Rosa de Noronha, terceira sobrinha do deão seu fundador; os bens de natureza vincular (morgados e padroados) seguiram na linha primogenita da familia até 1857, data em que, extincta esta linha, succedeu em todos o fallecido Alvaro Leite, da casa de *S. João Novo*, do Porto, senhor tambem da casa de *Campo Bello* em Villa Nova de Gaya, descendente dos antigos Tavoras e representante da linha immediata á primogenita, como já dissemos no sexto volume, pag. 92 e seguintes.

Hoje possue a maior parte d'estes vinculos a sr.ª condessa de Campo Bello, sobrinha paterna e uma das herdeiras de Alvaro Leite, representante da sua familia e casada com o sr. dr. Adriano de Paiva de Faria Leite Brandão, 1.º conde de Campo Bello.

No sexto volume d'esta obra, loc., cit., já demos ampla noticia genealogica das familias representadas pela actual sr.ª condessa de Campo Bello, agora, aproveitando a occasião, daremos tambem uma noticia genealogica da familia do sr. conde, que é a antiga familia dos

Paivas Brandões de Braga

Procede esta familia de dois cavalleiros irmãos, naturaes da Normandia, *Carlos Brandão* e *Fernão Brandão,* os quaes se estabeleceram perto do mosteiro de *Grijó,* no sitio ainda hoje denominado *Paços de Brandão*, e jazem na egreja do dito convento, onde está um letreiro latino que indica a sua sepultura. Do segundo d'estes irmãos foi sexto neto, do qual começaremos a deduzir a genealogia d'esta familia, o seguinte:

1.º *Fernão Rodrigues Brandão.*

Viveu no tempo d'el-Rei D. Pedro I, a quem serviu, dando-lhe este rei em morgado as herdades da *Silveira* em Montemor-o-Novo. Casou e teve

2.º *Lopo Fernandes Brandão,* successor de seu pae. Casou com D. Filippa de Athayde e tiveram

3.º *Diogo Lopes Brandão,* successor do precedente. Casou com D. Catharina Fernandes d'Oliveira, dos *Craveiros* de Evora, e teve, além de Luiz Brandão, que foi veador do duque de Viseu, mais

4.º *Fernando Brandão.*

Succedeu na casa de seus paes, — casou com D. Isabel de Brito, filha de André Dias de Beja, e tiveram differentes filhos, dos quaes foi o primogenito,

5.º *Diogo Lopes Brandão,* successor dos precedentes. Casou com D. Joanna de Paiva, do legitimo tronco dos *Paivas,* e tiveram, entre outros filhos

6.º *Diogo de Paiva Brandão,* successor dos precedentes. Casou com uma senhora cujo nome ignoramos e de quem teve unico filho

7.º *João Alvares de Paiva,* que casou com

D. Catharina de Souza. Ficando viuvo, abraçou o estado ecclesiastico e acompanhou para a cidade de Braga o arcebispo D. Diogo de Souza, do qual por sua mulher ainda era parente e d'elle foi capellão e grande privado. Foi abbade de S. Pedro e teve outros beneficios. Foi seu filho unico

8.º *Filippe de Paiva Brandão,* F. C. R. etc. Herdou de seu pae todos os bens que o mesmo possuia na cidade de Lisboa e na de Braga e casou n'esta ultima cidade com D. Anna Mendes da Fonseca, filha de Joanne Mendes e de sua mulher D. Catharina da Fonseca Coutinho, filha de Luiz Gonçalves Gayo, vereador em Braga em 1534, e de sua mulher D. Anna Alvares da Fonseca, filha de Alvaro da Fonseca Coutinho, escudeiro fidalgo, que da cidade de Lamego foi para a de Braga. Tiveram entre outros filhos

9.º *Diogo de Paiva Brandão,* fidalgo da casa real, herdeiro da casa de seus paes no campo de *S. Thiago* e *rua do Alcaide* em Braga, capitão de infanteria e sargento-mór de Braga. Casou n'esta cidade com D. Prudencia Navio de Barros, filha de Ambrozio Navio, conde Palatino, natural de Milão, que d'alli viera para Braga recommendado ao arcebisqo primaz pelo nuncio de S. Santidade, e de sua mulher D. Magdalena de Barros. Tiveram entre outros filhos

10.º *Francisco de Paiva Brandão,* successor de seu pae e como elle fidalgo da casa real e sargento-mór de Braga. Foi vereador; fazia parte do senado bracarense por occasião da restauração de 1640—e tomou grande parte nos festejos que se fizeram em Braga ao arcebispo D. Rodrigo da Cunha, como consta da descripção que existe d'essas festas. Casou com D. Maria de Andrade, filha de Gonçalo Rodrigues Bouro, instituidor do morgado de *S. Lazaro,* de quem tambem descendem, entre outros, os *Noronhas* da Prelada, os *Jacomes* do Avellar, etc.

Além de duas filhas—D. Angelica, que casou com Francisco Pereira Marinho, d'onde vem os *Paivas Marinhos,* e D. Francisca, que casou com o Dr. Miguel de Coimbra de Macedo e Andrade, fidalgo da casa real e desembargador no Porto, de quem descendem illustres familias, tiveram

11.º *Alexandre de Paiva Brandão,* filho primogenito dos precedentes e seu successor nas casas do *campo de S. Thiago* e *rua do Alcaide,* senhor da casa da *Torre do Tojo* e de outros mais bens. Casou em S. Martinho de Ferreiros, concelho de Lanhoso, com D. Petronilha Leite Borges, sua parente, filha de Salvador Leite Borges, da villa de Chaves, o qual descendia do tronco dos *Leites de Quebrantões e Gaya Pequena* e era o chefe d'uma das principaes familias de Traz-os-Montes,—e da sua segunda mulher D. Margarida de Magalhães Machado, descendente dos senhores da Barca e de Entre Homem e Cavado. D'estes nasceu Luiz de Paiva Brandão, que lhes succedeu na maior parte da sua casa e de quem foi filha herdeira D. Luiza de Paiva Leite, que casou com Manuel Alvaro Pereira de Castro, fidalgo da casa real, capitão-mór de Monsão e senhor da casa de *Pias,* bem conhecida como uma das mais illustres do alto Minho. Foi tambem filha do dito Alexandre de Paiva D. Angelica, que casou com Francisco d'Oliveira de Barros, da cidade de Braga, senhor da casa e morgado da *Barroza.* E além d'outros filhos e filhas religiosos, foi filho quinto do mesmo Alexandre de Paiva o seguinte e de sua mulher

12.º *Alexandre de Paiva Brandão.*

Nasceu em Braga e herdou de seus paes a casa da rua do Alcaide. Casou na Povoa de Lanhoso com D. Joanna Pereira da Costa, senhora da casa e quinta de *Pomar,* na freguezia de Thaide, e herdeira presumptiva do morgado dos *Costas* de Lanhoso, por ser filha e universal herdeira de Jorge da Costa de Mesquita e de sua mulher D. Sabina Peixoto de Araujo Alvarenga. Instituiu este Alexandre de Paiva um vinculo, tomando para cabeça d'elle a dita quinta de *Pomar,* por escriptura de 13 d'outubro de 1741, ao qual fizeram depois elle e seus successores differentes accrescentamentos, impondo aos administradores d'este vinculo a obrigação de usarem sempre pelo menos dois dos tres appellidos *Paiva, Leite, Chaves.*

Foi sua filha D. Angelica Quiteria de Paiva, que casou com Rodrigo de Souza Pereira da Silva, fidalgo da casa real e senhor das

casas de *Sestello* e *Surribas*, de quem descendem e foram successores os viscondes, depois condes da *Costa*, os *Azevedos* da Barca e outros.

Foi seu filho primogenito (do n.º 12.º)

13.º *João Antonio de Paiva Leite Brandão*. Nasceu em Braga a 15 de outubro de 1717 e foi fidalgo da casa real, capitão-mór de *Pedralva* e *Arentim*, senhor do morgado dos *Paivas Leites* de Thaide e da casa da rua do *Alcaide* em Braga. Casou na casa da *Lama*, freguezia de Fontearcada, concelho de Lanhoso, com D. Luiza Maria Vaz Vieira, herdeira da dita casa e da de *Picos* em Pedralva, e da quinta do *Rio* em Gondizalves, filha do capitão Luiz Vaz Vieira e de sua mulher D. Antonia Maria Ferreira. Succedeu-lhes

14.º *Alexandre de Paiva Leite Brandão*, filho primogenito dos precedentes, senhor de toda a casa de seus paes, fidalgo da casa real, etc. Casou em 1820 com D. Guiomar Carolina de Vasconcellos Athayde, sua parente, filha de Antonio Vicente de Sá Abreu e Vasconcellos, senhor da casa de *S. Priz* na Ponte da Barca, e de sua mulher D. Anna Joaquina de Azevedo Athayde Menezes. Tiveram

15.º *João de Paiva da Costa Leite Brandão*, filho unico e seu successor. Nasceu em Braga a 13 de dezembro de 1820 e ali falleceu a 3 d'agosto de 1857. Casou no Porto com D. Miquelina Emilia Ribeiro de Faria, filha de Bento Ribeiro de Faria, moço fidalgo com exercicio no paço, cavalleiro professo da ordem de Christo, etc. Foram os paes do sr. conde de Campo Bello e de seus dois irmãos:—*João de Paiva de Faria Leite Brandão*, bacharel formado em direito, fidalgo da casa real, administrador do concelho de Braga e secretario geral do governo civil do mesmo districto, que ahi falleceu em 12 de dezembro de 1884 com successão,—e *Alvaro de Paiva de Faria Leite Brandão*, tambem bacharel formado em direito e moço fidalgo com exercicio, actual guarda-mór da relação do Porto, onde vive, casado com uma filha do fallecido dr. Alberto Moraes Pinto d'Almeida, dos *Moraes* de Coimbra, e tem tambem successão. Finalmente

16.º *Adriano de Paiva de Faria Leite Brandão*, filho segundo de João de Paiva da Costa Leite Brandão e de sua mulher D. Miquelina de Faria. É o actual 1.º conde de Campo Bello, par do reino eleito pelo collegio districtal do Porto em 1887, fidalgo cavalleiro da casa real e moço fidalgo com exercicio no paço (por successão), lente cathedratico da academia polytechnica do Porto (1873), doutor na faculdade de phylosophia e bacharel em mathematica pela universidade de Coimbra, onde foi sempre premiado, socio correspondente da Academia real das sciencias de Lisboa (1.ª classe), socio do instituto de Coimbra, socio fundador e perpetuo da sociedade internacional dos electricistas, de Paris, eleito presidente de honra da mesma sociedade para o reino de Portugal, na sessão de 6 de fevereiro de 1884, auctor de differentes obras, memorias e artigos scientificos, vice-presidente da commissão geral da cultura de tabaco no Douro e membro de outras commissões de serviço publico. Nasceu em Braga em 22 de abril de 1847, casou em 1871 na cidade do Porto e reside com sua familia em Villa Nova de Gaya na sua casa de *Campo Bello*, como dissemos a pag. 92 do sexto volume d'esta obra. Tem dois filhos.

O brazão d'armas do actual conde de Campo Bello, o mesmo dos seus antepassados, é o seguinte: escudo esquartelado; no 1.º quartel as armas dos *Paivas*: em campo azul tres flores de liz de ouro, postas em banda; no segundo as dos *Leites*. campo esquartelado, no 1.º e 4.º de verde com tres flores de liz d'ouro em roquete e no 2.º e 3.º de purpura com uma cruz de prata floreada e vasia do campo; no 3.º quartel as dos *Brandões*: em campo azul cinco brandões accesos de ouro, postos em santor; no 4.º as dos *Costas*: em campo vermelho seis costas de prata affirmadas nos cabos do escudo e postas em tres faxas. Timbre, o dos *Paivas*: uma aspa azul carregada de uma flor de liz de ouro.

A custo podemos obter tão interessantes noticias dos viscondes d'*Azurara*, do grande

palacio do *Freixo* e da antiga e nobilissima casa de *Campo Bello*.

ZURARA (posteriormente *Azurara*) *da Beira*,—hoje Mangualde, ou *Mangualde de Azurara*, villa, freguezia, concelho e comarca no districto de Viseu, provincia da Beira Alta.

V. *Azurara da Beira*, tomo 1.º pag. 300, col. 1.ª—e *Mangualde de Azurara*, tomo 5.º pag. 49, col. 1.ª tambem.

Seja-nos licito fazer algumas *rectificações* e *addições* áquelles dois artigos do meu benemerito antecessor.[1]

Principiando pelo artigo *Azurara da Beira*, note-se que esta *Zurara* ou *Azurara* nunca foi villa, povoação nem freguezia, mas simplesmente nome do concelho que hoje se denomina *Mangualde*. Denominou-se *Zurara* e posteriormente *Azurara*, sem ter povoação alguma d'este nome, como *in illo tempore* se denominou *terra de Panoias* grande parte da provincia transmontana, sem ter povoação alguma denominada *Panoias*,—e depois que D. Diniz deu áquelle vasto territorio por séde *Villa Real*, perdeu o antigo nome de *Panoias* e tomou o de *districto de Villa Real*,[2]—como tambem o concelho de que no momento nos occupamos perdeu o nome de *Azurara* e tomou o de *Mangualde*, porque tinha a sua séde na pequena povoação de Mangualde, hoje uma das villas mais importantes da Beira, como logo provaremos.

Ainda hoje tambem os concelhos de *Penalva do Castello*, *Satam*, *Rezende*, *Baião*, etc. não teem villas nem povoações com taes nomes—e o mesmo succede a muitas freguezias nossas, taes são n'esta provincia da Beira Alta e n'este districto de Viseu —*Alcafache*, *Rezende*, *Barrô*, *Cambres* e *Penajoia*, sendo estas ultimas 4 freguezias muito populosas e muito importantes—e a primeira uma estação thermal bastante concorrida.

[1] Eu tomei conta d'este diccionario quando já ia em *Vianna do Castello*, a pag. 412 do 10.º vol.
Suum cuique!...

[2] *Villa Real de Traz os Montes*, tomo 11.º pag. 934, col. 1.ª,—e 939, col. 2.ª

Foraes

Por vezes é difficil saber a que terras pertencem os nossos foraes, principalmente os *foraes velhos*, porque temos differentes terras com os mesmos nomes, e os foraes não indicam as provincias nem os districtos a que pertencem.

Temos, p. ex., 3 foraes velhos de *Aguiar*, que se encontram no *Portugaliae Monumenta* com o simples titulo de *Aguiar*, havendo no nosso paiz *Aguiar da Beira*, *Aguiar da Pena* e *Aguiar de Souza*, pelo que mal podem distinguir-se, excepto de *Aguiar da Beira* de 1258, por ter confrontações muito claras,[1] em quanto que os outros dois não teem confrontações algumas.

Tambem o meu antecessor, guiado por Franklin, deu á villa de S. Miguel do Jarmello, hoje freguezia do concelho da Guarda,[2] o foral que D. Affonso Henriques deu ao castello e couto de *Germanello* (Jarmello, Jermello ou antes Germello) em 1140 a 1146, mas pelas confrontações n'elle marcadas, vê-se que o dicto *Germanello* não era o da Guarda, supra. Estava em um monte, hoje completamente despovoado e ainda denominado *Castello*, que demora entre a freguezia do *Rabaçal*, concelho de Penella, districto de Coimbra, e a do *Alvorge*, concelho d'Ancião, districto de Leiria. D'elle já fizemos menção, quando fallámos da interessante lenda do *Mello* e *Jerumello*.

[1] V. *Vouzella*, ribeira, tomo 11.º pag. 1993 col. 2.ª
No supplemento rectificaremos tambem o que o meu antecessor disse dos foraes d'*Aguiar da Beira*, *Aguiar da Pena* e *Aguiar de Sousa*; entretanto diremos que *Aguiar de Sousa* teve foral velho, dado por Estevam Rodrigues em Evora (?) á 19 de junho de 1269. Suppomos ser o que se encontra no *Portug. Mon.* pag. 712-715.

[2] V. *Jermello*, tomo 3.º pag. 408, col. 2.ª

V. *Zambujal,* freguezia do concelho de Condeixa, tomo 11.º pag. 2067, col. 2.ª, —e *Rabaçal,* no 2.º supplemento ás *Noticias de Penella* do sr. commendador e meu bom amigo Delfim José d'Oliveira.

O dicto foral pode ver-se no *Portug. Monum.* pag. 432. Não tem data, mas pelas rasões ali expostas cabe-lhe muito bem a data supra 1140 a 1146.

Tambem as nossas duas *Zuraras* teem confundido os chorographos, como os leitores vão ver.

—

Fallando de *Azurara de Villa do Conde,* o meu antecessor (vol. 1.º pag. 299, col. 2.ª) disse que o conde D. Henrique lhe deu foral em 1102 ou 1107 (?) foral que D. Affonso II confirmou em 1213 (?)—e que a *Poblacion G. de Espana* diz que o conde D. Henrique lhe deu foral em 1111.

Fallando de *Azurara da Beira,* o meu antecessor disse tambem—que D. Diniz lhe deu foral em 1298 (?);—que Viterbo lhe consigna um foral de 1112 (?) dado pelo conde D. Henrique e pela rainha D. Thereza, mas que Franklin não o menciona, — e que D. Manoel lhe deu *foral novo* em Lisboa, a 26 de março de 1514.

No artigo *Mangualde* (tomo 5.º pag. 49, col. 2.ª) volvendo a fallar de *Azurara da Beira,* diz—que o conde D. Henrique lhe deu foral em 1102 (?)—e que D. Manoel lhe deu foral novo em 1514.

Tudo isto demanda rectificação.

—

Nós, como já dissemos no artigo supra, não temos noticia de foral *velho* nem *novo,* dado a *Zurara de Villa do Conde* — e dos foraes velhos de *Zurara* conhecemos o de D. Diniz e o do conde D. Henrique e de sua mulher a rainha D. Thereza, com data 1102 (não de 1107, nem de 1111 ou 1112)—foral que pertence a *Zurara da Beira,* como se vê claramente das confrontações n'elle indicadas.

Logo o daremos na sua integra.

Claudicou pois Rodrigo Mendes da Silva na *Pobl. G. de España,* alterando a data do dicto foral e attribuindo-o a *Zurara de Villa do Conde.*

Elle cita *Brandam,* I. 8.º cap. 23, mas Brandão *loc. cit.* apenas diz que o conde D. Henrique deu foral a *Zurara.* Não diz se era a da *Beira,* se a de *Villa do Conde* — e não lhe assignou data alguma.

Tambem estranhamos que Rodrigo Mendes da Silva apenas fizesse menção de *Azurara de Villa do Conde* e omittisse *Azurara da Beira,* sendo muito mais importante esta ultima.

—

O padre Carvalho, fallando de *Azurara da Beira,* dá-lhe um foral de D. Diniz — confirmado por D. Manoel, mas não lhes assignou datas nem documentou tal asserto.

O padre Luiz Cardoso dedicou um longo artigo a *Zurara* de Villa do Conde, mas disse muito pouco de *Zurara da Beira* — e quanto a foraes, apenas repetiu o que havia dicto Carvalho!...

José Avelino d'Almeida dedicou a *Mangualde de Azurara* um bello artigo, que o meu antecessor extractou, mas quanto a foraes deu-lhe apenas o de D. *Diniz*!...

A *Chorogr. Moderna,* seguindo Carvalho e Avelino, deu-lhe apenas o dicto foral de D. Diniz, reformado por D. Manoel.

Viterbo no *Elucidario* apenas menciona *Azurara da Beira* nos art. *Maladia* e *Podestades,* mas no 1.º falla somente e muito vagamente de *foraes velhos,* não indicando algum de *Azurara;* no 2.º não falla de foraes *velhos* nem *novos*!

Não sabemos pois onde Viterbo menciona o foral de *Azurara da Beira,* de 1112, citado pelo meu antecessor,—e no *Portug. Monum.* não se encontra semelhante foral, mas só o de 1102, indicado por Franklin nas suas *Memorias,* onde se encontra indicado tambem o de 1514, dado por D. Manoel.

Na minha humilde opinião todos os foraes de *Azurara da Beira,* hoje *Mangualde,* se reduzem ao de D. Manoel, com data de 1514,—ao de D. Diniz, citado no de D. Manoel,—e ao seguinte:

Foral de 1102 confirmado em 1218

«In nomine domini nostri jhesu christi amen. Ego Comite Henricus...»

Em vulgar:

«Em nome de nosso senhor Jesus Christo. Amen.

«Eu o conde D. Henrique e minha mulher D. Thereza, filha do rei D. Affonso, damos carta de foral aos habitantes de *Zurara* que demoram entre os rios *Dão* (*adon*) e *Mondego*;—e entre *Penalva* (do Castello) e a dicta Zurara está o rio *Ryal*.[1]

«De cada junta de bois (que empregardes na lavoura) pagareis um *moio* de pão terçado;[1] de cada boi dois *quarteiros* de pão terçado tambem; do vinho a decima parte no lagar; do linho a decima parte no campo; do veado (de *venato*) um lombo; do porco *duas costas* (sic) — e dos coelhos um pela morada do caçador (talvez um por dia).

«Se o cavalleiro perder o seu cavallo, guardem-lhe durante tres annos o fôro de cavalleiro — e poderá vender as suas propriedades livremente, sem onus algum, a quem lhe aprouver.

«O peão poderá vender tambem as suas propriedades a quem lhe aprouver e só a decima parte ficará obrigada ao foro.

---

[1] Do exposto se vê que este foral é evidentemente o do concelho de Mangualde ou de *Azurara da Beira*, pois demora entre os rios *Dão* e *Mondego* e confina com o concelho de *Penalva do Castello*.

Claudicaram pois todos quantos disseram que este foral pertence a *Zurara* ou *Azurara* de Villa do Conde.

O rio *Rial* ainda hoje conserva o mesmo nome, e ainda hoje, como em 1102, divide a N. E. o concelho de Penalva do de Zurara, mas suppomos que houve erro de copia no texto do foral que se encontra no *Portug. Monum.*, pois, indicando as confrontações do concelho de *Zurara*, diz que está — «*inter rybulo adon et mondego et inter Pennalva et issius Zurara et ribulo Ryal.*»

O texto assim confunde, pois em vulgar diz:—«*entre os rios Dão e Mondego e entre Penalva e a mesma Zurara e o rio Ryal.*»

Parece que a mente do doador era indicar os limites do concelho pelos quadrantes:—a N. pelo *Dão*; a S. pelo *Mondego*; a E. ou N. E. por *Penalva*—e a O. ou S. O. pelo rio *Ryal*.

Assim o julgámos a principio, mas, depois de bem estudarmos a topographia local, convencemo-nos de que a mente do doador era indicar os limites do concelho apenas a N. e S. pelos rios *Dão* e *Mondego*, que ainda hoje limitam pelos dous quadrantes o concelho de Mangualde,—excepto desde a foz do rio *Ryal* para cima ou para E. N. E., pois d'ali para cima o *Dão* deixa de ser limite de *Zurara*—e este concelho é limitado pelo rio *Ryal*, que vem de Villa Cova do Covello;—banha na margem direita a freguezia de *Ryal*, concelho de Penalva, dividindo a da freguezia de *Quintella*; concelho de Mongoalde; — recebe depois o rio *Lodares* ou *Coval* (tem ambos os nomes) que vem das *Chans de Tavares*;—unidos os dous tomam o nome de rio *Lamegal*—e morrem na margem esquerda do *Dão*, tendo de curso qualquer d'aquelles dois rios 10 a 15 kilometros.

Evidentemente o rio *Ryal* é o que banha a freguezia de *Ryal*, que tomou d'elle o nome, ou v. v.—e o foral deve ler-se assim: —«*inter rybulo adon et mondego;—et inter Pennalva et issius Zurara est ribulo Ryal.*»

Accrescente-se pois um *s* ao ultimo *et* e está morta a questão.

Haverá erro da copia no *Portug. Monum.*? —Que o diga quem poder ver o proprio foral na *Torre do Tombo*.

[1] Suppomos que o *pão terçado* n'aquelle tempo era centeio, cevada e trigo, ou milho miudo, porque a introducção do milho graudo é muito posterior.

Note-se tambem que o *moio* e o *alqueire* então eram muito differentes dos de hoje.

De passagem diremos tambem que o *almude* e o *alqueire* foram muito tempo synonimos. Empregavam-se indistinctamente como medidas de secco e liquidos. Era trivial dizer-se *um almude de pão, um alqueire de vinho*, etc. Ainda hoje ao sul de Portugal se diz *tantos alqueires de vinho* ou de *azeite*, mas nas provincias do norte o *almude* era medida de liquidos e o *alqueire* medida de seccos até o meiado d'este seculo, data em que se decretou o *litro* como medida official para seccos e liquidos—e o *metro* para medida linear, em substituição da *vara* e do *covado*.

V. *Almude* e *Modio*.

«O cavalleiro fica por este foral exempto de pagar portagem.[1]

«Metade da cifra das penas ou multas que forem julgadas em juiso, será applicada pela alma do conde D. Henrique e da rainha D. Thereza, sua mulher.

«Quem comprar terras que não forem *jugadeiras* não fique por isso obrigado a serviço algum, sem que lh'o paguem.

«E por este foral arbitrou o conde D. Henrique a *pena do couto*, desde o rio Dão até o Mondego, em *mil e quinhentos modios* (?)

«Todo o homem que entrar violentamente no dicto couto em perseguição de algum homicida, ou d'algum escravo, ou por outra qualquer causa, se prender o fugitivo, pague o *incouto* ou pena supra, ou cortem-lhe as mãos, ou tirem-lhe os olhos (?!...).

«Quem violar ou tentar infringir este foral—primeiramente seja excommungado, anathematisado, privado da communhão de Christo, condemnado ao inferno com Judas, o traidor, e não use Deus da sua infinita misericordia no juiso final para com elle. Amen.

«E todos os que habitam desde o rio Dão até o Mondego paguem ás justiças de *Zurara* (ou em *Zurara*) os serviços e foros devidos.[2]

«E eu o conde D. Henrique e minha mulher a rainha D. Thereza auctorisamos Egas Moniz, D. Rabaldo e Gonçalo Peres para em nosso nome e como se presentes fossemos, receberem dos habitantes de Zurara o devido juramento.

«Era 1140 (anno 1102.)

«Testemunhas D. Gonçalo, bispo de Coimbra, que este foral *escreveu* (?!...); Egas Gosendes, test.; Paio Soares, test.; D. Affonso, Infante. Eu o conde D. Fernando,[1] corroboro e auctoriso este foral, segundo o testo supra. Eu o conde D. Pedro o vi, outorgo e confirmo. E eu D. Vermudo Peres o outorgo e corroboro tambem.»[2]

Portugal Monum. l. *Foralia*, pag. 353.

Confirmação do foral supra

«Ego Alfonsus...»—Em vulgar:

«Eu D. Affonso II, por graça de Deus rei de Portugal, com minha mulher a rainha D. Urraca e nossos filhos os infantes D. Sancho, D. Affonso e D. Leonor, concedo e confirmo a vós, habitantes de Zurara o foral que vos deu o conde D. Henrique, meu visavô; e para que esta minha concessão e confirmação tenham maior valor, mandei passar esta carta e timbral-a com o meu sello de chumbo, a qual foi feita em Santarem no dia 1 de fevereiro da era de 1256 (anno 1218).

Nós supra nomeados, que esta carta mandámos fazer perante os individuos abaixo assignados, a roboramos e assignamos— + + +

Dom Mar. Joannes, alferes mor d'el-rei; D. Pedro Joannes, mordomo do paço; D. Lourenço Soares, D. Egidio Vasques, D. João Fernandes, D. Fernando Fernandes, D. Gomes Soares, D. Rodrigo Mendes, D. Poncio Affonsim e D. Lopes Affonsim, que estavam presentes, confirmam.

Testemunhas: — Vicente Mendes, Martinho Peres, Pedro Peres.

D. Estevam, arcebispo de Braga; D. Martinho, bispo do Porto; D. Pedro, bispo de Coimbra; D. Soeiro, bispo de Lisboa; D. Soeiro, bispo d'Evora; D. Paio, bispo de Lamego; D. Bartholomeu, bispo visiense, e D. Martinho, bispo de Idanha, confirmam.

O mestre Paio, cantor da Sé do Porto,

---

[1] *Et caballario defendat suo portadigo cum foro*,—diz o texto.

Talvez que a minha traducção não seja muito exacta!...

[2] *Respondeant ad zurara cum servicio et cum foro*—diz o texto.

[1] Suppomos ser D. Fernando Peres de Trava, conde de Trastamara, com o qual (segundo alguem suppõe) a rainha D. Thereza passou a segundas nupcias.

[2] Desculpem os lapsos, pois não é facil hoje traduzir o latim barbaro d'aquelle tempo e dos documentos d'esta ordem.

test.; Pedro Garcia, test.; Joanninho, test.; Gonçalo Mendes, chanceler do paço; Lourenço Martins a escreveu.»

Mais rectificações e addições

O meu benemerito antecessor disse que esta villa hoje se denomina *Mangualde* ou *Mangualde de Azurara da Beira.* Assim se denominou outr'ora, mas hoje officialmente denomina-se *Mangualde,* sem sobrenome, pois é tão importante, que não se confunde com *Mangualde da Serra*, a freguezia mais pobre e menos populosa do concelho de Gouveia, a qual pelo ultimo recenseamento apenas contava 100 fogos e 390 habitantes, emquanto que a freguezia de Mangualde em 1708, segundo se lê na *Corogr. Port.* contava 460 fogos e 1600 habitantes; em 1768, (diz o *Port. S. e Prof.*) contava 504 fogos; em 1852 o *Flaviense* deu-lhe 754 fogos; o censo de 1864 deu-lhe 917 fogos e 4255 habitantes;—o de 1878 deu-lhe 993 fogos e 4801 habitantes—e hoje (1889) conta cerca de 1250 e 5400 habitantes.

A sua população tem augmentado muito na segunda metade d'este seculo e continua augmentando por differentes rasões.

Occorrem-nos as seguintes:

1.ª—Porque o seu clima é temperado e *muito saudavel*, pois demora em chão granitico, bastante fertil, muito arborisado e bem agricultado, abundante de excellente agua potavel e de rega e sem visos de *pantanos* nem *lagôas*, na linha divisoria dos rios Dão e Mondego, em terreno alto e accidentado, mas não escarpado, com pendente sobre aquelles 2 rios—abrigado a N. pela serra do *Caramulo*—e ao sul pela da Estrella.

2.ª—Porque n'esta villa e n'este concelho as mulheres são muito prolificas. Não é raro terem 11 a 15 filhos—e mais!...

N'este districto e não muito longe d'este concelho, a viscondessa actual de Moimenta da Beira teve *vinte e tantos filhos*.[1]

[1] É hoje viuva do visconde de Moimenta da Beira—Julião Sarmento, fallecido em novembro do anno de 1889.

—

3.ª Porque Mangualde é uma das nossas villas mais bem servidas de estradas e vias de communicação de toda a ordem.

Tem bellas estradas a macadam para Viseu, para a Foz-Dão e Coimbra, para Gouveia, para Fornos d'Algodres, Celorico e Penalva do Castello, alem d'outras concelhias menos importantes, quasi todas servidas por diligencias diarias,—e uma estação propria e muito proxima na linha da Beira Alta, que atravessa este concelho e esta freguezia de nascente a poente, passando a 2:500 metros da villa de Mangualde, que lhe fica a montante, lado N.

A mencionada linha foi aberta á circulação em 1881 e dá muita vida e importancia a esta villa e a este concelho, porque os liga a *vapor* com os grandes centros de Portugal, da Hespanha e da Europa.

Ha tambem n'esta villa uma estação telegrapho-postal, que a põe em contacto com todo o nosso paiz, com toda a Europa e com o mundo inteiro, já por meio de cartas e de bilhetes postaes baratissimos,[2] já por meio de telegrammas, transmittidos pelo telegrapho electrico, hoje o processo mais rapido de transmissão.

V. *Vias ferreas*, tomo 10.º pag. 467 a 502.

Tambem estão projectadas differentes linhas ferreas de *Mangualde* ao Porto e á linha ferrea do *Norte*, a entroncar nas estações de Aveiro, Ovar ou Espinho, as quaes devem tocar em Viseu e dar muito vida a *Mangualde*.

4.ª—Porque esta villa demora no centro de uma larga zona muito povoada, sem solução de continuidade desde a serra da Estrella até Viseu, Lamego e Regoa, Porto, Aveiro, Coimbra, Guarda, etc.

—

5.ª—Porque esta villa tem grandes mercados no 1.º e 3.º domingos de cada mez,

[2] Cartas,—por cada 15 grammas de peso 25 réis;—bilhetes postaes 10 réis, etc. etc.

sendo mais importante e correspondente a uma grande feira o do 1.º domingo de novembro.

Os dictos mercados ou feiras são os principaes da provincia, nomeadamente em *gados, cereaes* e *lanificios*.

Por vezes aii se reunem mais de *duas mil cabeças* de gado bovino!...

Em quanto a cereaes são os primeiros d'esta provincia, depois dos de Celorico da Beira; – quanto a lanificios só os excede a *feira franca* de Viseu. São muito importantes porque todas as fabricas da Covilhã e de Gouveia teem depositos *permanentes* em Mangualde e aqui, por occasião dos dictos mercados, vêem sortir-se os negociantes do Porto, Aveiro, Coimbra, Lamego, Viseu, etc.

Mangualde é o *emporio* dos lanificios da Covilhã e de Gouveia. Dão-lhe pois muita vida os seus grandes mercados e a elles se deve em grande parte o augmento da riqueza e da população da villa, apesar do grande numero de pessoas que d'esta villa e d'este concelho costumam emigrar para outros pontos do nosso paiz e para a America, nomeadamente para o Brazil.

Veja-se o topico *Emigração*.

6.ª—Porque na 2.ª metade d'este seculo temos gosado paz octaviana, como poucos paizes do mundo,[1] — e liberdade até a *licença*!...

Na 1.ª metade d'este seculo soffreu muito esta villa com a passagem da tropa durante a guerra da peninsula e das guerras civis posteriores, pelo facto de passar em Mangualde uma importante estrada militar.

6.ª—Porque tambem na 2.ª metade d'este seculo não temos sido visitados por grandes epidemias. Apenas o colera nos visitou em 1854 a 1855, mas poucas victimas fez n'esta provincia.

8.ª—Porque Mangualde é a séde de um concelho importante e de uma grande comarca que comprehende mais dois concelhos:—o de *Nellas*, e o de *Penalva do Castello*.

É tambem Mangualde séde da 5.ª *região agronomica*, que comprehende grande parte dos districtos de Vizeu e da Guarda.

Tudo isto lhe dá muita vida e muita importancia.

9.ª—Tambem lhe dá muita vida e muita importancia o formoso santuario de *Nossa Senhora do Castello*, do qual adiante fallaremos.

As duas grandes romarias de 25 de março e de 8 de setembro, principalmente esta ultima, attrahem a Mangualde muitas mil pessoas que entulham a villa e n'ella fazem muita despeza.

Tambem durante o anno concorrem a Mangualde muitos romeiros e forasteiros em visita ao santuario da Virgem do *Castello*, distante da villa pouco mais de um kilometro e ligado a ella por caminho suavissimo,—passeio muito agradavel que deixa sempre saudades.

A este raro conjuncto de circumstancias se deve o grande augmento da formosa villa de Mangualde e mais augmentaria certamente, se vivesse n'ella a opulenta familia *Paes*, condes de Anadia, como os leitores vão ver.

A VILLA

Como já dissemos, demora ao longo da estrada real e militar de Celorico da Beira a Coimbra por Viseu, Tondella, *Bussaco*, Mealhada, etc.—estrada que seguiu o general Massena em 1810.

Dista 2500 metros da estação de *Mangualde*, na linha da Beira Alta, para N.; 18 kil. de Viseu para S. E.; 15 da margem direita do Mondego para N.; 30 de Gouveia para N. O.; 80 da *Pampilhosa*, entroncamento da linha da Beira Alta na do *Norte*; 85 da Guarda; 126 de Villar Formoso; 130 da cidade da Figueira; 185 do Porto—e 312 de Lisboa.

O itinerario para o Porto deve reduzir-se muito, logo que se construa a projectada

---

[1] Desde que terminaram as luctas civis em 1834, apenas tivemos uma leve alteração da ordem publica em 1846 a 1847.

V. *Porto*, vol. 7.º pag. 366, col. 2.ª até 371,—e *Gramido*.

linha ferrea entre o Porto e Mangualde por Viseu.

A villa de Mangualde *propriamente dicta*, hoje uma das mais populosas e mais importantes da provincia (tem 420 fogos e 1750 habitantes) é muito moderna. Póde dizer-se que data dos principios d'este seculo ou desde quando a familia *Paes* mandou fazer o seu grande palacio e para elle se transferiu da pequena aldeia de *Canedo* d'esta parochia, onde anteriormente vivia e tem ainda hoje uma boa quinta e uma casa brazonada.

Mangualde já era villa com este nome no sec. XVI, como se vê do foral de D. Manoel, mas villa insignificante. Apenas comprehendia os velhos paços do concelho d'*Azurara*, que ainda lá se vêem, e alguns pequenos casebres contiguos, que desappareceram e foram substituidos pelas novas edificações, todas ou quasi todas posteriores ao grande palacio.

—

Póde dizer-se que a villa actual se deve á opulenta familia *Paes*, porque durante o longo periodo das obras do seu palacio e da sua grande cerca chamaram para ali centenares de jornaleiros e de artistas, com os quaes despenderam sommas fabulosas e ali muitos d'elles se estabeleceram. O local até então quasi deserto animou-se com as novas edificações, nomeadamente com o grande palacio, cujos donos o habitavam, vivendo faustosamente e distribuindo dinheiro a rôdo, pois consumiam ali as suas enormes rendas.

Viviam tão faustosamente que, *mesmo nos dias de semana*, iam para a mesa sempre com farda ou calção e casaca—e assim eram obrigados a ir todos os hospedes, *sem excepção de parentes ou amigos intimos*. Quando não se apresentavam assim vestidos, mandavam-nos para outra mesa;—e o serviço era sempre feito por criados ricamente fardados?!...

Além d'isso fizeram na villa outras edificações importantes, taes foram a igreja da Misericordia, o convento e o esplendido santuario da *Senhora do Castello*. Tudo isto deu grande importancia e muita vida ao local, e porque era lindissimo e se prestava para toda a sorte de construcções, por ser quasi plano e muito saudavel, servido e atravessado de leste a oeste por uma estrada real de grande movimento, as edificações pullularam e a villa rapidamente occupou uma grande area, mesmo porque, sendo todo ou quasi todo o chão da villa propriedade da opulenta familia *Paes*, estes de bom grado cederam ou emprazaram os chãos para as novas construcções, mas, por ser o terreno quasi plano, para que ellas não tolhessem as vistas do grande palacio, impuzeram a todos os emphyteutas a clausula de que as novas construcções teriam apenas *um andar*.

A esta clausula, apparentemente dura, se deve em grande parte a espaçosa area que a villa tomou e tem,—ficando muito vistosa e muito hygienica, porque a população não está conglobada e amontoada, como em outras muitas villas da Beira, taes são Linhares, Trancoso, Celorico, Ceia, Gouveia, Manteigas, etc. cujas condições hygienicas não sustentam confronto com Mangualde.

—

Deve pois esta villa muito—*muitissimo*—á opulenta familia *Paes*.

A ella se deve agradecer tambem os grandes largos da villa. N'este ponto Mangualde supplanta todas as villas da Beira, — exceptuando Trancoso, que tem um campo immenso, mas todo *extra-muros* e muito agreste. A mesma villa é uma das mais agrestes e mais desabrigadas que temos no nosso paiz. Se não fosse o anteparo dos velhos muros, *seria inhabitavel durante o inverno!*...

V. *Trancoso* n'este diccionario e no supplento.

Não sabemos se os largos da villa de Mangualde eram terreno baldio, logradouro commum, ou propriedade dos *Paes*, mas embora fossem baldios ou publicos, é para louvar que não se apropriassem d'elles, quando eram, como foram, capitães mores da villa e por assim dizer *senhores d'ella*. Outros fidalgos *in illo tempore* se apropria-

ram de differentes chãos e largos publicos, inclusivamente *no meio das cidades*.[1]

Note-se que antigamente os fidalgos eram muito prepotentes e por vezes o açoute das terras em que viviam, pelo que em muitos foraes os nossos reis concederam como *grande fineza* a differentes cidades e villas não poderem viver n'ellas *fidalgos* nem *ricos-homens*.[2]

Bairros

Mangualde tem 2 bairros:—*novo* e *velho*. O *novo* comprehende a parte leste, toda ou quasi toda posterior á edificação do grande palacio dos *Paes;* o *velho*, ainda hoje denominado *Villa,* como no Porto se denominou o velho bairro da Sé—e em Bragança se denominou e denomina o antigo bairro do *Castello,*—demora ao poente de Mangualde, junto do palacio dos *Paes*, e foi a séde do antigo concelho de *Zurara da Beira*.

Ainda lá se vê a antiga casa da camara, que é muito pequena, velha, immunda, e serve actualmente de cadeia e habitação do carcereiro. Não tem merecimento algum architectonico e é um pejamento e uma vergonha para a villa e para o grande palacio dos *Paes*, pois defronta com elle e com a sua linda capella, mettendo-se de permeio apenas a rua publica. E offerece um espectaculo tristissimo, porque ali se acham amontoados n'aquella immunda masmorra todos os presos da comarca,—*homens e mulheres*—clamando, gritando e dando a mais triste ideia da villa.

É a casa mais velha e mais nojenta de Mangualde e um grande foco de desmoralisação, porque os presos dos dois sexos vivem quasi promiscuamente. Além d'isso não comporta os presos da comarca, pelo que os juizes de direito por vezes degradam para Bragança e para outras terras do nosso paiz os réus de crimes a que a lei manda applicar pena de prisão temporaria.

É urgente demolir aquella masmorra e substituil-a por uma cadeia segura e decente, mesmo porque Mangualde já não é o burgo podre d'outr'ora e—*noblesse oblige*!...

Acabe tão revoltante espectaculo.

Assim como substituiram os velhos paços do concelho por outros muito amplos e muito solidos,[1] substituam a cadeia tambem por outra que não envergonhe a villa.

Torre velha do relogio

Assim se denomina uma torre, que está em um morro de granito a O. e em frente do palacio dos *Paes*—e ao sul dos antigos paços do concelho, mettendo-se de permeio a estrada publica de Mangualde a Viseu.

É muito antiga e muito singela. Não sabemos quando nem por quem foi fundada, mas suppomos datar dos principios da nossa monarchia e ser obra dos antigos senhores de *Zurara da Beira,*—talvez residencia temporaria d'elles,— mesmo porque estava junto dos velhos paços do concelho.

É a velharia mais interessante de Mangualde, depois da *Citania* recentemente descoberta e da qual adiante fallaremos.

Já serviu de cadeia e n'ella estiveram tambem o sino da camara e o relogio da villa, pelo que tomou o nome de *torre velha do relogio,* depois que este foi collocado na Misericordia.

A velha torre ainda promette longa duração, mas está em completo abandono e servindo actualmente de *palheiro*!...

A camara deve reparal-a, conserval-a e estimal-a como seu brazão d'armas, pois

---

[1] Em Lamego, por ex. a casa do *Poço,* não hesitou em chamar *seu* um poço que *era do publico*— e prolongou o seu palacio sobre um largo *tambem publico,* tolhendo-o, cerceando-o e afrontando escandalosamente a *propria Sé*?!...

V. *Lamego* n'este diccion. e no supplemento.

[2] V. *Nicolau* (S.) freguezia do Porto, vol. 6.º pag. 73—e *Pinhel*, tomo 7.º pag. 70.

[1] Estão no *bairro novo* em um palacete que foi dos *Rebellos*, seus fundadores, e ultimamente de *José Hygino*, de Gouveia, mencionado no topico dos *50 maiores contribuintes*.

não tem brazão proprio; além d'isso a pobre torre está isolada e não incommoda ninguem.

A camara deve sollicitar brasão proprio e n'elle tomar como emblema *um castello encimado por uma torre*, commemorando o antigo castello de *Zurara* e a *torre velha do relogio*.

Largos da villa

Tem Mangualde os seguintes:

1.°—*Largo do Rocio*.

Demora a leste da villa e ao fundo d'elle (lado sul) se erguem os novos paços do concelho.

E' muito espaçoso, bastante regular, quadrilongo e quasi todo revestido de predios, sendo alguns muito vistosos, entre os quaes avultam os novos paços do concelho, a casa da sr.ª D. Leonor Margarida de Carvalho, a dos *Lobões*, de Viseu, a do dr. João Baptista de Castro e a de José Cabral Paes de Albuquerque, ainda em construcção n'esta data (dezembro de 1889) mas que promette ser uma das mais elegantes e mais luxuosas da villa.

Este grande largo foi quasi todo construido n'este seculo; é dividido em 2 por uma boa casa pertencente a José d'Almeida Cardoso d'Albuquerque, da Mesquitella,—e n'elle, por occasião dos grandes mercados, se vendem cereaes e outros artigos.

Este largo prolonga-se de leste a oeste e por elle corre, junto ao lado sul, a estrada real a macadam de Mangualde a Celorico.

Ha tambem n'elle uma pharmacia, um hotel, estabelecimentos commerciaes, etc.

2.°—*Largo ou Terreiro dos Carvalhos*.

Demora ao sul do grande largo do *Rocio*; é tambem muito espaçoso e n'elle se faz o mercado dos bois,—mercado muito importante, pois reune por vezes mais de duas mil cabeças de gado bovino.

Tambem aqui teem os seus depositos as fabricas da Covilhã e de Gouveia, e por occasião dos grandes mercados aqui se fazem grandes transacções em lanificios.

Estes dois largos teem muitos estabelecimentos commerciaes e representam a maior e melhor parte da villa,—não comprehendendo o palacio dos *Paes*, pois só elle vale tanto como metade da villa toda!...

3.°—*Largo do Pelourinho* ou *Praça Velha*.

Este largo é informe, irregular e o mais pequeno da villa.

Demora no velho largo,—em frente e a O. do palacio dos *Paes*,—junto da *Torre velha do Relogio* e dos velhos paços do concelho. N'elle estava o pelourinho, que era humilde e singelo e foi demolido ha poucos annos, para mais franca passagem da estrada real a macadam de Mangualde a Viseu e que atravessa este largo, ou pequeno terreiro.

4.°—*Largo da Matta*.

E' maior do que o *Rocio*; está quasi todo arborisado; demora ao poente da villa e n'elle se faz o mercado das bestas.

A S.O. d'este largo ha um grande viveiro de plantas, pertencentes ás obras publicas e destinadas para arborisação das estradas.

5.°—*Largo da Misericordia*.

E' irregular, mas bastante espaçoso, e demora tambem no *bairro velho*, lado N. junto da egreja da Misericordia. N'elle se erguem tambem do lado O. o convento e a egreja das Almas.

Foi recentemente arborisado.

Edificios

Além dos mencionados supra, mencionaremos mais dois:—o do dr. Francisco d'Albuquerque Couto, na rua da *Calçada*, que liga o *bairro velho* com o *bairro novo*,—e o palacete do conselheiro Francisco d'Almeida Cardoso de Albuquerque, na estrada de Gouveia, em continuação da *Rua Nova*.

E' o 2.° edificio particular da villa;—tem uma grande cerca ou antes *quinta*,—e tanto o palacete como a quinta estão arrendados pelo governo e n'elles montada a 5.ª região agronomica,—estabelecimento muito importante, dirigido pelo distincto agronomo Joaquim Pedro de Freitas Castel-Branco.

V. *Vallezim*, tomo 10.° pag. 156, col. 2.ª —e *Zezere*, rio da Beira Baixa, tomo 11.° pag. 2205, col. 2.ª tambem e segg.

Este ultimo palacete foi dos *Guiões*, que

de Mangualde passaram para Lisboa, onde exerceram altos cargos na magistratura.

E' um bom edificio, mas supplanta-o completamente—a todos os d'esta villa e d'este concelho e d'esta provincia o

Palacio dos Paes

Para evitarmos repetições, vejam se os artigos *Mangualde*, tomo 5.º pag. 50, col. 2.ª, —e *Villa Real de Traz os Montes*, tomo 11.º pag. 1029, col. 1.ª e 2.ª

Demora no *bairro velho*, lado sul, e tem 4 fachadas, todas differentes, olhando a principal para O.

E' uma montanha de granito com excellentes abobadas e paredes d'extraordinaria espessura!...

A mobilia e a livraria não correspondem ao palacio, mas tem quadros a oleo de bastante merecimento.

A capella está no angulo O. N. O.;—é bem construida e tem um bom retabulo pintado a oleo, representando o padroeiro—*S. Bernardo*.[1]

O palacio tem muitas dependencias boas, avultando entre ellas a tulha, que toma grande parte da fachada sul.

A N., E. e S. do palacio está a quinta ou cerca. Tem bons tanques para agua, mas esta por vezes escaceia no verão.

Os jardins e as estufas teem pouca importancia actualmente; é porem notavel uma grande magnolia que está no centro do jardim do sul.

—

A quinta é de pouca producção; a matta é grande e boa, mas comprehende apenas especies vulgares.[1] No centro d'ella ha uma miniatura e *parodia* de convento, com differentes figuras de monges, que se movem authomaticamente por meio de um engenhoso machinismo.

Tambem na matta se vê um obelisco ou memoria com differentes inscripções em honra de D. João VI, da familia real portugueza, da religião catholica e da restauração de 1640.

N'este palacio se hospedou o general Massena em 1810, quando avançava sobre Lisboa e (caso extraordinario) respeitou o palacio e todas as suas dependencias.

Tambem n'elle se hospedaram el-rei o sr. D. Luiz, a rainha sr.ª D. Maria Pia, hoje viuva, o principe D. Carlos, hoje rei, e seu irmão o infante D. Affonso, nos dias 1 a 4 d'agosto de 1882, quando foram inaugurar solemnemente a linha ferrea da Beira Alta, já então aberta ao tranzito.

Templos

A villa e a freguezia de Mangualde teem nada menos de 29 templos.

São os seguintes:

1.º—*Egreja matriz.*

Está *hoje* completamente isolada a N. do *bairro velho* e distante d'elle cerca de 500 metros.

E' um dos melhores templos do concelho e muito antiga! Não sabemos quando nem por quem foi feita, mas suppomos que data do sec. XVI e que foi mandada fazer pelos *Cabraes*, condes de Belmonte, quando eram senhores d'esta villa e d'este concelho de Mangualde, pois na egreja se vê ainda hoje o brazão d'elles,—igual ao que se vê na *quinta de S. Cosmado*, que foi d'elles tambem. Deve pois a egreja ser anterior a 1580, data em que perderam o mencionado senhorio, por se recusarem a beijar a mão a Filippe II de Hespanha e I de Portugal.[1]

O isolamento da egreja prova que ella foi anterior á villa e fizeram-na ali talvez por ser aquelle ponto muito central com relação á freguezia e povoado *in illo tempore*, ou quando se fez a velha matriz, substitui-

---

[1] E' muito superior e custou talvez o *quadruplo* (?!...) a capella do palacio de *Matheus*, ou dos condes de Villa Real.

[1] Ha tambem junto da villa uma bella matta de carvalhos, que foi de *José Hygino*, de Gouveia, mencionado supra.

[1] V. *Mangualde*, *loc. cit.* pag. 52, col. 1.ª

da pela actual, que devia ser muito anterior a ella e muito mais humilde, — talvez uma edicola ou *ecclesiola*, erecta no mesmo local em tempos de que não ha memoria.

E' dedicada a *S. Julião* e tem 7 altares: —o *mór* com o sacrario e a imagem do padroeiro;—mais 3 do lado do evangelho : — *Santos Reis, Senhor Crucificado* e *Menino Jesus*,—e 3 do lado da epistola:—*Santo Antonio, Senhora do Rosario* e *Senhora da Graça*.

—

Até 1580 foi abbadia;—depois que passou para a corôa, ficou sendo vigairaria—e vigario se intitula ainda hoje o seu rev. parocho.

Tambem foi commenda da ordem de Christo e commenda importante, pois em 1708 rendia 700$000 réis, que equivaliam a mais de dois contos de réis da moeda actual.

Em 1747 o vigario tinha de congrua, dada pelo commendador, apenas 40$000 réis, 8 almudes de vinho e 4 alqueires de trigo, além do pé d'altar. Tinha tambem um coadjutor, que recebia da commenda 40 alqueires de trigo e 6$500 réis em dinheiro.

O templo é bastante espaçoso, mas já não corresponde á grande população da villa e da freguezia. Está bem tratado e ainda bem conservado. A frontaria olha para o poente e tem um portico e uma janella superior ogivaes, com as esquinas boleadas;—do lado sul tem uma porta travessa, ogival tambem, com um alpendre e cachorros, tudo archaico; as outras portas são rectangulares, — e na esquina da frente, lado sul, tem um campanario com 2 sinos.

Das suas decorações interiores nada podemos dizer, porque duas vezes em um domingo a visitámos, encontrando-a sempre fechada,—em outubro de 1882.

Tem um bom adro, que ainda revela a opulencia d'outr'ora. Teve tambem uma boa residencia, muito antiga, que abateu e desappareceu no meiado d'este seculo, por desleixo do vigario Antonio de Mello Cabral. Deus lhe perdoe!...

Tambem tinha um bom passal a norte e sul da egreja a ainda hoje pertence aos parochos a parte sul, ou o *passal de cima*; a parte norte, ou *passal de baixo*, foi alienada e incorporada na *quinta da egreja*, pertencente á sr.ª D. Leonor Margarida de Carvalho.

Ao nascente da egreja estão a *quinta de S. Christovam*, hoje do sr. Manoel Felix,— e a residencia actual do rev. arcipreste e parocho—Manoel Marques Monteiro, collado em 1888 e natural de Abrunhosa do Matto, d'este concelho. Pertence á familia *Roques* e é um parocho muito digno, muito illustrado, muito bondoso e geralmente bem quisto.

—

2.º—Templo e santuario de *Nossa Senhora do Castello*.

Para evitarmos repetições, veja-se o art. *Mangualde*. Apenas accrescentaremos o seguinte:

As romarias são duas : — uma a 25 de março; outra a 8 de setembro, sendo esta muito mais concorrida.

Tambem no dia 3 de maio, em cumprimento d'antigos votos, ali costumavam ir as camaras de Viseu e de Penalva do Castello, incorporadas com os seus estandartes e muito povo,—e clamores das 13 freguezias seguintes: — Mangualde, Cunha Baixa, Cunha Alta, Senhorim, Pindo, Espinho, Antas de Penalva, Castello de Penalva, Quintella, Mesquitella, S. Thiago de Cassurrães, Insua e Freixiosa.

Tudo isto formava uma romaria imponente, porque os dictos clamores deviam ser acompanhados pelos respectivos parochos e por uma pessoa de cada familia das 13 parochias, mas a camara de Viseu ha muito que não concorre;[1] a de Penalva do Castello apenas se faz representar por um ou outro vereador—e os differentes clamores actualmente, posto que são os mesmos 13, são acompanhados apenas por alguns devotos.

---

[1] V. *Viseu*, tomo 11.º pag. 1722, col. 2.ª *in fine*,—o *Cramol*.

Tout fut, tout passe!...

Pelo que se deduz do *Sant. Marian.* tomo 5.º pag. 161-163, o templo actual é pelo menos o 3.º—e a imagem da Senhora é de pedra e a mesma que já existia no anno de 1716.

O templo actual foi construido em 1819 a 1837 e ainda n'esta data (1889) vive em Lamego o mestre que dirigiu grande parte da construcção.

Chama-se *Manoel Domingos*; tem mais de 70 annos de idade — e uma fortuna de *cem contos de réis* talvez?!....

E' casado e natural do Minho, excellente pessoa e grande artista, muito conhecido na Beira pela antonomasia de *Mestre dos Remedios*, pois desde a infancia tem sido o mestre das obras do esplendido santuario de *Nossa Senhora dos Remedios*, de Lamego, que é o 2.º do nosso paiz. Tomou a seu cargo as dictas obras, sendo ainda novo, porque succedeu ao pae, que foi muitos annos mestre d'ellas tambem.[1]

Ali tem ganhado muito dinheiro e construido obras importantes, entre ellas o espaçoso adro, dois chafarises lindissimos e ultimamente as duas torres do templo, que são, depois da dos *Clerigos* do Porto, as mais ornamentadas e mais lindas que temos em todo o nosso paiz, talvez?!... E note-se que são de granito, a pedra do norte, que não se presta a ornamentação como o calcareo do sul.[2]

Tem ganhado muito dinheiro nas obras d'aquelle santuario e mais ainda á sombra d'ellas, porque são primorosissimas e lhe deram renome.

O *Mestre dos Remedios* foi sempre considerado o 1.º d'esta provincia e por isso convidado para as construcções mais importantes. E jamais alguem se arrependeu, porque é honradissimo e caprichou sempre em cumprir o que tractou, embora perdesse.

Tem só um filho, ainda solteiro.

A leste do santuario de *Nossa Senhora do Castello* pompeou um castello antiquissimo, talvez romano, do qual tomou o nome o santuario,—e na planicie do lado O. existiu uma cidade romana tambem, que ali jaseu ignorada e soterrada até agosto do corrente anno.

Veja-se o topico infra—*Citania de Mangualde*.

—

3.º—*Egreja da Misericordia*, junto do largo do seu nome, a N. do *bairro velho* supra.

E' um templo regular e muito decente, com 3 altares:—o *mór*, e dois lateraes, todos decorados com boa talha dourada, — bem como o pulpito e sanefas. Tem um lindo côro sobre o guarda-vento,—um pequeno orgão—e bons azulejos estampados, revestindo até meia altura as paredes do corpo da egreja e da capella mór.

O tecto da egreja é abaulado e bem pintado a oleo com varios desenhos de ornato e de figuras, tendo a imagem da Virgem ao centro. O tecto da capella mór é apainelado e tem 15 boas telas romanas muito vistosas, representando mysterios do Redemptor e da Virgem. Note-se porem que as ditas pinturas, contra o estylo usado nos tectos dos nossos templos, são em tela, não em

---

[1] Isto nos leva a crer que as obras do santuario da *Senhora do Castello* foram acabadas pelo mestre *Manoel Domingos*, mas principiadas pelo pae d'elle, como outras muitas do santuario dos *Remedios*.

[2] De passagem diremos que a Sé de Lamego tem 3 porticos de granito em alto relevo, que são os *porticos de granito* mais ornamentados que ha em Portugal!...

V. *Lamego* n'este diccionario e no supplemento.

O palacio da *Bolsa* no Porto tem na sua escadaria interior preciosa ornamentação em granito, que é um primor d'arte de esmero inexcedivel, mas note-se que é toda *moderna* e quasi toda em *baixo relevo*,—em quanto que os 3 porticos supra são em *alto relevo* e *antiquissimos*!...

madeira, pelo que algumas se acham em parte descolladas e mal tractadas, mas felizmente ainda não *restauradas*, ou estragadas pelos restauradores, posto que já aqui tem estado o sr. Antonio José Pereira, pintor de Viseu, que *restaurou* e *estragou* em Viseu algumas das preciosas pinturas attribuidas ao *Grão Vasco*.[1] São obra do sr. Antonio José Pereira 2 quadros que estão no santuario da *Senhora do Castello* e um n'esta egreja da Misericordia, ao lado direito do altar-mór, representando a *Visitação*.

Foi este templo todo ou quasi todo mandado fazer por Simão Paes do Amaral, senhor do palacio dos *Paes*, como provam as inscripções seguintes. Uma está sobre a porta principal e diz:

SIMÃO PAES DE AMARAL,
MANDOU FA-
ZER ESTA MISERI-
CORDIA. ANNO 1724.

Na outra foi um pouco mais modesto. Encontra-se na parede lateral da capella-mór, do lado da epistola, em um escudo encimado por uma aguia, e diz:

SIMÃO PAES DO AMARAL
FIDALGO DE EL-REI, MANDOU
FAZER A' SUA CUSTA ESTA CA-
PELLA MÓR, E A DOTOU, E FEZ
A MAIOR PARTE DAS DESPE-
SAS DESTA IGREJA.
ANNO DE 1724.

Na parede do lado opposto vê-se outro escudo com as armas do benemerito fidalgo.

Tem uma torre com 2 sinos e relogio, e d'ella se gosam largas vistas sobre a villa e arrabaldes até grande distancia, vendo-se perfeitamente a leste o santuario de *Nossa Senhora do Castello*.

[1] V. *Viseu*, tomo 11.° pag. 1845, col. 1.ª, —1851, col. 1.ª tambem, — 1861, col. 1.ª e 2.ª,—1862, col. 1.ª,—1876 e 1877.

Do lado O. tem um pequeno jardim e uma bella escadaria que dá entrada para o côro, sala do despacho, etc.

A irmandade da Misericordia, representante d'este templo, é pobre. Apenas tem 13 a 14 contos em dinheiro mutuado, comtudo ainda faz bastantes despezas com as festas da *Semana Santa* e com as de *S. Simão*, *S. Martinho*, *S. João* e *S. Bartholomeu* na sua egreja—e com a de 8 de dezembro na egreja das *Almas*.

Tambem dá bastantes esmolas, mas não tem *hospital*, pelo que no momento e por iniciativa da camara uma grande commissão, formada de cavalheiros respeitabilissimos, tracta de promover a fundação de um hospital n'esta villa e que tão necessario é, porque os pobres, quando doentes, teem de demandar o hospital de Viseu, que dista de Mangualde 18 kilometros?!...

—

4.°—*Egreja das Almas*.

Demora ao poente do largo da Misericordia, junto do convento, e ambos os edificios estão em ruinas, posto que a egreja ainda se acha aberta ao culto.

O convento, segundo consta, foi mandado fazer pela familia *Paes* com dinheiro de um *abbade de Roriz* (?) posteriormente á Misericordia, mas, por causa de certas desintelligencias entre os Paes e o abbade, não se concluiu o convento nem chegou a ser habitado.

5°—*Senhora da Conceição*;

6.°—*Senhora da Encarnação*;

7.°—*Senhora da Visitação*;

8.°—*Senhora da Assumpção*.

Estas 4 capellas demoram nas escadas da *Senhora do Castello*.

9.°—*Senhora do Campo*, em Almeidinha.

10.°—*Santo André*, na povoação d'este nome.

11.°—*S. Salvador*, em Canedo do Chão.

12.°—*Santo Antonio*, na aldeia de *Roda*.

13.°—*Santo Antonio dos Cabaços*, na serra de *Santo Antonio*, que tomou o nome da dicta capella.

14.°—*S. Pedro*, na antiquissima aldeia de *S. Cosmado*.

15.°—S. *Domingos*, em Ansada.

16.°—*S. Silvestre e Santa Eufemia*, em Pinheiro de Baixo.

17.°—*Santa Lusia*, em Caes de Baixo.

18.°—*Santo Amaro*, em Caes de Cima.

19.°—*Santa Martha*, em Cubos.

Estas 15 capellas são publicas e em quasi todas se festejam annualmente os seus oragos.

—

20.°—*Senhora do Desterro*, na casa da camara.

21.°—*S. Bernardo*, no grande palacio da Anadia.

22.°—.................em Almeidinha, na casa dos viscondes d'este titulo.

23.°—.................em Caes de Cima, na casa da sr.ª D. Maria Maxima.

24.°—*Santa Rita*, na aldeia de *Santo André* e pertencente ao sr. dr. Couto.

25.°—.................na povoação de Darei, pertencente aos *Napoles* do Sarzedo e com as armas d'elles.

Estas ultimas 6 capellas são particulares.

27.°—*Um oratorio* em Darei, na casa dos *Lemos* do Sarzedo.

28.° *Outro oratorio* na casa da sr.ª D. Leonor Margarida de Carvalho.

29.°—*Outro oratorio* em Mangualde, na casa do dr. Couto.

A *freguezia*

Tem uma area muito espaçosa a freguezia de Mangualde. Comprehende cerca de 24 kilometros em quadro, ou de circumferencia, e as aldeias seguintes;—Cubos, Caes de Baixo, Caes de Cima, Pinheiro de Baixo, Pinheiro de Cima, S. Cosmado, S. Cosmadinho, Ansada, Roda, Canedo do Chão, Canedo do Matto, Darei, Oliveira, Paços, Santo André,—e as quintas de Lodares, Rio Dão, Albergaria, Coval, Cerca, Senhora do Castello, Moita, Ribeirinho, Regada, Corredoura ou *Guerredoura*, Morgado e *Piolho*!—segundo se lê na *Chorographia Moderna*.

Tambem ha n'ella alguns moinhos de pão e de azeitona, mas a maior parte do pão, que se gasta n'esta parochia, é moido no Mondego,—e parte do seu azeite é fabricado nas parochias circumvisinhas.

A aldeia de *Canedo do Chão* demora a N. de Mangualde; ali viveu a nobre familia *Paes*, antes de fazer o grande palacio na villa—e na dicta aldeia ainda possue uma boa quinta e uma casa com o seu brasão d'armas.

Tambem consta que foi d'elles a capella de *S. Salvador*, mencionada supra, hoje do povo e com festa no dia de Natal.

Os Paes viveram na mencionada quinta até os principios d'este seculo.

Na povoação de *Oliveira* (ou *Oliveirinha*) ha uma casa importante da familia *Mello Cabral*, e d'ella descende o sr. dr. Bernardo de Mello Cabral, juiz de direito em Monte Mór-o-Velho.

Em Darei ha outra casa importante, muito antiga e muito nobre, pertencente ao sr. José de Lemos de Napoles Manoel, do Sarzedo, junto de Moimenta da Beira, — e em frente da dicta casa se vê uma capella com as armas da familia.

Pelos annos de 1840, vivendo n'esta casa Francisco Ferreira, tio do sr. José de Napoles, n'ella se praticou descaradamente um dos roubos mais importantes e mais audaciosos de que ha memoria n'esta provincia.[1] *N'elle tomaram parte differentes auctoridades civis e militares e pessoas muito conhecidas n'aquelle tempo, algumas das quaes ainda hoje vivem*?!...

Assaltaram a casa *ao som de cornetas*, pouco depois de escurecer; — dirigindo-se ao dono d'ella, que estava doente e na cama, exigiram-lhes désse tudo o que possuia — *sob pena de morte*—e o fidalgo tudo lhes entregou.

Foi um roubo importantissimo em dinhei-

---

[1] O mais importante e mais audacioso talvez foi o da *quinta do Ferro*, junto de Trancoso, na freguezia de *Rio de Mel*, praticado poucos annos antes.

V. *Rio de Mel* n'este diccionario e no supplemento,—e *Villar Torpim*, tomo 11.°, pag. 1287, col. 2.ª

ro, pratas, joias, colchas da India e de damasco, roupas brancas e de côr, etc. etc. E o descaramento dos taes *communistas* chegou a ponto de usarem e mostrarem differentes joias e pratas com armas da casa de *Darei*—e um d'elles teve a imprudencia de mostrar ao proprio fidalgo um relogio d'ouro que lhe havia roubado?!...[1]

Na Beira e n'este districto hoje ha bastante segurança, mas em tempos não muito remotos praticaram-se grandes excessos!...

V. *Viseu*, topico *Segurança publica*, tomo 11.°, pag. 1782, col. 1.ª e segg.

—

A S. E. de Mangualde e a 2 kil. de distancia, pouco mais ou menos, está a povoação de *Almeidinha*, solar do visconde d'este titulo e solar importante, pois comprehende em volta d'aquella povoação muitas propriedades e a *quinta da Albergaria*, distante de Mangualde apenas 1 kilometro, muito abundante d'excellente agua potavel e de rega, pelo que recentemente o sr. visconde vendeu por um conto de réis á camara de Mangualde bons mananciaes da dita agua, que hoje abastece a villa, depois de ser encanada pela camara.—Honra lhes seja!...

Está junto de *Almeidinha* um sitio chamado *Valle d'Almeida* que, segundo consta foi outr'ora povoado - e povoação mais importante do que *Almeidinha*.

Tambem consta que do *Valle d'Almeida* decenderam e provieram os *Almeidas* — e que a familia do sr. visconde d'*Almeidinha* é uma das mais nobres e a *mais antigas* de Mangualde.

Na quinta da *Albergaria* e na povoação d'*Almeidinha* nasce o rio de *Cubos*, que passa entre a povoação d'este nome e a freguezia de *Mesquitella*,—banha depois a freguezia de *Espinho*—e, caminhando sempre de N.E. a S.O., desagua na margem direita do Mondego, junto de *Senhorim*, tendo 15 kilometros de curso, talvez.

—

A S.O. de Mangualde está a povoação de *Cubos*, onde toca a linha da Beira e ficou a *estação de Mangualde*, a mais importante da mencionada linha, depois da estação *terminus* da Figueira.

Estão a S.O. de Mangualde tambem as aldeias de *Caes de Cima* e *Caes de Baixo*. Na 1.ª tem uma grande casa e uma boa quinta a sr. D. Maria Maxima Homem de Abranches Brandão, viuva, —e confina por este lado a freguezia de Mangualde com a de Espinho.

Ao poente de Mangualde ficam tambem as povoações e quintas de *S. Cosmado*, *S. Cosmadinho*, *Ansada*, *Pinheiro de Baixo* e *Pinheiro de Cima* ou *Pinheirinho*,—e a noroeste *Roda*.

Ao poente confina a freguezia de Mangualde com a de *Moimenta do Dão* ou dos Frades; a N.O. com a freguezia de *Fornos de Moreira do Dão*. Limitam por este lado a freguezia de Mangualde a serra e capella de *Santo Antonio dos Cabaços*, onde a 13 de junho ha festa e romagem, muito concorridas e abrilhantadas pelos pastores e lavradores circumvisinhos, pois costumam levar ali, como em *parada agricola*, muitos bois e rebanhos de gado lanigero *com toda a louça* e muito enfeitados com fitas e flores.[1]

---

[1] Em fevereiro de 1870 assaltaram tambem a casa de Antonio Saraiva, em Algodres, concelho visinho de Mangualde, casa *muito endinheirada*, mas o povo amotinou-se, - tocou os sinos a rebate e fez fogo sobre os taes *communistas*, pelo que bateram em retirada, ficando alguns d'elles feridos e um morto.

Os *chefes e sub-chefes ainda vivem e são muito conhecidos na localidade*, mas souberam defender-se e apenas foram para a Africa alguns dos salteadores mais pobres?!...

[1] Na Beira, quando os rebanhos de gado levam todos os chocalhos e campainhas de que os seus donos podem dispôr, diz-se que *levam toda a louça*.

Cemiterio parochial

Tem esta freguezia um bom cemiterio denominado *cemiterio novo*.

Foi construido no meado d'este seculo e demora a S. O. da matriz, distando d'ella apenas 200 metros talvez; dista porém mais de *cinco kilometros* d'algumas casas d'esta freguezia.

Avulta n'elle um mauzoleu pertencente á sr.ª D. Leonor Margarida de Carvalho Fonseca, e no dito mauzoleu jaz o distincto lisbonense oriundo da Beira e que á Beira prestou relevantes serviços— *Alberto Osorio de Vasconcellos*,—do qual adiante fallaremos.

O *cemiterio velho* demorava junto da egreja das *Almas*. Foi substituido, por ser muito pequeno e estar muito proximo da villa.

Movimento parochial em 1888

Baptisados	158
Casamentos	27
Obitos	100

Do exposto se vê que a cifra dos nascimentos foi muito superior á dos obitos—e que a população d'esta freguezia augmenta sensivelmente.

Concelho de Mangualde, sua população e pobreza

Este concelho confina a E. com os de Fornos d'Algodres e Penalva do Castello; a O. com os de Nellas e Viseu; a N. com os rios Dão e *Real* e com os concelhos de Viseu e Penalva; a S. com o Mondego e alem Mondego com o concelho de Gouveia.

Comprehende as mesmas 18 freguezias indicadas pelo meu antecessor, mas o censo de 1864 deu-lhes 4:442 fogos e 19:483 habitantes; o de 1878 deu-lhes 4846 fogos e 21478 habitantes—e hoje as 18 freguezias devem ter aproximadamente 5:400 fogos e 25:000 habitantes.

E' muito saudavel, bastante fertil, bem agricultado e está bem servido de estradas a macadam e d'outros meios de communicação, mas é muito pobre pelas rasões seguintes:

1.ª—Porque 3 a 4 casas, principiando pela dos condes de Anadia, que é absolutamente a maior de todas, absorvem sem exageração a terça parte d'elle—e outra terça é de 40 a 50 proprietarios,—ficando apenas uma terça parte para o resto dos seus habitantes, que são aproximadamente 25:000, a maior parte dos quaes vive *au jour le jour*, exclusivamente do seu trabalho como *jornaleiros*, pois n'este concelho não ha outra industria alem da agricola e de algum commercio na villa.

Tendo grandes mananciaes d'agua no *Dão* e no *Mondego*, é para lamentar que até hoje ali não montassem fabricas de lanificios, de papel ou de fiação e tecidos d'algodão, havendo tantas fabricas nos concelhos visinhos, nomeadamente nos de Ceia e Gouveia

2.ª—Porque ha n'este concelho de Mangualde muitas terras foreiras e muitos proprietarios emphyteutas, que pagam pesados foros, laudemios e pensões.

3.ª—Porque muitos dos grandes proprietarios e senhorios directos, — principiando pelo conde de Anadia e irmãos,—vivem longe d'este concelho e fóra d'elle gastam as suas rendas, não despendendo com elle um ceitil,—em quanto que, se vivessem n'este concelho, n'elle fariam girar muito dinheiro, beneficiando e melhorando as suas propriedades e provendo á sua luxuosa sustentação, etc.

A ausencia dos grandes proprietarios é uma das causas principaes da pobresa do concelho. Se vivessem n'elle, elle prosperaria, como prosperou a villa de Mangualde, emquanto n'ella viveu a opulenta familia *Paes*. Que sommas não custaram só o *grande palacio*, o *santuario da Senhora do Castello*, a *egreja da Misericordia* e o *convento*?—Tudo isto e *muito mais* se deve a tão opulenta familia, em quanto aqui viveu; —depois que se ausentou, a villa não lhe deve melhoramentos alguns, podendo dever-lhe tantos outros de que necessita.

O mesmo palacio, que foi o 1.º fóco da vi-

da de Mangualde, hoje parece uma *necropole*!...[1]

Tristis est!...

—

4.ª—Porque n'este concelho ha muito dinheiro mutuado, — cerca de *300 contos de reis*! Uma grande parte da propriedade está hypothecada e é devorada pela usura.

5.ª—Porque as diversas contribuições que paga ao estado montam aproximadamente a 20 contos de réis por anno.

Total—uma miseria que horrorisa e explica a emigração constante em grande escala, principalmente para o Brazil, comprehendendo *familias inteiras*:—homens, mulheres e creanças.

Como prova de que duas terças partes d'este concelho pertencem a um restricto numero de proprietarios e de que muitos d'estes vivem distantes, veja-se a nota seguinte:

[1] O mesmo succede ao grande palacio da *Brejoeira*, no Minho, e succedeu ao palacio do *Freixo*, no Porto, que rivalisava com o de Mangualde e com os da *Brejoeira* e de *Matheus*.

V. *Freixo* (quinta do)—tomo 3.º pag. 233, col. 1.ª,—e *Zurara de Villa do Conde, in fine*. Desculpem o não citarmos as paginas, pois n'este momento ainda está no prélo aquelle artigo.

Relação dos 50 maiores proprietarios do concelho de Mangualde no anno de 1889 e collectas da contribuição predial

N.os de ordem	Nomes	Residencias	Collectas
1	Conde de Anadia e irmãos	Lisboa e Londres	877$125
2	D. Leonor Margarida de Carvalho e visconde da Torre de Moncorvo	Mangualde e Lisboa	270$640
3	Herdeiros de Manoel Cardoso Faria Pinto e Miguel de Queiroz Pinto	Fornos de Maceira Dão	217$989
4	Visconde de Almeidinha e filhos	Almeidinha de Mang. e Aveiro	191$751
5	Lourenço do Couto e Sousa e irmãos	Tibalde e Brazil	173$764
6	Dr. Julio Cesar Sande Sacadura Bote	Coimbra	121$869
7	Antonio Cabral Soares	Paços da Serra, Gouveia	121$804
8	D. Maria Maxima Homem de Abranches Brandão, viuva de Jeronymo do Couto	Caes de Cima de Mangualde	111$800
9	Antonio Paes d'Almeida e tia D. Delfina	Pinheiro de Cima de Mangualde	111$378
10	D. Maria Isabel de Moraes Pinto e her. de José Moraes Pinto	Nellas	108$424
11	José de Almeida Cardoso de Albuquerque	Mesquitella	105$640
12	Viuva e filhos de João dos Santos	Caes de Baixo de Mangualde	95$050
13	José de Lemos de Napoles Manuel	Sarzedo, Moimenta da Beira	87$710
14	João Cabral Albergaria Athaide e irmã	Guimarães, Chans de Tavares	84$303
15	Herdeiros de José Hygino Cabral	Lisboa e Douro	76$360
16	Viuva e filho de A. de Padua Oliveira	Quintella d'Azurara	75$684
17	D. Anna Paes d'Almeida e filho	Abrunhosa Velha	74$737
18	Manuel Coelho de Albuquerque e irmão	Moimenta do Dão e Viseu	74$002
19	Herdeiros de Bernardo Madeira	Cannas de Senhorim	69$925
20	Demente, João da Costa Bulhões	Casal Sandinho, Alcafache	69$468
21	Francisco Marques Correia e filhos	Tagilde, Fornos de Maceira Dão	68$510
22	José Diogo de Pina Cabral e filho	Casaes de S. João da Fresta	65$140
23	Alexandre do Amaral Abreu Menezes	Villa Mendo de Abrunhosa Velha	63$846
24	Herdeiros de Manuel Paes de Carvalho	Mesquitella	61$500
25	Albino Paes da Cunha	Cunha Baixa	59$796
26	D. Maria Augusta da Silva Rozado	Nellas	55$635
27	Dr. F. d'Albuquerque Couto e irmãos	Mangualde	53$229
28	Dr. Jeronymo do Couto e Sousa	Viseu	49$803
29	Bernardo Rodrigues do Amaral e filhos	Outeiro do Espinho, Espinho	49$610
30	Viuva e filhos de Bernando de Almeida	Cubos de Mangualde	49$500
31	João da Fonseca	Canedo do Chão, Mangualde	48$821
32	Manuel d'Almeida Beltrão de Seabra	Cassurrães	47$331
33	Herdeiros de Joaquim Basilio	Concelho de Anadia	46$821
34	D. Maria José d'A. Brito da Costa Faro	Lobelhe do Matto	45$558
35	José Pereira e filhos	Contensas de Baixo, Cassurrães	44$019
36	José Maria d'Abreu Albuquerque Junior	Villa Mendo de Abrunhosa Velha	43$552
37	Antonio Martins d'Almeida Andrade	Fundões de Cassurrães	43$076
38	Conselh. Francisco d'A. C. Albuquerque	Lisboa	42$971
39	João Bernardo d'Almeida e filhos	Pinheiro de Cima de Mangualde	42$378
40	Barão de Nellas	Nellas	42$236
41	Manuoel Paes de Almeida	Canedo do Chão, Mangualde	41$730
42	Dr. Joaquim Paes da Cunha	Santar, Nellas	40$843
43	Herdeiros de Bento Antonio Gonçalves	Mangualde	37$897
44	Herdeiros de Nicolau P. Mendonça Falcão	Viseu e Villa Real	36$263
45	Antonio Lopes da Cunha	Pinheiro de Tavares	36$148
46	Dr. João Baptista de Castro	Mangualde	35$408
47	Herdeiros de Manuel d'Almeida	Mesquitella	34$709
48	Maria Paes	Tibaldinho, Alcafache	34$104
49	José Ribeiro Paes Torres	Quinta de S. Cosmado	33$795
50	Antonio Ribeiro e filhos	Roda, Mangualde	33$500

—

Estes 50 proprietarios representam dois terços—*ou mais* — de todo o concelho de Mangualde — e 20 d'elles vivem em terras estranhas, principiando pelo conde de Anadia e irmãos:—viscondes d'Alverca e d'Alferrarede, que são os maiores proprietarios.[1] Póde pois dizer-se que metade das rendas do concelho são consumidas fôra d'elle e, deduzindo as contribuições do estado, que vão para Lisboa, no concelho apenas ficará um terço do seu rendimento para os seus 25:000 habitantes.

Horresco referens!...

Templos

As 3 melhores egrejas d'este concelho são a matriz de *Mangualde*, a de *Cassurães* e a de *Alcafache*.

Os abbades de *Cassurães* foram muito considerados. Entre outros privilegios tinham e teem o de não serem obrigados a ir á procissão do *Corpo de Deus*, que annualmente a camara faz na villa de Mangualde e a que são obrigados a assistir todos os parochos do concelho.

Instrucção publica
e pessoas notaveis pelas letras

Ha nas 18 freguezias d'este concelho 17 cadeiras publicas de instrucção primaria elementar para o sexo masculino e 7 para o sexo feminino,—mais uma complementar na villa, para o sexo masculino, mas mal montada, pois não tem casa propria. Até hoje tem funccionado (*credite posteri*) *na cosinha* dos novos paços do concelho?!...

E' urgente acabar com semelhante vergonha e dotar a villa com um bom edificio proprio para as aulas dos dois sexos.[1]

Desde tempos muito remotos Mangualde teve uma cadeira regia de latim, mas foi supprimida no meiado d'este seculo e resentiu-se muito a instrucção publica da villa e do concelho, porque representava um preparatorio importante e facilitava o ingresso nos cursos superiores.

A suppressão da dicta cadeira foi muito nociva á instrucção publica d'este concelho.

Actualmente, p. ex. nenhum filho d'este

---

[1] Alem dos muitos bens que possuem em differentes pontos do nosso paiz, só n'este concelho as suas propriedades valem não menos de *trezentos contos de réis*, sendo a maior parte do conde de Anadia, Manoel Paes, primogenito, que vive em Londres, como addido á nossa embaixada. O irmão 2.° José de Sá Paes, visconde d'Alverca,—e o irmão mais novo Carlos, visconde d'Alferrarede, vivem em Lisboa. Este ultimo casou com uma senhora da familia *Barros Lima* e tem a sua casa principal em Abrantes. Os outros dois irmãos ainda estão solteiros.

A casa principal do visconde d'Alverca é a grande quinta da *Varzea*, junto de Coimbra.

A mãe, ultima condessa de Anadia, — D. Anna Julianna Maria de Moraes Sarmento, —filha do 1.° barão e 1.° visconde da Torre de Moncorvo, e viuva do 3.° conde da Anadia José Maria de Sá Pereira e Menezes Paes do Amaral, perdeu o titulo por haver casado sem licença regia em segundas nupcias, a 15 de fevereiro de 1879, com o dr. Joaquim Augusto Ponces de Carvalho, ou Joaquim de Carvalho Ponce de Leão.

V. *Anadia, Alferrarede*, e *Alverca* na *Resenha das familias titulares* de Albano da Silveira, continuada pelo sr. visconde de Sanches de Baêna.

Veja-se tambem o topico infra: — *Condes de Anadia*.

[1] N'este ponto (*e em outros*) a villa de Taboaço envergonha e supplanta todas as villas d'este districto, pois tem uma aula *complementar* muito bem montada em um esplendido edificio proprio, com uma bibliotheca de 5:000 volumes,—tudo á custa da opulenta e benemerita familia *Macedos Pintos*.

Dotaram tambem a villa com um theatro, uma caixa de soccorros, uma companhia edificadora, etc.—e a elles se deve tambem a formosa estrada a macadam de Viseu á foz do Tavora por Taboaço — e a ponte sobre o Douro na testa da dicta estrada, ligando-a com a linha ferrea do Douro, etc., etc.

V. *Miragaya, Sendim, Taboaço* e *Vicente* (S.) sitio, vol. 11.° pag. 516, col. 2.ª

concelho frequenta os cursos superiores, exceptuando 2 alumnos da escola do exercito. Tambem frequentam a Universidade 4 estudantes—e um a escola medico-cirurgica do Porto, — residindo as suas familias n'este concelho, mas sendo filhos de concelhos estranhos. O mesmo se nota ha muito, mas não succedia isto em outro tempo, antes da suppressão da dicta cadeira.

Pelo contrario esta villa e este concelho produziram muitos bachareis formados em differentes faculdades, pelo meiado d'este seculo.

Occorrem-nos os seguintes:

—

Dr. *Antonio Augusto Cabral*, advogado distinctissimo, principalmente no crime.

—Dr. *José Ferreira d'Albuquerque e Castro*, distincto advogado no civel.

—Dr. *Bernardo d'Albuquerque Silva e Amaral*, ornamento da nossa magistratura e juiz de direito em Celorico da Beira actualmente.

—Dr. *Bernardo de Mello Cabral*, actualmente juiz de direito em Monte Mor o Velho.

—Dr. *Miguel Antonio Gonçalves*, advogado distinctissimo.

—Dr. *Francisco d'Albuquerque Couto.*

Exerceu differentes cargos publicos e advogou muitos annos tambem.

—Dr. *Manuel Ribeiro Paes Torres.*

Foi tambem advogado n'esta villa muitos annos.

—Dr. *Bernardo d'Albuquerque e Amaral.*

E' um dos lentes mais distinctos da Universidade de Coimbra e tem sido deputado ás cortes em muitas legislaturas, etc.

—Dr. *Francisco d'Almeida Cardoso d'Albuquerque*, irmão do antecedente.

E' director geral das contribuições directas, deputado ás cortes e a 1.ª influencia eleitoral d'este concelho, etc.

—Dr. *Jeronymo do Couto e Sousa.*

E' actualmente juiz do tribunal administrativo em Viseu.

Dr. *José Cabral Pinto.*

E' actualmente juiz de direito em Oliveira do Hospital.

Dr. *Antonio d'Albuquerque Couto e Brito.*

Foi muitos annos advogado em Viseu.

—Dr. *Gaspar de Menezes e Athayde.*

E' juiz de direito no Ultramar.

Todos os advogados e magistrados supra foram quasi contemporaneos, bem como os seguintes:

—Dr. *Antonio Homem de Vasconcellos*, distincto medico actual do Lazareto.

—Dr. *João Pedro de Vasconcellos*, irmão do antecedente.

Foi advogado n'esta villa muitos annos.

—Dr. *José Bernardino d'Abreu Gouveia*, e seu irmão

—Dr. *Frederico d'Abreu Gouveia*, empregado no ministerio do reino.

Note-se porém que estes ultimos 4, posto que viviam n'esta villa, quando se formaram, não são filhos d'ella.

Foram pois muito brilhantes para este concelho de Mangualde e para a instrucção o 2.° e 3.° quarteis d'este seculo.

Tambem anteriormente este concelho produziu alguns homens notaveis pelas lettras, avultando entre elles o seguinte:

Gomes Eannes d'Azurara

Suppoz-se durante muito tempo que o successor de Fernão Lopes era natural da villa do seu appellido, junto de Villa do Conde, mas já no ultimo seculo este ponto era duvidoso e tanto, que o padre Luiz Cardoso no seu *Diccionario Geographico*, dedicando um artigo esplendido á dicta villa de *Azurara* e mencionando muitas pessoas notaveis que ella produziu desde os tempos mais remotos, não mencionou *Gomes Eannes*, —e hoje parece averiguado que o grande chronista era de *Azurara da Beira*.[1]

Foi tão distincto nas lettras, que mereceu

---

[1] V. *Diccion. bibl.* tomos 3.° e 9.° — e o interessante artigo do sr. dr. A. da C. Vieira de Meirelles, publicado no *Instituto* de Coimbra, vol. 9.°, pag. 72 e 107.

Não podemos dispôr do tempo nem do espaço precisos para tractarmos tão melindrosa questão.

a honra de ser nomeado successor de Fernão Lopes nos altos cargos de *chronista mór do reino* e *guarda-mór da Torre do Tombo* por nomeação de 6 d'abril de 1454.

Continuou a chronica d'el-rei D. João I, comprehendendo a tomada de Ceuta.

Escreveu tambem as chronicas de D. Pedro de Menezes, governador de Ceuta, e de D. Duarte de Menezes, governador de Alcacer, e para isso foi pessoalmente á Africa, levando instantes recommendações d'el-rei D. Affonso V, muito honrosas para o grande historiador.

A sua chronica mais importante é seguramente a do descobrimento e conquista de *Guiné*, a qual se julgou completamente perdida, mas foi descoberta por Ferdinand Deniz na bibliotheca nacional de França e pela primeira vez impressa e publicada em Paris, no anno de 1841, por diligencias do visconde da Carreira.

Sabe-se que Azurara foi tambem desembargador do civel e que ainda vivia em 1483, mas ignora-se a data precisa do seu nascimento e fallecimento, etc.

Senhores de Zurara da Beira

Este concelho teve differentes senhorios particulares desde os tempos mais remotos, taes foram os seguintes:

1.º—*O conde D. Fernando.*

Foi um dos confirmantes na doação que D. Affonso Henriques fez do *couto de Maceiradão* no anno de 1173.

V. *Podestades* em Viterbo.

No foral de *Zurara* do anno 1102, dado pelo conde D. Henrique, um dos confirmantes foi tambem o *conde D. Fernando*, mas talvez não fosse o mesmo conde, porque n'esse caso devia ser *muito novo* em 1102—e *muito velho* em 1173. Elle foi tambem senhor de Viseu no anno de 1173, mas no anno de 1183 já era senhor de Viseu *Pedro Rodrigues*, o que prova ter fallecido o tál Mathusalem *D. Fernando*.

Viterbo, loc. cit.

2.º—*Pedro Fernandes*, rico-homem no tempo de D. Affonso Henriques, pelos annos de 1183.

Era talvez filho do tal *conde D. Fernando*, pois *Fernandes* é patronomico de *Fernando*.

V. *Maladia* II em Viterbo.

Mais tarde foram senhores de *Azurara da Beira*, os *Cabraes*, depois condes e senhores de Belmonte.

O 1.º d'esta familia, que teve o senhorio de *Azurara*, foi Alvaro Gonçalves Cabral, então vassallo d'el-rei D. João I e alcaide-mór do castello da Guarda, etc.

D. João I lhe fez a dicta doação por cartas de 27 de março, 15 d'abril e 21 d'agosto de 1422,—doação que el-rei D. Affonso V confirmou a Fernão Alvares Cabral em 1449 e se conservou na dicta familia até 1580, como já dissemos supra.

Foram tambem senhores de Valhelhas, Manteigas, Moimenta (?) e do julgado de Figueiredo.

Tiveram casa e residencia, pelo menos temporaria, na quinta de *S. Cosmado*, freguezia de Mangualde, pois ainda lá se vê uma casa muito velha com o seu brasão d'armas, igual ao da egreja matriz, pelo que alguem suppõe que é filho d'este concelho e nasceu na dicta casa o celebre descobridor do Brazil—*Pedro Alvares Cabral.*

O dicto casarão ainda hoje pertence aos condes de Belmonte.

Familias mais nobres e mais antigas d'este concelho

Alguem dá o 1.º logar aos *Cabraes* de Belmonte, referindo-se ao tempo em que viviam na dicta casa de S. *Cosmado.*

A 2.ª é talvez a de *Almeidinha*, hoje representada pelo visconde d'este titulo.

A 3.ª é talvez a de *Cassurrães*, hoje representada pelo sr. Lucas de Seabra, da familia de *José de Seabra*, ministro de D. Maria I.

São tambem muito nobres e muito antigas a de *Guimarães de Tavares*, hoje representada pelo sr. *Antonio Cabral*, de Paços da Serra,—e a de *Darei*, hoje representada pelo sr. José de Napoles, do Sàrzedo.

Todas estas casas são mais antigas do que a dos *Paes*, posto que já conta longa serie d'avós com brasão d'armas, subindo de pon-

to a sua nobresa pela alliança com a familia *Sás*, de Anadia, grande quinta que demora na margem esquerda do Mondego, entre a quinta das *Lagrimas* e a das *Cannas*, junto de Coimbra.

Tambem hoje é a familia mais opulenta de Mangualde, mas ainda nos principios d'este seculo eram talvez mais opulentas as de *Cassurrães* e *Almeidinha*, sendo esta ultima então representada por Simeão de Amaral Osorio, fidalgo da casa real e capitão-mór d'este concelho,—pae do 1.º barão d'Almeidinha—José Osorio de Amaral Sarmento e Vasconcellos, par do reino, fidalgo da casa real e valente coronel de cavallaria n.º 8, condecorado com a medalha n.º 2 das campanhas de guerra da peninsula e com a da batalha de Victoria, etc. etc.

Nasceu em 25 de julho de 1786 e morreu em 21 de janeiro de 1844.

Pessoas notaveis, mas estranhas

Se podessemos haver á mão os *annaes* d'este municipio (*nunca se escreveram!*) e as genealogias das suas casas nobres, por certo encontrariamos grande numero de filhos d'este concelho notaveis pela sua virtude, pelas armas e pelas lettras, mas tem sido principalmente illustrado por pessoas estranhas, que o adoptaram como patria sua, n'elle viveram e alguns falleceram, taes foram *D. Jeronymo Osorio*, bispo de Silves, que foi abbade em *Chãs de Tavares*, n'este concelho,—*Jacintho Freire d'Andrade*, que occupou a mesma egreja,—o 1.º e 2.º conde da Anadia—e *Alberto Osorio de Vasconcellos*, distincto parlamentar e distincto escriptor publico, etc. Seja-nos licito pois dar uma ligeira noticia de tão benemeritos cidadãos.

D. Jeronymo Osorio

Nasceu no anno de 1506 em Lisboa, onde viviam seus paes, posto que eram filhos da Beira.

Foi seu pae *João Osorio da Fonseca* — e não *João do Souro*, como disseram João de Barros e o sr. Latino Coelho;—foi sua mãe Francisca Gil de Gouveia—e tanto o pae como a mãe pertenciam a duas nobres familias da Beira, que tiveram jurisconsultos eminentes.

Seu avô materno—*Affonso Gil de Gouveia*—foi ouvidor das terras do infante D. Fernando, pae d'el-rei D. Manoel; seu pae João Osorio da Fonseca foi o celebre ouvidor geral que acompanhou Vasco da Gama na 3.ª e ultima viagem á India e que o sustentou com tanta energia contra D. Duarte de Menezes, que de certo não lhe entregava o governo da India, se não fosse o ouvidor geral. Foi um drama interessantissimo, que não podemos aqui desenvolver.

Quando o licenciado João Osorio da Fonseca partiu para a India como ouvidor geral, deixou na metropole sua mulher e filhos, sendo primogenito o futuro bispo de Silves e, se o chefe da familia prestava tão relevantes serviços na India, sua esposa não os prestava menores na patria, dirigindo a educação de seus filhos, principalmente a do mais velho.

—

A historia diz que o ouvidor João Osorio da Fonseca era pobre quando foi para a India e pobre quando voltou, mas sua esposa teve meios para educar primorosamente os filhos, dando-lhes por mestres os homens mais eminentes do seu tempo. André de Rezende e Jeronymo Cardoso foram mestres e amigos do futuro D. Jeronymo Osorio, que desde os 10 annos mostrou uma viveza de engenho extraordinaria. Aos 13 annos seus mestres deram-no como habilitado no latim, incitando-o a proseguir nos estudos em Salamanca, para onde foi de tão tenra idade.

Em Salamanca ainda continuou a estudar latim e dedicou-se tambem á lingua grega durante dois ou mais annos. Depois voltou á patria, onde encontrou seu pae, tendo regressado da India, onde estava em 1524,—e este o fez voltar para Salamanca, a fim de estudar direito civil ou *cesareo*, para continuar as tradições da familia materna e paterna, mas D. Jeronymo preferiu a carreira militar e professou na ordem de Malta; voltou porem de novo a Salamanca e ali por

obediencia estudou effectivamente o direito, proseguindo tambem com o estudo dos historiadores gregos e latinos—e fazendo desde então voto de castidade.

—

Fallecendo o pae, veiu a Portugal; mas com pequena demora, pois em 1525, contando apenas 19 annos, foi para Paris estudar dialectica ou philosophia, tornando-se peritissimo n'este ramo de sciencia.

Em Paris conheceu Santo Ignacio de Loyola e os seus companheiros, privando com alguns d'elles, especialmente com o padre Fabre, mas nunca pertenceu á companhia de Jesus, como se vê das suas obras e dos actos mais importantes da sua vida, especialmente da celebre *Carta* em que censurou a poderosa Companhia, attribuindo-lhe a desgraça de D. Sebastião.

A dicta *Carta* póde ver-se nas *Obras ineditas de D. Hieronimo Osorio*, publicadas por Antonio Lourenço Caminha em 1819.

E' um *pampleto aspessimo* contra o jesuita padre Luiz Gonçalves da Camara, confessor e director de D. Sebastião, e contra Martim Gonçalves da Camara, irmão do dicto padre e valido do mesmo rei.

Custa a crer que D. Jeronymo Osorio, sendo tão illustrado e tão prudente, escrevesse tal *pampleto* (desculpem o gallicismo); —não nos consta porém que até hoje fosse impugnado.

V. *D. Jeronymo Osorio* no *Diccion. Bibl.* de Innocencio, tomos 3.° e 10.°

De Paris voltou a Portugal, para tractar de negocios seus, mas tal era o desejo de saber, que pouco se demorou e partiu para Bolonha, onde estudou theologia e lingua hebraica.

Foi ali que se encontrou com D. Miguel da Silva, ligando-se ambos por estreita amisade.[1]

Estiveram ambos em Venesa, onde trabalharam na restauração de Plinio e tanto se distinguiram, que foram elogiados pelos maiores sabios da epoca.

Tinha 30 annos, quando em Bolonha publicou o celebre tratado *De Nobilitate civili et christiana,* que dedicou ao infante D. Luiz, a quem era muito affeiçoado. É uma das obras mais notaveis d'aquella epoca e ainda hoje muito interessante e muito digna de ler-se.

—

Era já então a sua sciencia tão relevante que D. João III o mandou chamar de Bolonha para ensinar escriptura em Coimbra, para onde acabava de transferir a Universidade.

Ali explicou o livro de Isaias e a Epistola de S. Paulo aos Romanos, mas não quiz demorar-se em Coimbra.

Por este tempo escreveu o tratado *De Gloria*, obra de Cicero, que se havia desencaminhado, pelo que imitou o estylo do grande orador romano a ponto de illudir os mais competentes?!...

Depois, em contraposição ao tratado *De Republica*, de Cicero, escreveu o celebre tratado *De Regis Institutione* e, para substituir a falta do tractado *De Consollatione*, paraphraseou o livro de Job.

Em recompensa a tantos serviços e galardão de tanto merito, foram-lhe dadas as egrejas de *Chans de Tavares* e de *Travanca* n'este concelho de Mangualde, mas não poude ir logo parochial-as, por ser nomeado tambem secretario do infante D. Luiz e mestre de D. Antonio, depois prior do Crato, que tantos desgostos lhe deu e que tão infeliz foi!...

Escreveu tambem por esse tempo as obras *De Justitia* e *De Vera Sapientia*, que mais

---

[1] V. *Viseu* no supplemento a este diccionario, onde daremos a longa e muito interessante biographia d'este celebre cardeal e bispo de Viseu, etc. etc.—bem como a biographia de D. Julio Francisco d'Oliveira, outro prelado visiense muito notavel tambem. Deram-nos trabalho insano; mas não as publicámos no texto, por serem *muito longas*!...

augmentaram ainda o seu renome como latinista, como sabio e como jurisconsulto eminente.

—

Foi muito estimado por D. João III, por D. Catharina e pelo cardeal D. Henrique.

Apesar das instancias da côrte, por morte do infante D. Luiz foi D. Jeronymo em 1555 parochiar as suas egrejas de Travanca e Chans de Tavares, onde esteve 5 annos fazendo profundos estudos, por ser o local muito solitario e triste.

Custa a crer como não morreu de nostalgia n'aquelle deserto e o supportou 5 annos, estando habituado a viver em Lisboa e nas primeiras cidades do mundo.

D'aquella Thebaida o fez sair o cardeal D. Henrique, nomeando-o arcediago d'Evora.

Tomou posse a 30 de maio de 1560 e foi então que escreveu a celebre carta á rainha Isabel da Inglaterra, chamando-a ao catholicismo, e respondeu a outra celebre carta de Walter Hadden, entrando na questão o grande Bacon.

Era então muito respeitado e considerado no paiz e fóra d'elle e por isso apenas o deixaram 4 annos em Evora.

Foi compellido a acceitar a mitra de Silves, ou do *Algarve*, em 1564. Já então estava transferida a séde para Faro, mas só elle teve força para realisar a transferencia em 1577, arrostando com o despeito dos habitantes de Silves.

Foi ali prelado cerca de 17 annos e prestou valiosos serviços á instrucção e religião. Estabeleceu varias escolas de latim, moral e theologia e com ellas gastou a maior parte dos seus rendimentos. Tambem praticou muitas obras de caridade e beneficencia.

Era accessivel a todos, mas ao mesmo tempo severo, talvez em excesso, na manutenção da disciplina e jurisdicção ecclesiasticas.

—

Assistiu ás côrtes de 20 de janeiro de 1568 e depois á coroação do cardeal D. Henrique em 28 d'agosto de 1578, posto que só ia á côrte muito violentado. O cardeal D. Henrique instou para que elle fosse um dos directores de D. Sebastião, mas terminantemente se recusou, dizendo que não podia deixar o governo do seu bispado.

O que elle não queria—era viver em Lisboa e aturar as intrigas da côrte, que nem mesmo no Algarve o deixavam em paz. Até do Algarve quiz fugir para Roma, — não para obter a transferencia da séde do seu bispado, como alguem diz, mas *por motivos mais graves*, que promette revelar um meu amigo na biographia completa de D. Jeronymo Osorio, biographia que está escrevendo e na qual promette desfazer tambem outros erros biographicos com relação ao mesmo bispo.

Posto que se recusou a ser director de D. Sebastião, durante a menoridade d'elle escreveu o celebre tractado—*De Regis Institutione et Disciplina*—mencionado supra. É um dialogo no convento dos *Jeronymos* entre elle e tres individuos dos mais distinctos da epoca e foi propositadamente escripta esta obra para servir na educação do principe.

E' a refutação da *Republica* de Cicero.

Na tremenda lucta entre o cardeal D. Henrique e sua cunhada D. Catharina, lucta de que o nosso biographado evidentemente queria afastar-se, teve de intervir, escrevendo uma interessantissima carta á avó de D. Sebastião, fazendo que não saisse do reino, como ella pretendia. [1]

No reinado de D. Sebastião varias vezes fez ouvir a sua auctorisada voz em differentes cartas, ora censurando a direcção que davam ao joven rei e aos negocios do estado, ora aconselhando a D. Sebastião que casasse e depois de ter successão, em occasião opportuna fosse a Africa, cuja conquista elle já então sonhava. [2]

---

[1] Póde ver-se tambem a dicta *carta* nas *Obras ineditas*, citadas supra.

[1] Veja-se o mesmo livrinho - *Obras ineditas*.

D. Jeronymo, Affonso d'Albuquerque e todos os verdadeiros portuguezes não podiam deixar de aconselhar a conquista da Africa, ainda hoje o nosso objectivo e a rasão de ser de Portugal, mas a dicta empresa, então como hoje, é um problema gravissimo, pelo que D. Jeronymo recommendava muita prudencia e muita energia para o bom exito d'aquella. Infelizmente não o attenderam e o resultado foi succumbirmos na desastrosa batalha d'Alcacer. Deus permitta que hoje sejamos mais felizes, fundando outro estado na Africa em substituição do que fundámos e perdemos na America.

—

Morto D. Sebastião, subiu ao throno o cardeal D. Henrique, amigo dedicado de D. Jeronymo, pelo que este, como já dissemos, foi assistir á coroação e a pedido do cardeal-rei escreveu a obra monumental—*De rebus Emmanuelis*— que alguem julga superior a tudo quanto se escreveu em latim desde Cicero. E' talvez depois dos *Lusiadas* o mais luminoso padrão das glorias de Portugal,—e apesar d'isso teve de escrever a celebre *Defensio nominis sui*?!...

D. Jeronymo e Camões falleceram no mesmo anno de 1580,—aquelle em Tavira, a 20 d'agosto e este em Lisboa a 10 de junho. Os dois maiores portuguezes do sec. XVI succumbiram com a nação, cuja ruina elles não poderam evitar, mas vivem e viverão eternamente na historia.

A biographia de D. Jeronymo ainda está por fazer. Ahi ficam alguns traços d'ella em homenagem ao grande vulto, por ter vivido *n'este concelho de Mangualde* cinco annos.

V. *Diccion. bibl.* de Innocencio, vol. 3.ª e 10.º;—as *Obras* de D. Francisco Alexandre Lobo, tomo 1.º pag. 293 a 301, — as *Obras ineditas de D. Hieronimo Osorio,* citadas supra,—e *Silves* n'este diccionario, vol. 9.º pag. 282, col. 2.ª

Jacintho Freire d'Andrade

Nasceu em Beja no anno de 1597 e morreu em Lisboa a 14 de maio de 1657;—foram seus paes Bernardim Freire de Andrade e D. Luiza de Faria.

Fez brilhantes estudos em Evora e em Coimbra, onde recebeu o grau de bacharel na faculdade de canones em maio de 1618.

Como tinha dois irmãos mais velhos, ordenou-se, posto que o seu caracter um pouco leviano e a sua tendencia para a satyra não revelem grande vocação para o estado ecclesiastico.

Pouco depois de formado e ordenado, seguindo as tendencias da epoca, foi para a côrte de Madrid, então inveja da Europa, como se vê do formoso livro de D. Francisco de Castro—*Solo Madrid es côrte,*—e ali mais desenvolveu e cultivou o seu enorme talento.

Seria hoje um brilhante jornalista ou chefe de repartição em qualquer dos ministerios; então foi primeiramente parocho da opulenta freguezia de *Sambade* no concelho d'Alfandega da Fé, e depois abbade das *Chans de Tavares,* n'este concelho de Mangualde, então abbadia muito mais opulenta! Era a melhor do bispado de Viseu[1]— e uma das melhores de Portugal, mas nos fins do ultimo seculo e nos principios d'este supplantou-as a todas absolutamente a de *Lobrigos*, que chegou a render mais de *vinte contos de rêis* por anno?!... [2]

—

Foi muito tempo abbade das Chans; ali exerceu actos parochiaes e ali se conservam

---

[1] Alguem diz que esta abbadia no tempo de D. Jeronymo Osorio e de Jacintho Freire rendia mais do que a propria mitra viziense?!...

Credat judeus, non ego.

Em 1611 o bispado de Viseu rendia *dosê mil cruzados*, que por certo correspondiam a mais de *doze contos de réis* da nossa moeda actual, — e em 1674 a 1684 rendia *desoito mil cruzados,* ou 7.2000:000 réis, que deviam corresponder a aproximadamente a *18 contos* da nossa moeda.

V. *Viseu,* tomo 11.º pag. 1580, col. 1;ª—1616, col. 2.ª—e 1624, col. 1.ª

[2] V. *Lobrigos,* tomo 4.º pag. 421, col. 2.ª, —e *Viseu.* tomo 11.º pag. 1:585, col. 2.ª tambem.

ainda hoje (1889) alguns documentos firmados por elle,[1] mas, habituado a viver em Madrid e não podendo supportar o isolamento das Chans, em Madrid costumava viver e gastar as suas rendas; estando porem ali depois da revolução de 1640, teve de fugir, por haver ordem de prisão contra elle, como affecto a D. João IV e mais ainda ao principe D. Theodosio, herdeiro presumptivo da corôa, adorado por toda a nação e que foi intimo amigo do nosso biographado.

Fallecendo D. Theodosio, quiz el-rei nomear Jacintho Freire preceptor do principe D. Affonso e tambem o convidou para bispo de Viseu, mas tudo recusou e foi para a sua abbadia, por conhecer a indole de D. Affonso (o triste rei *D. Affonso VI*!...) e ter quasi a certeza de que o papa não o confirmaria, como effectivamente não confirmou bispo algum portuguez até 1671,—14 annos depois da morte de Jacintho Freire.

Passados annos voltou para Lisboa, deixando um coadjutor na abbadia das Chans e seguindo desde então a vida descuidosa de litterato rico.

Viveu muito tempo com a sua irmã D. Maria Coutinho, cercado de livros, na rua direita das *Portas de Santo Antão*, — casa que infelizmente foi toda pasto das chammas em sua vida, restando por isso do nosso biographado poucos manuscriptos — e esses mesmos só foram publicados a instancias dos seus amigos.

—

O pequeno opusculo—*Portugal restaurado*—foi traduzido d'outro, que publicou em latim o bispo D. Manoel da Cunha sob o titulo de *Lusitanae vindicatae*. Jacintho Freire o traduziu a instancias da rainha D. Luisa, a quem o dedicou e esta o fez publicar.

A *Vida de D. João de Castro* foi escripta em obesequio e por instancias do bispo inquisidor geral D. Francisco de Castro, e bem assim escreveu tambem a *Origen y progreso de la casa y Familia de Castro*.

[1] De D. Jeronymo Osorio não existe na dicta parochia escripto algum,—nem a simples assignatura.

Tambem escreveu outras obras indicadas por Innocencio, mas a que lhe deu mais alto renome foi a *Vida de D. João de Castro*, e com rasão, pois é um primor de linguagem portugueza. Alguem a censura, mas outros a defendem, entre estes D. José Barbosa. Diz elle: «...bem sei que não faltam genios tão austeramente criticos, que censuram alguns pensamentos que se acham n'aquella historia. Não me admiro, depois que li que houve barbaros, que apedrejaram o sol. A critica que se lhe faz não é filha da rasão, *senão de inveja*, e não pesaria aos mesmos que o censuram serem rèos de similhantes delictos.»

Com 60 annos de idade finou-se Jacintho Freire e jaz em Lisboa na egreja de Santa Justa, em *sepultura rasal*...

É hoje parocho da freguezia das *Chans* e parocho muito digno tambem o reverendo Antonio Maria da Nave Valente, que se orgulha de contar entre os seus antecessores —*D. Jeronymo Osorio* e *Jacinto Freire d'Andrade*. Succedeu-lhe na abbadia, mas não nas rendas, porque essas desappareceram com a extincção dos dizimos em 1832.

Tambem foi extincto em 1852 o antigo concelho de *Tavares* e é cada vez maior a decadencia da antiquissima villa das *Chans*, que teve foraes velhos e novos e muita importancia n'outros tempos.[1] Tem decahido muito, apesar de ser a dicta parochia atravessada pela nova estrada a macadam de Viseu a Celorico e de ter a pequena distancia na linha da *Beira Alta* uma estação —a de *Gouveia*, — que tomou o nome da villa de Gouveia, hoje muito industrial e muito importante, alcandorada na serra da Estrella, cerca de 15 kilometros para S.O.[2]

Condes de Anadia

Os dois primeiros condes de Anadia, pela sua alta posição e pelos serviços de seu pae

[1] V. *Tavares* e *Chans do Tavares*.

[2] A estação de Gouveia demora na freguezia de *Abrunhosa Velha*.

e sogro—Ayres de Sá e Mello, ministro da guerra e dos estrangeiros no tempo da rainha D. Maria I,—vieram illustrar a familia *Paes* que, tendo vivido no *Canedo do Chão,* mudou nos principios d'este seculo para o seu palacio de Mangualde.

A nobre familia Sá é muito antiga e tem produzido muitos homens illustres, sem que nenhum d'elles attingisse uma posição proeminente. O proprio Ayres de Sá era apenas um homem honesto, mas sem competencia para o alto cargo que exerceu.

A familia *Paes de Amaral* foi durante alguma gerações um exemplo de bons administradores, pelo que reuniram uma casa muito importante, mas nenhum d'elles se tornou eminente pelas lettras, pela sciencia ou pelas armas. Todavia Mangualde muito lhes deve, pois, forçoso é confessal-o, crearam a moderna villa ao mesmo tempo que formaram a sua grande casa.

O seu palacio, quinta e matta são um verdadeiro monumento, assombro de Mangualde e da provincia. Os tres largos da villa são obra d'elles. Os edificios da Senhora do Castello, da Misericordia, do convento e das Almas a elles devem tambem a maior parte—e tudo isto representa grandes sommas, como já dissemos supra.

O 4.° conde de Anadia teve tambem uma celebridade especial, posto que morreu na flor dos annos, a 10 de julho de 1870.

Era dotado de uma figura gentil e de muita bondade, mas sem força para reagir contra o meio deleterio em que viveu e gastou a existencia inutilmente.

Como já dissemos, casou e teve tres filhos, seus actuaes representantes: — o sr. conde de Anadia, residente em Londres,— o sr. visconde d'Alverca e o sr. visconde de Alferrarede, ambos residentes em Lisboa. Vivem pois todos tres longe de Mangualde, com o que a villa de Mangualde muito soffre, pois gastam longe d'ella as suas avultadas rendas.

Veja-se o topico supra, immediato á relação dos 50 maiores proprietarios de Mangualde.

Alberto Osorio de Vasconcellos[1]

Fallando de Mangualde, não podemos deixar de dizer alguma caisa d'este benemerito extincto, cuja vida foi tão curta e tão brilhante.

Pelo lado paterno descendia dos antigos *Vasconcellos*, representados pelos marquezes de Castello Melhor; pelo lado materno descendia dos *Osorios da Costa Cabral d'Albuquerque*, representados na Beira por tantas familias illustres, a começar pela das *Lagrimas*.

Eram da sua familia Mem Moniz, D. Jeronymo Osorio, os *Gomides* ou Albuquerques, o celebre conde de Castello Melhor, etc. e todavia era muito democrata.

Alberto Osorio de Vasconcellos pelo lado de sua mãe descendia de D. Beatriz Osorio, irmã de D. Jeronymo Osorio, bispo de Silves, mencionado supra, a qual casou com Diogo Gonçalves Cabral, eminente jurisconsulto, como declarava a sua campa na capella mor de Santa Maria de Celorico da Beira.

Foi seu 5.° avô Jeronymo Osorio de Castro, que hospedou na sua casa da Guarda el-rei D. Pedro II e o imperador Carlos VI.

—

Nasceu Alberto Osorio de Vasconcellos a 29 de janeiro de 1842 no *Largo do Leão* em Lisboa (Arroios) na casa do seu avô materno, José Osorio de Castro Cabral d'Albuquerque, tenente general, que foi muitos annos governador de Macau, governando depois a Beira Baixa até que foi eleito senador. O nosso biographado era pois natural de *Lisboa* e não da *Beira*, como disse toda a imprensa na occasião da sua morte.

Foi de tenra idade para a Beira com a maior parte da sua familia, que se estabeleceu na freguezia de *Muxagata*, concelho de Fornos d'Algodres.

---

[1] V. *Diccion. Popular*, vol. 13, pag. 267 a 269.

Sua mãe, D. Carlota Osorio, foi uma santa;—seu pae, Alberto Osorio de Vasconcellos Hasse da Cunha, era o typo do fidalgo de Lisboa nos principios d'este seculo.

Foram seus tios maternos o general José Osorio de Castro Cabral d'Albuquerque, fallecido em Lisboa a 5 de novembro de 1887, —Joaquim Osorio, actual recebedor da comarca de Fornos d'Algodres,—Antonio Osorio, que falleceu em Lisboa a 10 de janeiro de 1883, sendo major do estado maior,—João Osorio, que falleceu em 1855, sendo alferes,—Jeronymo Osorio, actual commandante d'infanteria n.º 2,—D. Anna Osorio, casada com Antonio Pedroso de Sousa Coutinho, residente em Lisboa,—e D. Marianna Osorio, casada com o dr. João Baptista de Ca o conservador em Mangualde, mas natural da freguezia de *Eucisia*, concelho da Alfandega da Fé, na provincia de Traz os Montes.[1]

—

Contando apenas 10 annos, foi Alberto Osorio para o seminario de Viseu, onde esteve um anno somente e depois outro anno em Coimbra com seus tios, que ao tempo frequentavam a Universidade. Passou depois alguns annos em Lamego na casa de seu tio Jeronymo Osorio, então official d'infanteria n.º 9. D'ali foi para o collegio de *Nossa Senhora da Conceição*, que em Lisboa teve o sr. Carreira de Mello, e ali fez com distincção os seus preparatorios.

Em 1859 matriculou-se na Escola Polytechnica, terminando em 1863 muito brilhantemente o seu curso, no qual obteve 2 premios pecuniarios e um louvor.

Assentou praça no 7 d'infanteria e depois seguiu o curso de engenharia militar na escola do exercito, onde se matriculou a 8 d'outubro de 1863, tendo 21 annos de idade, e concluiu o curso em 3 de dezembro de 1866, sendo classificado com o n.º 1.

Foi promovido a tenente de estado maior d'engenheiros em 22 de junho de 1875, —eleito deputado em 1870 e successivamente até 1879, sempre pelo circulo de Trancoso, a que pertence o concelho de Fornos d'Algodres,—e nas camaras fez brilhantes discursos.

Foi poeta, foi litterato, foi politico e um dos primeiros jornalistas do seu tempo.

Iniciou a sua carreira jornalistica na *Gazeta de Portugal*; passou depois ao *Jornal do Commercio* e collaborou em outros muitos jornaes portuguezes, nomeadamente no *Panorama*, *Archivo Pittoresco* e *Revista Contemporanea*. Fundou a *Revista do Seculo* e depois a *Democracia* em 1872.

Foi o auctor da celebre *Carta do Ermitão do Chiado*, que tanto barulho causou em 1866.

Escreveu *Estudos* sobre a defesa do nosso paiz e *Batalhas dos portuguezes*, etc.

Dedicou-se sempre a estudos historicos e estava ultimamente trabalhando na Historia da revolução de 1820.

Foi tambem encarregado de escrever a historia da engenharia em Portugal, pelo ministro da guerra, o sr. João Chrisostomo.

Era muito affeiçoado á provincia da Beira; prestou-lhe relevantes serviços e, quando viu que a morte se aproximava, n'ella quiz expirar, como expirou, junto de seus tios—D. Marianna Osorio e João Baptista de Castro—na villa de Mangualde, onde falleceu a 27 de junho de 1881—e ali jaz no

---

[1] D'este consorcio tiveram 2 filhos:—D. Anna, ainda solteira, e Alberto Osorio de Castro, distincto escriptor publico, poeta, jornalista e alumno do 4.º anno de direito na Universidade de Coimbra, onde tem obtido varias distincções, pois é um talento superior.

E' tambem proprietario e redactor do *Novo Tempo*, jornal que se publica em Mangualde.

Nasceu em Coimbra no dia 1 de março de 1868, quando seu pae ali frequentava o 5.º anno de direito.

Casou em 15 d'agosto de 1888 com D. Catharina de Sousa Coutinho, senhora muito interessante, primorosamente educada e *muito illustrada*, filha de D. Alexandre de Sousa Coutinho, neta do 2.º conde de Linhares e sobrinha da actual marqueza do Funchal.

Tem uma filha, — *Maria Anna*, — ainda muito nova.

elegante mauzoleu da s.ª D. Leonor Margarida de Carvalho Fonseca e Amaral.

Ao finado Alberto Osorio se deve a directriz da linha da Beira Alta pela margem direita do Mondego, atravessando os concelhos de Mangualde, Fornos d'Algodres, etc. Foi uma lucta cruel, pois havia muitos cavalheiros importantes que pretendiam leval-a pela margem esquerda do Mondego, como por certo *devia ir*, atravessando os concelhos de Ceia e Gouveia, onde ha tantas fabricas de lanificios.

Na campanha em favor da directriz pela margem esquerda do Mondego avultou o grande industrial *Joaquim d'Almeida Rainha*, de Gouveia, que não só offereceu *gratis* as expropriações para passagem das linhas atravez das suas propriedades (note-se que era *o maior proprietario do dicto concelho!*...),—mas offereceu tambem *gratis* as travessas ou *chulipas* para toda a linha dentro do mesmo concelho, na extensão de 30 kilometros aproximadamente, o que tudo representa *muitos contos de réis!*...

V. *Villa Nova de Tazem* e *Gouveia* n'este diccionario e no supplemento.

Vingou a demanda Alberto Osorio, mas foi um erro economico e um grande escandalo,—como levar a linha ferrea do *Norte* pelo littoral, para servir Aveiro e o sr. José Estevam Coelho de Magalhães—e a do Douro por Paredes, para servir o sr. José Guilherme Pacheco.

Deus lhes perdoe e aos ministros que ordenaram taes escandalos!...

Alberto Osorio elevou tambem Mangualde a comarca de 2.ª classe,—creou a de Fornos d'Algodres,—fez com que o governo désse á villa de Trancoso um bom edificio publico para tribunal e paços do concelho—e prestou relevantes favores a innumeros filhos da Beira.

Viação publica

Este concelho está todo atravessado por estradas a macadam de 2.ª e 3.ª classe, feitas pelo estado, exceptuando uma que foi feita pelo municipio. E' a de *Alcafache*, que entronca na de Mangualde a Foz-Dão, a 1.ª que se construiu e atravessa este concelho de nascente a poente.

Depois de feita a dicta estrada da Foz Dão, fez-se um ramal em *Santa Comba Dão* que a ligou com a de Viseu á Mealhada e Coimbra, ficando assim a villa de Mangualde tambem ligada por ella á Mealhada e Coimbra.

Prolongou-se depois a dicta estrada até Celorico, por Fornos d'Algodres, cortando o concelho de Mangualde quasi a meio, de nascente a poente.

Seguiu se a de Mangualde a Viseu, entroncando n'aquella a O. de Mangualde.

Fez se depois a de Mangualde a Castendo, atravessando este concelho de sul a norte,—e depois prolongou-se para o sul, de Mangualde até Gouveia, atravessando o Mondego na ponte *Palhez*. Ficou assim cortado e servido este concelho por duas boas estradas: — uma de nascente a poente —e outra de norte a sul.

Depois fez-se outra para Santar, que deve ir a Tondella.

D'esta de *Santar* é que parte a de *Alcafache*—e tambem vae d'ella para *Lobelhe* um ramal feito pelo municipio.

Tambem parte da de Gouveia um pequeno ramal para a estação de *Cubos* ou de *Mangualde*,—e outro para a freguezia e povoação da *Mesquitella*. Ambos foram feitos pela companhia constructora da linha da Beira Alta.

Mencionaremos tambem outro pequeno ramal feito pelos condes de Anadia. Entronca na estrada de Fornos d'Algodres e liga Mangualde com o santuario da *Senhora do Castello*.

A camara principiou tambem um ramal para *Quintella de Azurara*, mas ainda não o acabou,—e estão projectados e estudados outros ramaes.

Estações da linha ferrea

Como já dissemos, a linha da *Beira Alta* corta este concelho de nascente a poente e tem n'elle duas estações:—a de *Mangualde* na povoação dos *Cubos*, cerca de 2700 metros ao sul da villa,—e a de *Gouveia*, junto da povoação de *Villa Mendo*, na freguezia de *Abrunhosa Velha* e distante de Mangual-

de 16 kilometros para o nascente. Ella dista de Gouveia apenas 15 a 20 kilometros e hoje está ligada áquella importante villa por uma boa estrada a macadam, principiada em agosto de 1881, mas como a estação demora em sitio ermo, os industriaes e habitantes de Gouveia (exceptuando os da parte leste do concelho) preferem a de Mangualde, embora mais distante *quasi o dobro,*—cerca de 30 kilometros. Preferem-na por ficar mais proxima da Figueira, de Coimbra, do Porto e de Lisboa—e junto da villa de Mangualde, onde teem muitos interesses e os seus depositos de lanificios para os grandes mercados.

E' pois a estação de *Cubos* a de Mangualde e de *Gouveia*, pelo que tem grande movimento e é a mais importante da linha da Beira Alta,—depois da estação terminus da *Figueira.*

Quintas

As 3 melhores quintas d'este concelho na actualidade são a da casa da Anadia, cerca do grande palacio,—a do visconde d'Almeidinha, na povoação d'este nome,—e a dos *Napoles* do Sarzedo, na povoação de *Darei.*

Boas egrejas

As 3 egrejas mais rendosas d'este concelho na actualidade são a de *Espinho*, a de *Cassurães* e a de *Alcafache.*

Tinham passaes soberbos, que em virtude da lei vigente foram vendidos,—mas foi transformado o seu preço em inscripções—e estas averbadas aos respectivos parochos.

As dictas egrejas rendem mais do que a das Chans e a propria de *Mangualde*, apesar de ser a mais populosa de todas as do concelho.

Presbyteros

Ha n'este concelho actualmente 12 padres filhos d'elle, e mais 3 ou 4 que vivem a distancia,—sendo um d'elles o reverendo Antonio Loureiro, prior de Nossa Senhora da Assumpção, *A Bella*, em S. Thiago de Cacem,—outro, o reverendo Antonio Miguel d'Almeida, prior de Alcobaça.

A maior parte dos 18 parochos d'este concelho não são filhos d'elle.

Orçamento

A cifra do orçamento da camara de Mangualde, relativa ao corrente anno de 1889 é de 15:875$307 réis.

Hectares e predios

Este concelho tem de superficie 22:740 hectares—e em 1875, segundo se lê na *Chorogr. Moderna,* tinha 19:512 predios inscriptos na matriz, mas hoje (1889) deve ter aproximadamente 30:000.

Não pude obter cifra exacta, porque as matrizes d'este concelho são um cahos!...

A comarca

Na antiga magistratura o concelho de Mangualde pertencia á comarca (corregedoria e provedoria) de Viseu.

Pela divisão judicial de 1832 este concelho ficou pertencendo á comarca de *Tondella?!...*

Por decreto de 28 de dezembro de 1840 foi a villa de Mangualde, séde do concelho, elevada tambem a séde de comarca de 3.ª classe, comprehendendo os concelhos de *Mangualde, Nellas* e *Penalva do Castello.*

Pela ultima divisão judicial foi esta comarca elevada a 2.ª classe—e sem favor, porque rende mais do que algumas de 1.ª classe, posto que então lhe tiraram 7 freguezias para a comarca de *Fornos d'Algodres*, creada ao mesmo tempo a instancias e por influencia do benemerito filho adoptivo da Beira, mencionado supra—*Alberto Osorio de Vasconcellos,*—a quem se deve tambem a elevação da comarca de Mangualde a 2.ª classe.

Comprehende pois esta comarca as 14 freguezias seguintes do concelho de Mangualde:—Abrunhosa Velha, Alcafache, Cassurrães, Cunha Alta, Cunha Baixa, Espinho, Fornos de Maceira Dão, Freixiosa, Lobelhe do Mato, *Mangualde* (séde do concelho e da comarca), Mesquitella, Moimenta de Macei-

ra Dão, Povoa de Cervães e Quintella de Azurara,

Comprehende tambem as 6 freguezias que constituem o concelho de Nellas: — Cannas de Senhorim, Carvalhal Redondo, *Nellas*, Santar, Senhorim e Villar Sêcco,— mais 9 do concelho de Penalva:—Castello de Penalva, Esmolfe, Germil, Insua, Luzinde, Pindo, Real, Sezures e Trancosello.

Total 29 freguezias.

As 7, que passaram d'esta comarca para a de Fornos d'Algodres, foram as seguintes: —Chans de Tavares, Varzea de Tavares, Travanca e S. João da Fresta, pertencentes ainda hoje ao concelho de Mangualde;—Antas de Penalva, Mareco e Villa Cova do Covello, pertencentes ainda hoje tambem ao concelho de Penalva do Castello.

Dinheiro mutuado

Ha n'esta comarca cerca de *seiscentos contos de réis* em dinheiro mutuado?!... D'esta cifra pertencem ao concelho de Mangualde aproximadamente 300 contos,— 150 contos ao concelho de Nellas—e aproximadamente outros 150 contos ao concelho de Penalva.

Tristis est!...

Archeologia historica e prehistorica

Chamamos para este concelho de Mangualde a attenção dos archeologos, pois foi occupado desde remotissimos tempos, como provam as muitas velharias que n'elle se encontram—e mais se encontrarão, logo que seja devidamente explorado. Apontaremos algumas.

A villa de Mangualde é moderna, mas ainda assim tem um venerando templo do sec. XVI—e uma torre *muito mais antiga*, como já dissemos; representa porem a villa um *castro romano* ou *pre-romano*, que muito provavelmente foi occupado pelos godos e pelos arabes. Pompeou junto do santuario de *Nossa Senhora do Castello*, como diz a tradição, avivada em 1716 pelo *Santuario Marianno*, tomo 5.º pag. 162.

Isto mesmo provam a onomastica, dando ainda hoje ao local o nome de *Castello*,—e as ruinas de fortificações que ainda hoje tambem se vêem a leste do santuario.

E que o dicto castello foi *romano* ou *pre-romano* provam tambem as ruinas da *citania*, que o sr. dr. Alberto Osorio de Castro descobriu a O. do dicto *castro* ou monte no meiado do ultimo anno (1889).[1]

Demoram na planicie contigua; occupam cerca de 1 kilometro quadrado e revelam a existencia de uma cidade *luso-romana*, que formava um todo com o dicto *castro* e era protegida e defendida por elle. Estava completamente soterrada e d'ella não havia memoria. Foi destruida muito provavelmente na invasão dos barbaros. Os mouros apenas restauraram o castello e este mesmo foi destruido e desappareceu *antes da fundação da nossa monarchia*, pois não se encontra menção d'elle no foral de 1102, nem no foral de D. Diniz,—nem teve alcaides mores no tempo dos nossos réis.

A *Citania de Mangualde*

O sr. dr. Alberto Osorio, mencionado supra, residindo em Mangualde e costumando ir passear até o santuario da *Senhora do Castello*, viu em uma propriedade contigua paredes feitas com fragmentos de tijolo e de *telhas de rebordo*, claramente *romanas*, o que muito o impressionou e levou a estudar a dicta propriedade. Encontrou mais algumas velharias,—depois soube que outros muitos lá se tinham encontrado—e, como o nosso governo *até hoje* nunca se importou com explorações archeologicas, participou tudo á benemertia *Sociedade Martins Sarmento*, de Guimarães.

O sr. dr. Francisco Martins Sarmento, distincto archeologo, explorador da *Citania de Briteiros* e presidente da dicta socieda-

---

[1] Estamos escrevendo estas linhas em janeiro de 1890. Não nos foi possivel acabar este diccionario em 1889, como tencionavamos e muito desejavamos!...

de,[1] mandou-lhe 50$000 réis para começo da exploração, que parou por motivos que logo exporemos, sendo aliás muito auspiciosa, como se vê do artigo seguinte, publicado pelo dicto sr. dr. Alberto Osorio no seu jornal *O Novo Tempo*, de 17 d'outubro de 1889.

—

«Nos principios de setembro de 1889, o redactor do *Novo Tempo* participava para Guimarães ao sr. dr. Francisco Martins Sarmento, que no grande valle da encosta poente do monte da *Senhora do Castello* a um kilometro de Mangualde, a cada passo se encontravam fragmentos de telha romana de rebordo e outros restos de uma velha povoação romana ou romanisada. Principal e caracterisadamente nos sitios da *Raposeira* e do *Valle das Campas*, na direcção W—e dos quaes se podem mesmo ver dois troços bem conservados de *via romana* surgindo e desapparecendo bruscamente entre as grandes lages e pedregulhos d'um maninho. Os tijolos, as *tuiles á rebord* e pedras lavradas de edificações appareciam em tal abundancia, que as propriedades dos dois sitios eram muradas com esses destroços, arrancados sem difficuldade debaixo da terra aravel.

O reconto dos dois proprietarios da *Rapozeira* era notavel.

Diziam que desde o esbravamento pouco remoto (60 annos) d'esses terrenos, antigamente tojaes maninhos, restos de casas, telhas, uma bilha de bronze, moedas, pedaços de marmore e *um edificio quadrado de grandes tijolos* haviam sido em segredo descobertos n'essas propriedades, e ou destruidos ou de novo sotterrados para se evitar a invasão da propriedade pelos curiosos.

—

«Um entablamento, uma base de columna ainda com signaes de estuque polychromio, e um capitel da ordem toscana não deixaram a menor duvida no espirito do redactor do *Novo Tempo*, sobre a existencia n'aquelle valle das ruinas d'alguma importante e grande povoação, talvez do typo da *Citania de Briteiros* fortemente romanisada, como demonstravam a via romana, os restos de columnas rusticas e sobretudo a telha de rebordo, povoação destruida e arrasada por alguma das invasões, e cujos restos se estendiam por mais de um kilometro quadrado de superficie.

Tudo isto contava ao sr. dr. Martins Sarmento, perguntando a opinião do illustre sabio sobre a importancia da communicação e a vantagem d'um reconhecimento da cidade morta.

Respondeu logo o sr. dr. Martins Sarmento, promptificando-se a concorrer com 50$000 réis, em nome da *Sociedade Martins Sarmento*, para um simples reconhecimento das ruinas e nomeadamente da tal casa quadrada que conservava os tijolos do tecto ou do pavimento.»

—

Disse o illustre auctor dos *Argonautas*:

«A tradição popular que attribue aos mouros a fundação do *Castro* ou Castello, é com certeza tão falsa como todas as da mesma especie que correm no Minho, onde os arabes mal pozeram o pé. Eu tenho visto que os nossos Castros não são outra coisa mais que velhas povoações do typo da *Citania*, remontando á epocha pre-romana.

No geral d'elles é visivel a influencia romana; porque muitos d'elles continuaram a subsistir ainda depois da conquista. O signal mais apparente d'esta influencia é a tal *telha de rebordo* que faz o desespero do proprietario de Mangualde e que é quasi imdestructivel. Parece que os nossos lusitanos se aborreceram por fim de viver nos altos e foram mudando para a planicie. Os *Castros* ficaram desertos; mas nas faldas d'elles ap-

---

[1] V. *Briteiros*, *Citania de Briteiros e Guimarães* n'este diccionario e no supplemento —e *Zezere*, rio da Beira Baixa, tomo 11.° pag. 2218, col. 2.ª, onde mencionamos o sr. dr. Martins Sarmento como presidente da secção de archeologia da *Expedição scientifica* enviada á serra da Estrella em 1881.

pareceu mais tarde a egreja christã, em cujas paredes se encontram não poucas vezes inscripções, quer funerarias quer votivas; inscripções com nomes de deuses tenho achado tres ou quatro. Antes que a população se christianisasse, tinha já alli o centro d'um culto pagão. A uma povoação d'esse segundo typo me parece pertencerem as ruinas de que é senhor o lavrador de Mangualde, se é que o sitio é plano, como imagino. A telha com rebordo é romana, as columnas mais accusam a cultura romana...

—

«...Estas povoações podiam ter-se perpetuado até hoje, se não fossem as assolações dos barbaros e depois as dos arabes; mas é claro que só o alvião e a enchada podem desenterrar do solo a data em que ellas acabaram, ou na decifração das moedas ou na dos objectos encontrados.

«Se a informação do proprietario acerca da casa sotterrada, e ainda com o telhado, é exacta, e se ha mais casas n'essas condições, a exploração das ruinas deve ser importantissima, por devermos suppôr que o seu interior nunca foi devassado. S. Thomé deixou muitos sectarios, e n'este caso especial eu sou do numero. Já me não admiraria que a pretendida casa fosse a parte inferior d'algum *palatum* (e a sobrevivencia do nome de *Paço* seria uma boa indicação) chamada *hypocause*. Esta parte era de pouca altura, com um pavimento de grandes tijolos, e por ahi circulava uma corrente calorifera, proveniente d'um forno construido a um dos lados. Como estes baixos foram *ab initio* construidos n'um plano inferior ao nivel do solo, admira pouco que fossem sotterrados.»

—

«No dia 25 de setembro, depois d'uma outra carta do sr. dr. Martins Sarmento, começaram as escavações. A cada enxadada se descobre um muro ou uma calçada. As ruinas são enormes. Está o *hypocause* quasi descoberto e os muros de uma grande casa visinha, onde no desentulho de 5 de outubro se encontraram dentro de uma panella 34 moedas romanas: 12 de prata e 20 de bronze, do tempo dos Antoninos a maior parte. Das de prata ha uma de Nerva, 7 de Adriano, uma de Aurelio, uma de Domiciano, algumas de Trajano, outras de Trajano e Adriano, uma de Vespasiano e uma desconhecida. O *hypocause* é precisamente como o havia descripto o sr. dr. Martins Sarmento: a um lado, ao sul, a fornalha; do nascente um pavimento cheio de pilares, sobre os quaes assentam os grandes tijolos. Em frente da fornalha fica um compartimento estreito e ainda meio sotterrado, no qual se encontraram restos de ossos e uma pedra azul clara, conservando o signal d'um engaste e similhante a outras encontradas na Citania de Guimarães. Parece ter sido collada a um objecto qualquer, como ornato d'elle,—diz-nos o sr. Martins Sarmento. N'alguns dias de escavações tem-se descoberto muitissimos fragmentos de talhas, asas de amphoras, canos de chumbo, mós de pedra, marmores despolidos, moldes de ferro, cinzas e carvões de fornalha, loiça romana vermelha e envernisada, vidros coloridos e ceramica grosseira indigena. Pedaços de vidro das côres do de Mangualde tambem apparecem na *Citania de Briteiros*. Já a loiça romana não se encontra em Sabroso.

N'um fragmento de admiravel loiça vermelha encontra-se a marca e o nome do oleiro. Chamava-se o artista de ha dois mil annos—*Sabinus*. As ruinas não podem ser mais importantes, e certamente o governo deverá adquirir esse monumento da historia e da palethnologia da Peninsula.»

—

Suspenderam as escavações, receando que o dono da quinta as prohibisse ou que, tentado pela ganancia real ou apparente, quizesse proseguir na exploração por conta propria, mas varios cavalheiros de Mangualde empenham-se com o governo, para que este compre a dicta propriedade e prosiga na exploração em devida fórma.

Representa pois Mangualde o *castro romano* ou *pre romano* do monte da *Senhora*

do Castello—e a *citania* soterrada junto d'elle e da villa.

Ha tambem no concelho de Mangualde restos de fortificações e habitações antiquissimas em *Contensas de Baixo,* freguezia de Cassurrães, no sitio da *Rechã.* Ali se encontra tambem *telha de rebordo,* grandes muralhas, muitos fragmentos de ceramica, etc.—tudo por explorar ainda.

Tambem no monte da *Senhora do Bom Successo,* junto da villa de *Chans de Tavares,* a grande abbadia de D. Jeronymo Osorio e de Jacinto Freire de Andrade, se encontram ruinas de uma *cividade* importante:—muralhas cyclopicas, vias romanas, telha de rebordo, columnatas, restos de habitações, etc., — tudo inexplorado ainda tambem?!...

Do exposto se vê que os romanos tiveram demorada residencia no concelho de Mangualde — e foi habitado tambem muito anteriormente nos tempos prehistoricos da *idade da pedra,* como provam os monumentos megaliticos que ainda hoje se encontram n'este concelho e nos concelhos circumvisinhos.

Apontaremos alguns.

Monumentos prehistoricos

No jornal *O Novo Tempo* de 19 de dezembro de 1889, se lê o seguinte:

«De uma interessante e penhorantissima carta do nosso bom amigo sr. Bernardo Rodrigues do Amaral, abastado proprietario do *Outeiro de Espinho,* tirámos as seguintes valiosas noticias dos *dolmens* ou *antas* conhecidas por este cavalheiro na comarca de Mangualde. Chamamos a curiosidade intelligente e sympathica dos nossos leitores para um reconhecimento completo de todas as riquezas archeologicas da região. Ninguem ignora hoje em dia a luz que sobre a historia e o destino da humanidade póde lançar o mais insignificante escombro das civilisações passadas, o minimo vestigio por mais primitivo e tosco da actividade infatigavel do homem. E' sobre os monumentos da época neolithica, os *dolmens* ou *antas,* tambem chamados *orcas, madornas, mamoas* e *mamounhas,* sobre os grandes penedos a prumo, as inscripções e os signaes nos rochedos que particularmente chamamos a attenção dos nossos estimaveis leitores. E desde já pedimos ao distinctissimo vereador da camara de Mangualde, o sr. dr. Sebastião de Moraes, uma proposta sobre a conveniencia da immediata protecção da camara de Mangualde a esses restos das civilisações de ha quatro mil annos. Seguem as informações do sr. Bernardo do Amaral, que cordealmente agradecemos:

—

«No limite da *Cunha Baixa,* concelho de Mangualde, existe um dolmen muito bem conservado junto do rio.

No mesmo limite ha um outro dolmen, onde chamam os *Pedraes,*—e ali perto lembro-me de ter visto um marco de pedra *muito elevado!* Não sei se ainda existe.

No sitio do *Salgueiro,* limite de Villa Nova, ha uma pedra com uns *fojos* ou pequenas covas, e ahi perto teem apparecido telhas de rebordo e pedras de cantaria.

Ha outro dolmen nos *Braçaes,* limite do *Outeiro* (freguezia do Espinho, concelho de Mangualde) — e perto d'elle conheço uma pedra com uma inscripção.

Ha outro dolmen junto do rio, na povoação da *Fonte do Alcaide,* no sitio da *Orca* (freguezia de *Senhorim,* concelho de Nellas.

Lembro-me de outro dolmen no limite da *Povoa de Cima,* aldeia da mesma freguezia, —e parece-me ter visto ali uma pedra com entalhes.

Existiu outro dolmen no sitio da *Carvalhinha,* na mesma parochia de Senhorim, mas *despedaçaram-no* (?!...) haverá 8 annos.

Tambem ha na povoação de *Senhorim* uma terra onde teem apparecido tijolos—e dizem que no mesmo sitio ha ruinas de um castello.

Ha tambem outro castello junto do rio na povoação de *Gandufe,* termo da parochia de *Espinho,* concelho de Mangualde.»

Eis aqui uma lista de *seis dolmens* ou *an-*

tas, pertencentes a esta comarca, mas devem ser em maior numero, pois segundo disse o meu antecessor no artigo *Canas de Senhorim*, freguezia do concelho de Nellas,[1] —«ha n'esta freguezia *muitos dolmens*, a que os d'aqui chamam *orcas*, e dizem ser obra dos mouros, e que sobre a lagea superior queimavam os dizimos.»

Tambem pela onomastica a freguezia de *Antas de Penalva* revela a existencia de *dolmens* ou *antas* na localidade,—e no concelho de *Gouveia*, visinho e limitrophe do de Mangualde, ainda hoje se encontram 2 dolmens, um *penedo baloiçante*, uma casa aberta a picão dentro d'outro penedo (na freguezia de *Arcozello*) e muitas sepulturas abertas na rocha.

V. *Villa Nova de Tazem*, tomo 11.º pag. 887, col. 2.ª *in fine* e segg.,—*Villa Ruiva* no mesmo tomo, pag. 1052, col. 2.ª tambem, —e *Viseu*, no mesmo vol., pag. 1699 a 1705 onde se encontra larga noticia dos monumentos prehistoricos e se indicam muitos dolmens nas visinhanças de Mangualde, nomeadamente na freguezia de *Paranhos*, concelho de Ceia, limitrophe do concelho de *Nellas*, pertencente a esta comarca.

Do exposto se vê que n'esta região da Beira teve demorada residencia o povo constructor dos *dolmens*.

Etymologias e mais velharias do concelho de Mangualde

Zurara ou *Azurara*, como já dissemos no artigo *Zurara* de Villa do Conde, pode vir de *Azurá*, nome d'um palacio e jardim dos reis de Cordova, — ou de *Zurara*, nome d'um mouro, como diz o sabio conego Berardo.

V. *Viseu*, tomo 11.º, pag. 1723, col. 2.ª

Mangualde vem de *Manualdus*, nome godo ou musarabe, cujo patronimico era *Manualdiz*,—em portuguez *Manualdes* ou *Manualde* e depois *Mangualde*.

V. *Portug. Monum.*—*Diplomata et Chartae*, pag. 155, n.º 91, onde se encontra um documento do anno 1021, no qual figura *Manualdu*, como pae do vendedor da villa de *Sanguinhedo*.[1]

No mesmo livro, pag. 106, se encontra tambem um documento de 994, em que se menciona a *villa Manualdi*,—*villa de Mangualde* (talvez granja ou quinta) nas margens do rio *Leça*, districto do Porto.

O *Manualdi* (Mangualde) supra com certeza era patronimico de *Manualdu* — e de *Manualdi* provieram os nomes da villa de que nos occupamos,—da freguezia de *Mangualde da Serra* e de duas aldeias do Minho, —uma pertencente á freguezia de *Grimancellos*, concelho de Barcellos,—outra á freguezia de *Santa Maria d'Arnoso*, concelho de Villa Nova de Famalicão.

Alcafache, é nome arabe.

Mesquitella é diminutivo de *mesquita*, templo dos mouros,—como *Quintella* é diminutivo de *quinta*,—*Grijó* (*ecclesiola*) diminutivo de egreja,—*Paçó* (*palatiolum*) diminutivo de *palatium*—paço, etc.

Mourilhe, aldeia da freguezia de Mesquitella, vem de *Maurelle*, nome godo ou musarabe, cujo patronimico era *Maurelliz*—*Mourilhes*—e *Mourilhe*.

Maurelle Garcez figura como testemunha em um doc. de 974.

V. *Port. Monum. loc. cit.* pag. 75.

Villa Mendo, aldeia da freguezia de Abrunhosa Velha, vem de *Menendus*, nome godo.

Portug, Monum.—*passim.*

—

Sandinho, casal da freguezia de Alcafache, vem de *Sandinus*, nome godo.

Fresta (S. João da) aldeia, freguezia e quinta do concelho de Mangualde, vem de *Frestes*,—nome de homem no sec. XI, pois assignou como testemunha um doc. do anno 1036.

V. *Portug. Monum. loc. cit.* pag. 178.

---

[1] V. *Canas de Senhorim*, vol. 2.º pag. 78, col. 2.ª

[1] *Ibidem*, pag. 177, se encontra um documento de 1036, no qual, entre outras testemunhas, assignou *Froila Manualdiz*.

Gandufe, aldeia da freguezia de Espinho, é nome godo.

Tibalde e *Fagilde*, povoação da freguezia de Maceira-Dão, são nomes godos.

Tem muita affinidade *Tagilde*, *Fagilde*, *Cahide* e *Coide*, bem como *Tibalde*, *Balde*, *Calde*, *Mangualde*, etc.

Corvo e *Corvacho*, quintas,—e *Corvaceira* povoação, pertencentes á freguezia de Chans de Tavares, são nomes tambem arcaicos.

V. *Corvaceira*, tomo 2.º pag. 406, col. 1:ª —e *Vizella*, rio, tomo 11.º pag. 1968, col. 2.ª, onde indicámos todas as *Corvaceiras* que ha no nosso paiz, sendo uma d'ellas a minha terra natal, pelo que—*post tot tantos que labores*—fecho este artigo e este diccionario com muita satisfação em janeiro de 1890, recordando-me da mimosa aldeia em que nasci em 1832, na *Casa da Capella*, margem esquerda do Douro,—mesmo em frente da actual estação do *Molledo*.

AO PUBLICO

Post tot tantosque labores terminei este diccionario em janeiro de 1890, havendo principiado em 1873 e sendo escripto apenas por dois martyres— *Augusto Soares d'Azevedo Barbosa de Pinho Leal*, meu benemerito antecessor, —e *Pedro Augusto Ferreira*, humilde auctor d'estas linhas.

A publicação durou 17 annos, porque o terreno estava cru e cheio de matagaes—e a lavoura foi impertinentissima!

Appello francamente para quem tenha lavourado terreno em taes condições ou se proposer lavoural-o de futuro, como nós o lavourámos — sem a minima protecção do governo.

O *Portugal Antigo e Moderno* tem lapsos, defeitos e lacunas, mas não admira que os tenha uma obra de tanto folego, pois não é uma monographia de qualquer parochia, villa, cidade ou concelho, districto, diocese ou provincia, mas uma larga descripcão de *Portugal todo!...*

Talvez que nenhuma outra nação tenha uma chorographia tão vasta.

A tentativa foi um arrojo da parte do meu antecessor. E elle ainda queria ir mais longe, pois prometteu descrever tambem as nossas colonias (?) e dar um resumo da historia de Portugal, mas morreu no caminho — e eu muito receei endoudecer ou morrer tambem antes de acabar a tarefa.

Como as nossas melhores chorographias até hoje eram as do padre Carvalho, padre Luiz Cardoso (*Diccion, Geogr.*) José Avelino d'Almeida e a *Chorographia Moderna*, todas muito reduzidas e muito superficiaes, excepto a do padre Luiz Cardoso, que infelizmente não passou da lettra—C—, tivemos de ler e rebuscar uma infinidade de livros, folhetos, manuscriptos e jornaes e de escrever centos de cartas a pessoas conhecidas e desconhecidas, muitas das quaes responderam, pelo que mais uma vez lhes beijo as mãos agradecido, mas outras e *não poucas*, apesar das nossas reiteradas instancias, não enviaram *uma letra*, pedindo-lhes por vezes coisas bem simples.

Trabalhei cerca de 12 horas por dia durante 6 annos, por ter muito amor ao diccionario e muita pena dos editores, que estavam anciosos pela conclusão d'elle—e *com razão*, pois teem n'elle empatados muitos contos de réis!

Note-se que a tiragem é de 5:000 exemplares e, tendo a obra, como tem, 11 volumes, a tiragem monta a 55:000 volumes?! ..

Elles tiveram a principio cerca de 1:500 assignantes, mas com a demora da publicação uns morreram e outros esmoreceram. Hoje os assignantes

serão apenas 1:000. Teem pois empatados cerca de 44:000 volumes e, como destinam a maior parte d'esta edição para a nossa colonia do Brazil, vão para ali mandar um grande navio carregado só com o *Portugal Antigo e Moderno*, pois tem de levar cerca de 40:000 volumes?!...

Talvez que nunca sulcasse os mares um navio de lotação igual, carregado *com uma obra somente*?!...

Os editores confiam na nossa colonia do Brazil, porque é a flor das colonias da America, — muito opulenta, muito numerosa e muito patriotica. Comprehende actualmente cerca de 200:000 portuguezes e não póde haver para elles obra mais sympathica, pois todos encontrarão no diccionario noticias curiosas das terras onde nasceram e onde teem os seus paes e avós, irmãos e outros parentes e amigos.—E ninguem melhor do que os editores póde diligenciar a venda do diccionario no Brazil, porque elles são portuguezes, naturaes da formosa villa de *Peniche*, mas teem no Pará um grande estabelecimento de livros tambem.[1]

O meu antecessor trabalhou cerca de vinte annos n'este diccionario, antes de principiar a publicação—e depois mais 11 annos desde 1873 até que falleceu no dia 2 de janeiro de 1884, quando o *Portugal Antigo e Moderno* já ia no art. *Vianna do Castello*.[2] Lembraram-se então os editores de me encarregarem a continuação da tarefa, por verem que eu, apesar da minha completa nullidade, tinha sido o principal cyreneu do meu benemerito antecessor, como elle proprio tantas vezes declarou no texto.

O meu antecessor trabalhou muito, mas eu não trabalhei menos talvez.

Que o diga quem ler e confrontar o *Portugal Antigo e Moderno* desde o seu principio até pag. 412 do 10.° volume—com a parte restante, escripta por mim e que comprehende 2302 paginas.

Suum cuique.

---

[1] A firma editora d'este diccionario é *Mattos Moreira & C.ª*, mas soffreu modificações.

Primeiramente era formada pelos srs. Henrique d'Araujo Tavares e J. B. Mattos Moreira; depois o socio Araujo Tavares foi substituido por seu sobrinho o sr. Avelino Tavares Cardoso, que regressára do Pará, onde tinha e tem uma importante livraria, de sociedade com seu irmão o sr. Eduardo Tavares Cardoso. A nova firma social ficou sendo Mattos Moreira & Cardosos até que, por amigavel accordo entre os socios, passou para a actual—Tavares Cardoso & Irmão, pela sahida do sr. Mattos Moreira.

Por ultimo note-se que os benemeritos editores d'esta obra monumental, —*tão dispendiosa para elles e tão honrosa para Portugal*,—até hoje não receberam subsidio algum do governo.

[2] V. *Vianna do Castello*; tomo 10.° pag. 161, col. 1.ª e segg.,—e *Vimieiro d'Arayollos*, tomo 11.° pag. 1457, col. 1.ª e segg. tambem, onde se encontram as biographias do meu antecessor e do pae.

Eu não tenho biographia, mas devo á generosidade do meu antecessor alguns apontamentos para ella.

V. *Corvaceira*, tomo 2.° pag. 406, col. 1.ª, — *Miragaya*, tomo 5.° pag. 250, col. 1.ª ambem,—e *Penajoia*, vol. 6.° pag. 559, col. 2.ª

Em meu nome e no do meu antecessor peço desculpa dos lapsos e da deslocação das materias. A quem dirigir nova edição cumpre dar-lhes o logar proprio; entretanto é indispensavel um indice para toda a obra,—indice que dará um volume—e não é facil de organisar, porque demanda attenta leitura do diccionario todo.

O promettido *supplemento* é muito necessario para as *rectificações* e *addições*,—demanda porem *volumes*, se quizerem dar aos artigos do meu antecessor o desenvolvimento que dei aos meus.

Alguem me taxa de *prolixo*, mas quem de futuro se propozer lavourar o mesmo terreno—erguerá as mãos ao ceu por vel-o decruado tão fundo!...

Os editores pediam que aligeirasse o texto e reservasse para o supplemento a explanação. Bem quisera attendel-os e *muito reservei para o supplemento*, mas não tudo, porque era *impertinentissimo* o estudo dos diversos artigos e, depois de os estudar para organisação do texto, teria de os estudar *de novo* para organisar o supplemento. Faltou-me a coragem para tanto. Além d'isso receei e *receio* não ter vida para escrever o supplemento,—ficaria *escorchado* o pobre diccionario—e perdido um trabalho insano.

A perda não seria grande para as boas lettras patrias, mas era enorme para mim. Nem eu sei como tive coragem e resignação para trabalhar tanto, e quasi sempre de noite, expondo-me a perder a vista e a vida,—alem de sacrificar os meus commodos, pois durante 6 annos mal puz o pé fóra do Porto, sendo a minha paixão dominante passear e viajar. E já passeei bastante, pois tenho cruzado em diversas direcções todo o nosso paiz e visitado as nossas cidades *todas*, exceptuando unicamente duas—*Castello Branco* e *Covilhã*, cidades que espero visitar brevemente. Tambem já transpuz a raia da Hespanha muitas vezes—e em 1880 fui até Madrid e Paris.

Tambem sacrifiquei ao diccionario os meus interesses, porque durante aquelles 6 annos deleguei nos coadjuctores grande parte do serviço parochial e supportei boa dose de *lucros cessantes* e de *damnos emergentes*!

Por ultimo note-se que eu residia e *resido* no Porto, no meu humilde presbytério de *Miragaya*, e que o diccionario foi publicado em Lisboa, o que difficultava a revisão e me expoz a lapsos, mesmo porque a publicação foi feita de afogadilho.

Não herdei do meu antecessor trabalho algum. Tive de organisar os artigos *todos* de um dia para o outro—e nunca pude ver nem rever um artigo completo, antes de o mandar para a imprensa. Estavam sempre no prélo 2 a 3 fasciculos e por vezes luctei com grandes difficuldades para fazer as *citações* e *referencias*.

Seja tudo em desconto dos meus peccados!...

Se os leitores me vissem durante 6 annos constantemente preso á banca e aos pulvurulentos alfarrabios até ás 3 e 4 horas da manhã, por certo que teriam dó de mim.

Porto e Miragaya, 15 de janeiro de 1890.

Pedro Augusto Ferreira.